LIEV

TOLSTÓI

Guerra e Paz

BIBLIOTECA
DO EXILADO

Lev Tolstói

GUERRA E PAZ

centaur.editions@gmail.com

ÍNDICE

LIVRO PRIMEIRO

PRIMEIRA PARTE

[I]

— Pois bem, meu príncipe. Génova e Luca mais não são do que apanágios, domínios, da família Bonaparte. Não, previno-o de que, se me diz que não teremos guerra, se se permitir ainda atenuar todas as infâmias, todas as atrocidades desse — Anticristo (palavra de honra, para mim, é o que ele é), desconheço-o, deixo de considerá-lo meu amigo, meu fiel servidor, como costumo dizer. Vamos, vejamos, como está, como está? Bem veio que lhe meto medo. Sente-se e conte-me novidades.

Foi com estas palavras que em Julho de 1805 a conhecida dama de honor, íntima da imperatriz Maria Fiodorovna. Ana Pavlovna Scherer, acolheu o príncipe Vassili, pessoa importante e de alta estirpe, o primeiro dos convidados a chegar à sua recepção daquela noite. Havia algum tempo já que Ana Pavlovna tossicava, estava com gripe, como ela dizia — gripe era então um novo vocábulo, que poucas pessoas ainda empregavam. Nessa mesma manhã tinha ela mandado entregar, por um lacaio de libré encarnada, a toda a gente, indistintamente, um bilhetinho redigido nestes termos:

> *Se não tem nada melhor a fazer. Senhor Conde — ou então: meu príncipe —, e se a perspectiva de passar a noite em casa de uma pobre doente não o assusta muito, sentir-me-ei encantada de o ver em minha casa entre as 7 e as 10 horas.*
>
> *Annette Scherer.*

— Meu Deus, que violência! — retorquiu o príncipe no seu uniforme de gala, o peito coberto de condecorações, na face achatada um ar florescente, sem ligar a mínima importância a semelhante acolhimento.

Exprimia-se nesse francês precioso, que falavam e em que até pensavam os nossos avós, e a que adicionavam esse sotaque protector, essas entoações suaves

tão naturais a quem envelheceu na sociedade e com prestígio na corte. Aproximou-se de Ana Pavlovna, beijou-lhe a mão, exibindo a calva perfumada e reluzente, e sentou-se, tranquilamente, num divã.

— Antes de mais nada, diga-me, como tem passado, querida amiga? Tranquilize este seu amigo — prosseguiu ele no mesmo tom e numa voz em que, sob a cortesia e a afabilidade, transpareciam a indiferença e até mesmo urna certa mofa.

— Como é que uma pessoa há-de passar bem de saúde.., quando, moralmente, não pode deixar de sofrer? Quem é que no nosso tempo há-de estar sereno, desde que seja pessoa de coração? — redarguiu Ana Pavlovna.— Vai ficar toda a noite, não é verdade?

— E a festa na Embaixada de Inglaterra? É hoje quarta-feira. Não posso deixar de aparecer — disse o príncipe.— Minha filha ficou de passar por aqui para me levar.

— Julguei que a festa tinha sido adiada. Confesso-lhe que todas estas festas e todos estes jogos de artifício começam a tornar-se insípidos.

— Se tivessem sabido que era esse o seu desejo, teriam adiado a festa — tornou o príncipe, o qual, como um relógio certo, tinha por hábito dizer, em determinadas circunstâncias, frases que ele próprio não esperava que fossem acreditadas.

— Não me atormente. Afinal, que decidiram em relação ao telegrama de Novosiltzov? O senhor costuma saber tudo.

— Que lhe hei-de eu dizer? — volveu o príncipe num tom frio e enfastiado.— Que decidiram? Decidiram que Bonaparte chegou a ponto de não poder recuar e eu acho que está aqui, está a acontecer-nos o mesmo.

O príncipe Vassili falava sempre com indolência, como um actor que recita um papel há muito decorado. Ana Pavlovna, pelo contrário, apesar dos seus quarenta anos, toda ela era vivacidade e expansão.

Ser entusiasta era a sua função social, e até mesmo quando não era essa a sua disposição natural procurava sê-lo, para que as pessoas suas conhecidas se não sentissem desapontadas. O sorriso constrangido que lhe andava sempre no rosto, conquanto não dissesse muito bem com os seus traços já fatigados, denunciava, como acontece nas crianças mimadas, a existência de um pecadilho, pecadilho de que ela não queria, nem podia, nem mesmo julgava útil corrigir-se.

No decurso da conversa sobre política. Ana Pavlovna exaltou-se.

— Ah! Não me fale da Áustria! Talvez eu seja uma parva, mas estou convencida de que a Áustria não quis nem quer a guerra. Está a atraiçoar-nos. É à Rússia sozinha que compete salvar a Europa. O nosso benfeitor conhece a alta missão a que está destinado e cumpri-la-á. É a única coisa em que tenho confiança. O nosso sublime imperador tem um grande papel a desempenhar no mundo, e é tão virtuoso e tão nobre que Deus não o abandonará e há-de cumprir a sua missão: esmagar a hidra da Revolução, ainda mais terrível desde que encarnou nesse assassino e nesse salteador. É a nós, e só a nós, a quem compete resgatar o sangue do justo... E pergunto-lhe eu agora: com quem poderemos nós contar? A Inglaterra, com o seu espírito comercial, não compreende nem pode compreender toda a grandeza da alma do imperador Alexandre. Recusou-se a evacuar Malta. O que ela quer é ver, procurar na nossa conduta ideias reservadas. Que é que eles disseram a Novosiltzov?... Nada. Não compreenderam, não podem compreender o desinteresse do nosso imperador, que nada quer para ele e tudo faz para bem da humanidade. E que prometeram eles? Nada. E até aquilo que prometeram acabará por não vir a realizar-se. A Prússia já declarou que Bonaparte era invencível e que a Europa inteira nada podia contra ele... E eu por mim, não acredito numa só palavra do que dizem Hardenberg ou Haugwitz. Essa famosa neutralidade prussiana não passa de uma armadilha. Só em Deus confio e no alto destino do nosso augusto imperador. Ele salvará a Europa!...

De súbito calou-se, sorrindo ela mesma, antes de mais ninguém, da veemência das suas próprias palavras.

— Estou persuadido — disse o príncipe com um sorriso— de que se a tivessem mandado a si, minha querida amiga, em lugar, do nosso muito querido Wintzengerode, a esta hora tínhamos tomado de assalto a adesão do rei da Prússia. Quer dar-me uma xícara de chá?

— Com certeza. A propósito — acrescentou ela num tom sereno —, tenho hoje duas pessoas muito interessantes: o visconde de Mortemart; está aparentado com os Montmorency pelos Rohans, um dos mais ilustres nomes da França. É um dos nossos bons emigrados, autêntico! E também o abade Morio. Conhece este espírito profundo? Foi recebido pelo imperador. Conhece-o?

— Terei um grande prazer! Diga-me uma coisa — acrescentou, negligentemente, e como se só naquele momento se tivesse lembrado disso,

quando, realmente, esse era o objectivo principal da sua visita. — É verdade que a imperatriz-mãe se interessa pela nomeação do barão de Funke para o lugar de primeiro-secretário em Viena? Esse barão, ao que parece, é uma triste personagem.

O príncipe Vassili pretendia ver nomeado para esse posto um filho seu, e o barão era a pessoa indicada para tal cargo pelas pessoas que procuravam ganhar a influência da imperatriz Maria Fiodorovna.

— O Senhor Barão de Funke foi recomendado à imperatriz pela irmã — foi tudo quanto ela disse em resposta, secamente, e com um ar triste.

Quando Ana Pavlovna pronunciou o nome da imperatriz pintou-se-lhe no rosto, subitamente, a dedicação e o respeito mais profundos e sinceros, ao mesmo tempo que lhe desceu sobre a máscara aquele ar de tristeza que nunca a abandonava sempre que, no decurso de uma conversa, se falava na sua augusta protectora. E acrescentou que Sua Majestade se tinha dignado testemunhar ao barão de Funke muita estima, enquanto o olhar novamente se lhe velava de tristeza.

O príncipe, como que indiferente, mantinha-se calado.

Ana Pavlovna, com a sua finura especial de dama da corte e o seu tacto feminino, ao mesmo tempo— que dirigia um remoque ao príncipe por ter ousado exprimir-se tão livremente a respeito da conduta de uma pessoa recomendada à imperatriz, procurava de certo modo consolá-lo.

— Mas, a propósito da sua família — disse-lhe ela —, não sei se sabe que a sua filha, desde que frequenta a sociedade, faz as delícias de toda a gente. Dizem que é linda como os deuses.

O príncipe curvou-se em sinal de estima e gratidão. — Costumo dizer muitas vezes de mim para comigo — continuou Ana Pavlovna, depois de um momento de silêncio, aproximando-se do príncipe com um sorriso gracioso, como se quisesse significar que estavam terminadas as conversas sobre assuntos políticos e mundanos e que as confidências íntimas iam principiar —, muitas vezes digo a mim mesma que a felicidade neste mundo é coisa muito desigualmente repartida. Porque seria que o destino lhe deu a si, meu amigo, dois filhos tão belos, à parte o Anatole, o seu benjamim, que não me agrada por aí além — tinha lançado esta observação num tom que não admitia réplica, franzindo as sobrancelhas... —, tão encantadores? Sim, quando o senhor, na verdade, é a pessoa que menos importância liga aos filhos; não os merece.

E teve um sorriso vitorioso.

— Que quer? Lavater diria que eu não tenho a bossa da paternidade — respondeu o príncipe.

— Deixemo-nos de brincadeiras. Quero falar-lhe a sério. Sabe? Estou descontente com o seu, filho mais novo. Aqui entre nós — e um ar de tristeza lhe perpassou pelo rosto —, falaram dele perante Sua Majestade, e lamentam-no, a si...

O príncipe não respondeu, mas ela, lançando-lhe um olhar significativo, aguardava, sem dizer palavra, que ele dissesse qualquer coisa. O príncipe Vassili franziu as sobrancelhas.

— Que quer que eu faça? — acabou por dizer.— Bem sabe que fiz tudo o que um pai pode fazer pela educação dos seus filhos, e o que é certo é que ambos não passam de dois imbecis. O Hipólito, pelo menos, é um imbecil sossegado, enquanto o Anatole é um imbecil turbulento. É a única diferença entre os dois — acrescentou com um sorriso mais constrangido e acentuado que de costume, enquanto as rugas que se lhe formavam em tomo da boca denunciavam mais claramente do que nunca a amargura e a irritação que inopinadamente o invadiam.

— Para que é que as pessoas como o senhor hão-de ter filhos? Se não fosse pai, nada teria a censurar-lhe — disse Ana Pavlovna, erguendo os olhos cismadores.

— Sou o seu fiel escravo, e só a si o posso confiar. Os meus filhos são os impecilhos da minha existência. São a minha cruz, compreendo-o perfeitamente. Que quer?...

Calou-se, mostrando com um gesto que se submetia ao cruel destino. Ana Pavlovna assumiu uma atitude cismadora.

— Nunca se lembrou, meu caro príncipe, de casar o seu filho pródigo, o Anatole? Dizem que as solteironas têm a mania do casalhento. Não creio que eu já esteja em idade de ter fraquezas semelhantes, mas o que é certo é que conheço uma criaturinha que é muito infeliz com o pai, uma nossa parente, uma princesa Bolkonskaia.

O príncipe Vassili não respondeu, embora, com o seu golpe de vista e a sua finura de homem de sociedade, desse a entender, num simples movimento de cabeça, que não esqueceria o facto.

— Pois a verdade é que o Anatole me custa por ano à volta de quarenta mil

rublos — disse ele, sem que, evidentemente, lhe fosse possível refrear o curso dos pensamentos. Esteve alguns instantes calado. — Que será feito dele, dentro de uns cinco anos, se as coisas continuarem da mesma maneira? Aqui tem a vantagem de se ser pai. É rica, essa sua princesa?

— O pai é riquíssimo e avaro. Vive no campo. Deve ter ouvido falar nele. É um tal príncipe Bolkonski, que se reformou ainda em vida do falecido imperador e a quem chamavam o «rei da Prússia». É um homem bastante inteligente, mas com as suas manias. Não é nada cómodo. A pobre pequena é infeliz como tudo. Tem um irmão que casou há pouco com Lisa Meinen, um ajudante-de-campo de Kutuzov. Deve aparecer hoje por aí.

— Ouça, querida Annette — disse o príncipe, pegando, subitamente, na mão da sua interlocutora e puxando-a a si. — Arranje-me isso e eu serei o seu muito fiel escravo para sempre: o seu «escrafo», como o meu estaroste costuma escrever nos seus relatórios: com um f. Se é de excelente família e rica, não é preciso mais nada.

E com os seus gestos fáceis, familiares e graciosos que tanto o distinguiam, o príncipe inclinou-se, apertou a mão da dama de honor, beijou-a, e de novo se enterrou na sua macia poltrona, desviando a vista.

— Espere — disse Ana Pavlovna, pensativa. — Ainda hoje mesmo falarei à Lisa, a mulher do jovem Bolkonski. E talvez as coisas se arranjem. Na sua família começarei a aprender para solteirona.

[II]

O salão de Ana Pavlovna foi-se enchendo a pouco e pouco. Toda a aristocracia de Petersburgo tinha aparecido, gente de idades e caracteres muito diversos, mas toda do mesmo mundo. Chegou também a filha de Vassili, a bela Helena, que vinha buscar o pai para a festa da Embaixada de Inglaterra. Exibia o seu monograma imperial e trazia um vestido de noite. E também apareceu a jovem e pequenina princesa Bolkonskaia, conhecida por a mulher mais sedutora de Petersburgo, que casara no último Inverno e ainda não aparecera na sociedade por causa do seu estado de gravidez, mas que costumava frequentar as reuniões íntimas. Por fim também surgiu o príncipe Hipólito, o filho do príncipe Vassili, na

companhia de Mortemart, a quem apresentou, e em seguida o abade Morio e muitos outros.

— Ainda a não viram, não a conhecem? Não conhecem minha tia? — dizia Ana Pavlovna para os seus convidados, e com a maior gravidade ia-os conduzindo um por um, à medida que chegavam, — até junto de uma minúscula senhora de idade, enfeitada de grandes fitas, que estava na sala contígua. Depois, pronunciando o nome de cada um deles, passeava, lentamente, os olhos entre os seus convidados e minha tia, e daí a pouco desaparecia.

Todos eram obrigados a cumprir aquele ritual, saudando esta tia desconhecida e inútil, que a ninguém interessava. Ana Pavlovna, muito séria e solene, assistia à cerimónia dos cumprimentos, dando a sua aprovação, sem abrir a boca. Minha tia falava a toda a gente, invariavelmente, nos mesmos termos, do estado da saúde de cada um, do estado da sua própria saúde e do estado da saúde de Sua Majestade, o qual, graças a Deus, passava agora melhor. E todos, sem mostrar, por decoro, que se davam pressa, se iam despedindo da idosa senhora com a sensação de alívio que se tem depois de se cumprir uma enfadonha obrigação e, claro está, para a não tornarem a ver em toda a roda da noite.

A jovem princesa Bolkonskaia tinha trazido consigo o seu bordado num pequenino saco de veludo lavrado a ouro. O seu bonito làbiozinho superior, ligeiramente sombreado por uma breve penugem, era um pouco curto, mas nem por isso parecia menos gracioso entreaberto nem era menos delicioso no momo que fazia ao apoiar-se no lábio inferior. Como em geral acontece com todas as pessoas realmente sedutoras, estas suas pequeninas imperfeições, o lábio curto de mais e a boca entreaberta, tinham nela um atractivo especial, uma beleza própria. Era uma alegria para todos a presença desta futura mãe tão bonita, cheia de saúde e de vida, suportando perfeitamente os incómodos do seu estado. Os velhos e os jovens entediados e cheios de enfado imaginavam-se como ela só por terem passado alguns momentos na sua intimidade. Todos os que conversavam alguns instantes com a princesinha podiam ver como o seu luminoso sorriso cintilava após cada uma das suas palavras e como os seus dentes sempre à mostra eram de uma brancura esplendorosa, quanto bastava para que todos se sentissem naquele momento de uma particular afabilidade. E era assim a ilusão que ela criava em toda a gente.

A princesinha, no seu andar ondulante, caminhando em passinhos rápidos, deu

a volta à sala, o saco de trabalho na mão, e depois de imprimir um jeito gracioso à toilette veio sentar-se num divã, junto do samovar de prata, como se tudo que ela fizesse fosse uma espécie de divertimento não só para ela própria, mas também para aqueles que a cercavam.

— Trouxe comigo o meu trabalho! — exclamou ela, abrindo o saquinho bordado a ouro e como se se dirigisse, a toda a gente ao mesmo tempo.

— Cuidado. Annette**,** não me faça uma partida — prosseguiu ela, desta vez para a dona da casa. — Mandou-me dizer que era apenas uma pequena reunião; olhe como eu venho vestida.

Dizendo o que estendeu os braços para melhor deixar ver o seu elegante vestido cinzento, guarnecido de rendas, com uma larga fita a servir de cinto, um pouco abaixo do seio.

— Esteja descansada. Lisa, será sempre a mais bela — replicou Ana Pavlovna.

— Sabe, o meu marido vai abandonar-me — prosseguiu ela no mesmo tom, dirigindo-se a um general.— Vai procurar a morte. Diga-me: para que serve esta maldita guerra? — disse ao príncipe Vassili, e, sem esperar qualquer resposta, voltou-se para a filha deste, a bela Helena.

— Que pessoa deliciosa, aquela princesinha! — murmurou o príncipe Vassili, em voz baixa, para Ana Pav1ovna.

Pouco depois da princesinha, entrou na sala um jovem corpulento e maciço, de cabelo rapado, lunetas, calças claras, à moda da época, um alto jabot e fraque pardacento. Este moço era filho natural de uma célebre personagem do tempo de Catarina, o conde Besukov, naquela altura moribundo em Moscovo. Ainda não tinha qualquer ocupação, acabava de chegar do estrangeiro, onde fora educado, e era a primeira vez que aparecia na sociedade. Ana Pav1ovna acolheu-o com a saudação que costumava usar para com as pessoas de mais baixa classe. No entanto, apesar deste seu acolhimento de inferior qualidade, ao vé-1o entrar deixou transparecer no rosto medo e inquietação, como quando nos vemos perante qualquer coisa de desmedido e fora do seu lugar. Pedro era, realmente, um pouco maior que as outras pessoas, mas o receio que se pintara no rosto de Ana Pavlovna podia ser antes motivado por esse olhar ao mesmo tempo tímido e penetrante, observador e franco, que o distinguia de todos os demais convidados.

— É muito amável da sua parte. Senhor Pedro, ter vindo visitar uma pobre doente — disse-lhe Ana Pavlovna, trocando um olhar de pânico com a tia, a quem

o ia conduzindo.

Pedro resmungou uma frase incompreensível enquanto com os olhos continuava à procura de qualquer coisa. Teve um sorriso jovial ao cumprimentar a princesinha, como se ela fosse um conhecimento íntimo, e aproximou-se da tia. O medo de Ana Pavlovna não era destituído de fundamento, pois a verdade é que Pedro afastou-se dessa senhora sem esperar que a tia concluísse as suas considerações acerca da saúde de Sua Majestade. Ana Pavlovna, horrorizada, deteve-o.

— Não conhece o abade Morio? É uma pessoa muito interessante... — disse-lhe ela.

— Sim, ouvi falar do seu plano de paz perpétua, que é aliciante. Mas será possível?...

— Acha que sim?... — observou Ana Pavlovna, para dizer alguma coisa, pronta a voltar ao cumprimento dos seus deveres de dona de casa.

Pedro, porém, cometeu uma segunda indelicadeza: primeiro afastara-se da sua interlocutora antes de ela ter acabado de falar; agora retinha esta, dirigindo-lhe a palavra, quando ela precisava de o deixar. De cabeça baixa e afastando as suas grandes pernas, pôs-se a demonstrar a Ana Pavlovna a razão por que considerava quimérico o plano do abade Morio.

— Falaremos disso mais tarde — disse Ana Pavlovna, sorrindo.

E, libertando-se daquele jovem sem hábitos de sociedade, regressou às suas ocupações de dona de casa, continuando a ouvir e a observar, pronta sempre a intervir onde a conversa esmorecesse. Tal qual como um contramestre de uma fábrica de fiação que, depois de instalar cada um dos seus operários diante do seu tear, se põe a andar de um lado para o outro, observando se os fusos param ou se estão a produzir qualquer ruído anormal, rangente ou áspero de mais, e incansavelmente os retém ou lhes imprime o andamento necessário, assim Ana Pav1ovna ia e vinha pelo salão, se aproximava dos grupos que se calavam ou falavam de mais, e com uma palavra pronunciada a tempo obrigava a máquina a comportar-se nos justos limites das conveniências mundanas. Mas todos estes múltiplos cuidados não a impediam de deixar perceber aos outros o receio especial que lhe causava o comportamento de Pedro. Ia-o seguindo atentamente com os olhos quando ele se aproximava para escutar o que se dizia ao pé de Mortemart e depois dirigia-se para o outro grupo onde pontificava o abade. Para Pedro, que

tinha sido educado no estrangeiro, esta soirée em casa de Ana Pavlovna era a primeira reunião mundana a que assistia na Rússia. Não ignorava que nestas salas estava reunida a fina flor da gente instruída de Petersburgo e por isso abria muito os olhos, como uma criança diante de uma loja de brinquedos. Só receava perder qualquer sábia observação que lhe fosse dado ouvir.

Ao ver reunidas ali todas aquelas personagens de aspecto distinto e cheias de certezas, estava sempre à espera de qualquer coisa particularmente espiritual. Por fim, aproximou-se de Morio. A conversa tinha-lhe parecido interessante. Deteve-se, aguardando o momento de expor o seu ponto de vista, como costuma fazer a gente nova.

[III]

A soirée de Ana Pavlovna atingia o auge. Os fusos esparsos pela sala roncavam sem atritos e constantemente. Se se abstraísse de minha tia, junto da qual não estava senão uma senhora idosa, de rosto esquálido e como que consumido pelas lágrimas, algo deslocada no meio daquela brilhante sociedade, todos os demais convidados se haviam repartido em três grupos. Um deles, formado especialmente de homens, tinha por centro o abade; no outro, uma roda de gente nova, pontificava a princesa Bolkonskaia, toda rosada e de formas um tudo-nada amplas de mais, atendendo à sua juventude; o terceiro era dirigido por Mortemart e Ana Pavlovna.

O visconde era um jovem amável, de traços finos e maneiras suaves, que a si mesmo, visivelmente, se considerava uma figura sensacional, embora, por mera boa educação, se oferecesse, modestamente, à curiosidade da sociedade em que se encontrava. Ana Pav1ovna, visivelmente também, dele tirava partido para regalo dos seus convidados. A semelhança do chefe de mesa, que gosta de apresentar, como coisa superlativamente delicada, uma posta de carne em que ninguém ousaria tocar numa cozinha sórdida, assim, na sua reunião. Ana Pavlovna ia servindo aos seus convidados, primeiro o visconde, e em seguida o abade, como se se tratasse de iguarias superlativamente requintadas. No grupo de Mortemart tinha vindo à baila, imediatamente, o assassínio do duque de Enghien. O visconde

era de opinião de que o duque fora vítima da sua magnanimidade e que havia razões particulares para o ressentimento de Bonaparte.

— Ah!, vejamos. Conte-nos isso, visconde — exclamou Ana Pavlovna, apercebendo-se com júbilo de que esta simples frase: Conte-nos isso, visconde, tinha um sabor a Luís XV.

O visconde inclinou-se em sinal de obediência e sorriu com toda a cortesia. Ana Pavlovna fez que o grupo o rodeasse e convidou toda a gente a ouvir a sua história.

— O visconde conheceu monsenhor pessoalmente — segredou ela ao ouvido de um dos convidados. — O visconde é um narrador perfeito — garantia a outro.— Vê-se logo nele o homem de sociedade — dizia a um terceiro. E o jovem foi apresentado à sociedade sob o seu ângulo mais distinto e favorável, como um rosbife, num prato bem quente, todo guarnecido de salsa.

O visconde preparou-se para dar princípio à sua narrativa e sorriu com finura.

— Venha cá, querida Helena — disse Ana Pavlovna à bela princesa, que estava a distância, no centro do outro grupo.

A princesa Helena sorriu: levantou-se, conservando nos lábios esse sorriso imutável de mulher impecavelmente bela com que entrara no salão. No ligeiro roçagar do seu vestido de baile todo branco, guarnecido de hera e musgo, no esplendor das suas brancas espáduas, no brilho da sua cabeleira e no cintilar dos seus brilhantes, avançou por entre uma ala de cavalheiros, e, empertigada, sem fitar ninguém em especial, embora sorrindo a todos, como se assim fosse dando a cada um o direito de admirar a beleza da sua cintura, dos seus ombros cheios, do seu decote muito pronunciado, conforme a moda da época, levando após si, na sua esteira, todo o esplendor da reunião, aproximou-se de Ana Pavlovna. Helena era tão bela que não traía a mais pequena sombra de coquetterie; pelo contrário, parecia ter vergonha da sua incontestável, da sua por de mais poderosa e por de mais triunfante beleza. Dir-se-ia ser seu desejo, sem o conseguir, amortecer-lhe o próprio esplendor.

— Que bela mulher! — eis a frase que vinha aos lábios de toda a gente quando ela passava. Como ao peso de uma estranha impressão, o visconde curvou-se um pouco e baixou os olhos no Momento em que ela se instalava diante dele e o iluminava, a ele também, com o seu imutável sorriso.

— Minha senhora, diante de um tal auditório, receio não ser capaz — disse

ele, inclinando-se e sorrindo.

A princesa apoiou num guéridon um dos seus braços nus, bem modelados, sem pensar que seria útil responder. Esperava, sorridente. Enquanto durou a história manteve-se com o busto erecto, contemplando, uma vez por outra, o seu lindo braço, cuja foi-ma perfeita se esmagava contra a mesa, ou o próprio colo, mais encantador ainda, sobre o qual ajeitava a gargantilha de diamantes; várias vezes procurou acertar as pregas do vestido, e, quando a narrativa produzia algum efeito, trocava um olhar com Ana Pavlovna, copiando, imediatamente, a expressão da dama de honor, para depois imobilizar, de novo, a máscara no seu resplandecente sorriso. Como Helena, a princesinha tinha também abandonado a sua mesa de chá.

— Espere, vou buscar o meu bordado — disse ela. — Então, em que está a pensar? — acrescentou, dirigindo-se ao príncipe Hipólito. — Traga-me o meu saquinho.

A princesa, que sorria, e dirigia a palavra a todos, produziu um certo burburinho ao sentar-se, alegremente, enquanto ajeitava as pregas do vestido.

— Agora, sim! — exclamou, e, pedindo que se principiasse, pôs-se ela própria a trabalhar.

O príncipe Hipólito, que veio trazer-lhe o saquinho, acompanhou-a na sua mudança de lugar, e, aproximando dela um fauteil, sentou-se a seu lado.

O encantador Hipólito impressionava pela sua extraordinária parecença com a irmã, tanto mais que, apesar dessa semelhança, era muitíssimo feio. Os seus traços pareciam-se, de facto, com os da irmã, mas nesta tudo resplandecia iluminado pelo seu eterno sorriso, jovem, satisfeito, pleno de vida, e 1)ela rara perfeição da sua beleza clássica; no irmão, pelo contrário, o rosto era como que entenebrecido pela falta de inteligência e por uma constante expressão a um tempo suficiente e azeda. Quanto à figura, era de corpo magro e enfesado. Tinha os olhos, o nariz, a boca continuamente contraídos numa careta indefinida e desagradável; os braços e as pernas tomavam-lhe sempre posições pouco naturais.

— Não se trata de uma história de fantasmas? — murmurou ele, ao sentar-se ao lado da princesa, enquanto assestava o lorgnon, como se não pudesse dispensar esse acessório para abordar uma conversa.

— Não, meu caro! — exclamou o narrador, surpreendido, encolhendo os ombros.

— É que detesto as histórias de fantasmas — tornou ele, num tom de que se depreendia que ele falava e só depois de falar compreendia o que queria dizer.

Tamanha era a segurança que punha nas suas palavras que ninguém poderia dizer se essas palavras eram muito sensatas ou muito estúpidas. Vestia um fraque verde-carregado, uns calções cor-de-rosa-pálidos, meias de seda e escarpins.

O visconde contava com muito agrado a história, então muito divulgada, segundo a qual o duque de Enghien tinha ido secretamente a Paris encontrar-se com Mademoiselle Georges e aí se lhe deparara Bonaparte, que, por essa altura, também era íntimo da famosa actriz. Na presença do duque. Napoleão tinha tido, de súbito, um pequeno desmaio, coisa que lhe acontecia frequentes vezes, e ficara à mercê do duque, circunstância de que este não quisera tirar partido. Bonaparte, mais tarde, vingara-se desta magnanimidade do duque mandando matar o adversário.

A história era muito bonita e cheia de interesse, sobretudo naquele ponto em que os dois rivais se reconheciam de repente, e as senhoras pareceram muito emocionadas com isso.

— Encantador — exclamou Ana Pavlovna, lançando um olhar interrogativo à princesinha.

— Encantador — murmurou a princesinha, espetando a agulha no bordado, como para mostrar que o interesse e o encanto da história a impediam de trabalhar.

O visconde mostrou apreciar esta homenagem muda, e, sorrindo, grato, prosseguiu na sua narrativa; mas nesse momento Ana Pavlovna, que ainda não tinha deixado de observar o jovem que tanto a assustava, ao ver que ele punha calor demasiado na sua conversa com o abade, falando muito alto, deu-se pressa em comparecer no local ameaçado. Efectivamente. Pedro tinha-se embrenhado com o abade numa conversa sobre o equilíbrio político, e este, visivelmente interessado pelo ingénuo entusiasmo do jovem, pusera-se a desenvolver perante ele as suas teorias favoritas. Ambos ouviam e respondiam com grande vivacidade e muito espontaneamente, e isso não agradava a Ana Pavlovna.

— A solução é o equilíbrio europeu e o direito dos povos — dizia o abade. — É de toda a conveniência para um Estado poderoso como a Rússia, reputado bárbaro, colocar-se generosamente à frente de uma liga que tenha por objectivo o equilíbrio da Europa, e é assim que a Rússia salvará o mundo!

— E como é que se obterá esse equilíbrio? — principiou Pedro.

Mas neste momento Ana Pavlovna aproximou-se, e, fitando este com severidade, perguntou ao italiano como é que ele achava o clima do país.

O rosto do abade mudou repentinamente, tomando aquela expressão mortificada e doce que era a sua expressão habitual quando falava com senhoras.

— Tão encantado ando com a gentileza de espírito e a distinção da gente da sociedade, sobretudo do elemento feminino, em cujo meio tive a felicidade de ser recebido, que ainda não tive tempo de pensar no clima — respondeu ele.

Sem abandonar o abade nem Pedro. Ana Pavlovna, para melhor os observar, arrastou-os consigo para o grupo em que estava.

[IV]

Nessa altura um novo convidado penetrou no salão. Era o jovem príncipe André Bolkonski, o marido da princesinha, um belo moço, de pequena estatura e traços acentuados e secos. Tudo nele, desde o olhar lasso e enfadado ao andar tranquilo e circunspecto, oferecia o mais violento contraste com a sua mulherzinha, a inquietação em pessoa. Conhecia tão bem por dentro e por fora a gente da sociedade, que tanto o enfadava, que bastava vê-la e ouvir-lhe o ruído das vozes para a sentir insuportável. E entre todas as pessoas que mais o exasperavam contava-se, precisamente, a sua linda mulherzinha. Com um ricto que lhe alterou os traços regulares, afastou-se dela assim que a viu. Depois, beijando a mão de Ana Pavlovna e piscando os olhos, perpassou a vista pela assistência.

— Alistou-se para ir para a guerra, meu príncipe? — disse Ana Pavlovna.

— O general Kutuzov — volveu Bolkonski, acentuando a última sílaba zov, como os Franceses — teve a condescendência de me chamar para ajudante-de-campo...

— E Lisa, sua mulher?

— Irá para o campo.

— E não tem escrúpulos de nos privar da presença da sua encantadora mulher?

— André — exclamou esta última, dirigindo-se ao marido com a mesma

coquetterie com que se dirigia aos estranhos —, que história é essa de Mademoiselle Georges e Bonaparte que o visconde acaba de nos contar?

O príncipe André franziu as sobrancelhas e desviou a cara. Pedro, que desde o momento em que André entrara no salão não mais tinha deixado de o seguir com o seu olhar alegre e amistoso, aproximou-se dele e pegou-lhe no braço. O príncipe André, sem se voltar, teve uma visagem de descontentamento para com aquele que lhe pegava no braço, mas, ao deparar-se-lhe o rosto sorridente de Pedro, um sorriso inesperado, amável e bom se lhe pintou também na figura.

— Que vejo?! Também tu na alta-roda?! — exclamou.

— Tinha a certeza de que o havia de encontrar aqui — retorquiu Pedro.— Queria pedir-lhe que me desse de cear — acrescentou em voz baixa, para não perturbar o visconde, que continuava a sua história — É possível?

— Não, é impossível — respondeu André, rindo e fazendo compreender a Pedro, pela maneira como lhe apertou a mão, que isso era coisa que nem se perguntava.

Quis dizer mais, mas nessa altura o príncipe Vassili e a filha levantaram-se, e os jovens abriram alas para os deixar passar.

— Desculpe, meu caro visconde — disse em francês o príncipe Vassili, segurando-o amistosamente pela manga, para que ele se não levantasse. — Esta estopada da festa em casa do embaixador priva-me do prazer de o ouvir e obriga-me a interrompê-lo. Lamento muito ter de abandonar a sua maravilhosa recepção — disse ele, dirigindo-se a Ana Pavlovna.

Sua filha, a princesa Helena, soerguendo ligeiramente a cauda do vestido, passou entre uma ala de cadeiras e o sorriso ainda lhe iluminou mais o belo rosto. Pedro contemplou esta beldade, ao vê-la passar diante de si, com olhos onde havia admiração e quase receio.

— É muito bela — disse o príncipe André.

— É — repetiu Pedro.

Ao passar, o príncipe Vassili pegou no braço de Pedro, e voltando-se para Ana Pavlovna:

— Domestique-me este urso — disse. — Há um mês que o tenho em minha casa e é a primeira vez que o vejo na sociedade. Não há nada melhor para os rapazes que o convívio das mulheres inteligentes.

Ana Pavlovna teve um sorriso e prometeu tomar conta de Pedro, o qual, como

ela muito bem sabia, era aparentado com o príncipe Vassili pelo lado paterno. A senhora idosa que estava a fazer companhia a minha tia levantou-se, apressadamente, e correu para falar com o príncipe Vassili, que já estava no vestíbulo. Perdera por completo o falso ar de interesse mundano que aparentara até então. O seu bondoso rosto macerado pelas lágrimas só reflectia receio e inquietação.

— Que me diz, príncipe, do meu Bóris?! — exclamou ela, correndo atrás dele. Pronunciava o nome Bóris acentuando particularmente o o. — Já não posso estar mais tempo em Petersburgo. Diga-me, que hei-de eu comunicar ao meu desventurado filho?

Conquanto o príncipe Vassili estivesse a ouvi-la com desprazer e quase que impolidamente, dando a perceber, mesmo, uma certa impaciência, a senhora que o perseguia sorria-lhe com uma amabilidade enternecedora e, para o não deixar afastar-se dela, pegava-lhe, inclusivamente, num braço.

— Não lhe custava nada dizer uma palavrinha ao imperador, estou convencida de que ele seria logo transferido para a Guarda — prosseguiu ela.

— Esteja certa de que farei tudo o que puder, princesa — respondeu o príncipe Vassili —, mas não me é fácil dirigir-me assim ao imperador. Achava melhor que pedisse antes a Rumiantsov por intermédio do príncipe Galitâne. Era bem melhor.

A senhora idosa era a princesa Drubetzkaia, um dos mais ilustres nomes da aristocracia russa, mas, pobre, há muito que não frequentava a sociedade e tinha perdido as suas antigas relações. Viera àquela reunião para tentar obter a transferência do seu filho único para a Guarda. Não se apresentara na recepção de Ana Pavlovna senão para falar ao príncipe Vassili e não fora por outra razão que escutara a história do visconde. Mas as palavras do príncipe Vassili tinham-na desolado; no belo rosto pintou-se-lhe, por instantes, uma espécie de irritação, mas não por muito tempo. Logo se pôs a sorrir, e apertando muito o braço do príncipe:

— Ouça, príncipe – disse —, nunca lhe pedi coisa alguma, nunca mais lhe tornarei a pedir seja o que for, nunca lhe falei na amizade de meu pai por si. Mas agora peço-lhe em nome de Deus que faça isso por meu filho e ficar-lhe-ei reconhecida até ao fim da vida — acrescentou, precipitadamente.— Não se zangue e prometa-me interessar-se. Já pedi a Galitzine, e ele não me quis atender. Seja bom menino como antigamente — e procurava sorrir, embora as lágrimas lhe boiassem nos olhos.

— Pai, vamos chegar tarde! — exclamou a princesa Helena, que esperava à porta, inclinando a bela cabeça sobre o ombro de estátua antiga.

A influência de que se desfruta na sociedade é um capital que convém salvaguardar para que se não dissipe. O príncipe Vassili sabia-o muitíssimo bem, e, por isso, persuadido de que, se se pusesse a interceder por toda a gente, nada mais poderia pedir para si próprio, raramente lançava mão do crédito de que dispunha. No caso da princesa Drubetzkaia, no entanto, sobretudo depois do seu último apelo, viera-lhe ao espírito uma espécie de remorso. Tinha ela evocado qualquer coisa de muito verdadeiro. Os primeiros passos na carreira devia-os ele, efectivamente, ao pai da princesa. Além disso, pela forma como ela agia, verificava estar em presença de uma dessas mulheres, ou, antes, de uma dessas mães, que, quando se lhes mete qualquer coisa na cabeça, só desistem desde que conseguem o que desejam, ou então, no caso de uma negativa, são muito capazes de teimar, dia após dia e a toda a hora, chegando inclusivamente a recorrer a cenas públicas. Foi esta última consideração que o demoveu.

— Querida Ana Mikailovna — disse ele, no seu tom familiar habitual e ao mesmo tempo desprendido —, é-me quase impossível fazer o que me pede; mas, para lhe demonstrar quanto a estimo e como respeito a memória do seu falecido pai, prometo-lhe que farei tudo quanto estiver na minha mão. Dou-lhe a minha palavra de que o seu filho será transferido para a Guarda. Está contente?

— Meu querido amigo, meu benfeitor! Não esperava outra coisa de si; eu bem sabia que era bom.

O príncipe fez menção de partir.

— Espere, mais duas palavras. Uma vez na Guarda... -hesitou.— Como está em boas relações com Mikail Ilarionovitch Kutuzov, peço-lhe que lhe fale de Bóris para ajudante-de-campo; ficarei assim mais tranquila e nada mais lhe pedirei...

O príncipe Vassili teve um sorriso.

— Nada lhe prometo. Mal imagina os pedidos que chovem sobre Kutuzov desde que foi nomeado general-chefe. Ele próprio me disse que todas as senhoras de Moscovo tinham armado um complot para lhe oferecer os filhos como ajudantes-de-campo.

— Ah!, prometa-me. Não o deixarei partir, meu querido amigo, meu benfeitor...

— Pai — voltou a bela Helena, no mesmo tom —, vamos chegar tarde.

— Bem, até à vista, adeus. Está a ver?

— Então fala amanhã ao imperador?

— Sem falta, mas no que diz respeito a Krituzov não prometo nada.

— Ah!, prometa, prometa. Basile — exclamou Ana Mikailovna, perseguindo-o com um sorriso de mulher coquette, outrora natural nela, certamente, mas que então estava longe de se harmonizar com a sua máscara decrépita.

Evidentemente que tinha esquecido a idade e, pela força do hábito, pusera em campo todos os seus expedientes femininos. No entanto, mal o príncipe Vassili saiu, logo ela retomou o aspecto frio e constrangido que aparentava anteriormente. Voltou ao grupo em que o visconde continuava a contar as suas histórias e fingiu que escutava, aguardando a oportunidade de se eclipsar, pois o assunto que a levara ali estava resolvido.

[V]

— Mas que me diz dessa última comédia da sagração de Milão? — observou Ana Pavlovna.— E a nova comédia dos povos de Génova e Luca, que iam apresentar as suas homenagens ao senhor Bonaparte sentado no trono e recebendo as homenagens das nações! Adoráveis! Não, mas é de endoidecer! Dir-se-ia que o mundo inteiro perdeu a cabeça!

O príncipe André pôs-se a sorrir olhando nos olhos Ana Pavlovna.

— É Deus quem ma dá, ai de quem lhe tocar — disse ele. Foram estas as palavras que Bonaparte proferiu na coroação. Dizem que estava muito belo quando pronunciou estas palavras — acrescentou, e repetiu a frase em italiano — Dio me l’ha data e guai a chi la tocca.

— Espero, enfim — prosseguiu Ana Pavlovna — que esta seja a gota que fará transbordar o vaso. Os soberanos já não podem mais com este homem, que a todos ameaça.

— Os soberanos? Não falo da Rússia — observou o visconde com o seu ar cortês e desencantado, — Os soberanos, minha senhora! Que fizeram eles por Luís XVI, pela rainha, por Madame Elisabeth? Nada — continuou com animação. — E pode crer, estão a receber o castigo pela traição à causa dos Bourbons. Os

soberanos? Mandam embaixadores cumprimentar o usurpador.

E, suspirando, retirou-se com uma expressão desdenhosa. O príncipe Hipólito, depois de ter estado a fitar longamente o visconde com o seu lorgnon, ao ouvir estas palavras, desviou-se subitamente, voltando-se para a princesinha, e, pedindo-lhe urna das suas agulhas, pôs-se a indicar-lhe, desenhando-as em cima da mesa, as armas dos Condés! E explicava-lhas com uma tal seriedade que dir-se-ia que ela lhe pedira um tal serviço.

— Bastão de goles, denteado de goles de blau, é a casa de Condé — murmurou ele.

A princesa ouvia-o, sorrindo.

— Se Bonaparte ficar ainda um ano no trono da França — prosseguiu o visconde com ar de quem não ouve o que os outros dizem e está apenas a seguir o fio das suas ideias a respeito de um assunto que conhece melhor do que ninguém —, não sei onde iremos parar. Com tantas intrigas, tantas violências, tantos exílios, tantos suplícios, não tarda que a sociedade francesa, a alta sociedade, claro está, se veja completamente aniquilada e para sempre, e então...

Teve um movimento de ombros ao afastar os braços. Pedro quis dar a sua opinião, pois a conversa interessava-o, mas Ana Pavlovna que o vigiava de perto, interrompeu-o.

— O imperador Alexandre — disse ela com aquele tom sério com que se referia sempre à família imperial— declarou que deixaria os próprios franceses escolherem a sua forma de governo. E estou convencida de que não há dúvida de que toda a nação, uma vez liberta do jugo do usurpador, se lançará nos braços do seu soberano legítimo — acrescentou ela, para se mostrar amável para com um emigrado e um realista.

— Duvido — observou o príncipe André.— O Senhor Visconde tem toda a razão ao pensar que as coisas já foram longe de mais. Creio que será muito difícil voltar ao passado.

— Pelo que eu tenho ouvido dizer — interveio Pedro, corando —, quase toda a nobreza está já do lado de Bonaparte.

— Isso é o que dizem os bonapartistas — observou o visconde sem olhar para Pedro. — É muito difícil, actualmente, conhecer a opinião pública em França.

— Bonaparte disse-o — objectou o príncipe André, sorrindo. Via-se muito bem que o visconde lhe não agradava e que, sem olhar para ele, era ele que visava

como seu adversário.

— «Mostrei-lhes o caminho da glória» — acrescentou ele, depois de uma ligeira pose, citando as próprias palavras de Napoleão: «eles não o quiseram; abri-lhes as minhas antecâmaras, entraram por ali dentro aos montes»., não sei até que ponto teve o direito de o dizer.

— Nenhum — replicou o visconde.— Depois do assassinato do duque, até os seus mais fiéis partidários deixaram de ver nele um herói. Se essa peste chegou a ser um herói para certa gente — acrescentou, dirigindo-se a Ana Pavlovna —, depois do assassinato do duque há mais um mártir no Céu, um herói de menos na Terra.

Mal tiveram tempo. Ana Pavlovna e os outros, de aprovar estas palavras com um sorriso, e já Pedro se tinha lançado, uma vez mais, no meio da conversa. Ana Pavlovna, conquanto pressentisse que ele ia dizer coisas fora de propósito, não foi capaz de o deter.

— A execução do duque de Enghien — disse o Senhor Pedro— foi uma necessidade pública; e para mim o facto de Napoleão não ter receio de assumir a responsabilidade de um tal acto só atesta precisamente a sua grandeza de alma.

— Oh! Meu Deus! — murmurou Ana Pavlovna, aterrorizada.

— Como. Senhor Pedro, acha que o assassinato é grandeza de alma? — disse a princesinha, sorrindo e debruçando-se sobre o seu bordado,

— Ah! Oh! — exclamaram várias pessoas.

— Capital! — disse em inglês o príncipe Hipólito, dando palmadas na coxa.

O visconde contentou-se em encolher os ombros. Pedro olhou triunfantemente os seus interlocutores através das suas lunetas.

— Eu falo assim — prosseguiu ele, pondo de lado todos os rodeios de linguagem— porque os Bourbons fugiram da Revolução abandonando o povo à anarquia; só Napoleão soube compreender a Revolução e dominá-la. E aí está porque, em nome do bem-estar de todos, ele não podia deter-se perante a vida de um homem.

— Não quereria sentar-se aqui a esta mesa? — interrogou Ana Pavlovna. Mas Pedro, sem lhe responder, continuou:

— Sim — disse ele, cada vez mais animado — Napoleão é grande porque soube elevar-se acima da Revolução, porque sufocou os abusos a que ela tinha levado, aproveitando o que nela havia de bom, isto é, a igualdade dos cidadãos e a

liberdade do pensamento e da imprensa. E não foi por outro motivo que subiu ao Poder.

— Realmente — interrompeu o visconde —, se, tornando conta do Poder, ele o não tem aproveitado para cometer um crime, e confiasse o trono ao seu rei legítimo, era justo chamar-lhe um grande homem.

— Napoleão nunca podia ter agido dessa maneira. O povo confiara-lhe o Poder exactamente para que ele o livrasse dos Bourbons, e por isso mesmo é que o povo viu nele o estofo de um grande homem. A Revolução foi uma grande coisa — continuou o Senhor Pedro, demonstrando, com esta audaciosa e provocante afirmação, não só a sua muita juventude, mas também o seu desejo de dizer tudo de uma vez.

— A Revolução e o regicídio, grandes coisas?... Depois disso... Mas não seria melhor sentar-se aqui a esta mesa? — repetia Ana Pavlovna.

— O Contrato Social — disse o visconde com um sorriso condescendente.

— Eu não falo do regicídio, falo de ideias.

— Sim, sim, as ideias de pilhagem, de assassínio, de regicídio — interrompeu ainda uma voz irónica.

— Claro Que se praticaram excessos, mas não era isso que tinha importância; o que importava eram os direitos do homem, a abolição dos privilégios, a igualdade dos cidadãos. E estas ideias manteve-as Napoleão integralmente,

— A liberdade e a igualdade — exclamou, desdenhosamente, o visconde, que parecia querer, finalmente, mostrar a sério àquele mancebo a tolice dos seus argumentos —, tudo isso são frases sonoras de há muito sem sentido. Quem é que não gosta da liberdade e da igualdade? Já o Salvador pregava a liberdade e a igualdade. Foram os homens mais felizes depois da Revolução? Pelo contrário, nós é que queríamos a liberdade, e Napoleão foi quem acabou com ela.

O Príncipe André, sorrindo, ora fitava Pedro, ora o visconde, ora a dona da casa. No primeiro momento, quando Pedro pronunciou as primeiras palavras. Ana Pavlovna ficou como fulminada, não obstante todos os seus hábitos de sociedade. Mas, ao verificar que, apesar dos sacrílegos argumentos de Pedro, o visconde não perdia as estribeiras, quando se convenceu de que não era possível sufocar tais palavras, ganhou ânimo e, unindo as suas forças às do visconde, caiu sobre o orador.

— Mas, meu caro Senhor Pedro – exclamou —, como é que o senhor explica

que esse grande homem mandasse executar o duque, um simples cidadão afinal, sem julgamento prévio e sem que ele fosse culpado?

— E eu — acrescentou o visconde— atrever-me-ei a perguntar como é que o senhor explica o 18 de Brumário. Não acha que foi um logro? É um logro que não parece próprio da maneira de proceder de um grande homem.

— E os deportados de África chacinados à ordem dele? É horrível! — exclamou a princesinha, fazendo um gesto de pânico.

— É um plebeu, diga o senhor o que disser — corroborou o príncipe Hipólito.

O Senhor Pedro não sabia a quem prestar atenção; fitava-os a todos, sorrindo. O seu sorriso não era como o das demais pessoas, à mistura com qualquer coisa de sério. Ele, pelo contrário, quando se lembrava de sorrir, perdia, de repente, toda a seriedade, e a máscara, sempre um pouco enfadonha, transfigurava-se-lhe: ficava com o seu quê de infantil, de pobre diabo, um pouco estúpido até, com o ar de quem quer pedir perdão.

O visconde, que o via pela primeira vez, compreendeu imediatamente que aquele jacobino não era tão terrível nos actos como nas palavras. Todos se calaram.

— Como querem que Pedro responda a toda a gente ao mesmo tempo? — interrogou o príncipe André. — Além disso, nos actos de um homem de Estado é preciso saber distinguir os que ele pratica como simples particular dos que ele pratica como chefe do exército ou como imperador. Parece-me da mais elementar justiça.

— Claro, claro — interveio Pedro, satisfeito com a ajuda que recebia.

— É impossível não o reconhecer — continuou o príncipe André. — Napoleão, o homem, é grande na ponte de Arcole, no hospital de Jafa, quando aperta a mão aos pestíferos, mas.., mas há outros actos seus difíceis de justificar.

O príncipe André, que manifestamente pretendera atenuar o embaraço que tinham provocado as palavras de Pedro, ergueu-se para se retirar, e fez sinal à mulher.

De súbito, o príncipe Hipólito, levantando-se, pediu a todos, com um gesto, que se conservassem sentados e principiou a dizer:

— Contaram-me hoje uma anedota moscovita encantadora; têm de a ouvir. Queira perdoar-me, visconde, tenho de a contar em russo. De outra maneira, perde o sal.

E o príncipe Hipólito pôs-se a falar russo como o falam os franceses chegados à Rússia há menos de um ano. Todos prestaram atenção, tão viva e instantemente o príncipe reclamara que lhe fizessem esse favor.

— Em Moscovo há uma senhora. E é muito avara. E precisava de arranjar dois lacaios para a sua carruagem. E de grande estatura. Era assim que ela gostava. E tinha uma criada de quarto também de grande estatura. E então disse...

Neste ponto, o príncipe Hipólito teve um momento de reflexão, mostrando certa dificuldade em combinar as frases.

— E então disse.., sim, disse: «Menina (para a criada de quarto) enfia a libré e vem daí comigo fazer visitas.»

Nesta altura o príncipe Hipólito deu uma gargalhada, rindo antes de mais ninguém, o que criou um pouco de embaraço ao narrador. Entretanto, várias pessoas, entre as quais a senhora idosa e Ana Pavlovna, sorriram.

— Lá foram. De repente levantou-se um grande vendaval. A rapariga ficou sem o chapéu e a cabeleira desprendeu-se-lhe... Aqui não pôde aguentar-se mais e um grande acesso de riso o tomou, ao mesmo tempo que dizia:

— E toda a gente soube...

E assim terminou a anedota, ainda que ninguém pudesse compreender porque a tinha ele contado e a que propósito lhe parecera indispensável narrá-la em russo. Ana Pavlovna e os demais convivas apreciaram a cortesia mundana do príncipe Hipólito, que assim tinha posto ponto final ao penoso e pouco cortês despropósito do Senhor Pedro. A conversa dispersou-se em seguida por miúdos e insignificantes dizeres a propósito de bailes em perspectiva ou já passados, em alusões a espectáculos ou então em referências a circunstâncias ou a locais onde as pessoas poderiam vir a encontrar-se.

[VI]

Depois de felicitarem Ana Pavlovna pela sua encantadora reunião, os convidados principiaram a retirar-se.

Pedro era um desajeitado. Gordo, estatura acima de mediana, largo de ombros, com enormes mãos vermelhuscas, se não sabia estar numa sala, como se

costuma dizer, muito menos sabia sair dela, quer dizer, muito menos sabia pronunciar, antes de partir, as palavras atenciosas da praxe. Além disso, era distraído. Quando se levantou, em vez de pegar no chapéu que lhe pertencia, pegou num tricórnio empenachado de general e assim esteve, com ele na mão, sacudindo o penacho, até que o proprietário veio pedir-lhe que lho restituísse. É certo que estas suas distracções e o seu desconhecimento de usos e costumes da sociedade eram largamente compensados por um ar ingénuo, simples e modesto. Ana Pavlovna virou-se para onde ele estava, e cheia de indulgência cristã perdoou-lhe a intempestiva saída, dizendo-lhe, enquanto meneava a cabeça:

— Espero tornar a vê-lo, mas também desejo que mude de ideias, meu caro Senhor Pedro.

Pedro nada teve para responder a estas palavras, contentando-se em inclinar-se e em mostrar mais uma vez o seu sorriso, um sorriso em que se lia: «As minhas ideias são as minhas ideias, mas, no entanto, reparem como eu sou bom rapaz,» Ora era isso exactamente o que Ana Pavlovna e todos os demais estavam a dizer com os seus botões.

O príncipe André saiu para o vestíbulo, e ao mesmo tempo que voltava as costas ao lacaio que lhe vestia o sobretudo ouvia, distraidamente, a frívola tagarelice da mulher com o príncipe Hipólito, que também se preparava para abalar. O príncipe Hipólito, ao lado da linda princesinha grávida, fixava-a obstinadamente com o lorgnon.

— Vá-se embora. Annette, está a apanhar frio — disse ela, despedindo-se de Ana Pavlovna. — Está decidido — acrescentou em voz baixa.

Ana Pavlovna já tivera tempo de dizer duas palavras a Lisa sobre o projecto de casamento entre Anatole e a cunhada da princesinha.

— Conto consigo, querida amiga — respondeu Ana Pavlovna igualmente em voz baixa —, escreva-lhe e diga-me depois como encarará o pai o caso. Até à vista — e saiu do vestíbulo.

O príncipe Hipólito aproximou-se da princesinha e, debruçando-se muito para ela, murmurou-lhe qualquer coisa ao ouvido. Dois lacaios, o da princesa e o do príncipe, aguardando que os amos acabassem de falar, ali estavam, um com um xale, o outro com um sobretudo, e ouviam-nos falar francês, língua que desconheciam, mas dando-se ares de quem compreende e o não quer dar a perceber.

A princesa, como de costume, sorria enquanto falava e escutava sorrindo,

— Estou radiante por não ter ido à Embaixada — dizia o príncipe Hipólito. — Que estopada... Encantadora noite, não é verdade? Um encanto.

— Dizem que o baile vai ser uma beleza — retorquiu a princesa, desenhando-se-lhe um trejeito no lábio sombreado pela ligeira penugem. — Vão lá aparecer todas as nossas beldades mundanas.

— Nem todas, visto que a princesa lá não estará; nem todas — disse o príncipe Hipólito com jovialidade, e, pegando no xale, que tirou das mãos do lacaio, a quem deu mesmo um encontrão, lançou-o sobre os ombros da princesa.

Por falta de jeito ou de propósito, quem o poderia dizer?, quedou-se muito tempo sem baixar as mãos, embora o xale já estivesse no seu lugar. Dir-se-ia enlaçar a jovem princesa.

Evitando-o graciosamente, e sem deixar de sorrir, a princesa voltou-se e olhou para o marido. O príncipe André, de olhos fechados, parecia fatigado e sonolento.

— Está pronta? — perguntou ele à mulher, envolvendo-a num olhar.

O príncipe Hipólito enfiou apressadamente o sobretudo, que lhe descia até aos tacões, à última moda, e, tropeçando nas pregas do casacão, deu-se pressa em seguir a princesa, escadaria abaixo, que subia para a carruagem, auxiliada pelo lacaio.

— Princesa, até à vista! — gritou ele, tropeçando nas palavras como tinha tropeçado nas dobras do sobretudo.

A princesa, soerguendo o vestido, entrou na obscuridade da carruagem; o marido afivelava o sabre; o príncipe Hipólito, com o pretexto de ser útil, incomodava toda a gente.

— Com licença — disse em russo o príncipe André, num tom seco e pouco amável, dirigindo-se a Hipólito, que lhe vedava a passagem.

— Pedro, espero-te em casa — articulou a mesma voz com um ar afável e carinhoso.

O postilhão pôs a equipagem em andamento, que arrancou com fragor. O príncipe Hipólito ficara na escadaria, rindo ainda, aos sacões, enquanto esperava pelo visconde, a quem prometera reconduzir a casa.

— Pois bem, meu caro, a sua princesinha é um encanto, um encanto — dizia o visconde, ao sentar-se ao lado de Hipólito.— Mas o que se chama um encanto. — E atirando um beijo com a ponta dos dedos: — E francesa até à medula.

Hipólito riu estrepitosamente.

— Sabe que é terrível com o seu arzinho inocente — prosseguiu o visconde. — Lamento o pobre marido, esse oficialzito, que se dá ares de príncipe reinante.

Hipólito continuava a rir a bom rir, e, mesmo rindo, foi dizendo:

— E dizia o senhor que as damas russas não chegavam aos calcanhares das francesas. É preciso é saber tratar com elas.

Pedro, que chegara primeiro, como íntimo da casa que era, entrou no gabinete do príncipe André, e mal se sentou no divã tirou da estante o primeiro livro que lhe veio à mão — calhou ser os Comentários, de César —, pondo-se a ler, ao acaso, apoiado sobre os cotovelos.

— Fizeste-la bonita em casa de Mademoiselle Scherer! É certo e sabido que a pobre senhora vai cair doente — disse o príncipe André, ao entrar no gabinete, enquanto esfregava as mãos brancas.

Pedro voltou-se com todo o peso do seu corpo, e de tal maneira que o divã rangeu debaixo dele. O seu rosto animado fixou-se no do seu companheiro e com um sorriso aberto fez-lhe um gesto amistoso.

— Realmente, o abade é uma pessoa muito interessante, mas não compreende as coisas como elas são... Na minha opinião, a paz perpétua é possível, mas, como direi?..., não por meio do equilíbrio político...

André, visivelmente, não apreciava estas discussões abstractas.

— Ah, não, meu caro, não podemos dizer em toda a parte o que pensamos. Ora conta-me lá, já te resolveste, finalmente, a fazer qualquer coisa? Que queres tu ser, cavaleiro da Guarda ou diplomata? — perguntou o príncipe André, depois de alguns instantes de silêncio.

Pedro voltou a sentar-se no divã, encolhendo as pernas debaixo de si.

— Veja lá, não sei, realmente. Nem uma nem outra dessas situações se me dá com o feitio.

— No entanto, precisas de tomar uma resolução. Teu pai está à espera que te decidas.

Pedro fora enviado para o estrangeiro, aos dez anos, na companhia de um padre, seu preceptor. E por lã ficara até aos vinte. Quando voltou para Moscovo, o pai despediu o padre e disse ao jovem: «Agora vai até Petersburgo, observa e escolhe. Estou de acordo desde já com o que tu decidires. Aqui tens uma carta para o príncipe Vassili e dinheiro. Vai-me dando notícias, e conta comigo.» Havia

já três meses que Pedro procurava decidir-se por uma carreira e não chegava a conclusão alguma. Era a tal escolha que o príncipe André aludia. Pedro passou a mão pela testa.

— Estou convencido de que o homem é mação — murmurou, pensando no abade que encontrara na recepção.

— Basta de frioleiras — voltou André, interrompendo-o.— Falemos de coisas sérias. Estás decidido pela Guarda montada?... — Não, mas vou dizer-lhe urna coisa que me veio a cabeça.

Estamos actualmente em guerra com Napoleão. Se se tratasse, de uma guerra de libertação, então, sim, compreendia, seria mesmo o primeiro a alistar-me. Mas ajudar a 1nglaterra e a Áustria contra o maior homem que há no mundo.., não está certo.

O príncipe André contentou-se, em encolher os ombros perante as infantis considerações de Pedro. O seu ar queria dizer que nada tinha a replicar a uma tal patetice; e, com efeito, seria difícil responder de outra maneira a uma tal ingenuidade.

— Se as pessoas fossem para a guerra só por convicção, não haveria guerra — disse ele.

— E era isso que convinha — respondeu Pedro.

O Príncipe André sorriu.

— É muito possível, mas aí está uma coisa que nunca acontecerá.

— E então por que diabo é que o André vai para a guerra? perguntou Pedro,

— Porquê? Não sei. É assim. Além disso, eu vou... — Calou-se.— Eu vou porque esta vida que levo aqui, esta vida não me— convém.

[VII]

Na sala contígua ouviu-se o ruge-ruge de um vestido. André teve um sobressalto, como se recuperasse os sentidos, e a sua máscara tomou a expressão com que se exibira nos salões de Ana Pavlovna. Pedro tirou os pés de cima do divã. A princesa entrou. Tinha outro vestido, um vestido íntimo, mas nem por isso menos fresco e elegante. O príncipe André levantou-se e ofereceu-lhe,

cortesmente, uma cadeira,

— Uma coisa eu nunca deixo de perguntar a mim mesma — disse ela, como sempre, em francês, sentando-se com prontidão — porque é que a Annette se não teria casado? Que tolos vocês foram, senhores, não casando com ela! Desculpem, mas vocês não percebem nado de saias. Muito gosta de discutir. Senhor Pedro...

— Precisamente, não faço outra coisa senão discutir com o seu marido. Não compreendo porque é que ele quer ir para a guerra — disse Pedro, dirigindo-se à princesa sem o mais pequeno acanhamento, coisa, aliás, perfeitamente natural, tratando-se de um rapaz e de uma senhora jovem.

A princesa estremeceu. Evidentemente que as palavras de Pedro a tinham atingido no ponto sensível.

— É o que eu lhe estou sempre a dizer! — redarguiu ela. Não compreendo, decididamente não compreendo como é que os homens não podem passar sem a guerra! E que nós, mulheres, não possamos fazer nada, não tenhamos voz nesse capítulo! Ora, ouça, faça de conta que é um juiz. Passo a vida a dizer-lhe a mesma coisa. O André é ajudante-de-campo do tio, tem aqui uma brilhante situação. Toda a gente o conhece, toda a gente o aprecia. No outro dia, em casa dos Apraxine, ouvi uma senhora perguntar: «Este é que é o famoso príncipe André? Palavra!» — Ele pôs-se a rir. — É assim que o recebem em toda a parte. Tinha toda a facilidade em vir a ser ajudante-de-campo do imperador. Sabe que o imperador lhe dirigiu graciosamente a palavra? A Annette e eu estamos convencidas de que era tão fácil! Que acha?

Pedro olhou para o príncipe André, e, vendo que a conversa não agradava ao amigo, nada respondeu.

— Quando parte? — interrogou ele.

— Ah! Não me fale dessa partida, não me fale. Não quero ouvir falar nisso! — exclamou a princesa nesse mesmo tom de coquetterie satisfeita de si que ela mostrara quando, no salão de Ana Pavlovna, conversava com Hipólito, mas que naquele ambiente de intimidade familiar em que Pedro era recebido não caía nada bem. — Actualmente, quando me lembro de que temos de interromper todas as nossas queridas relações... E, além disso, não sei, sabes. André? — Teve para o marido um ligeiro piscar de olhos. — Tenho medo, tenho medo! — acrescentou muito baixo, estremecendo.

O marido olhou para ela com o ar surpreendido que teria se estivesse mais

alguém presente que não fosse Pedro e ele próprio. André. Depois, com uma fria polidez, disse:

— Que receias. Lisa? Não compreendo...

— Ora aqui está o egoísmo dos homens! Não há um que se salve: são todos, todos egoístas, para satisfazerem os seus caprichos! Só Deus sabe porque é que ele me vai deixar enclausurada no campo.

— Com meu pai e minha irmã, não te esqueças — articulou, tranquilamente, o príncipe André.

— Nem por isso estarei menos só, sem as minhas amigas... E ainda ele quer que eu não tenha medo.

Tinha adoptado um tom de amuo e fazia um trejeito que lhe dava um ar já não alegre, mas quase animal, um ar de um pequenino esquilo. Calou-se, pensando não ser conveniente falar diante de Pedro do seu estado, no fundo a causa de tudo.

— Continuo a não compreender de que é que tens medo — disse, lentamente, o príncipe André, sem deixar de a fitar.

A princesa corou e fez um gesto impetuoso.

— Não. André, eu acho é que mudou tanto, tanto...

— O teu médico aconselhou-te a que te deitasses cedo — disse o príncipe André. — Era melhor que te retirasses.

A princesa nada disse, mas, de súbito, o seu lábio, sombreado por uma penugem ligeira, pôs-se a tremer; André levantou-se, encolhendo os ombros, e começou a andar de um lado para o outro.

Pedro, com um ar espantado e ingénuo, olhava por detrás das lunetas ora um ora outro, e agitava-se, como se ele também quisesse levantar-se, mas continuava indeciso.

— Quero lá saber que esteja aqui o Senhor Pedro — disse, abruptamente, a princesinha, e pelo seu delicado rosto perpassou, de súbito, um ricto como de quem vai chorar.— Há muito tempo que eu te queria dizer. André. Porque é que mudaste tanto para comigo? Que te fiz eu? Vais para a guerra e não tens pena de mim. Porquê?

— Lisa! — foi tudo quanto disse André.

Mas nesta palavra havia ao mesmo tempo uma súplica e uma ameaça, e sobretudo qualquer coisa em que se lia que ela havia de arrepender-se de ter proferido aquelas palavras. Precipitadamente, ela continuou:

— Tratas-me como uma doente ou como uma criança. Eu bem vejo. Achas que eras assim há seis meses?

— Lisa, peço-te que te cales — disse André numa voz cortante.

Pedro, cada vez mais perturbado com aquela troca de palavras, levantou-se e aproximou-se da princesa. Dir-se-ia não poder suportar a vista das lágrimas e ele próprio estava quase a chorar.

— Sossegue, princesa. É o que lhe parece; porque eu próprio tive a mesma impressão.., porque... é que... Ah!, desculpe-me, sinto que estou aqui a mais... Ah!, sossegue... Adeus...

O príncipe André segurou-o por um braço.

— Um momento. Pedro. A princesa é tão boa que não quererá privar-me do prazer de passar a noite contigo.

— Vê, vê, não pensas senão nele! — exclamou a princesa, sem poder reter as lágrimas, onde havia revolta.

— Lisa — disse o príncipe secamente, erguendo o tom da voz a uma altura tal que significava ter perdido por completo a paciência.

Subitamente, o arzinho de esquilo furioso que se pintara no rosto da princesa converteu-se num medo impressionante, digno de piedade. Lançou, furtivamente, com os seus belos olhos um rápido olhar ao marido e teve essa expressão tímida e submissa de um cão batido que foge com a cauda entre as pernas.

— Meu Deus, meu Deus! — murmurou, pegando na cauda do vestido, e, aproximando-se do marido, beijou-o na testa.

— Boa noite. Lisa — disse o príncipe André erguendo-se e beijando-lhe a mão com cortesia, como se fosse uma estranha.

[VIII]

Os dois amigos ficaram silenciosos. Nem um nem outro ousavam falar. Pedro tinha os olhos pousados no príncipe André, que passava a fina mão pela testa.

— Vamos cear — disse ele, suspirando. Levantou-se e dirigiu-se para a porta.

Entraram na sala de jantar, elegantíssima, recém-arranjada e ricamente posta. Tudo, desde os guardanapos às pratas, à baixela e aos cristais, tinha esse aspecto

novo característico das casas dos recém-casados. No meio do repasto o príncipe André apertou a cabeça entre as mãos, e, como alguém muito preocupado que finalmente resolve abrir-se, principiou a dizer, com um nervosismo que Pedro lhe não conhecia.

— Não, te cases nunca, nunca, meu amigo; é o conselho que te dou. Não te cases antes de estares convencido de que fizeste tudo de que eras capaz, antes de teres deixado de amar a mulher que escolheste, antes de a teres visto bem; sem isso, enganar-te-ás cruelmente e sem remissão. Casa-te quando fores velho e já não prestares para coisa alguma... Se o não fizeres, perder-se-á tudo quanto houver em ti de bom e de grande. Tudo irá por água abaixo. Sim, sim, sim! Não me olhes com essa cara de espanto. Se estás convencido de que serás capaz de fazer alguma coisa no futuro, verificarás que tudo acabou para ti, que tudo te está vedado, salvo o salão onde virás a encontrar-te ao nível de qualquer lacaio ou de qualquer imbecil... E aqui tens!

Teve um gesto enérgico.

Pedro tirou as lunetas, ficando com outra cara, ainda mais bondosa, e fitou o amigo com espanto.

— A minha mulher — continuou o príncipe André— é uma excelente senhora. É uma dessas raras pessoas que não fazem perigar a nossa honra. Mas. Deus meu, o que daria eu para me não ter casado! És tu a primeira e a única pessoa a quem o digo, porque sou teu amigo.

Enquanto falava, o príncipe André cada vez se parecia menos com esse Bolkonski enterrado numa cadeira em casa de Ana Pavlovna deixando passar por entre dentes, de olhos piscos, frases francesas. Todos os músculos da sua seca máscara estavam agitados por movimentos nervosos; os seus olhos, em que o fogo da vida, até então, parecia extinto, brilhavam agora com um fulgor luminoso e claro. Dir-se-ia que quanto menos vida nele havia habitualmente mais enérgico parecia nestes instantes de uma excitação quase anormal.

— Tu não compreendes porque eu falo assim. No entanto estás diante da história de toda uma existência. Tu dizes Bonaparte e a sua carreira — continuou ele, embora Pedro nada tivesse dito acerca de Bonaparte. — Dizes: Bonaparte. Mas Bonaparte, quando trabalhava, quando caminhava, passo a passo, para o seu fim era livre, não tinha mais nada em vista senão esse objectivo, e atingiu-o. Porém, se tu te ligares a uma mulher, como um forçado com uma braga aos pés,

perderás toda a liberdade. E tudo quanto em ti possa haver de esperança e de energia tornar-se-á um peso morto, que te oprimirá de desgosto. Os salões, a má-língua, os bailes, a vaidade, as futilidades, eis daí por diante o círculo vicioso de que é impossível uma pessoa evadir-se. Vou partir para a guerra, para a maior das guerras, e não sei nada, e não presto para nada. Sou muito amável e muito cáustico e as pessoas ouvem-me quando eu falo em casa de Ana Pavlovna. E aí tens essa estúpida sociedade mundana sem a qual não podem passar nem a minha mulher nem essas mulheres... Se tu ao menos pudesses fazer uma ideia do que são todas as mulheres distintas e todas as mulheres em geral. Meu pai tem razão. O egoísmo, a vaidade, a tolice, a nulidade em tudo, aí tens a mulher quando se mostra tal qual é. Quando a gente a vê na sociedade, julga que vale alguma coisa, e não vale nada, nada, nada! É o que te digo: não te cases, meu caro, não te cases — concluiu.

— Que vontade de rir que isto me dá — disse Pedro. — Pois é o André, o André, precisamente, que se considera a si próprio um incapaz, que considera falhada a sua vida? O André que tem o futuro diante de si, todo um futuro? O André...

«De que não será capaz?», pensou, mas o tom da sua voz denunciava claramente a alta estima em que ele tinha o amigo e o que esperava dele para mais tarde.

«Como pode ele falar assim!», dizia Pedro de si para consigo.

E efectivamente Pedro via no príncipe André como que um modelo de todas as perfeições, precisamente porque ele era dotado no mais alto grau das qualidades que ele próprio não tinha, essas qualidades que mais do que quaisquer outras exigem força de vontade. Sempre lhe causara admiração a serenidade que o príncipe André sabia manter nas relações com as pessoas mais diversas e a sua memória extraordinária, as suas vastas leituras — tinha lido tudo, sabia tudo, compreendia tudo — e sobretudo a sua capacidade de trabalho e de assimilação. E, se é verdade que frequentes vezes o impressionava, a ele. Pedro, a pouca tendência que o príncipe André manifestava pela reflexão e pela filosofia, coisas para que Pedro sentia mais inclinação, estava longe de pensar que isso constituísse um defeito; pensava até que representava uma força.

Nas melhores relações, nas mais amistosas e mais simples relações, a adulação ou os louvores são coisas indispensáveis, tal qual como o azeite é indispensável

nas rodas dos carros.

— Sou um homem liquidado — murmurou o príncipe André. Para que havemos nós de perder tempo a falar de mim? Falemos antes de ti — acrescentou depois de um curto silêncio e sor— rindo, como se regressasse, finalmente, a um assunto mais consolador.

Nessa altura um sorriso apareceu nos lábios de Pedro.

— E para que havemos nós de falar de mim? — disse abandonando-se a uma despreocupada alegria.— Que sou eu, no fim de contas? Sou um bastardo! — E, subitamente, corou até às orelhas. Via-se bem que fizera um grande esforço para pronunciar estas palavras.— Sem nome, sem fortuna... E, de resto, para falar francamente... — Quereria ter dito tanto melhor, mas não concluiu a frase. — Enquanto espero, sou livre, estou satisfeito com a minha sorte. Mas o certo é que não sei o que hei-de fazer. Seriamente, queria pedir-lhe que me aconselhasse.

O príncipe André olhou-o com bondade, mas, apesar disso, no seu olhar amável e amistoso sentia-se-lhe a superioridade.

— Gosto de ti, sobretudo porque és tu, entre toda a gente das nossas relações, o único ser vivo. Dizes que estás satisfeito. Escolhe o que quiseres, é indiferente. Em toda a parte serás feliz. Só te peço uma coisa: deixa de conviver com esses Kuraguine, deixa a vida que levas. Isso não te convém: toda essa devassidão, esse convívio com hússares, tudo que...

— Que quer, meu caro? — disse Pedro encolhendo os ombros. — As mulheres, meu caro, as mulheres!

— Não compreendo — retorquiu André. — As verdadeiras senhoras, sim, essas são outra coisa, mas as mulheres de Kuraguine, as mulheres e o vinho, confesso-te que não compreendo!

Pedro vivia em casa do príncipe Vassili Kuraguine e acompanhava nas suas orgias o filho deste. Anatole, esse mesmo Anatole que queriam casar, para o corrigir, com a irmã do príncipe André.

— Quer saber? — disse Pedro, como se acabasse de ter uma feliz ideia. — Seriamente, há muito tempo que penso nisto. Com a vida que levo, nem posso decidir-me por coisa alguma, nem reflectir seja sobre o que for. Só dores de cabeça e o nosso dinheiro perdido. O Anatole convidou-me para esta noite, mas não vou.

— Dás-me a tua palavra de honra?

— Palavra de honra!

[IX]

Eram quase duas horas da madrugada quando Pedro saiu de casa do amigo. Era uma noite de Junho, uma noite típica de Petersburgo, sem obscuridade. Meteu-se numa carruagem de aluguer, decidido a voltar para casa. Mas à medida que se aproximava, ia sentindo que lhe não era possível dormir numa noite daquelas, que mais parecia um crepúsculo ou uma aurora. A vista perdia-se ao longe pelas ruas desertas. No caminho. Pedro lembrou-se de que em casa de Anatole Kuraguine deviam estar reunidos os convivas habituais, os jogadores, que depois do jogo se entregavam, normalmente, ao prazer da bebida, um dos seus divertimentos favoritos.

«Se eu fosse a casa de Kuraguine?», disse ele para consigo mesmo.

De súbito, porém, lembrou-se de que tinha dado a palavra de honra a André. Mas, de repente também, coisa natural nas pessoas que é de uso considerar-se sem carácter, sentiu um tão intenso desejo de voltar uma vez ainda a gozar aquela louca vida, que ele tão bem conhecia, que se decidiu. E então veio-lhe à mente que o compromisso tomado não valia nada, visto que antes de o ter assumido para com o príncipe André tinha prometido ao Anatole que iria a casa dele; e depois, em conclusão, dizia de si para consigo: «Todas estas palavras de honra são coisas convencionais, sem qualquer fundamento sério, sobretudo quando uma pessoa pensa que amanhã pode estar morta ou em circunstâncias tais que as palavras de honra e desonra não tenham o mais pequeno significado.» Pedro costumava fazer muitas vezes raciocínios deste gosto, que tornavam nulos todos os seus projectos e todas as suas resoluções. E dirigiu-se para casa de Kuraguine.

Quando chegou à escadaria da vasta mole formada pelas casernas da Guarda montada, onde Anatole vivia, subiu os degraus iluminados e deparou-se-lhe a porta aberta. Não havia ninguém no vestíbulo; por um lado e pelo outro só se viam garrafas vazias, sobretudos, galochas; cheirava a vinho. Ouviam-se ruídos de vozes e gritos distantes.

O jogo e a ceia tinham acabado, mas os convivas ainda se não haviam dispersado. Pedro despiu o sobretudo e entrou na primeira dependência, em que

se viam ainda os restos do festim e onde um lacaio, julgando-se só, bebia, às escondidas, os restos de vinho dos copos. Da sala contígua saía um alarido: risos, gritos de pessoas conhecidas e grunhidos de ursos. Oito rapazes comprimiam-se, muito excitados, junto da janela aberta. Três outros entretinham-se com um ursinho novo, que um deles puxava por uma corrente para atemorizar os companheiros.

— Eu aposto por Stevens cem rublos! — gritou uma voz.

— Que ideia essa de apostar por ele! — exclamou um terceiro.— Kuraguine, sê tu o árbitro.

— Está bem, então deixem o Michka (Nome familiar do urso na Rússia. (N, dos T.); vamos lá fazer a aposta.

— De um só trago, ou então perde! — gritou uma quarta voz.

— Iakov, traz uma garrafa. Iakov! — clamou o dono da casa, um rapagão magnífico, que estava no meio de todos os outros, envergando apenas uma ligeira blusa toda aberta no peito — Um momento, meus amigos! Eh! Até que enfim. Petrucha, meu caro! — exclamou dirigindo-se a Pedro.

Uma outra voz, a de um homem de pequena estatura, de olhos azuis-claros, que contrastava pelos seus modos cordatos no meio de todas aquelas vozes avinhadas, gritou da janela:

— Vamos, serve de árbitro na aposta! — Era Dolokov, um oficial do regimento Seminovski, famoso jogador e não menos famoso espadachim, que compartilhava dos aposentos de Anatole.

Pedro sorria, lançando um olhar alegre a toda a companhia.

— Não há maneira de ninguém se entender. De que se trata?

— Esperem, ele não está bêbado. Venha de lá uma garrafa — disse Anatole, e, pegando num copo de cima da mesa, deu dois passos para Pedro.

— Antes de mais nada, bebe,

Pedro pôs-se a beber copo sobre copo, olhando de soslaio para toda aquela gente embriagada que se tinha juntado ao pé da janela e escutava o que se dizia. Anatole deitava-lhe vinho no copo e contava que Dolokov apostara com o inglês Stevens, oficial de marinha ali presente, que ele. Dolokov, seria capaz de beber uma garrafa de rum sentado na janela do segundo andar com as pernas dependuradas para a parte de fora.

— Então, despeja-me lá essa garrafa! — exclamou Anatole, apresentando a

Pedro o último copo.— Enquanto o não beberes, não te largo.

— Não, já basta — tornou Pedro recusando, ao mesmo tempo que se aproximava da janela.

Dolokov segurava o inglês por uma mão e explicava claramente, com precisão, as condições da aposta, dirigindo-se de preferência a Anatole e a Pedro.

Dolokov era de estatura meã, frisado, com olhos azuis-claros. Tinha aproximadamente vinte e cinco anos. Não usava bigode, como os outros oficiais de infantaria daquela época, e tinha a boca, o traço mais característico da sua figura, completamente descoberta. Era uma boca com um desenho extraordinariamente fino. O lábio superior descia sobre o forte lábio inferior formando dois ângulos agudos, em cujos cantos se via sempre esboçado uma espécie de duplo sorriso, um sorriso de cada lado. No seu conjunto, sobretudo com os seus olhos decididos, impudentes e inteligentes, dava uma impressão que obrigava as pessoas a fitá-lo. Dolokov não era rico nem tinha qualquer parente. E, conquanto Anatole gastasse dezenas de milhares de rublos. Dolokov compartilhava das suas instalações e sabia arranjar as coisas de tal maneira que o próprio Anatole e todos os seus conhecidos o estimavam mais que ao próprio dono da casa. Sabia todos os jogos e ganhava quase sempre. Por mais que bebesse, tinha sempre a cabeça no seu lugar. Kuraguine e Dolokov eram naquela época, tanto um como o outro, verdadeiras celebridades no mundo das cabeças loucas e dos boémios de Petersburgo.

Trouxeram a garrafa de rum. Dois lacaios, azafamados e visivelmente estupefactos, desnorteados no meio dos gritos e das ordens que lhes davam, procuravam demolir o caixilho que impedia que uma pessoa se sentasse sobre o parapeito exterior da janela.

Anatole aproximou-se com ares vitoriosos. Tinha necessidade de quebrar fosse o que fosse. Afastou os lacaios e pôs-se a puxar pelo caixilho, o qual não cedeu. Quebrou um vidro.

— Experimenta tu, valentão — exclamou dirigindo-se a Pedro. Pedro agarrou-se à couceira, puxou e arrancou com fragor o enquadramento de castanho.

— Tudo fora, senão depois são capazes de dizer que eu me agarrei a alguma coisa — intimou Dolokov.

— O inglês perdeu a cabeça... Eh! Não é verdade? — inquiriu Anatole.

— Com certeza — disse Pedro olhando para Dolokov, que, com a garrafa na mão, se aproximava da janela, através da qual se via o céu claro e a aurora, que

se confundia com o crepúsculo.

Dolokov, sempre com a garrafa na mão, saltou para cima da janela.

— Ouçam! — gritou de pé sobre o parapeito, voltado para a assistência. Todos se calaram.

— Aposto — falava em francês para que o inglês o compreendesse, embora este não fosse um portento nessa língua —, aposto cinquenta imperiais; quer apostar cem? — acrescentou, para o inglês.

— Não, cinquenta — retorquiu este.

— Bom, aposto cinquenta imperiais em como sou capaz de beber a garrafa de rum até à última gota, de um só trago, sentado na janela, neste sítio — debruçou-se e apontou para o parapeito inclinado no sentido da rua— e sem me segurar a coisa alguma... Está, apostado?

— Perfeitamente — volveu o inglês.

Anatole voltou-se para este, e, segurando-o por um botão da farda, olhou-o de cima, pois o outro era de pequena estatura, e pôs-se a repetir-lhe em inglês as condições da aposta.

— Atenção! — gritou Dolokov, batendo com a garrafa na janela, para que o ouvissem— Um momento. Kuraguine. Ouçam. Se houver alguém capaz de fazer o mesmo, dou-lhe cem imperiais. Estão a compreender?

O inglês disse «sim» com a cabeça, sem com isso querer dizer que tinha intenção de aceitar a nova aposta. Anatole não o largava, e, embora ele tivesse dado a entender que compreendera, traduzia-lhe para inglês as palavras de Dolokov. Um rapazola escanzinado, um hússar da Guarda, que toda a noite estivera a perder ao jogo, trepou à janela, debruçou-se e olhou lá para baixo.

— Ui! Ui! Ui! exclamou, apontando as pedras da calçada.

— Fora daí! — gritou Dolokov, obrigando a descer da janela o oficial, que, embaraçado nas esporas, tropeçou.

Depois de ter colocado a garrafa no parapeito da janela, para assim a ter à mão. Dolokov, com prudência e serenidade içou-se para o rebordo do janelão. Depois de ter passado as pernas por cima, do alizar e de haver avançado, com o auxílio das mãos, até ao extremo do parapeito, escolheu o lugar, sentou-se, deixou pender as pernas, deslocou-se para a direita e para a esquerda e pegou na garrafa. Anatole trouxe duas velas e pousou-as sobre o parapeito, embora já fizesse dia claro. O dorso de Dolokov, de camisa branca, a cabeça anelada, recebia

luz dos dois lados. Toda a gente se tinha juntado em volta da janela. O inglês estava na primeira fila. Pedro sorria sem dizer nada. Um dos presentes, mais velho do que os outros, furioso e apavorado, arremeteu, de súbito, para a janela e quis agarrar Dolokov pela camisa.

— Meus senhores, isto é uma loucura; o rapaz vai matar-se! — exclamou esta criatura, mais razoável que as restantes. Anatole deteve-o.

— Não lhe toques; se o assustas, ele mata-se. Hem!... E nesse caso?... Hem!

Dolokov voltou-se, compôs-se e colocou-se em posição com o auxílio das mãos.

— Se mais alguém mete o bedelho na minha vida — disse, deixando cair as palavras dos lábios finos e cerrados —, obrigo-o a descer imediatamente por aqui. Está combinado?...

Ao dizer «Está combinado?», voltou-se ainda, soltou as mãos, pegou na garrafa e levou-a à boca, atirando a cabeça para trás e erguendo no ar a mão livre para estabelecer o equilíbrio. Um lacaio que se tinha posto a apanhar os pedaços de vidro da janela deteve-se, sempre debruçado para o chão, sem perder de vista a janela e as costas de Dolokov. Anatole conservava-se direito, de olhos arregalados. O inglês, mordendo os lábios, desviava os olhos. Aquele que tentara intervir tinha-se afastado para um canto e estiraçara-se num divã com a cara para a parede. Pedro tapou a cara e um ligeiro sorriso parecia errar-lhe na máscara, onde se estampavam agora susto e terror. Todos se calavam. Pedro tirou a mão dos olhos. Dolokov mantinha-se na mesma posição, mas com a cabeça de tal modo caída para trás que os cabelos anelados, pela retaguarda, afloravam-lhe o colarinho, e a mão com que segurava a garrafa cada vez se erguia mais, animada por um certo tremor, e como se fizesse esforço. A garrafa, que se esvaziava a olhos vistos, elevava-se ao mesmo tempo no ar, obrigando a cabeça a descair para trás. «Que tempo que isto leva!», murmurou Pedro consigo mesmo. Afigurava-se-lhe haver decorrido mais de meia hora. Subitamente Dolokov teve um movimento de espinha para a retaguarda e a mão foi-lhe sacudida por um tremor nervoso, quanto bastou para fazer avançar o corpo sentado no parapeito resvaladiço. Todo ele se deslocou, e as mãos e a cabeça, com o esforço, estremeceram-lhe ainda mais. Uma das mãos ergueu-se para se agarrar ao alizar da janela, mas logo descaiu. Pedro voltou a fechar os olhos e prometeu não tornar a abri-los. Subitamente percebeu que tinha havido um movimento na assistência. Abriu os olhos: Dolokov estava de pé sobre o parapeito, o rosto pálido e alegre.

— Vazia!

Atirou com a garrafa ao inglês, que a agarrou no ar. Deu um pulo da janela. Todo ele cheirava a rum.

— Muito bem! Que valentão! Bela aposta, cos diabos! — dizia-se por todos os lados.

O inglês tinha puxado da bolsa e contava o dinheiro. Dolokov franzia as sobrancelhas sem dizer palavra. Pedro precipitou-se para a janela.

— Meus senhores. Quem é que quer apostar comigo? Estou pronto a fazer o mesmo! — gritou ele, de chofre.— De resto, dispenso as apostas. Venha de lá uma garrafa. Exactamente!... Uma garrafa.

— Isso mesmo! Isso mesmo! — exclamou Dolokov, rindo.

— Que mosca é que te mordeu? Estás maluco? Quem é que vai consentir nisso? Até a subir uma escada tens vertigens — dizia-se por aqui e por ali.

— Vão ver como eu a bebo. Deixem-me ver uma garrafa! gritava Pedro, batendo no tampo duma mesa, com uma teimosia de bêbado. E trepou para cima da janela.

Agarraram-no por um braço; mas ele era tão forte que sacudia de si os que tentavam aproximar-se dele.

— É inútil, não desiste — disse Anatole.— Esperem aí, que eu ensino-o. Ouve lá, eu aposto contigo, mas fica para amanhã. Agora vamos todos para casa da...

— Está bem — exclamou Pedro. — Vamos embora!... Mas o Michka também vai connosco. — Apoderou— se do urso, e agarrando nele com ambas as mãos para o obrigar a levantar-se, pôs-se a rodopiar com o bicho pelo meio da sala.

[X]

O príncipe Vassili cumpriu a promessa que tinha feito à princesa Drubetskaia na reunião em casa de Ana Pavlovna relativamente a seu único filho. Bóris. Falaram nele ao imperador, e a título excepcional foi promovido a alferes do regimento Seminovski. Mas não foi nomeado ajudante-de-campo, nem adido ao quartel-general de Kutuzov, apesar dos pedidos e das intrigas de Ana Mikailovna. Pouco tempo depois da reunião em casa da dama de honor. Ana Mikailovna voltou

para Moscovo e foi instalar-se em casa dos Rostov, seus ricos parentes, onde sempre se hospedava. Era ali que tinha sido educado desde criança e onde ainda vivia o seu Bóris adorado, só agora admitido no exército e que acabava de ser promovido a alferes da Guarda. O regimento tinha saído de Petersburgo a 10 de Agosto, e o rapaz, que ficara em Moscovo por causa do equipamento, devia ir ao encontro dele em Radzivilov.

Em casa dos Rostov celebrava-se o aniversário das duas Natalias, a mãe e a filha mais nova. Desde manhã que era um chegar e partir de carruagens sem fim com visitas para o palácio da condessa Rostov, na Povarskaia, palácio que toda a gente conhecia em Moscovo.

A condessa, acompanhada pela filha mais velha, uma linda mulher, estava no salão, rodeada das suas visitas, que não cessavam de chegar.

Era a condessa Rostov urna senhora de rosto magro, tipo oriental, dos seus quarenta e cinco anos, visivelmente esgotada por doze partos sucessivos. A lentidão do seu passo e a morosidade da sua fala, consequências do quebranto das suas forças, davam-lhe um ar de dignidade que inspirava respeito. A princesa Ana Mikailovna Drubetskaia também se encontrava presente, íntima da casa que era, ajudando-a a receber as visitas e a manter a conversação. A gente nova estava nas dependências das traseiras, desinteressada das visitas. O conde lá se encarregava, de as acolher e de as conduzir, convidando toda a gente para jantar.

— Estou-lhe muito reconhecido, muito, meu caro ou minha cara — dizia a toda a, gente, sem excepção, minha cara ou meu caro, sem pôr nisso qualquer distinção, quer as pessoas fossem de uma classe inferior ou superior —, estou-lhe muito reconhecido em meu nome e em nome das festejadas. Não deixe de vir jantar connosco: ficaria melindrado, meu caro. Peço-lhe, cordialmente, em nome da família, minha cara.

Estas mesmas palavras, com uma expressão sempre igual no rosto cheio e sorridente, bem escanhoado, e um aperto de mão enérgico, sempre o mesmo, e breves e frequentes flexões, repetia-as ele a todos, sem excepção e sem alterar uma vírgula. Depois de acompanhar aquele que partia, ei-lo que voltava para junto daquele ou daquela que ficava no salão. Puxava de uma cadeira, e com os modos de um homem à vontade em sociedade, estendia as pernas desprendidamente, e, de mãos assentes nos joelhos, meneava a cabeça com um ar entendido, fazendo conjecturas sobre o estado do tempo, dando conselhos

higiénicos, ora em russo, ora em francês, num francês bastante mau, mas pronunciado com segurança, e depois, como uma pessoa que se sente fatigada mas quer cumprir a sua obrigação até ao fim, acompanhava as pessoas, assentando as farripas brancas sobre a calva e tornando a repetir o eterno convite. Uma que outra vez, no regresso do vestíbulo, atravessava o jardim de Inverno e a sala de espera, dirigindo-se a uma grande dependência pavimentada de mármore, onde se preparava uma mesa de oitenta talheres: lançava urna olhadela aos criados, afadigados a acarretar pratas e porcelanas, a arranjar a mesa e a estender as toalhas adamascadas, e mandava chamar Dimitri Vassilievich, um jovem fidalgo, uma espécie de seu factótum, a quem dizia: — Atenção. Mitenka, é preciso que tudo esteja em ordem. óptimo! óptimo! — Depois acrescentava, inspeccionando, satisfeito, a imensa mesa elástica. — O mais importante é uma mesa bem posta. Bom, bom... — E voltava, contente, ao salão.

— Maria Lvovna Karaguine e sua filha! — anunciou em voz de baixo o imenso escudeiro às ordens da condessa penetrando no salão. A condessa, pensativa, tomou uma pitada de rapé da sua caixa dourada com o retrato do marido,

— Ah! Que maçada estas visitas! — exclamou ela. — É a última que eu recebo. Que pessoa tão amaneirada! Manda entrar — ordenou para o lacaio numa voz áspera que queria dizer: «Bom, acabemos com isto!»

Uma senhora, alta, de grande corpulência, ar altivo, acompanhada de sua filha, uma menina de nédias bochechas, toda sorridente, entrou na sala no meio de um ruge-ruge de vestidos.

— Querida condessa, há tanto tempo.., tem estado de cama, pobre criança.., no baile dos Rasumovski.., e a condessa Apraksine.., fiquei tão contente!... — exclamavam vozes femininas muito animadas, interrompendo-se umas às outras mutuamente e confundindo-se com o sussurrar dos tecidos e o arrastar das cadeiras. Entabulou-se uma conversa tão pouco importante que permitia, assim que havia uma pausa, que as pessoas se levantassem e dissessem, rio meio do burburinho da partida: «Estou encantada; a saúde da mãe.., e a condessa Apraksine», e, em seguida, no meio de um novo ruge-ruge, passassem para o vestíbulo, pusessem os seus agasalhos e partissem. A conversa travou-se sobre a grande novidade do dia, a doença do velho e riquíssimo conde Bezukov, um dos mais belos homens do tempo de Catarina, e o comportamento do filho ilegítimo do mesmo. Pedro, que se tinha portado pessimamente ria recepção em casa de Ana

Pavlovna.

— Muito lamento o pobre conde — disse a visita que acabava de chegar —; esta tão mal e, ainda por cima, com o desgosto daquele filho, acaba por morrer!

— Que aconteceu? — inquiriu a condessa, fingindo ignorar o assunto a que aludia a interlocutora, embora já tivesse ouvido contar a história pelo menos umas quinze vezes,

— São aquilo as educações modernas! Aquele tempo no estrangeiro fez com que o rapaz se tornasse insubmisso, e agora, em Petersburgo, segundo dizem, tais horrores fez que tiveram de recorrer à policia.

— Que me diz! — murmurou a condessa.

— São as más companhias — interveio a princesa Ana Mikailovna. — O filho do príncipe. Vassili, ele e um tal Dolokov fizeram trinta por urna linha. Dois deles sofreram-lhe as consequências: Dolokov foi obrigado a descer de posto e o filho do conde Bezukov, esse, mandaram-no para Moscovo. Quanto a Anatole Kuraguine, valeu-lhe o pai, que conseguiu abafar o escândalo. Mas também foi afastado de Petersburgo.

— Que fizeram eles, afinal? — perguntou a condessa.

— São uns autênticos bandidos. Principalmente esse Dolokov — disse a visita. — É o filho de Maria Ivanovna Dolokov, uma senhora da maior respeitabilidade. Pois não sabem? Imaginem que arranjaram um urso e levaram-no com eles de carruagem para casa de urnas actrizes. A polícia foi atrás deles, e eles não estiveram com meias medidas: apanham um guarda, amarram-no, costas com costas, com o urso, e atiram com os dois para o Moika (Canal do rio Neva que divide o centro da cidade do bairro de Kazari. (N, dos T.). O urso pôs-se a nadar com o polícia às costas.

— Só queria ver a cara do polícia, minha amiga! — exclamou o conde, rindo a bom rir.

— Parece impossível! Que horror! Como é que o conde pode achar graça a uma coisa destas?

Mas as próprias senhoras não podiam suster o riso.

— Foi difícil salvá-lo, àquele desgraçado — continuou a visita. — E dizer que, é o filho do conde Cirilo Vladimirovitch Bezukov quem e dedica a divertimentos tão intelectuais! E há quem o ache bem educado e espiritual. Ora aqui têm o resultado dessas educações no estrangeiro! Tenho a certeza de que ninguém aqui o vai

receber, apesar de toda a sua fortuna. Quiseram-mo apresentar. Mas eu disse redondamente que não: tenho filhas.

— Porque diz que, esse homem é assim tão rico? — perguntou a condessa, debruçando-se para ela, de maneira a que as raparigas a não ouvissem, e estas logo fingiram nada entender. — Dizem que só tem filhos naturais. Com certeza.., o Pedro também é filho natural.

A visita teve um gesto evasivo.

— Dizem que tem um caterva de ilegítimos.

A princesa Ana Mikailovna interveio, desejosa, é claro, de mostrar que tinha relações e que conhecia em pormenor todas as intrigas mundanas.

— A verdade é esta — disse ela, com um ar entendido e quase em voz baixa. — A reputação do conde Cirilo Vladimirovitch toda a gente a conhece... Nem sequer sabe o nome dos filhos que tem, mas este Pedro era o seu preferido.

— Que belo homem esse velho — murmurou a condessa — ainda o ano passado! Nunca vi um homem mais belo!

— Agora está muito mudado — observou Ana Mikailovna.-

O que eu queria dizer é que o príncipe Vassili, parente dele pelo lado materno, é que devia ser o seu herdeiro directo, mas ele gosta muito do Pedro; mandou-o educar e até escreveu a recomendá-lo ao imperador... Por isso ninguém sabe para quem irá a sua imensa fortuna, se para o Pedro se para o príncipe Vassili. Quarenta mil almas e milhões, milhões! Sei isto de fonte limpa, pois foi o próprio príncipe Vassili quem mo contou. De resto. Cirilo Vladimirovitch também é meu primo afastado pelo lado materno. E é padrinho do Bóris — insinuou ela, como se não ligasse a mais pequena importância ao facto.

— O príncipe Vassili está desde ontem em Moscovo. Dizem que anda em inspecção — murmurou a visita.

— Sim, mas, aqui entre nós — disse a condessa —, isso é um pretexto. O que ele veio fazer foi visitar o conde Cirilo Vladimirovitch logo que o soube muito mal.

— Seja como for, minha amiga, é uma rica história — disse, de chofre, o conde, e, ao verificar que a interlocutora o não ouvia, voltou-se para as raparigas— Estou a ver a cara do polícia!

E, mimando os gestos desesperados do pobre diabo, pôs-se de novo a rir, com grandes gargalhadas sonoras e profundas, que lhe faziam estremecer todo o rechonchudo corpo, um corpo de quem come bem e bebe melhor.

— Então, está combinado, janta connosco — disse ele.

[XI]

Houve um momento de silêncio. A condessa olhava para a sua visita com um sorriso amável, sem esconder, aliás, que lhe não seria desagradável vê-la erguer-se para se ir embora. A filha já se preparava para se despedir, depois de lançar um olhar interrogativo à mãe, quando, de súbito, se ouviram na sala contígua passos precipitados de homens e senhoras, ao mesmo tempo que urna cadeira era arrastada e caía, impelida por alguém que passava. Então entrou na sala uma menina dos seus treze anos, que trazia fosse o que fosse na saia de musselina, e que parava no meio do salão. Era evidente que fora por engano e sem premeditação que viera até ali. Simultaneamente, à porta, apareceram um estudante, de gola cor de framboesa, um oficial da Guarda, uma rapariguinha dos seus quinze anos e um rapazinho, gordo e rubicundo, com um casaquito curto,

O conde precipitou-se para a pequenita e impediu-lhe a entrada abrindo os braços.

— Ah!, aí vem ela! — gritou ele, rindo — A heroína da festa. Minha querida fadazinha!

— Minha querida, há horas para tudo — disse a condessa, fingindo-se severa— Estragas a pequena Elie — acrescentou dirigindo-se ao marido,

— Bom dia, minha querida, felicito-a — disse a senhora Karaguine. — Que criança encantadora! — prosseguiu ela para a mãe.

Era uma rapariguinha de olhos negros, a boca muito grande, não bonita, mas cheia de vida, com os ombros infantis descobertos, palpitando no corpete, graças à rapidez com que caminhara, os caracóis negros repuxados para trás, os braços pequeninos nus, as perninhas a sair de uma calças de rendas, e nos pés sapatos abertos. Estava naquela idade graciosa em que uma rapariga já não é criança e em que a criança ainda não é rapariga. Depois de ter conseguido escapar-se dos braços do pai, correu para a mãe e, sem prestar a mais pequena atenção às suas severas reprimendas, escondeu a cara buliçosa nas rendas da mantilha materna e pôs-se a rir. Enquanto ria ia falando, com palavras sincopadas, para a boneca que

levava metida na saia.

— Vês?... Mimi... Vês?

E Natacha mais não pôde dizer — tudo a fazia rir. — Deixou-se pender contra a mãe e rompeu a rir com tanta vontade e tão alto que ninguém, inclusivamente a visita de maneiras afectadas, pôde resistir ao riso. Todos riram também.

— Vai-te embora, vai-te embora com esse horror! — exclamou a mãe, repelindo-a com uma cólera fingida.— É a minha filha mais nova — disse ela à visita.

Natacha deixou ver a cara por momentos, no meio do fichu de rendas da mãe, olhou aquela de alto a baixo, rindo até às lágrimas, e voltou a esconder-se.

A visita, obrigada a admirar esta cena de família, pensou ser necessário dizer qualquer coisa.

— Dize-me cá, minha linda — perguntou a Natacha —, que parentesco tens tu com esta Mimi? É tua filha, naturalmente. Este tom de condescendência para se pôr ao seu nível de criança não agradou a Natacha, que nada disse e fitou a senhora com um ar sério.

Entretanto, todo o grupo jovial: Bóris, o oficial, filho da princesa Ana Mikailovna, o estudante Nicolau, filho mais velho do conde. Sónia, sua sobrinhita de quinze anos, e o pequeno Petrucha, seu filho mais novo, procurava manter, adentro dos limites das conveniências, a animação e a alegria que fulguravam nos seus rostos. Via-se perfeitamente que lá para trás, nos aposentos das traseiras, donde eles tinham surgido tão repentinamente, se falava de coisas bem mais agradáveis que intrigas mundanas, ou o estado do tempo, ou a condessa Apraksine. Entreolhavam-se todos, rompendo a rir.

Os dois rapazolas, o estudante e o oficial, amigos de infância, eram da mesma idade, ambos bonitos moços, mas sem se parecerem um com o outro. Bóris era um rapagão louro, de traços finos e regulares, de uma beleza serena; Nicolau, um rapazinho frisado, com uma expressão aberta. No seu lábio superior apontava já um ligeiro buço e o todo da sua máscara exprimia impetuosidade e entusiasmo. Nicolau ficou todo corado assim que entrou no salão. Via-se que procurava dizer qualquer coisa, mas não conseguia. Bóris, pelo contrário, mostrou-se logo à vontade e começou a contar, tranquilamente e com um ar satisfeito, que tinha conhecido a Mimi muito nova, com o nariz ainda intacto, que nos últimos cinco anos, se bem se lembrava, a pobre tinha envelhecido terrivelmente, e que tinha

agora a cabeça rachada de alto a baixo. Ao mesmo tempo que falava ia olhando para Natacha. Esta voltara a cara e olhava para o irmãozito, que ria perdidamente, com os olhos cheios de lágrimas; de súbito, sem poder mais, despediu correndo. Bóris ficou muito sério.

— Naturalmente também se quer ir embora. Mamã? Precisa do carro? — disse ele para, a mãe, sorrindo.

— Pois sim, manda atrelar — respondeu a mãe sorrindo igualmente.

Bóris, sem nada dizer, dirigiu-se para a porta e seguiu atrás de Natacha. O rapazinho gordo correu após eles, pouco contente por ter sido perturbado nos seus entretenimentos.

[XII]

A excepção da filha primogénita da condessa, a qual, quatro anos mais velha que a segunda, já podia dar-se ares de pessoa crescida, e das filhas da senhora que viera de visita, juventude era coisa que não havia no salão, se excluíssemos, além delas. Nicolau e a sobrinha Sónia. Esta era uma morenita magra, uma miniaturazinha, com uns olhos doces, sombreados por longas pestanas, e uma farta trança negra que lhe dava duas voltas à cabeça, a tez olivácea acentuava-se-lhe mais ainda nos braços e no colo nus, magros, mas graciosos. A ligeireza dos seus passos, a languidez e a flexibilidade dos seus braços, os seus modos um pouco ardilosos e reservados davam-lhe ares de um lindo felino ainda não domesticado, mas prometendo vir a ser um bichano encantador. Evidentemente que ela sabia ser conveniente tomar parte, com o seu sorriso, na conversa geral, mas, sem dar por isso, por debaixo das longas pestanas, os olhos fugiam-lhe para o seu primo, que ia partir para a, tropa. No seu olhar havia uma adoração tão apaixonada que ninguém se iludiria com aquele sorriso. Toda a gente via que se o bichano ali estava tão sossegado era apenas para, mal saísse do salão, logo pôr-se a correr e a saltar com o primo, tal como Bóris e Natacha.

— Sim, minha cara — dizia o velho conde para a visita, apontando Nicolau. — Como o seu amigo Bóris saiu, oficial, ele, por amizade para com o primo, não lhe quer ficar atrás. E lá vai deixar a Universidade e a mim, seu velho pai; vai alistar-

se, minha cara. E já lhe tínhamos arranjado um lugar no serviço dos arquivos. Ao que leva a amizade!

— E dizem que a guerra já foi declarada — observou a visita.

— Há muito tempo que isso se diz — volveu o conde— Sim, diz-se e volta a dizer-se, e tudo fica na mesma. Minha cara, o que é que a amizade não faz? — repetia ele. — Vai para os hússares. A visita, como não sabia que dizer, meneava a cabeça.

— Mas não, não se trata de amizade — interrompeu Nicolau, entusiasmando—se, como quem repele uma calúnia que lhe fosse odiosa.— Não se trata de amizade, mas apenas de que tenho a vocação de soldado.

Envolveu num olhar a prima e a filha da visita; ambas lhe dirigiram um sorriso de aprovação.

— Temos hoje a jantar o coronel Schubert, do regimento de hússares de Pavologradski. Está aqui de licença, e é ele quem o leva consigo. Que havemos nós de fazer? — disse o conde, encolhendo os ombros e falando, em tom prazenteiro, de um assunto que visivelmente lhe causava um grande desgosto.

— Já lhe disse, pai — replicou o filho —, que se me não quer deixar ir eu não partirei. Mas tenho a certeza de que não sirvo para mais nada senão para soldado; não nasci, para ser nem diplomata nem funcionário; não sei esconder os meus sentimentos — acrescentou sem deixar de fitar as raparigas com a bonita desenvoltura própria da sua idade.

A gatinha, que o comia com os olhos, parecia pronta a brincar e a mostrar a sua natureza felina.

— Bem, bem! — disse o velho conde— Está sempre pronto a exaltar-se. Bonaparte deu volta à cabeça de toda esta gente. Lá porque ele passou de simples tenente a imperador... Seja o que Deus quiser — rematou, sem reparar no sorriso escarninho da visita.

As pessoas crescidas puseram-se a falar de Bonaparte. Júlia, o filha da princesa Karaguine, voltou-se para o jovem Rostov: — Que pena que não tenha estado na quinta-feira passada em casa dos Arkarov. Não calcula a falta que me fez! — disse-lhe ela, sorrindo com afabilidade.

O rapaz, lisonjeado, veio sentar-se junto dela. E sorrindo com a coquetterie própria da sua idade, entabulou uma conversa íntima, sem reparar que as suas amabilidades eram como um gládio de ciúme a trespassar o coração de Sónia, a

qual, disfarçando a sua confusão, fingia estar alegre. No meio da sua conversa com Júlia, deteve os olhos em Sónia. Esta lançou-lhe um olhar cheio de amargura, retendo a custo as lágrimas, embora ainda lhe flutuasse um sorriso nos lábios, e levantando-se saiu. Toda a animação de Nicolau se desvaneceu. Aproveitou a primeira oportunidade para interromper o seu diálogo, e, inquieto, lá foi à procura de Sónia.

— Oh, como toda esta juventude traz o coração na boca! — exclamou Ana Mikailovna apontando para Nicolau, que sala da sala.— Primos, maus vizinhos! — acrescentou.

— É verdade! — disse a condessa, assim que desapareceu o raio de sol que a mocidade trouxera consigo ao salão. E, respondendo a uma pergunta que ninguém lhe tinha feito, mas que a preocupava:— Que contrariedades, que contrariedades as nossas para agora podermos gozar de uma certa alegria! E o certo é que ainda hoje sentimos muito mais terror que prazer. Estamos sempre com medo, sempre com medo! E é precisamente nesta idade que as raparigas e os rapazes correm maior perigo.

— Tudo depende da educação que se recebe — disse a visita. — Sim, tem razão — continuou a condessa. — Até agora tenho sido sempre a amiga íntima dos meus filhos e eles têm sempre confiado em mim. — E, ao falar assim, caía no erro de muitos pais, persuadidos de que os filhos não têm segredos para eles. — Sei que serei sempre a primeira confidente dos meus filhos, e que Nikolenka, com a seu feitio ardente, se um dia fizer uma asneira — os rapazes estão sempre sujeitos a isso —, nunca se comportará como esses senhores de Petersburgo.

— Sim, são muito bons pequenos — afirmou o conde, qu6 resolvia sempre os problemas embaraçosos dizendo que tudo estava bem. — Imagine! Quis assentar praça nos hússares! Que lhe havemos de fazer, minha cara!

— Que linda rapariga é a sua filha mais nova! — disse a visita. — Que azougada!

— É, é — replicou o conde. — Parece-se comigo! E que linda voz! Não é por ser minha filha! A verdade diga-se. Vai ser urna verdadeira cantora, uma Salomoni. Anda a tomar lições com um italiano.

— Não será cedo de mais? Não é bom para a voz, segundo ouço dizer, aprender canto nesta idade.

— Cedo de mais? — volveu o conde. — Então as nossas mães não se casaram

dos doze para os treze anos?

— E já está enamorada do Bóris! Veja isto! — disse a condessa, sorrindo, disfarçadamente, e lançando um olhar à mãe do rapaz. Depois, como que respondendo a um pensamento que não deixava de a preocupar, continuou: — Imagine que eu a educava com severidade, que a proibia... Só Deus sabe o que ela seria capaz de fazer às escondidas. (A condessa queria dizer que se beijariam.) Mas, assim, conheço-lhe todos os pensamentos. É ela própria quem me vem contar todas as noites. É possível que eu a estrague: mas estou convencida de que é esta a melhor maneira. Já a mais velha a eduquei com mais severidade.

— Pois é, a mim educaram-me de maneira muito diferente — disse, sorrindo, a filha mais velha, a linda condessa Vera.

O sorriso não tornava Vera mais bonita, como em geral acontece, pelo contrário, dava-lhe uma expressão pouco natural e desagradável até. Vera, a filha mais velha dos Rostov, era bonita, não era tola, tinha sido muito bem instruída, tinha uma educação excelente e urna bela voz; o que ela acabava de dizer era muito justo e a propósito, mas, coisa estranha, toda a gente, a principiar pela visita e pela própria condessa, a fitou como que surpreendida que ela tivesse falado daquela maneira, e todos sentiram um certo embaraço.

— Em geral somos sempre mais rigorosos com os filhos mais velhos; pensamos sempre fazer deles pessoas excepcionais — disse a Visita.

— Para que havemos de esconder os nossos erros, minha cara! A minha querida condessa quis ser exemplar com a educação de Vera — observou o conde. — Mas que se perdeu com isso?

O resultado não foi nada mau— acrescentou, piscando o olho amistosamente a Vera.

As visitas ergueram-se, finalmente, para se despedirem, prometendo vir jantar.

— Isto é que são maneiras! Parecia que nunca mais se iam embora! — exclamou a condessa, ao ver, finalmente, as visitas pelas costas.

Quando Natacha saiu do salão a correr não foi muito longe; ficou no jardim de Inverno. E ali permaneceu ouvindo o que se dizia no salão e aguardando que Bóris chegasse. Principiava a impacientar-se, e já batia com os pés no chão, quase a chorar por o não ver aparecer, quando se principiaram a ouvir os passos do rapaz, uns passos nem muito lentos nem muito precipitados, compassadamente. Natacha correu a esconder-se atrás dos vasos das plantas.

Bóris ficou parado no meio da dependência, olhou em tomo de si, sacudiu a manga do uniforme e aproximou-se de um espelho para mirar a sua linda figura. Muito quieta. Natacha espreitava lá do seu esconderijo, curiosa de ver o que ele faria. Bóris esteve alguns momentos diante do espelho, sorriu e dirigiu-se para a porta. Natacha quis chamá-lo, mas de si para consigo disse: «Ele que me procure.» Mal Bóris saíra, entrou Sónia, por outra porta, muito corada, e soltando palavras coléricas por entre um fio de lágrimas. Natacha conseguiu reprimir o seu primeiro movimento, que a impelia a correr para ela, e ficou no seu esconderijo como se estivesse debaixo do chapéu que torna as pessoas invisíveis, observando o que se passava. Tirava disso um prazer muito especial. Sónia balbuciava fosse o que fosse de indistinto, sem desviar os olhos da porta do salão. A porta abriu-se e apareceu Nicolau.

— Sónia, que tens tu? Será possível?! — exclamou ele, correndo para ela.

— Não é nada, não é nada, deixa-me.

As lágrimas correram-lhe em fio.

— Sim, bem sei o que foi.

— Se sabes, é o que importa. Vai ter com ela.

— Sónia! Ouve-me. Só uma palavra. Como é possível que estejamos os dois a atormentar-nos por causa de uma patetice? volveu Nicolau, pegando-lhe nas mãos.

Sónia deixou-as ficar e enxugou as lágrimas. Natacha, sem um movimento, e retendo a respiração, olhava-os do seu canto com os olhos brilhantes. «Que se irá passar?», pensava ela.

— Quero lá saber das outras. Sónia. Só tu és tudo para mim disse Nicolau. — Hei-de provar-to.

— Por amor de Deus, não me digas essas coisas,

— Não volto mais, perdoa-me. Sónia!

Puxou-a para si e beijou-a.

«Sim, senhor, assim mesmo!», exclamou para si mesma, e, quando Sónia e Nicolau partiram, seguiu-os — e chamou Bóris.

— Bóris, venha cá — disse-lhe ela, com um arzinho de significativa astúcia, — Preciso de lhe dizer uma coisa. Venha daí, venha daí — prosseguiu ela, conduzindo-o para o jardim de Inverno, para o sítio onde estivera escondida atrás dos vasos das plantas.

Bóris seguiu-a sorridente.

— De que se trata? — perguntou ele.

Natacha perturbou-se, olhou em tomo de si, e vendo a boneca que ficara em cima de um dos vasos pegou nela.

— Dê um beijo à minha boneca — ordenou.

Bóris fitou-lhe o rosto animado com um enternecedor interesse, mas nada disse.

— Não quer? Então venha daí — Desapareceu no meio da verdura, atirando fora a boneca. — Chegue-se mais, chegue-se mais — murmurou.

Passou o braço pelo canhão da manga do oficial e no seu rosto purpurizado havia um ar ao mesmo tempo sério e medroso.

— E a mim, quer-me beijar a mim? — balbuciou numa voz quase imperceptível, olhando-o de viés, com um sorriso nos lábios e as lágrimas quase a saltarem-lhe dos olhos, tão grande era a emoção.

Bóris corou.

— Que estranha que a menina é! — exclamou ele, debruçando-se para ela, mas sem se decidir, e como que à espera. Subitamente. Natacha saltou para cima de uma cadeira, ficando mais alta do que ele, envolveu-lhe o pescoço nos seus pequeninos braços nus e, inclinando a cabeça para trás, beijou-o em plenos lábios.

Em seguida esgueirou-se por entre os vasos do lado oposto e deteve-se, de cabeça baixa.

— Natacha — disse Bóris. — Bem sabe que gosto de si, mas Gosta de mim? — perguntou ela, interrompendo -o.

Sim, gosto de si, mas, por amor de Deus, não voltemos a fazer o que fizemos agora... Daqui a quatro anos... Então virei pedir a sua mão.

Natacha ficou a pensar.

— Treze, catorze, quinze, dezasseis... — disse, contando pelos seus pequeninos dedos.— Está bem. Fica assim combinado?

E no seu rosto cheio de animação resplandeceu uma tranquila alegria.

— Combinado! — repetiu Bóris.

— Para sempre? — voltou a pequena.— Até à morte?

E, dando-lhe o braço, dirigiu-se com ele, toda ela felicidade, para a sala contígua.

[XIV]

A condessa estava tão cansada de atender as visitas que disse que não receberia mais ninguém, e o guarda-portão recebeu ordem de convidar para jantar todas as pessoas que viessem apresentar felicitações. Estava morta por se ver a sós com a sua amiga de infância, a princesa Ana Mikailovna, que mal tinha visto desde que ela voltara de Petersburgo. Ana Mikailovna, com o seu bonito rosto como que intumescido de chorar, veio colocar-se muito junto da cadeira da condessa.

— Vou ser absolutamente sincera contigo — disse-lhe ela. Acabaram-se-nos as velhas amigas de outrora. E por isso que eu aprecio tanto a tua amizade.

Ana Mikailovna, ao ver aproximar-se Vera, calou-se. A condessa apertou a mão da amiga.

— Vera — disse ela para a filha primogénita, que evidentemente não era a preferida —, vocês não percebem nada? Então ainda não compreendeste que estás aqui a mais? Vai ter com as tuas irmãs, ou então...

A formosa Vera teve um sorriso um pouco desdenhoso, sem dar a perceber, de maneira alguma, que se sentia ofendida.

— Se me tivesse dito mais cedo, mãe, já me teria ido embora — disse ela, afastando-se.

Mas, ao passar pela sala do divã, viu que as duas janelas estavam simetricamente ocupadas pelos dois pares. Parou a olhar e teve um sorriso de desdém. Sónia estava sentada muito juntinha de Nicolau, que copiava uns versos para ela, os primeiros que tinha escrito na sua vida. Bóris e Natacha estavam na outra janela, e calaram-se quando a viram entrar. Sónia e Natacha olharam-na com um ar feliz, e ao mesmo tempo como se tivessem sido surpreendidas em flagrante.

Estas garotas, que então viviam a sua primeira história de amor, eram ao mesmo tempo divertidas e comovedoras para quem as contemplasse. Mas a verdade é que não foi grande a satisfação de Vera quando deu com elas.

— Quantas vezes já lhes pedi que se não apoderassem do que é meu? As meninas também têm um quarto,

Tirou o tinteiro das mãos de Nicolau.

— Espere, espere — exclamou ele, molhando a caneta. — Não há dúvida de

que não sabem fazer nada com jeito — prosseguiu ela.— Foi uma vergonha aquela vossa entrada no salão.

Apesar da justeza da observação, ou até, precisamente, por isso mesmo, ninguém abriu a boca, e os quatro limitaram-se a olhar uns para os outros. Vera continuou, com o tinteiro na mão:

— Sempre gostava de saber que segredinhos é que a Natacha e o Bóris têm para dizer um ao outro.., nessa idade, e vocês também. Que patetice!

— E tu que tens com isso. Vera? — disse Natacha, com a voz mais pachorrenta deste mundo, para dizer alguma coisa.

Era evidente estar, como nunca, nesse dia disposta a ser boa e afectuosa para toda a gente.

— Tudo isto é uma patetice — continuou Vera— Sinto vergonha por vocês. Que segredos são esses?

— Toda a gente tem segredos. Nós também não nos metemos ria tua vida e na do Berg — disse Natacha, que principiava a exaltar-se.

— Acho muito bem que se não metam na minha vida nem na dele, tanto mais que nada têm a dizer de nós. Deixa estar que hei-de contar à mãe como tu te portas com o Bóris.

— Natália Ilinitchna porta-se muito bem comigo — disse Bóris. — Nada tenho a censurar-lhe.

— Deixe-a lá. Bóris, está a ser diplomata...

A palavra «diplomata» estava então em moda entre as crianças, com o significado particularíssimo que elas lhe davam.

— Que maçada! — exclamou Natacha, com a voz trémula de irritação. — Porque é que ela se está sempre a meter comigo?... Tu não percebes nada — acrescentou, dirigindo-se a Vera— não admira: nunca gostaste de ninguém. Não tens coração, não passas de uma Madame de Genlis (era uma alcunha, com todo o ar de muito ofensiva, inventada por Nicolau)... Aquilo de que mais gostas é de más-criações para com os outros. Deixa-nos em paz e vai lá fazer-te coquette com o Berg.

— Mas eu nunca andei a correr atrás de um rapaz diante de gente de fora...

— Era isso que tu querias, não é verdade?, dizer-nos coisas desagradáveis — disse Nicolau. — Conseguiste que todos ficássemos zangados. Vamos embora para a nursery.

E todos eles, como um bando de pássaros assustados, bateram as asas e despediram.

— A mim é que vocês disseram coisas desagradáveis; eu, por mim, não disse coisas desagradáveis a ninguém — replicou Vera. — Madame de Genlis! Madame de Genklis! (Autor muito Iwo e traduzido na Rússia de então. (N, dos T.) — gritaram já detrás da porta as suas vozes alegres.

A linda Vera, que acabara por irritar toda à gente, pôs-se a sorrir, e, completamente indiferente ao que lhe tinham dito, aproximou-se de um espelho e compôs a écharpe e o penteado. Ao ver a sua imagem no espelho, voltou. à serenidade e à frieza habituais.

No salão falava-se ainda.

— Ah, minha querida — dizia a condessa —, também na minha vida riem tudo é cor-de-rosa. Não vês que pelo caminho que levamos, a nossa fortuna não dura muito? E é tudo por causa do clube e da bondade dele. Julgas que descansamos quando vamos para o campo? Lá temos os espectáculos, as caçadas, e só Deus sabe que mais. Mas para que hei-de eu estar a falar de mim? E tu, como é que conseguiste tudo quanto querias? O que eu admiro, as vezes. Annette. é como tu podes, na tua idade, ir sozinha, por essas estradas, a Moscovo, a Petersburgo, procurar os ministros, a gente importante, e como tu sabes falar a todos! O que eu te, admiro! Conta, conta, como é que conseguiste? Não percebo nada.

— Ali, minha filha — replicou a princesa Ana Mikailovna. Deus queira que nunca venhas a saber o que é ficar viúva, desamparada, com um filho nos braços a quem se quer doidamente. A idade pouco importa para a gente aprender — prosseguiu com altivez— Aprendi à minha custa. Quando tenho de me dirigir a qualquer graúdo, mando-lhe uma, palavrinha: «A princesa fulana deseja avistar-se com Sicrano ou Beltrano,» E meto-me num carro de praça e apresento-me uma, duas, três, quatro vezes, as precisas para conseguir o que pretendo. Pouco me importa o que eles possam pensar de mim.

— Conta-me lá, a quem te dirigiste para pedir pelo Bóris? perguntou a condessa. — Aí o tens já oficial da Guarda, enquanto o meu Nicolau ainda não passou de junker. Não tenho ninguém a quem o recomendar. A quem te dirigiste?

— Ao príncipe Vassili. Foi muito amável. Pôs-se logo à minha disposição. Falou ao imperador — disse a princesa Ana com um ar vitorioso, esquecendo por completo as humilhações a que tivera de sujeitar-se para alcançar os seus fins.

— Que, tal está o príncipe Vassili? Envelheceu? — inquiriu a condessa. — Nunca mais o vi desde o tempo das nossas teatradas em casa dos Rumiantsov. Naturalmente já não se lembra de mim. Fazia-me a corte — acrescentou, sorrindo.

— Está a mesma pessoa — replicou Ana Mikailovna — amável, atencioso. As grandezas não lhe fizeram perder a cabeça. «Lamento poder tão pouco, querida princesa», disse-me ele, «mas dê-me as suas ordens.» É o que te digo, é uma excelente pessoa e um bom parente. Tu bem sabes. Natália, o que o meu filho representa para mim. Nem eu sei o que seria capaz de fazer pela sua felicidade. Mas estou em circunstâncias tão penosas — continuou ela, num tom acabrunhado, e baixando a voz —, tão penosas, que me vejo actualmente numa situação terrível. Aquele infeliz processo em que eu me meti leva-me tudo quanto tenho, e não há maneira de andar para diante. Imagina que estou, como se diz, sem vintém, e não sei como hei-de arranjar dinheiro para pagar o equipamento do Bóris. — Puxou do lenço e pôs-se a chorar. — Preciso de quinhentos rublos, e tudo quanto tenho de meu, neste momento, é uma nota de vinte rublos. Aqui tens a minha situação... A minha única esperança, agora, é o conde Cirilo Vladimirovitch Bezukov. Se ele não vier em auxílio do afilhado — como sabes, é padrinho do Bóris — e não fizer alguma coisa por ele, tudo quanto eu consegui até agora não serve para nada: não poderei pagar o equipamento do rapaz.

A condessa, de lágrimas nos olhes, ficou calada e pensativa.

— Muitas vezes digo de mim para comigo, e talvez não seja bonito: ali está o conde Cirilo Vladimirovitch Bezukov, um homem que vive sozinho — e, tem urna fortuna imensa... Para que é que aquele homem vive? A vida para ele é um fardo, enquanto que o Bóris, coitado, agora é que principia a viver.

— Naturalmente não deixa de se lembrar dele no testamento — disse a condessa.

— Quem sabe lá, querida amiga! Estes ricaços, estes nababos, são tão egoístas! Em todo o caso estou disposto a ir visitá-lo com o Bóris e dizer-lhe francamente o que se passa. Pensem de mim o que quiserem, tanto se me dá. Nada tem importância para urna mãe quando está em risco o destino de filho. — Levantou-se para sair. — São duas horas, o vosso jantar é às quatro. Tenho tempo.

E como mulher activa, da capital, que era, para quem () tempo é dinheiro. Ana Mikailovna mandou chamar o filho e saiu com ele.

— Adeus, minha querida — disse para a condessa, que a acompanhou até à

porta, — Deseja-me sorte — segredou-lhe, a ocultas do filho.

— Vai visitar o conde Cirilo Vladimirovitch, minha cara?— inquiriu o conde, da sala de jantar, e aparecendo na antecâmara— Se ele estiver melhor, convide o Pedro em, meu nome. Ele já cá esteve em casa, já dançou com as pequenas. Convide-o em meu nome, sem falta, minha cara. Vamos a ver como se porta hoje o Taraska. Está farto de me dizer que o conde Orlov nunca deu um jantar como o que ele me está a preparar,

[XV]

— Meu querido Bóris — disse a princesa Ana Mikailovna para o filho quando a carruagem da condessa Rostov, que os tinha conduzido, chegou à rua atapetada de palha e penetrou no grande pátio do conde Cirilo Vladimirovitch Bezukov.— Meu querido Bóris — repetiu, enquanto retirava a mão da velha romeira de peles e a pousava no braço do filho, num gesto ao mesmo tempo tímido e enternecido— sê amável, mostra-te atencioso. O conde Cirilo Vladimirovitch sempre é teu padrinho e é dele que depende o nosso futuro. Lembra-te disso, meu querido, sê amável, como tu sabes, quando queres...

— Se eu tivesse a certeza de que de tudo isto sairia alguma coisa além da humilhação que nos espera... — replicou o filho com frieza.— Mas, visto que lhe prometi, cumprirei a minha palavra; é por si que o faço.

O criado, embora tivesse visto a quem pertencia a carruagem parada diante da escada, quis ver quem entrava, mas mãe e filho, sem se fazerem anunciar, penetraram, directamente, no vestíbulo guarnecido de espelhos, entre duas fileiras de estátuas perfiladas nos seus nichos. O criado, observando com um olhar significativo a velha romeira de peles, perguntou quem procuravam — as princesas ou o conde? —, e, ao verificar ser o conde, disse que, como Sua Excelência estava pior. Sua Excelência não recebia ninguém.

— Vamos-nos embora — disse o filho em francês.

— Meu amigo! — implorou a mãe, tocando-lhe de novo no braço, como se quisesse tranquilizá-lo e dar-lhe coragem.

Bóris não disse nada, e sem despir o casacão olhou para a mãe com um ar

inquiridor.

— Ouve — disse Ana Mikailovna para o criado, num tom insinuante —, eu bem sei que o conde Cirilo Vladimirovitch está muito mal.., e é precisamente por isso que eu aqui estou... Somos parentes... Não quero incomodar ninguém, meu amigo... Apenas desejava falar com o príncipe Vassili Serguievitch; sei que ele está aqui. Vai anunciar-nos, fazes favor.

O criado, com toda a solenidade, voltou costas e puxou o cordão da campainha que tocava no andar superior.

— A princesa Drubetskaia para o príncipe Vassili Serguievitch — gritou ele a um escudeiro, de calção, escarpins e sobrecasaca, que acorrera e se debruçava da balaustrada da escadaria.

A princesa ajeitou as pregas do vestido de seda tingida, mirou-se no grande espelho de Veneza que pendia (la parede e pôs-se a subir a escada, altivamente, ao longo da passadeira, com os seus sapatos cambados.

— Meu caro, prometeu-me — voltou ela para o filho, pegando-lhe no braço para encorajá-lo. O filho, de olhos baixos, seguia-a sem dizer palavra.

Penetraram num salão que conduzia aos aposentos reservados para o príncipe Vassili.

No momento em, que mãe e filho, tendo chegado ao centro da sala, se dispunham a perguntar a um velho criado que viera ao seu encontro qual o caminho a seguir, o batente de bronze de uma das portas girou e o príncipe Vassili, de samarra de veludo, só com uma condecoração, como era próprio da intimidade, apareceu, acompanhando um sujeito moreno, de muito bom aspecto. Era o famoso Dr. Lorrain, de Petersburgo.

— É então positivo?

— Meu príncipe, errare humanum est, mas... — volveu o médico, gaguejando e pronunciando o latim à francesa.

— Está bem, está bem...

Ao ver Ana Mikailovna e o filho, o príncipe Vassili despediu-se do médico e avançou em direcção a eles, calado, mas com uma expressão interrogadora. O filho deu-se conta de que, repentinamente, os olhos da mãe exprimiam uma profunda aflição, e um ligeiro sorriso lhe aflorou aos lábios.

— É verdade, em que penosas circunstâncias nos havíamos de tornar a ver, príncipe... E como vai o nosso querido doente? inquiriu ela, sem parecer notar o

olhar frio e ultrajante que ele lhe lançara.

O príncipe Vassili olhou para ela e depois para Bóris, como quem interroga, sem saber o que há-de fazer. Bóris inclinou-se polidamente. O príncipe Vassili, sem corresponder ao seu cumprimento, voltou-se para Ana Mikailovna e respondeu-lhe com um aceno de cabeça e um momo de lábios nada optimista para o doente.

— Será possível?! — exclamou Ana Mikailovna. — Oh, é terrível! — Não pode uma pessoa pensar numa coisa dessas... É o meu filho — acrescentou, apontando Bóris. — Quis vir agradecer-lhe pessoalmente.

Bóris inclinou-se outra vez com toda a correcção. — Acredite, príncipe, um coração de mãe nunca mais esquecerá o que fez por nós.

— Sinto-me feliz por lhe poder ter sido prestável, minha cara Ana Mikailovna — volveu-lhe o príncipe Vassili, compondo o jabot e pondo no seu gesto e na sua voz, em Moscovo, e na presença da sua protegida, não menos importância que em Petersburgo, na soirée de Ana Scherer,

— Faça por ser um bom oficial e por se mostrar digno — — acrescentou, dirigindo-se a Bóris. — — Tenho muito prazer — Está de licença? — interrogou, num tom totalmente indiferente.

— Aguardo ordens. Excelência, para me apresentar no meu novo regimento — replicou Bóris, sem mostrar quer ressentimento perante os modos abruptos do príncipe, quer desejos de prosseguir na conversa, irias respondendo com uma tão respeitosa compostura que o príncipe olhou para ele atentamente.

— Está em casa de sua mãe?

— Vivo em casa da condessa Rostov — tornou Bóris, sem se esquecer de acrescentar: — Excelência.

— Ilia Rostov, que casou com Natália Chinchina — elucidou Ana Mikailovna.

— Bem sei, bem sei — disse o príncipe Vassili, com a sua voz inexpressiva. — Nunca pude compreender como a Natália se decidiu a casar com esse burgesso! Uma pessoa estúpida e ridícula. E ainda por cima jogador, pelo que dizem.

— Mas uma excelente pessoa, meu príncipe — acrescentou Ana Mikailovna, com um certo sorriso, como se ela fosse também de opinião que o conde Rostov era digno de um tal juízo, mas entendesse que as pessoas deviam mostrar indulgência para com um pobre velho. — Que dizem os médicos? — perguntou, depois de um breve silêncio, e afivelando, de novo, uma expressão de grande pesar no rosto cavado pelas lágrimas.

— Há pouca esperança — volveu o príncipe.

— E eu que tanto queria uma vez ainda agradecer a meu tio todas as atenções que ele tem tido para comigo e para com meu filho. É o seu afilhado — acrescentou, como se esta informação devesse causar uma grande alegria ao príncipe Vassili.

Este franziu as sobrancelhas, sem dizer nada. Ana Mikailovna percebeu que ele receava ver nela uma rival na disputa da herança do conde Bezukov, e procurou logo tranquilizá-lo.

— É apenas por muita estima e dedicação por meu tio – disse deixando cair, negligentemente, e com convicção, esta última palavra,— Conheço-lhe muito bem o carácter nobre e franco; mas ele não tem junto de si senão as princesas... Tão novas... Inclinou-se-lhe ao ouvido e acrescentou em voz baixa: — Ele já se preparou para a jornada, príncipe? Estas últimas horas são tão preciosas! Não há momento mais grave, é indispensável prepará-lo, visto estar tão mal. Nós, mulheres, príncipe — sorriu carinhosamente —, nós sabemos melhor do que ninguém falar destas coisas. É indispensável que eu o veja. Por mais penoso que isso seja para mim.., mas estou habituada ao sofrimento.

O príncipe compreendia, e mais do que nunca, que, como na soirée de Ana Scherer, não lhe ia ser fácil desembaraçar-se de Ana Mikailovna.

. Não acha que esta entrevista lhe seria muito penosa, querida Ana Mikailovna? — volveu ele.— É melhor esperarmos para amanhã. Os médicos previram uma crise.

— Mas não se deve esperar em tais momentos, príncipe. Lembre-se que se trata da salvação da sua alma... Ah!, são terríveis, os deveres de um cristão...

Uma porta dos aposentos interiores abriu-se e uma das sobrinhas do conde entrou, uma rapariga de aspecto triste e frio, com o tronco completamente desproporcionado em relação às pernas.

O príncipe Vassili voltou-se para ela.

— Então, como está ele?

— Sempre na mesma. Não admira, com este barulho.., disse a princesa, olhando para Ana Mikailovna, como se ela fosse uma desconhecida.

— Ah!, querida, não a conhecia! — exclamou Ana Mikailovna, com um sorriso feliz e avançando, ligeira, para a sobrinha do conde. — Acabo de chegar e estou às suas ordens para a ajudar e tratar de meu tio. Calculo o que deve ter sofrido —

acrescentou com um ar compadecido.

A princesa não disse nada, nem sequer sorriu, e voltou, logo a, desaparecer. Ana Mikailovna descalçou as luvas e instalou-se numa cadeira, em posição conquistada, fazendo sinal ao príncipe Vassili para sentar-se o lado dela.

— Bóris! — disse para o filho, sorrindo-lhe.— Eu vou ver o conde, meu tio: tu, entretanto, meu amigo, procura o Pedro, e não te esqueças de lhe transmitir o convite dos Rostov. Querem-no lá para jantar. Naturalmente não vai, penso eu — acrescentou, para o príncipe,

— Porque não? — observou este, que não parecia lá muito bem disposto.— Ficar-lhe-ei muito grato se me desembaraçar deste jovem, — Está aqui instalado. O conde ainda não pediu uma única vez para o ver.

Encolheu os ombros. Um escudeiro acompanhou Bóris, fazendo-o descer a escada e conduzindo-o depois por outra aos aposentos de Pedro Kirilovitch,

[XVI]

Pedro, que não conseguira decidir-se por uma carreira em Petersburgo, havia sido, de facto, recambiado para Moscovo por causa do seu mau comportamento. A história que se contava em casa dos Rostov era exacta. Pedro tinha tornado parte na cena da amarração do polícia ao lombo do urso. Regressara havia apenas breves dias e, como era seu costume, instalara-se em casa do pai. Embora calculasse que a história já seria conhecida em Moscovo e que as senhoras da roda do pai, sempre mal dispostas para com ele, já teriam aproveitado a ocasião para indispor o conde consigo, nem por isso deixara de se apresentar nos aposentos do pai assim que chegara. Ao entrar no salão, quartel-general das princesas, cumprimentou as senhoras que estavam a bordar enquanto uma delas lia um livro em voz alta. Eram três. A mais velha era uma rapariga severa e de aspecto cuidado, de tronco muito alto, a mesma que aparecera a Ana Mikailovna; essa era a leitora; as duas mais novas, frescas e bonitas, tão parecidas que apenas se distinguiam pelo sinalzinho que uma delas tinha sobre o lábio e que a tornava ainda mais bonita, bordavam ao bastidor. Pedro foi recebido como um morto que ressuscita ou como um pestífero. A mais velha interrompeu a leitura e, sem dizer

nada, fitou-o de olhos espavoridos; a segunda, a que não tinha sinal, reproduziu exactamente a expressão da irmã; a mais nova, de feitio jovial e trocista, mergulhou a cabeça no trabalho para esconder o riso que lhe iria provocar a divertida cena com que já contava. Levantou o bastidor e inclinou-se para o bordado, como se estivesse absorta no seu trabalho, mal podendo suster o riso.

— Bom dia, prima — disse Pedro. — Já não me conhece?

— Conheço-o de mais, conheço-o de mais, sim, de mais. — Como está o conde? Posso vê-lo? — continuou, embaraçado, como sempre, mas sem se perturbar.

— O conde está mal física e moralmente, e, pelo que sei, o Pedro tem feito o possível para lhe agravar os seus padecimentos morais.

— Posso vê-lo? — repetiu Pedro.

— Hum... Se o quer matar, sim; se o quer matar, então, faça favor. Olga, vai ver se o caldo do tio está pronto; estamos quase na hora — acrescentou ela, mostrando com isso a Pedro que não faziam outra coisa senão aliviar os sofrimentos do pai, enquanto ele só servia, evidentemente, para o desassossegar.

Olga saiu. Pedro olhou as duas irmãs e disse, pedindo licença para se retirar:

— Então vou-me embora. Quando eu puder vê-lo, espero que me mandem chamar.

Saiu e o riso meio abafado da mais nova ressoou-lhe nas costas.

No dia seguinte, o príncipe Vassili chegava e instalava-se em casa do conde. Mandou chamar Pedro e disse-lhe:

— Meu caro, se se vai comportar aqui como em Petersburgo, acabará mal, é tudo quanto tenho a dizer-lhe. O conde está muitíssimo doente: deve evitar vê-lo por completo.

A partir desse momento nunca mais ninguém pensou em Pedro, que passava os dias nos seus aposentos, no andar de cima.

Quando Bóris entrou no quarto. Pedro passeava de um lado para o outro, detendo-se, de vez em quando, num dos ângulos da sala, gesticulando ameaçadoramente diante da parede, como se desafiasse qualquer inimigo invisível, e lançando olhares severos por cima das lunetas. Depois, retomava a sua caminhada, pronunciava palavras incompreensíveis, encolhia os ombros, agitava os braços.

— A Inglaterra está liquidada — articulava ele, franzindo as sobrancelhas, e apontando fosse o que fosse com o dedo.— O Senhor Pitt, como traidor da nação e

do direito dos povos, está condenado a...

Não pôde concluir a sentença que condenava Pitt. Julgava-se Napoleão e na companhia do seu herói atravessava já o perigoso Pas de Calais, a caminho da conquista de Londres, quando viu entrar um jovem e garboso oficial. Calou-se. Tinha deixado de ver Bóris ia este nos seus catorze anos, e não se lembrava realmente dele. Apesar disso, travou-lhe do braço, com os seus modos atenciosos e espontâneos, sorrindo-lhe amistosamente,

— Lembra-se de mim? — perguntou Bóris, serenamente, e com um sorriso gracioso. — Vim com minha mãe visitar o conde, mas, segundo parece, ele não está bem de saúde.

— Sim, digamos, está doente. Estão sempre a incomodá-lo replicou Pedro, procurando lembrar-se donde conhecia aquele mancebo.

Bóris via perfeitamente que Pedro o não reconhecia, mas não se achava na obrigação de lhe dizer quem era. E fitou-o sem o menor embaraço.

— O conde Rostov pede-lhe que vá hoje jantar a casa dele — disse, após uma pausa assaz longa e algo embaraçosa para Pedro.

— Ah, o conde Rostov! — exclamou Pedro muito contente.— Então é o Ilia, o filho do conde. E eu que o não tinha reconhecido no primeiro momento. Lembra-se quando íamos passear ao Monte dos Pardais (Passeio célebre em Moscovo. (N, dos T.) com Madame Jacquot... Já lá vai há muito.

— Está enganado — disse Bóris, sem pressa, e com um sorriso protector e um pouco trocista. — Sou Bóris, o filho da princesa Ana Mikailovna Drubetskaia. Ilia é o Rostov pai. O filho chama-se Nicolau. E não conheço qualquer Madame Jacquot.

Pedro abanou a cabeça e gesticulou, como se quisesse enxotar moscas ou abelhas importunas.

— Ah!, que estou eu a dizer? Confundo tudo. Há tantos parentes em Moscovo! Já sei, o Bóris.., perfeitamente. Até que enfim que estamos de acordo. Ora, diga-me, que pensa da expedição de Bolonha? Não acha que os Ingleses ficarão em maus lençóis se Napoleão conseguir atravessar o canal? Na minha opinião, a expedição é coisa viável. Desde que Villeneuve não faça alguma asneira.

Bóris não sabia absolutamente nada acerca da expedição de Bolonha; não lia os jornais, e era a primeira vez que ouvia falar em Villeneuve.

— Nós, aqui, em Moscovo, preocupamo-nos mais com jantares e mexericos do que com política — disse ele no seu tom sereno e escarninho. — Nada sei a esse

respeito, nem tenho opinião sobre o assunto. Moscovo é uma cidade que presta sobretudo atenção aos escândalos. Neste momento não se fala noutra coisa senão de si e do conde.

Pedro sorria, e o seu sorriso bom parecia traduzir o receio de que o interlocutor se descaísse com qualquer palavra de que pudesse vir a arrepender-se. Mas Bóris falava distintamente, com nitidez e secura, fitando-o nos olhos.

— Moscovo não tem mais que fazer senão coscuvilhar — continuou. — Toda a gente está morta por saber a quem é que o conde vai deixar a sua imensa fortuna, embora muito bem possa acontecer que ele cá fique para nos enterrar a todos, e faço votos para que assim seja,

— Sim, tudo isto faz tristeza — murmurou Pedro.— Muita tristeza.

Ainda não deixara de temer que o oficial, estouvadamente, abordasse qualquer conversa embaraçosa para ele.

— Como deve calcular — continuou Bóris, corando ligeiramente, mas sem alterar o seu tom e o seu semblante reservados —, como deve calcular, o que toda a gente espera de um ricaço é vir a receber dele qualquer coisa.

«Ora aí está», disse Pedro com os seus botões.

— E era precisamente isso que eu lhe queria dizer, para evitar equívocos: que está muito enganado se nos considera, a minha mãe e a mim, na categoria dessa gente. Nós somos bastante pobres, mas posso garantir-lhe, pelo menos no que me diz respeito, que é precisamente porque seu pai é rico que eu me não considero seu parente, e que tanto eu como minha mãe nunca lhe pediremos seja o que for, nem nada aceitaremos dele.

Levou seu tempo antes que Pedro compreendesse, mas assim que o conseguiu deu um pulo do divã, pegou em Bóris por debaixo do braço, com a sua vivacidade de gestos e a sua habitual maneira desajeitada, e, corando ainda mais que o seu interlocutor, pôs-se a dizer-lhe, num misto de pudor e embaraço:

— Que está a dizer? Será possível que... Quem é que seria capaz de pensar... Eu sei perfeitamente...

Mas Bóris mais uma vez lhe cortou a palavra.

— Estou satisfeito por ter-lhe dito tudo isto. Naturalmente não lhe foi muito agradável de ouvir, desculpe-me — acrescentou, para tranquilizar Pedro, quando

quem devia esperar ser tranquilizado era ele próprio.— Mas espero que o não tenha ofendido. Tenho por princípio usar de franqueza... Que resposta quer que eu dê? Sempre vai ao jantar dos Rostov?

Bóris, depois de assim se ter desembaraçado de um penoso dever e de ter transferido para outrem a falsa situação em que se encontrava, tomou-se muito amável, como era seu costume.

— Ouça cá — disse Pedro, tranquilizado— Você é uma pessoa extraordinária. O que acaba de me dizer é bonito, muito bonito. Claro que me não conhece. Há tantos anos que nos não vemos.., desde crianças... Talvez suponha que eu... Sim, compreendo-o perfeitamente. Não teria feito uma coisa dessas, não teria tido coragem, mas acho muito bem. Gostei muito de o conhecer. É curioso — acrescentou, após uma breve pausa e sorrindo— o que foi capaz de pensar de mim! — Pôs-se a rir.— Mas que importância tem isso? Havemos de ter ocasião de nos conhecermos melhor, não é verdade? — Apertou-lhe a mão.— Fique sabendo que eu ainda não pus os pés no quarto do conde. Não me mandou sequer chamar... Tenho pena dele... Mas que hei-de eu fazer?

— Acha que Napoleão será capaz de levar a cabo a travessia? — perguntou Bóris, com um sorriso.

Pedro disse de si para consigo que Bóris queria mudar de conversa, e, fazendo-lhe a vontade, pôs-se a descrever-lhe, pormenorizadamente, as vantagens e as dificuldades da tentativa de Bolonha.

Um criado veio procurar Bóris, mandado pela princesa, a qual ia partir. Pedro prometeu aparecer no jantar, e, para mais estreitar os seus laços com Bóris, apertou-lhe energicamente a mão. Fitando-o amistosamente através dos cristais das suas lunetas... Depois de Bóris sair continuou por muito tempo a passear no quarto, já não a rachar, de alto a baixo, inimigos invisíveis, mas sorrindo à lembrança daquele rapaz amável, ao mesmo tempo inteligente e resoluto.

Como é vulgar com a gente muito moça, e especialmente se vive isolada. Pedro sentia por aquele rapaz um enternecimento sem razão de ser, prometendo de si para consigo fazer dele um verdadeiro amigo.

O príncipe Vassili acompanhava a princesa. Esta levava o lenço nos olhos e tinha o rosto coberto de lágrimas.

— É horrível, é horrível! — exclamava ela.— Mas hei-de cumprir o meu dever custe o que custar. Hei-de vir tomar conta dele. Não o podem deixar neste estado.

Cada minuto que passa é tempo perdido. Não sei porque estão à espera as princesas. Que Deus me inspire a maneira de o preparar...

— Adeus, meu príncipe, que Deus o ajude!...

— Adeus, minha amiga — replicou o príncipe Vassili, ao deixá-la.

— Oh, que situação terrível — disse a mãe para o filho, ao subirem para a carruagem.— Quase já não conhece ninguém. — Não chego a compreender, mãe, quais são as relações dele com o Pedro — observou o filho.

— O testamento nos há-de dizer, meu amigo. E o nosso destino depende disso...

— Mas, o que é que a leva a pensar que ele nos deixa alguma coisa?

— Ah, meu filho! Ele é tão rico e nós somos tão pobres!

— Isso não é uma razão, mãe...

— Ai, meu Deus, meu Deus, o estado em que ele está! — suspirava ela.

[XVII]

Depois que Ana Mikailovna e o filho saíram para se dirigir a casa do conde Cirilo Vladimirovitch Bezukov, a condessa Rostov ficou por muito tempo sozinha, de lenço nos olhos. Por fim, tocou a campainha.

— Que andas tu a fazer? — disse ela, irritada, para a criada, que tinha tardado alguns minutos a aparecer. — Não queres fazer as tuas obrigações? Nesse caso, posso arranjar-te outra casa.

A condessa tão perturbada ficara com as aflições e a humilhante pobreza da amiga que estava de mau humor, e quando se irritava falava sempre assim à pobre rapariga.

— Peço desculpa, minha senhora.

— Vai dizer ao senhor conde que venha cá.

O conde, no seu passo claudicante, veio ao encontro da mulher, com o ar habitual de quem é surpreendido a fazer qualquer coisa mal feita.

— Oh, condessinha! Aquilo é que é um sauté de galinholas au Madère que nós lá temos, minha querida! Já o provei. Fiz muito bem em dar mil rublos ao Taraska. Vale-os bem!

Sentou-se ao lado da condessa, apoiando os cotovelos nos joelhos, os cabelos brancos em desordem.

— Que deseja, condessa?

— Olhe lá, querido... Que nódoa é essa? — disse ela, apontando-lhe o colete.— Naturalmente, foi o sauté — acrescentou, sorrindo.— É que preciso de dinheiro.

Tinha assumido uma expressão tristonha.

— Ah, condessinha!...

O conde deu-se pressa em ir buscar a carteira.

— Preciso de muito dinheiro, conde; de quinhentos rublos.

E, puxando do seu lencinho de cambraia, pôs-se a esfregar o colete do marido.

— É já, é já. Eh lá! Quem é que está aí? — gritou, no tom de um homem que sabe que basta chamar para logo acorrerem ao seu apelo. — Manda cá o Mitenka.

Mitenka, o jovem de boa família a educar em casa do conde, e, que estava à testa de todos os seus negócios, entrou na sala calmamente.

— Ouve cá — disse o conde para o jovem, que se aproximou em atitude respeitosa. — Traz-me... — Ficou um momento a pensar. — Sim, setecentos rublos. Mas, toma cuidado, não me tragas dessas notas rasgadas e sujas, como da outra vez. Quero notas novas, são para a condessa.

— Sim. Mitenka, que sejam limpas — apoiou a condessa, com um profundo suspiro.

— Quando precisa desse dinheiro. Excelência? — perguntou Mitenka.— É bom que Sua Excelência saiba que... Mas não se aflija — acrescentou, notando que a respiração do conde se tornava opressa, sinal de que principiava a encolerizar-se. — Tinha-me esquecido, precisamente... Quer já essa importância?

— Quero, quero, trá-la. É para a dares à condessa.

— Isto é que é um tesouro, este Mitenka — prosseguiu ele, sorrindo, assim que o rapaz saiu.— Não me venham dizer que é impossível. Isso é que eu não posso tolerar. Tudo é possível.

— Ah, o dinheiro, conde, o dinheiro, as aflições que o dinheiro causa neste mundo! — exclamou a condessa. — E eu preciso muito deste dinheiro.

— Pois, sim, condessinha, toda a gente sabe que é uma perdulária — disse o conde; e, depois de beijar a mão da mulher, retirou-se para o seu gabinete.

Quando Ana Mikailovna voltou de casa de Bezukov, já a condessa tinha em seu poder o dinheiro, todo em notas novas, em cima de uma mesa, debaixo do lenço de

assoar, e Ana Mikailovna viu perfeitamente que a amiga estava preocupada.

— Então, minha amiga? — inquiriu a condessa.

— Ah!, que situação horrível a dele! Está irreconhecível. E tão mal, tão mal! Estive junto dele apenas uns momentos, e não lhe pude dizer uma única palavra...

— Annette, por amor de Deus, não digas que não! — exclamou, de súbito, a condessa corando muito, o que era estranho naquele rosto magro e grave, nada novo já, e tirou o dinheiro que tinha debaixo do lenço.

Ana Mikailovna compreendeu imediatamente de que se tratava e debruçou-se para beijar a amiga no momento propício.

— Aqui tens, da minha parte, para o uniforme do Bóris.

Ana Mikailovna abraçou-se então a ela a chorar. A condessa também chorou. Ambas choravam, porque ambas estavam de acordo e também porque eram pessoas de bom coração e excelentes amigas de infância e se viam obrigadas a preocupar-se com essa coisa desprezível que é o dinheiro e ainda também porque já não eram novas... Mas as suas lágrimas não eram amargas...

[XVIII]

A condessa Rostov estava sentada no salão, no meio de suas filhas, já entre um grande número de convidados. O conde tinha levado consigo os homens para mostrar-lhes, no gabinete, a sua colecção de cachimbos turcos. De vez em quando vinha cá fora perguntar se ela ainda não tinha chegado. Estava-se à espera de Maria Dmitrievna Akrosimova, conhecida na sociedade por o terrível dragão, uma senhora a quem não distinguiam nem a fortuna nem os títulos, mas a inteireza e a franca simplicidade de maneiras. Maria Dmitrievna era conhecida da família imperial, e toda Moscovo e toda Petersburgo a conheciam igualmente, e as duas cidades, posto a admirassem, nas costas dela zombavam do seu ar rude, contando anedotas a seu respeito. Toda a gente, sem excepção, a estimava e a temia um pouco.

No gabinete, cheio de fumo, a conversa tinha por assunto guerra, que um manifesto acabava de anunciar, e o serviço de recrutamento. Ainda ninguém tinha lido esse manifesto, mas toda a gente sabia da sua existência. O conde estava

sentado numa otomana, entre dois fumadores, que conversavam. Quanto a ele, não fumava nem falava. Voltando a cabeça ora para um lado ou para o outro, olhava para os interlocutores com viva satisfação e ouvia o que diziam aquelas duas criaturas que ele pusera em contacto.

Um deles era civil, de rosto magro, escanhoado, bilioso e cheio de rugas. Pendia já para a velhice, conquanto vestisse como um rapaz à moda. Sentava-se à turca na otomana, como se estivesse em sua própria casa, e, com a boquilha de âmbar ao canto da boca, lançava rolos de fumo, de tempos a tempos, piscando os olhos. Era um velho celibatário. Chinchine de nome, primo da condessa, um má-língua, como se dizia nos salões moscovitas. Conversando, parecia conceder uma alta distinção ao seu interlocutor. Este era um oficial da Guarda, rosado e fresco, bem apertado, bem penteado e irrepreensível na sua farda. De cachimbo na bonita boca, soltava ligeiros rolos de fumo, por entre os lábios rosados, que subiam no ar em pequenos círculos. Era o tenente Berg, do regimento Seminovski, actual camarada de Bóris, aquele a quem Natacha chamara, para irritar a irmã, o noivo da Vera. O conde tinha-se sentado entre os dois e ouvia-os atentamente. A ocupação de que ele mais gostava, à parte o boston, que adorava, era precisamente o papel de auditor, sobretudo quando conseguira defrontar dois tagarelas.

— He, como é isso, meu mui venerável Afonso Karlitch — dizia Chinchine, trocista, misturando as expressões o mais tipicamente russas com as frases francesas mais rebuscadas. — Conta tirar rendimentos do Estado, quer tirar lucros do seu esquadrão?

— Não. Piotre Nikolaitch, apenas queria mostrar-lhe que a cavalaria oferece muito menos vantagens que a infantaria. Considere a minha posição. Piotre Nikolaitch...

Berg falava sempre com precisão, num tom calmo e cortês. Tudo quanto dizia lhe tocava a ele próprio de perto. È era capaz de estar calado horas sem se enfadar com isso nem causar aos outros o mínimo enfado. Mas desde que a conversa o tocasse pessoalmente, logo ele intervinha com exuberância e visível prazer.

— Considere a minha posição. Piotre Nikolaitch. Se eu estivesse na cavalaria não teria mais de duzentos rublos de três em três meses, mesmo no posto de tenente, e actualmente tenho duzentos e trinta... — Um alegre e afectuoso sorriso

acompanhava as suas palavras, e olhava para Chinchine e para o conde como se fosse a própria evidência os seus próprios êxitos, dele. Berg, serem como que a preocupação suprema de toda a humanidade.

— Além disso. Piotre Nikolaitch, passando para a Guarda — continuou ele —, estou mais em evidência e as vagas são em muito maior número na infantaria. E, depois, pode calcular como eu me arranjo com os duzentos e trinta rublos. Pois fique sabendo que faço economias e ainda mando dinheiro a meu pai — disse, entre duas fumaças.

— Aí é que está a habilidade— O Alemão malha o milho em cima do cabo de um machado, como diz o provérbio. (Provérbio russo intraduzível que se refere à, avareza. (N, dos T) — disse Chinchine, piscando o olho ao conde e mudando a posição do cachimbo.

O conde soltou urna gargalhada. Alguns dos convidados, verificando que Chinchine era a alma da conversa, aproximaram-se para ouvir. Berg, que não dava nem pela zombaria nem pela frieza que acolhiam as suas considerações, continuava a historiar que, graças à sua passagem pela Guarda, já ganhara um número sobre os seus camaradas de promoção; que, em tempo de guerra, um comandante de esquadrão pode morrer e que ele, na sua qualidade de mais antigo, muito facilmente poderia vir a substitui-lo; que no seu regimento toda a gente o adorava, e que o pai estava muito contente com ele. Berg deliciava-se claramente com todas estas revelações e parecia não passar-lhe sequer pela cabeça que os demais pudessem ter também os seus interesses. A verdade, porém, é que tudo quanto ele dizia tinha um ar tão decente e tão gracioso, era tamanha a candura do seu egoísmo juvenil que os seus interlocutores se sentiam desarmados.

— Bom, bom, meu filho, garanto-lhe que tanto na infantaria como na cavalaria, seja onde for, o seu futuro está garantido, isso prometo-lhe eu — disse Chinchine, batendo-lhe nas costas e erguendo-se da otomana,

Berg sorriu com um ar feliz. O conde, e com ele os seus hóspedes, penetraram no salão.

Estava-se naquele momento que antecede os jantares de cerimónia em que os convidados, à espera da hora dos zakusski, não se embrenham em grandes conversas, sentindo-se obrigados a agitar-se e a não estarem calados, para assim darem a impressão de não terem pressa de ir para a mesa. Os donos da casa lançavam, de vez em quando, o seu olhar para a porta, e entreolhavam-se depois.

Por sua vez, os convidados procuravam discernir nesses olhares quem se aguardava e o que ainda se aguardava: seria alguma importante pessoa de família retardatária ou alguma iguaria que ainda não estivesse pronta?

Pedro chegara um pouco antes de começar o jantar e, desajeitado, foi sentar-se, no meio do salão, na primeira cadeira que se lhe deparou, embaraçando o caminho a toda a gente. A condessa quis obrigá-lo a falar, mas ele lançou um olhar ingénuo em tomo de si por detrás das lentes, como se procurasse alguém, e não respondeu às suas investidas senão por monossílabos. Era incomodativo e só ele não compreendia que o estava a ser. A maior parte dos convidados, que tinha sabido da sua história com o urso, observava, curiosamente, aquele rapagão, corpulento e pacífico, perguntando cada um a si mesmo como é que um simplório daqueles, gordo e modesto, podia ter sido o autor da proeza em que um polícia se vira envolvido.

— Só agora chegou? — inquiriu a condessa.

— Sim, minha senhora — respondeu ele, distraidamente.

— Não viu ainda meu marido?

— Não, minha senhora. — Pôs— se a rir sem saber porquê.

— Ouvi dizer que esteve há pouco tempo em Paris? É interessante, não é?

— Muito interessante.

A condessa trocou um olhar com Ana Mikailovna, que percebeu aquela pedir-lhe que tomasse conta do rapaz. Sentando-se junto dele, pôs-se a falar-lhe do pai. Mas ele, como acontecera com a condessa, apenas lhe respondia por monossílabos. Os convidados estavam muito ocupados. Ouviam-se fragmentos de frases: «Os Razumovski...», «Foi encantador...», «É muita bondade da sua parte...», «A condessa Apraksine». A condessa levantou-se e entrou no grande salão.

— Maria Dmitrievna? — ouviu-se perguntar.

— É, é ela mesma — respondeu uma grossa voz de mulher, e nesse mesmo momento Maria Dmitrievna entrava na sala.

Todas as raparigas, e até as senhoras, à excepção das mais idosas, se levantaram. Maria Dmitrievna deteve-se no limiar da porta. Grande e maciça, a cabeça erguida, onde os caracóis brancos mostravam bem rondar ela a casa dos cinquenta, envolveu num olhar toda a assembleia, e, como se quisesse arregaçá-las, arranjou, sem pressa, as largas mangas do seu vestido. Maria Dmitrievna exprimia-se sempre em russo.

— As minhas felicitações à festejada e aos seus filhos — disse na sua voz alta e grave, que dominava todos os demais ruídos. E tu, velho pecador — acrescentou, dirigindo-se ao conde, que lhe beijava a mão. — Hem! Aborreces-te em Moscovo? Não se pode arranjar aqui uma boa caçada? Nada a fazer, meu velho, enquanto estes pintainhos não crescerem... — E apontava para as filhas do conde. — Quer queiras quer não, tens de lhes arranjar casamento.

— Então, meti cossaco! (Chamava sempre a Natacha meu cossaco.) — Acariciou com a mão Natacha, que se aproximou, para lha beijar com um ar desembaraçado e alegre.— Bem sei que és uma peste, mas eu gosto de ti.

Retirou de uma enorme saca uns brincos de âmbar, em forma de pêra, e, dando-os a Natacha, radiante com o seu aniversário e rubra de satisfação, voltou-lhe instantaneamente as costas para dirigir-se a Pedro.

— Eh, eh!, meu caro amigo!, vem cá — disse ela numa voz que procurava tornar suave e delicada.— Vem cá, meu caro...

E arregaçou ainda mais as mangas do vestido num ar terrível. Pedro aproximou-se, olhando-a com candura através das lentes das suas lunetas.

— Aproxima-te, aproxima-te, meu caro! Mesmo a teu pai só eu era capaz de lhe dizer— a verdade, quando ele estava disposto a ouvi-la, e Deus queira que tu, tu também a entendas,

Calou-se. Todos se calaram igualmente; aguardavam o que ia acontecer, sentindo que aquilo não passava de preâmbulo.

— Um lindo menino, não há dúvida! Um lindo menino!... O pai no seu leito de agonia, e ele a fazer loucuras, a obrigar um polícia a andar a cavalo num urso. É uma vergonha, meu filho, uma vergonha! Farias bem melhor se fosses para a guerra.

Voltou-lhe as costas e deu a mão ao conde, que mal podia suster o riso.

— Bom, suponho que são horas de irmos para a mesa — concluiu Maria Dmitrievna.

O conde e Maria Dmitrievna abriram a marcha atrás deles seguia a condessa, acompanhada do coronel de hússares, pessoa de acarinhar, porque era na sua companhia que Nicolau regressava ao seu regimento. Ana Mikailovna ia pelo braço de Chinchine. Berg ofereceu o dele a Vera. Júlia Karaguine, toda sorridente, acompanhava Nicolau. Os outros pares vinham depois, estendendo-se pelo salão além, e atrás de todos, um pouco à parte, as crianças, os preceptores e as

governantas. Os lacaios deram-se pressa, houve um rumor de cadeiras e uma orquestra principiou a tocar no momento em que os convivas se sentavam.

As notas da orquestra particular do conde misturavam-se ao tilintar das facas e dos garfos, ao ruído das conversas, às idas e vindas discretas dos criados. À cabeceira da mesa sentava-se a condessa, dando a direita a Maria Dmitrievna, e a esquerda a Ana Mikailovna e às demais senhoras. Na outra cabeceira estava o conde, que tinha à sua esquerda o coronel de hússares e à direita Chinchine e outros convidados masculinos. De um dos lados da grande mesa ficava a mocidade já crescida: Verá, ao lado de Berg. Pedro, com Bóris; do outro lado, as crianças, os preceptores, as governantas. O conde via a mulher, com a sua touca alta, de fitas azuis, através dos cristais das garrafas e das taças cheias de fruta, e ia enchendo os copos dos vizinhos, sem esquecer o seu próprio. A condessa, igualmente oculta por detrás dos ananases, sem descuidar dos seus deveres de dona de casa, trocava a sua piscadela de olhos com o marido, cujas calvície e, face rubicunda lhe pareciam particularmente vermelhas em contraste com o cabelo branco. No lado das senhoras havia uma vozearia bem ritmada; nos dos homens, as vozes iam-se tornando cada vez mais ruidosas, principalmente a do coronel de hússares, que, cada vez mais corado, tanto comia e tão bem que o conde o exibia como exemplo aos demais convidados. Berg, com um enternecido sorriso, falava a Vera do amor, esse sentimento não deste mundo, mas do céu. Bóris ia dizendo ao seu novo amigo Pedro o nome dos convivas, enquanto trocava olhares com Natacha, sentada diante dele. Pedro falava pouco, examinando todas estas caras novas, e comia abundantemente. Desde as duas qualidades de sopa, de que ele preferiu a de tartaruga, e dos kulebiaks (Espécie de tartaruga cozida. (N, dos T), até às galinholas, de todos os pratos e de todos os vinhos que o chefe de mesa, com a garrafa envolta num guardanapo, parecia extrair misteriosamente do ombro do seu vizinho de mesa, murmurando: «Madeira seco», «Húngaro» ou «Vinho do Reno», de tudo se serviu. Pedro pegava no primeiro dos copos que lhe vinham à mão, de entre os quatro ornados com o monograma do conde, em fila diante de cada talher, e despejava-o, gulosamente, aumentando, de momento a momento, de afectuosidade para com os seus vizinhos de mesa. Diante dele. Natacha olhava para Bóris como as garotas de treze anos costumam olhar para os rapazes que acabam de as beijar e de quem elas se julgam apaixonadas. Por vezes até o próprio Pedro recebia dela um olhar desse género, e esse olhar de rapariga

risonha e animada dava-lhe a ele vontade de rir sem que soubesse porquê.

Nicolau estava longe de Sónia, junto de Júlia Karaguine, e com ela se entretinha a conversar com o mesmo sorriso constrangido. Sónia sorria para todos, mas a verdade era estar visivelmente consumida de ciúme: ora empalidecia, ora corava, fazendo o possível para conseguir perceber o que Nicolau e Júlia estavam dizendo. A preceptora lançava em tomo de si olhares inquietos, pronta a cair a fundo sobre o primeiro que se lembrasse de se meter com as crianças. O preceptor alemão procurava gravar na memória toda a espécie de pratos, de sobremesas e de vinhos que iam sendo servidos para depois poder falar em tudo isso pormenorizadamente na carta que enviaria para a Alemanha. Sentia-se mortificado quando o chefe de mesa, com a, garrafa envolta no guardanapo, passava por ele sem o servir. Franzia as sobrancelhas, fingindo não querer vinho, mas a verdade é que se sentia ofendido por ninguém compreender que o vinho lhe era necessário, não para o desalterar ou para lhe satisfazer a gula, mas apenas pelo desejo bem mais sério de se instruir.

[XIX]

No sector dos homens a conversa ia-se animando cada vez mais. O coronel contava que o manifesto da declaração de guerra já era conhecido em Petersburgo e que um exemplar, que ele próprio vira, fora expedido pelo correio ao comandante-chefe.

— E por que diabo é que nós havemos de declarar guerra a Bonaparte? — disse Chinchine.— Ele já abateu as fumaças à Áustria. Receio que tenha chegado agora a nossa vez.

O coronel era um alemão sólido, de grande estatura, aspecto sanguíneo, sem dúvida bom militar e bom patriota. As palavras de Chinchine magoaram-no.

— Porquê, meu caro senhor? — tornou ele, com o seu sotaque estrangeiro — Porquê? Aí está o que o imperador sabe muitíssimo bem. No seu manifesto, lá diz que não pode continuar indiferente aos perigos que ameaçam a Rússia e que a segurança do império, a sua dignidade e a santidade das alianças...

Acentuou particularmente esta última palavra, como se nela estivesse a chave

do problema.

E com a sua impecável memória de personalidade oficial repetiu as palavras do princípio do manifesto: «E o desejo do imperador, o seu único e invariável objectivo — que é o restabelecimento da paz na Europa assente em bases sólidas —, decidiram-no a dar ordens a uma parte do exército para atravessar a fronteira e a realizar esta nova aliança para dar cumprimento aos seus objectivos.»

— E aqui tem porquê, meu caro senhor! — concluiu ele, levando o copo à boca cheio de compunção, enquanto com os olhos pedia a aprovação do conde.

— Conhece o provérbio: «Erema. Erema, melhor era que ficasses em casa a fiar a lã»? (Provérbio russo, que quer dizer que o melhor é não nos metermos na vida alheia, (N, dos T.) — disse Chinchine, franzindo as sobrancelhas e sorrindo. — Isso calha mesmo bem. Suvorov já foi apanhado e batido em toda a linha. E onde estão os nossos Suvorovs hoje em dia? Dê-me licença que lhe pergunte.— Chinchine estava sempre a transitar do russo para o francês.

— Temos de nos bater até à última gota de sangue — disse o coronel, deixando cair a mão em cima da mesa — e morrer pelo nosso imperador. E assim deve ser. Mas nada de raciocínios, raciocinar o menos possível. — Engrossou a voz, especialmente ao pronunciar a palavra menos, e voltando-se de novo para o conde.— É assim que nós, velhos hússares, encaramos as coisas em última instância. E o senhor, que pensa o senhor disto, jovem hússar? — prosseguiu, dirigindo-se a Nicolau, que, ao perceber que se falava da guerra, esquecera a interlocutora, todo ouvidos.

— Penso exactamente da mesma maneira — replicou Nicolau, que se entusiasmou e se pôs a mexer no prato e a deslocar os copos de forma tão brusca e incoerente que dir-se-ia correr naquele momento um grande perigo... Estou convencido de que os Russos só têm duas soluções: vencer ou morrer — continuou com o sentimento, em que todos os outros comungavam, de que aquilo mesmo, que já fora dito, ele o estava a exprimir por palavras demasiado enfáticas e pomposas, e isso lhe causava uma espécie de embaraço.

— É muito bonito o que acaba de dizer — observou Júlia, que estava sentada a seu lado.

Sónia pôs-se a tremer e corou até às orelhas. Até mesmo a nuca e os ombros se lhe ruborizaram ao ouvir Nicolau falar assim. Pedro prestara atenção às considerações do coronel, e aprovava-as com a cabeça.

— Ora aí está uma coisa acertada — observou.

— É verdade, um autêntico hússar, meu rapaz — exclamou ainda o coronel, batendo de novo na mesa.

— Que barulho é esse que vocês para aí estão a fazer? — perguntou, do outro lado da mesa, a voz grave de Maria Dmitrievna. — Que estás tu a bater na mesa? — disse ela ao hússar. Contra quem é que estás tão exaltado? Até parece que tens diante de ti os Franceses.

— O que eu estou a dizer é o que é — retrucou o coronel, sorrindo.

— É verdade, um autêntico hússar, meu rapaz! — exclamou ainda — Tenho um filho que vai para a guerra. Maria Dmitrievna; sim, vai para a guerra.

— E eu, que tenho quatro filhos no exército, não estou a chorar por isso. Deus é grande. Podemos morrer tranquilamente na nossa cama e nada nos acontecer no campo de batalha — disse Maria Dmitrievna, elevando a sua grossa voz, que chegava, sem esforço, de extremo a extremo da mesa.

— E é verdade.

E a conversa lá continuou, a das senhoras a um lado, a dos homens a outro.

— Aposto que não és capaz de perguntar — disse a Natacha o irmãozito. — Aposto!

— Vais ver — respondeu Natacha.

O rosto animou-se-lhe, repentinamente de uma audácia rebelde e resoluta. Levantou-se, fez um sinal com os olhos a Pedro, que estava diante dela, convidando-o a escutar, e dirigiu-se à mãe:

— Mãe! — lançou ela, à toa, na sua clara voz infantil.

— Que aconteceu? — perguntou a condessa assustada. Mas, ao ver no rosto da filha que se tratava de uma brincadeira, ameaçou-a severamente com a mão, enquanto lhe mostrava uma expressão descontente.

As conversas interromperam-se.

— Mãe! Que doce vamos ter? — interrogou a vozita de Natacha, irreflectidamente e num tom ainda mais decidido.

A condessa quis franzir as sobrancelhas, mas debalde. Maria Dmitrievna ameaçou-a com o seu dedo grosso.

— Eh, cossaco! — gritou-lhe.

A maior parte dos convidados observava os pais de Natacha para ver como eles iam encarar aquela aventura.

— Espera — disse a condessa.

— Mãe! Que doce vamos ter? — voltou Natacha, atrevidamente e no tom de uma criança caprichosa, certa de antemão de que a sua audácia não teria consequências.

Sónia e o gordo Pedro riam perdidamente.

— Como vês, perguntei — dizia ela, baixo, ao irmãozito e a Pedro, a quem voltou a lançar uma olhadela.

— Há gelado, mas tu não comes — disse Maria Dmitrievna.

Natacha viu que nada tinha a recear e, de resto, a própria Maria Dmitrievna não lhe metia medo algum.

— Maria Dmitrievna! Gelado de quê? Não gosto de gelados, de nata.

— É de cenoura.

— Não é verdade. De quê? Maria Dmitrievna, de quê? — quase gritou. — Quero saber que gelado é!

Maria Dmitrievna e a condessa romperam a rir e, à imitação deles, todos os demais. Riam-se não da resposta de Maria Dmitrievna, mas da audaciosa obstinação e da presença de espírito daquela garota que sabia defrontá-la e ousava fazê-lo.

Natacha apenas se submeteu quando lhe disseram que, o gelado era de ananás. Antes do gelado foi servido o champanhe. A música ressoou de novo, o conde trocou um beijo com a sua condessinha e os convidados ergueram-se para felicitá-la. Os copos tocaram-se, ao longo da mesa, com o do conde, com o das crianças e entre si. Os criados de novo principiaram a agitar-se, ouviu-se o rumor das cadeiras e na mesma ordem de entrada, apenas com as faces mais vermelhas, os convidados voltaram a dar entrada no salão e no gabinete do conde.

[XX]

Prepararam-se as mesas de jogo, organizaram-se os parceiros para o boston e toda a gente se espalhou pelos dois salões, a sala do divã e a biblioteca.

O conde, com as suas cartas em leque, a custo se mantinha, resistindo à tentação de dormir, como de costume, depois do jantar, e sorria a toda a gente. A

mocidade, arrastada pela condessa, reunia-se em volta do cravo e da harpa. Júlia foi a primeira, instada por todos, a tocar umas variações na harpa, e ela e as demais raparigas pediram a Natacha e a Nicolau, de quem todos gabavam o talento musical, que cantassem qualquer coisa. Natacha, a quem tratavam como uma pessoa crescida, sentia-se, claro está, muito orgulhosa com isso, mas, ao mesmo tempo, tomava-a uma grande timidez.

— Que havemos nós de cantar? — perguntou.

— A Fonte — replicou Nicolau.

— Então, depressa, andem. Bóris, vem cá. Onde está a Sónia?

Natacha olhou à sua roda, e, ao ver que a amiga não estava presente, correu a buscá-la.

Tendo-a procurado no seu próprio quarto e não a encontrando aí. Natacha foi ver se ela estaria no quarto das crianças e também ali a não encontrou. Pensou então que devia estar no corredor, sentada na arca. A arca do corredor era o local onde se derramavam as dores de toda a jovem geração feminina da casa Rostov. E, efectivamente. Sónia lá estava, com o seu vestidinho cor-de-rosa vaporoso, que amarrotava entre os dedos, estendida na arca, o rosto escondido no sujo edredão listado da ama, e a cara nas mãos, chorando, sacudida por grandes soluços que lhe faziam estremecer os ombrozinhos decotados. Natacha, que durante todo o dia tinha andado com uma expressão festiva, mudou, repentinamente, de parecer: os olhos tornaram-se-lhe fixos, um frémito lhe percorreu o colo, os cantos da boca descaíram-lhe.

— Sónia! Que tens tu?... Ah! Ah!, que te aconteceu?...

E Natacha, fazendo um momo com a sua grande boca, que logo a tomou feia, pôs-se a soluçar, sem razão, apenas por ver que Sónia chorava. Sónia queria levantar a cabeça, queria responder-lhe, mas não pôde e ainda escondeu mais profundamente o rosto. Envolvendo a amiga nos seus braços, sentada sobre o edredão azul. Natacha chorava, continuava a chorar. Por fim, tendo Sónia serenado um pouco, ergueu-se, pôs-se a enxugar as lágrimas e abriu-se em confidências.

— O Nicolau vai partir dentro de oito dias.., foi chamado por um papel.., ele é que me disse... E mesmo assim eu não choraria... — Mostrou um bilhete que tinha apertado na mão e em que estavam escritos versos de Nicolau. — Não choraria; mas tu não podes imaginar, ninguém pode imaginar.., o bom coração que ele tem.

E de novo se pôs a chorar pensando no bom coração de Nicolau.

— Tu, tu és feliz — Não tenho ciúmes... Gosto muito de ti, e Bóris também — continuou ela, ganhando coragem pouco a pouco. — Que gentil que ele é.., e para vocês não há obstáculos. Mas o Nicolau é meu primo... É preciso que o próprio metropolita.., e mesmo assim não pode ser. E depois, se disserem alguma coisa à mãe... — Sónia considerava a condessa sua mãe e como tal a tratava-.., ela vai dizer que eu prejudico a carreira do Nicolau, que não tenho coração, que sou uma ingrata, e, no entanto, tão certo como Deus estar nos Céus... — Persignou-se. Eu gosto tanto dele, dele e de todos vocês também... Só a Vera... E porquê? Que lhe fiz eu? Estou-vos tão reconhecida que daria de bom grado tudo, e a verdade é que não tenho nada para dar.

Sónia não pôde dizer mais, e de novo escondeu a cabeça nas mãos e no edredão. Natacha pôs-se a consolá-la, mas via-se, pela sua atitude, que ela compreendia a gravidade do sofrimento da sua amiga.

— Sónia! — exclamou ela, de repente, como se adivinhasse a verdadeira razão do sofrimento da prima — É verdade? A Vera falou contigo depois do jantar? É verdade?

— Estes versos foi o Nicolau quem os escreveu; eu copiei outros. Ela encontrou-os em cima da, minha mesa e disse que havia de os mostrar à mãe, e disse também que eu era uma ingrata, que a mãe nunca o deixaria casar comigo e que ele havia de casar com a Júlia. Não viste como ele esteve ao lado dela todo e dia... Natacha? Porque é que há-de ser assim?

E de novo chorou mais amargamente do que nunca. Natacha obrigou-a a levantar-se, abraçou-se a ela, e sorrindo por entre as lágrimas procurou consolá-la,

— Não acredites. Sónia, minha, querida, não acredites no que ela diz. Lembras-te do que nós dizíamos, o Nicolau e nós as duas, na sala do divã? Lembras-te, depois do jantar? Como sabes, combinámos como tudo se havia de passar. Já me não lembro dos pormenores, mas deves lembrar-te como tudo se arranjava, como tudo era fácil. O irmão do tio Chinchine, por exemplo, casou com a prima em primeiro grau, e nós somos apenas segundos primos. E o Bóris dizia que era muito fácil. Tu bem sabes que eu lhe contei tudo. E ele é tão inteligente e tão gentil! Deixa-te disso. Sónia, não chores mais, minha queridinha, minha Sóniazinha. — E pôs-se a abraçá-la muito risonha — A Vera é má, não queiras saber dela. Tudo se há-de arranjar, e ela não vai dizer nada à mãe. O Nicolau te há-de dizer que não

pensa na Júlia.

E beijou-a na testa. Sónia parecia outra, a gatinha que ela era reanimou-se, os olhos faiscararn-lhe, dir-se-ia pronta a dar ao rabo, a saltar sobre as suas patinhas elásticas, a correr atrás do novelo de lã, coisas próprias da sua natureza.

— Achas que sim? Realmente! Juras? — disse ela, recompondo com vivacidade o vestido e os cabelos.

— Podes estar certa! — respondeu Natacha, ao mesmo tempo que lhe ajeitava na, trança uma mecha de cabelos rebeldes. Ambas desataram a rir.

— E agora vamos cantar A Fonte.

— Vamos.

— Viste aquele rapaz gordo, o Pedro, que estava sentado diante de mim? Que patusco que ele é! — disse Natacha, de súbito, detendo-se. — O que eu me diverti!

E Natacha despediu, numa carreira, corredor além.

A Sónia, depois de sacudir as penas do edredão que lhe tinham ficado agarradas ao vestido e de esconder no colo magricela os versos do jovem Nicolau, reanimou-se-lhe a expressão, e lá foi correndo também ligeira e jovial, atrás de Natacha, na direcção da sala do divã. A pedido dos seus convidados, a gente nova cantou o quarteto de A Fonte, que foi recebido com muito entusiasmo. Depois Nicolau entoou uma romança que aprendera havia pouco:

Por uma linda noite, à luz do luar,
Que ventura poder dizer-te a ti somente
Que ainda há alguém cá neste mundo
Que não pensa nem sonha senão contigo!
Que os seus dedos tão bonitos,
Errantes por sobre as cordas da harpa de oiro,
Em apaixonadas ondas de harmonia
Te chame, te chame ainda!
Ainda um dia, mais dois dias, e o Paraíso abrir-se-à...
Mas, ai de nós, a tua amiga, já lá não a encontrarás...

Ainda as últimas palavras da canção não tinham findado, já a juventude se preparava para o baile e a orquestra lançava as primeiras notas no meio do ruído

de pés e de tossezinhas. Pedro estava no salão, onde Chinchine se lançara numa discussão política com aquele rapaz chegado havia pouco do estrangeiro, discussão essa que enfadava imenso o próprio Pedro, e em que tomavam parte muitos outros convidados. Quando a música principiou. Natacha entrou na sala e, dirigindo-se imediatamente a Pedro, disse-lhe, rindo e corando ao mesmo tempo:

— A mãe disse-me que o convidasse para dançar.

— Tenho medo de fazer confusão com os passos — murmurou Pedro —, mas se quiser ter a bondade de ser minha professora...

E, inclinando-se profundamente, deu a larga mão à esbelta rapariguinha.

Enquanto os pares se organizavam e os músicos afinavam os seus instrumentos. Pedro conservou-se sentado ao lado da sua pequena dama. Natacha sentia-se inteiramente feliz: ia dançar com uma pessoa importante, que voltava de o estrangeiro. E ela lá estava, exibindo-se diante de toda a gente, pronta a conversar, como se fosse uma pessoa crescida, e exactamente como ele. Tinha um leque que lhe havia emprestado urna amiga. E tornando a pose mais conforme ao código mundano — e só Deus sabe onde e quando ela tinha aprendido tudo aquilo —, abanava-se e sorria, com um ar rebelde, enquanto conversava com o companheiro.

— Que rapariga! Olhe para ela — disse a velha condessa, atravessando o grande salão e apontando para Natacha.

Natacha corou e pôs-se a rir.

— Porquê, mãe? Porque é que se está a rir? Que tem isso de extraordinário?

No meio da terceira escocesa, ouviu-se um rumor de cadeiras no salão onde o conde e Maria Dmitrievna estavam a jogar, e a maior parte dos convidados importantes e das pessoas de idade, para estenderem as pernas, meteram na algibeira carteiras e bolsinhas de dinheiro e vieram postar-se à porta do grande salão. A frente estavam Maria Dmitrievna e o conde, ambos muito bem dispostos. O conde, mimando uma cortesia joco-séria, à imitação do que é de uso nos bailes, ofereceu a mão, recurvando o braço, à, sua dama. Depois, soergueu o busto e o rosto iluminou-se-lhe com um sorriso agarotado e amável, e, assim que findaram as últimas marcas da escocesa, bateu as palmas e gritou para a orquestra, dirigindo-se ao primeiro violino:

— Semione! Sabes tocar o Danilo Cooper?

Era a dança favorita do conde, que ele dançara na juventude. Danilo Cooper

era especialmente uma marca da inglesa.

— Olhem para o pai! — gritou Natacha no meio da sala.

Tinha-se esquecido por completo de que estava num baile como uma pessoa crescida. Dobrou-se em duas, a cabecinha coberta de caracóis junto aos joelhos, e rompeu a rir tão cristalinamente que toda a casa ficou cheia do seu riso alegre.

E com efeito toda a gente olhava, divertida, aquele velho jovial que ao lado da sua venerável dama, a quem ele dava pelo ombro, arqueava os braços para marear o compasso, descaía os ombros, encurvava as pernas, sapateava ligeiramente, e, com um sorriso cada vez mais franco no seu rosto cheio, mais não fazia que preparar os espectadores para o que ia passar-se. Assim que ressoaram os compassos alegres e excitantes do Danilo Cooper, muito parecidos com os do ultra-jovial trepak russo, todas as portas da sala se encheram de criados risonhos — os homens a um lado, as mulheres a outro— que acorriam para ver dançar o amo.

— Ah! O nosso paizinho! Que águia que ele é! — exclamou a ama, em voz alta, a uma das portas.

O conde dançava muito bem e sabia o que estava a fazer, mas a sua dama, essa, não percebia nada e recusava-se a dançar correctamente. A sua corpulenta figura ali estava toda direita, os grandes braços bamboleando, já sem bolsinha, que confiara à condessa. Apenas o seu belo e severo rosto tomava parte na dança. Todo o movimento que animava a redonda silhueta do conde se lhe concentrava a ela na fisionomia, cada vez mais risonha, e no narizinho arrebitado. Se o conde, cada vez mais excitado, era a surpresa de todos, graças à ligeireza e à agilidade nas piruetas e nos rodopios a que se atreviam as suas pernas já pouco firmes. Maria Dmitrievna, por menos que a isso se desse, mercê dos movimentos dos ombros ou dos braços no curso das suas reviravoltas ou no sapateado, não produzia menos efeito sobre os assistentes, que muito apreciavam naquela mulher o contraste entre a sua desenvoltura e a sua habitual severidade. A dança cada vez estava mais animada. Os pares frente a frente não conseguiam chamar para eles as atenções ou nem sequer com isso se importavam. Toda a gente seguia com o olhar o conde e Maria Dmitrievna. Natacha puxava pela manga a toda a gente, embora ninguém tirasse os olhos dos dois dançarinos, pedindo que olhassem para o pai. Nos intervalos, o conde, enquanto tomava fôlego, acenava aos músicos e pedia-lhes que acelerassem o ritmo. Quando mais rápido era o compasso, mais

depressa girava o conde em tomo do par, ora nos bicos dos pés ora nos calcanhares, e por fim, no momento em que ia reconduzi-lo, esboçou um último passo: levantou a perna cheia à retaguarda, inclinou, com um ar radiante, a cabeça perlada de suor, descrevendo, por fim, com a mão direita um largo círculo no meio de uma tempestade de aplausos e de gargalhadas, especialmente de Natacha. Os dois dançarinos detiveram-se, anelantes, enxugando o suor com seus lenços de cambraia.

— Ora aqui tens como se dançava no nosso tempo, minha querida! — exclamou o conde.

— Bravo! Danilo Cooper! — replicou Maria Dmitrievna, respirando estrepitosamente e arregaçando as mangas do vestido.

[XXI]

Quando em casa dos Rostov se dançava a sexta inglesa ao som de uma orquestra, que já desafinava, tal a fadiga dos músicos, e os criados e cozinheiros, igualmente extenuados, se azafamavam nos preparativos da ceia, era o conde Bezukov acometido do seu sexto ataque. Os médicos tinham declarado não haver esperanças de salvação. Confessaram o doente, já em coma, ministraram-lhe a comunhão, fizeram os preparativos para a extrema-unção e a casa assumiu o aspecto habitual em tais circunstâncias, com idas e vindas em todos os sentidos. Cá fora, ao portão, juntavam-se, escondendo-se à chegada das carruagens, os agentes das casas funerárias, na esperança de bom negócio. O governador militar da praça de Moscovo, que a cada momento enviava os seus ajudantes-de-campo a saber novas do estado de saúde do doente, veio pessoalmente, nessa noite, despedir-se daquela famosa personagem do tempo de Catarina: o conde Bezukov.

A sumptuosa sala de visitas estava cheia. Toda a gente se levantou respeitosamente quando o governador militar, que se demorara quase meia hora à cabeceira do doente, saiu do quarto e atravessou a dependência, muito apressado, retribuindo, negligentemente, os cumprimentos, sempre seguido pelos olhos dos médicos, dos sacerdotes e da parentela do conde. O príncipe Vassili, que naqueles últimos dias tinha empalidecido e afilara, acompanhava o governador

militar, segredando-lhe, por vezes, qualquer coisa.

Quando voltou de o acompanhar, foi sentar-se sozinho no salão, de pernas cruzadas, cotovelos sobre os joelhos e cabeça nas mãos. Alguns instantes depois levantou-se, e a passo rápido, contrariamente aos seus hábitos, olhando em tomo de si como que assustado, seguiu ao longo do grande corredor que conduzia às dependências da retaguarda, direito aos aposentos da mais velha das princesas.

As pessoas que se encontravam numa sala quase às escuras falavam entre si, de longe em longe, em voz muito baixa, calavam-se a cada momento, e dirigiam olhares interrogativos e de quem espera qualquer coisa para a porta que conduzia ao quarto do moribundo, a qual rangia ligeiramente sempre que alguém entrava ou saía.

— Todo o homem tem os seus dias contados, e ninguém pode fugir daí — dizia um eclesiástico velhinho à senhora que parecia não ter a tal respeito qualquer ideia precisa.

— Não será já tarde de mais para a extrema-unção? — observou, acrescentando a estas palavras um título eclesiástico, a senhora que parecia não ter a tal respeito qualquer ideia precisa.

— É um grande sacramento, minha senhora — replicou o sacerdote, passando a mão pela cabeça calva, onde só havia já algumas, poucas, farripas de cabelos grisalhos cuidadosamente penteadas.

— Quem é? É o próprio governador militar? — perguntava-se a outro canto da sala. — Que novo que ele é!...

— Quem há-de dizer que tem perto de setenta anos! Mas parece que o conde já não conhece as pessoas. Dizem que lhe vão dar a extrema-unção.

— Uma pessoa conheci eu a quem ministraram sete vezes a extrema-unção,

A segunda das jovens princesas, que acabava de sair do quarto do doente, os olhos cheios de lágrimas, foi sentar-se ao lado do Dr. Lorrain, que se colocara numa posição que lhe ficava bem, debaixo do retrato de Catarina, encostado a uma mesa.

— Muito bonito — dizia ele, referindo-se ao tempo —, muito bonito, princesa, e depois, em Moscovo, é como se estivéssemos no campo.

— Não é verdade? — respondeu a princesa, suspirando. Acha então que se lhe pode dar de beber?

Pareceu reflectir.

— Tomou o remédio?

— Tomou.

O médico consultou o seu livro de notas.

— Tome um copo de água fervida e deite-lhe dentro uma pitada — e com os dedos finos fingiu o gesto — de cremortartari.

— Não se conhece nenhum caso — dizia um médico alemão a um ajudante-de-campo — em que se fique vivo depois do terceiro ataque.

— Mas que boa saúde ele tinha! — disse o oficial. — E quem será o herdeiro de todas estas riquezas? — acrescentou, em voz muito baixa.

— Não hão-de faltar pretendentes — retorquiu o alemão sorrindo.

Todos os olhares voltaram a fixar-se na porta. A porta rangeu, e a jovem princesa, que tinha preparado o remédio prescrito por Lorrain, foi levá-lo ao doente. O médico alemão aproximou-se do médico francês.

— Acha que ele se vai aguentar até amanhã de manhã? — perguntou em francês, com um pronunciado sotaque.

Lorrain, de lábios apertados, fez com o dedo polegar um gesto negativo diante do nariz.

— Esta noite, o mais tardar — murmurou ele, em voz baixa, sorrindo com prudência, orgulhoso de tão claramente ter diagnosticado o estado do doente. E afastou-se.

Enquanto isto se passava, o príncipe Vassili abria a porta do quarto da princesa.

Era quase noite lá dentro; apenas as duas lamparinas em frente dos ícones o iluminavam. Cheirava bem a incenso e a flores. O mobiliário do quarto era todo em miniatura: pequeninos armários, pequeninas estantes e pequeninas mesas. Um biombo ocultava as cobertas brancas de uma cama alta de penas. Um cãozinho pôs-se a ladrar.

— Ah, é o senhor, meu primo?

A princesa levantou-se, alisando os cabelos, que usava sempre, e até naquele momento, excessivamente repuxados, como se formassem uma peça única com o casco da cabeça e andassem envernizados.

— Que foi? Que aconteceu? — perguntou ela. — Assustou-me. — Não aconteceu nada. Sempre a mesma coisa. Vim apenas procurar-te para falarmos de negócios. Katicha — disse o príncipe, sentando-se, com um ar lasso, na cadeira que

ela acabava de deixar devoluta.— Que quente que aqui está! Anda cá, senta-te. Temos de conversar.

— Julguei que tinha acontecido alguma coisa — disse a princesa, e, com o seu ar fechado e severo, sentou-se diante do príncipe, disposta a ouvi-lo. — Quis ver se dormia um bocado, meu primo, mas não foi possível.

— Então, minha querida? — disse o príncipe, pegando-lhe na mão e puxando-a para si, como era seu costume.

Era evidente que estas breves palavras significavam coisas que eles dois compreendiam perfeitamente sem as dizer.

A princesa, do alto do seu busto seco e estreito, alto de mais para as suas curtas pernas, olhava fixamente o príncipe sem qualquer aparente emoção, os olhos cinzentos à flor da pele. Sacudiu a cabeça e lançou um olhar, acompanhado de um suspiro, às imagens sagradas. O seu gesto tanto podia exprimir mágoa e espírito de sacrifício como fadiga e a necessidade de descanso.

O príncipe Vassili interpretou-o como um sinal de cansaço.

— E supões tu — disse ele — que eu também não estou cansado? Estou esfalfado como um cavalo de posta. Apesar disso, é absolutamente necessário que eu tenha uma conversa contigo. Katicha, uma conversa muito importante.

O príncipe Vassili calou-se, e as suas duas faces, sucessivamente, foram tomadas de um movimento nervoso que lhe dava um aspecto desagradável, aspecto esse que ele nunca tinha quando conversava em sociedade. Também os olhos não eram os seus olhos habituais: havia neles ora uma expressão escarninha e cínica, ora uma expressão aterrorizada.

A princesa segurava com os braços secos e magros o cãozito que tinha nos joelhos, enquanto fixava o príncipe atentamente. Via-se que ela estava disposta a não ser a primeira a falar, ainda que tivesse de ficar calada até ao dia seguinte.

— Como vê, cara princesa e minha prima. Katerina Semionovna — prosseguiu ele, não sem uma evidente luta interior, pensando no que ia dizer. — Em momentos como este é preciso pensar em tudo. É preciso pensar no futuro, em si. Quero-vos a todas como se vocês fossem minhas filhas, bem sabes.

A princesa continuava a fitá-lo, impassível e impenetrável.

— Numa palavra, eu também tenho de pensar ria minha família — continuou, repelindo, de mau humor, a mesinha e sem olhar para ela.— Como sabes. Katicha, vocês as três, as irmãs Mamontov, e minha mulher são as únicas herdeiras

directas do conde. Bem sei, bem sei que te é penoso pensar nestas coisas e falar nelas. A mim também me custa. Mas, minha amiga, estou quase com sessenta anos e tenho de estar preparado para tudo. Sabes que mandei chamar o Pedro, e que o próprio conde, apontando para o retrato dele, quis que lho trouxessem?

O príncipe Vassili interrogava-a com os olhos, mas não conseguia perceber se ela estava a pensar no que ele acabava de dizer-lhe ou se apenas olhava para ele.

— Há só uma coisa que eu estou sempre a pedir a Deus, meu primo — replicou ela — é que Deus o proteja e que faça com que a sua bela alma deixe em paz este...

— Pois claro — prosseguiu o príncipe com impaciência, afagando a calvície e puxando a si, colericamente, a mesinha que começara por repelir. — Mas o que é certo.., o que é certo, o facto é que, como tu sabes, o conde, no Inverno passado, redigiu um testamento pelo qual, em prejuízo dos seus herdeiros directos e de todos nós, lega toda a sua fortuna ao Pedro.

— Sim, ele já fez vários testamentos — disse serenamente a princesa — Mas o Pedro não pode herdar: é um filho ilegítimo.

— Minha querida — disse bruscamente o príncipe Vassili, puxando para si a mesinha e falando com animação e volubilidade.— E se houvesse uma petição ao imperador para a legitimação do Pedro? É evidente que em face dos serviços prestados, o apelo do conde seria atendido...

A princesa teve um sorriso em que se deixava perceber que sabia muito mais sobre o assunto que o seu interlocutor.

— Digo-te mais — continuou Vassili, pegando-lhe na mão — O apelo está feito, embora não tenha sido enviado, e o imperador teve conhecimento do facto. Só resta saber se esse apelo foi ou não anulado. Se o não foi, assim que tudo tenha acabado — e soltou um suspiro, para deixar perceber o que queria dizer com aquelas palavras— logo que os papéis do conde sejam conhecidos, tanto o testamento como a carta serão transmitidos ao imperador, e o seu apelo será sem dúvida alguma satisfeito. Pedro, na sua qualidade de filho legítimo, será o único herdeiro.

— E a nossa parte? — disse a princesa, num tom irónico, como se tudo pudesse acontecer menos isso.

— Mas, minha pobre Katicha, é claro como a luz do dia. Nessa altura será ele o único herdeiro legítimo de toda a fortuna e vocês nada receberão. É preciso que tu

procures saber, minha querida, se o testamento e o apelo existem ou se foram destruídos. E se por qualquer motivo foram esquecidos, é preciso que saibas onde estão e descobri-los, pois...

— Ah! Isso agora é novidade! — interrompeu a princesa com um sorriso sardónico e sem que a sua expressão se alterasse.— Eu sou mulher; na sua opinião, todas as mulheres são estúpidas; mas o que eu muito bem sei é que um filho ilegítimo não pode herdar... Um bastardo — acrescentou, pensando com esta palavra demonstrar definitivamente ao príncipe que ele não tinha razão.

— Não há maneira de compreenderes. Katicha! Mas tu és inteligente. Como é que tu não compreendes que se o conde pediu ao imperador que o autorizasse a reconhecer o filho como legítimo. Pedro, nesse caso, deixa de ser o Pedro e passa a ser o conde Bezukov, e pelo testamento é ele quem tem direito a tudo? Se o testamento e a carta não foram destruídos, nada mais te restará além, da consolação de teres sido virtuosa e tudo o que daí se entende. É certo e sabido,

— Sei perfeitamente que ele fez um testamento, mas também sei que esse testamento não tem valor. Pelo que vejo, julga-me pateta, meu primo — disse a princesa com esse ar que tomam as mulheres quando supõem ter dito qualquer coisa de espirituoso ou de ofensivo.

— Minha querida princesa Katerina Semionovna — exclamou com impaciência o príncipe Vassili —, eu não vim procurar-te para um duelo de palavras, mas na intenção com que se visita uma parente, uma boa, excelente, uma verdadeira parente, a fim de lhe falar dos seus interesses. Repito-te pela décima vez que se a carta ao imperador e o testamento a favor de Pedro se encontram entre os papéis do conde, nem tu nem as tuas irmãs, minha querida filha, herdarão seja o que for. Se me não acreditas, acredita ao menos nas pessoas competentes. Acabo de falar com Dmitri Onufreitch — o advogado da família — e ele disse-me a mesma coisa.

Houve, claramente, um mudança rápida na maneira de pensar da princesa. Se a expressão dos olhos se lhe não alterou, os seus finos lábios empalideceram e quando começou a falar a voz Passou-lhe por transições que nem ela própria esperava.

— Pois muito bem — disse. — Nunca pretendi nada, e nada, pretendo,

Enxotou o cão do regaço e ajeitou as pregas do vestido.

— É assim que as pessoas reconhecem, é assim que testemunham a sua gratidão àqueles que tudo sacrificaram por elas! — exclamou. — Muito bem!

Excelente! Não preciso de nada, príncipe!

— Sim, mas tu não és a única. E as tuas irmãs? — volveu ele.

A princesa não o ouvia.

— Sim há muito tempo que eu sei isso, mas tinha-me esquecido que nesta casa, não podia esperar outra coisa senão baixeza, duplicidade, inveja, intriga, ingratidão, a mais negra ingratidão.

— Sabes ou não sabes onde está o testamento? — perguntou o príncipe Vassili com o tremor das faces ainda mais acentuado.

— Sim, tenho sido uma parva, tenho tido confiança nas pessoas, gostei delas e sacrifiquei-me por elas. Mas só triunfam os cobardes e os maus. Bem sei donde vêm estas intrigas.

A princesa fez um movimento para se erguer, mas o príncipe reteve-a. Ela dava a impressão de uma pessoa que perdeu subitamente todas as ilusões sobre os outros seres. Lançou um olhar mau ao interlocutor.

— Ainda, estamos a tempo, minha amiga. Lembra-te. Katicha, de que tudo isto foi feito de improviso, num momento de cólera, ou então doente, e que depois tudo esqueceu. O nosso dever, minha querida, é reparar esta falta, suavizar-lhe os últimos momentos, não permitindo que ele leve a cabo esta injustiça, de o não deixar morrer com a ideia de que tomou alguém infeliz...

— Alguém que tudo sacrificou por ele — voltou a princesa, impaciente por se levantar: mas o príncipe deteve-a. E isso é que ele nunca soube apreciar. Não, meu primo — acrescentou, suspirando — isto leva-me, a pensar que neste triste mundo ninguém pode esperar recompensa, que neste triste mundo não há honra nem equidade. Neste mundo só a maldade e a mentira triunfam.

— Bom, vejamos, sossega. Eu conheço o teu excelente coração.

— Não, eu tenho mau coração.

— Eu conheço o teu coração — repetiu ele —, aprecio a tua amizade e gostaria que tu tivesses a mesma opinião a meu respeito. Sossega, e sejamos razoáveis enquanto é tempo: talvez vinte e quatro horas, uma hora talvez. Conta-me tudo quanto sabes do testamento e principalmente diz-me se sabes onde ele está: tu deves saber. Pegaremos nele imediatamente e leva-lo-emos ao conde. Ele com certeza se esqueceu dele, e quererá destruí-lo. Tu sabes que o meu único desejo é cumprir religiosamente a sua vontade; não é para outra coisa que estou aqui. Eu não estou aqui senão para vos auxiliar, a vós e a ele.

— Agora já sei tudo. Já sei donde partem as intrigas. Veio-o claramente — disse a princesa.

— Não é disso que se trata, minha querida.

— A alma de tudo isto é a sua protegida, a sua querida princesa Drubetskaia. Ana Mikailovna, que eu nem para criada de quarto quereria, essa horrível, essa ignóbil mulher.

— Não percamos tempo.

— Oh, não me diga nada! No Inverno passado introduziu-se aqui em casa e contou tantas coisas horríveis ao conde, tantas vilanias a nosso respeito, e principalmente sobre a Sofia — não as posso repetir —, que ele ficou doente e durante quinze dias não nos quis ver. Foi nessa altura, tenho a certeza, que o tio redigiu esse sujo, esse infame papel. Mas eu supunha que não tinha importância.

— Ora aí está. Porque é que me não falaste logo nisso? — Está na pasta de couro que tem debaixo da almofada. Agora compreendo — disse ela, sem responder à pergunta do príncipe. — E se eu tenho qualquer pecado na consciência, um grande pecado, é o ódio que essa miserável me inspira — gritou, e tomou-se quase irreconhecível, — Que apareça outra vez por aí! Ajustarei contas com ela. É uma questão de tempo.

[XXII]

Enquanto decorriam todas estas conversas na sala de visitas e nos aposentos da princesa, uma carruagem com Pedro, enviada para o trazer, e Ana Mikailovna, que entendera por bem acompanhá-lo, penetrava rio pátio da residência do conde Bezukov. No momento em que o carro deslizava maciamente por cima da palha estendida debaixo das janelas. Ana Mikailovna, que procurava consolar o companheiro, verificou que ele adormecer,—, encolhido no seu canto e acordou-o. Pedro, tendo voltado a si, apeou-se atrás de Ana Mikailovna, e só então se lembrou da entrevista que ia ter com o pai moribundo. Tinha notado que a, carruagem parara não junto da escadaria nobre, mas em frente da escada das traseiras. No momento em que punha os pés no chão, dois homens com aspecto de comerciantes acolheram-se apressadamente à sombra da parede.

Enquanto se deteve. Pedro pôde ver na sombra, de cada lado da entrada, outros homens do mesmo género. Mas nem Ana Mikailovna, o trintanário, ou o cocheiro, que não podiam ter deixado de dar por eles, lhes prestaram a mais pequena atenção, «Naturalmente, tem de ser assim», decidiu de si para consigo, e lá foi na peugada da sua condutora. Ana Mikailovna, em passinhos rápidos, subia a estreita escada de pedra, fracamente iluminada, chamando Pedro, que ficava para trás: embora este não compreendesse porque lhe era absolutamente indispensável apresentar-se junto do conde, e muito menos ainda porque tinha de subir pela escada de serviço, a segurança e a pressa de Ana Mikailovna persuadiram-no da urgência do que ia fazer.

A certa altura ia sendo derrubado por um grupo de homens, carregados com uns baldes, cujas grossas botas ressoavam no chão. Mas eles encostaram-se à parede para dar passagem aos visitantes sem mostrar qualquer surpresa.

— É este o caminho para os aposentos das princesas? — perguntou Ana Mikailovna a um deles.

— É — replicou um dos lacaios, numa grossa voz atrevida, como se naquela altura tudo fosse permitido — a porta à esquerda, minha senhora.

«Talvez que o conde não me tenha mandado chamar», pensou Pedro na altura do patamar. «Era bem melhor eu ir para o meu quarto.»

Ana Mikailovna deteve-se, para que Pedro a pudesse alcançar.

— Ah!, meu amigo! — exclamou ela, pegando-lhe num braço, como tinha feito ao filho nessa mesma manhã, — Pode crer que sofro tanto como o Pedro, mas precisa de ser homem.

— Realmente, era melhor eu não ir — disse Pedro, olhando para ela através das lentes das lunetas, com um ar afectuoso.

— Ah!, meu amigo, esqueça-se das injustiças que lhe fizeram, lembre-se que seu pai.., está talvez na agonia. — Soltou um suspiro.— Gostei logo de si como se fosse meu filho. Confie em mim. Pedro. Não me esquecerei dos seus interesses.

Pedro não compreendia nada; o mais claro para ele era pensar que as coisas deviam ser assim, e seguiu docilmente Ana Mikailovna, que já abria a porta.

A porta dava para o vestíbulo dos aposentos das traseiras. O velho criado das princesas estava sentado a um canto a fazer meia. Pedro nunca entrara naquela parte da casa, ignorava mesmo a existência de tais dependências. Ana Mikailovna perguntou pela saúde das princesas a uma rapariga que trazia uma garrafa em

cima de uma bandeja, e que se tinha juntado a elos, chamando-lhe «minha cara» e «minha boa rapariga», e em seguida conduziu Pedro ao longo de um corredor lajeado. A primeira porta à esquerda que abria para esse corredor levava aos aposentos das princesas.

De tão apressada que ia — em circunstâncias daquelas tudo se fazia apressadamente— a criada de quarto que levava a bandeja com a garrafa não fechou a porta, e tanto Pedro como Ana Mikailovna, ao passarem, olharam involuntariamente para o quarto onde a princesa mais velha e o príncipe Vassili conversavam muito animadamente. Ao vê-los, este teve um movimento de impaciência e recuou; a princesa deu um pulo e fechou a porta com um gesto violento.

Esta atitude condizia tão pouco com a habitual serenidade da princesa, e o pânico que se pintou no rosto do príncipe Vassili era tão imprevisto na sua grave compostura, que Pedro parou, lançando, através das lentes das suas lunetas, um olhar inquiridor à sua condutora. Ana Mikailovna, sem trair qualquer surpresa, contentou-se em sorrir vagamente, suspirando, como se tudo aquilo para ela fosse coisa natural.

— Mostre-se homem, meu amigo, eu zelarei pelos seus interesses — disse ela, ao mesmo tempo que apressava o passo ao longo do corredor.

Pedro não percebia do que se tratava e muito menos compreendia o que queria dizer: zelar pelos seus interesses, mas de si para consigo pensava que assim mesmo devia ser. O corredor conduziu-os a uma dependência mal iluminada que dava para a sala de visitas do conde. Era um dos compartimentos frios e luxuosos que Pedro conhecia muitíssimo bem, mas onde nunca entrava senão pela escada nobre. No centro desta sala via-se uma banheira vazia e havia água entornada no tapete. Aí cruzaram com um criado e um sacristão com um turíbulo, que caminhavam em bicos de pés, os quais nem neles sequer repararam. Depois penetraram na sala de visitas, que Pedro conhecia muito bem, com as suas duas janelas à italiana e a sua porta para o jardim de Inverno, onde havia um grande busto de Catarina e, um retrato em corpo inteiro da mesma soberana. Eram as mesmas pessoas, por assim dizer nas mesmas atitudes, que ainda ali estavam conversando em voz baixa. Todos se calaram e fitaram Ana Mikailovna, que entrava, com o seu rosto pálido e como sulcado de lágrimas, e aquele grande e corpulento rapaz, que, de cabeça baixa, a seguia com toda a docilidade.

Podia ler-se nos traços de Ana Mikailovna que ela tinha a certeza de que se aproximava o momento decisivo. Com a segurança de uma petersburguesa a tudo habituada, entrou na sala, bem agarrada a Pedro, com um ar ainda mais ousado que o dessa manhã. Tinha a certeza de que se trouxesse consigo a pessoa a quem o moribundo queria ver, logo, seria recebida. Lançou um rápido olhar às pessoas ali presentes, e, ao ver o confessor do conde, aproximou-se dele em passinhos miúdos, sem propriamente se inclinar, mas tornando-se como que mais pequena, e dois eclesiásticos presentes lançaram-lhe a bênção.

— Graças a Deus que chegámos a tempo — disse ela aos sacerdotes — todos nós, que somos da família, estávamos com tanto medo! Este rapaz é filho do conde — acrescentou em voz baixa. — Que instantes medonhos!

Ao dizer estas palavras, aproximou-se do médico.

— Caro doutor — principiou — este rapaz é o filho do conde.. Ainda há esperanças?

O médico, sem dizer palavra, ergueu os olhos e encolheu os ombros, num ar de dúvida. Ana Mikailovna copiou exactamente a sua mímica, teve um suspiro quase que fechando os olhos e voltou-se para o lado onde estava Pedro. Parecia testemunhar-lhe, urna atenção particularmente respeitosa e uma ternura contristada.

— Tende confiança na divina misericórdia! — exclamou ela indicando-lhe um divã onde pudesse esperar, enquanto ela se dirigia, sem fazer barulho, para a porta cm que estavam fitos todos os olhares. Depois de a abrir silenciosamente, desapareceu.

Pedro, disposto a obedecer em tudo ao seu guia, encaminhou-se para o divã indicado. Assim que Ana Mikailovna desapareceu, afigurou-se-lhe que todos os olhares se dirigiam para ele com algo mais que curiosidade e simpatia. Viu que toda aquela gente cochichava entre si, apontando-o com os olhos, numa espécie de medo servil. Tiveram para com ele atenções que anteriormente nunca haviam tido. A senhora, para ele desconhecida, que conversava com o sacerdote levantou-se e ofereceu-lhe o seu lugar. O ajudante-de-campo baixou-se para lhe apanhar a luva que tinha caído. Quando ele passou, os médicos calaram-se respeitosamente e abriram alas para o deixar passar. Pedro tinha pensado, primeiro, em sentar-se em qualquer parte, para não incomodar a senhora, pensara em apanhar a luva e evitar os médicos, que aliás lhe não impediam a passagem; mas, de súbito,

compreendeu que naquela noite se tornara uma personagem com a obrigação de cumprir uma espécie de rito terrível, aguardado por toda a gente, e por conseguinte devia aceitar as solicitudes de todos. Recebeu em silêncio a luva que lhe estendia o oficial, sentou-se no lugar da senhora desconhecida, apoiando as grandes mãos nos joelhos, simetricamente colocadas numa posição ingénua de estátua egípcia, e de si para consigo decidiu que tudo aquilo se devia justamente passar assim e que naquela noite, para não perder a cabeça e não fazer disparates, não deveria agir como era sua vontade, mas confiando-se em absoluto a vontade daqueles que o guiavam.

Ainda se não tinham passado dois minutos, já o príncipe Vassili, com o seu cafetã decorado com três estrelas, o ar majestoso, a cabeça erguida, entrava na sala. Dir-se-ia ter emagrecido desde essa manhã; os seus olhos pareceram crescer quando viu Pedro e percorreu a sala com o olhar. Aproximou-se dele, apertou-lhe a mão, coisa que até aí nunca fizera, e sacudiu-lha energicamente, como se quisesse experimentar-lhe a resistência.

— Coragem, coragem, meu amigo. Ele disse que o queria ver. Está certo.

E quis afastar-se.

Mas Pedro julgou necessário perguntar-lhe:

— Como está...?

Hesitou, sem saber como seria conveniente referir-se ao conde, o moribundo; teve vergonha de dizer: «meu pai».

— Ainda há meia hora teve um ataque. Coragem, meu amigo.

Pedro estava num tal estado de semiconsciência que a palavra ataque lhe deu a ideia imediata de que alguém o tinha atacado. Olhou perplexo para o príncipe Vassili, e só depois lhe ocorreu que aquela palavra podia significar uma doença. O príncipe Vassili, ao passar, disse umas palavras a Lorrain e encaminhou-se para a porta em bicos de pés. Não se pode dizer que fosse muito destro em caminhar dessa maneira; todo o seu corpo oscilava desajeitadamente. Atrás dele passou a mais velha das princesas, depois os padres e os sacristães; seguiram-se alguns criados do conde. Atrás da porta ouviu-se um burburinho e Ana Mikailovna, sempre muito pálida, mas decidida no cumprimento do seu dever, apareceu, correndo, e tocando tio braço de Pedro murmurou:

— A bondade divina e inesgotável. Vai começar a cerimónia da extrema-unção. Venha.

Pedro penetrou no quarto, enterrando os pés no tapete fofo, e verificou que o ajudante-de-campo, a senhora desconhecida e alguns criados também o seguiam, como se já não fosse preciso pedir licença para se entrar naquele aposento.

[XXIII]

Pedro conhecia muito bem aquela grande dependência cortada por uni, arco e algumas colunas e forrada de tapetes persas. A, parte que ficava por detrás das colunas, de um lado tinha uma grande cama de mogno com cortinados de seda, e do outro um oratório com as suas imagens, o qual, todo iluminado, era como uma igreja preparada, para os ofícios da noite. Debaixo do enquadramento dos ícones iluminados estava uma grande cadeira de doente, com o espaldar coberto de almofadas brancas como neve, ainda não amarrotadas, e que acabavam de ser mudadas. Nessa cadeira perfilava-se a majestosa figura, do pai, o conde Bezukov, muito sua conhecida, coberto até à cintura por uma manta verde-clara e os cabelos brancos, em que havia qualquer coisa de leonino, a coroar-lhe a testa ampla e as características linhas daquele rosto amarelento sulcado de pequenas rugas. Estava estendido mesmo por debaixo das imagens, com as grossas mãos espessas emergindo da coberta, e sobre ela pousadas. Na mão direita, espalmada, entre o polegar e o indicador, erguia-se urna vela que um velho criado amparava debruçado sobre a cabeceira. Em tomo, os padres, de pé, revestidos com os seus magníficos paramentos, muito brilhantes, os longos cabelos soltos, e de velas acesas, oficiavam com uma, lentidão solene. Um pouco mais atrás viam-se as duas princesas mais novas, de lenço nos olhos, e, diante delas. Katicha, a mais velha, com uma expressão má e resoluta, os olhos fixos nos ícones, o que queria dizer que não poderia responder por si caso viesse a olhar para outro lado. Junto à porta. Ana Mikailovna, com o seu ar de resignada tristeza e imploração, bem como a senhora desconhecida.

O príncipe Vassili, do outro lado desta mesma porta, mais perto da cadeira, por detrás de um cadeirão de talha guarnecido de veludo, cujo espaldar voltara para si, apoiando nele a sua mão esquerda, em que segurava uma vela, enquanto com a direita se benzia e erguia os olhos ao céu, de cada vez que tocava na testa.

Na sua máscara havia uma devoção tranquila e submissão à vontade divina, «Se Tu não compreendes estes sentimentos, tanto pior para Ti», parecia dizer a sua expressão.

Atrás dele encontravam-se o ajudante-de-campo, os médicos e o pessoal masculino: como na igreja, havia separação de sexos. Toda a gente estava calada, persignando-se. Apenas se ouviam as orações litúrgicas, um canto baixo, profundo e contínuo, e nos momentos de silêncio movimento de pés e suspiros. Ana Mikailovna, com aquele ar significativo com que mostrava saber o que estava fazendo, atravessou o quarto para entregar uma vela a Pedro. Este acendeu-a, e, entretido com as observações que fazia sobre os assistentes, pôs-se a persignar-se com a mesma mão com que segurava o círio.

A jovem, princesa Sofia, a da pele rosada, ar trocista e um sinalzinho, olhava para ele. Depois sorriu, escondeu o rosto no lenço, e assim esteve muito tempo; daí a pouco, voltando a olhar para ele, pôs-se a rir. Evidentemente que ela se não sentia capaz de o olhar sem rir, mas como, ao mesmo tempo, não podia deixar de o olhar, para não ter essa tentação foi postar-se, sem ruído, atrás de uma coluna. A meio da cerimónia, as vozes dos sacerdotes calaram-se, repentinamente, e os padres puseram-se a dizer qualquer coisa ao ouvido uns dos outros; o velho criado que segurava a vela do conde ergueu-se e voltou-se para o lado das senhoras. Ana Mikailovna avançou e, debruçando-se para o doente, tomou entre as suas mãos brancas e finas a mão livre pousada sobre a coberta verde, e, virada de lado, pôs-se a tomar-lhe o pulso com um ar recolhido. Deram de beber ao doente; foi uma agitação em volta dele; depois cada um retomou o seu lugar e a cerimónia prosseguiu. Durante esta pausa. Pedro notou que o príncipe Vassili tinha saído de trás do cadeirão e com o ar de quem sabe muito bem o que anda a fazer, e lhe é completamente indiferente a presença dos outros, em vez de se aproximar do moribundo, passara ao lado dele, encaminhando-se para onde estava a mais velha das princesas, juntamente com quem se dirigira para o fundo do quarto, em que estava o leito alto com cortinados de seda.

Tanto um como outro, depois, tinham desaparecido por uma porta no extremo do aposento, e só no fim da cerimónia haviam reaparecido, um por cada vez, retomando os seus lugares. Pedro não prestou mais atenção a este pormenor que a qualquer outro, persuadido como estava de que tudo quanto se passasse naquela noite diante dos seus olhos assim tinha de ser e nunca de outra maneira.

Os cantos litúrgicos cessaram e ouviu-se então a voz de um dos sacerdotes felicitando o doente por haver recebido o sacramento. O moribundo continuava estendido sem dar sinais de vida e sem fazer o mais pequeno movimento. Toda a gente se aproximou dele. Ressoaram passos, e ouviu-se o ciciar das vozes, entre as quais se distinguia a de Ana Mikailovna.

Pedro ouviu-a dizer:

— É indispensável levá-lo outra vez para a cama. Aqui é impossível.

O moribundo estava de tal modo rodeado pelos médicos, pelas princesas, pelos criados, que Pedro já lhe não via a cabeça vermelho-amarelada com a coroa de cabelos brancos que não perdera de vista durante toda a cerimónia, apesar da presença de toda aquela gente. Pelo movimento prudente das pessoas que o cercavam percebeu que o estavam a soerguer para o transportar.

— Firma-te no meu braço, vais deixá-lo cair — dizia a voz abafada de um dos criados.— Mais baixo... Outro aqui... — murmuravam as vozes.

O resfolgar das respirações opressas e o andar arrastado pareciam mostrar que o peso que transportavam era superior às forças dos que o conduziam.

Toda aquela gente, de que fazia parte Ana Mikailovna, passou diante do jovem, que durante alguns segundos, através das nucas e das costas, pôde ver os grossos e fortes peitorais nus e os ombros vigorosos do moribundo soerguidos pelas pessoas que lhe pegavam pelas axilas, e a cabeça branca, crespa, leonina. A cabeça, com a sua fronte extraordinariamente espaçosa e a face musculada, a bela boca sensual, o olhar frio, ainda majestoso, não estavam desfigurados pela morte. Era a mesma pessoa que ele tinha conhecido três meses antes, quando o conde o mandara para Petersburgo. Mas esta cabeça balouçava, inerte, a cada passada dos que transportavam o moribundo e o seu olhar frio, insensível, não sabia onde fixar-se.

Durante alguns minutos houve agitação em volta da cama, depois as pessoas que tinham transportado o conde afastaram-se. Ana Mikailovna tocou no braço de Pedro e disse-lhe: — Venha daí. — Pedro, sempre junto dela, aproximou-se da cama em que tinham estendido o doente, numa postura solene, de acordo com o sacramento que acabava de receber. Uma pilha de almofadas soerguia-lhe o busto. As mãos estavam dispostas simetricarnente sobre a coberta de seda verde, com as palmas para baixo. Quando Pedro se aproximou, o conde olhou-o fixamente, mas com um olhar de que ninguém seria capaz de discernir o significado e a intenção.

Ou esse olhar não queria dizer absolutamente nada além de significar que enquanto os nossos olhos estão abertos para algures têm de olhar, ou então muito queriam dizer. Pedro ficou imóvel sem saber o que fazer, interrogando com o olhar a sua cicerone. Esta teve um rápido movimento de olhos, indicando-lhe a mão do moribundo, e com a boca mimou um beijo.

Pedro, inclinando a cabeça com precaução, para não se embaraçar na coberta, seguiu o conselho dela e aplicou os lábios sobre a mão carnuda e de grandes ossos. Nem a mão nem nenhum dos músculos do rosto do conde deram sinal de vida. Pedro continuou a olhar Ana Mikailovna interrogativamente, para lhe perguntar o que tinha a fazer. Esta indicou-lhe com a vista a cadeira ao lado da cama. Pedro aí se instalou, com toda a docilidade, continuando a perguntar-lhe, por acenos, se estava a proceder bem. Ana Mikailovna disse-lhe «sim» com um aceno de cabeça. Pedro retomou a sua pose ingénua da estátua egípcia, visivelmente incomodado por ver a sua desastrada pessoa ocupar tão largo espaço, e recorrendo a todos os estratagemas de espírito para parecer o mais pequeno possível. Olhou para o conde. Este tinha os olhos pousados no lugar onde se encontrava a figura de Pedro antes de se sentar. Ana Mikailovna, pela sua atitude, traduzia a importância tocante que atribuía a estes derradeiros momentos de despedida entre pai e filho. Isto prolongou-se por dois ou três minutos, que a Pedro se lhe afiguraram horas. Subitamente, um estremecimento perpassou pelas rugas da máscara do conde. O estremecimento acentuou-se, a boca, de contomos regulares, deformou-se. Só então Pedro compreendeu quão perto da morte estava seu pai. A boca toda contorcida soltou um estertor rouco e indistinto. Ana Mikailovna fixara o moribundo atentamente, na esperança de adivinhar o que ele queria, e mostrava-lhe ora Pedro, ora a poção, ora lhe mencionava em voz baixa o nome do príncipe Vassili, ora lhe indicava a coberta.

O olhar e a fisionomia do moribundo traduziam impaciência. Fazia esforços para fixar o criado constantemente à cabeceira da cama,

— Quer que o virem para o outro lado — murmurou este, que se levantou para voltar para o lado da parede o pesado corpo doente.

Pedro ergueu-se para ajudar o criado.

Enquanto o mudavam de posição, um dos braços do conde ficou inerte para trás, fazendo ele baldados esforços para o trazer ao seu lugar. O conde ou viu o olhar aflito que Pedro teve para o braço sem vida, ou outro qualquer pensamento

perpassou nesse instante pela cabeça do moribundo: olhou para o seu próprio braço, que, já lhe não obedecia, depois para a expressão aflitiva de Pedro, em seguida de novo para o braço e pelo seu rosto passou um débil e doloroso sorriso, que, destoava na sua máscara, parecendo, por isso mesmo, escarnecer da sua própria impotência. Ao deparar-se-lhe este sorriso. Pedro sentiu uma súbita crispação no peito, um formigueiro nas narinas e as lágrimas vieram turvar-lhe a vista. Tinham colocado o moribundo voltado para a parede. Ouviu-se que suspirava.

— Adormeceu — disse Ana Mikailovna, ao ver uma das princesas que vinha substituí-la.— Vamo-nos.

Pedro saiu.

[XXIV]

Na sala de visitas não estava já mais ninguém senão o príncipe Vassili e a mais velha das princesas, conversando animadamente debaixo do retrato de Catarina. Assim que viram chegar Pedro e a sua companheira, calaram-se. A princesa dissimulou qualquer coisa, pelo menos foi isso que Pedro pareceu distinguir, e murmurou:

— Não posso ver esta mulher.

— Katicha mandou servir o chá na salinha — disse o príncipe a Ana Mikailovna. — Vá, minha pobre Ana Mikailovna, tome qualquer coisa, caso contrário não aguentará.

Nada disse a Pedro, limitando-se a apertar-lhe o braço com emoção. Pedro e Ana Mikailovna dirigiram-se para a salinha.

— Não há nada melhor para levantar as forças que uma xícara deste excelente chá russo depois de uma noite em claro! — exclamou Lorrain com uma vivacidade refreada, enquanto bebia, em pequenos goles, por uma chávena da China, sem asa, de pé, na salinha redonda, diante de uma mesa onde estavam alguns pratos frios e um serviço de chá. Em volta da mesa tinham-se juntado, para recuperar forças, todos quantos haviam passado a noite em casa do conde Bezukov. Pedro lembrava-se muitíssimo bem daquela salinha circular com os seus espelhos e os

seus guéridons. Aquando dos bailes que havia lá em casa, ele, que não sabia dançar, gostava de vir sentar-se naquela pequenina saleta, donde ficava a ver as senhoras de vestido de noite e os ombros nus cobertos de pérolas e diamantes, as quais, ao atravessar aquela dependência, se miravam vivamente nos espelhos iluminados em que as imagens se multiplicavam indefinidamente. Naquele momento a saleta estava apenas iluminada por duas velas, e na obscuridade, em cima de um guéridon, havia, pousados desordenadamente, pratos e chávenas de chá, enquanto pessoas da mais variada natureza, em trajes comuns, falando entre si em voz baixa, se sentavam, exprimindo, em todos os seus movimentos e em todas as suas palavras, a ideia de que não esqueciam um só momento o que estava a passar-se naquela noite e o que devia passar-se ainda no quarto de dormir. Pedro nada comeu, embora muito lhe apetecesse fazê-lo. Ia interrogar com os olhos a sua condutora, mas viu que ela tornava a entrar, na ponta dos pés, na sala de visitas, em que ficara o príncipe Vassili e a mais velha das princesas.

Pedro pensou mais uma vez que assim tinha de ser, e, depois de hesitar alguns instantes, seguiu atrás dela. Ana Mikailovna estava de pé junto da princesa e ambas falavam ao mesmo tempo, em voz baixa, com animação.

— Perdão, minha senhora, eu julgo saber o que se deve fazer e o que se não deve fazer — dizia a princesa, certamente na mesma agitação em que se encontrava no momento em que tinha fechado violentamente a porta do quarto,

— Mas, minha querida princesa — volveu Ana Mikailovna, num tom modesto e insinuante, vedando à princesa o caminho para o quarto de dormir —, não seria penoso para o seu pobre tio, num momento destes, em que tanto necessita de repouso? Falar-lhe numa hora destas das coisas deste miserável mundo, quando a sua alma está já preparada...

O príncipe Vassili estava sentado numa cadeira, as pernas cruzadas uma em cima da outra, numa das suas posições habituais. No seu rosto havia movimentos convulsivos, e as faces moles pareciam, na parte inferior, mais largas do que de costume; e fingia estar pouco atento à conversa das duas senhoras.

— Então, minha boa Ana Mikailovna, deixe proceder Katicha. Bem sabe quanto o conde a estima.

— Não sei o que há aqui dentro — disse a princesa, dirigindo-se ao príncipe Vassili, e apontando para a pasta de couro que tinha na mão. — O que eu sei é que o verdadeiro testamento está no escritório dele e que só se encontra aqui

papelada esquecida...

Quis passar, contornando Ana Mikailovna, mas esta fez um movimento rápido e de novo se lhe atravessou no caminho.

— Bem sei, minha boa, minha querida princesa — disse, apoderando-se da pasta, e segurando-a com tanta forca que se via não estar disposta a largá-la de mão tão depressa— Minha querida princesa, peço-lhe, suplico-lhe, poupe o doente. Imploro-lhe...

A princesa não deu resposta. Apenas se ouvia o ruído da luta que se travava para a conquista da pasta. Era evidente que se ela falasse não seria para dizer coisas amáveis a Ana Mikailovna. Mas esta resistia energicamente, embora a sua voz conservasse um tom suave e carinhoso.

— Pedro, venha cá, meu amigo. Suponho que não será a mais rio conselho de família. Não é isto verdade, príncipe?

— Porque é que não diz alguma coisa, primo? — gritou, subitamente, a princesa, e tão alto que em toda a sala se lhe ouviu a voz. — Fica calado quando uma pessoa estranha se atreve a intervir nos nossos assuntos e fazer uma cena no limiar do quarto de um moribundo? Intriguista! — exclamou ela com ódio, puxando pela pasta, com todas as suas forças.

Para não ser obrigada a abandonar a presa, e sob a violência do puxão. Ana Mikailovna viu-se forçada a dar alguns passos avante, e pegou-lhe no braço.

— Oh! — exclamou Vassili com espanto e num tom de censura — É ridículo — prosseguiu ele, erguendo-se— Vejamos, largue, faça favor.

A jovem princesa abriu as mãos.

— Largue — repetiu-lhe. — Eu encarrego-me de tudo. Vou já falar com ele. Sim, eu... Deixe isso comigo.

— Mas, meu príncipe — disse Ana Mikailovna —, depois de um sacramento tão solene, deixe-o descansar um momento. Pedro, vá, dê a sua opinião — prosseguiu ela, dirigindo-se ao jovem, o qual, tendo-se aproximado, observava, espantado, a figura da princesa conturbada pela cólera e os movimentos nervosos do rosto do príncipe.

— Lembre-se de que será responsável por tudo o que vier a acontecer — disse o príncipe Vassili com severidade. — O senhor não sabe o que faz.

— Mulher infame! — gritou a princesa, lançando-se sobre ela, repentinamente, e arrancando-lhe a pasta das mãos.

O príncipe Vassili, baixando a cabeça, deixou cair os braços para mostrar que nada podia fazer.

Neste momento, a porta, aquela porta horrível em que os olhos de Pedro se haviam fixado durante tanto tempo e que antes se tinha aberto tão suavemente, escancarou-se, de súbito, com fragor e veio bater de encontro à parede, enquanto a segunda das princesas se lançava na sala torcendo as mãos.

— Que estão aqui a fazer? — disse ela, num desespero — Ele vai-se embora e todos me deixam só.

A princesa mais idosa deixou cair a pasta. Ana Mikailovna baixou-se, lépida, e, pegando no corpo de delito, desapareceu no quarto de dormir. A princesa e o príncipe Vassili, recuperando a serenidade, foram-lhe no encalço. Daí a pouco, a mais velha das princesas voltou a aparecer na sala de visitas, o rosto pálido e seco, mordendo o lábio inferior. Ao ver Pedro, veio-lhe um ataque de cólera, que deixou expandir livremente,

— Agora pode estar satisfeito! -exclamou,— Ai tem o que esperava.

E rompendo a soluçar, escondeu o rosto no lenço, desaparecendo da sala. O príncipe Vassili foi quem veio depois. Aproximou-se cambaleando do divã em que Pedro estava sentado e deixou-se cair com a cara entre as mãos. Pedro viu que ele estava pálido e que o queixo lhe tremia convulsivamente, como se tivesse febre.

— Ah, meu amigo! — exclamou, pegando no braço de Pedro, e a sua voz exprimia uma sinceridade e uma doçura que este nunca lhe tinha notado — Os pecados que nós cometemos, tanto equívoco, e tudo isso para quê? Estou quase com sessenta anos, meu amigo... E eu... A morte é o fim de tudo. Ah, que coisa terrível é a morte!... — E principiou a soluçar.

Ana Mikailovna foi a última a sair do quarto. Aproximou-se de ^Pedro em passos lentos e sem fazer ruído.

— Pedro! — exclamou ela.

Pedro interrogou-a com os olhos. A princesa beijou o rapaz na testa, cobrindo-o de lágrimas. Esteve calada alguns momentos. — — Acabou...

Pedro olhou para ela através das suas lunetas.

— Vamos, eu acompanho-o. Procure chorar. Não há nada como as lágrimas para aliviar.

Levou-o para uma sala escura e Pedro sentiu-se contente por ninguém poder ver-lhe a expressão. Ana Mikailovna afastou-se, e quando voltou a entrar na sala

encontrou-o, de cabeça encostada ao braço, dormindo profundamente.

No dia seguinte disse-lhe:

— Sim, meu caro, é uma grande perda para todos nós. Não falo de si. Mas Deus o ajudará, é novo e ei-lo à frente de uma imensa fortuna, assim o espero. O testamento ainda não foi aberto. Conheço-o muito bem para saber que isso não lhe dará volta à cabeça, mas impõe-lhe deveres, e é preciso ser homem.

Pedro ficou calado.

— Talvez mais tarde lhe conte, meu caro, que se eu ali não estivesse, só Deus sabe o que poderia ter acontecido. Ainda antes de ontem meu tio me prometia não se esquecer de Bóris. Mas não teve tempo. Espero, meu caro, que saiba cumprir os desejos de seu pai.

Pedro não percebia nada, contentando-se em olhar para Ana Mikailovna sem dizer palavra e corando com um ar embaraçado. Esta, depois da sua conversa com Pedro, voltou para casa dos Rostov e deitou-se. No dia seguinte pela manhã contou aos Rostov e aos seus demais conhecimentos os pormenores da morte do conde Bezukov. Segundo dizia, o conde tinha morrido como ela própria desejaria morrer, e que o seu passamento fora não só emocionante, mas até mesmo edificante; a última entrevista entre pai e filho, então, tinha sido de tal modo comovente que ela não podia lembrar-se dessa cena sem ch5rar, e lhe era impossível dizer qual dos dois se portara melhor naqueles terríveis momentos: se o pai, que nos últimos instantes se tinha referido a todos os acontecimentos importantes, recordando-se de toda a gente e dizendo coisas tão comovedoras ao filho; se Pedro, que metia dó, de tal modo estava comovido, não obstante ter feito tudo para esconder a sua dor, para que o moribundo se não impressionasse. «É penoso, mas faz bem; eleva a alma ver homens como o velho conde e o seu digno filho.» Ana Mikailovna aludiu também à atitude da princesa e do príncipe Vassili num tom de censura, mas pedindo muito segredo e falando ao ouvido das pessoas.

[XXV]

Em Lissia Gori, domínio do príncipe Nicolau Andreivitch Bolkonski, aguardava-se, de dia para dia, a chegada do jovem príncipe André e de sua mulher. Mas esta

expectativa não alterava a ordem admirável que pautava a existência, no solar do velho príncipe. O general-chefe príncipe Nicolau Andreivitch, aquele a quem a gente da sociedade tinha apelidado do «rei da Prússia», desde que, no reinado de Paulo I, se recolhera às suas terras, nunca mais deixara a sua Lissia Gorí, onde vivia com sua filha Maria e a dama de companhia desta. Mademoiselle Bourienne. E quando viera o novo reinado, embora lhe tivesse sido permitido regressar à capital, ali continuara a viver, sem nunca mais de lá sair, dizendo que se alguém precisasse dele era natural que se dispusesse a percorrer as cento e cinquenta verstas que separavam Moscovo do seu domínio, pois, quanto a ele, a verdade é que não precisava de nada nem de ninguém. Era sua opinião não haver senão duas fontes do vício humano: a ociosidade e a superstição, e senão duas virtudes: a actividade e a inteligência. Ele próprio se encarregava pessoalmente da educação da filha, e para desenvolver nela estas virtudes cardinais, a partir dos vinte anos dava-lhe lições de álgebra e de geometria, não permitindo que ela estivesse desocupada o mais breve instante da sua vida. Quanto a ele, passava todo o seu tempo, quer a escrever as suas memórias, quer a resolver problemas de alta matemática, quer a tornear caixas de rapé num tomo mecânico, quer a trabalhar de jardineiro e a vigiar as construções que andava sempre a fazer no seu domínio. Partindo do princípio de que a ordem é a primeira condição de toda a actividade, na sua vida a ordem era levada ao extremo. As pessoas sentavam-se à mesa segundo ritmos inalteráveis e sempre iguais, e não somente sempre à mesma hora, mas, até mesmo, no mesmo minuto. Para com as pessoas que o cercavam, quer fosse a filha, quer os criados, era rígida e invariavelmente exigente.

Esta a razão por que, não sendo propriamente violento, inspirava um terror e um respeito em que lhe não levavam a palma os homens mais brutais. Embora ele se encontrasse na inactividade e nenhuma influência tivesse já nos negócios públicos, não havia governador de província onde dispusesse de propriedades que se não sentisse na obrigação de se apresentar em sua casa, sujeitando-se, à semelhança do arquitecto, do jardineiro ou da própria princesa Maria a aguardar o momento em que o príncipe comparecia na sua vasta sala de visitas. E o certo é que todos naquela sala sentiam o mesmo receio e o mesmo respeito quando se abriam as altas portas maciças do gabinete e surgia a pequena figura do príncipe, com a sua cabeleira empoada, as suas mãozinhas secas e as suas sobrancelhas brancas, proeminentes, as quais, por vezes, quando ele as franzia, lhe velavam o

fulgor do olhar brilhante, inteligente e sempre jovem.

No dia da chegada do casal, pela manhã, segundo o costume, a princesa Maria. à hora habitual, entrou na sala de visitas para apresentar os seus cumprimentos matinais, benzendo-se, medrosa, enquanto orava, em voz baixa. Todos os dias entrava naquela sala e nem uma só vez deixava de rezar, pedindo a Deus que fizesse correr bem a entrevista que ia ter com o pai.

O velho criado de cabeleira branca que estava na sala levantou-se sen) fazer ruído e disse em voz baixa:

— Faça o favor de entrar.

Atrás da porta ouvia-se o monótono rolar do tomo. A princesa empurrou timidamente o batente e a porta abriu-se sem esforço, deixando-a parada no limiar. O príncipe, que trabalhava ao tomo, depois de ter voltado a cabeça para trás prosseguiu na sua tarefa.

O enorme gabinete transbordava de objectos que, evidentemente, estavam a todo o momento a ser precisos. A grande mesa coberta de livros e plantas, as altas estantes da biblioteca, com as chaves nas respectivas fechaduras, a secretária alta para se escrever de pé, sobre a qual estava aberto um caderno, o tomo, com as ferramentas espalhadas e as aparas de madeira pelo chão, tudo denunciava uma actividade constante, variada e metódica. Os movimentos das curtas pernas do príncipe, que calçava botas tártaxas pregueadas de prata, e a pressão enérgica das suas mãos magras e nervosas proclamavam a força tenaz e bem mantida de uma velhice vigorosa.

Depois de ter feito girar ainda algumas vezes a roda do tomo, levantou o pé do pedal, limpou a goiva, guardando-a depois numa bolsa de couro pendente daquele e aproximando-se da mesa, chamou a princesa. Nunca abençoava os filhos, e estendendo à filha a cara eriçada de pêlos e ainda por barbear disse-lhe severamente, embora com um olhar meigo e cuidadoso:

— Como vai isso?... Bom, então senta-te!

Pegou num caderno de exercícios de geometria, escrito com a sua própria caligrafia, e puxou a cadeira com o pé.

— Para amanhã! — exclamou, procurando rapidamente a página e marcando corri a unha robusta os períodos que era preciso estudar.

A princesa debruçou-se para o caderno.

— Espera.., uma carta para ti — disse de repente o velho, tirando de um saco

suspenso da mesa um sobrescrito com letra feminina e pousando-o em cima do tampo da mesa.

Assim que a princesa viu a carta, toda ela se ruborizou. Pegou-lhe, pressurosa, fazendo urna grande vénia.

— É da tua «Heloísa»? (Alusão a Júlia da Nova Heloísa. (N, dos T.) — perguntou o príncipe, mostrando, num frio sorriso, os dentes amarelados, mas ainda sólidos. — É, é da Júlia — replicou a princesa, com um olhar tímido e um sorriso receoso.

— Ainda vou deixar passar mais duas cartas, mas a terceira hei-de lê-la — disse o pai severamente.— Tenho cá os meus receios de que vocês escrevam muita tolice. A terceira leio-a.

— Pode ler esta, meu pai — respondeu a rapariga, corando ainda mais e apresentando-lhe a carta.

— A terceira, eu disse a terceira — interrompeu o príncipe, repelindo a carta; e apoiando o cotovelo à mesa, puxou para si o caderno de geometria.

— Como vê, menina — principiou o velho, debruçando-se muito para a filha por cima do caderno e apoiando-se corri uma das mãos nas costas da cadeira onde se sentava a princesa, que se sentiu envolta numa onda de cheiro a tabaco e desse aroma especial das pessoas idosas, muito do seu conhecimento. — Como vê, menina, estes triângulo são iguais: olhe, o ângulo A-B-C...

A jovem princesa fitava, assustada, os olhos brilhantes do pai muito perto da sua cara. As maçãs do rosto cobriram-se-lhe de manchas vermelhas. Via-se perfeitamente que não compreendia e que estava cheia de medo: isso era o bastante para não poder apreender as longas explicações do pai, por mais claras que fossem. Ou por culpa do professor ou da aluna, o certo é que todos os dias acontecia o mesmo. Os olhos da jovem turvavam-se, não via, não ouvia mais nada, para ela nada mais existia além daquele rosto seco e severo muito perto do seu, daquele hálito e daquele aroma, e o seu único desejo seria fugir o mais depressa possível do gabinete para, sozinha, resolver com tranquilidade o problema que o pai lhe propunha. O velho exaltava-se, afastava e aproximava com estrépido a cadeira em que estava sentado, procurando não se deixar encolerizar, mas não raramente acabava a ferro e fogo, no meio de injúrias e até, por vezes, atirando fora o caderno.

A princesa enganou-se na resposta que deu.

— Que estúpida que tu me saíste! — gritou-lhe o pai, empurrando o caderno e voltando-se bruscamente. De chofre, ergueu-se, deu alguns passos de um lado para o outro, pousou a mão na cabeça da filha e tomou a sentar-se. Aproximando a cadeira, continuou a explicar.

— Assim não fazemos nada, princesa, assim no fazemos nada — disse quando a filha fechava o caderno, depois da lição, disposta a partir— Mas a verdade é que as matemáticas são uma coisa importante, menina. E o que eu não quero é que tu fiques como todas as nossas estúpidas senhoras. Com tempo e paciência hás-de acabar por gostar da matemática. — Bateu-lhe na cara— Hei-de tirar-te da cabeça toda a estupidez que lá tens dentro.

Ela quis abalar mas ele deteve-a com um gesto, e tirou de cima da secretária um livro novo com as folhas ainda por abrir.

— Aqui tens um livro que te manda a tua «Heloísa», um tal A Chave do Mistério. É um livro religioso. Eu não gosto de interferir nas crenças religiosas de ninguém... Passei a vista pelo livro. Toma lá. E agora vai-te, vai-te embora.

Bateu-lhe no ombro e foi ele próprio quem fechou a porta depois de ela sair.

A princesa Maria voltou para o seu quarto, com aquele seu ar triste e receoso que raramente a abandonava e que ainda mais feios tornava os seus traços doentios e pouco regulares; sentou-se à sua mesa de trabalho, coberta de retratos, miniaturas, cadernos e livros. O sentimento da ordem que a ela lhe faltava tinha-o o pai em excesso. Pousou o caderno de geometria e abriu a carta com impaciência. Era da sua mais íntima amiga de infância: precisamente essa tal Júlia Karaguine, que estivera na festa em casa dos Rostov.

Júlia escrevia, em francês:

> Querida e excelente amiga:
>
> Que coisa terrível e pavorosa é a ausência! Por mais que eu me diga a mim própria que a metade da minha existência e da minha felicidade está contigo, que, apesar da distância que nos separa, os nossos corações estão unidos por laços indissolúveis, o meu coração revolta-se contra o destino e é-me impossível, não obstante os prazeres e as distracções que me cercam, vencer uma certa tristeza oculta que sinto no fundo do coração, desde que

> nos separámos. Porque não estamos nós juntas como no Verão passado no teu gabinete, sentadas no teu canapé, o canapé das confidências? Porque é que eu não posso, como há três meses, colher novas forças morais no teu olhar, tão meigo, tão calmo e tão penetrante, olhar de que eu tanto gostava e que julgo ainda ver diante de mim enquanto te vou escrevendo!

Ao chegar a este ponto da carta, a princesa Maria soltou um suspiro e lançou um olhar para o espelho que estava à sua direita. O cristal devolveu-lhe uma desajeitada e enfezada figura. Os seus olhos, sempre tristes, fixavam o espelho com uma expressão particularmente desencantada. «Tudo para me lisonjear», pensou, e afastou os olhos do espelho, prosseguindo na leitura da carta. Realmente. Júlia não lisonjeava a amiga: esta tinha, com efeito, uns olhos grandes, tão profundos e tão luminosos que dir-se-ia irradiarem, de vez em quando, quentes raios de luz, olhos tão belos que a cada momento, apesar da fealdade dos traços do seu rosto, lhe emprestavam mais atractivos que se ela fosse, de facto, bonita. A princesa nunca seria, porém, capaz de descobrir esta bela expressão do seu olhar, essa expressão que lhe vinha aos olhos quando ela menos sonhava. Acontecia consigo o que tantas vezes se dá com outras pessoas: sempre que olhava para o espelho, vinha-lhe à cara um ar afectado e pouco natural que a tornava feia.

Continuou a ler:

> Em Moscovo não se fala noutra coisa senão em guerra. Um dos meus dois irmãos já seguiu para o estrangeiro, o outro está na Guarda, que vai partir para a fronteira. O nosso querido imperador saiu de Petersburgo e segundo consta está disposto a expor a sua preciosa existência aos perigos da guerra. Deus queira que o monstro corso que acabou com a tranquilidade na Europa venha a ser esmagado pelo anjo que o Todo— Poderoso, na Sua infinita misericórdia, nos deu por soberano. Sem falar nos meus irmãos, esta guerra privou-me de um dos conhecidos mais queridos do meu coração. Refiro-me ao jovem Nicolau

Rostov, que no seu entusiasmo não pôde resignar-se a manter-se inactivo e abandonou a Universidade para se alistar no exército. Pois bem, querida Maria, devo confessar-te que, apesar de muito novo, a sua partida para a guerra foi para mim motivo de grande desgosto. Este rapaz, de quem te falei no Verão passado, tem tanta nobreza e tanta juventude que é difícil encontrar-se alguém como ele, no tempo em que vivemos, entre os nossos velhos de vinte anos. É sobretudo tão franco e tão bom de coração! E tão puro e tão poético que as minhas relações com ele, embora fossem passageiras, as considero das mais doces alegrias do meu coração, que tanto já tem sofrido. Hei-de contar-te um dia as nossas despedidas e o que dissemos no momento em que nos separámos. Por agora tudo isto ainda está muito fresco. Que feliz és, querida amiga, visto não conheceres alegrias tão grandes e dores tão pungentes! És feliz, porque estas são geralmente mais fortes do que aquelas. Bem sei que o conde Nicolau é muito novo para poder vir a ser para mim mais que um amigo, mas esta afectuosa amizade, estas nossas reacções, tão poéticas e tão puras, o meu coração estava a pedi-las. Não falemos, porém, mais nisso. A grande nova do momento, assunto de toda Moscovo, é a morte do conde Bezitkov e a história da sua herança. Imagina que as três princesas não vieram, a receber quase nada, o príncipe Vassili nada recebeu, e quem tudo herdou foi Monsieur Pierre, que, ainda, por cima, foi reconhecido filho legítimo, herdando, portanto, também o título de conde Rezukov, e é hoje possuidor da maior fortuna de toda a Rússia. Dizem que o príncipe Vassili desempenhou um, feio papel em, toda, esta história da herança do conde e que regressou a Petersburgo de orelha murcha.

Devo confessar-te que muito pouco percebo destas histórias de legados e de testamentos; o que te sei dizer é

que desde que o rapa;, por todos nós conhecido por Monsieur Pierre se tomou conde de Bezukov e passou a dispor de uma das maiores fortunas da Rússia muito me divirto a observar a mudança no tom, e nas maneiras das mães com várias filhas para casar e até no tom e nas maneiras das próprias meninas em relação a este indivíduo, o qual, aqui para nós, sempre me pareceu um zé-ninguém. Como, de há dois anos a esta parte, toda esta gente se entretém a arranjar-me noivos que na maior parte dos casos eu nem sequer conheço, a crónica nupcial de Moscovo neste momento faz de mim condessa Bezukov. Mas deves compreender que nada faço Para vir a gozar dessa honra. A propósito de casamentos.— queres saber? Há dias, a tia de toda a gente. Ana Mikailotna, contou-me, pedindo-me o maior segredo, que se preparava aqui um casamento para ti. Trata-se, nem mais nem menos, do filho do príncipe Vassili, o Anatole, rapaz que o pai gostaria de arrumar, casando-o com uma menina rica e distinta. Foi em ti que recaiu a escolha dos pais. Não sei como encararás tu a história, mas sinto-me na obrigação de te avisar. Dizem que é bonito rapaz e muito má pessoa; é tudo quanto pude apurar a seu respeitou.

Mas basta de tagarelices. Estou no fim da minha segunda folha de papel, e minha — mãe mandou-me chamar para irmos jantar a casa dos Apraksine. Lê o livro místico que junto te envio, e que neste momento esta aqui a fazer furor. Embora neste livro haja coisas difíceis de compreender para o fraco entendimento humano, é um livro admirável, cuja leitura serena eleva a alma. Adeus. Os meus respeitos ao senhor teu pai e cumprimentos a Mademoiselle Bourienite. Um abraço amigo,

Júlia.

P. S. — Manda-me notícias de teu irmão e da sua

encantadora mulher.

A princesa reflectiu, sorriu pensativamente, e, iluminada pelos seus brilhantes olhos, toda a sua expressão se lhe transformou naquele instante. Levantou-se de chofre, aproximou-se da mesa no seu passo moroso. Pegou numa folha de papel e a mão deslizou-lhe, rápida. Eis a resposta à carta de Júlia:

> Querida e excelente amiga:
>
> A tua carta de 13 deu-me muita alegria. Ainda gostas então de mim, minha poética Júlia? Quer dizer que a ausência de que tanto mal dizes não teve sobre ti a sua habitual influência. Queixas-te da ausência! Que diria eu, se tivesse coragem para me lamentar, eu, que me vejo privada de todos aqueles que me são queridos! Se não fosse a religião, nosso consolo, que triste seria a nossa vida. Porque julgas ver em mim olhar severo quando me falas do teu afecto pelo rapaz? Neste capítulo só para mim sou dura. Compreendo muito bem esses sentimentos nas outras pessoas e, se me não é permitido aprová-los, por nunca ter passado por eles, a verdade é que os não condeno. Parece-me apenas que o amor cristão, o amor do próximo, o amor pelos nossos inimigos é mais meritório, mais suave e mais belo que os sentimentos inspirados pelos lindos olhos de um jovem a uma rapariga poética e amorável como tu.
>
> A notícia da morte do conde Bezukov já aqui tinha chegado antes da tua carta, e meu pai sentiu-a muito. Segundo ele, era o último representante do grande século, e agora só falto chegar a sua vez, embora esteja disposto — diz — a fazer quanto puder para que esse momento chegue o mais tarde possível. Que Deus nos proteja contra tamanha desgraça! Não sou da tua opinião a respeito do Pedro, pessoa que eu conheci em criança. Pareceu-me sempre ter um bom coração, e esta é a qualidade que eu

mais prezo nas pessoas. Quanto à herança e ao papel que nela desempenhou o príncipe Vassili acho isso muito triste para os dois. Ah, querida amiga, as palavras do nosso Divino Salvador — é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino dos Céus — estas palavras são tremendamente verdadeiras; lastimo o primo Vassili e ainda lamento mais o Pedro. Tão novo e ia esmagado ao peso de tamanha fortuna, que grandes não irão ser para ele as tentações deste Se me perguntassem o que eu desejo mais nesta vida, diria que quereria ser mais pobre que o mais pobre dos indigentes. Muito e muito obrigada, querida amiga, pelo livro que me mandaste e que tanto êxito tem tido aí. No entanto, visto dizeres-me que no meio de muitas coisas boas outras há que o fraco entendimento humano não pode atingir, parece-me inútil perdermos tempo com uma leitura ininteligível, que por isso mesmo se tornará infrutífera. Nunca pude compreender a paixão que têm certas pessoas em perturbar o espírito consagrando-se a leitura de livros místicos que apenas servem para levantar dúvidas nas suas almas, exaltando a imaginação e dando-lhes um temperamento exagerado, em tudo contrario à simplicidade cristã. É bom lermos os Apóstolos e o Evangelho. Não procuremos compreender o que neles há de misterioso, pois, como ousaríamos nós, miseráveis pecadores que somos, iniciar-nos nos terríveis segredos da Providência enquanto estivermos ligados a este despojo carnal que levanta entre nós e o Eterno um impenetrável véu? Limitemo-nos, pois, a estudar os princípios sublimes que o nosso Divino Salvador nos confiou para nosso governo na Terra; procuremos conformar-nos com eles e segui-los; persuadamo-nos de que quanto mais asas dermos ao nosso fraco espírito humano mais isso agrada a Deus, que rejeita toda a sabedoria que d’Ele não vem; e que

quanto menos procurarmos aprofundar aquilo que Ele houve por bem esconder do nosso entendimento, tanto mais depressa Ele no-lo revelará graças ao Seu divino espírito.

Meu pai não me falou em qualquer pretendente; disse-me apenas que tinha recebido uma carta e que aguardava a visita do príncipe Vassili. Quanto ao projecto de casamento em que falas, dir-te-ei, querida e excelente amiga, que o casamento, na minha opinião, é uma instituição divina a que nós nos devemos suspeitar. Por mais penso que isso seja para mim, se Deus Todo-Poderoso algum dia vier a impor-me os deveres de esposa e de mãe, fica certa de que procurarei cumpri-los tão fielmente quanto puder, sem me preocupar com o exame dos meus sentimentos em relação àquele que Ele me destinar para marido.

Recebi uma carta de meu irmão anunciando-me a sua chegada a Lissia Gori na companhia da mulher. Será breve a minha alegria, pois que ele seque daqui a tomar parte nesta guerra infeliz, para que nós somos arrastados só Deus sabe como e porquê. Não é só aí, turbilhão dos negócios e centro do mundo, que se não fala senão em guerra, mas até aqui, no meio dos trabalhos agrícolas e da paz da natureza, que é assim que o homem das cidades era geral vê o campo, se fazem sentir os boatos de guerra. Meu pai só fala em, marchas e contramarchas, coisas de que nada compreendo: e aqueles de ontem, no decurso do meu passeio habitual pelas ruas da aldeia, assisti a uma cena dilacerante... Passava um comboio de— recrutas, alistados nestas terras, que seguiam para os quartéis... Era de ver o estado das mães, das mulheres e dos filhos daqueles que partiam, e de ouvir os soluços de uns e outros! Dir-se-à que a humanidade esqueceu as leis do seu Divino Salvador, que não fez outra coisa senão pregar o

amor e o perdão das ofensas, para não pensar senão na arte de nos matarmos uns aos outros.

Adeus, querida e boa amiga, que o nosso Divino Salvador e a Sua Santa Mãe vos tenham na Sua santa e poderosa guarda.

Maria.

— Ali, estava a expedir o seu correio, princesa; eu já expedi o meu. Escrevi à minha pobre mãe — disse, sorrindo. Mademoiselle Bourienne, com a sua voz cheia e agradável, em que qualquer coisa arranhava. Na atmosfera triste e sombria em que a princesa vivia a presença de Mademoiselle Bourienne era uma nota de alegre frivolidade e de auto-satisfação.

— Princesa, preciso de a prevenir — acrescentou ela, baixando a voz.— O príncipe teve uma altercação.— E o seu defeito de pronúncia acentuou-se especialmente ao pronunciar a palavra «altercação». Dir-se-ia que se estava a ouvir a si mesma.— Uma altercação com Michel Ivanoff. Está muito mal disposto, muito zangado. Seja prudente, sim?

— Ah!, querida amiga — replicou a princesa —, já lhe pedi que nunca me falasse no estado de espírito de meu pai. Não me atrevo a julgá-lo e não gosto que os outros o façam.

A princesa olhou para o relógio, e, ao ver que já passavam cinco minutos da hora fixada para o seu cravo, precipitou-se no salão, diligentíssima. Entre o meio-dia e as duas horas, de acordo com o horário estabelecido, o príncipe dormia a sesta e ela devia estudar cravo.

[XXVI]

O velho criado cabeceava, sentado na sala de espera, ouvindo o ressonar do príncipe no seu imenso gabinete de trabalho. Do outro extremo da casa, através das portas fechadas, chegavam até ali, pela vigésima vez, os compassos difíceis da sonata de Dusseck.

Nesse momento parava diante da escadaria principal uma carruagem e um

pequeno carro. Da carruagem apeou-se o príncipe André, que ajudou a sua mulherzinha a descer, deixando-a subir a escada diante de si. O velho Tikon, com a sua cabeleira postiça, espreitou pela porta da sala de espera e disse, em voz baixa, que o príncipe estava a descansar, dando-se pressa em fechar a porta. Tíkon sabia muitíssimo bem que nada, absolutamente nada, nem mesmo a chegada do filho ou qualquer outro acontecimento imprevisto, deveria perturbar a rotina do seu amo. O príncipe André, claro está, sabia isso tão bem como o próprio Tikon. Consultou o relógio, para verificar se os hábitos do pai não tinham sido alterados desde que o não via, e, persuadido de que tudo estava na mesma, disse para a mulher:

— Dentro de vinte minutos estará de pé. Vamos ver a princesa Maria.

A princesinha engordara um pouco, mas os seus olhos e o seu lábio sorridente, que um ligeiro buço sombreava, continuavam a ter o ar alegre e gentil sempre que falava.

— Mas é um palácio — disse para o marido, olhando em roda, no mesmo tom em que se felicita o organizador de um baile.— Vamos, depressa, depressa!

Falando, ia sorrindo para toda a gente, para Tikon, para o marido, para o criado que a conduzia.

— É a Maria que está a estudar? Não façamos barulho, quero surpreendê-la.

O príncipe André seguiu-a com o seu ar cortês e triste.

— Estás mais velho. Tikon — disse ele, de passagem, ao velho, que lhe beijava a mão.

Antes de terem chegado à dependência onde se ouvia o cravo, viram sair de uma porta lateral uma bonita francesinha loura. Mademoiselle Bourienne parecia louca de contentamento.

— Ah!, que alegria para a princesa! — disse ela. — Enfim, preciso de a prevenir.

— Não, não, por favor... é Mademoiselle Bourienne, já a conheço pela amizade que a minha cunhada lhe tem — disse a mulher de André, beijando-a — Ela não nos espera!

Aproximaram-se da porta da saleta, donde continuavam a sair sempre os mesmos compassos indefinidamente repetidos. André parou, franzindo as sobrancelhas, como se sentisse uma penosa impressão.

A princesa sua mulher entrou, o motivo da sonata foi interrompido no meio; ouviu-se um grito, os passos pesados de Maria e beijos ressoaram. Quando André

entrou, por sua vez, viu as duas cunhadas, que pouco se tinham conhecido na altura do casamento, abraçadas uma à outra, beijando-se mutuamente, sem escolher onde. Mademoiselle Bourienne ali estava, com a mão no coração, sorrindo cheia de beatitude, e tão pronta a rir como a chorar. André encolheu os ombros e franziu as sobrancelhas, como costumam fazer os amadores de música quando um instrumento desafina. Por fim, as duas mulheres separaram-se, e, em seguida, para recuperarem o tempo perdido, recomeçaram a estreitar-se nos braços uma da outra, a beijarem-se mutuamente, rompendo em soluços, com grande surpresa do príncipe, e abraçando-se de novo. Mademoiselle Bourienne pôs-se também a soluçar. O príncipe André deu sinal de uma certa impaciência; mas elas achavam tão natural chorar assim que lhes não era possível imaginarem o seu mútuo encontro de outra maneira.

— Ah!, minha querida!... Ah!. Maria!... — disseram, de repente, transitando das lágrimas para o riso. — Sonhei esta noite... — Não nos esperava... Ah! Maria, emagreceu... E a minha amiga recuperou...

— Conheci logo a senhora princesa — interveio Mademoiselle Bourienne.

— E eu que não desconfiava de nada!... — exclamou a princesa Maria. — Ah!. André, não o via.

André apertou a irmã contra si e disse-lhe que ela ainda não deixara de ser a mesma choramingas. Maria olhou para o irmão, e no meio das suas lágrimas deteve nele o quente e suave olhar cheio de enternecimento dos seus grandes olhos luminosos, lindíssimos naquele momento.

A princesa Lisa falava sem descanso. O seu làbiozinho superior não fazia outra coisa senão agitar-se continuamente, de cima para baixo, sobre o lábio inferior, e um perpétuo sorriso lhe iluminava os dentes e os olhos. Historiava um incidente que lhe tinha acontecido na muda de Spass, o qual poderia ter sido perigoso para ela no estado em que estava, e imediatamente se pôs a dizer que deixara todos os seus vestidos em Petersburgo e que não iria ter nada que vestir, que André tinha mudado muito, que Kitti Odintsova casara com um velho, e que ela arranjara para Maria um noivo a sério, mas que disso haviam de conversar mais tarde. A princesa Marm, calada, não deixara de fitar o irmão, e os seus lindos olhos estavam plenos de afectuosidade e tristeza. Via-se bera que os seus pensamentos tomavam um caminho muito diverso dos da sua cunhada. Enquanto esta falava da última festa a que assistira em Petersburgo, a princesa Maria voltou-se para o irmão.

— Está então resolvido a ir para a guerra. André? — interrogou ela, no meio de um suspiro. Lisa estremeceu também.

— Sim, e amanhã mesmo — replicou ele.

— Abandonou-me aqui, e só Deus sabe porquê, quando ele podia ser promovido...

A princesa Maria não a deixou acabar e, seguindo o curso dos seus pensamentos, disse para a cunhada, indicando afectuosamente com os olhos o volume do seu ventre.

— É realmente verdade? — perguntou.

Lisa mudou de expressão. Teve um suspiro.

— Sim, é verdade — volveu ela.— Ah, é assustador...

Os lábios contraíram-se-lhe. Aproximou a cara do rosto da cunhada e subitamente principiou a chorar.

— Precisa de descansar — disse o príncipe André franzindo as sobrancelhas. — Não é verdade. Lisa? Leva-a contigo, que eu vou ver o pai. Como vai ele? Sempre na mesma?

— Sim, está sempre na mesma; não sei como tu o vais achar — respondeu Maria com jovialidade.

— Sempre as mesmas horas e os passeios pelas avenidas? E o tomo? — perguntou André, com um sorriso imperceptível que queria dizer que, apesar de todo o seu amor e o seu respeito filiais, conhecia as fraquezas do pai.

— Sim, sempre as mesmas horas, e o tomo e, ainda por cima, as matemáticas e as minhas lições de geometria — replicou jovialmente a princesa Maria, como se estas lições de geometria fossem uma das maiores alegrias da sua vida.

Passados que foram os vinte minutos necessários para o descanso do velho. Tikon veio buscar o príncipe para o conduzir junto do pai. O velho dispensara-se de cumprir o seu programa em honra do filho: mandara-o entrar para os seus aposentos enquanto se vestia para o jantar. Conservava os velhos costumes: o cafetã e o pó. E quando André apareceu, já não com o aspecto e as maneiras entediadas que costumava aparentar nos salões, mas com o ar animado que mostrava em suas conversas com o Pedro, o velho estava no seu gabinete de toilette, enterrado numa poltrona de marroquim, de penteador, confiando a cabeça aos cuidados de Tikon.

— Eh, o guerreiro! Então queres-te bater com o Bonaparte? — exclamou,

abanando a cabeça empoada tanto quanto lho consentia Tikon, que estava a entrançar-lhe o rabicho.

— Trata de te portares à altura, ou então não tarda muito que também nós estejamos a fazer parte do número dos seus súbditos. Como vai isso? — acrescentou, oferecendo-lhe a face,

O velho estava de óptima disposição, depois do sono que costumava fazer antes de jantar. Tinha por hábito dizer que a sesta depois de jantar era prata e antes de jantar ouro. Por debaixo das suas espessas sobrancelhas ia lançando ao filho olhadelas matreiras. O príncipe André aproximou-se e beijou o pai no sítio designado. Não respondeu ao tema favorito da conversa paterna, aos seus gracejos sobre os militares do tempo e especialmente sobre Bonaparte.

— Sim, viemos vê-lo, meu pai; minha mulher, que está no seu estado interessante, e eu — disse, observando, com o seu vivo olhar, nem por isso menos respeitoso, todos os movimentos da fisionomia paterna.— Como tem passado de saúde?

— Só estão doentes, meu rapaz, os imbecis e os estroinas, e tu conheces-me. Estou sempre ocupado, da manhã à noite, e sou pessoa sóbria; por conseguinte, tenho saúde.

— Louvado seja Deus! — exclamou o filho, sorrindo. — Deus não é para aqui chamado. Então conta-me cá — prosseguiu, voltando à sua cisma familiar — como é que os Alemães vos ensinaram a combater o Bonaparte segundo a vossa nova ciência, a chamada estratégia?

O príncipe André sorriu.

— Deixe-me tomar fôlego, meu pai — dizendo o que, não deixava de mostrar, pela sua expressão, que as manias do pai o não impediam de o adorar e de o venerar. — Nem sei ainda onde é que nos vai instalar.

— Tolice, tolice — exclamou o ancião, sacudindo o rabicho, para ver se estava a seu gosto, e dando o braço ao filho. — Os aposentos da tua mulher estão preparados. A Maria se encarregará de a conduzir até lá, e ela lhos mostrará, e hão-de ter .muito que dizer. Isso é lá com elas. Estou muito contente que ela tenha vindo. Senta-te, senta-te e conta-me. O exército de Mikelson, sim, bem sei, e o de Tolstoi também... Operações simultâneas.., e o exército do Sul, o que vai fazer? A Prússia, a neutralidade, sim, bem sei. E a Áustria?

Enquanto falava, tinha-se levantado da poltrona e andava de um lado para o

outro, seguido por Tikon, que lhe ia apresentando as diversas peças de vestuário.

— E a Suécia? Como é que vamos atravessar a Pomerânia?

O príncipe André, perante a insistência do pai, primeiro contrariado, depois numa animação crescente, e deixando de falar russo, para falar francês, como era seu costume, principiou a expor o plano da futura campanha. Aludiu à forma como um exército de oitenta mil homens deveria ameaçar a Prússia, para obrigá-la a abandonar a neutralidade e arrastá-la para a guerra, a maneira como uma parte deste exército viria juntar-se ao sueco, em Stralsund, como duzentos e vinte mil austríacos, reunidos a cem mil russos, deviam agir em Itália e sobre o Reno, como cinquenta mil russos e o mesmo número de ingleses viriam a desembarcar em Nápoles e como no seu total um exército de quinhentos mil homens deveria atacar os Franceses em diversas frentes. O príncipe não mostrava o mais pequeno interesse por esta exposição e nem parecia mesmo ouvi-la, continuando a vestir-se enquanto andava de um lado para o outro. Por três vezes interrompeu o filho de maneira assaz inesperada. A primeira foi para gritar: — O branco!, o branco!

Com isto queria dizer que Tikon não estava a dar-lhe o colete que ele queria. A segunda, deteve-se, para perguntar:

— E é para breve o parto? — Depois abanou a cabeça reprovadoramente.— É mau! Continua, continua.

A terceira vez foi quando o príncipe André chegava ao cabo da sua exposição. Pôs-se então a cantarolar, numa voz de velho em falsete: Malbroug vai para a guerra. Sabe Deus quando voltará.

O filho contentou-se em sorrir.

— Não posso dizer que estou de acordo com este plano — disse ele — Limito-me a expor-lho tal como ele é. Napoleão também já tem o seu, que é tão bom como este.

— Bom, não me disseste nada de novo. — E, pensativamente, o velho príncipe repetiu, resmungando entre dentes: — Sabe Deus quando voltará. E agora para a mesa.

A hora precisa, o príncipe, empoado e barbeado, deu entrada na sala de jantar, onde o aguardavam a nora, a princesa Maria. Mademoiselle Bourienne e o arquitecto, que, por estranha fantasia, se sentava com o príncipe à mesa, embora esse homem, insignificante pessoa, que era, no ponto de vista social, não contasse com tanta deferência. O príncipe, que era muito respeitador da etiqueta e das diferenças de classe e só muito raramente sentava à sua mesa os mais importantes funcionários da província, quando menos se esperava, quisera mostrar, na pessoa do arquitecto. Mikail Ivanovitch, o qual tinha por hábito assoar-se, disfarçadamente, a um grande tabaqueiro, que os homens para ele eram todos iguais. Várias vezes explicara à filha que Mikail Ivanovitch em nada era inferior a qualquer deles. À mesa era muito vulgar o príncipe dirigir a palavra ao pouco falador Mikail Ivanovitch.

Na sala de jantar, imensa como todas as dependências da casa, as pessoas de família e os criados aguardavam a chegada do príncipe, de pé, atrás de cada cadeira; o chefe, de guardanapo no braço, vigiava a mesa, piscando o olho aos lacaios, enquanto ia e vinha, no seu passo tranquilo, entre o grande relógio e a porta por onde o príncipe devia entrar.

André contemplava um grande quadro de moldura dourada, novo para ele, com a árvore genealógica dos príncipes Bolkonski, simétrico com outro quadro, do mesmo tamanho, que representava muito mal — obra, claro está, de qualquer pintor criado no solar— um príncipe soberano, com a coroa, provavelmente um descendente de Rurik e antepassado da família dos Bolkonski.

O príncipe André observava esta árvore genealógica, abanando a cabeça. A certa altura principiou a rir, como quando se olha para uma caricatura.

— Ora aqui está ele! — exclamou para a princesa Maria, que se aproximara.

Maria encarou com o irmão sem esconder estar surpreendida. Não percebia porque ele estava a rir. Tudo quanto o pai fazia era para ela motivo de veneração, e não admitia críticas.

— Cada um lá tem o seu calcanhar-de-aquiles — prosseguiu André — Um homem tão inteligente e prestar-se a uma coisa tão ridícula!

A princesa não podia admitir a audácia destas observações, e preparava-se para responder quando se ouviram os passos, que todos esperavam, vindos do gabinete de trabalho do príncipe. O velho militar entrou na sala de jantar com o seu passo rápido e vivo, como se quisesse opor-se, com aqueles seus modos

animados, à ordem severa que reinava na casa. Na mesma altura o grande relógio deu duas horas, e outro, retinindo fracamente, respondeu-lhe, lá de dentro, do salão. O príncipe deteve-se. Por sobre as suas espessas sobrancelhas proeminentes as suas pupilas severas, vivas e brilhantes, observaram todas as pessoas presentes, fixando-se na mulher do príncipe André. Esta sentiu nesse momento a impressão que costumam sentir os cortesãos no acto da chegada do soberano, um sentimento misto de temor e de respeito, que o príncipe inspirava a todos quantos dele se aproximavam. Depois passou a mão pelos cabelos da jovem princesa e deu-lhe umas pancadinhas na nuca um pouco atabalhoadamente.

— Estou muito contente, estou muito contente de a ver — disse, olhando-a fixamente uma vez mais, e, de chofre, voltou-se para sentar-se à mesa. — Tomem os seus lugares, tomem os seus lugares! Mikail Ivanovitch, sente-se.

O velho príncipe indicou à nora um lugar a seu lado. Um criado ajudou-a a sentar.

— Sim, senhor, sim, senhor! — exclamou, ao ver as amplas formas da princesa. — Chama-se a isto não perder tempo! Hem, que marota!

E rompeu num riso seco, frio e desagradável, o riso que tinha sempre, um riso só da boca, não dos olhos.

— É preciso andar, andar o mais possível, o mais possível acrescentou.

A princesinha não ouvia ou não queria ouvir o que ele dizia. Estava calada e parecia preocupada. Só quando o príncipe lhe perguntou pelo pai, principiou a falar e a sorrir. 1nterrogou-a acerca das pessoas que ambos conheciam. Então ela sentiu-se à vontade e pôs-se a tagarelar, transmitindo-lhe os cumprimentos de alguns conhecidos, contando-lhe casos de má-língua da cidade.

— A condessa Apraksine, coitada, perdeu o marido e está farta de chorar — dizia ela, cada vez mais animada.

A medida que se entusiasmava, o príncipe ia-a olhando cada vez mais severamente, e, de súbito, como se a tivesse estudado o suficiente e acabasse por fazer dela um ideia exacta, desviou para outro lado a sua atenção, dizendo a Mikail Ivanovitch:

— Pois é verdade. Mikail Ivanovitch, as coisas não vão correr bem para o nosso Bonaparte. Como me contou o príncipe André — falava sempre de André na terceira pessoa —, estão a juntar-se forças contra ele. E nós que sempre o considerámos uma, nulidade.

Mikail Ivanovitch, que desconhecia por completo o momento em que ambos tinham falado de Bonaparte, mas que percebia que se estavam a servir dele para abordar a conversa do costume, lançou um olhar surpreso ao moço príncipe, sem saber o que ia passar-se.

— Sim, é um grande estratego — disse o príncipe ao filho, apontando-lhe o arquitecto.

E a conversa de novo incidiu sobre a guerra, sobre Bonaparte, os generais e os estadistas do tempo. O facto é que o velho príncipe estava realmente convencido não só de que todos os grandes homens do momento eram criançolas, ignorando, inclusivamente, o bê-á-bá da guerra e da política, mas também, que Bonaparte não passava de um insignificante francês, que triunfara apenas por não haver para se lhe opor um. Potemkine ou um Suvorov. Estava mesmo convencido de que não haveria na Europa dificuldades políticas nem realmente haveria guerra. Estava-se apenas a representar uma comédia de fantoches, em que os homens da época fingiam desempenhar um papel muito sério.

O príncipe André acolhia com grandes gargalhadas estas trocas, e, é claro, divertia-se a excitar o pai e a ouvi-lo.

— Tudo o que é de outros tempos lhe parece excelente — disse ele —, mas não é verdade que o próprio Suvorov caiu na armadilha que lhe preparou Moreau e não foi capaz de se ver livre dela?

— Quem te disse isso? Quem te disse isso? — interrogou o príncipe. — Suvorov! — E afastou de diante de si o prato, que Tikon pressurosamente levantou. — Suvorov!... Pensa um pouco, príncipe André. Eram dois homens: Frederico e Suvorov... Moreau!... Mas este Moreau teria ficado prisioneiro se Suvorov tivesse as mãos livres, e as suas mãos estavam ligadas pelo Hofskriegswurstsehnappsrath. Nem o Diabo teria sido capaz de se ver livre dele. Ora, ainda os hás-de ver, esses Hofskriegsivurstschnappsrath! Se Suvorov não pôde levar a melhor, como é que Mikail Kutuzov o conseguirá? Sim, meu amigo – prosseguiu —, com os generais que temos nada podemos contra Bonaparte. O que nós precisávamos era de franceses — ladrão para roubar outro ladrão. Lá mandaram o alemão Pahiem a Nova Iorque, à América, para apanhar o francês Moreau para o exército russo. Lindo serviço!... Eram, porventura, alemães os Potemkines, os Suvorovs ou os Orlovs? Não, meu rapaz, ou vocês, lá para os

vossos lados, perderam a cabeça, ou então sou eu quem está a ficar maluco. Deus vos acuda, mas cá estamos para ver. E dizem eles que Bonaparte é um grande general! Hum! Hum!...

— Não tenho a pretensão de pensar que todas as medidas tomadas sejam de primeira ordem — replicou o príncipe André —, mas não posso compreender que o pai tenha uma tal, opinião acerca, de Bonaparte. Pode rir-se à, vontade. O que não lia duvida é que Bonaparte é um grande general!

— Mikail Ivanovitch! — exclamou o velho príncipe, dirigindo-se ao arquitecto, o qual, todo absorvido a comer o assado, teria preferido que o esquecessem — Eu disse-lhe que Bonaparte era um grande estratego? Aqui está um da, mesma opinião.

— Mas com certeza. Excelência — replicou o arquitecto. E o príncipe riu de novo com o seu frio riso.

— Bonaparte nasceu num sino. Tem soldados. E principiou por se atirar aos Alemães. Desde que o mundo é mundo que toda a gente venceu os Alemães. E eles nunca venceram ninguém, a não ser quando se batem uns contra os outros. Foi combatendo contra eles que Napoleão se tomou glorioso.

E o príncipe pôs-se a expor todos os erros que, segundo ele, tinham sido cometidos por Bonaparte em todas as suas campanhas, e até, inclusivamente, nos negócios públicos O filho não o contrariava, mas era claro que, apesar de toda, aquela argumentação, ele, tal como o velho pai, nunca mudaria de opinião. André ouvia, procurando dominar-se, para não fazer qualquer objecção, surpreendido, no entanto, que aquele velho, há tantos anos para ali isolado no meio das suas terras, fosse capaz de julgar e de conhecer, em todos os seus pormenores e com tanta finura, a situação militar e política da Europa dos últimos anos.

— Julgas que um velho como eu nada percebe dos problemas actuais? — concluiu ele, — Que queres tu então que eu faça? De noite não durmo. Vamos lá a saber onde é que esse teu grande general já demonstrou que o era de facto?

— Isso levaria tempo — replicou o filho.

— Que tenhas muita saúde mais o teu Bonaparte. Mademoiselle Sourienne, aqui tem mais um admirador do grosseiro do seu imperador! — exclamou ele num francês excelente.

— Sabe que eu não sou bonapartista, meu príncipe.

— Sabe Deus quando voltará... — cantarolou o príncipe, na sua voz de falsete,

e, foi a rir, num riso igualmente em falsete, que se levantou da mesa.

A princesinha estivera calada durante toda a discussão e até ao fim do jantar, olhando, alarmada, primeiro a princesa Maria e depois o sogro. Quando se levantaram da mesa, travou do braço da cunhada e levou-a consigo para a sala contígua.

— Como o seu pai é um homem inteligente! — observou ela. — É por isso, talvez, que me mete medo.

— Oh, é tão bom! — replicou a cunhada.

[XXVIII]

O príncipe André devia partir no dia seguinte à tarde. O velho príncipe, sem alterar os seus hábitos, retirou-se depois do jantar. A princesinha estava nos aposentos da cunhada. André vestiu uma farda de viagem, sem dragonas, e pôs-se a fazer as malas, com o auxilio do criado de quarto, no aposento que lhe fora reservado. Após haver examinado ele próprio a carruagem em que ia partir e a instalação das bagagens, deu ordem para atrelarem. No quarto apenas conservava os objectos que levaria consigo: um pequeno cofre, um estojo de toilette de viagem, de prata, duas pistolas turcas e um sabre, presente do pai, que este lhe trouxera de Otchakov. Todos estes objectos estavam em perfeito estado: tudo como novo e limpo, cada coisa no seu estojo de pano cautelosamente afivelado.

No momento em que um homem parte para uma viagem, ou se prepara para mudar de vida são muitos os pensamentos que o assaltam, desde que seja pessoa capaz de reflexão. Todo o passado lhe ocorre e faz projectos sobre o futuro. André parecia preocupado e comovido. Com as mãos atrás das costas, ia e vinha, em passo rápido, de um extremo ao outro do quarto, o olhar fixo e abanando a cabeça. Quer sentisse medo de partir para a guerra, quer sofresse por ter de deixar a mulher, e talvez as duas coisas o preocupassem, era natural que não quisesse que o vissem naquele estado, pois, ao ouvir passos no vestíbulo, mudou rapidamente de atitude, deteve-se diante da mesa, como para afivelar a cobertura da mala, e de novo no seu rosto transpareceu a expressão séria e impenetrável de sempre.

Eram os pesados passos da princesa Maria.

— Disseram-me que tinhas mandado atrelar — articulou ela, arquejante (via-se que viera a correr). — E eu que tanto queria conversar contigo a sós. Só Deus sabe quanto tempo vamos estar separados! Não estás zangado por eu ter vindo? É, que mudaste tanto. Andriucha — acrescentou, como para justificar a sua pergunta.

A princesa Maria sorriu ao tratá-lo por Andríucha. Via-se que achava estranho aquele belo homem de aspecto severo ser o mesmo Andriucha, esse garoto magricela e travesso seu companheiro de infância.

— E a Lisa onde está? — perguntou ele, que apenas lhe respondera com um sorriso.

— Estava tão cansada que adormeceu no meu quarto num divã. Ah! André! Que tesouro que é a sua mulher! — exclamou sentando-se num canapé, diante do irmão. — É uma verdadeira criança, tão gentil, tão alegre! Gosto tanto dela.

O príncipe André irada disse, mas a irmã viu a expressão irónica e um pouco desdenhosa que lhe invadiu o rosto.

— Temos de ser indulgentes para com as suas pequenas loucuras. Quem as não têm? André, não te esqueças de que foi criada e educada na sociedade. E a verdade é que a sua situação está longe de ser cor-de-rosa. Ternos de nos colocar na posição dos outros. Tudo compreender é tudo perdoar. Pensa na sorte que a espera, coitadinha. Depois da vida que tem feito, ficar para aqui, no campo, separada do marido, e sozinha, sobretudo no estado em que está. É penoso!

André sorria, olhando para a irmã, como costumamos sorrir ao ouvir alguém em que julgamos ler como num livro aberto.

— Mas tu também vives no campo e não achas que a vida aqui seja assim uma coisa tão terrível! — observou ele.

— Comigo é outra coisa. Para que havemos de falar de mim? Não quero outra vida, e não posso desejar vida diferente, porque não conheço senão esta. Mas pensa. André, o que representa para uma senhora de sociedade enterrar-se numa aldeia, nos melhores anos da sua vida, e só, pois o pai está sempre ocupado, e eu.., tu bem sabes como eu sou pobre de recursos aos olhos de uma mulher habituada à melhor sociedade. Só Mademoiselle Bourienne...

— Não posso com a vossa Bourienne — replicou André.

— Não digas isso! É uma rapariga gentil e boa, e ainda por cima tão infeliz! Já

não tem ninguém no mundo, absolutamente ninguém. Para dizer a verdade, não só já me não é precisa, como até me incomoda. Tu bem sabes que fui sempre um pouco selvagem, e agora ainda mais. Aprecio estar só... O meu pai gosta muito dela. Tanto ela como o Mikail Ivanovitch são as duas pessoas para quem ele tem sido sempre amável e bom. É para eles um verdadeiro benfeitor. Como diz Sterne, «nós gostamos das pessoas menos pelo bem que elas nos fizeram que pelo bem que lhe fizemos a elas». O meu pai tomou conta desta, rapariga, órfã sem casa. Tem muito bom coração. E o meu pai adora a maneira como ela lê. É ela quem lhe faz a leitura em voz alta, todas as tardes. Lê muito bem.

— Confessa. Maria, tu deves passar o teu mau bocado, penso eu, por causa do feitio do pai — disse, de súbito. André.

Maria principiou por mostrar-se surpreendida e depois sentiu-se assustada com a pergunta.

— Eu? Eu? Passar um mau bocado — tartamudeou.

— Ele foi sempre irascível, mas agora ainda se tomou mais difícil, creio eu — e exprimia-se tão à vontade sobre o carácter do pai que só podia ter um fim: irritá-la ou experimentá-la.

— Tu és muito bom. André, mas tens um certo orgulho — observou a princesa, seguindo antes o curso dos seus pensamentos que propriamente o fio da conversa — e isso é um grande pecado. Achas que se pode permitir a um filho julgar o seu pai? E, mesmo que se admita uma coisa dessas, achas que um homem como o meu pai possa inspirar outros sentimentos que não sejam de veneração? Sinto-me tão satisfeita e feliz ao pé dele! Só queria uma coisa: que todos vocês fossem tão felizes como eu.

O príncipe André abanou a cabeça come, quem não está muito convencido.

— A única coisa que me é penosa, vou dizer-te a verdade. André, é a opinião de meu pai em assuntos religiosos. Não compreendo que um homem tão inteligente, não veja o que é claro como a luz do dia e se desoriente até ao ponto a que chegou. Só isto me faz infeliz. Mas nos últimos tempos verifiquei que está um pouco melhor. Ultimamente as suas troças são menos acerbas e até consentiu em receber um, frade e esteve muito tempo a conversar com ele.

— Pois bem, minha querida, receio que tu e o teu frade estejam a perder o vosso latim — observou André em tom trocista, mas amável.

— Ah!, meu amigo. Não faço outra coisa senão pedir a Deus, e espero que Ele

me ouça. André — acrescentou ela, timidamente, depois de uma breve pausa —, tenho de te fazer um grande pedido.

— De que é que se trata, minha amiga?

— Promete-me, antes de mais nada, que me não recusarás o que te vou pedir. Não é nada que te custe a fazer e nem é coisa indigna de ti. Promete-me. Andriucha — suplicou ela, metendo a mão na bolsinha de trabalho e apalpando fosse o que fosse sem tirar a mão, como se tivesse entre os dedos precisamente o objecto em questão, objecto que ela não podia mostrar senão depois de ter obtido a promessa que pedira.

Olhava para o irmão timidamente e com olhos suplicantes.

— Ainda mesmo que isso me custasse muito?... — replicou o príncipe André, que parecia desconfiar do que se tratava.

— Podes pensar o que quiseres. Sim, eu bem sei, tu és como o meu pai. Podes pensar o que quiseres, mas faz isso por mim. Peço-te. O pai do meu pai, o nosso avô, trouxe-a consigo em todas as campanhas... — E continuava sem tirar da bolsinha o objecto que tinha entre os dedos.— Então, prometes?

— Claro! De que se trata?

— André, que esta imagem te proteja. Promete-me que não a deixarás mais. Prometes?

— Se ela não pesar muito e me não derrancar o pescoço... Já que isso te dá prazer... — disse ele, e, verificando, ao mesmo tempo, que a sua atitude causava uma penosa impressão na irmã, mudou de tom. — Com muito prazer, podes crer, com muito prazer, minha amiga — acrescentou.

— Mesmo contra tua vontade. Ele salvar-te-á, conceder-te-á a Sua graça e chamar-te-á para Si, pois é verdade e consolação — murmurou, numa voz trémula, erguendo nas duas mãos, diante do irmão, num gesto solene, uma antiga imagem oval do Salvador, com o rosto negro, numa moldura de prata suspensa de uma cadeia de filigrana do mesmo metal.

A princesa Maria benzeu-se, beijou a imagem e entregou-a ao irmão.

— Aceita-a. André, aceita-a por mim...

Os seus grandes olhos esplendiam de bondade e de doçura. Iluminavam-lhe o rosto magro e doentio, embelezando-o. O irmão quis pegar na imagem, mas ela deteve-o. André compreendeu, benzeu-se também e beijou-a. Havia nele uma expressão ao mesmo tempo enternecida — estava comovido — e trocista.

— Obrigada, meu amigo.

Beijou-o na testa e voltou a sentar-se no divã. Ficaram calados.

— Sim. André, já te disse, sé bom e generoso como sempre foste. Não julgues Lisa com tanta severidade. Ela é gentil e boa e está neste momento numa bem triste situação.

— Creio nada te ter dito. Macha, que possa ser interpretado como uma censura a minha mulher ou mostrar-te que esteja descontente com ela. Porque é que me estás sempre a dizer a mesma coisa?

A princesa Maria corou, calando-se, como se se sentisse culpada.

— Por mim, não te disse nada, mas outras pessoas, sem dúvida, já te falaram no caso. E isso é-me penoso.

Manchas vermelhas cobriram a testa e as faces de Maria. Quis dizer qualquer coisa, mas não pôde articular palavra. O irmão adivinhara. A princesinha, depois do jantar, chorara e dissera que receava um parto difícil, que estava cheia de medo e lamentara-se da sua sorte, do sogro, do marido. Depois de chorar, adormecera. O príncipe André teve pena da irmã.

— Podes ter a certeza. Macha, não a censurei, nunca a censurei por qualquer coisa e nunca censurei a minha mulher em coisa alguma. E eu próprio nada tenho a censurar-me no meu comportamento para com ela. E sempre assim será, seja qual for a situação em que venha a encontrar-me. Mas queres saber a verdade.., queres saber se eu sou feliz, se ela é feliz? Pois bem, não, não sou, não somos. Porquê? Não sei...

Ao dizer estas palavras, levantou-se, aproximou-se da irmã e, inclinando-se para ela, beijou-a na testa. Os seus belos olhos incendiaram-se, e neles brilhou um invulgar lampejo de lucidez e bondade. Não era na irmã que o seu olhar se fixava, mas nas trevas, para além da porta aberta por detrás dela.

— Vamos ter com ela. É preciso dizer-lhe adeus. Ou, antes, vai tu sozinha, acorda-a, eu já lá vou ter. Petruchka! — gritou ele, chamando o criado de quarto. — Anda cá, leva estás coisas. Põe isto ao pé do assento, aquilo à direita.

A princesa Maria levantou-se e encaminhou-se para a porta. Aí deteve-se.

— André, se fosses crente, ter-te-ias dirigido a Deus a pedir-lhe que te desse o amor que tu não sentes, e a tua oração seria ouvida.

— Sim, é possível — volveu André. — Vai. Macha, vou já ter convosco.

Quando se dirigia aos aposentos da irmã, na galeria, que estabelecia a

comunicação entre os dois corpos da casa, o príncipe encontrou Mademoiselle Bourienne, que lhe sorriu graciosamente. Era a terceira vez naquele dia que ele encontrava no seu caminho, e nos lugares mais solitários, o seu sorriso simples e entusiasta.

— Ah! Julgava-o nos seus aposentos! — exclamou ela, corando um pouco e baixando os olhos.

O príncipe lançou-lhe um olhar severo; tomara repentinamente uma expressão irritada. Não lhe respondeu, e, sem a fixar nos olhos, dirigiu-lhe um olhar tão desdenhoso que a francesa ficou toda corada, retirando-se sem dizer mais nada. Quando o príncipe entrou nos aposentos da irmã, sua mulher já estava acordada e através da porta aberta ouvia-se a sua vozita alegre, que desfiava com volubilidade o rosário das palavras. Dir-se-ia que procurava recuperar o tempo perdido depois de uma longa abstenção.

— Não, mas imagine a velha condessa Zuboff, com postiços no cabelo e a boca cheia de dentes postiços, como se quisesse desafiar os anos... Ah!, ah!, ah!. Maria!

Era a quinta vez que André ouvia a mulher diante de estranhos pronunciar esta mesma frase sobre a condessa Zuboff, acompanhada do mesmo riso. Entrou sem fazer ruído. A mulher, redondinha e rosada, o trabalhinho na mão, estava sentada numa poltrona e falava ininterruptamente, contando coisas de Petersburgo e repetindo, inclusivamente, verdadeiras frases feitas. André aproximou-se dela, acariciou-lhe os cabelos e perguntou-lhe se se sentia refeita da viagem. Ela respondeu-lhe e continuou a tagarelar.

Uma carruagem tirada por seis cavalos estava diante da escada. Lá fora era noite, uma noite sombria de Outono. O cocheiro nem sequer podia ver os varais do carro. Na escada agitavam-se pessoas com lanternas na mão. A imensa casa tinha todas as suas grandes janelas iluminadas. No vestíbulo juntavam-se, acotovelando-se, os criados servos, que todos queriam dizer adeus ao jovem príncipe. Na grande sala estava reunida toda a gente da casa: Mikail Ivanovitch. Mademoiselle Bourienne, a princesa Maria e a jovem esposa de André. Este último tinha sido chamado ao gabinete do pai, que queria despedir-se dele a sós. Todos os estavam aguardando.

Quando André — penetrou no gabinete do pai, o velho príncipe, de óculos e roupão branco, traio com que não recebia ninguém, a não ser o filho, estava sentado a sua mesa e escrevia. Voltou-se.

— Vais-te embora? — interrogou ele, continuando a escrever. — Vim dizer-lhe adeus.

— Dá cá um beijo, aqui. — Indicava-lhe o local. — Obrigado, obrigado.

— Porque é que me está a agradecer?

— Porque tu não és homem para fazer amanhã o que podes fazer hoje... Não te agarras às saias das mulheres. A tropa antes de tudo. Obrigado! Obrigado! — Continuava a escrever e a pena ia-lhe salpicando o papel. — Se tens seja o que for para me dizeres, fala. Posso fazer as duas coisas ao mesmo tempo.

— Queria falar-lhe de minha mulher... Estou bastante apoquentado por ter de a deixar entregue a si,

— Que estás tu para aí a dizer? Vamos, de que precisas?

— Quando chegar a hora do parto, peço-lhe que mande vir de Moscovo um médico-parteiro... Para que ele esteja presente nesse momento.

O velho príncipe pousou a pena, e, como se não compreendesse, fitou no filho um olhar severo.

— Bem sei que nada se pode fazer quando a natureza não obra por si mesma — disse André, visivelmente perturbado. — Reconheço que num milhão de casos deste género só um, talvez, não corre bem, mas ela tem lá essa mania, e eu também. Temos de acreditar que a embruxaram. Teve sonhos e tem medo.

— Hum! Hum!... — tartamudeou o velho, continuando a escrever. — Está bem, farei o que me pedes.

Firmou, com uma larga assinatura, a carta que escrevera e depois voltou-se bruscamente para o filho. Pôs-se a rir.

— Espetaste-te, hem?!

— Que diz, meu pai?

— A tua mulher — respondeu ele, conciso e sem subterfúgios.

— Não compreendo — replicou o filho.

— E nada a fazer, meu velho. São todas a mesma coisa: não nos podemos descasar. Não tenhas receio; não direi nada a ninguém; mas tu sabes com o que podes contar.

Agarrou o filho com a mão ossuda e delgada, abanou-o, olhando-o, fixamente, com as suas pupilas vivas, como se o quisesse atravessar de lado a lado. Depois, de novo soltou uma gargalhada fria.

O filho teve um suspiro, e com isso confessava que o pai tinha adivinhado, o

velho continuou a dobrar e a lacrar a carta, manejando o lacre, o sinete e o papel com a sua agilidade habitual.

— Nada a fazer! É uma bela mulher! Farei tudo o que for preciso, está descansado — disse ele, continuando a sua tarefa.

André calou-se. Estava ao mesmo tempo contente e descontente de que o pai o tivesse compreendido. O velho ergueu-se e entregou a carta ao filho.

— Ouve — disse-lhe ele. — Não te preocupes com a tua mulher. O que se puder fazer, far-se-á. E agora ouve. Aqui tens uma carta para Mikail Ilarionovitch. Peço-lhe aqui que te mande para onde for necessário e não te conserve muito tempo no estado-maior: é um lugar detestável. Diz-lhe que me lembro sempre dele e da nossa velha amizade. Depois manda-me dizer como é que ele te recebeu. Agora anda cá.

Falava com tanta volubilidade que não acabava, sequer, a maior parte das palavras, mas o filho estava muito habituado a, ouvi-lo. Conduziu-o até junto de uma papeleira, abriu-a, puxou uma gaveta e tirou de lá um caderno verde coberto pelos caracteres da sua caligrafia alongada, cerrada e ágil.

— Naturalmente, eu morrerei antes de ti. Quero que saibas que estão aqui os meus apontamentos. É necessário transmiti-los ao imperador depois da minha morte. Aqui está um papel de crédito e uma carta: é um prémio para aquele que escrever a história das campanhas de Suvorov. Manda isto para a Academia. Aqui está o meu diário. Lê-o depois de eu me ir embora, tens que aprender.

André não disse ao pai que ainda teria certamente muitos anos para viver. Compreendia que o momento não era para dizer coisas dessas.

— Tudo farei, meu pai — disse ele.

— E agora adeus! — Deu-lhe a mão a beijar, e apertou-o nos braços.— Lembra-te de uma coisa, príncipe André: se fores morto, eu, velho, como sou, sentirei uma grande dor... — Calou-se bruscamente e continuou em seguida numa voz firme e sonora: — Mas se eu vier a saber que tu não te portas como filho, que és, de Nicolau Bolkonski, isso para mim será.., uma vergonha! — rematou.

— Aí está uma coisa que meu pai podia ter evitado dizer-me — observou o filho sorrindo.

O velho ficou calado.

— Há ainda outra coisa que lhe queria pedir — prosseguiu André. — Se eu for morto e se me nascer um filho, não o afaste de sua casa, e, como ontem lhe disse,

deixe-o crescer a seu lado. Peço-lhe, pai.

— Não será necessário entregá-lo a tua mulher? — disse o velho, soltando uma gargalhada.

Estavam calados em frente um do outro. O pai olhava o filho bem nos olhos e o queixo tremia-lhe, num movimento nervoso.

— A despedida acabou.., vai! — disse repentinamente – Vai — repetiu, numa voz forte e colérica, abrindo a porta.

— Que foi? O que aconteceu? — perguntaram as duas princesas, ao verem André e a furtiva silhueta do velho, de roupão branco, sem cabeleira, de óculos, com fulgurações de voz irritada. André limitou-se a suspirar, sem responder.

— Bom — disse ele, dirigindo-se à mulher.

Pôs nesta simples palavra um acento trocista, que parecia dizer: «Chegou agora o momento de tu fazeres as tuas choraminguices.»

— Já. André?! — exclamou a princesinha empalidecendo e olhando-o com terror.

André tomou-a nos braços. A princesa soltou um grito e caiu-lhe desmaiada no ombro.

O príncipe André, com todo o cuidado, afastou-a, examinou o estado da mulher e fê-la assentar, docemente, numa poltrona.

— Adeus. Maria — disse para a irmã em voz baixa; beijou-a, pegando-lhe nas mãos, e afastou-se em passos rápidos.

A jovem princesa continuava estendida na poltrona; Mademoiselle Bourienne aspergia-lhe a cara. A princesa Maria, enquanto amparava a cunhada, com os seus lindos olhos rasos de lágrimas não deixava de olhar a porta por onde o príncipe André desapareceu, traçando sobre ele o sinal da cruz. Do gabinete vinham, como se fossem tiros de pistola, as explosões furiosas, e muito repetidas, do velho, que se assoava estrepitosamente. Mal André saiu, abriu-se a porta do gabinete e apareceu uma figura severa de roupão branco.

— Foi-se embora? Bom, está bem! — disse o velho, lançando um olhar irritado à princesinha, ainda estendida, desmaiada. Depois abanou a cabeça, furioso, e bateu com a porta.

SEGUNDA PARTE

[I]

Em Outubro de 1805 os exércitos russos ocupavam um certo número de cidades e de aldeias do arquiducado da Áustria, onde estavam chegando constantemente regimentos frescos, vindos da Rússia, grande encargo para a população, indo concentrar-se ao pé da fortaleza de Braunau. Braunau era o quartel-general do comandante-chefe. Kutuzov. A 11 de Outubro de 1805, um dos regimentos de infantaria acabado de chegar estacionava a cerca de meia milha da cidade, aguardando a visita do comandante-chefe. Embora as localidades e a paisagem nada tivessem de russo — eram pomares, muros de pedra, telhados, montanhas ao longe —, e não obstante o carácter estrangeiro da população, que olhava os soldados cheia de curiosidade, o regimento tinha exactamente o aspecto de qualquer outro regimento russo que se estivesse preparando para uma revista fosse onde fosse em plena Rússia.

Na véspera à noite, na última etapa, o regimento recebera a comunicação de que o general-chefe viria inspeccioná-lo. Embora as próprias palavras da ordem do dia tivessem parecido pouco claras ao comandante do regimento e delas se não pudesse inferir que as tropas deveriam envergar fardamento de campanha, foi resolvido, em conselho dos comandantes de batalhão, apresentar o regimento de grande uniforme, partindo do princípio de que mais vale tudo do que nada. E foi assim que os soldados, depois de uma marcha de trinta verstas, passaram a noite em claro, arranjando-se e polindo-se, enquanto os oficiais comandantes de companhia contavam os do estado-maior e homens e os repartiam. Pela manhã o regimento deixara de ser uma massa desordenada e em tropel, como na véspera, durante a última etapa, para se transformar numa massa compacta de dois mil homens em que todos sabiam o lugar que lhes competia e o que tinham a fazer e em que cada botão, cada correia, estava onde devia estar, luzindo de asseio. Nem só no exterior reinava a ordem; se o general comandante se lembrasse de espreitar por debaixo das fardas, poderia verificar que cada soldado vestia camisa

lavada, e em cada uma das mochilas havia os objectos da ordem — «savão e sovela», como diziam os soldados. Apenas um pormenor causava uma certa preocupação. Era o calçado. Mais de metade do regimento tinha as botas rotas. A culpa, no entanto, não era do comandante, pois, apesar das constantes reclamações, a intendência austríaca nada fornecera do que se pedira e o regimento já caminhara mil verstas.

O general comandante era um militar já idoso, de pele sanguínea, sobrancelhas e suíças grisalhas, de sólida estatura, largo de peito e de ombros. Envergava um uniforme novo, todo flamante, bem vincado, com grandes dragonas douradas, que em vez de lhe esmagarem os ombros maciços lhos soerguiam. Dava a impressão de alguém contentíssimo de desempenhar um dos actos mais solenes da sua vida. Passeava de cá para lá diante dos cordões de tropa, um pouco trôpego no andar e as costas algo vergadas. Via-se bem que admirava o seu regimento, que estava orgulhoso dele e que lhe dera a própria alma. Apesar disso, o seu andar hesitante parecia querer dizer que além dos interesses militares o preocupavam ideias puramente mundanas, e, que não era estranho o belo sexo.

— Bom. Mikafia Mitritch — disse ele para um dos comandantes de batalhão. Este oficial deu um passo em frente sorrindo; via-se bem que ambos estavam de muito boa disposição. — Não tivemos mãos a medir esta noite. Sim, senhor, de qualquer maneira o regimento não é dos piores.., hem!

O comandante de batalhão percebeu o gracejo e pôs-se a rir.

— Até no campo de manobras do czar faria figura.

— Hem?! — exclamou o comandante.

Nesta altura, na estrada que vinha da cidade, onde haviam colocado sentinelas, apareceram dois cavaleiros: um ajudante-de-campo seguido de um cossaco.

Era o estado-maior que o enviava para esclarecer o general sobre o ponto pouco claro da ordem do dia, a saber, que o general-chefe desejava encontrar o regimento exactamente no mesmo estado em que ele se apresentava durante as marchas, de capote, as armas nas gualdrapas, sem preparativos de qualquer espécie. Kutuzov recebera na véspera um membro do Conselho Superior de Guerra, chegado de Viena, que vinha propor-lhe e pedir-lhe que operasse o mais depressa possível a sua junção com os exércitos do arquiduque Fernando e de Mack, e Kutuzov, que considerava esta junção desvantajosa, entre outros

argumentos favoráveis ao seu ponto de vista tinha a intenção de mostrar ao general austríaco o estado lamentável do exército que chegava da Rússia. Era por isso que ele desejava passar revista ao regimento, e, deste modo, quanto mais deplorável o estado dos homens maior a sua satisfação. Conquanto o ajudante-de-campo não fosse conhecedor de todos estes pormenores, transmitiu ao comandante do regimento o desejo expresso do general-chefe no sentido de encontrar os homens de capote e gualdrapas e acrescentou que, no caso contrário, seria grande o seu descontentamento. Ao ouvir estas palavras, o comandante baixou a cabeça, encolheu os ombros, e deixou cair os braços, num gesto de lassidão.

— Fizemo-la bonita! — exclamou. — Era o que eu lhe dizia. Mikalia Mitritch. Estamos em campanha, quer dizer de capotes às costas. Ah, meu Deus!. — acrescentou, avançando com um ar decidido. — Senhores comandantes de companhia! — gritou, na sua voz de comando. — Sargentos!... Sua Excelência demora-se? — prosseguiu, dirigindo-se ao ajudante-de-campo com um acento de respeitosa deferência para com a, pessoa a quem aludia.

— Dentro de uma hora, segundo creio.

— Teremos tempo de mudar de fardas?

— Não sei, meu general...

O comandante do regimento, avançando ele próprio pelo meio das fileiras, tratou de mandar envergar os capotes. Os comandantes de companhia começaram a correr, os sargentos mexiam-se. Os capotes não estavam em muito bom estado. Instantaneamente, as fileiras, até então silenciosas e em ordem, principiaram a ondular, a debandar; ouviu-se um burburinho de vozes. Por toda a parte havia soldados que iam e vinham, atarefados, movimentos de ombros que sacudiam as mochilas, sacos que se punham à cabeça, capotes que se extraíam dos sacos ou braços que se levantavam para enfiar as mangas.

Meia hora depois tudo voltara ao estado primitivo, e de tal maneira que as fileiras negras estavam cinzentas. O comandante, no seu trôpego andar, apresentou-se diante do regimento e, a distância, percorreu-o com os olhos.

— Que vem a ser isto ainda? Que significa isto? — gritou ele, detendo-se. — Comandante da 3ª companhia!...

— Ao general o comandante da 3ª companhia! Ao general o comandante da 3ª companhia! — ouviu-se repetir nas fileiras, e um ajudante-de-campo deslocou-se

para procurar o oficial, que tardava em aparecer.

Quando as vozes prestáveis gritando que o general «perguntava pela 3ª chegaram, a pouco e pouco, ao seu destino, o oficial procurado saiu das fileiras, e, embora fosse já de certa idade e pouco habituado a correr, tomou a marcha acelerada, desajeitadamente, na ponta dos pés, em direcção ao general.

Os traços do capitão exprimiam o desassossego do estudante a quem o professor pergunta uma lição que ele não estudou. O nariz vermelhusco, natural consequência de certa intemperança, cobrira-se-lhe de manchas e a boca tremia-lhe. O comandante do regimento olhava-o dos pés à cabeça enquanto ele, meio sufocado, se aproximava, encurtando o passo, pouco a pouco.

— Não tarda que mande os seus homens vestir sarafanas! Que quer isto dizer? — gritou o comandante, com o queixo saliente, apontando para as fileiras da 3ª companhia, onde se via um soldado com um capote que não era da cor da ordem, o qual se salientava no meio de todos os outros. — E você, onde é que você estava? Estamos à espera do general-chefe e você abandona o seu posto? Hem?... Eu vou-lhe ensinar a vestir os seus soldados para se apresentarem à revista!... Hem!...

O comandante da companhia, sem tirar os olhos do general, apertava cada vez mais os dois dedos contra a pala do quêpi, como se só aquele gesto o pudesse salvar.

— Então, o que tem a dizer? Quem é que na sua companhia anda mascarado de húngaro? — prosseguiu o comandante do regimento, em tom ao mesmo tempo severo e gracioso.

— Excelência...

— O quê. Excelência? Excelência! Excelência! Que quer isso dizer? Excelência. Ninguém sabe o que isso vem a ser.

— Excelência, é o Dolokov, que foi degradado... — volveu o oficial, em voz muito baixa.

— E então, foi degradado em marechal ou em soldado? Se é soldado deve vestir-se como toda a gente, de acordo com o regulamento.

— Excelência! Foi Vossa Excelência quem o autorizou para a marcha...

— Autorizei-o? Autorizei-o? Ora aí está, são todos assim, vocês, os rapazes! — exclamou o comandante do regimento, serenando um pouco. — Eu autorizei-o? Dizem-vos uma coisa, e vocês, imediatamente... — Calou-se. — Dizem-vos uma coisa e vocês... — E então? — concluiu, de novo furioso. — Queira mandar vestir

os seus homens convenientemente.

E o comandante do regimento, depois de lançar um olhar ao ajudante-de-campo, prosseguiu na sua inspecção, caminhando sempre vacilante. Via-se bem que até o próprio furor lhe era agradável e que, percorrendo as fileiras, procurava ainda qualquer outro pretexto para se encolerizar. Tendo passado uma descompostura a um oficial por causa de uma gorjeira mal polida e a outro por virtude de um mau alinhamento, avançou para a 3ª companhia.

— Isto é que é posição? Onde tens o teu pé? Onde tens o teu pé? — gritou, em voz furibunda, ainda o separavam cinco homens de Dolokov, vestido com um capote azulado.

Dolokov rectificou imediatamente a posição da sua perna, na fileira, e fixou o general com os seus olhos brilhantes e escarninhos.

— Porque é que tu estás com um capote azul? Tira isso... Sargento! Dispam-no!... Cana... — Não teve tempo de acabar.

— General! Eu devo executar as ordens que me dão, mas não suportar... — disse precipitadamente Dolokov.

— Não se fala na forma!... Não se fala, não se fala!...

— Não sou obrigado a tolerar injúrias — concluiu Dolokov, em voz alta e inteligível.

Os olhos do general e os do soldado encontraram-se. O general não respondeu, contentando-se em repuxar, colérico, a bandoleira muito esticada.

— Mude de capote, se faz favor — disse ele, afastando-se.

[II]

— Aí vem! — gritou nesta altura a sentinela.

O comandante do regimento, corando, correu para o seu cavalo; trémulo, pousou o pé no estribo, montou, desembainhou a espada, e, com ar radioso e decidido, abrindo a boca de lado, preparou-se para dar as vozes de comando. O regimento sacudiu-se, como um pássaro que espaneja as asas, e ficou imóvel.

— Sentido!...— gritou, numa voz vibrante, onde havia para ele, general, satisfação, para o regimento severidade e para o comandante que chegava

deferência.

Uma caleche vienense, alta e azul, tirada por seis cavalos, vinha avançando, com um ligeiro ruído de ferragens, num trote rápido, ao longo da larga estrada desempedrada, que dois renques de árvores ladeavam. Atrás da caleche galopavam os oficiais às ordens e uma escolta croata. Sentado ao lado de Kutuzov vinha um general austríaco, de uniforme branco, que contrastava no meio dos uniformes negros dos oficiais russos. A caleche parou em frente das fileiras do regimento. Kutuzov e o companheiro conversavam em voz baixa, e aquele teve um vago sorriso no momento em que, no seu andar pesado, punha os pés no estribo do carro, dando a impressão de não perceber estarem ali dois mil homens que, de respiração suspensa, fitavam nele os olhos, nele e no comandante do regimento,

Uma voz de comando ressoou, o regimento ondulou de novo e apresentou armas. No meio de um silêncio de morte, ouvia-se a voz débil do general-chefe. O regimento soltou um urro: «Saúde para Sua Ex.., celência.., lência.., lência.,.» E de novo tudo ficou silencioso. Kutuzov, de princípio, deixou-se estar parado enquanto o regimento desfilava; depois, ao lado do general de farda branca, a pé e seguido da comitiva, percorreu de um lado para o outro as fileiras dos soldados.

Pela maneira como o general comandante do regimento saudava com a sua espada o general-chefe, comendo-o com os olhos, sempre hirto e correcto, e pela forma como ele, inclinando-se para diante, seguia o general na sua marcha através das fileiras de soldados, só com dificuldade dominando o andar claudicante, e ainda pelo modo como se aproximava, a galope, à mínima palavra ou ao mínimo gesto do seu superior, era evidente estar cumprindo as suas obrigações de subordinado com mais satisfação ainda do que cumpria as suas obrigações de comandante. O regimento, graças à severidade e ao zelo do seu general comandante, apresentava-se em muito melhor estado do que os demais regimentos chegados na mesma altura a Braunau. Ao todo havia apenas, entre doentes e retardatários, duzentos e dezassete homens. E tudo estava em perfeito estado, salvo as botas dos soldados.

Kutuzov percorreu as fileiras, detendo-se, de tempos a tempos, para dirigir algumas palavras amáveis aos oficiais seus conhecidos da guerra da Turquia, e, por vezes, dirigia-se também aos soldados. Ao inspeccionar as botas, encolheu os ombros por mais de uma vez, apontando-as ao general austríaco, como a dizer que, se a ninguém podia censurar, nem por isso devia deixar de verificar o mau

estado em que se encontrava o calçado do regimento. O comandante a todo o momento se precipitava para a frente, com receio de perder qualquer palavra do que se dizia a respeito do seu regimento. Na retaguarda de Kutuzov, a uma distância que permitia ouvir todas as palavras pronunciadas em voz baixa, seguia a comitiva, composta de vinte pessoas, que, falavam umas com as outras e por vezes até se riam. O militar que seguia na primeira fila atrás do general-chefe era um garboso ajudante-de-campo: nem mais nem menos que o príncipe Bolkonski. A seu lado marchava Nesvitski, oficial superior de alta estatura e muito gordo, de belo rosto sorridente e bom, com os olhos sempre húmidos. Nesvitski não podia deixar de se rir dos modos de um oficial de hússares morenaço que marchava ao seu lado. Este, impassível, de ar imperturbável, fitava, muito sério, as costas do comandante do regimento, copiando cada um dos seus movimentos. De cada vez que este vacilava em cima das pernas ou dobrava a espinha, ele imitava-lhe tal qual o gesto e a curvatura. Nesvitski ria e acotovelava os outros, chamando-lhes a atenção para a pantomima.

Kutuzov passava lenta e pesadamente por diante daqueles milhares de olhos como que desorbitados no esforço de o não perderem de vista. Ao chegar por alturas da 3.a companhia, o general-chefe parou bruscamente. A comitiva, que não contava com aquela paragem, não pôde evitar de colidir com ele.

— Eh. Timokine! — exclamou ele, reconhecendo o comandante do nariz vermelhusco que fora repreendido por causa do capote azul.

Teria parecido impossível que alguém pudesse tomar uma posição mais hirta que aquela que Timokine assumira quando das observações que lhe fizera o comandante do regimento, mas a verdade é, que no momento em que o general-chefe o interpelou tal era a sua rigidez na posição de sentido que, se a cena se prolongasse, lhe teria sido impossível conservar essa atitude. Por isso mesmo. Kutuzov, compreendendo a sua posição, e porque lhe não queria senão bem, seguiu adiante com um sorriso imperceptível na sua face inchada e desfigurada pela cicatriz de uma velha ferida.

— Mais um camarada de Ismail (Episódio militar russo, muito célebre, de 1790. (N, dos T.) — disse ele — Um valente militar! Estás contente com ele? — perguntou ao comandante do regimento.

O comandante do regimento, sem saber que a sua imagem se estava a reflectir no espelho do oficial de hússares que seguia atrás dele, deu um passo em frente,

estremeceu e disse:

— Contentíssimo. Alta Excelência!

— Todos nós temos as nossas fraquezas — observou Kutuzov, sorrindo, e afastando-se. — Aquele tinha a sua predilecção por Baco.

O comandante do regimento teve receio de ser censurado por isso e não respondeu. O oficial de hússares neste momento reparou na cara do capitão do nariz vermelhusco e na rigidez com que ele apresentava o ventre na posição de sentido e imitou-o com tal flagrância que Nesvitski não pôde conter o riso. Kutuzov voltou-se. Era evidente que o oficial de hússares tinha uma mobilidade de expressão extraordinária. No mesmo instante em que Kutuzov voltava a cabeça, mimava ele uma máscara apropriada à circunstância e assumia imediatamente o ar mais sério, mais respeitoso e mais inocente deste mundo.

A 3ª companhia era a última e Kutuzov ficara pensativo, como que a procurar lembrar-se fosse do que fosse. O príncipe André, saindo da comitiva do general, aproximou-se dele e disse-lhe em francês, em voz baixa:

— Permito-me dizer-lhe que me pediu lhe lembrasse o degradado Dolokov, deste regimento.

— Onde que está o Dolokov? — perguntou Kutuzov. Dolokov, que tinha enverga4do um capote cinzento de soldado, não esperou que o chamassem. A silhueta bem desenhada de um soldado louro e de olhos azuis saiu das fileiras. Aproximou-se do general-chefe e apresentou armas.

— Alguma queixa? — perguntou Kutuzov, franzindo um pouco as sobrancelhas.

— É o Dolokov — esclareceu o príncipe André.

— Ah! — exclamou Kutuzov. — Espero que a lição te sirva de emenda. Cumpre o teu dever de soldado. O imperador é clemente. E eu não te esquecerei, se o mereceres.

Os brilhantes olhos azuis fixaram-se no general-chefe com a mesma arrogância com que se tinham pousado no comandante do regimento, como se Dolokov quisesse desse modo rasgar o véu de convenções que tanto distanciava um general-chefe de um simples soldado.

— O único favor que peço. Mui Alta Excelência — disse ele, na sua voz lenta, sonora e firme — é que me seja permitido apagar a minha falta e mostrar a minha dedicação ao imperador e à Rússia.

Kutuzov fez meia volta. Houve nos seus olhos um sorriso no género daquele

que por eles perpassara depois da sua entrevista com o capitão Timokine. Franziu as sobrancelhas, como se com isso quisesse significar que tudo quanto Dolokov lhe tinha dito, que tudo quanto ele próprio lhe poderia ter respondido era coisa desde há muito, muito tempo, conhecida, que tudo isso o enfadava grandemente e que não era nada disso que seria preciso dizer. Voltou costas e encaminhou-se para a caleche.

O regimento formou por companhias e dirigiu-se para os acantonamentos, não distantes de Braunau, onde devia reabastecer-se de botas e de fardamentos e descansar depois de tão duras jornadas.

— Não tem razão de queixa de mim. Prokor Ignatich? — interrogou o comandante do regimento no momento em que se avizinhou da 3ª companhia, que partia para o seu destino, e ao aproximar-se do capitão Timokine, que ia na vanguarda. Depois de uma revista tão bem sucedida, a cara do general transbordava de mal reprimida alegria. — É serviço do czar... Não pode ser de outra maneira... Às vezes, durante as inspecções, uma pessoa está um bocadinho excitada... Eu sou o primeiro a pedir desculpa, conhece-me bem... Os meus agradecimentos! — E estendeu a mão ao capitão.

— Desculpe-me, meu general, se eu ouso replicou o capitão, com o seu nariz muito vermelho, sorrindo, e mostrando deste modo que lhe faltavam dois dentes da frente, partidos, com uma coronhada, em Ismail.

— E a propósito, comunique ao Dolokov que eu me não esquecerei dele se tiver juízo. E diga-me, se faz favor, que é que ele faz, como é que ele se comporta? E...

— É muito pontual no serviço. Excelência.., mas quanto ao carácter... — redarguiu Timokine.

— Quê? Que há quanto ao carácter? — inquiriu o general.

— Há dias. Excelência... Às vezes é bem educado, bom rapaz, sensível. Outras vezes é uma verdadeira fera. Dizem que matou um judeu na Polónia, como sabe...

— Sim, sim, é verdade; mas ainda assim é preciso que a gente seja tolerante para um rapaz que caiu em desgraça. Tem muito boas relações... E também é preciso...

— Eu compreendo. Excelência — disse Timokine, com um sorriso em que se lia que compreendera o desejo do superior.

— Sim, sim.

O comandante do regimento foi em busca de Dolokov, pelo meio das fileiras, e estacou o cavalo.

— No primeiro recontro podes ganhar os teus galões — disse-lhe. Dolokov fitou-o sem dizer palavra e sem alterar o seu ar sorridente e trocista.

— Bom, agora está tudo em ordem. Um copo de aguardente a cada homem — acrescentou, de maneira a que todos o ouvissem. — A todos obrigado! Louvado seja Deus! — E, ultrapassando a companhia, aproximou-se de outra.

— Sim, apesar de tudo, é boa pessoa; é um tipo com quem a gente se entende — disse Timokine a um oficial subalterno que marchava a seu lado.

— Numa palavra, um rei de copas! — comentou este rindo. Era a alcunha do comandante do regimento entre os seus homens.

A boa disposição dos oficiais depois da revista propagou-se aos soldados. As companhias marchavam alegremente. Havia ditos nas fileiras.

— Diziam que Kutuzov era cego de um olho...

— E é... Não tem um olho.

— Não é verdade.., rapazes, vê melhor do que tu. Viu tudo, até as botas e meias...

— Ah, rapazes, quando ele me olhou para as pernas — eu disse cá comigo...

— E o outro, o austríaco, que vinha com ele? Parecia que lhe tinham despejado em cima uma lata de cal. Estava todo enfarinhado. Aposto que eles dão lustro na farda, como nós damos às espingardas.

— Eh. Fedechu!... Ouviste-o dizer quando principiava a batalha? Estavas tão perto dele. Dizem que o Bonaparte em pessoa esta em Brunov.

— Bonaparte? Que tolice! É só isso que tu sabes? Desconheces que os Prussíanos já se revoltaram? Os Austríacos estão a tratar-lhes da saúde. Quando eles acabarem, então é que principia a guerra com o Bonaparte. E aquele a dizer que o Bonaparte está em Brunov! É um imbecil, claro está! Abre-me melhor essas orelhas!

— Ah, esses malditos furriéis! A 5ª, como tu estás a ver, já lá está na aldeia. A esta hora já eles estão a fazer o kacha, e nós ainda tão longe.

— Não tens um biscoito?

— E ontem deste-me tabaco? Está bem, rapaz. Bom, bom. Deus seja contigo!

— Se ao menos fizessem alto... Assim, ainda vamos andar mais umas cinco verstas de barriga vazia.

— Hem! Era bem melhor que os Alemães nos oferecessem carruagens. Vai ou não vai? Colossal!

— Isto por aqui, rapazes, é tudo gente de pé descalço. Ao menos lá para cima eram polacos, súbditos da coroa russa, enquanto agora, rapazes, são tudo alemães.

— Os cantores à frente! — gritou o capitão.

E na vanguarda do batalhão reuniram-se, vindos de diversos lados, uns vinte homens. O tambor-mor voltou a cabeça para os cantores, e, com um aceno, entoou a lenta canção dos soldados, que começa assim: «Não é a aurora, o Sol que está a nascer...», e termina: «É, é, rapazes, é a glória que nos espera com o tio Kamenski...» Esta canção tinha sido composta na Turquia e actualmente cantavam-na na Áustria, apenas com esta pequena variante: onde estava «tio Kamenski» estava agora «tio Kutuzov».

Depois de ter entoado o último verso, com um ar marcial e fazendo um amplo gesto com a mão, o gesto de quem atira qualquer coisa para longe, o tambor, um belo soldado dos seus quarenta anos, grande e seco, envolveu num olhar severo os seus cantores, franzindo as sobrancelhas. Depois, bem certo de que todos os olhos estavam fitos nele, deu a impressão de erguer, com as duas mãos, à altura da cabeça qualquer objecto precioso e invisível, conservou-o aí alguns segundos e, de repente, foi como se o tivesse atirado para longe:

«Ai, minha casa, minha casa,
Minha casa nova em folha.»

Vinte vozes entoaram o refrão e o tocador de ferrinhos, apesar do peso do equipamento, saltou para a frente do batalhão e, de costas, sempre a, andar, agitando os ombros, parecia ameaçar quem quer que fosse com o seu instrumento. Os soldados marcavam o compasso com os braços, cantando, e a sua marcha acompanhava o ritmo da canção. Lá para trás ouviu-se um rolar de rodas, um chiar de molas, um trote de cavalos. Era Kutuzov e a sua comitiva que regressavam à cidade. O general-chefe fizera um sinal indicando que os soldados podiam continuar a marchar livremente, e na sua cara, assim como na dos membros da sua comitiva, lia-se contentamento, o contentamento que lhes causava ouvir aquelas canções, ver o soldado que dançava e o aspecto jovial dos seus camaradas. Na segunda

fileira, no flanco direito, por onde a caleche ultrapassou o regimento em marcha, chamava a atenção, sem dar por isso, o soldado de olhos azuis. Dolokov, que, marcial e gracioso como poucos, marchava ao ritmo da canção, olhando para toda a gente que passava com o ar de quem tem pena de que não fossem todos com ele, de que não fizessem todos parte da sua companhia. Um oficial de hússares da comitiva de Kutuzov, aquele mesmo que parodiara o comandante do regimento, deixou passar a caleche e aproximou-se de Dolokov.

Durante algum tempo, em Petersburgo, este oficial. Jerkov, fizera parte do grupo de boémios de que o Dolokov fora o chefe. Já o tinha encontrado no estrangeiro naquela situação de soldado, mas achara melhor não o conhecer. Agora, depois da conversa de Kutuzov com o ex-oficial, veio para ele com a satisfação de quem encontra um velho amigo.

— Meu querido amigo, como vais tu? — lançou, no meio do alarido das vozes, procurando acertar o passo da sua montada com o dos soldados.

— Eu? — redarguiu Dolokov friamente. — É como estás vendo. A galharda canção parecia sublinhar a alegre despreocupação das palavras de Jerkov e a deliberada frieza de Dolokov.

— Bom, e então, que tal te dás com os teus chefes? — perguntou Jerkov.

— Muito bem. É boa gente. E tu, conseguiste meter-te no estado-maior?

— Estou em missão. Sou adido.

Calaram-se.

«Lá vai o falcão, lá vai.
Da minha manga direita partiu.»

dizia a canção, acordando uma involuntária sensação de coragem e bravura. A conversa dos dois teria sido muito diferente, com certeza, se não decorresse ao som daquela canção.

— Sempre é verdade que os Austríacos foram derrotados? — perguntou Dolokov.

— Quem diabo o sabe? É o que dizem.

— Tanto melhor — replicou Dolokov, seco e breve, ao ritmo da cadência.

— Aparece uma destas noites. Jogamos uma partida de faraó — disse Jerkov.

— Estás então cheio de dinheiro?

— Aparece.

— Não posso. Fiz uma promessa. Não bebo nem jogo enquanto me não reintegrarem no meu posto.

— Bom, então no primeiro recontro...

— É o que vais ver,

Calaram-se ambos outra vez.

— Se precisares de alguma coisa aparece no estado-maior; estou às tuas ordens... — volveu Jerkov.

Dolokov pôs-se a rir.

— É melhor não te preocupares comigo. Aquilo de que precisar não o pedirei a ninguém; eu próprio me encarregarei de o obter.

— Bom, sim, eu apenas...

— Bom, e eu também...

— Até à vista.

— Adeus.

«E bem longe e bem livre
Na nossa terra natal.»

Jerkov cravou as esporas no seu cavalo; este, excitado, deu duas ou três voltas no mesmo lugar, sem saber como havia de partir. Depois, sacudiu a cabeça e largou a trote, contornando o batalhão, para se aproximar da caleche, seguindo ao ritmo do canto.

[III]

De regresso da inspecção. Kutuzov, acompanhado do general austríaco, penetrou no seu gabinete, e, chamando um ajudante-de-campo, ordenou-lhe que lhe trouxessem certos papéis relativos ao estado das tropas em campanha e a correspondência emanada do arquiduque Fernando, que comandava a vanguarda.

O príncipe André Bolkonski entrou dai a pouco, com os papéis pedidos, no gabinete do general-chefe. Diante de um mapa estendido sobre a mesa sentavam-

se Kutuzov e o general austríaco membro do Conselho Superior de Guerra.

— Ah!... — exclamou Kutuzov, olhando para Bolkonski, como se lhe quisesse dizer que esperasse, continuando, porém, em francês a conversa principiada,

— Só tenho uma coisa a dizer, general — Kutuzov punha na sua linguagem expressões e entoações distintas, destacando nítida e lentamente cada palavra, e via-se bem que tinha prazer em ouvir-se a si próprio. — Só tenho uma coisa a dizer. Se isso não dependesse senão da minha vontade, de há muito que teriam sido satisfeitos os desejos de Sua Majestade o Imperador Francisco. De há muito que eu teria operado já a minha fusão completa com o arquiduque. E, acredite na minha palavra de honra, entregar o alto comando do exército a um general mais competente e mais hábil do que eu, coisa que não falta na Áustria, e ver-me livre de uma responsabilidade tão pesada, eis o que seria um grande alívio para mim. Mas as circunstâncias são mais fortes do que nós, general.

Kutuzov sorriu com o ar de quem quer dizer: «Você está no seu pleno direito de não acreditar em mim, e o certo é que isso me não dá o mal, pequeno cuidado, mas o que você não tem é motivo para pretender tal coisa. E aí é que está a questão.»

O general austríaco não tinha cara de muito satisfeito, mas via-se obrigado a responder a Kutuzov no mesmo tom.

— Pelo contrário — volveu ele, numa voz irritada e desabrida, em perfeita contradição com as palavras lisonjeiras que pronunciava — Pelo contrário, a participação de Vossa Excelência na obra comum é altamente apreciada por Sua Majestade, mas nós somos de opinião de que os adiamentos actuais privam os gloriosos exércitos russos e o seu general-chefe dos louros que eles estão habituados a conquistar nos campos de batalha — Era evidente que esta última frase já a trazia ele preparada.

Kutuzov inclinou-se, sem deixar de sorrir.

Nesse caso, fundamentando-me, especialmente, na última carta com que me honrou Sua Alteza o Arquiduque Fernando, tenho razão para crer que as tropas austríacas sob o comando de um colaborador tão hábil como o general Mack, obtiveram urna vitória decisiva e já não têm necessidade da nossa ajuda.

O general franziu as sobrancelhas. Embora ainda não houvesse notícias seguras de uma derrota austríaca, já havia muitas indicações que confirmavam os boatos desfavoráveis postos a correr; por isso a suposição de Kutuzov de que os

Austríacos estavam vitoriosos tinha mais um ar de mofa que outra coisa. Kutuzov continuava a sorrir disfarçadamente, sempre com o mesmo ar de quem diz que havia razões para crer que assim fosse. Efectivamente, a última carta que recebera do exército de Mack falava em vitória e numa situação estratégica a todos os títulos excelente.

— Deixe ver essa carta — disse Kutuzov para o príncipe André. — Queira fazer o favor de ouvir.

E Kutuzov, com o seu sorriso trocista aos cantos dos lábios, leu em alemão ao general austríaco o passo seguinte da carta do arquiduque Fernando:

> Todas as nossas forças, cerca de setenta mil homens, estão já concentradas, de sorte que nós podemos atacar e esmagar o inimigo no caso de ele vir a atravessar o Lech. Visto que Ulm está em nosso poder, temos a vantagem de conservar as duas margens do Danúbio, e deste modo, em qualquer altura, desde que o inimigo não atravesse o Lech, somos nós quem pode atravessar o Danúbio, lançando-nos sobre as linhas de comunicação, e voltar a atravessar o Danúbio mais abaixo; se o inimigo se lembrasse de lançar todas as suas forças contra os nossos fiéis aliados, nós não o deixaríamos realizar essa operação. Deste modo, aguardaremos, corajosamente, o momento em que o exército imperial russo esteja inteiramente preparado para encontrar, em seguida, muito facilmente, as possibilidades de dar ao inimigo o destino que ele merece.

Kutuzov, concluída que foi a leitura de toda esta fraseologia, soltou um suspiro de alívio e fitou com amabilidade e atenção o membro do Conselho Superior de Guerra.

— Mas Vossa Excelência sabe muito bem que uma das regras da prudência é prever sempre o pior — observou o general austríaco, que estava morto por acabar com aquela brincadeira e chegar aos factos.

Não pôde impedir-se de lançar um olhar ao ajudante-de-campo.

— Perdoe-me, general — interrompeu Kutuzov, voltando-se igualmente para o príncipe André.— Ouça, meu amigo, vá pedir ao Kozlovski todos os relatórios dos nossos espiões. Aqui tem duas cartas do conde de Nostitz, aqui tem a carta do

arquiduque Fernando e mais isto — acrescentou, entregando-lhe diversos papéis. — Com tudo isto faça-me um memorando, uma nota, bem clara, em francês, mencionando tudo o que sabemos acerca das operações do exército austríaco. Depois, entregue tudo a Sua Excelência.

O príncipe André inclinou-se de modo a fazer compreender que tudo compreendera desde as primeiras palavras: não só o que fora dito, como também o que Kutuzov teria desejado dizer-lhe. Pegou nos papéis e, depois de uma continência circular, dirigiu-se para a sala de visitas, pisando silenciosamente o tapete.

Embora ainda se não tivesse passado muito tempo depois que André deixara a Rússia, já tinha mudado bastante. Os seus traços fisionómicos, os seus gestos, o seu andar, não conservavam já quase nada daquele ar afectado de outrora, do seu falso ar de fadiga e de indolência. Dava a impressão de um homem que não tem tempo de pensar na opinião que os outros possam ter a seu respeito, ocupado que está a fazer seja o que for que ele considera muito interessante. Parecia mais satisfeito consigo próprio e com os outros que dele se aproximavam. No seu sorriso e no seu olhar havia mais alegria e sedução.

Kutuzov, que ele fora encontrar já na Polónia, acolhera-o muito amavelmente, prometera-lhe não o esquecer, distinguira-o entre todos os demais ajudantes-de-campo, trouxera-o consigo a Viena e confiara-lhe missões muito sérias. De Viena escrevera ao seu velho camarada, o pai do príncipe André.

«O teu filho promete Vir a ser um oficial fora do vulgar, pelos serviços prestados e pela firmeza da sua pontualidade no serviço. Considero-me feliz por ter ao meu dispor um tal subordinado.»

No estado-maior de Kutuzov, entre os seus camaradas e em geral no exército, o príncipe André, tal como acontecia na sociedade de Petersburgo, gozava de duas reputações absolutamente opostas. Uns — a minoria — consideravam-no um ser diferente de todos os demais, esperavam dele grandes coisas, ouviam-no, admiravam-no e imitavam-no: e com estes ele era simples e amável. Os outros — a maioria — não gostavam dele, consideravam-no um indivíduo inchado de orgulho, com um carácter frio e desagradável. Mas de tal modo André se comportava para com eles que estes o estimavam e até mesmo o temiam.

Ao penetrar na sala de visitas, depois de ter deixado o gabinete de Kutuzov, o príncipe André, com os papéis na mão, aproximou-se do seu camarada, o ajudante-

de-campo de serviço. Kozlovski, que estava a ler um livro ao pé da janela.

— Então, príncipe? — perguntou Kozlovski.

— Ordem para redigir uma nota explicando a razão pela qual não avançamos.

— E porquê?

André fez-lhe sinal de que também não sabia.

— Não há notícias de Mack?— perguntou Kozlovski.

— Não.

— Se fosse verdade ele ter sido derrotado já haveria notícias.

— Provavelmente — redarguiu André, dirigindo-se para a porta de serviço.

Nessa altura entrava, num repente, batendo com a porta, um general austríaco de grande estatura, de capote, um lenço preto amarrado à cabeça, e pendente do pescoço o colar de Maria Teresa: acabava, evidentemente, de chegar. O príncipe André deteve-se.

— O general-chefe. Kutuzov? — disse rapidamente o recém-chegado com um duro sotaque alemão, olhando em roda, e dirigindo-se, sem se deter, para a porta do gabinete.

— O general-chefe está ocupado — replicou Kozlovski, interceptando os passos do general desconhecido e vedando-lhe o caminho. — Quem devo anunciar?

O general desconhecido mediu com um olhar de desdém Kozlovski, que era de pequena estatura, como que surpreendido de o não terem reconhecido.

— O general-chefe está ocupado — repetiu tranquilamente Kozlovski.

O general franziu as sobrancelhas e os lábios tremeram-lhe de cólera. Puxou de uma agenda, traçou apressadamente algumas palavras a lápis, rasgou a folha, entregou-a, aproximou-se da janela a passos rápidos, deixou-se cair numa cadeira e ficou-se a olhar os circunstantes, como que a dizer: «Com que direito é que me olham assim?» Em seguida ergueu a cabeça, estendeu o pescoço, como se fosse falar, e depois, como se fosse cantarolar qualquer coisa, negligente, emitiu um som estranho, que logo saiu estrangulado. A porta do gabinete abriu-se e no limiar apareceu Kutuzov. O general da cabeça amarrada, com o ar de quem procura evitar um perigo, aproximou-se de Kutuzov em largos passos rápidos das suas magras pernas, fazendo uma vénia ao general russo.

— Eis na sua frente o infeliz Mack — articulou, numa voz alterada.

Kutuzov, de pé à porta do seu gabinete, conservou durante instantes uma expressão absolutamente impassível. Depois, um vinco, como uma vaga, lhe

perpassou pela máscara e as rugas da testa desapareceram -lhe; inclinou-se com deferência, fechou os olhos, deixou passar Mack adiante, sem dizer palavra, e em seguida puxou a porta.

O boato já então espalhado da derrota dos Austríacos e da rendição do exército inteiro em Ulm era exacto. Meia hora depois eram enviados ajudantes-de-campo em todas as direcções anunciando que dentro em pouco também o exército russo, até aí inactivo, se iria defrontar com o inimigo.

O príncipe André era um dos raros oficiais do estado-maior a quem interessava, antes de mais nada, a marcha geral das operações militares. Ao ver Mack e tendo conhecido por miúdo os pormenores da sua derrota compreendeu que metade da campanha estava perdida, que os exércitos russos se encontravam numa situação bastante crítica e anteviu com nitidez o destino reservado às tropas e o papel que a ele próprio competiria. Sem querer, experimentou uma alegria violenta ao pensar que a presunçosa Áustria estava humilhada e que dentro de uma semana talvez lhe fosse dado tomar parte num recontro entre Russos e Franceses, o primeiro desde Suvorov para cá. Mas receava o génio de Bonaparte, capaz de vencer a bravura dos exércitos russos, e ao mesmo tempo não podia admitir que o seu herói fosse posto em xeque.

Emocionado e transtornado pelos seus pensamentos. André retirou-se para os seus aposentos na intenção de escrever ao pai a sua carta quotidiana. No corredor encontrou-se com o seu camarada Nesvitski e o jocoso Jerkov; como sempre, estavam ambos muito alegres:

— Porque é que estás tão macambúzio? — perguntou Nesvitski, ao ver o rosto pálido e os olhos brilhantes do príncipe André.

— Não há grande motivo para estarmos contentes — redarguiu Bolkonski.

Na mesma altura em que os três camaradas se encontravam, cruzavam-se com eles, vindos do outro lado do corredor, o general austríaco Strauch, adido ao estado-maior de Kutuzov para efeitos de abastecimento das tropas russas, e um membro do Conselho Superior de Guerra, que chegara na véspera. O largo corredor tinha espaço suficiente para que os generais passassem livremente, apesar da presença dos três oficiais, mas Jerkov, acotovelando Nesvitski, segredou-lhe, num frouxo de riso:

— Eles aí estão!... Eles aí estão!... Em linha, deixem-nos passar! Façam favor de os deixar passar!

Era evidente que os generais queriam passar sem chamar a atenção para honras supérfluas. O burlesco Jerkov assumiu de súbito um ar de estúpida alegria que afectava não poder dominar.

— Excelência — disse ele em alemão, dando um passo em frente e dirigindo-se ao general austríaco .— Tenho a honra de o felicitar.

Numa vénia e desastradamente, como as crianças quando aprendem a dançar, fez deslizar um pé, depois o outro.

O general membro do Conselho Superior de Guerra mediu-o de alto a baixo com um olhar severo; mas ao reparar na gravidade daquele sorriso parvo não pôde recusar-lhe um momento de atenção. Semicerrou w olhos, atento.

— Tenho a honra de o felicitar. Chegou o general Mack, em muito bom estado, apenas com uma feridazinha aqui — acrescentou, abrindo-se em sorrisos e apontando para a sua própria testa.

O general franziu as sobrancelhas, voltou costas e continuou o seu caminho.

— Meu Deus, que ingenuidade! (Em alemão no texto russo. (N, dos T.) — exclamou, furioso, depois de ter dado alguns passos.

Nesvitski, rindo, passou o braço por detrás do príncipe André, mas este, empalidecendo ainda mais, sacudiu-o, tomando um ar descontente, e voltou-se para o lado de Jerkov. O nervosismo em que o puseram a presença de Mack e as notícias sobre a situação, além da lembrança do que aguardava o exército russo, fizeram-no explodir perante o gracejo despropositado de Jerkov:

— Meu caro senhor — exclamou numa voz incisiva, com um ligeiro tremor no queixo —, se lhe dá prazer fingir de palhaço, não serei eu quem o impeça disso, mas devo adverti-lo de que se torna a ter a audácia de fazer de histrião na minha presença eu lhe ensinarei como deve comportar-se.

Nesvitski e Jerkov ficaram tão surpreendidos com estas palavras que fitaram Bolkonski sem dizer palavra, os olhos muito abertos.

— Porquê? Limitei-me a apresentar-lhe as minhas felicitações — balbuciou Jerkov.

— Eu não estou a brincar consigo, peço-lhe que se cale! — gritou-lhe Bolkonski, e, tomando o braço de Nesvitski, seguiu em frente, deixando Jerkov no meio do corredor, sem saber que responder.

— Então, que é isso? — disse Nesvitski para o sossegar.

— Quê?! — exclamou o príncipe André, detendo-se, tomado ainda de

exaltação. — É preciso que compreendas que nós ou somos oficiais ao serviço do nosso czar e da pátria, que nos regozijamos com os êxitos gerais e deploramos os fracassos, ou então não passamos de simples lacaios, indiferentes à vida dos nossos amos. Quarenta mil homens massacrados e o exército dos nossos aliados dizimado, e acha que é caso para rir — acrescentou, como se esta frase em francês viesse fortalecer o seu raciocínio. Está certo num rapaz insignificante como esse indivíduo que elegeu para seu amigo, mas não em si, não em si. Só os garotos é que se divertem desta maneira— continuou em russo, pronunciando a palavra «garotos» com um sotaque francês, pois receou que Jerkov o pudesse ouvir.

Ficou um momento silencioso, como que à espera de ouvir o que o oficial replicaria. Mas este fez meia volta e saiu do corredor.

[IV]

O regimento dos hússares de Pavlogrado estava acantonado a umas duas milhas de Braunau. O esquadrão de que era junker Nicolau Rostov ocupava a aldeia alemã de Saltzeneck. Na mais confortável casa da povoação fora alojado o comandante do esquadrão, o capitão Denissov, a quem toda a gente conhecia, na divisão de cavalaria, por Vaska Denissov. O junker Rostov, desde que se juntara ao regimento, na Polónia, estava aboletado com o comandante do esquadrão.

A 11 de Outubro, no mesmo dia em que a notícia do desastre de Mack pusera o quartel-general em sobressalto, a vida de campanha do esquadrão prosseguia tão tranquilamente como até essa data. Denissov, que perdera a noite, ainda não regressara a casa, quando Rostov, de manhãzinha, voltou a cavalo da distribuição da forragem. No seu uniforme de junker. Rostov aproximou-se dos degraus da porta, impelindo o cavalo, depois passou a perna por cima da garupa, num gesto rápido e juvenil, ficou um momento com o pé no estribo, como se o deixasse com saudades, e por fim saltou para o chão, chamando a ordenança.

— Eh! Bondarenko, amigo do meu coração! — exclamou ele para um hússar que se tinha precipitado para o cavalo. — Passeia-o, meu velho! — continuou, com essa ternura fraterna e jovial que os rapazes, quando se sentem felizes, testemunham a toda a gente.

— As suas ordens. Excelência — respondeu o pequeno russo, sacudindo alegremente a cabeleira.

— Toma atenção, dá-lhe um bom passeio.

Outro hússar se tinha igualmente precipitado, mas Bondarenko já tomara conta do bridão. Era evidente que o junker costumava dar boas gorjetas e que valia a pena servi-lo. Rostov passou a mão pela cernelha do cavalo, acariciando-o depois pela garupa e ficou alguns instantes parado nos degraus da entrada. «Esplêndido! Isto é que vai dar um cavalo!», disse de si para consigo, sorrindo, com o sabre suspenso da mão. Depois galgou rapidamente os degraus, fazendo tilintar as esporas. O alemão em casa de quem estava aboletado, de colete de flanela e boné de algodão, empunhando uma forquilha para apanhar estrume, olhava para a cena plantado na soleira da porta do estábulo. Assim que viu Rostov, o rosto iluminou-se-lhe. Sorriu alegremente e piscou-lhe o olho: — Bom dia! Bom dia! (Em alemão no texto russo. (N, dos T.) — repetiu, com visível satisfação por ter oportunidade de saudar o rapaz.

— Já a trabalhar! (Em alemão no texto russo. (N, dos T.) — exclamou Rostov com o mesmo ar amistoso e jovial que lhe andava sempre na cara. — Vivam os Austríacos! Vivam os Austríacos! Viva o imperador Alexandre! — acrescentou, dirigindo ao proprietário as próprias palavras que este muita vez tinha repetido.

— E viva toda a gente! (Em alemão no texto russo. (N, dos T.).

Rostov, imitando o alemão, agitou no ar a barretina e gritou, rindo:

— E viva toda a gente! (Em alemão no texto russo. (N, dos T.) — Embora o alemão, que andava a limpar a estrebaria, não tivesse qualquer motivo para estar alegre, o que, aliás, se dava também com Rostov, que fora com o seu pelotão buscar forragens, os dois homens olharam um para o outro cheios de entusiasmo e de fraternal afecto, trocaram sinais amistosos com a cabeça e separaram-se, aquele para regressar à cavalariça, este para entrar na casa onde habitava na companhia de Denissov.

- Que é do teu amo? — perguntou Rostov a Lavruchka, o velhaco impedido de Denissov, muito popular no regimento.

— Desde ontem à noite que ninguém lhe põe a vista em cima. Está claro que jogou e perdeu — replicou Lavruchka. — Quando ganha, já sei, volta para casa cedo, para se gabar, mas quando não aparece logo pela manhã, isso só quer dizer

que está sem cheta. Aparece aí furioso. Devo servir o café?

— Está bem, traz, traz.

Dez minutos mais tarde. Lavruchka trazia o café.

— Lá vem ele — disse o impedido.— Isto vai ser bonito!

Rostov olhou para a janela e viu Denissov, que regressava a casa. Denissov era um homenzinho vermelhusco de cara, com uns olhos muito negros e brilhantes, de bigodes e cabelos desgrenhados. Trazia o dólman desabotoado e as pregas das largas calças flutuavam-lhe nas pernas; a barretina, toda amarrotada,' caía-lhe para a nuca. Macambúzio, de cabeça baixa, aproximou-se da escada.

— Lavruchka! — gritou, colérico, escamoteando o r. — Anda cá, tira-me isto, idiota!

— Bom, lá vou, sim senhor — disse a voz de Lavruchka.

— Ena, já estás levantado! — exclamou Denissov, ao entrar em casa.

— Há quanto tempo! — tomou-lhe Rostov. — Já fui à forragem e já vi a Fräulein Matilde.

— Caramba! Pois eu, meu rapaz, ontem fiquei limpo! — exclamou Denissov, que não pronunciava os rr. — Que azar! Que azar! Começou logo que te foste embora. Eh! chá!

Denissov, de sobrancelhas franzidas, com uma espécie de sorriso que lhe descobria os dentes curtos e sólidos, pôs-se a desgrenhar os cabelos com as duas mãos, metendo os dedos curtos pela espessa floresta das guedelhas pretas.

— Foi o Diabo que me levou a casa daquele Rato! (era a alcunha de um dos camaradas de regimento) — disse ele, passando as duas mãos pela testa e pelas faces. — Imagina tu que não tive uma única carta, uma única.

Denissov pegou no cachimbo aceso, que o criado lhe entregara, apertou-o na mão, e fê-lo crepitar; depois bateu com ele no sobrado, continuando a gritar.

— Vasa simples ganha, paroli perdido: vasa simples ganha, paroli perdido! (Expressão usada no jogo do faraó. (N, dos T.)

O tabaco a arder do cachimbo tinha ido todo para o chão; quebrou o cachimbo e atirou-o fora. Depois ficou calado, fitando Rostov alegremente, com os olhos pretos cintilantes.

— Ainda se ao menos tivesse havido mulheres... Mas não, além do copo, não havia mais nada que fazer. Ah! Se a gente em breve se pudesse bater! E a valer! Eh! Quem está aí? — Voltara-se para a porta, ao ouvir uns passos pesados, que se

detiveram, um ressoar de botas e de esporas e uma tosse respeitosa.

— É o sargento! — disse Lavruchka.

Denissov ainda mostrou um ar mais descontente.

— Que estopada! — exclamou, atirando com uma bolsa em que havia algumas moedas de ouro. — Conta, meu velho, conta. Rostov, conta o dinheiro que lá está e esconde-me aí a bolsa debaixo da almofada.— Em seguida saiu da sala ao encontro do sargento.

Rostov pegou no dinheiro e maquinalmente começou a separar as moedas novas das moedas velhas, em montinhos, pondo-se a contá-las.

— Ah! Telianine! Bom dia! Ontem à noite fiquei limpo! — dizia Denissov na sala contígua.

— Onde, onde? Em casa do Bikov ou do Rato?... Calculava isso — respondeu outra voz, esta aflautada, e em seguida entrou o tenente Telianine, um oficial de pequena estatura, do mesmo esquadrão.

Rostov atirou para debaixo da almofada a bolsa de Denissov e apertou a mão húmida que lhe estendiam. Telianine fora expulso da Guarda, antes da campanha, por um motivo qualquer. Era um oficial bem comportado, mas ninguém gostava dele; Rostov em especial, que não podia vencer nem dissimular a insensata aversão que aquele homem lhe inspirava.

— Então, moço cavaleiro, está contente com o meu Gratchik? — perguntou ele. (Gratchik era um cavalo de sela, para passeio, que Telianine vendera a Rostov.)

O tenente nunca olhava a direito para o interlocutor; os olhos giravam continuamente de um lado para o outro,

— Vi-o passar há bocado...

— Oh, é óptimo, é um bom cavalo — retorquiu Rostov, embora o animal que ele comprara por setecentos rublos nem metade valesse. — Mas está a coxear da mão direita... – acrescentou.

— Tem o casco fendido. Não tem importância. Hei-de-lhe ensinar como se põe um cravo.

— Obrigado — tornou Rostov.

— Fica combinado. Não é segredo. Mas ainda há-de vir a agradecer-me o cavalo que lhe vendi.

— Então o melhor é mandar buscar o cavalo — disse Rostov, morto por se ver

livre do oficial, e saiu da sala para dar ordens nesse sentido.

No vestíbulo. Denissov, de cachimbo na boca, acocorado à turca no limiar da porta, ouvia o relatório do sargento. Ao ver Rostov, franziu as sobrancelhas, mostrando-lhe, por cima do ombro, com o dedo polegar. Telianine, que ficara sentado no quarto atrás dele, e abanou a cabeça em sinal de aversão.

— Ali está um tipo que eu não tolero! — exclamou sem se importar com a presença do sargento.

Rostov teve um gesto de ombros que queria dizer: «Também eu não, mas que havemos de fazer?» e, depois de dar as suas ordens, voltou para o pé de Telianine.

Telianine continuava sentado na atitude indolente que mostrara momentos antes, esfregando as pequenas mãos brancas. «Sempre há cada cara neste mundo!», dizia de si para consigo Rostov, ao voltar ao quarto.

— Então mandou buscar o cavalo? — inquiriu Telianine, levantando-se e lançando um olhar distraído à sua roda.

— Mandei.

— Ora vamos lã ver isso. Vim apenas para pedir ao Denissov as ordens de ontem. Tem-nas consigo. Denissov?

— Não, ainda não. Eh! Onde é que vai?

— Vou ensinar a este rapaz como se ferra um cavalo — disse Telianine.

Desceram a escada e dirigiram-se à cavalariça. O tenente ensinou a Rostov como convém pregar os cravos numa ferradura e voltou para casa.

Quando Rostov regressou, em cima da mesa havia urna garrafa de aguardente e uma salsicha. Denissov estava sentado e a pena rangia sobre o papel. Olhou para Rostov com uma expressão sombria.

— Estou a escrever-lhe — disse.

Pôs o cotovelo na mesa, apoiou-se, com a caneta na mão, e, evidentemente contentíssimo por ter oportunidade de dizer de uma só vez tudo o que tinha intenção de escrever, pormenorizou a Rostov o conteúdo da carta entre mãos.

— Como vês, meu velho — comentou —, enquanto não gostamos de alguém é como se estivéssemos a dormir. Não somos mais que pó... Mas assim que um homem começa a amar, é como se fosse Deus, sente-se puro, é como nos primeiros dias da Criação... Que temos ainda? Manda-o para o diabo que o carregue! Não tenho tempo — gritou para Lavruchka, que se aproximava, sem se perturbar.

— Que quer que eu faça? Foi o senhor quem o mandou. O sargento vem pelo

seu dinheiro.

Denissov franziu as sobrancelhas, quis levantar a voz, mas calou-se.

— Ora esta! Que estopada! — disse como para consigo mesmo. — Que dinheiro há ainda na bolsa? — perguntou a Rostov.

— Sete moedas novas e três velhas.

— Isto é que é uma espiga! Que estás tu aí a fazer, idiota? Vai chamar o sargento — gritou Denissov para Lavruchka.

— Se tu quiseres. Denissov, eu empresto-te dinheiro. Eu tenho dinheiro — disse Rostov corando.

— Não gosto de pedir dinheiro emprestado aos amigos, não, não gosto — balbuciou Denissov.

— Se não aceitares o meu dinheiro, como camarada que és, fico contrariado. Realmente tenho dinheiro – repetiu Rostov. Denissov aproximou-se da cama, para tirar a bolsa de baixo da almofada.

— Onde é que puseste a bolsa. Rostov?

— Aí sob a almofada.

— Não está cá nada.

Denissov atirou para o chão as duas almofadas. A bolsa não estava.

— É extraordinário!

— Espera. Naturalmente não procuraste bem! — interveio Rostov, pegando nas almofadas, uma por uma e sacudindo-as.

Levantou igualmente a colcha e sacudiu-a. A bolsa, nada.

— Ter-me-ia eu esquecido? Qual quê? Até disse de mim para comigo que tu a punhas debaixo da cabeça, como se fosse um tesouro. Foi aí que eu pus a bolsa. Onde está ela? — acrescentou, dirigindo-se a Lavruchka.

— Eu não pus os pés no quarto. Onde a pôs é que ela deve estar.

— Mas não esta!

— É sempre assim, deixa as coisas em qualquer parte e depois esquece-se delas. Veja nas algibeiras.

— Não, se eu não tivesse pensado que era como fosse um tesouro — repetiu Rostov — Lembro-me perfeitamente de que a arrumei.

Lavruchka desfez a cama, espreitou por debaixo barras, sob a mesa, revolveu a casa inteira e acabou por parado no meio do quarto. Denissov seguia, sem dizer palavra, todos os movimentos de Lavruchka, e quando o viu, parado no meio do

quarto, os braços abertos, declarando que, a bolsa não estava em parte alguma, olhou para Rostov.

— Rostov, deixa-te de brincadeiras

Rostov sentiu pousado nele o olhar de Denissov, ergueu os olhos e voltou logo a baixá-los. Todo o sangue das veias, que lhe estava parado na garganta, lhe subiu à cara. Não podia respirar.

— Aqui não estiveram senão o tenente e os senhores. Tem de estar em qualquer parte — disse Lavruchka.

— Pois então, filho de uma velha, mexe-te, procura — subitamente Denissov, corando muito e lançando-se sobre o pedido com um gesto ameaçador. — A bolsa já ou, então, o chicote! Vai tudo corrido a chicote!

Rostov, olhando Denissov bem de frente, abotoou o dólman, afivelou o sabre e pós a barretina.

— É o que eu te digo, é preciso que a bolsa apareça — gritava Denissov, sacudindo a ordenança pelos ombros e encostando-a à parede.

— Basta. Denissov: eu sei quem a levou — disse Rostov, que avançou para a porta, sem erguer os olhos.

Denissov soltou Lavruchka, reflectiu um momento e compreendendo, certamente, a quem Rostov aludia, agarrou-o por um braço.

— Que imbecilidade! — gritou com tamanha violência que as veias do pescoço e da testa se lhe intumesceram. — É o que eu te digo: estás doido, não te consentirei uma coisa dessas! A bolsa tem de estar aqui! Ainda que eu tenha de arrancar a pele a este miserável, a bolsa há-de aparecer.

— Eu sei quem a levou — repetia Rostov, em voz trémula, encaminhando-se para a porta.

— E eu repito-te que não te atrevas a fazer uma coisa dessas! — gritou Denissov, lançando-se sobre o junker, para o não deixar partir.

Mas Rostov soube evitá-lo, olhando-o fixamente e bem de frente com tamanho rancor que dir-se-ia ser Denissov o seu maior inimigo.

— Estás a perceber o que dizes? — articulou, com a voz trémula. — Além de mim mais ninguém havia neste quarto. Por isso, se não foi o outro...

Não pode concluir, e desapareceu.

— Diabos te levem a ti e a todos os outros! ouviu Rostov, quando se afastava.

Rostov dirigiu-se a casa de Telianine.

— O meu amo não está, foi ao estado-maior — disse-lhe a ordenança. — Aconteceu alguma coisa? — acrescentou, ao ver os traços descompostos do junker.

— Nada.

— Por pouco que o apanhava aqui — continuou o impedido.

O estado-maior ficava a três verstas de Saltzeneck. Rostov, sem voltar a casa, montou a cavalo e para lá se dirigiu. Na aldeia onde estava instalado o estado-maior havia um albergue frequentado pelos oficiais.

Foi para aí que Rostov se encaminhou. A porta estava o cavalo de Telianine.

Na segunda sala do albergue encontrou o tenente abancado diante de um prato de salsichas e de uma garrafa de vinho.

— Ah!, então por aqui, meu rapaz? — disse ele, sorrindo e erguendo as sobrancelhas.

— É verdade — volveu Rostov, como se dizer coisa tão simples lhe custasse muito, e sentou-se a uma mesa vizinha. Ambos ficaram calados. Estavam presentes dois alemães e um oficial russo. Ninguém falava, e apenas se ouvia o tinir das facas de encontro aos pratos e o ruído das maxilas do tenente, que mastigava. Quando Telianine acabou de almoçar, puxou de uma bolsa. Com os dedos delicadamente soerguidos fez deslizar a argola, pegou numa moeda de ouro e, franzindo as sobrancelhas, pagou ao criado.

— Depressa, se fazes favor — recomendou.

A moeda era nova. Rostov levantou-se e aproximou-se de Telianine.

— Deixe-me ver essa bolsa — disse em voz muito baixa, quase ininteligível.

Com o olhar esquivo e o ar sempre preocupado. Telianine deu-lhe a bolsa.

— É bonita, não é?... É... é... — disse, empalidecendo repentinamente. — Pode vê-la, meu rapaz.

Rostov pegou na bolsa, examinou-a, fez o mesmo ao dinheiro que ela continha, e depois fitou Telianine. O tenente, como de costume, deixou errar os olhos, sem o fixar, e de repente pareceu divertir-se.

— Se chegarmos a Viena, tenho a impressão de que deixamos lá tudo, mas por agora não há onde gastar o nosso dinheiro senão nestes antros. Dê cá a bolsa, meu rapaz, vou andando.

Rostov não disse palavra.

— Que é que vai fazer? Vem almoçar? Não se come nada mal aqui — prosseguiu Telianine. — Deixe ver.

Estendeu a mão para a bolsa. Rostov deixou que ele a tomasse. Telianine pegou-lhe e enfiou-a na algibeira dos calções de montar, enquanto erguia as sobrancelhas, despreocupadamente, e abria a boca como para dizer. «Pois claro, meto a minha bolsa na algibeira, não há nada mais simples, e ninguém tem nada com isso.»

— Então, meu rapaz? — disse, com um suspiro, e por debaixo das sobrancelhas erguidas lançou um olhar a Rostov.

Faíscas eléctricas correram e saltaram entre os olhos de ambos, duas, três vezes, num relâmpago.

— Venha daí — disse Rostov, pegando-lhe num braço. E conduziu-o quase a força para o pé da janela,

— Esse dinheiro é do Denissov. O senhor fez-lhe mão baixa — murmurou-lhe ao ouvido.

— O quê?... O quê... Atreve-se?... O quê?... — disse Telianine.

Saíra nestas palavras qualquer coisa de desesperado, como a pedir perdão. Ao ouvir esta voz. Rostov sentiu que lhe tiravam como que um grande peso de cima dos ombros. Uma grande alegria o tomou, ao mesmo tempo que sentia piedade pelo infeliz que estava diante dele. Mas era preciso ir até ao fim.

— Só Deus sabe o que esta gente vai pensar — balbuciou Telianine, pegando na barretina e dirigindo-se para uma salinha que estava vazia. — Temos de nos explicar.

— Eu sei o que digo e posso prová-lo — afirmou Rostov.

— Eu...

Todos os músculos do rosto assustado e pálido de Telianine estremeceram. O seu olhar continuava fugidio, mas fito no chão, e não ousava levantar os olhos para Rostov; abafou uma espécie de soluço.

— Conde!... Não perca um homem... Aqui tem este miserável dinheiro, tome conta dele... — Atirou-o para cima da mesa. — Tenho um pai, que é velho, tenho um mãe!...

Rostov pegou no dinheiro, evitando o olhar de Telianine, e, sem dizer palavra, abalou. Mas ao chegar ao limiar da porta, deteve-se e voltou atrás.

— Meu Deus! — exclamou com as lágrimas nos olhos. — Como é que pôde?

— Conde — disse Telianine, aproximando-se do junker.

— Não me toque — tornou Rostov, recuando. — Se está precisado de dinheiro, tome o que aí está.

Atirou-lhe com a bolsa e saiu a correr da estalagem.

[V]

Na noite do mesmo dia, em casa de Denissov, travava-se urna animada conversa entre os oficiais do esquadrão.

— E eu, na minha opinião, acho que o Rostov deve apresentar as suas desculpas ao comandante do regimento — dizia para o próprio Rostov, vermelho como uma papoula, e emocionadíssimo, um capitão, muito alto, de cabelos grisalhos, grandes bigodes e um rosto duro, sulcado de rugas.

O capitão Kirsten já por duas vezes fora degradado em soldado raso, por questões de honra, e das duas vezes recuperara o seu antigo posto.

— Não consinto a ninguém que me chame mentiroso! — exclamou Rostov. — Ele disse-me que eu estava a mentir, e eu retorqui-lhe que quem mentia era ele. E é assim que as coisas ficarão. Está no seu direito, se, quiser, pôr-me de serviço todos os dias e mandar-me deter até. Eu é que lhe não apresentarei desculpas, visto que se ele, como comandante do regimento, entende que lhe não fica bem dar-me satisfações...

— Calma, calma, meu rapaz; ouça lá — interrompeu o capitão, na sua voz de baixo, cofiando tranquilamente os longos bigodes. — Disse ao comandante do regimento, na presença de outros oficiais, que um oficial tinha roubado...

— Não tenho culpa que a conversa se tivesse passado diante de outros oficiais. Talvez que eu, realmente, não devesse ter falado diante deles; falta-me o jeito diplomático. Se escolhesse os hússares, é porque estava convencido de que aqui ninguém se preocupava com essas finezas; e vai ele e diz que eu estava a mentir... Então é ele quem me deve apresentar desculpas...

— Tudo isso está certo, ninguém diz que o senhor é um poltrão. Não é disso que se trata. Pergunte ao Denissov se isso é conveniente, se um junker deve pedir satisfações ao comandante do seu regimento.

Denissov, mordiscando o bigode, ouvia a conversa de sobrecenho carregado,

sem querer, ao que parecia, intervir na discussão. Quando o capitão formulou a sua pergunta, ele meneou a cabeça negativamente.

— O senhor falou nessa vilania ao comandante diante dos oficiais — prosseguiu o capitão. — Bogdanitch (era o nome do comandante do regimento) mandou-o calar.

— Não me mandou calar, mas disse-me que eu não falava verdade.

— Sim, mas o senhor respondeu-lhe umas tolices, e é preciso pedir-lhe desculpa.

— De maneira alguma! — exclamou Rostov.

— Não esperava isto de si — disse o capitão num tom ao mesmo tempo sério e severo. — O senhor não quer apresentar desculpas; mas, meu amigo, não há dúvida de que é culpado, não só perante ele, mas perante o regimento inteiro, perante todos nós. Ouça: se ao menos o senhor tivesse pensado dois minutos e se se tivesse aconselhado, mas não, foi logo às do cabo, e diante dos oficiais. Que é que o comandante tinha a fazer? Entregar um oficial à justiça e enlamear todo o regimento? Desonrar o regimento inteiro por causa de um miserável? Era isto que se devia ter feito, na sua opinião? Mas nós não pensamos assim: Bogdanitch teve razão: disse-lhe que o senhor não falava verdade. É desagradável, mas que quer, meu velho, foi o senhor quem assim o quis. E agora, que se pretendem abafar as coisas, o senhor, por amor-próprio, não quer apresentar desculpas e deseja pôr tudo em pratos limpos. Está furioso por o terem posto de serviço permanente, mas que é que lhe custava apresentar desculpas a um oficial velho e honesto? Seja qual for, de resto, a atitude de Bogdanitch neste caso, o certo é que é um velho coronel digno e valente; e o senhor sente-se ofendido, e, quanto a manchar o regimento, isso não o incomoda? — A voz do capitão tremia, comovida. — O senhor não vai ficar aqui muito tempo. Se hoje está neste regimento, amanhã já estará em qualquer outra parte, como ajudante-de-campo. Pouco lhe importa que venha a dizer-se: «Entre os oficiais do Pavlogrado há ladrões!» Mas a nós, a nós, isso não nos é indiferente. Não é verdade. Denissov? Isso a nós não nos é indiferente.

Denissov calava-se e não se mexia, fitando Rostov, de tempos a tempos, com os seus olhos pretos muito vivos.

— O senhor preza acima de tudo o seu amor-próprio e não quer apresentar desculpas — continuou o capitão —, mas aos velhos, àqueles que têm envelhecido

no regimento, e se Deus quiser nele hão-de morrer, a esses, a honra do regimento importa muito, e Bogdanitch sabe-o bem. Queremos-lhe muito! Não está certo! Que o senhor esteja ou não ofendido, eu, por mim, gosto de dizer a verdade. Não está certo!

O capitão levantou-se e voltou costas a Rostov.

— Ele tem razão, diabos me levem! — exclamou Denissov, erguendo-se de um salto.— Vamos. Rostov, vamos!

Rostov, corando e empalidecendo ao mesmo tempo, fitava ora um oficial ora outro.

— Não, meus senhores, não... Não devem pensar... Eu compreendo muito bem, fazem mal em pensar que eu seria capaz... Eu.., por mim.., sou pela honra, do regimento... Mas falar nisso para quê?... Hei-de-o mostrar com acções, e para mim a honra da bandeira... Bem, pouco importa, é verdade, sou culpado!... Tinha as lágrimas nos olhos. — Sou culpado, inteiramente culpado!... Que é que querem mais?

— Bom, está bem, conde — disse, voltando-se, o capitão, e bateu-lhe no ombro com a sua grande manápula.

— Eu tinha-te dito — acrescentou Denissov— que ele era um bom camarada.

— Assim está bem, conde — repetiu o capitão, que o tratava pelo título como se isso fosse uma recompensa do seu gesto. — Vá apresentar as suas desculpas. Excelência. Está bem!

— Meus senhores, estou pronto a tudo, nunca mais ninguém ouvirá falar deste caso — protestou Rostov, numa voz comovida. — Mas desculpas não, cos diabos, desculpas não. Que querem que eu faça? Que peça desculpa, como um garoto, que implore perdão?

Denissov pôs-se a rir.

— Tanto pior para si. O Bogdanitch é rancoroso. Há-de-lhe fazer pagar cara a sua obstinação — disse Kirsten.

— Com mil diabos, não, não é obstinação! Não lhes posso dizer o que sinto.., não posso.

— Bom, faça o que entender! — exclamou o capitão-adjunto. — E esse miserável, onde é que ele se meteu? — perguntou a Denissov.

— Deu parte de doente; amanhã a ordem de serviço há-de dá-lo como doente — respondeu este.

— A doença; não há outra desculpa — disse o capitão-adjunto.

— Doente ou não, que me não caia nas mãos, dou cabo dele! — gritou Denissov, feroz.

Jerkov entrou na sala.

— O que há? — perguntaram os oficiais imediatamente.

— Ordem de marcha, meus senhores. Mack rendeu-se com todo o seu exército.

— Não pode ser!

— Vi-o com os meus próprios olhos.

— Quê? Tu viste o Mack vivo? Em carne e osso?

— Para a guerra!, para a guerra! Vamos beber pela boa nova. E tu, que estás aqui a fazer?

— Mandaram-me regressar ao meu regimento precisamente por causa desse diabo do Mack. O general austríaco queixou-se de mim; felicitei-o pelo seu regresso... Que é isso. Rostov? Que tens tu? Parece que acabas de sair de um banho quente.

— Temos estado metidos num tal sarilho estes últimos dois dias!

Um ajudante-de-campo do regimento entrou nesse momento e confirmou a notícia trazida por Jerkov. Havia ordem para se porem em marcha no dia seguinte de manhã.

— Para a guerra, meus senhores!

— Graças a Deus; estávamos a criar bolor.

[VI]

Kutuzov tinha retirado para Viena, fazendo saltar as pontes do Inn em Braunau e a do Traun em Lintz. No dia 23 de Outubro, o exército russo atravessava o Enns. As bagagens, a artilharia e as colunas de tropas atravessaram-no em pleno dia, formando colunas dos dois lados da ponte.

O tempo estava suave, uma atmosfera de Outono, mas chuvosa. A longa perspectiva que se descobria das eminências ocupadas pelas batarias que defendiam a ponte ora se estendia por detrás das cortinas de musselina formada pela chuva oblíqua, ora se alargava, e na luz brilhante do Sol podiam distinguir-se

os objectos a distância como cobertos por uma camada de verniz. Lá em baixo via-se a cidadezinha, com as suas casas brancas de tectos vermelhos, a sua catedral e a sua ponte, em cujos flancos corria, em fileiras apressadas, a onda dos exércitos russos. Na curva que o Danúbio ali formava viam-se barcos, uma ilha e um castelo com um parque cercado pelas águas da confluência do Enns e do Danúbio. Depois via-se a margem esquerda do rio, escarpada e coberta de pinheirais, misteriosos horizontes de cumeadas verdejantes e de desfiladeiros azulados; um pouco mais adiante, as torres de um convento emergindo de um pinheiral selvagem, tão cerrado que parecia uma floresta virgem; na distância, e defronte, na outra margem do Enns, numa eminência, entreviam-se as patrulhas inimigas.

A frente da bataria, lá no alto, estava o comando da retaguarda: um general, com um oficial às ordens, que examinava o terreno pelo óculo. Um pouco mais para trás, sentado sobre a carreta de uma peça de artilharia, via-se Nesvitski, enviado à retaguarda pelo general-chefe. O cossaco que o acompanhava apresentava-lhe um saco de provisões e um frasco, e Nesvitski regalava os oficiais com pastéis e kummel autêntico. Estes formavam roda em tomo dele, muito alegres, uns de joelhos, outros escarranchados, à turca, na erva molhada.

— Não era qualquer imbecil o príncipe austríaco que mandou ali construir um castelo. Que sítio magnífico! Eh! Então? Os senhores não comem? — dizia Nesvitski.

— Obrigado, príncipe — respondeu um dos oficiais, que parecia encantado de se ver assim a conversar com um membro tão importante do estado-maior. — Soberbo local, realmente! Passámos diante do parque e vimos lá dentro dois veados; que magnífica residência!

— Olhe, príncipe — disse outro oficial, desejoso de comer mais um pastel, mas sem coragem de o pedir e, por isso mesmo, fingindo examinar a paisagem. — Olhe, a nossa infantaria acabou agora mesmo de lá chegar. Lá diante, ao pé daquele prado, por detrás da aldeia, três soldados estão a puxar qualquer coisa. Vão fazer uma rica limpeza no palácio — acrescentou com evidente aprovação.

— Sem dúvida — disse Nesvitski — Não, cá por mim, o que eu gostava — acrescentou, metendo um pastel pela boca abaixo — era de ir até ali.

Apontava para o convento torreado que se descobria no alto da colina. Sorriu; os olhos fizeram-se-lhe pequenos e brilhantes.

— Não há dúvida, devia ser uma beleza, meus senhores!

Os oficiais puseram-se a rir.

— Meter um susto às freirinhas. Parece que são italianas, e novas, segundo dizem. Palavra de honra, dava cinco anos de vida para ir até lá.

— Tanto mais que elas devem estar aborrecidíssimas — disse, rindo, um oficial mais atrevido do que os outros.

Entretanto, o oficial às ordens, de serviço, apontava fosse o que fosse ao general. Este pôs-se a observar pelo óculo.

— Sim, senhor, lá estão eles, lá estão eles! — exclamou, encolerizado, afastando o óculo e encolhendo os ombros. — Lá estão eles e vão-nos cair em cima na altura da travessia do rio. Que estarão eles para ali a fazer?

Do outro lado do rio via-se o inimigo a olho nu e uma das suas batarias, por cima da qual se elevava um fumozinho leitoso. O fumo foi acompanhado, momentos depois, de uma detonação longínqua e viram-se as tropas russas estugar o passo na passagem do rio.

Nesvitski, para se fazer valer, levantou-se e, sorrindo, aproximou-se do general.

— Não quer Vossa Excelência comer também um bocadinho? — disse-lhe ele.

— A coisa vai mal — declarou o general, sem lhe responder. — Os nossos estão atrasados.

— Quer que vá lá. Excelência? — inquiriu Nesvitski.

— Vá, sim, faça favor — tornou o general, repetindo-lhe as ordens dadas já em pormenor —, e diga aos hússares que sejam os últimos a atravessar e que queimem a ponte, como eu ordenei, e que voltem a inspeccionar as matérias inflamáveis que lá estão.

— Muito bem — respondeu Nesvitski.

Chamou o cossaco que lhe segurava o cavalo, disse-lhe que guardasse as provisões e o cantil, e, ligeiro, instalou a sua pesada corpulência em cima do cavalo.

— Palavra de honra, que vou fazer uma visita às freiras — disse para os oficiais, que olhavam para ele sorrindo, e pôs-se a descer a colina ao longo de um caminho que serpenteava.

— Ouça, capitão, veja até onde isso vai — gritou o general, dirigindo-se ao comandante dos artilheiros. — Vamos, para entreter o tempo,

— Serventes, a postos! — comandou o oficial.

Momentos depois os artilheiros acorriam alegremente, saindo dos seus bivaques, e punham-se a carregar as peças.

— Primeira peça! — exclamou o comandante.

A primeira peça deu um salto à retaguarda. Ouviu-se o estampido de um trovão metálico e o projéctil passou, assobiando, por cima da cabeça dos russos, no sopé da colina; muito longe do lugar onde estava o inimigo uma nuvem de fumo veio assinalar o sítio onde o projéctil tinha caído.

Soldados e oficiais rejubilaram ao ouvir a detonação. Todos se levantaram e puseram-se a observar, lá no fundo, os movimentos das tropas russas, tão visíveis como se estivessem na palma de uma mão, e mais adiante o movimento do inimigo, que se aproximava. Nessa altura, o sol rompeu as nuvens e aquele belo tiro de canhão isolado fundiu-se com o seu fulgor radioso, criando uma sensação de bravura jovial.

[VII]

Por cima da ponte já tinham passado dois projécteis inimigos e o tumulto ali era grande. No meio da ponte estava Nesvitski. Tinha-se apeado e ei-lo ali, com a sua corpulenta pessoa, cerrado contra o parapeito. Voltava-se para o cossaco, que, com os dois cavalos pela arreata, ficara alguns metros mais atrás. De cada vez que tentava avançar, os soldados e as viaturas obrigavam-no a retroceder, e comprimiam-no de novo de encontro às guardas da ponte. Nada mais podia fazer do que rir.

— Eh, tu, lá de diante — dizia o cossaco para um soldado que conduzia uma grande viatura, forçando a marcha por cima dos próprios pés dos soldados, contra os quais avançavam rodas e cavalos. — Eh, tu, não podes esperar? O general quer passar,

O soldado do comboio, sem prestar atenção à palavra general que lhe atiravam, gritava para os soldados que lhe impediam a marcha: «Eh, camaradas, pela esquerda, esperem um bocado!» Mas os camaradas, ombro com ombro, embaraçando-se nas baionetas, avançavam pela ponte fora em massa compacta. Debruçando-se sobre o parapeito, o príncipe Nesvitski via as pequenas vagas

rápidas e rumorosas do Enns, que, misturando-se e quebrando-se de encontro aos pegões da ponte, se perseguiam umas às outras. Em cima da ponte também se espraiavam ondas vivas e monótonas de soldados; barretinas, com grandes cordões, envoltas em suas capas, mochilas, baionetas, lanças e, debaixo das barretinas, figuras poderosamente musculadas, de faces cavadas, um ar de fadiga e despreocupação, pernas Que se moviam na lama viscosa colada às pranchas da ponte. De onde em onde, por entre as vagas iguais dos soldados, emergia, tal a espuma branca nas águas do Erms, um oficial com o seu casacão e uma máscara que ressaltava no meio das dos soldados; de quando em quando, como se fosse um feixe de palha levado pelas águas, flutuava, por cima das vagas da infantaria, um hússar a pé, uma ordenança ou um civil; e outras vezes, como uma prancha flutuante, via-se sobrenadar, cercado por todos os lados, um furgão de regimento ou uma viatura de oficial cobertos de couro, carregadíssimos.

— Parece que se rompeu um dique — disse o cossaco, detendo-se desesperado. — Ainda faltam muitos?

— Metade e outros tantos! — exclamou, piscando o olho, um soldado folgazão que naquele momento passava, de capote esfarrapado; atrás dele surgiu um soldado já velho.

— Se ele (ele era o inimigo) se lembrasse agora de nos dar um calor em cima da ponte — murmurou para um camarada, taciturno — não tínhamos tempo de nos coçar.

E seguiu adiante. Atrás dele vinha outro a guiar uma carroça.

— Onde é que diabo meteram a chave? — gritava uma ordenança, que acompanhava a viatura, espiolhando-lhe as traseiras. Tanto o homem como a carroça afastaram-se. Depois apareceu um grupo de soldados muito alegres e que se via bem estarem embriagados.

— É o que te digo, meu velho, quando ele lhe atirou com a coronha da espingarda... — dizia, rindo, um dos militares, que tinha o cabeção do capote levantado e fazia grandes gestos.

— Ah, sim, que rico presunto — respondeu outro soldado, escancarando a boca.

E foram andando, de modo que Nesvitski não conseguiu perceber quem é que tinha sido agredido nem o que é que queria dizer aquele presunto.

— Porque é que se puseram agora a correr? Lá porque ele lhes mandou um

balázio, já pensam que estão todos perdidos — disse um sargento, furioso.

— Quando ela passou por mim, a granada — exclamou um soldado muito novo que, a rir, abria uma boca enorme —, julguei ir desta para melhor. Caramba, sempre tive um destes medinhos! — acrescentou, como que orgulhoso de ter tido medo.

E também este foi andando para diante. Depois chegou uma viatura que se não parecia com qualquer das que tinham passado. Era uma carroça alemã tirada por dois cavalos, carregada, ao que parecia, com o recheio de uma casa inteira. Atrás da carroça, guiada por um alemão, vinha amarrada uma bela vaca malhada, de grandes tetas. Sobre um colchão de penas ia deitada uma mulher que dava de mamar a uma criança, uma velha c uma rapariga sadia e rubicunda. Via-se perfeitamente que aqueles emigrantes tinham sido autorizados a circular mercê de uma licença especial. Os olhos de todos os soldados seguiam as duas mulheres e, enquanto o comboio ia passando, a passo, todas as observações as tinham por objecto. Em todas as máscaras se notava a expressão agarotada que a presença daquelas mulheres sugeria.

— Então, minha salsicha, mudamos de casa?

Está à venda a tiazinha? — interrogou outro soldado, acentuando a última sílaba (Matucka (tiazinha). (N, dos T.) e dirigindo-se ao alemão, que caminhava, de cabeça baixa, com grandes passadas e um ar ao mesmo tempo furioso e assustado.

— Olha para o vestido dela! Ah! Com mil diabos!

— Hem! Agradava-te estares aboletado lá em casa. Fedotov?

— Tenho visto muita mulher, meu filho!

— Onde é que vais? — perguntou um oficial de infantaria, que comia uma maçã, e que também estava de olhos arregalados, todo sorridente, para a mocetona.

O alemão, cerrando os olhos, fazia menção de não perceber.

— Queres? — disse o oficial, oferecendo uma maçã à rapariga.

A moça sorriu e pegou na maçã. Tanto Nesvitski, como os demais em cima da ponte, não perderam de vista as mulheres enquanto elas não passaram. Atrás delas continuaram a passar os mesmos soldados, dizendo sempre as mesmas coisas, e finalmente houve uma paragem geral. Como costuma acontecer frequentemente à saída das pontes, os cavalos embaraçaram-se nas viaturas do regimento e toda aquela massa de tropa ficou detida.

— Que diabo de paragem é esta? Não há ordem? — gritavam os soldados. — Vê lá onde pões os pés! Cos demónios, não sei porque é que esperam! O bom e o bonito seria se ele deitasse fogo à ponte. Olha, lá fica esmagado aquele oficial... — E de todos os lados choviam comentários deste género: cada um olhava para o vizinho e ia fazendo pressão no sentido da saída da ponte.

Estando a olhar para as águas do Erms, que corriam por debaixo da ponte. Nesvitski sentiu, de repente, um ruído novo para ele, fosse o que fosse que se aproximava muito depressa.., qualquer coisa muito grande veio cair com estrondo nas águas.

— Hem! Boa pontaria! — exclamou, carrancudo, um soldado, ali a dois passos, que se voltara ao ouvir o estampido.

— Dá-nos coragem para andarmos mais depressa — disse outro soldado com inquietação.

A multidão voltou a mover-se. Nesvitski compreendeu que aquilo fora bala de canhão.

— Eh! Cossaco! O cavalo — gritou. — Vamos, rapazes, afastem-se! Mexam-se! Deixem passar!

Foi com dificuldade que conseguiu chegar até ao pé da montada. Sem nunca deixar de gritar à multidão, conseguiu avançar. Os soldados cerravam fileiras para lhe dar lugar, mas acabavam por se comprimir contra ele de tal modo que lhe imobilizavam as pernas, sem querer, eles próprios vítimas da compressão dos outros.

— Nesvitski! Nesvitski! Eh, malandro! — exclamou, nessa altura, atrás dele uma voz rouca.

Nesvitski voltou-se e viu, a uns quinze passos de distância, separado dele pela massa viva da infantaria em marcha, uma criatura muito vermelha, muito negra, a barretina atirada para a nuca, com um dólman garbosamente aos ombros: era Vaska Denissov.

— Diz-lhes que nos deixem passar, a esses demónios, a esses filhos do Diabo! — gritava Denissov, visivelmente num dos seus acessos de fúria. Os olhos negros e brilhantes como carvão rolavam-lhe nas órbitas inflamadas. Brandia o sabre, que não tirara da bainha, na pequena mão nua, tão vermelha como a cara.

— Ah! Vaska! — volveu-lhe, alegremente. Nesvistski. — Que fazes aqui?

— É impossível fazer avançar o esquadrão — gritava Vaska Denissov,

mostrando os dentes brancos e esporeando o belo murzelo, um beduíno de puro sangue, que, ao picar-se nas baionetas, eriçava as orelhas, resfolgado, espargindo de espuma tudo à sua volta, escarvava com as patas as tábuas da ponte, pronto a saltar por cima do parapeito se o cavaleiro que o montava consentisse.

— O quê? Como carneiros, sim, como autênticos carneiros! Ao largo!... Deixem passar!... Façam alto, viaturas! Com mil diabos! Esperem, que eu lhes digo, vai à espadeirada... — E, com efeito, arrancando o sabre da bainha, pôs-se a agitá-lo no ar.

Os soldados, aterrorizados, encolheram-se uns contra os outros, e Denissov pôde aproximar-se de Nesvitski.

— Quê, que dizes tu? Ainda hoje não bebeste nada? — exclamou Nesvitski para Denissov, assim que o viu perto dele.

— Que queres, eles nem para isso nos dão tempo! — replicou Vaska Denissov — Todo o dia temos andado com o regimento em bolandas, de um lado para o outro. Se é preciso que a gente se bata, vamos a isso. Mas, assim, que é que isto quer dizer?

— Que elegante estás hoje! — observou Nesvitski, olhando para o seu dólman novo e para a gualdrapa do seu cavalo. Denissov sorriu-se, tirou o lenço da algibeira, todo perfumado, e levou-o ao nariz de Nesvitski.

— Claro que não pode ser de outra maneira, vamos para o campo de batalha! Barbeei-me, lavei os dentes e perfumei-me.

A imponente estatura de Nesvitski, acompanhada do seu cossaco, assim como o ar decidido de Denissov, que espadeirava para a direita e para a esquerda, em altos gritos, deram tal resultado que os dois conseguiram esgueirar-se para o outro lado da ponte, detendo os peões. Nesvitski, à saída, foi encontrar o coronel a quem devia entregar a mensagem, e, depois de cumprida a sua missão, voltou para trás.

Denissov, que tinha conseguido abrir caminho, deteve-se à entrada da ponte. Segurando, negligentemente, o seu cavalo, que escoicinhava e resfolgava, via passar diante dele o seu esquadrão. Sobre as pranchas da ponte ressoavam ferraduras; eram alguns cavalos que vinham a trote. O esquadrão, com os oficiais à frente, alinhado a quatro, surgiu na ponte e começou a sair do outro lado.

Os homens da infantaria, obrigados a parar em cima da lama espezinhada da ponte, olhavam para os hússares, asseados e elegantes, que diante deles iam

desfilando galhardamente, com essa hostilidade especial, misto de inveja e de troça, que em geral se observa entre os vários corpos de um exército.

— Isto é que é uma tropa catita! Parece mesmo que vai a caminho da parada de Podnovinskoie!

— Para que serve esta gente? Só para vista! — exclamou outro soldado.

— Eh!, infantaria! Isso não é poeira? — zombou um hússar, cujo cavalo, caracolando, salpicara de lama um dos peões.

— Gostava de te ver depois de duas boas marchas de mochila às costas. Deviam ficar bonitos os teus alamares! — ripostou o soldado de infantaria, limpando a lama da cara com a manga. — Aí empoleirado pareces mais um pássaro do que gente!

— E tu. Zikine, devias ficar bem a cavalo. Tens boa figura — dizia, trocista, um cabo a um pobre soldado de infantaria, muito magro, ajoujado ao peso da mochila.

— Monta num pau e já terás cavalo — zombou um hússar.

[VIII]

O resto da infantaria dava-se pressa em atravessar a ponte, comprimida à entrada, como num funil. Por fim, tendo passado todas as viaturas, houve menos precipitação, e o último batalhão penetrou na ponte. Apenas os hússares de Denissov permaneciam na outra, extremidade, frente ao inimigo. Este, que se via perfeitamente ao longe da colina oposta, ainda não era visível do nível da ponte, pois, na ravina por onde corriam as águas do rio o horizonte era limitado pelas cumeadas vizinhas a uma meia versta de distância. Ali defronte ficava um baldio, onde evolucionavam, por aqui e por ali, patrulhas de cossacos. De súbito, nos cabeços em frente da estrada surgiram soldados de túnica azul e artilharia. Eram os Franceses. A patrulha de cossacos, a trote, retirou-se do sopé das colinas. Oficiais e soldados do esquadrão de Denissov, procurando falar sobre outra coisa e olhar para outro lado, não deixavam de pensar no que ali estava, naqueles cabeços, e a todo o momento olhavam as manchas que se iam formando no horizonte, e que sabiam perfeitamente serem soldados inimigos. O tempo, para a tarde, clareara, o Sol dardejava os seus raios sobre as águas do rio e as

montanhas sombrias que o cercavam. Tudo estava sereno; dos montes vizinhos chegavam, de quando em quando, toques de clarins e vozes do inimigo. Entre o esquadrão e os Franceses nada mais havia além de algumas pequenas patrulhas. Um espaço vazio de cerca de trezentas sagenas (Medida russa, equivalente a 2,1336 metros. (N, dos T.) os separava. O inimigo tinha cessado fogo, e isso mesmo ainda tornava mais agudo o sentimento da grave ameaça que representava aquela inacessível e insondável faixa de terreno entre os dois adversários.

«Um passo para além daquela linha que lembra a que separa os vivos dos mortos e eis-nos no mundo desconhecido do sofrimento e da morte. E lá adiante que é que está? Lá adiante, para além deste campo e desta árvore e daquele telhado iluminado pelos raios do Sol? Ninguém sabe e ninguém o deseja saber. Toda a gente tem medo de transpor aquela linha e ao mesmo tempo há como que uma tentação de o fazer; e o certo é que todos sabem que mais tarde ou mais cedo haverá que transpô-la e que conhecer o que lá existe, do outro lado da linha, exactamente como é inevitável virmos a saber o que fica do outro lado da morte. E no entanto todos nós nos sentimos fortes, saudáveis, cheios de vida.» Eis o que sente, sem dar por isso, todo o soldado diante do inimigo, e esta sensação, naquele instante, dá um brilho particular, um sentimento de rude alegria ao mais pequeno incidente.

Sobre o outeiro ocupado pelo inimigo surgiu o fumo de um tiro de peça e a bala passou, assobiando, por cima da cabeça dos soldados do esquadrão de hússares. Os oficiais, que estavam em grupo, retomaram os seus lugares. Os homens procuraram fazer alinhar as suas montadas. O silêncio reinou. Todos olhavam o inimigo, ao longe, aguardando uma ordem. Passaram uma segunda e uma terceira balas. Era evidente que faziam pontaria sobre os hússares: mas os projécteis, com um assobio monótono, passavam-lhes sobre as cabeças e iam cair, algures, lá para trás deles. Os hússares não se voltavam, mas de cada vez que se ouvia o sibilar da, bala, todo o esquadrão, como a uma voz de comando, todas aquelas feições, tão variadas ria sua uniformidade, retinham a respiração enquanto o projéctil passava, e viam-se os homens fincar-se nos estribos e depois encurvar-se. Os soldados, sem mexer a cabeça, entreolhavam-se de viés, examinando, curiosos, a impressão que sentiam os camaradas. Todos os rostos, desde o de Denissov até ao do clarim, denunciavam, por qualquer coisa, de nervoso nos lábios e no queixo, um desejo de luta, certo enervamento, certa

emoção. O sargento franzia as sobrancelhas fitando os soldados, como se os ameaçasse de os castigar. O junker Mironov curvava-se sempre que o projéctil passava. Rostov, no flanco esquerdo, no seu Gratchik, um belo cavalo, apesar do seu casco fendido, tinha o aspecto feliz de um colegial chamado, a prestar provas de exame diante de uma grande assembleia e confiante no seu triunfo. Olhava para todos com os seus olhos claros e luminosos, como se quisesse mostrar a toda a gente a sua perfeita serenidade sob a metralha. Mas o certo é que, sem que desse por isso, também ele, como os demais, mostrava, na expressão, que qualquer coisa de novo e de grave se estava a passar.

— Quem é que está a fazer sinais lá em baixo? Junker Mironov! Não está certo! Olhem para mim! — gritou Denissov, que, não podendo sossegar, evolucionava, no seu cavalo, à frente do esquadrão.

O rosto de nariz esborrachado e os cabelos negros de Vaska Denissov, a sua minúscula pessoa já bastante trabalhada pela vida, as suas mãos nodosas, de dedos curtos e peludos, empunhando o sabre nu, eram os mesmos de sempre, sobretudo quando à noite já tinha despejado duas ou três garrafas. Apenas parecia um pouco mais corado que de costume. Erguendo a cabeça hirsuta, como as aves quando bebem, e esporeando impiedosamente, com as pernas curtas, o seu bom beduíno, ei-lo que se põe a galopar, o corpo atirado para trás, ao longo do outro flanco do esquadrão, e, numa voz rouca, grita que preparem as pistolas. Aproximou-se de Kirsten. O capitão, sobre a sua égua vasta e majestosa, veio, a passo, ao encontro de Denissov. De grande bigodeira, estava sério, como sempre; só os olhos lhe brilhavam mais que habitualmente.

— Então! — exclamou — Parece-me que isto não dá nada. Vais ver, acabamos por bater em retirada.

— Não sei que diabo é que eles estão a fazer! – resmungou Denissov. — Ah! Rostov! — gritou para o junker, ao ver o ar jovial. — Ah! Até que enfim, não tiveste que esperar muito!

E sorria, como para o encorajar, vendo-se que estava contente por vê-lo. Rostov sentia-se feliz. Nessa altura na ponte o coronel. Denissov dirigiu-se para ele a galope.

— Excelência, deixe-me atacar! Dou cabo deles.

— É de atacar que se trata, realmente — volveu o coronel numa voz enfadada, franzindo as sobrancelhas, como quem sacode uma mosca importuna. — Que diabo

estão vocês aqui a fazer? Bem vê que os flancos já retiraram. Leve o esquadrão.

O esquadrão voltou a atravessar a ponte e saiu da zona de fogo sem perder um único homem. Atrás dele seguiu, igualmente o segundo esquadrão, exposto também ao fogo do inimigo, e os últimos cossacos evacuaram a margem.

Depois de terem passado a ponte, os dois esquadres de Pavlogrado bateram em retirada, um atrás do outro, para as cumeadas. O comandante do regimento. Karl Bogdanitch Schubert, aproximou-se do esquadrão de Denissov e seguiu a passo não longe de Rostov, sem lhe prestar a mais pequena atenção, embora fosse a primeira vez que o via desde o caso de Telianine. Rostov, consciente do seu papel, na dependência do homem perante o qual agora se sentia culpado, não perdia de vista a estatura atlética, a nuca loura e o pescoço vermelho do comandante do regimento. Ora se convencia de que Bogdanitch se fingia indiferente e que não pensava senão em experimentar a sua bravura de junker, e então empertigava-se e lançava em tomo de si um olhar jovial; ora supunha que Bogdanitch fazia de propósito, conservando-se junto dele, para assim lhe mostrar o quanto era corajoso; ora ainda pensava que o seu inimigo enviava deliberadamente o esquadrão a um ataque duro para o castigar a ele. Rostov, e de si para consigo ia dizendo que depois da refrega iria ter com ele e generosamente lhe estenderia a mão, a ele, ferido, em sinal de reconciliação.

Jerkov, cuja alta estatura e largos ombros eram bem conhecidos dos hússares de Pavlogrado, regimento que ele abandonara havia pouco, aproximou-se do coronel. Depois de ter sido expulso do estado-maior, tinha deixado o regimento dizendo que não era tão parvo que fosse condenar-se a trabalhos forçados nas fileiras quando podia ganhar muito mais sem fazer coisa alguma nas ordenanças, e tivera artes de conseguir ser nomeado oficial de ordenança do príncipe Bagration. Era portador de urna ordem para o seu velho coronel da parte do comandante da retaguarda.

— Coronel! — exclamou, com um ar sério e sombrio, dirigindo-se ao inimigo de Rostov e trocando um olhar com os camaradas. — Há ordem para voltar para trás e lançar fogo à ponte.

— Ordem? E quem a deu? — perguntou o coronel, num tom grosseiro.

— Não sei, meu coronel, não sei quem deu a ordem — replicou Jerkov, muito sério. — O príncipe só me disse: «Monta e vai dizer ao coronel que os hússares devem retirar o mais depressa possível e queimar a ponte.»

Depois de Jerkov chegou um oficial de ordenança com a mesma ordem. Atrás deste oficial aproximou-se igualmente o corpulento Nesvitski, montado num cavalo de cossaco, que só muito a custo fazia galopar.

— Que é isto, coronel?! — exclamou assim que chegou. Eu disse-lhe que queimasse a ponte, e agora diz que não sabe quem deu esta ordem? Está tudo doido, ninguém percebe nada.

O coronel, sem pressa, deu ordem ao regimento para fazer alto, e dirigindo-se a Nesvitski:

— Falou-me em matérias inflamáveis – disse — Mas, quanto a deitar fogo à ponte, nada me comunicou.

— Que me diz, camarada? — exclamou Nesvitski, que tinha refreado o seu cavalo, tirando a barretina e passando a gordurosa mão pelos cabelos ensopados de suor. — Que me diz? Não lhe comuniquei que queimasse a ponte depois de derramar as matérias inflamáveis?

— Eu não sou seu «camarada», senhor oficial do estado-maior, e o senhor não me disse que deitasse fogo à ponte! Sei muito bem o que estou a fazer e tenho por hábito cumprir rigorosamente as ordens que me dão. O senhor disse que se queimaria a ponte, mas não quem o faria. Ora eu não poderia sabê-lo por obra do Espírito Santo,

— Ah! É sempre a mesma coisa — volveu Nesvitski com um gesto de indiferença. — Que fazes tu aqui? — interrogou, dirigindo-se a Jerkov.

— O mesmo que tu. Estás encharcado! Deixa, que eu torço-te a roupa.

— O senhor disse, senhor oficial do estado-maior... — continuou o coronel, num tom ofendido.

— Coronel — interrompeu o oficial de ordenança —, é preciso agir, de outra maneira o inimigo acaba por colocar a sua artilharia ao alcance da ponte.

O coronel olhou sem dizer palavra o oficial de ordenança, o corpulento oficial do estado-maior Jerkov, e franziu as sobrancelhas.

— Deitarei fogo à ponte — volveu ele, num tom solene, como se com isso quisesse dizer que, apesar de todas as maçadas que lhe davam, cumpriria o seu dever.

Esporeando os flancos do seu cavalo com as suas grandes pernas musculosas, como se o pobre animal fosse o culpado de tudo, o coronel avançou e deu ordens ao segundo esquadrão, aquele, precisamente, a que pertencia Rostov, e estava

sob as ordens de Denissov, para voltar à ponte.

«Sim, é isto mesmo», pensou Rostov, «quer-me experimentar!» Sentiu um aperto no coração e o sangue subiu-lhe à cara. «Vai ver se eu sou poltrão», pensou.

De novo, a máscara jovial dos homens do esquadrão retomou a expressão preocupada que tinha quando sob o fogo das peças de artilharia. Rostov, sem baixar os olhos, olhava para o seu inimigo, o comandante do regimento, tentando descobrir-lhe nos traços a confirmação das suas suspeitas. Mas o coronel nem, uma só vez olhou para ele. Como sempre, no campo de batalha era severo e solene. Uma ordem de comando se ouviu.

— Depressa! Depressa! — exclamaram algumas vozes em volta dele.

Embainhando os sabres, com grande barulho de esporas, e a toda a pressa, os hússares apeavam-se, sem que eles próprios soubessem o que tinham a fazer. Persignaram-se. Rostov já não se preocupava com o coronel. Não tinha tempo. Nele havia medo, um medo cheio de ansiedade, receoso de ficar para trás dos seus hússares. Tremia-lhe a mão quando entregou o cavalo ao soldado encarregado de tomar conta dele e sentia bater violentamente o coração dentro do peito. Denissov, o corpo atirado para trás, passou, gritando, junto dele. Rostov não via nada além dos hússares a correrem apressados à sua volta, embaraçando-se nas esporas no meio do retinir de sabres.

— Uma maca! — gritou uma voz à sua retaguarda.

Rostov não percebeu o que é que aquilo queria dizer pedir uma maca; corria, e não pensava senão em chegar primeiro do que outro qualquer. Mas, já perto da ponte, como não via onde punha os pés, enterrou-se num lamaçal mole e espezinhado e, desequilibrando-se, caiu com as mãos para a frente. Os outros continuaram, ultrapassando -o.

— Dos dois lados, capitão — dizia a voz do comandante do regimento, que, depois de ter tomado uma certa dianteira, se conservava, a cavalo, a pequena distância da ponte, com um ar alegre e triunfante.

Rostov, limpando as mãos cheias de lama ao calção de montar, lançou os olhos ao seu inimigo e quis avançar ainda mais; entendia que quanto mais adiante fosse melhor seria. Mas Bogdanitch, sem olhar para ele, sem o reconhecer sequer, gritou-lhe furioso:

— Quem é aquele que vai a correr pelo meio da ponte? A direita! Junker, para

trás!... — Depois, dirigindo-se a Denissov, que para exibição da sua coragem avançava, a cavalo, pelo tabuleiro da ponte:

— Para que é que se há-de expor, capitão? Desmonte.

— Tem sempre qualquer coisa a dizer — replicou Vaska Denissov, voltando-se no selim.

Entretanto. Nesvitski. Jerkov e o oficial da comitiva tinham-se reunido, ao abrigo do tiro do inimigo, e observavam ora este pequeno grupo de homens de barretina amarela, de jaquetas verde-escuras, com alamares e calções azuis de montar, que se agitava perto da ponte, ora, do outro lado, ao longe, as túnicas azuis, que se aproximavam, e grupos à mistura com cavalos, que se via logo serem batarias.

«Conseguiremos ou não deitar fogo à ponte? Quem o conseguirá primeiro? Serão eles capazes de chegar a tempo, ou serão os Franceses que conseguirão aproximar-se tanto que os possam alvejar, dizimando-os a todos?» Eis as perguntas que a si próprios formulavam involuntariamente, na maior angústia, todos aqueles homens do exército imobilizado perto do rio, contemplando, à clara luz do Sol, que ia descendo no horizonte, tanto os hússares em cima da ponte como, na outra margem, as baionetas e as peças de artilharia dos túnicas azuis em marcha.

— Caramba! Os hússares vão apanhar uma coça! — dizia Nesvitski. — Já não estão longe do alcance da metralha.

— Foi um erro mandar tanta gente — observou o oficial do estado-maior.

— Efectivamente — comentou Nesvitski —, ali apenas teriam sido precisos dois valentes.

— Ah! Excelência! — interveio Jerkov, sem perder de vista os hússares, e sempre com aquele seu ar ingénuo, que levava os outros a perguntar-se a si próprios se ele estava a falar ou não a sério. — Ah! Excelência! Que é que está a dizer? Mandar lá dois homens, e depois, quem é que nos havia de condecorar com a Ordem de Vladimiro? Enquanto que assim, se eles forem dizimados, poderemos citar todo o esquadrão na ordem do dia, propondo-o para a condecoração, e apanhá-la nós também. O nosso Bogdanitch sabe muito bem o que faz.

— Olhem! — exclamou o oficial do estado-maior. — Lá começa a metralha.

Apontou para as peças de artilharia francesas, que acabavam de ser

desatreladas e que apressadamente principiavam a ser distribuídas.

Do lado francês, nos grupos onde estavam as peças, apareceu um fumozinho, a seguir outro e quase simultaneamente um terceiro, e quando o estampido do primeiro tiro chegou onde estavam os oficiais russos viu-se um quarto fumo. Houve duas detonações, uma atrás da outra, e por fim uma terceira.

— Oh! Oh! — gemeu Nesvitski, como se sentisse urna dor pungente, agarrando no braço do oficial de ordenança. — Olhe, olhe, lá caiu um!

— Dois, creio eu!

— Se eu fosse o czar, nunca faria guerra — disse Nesvitski, voltando os olhos.

Os canhões franceses foram apressadamente carregados de novo. A infantaria de túnica azul avançou para a ponte em passo acelerado. Ainda se viam núcleos de fumo; em diversos pontos crepitava a metralha e rebentava sobre a ponte. Mas desta vez Nesvitski não pôde distinguir o que se passava. Subiu da ponte uma fumarada espessa. Os hússares tinham conseguido lançar-lhe fogo, e as batarias francesas já não disparavam para impedir a operação, mas simplesmente por estarem em linha de fogo e aquele ser um alvo sobre o qual podiam lançar metralha.

Antes que os hússares pudessem voltar para junto dos cavalos, ainda os Franceses fizeram três descargas. Duas delas tinham sido mal dirigidas, e haviam-se perdido; a terceira caíra no meio de um grupo de hússares e abatera três.

Rostov, sempre absorvido pela ideia de Bogdatnitch, parara no meio da ponte, sem saber que fazer. Sempre se tinha representado a guerra como um acutilar alguém, mas a verdade é que não via ninguém a quem espadeirar; de resto, quanto a cooperar no incêndio da ponte, também o não podia fazer, pois não se havia munido, como os outros, de tições de palha. Continuava de pé na ponte, indeciso, quando, de repente, sentiu crepitar sobre o pavimento como que uma saraivada de nozes, e viu um hússar perto dele cair gemendo sobre o parapeito. Rostov correu para ele, com os outros. Alguém gritou de novo: <Uma maca!» Quatro homens agarraram-no e ergueram-no.

— Oh! Oh!... Deixem-me, por Deus! — gritava o ferido; mas nem por isso eles o largaram, e estenderam-no na maca.

Nicolau Rostov afastou-se, e, como se procurasse qualquer coisa, pôs-se a olhar ao longe as águas do Danúbio, o céu, o Sol, que cintilava. Que lindo lhe parecia o céu! Que azul estava, e que sereno e profundo! Como o fulgor do Sol em declínio

era vivo e solene! Como cintilavam, amistosas, as águas do longínquo Danúbio! E as montanhas azuladas mais para além, o mosteiro, as misteriosas ravinas, os pinheirais envoltos até ao alto pelo nevoeiro!... Lá adiante era a serenidade, a felicidade... «Se eu lá estivesse nada teria a desejar, não, nada teria a desejar», dizia Rostov de si para consigo. «No meu coração e neste sol há tanta felicidade, enquanto que neste lugar.., só há gemidos, dor, terror, e esta confusão, esta pressa... E lá estão a gritar outra ordem e todos começam a recuar, correndo, e eu também corro com eles, e ela aí está, a morte em cima de mim, em volta de mini... Um segundo, e nunca mais verei este sol, estas águas, estes desfiladeiros...»

Neste momento o Sol escondeu-se por detrás das nuvens; Rostov viu passar diante dele outras macas. O horror que lhe inspiravam a morte e aquelas macas, o seu amor pelo Sol e pela vida, tudo se confundia numa só impressão de desordem e de angústia,

«Oh!, meu Deus! Tu, que estás lá no alto, no Céu, salva-me, perdoa-me e protege-me!», murmurou.

Os hússares corriam para os seus cavalos, as vozes eram mais fortes e mais calmas, as macas tinham desaparecido.

— Eh, camarada, cheiraste a pólvora? — gritou-lhe ao ouvido a voz de Vaska Denissov.

«Tudo acabou; mas eu sou um poltrão, sim, sou um poltrão», disse para si mesmo Rostov, e, soltando um profundo suspiro, pegou no bridão do seu Gratchik, que arrastava uma pata, tomando-o das mãos de quem o tinha ficado a guardar, e saltou para a sela.

— Que era aquilo? Era metralha? — perguntou a Denissov.

— E que metralha! — exclamou este. — Eles sabem afinar as peças pela última moda. Mas aquilo não é o meu género! Um ataque da cavalaria é outra coisa é ali cara a cara! Mas isto, cos diabos, é atirar ao alvo, nada mais!

E Denissov lá se foi reunir a um grupo parado a pequena distância de Rostov, onde estavam o coronel. Nesvitski. Jerkov e o oficial de ordenança,

«No entanto, parece-me que ninguém deu por nada», pensou Rostov. E, realmente, ninguém tinha dado por nada, pela simples razão de que todos sabiam muitíssimo bem qual a impressão que sente um junker no dia do seu baptismo de fogo.

— Agora já têm que dizer a nosso respeito — disse Jerkov. — Vão-me

promover num abrir e fechar de olhos.

— Peço que comuniquem ao príncipe que fiz saltar a ponte disse o coronel com um ar jovial e triunfante.

— E se ele perguntar pelas perdas?

— Uma bagatela! — replicou ele, na sua voz de baixo — Dois hússares feridos e outro morto no seu posto... — Não pôde esconder um sorriso de satisfação e frisou muito as últimas palavras «no seu posto».

[IX]

Perseguido por um exército francês de cem mil homens, comandados por Bonaparte, acolhido hostilmente pelas populações, que tinham perdido a confiança nos seus aliados, causticado pela falta de abastecimentos e obrigado a agir completamente à margem das previstas condições da guerra, o exército russo, os trinta e cinco mil homens de Kutuzov, retirava apressadamente para jusante do Danúbio, não se detendo senão naqueles pontos onde o inimigo o atacava e não procedendo senão a operações de retaguarda na medida em que se tornavam necessárias para poder continuar a retirar sem perda de material e de bagagens. Houve os recontros de Lambach, de Amsteten e de Melk, mas, não obstante a bravura e a resistência das tropas russas, aliás reconhecidas pelo próprio inimigo, estas escaramuças de nada mais serviram que não fosse para acelerar a retirada.

As tropas austríacas salvas da capitulação de Ulm, e que se tinham juntado às de Kutuzov em Braunau, separaram-se agora do exército russo e Kutuzov via-se reduzido às suas fracas forças, já esgotadas. Não se podia pensar sequer em defender Viena.

Em vez de uma guerra ofensiva, maduramente reflectida segundo as regras dessa nova ciência que se chamava a estratégia, cujo plano lhe tinha sido comunicado durante a sua estada em Viena pelo Conselho Superior de Guerra, o único e quase inacessível objectivo que se oferecia agora a Kutuzov consistia, para não perder o seu exército, à imitação do que fizera Mack em Ulm, em reunir-se às tropas que chegavam da Rússia.

A 28 de Outubro. Kutuzov atravessa com o seu exército para a margem

esquerda do Danúbio e pela primeira vez faz alto, depois de ter deixado o rio entre ele e as principais forças francesas. A 30 ataca a divisão de Mortier, que se encontrava na margem esquerda, e esmaga-a. Nesta operação tomaram-se pela primeira vez troféus de guerra: umas bandeiras e peças de artilharia. Dois generais inimigos foram feitos prisioneiros. Pela primeira vez desde que tinham batido em retirada, havia quinze dias, as tropas russas faziam alto e depois do combate não só tinham conservado o campo de batalha, mas, inclusivamente, haviam perseguido os Franceses. Embora as tropas estivessem cobertas de andrajos, extenuadas, reduzidas de um terço, em virtude dos retardatários, dos feridos, dos mortos e dos doentes; embora os doentes e os feridos da outra margem do Danúbio tivessem sido abandonados com uma nota de Kutuzov confiando-os à humanidade do inimigo; embora os grandes hospitais e as casas de Krems, transformados em lazaretos, já não pudessem abrigar todos os feridos e doentes; apesar de tudo isto, a paragem em Krems e a vitória sobre Mortier tinham levantado muito o moral dos soldados. No exército em peso e no quartel-general corriam os boatos mais animadores, ainda que mal fundamentados, sobre a imaginária aproximação de colunas chegadas da Rússia, de uma vitória dos Austríacos e de um recuo de Napoleão, aterrorizado.

O príncipe André, durante o combate, permanecera ao lado do general austríaco Schmidt, que tinha sido morto nessa operação. O cavalo que o príncipe montava fora ferido e ele próprio recebera uma escoriação num braço produzida por uma bala.

Graças a uma mercê especial do general-chefe, fora encarregado de transmitir a nova desta vitória à corte austríaca, que já se não encontrava em Viena, ameaçada pelos Franceses, mas em Brünn. Na própria noite da batalha, emocionado, mas não fatigado, a despeito da sua compleição assaz delicada — suportava melhor as fadigas físicas que muitos homens de forte constituição —, chegava a Krems, a cavalo, com um relatório de Dokturov, dirigido a Kutuzov. André fora imediatamente expedido para Brünn, como correio. A sua escolha, além da distinção que implicava, equivalia a uma importante promoção.

Estava uma noite escura e cheia de estrelas; a estrada desenhava-se a negro na neve que caíra na véspera, o dia do combate. Ora rememorando as impressões que a batalha lhe deixara, ora pensando com alegria no efeito que iriam produzir as novas da vitória, e lembrando-se do acolhimento que lhe tinham feito o

general-chefe e os seus camaradas, deixava-se levar pela britchka de viagem na sensação de um homem que, depois de muito esperar, vê, finalmente, raiar a aurora de uma felicidade muito desejada. Mal fechava os olhos, logo lhe crepitavam nos ouvidos a fuzilaria e as descargas da artilharia, à mistura com o fragor do rodar das viaturas e a sensação da vitória. Outras vezes pensava que os Russos tinham sido derrotados e que ele próprio fora morto em combate; mas logo acordava, num sobressalto, contente por poder verificar que nada disso era verdade, e que, pelo contrário, tinham sido os Franceses quem debandara. De novo se recordava de todos os pormenores da vitória, da sua calma e da sua bravura durante o combate, e, tranquilizado, adormecia... A noite sombria e estrelada sucedia agora uma manhã clara e alegre. A neve fundia aos primeiros raios de sol, os cavalos galopavam, rápidos, e à direita e à esquerda, indefinidamente, desfilavam constantemente novos campos, florestas, povoados.

Numa das estações de posta cruzou-se com um comboio de feridos russos. O oficial que o dirigia, deitado numa carroça da vanguarda, cobria de grosseiras injúrias' um soldado. Compridos carros alemães lá iam aos solavancos pela estrada esburacada. Cada um deles levava entre seis e sete feridos, sujos e pálidos, todos envoltos em ligaduras. Alguns deles falavam, e pareceu-lhe que se exprimiam em russo, outros comiam pão, os mais atingidos olhavam, sem nada dizer, com uma curiosidade tranquila e infantil própria de doentes, para o correio que ia passando por eles a galope.

O príncipe mandou parar a britchka e perguntou a um dos soldados em que recontro é que ele tinha sido ferido. «Anteontem, no Danúbio», respondeu o soldado. Sacando da bolsa, o príncipe deu-lhe três ducados de ouro.

— É para todos — disse ele ao oficial que se aproximou. — Tratem de se curar, rapazes, ainda há muito que fazer.

— Que novidades há? — interrogou o oficial, desejoso de conversar, dirigindo-se ao ajudante-de-campo.

— Boas! Vamos embora! — gritou para o postilhão, e prosseguiu no seu caminho.

Já era escuro quando chegou a Brünn e se viu cercado de altas construções, com lojas e janelas vivamente iluminadas, olhando todos aqueles revérberos, aquelas belas carruagens, que rolavam, estrepitosas, pelos pavimentos, aquela atmosfera animada de grande cidade, que tão atraente era para o militar depois

da vida em campanha. Apesar da sua rápida viagem e de não ter dormido, ao chegar ao palácio ainda se sentia mais excitado do que na véspera. Nos seus olhos havia um brilho de febre e os pensamentos atravessavam-lhe o cérebro com uma rapidez e urna nitidez extraordinárias. Os mais pequenos pormenores do combate se lhe pintavam, vivos, no espírito, não já confusos, mas muito nítidos, no relatório conciso que ele pensava fazer ao imperador Francisco. Entretanto iam-se representando as perguntas ocasionais que lhe seriam feitas e pensando nas respostas que lhes daria. Supunha que iria ser imediatamente apresentado ao imperador. Mas à entrada nobre do palácio um funcionário correu ao seu encontro, e, ao ver que se tratava de um correio, conduziu-o para outra porta.

— No corredor à direita. Aí encontrará Sua Alta Nobreza o ajudante-de-campo de serviço — disse-lhe o funcionário. — Ele o conduzirá até junto do ministro da Guerra.

O ajudante-de-campo de serviço veio ao encontro do príncipe André; pediu-lhe que esperasse e foi avisar o ministro da Guerra. Cinco minutos depois voltou a aparecer, e, fazendo uma vénia cheia de deferência e deixando-o passar adiante, levou-o, ao longo de um corredor, até ao gabinete de trabalho do ministro. O ajudante-de-campo, com a sua requintada cortesia, parecia querer impedir qualquer familiaridade, da parte do oficial russo. A jovial disposição do príncipe André foi diminuindo à medida que se aproximava do gabinete do ministro da Guerra. Sentia-se melindrado, e, sem que ele próprio se desse conta disso, esta irritação breve se tomou em profundo desdém, desdém, aliás, que nada justificava. O seu espírito inventivo sugeriu-lhe imediatamente algumas reflexões que lhe davam o direito de tratar com um certo desprezo tanto o ajudante-de-campo como o próprio ministro.

«Não há dúvida, a eles não lhes custa nada obterem vitórias sem lhes cheirar a pólvora!», dizia com os seus botões. Piscava o olho com uma expressão trocista e foi propositadamente que penetrou negligente no gabinete do ministro. As suas impressões desfavoráveis ainda mais se acentuaram quando se lhe deparou aquela personagem, sentada a uma grande mesa, que permaneceu pelo menos dois minutos sem prestar qualquer atenção ao visitante. O ministro inclinava a cabeça calva, com as suas têmporas grisalhas, no meio de dois brandões de cera, enquanto lia, anotando-os a lápis, uns papéis que tinha diante de si. Acabava a leitura desses papéis, sem nunca ter levantado a cabeça, quando a porta se abriu

e uns passos se aproximaram.

— Tome e transmita — disse ele para o ajudante-de-campo, dando-lhe os papéis, sem prestar ainda a mais pequena atenção ao correio.

O príncipe André depreendeu que ou o ministro da Guerra prestava menos atenção ao que se passava com o exército de Kutuzov do que a qualquer outro assunto que o solicitava, ou então que era isso mesmo que ele pretendia fazer compreender ao correio russo. «Mas isso é-me completamente indiferente», murmurou para si mesmo o príncipe André. O ministro da Guerra juntou os papéis que ficaram em cima da mesa, acertou-os bem, depois levantou os olhos. Tinha uma expressão enérgica e inteligente. Mas, precisamente no momento em que se voltou para o príncipe, este ar de homem inteligente e decidido transformou-se, evidentemente consequência de um hábito muito consciente. Apenas conservou o sorriso simplório, hipócrita, que não vale a, pena ocultar, o sorriso do homem que se vê obrigado a receber, uns após outros, muitos peticionários.

— Da parte do marechal Kutuzov? — perguntou ele. — São boas notícias, não é verdade? Teve um combate com Mortier? Uma vitória? Já era tempo!

Pegou no ofício que lhe era pessoalmente dirigido— e pôs-se a lê-lo, dando sinais de mortificação.

— Oh, meu Deus! Meu Deus. Schmidt! — exclamou em alemão. — Que desgraça! Que desgraça!

Tendo lido o ofício, pousou-o em cima da mesa e olhou para o príncipe André, com uma expressão evidentemente muito preocupada.

— Oh, que desgraça! A operação, diz o senhor, é decisiva? No entanto. Mortier não foi feito prisioneiro. — Ficou um momento pensativo— Felicito-o por me ter trazido boas notícias, ainda que a morte de Schmidt nos faça pagar cara a vitória. Sua Majestade vai querer vê-lo, naturalmente, mas hoje não. Muito obrigado. Pode retirar-se. Esteja amanhã à saída, depois da parada. De resto, eu o mandarei prevenir.

O sorriso simplório, que desaparecera durante a conversa, tomou de novo ao rosto do ministro.

— Até à vista, muito agradecido! O imperador há-de naturalmente querer vêlo — repetiu, numa reverência.

Quando deixou o palácio, o príncipe André deu-se conta de que todo o interesse e toda a satisfação que a vitória lhe tinha comunicado estavam agora a

desvanecer-se, prejudicados pela indiferença de um ministro da Guerra e de um ajudante-de-campo assaz cortês. Todo o seu tesouro de bons sentimentos desaparecera num abrir e fechar de olhos: a batalha, para ele, já não era mais que uma recordação longínqua de outrora.

[X]

O príncipe André tinha-se hospedado em Brünn em casa de um dos seus amigos, o diplomata russo Bilibine.

— Meu querido príncipe, riem imagina o prazer que me dá disse Bilibine, vindo ao encontro do seu hóspede.

— Franz, leva a bagagem do príncipe para o seu quarto de dormir! — prosseguiu, dirigindo-se ao criado que acompanhava Bolkonski — Que me diz? Um mensageiro da vitória? óptimo! Mas eu estou doente, como vê.

O príncipe André, depois de se ter lavado e preparado, penetrou no luxuoso gabinete do diplomata e dispôs-se a fazer as honras a uma refeição expressamente preparada para ele. Bilibine sentou-se, calado, junto do fogão.

Depois daquela viagem, e sobretudo desde que se encontrava em campanha, privado de todo o conforto de asseio e elegância, c, príncipe André sentia agora, no meio daquele luxo a que estava habituado desde pequeno, uma agradável impressão de alívio. Além disso, experimentava uma grande satisfação, depois da recepção dos austríacos, em conversar, não em russo, visto que ambos falavam francês, mas com um russo que, como ele supunha, compartilhava da aversão geral dos seus compatriotas, naquele momento particularmente viva, por todos os austríacos.

Bilibine era um homem dos seus trinta e cinco anos, celibatário, e que pertencia à mesma sociedade que o príncipe André. Tinham-se conhecido em Petersburgo, mas as suas relações haviam-se estreitado aquando da última estada do príncipe André em Viena, na comitiva de Kutuzov. André era um moço a quem esperava um brilhante futuro na carreira das armas, mas Bilibine ainda estava destinado a ir mais longe na da diplomacia. Era ainda novo, mas não como diplomata, uma vez que ingressara na carreira com dezasseis anos de idade e que

tinha estado em Paris e em Copenhaga e que em Viena, agora, desempenhava um posto importante.

O chanceler e o embaixador russo em Viena conheciam-no e estimavam-no. Não fazia parte do número desses diplomatas, bastante vulgares, que julgam necessário não se ter senão qualidades negativas, absterem-se de certas coisas e falarem bem francês para serem excelentes funcionários. Ele era desses que gostam de trabalhar e sabem trabalhar, e, não obstante a indolência de que era dotado, acontecia passar noites inteiras sentado à mesa de trabalho. Fosse qual fosse a tarefa que tivesse a executar, fazia-a sempre bem. O que o interessava não era o «porquê» das coisas, mas o «como». Pouco lhe importava a questão diplomática a tratar: mas redigir habilmente com finura e elegância uma circular, um memorando ou um relatório, isso dava-lhe um grande prazer.— Além da perícia na redacção, apreciava-se nele igualmente o savoir-faire quando era necessário apresentar-se e falar nas altas esferas.

Bilibine gostava tanto da conversa como do trabalho, desde que ela fosse espirituosa e distinta. Quando em sociedade, estava sempre à espreita do momento de dizer fosse o que fosse digno de ser notado e só com essa condição consentia embrenhar-se numa conversa. A sua conversação era toda salpicada de frases originais e espirituosas, e de interesse geral. Preparava as suas frases no silêncio do gabinete, expressamente para que elas pudessem vir a ser espalhadas, para que as mais significativas pessoas da sociedade pudessem lembrar-se delas facilmente e repeti-las de salão em salão. E, efectivamente, os ditos de espírito de Bilibine espalhavam-se nos salões de Viena, e por vezes tinham influência nos assuntos considerados sérios.

Era magro de cara, pálido e fatigado. Tinha o rosto sempre coberto de grossas rugas regulares e como que bem lavadas, como costuma acontecer às extremidades do corpo depois do banho. O movimento destas rugas constituía o seu principal jogo fisionómico. Ora a fronte se lhe cavava em largas pregas e as sobrancelhas se lhe franziam, ora, pelo contrário, se lhe abaixavam e nas faces se lhe formavam grossas rugas. Nos seus pequenos olhos, profundamente enterrados nas órbitas, havia sempre um olhar alegre e franco.

— Então, conte-nos agora as suas proezas — disse ele. Boikonski, muito modestamente, sem nunca referir o seu próprio nome, contou o que se tinha passado e a recepção que tivera da parte do ministro da Guerra.

— Fui recebido com bem pouco entusiasmo, eu e as minhas notícias — concluiu.

Bilibine pôs-se a rir e as pregas do rosto desvaneceram-se-lhe.

— No entanto, meu caro — voltou ele, contemplando as unhas a distância e piscando o olho esquerdo — apesar da alta estima que eu professo pelo exército ortodoxo russo, confesso que a vossa vitória não é das mais famosas.

Continuou assim a falar francês, não pronunciando em russo senão as frases a que queria atribuir intenção irónica.

— Como assim? Vocês precipitaram-se com toda a massa das vossas tropas sobre o desgraçado do Mortier e da sua única divisão, e o tal Mortier foge-vos das mãos? Onde é que está então a vitória?

— Em todo o caso, falando a sério — replicou o príncipe André — o certo é que podemos dizer, sem nos vangloriarmos, que sempre foi um poucochinho melhor do que em Ulm...

— E porque é que então não souberam trazer-nos ao menos um marechal, pelo menos um marechal?

— Porque nem tudo acontece como é nosso desejo, e regularmente, como na parada de um quartel. Nós pensávamos, como lhe dissemos, estar na retaguarda dos Franceses às sete horas da manhã, e às cinco da tarde ainda lá não tínhamos chegado.

— E porque é que vocês não conseguiram estar lá às sete horas da manhã? Era a essa hora que deviam ter chegado — disse, sorrindo. Bilibine — Era preciso ter chegado às sete horas da manhã.

— E porque é que vocês não sugeriram a Bonaparte, pelas vias diplomáticas, que teria sido melhor vê-lo deixar Génova? — disse o príncipe André no mesmo tom.

— Sim, bem sei — interrompeu Bilibine— Bem sei, está a pensar que não há nada mais fácil que aprisionar marechais sem sair do canto do fogão. É verdade, mas, ainda assim, por que diabo é que vocês não aprisionaram um? Não se mostre surpreendido de ver que o ministro da Guerra, assim como o seu augusto soberano, o imperador e rei Francisco, não ficam extraordinariamente contentes com a vossa vitória, e que eu próprio, um pobre secretário da Embaixada da Rússia, não me sinto na necessidade, em sinal de satisfação, de presentear o meu criado Franz com um thaler para que ele vá passear corria sua Liebchen até ao Prater.., embora seja verdade que aqui não há nenhum Prater...

Fitou nos olhos o príncipe André e de súbito toda a pele da testa se lhe desenrugou.

— Agora, meu caro, cabe-me a vez de lhe pôr um «porquê» — disse Bolkonski. — Confesso-lhe que não percebo... É possível que haja aqui qualquer subtileza diplomática muito acima do meu fraco entendimento, mas uma coisa há que eu não compreendo: Mack perde todo o seu exército, o arquiduque Fernando e o arquiduque Carlos não dão sinais de vida e cometem erros sobre erros; enfim, apenas Kutuzov consegue obter uma verdadeira vitória, quebrar o charme dos Franceses e o ministro da Guerra não se interessa sequer por conhecer pormenores.

— Ora aí está precisamente o problema, meu caro. Está a ver, meu caro: hurra pelo czar, pela Rússia, pela fé! Tudo isso é muito bonito, mas a nós que nos importam, quero dizer, à corte da Áustria, que nos importam a nós as vossas vitórias? Tragam-nos uma boa vitória dos arquiduques Carlos ou Fernando, vale tanto um como o outro, como muito bem sabe, ainda que não seja senão uma vitória contra uma companhia de bombeiros de Bonaparte, e, então, isso seria outra coisa, e cá estaríamos nós para a proclamar a salvas de canhão. Enquanto que o presente caso parece de propósito para nos irritar. O arquiduque Carlos nada faz, o arquiduque Fernando cobre-se de opróbrio. Abandona-se Viena, não se defende mais Viena; é como se nos dissesse: Deus está connosco, mas vocês, vocês vão lá passear com a vossa capital. Vocês tinham um general, chamado Schmidt, de quem todos nós gostávamos. Vocês mandam-no para a linha de fogo, e depois vêm-nos cantar vitória! Tem de concordar que não há nada mais exasperante que estas notícias que você nos traz. É como se fosse de propósito, como se fosse de propósito. E, além disso, mesmo que vocês tivessem obtido realmente uma brilhante vitória, mesmo que o arquiduque Carlos tivesse obtido uma vitória, em que é que isso iria alterar a marcha geral dos acontecimentos? Agora é tarde, agora que Viena já foi ocupada pelas tropas francesas.

— Ocupada, como? Pois Viena está ocupada?

— Não só ocupada, mas Bonaparte está em Shoenbrünn e o conde, o nosso querido conde Wrbna, está pronto a receber as suas ordens.

Bolkonski, depois das impressões de viagem, do acolhimento que recebera, sobretudo depois do jantar que acabava de digerir, tão fatigado estava que se dava conta de que já não compreendia muito bem o sentido das coisas que lhe

diziam.

— Esta manhã mesmo esteve aqui o conde Lichtenfeld — prosseguiu Bilibine —, que me mostrou uma carta onde se descrevia em pormenor a parada dos Franceses em Viena. O príncipe Murat e toda a sua pompa... Como vê, a vossa vitória não é grande motivo de alegria. O príncipe não podia ser recebido como um salvador.

— A falar verdade, para mim isso é-me indiferente, absolutamente indiferente — disse o príncipe André, que acabava de compreender que o combate de Krems tinha realmente pouca importância ao pé de acontecimentos magnos como a tornada da capital austríaca.— Que me diz? Então Viena foi tomada! E a ponte, e a famosa testa de ponte e o príncipe Auersperg? Entre nós tinha corrido o boato de que o príncipe Auersperg era o defensor da cidade.

— O príncipe Auersperg está do lado de cá do rio, do nosso lado, e defende-nos a nós. Na minha opinião, acho que ele nos defende muito mal, mas defende-nos. Viena, porém, fica na outra, margem. Não, a ponte ainda não foi tomada, e espero que o não seja, visto estar minada e haver ordem para a fazer ir pelos ares. Se assim não fosse, há muito tempo que nós estaríamos nas montanhas da Boémia, e o vosso exército já teria passado um mau quarto de hora, apanhado entre dois fogos.

— Mas, em todo o caso, isso não quer dizer que a campanha tenha acabado — observou o príncipe André,

— Na minha opinião já acabou. E é o que pensam os graúdos destas paragens, embora não tenham coragem de o dizer. Acontecerá o que eu dizia no princípio da guerra, que não será o vosso fracasso de Dürenstein e, de maneira geral, a pólvora, que resolverão a questão, mas aqueles que a inventaram... — acrescentou Bilibine, repetindo um dos seus ditos espirituosos; após o que desfranziu a pele da testa e fez uma pausa. — O problema está em saber o que se vai decidir na entrevista de Berlim entre o imperador Alexandre e o rei da Prússia. Se a Prússia entrar na aliança, leva-se a Áustria à parede, e haverá guerra. Se o não fizer, tudo consistirá em as partes se entenderem para formular os primeiros artigos de um novo Campo Fórmio.

— Mas que génio extraordinário! — exclamou, subitamente, o príncipe André, cerrando o seu pequeno punho e batendo com ele em cima da mesa. — E que sorte tem esse homem!

— Buonaparte? — perguntou Bilibine, franzindo a testa e sugerindo assim que ia chegar um dito de espírito — Buonaparte? — repetiu, acentuando especialmente o u. — Em todo o caso, visto que ele agora, de Schoenbrün, dita leis à Áustria, concedamos-lhe a queda do u. Decididamente, faço uma inovação e chamo-lhe Bonaparte simplesmente,

— Zombaria à parte — interrompeu o príncipe André. — Acha que a campanha está terminada?

— Eis a minha opinião: a Áustria é o perú da farsa, e a verdade é que não está habituada a isso. E ela acabará por se vingar. Encontra-se nesta situação, antes de mais nada, porque as suas províncias estão devastadas — dizem que o exército ortodoxo é terrível no saque —, o exército está vencido, a capital foi tomada e tudo isto pelos lindos olhos de Sua Majestade da Sardenha. Por isso mesmo, entre nós, meu caro, cheira-me que nos estão a enganar, cheira-me a um entendimento com a França e a projectos de paz, uma paz secreta feita separadamente.

— Isso não pode ser! — exclamou o príncipe André. — Seria indigno.

— Quem viver verá — replicou Bilibine, desfranzindo de novo a testa, para indicar que tinha acabado a conversa.

Quando o príncipe André se recolheu ao quarto que lhe tinham preparado e se estendeu entre os lençóis brancos, numa cama de penas, e pousou a cabeça em almofadas tépidas e perfumadas, teve a impressão de que a batalha cuja vitória viera anunciar estava longe, muito longe. A aliança prussiana, a traição da Áustria, o recente triunfo de Bonaparte, a revista militar a que o imperador iria assistir e a recepção que o esperava para o dia seguinte tudo isso lhe ocupava o espírito.

Fechava os olhos, mas, nesse mesmo instante, enchiam-se-lhe os ouvidos do ruído da fuzilaria, das descargas dos canhões, do rodar das viaturas, e eis que de novo desciam das montanhas os mosqueteiros cai Unha de atiradores; os Franceses disparavam, o coração batia-lhe e dirigia-se para as primeiras linhas com Schmidt, enquanto as balas assobiavam alegres em tomo dele, e ele, príncipe André, sentia como que uma sensação da vida multiplicada, coisa que não tornara a sentir desde a infância. Acordou...

«Ah, tudo isto já vai longe!...», murmurou, sorrindo para si mesmo, com um sorriso feliz e infantil, e voltou, a adormecer, mergulhando num sono despreocupado e profundo.

[XI]

No dia seguinte acordou tarde. Ao recordar as impressões passadas, a primeira coisa de que se lembrou foi que seria nesse dia apresentado ao imperador Francisco: depois pensou no ministro da Guerra, no ajudante-de-campo austríaco, todo oficioso, em Bilibine e na conversa que com ele tivera na véspera. Tendo envergado o seu uniforme de gala, que há muito não vestia, a fim de se apresentar no palácio, com a sua tez fresca e remoçada, com um belo aspecto moço, o braço em barideirola, penetrou no gabinete de Bilibine. Ali estavam quatro personalidade, do corpo diplomático. Bolkonski já conhecia o príncipe Hipólito Kuraguíne, secretário da Embaixada; Bilibine apresentou-o aos restantes.

Estes cavalheiros, pessoas da sociedade, jovens, ricos e alegres companheiros, tanto em Viena como em Brünn formavam uma roda à parte a que Bilibine, como que o seu chefe, chamava os nossos... Esta roda, quase exclusivamente composta de diplomatas, não se interessava pelos assuntos militares e políticos, e só uma coisa a preocupava: a vida da alta sociedade, algumas relações femininas e problemas de carreira. Acolheu no seu seio o príncipe André com vivo prazer e como se fosse um dos seus, honra que concedia a muito poucas pessoas. Por cortesia, e para entabular conversa, dirigiram-lhe algumas perguntas sobre o exército e a batalha que se tinha travado e de novo a conversa se dispersou em ditos sem continuidade, gracejos e mexericos.

— Mas o cúmulo — disse um deles, que estava a contar a história, de um camarada que fora posto em xeque —, o cúmulo é que o chanceler lhe disse cara a cara que a sua nomeação para Londres era uma promoção, e que ele como tal a considerava. Imaginem a cara dele ao ouvir estas palavras...

— Mas o que é mais grave, meus senhores. é que eu vou atraiçoar o Kuraguine — aqui está este D. Juan, este homem terrível, que aproveita a infelicidade dos outros!

O príncipe Hipólito estava afundado numa poltrona, com as pernas apoiadas nos braços da cadeira. Pôs-se a rir.

— Fale-me disso — disse ele.

— Oh! D. Juan! Oh! Serpente! — exclamaram várias vozes. — Talvez não saiba. Bolkonski — disse Bilibine, dirigindo-se ao príncipe André —, que todas as atrocidades cometidas pelo exército francês, e ia a dizer pelo russo, nada são

comparadas com as devastações que este homem tem feito entre as mulheres,

— A mulher é a companheira do homem — declarou Hipólito, contemplando as suas próprias pernas por detrás dos vidros do lorgnon.

Bilibine e os nossos romperam a rir, olhando curiosamente para Hipólito. O príncipe André compreendeu que este Hipólito, de que quase sentira ciúmes por causa da sua atitude para com a mulher, coisa que, ele intimamente reconhecia, era o bobo daquela sociedade.

— Ah!, tenho de lhe apresentar uma amostra de Kuraguine — disse muito baixo Bilibine a Bolkonski. — É impagável quando fala de política. É preciso ver os ares importantes que toma.

Sentou-se ao pé de Hipólito e chamando à testa as pregas das coisas sérias pôs-se a conversar com ele sobre política. André e os outros formaram círculo em volta deles.

— O Gabinete de Berlim não pode exprimir um sentimento de aliança — principiou Hipólito Kuraguine, fitando o auditório com um olhar de entendido — sem exprimir.., como na sua última nota.., compreende.., compreende.., e depois Sua Majestade o Imperador não anula o princípio da nossa aliança... Espere, ainda não acabei — disse para o príncipe André, pegando-lhe num braço. — Acho que a intervenção será mais forte que a não intervenção. — Calou-se um momento. — E não poderão invocar por fim não terem recebido o nosso ofício de 28 de Outubro. Aqui têm como tudo acabará.

Soltou o braço de Bolkonski para indicar que tinha concluído.

— Demóstenes, reconheço-te pelo calhau que escondeste na tua boca de ouro — exclamou Bilibine, cujo topete estremecia com as gargalhadas.

Todos se puseram a rir. Hipólito ainda mais do que os outros. Não podia mais, sufocava, mas não conseguia reter o estrépito desordenado de um riso que lhe distendia todos os traços do rosto, ordiriariamente inexpressivo.

— Vou fazer-lhes uma proposta, meus senhores — disse Bilibine — Bolkonski é meu hóspede, e temo-lo aqui, em Brünn, e é meu desejo que lhe façamos as honras, tanto quanto nos seja possível, de todas as distracções que se podem encontrar aqui. Se estivéssemos em Viena, a coisa era fácil. Mas aqui, neste horrível buraco morávio, é mais difícil e peço-vos a todos que me ajudem. É preciso fazer as honras de Brünn. Vocês encarreguem-se do teatro; eu trato do problema mundano. Tu. Hipólito, claro está, encarregas-te das mulheres.

— Temos de lhe mostrar a Amélia; é uma pérola! — interrompeu um dos nossos, beijando a ponta dos dedos.

— Numa palavra, este sanguinário militar — disse Bilibine —, temos de o tornar homem de sentimentos mais humanitários. — Mal tive tempo de gozar o prazer da vossa companhia, meus senhores, e já sou obrigado a deixá-los — disse Bolkonski, consultando o relógio.

— E aonde vai?

— Ver o imperador.

— Oh! Oh!

— Bom, até à vista. Bolkonski! Até à vista, príncipe! Venha então jantar cedo! — exclamaram várias vozes — Contamos consigo.

— Não deixe de fazer o elogio da intendência para o serviço dos abastecimentos e de transportes na sua entrevista com o imperador — disse Bilibine ao reconduzir Bolkonski.

— Gostaria muito, mas sinto-me incapaz — respondeu este, sorrindo.

— Enfim, faça o que puder e fale muito. Ele adora as audiências e não gosta de falar, nem sabe, como vai ter ocasião de verificar.

[XII]

Na parada, o imperador Francisco contentou-se em conceder um olhar ao príncipe André, que se encontrava no local indicado no meio dos oficiais austríacos, e em dirigir-lhe um aceno com a sua grande cabeça. Mas, depois desta cerimónia, o ajudante-de-campo que o recebera na véspera aproximou-se do príncipe, cortesmente, para lhe comunicar que o imperador desejava conceder-lhe uma audiência. O monarca recebeu-o de pé no meio do seu gabinete. Antes mesmo de se proferirem as primeiras palavras, o príncipe André notou o embaraço do imperador, que corava e não sabia que dizer.

— Diga-me cá, quando é que principiou a batalha? — inquiriu com precipitação.

O príncipe André respondeu-lhe. Outras perguntas vieram atrás desta, e tão banais como ela: «Está Kutuzov de saúde?» «Já chegou há muito tempo a

Krems?», etc. Dir-se-ia que o imperador não tinha outro objectivo senão formular um número determinado de perguntas. Quanto às respostas, era evidente que elas não lhe interessavam.

— A que horas principiou a batalha? — perguntou.

— Não passo precisar a Vossa Majestade a que horas começaram as hostilidades na frente militar, mas em Dürenstein, onde eu me encontrava, as tropas atacaram as dez da noite — replicou Bolkonski com animação, supondo que naquela altura lhe seria dado fazer a descrição verídica, já preparada na sua mente, de tudo quanto sabia e vira.

Mas o imperador sorriu e interrompeu-o:

— Quantas milhas?

— Desde onde e até que ponto Majestade?

— De Dürenstein a Krems.

— Três milhas e meia. Majestade.

— Os Franceses abandonaram a margem esquerda?

— Segundo o que sabemos pelos nossos informadores, os últimos atravessaram o rio de noite em jangadas.

— Em Krems há forragens com abundância?

— Não as forneceram em tais quantidades...

O imperador cortou-lhe a palavra:

— A que horas foi morto o general Schmidt?

— Às sete, segundo parece.

— Às sete horas! Muito triste! Muito triste!

Acrescentou que lhe agradecia e fez uma vénia. O príncipe André saiu e viu-se imediatamente cercado pelos cortesãos. De todos os lados lhe lançavam olhares amáveis: só ouvia gentilezas em tomo de si. O ajudante-de-campo da véspera censurou-o por se não ter hospedado no palácio e ofereceu-lhe a sua casa. O ministro da Guerra aproximou-se para o felicitar pela cruz de Maria Teresa, de 3ª classe, que o imperador lhe conferira. O camarista da imperatriz convidou-o a apresentar-se nos aposentos de Sua Majestade. A arquiduquesa também o quis ver. Não sabia a quem prestar atenção e durante alguns minutos procurou concentrar-se. O embaixador da Rússia tomou-o pelo braço, arrastou-o para o vão de uma janela e pôs-se a fazer-lhe perguntas.

A despeito das previsões de Bilibine, a notícia que ele trazia fora recebida com

alegria. Deu-se ordem para se realizar um Te Deum em acção de graças. Kutuzov foi agraciado com a grã-cruz de Maria Teresa e todo o exército recebeu condecorações e louvores. Bolkonski teve convites de toda a parte e durante toda a manhã viu-se obrigado a fazer visitas aos principais dignitários austríacos. Depois de terminadas estas visitas, as cinco horas da tarde, ruminando já a carta que tinha de escrever a seu pai, a propósito da batalha e da jornada a Brünn, regressou a casa de Bilibine. Diante da escadaria estava parada uma britchka, meio carregada de bagagens, e Franz, o criado de Bilibine, apareceu à porta sobraçando uma grande mala.

Antes de voltar para casa de Bilibine, o príncipe André fora a uma livraria abastecer-se de livros para se distrair durante a campanha e ali se tinha demorado bastante.

— Que se passa? — perguntou.

— Ah! Excelência! — disse Franz, instalando, com dificuldade, a mala em cima da britchka. — Mudamos de casa. O bandido está já em cima de nós (Em alemão no texto russo. (N, dos T.).

— Que aconteceu? O que é? — interrogou o príncipe André. Bilibine veio ao seu encontro. O seu rosto, sempre tão calmo, estava emocionado.

— Não, não, confessemos que é encantadora — disse ele — esta história da ponte de Thabor. (Era uma ponte de Viena). Atravessaram-na sem disparar um tiro.

O príncipe André, não percebia nada.

— Mas donde vem que não sabe uma coisa que todos os cocheiros da cidade já conhecem?

— Venho de casa da arquiduquesa. Nada me disseram. F não viu que toda a gente está a fazer as malas?

— Não... De que se trata? — perguntou o príncipe André com impaciência.

— De que se trata? Trata-se de que os Franceses atravessaram a ponte que Auersperg defendia. Não a fizeram ir pelos ares, de modo que Murat já aí vem a galope pela estrada de Brünn e que ainda hoje ou amanhã estará aqui.

— Quê? Aqui? E porque é que não fizeram saltar a ponte, se estava minada?

— É isso que eu lhe pergunto. É o que ninguém sabe, nem mesmo Bonaparte.

Bolkonski encolheu os ombros.

— Então, se a ponte foi atravessada, isso quer dizer que o exército está

perdido. Vai ter a retirada cortada — disse ele.

— É precisamente isso — replicou Bilibine — Ouça. Os Franceses entram em Viena, como eu lhe disse. Está certo. No dia seguinte, quer dizer, ontem, os senhores marechais Murat. Lannes e Belliard montam a cavalo e dirigem-se para a ponte. Note que são todos três gascões. «Meus senhores», diz um deles, «os senhores sabem que a ponte de Thabor está minada e contraminada e que é precedida de uma terrível testa de ponte, com quinze mil homens que receberam ordens de a fazer saltar e de nos impedir de a atravessar. Mas ao nosso imperador Napoleão seria muito agradável que nós a tomássemos. Vamos nós os três e tomemos a ponte.» «Vamos», responderam os outros. E lá vão os três, e tomam a ponte, atravessam-na, e agora, com todo o seu exército deste lado do Danúbio, dirigem-se sobre nós, sobre vocês e sobre as vossas comunicações.

— Basta de gracejos — disse o príncipe André, num tom grave e triste. A notícia, para ele, era ao mesmo tempo penosa e agradável.

Desde que soubera que o exército russo se encontrava numa situação perigosa, viera-lhe ao espírito ser ele a pessoa destinada a salvá-lo da situação em que se encontrava, que aquilo seria o seu Toulon, que o arrancaria à obscuridade de simples oficial para lhe abrir o caminho da glória. Ouvindo Bilibine, via-se já de volta do exército, no conselho de guerra, onde exporia a única sugestão que salvaria as tropas e seria encarregado de pôr em prática o seu plano.

— Basta de gracejos — repetiu,

— Não estou a gracejar — continuou Bilibine — Nada há de mais verdadeiro e mais triste. Aqueles cavalheiros chegam sozinhos à ponte e acenam com lenços brancos. Afirmam que existe um armistício e que eles, os marechais, vêm parlamentar com o príncipe Auersperg. O oficial de serviço fá-los penetrar na testa de ponte. Eles contam-lhe uma enfiada de bazófias: dizem-lhe que a guerra acabou, que o imperador Francisco marcou uma entrevista com Bonaparte, que eles precisam de se encontrar com o príncipe Auersperg, numa palavra, todas as bazófias deste e do outro mundo. O oficial manda procurar Auersperg. Aqueles senhores abraçam os oficiais, dizem facécias. Cavalgam as peças de artilharia e entretanto um batalhão francês penetra por debaixo da ponte, sem ser visto, lança à água os sacos com as matérias incendiárias e avança para a testa de ponte. Por fim, chega o próprio tenente— general, o nosso príncipe Auersperg von Mautern. «Caro amigo! Flor do exército austríaco, herói das guerras turcas! A

nossa inimizade acabou, podemos apertar as nossas mãos... O imperador Napoleão está morto por conhecer o príncipe Auersperg.» Numa palavra, aqueles cavalheiros, para alguma coisa são gascões, tão bonitas palavras dizem a Auersperg, tão lisonjeado ele se sente com esta súbita intimidade com os marechais franceses, está tão deslumbrado com a presença do manto e das plumas de avestruz de Murat, que só vê o fogo dele e se esquece do que devia fazer contra o inimigo. (Apesar do interesse da sua história. Bilibine não se esqueceu de fazer uma pausa depois de pronunciar a frase, para dar tempo a ser bem apreciada). O batalhão francês entra em passo acelerado na testa de ponte, encrava os canhões e a ponte é tomada. Mas, ainda falta o melhor da história — prosseguiu ele, deixando à graça que encontrava na sua própria narrativa o cuidado de serenar a sua própria emoção —, o que ainda é mais curioso é que o sargento de guarda ao canhão que devia dar o sinal da inflamação da mina, ao ver chegar os Franceses, quis disparar, mas Lannes segurou-lhe no braço. O sargento, que naturalmente era mais inteligente do que o general, aproximou-se de Auersperg e disse-lhe: «Príncipe, estão a ludibriá-lo, aqui estão os Franceses!» Murat, vendo que perderia a partida se deixasse prosseguir o sargento, dirige-se a Auersperg com uma surpresa fingida, como verdadeiro gascão que é: «Não estou a reconhecer a disciplina austríaca tão apregoada», observa; «consente que um subalterno lhe fale nestes termos?». É genial. O príncipe Auersperg sente-se ofendido e manda prender o sargento. Não, mas confessem que é encantadora esta história da ponte de Thabor. Não é estupidez nem cobardia.

— É talvez traição — disse o príncipe André, vendo diante dos seus olhos os capotes cinzentos, os feridos, o fumo da pólvora, o crepitar da fuzilaria e a glória que o aguardava.

— Também não. Isso põe a Coroa em maus lençóis — prosseguiu Bilibine — Não é traição, nem cobardia, nem estupidez; é como em Ulm... — Fez menção de reflectir, procurando o que havia de dizer — é... é estilo Mack. Estamos «mackés» — disse, por fim, contente com a palavra que descobrira, uma palavra novinha em folha, uma dessas palavras que deveriam ser repetidas.

As rugas que até ali se lhe tinham acumulado na testa desapareceram subitamente, o que traduzia a sua satisfação, e, com um ligeiro sorriso, pôs-se a olhar para as unhas.

— Aonde vai? — lançou ele, de repente, ao príncipe André, que se levantara

para retirar-se.

— Vou-me embora.

— Para onde?

— Para o exército.

— Mas tinha dito que ainda ficaria dois ou três dias!

— Disse, mas agora resolvi partir imediatamente.

E o príncipe André, depois de ter dado ordens para se preparar a partida, retirou-se para os seus aposentos.

— Quer saber, meu caro — disse Bilibine entrando nos aposentos do príncipe. — Pensei melhor. Porque é que se vai embora? E para prova de que o seu raciocínio era indiscutível, todas as rugas do rosto se lhe desvaneceram.

O príncipe André interrogou com os olhos o interlocutor, sem responder.

— Porque é que se vai embora? Sei que entende que o dever lhe impõe que se apresse a juntar-se às tropas, agora que o exército russo está em perigo. E eu compreendo isso, meu caro, é heroísmo.

— De maneira nenhuma — replicou o príncipe André.

— Mas o senhor é um filósofo. Seja então um verdadeiro filósofo integralmente: encare as coisas de outro ponto de vista e chegará à conclusão de que o seu dever, pelo contrário, é proteger-se contra o perigo. Deixe isso para aqueles que não têm préstimo para coisa alguma... Não lhe deram ordens para regressar e não o despediram ainda daqui. Por isso pode ficar e ir connosco para onde nos levar a nossa pouca sorte. Parece que vamos para Olmütz. É uma linda cidade. E faremos os dois a viagem juntos, tranquilamente, na minha caleche.

— Deixe-se de brincadeiras. Bilibine — disse Bolkonski.

— Falo-lhe com toda a sinceridade, e como se falasse a um amigo. Raciocinemos. Porque é que vai partir quando pode perfeitamente ficar aqui? De duas, uma (as rugas formaram-se-lhe em volta da fronte esquerda): ou a paz será assinada antes que tenha tempo de chegar ao seu destino, ou então irá assistir ao desastre e à vergonha de todas as forças de Kutuzov.

E Bilibine desfranziu a testa, persuadido de que o seu dilema era irrefutável.

— Não posso raciocinar dessa maneira — replicou, friamente, o príncipe André, e para si mesmo murmurou: «Eu parto exactamente para salvar o exército.»

— Meu caro, o senhor é um herói — concluiu Bilibine.

[XIII]

Nessa mesma noite, depois de se ter despedido., ministro da Guerra. Bolkonski partiu para, se juntar ao exército, sem saber sequer onde poderia encontrá-lo e correndo o risco , inclusivamente, de ser feito prisioneiro pelos Franceses em plena estrada.

Em Brünn toda a corte preparava as suas malas, e as bagagens pesadas já tinham sido expedidas para Olmütz. Perto de Etzelsdorf, o príncipe André encontrou-se na estrada por onde retirava a toda a pressa, e na maior desordem, o exército russo. A estrada estava tão atravancada com as viaturas que a carruagem não podia avançar. Depois de ter pedido um cavalo ao comandante dos cossacos, o príncipe André, esfomeado e a cair de fadiga, ultrapassou as viaturas e partiu à procura do general-chefe e da sua carruagem. Ao longo do caminho chegavam-lhe aos ouvidos os boatos mais sinistros e o certo é que a desordem daquele exército em fuga confirmava esses boatos.

«A esse exército russo, transportado dos confins do universo pelo ouro da Inglaterra, vamo-lo sujeitar ao mesmo destino» (o destino do exército de Ulm). Lembrava-se destas palavras da proclamação de Bonaparte às tropas no princípio da campanha e estas palavras despertavam nele um sentimento de admiração por esse herói de génio, à mistura com o orgulho ferido e o desejo de glória, «E se me não resta senão morrer?», pensava ele. «E então! Se assim for preciso, saberei morrer tão bem como os outros!»

O príncipe André contemplava com tristeza essas filas intermináveis de destacamentos, de carroças, de parques de artilharia (ainda de galeras, e viaturas de todos os modelos possíveis que se confundiam, se ultrapassavam umas às outras, em três, quatro filas, obstruindo a estrada enlameada. De todos os lados, atrás, — adiante, tão longe quanto o permitia a transmissão do som, só se ouvia o estrondo de rodas, carroças, galeras, patas de cavalo, estalidos de chicote, gritos, injúrias dos soldados, das ordenanças e dos oficiais. Nas bermas da estrada viam-se a todo o instante quer cavalos rebentados ou meio mortos, quer viaturas despedaçadas, ao pé das quais, esperando não se sabia quê, soldados isolados se sentavam, quer tropas em debandada, que se dirigiam em grupo para os povoados

vizinhos e de lá traziam galinhas, carneiros, forragens ou sacos a abarrotar. Nas subidas e nas descidas a multidão tornava-se mais densa e ouvia-se um clamor constante. Soldados com lama até aos joelhos procuravam agarrar-se aos canhões e às viaturas enquanto os chicotes estalavam, as patas dos cavalos escorregavam, os freios se partiam e as vociferações pareciam rebentar os peitos. Os oficiais que vigiavam a marcha iam e vinham pelo meio das viaturas. As suas vozes de comando perdiam-se no meio do alarido geral e via-se, pela expressão dos seus rostos, que se sentiam impotentes para impedir a desordem.

«Eis aqui o querido exército ortodoxo!», dizia Bolkonski de si para consigo, lembrando-se das palavras de Bilibine.

Na esperança de perguntar a um desses homens onde se encontrava o general-chefe, aproximou-se de uma viatura. Precisamente do seu lado oposto avançava uma estranha carruagem, tirada por um único cavalo, evidentemente arranjada pelos soldados com o que lhes viera às mãos, e que era um misto de telega, de cabriolé e de caleche. Conduzia-a um soldado, e uma mulher toda embrulhada em xales ia sentada debaixo do tejadilho de couro. O príncipe André aproximou-se e dispunha-se já a dirigir-se ao soldado quando reparou nos gritos desesperados que essa mulher soltava. O oficial que dirigia o comboio chicoteava o soldado que conduzia a caleche porque ele queria ultrapassar os demais, e o chicote tinha atingido a cobertura da carruagem. A mulher soltava gritos agudíssimos. Ao ver o príncipe André, deitou a cabeça fora da cobertura, agitando os braços magros libertos dos xales, e gritou:

— Senhor ajudante-de-campo, senhor ajudante-de-campo... Por piedade... Proteja-me... Que vai ser de nós?... Sou a mulher do médico do 7 de caçadores... Não nos deixam passar: ficámos para trás, perdemo-nos dos nossos...

— Volta para trás ou esborracho-te como uma carocha! — gritava ao soldado o oficial iracundo. — Volta para trás com a tua caranguejola.

— Senhor ajudante-de-campo, proteja-me! Que quer isto dizer? — gritava a mulher do médico.

— Deixem passar este carro. Não vêem que leva uma mulher? — disse o príncipe André, avançando para o oficial. Este olhou para ele e sem responder voltou-se para o soldado:

— Eu vou ensinar-te como elas cantam... Para trás! — Deixe-o passar, já lhe disse — repetiu o príncipe, de dentes cerrados.

— E tu, quem és tu? — lançou, de repente, o oficial, voltando-se para o príncipe num ataque de fúria. — Quem és tu? Tu. (E era com uma entoação particularmente ofensiva que ele pronunciava esta palavra.) És o comandante, talvez? Aqui o comandante sou eu, e não tu. Para trás, tu — repetia —, ou esborracho-te como uma carocha.

A expressão tinha-lhe agradado, sem dúvida.

— É espevitado, o ajudantezinho-de-campo! — exclamou uma voz atrás dele.

O príncipe André viu perfeitamente que o oficial estava num desses paroxismos de cólera em que as pessoas já não sabem o que dizem. Percebeu que a sua intervenção em defesa da mulher da carripana estava a dois passos de o lançar naquilo que ele mais receava no mundo: o ridículo. Mas o seu instinto venceu-o. Assim que o oficial acabou de falar, aproximou-se dele com uma expressão transtornada pela ira, puxando do chicote.

— Queira deixar passar! — gritou, escandindo as palavras.

O oficial esboçou um gesto e deu-se pressa em afastar-se.

— É tudo por causa deles, destes tipos do estado-maior — resmungou ele. — Faça o que quiser.

O príncipe André, apressadamente, sem erguer os olhos, afastou-se da mulher do médico, que lhe chamava seu salvador, e, lembrando-se com desgosto dos mínimos pormenores desta cena confrangedora, galopou até à povoação onde, como lhe tinham dito, se encontrava o general-chefe.

Assim que chegou, apeou-se e dirigiu-se à primeira casa que viu, na intenção de descansar um instante, de comer qualquer coisa e de pôr um pouco de ordem nos penosos pensamentos que o assaltavam. «É uma leva de bandidos, não é um exército», dizia ele de si para consigo, aproximando-se de uma janela. Nessa altura uma voz conhecida chamou-o pelo nome.

Voltou-se. A uma janelinha assomava a bonita máscara de Nesvitski, que estava a comer, na companhia de outro ajudante-de-campo. Apressou-se, a perguntar a Bolkonski se ele não sabia nada de novo. Naquelas máscaras muito suas conhecidas lia o príncipe André preocupação e inquietude. Era sobretudo a expressão habitualmente risonha de Nesvitski que mais o impressionava.

— Onde está o general — chefe? — perguntou Bolkonski. — Aqui mesmo, naquela casa — respondeu o ajudante-de-campo, com um gesto.

— Então é verdade que vão assinar a paz e a capitulação? — perguntou

Nesvitski.

— É isso que eu lhes pergunto. Nada sei senão que me vi e desejei para vos encontrar.

— E o que se passa aqui, camarada, é horroroso! Tenho de pedir desculpa, camarada. Fizemos troça de Mack, mas o certo é que a nossa situação é bem pior — disse Nesvitski. — Senta-te e como qualquer coisa.

— A esta hora, príncipe, já não encontrará nem uma carroça nem nada, e o seu Piotre (Alusão a Bagration, cujo nome completo era Piotre Ivanovitch Bagration. (N, dos T.) só Deus sabe onde está — disse o outro oficial.

— Então onde é que está o quartel-general?

— Vamos dormir em Znairri.

— Cá por mim, tratei de carregar tudo de que preciso em cima de dois cavalos — disse Nesvitski — e arranjaram-me umas óptimas albardas. Estou preparado para atravessar os montes da Boémia. As coisas estão feias, meu filho. Mas que tens tu? Pareces pálido. Porque é, que estás a tremer? — perguntou Nesvitski, ao ver que o príncipe André estremecia, como se tivesse tocado numa garrafa de Leyde.

— Não tenho nada — replicou.

Recordara-se naquele momento do recente encontro com a mulher do médico e do oficial do comboio.

— Que faz aqui o general — chefe? — inquiriu.

— Não percebo nada — disse Nesvitski.

— Tudo o que eu posso compreender é que isto é uma vergonha, e vergonha a dobrar! — exclamou Q príncipe André e dirigiu-se para a habitação onde estava o general-chefe.

Ao passar viu a carruagem de Kutuzov, os cavalos de sela da comitiva, extenuados, e os cossacos que conversavam em voz baixa. Depois penetrou no vestíbulo. Tal qual como lhe tinham dito, o próprio Kutuzov lá estava na companhia do príncipe Bagration e de Weirother. Weirother era o general austríaco que tinha substituído Schmidt. No vestíbulo, o pequeno Kozlovski estava de cócoras diante de um escriba. Este escrevia precipitadamente sobre uma cuba voltada de fundo para o ar, com as mangas do uniforme arregaçadas. Kozlovski tinha um aspecto desfeito. Via-se perfeitamente que também ele não pregara olho em toda a noite. Olhou para o príncipe André sem lhe fazer sequer um aceno de

cabeça.

— Na segunda linha... Está escrito? — continuou ele, ditando — os regimentos de granadeiros de Kiev, de Podolski...

— Não consigo acompanhá-lo. Vossa Alta Nobreza — interrompeu o escriba, sem grande respeito, colérico, erguendo os olhos para o oficial.

Através da porta ouviu-se nesta altura a voz animada e descontente de Kutuzov, interrompida por outra voz desconhecida. Pelo tom destas vozes, pela pouca atenção que Kutuzov lhes prestara, pelo desrespeito deste escriba que caía de cansaço, por este mesmo escriba e Kozlovski estarem sentados no chão, junto de uma cuba, tão perto do general-chefe, pelo facto de os cossacos que guardavam os cavalos rirem alto mesmo junto da janela, por tudo isto, o príncipe André concluiu que se deviam ter passado coisas sumamente lamentáveis,

Interrogou Kozlovski com impaciência.

— Já vou, príncipe — replicou Kozlovski. — A disposição das tropas de Bagration...

— Que há a respeito da capitulação?

— Não há capitulação. Estão tomadas as disposições para a batalha.

O príncipe André avançou até à porta donde vinham as vozes. Mas no momento em que ia abri-la, estabeleceu-se o silêncio lá dentro, a porta abriu-se, e Kutuzov, com o seu nariz aquilino no rosto inchado, apareceu no limiar. O príncipe André ficou mesmo diante dele; mas a expressão do olho intacto do general-chefe indicava claramente que os pensamentos e as preocupações o absorviam tão completamente que o não deixavam ver fosse o que fosse. Olhou de frente o seu ajudante-de-campo sem o reconhecer.

— Então, está pronto? — perguntou a Kozlovski.

— É já. Excelência.

Bagration, um homenzinho de rosto duro e imóvel, de tipo oriental, seco, de meia-idade, surgiu por detrás do general-chefe.

— Tenho a honra de me apresentar — repetiu o príncipe André, em voz alta, exibindo um sobrescrito.

— Ah!, é de Viena? Bom. Mais tarde.

Kutuzov saiu para a escada exterior na companhia de Bagration.

— Bom, príncipe, adeus — disse-lhe ele — Que Cristo seja contigo. Abençoo-te para que tenhas grandes êxitos.

Os traços de Kutuzov enterneceram-se; de súbito as lágrimas vieram-lhe aos olhos. Puxou Bagration com a mão esquerda, e com a direita, onde tinha um anel, num gesto evidentemente familiar, traçou sobre ele o sinal da cruz, apresentando-lhe, ao mesmo tempo, a face inchada. Mas Bagration beijou-o no pescoço.

— Que Cristo seja contigo! — repetiu Kutuzov, dirigindo-se para, a sua caleche. — Sobe comigo — disse a Bolkonski.

— Excelência, eu queria ser útil aqui. Consinta que eu fique no destacamento do príncipe Bagration.

— Sobe — repetiu Kutuzov; e, ao ver que Bolkonski hesitava: — Tenho grande necessidade de bons oficiais, grande necessidade.

Sentaram-se os dois na caleche, e durante alguns instantes rolaram em silêncio.

— Há ainda muito, muito que fazer — disse ele, como se, com a sua perspicácia de velho, compreendesse tudo quanto naquele instante se estava a passar na alma de Bolkonskí. — Se ele amanhã conseguir salvar a metade do seu destacamento, darei graças a Deus — acrescentou como se falasse a si mesmo.

O príncipe André olhou para Kutuzov e involuntariamente reparou, ali tão perto dele, nas escaras muitíssimo bem lavadas da cicatriz que o general-chefe tinha na testa, no sítio onde uma bala, em Ismail, lhe atravessara a cabeça e o olho. «Ah, sim, este tem o direito de falar com tanta calma da perda de tantos homens!», murmurou Bolkonski para si mesmo.

— É precisamente por isso que eu lhe pedi que me deixasse fazer parte daquele destacamento — disse o príncipe André. Kutuzov não respondeu. Parecia ter esquecido o que lhe diziam, e para ali estava cismador. Cinco minutos depois, suavemente embalado pelas molas da caleche. Kutuzov voltou-se para, o príncipe André. Na sua expressão já não havia a mais pequena sombra de sofrimento. Perguntou, com fina ironia, pormenores sobre a entrevista com o imperador, inquiriu dos comentários que se faziam na corte a respeito do caso de Krems e interrogou o príncipe acerca de certas senhoras que ambos conheciam.

Kutuzov tinha recebido no dia 1 de Novembro, do seu ser— viço de informações, a indicação de que o exército que ele comandava se encontrava numa situação quase irremediável. O relatório dizia que os Franceses, com forças imensas, depois de terem atravessado a ponte de Viena, marchavam sobre as linhas de comunicação de Kutuzov com as tropas procedentes da Rússia. Se Kutuzov decidisse continuar em Krems, os cento e cinquenta mil homens de Napoleão cortar-lhe-iam todas as suas comunicações, cercar-lhe-iam o exército inteiro de quarenta mil homens, absolutamente extenuados, e ele ver-se-ia na situação em que Mack se encontrara em Ulm. Se resolvesse abandonar a linha de comunicação com a Rússia, ver-se-ía obrigado a meter-se pelas regiões desconhecidas das montanhas da Boémia, sem estradas, lutando contra um inimigo superior em número e a abandonar toda a esperança de vir a operar a sua junção com Boekshevden. Se, enfim, decidisse bater em retirada pela estrada de Krems a Olmütz, a fim de se reunir aos exércitos que vinham da Rússia, corria o risco de ser ultrapassado pelos Franceses, que já tinham atravessado a ponte de Viena, e assim ser obrigado a aceitar a batalha durante a marcha, com todas as viaturas e as bagagens, tendo diante de si um inimigo três vezes mais nume, roso e que o atacaria por dois lados.

Kutuzov escolheu esta última alternativa.

Os Franceses, segundo o relatório do informador, depois de terem atravessado a ponte de Viena, dirigiam-se, em marchas forçadas, para Znaim, que ficava na linha de retirada de Kutuzov, mais de cem verstas para além do ponto onde ele estava. Atingir Znaim, antes dos Franceses era proporcionar ao seu exército uma grande oportunidade de salvação; consentir que os Franceses o ultrapassassem em Znaim era, com certeza, expor todo o exército a urna derrota comparável à de Ulm, ou então a destruição total. A verdade, porém, é que preceder os Franceses com todo o seu exército seria impossível. A estrada que o inimigo seguia de Viena para Znaim era mais curta e melhor do que a que os Russos seguiam, a que ia de Krems a Znaim.

Na mesma noite em que Kutuzov recebeu esta informação mandou a guarda avançada de Bagration, ou seja quatro mil homens, pela montanha, à direita, passar da estrada que ia de Krems a Znaim para a que ia de Viena a Znaim. Bagration devia executar esta marcha sem se deter, passar em frente de Viena, voltando costas a Znaim, e, no caso de passar à frente dos Franceses, demorá-los o

tempo que lhe fosse possível. Quanto a Kutuzov, esse dirigir-se-ia a Znaim com todos os abastecimentos.

Depois de ter percorrido quarenta e cinco verstas, com soldados esfomeados e descalços, sem caminhos, através das serras, por uma noite de tempestade, e abandonando a terça parte dos seus efectivos. Bagration chegou a Hollabrünn, na estrada de Viena,— Znaim, algumas horas antes dos Franceses, que de Viena se dirigiam àquela cidade.

Kutuzov ainda precisava, pelo menos, de vinte e quatro horas de marcha, com as bagagens, para chegar a Znaim; e por isso, para ,alvar o exército. Bagration, com quatro mil soldados extenuados e cheios de fome, devia deter durante vinte e quatro horas todo o exército inimigo, que se encontrava em Hollabrünn, o que era, evidentemente, impossível. A fortuna, porém, sempre caprichosa, tomou possível o impossível. O bom êxito do ardil que havia dado aos Franceses, sem um tiro, a ponte de Viena levou Murat a tentar um ardil semelhante junto de Kutuzov. Ao encontrar, na, estrada de Znaim, o fraco destacamento de Bagration. Murat convenceu-se de que estava na presença de todo o exército de Kutuzov. Para mais completamente o desbaratar, resolveu aguardar que chegassem de Viena os seus soldados retardatários, e nessa intenção propôs aos Russos um armistício de três dias, com a condição de tanto de um lado como do outro não haver qualquer deslocação de tropas e se conservarem as respectivas posições.

Murat afirmou haver já propostas de paz e que, para evitar um inútil derramamento de sangue, melhor seria um armistício. O general austríaco conde de Nostitz, que se encontrava na vanguarda, acreditou tias propostas do parlamentário de Murat e recuou, deixando sem cobertura o destacamento de Bagration. Outro parlamentário levou às linhas russas a notícia das propostas de paz, oferecendo às tropas um armistício de três dias. Bagration replicou não poder responder quer negativa, quer afirmativamente, e enviou o seu ajudante-de-campo a Kutuzov com um relatório sobre as propostas apresentadas.

Um armistício para Kutuzov era a única maneira de ganhar tempo e de permitir ao destacamento de Bagration algum descanso enquanto as bagagens, cujo movimento os Franceses desconheciam, faziam, pelo menos, mais uma etapa a caminho de Znaim. Aquela proposta dava aos Russos um meio único e inesperado de salvarem o seu exército. Assim que recebeu essa notícia. Kutuzov enviou imediatamente ao campo inimigo o único oficial do estado-maior que tinha à sua

disposição, o general Wintzegerode. Este devia não só aceitar a proposta de armistício, mas oferecer mesmo propostas de capitulação, enquanto Kutuzov enviava à retaguarda os seus ajudantes-de-campo com instruções no sentido de se apressar o mais possível a evacuação das viaturas pela estrada de Krems— Znaim. Só o destacamento de Bagration, sempre esfomeado e derreado, devia continuar imóvel diante de um inimigo oito vezes superior, escondendo o movimento das bagagens e do exército inteiro.

Kutuzov não se enganou no que dizia respeito à proposta de capitulação, que não obrigava a coisa alguma e dava tempo de pôr a salvo grande parte das bagagens, tanto mais que não tardaria que o erro de Murat fosse descoberto. Bonaparte, então em Schoenbrünn, a vinte e cinco verstas de Hollabrünn, assim que recebeu o relatório de Murat e o projecto de armistício e de capitulação, percebeu logo tratar-se de um ardil e endereçou-lhe a carta seguinte:

Ao Príncipe Murat

SchoenbriInn, 25 de Brumário, ano de 1805, às oito horas da manhã.

Não tenho palavras com que lhe possa exprimir o meu descontentamento. Apenas está sob o seu comando a minha guarda avançada, e não tem o direito de propor tréguas sem ordem minha. Rompa imediatamente o armistício e avance contra o inimigo. Far-lhe-ei saber que o general que assinou esta capitulação não tinha poderes para isso, que só o imperador da Rússia tem esse direito.

Sempre, contudo, que o imperador da Rússia ratificar a dita convenção, eu próprio a ratificarei; mas trata-se apenas de um ardil. Marchai, aniquilai o exército russo.., sua posição permite-lhe tomar todas as bagagens e toda artilharia russas.

O ajudante-de-campo do imperador da Rússia é um... Os oficiais nada são sem poderes; este não tinha nenhuns... Os Austríacos deixaram-se burlar na passagem da ponte de Viena; o senhor. Murat, deixa-se ludibriar por um ajudante-de-campo do imperador.

Napoleão.

Esta tremenda carta foi enviada a Murat por um ajudante-de-campo de Bonaparte expedido a toda a brida. O próprio Bonaparte, sem confiança nos seus generais, fez-se transportar, com toda a sua guarda, para o local das operações, a fim de não deixar fugir a vítima esperada. Quanto aos quatro mil homens do destacamento de Bagration, esses armavam alegremente as suas tendas de campanha, secavam-se, aqueciam-se, e, pela primeira vez havia três dias, preparavam o seu kacha sem que ninguém entre eles pudesse saber ou sequer suspeitar o que os aguardava.

[XV]

As quatro horas da tarde, o príncipe André, que reiterara com insistência o seu pedido junto de Kutuzov, dirigiu-se a Grunt e apresentou-se a Bagration. O ajudante-de-campo de Bonaparte ainda ia ao encontro de Murat e a batalha ainda não principiara. No destacamento de Bagration nada se sabia do que se passava: falava-se da paz, sem que, de resto, pessoa alguma acreditasse nisso. Falava-se também de uma batalha próxima sem que igualmente ninguém acreditasse que ela estava para tão breve. Bagratíon, que conhecia Bolkonski e o sabia ajudante-de-campo selecto e de toda a confiança, recebeu-o com uma distinção particular e atenções de comandante, dizendo-lhe que muito provavelmente, nesse dia ou no dia seguinte, seria necessário baterem-se e que lhe dava inteira liberdade para ele escolher: podia ficar a seu lado durante a batalha ou na retaguarda, dirigindo a retirada, «o que também era muitíssimo importante».

— De resto, hoje é provável que não se passe coisa alguma — acrescentou Bagration, como para sossegar o príncipe André.

«Se és um desses petimetres do estado-maior para aqui destacado na esperança de uma condecoração, até à retaguarda a conseguirás, mas se quiseres acompanhar-me, anda daí... Se fores um bom oficial, poderás prestar bons serviços», dizia Bagration de si para consigo. O príncipe André, sem nada responder, pediu licença para percorrer a posição e dar-se conta da disposição das tropas, a fim de saber, caso viesse a ter uma missão a cumprir, aonde dirigir-se.

Um oficial de serviço, um belo homem, irrepreensivelmente vestido, com um anel de diamantes no dedo indicador, que falava mal francês, embora com visível prazer, ofereceu-se para acompanhar o príncipe André,

Por toda a parte havia oficiais completamente encharcados, de caras franzinas, como à procura fosse do que fosse, e soldados que traziam da aldeia portas, bancos, tabiques.

— Não podemos acabar com esta gentinha, príncipe — disse o oficial apontando os soldados. — Os comandantes dispersam-nos. Olhe — acrescentou, indicando a barraca de um cantineiro —, é ali que essa gente se reúne e passa os seus dias. Ainda esta manhã tive de correr com eles, e, como vê, a barraca está outra vez cheia. Venha daí, príncipe, vamos pregar-lhes um susto. É um momento,

— Pois, sim, vamos, e já agora aproveito para comer um bocado de pão com queijo — disse o príncipe André, que ainda não tivera tempo de comer fosse o que fosse.

— Porque é que me não disse, príncipe? Ter-lhe-ia oferecido qualquer coisa.

Desmontaram e dirigiram-se para a barraca do cantineiro. Sentados às mesas havia alguns oficiais, muito corados e de aspecto cansado, que comiam e bebiam.

— Mas que quer isto dizer, meus senhores? — exclamou o oficial do estado-maior num tom repreensivo, de quem já devia ter repetido várias vezes a mesma coisa. — Não se podem ausentar assim. O príncipe deu ordens para ninguém aqui estar. Vamos, capitão, realmente — disse ele a um insignificante oficial de artilharia, magro e sujo, sem botas (tinha-as dado ao cantineiro, para que este as pusesse a secar, e estava em palmilhas), que se levantara, ao ver entrar os dois oficiais superiores, e sorria com certo embaraço.

— Não tem vergonha, capitão Tuchine? — prosseguiu o oficial.— O senhor, como artilheiro, devia dar o exemplo, e afinal está para aí descalço. Seria bonito se agora tocassem a reunir, com o senhor ai em palmilhas. — O oficial teve um sorriso. — Queiram recolher às suas unidades, meus senhores, todos, todos — acrescentou, em voz de comando.

O príncipe André não pôde deixar de sorrir ao ver o capitão Tuchine, que, saltando a pé-coxinho, ia interrogando com seus olhos, bons e inteligentes, ora o príncipe ora o oficial do estado-maior.

— Os soldados costumam dizer que correm melhor descalços — disse Tuchine, embaraçado, na esperança de disfarçar aquela penosa situação com um dito

chistoso.

Percebendo, porem, que o seu tom brincalhão não agradava, ainda se sentiu mais embaraçado.

— Volte para a sua unidade — disse o oficial do estado-maior, procurando manter um ar sério.

André olhou ainda urna vez para a figura do artilheiro. Havia nela qualquer coisa de especial, um aspecto nada militar, cómico até, mas que não deixava, de ser simpático.

O oficial e o príncipe André montaram de novo a cavalo e prosseguiram o seu caminho.

À saída da povoação, sempre no meio de soldados e oficiais de vários corpos, que se iam dispersando, viram, à esquerda, em construção, entrincheiramentos de greda avermelhada, ainda fresca. Alguns batalhões de soldados, em mangas de camisa, apesar do vento frio, agitavam-se lá dentro como se fossem formigas brancas. Do fundo do fosso aberto braços invisíveis iam atirando continuamente pazadas de terra vermelha. Ambos se aproximaram das obras, examinaram-nas e seguiram um pouco mais adiante. Na retaguarda do entrincheiramento depararam-se-lhes algumas dezenas de soldados que iam e vinham a caminho das trincheiras. Tiveram de tapar o nariz e esporear os cavalos para evitarem aquela atmosfera pestilencial.

— É este o atractivo dos acampamentos. Senhor Príncipe — articulou o oficial do estado-maior.

Chegavam à eminência que se erguia do outro lado. Dali já se podiam descobrir os Franceses. O príncipe André parou e pôs-se a observar,

— Aqui estão instaladas as nossas batarias — explicou o oficial do estado-maior, apontando para o cabeço —, é àquela que pertence o nosso pândego sem botas. Dali pode ver-se tudo. Venha daí, príncipe.

— Muito obrigado, mas agora vou muito bem sozinho — disse o príncipe André, que desejava ver-se livre do companheiro —, não se preocupe, faça favor.

O oficial afastou-se e o príncipe André seguiu o seu caminho.

Quanto mais avançava, quanto mais se aproximava do inimigo, mais o aspecto das tropas se lhe apresentava em ordem, e mais alegres se lhe afiguravam os homens. No comboio das bagagens, em Znaím, que o príncipe visitara nessa manhã, a dez verstas dos Franceses, é que a desordem era grande e a disposição

menos alegre. Em Grunt também se sentia uma certa flutuação e um vago medo. Mas quanto mais o príncipe André se aproximava das linhas francesas mais as forças russas lhe davam a impressão de confiança. Os soldados, formados em fileiras, envergavam, capotes, sargentos e capitães procediam à contagem dos seus homens, pousando o dedo no peito dos que rompiam o alinhamento no momento em que levantavam a mão. Alguns, espalhados nas imediações, arrastavam pedaços de madeira ou ramos de árvores e construíam abrigos, rindo e conversando alegremente. Em volta das fogueiras, despidos uns, vestidos outros, procuravam secar as camisas e as ceroulas, limpavam as botas ou os capotes, agrupados em tomo das marmitas e dos caldeirões de kacha. Numa rias companhias, a refeição estava pronta e os soldados fitavam, gulosos, as marmitas a fumegar, aguardando o momento em que o sargento daria a sopa a provar, numa tigela de madeira, ao oficial, sentado numa viga diante da sua barraca.

Noutra companhia — com melhor aspecto, pois nem todas tinham vodka —, os soldados haviam-se reunido em volta de um sargento de cara bexigosa e grandes ombros, que ia tombando uma vasilha e enchendo as marmitas que lhe apresentavam, em volta. Os soldados, com um ar reverente, levavam-nas à boca, despejavam-nas na goela, limpavam os beiços às mangas do capote e afastavam-se, de cara satisfeita. Todos se mostravam tranquilos, como se realmente não estivessem em frente do inimigo, na véspera de uma batalha em que pelo menos metade do destacamento ficaria no campo, mas, pelo contrário, na sua pátria, descansando num pacífico acampamento. Depois de ter atravessado pelo meio de um regimento de caçadores e de passar pelas fileiras dos granadeiros de Kiev, soldados de aspecto marcial, todos entretidos, igualmente, em pacíficas tarefas, o príncipe André, não longe de uma alta barraca, diferente das outras, pois era a do comandante do regimento, cruzou um pelotão de granadeiros onde havia um homem estendido despojado de toda a sua roupa. Seguravam-no duas praças, e duas outras, brandindo varas flexíveis, batiam a compasso nos ombros nus do soldado. A vítima soltava gritos que nada tinham de humano. Um corpulento major andava de um lado para outro, diante das tropas, e continuamente, sem prestar a mais pequena atenção aos gritos do supliciado, ia dizendo:

— É uma vergonha para um soldado roubar; um soldado deve ser humilde, nobre e valente, e quando rouba os seus camaradas, deixa de ser digno, é um miserável. Mais, mais!

E lá continuavam as vergastadas e os gritos desesperados, em que não havia nada de fingido.

— Mais, mais! — repetia o maior.

Um moço oficial, com um ar embaraçado e lastimoso, afastou-se do soldado supliciado e interrogou com os olhos, o ajudante-de-campo, que ia passando.

O príncipe André, ao atingir as posições avançadas, seguiu ao longo das fileiras. A linha russa e a do inimigo, tanto no flanco esquerdo como no direito, afastavam-se muito uma da outra, mas no centro, no ponto em que os parlamentários tinham passado nessa mesma manhã, as linhas estavam tão próximas que os soldados se viam cara a cara e podiam, inclusivamente, conversar. Além dos soldados que constituíam as linhas, nesse, ponto, de um lado e outro, viam-se curiosos, que, rindo, miravam esses inimigos estrangeiros que nunca tinham visto.

Desde madrugada, apesar da proibição de se aproximarem das linhas, que os comandantes procuravam debalde afastar os curiosos. Os soldados das linhas, dando-se ares de exibidores de curiosidades de feira, já nem sequer olhavam para os Franceses, e trocavam entre si ditos sobre os basbaques, aguardando impacientes a hora de render. O príncipe parou para ver os Franceses.

— Olha, olha — dizia um soldado para o camarada, mostrando-lhe um mosqueteiro russo, que, na companhia de um oficial, se aproximava das linhas e contava qualquer coisa, com volubilidade e calor, a um granadeiro francês. — Olha, olha para ele, olha para a língua dele! Nem os Franceses são capazes de o apanhar. Que dizes tu a isto. Siderov?

— Cala-te, escuta. Nada mau! — replicou Siderov, que tinha fama de falar francês na ponta da língua.

O soldado que os franceses apontavam rindo era Dolokov. O príncipe André reconheceu-o e prestou atenção à conversa. Dolokov, com o seu capitão, vinha do flanco esquerdo, onde estava o seu regimento.

— Vamos, continue, continue — dizia o capitão, que se debruçava, procurando não perder uma única palavra da conversa, aliás incompreensível para ele. — Vamos, continue, faça favor. Que diz ele?

Dolokov não parecia preocupado em responder ao capitão. Estava numa calorosa discussão com o granadeiro francês. Falavam, claro está, da campanha. O francês queria provar, misturando austríacos e russos, que estes se tinham rendido

e haviam fugido de 'Ulm; Dolokov, pelo contrário, afirmava que os Russos não se tinham rendido e haviam derrotado os Franceses.

— Recebemos ordens para correr com vocês, e havemos de os correr — protestava Dolokov.

— É melhor que vocês não se deixem apanhar todos, cossacos e tudo — replicava o granadeiro.

Os mirones de um lado e do outro puseram-se a rir.

— São vocês que hão-de dançar na corda bamba, como já dançaram com o Suvorov! — exclamava Dolokov.

— Que está ele a dizer? — perguntou um francês.

— É história antiga — comentou outro, que calculava que eles estivessem a falar das guerras passadas. — O imperador lhe tratará da saúde, ao vosso Suvara, como já fez aos outros...

Dolokov, mas o francês interrompeu-o.

— Não é Bonaparte. É o imperador! Maldito nome...— gritou, colérico.

— Diabos o levem ao teu imperador!

E Dolokov pôs-se a proferir, em russo, grosseiras injúrias, e, pondo a espingarda às costas, afastou-se.

— Vamos embora. Ivan Lukitch — disse para o capitão.

— Isto é que é falar francês — diziam os soldados.— Vamos, agora tu. Siderov!

Siderov piscou o olho e, dirigindo-se aos franceses, pôs-se a sibilar muito depressa palavras incompreensíveis:

— Kari-ma-la-ta-sa-fi-mu-ter-kess-ka — algaraviava ele, fingindo, pelo seu tom de voz, estar a dizer coisas sensatas.

— Ah! Ah! Ah! Hi! Hi! Hi! — Os soldados romperam a rir, num riso tão franco e tão contagioso que até os franceses, do outro lado das linhas, riam também. Dir-se-ia que depois disto nada mais havia a fazer que descarregar as espingardas, fazer saltar as munições e cada um voltar o mais depressa possível para casa.

Mas a verdade é que as espingardas continuaram carregadas, as seteiras das casas e os entrincheiramentos conservaram o seu aspecto ameaçador e as peças de artilharia, desatreladas das carretas, continuaram apontadas umas contra as outras.

[XVI]

Depois de ter percorrido as linhas do flanco direito até ao flanco esquerdo, o príncipe André subiu até à bataria donde, no dizer do oficial, se abrangia toda a área do campo. Uma vez ali, desmontou e parou ao pé da última das quatro peças desengatadas da sua carreta. No primeiro plano, um artilheiro fazia sentinela. Apresentou armas ao oficial, e, em seguida, a um aceno deste, continuou a sua ronda monótona e fastidiosa. Atrás dos canhões estavam as carretas das peças e ainda por detrás as muar2s e o bivaque dos artilheiros. À esquerda, não muito longe da peça que ficava na extremidade, via-se uma barraca, recentemente levantada, onde se ouvia uma animada conversa de oficiais.

Realmente, da bataria descobriam-se quase todas as posições russas e uma grande parte das do inimigo. Directamente do outro lado, na linha do horizonte de um cabeço, via-se a povoação de Schöngraben; à esquerda e à direita podiam distinguir-se, em três sítios distintos, por entre o fumo dos acampamentos, a massa das tropas francesas, cuja maior parte, evidentemente, ocupava a própria povoação e o declive por trás do cabeço. A esquerda da povoação, no meio da fumarada, divisava-se qualquer coisa que parecia uma bataria, sem que a olho nu se pudesse ter a certeza disso. O flanco direito russo estava disposto sobre uma colina, assaz escarpada, que dominava a posição francesa. Era aí que se instalava a infantaria moscovita. Na extremidade dessa mesma colina ficavam os dragões. No centro, onde se encontrava, também, a bataria de Tuchine, o ponto donde o príncipe André examinava as posições, um declive suave e em linha recta conduzia à torrente que separava as tropas de Schöngraben. À esquerda, as tropas russas apoiavam-se numa floresta onde se via, subindo no ar, o fumo das fogueiras da infantaria, que cortava lenha. A linha francesa era mais extensa do que a russa e era evidente que os Franceses podiam com toda a facilidade cercar o exército pelos dois lados. Por detrás da posição russa existia um barranco abrupto e profundo, por onde seria difícil retirar artilharia e a cavalaria. O príncipe André, o cotovelo apoiado uma das peças, e o livro de apontamentos na mão, esboçou, para seu governo, o plano da disposição das tropas. Em dois pontos tomou algumas notas a lápis, na intenção de comunicá-las a Bagration. Propunha, em primeiro lugar, concentrar no centro toda a artilharia e depois retirar a cavalaria para a

retaguarda, para o outro lado do barranco. O príncipe, sempre ao pé do general-chefe, acompanhando os movimentos de tropas e a execução das disposições gerais, e interessado pelos pormenores do desenvolvimento das batalhas no ponto de vista histórico, via já, no caso que tinha diante, a marcha futura das operações, pelo menos em seus traços gerais, o encarava já, de certo modo, importantes hipóteses neste género: «Se o inimigo atacar pelo flanco direito, os granadeiros de Kiev e os caçadores de Podolski devem manter-se até que cheguem os reforços do centro. Neste caso, os dragões poderão atacá-los de flanco e destroçá-los. Na hipótese de o inimigo atacar pelo centro, nós colocaremos neste cabeço a bataria central e a coberto dela retiramos o flanco esquerdo, recuando, por degraus, até ao barranco.»

Durante todo o tempo em que se conservara na bataria, junto à peça, não deixara de ouvir o tagarelar dos oficiais na barraca, mas, como tantas vezes acontece, não tinha compreendido uma só palavra de tudo quanto eles diziam. De repente, ouviu uma voz cuja tonalidade era tão sincera que se pôs involuntariamente a escutar:

— Não, meu rapaz — dizia essa voz agradável, que o príncipe André parecia conhecer —, garanto-lhe que se fosse possível uma pessoa saber o que acontece depois da morte, ninguém teria medo de morrer. É o que lhe digo, meu amigo.

Outra voz, mais jovem, interrompeu a primeira:

— Com medo ou sem medo, ninguém escapa à morte.

— Isso não impede que se tenha medo! Eh! Vocês aí, os sabichões — interrompeu uma terceira voz, mais máscula, — Sim, vocês, os artilheiros, são uns sabichões a apropriarem-se de tudo que podem: comidas e bebidas.

E o detentor desta voz grossa, evidentemente oficial de infantaria, soltou uma gargalhada.

— Isso não impede que se tenha medo – prosseguiu a primeira voz. — Temos medo do desconhecido, é o que é. Por mais que a gente diga que a alma vai para o Céu.., a verdade todos nós sabemos que Céu é coisa que não existe na atmosfera.

A voz máscula voltou a interromper o artilheiro.

— Venha de lá um bocadinho da vossa aguardente. Tuchine.

«Ah! É o capitão que estava em palmilhas na do cantineiro», disse o príncipe André para si mesmo, reconhecer, satisfeito, a simpática voz do artilheiro filósofo.

— Aguardente, se quiserem — disse Tuchine isto de conceber a vida futura...

Não concluiu a sua frase. Nesse momento um assobio rasgou o ar, mais próximo, cada vez mais próximo,. Sempre mais próximo, mais rápido, cada vez mais rápido e mais e um projéctil, num gemido prolongado e como que de to interrompido, veio enterrar-se no chão, com uma força colossal, fazendo saltar estilhaços em toda a roda, a pequena distância da barraca dos oficiais. Dir-se-ia que a terra soltara um gemido ao receber aquela pancada colossal.

Nesse instante saltou da barraca, com todo outros oficiais, o insignificante Tuchine, que vinha de cachimbo na boca: a sua cara, boa e inteligente, parecia um pouco pálida. Atrás dele vinha o homem da voz grossa, um vigoroso oficial de infantaria, que se pôs a correr, em direcção à sua companhia, enquanto abotoava o capote.

[XVII]

O príncipe André, que tinha voltado a montar, deteve-se na bataria para observar, pelo fumo da peça, donde vinha o projéctil. Percorreu com os olhos um largo espaço. Apenas lhe foi dado perceber que as massas francesas, até então imóveis, principiavam a mover-se, e que à esquerda, realmente, havia uma bataria. Urna nuvenzinha de fumo pairava ainda nesse sítio. Dois franceses a cavalo, provavelmente dois ajudantes-de-campo, galopavam pela encosta. No sopé da colina, naturalmente para reforçar as linhas, avançava uma pequena coluna inimiga, que se distinguia nitidamente. Ainda o fumo da primeira detonação se não havia dissipado já um novo traço de fumo aparecia seguido de uma segunda detonação. Era a batalha que principiava. O príncipe André sacudiu as rédeas do seu cavalo e voltou a galope para Grunt, a juntar-se a Bagration. Atrás dele o tiroteio ia redobrando de violência. Era evidente que as forças russas principiavam a ripostar. Lá em baixo, no local onde os parlamentários se tinham encontrado, via-se perfeitamente a fuzilaria.

Lamarrois, portador da terrível carta de Bonaparte, acabava de chegar ao pé de Murat. Este, vexado, desejoso de dissipar o seu erro, dera ordens para que as suas tropas atacassem imediatamente ao centro, na intenção de cercar os dois flancos e de esmagar o destacamento insignificante, diante dele, antes da chegada

do imperador.

«Começou! Aí está!» dizia de si para consigo o príncipe André, sentindo o sangue afluir-lhe ao coração, «mas onde desencantarei eu o meu Toulon?»

Ao passar diante dessas mesmas companhias que um quarto de hora antes comiam a sua kacha e bebiam a sua vodka, por toda a parte se lhe depararam soldados que, à pressa, formavam em linha de batalha e verificavam as espingardas, e em todos os rostos havia aquela mesma excitação que ele próprio sentia dentro de si mesmo. «Começou! Aí está! É terrível e é divertido!», lia-se em todas as máscaras, quer de soldados quer de oficiais.

Antes de chegar às trincheiras que andavam a abrir viu, à frouxa luz de uma sombria tarde de Outono, um grupo de cavaleiros que cavalgava ao seu encontro. O que vinha à frente envergava um burka e um barrete guarnecido de astracã e montava um cavalo branco. Era o príncipe Bagration. André estacou, a espera. Bagration refreou o cavalo e, reconhecendo-o, fez-lhe um aceno de cabeça. Enquanto o príncipe André lhe relatava o que tinha visto. Bagration, continuava a olhar em frente.

A expressão «Começo». Aí está!» também se via estampada no duro rosto trigueiro ,.e Bagration, de olhos baços, semicerrados, como que mal despertos. O príncipe André contemplava, com uma curiosidade inquieta, esta máscara imóvel, e teria gostado de saber se ele pensava e sentia e em que pensava e sentia aquele homem naquele instante. «E haverá mesmo alguma coisa ali, por detrás desta máscara imóvel?», perguntava a si mesmo enquanto o fitava. O príncipe Bagration aquiescia, meneando afirmativamente a cabeça, às palavras de Bolkonski, e dizia: «Está bem», com um ar que significava ter previsto tudo o que estava a acontecer e tudo o que lhe comunicavam. O príncipe André, sufocado pelo rápido galope que fizera, falava com precipitação. Bagration, com o seu sotaque oriental, particularmente lento, dir-se-ia querer sugerir que não havia necessidade de pressas. No entanto, meteu a trote na direcção da bataria de Tuchine. O príncipe André formou junto dos oficiais da escolta, que era constituída por um oficial às ordens, ajudante-de-campo pessoal de Bagration. Jerkov, oficial do estado-maior, destacado ao seu serviço, que montava um belo cavalo inglês, e um funcionário civil, o auditor, que tinha pedido para acompanhar a batalha de perto, por simples curiosidade. O auditor, um homem gordo, de cara cheia, olhava em tomo de si com um ingénuo sorriso de alegria, estremecendo em cima da sela, e o

seu aspecto era estranho, debaixo do capote de camelo, em cima do selim de soldado raso, no meio de todos aqueles hússares, daqueles cossacos e daqueles ajudantes-de-campo.

— Este cavalheiro queria ver uma batalha — disse Jerkov para Bolkonski, apontando-lhe o auditor – e já está cheio de dores de barriga.

— Vamos, então, basta! – exclamou o auditor, com um sor riso aberto, ao mesmo tempo ingénuo e malicioso, como se sentisse muito lisonjeado com os gracejos de Jerkov e propositadadamente fingisse parecer ainda mais estúpido do que era na realidade.

— É engraçado, meu príncipe — dizia o oficial do estado-maior às ordens, que se lembrava perfeitamente que em francês o título de príncipe tem uma determinada colocação, embora nunca fosse capaz de o empregar no seu lugar próprio.

Entretanto tinham chegado à bataria de Tuchine e diante deles acabava de cair um projéctil.

— Que foi aquilo que caiu? — perguntou o auditor, sorrindo ingenuamente.

— Um pastel francês — tomou-lhe Jerkov.

— Ah! É então com isso que eles matam as pessoas? — retorquiu o auditor. — Que coisa horrível!

E, dizendo isto, parecia rir de satisfação. Mal ele tinha acabado, ouviu-se de novo um medonho assobio, de súbito interrompido por uma queda em cima fosse do que fosse de fofo. E, de repente, um cossaco que seguia um pouco à direita e na retaguarda do auditor caía por terra com o seu cavalo. Jerkov e o oficial do estado-maior debruçaram-se das suas selas e afastaram os seus cavalos. O auditor parou diante do cossaco e pôs-se a observá-lo com grande curiosidade. O cossaco estava morto e o cavalo ainda estrebuchava.

Bagration voltou a cabeça, piscando os olhos, e, ao ver a causa da confusão que se tinha estabelecido, retomou o seu ar indiferente, como se dissesse: «Valerá a pena a gente preocupar-se com semelhantes frioleiras?» Puxou as rédeas do cavalo e, com a ligeireza de um bom cavaleiro, inclinou-se um pouco e libertou a espada, presa na burka. Era uma espada antiga, diferente das que então se usavam. O príncipe André lembrou-se de uma anedota em que se contava que Suvorov, na Itália, dera de presente a Bagration a sua própria espada, e esta lembrança naquele momento foi-lhe de bom augúrio. Aproximavam-se,

precisamente, da bataria em que Bolkonski estivera quando observara o campo de batalha.

— Que companhia é esta? — perguntou Bagration ao servente de bataria de sentinela às caixas de munições. Perguntava: «Que companhia é esta?», quando, na realidade, o que ele dizia era: «Há medo por aqui?» E o servente de bataria percebeu-o.

— Do capitão Tuchine. Excelência — disse, num, — voz forte e alegre, pondo-se em sentido, o servente de bataria, um ruivo, de cara cheia de sardas.

— Bom, bom — murmurou Bagration, num tom de quem reflecte, e passou diante das carretas, aproximando-se da peça do extremo.

No momento preciso em que se aproximava desta ouviu-se uma detonação, que o ensurdeceu, a ele e aos da sua escolta, e no meio da fumarada que de repente envolveu a peça viram-se artilheiros que, com grande esforço, se davam pressa de a voltar a pôr no seu lugar. O soldado nº 1, um rapagão de largos ombros, que empunhava o taco, deu um salto para o lado da roda. O nº 2, de mão trémula, carregou a peça. Um homenzinho atarracado, o oficial Tuchine, tropeçando em direcção à carreta, seguiu para diante, sem reparar no general, e pôs-se a olhar, protegendo a vista com a mão.

— Dois pontos ainda mais alto e damos no vinte! — gritou, na sua voz aflautada, a que procurava imprimir um acento grave, que não condizia com a sua pessoa.— A segunda! — guinchou ele. — Fogo. Medviedev!

Bagration chamou o oficial, e Tuchine, num movimento tímido e desajeitado, não como é costume perfilar-se um oficial para uma continência militar, mas antes como um sacerdote que lança a sua bênção, levou dois dedos à pala da barretina e aproximou-se do general. Embora as peças de Tuchine tivessem por missão varrer o desfiladeiro, este estava a bombardear a aldeia de Schöngraben, que se via do outro lado, e onde se agitavam grandes massas de tropas francesas.

Ninguém tinha dito a Tuchine contra que objectivo é que devia dirigir o tiro das suas peças, mas, depois de ter consultado o seu sargento Zakartchenko, a quem muito considerava, resolvera que seria acertado incendiar a povoação,

— Muito bem! — exclamou Bagration, ao ouvir o relato do oficial, e pôs-se a examinar o campo de batalha que se lhe apresentava à vista, como se estivesse a combinar um plano qualquer.

Era pela direita que os Franceses se aproximavam. Ao fundo da eminência

onde estava o regimento de Kiev, nos alcantis sobranceiros ao rio, ouvia-se um tiroteio ininterrupto, que confrangia o coração, e, muito mais para a direita, para além do regimento de dragões, o oficial às ordens mostrava ao príncipe uma coluna francesa que envolvia o flanco russo. A esquerda limitava o horizonte a floresta próxima. O príncipe Bagration deu ordens para que dois batalhes do centro fossem reforçar a ala direita. O oficial às ordens permitiu-se observar-lhe que, em virtude da deslocação destes dois batalhes, as peças ficavam sem cobertura. Bagration voltou-se para o oficial e fitou-o com os seus olhos nublados, sem dizer palavra. Ao príncipe André afigurou-se-lhe que a observação era justa e que efectivamente nada havia a responder. Mas no mesmo instante surgiu a galope um ajudante-de-campo do comandante do regimento que se encontrava no declive do ribeiro com a informação de que massas imensas de franceses se lançavam sobre ele, que o regimento estava disperso e que recuava para se juntar aos granadeiros de Kiev. Bagration acenou com a cabeça, a dar o seu consentimento e a sua aprovação. A passo, dirigiu-se para a direita e enviou o ajudante-de-campo com ordem de ataque ao regimento de dragões. O ajudante-de-campo destacado voltou, daí a meia hora, a anunciar que o comandante de dragões já tinha recuado para o outro lado da escarpa, pois fora recebido por um tiroteio violento e estava a perder homens inutilmente, de modo que assim concentrara os seus soldados na floresta, donde eles faziam fogo.

— Bom! — exclamou Bagration.

No momento em que se afastava da bataria, ouviu-se igualmente à esquerda fuzilaria na floresta. Como o flanco esquerdo ficava bastante longe para que ele pudesse deslocar-se até lá a tempo, mandou Jerkov dizer ao general que o comandava, aquele mesmo que tinha apresentado o regimento a Kutuzov em Braunau, que recuasse o mais depressa possível para a retaguarda da escarpa, visto o flanco direito não poder conter por muito tempo o inimigo. E, quanto ao batalhão que cobria a bataria de Tuchine, esse foi esquecido. O príncipe André prestou uma grande atenção às conversas de Bagration com os oficiais comandantes e às ordens que ele dava, e com grande espanto seu verificou que ele não dava ordem alguma: tudo quanto fazia era apenas dar a entender que o que se passava por força das circunstâncias, em consequência do acaso ou mercê da intervenção dos diferentes comandantes acontecia, se não graças às ordens que ele dava, pelo menos de acordo com os seus planos. Mercê do tacto de que

Bagration dava provas. André notava que, não obstante os acontecimentos estarem confiados ao acaso e de qualquer maneira não dependerem da vontade dos chefes, bastava a presença deste para o resultado ser extraordinário. Os comandantes que dele se aproximavam com uma expressão transtornada afastavam-se confiantes; soldados e oficiais saudavam-no alegremente, readquiriam na sua presença um aspecto animado e diante dele era visível que se sentiam orgulhosos do seu heroísmo.

[XVIII]

O príncipe Bagration, depois de atingir a extremidade norte do flanco russo, principiou a descer naquele ponto onde rompera um fogo rolante e onde nada se via no meio da fumarada. Quanto mais ele e a sua escolta avançavam pela escarpa abaixo, menos podiam ver, mas mais vivamente sentiam aproximar-se do verdadeiro campo de batalha. Encontraram os primeiros feridos. Um deles, a cabeça ensanguentada e sem barretina, era levado por dois homens que o amparavam por debaixo dos braços. Golfava sangue e sentia-se-lhe o estertor. A bala, evidentemente, havia-lhe atingido a boca ou a garganta. Outro que encontraram caminhava galhardamente sozinho, sem espingarda, ululando, com toda a força dos pulmões, fustigado pela dor que lhe causava uma ferida recente e agitava um braço donde manava um veio de sangue, como se fosse um frasco a escorrer, que se lhe ia espalhando pelo capote. No seu rosto havia mais espanto que sofrimento. Acabara naquele instante de ser ferido. Depois de atravessarem a estrada, desceram uma ladeira abrupta e viram alguns homens prostrados no caminho. Cruzou-se com eles um bando de soldados, entre os quais alguns sem estarem feri— dos. Outros subiam a ladeira e, não obstante a presença do general, falavam em alta voz, com grandes gestos. Lá diante, no meio da fumarada, lobrigavam-se já fileiras de capotes cinzentos, e um oficial, ao ver Bagration, correu, interpelando a turbamulta dos soldados que debandavam para os obrigar a voltar para trás. Bagration seguiu em frente, ria direcção das fileiras donde, aqui e ali, partiam descargas que abafavam as conversas e os gritos dos comandantes. Toda a atmosfera era de fumo. As caras dos soldados estavam

excitadas e negras de pólvora. Alguns deles carregavam as espingardas com as respectivas varetas, outros deitavam pólvora nas caçoletas, sacavam os cartuchos, outros, ainda, disparavam. Mas sobre quem é que disparavam? Eis o que se não podia ver por causa do fumo que o vento não dissipava. Muito frequentemente ouvia-se como que um zumbido de abelhas, uma espécie de assobio agradável. «Que vem a ser isto?», perguntava o príncipe André aos seus botões, à medida que se aproximava. «Não é um ataque, visto que eles continuam imóveis; também não pode ser uma formação em quadrado; não é esta a atitude.»

Um velhito magro, de aspecto doentio, o comandante do regimento, com um sorriso amável e semicerrando as pálpebras enrugadas, o que lhe dava um ar afável, aproximou-se de Bagration e recebeu-o como quem recebe um hóspede de cerimónia. Participou-lhe que o seu regimento fora atacado pela cavalaria francesa e que, embora esta tivesse sido repelida, o regimento perdera mais de metade dos seus efectivos. Dizia que o ataque fora repelido, imaginando ser esse o termo militar para o que tinha acontecido com o seu regimento. Mas a verdade é que nem ele próprio sabia o que é que naquela meia hora tinham feito as tropas que lhe haviam sido confiadas e não podia dizer com precisão se o ataque fora repelido ou se o seu regimento fora aniquilado pelo ataque. No principio da acção sabia apenas que as balas e os obuses tinham chovido sobre o seu regimento, matando homens, e que depois alguém havia gritado: «A cavalaria!», e que os seus tinham principiado a fazer fogo. E agora já não disparavam sobre a cavalaria, que se afastara, mas sobre a infantaria francesa, que aparecia na escarpa fazendo fogo contra os russos.

O príncipe Bagration acenou com a cabeça, como que a dizer que tudo se passava exactamente como ele desejava e como havia previsto. Voltou-se para o seu ajudante-de-campo, deu-lhe ordens para que mandasse descer ao vale dois batalhões do 6 de caçadores, diante do qual acabavam de passar. O príncipe André reparou com surpresa, nesse instante, na mudança de expressão que se operara no rosto de Bagration. Havia nele a decisão concentrada e jovial de um homem que, num dia quente de Verão, se dispõe a atirar-se à água e prepara o mergulho. Já não se lhe viam os olhos embaciados, sonolentos, nem aquele seu falso ar de pensador profundo: os seus olhos redondos e duros de gavião olhavam em frente com solenidade e um ligeiro desdém, não se detendo, aparentemente, em coisa alguma, embora os seus movimentos conservassem a mesma lentidão e a mesma

firmeza.

O comandante do regimento pedia-lhe que se afastasse, pois o local era muito perigoso. — Peço-lhe, excelência, por amor de Deus! — dizia-lhe ele, implorando com o olhar a aprovação do oficial às ordens, que se afastara. — Olhe!

Fazia-lhe notar as balas que continuamente zumbiam, cantavam e assobiavam em tomo deles. Na sua voz havia aquele tom de imploração e de censura cortês que costuma ter um carpinteiro para falar ao patrão a quem ocorre a veleidade de manejar o machado: «Nós estamos acostumados, mas o patrão, o patrão vai fazer calos nas palmas das mãos!» Falava como se aquelas balas o não pudessem matar a ele, e os olhos semicerrados davam-lhe às palavras um acento ainda mais persuasivo. O oficial do estado-maior associou-se às diligências do comandante do regimento; mas Bagration não lhes respondeu, contentando-se em dar ordem de cessar fogo e de tomarem disposições para receber os dois batalhões que se aproximavam. Enquanto ele falava, como que corrida por mão invisível, a cortina de fumo que escondia a escarpa levantou-se da direita para a esquerda, impelida pelo vento que se pôs a soprar, e diante dos olhos surgiu-lhe a serra fronteira, coberta de franceses em marcha. Todos os olhos se dirigiram involuntariamente para a coluna francesa que avançava para eles, acompanhando os altos e baixos do terreno. Já se viam as barretinas de pele dos soldados, já se podiam distinguir os oficiais dos simples soldados de linha. Via-se já palpitar a bandeira.

— Que bem que marcham — disse alguém da comitiva de Bagration.

A testa da coluna mergulhava já na planície. O recontro ia dar-se do lado de cá da ladeira...

Os restos do regimento russo empenhado na luta, que se reagruparam à pressa, retiraram-se pela direita; na sua retaguarda, dispersando os retardatários, avançavam, alinhados, os dois batalhões do 6 de caçadores. Ainda não tinham chegado ao nível de Bagration e já se ouvia o passo arrastado, pesado, cadenciado de toda essa massa. No flanco esquerdo marchava, mais perto de Bagration que qualquer outro, um comandante de companhia, um homem de rosto redondo, bem constituído, com um ar de parva satisfação, aquele mesmo que saíra a correr da barraca. Evidentemente que naquele momento só pensava em desfilar com marcialidade diante do seu general, nisso e em mais nada.

Com o ar favorecido de todo o soldado que marcha em forma, agitava airosamente as pernas musculadas, como se estivesse a nadar, estendendo-as sem

o mais pequeno esforço e distinguindo-se por essa ligeireza do andar pesado dos soldados, que marchavam acertando o passo pelo dele. No flanco trazia uma espada desembainhada, fina e estreita, uma pequenina espada recurva. Que não parecia uma arma, e, voltando os olhos, ora para o comandante ora para trás, sem desacertar o passo, ia balançando o corpo flexível e vigoroso. Dir-se-ia que todas as forças da sua alma se empenhavam no mesmo objectivo: desfilar o melhor possível perante os seus superiores. E, sentindo que cumpria perfeitamente o seu papel, era feliz. «Esquerdo.., esquerdo.., esquerdo...», parecia repetir de si para consigo, marcando o passo; e naquela cadência, aquela muralha de soldados, de traços tão diferentes, mas todos sérios, pesados sob o fardo das mochilas e das espingardas, movia-se como se todos aqueles centos de homens fossem dizendo igualmente para si mesmos: «Esquerdo.., esquerdo.., esquerdo.» Um gordo major, ofegante, e com o passo trocado, teve de contornar um silvado que se lhe deparou no caminho; um soldado retardatário, a deitar os bofes pela boca fora, atarantado por ter ficado para trás, veio apanhar a companhia em passo ginástico. Rasgando o espaço, uma bala de artilharia passou por cima da cabeça de Bagration e do seu séquito e veio cair sobre a coluna sem romper a cadência da marcha: «Esquerdo.., esquerdo!! Cerrar, fileiras!», gritou, distintamente, a voz de um oficial da companhia. Os soldados flectiram em arco no lugar onde havia caído o projéctil. Um velho sargento condecorado, que se retardara, ao pé dos mortos, reocupou o seu lugar, trocando o passo, e retomou a cadência, rolando os olhos, furioso, «Esquerdo.., esquerdo – esquerdo...», dir-se-ia,, ouvir ainda no silêncio ameaçador e no meio do ruído dos passos que pisavam o terreno ao mesmo tempo.

— Bravo, rapazes! — exclamou o príncipe Bagration.

— É a nossa obrigação. Ex.., celên, celên, celência! — ouviu-se nas fileiras.

Um soldado de cara franzida, que marchava à direita, gritando, dirigiu um olhar ao general em que parecia dizer: «Nós bem sabemos!» Outro, sem se voltar, e, como se receasse distrair-se, abriu muito a boca para gritar e passou.

Gritaram ordens de: «Alto» e «Arriar mochilas».

Bagration passou revista às fileiras que tinham desfilado diante dele e desmontou. Entregou as rédeas a um cossaco, tirou a burka e deu-lha, estirou as pernas e compôs a barretina. A testa da coluna francesa, com os oficiais à frente, surgia no sopé da encosta.

— Que Deus nos ajude! — exclamou Bagration numa voz firme e inteligível.

Voltou-se alguns momentos para a primeira linha das tropas, e com um gesto rápido, num andar desajeitado de cavaleiro, com certa dificuldade, ao que parecia, avançou pelo terreno acidentado. O príncipe André sentiu como que uma força irresistível que o impelia para a frente e uma sensação de felicidade se apoderou dele!. (Este foi o ataque a respeito do qual Thiers escreveu: «Os Russos portaram-se valentemente, e, coisa que raramente acontece na guerra, viram-se formações de infantaria inteiras marchar resolutamente umas contra as outras, sem que nenhuma cedesse antes do corpo a corpo.» E Napoleão, em Santa Helena: «Alguns batalhões russos mostraram-se intrépidos.» (N, do A.)

Os Franceses já estavam muito perto; o príncipe André, que caminhava ao lado de Bagration, já distinguia nitidamente o correame, as charlateiras vermelhas e até as caras. Reparou mesmo, com toda a precisão, num velho oficial francês que subia a encosta, com dificuldade, embaraçado nas polainas muito largas. Bagration, sem dar qualquer outra ordem, continuava, calado, a percorrer as fileiras. De súbito, do lado dos Franceses ouviu-se um tiro, depois outro, e outro ainda.., e ao longo de todas as fileiras dispersas levantou-se uma fumarada e crepitou a fuzilaria. Alguns dos russos caíram, e entre eles o oficial da cara cheia que marchava com tanta alegria e animação. Mas no mesmo instante em que troava a primeira salva. Bagration, olhando em volta, gritou — Hurra!

— Hurra! — O grito ressoou ao longo de toda a linha, e, ultrapassando o general, adiantando-se, mesmo, uns aos outros, os Russos, em formações pouco ordenadas, mas cheias de jovial ardor, precipitaram-se para o fundo da colina, na perseguição dos franceses em debandada.

[XIX]

O ataque do 6 de caçadores garantia a retirada do flanco direito. No centro, a intervenção da bataria de Tuchine, que conseguira incendiar Schöngraben, retivera o movimento dos Franceses. As tropas de Napoleão tinham-se visto obrigadas a apagar o incêndio que o vento propagara, permitindo, assim, a retirada dos Russos. A retirada no centro, através do barranco, fizera-se apressada e ruidosamente. No entanto, as tropas, ao retirarem, não tinham alterado a boa

ordem das suas fileiras. Mas o flanco esquerdo, que fora atacado e cercado ao mesmo tempo pelas excelentes tropas francesas de Lannes, e era constituído pelos regimentos de infantaria de Azovskí e Podolovski e pelos hússares de Pavlogrado, esse estava desconjuntado. Bagration mandou Jerkov ao general do flanco esquerdo com ordens para recuar imediatamente.

Jerkov, galhardamente e sempre com a mão em continência, esporeou o cavalo e partiu a trote. Mas assim que desapareceu da vista de Bagration, a coragem faltou-lhe. Sentiu que um terror invencível se apoderava dele e não teve ânimo de seguir para a zona de perigo.

Ao aproximar-se das tropas do flanco esquerdo, não se encaminhou para o local da fuzilaria, mas pôs-se à procura do general e dos comandantes onde eles não podiam estar, e foi assim que não transmitiu a ordem que recebera.

O comando do flanco esquerdo pertencia, por antiguidade, ao general daquele mesmo regimento que fora apresentado a Kutuzov em Braunau e onde Dolokov servia como soldado raso. Quanto ao comando do extremo flanco esquerdo, esse fora entregue ao coronel do regimento de Pavlogrado, onde Rostov servia, o que veio a provocar um mal-entendido. Os dois comandantes não se podiam ver um ao outro, e enquanto no flanco direito a acção já tinha principiado há muito e os Franceses já esboçavam um movimento de retirada, ambos continuavam a discutir, irritando-se mutuamente. Os regimentos — tanto o de cavalaria como o de infantaria — não estavam de maneira alguma preparados para um combate iminente. Os homens, desde o soldado ao general, não contavam com a batalha e entretinham-se tranquilamente em pacíficas ocupações, como a de dar de comer aos cavalos, na cavalaria, ou apanhar lenha, na infantaria.

— Visto que ele, em todo o caso, é mais antigo do que eu no seu posto — dizia o coronel alemão dos hússares, muito corado, dirigindo-se a um ajudante-de-campo que se aproximava —, que faça o que entender. Cá por mim, não estou disposto a sacrificar os meus hússares. Clarins! Toquem a retirar!

Mas a situação pedia urgência, a maior urgência. O canhoneio e a fuzilaria confundiam-se, as balas rebentavam à direita e à esquerda, e os capotes dos atiradores de Lannes ultrapassavam já a linha do moinho e alinhavam do lado de cá quase à distância de um tiro de espingarda. O general de infantaria, no seu andar claudicante, dirigiu-se para o seu cavalo, montou e, bem direito e hirto na sela, aproximou-se do comandante do regimento de Pavlogrado. Os dois

comandantes, antes de dirigirem a palavra um ao outro, fizeram uma continência cortês, mas com uma secreta irritação.

— Mais uma vez lhe afirmo, coronel — disse o general —, sei a como for, eu não posso deixar aqui, nesta floresta, metade dos meus homens. Peço-lhe, volto a pedir-lhe pela segunda vez, que ocupe a posição e que se prepare para o ataque.

— Pois eu peço-lhe que se não meta em assuntos que lhe não dizem respeito — replicou o coronel, exaltando-se. — Se fosse da cavalaria...

— Não sou da cavalaria, coronel, mas sou um general russo, e se o não sabe -

— Sei-o muitíssimo bem. Excelência! — exclamou, subitamente, o coronel, que se adiantou a cavalo e se fez muito encarnado. — Faça favor de ir a primeira linha e verá que esta posição não se pode defender. Não estou disposto a deixar exterminar o meu regimento para lhe dar prazer.

— Esquece-se de quem é, coronel. Não está em causa o que me dá satisfação e não consinto que me fale nesse tom.

Aceitando o convite do coronel para um torneio de bravura e arqueando o peito e franzindo as sobrancelhas, o general dirigiu-se com ele para a frente do combate, como se o debate que entre eles se travava houvesse de resolver-se precisamente ali, nas primeiras linhas, sob a metralha. Ao chegarem aí, algumas balas lhes passaram por cima da cabeça e ambos pararam, calados. Nada podia distinguir-se ali, no lugar em que eles estavam, uma vez que até mesmo do ponto onde se encontravam anteriormente era evidente que a cavalaria nada tinha a fazer naquelas bouças e naqueles barrancos e que os Franceses cercavam a ala esquerda. O general e o coronel olharam um para o outro com uma expressão severa e significativa, como dois galos que se preparam para a luta, esperando, debalde, de um lado ou do outro, qualquer indício de covardia. Ambos mantiveram o desafio. Como nada havia que dizer e nenhum queria dar motivo ao companheiro para pensar que fora ele o primeiro a retirar-se da linha de fogo, ali teriam ficado por muito tempo, a demonstrar a sua mútua valentia, se no mesmo instante, na floresta, quase por detrás deles, se não tivesse ouvido um retinir de armas e gritos surdos e prolongados. Eram os Franceses que caíam sobre os soldados que andavam à lenha. Os hússares já se não podiam retirar com a infantaria. Tinham a retirada cortada à esquerda pela frente francesa. Agora, apesar das dificuldades do terreno, era mister atacar para abrir caminho.

O esquadrão a que pertencia Rostov mal tinha montado a cavalo logo se vira

cara a cara com o inimigo. Como já acontecera na ponte de Enris, entre o esquadrão e o inimigo nada havia, nada, a não ser, a separá-los, essa terrível linha do desconhecido e do terror como a que separa os vivos dos mortos. Todos os soldados tinham consciência dessa linha e se interrogavam a si mesmos angustiosamente: transpô-la-iam ou não, e como é que a transporiam?

O coronel aproximou-se das suas tropas, respondeu, colérico, aos oficiais que o interrogavam, e deu as suas ordens como um homem disposto a cumprir desesperadamente aquilo que se propõe. Não deu nenhuma voz de comando precisa, mas pelo esquadrão correu o boato de que iam atacar. Ouviu-se a voz: — Sentido! — e logo um retinir de sabres que eram arrancados das bainhas. Mas ninguém se movia. As tropas do flanco esquerdo, infantaria e hússares, tinham a, impressão de que o próprio comandante não sabia o que devia fazer e a indecisão dos superiores comunicava-se aos soldados.

«Depressa, se ao menos eles decidissem depressa!», dizia Rostov para si mesmo, ao ver chegar, finalmente, com alegria, o momento do ataque em que tantas vezes lhe tinham falado os hússares, seus camaradas.

— Com a ajuda de Deus, rapazes — gritou Denissov — a trote Marcha!

As garupas dos cavalos da primeira fila principiaram a ondular. Gratchik sacudiu as rédeas e por si mesmo começou a trotar.

A direita. Rostov via as primeiras fileiras dos seus hússares e mais para diante, na sua frente, entrevia uma linha escura, que não podia distinguir bem, e que supunha ser o inimigo. Ouviam-se tiros, mas na distância.

— Trote acelerado! — gritou uma voz de comando, e Rostov sentiu que o seu Gratchik levantava as traseiras e metia a galope.

Sentia a vertigem do movimento apossar-se dele e cada vez o tomava uma maior euforia. Notou uma árvore isolada diante de si. Esta árvore ocupava primeiro o centro daquela linha que lhe tinha parecido tão terrível. E eis que ela lhe ficava já para trás, que a tinha transposto, a essa linha, e que ela não só já nada tinha de terrível para ele, mas cada vez se sentia mais alegre e animado. «Ah, como eu os vou espadeirar!», murmurava, apertando o punho da espada.

— Hur.., r.., a.., a! — gritaram vozes.

«Ai daquele que me cair nas mãos, seja ele quem for!», murmurou Rostov, esporeando o seu Gratchik, e, adiantando-se a todos os seus camaradas, lançou-se a todo o galope. Diante dele estava o inimigo. De súbito, foi como se uma imensa

verdasca tivesse chicoteado todo o esquadrão. Rostov brandiu a espada pronta a ferir, mas no mesmo momento o soldado Nikitenko, que galopava na sua dianteira, afastou-se dele, e Rostov sentiu, como num sonho, que continuava a ser levado para diante com uma rapidez incrível e ao mesmo tempo que continuava parado no mesmo lugar. Na sua retaguarda o hússar Bondartchuk, seu conhecido, saltou por cima dele, lançando-lhe um olhar de cólera. O cavalo de Bondartchuk empinou-se e passou.

«Que vem a ser isto? Não me mexo?... Caí, estou morto?», perguntou Rostov, num repente, a si próprio e no mesmo repente a si próprio respondeu. Estava já completamente só no campo. Em vez dos cavalos a galope e das costas dos hússares, em tomo de si apenas via a terra imóvel e as barracas. Sentia-se banhado por um sangue quente. «Não, estou ferido, e o meu cavalo está morto.» Gratchik procurou erguer-se nas patas dianteiras, mas voltou a cair, prendendo a perna do cavaleiro. O sangue corria-lhe da cabeça. Debateu-se, mas não foi capaz de se levantar. Rostov quis também erguer-se, mas voltou também a cair: tinha a patrona engatada na sela. Onde estavam os Russos? Onde estavam os Franceses? Não sabia. Não havia ninguém nas proximidades.

Depois de conseguir desembaraçar a perna, endireitou-se. «Onde estava, de que lado ficava agora a linha que dividia tão nitidamente os dois exércitos?» Era isto que ele a si próprio perguntava, sem conseguir qualquer resposta. «Que é que me teria acontecido de desastroso? Isto dá-se, mas que deve fazer-se nestes casos?», perguntava-se a si mesmo enquanto se erguia; e ao mesmo tempo reparava que qualquer coisa de supérfluo lhe pendia do braço esquerdo, paralisado. Dir-se-ia que o punho lhe não pertencia. Examinou o braço procurando, atentamente, sinais de sangue, «Ah! Já vejo gente», disse de si para consigo— satisfeito, ao ver certo número de pessoas que se dirigiam para ele... «Vêm-me socorrer!» A frente vinha um homem com uma estranha barretina na cabeça e capote azul. Era escuro, de pele tisnada, e tinha o nariz recurvo. Mais dois, e ainda mais dois o seguiam. Um deles falou numa língua estranha, que não era a russa. No meio de uns homens semelhantes, com as mesmas barretinas na cabeça, mais atrás, havia um hússar russo. Amparavam-no por um braço e atrás vinha o cavalo puxado pela arreata.

«Deve ser um dos nossos, prisioneiro... Sim. Naturalmente vão-me aprisionar a mim também! Que gente é esta?», continuou Rostov no seu solilóquio, não

podendo crer no que via. «Serão franceses?» Via os desconhecidos aproximar-se, e embora, momentos antes, tivesse lançado o seu cavalo a galope para cair sobre eles e espadeirá-los, o vê-los agora causava-lhe tal pânico que não podia acreditar nos seus olhos. «Quem são? Porque correm? Correm para mim? E porquê? Para me matar? Para me matar a mim, de quem toda a gente gosta?» E então, recordando-se do amor que lhe tinham a mãe, a família e os amigos, pareceu-lhe impossível que os inimigos o quisessem matar. «Ah! Será possível? Para me matar?» Assim ficou, mais de um minuto, sem se mexer e sem se dar conta da situação. O francês que vinha à frente, o do nariz recurvo, já estava tão perto que se lhe distinguiam perfeitamente os traços. E a fisionomia exasperada e estranha daquele homem que, de baioneta calada, os dentes cerrados, se precipitava sobre ele, aterrorizava Rostov. Pegou na pistola, e, em vez de disparar, atirou com ela aos franceses, deitando a fugir para as bouças. Já não sentia o mesmo que na ponte de Enns, esses sentimentos de incerteza sobre o futuro e esse desejo de luta que então o animavam; fugia como uma lebre perseguida por uma matilha. Era unicamente o terror de perder a vida jovem e feliz que o dominava por completo. Saltando agilmente por cima dos fossos, com a ligeireza que costumava ter ao jogar às gorielkis (Jogo semelhante ao da barra. (N, dos T.), lá ia levado na sua carreira através dos campos, voltando para trás, de quando em quando, o rosto jovem e belo, muito pálido, ao mesmo tempo que o percorria um calafrio de medo. «Ah! Mais vale não ver», pensava. Assim que chegou, perto das bouças, mais uma vez olhou para trás. Os franceses tinham ficado longe, muito longe e, precisamente no momento em que se voltou, viu o que vinha à frente retardar o passo, em vez de o acelerar, e interpelar em alta voz o camarada que o seguia. Rostov parou. «Não é isso», dizia ele de si para consigo, «não é possível que eles me queiram matar.» No entanto, a mão esquerda pesava-lhe, como se dela pendesse um peso de muitas arrobas. Não pôde ir mais além. Os franceses também tinham parado e alvejaram-no. Rostov fechou os olhos e baixou-se. Uma ou duas balas lhe passaram, silvando, por cima da cabeça. Fez um esforço derradeiro, pegou na mão esquerda com a mão direita e de novo correu, agora em direcção às bouças. Ali encontrou atiradores russos.

[XX]

Os regimentos de infantaria atacados de improviso na floresta punham-se em fuga e as companhias, misturadas, já não eram mais que tropas desordenadas. Um soldado, enlouquecido, pronunciou esta palavra, terrível na guerra, embora sem significação: — Estamos cortados! — e a frase, grávida de terror, propagou-se por toda a massa dos soldados.

— Cercados! Cortados! Perdidos! — gritavam os fugitivos.

Quando o general, ao ouvir a fuzilaria e os gritos na retaguarda, compreendeu que qualquer coisa de grave se estava a passar no seu regimento, e lhe passou pela cabeça que ele, um oficial exemplar, com uma longa folha de serviços, que nunca cometera qualquer falta, podia vir a ser acusado, perante os seus superiores, de negligência ou de incúria, de tal modo se sentiu transtornado que no mesmo momento, sem pensar mais na indisciplina do coronel de cavalaria, e esquecendo-se do seu próprio papel de general, e, principalmente, com um desprezo completo do perigo e do instinto de conservação, agarrou-se ao arção da sela, e, esporeando o cavalo, largou a galope em direcção ao seu regimento, sob uma saraivada de balas que, felizmente, o não atingiram. Só uma coisa o preocupava: saber o que se tinha passado, remediar a situação, reparar, tanto quanto possível, a falta cometida, caso houvesse erro da sua parte, e ficar isento de toda a censura, ele, que tinha vinte e dois anos de serviço, ele, um oficial exemplar e a quem nunca fora feita a menor observação.

Depois de ter atravessado incólume as linhas francesas, atingiu o campo de batalha por detrás da floresta que os Russos atravessavam, precipitando-se pelo desfiladeiro, sem ouvirem ordens de ninguém. Estava-se, então, naquele grave minuto em que a sorte de uma batalha pode depender de uma hesitação moral: ouvirão as tropas em debandada a voz do seu superior, ou, limitando-se a olhar para ele, prosseguirão na fuga? Apesar dos loucos berros de uma voz até aí temida dos soldados, apesar da presença daquela cara rubra, descomposta pela ira e já sem configuração humana, apesar da espada que brandia, as tropas continuavam a fugir, a interpelar-se, a disparar para o ar, sem obedecerem. A hesitação moral que decide da sorte das batalhas pendia visivelmente para o lado do pânico.

O general sufocava, a gritar, no meio da fumarada, parando desesperado. Tudo

parecia perdido. Mas, nesse momento, os Franceses, que iam no encalce dos Russos, fizeram, subitamente, meia volta, sem razão aparente, desaparecendo na orla da floresta, e foi então que na própria floresta apareceram atiradores russos. Era a companhia de Timokine, a única que mantivera até ali intactas as suas fileiras e que, entrincheirada num fosso, atacara os Franceses de surpresa. Timokine lançara-se sobre eles soltando gritos tão terríveis, caíra sobre o inimigo com uma tão desvairada audácia, apenas com a sua pequena espada em punho que os Franceses, desorientados, lançaram fora as armas e despediram em debandada. Dolokov, ao lado de Timokine, matou um francês à queima-roupa e foi o primeiro a pegar pela gola num oficial que se rendia. Os fugitivos russos voltaram para trás, os batalhões reagruparam-se, e o inimigo, prestes a cortar em dois o flanco esquerdo, foi momentaneamente repelido. As reservas puderam reunir-se e os fugitivos detiveram-se. Estava o general na ponte com o major Ekonomov, vendo desfilar diante de si os batalhões em retirada, quando se aproximou dele um soldado, que lhe pegou nos estribos e se virou para ele. Esse soldado vestia um capote azul, regulamentar, não trazia nem mochila nem barretina: tinha a cabeça amarrada e aos ombros uma cartucheira francesa. Empunhava uma espada de oficial. Estava pálido, e os seus olhos azuis fixavam-se descaradamente no superior. Sorria. Posto o general estivesse ocupado a transmitir ordens ao major Ekonomov, não pôde deixar de lhe prestar, atenção.

— Excelência! Aqui tem dois troféus — disse Dolokov, tirando a espada e a cartucheira... — Fiz prisioneiro um oficial... Está no batalhão. — Dolokov arquejava, as suas palavras eram entrecortadas. — É testemunha o batalhão inteiro. Peço-lhe que se não esqueça. Excelência!

— Está bem, está bem — volveu o general, que continuava a sua conversa com Ekonomov.

Mas Dolokov não o largou. Desatou as ligaduras, puxou pela manga do general e mostrou-lhe o sangue coagulado nos cabelos. — Uma ferida de baioneta, não abandonei as fileiras. Não se esqueça. Excelência.

Tinham-se esquecido da bataria de Tuchine, e foi só no fim do recontro, ao continuar a ouvir o canhoneio do centro, que o príncipe Bagration enviou o oficial do estado-maior às ordens, e depois o príncipe André, com instruções para que a bataria retirasse o mais depressa possível. A linha de protecção que se encontrava

nas imediações da bataria de Tuchine desaparecera, em virtude de uma ordem dada no meio da batalha; mas a bataria continuava a disparar e não fora tomada até então unicamente porque os Franceses nunca poderiam imaginar que quatro peças sem qualquer cobertura tivessem a audácia de continuar a fazer fogo. Pelo contrário, pensavam, em virtude da enérgica acção desta bataria, que ali, no centro, se encontravam concentradas as principais forças dos Russos; por duas vezes tinham tentado atacar a posição e de ambas as vezes haviam sido repelidos pela metralha das quatro peças colocadas naquela eminência.

Pouco depois da partida de Bagration, conseguira Tuchine incendiar Schöngraben.

— Que rebuliço que lá vai! Como aquilo arde! Hem, que fumarada! Rica pontaria! Famoso! Que fumarada! Que fumarada! — gritavam os artilheiros, excitadíssimos.

Todas as peças, sem instruções, disparavam na direcção do incêndio. E os soldados, como se estivessem a assistir a um concurso, exclamavam a cada tiro: — Bem apontado! É isso mesmo, é isso mesmo! Eh! Olhem para aquilo! De primeira ordem! — O fogo, que o vento activava, propagava-se rapidamente. As colunas francesas instaladas na povoação recuaram, mas, para se vingar deste revés, o inimigo instalou à direita da aldeia dez peças de artilharia que faziam fogo sobre Tuchine.

No meio da alegria infantil que lhes despertava o incêndio, e entusiasmados com o êxito dos seus tiros contra os Franceses, os artilheiros de Tuchine não deram por esta bataria senão quando dois projécteis, e logo, em seguida mais quatro, caíram no meio das suas peças. Um deles derrubou dois cavalos e outro arrancou uma perna a um condutor de munições. O ardor que se apoderara de cada um deles não se desvaneceu com isso e apenas mudou de objectivo. Os cavalos foram substituídos pelos da carreta de reserva, os feridos levados e as quatro peças voltaram o seu tiro contra as dez do inimigo. Um oficial camarada de Tuchine foi morto no princípio da acção, e no espaço de uma hora, dos quarenta artilheiros, dezassete tinham sido postos fora de combate. Mas nem por isso o outro pessoal da bataria parecia menos alegre e cheio de entusiasmo. Por duas vezes viram surgir lá em baixo, a pequena distância, soldados franceses, e por duas vezes os metralharam.

O homenzinho dos gestos indecisos e sem jeito só dizia para o seu impedido: —

Mais uma cachimbada em cima deles.— E corria à primeira linha, atiçando o fogo, e olhava para os Franceses com a mão em pala sobre os olhos.

— Fogo em cima deles, rapazes! — gritava, e ele próprio pegava nas rodas das peças, para faze-las girar, e fazia manobrar as alavancas.

No meio da fumarada, ensurdecido pelas detonações ininterruptas, que o faziam estremecer a cada tiro. Tuchine, sem nunca abandonar o seu cachimbo, corria de uma peça à outra, ora fazendo pontaria, ora contando os projécteis, ora ocupado em mandar desatrelar os cavalos mortos ou feridos, e sempre dando ordens com a sua vozinha fraca, suave e indecisa. Cada vez tinha uma expressão mais excitada. Só quando alguns dos seus homens eram mortos ou feridos franzia as sobrancelhas e, afastando-se dos que morriam, increpava os outros que, como sempre, não se davam pressa de amparar os feridos ou de levar os cadáveres. Os soldados, na sua maior parte belos rapagões, como é costume na artilharia, duas cabeças mais altos que o seu oficial e duas vezes mais largos de ombros, interrogavam com os olhos o seu superior, como se fossem crianças atrapalhadas com o que tinham de fazer, e copiavam, invariavelmente, a expressão que lhe liam no rosto.

Neste terrível fragor, no meio daquele inferno e da necessidade de fazer frente a tudo. Tuchine não sentia a mais pequena impressão de medo e não lhe passava pela cabeça a ideia de que poderia ser morto ou ficar gravemente ferido. Pelo contrário, cada vez era maior a sua alegria. Parecia-lhe que já fora há muito, que datava do dia anterior, pelo menos, o momento em que vira o inimigo pela primeira vez e que sobre ele havia disparado o primeiro tiro e afigurava-se-lhe que a pequena área de terreno em que se encontrava lhe era um local de há muito conhecido e familiar até. Embora se lembrasse de tudo, pensasse em tudo, fizesse tudo que poderia fazer o melhor oficial na sua situação, dir-se-ia estar como que em delírio de febre ou completamente embriagado.

O barulho ensurdecedor das peças que disparavam por todos os lados, o silvar e rebentar dos projécteis inimigos, a presença dos artilheiros todos suados e vermelhíssimos numa azáfama em volta das peças, o sangue que corria dos homens e dos animais, aquela fumarada que se erguia no céu do lado do inimigo, sempre acompanhada de um projéctil, que vinha cair ora em terra, ora em cima de um homem, ora sobre uma peça ou um cavalo, a vista de todas estas cenas não o impedia de encher a cabeça de todo um mundo fantástico, naquele instante os

seus encantos. Os canhões inimigos, na sua imaginação, não eram canhões, mas cachimbos, donde partiam as raras fumadas de invisíveis fumadores.

«Lá está outro a fumar», murmurava Tuchine enquanto um penacho de fumo trepava pela montanha acima e era levado pelo vento para a esquerda... «Esperemos pela bala para lha tornarmos a mandar.»

— Que lhes havemos de mandar. Excelência? — perguntava o artilheiro que estava mais perto dele e que o tinha ouvido rabujar.

— Nada, um obus... — respondia ele.

— Vamos a isso. Matvievna duma cana.

Matvievna era o nome que ele dava à grande peça do extremo, de fundição antiga. Os Franceses em tomo dos canhões pareciam-lhe formigas. O rapagão bêbedo, o nº 1 da segunda peça, para ele era o «tio». Gostava mais de olhar para ele do que para os outros, e qualquer movimento seu o encantava. O ruído da fuzilaria junto à montanha, ora esmorecendo, ora reanimando-se, figurava-se-lhe a respiração de um ser vivo. Prestava atenção às variações de intensidade desses ruídos.

«Eh! Lá toma ela ar outra vez», pensava.

E ele próprio se imaginava um poderoso gigante, de imensa estatura, atirando as suas balas aos Franceses com ambas as mãos.

— Anda. Matvievna, minha velha, não me atraiçoes! — dizia, recuando alguns passos, quando ouviu por cima da cabeça uma voz estranha e desconhecida.

— Capitão Tuchine! Capitão!

Tuchine voltou a cabeça, surpreendido. Era aquele mesmo oficial do estado-maior que o tinha expulsado, no acampamento de Grount. Gritava-lhe, numa voz sufocada.

— Que faz aqui? Está doido? Já lhe deram, por duas vezes, ordem de recuar, e o senhor...

«Que querem eles de mim ainda?», disse Tuchine de si para consigo, fitando, mal-humorado, o superior.

— Eu.., nada... — balbuciou, levando dois dedos à pala da barretina. — Eu -

O coronel não pôde chegar a cumprir a sua missão. Um projéctil que naquele momento se aproximava obrigou-o a mergulhar sobre a cabeça do cavalo. Calou-se, e preparava-se para dizer mais alguma coisa quando um novo projéctil lhe cortou a palavra. Fez meia volta e despediu a galope.

— Retirar! Todos! — gritou de longe.

Os soldados puseram-se a rir. Um minuto depois chegou um ajudante-de-campo com a mesma ordem.

Era o príncipe André. O que este viu antes de mais nada, ao penetrar no terreno ocupado pelas peças de Tuchine, foi um cavalo desatrelado, com uma perna partida, que escoiceava rio meio dos varais. O sangue corria-lhe da perna como a bica de uma fonte. Entre os trens de artilharia jaziam alguns mortos. Os projécteis, uns atrás dos outros, voavam-lhe por cima da cabeça enquanto se aproximava, e sentiu como que um estremecimento nervoso percorrer-lhe o corpo. Mas a própria ideia de que tinha medo lhe dava coragem. «Eu não posso ter medo», dizia de si para consigo, e, sem pressa, saltou do cavalo no meio da bataria. Transmitiu as ordens sem se afastar. Decidiu mandar atrelar as peças da posição na sua presença e mandá-las levar dali. Ao lado de Tuchine, pisando cadáveres, e sob o violento fogo dos Franceses, ocupou-se da mudança dos canhões.

— O oficial que veio há bocado tratou logo de se pôr a andar — disse o artilheiro ao príncipe André. — Não era como Vossa Mercê.

O príncipe André não trocou uma só palavra com Tuchine. Estavam ambos tão atarefados que dir-se-ia nem sequer se verem um ao outro. Quando, mais tarde, desciam a colina, depois de terem engatado às carretas as duas peças ainda intactas — tiveram de abandonar uma peça desmantelada e um licorne — o príncipe André aproximou-se de Tuchine.

— Bom, até à vista — disse-lhe, estendendo-lhe a mão.

— Até à vista, meu caro — respondeu Tuchine —, meu bom amigo! Adeus, meu caro — acrescentou, sentindo, sem que soubesse porquê, que as lágrimas lhe subiam aos olhos.

[XXI]

O vento deixara de soprar; nuvens negras passavam, baixas, sobre o campo de batalha, confundindo-se, no horizonte, com o fumo da pólvora. Principiou a escurecer, e os clarões do incêndio, em dois sítios, viam-se agora melhor. O

tiroteio começava a enfraquecer, mas na retaguarda e à direita a fuzilaria tornava-se cada vez mais frequente e mais próxima. Assim que Tuchine, com as suas peças abrindo caminho através dos feridos, saiu da zona de fogo e desceu para o barranco, encontrou a oficialidade e os ajudantes-de-campo, entre os quais o oficial de estado-maior Jerkov, que duas vezes lhe fora expedido e que nem uma só chegara à bataria. Todos, interrompendo-se uns aos outros, discutiam as ordens sobre a direcção a tomar. Dirigiram-lhe censuras e observações. Tuchine não tomara qualquer disposição, e em silêncio, receoso de falar, pois à mais pequena palavra romperia em soluços, sem que ele próprio soubesse porquê, lá ia atrás, montado no seu rocim de artilheiro. Posto houvesse ordem de abandonar os feridos, muitos deles tinham-se arrastado atrás das tropas, pedindo assento em cima das peças. Aquele galhardo oficial de infantaria que antes do combate saíra da barraca de Tuchine lá ia deitado, com urna bala no ventre, em cima da carreta da Matvievna. No sopé da colina, um junker de hússares, muito pálido, amparando uma das suas mãos com a outra, aproximou-se de Tuchine e pediu-lhe um lugar.

— Capitão, faça favor, estou com este braço contuso — disse, timidamente. — Por amor de Deus, não posso andar!

Via-se que aquele jovem oficial já pedira mais do que uma vez que o recolhessem e toda a gente lhe recusara auxílio. Tinha uma voz hesitante e lamentosa.

— Deixe-me sentar, por amor de Deus.

— Arranjem-lhe lugar, arranjem-lhe lugar! — exclamou Tuchine. — Eh!, tio, estende-lhe um capote — acrescentou, dirigindo-se ao seu artilheiro favorito.— Mas onde é que está o oficial ferido?

— Levaram-no, estava morto — respondeu alguém. — Arranjem-lhe lugar. Sente-se, meu caro, sente-se. Estende o capote. Antonov.

O junker era Rostov. Amparava o braço ferido, estava pálido e o queixo tremia-lhe de febre. Instalaram-no em cima da Matvievna, sobre aquela mesma peça donde acabavam de tirar o oficial morto. Sobre o capote estendido havia sangue, que manchou as calças e as mãos de Rostov.

— Quê, está ferido, meu caro? — disse Tuchine, aproximando-se da peça onde estava instalado Rostov.

— Não, apenas contuso.

— E que sangue é esse que está em cima da carreta? — perguntou Tuchine.

— Foi o oficial. Vossa Mercê, que lá deixou sangue — replicou o artilheiro, limpando o sangue com a manga do capote, como que a desculpar-se da falta de asseio.

Dificilmente, com o auxílio da infantaria, lá levaram as peças para a montanha, e, ao atingirem a aldeia de Gunthersdorf, fizeram alto. Estava tão escuro que a dez passos não podia distinguir-se o uniforme dos soldados, e a fuzilaria acabara. Subitamente, a pouca distância, à direita, ressoaram novamente gritos e salvas. A obscuridade foi iluminada pelos tiros. Era um último ataque dos Franceses, a que respondiam os soldados entrincheirados nas casas. Todos abandonaram de novo a povoação, mas as peças de Tuchine; essas, não podiam mover-se dali, e os artilheiros. Tuchine e o junker trocavam olhares entre si, sem dizerem nada, confiando-se à sorte. A fuzilaria serenou, e, por uma estrada lateral, veio até eles uma conversa de soldados muito animada.

— Tu não estás ferido. Petrov? — perguntava um deles.

— Chegámos-lhe bem, irmão. Não se metem noutra — respondeu outro soldado.

— Não se vê nada. E que coça eles pregaram na sua gente! Não é verdade? Não se vê nada, meninos. Não poderíamos beber qualquer coisa?

Os Franceses tinham sido definitivamente repelidos. E foi então que, pela noite de breu, as peças de Tuchine, enquadradas por um enxame ruidoso de soldados de infantaria, voltaram a pôr-se em andamento.

Nas trevas, era como um rio escuro e invisível»que corria na mesma direcção, entre o murmúrio das vozes, das conversas, do tropear dos cavalos e do ruído das rodas. No meio de todos estes rumores, os mais diferentes, ouviam-se mais distintamente os gemidos e os gritos dos feridos que subiam na noite. Estes gemidos só por si pareciam encher as trevas em que todos mergulhavam. Gemidos e trevas confundiam-se. Daí a algum tempo, um remoinho se produziu no meio desta multidão em movimento. Alguém montava um cavalo branco, acompanhado de um séquito, e ao passar pronunciavam-se algumas palavras. «Que é que ele disse? Onde é que nós vamos agora? Devemos ficar no mesmo lugar? Concedeu recompensas?» De todos os lados se entrecruzavam estas ávidas interrogações e a massa em movimento começava a cerrar-se, pois, evidentemente, os que iam na frente tinham parado e corria o boato de que fora dada ordem para fazer alto. Todos, efectivamente, pararam no sítio onde estavam, no meio da estrada

lamacenta.

Brilharam luzes e puderam distinguir-se vozes. O capitão Tuchine, depois de ter tomado as suas disposições nas companhias, mandou um soldado em busca da ambulância ou de um médico para o junker, e sentou-se junto de uma fogueira que os soldados tinham acendido na estrada. Rostov arrastou-se também para o pé das chamas. O tremor febril que o seu estado lhe causava, o frio e a humidade prostravam-no por completo. Sentia uma vontade irresistível de dormir, mas não podia, por virtude da dor terrível no braço, para que não encontrava posição. Ora fechava os olhos, ora fitava a fogueira, que tinha cintilações escarlates, ora erguia os olhos para a mísera silhueta corcovada de Tuchine, escarranchado no chão a seu lado. Os papudos olhos do capitão, bons e inteligentes, fixavam-no com simpatia e compaixão. Rostov sentia que Tuchine gostaria de o poder ajudar, de todo o seu coração, mas que nada podia fazer.

Por todos os lados se ouviam passos e vozes de gente que desfilava, a pé e a cavalo, e de soldados de infantaria que se instalavam nas imediações. As vozes, o ruído dos passos, das ferraduras dos cavalos patinhando na lama, o crepitar próximo e distante das fogueiras, tudo isto formava como que uma vaga estrondeante.

Já não era, como até ali, um rio invisível correndo nas trevas, mas um oceano caliginoso que se aquieta e palpita depois da tempestade. Rostov olhava e ouvia, sem pensar, tudo o que se passava diante dele e à sua volta. Um soldado de infantaria avançou para a fogueira, pôs-se de cócoras, estendendo as mãos para as chamas e desviando a cara.

— Dá licença. Sua Mercê? — disse ele, dirigindo-se a Tuchine — É que eu perdi-me da minha companhia. Sua Mercê. Não consigo saber onde ela está. Que desgraça!

Ao mesmo tempo que o soldado, aproximou-se também um oficial de infantaria, com a cara amarrada, o qual, dirigindo-se a Tuchine, pediu que fizesse avançar um pouco as peças para deixar passar as bagagens. Atrás deste comandante de companhia precipitaram-se dois soldados. Renhiam violentamente, puxando cada um para o seu lado por uma bota.

— Não tenhas medo! Foste tu que a apanhaste! Tens a mão leve! — gritava um deles, numa voz rouca.

Chegou depois um soldado pálido e magro, o pescoço envolto numa ligadura

ensanguentada, que, raivoso, pediu água aos artilheiros.

— O quê? Temos de morrer como cães? — dizia ele.

Tuchine mandou que lhe dessem água. Em seguida apareceu um soldado, um jogral, que pediu lume para os soldados de infantaria.

— Lume, bem aceso, para os da infantaria. Encantado com a companhia! Obrigado pelo lume. Havemos de vos pagar com juros — disse ele, levando consigo, para o meio das trevas, um tição aceso.

Depois, quatro soldados que traziam num capote um objecto pesado passaram junto do acampamento. Um deles tropeçou. — Diabos os levem mais a fogueira no meio do caminho — resmungou.

— Ele está morto, para que o havemos de levar? — observou outro.

— Eh, rapazes!

E desapareceram com o fardo na escuridão.

— Então? Dói-lhe muito? — perguntou Tuchine em voz baixa.

— Dói.

— Sua Excelência o general chama-o. Está ali, naquela isbá — disse um artilheiro aproximando-se de Tuchine.

— Vou já, meu amigo.

Tuchine ergueu-se, e, abotoando o capote e ajeitando-o, afastou-se da fogueira.

Não muito longe do acampamento dos artilheiros, numa isbá preparada para ele, o príncipe Bagration estava sentado diante de uma mesa, conversando com alguns comandantes de destacamento reunidos em volta dele. Lá estava o velhito de olhos semicerrados, o general com vinte e dois anos de serviço impecável, muito vermelho, por causa da vodka que bebera e do jantar que ingerira, o oficial do estado-maior, com o seu anel. Jerkov, que olhava com inquietação para toda a gente, e por fim o príncipe André, muito pálido, os lábios cerrados e os olhos a brilharem, febris.

A um canto estava uma bandeira tomada aos Franceses e o auditor, com o seu ar ingénuo, palpava-lhe o tecido e abanava a cabeça, talvez porque a bandeira o preocupava, ou então por lhe ser penoso, a ele, com fome, assistir a um repasto em que não tomava parte. No quarto ao lado estava o coronel francês feito prisioneiro pelos dragões. Os oficiais russos juntavam-se em volta dele para o verem. O príncipe Bagration agradecia aos comandantes de secção e pedia,

pormenores sobre a batalha e as perdas.

O comandante do regimento que lhe fora apresentado em Braunau contava que desde o começo da acção tinha evacuado a floresta, reunira os seus homens, que andavam à lenha, e, lançando na refrega os seus dois batalhões, atacara à baioneta e repelira os Franceses.

— Quando me dei conta. Excelência, de que o meu batalhão estava disperso, parei no meio da estrada e disse com os meus botões: «Deixemo-los passar, e depois abramos fogo sobre eles.» E foi isso que eu fiz.

Este coronel tinha desejado tanto agir deste modo, e lamentava tão profundamente não o ter conseguido, que acabara por imaginar sinceramente que tudo quanto dizia era exacto. E no fim de contas talvez as coisas se tivessem passado assim. Seria possível, no meio de toda aquela confusão, reconhecer o que se tinha ou não tinha passado?

— Além disso, devo observar-lhe. Excelência — prosseguiu ele, lembrando-se da conversa de Doloke, com Kutuzov e do seu último encontro com o degradado —, que Dolokov, soldado raso, fez prisioneiro, à minha vista, um oficial francês, e se distinguiu entre todos.

— Eu vi. Excelência, o ataque dos soldados de Pavlogrado — interveio Jerkov, sempre com o seu ar inquieto. Não tinha visto nesse dia os hússares, e apenas ouvira falar no caso a um oficial de infantaria... — Romperam dois quadrados. Excelência.

Ao ouvirem estas palavras de Jerkov alguns dos presentes sorriram, como sempre à espera de qualquer gracejo, mas, ao verificarem que o que ele estava a dizer apenas tinha em vista a glória das tropas e daquela jornada, assumiram uma expressão sisuda, embora a maior parte deles soubesse perfeitamente que tudo aquilo não passava de palavras atiradas ao ar. O príncipe Bagration dirigiu-se ao velho militar.

— Agradeço-vos a todos, meus senhores: todos os corpos se comportaram com heroísmo: infantaria, cavalaria e artilharia. Como é que se compreende que se tenham abandonado no centro duas peças? — perguntou, procurando alguém com o olhar. Bagration não inquiria do destino das peças do flanco esquerdo; ele sabia, que aí, desde o princípio da batalha, todos os canhões tinham sido abandonados. — Parece-me que já lhe perguntei isso — disse ao oficial de estado-maior em serviço.

— Uma estava desmantelada — replicou este. — Quanto à outra, não sei o que aconteceu; estive presente durante toda a operação e tomei as medidas necessárias. Mal tinha saído dali... Fazia lá um calor, realmente — acrescentou com modéstia.

Alguém disse que o capitão Tuchine estava ali, nas imediações, e que o tinham mandado chamar.

— Mas o senhor, o senhor esteve lá — disse Bagration ao príncipe André.

— Precisamente partimos quase ao mesmo tempo — atalhou o oficial de estado-maior, dirigindo-se a Bolkonski, com um sorriso amável.

— Não tive o prazer de o ver — replicou o príncipe André, com frieza, e martelando as palavras.

Toda a gente se calou. Tuchine aparecera no limiar da porta, deslizando timidamente por detrás das costas dos generais Ao passar ao pé de todas estas personalidades, na acanhada isbá, como sempre muito conturbado com a presença dos superiores, não reparou na haste da bandeira e tropeçou.

Alguns dos presentes puseram-se a rir.

— Como é que se compreende que tenham abandonado uma peça? — perguntou Bagration, franzindo a testa, não tanto dirigindo-se ao capitão como aos que se riam, entre os quais Jerkov se distinguia muito particularmente.

Somente agora, diante do severo comandante. Tuchine media, em toda a sua monstruosidade, o crime e a infelicidade de ainda estar vivo depois de ter perdido dois canhões. Passara por tantas emoções que até ali ainda não tivera tempo de pensar no caso. O riso dos oficiais ainda o tornava mais desgraçado. Ali ficou, diante de Bagration, a tremer, a, tremer, e apenas conseguiu articular:

— Não sei. Excelência... Excelência... Não tinha mais homens. Excelência.

— Podia tê-los ido buscar ao batalhão que o cobria! Cobertura era coisa que a sua bataria não tinha, eis o que Tuchine ignorava, embora, de facto, fosse essa a verdade. Receoso de comprometer com isso outro comandante, sem dizer palavra, olhou para Bagration, de olhos fitos, como um colegial que, não sabendo o que há-de responder, fica a olhar para o examinador.

O silêncio prolongou-se por bastante tempo. Bagration, que, evidentemente, não queria mostrar-se severo, não achava que dizer; os demais não ousavam intervir. O príncipe André olhava disfarçadamente para Tuchine e as suas mãos tinham estremecimentos nervosos.

— Excelência — disse ele, rompendo o silêncio com a sua, voz cortante — dignaste-vos enviar-me à bataria do capitão Tuchine. Estive lá e fui encontrar dois terços dos homens e dos cavalos mortos, duas peças desmanteladas, e, quanto a cobertura, nada.

Bagration e Tuchine fitavam agora Bolkonski, que revelava uma emoção refreada.

— E se consente que eu exprima a minha opinião. Excelência — prosseguiu ele — devo dizer-lhe que devemos em grande parte o êxito desta jornada à intervenção desta bataria e à firmeza estóica do capitão Tuchine e da sua companhia. — E, sem aguardar qualquer resposta, levantou-se e abandonou a mesa.

O príncipe Bagration olhou para Tuchine, e como não queria dar a impressão de que n4o acreditava no juízo peremptório de Bolkonski nem, ao mesmo tempo, de que estava disposto a acreditar plenamente nele, fez um aceno com a cabeça e disse P. Tuchine que podia retirar-se. O príncipe André saiu atrás dele.

— Obrigado, o senhor salvou-me, meu caro — disse-lhe Tuchine,

André envolveu-o num olhar e afastou-se sem dizer nada. Sentia a alma triste e pesada. Tudo aquilo era tão anormal, tão diferente do que ele tinha esperado.

«Que gente é esta? Que faz aqui? Que quer? Quando é que tudo isto acabará?», pensava Rostov, vendo desfilar todas aquelas sombras diante de si. Cada vez lhe era mais penosa a dor que sentia no braço. Apoderava-se dele um sono invencível, círculos vermelhos dançavam-lhe diante dos olhos e a recordação de todas estas vozes, destas caras, a consciência do isolamento em que estava, misturavam-se à dor que sentia. Eram eles, aqueles soldados, feridos ou não feridos, eram eles que o esmagavam, que pesavam em cima de si, lhe torciam os tendões, lhe assavam as carnes do braço e do ombro partidos. Para se libertar da sua presença, fechou os olhos.

Adormeceu alguns momentos e durante esse breve intervalo de inconsciência viu desfilar diante toda uma fantasmagoria. Eram a mãe e as suas grandes mãos brancas, os ombros delgados de Sónia, os olhos risonhos de Natacha, e Denissov, com a sua grossa voz e os seus bigodes, e Telianine, e toda a sua aventura com este e com Bogdanitch. E estas cenas identificavam-se com a figura desse soldado de voz rude que ele tinha ouvido, e as duas imagens confundidas agarravam-lhe o

braço brutalmente sem piedade e sacudiam-lho constantemente no mesmo sentido. Fazia esforços para se libertar destes fantasmas, mas eles não lhe abandonavam o ombro por um segundo que fosse. E o ombro não lhe teria doido mais, ter-se-ia curado, se eles deixassem de lho puxar. Era-lhe impossível, porém, ver-se livre deles,

Abriu os olhos e olhou para o ar. A cortina negra da noite estendia-se a poucos centímetros por cima da claridade das fogueiras. Via-se flutuar nessa claridade uma ligeira neve pulverizada. Tuchine não voltava, o médico não aparecia. Estava só; agora apenas ali havia um soldadito, com o tronco nu, do outro lado da fogueira, que aquecia o corpo amarelento e descarnado.

«Ninguém se importa comigo», pensava Rostov... «ninguém para me socorrer, ninguém para me lamentar. E lembrar-me eu que outrora, lá em casa, todo eu era força, e era alegre, e que— rido.» Soltou um suspiro e esse suspiro, sem que desse por isso, terminou num gemido.

— Sente-se mal, hem? — perguntou o soldado, que sacudia a camisa por cima das chamas, e sem esperar resposta, acrescentou, numa voz rouca: — Ah, a gente que hoje para aí ficou em pedaços! Foi terrível!

Rostov não ouvia as palavras do soldado. Olhava para os pequeninos flocos de neve que rodopiavam por cima da fogueira e lembrava-se do Inverno russo, da casa quente e clara, da peliça suave, dos trenós rápidos; via-se cheio de saúde, rodeado da ternura e dos cuidados da família. Ah!, para que vim eu para aqui?», dizia de si para consigo.

No dia seguinte, os Franceses não renovaram o ataque e os restos do destacamento de Bagration puderam juntar-se ao exército de Kutuzov,

TERCEIRA PARTE

[I]

O príncipe Vassili não preparava de antemão os seus planos. E muito menos pensava em fazer mal às pessoas para daí extrair proveito. Era apenas um homem de sociedade bem sucedido, e que se habituara a ter êxitos. Consoante as circunstâncias, de acordo com as suas relações, diversos planos e combinações se arquitectavam constantemente na sua cabeça, sem que ele próprio se desse perfeita conta disso, e eis em que consistia, para ele, o interesse da sua existência. Não eram uma nem duas as combinações que ele constantemente tinha em mente, mas dúzias: umas apenas em esboço, outras realizadas, e havia ainda as que caíam por terra. É claro que ele não costumava dizer de si para consigo, por exemplo: «Este indivíduo é actualmente uma pessoa poderosa, há toda a vantagem em que eu conquiste a sua confiança e a sua amizade, para poder vir a tirar daí algum proveito.» Também não costumava dizer para si: «Ora aqui temos rico o Pedro, é preciso que eu o leve a casar com minha filha, para lhe pedir emprestados os quarenta mil rublos de que tenho necessidade.» Apresentava-se o indivíduo importante: instantaneamente o seu instinto lhe segredava que este homem podia ser-lhe útil, e ei-lo que se relacionava com ele e na primeira ocasião, sem que se tivesse preparado para isso, instintivamente por assim dizer, lisonjeava-o, tornava-se-lhe familiar, insinuava-lhe algumas palavras sobre as suas necessidades.

Pedro estava ao seu alcance em Moscovo; fez que ele fosse nomeado camarista da corte, o que então correspondia ao cargo de conselheiro de Estado, e insistiu para que o rapaz o acompanhasse a Petersburgo e se hospedasse em sua casa. Desprendidamente, na aparência, e ao mesmo tempo com a perfeita convicção de que assim devia agir, o príncipe Vassili fazia tudo quanto era preciso para que Pedro desposasse sua filha. Se tivesse arquitectado previamente os seus planos não lhe teria sido possível imprimir às suas maneiras um ar tão natural, nem dispor de tanta simplicidade e familiaridade nas suas relações com as pessoas de

uma situação mais importante do que a sua ou com os seus inferiores. Era constantemente atraído para as pessoas mais poderosas e mais ricas do que ele, e possuía a arte pouco vulgar de aproveitar o momento favorável para delas extrair o que lhe era vantajoso.

Pedro, que, de um momento para o outro e sem contar, se tornara tão rico e conde Bezukov, depois daqueles seus últimos tempos de isolamento e despreocupação, de tal modo se sentia perseguido pelas pessoas e enfronhado em ocupações que só na cama lhe era dado encontrar-se consigo mesmo. Tinha-se visto obrigado a assinar papéis, a entrar em comunicação com repartições cuja importância não conseguia perceber muito bem, a interrogar sobre este ou aquele assunto o seu principal intendente, a visitar os seus domínios perto de Moscovo e a receber uma infinidade de pessoas que nunca tinham querido saber sequer da sua existência e que se teriam mostrado agora muito pesarosas e ofendidas caso ele, porventura, as não quisesse ver. Todas estas variadas personalidades: homens de negócios, parentes, conhecimentos, todas se mostravam, unanimemente, de uma grande amabilidade para com o moço herdeiro, todas estavam incontestável e evidentemente convencidas das suas altas qualidades. A cada passo ouvia estas palavras: «com a sua extraordinária bondade», ou então: «uma pessoa de coração tão excelente», ou: «o senhor, que tem uma tão bela alma, conde...», e outras coisas do mesmo género. E de tal maneira que, no fim de contas, principiou a acreditar’ sinceramente na sua extraordinária bondade, na sua extraordinária inteligência, tanto mais que no fundo do seu coração sempre se julgara muito bom e muito inteligente. Até mesmo as pessoas que anteriormente se tinham mostrado para com ele malévolas ou hostis agora eram todas ternura e amabilidade. A mais velha das princesas, aquela de alta estatura e cabelos lisos como os de uma boneca, que sempre se mostrara tão colérica, veio procurar Pedro depois dos funerais. De olhos baixos e muito corada, declarou-lhe que lastimava muito o que se tinha passado entre os dois e que não se sentia agora no direito de lhe pedir fosse o que fosse além da autorização, depois da desgraça que a atingira, de ficar ainda algumas semanas numa casa que tanto estimava e por que tanto se tinha sacrificado. Ao dizer estas palavras, não pôde conter-se e rompeu a soluçar. Muito comovido perante semelhante mudança numa pessoa habitualmente tão impassível como uma estátua. Pedro apertou-lhe a mão e pediu-lhe perdão, sem que ele próprio soubesse de quê. A partir desse dia, a princesa passou, a tricotar-

lhe um cache-nez de riscas e tomou-se outra para ele.

— Faça isso por mim meu amigo; o certo é que ela passou muito por causa do defunto — dissera-lhe o príncipe Vassili, apresentando-lhe um papel a assinar para a princesa.

Vassili decidira lançar aquele osso à pobre princesa para ela roer, um título de crédito de trinta mil rublos. Era a maneira de evitar que lhe passasse pela cabeça dizer qualquer coisa a respeito da participação dele, príncipe Vassili, no negócio da pasta. Pedro endossou o título de crédito, e desde esse momento a princesa redobrou de atenções para com ele. As irmãs mais novas da princesa foram igualmente muito amáveis para com Pedro, especialmente a mais jovem e a mais bonita, a que tinha um sinalzinho na cara, e Pedro sentia-se muitas vezes perturbado com os sorrisos dela e a emoção que manifestava na sua presença.

A Pedro afigurava-se-lhe tão natural que toda a gente gostasse dele, ter-lhe-ia parecido tão contrário à natureza que alguém o não estimasse, que não podia deixar de acreditar na sinceridade das pessoas que o cercavam. Aliás, não tinha tempo de se interrogar a respeito da sua muita ou pouca sinceridade. Não tinha tempo para nada, sentia-se constantemente num estado de suave e alegre embriaguez. Percebia que era o centro de uma importante agitação de toda aquela gente; sentia que esperavam dele a todo o momento fosse o que fosse e que se ele não fizesse isto ou aquilo causaria com isso a aflição de muitos, privando-os do que eles esperavam, e que, se fizesse isto ou aquilo, tudo seria perfeito. Por isso fazia sempre o que esperavam dele, mas os bons resultados aguardados deixavam sempre a desejar.

Nos primeiros momentos foi o príncipe Vassili, mais do que ninguém, quem monopolizou os interesses de Pedro e a sua própria pessoa. A partir da morte do conde Bezukov, não o abandonou mais. Deu-se ares de alguém que está esmagado de trabalho, atarefado, até mais não poder, mas que, por compaixão, não pode entregar aos caprichos da sorte, abandonar aos ladrões, um adolescente indefeso, o filho do seu amigo acima de tudo, sobretudo com uma tão imensa fortuna. Durante os dias que passou em Moscovo depois do falecimento do conde convocou Pedro ou apresentou-se em casa dele para lhe prescrever o que devia fazer, tomando para isso um tom ao mesmo tempo de lassidão e de confiança que parecia dizer: «Bem sabe que estou cheio de trabalho e que é por mera caridade que eu me preocupo consigo, e além disso sabe bem que aquilo que eu lhe

proponho é a única coisa viável.»

— Bom, meu amigo, enfim, nós partimos amanhã — disse-lhe um dia, com os olhos semicerrados, dando-lhe pancadinhas amistosas no braço, no tom de quem dava a entender que o assunto de há muito fora decidido entre os dois e que não valia a pena falarem mais no caso. — Nós partimos amanhã, reservo-te um lugar no meu carro. Estou muito contente. Aqui todos os assuntos importantes estão arrumados. Por mim, há muito já que devia ter partido. Ah!, recebi resposta do chanceler. Tinha-a pedido para ti: foste nomeado para o corpo diplomático e és camarista da corte. Tens aberta a carreira diplomática.

Apesar do poder que sobre ele exercia o tom de lassidão e de confiança que acompanhava estas palavras. Pedro, que tanto pensava na sua carreira, teria querido fazer objecções. Mas o príncipe Vassili cortou-lhe o discurso naquele tom gorjeado de baixo que parecia excluir toda a possibilidade de o interromperem e que não costumava empregar senão nos casos em que era preciso dominar uma convicção.

— Mas, meu caro, eu tomei esta iniciativa por mim mesmo, para descanso da minha consciência e não tens nada que me agradecer. Nunca ninguém se queixou de ser querido de mais; e, depois, és livre, podes renunciar um dia a tudo isto. Tu verás, quando estiveres em Petersburgo. E já é tempo de te afastares destas horríveis recordações. — Vassili deu um suspiro. — Mas tudo está assente, meu filho. Deixa ir o meu criado no teu carro. Ah!, já me esquecia — acrescentou ainda — não sei se sabes, meu caro, que eu tinha umas contas em aberto com teu pai, por isso recebi umas pequenas rendas do domínio de Riazan e fiquei com elas: não precisas, não é verdade? Depois faremos contas.

Aquilo a que Vassili chamava umas «pequenas rendas do domínio de Riazan» eram, nada mais nada menos, que alguns milhares de rublos de rendas de servos, que metera na sua algibeira.

Em Petersburgo Pedro viu-se cercado pela mesma atmosfera de amabilidades e gentilezas que conhecera em Moscovo. Não pôde recusar o lugar, ou antes, o título, que lhe ofereciam, visto não o obrigarem a desempenhar qualquer função, e tantos foram os convites, as pessoas conhecidas, as obrigações mundanas a enfrentar, que, ainda mais do que em Moscovo, teve a impressão de estar mergulhado num nevoeiro, num turbilhão, sem que a ambicionada felicidade, que parecia aproximar-se a todo o momento, chegasse a tornar-se realidade. De entre

os seus conhecidos celibatários muitos não se encontravam em Petersburgo. A Guarda estava em campanha. Dolokov tinha sido degradado. Anatole encontrava-se no exército, na província, o príncipe André, esse, fora para o estrangeiro. Eis porque Pedro não pôde passar as suas noites como antigamente gostava, nem lhe era possível aliviar, de tempos a tempos, o seu coração nas longas conversas com esse seu amigo mais velho, a quem tanto venerava. Passava todo o seu tempo em jantares, em bailes, principalmente em casa do príncipe Vassili, na companhia da gorda princesa, sua mulher, e da bela Helena.

Ana Pavlovna Scherer compartilhou, como todos os outros, da mudança de opinião da sociedade relativamente ao novo conde. Até aí. Pedro, na sua presença, tinha sempre a impressão de que o que dizia não era conveniente, carecia de tacto, não era o que se devia dizer, e os seus discursos, que a ele se lhe afiguravam sensatos quando os formulava para si próprio, tornavam-se estúpidos assim que os pronunciava em voz alta, enquanto, pelo contrário, as mais absurdas observações de Hipólito pareciam espirituosas e encantadoras. Agora tudo quanto ele dissesse, fosse o que fosse, imediatamente era considerado encantador. Se Ana Pavlovna lho não dizia. Pedro via ser isso mesmo que ela lhe queria dizer e que apenas se coibia de falar para lhe não ferir a modéstia.

No princípio do Inverno de 1805-1806. Pedro recebeu de Ana Pavlovna o habitual bilhete de convite cor-de-rosa, com o post scriptum: «Encontrará em minha casa a bela Helena, que nunca nos cansamos de ver.»

Ao ler esta frase. Pedro, pela primeira vez, sentiu que entre ele e Helena se formava uma espécie de união reconhecida por todos, e esta ideia, ao mesmo tempo que o apavorava, como se lhe impusesse obrigações que ele não podia cumprir, também lhe dava um certo prazer, como que uma lisonjeira eventualidade.

O serão de Ana Pavlovna foi tal qual o primeiro, excepto na novidade com que ela brindou os seus convidados, que já não era Mortmart, mas um diplomata que chegara havia pouco de Berlim e trouxera as notícias mais frescas sobre a chegada do imperador Alexandre a Potsdam e sobre a energia com que os dois augustos amigos haviam jurado um ao outro estabelecer uma aliança indissolúvel para defender o direito contra o inimigo do género humano. Pedro foi acolhido por Ana Pavlovna com um matiz de tristeza, evidentemente alusão à perda recente que atingira o jovem, o falecimento do conde Bezukov — o certo é que toda a gente

julgava dever seu mostrar a Pedro quanto sentia a morte de um pai que ele quase não chegara a conhecer uma tristeza profunda que se parecia muito com a que a sua expressão traduzia quando falava de sua augusta ama, a imperatriz Maria Feodorovna. Pedro sentiu-se extraordinariamente lisonjeado. Ana Pavlovna organizou, com a sua arte habitual, os grupos no salão. O principal, onde pontificava o príncipe Vassili e os generais, usufruía da presença do diplomata. Outro grupo se formou em volta de uma mesa de chá. Pedro teria gostado de reunir-se ao primeiro, mas Ana Pavlovna, que experimentava a, excitação de um grande general no campo de batalha quando lhe vem ao espírito uma infinidade de inspirações brilhantíssimas que não tem tempo de pôr em prática, tocou-lhe na manga assim que o viu aparecer.

— Espere, tenho cá as minhas ideias para si esta noite. — Lançou um olhar a Helena, sorrindo-lhe: — Minha boa Helena, precisa de ser caridosa para a minha pobre tia, que a adora. Vá fazer-lhe companhia dez minutos. E para que não se aborreça muito, aqui tem o querido conde, que não vai recusar, certamente, acompanhá-la.

A bela Helena foi ao encontro da tia, mas Ana Pavlovna conservou ainda Pedro ao pé dela, fingindo ter de lhe fazer umas últimas recomendações.

— Não é realmente encantadora? — disse ela para Pedro, mostrando-lhe aquela beleza de majestoso porte. — E que porte! Uma rapariga tão nova e com tamanho tacto, com uma tal perfeição de maneiras! Vem-lhe tudo do coração! Feliz do homem que a merecer! Com ela, o menos mundano dos maridos virá a ocupar, sem querer, a mais brilhante posição na sociedade! Não é verdade? Muito gostava que me dissesse a sua opinião e Ana Pavlovna pôs Pedro à vontade.

Pedro era inteiramente sincero ao concordar com Ana Pavlovna sobre a perfeição de maneiras de Helena. Se porventura lhe acontecia pensar nela era para apreciar a sua beleza e o seu extraordinário talento de conservar em sociedade uma atitude calma, silenciosa e digna..

A tia, no seu canto, acolheu os dois jovens, mas via-se bem que queria esconder a adoração que tinha por Helena e mostrar sobretudo o medo que lhe inspirava Ana Pavlovna. Interrogou a sobrinha com o olhar, como a perguntar-lhe qual a atitude que devia assumir. Ao deixá-los. Ana Pavlovna tocou de novo, ligeiramente, na manga e Pedro, dizendo-lhe:

— Espero que não volte a dizer que as pessoas se aborrecem em minha casa.

— Ao mesmo tempo olhava para Helena.

Esta teve esse sorriso que queria dizer não consentir fosse a quem fosse que a visse não ficar deslumbrado. A tia tossicou, engoliu a saliva e disse em francês que estava encantada de ver Helena, depois dirigiu a Pedro o mesmo cumprimento, tomando a mesma expressão. No decurso desta conversa, bem pouco interessante e com longas interrupções. Helena encarou Pedro dedicando-lhe aquele lindo sorriso sereno que tinha para toda agente. Pedro estava-lhe tão habituado, esse sorriso tinha para ele tão pouco significado, que lhe não prestou a mais pequena atenção. A tia falou então da colecção de caixas de rapé do falecido pai de Pedro, o conde Bezukov, e mostrou a sua própria caixa. Helena pediu-lhe que a deixasse ver o retrato do marido, que ornava a tampa.

— Deve ser obra de Vinesse — disse Pedro, citando o nome de um miniaturista célebre; debruçou-se sobre a mesa para pegar na caixa de rapé, sempre com o ouvido atento para o que se dizia na mesa vizinha.

Levantou-se para dar a volta à mesa, mas a tia passou-lhe directamente a caixa de rapé por detrás das costas de Helena. Esta inclinou-se para diante a fim de facilitar o movimento e voltou a cabeça, sorrindo. Vestia, como sempre que vinha a festas à noite, um vestido muito decotado, como se usava então, tanto à frente como atrás. O seu busto, cuja brancura lembrava a Pedro a alvura do mármore, estava tão perto dele que, apesar da sua má vista, podia observar-lhe perfeitamente a beleza dos ombros e do colo, e tão perto dos seus lábios que bastava inclinar-se um pouco para os aflorar. Sentia-lhe a tepidez do corpo, respirava-lhe os perfumes, ouvia-lhe o leve estalar do espartilho. E o que o atraía não era aquela beleza marmórea, que formava um todo com o vestido, mas o encanto desse corpo jovem que adivinhava por debaixo da toilette. E, desde que fizera esta descoberta, já lhe não era possível ver mais nada, pela mesma razão que já não somos capazes de aceitar um erro uma vez que o conheçamos.

«Com que então até agora ainda não tinhas reparado quanto eu era bonita?», parecia dizer-lhe Helena... «Ainda não tinhas visto que eu era uma mulher? É verdade, sou uma mulher, uma mulher que pode pertencer a qualquer, e a ti principalmente.» Era assim que o olhar dela lhe falava. E naquele momento Pedro sentiu não só que ela podia, mas que devia vir a ser sua mulher, e que não podia ser de outra maneira.

Estava tão persuadido disso como se naquele momento já se encontrassem os

dois sob a coroa. Como e quando é que isso iria acontecer? Não sabia. Não podia dizer também se seria uma felicidade para ele; pressentia mesmo vagamente que podia vir a ser uma desgraça, mas sabia que tinha de ser assim.

Pedro baixou os olhos, depois voltou a erguê-los, e teria querido tornar a vê-la como uma beleza longínqua e estranha aos seus olhos, como a via todos os dias até então; mas já lhe não era possível. Não lhe era possível, como aquele que, tendo entrevisto, no meio do nevoeiro, uma erva seca das estepes, que tomou por uma árvore, depois disso não mais, quando voltar a vê-la, a tomará pelo que ela não é. Sentia-a terrivelmente próxima de si. Já tinha poder sobre ele. Entre os dois já não havia mais obstáculos além dos que aí introduzia a sua própria vontade, dele.

— Bom, deixo-o no seu cantinho. Vejo que esta aqui muito bem — disse Ana Pavlovna.

E Pedro, perguntando-se, de súbito, se não teria feito qualquer coisa de repreensível, olhou em volta de si, corando. Afigurava-se-lhe que toda a gente sabia, tão bem como ele, o que nele se estava a passar. Alguns momentos depois, ao aproximar-se do grupo principal. Ana Pavlovna disse-lhe:

— Dizem que anda a embelezar a sua casa de Petersburgo.

Era verdade, com efeito. O arquitecto dissera-lhe ser isso necessário, e Pedro, sem mesmo saber porquê, tinha mandado arranjar a sua imensa casa de Petersburgo.

— Está bem, mas não se mude de casa do príncipe Basílio. É bom ter-se um amigo como o príncipe — disse ela com um sorriso para o príncipe Vassili... — Eu entendo alguma coisa disso. Não é verdade? E ainda é tão novo. Ainda precisa de conselhos. Não me leve a mal por eu usar dos meus direitos de velha.

Calou-se, como fazem sempre as mulheres quando aludem à sua própria idade, aguardando um cumprimento. «Mas, se se casar, então é diferente.» E abrangeu-os aos dois num mesmo olhar. Pedro não olhava para Helena. Mas esta continuava tremendamente próxima dele. Balbuciou qualquer coisa, corando.

De regresso a casa. Pedro levou tempo para adormecer, pensando no que lhe tinha acontecido. Que lhe tinha acontecido? Nada. Apenas percebia que aquela mulher que conhecera criança, de quem dizia, negligentemente: «Sim, é bonita» quando lhe falavam da sua beleza, que aquela mulher podia pertencer-lhe.

«Mas ela é estúpida, eu próprio já disse que ela é estúpida», dizia de si para

consigo. «Portanto há qualquer coisa de baixo no sentimento que ela me inspira, qualquer coisa de proibido. Contaram-me que Anatole, o irmão, estava enamorado de Helena, e que ela própria gostava dele, que a este respeito havia uma grande história, e era por isso mesmo que tinham afastado Anatole. Seu outro irmão era o Hipólito, e o pai, o príncipe Vassili... Não, isto não está certo», concluía Pedro, e ao mesmo tempo que assim pensava, sem ir, de resto, até ao fundo do seu pensamento, surpreendia-se a sorrir e confessava a si próprio que uma outra série de raciocínios sobrenadava os primeiros, que ao mesmo tempo que cismava na nulidade de Helena pensava que ela podia vir a ser sua mulher, que a podia amar, que ela era, talvez, muito diferente, e que tudo o que ele pensava dela, tudo que se dizia dela, era mentira. E então entrevia, de novo, não uma filha qualquer do príncipe Vassili, mas a mulher senhora daquele corpo e daquele vestido. «E, então, como é que se explica que tais ideias me não tenham vindo ao espírito?» E de novo voltava a dizer para si mesmo que isso seria impossível; havia qualquer coisa de sujo, de antinatural, afigurava-se-lhe, qualquer coisa de desonesto naquele casamento. Recordava-se das frases que Helena pronunciava, dos seus olhares e das suas maneiras, e dos olhares daqueles que os viam juntos. Lembrava-se das palavras e dos olhares de Ana Pavlovna quando lhe falava da casa de Petersburgo, de mil outras alusões tanto do príncipe Vassili como de muitos outros, e sentiu-se aterrorizado ao pensar que de qualquer maneira já se havia comprometido a cumprir um acto que evidentemente não estava certo e não devia fazer. Mas no mesmo momento em que a si próprio impunha esta resolução, noutro recanto do seu coração representava-se-lhe a imagem de Helena em toda a sua esplendente beleza de mulher.

[II]

Em Novembro de 1805 o príncipe Vassili teve um serviço de inspecção a quatro províncias. Assim arranjara as coisas para poder visitar os seus domínios, então no maior abandono. De caminho tencionava passar pela cidade da guarnição de seu filho Anatole para o levar consigo a casa do príncipe Nicolau Andreitch B91konski, na esperança de conseguir casá-lo com a filha desse riquíssimo proprietário. Mas

antes de partir e de pôr em prática esta sua nova intriga, desejava arrumar o caso de Pedro, que, em verdade, nesses últimos tempos passava os dias junto dele, vivendo, inclusivamente, sob o mesmo tecto, ridículo, comovido e estúpido, coisa corrente entre os namorados, na presença de Helena, sem que por isso se decidisse pela esperada declaração.

— Tudo isto está muito bem, mas é preciso que acabe! — murmurava o príncipe, uma bela manhã, soltando um fundo suspiro. Tinha de reconhecer que Pedro, que tantas obrigações lhe devia — Deus o abençoasse! — não estava a proceder bem naquele caso. «Sim, a mocidade, a frivolidade... Bom, que Deus o abençoe!», pensava, verificando com satisfação quão grande era a sua indulgência. «Mas é preciso que isto acabe. Depois de amanhã é o aniversário da Helena. Vou convidar algumas pessoas, e se ele não perceber que deve tomar uma atitude então eu me encarregarei disso. Sim, sou eu quem deve agir. O pai dele sou eu!»

Pedro, mês e meio após a recepção em casa de Ana Pavlovna, e depois da noite desassossegada e de insónia que se lhe seguira, durante a qual concluíra que aquele casamento seria uma infelicidade e que o que tinha a fazer era retirar-se, continuara em casa do príncipe Vasssili, embora compreendesse, aflito, que de dia para dia, aos olhos do mundo, mais ligado parecia a Helena, que não podia voltar a sentir por ela o que sentia antes, que já não queria separar-se dela, que seria horrível, mas que teria de ligar ao dela o seu destino. Talvez ainda fosse a tempo de se retirar, mas não se passava um dia sem que o príncipe Vassili, que habitualmente não costumava receber, desse uma festa, a que Pedro se sentia na obrigação de assistir, incapaz de fazer o papel de desmancha-prazeres, desiludindo a expectativa geral.

O príncipe, nos raros momentos em que estava em casa, ao passar junto de Pedro, apertava-lhe a mão, dava-lhe a beijar distraidamente a face enrugada, escanhoada de fresco, dizendo-lhe: «Até amanhã», ou então: «Vem jantar, que é a única maneira de eu te poder ver», ou ainda: «Fico em casa exclusivamente por tua causa», e outras coisas no mesmo género. Mas, embora o príncipe, que ficara em casa exclusivamente por causa do Pedro, como dava a entender, não trocasse duas palavras com ele, este não se sentia com coragem de o desapontar. Todos os dias repetia para si mesmo as mesmas palavras: «O que é preciso, no fim de contas, é que eu a compreenda, e me capacite do que ela é. Mas quando estava eu enganado: antes ou agora? Não. Ela não é estúpida; é uma rapariga

encantadora!», dizia, de si para consigo, às vezes... «Erros grosseiros não os pratica, não diz nada estúpido. Fala pouco, mas o que diz é digno, simples e decente. Sim, não se pode dizer que seja estúpida. Nunca teve complicações, nunca as terá. Por consequência não é o que se chama uma mulher má!» Por vezes, acontecia-lhe formular um raciocínio diante dela, pensar em voz alta; sempre ela lhe respondia com uma observação breve, mas a propósito, que significava isso não lhe interessar, ou com um sorriso silencioso, um piscar de olhos, operações em que mostrava, subtilmente, a sua superioridade sobre ele. Não lhe faltavam motivos para considerar pueris todos os raciocínios do mundo quando comparados ao seu próprio sorriso.

Dirigia-se-lhe sempre com um sorriso divertido, confiante, especial, em que havia alguma coisa mais do que no sorriso que lhe andava sempre nos lábios para uso de toda a gente. Pedro sabia que todos aguardavam que ele dissesse enfim alguma coisa, que transpusesse determinado limite, estava certo de que, mais tarde ou mais cedo, o transporia, mas sempre que pensava nesse terrível passo apoderava-se dele um terror incompreensível. Centenas de vezes no decurso desse mês e meio, durante o qual, de dia para dia, se ia vendo mais arrastado para esse abismo pavoroso. Pedro dissera consigo mesmo: «Que significa isto? Decisão! Quando terei eu decisão?»

Queria decidir-se, mas sentia, com espanto, que no caso presente lhe faltava aquela resolução que ele não ignorava ter em si e que realmente possuía. Pedro era uma dessas criaturas somente fortes quando sentem a consciência completamente pura. E a verdade é que desde que se sentira possuído pelo desejo, desde aquele momento em que olhara para a caixa de rapé, em casa de Ana Pavlovna, a malícia inconfessada dos seus sentimentos paralisava-lhe os esforços da decisão,

No dia do aniversário de Helena, o príncipe Vassili apenas convidara para cear um pequeno numero de íntimos, como dizia a princesa, isto é, parentes e amigos. Fora dado a entender a esses parentes e amigos dever decidir-se naquela noite o destino da festejada. Os convidados sentaram-se à mesa para a ceia. A princesa Kuraguine, mulher maciça, que fora bela e era muito representativa, ocupava o lugar da dona da casa. A sua direita e à sua esquerda distribuíam-se os convidados de maior respeitabilidade, um velho general, a mulher e Ana Pavlovna Scherer: na extremidade da mesa sentavam-se as pessoas menos idosas e menos importantes,

além da gente da casa. Pedro e Helena estavam juntos. O príncipe Vassili não participava do repasto. Ia e vinha em volta da mesa, muito bem disposto, sentando-se agora ao pé deste, logo ao pé daquele. A todos dizia, negligentemente, qualquer palavra amável, excepto a Pedro e a Helena, cuja presença, dir-se-ia, lhe passava despercebida. Animava toda a gente. As velas davam uma luz alegre; as pratas e os cristais esplendiam, bem como os vestidos das senhoras e o ouro e a prata das dragronas; em volta da mesa giravam os criados, de cafetã vermelho; o tinir das facas, dos copos, dos pratos, misturava-se ao ruído das conversas cheias de animação. Ouvia-se, a uma das cabeceiras da mesa, um idoso camarista garantir a uma velha baronesa que sentia por ela um apaixonado amor, e ela ria; na outra cabeceira contavam-se anedotas sobre os dissabores de uma tal Maria Victorovna. Ao centro, rodeava o príncipe Vassili um grupo de auditores. Contava ele às senhoras, num tom divertido, a última sessão, a de quarta-feira, do Conselho do Império, consagrada à recepção e à leitura, por Sérgio Kuzmitch Viazmitinov, o novo general governador militar de Petersburgo, do rescrito famoso do imperador Alexandre Pavlovitch, remetido da frente de batalha, em que o soberano, dirigindo-se a essa personalidade, dizia receber de toda a parte testemunhos da devoção do povo, e que o de Petersburgo, esse lhe era particularmente agradável, e que se sentia orgulhoso de se encontrar à frente dos destinos de uma tal nação, fazendo por ser digno dessa honra. O rescrito abria com estas palavras: «Sérgio Kuzmitch! Vindos de todos os lados, chegam até mim os ecos, etc.»

— Com que então não pôde ir além de «Sérgio Kuzmitch»? — inquiriu uma senhora.

— É verdade, é verdade, nem mais uma sílaba — respondeu o príncipe, rindo. — «Sérgio Kuzmitch.... Vindos de todos os lados... De todos os lados. Sérgio Kuzmitch...» O pobre Viazmitinov, decididamente, não pôde dizer mais. Várias vezes tentou recomeçar a leitura, mas assim que dizia: «Sérgio», logo rompia em soluços... Kuz.., mitch.., e mais lágrimas... Em «vindos de todos os lados» sufoca e não pode continuar. E puxa do lenço e volta a ler: «Sérgio Kuzmitch, vindos de todos os lados... », e lá surgiam de novo as lágrimas... De tal modo que teve de pedir a outro que tomasse o seu lugar.

— Kuzmitch.., vindos de todos os lados.., e mais lágrimas... — repetiu um dos convivas, rindo também.

— Não seja mau — murmurou Ana Pavlovna, ameaçando-o com o dedo, lá da outra cabeceira da mesa —, é um valente e excelente homem, o nosso bom Viazmitinoff...

Todos riam a bom rir. Ao fundo da mesa toda a gente parecia muito animada, pelos mais diversos motivos. Só Pedro e Helena continuavam calados, lado a lado, no seu lugar. Ambos tinham um sorriso radioso, em nada relacionado com Sérgio Kuzmitch, um sorriso em que se denunciavam os seus íntimos sentimentos. Conversava-se, ria-se, gracejava-se, comia-se com apetite, saboreava-se o vinho do Reno, o sauté, os sorvetes, e todos evitavam olhar para aquele par, afectando indiferença, não lhe prestando atenção. Ressaltava, porém, dos olhares que de vez em quando lhe lançavam, que a anedota relativa a Sérgio Kuzmitch, os risos, o repasto, tudo era fingimento, e que a atenção de toda a gente apenas estava concentrada num ponto, no par Pedro e Helena. O príncipe Vassili, enquanto ia macaqueando as choraminguices de Sérgio Kuzmitch, envolvia a filha num olhar e, ao engasgar-se, no seu rosto lia-se claramente: «Sim, sim, tudo vai bem: hoje vai decidir-se tudo.»

Ana Pavlovna ameaçava-o amistosamente por causa do nosso bom Viazmitinoff, e nos seus olhos, que dardejavam sobre Pedro furtivos olhares, lia Vassili votos de felicidade para o futuro genro e a filha. A velha princesa, enquanto oferecia vinho à vizinha, suspirava, olhando a filha com irritação, e os seu suspiros queriam dizer: «Sim, sim, minha querida, a nós nada nos resta que beber vinho doce; agora é a vez de a mocidade se mostrar feliz.» — «Oh, que estúpidas coisas eu estou para aqui a dizer! Como se isto me pudesse interessar», pensava um diplomata ao olhar para a radiosa face dos namorados. «Aquilo, sim, é a verdadeira felicidade!»

No meio da vulgaridade de todas aquelas preocupações mesquinhas e artificiais vinham subitamente à luz os sentimentos elementares de dois jovens belos e saudáveis, atraídos um para o outro. Estes sentimentos puramente humanos abafavam todos os demais, pairando acima de toda aquela tagarelice convencional. Os gracejos perdiam o sal, as novidades o interesse, toda a animação parecia factícia. Não só os convidados, mas até os próprios lacaios que serviam à mesa pareciam sob a mesma influência, esquecendo os preceitos da etiqueta, a olhar para a bela Helena e o seu rosto resplandecente e para a grossa e rubicunda fisionomia de Pedro, onde ao mesmo tempo havia inquietação e

alegria. Inclusivamente, dir-se-ia que a luz das velas estava ali para iluminar apenas aquelas duas venturosas criaturas.

Pedro percebia ser o ponto de mira de toda a gente e isso dava-lhe ao mesmo tempo satisfação e embaraço. Estava com o ar de um homem concentrado a fazer qualquer coisa. Nada via com nitidez, não compreendia nem ouvia ninguém. Apenas, por momentos, de improviso, pedaços de impressões ou de pensamentos vindos do real lhe atravessavam o espírito.

«Ora aí está o que eu esperava! », dizia ele de si para consigo... «E como é que isto aconteceu? E tão depressa? Vejo agora que não é só por ela, mas por todos eles, que tudo isto, inevitavelmente, tem de se dar. Todos tão claramente esperam isto, estão todos tão convencidos de que isto tem de acontecer, que eu não posso, que eu realmente não os posso desiludir. Como é que se irão passar as coisas? Não sei. Mas a verdade é que isto se vai dar, isto vai-se dar com certeza!» E estas reflexões perpassavam pelo espírito de Pedro enquanto fitava os belos ombros resplandecentes ali tão perto de si.

De súbito sentia-se tomado de uma espécie de vergonha. Incomodava-o a ideia de monopolizar a atenção de toda a gente, de aos olhos dos outros se apresentar como um rapaz feliz, de, com a sua cara feia, ser uma espécie de Paris conquistador da bela Helena. «Mas é provável que seja sempre assim e que assim tenha de ser», consolava-se a si próprio... «De resto, que fiz eu para que assim seja? Quando é que isto principiou? Vim de Moscovo com o príncipe Vassili. Então ainda nada havia. E, depois, teria eu qualquer motivo para me não hospedar em casa dele? Em seguida joguei as cartas com ela, apanhei-lhe o saquinho, passeámos os dois de carruagem. Quando principiou isto então? Quando é que isto aconteceu?» E ei-lo agora sentado ao lado dela como noivo; escuta-a, vê-a, sente-lhe a presença, respira-lhe o hálito, espia-lhe os movimentos, admira-lhe a beleza. De súbito afigura-se-lhe que não é ela, mas ele, que quem é de uma beleza extraordinária é ele e é essa a razão por que o estão a olhar e, feliz com aquela geral admiração, arqueia o peito, ergue a cabeça, todo ele respira a alegria de tamanha felicidade. Uma voz, a voz de alguém que ele conhece, ressoa e repete-lhe a mesma coisa muitas vezes; mas tão absorto está que não compreende o que lhe dizem.

— Estou a perguntar-te se recebeste uma carta de Bolkonski — repetiu pela terceira vez o príncipe Vassili — Que distraído és, meu rapaz!

O príncipe sorri, e Pedro vê que todos os demais lhe sorriem, a ele e a Helena.

«Afinal, visto que vocês estão todos ao corrente», dizia Pedro para si próprio. «Que importa, se é a verdade?» E ele próprio sorri, com o seu suave sorriso infantil, e Helena sorri também.

— Não recebeste uma carta? De Olmütz? — voltou mais uma vez o príncipe, que parecia necessitar dessa informação para resolver um problema.

«Como é que há alguém capaz de falar e de preocupar-se com semelhantes tolices?», disse Pedro de si para consigo. — Sim, de Olmütz — replicou num suspiro.

Depois da ceia. Pedro, na esteira dos demais, conduziu o seu par ao salão. Os convidados principiaram a dispersar, e alguns deles partiram sem dizerem adeus a Helena. Como se não quisessem distraí-la das suas graves ocupações, alguns aproximaram-se dela um momento e despediram-se proibindo-a de os acompanhar. O diplomata, ao sair do salão, ia calado e aflito. Representava-se-lhe toda a futilidade da sua carreira ao pé da ventura de Pedro. O velho general rouquejou algumas palavras coléricas para a mulher, que lhe perguntava como se sentia ele da perna. «Eh, velha tonta!», pensava, «olha para a Helena Vassilievna, aquela, aos cinquenta anos, ainda há-de ser uma beleza de mulher! »

— Creio que posso tomar a liberdade de os felicitar — murmurou Ana Pavlovna, dirigindo-se à princesa-mãe, e abraçando-a efusivamente. — Se não fosse a minha enxaqueca, ficava mais um bocadinho.

A princesa não respondeu; estava a invejar a felicidade da filha.

Pedro, enquanto reconduziam os convidados, ficou por muito tempo só com Helena no salão pequeno. Naquele último mês várias vezes ficara sozinho com ela, mas nunca lhe falara de amor. Agora sentia isso indispensável, e não era capaz de se decidir a dar esse último passo. Tinha vergonha; afigurava-se-lhe ocupar, junto de Helena, um lugar que pertencia a outro. «Esta felicidade não é para ti», dizia-lhe uma voz íntima. «É urna felicidade para quem não tem o que tu tens em ti.»

Mas era preciso dizer alguma coisa, e Pedro falou. Perguntou-lhe se ela tinha gostado da noite. Como sempre. Helena respondeu-lhe, com a sua habitual candura, que o dia do seu aniversário era sempre, para ela, o mais agradável do ano.

Ficaram ainda alguns parentes chegados. Estavam no grande salão. O príncipe Vassili aproximou-se de Pedro, no seu passo indolente. Pedro levantou-se e disse que era tarde. O príncipe lançou-lhe um olhar interrogativo, severo, como se o que

ele acabava de dizer fosse tão estranho que melhor seria não o ter ouvido. Mas imediatamente esse ar severo se dissipou e o príncipe apertou-lhe a mão, obrigou-o a sentar-se, sorriu-lhe amavelmente.

— Então. Helena? — disse ele para a filha, nesse tom habitual de agradável ternura que os pais costumam adoptar para com os filhos amimados desde crianças e que o príncipe Vassili só imitando os outros pais conseguira reproduzir.

E voltou-se de novo para Pedro.

— «Sérgio Kuzmitch, vindos de todos os lados... » — recitou, desabotoando a parte alta do colete.

Pedro sorriu, mas o seu sorriso dizia claramente que compreendia não ser a anedota de Sérgio Kuzmitch que naquele mo— mento interessava o príncipe, e o próprio príncipe compreendeu que Pedro se não enganava. De súbito, rosnou qualquer coisa e saiu. Pedro percebeu que o príncipe estava comovido. A emoção desse homem mundano perturbou-o; fitou Helena, que também parecia emocionada, e lhe disse com o olhar: «Então, a culpa é sua!»

«É preciso, é indispensável que eu dê este passo, mas não posso, não posso», pensava Pedro, e de novo se pós a falar de coisas sem importância, de Sérgio Kuzmitch, perguntando em que é que consistia, afinal, a anedota que ele não tinha percebido. Helena respondeu-lhe sorrindo que também ela lhe não sabia explicar.

Quando o príncipe Vassili penetrou no grande salão, a princesa falava de Pedro com uma senhora de idade.

— Evidentemente, é um brilhante partido, mas a felicidade, minha querida...

— Os casamentos no Céu se fazem — replicava a senhora de idade.

O príncipe, como se não tivesse ouvido a conversa, encaminhou-se para o recanto mais afastado e sentou-se num divã. Fechou os olhos, parecia dormitar. A cabeça principiou a pender-lhe para diante, mas subitamente despertou.

— Aline — disse para a mulher —, vai ver o que eles estão a fazer.

A princesa encaminhou-se para a porta, estendeu a cabeça com o ar mais indiferente deste mundo e espreitou para dentro do pequeno salão. Pedro e Helena ainda lá estavam e conversavam.

— A mesma coisa — disse ela para o marido.

O príncipe Vassili franziu as sobrancelhas, fez um ricto com a boca, pelas faces perpassou-lhe um movimento nervoso, enquanto assumia um ar contrariado e duro, muito seu; sacudiu-se, levantou-se, atirou a cabeça para trás, e num passo

decidido, passando diante das senhoras, penetrou no pequeno salão. Dirigiu-se a Pedro, num passo rápido, afivelando uma máscara prazenteira. No seu rosto havia uma expressão tão particularmente solene que Pedro se ergueu, assustado, assim que o viu.

— Louvado seja Deus! — exclamou o príncipe. — Minha mulher contou-me tudo! — e com um dos braços enlaçou Pedro e com o outro a filha. — Helena, minha querida filha! Sinto-me muito, muito feliz. — A voz tremia-lhe de emoção.— Fui muito amigo de teu pai.., e ela será para ti uma excelente esposa.. Que Deus vos abençoe!...

Beijou a filha e depois Pedro, exalando o seu mau hálito. Corriam-lhe pelo rosto lágrimas sinceras.

— Princesa, venha cá! — gritou.

A princesa assomou à porta, toda lavada em lágrimas também. A senhora idosa também enxugava os olhos com o lencinho. Ambas abraçaram Pedro, e ele, pelo seu lado, e por várias vezes, beijou a mão da bela Helena. Pouco depois, voltaram a deixá-los sós de novo.

«Tudo isto tinha de ser assim mesmo, e não podia ser de outra maneira», dizia Pedro consigo; «não vale a pena, por isso mesmo, que uma pessoa se pergunte se está bem ou mal. Está bem, visto ser um caso arrumado e terem deixado de persistir as dúvidas angustiosas que existiam.» Segurava na sua, sem dizer nada, a mão da noiva e tinha os olhos fitos no seu belo colo, que arfava, lentamente.

— Helena — disse de chofre, e calou-se.

«É costume dizer qualquer coisa especial num caso destes», pensou; mas não foi capaz de se lembrar com precisão o que se costumava dizer em tais circunstâncias. Olhou-a bem de frente. Helena aproximou-se dele. Corou.

— Ah, tire, tire.., sim, isso — disse ela, apontando-lhe para as lunetas.

Pedro tirou as lunetas, e nos seus olhos, além do olhar estranho que têm as pupilas das pessoas habituadas a lentes, houve uma expressão assustada e interrogativa. Quis inclinar-se para lhe beijar a mão, mas ela, graças a um movimento rápido e quase brutal, fez com que os lábios de Pedro, de passagem, encontrassem os dela. E a sua fisionomia completamente transformada, quase cínica, impressionou Pedro desagradavelmente.

«Agora é tarde, tudo acabou, e, de resto, eu gosto dela», disse ele de si para consigo.

— Amo-a! — murmurou, lembrando-se do que era conveniente dizer-se em casos tais; mas as suas palavras ressoaram tão infelizes que ele se sentiu envergonhado.

Seis semanas depois estava casado, e era o feliz possuidor, como diziam, de uma bela mulher e muitos milhões, e foi instalar-se no grande e belo palácio, todo arranjado de novo, dos condes Bezukov em Petersburgo.

[III]

O velho príncipe Nicolau Andreitch Bolkonski recebeu em Novembro de 18O5 uma carta do príncipe Vassili em que lhe anunciava a sua visita na companhia do filho. «Estou encarregado de uma inspecção, e está claro que cem verstas nada são para mim, desde que as faço para o ir visitar, meu mui venerado benfeitor», escrevia-lhe ele. «E o meu Anatole vai comigo: parte para a guerra e espero lhe permita que lhe exprima de viva voz o profundo respeito que lhe consagra, a exemplo do pai.»

— Bom, já não é preciso levar daqui a Maria. Aí estão os pretendentes que nos vêm procurar em nossa própria casa — disse, estouvadamente, a princesinha, ao saber da notícia.

O príncipe Nicolau Andreitch franziu as sobrancelhas, sem responder.

Quinze dias depois da recepção da carta, uma tarde, chegaram os criados do príncipe Vassili, antecipando-se aos amos, que apareceram no dia seguinte.

O velho Bolkonski nunca tivera em grande apreço o carácter do príncipe Vassili, e nos últimos tempos, sobretudo, tal opinião fora reforçada ao ver que ele obtivera tão altos cargos e dignidades nos reinados de Paulo e Alexandre. Daí ter compreendido muito bem, graças às alusões da carta e às insinuações da princesinha, o que ele pretendia, e a ruim opinião que já formava do príncipe tomou-se em hostilidade desdenhosa. Sempre que falava dele era resmungando. No dia em que o príncipe Vassili chegou esteve especialmente mal disposto e quezilento. Ou que estivesse mal disposto porque o príncipe chegava, ou descontente com a sua vinda por estar mal disposto, o certo é que estava de muito mau humor e desde manhã que Tikon, inclusivamente, desaconselhara o

arquitecto de apresentar o seu relatório ao príncipe.

— Ouça-o caminhar — dizia Tikon ao arquitecto, ouvindo os passos do seu amo. — Lá está ele a bater com os calcanhares no chão, e nós sabemos que...

No entanto, como de costume, às nove horas, o príncipe saiu para dar o seu passeio, com a sua peliça de veludo de gola de zibelina e barrete igual. Na véspera tinha nevado. A avenida que o príncipe Nicolau Andreitch costumava tomar para ir ao laranjal fora varrida e ainda se viam os vestígios da vassoura na neve. Uma pá estava enterrada no talude esboroado que corria dos dois lados do caminho. O príncipe percorreu o laranjal, as instalações dos criados e as dependências sorumbático e silencioso.

— Pode-se andar de trenó? — perguntou o príncipe ao intendente, que o acompanhava até casa, personagem respeitável, por uma pena o seu amo, na fisionomia e nas maneiras.

— A neve está espessa. Excelência. Já a mandei varrer na avenida.

O príncipe teve um aceno de aprovação e aproximou-se da escadaria de entrada. «Louvado seja Deus», disse de si para consigo o intendente, «a tempestade passou!»

— Teria sido difícil de passar. Excelência — acrescentou o intendente. — Segundo dizem, é um ministro que aí vem visitar Vossa Excelência.

O príncipe voltou-se bruscamente e fixou-o, franzindo as sobrancelhas.

— Quê? Um ministro? Que ministro? Quem é que te deu ordens? — disse, na sua voz penetrante e rude. — Para minha filha, a princesa, ninguém desimpediu o caminho, e fizeram-no para um ministro. Aqui não há ministros!

— Excelência, eu julguei...

— Tu julgaste — gritou, em palavras ofegantes e entrecortadas. — Tu julgaste... Ladrões! Verdugos! Vou ensinar-te a julgares! — e, erguendo a bengala, brandiu-a sobre a cabeça de Alpatitch, e ter-lhe-ia batido se o intendente não tivesse fugido involuntariamente ao golpe.

— Julgou... Verdugos! — gritou ele de novo.

Embora Alpatitch, assustado com a ideia de ter tido a ousadia de evitar a bengalada, se tivesse aproximado do amo, vergando diante dele a cabeça calva, ou, então, precisamente por isso mesmo, o príncipe continuou a gritar: — Verdugos!... Quero outra vez a neve no caminho!... — mas não voltou a levantar a bengala e deu-se pressa em penetrar em casa.

Antes do jantar, a princesa e Mademoiselle Bourienne, sabendo que o príncipe estava de mau humor, aguardaram-no de pé; a preceptora, com o seu ar radioso que parecia dizer: «Não quero saber de nada, eu sou como sou», e a princesa Maria, muito pálida, aterrada, de olho,, baixos. O mais grave é que Maria sabia muitíssimo bem que naquelas circunstâncias era precisa a atitude de Mademoiselle Bourienne, mas imitá-la era-lhe impossível. Para si mesma dizia: «Se eu fingir que não dou pela sua má disposição, o pai vai pensar que não tenho estima por ele; e se eu proceder como se estivesse aborrecida e mal disposta, dirá o que já tantas vezes tem dito, que estou de trombas...»

O príncipe olhou para a cara aterrada da filha e soltou um grunhido.

— Asneira.., ou talvez estúpida — resmungou.

«E a outra não está cá! Já lhe devem ter contado histórias», disse ele com os seus botões, pensando na princesinha, ausente.

— A princesa? — perguntou. — Está escondida?

— Não se sente lá muito bem — disse Mademoiselle Bourienne, sorrindo. — Não vem à mesa. Compreende-se, no seu estado... — Hum! Hum! — resmungou o príncipe, sentando-se.

Um dos pratos não lhe pareceu limpo; viu nele urna mancha de gordura e recusou-o. Tikon pegou no prato e deu-o ao criado.

A princesinha não estava doente, mas tanto medo o príncipe lhe inspirava que, ao sabê-lo mal disposto, decidira não vir à mesa.

— Tenho medo por causa do meu filho — dissera ela a Mademoiselle Bourienne. — Só Deus sabe o que pode acontecer por causa de um susto.

Aliás, a princesinha em Lissia Gori vivia constantemente com medo do velho príncipe, que só antipatia lhe inspirava, coisa de que, aliás, ela se não apercebia, pois nela o medo sufocava qualquer outra impressão. No sentimento do príncipe por ela havia mais desdém que propriamente antipatia. A princesa, obrigada a viver naquela casa, afeiçoara-se particularmente a Mademoiselle Bourienne; com ela passava os seus dias, pedia-lhe que passasse as noites junto dela e muitas vezes lhe falava do sogro, criticando-o.

— Vêm aí visitas, meu príncipe — disse Mademoiselle Bourienne, desdobrando o seu branco guardanapo com a ponta dos rosados dedos. — Sua Excelência o príncipe Kuraguine com o filho, pelo que ouvi dizer? — inquiriu ela.

— Hum!... É um garoto, essa Excelência... Fui eu quem lhe arranjou um lugar

no colégio (Nome dado na Rússia aos ministérios antes da reforma de Alexandre. (N, dos T.) — disse o príncipe, desdenhoso. — E que vem aqui fazer o filho? Não percebo nada. É natural que a princesa Elizabeth Karlovna e a princesa Maria o saibam, talvez; quanto a mim, ignoro por que é que ele nos traz o filho. Eu, por mim, dispenso-o.

Lançou um olhar à filha, que corara.

— Estarás tu também doente? Será com receio do ministro, como disse esse imbecil do Alpatitch?

— Não, meu pai.

Embora Mademoiselle Bourienne não tivesse sido muito feliz na escolha que fizera do assunto da conversa, não se deu por batida e pôs-se a falar do laranjal, da beleza de uma flor que acabava de abrir, e tão bem que o príncipe, depois da sopa, amaciou.

Assim que o jantar acabou, dirigiu-se aos aposentos da nora. A princesinha estava diante de uma pequena mesa, tagarelando com Macha, a sua criada de quarto. Ao ver o sogro empalideceu.

A princesinha tinha mudado muito. Estava mais feia do que bonita naquele momento. Emagrecera de cara, mal se lhe levantava o lábio, tinha os olhos com olheiras.

— Sim, que pesada estou — respondeu ela ao príncipe, que lhe perguntou como se sentia.

— Não precisa de nada?

— Não, obrigada, meu pai.

— Bom, está bem, está bem.

Saiu e penetrou na antecâmara. Alpatitch lã estava, de cabeça baixa.

— Voltaram a deitar a neve no caminho?

— Voltaram. Excelência; queira perdoar-me, por amor de Deus.., foi uma estupidez.

O príncipe interrompeu-o e pôs-se a rir com o seu riso forçado.

— Bom, bom, está bem.

Estendeu a mão, que Alpatitch beijou, e encaminhou-se para o gabinete.

Nessa tarde chegou o príncipe Vassili. Cocheiros e lacaios foram esperá-lo à prechpekt (Perspectiva, ou avenida do domínio senhorial. (N, dos T.) e conduziram-lhe as bagagens e o trenó, entre grandes gritos, para o pavilhão da casa, no

caminho propositadamente juncado de neve outra vez.

Haviam preparado aposentos separados para o príncipe e Anatole.

Anatole, depois de despir o dólman, sentara-se com os cotovelos em cima da mesa e os grandes e bonitos olhos distraidamente fitos no tampo. Toda, a sua vida se lhe representava como uma série ininterrupta de divertimentos que, dir-se-ia, alguém se encarregava de lhe proporcionar. Nessa mesma ordem de ideias estava ele considerando a sua actual viagem a casa daquele velho extravagante e daquela rica e feia herdeira. E tudo isso, assim o imaginava, devia ser bastante alegre e bastante divertido. «E porque não hei-de eu casar com ela, se ela é tão rica? O dinheiro faz esquecer tudo», pensava.

Barbeou-se, perfumou-se, com os cuidados e os requintes a que estava habituado e com a sua característica expressão de rapaz a quem nada resiste, e, a bela cabeça erguida, entrou nos aposentos do pai.

Dois criados davam-se pressa em vestir o príncipe Vassili. Ele próprio parecia muito animado, e ao ver o filho fez-lhe um alegre, aceno de cabeça, que parecia querer dizer-lhe: «óptimo, e assim mesmo que gosto de te ver.»

— A sério, a sério, meu pai, ela é realmente assim tão feia? Diga, — perguntou ele, como se prosseguisse uma conversa muitas vezes abordada durante a viagem.

— Cala-te! Que tolices! O principal é que saibas ser respeitoso e sensato diante do velho príncipe.

— Se ele se põe a ralhar, vou-me embora — disse Anatole. Não estou disposto a aturar velhos.

— Lembra-te de que o teu futuro depende disso.

Entretanto, rio quarto das criadas, não só correra a notícia da chegada do ministro e do seu filho, como já se sabiam todos os pormenores do trajar dos dois. A princesa Maria, sozinha no seu aposento, só a muito custo conseguia dominar a sua agitação.

«Porque é que eles escreveram uma coisa daquelas, porque é que Lisa me falou nisso? Isso não pode ser!», dizia de si para consigo, mirando-se ao espelho. «E tenho de aparecer no salão! Ainda mesmo que ele me agradasse, não me seria possível neste momento mostrar-me diante dele tal como sou.» Bastava lembrar-se do olhar que o pai lhe lançaria para sentir-se gelada de medo.

Tanto a princesinha como Mademoiselle Bourienne já haviam recebido todas

as informações necessárias pela criada de quarto. Macha: o filho do ministro era um lindo rapaz, de faces coradas e sobrancelhas negras; ao pai custara-lhe a subir a escada; mas ele galgara três degraus de cada vez, leve como uma águia nova. E uma e outra, senhoras de todos estes pormenores, prosseguindo, corredor além, esta animada discussão, penetraram no quarto da princesa Maria.

— Já chegaram. Maria, já sabe?! — exclamou a princesinha, que a gravidez tornava pesada, deixando-se cair numa poltrona.

Já não trazia a blusa que vestia pela manhã, mas uma das suas mais lindas toilettes; o penteado era impecável, mas, embora se lhe estampasse no rosto uma grande animação, via-se perfeitamente que tinha os traços fatigados e pisados. A toilette, a mesma que ela costumava levar às festas de sociedade em Petersburgo, ainda fazia ressaltar mais quanto estava disforme. Mademoiselle Bourienne introduzira também na toilette algumas discretas alterações, graças às quais o seu rosto fresco e bonito ainda parecia mais sedutor.

— E a princesa fica tal como está!? — disse ela. — Vão anunciar que aqueles senhores estão no salão; teremos de descer, e não se arranja sequer um pouco?

A princesinha levantou-se da poltrona, tocou para chamar a criada de quarto e, diligente e animada, pôs-se a passar revista ao guarda-roupa da princesa Maria, a fim de lhe arranjar qualquer coisa que vestir. Maria, no seu amor-próprio, humilhava-se por sentir uma certa emoção com a chegada do noivo anunciado e ainda mais por ver que as duas amigas não pareciam estranhar essa emoção. Confessar que se sentia um pouco embaraçada por si e pelos outros seria precisamente trair os sentimentos que a tomavam; recusar, por outro lado, arranjar-se como elas lhe sugeriam era favorecer ainda mais os gracejos e as instâncias.

Corou muito, os seus lindos olhos perderam o brilho, o rosto encheu-se-lhe de manchas vermelhas, e, assumindo esse ar de vítima resignada, nela frequente, confiou-se à iniciativa de Mademoiselle Bourienne e de Lisa. As duas mulheres deram-se sinceramente ao trabalho de a embelezar. Tão pouco bonita era que nenhuma delas se lembraria de a considerar como rival; e foi francamente por isso, com essa convicção sólida e ingénua das mulheres no poder que tem a toilette para as fazer belas, que se puseram a vesti-la.

— Não, realmente, minha boa amiga, este vestido não lhe fica bem — dizia Lisa, olhando a princesa de perfil, a uma certa distância. — Pede que te tragam o

outro, o massacat. É que realmente tens de te lembrar de que é talvez o teu destino que se vai decidir. Este é muito claro, não te fica bem, não, não te fica bem.

O que lhe não ficava bem não era o vestido, mas, antes, a figura e o conjunto da sua própria pessoa; contudo nem Mademoiselle Bourienne nem a princesinha davam por isso. Afigurava-se-lhes que uma fita azul nos andaimes do cabelo — o tirar a charpa azul do vestido castanho, etc., seria o bastante para a embelezar. Esqueciam-se de que era impossível modificar uma cara espantada ou um corpo deselegante. Daí por mais que modificassem a moldura e a ornamentação, aquela cara continuava a ser a mesma, triste e feia. Depois de lhe terem feito experimentar duas ou três toilettes, ao que a princesa submissamente se sujeitou, depois de lhe terem feito um penteado alto, o que lhe mudava por completo a expressão e lhe desfeava ainda mais a cara, assim que pôs a charpa azul e o lindo vestido massacat, a princesinha veio passar duas ou três vezes em volta dela, com a sua mãozinha ajeitou-lhe uma prega, puxou aqui e ali a charpa azul e pôs-se a contemplá-la, primeiro de um lado, depois do outro, abanando a cabeça.

— Decididamente, não, não é possível! — exclamou com desespero. — Não. Maria, francamente, não lhe fica bem. Prefiro vê-la com o seu vestidinho cinzento de todos os dias. Não, por amor de Deus, faça isso por mim. Katia — disse para a criada de quarto —, traz o vestido cinzento à princesa. Vai ver. Mademoiselle Bourienne, como eu vou arranjar bem tudo isto. — Sorria antecipadamente da alegria artística que ia experimentar.

Quando Katia voltou com o vestido. Maria continuava sentada, imóvel, diante do toucador, e no espelho viu que os olhos se lhe enchiam de lágrimas e que os lábios, com a aproximação dos soluços, se lhe começavam a revolver, nervosos.

— Vamos, querida princesa — disse Mademoiselle Bourienne —, mais um pequeno esforço.

A princesinha, tomando o vestido das mãos da criada de quarto, aproximou-se de Maria.

— Bem, agora vamos experimentar uma coisa muito simples, muito galante — disse ela.

A sua voz, a de Mademoiselle Bourienne e a de Katia, que ria sem saber porquê, misturadas, pareciam um chilrear de pássaros.

— Não, deixe-me — disse a princesa.

Havia na sua voz um acento tão grave e tão doloroso que o chilrear cessou imediatamente. Todas três compreenderam, pela expressão dos seus olhos grandes e belos, cheios de lágrimas e de gravidade, olhando-as, suplicantes, ser inútil e até cruel insistirem.

— Ao menos, mude de penteado — intercedeu a princesinha. — Eu não lhe dizia? — acrescentou ela, dirigindo-se a Mademoiselle Bourienne. — Este género de penteado não fica bem com a figurinha de Maria. Nada, nada bem. Por amor de Deus, mude.

— Deixe-me, deixe-me, tudo isso me é indiferente — replicou ela com a voz afogada em soluços.

Mademoiselle Bourienne e a princesinha foram obrigadas a reconhecer que Maria, naquele trajo, ficava muito feia, mais feia do que nunca; mas era tarde. E ela olhava-as com aquele ar que elas muito bem conheciam, o seu ar triste e cismático. Não que aquela expressão lhes metesse medo. Medo, eis o que Maria nunca lhes poderia inspirar. Mas elas sabiam perfeitamente que quando ela ficava com aquele ar se fechava, calada e imutável nas suas resoluções.

— Vai mudá-lo, não vai? — disse-lhe a princesinha. Não obtendo, porém, qualquer resposta saiu do quarto.

Maria ficou só. Não atendeu o conselho e não só não mudou de penteado como nem sequer se dignou olhar para o espelho. Ali ficou calada e sem forças, os olhos baixos e as mãos inertes. E pôs-se a sonhar. Via diante de si o marido, esse ser poderoso, dominador, dotado de uma incompreensível sedução, que a levava consigo, subitamente, para outro mundo, um mundo de venturas muito diferente daquele em que ela vivia. E via um filho, colado o bico do seio, como aquela criança que lobrigara ainda na véspera em casa da filha da que fora sua ama. O marido, ao pé dela, olhava-os com ternura, a ela e ao filho. «Não, não, não é possível. Sou muito feia!», exclamava para si mesma.

— O chá está na mesa. O príncipe vem aí — disse atrás da porta a criada de quarto.

Estremeceu, apavorada com o sonho que tivera. Antes de descer, dirigiu-se ao oratório, e, pousando os olhos no negro perfil da imagem do Salvador, que a lamparina iluminava, assim ficou algum tempo, de mãos postas. Na sua alma tremendas dúvidas se levantavam. Estaria ela, realmente, fadada para as alegrias do amor, do amor terreno, do amor de um homem? Em seus sonhos matrimoniais

entrevia a felicidade do lar, dos filhos, mas o seu sonho mais secreto e poderoso era o próprio amor. E esse sentimento era nela tanto mais forte quanto era certo escondê-lo quer aos olhos dos outros, quer aos seus próprios. «Deus meu», dizia ela, «como poderei eu sufocar no meu coração estes pensamentos diabólicos? Que hei-de eu fazer para renunciar definitivamente a estes maus pensamentos e cumprir em paz a Tua vontade?» E, mal balbuciara a sua súplica, já Deus lhe respondia no fundo do seu coração: «Não desejes nada para ti própria; não procures nada, não te perturbes, não invejes ninguém. Tanto o futuro, como o teu destino, devem conservar-se-te ocultos; mas comporta-te de maneira a estares preparada para tudo. Se aprouver a Deus fazer-te passar pelas obrigações do matrimónio, bom será estares pronta para cumprir a Sua vontade.» Tranquilizada por estes pensamentos, sem perder a esperança de ver realizado o seu sonho de amor terreno, benzeu-se suspirando e preparou-se para descer ao salão, sem pensar mais na toilette, nem no penteado, nem na maneira como ia apresentar-se, nem no que iria dizer. Que importância poderiam ter todas essas misérias ao pé dos desígnios de Deus, d'Aquele sem a vontade do qual nem um só cabelo pode cair da cabeça do homem?

[IV]

Quando a princesa Maria chegou, já o príncipe Vassili e o filho se encontravam no salão, conversando com a princesinha e Mademoiselle Bourienne. Entrou com o seu passo pesado, batendo os tacões. Os senhores e Mademoiselle Bourienne levantaram-se enquanto a princesinha, apontando para ela, exclamava: — Cá está a Maria! — Maria percorreu-os com um olhar e nenhum pormenor lhe escapou. Viu o príncipe Vassili, que tomara, por momentos, um ar grave ao vê-la e se pusera em seguida a sorrir, e viu a princesinha, que procurava ler nos olhos dos visitantes a impressão que ela. Maria, lhes causava. Viu Mademoiselle Bourienne, com a sua fita no cabelo e a sua tez colorida, o olhar mais animado do que nunca, fixado nele; mas ele, ele não lhe foi possível a ela vê-lo: entreviu vagamente uma criatura alta, de pele clara, bonito rapaz, que avançava ao seu encontro.

O príncipe Vassili foi o primeiro a beijar-lhe a mão: Maria pousou os lábios

sobre a testa calva inclinada para ela e em resposta aos cumprimentos do príncipe disse conservar dele uma excelente recordação. Anatole aproximou-se em seguida. Maria continuava sem o ver. Sentiu apenas uma mão suave e forte que lhe tomava a dela, e com os lábios aflorou uma testa branca sobre a qual belos cabelos castanhos cheiravam a cosmético. Quando, por fim, olhou para ele, a beleza de Anatole impressionou-a. O filho do príncipe Vassili, o dedo polegar da mão direita enfiado na lapela do uniforme, o peito arqueado, o busto bem direito, balançando a perna livre e a cabeça ligeiramente inclinada, fitava a princesa com olhos joviais, sem dizer palavra, pensando, evidentemente, noutra coisa. Anatole nem era inventivo nem de compreensão rápida, nem sequer eloquente a conversar, mas tinha, no entanto, uma qualidade preciosa em sociedade: serenidade e segurança, uma segurança que nada seria capaz de abalar. Quando um homem pouco seguro de si se cala a primeira vez que vê alguém, com plena consciência do que há de indecoroso no seu silêncio e dando tratos à imaginação para encontrar um tema de conversa, o efeito não é bom; Anatole, porém, ali estava, sem dizer nada, balançando a perna e observando, jovial, o penteado da princesa. Era evidente ser-lhe fácil conservar-se assim calado por muito tempo. «Se o meu silêncio os incomoda, porque não falam? Cá por mim, não me interessa», parecia querer dizer. Além disso, no seu trato com mulheres. Anatole procedia sempre de maneira que começava por despertar nelas curiosidade, depois perturbação e por fim amor: afirmava, desdenhoso, a sua superioridade. Dir-se-ia proclamar: «Ah, sim, eu conheço-vos muitíssimo bem, muitíssimo bem, mas para que me hei-de eu incomodar com isso? Grande prazer lhes dava, está claro!» É muito possível que não pensasse nada disto quando ao pé das mulheres, e ,_ mesmo muitíssimo provável que nada pensasse de todo, visto a reflexão não ser o seu forte. Todavia era isso mesmo que o seu aspecto e as suas maneiras diziam. Tudo isso a princesa adivinhou, e, desejosa de lhe demonstrar quão longe dela estava o pretender ocupar-lhe os ócios, voltou-se para o velho príncipe. Estabeleceu-se uma conversa animada e geral, graças, principalmente, à tagarelice da princesinha e à acção do seu làbiozinho de buço ligeiro, que lhe descobria os dentes brancos. Trocava então com o príncipe Vassili essa espécie de gracejos, moeda corrente entre pessoas loquazes, que consistiam em ditos de espírito desde muito admitidos entre os dois interlocutores, em graciosas e divertidas reminiscências pressupostas do conhecimento de ambos somente,

embora não houvesse, nem nunca tivesse havido, entre a princesinha e Vassili recordações de tal género. Vassili prestava-se de bom grado a esse jogo; a princesinha apresentava como reminiscências casos facetos, que nunca se haviam dado, em que aparecia o nome de Anatole, que ela, por assim dizer, não conhecia. Mademoiselle Bourienne tomava parte na conversa geral e até a princesa Maria se sentia prazenteiramente arrastada naquela incontinência de alegres historietas.

— Aqui, pelo menos, temo-lo todo para nós, meu caro príncipe — dizia a princesinha, claro está que em francês. — Não é como nas soirées em casa de Annette; aí consegue sempre escapar-se-nos. Lembra-se da querida Annette?

— Ah! Mas não diga que vai falar de política como Annette! — E a nossa mesinha de chá?

— Ah, sim!

— Porque é que nunca ninguém o via em casa dela? — perguntou a princesinha a Anatole. — Ah!, já sei, já sei — prosseguiu, piscando o olho. — O seu irmão Hipólito contou-me as suas aventuras. Oh! — Ameaçou-o com o dedo. — E em Paris, também. Sei de todas as suas rapaziadas.

— E o Hipólito não te contou — interrompeu o príncipe Vassili, dirigindo-se ao filho e detendo a princesinha por um braço, como se ela quisesse fugir e ele a retivesse a tempo. — Não te contou que andava louquinho por uma encantadora princesa e que ela correu com ele?

— Oh! É a pérola das mulheres, princesa! — acrescentou, dirigindo-se à princesa Maria.

Pelo seu lado Mademoiselle Bourienne, ao ouvir falar de Paris, não perdeu a oportunidade para aludir às suas recordações, misturando-se na conversa geral.

Permitiu-se perguntar se havia muito já que Anatole estivera em Paris, e que pensava dessa estada. Anatole respondeu-lhe com muita satisfação, e fitando-a, a sorrir, pôs-se a falar-lhe da pátria.

A presença da bonita Bourienne levava-o a pensar que, decididamente, até mesmo ali, em Lissia Gori, se não aborreceria. «Não é nada mal!», dizia de si para consigo, mirando-a, «não é nada mal esta dama de companhia. É de crer que a há-de conservar quando estivermos casados. A pequena é gentil.»

O velho príncipe, no seu gabinete, não se dava pressa em vestir-se; franzia as sobrancelhas, pensando no que ia fazer. A chegada dos hóspedes irritara-o. «Quero

lá saber do príncipe Vassili e do filho! Vassili é um fanfarrão, um vazio, e o filho, deixa estar, há-de ser fresco!», resmungava de si para consigo. O que sobretudo o irritava era que aquela visita vinha levantar um problema, ainda não resolvido e a todo o momento adiado, um problema em relação ao qual ele se ia iludindo a toda a hora: c, problema de saber se alguma vez se decidiria a separar-se de Maria e a arranjar-lhe marido. Nunca se resolvia a enfrentá-lo a sério, sabendo de antemão não lhe dar uma solução que não fosse equitativa, e que essa equidade ainda lhe contrariava mais os hábitos de vida que os sentimentos íntimos. Não lhe era possível conceber a existência sem a filha, embora aparentemente não a estimasse muito. «E então porque casá-la?», pensava, «para ser infeliz, naturalmente. Aí está a Lisa, que casou com o André, e onde encontrar hoje em dia um melhor marido? Pois bem, quem pode dizer que ela está contente com a sorte? E quem é que vai casar com Maria por amor? É feia, é desajeitada. Com ela só casa quem lhe agrade a sua posição, o seu dinheiro. Pois não há solteironas que se arranjam? Mais feliz seria realmente!» Eis o que ia ruminando, entre dentes, enquanto se vestia, o príncipe Nicolau Andreitch, ao mesmo tempo que o problema sempre adiado pedia uma solução imediata. Evidentemente que o príncipe Vassili trouxera o filho consigo na intenção de apresentar um pedido, e, na melhor das hipóteses, hoje ou amanhã, exigiria dele uma resposta clara. Claro, tanto o nome como a situação, tudo estava certo. «Sim, não me oponho», dizia de si para consigo, «mas será ele digno dela? Enfim, é o que vamos ver.»

«Sim, é o que vamos ver! », concluiu em voz alta, «é o que vamos ver.»

E no seu passo, decidido como sempre, penetrou no salão, lançou rapidamente um olhar em roda, notando a mudança de toilette da princesinha, as fitas de Mademoiselle Bourienne, o medonho penteado da princesa Maria, os sorrisos da francesa e do Anatole e o isolamento da filha no meio da conversa geral. «Arranjou-se como uma parva!», pensou olhando iracundo para Maria. «E não tem vergonha; e ele, que nem sequer se preocupa com ela.» Encaminhou-se para o príncipe Vassili.

— Como está? Como está? Muito prazer em vê-lo.

— Para ver um amigo, sete verstas não se pode dizer que seja muito — disse o príncipe Vassili, falando rápido, como sempre, com segurança e num tom familiar. — Aqui tem o meu benjamim, deixe que eu lho apresente.

O príncipe Nicolau Andreitch mirou Anatole dos pés à cabeça.

— Um rapagão! Um rapagão! — exclamou. — Dá cá um beijo. — E apresentou-lhe a cara.

Anatole beijou o velho, observando-o curioso e com perfeita serenidade, sempre à espera de uma dessas suas excentricidades de que o pai tanto lhe falara,

O príncipe Nicolau Andreitch sentou-se no seu lugar habitual, num dos cantos do divã, puxou uma poltrona para que o príncipe Vassili viesse sentar-se junto dele, apontou-lha, e pôs-se a interrogá-lo sobre a política e as últimas novidades. Parecia escutar com atenção as palavras de Vassili; a cada passo, porém, olhava para a princesa Maria.

— Isto é, estão já a escrever de Postdam? — iriquiriu, repetindo o que acabava de dizer Vassili, mas de súbito levantou-se aproximou-se da filha.

— E foi por causa das visitas que te vestiste desta maneira? — disse-lhe. — Realmente estás linda, muito linda. Arranjaste um novo penteado para os nossos hóspedes e eu tomo a liberdade de te dizer na presença deles que será bom que de futuro te não tornes a lembrar de te mascarares sem o meu consentimento.

— Fui eu, meu pai, quem teve a culpa — interveio a princesinha corando.

— O seu caso é outro, pode fazer o que quiser — disse Nicolau Andreitch, com uma reverência.— A Maria não precisa de se fazer feia; feia já ela é.

E retomou o seu lugar, sem se preocupar com as lágrimas que saltavam dos olhos da filha.

— Não, não, acho que este penteado fica muito bem à princesa — interveio o príncipe Vassili.

— Bom, meu jovem príncipe, como é que te chamas? — disse Nicolau Andreitch, dirigindo-se a Anatole— Vem cá, vamos conversar um pouco, travar relações.

«Lá vai principiar a farsa», murmurou Anatole entre dentes, e foi sentar-se, sorrindo, ao pé do velho príncipe.

— Com que então, segundo ouvi dizer, foi educado no estrangeiro. Não foi como nós, teu pai e eu, que aprendemos as primeiras letras com um diácono. Dize-me cá, então estás actualmente na Guarda montada? — inquiriu o velho, fitando Anatole de perto e fixamente.

— Não. Passei para o exército activo — replicou Anatole, perdido de riso.

— Ah!, muito bem! Quer dizer que estás disposto a servir o czar e a pátria. Estamos em guerra. Um rapagão como tu deve alistar-se no exército. E estás na

frente?

— Não, príncipe, o meu regimento é que já foi. Mas eu faço parte... De que é que eu faço parte, pai? — perguntou, rindo, ao pai.

— Bom soldado, bom soldado, não há dúvida, mas um soldado que pergunta: «De que é que eu faço parte?» Ah! Ah! Ah! — e Nicolau Andreitch pôs-se a rir.

Anatole ainda riu com mais vontade. De súbito, o príncipe Nicolau Andreitch franziu as sobrancelhas.

— Bom, podes ir, agora podes ir — disse ele. Anatole, sorrindo, voltou para junto das senhoras.

— Com que então mandaste-o educar no estrangeiro, príncipe Vassili, não é verdade? — perguntou o velho príncipe.

— Fiz o que pude; de resto, sempre lhe direi que a educação lá fora, é muito preferível à nossa.

— Sim, hoje tudo é diferente, tudo é à moda nova. É um belo rapaz! Um rapagão Agora anda daí para o meu gabinete.

Tomou o príncipe Vassili por um braço e levou-o consigo para dentro.

Mal se viu a sós com o velho príncipe. Vassili pôs-se logo a falar-lhe do seu desejo e das suas intenções.

— Que é que tu supões? — disse o velho príncipe furioso. — Que eu a prendo, que me não posso separar dela? Que ideia! protestou zangado. — Amanhã, se quiseres, posso dar-te uma resposta. Mas deixa-me dizer-te que quero examinar melhor o meu genro. Conheces os meus princípios: tudo às claras. Ama— nhã interrogá-la-ei na tua presença. Se ela estiver de acordo, então ele que fique aí. Que fique aí, quero examiná-lo... — Resfolegou, como era seu hábito. — Pois que case com ele, para mim tanto me faz! — gritou, com aquela voz retumbante com que dissera adeus ao filho,

— Devo falar-lhe francamente — disse o príncipe Vassili, no tom de um homem hábil, mas convencido da inutilidade de qualquer manha perante um interlocutor perspicaz.— Vejo que sabe conhecer as pessoas. O Anatole não é um génio, mas é honesto e bom rapaz, excelente filho e parente.

— Bem, bem, depois veremos.

Como costuma acontecer com as mulheres que vivem muito tempo isoladas, longe do convívio dos homens, as três senhoras da casa do príncipe Nicolau, diante de Anatole, sentiram que a vida que até ali tinham levado não era vida. Foi como

se repentinamente se lhes multiplicasse a faculdade de pensar, de sentir, de observar. Dir-se-ia que a existência lhes havia decorrido até então no meio das trevas e que de um momento para o outro uma nova e poderosa luz a iluminara.

A princesa Maria deixara de pensar na sua feia figura e no seu penteado. A bela e aberta expressão daquele homem, talvez um dia seu marido, absorveu-lhe por completo os sentidos. Parecia-lhe bom, grave, decidido, corajoso e magnânimo: e sobre isso não havia dúvidas. Milhares de sonhos futuros a cada momento lhe enchiam a imaginação. Repelia-os e esforçava-se por dissimulá-los.

«Mas não estarei eu a ser muito fria para com ele?», dizia consigo mesma. «Faço o que posso por me conter, porque no fundo do meu coração já me sinto muito perto dele. Mas, claro está, ele ignora tudo o que eu penso dele e pode supor que me não agrada.» E Maria fazia o possível, sem o conseguir, por se mostrar amável com o recém-chegado, «Que horrivelmente feia é esta pobre rapariga!», dizia Anatole consigo mesmo, pensando em Maria.

Mademoiselle Bourienne, muito excitada também com a chegada Anatole, fervilhava de pensamentos, mas de outra natureza. Claro está que esta linda rapariga, sem situação bem definida na sociedade, sem pais, sem amigos, até mesmo sem pátria, não estava disposta a acabar os seus dias ao serviço de Nicolau Andreitch, lendo-lhe livros e fazendo companhia à princesa Maria. Desde há muito que Mademoiselle Bourienne esperava a chegada de um príncipe russo capaz de perceber repentinamente a sua superioridade sobre as princesas da sua pátria, feias, mal vestidas, acanhadas, e que dela se enamoraria e a raptaria, e eis que, finalmente, o príncipe russo ali estava em carne e osso. Mademoiselle Bourienne tinha à sua disposição todo um romance que ouvira contar a urna tia e a que ela própria se encarregava de dar um desfecho; tinha-o ali pronto na imaginação. Era esse romance a história de urna jovem seduzida perante quem aparece a pobre mãe, que a censura por se ter dado a um homem fora do casamento. Mademoiselle Bourienne comovia-se por vezes até às lágrimas quando, em imaginação, lhe contava esta história, a ele, ao sedutor. E eis que, finalmente, ali estava o sedutor, o esperado príncipe russo. Ia raptá-la, depois aparecia a minha pobre mãe, e acabava por casar com ele. Era assim que todo o seu futuro romance se lhe arquitectava na cabeça enquanto falava de Paris com Anatole. Não era o interesse que guiava Mademoiselle Bourienne; nem um só momento tinha pensado no que faria, mas estava tudo já tão bem preparado em seu cérebro que

a história inteira não tinha mais que agrupar-se em tomo da personagem que subitamente aparecera e a quem ela de todo o coração procurava agradar o mais possível.

A princesinha, como um velho cavalo de batalha ao ouvir o clarim, preparava-se, inconscientemente e sem pensar na sua posição, para tornar o galope ordinário da coquetterie, sem qualquer pensamento reservado, sem esforço, mas com uma ingénua e jovial frivolidade.

Embora Anatole no meio das mulheres assumisse habitualmente a atitude de um homem farto da sua corte, o certo é que sentia uma certa vaidade em ver o efeito que causava naquelas três. Além disso, não tardou a sentir pela bonita e provocante Bourienne um movimento de paixão bestial, que nele se desenvolveu com uma rapidez extraordinária, e capaz de o arrastar aos actos mais brutais e audaciosos.

Depois do chá passaram à sala, do divã. A princesa foi instada para que tocasse. Anatole, diante dela, apoiado nas mãos e os cotovelos em cima do cravo, ao lado de Mademoiselle Bourienne, fixava em Maria os olhos risonhos e alegres. Esta sentia-lhe os olhos pousados nela com uma alegria em que se misturava certa angústia. A sua sonata favorita, transportava-a a um mundo pleno de poesia intima e o olhar pousado nela ainda a tornava mais poética. De facto, esse olhar procurava-a, mas na realidade não a, fixava a ela, fixava Mademoiselle Bourienne, a quem Anatole, debaixo do piano, pisava o pequenino pé nervoso. Mademoiselle Bourienne olhava também a, princesa. Nos seus lindos olhos havia como que um alegre receio e uma espécie de expectativa, coisas que a princesa nunca tinha visto neles.

«Como ela gosta de mim!», ia dizendo Maria para si mesma. «Que feliz que eu sou neste momento e quão mais feliz hei-de vir a ser com um tal companheiro e um tal marido! Virá ele a ser meu marido?», repetia consigo mesma, sem ousar olhá-lo de frente, persuadida de que ele continuava a fitá-la.

A noite, quando, depois da ceia, tiveram de se separar. Anatole beijou a mão da princesa. Sem saber donde lhe viera a audácia. Maria ergueu a vista para o formoso rosto que se aproximava de seus olhos míopes. Depois de ter beijado a mão de Maria. Anatole beijou igualmente a de Mademoiselle Bourienne: não era muito correcto, mas tudo quanto ele fazia era tão desprendido e tão simples! Mademoiselle Bourienne corou muito, fitando, receosa, a princesa. «Que

delicadeza!», pensou Maria. «Passará pela cabeça da Amélia (assim se chamava Mademoiselle Bourienne) que eu possa ter ciúmes dela e não lhe aprecie a ternura e a dedicação?» E, aproximando-se, beijou-a afectuosamente. Anatole acercou-se em seguida da princesinha, para lhe beijar a mão.

— Não, não e não! Quando o seu pai me mandar dizer que se porta bem, dar-lhe-ei a minha mão a beijar. Antes, não. — E abalou, sorrindo, enquanto o ameaçava com o dedo.

[V]

Cada qual foi para o seu quarto, e a não ser Anatole, que logo adormeceu, ninguém pôde dormir bem naquela noite. «Virá ele a ser meu marido, este homem, que me não é nada neste momento, mas é tão belo e tão bom, sim, sobretudo tão bom?», dizia Maria consigo mesma, sentindo que um grande terror, um terror desconhecido, se apossava dela. Não tinha coragem de voltar a cabeça. Afigurava-se-lhe estar alguém ali atrás do biombo, no canto escuro. E esse alguém devia ser o Demónio, esse homem de testa branca, sobrancelhas pretas e boca rosada.

Tocou para a criada e pediu-lhe que ficasse ali, no seu quarto.

Mademoiselle Bourienne, nessa noite, passeou longamente no jardim de Inverno, esperando debalde alguém, e ora sorria, ora os olhos se lhe enchiam de lágrimas, pensando na pobre mãe imaginária a dirigir-lhe amargas censuras.

A princesinha ralhou com a criada de quarto porque a cama estava mal feita. Não podia deitar-se nem de lado nem de qualquer outra maneira. Sentia-se mal e incomodada em todas as posições. Pesava-lhe o fardo que trazia consigo. E pesava-lhe tanto mais naquele dia quanto era certo Anatole lembrar-lhe uma época da sua vida em que ela assim não estava e em que para ela tudo era divertimento e alegria. Sentara-se numa poltrona de roupão e touca de dormir. Katia, cheia de sono, a tranca caída, batia e revolvia pela terceira vez o grosso colchão de penas, resmungando fosse o que fosse.

— Estou farta de te dizer que está cheio de tortumelos — protestava — tomara eu poder dormir, não é minha a culpa... — E voz tremia-lhe, como a de

uma criança prestes a chorar.

Também o velho príncipe não podia sossegar. Tikon, mesmo dormir, ouvia-o de um lado para o outro, furioso, resfolegando pelo nariz. Afigurava-se ofendido na pessoa da filha. E essa era maior das ofensas, porque o visava não a ele, mas a outrem, essa filha a quem ele queria mais do que a si próprio. De si para consigo ia dizendo que iria pensar em tudo aquilo e que acabaria por encontrar o que seria justo e necessário dizer, mas não conseguia senão enervar-se mais ainda. «Basta aparecer o primeiro e esquece-se de tudo, inclusivamente do seu pai, e vá de se meter no quarto, de arranjar o penteado, de estar toda desassossegada e de não parecer sequer já um ser humano! Ah!, que contente em deixar o pai! E sabia perfeitamente que eu logo daria por isso. — Resfolegou várias vezes pelo nariz— Como se eu não visse que aquele imbecil só tem olhos para a Bourienne. Temos de a pôr na rua! Como é que uma pessoa pode ter tão pouco pudor que não dá por isso? Já que o não tem por ela, ao menos que o tivesse por mim. É preciso fazer-lhe ver que aquele idiota não lhe liga importância alguma, que só pensa na Bourienne. Se não tem pudor, eu me encarrego de lhe abrir os olhos...»

Dizer à filha que estava enganada, que Anatole não queria senão arrastar a asa à Bourienne, eis o que seria espicaçar o amor-próprio de Maria, e o velho príncipe sabia-o, e sabia que assim a causa estava ganha, isto é, que assim o seu desejo de se não separar da filha acabaria por triunfar. E acabou por se sentir tranquilo. Chamou o Tikon e principiou a despir-se. «Foi o Diabo que no-lo trouxe aqui!», dizia de si para consigo, enquanto Tikon lhe enfiava a camisa de dormir no corpo descarnado, por cima do peito coberto de um velo de cabelos brancos. «Não fui eu quem os mandou vir. Vieram para me perturbar a vida, a mim, que já pouca tenho para viver.»

— Diabos os levem! — vociferou, enquanto enfiava a camisa. Tikon estava habituado a ouvir o amo falar sozinho, por isso acolheu, sereno, o olhar interrogador e furioso que emergia da camisa.

— Foram-se deitar? — perguntou o príncipe.

Tikon, como todo o bom criado, conhecia à légua a direcção dos pensamentos do amo. Compreendeu que se referia ao príncipe Vassili e ao filho.

— Sim. Excelência, dignaram-se deitar e apagar a luz.

— Que tenho eu com isso, que tenho eu, com isso?! — exclamou o velho, e enfiando as pantufas e envergando o roupão estendeu-se em cima do divã onde

costumava dormir.

Embora se não tivesse trocado uma palavra entre Anatole e Mademoiselle Bourienne, ambos se tinham compreendido perfeitamente, pelo menos no que toca à primeira parte do romance, antes da intervenção da minha pobre mãe. Os dois haviam compreendido que muita coisa gostariam de dizer em segredo um ao outro. Eis porque, no dia seguinte logo pela manhã, procuraram uma oportunidade de se verem a sós. A hora em que a princesa costumava visitar o pai em seus aposentos encontrava-se Mademoiselle Bourienne corri Anatole no jardim de Inverno.

Nesse dia Maria toda era tremuras ao aproximar-se do gabinete do pai. Afigurava-se-lhe não só toda a gente saber que ia decidir-se do seu destino, mas que toda a gente sabia também não pensar ela noutra coisa. Eis o que ela leu na cara de Tikon, que ia com água quente, e com quem cruzou no corredor, e a cumprimentou cheio de humildade.

Nessa manhã o príncipe foi muito amável e atencioso para com a filha. A princesa conhecia muitíssimo bem os modos amenos do pai. Costumava mostrar-se-lhe assim quando cerrava os punhos, colérico por ela não compreender qualquer problema de aritmética, levantando-se, dando alguns passos e vindo depois repetir-lhe as explicações numa voz aparentemente calma.

Entrou logo no assunto e principiou a conversa tratando-a por «senhora».

— Fizeram-me uma proposta a seu respeito — disse ele, sorrindo contrafeito. — Já deve ter adivinhado que não é pelos meus bonitos olhos que o príncipe Vassili me veio visitar e trouxe consigo o pupilo. — Não se sabe bem porque é que Nicolau Andreitch se obstinava em chamar a Anatole «pupilo». — Ontem fizeram-me uma proposta a seu respeito. E como conhece os meus princípios, julguei-me no dever de lhe falar.

— Como é que eu o hei-de compreender, meu pai? — disse a princesa, corando e empalidecendo ao mesmo tempo.

— Como é que me hás-de compreender?! — exclamou o pai, colérico. — O príncipe Vassili acha-te boa para nora e faz-te uma proposta para o pupilo. É isto que há que compreender. Como é que hás-de compreender-me?... Mas é a ti que eu estou a interrogar.

— Não sei como o senhor, meu pai — murmurou a princesa.

— Eu? Eu? Mas trata-se de mim? Não te incomodes comigo. Não sou eu quem

se casa. Que é que pensas? É isto que eu gostaria de saber.

A princesa viu perfeitamente que o pai não encarava o caso de maneira favorável, mas naquele momento percebeu que o destino de toda a sua vida se tinha de decidir então ou nunca mais. Baixou os olhos, para evitar o olhar que a privava de todo da faculdade de pensar, não lhe deixando mais que a da sujeição, e disse:

— Não pretendo senão uma coisa; cumprir a sua vontade, meu pai, mas se fosse necessário exprimir o meu desejo...

Não teve tempo de acabar. O príncipe interrompeu-a.

— Muito bem! — gritou. — Ele levar-te-á com o teu dote ao mesmo tempo que irá beliscando a Mademoiselle Bourienne. Ela é que será a mulher; quanto a ti...

O príncipe calou-se. Viu o efeito que as suas palavras produziam na filha. Esta baixou a cabeça; estava quase a chorar.

— Bem, bem, estou a brincar, estou a brincar — articulou ele. — Lembra-te bem disto, princesa: o meu princípio é que a filha tem pleno direito de escolher. E dou-te inteira liberdade. Lembra-te apenas que da tua decisão dependerá a felicidade de toda a tua vida. Não tens de te preocupar comigo.

— Mas eu não sei.., meu pai.

— Não, não tens nada que te preocupar! Ele casará com quem lhe disserem que há-de casar; se não fores tu, será qualquer que apareça; mas tu, tu tens a liberdade de escolher... Vai para o teu quarto, pensa, pensa bem, e volta dentro de uma hora, para dizeres diante dele sim ou não. Bem sei que vais orar a Deus. Reza, se é essa a tua vontade, mas farias melhor se pensasses. Bom, vai... Sim ou não, sim ou não, sim ou não! — gritou-lhe enquanto ela, cambaleando, como no meio de um nevoeiro, saía do gabinete.

O destino estava decidido, e decidido favoravelmente. A alusão que o pai fizera a Mademoiselle Bourienne era terrível. Era falsa, com certeza, mas ainda assim medonha, e o certo é que ela não podia deixar de pensar nisso. Seguia, avançando a direito pelo jardim de Inverno, quando o sussurrar de urna voz muito sua conhecida — a de Mademoiselle Bourienne -lhe chamou a atenção. Ergueu os olhos e a dois passos viu Anatole com a francesa enlaçada, murmurando-lhe fosse o que fosse de terno ao ouvido. Anatole encarou Maria. Uma expressão de furor se lhe pintou no formoso rosto, e no primeiro momento não soltou sequer a cintura

de Mademoiselle Bourienne, que não tinha visto a princesa.

«Quem está aí? Que me querem? Esperem um bocado!», era o que se lhe lia na cara. A princesa olhou para os dois sem dizer palavra. Não conseguia compreender o que se estava a passar. Por fim. Mademoiselle Bourienne soltou um grito e fugiu. Anatole, muito sorridente, fez uma reverência a Maria, como se a estivesse a convidar a rir com ele daquele acontecimento estranho, e, encolhendo os ombros, dirigiu-se para a porta que conduzia aos seus aposentos.

Uma hora depois. Tikon veio chamar a princesa Maria. Pedia-lhe que se apresentasse ao príncipe, acrescentando estar presente também o príncipe Vassili. No momento em que Tikon chegou estava a princesa Maria sentada no divã, com Mademoiselle Bourienne nos braços, que soluçava. Passava-lhe carinhosamente a mão pelos cabelos. Os seus lindos olhos, tão serenos e luminosos como antes, pousavam-se com uma enternecida compaixão na linda carinha de Mademoiselle Bourienne.

— Não, princesa, estou perdida para sempre no seu coração — dizia esta.

— Porquê? Cada vez gosto mais de si — replicava Maria — e tudo farei que esteja nas minhas mãos para que seja feliz.

— Mas despreza-me, tão pura como é, nunca poderá compreender estes desvarios da paixão. Ah!, só a minha pobre mãe...

— Compreendo tudo — respondeu a princesa sorrindo tristemente. — Sossegue, minha amiga. Tenho de ir ter com meu pai disse ela, erguendo-se.

O príncipe Vassili, sentado, de pernas cruzadas, a caixa de rapé na mão, fingia-se extraordinariamente comovido, mas, rindo intimamente da sua extrema sensibilidade, teve um sorriso enternecido ao ver entrar Maria. Deu-se pressa em tomar a sua pitada de rapé.

— Oh!, querida, querida! — exclamou, levantando-se e tomando-lhe as duas mãos. Depois de soltar um suspiro, continuou: — O destino de meu filho está nas suas mãos. Decida, minha querida, minha doce Maria, a quem sempre quis como a uma filha.

Afastou-se dela. Aos olhos afloravam-lhe verdadeiras lágrimas.

O príncipe Nicolau Andreitch pôs-se a resfolegar pelas narinas.

— O príncipe, em nome do seu pupilo, não, do seu filho, acaba de me pedir a tua mão — pronunciou ele, numa voz forte. — Queres, sim ou não, ser a mulher do príncipe Anatole Kuraguine? Responde por um sim ou por um não, que depois eu

me reservo o direito, pela minha vez, de exprimir a minha opinião. Sim, a minha opinião, e apenas a minha opinião — acrescentou para o príncipe Vassili, que assumira uma expressão de súplica. — Diz sim ou não!

— O meu desejo, meu pai, é não o deixar nunca, e de nunca separar a minha vida da sua. Não me quero casar — disse com decisão, fitando com os seus belos olhos o pai e o príncipe Vassili.

— Tolices! Loucuras! Parvoíces, parvoíces! — exclamou o pai, franzindo as sobrancelhas. Pegou na mão da filha, puxou-a para si e, sem a beijar, aproximou da sua a cara dela, aflorou-a e apertou-lhe a mão, e com tanta força que ela não pôde deixar de, soltar um grito de dor.

O príncipe Vassili levantou-se.

— Minha querida, dir-lhe-ei que é este um momento que eu nunca esquecerei; mas, minha querida, será possível que não nos dê um pouco de esperança, que um dia não possa vir a conquistar um lugar nesse coração tão bom, tão generoso? Diga que talvez... O futuro é grande. Diga: talvez.

— Príncipe, o que acabo de dizer é aquilo que sinto no meu coração. Agradeço-lhe a honra que me dá, mas nunca serei a mulher de seu filho.

— Bom, está tudo acabado, meu caro. Muito prazer em ver-te. Bom, vai-te embora, princesa. É verdade, gostei muito, muito de te ver — repetia o velho príncipe, abraçando o príncipe Vassili.

«A minha vocação não é esta», pensava a princesa Maria, «a minha vocação está em sentir outra felicidade, a felicidade que dá o amor e o sacrifício. E, custe o que custar, hei-de fazer a felicidade da pobre Amélia. Como ela gosta dele! Está tão arrependida! Hei-de fazer tudo para os casar. Se ele não é rico, eu me encarregarei de lhe arranjar recursos a ela. Hei-de pedir a meu pai! Hei-de pedir ao André! Sentir-me-ei tão feliz quando eles casarem! Que infeliz ela é, estrangeira, isolada, sem o auxílio de ninguém! Ah!, meu Deus! É preciso que ela goste muito dele para ter perdido a cabeça a este ponto. E quem sabe se eu, no seu lugar, não faria a mesma coisa!...»

Há muito tempo já que os Rostov estavam sem notícias de Nicolau. Só em meados do Inverno entregaram ao conde uma carta em cujo endereço ele reconheceu a caligrafia do filho. Ao receber esta carta, o conde, muito comovido, mas fazendo o possível para que ninguém o visse, correu, em bicos de pés, para o seu gabinete e aí se fechou a lê-la. Ana Mikailovna, ao saber do sucedido, pois dava por tudo o que acontecia em casa, penetrou no gabinete, em passos furtivos, e foi surpreendê-lo com a carta na mão, chorando e rindo ao mesmo tempo.

Ana Mikailovna, conquanto tivesse melhorado de situação económica, continua a viver em casa dos Rostov.

— Meu bom amigo?! — exclamou ela, num tom interrogativo e que traduzia uma simpatia a toda a prova.

O conde soluçou mais fortemente que nunca.

— É do Nikoluchka... Uma carta... Está ferido... Sim, minha querida, ferido. A condessinha... Foi promovido a oficial... Louvado seja Deus!... Como é que havemos de dizer isto à condessinha?...

Ana Mikailovna sentou-se ao lado do conde, enxugou-lhe as lágrimas com o lenço, as lágrimas que escorriam pelo papel, e depois as suas próprias. Leu a carta, consolou o conde e decidiu que ela própria prepararia a condessa antes do jantar e antes do chá, mas que depois lhe diria tudo, se Deus a ajudasse.

Durante todo o repasto falou Ana Mikailovna dos acontecimentos da guerra e de Nikoluchka. Por duas ou três vezes inquiriu quando haviam recebido a sua última carta, embora o soubesse muitíssimo bem, e deu a entender que talvez naquele mesmo dia viessem a receber nova carta. Todas as vezes que, ao ouvir estas alusões, a condessa manifestava inquietação e se punha a olhar, com olhos alarmados, quer para o conde, quer para Ana Mikailovna, esta, sem dar a impressão de intervir, procurava orientar a conversa para assuntos insignificantes. Natacha, a qual, como nenhum outro membro da família, apreendia os mais pequenos matizes da voz, do olhar e da expressão das pessoas, apurara o ouvido desde o princípio do jantar e via perfeitamente existir um segredo qualquer entre o pai e Ana Mikailovna, que esse segredo dizia respeito ao irmão e que Ana Mikailovna preparava o terreno. Apesar de toda a sua ousadia, sabendo quanto a mãe era sensível, a tudo o que dizia respeito a Nikoluchka, não se decidiu, durante o repasto, a formular qualquer pergunta, e Ião impaciente estava que não comeu e passou o tempo a voltar-se na cadeira, sem querer saber das observações da

preceptora. Porém, assim que a refeição terminou, ela aí vai como uma perdida atrás de Ana Mikailovna, e, sempre a correr, ao chegar à sala do divã, atirou-se-lhe ao pescoço.

— Tia, minha querida tia, diga lá o que aconteceu.

— Nada, minha filha.

— Ah!, tiazinha, minha pomba, minha querida, meu pesseguinho, não a largo, eu sei perfeitamente que sabe alguma coisa.

Ana Mikailovna abanou a cabeça.

— És muito esperta, minha filha — disse ela.

— É uma carta do Nikoluchka, não é verdade? — interrogou Natacha, lendo a confirmação na cara da tia.

— Mas, por amor de Deus, sê prudente! Tu bem sabes o que isso pode representar para tua mãe!

— Bem sei, bem sei, mas diga. Se não me diz tudo já, vou daqui direitinha...

Ana Mikailovna, em poucas palavras, resumiu-lhe o conteúdo da carta, com a condição de ela não contar a ninguém.

— Palavra de honra! — exclamou Natacha, benzendo-se. — Nada direi a ninguém.

E foi logo dali ter com Sónia.

— Nikolenka.., está ferido.., escreveu — anunciou muito contente e orgulhosa.

— Nicolau! — exclamou Sónia, empalidecendo.

Natacha, ao ver o efeito que a notícia do ferimento do irmão causava em Sónia, principiou a compreender o que havia de triste no que anunciava.

Lançou-se ao pescoço de Sónia, desfeita em lágrimas.

— Está um bocadinho ferido, mas foi promovido a oficial; já está bem, é ele próprio quem escreve — dizia ela, entre soluços.

— Bem se vê que vocês, mulheres, são todas umas choramingas — interveio Pétia, que andava de um lado para o outro no quarto— Por mim, estou contentíssimo, muito contente que o meu irmão se tenha distinguido assim. Vocês são todas umas choramingas! Não percebem nada.

Natacha, continuando a chorar, sorriu.

— Não leste a carta? — perguntou Sónia.

— Não, mas a tia disse-me que já tinha passado tudo e que ele agora era oficial.

— Louvado seja Deus! — exclamou Sónia, benzendo-se. — Mas talvez ela tenha estado a fazer pouco de ti. Vamos ter com a mãe.

Pétia continuava a caminhar de um lado para o outro do quarto.

— Se eu estivesse no lugar do Nikoluchka, ainda havia de, matar mais desses franceses — disse ele —, desses canalhas! Tantos havia de matar que faria um grande monte!

— Cala-te. Pétia! És parvo!...

— Eu não sou parvo, parvas são vocês, que choram por ninharias.

— Lembras-te dele? — perguntou, de súbito. Natacha, depois de um momento de silêncio.

Sónia sorriu.

— Se eu me lembro do Nicolau?

— Não, não é isso que eu quero dizer. Lembras-te de maneira a lembrares-te bem, a lembrares-te de tudo? — voltou Natacha, procurando fazer-se compreender bem, mesmo por gestos, e com um ar muito sério. — Eu lembro-me muito bem do Nikolenka, lembro-me muito bem. Já do Bóris me não lembro tão bem como isso. Não me lembro nada, mesmo...

— Quê? Não te lembras do Bóris? — perguntou Sónia, com espanto.

— Não é que eu me não lembre; sei muito bem como ele é, mas não me lembro dele como do Nikolenka. Quando fecho os olhos, veio-o, mas ao Bóris não sou capaz.— E ao mesmo tempo ia fechando os olhos. — Não, não sou capaz.

— Ah! Natacha! — exclamou Sónia, fitando a amiga com um ar solene e sério. Dir-se-ia considerá-la indigna de ouvir o que ela queria dizer e dirigir-se a qualquer outra pessoa com quem não se brinca. — Gosto do teu irmão, e aconteça o que acontecer nunca deixarei de gostar enquanto for viva.

Natacha, sem dizer palavra, fixou Sónia com um olhar curioso e surpreendido. Duvidava de que fosse verdade o que Sónia acabava de dizer, de que houvesse um amor como aquele de que ela falava. Mas por si não acreditava poder sentir nada parecido. Admitia que aquilo fosse possível, mas não o compreendia.

— Vais escrever-lhe? — perguntou.

Sónia pôs-se a pensar. Como havia ela de escrever ao Nicolau? Deveria fazê-lo? E que lhe havia de escrever? Eis perguntas que a atormentavam. Agora que ele era oficial, um herói e estava ferido, ficava-lhe bem, da sua parte, fazer-se lembrada e, de qualquer maneira recordar-lhe o compromisso que ele tinha

tomado para com ela?

— Não sei. Mas penso que desde que ele escreva, eu também lhe posso responder — retorquiu, corando.

— E não terás acanhamento de o fazer?

Sónia sorriu-se.

— Não.

— Eu teria vergonha de escrever ao Bóris; não o faria.

— E porque hás-de ter vergonha?

— Não sei. É assim. Custava-me, teria vergonha.

— Bom! Eu cá sei porque é que ela teria vergonha — interveio Pétia, ferido pelo que Natacha acabava de dizer —, é porque esteve embeiçada pelo gordo das lunetas. — Era assim que Pétia se referia ao seu homónimo, o novo conde Bezukov. — E agora está apaixonada por esse cantor. — Queria referir-se a um italiano, um professor de Natacha. — É por isso que ela tem vergonha.

— Pétia, tu és parvo! — disse ela.

— Tanto como tu, minha menina — tornou o garoto de nove anos que era Pétia, nem mais nem menos como um velho brigadeiro.

A condessa estava preparada pelas alusões de Ana Mikailovna durante o jantar. Recolhida ao seu quarto, não tirava os olhos da miniatura do filho na tampa da caixa de rapé e as pupilas enchiam-se-lhe de lágrimas. Ana Mikailovna, já com a carta na mão, aproximou-se em bicos de pés do quarto da condessa e deteve-se.

— Não entre — disse ela ao velho conde, que a seguia de perto. E fechou a porta.

O conde aproximou o ouvido da fechadura, para escutar. Primeiro apenas ouviu o ruído de uma conversa indiferente, em seguida a voz de Ana Mikailovna, que pregava um longo sermão, depois um grito, a que se seguiu um prolongado silêncio, finalmente duas vozes, cheias de joviais entoações, à mistura com um passarinhar. Daí a pouco. Ana Mikailovna veio abrir. Na sua cara transparecia o orgulho de um cirurgião que acaba de concluir uma amputação difícil e acolhe o público para que ele aprecie a sua destreza.

— Já está — disse ela para o conde, apontando, com um gesto vitorioso, a condessa, que numa mão tinha a caixa de rapé com a miniatura e na outra a carta, e que ia beijando ora uma ora outra coisa. Ao ver o conde, estendeu para ele as

suas duas mãos, envolveu nos seus braços a sua cabeça calva, sem deixar de contemplar a carta e o retrato e, para mais à vontade poder beijá-los, teve de afastar um pouco a cabeça do marido. Vera. Natacha. Sónia e Pétia entraram então no quarto e a leitura principiou. A carta descrevia em poucas palavras a campanha e as duas batalhas em que Nikoluncka tomara parte; dizia que fora promovido a oficial e que beijava as mãos do pai e da mãe, pedindo-lhes a sua bênção, e que enviava beijos para a Vera, a Natacha e o Pétia. Além disso mandava cumprimentos ao Sr. Scheling, a Madame Schoss e à ama, e pedia que abraçassem por ele a sua querida Sónia, de quem muito gostava e de quem sempre se lembrava. Nesta altura Sónia corou tanto que as lágrimas lhe vieram aos olhos, e, incapaz de sustentar os olhares que nela se fixavam, refugiou-se rio salão, a que deu a volta a correr. Depois fez uma pirueta, e, alargando a saia, acabou por se sentar no chão, muito corada, comovidíssima e sorrindo muito. A condessa chorava.

— Porque está a chorar, mãe? — perguntou Vera. — Tudo que ele diz nos deve alegrar e não entristecer.

Nada mais exacto, mas o conde, a condessa e Natacha olharam para ela com um ar de desaprovação, «Com quem é que ela se parece?», disse consigo a condessa.

A carta de Nikoluchka foi lida uma centena de vezes, e todos que eram considerados dignos de a ouvir foram convocados perante a condessa, que a tinha sempre consigo. Quando vieram os preceptores, a ama. Mitenka e muitas outras pessoas conhecidas a condessa leu-lhes a carta sempre com renovada satisfação e de cada vez descobria novas qualidades rio seu Nikoluchka. Era para ela qualquer coisa de estranho e de extraordinário e ao mesmo tempo um motivo de alegria que aquele filho, que ela sentira remexer nas suas entranhas vinte anos antes, aquele filho, motivo de não poucas discussões com o conde, que o estragava com mimos, aquele filho a quem ela ensinara a dizer «grucha» e «baba», aquele filho estivesse agora lá longe, num país estrangeiro, no meio de estranhos, e que só, sem ninguém que o ajudasse ou guiasse, se comportasse como um guerreiro corajoso e ai desenvolvesse uma actividade de soldado destemido. Para ela, a experiência dos séculos, que nos ensina que as crianças se fazem homens por um insensível pendor, era coisa que não existia. A transformação operada no filho afigurava-se-lhe tão extraordinária que era como se milhões e milhões de homens

não houvessem obedecido ao mesmo destino. Tal qual como vinte anos antes, quando aquele pequeno ser andava, dentro dela, e ela pensava que nunca ele se lhe dependuraria do seio ou que nunca seria capaz de vir a falar, também agora lhe parecia impossível que esse mesmo pequenino ser fosse um homem vigoroso e valente, modelo de filhos, soldado exemplar como se depreendia das palavras da sua carta.

— Que estilo! Que bem que ele escreve! — exclamava ela, ao reler os passos descritivos da carta. — E que grande coração! E a seu próprio respeito nada, nada diz... Só fala de um tal Denissov e o certo é que naturalmente é ele o mais valente de todos. Não diz nada sobre o que terá sofrido. E que coração! Está aqui todo! E recorda-se de toda a gente. Não se esqueceu, de ninguém! Eu sempre disse que seria assim, disse-o sempre, mesmo quando ele era pequenino, sim, disse-o sempre...

Durante mais de uma semana foi uma azáfama na casa a preparar cartas para o Nikoluchka: fizeram-se rascunhos, passaram-se a limpo. A vista da condessa e por diligência do conde preparou-se urna encomenda com as coisas mais necessárias e arranjou-se uma determinada importância para o equipamento e a nova instalação do oficial. Ana Mikailovna, mulher pratica que era, conseguira arranjar para ela e para o filho urna boa protecção no exército, inclusivamente para efeitos de correspondência. Era-lhe permitido enviar as suas cartas ao grão-duque Constantino Pavlovitch, comandante da Guarda. Pelo seu lado, os Rostov pensavam, que o endereço «Guarda russa no estrangeiro» era mais do que suficiente e que desde que a carta fosse às mãos do grão-duque comandante da Guarda não havia razões para não chegar ao regimento de Pavlogrado, que devia ficar por ali nas vizinhanças. E assim foi resolvido mandar as cartas e o dinheiro, pelo correio do grão-duque, ao Bóris, que se encarregaria de fazer chegar tudo às mãos de Nikoluehka. Houve cartas do velho conde, da condessa, de Pétia, de Verá, de Natacha, de Sónia, e às cartas juntaram a importância de seis mil rublos para o equipamento e muitas outras coisas que o conde enviou ao filho.

[VII]

No dia 12 de Novembro, o exército de Kutuzov, acampado em Olmütz, preparava-se para a revista que no dia seguinte lhe passariam os dois imperadores, o da Rússia e o da Áustria. A Guarda, recentemente chegada da Rússia, acampava a quinze verstas de Olmütz, e no dia seguinte, exactamente para a revista, às dez horas da manhã, encontrava-se no campo de manobras da cidade.

Nicolau Rostov nesse dia tinha recebido um recado de Bóris informando-o de que o regimento de Ismail acampava a quinze verstas, sem se deslocar até Olmütz, e que o aguardava ali para lhe entregar as cartas e o dinheiro. Rostov estava então muito necessitado de fundos, pois as tropas, no regresso da campanha, acampavam nos arredores de Olmütz, onde os cantineiros e os judeus austríacos, bem abastecidos, invadiam o acampamento, oferecendo toda a espécie de bugigangas. Entre os oficiais do regimento de Pavlogrado os festins sucediam-se aos festins, e havia comezainas para celebrar as recompensas obtidas durante a campanha e frequentes visitas a Olmütz, a casa de certa Carolina, uma húngara chegada havia pouco que tinha aberto uma estalagem servida por mulheres. Rostov, que havia celebrado dias antes a sua promoção a alferes, comprara a Denissov um cavalo, o Beduíno, e estava a dever dinheiro a toda a gente: aos seus camaradas e aos cantineiros. Assim que recebeu o bilhete de Bóris, dirigiu-se a Olmütz com um dos seus camaradas, comeu, bebeu uma garrafa de vinho e apresentou-se só no acampamento da Guarda à procura do seu amigo de infância. Ainda não tivera tempo de se equipar. Vestia um dólman coçado de junker com a cruz de soldado, umas calças de montar, com fundilhos de coiro, muito usadas, e um sabre de oficial com cordões. O animal que ele montava era um cavalo do Dom comprado a um cossaco durante a campanha. Tombada para uma das orelhas e atirada para trás, galhardamente, trazia uma barretina de hússar. Quando chegou ao bivaque do regimento de Ismail, ia a pensar no espanto de Bóris e dos seus camaradas ao deparar-se-lhe o seu ar sabido e marcial de hússar.

A Guarda fizera toda a campanha como se não houvesse saído da parada, muito orgulhosa dos seus brilhantes uniformes e da sua ordem impecável. As etapas tinham sido curtas, com as mochilas em cima das viaturas, e as autoridades austríacas haviam preparado excelentes repastos para os oficiais em cada uma das etapas. Os regimentos entravam nas povoações de banda à frente; durante as tiradas, conforme a ordem do grão-duque, os soldados deviam marchar formados, o que os tornava ainda mais orgulhosos, e os oficiais no seu lugar nas fileiras.

Bóris, durante todo o trajecto, estivera sempre ao lado de Berg, já comandante de companhia. Tendo obtido, no decurso da campanha, esse comando, soubera merecer a confiança dos seus superiores e obter vantagens materiais muito apreciáveis, graças à sua pontualidade e à sua exactidão. Quanto a Bóris, esse, durante o mesmo período, travara muitas relações susceptíveis de lhe virem a ser úteis, e, graças à carta de recomendação que Pedro lhe enviara, relacionara-se com André Bolkonski, por cujo intermédio esperava conseguir ser adstrito ao estado-maior do generalíssimo. Berg e Bóris, com os seus uniformes muito cuidados e limpos, descansavam da última etapa na habitação assaz confortável que lhes tinha sido atribuída, sentados em volta de uma mesa redonda, jogando o xadrez. Berg tinha o cachimbo entre os joelhos, e com os cuidados que o distinguiam ia empilhando as pedras do jogo com as suas mãos brancas, aguardando que Bóris jogasse, e observava o parceiro, o qual era evidente só pensar de momento no xadrez, consoante o seu costume de se não preocupar senão com o que estava a fazer,

— Sempre quero ver como é que se vai sair desta! — exclamou ele,

— Faremos o que pudermos — replicou Berg, tocando num peão, para logo o abandonar.

Entretanto a porta abriu-se.

— Ora aí está ele finalmente! — exclamou Rostov — E o Berg também! Eh!, então, meninos, vamos deitar, dormir!— acrescentou, repetindo as palavras que a ama costumava dizer, e que outrora tanto os faziam rir, a Bóris e a ele. Rostov.

— Santos Padres! Como estás mudado!

Bóris levantou-se para receber Rostov, sem se esquecer de conservar no seu lugar os peões que iam a cair. Quis beijar o amigo, mas Nicolau evitou-o. Por uma tendência característica da juventude, que detesta os caminhos trilhados, não quer imitar o que está feito, antes, pelo contrário, gosta de exprimir os seus sentimentos de maneira nova, a seu modo, desde que, pelo menos, não seja como o costumam fazer as pessoas de idade, muitas vezes, aliás, pouco sinceramente. Nicolau queria traduzir num acto especial a sua alegria de tornar a ver o amigo, quanto mais não fosse beliscando-o ou empurrando-o, mas nunca beijando-o, como toda a gente. Bóris, pelo contrário, muito tranquila e afectuosamente, beijou-o e abraçou-o duas ou três vezes seguidas.

Havia quase seis meses que se não viam. Naquela idade, em que se dão os

primeiros passos na vida, verificavam um no outro mudanças consideráveis, uma interpretação completamente nova do meio em que ambos haviam sido educados. Tinham ambos mudado muito do seu último encontro para cá e ambos tinham pressa de mostrar um ao outro a que ponto já não eram as mesmas pessoas.

— Ah, seus polidores de calçadas! Vocês estão aí limpinhos e asseados que é uma beleza, como se tivessem voltado agora de um passeio pela cidade. Não são como nós, pobres diabos do exército activo — dizia Rostov, na sua voz de barítono, ainda desconhecida de Bóris, com uma verdadeira desenvoltura militar f— exibindo os calções todos sujos de lama.

A hospedeira, uma alemã, ao ouvir a voz estentórea de Rostov, veio espreitar à porta.

— Rica mulher, hem! — exclamou ele, piscando um olho. — Porque é que gritas tanto? Até lhe metes medo — observou Bóris. — Não te esperava hoje. Só ontem te mandei entregar o meu bilhete por um ajudante-de-campo de Kutuzov, que eu conheço, o Bolkonski. Não sabia que ele to faria chegar ás mãos tão depressa... Então! Que fazes tu? Como vais? Já estiveste na linha de fogo? — perguntou.

Rostov, sem responder, pôs-se a brincar com a cruz de S. Jorge, de soldado, que lhe pendia dos alamares do uniforme, e, mostrando o braço entrapado, fitou Berg, sorridente.

— É como vês! — sublinhou.

— Sim, sim, óptimo! — exclamou Bóris — Também nós, nós também fizemos uma bela campanha. Sabes? Sua Alteza acompanhou sempre, o nosso regimento; por isso tivemos todas as facilidades e gozámos de todas as regalas. Na Polónia, houve recepções, jantares, bailes! Não se pode descrever! E o Tsarevitch foi óptimo para todos os oficiais.

E ambos se puseram à compita a contar histórias narrando um as suas partidas de hússar e a sua vida de campanha, o outro a sua existência cheia de distracções e de bem-estar, sob as ordens de personagens altamente cotadas.

— Oh!, a Guarda! — exclamou Rostov. — Mas ouve lá, e se tu mandasses vir uma garrafa?

Bóris franziu as sobrancelhas.

— Se fazes questão disso... — retorquiu,

Encaminhou-se para a cama onde dormia, tirou debaixo das almofadas muito limpas a bolsa do dinheiro e mandou que fossem comprar vinho.

— A propósito, vou dar-te as cartas e o dinheiro — acrescentou ele.

Rostov pegou nas cartas e, pousando o dinheiro em cima do divã, encostou-se à mesa e pôs-se a ler. Passou a vista por algumas linhas, depois olhou para Berg com irritação. Sentindo-lhe os olhos fitos nele, escondeu a cara com a folha de papel.

— Assim mesmo mandaram-lhe uma boa maquia — disse Berg, observando o volumoso saco enterrado no divã. — Ah!, a nós não nos pesa muito o pré. Por mim, posso dizer-lhe...

— Ouça cá, meu caro Berg — disse Rostov —, se eu o visse receber uma carta da família ou encontrar um amigo a quem quisesse perguntar qualquer coisa, trataria logo de me ir embora para o não incomodar. Pois então, vá-se embora, peço-lhe, vá para qualquer parte, para qualquer parte.., para o diabo!...

Tinha engrossado a voz; e pegando-lhe por debaixo do braço, com um olhar amável, para suavizar a dureza das palavras, acrescentou:

— Sabe? Não se zangue, meu caro, meu bom amigo, é francamente que lhe falo, como a um velho camarada.

— Quê? Claro, compreendo muito bem, conde — balbuciou Berg, na sua voz de ventríloquo, erguendo-se.

— Vá até junto dos donos da casa, eles convidaram-no — acrescentou Bóris.

Berg enfiou o seu redingote muito asseado, sem a mais pequena nódoa nem qualquer grão de poeira, repuxou, diante do espelho, o cabelo na testa, à maneira de Alexandre Pavlovitch, e persuadido, graças ao olhar que Rostov lhe lançava, que o seu redingote estava a ter êxito, saiu, esboçando um amável sorriso.

— Ah! Que animal que eu sou! — exclamou Rostov, lendo a carta.

— Porquê?

— Ah! Que animal que eu fui em não lhes ter escrito urna vez que tosse antes de lhes ter pregado este susto! Ah! Que animal! — repetiu corando muito. — Então, sempre mandaste o Gravila buscar uma garrafa? Mandaste? Tanto melhor!

Dentro da carta dos pais vinha outra, uma carta de recomendação para o príncipe Bagration, carta que a velha condessa, a conselho de Ana Mikailovna, conseguira, através de umas pessoas conhecidas, e que enviava ao filho para que ele a entregasse ao destinatário e tirasse dela o melhor partido.

— Que tolice! Como se eu Precisasse disto! — murmurou Rostov, atirando com a carta para cima da mesa.

— Porque é que a deitas fora? — inquiriu Bóris.

— É uma espécie de carta de recomendação. Diabos me levem se eu tenho necessidade disso!

— Quê, não tens precisão disso? — interrompeu Bóris, apanhando a carta e lendo o sobrescrito. — Esta carta pode ser-te muito útil.

— A mim? De modo nenhum! Não sou eu quem irá procurar seja quem for na esperança de ser ajudante-de-campo.

— Porque não? — perguntou Bóris.

— São funções de lacaio.

— Continuas a ser o mesmo idealista, pelo que vejo — observou o amigo, abanando a cabeça.

— E tu, sempre o mesmo diplomata. Mas não é disso que se trata... E tu, que fazes? — perguntou Rostov.

— O que vês. Até agora tudo tem corrido bem; mas tenho de confessar-te que não desejava outra coisa senão ser ajudante-de-campo; preferia isso a ficar nas fileiras.

— Porquê?

— Porque, desde o momento em que uma pessoa escolhe a carreira militar, deve esforçar-se por torná-la o mais brilhante possível.

— Ah!, realmente! — exclamou Rostov, pensando claramente noutra coisa.

Olhava o amigo fixamente, e bem nos olhos, como se lhe estivesse a pedir debalde a solução de um problema.

O velho Gravila apareceu com o vinho.

— E se nós mandássemos vir o Afonso Karlitch? — interveio Bóris. — Fazia-te companhia a beber; cá por mim, não posso.

— Isso mesmo, isso mesmo! Mas quem diabo é esse alemão? — perguntou Rostov, sorrindo desdenhosamente.

— É um rico tipo, bom e honesto!

Rostov fitou mais uma vez Bóris nos olhos e suspirou. Berg voltou a aparecer, e em volta da garrafa tomou-se mais afectuosa a conversa dos três amigos. Os oficiais da Guarda contavam a Rostov as campanhas que tinham feito, as recepções que lhes tinham oferecido ria Rússia, na Polónia e no estrangeiro, o que tinha dito e feito o seu grande chefe, o grão-duque, e repetiam anedotas reveladoras da sua bondade e do seu entusiasmo. Berg, como de costume, calava-se quando não se tratava pessoalmente do seu caso, mas, a propósito do que se dizia dos acessos de

cólera do grão-duque, contou, com visível prazer, ter-lhe acontecido encontrar-se ele na Galícia no momento em que o grão-duque passava revista aos regimentos e se zangara por causa da irregularidade dos movimentos de tropas. E referia, sorrindo amavelmente, como o grão-duque, muito zangado, se aproximara dele gritando: «Arnaútas!» — a expressão favorita do Tsarevitch quando estava furioso — e mandara chamar o comandante da companhia.

— Pode crer, conde, não tive medo algum, sabia perfeitamente que tinha razão. Sabe, conde, eu, sem me vangloriar, sei de cor as ordens do dia do regimento e conheço os regulamentos tão bem como o padre-nosso. E era por isso, conde, que não havia qualquer irregularidade na minha companhia. Tinha a consciência tranquila. Apresento-me. — Nesta altura Berg levantou-se e mimou a cara que tinha nesse momento, com a mão na pala da barretina. De facto, não era fácil exibir uma atitude mais deferente e mais satisfeita. — E põe-se ele então a insultar-me, a dizer-me as últimas. Foi um nunca acabar de injúrias e de «arnaútas» e de «diabos» e de «a Sibéria!». — Nesta altura teve um fino sorriso. — Eu sabia perfeitamente que tinha razão, por isso me calava. Compreende, não é verdade, conde? No dia seguinte não havia nada na ordem do dia, é a isto que se chama não perder a cabeça. Não é verdade, conde? — concluiu, soltando baforadas de fumo do cachimbo.

— Sim, não há dúvida — observou Rostov, sorrindo.

Mas Bóris, percebendo que Rostov se preparava para chasquear de Berg, desviou habilmente a conversa. Perguntou a Rostov onde e quando fora ferido. Eis o que lhe não desagradou, e principiou a sua história, entusiasmando-se a pouco e pouco. Contou a aventura de Schöngraben, tal qual como o costumam fazer os comparsas de urna batalha, isto é, da maneira que mais lhes agradaria que se tivessem passado as coisas, consoante as ouviram contar por outros, numa palavra, fazendo um relato muito bem composto, mas de maneira alguma de acordo com a realidade. Rostov era um rapaz muito franco, e por nada desta vida seria capaz de desnaturar conscientemente a verdade. Principiou com a intenção de contar tudo tal qual se tinha passado, mas, sem dar por isso, involuntária e fatalmente, alterou a verdade em seu proveito. Se ele se tivesse limitado a referir simplesmente a verdade aos seus ouvintes, os quais, mais do que uma vez — e esse era o seu caso — tinham ouvido contar as peripécias de um ataque, e disso tinham uma, ideia muito nítida, e esperavam, precisamente, da parte dele urna

história à imagem e semelhança do que eles próprios pensavam, ninguém o teria acreditado, ou então, o que seria mais grave, teriam pensado ser culpa dele as coisas consigo não se terem passado como geralmente acontecia nos ataques de cavalaria. Era-lhe impossível dizer, simplesmente, terem-se posto a galopar, que caíra do cavalo, que recompusera o braço e que se pusera a correr para a floresta, a fim de escapar aos Franceses. Além disso, para contar as coisas tal qual, seria necessário um grande esforço sobre si próprio para não acrescentar fosse o que fosse. É muito difícil narrar uma história verídica e os rapazes raramente o conseguem. Esperavam ouvi-lo contar que, ardente de entusiasmo, sem saber o que fazia, se precipitara como um tufão sobre o quadrado, que o perfurara, espadeirada para a direita e para a esquerda, que a espada arrancava carne aos pedaços e que, por fim, acabara por cair esgotado e ainda muitas outras coisas do mesmo quilate. E, com efeito, foi uma descrição nesse género que ele lhes fez.

Em plena história, quando dizia: «Não podes calcular o furor estranho que se apossa de nós durante o ataque», entrou na sala o príncipe André Bolkonski, que Bóris aguardava. O príncipe André, protector do jovem, sentia-se lisonjeado quando lhe procuravam o apoio e, simpatizando com Bóris, que soubera agradar-lhe na véspera, estava desejoso de lhe ser prestável. Encarregado por Kutuzov de levar uns documentos ao Tsarevitch, passara por casa de Bóris na esperança de o encontrar só. Ao ver. à, entrada na sala, um hússar do exército contando aventuras de guerra — aí estava um género de pessoas que ele detestava —, dirigiu um amável sorriso a Bóris, franziu as sobrancelhas, piscando o olho na intenção de Rostov, e, com um ligeiro cumprimento, sentou-se no divã, indolente e fatigado. Nada lhe era tão desagradável como cair no meio de uma sociedade que detestava. Rostov, adivinhando-lhe os pensamentos, corou; mas a verdade é que, no fim de contas, pouco se lhe dava: aquele homem nada tinha de comum com ele. Entretanto, tendo reparado em Bóris, leu-lhe no rosto que também parecia envergonhado da presença daquele hússar. Conquanto o príncipe André lhe tivesse mostrado uma atitude desagradável e irónica, e apesar do profundo desdém que lhe inspiravam todos os ajudantes-de-campo do estado-maior, a cuja categoria, naturalmente, o recém-chegado devia pertencer. Rostov, no fundo, sentiu-se confuso, não pôde deixar de corar e acabou por se calar. Bóris perguntou se havia notícias do estado-maior e se, sem indiscrição, se falava de disposições futuras.

— Naturalmente continuarão a avançar — replicou Bolkonski, que parecia sem grande vontade de falar diante de desconhecidos.

Bóris aproveitou a oportunidade para perguntar, com a sua habitual polidez, se a ração de forragem dos comandantes companhia não seria duplicada, como constava. O príncipe An respondeu, sorrindo, não estar nas suas mãos resolver problemas administrativos de tal magnitude e Berg pôs-se a rir.

— Falaremos depois do seu problema — disse André a Bóris, lançando um olhar para o lado de Rostov. — Venha visitar-me depois da revista, faremos o que for possível.

Deixou errar a vista pela sala em que se encontrava e sem parecer notar o ar de confusão pueril em que caíra Rostov, o qual, pouco a pouco, se ia transformando em verdadeira cólera, disse-lhes:

— Creio que estava a falar do recontro de Schöngraben? — Esteve lá?

— Estive — respondeu Rostov, com uma certa exasperação, num tom que procurava ferir o ajudante-de-campo.

Bolkonski percebeu o estado de espírito em que o hússar se encontrava e isso divertiu-o muito. Sorriu com um ar ligeiramente desdenhoso.

— Sim, são muitas as histórias que se contam agora desse recontro!

— É verdade — volveu Rostov, numa voz forte, lançando a Bóris e Bolkonski olhares subitamente furiosos. — É verdade, contam-se histórias de toda a espécie, mas as que nós contamos, nós, são histórias de quem esteve sob o fogo do inimigo: as nossas histórias têm sumo, não as desses meninos do estado-maior, condecorados sem nada terem feito.

— E a cujo número supõe que eu pertenço — retrucou o príncipe André, o mais tranquilamente deste mundo, e com um sorriso amável.

Rostov experimentou um curioso misto de mau humor e consideração perante a serenidade daquele homem,

— Não me refiro ao senhor — respondeu ele. — Não o conheço e confesso-lhe que o não quero conhecer. Falo de maneira geral dos oficiais do estado-maior...

— Pois eu, aqui tem o que me permito dizer-lhe — interrompeu André, num tom de tranquila autoridade. — Vejo que tem a intenção de me ofender, e não me custa dizer-lhe que é tudo quanto há de mais fácil desde que não tem respeito por si próprio; mas espero que reconheça que escolhe mal a ocasião e o lugar para semelhantes insinuações. Não tarda que todos nós estejamos envolvidos num

duelo muito mais importante e muito mais sério, e além disso Drubetskoi, que diz ser seu velho amigo, não é culpado de a minha cara ter a pouca sorte de lhe ser desagradável. Aliás — acrescentou, levantando-se — o senhor não desconhece o meu nome e onde me pode encontrar, mas não se esqueça de que eu me não considero de modo algum ofendido, estou tão pouco ofendido como o senhor. O meu conselho de pessoa mais velha é que o melhor é não pensar mais nisto. Portanto, sexta-feira, depois da parada, espero por si. Drubetskoi. Até à vista! — rematou em alta voz, e saudando-os a ambos saiu.

Rostov não se lembrou de retorquir senão quando ele já tinha desaparecido e tanto mais furioso se sentiu quanto era certo não ter respondido. Ordenou logo que lhe trouxessem o cavalo, e, depois de se ter despedido secamente de Bóris, voltou para casa. Que fazer? Ir no dia seguinte ao quartel-general desafiar para um duelo o petulante ajudante-de-campo ou não pensar mais no caso? Eis o problema que o atormentou durante todo o percurso. Ora se dizia a si próprio, iracundo, que seria grande o prazer que teria em ver a cara assustada desse homenzinho débil e vaidoso diante da sua pistola carregada, ora tinha a surpresa de verificar que entre todos os seus conhecidos a nenhum desejaria tanto tornar a ver como àquele ajudantezinho-de-campo a quem tão profundamente ficara a odiar.

[VIII]

No dia seguinte ao da entrevista de Bóris e de Rostov foi a revista das tropas austríacas e russas, tanto das forças frescas acabadas de chegar da Rússia como das que vinham do campo de batalha com Kutuzov. Os dois imperadores, o da Rússia, com o príncipe herdeiro, e o da Áustria, com o arquiduque, passavam revista a um exército aliado de oitenta mil homens.

Desde a aurora que as tropas, de grande uniforme e escrupulosamente engraxadas, se haviam posto em marcha para formar na esplanada diante da fortaleza. Primeiro viram-se mover milhares de pés e de baionetas, bandeiras desfraldadas, que, à voz dos oficiais, faziam alto, se moviam e formavam com intervalos regulares, ultrapassando outras massas de soldados de infantaria com

uniformes diferentes. Em seguida, ao passo cadenciado dos cavalos e ao retinir dos sabres, apareceu a cavalaria em trajo de parada, com uniformes bordados, azuis, vermelhos e verdes, a banda militar à frente, montada em murzelos, alazões e cinzentos. Entre a infantaria e a cavalaria vinha a artilharia, com longas colunas de canhões bem polidos e reluzentes, que estremeciam sobre as rodas, num trepidar metálico, de mechas acesas, dirigindo-se para os locais designados. Os generais, de grande uniforme, corpulentos e muito cingidos, para darem a impressão de mais magros, a nuca apertada nas golas, com as bandas e todas as condecorações; os oficiais, rebrilhantes e janotas; os soldados, de cara barbeada e lavada, com o seu correame a brilhar; os cavalos, bem arreados e nédios, brilhavam como cetim, as crinas alisadas pêlo a pêlo, tudo, numa palavra, dizia ir passar-se um acontecimento importante e solene, que nada tinha de brincadeira. Generais e soldados sentiam não serem nada, não passarem de grãos de areia de um oceano humano, bem conscientes da sua força enquanto elementos daquele todo imenso.

Desde que luzira o dia que a azáfama principiara e às dez horas tudo estava a postos. Sobre a enorme esplanada formavam as colunas. Todo o exército formava três corpos. A frente a cavalaria, depois a artilharia e por último a infantaria.

Entre cada coluna de tropas abria-se uma clareira. Os três corpos do exército estavam nitidamente separados; primeiro, as tropas de campanha de Kutuzov, entre as quais, no flanco direito e no primeiro plano, o regimento de Pavlogrado; depois os regi— mentos das tropas de linha e a Guarda que chegara da Rússia, por fim o exército austríaco. Mas todos estavam sob o mesmo comando e sob uma única disciplina.

Como vento na folhagem perpassou um murmúrio. «Lá vêm eles! Lá vêm eles!», disseram vozes ansiosas, e, como uma vaga, um fervilhar de preparativos supremos percorreu as tropas.

Vindo dos lados de Olmütz surgiu um grup9 em movimento. No mesmo instante, conquanto não houvesse vento, um sopro ligeiro percorreu o exército, as flâmulas das lanças ondularam e os estandartes estremeceram nas hastes. Dir-se-ia o exército inteiro a dar a entender neste frémito a alegria que sentia com a chegada dos imperadores. Uma voz ressoou: «Sentido!» Em seguida, como os galos ao nascer do Sol, vozes diversas, aqui e ali, foram repetindo a mesma voz. E tudo voltou a serenar.

Naquele silêncio de morte só se ouviam as patas dos cavalos. Era a comitiva dos imperadores que se aproximava das tropas.

Os clarins do primeiro regimento de cavalaria entoaram uma marcha. Dir-se-ia não serem os clarins que tocavam, mas o próprio exército, para festejar a aproximação dos soberanos, que soltava espontaneamente a sua voz. E em seguida, distintamente, ouviu-se a voz jovem e simpática do imperador Alexandre, que gritava a sua saudação às tropas. E o primeiro regimento soltou um «Hurra!», um «hurra» tão ensurdecedor, tão alegre e prolongado que os próprios homens pareceram assustados com o número e o poder que representavam.

Rostov estava na primeira linha do corpo do exército de Kutuzov, para onde se dirigia o imperador. Também ele sentia o que todos os demais soldados sentiam: olvido de si próprio, orgulho de um tal poder, entusiasmo apaixonado por aquele que era o objecto de tamanho triunfo:

«Uma só palavra daquele homem», pensava, «e aquela massa inteira, de que ele não era mais que uma ínfima partícula, lançar-se-ia ao fogo ou à água, precipitar-se— ia no crime ou na morte, praticaria os mais heróicos actos.» E por isso não podia dominar um estremecimento íntimo, um quase desfalecimento, à aproximação daquela voz potente.

«Hurra! Hurra! Hurra!», rebentava de todos os lados; e os regimentos, uns após outros, recebiam o imperador, ao som da marcha militar, e depois vinham os «hurras!», e em seguida outra vez a marcha, e ainda de novo os «hurras!», alternadamente, de tal modo que o todo, constantemente ampliado, se fundia num trovão ensurdecedor.

Antes da aproximação do imperador cada regimento, silencioso e imóvel, parecia um corpo sem vida; mas assim que ele se aproximava, o regimento animava-se, de súbito, e juntava os seus gritos aos das fileiras que o soberano acabava de percorrer. No meio deste clamor tremendo e ensurdecedor, desta massa de soldados imóveis, como que petrificados nas suas formações, iam evolucionando as centenas de cavaleiros da comitiva, negligentemente, simetricamente, em perfeito à-vontade; na vanguarda, a cavalo, os dois imperadores. E era neles que se concentrava a atenção apaixonada e pretensa de toda aquela mole.

O jovem e belo imperador Alexandre, no seu uniforme da Guarda montada, o tricórnio ligeiramente pendido sobre a orelha, atraía todos os olhares, graças ao

seu ar amável e à sua voz sonora, mas não muito forte.

Rostov, na vizinhança dos clarins, de longe, com os seus penetrantes olhos, reconhecera logo o imperador, que seguia em todos os seus movimentos. Quando o soberano estava a uns vinte passos e Nicolau pôde ver distintamente, nos seus mais pequenos pormenores, esse rosto belo, jovial e jovem, apossou-se dele um enternecimento e um entusiasmo como nunca sentira em toda a sua vida. Os traços, os gestos, toda a pessoa do imperador se lhe afiguraram maravilhosos. Parando diante do regimento de Pavlogrado. Alexandre disse algumas palavras em francês ao imperador da Áustria e esboçou um sorriso. Ao ver isso. Rostov também, sem perceber que sorria, e o entusiasmo que sentia já pelo imperador foi maior ainda. Teria querido testemunhar de qualquer maneira o amor que ele lhe inspirava. E reconhecendo que isso era impossível, teve vontade de chorar. O imperador, chamando o comandante do regimento, disse algumas palavras.

«Meu Deus, e se ele se dirigisse a mim!», murmurou. «Morreria de felicidade!»

O imperador falou também aos oficiais::

— A todos, meus senhores — cada uma das suas palavras era como que uma voz descendo do céu — a todos agradeço do coração.

Que feliz Rostov se sentiria naquele momento se pudesse morrer pelo seu soberano...

— Mereceram as insígnias de S. Jorge e serão dignos delas.

«Pudesse eu morrer, morrer por ele», pensava Rostov.

O imperador disse ainda qualquer cola que ele não percebeu e os soldados, a plenos pulmões, berram: «Hurra!»

Rostov, inclinado sobre a sela, gritava também a plenos pulmões. Teria desejado ferir-se a si próprio gritando, desde que pudesse exprimir completamente o seu entusiasmo.

O imperador deteve-se alguns instantes diante dos hússares, como que indeciso.

«Como é que o imperador pode hesitar?», disse Rostov consigo mesmo, mas no mesmo instante pareceu-lhe sublime e cheia de encanto aquela hesitação, como tudo o que do imperador emanasse.

Mas a hesitação pouco durou. O pé do imperador, com a sua bota estreita e pontiaguda, à moda da época, aflorou o flanco da égua baia inglesa: a mão

enluvada de branco apanhou as rédeas, e o soberano seguiu adiante, acompanhado de uma esteira de ajudantes-de-campo disseminados atrás dele. Foi andando, para de novo se deter junto dos outros regimentos, e Rostov, por fim, já só lhe via a pluma branca que emergia do meio da comitiva dos dois soberanos.

Entre as personagens que seguiam os imperadores Rostov fixou Bolkonski, montado com elegância e negligência. Lembrou-se da disputa da véspera e perguntou-se a si mesmo se valeria ou não a pena provocá-lo. «Claro que não», concluiu. «Vale a pena pensar numa coisa dessas, vale lá a pena falar nisso numa hora como esta? Num tal momento de amor, de entusiasmo e de sacrifício que importam as nossas discussões e as ofensas que recebemos? Amo todos os homens, perdoo a todos neste momento.»

Assim que o imperador acabou de passar revista a todos os regimentos puseram-se as tropas a desfilar em passo de parada, e Rostov, montado no seu Beduíno, havia pouco comprado a Denissov, desfilou também, no coice do esquadrão, isto é, sozinho e bem à vista do imperador.

Antes de passar em frente do czar. Rostov, excelente calção que era, por duas ou três vezes esporeou o seu cavalo, conseguindo pô-lo a galope, esse belo galope quando excitado. Arqueando sobre os peitorais, a cabeça coberta de espuma, a cauda eriçada, como suspenso, sem tocar no terreno, atirando alternadamente com as patas. Beduing, que parecia também sentir o olhar do imperador, desfilou, soberbo, diante do monarca.

Rostov, as pernas repuxadas para trás e o ventre atirado para a frente, uma só peça ele e o cavalo, o rosto crispado, mas feliz, passou diante do czar como um verdadeiro demónio, no dizer de Denissov.

— Bravo, hússares de Pavlogrado! — exclamou o imperador. «Meu Deus! Que feliz eu me sentiria se ele neste momento me mandasse atirar a uma fogueira», pensou Rostov.

Quando a revista findou, os oficiais que tinham acabado de chegar juntamente com os de Kutuzov reuniram-se em grupos c, houve animadas conversas por causa das condecorações, dos austríacos mobilizados e dos seus uniformes, de Bonaparte e da sua situação crítica quando chegasse o corpo de Essen e a Prússia se aliasse à Rússia.

Mas de quem se falava principalmente por toda a parte era do imperador Alexandre; repetiam-se as suas mais insignificantes palavras e toda a gente se

sentia fascinada por ele.

O desejo de todos era só um: lançarem-se, sob o seu comando, contra o inimigo. «As ordens do imperador seria impossível que não vencessem fosse quem fosse», eis o que pensavam, depois da parada, tanto Rostov como a maior parte dos oficiais.

Agora todos se sentiam mais certos da vitória do que se tivessem ganho duas batalhas.

[IX]

No dia seguinte. Bóris, pois de envergar o seu belo uniforme e de ter recebido os mais efusivos votos de boa sorte da parte do seu camarada Berg, dirigiu-se a Olmütz para se apresentar a Bolkonski, visto a boa disposição em que este se mostrava para com ele, na esperança de melhorar de situação, e, na melhor das hipóteses, conseguir o lugar de ajudante-de-campo de qualquer importante personagem, cargo que muito especialmente o atraía. «É bom para o Rostov, a quem o pai manda seis mil rublos de uma assentada, isso de se não querer vergar diante de quem quer que seja, de não querer ser lacaio de ninguém. Mas eu, que só comigo posso contar, tenho de tratar da vida e de não perder as boas oportunidades.»

Nesse dia não encontrou o príncipe André em Olmütz. Mas o aspecto da cidade, onde se estabelecera o quartel-general, onde estava instalado o corpo diplomático e onde habitavam os dois imperadores, com as suas comitivas de cortesãos e familiares, ainda mais radicou nele o desejo de fazer parte daquele mundo superior.

Não conhecia ali ninguém, e o certo é que, apesar do seu elegante uniforme da Guarda, todas aquelas altas personalidades que iam e vinham pelas ruas, em magníficas carruagens, com os seus penachos, os seus grandes cordões e as suas medalhas, quer cortesãos, quer militares, se lhe afiguravam tanto acima dele, insignificante oficial da Guarda, que ele e a sua existência não podiam deixar de lhes passar despercebidos.

Na sede do quartel-general de Kutuzov, aonde foi procurar Bolkonski, todos os

ajudantes-de-campo e até mesmo os subalternos pareciam dar-lhe a entender, pela forma como o olhavam, que oficiais como ele era coisa que não faltava por ali e que principiavam a estar fartos disso. Apesar de tudo, ou talvez até precisamente por essa razão, logo no dia seguinte, dia 15, voltou a Olmütz depois de jantar, e, dirigindo-se às dependências ocupadas por Kutuzov, perguntou por Bolkonski. O príncipe André estava e Bóris foi conduzido a um salão espaçoso onde naturalmente outrora se dançava e em que se viam agora cinco camas e vários móveis desirmanados: mesas, cadeiras e um cravo. Ao pé da porta, um ajudante-de-campo, com o seu roupão oriental, escrevia sentado diante de uma mesa. Outro, o corpulento e vermelhusco Nesvitski, deitado numa das camas, os braços debaixo da cabeça a fazerem de travesseiro, ria com o oficial sentado ali perto. Um terceiro, sentado ao cravo, tocava uma valsa vienense; um quarto, meio estendido sobre o mesmo cravo, acompanhava-o cantando. Não viu Bolkonski. Nenhum dos oficiais, ao ver Bóris, mudou de atitude. O que escrevia, e a quem Bóris interpelara, voltou-se pouco satisfeito e disse-lhe que Bolkonski estava de serviço; por isso, se lhe queria falar, não tinha mais que dirigir-se à porta da esquerda, na sala de visitas. Bóris agradeceu e voltou costas. Na sala de visitas foi encontrar uma dezena de oficiais e generais.

Quando Bóris entrou, o príncipe André, com esse ar especial de polida lassidão, em que se lia que, se o dever a isso o não obrigasse, aquela conversa não teria durado mais que um minuto, ouvia, piscando os olhos, algo desdenhoso, um velho general russo condecorado, que, quase em bicos de pés, rigidamente erecto, lhe fazia um relatório, com uma obsequiosa expressão marcial no rosto vermelho.

— Muito bem, queira ter a bondade de esperar um momento — dizia Bolkonski ao general com o sotaque francês que costumava pôr nas suas palavras russas quando queria falar desdenhosamente, e, ao ver Bóris, não prestou mais atenção ao militar, que lhe foi no encalço, pedindo-lhe que o escutasse ainda, e dirigiu-se para o jovem com um sorriso jovial e um amistoso aceno de cabeça.

Bóris compreendeu naquele momento o que, de resto, já presumia: que no exército, acima da disciplina e da subordinação inscritas nos códigos e ensinadas nos regimentos, coisa que ele tão bem conhecia, havia uma outra hierarquia mais subtil que obrigava aquele general de face rubicunda a aguardar respeitosamente e numa atitude militar que se dignassem ouvi-lo, desde que um príncipe André, simples capitão, a seu belo prazer, resolvesse conversar com o alferes Drubetskoi.

E Bóris, mais do que nunca, a si próprio prometeu, de futuro, obedecer não aos regulamentos, mas às leis desta hierarquia não prevista. Dava-se conta naquele momento de que o mero facto de ter sido recomendado ao príncipe André o punha imediatamente mais alto do que um general, que noutras circunstâncias, nas fileiras, estaria em condições de o esmagar a ele, mero alferes da Guarda. O príncipe André aproximou-se e deu-lhe o braço.

— Lamento que me não tenha encontrado ontem. Passei o dia inteiro com os alemães. Fomos com Weirother verificar as disposições tomadas. Quando estes alemães resolvem ser miudinhos, nunca mais nos largam!

Bóris sorriu, como se fosse coisa que toda a gente soubesse isso a que o príncipe André se estava a referir. No entanto era a primeira vez que ouvia pronunciar quer o nome de Weirother, quer a palavra «disposições».

— Com que então, meu amigo, continua a querer ser ajudante-de-campo? Tenho pensado muito em si desde que o vi a última vez.

— Quero; até pensei em dirigir urna petição ao general-chefe — respondeu Bóris, corando sem saber porquê. — Tenho uma carta do príncipe Kuraguine. Quero fazer este pedido — acrescentou, à guisa de desculpa — Porque receio muito que a Guarda não venha a bater-se.

— Bem! Muito bem! Voltaremos a falar nisso — disse o príncipe André. — Deixe-me só resolver o caso deste senhor e estou inteiramente às suas ordens.

Enquanto o príncipe ia comunicar ao comandante— chefe o assunto do general rubicundo, este, que, está claro, não compartilhava das ideias de Bóris acerca da hierarquia não prevista pelos regulamentos, fitava com tanta insistência o insolente alferes que o não deixara concluir a sua conversa com o ajudante-de-campo que este se sentiu incomodado. Voltando a cara, esperou, impaciente, o regresso do príncipe André.

— Bom, meu caro, foi isto o que eu pensei a seu respeito disse o príncipe quando entraram no salão do cravo.— Não ganha nada em procurar o general-chefe. Vai-lhe dizer uma série de amabilidades, convidá-lo para jantar («o que», pensou Bóris, «já não seria mau no ponto de vista da tal hierarquia»), mas pouco mais adiantará. Não tarda que nós, ajudantes-de-campo e oficiais às ordens, formemos um verdadeiro batalhão. Por isso, aqui tem o que, em minha opinião, devemos fazer. Tenho um bom amigo, um general do estado-maior, aliás um homem encantador, o príncipe Dolgorukov; e embora você não saiba, com certeza,

o certo é que nós, os do estado-maior, não temos influência alguma: agora está tudo concentrado nas mãos do imperador. Por isso, o melhor é irmos procurar Dolgorukov. Tenho precisamente necessidade de me encontrar com ele. Já lhe falei de si. Vamos a ver se ele arranja maneira de o instalar a seu lado ou em qualquer outro sítio mais perto do astro-rei.

O príncipe André, sempre que tinha de guiar um moço e ajudá-lo a abrir carreira, mostrava-se muito animado. Sob o pretexto de ajudar a outrem, auxílio que ele, por orgulho, não pedia para si próprio, alegrava-o aproximar-se do meio que garantiria o êxito. Chamou a si a causa de Bóris e com a melhor boa vontade acompanhou-o junto do príncipe Dolgorukov.

Já a tarde ia adiantada quando entraram no palácio de Olmütz ocupado pelos imperadores e seus familiares.

Nesse mesmo dia houvera um conselho em que tinham tomado parte os membros do Conselho Superior de Guerra e os dois imperadores. Decidira-se, contra o parecer dos velhos generais Kutuzov e príncipe Schwartzenberg, tomar imediatamente a ofensiva e travar uma batalha geral com Bonaparte. Acabava sessão do Conselho de Guerra quando André, acompanhado de Bóris, entrava no palácio para falar ao príncipe Dolgorukov.

Todas as personalidades do quartel-general rejubilavam com , decisão tomada, a qual era a garantia da vitória do partido dos novos. A voz dos contemporizadores, que aconselhavam esperar-se para se tomar a ofensiva, fora abafada tão unanimemente, as objecções que levantavam haviam sido repelidas com provas to incontestáveis das vantagens da ofensiva que a batalha futura de que se falara no Conselho, e que sem dúvida alguma terminaria por uma vitória, já não parecia pertencer ao futuro, mas sim ao passado. Havia todas as vantagens: as enormes forças aliadas, incontestavelmente muito superiores às de Napoleão, estavam todas concentradas num mesmo ponto; as tropas estavam entusiasmadas com a presença dos imperadores e não queriam senão bater-se; a posição estratégica sobre a qual convinha actuar conhecia-a, nos seus mais pequenos pormenores, o general austríaco Weirother, que comandava os exércitos. Um feliz acaso permitira que no ano anterior as manobras do exército austríaco se tivessem desenrolado precisamente no terreno onde agora este tinha de se medir com os Franceses. Havia cartas da região, a qual era conhecida nos seus mais pequenos pormenores, e Bonaparte, evidentemente enfraquecido, não tomaria

qualquer iniciativa.

Dolgorukov, um dos partidários mais ardentes da ofensiva, acabava precisamente de sair do Conselho, fatigado, exausto, mas todo entusiasmado e orgulhoso com a vitória que obtivera.

O príncipe André apresentou-lhe o seu protegido, mas Dolgorukov contentou-se em apertar-lhe polidamente a mão, sem nada mais dizer, e depois, não podendo calar os pensamentos que naquele momento o preocupavam, declarou em francês:

— Ah, meu caro! Que batalha acabámos de ganhar! Deus queira que a verdadeira batalha que aí vem finde tão vitoriosa. Devo reconhecer, no entanto, meu amigo — acrescentou, animado, e exprimindo-se aos sacões —, as minhas lacunas quando me comparo com os austríacos, e especialmente com Weirother. Que exactidão, que minúcia, que conhecimento do terreno, que previsão de todas as eventualidades, de todas as condições, dos mais pequenos pormenores! Sim, meu caro, é impossível imaginar condições mais favoráveis do que aquelas em que nos encontramos. Que poderíamos nós desejar mais que a aliança da pontualidade austríaca com a bravura russa?

— Então a ofensiva está definitivamente assente? — inquiriu Bolkonski.

— E sabe, meu caro, tenho a impressão de que Bonaparte perdeu decisivamente o seu latim. Pois não recebeu hoje mesmo o czar uma carta dele — disse Dolgorukov, com um sorriso significativo.

— Que me diz? E que escreveu Bonaparte?

— Que havia ele de escrever? Patarati, pataratá... Tudo apenas para ganhar tempo. É o que eu lhe digo, temo-lo nas mãos, é um facto! Mas o mais engraçado — prosseguiu, rindo com bonomia — é que ninguém sabia como escrever o endereço da resposta. Se não se lhe pode chamar cônsul, muito menos imperador. Em minha opinião, devia ter-se escrito Buonaparte.

— No entanto, entre não o reconhecer como imperador e chamar-se-lhe general Buonaparte há a sua diferença— observou Bolkonski.

— É precisamente esse o ponto — volveu Dolgorukov rindo com volubilidade. — Conhece Bilibine? É um homem de muito espírito. Propôs que se endereçasse a carta assim: «Ao usurpador e ao inimigo do género humano.»

E Dolgorukov pôs-se a rir a bom rir,.

— Nada mais? — observou Bolkonski.

— Foi ainda Bilibine quem encontrou uma fórmula séria. É um homem muito

fino e muito inteligente.

— E qual?

— Ao chefe do Governo francês — explicou Dolgorukov, retomando o ar sisudo. — Não acha que é perfeito?

— Acho, mas não lhe vai agradar nada — disse Bolkonski. — Pelo contrário! Meu irmão conhece-o, jantou mais do que uma vez com ele, quer dizer, com o actual imperador, em Paris, e disse-me que nunca houve diplomata mais refinado e manhoso: sabe?, um misto da habilidade francesa e do cabotinismo italiano. Já ouviu as anedotas a propósito de Markov (Embaixador da Rússia em Paris. (N, dos T.)? Só o conde Markov chegou para ele. Já ouviu contar a história do lenço? É maravilhosa!

E o tagarela do Dolgorukov, dirigindo-se ora a Bóris ora ao príncipe André, contou que Bonaparte, querendo experimentar o embaixador russo Markov, deixara cair de propósito o lenço na sua presença e ficara à espera que Markov o apanhasse. Então este deixara cair também o seu lenço ao lado do de Bonaparte e, apanhando o seu, não tocara no do imperador.

— Encantador — disse Bolkonski. — Mas ouça cá, príncipe, vim procurá-lo para lhe pedir um favor para este jovem. Sabe...

O príncipe André não teve tempo de acabar: apresentou-se um ajudante que vinha convocar Dolgorukov para se apresentar ao imperador.

— Ah, que maçada! — exclamou Dolgorukov, levantando-se precipitadamente e apertando a mão ao príncipe André e a Bóris.— Fique certo de que terei muito prazer em fazer tudo que dependa de mim tanto por si como por este rapaz encantador. — Voltou a apertar a mão de Bóris, com um ar desprendido, cheio de bonomia e de animação. — Mas, como vê... Para a outra vez!

Bóris sentia-se impressionado por se encontrar naquele momento tão perto do poder supremo. Tinha a impressão de estar em contacto com as alavancas que accionavam todas aquelas enormes massas, de que ele, no seu regimento, não passava de uma mínima partícula obediente e insignificante. Seguiram atrás do príncipe Dolgorukov para o corredor e, saindo da porta do gabinete do imperador por onde desaparecera o seu companheiro, viram um homem de pequena estatura, à paisana, de aspecto inteligente, com uma cicatriz no queixo, a qual, não o desfeando, lhe dava uma expressão de vivacidade e de astúcia. Este homenzinho acenou familiarmente a Dolgorukov e fitou atentamente e com frieza

o príncipe André, com quem cruzou no caminho, esperando certamente que aquele o cumprimentasse ou se afastasse para o deixar passar. O príncipe André não fez nem uma nem outra coisa; teve uma expressão contrariada, e o outro, afastando-se, tomou por um dos lados do corredor.

— Quem é? — perguntou Bóris.

— É um homem dos mais notáveis, mas também dos mais desagradáveis que conheço. É o ministro dos Negócios Estrangeiros, o príncipe Adão Czartoriski. São estes indivíduos — disse Bolkonski, soltando um suspiro, que lhe fora impossível reprimir, no momento em que saíam do palácio —, são estes indivíduos que decidem do destino dos povos.

No dia seguinte as tropas puseram-se em marcha; não foi possível a Bóris, antes da batalha de Austerlitz, voltar a ver Bolkonski nem Dolgorukov, e ficou à espera no seu regimento, em Ismail.

[X]

Na madrugada de 16, o esquadrão de Denissov, em que servia Nicolau Rostov, e que fazia parte do destacamento de Bagration, deixou o seu acampamento nocturno para entrar em acção, segundo se dizia. Cerca de uma versta mais adiante, na esteira das outras colunas, encontrou-se na estrada real. Rostov tinha visto desfilar os cossacos, o primeiro e o segundo esquadrões de hússares, os batalhões de infantaria com a artilharia, depois vira passar os generais Bagration e Dolgorukov, seguidos de seus ajudantes-de-campo. O medo que, como da primeira vez, tinha sentido antes do combate, a luta interior com que procurava dominar esse medo, o desejo de cumprir o seu dever no meio da confusão, como um verdadeiro hússar, tudo desaparecera de repente. O seu esquadrão ficara de reserva e Rostov passara todo o santo dia triste e aborrecido. As nove horas da manhã ouviu na sua frente fuzilaria e gritos de «Hurra!» e viu alguns poucos feridos que eram trazidos para a retaguarda, e no meio de uma centena de cossacos deparara-se-lhe finalmente um destacamento de cavalaria francesa. Os soldados e os oficiais, de regresso à retaguarda, falavam de uma brilhante vitória, da tomada de Wischau e de um esquadrão francês feito prisioneiro. O céu estava claro e soalheiro depois da geada que caíra durante a noite, e o alegre esplendor daquele dia de Outono harmonizava-se com a notícia de uma vitória, proclamada não só pelo relato dos que nela haviam tornado parte, mas também pela alegria que se pintava na cara dos soldados, dos oficiais, dos generais, dos ajudantes-de-campo que passavam, para cá e para lá diante de Rostov.

Nicolau parecia, contudo, tanto mais triste quanto era certo ter sentido inutilmente a angústia de quem vai para o combate, pois o dia lhe decorrera em inacção.

— Anda dai. Rostov, vamos beber qualquer coisa para esqueceres a tua tristeza! — gritou-lhe Denissov, sentado na berma da estrada, diante de um cantil e de algumas vitualhas.

Em volta de Denissov havia um magote de oficiais que comiam e bebiam palrando.

— Olha, lá trazem outro! — exclamou um deles, apontando para um dragão francês prisioneiro que era conduzido, a pé, por dois cossacos. Um deles levava pelo bridão um belo e corpulento cavalo tomado ao prisioneiro.

— Vende-me esse cavalo — disse Denissov para o cossaco.

— Se o fidalgo o quiser...

Os oficiais levantaram-se e vieram fazer roda em volta dos cossacos e do francês. O dragão francês era um rapazola, um alsaciano, que falava com sotaque alemão. A emoção embargava-lhe a voz, tinha as faces muito vermelhas, e, ao ouvir falar francês, pôs-se a tagarelar com os oficiais, ora com um, ora com outro. Dizia que nunca se teria deixado aprisionar, que a culpa não fora dele, mas do cabo, que o havia mandado apanhar as gualdrapas dos cavalos, embora ele o tivesse avisado de que os Russos já ali estavam. E ia repetindo a cada momento: «mas não façam mal ao meu cavalinho», enquanto lhe passava a mão pelo lombo. Via-se que não compreendia lá muito bem onde se encontrava. Ora pedia desculpa de se ter deixado aprisionar, ora, julgando encontrar-se perante os superiores, se vangloriava da exactidão e da pontualidade com que cumpria os seus deveres. Com ele chegava até à retaguarda russa em toda a sua frescura a atmosfera do exército francês, então completamente estranha aos Russos. Os cossacos venderam o cavalo a troco de dois ducados, e Rostov, que tinha recebido dinheiro fresco e era o mais abonado, foi quem fez a transacção.

— Mas que não façam mal ao meu cavalinho! — repetia o alsaciano, dirigindo-se a Rostov, com um ar bonacheirão, quando lhe entregaram o cavalo.

Rostov, sorrindo, tranquilizou o dragão e deu-lhe algum dinheiro.

— É andar! É andar! — exclamou o cossaco, pegando no braço do prisioneiro para o obrigar a caminhar.

— O imperador! O imperador! — gritaram de repente.

Toda a gente se pôs a correr, e Rostov, voltando-se, viu, avançando pela estrada, um grupo de cavaleiros que se aproximava, os penachos brancos ao vento. Num abrir e fechar de olhos, cada um retomara o seu lugar nas fileiras e esperava.

Rostov não compreendia como tinha podido retornar tão depressa o seu lugar e montar a cavalo. De súbito, desvanecera-se-lhe o desgosto de não ter tomado parte no combate e o mau humor de se ver no meio dos homens de todos os dias; de chofre, tudo que nele era sentimento pessoal desaparecera. Não pensava senão na alegria de ir ver de perto o imperador. Sentia que a presença dele só por si o compensaria bem do dia que perdera. Tomava-o uma felicidade idêntica à do apaixonado que por muito tempo esperou a mulher amada. Sem se atrever a

voltar-se nas fileiras, e sem que realmente se voltasse, sentia, cheio de júbilo, a aproximação do czar. E o certo é que não era só o tropear dos cavalos que lhe anunciava a próxima vinda do imperador, mas uma como que claridade, um ar de alegria, uma espécie de atmosfera de festa espalhada por todos os lados. A medida que o imperador se acercava, era como se, a seus olhos, um sol fosse irradiando uma luz suave e magnífica, e eis que se sentia como que envolto nos seus raios de luz, que ouvia a sua voz, a sua voz cariciosa, calma, majestosa, e ao mesmo tempo tão simples. Como, de resto, já o esperava, fez-se um silêncio de morte e no meio desse silêncio ouviu-se a voz do imperador,

— Os hússares de Pavlogrado? — perguntou o czar.

— A reserva. Sire! — respondeu uma voz, num tom tão humano quanto o tom da outra se lhe afigurara sobre-humano.

Ao chegar à altura em que se encontrava Rostov fez alto. Os seus traços fisionómicos ainda eram mais belos que três dias antes, por ocasião da parada. Tamanhas eram a alegria e a juventude, tamanha a inocente mocidade que se lhe espelhavam no rosto que dir-se-ia ter a petulância de uma criança de catorze anos sem deixar de ser um soberano majestoso. Percorrendo distraidamente com a vista o esquadrão encontrou os olhos de Rostov e deteve-se, fitando-o alguns segundos. Teria surpreendido o que se estava a passar na alma de Rostov? (Rostov estava persuadido de que ele compreendia tudo.) O certo é que o fitou por instantes com seus olhos azuis, donde escorria uma luz suave e enternecida. Depois, repentinamente, soergueu as sobrancelhas, cravou bruscamente no cavalo a espora do pé esquerdo e despediu a galope.

O jovem imperador não tinha querido deixar de assistir à batalha, e, contra os conselhos dos cortesãos, ao meio-dia separara-se da terceira coluna, atrás da qual seguia, para se dirigir à primeira linha.

Ainda não chegara ao pé dos hússares e já alguns ajudantes-de-campo lhe anunciavam o venturoso resultado da acção. Este combate, de que resultou apenas o aprisionamento de um destacamento francês, foi considerado uma grande vitória; por isso o imperador e todo o exército, sobretudo no momento em que o fumo da batalha ainda se não dissipara, julgaram os Franceses vencidos e a recuar. Alguns minutos após a passagem do imperador, a divisão do regimento de Pavlogrado recebeu ordem de avançar. Foi em Wischau, nessa pequena cidade alemã, que Rostov pode ver ainda uma vez mais o imperador. No meio da praça da

cidade, onde houvera antes fuzilaria assaz violenta, viam-se prostrados mortos e feridos que ainda não tinha havido tempo de retirar. O imperador, cercado por uma comitiva de civis e militares, montava numa égua alazã inglesa, não já a mesma do dia da parada: inclinado de lado, e empunhando, com graciosidade, o lorgnon de ouro, olhava para um soldado, com a cabeça ensanguentada e sem barretina, estendido a seus pés, com a cara contra o solo. O soldado ferido estava tão sujo, tão grosseiro, tão sebento, que Rostov se afligiu de vê-lo tão perto do imperador. Viu os ombros possantes do czar percorridos por uma espécie de tremura febril, notou a perna esquerda esporear nervosamente a montada, e esta já habituada, parecer indiferente e ficar imóvel. Um ajudante-de-campo desmontou, pegou no soldado pelos ombros e pôs-se a ajeitá-lo numa maca que nesse momento apareceu. O ferido soltou um gemido.

— Cuidado, cuidado, não se pode ter mais cuidado? — recomendou o imperador, que parecia sofrer ainda mais do que o soldado moribundo, e prosseguiu o seu caminho.

Rostov viu os olhos do imperador cheios de lágrimas, e ouviu-o dizer para Czartoriski, enquanto se afastava:

— Que terrível coisa, a guerra! Que coisa terrível!

As tropas da vanguarda haviam-se estabelecido adiante de Wischau, à vista da linha do inimigo, que durante todo o dia cedera terreno à mais ligeira fuzilaria. O imperador testemunhou o seu reconhecimento à vanguarda das tropas, prometeram-se recompensas e os homens receberam dupla ração de vodka. Ainda mais alegres que na noite anterior, crepitavam as fogueiras dos acampamentos e os soldados cantavam. Denissov nessa noite festejou a sua promoção a major, e Rostov, bem bebido, propôs, no fim do repasto, uma saúde ao imperador, mas <não», insistiu ele, «não à saúde de Sua Majestade o Czar, como se diz nos banquetes oficiais, mas à saúde do imperador, que é um homem bom, encantador e grande: bebamos à sua saúde e à vitória sobre os Franceses!»

— Se nós nos batemos sempre bem até aqui — disse ele e se não deixámos passar os Franceses em Schöngraben, o que não seremos capazes de fazer agora, que o temos a comandar-nos? Estamos todos prontos, todos, a morrer por ele alegremente. Não é verdade, meus senhores? Talvez não esteja a falar tão bem como seria necessário, pois já lhe bebi um bocado: mas a verdade é que estes são os meus sentimentos e os vossos também. A saúde de Alexandre I! Hurra!

— Hurra! — repetiram, em eco, as vozes entusiastas dos oficiais.

E o certo é que o velho capitão Kirsten pôs no seu hurra tanto ou mais entusiasmo e não menor sinceridade que o jovem Rostov, oficial de vinte anos.

Quando os oficiais acabaram de beber e partiram os copos. Kirsten encheu outros, e, em mangas de camisa e calção de montar, avançou de copo na mão e aproximou-se do acampamento dos soldados; numa atitude majestosa e grandes gestos deteve-se, iluminado pela fogueira, que lhe incendiava os grandes bigodes grisalhos e a brancura do peito, visível através da camisa entreaberta.

— Rapazes, à saúde do czar, pela vitória sobre os nossos inimigos, hurra! — gritou na sua voz grave e máscula de velho hússar.

Os hússares formaram grupos e responderam, como uma só voz, soltando ruidosas aclamações.

Já tarde, pela noite dentro, quando, por fim, se separaram. Denissov bateu no ombro de Rostov, seu favorito, com a sua pequena mão.

— Com que então, na guerra, como não há ninguém para gente gostar cá bem de dentro, toca uma pessoa a enamorar-se do czar — disse ele.

— Denissov, deixa-te de brincar com coisas sérias — gritou Rostov — é um sentimento muito elevado, muito belo...

— Bem sei, bem sei, meu amigo; e eu compartilho dele, sou o primeiro a aprová-lo...

— Não, tu não compreendes!

E Rostov, erguendo-se, pôs-se a deambular pelo meio do acampamento e a sonhar com a felicidade que seria para ele morrer, não para lhe salvar a vida a ele, coisa em que nem sequer ousava pensar, mas simplesmente morrer diante do imperador. Realmente, era um facto: estava apaixonado pelo seu czar e pela glória dos exércitos russos, e todo ele era esperança num triunfo próximo. E o certo é que nem só Rostov experimentava tais sentimentos nos memoráveis dias que precederam a batalha de Austerlitz: noventa mil homens estavam igualmente apaixonados, embora não no mesmo grau, pelo czar e pela glória dos exércitos russos.

[XI]

No dia seguinte o imperador dormiu em Wischau. O seu médico às ordens. Villiers, foi chamado várias vezes. No quartel-general e nos círculos afectos espalhara-se a notícia de que o soberano tivera uma indisposição. Nada comera e dormira mal de noite, segundo diziam os íntimos. A causa era a violenta impressão que lhe produzira na alma sensível a vista dos feridos e dos mortos.

No dia 17, de madrugada, um oficial francês, protegido por uma bandeira branca, foi conduzido a Wischau, às guardas avançadas, e pedira audiência ao imperador russo. Este oficial era Savary. O czar acabava de adormecer; Savary viu-se obrigado a esperar. Ao meio-dia era recebido pelo imperador, e uma hora depois regressava às guardas avançadas francesas acompanhado pelo príncipe Dolgorukov.

O objectivo desta missão, segundo corria, era a proposta para uma entrevista do imperador Alexandre com Napoleão. A entrevista pessoal fora recusada, com grande alegria e grande orgulho de todo o exército, e o príncipe Dolgorukov, o vencedor de Wischau, foi enviado com Savary para entrar em contacto com Napoleão, na hipótese de a entrevista solicitada, contra a geral expectativa, ter, realmente, a paz por objectivo.

A noitinha estava Dolgorukov de regresso, e, tendo-se dirigido imediatamente para junto do imperador, ficou muito tempo a sós com o czar.

Nos dias 18 e 19 de Novembro, as tropas avançaram ainda duas etapas, e as guardas avançadas inimigas, depois de uma ligeira escaramuça, retiraram-se. A partir da tarde do dia 19 houve um importante movimento para cá e para lá nas altas esferas do comando, que se prolongou até à manhã do dia seguinte, 20, jornada da memorável batalha de Austerlitz.

Antes da tarde de 19, a inusitada agitação, as conversas animadas, as deslocações, as missões dos ajudantes-de-campo, limitaram-se apenas ao quartel-general dos imperadores; mas depois este movimento estendeu-se igualmente ao quartel-general de Kutuzov e aos estados-maiores dos comandantes de coluna. Para a tarde, graças às ordenanças, uma verdadeira agitação percorreu todos os corpos do exército; na noite de 19 para 20, nos acampamentos ouvia-se um murmúrio de vozes, notava-se uma agitação geral e aquela massa de oitenta mil homens pôs-se em marcha, numa enorme cortina de nove verstas.

O movimento que de manhã se concentrara no quartel-general dos imperadores e que impulsionara tudo o mais fazia lembrar o da roda motriz de qualquer relógio monumental. Lentamente uma das rodas põe-se em movimento, depois outra, e uma terceira começa a girar, e cada vez mais depressa entram em movimento engrenagens, eixos e roldanas; retinem as campainhas, as figurinhas desfilam e os ponteiros principiam a mover-se regularmente: este o resultado final.

Tal qual o mecanismo de um relógio, a máquina militar tem de ir até ao fim desde que se verifique o primeiro movimento e também se conserva imóvel até ao momento em que o impulso inicial atinge as engrenagens até aí insensíveis. As rodas rangem nos eixos, as charneiras encadeiam-se, os carretes, graças à rapidez da rotação, gemem, enquanto a roda vizinha se mostra tão tranquila, tão imóvel como se essa imobilidade fosse para durar centenas de anos. O momento chega, porém: um dente apanhou-a, e, obediente ao resto, range, rodando, fundindo-se na acção geral cujo resultado e cuja finalidade se lhe mantêm desconhecidos.

Da mesma maneira que no relógio o movimento distribuído por inúmeras e diferentes engrenagens e roldanas entra numa lenta deslocação, assim as múltiplas evoluções daqueles cento e sessenta mil russos e franceses, o amálgama de todas aquelas paixões, de todos aqueles desejos, de todos aqueles pesares, de todas aquelas humilhações, de todas aquelas dores, de todos aqueles acessos de orgulho, de medo, de entusiasmo, não vieram a ter por resultado senão o desastre de Austerlitz, aquela batalha que passou à história como a dos três imperadores, quer dizer, uma deslocação insensível da agulha da história universal no quadrante da história da humanidade.

O príncipe André, nesse dia, estava de serviço, e manteve-se constantemente junto do general-chefe.

As seis horas da tarde chegou Kutuzov ao quartel-general dos imperadores e, depois de estar algum tempo com Alexandre, dirigiu-se para junto do grande marechal da corte, o conde Tolstoi.

Bolkonski aproveitou esse momento para colher pormenores dos acontecimentos junto de Dolgorukov. Percebia Kutuzov distraído e descontente e sentia que no quartel-general também estavam descontentes com ele, que toda a gente aí tinha tomado para com Kutuzov o tom das pessoas que sabem o que os outros ignoram. Por isso muito desejava falar com Dolgorukov.

— Oh, boa tarde, meu caro — disse-lhe Dolgorukov, que tomava chá com Bilibine. — Então a festa é para amanhã! Como vai o seu velhote? Não está lá muito bem disposto, não é verdade?

— Não direi que não esteja bem disposto, mas acho que gostaria que lhe prestassem atenção.

— Mas prestaram-lhe atenção no conselho de guerra e toda a gente está pronta a ouvi-lo quando falar com bom senso; mas demorarmo-nos e esperar, agora que o Bonaparte mais do que nunca receia uma batalha geral, não é possível.

— Falou-lhe? — inquiriu o príncipe André. — E então? Que impressão lhe fez Bonaparte?

— Falei-lhe e fiquei convencido de que não há nada que ele mais tema no mundo que uma batalha geral — repetiu Dolgorukov, frisando sobretudo esta conclusão, súmula da sua entrevista com Bonaparte. — Se ele não temesse a batalha, porque iria pedir esta entrevista, porque recorreria aos seus parlamentares, e sobretudo porque recuaria quando o recuo é a coisa mais contrária aos seus métodos de guerra? Pode crer: ele receia uma batalha geral. Chegou a sua hora, sou eu quem lho diz.

— Mas conte-me, como é ele? — perguntou de novo o príncipe André.

— É um cavalheiro de casacão cinzento, que se pela por ouvir-se chamar de «Vossa Majestade», mas eu é que lhe não dei título algum, com grande desapontamento seu. Eis o homem, e é tudo — redarguiu Dolgorukov, trocando um sorriso com Bilibine — Apesar do meu profundo respeito pelo velho Kutuzov – Prosseguiu —, seríamos anjinhos se continuássemos à espera e lhe déssemos oportunidade de se nos escapar e de nos enganar, quando é certo que neste momento nos está nas mãos. Não, não devemos esquecer Stivorov e os seus princípios: nunca nos colocarmos na posição de atacados, mas de atacantes. Pode crer, na guerra, a energia dos jovens é muito mais uma garantia do verdadeiro êxito do que a experiência dos velhos cunctators.

— Mas em que situação é que vamos atacar? Fui hoje aos postos avançados e verifiquei não ser possível saber exactamente onde estão as forças principais do inimigo — observou o príncipe André.

O seu propósito era comunicar a Dolgorukov o plano de ataque que ele próprio congeminara.

— Ah! Tudo isso não tem a mais pequena importância — apressou-se a dizer Dolgorukov, levantando-se e abrindo um mapa em cima da mesa. — Todas as hipóteses estão previstas: se ele estiver em Brünn...

E o príncipe Dolgorukov, fluente e pouco claro, expôs o movimento de flanco previsto por Weirother.

O príncipe André levantou as suas objecções e expôs o seu plano, que podia ser tão bom como o de Weirother, mas que tinha apenas uma desvantagem: a de o outro já estar adoptado. Desde o momento em que o príncipe se pusera a mostrar as vantagens do seu plano e os inconvenientes do segundo. Dolgorukov deixou de o ouvir e não voltou a olhar para o mapa senão distraidamente. Por fim, fitando nos olhos o interlocutor, observou:

— Bom! Há hoje conselho de guerra no quartel-general de Kutuzov. Pode expor aí o seu plano.

— E é isso mesmo que eu vou fazer — disse o príncipe André, deixando o mapa.

— Mas o que vos preocupa, meus senhores? — interveio Bilibine, que até então estivera a ouvir, em silêncio, e naquele momento se preparava , ara fazer um gracejo.— Quer seja um desastre ou uma vitória o que amanhã nos espera, a glória dos exércitos russos esta garantida. A não ser o seu Kutuzov, nem um só general é russo. Os chefes, aqui os têm: Herr general Wimpfen, o conde de Langeron, o príncipe de Lichtenstein, o príncipe de Hohenlohe, e por fim Trsch. Prsch.., e assim por diante, como todos os nomes polacos...

— Cale-se, língua danada! — exclamou Dolgorukov. — De resto, é falso; agora, pelo menos, há dois russos: Miloradovitch e Dokturov e ainda podíamos mencionar um terceiro, o conde Araktcheev, se não fossem os seus fracos nervos.

— Creio que Mikail Ilarionovitch está de volta — disse o príncipe André. — Que a sorte vos seja propícia, meus senhores. — E saiu, depois de apertar a mão a Dolgorukov e a Bilibine.

Uma vez junto de Kutuzov não resistiu a perguntar ao general, que estava sentado sem dizer palavra, qual a sua opinião sobre a batalha do dia seguinte.

Kutuzov olhou severamente o seu ajudante-de-campo, e após um silêncio respondeu:

— Penso que perderemos a batalha, e foi isso que eu disse ao conde Tolstoi, pedindo-lhe que transmitisse a minha opinião ao imperador. Queres saber o que ele me respondeu? «Ora, meu caro general, eu trato do arroz e das costeletas,

ocupe-se o senhor das coisas da guerra.» Sim.., foi isto que me responderam!

[XII]

Às dez horas da noite Weirother chegou com os seus planos à residência de Kutuzov, onde tinha ficado assente que se realizaria o conselho de guerra. Todos os generais comandantes de coluna haviam sido convocados para comparecer perante o general-chefe, e à excepção de Bagration, que se recusara a fazê-lo, todos se apresentaram à hora marcada.

Weirother, que fora o exclusivo organizador da futura batalha, na sua animação e agitação, apresentava o mais completo contraste com Kutuzov, nada satisfeito e cheio de sono, pois fora forçado, contra sua vontade, a desempenhar o papel de presidente e director do conselho de guerra. Weirother sentia-se, evidentemente, à cabeça de um movimento que se tornava irresistível. Parecia um cavalo atrelado a uma carroça que desliza por uma ladeira abaixo. Se era ele quem puxava o veículo ou se o veículo o arrastava, eis o que ele ignorava; mas o certo é que lá ia em marcha acelerada, sem ter possibilidade de reparar no terreno para onde era arrastado. Nessa noite, por duas vezes, fora inspeccionar a linha inimiga, e por duas vezes apresentara o seu relatório aos dois imperadores, o russo e o austríaco, e lhes dera esclarecimentos, indo igualmente ao seu gabinete para ditar o seu dispositivo em alemão. Chegava agora, extenuado, ao quartel-general de Kutuzov.

Tão preocupado estava, evidentemente, que se esquecia até de ser respeitoso para com o general-chefe: interrompia-o, falava-lhe bruscamente, com pouca clareza, sem encarar com o interlocutor, sem responder às perguntas que lhe fazia; estava coberto de lama e tinha um ar lamentável, moído, hirsuto, embora, no entanto, estivesse cheio de segurança e de orgulho.

Kutuzov estava instalado num pequeno castelo dos arredores de Austerlitz. No grande salão que lhe servia de gabinete encontravam-se reunidos Kutuzov. Weirother e os membros do conselho de guerra. Tomavam chá. Aguardavam apenas a chegada de Bagration para darem começo aos trabalhos. As oito horas chegou um oficial de ordenanças de Bagration a anunciar que o príncipe não podia

assistir ao conselho. O príncipe André é que fora encarregado desta missão, e, aproveitando a autorização que Kutuzov antecipadamente lhe dera, ficou na sala.

— Uma vez que o príncipe Bagration não vem, podemos começar — disse Weirother, levantando-se apressadamente e aproximando-se da mesa onde estava, estendido, um imenso mapa dos arredores de Brünn.

Kutuzov, com o uniforme desabotoado, com o grosso e adiposo pescoço descoberto, sentara-se numa poltrona baixa, as duas mãos, rechonchudas, de velho, pousadas simetricamente de cada lado: dormitava. Ao ruído da voz de Weirother entreabriu com esforço o olho que lhe restava.

— Pois sim. Pois sim, façam favor, começa a ser tarde — disse ele; meneou a cabeça, depois deixou-a descair e fechou os olhos.

Se no primeiro momento os membros do conselho puderam pensar que Kutuzov fingia dormir, não há dúvida de que o ruído ribombante que lhe prorrompia do nariz quando se procedeu à leitura imediata claramente veio demonstrar que naquele instante o preocupava qualquer coisa muito mais importante que exprimir a sua opinião favorável ou desfavorável sobre o dispositivo ou assunto quejando, pois o certo era que se tratava, para ele, de satisfazer urna necessidade imperiosa: a do sono. Efectivamente. Kutuzov dormia. Weirother, com um movimento de impaciência de alguém demasiado ocupado para se dar ao trabalho de perder um minuto que fosse, lançou um olhar ao general-chefe, e, convencido de que efectivamente ele dormia, pegou num papel, e em voz alta e num tom monótono pôs-se a ler o dispositivo da futura batalha, sem esquecer o título, que também leu:

«Dispositivo para o ataque à posição inimiga na retaguarda de Kobelnitz e de Sokolnitz no dia 20 de Novembro de 1805.»

Este dispositivo era assaz complicado e difícil de compreender. O original rezava assim:

«Como o inimigo se apoia, na sua ala esquerda, em colinas cobertas de matagal e na ala direita se estende ao longo de Kobelnitz e de Sokolnitz por detrás dos pântanos que existem aí, e nós, pelo contrário, pela nossa ala esquerda ultrapassamos largamente a sua direita, é de toda a vantagem para nós atacarmos esta ala inimiga, principalmente se ocuparmos as povoações de Soko1nitz e de Kobelnitz, o que nos dará a possibilidade de cair sobre o flanco inimigo e de o perseguir na planície entre Schlapanitz e a floresta de Thurass,

evitando, ao mesmo tempo, os desfiladeiros entre Schlapanitz e Bellowitz, que protegem a frente inimiga. Para alcançar este objectivo é necessário... A primeira coluna marcha.., a segunda coluna marcha.., etc.» (Em alemão no texto original. (N, dos T.)

Os generais não pareciam ouvir com grande prazer este dispositivo complicado. O general Boekshevden, um louro, grandalhão, estava de pé, de costas contra a parede, os olhos fitos nas velas acesas; não só parecia não ouvir, mas até não querer que se pudesse pensar que ouvia. Mesmo diante de Weirother, com os seus olhos brilhantes muito abertos voltados para ele, numa pose marcial, as mãos nos joelhos, com os cotovelos para fora, sentava-se Miloradovitch, rosado, de bigodes retorcidos, ombros largos. Calava-se obstinadamente, os olhos fitos em Weirother, e não baixou a vista senão quando o chefe do estado-maior austríaco acabou a leitura. Então, virou os olhos significativamente para os outros generais. Mas este olhar significativo não deixava perceber se ele estava de acordo ou não, se aprovava ou reprovava o dispositivo. O general mais próximo de Weirother era o conde de Langeron: com o seu fino sorriso de meridional francês, presente durante toda a leitura, contemplava os seus afilados dedos, fazendo girar entre eles rapidamente uma caixa de rapé de ouro guarnecida de miniaturas. No meio de um dos períodos mais longos, suspendeu a rotação da caixa de rapé, levantou a cabeça, e com uma fria polidez, com a ponta dos delgados dedos procurou interromper Weirother, querendo dizer fosse o que fosse; mas o general austríaco, sem deixar de ler, franziu o sobrolho, colérico, e fez com o braço um gesto que queria dizer: «Depois, depois dirá da sua justiça, mas por agora queira seguir pelo mapa e escutar.» Langeron ergueu os olhos ao alto, numa expressão de espanto, lançou um olhar a Miloradovitch como que a pedir-lhe explicações e, ao deparar-se-lhe nada mais que uma expressão que nada significava, baixou os olhos com tristeza, voltando a fazer girar a caixa de rapé entre os dedos.

«Uma lição de geografia», disse ele com os seus botões, mas suficientemente alto para ser ouvido.

Przebiszewski, com respeitosa mas digna, cortesia, voltou para Weirother a concha da orelha, como a dar-se ares de ser todo ouvidos. O pequeno Dokturov, sentado precisamente diante de Weirother, concentrado e modesto e de bruços sobre o mapa, estudava conscienciosamente o dispositivo e o terreno que não

conhecia. Várias vezes pediu a Weirother que repetisse passos difíceis que ouvira mal e nomes difíceis de algumas povoações. Weirother aquiescia e Dokturov tomava notas,

Quando a leitura, que durou quase uma hora, chegou ao fim. Langeron, detendo o movimento da caixa de rapé, e sem olhar para Weirother nem para ninguém em particular, pôs-se a explicar quão difícil seria executar semelhante dispositivo em que a situação do inimigo se pressupunha conhecida, quando era certo que talvez o não fosse de maneira alguma, visto estar em movimento. Estas objecções, posto fundamentadas, era evidente terem por principal objectivo fazer sentir a Weirother, que lera os seus papéis com tanta segurança que dir-se-ia dirigir-se a colegiais, que não estava perante imbecis, mas de pessoas que muito lhe poderiam ensinar do ponto de vista militar. Quando a voz monótona de Weirother se calou. Kutuzov abriu o olho, como um moleiro que desperta em sobressalto ao deixar de ouvir o ruído sonolento das rodas do moinho, prestou atenção às palavras de Langeron e, como quem diz: «Ah, os senhores ainda estão à volta dessas tolices!», deu-se pressa em cerrar de novo a pálpebra. A cabeça descaiu-lhe mais ainda sobre o peito.

Procurando ferir Weirother o mais vivamente possível na sua vaidade de autor. Langeron mostrava que Napoleão podia muito bem atacar em vez de ser atacado, o que tornaria o dispositivo completamente inútil. Weirother replicava a todas as críticas com um sorriso desdenhoso, de plena segurança, preparado, evidentemente, de antemão para responder a tudo, fossem quais fossem as objecções que lhe fizessem.

— Se ele nos pudesse atacar já o tinha feito — lançou ele.

— Imagina-o, talvez, impotente... — redarguiu Langeron.

— Se tiver quarenta mil homens, já é muito — replicou Weirother, sorrindo, como o médico a quem uma pobre mulher recomenda uma tisana.

— Nesse caso é como se se condenasse a si próprio, se espera o nosso ataque — observou Langeron com um subtil sorriso de ironia, procurando de novo o olhar de aprovação da parte de Miloradovitch.

Mas este, claro está, de momento estava longe de se ocupar do assunto que dividia as opiniões dos generais.

— Palavra — disse ele. — Amanhã tudo isso se verá no campo de batalha.

Weirother teve de novo um sorriso que queria dizer parecer-lhe ridículo e

estranho encontrar objecções junto dos generais russos e dar provas de coisas de que não só ele estava absolutamente convencido, mas de que se haviam persuadido, inclusivamente, os próprios imperadores.

— O inimigo apagou as fogueiras e no seu acampamento ouve-se um ruído ininterrupto — tornou ele — Que quer isto dizer? Afastar-se-á, a única coisa que nós devemos recear, ou altera as suas posições? — Isto fê-lo sorrir. — Mas ainda mesmo que viesse a ocupar a posição de Thurass, com isso apenas nos evitava grandes maçadas, e todas as disposições tomadas, nos seus mais pequenos pormenores, continuariam as mesmas.

— Como assim? — perguntou o príncipe André, que de há muito esperava a oportunidade de expandir as suas dúvidas. Kutuzov despertou, tossicou e olhou os generais.

— Meus senhores, o dispositivo de amanhã, quer dizer, de hoje, visto ser quase uma hora, não se pode modificar — disse ele. — Já o ouviram ler e todos nós cumpriremos o nosso dever. E antes da batalha nada é mais importante (hesitou um momento) que dormir bem.

Fez menção de se levantar. Os generais, com uma vénia, afastaram-se. Era já bastante mais da meia-noite. O príncipe André saiu.

O conselho de guerra em que o príncipe André não pudera exprimir a sua opinião, conforme seu desejo, deixou-lhe urna impressão confusa e nublada. Quem teria razão? Dolgorukov e Weirother, ou Kutuzov. Langeron e os outros, que não aprovavam o plano de ataque? Eis o que ele ignorava. Mas teria sido, de facto, impossível a Kutuzov comunicar directamente a sua opinião ao imperador? Não poderiam as coisas vir a passar-se de outra maneira? «Será legítimo, para dar satisfação às ideias particulares de simples cortesãos, arriscar a vida de dezenas de milhares de homens, e a minha também?», pensava de si para consigo.

«Sim, pode muito bem acontecer que me matem amanhã», prosseguiu. E subitamente, ao pensar na morte, toda uma cadeia de reminiscências as mais longínquas, as mais íntimas, lhe invadiu a imaginação. Lembrou-se do seu último adeus ao pai e à esposa; lembrou-se dos seus primeiros tempos de namoro com Lisa! Lembrou-se da gravidez da mulher e uma grande piedade por ela e por ele próprio o invadiu, e num estado de tensão nervosa e intensa emoção saiu da cabana que partilhava com Nesvitski e pôs-se a andar de um lado para o outro diante da porta.

A noite estava enevoada, e através da bruma filtrava-se, misteriosamente, um raio da Lua. «Sim, amanhã, amanhã!», disse para si mesmo... «Amanhã talvez tudo tenha acabado para mim; de todas estas recordações nada restará, todas estas recordações deixarão de ter para mim o mais pequeno sentido. Amanhã, talvez, com certeza amanhã, é que eu prevejo que pela primeira vez me será dado, por fim, mostrar de quanto sou capaz. — E por diante dos seus olhos perpassava a batalha, o seu resultado desastroso, a concentração do combate num único ponto e o embaraço de todos os seus superiores. E eis que surgia o minuto que o destino lhe reservava, esse seu Toulon há tanto esperado, e que por fim se lhe propiciava. Ei-lo que diz, firme e claramente, tudo quanto pensa a Kutuzov, a Weirother e aos imperadores. A precisão dos seus planos impressiona-os a todos, mas ninguém assume a responsabilidade de os pôr em prática, e ei-lo que toma o comando de um regimento, de uma divisão, que impõe como condições ninguém intervir nas suas disposições: e leva a divisão até ao ponto critico e é ele sozinho quem consegue a vitória. «E a morte e a agonia?», diz uma outra voz. Mas nada responde a esta voz, e os seus triunfos continuam. É ele, só ele, quem estabelece o dispositivo da futura batalha. Mero oficial às ordens de Kutuzov, é ele e só ele quem tudo faz. A batalha que se segue ele a ganha. Kutuzov é transferido e é ele norteado para o seu posto... «E de— pois?», segreda-lhe ainda a segunda voz, «e depois, se tu não tiveres sido antes dez vezes ferido, morto ou traído; e depois?» «E então depois?!», replica André. «Ignoro o que acontecerá depois, não quero nem posso sabê-lo; mas se é isto que eu desejo, se quero o glória, se quero ser célebre entre os homens, se quero vir a ser um ídolo, que culpa realmente tenho eu de querer que as coisas sejam assim, de não querer senão isto, de não viver senão para isto? Sim, só para isto! Nunca o direi a ninguém, mas, meu Deus, que hei-de eu fazer se a única coisa a que realmente aspiro é a glória e a idolatria dos homens! A morte, os ferimentos, a perda da minha família, nada me mete medo. Por mais queridas que me sejam todas estas pessoas, meu pai, minha irmã, minha mulher, e outros, outros mais, por mais que os estime, e ainda que isso possa parecer terrível e contra a natureza, a todos estou pronto a sacrificar por um minuto de glória, por um instante de triunfo, pelo amor que inspirarei a pessoas que não conheço e a quem nunca conhecerei, pelo amor, precisamente, dessas mesmas pessoas.» E em tudo isto pensava enquanto ia ouvindo um ruído de vozes no pátio do alojamento de Kutuzov. Era a conversa dos impedidos que se

deitavam. Um deles, provavelmente um cocheiro, para arreliar o velho cozinheiro de Kutuzov, que o príncipe André conhecia muito bem e se chamava Tito, dizia:

— Tito, eh. Tito!

— O que aconteceu? — inquiria o velho.

— Tito, vai malhar o teu trigo (Aforismo intraduzível. (N, dos T.) — dizia o gracioso.

— O Diabo te leve! — gritava a outra voz, logo abafada pela risota dos alegres camaradas.

«E apesar de tudo só uma coisa me interessa, só uma coisa me absorve: o desejo de triunfar sobre todos; só me interessa esta força misteriosa, esta glória que eu sinto pairar aqui por cima de mim, no meio desta neblina!»

[XIII]

Rostov, nessa noite, encontrava-se com o seu pelotão na linha dos flanqueadores na vanguarda do destacamento de Bagration. Os hússares estavam divididos dois a dois, formando a primeira linha; ele próprio a percorria a cavalo, procurando dominar o sono que o prostrava. Na retaguarda descobria-se urna vasta área ocupada pelos acampamentos nocturnos do exército russo, visão confusa no meio do nevoeiro; na vanguarda, completa opacidade. Por mais que Rostov procurasse ver para além dessa distante neblina, nada podia distinguir: ora era qualquer coisa cinzenta, ora qualquer coisa vagamente negra; por vezes dir-se-ia ver fogueiras no local onde devia encontrar-se o inimigo; outras acreditava não passarem de clarões que lhe perpassavam pela vista. Fechava os olhos e a imaginação representava-lhe ora o czar, ora Denissov, ora recordações de Moscovo, e logo procurava reabri-los, para ver ali mesmo, diante de si, mesmo contra si, a cabeça e as orelhas do cavalo que montava, outras vezes negras silhuetas de hússares quando passava a pouca distância deles, e ao longe sempre o mesmo nevoeiro opaco. «Quem sabe?», pensava. «Pode muito bem acontecer que o czar, encontrando-me no seu caminho, me venha a dar, como a qualquer outro oficial, uma missão a cumprir e me diga: 'Vai ver o que se passa lá adiante!' Não ouvi eu já contar que ele, por mero acaso, reconhecendo um oficial, o chamou para

junto de si? E se ele me chamasse para junto dele? Oh! Como eu o protegeria, como eu lhe diria toda a verdade, como eu desmascararia os impostores!» E Rostov, para se representar a si próprio, ao vivo, a sua dedicação e o seu amor pelo czar, via-se a contas com um inimigo ou um traidor alemão, a quem abatia, cheio de júbilo, ou a quem esbofeteava perante o seu senhor. De súbito, um grito distante fê-lo estremecer e despertar daquela abstracção.

«Onde estou eu? Ah! Sim, na linha de fogo. O santo e a senha é: Timão. Olmütz. Que pena o nosso esquadrão estar amanhã de reserva... », disse de si para consigo. «Vou pedir que me deixem tomar parte na batalha. É talvez a única maneira de ver o czar. E agora devo estar quase a ser rendido. Vou dar ainda mais uma volta, e no regresso procurarei o general para lhe fazer o meu pedido.» Empertigou-se na sela e esporeou o cavalo disposto a inspeccionar uma vez mais os seus hússares. Pareceu-lhe a manhã um pouco mais clara. A esquerda via-se uma vertente suave iluminada e em frente um cabeço negro que parecia abrupto como uma muralha. Sobre o cabeço havia uma mancha clara que Rostov não pode definir: seria uma clareira na floresta iluminada pelo luar ou neve perpétua ou um grupo de casas brancas? Pareceu-lhe, mesmo, que alguma coisa mexia. «Com certeza é neve aquela mancha. Uma mancha», parafusava ele; «mas, não, não é uma mancha...»

«É Natacha, a minha irmã, são os seus olhos negros... Natacha... Ficará ela admirada quando eu lhe disser que vi o imperador? Não há dúvida, é a Natacha.., aquela manchazinha...» — Meta à direita. Excelência, aqui há uma moita — disse de súbito a voz do hússar diante do qual Rostov ta passando, sonolento.

Rostov ergueu a cabeça, que tinha deixado pender sobre o pescoço do cavalo, e parou ao pé do hússar. Prostrava-o um sono de criança. «Mas, então, em que, é que eu estava a pensar? Preciso de me não esquecer. Quando falar ao imperador? Não, não se trata disso, mas é amanhã. Sim, sim! Natacha.., ataque, taque.., quem? O hússar. Ali!, o hússar com os bigodes... Pelo Tverskaia (Rua importante de Moscovo. (N, dos T.) lá vai andando aquele hússar dos bigodes, sim, estou a pensar nele mesmo defronte da casa Guriev... O velho Guriev. Eh!, grande compincha, o Denissov! Mas tudo isto são disparates. Agora o importante é o imperador estar aqui. Quando olhou para mim, quis falar-me, mas não teve coragem... Não, fui eu, eu é que não tive coragem. Tudo isto continua a ser disparate; o principal é que eu me não esqueça de qualquer coisa muito

importante em que estava a pensar. Natacha, ataque.., sim, sim, É isso!» E de novo voltou a cabecear sobre o pescoço do cavalo. De súbito, pareceu-lhe que disparavam contra ele. «Quê? Quê?... Acutilem-nos! O quê?», gritou, sobressaltado. No momento precisamente em que abria os olhos ouviu diante dele, do lado do inimigo, gritos prolongados de milhares de vozes. O cavalo de Rostov e o do hússar que lhe ficava mais próximo eriçaram as orelhas. Na direcção donde provieram os gritos acendeu-se e apagou-se uma luz, depois outra, e ao longo de toda a linha francesa, no alto do cabeço, brilharam luzes e os gritos tornaram-se cada vez mais intensos. Rostov conseguia perceber que se falava francês, sem poder compreender. Falava muita gente ao mesmo tempo. Nada mais se discernia senão: aaa!, rrr!

— Que vem a ser isto? Que te parece? — perguntou ao hússar a seu lado. — É do campo do inimigo, com certeza!

O hússar não respondeu.

— Quê, então tu não ouves? — perguntou de novo Rostov, depois de ter esperado muito tempo por uma resposta.

— Quem sabe lá, meu fidalgo? — replicou o hússar contra vontade.

— Pela direcção que trazem deve ser o inimigo — voltou a dizer Rostov.

— Se calhar, pode muito bem ser que sim — disse o hússar. — É de noite!... Eh, tu lá, cautela! — gritou para o cavalo, que parecia inquieto.

A montada de Rostov impacientava-se também, escarvava a terra gelada, eriçava as orelhas ao ouvir barulho e olhava de soslaio para o lado das luzes. O som das vozes ia-se tornando cada vez mais intenso, fundindo-se num rumor geral, que só podia provir de uma massa de muitos milhares de homens. As luzes propagavam-se mais e mais, naturalmente seguindo a linha do campo francês. Rostov já não tinha vontade de dormir. Aqueles gritos de alegria e triunfo no exército inimigo agiam sobre ele como um revulsivo. «Viva o imperador, viva!», ouvia agora distintamente.

— Não é longe daqui, naturalmente é por detrás do rio — disse Rostov ao seu hússar.

Este limitou-se a suspirar, sem nada responder, depois pôs-se a tossir furiosamente. Ao longo da linha dos hússares ouvia-se um trote de cavalaria, e de súbito emergiu do nevoeiro nocturno, como se fosse um, grande elefante, a figura de um sargento.

— Meu fidalgo, os generais! — disse ele, aproximando-se de Rostov.

Rostov, sem deixar de observar as luzes e os gritos, acompanhou o sargento ao encontro de um certo número de cavaleiros que se dirigiam para eles ao longo da linha. Um deles montava um cavalo branco. Eram Bagration e Dolgorukov, com os seus ajudantes-de-campo, que vinham observar aquela estranha manifestação de luzes e de clamores no exército inimigo. Rostov, aproximando-se de Bagration, fez-lhe o seu relato e reuniu-se aos ajudantes-de-campo, ouvindo o que diziam os generais.

— Acredite no que eu lhe digo — dizia o príncipe Dolgorukov para Bagration. — Tudo isto não passa de um ardil. Bate em retirada e deu ordens às forças da retaguarda para que acendessem fogueiras e fizessem todo este rebuliço para nos iludir.

— Não creio — tornou Bagration. — Desde o princípio da noite que eu os veio em cima daquele morro. Se retirassem, teriam levantado o acampamento. Senhor oficial — disse ele para Rostov —, eles ainda lá têm os flanqueadores?

— Ontem à noite tinham, mas agora não os vejo. Excelência. Se assim o ordenar, irei lá ver com os hússares — disse Rostov. Bagration parou e, sem responder, procurou ver através do nevoeiro a cara de Rostov.

— Bom, então vá — disse, depois de um curto silêncio.

— Às suas ordens!

Rostov esporeou o cavalo, chamou o sargento Fedtchenko e dois hússares, ordenou-lhes que o acompanhassem e principiou a descer o cabeço, a trote, orientado pelos gritos que continuavam. Experimentava um misto de angústia e de alegria ao sentir que ia assim, apenas com três hússares, a caminho daquelas paragens distantes, brumosas, misteriosas e perigosas onde ninguém fora antes dele. Bagration gritou-lhe do alto da colina que não passasse além do rio, mas Rostov fingiu nada ouvir, e, sem se deter, seguiu sempre em frente, enganando-se a cada momento, tomando arbustos por árvores e moitas por homens, reconhecendo daí a pouco o engano em que caíra. Depois de ter descido a trote a vertente deixou de ver tanto as linhas russas como as luzes inimigas, mas ouvia os gritos cada vez mais fortes e mais distintos. Lá no fundo do vale encontrou-se diante de qualquer coisa que lhe pareceu um rio, mas assim que se aproximou mais verificou ser a estrada real. Uma vez aí fez estacar o cavalo indeciso: que devia fazer? Seguir a estrada ou atravessá-la e depois marinhar pelos campos em frente,

no escuro? Seguir ao longo da estrada iluminada, no meio do nevoeiro, era menos perigoso, pois, mais depressa se reconheciam as pessoas. «Venham atrás de mim», disse ele; atravessou a estrada e, a galope, pôs-se a subir a colina, em direcção àqueles postos onde no começo da noite havia um piquete francês.

— Meu fidalgo! Lá está um! — exclamou um dos hússares atrás dele.

Rostov mal teve tempo de ver surgir do nevoeiro fosse o que fosse de negro, e logo uma chama brilhou, um tiro zuniu, uma bala passou, como um lamento, alta no meio da neblina, depois desapareceu. Um segundo tiro falhou, mas os fechos da espingarda cintilaram. Rostov fez meia volta e retomou, a galope, o caminho que fizera. Quatro tiros explodiram ainda com pequenos intervalos e as balas assobiaram, em tons diferentes, perdendo-se algures no meio das trevas. Rostov refreou o cavalo, excitado, como ele, pelas detonações, e seguiu a passo. «Então, vamos, mais outro! Outro ainda!», dizia de si para consigo, alegremente. Mas a fuzilaria cessou.

Ao aproximar-se de Bagration. Rostov voltou a esporear o cavalo, que partiu a galope, e foi com a mão na viseira da barretina, em continência, que o abordou.

Dolgorukov continuava a sustentar a sua ideia de que os Franceses retiravam, e que só tinham acendido aquelas luzes para os enganar.

— Que prova isso? — dizia ele quando Rostov se acercou. — Podem muito bem ter retirado, deixando um piquete.

— Evidentemente, ainda não partiram todos, príncipe — dizia Bagration. — Amanhã de manhã, amanhã de manhã, saberemos tudo.

— No alto da colina há um piquete. Excelência, no mesmo sítio de ontem à noite — disse Rostov, debruçando-se para diante, com a mão na viseira, e sem poder dominar a alegria que lhe causara a sua expedição, e sobretudo o zumbir das balas.

— Bom, bom — disse Bagration — os meus agradecimentos, senhor oficial.

— Excelência — atalhou Rostov.— Consinta que eu lhe faça um pedido.

— De que se trata?

— Amanhã o nosso esquadrão está de reserva: consinta que eu lhe peça que me destaque para o primeiro esquadrão.

— Como se chama? — Conde Rostov.

— Ah!, muito bem. Fique comigo como oficial de ordenança.

— O filho de Ilia Andreitch? — perguntou Dolgorukov. Rostov não respondeu.

— Então, posso contar. Excelência...

— Eu darei as minhas ordens.

«Amanhã pode ser que me mandem levar um despacho ao imperador», pensou. «Louvado seja Deus!»

Os gritos e as luzes no exército inimigo eram por causa da leitura às tropas da ordem do dia de Napoleão, enquanto o imperador em pessoa percorria a cavalo os acampamentos. Os soldados, que o tinham descoberto, haviam acendido archotes de palha e acorriam gritando: «Viva o imperador!» A ordem do dia de Napoleão era a seguinte:

> Soldados!
>
> O exército russo está diante de vós disposto a vingar o exército austríaco de Ulm. Estais diante dos mesmos batalhões que batestes em Hallabrünn, e que depois disso tendes vindo a perseguir até hoje.
>
> As posições que nós ocupamos são formidáveis, e quando eles marcharem para contornar a nossa direita, apresentar-me-ão o seu flanco. Soldados, eu próprio comandarei os vossos batalhões. Conservar-me-ei longe da linha de fogo se vós, com a vossa costumada bravura, levardes a desordem e a confusão às fileiras inimigas; mas se a vitória se apresentar incerta um momento que seja, vereis o vosso imperador expor-se nas primeiras linhas, pois da vitória não podemos duvidar nesta jornada, em que se trata, antes de mais nada, da honra da infantaria francesa, tão importante para a honra de toda a nação.
>
> Que as fileiras não fiquem desguarnecidas com o pretexto de recolher os feridos e que cada um se compenetre bem do pensamento de que é preciso vencer estes estipendiados da Inglaterra, que tão grande ódio sentem contra a nossa nação!
>
> Esta vitória será o fim da campanha, e poderemos depois dela recolher aos nossos quartéis de Inverno, onde virão ao nosso encontro os novos exércitos que se estão a formar em França, e então a paz que eu farei será digna do meu povo, de vós e de mim.

Napoleão.

[XIV]

As cinco horas da manhã ainda era completamente escuro,

O centro, as reservas e o flanco direito de Bagration ainda se mantinham imóveis, mas no flanco esquerdo as colunas de infantaria, de cavalaria e de artilharia, que seriam as primeiras a assaltar a ravina para atacar o flanco direito dos Franceses e repeli-los, de acordo com o dispositivo, para as montanhas da Boémia, principiavam a agitar-se e a deslocar-se dos seus acampamentos. O fumo das fogueiras, onde se lançava tudo que podia servir de empecilho, tornava-se sufocante. O tempo estava frio e sombrio. Os oficiais tomavam chá, comiam qualquer coisa à pressa, os soldados rilhavam os seus biscoitos, batiam com os pés no chão para aquecer e apinhavam-se diante das fogueiras, para onde atiravam com os restos das tendas, cadeiras, mesas, rodas, tinas, tudo que não podiam levar. Os oficiais guias austríacos disseminavam-se por entre as tropas russas e transmitiam as ordens de partida. Assim que um oficial austríaco aparecia à porta da tenda do comandante do regimento, logo este entrava de se preparar para o combate: os soldados abandonavam as fogueiras, guardavam os cachimbos no cano das botas, atiravam com as mochilas para cima das carroças, desensarilhavam as espingardas e alinhavam-se na forma Os oficiais abotoavam os seus uniformes, afivelavam os cinturões, prendiam as suas sacolas e percorriam as fileiras, gritando vozes de comando. Os comboiadores e os impedidos atrelavam, ordenavam, limpavam as carroças. Os ajudantes-de-campo, os comandantes de batalhão e de regimento montavam a cavalo, benziam-se, dando as últimas ordens e indicações e instruções aos boiadores retardatários, e ouvia-se o ruído monótono de milhares de passos martelando o chão. As colunas punham-se em marcha, sem saberem aonde iam e sem verem, cegas pela multidão que as envolvia, o fumo e o nevoeiro cada vez mais espesso, o lugar donde saíam, nem aquele aonde se dirigiam.

O soldado em marcha está enquadrado, limitado nos seus recursos, arrastado

pelo seu regimento como o marujo a bordo do navio que o leva. Onde quer que se dirija, por mais longe que vá, qualquer que seja a estranha e perigosa latitude desconhecida em que se encontre, o marujo tem sempre diante dos olhos as mesmas pontes, os mesmos mastros, os mesmos cabos; assim também o soldado tem sempre presentes os mesmos camaradas, as mesmas fileiras, o mesmo sargento Ivan Mitritch, o mesmo cão da companhia. Jutchka (Nome corrente dos cachorrinhos. (N, do T.), os mesmos comandantes. É raro que ao soldado interesse saber em que latitude navega o navio a bordo do qual vai embarcado; mas no momento sente oportuno ressoar nele uma advertência severa e igual para todos, e que vem só Deus sabe donde; é um aviso que lhe faz ressoar no íntimo a aproximação de um momento decisivo e solene, e que nele desperta uma curiosidade a que não está habituado. O soldado no dia da batalha sente-se como que transportado para fora do círculo dos pequenos interesses do seu regimento; ouve, olha, interroga avidamente, quer saber o que está a passar-se em tomo de si.

O nevoeiro tornara-se tão espesso que, apesar da aurora, nada se via a dez passos. Os arbustos pareciam árvores imensas; superfícies planas dir-se-iam cortadas de ravinas e cheias de declives. Por toda a parte, tanto à direita como à esquerda, havia um inimigo invisível, a pequena distância, no qual se podia embater. Mas por muito tempo as colunas foram marchando sempre através do mesmo nevoeiro, subindo e descendo encostas, atravessando jardins e vedações, em terreno novo e desconhecido, sem em parte alguma encontrar inimigos. Pelo contrário, tanto para a frente como para trás, por todos os lados, só se viam tropas russas caminhando na mesma direcção. E o soldado sentia um grande alívio ao verificar que para onde seguia, embora, de resto, ignorasse o seu destino, muitos, muitos dos seus seguiam também.

— Olha, os de Kursk também aí vão — dizia-se nas fileiras. — Eh!, rapazes, o que aí vai de gente nossa! Esta noite, quando se acenderam os fogueiras, não se lhe via o cabo. Palavra, até parecia Moscovo!

Embora nenhum dos comandantes de coluna se aproximasse das fileiras e falasse aos soldados (os comandantes de coluna, como se vira no conselho de guerra, não estavam lá muito bem dispostos, desagradava-lhes a acção iniciada e limitavam-se a executar ordens, sem se preocuparem em reanimar os soldados), estes marchavam alegremente, como sempre que um soldado marcha para a linha

de fogo, e sobretudo quando ataca. No entanto, depois de cerca de uma hora de marcha, no meio do nevoeiro, a maior parte dos homens teve de fazer alto e nas fileiras sentia-se a penosa impressão da desordem e da confusão que principiavam a alastrar. Como é que esta impressão se tinha transmitido, eis o que não era fácil de dizer; mas não havia dúvida de que se propagava com segurança, que submergia tudo, insensível e irresistivelmente, como a água que vai inundando um terreno alagadiço. Se as tropas russas estivessem sozinhas no campo de batalha, e não na companhia dos aliados, ter-se-ia passado bastante tempo antes que esta sensação de desordem viesse a transformar-se numa certeza; mas na situação presente, como podiam lançar, com um prazer não dissimulado, e absolutamente legítimo, sobre os imbecis dos alemães a causa da desordem, eis que todos estavam convencidos da existência de uma confusão assaz lamentável devida aos devoradores de salsichas.

— Porque é que eles pararam? Está impedida a estrada? Demos com os Franceses?

— Não, não se ouve nada. Se fossem eles, disparavam.

— Quê? Fizeram-nos levantar arraiais, e agora deixam-nos para aqui no meio do campo, sem que a gente saiba para quê? Estes malditos alemães são uns trapalhões. Que grandes imbecis!

— Cá por mim tinha-os obrigado a ir adiante. Mas é o vais, estão todos lá para trás. E nós para aqui estamos de barriga a dar horas.

— Bom, isto não vai demorar! Dizem que a cavalaria impede o caminho — observou um oficial.

— Quê! Então estes raios destes alemães nem ao menos conhecem a terra deles? — comentou outro.

— A que divisão é que vocês pertencem? — gritou um ajudante-de-campo que nesse momento apareceu.

— A décima oitava.

— Então que fazem vocês aqui? Há que tempo vocês deviam estar lá diante; agora já lá não conseguem chegar antes da noite.

— Chama-se a isto uma estupidez; nem eles próprios sabem o que estão a fazer! — exclamou o oficial, que partiu a galope.

Daí a pouco passou um general, que gritou, furioso, uma ordem numa língua que não era a russa.

— Tafalafa, que está ele para ali a dizer? — arremedou um soldado, imitando o general que se afastava...— Eu mandava fuzilar estes canalhas!

«A ordem era que estivéssemos na nossa posição às nove horas, e ainda nem sequer andámos metade do caminho. Bonita maneira de fazer as coisas!», ouvia-se dizer de vários lados. E a energia com que as tropas se tinham posto em marcha principiava a transformar-se em desalento e cólera contra as ordens estúpidas e contra os Alemães.

A causa da desordem era que quando a cavalaria austríaca entrara em movimento no flanco esquerdo, o alto comando entendera que o centro russo estava muito afastado do flanco direito e fora dada ordem a toda a cavalaria para que atravessasse para o lado direito. Alguns milhares de cavaleiros tinham de passar por diante da infantaria, e esta era obrigada a esperar.

Na linha da frente deu-se um conflito entre um guia de coluna austríaco e um general russo. Este gritava, pedindo que mandasse parar a cavalaria; o austríaco alegava não ser ele o culpado, mas o alto comando. E entretanto as colunas estacionavam, enfadavam-se, perdiam a coragem. Após uma hora de paragem, as tropas retomaram por fim a sua marcha e puseram-se a descer a encosta. O nevoeiro, que se havia dissipado nos cabeços, adensava-se, mais espesso, nos vales onde os soldados iam penetrando. Na frente ressoaram, no meio da neblina, um tiro, depois outro, primeiro irregularmente e com um certo intervalo, «tra.., ta.., ta», depois, mais regularmente e mais nutrido, e uma escaramuça ocorreu nas margens do Goldbach.

Como não esperavam encontrar o inimigo nas margens do rio, era um pouco ao acaso que o atacavam, no meio do nevoeiro, sem uma palavra de encorajamento dos comandantes, com o sentimento, que todos tinham, de que se perdera tempo, e sobretudo sem que se visse fosse o que fosse, nem na vanguarda nem aos lados. Os Russos ripostavam à fuzilaria com lentidão e moleza, avançavam, depois paravam, sem receberem em devido tempo ordens dos comandantes e dos ajudantes-de-campo, que erravam, no meio do nevoeiro, em terreno desconhecido, à procura das suas respectivas secções.

Foi assim que se iniciou a luta na primeira, na segunda e na terceira colunas, as que haviam descido para o vale. A quarta, onde se encontrava Kutuzov, estava ainda no planalto de Pratzen.

Nos pontos mais baixos, onde a acção tinha principiado, o nevoeiro continuava

espesso; nas eminências estava mais claro, mas continuava a não poder ver-se o que se passava um pouco adiante. Estariam todas as forças inimigas, como se supunha, a dez verstas daquele ponto, ou encontrar-se-iam naquela linha de bruma? Eis o que ninguém soube antes das nove horas.

A essa hora o nevoeiro alongava-se, como um compacto oceano, pelos vales, mas para os lados de Schlapanitz, na eminência onde estava Napoleão, rodeado dos seus marechais, tudo era claro. O céu ali era azul e sereno e o disco imenso do Sol, como uma formidável bóia flutuante, vermelho-viva, vogava à superfície daquele mar leitoso.

Todo o exército francês, e até o próprio Napoleão, com o seu estado-maior, não só não se encontravam na outra margem do rio e dos pântanos das aldeias de Sokolnitz e Schlapanitz, para lá dos quais os Russos se dirigiam e onde pensavam travar batalha, mas, pelo contrário, achavam-se tão perto que a olho nu o imperador francês podia distinguir tanto a cavalaria como a infantaria russas. Ele ali estava um pouco mais à frente dos seus marechais, montado num pequeno cavalo árabe cinzento, com o seu capote azul, o mesmo com que fizera a campanha de Itália. Contemplava, silencioso, as colinas que pareciam emergir do oceano de neblina e sobre as quais, ao longe, se viam as tropas russas em marcha, e escutava o tiroteio na ravina. Naquele momento riem. Um só músculo da cara lhe estremecia: tinha os olhos brilhantes fixos, imóveis, num único ponto. O que previra resultava certo. Os Russos, por um lado, já desciam para as regiões alagadiças dos pântanos e dos lagos, pelo outro, evacuavam as cumeadas de Pratzen, que era sua intenção atacar, e que considerava a chave da posição. E eis que ele via, através da neblina, no pano de fundo formado pelas duas eminências vizinhas da aldeia de Pratzen, as colunas russas em marcha, todas em direcção aos pântanos, de baionetas caladas, desaparecendo, sucessivamente, no mar de brumas. Segundo as informações recebidas ao fim da tarde, a avaliar pelo ruído dos passos e o fragor das viaturas que se ouviam nos postos avançados durante a noite, pela confusão dos movimentos das colunas russas, seguindo todas as previsões, via claramente que os aliados estavam convencidos de que ele. Napoleão, se encontrava muito longe, na sua vanguarda, e que as colunas em marcha perto de Pratzen formavam naturalmente o centro do exército russo, e que esse centro era já fraco de mais para atacar com êxito. Mas, apesar disso, não se decidia ainda pelo ataque. Aquele dia era para ele uma data solene, o do

aniversário da sua coroação. Pela manhã dormira algumas horas, e bem disposto, alegre, repousado, naquela disposição de espírito em que tudo parece possível e em que tudo resulta bem, montou a cavalo e dirigiu-se para o campo. E lá estava, imóvel, os olhos fixos nas cumeadas que se descortinavam através do nevoeiro e no seu rosto frio reflectia-se essa felicidade cheia de confiança e bem ganhada tão própria dos que são novos e felizes ao amor. Os marechais conservavam-se na sua, retaguarda, sem ousarem distrair-lhe a atenção. Napoleão ora olhava para o planalto de Pratzen ora para o Sol, que emergia da bruma.

Quando o Sol surgiu inteiro das nuvens e inundou a campina com a sua estonteante claridade, como se fosse aquele o momento que Napoleão aguardava para dar ordens de ataque, descalçou a luva da sua bela mão branca, fez um aceno aos marechais e deu ordem de principiar. Os marechais, acompanhados pelos seus ajudantes-de-campo, largaram a galope em direcções diferentes e dentro de breves minutos as forças principais do exército francês estavam a avançar rapidamente em direcção às eminências de Pratzen, as quais as tropas russas, que à esquerda desciam para os vales, iam deixando completamente abandonadas.

[XV]

As oito horas. Kutuzov chegou a cavalo a Pratzen, à frente da quarta coluna de Miloravitch, que devia tomar o lugar das colunas de Przebiszewski e de Langeron, que já tinham descido. Depois da continência aos soldados dó regimento da vanguarda, deu ordem de marcha, querendo significar com isso ser sua intenção comandar essas tropas. Assim que chegou à aldeia de Pratzen, fez alto. O príncipe André, na companhia de grande número de personalidades da comitiva do general-chefe, conservava-se na retaguarda. Sentia-se emocionado, irritado, e ao mesmo tempo cheio de serenidade, como um homem que vê chegar o momento há muito esperado. Estava firmemente convencido de que chegara o seu Toulon ou a sua Ponte d’Arcole. Como se iam passar as coisas não sabia, mas com firmeza acreditava que assim tinha de ser. O terreno e a situação das tropas russas conhecia-os ele tão bem ou melhor que qualquer outro oficial. O seu plano estratégico particular, que evidentemente não seria de aplicar naquele momento,

fora posto de lado, e actualmente, adoptando o plano de Weirother, considerava os imprevistos que porventura poderiam surgir e formava novas combinações que punham à prova a rapidez do seu golpe de vista e da sua decisão.

A esquerda, lá em baixo, no meio do nevoeiro, ouvia-se tiroteio entre tropas invisíveis. Ali, afigurava-se ao príncipe André, está a concentrar-se a batalha, há ali um obstáculo, e «se me mandassem lá», dizia para si mesmo, «com uma brigada ou uma divisão, eu avançaria à frente, de bandeira em punho, e tudo derrubaria à minha passagem».

A vista dos estandartes dos batalhões que desfilavam não lhe podia ser indiferente. Dizia de si para consigo a todo o momento: «Sim, talvez seja com aquela mesma bandeira que me há-de vir a ser dado marchar diante das tropas.»

O nevoeiro nocturno nas cumeadas deixara apenas pela manhã uma camada de geada, que se ia transformando em orvalho, mas nos vales continuava a alongar-se como um mar de leite. Nada se via na planura à esquerda onde as tropas russas se batiam e donde vinha o eco da fuzilaria. Nas alturas o céu estava claro, mas de um azul carregado, e à direita lá estava n enorme disco do Sol. Em frente, na distância, na margem oposta do mar de brumas, colinas cobertas de matas limitavam o horizonte: ali estavam, sem dúvida, os exércitos inimigos, pois alguma coisa lá se distinguia. A direita, a Guarda penetrava na zona de nevoeiro com um fragor de rodas, um tropear de cavalos, e as baionetas a cintilar furtivamente. A esquerda, por detrás da aldeia, massas de cavalaria aproximavam-se, fundindo-se no nevoeiro. A cabeça e no coice marchava a infantaria, o general-chefe, postado à saída da povoação, via as tropas desfilar diante dele. Naquela manhã Kutuzov parecia irritado e exausto. A infantaria, que desfilava, fez alto sem que ninguém o ordenasse, evidentemente porque na sua dianteira surgira qualquer obstáculo.

— Diga aos homens, enfim, que formem em colunas de batalhão e que contornem a aldeia — gritou Kutuzov, colérico, a um general que apareceu. — Como é que, meu caro senhor, não compreende que não convém formar em fileiras nas ruas de uma aldeia em marcha contra o inimigo?

— Pensava formar através da povoação. Alta Excelência — respondeu o general.

Kutuzov pôs-se a rir com azedume.

— Devia ser bonito o senhor a estender a sua frente à vista do inimigo, sim, devia ser bonito!

— O inimigo ainda está longe. Alta Excelência. Segundo o dispositivo...

— O dispositivo! — gritou Kutuzov de má catadura. — E quem é que lhe disse?... Trate de fazer o que lhe mandam.

— As suas ordens.

— Meu caro — disse, em voz baixa. Nesvitski ao príncipe André —, o velho está insuportável.

Um oficial austríaco, de uniforme branco, com uma pluma verde na barretina, avançou para Kutuzov e perguntou-lhe, da parte do imperador, se a quarta coluna entrara em acção.

Kutuzov, sem responder, voltou a cabeça e por acaso fixou o seu olhar no príncipe André, que estava a seu lado. Ao ver Bolkonski, moderou-se e no seu rosto amenizou-se-lhe a expressão, deixando perceber com isso que o seu ajudante-de-campo não era culpado do que estava a acontecer. Sem se dirigir ao oficial austríaco, disse a Bolkonski:

— Vá ver, meu caro, se a terceira divisão já ultrapassou a aldeia. Diga-lhe que pare e que aguarde as minhas ordens.

Ia partir o príncipe André, quando ele o deteve.

— E pergunte-lhe se os atiradores estão a postos — acrescentou. — O que eles fazem! O que eles fazem! — exclamou em aparte, continuando a não responder ao austríaco.

O príncipe André despediu a cumprir a missão de que fora incumbido. Depois de ter ultrapassado os batalhões que prosseguiam na sua marcha, fez estacar a terceira divisão e verificou que, com efeito, na vanguarda das colunas russas não havia linha de atiradores. O comandante do regimento da vanguarda mostrou-se surpreso com a ordem do general-chefe que o mandava dispor em linha os atiradores. Continuava absolutamente convencido de que havia outras tropas diante dele e de que o inimigo não devia estar a menos de dez verstas. Efectivamente, diante dele havia apenas um terreno deserto que ia descendo, pouco a pouco, e mergulhava no nevoeiro espesso. Depois de lhe ter comunicado, da parte do general-chefe, que era preciso reparar a negligência cometida, o príncipe André fez meia volta. Kutuzov continuava no mesmo sítio e não fazia outra coisa senão bocejar, fechando o único olho, deixando pender o pesado corpo sobre a sela. As tropas tinham suspendido a marcha e mantinham-se de arma, em descanso.

— Bom, bom! — exclamou para o príncipe André, e voltou-se para o lado do general, que, de relógio em punho, dizia ser tempo de avançar, pois todas as colunas do flanco esquerdo já tinham operado a mesma manobra.

— Temos tempo. Excelência — observou Kutuzov, entre dois bocejos.— Temo tempo!

Neste momento, por detrás de Kutuzov, estrondearam, ao longe, aclamações das tropas e as vozes aproximaram-se, rápidas, ao longo das colunas russas, em marcha. Era evidente que a personagem a quem os soldados aclamavam ia passando célere. Quando os soldados do regimento à frente do qual estava Kutuzov principiaram a gritar, este afastou-se um pouco de lado e voltou-se olhando. Pela estrada de Pratzen galopava uma espécie de esquadrão de cavalaria variegadamente condecorado. Dois dos cavaleiros avançavam, a todo o galope, à frente. Um deles, de uniforme preto, com um alto penacho branco, cavalgava um alazão inglês, o outro, de branco, montava um cavalo murzelo. Eram os dois imperadores e as respectivas comitivas. Kutuzov, afectando ser bom subordinado, comandou: «Sentido!» às tropas em descanso, e fazendo a continência aproximou-se do imperador. A sua atitude e as suas maneiras tinham mudado por completo. Dir-se-ia um inferior que obedece sem raciocinar. Foi numa afectação de respeito, que, evidentemente, não agradou ao imperador, que se aproximou fazendo a continência.

Aquela impressão desagradável, fiapos de bruma num céu sereno, perpassou pelo rosto do jovem e feliz imperador, para logo desaparecer. Nesse dia, depois da indisposição que tivera, parecia um pouco mais magro que ria parada de Olmütz, em que Bolkonski o vira pela primeira vez depois do seu regresso do estrangeiro: mas nos seus olhos cinzentos havia o mesmo misto arrebatador de majestade e de doçura e nos seus lábios finos a mesma mobilidade de expressão, dominada, no entanto, por um sentimento de mocidade e de inocência.

Na parada de Olmütz parecia mais majestoso, agora mais alegre e mais enérgico. Depois daquelas três verstas de galope rasgado tinha cor na cara, e ao fazer estacar o cavalo respirou, num suspiro de alívio, olhando em tomo de si para as caras dos oficiais da comitiva, jovens e animadas como a sua. Czartoriski e Novosiltsov, o príncipe Bolkonski. Stroganov e outros ainda, todos esses moços ricamente fardados e joviais, montados em belos cavalos folgados, muito bem ajaezados, ligeiramente suados, conversando entre si e sorrindo, tinham-se

apinhado atrás do imperador. O imperador Francisco, jovem, de pele rosada e alta figura, estava firme na sela de um belo garanhão murzelo e lançava olhares ansiosos e taciturnos em tomo de si. Chamou um dos seus ajudantes-de-campo, de uniforme branco, e disse-lhe qualquer coisa. «Naturalmente está a perguntar-lhe a que horas partiram», observou de si para consigo o príncipe André fitando o seu velho conhecido com um sorriso que mal pôde esconder ao lembrar a audiência que o imperador lhe concedera. As comitivas eram formadas por oficiais de ordenança, cavaleiros de escol, russos e austríacos, pertencentes aos regimentos da Guarda e do exército. Escudeiros conduziam pela arreata magníficos cavalos de reserva provenientes das cavalariças imperiais, cobertos com gualdrapas bordadas. Assim como através de uma janela aberta subitamente entra num quarto onde se sufoca um sopro de campesino ar fresco, também uma rajada de mocidade, de energia, de confiança no exército, emanando daquela brilhante cavalgada, perpassou pelo bem pouco alegre estado-maior de Kutuzov.

— Então? Quando é que principia. Mikail Larionovitch? — apressou-se a dizer o imperador Alexandre a Kutuzov, ao mesmo tempo que lançava um olhar de deferência ao imperador Francisco.

— Estava à sua espera. Majestade — replicou Kutuzov, numa reverência respeitosa.

O imperador apurou o ouvido, franzindo ligeiramente as sobrancelhas e fazendo menção de não ter ouvido bem.

— Estava à sua espera. Majestade — repetiu o general-chefe.

O príncipe André notou em Kutuzov um estremecimento anormal do lábio inferior enquanto pronunciava estas palavras. — Ainda não estão reunidas todas as colunas, saiba Vossa Majestade.

O imperador compreendeu, mas era evidente não ser a resposta, muito do seu agrado; encolheu os ombros quadrados e lançou um olhar a Novosiltsov, que estava a seu lado, como a queixar-se de Kutuzov.

— Mas nós não estamos em Czaritsin. Mikail Larionovitch, onde as paradas só principiam depois de formados todos os regimentos... — E o czar trocou de novo um olhar com o imperador Francisco, se não a convidá-lo a tomar parte na discussão, pelo menos a escutá-la. Mas Francisco continuava de olhar errante, sem ouvir coisa alguma.

— É precisamente por isso. Sire — disse Kutuzov, numa voz forte, para bem se

fazer ouvir, enquanto de novo lhe perpassava pelo rosto um movimento nervoso. — É por isso que eu não começo. Sire, precisamente por não estarmos na parada e na de Czaritsin... — Falava de maneira clara e desenvolta.

Os oficiais da comitiva entreolhavam-se, exprimindo no seu olhar censura e descontentamento. «Lá por ser velho não tinha o direito, não, não tinha o direito de falar assim», lia-se-lhes na expressão.

O imperador olhou, fixa e atentamente. Kutuzov, esperando que ele acrescentasse mais alguma coisa. Mas dir-se-ia que este esperava também fosse o que fosse respeitosamente flectido. O silêncio prolongou-se por cerca de um minuto.

— Aliás, se Vossa Majestade o ordena... — acrescentou Kutuzov, reerguendo a cabeça e retomando o tom de um general de espírito tacanho, que não discute, mas obedece.

Deu de esporas ao cavalo, e chamando o comandante de coluna. Miloradovitch, transmitiu-lhe as ordens de ataque.

As tropas começaram de novo a desfilar, e dois batalhões do regimento de Novgorod, seguidos do batalhão de Apcheron, marcharam passando diante do imperador.

Quando chegou a vez do batalhão de Apcheron. Miloradovitch, o rosto rosado, sem capote, de grande uniforme, condecorações e barrete empenachado caldo para a orelha, desfilou a todo o galope, e, saudando arrogantemente, fez estacar o cavalo diante do imperador.

— Deus seja convosco, general! — exclamou este.

— Palavra, faremos o que pudermos. Sire — replicou, com galhardia, sem que tivesse deixado de despertar um sorriso de mofa entre as personagens da comitiva, graças ao seu mau francês.

Miloradovitch, fazendo meia volta, bruscamente veio postar-se um pouco na retaguarda do imperador. Os soldados de Apcheron, arrebatados pela presença do imperador, desfilaram perante este em marcha marcial e arrogante, num ritmo cadenciado.

— Rapazes! — gritou Miloradovitch, numa voz forte, confiante e alegre, visivelmente excitado pelo fragor da fuzilaria, pela proximidade da batalha e pela vista dos bravos de Apcheron, seus antigos camaradas do tempo de Suvorov, que desfilavam com a maior galhardia, a tal ponto que esqueceu a presença do

imperador — Rapazes! Não é a primeira povoação que vocês vão tomar!

— Faremos o melhor que pudermos! — respondiam os soldados.

Ao ouvir aquele vozear inesperado, a montada do imperador empinou-se. Este cavalo, que o imperador já montava nas suas revistas, na. Rússia, ali, no campo de batalha de Austerlitz, continuava a servir o dono e a sentir os golpes discretos da sua espora esquerda, mas eriçava as orelhas ao ruído da fuzilaria, exactamente como costumava fazer na parada de Czaritsin, sem dar conta dos tiros que ouvia, do que significava a vizinhança do garanhão murzelo do imperador Francisco e sempre sem suspeitar o que dizia, pensava e sentia nessa hora o cavaleiro que o montava.

O imperador, sorridente, voltou-se para um dos seus íntimos apontando os bravos de Apcheron e disse-lhe qualquer coisa.

[XVI]

Kutuzov, acompanhado pelos seus ajudantes-de-campo, seguia a passo os carabineiros.

Depois de ter andado cerca de meia versta no coice da coluna, fez alto ao pé de uma casa solitária e abandonada, um albergue, com certeza, na encruzilhada de dois caminhos. Os dois caminhos desciam a encosta e as tropas seguiam por ambos ao mesmo tempo.

O nevoeiro principiava a dissipar-se e a umas duas verstas de distância, vagamente, viam-se já as tropas inimigas nos cabeços fronteiros. A esquerda, no vale, a fuzilaria tornava-se mais distinta. Kutuzov parou, trocando algumas palavras com um general austríaco. O príncipe André, um pouco à retaguarda, observava-os, e, dirigindo-se a um ajudante-de-campo, pediu-lhe o óculo

— Olhe, olhe — disse-lhe este, indicando-lhe, não um ponto afastado, mas o sopé da colina em frente. — São os Franceses!

Os dois generais e os ajudantes-de-campo pegaram no óculo, passando-o de mão em mão. Subitamente todos mudaram de expressão e o terror veio estampar-se-lhes na cara. Julgavam os Franceses ainda a umas duas verstas, e inopinadamente ali estavam diante deles.

— É o inimigo?... Não pode ser!... Mas, olhe, olhe... é, com certeza — Que quer isto dizer? — diziam algumas vozes.

O príncipe André, a olho nu, distinguia, em baixo, à direita, uma poderosa coluna francesa que avançava ao encontro dos soldados de Apcheron, a menos de quinhentos passos do local onde estava Kutuzov.

«Eis finalmente o minuto decisivo! Eis o combate que vem ao meu encontro!», murmurou o príncipe André, e, esporeando o cavalo, aproximou-se de Kutuzov.

— É preciso mandar parar os regimentos de Apcheron — gritou. — Excelência.

Mas nesse mesmo instante tudo se cobriu de fumo; muito próximo rebentou uma salva e uma voz, uma voz de ingénuo terror, a dois passos dali, gritou: «Rapazes, estamos perdidos!» Esta voz teve o efeito de uma ordem. Ao ouvi-la, deram todos às de vila-diogo.

Uma multidão caótica, que crescia de momento a momento, refluía, correndo, para o local onde cinco minutos antes os soldados haviam desfilado perante os imperadores. Era não só muito difícil deter aquela multidão, mas impossível mesmo não ser arrastado no seu movimento de debandada. Bolkonski fazia por não ceder à torrente e parecia estupefacto, sem poder compreender o que se passava. Nesvitski, com ar furioso, muito vermelho, e já sem figura humana, gritava a Kutuzov que se se não afastasse rapidamente acabaria certamente prisioneiro. Kutuzov, sempre no mesmo sítio, sem responder, sacou de um lenço. Corria-lhe sangue pela cara abaixo. O príncipe André conseguiu abrir caminho até junto dele.

— Está ferido? — Perguntou, com um estremecimento nervoso no maxilar.

— A ferida não está aqui, mas ali! — replicou Kutuzov, enxugando a cara, ao mesmo tempo que apontava para os fugitivos. — Façam-nos parar? — gritou ele, e, no mesmo instante, sem dúvida persuadido da impossibilidade de uma tal tentativa, esporeou o cavalo e partiu pela direita.

A turba dos fugitivos, como uma vaga, envolveu-o e atirou com ele para trás.

Tão compacta era a massa dos que fugiam que quem fosse apanhado por ela muito dificilmente conseguiria libertar-se. Uns gritavam: «Toca a andar! Parastes porquê?»; outros, voltando-se, disparavam para o ar; um deles fustigou o cavalo de Kutuzov. Depois de se ter arrancado penosamente pela esquerda a esta torrente desencadeada. Kutuzov e a sua comitiva, então já reduzida a menos de metade, seguiram na direcção dos tiros de peça ali próximos. André, que escapara

da vaga dos fugitivos, procurando não se distanciar de Kutuzov, viu, ao longo da encosta, no meio da fumarada, uma bataria russa que disparava ainda e os Franceses que corriam sobre ela. Mais acima a infantaria russa não arredava pé, sem avançar em socorro da bataria e sem recuar com os fugitivos. Um general montado destacou-se do regimento e aproximou-se de Kutuzov. A comitiva deste já estava reduzida apenas a quatro pessoas. Todos haviam empalidecido e entreolhavam-se, calados.

— Faça parar esses miseráveis! — gritou Kutuzov, sufocado pela cólera, ao comandante do regimento, apontando para os fugitivos. Mas nesse momento, dir-se-ia que em resposta a esta ordem, um enxame, de balas veio cair, assobiando, sobre o regimento e a comitiva, de Kutuzov.

Os Franceses atacavam a bataria, e, ao verem Kutuzov, disparavam sobre ele. Ao ouvir a descarga, o comandante do regimento levou a mão a perna. Alguns soldados caíram e o porta-bandeira que empunhava o estandarte largou-o das mãos; a bandeira vacilou um momento e veio cair sobre as espingardas dos soldados vizinhos. A infantaria, sem comando, disparou uma salva.

— Oh! — gemeu Kutuzov, em voz desesperada, e olhou em tomo de, si. — Bolkonski — murmurou numa voz trémula, consciente da sua impotência senil — Bolkonski, que vem a ser isto? — disse, mostrando o batalhão disperso e o inimigo.

Antes de ter tempo de acabar, o príncipe André, sentindo lá— ,rimas de vergonha e de cólera, saltava do cavalo e corria para a bandeira.

— Rapazes! Para a frente! — gritou com a sua voz penetrante, onde havia alguma coisa de infantil.

«Chegou o momento!», pensou, lançando mão da haste da bandeira e ouvindo, numa espécie de alegria, soprar as balas evidentemente dirigidas contra si. Alguns soldados caíram ainda.

— Hurra! — gritou, e, segurando com dificuldade o pesado estandarte, lançou-se para a, frente, firmemente convencido de que todo o batalhão o seguiria.

E, efectivamente, só deu alguns passos sozinho. Primeiro seguiu-o um soldado, depois outro, e logo todo o batalhão, gritando: «Hurra!», se precipitou, ultrapassando-o daí a pouco. Um sargento pegou na bandeira, pesadíssima, que vacilava rias mãos do príncipe, mas logo caiu varado. O príncipe André voltou a pegar no estandarte e, enrolando o pano em volta da haste, seguiu em frente com

o batalhão. Diante dele via os artilheiros, uns batendo-se ainda, outros abandonando as peças para se precipitarem para ele; via também soldados de infantaria francesa que se apoderavam dos cavalos da artilharia e voltavam as peças contra, os Russos. Juntamente com o batalhão, já o não separavam da bataria mais que vinte passos. Em tomo dele ouvia o assobiar ininterrupto das balas e constantemente, à direita e à esquerda, gemidos, e via soldados que caíam varados. Mas não prestava atenção a coisa alguma: só o preocupava o que se estava a, passar em frente, na bataria. Via já nitidamente— a silhueta de um artilheiro ruivo, a barretina à banda, que puxava para si o taco da peça enquanto um soldado francês lho disputava do outro lado. André distinguia com toda a nitidez o ar alucinado e furioso daqueles dois homens, que, evidentemente, não sabiam sequer o que estavam a fazer.

«Que estão eles a fazer?», pensava o príncipe André. «Porque é que o artilheiro ruivo não foge, visto já não ter armas consigo? Porque é que o francês o não mata? Se este, se lembra da espingarda e o abate, já não terá tempo de fugir!»

De facto, viu outro francês, de arma aperrada, correr para, os dois adversários, e o destino do artilheiro, que não dava pelo que o aguardava, e que brandia, triunfal, o taco da peça, ia decidir-se. Porém o príncipe — André não viu como o pleito acabou. Pareceu-lhe que recebia na cabeça uma cacetada vibrada em toda a força por um dos soldados que o cercavam. A pancada não lhe produziu dor muito violenta, mas fê-lo desviar a atenção e impediu-o de ver o fim da cena que o interessava.

«Que é isto? Vou cair? As pernas tremem-me?», disse de si para consigo, e caiu de costas. Reabriu os olhos na esperança de ver o resultado da luta dos franceses com o artilheiro e de saber se sim ou não este fora morto e se as peças tinham sido tornadas ou salvas. Mas nada mais viu. Por cima da sua cabeça nada mais havia além do céu, um céu muito alto, não claro, mas imensamente alto, onde erravam tranquilamente pequeninas nu— vens cinzentas. «Que calma, que paz, que majestade!», pensava. «Não era assim aquando da nossa louca corrida, no meio dos gritos e da batalha; não era assim quando, o furor e o medo pintados no rosto, o francês e o nosso artilheiro disputavam entre si o taco da peça: então não havia, como agora, nuvens errantes neste céu profundo e infinito. Como é que eu nunca tinha visto isto, este céu sem limites? E que feliz me sinto de o ver

finalmente. Sim, tudo é vaidade, tudo é mentira, à excepção deste céu sem fim. Não há nada, absolutamente nada, além dele. E até mesmo isto não existe, nada existe senão a calma e o repouso. E Deus louvado seja por isso mesmo!.. »

[XVII]

No flanco direito do exército de Bagration, às nove horas, ainda a batalha não tinha principiado. Não querendo aceitar o parecer de Dolgorukov, de opinião de que se devia desencadear o ataque, e para se livrar de responsabilidades, o príncipe Bagration propôs-lhe consultarem o general-chefe. Sabia o príncipe que em virtude das dez verstas que separavam os dois flancos, e no caso de o emissário não vir a ser morto, coisa mais do que verosímil, conseguindo chegar até junto do general-chefe, o que era muito difícil, nunca poderia estar de regresso antes da noite.

Bagration, olhando um por um os oficiais da sua comitiva com os seus grandes olhos sem expressão e meio adormecidos, acabou por se fixar no rosto infantil de Rostov, quase desfalecido de emoção e de esperança. Foi ele o escolhido.

— E se eu encontrar Sua Majestade antes do general-chefe. Excelência? — interrogou Rostov com a mão em continência. — Pode entregar a mensagem a Sua Majestade — apressou-se a intervir Dolgorukov.

Tendo sido transferido do seu serviço na frente. Rostov pudera dormir algumas horas pela manhã e sentia-se jovial, decidido, resoluto, numa disposição de espírito em que tudo lhe parecia fácil e possível.

Todos os seus desejos se estavam a realizar naquela manhã. Travava-se uma batalha geral, e ele tomava parte nessa batalha; mais ainda: era oficial de ordenança do mais bravo dos generais; e ainda mais: via-se encarregado de uma missão junto de Kutuzov, e talvez mesmo junto do próprio imperador. A manhã estava serena. Rostov montava um bom cavalo. Na sua alma tudo era alegria e felicidade. Assim que recebeu ordens, esporeou o cavalo e lançou-se a galope ao longo da linha de batalha. Principiou por percorrer a frente do exército de Bagration, que permanecia imóvel, depois penetrou no terreno ocupado pela cavalaria de Uvarov, e aí pôde notar um certo movimento e sinais de preparativos

de combate. Tendo ultrapassado a cavalaria, ouviu distintamente o ruído das descargas de artilharia e de mosquetaria que continuamente aumentava de intensidade.

O ruído no ar fresco da manhã não era agora, como antes, formado por dois ou três tiros de espingarda ou uma ou duas detonações de artilharia. Lá para o fundo das encostas, antes de se chegar a Pratzen, pôde ouvir o fragor da fuzilaria interceptado por tiros' de peça tão frequentes que por vezes um estampido não se podia distinguir do outro, fundindo-se numa espécie de contínuo trovejar.

Rostov pôde ver, pelas vertentes, os rolos de fumo dos mosquetes que pareciam correr uns atrás dos outros, enquanto a fumarada das peças flutuava e acabava por misturar-se no ar em grandes nuvens. Viu, pelo cintilar das baionetas, no meio da fumarada, as massas da infantaria em movimento e estreitas filas de artilharia com as suas carretas verdes.

Rostov deteve por momentos o seu cavalo no alto de um montículo, para observar o que se passava; mas por mais que observasse, nada podia compreender do que via. Havia gente que se deslocava no meio da fumarada, linhas de tropas moviam-se para trás e para diante. Mas para quê? Aonde iam aqueles soldados? Era impossível compreender. Este espectáculo, porém, em lugar de o desanimar ou deprimir, redobrava-lhe a energia e a decisão.

«Pois, fogo, fogo sobre eles!», dizia para consigo, e de novo se pós a galopar ao longo das linhas, penetrando cada vez mais na zona das tropas que entravam em combate. «O que se passa lá adiante não sei, mas tudo deve estar certo!», pensava.

Depois de ter ultrapassado algumas tropas austríacas. Rostov pôde ver que as tropas restantes — a Guarda — já haviam entrado em acção.

«Tanto melhor! Mais de perto verei a batalha!»

Quase que seguia ao longo da primeira linha. Um corpo de cavaleiros cavalgava na sua direcção. Eram soldados ulanos da Guarda, que regressavam, em desordem, do combate. Ao passar junto deles não pode deixar de ver que um dos homens estava coberto de sangue, mas continuou a galopar.

«Isto nada tem a ver comigo!»

Ainda não dera cem passos quando, à esquerda, cortando-lhe o caminho, surgiu, em toda a extensão do campo livre, uma imensa mole de cavaleiros, de brilhantes uniformes brancos, montando cavalos murzelos que avançava a trote

para ele. Rostov esporeou o seu cavalo, que largou num galope doido, para lhes dar passagem, e tê-lo-ia conseguido se os cavaleiros viessem no mesmo andamento, mas eles apressaram a marcha, e alguns até se puseram a galope. Rostov cada vez distinguia melhor o tropear dos animais e o tinir das armas e notava com nitidez crescente os cavalos, a cara dos cavaleiros e até os seus traços fisionómicos. Eram os cavaleiros da Guarda russa que corriam a atacar a cavalaria francesa marchando ao seu encontro.

Todos galopavam mantendo ainda as suas montadas em boa forma. Rostov via-lhes agora as caras e ouvia a voz de comando «À carga!» de um oficial que esporeava o seu cavalo num galope desenfreado. Rostov, temendo ser esmagado ou arrastado, pôs-se a galopar ao longo da sua frente a todo o fôlego do seu cavalo, mas, no entanto, sem poder evitar uma colisão.

O cavaleiro da extremidade, um soldado bexigoso, de grande estatura, franziu as sobrancelhas, colérico, ao ver que era inevitável o choque com Rostov. E tê-lo-ia naturalmente deitado por terra, tanto a ele como ao seu Beduíno (Rostov sentiu-se minúsculo ao pé daqueles dois gigantes: soldado e cavalo), se Rostov não tivesse tido a presença de espírito de fustigar a cabeça da montada do cavaleiro da Guarda com o seu chicote. Este cavalo, um pesado murzelo de cinco verchoks de altura, empinou-se, as orelhas eriçadas, mas o cavaleiro, com um golpe das grandes esporas, lançou-o numa carreira doida, cauda ao vento e pescoço estendido. Mal os cavaleiros ultrapassaram Rostov, logo este ouviu gritos de «Hurra!» e, voltando-se, viu que as fileiras da vanguarda eram invadidas por cavaleiros estrangeiros, franceses, sem dúvida, de charlateiras vermelhas. E mais não pôde ver, pois logo em seguida uma peça fez fogo e tudo ficou submerso em fumo.

Naquele momento em que os guardas montados desapareciam no meio da fumarada. Rostov teve uma hesitação: não sabia se devia galopar atrás deles ou prosseguir no seu caminho, dirigindo-se onde era mister. Foi esta brilhante carga de cavalaria que provocou a admiração dos próprios franceses. Mais tarde Rostov sentiu-se aterrado quando soube que de toda aquela massa de rapazes soberbos, de mancebos ricos e brilhantes, montados em cavalos de milhares de rublos, que de todos aqueles oficiais e de todos aqueles junkers que haviam passado a galope diante dele, após o ataque não restavam mais de dezoito homens.

«Para que invejá-los? A minha vez há-de chegar, e talvez de um momento para

o outro eu venha a ter a felicidade de ver o imperador», disse Rostov de si para consigo, retomando o caminho.

Ao chegar por alturas da infantaria da Guarda, verificou que estava a ser o ponto de mira das balas inimigas, não só por ouvi-las assobiar aos ouvidos, mas também ao ver o rosto inquieto dos soldados e a expressão entre grave e marcial dos oficiais.

Quando passou junto de uma coluna ouviu uma voz pronunciar-lhe o nome:

— Rostov!

— Que é? — respondeu, sem reconhecer Bóris.

— Hem? Estivemos na primeira linha. O nosso regimento aguentou a pé firme um duro ataque! — disse Bóris com um desses sorrisos de felicidade tão próprio dos jovens no seu baptismo de fogo.

Rostov deteve-se.

— Estiveram?! — exclamou. — E então?

— Foram repelidos! — replicou Bóris, com animação, e mostrando-se palrador. — Imagina tu...

Pôs-se a contar como a Guarda, ao chegar à linha de fogo, ao ver tropas na sua frente, julgou tratar-se dos austríacos, e de repente percebeu, graças às balas disparadas contra ela, que se encontrava na primeira linha e que entrava na luta de improviso. Rostov nada mais quis ouvir e de novo deu de esporas ao cavalo.

— Aonde vais? — perguntou Bóris.

— Vou numa missão junto de Sua Majestade.

— Olha, ali o tens — disse Bóris, que julgara que o amigo ia em missão junto de Sua Alteza o Grão— Duque, e não de Sua Majestade o Czar. E apontou-lhe o primeiro, que, a uns cem passos, com o capacete e a farda de cavaleiro da Guarda, os ombros quadrados e as sobrancelhas franzidas, gritava uma ordem a um oficial austríaco, muito pálido na sua farda branca.

— Quê? Aquele é o grão-duque. Quem eu procuro é o general-chefe ou o imperador — replicou Rostov, sem se deter. — Conde, conde — gritou Berg, surgindo de outro lado, e tão excitado como Bóris. — Conde, fui ferido na mão direita. — E mostrava o antebraço ensanguentado, envolto no lenço de assoar.— E apesar disso cá estou no meu posto. Conde, agarrei na espada com a mão esquerda. Na nossa família os Von Berg são todos heróis!

Berg disse o que quer que fosse, mas Rostov nada mais ouviu e continuou.

Depois de ultrapassar a Guarda e de atravessar um espaço vazio, para não vir a encontrar-se na primeira linha, como lhe acontecera aquando da carga dos guardas montados, seguiu ao longo da vanguarda das reservas, afastando-se do local em que a fuzilaria e o canhoneio eram mais intensos. De súbito, na sua frente e na retaguarda das tropas russas, num ponto onde lhe era impossível supor que o inimigo se encontrasse, ouviu fuzilaria muito próxima.

«Que será isto?», pensou com os seus botes. «Estará o inimigo na retaguarda das nossas tropas? Não pode ser.» E um terror louco se apoderou dele, ao mesmo tempo por si e ao lembrar-se do que poderia ser o resultado da batalha. «Aconteça o que acontecer, o certo é que não há agora maneira de escapar. É preciso que eu descubra o general-chefe, e, se tudo estiver perdido, o meu dever é morrer como todos os outros.»

Os negros pressentimentos que assaltavam Rostov iam-se confirmando à medida que penetrava na zona ocupada pela massa de tropas de toda a procedência que se estendia por detrás de Pratzen.

— Que se passa? Que se passa? Contra quem é que se faz fogo? Quem faz fogo? — perguntava ele, sempre em marcha, aos soldados russos e austríacos, que, em grande confusão, lhe vedavam o caminho.

— Só o Demo é que sabe! Estamos fritos! Está tudo perdido! — responderam-lhe em russo, em alemão, em checo, todos aqueles fugitivos, que, tal como ele, também não compreendiam o que estava a passar-se.

— Morram os Alemães! — gritou um deles.

— Raios os partam, traidores!

— Que os leve o Diabo a esses russos! (Em alemão no texto original. (N, dos T.) — rouquejou um alemão.

Feridos arrastavam-se— ao longo do caminho. As injúrias, os gritos, os gemidos, fundiam-se na vozearia geral. A fuzilaria havia serenado, e, assim Rostov depois o veio a saber, soldados russos e austríacos faziam fogo uns contra os outros.

«Meu Deus! Que é isto?», dizia Rostov consigo mesmo. «E aqui, onde o imperador os pode ver de um momento para o outro... Mas não... São por certo apenas alguns poltrões. É coisa passageira. Não pode ser. Não pode ser. Ah!, deixá-los para aí, depressa!»

A ideia de um desastre ou ‘de uma derrota não podia entrar-lhe na cabeça.

Embora estivesse a ver as batarias e as tropas francesas instaladas no planalto de Pratzen, onde devia procurar o general-chefe, não podia e não queria render-se à evidência.

[XVIII]

Rostov tinha recebido ordem para descobrir Kutuzov ou o imperador nos arredores de Pratzen. Mas aí não estavam; aí nem sequer havia qualquer comandante, só se via uma turba-multa de tropas desorganizadas. Esporeou o cavalo, já estafado, na intenção de ultrapassar o mais depressa possível aqueles bandos, mas quanto mais avançava mais a debandada se acentuava. Na estrada real, onde chegou por fim, amontoavam-se caleches, equipagens de toda a espécie, soldados russos e austríacos de todas as armas, feridos e não feridos. Toda esta multidão confundida estrondeava e formigava, ao mesmo tempo que o troar sinistro das balas das batarias francesas instaladas nas alturas de Pratzen,

— Onde está o imperador? Onde está Kutuzov? — perguntava a todos quantos lograva deter, e ninguém lhe respondia.

Por fim agarrou um soldado pela gola e obrigou-o a falar.

— Ai, irmão! Há muito tempo que lá estão para diante. Deram às de vila-diogo! — replicou o soldado, rindo, enquanto tentava esgueirar-se.

Rostov largou o soldado, bêbado evidentemente, depois obrigou a parar o cavalo de um impedido ou de um estribeiro de qualquer graúda personagem e interrogou-o. O impedido explicou-lhe que cerca de uma hora antes tinham levado o imperador de carruagem, a todo o galope, por aquela mesma estrada, e que Sua Majestade ia gravemente ferido.

— Isso não pode ser — disse Rostov. — Foi certamente outra pessoa,

— Vi-o eu com estes que a terra há-de comer — garantiu-lhe o homem, com um sorriso afoito. — Como se eu não conhecesse o imperador! Estou farto de o ver em Petersburgo! Lá ia, pálido, muito pálido, puxado pelos seus quatro cavalos pretos. Que de vezes. Pai do Céu, eu os tenho visto passar! Não conheço eu agora os cavalos do czar e o Ilia Ivanitch. Parece-me que nunca ninguém se lembrou de dizer que o cocheiro do czar não é o Ilia Ivanitch!

Rostov soltou o bridão do cavalo e quis prosseguir o seu caminho. Um oficial ferido que passava dirigiu-se-lhe.

— Quem procura? O general-chefe? Foi morto por uma bala de artilharia em pleno peito, em frente do nosso regimento. — Não foi morto, foi ferido — rectificou outro oficial.

— Mas quem? Kutuzov? — perguntou Rostov.

— Kutuzov não! Como o diabo é que ele se chama? E, depois, tanto faz. Não há para aí muitos com vida. Vá lá diante, àquele povoado, lá estão reunidos todos os comandantes — disse o oficial, apontando para a aldeia de Gostieradek, e afastou-se.

Rostov continuou a passo, sem saber o que faria e a quem iria agora procurar. O imperador estava ferido, a batalha perdida. Não era possível acreditar em semelhante coisa. Dirigiu-se para o local que lhe indicavam, onde, na distância, avultava o campanário de uma igreja... Para que ter pressa agora? Que tinha ele agora a dizer ao imperador ou a Kutuzov, no caso de eles realmente estarem sãos e salvos e não feridos?

— É por aqui, meu fidalgo; se vai por aí, lá adiante matam-no — gritou-lhe um soldado— Matam-no.

— Que estás tu a dizer? — disse outro soldado. — Que caminho lhe estás tu a apontar? Por ali é mais perto.

Rostov reflectiu e meteu precisamente pelo caminho onde lhe diziam que seria morto.

«Agora tanto me faz. Se o imperador está ferido, para que hei-de eu poupar-me?», disse de si para consigo. Penetrou na zona onde houvera uma grande chacina de fugitivos de Pratzen. Os Franceses ainda não ocupavam esta povoação, e os Russos, pelo menos os sãos e salvos ou feridos, de há muito a tinham evacuado. No solo, como feixes num campo fértil, por cada desiatine, entre mortos ou feridos, jaziam dez a quinze homens. Os feridos arrastavam-se, em grupos de dois ou três, e ouviam-se os seus gritos e os seus gemidos, dolorosos e por vezes fingidos, assim, pelo menos, se afigurava a Rostov. Para não ver todos esses sofrimentos, deu de esporas ao cavalo e trotou. O horror apossava-se dele. Não receava pela vida, mas temia perder a coragem, a coragem de que tanto precisava, e que, sabia-o, acabaria por amolecer diante de tantas desgraças.

Os Franceses, que haviam deixado de varrer com os seus projécteis o campo

semeado de mortos e feridos desde que lá não viam ninguém de pé, ao descobrirem o ajudante-de-campo abrindo caminho pelo meio dele, apontaram-lhe uma das peças e dispararam algumas balas. Esses silvos espantosos e a vista dos cadáveres que o cercavam encheram-no de horror e de piedade por si próprio. Lembrou-se da última carta da mãe: «Que diria a mãe», pensou Rostov, «se me visse agora no meio deste campo de batalha, ponto de mira destes canhões?»

Na povoação de Gostieradek havia tropas russas fugitivas do campo de batalha em melhor ordem que as demais, ainda que em grande confusão. As balas francesas não chegavam até ali, e o ruído da fuzilaria ouvia-se ao longe. Aí já toda a gente tinha uma visão nítida dos acontecimentos e todos eram de opinião de que a batalha estava perdida.

A Rostov, por mais que interrogasse, ninguém sabia dizer onde o imperador se encontrava ou onde estava Kutuzov. Uns eram de parecer de ser verídico o ferimento do czar, outros desmentiam e explicavam o falso boato com o facto de ser verdade terem visto passar na grande carruagem do imperador, fugindo do campo de batalha, o marechal da corte conde de Tolstoi, que acompanhava o czar com outras personalidades da comitiva. Um oficial disse a Rostov que por detrás da aldeia, à esquerda, vira fosse quem fosse do alto comando: Rostov para aí se encaminhou, ninguém esperando encontrar já, mas apenas por descargo de consciência. Depois de ter andado três verstas e de ter ultrapassado os últimos soldados russos, viu dois cavaleiros junto de uma horta ladeada por um fosso. Um deles tinha um penacho branco na barretina e não lhe era desconhecido; o outro, que ele nunca vira, montava um belo cavalo alazão, que Rostov se recordava de ter visto algures. Esse aproximou-se do fosso, esporeou o cavalo, e, soltando as rédeas, fê-lo transpor a horta. As patas traseiras ergueram pedaços de terra. Numa brusca meia volta o cavaleiro de novo saltou o fosso e dirigiu-se respeitosamente ao seu camarada do panacho branco, convidando-o, evidentemente, a fazer o mesmo. O cavaleiro que Rostov parecia reconhecer e que principiava a absorver-lhe a atenção fez um aceno negativo. Esse gesto levou-o a reconhecer imediatamente o seu imperador adorado, cuja desdita tanto deplorava.

«Mas não pode ser ele», disse de si para consigo; «sozinho neste campo deserto.» Nesse momento. Alexandre voltou a cara e Rostov viu esses tão queridos traços profundamente gravados na sua memória. O imperador estava

pálido, tinha as faces sulcadas, os olhos cavados, e assim ainda era maior o seu encanto e a sua doçura. Rostov sentia-se feliz por lhe ser dado verificar serem inexactos os boatos postos a correr sobre o ferimento de) czar. Grande felicidade era o tê-lo visto. Sabia que podia, e que devia até, dirigir-se-lhe directamente e transmitir-lhe a mensagem de Dolgorukov.

Mas assim como um jovem enamorado, trémulo e comovido, não ousa exprimir os sentimentos que lhe povoaram as noites, e lança em volta de si olhares assustados' como que à procura de auxílio ou da maneira de adiar ou de fugir quando chega o almejado instante em que finalmente se encontra a sós com ela, assim Rostov, agora, que era chegado o momento tão ardentemente desejado, não sabia se devia abordar o imperador e passavam-lhe pela cabeça mil ideias sobre a maior ou menor conveniência do seu acto.

«Quê? É como se eu aproveitasse a ocasião em que está só e triste. Talvez lhe seja penoso e desagradável ter de enfrentar neste momento uma cara desconhecida. E depois, que lhe poderia eu dizer, quando um dos seus olhares é quanto basta para me fazer desmaiar e perder a voz?» Nem uma só das numerosas frases que mentalmente havia preparado para lhe dirigir lhe vinha aos lábios. De resto, pela sua maior parte, tinha-as ele composto em vista de circunstâncias muito diferentes, ou para a hipótese de uma vitória ou de um triunfo, ou então para o caso em que ele próprio no seu leito de agonia, mortalmente ferido, lhe dissesse todo o seu amor, que a própria morte confirmava, enquanto o soberano lhe agradeceria os seus feitos heróicos.

«E, além disso, que lhe vou eu perguntar a respeito do flanco direito, agora, que são quatro horas da tarde e a batalha está perdida? Não, decididamente não devo falar-lhe. Não devo perturbá-lo nas suas meditações. Antes mil vezes a morte que receber dele um mau olhar, que inspirar-lhe uma má opinião.» Rostov tomara uma decisão, e com tristeza e desespero na alma afastou-se, voltando-se para trás a todo o momento, para o seu imperador, que lá continuava imóvel e irresoluto.

No mesmo instante em que Rostov se dava a todas estas reflexões e tristemente prosseguia o seu caminho chegava o capitão Von Toll, inopinadamente, e, ao ver o imperador, aproximou-se dele e ofereceu-se para o ajudar a transpor o fosso. O imperador, que muito precisava de descanso, sentindo-se indisposto, sentou-se debaixo de uma macieira; Von Toll ficou a seu lado. Rostov, de longe, num misto de inveja e tristeza, viu Von Toll falar longa e

calorosamente e o imperador, com os olhos cheios de lágrimas, tapar a cara e apertar-lhe a mão.

«E lembrar-me que podia estar no lugar dele!», pensou, e quase sem poder reter as lágrimas condoídas pelo destino do imperador prosseguiu o seu caminho em completo desespero, sem saber que fazer ou aonde se dirigir.

E tanto maior era o desespero de Rostov quanto era certo dar-se conta de que a sua própria fraqueza era causa da sua dor. Ele teria podido.., não só teria podido, mas deveria ter-se aproximado. Eis uma ocasião única para lhe testemunhar a sua devoção. E não o tinha feito... «Que fiz eu?», interrogou-se a si próprio. Apanhou o bridão e voltou ao local onde vira o imperador; mas já não estava ninguém junto do fosso. Ali já não havia senão carroças e equipagens. Por um soldado do trem soube que o estado-maior de Kutuzov se encontrava na vizinhança, na povoação para onde se dirigiam os comboios. Rostov seguiu-os.

A frente marchava o picador de Kutuzov, que conduzia uns cavalos cobertos com mantas. Atrás dele vinha uma carroça e depois um velho servo, de barrete redondo, meia peliça e pernas tortas.

— Tito!, eh. Tito! — gritou o picador.

— Que é? — respondeu o velho sem pensar em coisa alguma.

— Tito, vai malhar o teu trigo.

— Eh, imbecil! Diabos te levem! — replicou o velho, escarrando, colérico.

Durante algum tempo seguiram em silêncio, depois de novo recomeçaram com a mesma brincadeira.

Às cinco horas da tarde a batalha estava perdida em toda a frente. Mais de cem peças de artilharia tinham já caído nas mãos dos Franceses.

Przebyszewky e o seu corpo de exército haviam deposto as armas. As outras colunas, depois de terem perdido quase metade dos seus efectivos, retiravam em bandos desordenados e confusos.

Os destroços dos corpos de Langeron e de Dokturov, em massas caóticas, comprimiam-se contra os diques e nas margens das albufeiras, nas cercanias da povoação de Augezd.

As seis horas só no dique de Augezd prosseguia o canhoneio dos Franceses, que tinham instalado numerosas batarias nas vertentes do planalto de Pratzen e faziam fogo sobre as tropas russas em retirada.

À retaguarda. Dokturov e outros, depois de conseguirem reorganizar alguns

batalhões, defendiam-se contra a cavalaria francesa, que perseguia os Russos. Já era escuro. Neste estreito dique de Augezd, onde, durante tantos anos, o velho moleiro de barrete de algodão tranquilamente pescara à linha, enquanto o neto, de mangas arregaçadas, remexia num regador buliçosos peixes de prata; neste dique, onde, durante tantos anos, tinham rodado pacíficas carroças carregadas de trigo, guiadas por bons morávios de barrete de pele e vestes azuis, para depois voltarem a passar, brancos de farinha, com os seus alvos carregamentos, neste mesmo dique homens comprimiam-se, no meio das carroças e dos canhões, por entre rodas e cavalos, e, de caras desfiguradas pelo terror, pisavam-se entre si, caminhavam por cima de cadáveres e de moribundos, matavam e passavam, para acabarem, mortos também, alguns passos mais adiante.

De dez em dez segundos, rasgando os ares, caía uma bala ou explodia um obus no meio daquela multidão compacta, matando e salpicando de sangue toda a gente nas imediações. Dolokov, ferido numa mão, a pé, com uma dúzia de soldados da sua companhia — já ganhara de novo os galões de oficial — e o coronel, a cavalo, eram os únicos sobreviventes do regimento. Arrastados pela multidão, comprimiam-se à entrada do dique, e, cercados por todos os lados, tinham feito alto, porque diante deles um cavalo caíra debaixo de um canhão e tiravam-no de lá. Uma bala matou um homem atrás deles, outra veio rebentar na sua frente, cobrindo de sangue Dolokov. A massa dos soldados precipitou-se desesperadamente, avançou alguns passos e de novo se deteve.

«Se ainda pudermos andar uns cem passos, estaremos salvos com certeza; se estacionamos aqui mais dois minutos, estamos perdidos pela certa», era o pensamento de todos.

Dolokov, bloqueado, esgueirou-se pela extremidade do dique, derrubou dois soldados e fugiu por cima do gelo escorregadio que cobria a albufeira.

— Vira a peça! — gritou, ao saltar para cima da neve, que estalava. — Volta-a.

Era evidente que o gelo, que, ia abrir-se sob o seu peso, com muito mais razão se quebraria sob o peso da peça e da, multidão. Os homens olhavam para ele e comprimiam-se contra a margem, sem ousarem saltar para o gelo. O coronel, a cavalo, ali ao pé, ergueu a mão e abriu a boca para lhe dizer fosse o que fosse. Subitamente uma bala passou tão rente que todos baixaram a cabeça. Ouviu-se um estalido em cima de qualquer coisa mole e o coronel caiu juntamente com o

cavalo no meio de um charco de sangue. Ninguém olhou para ele e ninguém se lembrou de o ajudar a levantar.

— Salvemo-nos por cima do gelo! Salvemo-nos por cima do gelo! Vamos a isto! Volta! Não ouves! Para a frente! — gritaram, milhares de vozes, assim que o coronel caiu varado, sem que ninguém soubesse ao certo o que estava a, dizer.

Uma das peças da retaguarda que avançara para o dique obliquou em direcção ao gelo. Soldados em massa lançaram-se nesse momento sobre a laguna. O gelo estalou sob os pés de um dos fugitivos, e uma das suas pernas enterrou-se-lhe; quis levantar-se, mas não tardou a afundar-se até à cintura. Os soldados que estavam mais perto dele ficaram imóveis, o condutor da peça refreou o cavalo, mas lá para trás continuavam a ressoar os gritos: «Salvemo-nos por cima do gelo! Porque é que aquele parou? Para a frente! Para a frente!» Gritos de terror se ouviram. Os soldados vizinhos da peça chicoteavam os cavalos para os obrigar a voltar e avançar. Estes afastaram-se, da margem. O gelo que sustinha os peões quebrou-se num largo espaço e os quarenta homens que sobre ele se encontravam viram-se precipitados para todos os lados, afogando-se, agarrados uns aos outros.

As balas regularmente continuaram a assobiar e a cair sobre e gelo, na água, e sobretudo no meio da massa humana que enchia o dique, a albufeira e as margens.

[XIX]

No planalto de Pratzen, exactamente no mesmo sítio onde tinha caído com a bandeira na mão, estava estendido o príncipe André Bolkonski, perdendo sangue e soltando inconscientemente fracos e queixosos gemidos, como os de uma criança.

Para o fim da tarde deixou de se queixar e calou-se por completo. Não soube quanto tempo esteve sem sentidos. De súbito reanimou-se sentindo uma dor pungente e lancinante na cabeça...

«Onde está aquele céu sem fundo que eu nunca tinha visto e que vi hoje pela primeira vez?», tal foi o seu primeiro pensamento. «E estas dores, também as não conhecia. Sim, até hoje ignorava tudo. Mas onde estou?»

Apurou o ouvido e apercebeu um ruído de cavalos que se aproximavam e de vozes que falavam francês. Abriu os olhos. Por cima da sua cabeça lá estava ainda

o mesmo céu profundo, com as suas nuvens flutuantes, cada vez mais altas e que deixavam ver o infinito azulíneo. Não voltou a cabeça e não viu aqueles que, a avaliar pelos ruídos que percebia, se aproximavam e paravam.

Esses cavaleiros eram Napoleão e dois ajudantes-de-campo. Bonaparte havia percorrido o campo de batalha e dera ordens para reforçarem as batarias que faziam fogo sobre o dique de Augezd. Agora examinava os mortos e os feridos que jaziam no campo.

— Que belos homens! — dizia ele, diante do cadáver de um granadeiro russo estendido de barriga para baixo, a cara contra o solo, a nuca negra, os braços estendidos a todo o comprimento e já rígido.

— Estão esgotadas as munições das peças. Sire! — disse nesse momento um ajudante-de-campo que chegava vindo das batarias que bombardeavam Augezd.

— Mande avançar as da reserva — replicou Napoleão. Depois de ter dado alguns passos deteve-se junto do príncipe André, estendido de costas, ao lado da haste da bandeira que tinha sido tomada como troféu pelos Franceses.

— Eis uma bela morte! — disse, ao vê-lo.

André compreendeu que era dele que estavam a falar e que era Napoleão quem falava. Tinha ouvido chamar sire à personagem de quem se tratava. Mas as palavras afloravam-lhe os ouvidos como se fossem zumbidos de moscas. Não só lhe não interessavam como lhes não prestava a mais pequena atenção, e breve lhe abandonaram o espírito. A testa escaldava-lhe, sentia que o sangue se lhe ia esvaziando das veias, e continuava sempre a ver o céu longínquo, profundo e eterno. Sabia Napoleão ali. Napoleão, o seu herói, e naquele instante Napoleão, em comparação com o drama que se desenrolava entre a sua alma e aquele céu profundo, sem limites, em comparação com aquelas nuvens que fugiam, parecia-lhe perfeitamente insignificante. Naquele instante era absolutamente indiferente àquele que se, debruçava sobre ele, àquele que falava dele; mas estava contente com o facto de aqueles homens se haverem detido, e apenas desejaria que eles o socorressem e o fizessem regressar àquela vida que tão bela lhe parecia desde que a compreendia de outra maneira. Chamou a si todas as suas forças para conseguir fazer um movimento e articular alguns sons. Agitou debilmente a perna e despediu uma queixa fraca e dolorosa, que acordou em si próprio um sentimento de piedade.

— Ah! Vive! — disse Napoleão. — Levantem este rapaz e levem-no à

ambulância!

Depois de ter dito estas palavras. Napoleão afastou-se e foi ao encontro do marechal Lannes, que, sorrindo, se descobriu e se aproximou para o felicitar.

André não pôde reter mais nada. A dor tremenda que lhe causaram o transporte na maca, os choques e as sondagens da sua ferida na ambulância fizeram-no perder de novo os sentidos. Só voltou a si no fim do dia quando o transportaram para o hospital com vários outros oficiais russos feridos e prisioneiros. Durante o trajecto sentiu-se um pouco reconfortado e pôde dar fé do que se passava em tomo dele e até mesmo falar.

As primeiras palavras que ouviu ao voltar a si foram is do oficial francês que os conduzia:

— É preciso fazer alto aqui. Vai passar o imperador. Convém dar-lhe o prazer de ver estes senhores prisioneiros.

— Hoje são tantos os cativos, quase todo o exército russo, que ele já deve estar farto — disse outro.

— Sim, mas, no entanto, este, segundo dizem, é o comandante da guarda pessoal do imperador Alexandre — voltou o primeiro, apontando para um oficial ferido, de uniforme branco da Guarda montada.

Bolkonski reconheceu o príncipe Riepnine, que conhecia dos salões de Petersburgo. Ao lado via-se um jovem de uns dezanove anos, igualmente ferido e também fardado de cavaleiro da Guarda.

Bonaparte, aproximando-se a galope, deteve o seu cavalo junto deles.

— Qual é, o de posto mais elevado? — perguntou, ao ver os prisioneiros.

Indicaram-lhe o coronel príncipe Riepnine.

— É o comandante do regimento de cavalaria da Guarda do imperador Alexandre? — interrogou Napoleão.

— Eu comandava um esquadrão — replicou Riepnine. — O seu regimento cumpriu nobremente o seu dever.

— O elogio de um grande capitão é a melhor recompensa de um soldado.

— É com prazer que lha concedo — voltou Napoleão — Quem é, esse jovem que está a seu lado?

O príncipe Riepnine disse o nome do tenente Suktelen. Napoleão olhou-o, a sorrir:

— Muito novo veio ele ter connosco.

— A juventude não impede um homem de ser bravo — disse Suktelen, numa voz trémula de emoção.

— Bela resposta, mancebo — disse Napoleão — Irá longe! Para completar o troféu dos prisioneiros, o príncipe André, colocado também na primeira fila, diante do imperador, não podia deixar de lhe atrair a atenção. Napoleão recordou-se de o ter visto no campo de batalha, e dirigindo-se a ele deu-lhe esse mesmo tratamento de rapaz, o aspecto sob o qual ele se lhe havia gravado na memória.

— E você, meu rapaz? — disse-lhe. — Como é que se sente, meu valente?

Ainda que cinco minutos antes André tivesse podido dizer algumas palavras aos soldados que o transportavam, agora calava-se, os olhos fixos em Napoleão. Afiguravam-se-lhe tão medíocres naquele momento os interesses que preocupavam o imperador, o próprio herói que lhe parecia tão insignificante, com a sua vaidade mesquinha e a alegria da vitória, quando comparava tudo isto ao espectáculo daquele céu imenso, pleno de justiça e, de bondade, cuja grandeza compreendera, que lhe era impossível responder.

E, com efeito, tudo lhe parecia inútil, miserável, ao pé dos pensamentos severos e sublimes que o esgotamento das forças lhe provocara após a efusão de sangue, as dores e a, expectativa de uma morte próxima. Ao mergulhar o seu olhar no de Napoleão, pensava na vaidade da grandeza, na insignificância da vida, cujo sentido ninguém podia compreender, e ainda mais na da morte, cujo significado se conservava ininteligível e impenetrável a todos os vivos.

O imperador deu meia volta sem esperar resposta, e, ao retirar-se, dirigiu-se a um comandante:

— Tomem conta destes senhores e transportem-nos ao meu acampamento, para que o meu médico. Larrey, lhes examine os ferimentos.— E, esporeando o cavalo, a galope prosseguiu no seu caminho.

No rosto de Napoleão lia-se íntimo contentamento e verdadeira felicidade. Os soldados que tinham transportado o príncipe André e lhe haviam furtado a imagenzinha de ouro que Maria, sua irmã, lhe suspendera ao pescoço, ao verem a benevolência do imperador para com os prisioneiros, deram-se pressa em restituir-lha. Como, não o soube André, mas de repente a medalhinha apareceu-lhe suspensa do uniforme pela sua cadeia de ouro.

«Que felicidade», dizia ele de si para consigo, fitando a imagem que a irmã lhe confiara com tanta emoção e piedade, «que felicidade, se tudo fosse tão claro e

simples como a Maria imagina! Que felizes seríamos sabendo a quem pedir auxílio nesta vida e o que nos espera depois, para além do túmulo! Como eu seria, feliz e que tranquilo eu me sentiria se neste momento pudesse dizer: Senhor, tende piedade de mim!... Mas a quem hei-de eu dirigir esta oração? Será esta força indefinível, incompreensível, a que não só me não posso dirigir, mas que riem mesmo posso exprimir por palavras, o grande todo ou o nada, ou então esse Deus representado nesta medalha que me deu Maria? Não há nada, nada certo, além do pouco valor de tudo quanto eu posso compreender e da sublimidade desse incompreensível que ultrapassa toda a grandeza!»

Pegaram na maca. De cada vez que a sacudiam, o príncipe André sentia uma dor insuportável; o seu estado febril agravou-se. Delirou. A lembrança de seu pai, de sua mulher, de sua irmã, do filho que ia nascer, a recordação do enternecimento que sentira na véspera da batalha, a figura desse pequeno Napoleão que tão insignificante lhe parecera e ainda por cima a obsessão daquele céu profundo, tudo lhe povoava os sonhos de imagens de fogo. Uma vida serena e de tranquila felicidade conjugal em Lissia Gori perpassava-lhe pela imaginação. Mas, mal sentia a alegria desta felicidade, repentinamente lhe aparecia o pequeno Napoleão de olhar frio, limitado, contente com a infelicidade alheia, e de novo recomeçavam os horrores da dúvida e da dor. Só a imagem do céu lhe trazia um certo apaziguamento. Lá para a madrugada todos estes sonhos se misturavam, numa espécie de caos, e ele precipitou-se nessas trevas da inconsciência e do olvido que na opinião do próprio Larrey deveriam terminar muito mais provavelmente com a morte que com a vida.

— É um indivíduo nervoso e bilioso — dissera ele. — Não escapará desta.

O príncipe André, bem como outros feridos com poucas esperanças de cura, foi confiado aos cuidados dos habitantes da região.

LIVRO SEGUNDO

PRIMEIRA PARTE

[I]

— Os princípios de 1806. Nicolau Rostov veio a casa em gozo de licença. Denissov também regressava a Voroneje e Rostov conseguira persuadi-lo a acompanhá-lo até Moscovo e a hospedar-se em casa dos seus. Na antepenúltima muda, para festejar o encontro com o seu camarada. Rostov despejara duas ou três garrafas na companhia do amigo. As portas da capital, apesar dos barrancos da estrada, estendido ao comprido no fundo do trenó de posta. Denissov continuava a dormir, enquanto Rostov, à medida que se aproximava do seu destino, se mostrava mais e mais impaciente.

«Estaremos lá não tarda nada! Estaremos lá não tarda nada! Oh, estas ruas insuportáveis, estas lojas, estes calatch (Pão que é uma especialidade de Moscovo. (N, dos T.), estes revérberos, estes izvochtchiks (Carro de praça, (N, dos T.)» ia ele dizendo para consigo mesmo quando, nas barreiras, lhe verificaram a licença e entraram finalmente em Moscovo.

— Denissov, cá estamos! Ainda dormes? — gritou, lançando instintivamente o corpo para avante, como se assim esperasse acelerar a marcha do trenó.

Denissov não respondeu.

— Olha a encruzilhada onde costuma estar Zakar, o cocheiro: e lá está ele, o Zakar, sempre com o mesmo cavalo. E aqui está a lojinha onde nós costumávamos comprar o prianiki! (Guloseima feita de amêndoas. (N, dos T.) Avia-te! Hem!

— Qual é a casa? — perguntou o postilhão.

— Lá adiante, ao fundo, a grande, não vês? Aquela é que é a nossa casa! Denissov! Estamos a chegar.

Denissov ergueu o pescoço, tossicou e não disse palavra. — Dimitri — gritou Rostov para o lacaio sentado ao lado do postilhão — Há luz na nossa casa?

— Sim, senhor, está iluminado o gabinete do papa.

— Ainda não teria ido para, a cama? Hem! Que te parece? Olha o que te digo,

não te esqueças de tirar já da mala a minha nova samarra húngara — acrescentou, cofiando o bigodinho novo. — Avia-te, anda, mais depressa! — gritou para o postilhão. — Eh!, acordas ou não. Vássia? — disse, sacudindo Denissov, que voltara a adormecer. — Vamos, francamente! Tens três rublos para vodka, francamente! — prosseguia, e já poucas casas o separavam da sua. Afigurava-se-lhe que os cavalos não saíam do mesmo sítio. Finalmente, o trenó voltou à direita, em direcção à entrada. Rostov viu a cornija tão sua conhecida, com o seu gesso esborcinado, os degraus da entrada, o marco do passeio. Saltou do trenó em andamento e correu para a porta. A casa lá estava, imóvel, pouco hospitaleira, como que absolutamente alheia àquele que acabava de chegar. No vestíbulo ninguém. Ah! Deus meti, terá acontecido alguma, coisa?», pensou Rostov. Deteve-se alguns instantes, o coração apertado, e logo continuou a correr através do corredor e das escadas tão suas conhecidas, de degraus irregulares. Lá estava o mesmo puxador na porta, cuja sordidez irritava a condessa. Continuava a abrir-se corri a mesma facilidade de outros tempos. Na antecâmara estava uma candeia acesa. O velho Mikailo dormia deitado em cima de uma arca. Prokofi, o lacaio, tão forte que era capaz de erguer um carro pelo rodado traseiro, estava a entrançar orlas de laptis (Calças dos mujiques. (N, dos T.). Voltou-se quando a porta se abriu e imediatamente o seu, ar sonolento e indiferente se converteu em susto, num susto a que vinha misturar-se uma certa alegria,

— Ah! Deus do Céu! O condezinho! — exclamou, ao reconhecer o menino. — Que aconteceu? Meu querido menino! — E Prokofi, todo trémulo, precipitou-se para a porta do salão, naturalmente para anunciar o acontecimento, mas, reflectindo, voltou atrás e deixou-se cair contra o ombro do seu amo.

— Está tudo bem? — perguntou Rostov, soltando os braços,

— Graças a Deus! Está tudo bem! Acabaram agora mesmo de jantar. Deixa-me olhar-te. Excelência!

— Está tudo mesmo bem?

— Está, está, graças a Deus!

Rostov, que se esquecera por completo de Denissov, sem querer que ninguém o anunciasse, atirou a peliça, e em bicos de pés correu para o salão grande, às escuras. Tudo estava como dantes: as mesmas mesas de jogo, os mesmos lustres enfiados nas mesmas camisas. O jovem já fora pressentido em casa, e mal entrara no salão uma porta lateral abrira-se e a família rompeu com fragor, caindo sobre

ele aos abraços e aos beijos. Depois, por outras portas, veio chegando mais gente; e houve abraços, beijos, exclamações, lágrimas de alegria. Rostov não era capaz de saber quem era o pai, quem era Natacha, quem era Pétia. Todos gritavam, falavam e o abraçavam ao mesmo tempo. Só uma pessoa faltava: a mãe. Rostov deu por isso.

— Eu não sabia... Nikoluehka.., meu querido!

— Aí está ele.., o nosso.., o meu amigo Kólia... Como estás mudado! Luz! Sirvam o chá!

— Dá cá um beijo!

— E a mim também, queridinho!

Sónia. Natacha. Pétia. Ana Mikailovna. Vera, o velho conde, o apertavam contra o peito. Os criados, as criadas de quarto, que enchiam o salão, todos falavam ao mesmo tempo, soltando exclamações.

Pétia dependurava-se-lhe nas pernas.

— E eu! — clamava ele.

Natacha beijocava-o, depois puxava-o para si, beijava-o por toda a cara, agarrava-se-lhe às abas do dólman, dava cabriolas e despedia gritos agudos.

Só se viam lágrimas de alegria, olhares cheios de ternura; só se ouviam beijos.

Sónia, vermelha como kumatch (Tecido vermelho de camisas. (N, dos. T.), enfiara-lhe o braço, e toda ela era— plenitude, uma plenitude que lhe subia aos olhos felizes, sempre à procura dos de Rostov. Já fizera dezasseis anos e era muito bonita, sobretudo naquele momento em que a alegria se lhe estampava no rosto. Olhava para Rostov e não podia apartar dele os olhos, toda sorridente, como que sufocada de felicidade. Rostov estava-lhe muito reconhecido, mas não deixava de esperar e de procurar fosse quem fosse. A velha condessa ainda não aparecera. E eis que se ouvem passos junto à porta. Eram tão rápidos que não acreditava que pudessem ser de sua mãe.

Mas era, era ela, era ela com um vestido novo que ele nunca lhe vira, um vestido que mandara fazer na sua ausência. Todo, se afastaram, e Rostov correu para ela. Uma vez um ao pé do outro, a mãe deixou-se cair contra o peito do filho, rompendo em soluços. Sem forças para levantar a cabeça, escondia a cara nos frios alamares do dólman.

Denissov, de que ninguém ainda se apercebera, entrara e detivera-se a olhar para toda aquela gente, esfregando os olhos.

— Vassili Denissov, um amigo do Nicolau! — exclamou, apresentando-se ao conde, que o interrogava com os olhos.

— Bem-vindo seja! Bem sei, bem sei! — disse o conde, apertando Denissov nos seus braços e dando-lhe um beijo. — O Nikoluchka avisou-me... Natacha. Vera, cá está ele, é o Denissov.

As mesmas caras juvenis, felizes e cheias de vida precipitaram-se sobre a hirsuta figura de Denissov, rodeando-o.

— Meu querido Denissov! — exclamou Natacha, que, não podendo refrear o seu entusiasmo, foi para ele, pegou-lhe nos braços e pôs-se a beijá-lo. Toda a gente se sentiu embaraçada com aquela atitude de Natacha. O próprio Denissov corou, mas, sorrindo, tomou-lhe a mão e levou-a aos lábios.

Conduziram Denissov ao aposento preparado para ele, e toda a família Rostov se reuniu no quarto do divã à volta de Nikoluchka.

A velha condessa, sem abandonar a mão do filho, que a cada momento levava aos lábios, sentou-se a seu lado. Os demais, to— dos em volta, bebiam-lhe cada um dos seus gestos, cada uma das suas palavras, cada um dos seus olhares, não deixando de o fixar com olhos amorosos e extasiados. O irmão e as irmãs debatiam-se, roubando-se mutuamente os lugares mais próximos, e lutavam uns com os outros para lhe apresentarem a xícara de chá, o lenço, o cachimbo.

Rostov sentia-se muito feliz com todas estas demonstrações de afecto; mas os primeiros momentos após o seu regresso haviam-no tornado tão feliz que a alegria que sentia agora era pouca coisa e continuava à espera, esperava sempre, uma felicidade maior.

No dia seguinte os viajantes, fatigados da viagem, não se levantaram antes das dez horas.

No quarto contíguo ao deles viam-se, a monte, os sabres, as m,)chilas, as cartucheiras, as malas abertas, as botas enlameadas. Dois pares de botas, com as respectivas esporas, depois de engraxadas, acabavam de ser alinhadas junto à parede. Criados traziam bacias de mãos, água quente para a barba e roupas limpas. Havia no ambiente um cheiro a tabaco e a utensílios militares.

— Eh! Grichka, o meu cachimbo! — gritou Vassili Denissov com voz rouca.— Rostov, levanta-te!

Rostov, esfregando os olhos pegados pelo sono, ergueu a cabeça hirsuta da macia almofada.

— Que aconteceu? Já é tarde?

— É. Já deram dez horas — respondeu a voz de Natacha, e no quarto contíguo ouviu-se um roçagar de vestidos engomados, um segredar e risos de raparigas; através da porta entreaberta surgiu qualquer coisa azul, fitas, cabelos pretos e caras joviais. Eram Natacha. Sónia e Pétia, que vinham espreitar para ver se ele estaria levantado.

— Nikolenka, a pé! — ouviu-se da porta a voz de Natacha.

— É já!

Entretanto. Pétia, que no quarto contíguo descobrira os sabres e se apropriara de um deles, cheio daquele entusiasmo tão próprio dos rapazes mais novos diante do aparato bélico de um irmão mais velho, esquecendo-se de que não era decente para as irmãs ver homens em trajos menores, abriu a porta.

— É o teu sabre? — gritou.

As meninas deram um salto à retaguarda. Denissov, assustado, tratou de esconder as pernas debaixo da colcha, lançando um olhar aflito ao camarada. A porta deixou passar Pétia, depois voltou a fechar-se. Atrás dela ouviam-se risos.

— Nikolenka, veste o teu roupão — disse Natacha.

— É o teu sabre? — repetiu Pétia. — Ou é o seu? — acrescentou, com profunda veneração, dirigindo-se à espessa bigodeira preta de Denissov.

Rostov calçou-se à pressa, enfiou um roupão e apareceu à porta. Natacha já tinha enfiado uma das botas de esporas e tratava de se introduzir dentro da outra. Sónia girava sobre os tacões, fazia inchar o balão da saia e ia acocorar-se naquele momento. Estavam ambas de azul e com os vestidos do mesmo feitio, que eram novos, muito rosadas, frescas e risonhas. Sónia fugiu, e Natacha, enfiando o braço no do irmão, levou-o para o quarto do divã, onde se puseram a tagarelar. Ainda não tinham tido tempo de perguntar um ao outro essas mil pequenas coisas que só a eles interessavam. Natacha ria a cada palavra que trocavam, não porque fosse para rir o que diziam, mas apenas por se sentir alegre e lhe não ser possível reprimir essa transbordante alegria,

— Ah! Que bom que é! — dizia ela a cada momento. Rostov, graças àqueles calorosos eflúvios de ternura, sentia pela primeira vez de há um ano para cá desabrochar-se-lhe no coração e na cara aquele riso infantil que o abandonara por completo desde que saíra de casa.

— Agora, ouve — dizia ela —, agora és um verdadeiro homem, não é assim?

Nem sabes como eu estou contente por seres meu irmão. — Puxou-lhe pelos bigodes. — Ah! Como eu gostava de vos conhecer bem a vocês, homens. Diz-me cá, parecem-se connosco? Hem?

— Porque é que a Sónia se esgueirou? — perguntou Rostov.

— Oh! Há muito que dizer a esse respeito. E, conta-me lá, como é que a vais tratar? Vais tratá-la por tu ou por senhora?

— É como calhar.

— Não a trates por tu, peço-te, depois te direi porquê.

— Mas porquê?

— Bom, vou dizer-te porquê. Tu sabes que a Sónia é minha amiga, uma amiga por quem eu seria capaz de queimar um braço. Olha, queres ver?

Natacha arregaçou a manga de musselina e mostrou, debaixo do braço delgado, magricela e mole, junto ao ombro, num ponto ordinariamente escondido pelos próprios vestidos de baile, um sinal vermelho.

— Fui eu que me queimei para lhe provar a minha amizade. Aqueci uma régua no fogão e cheguei-a aqui.

Sentado num divã cheio de almofadas na antiga sala de estudo, diante de si os olhos extraordinariamente animados de Natacha. Rostov sentia-se de novo mergulhado naquele mundo familiar da sua infância, que a ninguém mais podia interessar senão a ele próprio, mas que lhe proporcionava os melhores prazeres da sua existência, e a aventura do braço queimado com a régua em brasa não lhe pareceu uma coisa insignificante; compreendia-a sem se surpreender.

— É só isso? — perguntou ele.

— Ah, somos tão amigas, tão amigas! A história da régua é uma estupidez... Mas somos amigas para toda a vida. Ela, quando gosta de alguém, é para toda a vida. Eu cá não sou assim; esquecer-me-ia depressa.

— E então de que se trata?

— Pois bem, é que ela gosta de mim e também de ti. Natacha ficou de repente toda corada.

— Sim, lembras-te, antes da partida... Sim, ela disse que mesmo que tu esquecesses tudo... «Hei-de sempre gostar dele, mas quero que ele se sinta livre...» Não é verdade que isto é lindo, que isto é nobre? Sim, sim, não é lindo? Não é nobre? Responde! — exclamou Natacha, com um tom de voz tão grave e tão comovido que se via perfeitamente já ter chorado mais do que uma vez ao pensar

nisso.

Rostov ficou pensativo.

— Eu nunca quebrarei a minha palavra – declarou. — Aliás, a Sónia é tão maravilhosa que era preciso eu ser um imbecil para me negar à felicidade com ela.

— Não, não — tornou Natacha com vivacidade. — Já conversámos as duas sobre o assunto. Tínhamos a certeza de havias de falar assim. Mas não pode ser, porque, é preciso compreendas, se tu te considerares ligado pela tua palavra, pode julgar-se que ela o fez de propósito. E tu acabarias por casar, com ela por obrigação, o que não pode ser.

Rostov apercebeu-se de que tudo aquilo era muito sensato. Desde que a vira, na véspera, que Sónia o impressionara pela gentileza. Há pouco, embora a tivesse visto apenas de relance, ainda lhe parecera melhor. Era uma encantadora mocinha de dezasseis anos, que, evidentemente, o amava com paixão, disso não podia duvidar um só momento. Porque é que a não desposava agora? Ah! Eram tantos os seus motivos de alegria e tantas as coisas que o preocupavam! Sim — reflectia Rostov —, elas têm razão. É preciso que eu continue livre.

— Bom, então, óptimo, havemos de voltar a falar no assunto. Ah! Que contente eu me sinto por tornar a ver-te! E olha lá – acrescentou —, tu não atraiçoaste o Bóris?

— Que Patetice é essa?! — exclamou Natacha, rindo. — Não penso nele nem em ninguém, nem quero mesmo pensar seja em quem for.

— Quê? Tu não pensas em ninguém? Então em que pensas?

— Eu? — respondeu Natacha com um sorriso pleno de felicidade. — Viste o Duport?

— Não.

— O célebre Duport, o bailarino, nunca o viste? Então é inútil; não podes compreender. Eu, eu sou assim.

Natacha, arredondando os braços, pegou na saia, à imitação das bailarinas, deu alguns passos correndo, voltou-se, fez uma pirueta, juntou os pés, batendo um no outro, e ergueu-se em pontas.

— Hem! Olha para isto! Seguro-me. Vês? — disse ela. Mas não conseguia aguentar-se na ponta dos pés. — Aqui tens o que eu quero ser! Nunca me casarei, e hei-de vir a ser bailarina. Mas não digas a ninguém.

Rostov teve um ataque de riso tão forte e tão sincero que Denissov, no quarto

contíguo, sentiu ciúmes daquele riso; Natacha, sem se poder conter, desatou a rir também.

— Não é verdade que é lindo? — repetia ela a cada momento.

— É, mas então já não queres casar com o Bóris?

Natacha ficou toda escarlate.

— Não quero casar com ninguém. E hei-de dizer-lho a ele mesmo assim que o vir.

— Não pode ser.

— E, depois, tudo isto são patetices — prosseguiu ela. — E Denissov, que tal? É simpático?

— Muito, muito simpático.

— Bom, adeus, vai-te arranjar. E, ouve lá, mete medo, o Denissov?

— Porque é que ele havia de meter medo? Não, o Vaska é bom rapaz.

— Como é que tu lhe chamas? Vaska?... Tem graça. Então é simpático?

— Claro que é.

— Então não te demores para o chá. Tomamo-lo juntos.

Natacha voltou a erguer-se em pontas e atravessou o quarto à maneira das bailarinas, sorrindo como só o fazem as rapariguinhas de quinze anos. Rostov, ao dar com Sénia no salão, ficou muito corado. Não sabia que atitude tomar diante dela. Na véspera tinham-se beijado, nas primeiras efusões do regresso, mas agora compreendia que isso não podia ser. Sentia sobre ele os olhares interrogadores de toda a gente, da mãe e das irmãs em particular, sempre à espera de ver o que ele faria. Beijou-lhe a mão e não a tratou por tu. Encontrando-se, porém, os olhos de ambos diziam tu e atiravam beijos um ao outro. O olhar de Sónia pedia-lhe perdão de haver ousado lembrar-lhe, por intermédio de Natacha, a promessa dele e agradecia-lhe o amor que lhe tinha. O dele, por sua vez, agradecia-lhe o ela ter-lhe restituído a sua palavra e protestava, firme, que de uma maneira ou de outra nunca deixaria de a amar, pois lhe não era possível viver sem gostar dela.

— Em todo o caso, e curioso — disse Vera, aproveitando um momento em que toda a gente estava calada —, é curioso que a Sónia e o Nikolenka agora não se tratem por tu; parecem dois estranhos.

A observação era acertada, como em geral acontecia a tudo quanto ela dizia, mas, como sempre, igualmente, um grande embaraço se apoderou de toda a gente, e não só de Sónia, de Nicolau e de Natacha, como até da própria condessa,

que não via com bons olhos aqueles amores do filho. Semelhante inclinação podia fazê-lo perder algum brilhante partido. E ela também corou como qualquer rapariguinha. Denissov, com grande espanto de Rostov, de farda nova, penteado e perfumado, entrou na sala com a mesma elegância que costumava ter no campo de batalha, e junto das senhoras comportou-se como um verdadeiro mundano, o que não deixou de surpreender o amigo.

[II]

No seu regresso a Moscovo. Nicolau Rostov fora recebido pela família como o melhor dos filhos, um herói, o incomparável Nikoluchka; pelos seus outros parentes, como um rapaz encantador, distinto e bem educado; pelos seus conhecidos, como um belo tenente de hússares, um excelente dançarino e um dos melhores partidos da capital.

Toda Moscovo conhecia os Rostov. Naquele ano, o velho conde estava próspero, visto haver renovado as hipotecas sobre os seus domínios. Eis porque Nikoluchka dispunha de um trotador, usava calções de montar à última moda e botas altas como ainda mais ninguém usava em Moscovo, de biqueira aguçada, e esporas de prata. Levava uma rica vida. Regressando a casa. Rostov experimentava a impressão agradável de quem se readapta, após um longo intervalo, a antigos hábitos de existência. Tinha a sensação de que crescera e de que era agora um homem completo. As suas aventuras de criança, o seu desespero na altura em que fizera exame de catequese e em que ficara reprovado, os seus pedidos de dinheiro ao cocheiro Gavrilo, os beijos trocados com Sónia às escondidas, tudo isso lhe vinha à lembrança como criancices de que estava muito longe. Agora era tenente de hússares, vestia um dólman agaloado a prata com a cruz de S. Jorge de soldado e adestrava o seu trotador para as corridas na companhia de amadores hípicos conhecidos reputados e respeitáveis. Conhecera uma senhora com quem passava as noites. Dirigia a mazurca nos bailes dos Arkarov, falava da guerra com o marechal-de-campo Kamenski, frequentava o clube inglês e tratava por tu um coronel quarentão a quem Denissov o apresentara.

A sua paixão pelo imperador enfraquecera um pouco desde que estava em Moscovo. Nunca o via, nem tinha ocasião para isso; mas, por vezes, falava dele, dizia quanto o estimava, dando a entender que falando assim calava alguma coisa e que nos seus sentimentos havia uma parte de mistério que o comum dos mortais não podia entender. No fundo do seu coração compartilhava da adoração geral da cidade por Alexandre Pavlovitch, a quem chamavam então correntemente «um anjo de carne e osso».

Durante a sua estada em Moscovo, enquanto não regressou ao regimento. Rostov antes se afastou de Soma do que dela se aproximou. Ela era muito bonita, muito gentil, e, claro, amava-o apaixonadamente; mas ele atravessava então aquele período da juventude em que o homem parece ter tanta coisa a fazer que lhe falta tempo para se ocupar de ninharias, com que receia prender-se, e estima antes de mais nada a liberdade, que lhe é indispensável para tudo o mais. Quando pensava em Sónia durante essa estada em Moscovo dizia consigo mesmo: «Sim! Há muitas, muitas mais como ela, que eu ainda não conheço. Tenho tempo de pensar em amores quando me der na real gana, agora não, agora tenho mais em que pensar.» Alem disso, afigurava-se-lhe humilhante para o homem que então era comprazer-se no convívio de mulheres. Frequentava os bailes e as reuniões femininas sempre com o ar de quem está contrariado. As corridas e as visitas «a casa dela», isso era outra coisa: isso ficava bem a um verdadeiro hússar.

No princípio de Março, o velho conde Ilia Andreitch Rostov andou muito ocupado com a organização de um banquete no clube inglês em honra do príncipe Bagration.

O conde, de roupão, ia e vinha ao longo dos salões, dando as suas ordens ao ecónomo do clube e ao famoso Feoktiste, cozinheiro-chefe, acerca dos espargos, dos pepinos frescos, dos morangos, das viandas e do peixe para o banquete. O conde era membro e presidente do clube desde a sua fundação. Tinham-lhe confiado a missão de organizar o banquete em honra de Bagration, pois ninguém sabia como ele, à grande e generosamente, preparar uma festa de gala, e poucos eram os que podiam e estavam dispostos — esse o seu caso — a puxar do seu dinheiro se viesse a faltar alguma coisa. O cozinheiro e o ecónomo do clube ouviam, satisfeitos, as instruções do conde, pois estavam cientes de que com ele, melhor do que com qualquer outro, muito teriam a, ganhar com um repasto de alguns milhares de rublos.

— E, presta atenção, é preciso cristas-de-galo, sim, cristas-de-galo na sopa de tartaruga, sabias?

— Entradas, três, não é verdade? — perguntou o cozinheiro.

O conde concentrou-se.

— Sim, nada menos... Urna maionese.., uma... — contou pelos dedos.

— Então temos de mandar vir esturjões grandes? — perguntou o ecónomo.

— É claro, não pode deixar de ser e temos de lhes pegar, mesmo que eles não baixem o preço. Ah, valha-nos Deus, ia-me esquecendo... Ainda precisamos de outra entrada. Ah! Santo Deus! — Apertou a cabeça entre as mãos. — E quem vai fornecer as flores? Mitenka! Eh! Mitenka! A galope. Mitenka, vai ao meu domínio de Podrnoskovni — disse para o intendente, que acorrera ao chamamento —, corre, depressa, e diz ao jardineiro Maksimka que trate de mandar arranjar imediatamente trabalhadores porque quero aqui todas as flores das estufas devidamente acondicionadas em feltro. Sexta-feira preciso aqui de duzentos vasos de flores.

Depois de ter dado ainda instruções diversas, preparava-se para descansar um pouco junto da condessa quando se lembrou de um pormenor necessário; voltou atrás, chamou o cozinheiro e o ecónomo, e pôs-se de novo a dar ordens. A porta ouviu-se um passo ligeiro, um tilintar de esporas, e o jovem conde entrou, bem posto, bonito e fresco, com o seu bigodinho novo. Via-se que a vida ociosa e tranquila de Moscovo lhe restabelecera as boas cores.

— Ah, meu rapaz, é de perder a cabeça — disse o velho, sorrindo, um pouco envergonhado por ver-se surpreendido pelo filho em tais transes. — Ajuda-me, ao menos! Agora precisamos de cantores. Músicos já eu tenho, mas não seria bom arranjarem-se ciganos? Vocês, militares, vocês morrem por isso.

— Realmente, meu pai, não creio que o Bagration, quando fazia os preparativos da batalha de Schöngraben, tivesse menos preocupações que o pai neste momento — disse o filho sorrindo também.

O velho conde fingiu-se zangado.

— Bom, já que tanto falas, faz alguma coisa em meu lugar.

E voltou-se para o cozinheiro, que, observador e malicioso, com uma respeitosa bonomia, olhava para o pai e para o filho.

— Vês como é a juventude. Feoktiste? — disse ele — Está sempre a fazer troça de nós, dos velhos.

— Pois claro. Excelência. Lá comerem um bom jantar sabem eles, o que não estão é para se incomodarem com os preparativos.

— É isso mesmo, é isso mesmo! — exclamou o conde, pegando nas duas mãos do filho, muito alegre. — Ora aqui tens já com que te entreter. Mete-te imediatamente no trenó de dois cavalos e vai a casa do Bezukov dizer-lhe que o conde Ilia Andreitch te manda pedir-lhe morangos e ananases frescos. Escusas de procurar noutra parte. Se ele não estiver em casa, vai ter com as princesas e depois dirige-te ao Razguliai: o cocheiro Itatka sabe onde é. Aí encontrarás o cigano Iliuchka, sabes?, aquele que dançou em casa do conde Orlov, lembras-te?, de casaco branco, e traz-mo cá.

— E quer que eu traga também as bailarinas? — perguntou Nicolau, rindo — Eh! Eh!

Nesse momento, em passos surdos, com o ar apressado, preocupado, e com a expressão de devota que nunca a abandonava, entrou Ana Mikailovna. Embora habituada a encontrar todos os dias o conde de roupão, este mostrava-se sempre muito embaraçado e pedia-lhe muita desculpa de assim estar vestido.

— Não tem importância, conde, meu bom amigo — disse ela, conservando os olhos modestamente no chão — Eu irei a casa de Bezukov. O Pedro acaba de chegar, e estou certa de que porá todas as suas estufas à nossa disposição. E eu preciso muito de lhe falar. Mandou-me urna carta do Bóris. Graças a Deus, está finalmente em serviço no estado-maior.

O conde mostrou-se contentíssimo de que Ana Mikailovna se encarregasse de urna parte das suas tarefas e mandou atrelar para ela o trenó pequeno.

— Diga ao Bezukov que está convidado. Vou inscrevê-lo. E como vão agora as coisas com a mulher? — perguntou.

Ana Mikailovna rebolou os olhos e na sua expressão pintou-se um fundo desgosto.

— Ai, meu amigo, que infeliz que ele é — suspirou. — Se é verdade o que se diz, que horror! Quem é que havia de imaginar, quando todos estávamos tão contentes com a sua felicidade! E que boa alma, que alma celeste a desse moço Bezukov! Lastimo-o de todo o coração e hei-de fazer tudo o que depender de mim para o consolar.

— Mas que aconteceu? — perguntaram, ao mesmo tempo, pai e filho.

Ana Mikailovna despediu um profundo suspiro.

— Diz-se que Dolokov, o filho de Maria Ivanovna — articulou ela, em tom misterioso — a comprometeu aos olhos de todos. O Pedro tinha-o acolhido, convidara-o para a sua casa de Petersburgo e... Chega ela, e aí ternos aquele valdevinos a fazer-lhe a corte. — Exprimindo-se deste modo tinha a intenção de lamentar Pedro, mas certas entoações e meios sorrisos deixavam antes adivinhar simpatia por «aquele valdevinos», como ela dizia. — Dizem que o Pedro está muito abatido.

— Isso não o impedirá de vir ao clube: até é uma distracção. Vai haver urna festa de arromba.

No dia seguinte, 3 de Março, às duas horas da tarde, duzentos e cinquenta membros do clube inglês e cinquenta convidados prestavam as honras da mesa a um hóspede ilustre, o herói da campanha da Áustria, o príncipe Bagration. Ao conhecer as primeiras notícias sobre a batalha de Austerlitz. Moscovo ficara como que fulminada de espanto. Nessa época estava toda a gente tão acostumada na Rússia a que o país saísse sempre vitorioso que quando circulou a notícia da derrota uns limitaram-se a negar que fosse verdade, enquanto outros procuravam em razões extraordinárias a explicação de um acontecimento tão estranho. No clube inglês, ponto de reunião de tudo quanto havia de melhor, toda a gente bem informada e de opinião respeitável acordara, em Dezembro, na altura em que principiaram a correr as más novas, em não falar nem da guerra nem da última batalha. As pessoas cuja opinião era de ouvir, o conde Rostoptchine, o príncipe Iuri Vladimirovitch Dolgoruki. Valuiev, o conde Markov, o príncipe Viazemski, não apareceram no clube. Passaram a reunir-se em suas próprias casas, em pequenas rodas íntimas, e os moscovitas que se guiavam pela opinião alheia, como acontecia, por exemplo, a Ilia Andreitch Rostov, viram-se privados durante algum tempo de guias e de formar uma opinião definitiva sobre a guerra. Suspeitavam do pouco optimismo das notícias, mas pensavam ser difícil discuti-las e que o melhor seria calarem-se. Alguns dias mais tarde, no entanto, como membros de um júri que abre a porta da sala das deliberações, as ilustres personagens cuja opinião era de ouvir no clube voltaram a aparecer, e então falou-se da guerra clara e francamente. Procuraram-se as causas deste acontecimento inacreditável, inaudito, impossível: uma derrota russa. Tudo se tomou claro e por toda a parte em Moscovo passaram a ouvir-se as mesmas considerações. Entre as causas apontadas figuravam a perfídia dos Austríacos, o mau abastecimento das tropas, a

traição do polaco Przebyszevsky e do francês Langeron, a incapacidade de Kutuzov, e — acrescentava-se em voz baixa — a juventude e a inexperiência do czar, além da sua confiança em pessoas nulas e mal intencionadas. Mas era certo que as tropas, as tropas russas propriamente ditas, essas tinham sido extraordinárias e haviam praticado verdadeiros prodígios de heroísmo. Os soldados, os oficiais, os generais, todos eram heróis. Mas o herói dos heróis era o príncipe Bagration, que se distinguira sobretudo no recontro de Schöngraben e na retirada de Austerlitz, em que fora o único que conseguira retirar a sua coluna em perfeita ordem e resistir durante o dia inteiro a um inimigo duas vezes superior em número. Além do mais, o que concorria para que Bagration gozasse em Moscovo da fama de herói era o facto de ele não ter aí relações pessoais e de ser estranho ao meio. Na pessoa do príncipe prestava-se homenagem merecida ao guerreiro, ao simples soldado russo, estranho às recomendações e às intrigas. Aliás o seu nome era inseparável do de Suvorov, em virtude das recordações da campanha de Itália. E depois, tributando-lhe esta homenagem, mais se acentuava, em relação a Kutuzov, o descontentamento que contra ele lavrava e a censura de que era vítima.

— Se Bagration não existisse era preciso inventá-lo — dizia o belo espírito que era Chinchine, parodiando o dito de Voltaire. Ninguém falava de Kutuzov, que alguns injuriavam mesmo em voz baixa, chamando-lhe catavento e velho sátiro.

Toda Moscovo repetia as palavras do príncipe Dolgorukov: «Tanta vez o cântaro vai à fonte que lá fica...» E os Moscovitas procuravam consolar-se do desastre evocando as vitórias passadas. Também se repetia o que costumava dizer Rostoptchine: que o soldado francês precisa de ser levado para a batalha com frases pomposas, que o alemão é sensível aos raciocínios lógicos, e é preciso dizer-se-lhe ser mais perigoso fugir que marchar em frente, mas que o russo, esse, mais não carece do que ser contido e só precisa que lhe digam: «Calma!» Por todo o lado se citavam novos pormenores da bravura revelada em Austerlitz pelos soldados e oficiais russos. Um deles salvara uma bandeira, outro ma— tara cinco franceses, e tal outro, sozinho, fizera fogo com cinco canhões. As pessoas que o não conheciam contavam que Berg, ferido no braço direito, pegara na espada com a mão esquerda e carregara sobre o inimigo. De Bolkonski não se dizia palavra, e apenas os seus íntimos lamentavam que ele tivesse morrido tão novo, deixando a mulher em vésperas de parto junto do seu originalíssimo pai.

[III]

No dia 3 de Março todas as salas do clube inglês estavam cheias do rumor das conversas, e tanto os sócios como os seus convidados, tal qual um enxame de abelhas na Primavera, iam e vinham, sentavam-se ou levantavam-se, agrupavam-se ou isolavam-se, uns de uniforme, outros de fraque, alguns mesmo de cabeleira empoada e de cafetã russo. Junto das portas, espiando, atentamente, os mais pequenos gestos dos presentes, prontos a oferecer-lhes os seus serviços, viam-se os lacaios, de libré, cabeleiras postiças, meias de seda e escarpins. A maioria dos convidados compunha-se de personagens idosas e respeitáveis, de largos e resolutos traços, grossos dedos, vozes e gestos opiniáticos. Sentadas nos seus lugares reservados, formavam suas rodas habituais. A minoria compreendia os hóspedes de passagem, principalmente moços, a cujo número pertenciam Denissov. Rostov e Dolokov, o último dos quais retomara os galões de oficial do regimento Semionovski. Na expressão destes jovens, especialmente dos militares, havia um matiz de deferência assaz desdenhosa para com os velhos. Pareciam dizer-lhes: «Não nos recusamos a manifestar-vos respeito e consideração, mas ficai sabendo que o futuro é nosso,»

Nesvitski estava presente, na sua qualidade de velho sócio do clube. Pedro, que por ordem da mulher deixara crescer os cabelos, já não usava lunetas e se vestia à moda, passeava pelos salões com um ar sombrio e triste. Ali, como de resto em toda a parte, cercava-o uma multidão que dobrava a cerviz diante da sua riqueza, enquanto ele, habituado a reinar, a todos tratava com uma menosprezadora indiferença.

Pela idade devia estar junto dos jovens, mas pela fortuna fazia parte da roda dos velhos, das pessoas respeitáveis. Por isso ia passando alternadamente do grupo de uns para o dos outros. Os velhos mais em destaque formavam o centro dos grupos de que se aproximavam com respeito os próprios desconhecidos desejosos de ouvir falar as personalidades importantes. As rodas mais numerosas eram à volta do conde Rostoptchine, de Voluiev e de Narichkine. Rostoptchine contava que os Russos haviam sido espezinhados pelos Austríacos em debandada e se tinham visto obrigados a abrir caminho à baioneta pelo meio deles.

Valuiev contava, confidencialmente, que Uvarov não fora enviado a Petersburgo senão para conhecer a opinião dos Moscovitas sobre Austerlitz.

Num terceiro grupo. Narichkine falava do conselho de guerra em que Suvorov se pusera a cantar de galo perante as inépcias dos generais austríacos. Chinchine, que estava presente, tratou de fazer espírito, dizendo que Kutuzov nem sequer tivera habilidade para aprender com Suvorov a arte pouco complicada do rococó. Mas os velhos fulminaram com o olhar o gracejador de mau gosto, dando-lhe a entender que naquele recinto e àquela hora não era decente falar daquele modo de Kutuzov.

O conde Ilia Andreitch Rostov, preocupado, de botas moles, ia, num passo rápido, da sala de jantar ao salão, cumprimentando à pressa, e com igual familiaridade, as personalidades importantes e as de pouca monta, todas suas conhecidas, ao mesmo tempo que procurava, de quando em quando, com o olhar, o seu belo rapagão. Fitava-o jovial e piscava-lhe o olho amistosamente.

O jovem Rostov estava à janela com Dolokov; tinha-o conhecido havia pouco e parecia muito interessado nesse conhecimento. O velho conde aproximou-se e apertou-lhe a mão.

— Dá-me o prazer de passar lá por casa, visto que és íntimo do meu rapagão... Estiveram lá ambos, foram ambos heróis... Olha, o Vassili Ignatitch... Viva, meu velho — disse ele para um ancião que passava; mas não teve tempo de acabar o cumprimento: houve um tumulto geral, e um lacaio apareceu, dizendo, fora de si:
— Esta a chegar!

Ouviram-se toques de campainha. Os membros da direcção do clube acorreram; os convidados, distribuídos pelas diversas salas, como centeio revolvido à pá, vieram juntar-se todos no mesmo sítio, ficando estacionados no salão nobre mesmo junto da porta.

Bagration surgiu no limiar do vestíbulo, de cabeça descoberta e sem a espada, que deixara, segundo o regulamento do clube, no bengaleiro. Não trazia a barretina debruada de pele de astracã e o chicote em bandoleira, como Rostov o vira na véspera de Austerlitz, mas vestia um uniforme novo, cingido, e ostentava as condecorações russas e estrangeiras e a cruz de S. Jorge do lado esquerdo do peito. Via-se perfeitamente que mandara cortar o cabelo e aparar as suíças de propósito para a recepção, e isso alterava-lhe desvantajosamente a fisionomia. Tinha um ai endomingado, o que, mercê dos seus traços másculos e duros, lhe dava

um todo algo cómico. Beklechov e Fédor Petrovitch Uvarov, que tinham chegado ao mesmo tempo que ele, detiveram-se junto da porta para deixar passar aquele ilustre visitante. Bagration sentiu-se embaraçado com a polidez que lhe manifestaram; houve uma suspensão geral, e por fim decidiu-se a passar. Caminhava, sem saber que rumo dar aos braços, embaraçado e tímido, ao longo do parquet do salão nobre. Com certeza estava muito mais à vontade quando, em Shöngraben, debaixo de uma chuva de balas, avançava pelos campos lavrados à frente do regimento de Kursk. Os membros mais destacados do clube acolheram-no junto da primeira porta, manifestando-lhe, nalgumas breves palavras, a alegria que sentiam por tornar a ver um hóspede tão querido, e, sem aguardar qualquer resposta, tomaram conta dele e conduziram-no ao salão. Foi quase impossível entrar aí, tanta a gente que se comprimia, tentando ver, por cima dos ombros dos que estavam à frente, a figura de Bagration, como se se tratasse de um animal exótico. O conde Ilia Andreitch, rindo, gritava em voz forte: — Deixem passar, meus senhores, deixem passar— e, empurrando os que estavam ao seu alcance, introduziu o convidado no salão, indicando-lhe o divã central. As personagens graúdas, sócios em evidência do clube, cercaram o recém-chegado. Ilia Andreitch, abrindo de novo caminho através da turba-multa, voltou a atravessar o salão, e na companhia de um sócio do clube reapareceu daí a pouco, com uma grande salva de prata, que apresentou a Bagration. Na salva havia uma composição em verso composta e impressa em honra do herói. Bagration, ao ver a salva, lançou à volta de si um olhar aflito, como que implorando protecção. Mas todos os olhares lhe pediam que se resignasse. Quando viu que nada podia fazer, pagou com ambas as mãos, num gesto enérgico, na salva de prata, fitando, furioso, o conde, que a trouxera. Alguém, delicadamente, tomou-lhe a salva das mãos, pois de outra maneira era muito capaz de a manter assim pela noite adiante e era até pessoa para se sentar à mesa com ela.

Chamaram-lhe a atenção para a composição em verso. «Está bem!, eu já a leio», parecia dizer Bagration. Depois, fitando no papel os olhos fatigados, principiou a ler com um ar concentrado c, sério. Então o autor dos versos pegou no papel e deu começo leitura. Bagration ouvia, a cabeça descaída sobre o peito.

Sê tu a glória do século de Alexandre
E o guardião de Tito no seu trono;

Sê terrível na guerra e na paz homem de bem
Rifeu na tua pátria e César no combate.
Napoleão, no apogeu da sua glória,
Aprende à sua custa a temer Bagration
E a não ousar outra vez provocar os russos Alcides...

(Peça declamatória do gosto da época. (N, dos T.)

Mal acabara de ler estes poucos versos quando o chefe de mesa gritou, numa voz atroadora: — O jantar está servido! — A porta abriu-se, e na sala de jantar romperam os acordes da polaca: «Troves da vitória retumbai, alegra-te, russo valoroso!» (Coro de um canto oficial russo (N, dos T.)

O conde Ilia, o olhar colérico fito no autor dos versos, que prosseguia na sua leitura, inclinou-se profundamente diante de Bagration. Toda a gente se ergueu, fazendo votos para que o jantar fosse melhor do que a poesia, e, com Bagration à frente, deu entrada na sala do banquete. Convidaram o herói a sentar-se no lugar de honra, entre dois Alexandres. Beklechov e Narichkine, alusão ao nome do imperador. Os trezentos convivas tomaram lugar à mesa consoante a sua classe e as suas prerrogativas, os mais nobres mais perto do conviva homenageado: coisa facilmente compreensível, aliás, pois a água corre sempre para onde o solo é mais baixo.

Antes de se dar começo ao banquete. Ilia Andreitch apresentou o filho ao príncipe. Este reconheceu-o e disse algumas palavras inconsequentes e embaraçadas, como todas, de resto, que veio a pronunciar naquela noite. O conde relanceava um olhar entre alegre e orgulhoso a todos os presentes enquanto durou essa breve conversa.

Nicolau Rostov, bem como Denissov e o seu novo amigo, sentaram-se juntos, quase a meio da mesa. Diante deles estava Pedro, ao lado do príncipe Nesvitski. O conde Ilia Andreitch sentava-se em frente de Bagration, junto de outros magnates do clube, que faziam as honras da casa como representantes da cordial hospitalidade moscovita.

O conde não tinha perdido o seu tempo. O repasto por ele organizado, vitualhas magras e gordas, era sumptuoso. Antes de tudo terminado não pôde deixar de manifestar grandes inquietações. Trocava olhares de entendimento com

o chefe de mesa, dava ordens em voz baixa aos lacaios, e não sem emoção ia aguardando o aparecimento de cada prato, aliás todos muito do seu conhecimento. Tudo correu às mil maravilhas. Aquando da chegada do segundo prato, ao entrar na sala um gigantesco esturjão ao vê-lo. Ilia Andreitch corou, jubiloso e confuso —, os lacaios principiaram a fazer saltar as rolhas das garrafas de champanhe. Depois do peixe, que não deixou de causar sensação, o conde trocou um olhar com os membros do clube: «Vai haver muitos brindes, era talvez oportuno principiar», segredou-lhes ele, e levantou-se, de copo na mão. Todos se calaram, muito atentos ao que ele ia dizer.

— A saúde do nosso soberano, o imperador! — exclamou, com os seus bons olhos orvalhados de lágrimas de alegria e triunfo. Nesse mesmo instante ouviu-se entoar: «Trovões da vitória retumbai.» Toda a gente se levantou gritando «Hurra!», e Bagration gritou «Hurra!» com a voz do campo de batalha de Schöngraben. Por entre as trezentas vozes ouviu-se distintamente a voz entusiasta do jovem Rostov. Mal podia suster as lágrimas. «A saúde do imperador», gritou, «Hurra!». Depois de ter bebido de um trago, quebrou a taça no chão. Muitos outros lhe seguiram o exemplo. E as aclamações prolongaram-se por muito tempo. Quando se restabeleceu o silêncio, os lacaios apanharam os cristais partidos e toda a gente tomou a sentar-se, satisfeita com a manifestação. Ilia Andreitch levantou-se ainda uma vez, lançou um golpe de vista ao apontamento que tinha ao lado do prato, e em seguida pronunciou um brinde em honra do herói da última campanha, o príncipe Piotre Ivanovitch Bagration, e mais uma vez os seus olhos azuis se humedeceram de lágrimas.

«Hurra! » gritaram de novo os trezentos convivas, e, em vez da orquestra, cantores executaram uma cantata composta por Paulo Ivanovitch Kutuzov:

Para os Russos não há obstáculos,
A garantia da vitória está na coragem.
Nós temos os nossos Bagrations,
E os inimigos cair-nos-ão aos pés.

Mal os cantores se calaram, novos brindes se ouviram, e Ilia Andreitch mais comovido ficou, e as taças continuaram a partir-se, e os gritos foram cada vez mais vibrantes. Bebeu-se à saúde de Beklechov, de Narichkine, de Uvarov, de

Dolgorukov, de Apraksine, de Valuiev, à saúde da direcção do clube, do seu administrador, de todos os seus membros e de todos os seus convidados, e, por fim, muito em particular, ao organizador do banquete, o conde Ilia Andreitch. Ao ouvir este último brinde, o conde puxou do lenço, e, nele escondendo a cara, rompeu em soluços.

[IV]

Pedro estava sentado diante de Dolokov e de Nicolau Rostov. Bebeu e comeu muito e com avidez, como era seu costume. Mas aqueles que o conheciam bem puderam verificar que mudara muito. Esteve calado durante todo o repasto. De sobrolho carregado, ora lançava em tomo os olhos de míope ou então, de olhar fixo e ar inquieto, metia os dedos pelo nariz. Tinha um aspecto triste e sombrio. Dir-se-ia não ver nem ouvir o que se passava em volta de si, concentrando todos os seus pensamentos num único problema, penoso e insolúvel.

A questão angustiosa que o atormentava dizia respeito às alusões da princesa, em Moscovo, à intimidade de Dolokov e da sua própria mulher, alusões essas agravadas por uma carta anónima, recebida nessa manhã, em que lhe diziam, no tom cínico de gracejo característico de tal género de missivas, que ele não via lá muito bem, apesar das lunetas, e que só para ele ainda era segredo a ligação da mulher com Dolokov. Pedro não acreditava numa só palavra da princesa nem da carta, mas era-lhe muito penoso agora olhar para Dolokov, sentado diante de si. De cada vez que, por acaso, o seu olhar pousava nos belos olhos canalhas do oficial, logo se sentia invadido por monstruosos e remendos sentimentos, e afastava a vista. Confrontando, sem querer, todo o passado da mulher com o que diziam na carta, compreendia poder muito bem ser a expressão da verdade o que nela constava, ou podia, pelo menos, parecer a verdade, desde que isso não dissesse respeito à sua própria mulher, dele. Pedro Bezukov. Lembrava-se involuntariamente de Dolokov, a quem haviam restituído os galões depois da campanha, no momento em que regressara a Petersburgo e se apresentara em sua casa. Aproveitando as relações que entre eles existiam dos tempos de deboche, viera directamente para sua casa. Pedro acolhera-o, emprestara-lhe

dinheiro. Recordava-se do sorriso de Helena ao exprimir-lhe o desagrado que lhe causara a instalação do hóspede lá em casa e lembrava os elogios cínicos de Dolokov à beleza de sua mulher. E pensava que desde então até à vinda para Moscovo ele não mais os havia abandonado um só instante que fosse.

«Sim, é muito bom rapaz», pensava. «É um facto. Sentiria um prazer muito especial em desonrar o meu nome e em troçar de mim, precisamente por eu ter dado alguns passos em seu favor e de lhe ter testemunhado a minha protecção e o meu auxilio. Eu sei, eu compreendo o sabor que isso lhe acrescentaria à traição, se fosse verdade o que se diz. Mas eu não acredito, não tenho o direito de acreditar, não posso.» E lembrava-se da expressão cruel de Dolokov, por exemplo, no momento em que amarrara o polícia ao dorso do urso e o atirara à água, ou quando certa vez desafiara em duelo alguém sem motivo ou matara o cavalo de um postilhão. E tinha muitas vezes a mesma expressão ao olhar para ele. «Sim, é um brigão», dizia Pedro de si para consigo. «Para ele, matar um homem é coisa sem importância. Está convencido de que toda a gente tem medo dele e isso deve dar-lhe um prazer muito especial. Deve supor que eu também tenho medo dele. E a verdade é que tenho.» E estes pensamentos despertavam ainda em Pedro sentimentos tremendos e monstruosos. Dolokov. Denissov e Rostov, sentados na sua frente, pareciam alegríssimos. Rostov conversava alegremente com os seus dois amigos, um deles um bravo hússar e o outro um brigão de renome e declarado maroto. De tempos a tempos, lançava a Pedro um olhar motejador, a Pedro, que impressionava toda a gente com a sua fisionomia maciça, secreta e preocupada. Aliás, a pouca simpatia que Rostov lhe testemunhava vinha, primeiro, do facto de Pedro, do seu ponto de vista, dele, hússar, não passar de um civil ricaço, marido de uma beleza famosa, e ainda por cima de pouco tino, e depois, de Pedro, de tão preocupado e distraído que estava, não parecer reconhecê-lo, a ele. Rostov, e nem sequer lhe ter retribuído o seu cumprimento.

Aquando da saúde ao imperador. Pedro, pensativo, não se levantara nem pegara na taça.

— Então? — gritou-lhe Rostov, fitando-o com uma severidade solene. — Não ouve? A saúde do nosso soberano, o imperador!

Pedro, com um suspiro, levantou-se, submisso, despejou a taça, e enquanto esperava que todos os demais voltassem a sentar-se fitou Rostov com o seu bondoso sorriso nos lábios.

— Ora esta! E não o tinha eu reconhecido — observou. Mas Rostov já o esquecera. Estava todo absorvido a gritar «Hurra!».

— Porque é que se não deu a conhecer? — perguntou Dolokov a Rostov.

— Diabos o levem, imbecil! — replicou este último.

— Devemos ser amáveis para com os maridos das bonitas mulheres — gracejou Denissov.

Pedro não ouvia o que se dizia, mas desconfiava de que falavam dele. Corou e voltou-se para outro lado.

— Bom, agora vamos fazer uma saúde às mulheres bonitas — tornou Dolokov, muito sério, embora com um sorriso nos cantos da boca, dirigindo-se a Pedro.

— A saúde das mulheres bonitas. Petrucha, e daqueles que gostam das mulheres bonitas — Insistiu.

Pedro, de olhos baixos, bebeu sem olhar para Dolokov e sem lhe responder. Um lacaio que andava a distribuir exemplares da cantata de Kutuzov, entregou um a Pedro na sua qualidade de convidado de distinção. E Pedro dispunha-se a pegar-lhe quando Dolokov se debruçou para ele, lhe arrancou o papel das mãos e se pôs a ler. Pedro relanceou-o com um olhar e as pálpebras abaixaram-se-lhe. Os pensamentos terríveis e maus que o haviam atormentado durante o repasto tumultuaram de novo no seu íntimo e apossaram-se dele por completo. Estendeu o corpo obeso por cima da mesa.

— Com licença! — gritou.

Ao ouvirem esta voz estridente e ao perceberem a quem ela se dirigia. Nesvitski e o seu vizinho da direita, assustados, deram-se pressa em serenar Bezukov.

— Então, calma, que é isso? — murmuraram-lhe, baixinho, assustadíssimos.

Dolokov fitou Pedro com os seus olhos cintilantes, alegres e cruéis, sorrindo, como se dissesse: «Eh!, gosto disso!»

— Larga — disse ele acentuando a palavra.

Pedro, muito pálido, os lábios trémulos de cólera, arrancou-lhe o papel das mãos.

— O senhor.., o senhor é um miserável!... Exijo-lhe satisfações — balbuciou, repelindo a cadeira e erguendo-se.

No mesmo instante em que Pedro fazia este gesto e pronunciava estas palavras, veio-lhe a sensação nítida de que o problema da culpabilidade da

mulher, que tão poderosamente o atormentara naqueles últimos dias, se encontrava definitiva e incontestavelmente resolvido pela afirmativa. Sentiu que a odiava e que para sempre estava separado dela. Embora Denissov lhe pedisse que o não fizesse. Rostov anuiu em servir de testemunha a Dolokov, e depois do banquete teve uma conversa com Nesvitski, a testemunha de Bezukov, sobre as condições em que se realizaria o duelo. Pedro voltou para casa, e Rostov, na companhia de Dolokov e de Denissov, ficou no clube até muito tarde, a ouvir os ciganos e os cantores militares.

— Bom, então é amanhã, em Sokolniki (Grande mata a noroeste de Moscovo. (N, dos T.) — frisou Dolokov, ao despedir-se de Rostov nos degraus do clube.

— E tu estás calmo? — perguntou Rostov. Dolokov parou.

— Olha, em duas palavras vou revelar-te o segredo do duelo. Se na véspera de um duelo escreveres o teu testamento e redigires cartas emocionantes aos teus parentes, se pensares na hipótese de poderes ser morto, é que és um imbecil e estás perdido. Se, pelo contrário, fores para esse duelo com firme intenção de matar o teu adversário, e o mais cedo e o melhor que puderes, tudo correrá às mil maravilhas. Era o que me dizia o nosso matador de ursos de Kostroma. «Quem é que não há-de ter medo de um urso?», dizia ele. «Mas quando a gente põe os olhos no bicho, adeus medo, e aí estamos nós prontos a fazer tudo para que a fera se nos não escape.» Pois bem, eu, nestes casos, é o que costumo fazer. Até amanhã, meu caro!

No dia seguinte, às oito horas da manhã. Pedro e Nesvitski chegaram ao bosque de Soko1niki, onde já encontraram Dolokov. Denissov e Rostov. Pedro dava a impressão de estar preocupado fosse com o que fosse menos com o que ia passar-se. Estava amarelento de tez e os traços eram fatigados. Via-se que não pregara olho em toda a santa noite. Olhava distraidamente em tomo de si e piscava os olhos como se estivesse um sol muito forte. Duas coisas o preocupavam exclusivamente: a culpabilidade da mulher, de que não tinha a mais pequena dúvida após aquela noite de insónia, e a inocência de Dolokov, sem razão alguma para poupar a honra de um homem, tanto mais quando esse homem lhe era, em verdade, um estranho. «Sem dúvida que eu, no seu lugar, teria feito o mesmo», dizia Pedro de si para consigo. «Sim, é mais do que certo que teria feito o mesmo; e então, a que propósito este duelo, este assassinato? Ou sou eu quem o mata, ou então será ele quem me atingirá na cabeça, num braço, num joelho. Se eu pudesse

ir-me embora, fugir, esconder-me em qualquer parte!» E precisamente no momento em que estes pensamentos lhe vinham à cabeça perguntava, com um ar especialmente sereno e desprendido, coisa que impressionou os que o observavam: — Está tudo pronto?

Quando tudo estava em ordem, enterrados na neve os sabres que mareavam o limite que não poderia transpor-se, e as pistolas carregadas. Nesvitski aproximou-se de Pedro.

— Faltaria ao meu dever, conde — disse-lhe com voz tímida —, e não justificaria a confiança e a honra que me deu escolhendo-me para sua testemunha se neste grave, gravíssimo momento, não lhe dissesse toda a verdade. Sou de opinião de que esta pendência não tem motivos bastante importantes que a justifiquem e que não merece que se derrame sangue por ela ...

O conde teve culpa, não tem inteira razão, deixou-se exaltar ...

— Ah!, sim, é espantosamente estúpido... — disse Pedro.

— Nesse caso, deixe que eu transmita o seu pesar, e estou persuadido de que o seu adversário aceitará as suas desculpas prosseguiu Nesvitski, que, como todos os circunstantes e em geral todos os que testemunham casos do mesmo género, não podia acreditar que as coisas fossem até ao duelo, — Não preciso dizer-lhe, conde, que é muito mais nobre reconhecermos os nossos erros do que praticarmos um acto irreparável. Não houve ofensa grave nem de uma nem da outra parte. Consinta que eu vá parlamentar.

— Não, para quê? — disse Pedro. — Isto não tem importância... Então! Está tudo pronto? Diga-me apenas onda é que eu devo colocar-me para disparar — acrescentou com uma doçura um pouco afectada.

Pegou na pistola e perguntou como se disparava. Era a primeira vez que pegava numa pistola, mas não o queria confessar.

— Ah! Sim, bem sei, não sabia, tinha-me esquecido.

— Nada de desculpas, absolutamente — disse Dolokov a Denissov, que por seu lado fazia tentativas de conciliação, e também ele se aproximou do local designado.

O duelo ia travar-se a uns oitenta passos da estrada onde tinham ficado os trenós, numa clareirazinha de um pinheiral coberto de neve que o degelo dos dias anteriores principiava derreter. As testemunhas, ao procederem à medição do terreno, haviam deixado impressos na neve mole os contornos dos pés desde o

ponto em que estavam até aos sabres de Nesvitski e de Denissov, que delimitavam o campo, cravados a dez passos um do outro. Tudo estava pronto há uns três minutos, e no entanto uma hesitação qualquer impedia o começo do duelo. O silêncio era geral.

[V]

— Bom! Vamos a isto — disse Dolokov.

— Vamos — tornou Pedro, sem deixar de sorrir.

A situação tornava-se grave. Era evidente que aquele caso, principiado tão à ligeira, ninguém já o podia deter, e ia seguir o seu curso à margem da vontade dos homens. Tinha de ir até ao fim.

Denissov foi o primeiro a avançar até à marcação e declarou: — Visto os adversários se terem recusado à conciliação, não acham ser tempo de começar? Peguem nas pistolas e quando ouvirem dizer «três» principiem a avançar.

— Um! Dois! Três! — gritou violentamente e afastou-se. Os dois homens aproximaram-se, seguindo o caminho aberto, vendo-se pouco a pouco melhor através do nevoeiro. Os adversários tinham o direito, ao avançarem para o limite fixado, de disparar quando quisessem. Dolokov caminhava em passos lentos, fixando Pedro com os seus olhos azuis, claros e brilhantes. Na sua boca, como sempre, desenhava-se um sorriso.

«Então, quando me apetecer, posso disparar», disse Pedro para si mesmo ao ouvir a palavra «três!», e pôs-se a andar, a passos rápidos, afastando-se do caminho batido e seguindo em plena neve. Tinha a pistola na mão, no extremo do braço estendido, como se receasse ferir-se a si próprio com aquele engenho. Mantinha o braço esquerdo estudadamente à retaguarda, pois o seu desejo seria servir-se dele para firmar o direito, e sabia que isso não era permitido. Depois de ter dado cinco ou seis passos, como se afastasse do caminho traçado, olhou para os pés, lançou um rápido olhar a Dolokov e disparou, puxando o gatilho como lhe tinham ensinado. Como não esperava ouvir uma detonação tão forte, estremeceu, depois sorriu com a impressão que experimentara e ficou imóvel. O fumo, que o nevoeiro ainda tornou mais espesso, não o deixou ver fosse o que fosse nos

primeiros momentos; mas não teve a percepção da segunda detonação, que ele esperava. Ouviram-se apenas os passos precipitados de Dolokov e a sua silhueta desenhou-se através do nevoeiro. Tinha uma mão apoiada no flanco esquerdo e com a outra segurava a pistola descaída. Estava pálido. Rostov correu para ele disse-lhe qualquer coisa.

— Não... — respondeu Dolokov, de dentes cerrados. — Não.., ainda não acabou. — E dando ainda alguns passos titubeantes e, trôpegos, até junto do sabre, caiu no chão ao lado deste. Tinha a mão esquerda ensanguentada, que limpou ao uniforme, apoiando-se nela. O rosto estava pálido, sombrio e todo trémulo.

— Façam fa... — principiou ele, sem poder concluir a frase. Façam fa... — articulou com esforço,

Pedro, com um soluço, precipitou-se e ia a ultrapassar o espaço marcado como limite quando Dolokov gritou: — Na baliza! — e Pedro, percebendo do que se tratava, deteve-se junto do sabre. Não havia mais de dez passos a separá-los. Dolokov meteu a cabeça na neve e encheu a boca avidamente, em seguida soergueu o busto, endireitou-se e sentou-se, procurando um ponto de apoio. Continuava a mastigar e a chupar a neve que metera na boca. Os lábios tremiam-lhe, mas não deixava de sorrir, e os olhos brilhavam-lhe com a força que fazia e com o exaspero que sentia no meio da luta que travava consigo próprio. Levantou a pistola e esforçou-se por apontar.

— Ponha-se de perfil, cubra-se com a pistola — disse Nesvitski.

— Proteja-se! — não pôde deixar de gritar o próprio Denissov, testemunha do adversário.

Pedro, com o seu afável sorriso de piedade e de pesar, sem defesa, estendia os braços e as pernas, oferecendo precisamente de frente a Dolokov o seu largo peito, enquanto o fitava com tristeza. Denissov. Rostov e Nesvitski fecharam os olhos. Ao mesmo tempo que a detonação ouviu-se Dolokov:

— Errei o alvo! — gritou com cólera, voltando a deixar-se cair, sem forças, a cara de rojo na neve.

Pedro apertou a cabeça entre as mãos, voltou costas e desapareceu no meio do pinheiral, dando grandes passadas em plena neve e dizendo em voz alta palavras sem sentido:

— Estúpido... Estúpido! A morte... Mentira repetia ele, o rosto descomposto.

Nesvitski foi ao seu encontro, deteve-o, e reconduziu-o a casa. Rostov e Denissov levaram o ferido.

Dolokov, de olhos fechados, estava estendido no trenó e nada respondia ao que lhe perguntavam. No entanto, ao chegarem Moscovo, veio repentinamente a si, e, erguendo penosamente cabeça, pegou na mão de Rostov, que estava a seu lado. Este sentiu-se impressionado pela fisionomia completamente transformada e pelo ar ao mesmo tempo solene e enternecido de Dolokov.

— Então, como te sentes? — perguntou-lhe Rostov.

— Mal! Mas não é disso que se trata, meu amigo — disse-lhe ele, numa voz entrecortada, — Onde estamos? Em Moscovo, bem sei. Eu, não é nada, mas ela, matei-a, matei-a... Ela não vai suportar isto. Ela não o suportará...

— Quem? — perguntou Rostov.

— Minha mãe, minha mãe, o meu anjo, o meu anjo adorado, minha mãe...

E Dolokov chorava, apertando a mão do amigo.

Quando se sentiu mais calmo explicou a Rostov que vivia com a mãe, e que se a mãe o visse assim moribundo não suportaria o golpe. Suplicou-lhe que a fosse preparar.

Rostov cumpriu a sua missão, e assim veio a saber, com grande surpresa sua, que Dolokov, essa peste do Dolokov. Esse brigão do Dolokov, vivia em Moscovo na companhia de sua velha mãe e de sua irmã corcunda e que era o mais carinhoso dos filhos e dos irmãos.

[VI]

Pedro, nesses últimos tempos, raramente se encontrava sozinho com a mulher. Tanto em Petersburgo como em Moscovo, a casa estava sempre cheia de gente. Na noite que se seguiu à do duelo, como lhe acontecia muitas vezes, não se retirou para o seu quarto de cama, mas ficou no imenso gabinete do pai, nesse mesmo gabinete onde este falecera. Deitou-se num divã, disposto a dormir, a fim de esquecer tudo que acontecera, mas não lhe foi possível. Elevou-se dentro de si subitamente uma tal tempestade de sentimentos, de pensamentos, de recordações as mais diferentes, que não só lhe não foi possível passar pelo sono,

como não pôde sequer estar deitado, e teve de erguer-se do divã para percorrer a sala de um lado para outro, em grandes passadas. Lembrava-se dela nos primeiros tempos de casados, os ombros nus, os olhos pisados de paixão, e imediatamente via a seu lado o bonito e cínico rosto de Dolokov, atrevido e escarninho, exactamente como no dia do banquete, e logo em seguida se lhe deparava esse mesmo rosto pálido, trémulo, doloroso, o rosto que tinha quando rodopiou e caiu, pesado, sobre a neve.

«Que aconteceu?», perguntava a si mesmo. «Matei o amante, sim, matei o amante de minha mulher. Eis o que se passou. E porquê? Como é que eu desci a isto? Mas porque casaste com ela?», respondeu-lhe uma voz íntima.

«Mas em que é que procedeste mal?», perguntava ele a si próprio. «Nisto apenas: em seres casado sem amor; em que a enganaste enganando-te a ti próprio.» E esse instante em que, depois do jantar, em casa do príncipe Vassili, ele lhe dissera, finalmente, aquelas palavras que se recusavam a sair-lhe da boca: «Amo-a», represento u— se-lhe vivo na sua memória. «É dai que vem todo o mal.»

«Eu sentia então», continuou ele de si para consigo, «eu bem sentia então que não era isso que eu lhe devia ter dito, que eu não tinha o direito de falar assim. E, no entanto, nem por isso deixou de acontecer o que aconteceu.»

Lembrava-se da lua-de-mel, e esta recordação fazia-o corar. Um incidente, sobretudo, o humilhava e o enchia de vergonha: pouco tempo depois do casamento, viera uma manhã ao seu gabinete, com um roupão de seda, ao sair do quarto de cama. Encontrara aí o seu intendente principal, que respeitosamente lhe fizera uma vénia, e que, ao vê-lo naquele traje íntimo, se permitira um ligeiro sorriso, como a testemunhar-lhe a parte que tomava na felicidade do seu amo.

«E quantas vezes me senti orgulhoso dela, orgulhoso da sua altiva beleza, do seu tacto mundano», pensava. «Sentia-me orgulhoso de a ver tão inacessível. E havia razões de sobra para me sentir orgulhoso! De mim para comigo dizia que não a compreendia. Quantas vezes, ao pensar no seu carácter, eu supunha que a culpa era minha, que era eu quem não compreendia a sua serenidade perpétua, o seu ar sempre satisfeito, a ausência de toda a espécie de preferências ou desejos, quando a solução do enigma consistia apenas em que ela era uma mulher dissoluta. E quando encontrei a solução, tudo se tomou claro! Anatole ia procurá-la para lhe pedir dinheiro emprestado e beijava-lhe os ombros nus. Ela não lhe dava dinheiro, mas consentia que ele lhe beijasse os ombros. Se o pai, gracejando,

lhe excitava o ciúme, ela respondia-lhe, sorrindo, tranquila, não ser tão parva que estivesse disposta a sentir ciúmes. Pedro pode fazer o que quiser, dizia ela de mim. E um dia em que eu lhe perguntei se não sentia qualquer indício de gravidez, pôs-se a rir com um ar distante, dizendo-me não ser tão parva que estivesse disposta a ter filhos, e que, fosse como fosse, filhos meus é que ela nunca teria.»

Lembrou-se depois da trivialidade das suas ideias, da vulgaridade das expressões que lhe eram familiares, não obstante a educação que tivera num meio altamente aristocrático: «Não sou tão parva como isso... Experimenta e verás... Ora vai passear.» Muitas vezes, considerando o êxito de que ela gozava junto das pessoas dos dois sexos, jovens e velhos. Pedro não podia compreender porque a não amava. «Não, nunca a amei», dizia para consigo. «Eu sabia muito bem que ela era uma mulher dissoluta, mas nunca tive coragem de o reconhecer. E agora, lá estava Dolokov, meio deitado na neve, procurando sorrir, talvez a morrer, respondendo com uma falsa bravata às minhas palavras de arrependimento!»

Pedro fazia parte do número das pessoas que, apesar da fraqueza natural do seu carácter, nunca procuram confidentes dos seus desgostos. Ruminava-os sempre consigo próprio.

«Ela, só ela, só ela é culpada de tudo», prosseguia para consigo mesmo. «Mas que hei-de fazer? Porque é que me prendi a ela? Porque é que lhe disse 'Amo-a', quando era mentira, e, pior ainda, porquê essa mentira? A culpa é minha e devo aguentá-la... Eh! O quê? A desonra do meu nome, uma vida infeliz? Eh!, que vem a ser tudo isto? A vergonha do nome, a honra, tudo isso é relativo, tudo isso depende do meu próprio ser.»

«Eles executaram Luís XVI», reflectia, «porque eles eram de opinião de que ele tinha faltado à sua palavra e que era um criminoso, e eles tinham razão do seu ponto de vista, como tinham razão igualmente os que sofreram por ele o martírio e lhe deram um lugar ao lado dos santos. Depois executaram Robespierre, porque era um déspota. Quem é que tinha razão? Quem é que estava em erro? Ninguém. Vive enquanto estás vivo: amanhã morrerás, como eu podia ter morrido há uma hora. Valerá a pena atormentar-se uma pes3oa quando a vida não é mais que um segundo relativamente à eternidade?»

Precisamente nesse instante, quando ele se sentia calmo com todos estes raciocínios, surgiu ela, de súbito, na sua imaginação, e precisamente tal como era nesses momentos em que lhe testemunhava o seu mentiroso amor. Sentiu o

sangue afluir-lhe ao coração e de novo se viu obrigado a levantar-se, a caminhar, a partir e a dilacerar tudo o que lhe caia nas mãos. «Porque é que eu lhe disse: amo-a?», repetia a todo o momento. E ao formular-se pela décima vez, pelo menos, esta interrogação, pôs-se a rir sozinho, lembrando-se da frase de Molière: «Mas em que vespeiro, cos diabos, se havia de meter!»

Durante a noite tocou a campainha para chamar o criado de quarto e mandou-o preparar as bagagens, a fim de partirem Para Petersburgo. Pensava ser-lhe impossível voltar a encontrar-se frente a frente com a mulher. Resolveu partir no dia seguinte e deixar-lhe uma carta onde lhe diria estar na intenção de se separar dela para sempre.

Pela manhã, quando o criado de quarto entrou no seu gabinete com o café. Pedro, estendido na otomana, dormia, com um livro aberto na mão. Acordou sobressaltado e esteve muito tempo assustado antes de perceber onde se encontrava.

— A senhora condessa manda perguntar se Vossa Excelência a pode receber — disse o criado de quarto.

Ainda Pedro não tivera tempo de pensar na resposta e já a condessa em pessoa, num roupão de cetim branco, bordado a prata, e em cabelo, com o lindo rosto coroado em diadema pelas suas duas espessas tranças, penetrava no gabinete com um ar tranquilo e imponente. No entanto, na sua fronte de mármore, ligeiramente arqueada, havia uma ruga de cólera. Com a sua calma soberana não quis falar diante do criado de quarto. Ouvira falar do duelo e viera para conversar sobre o caso. Esperou que o criado pousasse a bandeja e saísse. Pedro olhava-a timidamente através das lunetas, e, tal qual uma lebre rodeada por uma matilha de cães que se mantém de orelha murcha, diante do inimigo. Pedro fingiu continuar a ler. Depois, sentindo o absurdo e a impossibilidade da sua atitude, lançou-lhe ainda um olhar tímido. Ela não se sentou, mas olhando-o e sorrindo com, desdém, aguardou que o criado saísse.

— Que vem a ser isto agora? Que fez? Estou a perguntar-lhe! — disse-lhe ela severamente.

— Eu? Que fiz eu? — balbuciou Pedro.

— Ora aqui está o grande valente! Então, diga alguma coisa, que significa esse duelo? Que quis provar com isso? Então? Estou falar consigo!

Pedro revolveu-se pesadamente no divã, abriu a boca, mas não pôde articular

palavra.

— Visto que não responde, sou eu quem vai falar — prosseguiu Helena. — Acredita em tudo o que lhe dizem. Contaram-lhe... — Despediu uma gargalhada. — que Dolokov era meu amante.— Falava francês e disse a palavra sem qualquer embaraço, com o seu cinismo de linguagem habitual.— E acreditou no que lhe disseram! E agora que provou com isto? Que provou com este duelo? Isto apenas: que o senhor é um asno: coisa que toda a gente já sabia. E para chegar a que conclusão? Para fazer de mim a mofa de toda Moscovo; para fazer com que se diga que, em estado de embriaguez, fora de si, provocou em duelo um homem de quem tinha ciúmes sem razão... — Helena ia erguendo a voz progressivamente e ia aquecendo.—, um homem que vale mais do que o senhor de todos os aspectos...

— Hem!... Hem!... — regougou Pedro, piscando os olhos, sem a olhar e sem fazer um movimento.

— E que o leva a pensar que ele é mexi amante?... Diga! É por me agradar a companhia dele? Se o senhor fosse mais espirituoso e mais amável, talvez preferisse a sua.

— Basta.., peço-lhe — exclamou Pedro, em voz anelante.

— E porque é que eu me hei-de calar? Nada me impede de falar e de proclamar que deve haver muito poucas mulheres com um marido como o senhor que não tivessem arranjado amantes, coisa que aliás não fiz.

Pedro quis dizer uma palavra e olhou-a com uma expressão tão estranha que ela não a compreendeu, depois voltou a deitar-se. Sofria fisicamente naquele momento: tinha o peito opresso e não podia respirar. Dava-se conta de que era preciso fazer fosse o que fosse para pôr ponto final àquele sofrimento, mas ao mesmo tempo o que ele Queria fazer era terrível de mais.

— É melhor que nos separemos — disse ele, numa voz entrecortada.

— Separemo-nos, se assim o quer, mas com a condição de me dar com que viver... — disse Helena. — Separarmo-nos, como se isso me metesse medo!

Pedro saltou do divã e lançou-se, cambaleante, sobre ela.

— Eu mato-te! — gritou, e, agarrando, com uma força que ele próprio desconhecia, no tampo de mármore da mesa, deu um passo para ela, agitando-o no ar.

Helena teve uma expressão de terror: soltou um grito agudo e atirou-se para trás. O sangue do pai tinha falado no íntimo de Pedro. Sentia a embriaguez e o

prazer da raiva. Atirou com o tampo de mármore, que se partiu em pedaços, e, de punhos cerrados, caminhou para ela, gritando: — Sai! — numa voz tão terrível que toda a casa a ouviu repassada de terror. Só Deus sabe o que ele teria sido capaz de fazer naquele momento se Helena não tivesse fugido.

Uma semana mais tarde Pedro deu à mulher uma procuração para a administração de todos os seus bens na Grande Rússia, isto é, mais de metade da sua fortuna, e sozinho dirigiu-se a Petersburgo.

[VII]

Dois meses tinham decorrido desde que se soubera em Lissia Gori da batalha de Austerlitz e do desaparecimento do príncipe André. Apesar de todas as cartas recebidas por intermédio da Embaixada e de todos os inquéritos, o seu corpo não fora encontrado e o seu nome não figurava na lista dos prisioneiros. O pior para a família era que não deixava de subsistir a esperança de que ele tivesse sido recolhido no campo de batalha pelos habitantes e de que talvez se encontrasse algures, curado ou moribundo, só, no meio de estranhos, impossibilitado de dar notícias. Os jornais, por intermédio dos quais o velho príncipe tivera conhecimento da derrota, tinham mencionado, e, como sempre, demasiado lacónica ou vagamente, que os Russos, depois de brilhantes combates, haviam sido obrigados a bater em retirada e que esta se efectuara em boa ordem. Ele compreendera, através desta versão oficial, que os Russos tinham sido batidos. Uma semana depois das notícias dos jornais recebera uma carta de Kutuzov informando-o do destino do filho.

> «O seu filho» — escrevia ele — «diante de mim, com a bandeira na mão, à frente do seu regimento, caiu como um herói digno de seu pai e da sua pátria. Muito lamentamos, tanto eu como todo o exército, não podermos confirmar ainda se morreu ou se está vivo. Ainda se não perdeu a esperança de que o seu filho esteja vivo, pois a verdade é que de outro modo seria de esperar que o seu nome viesse mencionado entre os dos oficiais

> cujos corpos foram encontrados no campo de batalha, e cuja lista me foi entregue.»

Tendo recebido estas notícias já tarde, pela noitinha, quando estava só no seu gabinete, o velho príncipe, no dia seguinte, deu, como de costume, o seu passeio matinal; mas conservou-se taciturno diante do intendente, do jardineiro e do arquitecto, e, posto tivesse aspecto de encolerizado, não disse uma palavra a ninguém.

Quando, à hora habitual, entrou a princesa Maria no seu gabinete, estava ele ao tomo, como de costume, e não voltou sequer a cabeça.

— Ah!, princesa Maria! — exclamou subitamente, numa voz que não era a sua voz habitual, atirando fora a goiva. A roda continuou a girar, graças à velocidade adquirida. Por muito tempo Maria se lembrou do estridor da roda que lentamente se desvanecia e que para ela passou a fazer parte de tudo o que depois se seguiu.

Aproximou-se, viu a expressão do rosto do pai e sentiu-se de repente desfalecer. Pelos seus olhos perpassou como que uma nuvem. Aquele rosto, não propriamente triste nem abatido, mas mau e como que reflectindo uma luta sobre-humana, fazia-lhe adivinhar uma tremenda desgraça suspensa sobre ela e prestes a esmagá-la, a maior desgraça que ainda conhecera, uma desgraça irreparável, inconcebível, a morte dum ser amado.

— Meu pai! André! — exclamou a desajeitada e desgraciosa princesa, mas com um tal encanto indizível de dor e de esquecimento de si própria que o pai pão pôde suportar o seu olhar e se afastou para chorar.

— Tenho notícias. Não está nem entre os prisioneiros nem entre os mortos. Se Kutuzov escreve — prosseguiu com violência e numa voz forte, como se, por esta violência, quisesse afastar a filha —, é que foi morto.

A princesa não caiu nem desmaiou. Estava já pálida, mas quando soube a notícia o seu rosto transformou-se e raios emanaram dos seus belos olhos luminosos. Dir-se-ia que uma alegria, uma alegria superior, independente das tristezas e das alegrias deste mundo, submergia a poderosa dor que sentia. Esqueceu todo o medo que tinha do pai, aproximou-se dele, pegou-lhe nas mãos, puxou-o para si e passou-lhe um braço pelo pescoço seco e nodoso.

— Meu pai — disse ela. — Não se afaste de mim, choremos os dois juntos.

— Os miseráveis, os brigões! — exclamou o velho, afastando dela a cara —

Perdem o exército, fazem morrer homens! E para quê? Bom, vai prevenir a Lisa.

A princesa deixou-se cair sem forças numa poltrona, junto do pai, e rompeu em soluços. Via outra vez naquele momento o irmão no instante em que ele se fora despedir de ambas, dela e de Lisa, o seu ar carinhoso e ao mesmo tempo altivo. E via-o de novo no momento em que dependurava ao pescoço, gracejando, mas muito comovido no fundo, a pequena imagem que ela lhe dera. «Teria fé? Ter-se-ia arrependido da sua incredulidade? Estará ele agora na mansão do repouso e da felicidade eternas?», dizia de si para consigo.

— Meu pai, diga-me, como foi? — perguntou, no meio das suas lágrimas.

— Vai, vai, ficou na batalha em que foram mortos os melhores soldados russos, onde pereceu a glória russa. Vai, princesa Maria. Previne a Lisa. Eu também vou, também vou contigo.

Quando a princesa Maria voltou dos aposentos do pai, a princesinha estava à sua mesa de costume e olhou para a cunhada com esse seu ar concentrado, misto de contentamento e de tranquilidade íntima, peculiar às mulheres no período da gravidez. Percebia-se bem que os seus olhos não viam a princesa Maria, mas se fixavam no mais profundo dela própria, no acontecimento feliz e misterioso que estava a preparar-se.

— Maria — disse ela, pousando o seu bordado e recostando-se na poltrona —, deixa ver a tua mão.

Pegou na mão da princesa e pousou-a no seu ventre. Os olhos sorriam-lhe enquanto esperavam, o lábio sombreado por um ligeiro buço soergueu-se-lhe e assim ficou, como se fosse uma criança feliz.

Maria ajoelhou diante dela e escondeu o rosto nas pregas do vestido da cunhada.

— Aqui, aqui? Sentes? Que engraçado! E sabes. Maria, vou gostar tanto dele — dizia Lisa, os olhos cintilantes de felicidade. Maria não podia erguer a cabeça. Chorava.

— Que tens tu. Macha?

— Nada... Senti-me triste.., sim, ao pensar no André — disse ela, sufocando as lágrimas nos joelhos da cunhada.

Por várias vezes durante aquela manhã tentou prepará-la e de cada vez que o tentou as lágrimas não a deixaram falar. Esse pranto, que a princesinha não percebia, atormentava-a, apesar de pouco perspicaz. Nada disse, mas teve um

olhar inquieto, como quando se espera qualquer coisa. Antes da refeição, viu entrar o velho príncipe, que sempre lhe metera medo, o qual, desta vez, trazia uma cara especialmente má e inquieta e voltou a sair sem dizer palavra. Ela pousou os olhos em Maria, depois quedou-se pensativa, com essa expressão recolhida em si própria tão vulgar nas mulheres grávidas, e de súbito rompeu a chorar. — Por certo têm notícias do André — disse ela.

— Não, bem sabes que ainda não houve tempo para isso, mas meu pai anda inquieto e eu atormentada.

— Então, não se sabe nada?

— Não, nada — respondeu Maria, olhando firmemente com os seus luminosos olhos.

Estava resolvida a nada lhe dizer e a persuadir o pai a que ocultasse a recepção das más notícias até ao momento do parto da princesinha, para muito breve. Tanto Maria como o velho príncipe, cada um a seu modo, lá iam suportando e escondendo a sua dor. O príncipe não queria esperar: decidira que André estava morto, e, posto houvesse enviado à Áustria um dos seus subordinados, com a incumbência de descobrir o rasto do filho, já encomendara em Moscovo um monumento que pensava mandar erigir no parque e dizia a toda a gente que ele fora morto. Procurava fazer a vida de sempre, sem alterar coisa alguma aos seus hábitos, mas as forças atraiçoavam-no: os seus passeios eram menos longos, comia e dormia menos e tornava-se mais fraco de dia para dia. Quanto à princesa Maria, essa continuava a ter esperança. Rezava pelo irmão como se ele estivesse vivo e a todo o momento esperava a nova do seu regresso.

[VIII]

— Minha boa amiga — dizia a princesinha na manhã do dia 19 de Março, depois do almoço, e o seu lábio, sombreado por um ligeiro buço, solevava-se, como de costume. Mas, como desde a chegada da terrível nova tanto os sorrisos como o tom das vozes e até o próprio andar das pessoas em casa só acusavam aflição, dir-se-ia que também ela, desta vez, afinara pelo tom geral, sem, aliás, perceber qual a razão daquela tristeza comum, e o seu sorriso reflectia a mágoa de todos.

— Minha boa amiga, estou com medo de que o fruschtique (A palavra frichtik (do alemão frukstuck) é muitas vezes Usada pelo povo em vez da palavra russa Zavtrak (pequeno-almoço). (N, dos T.) como diz o nosso cozinheiro Foka, desta manhã, me tenha feito mal.

— Que tens, minha pomba? Estás tão pálida! Ah! Que pálida estás! — disse, assustada, a princesa Maria, aproximando-se, no seu passo lento e mole, da jovem princesinha.

— Excelência, não seria melhor mandar chamar Maria Bogdanovna? — perguntou-lhe uma das criadas de quarto então presentes. Maria Bogdanovna era a parteira do sítio, que há quinze dias se instalara em Lissia Gori.

— Realmente — replicou Maria — talvez seja necessário. Eu vou. Coragem, meu anjo! — E deu um beijo a Lisa, disposta a sair.

— Ah!, não, não! — exclamava a princesinha, e no seu rosto, além da palidez e da dor física, reflectia-se a infantil apreensão pelas dores inevitáveis.

— Não, é do estômago... Dize que é do estômago, dize Maria, dize...— E pôs-se a chorar como uma criança caprichosa que sofre e contorce os braços com certo exagero.

Maria saiu a correr em busca de Maria Bogdanovna.

— Meu Deus! Meu Deus! Oh! — continuava a gemer a paciente.

No caminho encontrou a parteira, que vinha ao seu encontro, esfregando as mãos nédias e brancas, com uma expressão importante e serena.

— Maria Bogdanovna! Parece-me que começou — disse Maria fixando a parteira com os olhos assustados e muito abertos.

— Pois ainda bem — volveu-lhe Maria Bogdanovna, sem alterar o passo. — Isto são coisas, menina, são coisas de que as meninas não entendem.

— E o médico de Moscovo sem chegar! — suspirou a princesa. Para dar satisfação aos desejos de Lisa e do príncipe André, tinham mandado vir, para aquele transe, um médico parteiro de Moscovo, e a todo o momento esperavam a sua chegada.

— Não é nada, princesa, não se apoquente — disse Maria Bogdanovna —, mesmo sem o médico tudo há-de correr bem. Maria, dos seus aposentos, ouviu, cinco minutos depois, que transportavam qualquer coisa pesada. Viu os criados levar para c, quarto de cama o divã de couro habitualmente no gabinete do príncipe André. Os homens que o levavam tinham um aspecto calmo e solene.

Maria, sozinha no seu quarto, era toda ouvidos para o que estava a ocorrer em casa, abrindo a porta de quando em quando, sempre que alguém passava perto, e observando o movimento do corredor. Várias mulheres passaram e voltaram a passar, num passo tranquilo; olhavam para a princesa e afastavam-se. Mari, não teve coragem de as interrogar, voltou a fechar a porta, recolheu-se outra vez aos seus aposentos, tomou a sentar-se na sua poltrona, pegou no seu livro de orações e ajoelhou-se diante das imagens. Infelizmente, com grande surpresa sua, verificou que a oração lhe não trazia sossego. De súbito, a porta do quarto abriu-se, e no limiar, com um lenço pela cabeça, surgiu a velha ama de Maria. Praskovia Saviclona, que, por ordem expressa do príncipe, quase nunca entrava nos aposentos da princesa.

— Vim fazer-te companhia. Machenka — disse a ama — e aqui tens as velas do casamento dos príncipes que eu trouxe comigo para as acender diante dos Santos, meu anjo — acrescentou, num suspiro,

— Ah, como eu gosto de te ver, ama.

— Deus é misericordioso, minha querida menina.

A ama acendeu, diante do oratório, as velas, envoltas em papel dourado, e sentou-se à porta a fazer meia. Maria pegou num livro e pôs-se a ler. Quando se ouviam passos ou vozes, a princesa e a ama olhavam uma para a outra, aquela com olhos assustados e de quem interroga, esta com urna expressão serena. As impressões que a princesa Maria estava a sentir eram as mesmas que a pouco e pouco se iam apoderando de toda a gente da casa. Dando ouvidos à crendice segundo a qual quanto menos as pessoas atentarem nos sofrimentos da parturiente tanto melhor ela passa, toda a gente fingia ignorar o que sucedia. Ninguém falava no parto mas todo o pessoal da casa, além da sua gravidade costumada e das boas maneiras habituais entre a gente do príncipe, traía um ar preocupado, modos carinhosos, como se aguardassem um grande e incompreensível acontecimento que iria realizar-se dentro de instantes.

Na grande quadra destinada à criadagem tinham deixado de se ouvir risos. No vestíbulo, os lacaios, calados, estavam prontos para tudo. No compartimento dos servos haviam-se acendido as lutchines e as candeias e ninguém dormia. O velho príncipe, no seu gabinete, andava de um lado para o outro na ponta dos pés e enviara Tikon colher informações junto de Maria Bogdanovna.

— Diz-lhe apenas: o príncipe mandou-me perguntar-te o que há de novo, e

vens logo contar-me o que ela te disser.

— Comunica ao príncipe que os trabalhos de parto já principiaram — respondera Maria Bogdanovna, olhando significativamente para o mensageiro.

Tikon foi transmitir o recado ao príncipe.

— Está bem — tomou-lhe este, fechando a porta, e Tikon, cá fora, não voltou a ouvir o mais pequeno ruído no gabinete.

Pouco depois voltou a entrar no aposento sob o pretexto de arranjar as velas. Ao ver o amo estendido no divã ficou um instante a observar-lhe o rosto desassossegado, abanou a cabeça, aproximou-se dele, sem dizer palavra, beijou-o no ombro, e saiu sem tocar nas velas nem dizer porque havia entrado no gabinete. O mais solene dos mistérios deste mundo continuava a decorrer. A tarde passou, veio a noite. O sentimento de expectativa e de enternecimento de todos perante o incompreensível, em vez de se atenuar aumentou. Ninguém tinha vontade de dormir.

Era uma daquelas noites de Março em que o Inverno parece querer recuperar os seus direitos, desencadeando, com uma fúria desenfreada, as suas últimas tempestades de neve. Ao encontro do médico de Moscovo, esperado a todo o momento, fora mandado um trenó à estrada real, e alguns homens a cavalo, munidos de lanternas, haviam sido colocados à entrada do caminho vicinal com a missão de o guiarem através dos atoleiros e das poças de neve fundida.

A princesa Maria há muito já que pousara o livro que estava lendo. E ali continuava sentada, sem dizer nada, os olhos luminosos fitos no rosto enrugado da ama, que ela conhecia em seus mais pequeninos detalhes, nas madeixas dos seus cabelos brancos, que lhe saíam do lenço amarrado à cabeça, e nos refegos do seu queixo.

A ama Savichna, sempre a fazer meia. Ia contando, na sua voz tranquila, sem que ela própria ouvisse ou entendesse o que estava a dizer, uma história que cem vezes narrara já, isto é, a maneira como a falecida princesa mãe dera à luz a princesa Maria, em Kichiniev, assistida apenas por uma matrona da Moldávia.

— Deus é misericordioso; não são precisos doktures (Nesta época, os médicos da Rússia eram quase todos estrangeiros, especialmente alemães, (N, dos T.) para nada.

De súbito um golpe de vento veio sacudir o caixilho da janela (em obediência às ordens do príncipe, assim que chegavam as andorinhas eram retirados os duplos

caixilhos das janelas), e, abalando o fecho mal premido, afastou os cortinados de seda e apagou a vela, ao mesmo tempo que o frio e a neve penetravam no quarto. A princesa Maria estremeceu; a ama pousou a meia e, aproximando-se da janela, debruçou-se e segurou o caixilho aberto. O vento frio açoitava-lhe as pontas do lenço da cabeça e os caracóis brancos dos cabelos.

— Princesa, minha filha, vem alguém pela avenida! — exclamou ela, segurando o caixilho sem o fechar. — E traz lanternas. Naturalmente é o doktur...

— Ah!, meu Deus! Louvado seja Deus! — exclamou Maria.— É preciso ir ao seu encontro; não sabe russo.

Atirou um xale para os ombros e saiu ao encontro dos visitantes. Ao atravessar o vestíbulo viu, através da janela, uma carruagem, de lanternas acesas, parada diante da escadaria. Foi até à escada. No corrimão havia uma lanterna cuja luz o vento agitava. Filipe, o criado, de aspecto alterado, estava em baixo, no patamar, com uma lanterna na mão. Mais abaixo ainda, no cotovelo da escadaria, ouviam-se passos abafados. E uma voz falava, não fie todo desconhecida da princesa Maria.

— Louvado seja Deus! — dizia a voz. — E meu pai?

— Foi-se deitar — respondia a voz de Demiane, o mordomo, que descia até ao fundo da escadaria.

A voz ainda pronunciou mais algumas palavras, a que Demian,, respondeu e os passos abafados aproximaram-se do cotovelo invisível da escadaria.

«É o André!», exclamou para si mesma a princesa Maria. Não, não pode ser, seria realmente extraordinário!», e no mesmo momento em que estes pensamentos lhe atravessavam o espírito surgiu no patamar onde estava o criado com a luz a silhueta do príncipe André, com a gola da peliça toda salpicada de neve. Sim, era ele, mas pálido e emagrecido, o rosto mudado, os traços alterados e estranhamente amaciados. Galgou a escada e abraçou-se à irmã.

— Não receberam a minha carta? — perguntou, e sem aguar— dar resposta, que lhe não dariam, naturalmente, pois a princesa estava incapaz de falar, voltou-se para o médico, que encontrara na última muda, e na sua companhia continuou a subir P, escada, tomando outra vez a irmã nos braços.

— Que estranho acaso! — exclamou ele .— Macha, minha querida! — e depois de tirar a peliça e as botas, penetrou nos aposentos da esposa.

[IX]

A princesinha, de touca branca, estava reclinada num monte de almofadas. As dores tinham diminuído. As madeixas de seus cabelos negros emolduravam-lhe as faces febris e cobertas de suor. Na sua encantadora boquinha rosada e entreaberta, com o lábio sombreado pelo ligeiro buço, havia um sorriso alegre.

O príncipe André entrou e parou diante dela, junto do divã sobre o qual jazia. Os olhos dela, com uma expressão infantil, detiveram-se nele, perturbados e cheios de susto, sem mostrar qualquer nova expressão. «Gosto de toda a gente, nunca fiz mal, a ninguém, porque é que sofro assim? Ajudem-me!», diziam os seus olhos,

Via o marido, mas não podia compreender o que significava aquela aparição súbita. O príncipe André contornou o divã e depôs-lhe um beijo na testa.

— Minha adorada — disse-lhe ele, usando uma palavra que nunca costumava empregar. — Deus é misericordioso...

A princesinha interrogou-o com os olhos, num momo de criança mimada. «Esperava que me ajudasses, e nada, nada. És como os outros!», diziam os olhos dela. Não estava admirada de o ver: não compreendia porque é que ele tinha aparecido. A chegada dele não tinha a mais pequena relação com os sofrimentos que a torturavam e com o consolo que esperava. As dores recomeçaram, e Maria Bogdanovna pediu ao príncipe que saísse.

O médico entrou no quarto. O príncipe André saiu e dirigiu-se ao quarto da irmã. Ali começaram a falar em voz baixa, mas a conversa interrompia-se a todo o momento. Escutavam e esperavam.

— Vá, meu amigo — disse-lhe a princesa Maria.

André voltou para os aposentos da mulher e sentou-se no quarto contíguo ao dela, disposto a esperar. Uma mulher com o rosto transtornado saiu do quarto e ao ver o príncipe André ficou perturbada. Este apertou a cabeça nas mãos e assim esteve alguns minutos. Queixumes que faziam lembrar gemidos de um animal ferido ouviram-se através da parede. André levantou-se e aproximou-se da porta, na intenção de a abrir. Alguém a segurava pela parte de dentro.

— Não pode entrar, não pode entrar! — arquejou uma voz assustada.

Pôs-se a andar no quarto de um lado para o outro. Os gemidos cessaram:

decorreram ainda alguns segundos. De repente ouviu-se um grito pavoroso, que nada tinha de humano: não era ela quem assim podia gritar.

André acorreu precipitadamente: o grito extinguira-se; agora era um vagido de criança que se ouvia.

«A que propósito esta criança?», disse André de si para consigo no primeiro momento. «Uma criança? Que criança?... Porque é que está aqui uma criança? Será um recém-nascido?»

De súbito compreendeu a alegria que este grito significava; os olhos encheram-se-lhe de lágrimas, e apoiado ao parapeito da janela principiou a soluçar como se fosse uma criança. A porta abriu-se. O médico, com as mangas arregaçadas, sem redingote, pálido e um estremecimento nervoso na cara, entrou no quarto onde estava o príncipe André. Este quis interrogá-lo, mas ele olhou-o com um ar alucinado e voltou a sair sem dizer palavra. Depois apareceu uma mulher, mas, ao ver o príncipe, quedou-se, indecisa, no limiar da porta. André entrou no quarto. A mulher estava estendida, morta, na mesma posição em que ele a vira cinco minutos antes, e a mesma expressão, não obstante a fixidez do olhar e a palidez das faces, estampava-se naquele encantador rosto infantil com o lábio sombreado por uma ligeira penugem.

«Gosto de todos e não fiz mal a ninguém, que é que fizeram de mim?», dizia aquele encantador e lastimoso rosto de morta. A um canto qualquer coisa de ínfimo e vermelho rosnava e choramingava entre as mãos brancas e trémulas de Maria Bogdanovna.

Duas horas mais tarde o príncipe André entrava, em lentos passos, no gabinete do pai. O velho não dormia. Estava à porta, e assim que esta se abriu tomou entre as suas mãos rudes e secas, como se fossem tenazes, o pescoço do filho e soluçou como uma criança.

No dia seguinte, pela manhã, foi o enterro da princesinha, e, para lhe dizer adeus. André subiu os degraus do catafalco e olhou-a dentro do ataúde. Ela tinha a mesma cara, mas de olhos fechados. «Ali!, que é que fizeram de mim?», continuava a dizer, e André sentiu no seu íntimo como que uma laceração e confessou-se a si próprio culpado de um pecado irreparável e inesquecível. Não podia chorar. O velho também se aproximou e beijou a mãozinha de cera da defunta, sossegadamente estendida, e o seu rosto pareceu-lhe dizer também: «Ah!, porque é que me tratou assim?» E o velho, ao ver a expressão deste rosto,

voltou a cara, iracundo.

Passaram-se cinco dias, e foi o baptizado do principezinho Nicolau Andrelevitch. A parteira segurava com o queixo as roupinhas da criança, enquanto o sacerdote, com uma pena de pato, ungia as palmas das mãos e as plantas dos pés vermelhas e enrugadas da criança.

O padrinho, que era o avô, todo trémulo, com receio de o deixar cair, deu a volta à velha pia baptismal com o neófito nos braços e foi entregá-lo à madrinha, a princesa Maria. André, tremendo de susto, com receio de que afogassem a criança, ficara na sala contígua, aguardando o fim da cerimónia. Foi com alegria que o olhou quando a ama lho trouxe, e abanou a cabeça satisfeito quando esta lhe disse que o pedaço de cera com cabelos da criança lançado na pia não fora ao fundo, mas ficara à tona de água.

[X]

A participação de Nicolau no duelo Dolokov— Bezukov fora abafada, graças ao velho conde, e em vez de ser degradado, como se esperava. Rostov foi nomeado ajudante-de-campo do general governador de Moscovo. Por causa disso não lhe fora possível ir para o campo com toda a família e passara todo o Verão no desempenho das suas novas funções. Dolokov restabeleceu-se, e Rostov, durante a convalescença, tomou-se seu amigo. Dolokov, enquanto doente, foi tratado em casa da mãe, que o amava apaixonadamente. A velha Maria Ivanovna, que se afeiçoara a Rostov em virtude da amizade deste pelo seu Fédia, falava-lhe muitas vezes do filho:

— Sim, conde, o meu filho é nobre de mais, tem uma alma pura de mais — dizia ela — para o século em que vivemos. Ninguém gosta da virtude, que ofusca toda a gente. Mas diga-me, conde, acha que foi justo, acha que foi digno o que fez Bezukov? Fédia, com toda a sua nobreza de alma, era-lhe afeiçoado e ainda agora mesmo nunca diz mal dele. Pois não é verdade que fizeram juntos muitas partidas, por exemplo aquela ao polícia em Petersburgo? E a verdade é que Bezukov nada sofreu com isso, enquanto que Fédia pagou as favas. E o que ele sofreu! Sim, voltaria a dar-lhe os galões, mas como não o fazerem? Ah!, sim, bravos, filhos da

pátria como ele não andam por aí aos pontapés. E esse duelo? Ouça o que eu lhe digo. Terá essa gente coração, honra? Sabendo que ele é filho único, provocaram-no e dispararam contra ele à queima-roupa. Felizmente Deus teve pena de nós E porquê? Sim, quem é que no nosso tempo não é vítima de intrigas? Há o direito de uma pessoa ser ciumenta àquele ponto? Ainda podia compreender se ele lhe tivesse dito antes alguma coisa, mas há um ano que aquilo durava. E, ouça, ele desafiou-o pensando que Fedia não se quereria bater com ele porque lhe devia dinheiro. Que baixeza! Que vilania! Bem sei, o senhor compreendeu o Fédia, meu caro conde, por isso eu gosto tanto de si, creia. São poucos os que o compreendem. É uma alma tão elevada, tão pura!

O próprio Dolokov, durante a convalescença, dizia-lhe coisas que n3 era de esperar da sua boca.

— Consideram-me má pessoa — dizia. — Está bem, suponhamos que sou assim. Não quero conhecer senão as pessoas a quem estime e por essas sou capaz de dar a própria vida. Quanto aos demais a esses era capaz de os esmagar a todos se os viesse a encontrar no meu caminho. Tenho uma mãe a quem idolatro, de quem não sou digno, dois ou três amigos, no número dos quais conto, e, quanto aos outros, esses apenas os considero na medida em que me podem ser úteis ou nefastos. E quase todos eles são prejudiciais, especialmente as mulheres. Sim, meu velho — prosseguia ele —, tenho encontrado homens dignos, de sentidos nobres e elevados. Mas entre as mulheres, até hoje, só encontrei criaturas que se vendem, e, quer sejam condessas ou cozinheiras, é o mesmo. Ainda não encontrei essa pureza celeste, essa dedicação que procuro na mulher. Se um dia encontrasse uma mulher assim, era capaz de dar a vida por ela. Quanto às que eu conheço... — Teve um gesto de desprezo. — E, acredita, se me interessa viver, é apenas na esperança de ainda vir a encontrar essa criatura celeste, que me regenerará, me purificará, me resgatará. Mas tu não me podes compreender.

— Pelo contrário, compreendo-te muito bem — respondeu-lhe Rostov, completamente dominado pelo seu novo amigo.

No Outono, a família Rostov estava de regresso a Moscovo. No princípio do Inverno. Denissov voltou também a Moscovo e instalou-se-lhes em casa. Esse Inverno de 1806, o primeiro que Nicolau Rostov passou em Moscovo, foi um dos mais alegres e felizes para ele e para a família Rostov. Atraíra consigo a casa dos pais muitos rapazes; Vera estava uma linda rapariga de vinte anos; Sónia, uma

mocinha de dezasseis, em todo o encanto da sua juventude; Natacha, meio criança meio mulher, engraçada corro uma criança, fascinante como uma donzela.

Nessa época a casa de Rostov estava envolvida numa atmosfera especial de carinhosos sentimentos, como costuma acontecer onde há raparigas muito gentis e muito jovens. No meio destas caras frescas, expressivas, sorrindo a cada passo — naturalmente à sua própria felicidade —, no meio deste rodopio de fogosa animação, ouvindo este chalrar feminino, tão inconsequente, mas tão afectuoso para toda a gente, e a todo o propósito tão cheio de esperança, e o ressoar do canto e da música, misturados, fosse quem fosse o jovem que entrasse naquela casa logo se sentia predisposto para o amor e para a felicidade, atmosfera em que respirava toda aquela juventude.

Um dos primeiros rapazes que tinham sido ali levados por Rostov fora Dolokov, que a todos agradara, menos a Natacha, que quase se indispusera com o irmão por sua causa. Sustentara teimosamente ser ele má pessoa. Que rio duelo com Bezukov quem tivera razão fora o Pedro, que Dolokov fora o culpado, e que era pouco amável e muito pretensioso.

— Podes dizer o que quiseres — gritava ela, obstinada —, é mau e não tem coração. Mas o teu Denissov, desse, gosto. Pode ser um depravado e tudo quanto quiserem. Seja como for, gosto dele, e compreende-se muitíssimo bem. Não sei explicar... No outro tudo é calculado antecipadamente, e é disso que eu não gosto; quanto ao Denissov...

— Sim, o Denissov é outra coisa — replicava Nicolau, deixando perceber que, comparado com Dolokov, o próprio Denissov não valia um caracol. — É preciso compreender a grande alma que é Dolokov, é preciso vé-1o ao pé da mãe, que coração o seu...

— Isso não sei; a verdade é que ao pé dele me não sinto à vontade. E, sabes? Está apaixonado pela Sónia.

— Aí estás tu a dizer disparates...

— Vais ver se eu não tenho razão.

As suposições de Natacha eram exactas. Dolokov, que de resto não apreciava a sociedade das mulheres, começou a frequentar assiduamente a casa dos Rostov, e, embora ninguém falasse no assunto, foi coisa tacitamente assente que vinha por causa de Sónia. E esta, posto nunca ousasse dizê-lo, sabia que assim era; sempre que Dolokov aparecia ficava muito corada.

O jovem oficial jantava muitas vezes em casa dos Rostov, não perdia espectáculo em que a família comparecesse e ia ao «baile dos Adolescentes», a casa de Ioguel, onde a família Rostov era assídua. Mostrava-se particularmente atencioso para com Sónia e olhava para ela de tal maneira que esta não lhe sustentava o olhar sem ruborizar-se muito, e tanto a velha condessa como Natacha, perante isso, também se sentiam corar.

Era evidente que aquele estranho colosso se achava sob a irresistível influência daquela graciosa morenita que amava outro. Rostov notara haver fosse o que fosse entre Dolokov e Sónia, mas não tinha opinião formada acerca da natureza dessas novas relações. «Nesta casa as pequenas estão sempre enamoradas de alguém», dizia ele para si próprio, pensando em Sónia e em Natacha. Mas a verdade é que já não estava tão à vontade diante de Sónia e Dolokov e já não se demorava tanto em casa.

No Outono de 1806 voltou a falar-se na guerra com Napoleão e mesmo com mais entusiasmo ainda que no ano anterior. Foi decretado o recrutamento na proporção de dez em mil homens para o exército regular e de nove em mil para a milícia. Por toda a parte se lançava o anátema a Bonaparte e em Moscovo não se falava noutra coisa senão na guerra iminente. Quanto à família Rostov estes preparativos bélicos só lhe tocavam porque Nikoluchka se recusava terminantemente a permanecer em Moscovo e apenas aguardava o termo da licença de Denissov para regressar à sua unidade após as festas. Esta próxima partida não o impedia de se divertir; pelo contrário, dava-lhe uma grande excitação. Passava a maior parte do seu tempo fora de casa em jantares, saraus e bailes.

[XI]

No terceiro dia, das festas do Natal jantava Nicolau em casa dos pais, coisa que raramente lhe acontecia naqueles últimos tempos. Era um jantar oficial de despedida, pois eles partiam. Denissov e Nicolau, de regresso ao regimento, logo após o dia de Reis. Havia vinte talheres, e Dolokov e Denissov eram convidados. Nunca em casa dos Rostov houvera tanta ternura no ar, nunca ali se estivera

mergulhado numa atmosfera tão apaixonada como naqueles dias de festa. «Aproveita estes momentos de felicidade, ama e sê amado! Esta é a única coisa real no mundo; o resto é tolice. Só isso deve interessar», eis o que parecia aconselhar aquela atmosfera.

Nicolau, como sempre, depois de haver estoirado duas pare— lhas, sem ter podido ir a toda a parte aonde queria e para onde fora convidado, chegou a casa precisamente quando o jantar ia para a mesa. Mal entrou logo se sentiu envolvido naquela atmosfera de carinho que pairava na casa e sentiu o curioso embaraço de alguns dos convivas. Sónia. Dolokov, a velha condessa e até mesmo, de certo modo. Natacha, estavam particularmente comovidos. Nicolau compreendeu ter-se passado qualquer coisa entre Sónia e Dolokov antes do jantar, e, com a delicadeza de coração que lhe era própria, durante todo o repasto mostrou-se enternecido e reservado para com os dois. Nessa noite devia realizar-se um baile promovido pelo mestre de dança Ioguel em honra dos seus alunos de ambos os sexos.

— Nikolenka, vais a casa do Ioguel? Peço-te, não deixes de ir — dizia Natacha. — Ele conta contigo, e o Vassili Dmitritch (era Denissov) também vai.

— Iria fosse onde fosse às ordens da condessa! — replicou Denissov, que, por graça, representava em casa o papel de escudeiro de Natacha. — Estou até disposto a dançar o pas de châle.

— Irei, se tiver tempo. Estou convidado para casa dos Arkarov. Há lá hoje uma recepção — disse, por sua vez. Nicolau. — E tu?... — acrescentou, dirigindo-se a Dolokov. Mas, mal tinha feito a pergunta, logo se deu conta da indiscrição.

— Sim, é possível... — replicou Dolokov, friamente e com azedume, lançando um olhar a Sónia; depois, de sobrecenho carregado, fitou Nicolau com o mesmo olhar com que fixara Pedro no jantar do clube.

«Alguma coisa se passou», disse Nicolau consigo mesmo, e as suas suspeitas mais se avolumaram quando viu que Dolokov saía logo após o jantar. Chamou Natacha e perguntou-lhe o que havia.

— Andava precisamente à tua procura — disse-lhe ela, vindo ao seu encontro. — Eu bem dizia e tu não querias acreditar prosseguiu, vitoriosa. — Declarou-se à Sónia.

Posto Sónia muito pouco o preocupasse nesses últimos tempos, sentiu como que rasgar-se-lhe o coração ao ouvir o que lhe dizia Natacha. Dolokov era um partido invejável e de certos aspectos até mesmo brilhante para uma órfã sem

fortuna como Sónia. Aos olhos da velha condessa e do mundo seria absurdo recusar uma proposta daquelas. Por isso, a primeira reacção de Nicolau ao tomar conhecimento do facto foi de irritação contra Sónia. E dispunha-se a dizer que estava muito bem, que era perfeitamente natural pôr de parte os compromissos da infância e que o que era preciso era aceitar, mas não teve tempo.

— Pois não queres saber? Recusou, recusou redondamente! exclamou Natacha. — Disse-lhe que gostava de alguém — prosseguiu ela depois de uma ligeira pausa.

«Era isso mesmo que eu esperava da minha Sónia!», pensou Nicolau de si para consigo.

— E recusou, por mais que a mãe lhe pedisse, e estou convencida de que não mudará de atitude...

— A mãe pediu-lhe? — articulou Nicolau, despeitado.

— Pediu — volveu Natacha. — Ouve. Nikolenka, não te zangues, mas eu sei que nunca casarás com ela. Estou convencida disso só Deus sabe porquê, mas tenho a minha opinião formada a tal respeito.

— Ora aí está uma coisa que tu não podes afirmar — replicou Nicolau. — Mas tenho de falar com ela. Que encanto aquela Sónia! — acrescentou, sorrindo.

— Sim, é encantadora! Vou dizer-lhe que venha ter contigo.

E Natacha abalou, depois de ter beijado o irmão.

Momentos depois entrava Sónia, muito confusa, muito perturbada, com uma expressão de pessoa que cometeu uma falta. Nicolau aproximou-se dela e beijou-lhe a mão. Era a primeira vez, após o seu regresso, que se encontravam a sós e que falavam de coisas sentimentais.

— Sónia — principiou ele, de começo timidamente e depois com ousadia crescente —, teve coragem de recusar um partido tão brilhante e tão vantajoso? É um bom rapaz, um nobre coração... É meu amigo...

Sónia interrompeu-o:

— Sim, recusei — apressou-se a dizer.

— Se foi por mim, receio que da minha parte...

Sónia interrompeu-o de novo. Lançou-lhe um olhar entre súplice e assustado.

— Nicolau, não me diga isso.

— Digo, devo dizê-lo. Talvez seja petulância da minha parte, mas vale mais falar. Se recusou por minha causa, eu, pela minha parte, devo dizer-lhe toda a verdade. Gosto de si, quero-lhe, estou convencido disso, quero-lhe mais do que a

qualquer outra...

— E é quanto basta para mim — disse Sónia, corando.

— Sim, mas já gostei várias vezes e ainda posso vir a gostar de outras, embora não tenha por ninguém tanta amizade, confiança e amor como tenho por si. E, depois, ainda sou muito novo. A mãe não vê isto com bons olhos. E é por isso, numa palavra, que eu não estou disposto a comprometer— me. Peço-lhe que pense na declaração de Dolokov — concluiu, articulando com esforço o nome do amigo.

— Não me fale assim. Não quero nada. Gosto de si como um irmão e sempre hei-de gostar de si; de nada mais preciso.

— É um anjo e eu não sou digno de si. O receio que tenho é de não poder corresponder ao que espera de mim.

E Nicolau beijou-lhe outra vez a mão.

[XII]

Era em casa de Ioguel que se realizavam os mais alegres bailes de Moscovo. Eis o que afirmavam as mães ao olharem para as suas adolescentes ensaiando o novo passo de dança que acabavam de aprender, eis o que diziam as próprias adolescentes e os adolescentes, que dançavam até cair extenuados; era também a opinião dos rapazes e raparigas de mais idade que tinham ido ali por mera condescendência e que se divertiam lá como em parte alguma. Naquele mesmo ano já ali se haviam preparado dois casamentos. As duas lindas princesas Gortchakov ali haviam encontrado noivos, e estes enlaces mais tinham feito aumentar o prestígio dos bailes. A particularidade destas festas estava no facto de não haver nem dono nem dona de casa. Havia apenas o bom do Ioguel, o qual, leve como uma pena, se desfazia em reverências segundo as regras da sua arte e dava lições pagas a todos os seus convidados. Outra particularidade destes bailes era só ali ir quem, de facto, queria dançar e divertir-se, como sabem divertir-se as rapariguinhas de treze a catorze anos que pela primeira vez vestem vestidos compridos. Todas, salvo raríssimas excepções, eram ou pareciam ser muito bonitas; todas tinham um sorriso tão triunfante, olhares tão ardentes! Acontecia que as

melhores alunas dançavam até o pas de châle e entre elas distinguia-se Natacha, cuja graça dava nas vistas. Mas naquele último baile do ano estabelecera-se que só se devia dançar a escocesa, a inglesa e a mazurca, que então principiava a estar na moda. Ioguel pedira a Bezukov lhe cedesse um dos salões do seu palácio e o êxito da festa estava assegurado na opinião de toda a gente. Havia lindas carinhas no baile, e as meninas Rostov figuravam entre as mais belas. Ambas resplandeciam de felicidade e alegria. Nessa noite. Sónia, muito orgulhosa com a declaração de Dolokov e por não a haver aceitado e ter tido uma explicação com Nicolau, ainda estava em casa, muito desassossegada e sem deixar que a criada lhe acabasse de pentear as tranças. Toda ela resplandecia de exuberância e jovialidade.

Natacha, não menos orgulhosa por ser a primeira vez que aparecia de vestido comprido num baile a valer, ainda estava mais radiosa. Ambas trajavam vestidos brancos de musselina, enfeitados com fitas cor-de-rosa.

Natacha, assim que entrou na sala, sentiu-se como que instantaneamente deslumbrada. Apaixonava-se não em particular por quero quer que, fosse, mas por toda a gente ao mesmo tempo. Encontrava-se no mesmo instante do primeiro em que pousava os olhos.

— Ah!, que bonito! — dizia a todo o momento para Sónia. Nicolau e Denissov iam e vinham, percorrendo as salas, com olhares amáveis e protectores para os que dançavam.

— Que linda que, ela é! Há-de vir a ser uma beleza! — exclamava Denissov.

— Quem?

— A condessa Natacha. E que bem que dança! Que graça que tem! — acrescentou, depois de uma ligeira pausa.

— De quem estás tu para aí a falar?

— De quem? Da tua irmã — replicou ele, com impaciência. Rostov sorriu.

— Meu querido conde, considero-o um dos meus melhores alunos, é preciso que dance — disse o insignificante Ioguel ao aproximar-se de Nicolau. — Não vê tantas meninas bonitas?

E dirigiu o mesmo pedido a Denissov, que também fora aluno seu.

— Não, meu caro, eu sirvo de figura decorativa — replicou este. — Já se não lembra de como eu aproveitei mal as suas lições?

— Oh! Não! — exclamou Ioguel. — Não era dos mais atentos, mas tinha jeito,

sim, senhor, tinha jeito.

A orquestra rompeu com uma mazurca, dança então em pleno êxito, novidade que era. Nicolau não pôde desculpar-se e foi convidar Sónia. Denissov sentou-se ao pé das senhoras idosas e, apoiado no sabre, batendo o compasso com o pé, principiou a contar-lhes histórias alegres, para fazê-las rir, vendo dançar a Juventude. Ioguel, no primeiro par, dançava com Natacha, o seu orgulho e a sua melhor aluna. Deslizando, suave e molemente, nos seus escarpins, foi o primeiro a lançar-se sala fora com Natacha intimidada, mas que lhe acompanhava atentamente o passo. Denissov não a perdia de vista, marcando o compasso com o sabre, com se dissesse que se não dançava era apenas por não querer e não por não saber. No meio de urna das figuras interpelou Rostov, que passava perto.

— Não é nada disso — disse ele. — Que mazurca polaca é essa? De resto, ela dança maravilhosamente.

Como sabia que, na Polónia. Denissov ganhara fama pela maneira como dançava mazurca polaca. Nicolau correu para Natacha.

— Vai convidar o Denissov. Ele dança isto maravilhosamente! Quando chegou a vez de Natacha, esta levantou-se e, deslizando, levíssima, rios seus sapatinhos de cetim, atravessou, muito corada, a saia na direcção onde estava Denissov. Percebeu que toda a gente, a olhava aguardando o que ela ia fazer. Nicolau, de longe, viu os dois a discutir, sorrindo. E viu que Denissov recusava rias ria. Dirigiu-se para eles.

— Faça-me isso. Vassili Dmitritch — dizia Natacha. — Venha daí, por favor.

— Oh!, tenha pena de mim, condessa — dizia Denissov.

— Então. Vassia, vai com ela — interveio Nicolau.

— Vocês fazem-me festas como se eu fosse o vosso gatinho Vaska — disse Denissov, de brincadeira.

— Prometo-lhe que hei-de cantar uma noite inteira para si — volveu Natacha.

— Feiticeira, faz de mim o que lhe apetece — consentiu Denissov por fim, tirando o sabre.

Saiu da fila das cadeiras, agarrou com energia a mão do seu par, ficou muito direito, com o pé avançado, aguardando o compasso. Era a cavalo ou a dançar a mazurca que deixava de se notar a sua pequena estatura e que adquiria uma atitude marcial. Enquanto esperava o compasso, teve um olhar de soslaio, ao mesmo tempo vitorioso e brincalhão, para o seu par, depois, subitamente, bateu

com o pé no chão e despediu como uma bola de borracha, arrastando consigo a sua dama. Assim, num pé só, percorreu metade do salão, sem fazer o mais pequeno ruído. Dir-se-ia lançar-se sobre as cadeiras diante dele. Mas de súbito as esporas retiniram, e, de pernas alargadas, deteve-se um instante em cima dos tacões, batendo com os pés no chão. Depois deu uma volta rápida, bateu com a perna direita contra a esquerda e recomeçou a girar sobre si mesmo. Natacha adivinhava todos os seus movimentos e, inconscientemente, seguia-lhe as evoluções, abandonando-se. Ora a fazia rodopiar pela mão direita ou pela esquerda, ora, ajoelhando, a arrastava, fazendo-a descrever um círculo em volta dela. Em seguida dava um pulo de súbito e lançava-se para a frente, rápido, como se quisesse, de um salto só, percorrer todas as salas, para de novo parar e de novo principiar uma figura nova e imprevista. Quando voltou a depor a dama no seu lugar, fazendo-a rodopiar magistralmente com um bater de esporas. Natacha esqueceu-se da reverência. Fitou-o com os seus olhos espantados, sorrindo, como se o não conhecesse.

— Que quer dizer isto? — dizia.

Embora Ioguel houvesse declarado que aquilo não era a verdadeira mazurca, toda a gente ficara maravilhada com o virtuosismo de Denissov. Vinham-no convidar a cada passo, e as pessoas de idade, sorrindo, começaram a falar da Polónia e dos bons tempos de outrora. Denissov, muito corado por causa da dança e enxugando a testa, veio sentar-se ao lado de Natacha e não a deixou até ao fim da noite.

[XIII]

No dia seguinte. Rostov não viu Dolokov em casa de seus pais e nunca mais lá voltou a encontrá-lo. Na manhã do outro dia recebeu dele um bilhete nestes termos:

> Como não faço tenção de voltar a aparecer em vossa casa por motivos que tu, muito bem conheces, e como regresso à minha unidade, ofereço hoje aos meus amigos um jantar de despedida.

Peço-te, que venhas, pois, ao Hotel de Inglaterra.

Rostov, ao sair do teatro aonde fora com os seus e Denissov, chegou às dez horas do dia marcado ao Hotel de Inglaterra. Conduziram-no imediatamente à melhor sala, reservada para aquela noite por Dolokov. Estavam aí reunidas umas vinte pessoas em volta de uma mesa. Quem presidia era Dolokov, que se sentava no meio de dois brandões. Em cima da mesa havia dinheiro em ouro e papel e o oficial fazia de banqueiro. Nicolau, que não voltara a vê-lo depois da declaração a Sónia e da recusa de que fora objecto, sentiu-se um pouco embaraçado por se ver na sua presença.

O frio e brilhante olhar de Dolokov pousou nele assim que Nicolau entrou no aposento, como se o esperasse há muito. — Há quanto tempo nos não víamos! — disse-lhe ele. -

Obrigado por teres vindo. Assim que eu acabe a banca, temos aí o Iliuchka com os seus cantores.

— Foi a teu convite que vim — disse Rostov, corando. Dolokov não respondeu.

— Podes fazer a tua parada disse-lhe a certa altura. Lembrou-se naquele momento da curiosa conversa que certo ia tinham tido. «Não há ninguém com mais sorte ao jogo do que os imbecis», dissera-lhe ele.

— Ou terás medo de jogar comigo? — perguntou-lhe, sor— rindo, Dolokov, que parecia adivinhar o que ia no pensamento de Rostov.

Este sorriso fez compreender a Nicolau que o amigo estava no estado de espírito em que o vira aquando do jantar do clube ou quando sentia a necessidade, esmagado pelo tédio de uma vida terra-a-terra, de se evadir por um acto estranho e violento.

Rostov sentia-se embaraçado. Procurou, sem o encontrar na sua imaginação, o gracejo digno de servir de resposta ao que Dolokov acabava de dizer. E ainda o não conseguira já Dolokov, fitando-o nos olhos, dizia lentamente, e destacando as palavras, de maneira a que toda a gente pudesse entender:

— Lembras-te do que uma vez dissemos: que não há ninguém com mais sorte ao jogo do que os imbecis? É para ganhar que uma pessoa, deve jogar e eu quero experimentar.

«Devemos experimentar a sorte ou jogar para ganhar?», disse Rostov de si para consigo,

— Realmente, era bem melhor que não jogasses — acrescentou, pousando as cartas, que acabava de baralhar. — Banca, meus senhores.

Tendo posto o seu dinheiro na banca. Dolokov preparava-se para dar as cartas. Rostov sentou-se a seu lado e a princípio absteve-se de jogar. Dolokov lançou-lhe um olhar de lado.

— Então, não jogas? — disse-lhe.

Coisa curiosa. Nicolau sentiu-se como que obrigado a pegar numa carta, a pousar sobre ela uma soma insignificante e a principiar a jogar.

— Não tenho dinheiro comigo — murmurou.

— Tens crédito.

Rostov apostou cinco rublos na sua carta e perdeu, fez nova parada e voltou a perder. Dolokov «matou» o que quer dizer que ganhou dez cartas seguidas a Rostov.

— Meus senhores — disse ele, depois de ter estado algum tempo a servir de banqueiro —, peço-lhes que ponham o vosso dinheiro em cima das cartas, de outro modo posso enganar-me nas contas.

Um dos jogadores alegou esperar que se dignassem ter confiança nele.

— Evidentemente, mas tenho medo de me enganar – replicou Dolokov. — Por isso peço-lhes o favor de porem o dinheiro em cima das cartas. Quanto a ti, não te importes, depois faremos contas os dois — disse ele, dirigindo-se a Rostov.

O jogo prosseguiu; um lacaio ia servindo champanhe . Todas as cartas de Rostov foram «mortas» e o seu débito já subia a oitocentos rublos. Dispunha-se a inscrever esta soma numa carta, mas, como lhe ofereciam champanhe, reteve-se e fez a parada habitual: vinte rublos.

— Deixa — disse Dolokov, fingindo não reparar – não tarda muito que te tenhas refeito. Perco com todos e «mato» todas as cartas. Terás tu medo de mim?

Rostov pediu desculpa, deixou ficar os oitocentos rublos e apresentou um sete de copas, com um canto dobrado, que apanhara do chão. Lembrar-se-ia disso perfeitamente mais tarde. Apresentou o seu sete de copas, depois de ter escrito sobre ele, com a ponta de um giz, oitocentos rublos em algarismos direitos, bem desenhados, despejou a taça de champanhe um pouco amornado que lhe apresentavam, sorriu ao ouvir as palavras de Dolokov, e esperando, com o coração a bater, um sete, olhou para as mãos de Dolokov, que tinha o baralho. Ganhar ou perder aquele sete de copas representava muito para ele. No domingo

anterior o conde Ilia Andreitch dera-lhe dois mil rublos, e, contra o seu costume de falar de dificuldades de dinheiro, acrescentara ser a última soma que lhe dava até Maio, e que, portanto, seria bom ele mostrar-se desta vez mais económico. Nicolau respondera que lhe chegava perfeitamente e que lhe dava a sua palavra de honra de que se contentaria com aquele dinheiro até à Primavera. Naquele momento ainda dispunha de mil e duzentos rublos. Eis porque daquele sete de copas dependia não só a perda de mil e seiscentos rublos, mas também a necessidade de quebrar a palavra que dera. Com o coração a bater fitava as mãos de Dolokov, dizendo de si para consigo: «Vamos, venha de lá depressa essa carta e vou daqui cear com Denissov, Natacha e Sónia, e tenho a certeza de nunca mais na minha vida voltar a pegar numa carta.» E naquele momento todos os pequenos nadas cia vida familiar, as partidas de Pétia, as conversas com Sónia, os duetos com Natacha, o jogo do piquet com o pai, a recordação da sua cama tão sossegada da Rua Povarskaia, tudo isso lhe perpassava pela mente com toda a força, toda a nitidez e todo o encanto de uma felicidade há muito passada, perdida e sem preço. Era-lhe impossível admitir que um estúpido acaso, fazendo com que um sete estivesse à direita e não à esquerda, o pudesse privar de semelhante felicidade, de novo reconquistada e que de novo o iluminava com os seus raios, para o mergulhar num abismo de desgraças ainda não experimentadas e desconhecidas. Era qualquer coisa que não devia ser, mas, nem por assim pensar, deixava de observar os movimentos das mãos de Dolokov. Essas mãos ossudas e vermelhas, cobertas de pêlos até aos punhos, pousaram as cartas e pegaram na taça que lhe apresentavam e no cachimbo.

— Com que então, não tens medo de jogar comigo? — repetiu Dolokov, e, como se quisesse contar qualquer história brejeira, recostou-se no espaldar da cadeira e pôs-se a dizer, com todo o sossego, e a sorrir:

— Sim, meus senhores, vieram dizer-me que eu em Moscovo tinha fama de batoteiro. É por isso que lhes peço que estejam prevenidos.

— Vamos, parte — disse Rostov.

— Oh! Estes más-línguas de Moscovo — tornou Dolokov sorrindo e voltando a pegar nas cartas.

— Ah! — exclamou Rostov, puxando os cabelos. O sete de que ele precisava estava por cima da primeira carta do baralho. Tinha perdido mais do que podia pagar.

— Então, que é isso? Não te vás espetar — disse-lhe Dolokov, de lado e continuando a partir.

[XIV]

Hora e meia depois, já os jogadores não consideravam mais que mera brincadeira as paradas que tinham feito.

Todo o interesse do jogo se concentrava em Rostov. Em vez de mil e seiscentos rublos, à sua conta havia uma longa coluna de algarismos, que contara até dez mil, mas que naquele momento, como ele confusamente pensava, devia atingir os seus quinze mil. Na realidade, o total ultrapassava já os vinte mil.

Dolokov já não ouvia o que se dizia nem já contava mais histórias. Seguia o mais pequeno movimento das mãos de Rostov e de tempos a tempos lançava os olhos à sua conta. Decidira continuar o jogo até o total atingir os quarenta e três mil rublos. Fixara esses algarismos porque era quanto somavam a sua idade e a de Sónia. Rostov, com a cabeça entre as mãos, apoiava os cotovelos na mesa coberta de inscrições, de nódoas de vinho e de cartas espalhadas. Obcecava-o a mesma penosa impressão, sempre a mesma: aquelas mãos ossudas e vermelhas, peludas até aos punhos, aquelas mãos, que ao mesmo tempo amava e odiava, pareciam tomar conta dele.

«Seiscentos rublos, um ás, paroli, um nove... Já não há maneira de me salvar!... Oh!, que bem se estava em casa... O valete sobre uma paz... Mas não pode ser!... Porque me trata ele desta maneira... ?» E tudo isto, ao mesmo tempo, lhe afluía ao cérebro. Acontecia-lhe fazer uma parada mais forte, mas Dolokov recusava o jogo e indicava ele próprio a soma a jogar. Nicolau obedecia e encomendava-se a Deus, como o fizera no campo de batalha, na ponte de Amsteten; ou então punha-se a imaginar que aquela carta, a primeira do monte de cartas amarrotadas em cima da mesa, talvez o salvasse; outras vezes empenhava-se em contar os alamares do dólman que vestia; perguntava a si mesmo em que carta tinha o palpite da sua perdição; lançava olhares de angústia aos outros jogadores ou então contemplava o rosto impassível do seu parceiro e fazia tudo para lhe adivinhar o pensamento.

«Sim, ele sabe muitíssimo bem o que esta perda representa para mim. É impossível que queira a minha ruína. É meu amigo. Tenho amizade por ele... Mas não tem culpa. Que há-de ele fazer, se a sorte o favorece? Eu também não sou culpado», reflectia, «Não pratiquei qualquer má acção. Matei, ofendi ou quis mal a alguém? Então como é que se explica esta tremenda pouca sorte? E quando é que principiou? Apenas há instantes. Aproximei-me desta mesa, na esperança de ganhar cem rublos, de comprar aquela caixinha para oferecer à mãe no dia dos seus anos e de me ir embora. Que feliz, que livre, que alegre eu estava então! E não avaliava a felicidade de que gozava! Quando é que tudo isso acabou para dar lugar a esta tremenda situação? Em que se manifesta uma tal transformação? Estou sentado no mesmo sítio, a esta mesa, com o gesto de apanhar e de mostrar as cartas, de olhar aquelas mãos ossudas e subtis. Quando e como é que isto foi possível? Que é que aconteceu? Estou de perfeita saúde, vigoroso, sou a mesma pessoa, e não me mudei daqui. Não, isto não pode ser! Com certeza que tudo isto acaba em nada! »

Estava vermelho, coberto de suor, embora não fizesse muito calor na sala, e a sua cara metia medo e dó ao mesmo tempo, sobretudo em virtude do esforço que fazia para parecer sereno.

O total atingiu a soma fatal de quarenta e três mil rublos. Rostov preparava já a carta que devia fazer paroli com os três mil que acabava de ganhar quando Dolokov atirou com o baralho de cartas para cima da mesa, pegou no giz e se pôs a inscrever rapidamente, com a sua letra miúda e firme, partindo o giz, a soma que Rostov perdera,

— Vamos cear! São horas de cear! Aí estão os ciganos!

E, com efeito, entrava nesse momento, trazendo consigo o frio que fazia lá fora, um certo número de mulheres e de homens amulatados, que falavam entre si com um sotaque cigano. Nicolau compreendeu que tudo estava acabado; mas disse com indiferença:

— Bom! Mais uma partida? Tenho aqui uma cartinha catita. — Afectava não estar interessado senão pela distracção do jogo.

«Está tudo acabado, estou perdido», dizia para si mesmo. «Uma bala na cabeça é tudo o que me resta a fazer.» E nem por isso deixou de dizer alegremente:

— Então, mais esta cartinha.

— Bom — disse Dolokov, que tinha concluído a soma.— Muito bem. Vinte e um

rublos jogados — dizia, apontando para o número 21, por cima dos quarenta e três mil, e, pegando nas cartas, dispôs-se a jogar. Rostov, submisso, apagou o seu paroli e em vez de seis mil escreveu, com todo o cuidado, 21.

— É-me completamente indiferente — murmurou —, o que me interessa é saber se «matarás» a minha carta ou me darás aquele dez.

Dolokov pôs-se a jogar com toda a seriedade. Oh!, como Rostov, naquele momento, odiava essas mãos vermelhas, de dedos curtos e peludas até aos punhos, que o tinham em seu poder... O dez ganhou.

— Tem quarenta e três mil rublos à sua conta, conde — disse Dolokov, que se levantou da mesa, distendendo o corpo. — Tanto tempo sentado cansa uma pessoa.

— Sim, também eu, não posso mais — disse Rostov.

Dolokov, como se quisesse lembrar-lhe que lhe não ficava bem gracejar, interrompeu-o:

— Quando é que poderei receber o que me deve, conde?

Rostov, corando, levou-o consigo para uma sala contígua.

— Não te posso pagar tudo de uma só vez, espero que aceites uma letra — disse-lhe ele.

— Ouve. Rostov — replicou Dolokov, com um sorriso aberto e fitando-o nos olhos. — Conheces o provérbio: feliz aos amores, infeliz ao jogo. A tua prima está apaixonada por ti, bem sei.

«Oh! Como é terrível sentir-me nas mãos deste homem!», disse Rostov consigo. Tinha diante dos olhos a dor que iria dar ao pai e à mãe quando lhes confessasse o que perdera. E concebia a felicidade que representava o poder desembaraçar-se de tudo aquilo, e para si mesmo dizia que Dolokov, ciente de que lhe poderia evitar toda aquela vergonha e todo aquele sofrimento, o que queria era brincar com ele como o gato brinca com o rato.

— A tua prima — principiou Dolokov. Nicolau, porém, interrompeu-o:

— A minha prima nada tem que ver com isto e não é para aqui chamada! — exclamou furioso.

— Então, quando me pagas? — perguntou Dolokov.

— Amanhã — respondeu Rostov, e desapareceu.

[XV]

Dizer «até amanhã» mantendo um tom natural não era difícil; mas regressar a casa sozinho, tornar a ver irmãs, irmão, pai e mãe, resignar-se a uma confissão e pedir um dinheiro a que não tinha direito depois de, sob palavra, haver declarado não precisar dele, eis o que era terrível.

Ainda ninguém dormia em casa. A gente nova, depois de voltar do teatro e de ter ceado, havia-se sentado ao cravo. Assim que penetrou no salão grande. Nicolau sentiu-se envolvido por aquela atmosfera poética e sentimental naquele Inverno corrente em casa e naqueles últimos dias, após a declaração de Dolokov e do baile em casa de Ioguel, concentrada em tomo de Sónia e de Natacha, como uma nuvem antes de uma tempestade. As raparigas, com os vestidos azuis que tinham levado ao teatro, muito bonitas, e sabendo que o estavam, felizes e sorridentes, rodeavam o cravo, de pé. Vera, no salão, jogava xadrez com Chinchirte. A condessa velha, aguardando o filho e o marido, fazia uma paciência com urna idosa senhora nobre que vivia na sua companhia. Denissov, os olhos brilhantes e os cabelos desgrenhados, sentara-se, numa pose teatral, diante do cravo, e, percorrendo o teclado com os seus curtos dedos, tirando acordes e rebolando os olhos inchados, com a sua vozinha rouca mas justa, cantava uma poesia de que era autor, e que tentava musicar:

Feiticeira — diz-me cá — que impulso é este
que me leva a acordar sonhos adormecidos?
Que fogueira me acendeste no coração
que arrebatadamente se me insinuou na alma?

Cantava com uma voz apaixonada, e seus olhos, negros como ágata, fixavam-se em Natacha, perturbada mas feliz:

— Soberbo! Magnífico! — exclamava Natacha. — Mais outra estância — prosseguia, sem reparar em Nicolau.

«Cá em casa tudo está na mesma», dizia este de si para consigo, relanceando a vista para o outro salão, onde viu que estava Vera, bem como a mãe na companhia da senhora idosa.

— Ah! Cá está o Nikolenka!

Natacha correu para ele.

— O pai está? — perguntou Nicolau.

— Que contente estou por tu teres vindo! — exclamou Natacha, sem lhe responder. — Divertimo-nos tanto! Sabes? O Vassili Dmitritch ficou mais um dia por minha causa,

— Não, o pai ainda não voltou — disse Sónia.

— Até que enfim, queridinho, anda cá, meu filho — exclamou a, voz da condessa no salão.

Nicolau caminhou para a mãe, beijou-lhe a mão, e, sentando-se, calado, junto da mesa, pôs-se a seguir-lhe os dedos, que iam distribuindo as cartas. No salão grande continuavam a ouvir-se risos e ditos engraçados dirigidos a Natacha.

— Está bem, está bem — condescendia Denissov. — — Mas agora já não pode recusar. Agora tem de cantar a barcarola. Peço-lhe!

A condessa envolveu num olhar o filho, muito calado.

— Que tens tu? — perguntou-lhe.

— Nada — respondeu ele, como se estivesse irritado com uma pergunta que lhe faziam pela centésima vez. — O pai ainda de— mora muito?

— Acho que não.

«Nada mudou neles. Não sabem nada! Onde poderei eu encontrar refúgio?», dizia de si para consigo, voltando a aproximar-se do cravo, no salão grande.

Sónia estava sentada e tocava os primeiros compassos do prelúdio da barcarola de que Denissov tanto gostava. Natacha preparava-se para cantar. Denissov devorava-a com os olhos.

Nicolau pôs-se a andar de um lado para o outro.

«Que prazer terá ela de cantar? Como é que ela pode cantar? Que alegres que estão todos aqui!», dizia consigo mesmo.

Sónia fez soar os primeiros acordes do prelúdio.

«Meu Deus! Sou um homem ao mar! Um homem desonrado! Uma bala na cabeça, eis tudo quanto me resta, que bonitas horas para cantar! Ir-me embora? Mas para onde? E daí, que cantem, que é que isso me faz?»

Nicolau, sempre de um lado para o outro, na sala, lançou um olhar para o grupo de Denissov e das raparigas, evitando encontrar-lhes os olhos.

— Nikolenka, que tens tu? — parecia perguntar-lhe o olhar de Sónia, pousado

nele. Sónia tinha percebido imediatamente que alguma coisa lhe acontecera.

Nicolau desviou a vista. Também Natacha, com a sua perspicácia, notara imediatamente o estado de espírito do irmão. Mas naquele momento tamanha era a sua alegria, estava tão longe de tudo que fosse tristeza, dor ou censura que, como é frequente entre a gente nova, propositadamente se enganava a si própria. «Não! Não estou disposta a sacrificar a minha alegria pensando nas tristezas dos outros, e, aliás», cogitava, «estou convencida de que me engano: naturalmente está tão alegre como eu.»

— É agora. Sónia — disse ela, dando alguns passos para o meio do salão, visto ali, segundo pensava, as condições acústicas serem melhores.

De cabeça erguida, os braços pendentes como as bailarinas. Natacha, num passo elástico e martelado, avançou até meio da sala e estacou.

«Olhem para mim, cá estou eu!», parecia dizer, em resposta ao olhar apaixonado com que Denissov a seguia.

Natacha emitiu a sua primeira nota, a garganta dilatou-se-lhe, o peito solevou-se-lhe, o seu olhar tomou-se sério. Não pensava naquele instante em nada de particular e as notas desprenderam-se-lhe dos lábios sorridentes. Eram notas que qualquer pode soltar mil vezes, com os mesmos intervalos e as mesmas pausas, ficando nós completamente frios, e que à milésima primeira vez que as ouvimos estremecemos e choramos.

Naquele Inverno, pela primeira vez. Natacha dispusera-se a cantar a sério, sobretudo por causa de Denissov, que estava rendido ao seu talento. Já não cantava como as crianças: já o não fazia, como antes, numa espécie de aplicação infantil e brincalhona; mas ainda não tinha chegado à perfeição, no dizer dos entendidos que a escutavam, «Tem uma linda voz, mas não está trabalhada», comentavam. Este juízo, porém, apenas o formulavam muito depois de Natacha se haver calado. No momento em que aquela voz, ainda pouco trabalhada, cheia de suspiros defeituosos, de garganteios penosos, ressoava, esses juizes severos calavam-se, incapazes de outra coisa que não fosse deixarem-se invadir por aquele canto ainda fruste e só com um desejo: continuarem a ouvi-lo. Aqueles acentos ainda virgens, aquela força que a si mesmo se desconhecia, aquela doçura de veludo, sem preparação alguma, tudo dizia tão bem com as faltas de técnica que dir-se-ia nada poder ser alterado naquela voz sem estragar o conjunto.

«Que vem a ser isto?», dizia de si para consigo Nicolau, abrindo muitos os

olhos enquanto ia ouvindo aquela voz. «Que lhe teria acontecido? Que bem que ela hoje está a cantar!» Subitamente tudo no mundo deixou de existir para ele, salvo a nota, a frase que ia seguir-se; tudo se desvaneceu diante do compasso a três tempos: Oh, mio crudele affetto... Um, dois, três... Oh, mio crudele affetto... Um, dois, três... Um... Ah!, que estúpida é a vida!», dizia Nicolau consigo mesmo. «Tudo isso, e a infelicidade e o dinheiro e Dolokov e a cólera e a honra, tudo isso não passa de uma grande tolice... Isto, sim, isto é verdade... Continua. Natacha, continua, minha querida, continua, minha menina. Será capaz de dar este si? E deu! Louvado seja Deus». E ei-lo ali, sem reparar que ele próprio estava cantando, que cantava a segunda voz para aguentar aquela alta nota. «Ah!, que bem! E fui eu quem deu esta nota? Que lindo!»

Oh!, como aquela nota tinha vibrado, e que comovido Rostov se sentiu no mais íntimo da sua alma. E era como se estivesse separado do mundo inteiro, como se estivesse mais alto que o mundo todo. «O que vale ao pé disto o que se perde ao jogo e todos esses Dolokovs e todas as palavras empenhadas?... Tudo isso não passa de fatuidade! Uma pessoa pode assassinar, roubar, e no entanto sentir-se feliz...»

[XVI]

Havia muito tempo que Rostov não sentia tanto prazer em ouvir música como naquela noite. Mas assim que Natacha acabou de cantar a sua barcarola voltou-lhe o sentimento da realidade. Saiu da sala sem dizer nada e desceu para o seu quarto. Um quarto de hora mais tarde, o velho conde, muito alegre e satisfeito, chegava do clube. Nicolau, ao ouvi-lo entrar, foi procurá-lo.

— Então, divertiste-te? — inquiriu Ilia Andreitch, sorrindo, orgulhoso, para o filho.

Nicolau quis responder afirmativamente, mas não pôde: as lágrimas iam romper-lhe dos olhos. O conde, com o cachimbo na boca, não notava o estado de espírito do filho.

«Então, é preciso ter coragem», disse de si para consigo, tomando uma resolução. E, de súbito, num tom desprendido, de que ele próprio sentiu vergonha,

no mesmo tom com que teria pedido uma carruagem para o levar a qualquer parte, disse ao pai:

Pai, vim procurá-lo para lhe falar de negócios. Já me esquecia. Preciso de dinheiro.

— Que dizes tu?! — exclamou o pai, que estava bem disposto. — Eu bem te disse que não te ia chegar. Precisas de muito?

— Preciso.., de muito — respondeu Nicolau, corando, e com um sorriso desprendido e tolo, de que por muito tempo sentiu remorsos — Perdi algum dinheiro, isto é, perdi multo, muito mesmo, quarenta e três mil rublos.

— Quê? Com quem?... Estás a brincar?! — exclamou o conde, cuja nuca se cobria subitamente de uma vermelhidão apopléctica, coisa frequente entre os velhos.

— Comprometi-me a pagar essa dívida amanhã — replicou Nicolau.

— Ah!.... — balbuciou o pai, deixando-se cair no divã sem forças e num estado desesperado.

— Que hei-de eu fazer? Não é coisa que acontece a, toda a gente? — redarguiu o filho, num tom desprendido e ousado, quando, no fundo de si mesmo, estava a chamar-se a si próprio canalha, cobarde, perdido para a vida inteira. Teria querido beijar as mãos do pai, pedir-lhe perdão de joelhos, e tomava aquele ar indiferente, quase descortês, para dizer que aquelas coisas aconteciam a toda a gente.

O conde Ilia Andreitch, surpreendido por aquele tom, baixou os olhos, e, embaraçado, apressou-se a responder:

— Sim, sim, não vai ser fácil, tenho os meus receios, vai ser difícil arranjar essa importância... São coisas que acontecem! Sim, essas coisas acontecem...

E o conde saiu da sala, lançando, de soslaio, um olhar ao filho. Nicolau contava encontrar resistência, mas nunca aquela atitude.

— Pai! Pai! — gritou, seguindo atrás do conde, chorando, — Perdoe-me.

E, agarrando-lhe na mão, pousou nela os lábios, soluçando.

Enquanto se desenrolava esta explicação de Nicolau com o conde, mãe e filha tinham uma entrevista não menos importante. Natacha, muito comovida, refugiara-se ao pé da mãe.

— Mãe!, mãe!.., ele fez-me...

— Que é que ele fez?

— Fez-me, fez-me uma declaração. Mãe! Mãe! — A condessa não podia crer no que ouvia. Denissov tinha feito urna declaração. Unia declaração a quem? Aquela garota da Natacha, que ainda mal deixara de brincar com as bonecas e ainda estudava.

— Cala-te. Natacha, tudo isso são patetices — disse ela, na esperança de que realmente fosse uma brincadeira.

— Patetices? Nada disso. Falo sério — replicou Natacha, furiosa — Venho eu pedir-lhe o seu conselho, e a mãe diz-me que são patetices.

A condessa encolheu os ombros.

— Se é verdade que o Sr. Denissov te fez urna declaração, responde-lhe que é parvo e está tudo dito.

— Mas, não, não é parvo — replicou Natacha, muito séria e com um ar formalizado.

— Então que queres que eu te diga? Nessa idade todas vocês têm os seus namoricos. Se gostas dele, casa com ele e deixa-nos em paz — volveu-lhe a condessa, com irritação.

— Não, mãe, eu não gosto dele, penso que não gosto dele.

— Então porque esperas? Diz-lhe isso mesmo.

— Mãe, a mãe está zangada? Não se zangue, mãe querida, acha que eu sou culpada?

— Não, mas que pretendes que eu faça? Queres que eu lhe vá falar? — voltou a mãe, sorrindo.

— Não, eu me encarregarei disso sozinha; mas que hei-de dizer? É tudo tão fácil para si. Ah!, se a mãe visse como ele me falou! De resto, eu vi bem que ele não queria, mas escapou-lhe.

— Isso não é razão para o não rejeitares.

— Não, não, tenho tanta pena dele! É tão simpático!

— Então aceita-o. Aliás, já vai sendo tempo de te casares — acrescentou a mãe num tom entre zangado e irónico.

— Ah, mãezinha, tenho tanta pena dele! Não sei que lhe hei-de responder.

— Não és tu quem lhe deve falar, mas eu — concluiu a condessa, irritada apenas por alguém ter ousado tratar como uma mulher aquela miúda da Natacha.

— De maneira alguma. Sou eu quem lhe vai falar sozinha, e a mãe fica a

escutar à porta. — E Natacha entrou a correr no salão grande, onde Denissov continuava sentado ao pé do cravo, com a cabeça nas mãos.

Estremeceu ao ouvir aproximar-se aquele passo ligeiro.

— Natacha — disse, dirigindo-se-lhe precipitadamente —, decida do meu destino. Está nas suas mãos.

— Vassili Dmitritch, tenho tanta pena de si!... Ah!, é tão bom... Mas não pode ser.., não.., e hei-de gostar sempre muito de si.

Denissov inclinou-se para lhe beijar a mão e ela ouviu um ruído abafado de soluços, que a perturbou. Pousou os lábios nos seus cabelos hirsutos e emaranhados. No mesmo instante, ouviu-se o frufru precipitado do vestido da condessa, que se aproximava.

— Vassili Dmitritch, muito obrigada pela honra que nos concede — disse ela numa voz comovida, que a Denissov se afigurou severa —, mas a minha filha é tão nova e eu sempre pensei que, como amigo de meu filho, se dirigiria primeiro a mim. Não me teria obrigado, nesse caso, a esta atitude de recusa.

— Condessa — principiou Denissov, de olhos baixos e com uma expressão de quem se sente culpado; quis dizer mais alguma coisa, mas a voz entaramelou-se-lhe.

Natacha não podia vê-lo naquela atitude de sofrimento sem se comover. Rompeu em ruidosos soluços.

— Condessa, procedi mal — pôde dizer por fim Denissov, numa voz entrecortada —, mas, creia-me, tenho uma tal adoração pela sua filha e por toda a sua família que daria duas vidas... — Lançou um olhar à condessa e viu que ela conservava rima expressão severa. — Bom, adeus, adeus, condessa — acrescentou, beijando-lhe a mão, e, sem olhar Natacha, saiu da sala num passo rápido e decidido.

No dia seguinte. Rostov viu partir Denissov, que não quis ficar um só dia mais em Moscovo. Todos os seus amigos o haviam acompanhado a casa dos ciganos, e era-lhe impossível saber como o haviam metido no trenó e como tinha percorrido as três primeiras mudas.

Depois de Denissov partir. Rostov, à espera do dinheiro que o pai não pudera arranjar imediatamente, ficou ainda quinze dias em Moscovo, sem sair de casa, quase sempre entretido com as raparigas nos seus aposentos.

Sónia mostrava-se mais terna e mais afectuosa do que nunca. Parecia querer mostrar-lhe que o dinheiro por ele perdido ao jogo era um acto que ainda lhe despertava maior amor, e Nicolau, pelo seu lado, considerava-se agora indigno dela.

Enchia o álbum das meninas com versos e músicas, e logo que mandou os quarenta e três mil rublos e lhe foi enviado o recibo de Dolokov, abalou, em fins de Novembro, sem se despedir de nenhum dos seus amigos, a fim de reingressar no seu regimento, então na Polónia.

SEGUNDA PARTE

[I]

Depois da explicação que tivera com a mulher. Pedro partira para Petersburgo. Na estação de posta em Torjok não havia cavalos, ou o dono da posta não lhos quis dar. Pedro viu-se obrigado a esperar. Deitou-se, sem se despir, num divã de cabedal, diante de uma mesa redonda sobre a qual estendeu os pés com as suas botas forradas e pôs-se a pensar.

— Quer que traga as malas? É preciso arranjar a cama, trago-lhe chá? — perguntou o criado de quarto.

Pedro não respondeu, pois não ouvia nada, não via nada. As suas reflexões duravam desde a última muda e nelas se mantinha tão absorvido que não prestava a mínima atenção ao que se passava à sua volta. Não só lhe não interessava saber se chegaria a Petersburgo mais cedo ou mais tarde, ou se poderia dispor ou não de uma cama na estação da posta, mas, em relação aos pensamentos em que cogitava, isso era-lhe indiferente: tanto se lhe dava passar algumas horas naquele local ou a vida inteira.

O dono da estação de posta, a mulher, o criado de quarto, uma vendedeira de bordados de Torjok, todos tinham vindo oferecer-lhe os seus préstimos. Pedro, sem alterar a posição das pernas, olhava para eles através dos cristais das suas lunetas sem chegar a compreender o que queriam e como é que eles todos poderiam viver sem terem resolvido os problemas que o preocupavam. E eram sempre os mesmos desde o dia em que ele regressara de Sokolniki, depois do duelo, e passara uma tão penosa noite de insónia; simplesmente, agora, no isolamento da viagem, esses problemas haviam-se tornado mais prementes. Fosse qual fosse o curso dos seus pensamentos, regressava sempre a estas mesmas perguntas, que não podia resolver e que não podia deixar de se formular. Afigurava-se-lhe estar falseada na sua cabeça a engrenagem de que dependia toda a sua vida. Certo parafuso não podia continuar a desempenhar as suas funções nem sair donde estava encaixado, e girava sempre, sem sentido, na sua ranhura, sendo impossível fazê-lo parar.

O dono da estação de posta entrou e rogou humildemente a Sua Excelência que se dignasse esperar duas horazinhas, comprometendo-se, depois disso, a arranjar a Sua Excelência, acontecesse o que acontecesse, os cavalos de posta de que ele precisava. Mentia, naturalmente, e apenas tinha em vista extorquir algum dinheiro ao viajante.

«Fará bem ou mal?», perguntava Pedro aos seus botões. «Para mim faz bem; mas para o viajante que se seguir faz mal, e também para ele próprio, isso é inevitável, pois não tem outra maneira de viver. Garantiu-me que um oficial lhe tinha batido por ter feito a mesma coisa; mas se o oficial lhe bateu é porque queria seguir depressa. Eu disparei contra Dolokov porque me considerava ofendido, e Luís XVI foi guilhotinado porque o consideravam um criminoso, e se um ano mais tarde mandaram matar aqueles que o tinham guilhotinado, é porque também havia razões para isso. O que é o mal? O que é o bem? Que devemos nós amar? Que devemos odiar? O que é a vida? O que é a morte? Que forças dirigem tudo isto?»

E não havia resposta a qualquer destas perguntas, salvo uma resposta ilógica, que não explicava coisa alguma. Esta resposta era: «Um dia hás-de morrer e tudo acabará. Tu morrerás e saberás tudo ou deixarás de formular estas perguntas.» Mas morrer era uma coisa horrível.

A vendedeira de bordados de Torjok, na sua voz estridente, oferecia as suas mercadorias, e em especial chinelas de camurça. «Tenho centenas de rublos que não sei em que empregar, e ali está aquela mulher com a sua peliça esfarrapada a olhar para mim cheia de timidez», pensava Pedro. «E porque é que ela precisa de dinheiro? Poderá este dinheiro proporcionar-lhe, por pouco que seja, a felicidade e o sossego da alma? Haverá alguma coisa no mundo capaz de fazer com que ela ou eu estejamos menos expostos ao mal e à morte, essa morte que acabará com tudo e que chegará hoje ou amanhã, pouco importa o momento, pelo menos aos olhos da eternidade?» E de novo fez andar o parafuso que girava no vácuo e o mecanismo continuou a trabalhar sempre no mesmo sítio.

O criado apresentou-lhe um romance de Madame de Souza, meio aberto. Pôs-se a ler a história dos trabalhos e das lutas virtuosas de uma certa Amélie de Mansfeld. «E porque é que ela há-de lutar contra o seu sedutor», pensava ele, «visto gostar dele? Deus não lhe pode ter introduzido no coração tendências contrárias à Sua vontade. A minha ex-mulher, essa não lutou, e talvez ela tivesse

tido razão.» E Pedro disse ainda para si mesmo: «Nada foi inventado. Apenas podemos saber que não sabemos nada. E este é o mais alto grau da sabedoria humana.»

Em si próprio e em tomo de si tudo lhe parecia confuso, absurdo e repugnante. Mesmo nesse afastamento de tudo que o cercava. Pedro encontrava uma espécie de gozo e de excitação.

— Atrevo-me a pedir a Sua Excelência permita que este senhor se sente aqui — disse o dono da estação de posta, entrando e trazendo consigo um segundo viajante, que ali parara por falta de cavalos.

Este viajante era um velho de pequena estatura, ossudo, de tez amarelenta, cheia de rugas, e sobrancelhas brancas proeminentes sobre uns olhos brilhantes, cinzento indeciso.

Pedro tirou as pernas de cima da mesa, levantou-se e estendeu-se na cama que lhe tinham preparado, lançando de tempos a tempos um olhar ao recém-chegado, o qual, de aspecto taciturno e fatigado, sem se dignar olhar para o seu companheiro, se ia despindo, com dificuldade, ajudado pelo criado. Tendo ficado apenas com uma tulupe surrada com forro de ganga e os pés magros e ossudos metidos numas botas de feltro, instalou-se no divã e deixou cair em cima do travesseiro a sua grande cabeça, de têmporas largas e cabelo rapado; depois pôs-se a fitar Bezukov. Pedro sentiu-se impressionado com a expressão severa, inteligente e penetrante desse olhar. Veio-lhe um grande desejo de entabular conversa com o viajante, mas quando se dispunha a interrogá-lo sobre a sua viagem reparou que ele já fechara os olhos e que ficara imóvel, com as velhas mãos rugosas encruzadas, numa das quais tinha um anel de metal com uma caveira. Dir-se-ia ora descansar ora reflectir tranquilamente em qualquer árduo problema. O seu criado também era um velhinho de tez amarelenta e todo enrugado, sem bigode nem barba, não por se ter barbeado, mas por ausência de pêlo. Este velhinho tirava das malas agilmente o necessário, preparava a mesa do chá e trouxera um samovar onde a água fervia. Quando tudo estava pronto, o amo abriu os olhos. Aproximando-se da mesa encheu de chá um copo para si, encheu outro para o velho e deu-lho. Pedro principiou a agitar-se e teve a impressão clara de que se tornava obrigatório e até mesmo inevitável meter conversa com o viajante.

O criado pousou o seu copo vazio, virado de fundo para o ar em cima do pires e

sobre ele um cubo de açúcar que não utilizara, e perguntou ao amo se era precisa mais alguma coisa.

— Nada. Dá cá o meu livro — disse-lhe o amo.

Deu-lhe um livro, que Pedro julgou ser um livro de orações, e o desconhecido principiou a ler atentamente. Pedro continuou a olhar para ele. De súbito, viu-o fechar o livro e pô-lo de lado, e outra vez, de olhos cerrados, deitar-se para trás na almofada do divã, retomando a posição anterior. Pedro não teve tempo de afastar os olhos: o velho abriu os seus e fitou-o de maneira resoluta e severa.

Pedro sentiu-se perturbado e quis evitar aquele olhar, mas os olhos brilhantes do velho atraíam-no irresistivelmente.

[II]

— É ao conde Bezukov que eu tenho o prazer de dirigir a palavra, se me não engano — disse o viajante, em voz alta e sem pressa.

Pedro, sem dizer palavra, interrogou o interlocutor olhando-o por detrás dos cristais das lunetas.

— Tenho ouvido falar de si — continuou o velho — e da desgraça de que é vítima. — Acentuou a palavra, como se quisesse dizer: «Sim, seja qual for o nome que lhe queira dar, é uma desgraça, eu sei que o que lhe aconteceu em Moscovo é uma desgraça.» — Creia que sinto muito.

Pedro corou, deu-se pressa em saltar da cama e inclinou-se para o velho com um sorriso forçado e tímido.

— Não foi por mera curiosidade que lhe falei disto, mas por mais graves razões.

Calou-se o velho sem deixar de fitar Pedro e convidou-o, dando-lhe lugar no divã, a que se sentasse a seu lado.

— Eu sei que é infeliz — prosseguiu ele. — É novo e eu sou velho. Na medida das minhas forças, muito gostava de o poder auxiliar.

— Ah!, sim — disse Pedro, com o seu sorriso forçado.— Ficar-lhe-ei muito reconhecido... Donde vem?

O recém-chegado tinha uma expressão bem pouco cordial, mesmo fria e severa

até. No entanto a sua palavra e a sua expressão atraíam irresistivelmente o conde Bezukov.

— Mas se a minha conversa, por esta ou aquela razão, lhe for desagradável — disse o velho —, peço-lhe que mo diga francamente.

No seu rosto perpassou, sem ser esperado, um sorriso paternal e afectuoso.

— Mas de maneira alguma, pelo contrário, gostei muito de o conhecer. — E lançando outro olhar ao anel do seu novo amigo, examinou-o de mais perto. Era urna caveira com dois ossos cruzados, insígnia da franco-maçonaria.

— Permita-me que lhe pergunte — disse ele.— É franco-mação?

— Sim, pertenço à fraternidade dos franco-mações — disse o viajante, fixando Pedro com uma insistência cada vez maior. — E em meu nome e em nome deles aqui tem a minha mão fraternal.

— Tenho medo — balbuciou Pedro, sorrindo hesitante entre a confiança que lhe inspirava aquele indivíduo e o seu hábito de troçar das crenças maçónicas —, tenho medo de estar muito longe da compreensão.., como é que hei-de dizer? Tenho receio de que as minhas ideias relativamente ao universo em geral sejam tão opostas às suas que não nos possamos entender.

— Conheço as suas ideias — replicou o mação — e essas opiniões de que fala e que lhe parecem o resultado de um pensamento pessoal são as ideias da maioria das pessoas, são o fruto, sempre o mesmo, do orgulho, da indolência e da ignorância. Desculpe-me, meu caro senhor, mas se eu o não tivesse conhecido não teria entabulado conversa consigo. As suas opiniões são um erro lamentável.

— Exactamente como se, eu pretendesse afirmar que era o senhor quem estava em erro — disse Pedro, com um breve sorriso.

— Nunca me atreveria a afirmar que estou na posse da verdade — voltou o Mação, que cada vez impressionava mais o interlocutor com a nitidez e a firmeza das suas palavras — Ninguém só por si pode atingir a verdade. Só pedra a pedra, com o concurso de todos, graças a milhões de gerações, desde o nosso primeiro pai. Adão, até hoje, se vai erguendo o templo digno de ser habitado pelo Grande Deus — acrescentou, cerrando os olhos.

— Devo confessar-lhe que não creio, não creio.., em Deus — disse Pedro Com esforço e como penalizado, sentindo, no entanto, a necessidade de dizer toda a verdade.

O franco-mação observou-o atento, sorrindo como sorriria um homem rico, com

as mãos cheias de dinheiro, dirigindo-se ao pobre que lhe dissesse que lhe faltavam cinco rublos para ser feliz.

— É certo que o senhor O não conhece — disse-lhe ele —, o senhor não O pode conhecer. O senhor não O conhece, e é por isso mesmo que é infeliz.

— Sim, é verdade, sou infeliz — corroborou Pedro — mas que hei-de eu fazer?

— O senhor não o conhece, e é por isso que é infeliz. O senhor não O conhece e Ele está aqui. Está em mim. Está nas minhas palavras. Está em ti e até mesmo nas palavras sacrílegas que acabas de proferir! — disse o velho numa voz severa e trémula. Calou-se e suspirou, procurando, claramente, retomar a serenidade. — Se Ele não existisse — continuou em voz baixa — nós não estaríamos aqui, o senhor e eu, a falar d'Ele. De quê? De quê e de quem falamos então? Quem é que tu acabas de negar? — prosseguiu, com uma exaltação severa e autoridade na voz. — Quem é que O inventou então se Ele não existe? Donde é que te veio então a ideia de um ser tão incompreensível? Donde é que então o mundo inteiro e tu próprio tiraram a noção da existência de um ser inacessível, de um ser todo-poderoso, eterno e infinito em todos os seus atributos?...

Calou-se e ficou silencioso por muito tempo. Pedro não pode nem quis romper esse silêncio.

— Existe, mas é difícil compreendê-l'O — recomeçou, sem olhar de frente o interlocutor. Com os olhos fitos diante de si e com as suas mãos de velho, que não podia manter quedas, mercê da agitação interior que o tomava, ia virando as páginas do livro.— Se se tratasse de um homem de cuja existência tu duvidasses, eu trazer-te-ia esse homem, pegar-lhe-ia pela mão e mostrar-to-ia. Mas como é que eu, miserável mortal, saberia mostrar a Sua força todo-poderosa, a Sua eternidade, a Sua misericórdia infinita àquele que é cego, ou àquele que tapa os ouvidos, ou àquele que fecha os olhos para O não ver, para O não compreender e para não ver e para não compreender a sua própria miséria, a sua própria corrupção? — Ficou um momento calado. — Quem és tu? Que és tu? Julgas-te um sábio só porque és capaz de pronunciar essas palavras sacrílegas — prosseguiu ele, com um sorriso amargo e desdenhoso — e ainda és mais tolo o mais insensato do que o garoto que se entretém com o movimento artisticamente combinado de um relógio e que seria capaz de dizer que pelo facto de não compreender a finalidade de todas aquelas engrenagens também não acredita no artista que o fez. Conhecê-lo é difícil... Durante séculos, desde o nosso primeiro pai. Adão, até aos nossos

dias, trabalhámos nessa ciência e ainda estamos muito longe do fim a alcançar: mas é nesta impossibilidade que se revelam a nossa fraqueza e a Sua grandeza,

Pedro, com o coração angustiado, fitando no franco-mação os seus olhos brilhantes, escutava-o sem o interromper, sem lhe fazer qualquer pergunta e de todo o seu coração acreditava nas palavras desse homem, um estranho para ele. Seriam as deduções lógicas daqueles discursos que o tinham persuadido, ou, como acontece às crianças, a entoação, o acento de convicção e sinceridade do seu interlocutor? Estaria ele abalado por essa emoção que chegava a interromper a voz do orador ou por esses olhos cintilantes de um homem que envelhecera agarrado à sua fé, ou por essa serenidade, essa segurança, a consciência do apóstolo que se lia em todo aquele ser e que tanto mais o perturbava a ele. Pedro, quanto era certo ser ele próprio cobarde e sem energia rnoral? Fosse como fosse, o certo é que ele desejava de todo e seu coração adquirir fé e experimentava um alegre sentimento de serenidade, de renovação e como que de regresso à vida.

— Não se chega lá pela inteligência, mas pela experiência da vida — disse o franco-mação.

— Não compreendo — interrompeu Pedro, sentindo, com angústia, erguerem-se nele as dúvidas. Tinha medo de verificar a obscuridade e a fraqueza dos argumentos do interlocutor, tinha receio de não acreditar nele. — Não compreendo como é que o espírito humano não pode alcançar esse conhecimento de que o senhor fala.

O velho sorriu, e o seu sorriso era benigno e paternal.

— A suprema sabedoria e a verdade são como um orvalho muito puro de que nós gostaríamos de nos sentir repassados. Poderei eu recolher este puro orvalho num vaso impuro e pensar que ele é a própria pureza? Só graças a uma redenção interior poderei fazer que este orvalho que eu venha a recolher em mim tinja um certo grau de pureza.

— Sim, é assim mesmo — exclamou Pedro com alegria.

— A sabedoria suprema não se baseia apenas na razão, nas ciências profanas como a física. É história, a química e outras em que o conhecimento intelectual está dividido. A sabedoria suprema é una. A sabedoria suprema só conhece uma ciência — a ciência do todo, a ciência que explica toda a criação e o lugar que o homem ocupa. Para instilar esta ciência em nós próprios temos de purificar e de

renovar o nosso eu interior, e assim, antes de conhecermos, devemos crer e tornarmo-nos perfeitos. E para atingirmos esta finalidade há no interior da nossa alma luz divina, que é a consciência.

— Sim, sim — aprovou Pedro.

— Contempla com os olhos da alma o teu ser interior e pergunta a ti mesmo se estás contente contigo. Onde é que chegaste guiado apenas pela inteligência? Quem és tu? É novo, rico, inteligente, cultivado, meu caro senhor. Que fez de todos estes bens que lhe foram concedidos? Está contente consigo e com a sua existência?

— Não, odeio-a — exclamou Pedro, franzindo as sobrancelhas.

— Odeia-la? Então transforma-a, purifica-te, e, à medida, que te fores purificando, conhecerás a sabedoria. Lance um olhar à sua existência, meu caro senhor. Como é que a passou? Em orgias e no deboche. Tendo recebido tudo da sociedade e sem nada lhe restituir, adquiriu a riqueza. Que uso fez dela? Que fez pelo próximo? Já pensou nas dezenas de milhares dos seus escravos? Ajudou-os, porventura, física e moralmente? Não. Tirou beneficio do seu trabalho para levar uma vida desregrada. Eis o que o senhor fez. Escolheu porventura uma profissão em que fosse útil ao próximo? Não. Tem passado a vida inteira ocioso. Em seguida, veio o casamento, meu caro senhor, e o senhor assumiu a responsabilidade da conduta de uma mulher. E que fez? Não a ajudou a procurar o caminho da verdade e arrastou-a para o abismo da mentira e da infelicidade. Um homem ultrajou-o e o senhor procurou matá-lo, e é o senhor quem diz agora que não acredita em Deus e que odeia a, sua própria existência. Não há nada de estranho em tudo isso, meu caro senhor!

Tendo assim falado, o franco-mação, como se se sentisse, fatigado por uma longa conversa, de novo voltou a recostar-se na almofada do divã, fechando os olhos. Pedro pôs-se a contemplar aquele rosto de velho, severo e imóvel, que parecia quase sem vida, e remexeu os lábios sem dizer uma palavra. Teria querido dizer: «Sim, que miserável vida de ociosidade e deboche!», mas não ousou romper o silêncio.

O franco-mação teve uma tosse rouca, como é próprio dos velhos, e chamou o criado.

— E então, os cavalos? — perguntou, sem olhar para Pedro.

— Trouxeram-nos agora mesmo. Não descansa um bocadinho?

— Não, manda atrelar.

«Ir-se-á ele embora, deixando-me só, sem ter dito tudo que queria dizer e sem me prometer o seu apoio?», dizia Pedro de si para consigo, e, erguendo-se, pôs-se a andar de um lado para o outro através do quarto, de cabeça baixa, lançando olhares furtivos para onde estava o franco-mação. «Sim, nunca tinha pensado nisso, mas a verdade é que tenho levado urna vida desprezível de deboche. É certo que a detestava e que não era o meu ideal. Este homem conhece a verdade, e, se estivesse disposto, podia revelar-ma.»

Era isto mesmo que Pedro lhe queria dizer, mas não o ousava. Tendo o viajante acabado de arranjar as bagagens com suas velhas mãos assaz diligentes, pôs-se a abotoar a tulupa. Assim que acabou voltou-se para Bezukov e disse-lhe, em tom indiferente e cortês,

— Aonde se dirige, meu caro senhor?

— Eu?... Eu vou para Petersburgo — replicou Pedro numa voz hesitante de criança. — Estou-lhe muito reconhecido. Estou inteir3mente de acordo consigo. E não vá julgar que sou uma pessoa tão pervertida como pensa. De todo o coração gostaria de poder vir a ser o homem que o senhor quereria que eu fosse. Mas nunca encontrei ninguém que me ajudasse... De resto, sou eu, claro está, o maior culpado. Ajude-me, instrua-me, e talvez eu venha a ser...

Pedro nada mais pôde dizer. A emoção estrangulou-o, e afastou-se.

O franco-mação ficou calado por muito tempo, como quem reflecte.

— A ajuda só Deus a pode dar — disse ele —, mas aquela que , nossa ordem está em condições de lhe prestar, essa prestar-lha-á, meu caro senhor. Como vai para Petersburgo, entregue isto ao conde Villarski. — Abriu a pasta e escreveu qualquer coisa numa grande folha de papel que dobrou em quatro. — Permita que lhe dê ainda mais um conselho. Assim que chegar à capital consagre os primeiros dias à solidão, faça o seu exame de consciência e não volte à sua vida antiga. Agora desejo que faça boa viagem, meu caro senhor — acrescentou ao ver entrar o criado e que seja feliz -

Este viajante chamava-se Osip Alexeievitch Bazdeiev, como Pedro veio a saber pelo livro da posta. Era, franco-mação e martinista dos mais conhecidos desde os tempos de Novikovki. Muito tempo depois da sua partida ainda Pedro, sem se deitar nem dar ordem para que atrelassem, continuava a ir e vir na sala da posta, pensando no seu passado corrupto e figurando-se, com o entusiasmo da renovação,

um futuro venturoso para ele e irrepreensível na sua virtude, coisa que lhe parecia agora muito fácil de realizar. Pelo que imaginava, apenas era um homem corrompido por haver esquecido sem querer quanto era belo ser virtuoso. Na sua alma não havia vestígios das suas antigas dúvidas. Acreditava firmemente na possibilidade de uma união fraternal dos homens com vista a auxiliarem-se mutuamente no caminho da virtude e era assim que imaginava a franco-maçonaria.

[III]

Uma vez em Petersburgo. Pedro não comunicou a ninguém que tinha chegado, não foi a parte alguma e passou os seus dias a ler um livro de Tomás A. Kempis, obra que lhe viera já não sabia donde. E o único proveito que extraía desta leitura era a satisfação, para ele desconhecida até esse momento, de poder acreditar na possibilidade de atingir a perfeição e de realizar entre os homens esse amor fraternal e actuante que lhe havia revelado Osip Alexeievitch. Oito dias depois da sua chegada, o jovem conde polaco Villarski, que Pedro conhecia de vista da sociedade petersburguesa, apresentou-se uma tarde em sua casa, com esse ar oficial e solene que havia assumido para se lhe apresentar a testemunha de Dolokov. Fechou a porta assim que entrou, e depois de se certificar de que não havia mais ninguém na sala além de Pedro dirigiu-se-lhe nestes termos:

— Vim visitá-lo, conde — disse-lhe sem se sentar —, a fim de cumprir uma missão e fazer-lhe uma proposta. Uma pessoa altamente colocada na nossa ordem intercedeu para que o senhor seja admitido entre nós antes do prazo habitual e pediu-me que fosse seu Padrinho. Considero um dever sagrado dar cumprimento às suas disposições. Está o senhor disposto, sob o meu patrocínio, a entrar na fraternidade dos irmãos franco-mações?

O tom frio e severo deste homem, que Pedro se habituara a ver quase sempre nos bailes sorrindo amavelmente no meio dos mais brilhantes ornamentos da sociedade elegante, impressionou-o.

— Sim, é esse o meu desejo — respondeu. Villarski aprovou com um aceno de cabeça.

— Uma pergunta, conde, à qual eu peço que me responda com toda a sinceridade, não como futuro mação, mas como homem de bem. Renegou as suas opiniões antigas, acredita em Deus?

Pedro reflectiu um momento.

— Sim.., sim, creio em Deus — disse ele.

— Nesse caso — continuou Villarski, mas Pedro interrompeu-o.

— Sim, acredito em Deus — repetiu mais uma vez.

— Nesse caso, podemos seguir — voltou Villarski. — A minha carruagem está à sua disposição.

Durante todo o trajecto. Villarski conservou-se calado. Quando Pedro lhe perguntou o que tinha a fazer e que devia responder, contentou-se em afirmar que irmãos mais dignos do que ele iriam experimentá-lo e que ele não tinha a dizer senão a verdade.

Assim que chegaram à porta do edifício onde estava instalada a loja, subiram uma escada escura e penetraram numa pequena antecâmara iluminada onde, sem que qualquer criado os ajudasse, despiram as peliças. Dali passaram para outra de — pendência. Um homem de estranhas roupagens surgiu no limiar da porta. Villarski, indo ao seu encontro, disse-lhe algumas palavras em francês em voz baixa e aproximou-se de um pequeno armário em que Pedro viu umas vestes como nunca vira. O seu companheiro pegou num lenço, vendou-lhe os olhos e atou-o com um nó na nuca, deixando uma madeixa de cabelo desastradamente metida no nó. Depois puxou-o para si, abraçou-o e conduziu-o, levando-o pela mão. Pedro, incomodado com a venda que lhe repuxava os cabelos, fazia caretas e ao mesmo tempo sorria com um ar embaraçado. A sua espessa figura, os braços balouçando, com o rosto todo contraído e sorridente, ia seguindo Villarski com passos tímidos e hesitantes.

Depois de ter dado uns dez passos, o guia deteve-o.

— Aconteça o que acontecer — disse-lhe ele— tudo deve suportar com coragem, caso esteja firmemente resolvido a dar entrada na nossa instituição. — Pedro acenou afirmativamente com a cabeça. — Quando ouvir bater à porta — acrescentou Villarski — tire a venda. Coragem e que seja bem sucedido.— E saiu, depois de lhe ter apertado a mão.

Uma vez só. Pedro continuou a sorrir. Por duas ou três vezes encolheu os ombros, impaciente, levou a mão à venda, como a querer arrancá-la, e voltou a

deixá-la cair. Os cinco minutos decorridos depois que lhe haviam vendado os olhos afiguravam-se-lhe uma longa hora. Tinha as mãos dormentes, as pernas vergavam-se-lhe. Parecia extraordinariamente cansado. As impressões que sentia eram das mais complexas e das mais variadas. Tinha medo do que se estava a passar com ele, e ainda receava mais mostrar que o tinha. Estava curiosíssimo por saber o que lhe iriam fazer e o que lhe iam revelar; mas nele dominava a alegria de ver chegar o momento em que finalmente entrasse no caminho da renovação e da vida activa e virtuosa com que sonhava desde o seu encontro com Osip Alexeievitch. Na porta ressoaram umas pancadas violentas. Pedro desatou a venda e olhou em volta de si. A dependência estava às escuras. Havia apenas um recanto iluminado em que bruxuleava uma lamparina sobre qualquer coisa branca. Pedro aproximou-se e verificou que a lamparina estava pousada em cima de uma mesa preta onde havia um livro aberto. O livro era os Evangelhos e o objecto branco em que ardia, a lamparina urna caveira. Leu as conhecidas palavras «Ao princípio era o Verbo e o Verbo era Deus», em seguida deu a volta à mesa e viu uma grande caixa aberta a transbordar. Era um caixão cheio de ossos. Pedro não sentiu a mínima surpresa perante o que via. No seu desejo de principiar uma vida completamente nova, totalmente diferente da anterior, contava com coisas extraordinárias, muito mais extraordinárias ainda do que aquelas que estava a ver. A caveira, o caixão, o Evangelho, por isso esperava ele, e afigurava-se-lhe que devia esperar ainda muito mais. Esforçou-se por sentir qualquer emoção como um sentimento devoto. «Deus, a morte, o amor, a fraternidade humana», dizia dentro de si mesmo, procurando que estas palavras encerrassem não emoções obscuras, mas símbolos de felicidade. A porta abriu-se e alguém entrou.

A pálida luz que, apesar de tudo, permitia que Pedro distinguisse os objectos, apareceu um homem de pequena estatura. Ao passar da luz para a obscuridade, parou; depois, em passos prudentes, aproximou-se da mesa, na qual pousou as suas pequenas mãos enluvadas.

O recém-chegado trazia um avental de pele branca que lhe cobria o peito e parte das pernas; no pescoço tinha uma espécie de colar debaixo do qual apareciam uns altos bofes brancos que lhe encaixilhavam o rosto alongado, iluminado pela parte inferior.

— Porque veio aqui? — disse ele, voltando-se para o lado donde vinha o ruído que Pedro estava a fazer. — Porquê, se não acredita na verdadeira luz, se a não

vê, porque veio aqui, que quer de nós? A sabedoria, a virtude, a cultura?

Logo que a porta se abrira e que o desconhecido entrara. Pedro sentira-se tomado por um sentimento de temor e de respeito semelhante ao que costumava experimentar na infância quando se confessava: encontrava-se frente a frente com um homem muito afastado pela sua condição e muito perto do ponto de vista da fraternidade humana. Com palpitações que lhe cortavam a respiração, aproximou-se do reitor — o nome que se dá na franco-maçonaria ao irmão encarregado de preparar o recipiendário que aspira a entrar na organização. Mais de perto reconheceu tratar-se de, um dos seus amigos, um certo Smolianinov, e impressionou-o pensar que aquele homem seu conhecido para ele devia ser apenas um irmão e um iniciador virtuoso. Esteve muito tempo sem poder encontrar palavras, obrigando o reitor a repetir as perguntas.

— Sim, eu.., eu — quero regenerar-me — acabou por articular.

— Bom — disse Smolianinov, que prosseguiu: — Tem alguma noção dos meios de que a nossa santa ordem dispõe para o fazer alcançar o seu objectivo? — A sua palavra era calma e pronta.

— Sim.., espero.., ser guiado — socorrido.., na minha regeneração — disse Pedro, a voz trémula e as palavras difíceis, ao mesmo tempo o resultado da emoção e do pouco hábito de exprimir em russo ideias abstractas.

— Que noção tem da franco-maçonaria?

— Penso que a franco-maçonaria é a fraternidade e a igualdade dos homens que têm a virtude por objectivo — replicou Pedro, que, à medida que ia falando, sentia vergonha de empregar palavras por de mais vulgares para a solenidade de momento.— Eu julgo...

— Bom — deu-se pressa em responder o reitor, visivelmente satisfeito cem a resposta. — Procurou na religião os meios de alcançar esse fim?

— Não, sempre a considerei contrária à verdade, e não a segui — disse Pedro tão baixo que o mação não ouviu e pediu-lhe que repetisse. — Eu era ateu — acrescentou.

— Procura a verdade a fim de se conformar com as suas leis na vida; por conseguinte, procura a sabedoria e a virtude, não é assim? — prosseguiu o reitor, depois de um instante de silêncio.

— Procuro, procuro — afirmou Pedro.

O franco-mação tossicou, cruzou sobre o peito as mãos enluvadas e retomou a

palavra.

— Devo agora revelar-lhe os principais objectivos da nossa ordem, se essa finalidade concordar com a sua, terá vantagem em fazer parte da nossa agremiação. O essencial, e por conseguinte a base sobre a qual assenta, a ordem e que nenhuma torça humana pode destruir, é a conservação e a transmissão à posteridade dos importantes mistérios que chegaram até nós vindos dos séculos mais recuados e até mesmo do primeiro homem, mistérios de que depende talvez o destino do género humano. Mas como estes mistérios são de tal ordem que ninguém os pode conhecer e tirar deles partido desde que se não tenha preparado por uma longa e cautelosa purificação de si próprio, nem toda a gente se pode vangloriar de os possuir facilmente. Eis porque o nosso segundo objectivo consiste em predispor os nossos irmãos tanto quanto possível para purificar os seus corações e para elevar e esclarecer a sua razão, graças aos meios que a tradição nos desvendou, em nome daqueles que se esforçaram por esclarecer esses mistérios, e torná-los assim capazes de os receber. Pela purificação e regeneração dos nossos adeptos esforçamo-nos, em terceiro lugar, por corrigir igualmente o humanidade inteira, oferecendo-lhe modelos de honestidade e de virtude e assim procuramos com todas as nossas forças combater o mal que reina no mundo. Reflicta nisto, que eu voltarei a visitá-lo — acrescentou e saiu.

«Lutar contra o mal que reina no mundo...», repetiu Pedro de si para consigo, e diante dos seus olhos perpassou a sua acção futura nesse sentido. Afigurou-se-lhe estar perante homens tal como ele próprio quinze dias antes e mentalmente dirigia-lhes uma alocução. Representavam-se-lhe esses homens corruptos e infelizes, a quem ele levaria auxílio nas suas palavras e nos seus actos. Representavam-se-lhe os opressores a quem ele arrancaria as suas vítimas. Dos três objectivos enumerados pelo reitor, este último, a regeneração do género humano, era o que mais lhe agradava. Os graves mistérios de que aquele homem falara, ainda que excitassem a sua curiosidade, não se lhe afiguravam essenciais. Quanto ao segundo objectivo, a purificação e a regeneração próprias, interessava-lhe pouco, desde que naquele mesmo momento experimentava a grande satisfação de se encontrar já totalmente liberto dos seus vícios de outrora e unicamente preparado para o bem. Meia hora depois o reitor voltou para comunicar ao recipiendário as sete virtudes, correspondentes aos sete degraus do templo de Salomão, que cada mação deve cultivar em si próprio. Estas virtudes eram as

seguintes: 1ª A modéstia, que guarda os segredos da ordem; 2ª A obediência aos seus superiores; 3ª Os bons costumes; 4ª O amor da humanidade: 5ª A coragem; 6ª A generosidade, e 7ª O amor da morte.

— Em sétimo lugar — disse-lhe o reitor — esforçai-vos, pensando muitas vezes na morte, por chegar a encará-la não como uma inimiga terrível, mas como uma amiga.., que liberta desta vida de misérias a alma atormentada pelos trabalhos da virtude para a introduzir na mansão da recompensa e do repouso.

«Sim, deve ser assim», dizia Pedro quando, depois de ter pronunciado estas palavras, o reitor desapareceu outra vez, deixando-o entregue às suas reflexões solitárias. «Deve ser assim, mas eu sinto-me ainda tão fraco que amo a minha existência, cujo sentido só agora se vai descobrindo pouco a pouco aos meus olhos.» Mas as cinco outras virtudes que Pedro enumerava, contando pelos dedos, essas sentia-as na sua alma: a coragem, a ,generosidade, os bons costumes, o amor da humanidade e particularmente a obediência aos superiores, que até para ele não era uma virtude, mas antes uma venturosa sorte, de tal modo, com efeito, ele se sentia feliz por poder agora escapar ao seu livre arbítrio e submeter a sua vontade àquele e àqueles que possuíam a incontestável verdade. Quanto à sétima virtude. Pedro tinha-a esquecido e não foi capaz de se lembrar dela.

Pouco depois, pela terceira vez, voltou a aparecer o reitor, e perguntou-lhe se ele continuava decidido na sua resolução e se estava disposto a submeter-se a tudo quanto dele exigissem.

— Estou pronto para tudo — disse Pedro.

— Devo fazer-lhe saber ainda — voltou ele — que a nossa ordem ensina a sua doutrina não só pela palavra, mas por outros meios, que agem sobre aquele que procura verdadeiramente a sabedoria e a virtude talvez mais poderosamente ainda do que as explicações orais. Esta sala, com a decoração que tem diante dos olhos, já deve estar a agir sobre o seu coração, se o seu coração é sincero, mais fortemente que as palavras. É natural que à medida que for sendo iniciado venha a tomar contacto com outros meios de ensino do mesmo genero. A nossa ordem imita as sociedades antigas, que desvendavam a sua doutrina através dos hieróglifos. O hieróglifo — acrescentou ele — é o símbolo das coisas que não impressionam os nossos sentidos e que possuem qualidades semelhantes àquelas que ele representa.

Pedro sabia perfeitamente o que era um hieróglifo, mas não tinha coragem de

abrir a boca. Ouvia em silêncio, pressentindo, por tudo quanto escutava, irem principiar as provas.

— Se está decidido, devo proceder à sua iniciação — disse então o reitor, aproximando-se dele — Em testemunho da sua generosidade, peço-lhe que me entregue tudo quanto possui de precioso.

— Mas eu nada trouxe comigo — disse Pedro, que supunha estarem a pedir-lhe tudo o que ele possuía.

— O que traz consigo: relógio, dinheiro, anéis...

Pedro apressou-se a entregar a bolsa do dinheiro, o relógio, e levou muito tempo para tirar do grosso dedo o anel de casamento. Quando acabou, o franco-mação disse:

— Em sinal de obediência, peço-lhe que dispa o seu fato. Pedro tirou o fraque, o colete e a bota do pé esquerdo, consoante a indicação do reitor. Este levantou a camisa do lado esquecido do peito e, baixando-se, dobrou o canhão da calça, na perna esquerda, à altura do joelho. Pedro preparava-se para descalçar também a bota do pé direito e dobrar a outra perna da calça, para assim poupar esse trabalho àquele homem, mas o franco-mação disse-lhe não ser preciso e deu-lhe um chinelo para calçar no pé esquerdo. Com um sorriso infantil em que havia embaraço, hesitação e troça de si mesmo, sorriso que, sem querer, se lhe espalhava pelo rosto. Pedro continuava de pé, os braços balouçando e as pernas afastadas, diante do seu iniciador, aguardando novas ordens.

— E por fim, em sinal de sinceridade, queira confessar-me qual é a sua principal fraqueza — disse-lhe este.

— A minha fraqueza! — exclamo u Pedro. — Eu tenho tantas...

— A fraqueza que de entre todas mais o faz hesitar no caminho da virtude,

Pedro ficou calado, reflectindo.

«O vinho? A carne? A ociosidade? A preguiça? A exaltação? A cólera? As mulheres?» Mentalmente ia enumerando os seus vícios, pesando um por um, sem saber a qual deles dar preferência.

— As mulheres! — disse, em voz baixa, quase imperceptível.

O mação não pestanejou e ficou por muito tempo silencioso depois desta resposta. Por fim caminhou para Pedro, pegou no lenço que estava em cima da mesa e de novo lhe vendou os olhos.

— Pela última vez, digo-lhe: entre em si próprio, ponha um freio às suas

paixões e procure a felicidade, não nessas paixões, mas no seu próprio coração. A fonte da felicidade não está fora de nós, mas em nos mesmos...

Pedro sentia-se já penetrado por um manancial refrigerante de felicidade que naquele momento lhe enchia o coração de alegria e de enternecimento.

[IV]

Pouco tempo depois vieram buscar Pedro à dependência escura, já não o reitor, mas o seu padrinho. Villarski, a, quem reconheceu pela voz.

Às perguntas que este lhe fez sobre a firmeza das suas resoluções. Pedro replicou: — Sim, sim, consinto —, e com o seu sorriso irradiante de criança, com o gordo peito nu, marchando timidamente, coxeando, um dos pés calçado e o outro descalço, caminhou enquanto Villarski mantinha uma espada com a ponta apoiada no seu peito nu.

Levaram-no ao longo de corredores, obrigando-o a dar voltas para diante e para trás, e por fim conduziram-no à porta da loja. Villarski tossiu; como resposta ouviram-se pancadas com o maço maçónico e a porta abriu-se. Alguém com voz de baixo — Pedro conservava os olhos vendados -lhe perguntou quem era, onde e quando tinha nascido, etc. Conduziram-no em seguida para o local, sem lhe tirarem a venda dos olhos, falando-lhe constantemente, por alegorias, das dificuldades da sua viagem, da santa amizade, do Supremo Arquitecto do Universo, da coragem com que devia suuortar os sofrimentos e enfrentar os perigos. Durante todo o trajecto Pedro notou que lhe chamavam ora aquele que procura, ora aquele que sofre, ora ainda aquele que pede, e que iam batendo sempre de maneira diferente com os maços e as espadas. Enquanto o aproximavam de um certo objecto, notou que rima hesitação e rima confusão se apoderavam dos guias. Percebeu que as pessoas que o rodeavam estavam a discutir umas com as outras em voz baixa e que uma delas insistia para que o conduzissem a um certo tapete. Fui seguida, pegaram-lhe ria mão direita, que pousaram sobre fosse o que fosse e disseram-lhe que apoiasse um compasso, com a esquerda, no seio esquerdo, em seguida fizeram-no repetir. à medida que lha iam lendo, a fórmula de juramento de fidelidade às regras da ordem. Depois apagaram as velas, acenderam álcool, o que Fedro

percebeu pelo cheiro, dizendo-lhe que ia contemplar uma pequena luz. Tiraram-lhe a venda e Pedro viu, como em sonhos, a pálida luz do álcool, algumas pessoas com aventais semelhantes ao do reitor, de pé diante dele, todas com uma espada apontada ao seu peito. Entre eles estava um homem com uma camisa branca ensanguentada. Ao ver isto. Pedro fez um movimento de peito na direcção das espadas, como se quisesse ser trespassado. Mas as espadas afastaram-se e de novo lhe amarraram a venda.

— Agora já viste a pequena luz — disse-lhe uma voz. Depois acenderam as velas outra vez, disseram-lhe que ia agora ver a grande luz, de novo lhe desataram a venda e uma dúzia de vozes clamou de repente: Sic transit gloria mundi.

Pouco a pouco. Pedro foi voltando a si e pôs-se a observar a sala onde se encontrava e as pessoas que o rodeavam. Em volta de uma, comprida mesa coberta com um pano negro estavam sentados doze homens que, envergavam trajos iguais aos que ele vira anteriormente. Alguns deles, pessoas da sociedade petersburguesa, eram seus conhecidos. No lugar da presidência estava rim jovem desconhecido para ele, que tinha, pendente do pescoço, urna condecoração especial. A sua direita sentava-se o sacerdote italiano que ele vira havia um ano em casa de Ana Pavlovna. Estavam presentes também um alto dignitário e um governador suíço que ele encontrara outrora em casa dos Kuraguine. Todos se conservavam num silêncio solene escutando o presidente, que empunhava um maço. Suspensa da parede, via-se uma estrela flamejante: a um dos lados da mesa desdobrava-se uma pequena tapeçaria representando diversos atributos, no outro erguia-se uma espécie de altar com o Evangelho e uma caveira. A toda a volta perfilavam-se sete castiçais, como os que se vêem nas igrejas. Dois dos irmãos conduziram Pedro ao altar, fizeram-no abrir as pernas em forma de esquadro e intimaram-no a que se deitasse no chão, dizendo que assim se prosternava perante as portas do templo.

— É preciso que ele receba primeiramente a colher de pedreiro — murmurou um dos presentes.

— Basta — disse outro.

Pedro, estupefacto, sem compreender, olhava em volta com os seus olhos de míope, e, de súbito, sentiu que a dúvida lhe entrava no espírito: «Onde estou eu? Que estou eu a fazer? Não estarão a troçar de mim? Não me virei a envergonhar

quando me lembrar de tudo isto?» Mas a dúvida foi breve. Fitou as caras sérias que o rodeavam, recordou-se de tudo quanto fizera já, e de si para consigo reconheceu que não podia deter-se a meio caminho. Sentiu-se aterrado ao verificar que duvidara, e, esforçando-se por recuperar o primitivo enternecimento, prosternou-se perante as portas do templo. E, efectivamente, um enterneci— mento mais violento, ainda do que o anterior se apoderou dele. Depois de ter estado prostrado algum tempo, disseram-lhe que se erguesse, ataram-lhe o avental de carneira branca igual ao que os outros traziam e puseram-lhe na mão uma colher de pedreiro e três pares de luvas. Depois o grão-mestre dirigiu-lhe a palavra. Disse-lhe que tudo devia fazer para não macular a, brancura daquele avental, emblema da firmeza e da inocência. Em seguida, referindo-se à colher de pedreiro, explicou-lhe que com ela devia esforçar-se por purgar o seu coração dos vícios e aplanar condescendentemente o coração do próximo. Quanto ao primeiro par de homem, disse-lhe que ele não poderia compreender-lhe o significado, mas que era bom que o conservasse quanto ao segundo par, de homem também, disse que o devia trazer às reuniões; e por fim, quanto ao terceiro, esse de mulher, declarou: «Irmão, estas luvas de mulher também te foram igualmente atribuídas. Dá-as à mulher que tu resp2itares acima de todas. Este presente será o penhor da pureza do teu coração para com aquela que deves escolher como digna companheira de um pedreiro-livre.» E, após um momento de silêncio, acrescentou: «Mas cautela, meu irmão, não consintas que mãos impuras calcem essas luvas.» Enquanto o grão-mestre falava. Pedro julgou perceber nele uma certa perturbação. E ele próprio se sentiu também confuso. Corou, com as lágrimas nos olhos, como costuma acontecer às crianças, olhou apreensivamente à roda e reinou um silêncio embaraçoso.

O silêncio foi interrompido por um dos irmãos, que, ao conduzir Pedro direcção à tapeçaria, se pôs a ler, num caderno, a explicação de todas as figuras aí representadas: o Sol, a Lua, o maço, o fio-de-prumo, a colher de pedreiro, a pedra bruta e cúbica, a coluna, as três janelas, etc. Em seguida foi-lhe apontado o seu lugar, mostraram-lhe as insígnias da loja, disseram-lhe o santo e a senha, consentindo, por fim, que se sentasse. O grão-mestre procedeu à leitura do regulamento. Este era muito extenso, e Pedro, possuído de alegria, de emoção e de embaraço, sentia-se incapaz de compreender fosse o que fosse. Não conseguiu ouvir com atenção senão os dois últimos parágrafos: «Nos nossos templos», dizia o

grão-mestre, «não conhecemos outros graus além daqueles que separam a virtude do vício. Evita oposições que possam destruir a igualdade. Corre em auxílio do teu irmão, seja ele quem for, ajuda aquele que se extraviar, levanta aquele que cair e jamais nutras cólera ou ódio contra o teu irmão. Sê amável e afável. Alimenta em todos os corações a chama da virtude. Partilha a felicidade que tiveres com o teu próximo e que a inveja não perturbe nunca esta bem-aventurança. Perdoa ao teu inimigo, e vinga-te dele fazendo-lhe bem. Desde que cumpras assim a lei suprema voltarás a encontrar os trilhos da tua antiga grandeza perdida.»

Terminada que foi a leitura, levantou-se, estreitou Pedro nos seus braços e beijou-o. Este, os olhos cheios de lágrimas de alegria, olhava em roda, sem saber que responder quer às felicitaç5es que sobre ele afluíam quer aos cumprimentos dos que com ele queriam estreitar relacc5es. Não distinguia particularmente qualquer amigo seu; em toda aquela gente apenas via irmãos com os quais muito desejava trabalhar.

O grão-mestre bateu com o maço em cima da mesa. Todos se sentaram nos seus lugares, e um dos presentes leu algumas linhas sobre o dever de humildade.

Em seguida, alguém propôs que se cumprisse o último rito. O grande dignitário que desempenhava as funções de irmão mendicante percorreu a assembleia. Pedro teria desejado inscrever-se no rol das colectas com toda a sua fortuna, mas receava dar assim uma prova de orgulho e inscreveu apenas uma importância igual à de todos os demais.

A sessão estava terminada, e, ao regressar a casa. Pedro julgou-se de volta de uma longa viagem que durara dezenas de anos; afigurava-se-lhe estar completamente transformado e que se despedira para sempre do tempo passado e de todos os seus antigos hábitos.

[V]

No dia imediato ao da sua iniciação estava Pedro retido em sua casa e a procurar compreender o significado do quadrado em que um dos lados simboliza Deus, o outro o mundo moral, o outro ainda o mundo físico e o último urna miniatura dos dois anteriores. De tempos a tempos, levantava os olhos do livro e

do quadrado, e na sua imaginação representava-se-lhe o seu novo plano de vida. Na véspera, na loja, tinham-lhe, dito que a história do seu duelo havia chegado aos ouvidos do imperador e que seria prudente para ele afastar-se de Petersburgo. Pensava ausentar-se para os seus domínios do Sul e, aí dedicar-se aos seus camponeses. Sonhava, feliz com esta sua nova vida quando, de improviso, viu entrar o príncipe Vassili.

— Meu amigo, que fizeste tu em Moscovo? Porque é que te indispuseste com a Liolia, meu caro? Estás completamente enganado? — exclamou, assim que assomou à porta — Sei tudo, posso garantir-te que Helena está tão inocente diante de ti como Cristo diante dos Judeus.

Pedro ia responder, mas o príncipe interrompeu-o.

— E porque é que tu, sem rodeios, te não dirigiste directamente a mim, como a um amigo? Sei tudo, compreendo tudo, procedeste como é próprio de um homem que preza a sua honra, talvez com um tudo-nada de precipitação, mas não falemos mais nisso. Pensa, contudo, na situação em que nos colocas, a ela e a mim, perante a sociedade, e até mesmo perante a corte — acrescentou, baixando a voz. — Ela em Moscovo, e tu aqui. Pensa bem nisto, meu caro. — Apertou-lhe a mão.— Tudo isto não passa de um mal-entendido. Tu próprio já deves ter dado por isso, creio eu. Vamos escrever-lhe os dois imediatamente e ela não tardará aí. Tudo se há-de explicar. De outra maneira, sempre te direi, meu caro, que podes vir a sofrer com isto.

O príncipe Vassili lançou-lhe um olhar significativo:

— Sei de fonte limpa que a imperatriz viúva está interessadíssima no caso. Como sabes, ela gosta muito da Helena.

Pedro, por mais de uma vez, esteve para responder, mas não só o príncipe lho não permitia, como também receava replicar-lhe num tom que implicasse recusa definitiva a qualquer acordo, tom que aliás estava decidido a empregar para com o sogro. Além disso, lembrava-se dos termos do mandamento maçónico: «Sê amável e afável.» franzia o sobrolho, corava, levantava-se e voltava a sentar-se, lutando consigo mesmo numa das circunstâncias mais penosas por que ainda tivera de passar: dizer a uma pessoa, cara a cara, palavras desagradáveis, dizer àquele homem, por pior que ele fosse, coisas que ele não esperaria ouvir de ninguém. Tão habituado estava a submeter-se ao ar do príncipe, a um tempo de indiferença e segurança, que nem mesmo naquele momento se sentia com forças para resistir.

No entanto, tinha a certeza de que o seu futuro dependia das palavras que proferisse. Continuaria ele pelo mesmo caminho, ou tomaria, de facto, os novos rumos tão atraentes que os pedreiros-livres lhe haviam mostrado e nos quais estava firmemente convencido de vir a encontrar uma vida regenerada?

— Então, meu caro — disse o príncipe Vassili, em tom de zombaria — diz-me que sim, e eu lhe escreverei em teu nome, trataremos de matar o bezerro da fábula e...

Mas o príncipe não pôde concluir a frase. Pedro, o rosto toldado pela cólera, tal qual seu falecido pai, disse em voz baixa, sem olhar para o interlocutor:

— Príncipe, eu não o mandei chamar, vá-se embora, peço-lhe, vá-se embora — repetiu, sem poder crer nas suas próprias palavras, e sentindo-se contente por ver a expressão de embaraço e de receio que se pintava no rosto do visitante.

— Que tens tu? Estás doente?

— Vá-se embora — repetiu, mais uma vez, na sua voz tremula. E o príncipe Vassili não teve outro remédio senão abalar, sem mais explicações.

Oito dias mais tarde. Pedro, depois de se despedir dos seus amigos da maçonaria e de lhes ter deixado, como oferenda, importantes somas, partiu para as suas terras. Os seus novos irmãos deram-lhe cartas para os pedreiros-livres de Kiev e de Odessa e prometeram-lhe escrever-lhe para o guiarem na sua nova carreira.

[VI]

O caso de Pedro e Dolokov fora abafado, e, não obstante a severidade que o imperador costumava mostrar nesse tempo para com os duelos, o certo é que nem as testemunhas nem os adversários se viram envolvidos em qualquer processo. Mas a história do duelo, agravada pelo rompimento de Pedro com a mulher, era comentadíssima na sociedade. Se é certo que esta tinha mostrado indulgência e estima para com Pedro enquanto ele fora filho ilegítimo, que o havia adulado e festejado enquanto fora o melhor partido de todo o império, depois do seu casamento, assim que mães e filhas casadouras deixaram de pôr nele qualquer esperança, os seus créditos desceram muito na opinião da alta sociedade, tanto

mais que ele não sabia nem queria atrair a benevolência fosse de quem fosse. Então todos o acusavam, a ele só, do que acontecera, diziam-no um ciumento insuportável, capaz de acessos de furor sanguinários tal qual seu falecido pai. E quando, depois da partida do marido. Helena reapareceu em Petersburgo, todas as pessoas conhecidas a acolheram não só com simpatia, mas até com não sei quê de respeitoso, em lembrança da sua infelicidade. Quando em conversa o nome do marido vinha a talho de foice, assumia um ar de dignidade, que então adoptara, um pouco inconscientemente e apenas graças a um tacto especial, que era bem seu. Esse ar queria dizer estar resolvida a suportar sem lamentações a sua desventura e o marido ser para ela como que uma cruz enviada por Deus. O príncipe Vassili, esse, era mais franco na expressão do que pensava. Encolhia os ombros quando lhe vinham falar de Pedro e, levando um dedo à testa, dizia:

— Está pílulas, assim o julguei sempre.

— E eu bem o disse — confirmava Ana Pavlovna —, e ainda há pouco repeti diante de toda a gente — insistia, especialmente, na prioridade —, que ele era um rapaz com o cérebro desarranjado, completamente estragado pelas ideias corruptas do século. Já o dizia quando toda a gente lhe cantava hinos, na altura em que ele regressou do estrangeiro. E não sei se se lembram daquela noite em que ele quis armar em Marat. Como é que tudo isto acabou? Desde essa ocasião que fui contrária a tal casamento, e tinha previsto tudo quanto aconteceu.

Ana Pavlovna continuava a organizar soirées, da mesma maneira, nos seus dias livres, e como só ela sabia, e onde se reunia, antes de mais nada, a nata da verdadeira alta sociedade, a fina flor da essência intelectual da sociedade de Petersburgo, como ela própria costumava dizer. Além desta fina selecção de convidados, as suas soirées eram célebres porque primava em apresentar aos convidados em cada uma delas uma nova e interessante personalidade, e que em nenhum outro lado em Petersburgo mais clara e seguramente se podia apreciar a temperatura política dos meios legitimistas da corte.

No fim de 1806, quando foram conhecidos todos os tristes pormenores do desbaratamento por Napoleão do exército prussiano em Iena e Auerstaedt e a capitulação da maior parte dos redutos fortificados, já o exército russo se encontrava na Prússia e principiara a segunda guerra contra o imperador dos Franceses. Ana Pavlovna deu em sua casa uma soirée. A nata da verdadeira sociedade consistia na encantadora e infeliz Helena, abandonada pelo marido, em

Mortemart, no sedutor príncipe Hipólito, havia pouco chegado de Viena, em dois diplomatas, na tia, num jovem cujos únicos predicados consistiam em se dizer dele que se tratava de um homem de muito mérito, numa dama de honor promovida pouco antes, e que se fazia acompanhar da mãe, e em mais algumas pessoas de menor notoriedade.

A personalidade que Ana Pavlovna primava em apresentar a seus convidados como novidade da noite era Bóris Drubetskoi, chegado havia pouco a Petersburgo, proveniente do exército prussiano, como correio e ajudante-de-campo de uma muito alta personalidade.

A temperatura que nessa noite acusava ali o termómetro político era a seguinte. «Por mais que os soberanos e os altos postos», dizia-se, «façam por se entender com Bonaparte, a fim de me causar ou de nos causar dissabores e aborrecimentos, a nossa opinião acerca dele não pode modificar-se. Não deixaremos nunca de a este respeito exprimirmos francamente a nossa maneira de ver, e tudo quanto poderemos dizer ao rei da Prússia e aos demais é isto: tanto pior para eles... Tu a quiseste. Georges Dandin, eis tudo quanto nos cabe dizer.» Este o grau de temperatura que atingira em casa de Ana Pavlovna o termómetro político. Quando Bóris, preparado para a apresentação aos convidados, penetrou na sala, quase toda a sociedade estava já reunida, e a conversa, orientada pela dona da casa, girava em tomo das relações diplomáticas da Rússia com a Áustria e da esperança que então lavrava de conseguir-se uma aliança com esse país.

Bóris, no seu elegante uniforme de ajudante-de-campo, galhardo, fresco e rosado, entrou na sala com o seu ar desembaraçado e foi conduzido, como era da praxe, à presença da tia, a quem tinha de apresentar as suas homenagens, misturando-se depois ao grupo principal dos convidados. Ana Pavlovna deu-lhe a beijar a mão seca, apresentou-o a algumas das personalidades que ele não conhecia, esclarecendo-o em voz baixa acerca de cada uma delas.

— O príncipe Hipólito Kuraguine, um rapaz encantador. O Sr. Krug, encarregado de negócios de Copenhaga, um espírito profundo, ou então, simplesmente: O Sr. Shitoff, um homem de muito mérito.

Bóris, durante o período de serviço, graças às diligências de Ana Mikailovna, aos seus gostos particulares e à discrição do seu carácter, conseguira a mais invejável das situações. Era ajudante-de-campo de uma alta personalidade, desempenhara uma importante missão na Prússia e acabava de chegar daquele

país como correio. Havia-se iniciado inteiramente naquela disciplina não regulamentada que tanto lhe agradara em O1mutz e de harmonia com a qual um alferes podia ocupar uma posição incomparavelmente muito mais elevada que a de um general, e segundo a qual, para se triunfar na carreira, não havia necessidade de esforço, de trabalho, de coragem, ou de perseverança, mas simplesmente de um talento especial para tratar com os distribuidores de recompensas. E o certo é que ele próprio se surpreendia com os seus rápidos êxitos e com o facto de ver os outros não compreenderem o interesse de semelhantes manobras. Esta revelação transformara por completo a sua existência, as suas relações com os seus conhecimentos anteriores, todos os seus projectos de futuro. Não era rico, mas empregava os seus últimos rublos vestindo-se muito melhor do que os demais. Preferia privar-se de muita coisa que lhe desse prazer a apresentar-se numa carruagem ordinária ou a permitir que o vissem nas ruas de Petersburgo envergando um uniforme velho. Não se relacionava nem procurava relacionar-se senão com as pessoas de posição mais elevada do que a sua e que, por conseguinte, lhe poderiam vir a ser úteis. Adorava Petersburgo e tinha o maior desdém por Moscovo. Era-lhe pouco agradável lembrar-se dos Rostov e do seu entusiasmo de infância por Natacha, e desde que se incorporara no exército nunca mais pusera os pés em sua casa.

Convidado para a soirée de Ana Pavlovna, honra que considerava passo importante na sua carreira, imediatamente compreendera o seu papel e deixara que esta aproveitasse o interesse que ele para ela poderia ter, dedicando-se a observar atentamente cada uma das personagens presentes e a pesar as possibilidades e as vantagens das relações a estabelecer com esta ou com aquela. Sentou-se no lugar que lhe indicaram, ao lado da bela Helena, e apurou o ouvido para a conversa geral.

— Viena considera as bases do tratado tão inaceitáveis que se não poderiam conseguir nem mesmo com uma série de êxitos brilhantes e põe em dúvida os meios que os poderiam proporcionar, É esta a frase textual do gabinete de Viena. — Era assim que falava o encarregado de negócios da Dinamarca.

— A dúvida é que é lisonjeira — replicou o homem de espírito profundo, com um fino sorriso nos lábios.

— É preciso não confundir o gabinete de Viena com o imperador da Áustria — atalhou Mortemart. — O imperador da Áustria nunca pensou numa coisa dessas,

só o gabinete é que fala assim.

— Eh! Meu caro visconde — acorreu Ana Pav1ovna. — A Urope... — Pronunciava a Urope sem qualquer razão, julgando utilizar deste modo uma subtileza de linguagem a que se podia dar o luxo falando, como falava, o francês. — A Urope nunca será nossa aliada sincera.

E encaminhou em seguida a conversa para a firmeza e a coragem do rei da Prússia, ria intenção de levar Bóris a entrar em cena,

Este ouvia corri toda a atenção aquele que falava, aguardando sua vez, e de tempos a tempos relanceava a vista à sua vizinha, a bela Helena, a qual, por várias vezes, respondera com um sorriso aos olhares do belo e jovem ajudante-de-campo.

Muito naturalmente, a propósito da situação da Prússia. Ana Pavlovna pediu a Bóris que contasse a sua viagem a Glogau e que dissesse o que pensava do estado do exército prussiano. Bóris, sem se apressar, num francês puro e correcto, expôs alguns pormenores muito interessantes acerca das tropas e da corte, evitando cuidadosamente, em toda a sua exposição, formular uma opinião pessoal sobre os factos que relatava. Durante algum tempo monopolizou a, atenção geral, e Ana Pavlovna Pôde verificar que os seus convidados muito apreciavam a novidade que ela lhes oferecia. Helena, mais do que ninguém, prestou atenção a conversa de Bóris. Por várias vezes o interrogou sobre as suas viagens e pareceu muito preocupada com a situação do exército prussiano. Quando Bóris se calou, virou-se para ele com o seu sorriso habitual:

— É absolutamente indispensável que venha, a minha casa — disse-lhe, num tom que podia fazer acreditar que, mercê de certas combinações misteriosas para ele, a sua visita era imprescindível.

— Terça-feira, entre as oito e as nove. Dar-rne-á grande prazer.

Bóris deu-se pressa em prometer-lhe que estava à sua disposição e preparava-se para uma longa conversa quando Ana Pavlovna chamou Helena com, o pretexto de que a tia desejava ouvir as histórias do militar.

— Conhece o marido dela, não é verdade? — disse Ana ao oficial, assumindo um ar de mistério e assinalando, com um gesto, a bela Helena. — Ah!, que encantadora e infeliz mulher! Não fale no nome dele diante dela, peço-lhe, não fale no nome dele! É muito penoso para ela,

[VII]

Quando Bóris e Ana Pavlovna se acercaram novamente do grupo, o príncipe Hipólito era o centro da conversa. Chegando-se para a borda da poltrona em que se sentava, pronunciou: O rei da Prússia!, e pôs-se a rir. Toda a gente se voltou para o seu lado.

— O rei da Prússia! — repetiu; depois voltou a rir e tomou a enterrar-se na sua poltrona, retomando o seu ar sério e calmo. Ana Pavlovna aguardou alguns instantes e, vendo que decididamente Hipólito nada mais dizia, pôs-se a contar como esse ímpio do Bonaparte roubara em Potsdam a espada de Frederico-o-Grande.

— É a espada de Frederico-o-Grande que eu... — ia a dizer, mas Hipólito interrompeu-a.

— O rei da Prússia... — e mais uma vez, quando toda a gente se mostrava já atenta às suas palavras, não teve mais que dizer e calou-se.

Ana Pavlovna mostrou uma expressão descontente. Mortemart, o amigo de Hipólito, disse-lhe bruscamente:

— Vejamos, que aconteceu ao vosso rei da Prússia?

Hipólito pôs-se a rir como se se sentisse embaraçado.

— Não, não é nada, eu queria apenas dizer... — Pensava repetir um gracejo que ouvira em Viena e para que procurara toda a noite um a-propósito.— Eu apenas queria dizer que é disparate fazermos a guerra pelo rei da Prússia.

Bóris pôs-se a sorrir com circunspecção, de modo a que o seu sorriso pudesse ser interpretado ao mesmo tempo como censura ou como aprovação, consoante a maneira como o gracejo viesse a ser recebido. Todos se puseram a rir.

— É mau o seu trocadilho, espirituoso, mas injusto — disse Ana Pavlovna, ameaçando-o com o dedo. — Nós não fazemos a guerra pelo rei da Prússia, mas pelos bons princípios. Ah!, que mau este príncipe Hipólito!

Durante toda a noite nunca mais a conversa se esgotou, abordando principalmente boatos políticos. Mas foi sobretudo no fim que mais se animou, quando se falou das recompensas concedidas pelo imperador.

— Se N. N, recebeu o ano passado uma tabaqueira com o retrato — disse o

homem de espírito profundo —, porque é que S. S, não poderá receber uma igual?

— Peço perdão, uma tabaqueira com o retrato do imperador é uma recompensa, não uma distinção — replicou o diplomata — ou antes um presente.

— Houve antecedentes, citar-lhe-ei Schwarzenberg.

— É possível — objectou uma terceira pessoa.

— Aposto. A grã-cruz é diferente...

Quando se levantaram para partir. Helena, que tinha falado muito pouco durante toda a noite, renovou junto de Bóris o pedido que lhe fizera, ou, antes, a ordem amável e instante para que viesse vê-la na terça-feira seguinte.

Quando no dia aprazado, pela noite. Bóris entrou no sumptuoso salão de Helena, não pôde compreender de princípio, claramente, a necessidade que ela tivera de o ver. Outras pessoas da sociedade estavam presentes, e a condessa poucas palavras lhe dirigiu. Apenas quando ele se despediu, beijando-lhe a mão, ela lhe segredou, em voz muito baixa, deixando nesse momento, estranhamente, de sorrir: Venha jantar amanhã... à noite. É preciso que venha... Venha.

Durante aquela sua primeira estada em Petersburgo. Bóris tomou-se íntimo da condessa Bezukov.

[VIII]

A guerra reacendia-se e o teatro das operações aproximava-se das fronteiras russas. Por toda a parte se ouvia clamar contra Bonaparte, o inimigo do género humano. Milícias e recrutas agrupavam-se pelas aldeias, e do teatro da guerra chegavam notícias contraditórias, falsas, como sempre, e por isso mesmo interpretadas de maneiras completamente diferentes.

A vida do velho príncipe Bolkonski, do príncipe André e da princesa Maria mudara muito de 1805 para cá.

Em 1806, o velho príncipe fora designado para o cargo de um dos oito chefes da milícia nomeados para toda a Rússia. Apesar da sua decrepidez, que muito se acentuara durante o período em que supusera o filho morto, julgou de seu dever não recusar as funções que o imperador em pessoa lhe confiara, e esta actividade nova que se lhe oferecia ajudava-o a recuperar a coragem e o vigor. Andava

continuamente a girar pelos três distritos que tinha a seu cargo. Cumpria escrupulosamente as suas obrigações. Era severo, quase cruel, para com os subordinados, e descia aos mais pequenos pormenores da sua tarefa. A princesa Maria deixara de dar lições de Matemática com o pai e só penetrava no gabinete do ancião pela manhã, acompanhada da ama e do principezinho Nicolau, como lhe chamava o avô, quando o velho príncipe estava em casa. A criança, corri a ama e Savichna, a velha criada, ocupavam os aposentos da falecida princesa, e Maria passava a, maior parte do tempo ao pé do sobrinho, procurando substituir o melhor que podia a mãe do pequenino. Mademoiselle Bourienne parecia também apaixonadamente afeiçoada à criança e a princesa Maria, privando-se muitas vezes dessa alegria, deixava à amiga a satisfação de ameigar o seu anjinho, como ela dizia, e de brincar com ele.

Junto do altar da igreja de Lissia Gori tinham mandado levantar um oratório sobre o túmulo da princesinha, e aí haviam erguido um monumento de mármore, encomendado em Itália, que representava um anjo de asas abertas pronto a esvoaçar. Este anjo tinha o lábio superior um pouco soerguido, como se fosse sorrir, e um dia André e a irmã, ao saírem do oratório, verificaram — coisa curiosa — que aquele rosto lembrava o da finada. Mas, mais estranho ainda, coisa que André não confessou a Maria, é que ele encontrava nos traços que o artista por acaso dera à fisionomia a mesma expressão de lamentosa queixa que ele próprio lera no rosto da mulher morta. — «Ah!, porque me trataram assim?...»

Pouco tempo depois do seu regresso, o velho príncipe atribuíra ao filho a parte que lhe competia na herança e dera-lhe Bogutcharovo, domínio importante situado a quarenta verstas de Lissia Gori. Ou fosse por causa das penosas lembranças que andavam ligadas a esta casa, ou porque não pudesse suportar por mais tempo o carácter do pai, ou ainda porque tivesse necessidade de solidão, o príncipe André tomara conta da sua nova propriedade, onde mandara fazer obras, e lá passava a maior parte do seu tempo.

Depois da campanha de Austerlitz o príncipe André tornara a resolução de não voltar a servir no exército. Quando a guerra recomeçou e que toda a gente teve de partir, para não reingressar no serviço activo passou a desempenhar funções, sob as ordens paternas, no engajamento das milícias. O pai e o filho, depois da campanha de 18O5, parecia terem trocado as suas opiniões mútuas relativamente aos acontecimentos. O velho príncipe, esporcado pela sua nova actividade,

esperava os melhores resultados da campanha em marcha; André, pelo contrário, que não tomava parte na guerra, e a deplorava secretamente, via tudo sob a mais negra perspectiva.

No dia 26 de Fevereiro de 1807 o velho príncipe partiu para uma inspecção. André, como em geral era seu costume, durante as ausências do pai, ficou em Lissia Gori. Havia já três dias que o pequeno Nicolau não passava bem de saúde. Os cocheiros que tinham conduzido o velho príncipe regressaram trazendo da cidade cartas e papéis para o príncipe André.

O criado de quarto, com as cartas, não o encontrando no gabinete, dirigiu-se aos aposentos da princesa Maria, onde também o não encontrou. Disseram-lhe que estava no quarto do filho.

— Com sua licença. Excelência, está ali o Petruchka, com uns papéis — disse uma das criadas ao príncipe André, que se havia sentado numa cadeirinha de criança e, de mãos trémulas e sobrancelhas carregadas, vertia o conteúdo de um frasco num copo meio de água.

— Que é? — perguntou, contrariado, e um seu movimento involuntário fez com que despejasse algumas gotas a mais. Lançando tudo fora, voltou a pedir água. Uma criada veio trazer-lha.

No quarto havia uma cama de criança, duas arcas, duas poltronas, uma mesinha, um guéridon e uma cadeira pequena, aquela precisamente em que o príncipe André se sentava. Os cortinados estavam repuxados e havia apenas uma vela acesa em cima da mesa, por detrás de um caderno de música, para que a luz não incidisse sobre a cama.

— Meu amigo — disse-lhe Maria, que estava ao pé do doentinho —, espera um bocado... é melhor assim.

— Ah, por amor de Deus, estás sempre a dizer disparates — replicou o príncipe André, em voz baixa, e em tom irritado, na, intenção evidente de ferir a irmã.

— Meu amigo, era melhor não o acordar, ele adormeceu — voltou ela, num tom insistente.

André ergueu-se e em bicos de pés aproximou-se do leito com a poção que deitara no copo.

— Achas realmente que o não devemos acordar? — interrogou ele, indeciso.

— Como tu quiseres — realmente.., eu supunha.., mas, como tu quiseres — acrescentou a princesa Maria, vergonhosa de ver que a sua opinião triunfava.

Chamou-lhe a atenção para a criada, que continuava à espera.

Era a segunda noite que passavam à cabeceira da criança, que ardia em febre. Durante aquelas quarenta e oito horas, em que, muito pouco confiantes no médico da casa, haviam mandado chamar outro à cidade, tinham experimentado tudo. Moídos pela insónia e pela inquietação, atiçavam um contra o outro o seu mal-estar, dirigindo-se mutuamente censuras.

— Petruchka está ali com uns papéis que vêm da parte do pai de Vossa Excelência — disse a criada em voz baixa.

O príncipe André saiu.

— Ah!, chega em boa hora! — exclamou, e, depois de receber as instruções orais que o pai lhe transmitia pelo criado, bem como as cartas, voltou para junto do filho.

— E então? — perguntou.

— Na mesma. Espera, peço-te. Karl Ivanitch está sempre a dizer que o sono é o melhor dos remédios — murmurou Maria. André aproximou-se da cama e tomou o pulso da criança. A sua mãozinha escaldava,

— Que vão passear, tu e o teu Karl Ivanitch! — Foi em busca da poção e voltou para junto do leito.

— André, não faças isso! — implorou a irmã.

Franziu o sobrolho, colérico, e, como se olhar para ela o fizesse sofrer, debruçou-se para a criança com o copo na mão.

— Exijo-o — disse. — Vamos, dá-lhe tu o remédio.

Maria encolheu os ombros, mas, pegando, submissa, na poção, procurou ministrar-lha com a ajuda da criada. A criança chorava e engasgava-se. André, com as mãos na cabeça, saiu do quarto e foi sentar-se na sala contígua.

Continuava com as cartas fechadas na mão. Abriu-as, maquinalmente, e pôs-se a ler. O velho príncipe, em papel azul, no seu miúdo cursivo, aqui e ali recorrendo a uma abreviatura, escrevia-lhe nos seguintes termos:

> Acabo de saber, por um correio, uma feliz nova, caso não se trate de invenção. Bennigsen, segundo se diz, teria desbaratado Bonaparte em Eylau. Em Petersburgo o entusiasmo é geral e as recompensas chovem sobre o exército. Embora se trate de um alemão, felicito-o. Não sei

> o que tem feito o comandante de Kortchevo, um tal Kandrikov; até à data ainda não conseguimos receber reforços nem víveres. Vai imediatamente procurá-lo e diz-lhe que lhe farei saltar os miolos se dentro de oito dias — não tiver em meu poder o que é preciso. Voltei a receber carta de Petienka, na qual me fala da batalha de Preussisch-Eylau; tomou parte nela, é tudo verdade. Quando as pessoas se não metem naquilo a que não são chamadas, até mesmo um alemão é capaz de bater Bonaparte. Diz-se que bateu em retirada em completa desordem. Não te esqueças: dirige-te sem delongas a Kortchevo e cumpre as minhas ordens!

Soltando um suspiro, o príncipe André abriu a segunda carta. Era de Bilibine: duas páginas numa caligrafia miúda. Voltou a dobrá-la sem a ler e recomeçou a carta do pai, que terminava: «dirige-te sem delongas a Kortchevo e cumpre as minhas ordens!»

«Não, queira desculpar, não irei enquanto o meu filho não estiver restabelecido», disse ele para consigo mesmo e encaminhou-se para a porta na intenção de ver o que se passava no quarto da criança.

Maria continuava junto da cama, embalando o pequeno com toda a suavidade.

«É isto mais uma notícia desagradável para mim», pensava, rememorando a carta do pai. «Sire, os nossos derrotaram Bonaparte agora, precisamente quando eu já não estou em armas. É verdade, é verdade, o destino está sempre a troçar de mim... Pois seja, faça-se a sua vontade!...» E pôs-se a ler a carta, escrita em francês, que lhe enviava Bilibine. Olhava para as linhas sem perceber metade do que lia e fazia-o apenas para, por momentos, deixar de pensar no que por demasiado tempo o havia exclusivamente atormentado.

[IX]

Bilibine encontrava-se nesse momento adido ao quartel-general, na condição

de diplomata, e na sua carta, com seus gracejos e seus boleios à francesa, descrevia toda a campanha, usando uma franqueza bem russa, franqueza essa que não recuava nem diante dos juízos pessoais nem diante da própria zombaria. Dizia pesar-lhe a discrição diplomática e sentir-se feliz por ter alguém como André a quem escrever, pessoa com quem não se importava de se abrir, derramando toda a bílis acumulada desde que via o que se estava a passar no exército. A carta, de data já não muito recente, era anterior à batalha de Preussisch-Eylau,

> Desde o nosso grande êxito de Austerlitz, como sabe, meu caro príncipe, que não mais me separei dos quartéis-generais. Pelo que se vê, tomei gosto à guerra, e estou-lhe no papo. É inacreditável o que vi durante estes três meses.
>
> Começo ab ovo. O inimigo do género humano, como sabe, atara os Prussianos. Os Prussianos são aqueles nossos fiéis aliados que em três anos apenas nos enganaram três vezes. Damos por eles o corpo ao manifesto. Mas, ao que parece, o inimigo do género humano não quer saber dos nossos lindos discursos, e, com o seu modo impolido e selvagem, lança-se sobre os Prussianos sem lhes dar tempo de terminarem a parada e num abrir e fechar de olhos deixa-os a deitar a língua pela boca fora e trata de se instalar no Palácio de Potsdam.
>
> «Desejo ardentemente», escreve o rei da Prússia a Bonaparte, «que Vossa Majestade sela recebido e tratado no meu palácio da maneira que mais lhe agradar, e nessa intenção tomei todas as medidas que as circunstancias me permitem. Oxalá o tenha conseguido! Os generais prussianos primam em ser corteses para com os Franceses e depõem as armas à, primeira intimação.»
>
> O comandante da guarnição de Glogau, com dez mil homens sob o seu comando, pergunta ao rei da Prússia o que deve fazer caso seja intimado a render-se... Tudo isto são factos reais.
>
> Numa palavra, esperando apenas impor-nos pela nossa

firme atitude militar, eis-nos em guerra a valer, e, o que é pior, em guerra nas nossas próprias fronteiras com e pelo rei da Prússia. Tudo está a postos, falta-nos apenas uma coisa sem importância — o general-chefe. Como se chegou à conclusão de que o êxito de Austerlitz teria sido mais decisivo se o general-chefe fosse menos jovem, passa-se revista aos octogenários, e, entre Prozorofski e Karrienski, escolhe-se o último. O general chega-nos em kibjk à moda de Suvorov, e é acolhido com manifestações no meio de aclamações de alegria e triunfo.

No dia 4 chega o primeiro correio de Petersburgo. Transportam as malas para o gabinete do marechal, que gosta de fazer tudo pelas suas próprias mãos. Chamam-me para ajudar à distribuição das cartas e tornar conta das que nos são destinadas. O marechal segue o nosso trabalho e aguarda os despachos que lhe são dirigidos. Procuramos; nem um.

O marechal impacienta-se, ele próprio decide procurar e encontra cartas do imperador para o conde T., para o príncipe V, e quejandos. Então, ai o ternos num dos seus ataques de fúria negra. Despede raios e coriscos contra toda a gente, apodera-se das cartas, abre-as, e lê as que o imperador endereça a outros. «Ah! É assim que se comporta para comigo? Não tem confiança em mim! Ah! Dá instruções para me espiarem. Fora daqui!» E ei-lo que redige a famosa ordem do dia para o general Bennigsen:

«Estou ferido, não vosso montar a cavalo e portanto comandar o exército. O senhor levou o seu corpo de exército derrotado para Pultusk, onde este se encontra sem lenha e sem forragens e desprovido do necessário, por isso, como ainda ontem o disse ao conde Boekshevden, é preciso retirar para a nossa fronteira, o que tem de fazer-se hoje Mesmo.»

«As minhas expedições a cavalo», escreveu ao

imperador, <provocaram-me uma ferida proveniente do abuso da sela, o que, além de outros inconvenientes, me impede por completo de montar e comandar um exército da importância deste; eis porque confiei o comando ao general mais antigo, o conde Boeksheden, transmitindo - lhe todos os serviços, e aconselhei-o a que, no caso de lhe faltarem mantimentos, se retirasse para mais perto de nós, para o interior da Prússia, visto que não há pão para mais de vinte e quatro horas e nalguns regimentos já acabou de todo; foi isso, pelo menos, o que declararam os comandantes de divisão Ostermann e Siedmorietski, e nos lares dos camponeses tudo foi devorado. Quanto a mim, aguardando o meu restabelecimento, fico no hospital de Ostrolenko. Ao transmitir, com data de hoje, o presente relatório a Vossa Majestade, tenho a honra de lhe participar que, se o exército permanecer ainda quinze dias no seu actual acampamento, quando chegar a Primavera não restará um só soldado válido.

«Permita Vossa Majestade que um velho se retire para o campo, levando consigo a vergonha de não ter podido cumprir o grande e glorioso destino para que fora escolhido. Aguardarei aqui, no hospital, a vossa muito augusta autorização, para que não venha a desempenhar no exército o papel de 'escriba' em vez do de chefe. A minha retirada do exército não produzirá a mais ligeira sensação — é um cego que se retira do exército, nada mais. Homens como eu encontram-se na Rússia aos pontapés.»

O marechal zangou-se com o imperador e castigou-nos a todos; não é lógico?

E aqui tem o primeiro acto. No acto seguinte, o interesse e o absurdo crescem, como é natural. Depois da partida do marechal, chegou-se à conclusão de que nós estávamos à vista do inimigo e era preciso travar batalha. Boekshevden é general-chefe por antiguidade, mas o

general Bennigsen não é dessa opinião, tanto mais que, estando com o seu corpo de exército diante do inimigo, quer aproveitar a ocasião para uma batalha «aus eigener Hand» (Por suas próprias mãos. (N, dos T.), como dizem os Alemães. E teve-a. Foi a batalha de Pultusk, que tem sido considerada uma grande vitória, mas que, na minha opinião, de vitória nada tem. Nós, civis, temos, como sabe, o mau hábito de decidir quando uma batalha é uma vitória ou uma derrota. O que se retira depois do combate é, em nossa opinião, aquele que a perdeu, e foi por isso que nós perdemos a batalha de Pultusk. Em resumo, retirámos no fim da batalha, mas enviámos um correio a Petersburgo com a notícia de uma vitória, e o general não cede o comando em chefe a Boekshevden na esperança de receber de Petersburgo, em reconhecimento da sua vitória, o título de general-chefe. Durante este interregno iniciámos um plano de manobras extremamente interessante e original. A nossa finalidade não consiste, como seria de esperar, em evitar o inimigo ou atacá-lo, mas unicamente em evitar o general Boekshevden, o qual, por direito de antiguidade, seria o nosso chefe. Visamos este objectivo com tanta energia que até mesmo quando atravessamos um rio não vadeável queimamos as pontes para cortarmos a ligação com o nosso inimigo, o qual, de momento, não é Bonaparte, mas Bockshevden. Este livrou-se de ser atacado e aprisionado por forças inimigas superiores graças a uma das nossas belas manobras, que nos livrava dele. Boekshevden persegue-nos, fugimos. Assim que ele atravessa para a margem do rio onde nós estamos, nós passamos para a margem contrária. Finalmente, o nosso inimigo Boekshevden apanha-nos e ataca-nos. Os dois generais zangam-se. Chega mesmo a haver um desafio para duelo da parte de Boekshevden e um ataque de epilepsia da parte de Bennigsen. Mas, no momento crítico, o correio

> que leva a notícia da nossa vitória de Pultusk traz-nos de Petersburgo a nomeação do general-chefe, e o primeiro inimigo. Boekshevden, está liquidado: podemos pensar agora no segundo. Bonaparte. Mas então acontece que nesse momento se ergue diante de nós um terceiro inimigo, o exército ortodoxo, que pede, clamando, pão, carne, suchari, feno, que sei eu! Os armazéns estão vazios, os caminhos impraticáveis. O exército ortodoxo lança-se na pilhagem e de maneira tal que o que viu na última campanha lhe não pode dar a mais pequena ideia do que se está a passar. Metade dos regimentos forma tropas livres, as quais percorrem o país levando tudo a ferro e fogo. Os habitantes estão completamente arruinados, os hospitais transbordam de doentes e a fome grassa por toda a parte. O quartel-general já por duas vezes foi atacado por bandos de salteadores e o próprio general-chefe viu-se obrigado a pedir o auxílio de um batalhão para correr com eles. Aquando um desses ataques levaram-me a minha mala vazia e o meu roupão. O imperador quer conceder a todos os comandantes de divisão autorização para fuzilar os salteadores, mas tenho o meu receio de que esta medida venha a obrigar metade do exército a fuzilar a outra metade.

De princípio, o príncipe André limitara-se a deixar errar os olhos pela carta, mas, depois, sem dar por isso, e embora conhecesse o grau de veracidade que devia atribuir às asserções de Bilibine, sentiu-se cada vez mais interessado pela leitura. Ao chegar a este ponto amarfanhou a carta e deitou-a fora.

O que o irritava não era o que ela dizia, mas o sentir que o que estava a ocorrer no teatro da guerra, e que lhe era estranho, o podia emocionar àquele ponto. Fechou os olhos, passou a mão pela testa, como para afastar as preocupações que a sua leitura lhe despertara, e apurou o ouvido para o que estava a acontecer no quarto do filho. De súbito pareceu-lhe ouvir atrás da porta um ruído estranho. Invadiu-o uma onda de terror; teve medo de que o estado da

criança se tivesse agravado enquanto estivera entretido na leitura. Aproximou-se da porta em bicos de pés e abriu-a.

Nesse momento viu que a velha criada, com ar apavorado, escondia qualquer coisa e que Maria já não estava junto da cama.

— Meu amigo — murmurou por detrás dele a voz da irmã, com um acento, assim se lhe afigurou, verdadeiramente desesperado.

Como acontece muitas vezes depois de uma longa insónia e de violentas inquietações, assenhoreou-se dele um terror irracional; convenceu-se de que o filho estava morto. Tudo quanto via e ouvia parecia confirmar o seu pavor.

«Acabou tudo», pensou, e um suor frio lhe cobriu a testa. Como louco, aproximou-se do pequeno leito, persuadido de que o ia encontrar vazio, de que a criada escondera a criança morta. Afastou os cortinados, e durante algum tempo os seus olhos nada puderam distinguir. Por fim viu a criança: as faces vermelhas, a cabeça mais baixa do que a almofada. Mamava em sonhos e respirava com toda a regularidade. Ao vê-la, o príncipe André, tanto mais alegre quanto era certo estar persuadido de que a tinha já perdido, debruçou-se, e, à semelhança do que vira fazer à irmã, chegou os lábios à fronte do filho para se certificar se ele teria febre. A tenra pele estava húmida; tacteou-a com a palma da mão, até os cabelos escorriam, tão abundante era a transpiração. Não só não estava morto, como era evidente ter o principezinho vencido a crise e que recuperara a saúde. André teria querido agarrar, estreitar contra o seu coração aquele serzinho delicado, mas não ousou. Ali ficou, de olhos fitos naquela cabecinha, naquelas mãozinhas, naquelas perninhas que se desenhavam debaixo das roupas. O sussurro de um vestido ouviu-se junto dele e uma sombra apareceu sob o cortinado da cama. André não se voltou, continuando, de olhos fitos na criança, a ouvir a sua respiração compassada. A sombra era da princesa Maria, que, em passos muito leves, se havia aproximado e soerguera o cortinado. O príncipe, sem voltar a cabeça, reconheceu-a e estendeu-lhe a mão, que ela apertou nas suas.

— Está a transpirar — disse ele.

— Era isso que eu te vinha dizer.

A criança, a dormir, agitou-se ligeiramente, sorriu e comprimiu a testazinha de encontro à almofada.

André olhou para a irmã. Os luminosos olhos de Maria, na penumbra dos cortinados, brilharam mais do que habitualmente, cheios de lágrimas felizes.

Inclinou-se para o irmão e beijou-o, suspendendo-se ligeiramente nas sanefas do leito. Receosos de acordar o doentinho, assim ficaram, na meia luz dos cortinados, sem poderem apartar-se daquela intimidade em que os três formavam como que um mundo à parte de tudo o mais. Foi André quem primeiro se afastou, despenteando os cabelos na musselina dos cortinados.

«Sim, é tudo quanto me resta», murmurou ele para si mesmo, num suspiro.

[X]

Pouco depois da sua admissão na confraria maçónica. Pedro, munido de um memorial completo, propositadamente escrito para ele, de tudo quanto era necessário fazer-se nos seus domínios, foi-se de longada para, o distrito de Kiev, onde vivia a maior parte dos seus servos.

Chegado que foi, mandou convocar para a «contadoria» principal todos os seus intendentes, a quem expôs as suas intenções e os seus desígnios. Disse-lhes que deveriam tomar imediatamente medidas tendentes à emancipação completa dos seus camponeses, e que de então até essa data estes não deveriam ser sobrecarregados de trabalho, que as mulheres e as crianças seriam dispensadas de tarefas pesadas, que era necessário prestar-lhes auxílio, que os castigos corporais passariam a ser substituídos por repreensões orais e que em cada um dos seus domínios se organizariam hospitais, asilos e escolas. Alguns dos seus intendentes, e entre eles havia vários quase analfabetos, ouviam-no aterrorizados, interpretando as palavras do jovem conde como se elas quisessem dizer que ele não estava contente com a sua administração e não desconhecia os roubos de cada um; outros, depois de um momento de pânico, puseram-se a achar graça às intenções do amo e às palavras novas que nunca tinham ouvido; outros ainda escutavam-no com prazer, e outros finalmente, os mais inteligentes, a cujo número não pertencia o intendente-geral, perceberam, pelo que lhe ouviam, qual a atitude que teriam de tomar para com ele para melhor conseguirem os seus fins.

O intendente-geral disse da sua grande simpatia pelos projectos do amo, mas não sem deixar de lhe observar quão necessário lhe seria, à parte estas transformações, ocupar-se dos próprios bens, em vista do mau estado dos

negócios.

Apesar do enorme património do conde Bezukov, depois que a herança lhe viera parar às mãos e com ela, segundo se dizia, os quinhentos mil rublos de rendimento, o certo é que ele se encontrava muito menos rico do que quando recebia os dez mil rublos de pensão que o pai lhe dava. Nas suas linhas gerais, o orçamento do novo conde Bezukov era este, pouco mais ou menos: pagava ao conselho pela totalidade dos seus domínios cerca de oitenta mil rublos; a manutenção da sua propriedade próxima de Moscovo, da sua casa da mesma cidade e os encargos com as dispendiosas mesadas às princesas orçavam por trinta mil rublos: as pensões elevavam-se a quinze mil e as obras de beneficência a mesma coisa, aproximadamente. Cento e cinquenta mil eram pagos à condessa para a sua manutenção. Pagava, de juros de dívidas contraídas, cerca de setenta mil rublos. A construção de uma igreja ainda em obras tinha-lhe absorvido nos dois últimos anos perto de dez mil rublos. E o restante, cerca de cem mil, era despendido nem ele sabia como, de tal sorte que todos os anos se via obrigado a contrair novas dívidas. Além disso, constantemente o intendente— geral lhe escrevia a dar-lhe parte de incêndios, de más colheitas, de reparações em armazéns e prédios. E eis que a primeira tarefa que se impunha a Pedro era aquela para que ele tinha menos aptidão e gosto: cuidar dos seus próprios interesses.

Todos os dias Pedro trabalhava com o seu intendente— geral. Mas cedo percebeu que não passava da cepa torta. Dava-se conta de que a actividade que desenvolvia era em pura perda, que os negócios lhe escapavam das mãos e que, por isso mesmo, não os via progredir. Por um lado, o intendente expunha-lhe as coisas sob a sua pior luz, mostrando-lhe a necessidade de pagar as dívidas e de empreender novos trabalhos com a ajuda dos servos, e nisso não queria Pedro ouvir falar. Por outro, exigia que se apressasse a emancipação, ao que o intendente opunha a necessidade de pagar antes a dívida ao conselho de tutela, o que tornava impossível a realização imediata dos projectos do amo.

O intendente não declarava ser completamente impossível a sua efectivação: para conseguir este objectivo propunha se vendessem as florestas do distrito de Kostroma, as terras do Baixo Volga e o domínio da Crimeia. Mas estas operações, na sua opinião, eram tão complicadas, implicavam tanta papelada, tantos embargos, tantas intimações, tantos éditos dos tribunais, tantas autorizações que

Pedro perdia a cabeça e contentava-se em responder-lhe: «Bem, bem, anda para diante.»

Faltava a Pedro esse espírito prático e essa tenacidade que lhe teriam permitido tomar conta ele próprio de todos os seus negócios. Mas, como esse trabalho lhe repugnava, contentava-se em fingir, diante do intendente, estar interessadíssimo por ele. Quanto ao intendente, esse procurava dar-lhe a impressão, na sua presença, de considerar todos esses trabalhos da mais alta importância para ele, seu amo, enquanto que para si os considerava aborrecidíssimos.

Na grande cidade encontrou pessoas conhecidas. Os desconhecidos davam-se pressa em relacionar-se com ele e cumulavam de amabilidades esse ricaço da última hora, o mais importante proprietário do distrito. Aquilo que ele confessara ser a sua maior fraqueza aquando da admissão na loja maçónica tentou-o tão fortemente que lhe foi impossível resistir. Passou de novo dias, semanas, meses completamente absorvido pelas recepções, pelos almoços, pelos bailes, sem tempo de se refazer, tal qual como em Petersburgo. Em lugar da vida nova que esperava recaiu na antiga, só com a diferença de ser noutras condições.

Não tinha outro remédio senão reconhecer que de entre as três obrigações impostas pela franco-maçonaria não cumpria aquela segundo a qual cada mação deve ser um modelo no ponto de vista moral e que das sete virtudes requeridas não possuía duas: os bons costumes e o amor da morte. Ia-se consolando convencendo-se intimamente de que cumpria a outra obrigação, isto é, o interesse pela melhoria das condições de vida do género humano e que era detentor de outras virtudes: o amor do próximo e principalmente a generosidade.

Na Primavera de 1807 decidiu regressar a Petersburgo. Pensava percorrer durante a viagem todos os seus domínios e verificar pessoalmente em que pé se encontravam as ordens que dera e em que situação se achava nesse momento aquele povo que Deus lhe havia confiado e que ele se esforçava por cumular de benesses.

O intendente, a cujos olhos todos os projectos do moço conde não passavam de rematada loucura, ao mesmo tempo prejudicial para si, para o proprietário e para os camponeses, viu-se obrigado, no entanto, a fazer certas concessões. Embora persistisse em considerar impossível a emancipação dos servos, tomou medidas, em virtude da próxima visita do amo, no sentido de mandar construir em todos os

domínios grandes barracões, que serviriam de escolas, hospitais e asilos. Por toda a parte preparou recepções de que eram excluídas a solenidade e a pompa, pois sabia que não agradavam a Pedro. Mas pensou que manifestações de carácter religioso, com acompanhamento de imagens e oferendas de pão e sal, prova do reconhecimento dos camponeses, essas deviam, na sua maneira de compreender o amo, influir sobre ele e impressioná-lo.

A Primavera naquelas paragens do Sul, uma viagem rápida e confortável na sua caleça vienense, a solidão da estrada — tudo isso foi de efeito feliz no animo de Pedro. Os domínios que ele ainda não tinha visitado eram todos muito pitorescos. Por toda a parte os camponeses pareciam prósperos e em extremo reconhecidos pelos benefícios recebidos de tal modo era acolhido por todos os seus servos. Conquanto essa recepção calorosa o enchesse de confusão, dava-lhe no fundo da sua alma uma grande alegria. Um certo lugar os camponeses apresentaram-lhe o pão e o sal com uma imagem de S. Pedro e S. Paulo, e pediram-lhe licença, em honra daqueles santos patronos e em testemunho de amor e reconhecimento pelos benefícios recebidos, para erguerem, a expensas suas, uma nova capela na igreja. Além disso, mães, com seus filhos de peito, vieram ao seu encontro agradecer-lhe tê-las poupado a trabalhos penosos. Ainda noutro lugar aguardava-o um padre, de cruz alçada, rodeado de um bando de crianças a quem, graças ao conde, ele ensinava catequese e a ler e escrever. Em todos os seus domínios Pedro pôde ver, com seus próprios olhos, dependências de alvenaria em construção, ou já concluídas, todas segundo uma planta única: hospitais, escolas, hospícios, que deveriam estar prontos num prazo relativamente curto. Por toda a parte lhe foi dado ver, graças aos relatórios dos feitores, que o trabalho fora diminuído e ouvia como— vedoras provas de reconhecimento da boca dos próprios camponeses que vinham ao seu encontro, em delegações, com seus cafetãs azuis na cabeça.

Ignorava porém que a aldeia onde lhe tinham apresentado o pão e o sal e onde se pretendia erguer uma capela a S. Pedro e S. Paulo era uma povoação mercantil com feira pelo S. Pedro e que aquela capela de há muito fora começada pelos ricaços locais, esses mesmos que se lhe haviam apresentado em delegação, quando o certo é que nove décimos dos camponeses se achavam na mais completa miséria,

Ignorava que desde que tinham deixado de mandar executar trabalhos pesados

às mães com filhos de colo, essas mesmas mulheres se viam obrigadas a suportar, dentro de casa, um trabalho tanto ou mais penoso que o que faziam fora dela. Ignorava que o padre que o recebera de cruz alçada oprimia os paroquianos obrigando-os a pagar dízimos em espécie e que os alunos reunidos à sua volta lhe tinham sido confiados entre lágrimas, e que se seus pais os quisessem reaver teriam de pagar avultadas somas. Desconhecia que as construções de pedra, consoante os seus planos, haviam sido feitas pelos próprios camponeses, o que lhes agravara as tarefas, apenas suavizadas no papel. Ignorava que ali mesmo, onde o intendente lhe mostrara os foros reduzidos de um terço, consoante os seus desejos, a tarefa fora aumentada de metade. Eis porque Pedro se sentia encantado com a viagem através dos seus domínios e de novo possuído daquele entusiasmo filantrópico que se apoderara dele quando saíra de Petersburgo, e a tal ponto que escreveu cartas entusiastas a seu irmão instrutor, nome que dava ao grão-mestre.

«Que fácil é, quão pouco esforço é preciso para se conseguir tanto bem», dizia Pedro de si para consigo, «e que descuidados que nós somos!»

Sentia-se feliz com o reconhecimento que lhe testemunhavam, se bem que ao mesmo tempo experimentasse um certo mal-estar aceitando-o. Isso vinha lembrar-lhe estar na sua mão fazer muitíssimo mais por aquela gente simples e boa.

O seu intendente-geral, um celerado, assaz estúpido, de resto, que soubera levar o moço conde, inteligente mas ingénuo, e que fazia dele o que queria, como se ele fosse um brinquedo, ao ver o efeito que nele provocaram os processos de que lançara mo, logo tratou de extrair daí novos argumentos sobre a impossibilidade, e sobretudo sobre a inutilidade, da emancipação dos servos, os quais não precisavam de uma tal medida para se sentirem completamente felizes.

Pedro, no fundo do seu coração, estava de acordo com ele, pelo menos para reconhecer ser difícil conceber gente mais feliz e que só Deus sabia o que a liberdade lhes viria a dar. Mas, apesar de tudo, insistia na realização do que ele considerava uma causa justa. O intendente prometia-lhe fazer tudo quanto lhe fosse possível para dar cumprimento ao seu desejo, sabendo perfeitamente que ele nunca seria capaz de verificar se se tinham tomado medidas para a venda das florestas e dos bens, para o resgate ao conselho de tutela, e que, ainda por cima, nunca mais falaria no caso e não chegaria a saber que as dependências construídas permaneciam vazias e que os camponeses continuavam a dar em trabalho e em

dinheiro o que sempre tinham dado por toda a parte, ou seja, tudo de quanto fossem capazes.

[XI]

No regresso da sua viagem ao Sul, na melhor das disposições de espírito. Pedro pôs em execução o seu muito antigo projecto de ir visitar o seu bom amigo Bolkonski, a quem não via há dois anos.

Bogutcharovo ficava numa região plana e razoavelmente feia, coberta de prados e florestas de pinheiros e bétulas, em parte dizimadas. A residência senhorial era na extremidade da aldeia, que se estendia em linha recta dos dois lados da estrada, na retaguarda de um tanque recentemente cavado, completamente cheio, cujas margens ainda não estavam guarnecidas de erva, no meio de um bosque novo onde se erguiam, aqui e ali, alguns pinheiros.

A residência compunha-se de um cerrado para os molhos de trigo, um grupo de construções que davam para o pátio, cavalariças e estufa, e de uma grande casa de pedra com um frontão semicircular, ainda não concluído. Em tomo da casa havia um parque recém-plantado. As paliçadas e o portal eram sólidos e novos. Sob um alpendre viam-se duas bombas de incêndio e um tonel pintado de verde. Os caminhos eram direitos, as pontes sobre os cursos de água resistentes e guarnecidas de parapeitos. Em tudo se via ordem e boa administração. Os criados que encontrou, aos quais perguntou onde habitava o príncipe, apontaram-lhe um pequeno pavilhão novo marginando o tanque.

O velho valido do príncipe André. António, ajudou Pedro a apear-se da sua caleça, disse-lhe que o príncipe estava em casa e conduziu-o a uma pequena antecâmara muito asseada.

Pedro sentiu-se impressionado com a modéstia daquela pequena casa limpa em comparação com o luxo brilhante de que vira cercado o seu amigo a última vez que com ele estivera em Petersburgo. Deu-se pressa em penetrar no pequeno salão, que cheirava a resina de pinheiro e ainda por rebocar. Quis ir mais longe, mas António precedeu-o em bicos de pés e bateu à porta.

— Que se passa? — disse uma voz rude e pouco amável.

— Uma visita — respondeu António.

— Diz-lhe que entre — e ouviu-se o ruído de uma cadeira que se afastava.

Pedro aproximou-se vivamente da porta e encontrou-se cara a cara com André, que vinha a sair, de aspecto pouco satisfeito e traços envelhecidos. Pedro abraçou-o e, depois de tirar as lunetas, beijou-o na cara e olhou-o de perto.

— Ora aqui está o que eu não esperava. óptimo! — exclamou André.

Pedro, silencioso, olhava, assombrado, o amigo, sem poder apartar os olhos dele, aturdido com a mudança que nele se operara. As suas palavras eram acolhedoras, tinha o sorriso nos lábios, mas aos olhos apagados, como mortos, por mais que fizesse não conseguia comunicar-lhes sombra de alegria. Não que tivesse emagrecido ou estivesse pálido, mas aquele seu olhar e aquela sua fronte sulcada de rugas, sinal de pensamentos concentrados, impressionavam Pedro e causavam-lhe como que uma sensação de repulsa, uma vez não habituado a vê-los no amigo.

Como sempre acontece depois de uma longa separação, não foi fácil encetarem desde logo uma boa conversa. As perguntas e as respostas eram breves, posto abordassem assuntos de que tanto um como outro estavam certos de ser dignos de mais larga explanação. Mas, por fim, voltaram a tratar dos assuntos a que apenas se haviam referido abreviadamente: o passado, os seus planos de futuro, a viagem de Pedro, as suas ocupações, a guerra, etc. A preocupação e o abatimento que Pedro notara no olhar do seu amigo reflectiam-se agora mais pronunciadamente no sorriso com que ele acolhia as tiradas de Pedro, especialmente quando o ouviu falar com jovial emoção do passado e do futuro. Apesar de toda a sua boa vontade. André não podia mostrar interesse por essas palavras, e Pedro acabou por compreender que, diante do seu amigo, não caíam bem nem o seu entusiasmo, nem os seus sonhos, nem as suas esperanças de felicidade e de virtude. Sentiu-se embaraçado ao expor todas as suas novas teorias maçónicas, especialmente aquelas que a sua última viagem lhe tinha permitido renovar e despertar em si. Refreava-se, receava parecer ingénuo, ao mesmo tempo que ansiava mostrar, quanto mais depressa melhor, já não ser a mesma pessoa, que era agora um Pedro bem melhor do que aquele que André conhecera em Petersburgo.

— Não posso dizer-lhe quanto me aconteceu nestes últimos tempos. Nem eu próprio me reconheço.

— Efectivamente mudaste muito, muito, de então para cá — disse André.

— E quanto a si, quais são os seus projectos?

— Os meus projectos? Os meus projectos? — repetiu André, surpreendido ele próprio com o sentido dessas palavras. — Como vês, dedico-me à construção, quero estar definitivamente instalado no ano que vem...

Pedro, em silêncio, ficou-se a contemplar firmemente o rosto envelhecido do

seu amigo.

— Não é isso; estava a perguntar-lhe... — Mas André interrompeu-o:

— Para que havemos de falar de mim?... Conta-me, conta-me a tua viagem, tudo o que fizeste lá longe, nos teus domínios.

Pedro pôs-se a contar-lhe o que tinha feito, procurando dissimular o mais possível a sua própria participação nos melhoramentos realizados. Por mais de uma vez André antecipou-se a Pedro na conclusão das descrições por ele encetadas, como se para ele o que o amigo contava fossem coisas de há muito suas conhecidas e ele escutasse todas essas histórias não só sem interesse, mas até com algum enfado.

Pedro acabou por se sentir pouco à vontade na companhia do amigo. Calou-se.

— E, como vês, meu caro — disse André, que estava sentindo, era evidente, os mesmos embaraços e enfado que o seu amigo. — Estou aqui como num acampamento e vim apenas para passar os olhos por isto. Volto hoje mesmo para junto de minha irmã. Terei muito prazer em apresentar-te. Mas creio que tu a conheces.— Dir-se-ia que não procurava senão matar o tempo na companhia do seu hóspede, cujas ideias nada tinham já de comum com as suas próprias.— Abalamos depois do jantar. E agora queres visitar as minhas instalações?

Saíram, e até ao jantar deambularam pela propriedade, conversando acerca das coisas políticas e dos amigos comuns, como se fossem pessoas de pouca intimidade. O príncipe André falou-lhe com animação, e pondo nisso um certo interesse, das obras novas que estava a fazer, mas no meio da conversa, ainda sobre os próprios andaimes, no momento em que lhe descrevia a futura disposição dos aposentos, calou-se repentinamente:

— De resto, nada disto tem o mais pequeno interesse. Vamos jantar e depois abalamos.

Durante o jantar veio a talho de foice falarem do casamento de Pedro.

— Fiquei muito surpreendido quando me disseram — disse André.

Pedro corou, como sempre acontecia em tal momento, e deu-se pressa em dizer:

— Hei-de contar-lhe um dia como tudo isso se passou. Mas, como sabe, acabou, e para sempre.

— Para sempre? Nada se faz para sempre.

— Mas então não sabe como isso acabou? Ouviu falar do duelo?

— E tiveste de chegar a esse ponto!

— A única coisa em que estou agradecido a Deus é de não ter matado esse homem — murmurou Pedro.

— E porquê? Não fica mal a ninguém matar um cão danado.

— Sim, mas matar um homem não está bem, não é justo...

— Não é justo porquê? — insistiu André. — Ao homem não compete decidir do que é justo ou do que o não é. O homem sempre errou e sempre há-de errar, e principalmente naquilo que ele considera justo ou injusto.

— É injusto o que prejudica o próximo — observou Pedro, que sentia prazer em verificar, pela primeira vez desde que chegara, que o amigo começava a animar-se e a tornar calor pela conversa, e pretendia, deste modo, dar a conhecer tudo que o levara ao estado em que actualmente se encontrava.

— E como sabes distinguir o que prejudica o próximo? — perguntou André.

— O mal! O mal! — exclamou Pedro. — Todos nós sabemos muito bem o que é mau para nós próprios.

— Sim, é verdade, sabemos, mas o que me faz mal pode não fazer mal a outro — redarguiu André, cada vez mais animado e desejoso de expor a Pedro o seu novo ponto de vista. E acrescentou em francês: «Na vida só conheço dois males bem reais: e remorso e a doença. Só a ausência destes dois males é que é o bem.» Viver para mim próprio e limitar-me a evitar estes dois males, eis, actualmente, em que consiste toda a minha sabedoria.

— E o amor do próximo, e a dedicação? — atalhou Pedro. — Não, não posso concordar consigo. Viver apenas para não fazer mal, para evitar o remorso. é pouco, muito pouco. Vivi assim, vivi só para mim e malogrei a minha vida. E só agora é que estou a viver, ou, pelo menos, a esforçar-me por viver — rectificou por modéstia — para os outros. Só agora é que compreendi a felicidade da existência. Não, não posso estar de acordo consigo, e estou convencido de que não pensa o que diz.

O príncipe André fitou Pedro sem dizer nada, com um sorriso zombeteiro nos lábios.

— Vais ver a minha irmã Maria. Estarão os dois de acordo – disse. — É possível que tenhas razão no que te diz respeito — acrescentou após alguns momentos de silêncio. — Cada um vive como melhor entende. Tu, tu viveste para ti e entendes que vivendo assim ias malogrando a tua vida e que não soubeste o

que era felicidade senão no dia em que começaste a viver para os outros. Eu, por mim, fiz a experiência contrária. Vivi para a glória. E que é a glória? É também o amor do próximo, o anseio de fazer alguma coisa por ele, o desejo de merecer os seus louvores. Quer dizer que eu vivi para os outros e que não só estive em risco de comprometer a minha existência, como a malogrei, de facto, completamente. Eis porque, de então para cá, desde que não vivo senão para mim, passei a ter uma vida mais serena.

— Mas como é possível viver-se só para si? — interrogou Pedro, cada vez mais exaltado. — E seu filho, sua irmã, seu pai?

— Continuam a ser eu, não são os outros — replicou André. — Os outros, o próximo, como dizem, tu e a Maria, são a causa principal do erro e do mal. O próximo são esses camponeses de Kiev a quem tu queres fazer bem.

Olhou para Pedro com um olhar irónico e provocador. Era evidente que procurava desafiá-lo.

— Pelo que vejo, quer divertir-se — replicou Pedro, cada vez mais animado. — Onde é que pode haver erro e mal no desejo que há em mim de praticar o bem? E se eu não fizer quase nada, e mal, a minha boa intenção lá está sempre, e, seja como for, sempre fiz qualquer coisa. Que mal é que pode haver em ensinar aos desgraçados dos nossos camponeses, homens como nós, que vivem e morrem sem outra noção de Deus e da verdade que não sejam ritos vãos e orações sem qualquer significado para eles, que mal é que pode haver em ensinar-lhes a consoladora crença numa vida futura, numa recompensa proporcional aos seus actos, num alívio das suas dores? Que mal, que erro é que haverá em impedir que os homens morram de doença sem qualquer socorro, quando é tão fácil auxiliá-los materialmente, arranjando para eles remédios, hospitais e asilos onde acabem os seus tristes dias? E não será um bem palpável e incontestável que eu procure descanso e alívio no trabalho para o camponês e para a mulher que amamenta o seu filho, pobres deles que não sabem o que seja repouso nem de noite nem de dia?... — acrescentou Pedro com a sua gaguice atrabiliária. — E foi isso que fiz, mal, incompletamente, de acordo, mas a verdade é que o fiz em certa medida, e não só ninguém me dissuadirá de que não foi um bem o que eu pratiquei, como ninguém me convencerá de que o André não pensa da mesma maneira. E o mais importante — concluiu — e é isso que eu sei, e disso estou convencido, é que a única verdadeira felicidade da vida é a satisfação que se tira do bem que se faz.

— Sim, se se puser assim o problema, é outra coisa — disse o príncipe André. — Eu construo urna casa, planto um parque, tu fundas hospitais. Tanto o meu acto como o teu podem ser considerados mero passatempo. Mas, quanto ao que é justo, ao que é o bem, deixa Aquele que tudo sabe, e não a nós, o cuidado de o decidir. Contudo, se queres continuar a discussão, está bem, seja feita a tua vontade!

Levantaram-se da mesa e foram instalar-se na escada, que formava como que uma varanda.

— Bom, vamos à discussão — principiou André. — Tu dizes: escolas, instrução e tudo o mais — continuou, contando pelos dedos —, isso quer dizer que tu queres tirar aquele — apontou para um camponês que ia passando e os saudou — do seu estado animal e dar-lhe o sentido das necessidade morais. Pois eu penso que a sua única felicidade possível é a felicidade animal, e tu queres privá-lo disso. Invejo-o, e tu, tu queres torná-lo eu, sem lhe dares, aliás, todos os meus recursos. Em segundo lugar, tu dizes: aliviemo-lo do seu trabalho. Mas, na minha opinião, o trabalho físico, para ele, é uma necessidade, uma condição da sua existência, tal qual como para ti o trabalho intelectual. Tu, tu não podes deixar de pensar. Eu deito-me às três horas da manhã e tanta coisa me vem à cabeça que não posso conciliar o sono. Revolvo-me na cama, fico sem dormir até alta madrugada, apenas porque penso, e não posso deixar de pensar; da mesma maneira que ele não pode deixar de lavrar ou de ceifar. Sem isso iria para a taberna e ficaria doente. Assim como eu não poderia suportar o seu tremendo trabalho físico — bastavam oito horas para me matar —, ele não suportaria a minha ociosidade física, tanto engordaria que acabaria por morrer. Em terceiro lugar, que disseste tu, afinal? — André agarrava o seu terceiro dedo — Ah!, sim, os hospitais, os medicamentos. Suponhamos que ele tem uma apoplexia. Tu sangra-lo e ele cura-se. Ficará dez anos entrevado, um tropeço para toda a gente. Seria muito melhor e muito mais simples morrer. Outros virão a este mundo e há sempre gente de sobra. Se ao menos tu lamentasses perder um trabalhador encarando o problema como eu, mas tu queres tratá-lo por amor dele próprio. Ele não precisa disso. E, de resto, que ilusão a tua ao pensares que a medicina já curou alguém! Que tem morto muita gente é um facto! — acrescentou, de sobrancelhas carregadas e voltando a cara.

André expunha as suas ideias com tanta clareza e tanta nitidez que se depreendia facilmente não ser a primeira vez que analisava aqueles problemas, e

ao falar fazia-o com tanto prazer e tão abundantemente que se via bem não se expandir há muito. Tanto maior era a animação do seu olhar quanto era certo serem pessimistas as conclusões a que chegara.

— Ah!, é terrível!, é terrível! — disse Pedro. — Não posso compreender que se viva com semelhantes ideias. Sim, confesso que tenha passado por fases semelhantes ainda não há muito tempo, em Moscovo e em viagem. Mas nessas alturas sinto-me de tal modo arrasado que é como se deixasse de viver; tudo me é odioso.., a começar por mim próprio. Então deixo de comer, deixo de me lavar... E a si. André, que lhe acontece?

— Porque hei-de eu desleixar-me? Isso não é próprio. Pelo contrário, acho que devemos procurar tornar a nossa existência o mais agradável possível. Estou vivo, e a culpa não é minha, por isso é bom que continue a viver o melhor que puder, sem incomodar ninguém, até à hora da morte.

— Mas que o leva a ter semelhantes ideias? Está disposto, então, a ficar assim, sem se mexer, sem qualquer iniciativa...

— A vida se encarrega de nunca nos deixar em repouso. Ficaria encantado se nada tivesse que fazer, mas deu-se o caso de a nobreza da região me ter dado a honra de me escolher para seu marechal: só eu sei quanto me custou ver-me livre dessa gente. Não havia meio de perceberem que eu era completamente destituído dos predicados necessários para o desempenho de tal cargo, que me faltava essa espécie de vulgaridade parrana e buliçosa, a qualidade mais apreciada nas pessoas nessa situação. E, ainda por cima, tenho esta casa, que foi preciso construir para ter umas telhas minhas que me cubram e onde eu possa viver em paz. E agora a milícia.

— E porque é que não voltou para a tropa?

— Depois de Austerlitz? — replicou ele, sorumbático. — Não, graças a Deus! Jurei a mim mesmo não voltar a servir no activo. E estou disposto a não o fazer. Ainda mesmo que Bonaparte aqui aparecesse, em Smolensko, ameaçando Lissia Gori, eu não voltaria a pegar em armas. Sim, como te dizia — prosseguiu ele, serenando,— agora estão a mobilizar a milícia, meu pai é o comandante — chefe da 3ª região e a única maneira que eu tenho de evitar o regresso ao meu posto é estar ao seu serviço.

— Quer dizer, portanto, que continua a prestar serviço.

— Sim, continuo.

Calou-se por alguns instantes.

— E quais são, em rigor, as suas funções?

— É simples. Meu pai é um dos homens mais notáveis da sua época. Mas está velho e, embora não possamos dizer que é uma pessoa dura, é facto que tem um carácter muito impetuoso. O hábito em que está de dispor de um poder sem limites torna-o terrível, principalmente agora, que depende, como chefe da milícia, directamente do imperador. Há uns quinze dias, se eu tenho chegado duas horas mais tarde, tinha mandado enforcar um escriba em Iuknov — acrescentou André com um ligeiro sorriso. — E então presto serviço porque ninguém a não ser eu tem influência sobre meu pai, e será esta a única maneira de evitar que ele cometa qualquer acto de que mais tarde viria a sentir remorsos.

— Então, como vê...

— Sim, mas não é como o senhor pensa! — prosseguiu André. — Não tinha nem tenho qualquer sentido de benemerência para com esse canalha desse escriba, que roubara uns pares de botas aos milicianos. Teria sentido mesmo um grande prazer em vê-lo enforcado, mas tive pena de meu pai, isto é, de mim próprio.

O príncipe André parecia cada, vez mais agitado. Os olhos brilhavam-lhe febrilmente no momento em que procurava convencer Pedro de que nos seus actos não existia o mais pequeno desejo de fazer bem ao próximo.

— Com que então, queres dar carta de alforria aos teus camponeses! óptimo! Mas não vejo que isso seja um bem, quer para ti, pois estou convencido de que nunca açoitaste fosse quem fosse nem nunca mandaste ninguém para a Sibéria, quer muito menos para os teus camponeses. De resto, quando acontece baterem-lhes, açoitarem-nos, deportarem-nos para a Sibéria, não creio que venham a sentir-se pior por isso. Na Sibéria continuam a mesma vida animal. E, quanto aos açoites, acabam por se curar das feridas e não ficam por isso mais infelizes do que anteriormente. Mas aqueles para quem eu julgo necessária a liberdade são os que moralmente estão perdidos, os carregados de remorsos, os que fazem tudo para calar a voz da consciência, os que se endurecem no abuso que cometem do seu direito de punir, justa ou injustamente. Eis os que lamento e no interesse de quem gostaria de ver libertar os servos. Tu, naturalmente, nunca conheceste qualquer, mas eu tenho tratado com criaturas muito dignas, educadas na tradição do poder sem limites, que, com o correr dos anos, se tornaram irritáveis, se fizeram duras e

cruéis; conscientes disso, mas sem se poderem dominar, acumulam assim sobre si próprias desgraças sobre desgraças.

O príncipe André falava com tamanha convicção que Pedro, sem querer, dizia para consigo mesmo que tais reflexões haviam sido sugeridas ao amigo pelo estado moral de seu próprio pai. Não soube que responder-lhe.

— Sim, isto é que me inspira piedade: a dignidade do homem, a tranquilidade da consciência, a pureza da alma comprometida, e não as costas e as cabeças dos outros, pois, quer as açoitem, quer as tosquiem, nem por isso deixam de ser costas e cabeças (Tosquiar alguém é fazê-lo assentar praça. (N, dos T.)

— Seja como for, não, nunca serei da sua opinião — concluiu Pedro.

[XII]

À tardinha, o príncipe André e Pedro meteram-se numa caleça e partiram para Lissia Gori. André, que relanceava furtivos olhares a Pedro, de tempos a tempos interrompia o silêncio para dizer qualquer coisa em que se denunciava a sua excelente disposição.

Falava-lhe, apontando para os campos, nos aperfeiçoamentos agronómicos que tinha introduzido na lavoura.

Pedro, macambúzio, limitava-se a responder por monossílabos, parecendo mergulhado nos seus pensamentos.

De si para consigo ia dizendo que o amigo era infeliz, que estava em erro, que ignorava a verdadeira luz e que o seu papel era vir em seu auxílio, iluminá-lo e levantar-lhe o espírito. Mas, assim que se punha a congeminar o que lhe iria dizer e como o diria, compreendia que André, com uma simples palavra e um só argumento, arrasaria a sua argumentação, e tinha medo de principiar, tinha medo de expor a zombarias muito possíveis a arca santa das suas crenças.

— Ora vejamos: que é que o leva a pensar assim — principiou ele, de chofre, de cabeça baixa, como um touro que arremete —, que é que o leva a pensar assim? Não tem o direito de pensar assim.

— De pensar o quê? — interrompe André, surpreso. — Pensar assim a respeito da vida, do destino do homem. Isso não pode ser. Eu também pensei assim, e quer

saber o que me salvou? A franco— maçonaria. Ah!, não se ria. Pode crer, a franco-maçonaria. Não é uma seita religiosa, cheia de ritos, como eu julgava, mas a melhor, a única expressão do que há de melhor, do que há de eterno no homem.

E pôs-se a expor-lhe em que consistia a franco-maçonaria e como ele a compreendia. Disse-lhe que era a doutrina cristã emancipada dos estorvos dos governos e das religiões, a doutrina da igualdade, da fraternidade e do amor.

— A nossa santa confraria é a única que possui o verdadeiro sentido da vida — continuou ele —, tudo o mais são fantasias. Creia, meu amigo, fora desta associação só há mentira e falsidade. E eu estou de acordo consigo e pronto a dizer que ao homem honesto e inteligente nada mais lhe resta que acabar por viver como o André vive, com a única preocupação de não incomodar os outros. Mas, se adoptar os nossos princípios fundamentais, se entrar na nossa confraria, se se nos entregar, se se deixar dirigir por nós, acabará por sentir, como eu próprio senti, que é um elo desta cadeia enorme e invisível cujo princípio se esconde nos Céus.

André ouvia falar Pedro sem dizer palavra, de olhos fixos diante dele. Como o ruído do carro o não deixava ouvir bem, por mais de uma vez lhe pediu que repetisse o que estava a dizer. O fulgor que brilhava nas pupilas de André e o seu silêncio garantiam a Pedro que as suas palavras não estavam a cair em cesto roto e que ele não pensava interrompê-lo nem zombar do que ele dizia.

Chegaram a um rio cujas águas haviam transbordado e o qual tiveram de atravessar de barco.

O príncipe André, encostado à amurada, contemplava, calado, a massa líquida a que os raios do sol-poente arrancavam labaredas.

— Então? Que é que pensa de tudo isto? — perguntou Pedro. — Porque é que não diz alguma coisa?

— Que é que eu penso? Mas estou a ouvir-te. Tudo isso está muito bem — replicou. — Tu dizes-me: entre na nossa confraria e nós lhe mostraremos o fim da vida, o destino do homem e as leis que governam o mundo. Mas quem somos nós? Homens! Como é que vocês sabem tudo isso? Porque será que só eu não vejo o que vocês vêem? Vocês vêem na terra o domínio do bem e da verdade, mas eu não o vejo.

Pedro interrompeu-o.

— Acredita numa vida futura? — perguntou.

— Numa vida futura? — Mas Pedro não o deixou prosseguir, e, tomando esta

interrogação como uma negativa, tanto mais que de longa data sabia do ateísmo do seu amigo, de novo o interrompeu.

— Acha que lhe é impossível ver o reino do bem e da verdade sobre a terra. Também eu não acreditava em tal coisa e não é possível admiti-lo se se considerar a nossa vida como o fim de tudo. Sobre a terra, principalmente sobre a terra — dizia ele, apontando para os campos —, não há verdade: tudo é mentira e maldade. Mas no universo, no conjunto do universo é a verdade que reina. Nós somos por um momento filhos da terra, mas eternamente somos filhos do universo. Não sentirei eu, no fundo da minha alma, que sou uma parte deste todo, enorme e harmonioso? Não sentirei eu que nesta imensa e infinita quantidade de seres, através da qual se manifesta a divindade ou a suprema força, o que vem a dar no mesmo, eu sou um fuzil, um degrau da escada dos seres que vai do mais ínfimo ao mais elevado? Se eu vejo, se vejo claramente esta escada que vai da planta até ao homem, porque é que eu hei-de partir do princípio de que ela se detém precisamente em mim em vez de alcançar sempre mais longe, cada vez mais longe? Eu sinto em mim que, pela mesma razão de que nada se perde no universo, também eu não posso desaparecer e que continuarei a ser para todo o sempre como sempre tenho sido. Sinto que além de mim e para além de mim há espíritos vivos e que é nesse universo que reside a verdade.

— Sim, é a doutrina de Herder — interveio André. — Mas, meu caro, não é essa doutrina que me convence: a vida e a morte, sim. O que me convence é ver urna criatura a quem queremos muito, a quem muito estamos presos, para com quem nos sentimos culpados e de que esperamos remir o mal que lhe fizemos — e ao dizer estas palavras a sua voz tremia e desviava a vista — e que de um momento para o outro começa a sofrer, a padecer tremendas dores e deixa de existir... Porquê? É impossível que não haja uma resposta para isto! E eu estou convencido de que há... Bis o que me convence, eis o que me convenceu — concluiu ele.

— Claro, claro — repetiu Pedro. — Mas não é isso precisamente que eu estive a dizer?

— Não. O que eu quero dizer é que não são os raciocínios que me convencem da necessidade duma vida futura, mas este facto apenas: o de irmos pela vida fora de mão dada com um ser humano, e este ser, de repente, desaparecer além, no nada, e então determo-nos diante desse abismo e ficarmos a olhar. E eu, eu olhei...

— E então? Sabe que há um além, que há alguém. Além é a vida futura. Esse alguém é Deus.

O príncipe André permanecia calado. Havia muito já que a carruagem e os respectivos cavalos tinham atingido a outra, margem, que estes já estavam de novo atrelados, que o Sol já mal se via no horizonte e que a geada do crepúsculo começava a cobrir de estrelas de gelo o lamaçal do atracadouro, e ainda Pedro e. André, com grande espanto dos lacaios e dos barqueiros, continuavam no barco entretidos a falar.

— Se Deus existe, se há rima vida futura, a verdade existe, existe a virtude, e a suprema felicidade do homem consiste no esforço para as alcançar. É preciso viver, é preciso amar, é preciso crer — dizia Pedro —, pois não vivemos apenas nesta hora, sobre este pedaço de terra, mas sempre vivemos e eternamente havemos de viver, além, no Todo.— E apontava para o céu.

André continuava apoiado à borda do barco e ouvia Pedro sem deixar de fitar os reflexos vermelhos do sol-poente nas águas cada vez mais azuis. Pedro calou-se. A serenidade era completa. Há muito que o barco estava atracado e não se ouvia senão o ténue ondular da superfície líquida batendo de encontro ao fundo da embarcação. A André afigurou-se-lhe que aquele sussurro confirmava o que dizia Pedro: «É a verdade, acredita.»

Soltou um suspiro e envolveu num olhar de criança, luminoso e terno, o rosto de Pedro, muito corado e vitorioso, e como sempre intimidado diante da superioridade do amigo.

— Sim, se ao menos assim fosse! — exclamou. — Vamos, o carro espera-nos. — E, pondo os pés em terra, soergueu os olhos para o céu que Pedro lhe apontara e, pela primeira vez depois de Austerlitz, tomou a ver aquele céu profundo e eterno, o céu que havia contemplado estendido no campo de batalha, e sentimentos há muito nele adormecidos, melhores sentimentos, despertaram subitamente na sua alma, como numa ressurreição de alegria e juventude. Entregues aos hábitos quotidianos da vida, todas as suas tendência íntimas se haviam desvanecido pouco a pouco, mas, embora não tivesse sabido nutri-las, o certo é que continuava a senti-las vivas dentro de si. Desta sua conversa com Pedro passou a datar uma vida que, se exteriormente parecia a mesma, no seu foro íntimo passara a ser completamente nova.

[XIII]

Era noite quando André e Pedro se apearam diante da entrada principal de Lissia Gori. No momento em que chegavam. André chamou a atenção do amigo, todo sorridente, para a azáfama junto da escada de serviço. Uma velha, toda corcovada, de alforge às costas, e um homenzinho vestido de preto, de grande cabeleira, ao verem aproximar-se a caleça esconderam-se no alpendre. Duas mulheres correram atrás deles e os quatro, depois de haverem lançado um olhar espavorido à carruagem, desapareceram na pequena escada,

— São as almas de Deus da Macha — observou André. — Julgaram que era meu pai que chegava. Eis a única coisa em que ela se lhe não submete: ele deu ordem para Macha correr com estes peregrinos, mas continua a recebê-los.

— E que vêm a ser estas almas de Deus? — inquiriu Pedro.

O príncipe André não teve tempo de lhe responder. Os criados acorriam ao seu encontro. Perguntou-lhes pelo velho príncipe e se o esperavam breve,

Naquele momento ainda estava na cidade, e aguardavam-no de um momento para o outro.

André conduziu o amigo aos seus antigos aposentos, os quais, em casa de seu pai, estavam sempre preparados para o receber, e dirigiu-se ao quarto do filho.

— Vamos ver minha irmã — disse ele quando voltou para o levar consigo. — Ainda a não vi. Está escondida com as suas almas de Deus. É bem feito para ela. Vai ficar envergonhadíssima. Mas ficarás conhecendo essa gente. É curioso, palavra.

— Que vêm a ser estas almas de Deus?

— Já vais ver.

A princesa Maria ficou realmente muito envergonhada, e a cara cobriu-se-lhe de manchas escarlates ao vê-los entrar. No seu quarto confortável, com os seus oratórios de ícones diante dos quais ardiam lamparinas, sentado num divã, ao lado dela, tomando chá, estava um rapazola de nariz aquilino e cabelos compridos, vestido de frade.

Junto deles, numa poltrona, sentava-se urna velha descarnada e rugosa, de expressão cortês e infantil.

— André, porque me não preveniste? — disse ela com uma entoação de censura na voz suave e pondo-se diante dos seus peregrinos, como uma galinha diante dos seus pintainhos.

— Muito prazer em o ver. Estou muito contente por o ver — disse ela para Pedro, enquanto este lhe beijava a mão. Conhecera-o ainda muito criança, e agora a amizade que ele tinha por André, as suas infelicidades com a mulher, e sobretudo o seu bondoso feitio, a sua simplicidade, dispunham-na muito bem para com ele. Olhando-o com os seus lindos olhos luminosos parecia dizer-lhe: «Gosto muito de si, mas, por amor de Deus, não faça troça dos meus.»

Depois dos primeiros cumprimentos todos se sentaram.

— Ah! Com que então também cá está o Ivanuchka! — exclamou André, sorridente, dirigindo-se ao moço peregrino.

— André! — suplicou a irmã.

— É preciso que saibas que é uma mulher — André esclareceu Pedro.

— André, por amor de Deus! — insistiu Maria.

Via-se perfeitamente que os gracejos de André a propósito dos peregrinos e a baldada intervenção de Maria em seu favor eram hábito corrente entre os dois irmãos.

— Mas, minha boa amiga — prosseguiu André — deveria, pelo contrário, estar-me reconhecida por eu explicar a Pedro a sua intimidade com este jovem.

— Realmente? — disse Pedro, que, com uma expressão curiosa e cheia de seriedade, coisa por que Maria lhe estava particularmente reconhecida, observava, por detrás das lunetas, a figura de Ivanuchka. Este, percebendo que se lhe referiam, olhava para todos com o seu olhar astuto.

Não valia a pena que Maria se mostrasse tão incomodada por causa dos seus. Eles não mostravam o mais pequeno embaraço. A velha, de pálpebras descidas, mas relanceando furtivamente os olhos aos recém-chegados, pousara no pires a chávena de fundo para o ar, pusera de lado o torrão de açúcar já meio roído e quedara-se muito sossegada na sua poltrona, esperando que lhe oferecessem mais chá. Ivanuchka, enquanto bebia, em pequenos goles, pelo pires, a furto ia fitando os dois amigos, com os seus olhos maliciosos, muito femininos.

— Ouve lá, estiveste em Kiev? — perguntou André à velhinha.

— Estive, paizinho — replicou a velha, prolixamente. — Precisamente pela Natividade, tive a dita, junto dos santos padres, de participar nos santos mistérios

do Céu. E agora vou a Koliazine, paizinho. Houve ali um grande milagre...

— E Ivanuchka vai contigo?

— Não, eu sigo o meu caminho, meu benfeitor — disse Ivanuchka, fazendo o possível por imprimir à voz um registo de baixo. — Foi em Iuknov que eu me encontrei com Pelagueiuchka.

Pelagueiuchka interrompeu a companheira. Morria por contar tudo quanto vira.

— Em Koliazine, paizinho, houve um grande milagre.

— E que foi que aconteceu? Novas relíquias? — perguntou André.

— Por amor de Deus. André — intercedeu Maria. — Pelagueiuchka, não contes nada.

— Que dizes tu, mãezinha, porque é que eu não lhe hei-de contar? Eu gosto muito dele. É bom, é enviado de Deus. É meu benfeitor; deu-me dez rublos, lembro-me muito bem. Quando eu estava em Kiev. Kiriuchka falou-me. É um inocente, uma verdadeira alma de Deus. Anda sempre descalço, tanto no Verão como no Inverno. «Porque é que tu não vais», disse-me ele, «aonde deves ir? Vai a Koliazine. Houve ali um milagre, a nossa Mãe, a Santíssima Maria Mãe de Deus, manifestou-se.» Ao ouvir estas palavras despedi-me dos santos padres e abalei.

Todos estavam calados. Só a peregrina falava, numa voz pausada, entrecortada de profundas inspirações.

— Quando lá cheguei, paizinho, a gente disse-me: «Um grande milagre aconteceu: os santos óleos escorrem das faces da nossa Mãe, a Santíssima Mãe de Deus»...

— Bem, bem, basta, depois contarás isso — disse a princesa Maria, corando.

— Deixa que eu lhe faça uma pergunta — interveio Pedro. — Viste isso com os teus próprios olhos?

— Pois vi, paizinho, tive essa felicidade. Na cara da santa havia uma claridade tal que parecia uma luz do Céu, e das suas faces aquilo escorria, escorria...

— Mas isso é uma fraude! — exclamou Pedro, ingenuamente, depois de ter prestado muita atenção às palavras da peregrina.

— Ah!, paizinho, que estás tu a dizer? — suspirou Pelagueiuchka, aterrorizada, e como se procurasse socorro junto de Maria.

— É assim que se engana o povo — prosseguiu ele.

— Oh! Jesus Cristo. Nosso Senhor! — exclamou de novo a peregrina, benzendo-

se.— Oh!, não fales assim, paizinho. Havia um anaral (Queria dizer general. (N, dos T.) que não acreditava e dizia: «É uma artimanha dos frades.» E assim que abriu a boca cegaram-se-lhe os olhos. E então teve um sonho, viu a Nossa Mãe das Criptas, que caminhava para ele e lhe dizia: «Acredita em mim e eu te curarei.» E então ele clamou: «Levem-me, levem-me até junto d'Ela.» E tudo isto é a pura verdade, vi com os meus próprios olhos. Levaram logo dali o cego até ao pé da santa. Aproximou-se, prosternou-se diante dela: «Cura-me e eu te darei», disse ele, «tudo o que o czar me concedeu.» E eu vi, paizinho, eu vi a sua estrela posta na imagem. E que julga? Ele ficou a ver. É pecado falar assim. Deus te castigará — disse ela para Pedro num tom severo.

— Realmente a estrela apareceu na imagem? — perguntou Pedro.

— Naturalmente promoveram a Nossa Mãe a general — zombou André, sorrindo.

Pelagueiuchka empalideceu de repente estorcendo os braços de desespero.

— Paizinho, paizinho, que pecado, e tu tens um filho! — exclamou ela, de pálida tornando-se subitamente escarlate. — Paizinho, que estás tu a dizer, que Deus te perdoe! — benzeu-se. Senhor, perdoa-lhe! — Voltou a benzer-se. — Senhor perdoa-lhe! Ah!, mãezinha, o que é que... — prosseguiu ela, voltando-se para Maria. Levantou-se e, quase a chorar, pôs-se a preparar o alforge. Via-se claramente estar aterrorizada e também envergonhada de haver aceitado esmolas numa casa onde era possível pronunciarem-se coisas daquelas, ao mesmo tempo que denotava certa pena por dever renunciar a essas mesmas esmolas.

— Que prazer tiveram nisto? — interveio a princesa Maria. — Era bem melhor que não tivessem aparecido aqui...

— Eu estava a brincar. Pelagueiuchka — replicou Pedro. Princesa, palavra que não a quis ofender, disse isto sem querer. Não ligues importância, eu estava a brincar — voltou ele, sorrindo timidamente, e procurando fazer esquecer o que se passara. — E André também, ele também estava a brincar.

Pelagueiuchka, por momentos, pareceu incrédula, mas Pedro tinha uma expressão tão sincera ao confessar-se arrependido e André fitava com tanta doçura ora Pedro ora a peregrina que esta pouco a pouco acabou por se acalmar.

[XIV]

A peregrina, mais serena e entrando de novo na conversa, pôs-se a narrar longas histórias do tio Anfiloke, cuja vida era tão santa que das suas mãos se evolava cheiro a incenso. Depois contou como uns frades seus conhecidos, aquando da sua última viagem a Kiev, lhe haviam dado a chave das criptas e como, só com urna bolacha no estômago, ali passara quarenta e oito horas junto dos santos padres. «Rezava a um deles, lia as minhas orações, ia até ao pé do outro. Dormitava um bocadinho, voltava a tocar nos túmulos e, mãezinha, havia ali tanto sossego, sentia em mim tanta graça que me não apetecia voltar para a luz de Deus.»

Pedro ouvia-a muito atento e com a maior serenidade. O príncipe André saiu, e Maria, deixando as almas de Deus acabar o seu chá, conduziu Pedro até ao salão.

— Muito bom é o Pedro — disse-lhe ela.

— Ah!, realmente, eu não tinha a mais pequena intenção de a ofender, compreendo-a perfeitamente e aprecio muito os seus sentimentos.

A princesa Maria olhou para ele e sorriu com suavidade.

— Sim, há muito que o conheço e estimo-o como se fosse meu irmão — disse ela. — Como lhe pareceu o André? — apressou-se ela a perguntar-lhe, sem lhe dar tempo a responder às suas palavras amáveis. — Ando muito preocupada com ele. No Inverno passou melhor de saúde, mas na Primavera a ferida voltou a abrir e o médico disse-lhe que lhe convinha ir fazer uma cura no estrangeiro. E o seu moral também me atormenta muito. Os homens não são como nós, ele não pode dar largas à sua dor e chorar a sua mágoa. Traz tudo isso lá dentro de si. Hoje está alegre e animado, mas é a sua presença que lhe dá essa boa disposição. Muito raramente o vejo assim. Se fosse capaz de o convencer a ir até ao estrangeiro! Ele precisa de actividade, e esta vida calma e sempre igual acaba com ele. Os outros não dão por isso, mas eu vejo perfeitamente que é assim.

As dez horas, assim que ouviram os guizos da carruagem do velho príncipe, que chegava, os lacaios precipitaram-se para a escada principal. André e Pedro saíram também ao seu encontro.

— Quem é? — Perguntou o velho príncipe, ao apear-se, dando com os olhos em Pedro. — Ah! Muito prazer! Dá cá um beijo! — exclamou, assim que reconheceu o jovem.

Estava de óptima disposição e foi amabilíssimo com Pedro. Antes da ceia. André, de regresso ao gabinete do pai, encontrou os dois em calorosa discussão. Pedro queria provar que ainda chegaríamos a um tempo em que acabariam as guerras.

O príncipe, escarnecendo dele, mas sem se zangar, sustentava o ponto de vista contrário.

— A única maneira, de acabarem as guerras e sangrar os homens e porem-lhe água no lugar do sangue. Patetices de mulher, patetices de mulher — dizia ele, batendo amigavelmente no ombro de Pedro.

Em seguida aproximou-se da mesa junto da qual estava André, que visivelmente evitava tomar parte na discussão, folheando os papéis que o pai trouxera da cidade. Pôs-se a falar-lhe da milícia.

— O marechal da nobreza, conde de Rostov, não me pôde fornecer os homens que eram precisos. Pois não queres saber? Assim que aí chegou meteu-se-lhe na cabeça oferecer um grande jantar. Eu lhe darei os jantares... Olha, repara nisto... Pois é verdade, meu rapaz — continuou, dirigindo-se ao filho e batendo nas costas de Pedro —, é um belo rapaz o teu amigo. Gosto dele! Dá-me calor. Qualquer outro era capaz de se pôr para aí com discursos muito ajuizados e não tínhamos prazer algum em ouvi-lo. Mas este farta-se de dizer patetices e enche-me de energia, a um velho como eu! Bom, vão, vão! É muito natural que eu também apareça, que vá cear com vocês. Continuaremos a nossa discussão. Espero que gostes da minha pateta, da princesa Maria — gritou ele a Pedro já do limiar da porta.

Somente ali, durante aquela estada em Lissia Gori, é que Pedro pôde apreciar todo o ímpeto e todo o encanto da sua amizade por André. E esse encanto estava não tanto nas suas relações com o amigo, mas ainda mais no trato com os seus parentes e com toda a gente da casa. Tanto em relação ao velho príncipe, assaz rebarbativo, como à doce e tímida Maria, posto mal os conhecesse, foi como se de repente sentisse que sempre os estimara. Aliás toda a gente gostava dele. Maria, seduzida pelas suas maneiras delicadas para com os peregrinos, fitava-o com o mais luminoso dos seus olhares. Até o pequeno Nicolau, o príncipe de um ano, como lhe chamava o avô, tinha risadinhas para Pedro e ia aos seus braços sem chorar. Mikail Ivanovitch e Mademoiselle Bourienne presenteavam-no com os seus sorrisos mais afáveis, enquanto ele conversava com o velho príncipe. Este assistiu

à ceia: fazia-o, evidentemente, em honra de Pedro. Durante os dois dias que este passou em Lissia Gori foi extremamente amável para com ele, convidando-o para conversar.

Quando Pedro partiu e toda a família voltou a encontrar-se reunida, cada um deu a sua opinião acerca dele, como é costume sempre que um convidado novo visita uma casa, e, coisa rara, ninguém teve que dizer dele senão bem.

[XV]

Desta feita, pela primeira vez desde que regressara de licença. Rostov percebeu até que ponto era afeiçoado a Denissov e a todo o seu regimento.

Ao chegar experimentou qualquer coisa de semelhante ao que sentira ao aproximar-se da casa da Rua Povarskaia. Ao deparar-se-lhe o primeiro hússar de uniforme desabotoado, ao ver o ruivo Dementiev e as parelhas de cavalos baios, ao ouvir Lavruchka gritar jovialmente para o seu amo: «Lá vem o conde!», ao descobrir Denissov, tal como estava deitado na sua barraca, correndo a abraçá-lo e aos oficiais agrupados à sua volta. Rostov sentiu a mesma impressão que experimentara quando a mãe, o pai e as irmãs o haviam acolhido entre carinhos, e lágrimas de alegria lhe subiram aos olhos, embargando-lhe a voz. O regimento ainda era para ele um lar, uma casa tão querida e agradável como a própria casa paterna.

Depois de apresentado ao comandante do regimento e de empossado, no mesmo esquadrão em que estivera incorporado antes, nas funções do serviço de abastecimento de forragens, ei-lo que, nos mil e um pormenores da vida de caserna, naquele sentir-se privado de liberdade e forçadamente cingido a um quadro estreito e invariável, experimentava a mesma sensação de sossego, de amparo, de estar em sua própria casa, no seu devido lugar, como quando se encontrava sob o tecto paterno. Ali nada se pare— cia com aquele tumulto da vida no mundo livre, onde não encontrava o seu lugar, onde não sabia viver, ali já não havia uma Sónia a quem fosse preciso dar ou não explicações. Acabavam-se as alternativas em que era obrigado a decidir se ia ou não a tal ou tal lugar. Não mais aqueles longos dias de vinte e quatro horas que é preciso preencher de

maneiras tão diversas; não mais aquela multidão com quem se não tem a mais pequena intimidade e que ao mesmo tempo também nos não é completamente estranha; não mais problemas de dinheiro com o pai, nem sempre muito claros; não mais a lembrança dessa terrível perda ao jogo por causa de Dolokov! Ali, no regimento, tudo era preciso e simples. O universo estava dividido em duas partes desiguais: uma o seu regimento de Pavlogrado, a outra o resto do mundo. E esse «resto do mundo» era-lhe completamente indiferente. No regimento a todos conhecia. Sabia quem era o tenente, quem o capitão, quem era boa pessoa, quem má rês, mas, fosse como fosse, todos eram seus camaradas, e isso é que importava. O cantineiro fiava-lhe; pagar-se-lhe-ia de quatro em quatro meses. Nada a combinar, nenhuma escolha a fazer no regimento de Pavlogrado, mais irão havia do que abster-se cada um do que não era acertado, e, se alguém recebia, ordem de levar a cabo determinada missão, só urna coisa tinha a fazer: o prescrito e ordenado em termos claros e minuciosos. E tudo batia certo.

Ao retomar os seus hábitos regulares da caserna. Rostov sentia uma alegria, e um alívio muito parecidos com aqueles que experimenta um homem fatigado que descansa. Esta vida durante a campanha foi-lhe tanto mais agradável quanto, depois da perda ao jogo, coisa que, não obstante toda a indulgência dos pais, ele a si próprio não podia perdoar, tomara a resolução de fazer o seu serviço, não como antes, mas de molde a apagar a falta que cometera, fazendo-o bem feito, como camarada e oficial modelos, isto é, transformando-se num perfeito cavalheiro, o que lhe parecia mais difícil na alta sociedade do que rio regimento. Resolvera igualmente reembolsar os pais, no prazo de cinco anos, da dívida que contraíra por causa do jogo. Recebia uma pensão anual de dez mil rublos. Decidira contentar-se de então para o futuro com dois mil, consagrando o excedente à amortização desse débito.

Depois de múltiplos movimentos de retirada e de marchas avante, após as batalhas de Pultusk e de Preussisch-Eylau, o exército russo concentrara-se em Bartenstein. Aguardava-se a chegada do imperador para se recomeçar a campanha.

O regimento de Pavlogrado, que fazia parte daquela fracção do exército que participara na campanha de 1805, depois de completar os seus efectivos na Rússia, chegara demasiado tarde para as primeiras operações. Não estivera nem em

Pultusk nem em Preussisch-Bylau, e para a segunda parte da campanha, urna vez reunido ao exército em pé de guerra, fora integrado no destacamento de Platov,

Este destacamento operava independentemente do, exército. Por várias vezes os hússares de Pavlogrado haviam tomado parte em escaramuças com o inimigo e feito prisioneiros. De uma das vezes destruíram mesmo as bagagens do marechal Oudinot. No mês de Abril tinham estado acantonados algumas semanas numa povoação alemã abandonada e completamente em ruínas, sem nunca de lá saírem.

O degelo principiava. Tudo era lama, fazia frio, os cursos de água descongelavam, os caminhos tornavam-se intransitáveis. Durante alguns dias não houve ração de forragem para as montadas nem rancho para os homens. Como os comboios de abastecimentos se não podiam deslocar, os soldados espalhavam-se pelas aldeias abandonadas e desertas à procura de batatas, que até essas eram cada vez mais raras.

Tudo fora devorado e quase todos os habitantes tinham desaparecido. Os poucos que ficaram viviam mais desgraçados que mendigos. Nada tinham para pilhar, e os soldados, inclusivamente, aliás pouco propensos à piedade, em vez de os privarem do pouco de que dispunham, repartiam com eles as suas migalhas.

Nas operações em que tomara parte, o regimento de Pavlogrado apenas tivera dois feridos, mas depois, mercê da fome e da doença, perdera quase metade dos seus efectivos. Era tão certa a morte nos hospitais que os soldados, consumidos pela febre e cobertos de pústulas, consequência da má alimentação, preferiam continuar nas fileiras, arrastando-se penosamente, a dar baixa por doença.

Com a chegada da Primavera descobriram uma planta, parecida com o espargo, à flor da terra, e a que chamaram, não se sabe porquê, «a doce raiz de Maria». Em busca desta «raiz doce», em verdade amarga, percorriam os prados e os campos, desenterravam-na com as pontas dos sabres e comiam-na, não obstante haver ordens terminantes para que o não fizessem. Uma doença se disseminou com a Primavera, que consistia no inchaço das mãos, dos pés e da cara, e que os médicos atribuíam à ingestão desta raiz. Apesar de todas as ordens em contrário, os solda.— dos do esquadrão de Denissov continuaram a comer a raiz desta planta, pois havia quinze dias já que os últimos biscoitos estavam racionados — cabia apenas meio arrátel a cada homem — e as batatas ultimamente recebidas chegaram greladas.

Havia igualmente quinze dias que as montadas comiam o colmo que cobria as casas: a sua magreza era esquelética e, como ainda não tinham sido tosqueadas, o pêlo de Inverno formava tufos empastados.

Não obstante todas estas desgraças, tanto soldados como oficiais mantinham a mesma vida. Pálidos, de caras inchadas, cobertos com uniformes em andrajos, os hússares continuavam a comparecer à chamada, a proceder à limpeza das suas montadas e ao polimento do correame: arrancavam o colmo das coberturas das casas para os cavalos, apresentavam-se ao rancho, donde voltavam esfomeados, e acabavam por zombar do mau passadio e da barriga vazia. Continuavam, como sempre, nos ócios do serviço, a atear grandes fogueiras, a aquecer-se ao fogo, a fumar, a andar pelos campos na colheita de batatas para cozer, embora já greladas e fermentadas, a contar histórias ou a ouvir o que se passara nas campanhas de Potemkine ou de Suvorov, ou ainda as aventuras de Aliocha, o espertalhão, ou de Milkolka, o artesão do pope.

Com os oficiais acontecia a mesma coisa, metidos aos dois e aos três em casas sem tectos nem paredes, parte em ruínas. Os oficiais de patente superior tratavam dos abastecimentos de forragem e de batatas e em geral da ração dos homens. Os suba]ternos, como sempre, jogavam as cartas, pois tinham dinheiro de sobra quando não havia que comer, ou quaisquer outros jogos inocentes, como a svaika ou a bola. Pouco se falava da marcha geral das operações, porque nada de positivo se sabia a tal respeito e porque confusamente se pressentia que as notícias não deviam ser por aí além.

Rostov, como anteriormente, habitava com Denissov, e a amizade entre ambos ainda era maior agora, depois da última licença. Denissov nunca lhe falava da família, mas a carinhosa afeição que o comandante testemunhava ao seu oficial dava a perceber a este que era ao seu desventurado amor por Natacha que devia aquele recrudescimento amistoso. Procurava Denissov expor Rostov o menos que podia a qualquer acção perigosa, fazendo o possível por conservá-lo em segurança, e grande era o seu contentamento sempre que o via regressar são e salvo de qualquer escaramuça. Durante uma dessas missões de reconhecimento o jovem oficial descobrira, numa povoação evacuada e deserta onde fora procurar abastecimentos, um velho polaco, bem como uma filha deste, com um filhinho de peito. Esfarrapados e mortos de fome, não podiam arrastar-se nem tinham meio, fosse qual fosse, que os levasse dali.

Rostov trouxe-os consigo para o acampamento, instalou-os na sua própria cabana, e enquanto o velho se não restabeleceu, isto durante algumas semanas, foi ele quem os sustentou. Um dos seus camaradas, ao falar-se de mulheres, pusera-se a zombar dele, dizendo que Rostov ainda era mais maroto que os marotos e que o que ele tinha a fazer era apresentar aos camaradas a linda polaca a quem salvara a vida. Rostov não gostou da zombaria, cobriu de injúrias o camarada, e só a muito custo Denissov conseguiu evitar que ambos se batessem em duelo. Depois do incidente. Denissov, que também ignorava qual o género de relações do amigo com a polaca, pôs-se a censurá-lo pela exaltação que mostrara, e Rostov explicou-lhe:

— Que queres tu?... Para mim é como se fosse minha irmã, e nem sei dizer-te porque me senti ferido.., pois a verdade é que.., o que ele disse...

Denissov bateu-lhe afectuosamente no ombro e principiou a passear de um lado para o outro sem olhar para ele, costume muito seu quando se sentia comovido.

— Sempre me saíram uns doidos, estes Rostov! — exclamou, e os olhos encheram-se-lhe de lágrimas.

[XVI]

Em Abril, com a notícia da chegada do imperador ao campo de batalha, as tropas reanimaram-se. Rostov não teve a sorte de assistir à parada de Bartenstein em que o soberano passou revista aos corpos de exército: os hússares de Pavlogrado estavam na primeira linha, muito longe daquelas paragens.

Tinham acampado. Denissov e Rostov instalaram-se numa barraca de terra, cavada pelas praças, coberta de ramadas de verdura. Este género de abrigos estava então em moda no exército e a sua construção era como segue: cavava-se uma trincheira de cerca de uma archina e meia de largura, duas de profundidade e três e meia de comprimento. Numa das extremidades talhavam-se alguns degraus, que serviam de escada de acesso. A trincheira era o quarto, o qual, para os felizardos, como, por exemplo, o comandante do esquadrão, dispunha, no lado oposto ao da saída, de uma prancha de madeira, assente sobre duas estacas, que

fazia de mesa. Nas duas paredes da trincheira, a terra, cavada na extensão de duas archinas, ajeitava-se para camas e divãs. O tecto dispunha-se de maneira que na parte central se podia estar de pé: por cima das camas havia mesmo espaço suficiente para um homem se sentar, aproximando-se da mesa. Denissov, muito estimado pelos homens do seu esquadrão, vivia com um certo conforto. Podia orgulhar-se de dispor na frente da sua barraca de uma prancha de madeira com um vidro partido, mas consertado. Quando o frio apertava, vinham colocar-lhe nos degraus da escada, no «salão», como Denissov costumava dizer, uma lata coberta de brasas que iam buscar às fogueiras do acampamento. Então a temperatura tornava-se tão agradável que os oficiais, sempre numerosos na barraca dos dois amigos, se punham em mangas de camisa.

No mês de Abril Rostov estivera de guarda. Tendo regressado ao acampamento certo dia, às oito horas da manhã, depois de uma noite em claro, mandou que lhe trouxessem brasas vivas, pois estava encharcado. Depois de mudar de roupa, fez as suas orações, bebeu o, chá, aqueceu-se, arrumou as suas coisas no seu canto e em cima da mesa e estendeu-se de costas, em mangas de camisa, apoiando a cabeça nos braços cruzados na nuca, o rosto todo crestado pelas mordeduras do vento. Pensava na agradável perspectiva de vir a ser promovido por esses dias, em virtude do reconhecimento que ultimamente fizera, e ia aguardando a chegada de Denissov, que estava ausente. Muito desejava dar a língua com ele. Nas traseiras da barraca, entretanto, ressoou a voz furiosa de Denissov, que parecia fora de si. Rostov precipitou-se para a abertura, para ver com quem ralhava ele, e deparou-se-lhe o quartel-mestre Toptcheenko.

— Tinha-te dado ordens para que os não deixasses comer dessas tais raízes de Macha — vociferava Denissov. — Eu bem vi o Lazartchuk, que vinha do campo carregado.

— Eu dei ordens. Alta Nobreza, mas eles não me dão ouvidos — replicava o quartel-mestre.

Rostov voltou a deitar-se e disse para os seus botões: «Ele que se avenha; agora, cá por mim, acabei o meu serviço e estou a dormir, pois claro!» Do sítio em que estava distinguiu ainda, além da voz do quartel-mestre, a de Lavruchka, a esperta e astuciosa ordenança de Denissov. Falava de comboios, de biscoitos e de bois, coisas que ele lobrigara quando fora por mantimentos.

A voz de Denissov, porém, de novo ressoou, afastando-se e gritando: «Selar

cavalos! Segundo pelotão!»

«Aonde irão eles?», perguntava Rostov a si mesmo.

Cinco minutos mais tarde Denissov entrava na barraca, subia para cima da cama com as botas enlameadas, remexia em todas as suas coisas, pegava no chicote e no sabre e saía. Como Rostov lhe perguntasse aonde ia, respondeu, vagamente e colérico, que tinha que fazer.

— Que Deus me julgue e o grande imperador! — exclamou, ao sair, e Rostov ouviu atrás da barraca ferraduras de cavalos patinhando na lama. Não se preocupou mais com, o destino do amigo. Bem quente no seu cantinho adormeceu e não voltou a sair senão ao fim da tarde. Denissov ainda não voltara. O tempo limpara. Em volta da barraca vizinha dois oficiais e um junker jogavam à svaika, enterrando, por graça, raízes na lama mole. Rostov associou-se-lhes. No meio do jogo viram aproximar-se umas carroças, atrás das quais quinze hússares trotavam, montados em pilecas. As carroças com a sua escolta aproximaram-se e logo foram rodeadas por uma multidão de hússares.

— E estava o Denissov a lamentar-se — disse Rostov — com os abastecimentos à vista.

— É verdade! — exclamaram os oficiais. — Vamos ter os homens contentes.

Um pouco mais atrás surgiu Denissov na companhia de dois oficiais de infantaria, com quem conversava.

Rostov foi ao seu encontro.

— Devo preveni-lo, capitão — dizia um deles, um oficial pequenino e franzino, que parecia furioso.

— Já lhe disse, não lhe entrego coisa alguma — repontava Denissov.

— É bom que tome nota, capitão, é um acto de violência que pratica apoderando-se dos nossos comboios Há dois dias que os nossos soldados não comem.

— E os meus há quinze! — respondia Denissov.

— É um acto de pilhagem, compreende, meu caro senhor?! repetia o oficial de infantaria, elevando a voz.

— Que é que os senhores querem? Hem? — gritava Denissov, exaltando-se de chofre. — Pois bem, fique descansado, eu prestarei contas, mas não a si, e deixe-se de me gritar aos ouvidos, ou então a coisa é falada. Destroçar! — acrescentou, dirigindo-se aos oficiais.

— Pois muito bem! — volveu o pequenino oficial, sem se comover e sem ceder. — É um roubo e eu...

— Vá para o diabo que o carregue! Destroçar! E já, se não quer que elas lhe doam. — E Denissov esporeou o cavalo contra ele.

— Está muito bem, está muito bem! — exclamou o oficial de infantaria, em tom ameaçador. E, dando de rédea à sua montada, afastou-se a trote, mal sentado na sela,

— Olhem para aquilo. É tal qual um cachorro em cima de uma estaca! Um autêntico cachorro em cima de uma estaca — gritou-lhe Denissov. Era o maior insulto que um homem de cavalaria podia dirigir a um soldado de infantaria a cavalo. E desatou a rir ao aproximar-se de Rostov.

— Roubei a infantaria, roubei-lhes o comboio à força! — exclamou ele. — Então os nossos homens hão-de estourar de fome? As carroças que caíram nas mãos dos hússares destinavam-se a um regimento de infantaria, mas Denissov, ao saber, por Lavruchka, que o comboio não trazia escolta, tratara de se apoderar dele com os seus homens. Logo foram distribuídos biscoitos à discrição, e até os outros esquadrões receberam a sua parte.

No dia seguinte o comandante do regimento convocou Denissov e disse-lhe, fitando-o através dos dedos afastados: «Aqui tem como eu encaro o caso: nada sei e não mandarei proceder a qualquer inquérito, mas acho que seria melhor apresentar-se no estado-maior e tratar de arranjar as coisas na repartição de abastecimentos, e até, se isso fosse possível, assinar um recibo em que confirmasse ter recebido as provisões. Caso contrário, a remessa será escriturada na conta do regimento de infantaria. Instaurarão um processo, e tudo isto pode vir a acabar mal.»

Denissov, assim que deixou o comandante do regimento, dirigiu-se ao estado-maior na sincera disposição de lhe seguir o conselho. Ao fim da tarde regressou à barraca num estado em que Rostov nunca o vira. Não podia falar, sufocava. Quando o amigo lhe perguntou o que tinha, só lhe ouviu proferir invectivas e ameaças que ninguém podia entender, tão rouca e sem alento era a sua voz.

Alarmado com o estado do amigo. Rostov ajudou-o a despir-se, deu-lhe de beber e n)andou chamar o médico.

— Vou ser julgado por pilhagem, percebes? Dá-me de beber. Pois que me julguem, mas hei-de-lhes dar uma coça, hei-de dar uma coça a esses canalhas! E

hei-de falar com o imperador. Dá-me gelo — gritava ele,

O médico do regimento, depois de o observar, disse ser preciso sangrá-lo. Extraíram-lhe do cabeludo braço uma tigela cheia de sangue negro, e só então ele se viu em estado de contar tudo o que se passara.

— Chego eu — contou ele. — Ora onde é que está o vosso comandante? «É aquele», disseram-me. «Não poderá esperar?» Tenho que fazer, tive de caminhar trinta verstas, não tenho tempo para esperas. Vai-me anunciar... Ora, pois, ali me aparece o chefe dos bandidos, e mete-se-lhe na cabeça, também a ele, de me pregar moral: «Foi um assalto!»— Não é ladrão — disse-lhe eu — aquele que se apodera de alimentos para matar a fome dos seus soldados, mas o que rouba para encher as algibeiras! «Pelo que vejo, não está disposto a calar-se. Bom. Vai assinar uma declaração no comissário e o caso seguira o seu curso.» — Chego ao comissariado. Entro. Sentado à mesa.., quem vejo eu? Hem! Vê se adivinhas?... Quem é que nos condena a morrer de fome? — gritou, batendo na mesa com a mão que acabara de ser sangrada e com tal violência que a mesa oscilou e os copos embateram uns nos outros.— Telianine! Quê? És tu quem nos condena a morrer de fome? E, zás-pás, ali mesmo nas bochechas! Ah!, aquilo não levou muito tempo! Ah!, grandecíssimos... A sova que eu lhe dei! Sim, posso-me gabar, pagou-mas todas! — E Denissov mostrava os dentes brancos, por baixo dos bigodes pretos, um riso feroz.— Teria dado cabo dele se o não tivessem levado da minha vista.

— Bom, não grites tanto, tem calma — disse-lhe Rostov. — Lá está o sangue a correr de novo. Quietinho, hem! É preciso arranjar outra vez a ligadura.

Fizeram-lhe de novo o penso e levaram-no para a cama. No dia seguinte acordou sereno e jovial.

Ao meio-dia, porém, o ajudante-de-campo do regimento, apreensivo e triste, apareceu na barraca dos dois amigos e apresentou ao major Denissov, não sem lhe exprimir o seu pesar, um papel oficial, da parte do comandante do regimento, em que se lhe faziam diversas perguntas acerca da aventura da véspera. Comunicou-lhe que o caso ia assumir um aspecto muito grave, que fora nomeada uma comissão de inquérito e que, em face da actual severidade dos regulamentos sobre roubos e indisciplina no exército, aquilo, na melhor das hipóteses, teria por consequência uma baixa de posto.

Do ponto de vista dos queixosos, o caso apresentava-se da seguinte maneira:

depois do assalto ao comboio, o major Denissov, sem para isso ter sido convocado, apresentara-se, em estado de embriaguez, no gabinete do intendente-chefe dos abastecimentos, chamara-lhe bandido, ameaçara bater-lhe, e, como tivesse sido posto na rua, precipitara-se para outra repartição, batera em dois funcionários e provocara uma luxação no braço de um deles.

Perguntando-lhe o amigo o que havia de verdade em tudo aquilo. Denissov respondeu-lhe, rindo, que, efectivamente, um quindan se metera na contenda, mas que toda aquela história não passava de imbecilidade e bagatela, que não tinha medo algum dos juizes e que se aqueles miseráveis se atrevessem a torná-lo de ponta podiam estar certos de que nunca mais se esqueceriam dele.

Afectava falar com negligência de toda aquela história, mas Rostov conhecia-o o bastante para compreender que, no fundo e apesar de tudo, receava ter de afrontar a justiça e estava seriamente preocupado com uma aventura que por certo lhe iria causar muitos dissabores. Todos os dias chegavam papéis, a que era preciso responder, pedidos de esclarecimentos para o quartel-general, e no primeiro de Maio recebeu ordem para entregar o comando do esquadrão ao oficial mais antigo e para se apresentar perante o estado-maior da divisão a fim de prestar declarações sobre o caso de pilhagem de que a comissão de abastecimentos fora vítima. Na véspera. Platov dirigira um reconhecimento com dois regimentos de cossacos e dois esquadrões de hússares. Denissov, como sempre, adiantara-se nas linhas para mostrar a sua coragem. Uma bala disparada pelos Franceses veio atingi-lo na barriga da perna. É natural que em qualquer outra ocasião Denissov não tivesse deixado o seu regimento por virtude de um ferimento tão insignificante, mas, nas circunstâncias de momento, aproveitou-se do facto para não comparecer na divisão e deu baixa ao hospital.

[XVII]

Em Junho deu-se a batalha de Friedland, em que os hússares de Pavlogrado não tomaram parte e à qual se seguiu um armistício. Rostov sentiu muito a falta do amigo. Desde que ele partira nada mais soubera dele, e, atormentado com as consequências do seu caso e com os resultados do seu ferimento, aproveitou o

armistício e pediu licença para visitar Denissov no hospital.

Este estava instalado num povoado prussiano por duas vezes arrasado, uma pelas tropas russas, outra pelas francesas. Precisamente porque se estava no Verão, época do ano em que o campo é tão belo, essa aldeola, com os seus telhados desmantelados, os seus muros em ruínas, as suas ruas cheias de lixo, os seus habitantes esfarrapados, os soldados bêbedos ou doentes errando pelas ruas, oferecia um espectáculo particularmente triste.

Uma casa de alvenaria com o pátio atulhado de destroços, as janelas e os vidros quebrados, servia de hospital. Alguns sol— dados, envoltos em ligaduras, pálidos e inchados, andavam de um lado para outro ou sentavam-se no pátio, ao sol.

Quando Rostov entrou sentiu um cheiro a podridão e a hospital que lhe causou vómitos. Na escada encontrou o médico militar russo, de charuto na boca. Era seguido por um oficial dos serviços de saúde.

— Não posso estar em toda a parte — dizia ele. — Vem esta noite a casa de Makar Aleksieitch, que lá me encontrarás.

O oficial dos serviços de saúde perguntou-lhe ainda fosse o que fosse.

— Pois sim, faz o que entenderes! Não é sempre a, mesma coisa? — O médico viu Rostov, que subia a escada— Que deseja Vossa Mercê? disse-lhe ele. — Que pretende? Pelos vistos, como as balas o pouparam, prepara-se para apanhar um tifozinho, não é verdade? Isto aqui, meu velho, é a casa dos pestíferos.

— Que diz? — perguntou Rostov.

— O tifo, meu velho. Quem aqui entra fica condenado à morte. Só nós os dois. Makieev e eu — apontou o oficial dos serviços de saúde —, é que, podemos prestar serviço nesta casa. Já lá vão cinco dos nossos colegas. Sempre que chega algum de novo, dentro de oito dias vai desta para a melhor — acrescentou com visível satisfação. — Mandaram-se vir oficiais prussianos, mas os nossos queridos aliados não gostam disto.

Rostov disse-lhe que desejava ver o major de hússares Denissov, ali hospitalizado.

— Não sei, não conheço, meu velho. Imagine, só à minha conta tenho três hospitais, para cima de quatrocentos doentes! Temos de dar graças a Deus que as senhoras piedosas prussianas nos mandem café e gaze, dois arráteis por mês. Se não fosse isso, estaríamos perdidos. Sim, meu velho — acrescentou a rir —,

quatrocentos! E todos os dias me estão a mandar mais. Não é verdade, quatrocentos? Hem!? — Perguntou ele, dirigindo-se ao oficial dos serviços de saúde.

Este parecia exausto. Via-se aguardar com impaciência a partida daquele médico tagarela.

— Sim, o major Denissov — repetiu Rostov— que foi ferido em Moloten.

— Parece-me que morreu. Não é verdade. Makieev? — perguntou com indiferença.

Rostov descreveu a figura de Denissov.

— Sim, sim, tinha um assim — voltou o médico em tom prazenteiro. — Mas parece-me que morreu. De resto, vou já verificar nas minhas listas. Tem-las aí. Makieev?

— As listas estão em casa de Makar Aleksieitch — respondeu o oficial dos serviços de saúde. — Mas vá ver na sala dos oficiais, pode verificar com os seus próprios olhos — acrescentou, dirigindo-se a Rostov.

— É melhor não se meter nisso, meu velho — disse o médico —, pois pode acontecer que já não volte a sair de lá.

Mas Rostov não lhe deu ouvidos e pediu ao oficial dos serviços de saúde que lhe indicasse o caminho.

— Depois, pelo menos, não se queixe — gritou-lhe o médico, já do fundo da escada.

Rostov e o seu guia penetraram num corredor. Naquele recanto obscuro era tão intenso o cheiro a hospital que Rostov tapou o nariz e teve de parar a tomar fôlego antes de prosseguir. A direita abriu-se uma porta e no limiar surgiu um homem magro e amarelento, de muletas, descalço, e apenas com uma camisa em cima do corpo. Apoiando-se à ombreira, pôs-se a olhar para os que chegavam com pupilas brilhantes, cheias de inveja.

Rostov relanceou os olhos pela porta e viu que deitados no chão, em cima de palha e de mantas, havia doentes e feridos.

— Posso ver? — perguntou.

— Que quer ver? — disse o oficial dos serviços de saúde.

Mas, precisamente porque este não parecia muito desejoso de entrar, é que Rostov avançou pela sala dos soldados. O cheiro, que não tivera outro remédio senão respirar no corredor, era ali ainda mais intenso. Não era bem a mesma

coisa: era mais acre, e agora via-se ser dali mesmo que provinha. Na comprida sala que o sol brilhante alagava penetrando pelas altas janelas, em duas filas, as cabeças contra a parede, apenas com uma passagem no meio, estiraçavam-se os feridos e os doentes. A maior parte deles parecia inconsciente e não prestou a mais pequena atenção aos que entravam. Os conscientes soergueram o corpo ou levantaram o rosto magro e amarelo, e todos se puseram a seguir Rostov, sem o perder de vista, ao mesmo tempo numa expectativa de socorro e num sentimento de despeito ou inveja perante alguém em tão perfeito estado de saúde. Rostov avançou até a meio da sala, lançou um olhar, através das portas abertas, para os quartos vizinhos, e dos dois lados se lhe apresentou o mesmo espectáculo. Deteve-se, olhando em volta de si, sem dizer palavra. Estava longe de pensar que se lhe depararia um quadro daqueles. A seus pés, meio atravessado na coxia central, ali mesmo, no soalho, estava prostrado um doente, um cossaco, com certeza, pois rapara os cabelos caracteristicamente. Deitado de costas, tinha as pernas estendidas e os braços enormes abertos. A sua cara era vermelho-púrpura, e os seus olhos, absolutamente em alvo, deixavam-lhe ver a córnea completamente branca. Nas pernas e nos braços, nus e também muito vermelhos, os tendões salientes pareciam cordas. Batia com a nuca de encontro ao soalho e numa voz rouca repetia sempre a mesma palavra. Rostov apurou o ouvido e pôde perceber o que ele dizia. «Beber! Beber! Beber!» Procurou com os olhos alguém que deitasse aquele doente no seu lugar e lhe desse de beber.

— Quem diabo é que toma conta aqui destes doentes? — perguntou ao oficial dos serviços de saúde.

Neste momento, de um quarto contíguo saiu um soldado do trem em serviço no hospital que, depois de alguns passos, se perfilou em sentido diante do oficial,

— Deus salve a Vossa Mercê! — gritou, cravando os olhos em Rostov, a quem, evidentemente, tomara pelo director do hospital.

— Põe-no na cama e dá-lhe água — disse Rostov, apontando para o cossaco.

— As ordens de Vossa Mercê — tornou o soldado, condescendente, arregalando os olhos, ainda mais e sempre na posição de sentido, sem se mexer, aliás.

«Ah!, sim, aqui nada há a fazer», disse Rostov de si para consigo, baixando os olhos. E dispunha-se a retirar-se, quando, à direita, sentiu um olhar obstinadamente fito nele. Voltou-se. Quase ao canto, sentado sobre um capote,

um velho soldado, de barba branca muito crescida, a cara severa, esquelética e amarela, olhava-o fixamente. O vizinho de um dos lados murmurou-lhe qualquer coisa, acenando para Rostov. Este percebeu que o velho lhe queria fazer um pedido. Aproximou-se e viu que ele só tinha uma perna; a outra fora-lhe arrancada até um pouco acima do joelho. O vizinho do lado oposto, estendido, imóvel, com a cabeça tombada para trás, a pequena distância do velho, era um soldado moço, pálido de cera, de nariz aquilino, a cara cheia de sardas e os olhos em alvo. Rostov examinou o soldado e estremeceu.

— Mas parece-me que este... — disse para o oficial dos serviços de saúde.

— Já estamos fartos de pedir que o levem. Excelência — gemeu o velho soldado, o queixo a tremer de comoção. — Morreu esta manhã. Somos homens, não somos cães...

— Eu vou tratar disso, vou mandar alguém. Vão já levá-lo, vão já levá-lo — apressou-se a dizer o oficial dos serviços de saúde. — Quando quiser...

— Vamos, vamos — disse Rostov, e também apressadamente, de olhos baixos, e encolhendo-se, como para passar despercebido, saiu varado pelo fogo dos olhares de censura e inveja que o alvejavam.

[XVIII]

De novo no corredor, o oficial dos serviços de saúde encaminhou Rostov para a sala dos oficiais, a qual se compunha de três corpos, cujas portas tinham ficado abertas. Havia várias camas; os oficiais feridos ou doentes estavam uns sentados, outros deitados. Alguns deles, de capote hospitalar, passeavam de um lado para o outro. A primeira pessoa que Rostov encontrou foi um homenzinho magricela e manco, de barrete de algodão e capote, que chupava um cachimbo curto, andando para cá e para lá na sala. Procurava lembrar-se onde o teria visto.

— Tem graça, muito pequeno é o mundo — disse o homenzinho. — Tuchine, sou eu. Tuchine, lembra-se de mim? Aquele que o trouxe lá de diante, de Schöngraben! E, como vê, tiraram-me um pedacinho... — acrescentou, com um suspiro, mostrando a manga vazia do capote. — Anda à procura de Vassili Dmitrievitch Denissov, um camarada que está aqui? — disse ele, adivinhando

quem Rostov procurava. — Por aqui, por aqui! — E Tuchine conduziu-o à dependência contígua, onde várias pessoas riam ao mesmo tempo.

«Como é que esta gente pode viver aqui, e ainda por cima com vontade de rir?», pensou Rostov, ainda de narinas impregnadas daquele cheiro a cadáver que respirara na dependência dos soldados. E os olhares invejosos que o haviam ali dardejado continuavam a persegui-lo. Diante dele estavam sempre os olhos em alvo do moço soldado.

Denissov, a cabeça enterrada na almofada, dormia a sono solto, embora já fosse meio-dia.

— Eh! Rostov? Como vai isso? Como vai isso?! — exclamou ele, acordando, com a voz que tinha no regimento. Rostov, porém, pesaroso, observou que nas suas maneiras desenfadadas, na sua animação habitual, se ocultava um sentimento novo — uma espécie de azedume — que, inclusivamente, se lhe pintava no rosto, lhe transparecia nas palavras e até na entoação da voz.

De pequena importância, o ferimento que recebera ainda não cicatrizara, embora seis semanas tivessem decorrido desde a data em que baixara ao hospital. Estava pálido e tinha o rosto inchado, como todos os demais hospitalizados. Mas não foi isso que mais impressionou Rostov. Impressionou-o sobretudo o amigo não parecer muito satisfeito de o ver e sorrir de modo contrafeito. Nada lhe perguntara sobre o regimento e a marcha geral das Operações. E quando o camarada aflorou o assunto, deixou cair a conversa.

Rostov teve até a impressão de que ele mostrava uma certa contrariedade quando se lhe fazia qualquer referência ao regimento e à vida ao ar livre lá de fora, para lá das paredes do hospital. Dir-se-ia fazer tudo para esquecer a sua vida passada e se não preocupar senão com o seu conflito com os funcionários dos abastecimentos. Como Rostov lhe perguntasse em que pé estavam as coisas, logo ele puxou de um papel, de debaixo da almofada, papel que recebera da comissão de inquérito, e o rascunho da respectiva contestação. Pôs-se a ler-lhe a resposta e nessa altura animou-se um pouco, chamando a atenção de Rostov para as ironias que dirigia aos inimigos. Os seus camaradas de hospital, que faziam círculo à volta de Rostov, alguns vindos de fora, dispersaram a pouco e pouco logo que Denissov principiou a ler esses papéis. Rostov percebeu que todos eles já tinham ouvido vezes sem conta aquela história, que principiava a cheirar-lhes mal. Apenas ficaram a ouvi-lo o vizinho de cama, um corpulento ulano, de cachimbo na boca,

taciturno, e o pequ2nino maneta Tuchine, que abanava a cabeça, reprovador. No meio da leitura o ulano interrompeu-o:

— Na minha opinião — disse ele, dirigindo-se a Rostov —, só uma coisa há a fazer: pedir a clemência do imperador. Ouvi dizer que vão distribuir muitas recompensas e que naturalmente também haverá indultos...

— Quê? Eu pedir clemência ao imperador? — exclamou Denissov num tom a que procurava imprimir o calor e a energia de outrora, mas em que não vibrava senão uma vã irritação. — E porquê? Se eu fosse um salteador pediria clemência, mas a verdade é que estou precisamente a ser perseguido por ter denunciado os ladres. Pois que me julguem! Não tenho medo de ninguém! Servi o czar e a pátria com honra e não sou ladrão. Arrancarem-me os galões, a mim, e... Escuta, digo-lhes isso claramente. Aqui tens o que eu escrevi: «Se eu fosse um ladrão dos dinheiros públicos...»

— Tudo isso está bem, não há dúvida — interrompeu Tuchine. — Mas não é disso que se trata. Vassili Dmitritch — e prosseguiu, dirigindo-se sempre a Rostov. — Uma pessoa tem de se submeter e Vassili Dmitritch não está disposto. E o que é certo é, que o auditor lhe disse que o caso era grave.

— Se é grave, tanto pior! — exclamou Denissov.

— O auditor já lhe redigiu um pedido de clemência — prosseguiu Tuchine. — Agora é preciso assiná-lo para que este senhor o leve consigo. — Apontou para Rostov. — Está bem relacionado no estado-maior. Boa oportunidade.

— Já disse, não me vergarei diante seja de quem for — interrompeu Denissov, retomando a leitura do papel.

Rostov não ousava aconselhar o amigo, embora, instintivamente, compreendesse que o caminho apontado por Tuchine e os outros era o mais seguro, e que grande satisfação teria se lhe pudesse prestar qualquer serviço. A verdade é que lhe conhecia muitíssimo bem o génio obstinado e estava a par da sua justíssima revolta.

Quando Denissov terminou a leitura do seu verrinoso arrazoado, que durara para cima de uma hora. Rostov ficou calado e levou o resto da tarde na mais triste das disposições, na companhia dos camaradas de Denissov, outra vez reunidos em volta da cama deste. Contou tudo quanto sabia e por sua vez ouviu o que lhe contaram os doentes. Durante toda a tarde. Denissov manteve-se num taciturno silêncio.

Já de noite, quando se dispunha a partir. Rostov perguntou ao amigo se nada queria lá de fora.

— Quero, espera — disse ele. Lançou um olhar ao grupo dos oficiais, e, retirando de debaixo da almofada todos os seus papéis, dirigiu-se à janela onde tinha o tinteiro e pôs-se a escrever.

— Para grandes males grandes remédios — murmurou, de volta da janela, entregando a Rostov um grande sobrescrito. Era o pedido de clemência endereçado ao imperador e redigido pelo auditor, no qual Denissov, sem a mais leve referência às suas queixas contra o intendente, se limitava a implorar um indulto.

— Transmite isto; está claro que...

Não pôde concluir. No rosto esboçou-se-lhe um sorriso doloroso e forçado,

[XIX]

De regresso ao regimento, e depois de ter posto o comandante ao corrente das circunstâncias em que se encontrava o processo de Denissov. Rostov dirigiu-se a Tilsitt com a carta para o imperador,

A 13 de Junho, os imperadores francês e russo haviam-se encontrado nessa cidade. Bóris Drubetskoi tinha pedido à alta personagem a que estava adido que o deixasse fazer parte da comitiva que devia ir a Tilsitt:

— Eu gostava de ver esse grande homem — dissera ele, referindo-se deste modo a Napoleão, a quem sempre chamara, como toda a gente, Bonaparte.

— Está a falar de Bonaparte? — perguntara-lhe, sorrindo, o general.

Bóris relanceou um olhar interrogador ao superior e compreendeu imediatamente tratar-se de um gracejo para o experimentar.

— Meu Príncipe, refiro-me ao imperador Napoleão — replicou ele. O general bateu-lhe amistosamente no ombro.

— Hás-de ir longe — comentou, e incluiu-o na comitiva.

Bóris, com mais alguns privilegiados, estava no Niémen no dia da entrevista dos imperadores. Viu as jangadas com os monogramas imperiais, viu Napoleão, na margem oposta, passando diante do cordão da Guarda, viu o rosto pensativo de

Alexandre aguardando, em silêncio, na estalagem à beira do rio, a chegada de Napoleão. Viu ainda os dois imperadores nas suas canoas e Napoleão, que fora o primeiro a chegar à jangada, avançando, em passos rápidos, e acolhendo Alexandre de mão estendida. E viu desaparecer os dois no pavilhão. Desde que frequentava as altas esferas. Bóris habituara-se a observar atentamente o que se passava à sua volta e a tomar notas por escrito. Durante a entrevista de Tilsitt teve o cuidado de perguntar os nomes das pessoas que acompanhavam Napoleão. Observou os uniformes que envergavam. Ouviu atentamente o que diziam as altas personalidades. Precisamente no momento em que os imperadores penetravam no pavilhão, viu as horas no relógio e não se esqueceu de fazer o mesmo quando Alexandre saiu. A entrevista durara uma hora e cinquenta e três minutos. Anotou este pormenor nessa mesma noite entre outros que ele pressentia de importância histórica. Como a comitiva do imperador fora pouco numerosa, era da maior importância, para uma pessoa empenhada em subir na sua carreira, ter assistido à entrevista dos dois monarcas, e Bóris, pelo facto de lá ter estado, desde logo percebeu que a sua posição se havia fortemente consolidado. A partir daí não só passou a ser conhecido, como a atrair os olhares, e desde então a sua presença tomou-se familiar. Duas vezes foi encarregado de missões junto do imperador, de sorte que o próprio monarca o conhecia de vista, e os cortesãos, em vez de procurarem evitá-lo, como até aí, puseram-se a considerá-lo como uma nova personagem e grande teria sido a sua surpresa se o não tornassem a ver.

Bóris coabitava com outro ajudante-de-campo, o conde Jilinski. Educado em Paris, este rico polaco gostava doidamente dos Franceses e quase todos os dias, enquanto se conservaram em Tilsitt, oficiais da Guarda e do grande estado-maior francês se reuniam para jantar e almoçar com Jilinski e Bóris.

No dia 24 de Junho, o conde Jilinski ofereceu uma ceia aos seus amigos franceses. Entre eles encontrava-se certo convidado de grande categoria, um ajudante-de-campo de Napoleão, vários oficiais franceses da Guarda e um jovem, de uma velha e aristocrática família, pagem do imperador. Nesse mesmo dia. Rostov, aproveitando a obscuridade, para não ser reconhecido, chegara a Tilsitt à paisana e dirigira-se a casa de Jilinski e de Bóris.

Tanto Rostov como o exército donde provinha estavam longe de ter mudado de sentimentos para com Napoleão e os seus súbditos, os quais, até ali inimigos, tinham passado a ser amigos. Esta reviravolta só se havia verificado, porém, no

quartel-general de que Bóris fazia parte. No exército toda a gente continuava a sentir pelos Franceses, como até aí, um misto de cólera, de desdém e de terror. Ainda ultimamente. Rostov, tendo-se exaltado no decurso de uma discussão com um oficial dos cossacos de Platov, sustentara que se Napoleão viesse a ser capturado o tratariam como criminoso e não como imperador. E dias atrás, em presença de um coronel francês ferido, tanto se exasperara que dissera não poder falar-se em paz entre um imperador legítimo e um bandoleiro da espécie de Bonaparte. Eis porque fora grande o seu espanto ao depararem-se-lhe em casa de Bóris oficiais franceses e esses mesmos uniformes que ele estava habituado a ver, em circunstâncias muito diferentes, nos postos avançados. Assim que dera com um oficial francês à porta de Bóris apossara-se dele esse sentimento bélico, esse ódio ao inimigo perfeitamente naturais num soldado. Detendo-se no limiar da porta, perguntou, em russo, se era de facto ali que habitava Drubetskoi. Bóris, ao ouvir uma voz estranha no vestíbulo, saiu a informar-se de quem era. Assim que percebeu tratar-se de Rostov, não pôde ocultar uma certa contrariedade.

— Ah, és tu! Que grande prazer, que grande prazer em ver-te! — disse, no entanto, ao mesmo tempo que, sorrindo, caminhava para ele. Mas a Rostov não escapara a primeira reacção de Bóris.

— Não chego em boa hora, segundo creio. E realmente não teria vindo se não tivesse aqui que fazer — articulou friamente.

— Estou apenas admirado que tenhas podido deixar o teu regimento. — Um momento, volto já — respondeu a uma voz que o chamava.

— Veio perfeitamente que não cheguei em boa hora — repetiu Rostov.

A expressão contrariada de Bóris tinha-se desvanecido. Era de crer que, depois de reflectir, houvesse tomado uma atitude, e, com a maior tranquilidade deste mundo, pegou-lhe nas duas mãos e levou-o para uma dependência contígua. Bóris fitava Rostov com serenidade e firmeza. Dir-se-ia ter posto diante dos olhos qualquer coisa como as lunetas azuis peculiares a quem sabe viver. Pelo menos foi isso que Rostov pensou.

— Então, que ideia é essa? Como é que podes pensar que serias importuno?! — exclamou.

Conduziu-o à sala onde estava posta a mesa para a ceia, apresentou-o aos seus convidados, dizendo-lhes o nome e explicando não se tratar de um paisano, mas de um oficial de hússares seu velho amigo.

— O conde Jilinski, o conde N. N., o capitão S. S. — acrescentou, ao apresentar os seus convidados. Rostov lançou um olhar insulso aos franceses, saudou-os com rígido aprumo e remeteu-se ao silêncio.

Jilinski não pareceu acolher com grande satisfação no seu meio este russo desconhecido e não lhe dirigiu a palavra. Bóris fingia não perceber o constrangimento que sobreviera e fazia o possível por animar a conversa, mantendo a mesma serenidade e a mesma amabilidade mundana que mostrara ao receber Rostov. Um dos franceses, com a proverbial cortesia da sua raça, dirigiu a palavra a Rostov, sempre calado, e perguntou-lhe se não viera de propósito a Tilsitt para ver o imperador.

— Não, vim tratar de outro assunto — respondeu secamente o oficial russo.

Rostov ficara mal disposto desde que vira a expressão contrariada que aflorara ao rosto de Bóris e, como sempre acontece às pessoas em tal estado de espírito, desde logo se lhe afigurou que toda a gente lhe era hostil e que estava ali a servir de estorvo. E efectivamente assim era: todos se sentiam constrangidos, e só ele não tomava parte na conversa geral que desde logo se travara.

«Que diabo vem este aqui fazer?», pareciam dizer-lhe todos os olhos fitos nele. Levantou-se e aproximou-se de Bóris.

— Vejo muito bem que te estou a incomodar — disse-lhe, em voz baixa. — Permite que te fale no que aqui me traz, e ir-me-ei imediatamente embora.

— De maneira alguma — replicou Bóris. — Aliás, se te sentes fatigado, vamos até ao meu quarto e descansarás um pouco.

— Como tu quiseres...

Penetraram no pequeno quarto onde Bóris dormia. Rostov, sem mesmo se sentar, pôs-se imediatamente a contar-lhe o que o trazia ali, num tom irritado, como se Bóris o tivesse contrariado em qualquer coisa, perguntando-lhe se ele, por intermédio do general de quem era ajudante-de-campo, queria ou podia interceder por Denissov junto do imperador, informando-se, inclusivamente, por quem seria mais conveniente transmitir-lhe a carta. Rostov, só depois de a sós com Bóris, se deu conta, pela primeira vez, de que não estava à vontade diante do amigo de infância. Este, sentado, de pernas cruzadas, e esfregando as mãos uma na outra, ouvia Rostov como um general costuma ouvir a exposição de um subordinado. Ora o olhava de lado ora de frente, mas sempre com o mesmo ar de quem sabe viver que momentos antes lhe mostrara. E o certo é que de cada vez

que Rostov sentia esse olhar pousado nele, embaraçado, baixava a vista.

— Já ouvi falar de histórias desse género e estou informado de que o imperador é muito severo em casos destes. Em minha opinião, acho que não se deve pensar em apelar para Sua Majestade. Sou de parecer que seria melhor recorrer directamente para o comandante do corpo... Creio, de resto...

— Se não estás disposto a fazer qualquer coisa, é melhor que o digas desde já! — gritou Rostov, num tom irritado, sem olhar para o interlocutor.

— Pelo contrário, farei tudo que estiver nas minhas mãos; simplesmente sou de opinião de que...

No mesmo instante ouviu-se à porta a voz de Jilinski chamando Bóris.

— Bom, vai-te embora, vai-te embora... — disse Rostov, que, recusando-se a tomar parte na ceia, ficou só na pequenina dependência e se pós a passear de um lado para o outro, enquanto na sala vizinha se ouvia o estrépito jovial de vozes que falavam francês.

[XX]

Rostov chegara a Tilsitt num dia muito mal escolhido para intervir a favor de Denissov. Como estava de fraque e deixara o regimento sem a devida autorização, nem ele próprio podia pensar em procurar o general. Quanto a Bóris, mesmo que quisesse, era-lhe impossível fazer fosse o que fosse no dia seguinte ao da chegada de Rostov. Nesse dia, 27 de Junho, deviam assinar-se os preliminares da paz. Os imperadores tinham trocado entre si as respectivas condecorações. Alexandre fora galardoado com a Legião de Honra e Napoleão com a grã-cruz de Santo André, e nesse mesmo dia estava aprazado um banquete oferecido pela Guarda francesa ao batalhão de Preobrajenski. Deviam estar presentes os dois imperadores.

Rostov, tão irritado e contrariado estava com Bóris que, quando este o veio procurar depois da ceia, fingiu dormir e na manhã seguinte, ainda de madrugada, levantou-se e partiu, evitando encontrá-lo. De fraque e chapéu de coco, pôs-se a vaguear pela cidade, observando os franceses e os seus uniformes, inspeccionando as ruas e as casas onde se tinham instalado os dois imperadores. Viu as mesas postas e os preparativos do banquete em plena praça. As ruas estavam

engalanadas de colgaduras e bandeiras russas e francesas com enormes monogramas: A e N. Nas janelas também havia bandeiras com os mesmos monogramas.

«Já que Bóris nada está disposto a fazer por mim, não voltarei a dirigir-me a ele. Decidido de uma vez para sempre», dizia Rostov com os seus botões. «Tudo acabou entre nós, mas não me irei embora daqui sem tudo ter tentado para salvar Denissov, sobretudo sem ter feito chegar a carta às mãos do imperador... O imperador?... E o imperador ali!?» E, sem dar por isso, ia-se aproximando da residência imperial.

À porta estavam parados cavalos de sela, e a comitiva ia montando, naturalmente para acompanhar o imperador,

«De um momento para o outro tenho-o diante dos olhos», dizia Rostov de si para consigo. «Desde que eu possa entregar-lhe directamente o apelo, desde que eu tenha tempo de lhe explicar tudo... Serão eles capazes de me prender por eu estar à paisana? Não. Não é possível. O imperador há-de saber compreender de que lado está a justiça. Compreende tudo, sabe tudo. Quem haverá aí mais equitativo e mais magnânimo do que ele? R, de resto, mesmo que me prendessem por eu estar aqui, que mal havia nisso?...» Rostov assim pensava enquanto seguia com os olhos um oficial que entrava na residência do imperador. «Ah! Estou a ver. Então as pessoas podem entrar... Que estupidez! Eu me encarregarei então de lhe entregar a carta em mão própria. Tanto pior para o Drubetskoi, que me obriga a dar este passo.» E, de súbito, numa decisão de que ele próprio se não julgava capaz, tacteando o papel na algibeira, avançou direito à porta da residência imperial.

«Desta vez não vou perder a oportunidade, como depois de Austerlitz», dizia de si para consigo, esperando ver-se, de um momento para o outro, diante do imperador. E só o pensar em tal trazia-lhe o sangue todo ao coração, «Deixar-me-ei cair a seus pés, implorar-lhe-ei. Ele há-de ajudar-me a levantar do chão, ouvir-me-á, agradecer— me— a. » «Sinto-me sempre feliz quando posso fazer bem, mas não há maior felicidade para mim do que reparar uma injustiça.» Eram estas as palavras que, em sua opinião, o imperador lhe dirigiria. E ei-lo que avança, ante os olhares curiosos dos presentes, pela escadaria da residência.

Depois da escadaria de acesso, outra, grande escada conduzia directamente ao andar nobre. A direita havia uma porta, que estava fechada. Ao fundo da escada,

outra porta abria para o rés-do-chão.

— Quem procura? — perguntou alguém.

— Quero entregar uma carta, um apelo a Sua Majestade — respondeu Nicolau em voz trémula.

— Um apelo? Ao oficial de serviço. Por aqui, se faz favor. — Indicaram-lhe a porta ao fundo da escada. — O pior é que ele o não recebe.

Ao ouvir esta voz indiferente. Rostov foi tomado de pavor. A ideia de vir a encontrar-se subitamente na presença do monarca era-lhe ao mesmo tempo tão fascinante e tão temerosa que só desejou desaparecer, mas o furriel que o tinha recebido abriu-lhe a porta do oficial de serviço e não teve remédio senão entrar.

No meio da dependência, de pé, estava um homenzinho cheio, dos seus trinta anos de idade, de calças brancas e botas de canhão, que naquele mesmo momento acabava de enfiar uma camisa de fina cambraia. De costas, o criado abotoava-lhe os suspensórios novinhos em folha, todos bordados a seda, que logo saltaram à vista de Rostov. Entretanto, ia conversando com alguém que devia estar no quarto pegado.

— Bem feita, e de uma beleza diabólica — dizia ele, mas, lobrigando Rostov, calou-se e franziu o sobrolho.

— Que deseja? Um apelo?...

— Que é? — perguntaram do outro quarto.

— Mais um peticionário — replicou o homem dos suspensórios.

— Diga-lhe que volte outro dia. Ele vai sair, tem de montar a cavalo.

— Outro dia, outro dia, amanhã. É muito tarde...

Rostov deu meia volta e dispôs-se a partir, mas o indivíduo dos suspensórios deteve-o,

— Da parte de quem? E o senhor quem é?

— Da parte do maior Denissov — respondeu Rostov.

— E o senhor, quem é o senhor? Oficial?

— Tenente conde Rostov.

— Que audácia, hem! Transmita pelas vias competentes. E o senhor desapareça, desapareça sem perda de tempo... — Dizendo o que enfiou o uniforme que o criado de quarto lhe estendia.

Rostov saiu para o vestíbulo e viu na escadaria da entrada muitos oficiais e alguns generais, em grupo, todos de grande uniforme, através dos quais

forçosamente tinha de abrir caminho.

Amaldiçoando a audácia que tivera, tomado de grande pânico ao lembrar-se de que de um momento para o outro podia vir a achar-se diante do próprio imperador, vergonha que o levaria à cadeia, e só agora medindo a imprudência do seu comportamento, que muito sinceramente lamentava, ia-se esgueirando, de cabeça baixa, daquela casa à porta da qual estacionava tão brilhante comitiva, quando ouviu uma voz conhecida pronunciar-lhe o nome e sentiu uma mão que o detinha.

— Eh!, meu rapaz, que anda por aqui a fazer, e ainda por cima de fraque? — perguntou-lhe uma voz de baixo.

Era um general de cavalaria que durante a campanha soubera conquistar as boas graças do imperador e em tempo fora comandante da divisão a que Rostov pertencia.

Assustado. Rostov procurou, de princípio, justificar-se, mas, ao ver a expressão de zombadora bonomia que se pintava no rosto do general, chamou-o de parte e numa voz comovida expôs-lhe toda a história de Denissov, pedindo-lhe que intercedesse a favor do seu amigo, que ele tão bem conhecia. O general, depois de o ter ouvido, abanou a cabeça, preocupado.

— É triste, é triste a situação desse bravo. Deixa ver o apelo— Ainda Rostov não tinha acabado a sua narrativa e entregado a carta quando na escada ressoou um precipitado retinir de esporas. O general, afastando-se dele, aproximou-se da escadaria. Eram os membros da comitiva que desciam para montar a cavalo. O escudeiro Eneux, aquele mesmo que estivera em Austerlitz, aproximou-se com o cavalo do imperador, enquanto na escada se, ouvia um ligeiro ranger de botas, que Rostov imediatamente compreendeu de quem era. Esquecendo por completo o perigo que corria, precipitou-se, com outros civis curiosos, para o parapeito da escadaria, e, como dois anos antes, tomou a ver aqueles mesmos traços adorados, aquele rosto, aquele olhar, aquele porte, aquele mesmo misto de doçura e majestade... E a sua alma de novo se sentiu repassada, mais ainda do que da última vez, de entusiasmo e amor pelo seu monarca. O imperador, com o uniforme do Preobrajenski, de calções de pele branca e botas de cano, no peito uma condecoração que Rostov nunca vira — a Legião de Honra —, surgiu no alto da escadaria, de chapéu debaixo do braço, calçando as luvas. Deteve-se, olhou em tomo de si e tudo pareceu iluminado pela cintilação do seu olhar. Disse qualquer

coisa a um dos seus generais. Reconheceu igualmente o comandante da divisão de Rostov, sorriu-lhe e chamou-o para junto de si.

Toda a comitiva se afastou, e Rostov viu que o general dirigia ao imperador um discurso assaz longo. Este respondeu-lhe qualquer coisa e deu um passo para o cavalo que o aguardava. De novo as personalidades da comitiva e o público, de que Rostov fazia parte, voltaram a aproximar-se. Parado junto do cavalo, com a mão na sela, o imperador disse, em voz alta, ao general de cavalaria, evidentemente na intenção de que todos o ouvissem:

— Não posso, general, e não posso porque a lei está acima de mim — e assentou o pé no estribo.

O general inclinou-se respeitosamente. O imperador montou a cavalo e despediu a galope. Rostov, arrebatado pelo entusiasmo, precipitou-se, com a multidão, atrás dele.

[XXI]

Na praça para onde se dirigia o imperador alinhavam, à direita, um batalhão do regimento de Preobajenski, à esquerda, outro, da Guarda, com as suas barretinas de pele de urso.

Enquanto o imperador cavalgava por um dos flancos dos batalhões, que apresentavam armas, pelo outro galopava um idêntico grupo de cavaleiros, à frente dos quais Rostov julgou ver Napoleão. Não podia ser outra pessoa. Galopava, com o seu pequeno bicórnio na cabeça, a grã-cruz de Santo André ao pescoço, o uniforme azul desabotoado, deixando ver o colete branco, no seu puro-sangue árabe, cinzento, coberto por uma gualdrapa bordada a ouro. Ao chegar ao pé de Alexandre soergueu o bicórnio e Rostov, num golpe de vista de cavaleiro experimentado, logo percebeu por esse gesto que Napoleão não era um bom selim. Os batalhões gritavam: «Hurra!» e «Viva o imperador». Napoleão disse qualquer coisa a Alexandre. Desmontaram e apertaram as mãos. Bonaparte tinha um sorriso falso e forçado. Alexandre pronunciou algumas palavras muito corteses,

Sem perder de vista os dois imperadores, não obstante o tropear das montadas dos gendarmes franceses, que mantinham a multidão a distância. Rostov

seguia-lhes todos os movimentos. O que mais o impressionou, pois o não esperava, foi ver Alexandre tratar Bonaparte de igual para igual e verificar o à-vontade deste na presença do czar da Rússia, como se essa familiaridade lhe fosse tão íntima como habitual.

Alexandre e Napoleão, seguidos do longo cortejo da sua comitiva, aproximaram-se do flanco direito do batalhão do regimento de Preobrajenski, caminhando de frente para a multidão que estava desse lado. O público tão perto se viu subitamente do imperador que Rostov, na primeira fila de povo, teve medo de ser reconhecido.

— Sire, peço licença para conferir a Legião de Honra ao mais valente dos seus soldados — disse uma voz cortante e clara, destacando cada sílaba.

Era o miúdo Bonaparte quem falava, fitando Alexandre nos olhos. Este prestou grande atenção às suas palavras e, aprovando com um movimento de cabeça, sorriu, numa expressão amável.

— Àquele que mais galhardamente se bateu nesta última guerra — acrescentou Napoleão, martelando palavra por palavra e percorrendo com os olhos, numa serenidade e numa segurança que revoltaram Rostov, as fileiras dos russos que, diante dele, numa atitude militar, se mantinham em sentido, fixando os olhos no seu imperador, sem um movimento.

— Consente Vossa Majestade que eu peça a opinião do coronel? — disse Alexandre, e deu alguns passos precipitados para o príncipe Kozlovski, comandante do batalhão.

Bonaparte, entretanto, descalçava de uma das suas mãos brancas uma luva que se rasgou e ele deitou fora. Um ajudante-de-campo precipitou-se a apanhá-la.

— Quem escolheremos? — perguntou Alexandre, em russo, e em voz baixa, ao príncipe Kozlovski.

— Quem Vossa Majestade haja por bem ordenar.

O imperador franziu ligeiramente as sobrancelhas e disse, circunvagando a vista:

— Mas temos de lhe responder seja o que for.

Kozlovski, tomando urna decisão, percorreu as fileiras com os olhos, e Rostov sentiu-se abrangido por esse olhar.

«Serei eu, porventura?», disse de si para consigo.

Lazarev! — gritou o coronel, num tom severo, e Lazarev, o primeiro soldado

da fileira, galhardamente, avançou na forma.

— Aonde vais? Deixa-te estar aqui! — murmuravam algumas vozes àquele homem, que não sabia para onde ir. Lazarev estacou, olhando de viés, receoso, para o seu coronel. Movimentos nervosos faziam-lhe estremecer as linhas do rosto, como costuma acontecer aos soldados chamados rias fileiras.

Napoleão voltou a cabeça imperceptivelmente e fez um gesto com a sua pequena mão rechonchuda como se fosse pegar em qualquer coisa. Os membros da comitiva, adivinhando imediatamente de que se tratava, agitaram-se, segredaram entre si fosse que fosse, fizeram circular ordens, e um pagem, o mesmo que Rostov vira na véspera em casa de Bóris, acorreu, e, inclinando-se respeitosamente para a mão estendida, e sem delongas, depôs nela uma condecoração com uma fita vermelha. Napoleão, sem olhar, apertou-a entre dois dedos. Avançou para Lazarev, e qual, de olhos arregalados, obstinadamente, continuava a não ver senão o seu imperador, e relanceou a vista ao czar Alexandre como a mostrar-lhe que o que naquele momento estava a fazer era por ele e não pelo seu aliado. A pequena mão branca que sustinha a cruz aflorou os botões do uniforme do soldado Lazarev. Dir-se-ia que Napoleão sabia que para fazer perpetuamente feliz aquele soldado, para que ele se tornasse alvo de recompensas e de atenções de toda a gente, era quanto bastava a sua mão dignar-se tocar-lhe na arca do peito. Napoleão limitou-se a aproximar a cruz do arcabouço de Lazarev e, retirando a mão, voltou-se para Alexandre, como se estivesse ciente de que a cruz lá ficaria dependurada. E a verdade é que ficou.

Mãos solícitas, tanto de russos como de franceses, apanharam-na instantaneamente e fixaram-na no uniforme. Lazarev fitou, taciturno, o homenzinho das mãos brancas que sobre ele fizera certos gestos, e continuando, imóvel, a apresentar armas, pôs-se a olhar para Alexandre, firme nos olhos, como a perguntar-lhe se devia continuar ali, se devia afastar-se ou, talvez, fazer qualquer outra coisa. Mas, como lhe não davam qualquer ordem, assim ficou, imóvel, por muito tempo.

Os imperadores montaram, de novo, rios seus cavalos e afastaram-se. Os soldados do regimento Preobrajenski destroçaram, misturando-se aos da Guarda, depois foram sentar-se às mesas do banquete preparado para eles.

Lazarev ocupou o lugar de honra. Oficiais russos e franceses abraçavam-no, felicitavam-no, apertavam-lhe as mãos. Muito povo e grande número de oficiais se

aproximaram para o ver de perto. Ia um burburinho de risos e conversas, em russo e em francês, por toda a praça, em volta das mesas. Dois oficiais, de rosto iluminado, alegres e contentes, passaram ao pé de Rostov.

— Ora aí tens, amigo, um mimo! Até nos servem em tachos de prata — disse um deles. — Viste o Lazarev?

— Vi.

— Segundo ouvi dizer, amanhã os do Preobrajenski vão dedicar-lhe uma festa,

— Imagina! Que sorte que teve aquele Lazarev! Uma pensão de doze mil francos por ano, hem!

— Eh! Isto é que é uma barretina, rapazes! — exclamou um soldado, enterrando na cabeça a barretina de pêlo de urso de um camarada francês.

— Soberbo! Magnífico!

— Sabes qual é o santo e a senha? — disse um oficial do Preobrajenski ao camarada. — Antes de ontem era: Napoleão. França, bravura. Ontem: Alexandre. Rússia, grandeza. Hoje é o imperador que os dá; amanhã Napoleão. O imperador vai dar amanhã a cruz de S. Jorge ao mais valente dos soldados da Guarda francesa. Não pode deixar de ser. Tem de pagar-lhe na mesma moeda.

Bóris, com o amigo Jilinski, veio também fazer uma visita ao local do banquete aos soldados do Preobrajenski. Ao voltar-se, descobriu Rostov parado rio recanto de uma casa.

— Eh! Rostov, viva Mal nos chegámos a ver — disse-lhe ele, e não pôde deixar de perguntar-lhe o que tinha ele, tão sombria e perturbada lhe viu a expressão.

— Nada, absolutamente nada — replicou Rostov.

— Passas lá por casa?

— Naturalmente, sem falta.

Ficou muito tempo, de pé, no seu recanto, olhando de longe os convivas. Operava-se nele um doloroso trabalho que não conseguia levar ,a bom fim. Dúvidas terríveis lhe invadiam o espírito. Recordava-se de Denissov e da mudança que nele se dera, da sua inesperada submissão, e do hospital, com os seus amputados de braços ou de pernas, da sua imundície, dos seus doentes. Tão viva fora a impressão que tudo aquilo lhe produzira que continuava a sentir nas narinas o cheiro cadavérico do hospital, e chegava a voltar-se para ver donde é que lhe viria tamanha pestilência. Diante dos seus olhos representavam-se-lhe Bonaparte, bem disposto, e a sua mão branca, esse homem agora nada mais nada menos que

imperador e a quem Alexandre cumulava de afeição e respeito. Mas então porquê aquelas pernas e aqueles braços mutilados, porquê aqueles mortos? E vinha-lhe à memória Lazarev, condecorado, e Denissov, castigado, sem esperança de perdão. Tão estranhos eram os pensamentos que o assaltavam que teve medo.

De um lado os aromas que se evolavam das mesas do banquete, de outro a fome que o devorava arrancaram-no àquela perplexidade. Não tinha remédio senão comer alguma coisa antes de meter-se a caminho. Encaminhou-se para o hotel que vira nessa manhã. Transbordava de gente. Eram muitos os oficiais à paisana como ele; dificilmente conseguiu que o servissem. Dois camaradas da mesma divisão a que ele pertencia vieram juntar-se-lhe. A conversa que se entabulou veio abordar naturalmente o tema da paz. Estes oficiais, como quase todos os seus camaradas em armas, mostravam-se descontentes com a paz depois de Friedland Eram de opinião de que se tivessem resistido mais tempo Napoleão estaria perdido, pois as tropas francesas já não tinham nem biscoitos nem munições. Nicolau comia sem dizer palavra, e ainda bebia mais do que comia. Só à sua conta emborcou duas garrafas. As preocupações que o trabalhavam interiormente, sem que ele lhes visse solução, não deixavam de o atormentar. Tinha medo de se lhes abandonar, sem, de resto, lhes poder fugir. De súbito, ao ouvir a um dos oficiais que era uma humilhação aquele encontro com os Franceses, pôs-se aos gritos, com uma veemência que nada parecia justificar e que muito surpreendeu os camaradas presentes. Estava muito corado.

— Com que autoridade é que se atrevem a julgar o que está feito? Como se atrevem a julgar os actos do imperador?! Não está ao nosso alcance compreender nem as suas intenções nem os seus actos!

— Mas eu não mencionei o imperador — protestou o oficial, não sem deixar de atribuir à embriaguez aquela súbita diatribe. Rostov, porém, não se calava:

— Nós não somos diplomatas, somos soldados, e nada mais do que isso – prosseguiu. — Mandam-nos dar a vida, e não temos outra coisa a fazer senão dar a nossa vida. Se nos castigarem é porque somos culpados. Não nos compete julgar. Se apraz ao nosso monarca reconhecer Bonaparte como imperador e se entende que deve estabelecer com ele uma aliança, isso mesmo é que é necessário. Se nos puséssemos a julgar e a discutir tudo, nada seria sagrado. Podíamos dizer que Deus não existe, que nada existe! — Enquanto falava. Nicolau batia com o punho fechado em cima da mesa, e por mais intempestivos que os seus discursos se

apresentassem aos seus interlocutores, o certo é que obedeciam exactamente ao curso dos pensamentos que o atormentavam— A nossa obrigação é cumprir o nosso dever, bater-mo-nos, não pensar, e é tudo — concluiu.

— E beber também! — exclamou um dos oficiais, pouco disposto a discussões.

— Isso mesmo, e beber — confirmou Nicolau. — Eh, tu, tu aí, venha de lá mais uma garrafa — clamou.

TERCEIRA PARTE

[I]

Em 1808, o imperador Alexandre dirigiu-se a Erfurth para de novo se encontrar com Napoleão, e na alta sociedade de Petersburgo muito se falou dos esplendores dessa entrevista solene.

Em 1809, as relações entre os dois «soberanos do mundo», como então se lhes chamava, haviam-se tornado tão íntimas que quando, nesse ano, o imperador francês declarou guerra à Áustria, um corpo de exército russo atravessou a fronteira a fim de cooperar com o seu ex-inimigo Bonaparte contra o seu ex-aliado o imperador da Áustria, e até nas altas esferas se falou do casamento de Napoleão com uma das irmãs de Alexandre. E à margem das combinações políticas exteriores, a sociedade russa do tempo dava mostras de uma preocupação particularmente viva em face das transformações que se operavam então em todos os sectores da administração do Estado.

Entretanto, a vida, a existência quotidiana, com os seus interesses materiais — a saúde, a doença, o trabalho, o descanso —, com as suas preocupações intelectuais e quejandas — a ciência, a poesia, a música, o amor, a amizade, o ódio, as paixões, o mal —, continuava, como anteriormente, alheia às alianças políticas novas e a todas as novas reformas em projecto.

O príncipe André passou consecutivamente dois anos no campo. Todas as iniciativas que Pedro procurara pôr em prática nos seus domínios, e que haviam resultado infrutíferas, pois passava a vida a mudar de ideias, realizou-as o príncipe André sem disso se vangloriar e sem grande dificuldade.

Era dotado no mais alto grau dessa tenacidade prática que tanta falta fazia a Pedro. Realizava fosse o que fosse sem bulha nem esforço.

Os trezentos servos de um dos seus domínios foram inscritos no número dos trabalhadores de condição livre, e foi este um dos primeiros actos do género praticados em toda a Rússia. Em outros dos seus domínios o trabalho forçado foi substituído pelo foro. Em Bogritcharov o instalara, à sua custa, uma parteira, e um

padre, pago por ele, ensinava a ler os filhos dos camponeses e os criados.

Parte do tempo passava-o o príncipe em Lissia Gori, ria companhia do pai e do filho, então ainda ao cuidado das criadas, e a outra parte decorria para ele no seu «eremitério» de Bogutcharovo, como lhe chamava o velho príncipe. Apesar da indiferença que costumava exibir diante de Pedro por tudo quanto se passava no mundo, seguia atentamente os acontecimentos, recebendo muitos livros, e com grande espanto observava que as pessoas, recém-chegadas de Petersburgo — o centro da vida do país —, que porventura os visitavam, quer a ele, quer ao pai, sabiam muito menos de política interna e externa que ele próprio, que nunca deixava a sua aldeia.

Além de cuidar da administração dos seus domínios e de se dar às mais variadas leituras de ordem geral. André por essa época ocupava-se especialmente do exame crítico das últimas duas infelizes campanhas russas, ao mesmo tempo que se dava à elaboração de rim projecto de reforma dos códigos e regulamentos militares do país.

Na Primavera de 1809 foi de visita aos domínios de Riazan, propriedade de seu filho, de quem era tutor.

Estendido na sua caleça, aos raios já quentes de um sol primaveril, ei-lo que contempla a relva tenra, as primeiras folhas das bétulas e as primeiras nuvens brancas da Primavera correndo pejo azul vivo do céu. Em nada pensava, e ia olhando, alegre e vago, ora para a direita ora para a esquerda do caminho,

Ficaram-lhe para trás o rio e o barco em que no ano anterior palestrara longamente com Pedro. E também um povoado sujo, cerrados, trigo de Inverno ainda verde. Depois desceu à ponte, onde ainda se viam, vestígios de neve, galgou uma ladeira argilosa, percorreu campos de restolho e brejos de onde em onde com os seus tufos verdes e penetrou numa mata de bétulas que bordejava os dois lados estrada. No meio da mata quase fazia calor, não soprava s mínima aragem. As bétulas, salpicadas de folhas verdes e viscosas, estavam imóveis, e de sob o tapete de folhas secas do ano anterior rompiam, verdejantes, soerguendo-o, as primeiras ervas, semeadas de flores violetas. Pinheiros baixos esparsos pejo meio dos vidoeiros, com a sua perpétua e sombra verdura, evocavam desagradavelmente o Inverno que findara. Os cavalos assustaram-se ao entrar na mata e daí a pouco estavam cobertos de suor.

Piotre, o lacaio, disse qualquer coisa ao cocheiro, que lhe respondeu

afirmativamente. Logo se viu, porém, que o assentimento do cocheiro lhe não bastava. Voltou-se na almofada para o amo.

— Veja Vossa Excelência que bem que se respira! — disse, sorrindo com deferência,

— O quê?

— Que bem que se respira. Excelência.

«Que é que ele, quer dizer?» —, pensou André. «Ah!, sim, já sei, está a referir-se à Primavera,» E circunvagando o olhar: «Que verde que tudo está.., e tão depressa! As bétulas, as cerejeiras, os álamos, já, principiaram... E os carvalhos não se vêem. Ah!, ali está um.»

No extremo do caminho avultava um carvalho. Provavelmente dez vezes mais velho que as bétulas da mala, era dez vezes mais grosso e erguia-se dez vezes mais alto. Era tiro carvalho enorme, uma árvore de duas braças de tronco, com ramos certamente de tia muito lascados e a casca rachada com grandes cicatrizes. Com os seus braços e os seus dedos tortuosos e estirados, desairosos e sem simetria, dir-se-ia, rio meio das bétulas novinhas todos sorridentes, um, velho monstro intratável e desdenhoso. Só os pinheiros esparsos pela floresta, com a sua verdura morta e perpétua, os pinheiros e aquele carvalho teimavam em mostrar-se insensíveis aos encantos da Primavera, recusando-se a dar pele, sol que brilhava e pela Primavera que chegava.

«Primavera, amor, felicidade!», parecia proclamar o velho carvalho. «Será possível não estardes ainda desiludidos com todas estas néscias e absurdas miragens? Sempre, a mesma coisa, sempre as mesmas ficções! Não há Primavera, nem sol, nem felicidade! Olhai, vede estes pobres pinheiros como mortos, para ali esmagados, sempre sós, e volvei os olhos para mim, que também continuo a estender os meus dedos retalhados e esmigalhados, onde quer que rompam, do meu dorso, dos meus flancos, e para .aqui estou, como eles me querem, e não creio nas vossas esperanças nem nas vossas mentiras!»

O príncipe André, ao atravessar a floresta, mais de urna vez se voltou para este como à espera de o ver dirigir-lhe qualquer aceno amistoso. Mesmo à sombra dele havia relva, flores, embora a velha arvore, macambúzia, imóvel, continuasse monstruosamente carrancuda no meio da vida em tomo.

«Sim, este carvalho tem razão, toda a razão», pensava o príncipe André, «As ilusões são boas para os outros, para os que são novos; para nós, que conhecemos

a vida, tudo acabou!» E toda uma onda de novos pensamentos desesperados, em que para ele havia contudo um certo encanto, embora triste, se lhe levantou na alma à vista daquele carvalho. No decurso desse dia veio a reflectir de novo na sua própria existência, acabando por chegar, como sempre, a esta desencantada, se bem que apaziguadora, conclusão: que nada devia tentar na vida, limitando-se a acabar os seus dias sem praticar o mal, sem se atormentar e sem desejar fosse o que fosse.

[II]

Em virtude de certas questões de tutela sobre o domínio de Riazan. André teve necessidade de se avistar com o marechal da nobreza do distrito, nem mais nem menos o conde Ilia Andreievitch Rostov. Em meados de Maio apresentou-se em sua casa. Entrara-se já no período tépido da Primavera. As florestas já estavam vestidas de folhagem. Havia poeira e fazia calor, e quando se passava junto de um curso de água já apetecia mergulhar na corrente.

André, triste, preocupado com as mil coisas que tinha de tratar com o marechal, atravessou as áleas do parque da casa Rostov em Otradnoie. A direita pareceu-lhe ouvir nos maciços de verdura alegres vozes femininas, e dai a pouco viu um bando de raparigas que se atravessava diante da cabeça. A frente delas salientava-se uma mocinha trigueira, de olhos negros, muito esbelta, extraordinariamente esbelta, com um vestidinho de algodão amarelo, na cabeça um lenço branco, por debaixo do qual lhe esvoaçavam os caracóis soltos do cabelo. Gritou qualquer coisa, mas, ao ver que se tratava de alguém desconhecido, tomou a desaparecer no maciço donde emergira, rompendo a rir, sem olhar para trás.

De súbito o príncipe André sentiu uma impressão penosa. O tempo estava tão belo, o sol tão vivo, havia tanta alegria na natureza, e aquela rapariguinha sem conhecer nem querer conhecer nada fora dela, satisfeita e feliz com a sua própria existência, o sua existência tola, sem dúvida, mas despreocupada e alegre. «Donde lhe virá tanta alegria? Em que pensará ela? Com certeza não nos regulamentos militares e na organização dos camponeses de Riazan. Em que pensará então? Que a fará feliz?», eis o que o príncipe André não podia deixar de perguntar a si

mesmo, cheio de curiosidade.

O conde Ilia Andreievitch levava em Otradnoie, no ano da graça de 18O9, a mesma vida de sempre, isto é, recebia em sua casa quase toda a província, sempre pronto a oferecer aos convidados caçadas, espectáculos, jantares, concertos. Quem quer que aparecesse de novo encantava-o; por isso acolheu André com grande alegria e quase à força obrigou-o a passar a noite em sua casa.

No decurso de um bem fastidioso dia, durante o qual se vira monopolizado pelo seu velho anfitrião e os convidados deste mais em evidência — estava-se em vésperas de uma rija festa e a casa cheia -. Bolkonski por várias vezes relanceou os olhos a Natacha, risonha e jovial no meio dos rapazes e das raparigas, e sempre que para ela olhou pôs a si mesmo esta pergunta: «Em que pensará ela? Donde lhe virá tanta alegria?»

À noite, sozinho num local onde vinha pela primeira vez, muito lhe custou a adormecer. Pôs-se a ler, depois apagou a vela, daí a pouco tomou a acendê-la. No quarto, com as portadas fechadas por dentro, fazia calor. E sentia-se furioso com o imbecil do velho — que assim tratava Rostov — por ter querido retê-lo em sua casa, persuadindo-o de que não conseguira ainda os papéis necessários da cidade. E consigo próprio também por ter ficado. Levantou-se e aproximou-se da janela para abri-la. Mal entreabrira as portadas, logo o luar, como se há muito aguardasse aquele sinal, lhe entrou pelo quarto dentro. Abriu a janela de par em par. A noite estava fresca, calma e luminosa. Precisamente defronte da sacada encontrava-se um fileira de árvores podadas, de um dos lados muito negras, e do outro banhadas por uma claridade de prata. A seus pés entrevia-se um tapete de plantas carnudas e húmidas. As folhas frisadas e os caules escorriam luz. Mais para além, para lá das árvores escuras, lobrigava-se uma espécie de telhado, que cintilava, coberto de orvalho; mais para a direita uma grande árvore esguedelhada, com o tronco e os ramos de um branco vivo, e no alto a Lua quase cheia, num céu de Primavera por assim dizer sem estrelas. André encostou-se ao parapeito da janela e abandonou os olhos à contemplação do firmamento.

O quarto do príncipe ficava num andar intermédio. Por cima havia outros quartos igualmente habitados, e também ali se não dormia. Ouviam-se vozes de mulher.

— Sim, só mais uma vez — murmurava uma dessas vozes, que André imediatamente reconheceu.

— Mas quando te dispões a dormir? — replicava outra dessas vozes.

— Não, não vou dormir, não quero dormir, não posso, que hei-de eu fazer? Espera só um pouco mais...

As duas vozes femininas trautearam uma espécie de frase musical, por certo remate de qualquer melodia conhecida.

— Oh, que bonito! Bom, agora vamos dormir. Acabou-se.

— Dorme tu, se queres, eu não posso — voltou a primeira voz.

A que falara aproximara-se da janela e até certamente se debruçara, pois sentia-se-lhe o ruge-ruge do vestido e o ofegar da respiração. Tudo estava em silêncio e como que estático a Lua, o luar, as sombras. O príncipe André procurava não se mexer, para não denunciar a sua presença indiscreta.

— Sónia. Sónia — voltou a primeira voz. — Como queres; que uma pessoa durma? Vem ver, que lindo! Oh, que lindo! Acorda. Sónia. — E esta voz dir-se-ia repassada de lágrimas. — Nunca na minha vida vi noite tão linda!

Na resposta de Sónia houve qualquer coisa de impaciente.

— Mas vem ver, só um bocadinho, que linda Lua!... Oh, que lindo! Anda, ver! Querida, minha queridinha, vem ver! Achas que irão? Basta uma pessoa pôr-se de joelhos, assim, e agarrar o,, joelhos, agarrar-se muito. Depois, aí vou eu pelos ares fora, a voar! Olha, assim!

— Então? Deixa-te disso! És capaz de cair!

Ouviu-se, como que uma luta e a voz descontente de Sónia, que dizia: «São quase duas horas!»

— Oh, estragas tudo. Vai-te embora, vai-te.

Tudo recaiu no silêncio, mas André sentia que alguém, continuava à janela, graças aos ligeiros sussurros, aos breves suspiros que lhe chegavam aos ouvidos.

— Meu Deus! Meu Deus! Que quererá dizer tudo isto? — exclamou a voz de súbito. — Já que é preciso dormir, vamos dormir. — E fechou a janela.

«E a minha existência que lhe importa!», pensava André ao escutar aquelas vozes e, sem saber porquê, receoso e ao mesmo tempo como que esperançado de ele próprio estar envolvido naquelas palavras. «Outra vez ela! Parece de propósito!»

De repente ergueu-se no fundo da sua alma uma tal confusão de pensamentos e de esperanças pueris, perfeito contraste com toda a sua existência, que André, incapaz de explicar a si próprio claramente o que nele se estava a passar,

adormeceu quase de chofre.

[III]

No dia seguinte pela manhã, depois de se despedir do conde e sem aguardar que as senhoras estivessem visíveis, abalou.

Eram já princípios de Junho quando André, no decurso da sua jornada de regresso, voltou a atravessar aquela mata de bétulas onde um carvalho todo contorcido lhe fizera uma impressão tão curiosa e memorável. O tilintar das campainhas dos cavalos da, carruagem ainda era mais surdo que mês e meio antes: tudo eram sombras e mato bravo. Os pinheiros novos esparsos pela floresta não prejudicavam já a beleza do conjunto e, harmónicos com o ambiente, os seus botões de feltro haviam-se coberto de uma macia verdura.

O dia estivera, quente. Algures preparava-se uma tormenta, mas apenas uma pequenina nuvem borrifara a poeira do caminho e as folhas inchadas de seiva. O lado esquerdo da floresta estava ria penumbra; o direito, orvalhado e todo lustroso, brilhava ao sol, ligeiramente agitado pelo vento. Tudo estava em flor. Aqui e ali ouviam-se os rouxinóis soltar os seus trinados e garganteios.

«Sim, foi nesta floresta que eu vi aquele carvalho que tantas afinidades tinha comigo», dizia de si para consigo André. «Onde estará ele agora?» E olhava à esquerda do caminho, sem saber onde encontrá-lo, sem o reconhecer. De súbito, maravilhado, encontrou a árvore. O velho carvalho, transfigurado, distendia-se, como um zimbório de luxuriante e sombria verdura, e parecia crescer, quase imóvel, sob os raios do sol-poente. Dos seus membros contorcidos, das suas escaras, das suas antigas dúvidas, das suas velhas dores, nem sinal. Folhinhas novas, túmidas de seiva, rompiam-lhe directamente da casca dura e centenária, e de tal sorte que custava a crer que aquele ancião fosse seu progenitor. «Sim, é realmente o mesmo carvalho», pensou André, e de súbito sentiu-se inundado de um obscuro sentimento de alegria e renovo primaveril. Todos os melhores instantes da sua existência passada lhe acorreram à memória, de repente e ao mesmo tempo. E Austerlitz, com o seu céu profundo, e a máscara da sua mulher morta com a expressão de censura, e Pedro, no barco, e a rapariguinha

embriagada pelo esplendor da noite, daquela mesma noite, e a magnificência do luar, tudo isto, de um só golpe, se lhe figurou real na imaginação.

«Não, a vida não acabou aos trinta e um anos», concluiu, firme e definitivo. «E não basta que eu veja claro em mim, é, preciso que todos vejam igualmente claro em si próprios. E Pedro e esta rapariguinha que queria voar pelos céus fora. É preciso que todos eles me conheçam, que a minha vida não decorra só para mim, que não seja tão independente que não se reflicta na sua e a deles na minha e que todos eles, em sua vida, se confundam comigo.»

De regresso da viagem. André decidiu ir a Petersburgo no Outono e, para justificar essa resolução, deu-se ao trabalho de coleccionar várias razões. Toda uma série de deduções, qual delas a mais lógica, capazes de justificar esta viagem, e inclusivamente um vago projecto de retomar as suas funções na corte, acorreram ao seu encontro. Agora nem sequer podia compreender como pudera pôr em dúvida a necessidade de se consagrar a uma vida activa, tal qual como há um mês lhe não pudera vir ao espírito a ideia de abandonar o campo. Afigurava-se-lhe claramente que toda a experiência da vida que lhe fora dado adquirir se perderia sem vantagem para quem quer que fosse; não passaria de um puro contra-senso, caso ele lhe não desse a acção por finalidade e ele próprio se não decidisse a tomar parte nela. Era-lhe mesmo impossível imaginar como é que até aí, levado por deduções tão lógicas como as actuais, embora igual— mente pobres, se lhe tinha representado como certo que seria rebaixar-se, depois de tão duras lições da vida, acreditar ainda na possibilidade de ser útil, na possibilidade do amor e da ventura. A lógica agora sugeria-lhe coisa completamente diferente. De volta da sua viagem, começou a aborrecer o campo, as ocupações que até ai o entretinham já lhe não interessavam. Muitas vezes, sentado no seu gabinete, solitário, levantava-se, aproximava-se de um espelho e punha-se a mirar longamente os traços que lhe vincavam o rosto. Depois afastava os olhos do espelho e pousava-os no retrato de Lisa, sua falecida mulher, que, com os seus caracóis apanhados a moda grega, docemente lhe sorria, na moldura dourada. Já lhe não dirigia as terríveis censuras de outrora, olhava-o alegremente, simplesmente, com um ar curioso. E André, as mãos atrás das costas, passeava no seu gabinete de um lado para o outro, por muito tempo, ora preocupado, ora sorridente, deixando que o espírito lhe errasse por mil pensa— mentos extravagantes que as palavras não poderiam exprimir, secretos como se fossem

criminosos, em que se associavam Pedro, a glória, a rapariguinha da janela, o carvalho, a beleza feminina, o amor, pensamentos que haviam transformado toda a sua existência. E se nesses instantes alguém o procurava, mostrava-se particularmente seco, severo, cortante, de uma rígida lógica.

«Meu amigo», sucedia, às vezes, dizer Maria inocentemente, penetrando no gabinete a uma hora dessas, «hoje não podemos sair com Nikoluchka. Está muito frio.»

«Se estivesse calor», replicava ele em tom seco, «eram capazes de o deixar sair em camisa, mas, como está frio, basta que lhe vistam qualquer coisa quente, já que os fatos quentes não foram feitos senão para isso. É o que é preciso concluir quando se verifica estar frio e não tomar a resolução de o deixar em casa, quando a verdade é que uma criança precisa de respirar ar puro». André afectava uma tal lógica como para se castigar a si próprio desse trabalho ilógico e inconfessado a operar-se dentro de si próprio.

Maria, então, dizia de si para consigo que a reflexão faz dos homens criaturas secas.

[IV]

O príncipe André chegou a Petersburgo em Agosto de 1809. Estava-se no apogeu da glória do moço Speranski e era a altura em que ele mostrava mais energia na realização das suas reformas. Foi nesse mês de Agosto que o imperador, ao passear de carruagem, tivera um acidente, magoara um pé, e ficara três semanas fechado em Peterof, todos os dias em contacto com Speranski. Nessa época se elaboraram não só os dois célebres ucasses, que tão grande celeuma levantaram, sobre a ordenação da hierarquia na corte e a criação dos exames para a colegiada de assessores e conselheiros de Estado, mas também uma verdadeira constituição destinada a revolucionar o regime judiciário, administrativo e financeiro vigentes, desde o conselho do império até às autoridades dos volostes (Divisão territorial equivalente à província. (N, dos T.). Foi então que se realizaram e tomaram vulto os vagos sonhos liberais que o imperador Alexandre alimentava ao subir ao trono e que já tentara aplicar com o auxílio dos seus

colaboradores, os Czartoriski, os Novossiltsov, os Kotchubei e os Strogonov, a quem, por graça, costumavam chamar a sua comissão de salvação pública.

Agora Speranski substituíra-os a todos nos negócios civis e Araktcheiev ocupava-se das questões militares. O príncipe André, pouco depois da sua chegada, e, na sua qualidade de camarista, apareceu na corte e nas audiências privadas do imperador. Este, que por duas vezes o encontrara no seu caminho, não se dignara, honrá-lo com unia, única palavra. Pensava André ser antipático ao imperador e que a sua cara e toda a sua pessoa lhe eram desagradáveis. O olhar seco e distante que Alexandre lhe lançou ainda veio confirmar mais tal suposição. Os cortesãos explicaram-lhe esta frieza atribuindo-a ao facto de Sua Majestade ter ficado descontente por ele— desde 1805, não ter voltado a prestar serviço no exército.

«Bem sei que não está nas nossas mãos regermos as nossas simpatias e as nossas antipatias», dizia André com os seus botões, «por isso, o melhor que eu tenho a fazer é não pensar apresentar ao imperador a minha memória sobre o novo código militar. A ideia acabará por seguir o seu destino sozinha.»

Expôs as suas ideias a um velho marechal amigo do pai. Este, que lhe marcara uma data para o receber, acolheu-o amavelmente e prometeu-lhe falar ao imperador. Alguns dias depois participara-lhe que devia apresentar-se ao ministro da Guerra, o conde. Araktcheiev

As nove horas da manhã do dia aprazado o príncipe André apresentou-se na sala de espera do conde Araktcheiev.

Não o conhecia pessoalmente e nunca o vira mesmo, mas o que dele sabia não o predispunha muito a seu favor.

«É ministro da Guerra, é homem de confiança do imperador; ninguém, portanto, pode intervir nos assuntos que lhe dizem respeito. Confiaram-lhe o exame do meu memorial porque só ele pode pô-lo em vigor», pensava André, enquanto esperava ser recebido, no meio de várias personalidades, mais ou menos importantes, na sala de espera de Araktcheiev.

No desempenho das suas funções, principalmente enquanto fora ajudante-de-campo. André passara por muitas antecâmaras de altas personagens e estava habituado a distinguir as suas características próprias. A do conde Araktcheiev era inconfundível. As pessoas de somenos importância que aguardavam a sua, vez

mostravam confusão e humildade; as de mais categoria traíam geralmente um certo embaraço, oculto sob uma falsa despreocupação, uma espécie de zombaria de si próprias, da sua própria situação e da personalidade diante de quem iam comparecer. Havia ainda os que andavam na sala para cá e para lá, preocupados, e os que riam, cochichando. André percebia que falavam da pessoa do ministro, ratando-o pela alcunha de Sila Andreitch, e pronunciando as palavras «ele vai tratar-te da saúde». Um general, personalidade importante, visivelmente vexado por ser obrigado a esperar tanto tempo, estava de pernas cruzadas e sorria para si mesmo.

Logo, porém, que a porta se abriu, em todas as caras instantaneamente transpareceu o sentimento do medo. André pediu ao funcionário de serviço que o anunciasse segunda vez, mas — ele fitou-o com ar zombeteiro dizendo-lhe que esperasse a sua vez. Depois de algumas das personagens presentes haverem sido introduzidas no gabinete do ministro e de novo reconduzidas por um ajudante-de-campo, fizeram passar pela porta temerosa um oficial cuja humilde e assustada aparência chamara a atenção de André. A audiência deste oficial foi morosa. Ouviu-se, de súbito, atrás da porta, o fragor de uma voz irritada e lá de dentro saiu, muito pálido, de lábios trémulos, o pobre oficial, que atravessou a sala de espera apertando a cabeça nas mãos.

Chegou em seguida a vez do príncipe André e o funcionário de serviço segredou-lhe: «A direita, ao pé da janela.»

André penetrou num gabinete muito simples e asseado e viu, sentado a uma mesa, um homem dos seus quarenta anos, de longo busto, em cima do qual urna cabeça, também muito longa, de cabelos curtos, grossas rugas, sobrancelhas espessas sobrepujando uns olhos apagados verde— acastanhados e um nariz vermelho proeminente. Araktcheiev voltou a cabeça para ele sem o fitar.

— Que pretende? — perguntou.

— Nada pretendo. Excelência — replicou André com a maior tranquilidade.

Os olhos de Araktcheiev voltaram-se para ele.

— Tenha a bondade de se sentar, príncipe Bolkonski.

— Nada pretendo, mas o imperador dignou-se transmitir a Vossa Excelência a nota que eu apresentei...

— Deixe dizer-lhe, meu caro senhor, que li a sua memória — interrompeu Araktcheiev. Eram as primeiras palavras amáveis que pronunciava, e

imediatamente se pôs a olhar para outro lado e a afectar um tom cada vez mais indiferente e desdenhoso. — O senhor propõe novas leis militares? Há muitas leis, leis antigas, e muito pouca gente que as aplique. Hoje em dia todos têm a mania de fazer leis. É mais fácil escrever do que agir.

— Eu vim aqui, por desejo do imperador, saber de Vossa Excelência qual o destino que pensa dar ao meu memorial — disse André polidamente.

— Anotei a minha opinião no próprio memorial e transmiti-o à comissão. Por mim não o aprovo — disse Araktcheiev erguendo-se e pegando num papel que estava em cima da mesa. — Aqui tem! — E estendeu-lhe o papel.

Atravessado, escrito a lápis, sem maiúsculas, sem ortografia, sem pontuação, liam-se as seguintes linhas: «Elaborado com pouca seriedade, visto ser copiado pelo Código Militar francês, difere sem motivo do regulamento militar em vigor.»

— E a que comissão foi transmitido? — inquiriu André. — A comissão do Código Militar, e propus o nome de Vossa Mercê para fazer parte dela. Mas sem honorários.

Um sorriso perpassou pelos lábios de André.

— Mas eu não pretendo tal cargo...

— Como membro sem honorários — repetiu Araktcheiev. — Boa tarde. Eh! A pessoa que se segue. Quem é que está aí ainda? gritou, fazendo uma vénia ao príncipe André.

[V]

Enquanto aguardava a nomeação para membro da comissão do Código Militar, o príncipe André voltou a relacionar-se com antigos conhecimentos, principalmente com as pessoas que ele sabia muito poderosas e em condições de lhe poderem vir a ser úteis. Uma curiosidade inquieta e irresistível, muito semelhante àquela que experimentara nas vésperas das batalhas, arrastava-o agora, que estava na capital, para essas altas esferas em que se prepara o futuro e se decide do destino de milhões de homens. Ia percebendo, através da irritação dos antigos, a curiosidade dos não iniciados, a reserva dos demais, a agitação e a inquietação de todos e a profusão de juntas e de comissões, das quais o número de

membros crescia hora a hora, que naquele ano de 1809 se preparava em Petersburgo uma imensa batalha civil cujo generalíssimo era essa personagem misteriosa, desconhecida para ele e que a seus olhos avultava sob a sedução de um génio: Speranski.

E este movimento reformador, que ele muito vagamente conhecia, e Speranski, o seu animador, começaram a interessá-lo tão apaixonadamente que não tardou a relegar para segundo plano das suas preocupações o destino do Código Militar.

André estava na melhor das disposições para ser bem acolhido em todas as altas esferas da sociedade petersburguesa de então. O partido dos reformadores procurava cativá-lo e testemunhava-lhe simpatia, primeiro porque ele gozava da fama de homem muito inteligente e de vasta cultura, e em segundo lugar porque conquistara já, emancipando os camponeses, reputação de espírito liberal. O partido dos velhos descontentes, contrário às reformas, mostrava interesse por ele supondo-o adepto das ideias do pai. As mulheres, ou, como quem diz, a sociedade, festejavam-no como um futuro marido rico e titular e uma figura nova, aureolada da aventura romanesca de haver passado por morto e de ter perdido a esposa em circunstâncias trágicas. Além disso, a opinião unânime de todos quantos outrora o haviam conhecido era de que ele mudara muito, e com vantagem, naqueles cinco anos, que se lhe robustecera e suavizara o carácter, que perdera os ares afectados de antigamente, o orgulho e o espírito cáustico, e que ganhara a serenidade que só o tempo vai dando aos homens. Falavam dele, interessavam-se por ele e toda a gente o procurava.

No dia seguinte ao da sua visita a Araktcheiev, foi a uma soirée a casa do conde Kotchubei, a quem contou o que se passara na entrevista com Sila Andreitch. Kotchubei assim se referia a Araktcheiev, empregando a alcunha com essa mesma vaga ironia que André tivera ocasião de observar na antecâmara do ministro da Guerra.

— Meu caro, mesmo no seu caso, não poderá deixar de precisar de Mickail Mikailovitch. É o grande obreiro. Eu falarei com ele. Prometeu-me vir aqui esta noite...

— Mas que tem Speranski com os regulamentos militares? — perguntou André.

Kotchubei abanou a cabeça, sorrindo, como que surpreendido com a

ingenuidade de Bolkonski.

— Falámos de si há dias — prosseguiu ele — dos seus trabalhadores livres...

— Ah!, foi então o senhor, príncipe, que emancipou os seus camponeses? — perguntou um velho da época de Catarina, voltando-se para Bolkonski com um ar desdenhoso.

— Era um pequeno domínio que não dava rendimento algum — replicou este, para não irritar inutilmente o velho e assim atenuar a importância do seu acto.

— Tem medo de estar atrasado — continuou o ancião, lançando um olhar a Kotchubei. — Há uma coisa que eu pergunto: quem há-de trabalhar a terra se se der a liberdade aos servos? Fazer leis é fácil, mas governar é bem mais difícil. É o mesmo que vai acontecer agora. Diga-me, conde, quem virá a ser chefe de administração se toda a gente tem de ser submetida a um exame?

— Aqueles que forem aprovados nesse exame, suponho eu — replicou Kotchubei, cruzando as pernas e circunvagando os olhos pela sala.

— Assim, por exemplo, eu tenho nos meus escritórios um tal Prianitelinikov: é um homem excelente, um homem precioso, mas já fez sessenta anos. Irá ele apresentar-se a exame?

— Sim, é de facto difícil, tanto mais que a instrução está muito pouco espalhada, mas...

O conde Kotchubei não concluiu a frase. Levantou-se e, pegando no braço de André, encaminhou-se em direcção a alguém que acabava de chegar: um grande homem louro, calvo, dos seus quarenta anos, alta testa, rosto comprido, estranho, e de uma brancura extraordinária. Vestia um fraque azul, trazia uma condecoração ao pescoço e um crachá no lado esquerdo do peito. Era Speranski. O príncipe André reconheceu-o imediatamente e sentiu uma emoção interior, como é costume nos momentos cruciais da existência. Seria respeito, seria inveja, seria curiosidade? Ignorava-o.

A figura de Speranski era de um tipo original que o fazia sobressair no meio de todas as demais. Nunca, em qualquer das pessoas que André conhecia, surpreendera urna calma semelhante e uma tal segurança associadas a tanto embaraço e a tanto acanhamento nos gestos. Em ninguém encontrara um olhar ao mesmo tempo tão enérgico e tão suave nuns olhos — assim semicerrados e como que repassados de água, tanta firmeza num sorriso insignificante, uma voz, tão débil, tão igual, tão calma e sobretudo uma tal brancura fina num rosto e

principalmente numas mãos, excessivamente gordas e meigas, embora grandes. Tal brancura e tal suavidade de pele nunca André pudera observá-las senão nos soldados com muito tempo de hospital. Eis Speranski, o secretário de Estado, o referendário do imperador, seu companheiro em Erfurth, onde, por mais do que uma vez, se encontrara com Napoleão.

O olhar de Speranski não ia de uma pessoa para outra como acontece involuntariamente quando alguém é introduzido numa sociedade numerosa. Também não se dava pressa em falar. Sua voz era serena, sentia-se nela a certeza de quem sabe Que é escutado e não olhava senão para a pessoa com quem conversava.

André observava com atenção particular todas as palavras e todos os gestos de Speranski. Como é vulgar nas pessoas habituadas a julgar severamente o próximo, quando se tratava de alguém de reputação, tendia sempre a encontrar nesse alguém uma súmula de todas as perfeições humanas.

Speranski afirmou a Kotchubei que lamentava muito não ter podido chegar mais cedo, mas estivera retido no palácio. Não disse ter sido o imperador quem o retivera. E André notou esta afectação de modéstia. Quando Kotchubei lhe apresentou o príncipe André. Speranski dirigiu lentamente os olhares para ele, sempre com o mesmo sorriso, e olhou-o silenciosamente.

— Tenho muito prazer em conhecê-lo. Ouvi falar de si, como, aliás, toda a gente — disse ele.

Kotchubei aludiu em poucas palavras ao acolhimento que Araktcheiev fizera a Bolkonski. O sorriso de Speranski acentuou-se.

— O presidente da comissão do Código Militar é amigo meu, o Sr. Magnitski — observou, articulando claramente cada silaba e cada palavra —, se quiser posso proporcionar-lhe uma conferência com ele. — Calou-se para sublinhar a pausa do parágrafo. — Espero que vá encontrar simpatia junto dele e o desejo de fazer tudo que seja razoável.

Imediatamente se formou uma roda em volta de Speranski, e o ancião que falara de um tal Prianitchnikov também se permitiu dirigir-lhe uma pergunta.

André, sem tornar parte na conversa, observava todos os movimentos daquele homem, ainda ontem um obscuro seminarista, e em cujas mãos brancas e gordas estava agora o destino da Rússia. Impressionou-o a serenidade extraordinária e o ar desdenhoso na resposta de Speranski ao velho. Dir-se-ia deixar cair de

inacessíveis alturas a palavra condescendente. Tendo o velho elevado um pouco a voz, sorriu e disse que não era juiz das vantagens ou dos inconvenientes das decisões que o imperador tinha por bem tomar.

Depois de participar por algum tempo na conversa geral Speranski levantou-se e, aproximando-se do príncipe André, levou-o consigo para o outro extremo da sala.

Era evidente que julgava necessário parecer interessar-se por Bolkonski.

— Não tive tempo de falar consigo, príncipe, no meio da animada conversa a que me obrigou aquele venerando ancião — disse-lhe, sorrindo, com uma certa discrição desdenhosa, querendo demonstrar com isso ambos saberem muitíssimo bem a que ponto eram nulas as pessoas com quem ele acabava de conversar. E esta atitude não deixou de lisonjear André. — Conheço-o há muito, primeiro graças à sua conduta para com os camponeses, exemplo que nós gostaríamos de ver seguido por muitos outros proprietários, e em segundo lugar porque o príncipe é o único dos camaristas que não se julgou atingido pelo novo ucasse relativo às categorias da corte, que tanta discussão e tantas recriminações provocou.

— Sim — replicou André. — Meu pai não quis que eu beneficiasse desse direito. Principiei o meu serviço pelos graus inferiores.

— Seu pai, embora homem de outro tempo, está realmente muito acima dos nossos contemporâneos, que tanto criticam uma medida em que se procura simplesmente estabelecer a justiça nas suas bases naturais.

— No entanto, parece-me que essas críticas não deixam de ter o seu fundamento... — disse André, que diligenciava combater em si próprio a influência de Speranski, de que se apercebia crescente.

Desagradava-lhe aprová-lo em tudo: desejava refutá-lo. O certo é, porém, que, embora de costume se exprimisse com fluência e clareza, naquele momento, ao falar com o homem de Estado, sentia certo embaraço. Aquela personalidade, que o levara a tantas observações, prendia-lhe demasiadamente a atenção.

— Quer dizer que na maior parte dos casos essas críticas não têm talvez por fundamento senão o amor-próprio ferido — objectou, tranquilamente. Speranski.

— Ou então, em parte também, os interesses do Estado — volveu o príncipe André.

— Como assim?... — inquiriu Speranski, baixando os olhos.

— Eu sou partidário de Montesquieu — respondeu André. — E a sua máxima

de que o princípio das monarquias é a honra parece-me incontestável. Certos direitos e privilégios da nobreza parecem-me meios de manter este sentimento.

O sorriso desapareceu do branco rosto de Speranski e a sua fisionomia só ganhou com isso. Seguramente, a máxima citada por André parecera-lhe digna de interesse.

— Se encara a questão por esse ponto de vista — principiou ele, exprimindo-se em francês com dificuldade visível e pondo ainda mais morosidade na dicção que quando falava russo, mas com muita serenidade.

Exprimiu a opinião segundo a qual a honra não pode ser mantida por privilégios prejudiciais ao bom andamento dos negócios públicos, de que a honra ou é a noção puramente negativa da abstenção de actos censuráveis ou um certo estimulante capaz de nos levar a conquistar a aprovação ou as recompensas em que esta se traduz. As suas deduções eram concisas, simples e claras.

— A instituição que encorajasse a honra como fonte de emulação seria a todos os títulos semelhante à Legião de Honra do grande imperador Napoleão, que, em vez de prejudicar, concorre para o bom andamento dos serviços, sem que seja por isso privilégio de casta ou de corte.

— De acordo, mas não há que negar que os privilégios da corte atingem o mesmo objectivo — contraveio André. — Todos os privilegiados se consideram na obrigação de manter dignamente a sua categoria.

— No entanto, pelo que vejo, não quis tirar partido desse benefício — observou Speranski, rematando deste modo com uma palavra amável um debate que principiava a embaraçar o interlocutor. — Queira dar-me a honra de me procurar na próxima quarta-feira — acrescentou. — Entretanto terei falado com Magnitski e já poderei dizer alguma coisa que lhe interesse, além do prazer que me dará conversar mais longamente consigo.

Saudou, de olhos baixos, e, à francesa, sem se despedir, saiu, procurando não ser notado.

[VI]

Logo nos primeiros tempos da sua permanência em Petersburgo. André

apercebeu-se de que toda a construção de ideias que nele se elaborara no decurso da sua vida solitária fora relegada para um canto, preterida pelas inúmeras pequeninas preocupações que o absorviam.

Ao fim da tarde, de regresso a casa, registava no seu livro de notas quatro ou cinco visitas indispensáveis, ou um encontro marcado para determinada hora. As ocupações quotidianas, o emprego do tempo fixado de maneira a chegar pontualmente onde era mister, absorviam-lhe o melhor da sua capacidade de trabalho. Nada fazia, não pensava mesmo em coisa alguma, não tinha tempo, e as opiniões que emitia — com razoável êxito — eram apenas o resultado do muito que meditara enquanto estivera no campo.

Às vezes observava, desgostoso, que repetira no mesmo dia as mesmas coisas em locais diferentes. Tão ocupado andava o dia inteiro que nem mesmo tinha tempo de reconhecer que não pensava em coisa alguma.

À semelhança do que acontecera aquando do seu primeiro encontro em casa de Kotchubei, foi grande a impressão que lhe fez Speranski ao recebê-lo, quarta-feira, em sua casa e ao manter com ele um longo e confiado colóquio.

Tanta era a gente que o príncipe André julgava desprezível ou nula e tão grande o seu desejo de encontrar em quem quer que fosse o ideal vivo da perfeição a que aspirava que lhe não foi difícil acreditar que Speranski representava efectivamente esse padrão ideal de inteligência e de virtude.

Se Speranski pertencesse ao mesmo meio que André, se tivesse a mesma educação, a mesma formação moral, cedo este teria descoberto as fraquezas humanas desse homem, a sua carência de qualquer espécie de heroísmo. Mas a verdade é que esse espírito lógico que o surpreendia nele lhe inspirava tanto mais respeito quanto era certo não o apreender em toda a sua extensão. Além disso, ou porque apreciasse a capacidade de André ou porque julgasse conveniente conquistá-lo. Speranski, na presença do príncipe, exibia um juízo sereno, isento de parcialismo, e mostrava-lhe essa lisonja subtil, à mistura com uma certa presunção, que consiste em um homem reconhecer tacitamente que o seu interlocutor e ele próprio são as únicas pessoas capazes de compreender quão néscios são os demais e sensatas e profundas as suas próprias ideias, as ideias só deles os dois.

No decurso da longa conversa que mantiveram quarta-feira à noite. Speranski repetira muitas vezes frases deste jaez: «Entre nós considera-se tudo quanto

ultrapassa o nível dos hábitos inveterados...», ou então, sorrindo: «Mas nós outros queremos ao mesmo tempo que os lobos se saciem e os cordeiros fiquem intactos... », ou ainda: «Eles não podem compreender isto...» E falava num tom que queria dizer: «Nós, isto é, tu e eu, sabemos muito bem o que eles valem e quem nós somos, nós.»

Esta demorada conversa havia consolidado em André a impressão que Speranski lhe causara no primeiro dia em que lhe falara. Tinha-o por um espírito poderosamente lógico e pensante, um homem de alta inteligência, que conseguira conquistar o poder à força de energia e de vontade e que se não servia dessas qualidades senão para maior glória da Rússia. A seus olhos Speranski era precisamente o homem que ele próprio teria desejado ser, aquele que sabe joeirar na peneira da razão todas as manifestações da viria, o homem que só considera digno de interesse o que é razoável e que a tudo aplica o mesmo metro-padrão racional. Nas deduções de Speranski tudo se lhe apresentava tão simples e claro que, sem dar por isso, estava sempre de acordo com ele. O facto de lhe fazer algumas objecções e de o discutir obedecia apenas ao desejo de se mostrar independente e de lhe fazer compreender que se não submetia a todas as suas opiniões. Nele tudo estava certo, tudo era perfeito. Duas coisas, porém, perturbavam André: aquele olhar frio, glacial como o cristal de um espelho, que impedia que se lhe penetrasse na alma, e aquelas mãos brancas e macias, que ele não podia deixar de contemplar como se contemplam as mãos dos detentores do poder. Esse olhar com reflexos de cristal e essas mãos macias exasperavam André. Desagradável lhe era também o desprezo pelos homens que notara em Speranski e a variedade de argumentos de que lançava mão para apoiar as suas opiniões. Utilizava todas as armas do raciocínio ao seu alcance, salvo a analogia, e essas suas transições de uma para outra linha de defesa afiguravam-se ao príncipe André demasiado violentas. Ora se instalava no plano prático e censurava sonhadores, ora lançava mão da sátira e varava, sarcástico, os adversários, ora ainda se mostrava severamente lógico quando não ascendia repentinamente ao plano metafísico. E este processo de raciocínio era a sua arma favorita. Conduzia os problemas até aos altos paramos da metafísica, dava definições do espaço, do tempo, do pensamento e, extraindo daí argumentos polémicos, regressava ao terreno da discussão.

Em suma, o traço principal desta inteligência, aquele que mais vivamente

impressionara o príncipe André, era a sua fé incontestável, inabalável, no poder e nos direitos do espírito. Via-se perfeitamente que nunca lhe aflorara ao pensamento esta ideia, tão familiar a André, segundo a qual nem sempre é possível ao homem exprimir o que ele próprio pensa, nem jamais perguntara a si próprio se porventura tudo aquilo em que pensava, tudo aquilo em que acreditava não seriam, no fim de contas, puras tolices. E o certo é que esta forma particular do espírito de Speranski era a que mais seduzia o príncipe André.

Nos primeiros tempos das suas relações com este homem, o príncipe sentira por ele uma exaltação apaixonada muito parecida com a que alimentara outrora por Bonaparte. O facto de ser filho de um padre, circunstância que levava muito tolo a olhá-lo com desprezo, considerando-o membro de uma classe inferior, fazia que André se mostrasse circunspecto no seu entusiasmo, reforçando-lhe inconscientemente os sentimentos que por ele nutria. Naquela primeira noite que estiveram juntos. Speranski, a, propósito da comissão encarregada da revisão das leis, contou-lhe que essa comissão existia há cento e cinquenta anos, que já custara milhões de rublos, nada tendo feito ainda, e que Rosenkampfse limitara a colar etiquetas em todos os artigos de legislação comparada.

— E aqui tem para o que o Estado despendeu todos estes milhões! — disse ele, — Queremos dar ao Senado um poder judiciário novo e não temos leis. E é por isso mesmo que considero um crime ver afastadas do poder pessoas como o príncipe.

Bolkonski respondeu que para tanto carecia de uma formação jurídica que não tinha.

— Mas se ninguém a tem, como queria tê-la o príncipe? É um círculo vicioso, de que só à força poderemos sair.

Oito dias depois André era membro da comissão do Código Militar, e — coisa com que não contava — chefe da secção da comissão de legislação. A pedido de Speranski consentiu em encarregar-se da primeira parte do Código Civil. E, socorrendo-se do código de Napoleão e das leis de Justiniano, meteu ombros à revisão do capítulo respeitante aos direitos do homem.

Dois anos antes, em 18O8. Pedro, no regresso da viagem que fizera aos seus domínios, vira-se, sem o pretender, à testa da franco-maçonaria de Petersburgo. Organizou lojas capitulares e lojas funerárias, recrutou novos membros, tratou da unificação das diversas lojas e das actas que lhes competiam. Distribuiu donativos para a construção de templos e tanto quanto lhe foi possível completou o produto de colectas, coisa em que geralmente os membros davam provas de avareza e pouca diligência Quase só com dinheiro seu manteve a casa dos pobres fundada pela ordem em Petersburgo.

Entretanto continuava a viver da mesma maneira, entre as mesmas tentações e as mesmas manifestações de libertinagem. Gostava de comer bem e de beber melhor e, conquanto considerasse o facto degradante e imoral, não podia abster-se de compartilhar dos prazeres dos celibatários com quem se associava.

Apesar do entusiasmo que punha no desempenho das suas múltiplas ocupações. Pedro começou a compreender, um ano decorrido, que o terreno da franco-maçonaria em que assentava pés se lhe tornava menos firme quanto mais firmemente nele se procurava apoiar. Apercebia-se ainda de que, com o volver do tempo, mais difícil se tornava libertar-se. Ao entrar para a franco-maçonaria tivera a impressão de pousar o pé confiante na superfície lisa de um pântano. E, mal o pousara, logo se sentira afundar. Para melhor experimentar a solidez do terreno, avançara o outro pé e enterrara-se ainda mais, atolara-se, e agora patinhava, mergulhado até aos joelhos na lama do pântano.

José Alexeievitch não estava em Petersburgo, ultimamente havia-se desinteressado das lojas da capital e nunca deixava Moscovo. Todos os membros das lojas eram indivíduos com quem Pedro privava na sociedade e era-lhe difícil ver neles só irmãos maçónicos, esquecendo serem também o príncipe B, ou Ivan Vassilievitch D., criaturas que ele geralmente conhecia por fracos caracteres e pessoas sem valor moral. Por debaixo dos aventais e das insígnias maçónicas via aparecer os uniformes e as condecorações, a maior aspiração de tais criaturas. Muitas vezes, ao recolher as esmolas e ao completá-las com os vinte ou trinta rublos solicitados — era frequente uma dezena de membros, metade dos quais tão ricos como ele próprio, deixarem a colecta em débito -. Pedro lembrava-se do juramento maçónico em que cada irmão se compromete a dar todos os seus bens ao próximo, e na sua alma nasciam dúvidas, que procurava desvanecer.

Os irmãos seus conhecidos dividiam-se, para ele, em quatro categorias. Da primeira faziam parte os que não participavam activamente quer nos assuntos das lojas, quer nos problemas da humanidade, exclusivamente ocupados no estudo dos mistérios da ordem, nos problemas relativos à Trindade Divina ou ao tríplice princípio de todas as coisas — o enxofre, o mercúrio e o sal — ou ainda ao significado do quadrado e das figuras simbólicas do templo de Salomão. Pedro venerava esta categoria de irmãos, a que pertenciam os mais antigos, e na qual, pensava, se incluía o próprio José Alexeievitch, embora não partilhasse das suas preocupações. O lado místico da franco-maçonaria não lhe cativava as preferências.

Na segunda categoria considerava, consigo próprio, aqueles que se lhe assemelhavam, os que procuravam, que hesitavam, e que, sem terem achado na franco— maçonaria um caminho direito e límpido, persistiam na esperança de o vir a encontrar.

No terceiro grupo incluía aqueles — e eram os mais numerosos — que não viam na ordem mais que as suas manifestações exteriores e as cerimónias e que se consagravam ao cumprimento desses ritos sem se preocuparem com o seu conteúdo e o seu sentido oculto. Era o caso de Villarski e até do grão-mestre da loja principal.

O quarto, por fim, abrangia igualmente grande número de irmãos, neófitos sobretudo. Nele figuravam, consoante lhe fora dado observar, os que em nada acreditavam, nada desejavam, e que apenas se haviam filiado para conhecer os irmãos ricos e poderosos, graças às suas relações e à sua fidalguia, espécie muito abundante.

Pedro começava a sentir-se pouco contente com a actividade que desenvolvia. A maçonaria, pelo menos a maçonaria que tinha diante dos olhos, na maior parte dos casos afigurava-se-lhe não passar de um puro formalismo. Claro está que não pensava em atacar os fundamentos da própria instituição, mas estava persuadido de que a maçonaria russa ia por caminho errado e se afastava dos seus objectivos. Ris porque no fim do ano abalou para o estrangeiro na intenção de se iniciar nos altos mistérios da ordem.

No Verão de 1809. Pedro estava de regresso a Petersburgo. Os pedreiros-livres russos haviam sabido, através dos seus correspondentes no estrangeiro, que Bezukov conquistara a confiança de vários altos dignitários, fora iniciado num

grande número de mistérios e tinha sido promovido aos graus mais elevados, regressando cheio de projectos úteis à maçonaria russa. Os irmãos de Petersburgo todos se apressaram em visitá-lo, procurando conquistar-lhe a simpatia e ficaram persuadidos de que ele lhes reservava qualquer surpresa.

Convocou-se a reunião solene de uma loja do segundo grau, onde Pedro prometera comunicar a mensagem, de que era portador, destinada aos irmãos de Petersburgo, da parte dos altos dignitários da ordem. A sessão era plenária. Após as cerimónias habituais. Pedro levantou-se e principiou:

«Queridos irmãos!», disse, corando e gaguejando, com o discurso escrito na mão, «não basta cumprir os nossos mistérios no segredo da loja, é preciso agir.., sim, agir. Estamos neste momento adormecidos e precisamos de agir.»

Pegou nas folhas e pôs-se a ler:

«A fim de espalhar a verdade pura e de conseguir o triunfo da virtude, devemos libertar os nossos semelhantes dos preconceitos, difundir regras de acordo com o espírito do nosso tempo, darmo-nos à tarefa de instruir a mocidade, unirmo-nos por laços indissolúveis aos espíritos mais esclarecidos, vencer, ao mesmo tempo corajosos e prudentes, a superstição, a incredulidade e a estultícia, formando, entre aqueles que nos são dedicados, pessoas ligadas entre si pela unidade do objectivo e dispondo do poder e da força. Para alcançar esta finalidade é Preciso que a virtude prevaleça sobre o vício e que o homem de bem receba já neste mundo recompensa eterna das suas virtudes. Mas a verdade é que a estes altos desígnios se opõe um grande número de instituições políticas externas. Que fazer em tal estado de coisas? Favorecer as revoluções, arrasar tudo, usar da força contra a força?... Não, isso não está nos nossos desígnios. Todas as reformas impostas pela violência são censuráveis, pois nunca corrigirão o mal enquanto os homens continuarem a ser o que são e visto que a prudência dispensa perfeitamente a violência. A nossa ordem deve procurar formar homens decididos, virtuosos e unidos pela identidade de convicção, a qual consiste em querer, por toda a parte e com todas as suas forças, castigar o vício e a estultícia e proteger o talento e a virtude, numa palavra, arrancar da lama os que disso são dignos, para os associarmos â nossa ordem. Só então a nossa instituição terá o poder de amarrar insensivelmente as mãos dos fautores da desordem e de os dirigir sem que eles próprios dêem por isso. Em resumo, seria preciso estabelecer uma forma de governo universal e dirigente capaz de se propagar pelo mundo inteiro, sem no

entanto romper os laços civis dos vários Estados, e sob cuja égide todos os demais governos continuariam a existir de acordo com a sua lei habitual, em tudo livres na sua acção, excepto em oporem-se ao fim supremo da nossa ordem, o qual é o de procurar que a virtude triunfe do vício. Esse o objectivo do próprio cristianismo. Foi ele que ensinou os homens a ser prudentes e bons e a seguirem, para seu bem, o exemplo e as lições dos melhores e dos mais prudentes.

No tempo em que tudo estava mergulhado nas trevas bastava exortação só por si. O ineditismo da verdade proclamada dava-lhe uma força especial; mas hoje precisamos de meios muito mais poderosos. Actualmente é necessário que o homem, guiado pela sua própria sensibilidade, encontre na virtude como que um encanto sensual. Não é possível extirpar as paixões. Temos de limitar-nos a dirigi-las para uma finalidade nobre e é por isso que cada um de nós deve poder dar-lhes satisfação nos limites da virtude e a nossa ordem estar pronta a proporcionar-nos os meios.

Logo que haja em cada Estado um certo número de homens dignos de nós, cada um deles se encarregará de formar outros iguais a si: todos acabarão por estar estreitamente unidos e então tudo será possível na nossa ordem, a qual, em segredo, já tanto conseguiu para bem da humanidade.»

O discurso provocou na loja não só uma forte impressão, mas também uma certa emoção. Reconhecendo nas doutrinas expostas as perigosas teorias do iluminismo, a maioria acolheu-o com uma frieza que surpreendeu Pedro. O grão-mestre procurou refutá-lo. Pedro, cada vez mais caloroso, pôs-se a desenvolver as suas ideias. Havia muito que se não assistia a uma sessão tão tempestuosa. Formaram-se partidos: uns atacavam Pedro, acusando-o de iluminismo; outros defendiam-no. Foi a primeira vez que este se deu conta da diversidade infinita dos espíritos, razão pela qual nenhuma verdade é vista do mesmo aspecto por duas pessoas. Até mesmo aqueles que pareciam seus partidários o compreendiam à sua maneira, sugerindo-lhe restrições, modificações com que ele não podia estar de acordo, uma vez que o seu objectivo principal era precisamente o de transmitir as suas ideias tal qual ele próprio as concebera.

No fim da sessão o grão-mestre deu-lhe a entender, com alguma malevolência e num toro irónico, que ele se exaltara de mais e que fora antes o entusiasmo da discussão que o amor da virtude que o determinara. Pedro não respondeu e em poucas palavras perguntou se a sua proposta era aceite. Como lhe respondessem

negativamente, saiu sem aguardar as formalidades ordinárias e voltou para casa.

[VIII]

Pedro viu-se de novo assaltado pelo tédio que tanto receava. Nos três dias que se seguiram ao discurso que proferira na loja esteve estendido num divã sem receber ninguém e sem ir a parte alguma.

Foi nessa altura que recebeu uma carta da mulher pedindo-lhe uma entrevista. Queixava-se da mágoa que aquele apartamento lhe causava e dizia-se disposta a consagrar-lhe, daí para o futuro, toda a sua existência.

No fecho da carta anunciava-lhe chegar dentro de dias a Petersburgo, de regresso do estrangeiro.

Pouco depois, um dos menos estimados entre os irmãos maçónicos de Pedro forçava-lhe o isolamento, e, conduzindo a conversa para o capítulo da sua vida conjugal, insinuava-lhe, como se fosse um irmão que lhe falasse, quanto era injusta a sua dureza para com a esposa e que procedendo desse modo se mostrava em contradição com a regra essencial da maçonaria segundo a qual devíamos perdoar a quem se arrepende.

Por essa altura também a sogra, a mulher do príncipe Vassili, lhe mandara recado a pedir-lhe que a visitasse, por pouco tempo que fosse, pois queria falar-lhe de coisas muito importantes. Pedro percebeu existir uma conjura e que o queriam reconciliar com a mulher e a verdade é que no estado moral em que se encontrava nem sequer achou o caso desagradável. Tudo lhe era indiferente. Nada lhe parecia de grande importância na vida, e sob a influência do tédio que o atormentava não procurava defender a sua independência nem sequer já pensava na resolução que tomara de castigar a mulher.

«Ninguém tem razão, ninguém é culpado; talvez que ela própria não seja culpada», dizia de si para consigo.

Se não cedeu imediatamente, aceitando desde logo uma reconciliação, foi apenas porque no estado de apatia moral em que se encontrava não tinha forças para fazer fosse o que fosse. Se a mulher viesse naquele momento ao seu encontro, seria certo que a não afastaria de si. Pois não lhe era indiferente,

perante as preocupações que o absorviam, viver ou não com ela?

Sem responder nem à mulher nem à sogra, um dia, já noite fechada, meteu-se a caminho de Moscovo ria intenção de consultar José Alexeievitch. Eis o que anotou no seu diário:

> Moscovo, 17 de Novembro.
>
> Acabo de sair de casa do Benfeitor e dou-me pressa em registar as minhas impressões a esse respeito. José Alexeievitch vive pobremente e há já três anos que sofre muito com uma doença de bexiga. Ninguém lhe ouviu ainda uma queixa ou um murmúrio. Desde manhã até noite alta, exceptuando as horas em que toma os seus mais que frugais repastos, está todo entregue a trabalhos científicos. Recebeu-me afectuosamente e mandou-me sentar na cama em que ele próprio estava estendido. Fiz-lhe o sinal dos cavaleiros do Oriente e de Jerusalém, a que ele me respondeu no mesmo estilo e com o seu meigo sorriso perguntou-me o que tinha eu aprendido nas lojas da Prússia e da Holanda. Contei-lhe tudo quanto sabia, expus-lhe as ideias que desenvolvera na nossa loja de Petersburgo e contei-lhe o mau acolhimento que aí encontrara e o meu rompimento com os irmãos. José Alexeievitch, depois de muito ter reflectido em silêncio, expôs-me o seu ponto de vista, o qual iluminou instantaneamente todo o meu passado e o caminho que doravante se abria diante de mim. Fiquei surpreendido ao perguntar-me se eu me lembrava do tríplice objectivo da ordem: 1º a conservação e o estudo dos mistérios; 2º a purificação e a regeneração de nós próprios com vista a podermos participar desses mistérios, e 3º o aperfeiçoamento do género humano graças aos esforços feitos em vista desta purificação. Qual destes objectivos é o mais importante e o primeiro deles? Claro está que a emenda e a purificação de nós próprios. É este o único que nós sempre nos podemos esforçar por conseguir, independentemente de todas as circunstâncias. Ao mesmo

tempo, porém, é ele que exige de nós os maiores esforços: eis porque, desorientados pelo orgulho, deixamos de lado este objectivo essencial e nos consagramos quer ao conhecimento dos mistérios que no nosso estado de impureza não somos dignos de compreender, quer ao aperfeiçoamento do género humano, quando o certo é que nós próprios estamos a ser exemplo de indignidade e de perversão. O iluminismo não é boa doutrina precisamente porque os seus adeptos se deixaram levar pelo desejo de desempenhar um papel social e é o orgulho que os domina. Desse ponto de vista José Alexeievitch censurou o meu discurso e tudo quanto eu fizera. No fundo da minha alma senti-me de acordo com ele.

A respeito da minha vida familiar, eis o que ele me disse: «O principal dever do franco-mação, como acabo de lhe dizer, está no aperfeiçoamento de si próprio. Muitas vezes, porém, julgamos poder alcançar mais depressa este objectivo afastando de nós todas as dificuldades da vida. É o contrário, meu caro senhor», afirmou, «é no meio da agitação do mundo que nós podemos alcançar os nossos três objectivos: 1º o conhecimento de nós mesmos, pois o homem não pode conhecer-se verdadeiramente senão por comparação; 2º o aperfeiçoamento, que se não alcança senão na luta; 3º a virtude suprema, que é o amor da morte. Só as vicissitudes da vida nos podem mostrar toda a vaidade desta, contribuindo para nos inspirar o amor da morte, isto é, o desejo da ressurreição numa nova vida.»

Estas palavras eram tanto mais extraordinárias quanto é certo José Alexeievitch, apesar de todos os seus sofrimentos físicos, nunca sentir o peso da existência, mas amar a morte, para a qual, apesar de toda a sua pureza e toda a sua sublimidade, ainda se não sentia suficientemente preparado. Em seguida o Benfeitor explicou-me por completo o significado do grande quadrado da criação e demonstrou-me que os algarismos 3 e 7 são o fundamento de tudo quanto existe.

Aconselhou-me a que não renunciasse a todas as relações com os meus irmãos de Petersburgo e, conquanto me limitasse a desempenhar na loja funções de segunda ordem, que me devia esforçar por desvid-1os dos caminhos do orgulho, trazendo-os para a verdadeira senda do conhecimento e do aperfeiçoamento de nós próprios.

Além disso, a mim, pessoalmente, aconselhou-me a que antes de mais nada me observasse a mim mesmo e nessa intenção ofereceu-me um caderno — este mesmo em que neste momento escrevo —, onde de futuro registarei todos os meus actos.

Petersburgo, 23 de Novembro.

Voltei a viver com minha mulher. Minha sogra, toda chorosa, veio a minha casa e disse-me que a Helena se encontrava em Petersburgo e me implorava que a ouvisse, que estava inocente, que era infeliz abandonada por mim e mais muitas outras coisas. Eu sabia que desde que consentisse em tornar a vê-la não teria coragem para resistir às súplicas que me fizesse. Sem saber que fazer, perguntava a mim mesmo a quem pediria socorro e conselho. Se o Benfeitor aqui estivesse, ter-me-ia guiado. Recolhi-me em mim mesmo, reli as cartas de José Alexeievitch, recordei as nossas conversas e concluí que se não me devia negar a quem pede, antes estender a todos mão caritativa, com mais razão o devia fazer a uma pessoa que me estava ligada por laços tão estreitos, não me furtando à minha cruz. Mas já que é em nome do triunfo da virtude que eu lhe perdoo, ao menos que a minha união com ela tenha apenas finalidade espiritual. Tomei esta resolução e dei parte dela a José Alexeievitch. Pedi a minha mulher que esquecesse todo o passado, que me perdoasse aquilo em que eu tivesse andado mal para com ela e que pela minha parte nada tinha a perdoar-lhe. Sentia-me feliz por lhe

falar nestes termos. Que ela não saiba quanto me foi penoso tornar a vê-la. Instalei-me nos andares superiores da nossa casa e a felicidade que sinto neste momento é a de alguém que de novo recomeçou a vida.

[IX]

A alta sociedade que se reunia quer na corte, quer nos grandes bailes dividia-se então, como sempre, de resto, em vários círculos, cada um com a sua fisionomia própria. O mais numeroso era o francês — partidário da aliança com Napoleão —, o do conde Rumiantsov e Caulaincourt. Helena passou a ocupar neste círculo um dos lugares mais em evidência assim que veio reinstalar-se em Petersburgo com o marido. A gente da Embaixada de França, e grande número de pessoas, notáveis pelo seu espírito e pela sua polidez, que faziam parte da mesma sociedade, frequentaram os salões da condessa,

Helena encontrava-se em Erfurth aquando da famosa entrevista dos imperadores e foi aí que encetou as suas relações com todos os nomes ilustres da Europa e do meio napoleónico. Brilhante fora o seu êxito. Napoleão, que a vira no teatro, dissera dela: «É um soberbo animal.» Estes êxitos de mulher bela e elegante não surpreenderam Pedro, pois, com os anos, tornara-se ainda mais formosa. Grande foi, porém, a sua surpresa ao verificar que naqueles dois anos ela arranjara maneira de gozar da reputação «de uma mulher encantadora, tão espiritual quão bela». O famoso príncipe de Ligne escrevia-lhe cartas de oito páginas. Bilibine reservava as primícias dos seus ditos de espírito para a condessa Bezukov. O ser-se admitido nos seus salões equivalia a receber diploma de pessoa de espírito. Os jovens liam livros de propósito antes de se apresentarem nas suas recepções, para assim disporem de um assunto de conversa, e os secretários de embaixada, e por vezes os próprios embaixadores, confiavam-lhe segredos diplomáticos, de tal sorte que Helena, no seu género, era um verdadeiro potentado. Pedro, que a tinha por muito estúpida, assistia por vezes, num estranho misto de perplexidade e de receio, às recepções e aos jantares que ela dava e em que se falava de política, de poesia ou de filosofia. Experimentava um

sentimento semelhante ao do prestidigitador que espera a todo o instante ver descoberto o truque de que usa. Ou porque a estupidez fosse precisamente o que convinha para dirigir um salão deste género ou porque os logrados sentissem prazer em se deixar iludir, o certo é que o truque não era descoberto e a reputação de mulher encantadora e espiritual tão solidamente se arreigara à personalidade de Helena Vassilievna Bezukov que ela podia pronunciar as maiores necedades e as mais rotundas tolices que nem por isso os seus admiradores deixavam de se extasiar perante o que ela dizia, dando-se ao cuidado de atribuir a cada uma das suas palavras um sentido profundo, sentido que ela própria estava longe de suspeitar.

Pedro, eis o marido talhado para esta brilhante mundana. Era o original distraído, o esposo fidalgo, que não incomodava ninguém, e não só não estragava a impressão geral do alto tom do salão, mas, antes pelo contrário, mercê do contraste que estabelecia com a distinção e o tacto da mulher, lhe servia de vantajoso pano de fundo. No decorrer desses dois anos, a contínua contenção de espírito a que se obrigara na familiaridade com as coisas abstractas, o seu perfeito desdém por tudo o mais levara-o a assumir nesta sociedade bem pouco interessante para ele um certo tom de indiferença, de desprendimento e de indulgência para com tudo — coisa que se não adquire artificialmente — que não deixava de inspirar respeito. Entrava no salão da mulher como um actor que entra no palco, conhecia toda a gente, a todos acolhia bem, mantendo-se a igual distância de todos. Por vezes participava numa conversa que o interessava, e então, sem se preocupar em saber se os cavalheiros da Embaixada estavam ou não presentes, exprimia, tartamudeando, ideias que frequentemente eram muitíssimo contrárias ao tom da ocasião. Porém a opinião acerca do original marido de a mulher mais distinta de Petersburgo tão radicada estava que ninguém tomava a sério as suas inconveniências.

Entre os numerosos jovens que frequentavam assiduamente os salões de Helena um dos mais íntimos, após o regresso de Erfurth, era Bóris Drubetskoi, que já então fizera uma brilhante carreira. Helena chamava-lhe o meu pagem e tratava-o como se ele fosse uma criança. Os sorrisos que lhe dirigia eram iguais aos que dirigia a todos os outros, e no entanto Pedro por vezes sentia-se perante eles desagradavelmente impressionado. Bóris testemunhava ao marido de Helena uma deferência especial, cheia de dignidade e como que de compaixão, e punha

nisso uma nuance que ainda mais inquietava Pedro. Este sofrera tanto, três anos antes, com a ofensa que recebera da esposa que procurava agora evitar um ultraje semelhante, em primeiro lugar mantendo-se como se não fosse marido da mulher e em seguida não se permitindo a si próprio suspeitar da sua conduta.

«Sim, agora que ela armou em bas-bleu, é porque renunciou para sempre aos desvarios de outrora», dizia para si mesmo. «Não há exemplo de uma bas-bleu se abandonar a desvarios do coração», repetia, desenterrando, nem ele sabia donde, este axioma a que se agarrava com unhas e dentes. No entanto, coisa estranha, a presença de Bóris no salão da mulher, onde era visto a todo o instante, exercia sobre ele um efeito quase físico: paralisava-o de braços e pernas, suprimia-lhe o automatismo dos movimentos e dos gestos.

«Que curiosa antipatia», dizia consigo mesmo; «no entanto, antigamente até gostava dele, e mesmo muito.»

Eis como, aos olhos do mundo. Pedro passava por um grande senhor, marido, um pouco míope e ridículo, de uma mulher célebre, um original espiritual que nada fazia, mas que, por isso mesmo, não fazia mal a ninguém, um fraco e pobre diabo. Contudo na alma de Pedro ia-se realizando, entretanto, um trabalho complicado e difícil de desenvolvimento interior, que lhe abria largos horizontes e o conduzia, ao mesmo tempo que a não poucas dúvidas, a muitas alegrias morais.

[X]

Prosseguindo no seu diário, eis o que ele escrevia por essa altura:

> 24 de Novembro.
>
> Levantei-me às oito horas, li as Sagradas Escrituras, depois fui à minha reunião. [Pedro, a conselho do Benfeitor, consentira em fazer parte duma comissão.] Voltei para jantar. Comi só. A condessa tem muitos convidados que a mim me são desagradáveis. Comi e bebi moderadamente e depois da refeição copiei documentos para os irmãos. A noite desci aos salões da condessa; contei ali uma divertida

história acerca de B, e tarde de mais é que reconheci, em virtude das grandes gargalhadas de toda a gente, que não devia ter contado a história.

Deito-me, sereno e feliz de espírito. Senhor Todo—Poderoso, ajuda-me a seguir pelas Tuas sendas, isto é: 1.o a dominar os meus ataques de cólera, graças à cordura e à paciência; 2.o a vencer a luxúria, graças à continência; 3.o a afastar-me das agitações mundanas, embora não abandonando: a) os negócios públicos; b) os interesses de família; c) as relações de amizade, e d) os assuntos económicos.

27 de Novembro.

Levantei-me tarde, e, uma vez acordado, fiquei muito tempo na cama, por preguiça. ó meu Deus! Ajuda-me e fortalece-me, para que eu possa caminhar pelas Tuas sendas. Li as Sagradas Escrituras, mas sem o recolhimento necessário. O irmão Urussov apareceu, falámos das vaidades deste mundo. Referiu-se aos novos projectos do imperador. Principiei por criticá-los, mas lembrei-me das regras e do que me disse o Benfeitor, que o verdadeiro irmão maçónico deve ser zeloso instrumento do Estado quando lhe pedem o seu concurso e espectador passivo do que lhe não diz respeito. A minha língua é a minha maior inimiga. Os irmãos G. V, e O, também apareceram. Tivemos uma conversa preambular sobre a admissão de um novo irmão. Confiaram-me as funções de »reitor. Sinto-me indigno e incapaz, de bem desempenhar esse cargo. Falámos depois da interpretação das sete colunas e dos degraus do templo, das sete ciências, das sete virtudes, dos sete vícios, dos sete dons do Espírito Santo. O irmão O, foi muito eloquente. A noite houve recepção. As novas instalações concorreram largamente para a magnificência

do espectáculo. Foi Bóris Drubetskoi o irmão recebido. Coube-me ser seu padrinho e igualmente seu reitor. Um estranho sentimento me agitou durante todo o tempo em que estive com ele no templo obscuro. Surpreendi-me a sentir por ele um ódio que debalde procurei dominar. E, no entanto, sinceramente, desejaria salvá-lo do mal e conduzi-lo ao caminho da verdade, mas os maus pensamentos não me abandonavam. Para comigo dizia que, ao filiar-se, o seu objectivo não era outro senão aproximar-se de certas pessoas, de ganhar as boas graças daqueles que pertencem à nossa loja. Efectivamente, por mais de uma vez perguntou se Fulano ou Sicrano não faziam parte da loja, coisa que aliás eu lhe não pude confirmar. Como me foi dado observar, é com toda a certeza incapaz de ter respeito pela nossa santa ordem e está por de mais preocupado com a sua pessoa física e por de mais satisfeito consigo mesmo para aspirar a qualquer aperfeiçoamento moral. No entanto não tenho razões especiais para duvidar dele. Pareceu-me, todavia, pouco sincero e durante todo o tempo em que esteve sozinho comigo no templo obscuro afigurou-se-me que sorria com desdém dos meus discursos e não me faltaram desejos de lhe trespassar a valer o peito nu com a espada que nele apoiava. Não me pude mostrar eloquente, mas, sinceramente, não podia dar parte das minhas dúvidas aos irmãos e ao grão-mestre. ó Grande Arquitecto do Universo, ajuda-me a encontrar as verdadeiras sendas que me farão sair do labirinto da mentira.

Três páginas em branco se sucediam. Depois estava escrito o seguinte:

Tive uma longa e instrutiva conversa em segredo com o irmão V., que me aconselhou a que me acautelasse com o irmão A. Muitas coisas me foram reveladas, ainda que eu

seja indigno delas. Adonais é o nome daquele que criou o mundo. Eloim é o nome do que dirige todas as coisas.

O terceiro nome é aquele que se não pronuncia: significa o Todo. As minhas conversas com o irmão V, fortalecem-me, iluminam-me e consolidam-me no caminho da virtude. Nele a dúvida não existe. Vejo claramente a diferença que lia entre as pobres ciências que se ensinam no mundo e a nossa santa doutrina, que abarca tudo. As ciências humanas fragmentam tudo para compreenderem, matam tudo para examinarem. Na santa ciência da nossa ordem tudo é uno, tudo é inteligível na sua complexidade, na sua vida. A tríade, os três elementos das coisas, são o enxofre, o mercúrio e o sal. O enxofre tem ao mesmo tempo as propriedades do azeite e do fogo; junto ao sal excita nele, graças ao fogo que encerra, o desejo, por meio do qual atrai o mercúrio, o apanha, o retém e produz com ele corpos distintos.

O mercúrio é a essência espiritual no estado líquido e gasoso. É o Cristo, o Espírito Santo, o Ser.

3 de Dezembro,

Acordei tarde, li as Sagradas Escrituras mas fiquei insensível. Em seguida saí do meu quarto e passeei de um lado para o outro no salão. Queria meditar, mas em vez disso a minha imaginação representou-me um facto ocorrido há quatro anos. Encontrando-me em Moscovo, depois do duelo. Dolokov disse-me que esperava que eu usufruísse agora de uma perfeita quietude da alma, apesar da ausência de minha mulher. Não lhe respondi então; mas agora lembro-me de todos os pormenores dessa conversa e mentalmente dirijo-lhe as diatribes mais malévolas e as palavras mais cáusticas. Refiz-me e sacudi de mim estes pensamentos, mas não me arrependi devidamente. Depois

apareceu Bóris Drubetskoi e pôs-se a contar diversas anedotas. Não lhe mostrei boa cara e dirigi-lhe mesmo algumas palavras pouco amáveis. Respondeu-me. Exaltei-me e disse-lhe uma série de coisas desagradáveis e até mesmo descorteses. Calou-se; eu quis fazer esquecer as minhas palavras, mas já era tarde de mais. Meu Deus, não consigo saber comportar-me para com ele. A causa está no meu amor-próprio. Considero-me muito acima dele, de modo que a minha conduta é bem pior do que a sua. Ele mostra-se indulgente para com a minha grosseria, enquanto eu, pelo contrário, só mostro desdém para com ele. Meu Deus, permite que eu diante dele veja melhor a minha indignidade e que proceda de modo a ser útil, até mesmo a ele. Depois de jantar passei pelo sono, durante o qual ouvi distintamente uma voz que me dizia ao ouvido esquerdo: «Chegou a tua hora.»

Sonhei que caminhava na escuridão e que de súbito me via rodeado de cães. Nem por isso caminhava com menos medo. De repente um cachorrinho deitou-me os dentes à barriga da perna esquerda e não me largava. Lancei-lhe as mãos ao pescoço e estrangulei-o. Mal me libertara de um, logo outro, muito maior, me ferra os dentes. Agarro-o, e quanto mais o levanto no ar mais pesado e maior ele se torna. De súbito aparece o irmão A., que me pega por debaixo dos braços, me leva consigo e me conduz a um edifício onde se não pode entrar senão depois de se atravessar uma prancha muito estreita. Quando principiei a andar por cima dela, a prancha oscilou e caiu e eu trepei por uma paliçada a que dificilmente me podia agarrar. Depois de grandes esforços consegui içar o corpo de tal sorte que fiquei com as pernas de um lado e o tronco do outro. Voltei-me e vi o irmão A., de pé em cima da paliçada, apontando-me uma grande avenida e um parque no qual havia uma bela e imponente construção. Acordei.

Senhor. Grande Arquitecto do Universo, ajuda-me a ver-me livre destes cães, que, são as minhas paixões, e do último, de entre todos aquele que, em si concentra a potência de todos os demais. Ajuda-me a penetrar nesse templo da virtude cuja visão eu tive no meu sonho.

7 de Dezembro.

Sonhei que José Alexeievitch estava em minha casa e eu me sentia feliz e muito desejava tratá-lo bem. Mas como eu tagarelava indefinidamente com estranhos e de âmbito me lembrei de que isso lhe era desagradável, tive vontade de me aproximar dele e de o apertar nos meus braços. Porém, ao aproximar-me, vi que o seu rosto se transfigurava, remoçando, e ouvi algumas palavra mas em voz muito baixa sobre a doutrina da ordem, e tão baixa que o não pude compreender. Em seguida saímos todos da sala e então aconteceu qualquer coisa muito curiosa. Estávamos sentados, uns, ou deitados no chão, outros. E ele falava-me. Mas eu, querendo mostrar-lhe a minha sensibilidade, sem prestar atenção às suas palavras, pus-me a evocar dentro de mim o estado do meu ser interior e a graça de Deus que me inunda. E então os olhos encheram-se-me de lágrimas e muito feliz me senti por ele ter visto que eu chorava. Mas lançou-me um olhar de descontentamento e afastou-se de mim, interrompendo a conversa. Senti-me intimidado e perguntei-lhe se era de mim que ele tinha querido falar. Não me respondeu, mostrou-me uma expressão amável e depois, repentinamente, surpreendemo-nos no meu quarto, onde há uma cama de casal. Deitou-se ele à beira da cama e eu, que senti desejos de por ele ser acariciado, estendi-me também a seu lado. E eis que ele me interroga: «Diga-me a verdade, qual é a sua maior paixão? Sabe qual é? Creio que já a conhece.» Perturbado com a pergunta,

redargui-lhe que a preguiça era a minha maior paixão. Abanou a cabeça, incrédulo. Então respondi-lhe, cada vez mais perturbado, que, embora estivesse com minha mulher, como ele me aconselhara, não vivia com ela maritalmente. A isto ele objectou que eu não devia privar minha mulher das minhas carícias. Deu-me a entender ser essa a minha obrigação. Eu, porém, respondi-lhe que tinha vergonha, e de repente tudo desapareceu. Acordei e veio-me à memória este passo das Sagradas Escrituras: «E a vida era a luz dos homens. E a luz brilhou nas trevas e as trevas não a receberam.» O rosto de José Alexeievitch resplandecia de juventude. Nesse mesmo dia recebi uma carta do Benfeitor a propósito dos deveres conjugais.

9 de Dezembro.

Tive um sonho que me fez acordar com o coração febril. Sonhei que estava na minha casa de Moscovo, deitado num divã, e que José Alexeievitch saía do salão. Vi imediatamente que se havia operado nele como que uma ressurreição e corri ao seu encontro. Beijei-lhe a cara e as mãos e ele disse-me: «Notaste que a minha cara não é a mesma?» Olhei-o mantendo-o apertado nos meus braços, e vi que ele tinha cara de mulher, mas que lhe faltavam os cabelos e que mudara por completo de fisionomia. E disse-lhe então: «Tê-lo-ia reconhecido apesar de tudo se o tivesse encontrado por acaso.» E, entretanto, para mim mesmo murmurava: «Estarei a dizer a verdade?» E de súbito vi-o diante de mim estendido como um cadáver; depois, pouco a pouco, voltou a si, e entrou comigo no meu espaçoso gabinete tendo na mão um grande livro pintado, de folhas de papiro. E eu disse-lhe: «Fui eu quem o pintou.» E ele respondeu-me com um aceno de cabeça. Abri o livro; em todas as suas páginas havia lindos desenhos. E eu sabia

que esses desenhos representavam as aventuras amorosas da alma com aquele a quem a alma ama. Numa das páginas vi uma linda imagem de uma virgem, com vestes transparentes, a erguer-se nas nuvens. E eu sabia que essa virgem mais não era que uma representação do Cântico dos Cânticos. E, ao contemplar esses desenhos, sentia perfeitamente que estava fazendo mal, mas não podia desprender deles os olhos. Senhor, ajudai-me! õ meu Deus! Se o abandono a que me votas é obra Tua, que seja feita a Vossa vontade. Mas, se sou eu a sua causa, ensina-me o que devo fazer. Morrerei vítima da minha depravação se me abandonas completamente.

[XI]

A situação económica dos Rostov não melhorara no decurso dos dois anos que haviam passado no campo. Embora Nicolau, obstinado na sua resolução, continuasse a sua obscura carreira num regimento desconhecido, gastando relativamente pouco, o certo é que o género de vida que a família levava em Otradnoie era o que sempre fora. Além disso. Mitenka, tão bem ou tão mal conduzia os negócios que as dívidas aumentavam de ano para ano. O velho conde só via uma maneira de salvar a situação: aceitar um cargo, e ei-lo que vai para Petersburgo em cata de um lugar. Procurava um lugar, mas, assim o dizia, ao mesmo tempo fazia por divertir as pequenas pela última vez. Pouco depois de chegarem a Petersburgo. Berg pediu a mão de Vera e o pedido foi aceite.

Em Moscovo os Rostov faziam parte da alta sociedade sem darem por isso e sem perguntarem a si próprios de que sociedade faziam parte. Em Petersburgo, porém, a sua situação era incerta e pouco definida. Provincianos, não eram visitados pela mesma gente que em Moscovo teria jantado à custa dos Rostov nem eles previamente perguntaram a que sociedade pertenciam. Viviam em Petersburgo tão faustosamente como em Moscovo e os seus jantares reuniam as mais variadas personagens: vizinhos do campo, velhos proprietários rurais pouco

abastados com suas filhas, a dama de honor Peronskaia. Pedro Bezukov e o filho de um mestre-escola do distrito empregado na capital. Não tardou que os íntimos dos Rostov fossem Bóris. Pedro, a quem o velho conde trouxera consigo certa vez que o encontrara na rua, e Berg, que passava dias inteiros lá em casa prestando à filha mais velha dos Rostov, a condessa Vera, as homenagens que habitual— mente presta à noiva o rapaz com intenções matrimoniais.

Berg mostrava com orgulho a toda a gente o braço direito ferido em Austerlitz. A mão esquerda apoiava-a num sabre que para nada lhe servia. Tão obstinadamente decidira contar o seu feito a qualquer que lhe aparecia, e tão grande era a importância que lhe atribuía, que acabara por fazer que os outros acreditassem na autenticidade e no valor do seu acto, e o certo é que, graças a essa proeza, obtivera duas condecorações.

Tivera igualmente ocasião de se distinguir na guerra da Finlândia. Apanhara um estilhaço de obus que acabava de matar um ajudante-de-campo junto do general-chefe e entregara-o ao comandante. E exactamente como acontecera com o caso de Austerlitz, com tantos pormenores e tão insistentemente relatara o facto que toda a gente acabou por acreditar tratar-se de um acto exemplar e, finda que foi a guerra da Finlândia, lá lhe foram concedidas mais duas condecorações. Em 1809 era capitão da Guarda, com o peito constelado de veneras, e em Petersburgo desempenhava um cargo bem remunerado.

Havia cépticos que costumavam sorrir sempre que diante deles se falava dos méritos de Berg, mas ninguém se atrevia a dizer que ele não era um soldado pontual e corajoso, muito bem visto pelos seus superiores, moço de óptima moralidade, com uma carreira brilhante diante de si e até mesmo uma sólida situação na sociedade.

Quatro anos antes, ao encontrar na plateia de um teatro de Moscovo um dos seus camaradas alemães, apontara-lhe Vera Rostov, dizendo-lhe, em alemão: «Aquela será minha mulher.» E a partir desse momento a sua resolução estava tomada. Actualmente, em Petersburgo, comparando a posição dos Rostov com ,, sua própria, decidira que o momento tinha chegado e fizera o seu pedido.

A proposta de Berg principiara por ser acolhida com um espanto pouco lisonjeiro para ele. Considerava-se um pouco estranho que o filho dum obscuro fidalgo da Livónia pedisse em casamento uma condessa Rostov, mas o traço principal do carácter de Berg era o egoísmo, um egoísmo tão ingénuo e inofensivo

que os Rostov, inconscientemente, concluíram tudo estar certo, visto ele próprio disso se mostrar firmemente convencido. Para mais, tão abalada estava a fortuna da família que o noivo não podia ignorar a situação. E a verdade é que Vera tinha vinte e quatro anos, aparecia muito em sociedade, e, embora bonita e sensata, ainda ninguém se lembrara de lhe fazer a corte. A proposta foi aceite.

«Estás a ver», dizia Berg ao camarada, a quem só dava o nome de amigo pela simples razão de que era natural que tivesse pelo menos um. «Estás a ver, examinei o caso por todos os lados. Não me teria casado se não tivesse feito convenientemente todos os meus cálculos e se não chegasse à conclusão de que o passo não tinha desvantagens para mim. Pelo contrário. Actualmente meus pais gozam de uma situação desafogada, desde que eu lhes arranjei uma quinta nos países bálticos. Ora eu posso viver perfeitamente em Petersburgo com o meu soldo, a fortuna dela e o meu espírito de economia. Podemos viver mesmo muito bem. Não me caso por causa do dinheiro: acho isso pouco nobre. Mas é bom que a mulher contribua com a sua quota-parte e o marido com a dele. Eu tenho as minhas funções a desempenhar, ela as suas relações e uma pequena fortuna. Nos tempos que correm isto não é coisa para desdenhar, não é verdade? E o principal é uma pessoa casar com uma linda e honesta rapariga, e ela gostar de nós...»

Berg, ao dizer isto, sorriu, corando.

«E eu também gosto dela, pois acho-lhe um carácter sério e excelente. E aí tens, por exemplo, a irmã: essa é muito diferente, tem um carácter desagradável, falta-lhe bom senso e não sei que há nela, não atrai... Enquanto que a minha noiva... Espero que venhas a nossa casa...», ia a dizer «jantar», mas conteve-se, «...tomar chá», e, graças a um especial movimento da língua, emitiu um pequeno arco de fumo de tabaco, emblema perfeito de todos os seus sonhos de felicidade.

Uma vez passado o primeiro momento de embaraço provocado pelo pedido de Berg, a família, como é costume em casos tais, entrou numa quadra de festas e alegria, embora de alegria pouco sincera e toda exterior. Os pais pareciam constrangidos e um pouco envergonhados. Receavam deixar transparecer que gostavam pouco de Vera e que lhes não era desagradável verem-se livres dela. Mais do que ninguém na família, o conde era a pessoa mais contrariada. É certo que ele próprio não poderia claramente explicar a causa da contrariedade que sentia, mas eram os embaraços de dinheiro que o atormentavam. Ignorava por completo o que possuía, qual o montante das dívidas e o que estava em condições

de dar a Vera como dote. Quando nasceram, a cada uma das filhas atribuíra-lhes, respectivamente, trezentas almas em dote. Mas uma das aldeias abrangidas já fora vendida, a outra estava hipotecada e tão atrasada no pagamento dos juros que era mister vendê-la, e assim não havia mais remédio que renunciar às propriedades base. Quanto a dinheiro de contado, era coisa que também não existia.

Havia já mais de um mês que Berg estava noivo, só faltavam oito dias para o casamento e o conde ainda não resolvera, pela sua parte, o caso do dote nem falara ainda no assunto à mulher. Ora queria atribuir à filha o domínio de Riazan, ora vender uma floresta, ora ainda pedir dinheiro emprestado sobre letra. Alguns dias antes da cerimónia. Berg apresentou-se de manhã cedo no gabinete do conde e, sorridente, perguntou, respeitosamente, ao futuro sogro em que consistia o dote da condessa Vera. O conde tão embaraçado ficou com a pergunta, a qual, aliás, há muito previa, que respondeu ao acaso a primeira coisa que lhe veio à cabeça.

— Acho muito bem que te preocupes com isso, estou muito contente. Vais ver que não terás razão de queixa.

E, dando algumas pancadinhas no ombro de Berg, levantou-se como que disposto a dar por finda a conversa. Mas Berg, sempre sorridente, declarou que continuava sem saber em que consistia precisamente o dote de Vera e que se lhe não fosse dado tomar conta imediatamente, pelo menos, de parte dele ver-se-ia obrigado a retirar o seu pedido.

— Reflicta, conde, que se eu consentisse em casar sem dispor dos meios necessários para manter minha mulher o meu procedimento seria desonesto.

O conde, desejoso de se mostrar mãos-largas e não querendo expor-se a novos pedidos, deu por finda a conversa pondo a sua assinatura numa letra no valor de oitenta mil rublos. Berg teve um sorriso benigno, beijou o ombro do conde e disse estar-lhe muito agradecido, mas que lhe era impossível organizar a sua nova vida sem dispor de trinta mil rublos em dinheiro,

— Ao menos vinte mil, conde — acrescentou —, e nesse caso a letra seria apenas de sessenta mil.

— Bem, bem, muito bem — acorreu o conde —, desculpa-me, meu amigo, podes contar com os teus vinte mil rublos em dinheiro e a letra não será de menos de oitenta mil. Bem, dá cá um abraço.

[XII]

Estava-se em 1809 e Natacha acabara de fazer dezasseis anos, o termo por ela assinalado no dia em que se tinham beijado, quatro anos antes. Desde então nunca mais tornara a vê-lo, uma vez que fosse. Quando se falava de Bóris diante de Sónia e da mãe. Natacha dizia, com o maior desembaraço, ser evidente que todas essas velhas histórias não passavam de infantilidades de que não valia a pena falar, completamente esquecidas há muito. Mas no fundo do seu coração perguntava-se a si mesma com ansiedade se, em verdade, o laço que a prendia a Bóris seria uma brincadeira ou uma promessa séria a que estivesse realmente ligada.

Desde a época em que Bóris, em 1805, deixara Moscovo para ingressar no exército, nunca mais tornara a ver os Rostov. Várias vezes estivera em Moscovo, passara a pequena distância de Otradnoie, mas nunca se decidira a visitá-los.

Natacha pensava às vezes que ele não queria tornar a vê-la e as suas suspeitas vieram a confirmar-se graças ao tom contristado que assumiam as pessoas idosas da família ao falarem no caso.

— Nos tempos de hoje esquecem-se facilmente os amigos — dizia a condessa sempre que alguém aludia a Bóris.

Também Ana Mikailovna aparecia ultimamente muito pouco, adoptara uma espécie de atitude de dignidade, e sempre que falava dos méritos do filho e da brilhante carreira que encetara fazia-o com um acento de entusiasmo e compenetração. Quando os Rostov chegaram a Petersburgo. Bóris foi visitá-los.

Não o fez sem emoção. A lembrança de Natacha era uma das suas mais poéticas reminiscências. No entanto dava este passo na firme resolução de fazer compreender, tanto a ela pessoalmente como aos pais, que as suas relações de infância não implicavam qualquer espécie de compromisso, quer da parte dela. Natacha, quer da parte dele. Bóris. Gozava de brilhantíssima situação na sociedade, graças à sua intimidade com a condessa Bezukov. E também estava fazendo brilhante carreira, mercê da protecção de certa importante personagem junto de quem gozava de inteira confiança, nutrindo, além disso, um projecto de

casamento com um dos mais ricos partidos de Petersburgo, projecto facilmente realizável. Quando Bóris entrou no salão dos Rostov. Natacha estava nos seus aposentos. Ao saber que ele chegara, apareceu, muito corada, nos lábios um sorriso onde havia mais alguma coisa que amabilidade.

Bóris lembrava-se da Natacha de vestidos curtos, olhos negros faiscando sob os caracóis do cabelo, o riso infantil em catadupa, que ele conhecera quatro anos antes. Por isso, quando viu entrar no salão uma Natacha completamente diferente, grande perturbação o tomou e também uma profunda admiração. Natacha deu por isso e regozijou-se.

— Então, já não conheces a tua amiguinha azougada? — disse-lhe a condessa.

Bóris beijou a mão de Natacha, dizendo não estar em si com a modificação que nela se operara.

— Como esta linda!

— Assim parece! — replicaram-lhe os olhos risonhos da mocinha. — E o pai, acha que envelheceu? — perguntou ela.

Natacha sentou-se, e, sem tomar parte na conversa de Bóris e da condessa, pôs-se a examinar, concentrada, o noivo da sua infância nos mais pequeninos pormenores. Por sua vez. Bóris sentia aflorá-lo esse olhar afectuoso, mas obstinado, e de tempos a tempos olhava também para ela.

O uniforme, as esporas, a faixa, o penteado de Bóris, era tudo à última moda e muito comme il faut... Foi o que ela notou imediatamente. Bóris estava sentado, a três quartos, numa poltrona ao pé da condessa e ia afagando com a mão direita a luva imaculada que lhe moldava a mão esquerda. Falava, com uma prega especial dos lábios, um pouco afectada, da alta sociedade petersburguesa, e com ligeira ironia do tempo de Moscovo e das pessoas conhecidas de então. Não foi por acaso, como Natacha teve ocasião de notar, que aludiu, a propósito da alta aristocracia, ao baile da embaixada onde estivera, dos convites para casa de Fulano e de Sicrano.

Natacha conservou-se calada todo esse tempo, relanceando os olhos a furto. Estes seus olhares acabaram por inquietar e perturbar Bóris. A cada passo se voltava para ela, interrompendo o que estava a dizer. Não se demorou mais de dez minutos, erguendo-se e pedindo licença para se retirar. E sempre os mesmos olhos curiosos, um pouco provocantes e zombeteiros, seguindo-lhe os movimentos. Depois desta primeira visita. Bóris, reconhecendo que achava Natacha tão

atraente como outrora, entendeu não dever abandonar-se a esse sentimento', uma vez que um casamento com ela, menina quase desprovida de fortuna, acarretaria a ruína da sua carreira, e renovar as antigas relações sem pensar em casar seria proceder com pouca correcção. Decidiu de si para consigo evitar encontrá-la. No entanto, apesar desta resolução, voltou a aparecer em casa dos Rostov alguns dias mais tarde, renovando depois essas visitas com frequência e lá ficando dias inteiros. Passava o tempo a dizer a si próprio que se tornava necessária urna explicação entre ele e Natacha, que lhe devia fazer compreender que era preciso esquecerem o passado, que apesar de tudo.., ela não podia vir a ser sua mulher, que ele não tinha fortuna e que nunca lhe concederiam a sua .mão. Mas nunca conseguia falar, e sentia-se embaraçado de mais para abordar semelhante explicação. A medida que os dias passavam mais difícil a situação se tornava. Natacha, assim o observava a mãe e Sónia, parecia de novo enamorada de Bóris como antigamente. Cantava-lhe as melodias preferidas, mostrava-lhe o álbum de recordações, pedia-lhe que escrevesse qualquer coisa e impedia-o de pensar nos tempos antigos, tão belos lhe tornava os momentos presentes. De dia para dia ele se ia perdendo no meio da neblina, sem lhe comunicar as suas intenções, não sabia o que fazia, nem porque voltava a vê-la, nem como tudo aquilo iria acabar. Bóris deixara de aparecer em casa de Helena, de quem recebia todos os dias bilhetinhos cheios de queixas. Nem por isso, contudo, as suas visitas a casa dos Rostov, onde passava dias inteiros, mostravam rarear.

[XIII]

Certa noite em que a condessa velha, de camisa de dormir, sem os caracóis postiços e com as guedelhas a aparecer por debaixo da touca de algodão, fazia, ajoelhada no tapete, as profundas genuflexões das suas orações da noite, gemendo e tossicando, a porta abriu-se e Natacha apareceu a correr, os pés, sem meias, dentro das chinelas de quarto, também de camisa de dormir e com papelotes. A condessa voltou-se e franziu o sobrolho. Terminava a última oração: «Será este leito o meu túmulo?» De súbito todo o seu recolhimento se desvaneceu. Natacha, muito corada e em grande excitação, ao ver que a mãe rezava, estacou, de súbito, meio acocorada, e deitou a língua de fora, como se acabasse de ser surpreendida em qualquer maldade. Como a mãe continuava a rezar, correu para a cama, a pé-coxinho, tirou as chinelas e deu um pulo para cima do leito que a condessa receava viesse a ser o seu túmulo. Era urna grande cama de penas, com cinco almofadas, de tamanho decrescente.

Natacha, uma vez em cima da cama, meteu a cabeça no edredão, deixou-se descair até junto da parede e pôs-se a encolher-se, a aninhar-se, puxando os joelhos para o queixo, agitando as pernas e com um riso abafado, ora escondendo a cabeça, ora lançando um olhar de viés para o lado onde estava a mãe. A condessa, findas as suas orações, aproximou-se da cama com uma expressão severa. Ao ver, porém, que Natacha escondia a cabeça debaixo das cobertas, um sorriso meigo e bom lhe veio aos lábios.

— Então, que é isso? — disse ela.

— Mãe, podemos conversar as duas um bocadinho? — Perguntou Natacha.— Deixa-me beijar-te aqui, no pescoço, uma só vez.— Abraçou-se à condessa e beijou-a debaixo do queixo. Nestes seus modos havia uma certa brusquidão, mas era tão ligeira e hábil que quando abraçava a mãe conseguia sempre não lhe fazer mal algum, nem aborrecê-la ou maçá-la.

— Bom, que aconteceu hoje? — disse a mãe, ajeitando-se nas almofadas e esperando que a filha, depois de dar duas voltas sobre si mesma, viesse instalar-se a seu lado, debaixo da mesma coberta, as mãos fora dos lençóis e a cara muito séria.

Estas visitas nocturnas que Natacha fazia à mãe antes de o conde regressar do clube eram os momentos mais felizes das duas — mãe e filha!

— Que aconteceu hoje? Eu também queria falar contigo...

Natacha pôs-lhe a mão na boca.

— De Bóris... Bem sei — disse ela, num tom muito sério foi por isso que vim até aqui. Não diga, eu sei. Agora, fale — tirou a mão. — Diga, mãe. Acha-o gentil?

— Natacha, já fizeste dezasseis anos. Na tua idade já eu estava casada. Dizes que Bóris é gentil. Sim, é muito gentil rapaz, gosto dele como se fosse meu filho, mas, que queres fazer?... Que intenções são as tuas? Deste-lhe volta ao miolo, é o que eu tenho visto...

Dizendo estas palavras, a condessa voltou-se para a filha. Natacha continuava estendida, sem se mexer, de olhos fixos numa das esfinges de acaju esculpidas a cada canto da cama, de modo que a mãe apenas podia vê-la de perfil. A condessa sentiu-se impressionada pela expressão séria e concentrada que se lhe lia no rosto.

Natacha estava cismadora.

— Bom, então o que aconteceu? — disse ela.

— Deste-lhe volta ao miolo, é um facto, e que quer isso dizer? Que lhe queres? Bem sabes que não podes casar com ele.

— Porquê? — perguntou Natacha, sem alterar a posição.

— Porque ele ainda é muito novo, porque é pobre, porque é teu parente.., porque tu própria não gostas dele.

— Quem lhe disse?

— Tenho a certeza, e isso não é bonito, minha filha.

— E eu.., se eu quisesse...— balbuciou Natacha.

— Não digas tolices.

— E se eu quiser...

— Natacha, sério, sério...

Natacha não a deixou concluir, puxou para si a grossa mão da condessa, beijou-a por cima e por baixo, em seguida voltou-a e beijou-lhe os nós dos dedos, depois o intervalo entre cada um deles, ainda os outros nós, contando: — Janeiro. Fevereiro. Março. Abril. Maio. Então, fale, mãe, porque está calada? Fale!

Fitava a mãe, que a envolvia num olhar terno, e na contemplação em que estava parecia ter esquecido tudo que tinha para dizer.

— Isso não é decente, minha querida. Nem toda a gente conhece a vossa familiaridade de criança, e o verem-te em tal intimidade pode prejudicar-te aos olhos dos outros rapazes que frequentam a nossa casa. E sobretudo só serve para

o atormentar inutilmente. É natural que a esta hora já tenha encontrado um partido rico que mais lhe convenha. E o certo é que anda de cabeça perdida.

— Acha? — disse Natacha.

— Vou falar-te com juízo. Também eu tive em tempos um primo...

— Sim, bem sei... Kirilo Matveitich, mas esse é velho. — Nem sempre foi velho. Por isso, olha. Natacha, é bom que eu fale com o Bóris. Não convém que venha cá tantas vezes...

— E porque não, se lhe da prazer?

— Porque eu sei que isto não tem pés nem cabeça... — Quem lhe disse? Não, mãe, não fales com ele. São tolices! — exclamou a rapariguinha assumindo o tom de alguém a quem querem tirar o que lhe pertence, — Está descansada. Não caso com ele. Então, porque não há-de ele aparecer, se isso nos diverte tanto a ele como a mim? — Natacha pôs-se a sorrir a olhar para a mãe. — Não caso com ele, e tudo ficará como estava.

— Que dizes tu, minha filha?

— Sim, como estava. É absolutamente necessário que eu não case com ele? Então tudo ficará como está.

— Como está, como está — repetiu a condessa enquanto uma grande gargalhada a agitava dos pés à cabeça, uma grande gargalhada de velha.

— Oh, não se ria assim, cale-se! — exclamou Natacha. — A cama está toda a tremer. É tão parecida comigo, é tão alegre... Espere... — Pegou-lhe nas duas mãos e continuou a contar, beijando-as a partir do dedo mínimo: — Junho. Julho. — E passando para a outra mão: — Agosto... Diga, mãe, acha que ele gosta muito de mim? Que lhe parece? Também gostaram assim tanto de si? Sim, é muito gentil, muito, muito gentil! Mas para meu gosto é um bocadinho estreito, assim como a caixa do relógio... Não percebe?... Sim, estreito, e cinzento-claro...

— Que estas tu para ai a dizer?

— Não me diga que não compreende — prosseguiu ela — o Nikolenka, esse, compreenderia tudo... Bezukov, por exemplo, é azul, azul-forte, com vermelho à mistura.., e é quadrado.

— Querer-me parecer que também tu fazes um bocadinho coquette com esse, não é verdade? — disse a condessa a rir.

— Não. Disseram-me que era pedreiro-livre. É bom rapaz, mas vermelho e azul-carregado... Como é que lhe hei-de explicar?

— Condessinha — disse a voz do conde atrás da porta. — Estás acordada? — Natacha deu um pulo para o chão, procurou as chinelas e fugiu para o quarto.

Custou-lhe a adormecer. Não se cansava de dizer a si própria que ninguém podia compreender tudo quanto ela sentia, tudo quanto ela tinha na cabeça.

«Sónia!» dizia de si para consigo, olhando para a prima, que dormia toda enrolada como uma galinha felpuda. «Ah, sim, é verdade, esta sim, é virtuosa a valer. Está apaixonada pelo Nikolenka e de nada mais quer saber. A mãe também me não compreende. Ninguém é capaz de perceber a menina inteligente que eu sou e como a menina Natacha é bonita», prosseguiu, falando de si mesma na terceira pessoa, como se fosse alguém muito inteligente, urna jóia de homem, que dela estivesse falando. «Tem tudo, tudo por si. É espirituosa, extraordinariamente gentil, e boa, extraordinariamente boa, e habilidosa... Nada, monta muito bem a cavalo e tem uma voz! É o que lhe digo: uma voz surpreendente!»

Trauteou a sua frase favorita de uma ópera de Cherubini, deitou-se em cima da cama, pôs-se a rir ao pensar que ia adormecer repentinamente, chamou Duniacha para apagar a vela, e ainda Duniacha não saíra do quarto já ela abalara para o venturoso mundo dos sonhos, onde tudo é tão fácil e tão belo como na realidade, e até mesmo muito mais belo, pois e de outra maneira.

No dia seguinte a condessa mandou chamar Bóris, com quem teve uma conversa, e desse dia em diante Bóris deixou de frequentar a casa.

[XIV]

No dia 31 de Dezembro, na véspera do Ano Novo de 181O, para festejar o reveillon, havia baile em casa de um grande fidalgo do tempo de Catarina. O corpo diplomático e o próprio czar deviam comparecer.

Uma brilhante iluminação fazia resplandecer a fachada do muito conhecido pa1!cio da grande personalidade, situado no Cais dos Ingleses. No átrio, atapetado de vermelho, estava a polícia, e não apenas guardas, mas o próprio chefe, com uma dúzia de oficiais. Carruagens partiam e chegavam incessantemente, com seus lacaios de farda vermelha ou chapéus emplumados, conduzindo senhores de uniformes agaloados, com grandes cordões e veneras. Senhoras, de vestidos de

cetim e peliças de arminho, apeavam-se, com grandes precauções, por entre o ruído das ferragens que faziam os estribos ao fecharem-se, e lá iam, tapete fora, em passos apressados e silenciosos.

De cada vez que uma carruagem se aproximava era quase certo desprender-se um murmúrio da multidão. Havia chapéus no ar,

«É o czar?... Não, é o ministro.., o príncipe.., o embaixador... Não vês as plumas?...», ouvia-se no meio da turba. Alguém, ao que parecia, mais bem vestido do que os outros, conhecia toda a gente e designava pelo nome os mais ilustres dignitários da, época.

Já um terço dos convidados tinha chegado e ainda em casa dos Rostov, que deviam assistir ao baile, se procedia aos últimos retoques febris nas toÍ1etteS.

Quantas conferências, quantos preparativos feitos já, que receios de não serem convidados, de os vestidos não estarem prontos a tempo, de as coisas se não arranjarem como convinha...

Maria Ignatievna Peronskaia, amiga e parente da condessa, dama de honor da antiga corte, criatura magra e amarelenta, acompanhava os Rostov, guiando aqueles provincianos nos meandros da alta sociedade de Petersburgo,

As dez horas deviam os Rostov ir buscar a dama de honor ao Palácio de Tavritcheski. Já eram dez menos cinco e as meninas ainda não estavam vestidas.

Era o primeiro grande baile de Natacha. Levantara-se às oito horas e levara todo o dia numa febril agitação. Desde manhã que não fazia outra coisa senão empenhar-se em que todos, a mãe. Sónia e ela própria, se apresentassem o melhor possível.

Sónia e a condessa entregavam-se-lhe inteiramente. A condessa devia levar um vestido de veludo vermelho-escuro, as duas raparigas trajos brancos vaporosos, em cima de uma sombra de seda cor-de-rosa com rosas no corpinho. E iriam penteadas à grega. O essencial já estava feito. Já tinham lavado a cara, já se haviam perfumado, e o rosto, as mãos, o colo, as orelhas, tudo fora cuidadosamente polvilhado de pó-de-arroz, como convinha para um baile. Já estavam enfiadas as meias de seda de ponto aberto e calçados os sapatinhos de cetim com fitas. Os penteados estavam prontos. Sónia dava os últimos retoques na toilette, a condessa também. Mas Natacha, que ajudara toda a gente, ainda estava atrasada. Com o roupão pelos ombros magricelas, lá estava diante do espelho. Sónia, já pronta, no meio do quarto, espetava um alfinete, picando-se,

com o dedo mínimo, procurando ajeitar a última fita, que repontava.

— Assim não, assim não. Sónia — dizia Natacha. De cabeça voltada, por causa da criada que a penteava, agarrara os cabelos, antes que a aia tivesse tempo de os largar. — O nó assim não. Vem cá.

Sónia sentou-se. Natacha pôs-lhe a fita de outra maneira.

— Desculpe, menina, assim nada posso fazer — protestou a criada de quarto, sem largar os cabelos de Natacha.

— Oh, meu Deus, bem, espera um pouco. Assim, Sónia.

— Vejam se se aviam — disse a condessa. — Estão a dar dez horas.

— É já, é já. E a mãe, já está pronta?

— Só me falta pôr o toucado.

— Não ponha a touca sem eu a ajudar — gritou Natacha. — A mãe não sabe!

— Mas são dez horas.

Resolvera estar no baile pelas dez e meia e Natacha ainda tinha de enfiar o vestido, e havia que passar ainda pelo Palácio de Tavritcheski.

Terminado que foi o penteado. Natacha, de saia de baixo, que lhe deixava à mostra os sapatinhos de baile, e vestida uma camisola trapalhona da mãe, aproximou-se de Sónia, examinou-a e depois correu para a condessa. Obrigou-a a voltar a cabeça, ajeitou-lhe o toucado, beijou-lhe os cabelos brancos e aí vem ela outra vez a correr para as criadas que lhe cosiam a bainha do vestido.

Procuravam encurtar a saia, comprida de mais. Duas criadas empenhavam-se nessa tarefa, na precipitação cortando as linhas com os dentes. Ainda outra criada, de alfinetes na boca, ia e vinha entre a condessa e Sónia. E outra ainda sustinha, de braço erguido, o vaporoso vestido.

— Mavrucha, despacha-te, minha querida!

— Deixe ver o dedal, menina.

— Então, estamos finalmente prontos? — disse o conde, que apareceu no limiar da porta. — Aqui têm os vossos perfumes. Mademoiselle Peronskaia já deve estar à espera.

— Pronto, menina — disse a criada de quarto, erguendo, em dois dedos, o vaporoso vestido bordado. E soprou-lhe, agitando-o, gesto que punha em relevo a sua beleza e a sua brancura. Natacha começou a vesti-lo.

— Um momento, um momento, não entres, pai — gritou ao conde, que entreabrira a porta. A voz de Natacha emergia da nuvem de tecido que a escondia

por completo.

Sónia foi fechar a porta. Um minuto depois deixaram entrar o conde. Vestia um fraque azul, meias de seda e escarpins. Todo ele era perfume e pomadas.

— Ah!, pai querido, que lindo que estás, que encanto! — disse Natacha, de pé, no meio do quarto, ajeitando as pregas da saia.

— Espere, menina, espere — dizia uma das criadas, que, de joelhos, segurava o vestido e com a língua movia os alfinetes que tinha na boca.

— Digam o que quiserem — exclamou Sónia, excitadíssima, examinando o vestido de Natacha. — Digam o que disserem, ainda está muito comprido!

Natacha afastou-se para se mirar no espelho do trenó. Efectivamente Sónia tinha razão.

— Meu Deus, não, menina, não está comprido — protestou Mavrucha, de gatas, no chão, atrás da ama.

— Se está muito comprido faz-se mais curto. É um instante enquanto se arranja — disse, num tom decidido. Duniacha, tirando uma agulha do corpete e metendo mãos à obra.

Nesse mesmo instante, a condessa, com um ar tímido e em passinhos miúdos, penetrou no quarto, de toucado e vestido de veludo.

— Eh! Eh!, minha linda! — exclamou o conde.— É a mais linda de todas!...

Quis abraçá-la, mas ela, corando, afastou-o, para que ele lhe não amarrotasse o vestido.

— Mãezinha, o toucado um pouco mais descaído para o lado — disse Natacha. — Eu vou espetar-lhe um alfinete. — E precipitou-se para a mãe, mas as criadas que lhe cosiam a bainha do vestido não tiveram tempo de a seguir no seu movimento c um pedaço da musselina rasgou-se.

— Oh, meu Deus! Que aconteceu? Francamente, a culpa não foi minha...

— Não tem importância, eu vou arranjar tudo, nada se vê — acorreu Duniacha.

— Minha linda, minha rainha! — exclamou a ama, que acabava de entrar. — E a Soniuchka, então! Ah!, minhas lindas!...

Às dez horas e um quarto, finalmente, toda a família subia para a carruagem e abalava. Mas ainda era preciso passar pelo Jardim de Tavritcheski.

Mademoiselle Peronskaia estava pronta. Apesar da sua idade de ser feia, tudo se havia passado em casa dela como na dos Rostov, só com menos precipitação,

atendendo a que estava muito habituada a situações idênticas. Sua velha carcaça fora perfumada, frisada, empoada, não havia pormenor na sua cara que não tivesse sido cuidadosamente inspeccionado e até o vestido que levava provocou a admiração entusiástica da criada de quarto quando ela apareceu de vestido amarelo ornado com o emblema imperial. Mademoiselle Peronskaia admirou as toilettes das senhoras Rostov.

Estas, por sua vez, louvaram o gosto da velha, senhora e os seus enfeites e, com mil cautelas no penteado e nos vestidos, cerca das onze horas todas se meteram nas suas carruagens e partiram.

[XV]

Durante todo o dia Natacha não tivera, por assim dizer, um minuto de descanso e por isso não lhe fora possível pensar um instante que fosse no que a aguardava.

No ar húmido e frio da noite, comprimida nos assentos da carruagem, aos solavancos, no meio de uma profunda escuridão, pela primeira vez se representou na imaginação o espectáculo que ia contemplar: o baile, as salas iluminadas, a música, as flores, as danças, o imperador, toda a brilhante juventude de Petersburgo. Era tão belo o que a esperava que não queria acreditar, ali com aquela sensação de frio, de incómodo e de obscuridade dentro da carruagem. Só no momento em que, depois de ter pisado o tapete vermelho do átrio, penetrou no vestíbulo, tirou a peliça e se engolfou, ao lado de Sónia, à frente da mãe, por entre as flores da grande escadaria iluminada pôde avaliar o que isso era. Só então pensou na compostura que devia mostrar no baile e procurou assumir esse porte solene que julgava indispensável a toda a rapariguinha em tais circunstâncias. Porém, felizmente para ela, teve a sensação de que os olhos lhe giravam nas órbitas: nada podia ver com nitidez, o pulso batia-lhe desordenadamente e o sangue afluía-lhe ao coração. Não lhe foi possível assim afectar aqueles ares que a teriam ridicularizado, e avançou, num desfalecimento de emoção, procurando por todos os modos dissimular a perturbação que a tomava. E era exactamente essa a compostura que mais lhe convinha. Por todos os

lados caminhavam convidados também com trajes de baile e trocando palavras em voz baixa. Os espelhos da escadaria iam devolvendo imagens de senhoras nos seus vestidos brancos, azuis, cor-de-rosa, carregados de pérolas e diamantes, os braços e ombros nus.

Natacha via-se nos espelhos e não era capaz de se reconhecer, confundida com as outras. Tudo se misturava, fundindo-se num desfile brilhante. Quando entrou no primeiro salão, o murmúrio das vozes, dos passos, dos cumprimentos que se trocavam, ensurdeceu-a e a refulgência da luz ainda mais a cegou. Os donos da casa, que se encontravam havia meia hora, de pé, à porta, repetindo a cada um dos seus convidados a eterna frase: «Muito prazer em vê-lo», acolheram amavelmente os Rostov e Mademoiselle Peronskaia.

As duas rapariguinhas, de vestidos brancos iguais, com rosas rios cabelos pretos, fizeram a mesma reverência, mas o olhar da dona da casa demorou-se mais na cintura fina de Natacha. Ao olhá-la teve para ela um sorriso especial, diferente dos que consagrava a toda a gente. Lembrava-se, sem dúvida, ao vê-la, do seu passado brilhante de donzela, para sempre perdido, e do seu primeiro baile. O dono da casa seguiu-a igualmente com os olhos e perguntou ao conde se era sua filha.

— Encantadora! — disse ele, enviando-lhe um beijo na ponta dos dedos.

O grande salão regurgitava de convidados, que se acumulavam à porta de entrada aguardando o imperador. A condessa foi colocar-se nas primeiras filas. Natacha apurava o ouvido e tinha a impressão de que falavam dela e que a miravam. Adivinhava agradar a todos quantos a notavam e isso apaziguou-lhe um pouco a emoção que a tomara.

«Há idênticas a nós, mas há quem se apresente muito pior», dizia de si para consigo.

Mademoiselle Peronskaia segredava à condessa o nome das pessoas mais conhecidas.

— Lá está o embaixador da Holanda, vê, aquele, ali, o de cabelos brancos — dizia, indicando um velhinho de cabeleira de prata muito anelada, rodeado de senhoras a quem fazia rir. E ali tem a rainha de Petersburgo, a condessa Bezukov — acrescentou, mostrando Helena, que dava entrada no salão. — Linda mulher! Nada fica a dever a Maria Antonovna. Repare como novos e velhos a rodeiam. É linda e tem espírito... Dizem que o príncipe imperial.., está doido por ela. E estas

duas, embora nada bonitas, ainda têm uma corte mais numerosa.

Indicou duas senhoras que entravam, mãe e filha, realmente muito feias.

— Um partido que vale milhões — disse Mademoiselle Peronskaia. — E ali tem os amadores.

— Aquele é o irmão da condessa Bezukov. Anatole Kuraguine — prosseguiu ela, mostrando um belo oficial, de uniforme da Guarda, que ia passando, de cabeça erguida, diante delas, o olhar distante.

— Que belo moço! Não é verdade? Vão casá-lo com uma noiva riquíssima. Mas o vosso primo Drubetskoi também lhe faz a corte. Fala-se em milhões. Mas, que vejo? O embaixador da França em carne e osso — observou, mostrando Caulaincourt, enquanto respondia a uma pergunta da condessa. — Repare. Parece um rei. Apesar de tudo, são amáveis, muito amáveis, estes franceses. Não há pessoas mais amáveis em sociedade. Ah!, lá está ela finalmente. Esta, sim, leva a palma a todas, a nossa Maria Antonovna! E a simplicidade com que ela se veste! Que mulher encantadora! E aquele gordo, de lunetas, pedreiro-livre universal — disse, designando Bezukov. — Ponha-o ao lado da mulher. Um autêntico fantoche!

Pedro caminhava, rebolando o seu espesso corpo, atropelando as pessoas, acenando com a cabeça para a direita e para a esquerda, com tanta franqueza e despreocupação como se circulasse na praça do mercado. Abria caminho, dir-se-ia procurar alguém.

Natacha descobriu com satisfação a figura de Pedro, tão sua conhecida, esse «fantoche», como lhe chamava Mademoiselle Peronskaia. Sabia que eram eles, e ela particularmente, quem ele procurava entre a multidão. Pedro prometera-lhe que viria àquele baile e que lhe apresentaria rapazes para dançar.

No entanto, antes de se aproximar. Bezukov deteve-se ao pé de um homem moreno, de estatura mediana, bonito rapaz, de uniforme branco, que conversava com um outro, de grande estatura, carregado de condecorações, no vão de uma janela. Natacha reconheceu imediatamente o jovem de uniforme branco: era Bolkonski, que se lhe afigurou remoçado, mais alegre e bonito.

— Ali está outra pessoa conhecida, mãe: Bolkonski, vê? — disse Natacha. — Lembra-se? Passou a noite em nossa casa, em Otradnoie.

— Ah!, conhecem-no? — perguntou Mademoiselle Peronskaia. — Eu não posso com ele. Põe e dispõe de tudo. E é de um orgulho sem limites! Sai ao pai. É todo do Speranski. Passam a vida a fazer projectos. Repare como ele trata as senhoras!

Olhem aquela que se lhe dirige, e ele a voltar-lhe as costas. Eu lhe diria se se atrevesse a portar-se assim comigo.

[XVI]

De súbito, um frémito percorreu os salões, a multidão segredou qualquer coisa, afastou-se, e por uma ala aberta no meio dos espectadores, ao som das fanfarras, entrou o imperador. Os donos da casa seguiam-no. O czar caminhava, saudando ligeiramente à esquerda e à direita, como se tivesse pressa de acabar com aquela estopada. A orquestra tocava uma polaca, então em voga, de cuja letra constava: «Alexandre. Isabel, como o nosso coração rejubila...»

O imperador dirigiu-se para o salão mais pequeno. Toda a gente velo espreitar à porta. Pessoas com ar circunspecto principiaram a andar de um lado para o outro. Então os convidados desimpediram a porta do salão onde o czar conversava com a dona da casa. Um jovem de expressão perturbada veio pedir às senhoras que recuassem. Algumas, esquecendo todas as conveniências mundanas, sem receio de descompor as toilettes, fizeram parede na primeira fila. Os cavalheiros aproximaram-se das damas e formaram-se os pares para a polaca.

Toda a gente se afastou, e o imperador, sorridente, dando a mão à dona da casa, saiu do salão. Caminhava a compasso. Atrás dele vinha o anfitrião com Maria Antonovna Narishkina, em seguida os embaixadores, os ministros, os generais. Mademoiselle Peronskaia ia recitando os seus nomes sem interrupção. Mais de metade das senhoras, convidadas para dançar, dispunham-se para a polaca. Foi então que Natacha percebeu que tanto Sónia, como a mãe, como ela própria, faziam parte do pequeno número condenado a servir de pano de fundo. Natacha ali estava, de pé, os braços finos balançando, os pequeninos seios, ainda adolescentes em alvoroço, retendo a respiração. Olhava em frente, com os olhos brilhantes e inquietos, uma expressão indecisa, agitada entre urna grande alegria e um imenso desgosto. Não a preocupavam nem o imperador nem qualquer das outras altas personagens que Mademoiselle Peronskaia havia apontado. Só pensava numa coisa: «Será realmente verdade que ninguém me convidará para dançar? Não figurarei entre os primeiros pares? Não serei notada por algum

destes homens que parecem não me ver agora, ou, se porventura olham para mim, é como se dissessem: ‘Ah!, não é ela! Então escusamos de a olhar.’ Não, isto não pode ser! É preciso que eles saibam que quero dançar, que danço muitíssimo bem e que grande seria o prazer que eu lhes daria se dançassem comigo.»

Os compassos da polaca que por muito tempo ressoavam não tardaram que chegassem aos ouvidos de Natacha com uma cadência lúgubre. Davam-lhe vontade de chorar. Mademoiselle Peronskaia afastara-se. O conde estava no outro extremo do salão. E ela, a condessa e Sónia ali estavam, sozinhas, como que perdidas no meio de uma floresta, entre toda aquela gente que lhes era estranha, sem despertarem o interesse de ninguém, sem que alguém se preocupasse com elas. Passou o príncipe André, com uma senhora pelo braço, sem dar sinais de as ter reconhecido.

O belo Anatole, sorridente, trocava algumas palavras com o par, relanceando a Natacha o olhar indiferente com que se olha para uma tapeçaria. Por duas vezes Bóris passou perto delas, voltando disfarçadamente a cara. Só Berg e a mulher, que não dançavam, vieram juntar-se-lhes.

Natacha sentiu-se mortificada com aquela cena de família, ali, em pleno baile, como se um baile fosse o local mais indicado para semelhantes confraternizações. Não prestava a mais pequena atenção a Verá, que lhe falava do seu vestido verde. Por fim o imperador reconduziu o seu terceiro par; já dançara com três senhoras e a orquestra deixara de tocar. Um ajudante-de-campo, com um ar preocupado, aproximou-se das senhoras Rostov pedindo-lhes que recuassem um pouco mais, embora já estivessem encostadas à parede, e a orquestra encetou os primeiros acordes de uma valsa, lentos e suaves, arrebatadores e bem ritmados. O imperador percorreu a sala com os olhos, sorrindo. Decorreram segundos sem que qualquer par se mexesse. Outro ajudante-de-campo com funções protocolares aproximou-se da condessa Bezukov e convidou-a para dançar. Esta, sorrindo e sem para ele olhar, pousou-lhe a mão no ombro. O ajudante-de-campo, com mestria, seguro de si, sem se apressar, enlaçou-a vigorosamente e levou-a consigo, primeiro deslizando até à extremidade da pista, depois, pegando-lhe na mão esquerda, fazendo-a rodopiar ao ritmo cada vez mais célere da música. Só se ouvia o retinir cadenciado das esporas nos pés ágeis do dançarino, enquanto o vestido de veludo da senhora que rodopiava fazia balão naquelas evoluções, acompanhando o compasso a três tempos. Natacha ao vê-los quase chorava, por

não ter sido convidada para aquela primeira valsa.

O príncipe André, de uniforme branco de coronel de cavalaria, meias de seda e escarpins, ar alegre e animado, estava na primeira fila, não longe dos Rostov. Conversava com ele, acerca da primeira sessão do Conselho do Império, que devia realizar-se no dia seguinte, o barão Vierov. André, íntimo de Speranski e membro da comissão de legislação, podia proporcionar seguros esclarecimentos a respeito da sessão anunciada, a qual estava provocando uma série de comentários. A verdade, porém, é que não ouvia o que Vierov ia dizendo e ora olhava para o imperador ora para os pares que se preparavam para dançar a valsa sem se decidirem a fazê-lo.

Examinava os cavalheiros, intimidados pela presença do imperador, e as senhoras, mortas por serem convidadas para dançar.

Pedro aproximou-se e tomou-lhe o braço.

— O príncipe, que está sempre pronto para dançar, porque não convida a minha protegida, a menina Rostov? Ali a tem — disse ele.

— Onde? — perguntou Bolkonski. — Queira desculpar-me disse para o barão. — Falaremos depois neste assunto; num baile é preciso dançar. — Avançou na direcção que Pedro lhe apontara. A figurinha ansiosa e desolada de Natacha impressionou-o imediatamente. Reconheceu-a, adivinhando-lhe os desejos, percebeu que era a primeira vez que vinha a um baile, lembrou-se da conversa que surpreendera à janela e com uma expressão jovial aproximou-se da condessa Rostov.

— Dê-me licença que lhe apresente minha filha — disse a condessa, corando.

— Já tenho o prazer de a conhecer, se a condessa bem se recorda — volveu o príncipe, inclinando-se profundamente com uma cortesia que desmentia por completo a rudeza que lhe atribuíra Mademoiselle Peronskaia. Aproximou-se de Natacha e estendeu o braço para lhe enlaçar a cintura, antes mesmo de ter formulado qualquer convite. A carinha desolada de Natacha, tão pronta a reflectir o desespero como a suprema alegria, iluminou-se subitamente com um sorriso infantil, cheio de felicidade e reconhecimento.

«Há quanto tempo eu te esperava», parecia dizer, ao mesmo tempo assustada e feliz, no seu sorriso, que desabrochava no meio das lágrimas prontas a correr, mal apoiou a mão no ombro do príncipe André. Era o segundo par que entrava na pista. Bolkonski era um dos melhores dançarinos da época. Por sua vez. Natacha

acompanhava-o maravilhosamente. Os seus pés, nos sapatinhos de cetim, rápidos e ligeiros, pareciam não tocar o solo. No rosto fulgia-lhe uma venturosa animação. Seu colo nu e seus braços eram magros e não muito bonitos, comparados com os de Helena. Não tinha os ombros cheios, nem os seios formados, os braços eram delgados, mas a verdade é que Helena parecia já poluída pelo fogo dos milhares de olhos que lhe deslizavam pelo corpo, enquanto Natacha era a perfeita imagem da donzela que pela primeira vez enverga um vestido decotado e que naturalmente por isso se teria sentido envergonhada caso lhe não tivessem dito ser indispensável.

O príncipe André gostava de dançar e como antes de mais nada queria subtrair-se às conversas políticas e sérias com que o atormentavam, como queria afastar de si quanto mais depressa melhor a atmosfera de embaraço provocada pela presença do imperador, pusera-se a valsar e escolhera Natacha, primeiro para ser agradável a Pedro, depois por ser ela a primeira rapariga bonita que lhe chamara a atenção. Quando, porém, lhe passou o braço pela cintura fina e flexível e a sentiu tão perto de si agitada pelo ritmo da dança e a viu sorrir-lhe de tão perto, dir-se-ia que uma embriaguez o tomara. Quando, anelante, voltou i conduzi-la para junto da condessa e por alguns instantes, em repouso, fitou os pares que continuavam a dançar, uma onda de mocidade e de vida se ergueu dentro dele.

[XVII]

Depois de André veio Bóris convidar Natacha e em seguida o ajudante-de-campo que organizava as danças e inaugurara o baile, e ainda outros, de tal modo que Natacha transferia para Sónia o excedente dos seus pares. Muito animada e feliz, dançou toda a noite. Não viu nem deu por nada à sua volta. Não reparou que o imperador conversava demoradamente com o embaixador de França, que falava a esta ou àquela senhora com uma amabilidade especial, que o príncipe Fulano ou Sicrano fizera isto ou aquilo, que Helena tivera um grande êxito e que determinado cavalheiro lhe prestara uma atenção particular. Nem sequer deu pela partida do imperador, a não ser porque depois dela o baile recrudescera de animação. O príncipe André voltou a dançar com ela um dos mais alegres cotillons

antes da ceia. Lembrou-lhe que a vira pela primeira vez na avenida de Otradnoie e recordou-lhe aquela noite de luar em que ela não podia dormir e a conversa que involuntariamente ouvira. Estas recordações fizeram corar Natacha; procurou justificar-se, como se tivesse vergonha dos sentimentos que o príncipe André nela surpreendera.

Bolkonski, como toda a gente de sociedade, adorava encontrar-se com pessoas isentas do banal selo mundano. Era o caso de Natacha, com os seus deslumbramentos, a sua alegria, a sua timidez. Até os seus erros de francês tinham encanto. Conversando com ela, tratava-a com suave e afectuosa delicadeza. Sentado a seu lado, falando-lhe das coisas mais vulgares e insignificantes, admirava-lhe o fulgor do olhar e o sorriso, que não traduzia respostas a palavras trocadas, mas uma espécie de alegria interior. Enquanto dançava com outros, admirava-lhe especial— mente a graça ingénua. No meio do cotillon. Natacha, depois de uma figura, voltou, anelante, para o seu lugar. Um novo par a convidou. Sem fôlego, sem poder mais, estava prestes a recusar, mas, de súbito, apoiou-se no ombro do par, sorrindo para o príncipe André.

«Gostaria muito de descansar e de ficar ao pé de si; estou cansada, mas, bem vê, procuram-me... Sinto-me alegre, sou feliz; esta noite gosto de toda a gente; e nós entendemo-nos tão bem!» Eis o que o seu sorriso dizia, isto e muito mais ainda. Quando o par a reconduziu. Natacha pôs-se a correr pela sala para arranjar duas senhoras para a figura.

«Se for a prima a primeira pessoa a quem se dirigir, e só depois procurar outra, será minha mulher», disse o príncipe André, de si para consigo, de maneira absolutamente inesperada, enquanto a seguia com os olhos. Foi à prima que Natacha se dirigiu primeiro.

«Que tolices nos passam às vezes pela cabeça», pensou ele. «Mas a verdade é que esta rapariguinha é tão gentil e tão original que lhe não dou um mês para ir a bailes antes de estar casada... Ninguém aqui se lhe compara.» Bis em que pensava quando Natacha, compondo a rosa do corpete, voltou a sentar-se junto dele.

No fim do cotillon, o velho conde, de fraque azul, aproximou-se. Convidou o príncipe André a visitá-los e perguntou à filha se se divertira. Natacha não respondeu logo e sorriu, como se dissesse: «E pode perguntar-se uma coisa destas?»

— Diverti-me como nunca na minha vida! — disse ela, e André viu-a, num

gesto espontâneo, erguer os braços delgados para estreitar o pai e depois tornar a deixá-los cair. Sim, sentia-se feliz como nunca. Atingira esse supremo instante de felicidade em que tudo é perfeição e bondade e em que se não pode acreditar nem no mal, nem na desgraça, nem na dor.

No decurso deste baile. Pedro sentiu-se pela primeira vez humilhado pelo prestígio de que gozava a mulher nas altas esferas da sociedade. Estava taciturno e distraído. Uma grande ruga lhe sulcava a fronte, e, de pé, junto duma janela, olhava, sem ver, através dos vidros das lunetas.

Natacha, que ia cear, passou pela sua frente. Impressionou-a a sua expressão triste e infeliz. Parou junto dele. Teria desejado socorrê-lo, comunicar-lhe a felicidade a mais que sentia,

— Que divertidos que todos estão, não acha, conde? — disse ela.

Pedro sorriu com um ar distraído, sem perceber o que a jovem lhe dizia.

— Sim, muito feliz — tornou ele.

«Como é que uma pessoa pode estar descontente?», dizia Natacha de si para, consigo. «E tratando-se de um homem tão bom como este Bezukov!» A seus olhos, todos os que estavam no baile eram igualmente bons, gentis, belos e amavam-se uns aos outros. Ninguém seria capaz de ofender o semelhante, e eis porque toda a gente devia sentir-se feliz.

[XVIII]

No dia seguinte. André lembrou-se do baile da véspera, mas não se demorou muito tempo a pensar nisso. «Sim, um baile brilhantíssimo. E então.., sim, aquela Rostov, que gentil! Há nela qualquer coisa de fresco, de especial, que não é de Petersburgo e que a distingue de todas as demais.» E a isso se limitaram os seus pensamentos. E depois do chá pôs-se a trabalhar.

No entanto, ou por fadiga ou insónia, o certo é que não estava nos seus melhores dias, e era-lhe impossível fazer fosse o que fosse. Achava pouco interesse no trabalho entre mãos, e, como muitas vezes acontece, foi grande o seu contentamento quando lhe vieram anunciar uma visita, um tal Bitski, membro de diversas comissões, assíduo nos círculos de Petersburgo, encarniçado partidário de

Speranski e das suas reformas e zeloso alvissareiro dos escândalos da capital, um desses homens prontos a acompanhar as opiniões em voga como quem se adapta à moda no vestir e que assim gozam da fama de partidários das ideias novas. De aspecto preocupado, mal se desembaraçou do chapéu, precipitou-se para André e inopinadamente pôs-se a falar. Acabava de ser informado do que se passara essa manhã na sessão do Conselho do Império, inaugurado pelo imperador, e foi com grande entusiasmo que se lhe referiu. O discurso do czar fora a todos os títulos notável. Falara como só o costumam fazer os monarcas constitucionais, «O imperador disse sem rodeios que o Conselho e o Senado constituíam corpos do Estado, que o Governo devia basear-se não na arbitrariedade, mas em princípios sólidos. Afirmou que as finanças e os orçamentos públicos deviam ser reorganizados.» Bitski relatava tudo isto, frisando certas palavras e esbugalhando muito os olhos.

— É um facto, estamos perante um acontecimento que representa o início de uma era nova, a era mais grandiosa da nossa história — concluiu.

O príncipe André ouvia aquele relato sobre a inauguração do Conselho do Império, que com tanta impaciência aguardara e a que atribuía tamanha importância, e surpreendia-se que um tal acontecimento, agora que se realizara, não só lhe não causasse a mais pequena emoção, mas se lhe afigurasse até insignificante. Ouvia com serena ironia o relato entusiasta de Bitski. Uma ideia muito simples lhe vinha ao espírito: «Que tenho eu e que tem este Bitski que ver com isto? Que nos importa que o imperador se tenha dignado falar assim no Conselho? Tornar-me-á isto mais feliz ou melhor?»

E esta pequenina reflexão reduziu a nada subitamente todo o interesse que ele poderia ter nas reformas realizadas. Nesse mesmo dia jantaria em casa de Speranski «na intimidade», como dissera o anfitrião. Este jantar, na roda da família e dos amigos de um homem por quem ele tinha tão grande entusiasmo, despertara-lhe tanto maior interesse quanto é certo nunca haver surpreendido Speranski na intimidade. Mas agora perdera todo o interesse em assistir ao jantar. No entanto, à hora marcada, batia à porta da pequena moradia de Speranski, no Jardim de Tavritcheski. Na sala de jantar da residência de Speranski, de um meticuloso asseio, que fazia lembra— lima cela de convento. André, um pouco atrasado, às cinco horas, veio encontrar já reunidos todos os componentes dessa reunião de amigos, pessoas íntimas apenas. Não havia outra

senhora além da filha do ministro, com a mesma esguia figura do pai, e a preceptora. Os convidados eram Gervais. Magnitski e Stolipine. Já no vestíbulo André ouvia o estridor das vozes e um riso sonoro e claro semelhante ao que se costuma ouvir no palco. Alguém — dir-se-ia Speranski — espaçava os ah, ah!, ah! E como o príncipe André nunca ouvira rir Speranski, sentiu-se desagradavelmente impressionado por aquele riso vibrante e agudo.

Entrou na sala de jantar. Toda a gente estava de pé, entre duas janelas, junto da mesinha dos hors-d'oeuvre. Speranski, de fraque cinzento e condecorações, ainda, evidentemente, com o mesmo colete branco e a mesma alta gravata clara que levara a famosa sessão do Conselho do Império, estava, diante da mesa, com uma expressão jovial. Os convidados faziam roda em tomo dele. Magnitski, voltado para Mikail Mikailovitch, contava uma anedota. Speranski ouvia, rindo antecipadamente do que ele diria. Quando o príncipe André entrou, as gargalhadas abafavam de novo as palavras de Magnitski. Stolipine ria num tom de baixo, mastigando um pedaço de pão com queijo. Gervais, com um riso sibilante. Speranski, com o seu riso agudo e desbagulhado.

Sem deixar de rir, estendeu ao príncipe André a mão branca e macia.

— Muito prazer em vê-lo, príncipe — disse — Um instante — acrescentou, dirigindo-se a Magnitski e interrompendo a sua história. — Fizemos um acordo: hoje é jantar de amigos, estão proibidos os assuntos sérios. — E, voltando-se para o narrador, pôs-se novamente a rir.

André, ao ouvi-lo rir assim, sentiu-se ao mesmo tempo surpreendido e desapontado. Afigurava-se-lhe estar diante de outro homem. Tudo que até aí ele representara para si de misterioso e de sedutor se desvanecera subitamente e nada de cativante via nele já.

A alegre conversa continuou. Era um rosário de anedotas. Assim que Magnitski se calou, logo outro convidado mostrou desejos de contar qualquer coisa ainda mais jocosa.

Em geral eram anedotas relativas, senão ao meio dos burocratas, pelo menos a alguns deles. Naquela roda todos pareciam tão convencidos da nulidade de tal gente que o partido que tomavam a seu respeito era o de uma sátira indulgente. Speranski contou que na sessão do Conselho dessa manhã, como alguém perguntasse a um dignitário duro de ouvido qual a sua opinião, este respondera que era da mesma. Gerais contou pormenorizadamente um caso de inspecção

particularmente notável pela estupidez de todos os comparsas que nele intervinham. Por sua vez. Stolipine, gaguejando, associou-se ao colóquio e pôs-se a falar calorosamente dos abusos do regime anterior, o que fazia que a conversa corresse o perigo de assumir um tom sério. Magnitski troçou do entusiasmo de Stolipine. Gervais disse um gracejo e a conversa retomou o tom frívolo desejado.

Era um facto que Speranski gostava de descansar dos seus trabalhos e desopilar com os amigos, e os seus convidados, cientes desse seu desejo, procuravam distraí-lo, divertindo-se a si próprios. Mas esta alegria produziu em André um efeito penoso.

O timbre agudo da voz de Speranski era-lhe desagradável, o seu riso constante parecia soar-lhe a falso e irritava-lhe os nervos. E ele, o único que não ria, teve receio de parecer enfadonho, embora, em verdade, ninguém houvesse reparado que ele não estava no diapasão da roda. Todos pareciam alegríssimos.

Por várias vezes tentou André entrar na conversa, mas de todas elas as suas palavras pulavam como uma rolha na água. Era-lhe impossível afinar pelo tom dos gracejos.

Nada havia de mal ou de inconveniente no que eles diziam, tudo era espirituoso e podia até ser divertido; mas a verdade é que lhe faltava fosse o que fosse, o sal de toda a verdadeira, alegria. E o certo é, que os convivas nem sequer pareciam suspeitar de que esse sal existisse.

Findo que foi o repasto, a filha de Speranski e a preceptora levantaram-se. Speranski acariciou com a sua branca mão o rosto da filha e beijou-a. E também este gesto pareceu pouco natural ao príncipe André.

A moda inglesa, os homens ficaram sentados à mesa e beberam vinho de) Porto. No meio da conversa que se entabulou a propósito da guerra de Espanha, em que todos estavam de acordo para aprovar Napoleão. André pôs-se a defender um ponto de vista contrário. Speranski sorriu, e no desejo evidente de mudar de conversa contou uma anedota sem a mais pequena relação com o que se estava a dizer. Todos se calaram durante alguns instantes.

Tendo ficado mais algum tempo a mesa. Speranski rolhou a garrafa do vinho, dizendo:

— Hoje este vinho anda por mesas altas. — E entregou-a a um criado, levantando-se. Todos o imitaram, e em ruidosa conversa entraram no salão. Vieram entregar a Speranski duas cartas que um correio acabava de trazer.

Pegando nelas, o dono da casa retirou-se para o seu gabinete. Mal ele saiu da sala a alegria geral desapareceu e os convidados puseram-se a conversar entre si ‘em voz baixa e num tom sensato.

— Bom, agora são horas de recitar! — disse Speranski, ao voltar do gabinete. — Tem um talento extraordinário! — acrescentou, para o príncipe André, apontando-lhe Magnitski. Imediatamente este se empertigou, principiando a declamar versos humorísticos em francês, inspirados em personagens célebres de Petersburgo. E por várias vezes os aplausos o obrigaram a calar-se.

Finda a recitação. André aproximou-se de Speranski e pediu-lhe licença para retirar-se.

— Onde é que vai tão cedo? — perguntou-lhe ele.

— Prometi ir a casa de uns amigos...

Ambos se calaram. O príncipe André fitou de perto aqueles olhos de reflexos metálicos que impediam qualquer penetração e sentiu-se ridículo por ter pensado poder esperar alguma coisa daquele homem e dos empreendimentos em que andava envolvido. E perguntou a si mesmo como pudera tomar a sério tudo quanto ele fazia. Aquele riso forçado, sem verdadeira alegria, por muito tempo ficou a ressoar-lhe rios ouvidos depois que deixou a casa de Speranski.

De regresso a casa, entregou-se a recordar toda a sua existência em Petersburgo durante aqueles últimos quatro meses, como se se tratasse de qualquer coisa nova. Lembrou-se das suas diligências, das suas iniciativas, da história do seu projecto de código militar aceite para exame e sobre o qual todos se empenhavam em guardar silêncio unicamente porque outro trabalho, muito inferior, já estava preparado e havia sido apresentado ao imperador. Vieram-lhe ao espírito as sessões da comissão de que Berg fazia parte. Recordou-se como nessas sessões se haviam discutido, cuidadosa e longamente, todas as questões de forma e de processo e como houvera o cuidado de pôr de lado o essencial. E lembrou-se também dos seus próprios trabalhos legislativos, de como traduzira cuidadosamente em russo os artigos do direito romano e do código francês, deplorando o tempo que perdera com isso. Depois o pensamento levou-o até Bogutcharovo, lembrou-se das suas ocupações na aldeia, da sua viagem a Riazan, dos seus mujiques, do estaroste Drene e, olhando os artigos do direito das gentes que cuidadosamente distribuíra por artigos, sentiu-se admirado como pudera consagrar tanto tempo a um trabalho tão estéril.

[XIX]

No dia seguinte o príncipe André foi visitar algumas pessoas a quem ainda não vira, e entre elas os Rostov, com quem reatara relações no último baile. Não era só a cortesia que o levava a fazer esta visita, também se sentia arrastado a fazê-la pelo desejo de rever aquela rapariguinha, cheia de vivacidade e carácter, que lhe deixara uma impressão tão agradável.

Natacha foi a primeira pessoa a aparecer-lhe. Trazia um vestido azul, caseiro, e assim vestida ainda pareceu mais bonita ao príncipe André que na toilette de baile. Tanto ela como toda a demais família Rostov o acolheram como a um velho amigo, simples e cordialmente. Aquela gente, que ele severamente julgara outrora, afigurava-se-lhe agora composta de pessoas excelentes, simples e boas. Tais eram a hospitalidade e a bonomia do velho conde, qualidades particularmente encantadoras em Petersburgo, que ele não pôde recusar o convite para jantar.

«Sim, é gente boa e simpática», dizia para consigo mesmo. «E nem sabem o tesouro que têm em Natacha. Boas pessoas e óptimo fundo para fazer sobressair uma rapariga tão poética, tão cheia de vida.»

Ao pé de Natacha sentia-se abeirar de um mundo que ignorava completamente, um mundo especial, pleno de alegrias de que nunca compartilhara, um mundo que muito o intrigara já na alameda de Otradnoie e à janela banhada pelo luar. E agora já esse fundo o não intrigava, já lhe não era estranho. Abeirando-se dele, novas alegrias viera encontrar.

Depois de jantar, e a seu pedido. Natacha sentou-se ao cravo e cantou. O príncipe André, de pé junto da janela, conversando com as senhoras, escutava-a. No meio de uma frase calou-se, e, sem que ele próprio soubesse como, sentiu que uma comoção lhe subia à garganta, coisa de que se não julgava capaz. Fitou Natacha, que continuava a cantar, e uma vaga de felicidade como jamais sentira lhe inundou a alma. Parecia feliz e ao mesmo tempo tristíssimo. Não tinha razão para chorar, e no entanto estivera a ponto disso. Chorar porquê? Pelo seu primeiro amor? Pela defunta princesinha? Pelas suas ilusões perdidas? Pelas suas

esperanças de futuro?... Por tudo isso e também por outra coisa.

O que antes de mais nada lhe provocava aquela comoção era a súbita revelação que nele se operava de uma assustadora contradição entre o que sentia de infinitamente grande e de inacessível no fundo de si próprio e o ser estreito e corpóreo que ele também era e que ela era também. Tal contradição era todo o seu tormento e toda a sua alegria enquanto Natacha cantava.

Quando ela acabou, aproximou-se de André e perguntou-lhe se gostara de a ouvir. Feita a pergunta, logo uma grande perturbação a tomou, compreendendo que a não devia ter feito. André olhou-a sorrindo e disse-lhe que o seu canto lhe agradara como lhe agradava tudo quanto ela fazia.

O príncipe André só tarde, pela noite dentro, se retirou de casa dos Rostov. Deitou-se maquinalmente, mas não tardou que verificasse não poder conciliar o sono. Ora se deixava estar deitado na cama, de vela acesa, ora se erguia, para voltar a deitar-se, sem que aquela insónia o fatigasse, tais os sentimentos novos e alegres que sentia. Era como se saísse da atmosfera asfixiante de um quarto fechado para o ar livre da natureza. Não lhe passava pela cabeça a ideia de estar enamorado de Natacha. Não pensava nela sequer, embora a tivesse diante dos olhos, e por isso mesmo a vida se lhe apresentava agora sob uma luz completamente nova. «Que receio eu? Porque é que me aflijo, porque é que me preocupo dentro deste quadro estreito, quando o certo é que a vida, toda a vida, com todas as suas alegrias, está diante de mim?», dizia consigo mesmo. E pela primeira vez de há muito tempo para cá se pôs a fazer alegres planos para o futuro. Decidiu chamar a si a educação do filho, que precisava de arranjar um preceptor a quem o confiar, e depois que deve— ria pedir a demissão e viajar pelo estrangeiro, visitar a Inglaterra, a Suíça, a Itália. «Tenho de aproveitar a minha liberdade enquanto me sinto com juventude e força», pensava. «Pedro tinha razão quando dizia ser preciso acreditar na felicidade para sermos realmente felizes, e eu agora também o creio. Que os mortos enterrem os mortos. Enquanto estamos vivos precisamos de viver e de ser felizes.»

Uma manhã o coronel Adolfo Berg, que Pedro conhecia, como de resto conhecia toda a gente em Moscovo e Petersburgo, apresentou-se-lhe em casa com o seu vistoso uniforme novo, as ma— deixas penteadas para diante e lustrosas de cosméticos, à moda do imperador Alexandre Pavlovitch.

— Acabo de estar com a condessa sua mulher — disse ele, sorrindo — e não posso esconder o meu desgosto por não ter visto deferido o meu convite. Espero ser mais feliz consigo, conde.

— Que pretende, coronel? Estou às suas ordens.

— Conde, estou hoje completamente instalado na minha nova casa — disse Berg, persuadido de antemão de que esta notícia não podia deixar de ser acolhida com sumo prazer — e por isso desejava oferecer uma pequena festa às pessoas das minhas e das relações da minha mulher. — E um sorriso ainda mais gracioso lhe perpassou pelos lábios. — Queria pedir à condessa e a si, caro conde, que me dessem a honra de vir a nossa casa tomar uma chávena de chá e partilhar da nossa ceia.

Infelizmente, a condessa Helena Vassilievna, considerando a sociedade de Berg indigna dela, tivera a crueldade de declinar o seu convite. Tão claramente Berg explicou porque desejava reunir em sua casa um grupo de pessoas pouco numeroso, mas escolhido, pois isso a ele lhe daria grande prazer e seria o primeiro a lamentar fazer sacrifícios para outros fins, como jogar as cartas ou coisas igualmente prejudiciais, embora para receber gente de tom se não poupasse a sacrifícios, tanto insistiu, que Pedro não pôde recusar o convite e prometeu aparecer.

— Mas não venha muito tarde, conde, já que me permite, aí pelas oito horas menos dez, se faz favor. Jogaremos uma partida, também lá estará o nosso general. É, muito bom para mim. Depois cearemos. Fica então combinado.

Contrariamente ao seu costume, que era chegar sempre atrasado. Pedro nessa noite chegou a casa dos Berg às oito menos um quarto, e não às oito menos dez.

Os Berg, já com tudo a postos para a soirée, aguardavam os convidados de ponto em branco.

Berg e a mulher recebiam no seu gabinete, muito asseado, muito bem iluminado, decorado de bustos e de quadros e guarnecido de mobiliário novo. Ele, de uniforme, igualmente novo e rigorosamente abotoado, explicava à mulher ser de toda a conveniência ter relações entre as pessoas de uma situação mais

elevada, visto dessa gente só poderem esperar-se coisas agradáveis. «Há sempre qualquer vantagem nisso, há sempre qualquer coisa que se lhes pode pedir. Observa, por exemplo, a minha carreira desde os mais baixos postos. — Não contava o tempo por anos, mas por promoções— Os meus camaradas nesta altura ainda nada são, e eu, como vês, estou em vésperas de ser nomeado comandante de regimento e tenho a grande dita de ser teu marido.» Levantou-se para beijar a mão de Vera, mas de passagem ajeitou um dos cantos do tapete, que estava dobrado. «E a quem devo eu tudo? Antes de mais nada à arte de escolher as minhas relações. Claro está que além disso é bom sermos virtuosos e cumpridores.»

Berg sorriu com a consciência da sua superioridade sobre uma fraca mulher e calou-se, dizendo de si para consigo que, afinal de contas, aquela encantadora pessoa a quem chamava esposa era fraca como todas as mulheres e não podia aspirar ao que constitui a dignidade do homem, a dignidade de «se ser um homem» (Em alemão no texto original. (N, dos T.)

Entretanto. Vera sorria também, consciente da sua superioridade sobre o virtuoso e excelente marido, o qual, no entanto, em sua opinião, compreendia mal a vida, como, aliás, todos os homens. Berg, que julgava as outras mulheres através da sua própria, considerava-as a todas seres fracos e estúpidos. Vera, julgando os homens através do marido e generalizando as suas observações, supunha que todos eles não faziam outra coisa senão considerar-se cheios de razão, embora na realidade nada compreendessem e não passassem de criaturas orgulhosas e egoístas.

Berg levantou-se e, enlaçando a mulher cautelosamente, para lhe não amarrotar a romeira, que lhe custara a ele muito cara, beijou-a nos lábios.

— Há uma coisa que temos de considerar: não devemos ter filhos por ora — ponderou, mercê de uma inconsciente associação de ideias.

— Tens razão — assentiu Vera. — Também é esse o meu desejo. Precisamos de viver para a sociedade.

— A princesa Iusupova tem uma muito parecida — disse Berg, apontando para a romeira com um sorriso bondoso e feliz.

Neste momento anunciaram o conde Bezukov. Os esposos trocaram um sorriso de satisfação, cada um deles chamando a si a honra daquela visita.

«A isto é que se chama saber cultivar relações», pensou Berg. «A isto é que se

chama saber-se um homem conduzir na vida!»

— Peço-te que não venhas interromper-me quando eu estiver a falar com os convidados — advertiu Vera.— Sei muitíssimo bem como me hei-de dirigir a cada um e o que é preciso dizer às pessoas com quem conversar.

Berg sorriu.

— Nem sempre: as vezes, com os homens, é preciso ter conversas de homens — observou ele.

Pedro foi recebido numa sala inteiramente mobilada de novo, onde era impossível urna pessoa sentar-se sem alterar a meticulosa simetria. Parecia compreensível e de modo algum insólito que Berg, generosamente, se tivesse proposto alterar a disposição das poltronas e do divã em atenção a tão querido visitante, mas a sua perplexidade era tanta que deixou o convidado decidir. Este, porém, não teve dúvidas em quebrar a simetria, puxando de uma cadeira. E imediatamente Berg e Vera deram início à soirée, interrompendo-se a cada momento um ao outro no decurso da conversa com o conde.

Vera, que, mulher sensata, decidira que devia falar a Pedro na Embaixada de França, principiou logo por abordar esse tema. Por sua vez. Berg, partindo do princípio de que uma conversa de homens se tornava igualmente necessária, interrompeu a mulher para abordar o caso da guerra com a Áustria e inconscientemente não tardou que tivesse transitado das considerações gerais para as circunstâncias pessoais acerca das propostas que lhe haviam sido feitas para tomar parte na campanha e das razões que o tinham levado a declinar o convite. Embora a conversa resultasse, por isto mesmo, assaz descosida e Vera estivesse furiosa com a intervenção do marido, foi com prazer que os esposos verificaram ter a soirée principiado muito bem, conquanto nessa altura apenas ainda com um só convidado, e parecer-se, como duas gotas de água se parecem, com todas as demais soirées em que se conversa, se bebe chá e há velas acesas.

Daí a pouco apareceu Bóris, velho camarada de Berg. E foi com um matiz de superioridade e certo ar protector que se dirigiu ao casal. Depois chegou a vez do coronel e de uma senhora, e do próprio general, e dos Rostov, e então a soirée tomou-se incontestavelmente igual a qualquer outra. Berg e Vera não podiam esconder a satisfação que lhes causava o bulício que reinava na sala, ao ouvirem aquelas conversas desirmanadas, o ruge-ruge dos vestidos e as saudações que se iam trocando. Tudo se estava a passar como em toda a parte. Sobretudo o general

parecia-se com todos os outros generais, todo ele elogios à instalação, batendo amistosamente no ombro de Berg e organizando, com uma desenvoltura toda paternal, a mesa do boston. Depois sentou-se ao lado do conde Ilia Andreitch, considerando-o, depois de si, a pessoa de maior representação. Os velhos com os velhos, os jovens com os jovens, a dona da casa na mesa de chá com os seus bolos em cestinhos de prata, absolutamente como na soirée dos Panine, tudo decorreu sem tirar nem pôr como em qualquer outra soirée.

[XXI]

Pedro, na sua qualidade de convidado de marca, teve de tomar lugar à mesa do boston com Ilia Andreitch, o general e o coronel. E ali veio a encontrar-se sentado diante de Natacha e não pôde deixar de sentir-se impressionado com a estranha mudança que nela se operara desde a noite do baile. Conservava-se calada, e não só menos bonita que então, mas até mesmo pareceria feia se não fosse a expressão de doçura e a indiferença por tudo que se lhe espelhavam no rosto.

«Que terá ela?», dizia de si para consigo enquanto a olhava. Natacha, sentada ao lado da irmã na mesa de chá, desprendida e sem o fitar, ia respondendo a Bóris, que estava perto de ambas. Pedro, que acabava de jogar uma partida completa e fizera cinco vazas, ouvindo rumor de passos e troca de cumprimentos, lançou um olhar a Natacha.

«Que lhe terá acontecido?», repetiu, ainda mais admirado.

O príncipe André, com um ar atencioso e enternecido, estava diante de Natacha e dirigia-lhe a palavra. Ela erguia os olhos para ele, muito corada, procurando dissimular a emoção que a tomava. De novo lhe flamejava no rosto a labareda de um fogo interior. Parecia completamente transfigurada: de feia que ainda há momentos parecia, voltara a recuperar a beleza da noite do baile.

André aproximou-se de Pedro e este julgou ver também na cara do amigo uma expressão nova e um ar de juventude.

No decurso da partida Pedro mudou várias vezes de lugar, ora de costas para Natacha, ora de frente para ela, e durante o tempo dos seis robers nunca deixou

de os observar, aos dois.

«Há entre eles qualquer coisa de muito importante», pensou, e um misto de alegria e de mágoa a tal ponto o emocionou que se esqueceu das suas próprias preocupações.

Findos os seis robers, o general levantou-se dizendo não ser possível jogar em condições tão adversas, e Pedro voltou a estar livre. A um canto. Natacha conversava com Sónia e Bóris; Vera dizia qualquer coisa ao príncipe André, sorrindo com finura. Pedro aproximou-se do amigo e sentou-se ao lado dos dois, tendo o cuidado de perguntar se não estaria a ser indiscreto. Vera, que percebera as atenções de André para com Natacha, julgara-se na obrigação de, numa festa em sua casa, uma autêntica soirée, fazer algumas finas alusões sentimentais, e, aproveitando uma oportunidade em que via o príncipe só, encetara com ele uma conversa sobre o amor em geral e a irmã em particular. Julgava ela necessário, perante um convidado inteligente, que assim aos seus olhos se apresentava o príncipe André, pôr em jogo toda a sua diplomacia.

Quando Pedro se aproximou, notou que Vera parecia muito exaltada e que o príncipe André, coisa que raramente lhe acontecia, estava comovido.

— Que acha? — perguntava ela, com um sorriso subtil— Diga-me, príncipe, já que é tão perspicaz e tão bem compreende o carácter das pessoas, que pensa de Natacha? Acha-a capaz de ser constante nos seus afectos, como qualquer outra mulher? (Queria, claro esta, referir-se a si própria.) E que será capaz de gostar de um homem e ficar-lhe fiel para sempre? Isto considero eu o verdadeiro amor. Que acha, príncipe?

— Conheço muito pouco a sua irmã — replicou o príncipe André com um sorriso onde a ironia procurava ocultar uma certa perturbação —, conheço-a muito pouco para poder responder a uma pergunta tão delicada. E, de resto, devo confessar-lhe, a mulher é tanto mais fiel quanto menos atraente.— E, enquanto isto dizia, ia olhando para Pedro, que se aproximava.

— Sim, tem razão, príncipe — retomou Vera. — No nosso tempo... — Vera falava do seu tempo como em geral as pessoas de espírito acanhado, que supõem ter descoberto e julgado as particularidades do seu tempo e estão persuadidas de que os homens se transformam consoante as épocas— No nosso tempo as raparigas gozam de tanta liberdade que o prazer de ser cortejada asfixia nelas muitas vezes o verdadeiro sentimento. E Natália, há que o reconhecer, é muito

sensível a isso. — Esta nova alusão a Natacha fez que André franzisse outra vez o sobrolho. Quis levantar-se, mas Vera continuou, sorrindo ainda com mais finura:

— Creio que ninguém tem sido mais cortejada do que ela. Mas a verdade é que até à data ainda nenhum homem lhe agradou a sério. E o conde sabe isso muito bem — acrescentou dirigindo-se a Pedro. — Até mesmo o nosso primo Bóris, que chegou, aqui para nós, muito, muito longe na arte de seduzir...

Ao ouvir estas palavras, o príncipe André franziu as sobrancelhas e continuou calado.

— É amigo de Bóris? — perguntou-lhe Vera.

— Sim, conheço-o...

— Naturalmente ele já lhe falou no seu amor de infância por Natacha?

— Ah! Houve um amor de infância? — perguntou o príncipe André, corando repentinamente.

— Sim. Sabe entre primos e primas a intimidade acaba muitas vezes em amor; quanto mais prima... Não acha?

— Oh! Evidentemente — tornou o príncipe André, e, numa forçada animação, pôs-se a gracejar com Pedro, dizendo-lhe que ele precisava de ter muito cuidado com as primas quinquagenárias de Moscovo. E, sempre no mesmo tom de gracejo, levantou-se, travou-lhe do braço e levou-o consigo para um recanto.

— Que se passa? — perguntou Pedro, surpreendido com a estranha agitação do amigo, a quem não passara despercebido o olhar que André lançara a Natacha quando se erguera.

— Preciso.., preciso de falar contigo — respondeu ele. — Como sabes, as nossas luvas de mulher... — referia-se às luvas que era costume oferecer aos franco-mações recém-iniciados para que estes as ofertassem à mulher de quem viessem a gostar. Eu... Não, depois falarei contigo... — E com uma estranha chama no olhar e um extremo nervosismo aproximou-se de Natacha e sentou-se a seu lado. Pedro percebeu que ele lhe pedia qualquer coisa e que ela lhe respondia corando subitamente.

Mas nesse mesmo momento Berg aproximou-se de Pedro para lhe pedir encarecidamente que viesse tomar partido na disputa que se travara entre o general e o coronel acerca dos acontecimentos de Espanha.

Berg sentia-se contente e feliz. Havia no seu rosto um sorriso perene. A sua soirée era uma perfeita soirée e em tudo igual às demais soirées a que ele

assistira. Tudo tal qual: as delicadas conversas das senhoras, os jogos, o general jogando as cartas e engrossando a voz, o samovar, os bolos. Só faltava uma coisa, uma coisa que ele observara em todas as soirées cujo modelo imitava: uma conversa ruidosa entre homens e uma discussão sobre um assunto grave e interessante. O general encetara uma conversa desse género e Berg deu-se pressa em chamar Pedro para que viesse tomar parte nela.

[XXII]

No dia seguinte, o príncipe André foi jantar a casa do conde Ilia Andreitch e passou a tarde inteira em casa dos Rostov. Toda a gente adivinhara a razão da sua visita e ele, sem se importar com os demais, todo o dia procurou não se afastar de Natacha. Esta, assustada no fundo, mas feliz e palpitante, pressentia, como toda a gente em casa, que um acontecimento solene se ia dar. A condessa lançava ao príncipe olhares sérios e tristes quando o via com Natacha, e timidamente, para disfarçar, punha-se a tagarelar disto e daquilo sempre que o olhar de André se dirigia para ela. Sónia receava afastar-se de Natacha e ao mesmo tempo tinha medo de ser importuna ficando ao pé deles. Natacha empalidecia de receio quando ficava por instantes sozinha com o príncipe André, cuja timidez a surpreendia. Sentia-o pronto a fazer-lhe uma confidência que não chegava.

Quando, à noite, o príncipe abalou, a condessa foi ter com Natacha e disse-lhe em voz baixa:

— Então?

— Mãe, por Deus, peço-lhe, nada me pergunte neste momento. Não posso falar nisso — replicou ela.

Isto não a impediu, contudo, de permanecer nessa mesma noite, por muito tempo, na cama da mãe, ora num sobressalto de emoção, ora palpitante de receio, o olhar imóvel num ponto qualquer. Contava que ele lhe dissera muitas coisas amáveis e que falara numa viagem ao estrangeiro e que lhe perguntara onde pensavam passar o Verão, e que também falara de Bóris.

— Mas nunca, nunca me aconteceu uma coisa assim! — murmurou. — Diante dele tenho medo, tenho sempre medo. Que quer isto dizer? Quer dizer que desta

vez é verdade, não é? Está a dormir, mãe?

— Não, minha querida, também estou cheia de medo. Bom, vai para a tua cama.

— Já sei que não poderei dormir. Que absurdo dormir! Mãezinha, mãezinha, nunca senti nada parecido com isto! — exclamou, assustada e surpreendida com o sentimento que descobria na alma. — Quem havia de dizer!...

Natacha julgava-se enamorada de André desde a primeira vez que o vira, em Otradnoie. E estava assustada, como perante uma felicidade estranha e inesperada, com o facto de aquele homem em que ela reparara então — estava firmemente persuadida disso — ter surgido de novo no seu caminho e ela lhe não parecer indiferente.

— E havia de vir precisamente nesta ocasião a Petersburgo, agora que nós aqui estamos. E havíamos de nos encontrar naquele baile. O destino é que é o culpado. Sim, o destino: tudo isto tinha de acontecer. Já então, quando o vi, senti qualquer coisa de extraordinário.

— Que mais te disse ele? Que versos são esses? Lê-os, filha... — perguntou a mãe, que estivera cismando e a interrogava agora sobre uns versos que André escrevera no álbum de Natacha.

— Mãe, acha que parece mal casar com um viúvo?

— Cala-te. Natacha. Reza a Deus. No céu se casa.

— Querida mãezinha adorada, gosto tanto de si, e que feliz eu sou! — exclamou Natacha, lançando-se nos braços da mãe, os olhos cheios de lágrimas repassadas de felicidade e emoção.

A essa mesma hora. André, em casa de Pedro, falava do seu amor por Natacha e da firme resolução de casar com ela.

Nesse mesmo dia, a condessa Helena Vassilievna dava uma recepção em sua casa. Estavam presentes o embaixador de França, e príncipe imperial, havia pouco visita íntima da condessa, muitas senhoras e personalidades de distinção. Pedro desceu ao rés-do-chão, deu uma volta pelos salões e toda a gente reparou no seu aspecto alheio e taciturno.

Desde a noite do baile que Pedro, pressentindo a aproximação de um ataque de hipocondria, fazia o possível por reagir. Desde que o príncipe era íntimo de sua mulher vira-se inopinadamente nomeado camarista, e a partir desse momento

passara a sentir na alta sociedade uma impressão desagradável, misto de vergonha e de embaraço, e de novo principiavam a assaltá-lo os seus tristes pensamentos sobre a vaidade de todas as coisas humanas. E a disposição melancólica ainda mais realçava a comparação que a cada passo estabelecia entre a sua situação e a de André, depois que assistia à marcha dos sentimentos que de dia para dia aproximavam o seu amigo e a sua protegida. Procurava não pensar igualmente nem na mulher, nem em Natacha, nem em André. De novo tudo se lhe afigurou sem importância ao pé do sentimento de eternidade, e de novo se lhe formulou no espírito este pensamento: «Para quê?» E dia e noite, ocupado com os trabalhos de maçonaria, tentava afastar do seu espírito os maus pensamentos. Era meia-noite, saíra há pouco dos aposentos da condessa, e estava instalado nas suas dependências do andar inferior, numa sala de tecto baixo, cheia de fumo, com um roupão enxovalhado pelas costas, sentado à mesa, copiando as actas autênticas das lojas escocesas, quando alguém penetrou no aposento. Era o príncipe André.

— Ah! É o príncipe? — exclamou Pedro, distraído e enfadado. — Eu, como vê, estou a trabalhar — acrescentou, mostrando o caderno em que escrevia, num gesto de pessoa infeliz que trabalhando procura esquecer os aborrecimentos da vida.

André deteve-se diante dele, o rosto radiante e como que transfigurado pela alegria, e sorriu-lhe, num egoísmo de felicidade, sem reparar no aspecto infeliz do amigo.

— É verdade. Pedro, quis falar-te ontem, e aqui estou hoje pronto a fazê-lo. Nunca senti nada que se pareça com isto. Estou enamorado, meu amigo.

Pedro, de súbito, soltou um grande suspiro, e deixou-se cair .sobre o divã, ao lado de André, com todo o peso do corpo.

— De Natacha Rostov, não é verdade?

— Sim, sim, de quem havia de ser? Nunca pensei, mas este amor é mais forte do que eu. Ontem atormentei-me e sofri, e, no entanto, por nada desta vida desejaria não ter sofrido assim. Não vivia. Agora, sim, agora vivo, e não posso viver sem ela. E ela, gostará ela de mim?... Para Natacha já sou um velho... Então, nada me dizes?

— Eu, eu? Que hei-de eu dizer — exclamou Pedro, de repente, erguendo-se e principiando a andar de um lado para o outro. — Sempre pensei que... Esta rapariga é um verdadeiro tesouro, um tesouro tal.., sim, uma pérola! Meu querido

amigo, não pense mais. Deixe-se de hesitações, case-se, case-se, case-se... Estou convencido que não haverá homem mais feliz no mundo.

— E ela?

— Gosta de si.

— Não digas tolices... — replicou André sorrindo e olhando para Pedro bem nos olhos.

— Gosta, tenho a certeza — insistiu Pedro enfadado.

— Então ouve — tornou o príncipe, travando-lhe do braço.— Sabes em que situação moral me encontro? Preciso de abrir o coração seja a quem for.

— Bom, bom, diga. Sentir-me-ei muito feliz — replicou Pedro, e com efeito a expressão modificou-se-lhe subitamente; as rugas da testa desapareceram-lhe, e, sorrindo, pôs-se a ouvir o príncipe André, que parecia outro homem. Onde o seu tédio, o seu desprezo pela vida, o seu desencanto? Pedro era a única pessoa diante de quem ele se atrevia a desabafar. E disse-lhe tudo quanto lhe ia na alma. Descreveu-lhe os seus planos fáceis e audaciosos para o futuro, declarou-lhe que não podia sacrificar a sua felicidade a um capricho do pai, que estava disposto a obrigá-lo a dar o seu consentimento para a boda e a fazê-lo gostar da sua noiva, ou que então passaria sem isso. E por outro lado mostrou-lhe o assombro que sentia perante aquele sentimento desconhecido que o dominava por completo, como se fosse qualquer coisa estranha e independente dele.

— Se alguém me tivesse dito que eu viria a gostar assim de uma mulher, não teria acreditado — acrescentou. — O que sinto agora é completamente diferente do que outrora experimentei. Actualmente o universo divide-se para mim em duas partes: uma, em que ela está presente, e onde tudo é felicidade, esperança, luz; a outra, em que ela não figura, e onde tudo são trevas e dores...

— Trevas e obscuridade — repetiu Pedro —, sim, sim, compreendo, compreendo.

— Não posso deixar de amar a luz, não tenho culpa de que assim seja. E sinto-me muito feliz. Compreendes? Sei que compartilhas da minha alegria.

— Sim, sim confessou Pedro, observando o amigo com um olhar enternecido e tristonho. Quanto mais o destino do príncipe se iluminava, mais lúgubre se lhe afigurava o seu.

[XXIII]

Para casar. André precisava do consentimento paterno, e por isso no dia seguinte partiu para a aldeia.

O velho encarou a comunicação do filho com uma serenidade aparente e uma cólera secreta. Não podia compreender que alguém quisesse modificar a sua vida e nela introduzir qualquer coisa de novo quando a sua própria chegava ao fim. «Que, ao menos, me deixem acabar os meus dias a meu gosto, depois poderão fazer o que quiserem», dizia de si para consigo o ancião. Para com o filho, contudo, procedeu com a diplomacia das grandes ocasiões. Foi com um ar sereno que discutiu com ele.

Em primeiro lugar, aquele casamento, do ponto de vista do parentesco, da fortuna e da fidalguia, não era uma aliança brilhante. Em segundo lugar. André não estava na primeira juventude e tinha pouca saúde, e o velho insistia principalmente neste ponto, porquanto ela era muito jovem. Em terceiro lugar, havia uma criança, que não podia ser confiada aos cuidados de uma garota. E por fim, acrescentou, fitando o filho com um ar trocista:

— Eis o que te peço, espera um ano, vai viajar pelo estrangeiro, cuida de ti, trata de arranjar um alemão para dirigir a educação do príncipe Nicolau, como é teu desejo, e depois, se o teu amor, a tua paixão, a tua obstinação, tudo o que tu quiseres, continuarem os mesmos, então casa-te. E aqui tens a minha última palavra, fica sabendo, a minha última palavra... — E concluiu num tom que significava nada haver no mundo que o fizesse mudar de opinião.

O príncipe André percebeu que o pai esperava que os sentimentos dele, seu filho, ou os de sua noiva não resistiriam à prova de um ano, ou então que, tendo em vista a sua avançada idade, ele próprio viria a morrer entretanto. E decidiu acatar a sua vontade, adiando o casamento para daí a um ano. Três semanas depois da última noite em casa dos Rostov. André estava de regresso a Petersburgo.

No dia que se seguiu à explicação que tivera com a mãe. Natacha, de manhã à noite, esperou a visita de Bolkonski, mas este não apareceu. No segundo e no terceiro dia, a mesma coisa. Pedro também não apareceu, e Natacha, que ignorava que André partira para a aldeia, não podia compreender aquela

ausência.

E assim decorreram três semanas. Natacha recusava-se a aparecer em parte alguma e andava de um lado para o outro, de sala para sala, como uma sombra, ociosa e desolada. A noite, a ocultas de toda a gente, chorava, e já não procurava a mãe na sua cama. A cada momento corava e irritava-se. Imaginava que todos sabiam das suas decepções, todos a troçavam ou deploravam. E estas mordeduras no seu amor-próprío, acrescidas do seu grande desgosto, ainda a tornavam mas infeliz.

Certo dia foi ter com a mãe, quis dizer-lhe fosse o que fosse e rompeu a chorar. As suas lágrimas eram como as de uma criança castigada que não sabe porque a puniram.

A condessa procurou consolá-la. Natacha principiou por ouvir o que a mãe dizia, depois, subitamente, interrompeu-a:

— Não diga mais, mãe, não penso e não quero voltar a pensar mais nisso! A verdade é que apareceu e depois ninguém o tomou a ver, nunca mais... — Tremia-lhe a voz, ia chorar de novo, mas conteve-se e prosseguiu tranquilamente:

— Não me quero casar. Além disso, tinha medo dele. Agora estou completamente sossegada, completamente.

No dia seguinte. Natacha enfiou um vestido velho de que muito gostava, porque se lembrava das manhãs alegres em que o vestira, e voltou à vida antiga, que havia abandonado em seguida à noite do baile. Depois do chá, dirigiu-se ao salão mais espaçoso, seu preferido por causa da boa acústica, e recomeçou o solfejo. Assim que terminou a primeira lição, postou-se no meio da sala e entoou uma frase musical de que muito gostava. Entretinha-se a ouvir o efeito maravilhoso e inesperado para ela daquelas notas soltas derramando-se pelo vazio da sala e lentamente morrendo. E de repente sentiu-se alegre. «Para que hei-de eu pensar em tudo isto? Assim também estou bem», dizia de si para consigo. E começou a passear de um lado para o outro do grande salão, caminhando pelo sonoro pavimento, não em passo natural, mas apoiando primeiro o tacão e depois a biqueira dos sapatos novos, seus preferidos. E ao ouvir o martelar cadenciado do tacão e da biqueira dos sapatos, rangendo, experimentava um prazer tão grande como o que sentira ao escutar o eco da sua própria voz. Passando por diante de um espelho, relanceou-lhe um olhar. «Aquela sou eu!», parecia dizer a expressão que se lhe pintara no rosto. «óptimo! Não preciso de

ninguém.»

Um criado quis entrar na sala para proceder à limpeza, mas ela mandou-o embora, fechou a porta e prosseguiu no seu passeio. Naquela manhã regressara ao profundo amor de si própria e à admiração pela sua própria pessoa. «Que encanto esta Natacha!», exclamava, dando a palavra a uma terceira pessoa, ser colectivo e do sexo forte. «É bonita, nova, tem uma linda voz, não incomoda ninguém. Deixem-na então em paz.» Mas, ainda mesmo que a deixassem em paz, não mais saberia recuperar a tranquilidade antiga, isso mesmo teve ocasião de verificar não tardou muito.

A porta do vestíbulo que abria para a rua abriu-se e alguém perguntou: «Estão em casa?» E uns passos se ouviram. Natacha lançou um olhar ao espelho, mas já lá não estava. Ouvia ruído no vestíbulo. Porém, quando conseguiu tornar a ver-se no espelho empalideceu. Era ele. Tinha a certeza, embora a custo lhe percebesse a voz para além da porta fechada.

Muito pálida e assustada, correu para o salão.

— Mãe, está ali Bolkonski! — exclamou. — Não posso, mãe, é insuportável. Não quero sofrer. Que hei-de fazer?...

Ainda a condessa não tivera tempo de responder, já o príncipe entrava na sala, com um aspecto preocupado e sério. Assim que seus olhos encontraram Natacha, o rosto iluminou-se-lhe. Beijou a mão da condessa e da filha e sentou-se.

— Há muito tempo não tínhamos o prazer... — principiou a condessa, mas o príncipe André cortou-lhe a palavra, para lhe responder imediatamente, tanta pressa tinha de dizer o que queria:

— Não tornei a aparecer porque estive em casa de meu pai: precisava de conversar com ele sobre um assunto muito grave. Cheguei esta noite — disse, fitando Natacha. — Preciso de lhe falar, condessa — acrescentou, depois de um momento de silêncio.

A condessa baixou os olhos, suspirando.

— Estou às suas ordens — disse ela.

Natacha percebia que devia retirar-se, mas não era capaz de se decidir a fazê-lo. Tinha um nó na garganta e olhava para André de uma forma quase descortês, bem de frente, com os olhos muito abertos. «Vai ser agora? Já?... Não, não pode ser», dizia para si mesma.

André voltou a fitá-la, e então Natacha convenceu-se de que se não enganava.

Sim, agora, já, ia decidir-se o seu destino. — Vai Natacha, eu te chamarei— segredou-lhe a condessa. Natacha lançou a André e à mãe um derradeiro olhar, súplice e consternado, e saiu.

— Condessa, vim pedir-lhe a mão de sua filha — principiou André.

Um grande rubor subiu à cara da condessa, mas não respondeu logo.

— O seu pedido... — disse, pausadamente, enquanto ele se calava e a fitava nos olhos. — O seu pedido... — estava perturbada — é-nos agradável, e por mim aceito-o, estou muito contente. E meu marido.., espero.., mas tudo depende dela.

— Falarei a Natacha quando tiver o seu consentimento... Concede-mo? — inquiriu o príncipe André.

— Com certeza — replicou ela, e estendeu-lhe a mão. E depois, num misto de embaraço e de ternura, poisou-lhe os lábios na testa no momento em que ele se inclinava para lhe beijar a mão. Desejaria querer-lhe como a um filho, mas sentia-o por de mais distante. Intimidava-a. — Estou convencida de que meu marido não se oporá — acrescentou ela. — Mas seu pai...

— Meu pai, a quem comuniquei os meus projectos, pôs-me como condição do seu consentimento que o casamento se não realize antes de um ano. E era isto precisamente o que eu lhe queria dizer.

— É verdade que Natacha ainda é muito nova, mas tanto tempo...

— Não pode ser de outra maneira — volveu André, suspirando. — Vou chamar Natacha. — disse a condessa, saindo da sala. — Senhor, tende piedade de nós! — ia implorando ao afastar-se.

Sónia disse-lhe que Natacha estava no quarto. Sentada na cama, pálida, os olhos secos cravados nos ícones, os lábios balbuciantes, persignando-se rapidamente, murmurava fosse o que fosse. Ao ver entrar a mãe, saltou da cama, correu para ela e caiu-lhe nos braços.

— Que é, mãe? Que é?

— Vai, vai, está à tua espera. Pediu-me a tua mão — disse a condessa friamente, pelo menos assim pareceu a Natacha. — Vai.., vai— prosseguiu ela com tristeza e reprovação, ao vê-la despedir numa carreira, e soltou um profundo suspiro.

Mais tarde Natacha quis lembrar-se de como entrara no salão e não podia. Ao chegar ao limiar da porta, ao vê-lo, estacou. «Será possível que este estranho se haja tornado agora tudo para mim?», perguntou a si própria, e imediatamente

ouviu a resposta: «Sim, tudo, ele e só ele, é agora para mim a pessoa mais querida do mundo.» O príncipe André aproximou-se dela de olhos baixos.

— Enamorei-me de si desde o primeiro instante em que a vi. Posso ter esperanças?...

Ergueu os olhos para ela, e a expressão grave e apaixonada de Natacha impressionou-o. Aquele rosto parecia dizer-lhe: «Perguntar para quê? Para que duvidar do que é evidente? Para que falar quando as palavras não podem exprimir o que uma pessoa sente?»

Aproximou-se, e de novo parou. André pegou-lhe na mão e beijou-a.

— Gosta de mim?

— Gosto, gosto! — exclamou Natacha, como se lhe estivessem a arrancar uma confissão. E por várias vezes respirou fundo, como se sufocasse, e rompeu em soluços.

— Que foi? Que tem?

— Oh, sou tão feliz! — balbuciou ela, suspirando, os olhos cheios de lágrimas. Inclinou-se para ele e, hesitando um momento, como a perguntar-se a si própria se o poderia fazer, beijou-o.

O príncipe André apertava-lhe as suas mãos nas dele, olhava-a nos olhos, e já não conseguia encontrar no fundo do seu coração o mesmo amor que sentira por ela. Produzira-se nele subitamente como que uma revolução. A misteriosa e poética atracção do desejo desaparecera, e em seu lugar surgia agora uma espécie de compaixão por aquela fragilidade de criança e de mulher, agora havia nele uma espécie de susto diante daquele abandono e daquela entrega. Era a consciência, misto de alegria e de tristeza, do dever que para sempre o ligava a ela. Conquanto não tão poéticos e luminosos como outrora, os sentimentos que ela agora lhe inspirava eram mais sérios e mais fortes.

— Sua mãe disse-lhe que só nos poderemos casar daqui a um ano? — articulou André, sem deixar de a olhar nos olhos.

«Será possível que eu, a garota que sou para toda a gente», dizia Natacha de si para consigo, «será possível que eu seja agora a mulher deste homem amável, uma igual deste homem inteligente, um estranho ainda para mim, e a quem o meu próprio pai respeita? Será isto verdade? Será verdade que a vida tenha deixado de ser para mim uma brincadeira, que eu seja agora uma pessoa crescida, que tenha de prestar contas de todos os meus actos e de todas as minhas palavras?

Mas que me estava ele a dizer?»

— Não — replicou ela, sem perceber o que André lhe perguntava.

— Perdoe-me — disse ele —, a Natacha é tão nova e eu já passei por tantas coisas na vida. Tenho medo por si. Ainda se não conhece a si mesma.

Natacha escutava-o com toda a atenção, fazendo esforços para compreender o sentido das palavras que ele lhe dizia, mas sem o conseguir.

— Por mais penoso que seja para mim este ano que me separa da felicidade — prosseguiu André — dar-lhe-à tempo de avaliar os seus sentimentos. Peço-lhe que me faça feliz dentro de um ano. Até lá considere-se sem compromissos. O nosso noivado manter-se-á secreto e se entretanto se convencer de que me não ama ou, pelo contrário, se continuar a gostar de mim... — acrescentou com um sorriso forçado.

— Porque é que me fala assim? — interrompeu Natacha.— Bem sabe que principiei a gostar de si desde que o vi pela primeira vez, em Otradnoie — acentuou com o firme acento da verdade.

— Tem um ano para bem se conhecer...

— Um ano inteiro! — disse, de súbito. Natacha, compreendendo finalmente que o casamento só se realizaria daí a doze meses. — Mas um ano, porquê? Porquê um ano?... — O príncipe André pôs-se a explicar-lhe os motivos. Natacha, porém, não o ouvia já.

— Mas não pode ser de outra maneira? — perguntou.

André não respondeu, e Natacha percebeu pela sua fisionomia que a decisão era irrevogável.

— É horrível! Oh!, é horrível, horrível! — exclamou de súbito Natacha, rompendo a chorar. — Se tiver de esperar um ano, morro. Não pode ser, é horrível! — Ergueu os olhos para o noivo e viu que a perplexidade e a dor o alanceavam.

— Bom, bom! Farei tudo que for preciso — disse ela, enxugando rapidamente as lágrimas. — Sou tão feliz!

Então os pais de Natacha entraram na sala e deram a sua bênção aos noivos.

A partir desse dia, o príncipe André passou a frequentar a casa dos Rostov na qualidade de noivo de Natacha.

[XXIV]

Não se festejou o noivado e a ninguém foi participado que Bolkonski e Natacha eram noivos. O príncipe André assim o quis. Dizia que já que era ele o causador daquele contratempo sobre ele deviam pesar todos os seus inconvenientes. E acrescentou que a palavra dada era para ele um compromisso eterno, mas que Natacha continuaria senhora da sua inteira liberdade. Se dentro de seis meses verificasse que o não amava, teria pleno direito de se desligar do compromisso. Escusado dizer que nem Natacha nem os pais queriam ouvir falar nisto, mas André era inabalável nesse ponto. Ia todos os dias a casa dos Rostov, mas não tratava Natacha como noiva: não a tuteava e limitava-se a beijar-lhe a mão. Entre os dois, após o pedido de casamento, as relações passaram a ser muito diferentes do que até então — mais íntimas, mais simples. Até aí haviam sido como estranhos um ao outro. Achavam graça lembrarem-se da maneira como mutuamente se encaravam naquele tempo em que ainda não eram nada um para o outro. E agora era como se se sentissem outras pessoas: antigamente dissimulavam, agora eram simples e sinceros. De princípio, a família experimentava certo embaraço na presença de André. Consideravam-no como que pertencendo a outro mundo, e Natacha levou muito tempo antes de conseguir familiarizar a sua gente com o noivo: dizia-lhes, orgulhosa, que só na aparência ele era assim uma pessoa especial, mas que no fundo era igual aos demais, que a não intimidava e que ninguém devia intimidar-se dele. Depois de algum tempo, habituaram— se, e naturalmente voltaram aos seus hábitos de vida antigos, hábitos com que o próprio príncipe, de resto, se identificava. Sabia falar de assuntos agrícolas com o conde, de vestidos com a condessa e Natacha, e de bordados e álbuns com Sónia. Por vezes, a família Rostov, na intimidade ou na presença de André, referia-se à surpresa que lhe causava o que acontecera, vendo sinais de destino em tudo: na chegada do príncipe a Otradnoie, na vinda deles para Petersburgo, as semelhanças de Natacha e do noivo assinaladas pela velha criada aquando da primeira visita deste, a altercação em 1805 entre André e Nicolau e ainda muitas outras coisas.

Na casa respirava-se esse tédio poético e silencioso que costuma envolver os noivos. Às vezes, sentados à mesma mesa. Todos se calavam. E acontecia as outras pessoas levantarem-se e irem-se embora, e os noivos, que ficavam sós,

continuarem calados. Raramente falavam do futuro. O príncipe André receava esse tema e tinha escrúpulos em abordá-lo. Natacha partilhava do mesmo sentimento, como, aliás, de todos os seus pensamentos secretos, que sempre adivinhava. Só uma vez se lembrou de lhe falar do filho. André sorriu, o que muitas vezes acontecia agora, e o que muito agradava a Natacha, e replicou que o filho não viveria com eles.

— E porquê? — interrogou Natacha, assustada.

— Não posso tirá-lo ao avô, e além disso...

— Ia gostar tanto dele! — exclamou Natacha, que logo lhe adivinhou o pensamento. — Já sei, não quer que tenham alguma coisa a dizer de nós.

O velho conde costumava abeirar-se às vezes do príncipe André, beijava-o, pedia-lhe conselhos sobre a educação do Pétia ou a respeito da vida militar de Nicolau. Quanto à velha condessa, essa suspirava olhando para os noivos. Sónia, receosa a todo o momento de ser Indiscreta, estava sempre a arranjar pretextos para os deixar sós, mesmo quando não era necessário. Quando André falava — tinha um verdadeiro talento de narrador. — Natacha ouvia-o cheia de orgulho, e quando era ela quem falava podia ver, num misto de alegria e de receio, como ele a olhava, atento e escrutador. E perguntava-se, inquieta: «Que procura ele de mim? Que quer ele dizer com este olhar? Que acontecerá se não encontrar em mim o que procura?» As vezes apoderava-se de Natacha aquela louca alegria tão própria do seu temperamento, e era com grande satisfação que via e ouvia rir o príncipe André. Este raramente ria, mas, quando o fazia, era sem reservas, e então mais ela se sentia, graças a esse riso, identificada com ele. Se não fosse a ideia da separação que se aproximava, enchendo-a a ela de pavor e a ele, quando nisso pensava, fazendo-o empalidecer. Natacha ter-se-ia sentido plenamente feliz.

Na véspera da sua partida para Petersburgo o príncipe André apareceu na companhia de Pedro, que não voltara a casa dos Rostov desde a noite do baile. Pedro parecia confuso e perturbado. Pôs-se a conversar com a condessa. Natacha e Sónia foram jogar o xadrez e convidaram André, que se abeirou delas.

— Há muito que conhecem Bezukov? — perguntou. — Gostam dele?

— Gostamos. É muito bom rapaz. Mas um pouco ridículo.

E, como sempre que Natacha falava de Pedro, contou histórias a propósito das suas distracções, algumas das quais eram inventadas.

— Sabe que lhe falei no nosso segredo? — disse André. — Conheço-o desde

criança. É um coração de ouro. Peço-lhe uma coisa. Natacha — acrescentou, de súbito, muito sério. — Vou partir e só Deus sabe o que pode vir a acontecer. Pode deixar de gostar de mim... Sim, bem sei que não devo falar assim. Mas, enfim, aconteça o que acontecer, durante a minha ausência...

— Que poderá acontecer?

— Se acontecesse alguma desgraça — prosseguiu ele —, peço-lhe. Mademoiselle Sophie, suceda o que suceder, só a ele peçam conselho e amparo. É uma pessoa distraída, um pouco ridícula, mas um coração de ouro.

Nem o pai, nem a mãe, nem Sónia, nem o próprio André puderam prever o efeito que a partida deste produziria em Natacha. Agitada, muito vermelha, os olhos sem uma lágrima, ia e vinha pela casa, ocupada nas coisas mais insignificantes, como se não compreendesse o que a esperava. Não chorou sequer no momento em que ele, ao despedir-se, lhe beijou pela última vez a mão. «Não se vá embora! », disse ela apenas, numa tal voz que ele se perguntou a si próprio se não deveria ficar realmente, e por muito tempo havia de lembrar-se daquele instante. Depois de ele partir, também não chorou, mas durante alguns dias deixou-se ficar sentada nos seus aposentos, sem se interessar por coisa alguma, repetindo de quando em quando:

«Ai!, porque se foi ele embora?»

No entanto, quinze dias depois, inesperadamente, ante a surpresa de todos, despertou daquele torpor, voltou a ser como era antes, embora com outra expressão mental, como costuma acontecer às crianças quando se levantam depois de uma prolongada doença.

[XXV]

A saúde e o carácter do velho príncipe Nicolau Andreievitch Bolkonski no ano que se seguiu à partida do filho pioraram muito. Tomou-se ainda mais irritável e todos os seus arrebatamentos de cólera imotivada caíam geralmente sobre a princesa Maria. Dir-se-ia escolher adrede todos os recantos sensíveis do coração desta para a fazer sofrer moralmente com a maior crueldade que podia. Maria tinha duas paixões, e portanto duas alegrias: o sobrinho Nikoluchka e a religião, e

esses os dois objectivos favoritos dos ataques e — das ironias do príncipe. Falasse-se do que se falasse, logo ele conduzia a conversa para as superstições das solteironas e a indulgência e os mimos excessivos destas para com as crianças. «O que querias era fazer dele uma menina como tu. Fazes mal. O príncipe André precisa de um filho, não de uma filha», dizia-lhe ele. Ou então, dirigindo-se a Mademoiselle Bourienne, perguntava-lhe, na presença de Maria, que pensava ela dos popes e dos ícones russos, e lá vinham de novo os seus sarcasmos...

Feria a cada passo e a qualquer pretexto a princesa Maria, mas a filha, para lhe perdoar, nem por isso tinha de fazer um grande esforço. Como poderia ele ser culpado a seus olhos? E como é que ele, que no fundo tanto lhe queria, podia ser injusto para com ela? E, de resto, em que consistia realmente a equidade? A princesa não tinha a mais pequena noção dessa palavra grandiloquente. Para ela todas as complicadas leis da humanidade se resumiam numa só, simples e clara, a lei do amor e do sacrifício, a lei ensinada aos homens por Aquele que, sendo Deus, muito padeceu por amor da humanidade. Que lhe importava a ela a justiça ou a injustiça de outrem? A sua condição era sofrer e amar e isso mesmo estava ela fazendo.

No Inverno, o príncipe André apareceu em Lissia Gori. Mostrara-se alegre, compassivo e terno como ainda a irmã o não vira. E previu que alguma coisa acontecera, mas André nada lhe disse a respeito dos seus amores. Antes de tornar a partir, teve uma longa conversa com o pai e a princesa Maria pôde observar que a entrevista os deixara a ambos descontentes.

Pouco depois da partida do irmão, a princesa escreveu de Lissia Gori para Petersburgo à sua amiga Júlia Karaguine, a noiva que ela sonhava — sonho sempre na mente das raparigas solteiras — para o príncipe André. Júlia estava de luto pelo irmão, que morrera na guerra da Turquia:

> Está escrito que a nossa sina seja o sofrimento, minha querida e boa amiga Júlia.
>
> Tão cruel é a perda que acabas de sofrer que eu a não posso explicar senão como uma mercê particular de Deus, que assim quer, por muito vos amar, pôr-te à prova a ti e à tua boa mãe. Ah!, minha amiga, só a religião, só ela, pode, não digo consolar-nos, mas salvar-nos de cairmos no

desespero. Só a religião nos pode explicar tudo quanto, sem a sua ajuda, o homem é incapaz de compreender, ou seja, porque chama Deus a Si as criaturas de bom coração, de nobres sentimentos, que sabem dar felicidade aos outros na vida, não fazem mal a ninguém e são mesmo precisas para a felicidade alheia, enquanto deixa viver criaturas más, inúteis, prejudiciais, e um fardo para elas próprias e para os outros. A primeira morte a que assisti e que não mais poderei esquecer — a da minha cunhada — obrigou-me a pensar muito. Assim como tu perguntas ao destino porque foi o teu bom irmão chamado para o seio de Deus, também eu lhe perguntei porque Lisa, aquele anjo, tinha de morrer, ela, que não só nunca fizera mal a alguém, mas em cuja alma só houvera bons sentimentos. E que queres que te diga, minha amiga? Cinco anos são passados e só agora na minha fraca inteligência começo a compreender porque é que ela devia morrer e como esta morte não era senão um sinal da misericórdia infinita do Criador, cujas acções, ainda mesmo quando nós as não compreendemos, são sempre a prova do amor sem limites que Ele dedica à criatura humana. Muitas vezes penso que ela era, naturalmente, de uma inocência angélica de mais para dispor de energias que a deixassem cumprir os seus deveres de mãe. Se como rapariga era irrepreensível, talvez o não tivesse sido como mãe. Agora não só nos deixou a todos, e muito especialmente a André, as saudades mais preciosas, como o certo é que a esta hora já deve ter alcançado lá em cima um lugar que eu não ouso esperar para mim própria. Sem falar da recompensa que terá obtido, esta morte prematura e terrível teve sobre meu irmão e sobre mim o efeito mais benéfico, apesar da nossa dor. Quando passámos por este desgosto, se tais pensamentos me tivessem ocorrido, tê-los-ia afastado de mim com horror; agora, porém, tudo isto se tomou tão

claro e incontestável! Se te digo estas coisas, minha amiga, é apenas para te convencer da verdade evangélica, que se tomou a regra da minha vida! «Nem um só cabelo nos cai da cabeça sem a Sua vontade.» E a vontade do Senhor só o Seu ilimitado amor por nós a conduz e é por isso que tudo quanto nos sucede só para nosso bem acontece. Perguntas-me se passaremos o Inverno em Moscovo? Apesar do meu desejo de tornar a ver-te, não o creio nem o desejo. Estranharás, talvez, que a culpa seja de Bonaparte. Já verás como. A saúde de meu pai está a decair muito; não suporta a menor contradição e está muito irritável. Esta irascibilidade, como sabes, é provocada especialmente pela política. Não pode tolerar a ideia de Bonaparte tratar de igual para igual todos os soberanos da Europa e em particular o nosso, o neto da grande Catarina! Como deves calcular, a política não me interessa, mas, através do que diz meu pai e das suas conversas com Mikail Ivanovitch, estou ao par de tudo quanto sucede no mundo, e sobretudo de todas as honras que prestam a Bonaparte, e, ao que parece, no mundo inteiro; só em Lissia Gori lhe recusam o título de grande homem e de imperador dos Franceses. Realmente, meu pai não pode tolerar que assim seja. Calculo que, principalmente em virtude das suas ideias políticas e na previsão de todos os aborrecimentos que lhe poderia vir a causar a sua maneira de proceder e os hábitos em que está de exprimir as suas opiniões sem querer saber do que os outros pensam, não vê com bons olhos a ida para Moscovo. Tudo quanto ganha no tratamento que está a seguir perder-se-ia mercê das inevitáveis discussões sobre Bonaparte. De qualquer maneira, muito em breve saberei o que se resolve. A nossa vida familiar segue o seu curso habitual, a não ser no que diz respeito a meu irmão André, que continua ausente. Como já te disse, mudou muito nestes últimos tempos. É

este o primeiro ano depois da infelicidade de que foi vítima em que parece em verdade ter renascido moralmente para a vida. Voltou a ser o que era quando criança: bom, terno, um coração de ouro, como outro melhor não conheço. Compreendeu por fim, ao que parece, que a vida ainda não acabou para ele. Mas, se mudou do ponto de vista moral, fisicamente decaiu muito. Está mais magro e mais nervoso. Estou inquieta por ele e sinto-me muito contente que ele tenha resolvido fazer esta viagem ao estrangeiro, há muito prescrita pelos médicos. Tenho esperanças nos seus resultados salutares. Disseste-me que em Petersburgo se fala dele como um dos jovens mais activos, mais cultos e mais inteligentes. Perdoa-me este orgulho de irmã, mas sempre assim pensei. Não podes calcular o bem que ele tem feito aqui tanto aos seus mujiques como à nobreza da região. Em Petersburgo só encontrou o que merecia. Estou muito surpreendida com os boatos que correm e que chegaram até aí, a Moscovo, especialmente com as atoardas como essa de que me falas sobre um suposto casamento de meu irmão com a pequena Rostov. Não acredito que ele volte a casar seja com quem for e com muito mais forte razão com essa pequena. E aqui tens porquê: primeiro, embora ele fale raramente da sua falecida mulher, o desgosto que sofreu foi tão profundo que não creio pense em substituí-la e em dar uma madrasta ao nosso anjinho; em segundo lugar, pelo menos quanto me é dado sabê-lo, essa rapariga não pertence à categoria das mulheres que lhe podem agradar. Não creio que o príncipe André case com ela e francamente te digo que o não desejo. Mas já vai longa esta carta e estou a terminar a minha segunda folha de papel. Adeus, minha querida amiga, que Deus te tenha na Sua santa guarda. A minha querida companheira. Mademoiselle Bourienne, envia-te um beijo.

Maria

[XXVI]

Em meados do Estio. Maria recebeu da Suíça uma carta inesperada do irmão em que este lhe dava parte de um caso imprevisto e surpreendente. Participava-lhe estar noivo de Mademoiselle Rostov. Esta carta vinha banhada do mais exaltado amor pela noiva e da maior ternura e de uma completa confiança pela irmã. Dizia-lhe nunca ter amado como agora e que só também agora compreendia a vida; pedia-lhe que lhe perdoasse nada lhe ter dito, aquando da sua visita a Lissia Gori, a respeito das suas intenções, embora houvesse falado disso ao pai. Não lhe falara no caso porque Maria teria intercedido junto do velho príncipe para ele dar o seu consentimento e com isso só teria concorrido para o exasperar, sem nada obter, ficando depois a suportar o peso inteiro do descontentamento paterno, «Aliás», escrevia ele, «as coisas ainda não estavam definitivamente resolvidas nessa altura, mas agora sim. O pai, então, impôs-me que esperasse um ano; já lá vão seis meses, metade do prazo, e a verdade é que nunca estive mais decidido na minha resolução. Se os médicos me não obrigassem a conservar-me aqui, nas águas, já eu estaria na Rússia, mas ainda tenho de esperar três meses. Tu conheces-me bem e sabes quais as minhas relações com o pai. Não preciso de lhe pedir seja o que for e sempre serei independente, mas agir contra sua vontade, despertar-lhe a cólera, talvez quando já tão pouco tempo tem para viver connosco, seria tornar incompleta a minha felicidade. Escrevo-lhe sobre o mesmo assunto e peço-te que escolhas o momento que te parecer mais favorável para lhe entregares a carta que te remeto, informando-me, depois, da, maneira como ele encarou a situação e se achas que há alguma esperança em consentir que antecipe de quatro meses o prazo fixado! »

Depois de largas vacilações, de muitos escrúpulos e fervorosas preces. Maria entregou a carta ao pai. No dia seguinte o velho príncipe disse-lhe com a maior tranquilidade:

— Escreve a teu irmão e diz-lhe que espere que eu morra... Não tardará

muito... Dentro de pouco tempo estará livre de mim...

Maria quis objectar qualquer coisa, mas o pai não lho consentiu, e foi levantando a voz.

— Casa-te, casa-te, querido amigo... Soberba parentela!... Pessoas de mérito, não haja dúvida! E ricas, não é verdade? Ah! Claro, que linda madrasta para o Nikoluchka! Diz-lhe que se case amanhã mesmo. Eh! Eh! Eh! Nikoluchka terá uma madrasta, e eu, eu, por mim, caso com a Burienka!... Eh! Eh! Eh! Assim também eu lhe darei a ele uma madrasta! O pior é que não quero mais mulheres cá em casa. Que se case, mas que vá viver para outra parte. Talvez tu queiras ir viver para casa dele. Pois muito boa viagem! E que passes por lá muito bem! Muito bem!...

Depois deste desabafo, o príncipe não voltou a falar no assunto. Mas o desagrado que lhe causava a fraqueza de André transparecia a cada passo nas relações entre o velho príncipe e a filha. Um novo motivo de ironia veio juntar-se aos anteriores — o da madrasta e o do seu namoro em perspectiva com Mademoiselle Bourienne.

— Por que diabo não hei-de eu casar com ela? — dizia ele para a filha. — Fazia-se dali uma óptima princesa!

E, com efeito, naqueles últimos tempos Maria notara, com grande pasmo, que o pai, de dia para dia se mostrava mais íntimo com a francesa. Escreveu a André sobre a forma como o pai acolhera a carta que ele lhe escrevera, dando-lhe, no entanto, algumas esperanças, pois talvez conseguisse levá-lo a dar o seu consentimento.

Nikoluchka e a sua educação. André e a religião, eis as únicas alegrias e os únicos motivos de satisfação da princesa Maria. Mas, além disso, como todos precisamos de aspirações pessoais, no mais fundo do seu coração. Maria ocultava um sonho e uma esperança, todo o lenitivo da sua vida. Essa ilusão consoladora e essa esperança devia-as aos homens de Deus, os inocentes e os peregrinos que frequentavam a casa às escondidas do príncipe. Quanto mais vivia, quanto mais experiência adquiria, quanto mais observava a vida tanto mais se surpreendia com a cegueira dos homens que procuram na terra a felicidade e os gozos, que lutam, que sofrem e que mutuamente se querem mal para alcançar essa miragem impossível e vã a que chamam felicidade. O príncipe André tinha amado uma mulher, que morrera; e isso não lhe bastava, queria procurar de novo a felicidade junto de outra mulher. O pai opunha-se a esse casamento porque desejava para

ele uma mulher de sangue mais nobre e de família mais rica. E ei-los lutando e sofrendo e atormentando o semelhante e perdendo a sua alma, a sua alma imortal, para alcançarem prazeres que não duram mais do que uma hora. Não só o sabemos por nós próprios, mas também por Cristo, o filho de Deus, que desceu à Terra e nos disse que esta vida não é mais do que um breve espaço de tempo e uma prova. E, no entanto, aí estamos nós, que nos agarramos a ela, pensando encontrar a felicidade cá em baixo. «Como é que ninguém ainda percebeu isto?», interrogava-se Maria. «Ninguém, a não ser os homens de Deus, escárnio de toda a gente. E eles, de sacola ao ombro, aí vêm, pela escada de serviço, com medo de que o príncipe os veja, não com receio de serem maltratados, mas apenas para que ele não caia em pecado. Abandonarem a família, a terra natal, todas as preocupações deste mundo, não se prenderem a seja o que for e errarem de um lado para o outro, cobertos de andrajos, sob um nome suposto, sem nunca fazerem mal a outrem e rezando tanto pelos que os protegem como pelos que os maltratam, não, não há vida, não há verdade superiores à sua!» Maria conhecia uma peregrina, uma tal Fiedossiuschka, mulher dos seus cinquenta anos, pequenina, picada das bexigas, sossegada, que havia trinta anos andava descalça e carregada de cadeias. Tinha por ela uma especial afeição. Certo dia em que Fiedossiuschka lhe falava da sua vida, no seu obscuro quarto apenas iluminado pela lamparina do ícone, a princesa Maria pensou de súbito tão intensamente que só aquela mulher encontrara o verdadeiro caminho da vida que ela própria decidiu fazer-se peregrina. Quando Fiedossiuschka se retirou, a princesa meditou muito tempo e por fim chegou à conclusão de que, por mais estranho que isso fosse, o devia fazer. Confiou esta decisão ao seu confessor, o monge Akinfii, que aprovou as suas intenções. A pretexto de dar um presente a uma das peregrinas. Maria tratou de arranjar um trajo completo: bata, cafetã, uns lapti e um lenço preto. Por vezes, ao abeirar-se da cómoda onde escondera essas coisas, detinha-se, irresoluta, perguntando a si própria se não chegara o momento de pôr em prática o seu projecto.

Escutando as histórias dos peregrinos, essas histórias simples e mecânicas para eles, mas cheias de profundo sentido para ela, a princesa Maria, por várias vezes, esteve a ponto de tudo abandonar e de fugir de casa. Em sua imaginação, via-se já com Fiedossiuschka, vestida como ela, de grosseiros andrajos, de bordão em punho e sacola ao ombro, por essas estradas pedregosas, de um lado para o outro, sem

ódios nem amores humanos, sem desejos nem invejas, chegando definitivamente onde não há mais dores nem mais suspiros, mas sim a alegria e a beatitude eternas.

«Chegarei a qualquer parte, rezarei, e antes que ganhe amor a esse lugar partirei para outro. Continuarei a andar até que chegue finalmente a esse asilo eterno e sereno onde não há mais tristeza nem dores... », dizia Maria de si para consigo.

Mas mal via o pai, e sobretudo o pequeno Koko, vacilava na sua resolução, chorava às escondidas e reconhecia ser uma pecadora: queria mais ao pai e ao sobrinho do que a Deus.

QUARTA PARTE

[I]

A tradição bíblica ensina-nos que a felicidade do primeiro homem antes da queda consistia na ausência de trabalho, isto é, na ociosidade. O gosto da ociosidade manteve-se no homem réprobo, mas a maldição divina continua a pesar sobre ele, não só por ser obrigado a ganhar o pão de cada dia com o suor do seu rosto, mas também porque a sua natureza moral o impede de encontrar satisfação na inactividade. Uma voz secreta diz ao homem que ele é culpado de se abandonar à preguiça. E, no entanto, se o homem pudesse achar um estado em que se sentisse útil e em que tivesse o sentimento de que cumpria um dever, embora inactivo, nesse estado viria a encontrar uma das condições da sua felicidade primitiva. Esta condição de ociosidade imposta e não censurável é aquela em que vive toda uma classe social, a dos militares. Em tal ociosidade está e estará o principal atractivo do serviço militar.

Nicolau Rostov desde 1807 que lhe saboreava as delícias no regimento de Pavlogrado, onde continuava incorporado no esquadrão cujo comando lhe fora transmitido por Denissov.

Rostov transformara-se num belo rapaz, de maneiras rudes. Os seus conhecidos de Moscovo tê-lo-iam achado com «mau ar». A verdade, porém, é que os seus camaradas, os seus subordinados e até os seus superiores o estimavam e respeitavam, e por isso mesmo a vida militar lhe sorria. Nos últimos tempos, quer dizer em 1809, nas cartas que recebia de casa havia frequentes queixas da mãe acerca do estado financeiro da família, de facto assaz precário, acrescentando a condessa que principiava a ser tempo de ele voltar, para consolo e alegria dos seus velhos pais.

Ao ler estas cartas. Nicolau receava que o quisessem tirar do meio em que ele, alheado de todas as preocupações, vivia tranquilo e ditoso. Pressentia que mais tarde ou mais cedo se veria obrigado a entrar de novo na engrenagem da vida, com todas as suas trapalhadas, as contas com os administradores, as discussões, as

intrigas, as relações, a sociedade, o caso de Sónia e as promessas que lhe fizera. Tudo isto se lhe apresentava terrivelmente difícil e confuso, e então respondia à mãe, em cartas frias e clássicas, que principiavam sempre: «Minha querida mãe», terminando pela fórmula: «Seu filho muito obediente» e em que nada dizia quanto ao regresso a casa. Em 1810 uma carta dos pais veio informá-lo do noivado de Natacha com Bolkonski, acrescentando que o casamento se não realizaria senão daí a um ano, em virtude da oposição do velho príncipe. Esta notícia entristeceu e mortificou um pouco Nicolau. Em primeiro lugar tinha pena de ver afastar de casa Natacha, a irmã querida, e depois, do seu ponto de vista de hússar, lamentava não ter estado presente para fazer compreender a Bolkonski que não era honra tão grande quanto ele supunha a aliança que lhe oferecia, e que, se era verdade ele gostar da irmã, eis o bastante para dispensar a autorização do louco do seu pai. Pensou, por momentos, pedir uma licença para falar com Natacha antes do casamento, mas aproximava-se a época das manobras e, ao lembrar-se de Sónia e das complicações que o aguardavam, resolveu adiar o projecto. Entretanto, na Primavera desse mesmo ano recebeu urna carta da mãe, escrita às escondidas do conde, e esta carta decidiu-o a partir. Dizia-lhe ela que se ele se não resolvesse a tomar conta dos negócios da família todo o património acabaria vendido em hasta pública e eles todos reduzidos à miséria. O conde era um fraco, confiava de mais em Mitenka, era muito bom e toda a gente o enganava e as coisas iam sempre de mal a pior. «Por Deus te peço que venhas imediatamente se queres por cobro à desgraçada situação de toda a nossa família.»

Esta carta impressionou muito Nicolau, que era dotado desse bom senso dos medíocres que lhes indica sempre o que mais convém fazer.

Se quisesse abalar desde logo teria de pedir baixa ou então uma licença. Não sabia lá muito bem porque fazê-lo, mas, depois de dormir a sesta, deu ordem para lhe selarem Março, o cavalo pigarço, garanhão fogoso que não montava havia muito, e ao voltar para casa com o animal coberto de espuma participou a Lavruchka (o criado que herdara de Denissov) e aos camaradas reunidos para a noite que pedira uma licença para voltar a ver os pais. Custava-lhe partir sem ter sido informado pelo estado-maior, coisa para ele de alta importância, se iria ser promovido a capitão e se lhe seria concedida a cruz de Sant'Ana por causa das últimas manobras. Também lhe custava partir sem ter vendido ao conde Golukovski a troika de cavalos pigarços que aquele fidalgo polaco regateara com

ele e que apostara vender-lhe por dois mil rublos. Igualmente lhe parecia impossível não assistir ao baile que os hússares promoviam em honra de Madame Psazdetzka para arreliar os ulanos, que estavam a organizar outro em honra de Madame Borzovska. Apesar de tudo, sabia que tinha de abandonar aquele meio tão franco e tão simpático, para o trocar por outro onde o não aguardavam senão tolices e complicações. Oito dias depois chegava a concessão da licença. Os hússares seus camaradas, não só os do regimento, mas de toda a brigada, ofereceram-lhe um jantar, a quinze rublos por cabeça, com duas orquestras e dois grupos de cantores. Rostov dançou a trepak (A trepak é uma dança de camponeses, em que o dançarino se mantêm de cócoras e lança alternadamente as pernas para diante. (N, dos T.) com o major Bassov; os oficiais, qual deles o mais bêbado, balançaram-no, apertaram-no nos braços e deixaram-no cair. Os soldados do 3.O esquadrão, por sua vez, também o balançaram, gritando: «Hurra!» Por fim meteram Rostov no trenó e levaram-no até à primeira muda.

Durante a primeira metade do caminho, isto é, de Krementchug a Kiev, como é costume, todos os pensamentos de Rostov foram para os lugares que acabava de deixar, para o seu esquadrão. Mas, uma vez percorrida esta parte do trajecto, começou a esquecer-se dos cavalos pigarços, do ferrador Dojoveika, e pôs-se a pensar, apreensivo, sobre o que iria encontrar em Otradnoie. Quanto mais se aproximava mais intensamente pensava na casa. Dir-se-ia que nele os sentimentos morais obedeciam à lei da queda dos corpos. Na última muda antes de Otradnoie deu três rublos de gorjeta ao postilhão e foi como um verdadeiro garoto que trepou, sem fôlego, os degraus de sua casa.

Depois das efusões do primeiro instante, apoderou-se dele essa sensação estranha de desapontamento que faz dizer, quando alguém não encontra o que procura: «Tudo está na mesma. Para que tive eu tanta pressa?» Mas, pouco a pouco, acabou por se habituar ao antigo ambiente da casa. Os pais, as mesmas pessoas, apenas haviam envelhecido um pouco. O que neles havia de novo era uma espécie de inquietação, por vezes uma como que desinteligência, que outrora não existia, originada, assim em breve o reconheceu, pela má situação financeira. Sónia já andava perto dos vinte anos. Mais bela não podia estar, tanto dera agora do que prometera antes, e isso bastava. Tudo nela falava de amor e felicidade desde que Nicolau chegara, e o certo é que a fiel e inabalável dedicação daquela rapariga o enchia de orgulho. Pétia e Natacha eis quem mais o surpreendia. Pétia

estava um rapagão de treze anos, inteligente, bem disposto e travesso, cuja voz principiava a engrossar. Quanto a Natacha, por muito tempo a olhou admirado e sorrindo:

— Já não és a mesma! — exclamou.

— Quê? Estou mais feia?

— Pelo contrário, olhem para o seu ar importante! Uma princesa! — murmurou ele.

— Sim, sim — replicou Natacha, muito contente.

E pôs-se a contar-lhe os seus amores com o príncipe André, a chegada deste a Otradnoie, e mostrou-lhe a última carta que dele recebera.

— Estás contente? — perguntou ela. — Por mim, estou tranquila e sinto-me feliz.

— Muito contente — replicou Nicolau. — É um homem encantador. E estás realmente apaixonada?

— Muito — exclamou ela. — Gostei do Bóris, do meu professor, de Denissov, mas agora é outra coisa. Sinto-me tranquila, estou em terreno sólido. Sei que não há pessoa melhor do que ele e sinto-me agora tão sossegada, tão feliz! Não, não é como antigamente...

Nicolau disse a Natacha quanto achava desagradável aquele compasso de espera de um ano, mas Natacha replicou-lhe, com certa irritação, demonstrando-lhe não poder ser de outra maneira, e que não seria bom entrar na sua nova família contra a vontade do sogro, e que ela própria, de resto, assim o quisera. — Nada percebes, absolutamente nada — concluiu.

Nicolau, concordando com a irmã, calou-se. As vezes, olhando-a a furto, estranhava-a. A atitude de Natacha não era de modo algum a de uma noiva apaixonada longe do noivo. Mostrava-se serena, alegre e sempre igual, exactamente como outrora. E isto surpreendia-o; olhava aquele noivado com uma ponta de desconfiança. Não acreditava, de facto, que o futuro da irmã estivesse definitivamente estabelecido, tanto mais quanto era certo nunca ter visto juntos os dois noivos. Parecia-lhe que qualquer coisa faltava àquele projecto de casamento. «Que significa este compasso de espera? Porque não se celebrou o pedido de casamento?», perguntava a si próprio. E um dia em que conversava com a mãe pôde verificar, com surpresa e quase satisfação, que também ela, lá no fundo do»seu coração, confiava pouco naquela aliança.

— Olha o que ele diz — disse para o filho mostrando-lhe uma carta do príncipe André, com aquele tom de hostilidade secreta que há em todas as mães quando se trata do futuro conjugal de suas filhas — olha o que ele escreve: que não poderá vir antes de Dezembro. Que o prende longe daqui? Naturalmente está doente. Tem muito pouca saúde. Nada digas a Natacha. Embora pareça alegre, realmente não o está. São os últimos dias da sua vida de rapariga, e eu sei bem o que lhe vai no coração de cada vez que recebe uma carta. Aliás, quem sabe? Talvez tudo acabe bem — concluía de cada vez que falava no caso. — É uma excelente pessoa.

[II]

Nos primeiros tempos Nicolau parecia preocupado e triste. Atormentava-o a ideia de ver-se envolvido naquelas estúpidas histórias de interesses por causa das quais a mãe o mandara regressar a casa. Para se ver livre quanto mais depressa melhor de um tal fardo, três dias depois da sua chegada, furioso e sem dizer aonde ia, de má catadura, encaminhou-se para o pavilhão de Mitenka a fim de lhe pedir contas de tudo. Que vinham a ser essas contas de tudo. Nicolau sabia-o menos que o próprio Mitenka, aterrorizado e surpreso com a sua visita. As contas e as explicações de Mitenka não foram longas. Os estarostes, o ajudante e o estaroste do distrito, que aguardavam no vestíbulo, ouviram, assustados, mas não sem satisfação, a voz do jovem conde, primeiro surda, depois cada vez mais alta, e por fim as palavras injuriosas com que o verberou.

«Bandido! Ingrato!... Mato-te como se mata um cachorro... Não estás a tratar com meu pai... Ladrão!...»

Depois, essas mesmas criaturas, não com menos susto e também não menor contentamento, viram o jovem conde, muito encarnado, os olhos injectados, arrastar Mitenka pelo pescoço e, com grande destreza, aplicar-lhe um pontapé por cada palavra que ia dizendo.

«No olho da rua! Que eu nunca mais te torne a ver aqui, malandro! »

Mitenka precipitou-se pela escada abaixo e desapareceu no meio de um maciço da mata. Aquele maciço era o refúgio de todos os culpados de Otradnoie. O próprio Mitenka, quando voltava bêbado da cidade, aí costumava ocultar-se, e

muitos outros, que por sua vez tinham de esconder-se de Mitenka, lá procuravam asilo.

A mulher do intendente e as cunhadas, assustadas, assomaram à porta do quarto onde cantava um samovar reluzente e em que se via a cama alta de Mitenka, com a sua colcha de trapos.

O jovem conde, sufocado, passou junto delas sem lhes prestar atenção, e num passo resoluto entrou em casa.

A condessa, a quem as criadas vieram contar imediatamente o que se passara no pavilhão, por um lado, tranquilizou— se, dizendo de si para consigo que desta vez as coisas iam entrar no bom caminho, mas, por outro, inquietou-a o estado em que esta cena deixara o filho. Várias vezes se aproximou, na ponta dos pés, da porta do quarto onde Nicolau ia fumando cachimbo sobre cachimbo.

No dia seguinte o velho conde chamou Nicolau de parte e advertiu-o, com um sorriso embaraçado:

— Sempre te digo que te exaltaste em vão. Mitenka contou-me tudo.

«Eu já sabia», disse Nicolau com os seus botões, «que nada conseguia perceber do que se passa nesta casa de doidos.»

— Zangaste-te por ele não ter escriturado aqueles setecentos rublos, mas estavam na outra página, que tu não viste.

— Meu pai, ele é um canalha, um ladrão, tenho a certeza. E o que eu fiz foi bem feito. Mas, se assim quer, nada mais lhe direi.

— Não, meu amigo... — O conde estava um pouco perturbado. Sabia que administrara mal a fortuna da mulher e que aos olhos dos filhos era culpado, mas não via maneira de remediar o seu erro. — Peço-te que te ocupes de tudo, estou velho e...

— Perdoe, pai, se fui desagradável, mas ainda sei menos que o pai de tudo isto.

«Diabos levem estes camponeses, estas contas, estas verbas inscritas na outra página», dizia de si para consigo. «Em tempo ainda cheguei a compreender o que era um paroli de seis vazas, mas do que eles dizem nada percebo.» E daí para o futuro não voltou a tocar naqueles assuntos. No entanto, certo dia a condessa mandou-o chamar e disse-lhe que tinha em seu poder uma letra assinada por Ana Mikailovna, no valor de dois mil rublos, e gostava de saber que destino entendia ele dever dar-lhe.

— Pois aqui tem o que penso — replicou Nicolau. — Diz a mãe que depende de mim. Não gosto nem de Ana Mikailovna nem de Bóris, mas foram nossos amigos e são pobres. Aqui tem o que devemos fazer! — E rasgou a letra. A mãe principiou a chorar de alegria. A partir de então, o jovem Rostov, sem se preocupar com os assuntos administrativos da família, apaixonou-se por um divertimento novo para ele, a caça, divertimento que em casa do velho conde era tido em grande conta.

[III]

Os primeiros gelos matinais apareceram, e as terras, alagadas pelas chuvas de Outono, ficaram endurecidas pela geada. Os trigos outonais principiavam, a deitar tufos e o seu verde-vivo destacava-se das manchas amarelas do restolho das ceifas anteriores, pisado pelo gado e entrecortado pelas franjas avermelhadas do trigo sarraceno. As copas das árvores, que em fins de Agosto ainda formavam ilhas de verdura no meio dos campos negros novamente lavrados e dos restolhos, eram agora ilhas de ouro ou então de um vermelho-vivo por entre o trigo novo verde-claro. As lebres cobriam-se de pêlo, as raposas novas principiavam a dispersar e os lobitos deitavam corpos maiores que os dos cães. Era a melhor época para a caça. A matilha do jovem e fogoso caçador Rostov não só ainda estava magra, mas em tal estado que foi decidido no conselho geral dos caçadores que se dessem aos cães três dias de repouso e que não principiassem a caçar antes de 16 de Setembro, iniciando a batida pela mata onde fora vista uma ninhada de lobinhos por ora intacta.

Eis a situação a 14 de Setembro. Durante aquele dia os caçadores permaneceram em casa; havia gelo e frio, mas lá para o fim da tarde o tempo melhorou e principiou a degelar. No dia seguinte, quando o jovem Rostov assomou, pela manhã, de roupão, à janela do seu quarto viu que estava uma manhã de caça como outra melhor não havia. O céu parecia fundir-se e, sem vento, deixar-se cair sobre a terra. O único movimento que se percebia na atmosfera era a precipitação, de cima para baixo, das microscópicas partículas do opaco nevoeiro. Gotas transparentes que caíam sobre as folhas recém-tombadas pendiam dos ramos nus das árvores da mata. Na horta a terra negra molhada e brilhante, como

sementes de papoula, confundia-se a certa distância com o lençol embaciado e húmido da neblina. Nicolau veio até à escada encharcada, coberta de lama: tinha nas narinas o aroma lânguido das florestas à mistura com o cheiro dos cães. Milka, a cadela preta malhada, de largas ancas, com grandes olhos negros à flor da testa, levantou-se mal viu o dono, espreguiçou-se, voltou a deitar-se como uma lebre e depois, de chofre, deu um pulo e veio lamber-lhe a cara e os bigodes. Outro cão, um galgo, ao vê-lo, correu de um maciço de flores, onde estava deitado, precipitou-se para a escada, e, alçando a cauda, começou a roçar-se pelas pernas de Nicolau.

«Oh! Oh!», ouviu-se naquela altura. Era o grito inimitável dos caçadores em que a voz de baixo, mais profunda, se une à mais aguda, de tenor, e o monteiro Danilo surgiu, vindo de um dos ângulos da casa. Era um caçador de cabeça branca, com o rosto sulcado de rugas e cabelos aparados em forma de ferradura, à moda da Ucrânia. De chibata dobrada na mão, havia nele aquele ar importante e de supremo desdém peculiar aos caçadores. Ao chegar junto do amo tirou o gorro circassiano e lançou-lhe um olhar altivo. Nesse olhar, um pouco desdenhoso, nada havia porém de ofensivo. Nicolau pôde ver que aquele homem, que desprezava toda a gente e se considerava mais do que ninguém, era afinal o seu homem de confiança, o seu caçador.

— Danilo! — exclamou, impressionado por aquele tempo ideal, pelos cães, pelo monteiro, como que trespassado por aquele frémito irresistível que tudo faz esquecer aos caçadores e em que há seja o que for da emoção de um namorado diante da mulher amada.

— Que deseja. Excelência? — perguntou Danilo, numa voz grossa, que fazia lembrar a de um primeiro-diácono, uma voz rouca de tanto gritar aos cães. Dois olhos negros, brilhantes, olharam de soslaio o amo, que continuava calado. «Então, parece que não te aguentas!», pareciam dizer aqueles olhos.

— Lindo dia, não é verdade? Que dirias tu a urna caçada? — murmurou Nicolau, coçando Milka atrás das orelhas.

Danilo piscou os olhos sem responder.

— Mal amanheceu mandei o Uvarka ver o que havia — voltou o monteiro, na sua voz de baixo, após alguns instantes de silêncio. — Disse-me que passaram para a reserva de Otradnoie. Ouviu-os uivar. (Queria isto dizer que a loba, que sabiam ambos andar por ali, passara com a sua ninhada para a floresta de Otradnoie,

reserva de caça aproximadamente a duas verstas da propriedade.)

— Então temos de ir já? — voltou Nicolau.— Venham cá, tu e o Uvarka.

— Às suas ordens!

— Espera. Não dês ainda de comer aos cães.

— Bom.

Cinco minutos depois. Danilo e Uvarka chegaram ao grande gabinete de Nicolau. Daizilo era de pequena estatura, mas ali, dentro de uma sala, dava a impressão de um cavalo ou de um urso num parquet, no meio de móveis ou por entre objectos de uso diário. E ele próprio se dava conta disso mesmo, e por isso, como de costume, não passava do limiar da porta, fazendo esforços para falar em voz baixa, por em nada mexer, receoso de quebrar alguma coisa nos aposentos do amo e procurando despachar o mais depressa que podia tudo quanto tinha a dizer, pressuroso de voltar ao ar livre e sair de sob aquele tecto para de novo se sentir debaixo da curva do firmamento.

Concluídas que foram as perguntas e depois que Danilo lhe garantiu que os cães não corriam qualquer risco — ele próprio não desejava outra coisa senão ver-se a caçar -. Nicolau deu ordem para selarem os cavalos. Quando porém Danilo saía, entrava Natacha, numa carreira, ainda por pentear e vestir, embrulhada no xale da criada. Com ela vinha Pétia.

— Vais à caça? — disse ela. — Bem me queria parecer. A Sónia dizia que não, mas eu sei muito bem que com um dia destes não deixarias de sair.

— Sim, é verdade — replicou Nicolau de má catadura, pois desde que se propusera uma caçada a valer não queria ter consigo nem Natacha nem Pétia, que só podiam embaraçá-lo. — Mas só aos lobos. E isso para ti não é divertido.

— Estas enganado. É do que mais gosto — replicou Natacha. — Oh!, que mau, resolveu ir a caça, mandou selar os cavalos e nada nos disse.

— Para os Russos não há obstáculos! — exclamou Pétia. — Mas tu não podes ir, foi a mãe quem o disse — tornou Nicolau, dirigindo-se a Natacha.

— Pois irei, sem dúvida alguma — tornou esta, peremptória. — Danilo, manda selar os cavalos e diz a Mikailo que traga o meu casal de galgos — acrescentou, dirigindo-se ao monteiro.

Assim como parecia a Danilo inconveniente e penoso estar numa sala, tratar com uma senhora também se lhe afigurava impossível. Baixou os olhos, e, como se aquilo não fosse com ele, deu-se pressa em sair, pondo o maior cuidado em não

tocar em Natacha com qualquer movimento brusco.

[IV]

O velho conde, que sempre mantivera um excelente grupo de caça, cuja direcção agora confiara ao filho, naquele dia, 15 de Setembro, estava muitíssimo bem disposto e preparava-se também para tomar parte na caçada.

Uma hora depois todos os caçadores estavam reunidos junto da escadaria principal. Nicolau, sério e preocupado, o que significava não ter tempo para atentar em ninharias, passou por Natacha e Pétia sem prestar atenção ao que eles diziam. Examinou todos os preparativos da caçada, deu ordem para que uma das matilhas, com os seus respectivos batedores, fosse na frente, montou o seu alazão do Don, e, depois de ter assobiado à sua própria matilha, atravessou a sebe e dirigiu-se aos campos que levavam à floresta de Otradnoie. O cavalo do velho conde, um alazão pequenino, de grandes crinas brancas, chamado Viflianka, era levado pela arreata por um estribeiro. O conde iria de carro para o lugar que lhe fora indicado.

Contavam-se ao todo cinquenta e quatro cães, conduzidos por seis monteiros ou guardas de canil. Além dos amos havia oito caçadores, com mais de quarenta galgos, de tal sorte que, no conjunto, para a caçada contavam-se cerca de cento e trinta cães e vinte caçadores montados.

Cada galgo conhecia bem o seu dono e dava pelo seu nome. Por sua vez, cada caçador sabia o que tinha a fazer e tinha um conhecimento preciso do seu posto e do papel que lhe cabia. Assim que atravessaram a sebe da floresta, todos, sem fazer ruído, sem pronunciar uma palavra, alinharam-se, simétrica e tranquilamente, pelos caminhos e pelos campos que levavam à mata de Otradnoie.

Os cavalos avançavam campos fora como por um tapete macio, patinhando por vezes nos charcos ao atravessarem os caminhos. A neblina continuava a descer sobre a terra, vagarosa e imperceptivelmente, fundindo-se com as coisas. De tempo a tempo ouvia-se quer o assobio de um caçador, quer o relincho de um cavalo, quer o estalido de um chicote ou o ganir de um cão chamado à ordem.

Já teriam andado uma versta quando emergiram do nevoeiro, ao encontro dos caçadores, mais cinco cavaleiros com os seus respectivos cães. À frente deles trotava um velho de agradável aspecto, fresca tez e fartos bigodes brancos.

— Bons dias, tio — disse Nicolau, quando o velho se aproximou dele.

— Muito bem, vamos a isto.., já desconfiava — disse o tio, parente afastado dos Rostov, não muito rico e seu vizinho —, já desconfiava que não te ias ficar, e fizeste bem. — «Muito bem, vamos a isto», era a sua expressão favorita. — Toma já conta da mata; o meu Guirtchik disse-me que os Ilaguine estão em Korniki com os seus homens. Vão-te roubar o rasto dos lobos; muito bem, vamos a isto!

— Pois vamos. Será preciso reunir as matilhas? — perguntou Nicolau. — Que acha?

Reuniram os cães numa só matilha e o tio lá foi ao lado de Nicolau. Natacha, enrolada no lenço donde emergia o rosto em que os olhos brilhavam, muito animados, aproximou-se deles a trote, seguida do Pétia, do seu caçador e do estribeiro Mikailo, encarregado pela velha ama de tomar conta dela. Pétia ria sem saber de quê, fustigando e excitando o cavalo. Natacha, segura e elegante, montava o seu Arabtchik e dirigia-o com mão firme e sem esforço.

O tio olhou, descontente, para Natacha e Pétia. Não lhe agradavam brincadeiras na caça, para ele coisa séria.

— Bons dias, bons dias, mas tenham cuidado, não pisem os cães — replicou o velho severamente.

— Nikolenka, olha o Trunila, que lindo cão! Conheceu-me! exclamou Natacha, apontando o seu cão de caça predilecto, «Em primeiro lugar. Trunila não é um cão como outro qualquer, é um cão de caça», disse Nicolau de si para consigo, fitando irmã com severidade, na esperança de lhe fazer compreender distância que os separava naquela altura. Natacha percebeu.

— Tio, não tenha medo que a gente os vá atrapalhar — disse-lhe ela. — Prometemos-lhe não sair do nosso posto.

— Muito bem, condessinha — volveu-lhe o tio. — Mas cuidado, não vão cair do cavalo, senão então, muito bem, vamos a isto!, nunca mais nos entendemos.

A tapada de Otradnoie já se via a umas cem sagenas e os caçadores principiavam a chegar. Rostov, que conseguira assentar definitivamente com o tio o local donde deviam ser largados os cães, e após ter indicado a Natacha o lugar em que ela fica— ria e por onde não podia passar animal algum, dirigiu-se para o

mato, do outro lado da ravina.

— Tem cuidado, sobrinho, vais defrontar-te com um lobo velho. — disse o tio — Cautela, não vá ele fugir-te.

— É isso que se vai ver — retorquiu Rostov. — Karai (Nome que designa a cor: baio-escuro. (N, dos T.), aqui! — gritou ele, para responder às palavras do tio. Era um velho cão, muito feio, de pêlo ruço, afamado por atacar sozinho as velhas lobas. Toda a gente ocupou os seus postos. O velho conde, que bem conhecia a paixão do filho pela caça, dava-se pressa para não chegar atrasado, e ainda os caçadores não tinham ocupado os seus lugares já Ilia Andreitch, muito corado e folgazão, as bochechas trémulas, desembocava no meio dos trigais verdes, ao trote dos seus cavalos, nas imediações do posto que lhe fora designado. Desabotoando a peliça e tomando conta dos seus apetrechos de caça, montou o Viflianka, bom animal, bem tratado, luzidio e sossegado, que também principiava a envelhecer. A carruagem que o trouxera partia de regresso. Conquanto não fosse caçador de fibra, o certo é que conhecia a fundo as leis da caça. Foi colocar-se na clareira da floresta, colheu as rédeas, e depois de bem sentado na sela e em forma, sorrindo, olhou em roda.

Junto dele estava o seu criado de quarto. Simeão Tchekmar, velho cavaleiro, que principiava a ficar pesado. Tchekmar trazia trela três molossos vigorosos, mas gordos de mais, como acontecia ao cavalo e ao cavaleiro. Dois outros cães, animais inteligentes, sem trela, deitaram-se ali ao lado. A uns cem passos, na clareira do bosque, postava-se outro estribeiro do conde, um tal Mitka, calção temerário e apaixonado caçador. O conde, de acordo com as velhas usanças, antes da caçada bebeu um golo de vodka num copo de prata e trincou qualquer coisa regada com meia garrafa do seu bordéus favorito.

Ilia Andreitch, depois da caminhada e do vinho que bebera, corara um pouco. Os olhos, húmidos, tinham uma cintilação especial, e, encavalitado no selim, todo embrulhado na peliça, dir-se-ia uma criança que levam a passear.

Tchekmar, magro e de faces cavadas, cumprida que foi a sua tarefa, fitou o amo, a quem servia com a maior fidelidade havia mais de trinta anos, e, sentindo-o muito bem disposto, resolveu entabular com ele uma aprazível cavaqueira. Entretanto alguém se aproximou, circunspecto — via-se bem que assim o tinham instruído —, vindo do lado da floresta, e parou por trás do conde. Era um velho de barba branca, de casaco de mulher e gorro alto: nem mais nem menos que o bufão

a quem chamavam Nastásia Ivanovna, nome de mulher.

— Olá. Nastásia Ivanovna! — exclamou o conde, em voz baixa, piscando o olho —, cautela, não espantes as feras, senão tens de te haver com o Danilo!

— Ora essa! Já tenho barba na cara! — replicou Nastásia Ivanovna.

— Chiu! Cala-te... — sussurrou o conde, e voltando-se para Simeão

— Viste a Natália Ilinitchna? — disse-lhe. — Onde está ela? — Com o Piotre Ilitch, à saída dos matagais de Jarov — replicou Simeão, sorrindo. — Também as senhoras querem meter o nariz...

— E se tu visses. Simeão, como ela monta a cavalo... — disse o conde. — Não fica atrás de qualquer homem!

— Estou pasmado. De nada tem medo, e que ligeira!

— E o Nikolenka? Onde está? Para os lados do barranco de Liadov, não é verdade? — perguntou o conde, sempre em voz baixa.

— Isso mesmo. Sim, senhor, ele sabe muito bem onde é que se há-de colocar. E aquilo é que é saber montar! No outro dia Danilo e eu ficámos pasmados — disse Simeão, que sabia muito bem como agradar ao amo.

— Monta bem, não é verdade? E que porte a cavalo, hem!

— É uma estampa! Ainda há tempo, quando andava à caça nos matagais de Zarvazino e levantou um raposo, era vê-lo saltar, metia medo! O cavalo vale bem mil rublos, mas o cavaleiro não há dinheiro que o pague. Não há para aí outro menino assim!

— Não há... — murmurou o conde, que parecia lamentar que Simeão tivesse acabado tão cedo o seu discurso. — Não há outro... — repetiu ele, afastando as abas da peliça para tirar a caixa do rapé.

— Há dias, quando ia a sair da missa, todo janota. Mikail Sidoritch... — Simeão não concluiu a frase, pois ouvira distintamente o latir de dois ou três cães. Pôs-se à escuta, inclinando a cabeça, e acenou ao amo em silêncio, para que este se calasse. — Vão atrás das feras... — murmurou. — Devem ter acabado de chegar ao barranco de Liadov.

O conde, ainda com um vago sorriso, olhava à distância, na sua frente, a mão em pala diante dos olhos e a caixa de rapé fechada, sem se lembrar de tomar a pitada. Depois do latido dos cães ouviu-se o grito: «Lobo», que soltava a voz de Danilo, cava como a duma trombeta. Toda a matilha veio juntar-se aos dois ou três primeiros cães e ouviu-se o alarido sonoro e prolongado do latido dos galgos,

peculiar quando no encalço de um lobo. Os monteiros já não açulavam os cães e apenas gritavam: «A boca!», e sobre todas as demais vozes ouvia-se a de Danilo, ora grave, ora aguda e penetrante. Parecia encher toda a floresta e prolongar-se na distância.

Depois de algum tempo à escuta, calados, o conde e o estribeiro perceberam que os cães se tinham dividido em duas matilhas: a primeira, a mais numerosa, que ladrava com toda a força e se ia afastando a pouco e pouco, e a outra, que corria ao longo da mata, para os lados do conde, e era daí que se ouviam os «A boca!» de Danilo. O latir das duas matilhas misturava-se, cascalhava e ia-se afastando.

Simeão soltou um suspiro e agachou-se para ajeitar a trela em que um cachorro se havia enredado. Também o conde suspirou, e ao dar pela caixa de rapé na mão abriu-a e tirou uma pitada. «Para trás!», gritou Simeão a um dos cães que aparecera na clareira da floresta. O conde estremeceu e deixou cair a caixa do rapé. Nastásia Ivanovna desmontou e foi apanhar a caixa.

O conde e Simeão olhavam para ele. De súbito, como costuma acontecer, a vozearia aproximou-se: dir-se-ia que estavam mesmo ali o latir dos cães e a voz potente de Danilo,

O conde virou-se e viu à sua direita Mitka a olhar para ele, com os olhos fora das órbitas, enquanto, de barrete na mão, lhe apontava alguma coisa lá adiante, do outro lado.

— Atenção! — gritou numa voz que, por muito tempo retida, parecia explodir, como um trovão, e pôs-se a galopar, atrás dos cães, na direcção do conde.

O conde e Simeão saíram da clareira e viram à sua direita o lobo, que, num curto galope, se dirigia para a orla do bosque que eles acabavam de deixar. Os cães, que ladravam raivosos, libertando-se da trela, lançaram-se sobre a fera mesmo sob as patas dos cavalos.

O lobo parou a custo, como se tivesse qualquer coisa no cachaço, voltou a grande cabeça para os cães e em dois ou três pulos desapareceu na orla da mata, agitando a cauda. No mesmo momento, da orla oposta, com um latido que parecia um lamento, surgiram primeiro um, depois dois, em seguida três cães, por fim a matilha inteira, todos correndo em direcção ao local por onde o lobo acabara de passar. Daí a pouco, por entre as aveleiras, surgiu o alazão de Danilo coberto de espuma. Sobre a sua larga garupa, numa bola, todo inclinado para diante, vinha

ele, sem barrete, os cabelos brancos, esguedelhados, caindo-lhe para a cara, muito vermelha e coberta de suor.

— A boca! A boca! – gritava quando viu o conde, no seu olhar havia rancor.

— Arr... — vociferou, brandindo o látego, ameaçador. — Espantaram o lobo... Isto é que são caçadores! — E, como se reconhecesse que o conde, assustado e confuso, não merecia que lhe dissessem mais nada, fustigou o flanco do alazão, coberto de suor, vibrando-lhe os golpes que apetecia para o amo, e despediu na peugada dos cães. O conde, atordoado com tudo aquilo, voltou-se, tentando sorrir, como que a implorar a indulgência de Simeão. Este porém, que se afastava, contornava os matagais, para obrigar o lobo a sair do seu reduto. Os cães, por ambos os lados, continuavam a perseguir a fera, mas esta deslizara por entre os arbustos e nenhum caçador a pôde alcançar.

[V]

Entretanto. Nicolau Rostov lá estava no seu posto esperando a fera. Consoante se distanciava ou se aproximava a matilha, conforme o latir dos cães, muito seu conhecido, e a voz dos monteiros, mais perto ou mais longe, ia acompanhando tudo quanto se passava na floresta. Sabia haver ali lobos velhos e crias novas, e também que as matilhas se tinham cindido em duas e que algures haviam desalojado uma fera e que a perseguição redundara em fracasso. A todo o momento esperava ver surgir um lobo na sua frente. Mil conjecturas lhe atravessavam o espírito acerca da direcção que o animal tomaria e a maneira de o atacar. A esperança nele alternava com o desalento. Por várias vezes implorara a Deus que lhe mandasse o lobo direito a ele. Rezava com um arrebatamento um pouco pueril, como acontece quando qualquer causa insignificante provoca uma violenta emoção. «Que Te custava fazeres isso por mim?», dizia ele. «Sei que És poderoso e que é talvez pecado pedir— Te uma coisa destas, mas rogo— Te, faz com que um lobo velho me apareça e que, diante de meu tio, que está ali a espreitar-nos. Karai lhe ferre os dentes no cachaço.»

Milhares de vezes naquela meia hora Rostov percorreu de olhar obstinado, tenso, inquieto, a clareira do bosque, com os seus dois carvalhos de folhas ralas

emergindo de um emaranhado de faias, o seu barranco de paredes abruptas e o barrete do tio, que mal se via por cima das moitas, à direita.

«Não, não vou ter essa sorte!», exclamava ele. «E isso que custava? Mas não terei essa sorte! É o que sempre me acontece em tudo, nas cartas, na guerra, só tenho azar!» Austerlitz e Dolokov perpassaram-lhe sucessivamente, com toda a nitidez, diante dos olhos. «Que ao menos uma vez na vida, uma só, me seja dado matar um lobo velho. Nada mais peço!», pensava, enquanto apurava o ouvido e perscrutava à direita e à esquerda, não lhe escapasse o mais pequeno rumor da perseguição.

De novo voltou a olhar para a direita e pareceu-lhe ver qualquer coisa correndo na sua direcção, através do campo deserto. «Não, não pode ser!», murmurou entre dentes, soltando um suspiro de satisfação, como um homem que vê finalmente realizar-se um sonho muito antigo. Ia cumprir-se um dos seus grandes desejos, e simplesmente, sem alarido, sem ostentação, sem qualquer circunstância particular. Não podia acreditar no que os olhos lhe mostravam, e por momentos essa dúvida manteve-se. Um lobo avançava diante dele, galgando pesadamente o barranco que lhe cortava o caminho. Era um animal já idoso, de lombo esbranquiçado, a barriga ruça e magra. Corria sem grande pressa, persuadido naturalmente de que ninguém o via. Rostov, a respiração suspensa, olhou para os cães. Uns estavam deitados, outros de pé, mas não tinham visto o lobo e não davam por coisa alguma. O velho Karai, de cabeça entre as pernas, caçava as pulgas, arreganhando os dentes amarelentos e, ferrando-os, irado, nas patas traseiras.

«A boca! A boca!», incitou Rostov, em voz baixa, estendendo os lábios. Os cães estremeceram e de um salto ficaram de orelhas espetadas. Karai deixou de mordiscar as patas, levantou-se, de orelhas espetadas também, e pôs-se a agitar a cauda, de que pendiam tufos de pêlo.

«Solto-os ou não?», perguntava Nicolau a si próprio, enquanto o lobo continuava a avançar para ele, afastando-se da floresta. De súbito houve uma mudança no aspecto da fera: parecia inquieto ao ver, coisa provavelmente nova para ele, olhos humanos fitos na sua corpulência, e, com a cabeça ligeiramente voltada para o caçador, estacou. «Que hei-de eu fazer: continuar a andar ou voltar para trás? Tanto faz! Adiante!», parecia dizer de si para consigo, e prosseguiu em frente, sem voltar a olhar para trás, em pulos suaves, espaçados, caprichosos, mas

firmes.

«A boca! A boca!...», gritou Nicolau numa voz que não era a sua. E, de rompante, o seu bom cavalo lançou-se barranco abaixo, galgando os charcos, para ir cortar a retirada ao lobo. Mais rápidos ainda do que ele, os cães ultrapassaram-no. Nicolau não ouvia os seus próprios gritos, não se apercebia dos saltos que dava, não via os cães nem o terreno por onde galopava: só via o lobo, que, cada vez mais veloz, galgava os charcos sem mudar de direcção. Milka, a cadela preta, de larga anca, foi a primeira a aparecer nas imediações da fera e não tardou a seu lado. Cada vez se aproximava mais e mais... E eis que a apanha. Mas o lobo olhou-a de soslaio, e Milka, em vez de forçar a carreira, como era seu costume, alçou o rabo e apoiou-se nas patas dianteiras. «A boca! A boca!», gritava Nicolau.

O ruço Liubime surgiu na retaguarda de Milka, lançou-se a sete pernas sobre o lobo e ferrou-lhe os dentes nas patas tra— seiras. No mesmo instante, contudo, assustado, deu um salto para o outro lado. O lobo acocorou-se, rangendo os dentes e, erguendo-se de novo, de novo se lançou numa carreira, ganhando avanço, seguido, coisa de uma archina de distância, por toda a matilha, que o não podia apanhar.

«Escapa desta! Não, não pode ser!», disse Nicolau com os seus botões, e continuava a gritar em voz já rouca: «A boca! A boca!...», procurando com os olhos o seu velho cão, toda a sua esperança. Karai, com todas as suas forças de velho, puxando quanto podia pelo corpo, os olhos cravados na fera, corria, pesadamente, a seu lado, tentando cortar-lhe o passo. No entanto, a agilidade do lobo e a relativa lentidão do galgo indicavam claramente que os prognósticos do resultado seriam favoráveis ao lobo.

Nicolau estava a ver, diante dele, a pequena distância, a mata onde certamente o lobo iria embrenhar-se. Foi então que na sua frente surgiu um caçador e os seus cães, vindos ao seu encontro. Ainda havia uma esperança. Um cachorro, castanho-ruço, de longo corpo, desconhecido dele, e proveniente de uma matilha estranha, lançou-se sobre o lobo e quase o deitou a terra. Mas a fera, mais célere do que seria de esperar, soergueu-se e voltou-se, de dentes arreganhados, contra o cão, o qual, coberto de sangue, o flanco trucidado, mergulhou, de focinho na terra, despedindo uivos desesperados.

«Karaiuchka! Pobrezinho!...», murmurava Nicolau, quase a chorar.

O velho cão, as coxas cheias de tufos de pêlos a dar a dar, aproveitando a

vantagem do que acontecera, já estava a uns cinco passos do lobo, pronto a cortar-lhe o passo. Como se pressentisse o perigo, a fera olhou de soslaio para Karai, colou a cauda ao ventre e forçou a marcha. Nessa altura Nicolau deu-se conta de que alguma coisa se estava a passar entre a fera e o cão. Num abrir e fechar de olhos. Karai caíra em cima do adversário e os dois foram rolar de cabeça num tremedal que se lhes abria adiante.

Foi para Nicolau um dos mais felizes momentos da sua vida aquele em que viu os dois animais chafurdando no barranco, o lombo grisalho do lobo a emergir da água, as patas traseiras entesadas, o focinho, de orelhas estiradas, que Karai abocanhava, aterrado e arquejante. Já se agarrava ao arção da sela, pronto a desmontar e acabar com o lobo, quando, de súbito, do meio da matilha, que acorrera, o focinho da fera se soergueu e as suas patas dianteiras surgiram no rebordo do barranco. O lobo arreganhou os dentes — Karai já lhe largara o cachaço —, ergueu-se, sobre as patas traseiras, fora do charco e depois, com o rabo entre as pernas, de novo liberto dos cães, ei-lo que dá às de vila-diogo. Por sua vez. Karai, o pêlo todo eriçado, contuso e ferido provavelmente, saiu também do fosso.

— Meu Deus! Que hei-de fazer? — exclamou Nicolau, desesperado.

O monteiro do tio surgiu a galopar, vindo de outro lado, para cortar o passo ao lobo, e de novo a fera se viu cercada pelos cães.

Nicolau, o seu estribeiro, o tio e o monteiro deste andavam à roda da matilha gritando «A boca!», prontos a desmontar de cada vez que o lobo assentava os quartos traseiros no solo, para de novo voltarem à perseguição assim que ele se refazia e tentava alcançar o matagal, onde estava o seu porto de salvamento.

Desde o principio da perseguição que Danilo ouvira os gritos dos caçadores e saíra da clareira. Vira o Karai enrolado com o lobo, e detivera a montada quando julgara tudo terminado. Mas como os caçadores não desmontavam, e o lobo, liberto dos seus inimigos, se preparava para fugir, ei-lo que lança o seu alazão, não contra a fera, mas em frente, na direcção da floresta, para assim, à imitação do que fizera Karai, lhe cortar a retirada. Graças a esta manobra caía a galope sobre o lobo no mesmo instante em que, pela segunda vez, os cães do tio o imobilizavam. Danilo galopava sem gritos, uma faca desembainhada ria mão esquerda, fustigando, rápido, os flancos tensos do cavalo.

Nicolau não vira nem ouvira nada de Danilo até ao momento em que o cavalo deste, arquejante, passou diante dele e em que sentiu como que a queda de um corpo e logo viu o monteiro, no meio dos cães, atacando o lobo pela retaguarda e tentando apanhá-lo pelas orelhas. Tomou-se evidente então, tanto para os cães como para os caçadores e para o próprio lobo, ser chegado o fim.

Assustada, de orelhas encolhidas, a fera tentou ainda soerguer-se, mas os cães assaltaram-na por todos os lados. Danilo, levantando-se, deu um passo a tropeçar e, com todo o peso do corpo, como se se deixasse cair na cama, precipitou-se sobre o animal, agarrando-o pelas orelhas. Nicolau quis atravessá-lo com a faca, mas Danilo murmurou-lhe:

— Não é preciso, vamos amarrá-lo vivo. — E, mudando de posição, assentou um pé no pescoço da fera. Introduziram-lhe uma estaca nas goelas, amarraram-lhe uma corda, como se lhe atassem um baraço, laçaram-lhe as patas e Danilo, por duas ou três vezes, virou-o de um lado para o outro.

De parecer sorridente, embora cansados, os caçadores carregaram o lobo vivo no dorso de um cavalo, que relinchava, assustado, e, entre os latidos da matilha, puseram-se a caminho do local onde fora combinado reunirem-se. Uns a pé, outros a cavalo, toda a gente veio ver a fera que, com a sua cabeçorra tombada e uma estaca atravessada nas goelas, olhava com os grandes olhos vítreos a turbamulta de cães e de homens que a rodeava. Quando alguém lhe tocava, um frémito lhe agitava os membros amarrados, e havia nela ao mesmo tempo qualquer coisa de simples e de selvagem. Também o conde Ilia Andreitch lhe quis tocar.

— Ena! Que grande lobo! É velho, não é? — perguntou a Danilo, de pé junto da fera.

— É, sim. Excelência — replicou este, desbarretando-se, ligeiro.

O conde lembrou-se do lobo que deixara fugir e da imprecação de Danilo.

— Estavas muito zangado comigo, hem, rapaz! — segredou-lhe.

Danilo não respondeu; limitou-se a sorrir timidamente, com um sorriso infantil, doce e agradável.

O velho conde voltou para casa; Natacha e Pétia prometeram não se demorar. Como ainda era cedo, a caçada prosseguiu. Por volta do meio-dia soltaram os cães no fundo de um barranco coberto de mato espesso. Nicolau ficou num campo de restolho, donde abrangia todos os caçadores.

Diante dele havia uma seara nova, e um pouco mais além, num fosso, estava escondido o seu monteiro, por trás de uma frondosa mata de aveleiras. Assim que soltaram os cães. Nicolau começou a ouvir, de quando em quando, o latido de um deles, conhecido seu. Era o Voltorn. Logo outros cães se lhe vieram juntar, ora calados, ora recomeçando os latidos. Momentos depois uma voz, lá do matagal, gritou: «Raposo à vista», e toda a matilha se lançou naquela direcção, afastando-se de Nicolau.

Este via os caçadores, com os seus gorros encarnados, galo— pando pela borda do barranco, no meio dos cães, e esperava a todo o momento ver surgir o raposo do outro lado do matagal, na seara nova. O caçador postado no fosso mudou de posição, soltando os cães, e foi ‘então que Nicolau viu um raposo cor de fogo, animal raro, de patas curtas, que, de rabo eriçado, dava às de vila-diogo através da seara. Os cães iam em cima dele. A medida que se aproximavam, o bicho ia descrevendo círculos, cada vez mais apertados, pelo meio da matilha, e a cauda sempre a arrastar pelo chão. Por fim caem sobre ele primeiro um cão branco, estranho, depois um preto, e tudo se confunde.

Finalmente, os cães param, formando um círculo, e assim ficam, quase imóveis, com os flancos voltados para o exterior. Dois caçadores lançam-se a galope para o campo de batalha: um, de barrete encarnado, o outro, desconhecido, de cafetã verde.

«Que vem a ser isto?», disse Nicolau de si para consigo. «Donde veio aquele caçador? Não é o monteiro do tio.»

Os caçadores acabaram com o raposo e durante algum tempo ali permaneceram. Em tomo deles viam-se os cavalos com as suas selas altas e os cães deitados no chão. Os caçadores gesticulavam, apontando para a raposo. A certa altura ressoa a trompa de caça, sinal de disputa.

— É um caçador dos Ilaguine — disse o estribeiro de Nicolau — que está a discutir com o nosso Ivã.

Nicolau deu ordem ao escudeiro para procurar Natacha e Pétia e encaminhou-se, a passo, para o local onde os monteiros concentravam os cães. Alguns dos

caçadores dirigiram-se para onde se dirimia o pleito.

Nicolau desmontou e deteve-se junto dos cães com Pétia e Natacha, acabados de chegar, aguardando o resultado da disputa.

O caçador que tomara parte na altercação apareceu na clareira do bosque com o raposo dependurado ria sela do seu cavalo e aproximou-se do jovem amo. De longe desbarretou-se, procurando manter uma atitude respeitosa; estava pálido, a cólera sufocava-o e no rosto pintava-se-lhe a ira. Tinha um dos olhos negros, mas parecia não dar por isso.

— Que foi? — perguntou Nicolau.

— Pois não querem ver que eles passam agora a caçar com os nossos cães? Quem filou o raposo foi a minha cadela cinzenta. Que se atreva a dizer o contrário! Queria apanhar-me o animal! Era o que mais faltava! Aqui o tem, o raposo dele. E se querem ver como elas mordem! — acrescentou, puxando pela — faca de caça, como se ainda estivesse perante o adversário.

Nicolau, sem lhe responder, pediu à irmã e a Pétia que o esperassem ali e encaminhou-se para o local onde estavam os caçadores de Ilaguine.

O monteiro vencedor juntou-se ao grupo dos seus camaradas e ali, no meio dos curiosos, relatou a sua façanha.

Eis o que acontecera. Ilaguine, com quem os Rostov andavam em demanda, costumava caçar nas terras pertença da família destes desde tempos imemoriais, e naquele dia, dir-se-ia de propósito, aproximara-se do local privativo onde caçava a gente do vizinho, consentindo que um dos seus monteiros seguisse o rasto do animal levantado pelos cães de Rostov. Nicolau, que nunca pusera os olhos em cima de Ilaguine, excessivo sempre nos seus juízos e sentimentos, tendo em vista o que sabia dos actos de violência e arbitrariedade de tal senhor, odiava-o cordialmente, considerando-o o mais figadal dos seus inimigos.

Em grande irritação, avançava apertando na mão, furioso, a sua chibata, decidido a recorrer aos actos mais enérgicos e perigosos.

Mal atingira a clareira da floresta, viu encaminhar-se para si um gordo cavalheiro de gorro de castor, montado num belo murzelo e ladeado por dois escudeiros.

Em lugar do inimigo com que contava, deparou-se-lhe em Ilaguine um senhor muito respeitável e cortês, assaz desejoso de conhecer o jovem conde. Assim que se aproximou levou a mão ao gorro, numa saudação, e imediatamente se pôs a

dizer quanto lamentava o sucedido, que mandaria castigar o monteiro que se atrevera a seguir o rasto de uma matilha alheia e que tinha muito prazer em travar relações com o moço, oferecendo-lhe, inclusivamente, as suas terras para nelas caçar.

Receando que o irmão cometesse alguma violência. Natacha seguira-o, de perto, muito emocionada. Ao ver os dois inimigos cumprimentarem-se amistosamente aproximou-se. Ilaguine saudou Natacha com um cumprimento ainda mais rasgado, e, sorrindo amavelmente, disse-lhe que a achava o perfeito retrato de Diana tanto na sua paixão pela caça como na sua beleza, de que, aliás, muito ouvira falar já.

Para reparar a falta do seu monteiro. Ilaguine pediu insistentemente a Rostov que se dignasse passar pelas suas tapadas, a uma versta dali, e, onde, segundo ele, as lebres abundavam.

Nicolau acedeu, e o grupo de caçadores, agora duplicado, prosseguiu o seu caminho.

Para se atingir o outeiro de Ilaguine era preciso atravessar os camp9s. Os monteiros haviam-se juntado e lado a lado os amos cavalgavam. O tio de Rostov e Ilaguine examinavam furtivamente os cães uns dos outros, procurando não serem mutuamente notados e sempre no receio de se lhes deparar algum exemplar melhor do que os seus próprios.

A Rostov impressionou-o sobretudo a beleza de uma das cadelas, não muito grande, de pura raça, fina, de músculos de aço, olhos negros à flor da pele, e malhas avermelhadas, que fazia parte da matilha de Ilaguine. Ouvira falar na fogosidade dos cães do vizinho e aquela linda cadela afigurava-se-lhe, de facto, rival digna da sua Milka.

No meio de uma conversa muito grave, encetada por Ilaguine, a respeito das colheitas daquele ano. Nicolau chamou-lhe a atenção para a cadela das malhas avermelhadas.

— Parece boa esta cadela — disse-lhe em tom despreocupado. — É fogosa?

— Aquela? Ah, sim, é um belo animal, e caça muito bem retorquiu Ilaguine com certa indiferença, se bem que, em troca da sua Erza, um ano antes, houvesse cedido a um vizinho três famílias de servos. — Então em sua casa, conde, também não foi grande coisa a colheita? — prosseguiu ele. E porque lhe parecia cortês pagar a gentileza ao jovem conde, pôs-se a examinar-lhe os cães, em especial

Milka, cujas amplas formas o haviam impressionado.

— Também ali tem um belo animal. É soberba a cadela das malhas pretas! — observou.

— Sim, não é má. Corre bem — replicou Nicolau.

«Se agora aqui nos aparecesse uma lebre velha eu te diria o que ela vale!», pensava ele, e, voltando-se para o escudeiro que o acompanhava, disse-lhe estar pronto a dar um rublo a quem lhe levantasse uma lebre, isto é, a quem a descobrisse na toca.

— Não consigo perceber porque é que os caçadores têm inveja do que os outros caçam ou dos cães que os outros possuem. Digo-lhe com toda a franqueza, conde, a mim o que me agrada é um bom passeio. Haverá alguma coisa melhor que uma boa companhia como esta? — De novo cumprimentou Natacha, tirando o barrete.— Lá isso de contar as peles das peças mortas nada me diz!

— Claro, claro.

— Ou pôr-se uma pessoa a discutir lá porque outro cão que não o seu apanhou uma peça de caça.., isso de modo nenhum. Para mim, desde que possa admirar o espectáculo de uma caçada é quanto basta. Não lhe parece que tenho razão, conde? Além disso, acho que...

«A ela! A ela!», gritou nesse momento um dos monteiros, estacando. Estava no alto de uma corcova, no meio do restolho, de látego no ar. E de novo voltou a despedir um grito prolongado: «A ela! A ela!» Este grito e o látego erguido queriam dizer que acabava de descobrir uma lebre na toca.

— Acho que farejou uma lebre — disse Ilaguine com indiferença. — Que lhe parece? Vamos a isto, conde?

— Acho que sim... Mas como? Juntos? — replicou Nicolau, relanceando um olhar a Erza e ao cão ruço do tio. Rugai, os dois rivais com os quais ainda não medira as forças da sua cadela,

«E se eles deixassem a minha Milka para trás?», cogitava, enquanto se encaminhava, na companhia de Ilaguine e do tio, ao encontro da lebre.

— É velha? — Inquiriu Ilaguine ao aproximar-se do caçador que descobrira a lebre. Depois, um, pouco agitado, afastou-se e assobiou a Erza.

— E então. Mikail Nikanoritch? — perguntou, dirigindo-se ao tio.

O tio cavalgava de cenho carregado.

«Para que hei-de eu meter-me nisto? Foram os seus cães.., então, muito bem,

vamos a isto! Cada cão lhe custou uma aldeia! Animais de mil rublos! Pois faça brilhar os seus, eu contentar-me-ei com a vista.»

— Rugai! Aqui, aqui! Rugaiuchka! — gritou, pondo nesse diminutivo toda a ternura e toda a esperança que o cachorro ruço lhe inspirava. Natacha, que dera conta da emoção secreta dos dois velhos e do irmão, compartilhava do mesmo sentimento.

O caçador continuava no alto da corcova, de látego no ar; os amos aproximavam-se a passo. Os cães, espalhados, farejavam, enquanto os caçadores convergiam de vários pontos. Todos avançavam lentamente e em silêncio.

— Onde está a lebre? — perguntou Nicolau, quando chegou o, uns cem passos do monteiro.

Porém, antes de este ter tempo de responder, a lebre, pressentindo o perigo, abandonara a sua toca e despedira numa carreira. A matilha inteira precipitou-se atrás dela. Toda a partida — por um lado, os picadores, contendo os cães, gritando-lhes: «Alto!», e, pelo outro, os monteiros açulando os galgos: «A boca!»—, depois de se agrupar, meteu a trote em direcção ao campo. O impassível Ilaguine. Nicolau. Natacha, e o tio cavalgavam sem saber para onde, diante deles apenas os cães e a lebre, procurando não perder, por um instante que fosse, o espectáculo da caçada. A lebre era velha e veloz. Depois de cada salto detinha-se e alçava as orelhas, atenta aos gritos e ao trotar dos cavalos que subitamente principiaram a ouvir-se de todos os lados. Tendo dado uns dez pulos sem grandes pressas, deixando aproximar os cães, escolheu a direcção e, consciente do perigo, repuxou as orelhas para trás e despediu a toda a brida. Conseguira meter-se no restolho, mas diante dela estendia-se a seara nova, onde o terreno era lamacento. Os dois cães do caçador que levantara a lebre, mais próximos dela do que os outros, foram os primeiros a persegui-la. Mas não tinham corrido muito quando surgiu a cadela de Ilaguine. Erza, a das malhas avermelhadas. A poucos passos da lebre, e na Intenção de lhe ferrar os dentes na cauda, largada a toda a velocidade, formou um pulo, mas veio rolar no solo de pernas para o ar. A lebre arqueou o lombo e rompeu numa carreira ainda mais veloz. Atrás da Erza apareceu a cadela de malhas pretas, a Milka, a das ancas largas, que dentro de pouco ganhava terreno sobre a lebre.

— Miluchka! Pequenina! — gritava Nicolau, vitorioso. Dir-se-ia que Milka ia apanhar a lebre e cair-lhe em cima, mas logo a ultrapassou, sendo precipitada

mais longe. A lebre agachara-se, e de novo a linda Erza se lançou atrás dela, e, mesmo colada à sua cauda, dir-se-ía tomar precauções para que desta vez se não enganasse ao ferrar-lhe os dentes na perna traseira.

— Erzauska! Pequenina! — gritava Ilaguine, numa voz suplicante, e completamente modificada. Mas Erza não ouvia as palavras do dono. Precisamente no momento em que se preparava para abocanhar a lebre, esta deu uma guinada e veio surgir na linha que separava o restolho da seara. Erza e Milka, como uma parelha de cavalos atrelados, seguiam, lado a lado, ao longo da pista. Ali a lebre estava mais à vontade e os cães não a podiam bater em velocidade.

— Rugai. Rugaiuclika! Muito bem, vamos a isto! — gritou naquela altura ainda uma nova voz, e Rugai, o cão ruço e corcunda do tio, estiraçando-se e arqueando o lombo, como que movido por uma mola, alcançou as duas cadelas. Depois passou-lhes adiante, e num grande esforço colou-se à própria lebre, obrigando-a a mudar de direcção e a meter pelo meio da seara nova. Perseguiu-a ainda mais encarniçadamente ao longo desses campos lamacentos, enterrando-se até ao ventre. De súbito virou os pés por cima da cabeça e rolou com a presa no meio da lama. Então os outros cães rodearam-no, formando uma estrela. Num abrir e fechar de olhos, toda a gente veio juntar-se à volta dos cães. O tio, o único caçador contente, saltou do cavalo e, pegando na lebre, acabou com ela. Sacudia-a para que o sangue corresse enquanto olhava emocionado para a direita e para a esquerda, rolando as pupilas, sem saber que destino dar às mãos e aos pés e balbuciando palavras sem nexo: «Claro! Muito bem! Vamos a isto! Isto é que é um cão! Chegou para todos, até para os de mil rublos... Muito bem! Vamos a isto!» Sufocava e rolava os olhos com fúria, como se injuriasse alguém, como se toda a gente lhe tivesse azar, como se o houvessem ofendido e só agora lhe fosse dado vingar-se. «Pois aí têm para que servem os cães de mil rublos; muito bem! Vamos a isto!»

— Rugai. Toma, toma lá! — gritou atirando ao cão uma das patas da lebre, mascarrada de terra. — Bem a mereces! Muito bem; vamos a isto!

— Estava muito cansada! Já tinha corrido hoje três vezes — dizia Nicolau, que também não ouvia o que se dizia nem se importava com que o não ouvissem.

— Essa é boa! Atravessou-se-lhe no caminho! — acorreu o monteiro de Ilaguine.

— Assim era fácil; desde que o primeiro a deixou escapar, qualquer fraldiqueiro a teria apanhado — pôs-se a dizer Ilaguine, muito corado, arquejante, quase sem fôlego, mercê da carreira e da emoção. Por sua vez. Natacha, sufocada, soltava gritos de alegria e de entusiasmo tão agudos que vibravam nos ouvidos. Era a sua maneira de traduzir o que os caçadores exprimiam com palavras. E tão selvagens eram os seus gritos que em qualquer outra circunstância ela própria se sentiria envergonhada de os soltar e os outros não teriam podido deixar de ficar surpreendidos. O tio amarrou a lebre à sela do seu cavalo, com um ar desembaraçado e folgazão, estendeu-a sobre a garupa, como se com tal gesto quisesse censurar qualquer coisa aos companheiros e como se a ninguém quisesse falar saltou para a montada e abalou. Todos os demais, tristonhos e arreliados, acabaram por se separar sem ter podido recuperar o aspecto de afectada indiferença que anteriormente mostravam. Por muito tempo foram seguindo com o olhar o perro ruço e corcunda, que, de lombo coberto de lama e sacudindo a coleira, prosseguia o seu caminho entre as patas do cavalo do amo com ar sereno e triunfador.

«Que diabo! Sou como qualquer outro quando se não trata de perseguir uma peça de caça. Caso contrário, cautela comigo!» Era isto, pelo menos, o que Nicolau julgava depreender da atitude de Rugai.

Quando daí a pouco o tio se aproximou de Nicolau, este não pôde deixar de se sentir lisonjeado pelo facto de ele se dignar dirigir-lhe a palavra depois de tudo o que se passara.

[VII]

Pela noite, quando Ilaguine se despediu de Nicolau, este encontrava-se tão longe de Otradnoie que aceitou o convite do tio para se instalar com a sua gente lá em casa, na sua aldeia de Mikailovka, e aí passarem o serão.

— Era melhor que viessem para minha casa; muito bem, vamos a isto! — disse-lhe ele. — O tempo está húmido, podiam descansar e a condessita voltaria para a quinta de carro.

Aceitaram a proposta, enviaram um caçador a Otradnoie buscar transporte e

os três irmãos lá se dirigiram para casa do tio. Cinco criados, entre moços e velhos, acorreram, ao alto da escada principal, a receber o amo. Na escada de serviço juntaram-se dezenas de mulheres, de todas as idades e de todos os tamanhos, espreitando a chegada dos caçadores. A presença de Natacha, uma senhora, e uma senhora a cavalo, despertou tamanha curiosidade nos criados que muitos deles, sem cerimónia, se aproximaram dela, para a olharem de perto, e sobre ela se puseram a fazer observações, como se ela fosse um desses fenómenos de feira que, não sendo criatura humana, não ouve nem percebe o que dizem a seu respeito.

— Arrinka, olha para ela sentada de esguelha! Está sentada e tem a saia caída por ela abaixo.., e também tem uma trompa! — Santo Deus, e a faca que ela tem!

— Parece uma tártara

— E como é que tu não caíste? — perguntou uma mais atrevida, dirigindo-se directamente a Natacha.

O tio desmontou em frente da escada principal da sua casa rodeada de verdura e, lançando um olhar aos criados, gritou-lhes, autoritariamente, que se fossem os que ali não faziam falta e que preparassem as coisas para receber os convidados e os caçadores.

Todos dispersaram. O tio ajudou Natacha a desmontar e ofereceu-lhe a mão para ela subir os degraus pouco firmes da escada de madeira. A casa, de vigas à vista e paredes sem reboco, não era de um asseio por aí além. Via-se que os seus habitantes pouco se preocupavam com a limpeza. No entanto não se podia dizer que o enxovalho fosse grande. No vestíbulo, de cujas paredes pendiam peles de lobo e de raposa, cheirava a maçãs frescas.

O tio conduziu os seus convidados através de um salita onde havia uma mesa de desarmar e cadeiras de mogno, depois fê-los entrar numa sala mobilada com uma mesinha redonda de bétula e um divã e por fim no gabinete de trabalho, com o seu canapé esfarrapado, o seu tapete coçado e as suas paredes decoradas com os retratos de Suvorov, dos pais do proprietário e do próprio, fardado de militar. Cheirava ali muito a tabaco e a cães. O tio disse-lhes que se sentassem e que estivessem à vontade como em sua própria casa e saiu da sala. Rugai, ainda coberto de lama, não tardou a entrar também, indo aninhar-se debaixo do divã, onde se pós a lamber-se. Do gabinete partia um corredor em que se via um biombo de estofo esfarrapado. Por detrás desse biombo ouviam-se risos e vozes de mulher. Natacha. Nicolau e Pétia desembaraçaram-se dos seus equipamentos de

caça e sentaram-se no divã. Pétia, com a cabeça encostada ao braço, não tardou a adormecer; Natacha e Nicolau ficaram calados. Com a cara afogueada, morriam de fome, mas sentiam-se alegres. Entreolhavam-se. Uma vez a caçada finda. Nicolau achava desnecessário continuar a manter perante a irmã a sua superioridade de homem. Natacha piscou-lhe o olho, e os dois, sem poderem conter-se, romperam em grandes gargalhadas antes mesmo de encontrarem um motivo que justificasse o riso.

Daí a pouco voltava o tio, de sobrecasaca, calça azul e botas de meio cano. E Natacha percebeu que aquele trajo, que tanto a surpreendera e lhe despertara tamanha troça certo dia em que vira o tio assim vestido em Otradnoie, não era afinal nem pior nem melhor que o redingote e o fraque. O velho também estava muito alegre; não só não se ofendeu com as gargalhadas dos dois irmãos, pois lhe não passava pela cabeça que eles se rissem da sua maneira de vestir, como se juntou a eles e riu também.

— Muito bem, menina condessa, muito bem! Vamos a isto! Nunca na minha vida vi uma menina assim — disse, oferecendo a Rostov um cachimbo de comprido pipo e tomando para si outro de pipo mais curto, que enchia com três dedos, conforme o seu costume. — Todo o dia a cavalo como um homem, ninguém diria!

Entrementes, uma criada, naturalmente descalça, a avaliar pelo som abafado dos passos, abriu a porta e uma formosa quarentona, cheia, de duplo queixo, lábios vermelhos e grossos, entrou no gabinete com uma bandeja cheia de iguarias. Com ar hospitaleiro e gestos afáveis, observou os convidados enquanto os saudava respeitosamente com um sorriso cordial. Apesar da rotundidade invulgar, que a obrigava a empinar o seio e o ventre e a manter a cabeça inclinada para trás, esta mulher, a governanta do tio, tinha um andar muito leve. Aproximou-se da mesa, colocou sobre ela a bandeja, e habilmente, com as suas mãos brancas e rechonchudas, pôs-se a retirar dela, o que fez num abrir e fechar de olhos, as garrafas, os zakuskis e outras iguarias. Feito isto, afastou-se e, com um sorriso nos lábios, deixou-se ficar no limiar da porta. «Aqui têm! E agora compreendes o teu tio?», parecia dizer a Rostov aquela aparição. Como não compreendê-lo? Não só Rostov, como a própria Natacha, compreendiam o tio e o que significavam aquelas suas sobrancelhas um pouco altivas e aquele seu sorriso feliz e satisfeito que lhe perpassava pelos lábios quando entrara Aníssia Fiodorovna. A bandeia trouxera vodka, licores, cogumelos em vinagre, folhados de trigo, mel cozido e espumoso,

maçãs, nozes frescas e torradas e nozes com mel. Aníssia Fiodorovna voltou a sair e depôs ainda em cima da mesa marmelada com mel e açúcar, presunto e um frango acabado de sair do forno.

Tudo isto fora cuidado e preparado por Anissia Fiodorovna. Tudo sabia, por assim dizer, a Aníssia Fiodorovna e tinha a sua frescura, o seu asseio, a sua brancura e o seu agradável sorriso.

— Coma, menina condessinha — disse ela, enquanto ia oferecendo a Natacha agora isto, logo aquilo.

Natacha de tudo comeu e parecia-lhe nunca ter visto nem comido tão bons folhados, tão perfumada marmelada, tão boas nozes com mel e um frango tão apetitoso. Aníssia Fiodorovna saiu.

Rostov e o tio beberam licor de cerejas enquanto iam falando de caçadas, de Rugai, dos cães de Ilaguine. Natacha, de olhos brilhantíssimos, mantinha-se muito direita no divã e escutava-os. Por várias vezes tentara acordar Pétia, para que ele comesse alguma coisa, mas este apenas soltara palavras ininteligíveis, sem conseguir despertar. Natacha estava tão alegre e sentia-se tão bem naquele meio novo para ela que só receava ouvir chegar cedo de mais os drojkis que a viriam buscar. Depois de um momento de silêncio inesperado, como costuma acontecer em casa daqueles que recebem pela primeira vez pessoas conhecidas, o tio disse, como se respondesse ao pensamento íntimo dos seus hóspedes:

— E aqui têm como vou acabando os meus dias... Depois de uma pessoa morrer, muito bem, vamos a isto? Acaba-se tudo! Então para que há-de a gente ser infeliz?

Muito expressiva era a cara do tio! Dir-se-ia quase belo ao dizer estas palavras. Ao espírito de Rostov acorreu então o bem que o pai e os vizinhos diziam dele. Em todo o distrito gozava da reputação do mais desinteressado e do mais nobre dos homens. Era chamado para servir de árbitro nas questões de família, davam-no como executor testamentário, confiavam-lhe segredos, tinham-no eleito para o cargo de juiz e ainda para outras funções, mas ele recusara aceitar qualquer emprego público. Passava os meses de Outono e da Primavera a percorrer os campos no seu alazão, no Inverno deixava-se ficar em casa e no Verão estendia-se à sombra das árvores no seu frondoso jardim.

— Porque não presta o tio serviço no exército?

— Fui funcionário, mas depois deixei-me disso. Essas coisas não são para mim,

muito bem, vamos a isto! De nada percebo. Isso é bom para vocês. Seria perder o meti latim! Lá a caça é outra cantiga, muito bem, vamos a isto! Abram a porta - gritou.— Para que a fecharam?

A porta, no extremo do corredor, a que o tio chamava o «colidor», abria para o cubículo dos caçadores, que tal era o nome dado à habitação do pessoal servo das caçadas.

Ouviram-se uns pés descalços que caminhavam apressadamente e uma mão invisível abriu a porta do cubículo dos caçadores. Do corredor chegavam, nítidas, as notas de uma balalaíka, tocada, evidentemente, por um virtuoso na sua arte. Havia algum tempo já que Natacha prestava ouvidos àquela música e saiu para o corredor para melhor a ouvir.

— É o meu cocheiro, o Mitka... Comprei-lhe uma rica balalaika. Gosto muito! — disse o tio.

Era costume de Mitka, depois de uma caçada, pôr-se a tocar no seu instrumento no cubículo dos caçadores. O tio apreciava muito ouvi-lo,

— Mas que bem! Francamente toca muito bem! — disse Nicolau um pouco desprendidamente, como que envergonhado de confessar que aquela música lhe agradava.

— Toca bem! — exclamou Natacha, ofendida com o tom do irmão — Mas é um encanto!

Assim como os cogumelos, o mel e os licores do tio se lhe haviam afigurado os melhores do mundo, a canção que ouvia era para ela o supra-sumo da arte musical.

— Continue, peço-lhe, continue — suplicou ela, da porta, quando o instrumento emudeceu. Mitka afinou a balalaika e atacou de novo as notas da Barínia (A Senhora. É uma antiga canção popular. (N, dos T.), com variações e matizes. O tio escutava de cabeça inclinada e um leve sorriso nos lábios. O tema da Barinia repetiu-se um ror de vezes. Por várias vezes se puseram a afinar o instrumento e de novo voltava a mesma ária, sem cansar o auditório, que continuava a pedi-la. Aníssia Fiodorovna apareceu e apoiou-se pesadamente à ombreira da porta (Atitude habitual dos criados na presença dos senhores. (N, dos T.).

— Está a ouvir? — perguntou a Natacha, com um sorriso dir-se-ia decalcado do do amo. — Ah, que bem que toca!

— Esta passagem não a toca bem! — exclamou o tio, de súbito, fazendo um

gesto enérgico.— Ali é preciso um trinado, sim, muito bem, vamos a isto! É preciso um trinado!...

— Sabe tocar? — perguntou Natacha.

O tio sorriu e não respondeu.

— Vai. Anissiuska, vai ver se a minha guitarra tem cordas. Há muito tempo que não toco, muito bem, vamos a isto! Tinha-a posto de lado.

Aníssia Fiodorovna deu-se pressa, com o seu passo ligeiro, em dar cumprimento à ordem do amo, e apareceu com a guitarra.

O tio, sem cerimónias, soprou o pó do instrumento, bateu com os dedos ossudos na caixa, afinou-o e instalou-se na poltrona. Num gesto algo teatral, com o cotovelo esquerdo afastado do corpo, agarrou na guitarra pelo alto do braço e, depois de ter piscado o olho a Aníssia Fiodorovna, em vez de atacar as notas da Barinia, após um acorde sonoro e puro, pôs-se a trinar, tranquilo, lentamente e com mão segura, uma melodia muito serena, a conhecida canção Pela Estrada Empedrada. Nicolau e Natacha sentiram vibrar na sua alma em uníssono e com alegria o tema daquela canção — a alegria que respirava todo o ser de Aníssia Fiodorovna. A governanta ficou toda corada e, escondendo a cara no lenço, abalou sem deixar de sorrir.

O tio continuava a tocar com energia, precisão e firmeza, lançando um olhar inspirado para o lugar onde estivera Aníssia Fiodorovna. Um vago sorriso lhe irradiava da cara e do bigode grisalho, acentuando-se à medida que a canção prosseguia, que acelerava o ritmo e se tornava mais emocionante em certos passos.

— É maravilhoso, é maravilhoso, tio! Mais, mais! — exclamou Natacha, quando ele acabou. Saltando do divã, lançou os braços à volta do pescoço do tio e beijou-o. — Nikolenka! Nikolenka! acrescentou, voltando-se para o irmão, como a dizer-lhe: «Que tal?»

Nicolau também estava encantado. O tio atacou de novo a canção. O rosto sorridente de Aníssia Fiodorovna apareceu outra vez à porta e atrás dela outras caras.

Espera, espera, rapariga,
grita ele quando ela à fonte vai.

E uma nova variação lhe brotou dos dedos, rematando num acorde que ele acompanhou com um movimento de ombros.

— Continue, continue, querido tio! — suplicou Natacha, tão implorativamente que dir-se-ia a sua vida correr perigo.

O tio levantou-se e então foi como se houvesse nele dois homens: um, sério, que sorria ao alegre companheiro, e o outro, o folião, que se entregava a ingénuas momices antes de principiar a dançar.

— Anda, sobrinha! — gritou. E, com um movimento da mão, feriu um acorde.

Natacha tirou o lenço, colocou-se diante do tio, e com as mãos na cinta, à espera, fez um movimento de ombros.

Onde, quando e como é que aquela condessinha, educada por uma emigrada francesa, pudera, apenas em contacto com o ar russo que respirava, assimilar aquele à-vontade, aquelas maneiras que o pas de châle de há muito deveria ter anulado? Mas a verdade é que Natacha fez precisamente os gestos e tomou as atitudes inimitáveis, não aprendidas, lidimamente russas, que o tio esperava dela. Assim que ela se plantou diante do tio,' com a sua expressão sorridente de confiança em si própria e de malícia, o receio que se apossara de Nicolau e dos demais assistentes, que a, julgaram incapaz de chegar ao fim, desapareceu, e todos se puseram a admirá-la. Tão bem se saiu que Aníssia Fiodorovna, que lhe passara logo o xale indispensável aos meneios, se pôs a rir com as lágrimas nos olhos diante daquela menina delgada, graciosa, tão diferente dela em tudo, criada no meio das sedas e dos veludos, e que tão bem sabia exprimir a sua própria alma, dela. Aníssia Fiodorovna, e a do pai de Aníssia e a de sua tia e a de sua mãe, e a de cada russo em particular.

— Muito bem, condessinha, muito bem, vamos a isto! — exclamou o tio, rindo, assim que a dança acabou.— Bravo, minha sobrinha! Agora só precisas de arranjar um bom marido, muito bem, vamos a isto!

— Já o arranjou! — disse Nicolau, a sorrir.

— Hem! — voltou o tio, surpreendido e interrogando-a com o olhar. Natacha, com um sorriso feliz, acenou afirmativamente com a cabeça.

— E que marido! — exclamou ela. Mas assim que acabara de pronunciar estas palavras, outras ideias e outros sentimentos tomaram conta dela. «Que queria dizer o sorriso de Nicolau quando exclamara: 'Já o arranjou!' Gostará ou não deste casamento? Dir-se-ia querer dizer que o meu Bolkonski não aprovaria, não

compreenderia a nossa alegria. Engana-se, compreenderia tudo. Onde estará ele neste momento?» E, de súbito, uma grande tristeza se lhe pintou no rosto. Por pouco tempo, porém. «Não pensemos nisto! Não tenho que pensar nisto!», disse de si para consigo, e, retomando o seu sorriso, veio sentar-se de novo ao lado do tio, para lhe pedir que tocasse mais alguma coisa.

O tio tocou outra canção e uma valsa, e depois de um silêncio tossicou e pôs-se a entoar a sua canção de caça preferida:

Como ela caía
A neve pela noite...

Cantava, como o povo costuma cantar, com a mesma inocente certeza de que todo o sentido da canção está nas palavras, que a melodia se lhe vem juntar por si, naturalmente, e que por si própria não existe, apenas serve para reger a cadência. É essa a razão por que aquele canto, tão inconsciente, por assim dizer, como o de uma ave, era tão belo na voz do tio. Natacha, fora de si, decidiu ali mesmo que não continuaria a estudar harpa e que queria aprender a tocar guitarra. Pediu ao tio que lhe emprestasse o instrumento e pôs-se imediatamente a dedilhar uma canção.

Às dez da noite chegaram uma lineika, alguns drojkis (A linelka é um carro de dois lugares, cuja caixa abre de lado; droikis é o nome que têm geralmente os carros de passeio. (N, dos T.) e três cavaleiros que vinham buscar Natacha e Pétia. O conde e a condessa, que não sabiam onde eles paravam, estavam inquietos, no dizer dos homens.

Pegaram em Pétia, mesmo a dormir, e deitaram-no, como morto, na lineika. Natacha e Nicolau instalaram-se num dos drojkis. O tio enrolou a sobrinha em cobertores e despediu-se dela com grande ternura. Acompanhou-os a pé até à ponte, que precisavam de contornar para passar a vau, e deu ordem aos monteiros que fossem adiante com lanternas.

— Adeus, minha querida sobrinha — gritou-lhe, na obscuridade. E a sua voz não era a voz de todos os dias, mas a voz que tinha quando entoava a sua canção:

Como ela caía
A neve pela noite...

Na aldeia, que atravessaram, havia muitas luzes vermelhas e cheirava ao bom aroma do fumo das lareiras.

— Que tio encantador! — exclamou Natacha, quando principiaram a rolar na estrada real.

— É verdade — replicou Nicolau. — Não tens frio?

— Não, estou muito bem, muito bem. Sinto-me tão bem! volveu ela, como que surpreendida com o bem-estar que sentia. Por muito tempo foram calados. A noite estava escura e húmida. Não se viam os cavalos, ouvia-se-lhes apenas o tropear na lama invisível.

Que se passava naquela alma impressionável de criança, pronta a reflectir e a assimilar tão avidamente as impressões mais diversas? Como é que tudo isso se organizava dentro dela? Fosse como fosse, sentia-se muito feliz. Quando se aproximaram de casa, subitamente, pôs-se a trautear a canção: «Como ela caía... », a qual viera procurando de memória todo o percurso e que finalmente aprendera.

— Apanhaste-la afinal! — disse-lhe Nicolau.

— Em que estavas a pensar agora. Nikolenka? — perguntou Natacha.

Às vezes gostavam de fazer um ao outro esta pergunta imprevista.

— Eu? — balbuciou Nicolau. — Pois seja! Primeiro pensei que o Rugai, o cão ruço, se parece com o tio, e que, se ele fosse homem e o tio cão, o teria sempre em casa, senão para caçar, para seu regalo. Nunca o largaria. Que bom carácter aquele tio! Não achas? E tu, em que estavas a pensar?

— Eu? Espera aí. Ah, sim, ia sei, primeiro pensei: ora aqui vamos nós de carro como se fôssemos para casa, mas não vamos; só Deus sabe para onde, por este negrume, e de repente eis que chegamos, não a Otradnoie mas a um país encantado. Depois pensei... Não, em nada mais pensei...

— Sei, tenho a certeza de que pensaste nele — acrescentou Nicolau, com um sorriso, que assim pelo menos se afigurava a Natacha graças à entoação da voz nas trevas.

— Não — replicou ela, embora, efectivamente, houvesse pensado no príncipe André ao perguntar-se a si própria se o tio seria homem para lhe agradar a ele. — E todo o caminho tenho vindo a dizer: que boa aquela Anissiuska, como ela sabe... — E Nicolau adivinhava, na obscuridade, o riso sem razão de Natacha, sonoro e

feliz. — Queres saber? — continuou ela, de súbito. Sinto que nunca mais hei-de voltar a ser tão feliz, tão tranquila, como neste momento.

— Que tolice! — exclamou Nicolau, enquanto pensava: «Que encantadora esta Natacha! Nunca tive nem nunca terei uma amiga como ela! Para que há-de ela casar? Poderíamos andar sempre os dois juntos!»

«Que encantador este Nicolau!», pensava Natacha, pelo seu lado.

— Olha, ainda há luz no salão — disse ela, apontando para as janelas que brilhavam na obscuridade húmida e aveludada da noite.

[VIII]

O conde Ilia Andreitch renunciara às suas funç5es de marechal da nobreza porque isso lhe acarretava grossas despesas. No entanto, as suas finanças não davam mostras de melhorar. Por vezes. Natacha e Nicolau surpreendiam os pais em conversas secretas e inquietantes e acabaram por perceber tratar-se da venda do rico património senhorial dos Rostov em Moscovo e da propriedade nas imediações da capital. Desde que se demitira do seu cargo, o conde já não precisava de oferecer grandes recepções e a vida de Otradnoie tomou-se mais sossegada do que rios anos anteriores. Nem por isso, contudo, a enorme casa e os pavilhões anexos tinham menos gente. A mesa juntavam-se todos os dias mais de vinte convivas: familiares, gente da casa, como que da família, ou então pessoas que dir-se-ia não poderem deixar de lá viver. Era o caso de Dimmler, o músico, e de sua mulher, o do mestre de dança Vogel e de toda a sua família, o da velha solteirona Bielovna e o de muitos outros ainda, como os preceptores de Pétia e uma antiga preceptora das meninas ou, então, nada mais nada menos que os indivíduos que achavam muito mais prático viver em casa do conde que na sua própria. É certo não haver tão grandes reuniões como outrora, mas o trem de vida mantinha-se o mesmo, e o conde e a condessa pareciam não saber viver de outra maneira. Conservavam sempre o mesmo pessoal das caçadas, que Nicolau ainda aumentara, na cocheira lá estavam sempre os mesmos cinquenta cavalos e os seus quinze cocheiros, e eram sempre os mesmos ricos presentes pelos aniversários e os mesmos banquetes de gala em tais ocasiões, com , presença de toda a gente das

vizinhanças, e as mesmas partidas de whist ou de boston, em que o conde habitualmente mostrava as cartas a todos os parceiros, donde resultava os vizinhos de lugar o aliviarem regularmente de algumas centenas de rublos, considerando, por isso mesmo, fonte de receita muito vantajosa aquelas partidas de cartas do conde Ilia Andreitch.

O conde caminhava às cegas pelo meio da imensa rede dos seus embaraços financeiros, procurando convencer-se de que não se enredava e comprometendo-se cada vez mais. Não tinha ânimo quer para romper com aquela rede, quer para tomar disposições sábias e pacientes próprias para acabar com ela. A condessa, no fundo do seu coração amantíssimo, pressentia a ruína dos seus filhos, dizendo de si para consigo que o conde não era culpado, que não podia ser de outra maneira, que ele próprio sofria, embora o escondesse, por causa daquela situação deplorável, tanto para ela como para os seus, e lã ia procurando uma solução. Do seu ponto de vista de mulher, só uma se lhe oferecia: casar Nicolau com uma herdeira rica.

Eis a sua última esperança, ciente de que se Nicolau recusasse o partido que ela lhe propunha seria necessário renunciar para sempre a restabelecer a situação. Esse partido era nem mais nem menos que Júlia Karaguine, filha de excelentes e virtuosos pais, íntima de Rostov desde criança e presentemente rica herdeira à espera de noivo por virtude do falecimento de seu último irmão.

A condessa escreveu directamente, para Moscovo, a Madame Karaguine, falando-lhe deste projecto, e recebeu resposta favorável. Madame Karaguine dizia-lhe que pela sua parte estava de acordo, mas que tudo dependia das inclinações de sua filha. Convidava Nicolau a ir a Moscovo.

Por várias vezes a condessa, com lágrimas na voz, dissera ao filho que, neste momento, em que suas irmãs estavam arrumadas, o seu único desejo seria vê-lo casado. Garantira-lhe que morreria descansada se isso acontecesse. E acrescentara depois que já lançara as suas vistas sobre uma encantadora rapariga desejosa de saber o que Nicolau pensava do caso.

Aproveitando certas ocasiões fizera o elogio de Júlia e aconselhara Nicolau a que fosse a Moscovo, para se distrair, aquando das festas do Natal. Nicolau, que facilmente adivinhara a intenção da mãe, obrigou-a um dia a explicar-se com toda a franqueza. A mãe declarou-lhe que a única esperança no restabelecimento da fortuna dos seus assentava agora no casamento dele com Mademoiselle

Karaguine.

— Com que então, mãe, se eu gostasse de uma menina sem fortuna, eras capaz de me obrigar a sacrificar o meu amor e a minha palavra por causa do dinheiro? — disse ele à condessa, sem se dar conta da crueldade da pergunta e apenas na intenção de mostrar a sua nobreza de sentimentos.

— Ainda me não compreendeste — volveu-lhe a mãe, que não sabia como justificar-se.— Não me compreendeste. Nikolenka. O que desejo é a tua felicidade. — Falando assim ela sabia muitíssimo bem que não dizia a verdade. E por isso, muito perturbada, rompeu a chorar.

— Mãe, não chore, basta que me diga ser isso o que quer de mim, e fique certa de que estarei pronto a dar a minha vida, que estarei pronto a tudo para a ver satisfeita. Tudo sacrificarei por si, inclusivamente os meus sentimentos.

Mas a condessa não o ouvia. Não lhe pedia que se sacrificasse. Era ela quem teria querido sacrificar-se por ele.

— Não, não me compreendeste, não falemos mais nisso — disse ela enxugando as lágrimas.

«Si, posso gostar de uma rapariga pobre», dizia Nicolau para si mesmo, «e então será preciso que eu sacrifique ao dinheiro os meus sentimentos e a minha palavra. Custa-me a crer que minha mãe me tenha proposto uma coisa destas. Lá porque Sónia é pobre, já a não posso amar, não posso corresponder ao seu amor fiel e devotado? E por certo serei mais feliz com ela que com essa espécie de boneca que é a tal Júlia. Sacrificar os meus sentimentos, eis o que estou pronto a fazer por amor de meus pais, mas o que não posso é anulá-los. Se amo Sónia, este amor, para mim, está mais alto e é mais forte do que tudo o mais.»

Nicolau não partiu para Moscovo, a condessa nunca mais lhe falou no casamento, e contristada e, às vezes, inclusivamente encolerizada, observava a intimidade cada vez maior entre o filho e Sónia, menina sem dote. Embora se censurasse a si própria, não podia evitar certos azedumes para com Sónia e certas quezílias com ela, interpelando-a sem motivo e tratando-a por «senhora» e «minha querida». E o que mais irritava a boa condessa era o facto de esta pobre sobrinha sua, de olhos pretos, ser tão meiga, tão boa, tão dedicada e tão reconhecida para com os seus benfeitores e tão fiel, tão constante, tão desinteressada no seu amor por Nicolau que em verdade era impossível censurar-

lhe fosse o que fosse.

Nicolau estava a chegar ao termo da sua licença em casa dos pais. Recebera-se do príncipe André uma nova carta — a quarta —, esta de Roma, onde ele dizia que desde há muito devia estar de regresso, caso não tivesse acontecido, inopinadamente e em virtude do clima quente, ter-se-lhe aberto a ferida, o que forçava a adiar a partida até ao princípio do ano próximo.

Natacha ainda estava enamorada do noivo, a certeza de ser amada sossegava-lhe a imaginação e continuava a mostrar-se acessível a todas as alegrias da vida. A verdade, porém, é que, após o quarto mês de separação, era tomada por momentos de tristeza contra os quais não sabia lutar. Tinha pena de si própria, lamentava todo aquele tempo perdido sem proveito para ninguém, quando era certo sentir-se capaz de amar e de ser amada. Na casa dos Rostov a alegria acabara.

[IX]

Chegaram as festividades do Natal (Pelo Natal, na Rússia, havia o costume de bandos mascarados visitarem amigos e parentes. (N, dos T.), e, à excepção da missa solene, das felicitações rituais e enfadonhas, dos vizinhos e dos criados, dos trajos novos que toda a gente estreara, nada de especial assinalou essa quadra. No entanto, com aquele frio de 2OO abaixo de zero, sem vento, aquele dia de um sol claro, resplandecente, e aquela noite de Inverno picada de estrelas, era impossível não se sentir a necessidade de celebrar a data fosse como fosse.

No terceiro dia das festas, depois do jantar, cada um retirou-se para os seus aposentos. Foi o momento mais enfadonho da jornada. Nicolau, que nessa manhã andara em visita aos amigos da vizinhança, adormecera na sala do divã. O velho conde descansava no seu gabinete. No salão, em tomo da mesa redonda. Sónia copiava um desenho e a condessa fazia uma paciência. Nastásia Ivanovna, o bufão, sentara-se, de cariz triste, ao pé da janela, com duas velhinhas. Natacha entrou na sala, foi direita u Sónia, deitou os olhos ao trabalho que ela tinha entre mãos e acercou-se da mãe, junto do, qual se deixou ficar parada, sem abrir a boca.

— Que andas tu para aí a fazer como uma alma penada? — disse-lhe a mãe —

De que precisas?

— Preciso «dele»., e já, preciso dele neste mesmo instante — replicou Natacha, os olhos brilhantes e uma expressão muito séria.

A condessa abriu os olhos e fitou a filha atentamente.

— Não olhe para mim, mãe, não olhe para mim, ou ponho-me a chorar imediatamente.

— Senta-te ao pé de mim.

— Mãe é dele que eu preciso. Que ando eu para aqui a fazer, mãe?

Suspendeu-se-lhe a voz, os olhos encheram-se-lhe de lágrimas, e para escondê-las deu-se pressa em voltar a cara e sair. Penetrou no seu quarto, hesitou um momento, reflectindo, e dirigiu-se para a dependência, do pessoal. Uma criada idosa repreendia uma moça que acabava de entrar, tiritando de frio, vinda das dependências dos criados.

— Basta, de divertimentos — dizia a velha. — Há tempo para tudo.

— Deixa-a. Kondratievna — interveio Natacha. — Vai, anda, vai. Mavrucha.

Depois de Mavrucha em liberdade. Natacha atravessou o salão e dirigiu-se ao vestíbulo. Um velho e dois lacaios moços jogavam as cartas. Ao vê-la chegar suspenderam a partida e puseram-se de pé.

«Que lhes hei-de eu dar a fazer?», disse Natacha para consigo mesma.

— Vamos. Nikita, fazes favor.

«Onde o hei-de mandar?», murmurou para si mesma.

— Vai à dependência dos criados e traz-me um galo, e tu. Micha, vai buscar-me aveia.

— Não muita aveia? — perguntou Micha, jovial e divertido.

— Vai, vai, avia-te — interveio o velho.

— E tu, Fiador, vai-me buscar greda.

Ao passar pela copa, deu ordem para se preparar o samovar, embora ainda não fossem horas.

O mordomo Foka era o homem mais desabrido de toda a casa. Natacha gostava de manifestar a autoridade que tinha sobre ele. Foka não queria acreditar nos seus ouvidos e foi informar-se se devia obedecer.

— Oh! Estas meninas! — exclamou Foka, fingindo má cara a Natacha.

Ninguém em casa incomodava tanta gente nem dava tanto que fazer como Natacha. Quando via alguém desocupado, logo tratava de lhe ordenar fosse o que

fosse. Dir-se-ia procurar experimentar se as pessoas se não zangariam com ela, se não se enfadariam com as ordens que ela dava, mas a verdade é que todos se apressavam a executá-las com muito maior satisfação de que quando obedeciam às ordens de outros.

«Que hei-de eu fazer? Onde é que irei?», perguntava-se ela a si mesma pelo corredor fora.

— Nastásia Ivanovna, que filhos deitarei eu ao mundo? perguntou ao bufão, que vinha ao encontro dela, metido na sua katsaveika (Camisola de mulher e trajo característico cios bobos. (N, dos T.).

— Pulgas, cigarras, grilos — replicou o bufão.

«Meu Deus, meu Deus, sempre a mesma coisa! Onde me hei-de ir meter? Que hei-de eu fazer?» E batendo com os pés no chão, galgou a escada de Vogel, que vivia com a mulher no andar de cima.

Ali estavam as duas preceptoras, na mesa havia pratinhos com uvas secas, alfarrobas e amêndoas. As preceptoras falavam da carestia da vida, comparando os preços de Moscovo com os de Odessa. Natacha sentou-se, e esteve a ouvir a conversa, com ar sério e cismador, e depois levantou-se.

— A ilha de Madagáscar — exclamou. — Ma-da-gás-car — repetiu, destacando as sílabas, e, sem responder a Madame Schoss, que lhe perguntava o que dizia ela, abalou.

Pétia, o irmão, estava também no andar de cima, preparando, com o auxílio do seu velho preceptor, um fogo de artifício que queria queimar nessa noite.

— Pétia! Pétia! — gritou-lhe ela — leva-me às cavalitas até lá baixo.

Pétia veio a ela e ofereceu-lhe as costas. Natacha saltou-lhe para cima, passando-lhe os braços em volta do pescoço. Pétia, cambaleando deu alguns passos com a irmã às cavaleiras.

— Obrigada, é quanto basta.., ilha de Madagáscar — articulou ela, e, pondo os pés no chão, voltou a descer a escada.

Como se tivesse percorrido os seus estados, e, depois de fazer sentir bem a sua autoridade, se sentisse satisfeita com a obediência dos súbditos, sem deixar de reconhecer o enfado de todos, regressou ao salão, pegou numa guitarra, sentou-se num recanto sombrio atrás de um armário, e, pisando as cordas, procurou dedilhar um compasso de que se lembrava e que ouvira na ópera em Petersburgo, na companhia do príncipe André. Para os outros o que ela estava a tocar nada lhes

dizia, mas para ela aquelas notas acordavam-lhe muitas recordações. Ela ali estava, atrás do armário, os olhos fitos numa zona de luz que se projectava da porta da copa, escutando-se a si mesma e recordando-se. Toda ela se afundava na evocação do tempo passado.

Sónia, com um copo na mão, atravessou a sala na direcção da copa. Natacha relanceou-lhe um olhar, em que perpassou, igualmente, a fenda da porta entreaberta, e teve a impressão de ter visto já aquela faixa de luz e Sónia passando com um copo na mão. «Sim, exactamente como agora», murmurou ela.

— Sónia, que é isto? — gritou-lhe Natacha, pisando o bordão da guitarra.

— Ah! Estás aí — disse Sónia, estremecendo. Aproximou-se para a ouvir. — Não sei. Talvez A Tempestade, não? — acrescentou timidamente, receando enganar-se.

«Pois bem! Sim, foi assim mesmo que ela estremeceu, foi assim mesmo que se aproximou e que timidamente sorriu da outra vez, quando tudo isto se passou», dizia Natacha. «E então também pensei, como agora, que lhe faltava qualquer coisa.»

— Não, não, é o coro dos Aguadeiros, não ouves? — E pôs-se a trautear, de ponta a ponta, todo o motivo, para que Sónia se recordasse. — Aonde ias? — perguntou-lhe.

— Mudar a água do copo. Acabei o meu desenho.

— Tu tens sempre que fazer, mas eu, como vês, para nada tenho jeito. E o Nicolau, onde está ele?

— Está a dormir, creio.

— Vai acordá-lo. Sónia — voltou Natacha. — Diz-lhe que venha cantar para aqui.

Natacha continuou agachada no seu canto, perguntando-se a si mesma como podia ter aquilo acontecido, e, sem ser capaz de resolver esse problema, o que, de resto, lhe não dava grande cuidado, transportou-se de novo, em imaginação, ao tempo em que os dois estavam juntos e em que ele a fitava com os seus olhos apaixonados.

«Ali! Que venha o mais depressa possível. Tenho tanto medo que ainda se demore muito! E depois tudo será diferente, estou a envelhecer, é o que é! Já não serei como agora. E quem sabe? Talvez ele chegue hoje, talvez chegue agora mesmo. Quem sabe se já chegou e já lá está em baixo no salão! Quem sabe se já

chegou ontem e foi isso que eu esqueci!»

Levantou-se, pousou a guitarra e entrou no salão.

Toda a gente da casa, os preceptores, as preceptoras e os hóspedes se sentavam já à mesa do chá. Os criados estavam de pé em volta da mesa, mas em parte alguma o príncipe André, e tudo decorreu como de costume.

— Ali!, aí está ela! — disse Ilia Andreitch ao ver entrar Natacha — Muito bem, senta-te aqui a meu lado — Mas Natacha deteve-se junto da mãe, enquanto, com os olhos, parecia procurar fosse o que fosse.

— Mãe — exclamou. — Dá-mo, dá-mo o mais depressa possível — E de novo lhe custou refrear as lágrimas.

Sentou-se à mesa e ficou a ouvir a conversa das pessoas mais idosas e de Nicolau, que chegou depois dela. «Meu Deus, meu Deus! Sempre as mesmas caras, sempre as mesmas frases, sempre o pai com a chávena na mão a soprar o chá, como todos os dias!», murmurou ela de si para consigo, sentindo-se tomada por uma profunda aversão contra toda aquela gente, nada mais nada menos por todos eles serem iguais todos os dias.

Depois do chá. Nicolau. Sónia e Natacha dirigiram-se à sala do divã, procurando refugiar-se no seu recanto favorito, onde conversavam sempre com a maior intimidade.

[X]

— Não te acontece às vezes pensar — disse Natacha ao irmão, uma vez instalados —, não te acontece pensar que nada mais terás, absolutamente mais nada, que toda a felicidade que podias usufruir já te foi concedida? E isto não é tão triste?

— Naturalmente! — volveu ele — Às vezes, quando me sinto feliz, quando toda a gente está alegre em volta de mim, de repente sinto uma espécie de desgosto de tudo e vem-me à ideia que todos temos de morrer. Uma vez, quando estava na tropa, não quis sair a passear, embora a música estivesse a tocar no jardim... Fui tomado por um tédio tal...

— Oh!, sei muito bem o que isso é! Como te compreendo! — acorreu Natacha.

— Era ainda muito pequena quando isso aconteceu. Lembras-te? Tinham-me castigado por eu ter comido ameixas. Enquanto todos vocês dançavam, eu fiquei fechada na sala da aula. E o que eu chorava! Nunca me esquecerei desse momento! E tinha pena de vocês também, por mim e por vocês, por todos. E o principal é que não tinha culpa. Lembras-te?

— Sim, lembro-me — volveu Nicolau. — Lembro-me de que depois fui ter contigo e quis consolar-te, e, queres saber?, não sabia como. Muito patuscos éramos! Eu tinha nessa altura um boneco e quis oferecer-to. Lembras-te?

— E tu lembras-te? — voltou Natacha com um sorriso sonhador. — Muito antes, muito antes, quando nós ainda éramos muito pequeninos e o tio nos chamou ao gabinete. Era ainda na velha casa e estava muito escuro. Entrámos, e que vemos nós?

— Um preto — concluiu Nicolau, sorrindo alegremente. Pois então não me havia de lembrar? E ainda hoje não tenho a certeza se era realmente um preto ou se nós o teríamos visto apenas em sonhos ou se nos teriam contado uma história assim.

— Estava muito sujo, lembras-te? E tinha os dentes brancos, e estava ali de pé e nós a olharmos para ele.

— Lembras-te. Sónia? — perguntou Nicolau.

— Sim, sim, eu também me lembro vagamente — interveio Sónia, hesitando.

— Falei deste preto ao pai e à mãe — disse Natacha — e eles disseram-me que nunca tinha havido qualquer preto cá em casa. Mas a verdade é que te lembras disso perfeitamente!

— Claro, e lembro-me mesmo dos seus dentes, como se os tivesse diante de mim.

— Que engraçado, dir-se-ia que sonhámos. E é isso que é maravilhoso!

— E lembras-te de uma vez, estávamos nós a fazer rebolar ovos no salão, quando de repente entram duas velhas e se põem a andar à roda em cima do tapete. Teria isto acontecido ou não? Lembras-te? Que engraçado era!

— Sim, e quando o pai, de peliça azul, deu um tiro na escada principal?

Sorridentes, iam fazendo desfilar diante deles não recordações tristes, mas esses quadros poéticos da infância, essas impressões do mais longínquo passado, em que os sonhos se confundem com a realidade. Sónia, como sempre, mantinha-se à margem, se bem que as suas reminiscências fossem comuns. De resto, as suas

eram mais pobres, e as que porventura recordava não lhe despertavam na alma as mesmas impressões poéticas. No entanto, já era muito para ela contentar-se com a alegria dos dois e poder vibrar ao mesmo diapasão.

Só interveio na conversa quando eles se puseram a recordar a chegada dela à casa paterna. Sónia contou que Nicolau lhe causara medo ao vê-lo com um bibe atado com cordões e que a ama lhe dissera que ela também seria amarrada assim.

— Pois eu recordo-me de que me contaram que tu nasceras debaixo de uma couve — disse Natacha. — E então não me atrevia a pensar que não fosse verdade, embora me custasse a acreditar.

Nessa altura surgiu na frincha da porta traseira da sala do divã a cabeça de uma criada de quarto.

— Menina, já aí está o galo — disse ela em voz baixa.

— Já não é preciso. Polia, diz que o levem — replicou Natacha.

A certa altura deste colóquio. Dimmler entrou e foi sentar-se diante da harpa, que estava a um canto. Tirou-lhe a capa que a cobria e o instrumento soltou uma nota discordante.

— Eduardo Karlich, toque, se faz favor, o meu nocturno favorito, de Field — exclamou a velha condessa, lá de dentro do salão.

Dimmler deu um acorde, e, voltando-se para os três jovens, disse-lhes: — Que formal está a mocidade!

— Sim, estamos a filosofar — volveu Natacha, relanceando-lhe um olhar e prosseguindo na conversa. Falavam agora de sonhos.

Dimmler pôs-se a tocar. Natacha, sem fazer ruído, na ponta dos pés, aproximou-se da mesa, pegou numa vela, trouxe-a consigo e retomou silenciosamente o seu lugar. Na sala, especialmente ao pé do divã onde eles estavam sentados, fazia escuro, mas através das altas janelas entrava a luz prateada da lua cheia, que vinha projectar-se no chão.

— Sabes em que estou a pensar? — perguntou Natacha, em voz surda, aproximando-se de Nicolau e de Sónia, quando Dimmler, acabada a execução da sua peça, dedilhava ligeiramente as cordas da harpa, como a perguntar se devia erguer-se ou tocar outro trecho.— Que quando estamos a evocar as nossas recordações acabamos por nos lembrar do que se passou antes de virmos a este mundo...

— Isso é a metempsicose — disse Sónia, que fora sempre muito estudiosa e

tinha presente o que aprendera. — Os Egípcios acreditavam que as nossas almas viveram primitivamente nos corpos dos animais e para eles voltarão depois da nossa morte.

— Pois eu não creio que tenhamos sido animais — replicou Natacha, sempre em voz baixa, embora os sons da harpa se houvessem suspendido. Do que eu tenho a certeza é que fomos anjos, lá não sei onde, e aqui também, e é por isso que nos lembramos de tudo...

— Posso ficar ao pé dos meninos? — perguntou Dimmler, aproximando-se e sentando-se junto deles.

— Se tivéssemos sido anjos, como é que teríamos vindo parar cá tão em baixo? — observou Nicolau. — Não, isso não pode ser. — Porque não? Quem te disse que estamos mais em baixo?...

Como é que eu hei-de saber o que fui anteriormente? — observou Natacha, convicta. — A alma é imortal.., e isso quer dizer que se eu tenho de viver para sempre é que já vivi na eternidade.

— É certo, mas é muito difícil fazermos uma ideia dessa eternidade — interveio Dimmler, que principiara por se juntar ao grupo dos jovens com um sorriso afável, embora um tudo-nada trocista, e agora tomava parte a sério na discussão.

— Porque há-de ser assim tão difícil fazer uma ideia da eternidade? — observou Natacha. — Depois de hoje será amanhã e sempre da mesma maneira por aí adiante; ontem já passou, anteontem também lá vai e é sempre assim...

— Natacha, agora é a tua vez. Canta qualquer coisa para nós ouvirmos — disse a mãe na sala contígua. — Que estão vocês a fazer aí dentro, como se fossem conspiradores?

— Oh, mãe, não me apetece! — volveu-lhe Natacha, erguendo-se no entanto.

Ninguém, nem o próprio Dimmler, que já não era criança, desejava interromper aquela conversa e abandonar o recanto da sala do divã, mas Natacha levantara-se e Nicolau fora sentar-se ao cravo. Como era seu costume, colocando-se no meio do salão, no lugar onde a acústica era melhor. Natacha pôs-se a cantar a melodia de que a mãe mais gostava.

Dissera não lhe apetecer cantar, e no entanto há muito o não fazia como naquela noite, e por muito tempo não voltaria a cantar tão bem. O conde Ilia Andreitch, do seu gabinete, onde falava com Mitenka, ouvia-a e tal qual o

estudante que morre por brincar finda a lição, ei-lo que se embrulha nas ordens que dá, e por fim acaba por calar-se. Mitenka, de ouvido à escuta também, permanecia de pé diante do conde, calado, sorrindo. Nicolau não tirava os olhos da irmã e respirava quando ela respirava.

Ouvindo-a. Sónia pensava quão diferentes eram uma da outra, ela e a prima, e para si mesma dizia que nunca, nem de longe, seria capaz de exercer uma semelhante fascinação. A velha condessa, a sorrir, melancólica e feliz ao mesmo tempo, de lágrimas a bailar-lhe nos olhos, escutava, pensativa, abanando a cabeça de tempos a tempos. Pensava em Natacha e na sua própria mocidade, e ia dizendo para si mesma haver qualquer coisa de pouco natural e de inquietante naquele casamento da filha com o príncipe André.

Dimmler, sentado perto da condessa, ouvia, de olhos fechados.

— Realmente, condessa — acabou por dizer — está ali um talento europeu. Já nada tem que aprender: aquela sonoridade, aquela doçura, aquela força...

— Oh, faz-me tanto medo, tanto medo esta pequena! — exclamou a condessa, sem reparar com quem falava. O seu instinto maternal dizia-lhe haver em Natacha alguma coisa de excessivo que lhe não permitiria ser feliz. E ainda ela não tinha acabado de cantar apareceu Pétia, todo contente, anunciando que haviam chegado os mascarados,

Natacha calou-se imediatamente.

— Tonto! — gritou para o irmão, e precipitou-se para uma cadeira, onde se deixou cair, rompendo em soluços tais que muito tempo decorreu antes que serenasse.

— Não é nada, mãe, não é nada, juro-lhe, foi o Pétia quem me assustou — dizia ela, procurando sorrir, mas as lágrimas continuavam a correr e os soluços embargavam-lhe a voz.

Os criados, disfarçados de ursos, de turcos, de taberneiros, de senhoras, uns temíveis, outros burlescos, entraram, joviais, trazendo consigo o frio lá de fora. Começaram por aparece; timidamente na antecâmara, depois, escondendo-se uns atrás dos outros, irromperam pelo salão; uma vez ali, primeiro acanhados, depois mais à vontade, começaram a cantar, a dançar, a fazer rodas e outros entretenimentos próprios do Natal. A condessa reconhecia-os um por um, ria com os seus disfarces, e, por fim, retirou-se do salão. O conde Andeitch, todo ele sorrisos, ficou na sala, encorajando-os. A juventude desaparecera.

Meia hora mais tarde apareceu, por entre os mascarados que já estavam no salão, uma senhora idosa, de anquinhas: era Nicolau. Pétia estava vestido de turco. Dimmler de palhaço. Natacha de hússar e Sónia de circassiano, com sobrancelhas e bigodes feitos a carvão.

Quando os não mascarados acabaram de se mostrar simuladamente surpresos, fingindo não os reconhecer e tributando-lhes grandes louvores, os jovens, muito orgulhosos dos seus disfarces, que julgavam perfeitos, resolveram ir dali mostrar-se a outras pessoas conhecidas.

Nicolau, que muito desejava dar um passeio na sua troika e levar consigo toda a gente, propôs apresentarem-se mascarados em casa do tio na companhia de uma dezena de criados.

— Então, que ideia é essa de irem maçar o pobre velho? — disse a condessa. — E, além disso, onde é que vocês têm lá espaço para se moverem? Se querem ir a qualquer parte vão a casa dos Meliukov.

A Meliukova era uma viúva, cuja moradia, cheia de filhos de todas as idades, de preceptoras e de preceptores, ficava a umas quatro verstas da propriedade dos Rostov.

— Ora aí está, minha querida, uma boa ideia — interveio o velho conde, todo folgazão. — Esperem, eu também me vou mascarar e saio com vocês. Vão ver como eu vou fazer rir a Pachette.

A condessa, porém, não deixou que o conde fosse com eles: nos últimos dias queixara-se muito da sua perna. Decidiu-se que ele não iria, mas sim as meninas, se Luísa Ivanovna, isto é. Madame Schoss, as acompanhasse. Sónia, embora sempre muito tímida e reservada, foi quem mais insistiu com Madame Schoss para anuir.

O trajo de Sónia era o mais feliz de todos. Os bigodes e as sobrancelhas ficavam-lhe a matar. Todos lhe diziam estar muito bonita e a verdade é que se encontrava numa disposição de espírito pouco vulgar nela, cheia de entusiasmo e de alegria. Uma voz interior dizia-lhe que aquela noite seria decisiva, então ou nunca, e vestida de homem parecia outra pessoa. Luísa Ivanovna acabou por consentir e meia hora depois quatro troikas, com guizos e campainhas, estavam diante da porta de entrada, com os seus patins rangendo sobre a neve.

Natacha foi a primeira a dar a nota de alegria naquela noite de Natal, e essa alegria, comunicando-se de uns aos outros, cresceu, cresceu cada vez mais, até que

atingiu o auge quando todas as máscaras apareceram cá fora, ao ar frio da noite, e, chalrando, chamando umas pelas outras, rindo e gritando, se instalaram nos trenós.

Duas das troikas eram trenós de serviço; a terceira era do velho conde e tinha um grande trotão das coudelarias de Orlov atrelado ao meio; a quarta, que era de Nicolau, aos varais centrais tinha o seu pequeno murzelo, de pêlo emplumado. Era o próprio Nicolau, vestido de senhora idosa, com o capote de hússar por cima, quem estava de pé no meio do trenó, com as rédeas na mão.

A noite estava tão clara que ele via brilhar, à luz da Lua, as placas de cobre dos arreios e os olhos dos cavalos, que voltavam as cabeças, medrosos, para os viajantes, agitando-se ruidosamente sob o alpendre obscuro da entrada.

No trenó de Nicolau sentaram-se Natacha. Sónia. Madame Schoss e duas criadas; no do velho conde. Dimmler, a mulher e Pétia; nos demais, os criados mascarados.

— Vai tu à frente. Zakar! — gritou Nicolau ao cocheiro do pai, para assim ter oportunidade de o ultrapassar na estrada.

A troika do velho conde, aquela que transportava Dimmler e o seu grupo, abalou, fazendo ranger os patins, que pareciam colados à neve, e tilintando com todas as suas campainhas.

Os cavalos dos lados comprimiam-se contra os varais, enterrando as patas na neve sólida e brilhante como açúcar. Nicolau abalou atrás da primeira troika, e a seguir à dele partiram as outras, no meio de alaridos e rangidos. De princípio meteram a passo pelo caminho estreito. Enquanto atravessavam o jardim, a sombra das árvores desnudas atravessava-se na estrada e interceptava a luz da Lua, mas, assim que transpuseram os muros, uma planície nevada, reluzente como diamante, com reflexos azulados, descobriu-se, a perder de vista, imóvel e banhada de luar. Primeiro um, depois outro, os trenós da vanguarda foram sacudidos; aos que vinham atrás aconteceu-lhes o mesmo, e rompendo audazmente a profunda serenidade afastaram-se em fila.

— Olha o rasto de uma lebre, outro, outro! — ressoou a voz de Natacha no ar gelado.

— Que noite tão clara. Nicolau! — exclamou Sónia.

Nicolau voltou-se para ela e teve de se debruçar para lhe ver melhor o rosto. Uma carinha nova, encantadora, com uns bigodes e, umas sobrancelhas vincadas a

preto, emergia da zibelina e fitava-o à luz do luar, muito próxima e muito distante ao mesmo tempo.

«Onde está a Sónia de outrora?», disse de si para consigo, contemplando-a, sorridente.

— Que tens. Nicolau?

— Nada — replicou ele, voltando-se para os cavalos.

Ao chegarem à estrada real, em que, à luz do luar, se viam os sulcos abertos pelos patins dos trenós e os trilhos das parelhas, os próprios cavalos arrebataram as rédeas e aceleraram o andamento. O cavalo da esquerda, a cabeça voltada para fora, dava sacões no bridão. O do meio balançava-se, eriçando as orelhas, como se perguntasse se podia principiar ou se ainda seria cedo. Ao longe, já a uma certa distância, num tropel de campainhas que se afastava, via-se nitidamente, sobre o fundo branco da neve, a troika negra de alçar. Ouviam-se os gritos, as exclamações e as gargalhadas dos mascarados.

— Eh, meus amigos! — gritou Nicolau, segurando as rédeas com uma das mãos e com a outra brandindo o chicote.

E bastava o vento mais vivo que fustigava os rostos e a tensão dos cavalos das estremas, cada vez maior, para se avaliar da rapidez da troika. Nicolau olhou para trás. Os outros trenós lá vinham, entre gritos e rangidos, e ouviam-se as vozes e as chicotadas estimulando os cavalos. O animal do meio balançava, valentemente, sob o arco dos varais, sem pensar em desistir, e disposto, pelo contrário, a ir cada vez mais depressa, desde que lhe pedissem.

Nicolau alcançou a primeira troika. Desciam agora uma ladeira e meteram por um caminho espaçoso, sulcado por trilhos de carruagens abertos num prado ao longo de um rio.

«Onde estamos nós?», perguntou Nicolau aos seus botões. «Naturalmente é o prado Kossoi. Não, não, são sítios novos, que eu nunca vi. Não é o prado Kossoi, não é a colina de Demiane. Só Deus sabe o que é! São sítios novos e mágicos! Enfim, tanto faz!» E, gritando aos cavalos, propôs-se ultrapassar a primeira troika.

Zakar, refreando por instantes os cavalos, voltou para o amo a cara cheia de gelo até às sobrancelhas.

Nicolau lançou a troika a toda a brida; Zakar, de braços estendidos, fez estalar a língua e picou os seus.

— Cuidado, patrão! — gritou-lhe.

Ambas as troikas correram, lado-a-lado, e o galope dos cavalos tomou-se ainda mais largo. Nicolau ganhou terreno. Zakar, sempre com os braços estendidos, fez um gesto com a mão que segurava as rédeas.

— Está enganado, patrão! — gritou-lhe.

Nicolau, com os seus cavalos sempre a galope, ultrapassou Zakar. Os animais salpicavam a cara dos viajantes com uma neve fina e seca, e na troika rival tudo eram gritos e desafios, sombras que passavam a toda a velocidade. Só se ouviam rangidos de patins sobre a neve e vozes de mulher de timbre agudo.

Nicolau refreou os cavalos e olhou em tomo de si. Em volta era sempre a mesma planície feérica, banhada pelo luar e salpicada de estrelas de prata.

«Zakar grita-me que volte à esquerda, mas porque hei-de eu voltar à esquerda?», disse de si para consigo. «Iremos nós, de facto, a casa dos Meliukov? Será para ali Meliukova? Só Deus sabe para onde vamos e só Deus sabe o que fazemos. Seja como for, tudo isto é estranho e maravilhoso!» Voltou-se para dentro do trenó.

— Olha para estas sobrancelhas e estes bigodes todos brancos — disse um daqueles seres estranhos, gentilíssimos e desconhecidos que se sentavam no trenó, precisamente o das sobrancelhas e dos bigodes bem desenhados.

«Aquela parece a Natacha», dizia Nicolau para consigo. «E aquela outra é Madame Schoss, e talvez não seja. E aquele circassiano de bigodes? Esse não sei quem seja, mas sei que gosto dele.»

— Não têm frio? — perguntou-lhes.

Não responderam e puseram-se a rir. Dimmler, do trenó da retaguarda, gritou fosse o que fosse, naturalmente muito engraçado, mas não puderam compreender o que ele dizia.

— Sim, sim — replicaram umas vozes risonhas.

Entretanto, eis que surge uma floresta encantada, com grandes sombras movediças, cintilações de diamante, degraus de mármore, e depois os telhados de prata de um palácio mágico e os guinchos finos de uma fera. «Se esta é a aldeia de Meliukova, ainda é mais estranho que, tendo nós andado à aventura, pudéssemos chegar a porto seguro», murmurou para si mesmo Nicolau.

Era, realmente. Meliukova, e já se viam criados e lacaios acudindo à entrada de risonhos semblantes e velas acesas.

— Quem são? — perguntaram do alto da escada.

— Mascarados do conde; já conheci os cavalos — responderam outras vozes.

[XI]

Pelagueia Danilovna Meliukova, uma robusta matrona, de lunetas e capa a flutuar, estava sentada no salão rodeada das filhas, a quem procurava distrair. Fundiam cera e observavam no escuro as figuras que se iam formando (Uma das «adivinhas» características do Natal russo. (N, dos T.) quando ressoaram no vestíbulo os passos e as vozes dos recém-chegados.

Os hússares, as senhoras, as bruxas, os palhaços, os ursos, tossindo e limpando os rostos cobertos de gelo, penetraram no salão, onde se acenderam as luzes apressadamente. Dimmler, de palhaço, e Nicolau, de senhora idosa, abriram o baile. Os mascarados, acolhidos pelo alarido jovial das crianças, escondendo a cara e falando em falsete, cumprimentavam a dona da casa e iam encostar-se em fila contra as paredes.

— Oh, é impossível reconhecê-los! Espera, esta é a Natacha! Olhem para o ar dela! A sério, lembra-me não sei quem. E que bem o Eduardo Karlich! Não era capaz de o reconhecer. E como ele dança! Ob., meu Deus!, um circassiano! Que bem a Soniuchka! este quem é? Que divertido! Nikita. Vania, retirem as mesas! nós que estávamos para aqui tão sossegados!

— Ah!, ah!, ali! Um hússar! Parece um miúdo. E os pés dele!... Não posso ver... — dizia alguém.

Natacha, a predilecta dos jovens Meliukov, desapareceu com eles nos aposentos das traseiras. Pediu que lhe arranjassem uma toalha e alguns roupões e fatos de homem, que uns braços nus recolheram, através da porta entreaberta, das mãos dos lacaios.

Dez minutos depois toda a gente nova da família Meliukov vinha juntar-se às outras máscaras.

Pelagueia Danilovna, que dera ordem para se arranjar espaço para as visitas e mandara preparar uma refeição, ia de um lado para o outro, as lunetas encavalitadas no nariz, com o seu sorriso, discreto, pelo meio de toda aquela gente mascarada, olhando um por um cara a cara e sem conseguir identificar fosse

quem fosse. Não só não reconhecia os Rostov e Dimmler, mas também as suas próprias filhas, mascaradas com roupões de homem e uniformes sortidos.

— E aquela, quem é aquela? — perguntava à preceptora, apontando para a sua própria filha, vestida de tártaro de Kazan. — Parece-me um dos Rostov. E o senhor hússar, a que regimento pertence? — perguntou a Natacha. — A turca dêem-lhe geleia de fruta — dizia ao criado de mesa, a servir de roda. — A religião não lhe proíbe de comer...

Por vezes, ao ver os passos estranhos e patuscos que os dançarinos executavam, pois, uma vez persuadidos de que ninguém os reconhecia assim mascarados, sentiam-se à vontade para fazer o que lhes apetecesse. Pelagueia Danilovna escondia a cara no lenço de assoar, e toda a sua possante corpulência estremecia, abalada por um irresistível gargalhar de velha matrona.

— Minha Sacha! Eh!, minha Sacha! — exclamava ela. Depois das danças e dos coros russos. Pelagueia Danilovna reuniu todos os criados e todos os amos numa grande roda. Trouxeram um anel, um fio e um rublo e principiaram a jogar.

Ao fim de uma hora todos os trajos estavam amarrotados e desfeitos, as sobrancelhas e os bigodes pintados a rolha queimada haviam desaparecido das caras juvenis e animadas, reluzentes de suor. Pelagueia Danilovna pôde finalmente reconhecer os que estavam mascarados, soltando grandes exclamações perante a perfeição dos disfarces, principalmente os das meninas, e agradecendo a toda a gente a alegria que lhe tinham proporcionado. A ceia dos amos foi servida no salão e na sala comeram os criados.

— É terrível ouvir a sina na estufa! — exclamou uma velha criada no fim da refeição.

— Porquê? — perguntou a filha mais velha dos Meliukov. — A menina não seria capaz, é preciso ter muita coragem... — Pois eu era — disse Sónia.

— Conte-nos o que aconteceu a essa menina — pediu a segunda filha dos Meliukov.

— Um dia foi lá uma menina — contou a velha criada. Tinha levado consigo um galo, dois talheres, tudo o que era preciso. Sentou-se. E assim esteve, por muito tempo, à espera. De repente, eis que chega uma carruagem.., era um trenó, com as suas campainhas e os seus guizos a tilintar. A menina põe-se à escuta: uma pessoa chegava. Essa pessoa entrou, tinha a figura de um homem, dir-se-ia um oficial a valer. Chegou e sentou-se, diante da menina, em frente do segundo

talher.

— Oh! Oh! — exclamou Natacha, de olhos arregalados, cheia de medo.

— E então, falou?

— Pois, como se fosse um homem qualquer, naturalmente. E pôs-se a contar-lhe muita coisa. E ela, a menina, tinha de conversar com ele até ao cantar do galo. Mas teve tanto medo que escondeu a cara nas mãos E então ele agarrou-a. Felizmente, as criadas vieram acudir-lhe... (Outra «adivinha» do Natal. (N, dos T.)

— Para que estão a assustar as meninas? — repreendeu Pelagueia Danilovna.

— Mãe, mas tu própria tiraste a sina — disse-lhe a filha.

— E também se tira a sina no celeiro? — perguntou Sónia.

— Pois, agora mesmo, quem quiser pode ir ao celeiro e pôr-se à espera. Escuta. Se ouvir umas marteladas, se baterem, é mau sinal, mas se ouvir o milho a cair. é bom, e também acontece.

— Mãe, conta-nos o que uma vez te aconteceu no celeiro.

Pelagueia Danilovna sorriu.

— Ah, de nada me lembro. — tornou ela. — Haverá algum de vocês que lá queira ir?

— Eu, e,. Pelagueia Danilovna, deixe-me ir — disse Sónia,

— Pois sim, se não tens medo.

— Luísa Ivanovna, dá licença? — pediu Sónia.

Ou quando se jogava às prendas, ou quando se conversava como naquele momento. Nicolau não tirava os olhos de Sónia, a quem olhava como pela primeira vez. Afigurava-se-lhe, ao vê-la com aquele trajo e com aqueles bigodes pintados, nunca a ter visto antes. Efectivamente, naquela noite. Sónia estava alegre, bonita e muito animada. Natacha também nunca a vira assim.

«E ali está como ela é, eu não passo de um imbecil! », pensava ele observando-lhe os olhos brilhantes, o sorriso feliz e vitorioso — o sorriso que lhe desenhava nas faces duas covinhas por debaixo dos bigodes pintados —, coisas em que não reparara até aí.

— De nada tenho medo. — disse ela — Já, se quiserem. — E levantou-se.

Explicaram-lhe onde ficava o celeiro e disseram-lhe que ela tinha de ficar calada, a escutar, e deram-lhe a peliça. Embrulhou-se nela, passando-a pela cabeça, ao mesmo tempo que relanceava os olhos a Nicolau.

«Que encantadora pequena!», dizia ele de si para consigo. «Em que tenho

estado a pensar até agora?»

Sónia saiu para o corredor, na intenção de se dirigir ao celeiro. Nicolau deu-se pressa em desaparecer pela porta principal, alegando haver ali muito calor. Realmente lá dentro sufocava-se, tanta era a gente ali acumulada.

Lá fora continuava o mesmo frio e a mesma imobilidade, havia a mesma Lua, apenas um pouco mais brilhante ainda. Tão intensa era a claridade e tantas as chispas de luz que se desprendiam da neve que nem apetecia erguer os olhos para a abóbada celeste, onde cintilavam as estrelas. O céu estava negro e triste, mas a terra, pelo contrário, toda era alegria.

«Que pateta! Para que esperei eu até agora?», pensava Nicolau. Desceu a escada e contornou a casa pela alameda que conduzia à porta de serviço. Sabia que Sónia tinha de passar por ali. A meio do caminho havia uma pilha de toros de madeira, coberta de neve, que ensombrava a alameda. Do outro lado, sobre a neve e o caminho que conduzia ao celeiro, projectava-se a sombra das velhas tílias desnudadas. As paredes do celeiro e o telhado da construção, alvos de neve, que dir-se-ia talhados em pedras preciosas, chispavam à luz do luar. Uma árvore estalou na mata e tudo de novo recaiu no silêncio. A Rostov afigurava-se-lhe não ser ar que os seus pulmões respiravam, mas os poderosos eflúvios da eterna mocidade e da eterna alegria.

Pela escada de serviço descia alguém e os passos soavam mais fortes no último degrau, coberto de neve. Depois ouviu-se a voz da velha criada.

— Sempre a direito, sempre a direito, por este caminho, menina. Mas não olhe para trás.

— Não tenho medo — entoou a voz de Sónia, e no caminho, cada vez mais perto de Nicolau, rangeram os seus sapatinhos leves, aproximando-se.

Caminhava toda embuçada na peliça. Só viu Nicolau a dois passos dele. E, ao vê-lo, também o irmão de Natacha foi para Sónia uma pessoa completamente diferente da que ela conhecia e a quem sempre temera um pouco. Vestido de mulher, tinha os cabelos desgrenhados e nos lábios um sorriso feliz como ela nunca lhe vira. Sónia correu para ele.

«Parece outra e no entanto é a mesma», murmurou Nicolau de si para consigo ao fitar-lhe o rosto banhado na luz do luar. Tacteou-lhe a peliça que lhe cobria a cabeça, apertou-a nos braços, estreitou-a contra si e beijou-lhe os lábios, que cheiravam a rolha queimada. Sónia, por sua vez, beijou-o também na boca e,

libertando as mãos, pegou-lhe na cara com as palmas nas duas faces.

— Sónia!...

— Nicolau!... — foi tudo quanto disseram. Correram ao celeiro e regressaram a casa entrando cada um pela porta por onde haviam saído.

[XII]

Quando abalaram de casa de Pelagueia Danilovna. Natacha, que sempre via e notava tudo, organizou as coisas de tal modo que tanto ela como Luísa 1vanovna ficaram no trenó de Dimmler, indo Sónia para o de Nicolau e das criadas.

Este, sem pensar já em tomar a dianteira aos outros, manteve os seus cavalos num andamento moderado. A cada momento contemplava Sónia à estranha luz do luar, como que procurando descobrir àquela luz cambiante, por debaixo das sobrancelhas e dos bigodes mascarrados, a Sónia de outrora e a de hoje, a Sónia de quem estava firmemente resolvido a não mais se separar. Olhava-a fixamente, e, ao vê-la sempre a mesma e sempre diferente, lembrava-se do cheiro a rolha queimada que ela tinha nos lábios, e respirava a plenos pulmões o ar gelado. Diante da paisagem que lhe fugia debaixo dos olhos e do céu cintilante sentia-se de novo num reino encantado.

— Sónia, estás bem? — perguntava-lhe de vez em quando.

— Estou — replicava ela. — E tu?

No meio do caminho. Nicolau passou as rédeas ao cocheiro, apeou-se do trenó, correu para o de Natacha, e trepou para cima dos patins,

— Natacha — segredou-lhe em francês.— Queres saber? Resolvi-me a respeito de Sónia.

— Disseste-lhe?! — exclamou Natacha, de súbito, radiante. — Oh, não sei o que pareces com esses bigodes postiços! Natacha, estás contente?

— Estou, estou contente, muito contente! Principiava a zangar-me contigo. Nada te dizia, mas achava que procedias mal para com ela. Tem tão bom coração. Nicolau! Estou tão contente! Eu sou má muitas vezes; confesso-te, no entanto, que chegava a ter vergonha de ser feliz sozinha, sem ela — continuou Natacha. — Agora estou contente. Anda, corre para o pé dela.

— Não, espera... Estás tão engraçada! — voltou Nicolau, sem deixar de a fitar e descobrindo nela, nos seus traços, fosse o que fosse de novo, de inusitado, qualquer coisa de maravilhoso e de terno que nunca lhe vira antes. — Não achas. Natacha, que tudo isto parece magia?

— Parece — replicou ela —, mas procedeste muito bem.

«Se eu alguma vez a tivesse visto como hoje», dizia Nicolau de si para consigo, «há muito me teria aconselhado com ela, e tudo teria corrido bem.»

— Então, estás contente e achas que fiz bem?

— Oh, sim, fizeste. Ainda há pouco tive uma discussão com a mãe por tua causa. A mãe dizia que ela andava atrás de ti. Como se pode dizer uma coisa dessas? Quase me zanguei com ela. Nunca consentirei que digam nem que pensem mal dela. É a bondade e o bom senso em pessoa.

— Então achas que fiz bem — repetiu Nicolau, observando mais uma vez a expressão da irmã, como para ter a certeza de que ela estava a falar com sinceridade, e, fazendo ranger as botas, saltou do trenó de Natacha para regressar ao seu. Lá estava o mesmo circassiano, feliz e risonho, com os seus grandes bigodes e os seus olhos brilhantes que o fitavam do fundo do capuz de zibelina. E aquele circassiano era nem mais nem menos que Sónia e aquela Sónia iria ser, com certeza, mais tarde ou mais cedo, a sua amantíssima e felicíssima mulher.

Chegaram, e, depois de terem contado à condessa o que se passara em casa dos Meliukov, foram para a cama. Enquanto se despiam, ainda de bigodes, foram conversando das suas venturosas vidas. Falaram do seu futuro de mulheres casadas, da boa harmonia do casal, da felicidade que as aguardava. Na mesa de Natacha estavam ainda os espelhos que Duniacha ali pusera na véspera.

— Quando chegará esse dia? Receio tanto que nunca chegue... Ah!, seria bom de mais! — exclamou Natacha, levantando-se e abeirando-se dos espelhos.

— Senta-te. Natacha, talvez o vejas — disse Sónia. Natacha acendeu as velas e sentou-se.

— Estou a ver uma pessoa de bigodes — murmurou ela, que acabava de descobrir a sua própria imagem.

— Não faça troça, menina — respondeu Duniacha.

Com o auxílio de Sónia e da criada de quarto. Natacha conseguiu a boa posição do espelho. Ficou muito séria e calada. E assim esteve por muito tempo sentada no mesmo lugar com os olhos na série infinita das velas multiplicando-se pelos

espelhos fora sempre à espera de ver reflectido no último, onde tudo se misturava e confundia, como rezava a lenda, quer um caixão, quer ele, o príncipe André. Por muito que quisesse, contudo, descobrir numa sombrazinha a cara de um homem ou um caixão, o certo é que não viu coisa alguma. Começou a pestanejar e acabou por afastar-se dos espelhos.

— Porque será que as outras pessoas vêem e só eu não distingo coisa alguma? — disse ela. — Vem cá. Sónia, senta-te aqui no meu lugar. Hoje tem de ser, sem falta... Ao menos faz isso por mim... Tenho tanto medo hoje!

Sónia sentou-se diante do espelho, colocou-o segundo o preceito e pôs-se a olhar.

— Sofia Alexandrovna tem de ver, sem falta — murmurou Duniacha em surdina. — As meninas também estão sempre a rir-se...

Sónia ouviu estas palavras e a resposta ciciada de Natacha.

— Sim, tenho a certeza de que ela o há-de ver. Já no ano passado viu qualquer coisa.

Durante dois ou três minutos as meninas conservaram-se caladas.

— Tem de ser! — acrescentou Natacha em voz surda, sem concluir o seu pensamento. De súbito. Sónia repelira o espelho e escondia a cara nas mãos.

— Ai. Natacha! — exclamou ela.

— Viste? Viste? Que viste? — acudiu Natacha, segurando o espelho, que ia cair.

Sónia nada vira. Ia levantar-se para descansar a vista no momento em que Natacha murmurava o seu «Tem de ser!!!»

Não queria ser uma decepção para as duas, mas estava cansada daquela postura.

Nem ela própria sabia ao certo como e porque gritara e também porque escondera a cara entre as mãos.

— Viste-o, a ele? — perguntou Natacha, pegando-lhe nas mãos.

— Sim, espera.., sim, foi ele quem vi — respondeu Sónia, involuntariamente, sem saber a quem Natacha se referia, e se o ele de Natacha significava Nicolau ou André.

«E porque não hei-de dizer que vi? Já muitas outras viram. Quem será capaz de me provar que vi ou não vi?», pensava ela.

— Sim, vi-o — disse Sónia.

— Como? Como? De pé ou sentado?

— Isto é, eu vi-o... Primeiro nada se via, e depois, de repente, lá estava ele estendido.

— O André? Está doente? — perguntou Natacha, fitando Sónia, de olhos assustados.

— Não, pelo contrário, pelo contrário, estava alegre, e voltou-se para mim. — E ao dizer isto afigurava-se-lhe ter visto realmente o que dizia.

— E depois. Sónia ...

— Não se via bem... Era qualquer coisa azul e vermelha...

— Sónia! Quando voltará ele? Quando o tornarei a ver? Meu Deus, tenho receio por ele e por mim! Tudo me mete medo... Sem responder às palavras com que Sónia procurava consolá-la, deitou-se e já as luzes estavam apagadas há muito e ainda ela continuava estendida na cama, imóvel, os olhos muito abertos, fitando o frio luar através das vidraças cobertas de geada.

[XIII]

Pouco tempo depois do Natal. Nicolau falou à mãe no seu amor por Sónia e na sua resolução de casar com ela. A condessa, que de há muito observava os dois e já esperava aquela confidência, ouviu-o calada até ao fim. Depois volveu-lhe que estava na sua mão casar-se com quem quisesse, mas que nem ela nem o pai jamais consentiriam naquele enlace. Foi a primeira vez na sua vida que Nicolau viu a mãe descontente com ele e disposta a não transigir por muito que lhe quisesse. Friamente, e sem olhar para ele, mandou chamar o marido. Quando este chegou, em poucas palavras, muito serena, na presença de Nicolau, tentou fazer-lhe compreender do que se tratava, mas acabou por não poder reprimir-se: despeitada, rompeu a chorar, saindo da sala. O velho conde pôs-se a repreender Nicolau num tom hesitante, pedindo-lhe que renunciasse ao seu projecto. O filho replicou-lhe não poder retirar a palavra dada, e o pai, visivelmente comovido e suspirando, deu-se pressa em interromper a discussão abalando ao encontro da condessa. Sempre que se via diante do filho, o conde, lembrando-se da má situação da sua casa, sentia-se culpado para com ele. Efectivamente não tinha o direito de

lhe querer mal por ele haver recusado casar com uma rica herdeira, preferindo Sónia, menina sem dote. A verdade é que se ele não tivesse dilapidado a fortuna, que melhor esposa poderia desejar Nicolau? Se havia um culpado era ele, ele e o Mitenka, com os seus hábitos incorrigíveis.

Nem o pai nem a mãe voltaram a trocar palavra com o filho sobre o assunto. Alguns dias depois, porém, a condessa mandou chamar Sónia e com uma crueldade que nem a própria rapariga nem ela própria, condessa, podiam prever, acusou a sobrinha de haver seduzido o filho e de ser uma ingrata. Sónia, calada e de olhos baixos, ouviu as duras palavras da condessa sem compreender o que exigiam dela. Estava pronta a tudo sacrificar pelos seus benfeitores. A ideia do sacrifício não lhe era estranha, mas no presente caso não sabia a quem queriam vê-la sacrificada. Se lhe era impossível deixar de amar a condessa e toda a família Rostov, também não podia esquecer Nicolau e ignorar que a felicidade dele dependia do seu amor. Ficou calada e triste, sem responder fosse o que fosse. Nicolau, não podendo suportar por mais tempo a situação, teve uma conversa com a mãe. Principiou por pedir-lhe que lhes perdoasse, a Sónia e ele, e consentisse no casamento, ameaçando-a em seguida de que casaria imediatamente com Sónia em segredo caso a viessem a perseguir.

A condessa, com uma frieza que o filho lhe não conhecia, respondeu-lhe que ele era maior e que se o príncipe André ia casar-se sem o consentimento do pai também ele o podia fazer; no entanto ela é que nunca reconheceria aquela «intriguista,, por sua filha.

Indignado pela palavra «intriguista». Nicolau ergueu a voz, disse à mãe nunca ter pensado que ela fosse capaz de o obrigar a vender o coração, e que se essa era a sua vontade, seria aquela a última vez que lhe falava... Não teve tempo, porém, de pronunciar a palavra decisiva, que a mãe aguardava com pavor, a julgar pela expressão do rosto, palavra essa que naturalmente teria ficado entre os dois como qualquer coisa inesquecível. Não pôde concluir porque Natacha, pálida e séria, aparecera no limiar da porta. Ouvira tudo.

— Nikolenka, não digas tolices! Cala-te, cala-te! Peço que te cales!... — gritou quase, para abafar o ruído da voz do irmão. — Mãe, minha querida mãe, não é isso.., mãezinha que— rida! — implorou da condessa, a qual, à beira de um rompimento definitivo com o filho, olhava para ele apavorada, embora sem querer nem poder ceder, obstinada que estava, mercê da própria luta.

— Nikolenka, eu explico tudo, vai-te embora; e a mãe, ouça, ouça, querida mãezinha.

Estas palavras, sem qualquer sentido, deram o resultado desejado.

A condessa, soluçando, escondeu o rosto no colo da filha, enquanto Nicolau se levantava, de cabeça entre as mãos, e saía da sala.

Natacha, prosseguindo na sua obra de reconciliação, conseguiu que a mãe prometesse a Nicolau deixar Sónia em paz desde que ele se comprometesse a não tomar qualquer atitude sem o conhecimento dos pais.

Na firme intenção de abandonar a vida militar uma vez tudo em ordem no seu regimento, para, de regresso a casa, desposar Sónia. Nicolau, triste e apoquentado com a ideia do seu desacordo com, os pais, embora, segundo supunha, apaixonadíssimo, abalou para a tropa no princípio de Janeiro.

Depois da partida de Nicolau a casa de Rostov ficou mais triste do que nunca. A condessa, abalada por tantas comoções, caiu de cama.

Se a ausência de Nicolau era um motivo de sofrimento para Sónia, também sofria, e muito mais, com os modos hostis que a condessa não podia esconder para com ela. Grande era o embaraço do conde, preocupado com o mau aspecto da sua situação financeira, a pedir enérgicas medidas. Tornava-se inadiável vender a casa de Moscovo e a propriedade nas imediações da capital. Para isso tinha de deslocar-se àquela cidade, mas o estado de saúde da condessa obrigava-o a adiar consecutivamente a viagem.

Natacha, que principiara por aceitar sem dificuldade e até com alegria a separação do noivo, tornava-se agora de dia para dia mais nervosa e impaciente. A ideia de que o tempo ia passando desperdiçado, quando ela o teria sabido aproveitar tão bem com a sua mocidade, tornara-se-lhe um tormento de todos os instantes. A maior parte das vezes as cartas de André irritavam-na. Ofendia-a pensar que enquanto ela levava o tempo a lembrar-se dele, por seu lado, ele, numa vida perfeitamente normal, via novas terras e conhecia novas gentes que o interessavam. Quanto mais pormenorizadas e cativantes as suas cartas mais ela se sentia despeitada. Ao escrever-lhe, não o fazia com prazer, era como se cumprisse uma obrigação, obrigação que lhe soava a falso. Não encontrava que dizer-lhe, pois era-lhe impossível exprimir por palavras a milésima parte do que estava habituada a dizer de viva voz, com o sorriso, com o olhar. As cartas que lhe escrevia eram monótonas, secas, cartas clássicas, a que ela própria não atribuía a

mínima importância, e cuja ortografia a mãe se encarregava de corrigir ainda no rascunho.

A condessa continuava a gozar de pouca saúde. A viagem a Moscovo ia sendo adiada. No entanto era preciso mandar fazer o enxoval e vender a casa, além de que o príncipe André devia ir à capital, onde o príncipe Nicolau Andreivitch passava o Inverno. Natacha estava até convencida de que ele já estaria em Moscovo. Eis porque a condessa ficou na aldeia e o conde, acompanhado de Sónia e Natacha, partiu para a cidade no fim de Janeiro.

QUINTA PARTE

[I]

Depois dos esponsais do príncipe André e de Natacha. Pedro, sem qualquer causa aparente, sentiu de súbito ser-lhe impossível continuar a vida que levava. Apesar da sua firme convicção nas verdades que lhe havia revelado o Benfeitor e da alegria que lhe provocava o trabalho de regeneração interior a que se entregara com tanto entusiasmo, depois do noivado do príncipe André, e sobretudo depois da morte de Osip Alexeievitch, de que tivera conhecimento quase na mesma altura, a vida para ele perdera por completo todo o seu encanto. Nada mais lhe ficou, por assim dizer, que o esqueleto da vida: a casa, a mulher, cada vez mais esplendorosa e gozando então das boas graças de uma personagem muito importante, as suas relações mundanas com todo Petersburgo e as funções que desempenhava, com o seu cortejo de indigestas formalidades. A vida que levava inspirou-lhe de súbito profundo horror. Deixou de escrever o diário, evitou a companhia dos irmãos mações, principiou a frequentar de novo o clube, voltou a beber, e muito, e passou a acamaradar outra vez com o grupo dos celibatários. A vida a que se entregou era de tal ordem que a condessa Helena Vassilievna se sentiu na obrigação de o repreender severamente. Pedro achou que ela tinha razão e abalou para Moscovo, disposto a não comprometer mais a mulher.

Quando entrou no seu imenso palácio, com as princesas, que mais pareciam múmias, e os seus numerosos criados, quando viu, ao atravessar a cidade, a capela da Virgem 1verskaia, com os seus inumeráveis círios acesos diante de ícones de molduras douradas, e pôs os olhos na Praça do Kremlin, com a sua neve quase imaculada, quando tomou a ver os cocheiros e as vetustas casas de Sivtsev Vrajek (Uma rua de Moscovo. (N, dos T.), os velhos moscovitas, que nada desejavam e lá iam acabando tranquilamente os seus dias, as senhoras, os bailes e o clube inglês, foi como se se sentisse em sua própria casa, num verdadeiro porto de abrigo. Moscovo era para ele como um velho roupão, confortável, quentinho, a que estivesse habituado, embora um tanto sujo.

Toda a sociedade moscovita, a principiar nos velhos e a acabar nos mais novos, acolheu Pedro como um hóspede de há muito esperado, cujo lugar estivera devoluto sempre preparado para o receber. O conde era para essa gente o mais encantador, o melhor, o mais inteligente, o mais alegre, o mais generoso dos originais, o tipo por excelência do fidalgo russo à moda antiga, distraído e generoso. De tão abertas para todos, andava sempre de algibeiras vazias. Estava sempre pronto a auxiliar espectáculos de caridade, a adquirir quadros e estátuas sem mérito, a ajudar sociedades de beneficência, ciganas, escolas, subscrições para jantares, orgias, irmãos maçónicos, colectas de igreja, publicações de obras, e, se não fossem dois ou três amigos que lhe pediam emprestadas grossas maquias e o haviam posto praticamente sob tutela, acabaria por distribuir tudo quanto tinha. No clube não havia jantar ou recepção a que ele não comparecesse. Assim que se afundava no seu lugar habitual no divã, após ter ingerido duas ou três garrafas Château-Margaux, formava-se uma roda em tomo dele e principiavam as discussões, as pilhérias, as anedotas. Se alguém se irritava. Pedro, com o seu bom sorriso e uma palavra cordata dita a tempo, restabelecia a boa disposição. As lojas maçónicas, se ele não estava, eram enfadonhas e tristes.

Quando, depois de uma ceia de solteirões, acedendo ao desejo dos convivas joviais. Pedro se levantava, com o seu bom e doce sorriso, disposto a acompanhá-los, gritos de vitória e satisfação prorrompiam de entre os mais jovens. Nos bailes, se faltava um par, lá estava ele para dançar. Agradava às senhoras e às meninas, visto que, sem cortejar nenhuma, se mostrava indistintamente amável com todas, sobretudo depois da ceia. «É encantador, não tem sexo», diziam dele.

Pedro fazia parte do número desses camaristas na inactividade, às centenas em Moscovo, que terminam os seus dias na maior tranquilidade.

Grande indignação teria sido a sua, se sete anos antes, ao desembarcar, de regresso do estrangeiro, alguém lhe houvesse dito que nada tinha nem a procurar nem a imaginar, pois o seu caminho de há muito estava traçado para sempre e que fizesse ele o que fizesse viria a ser o que haviam sido todos os outros na mesma situação do que ele! Pois não desejara, de todo o seu coração, implantar a república na Rússia ou ser um Napoleão ou um filósofo, ou o estratego que venceria o imperador? Não fora ele quem julgara possível a regeneração do género humano e apaixonadamente a desejava, contando chegar ao mais alto grau de aperfeiçoamento moral? Não fora ele quem fundara escolas e hospitais e

dera liberdade aos seus servos?

E em vez de tudo isso, que era ele afinal? O marido rico de uma mulher infiel, um camarista reformado, o bom copo e o bom garfo que, à vontade depois de um bom jantar, se põe comedidamente a criticar o governo. E ali estava o membro do clube inglês de Moscovo e ai-jesus da sociedade moscovita. Durante muito tempo custou-lhe a acreditar que era isso mesmo, o tipo do camarista moscovita na inactividade, essa personagem a quem tão profundamente desprezava sete anos antes.

Por vezes consolava-se dizendo ser apenas momentânea a vida que levava, mas logo o aterrorizava a ideia de que muitos como ele também se haviam dado momentaneamente a tal vida, àquela existência de clube ainda com todos os cabelos na cabeça e todos os dentes na boca, tendo chegado ao fim carecas e desdentados.

Nas suas horas de orgulho, quando se punha a reflectir no que era, dizia de si para consigo não se parecer em coisa alguma com esses tais camaristas a quem outrora desprezara, com essas criaturas vulgares e estúpidas, contentes e satisfeitas consigo próprias. «Eu, pelo contrário, actualmente, não me sinto satisfeito com coisa alguma, continuo a desejar fazer seja o que for para bem da humanidade», pensava então. «Mas, quem sabe? Também eles, actualmente meus companheiros, se atormentaram assim, procurando como eu um novo caminho na vida e, tal como eu, vítimas da força das circunstâncias, do meio, do nascimento, escravos desta tirania dos elementos contra a qual o homem nada pode, todos eles se viram arrastados para a situação em que eu próprio estou», dizia de si para consigo nas horas de modéstia. E ei-lo que depois de alguns meses de Moscovo, em vez de os desprezar, pusera-se a amá-los, a estimá-los e a lamentá-los, como se eles fossem ele próprio, esses seus pobres companheiros de infortúnio.

Já o não assaltavam, como antigamente, momentos de desespero, desgosto e hipocondria. A doença, que antes se lhe manifestava por violentos acessos, fora recalcada para o seu íntimo, sem por isso deixar de o atormentar. «Para quê? Porquê? Que drama se representa no mundo?», perguntava-se a si próprio, angustiado, muitas vezes ao dia, procurando, debalde, compreender o sentido dos fenómenos da vida. Sabendo, porém, que as suas interrogações ficariam sem resposta, dava-se pressa em desviar delas o pensamento. Pegava num livro, ia até ao clube ou punha-se a tagarelar com Apolo Nikolaievitch sobre os escândalos da

cidade.

«Helena Vassilievna, que nunca amou nada além do seu belo corpo e é uma das mais estúpidas mulheres à face da Terra», repetia Pedro com os seus botões, «aos olhos do mundo é como que o supra-sumo do espírito e da inteligência, e toda a gente se prosterna diante dela. Napoleão Bonaparte, enquanto foi um grande homem todos os desprezaram, e agora, que não passa de um desprezível comediante, até o imperador Francisco lhe 'oferece a filha por concubina. Os Espanhóis rendem graças a Deus, por intermédio do clero católico, por lhes haver concedido derrotarem os Franceses no dia 14 de Junho e os Franceses fazem outro tanto, por intermédio do mesmo clero, por no mesmo dia 14 de Junho igualmente terem vencido os Espanhóis (Alusão ao cerco do Convento de Santa Cruz, pelo marechal Ney, em Junho de 1810. (N, dos T.). Os meus irmãos pedreiros-livres juram, pelo sangue das suas veias, estarem prontos a tudo sacrificar por amor do próximo, e não se dignam dar um rublo sequer no peditório para os pobres. E intrigam, tomando o partido da Astreia contra o dos Buscadores do Maná, prestando-se a todas as baixezas para conseguirem o verdadeiro 'tapete' escocês e uma acta que ninguém percebe, nem mesmo aquele que a redigiu, nada significando, nem tendo qualquer préstimo. Todos nós professamos a lei cristã, que manda perdoar as injúrias e amar o próximo, e em nome desta lei erigimos em Moscovo quarenta vezes quarenta igrejas (Antigo hábito eslavo de contar por quarenta. (N, dos T.), embora ainda ontem açoitássemos de morte um desgraçado desertor a quem o ministro desta mesma lei de amor e perdão, o sacerdote, deu a cruz a beijar antes do suplício.» Assim meditava Pedro, e esta geral hipocrisia, aceita por todos, apesar do hábito que dela tinha, todos os dias o revoltava como se fosse um caso novo.

«Sinto-as, vejo-as por todo o lado, esta hipocrisia e esta cegueira», prosseguia ele ainda, «mas onde arranjar palavras para explicar-lhes tudo quanto tenho a dizer-lhes? Sempre que o tentei, pude verificar que lá no fundo eram todos da minha opinião, mas que se negavam a reconhecer o facto. É possível que assim tenha de ser! Mas eu, que destino será o meu?...» Pedro gozava deste triste privilégio, frequente em muitos homens, mas especialmente nos Russos, graças ao qual, embora acreditem na verdade e no bem, com tanta clareza vêem o mal e a mentira dos humanos que lhes faltam forças para os combater a fundo. A seus olhos, todos os domínios da actividade humana estavam imbuídos do mal e da

mentira. Fizesse o que fizesse, tentasse o que tentasse, sempre se sentia repelido por esta mentira perpétua: todas as vias da actividade humana se lhe fechavam. E no entanto era preciso viver, algo tinha de fazer, apesar de tudo. Deixar-se esmagar sob o peso destes problemas insolúveis, eis o que se lhe afigurava horrível, e por isso mesmo, quanto mais não fosse para esquecê-los, entregava-se ao que quer que houvesse a fazer. Frequentava todas as sociedades, bebia muito, coleccionava quadros, erigia castelos no ar e lia, lia principalmente.

Lia, lia tudo o que lhe vinha à mão, e de tal maneira que até mesmo à noite, quando o criado o ajudava a despir, continuava a ler. Finda a leitura, vinha o sono, e, findo o sono, era a conversa dos salões e do clube, da conversa passando às orgias e às mulheres, e, das orgias, voltando outra vez à conversa, à leitura e ao vinho. Beber tornara-se para ele uma necessidade ao mesmo tempo física e moral. Não obstante a opinião dos médicos, que o advertiam de quanto o vinho lhe era prejudicial devido à sua corpulência, continuava a beber furiosamente. Não se sentia bem senão quando, quase inconsciente, depois de despejar uma boa dose de copos de vinho, sentia então por todo o corpo uma agradável sensação de calor, e todo ele era ternura para com o semelhante e tendência para abordar todos os problemas sem ir ao fundo de nenhum.

Só depois de haver despejado uma ou duas garrafas percebia vagamente que aquele nó tão terrível e complicado da existência, nó que o enchia de horror, era afinal menos medonho do que ele imaginava. Com a cabeça a zumbir, falando, ouvindo as conversas alheias ou lendo após as refeições, a seu lado lá estava sempre aquele nó que era preciso cortar. Apenas sob a acção do vinho, porém, dizia de si para consigo: «Não é nada. Hei-de desatá-lo... Sim, tenho uma explicação ao meu alcance. Por agora falta-me tempo. Depois pensarei nisso.» Este «depois», contudo, nunca chegava.

Pela manhã, ainda em jejum, os mesmos problemas lhe apareciam tão insolúveis e terríveis como sempre, e ei-lo que se dava pressa, então, de pegar num livro, e, se alguém o vinha visitar, ficava encantado.

Às vezes lembrava-se de ter ouvido contar que os soldados na guerra, nas linhas avançadas, sob o fogo do inimigo, quando ociosos, procuravam uma ocupação qualquer para mais facilmente esquecerem o perigo. A seus olhos os homens sempre procediam como esses soldados, na esperança de se esquecerem da vida, e davam-se à ambição, ao jogo, elaboravam leis, entretinham-se com

mulheres, divertiam-se, criavam cavalos, dedicavam-se à política, ou à caça, ou ao vinho, ou aos negócios públicos. <Em conclusão, nada há desprezível, nada há importante, tudo é indiferente», pensava Pedro, «desde que uma pessoa saiba subtrair-se a essa, realidade da vida, desde que uma pessoa se não veja frente a frente com a vida, esta terrível vida!»

[II]

No princípio do Inverno o príncipe Nicolau Andreievitch Bolkonski veio instalar-se com a filha em Moscovo. Graças ao seu passado, à sua inteligência e à sua originalidade, mercê sobretudo de um amortecimento, naquela altura, do entusiasmo que o reinado do imperador Alexandre provocou e também do renascimento dos sentimentos antifranceses e patrióticos que então reinava nos espíritos, logo ele se tomou para os Moscovitas o objecto de um respeito muito particular e o fulcro da oposição ao Governo.

O príncipe envelhecera muito naquele ano. Já dava indiscutíveis indícios de senilidade: ficava-se a dormir intempestivamente, esquecia acontecimentos recentíssimos, recordando-se, em compensação, dos factos mais remotos e aceitava com uma infantil vaidade o papel de chefe da oposição moscovita. Apesar disto, quando, especialmente nas recepções, aparecia à hora do chá, de peliça curta e cabeleira empoada, e alguém o provocava, dando-se a contar, entrecortadamente, como sempre, anedotas de antanho, e formulando sobre o tempo presente juízos incisivos, em geral o sentimento de respeito que então provocava entre os seus convidados aquele velho palácio, com os seus grandes tremós, o seu mobiliário anterior à Revolução, os seus lacaios de cabeleira empoada e aquele velho do século passado, de modos bruscos mas inteligente, com uma filha tímida e uma francesa bonita, que o veneravam, representava para as visitas um espectáculo cheio de encanto. O que todos ignoravam, porém, é que, para além das duas ou três horas em que viam os donos da casa, havia vinte e duas de uma vida íntima e secreta. Nos últimos tempos, em Moscovo essa vida tornara-se extremamente penosa para a princesa Maria. Faltavam-lhe as suas maiores alegrias: as longas conversas com os Homens de Deus e a solidão que em

Lissia Gori a reconfortava de todos os seus desgostos. E em contrapartida não lhe era dado gozar de qualquer das vantagens e distracções da vida da capital. Não frequentava a sociedade; toda a gente sabia que o pai a não deixava sair sozinha e que ele, em virtude da precária saúde, a não podia acompanhar. Bis porque a não convidavam para jantares ou recepções. Perdera toda a esperança de casar. A frieza e o azedume com que o pai desde logo acolhia, para depois afastar, todos os rapazes em situação de a pedirem em casamento que porventura se atreviam a frequentar-lhe a casa eram do conhecimento público. Tão-pouco tinha amigas. Desde que chegara a Moscovo perdera todas as ilusões sobre a conduta de duas pessoas a quem consagrara uma grande afeição. Mademoiselle Bourienne, com quem já não podia ser inteiramente franca, era-lhe agora abertamente desagradável, e Maria tinha razões para a manter afastada. Júlia, que vivia em Moscovo, e com quem se carteara cinco anos, tornara-se-lhe uma estranha mal tivera oportunidade de privar directamente com ela. Esta sua amiga, que depois da morte dos irmãos se convertera numa das mais ricas herdeiras de Moscovo, dera-se de corpo e alma ao turbilhão dos prazeres mundanos. Andava sempre rodeada de uma chusma de rapazes que, assim ela pensava, de um momento para o outro se tinham posto a apreciar-lhe os méritos. Chegara àquele período da vida das meninas de sociedade já maduras em que estas sentem ser o momento de aproveitar a última oportunidade, caso contrário nunca mais encontrarão marido. A princesa Maria, com um melancólico sorriso, todas as quintas-feiras se lembrava de que já a ninguém tinha que escrever, visto Júlia, essa Júlia cuja presença lhe não dava já qualquer alegria, viver a dois passos e todas as semanas se encontrarem. Tal qual esse velho emigrado que não quisera casar com a senhora em casa de quem passara todos os seus serões durante anos, ei-la que lamentava agora estar Júlia tão perto dela, privando-a assim de lhe escrever. Em Moscovo ninguém mais tinha com quem falar e a quem confiar as suas tristezas, e agora muitas preocupações novas a torturavam. A data do regresso do príncipe André aproximava-se e o seu casamento também, e o certo é que ela não só se não desempenhara da missão de que ele a encarregara junto do pai, preparando-o para isso, como essa missão se lhe afigurava inútil: bastava ouvir o nome dos Rostov para o velho príncipe perder as estribeiras; aliás estava sempre de má catadura. As demais preocupações que a afligiam viera juntar-se nestes últimos tempos as das lições que dava ao sobrinho, de seis anos. Verificara com terror no

decurso destas lições dar mostras de uma irritabilidade muito semelhante à do seu velho pai. Por mais que a si própria dissesse que não devia exasperar-se, sempre que pegava no alfabeto francês para dar lição ao sobrinho, tão apressada se mostrava em iniciá-lo em tudo que ela própria sabia que à mais pequena desatenção da criança, de antemão receosa de encolerizar a tia, ficava nervosa, impacientava-se, exaltava-se, levantava a voz, chegando a dar-lhe beliscões e a mandá-la de castigo para o canto da casa. Depois de a castigar, chorava, acusando-se a si própria de ser má, e Nikoluchka, choroso também, lá vinha do seu canto, sem autorização, e aproximando-se da tia, num gesto carinhoso, puxava-lhe as mãos da cara húmida de lágrimas, consolando-a. O que mais a afligia no entanto era o carácter irascível do pai, que a tomara de ponta e cada vez estava mais duro para com ela. Se ele se lembrasse de a mandar passar a noite de joelhos, se lhe batesse, se a obrigasse a acarretar lenha ou água, nunca lhe teria passado pela cabeça considerar isto qualquer coisa de penoso; mas aquele verdugo, cruel sobretudo por muito lhe querer, e essa era a razão por que a atormentava a ela e se atormentava a si próprio, de propósito, não só a ofendia e humilhava, mas a todo o momento lhe queria mostrar como em tudo e por tudo procedia mal. Nos últimos tempos um facto novo surgira que ainda mais penalizara a princesa Maria: as atenções que ele tributava a Mademoiselle Bourienne. Desde que soubera da inclinação do filho, metera-se-lhe na cabeça a tola mania de casar com Mademoiselle Bourienne caso André teimasse na sua ideia. Parecia sorrir-lhe esta perspectiva e naqueles últimos tempos, apenas para a humilhar — assim pensava Maria — dava-se ao capricho de se mostrar particularmente atencioso para com a francesa e irritado para com a filha, como se estivesse enamorado daquela.

Um dia, em Moscovo, diante de Maria, que bem vira tê-lo ele feito de propósito, o velho príncipe beijou a mão de Mademoiselle Bourienne, e, puxando-a para si, abraçou-a com certa intimidade. A princesa Maria, muito corada, saiu da sala. Daí a pouco. Mademoiselle Bourienne veio ter com ela, muito sorridente, e pôs-se a contar-lhe qualquer coisa alegre com voz insinuante. Maria enxugou as lágrimas que lhe humedeciam o rosto, aproximou-se dela em passo resoluto e sem se dar conta do que fazia, num acesso de cólera, gritou-lhe: «É feio, é baixo, é inumano tirar partido da fraqueza... » E sem concluir a frase: «Saia, saia daqui», acrescentou, já em soluços.

No dia seguinte o príncipe não lhe dirigiu a palavra, e ao jantar Maria notou

que ele dera ordem ao criado para servir Mademoiselle Bourienne em primeiro lugar. No fim da refeição, quando o lacaio, conforme o costume, servia o café principiando pela princesa, o príncipe, num súbito ataque de ira, atirou a bengala à cabeça do criado e imediatamente lhe deu ordem para que se alistasse como soldado.

— Não ouviste?... Disse-o duas vezes... Não ouviste? É a primeira pessoa da casa. É a minha melhor amiga! — vociferou ele — E tu — acrescentou, iracundo, dirigindo-se à filha pela primeira vez desde a véspera —, se te atreveres, se ousares outra vez, como ontem.., esqueceres-te diante dela, eu te ensinarei quem é aqui o dono da casa. Fora, que eu te não volte a ver. Pede-lhe perdão.

A princesa Maria pediu perdão a Mademoiselle Bourienne e ao pai, em seu nome e no do lacaio Filipe, que lhe rogara intercedesse por ele.

Em tais momentos Maria sentia na alma um sentimento a que poderia dar-se o nome de orgulho do sacrifício. Logo em seguida, porém, aquele pai, a quem ela censurava, punha-se à procura das lunetas, às apalpadelas, sem ver, esquecendo coisas que acabavam de suceder, ou as débeis pernas lhe faziam dar um passo em falso, e ele voltava a cabeça para ver se alguém dera por isso ou, coisa bem pior ainda, quando não havia convidados ficava-se a dormir sentado à mesa, o guardanapo caído, enquanto a cabeça trémula lhe pendia para o prato... «Tão velho e fraco e eu atrevo-me a censurá-lo!», pensava a princesa, horrorizada consigo própria.

[III]

Em 1810 vivia em Moscovo um médico francês que gozava de grande voga. Era alto, elegante, amável, como todos os franceses e, segundo se dizia em Moscovo, de extraordinário talento. Chamava-se Métivier. Na alta sociedade recebiam-no mais como amigo que propriamente como médico.

O príncipe Nicolau Andreievitch, que ria da medicina, aconselhado por Mademoiselle Bourienne, chamara-o nesses últimos tempos e acostumara-se a ele. Métivier visitava o príncipe duas vezes por semana.

No dia de S. Nicolau, festa onomástica do velho, todo Moscovo se apresentou

em sua casa, mas ele deu ordem para não, receberem ninguém, salvo as pessoas íntimas, cuja lista confiara a Maria e a quem esta convidou para jantar.

Métivier, que viera pela manhã apresentar as suas felicitações, julgou conveniente, na sua qualidade de médico, forçar as ordens dadas, segundo disse à princesa Maria, e entrou para ver o príncipe. Aconteceu precisamente que nessa manhã o velho príncipe se achava num dos seus dias de má disposição. Começara o dia de um lado para o outro repreendendo toda a gente e fingindo não perceber o que lhe diziam e não ser compreendido pelos outros. Por de mais conhecia Maria este estado de espírito em que o pai se mostrava de uma irascibilidade concentrada e aparentemente serena, e que, geralmente, terminava num ataque de fúria. Toda a manhã se sentira por isso como diante do cano de uma espingarda carregada, sempre à espera do tiro inevitável. Tudo correra bem até ao momento da chegada do médico. Depois de o ter acompanhado, foi sentar-se, com um livro, no salão, junto da porta donde poderia ouvir o que se passava no gabinete.

De princípio apenas lhe chegou aos ouvidos a voz de Métivier, depois ouviu a voz do pai e por fim as de ambos, que falavam ao mesmo tempo. Subitamente a porta abriu-se de par em par, surgindo no limiar a alta estatura do médico, com a sua carapinha preta e a cara espantada, e logo atrás o príncipe, de barrete de dormir e roupão, a máscara descomposta e os olhos fora das órbitas.

— Não compreendes? — gritava-lhe ele, — Mas eu compreendo perfeitamente! Espião francês, lacaio de Bonaparte, espião, fora daqui! Fora daqui, fora daqui!... — E fechou-lhe a porta nas costas. Métivier, encolhendo os ombros, aproximou-se de Mademoiselle Bourienne, que acorrera, vinda da sala contígua, ao ouvir a gritaria.

— O príncipe não está muito bem de saúde. Está bilioso e delira. Mas sosseguem, ou volto amanhã — disse, pondo um dedo nos lábios, a pedir silêncio, saindo apressadamente.

Por detrás da porta ouviram-se os chinelos de quarto do príncipe e exclamações: «Espiões! Traidores! Traidores por toda a parte! Já não 1)ode uma pessoa estar sossegada em sua casa!»

Depois da saída de Métivier, o velho príncipe chamou a filha e sobre ela despejou toda a sua indignação. Era Maria quem tinha a culpa de aquele espião haver entrado em sua casa. Pois não fizera ele uma lista e não dera ordem para não deixarem entrar quem nela não figurasse? Porque tinham então aberto a

porta àquele miserável? A culpa era dela. Por sua causa não podia ter um minuto de repouso, não podia morrer tranquilo — disse-lhe ele.

— Sim, minha menina, temos de nos separar, temos de nos separar! Fica sabendo, sim, fica sabendo! Já não posso mais — prosseguiu ele, dando um passo para a porta. E receoso, naturalmente, de que ela não tomasse a sério as suas palavras, voltou atrás e acrescentou, procurando manter a serenidade: — E não julgues que te digo isto num momento de exaltação. Estou sereno, tenho pensado muito e a minha última palavra é esta: separemo-nos. Arranje onde ficar!... — Não se conteve todavia por muito tempo e numa exaltação, só possível talvez no homem que muito ama, ergueu os punhos ameaçadores para a filha, ele próprio presa de um grande sofrimento, gritando:

— Ainda se houvesse um imbecil que casasse com ela! — Em seguida bateu com a porta, mandou chamar Mademoiselle Bourienne ao seu gabinete e sossegou.

As duas horas chegaram as seis pessoas convidadas para jantar: o célebre conde Rostoptchirie, o príncipe Lopukhine, com o sobrinho, o general Tchatrov, velho camarada do príncipe, e, entre os jovens, Pedro e Bóris Drubetskoi. Todos o aguardaram no salão.

Bóris, havia pouco chegado a Moscovo em gozo de licença, desejara ser apresentado ao príncipe Nicolau Andreievitch e tão bem soubera conquistar-lhe as graças que este abrira uma excepção a seu favor, visto não receber jovens solteiros.

O palácio do príncipe não estava classificado entre as casas consideradas «da sociedade»: frequentava-o uma pequena roda, de que pouco se falava; contudo ser nele admitido constituía uma honra. Eis o que Bóris pudera perceber oito dias antes, quando, na sua presença, o conde Rostoptchine respondera ao general-governador, que o convidava para o jantar no dia de S. Nicolau, não poder aceitar o convite:

— Nesse dia vou, sempre venerar as relíquias do príncipe Nicolau Andreievitch.

— Ah, sim, é verdade — respondera o general — E ele como vai?

O pequeno grupo reunido antes do jantar no salão à moda antiga, com o seu velho mobiliário, dava a impressão de um conselho solene de juizes convocado para tomar uma deliberação. Mantinha-se calado, e quando alguém falava era em

voz baixa.

O príncipe Nicolau Andreievitch estava grave e silencioso. A princesa Maria parecia mais tímida e doce do que nunca. Raramente os convidados lhe dirigiam a palavra, certos de que lhe não interessava o que estavam dizendo. Quem conduzia a conversa era o conde Rostoptchine, que falava dos últimos acontecimentos políticos e das novidades da capital. Tanto Lopukhine como o velho general poucas vezes abriram a boca.

O príncipe Nicolau Andreievitch ouvia, como um juiz supremo ouve a informação que lhe prestam, limitando-se a mostrar com o silêncio ou algumas breves palavras tomar nota do que lhe diziam. Tal era o tom da conversa, que logo se percebia ninguém aprovar o que estava acontecendo nos meios políticos.

O que se dizia dos acontecimentos confirmava plenamente irem as coisas de mal a pior. No entanto, algo era de notar no que cada um dizia ou no que cada um opinava: que o narrador se interrompia ou se via interrompido sempre que se aproximava daquele ponto em que a personalidade do imperador poderia estar em causa.

Durante o jantar falou-se das últimas novidades políticas: da ocupação pelo imperador dos Franceses do grão-ducado de Oldemburgo e da nota russa, muito hostil à França, endereçada a todas as cortes da Europa.

— Bonaparte procede para com a Europa como um pirata na ponte de um navio conquistado — disse o conde Rostoptchine, repetindo uma frase que lhe andava na boca de há tempo àquela parte. — O que me surpreende é a apatia ou a cegueira dos reis. Agora é o papa quem está em jogo, e Bonaparte, que perdeu a vergonha, parece disposto a derrubar o chefe supremo da Igreja, e toda a gente fica calada! Só o nosso imperador protestou contra a ocupação do grão-ducado de Oldemburgo. E ainda isso... Rostoptchine calou-se, sentindo que chegara ao extremo limite onde todos os juízos eram suspensos.

— Ofereceram-lhe outras possessões em troca do ducado de Oldemburgo — interveio o príncipe Nicolau Andreievitch. — Procede para com os duques como eu para com os meus mujiques quando transportei os meus camponeses de Lissia Gori para Bogutcharovo e os meus domínios de Riazan.

— O duque de Oldemburgo enfrenta a desgraça com uma força de ânimo e uma resignação admiráveis — disse Bóris, tomando parte na conversa em tom respeitoso.

Falava desta maneira porque no momento de deixar Petersburgo tivera a honra de ser apresentado ao duque. Nicolau Andreievitch fitou o mancebo como se fosse sua intenção responder-lhe, mudando de parecer por julgá-lo, talvez, novo de mais.

— Li o nosso protesto a propósito deste caso e fiquei surpreendido com a deplorável redacção dessa nota — comentou Rostopchine, no tom indiferente de quem fala dum assunto muito do seu conhecimento.

Pedro olhou para ele com uma surpresa ingénua, sem compreender porque o preocupava tanto aquela má redacção.

— O estilo que importa, conde — observou ele —, desde que o fundo seja enérgico?

— Parece-me, meu caro, que os nossos quinhentos mil homens nas fileiras deveriam inspirar-nos um bom estilo — disse Rostoptchine.

Pedro compreendeu então porque o inquietava, ao conde, a redacção da nota.

— Parece-me que escribas não faltam agora — voltou o velho príncipe. — Lá em Petersburgo não fazem senão escrever, e não apenas notas, volumes inteiros cheios de novas leis. O meu Andriucha, só à sua parte, compôs um livro de leis para a Rússia. Hoje em dia passa-se a vida a escrever! — acrescentou, com um sorriso forçado.

A conversa cessou por um momento. O velho general chamou a atenção, tossicando.

— Ouviram falar do que aconteceu na parada de Petersburgo? Aquele comportamento do novo embaixador de França!

— Ah, sim, contaram-me: deu uma resposta inconveniente a Sua Majestade.

— Sua Majestade chamara-lhe a atenção para a divisão de granadeiros e o seu desfile em passo de parada — prosseguiu o general — e, ao que parece, o embaixador não só lhe não prestou a mínima atenção como se permitiu mesmo dizer-lhe que no seu país, em França, ninguém se preocupava com bagatelas daquela espécie. O imperador não se dignou responder e na parada seguinte, segundo se diz, nem uma só vez lhe dirigiu a palavra.

Toda a gente se conservou calada. Como o facto se referia ao imperador, não era possível fazer qualquer comentário.

— Insolentes! — exclamou o príncipe. — Conhecem o Métivier? Pu-lo na rua esta manhã. Apareceu aí, deixaram-no entrar, embora eu tivesse dado ordens

para não permitirem a entrada fosse a quem fosse — acrescentou, lançando um olhar irritado à filha. E pôs-se a contar o que se passara entre ele e o francês, e as razões que o levavam a acreditar tratar-se de um espião. Embora as suas razões fossem praticamente improcedentes e muito pouco claras, ninguém fez qualquer objecção.

Depois do assado foi servido o champanhe. Os convidados ergueram-se para felicitar o velho príncipe. Maria também se aproximou.

O príncipe olhou-a com frialdade e dureza enquanto lhe oferecia a rugosa cara barbeada de fresco. Maria compreendeu que a conversa dessa manhã não estava esquecida e que a resolução do pai se mantinha inabalável; só a presença dos convidados o retinha.

Quando passaram ao salão para tomar o café, os velhos sentaram-se todos juntos.

O príncipe Nicolau Andreievitch animou-se um pouco mais e expôs o que pensava a respeito da guerra futura.

Disse que as guerras com Bonaparte não teriam êxito enquanto os Russos se obstinassem em procurar aliar-se aos Alemães e interviessem nos assuntos europeus, e a isso se viam arrastados pela paz de Tilsitt. — Os Russos não deviam intervir nem contra a Áustria nem a seu favor. A nossa política está toda no Oriente, e, no que diz respeito a Bonaparte, só temos uma coisa a fazer: armar a nossa fronteira e mostrarmo-nos firmes. Eis a maneira de ele nunca mais transpor a nossa fronteira, como aconteceu em 1807.

— E como poderíamos lutar contra os Franceses, príncipe? — interrogou então o conde Rostoptchine — Poderemos acaso armar-nos contra nossos amos e deuses? Ponde os olhos na nossa juventude, olhai para as senhoras da nossa sociedade. Os nossos deuses são os Franceses, o nosso éden é Paris — prosseguiu mais alto, naturalmente para que todos o ouvissem — Modas francesas, ideias francesas, sentimentos franceses, tudo é francês! Pôs na rua o Métivier, por ser francês e canalha, mas as nossas belas damas rojam-se-lhe aos pés. Ainda ontem estive numa recepção: das cinco senhoras presentes, três eram católicas e bordavam ao domingo, com autorização especial do papa. Pois estavam quase nuas como se fossem tabuletas de um balneário, com sua licença. Ah!, príncipe, quando ponho os olhos na nossa juventude, vêm-me ganas de ir buscar o bastão de Pedro, o Grande, ao museu e de lhe dar uma sova à russa. Talvez assim lhe passasse a maluqueira!

— Fez-se silêncio. O velho príncipe olhava Rostoptchine, aprovando com a cabeça, o rosto iluminado por um sorriso.

— Bom, adeus, excelência. Muita saúde! — acrescentou Rostoptchine, erguendo-se e estendendo a mão ao príncipe, com a brusquidão que lhe era peculiar.

— Adeus, meu caro. E o teu gussli (Espécie de saltério. (N, dos T.)? Sempre gostei muito de o ouvir — disse o velho príncipe, retendo entre as suas as mãos de Rostoptchine, enquanto lhe dava a cara a beijar. Seguindo o exemplo de Rostoptchine, os demais ergueram-se também.

[IV]

A princesa Maria, que assistira à cavaqueira dos velhos, nada compreendera do que eles disseram. Só tinha uma preocupação: que os convidados não percebessem o seu desacordo com o pai. Não reparara sequer nas atenções e amabilidades que Drubetskoi lhe testemunhara durante todo o jantar. Era a terceira visita que lhe fazia. Com um olhar interrogador e distraído, a princesa dirigiu-se a Pedro, que, de chapéu na mão e muito sorridente, se aproximou dela depois de o príncipe sair, quando ficaram sós no salão.

— Posso ficar mais um bocadinho? — disse ele, deixando cair o corpanzil numa poltrona, junto da princesa.

— Com certeza — volveu ela. «Notou alguma coisa?» lia-se-lhe no olhar.

Pedro estava muito bem disposto, como era seu costume após os repastos. Sorria docemente, olhando, vago, em tomo de si.

— Há muito tempo que conhece este rapaz, princesa? — perguntou.

— Que rapaz?

— Drubetskoi.

— Não, há pouco...

— E gosta dele?

— Gosto, é um rapaz agradável... Porque mo pergunta? disse ela, sempre preocupada com a conversa que tivera com o pai nessa manhã.

— Porque observei uma coisa: não é natural que um rapaz venha de

Petersburgo a Moscovo noutra intenção que não seja a de arranjar um casamento rico.

— Notou isso? — volveu ela.

— Notei — prosseguiu ele, sorrindo — e esse rapaz costuma aparecer sempre onde há herdeiras ricas. Leio-lhe na alma como num livro aberto. A esta hora está ele a perguntar a si mesmo por qual das duas deve principiar o ataque: por si ou pela Júlia Karaguine, junto de quem é muito assíduo.

— Costuma lá ir?

— Sim, muitas vezes. E sabe como é moda agora fazer a corte às senhoras? — disse ele, com um sorriso jovial, naturalmente num desses momentos de indulgente ironia de que não poucas vezes se lamentava no diário.

— Não — tornou Maria.

— Agora, para agradar às meninas casadouras de Moscovo, é preciso ser melancólico. E mostra-se muito melancólico junto de Mademoiselle Karaguine — disse Pedro.

— Ah, sim? — tornou ela, fitando o bondoso rosto do moço, sem esquecer o seu desgosto: «Seria um alívio para mim poder confiar as minhas preocupações a alguém», pensava ela. «E o Pedro é a pessoa a quem eu gostaria de contar tudo. Tem tão bom coração! E tão nobre! Que bem me faria! Podia dar-me um conselho!»

— Era capaz de casar com ele? — perguntou Pedro.

— Oh!, meu Deus, conde! Há momentos em que casaria fosse com quem fosse — exclamou Maria, quase inconscientemente, com um soluço na garganta. — Oh!, é tão triste gostarmos de alguém e sentirmos que somos um motivo de desgosto para esse alguém, sobretudo quando sabemos que é sem remédio — acrescentou em voz trémula. — Só há uma solução: afastarmo-nos. Mas eu, para onde hei-de eu ir?

— Que tem? Que é isso, princesa?

A princesa Maria rompeu num choro convulso.

— Não sei o que tenho hoje. Não ligue importância, esqueça que acabo de lhe dizer.

A alegria de Pedro desapareceu. Pôs-se a interrogar carinhosamente a princesa, pediu-lhe que lhe contasse tudo, que lhe confiasse o seu desgosto. Ela, porém, limitou-se a pedir-lhe que esquecesse o que lhe dissera, que ela já de nada

se lembrava, que não havia na sua vida outros desgostos além daqueles que ele muito bem conhecia, visto o casamento de André pôr em perigo as relações do pai com o filho.

— Tem tido notícias dos Rostov? — perguntou ela para mudar de conversa. — Disseram-me que estão para chegar em breve. Também espero o André de um dia para o outro. Muito gostaria que se encontrassem aqui.

— Como encara ele actualmente o casamento? — perguntou Pedro, referindo-se ao velho príncipe.

Maria abanou a cabeça.

— Que havemos nós de fazer? Poucos meses faltam já para terminar o prazo de um ano. E não pode ser. Desejaria poupar a meu irmão as primeiras horas do seu regresso. Seria melhor que eles chegassem primeiro. Gostaria de ter uma conversa com ela. Já que os conhece tão bem e há tanto tempo, diga-me, com a mão no coração, o que pensa de tudo isto: que espécie de pessoa é ela e qual a sua opinião a seu respeito? Peço-lhe que me fale com toda a franqueza. Casando contra vontade do pai, o André arrisca-se tanto que eu gostaria de ter a certeza...

Um instinto obscuro fez saber a Pedro que por detrás destas instâncias e destes reiterados pedidos da princesa Maria para lhe falar com toda a franqueza se escondia, da parte dela, uma certa má vontade para com a futura cunhada, e que era seu desejo que ele não aprovasse a escolha de André. Pedro, contudo, disse mais o que sentia do que o que pensava.

— Não sei como hei-de responder à sua pergunta — balbuciou, corando sem saber porquê. — Não lhe posso dizer de maneira alguma que espécie de menina ela é. Não me é possível analisar-lhe o carácter. É uma pessoa encantadora, mas porquê? Não sei. E nada mais lhe sei dizer.

A princesa Maria suspirou e no seu rosto lia-se: «Sim, era isto mesmo que eu esperava e que também receava.»

— É inteligente? — perguntou ela.

Pedro ficou um momento calado a reflectir.

— Talvez não e talvez sim — redarguiu. — Ser inteligente nada lhe diz a ela... Basta-lhe ser encantadora, e é tudo.

A princesa Maria voltou a abanar a cabeça com uma expressão de quem desaprova.

— Oh!, queria tanto gostar dela! Diga-lhe isso mesmo, se por acaso a vir antes

de mim.

— Ouvi dizer que está para chegar por estes dias — replicou ele.

Maria expôs a Pedro o seu projecto de a visitar, assim que a família chegasse a Moscovo, e a intenção em que estava de fazer tudo para que o velho príncipe a recebesse.

[V]

Bóris, que perdera um rico casamento em Petersburgo, viera a Moscovo arranjar outro. Hesitava entre os dois partidos mais ricos da capital: Júlia e a princesa Maria. Apesar da sua fraca beleza, a princesa parecia-lhe, evidentemente, mais sedutora do que Júlia, mas a verdade é que de certo modo experimentava uma espécie de embaraço na corte que lhe fazia. A última vez que a vira, no dia do aniversário do velho príncipe, sempre que tentara declarar-se-lhe, ela respondera-lhe distraidamente, sem perceber, com efeito, o que ele pretendia dela.

Júlia, pelo contrário, embora de uma forma muito especial, e bem sua, aceitara com agrado os seus galanteios.

Tinha então Júlia perto de vinte e sete anos. Com a morte dos seus dois irmãos ficara riquíssima. Já não era bonita. No entanto, não só se tinha na conta de muito bela, como se julgava ainda mais sedutora do que antigamente. O que lhe alimentava este erro era antes de mais nada o facto de ter passado a ser um riquíssimo partido, e em segundo lugar o pensar que quanto mais envelhecia menos perigosa se tornava para os homens, que se achavam no direito de ter mais liberdades para com ela e, sem assumirem qualquer responsabilidade, beneficiarem dos seus jantares, das suas recepções e da agradável sociedade que se reunia em sua casa. Aquele que, dez anos antes, tivesse evitado frequentar assiduamente o lar onde havia uma menina de dezassete primaveras, com receio de a comprometer ou de se comprometer, agora pouco se lhe daria apresentar-se todos os dias nos seus salões e de a tratar não como donzela casadoura, mas como alguém de agradável convívio cujo sexo pouco importa.

Naquele Inverno o salão das Karaguine era considerado entre os mais

brilhantes e hospitaleiros de Moscovo. Não contando com as recepções e os jantares especiais, todos os dias se reunia em casa das Karaguine numerosa sociedade, principalmente masculina. Ceava-se por volta da meia-noite, e ali se ficava até cerca das três horas da madrugada. Júlia não faltava a um baile, a um passeio, a um espectáculo. Vestia à última moda. No entanto, cultivava o género de quem está desencantada de tudo: dizia a toda a gente não acreditar nem na amizade, nem no amor, nem em qualquer das alegrias da vida e não esperar sossego senão no além. Adoptava o tom da mulher que passou por uma grande decepção, como se tivesse perdido um ser adorado ou houvesse sido cruelmente enganada. Embora nada disso lhe tivesse acontecido na vida, todos fingiam acreditá-la, e o certo é que ela própria acabara por convencer-se de que efectivamente sofrera grandes desgostos. Esta disposição melancólica, que a não impedia de se divertir, tão-pouco impedia os rapazes que frequentavam a sua casa de passarem muito bem o seu tempo. Todos os seus convidados principiavam por pagar tributo à melancolia da dona da casa, para depois se darem com o maior entusiasmo à conversa mundana. À dança, aos jogos de salão e às frases rimadas, então em moda na sua roda. Só alguns rapazes, entre os quais Bóris, acompanhavam mais de perto a melancolia de Júlia, e ela gostava de ter com eles colóquios prolongados e solitários sobre a vaidade das coisas deste mundo, e mostrava-lhes os seus álbuns, cheios de desenhos, de pensamentos e de poesias repassados da mais pungente tristeza.

Júlia mostrava-se particularmente carinhosa com Bóris: lamentava o seu prematuro desencanto da vida e prodigalizava-lhe as consolações da amizade nas suas possibilidades, dela, que tanto sofrera já, devassando-lhe o seu álbum. Nele desenhara Bóris duas árvores com esta legenda: «Arbustos bravios, vossos ramos sombrios derramam trevas e melancolia.»

Noutra página desenhara um túmulo e escrevera:

> A morte é misericordiosa e apaziguadora
> Não há outro refúgio contra a dor.

— Há algo tão delicioso no sorriso da melancolia — dizia-lhe ela, repetindo, palavra a palavra, a frase que lera num livro. — É um raio de luz no meio das trevas, cambiante entre a dor e o desespero, que aponta a possível consolação.

E a isto respondera Bóris com os seguintes versos:

Venenoso alimento de uma alma sensível.
Tu, sem quem a felicidade seria impossível.
Terna melancolia, ah! vem consolar-me,
Vem, serena os tormentos deste sombrio refúgio
    E mistura uma secreta doçura
    As lágrimas que sinto correr.

Júlia tocava na sua harpa os mais plangentes nocturnos para Bóris ouvir, e ele, que lhe lia em voz alta a Pobre Lisa estrangulado pela emoção, via-se por vezes obrigado a interromper a leitura. Quando se encontravam na sociedade, seus olhares diziam um ao outro serem eles os únicos a quem era indiferente o que se passava à sua volta e que só eles se compreendiam.

Ana Mikailovna, que vinha muitas vezes visitar as Karaguine, organizava partidas de cartas para a mãe de Júlia e ia-se informando do dote da filha: dote esse que consistia nas suas propriedades de Penza e em florestas em Nijni-Novgorod. Plenamente submissa à vontade da Providência e sempre muito humilde, encarava com simpatia a dor etérea que uma a rica Júlia a seu filho.

— Sempre encantadora e melancólica, esta querida Júlia. — dizia-lhe ela. — Bóris tem-me dito que só nesta casa a sua alma tem descanso. Tem tido tantas decepções e é tão sensível! — acrescentava, para a mãe. — Oh!, meu querido, nem sabes como me tenho dedicado a Júlia nestes últimos tempos! — comunicava ao filho. — E realmente quem não há-de gostar dela! É um anjo do Céu! Oh. Bóris. Bóris! E a pena que eu tenho da mãe dela! — prosseguia, após uma curta pausa. — Ainda hoje me esteve a mostrar as cartas e as contas que lhe mandam de Penza, onde têm uma propriedade imensa. Pobre senhora, vê-se obrigada a fazer tudo sozinha, e estão sempre a enganá-la!

Bóris sorria imperceptivelmente ao ouvir a mãe. Esta ingénua astúcia despertava nele um sorriso afável, mas ouvia-a com atenção e às vezes fazia-lhe perguntas sobre as propriedades de Penza e de Nijni.

Júlia esperava havia muito que o seu melancólico adorador se declarasse, disposta, está claro, a não o repelir. Mas uma repulsa secreta, sobretudo perante o violento desejo em que ela estava de arranjar um marido, a sua pouca

naturalidade, o terror de ter de renunciar para sempre a um amor sincero, ainda detinham Bóris. Aproximava-se o termo da licença que gozava. Levava dias inteiros em casa das Karaguine, mas todos os dias, reflectindo, adiava para o dia seguinte a declaração. Diante de Júlia, perante aquele seu rosto e aquele seu queixo já sarabulhentos e cobertos de pó-de-arroz, diante daqueles seus olhos húmidos, daquela sua expressão pronta a passar da melancolia ao entusiasmo exaltado se alguém se lembrasse de a pedir em casamento. Bóris sentia-se incapaz de pronunciar as palavras decisivas, embora de há muito, em imaginação, se visse possui— dor dos seus imensos domínios e a empregar à larga os seus rendimentos. Júlia notava a indecisão de Bóris, pensando às vezes que lhe não agradava, se bem que a sua vaidade feminina logo lhe viesse oferecer consolações e ela se pusesse a dizer para si mesma que era o amor afinal que o tornava tão tímido. No entanto, a melancolia de Júlia ameaçava tornar-se exaspero e eis como pouco tempo antes do dia marcado para a partida de Bóris pós em prática um enérgico plano de campanha. Na altura em que ia terminar, porém, a licença do seu pretendente, chegava a Moscovo, e, como é natural, logo apareceu no seu salão. Anatole Kuraguine, e Júlia, dizendo adeus à melancolia, imediatamente se mostrou alegríssima, testemunhando ao recém-chegado a mais acentuada preferência.

— Meu caro — disse Ana Mikailovna ao filho — sei de fonte segura que o príncipe Basílio mandou o filho a Moscovo para o fazer casar com Júlia. Gosto muito dela e tenho pena que isso aconteça. Que pensas tu?

A ideia de passar por tolo e de haver desbaratado inutilmente todo aquele mês de galã melancólico junto de Júlia, vendo cair nas mãos de outro todos os rendimentos de Penza e congéneres, aos quais, em imaginação, já dera bom destino, e principalmente o saber que esse outro era o imbecil do Anatole, fê-lo perder a cabeça. Acorreu a casa das Karaguine decidido a declarar-se. Júlia recebeu-o sorridente e com um ar distraído, contando-lhe, negligente, quanto se divertira no baile da véspera e depois perguntou-lhe quando tencionava partir. Bóris, que viera disposto a falar-lhe do seu amor e resolvido a mostrar-se carinhoso, não pôde deixar de lamentar, em tom acerbo, a inconstância das mulheres e a facilidade com que elas trocam a dor pela alegria, acrescentando que o seu estado de espírito só depende afinal daqueles que as cortejam. Júlia, ofendida, replicou-lhe que efectivamente tinha razão, que as mulheres apreciam a variedade e que nada é mais enfadonho para elas que a monotonia.

— Por isso mesmo aconselho-a... — principiou Bóris, procurando ferir Júlia. Nesse momento, contudo, lembrou-se da humilhação que seria para ele deixar Moscovo sem atingir o seu objectivo e perdidos todos os seus passos, coisa que jamais lhe acontecera.

Calou-se no meio da frase, baixando os olhos para não ver a expressão irritada e resoluta que se pintara no rosto dela e disse-lhe:

— Não foi para me zangar consigo que aqui vim. Pelo contrário...

Fitou-a, a ver se devia prosseguir. Toda a irritação lhe desaparecera do rosto e os seus olhos implorativos e inquietos pousavam-se nele numa febril ansiedade. «Hei-de arranjar maneira de vê-la o menos que puder», dizia Bóris de si para consigo. «Já que as coisas chegaram até aqui, é bom que tenham um fim.» Corou muito, ergueu os olhos para ela e murmurou:

— Bem sabe o que sinto por si

Não precisava de dizer mais. Júlia resplandecia de contentamento e triunfo. Mas obrigou Bóris a pronunciar as palavras que se dizem habitualmente em tais circunstâncias: que a amava e que nunca pensara noutra mulher com aquele entusiasmo... Júlia sentia, em nome dos seus domínios de Penza e das suas florestas de Nijni, que tinha o direito de o exigir, e obteve o que tanto desejava.

Os noivos, sem tornarem a falar das «árvores que os cobriam de trevas e melancolia», fizeram os seus projectos para se instalarem num luxuoso palácio em Petersburgo, visitaram as pessoas conhecidas e consagraram-se aos preparativos do brilhante enlace.

[VI]

O conde Ilia Andreitch, em fins de Janeiro, chegou a Moscovo na companhia de Sónia e Natacha. A condessa, sempre doente, não estava em condições de viajar e era impossível permanecer na aldeia até ao seu restabelecimento. O príncipe André era esperado de um dia para o outro; além disso havia que tratar do enxoval, vender a propriedade dos arredores de Moscovo e aproveitar a estada do velho príncipe na capital para lhe apresentar a futura nora. A residência dos Rostov não estava aquecida, a família demorava-se pouco e a condessa não o

acompanhava — eis as razões que levaram Ilia Andreitch a instalar-se em casa de Dmitrievna Akrossimova, que tantas vezes lhe oferecera a sua hospitalidade.

Já pela noite adiante, as quatro carruagens que conduziam os Rostov penetraram no pátio de Maria Dmitrievna, na Rua das Velhas Cavalariças. Esta senhora vivia sozinha. Casara a filha e todos os seus filhos estavam no exército. Conservava-se tão direita como noutro tempo. Falava sem papas na língua, dizia o que pensava com toda a franqueza e em voz alta e parecia censurar aos outros com toda a sua pessoa as fraquezas e paixões que não admitia. Levantava-se muito cedo e apenas com um penteador pelos ombros consagrava-se aos trabalhos caseiros e depois da igreja às compras. Assistia todos os domingos à missa e ia visitar os cárceres, onde a levavam assuntos que a ninguém comunicava. Nos dias de semana, assim que se arranjava, recebia visitantes de condições diversas, que diariamente lhe acorriam a casa, e depois jantava. Das refeições, suculentas e abundantes, compartilhavam sempre três ou quatro convidados. Em seguida vinha a partida de boston. Ao serão tinha quem lhe lesse os jornais em voz alta e os livros novos enquanto tricotava. Raramente fazia visitas, e se se permitia qualquer excepção era apenas para ir a casa das pessoas mais importantes da cidade.

Ainda não estava deitada quando os Rostov chegaram. Ouviu ranger os gonzos da porta do vestíbulo, que se abrira para deixar entrar os viajantes e a sua gente e o frio que vinha lá de fora. De lunetas acavaladas no nariz, a cabeça repuxada para trás, lá estava, de pé, no limiar da porta da sua grande saia, olhando com o seu ar severo e furioso. Dir-se-ia irritada por vê-los chegar e pronta a correr com eles, mas a verdade é que dera logo ordens para instalarem os viajantes e as bagagens.

— São do conde? Trá-las para aqui — dizia ela, apontando para as malas, sem cumprimentar ninguém. — São das meninas? Para ali, pela direita. Que estão vocês para aí a fazer com tantas contumélias? — gritou para as criadas. — Tratem de acender o samovar! Engordaste, estás mais bonita! — exclamou, agarrando Natacha, muito vermelha do frio, pela ponta do capuz. — Oh, estás gelada! Trata de te despir imediatamente. Está gelada, palavra! — repetiu, ao ver O conde, que se dispunha a beijar-lhe a mão. — Dêem-lhe rum com o chá! Soniuchka, bom dia — disse, por fim, dirigindo-se a Sónia, pondo na saudação um matiz de à-vontade afectuoso, como era seu costume quando falava com ela.

Depois de mudarem de fato e de se haverem recomposto da fadiga da jornada, foram tomar chá, e Maria Dmitrievna a todos beijou, um por um.

— É com a maior alegria que vos vejo hóspedes da minha casa — disse ela. — Ah! Já não era sem tempo! — acrescentou, piscando o olho, significativamente, para Natacha. — O velho está em Moscovo e o filho é esperado de um momento para o outro. Sim, é preciso, é preciso que o conheças. Bom, temos tempo de falar nisso — prosseguiu ela, relanceando um olhar a Sónia que significava não desejar abordar o assunto diante dela. — E agora ouve — continuou, voltando-se para o conde. — Que pensas fazer amanhã? Quem vais mandar vir? Chinchine? — perguntou, contando pelos dedos. — A chorona de Ana Mikailvona? — E dobrou outro dedo. — Está aí com o filho. Já sabes? O filho vai casar! Quem mais? Bezukov? Também aí está com a mulher. Tinha-a posto com dono, mas ela tratou de lhe deitar a mão. Jantou aqui na terça-feira. E quanto a elas — apontou para as meninas — vão amanhã comigo a Iverskaia e depois a Madame Aubert-Chalmé (Senhora francesa que vendia artigos de perfumaria e vestuário, em Moscovo. (N, dos T.). Não é verdade que querem tudo novo? Não me vão imitar a mim. Agora as mangas usam-se assim... No outro dia a princesa Irene Vassilievna, a nova, veio visitar-me: era de meter medo! Parecia que tinha dois barris em cada braço. De resto, a esta hora já a moda é outra. Muda todos os dias. E tu, pessoalmente, que te traz por cá? — perguntou ela ao conde, reassumindo a sua expressão severa.

— Tudo se juntou ao mesmo tempo — replicou o conde. — É preciso tratar dos trapos e arranjar um comprador para a minha propriedade e para a casa de Moscovo. Se não fosse muita maçada, aproveitava para ir a Marinskoie e deixar-lhe-ia as minhas garotas.

— Pois sim. Na minha casa estarão seguras. Irão comigo aonde for preciso. Saberei ralhar com elas, mas também lhes saberei dar mimos — disse Maria Dmitrievna, acariciando com a sua manápula as facezinhas da afilhada e menina preferida que era Natacha.

Na manhã do dia seguinte. Maria Dmitrievna levou as meninas a Iverskaia e à loja de Madame Aubert-Chalmé. Esta tanto medo tinha dela que lhe cedia sempre os tecidos pelo preço mais baixo, na esperança de a ver pelas costas o mais depressa possível. Maria Dmitrievna encomendou-lhe a maior parte do enxoval. De regresso a casa despediu toda a gente menos Natacha, a quem mandou sentar numa poltrona a seu lado.

— Pois bem, agora vamos conversar um bocadinho. Dou-te os meus parabéns pelo noivo que arranjaste. Apanhaste um dos bons! Estou muito contente por ti. Conheci-o ainda ele era deste tamanho... — Pusera a mão espalmada a um archina do soalho. Natacha corara de satisfação. — Gosto muito dele e de toda a sua família. E agora, ouve. Como sabes, o velho príncipe Nicolau não gosta lá muito que o filho se case. Que velho casmurro! Está claro que o príncipe André não é uma criança e dispensará o consentimento do pai. No entanto, a verdade é esta: não é bom uma pessoa entrar numa família contra vontade do chefe. É bem melhor conseguir a paz, fazer com que gostem de nós. Não és tola, espero que te saibas sair bem. Procede com tacto e inteligência e tudo acabará pelo melhor.

Natacha conservava-se calada, por timidez, supunha Maria Dmitrievna; mas na realidade não estava contente que viessem imiscuir-se nos seus problemas sentimentais com o príncipe André. Eram tão diferentes de todos os demais problemas humanos, que ninguém, em sua opinião, poderia compreendê-los. Só o amava e conhecia a ele; ele também lhe queria e ia chegar de um momento para o outro e casar com ela. Nada mais era preciso.

— Sabes? Conheço-o há muitos anos, a ele e à Machenka, de quem gosto muito também. Cunhadas são unhadas, é verdade, mas esta não é capaz de fazer mal a uma mosca. Pediu-me que te levasse a sua casa. Irão lá amanhã, tu e teu pai; sê carinhosa com ela. És mais nova. Quando ele chegar já tu a conhecerás e terás visto o pai e assim todos estarão a gostar de ti. Não é verdade? Não achas muito melhor assim?

— Claro — respondeu Natacha, contrariada.

[VII]

No dia seguinte, de acordo com o conselho de Maria Dmitrievna, o conde Ilia Andreitch dirigiu-se com Natacha a casa do príncipe Nicolau Andreievitch. O conde não morria de amores por aquela visita: no fundo tinha medo da entrevista. Lembrava-se da última vez que vira o velho, na altura da formação da milícia, quando em resposta ao convite para jantar que lhe endereçara fora mimoseado com uma série de impropérios por não ter fornecido o número de homens

suficiente. Natacha, com o seu mais lindo vestido, estava, pelo contrário, muito bem disposta. «É impossível que me não achem simpática5>, dizia de si para consigo. «Toda a gente gosta de mim. Estou disposta a fazer por eles tudo o que quiserem, a gostar do velho, que é seu pai, e dela, que é sua irmã. Não posso compreender porque não hão-de gostar de mim!»

Tinham chegado à velha e sombria casa de Voztlvijenka e entraram para o vestíbulo.

— Bom, que Deus nos abençoe! — exclamou o conde, meio sério meio a rir. Natacha notou a agitação do pai ao entrar e que fora em voz baixa e tom' humilde que perguntara se o príncipe e a princesa estavam em casa.

Quando se soube quem eram os visitantes, houve grande rebuliço entre a criadagem. O lacaio que fora anunciá-los viu-se detido no salão por um dos seus camaradas e ambos se puseram a segredar qualquer coisa. Também apareceu uma criada de quarto que lhes disse, muito à pressa, algumas palavras sobre a ama. Finalmente surgiu um velho lacaio, de ar severo, que declarou aos Rostov que o príncipe não podia recebê-los, mas que a princesa Maria pedia o favor de entrarem para os seus aposentos.

Mademoiselle Bourienne foi a primeira a receber as visitas. Acompanhou-as com extrema cortesia, conduzindo-as junto da princesa. Esta, com o rosto transtornado e em pânico, as faces cobertas de placas vermelhas, veio ao encontro deles no seu andar pesado, tentando debalde aparentar expressão despreocupada e alegre. Natacha não lhe agradou logo ao primeiro golpe de vista. Pareceu-lhe demasiado elegante e de uma alegria frívola e vaidosa de mais. Não se dava conta de que antes de ter posto os olhos na sua futura cunhada já estava mal disposta para com ela graças à inveja involuntária que lhe despertavam a sua beleza, a sua mocidade, a sua felicidade e o amor que lhe tinha o irmão. Além disso, ainda estava perturbadíssima com o incidente que acabava de se dar. O pai, quando lhe anunciaram as visitas, pusera-se a gritar não estar disposto a recebê-las, que Maria o fizesse, se assim queria, mas que era escusado pensarem em conduzi-las à sua presença. A princesa decidira recebê-las, mas receava que, de um momento para o outro, o pai fizesse algum escândalo, tão excitado parecia.

— Pois bem, minha querida princesa, aqui lhe trago a minha cantora — disse o conde, numa mesura, enquanto olhava para a direita e para a esquerda, sempre à espera, cheio de medo, de ver surgir o velho príncipe. — Gosto tanto que se

conheçam... Que pena, que pena o príncipe continuar adoentado. — Em seguida, após mais alguns lugares-comuns, levantou-se. — Se me dá licença, princesa, enquanto vou aqui ao lado, à Praça dos Cães, a casa de Ana Semionovna, deixo consigo a minha Natacha. É questão de um quarto de hora. Venho já buscá-la.

Ilia Andreitch inventara aquele estratagema diplomático, assim o confessou à filha depois, para que as futuras cunhadas falassem com toda a franqueza e também para evitar encontrar-se com o príncipe, a quem tanto receava. Isto não o disse ele a Natacha, mas esta percebeu o terror e a inquietação do pai e não pôde deixar de se sentir melindrada. Corou de vergonha por ele, e o ter corado ainda mais a irritou. O seu olhar ousado e provocante, que dizia não ter medo de pessoa alguma, fixou-se na princesa. Esta entretanto respondera ao conde ter o maior prazer e que só uma coisa lhe pedia, o demorar-se quanto mais melhor. E Ilia Andreitch desapareceu.

Mademoiselle Bourienne, apesar dos olhares impacientes com que Maria a dardejava, ansiosa por ficar só com Natacha, não saía da sala e continuava a falar das diversões e dos teatros de Moscovo. Natacha sentia-se magoada ao mesmo tempo pela confusão que presenciara no vestíbulo, pela apreensão do pai e pelo tom forçado da princesa, que dir-se-ia fazer um grande favor em recebê-la. Tudo isto lhe era muito desagradável. Não gostou da princesa Maria. Pareceu-lhe muito feia, afectada e seca. Sentiu de súbito crispar-se-lhe a alma e assumiu sem querer um ar de indiferença que ainda mais contribuiu para afastar de si a interlocutora. Cinco minutos depois de terem encetado uma conversa forçada e penosa ouviram-se os passos rápidos de um homem arrastando chinelos de quarto. A princesa Maria ficou lívida. A porta abriu-se e entrou o príncipe, de roupão e gorro branco.

— Oh!, menina – exclamou —, a senhora condessa.., a condessa Rostov, se não estou em erro... Queira desculpar. Mil perdões... Não sabia, menina. Juro por Deus que ignorava que nos tivesse dado a honra de visitar-nos. Era no quarto de minha filha que eu julgava entrar.., vestido desta maneira. Queira desculpar... Juro por Deus que não sabia — repetiu, num tom tão pouco natural, acentuando a palavra «Deus», e tão desagradável, que a princesa Maria permaneceu calada, de olhos baixos, sem ter coragem de olhar o pai nem Natacha.

Natacha, que se levantara, e depois voltara a sentar-se, também não sabia que fazer. Só Mademoiselle Bourienne continuava a sorrir.

— Queira desculpar, queira desculpar. Juro por Deus, não sabia — roncou o

velho, que, depois de mirar Natacha dos pés à cabeça, abalou dali.

Mademoiselle Bourienne foi a primeira a recompor-se após esta aparição, pondo-se a falar da pouca saúde do príncipe. Natacha e Maria olhavam uma para a outra sem dizer palavra e à medida que este exame mútuo se prolongava, sem que qualquer delas quisesse exprimir o que sentia, dir-se-ia ir crescendo a antipatia que experimentavam uma pela outra.

Quando o conde voltou. Natacha nada fez para esconder a alegria que sentiu e logo se deu pressa de partir. Naquele momento quase odiava aquela princesa seca e envelhecida que a obrigava àquela situação desagradável, tornando possível passarem juntas meia hora sem dizer uma palavra acerca do príncipe André.

«Não podia ser eu a primeira a falar dele, e ainda por cima na presença desta francesa», dizia para si própria. A Maria atormentava-a o mesmo pensamento. Sabia o que devia ter dito a Natacha, mas não o pudera fazer, primeiro por sentir-se embaraçada com a presença de Mademoiselle Bourienne, e depois, sem que soubesse porquê, por lhe ser penoso falar daquele casamento. No momento em que o conde saía. Maria aproximou-se de Natacha e, pegando-lhe resolutamente na mão, disse-lhe num profundo suspiro:

— Espere, eu quereria...

Sem saber porquê Natacha olhou para ela com ar trocista.

— Querida Natália — disse Maria —, não quero deixar de lhe manifestar a alegria que sinto por meu irmão ter encontrado a felicidade...

Calou-se, sentindo não dizer a verdade. Natacha notou esta hesitação e adivinhou— 'lhe a causa.

— Parece-me, princesa, que passou já o momento de falar no assunto — volveu Natacha com uma dignidade e uma frieza aparentes, sentindo a voz embargada pelos soluços.

«Que disse eu? Que disse eu?», pensou ao transpor a porta da sala.

Naquele dia esperaram muito tempo Natacha para jantar. Fechada no seu quarto, soluçava como urna criança, dolorosa— mente sentida. Sónia, de pé, junto dela, beijava-lhe os cabelos.

— Natacha, porque choras? — dizia-lhe ela. — Para que hás-de preocupar-te com eles? Tudo passará. Natacha.

— Ah, se tu soubesses o que custa... É como se eu...

— Não falemos mais nisso. Natacha. Não tens culpa. Então porque te preocupas? Dá cá um beijo, anda — murmurou Sónia.

Natacha ergueu a cabeça e beijou a amiga nos lábios, apertando contra o dela o seu rosto, banhado de lágrimas.

— Não sei, não sei. Ninguém é culpado — balbuciou Natacha. — Sou eu a culpada. Como tudo isto é horrível! Ai, porque não vem ele?...

Quando desceu para jantar tinha os olhos vermelhos. Maria Dmitrievna, que sabia como o príncipe recebera Rostov, fingiu não reparar na mágoa de Natacha, levando o repasto a dizer graças ao conde e aos seus hóspedes na sua voz grossa e potente.

[VIII]

Nessa noite, os Rostov foram à ópera, para onde Maria Dmitrievna lhes arranjara um camarote.

Natacha não queria ir, mas não pôde recusar esta amabilidade de Maria Dmitrievna, que os convidara precisamente por sua causa. Quando, já vestida, penetrou no salão, para aí aguardar o pai, depois de relancear a vista ao grande espelho e verificou estar bonita, e mesmo muito bonita, ainda mais triste se sentiu; à sua tristeza misturava-se uma espécie de amoroso desfalecimento.

«Meu Deus, se ele aqui estivesse, não seria como antigamente, não sentiria esta timidez estúpida, abraçar-me-ia a ele, apertar-me-ia contra ele, obrigá-lo-ia a olhar para mim com aquele lampejo de curiosidade interrogadora que tantas vezes lhe vi nos olhos. Depois fá-lo-ia rir como antigamente. Ah!, aqueles olhos, parece que os estou a ver!», murmurava Natacha para si mesma. F depois pensava: «E a mim que me importam o pai e a irmã? É dele de quem gosto, só dele, da sua cara, dos seus olhos, do seu sorriso ao mesmo tempo de homem e de criança... Ah!, o melhor é não pensar nisso, em nada pensar, esquecer, esquecer tudo, pelo menos por algum tempo. Esta ausência mata-me, não posso reter as lágrimas.» Afastou-se do espelho, num grande esforço para conter o pranto. «Como pode Sónia gostar de Nikolenka assim tão serena, tão tranquilamente, e esperar tanto tempo e com tanta paciência?», pensava ainda ao ver entrar a

amiga, já vestida também, com o leque na mão. «Sónia é muito diferente de mim. Eu não posso! »

Naquele momento tamanha era a ternura refreada que Natacha sentia que lhe não bastava amar e saber-se amada: tomava-a um desejo imperioso de apertar nos seus braços, imediatamente, o homem amado e de lhe dizer e de colher de seus lábios as frases de amor que lhe transbordavam do peito. Durante o percurso, de carruagem, ao lado do pai, olhando, cismadora, perpassar pelos vidros embaciados das portinholas os relâmpagos furtivos dos revérberos, a sua alma ainda estava mais triste e amorosa, e esquecia tudo à sua volta. Tomando lugar na fileira das carruagens, o carro dos Rostov, que arranhava suavemente o, neve, chegou à entrada do teatro. Natacha e Sónia saltaram ligeiras para o chão, erguendo os vestidos. Depois apeou-se o conde, ajudado pelos lacaios, e de roldão com as senhoras e os cavalheiros que entravam e à mistura com os vendedores de programas dirigiram-se, todos três, para o corredor dos camarotes. Através das portas fechadas já se ouviam os acordes da orquestra.

— Natália, os teus cabelos... — murmurou Sónia.

O empregado, com uma pressurosa cortesia, deslizou por diante das senhoras e abriu a porta do camarote. Ouviu-se mais distintamente a orquestra e do outro lado surgiu a fila dos camarotes iluminados, cheios de senhoras decotadas, e a plateia resplandecente de uniformes de gala. Uma dama que penetrava num camarote vizinho observou Natacha com um olhar cheio de inveja. O pano ainda não subira e tocavam a abertura. Depois de compor o vestido. Natacha entrou com Sónia, sentou-se e pôs-se a olhar a fila dos camarotes do outro lado. De repente apoderou-se dela uma sensação não experimentada há muito: aquelas centenas de olhos fitos nos seus braços e no seu colo nus eram uma coisa ao mesmo tempo agradável e penosa, acordando nela enxames de recordações, de desejos, de inquietações. As duas raparigas, muito belas, acompanhadas do conde Ilia Andreitch, que há muito não era visto em Moscovo, chamaram imediatamente a atenção de toda a assistência. Além disso toda a gente ouvira falar do noivado de Natacha com o príncipe André, e também se sabia que desde então os Rostov viviam no campo. Aquela que ia casar com um dos melhores partidos de toda a Rússia a examinada com a maior curiosidade.

Natacha fizera-se mais bonita durante a temporada na aldeia. Essa a opinião de toda a gente, e nessa noite, precisamente, graças à emoção que

experimentava, ainda estava mais linda. Impressionava a sua exuberância de vida, a plenitude das suas formas e também a indiferença por tudo quanto a rodeava. Seus olhos pretos erravam pela multidão sem procurar ninguém e tinha o braço delicado, nu até um pouco acima do cotovelo, pousado no parapeito de veludo do camarote. Maquinalmente abria e fechava a pequenina mão, como a marear o compasso da abertura, enquanto ia vincando o programa.

— Olha, as Alenina — dizia Sónia. — A filha e a mãe, parece-me.

— Santos Padres! Mikail Kirilitch! Está ainda mais gordo! — exclamava o velho conde.

— Olhe para a touca da nossa Ana Mikailovna!

— As Karaguine e o Bóris. Estão noivos ele e a Júlia. Vê-se logo. Já a teria pedido?

— Pediu, sim, acabam de mo dizer — disse Chinchine, que entrava no camarote dos Rostov.

Natacha olhou na direcção que tomavam os olhos do conde e viu Júlia, sentada ao pé da mãe, com um ar feliz; do seu grosso e vermelhusco pescoço, que ela sabia todo empoado, pendia um grosso colar de pérolas. Atrás delas, todo sorridente e debruçando-se para ouvir o que Júlia dizia. Bóris mostrava a linda cabeça muito penteada. Tendo olhado de relance para os Rostov, murmurou qualquer coisa ao ouvido da noiva.

«Estão a falar de nós, de mim!», dizia Natacha consigo mesma. «Naturalmente está a dizer-lhe que escusa de ter ciúmes de mim. Não vale a pena! Se soubessem como me são todos indiferentes!»

Ana Mikailovna, com a sua touca verde, sempre entregue a Deus e uma expressão de dias de festa, triunfante, sentara-se atrás deles. O camarote parecia banhado nessa atmosfera especial dos noivos que Natacha conhecera e lhe causava inveja. Virou-se e de repente veio-lhe à memória toda a humilhação por que passara durante a visita dessa manhã.

«Que direito tem ele de me não querer aceitar na família? Oh, é melhor não pensar nisso, pelo menos enquanto o príncipe André não vier!», disse de si para consigo, e pôs-se a percorrer, uma por uma, as caras conhecidas e desconhecidas da plateia. Na primeira fila, bem ao meio, de costas apoiadas à ribalta, estava Dolokov, com os seus espessos cabelos frisados penteados para diante. Vestia à persa. Pusera-se bem em evidência, sabendo que todo o teatro olhava para ele, e

tão à vontade como se estivesse em sua própria casa. Toda a juventude elegante de Moscovo fazia roda em tomo dele e via-se perfeitamente ser ele o chefe.

O conde Ilia Andreitch acotovelou, rindo. Sónia, muito corada, para lhe mostrar o seu antigo admirador.

— Conheceste-o? — disse-lhe ele. — Donde veio ele? — perguntou o conde a Chinchine. — Desaparecera por completo.

— É verdade — replicou Chinchine. — Esteve no Cáucaso e desertou. Dizem que foi ministro de um príncipe persa é que matou o irmão do xá. Ora aí tem! Todas as mulheres de Moscovo estão doidas por ele. Dolochoff, o persa, e está tudo dito! Não se fala noutra coisa. Juram invocando o nome dele. E fazem-se convites para o ver, como se se tratasse de comer um esturjão. — E acrescentou: — Dolokov e Anatole Kuraguine deram volta ao miolo de todas as mulheres.

Nesse momento penetrou no camarote vizinho uma alta e bela mulher, exibindo uns ombros e um colo cheios e muito brancos, com um colar de duas voltas de grossas pérolas. Levou tempo a instalar-se, exibindo ruidosamente o amplo vestido de seda.

Natacha, involuntariamente, contemplou aquele colo, aqueles ombros, aquelas pérolas, aquele penteado, admirando tanto a beleza da mulher como o fulgor das jóias. Quando a observava pela segunda vez, ela voltou-se e, ao encontrar os olhos do conde Ilia Andreitch, fez-lhe um breve aceno de cabeça, sorrindo-lhe. Era a condessa Bezukov, a mulher de Pedro. O conde, que conhecia toda a gente, debruçou-se para ela e principiou a conversar.

— Já está aqui há muito tempo, condessa? — disse ele. — Irei sem falta fazer-lhe uma visita. Eu vim tratar de negócios e trouxe comigo as pequenas. Dizem que a Semionovna trabalha maravilhosamente. O conde Piotre Kirilovitch Bezukov não nos esqueceu, com certeza. Está aí?

— Sim, tinha intenção de vir — disse Helena, olhando atentamente Natacha.

O conde retomou o seu lugar.

— É bonita, não é? — perguntou em voz baixa à filha.

— Maravilhosa! — replicou Natacha. — Compreendo que os homens gostem dela!

Naquele momento ressoaram os últimos acordes da abertura e ouviram-se as três pancadas da batuta do maestro. Os cavalheiros retardatários deram-se pressa em ocupar os seus lugares e o pano subiu.

Fez-se então na sala um profundo silêncio. Tanto os velhos como os jovens, de fraque ou de uniforme, as senhoras decotadas e cobertas de jóias, todos, curiosos, voltaram os olhos para a cena. Natacha seguiu-lhes o exemplo.

[IX]

O centro do cenário era de tábuas uniformes; de cada um dos lados, cartões pintados fingindo árvores e no fundo um pano corrido. Raparigas de blusas vermelhas e saias brancas formavam um grupo ao meio do palco. Uma delas, corpulenta, de vestido de seda branca, estava sentada num banco muito baixo atrás do qual havia um cartão verde colado. Cantavam em coro. Quando acabaram, a vestida de branco deu alguns passos na direcção da caixa do ponto. Então aproximou-se dela um homem de calções de seda, que lhe cingiam as grossas pernas, chapéu emplumado e punhal à cinta, que se pôs a cantar com muitos gestos.

O homem dos calções justos cantou sozinho, depois cantou a rapariga de branco. Em seguida calaram-se ambos, ouviu-se a orquestra e o homem pegou na mão da companheira, como para lhe contar os dedos, aguardando o compasso para o dueto. Quando acabaram de cantar, o teatro em peso aplaudiu e os dois artistas que desempenhavam o papel de namorados sorriram, fazendo mesuras e agitando as mãos para um lado e para o outro da plateia.

Acabada de chegar da aldeia e na sua disposição de espírito não podia Natacha deixar de encarar o espectáculo como uma coisa grotesca e insólita. Era-lhe impossível acompanhar o desenvolvimento da acção, e nem sequer seguia a música; apenas via panos pintados, homens e mulheres vestidos de estranha maneira, mexendo-se, falando e cantando rodeados de luz intensa. Evidentemente que compreendia a significação do que a cena representava, mas tudo lhe parecia, no seu conjunto, tão convencional e falso, tão pouco natural, que ora tinha vergonha pelos actores ora lhe dava vontade de rir. Olhava em volta de si, procurando descobrir na fisionomia dos espectadores o mesmo estado de espírito, mas verificava que toda a gente seguia com atenção o que estava a passar-se no palco e nos seus rostos havia um entusiasmo que a ela se lhe afigurava falso.

«Naturalmente, tem de ser assim», dizia de si para consigo. Tão depressa observava as filas das cabeças da plateia espelhantes de brilhantina como as senhoras decotadas dos camarotes, especialmente Helena, sua vizinha, que, seminua, olhava para o palco, com um sorriso doce e plácido, sem nunca desviar os olhos, toda ela exposta à luz violenta que se derramava na sala e à quente palpitação que emanava da plateia. Pouco a pouco Natacha sentiu-se tomada de uma espécie de embriaguez, disposição que há muito não sentia. Já não sabia o que fazia, onde estava, o que se passava diante dos seus olhos. Olhava sem ver, enquanto os pensamentos mais estranhos e incoerentes lhe atravessavam o cérebro. Ora lhe davam ganas de escalar o proscénio e de cantar a ária que a actriz garganteava, ora lhe vinham desejos de, com a ponta do leque, espevitar o velhinho sentado na plateia, não muito longe dela, ou ainda de se debruçar para Helena e de lhe fazer cócegas nas costas.

Numa dessas pausas da orquestra que antecedem os acordes de um novo andamento, a porta da plateia rangeu, lá para os lados do camarote dos Rostov, e ouviram-se passos de alguém que chegava atrasado. «Aí está o Kuraguine!», segredou Chinchine. A condessa Bezukov voltou-se, sorrindo, para quem entrava. Natacha seguiu-lhe o olhar e viu um ajudante-de-campo, de uma beleza extraordinária, dirigindo-se para o seu camarote com um ar ao mesmo tempo seguro de si e cheio de cortesia. Era Anatole Kuraguine, a quem não esquecera desde que o vira no baile de Petersburgo. Vestia o uniforme de gala de ajudante-de-campo, com dragonas e agulhetas. Mantendo em atitude arrogante a perfumada cabeça, avançava, num passo contido, que teria sido ridículo se no seu todo não exprimisse um contentamento tão cordial e tão boa disposição, e se ele próprio não fosse tão belo homem. Embora o espectáculo já tivesse principiado, não se dava pressa, caminhando ao longo da passadeira do corredor com as esporas e o sabre a tilintar ligeiramente. Depois de um olhar a Natacha, aproximou-se da irmã, apoiou a mão, moldada na luva, no parapeito do camarote, acenou-lhe com a cabeça e, debruçando-se para ela, perguntou-lhe qualquer coisa enquanto designava a vizinha.

— Mas é encantadora! — exclamou, falando evidentemente de Natacha, que o percebeu mais pelo movimento dos lábios que propriamente por ter ouvido o que diziam. Depois Kuraguine dirigiu-se para a primeira fila de poltronas e sentou-se ao lado de Dolokov, a quem acotovelou distraída e amistosamente, o Dolokov a

quem todos os outros tratavam com tanta deferência. Sorriu-lhe, piscando-lhe, jovialmente, o olho, enquanto punha o pé sobre o varão metálico que os separava da ribalta.

— Muito se parecem os dois irmãos! — exclamou o conde. — E são ambos bem bonitos!

Chinchine, a meia voz, contou-lhe a história de uma aventura de Kuraguine em Moscovo, e Natacha ficou-se a ouvi-lo simplesmente porque ele dissera, referindo-se a ela, que a achava encantadora. O primeiro acto terminou. Toda a gente se levantou, uns saíram, outros começaram a passear de um lado para o outro no vestíbulo da plateia.

Bóris veio cumprimentar os Rostov ao seu camarote. Com a maior naturalidade aceitou as felicitações que lhe dirigiam e, depois de assumir um ar preocupado, com um sorriso distraído, convidou Natacha e Sónia, em nome da noiva, para o seu casamento. F saiu. Natacha felicitara aquele mesmo Bóris de quem outrora estivera enamorada, com um sorriso em que havia jovialidade e uma certa coquetterie. No estado de embriaguez em que estava tudo lhe parecia simples e natural.

Helena, seminua, sentada muito perto dela, dirigia a todos, indistintamente, o seu perpétuo sorriso, e assim Natacha, do mesmo modo, sorrira para Bóris.

Não tardou que o camarote de Helena estivesse cheio e ela rodeada de titulares e homens distintos, que pareciam querer mostrar a toda a gente serem das suas relações.

Kuraguine, durante o intervalo, ficou na plateia, ao lado de Dolokov, de olhos fitos no camarote dos Rostov.

Natacha, sabendo que ele falava dela, sentia-se lisonjeada. Colocou-se mesmo de maneira que ele a pudesse ver de perfil, posição que a favorecia, segundo pensava. Antes de principiar o segundo acto apareceu Pedro na plateia. Os Rostov ainda o não tinham visto desde que estavam em Moscovo. Parecia triste e ainda engordara mais desde a última vez que Natacha o vira. Caminhou para as primeiras filas da plateia sem olhar para ninguém. Anatole aproximou-se dele e disse-lhe qualquer coisa, enquanto lhe chamava a atenção para o camarote dos Rostov. Ao ver Natacha. Pedro animou-se e, passando apressadamente por entre as filas de cadeiras, aproximou-se do camarote do conde, que era rente à plateia. Apoiou os cotovelos no parapeito e ficou-se a conversar com ela. Enquanto o

escutava. Natacha julgou ouvir uma voz de homem no camarote da condessa Bezukov e pensou que seria Kuraguine. Voltou-se e os seus olhos encontraram-se. Com um ligeiro sorriso, ele fitava-a, com um olhar ao mesmo tempo tão caloroso e acariciador que lhe pareceu estranho ver-se tão perto dele e olhá-lo assim tão segura de lhe ter agradado, embora o não conhecesse senão de vista.

O cenário do segundo acto representava uns monumentos funerários e tinha um buraco no pano de fundo a fingir a Lua. Haviam retirado o quebra-luz das gambiarras, as trombetas e os contrabaixos tocavam em surdina e da direita e da esquerda surgia muita gente de manto negro. Brandiam qualquer coisa, talvez punhais. Em seguida apareceram outras pessoas que impeliam na sua frente a rapariga que no primeiro acto estava vestida de branco e agora se vestia de azul. Não a levaram logo, mas cantaram muito tempo com ela antes de o fazerem, e então, por três vezes, ouviu-se nos bastidores um ruído metálico, e todos ajoelharam entoando uma oração. Tudo isto foi interrompido várias vezes pelos gritos entusiastas dos espectadores.

Durante o espectáculo, sempre que Natacha olhava para a plateia, via Anatole Kuraguine, com o braço passado por trás da poltrona, todo voltado, a olhar para ela. Sentia-se encantada ao vê-lo enamorado dela e não lhe passava pela cabeça que nisso houvesse qualquer mal.

Quando terminou o segundo acto, a condessa Bezukov levantou-se, voltando-se para o lado do camarote dos Rostov, que só então puderam ver que ela tinha os seios descobertos. Depois, chamando, com um sinalzinho da sua mão enluvada, o velho conde, sem prestar a mais pequena atenção às pessoas que entravam no seu camarote, pôs-se a conversar com ele, sorrindo graciosamente.

— Apresente-me às suas encantadoras filhas — disse-lhe ela. — Toda a gente fala delas em Moscovo e só eu as não conheço. Natacha levantou-se e fez uma reverência à esplêndida condessa. Lisonjeada pelo galanteio daquela beleza célebre, sentiu-se corar.

— Agora também quero tornar-me moscovita — prosseguiu Helena. — Não se envergonha de ter pérolas dessas escondidas na aldeia?

Merecia, realmente, a fama de feiticeira de que gozava. Tinha o dom de dizer o que não pensava e especialmente de manejar a arma da lisonja com a maior naturalidade.

— Querido conde, tem de consentir que eu me ocupe de suas filhas. Embora

não vá demorar-me aqui muito tempo, como, de resto, todos nós, quero que elas se divirtam. Ouvi falar muito de si em Petersburgo e há muito que desejava conhecê-la — acrescentou, dirigindo-se a Natacha e dedicando-lhe o seu amável sorriso. — Falaram-me muito de si, em primeiro lugar o meu pajem. Drubetskoi — sabe que vai casar? — e depois o grande amigo de meu marido, o príncipe André Bolkonski. — Frisou particularmente este nome, para dar a entender não ignorar as relações que havia entre eles. Para melhor se relacionarem, pediu ao conde consentisse que uma das suas filhas viesse para o seu camarote. E Natacha passou para junto da condessa.

No terceiro acto, a cena representava um salão todo iluminado, com as paredes cobertas de retratos de cavaleiros barbados. No centro do palco estavam duas personagens, naturalmente o rei e a rainha. Aquele fez um gesto com a mão direita e, visivelmente intimidado, cantou uma ária bastante mal, indo depois sentar-se num tronco cor de amaranto. A rapariga que aparecera primeiro vestida de branco, depois de azul, agora nada mais tinha em cima de si além de uma camisa, e, de cabelos caídos, estava ao lado do trono. Pôs-se a cantar o seu desespero, dirigindo-se à rainha, mas o rei fez com a mão um gesto severo e, vindos dos lados, apareceram homens e mulheres, todos de fato de malha, que cantaram em coro. Em seguida os violinos tocaram uma ária ligeira e jovial. Uma das mulheres, com as suas planturosas coxas moldadas pela malha e uns braços magricelas, depois de se separar das companheiras, entrou nos bastidores, para arranjar o corpete, voltando para o meio do palco, onde desatou aos pulos enquanto batia com os pés um no outro, muito enérgica. Toda a plateia rompeu em aplausos, gritando: «Bravo!» Em seguida um homem foi colocar-se a um canto. Na orquestra os címbalos e as trompetas ressoaram mais alto e, sozinho, um homem de fato de malha pôs-se a dar saltos muito altos, batendo com os pés um no outro. Esse homem era Duport, o qual, só por fazer aqueles exercícios, ganhava sessenta mil rublos anuais. Todos os espectadores, tanto na plateia, como nos camarotes e no galinheiro, romperam em aplausos e a chamá-lo com toda a força dos pulmões, e o bailarino deteve-se e a sorrir veio agradecer, voltando-se para todos os lados do teatro. Outras pessoas vieram dançar também, homens e mulheres, e o rei, acompanhado pela orquestra, gritou umas palavras e todos, como uma só voz, entoaram um coro. De súbito desencadeou-se uma tempestade, a orquestra executou escalas cromáticas e acordes da sétima menor; todos

acorreram, arrastando consigo, de novo, para os bastidores um dos artistas, depois do que caiu o pano. Os espectadores principiaram então a vociferar e todos gritavam com o maior entusiasmo: «Duport! Duport! Duport!»

Natacha já nada achava estranho. Olhava para o que ia à sua volta com satisfação e sorrindo.

— Não acha o Duport admirável? — perguntou-lhe Helena.

— Acho, sim — replicou Natacha.

[X]

Durante o intervalo abriu-se a porta e uma corrente de ar frio filtrou-se no camarote de Helena. Anatole entrou, inclinando-se, para não tropeçar em ninguém.

— Dá licença que lhe apresente meu irmão? — disse Helena, mirando ora um ora outro, um pouco preocupada.

Natacha voltou a sua linda cabeça para aquele belo moço e sorriu-lhe por cima do ombro nu. Anatole, que era bonito rapaz tanto de perto como de longe, sentou-se a seu lado, dizendo-lhe que havia muito desejava ser-lhe apresentado, desde que tivera o prazer, inesquecível para ele, de a ver no baile dos Narichkine. Kuraguine era muito mais simples e inteligente ao pé das mulheres do que com os homens. Falava resolutamente e com simplicidade e foi com prazer que Natacha verificou nada encontrar de assustador naquele homem de quem se dizia tanta coisa, e em quem, antes pelo contrário, via um sorriso simples, alegre e cordial.

Perguntou-lhe Anatole se gostara do espectáculo e contou-lhe que na representação antecedente Semionovna caíra em cena.

— Sabe, condessa — acrescentou, tratando-a, de chofre, como se ela fosse uma velha conhecida sua —, estamos a organizar um baile de máscaras. Não pode faltar. Vai ser muito divertido. Reunimo-nos em casa das Karaguine. Peço-lhe, não deixe de aparecer.

Enquanto falava não deixava de fitar, com os seus risonhos olhos, o rosto, o colo e os braços nus de Natacha. Agora ela tinha a certeza de que ele a admirava. E isto era-lhe agradável, embora, sem que soubesse porquê, a presença dele, ao

mesmo tempo que a perturbava, lhe fosse penosa. Quando apartava dele a vista sentia nos ombros o peso dos seus olhares e inconscientemente desejaria poder interceptar esses olhares, para que ele a fitasse antes no rosto. Porém, quando o olhava de frente percebia não existirem já entre os dois essas barreiras que o pudor, naturalmente, costumava levantar entre ela e os outros homens. Sem se dar conta, em menos de cinco minutos, sentiu-se extremamente próxima daquele homem. Quando voltava a cara, receava vê-lo pegar-lhe na mão nua ou surpreendê-lo a beijar-lhe os ombros. Falavam das coisas mais insignificantes, mas Natacha, de si para consigo, dizia serem íntimos e haver entre eles uma familiaridade como nunca existira entre ela e qualquer outro homem. Interrogava Helena e o pai com os olhos, como se quisesse perguntar-lhes a significação de tudo aquilo, mas a condessa estava entretida a conversar com um general e não lhe respondeu e o pai dizia-lhe o mesmo de sempre: «Divertes-te? Ainda bem, gosto muito disso.»

Para romper um silêncio embaraçoso, em que Anatole a olhava, tranquila e obstinadamente, com os seus olhos à flor da pele. Natacha perguntou-lhe se gostava de Moscovo. Mal lhe fizera esta pergunta logo se sentiu corar: afigurava-se-lhe, a todo o momento, estar fazendo qualquer coisa de inconveniente quando falava com ele. Anatole sorriu como a encorajá-la.

— De princípio Moscovo não me entusiasmou por aí além,

O que faz uma cidade agradável são as mulheres bonitas, não é verdade? Mas agora agrada-me muito — acrescentou, fitando-a de maneira significativa. — Vai ao baile, condessa? Vá — E avançando a mão para as flores que Natacha trazia consigo, e baixando a voz: — Será a mais bonita. Prometa que vai, querida condessa, e para selar a promessa dê-me esta flor.

Natacha não pôde compreender por completo o sentido oculto que ele punha naquelas palavras, mas nem por isso deixou de sentir que eram inconvenientes. Sem saber que responder, desviou a cara, fingindo não ter ouvido. Mas nesse mesmo, instante a ideia de que ele estava ali, atrás dela, e tão perto, de novo a tomou.

«Que estará ele a fazer?», perguntava a si própria. «Terá ficado atrapalhado? Estará zangado comigo? É preciso arranjar as coisas!» E não resistiu: voltou a cabeça para trás. Os olhos dela foram pousar directamente nos dele e a sua presença tão próxima, a sua confiança, a sua simpática cordialidade conquistaram-

na. Sorriu com ele, olhando-o bem de frente. E de novo pensou, assustada, que entre eles não havia barreiras.

O pano voltou a subir. Anatole saiu do camarote, feliz e sereno.

Natacha voltou para junto do pai, completamente subjugada pelo novo mundo que acabava de entrever. Tudo o que passava à sua roda se lhe afigurava agora o que havia de mais natural e nem por um instante sequer lhe vieram à mente as suas antigas preocupações com o noivo, com a princesa Maria, com a vida na aldeia: era como se tudo isso fizesse parte de um passado longínquo.

No quarto acto apareceu no palco, gesticulando, uma espécie de demónio, que se pôs a cantar até que um alçapão se entreabriu e ele desapareceu pelo chão abaixo. Eis tudo quanto Natacha viu. Sentia-se inquieta e perturbada, e Kuraguine, a quem ela não deixava de seguir com os olhos, mesmo sem querer, era o responsável daquela agitação. Ã saída aproximou-se, mandou avançar a sua própria carruagem e instalou-os a todos lá dentro.

Ao ajudar Natacha a subir para o carro apertou-lhe o braço um ponto acima do cotovelo. Muito corada e confusa, ela ergueu para ele as pupilas. Anatole fitou-a com seus olhos brilhantes e sorriu-se.

Só ao chegar a casa Natacha pôde medir com clareza o que se passara, e de súbito, ao lembrar-se do príncipe André, um grande medo a tomou, soltou um grito e saiu da sala onde todos tomavam chá, corada até às orelhas.

«Meu Deus! Estou perdida!», exclamou de si para consigo. «Como pude eu permitir-lhe?» Longo tempo assim ficou, o rosto, muito afogueado, escondido nas mãos, tentando dar-se conta exacta do que se passara no teatro, embora sem conseguir perceber nem o que sentira nem o que estava experimentando. Tudo lhe parecia obscuro, indistinto e terrível.

Lá, naquela sala toda iluminada, onde, sobre o palco, acompanhado pela orquestra. Duport dava pulos, de fato de malha e coberto de lantejoulas, e em que raparigas, velhos. Helena, toda decotada, sorrindo sempre serena e orgulhosa, gritavam entusiásticos bravos, ali, à sombra daquela Helena, tudo era claro e simples, mas agora, ao ver-se sozinha, entregue a si mesma, nada compreendia. «Que quer isto dizer? Que significam o terror que senti diante dele e estes remorsos que me esmagam?», murmurava.

Só na cama, à noite, à velha condessa teria podido confiar aqueles pensamentos. Sónia, por de mais o sabia, com os seus severos e rígidos princípios,

ou nada teria percebido ou ter-se-ia sentido aterrada com tal confissão. Entregue a si própria, sozinha. Natacha procurava descobrir a causa das suas angústias.

«Estarei ou não perdida para o amor de André?», perguntava-se a si própria, e a si mesma respondia, trocista: «Que parva sou com estas perguntas! Que aconteceu? Nada. Nada fiz, não tenho culpa alguma do que sucedeu. Ninguém saberá nada e eu não o voltarei a ver.» E pensava ainda: «Está claro que nada se passou, que não tenho que me arrepender seja do que for. O príncipe André pode continuar a gostar de mim como sou. Mas que serei eu, realmente? Ah! Meu Deus, meu Deus! Porque não o tenho aqui a meu lado?»

Natacha por instantes ficara sossegada, mas daí a pouco um instinto secreto lhe dizia de novo que, embora tudo aquilo fosse verdade e nada tivesse acontecido, a antiga pureza do seu amor por André fora-se de uma vez para sempre. E em imaginação ia recordando a conversa com Kuraguine e tornava a ver o rosto, os gestos, o terno sorriso daquele homem audacioso e belo no momento em que lhe apertara o braço.

[XI]

Anatole Kuraguine vivia em Moscovo porque o pai o mandara sair de Petersburgo, onde gastava mais de vinte mil rublos por ano e contraía dívidas de igual importância, que o príncipe se via obrigado a satisfazer.

O pai fizera compreender ao filho ser a última vez que lhe pagava metade das dívidas, mas com a condição de ele ir para Moscovo como ajudante-de-campo do general-chefe, cargo que ele próprio lhe conseguira, e de casar, finalmente, com uma rica herdeira. A princesa Maria e Júlia Karaguine eram as visadas.

Anatole acedeu e foi para Moscovo, hospedando-se em casa de Pedro. Este principiou por recebê-lo de má vontade, mas acabou por se habituar à sua presença. Às vezes participavam das mesmas orgias e a título de empréstimo adiantava-lhe dinheiro.

Anatole, como dizia acertadamente Chinchine, fizera perder a cabeça a todas as mulheres desde que chegara a Moscovo, precisamente porque não lhes ligava importância, desdenhando-as pelas belas ciganas e as francesas, especialmente por uma tal Mademoiselle Georges, com quem, segundo constava, mantinha relações íntimas. Não faltava a qualquer orgia em casa de Danilov e de outros boémios de Moscovo, bebia como uma esponja noites inteiras e assistia a todas as soirées e a todos os bailes da alta sociedade. Contavam-se dele vários escândalos com senhoras de Moscovo e nos bailes cortejava algumas delas. Mas com as raparigas nada queria, especialmente com as casadouras, as quais, pela maior parte, não tinham graça alguma, e pela excelente razão, que todos desconheciam, salvo os amigos íntimos, de estar casado havia já dois anos,

Dois anos antes, efectivamente, durante o tempo em que estivera com o regimento na Polónia, um fidalgo polaco, não muito rico, obrigara-o a casar com uma filha. Anatole abandonou a mulher, e a troco de dinheiro, que prometera enviar ao sogro, comprara o direito de passar por celibatário.

Anatole estava sempre contente com a vida, consigo e com os outros. Instintivamente, parecia convencido de que não podia viver de outra maneira e de que nunca procedera mal. Não era capaz de compreender que os seus actos podiam prejudicar as outras pessoas. Estava persuadido de que pela mesma razão que o pato fora feito para viver na água ele fora criado por Deus para viver com trinta mil rublos de rendimento e para ocupar um lugar preponderante na

sociedade. E tão persuadido estava disso que os outros, ao vê-lo, igualmente se convenciam de que ele tinha razão, não lhe recusando nem a posição preponderante na sociedade nem o dinheiro que ele pedia emprestado ao primeiro que lhe aparecia, evidentemente sem a mais leve intenção de pagar.

Não jogava, ou, pelo menos, não jogava para ganhar. Não tinha amor-próprio. Era-lhe absolutamente indiferente o que os outros pensassem dele. Tão-pouco podia ser considerado ambicioso. Mais de uma vez fizera perder a cabeça ao pai comprometendo a sua própria carreira, e menosprezava todas as honrarias. Não era avaro e nunca negava o que lhe pediam. Acima de tudo amava o prazer e as mulheres, e, como em sua opinião não havia nisso qualquer sentimento vil, não lhe passava pela cabeça que pudesse prejudicar os outros a satisfação, que buscava, dos seus prazeres, considerando-se sinceramente irrepreensível, desprezando com a mesma sinceridade os patifes e os covardes, erguendo bem alto a cabeça, sinal de uma consciência tranquila.

Todos os estróinas, tanto os homens— Madalenas como as Madalenas — mulheres, vivem com a secreta e ingénua convicção de serem perfeitamente inocentes, persuadidos de que toda a gente está disposta a perdoar-lhes. «Muito lhe será perdoado pelo muito que amou; muito lhe será perdoado pelo muito que se divertiu.»

Dolokov, que reaparecera naquele ano em Moscovo depois do seu exílio e das suas aventuras na Pérsia, e que vivia ali no luxo e na devassidão, voltara a relacionar-se com Kuraguine, seu antigo camarada de Petersburgo, e dele se utilizava por interesse próprio.

Anatole apreciava sinceramente a inteligência e a coragem do amigo. Dolokov, que precisava do nome, da notoriedade e das relações de Anatole Kuraguine para atrair e depenar ao jogo os rapazes ricos, tirava partido dele, sem lho dar a entender, e com isso se divertia. Além dos seus cálculos interesseiros, o simples facto de dirigir a seu talante a vontade de outrem era para ele um hábito e uma necessidade.

Natacha impressionara vivamente Kuraguine. Durante a ceia, depois do espectáculo, descreveu pormenorizadamente, perito, que era, na presença de Dolokov, a beleza dos braços, dos ombros, dos minúsculos pés e dos cabelos da filha do conde Ilia Andreitch, confessando-se na disposição de lhe fazer uma corte sem tréguas. Quanto ao que daí podia resultar, pouco importava a Anatole, pela

simples razão de que nunca o preocupavam as consequências de qualquer dos seus actos.

— Sim, é bonita, meu velho, mas não é para a nossa boca — volveu-lhe Dolokov.

— Vou dizer a minha irmã que a convide para jantar — tornou Anatole. — Que achas?

— É melhor esperares que esteja casada...

— Sabes? — declarou Anatole — Adoro as rapariguinhas: perdem logo a cabeça.

— Já uma vez foste apanhado por uma dessas rapariguinhas... — comentou Dolokov, que sabia da história do casamento. — Tem cuidado!

— Não se é apanhado duas vezes! Que achas? — replicou Anatole, numa gargalhada.

[XII]

No dia seguinte ao do espectáculo ninguém saiu em casa dos Rostov e nenhuma visita apareceu. Maria Dmitrievna, às escondidas de Natacha, teve uma conversa com o pai. Natacha percebeu que haviam falado do velho príncipe e que tinham combinado pôr em prática um projecto qualquer, o que a deixou inquieta e irritada. Aguardava de um momento para o outro o príncipe André e por duas vezes nesse dia mandou o porteiro a Vozdvijenka saber se ele teria realmente chegado. Mas o príncipe não viera. Sentia-se ainda mais acabrunhada do que nos primeiros dias após a sua chegada. Agora, à impaciência e ao desgosto por ele ocasionados vinham acrescentar-se a penosa lembrança do seu encontro com a princesa Maria e o velho príncipe e um terror e uma inquietação cuja causa não sabia explicar. Afigurava-se-lhe que ele nunca mais viria ou que antes da sua chegada qualquer coisa fatal para ela aconteceria. Era-lhe impossível agora pensar nele, como outrora, serena e amorosamente, a sós consigo mesma. Assim que se dava a pensar em André, vinha misturar-se aos seus pensamentos a lembrança do velho príncipe, da princesa Maria, da noite no teatro e de Kuraguine. E de novo surgia nela a pergunta que a si própria fazia: não seria culpada? Não teria

atraiçoado a sua fidelidade ao príncipe André?, obrigando-se a recapitular, nos seus mínimos pormenores, cada palavra, cada gesto, cada expressão fisionómica daquele homem que soubera despertar nela um sentimento tanto mais para recear quanto era certo lhe ser incompreensível. Aos olhos das pessoas de família. Natacha parecia mais animada do que de costume, mas a verdade é que estava longe de se encontrar tão serena e feliz como antigamente.

No domingo, pela manhã. Maria Dmitrievna propôs aos seus hóspedes ouvirem missa na paróquia da Assunção de Moguilts.

— Não gosto das igrejas à moda — dissera, jactando-se da sua largueza de espírito. — Deus é o mesmo em toda a parte. Temos ali um pope muito bom, diz lindamente os ofícios e mesmo até com nobreza, e o diácono também. Não consigo perceber como os concertos no coro tornam mais santos os templos. Não gosto, são divertimentos como outros quaisquer. — Maria Dmitrievna apreciava muito os domingos e sabia festejá-los. No sábado era a casa cuidadosamente lavada e espanejada; ao domingo tanto ela como o seu pessoal se abstinham de trabalhos manuais, vestiam-se com trajos festivos e iam todos à missa.

O jantar dos amos era acrescentado com pratos suplementares e a criadagem tinha uma dose de vodka, pato assado ou leitão. Mas em nenhum outro rosto, por toda a casa, se espelhava mais festivo ar que na larga e severa cara de Maria Dmitrievna, que por essa altura assumia a expressão imutável dos dias solenes.

Quando, depois da missa, tomado já o café no salão, donde se haviam retirado as capas que cobriam os móveis, vieram anunciar a Maria Dmitrievna que a sua carruagem a esperava, ela, com o seu ar severo, embrulhada no seu xale de cerimónia, levantou-se e declarou que ia a casa do príncipe Nicolau Andreievitch Bolkonski, para com ele ter uma explicação a respeito de Natacha.

Assim que ela saiu, chegou uma costureira da parte de Madame Chalmet, e Natacha, a quem esta diversão muito agradava, fechou a porta do quarto contíguo ao salão e preparou-se para provar o seu novo fato. Vestia ela um corpinho apenas alinhavado e ainda sem mangas e de cabeça descaída para trás observava no espelho o seu cair nas costas quando ouviu no salão a voz animada do pai e de qualquer outra pessoa, o que a fez corar imediatamente. Era a voz de Helena. Ainda não tivera tempo de despir o corpinho que provara e já a porta se abria e a condessa Bezukov entrava, radiosa no seu bom e afectuoso sorriso, vestida de veludo lilás-carregado e gola alta.

— Ah, minha deliciosa pequena! — exclamou para Natacha, que corara muito. — Não, isto é impossível, meu querido conde — acrescentou, dirigindo-se a Ilia Andreitch, que a seguia. — Viver em Moscovo e não ir a parte alguma! Sim, já os não largo. Esta noite recebo em minha casa. Vamos ouvir Mademoiselle Georges recitar, haverá apenas algumas pessoas íntimas. Se não me traz as suas lindas filhas, que valem bem mais do que ela, corto relações convosco. O meu marido não está, foi para Tvier, caso contrário pedir-lhe-ia que as viesse buscar. Venham, sem falta, sem falta, às nove horas.

Saudou com um movimento de cabeça a costureira sua conhecida, que lhe fez uma respeitosa reverência, e sentou-se numa poltrona junto do toucador, ajeitando graciosamente as pregas do vestido de veludo. Num tom jovial e cheio de cordialidade, continuou a tagarelar, a cada momento extasiada perante a beleza de Natacha. Viu uma por urna as toilettes da jovem condessa, elogiou-as muito, pondo em relevo, igualmente, a sua própria, novinha, de gaze metálica, acabada de chegar de Paris, aconselhando Natacha a que mandasse fazer uma igual.

— De resto, a si, minha linda, tudo lhe fica bem — acrescentou.

O rosto de Natacha resplandecia de satisfação. Sentia-se feliz, e toda ela era vida ouvindo os elogios daquela amável condessa Bezukov, que de princípio se lhe afigurara tão altiva e inabordável e que a tratava agora com tanta simpatia. Contentíssima, ei-la pronta a adorar aquela mulher tão bela e tão boa. Helena, por seu lado, era sincera na admiração que mostrava por Natacha e no desejo que tinha de a distrair. Anatole pedira-lhe que os aproximasse e por essa razão viera a casa dos Rostov. A ideia de aproximar o irmão daquela jovem antolhava-se-lhe divertida.

Embora tivesse sentido outrora um certo despeito por Natacha lhe haver roubado. Bóris, já se não lembrava disso e queria-lhe bem, do coração, à sua maneira. Antes de retirar-se, chamou de parte a sua protegida.

— Ontem meu irmão jantou em minha casa, íamos morrendo a rir... Não come e passa a vida a suspirar por si, feiticeira! Está louco, mas louco de amor por si, minha querida.

Ao ouvir isto. Natacha ficou toda corada.

— Ai que corada, que corada, minha deliciosa pequena! Então não falte. Se ama alguém, minha deliciosa pequena, não é razão para fazer vida de monja. Até

mesmo se estiver prometida, tenho a certeza de que o seu prometido preferiria sabê-la a fazer vida de sociedade do que a definhar de tédio.

«Então, ela sabe que eu estou comprometida; naturalmente falaram disso, ela e o marido, com Pedro, esse homem que é a rectidão em pessoa» dizia de si para consigo Natacha. «E riram-se desta aventura. Portanto, é coisa sem importância... » E subitamente, sob a influência de Helena, o que ainda há pouco lhe parecia horrível afigurou-se-lhe tudo que havia de mais simples e natural. «E ela, essa grande senhora, tão gentil, e que com certeza gosta muito de mim! Realmente, porque me não hei-de distrair?», concluía, pousando em Helena os seus grandes olhos inocentes muito abertos.

Maria Dmitrievna voltou para casa à hora do jantar. Pelo seu ar taciturno e pensativo via-se que sofrera uma decepção em casa do velho príncipe. Ainda estava demasiado impressionada para poder contar serenamente o que se passara. A pergunta do conde respondeu que tudo corria bem e que no dia seguinte falariam do caso. Ao saber da visita da condessa Bezukov e do seu convite, declarou:

— Não gosto da companhia de Madame Bezukov e não vos aconselho a que vão a sua casa, mas, se lhe prometeste, então vai. É uma distracção para ti — acrescentou dirigindo-se a Natacha.

[XIII]

O conde Ilia Andreich levou as meninas a casa da condessa Bezukov. Havia muita gente nos salões, mas quase todos os convidados eram desconhecidos de Natacha. O pai verificou, pouco satisfeito, que a maior parte eram homens e senhoras conhecidas pela sua liberdade de costumes. Mademoiselle Georges, rodeada de uma corte de rapazes, estava num dos recantos do salão. Havia alguns franceses, entre os quais Métivier, que se tornara íntimo da casa desde que Helena chegara. O conde Ilia Andreitch resolveu não jogar para não se afastar das filhas e retirar-se assim que a artista houvesse recitado.

Anatole estava à porta procurando não perder a chegada de Natacha. Depois de cumprimentar o conde, aproximou-se dela e seguiu-a de perto. Esta mal o vira

logo sentira, como no teatro, esse estranho sentimento misto de vaidade, por perceber que lhe agradava, e de temor, por verificar que os não separavam quaisquer barreiras morais.

Helena acolheu alegremente Natacha e extasiou-se em voz alta elogiando-lhe a beleza e o vestido. Pouco depois. Mademoiselle Georges desaparecia do salão para mudar de toilette.

Principiaram a dispor as poltronas e a mandar sentar os convidados. Anatole trouxe uma cadeira a Natacha e quis sentar-se a seu lado, mas o conde, que não perdia a filha de vista, ocupou o lugar e Anatole sentou-se atrás dela.

Mademoiselle Georges, com os seus fortes braços desnudados, um xale encarnado atirado para o ombro, avançou pelo espaço livre reservado entre as cadeiras e ficou imóvel, numa atitude afectada. Pela sala perpassou um sussurro de admiração.

Depois de percorrer a assistência com um olhar profundo e sombrio. Mademoiselle Georges principiou a declamar uns versos franceses em que se falava da criminosa paixão de uma mulher pelo próprio filho. Em certos passos elevava a voz, noutros falava baixo, empertigando a cabeça soberbamente, e noutros ainda calava-se, suspirando e rolando as pupilas.

«Adorável, divino, delicioso!», ouvia-se dizer por todos os lados.

Natacha, de olhos fitos na planturosa Georges, nada percebia, nada via, nada compreendia do que se passava à sua roda. De novo e definitivamente se sentia arrastada para esse mundo louco e estranho, tão diferente daquele em que sempre vivera, um mundo onde se não podia distinguir o bem do mal, o razoável do insensato. Atrás dela estava Anatole e, sentindo-o tão próximo de si, esperava, numa angústia.

Findo que foi o monólogo todos se levantaram, rodeando Mademoiselle Georges, a quem manifestavam o seu entusiasmo.

— É tão bonita! — exclamou Natacha para o pai, que também se erguera e se dirigia para a actriz levado pela assistência.

— Não acho quando olho para si — murmurou Anatole, que a seguia, aproveitando uma oportunidade em que só ela o poderia ouvir. — É encantadora... Desde o momento em que a vi nunca mais deixei...

— Vamos, vamos. Natacha — disse o conde, voltando ao encontro da filha. — Que linda!

Natacha, sem dizer palavra, aproximou-se do pai, interrogando-o, assustada, com os olhos.

Depois de declamar ainda algumas cenas. Mademoiselle Georges retirou-se e a condessa Bezukov pediu aos seus convidados que passassem para a sala.

O conde dispôs-se a partir, mas Helena implorou-lhe que não lhe estragasse o prazer que tinha naquele baile improvisado. E os Rostov ficaram. Anatole convidou Natacha para dançar a valsa, e enquanto dançava com ela, apertando-lhe a cintura e as mãos, repetia-lhe que a achava encantadora e que a amava. Durante a escocesa, que também dançaram juntos, no momento em que ficaram sós. Anatole limitou-se a olhá-la sem lhe dirigir palavra. E Natacha perguntou-se então a si mesma se não teria ,sonhado com o que ele lhe dissera enquanto dançavam a valsa. No fim da primeira marca, de novo ele lhe apertou a mão. Natacha ergueu para ele uns olhos assustados, mas o olhar terno e o sorriso de Anatole tinham tanta segurança e doçura que ela não pôde deixar de lhe dizer o que entendia ser obrigação sua. Baixou as pálpebras.

— Não me diga essas coisas — pronunciou, rapidamente.— Estou noiva e amo outra pessoa.— E então olhou para ele. Anatole não parecia nem perturbado nem ofendido com o que ela dissera.

— Não me fale disso. Que me importa? Já lhe disse que estou louco, apaixonado loucamente por si. Que culpa tenho eu de que seja encantadora? Somos nós que temos de principiar.

Natacha, animada e inquieta, olhava sem ver com os olhos assustados, muito abertos, e parecia mais alegre do que de costume. Não dava pelo que se passava à sua volta. Dançaram a escocesa, e depois o grossvater (Espécie de cotilion. (N, dos T.). O pai quis levá-la, mas ela pediu-lhe que ficassem mais algum tempo. Onde quer que fosse, conversasse com quem conversasse, sentia sobre ela aquele olhar. Depois recordava-se de ter dito ao pai que ia ao toucador arranjar o vestido, e de que Helena a seguira, lhe falara, rindo, do amor do irmão e de que se encontrara com Anatole num pequeno gabinete e de que Helena desaparecera e de que os dois haviam ficado sós e de que Anatole, pegando-lhe nas mãos, lhe dissera numa voz cheia de ternura:

— Não posso visitá-la em sua casa, mas será possível que a não torne a ver? Amo-a loucamente. Será possível que nunca?... E, cortando-lhe o caminho, aproximou o seu do rosto dela.

Dois grandes olhos faiscantes estavam tão próximos dos dela que para Natacha tudo o mais deixou de existir.

— Natália! — murmurou a sua voz, e Natacha sentiu as suas mãos muito apertadas. — Natália!

«Nada sei, nada tenho que lhe dizer», parecia replicar o seu olhar atónito.

Uns lábios ardentes premiram os seus e no mesmo instante sentiu-se subitamente livre. Ouviu uns passos e o ruge-ruge do vestido de Helena. Natacha voltou-se, depois olhou para Anatole com uns olhos onde havia angústia e pavor e encaminhou-se para a porta.

— Uma palavra, uma palavra, por amor de Deus! — prosseguiu Anatole.

Natacha parou. Precisava de que ele pronunciasse a palavra que lhe explicaria o que acontecera, e a que ela responderia.

— Natália, uma palavra, uma palavra apenas — repetia ele, não sabendo, evidentemente, o que havia de dizer, e não deixou de pronunciar estas palavras enquanto Helena se aproximava deles.

Helena e Natacha regressaram ao salão. Os Rostov retiraram-se antes da ceia.

De regresso a casa. Natacha não dormiu. Não deixava de a atormentar um problema insolúvel: a quem amava ela, a Anatole ou ao príncipe André? Amava André, com certeza, não esquecera quão viva se mantinha a sua afeição por ele. Mas também gostava de Anatole, era incontestável. «Se assim não fosse, como poderia ter acontecido o que aconteceu?», dizia ela. «Se eu pude, depois, ao despedir-me, responder com um sorriso ao sorriso dele, se pude chegar até aí, não quererá isto dizer que desde o primeiro momento gostei dele? Não quererá dizer que ele é bom, nobre e excelente, e que era impossível não o amar?» E não achava resposta para estas angustiosas interrogações.

[XIV]

Chegou a manhã com as suas ocupações e os seus quefazeres quotidianos. Todos se levantaram, se agitaram, tagarelaram. De novo apareceram as modistas. Depois Maria Dmitrievna e todos se reuniram para tomar chá. Natacha, cujos olhos a insónia ainda tornara maiores, como se quisesse impedir que a olhassem

fundo nas pupilas, mirava toda a gente com inquietação, esforçando-se por parecer igual à Natacha de todos os dias.

Depois do almoço. Maria Dmitrievna — e era esse o seu grande momento — sentou-se na sua poltrona e chamou para junto de si Natacha e o velho conde.

— Ora aqui têm, meus amigos: pensei muito em tudo isto, e o meu conselho é este — principiou ela. — Ontem, como sabeis, fui a casa do príncipe Nicolau. E falei com ele... Deu-lhe para gritar. E eu ainda gritei mais. Despejei ali todo o meu saco!

— E ele, que disse? — inquiriu o conde.

— Ele é doido.., nada quer ouvir. Para que serve tornar a falar no caso? Já atormentámos bastante esta pobre pequena. A minha opinião é esta: trate o conde de resolver as suas coisas e voltem para casa, para Otradnoie.., e esperem ali...

— Não! Não! — gritou Natacha.

— Sim, sim, é preciso voltar para casa — insistiu Maria Dmitrievna — e esperar lá. Se o noivo agora aqui aparecesse, era certa uma discussão; mas uma vez só com o velho, saberá levar a água ao seu moinho e depois lá irá ter convosco. — Ilia Andreitch aprovou a proposta de Maria Dmitrievna, assimilando imediatamente a prudência da medida. Se o velho se humanizasse, era sempre tempo de regressarem a Moscovo ou de o procurarem em Lissia Geri. Caso contrário, não seria possível casarem sem o seu consentimento senão em Otradnoie.

— Tem toda a razão — corroborou ele. — Sinto ter ido a sua casa e ter levado comigo minha filha.

— Não tem que se arrepender. Estando em Moscovo, não podia deixar de lhe dar essa prova de cortesia. Mas se ele não quer, que se avenha! — acrescentou Maria Dmitrievna, enquanto procurava fosse o que fosse na algibeira. — E, visto que o enxoval está pronto, não têm que esperar mais tempo. O que faltar eu me encarrego de o expedir. Tenho pena de que se vão embora, mas acho melhor. Ide e fazei boa viagem.

Tendo encontrado na algibeira o que procurava, entregou-o a Natacha. Era uma carta da princesa Maria.

— Escreveu-te. Muito sofre ela, coitada! Tem medo de que possas pensar que não gosta de ti.

— E é verdade, não gosta de mim — disse Natacha.

— Tolice, não digas isso— exclamou Maria Dmitrievna.

— Em nada acredito do que me digam; sei muito bem que ela não gosta de mim — insistiu Natacha com decisão, pegando na carta. No seu rosto pintava-se uma resolução fria e maldosa, que levou Maria Dmitrievna a fitá-la com atenção, franzindo o sobrolho.

— Não digas isso, minha santa — censurou ela. — O que te estou a dizer é a verdade. Deves responder-lhe.

Natacha, sem dar réplica, retirou-se para o seu quarto, disposta a ler a carta.

A princesa Maria dizia-lhe que o mal-entendido que se estabelecera a deixara num grande desespero. Fossem quais fossem os sentimentos do pai, pedia a Natacha que acreditasse não querer negar o seu afecto àquela que fora escolhida por seu irmão, e que estava pronta a tudo sacrificar pela felicidade dela.

«De resto», prosseguia, «não pense que meu pai tem qualquer má vontade para consigo. É um velho e um doente, a quem é preciso perdoar; mas no fundo é bom, magnânimo, e acabará por estimar aquela que fizer a felicidade do filho.» Maria pedia-lhe depois que lhe marcasse um dia para a tornar a ver.

Natacha, finda que foi a leitura da carta, sentou-se à mesa disposta a responder. «Querida princesa», escreveu, rápida e maquinalmente. Em seguida deteve-se. Que havia ela de dizer depois do que se passara na véspera? «Sim, sim, não é a mesma coisa, agora tudo é diferente», disse de si para consigo, diante da carta principiada. «É preciso acabar com isto. Mas será preciso? É horrível!...» E para fugir àquelas medonhas ideias foi ter com Sónia e ambas se puseram a ver riscos de bordados.

Depois do jantar. Natacha retirou-se para o quarto e continuou a carta. «Será possível que tudo tenha terminado já?», pensou. «Como é que tudo sucedeu tão depressa e tão depressa fez esquecer o passado?» Lembrou-se do seu amor pelo príncipe André então em plena força e percebeu ser Kuraguine a quem amava. Pôs-se a imaginar-se casada com André e a imaginação pintou-lhe diante dos olhos o quadro, tantas vezes evocado, da felicidade que a aguardava junto dele, mas no mesmo instante sentiu que toda a sua alma se incendiava à lembrança do encontro a sós, na véspera, com Anatole.

«Porque não poderei eu amar os dois ao mesmo tempo?», interrogava-se, por vezes, numa perfeita obnubilação de espírito. «Só então me sentiria

completamente feliz; mas agora tenho de escolher, e privada de um deles nunca mais poderei ser feliz. Confessar a André o que se passou ou ocultar-lho é por igual impossível. Afinal nada aconteceu de irremediável. Serei eu obrigada a renunciar para sempre ao amor de André, esse amor que por tanto tempo foi toda a minha felicidade?»

— Menina — murmurou uma criada, em voz muito baixa e com um ar misterioso, entrando-lhe no quarto! — Olhe o que um homem me deu para lhe entregar. — E a moça passou-lhe uma carta para as mãos.— Mas, por Deus... — prosseguiu a criada.

Natacha, porém, sem lhe responder, arrancou maquinalmente o lacre e leu a carta. Não percebeu uma só palavra. Apenas sabia que aquela carta era dele, do homem a quem amava. Sim, amava-o. Se o não amasse, poder-se-ia dar o que estava a suceder? Poderia ela ter entre as suas mãos aquela carta apaixonada que ele lhe endereçara?

Nas suas mãos trémulas tinha Natacha a carta inflamada de paixão que Dolokov redigira para Anatole e, lendo-a, era como se encontrasse nela íntimas correspondências com os sentimentos que julgava transbordar-lhe do coração.

«Desde ontem à note que o meu destino está decidido: ou o seu amor ou a morte. Não tenho outro caminho!» Assim principiava a carta. Depois dizia saber que os pais dela nunca consentiriam em dar-lhe , sua mão, que para isso havia razões secretas que só a ela podia revelar, mas se em verdade ela o amava bastava dizer que sim e não havia forças humanas capazes de se oporem à sua felicidade. O amor vence todos os obstáculos. Raptá-la-ia para a levar consigo para o fim do mundo.

«Sim, sim, amo-o!», exclamava Natacha para si mesma, lendo pela vigésima vez aquela carta e deixando-se trespassar por cada uma das suas palavras, como se nelas houvesse um sentido profundo.

Nessa noite Maria Dmitrievna foi a casa dos Arkarov e propôs às meninas que a acompanhassem. Natacha, sob o pretexto de que lhe doía a cabeça, ficou em casa.

Já tarde, ao regressar a casa. Sónia entrou no quarto de Natacha e com grande surpresa sua foi encontrá-la a dormir num canapé, toda vestida. Na mesa, a seu lado, estava a carta aberta de Anatole. Sónia pegou nela pôs-se a ler. Enquanto a lia ia olhando para Natacha adormecida, como que a procurar no seu rosto a explicação do que lia e sem conseguir encontrá-la. O rosto dela respirava serenidade, felicidade e doçura. Levando as mãos ao peito para não sufocar. Sónia, pálida e trémula de emoção e receio, deixou-se cair numa cadeira, rompendo em soluços.

«E eu não dei por coisa alguma. Como puderam as coisas chegar a este ponto? Teria ela deixado de gostar do príncipe André? E como pôde consentir isto a Kuraguine? Não há dúvida de que é um impostor e um miserável. Que dirá Nicolau, o nobre, o gentil Nicolau, quando vier a saber? Agora já compreendo o que queria dizer aquele rosto transtornado, decidido a tudo, nada natural, que ela tinha nestes últimos dias», dizia Sónia de si para consigo. «Mas não, não o pode amar. Naturalmente abriu a carta sem saber de quem vinha. É impossível que se não tivesse sentido ofendida. Não pode fazer uma coisa destas!»

Sónia enxugou as lágrimas e aproximou-se de Natacha, examinando-a mais uma vez.

— Natacha — chamou muito baixo.

Natacha acordou e viu Sónia.

— Já voltaste?

E, num destes acessos de ternura que se costumam ter ao acordar, lançou-se nos braços da amiga. Ao ver, porém, a emoção que se pintava no rosto de Sónia. Natacha perturbou-se também e mostrou-se desconfiada.

— Sónia, tu leste a carta? — perguntou ela.

— Li — murmurou Sónia.

Natacha sorriu vitoriosa.

— Oh! Sónia, não posso, não posso mais esconder-te... Sabes? Amamo-nos!... Sónia querida, escreve-me... Sónia... Sónia, como se não percebesse o que ouvia, olhou para ela com os olhos muito abertos.

— E Bolkonski? — interrogou.

— Oh!. Sónia, oh!, se tu pudesses saber como sou feliz! — exclamou Natacha. — Mas se tu não sabes o que é o amor...

— Mas, então, Natacha, tudo acabou com o outro?

Natacha olhava para ela, com os olhos muito abertos, como se não compreendesse.

— Então rompeste com o príncipe André?

— Oh!, nada percebes. Não digas tolices. Ouve... — respondeu Natacha, com impaciência.

— Não, não posso acreditar — repetiu Sónia. — Confesso que não compreendo. Quer dizer, tu, durante um ano inteiro, gostaste de um homem, e de repente... Um homem que tu mal viste por duas ou três vezes. Natacha, não acredito, tu estás a brincar. Em três dias esqueceres tudo e...

— Três dias... — exclamou Natacha. — Tenho a impressão de que o amo há cem anos. Parece-me que nunca amei alguém antes dele. Não podes compreender... Sónia, vem cá, senta-te ao pé de mim. — E estreitou-a nos braços, depondo-lho um beijo na cara. — Tinha ouvido dizer que estas — coisas acontecem, e com certeza também ouviste dizer o mesmo, mas só agora me foi dado sentir um amor assim. Oh!, é muito diferente do outro. Assim que o vi, senti ser aquele o meu senhor e eu a sua escrava, senti que não podia deixar de o amar. Sim, sou a sua escrava! Pode mandar o que quiser, que estou pronta a obedecer. Não podes compreender. Mas, diz-me, que posso eu fazer, que posso eu fazer. Sónia? — acrescentou com uma expressão de felicidade a que se misturava qualquer coisa de receoso.

— Pensa no que fazes — tornou Sónia. — Eu não posso deixar as coisas assim. Estas cartas recebidas a ocultas... Como pudeste consentir? — continuou com um horror e uma repulsa impossíveis de dissimular.

— Já te disse — replicou Natacha. — Deixei de ter vontade. Pois não compreendes? Amo-o!

— Não consentirei, vou contar tudo! — exclamou Sónia, rompendo em soluços.

— Oh, meu Deus!, que estás a dizer?... Se contares alguma coisa considero-te minha inimiga. É que me queres mal, é que queres que nos separem...

Ao ver o pânico de que Natacha fora tomada. Sónia chorou lágrimas de vergonha e compaixão pela amiga.

— Que houve então entre vocês? — perguntou. — Que te disse ele? Porque não vem ele a nossa casa?

Natacha não respondeu à pergunta.

— Por amor de Deus. Sónia, nada digas a ninguém, não me faças sofrer — implorou ela. — Lembra-te de que ninguém se deve meter nestas coisas. Confessei-te...

— Porquê todo esse mistério? Porque não vem ele a nossa casa? Porque não pede ele directamente a tua mão? Realmente, e príncipe André deu-te plena liberdade para decidires, caso esta oportunidade surgisse. Mas numa coisa eu não posso acreditar. Já pensaste. Natacha, no que podem ser essas «razões secretas»?

Natacha fitou em Sónia uns olhos assombrados. Era, evidentemente, a primeira vez que esta pergunta lhe vinha ao espírito, e na verdade não sabia responder-lhe.

— Não sei que razões serão essas. Mas devemos crer que as haja!

Sónia suspirou e abanou a cabeça com desconfiança.

— Se há razões... — principiou ela.

Natacha, adivinhando as dúvidas da amiga, interrompeu-a, assustada.

— Sónia, não devemos duvidar dele! Não devemos, não devemos, compreendes? — exclamou.

— Gosta de ti?

— Se gosta de mim? — redarguiu Natacha com um sorriso de comiseração. — Não leste a carta dele, não a leste?

— E se ele não fosse um homem digno?

— Ele? Um homem indigno? Se tu o conhecesses!

— Se é um homem digno — voltou Sónia com energia —, deve dizer quais as suas intenções ou então deixar de te ver. E se tu não lho quiseres dizer, eu me encarregarei disso. Escrever-lhe-ei e contarei tudo ao pai.

— Não posso viver sem ele! — exclamou Natacha.

— Natacha, não te compreendo. Que estás a dizer? Lembra-te de teu pai, do Nicolau.

— De ninguém preciso, não quero saber de mais ninguém senão dele. Atreves-te a dizer que ele não é um homem digno? Não sabes que o amo? Sónia, vai-te embora! Não me quero zangar contigo. Vai-te, vai-te, por amor de Deus! Vai-te! Não vês que me fazes sofrer! — Natacha falava com ira e numa voz cheia de desespero. Sónia, não podendo suster as lágrimas, retirou-se.

Natacha sentou-se à sua mesa e sem um momento de reflexão escreveu à princesa Maria a carta que não fora capaz de redigir durante a manhã inteira. Em

poucas palavras dizia-lhe que o mal-entendido entre elas acabara, que o príncipe André, ao partir, lhe dera plena liberdade e que ela aproveitava a sua generosidade. Pedia-lhe esquecesse o que se passara e lhe perdoasse se em alguma coisa a magoara, declarando-lhe que não podia ser mulher de seu irmão. Naquele momento tudo lhe parecia fácil, simples e claro.

Na sexta-feira deviam os Rostov regressar à aldeia, e na quarta-feira o conde dirigiu-se à sua propriedade nas imediações de Moscovo na companhia de um comprador.

No dia da partida do conde. Sónia e Natacha estavam convidadas para um jantar em casa das Karaguine, e foi Maria Dmitrievna quem as acompanhou. Natacha voltou a encontrar-se com Anatole, e Sónia pôde ver que ela lhe falava de maneira a não ser ouvida por mais alguém e que durante o jantar ainda lhe pareceu mais agitada do que antes. No regresso a casa. Natacha foi a primeira a dar a explicação que Sónia esperava da amiga.

— Vês. Sónia, eu bem dizia que só tinhas dito tolices a respeito dele — principiou ela, nesse tom insinuante habitual nas crianças quando querem que as elogiem. — Tivemos uma explicação.

— E então? Que te disse ele? Ainda bem que não estás zangada comigo. Natacha. Conta-me toda a verdade. Que te disse? Natacha ficou um momento pensativa.

— Oh. Sónia, se tu o conhecesses como eu o conheço! Disse-me... Perguntou-me em que pé estava o meu noivado com Bolkonski. Ficou tão contente quando soube que de mim dependia acabar com tudo...

Sónia soltou um profundo suspiro.

— Mas não acabaste com o Bolkonski — disse ela.

— E se eu realmente tivesse acabado? Se, efectivamente, tudo tivesse acabado com ele? Porque pensas tu tão mal de mim?

— Não penso mal de ti. Mas não percebo...

— Espera. Sónia, já vais compreender tudo. Já vais ver como ele é. Não penses mal nem dele nem de mim.

— Não penso mal de ninguém. Gosto de toda a gente e tenho piedade de todos. Mas que hei-de eu fazer?

Sónia não se deixava levar pelas meigas palavras de Natacha. Quanto mais

mimados e insinuantes os modos a amiga, mais sério e grave era o seu rosto.

— Natacha — disse ela —, pediste-me que te não falasse nisso, de nada te falei e és tu a primeira a referires-te ao caso. Natacha, eu não tenho confiança nele. Que significa este mistério?

— Outra vez! Outra vez!

— É que tenho medo por ti. Natacha.

— De que tens medo?

— Tenho medo de que te percas — disse Sónia, num tom enérgico, como se ela própria se sentisse assustada com o que estava a dizer.

O rosto de Natacha de novo assumiu uma expressão de ira.

— Pois bem, perder-me-ei, perder-me-ei, e quanto antes! Nada tens com isso. O mal será para mim e não para vós. Deixa-me. Deixa-me. Odeio-te!

— Natacha! — exclamou Sónia, assustada.

— Odeio-te! Odeio-te! És minha inimiga para sempre!

E Natacha saiu a correr do quarto.

Não voltou a falar mais com Sónia e evitou tornar a encontrá-la. Natacha vagueava pela casa com o seu ar perturbado e a sua expressão de pessoa culpada, ora fazendo isto, ora aquilo e sem acabar coisa alguma.

Embora isso lhe fosse penoso. Sónia não perdia de vista Natacha. Na véspera do dia em que o conde devia regressar notou que ela estivera toda a manhã à janela do salão como se aguardasse fosse o que fosse e viu-a fazer sinais a um militar que passava pela rua e lhe pareceu Anatole.

Então pôs-se a observá-la com mais atenção e reparou que durante o jantar e à noite Natacha tinha uma atitude estranha e pouco natural: respondia às perguntas a trouxe-mouxe, principiava frases que não acabava e ria a propósito de tudo.

Depois do chá viu uma criada muito atrapalhada esperando à porta do quarto de Natacha. Aguardou que ela entrasse, e, escutando à porta, veio a saber que uma nova carta chegara.

E de súbito Sónia compreendeu que Natacha ocultava um projecto inconfessável para aquela mesma noite. Bateu à porta, mas não a deixaram entrar.

«Vai fugir com ele», disse Sónia para si mesma. «Capaz disso é ela! Pareceu-me hoje especialmente triste, mas decidida. Ao despedir-se do pai chorou. Sim, estou

convencida de que vai fugir com ele; que hei-de eu fazer?», interrogou-se a si própria, recordando todos os pormenores que podiam revelar o terrível projecto de Natacha. «O conde não está. Que hei-de fazer? Escrever uma carta a Kuraguine a pedir-lhe uma explicação? Quem o obrigaria a responder-me? Escrever ao Pedro, como me recomendou o príncipe André se viesse a dar-se alguma desgraça...? Mas não acabou ela com Bolkonski? Efectivamente, foi ontem à noite que ela respondeu à princesa Maria. E o meu tio não está em casa... » Dirigir-se a Maria Dmitrievna, que tinha tanta confiança em Natacha, parecia-lhe horrível. «Seja como for», dizia ela, de si para consigo, no corredor sombrio, «chegou agora o momento de mostrar que não esqueço o bem que eles me têm feito e que gosto de Nicolau. Ainda que tenha de passar três noites sem dormir, deste corredor é que eu não arredo pé, e hei-de evitar que ela saia daqui, nem que seja à força. Não consinto que tal vergonha cubra esta família!»

[XVI]

Ultimamente Anatole fora viver para casa de Dolokov. O plano de rapto de Mademoiselle Rostov fora combinado e preparado por este havia vários dias e devia ser posto em execução na noite em que Sónia, escutando atrás da porta de Natacha, decidira não a perder de vista. Natacha prometera ir ter com Kuraguine às dez horas da noite, saindo pela escada de serviço. Anatole metê-la-ia numa troika preparada de antemão e conduzi-la-ia a umas sessenta verstas de Moscovo, ao povoado de Kamenka, onde um pope interdito os devia consorciar. Em Kamenka estaria preparada uma muda, que os levaria para mais longe, pela estrada de Varsóvia, donde, na mala-posta, seguiriam para o estrangeiro.

Anatole arranjara um passaporte, um livre-trânsito, dez mil rublos, que a irmã lhe havia emprestado, e mais outros dez mil, que conseguira por intermédio de Dolokov.

As testemunhas. Kvostikov, um antigo amanuense que Dolokov utilizava nas suas operações de jogador, e Makarine, hússar na reserva, homem franco e ingénuo, de uma ilimitada dedicação por Kuraguine, estavam sentadas na sala de espera tomando chá.

No amplo gabinete de Dolokov, revestido de alto a baixo de tapetes persas, peles de urso e armas, o dono da casa, de bechemé de viagem e botas altas, estava sentado diante da secretária aberta, onde havia contas e maços de notas. Anatole, com o uniforme desabotoado, andava de um lado para o outro, entre a sala onde estavam as testemunhas, atravessando o gabinete e um quarto das traseiras, onde o seu criado francês, ajudado por outros, preparava as bagagens. Dolokov contava o dinheiro e anotava as somas.

— Bom, então é preciso dar dois mil rublos ao Kvostikov.

— Pois dá-lhos — replicava Anatole.

— Makarka — assim tratava Makarine — de nada precisa. Era capaz de se deitar a afogar por ti. Bom, as contas estão prontas — disse Dolokov, mostrando-lhe a nota. Está bem?

— Com certeza — replicou Anatole, que evidentemente nada ouvira e olhava vago na sua frente, sempre com o mesmo sorriso.

Dolokov fechou a secretária e dirigiu-se em tom zombeteiro a Anatole:

— Sabes o que te digo? Ainda estás a tempo, deixa-te disso!

— Imbecil! — exclamou Anatole. — Não digas tolices. Se soubesses... Só o Diabo sabe o que isto é!

— Falo sério; deixa-te disso — insistiu Dolokov. — Estou a falar-te a sério. Estarás convencido de que se trata de uma brincadeira?

— Lá estás tu outra vez. Vai para o diabo que te carregue! — exclamou Anatole, franzindo o sobrolho.— Palavra, não estou com disposição de te ouvir dizer tolices. — E fez menção de sair do gabinete.

Dolokov sorriu, ao mesmo tempo formalizado e condescendente.

— Escuta, peço-te pela última vez. Para que havia eu de estar a brincar contigo? Porventura te levantei algum obstáculo? Quem preparou tudo, te arranjou um pope, te obteve um passaporte, te conseguiu dinheiro? Eu.

— Pois bem, e estou-te agradecido. Julgas talvez que te não estou reconhecido? — E Anatole, suspirando, abraçou Dolokov.

— Ajudei-te, mas, no entanto, devo dizer-te a verdade: a aventura é perigosa, e, se nos pomos a pensar nela, é mesmo estúpida. Bom, tu rapta-la, está bem. Mas julgas que vão deixar as coisas assim? Hão-de acabar por saber que és casado. Serás chamado aos tribunais...

— Tolices, tolices — contraveio Anatole, contrariado. — Pois não te expliquei

eu já, hem? — E Anatole, com a obstinação própria das pessoas pouco inteligentes sempre que tomam uma resolução, repetiu o raciocínio que lhe expusera já centos Ge vezes. — Já te expliquei. Aqui tens o que eu resolvi. — E, contando pelos dedos: — primeiro, se este casamento não é válido, não tenho qualquer responsabilidade; segundo, se é válido, estou-me nas tintas: ninguém saberá disso no estrangeiro. Não é assim? E nem mais uma palavra, nem mais uma palavra, nem mais uma palavra!

— Ouve o que te digo: deixa-te disso! Vais enterrar-te...

— Vai para o Diabo! — vociferou Anatole, e com as mãos na cabeça saiu do gabinete, para voltar em seguida a sentar-se, escarranchado numa poltrona, mesmo diante do amigo. — Só o Diabo sabe o que isto é! Olha, repara como — ele bate — pegou-lhe na mão e pousou-a sobre o coração — Ah, que pés, meu caro, que olhar! Uma deusa!

Dolokov, sorrindo friamente, olhava para ele com os seus belos olhos insolentes e brilhantes, divertido, evidentemente, à custa do amigo.

— Acaba-se o dinheiro, e depois?

— Depois? — repetiu Anatole, repentinamente embaraçado diante de tal perspectiva. — Depois? Sei lá! E depois, deixa-te de tolices. São horas! — acrescentou, consultando o relógio.

Entrou no quarto das traseiras.

— Então, esta pronto? Que estão para aí a fazer? — gritou para os criados.

Dolokov guardou o dinheiro, chamou um dos criados, para que ele lhes trouxesse qualquer coisa para comer antes da abalada, e entrou na sala onde estavam Kvostikov e Malcarine.

Anatole, estiraçado no divã do gabinete, sorria, pensativo, enquanto sua bela boca ia balbuciando palavras ternas.

— Vem comer qualquer coisa! — gritou-lhe Dolokov da outra sala.

— Não tenho fome — replicou Anatole, sem deixar de sorrir.

— Anda, já aí está o Bálaga.

Anatole levantou-se do divã e entrou na sala de jantar. Bálaga era um afamado postilhão de troika, que havia cinco ou seis anos servia os dois amigos; recorriam frequentes vezes aos seus serviços. Mais de uma vez, quando o regimento de Anatole estava em Tvier, o trouxera de noite daquela cidade: chegava a Moscovo de madrugada e voltava a levá-lo na noite no dia seguinte.

Por várias vezes conseguira livrar Dolokov dos apuros que o perseguiam. Passeara os dois pela cidade na companhia de ciganos e «senhoritas», como costumava dizer. E até, ao bater as ruas com eles, atropelara pessoas e sempre aqueles «senhores», como ele dizia, o tinham livrado de complicações. Que de cavalos ele rebentara já ao seu serviço! Muitas vezes o tinham emborrachado, enfrascando-o de champanhe e madeira, o seu vinho predilecto, e a verdade era estar no segredo de aventuras que a outros, que não a eles, de há muito os teriam atirado para a Sibéria. Convidavam frequentes vezes Bálaga para as suas orgias, obrigavam-no a dançar e a beber em casa dos ciganos e já lhe tinham passado pelas mãos muitos milhares de rublos. Arriscava a vida e a pele mais de vinte vezes por ano para lhes ser agradável e já rebentara cavalos que o dinheiro que eles lho haviam dado, a ganhar não pagava de modo algum. Mas gostava deles à sua maneira; morria por aquelas corridas loucas, a dezoito verstas à hora, adorava fazer os cocheiros de praça virarem os pés por cima da cabeça e esmagar os peões nas ruas de Moscovo, lançando-se depois à desfilada. Gostava de ouvir vozes avinhadas gritar-lhe, frenéticas: «Mais depressa! Mais depressa!», quando já lhe não era possível ir mais veloz. O que ele gostava de chicotear a nuca dos camponeses que, mais mortos do que vivos, se não voltavam a tempo! «São uns senhores às direitas», dizia de si para consigo.

Por seu lado, tanto Dolokov como Anatole tinham Bálaga em alta conta, grande mão de rédea, que era, e em matéria de gosto afinavam uns pelos outros. Quando se tratava de outras pessoas, fazia os seus preços, pedia vinte e cinco rublos por uma corrida de duas horas, sendo raro também ser ele a conduzir quando eram outros os fregueses, e nesse caso mandava um dos seus moços. Com «aqueles senhores», porém, como costumava dizer, era ele quem aparecia em carne e osso e nunca pedia fosse o que fosse. Quando sabia pelos criados que eles tinham dinheiro, coisa que acontecia urna vez de dois em dois ou de três em três meses, aparecia pela manhã, sem ter bebido, e pedia-lhes que o livrassem de apuros. Então «aqueles senhores» mandavam-no sempre sentar.

«Acuda-me, meu paizinho Fiodor Ivanovitch», ou então: «Excelências, estou sem cavalos. Tenho de ir à feira: emprestem-me o dinheiro que puderem.»

Anatole e Dolokov, quando abonados, davam-lhe sempre mil ou dois mil rublos.

Bálaga era um camponês dos seus vinte e seis anos, louro, corado, de pescoço

vermelho e cheio, membrudo, de nariz arregaçado, olhos vivos e uma barbicha curta. Usava cafetã azul com forro de seda por cima da peliça,

Benzeu-se ao passar pelo recanto dos ícones e aproximou-se de Dolokov, estendendo-lhe a mão negra.

— Boas noites. Fiodor Ivanovitch! — disse, inclinando-se.

— Boas noites, irmão! Ora aqui está ele!

— Boas noites. Excelência — repetiu, para Anatole, que acabava de entrar, estendendo-lhe igualmente a mão.

— Ouve. Bálaga — disse-lhe Anatole, batendo-lhe no ombro. És realmente meu amigo? Então, presta-me um serviço... Que cavalos tens tu? Hem?

— Aqueles que me mandou trazer, os seus, os fogosos.

— Então, ouve. Bálaga! Arrebenta a tua troika, mas quero que me ponhas lá em três horas, hem!

— Se arrebento os cavalos, como havemos de lá chegar? — observou Bálaga, malicioso.

— Deixa-te de graças ou apanhas dois estalos! — gritou Anatole, subitamente, com os olhos fora das órbitas.

— Porque não hei-de brincar? — volveu o cocheiro, sorrindo. — Já alguma vez disse que não a estes senhores? Enquanto os cavalos puderem, está visto.

— Bom! — exclamou Anatole — Vamos, senta-te.

— Senta-te, não ouves? — insistiu Dolokov.

— Estou bem de pé, Fiodor Ivanovitch.

— Tolice! Senta-te e bebe — voltou Anatole, enchendo-lhe um copázio de madeira.

Ao ver o vinho os olhos do cocheiro coriscaram. Primeiro recusou, por cortesia, e depois bebeu de um trago, limpando os beiços com um tabaqueiro de seda vermelha que trazia no fundo do boné.

— Então quando abalamos, Excelência?

— Pois — imediatamente — disse Anatole, consultando o relógio. — E toma tento. Bálaga, hem! É preciso chegar a horas.

— Depende da partida. Se estivermos com sorte... E porque não havemos nós de chegar a horas? — tomou Bálaga. — Pois não viemos uma vez de Tvier em sete horas? Lembras-te. Excelência?

— Sim, é verdade, uma vez, pelo Natal, viemos de Tvicr — disse Anatole

sorrindo. Lembrava-se muito bem. E, voltando-se para Makarine, que o olhava cheio de devoção, de olhos muito abertos. — Não calculas. Makarka, até nos cortava a respiração, tão depressa vínhamos. A certa altura deparou-se-nos um comboio de carros: passámos por cima de duas galeras. Que te parece?

— Também aquilo é que eram cavalos! — prosseguiu Bálaga, e, dirigindo-se a Dolokov: — Tinha atrelado dois animais novos ao meu alazão claro. Acredita. Fiodor Ivanovitch, aqueles diabos fizeram de uma tirada sessenta verstas. Não havia quem os segurasse. Tinha as mãos dormentes. Gelava que era um louvar a Deus! Acabei por abandonar as rédeas. Pegue nelas. Excelência. Não podia mais e deixei-me cair no fundo do trenó. Não só não era preciso tocá-los, como custava a ter mão neles. Aqueles diabos fizeram o percurso em três horas! Só o da esquerda se foi abaixo.

[XVII]

Anatole desapareceu, voltando daí a pouco com uma peliça cingida à cintura por uma correia com fivela de prata, um gorro de zibelina posto gaiatamente à banda e que muito bem lhe ficava ao rosto. Depois de passar os olhos pelo espelho e na postura em que se mirara postou-se diante de Dolokov e bebeu de um trago um copo de vinho.

— Bom. Fédia, adeus! Obrigado por tudo. Adeus! — exclamou. — Camaradas, amigos da minha mocidade, vamos — acrescentou, pensativo, dirigindo-se a Makarine e aos outros— Adeus!

Embora todos o acompanhassem. Anatole queria dar um tom solene e comovido àquela despedida. Falava alto e devagar, enchendo o peito e abanando uma perna.

— Vamos beber todos, tu também. Bálaga. Camaradas, amigos da minha mocidade, passámos juntos muitos anos e muita loucura fizemos. Quando nos tornaremos a ver? Vou para o estrangeiro. Adeus, rapazes! Levámo-la direita! A vossa saúde! Bebeu de um trago e jogou o copo ao chão.

— A sua saúde! — disse Bálaga, virando também o seu copo e limpando a boca com o tabaqueiro.

Makarine, os olhos rasos de lágrimas, abraçou-se a Anatole.

— Oh, príncipe! Custa-me tanto separar de ti — murmurou.

— Vamos! A caminho! — comandou Anatole.

Bálaga ia sair.

— Espera! Um momento! — interrompeu Anatole. — Fecha a porta, sentemo-nos todos. Ali, assim.

Fecharam a porta e toda a gente se sentou.

— E agora, a caminho, rapazes! — exclamou Anatole, erguendo-se.

Joseph, o criado, entregou-lhe uma maleta e o sabre e todos saíram para o vestíbulo.

— Onde está a peliça? — perguntou Dolokov. — Eh! Ignatka! Vai num rufo pedir a peliça a Matriona Matvievna, uma rica zibelina. Sim, eu sei como estas coisas se fazem, os raptos — acrescentou, piscando o olho— A pequena vai sair de casa, mais morta do que viva, tal como está. Basta um pequeno atraso e lá vêm as lágrimas, o papá e a mamã e ela toda a tremer de frio e a querer voltar para casa... Mas tu embrulha-la logo ali na peliça e mete-la no trenó.

Um lacaio veio com um casaco de mulher de pele de raposa.

— Imbecil! Eu não te disse que era de zibelina? Eh. Matrioshka! A capa de zibelina! — gritou numa voz tão forte que ressoou por toda a casa.

Uma linda cigana, magra e pálida, de olhos pretos, muito brilhantes, e caracóis negros cheios de reflexos, como a asa de um corvo, um xale vermelho pelas costas, apareceu com a capa de zibelina.

— Julgas que tenho pena dela? Toma-a, leva-a — disse, visivelmente intimidada diante do amo e cheia de pena pela perda da peliça.

Dolokov, sem lhe responder, pegou na capa, assentou-a nas costas de Matrioshka, e embrulhou-a nela.

— Assim, e depois assim — disse, levantando a gola de sorte que só lhe ficava de fora parte da cara. — E depois assim, vês? — E obrigou Anatole a espreitar pela abertura através da qual se via brilhar o sorriso da cigana.

— Bom, adeus. Matrioshka — disse Anatole, beijando-a. Acabaram-se todas as minhas loucuras aqui! Diz adeus por mim a Stiochka. Vamos, adeus, adeus. Matrioshka. Deseja-me sorte!

— Que Deus lhe dê todas as venturas, príncipe! — murmurou Matrioshka, com o seu sotaque cigano.

A porta estavam duas troikas com dois postilhões a postos. Bálaga subiu para a primeira e, erguendo os cotovelos, apanhou as rédeas sem pressas. Anatole e Dolokov sentaram-se na sua troika. Makarine. Kvostikov e os criados tomaram lugar na outra.

— Tudo pronto? — perguntou Bálaga. — Avante! — gritou enrolando as rédeas em volta do braço, e o trenó despediu a galope pela Avenida Nikitski.

— Oh! Oh!... Avante!... Oh! Oh!... — gritavam Bálaga e o rapaz sentado a seu lado.

Na Praça Arbatskaia a troika abalroou outro carro. Ouviu-se um estampido, depois um grito e ela aí vai direita ao seu destino. Depois de ter percorrido de ponta a ponta Podnovinski. Bálaga refreou os cavalos e, voltando para trás, foi parar na encruzilhada da Rua Staraia Koniushina.

O moço saltou do assento para pegar no bridão dos cavalos. Anatole e Dolokov meteram pelo passeio. Ao chegar junto do portão. Dolokov assobiou. Respondeu-lhe outro assobio e à porta apareceu uma criada.

— Entre para o pátio. Aqui podem vê-lo. A menina já aí vem — disse ela.

Dolokov ficou junto do portão. Anatole seguiu a criada, contornou o recanto do pátio e galgou os degraus da escada. Gavrila, um homenzarrão que tratava dos cavalos de Maria

Dmitrievna, saiu ao encontro de Anatole.

— A senhora quer falar consigo, faça favor — disse, numa voz de baixo, cortando-lhe o caminho.

— Que senhora? Quem és tu? — perguntou Anatole, numa voz entrecortada.

— Faça favor, tenho ordens para isso.

— Kuraguine! Para trás! — gritou Dolokov. — Fomos traídos! Raspa-te!

Dolokov, que ficara no portão, lutava com o porteiro, que tentava fechar a porta para não deixar sair Anatole. Apelando para todas as suas forças, conseguiu empurrar o porteiro. Depois, agarrando um braço de Anatole, que aparecera, correndo, puxou-o para a rua e ambos deram às de vila-diogo em direcção à troika que os esperava.

Maria Dmitrievna encontrara Sónia a chorar no corredor e obrigara-a a contar-lhe tudo. Depois de apanhar a carta de Natacha e de a ter lido, apresentou-se no quarto dela com o papel na mão.

— Miserável! Desavergonhada! — gritou-lhe. — Não quero ouvir nem uma palavra.

Empurrando Natacha, que, assustada, olhava para ela com os olhos enxutos, fechou-a à chave, e depois de ter dado ordens ao porteiro para deixar entrar as pessoas que aparecessem naquela noite, não as deixando, porém, sair, disse ao criado que lhas trouxesse à sua presença e sentou-se no salão à espera dos raptores.

Quando Gavrila lhe veio anunciar que eles tinham fugido, levantou-se; de sobrolho carregado e de mãos atrás das costas pôs-se a passear na sala, reflectindo sobre o que devia fazer.

À meia-noite, apalpando a chave na algibeira, apresentou-se no quarto de Natacha. Sónia estava no corredor, a soluçar.

— Maria Dmitrievna, deixe-me entrar consigo, peço-lhe! — suplicou.

Maria Dmitrievna abriu a porta sem lhe responder e entrou. «Que vergonha!... Que porcaria!... Debaixo do meu tecto... Miserável! Má filha!... Só tenho pena do pai! », dizia de si para consigo, procurando refrear a cólera que a tomava. «Embora não seja fácil, farei com que todos se calem e o conde nada há-de saber.» Entrou no quarto de Natacha num passo decidido.

Esta, estiraçada no divã, com a cabeça nas mãos, sem se mexer, continuava na posição em que Maria Dmitrievna a deixara.

— Muito bem, muito bonito! — exclamou ela. — Na minha casa, receber amantes na minha casa! Escusas de esconder! Ouve quando te falam! — Maria Dmitrievna tocou-lhe no braço. Ouve quando te falam. Portaste-te como uma desavergonhada! Eu bem sei o que devia fazer.., mas tenho pena de teu pai. Nada lhe direi.

Natacha não se mexeu, mas todo o seu corpo estremeceu. Soluços secos e convulsivos a sufocavam. Maria Dmitrievna trocou um olhar com Sónia e veio sentar-se ao lado dela.

— Ele teve sorte em escapar. Mas hei-de apanhá-lo — disse ela, na sua voz rude. — Ouves o que estou a dizer-te?

Passou a grande mão pelo queixo de Natacha e obrigou-a a virar-se para ela. Maria Dmitrivena e Sónia ficaram aterradas com a expressão que lhe viram. Seus olhos estavam brilhantes e sem uma lágrima, os seus lábios cerrados, as suas faces cavadas.

— Deixem-me... Quero lá saber... Vou morrer... — murmurou, libertando-se, com um sacão, de Maria Dmitrievna e retomando a sua primeira postura.

— Natália!... — disse Maria Dmitrievna — Só quero o teu bem. Deixa-te estar deitada, deixa-te estar assim, não te tocarei, mas ouve... Não preciso de te dizer da culpabilidade que te cabe. Tu bem sabes. Mas o teu pai chega amanhã. Que lhe hei-de dizer? Hem!

De novo estremeceu, abalada pelos soluços.

— Há-de sabê-lo, sim, e teu irmão, e teu noivo também!

— Já não tenho noivo, acabei — gritou Natacha bruscamente.

— Tanto faz — prosseguiu Maria Dmitrievna.— Seja como for, hão-de saber tudo. Julgas que deixarão as coisas assim? E o teu pai, conheço-o muito bem... E se o desafiar para um duelo, vai ser bonito, hem?

— Oh, deixe-me. Porque estragou tudo? Porquê? Quem lhe pediu? — gritou Natacha, soerguendo-se e olhando para Maria Dmitrievna com uns olhos irados.

— E tu, que querias tu fazer? — exclamou a pobre senhora, exaltando-se. — Tínhamos-te fechada, porventura? Quem o impedia de vir a nossa casa? Porque havia ele de te raptar como se fosses uma boémia? E se te tivesse raptado, julgas que o não encontrariam? Ou o teu pai, ou o teu irmão, ou o teu noivo... Um desavergonhado, um valdevinos, é o que ele é!

— Vale mais que todos vós! — gritou Natacha, empertigando-se. — Se me não tivessem impedido... Oh, meu Deus! Porquê? Porquê? Sónia, porquê? Deixem-me!

E rompeu a chorar com tanto desespero como só choram aqueles que se sentem a causa das suas próprias infelicidades. Maria Dmitrievna quis ainda dizer qualquer coisa, mas Natacha pôs-se a gritar: — Vão-se embora! Vão-se embora! Todos me odeiam, todos me detestam! — E voltou a deixar-se cair sobre o divã.

Maria Dmitrievna ainda esteve algum tempo a exortá-la, dizendo-lhe ser preciso ocultar tudo do conde e que ninguém saberia coisa alguma desde que Natacha prometesse esquecer e evitasse que qualquer coisa chegasse aos ouvidos fosse de quem fosse. Natacha não respondeu. Deixara de chorar, mas agora arrepios de febre a faziam estremecer. Maria Dmitrievna pôs-lhe uma almofada

debaixo da cabeça, cobriu-a com dois cobertores e trouxe-lhe uma chávena de tília. Natacha, porém, continuava calada.

— Bom, deixemo-la dormir! — disse Maria Dmitrievna, retirando-se, persuadida de que Natacha adormecera.

Natacha não dormia porém, e os seus olhos, muito abertos, no rosto pálido, olhavam fixamente diante de si. Toda a noite esteve sem dormir, sem chorar, sem dizer nada a Sónia, que várias vezes se levantou para vigiá-la.

No dia seguinte, à hora do almoço, como prometera, chegou o conde Ilia Andreitch, de regresso das suas propriedades nas imediações de Moscovo. Vinha muito contente. Tudo ficara resolvido com o comprador e já nada o retinha em Moscovo e longe da condessa, de quem se sentia muito saudoso.

Maria Dmitrievna foi ao seu encontro e contou-lhe que a filha estivera muito doente na véspera, que mandara chamar o médico, mas que estava agora muito melhor. Natacha nessa manhã ficou no quarto. De lábios fechados e a tremer de frio, os olhos secos e fixos, permaneceu à janela, observando ansiosamente o vaivém dos transeuntes, e voltando-se, de súbito, sempre que alguém entrava no seu quarto. Aguardava, evidentemente, notícias de Anatole, esperava que ele se apresentasse pessoalmente ou lhe escrevesse.

Quando o conde entrou. Natacha estremeceu ao ouvir passos de homem, mas assim que o reconheceu a expressão tomou-se–lhe fria e teve mesmo um movimento de irritação. Nem sequer se levantou.

— Que tens, meu anjo, estás doente? — perguntou-lhe o pai.

Natacha ficou calada.

— Sim, estou doente — acabou por dizer.

Inquieto, o conde quis saber porque estava ela tão abatida e se acontecera alguma coisa entre ela e o noivo. Natacha garantira-lhe que nada acontecera, pedindo-lhe que se não atormentasse, e Maria Dmitrievna confirmou junto do conde as palavras de Natacha. Apesar de tudo, o conde, diante da doença simulada de Natacha e da expressão embaraçada de Sónia e Maria Dmitrievna, percebeu que alguma coisa de grave ocorrera durante a sua ausência. A verdade, porém, é que a, ideia de que poderia ter acontecido alguma coisa capaz de afectar a dignidade da sua filha preferida o assustava de tal modo, e tão amigo era da sua tranquilidade, que tratou de não fazer perguntas, persuadindo-se de que nada de anormal tinha ocorrido e limitando-se a lastimar que a doença de Natacha viesse

retardar o seu regresso à aldeia.

[XIX]

Pedro, desde que a mulher chegara a Moscovo, passava a vida a arranjar pretextos para sair de casa, a fim de não se ver obrigado a encontrar-se com ela. A impressão que lhe fizera Natacha, aquando da sua viagem, ainda mais concorrera para acelerar a realização dos seus propósitos. Dirigiu-se a Tvier, a casa da viúva de Osip Alexeievitch, que há muito lhe prometera confiar-lhe os papéis de seu defunto marido.

De regresso a Moscovo, entregaram-lhe uma carta de Maria Dmitrievna, que lhe pedia viesse a sua casa por causa de um assunto muito importante que dizia respeito a André Bolkonski e à noiva. Pedro procurava não ver Natacha. Para si mesmo dizia que ela lhe inspirava um sentimento mais vivo do que aquele que seria razoável na sua qualidade de homem casado e amigo do noivo. No entanto, o destino parecia comprazer-se em reuni-los a cada passo.

«Que terá acontecido? E que tenho eu a ver com isso?», cogitava ele enquanto se preparava para dirigir-se a casa de Maria Dmitrievna. «O que é preciso é que o André venha quanto mais depressa melhor e que eles tratem de se casar», pensou, já a caminho.

Ao passar pela Avenida de Tvier, alguém chamou-o.

— Pedro, já chegaste há muito tempo? — gritou-lhe uma voz conhecida. Levantou a cabeça. Num trenó tirado por dois cavalos cinzentos que levantavam nuvens de neve passaram junto dele Anatole e o seu inseparável camarada. Makarine. Anatole aprumava-se no assento, na clássica postura dos militares elegantes, o mento enterrado na gola de castor, a cabeça ligeiramente inclinada. Tinha a pele rosada e fresca, e o chapéu, com uma pluma branca, posto ao lado, deixava ver os cabelos frisados e cheios de brilhantina, salpicados de uma poeira de neve muito fina.

«Ora ali está um homem com juízo!», exclamou Pedro. «Não tem olhos para ver mais longe que o prazer do momento. Nada o preocupa e por isso passa a vida alegre, contente e tranquilo!» E olhou-o com inveja. «Que não daria eu para me

parecer com ele?»

No vestíbulo de Madame Akrosiuova, o criado, enquanto o ajudava a despir a peliça, disse-lhe que Maria Dmitrievna lhe pedia que subisse ao seu quarto.

Ao abrir a porta do salão viu Natacha sentada à, janela, de rosto afilado e pálido, com uma expressão dura e má. Olhou para ele, franzindo as sobrancelhas, e desapareceu, afectando uma reserva fria.

— Que aconteceu? — perguntou Pedro, ao entrar no quarto de Maria Dmitrievna.

— Lindas coisas! — exclamou ela. — Há cinquenta e oito anos que ando cá por este mundo e nunca tive ocasião de presenciar uma vergonha assim.

E depois de ter exigido de Pedro a sua palavra de honra de que não abriria a boca acerca do que ela lhe diria, contou-lhe que Natacha desfizera o casamento sem nada dizer à família e que a culpa era de Anatole Kuraguine, que a mulher de Pedro lhe apresentara e com quem Natacha pensava fugir, na ausência do pai, para com ele casar secretamente.

Pedro, de ombros encolhidos e a boca aberta, ouvia toda aquela história sem poder acreditar nos seus ouvidos. Pois quê, a noiva bem-amada do príncipe André, a encantadora Natacha Rostov, preferia a Bolkonski o imbecil do Anatole, homem casado aliás (Pedro estava a par do seu casamento secreto), e a tal ponto gostava dele que consentia que a raptasse? Eis o que Pedro não podia compreender nem admitir.

Não lhe era possível consentir que no seu espírito se associasse a simpática e encantadora figura de Natacha, que ele conhecia desde pequena, a tanta baixeza, a tanta estupidez, a tanta crueldade. Lembrou-se da sua própria mulher. «São todas iguais», dizia de si para consigo, pensando que, no fim de contas, nem só a ele cabia o triste privilégio de estar ligado a uma mulher desprezível. E no entanto vieram-lhe as lágrimas aos olhos ao lembrar-se do príncipe André, sofrendo pelo seu ferido orgulho. E quanto mais lastimava o amigo maior era o seu desprezo pela Natacha que havia momentos passara por ele afectando um ar de fria dignidade. Mal sabia ele que a alma de Natacha transbordava então de desespero, de vergonha, de humilhação, não sendo culpada de trazer afivelada aquela máscara fria e severa.

— Quê? Casar? — balbuciou Pedro. — Ele não pode casar-se, já é casado.

— Era o que faltava — suspirou Maria Dmitrievna. — É fresco, o menino! Que

canalha! E aí está ela à espera, há dois dias que espera. Que ao menos deixe de esperar. É preciso que saiba.

Depois de tomar conhecimento dos pormenores do casamento de Anatole. Maria Dmitrievna aliviou a sua cólera, soltando violentas injúrias, e explicou a Pedro porque mandara chamá-lo. Receava que o conde ou mesmo Bolkonski, capaz de chegar de um momento para o outro, viessem a saber do caso, que ela, pela sua parte, estava disposta a esconder-lhes, e desafiassem Kuraguine para um duelo. Eis porque lhe rogava que pedisse em seu nome ao cunhado que saísse de Moscovo e que nunca mais ali aparecesse. Pedro prometeu-lhe que o faria, e só então se apercebeu do perigo que ameaçava ao mesmo tempo o velho conde. Nicolau e o príncipe André. Expôs-lhe, pois, em poucas palavras e com clareza o que queria dele e acompanhou-o ao salão.

— Cuidado, o conde de nada sabe. Finja nada saber — pediu-lhe ela. — Por mim, vou dizer a Natacha que escusa de esperar. E fica para jantar, se te apetece — acrescentou na sua grossa voz.

Pedro dirigiu-se ao velho conde, que parecia profundamente perturbado. Nessa mesma manhã Natacha dissera-lhe que desfizera o noivado com Bolkonski.

— Que desgraça, que desgraça, meu caro! — exclamou ele —, quando lhes falta a mãe. Não calcula a pena que tenho de ter feito esta viagem. Vou ser franco consigo. Pois não sabe? Despediu o noivo sem dizer coisa alguma a ninguém. Realmente nunca me entusiasmou muito este casamento. Sim, bem sei, é um homem às direitas, mas, pois não é verdade?, uma pessoa não pode ser feliz quando age contra a vontade de seu pai, e a Natacha não faltam pretendentes. Mas o que é certo é que isto já durava há muito, e dar semelhante passo sem consultar nem o pai nem a mãe!... E para aí está doente, só Deus sabe com quê! Ah, conde, tudo corre mal, tudo corre mal quando falta a mãe a uma filha...

Pedro, ao ver o conde tão comovido, procurou mudar de assunto, mas ele voltava sempre à sua preocupação.

— Natacha não passa bem de saúde. Está nos seus aposentos e queria falar consigo. Maria Dmitrievna está ao pé dela e também lhe queria falar. É verdade, como é amigo de Bolkonski, naturalmente quererá mandar-lhe algum recado — acrescentou o conde. — Meu Deus, meu Deus, e ia tudo tão bem!

E, levando as mãos aos escassos cabelos que tinha ainda na cabeça, saiu do salão.

Maria Dmitrievna dissera a Natacha que Anatole já era casado. Esta não quisera acreditar em tal e pedira a Pedro que viesse junto dela confirmar o facto. Eis o que Sónia explicou a Pedro enquanto o acompanhava ao quarto de Natacha.

Natacha, pálida e de severa expressão, ao lado de Maria Dmitrievna, assim que o viu surgir no limiar da porta pousou nele uns olhos interrogativos em que se sentia brilhar a febre. Não teve um sorriso nem um movimento de cabeça. Limitou-se a fita-lo obstinadamente e no seu olhar apenas se lia uma pergunta: estava diante de um amigo ou de um inimigo, como todos os outros, no que dizia respeito a Anatole? Era evidente que Pedro, em si próprio, naquele momento, não existia para ela.

— Pedro sabe tudo — disse Maria Dmitrievna, apontando para ele. — Ele que diga se faltei à verdade.

Natacha, tal um animal perseguido, e já ferido, que vê aproximar cães e caçadores, olhava com uns olhos vagos e errantes.

— Natália Ilinitchna — principiou Pedro, baixando os, olhos, tomado de uma profunda piedade por ela e de um invencível desgosto pelo que se via obrigado a dizer. — Verdade ou mentira, isso deve-lhe ser indiferente, porque...

— Então não é verdade que está casado?

— Sim, é verdade.

— Está casado, e há muito tempo? — insistiu ela. — Palavra de honra?

Pedro deu-lhe a sua palavra de honra.

— Ainda cá está? — perguntou Natacha vivamente.

— Está. Acabo de o encontrar.

Natacha não teve forças para dizer mais e fez com a mão um gesto a suplicar que a deixassem.

[XX]

Pedro não ficou para jantar; depois disto saiu do aposento e abalou. Andou por toda a cidade à procura de Anatole Kuraguine. Só pensar nele lhe fazia afluir o sangue ao coração e o deixava sem fôlego. Não estava nas montanhas, nem com os ciganos, nem em casa de Coraneno. Dirigiu-se ao clube. Ali tudo na mesma: os

sócios que vinham jantar formavam vários grupos. Cumprimentaram Pedro e puseram-se a falar dos casos do dia.

Um criado, familiarizado com os hábitos de Bezukov, depois de lhe ter feito uma vénia, disse-lhe que a sua mesa estava reservada na salinha de jantar, que o príncipe Fulano se encontrava na biblioteca e que Sicrano ainda não chegara.

Um dos seus conhecidos, entre outras coisas triviais, perguntou-lhe se ouvira dizer que Mademoiselle Rostov fora raptada por Kuraguine, caso de que muito se falava em Moscovo, e se era verdade. Pedro replicou-lhe, rindo, ser um absurdo, pois acabava de sair de casa dos Rostov. A toda a gente perguntou por Anatole. Alguém disse-lhe que ele ainda não chegara, e houve também quem o informasse de que viria jantar com toda a certeza. Pedro observava com um estranho sentimento aquele agregado de pessoas tranquilas e indiferentes completamente alheias ao que se estava a passar na sua alma. Andou a vaguear pelos salões, aguardando que toda a gente chegasse, e, vendo que Anatole não aparecia, decidiu não jantar e voltar para casa.

Anatole naquele dia jantara em casa de Dolokov e conferenciara com ele acerca da maneira de reparar o que falhara. Parecia-lhe indispensável tornar a ver Mademoiselle Rostov. A noite dirigiu-se a casa da irmã para lhe falar na maneira de conseguir um encontro com Natacha. Quando Pedro, depois de ter percorrido debalde toda a cidade, voltou para casa, soube pelo criado que o príncipe Anatole Vassilievitch se encontrava com a condessa. O salão de Helena estava cheio.

Sem cumprimentar a mulher, a quem não via desde que voltara a Moscovo — mais do que nunca a odiava naquele momento —, Pedro penetrou no salão da condessa, viu Anatole e foi direito a ele.

— Ah. Pedro!... — exclamou a condessa, aproximando-se. Não imaginas o estado em que está Anatole...

Calou-se ao ver na atitude do marido, na sua cabeça baixa, nos seus olhos brilhantes, no seu passo enérgico, aqueles terríveis sinais de ira e violência que ela tão bem conhecia e cujos efeitos experimentara aquando do duelo com Dolokov.

— Onde a senhora estiver só há depravação e maldade — pronunciou Pedro. — Anatole, venha cá, preciso de lhe falar — acrescentou em francês.

Anatole olhou a irmã e levantou-se docilmente, disposto a seguir Pedro. Este, pegando-lhe por um braço, arrastou-o consigo para fora do salão.

— Como se atreve, na minha sala... — ia a dizer Helena, em voz baixa, mas Pedro saiu da sala sem lhe responder.

Anatole seguiu o cunhado com a sua arrogância habitual, embora houvesse inquietação nos traços do seu rosto.

Assim que entrou no gabinete. Pedro fechou a porta e dirigiu-se a Anatole sem olhar para ele.

— É verdade que prometeu casar com a condessa Rostov e que a quis raptar?

— Mon cher — replicou Anatole em francês (foi em francês, de resto, que se travou todo o diálogo) — não me julgo obrigado a responder a perguntas formuladas nesse tom.

O rosto de Pedro, pálido até então, surgiu descomposto pelo furor. Agarrando Anatole, com as suas grossas mãos, pela gola do uniforme, pôs-se a sacudi-lo de um lado para o outro de tal maneira que um indizível terror se pintou na cara do rapaz.

— Se eu lhe disse que precisava de falar consigo... — repetia Pedro.

— Que é isto? Está doido! — exclamou Anatole, apalpando a gola, em que o botão arrancado pendia juntamente com um pedaço de pano.

— O senhor é um canalha, um bandido, não sei porque lhe não rebento a cabeça com isto — exclamou Pedro, exprimindo-se um pouco artificiosamente, pois falava em francês.

Pegara num bojudo pesa-papéis, erguera-o num gesto de ameaça e voltara a depô-lo sobre a mesa.

— Prometeu casar com ela?

— Eu, eu, acho que não. De resto, não lhe prometi coisa alguma, visto que...

Pedro cortou-lhe a palavra:

— Tem cartas dela? Tem cartas dela? — repetiu, aproximando-se dele.

Anatole fitou-o, e imediatamente, metendo a mão ao bolso, tirou a carteira.

Pedro pegou na carta que Anatole lhe estendia e, afastando a mesa, que o estorvava, deixou-se cair no divã.

— Não serei violento, por isso não tem nada a recear — disse, em resposta a um gesto receoso de Anatole. — Primeiro as cartas... — continuou como se repetisse de cor uma lição. — Depois... — acrescentou, após uma pausa, em seguida à qual se ergueu e se pôs a andar de um lado para o outro. — Em segundo lugar amanhã vai sair de Moscovo.

— Mas como hei-de poder...

— Em terceiro lugar — continuou Pedro sem lhe dar ouvidos —, a ninguém deve dizer uma palavra acerca do que se passou entre o senhor e a condessa. Bem sei que não o posso proibir, mas se ainda lhe resta um vislumbre de consciência...

Pedro continuou, em silêncio, a sua caminhada.

Anatole estava sentado à mesa, de sobrancelhas carregadas e mordendo os lábios.

— É impossível que o senhor não compreenda que independentemente dos seus prazeres pessoais há a felicidade e a tranquilidade das outras pessoas; é impossível que não compreenda que deita a perder uma vida inteira apenas porque lhe apetece divertir-se. Se isso lhe agrada, divirta-se com mulheres no género da minha, tem direito a isso: essas sabem perfeitamente o que o senhor pretende delas. Estão armadas contra o senhor pela mesma experiência da devassidão. Mas prometer casamento a uma donzela.., enganá-la.., raptá-la... Será possível que não compreenda que é vilania tão grande como bater num velho ou numa criança?!

Pedro calou-se e fitou Anatole, já não com ira, mas interrogativamente.

— Não sei — disse Anatole, ganhando audácia à medida que Pedro dominava a sua cólera. — Não sei nem quero saber — prosseguiu, olhando-o e com um nervoso movimento do queixo —, mas o senhor disse-me coisas.., o senhor pronunciou a palavra covarde e ainda outras, palavras que eu, como um homem de honra, a ninguém posso admitir.

Pedro olhou-o com espanto, sem perceber onde ele queria chegar.

— Embora isto se tenha passado só entre nós — prosseguiu eu não posso...

— Quê? Está a exigir de mim uma reparação? — murmurou Pedro, em tom sarcástico.

— Pelo menos podia retirar as suas expressões! Se quer que cumpra as suas condições, hem?

— Retiro-as, retiro-as — disse Pedro — e peço-lhe desculpa — acrescentou, lançando um olhar ao botão arrancado de Anatole. — E se tiver necessidade de dinheiro para a viagem...

Anatole sorriu. Este sorriso tímido e covarde, que Pedro conhecia por tê-lo visto na mulher, exasperou-o.

— Oh, raça vil e sem coração! — exclamou, saindo do gabinete.

No dia seguinte Anatole partia para Petersburgo.

[XXI]

Pedro dirigiu-se a casa de Maria Dmitrievna para lhe comunicar que o seu desejo fora satisfeito, que Kuraguine saíra de Moscovo. Toda a gente lá em casa estava consternada e abatida. Natacha adoecera gravemente e Maria Dmitrievna contou em segredo a Pedro que naquela noite, quando ela soubera que Anatole era casado, tomara arsénico, que conseguira arranjar às escondidas. Depois de ter ingerido uma pequena dose, tão assustada ficou que foi acordar Sónia, a quem revelou o que fizera. Como haviam empregado a tempo os meios mais enérgicos, estava livre de perigo, mas tão fraca que era impossível pensar em levá-la para a aldeia e que tinham mandado vir a condessa. Pedro foi encontrar o conde compungido e Sónia desfeita em lágrimas, mas não pôde ver Natacha. Nesse dia jantou no clube. Por toda a parte se falava na tentativa de rapto de Mademoiselle Rostov, empenhando-se ele opiniosamente em refutar essa atoarda, garantindo a toda a gente que nada mais houvera além de um pedido de casamento da parte de seu cunhado, pedido que fora mal sucedido. Pedro pensava ser obrigação sua esconder a verdade, salvando, assim, a reputação de Natacha.

Esperava aterrorizado o regresso do príncipe André e todos os dias ia saber dele a casa do velho príncipe.

O príncipe Nicolau Andreievitch fora informado por Mademoiselle Bourienne do que se dizia na cidade e lera a carta que Natacha escrevera à princesa Maria considerando o noivo desobrigado da palavra dada. Parecia mais alegre do que habitualmente e aguardava, impaciente, a chegada do filho.

Alguns dias depois da partida de Anatole. Pedro recebeu um bilhete do príncipe André comunicando-lhe que regressara a Moscovo e pedindo-lhe que passasse por sua casa.

Assim que chegara fora o príncipe André informado pelo pai do teor da carta de Natacha à irmã, carta esta furtada à princesa Maria por Mademoiselle Bourienne e por ela entregue ao príncipe. Além disso o pai tivera o cuidado de lhe contar, consideravelmente ampliado, o que se dizia sobre o rapto de Natacha.

Pedro foi a casa do príncipe André na manhã seguinte ao dia da sua chegada. Julgando encontrá-lo num estado semelhante ao de Natacha, grande foi o seu espanto ao ouvir, no momento em que entrava no salão, a bem timbrada voz de André, que no seu gabinete contava, animado, uma intriga recente de Petersburgo. O velho príncipe e uma pessoa desconhecida interrompiam-no de quando em quando. Ao encontro de Pedro veio a princesa Maria. Num suspiro, apontou-lhe com os olhos a porta do quarto do irmão, procurando deste modo mostrar quanto sentia o desgosto de André, mas Pedro viu claramente na sua expressão que ela estava satisfeita com o que acontecera e com a maneira como ele recebera a notícia da traição da noiva.

— Disse que já contava com isso — observou ela. — Compreendo que o orgulho lhe não deixe exprimir o que sente, mas a verdade é que recebeu a notícia melhor do que eu esperava. Evidentemente que assim tinha de ser...

— Será possível que tudo tenha acabado? — perguntou Pedro.

A princesa Maria olhou-o surpreendida. Nem sequer compreendia que se pusesse o problema. Pedro penetrou no gabinete.

O príncipe André, à paisana, muito mudado, e naturalmente com melhor aspecto, mas com uma nova ruga entre as sobrancelhas, estava de pé diante do pai e do príncipe Mechtcherski e discutia acaloradamente, gesticulando com energia. Falava-se de Speianski, da notícia do seu repentino exílio e da sua pretensa traição, que acabava de se espalhar em Moscovo.

— Agora, todos os que há um mês se entusiasmavam com ele estão prontos a acusá-lo e a condená-lo — dizia o príncipe André —, gente incapaz de compreender o alcance das suas medidas. É muito fácil julgar um homem quando cai em desgraça e atribuir-lhe então todos os erros alheios. Pois bem, na minha opinião, entendo que se alguma coisa de bom se fez no actual reinado a ele e só a ele se deve.

Calou-se ao ver entrar Pedro. Um estremecimento nervoso lhe perpassou pelo rosto, denotando de súbito uma violenta irritação.

— A posteridade se encarregará de lhe fazer justiça — concluiu. E depois, voltando-se para Pedro: — Ah!, és tu? Continuas a engordar — disse com vivacidade, enquanto se lhe cavava mais funda a nova ruga da testa. — Sim, isto vai melhor! — replicou ele, sorrindo, em resposta a uma pergunta de Pedro acerca da sua saúde.

Este sorriso queria dizer, e assim o compreendeu Pedro: «Sim, bem sei, mas ninguém precisa de saber se estou bom de saúde.»

Depois de ter trocado algumas palavras com Pedro sobre o medonho estado das estradas entre a fronteira da Polónia e Moscovo, de lhe ter falado de umas pessoas que encontrara na Suíça, e que eram das relações do amigo, e de ter aludido a Monsieur Dessalles, que consigo trouxera do estrangeiro para dirigir a educação do filho. André enfronhou-se de novo com entusiasmo na discussão sobre Speranski, que prosseguia entre os dois velhos.

— Se houvesse traição e se existissem provas da sua conivência secreta com Napoleão, já a esta hora seriam conhecidas — disse ele com uma apaixonada vivacidade — Pessoalmente não gosto de Speranski, mas sou pela equidade.

Pedro via que o amigo sentia a necessidade — necessidade que tão bem lhe conhecia — de entusiasmar-se e discutir qualquer assunto estranho para assim mais facilmente esquecer pensamentos íntimos demasiado penosos.

Quando o príncipe Mechtcherski se retirou. André travou do braço de Pedro e conduziu-o ao quarto expressamente preparado para si. Estava ali uma cama armada e no chão havia malas e baús abertos.

O príncipe André aproximou-se de um deles e pegou numa caixa. Dentro estava um pacote embrulhado em papel. Tudo isto ele fez muito depressa e sem dizer palavra. Depois soergueu-se, tossicando. A expressão era taciturna e tinha os lábios cerrados.

— Desculpa se te incomodo...

Pedro compreendeu que ele lhe queria falar de Natacha e no seu cheio rosto pintaram-se-lhe compaixão e simpatia. A irritação de André foi maior ainda. Prosseguiu, num tom cortante e resoluto, mas que soava a falso:

— A condessa Rostov repudiou-me e ouvi falar de um pedido de casamento do teu cunhado ou de qualquer coisa no mesmo género. É verdade?

— É verdade e não é — principiou Pedro, mas André interrompeu-o:

— Aqui tens as cartas dela e o seu retrato — articulou.

Pegou no maço de papéis e entregou-o a Pedro.

— Entrega isto à condessa.., quando a vires.

— Está muito doente — disse Pedro.

— Ah! Ainda está em Moscovo? E o príncipe Kuraguine? — perguntou, precipitadamente.

— Abalou há dias. Ela esteve à morte...

— Tenho muita pena — replicou, sorrindo com uma expressão fria, má, desagradável, muito parecida com a do pai.

— Pelo que veio, o Sr. Kuraguine não se dignou conceder a sua mão à condessa Rostov? — disse ele.

Por várias vezes pareceu fungar.

— Não podia casar com ela; já é casado — observou Pedro.

O príncipe André pôs-se a rir, exactamente como o pai.

— E onde está ele neste momento, o teu cunhado, pode saber-se?

— Foi para Peters... Isto é, não tenho a certeza.

— Sim, pouco importa — comentou André. — Peço que digas, da minha parte, à condessa Rostov que ela sempre foi e continua a ser completamente livre e que lhe desejo muitas felicidades.

Pedro pegou no maço das cartas. O príncipe André, como se a si próprio perguntasse se não estaria a esquecer-se ainda de qualquer coisa ou como se aguardasse que Pedro dissesse fosse o que fosse, interrogou-o com os olhos.

— Escute; lembra-se da nossa discussão em Petersburgo? — murmurou Pedro. — Lembra-se...

— Lembro-me — apressou-se André a responder — Dizia-te que era preciso perdoar à mulher que cai, mas eu não disse que lhe podia perdoar. Eu não posso.

— Podem comparar-se as duas situações? — observou Pedro.

André interrompeu-o. Em tom sarcástico exclamou:

— Sim, pedir de novo a sua mão, ser magnânimo e outras coisas do mesmo teor?... Sim, é muito nobre, mas não me sinto capaz de ficar reduzido a apanhar-lhe as migalhas. Se queres que eu continue a ser teu amigo nunca mais me fales no caso. Bom, então adeus! Está combinado, tu entregas-lhe...

Pedro foi dali aos aposentos do velho príncipe e da princesa Maria.

O velho parecia mais animado do que de costume. Maria continuava a mesma, mas Pedro via claramente que na compaixão que ela mostrava pela infelicidade de André se traía a alegria que lhe causava o desmanchar daquele casamento. Observando-os, pôde compreender o desdém e a inimizade que ambos nutriam pelos Rostov, e percebeu que não seria possível sequer pronunciar na sua presença o nome daquela que fora capaz de trocar o príncipe André por um homem qualquer.

A mesa falou-se da guerra, que parecia iminente. O príncipe André não parava de falar e de discutir, ora com o pai ora com Dessalles, o preceptor suíço, e mais do que nunca dir-se-ia dominado por uma excitação cuja causa Pedro conhecia muitíssimo bem.

[XXII]

Nessa mesma noite. Pedro foi ter com os Rostov a fim de dar cumprimento à sua missão. Natacha estava de cama, o conde fora para o clube e Pedro, depois de entregar as cartas a Sónia, procurou Maria Dmitrievna, ansiosa por saber como o príncipe André acolhera o caso. Passados uns dez minutos. Sónia apareceu também nos aposentos de Maria Dmitrievna.

— Natacha quer ver sem falta o conde Pedro Kirillovitch — disse ela.

— Como assim? Há-de ir ao quarto dela, onde está tudo desarrumado? — disse Maria Dmitrievna.

— Arranjou-se e espera por ele no salão — voltou Sónia.

Maria Dmitrievna limitou-se a encolher os ombros.

— Quando chegará a condessa? Já não posso mais. Tem cuidado não lhe digas tudo — recomendou a Pedro. — Não há coragem para a censurar: é tão infeliz, tão infeliz!

Natacha, magra, pálida e com uma expressão severa, mas sem de modo nenhum denunciar a mais pequena humildade, como Pedro esperava, recebeu-o de pé no meio do salão. Ao vê-lo aparecer no limiar da porta teve um movimento de hesitação, como que indecisa, sem saber se devia aproximar-se ou aguardar que ele viesse para ela.

Pedro apressou o passo. Julgou que ela lhe ia estender a mão como de costume, mas, ao aproximar-se viu-a imóvel, a respiração opressa e os braços caídos, numa atitude exactamente igual à que costumava tomar outrora quando cantava, embora fosse muito diferente a sua expressão.

— Pedro Kirillovitch — principiou ela numa voz precipitada —, o príncipe Bolkonski era seu amigo; é seu amigo — rectificou. Dir-se-ia que para ela nada havia do que existira e que tudo era diferente agora. — Disse-me então que me

dirigisse a si...

Pedro fitava calado, a respiração opressa. Até àquele momento não fizera outra coisa senão censurá-la no fundo do seu coração, esforçando-se por desprezá-la. Naquele momento, porém, tamanha era a piedade que ela lhe inspirava que não lhe passava pela cabeça dirigir-lhe qualquer censura.

— Ele está cá... Diga-lhe.., que me per.., que me perdoe.

Natacha calou-se, o peito a arfar, mas sem uma lágrima.

— Sim.., dir-lhe-ei — replicou Pedro —, mas...

Não sabia que dizer.

Natacha, assustada com a ideia que poderia ter acorrido a Pedro, disse-lhe vivamente:

— Não, sei muito bem que tudo acabou. Nunca mais poderá recompor-se. A única coisa que me atormenta é o mal que lhe causei. Mas diga-lhe que lhe peço me perdoe, me perdoe, me perdoe...

Um estremecimento nervoso lhe percorreu todo o corpo. Sentou-se numa cadeira.

Um sentimento de piedade como nunca experimentara até então inundou a alma de Pedro.

— Dir-lhe-ei, dir-lhe-ei tudo.., mas desejaria saber uma coisa...

«Saber o quê?», perguntavam os olhos de Natacha.

— Desejaria saber se amou...— Pedro perguntou-se a si mesmo se devia pronunciar o nome de Anatole, e este pensamento fê-lo corar... — se amou esse malvado?

— Não lhe chame malvado — disse Natacha. — Não sei, já nada sei...

Rompeu a chorar. Um sentimento de piedade, de ternura e de amor mais veemente ainda inundou a alma de Pedro. Sentia as lágrimas a escorrerem pelos vidros das lunetas e desejava que ela se não apercebesse disso.

— Não falemos mais nisso, minha amiga — disse ele.

Esta voz doce, terna, em que vibrava uma nota profunda, surpreendeu Natacha.

— Deixemos isso minha amiga, dir-lhe-ei tudo, mas só uma coisa lhe peço; é que de hoje para o futuro me considere seu amigo. Se precisar de auxílio, de conselho, se algum dia sentir a necessidade de abrir o seu coração a alguém, agora não, quando puder olhar com clareza para dentro de si mesma, lembre-se de mim.

— Pegou-lhe na mão e beijou-a. — Sentir-me-ei muito feliz, se for capaz...

Pedro perturbou-se.

— Não me fale assim, eu não o mereço! — exclamou Natacha, fazendo menção de retirar-se. Pedro, contudo, reteve-a. Sabia haver ainda qualquer coisa para lhe dizer. Pronunciadas que foram porém as suas palavras, ele próprio se surpreendeu.

— Não, não, não diga isso: tem a vida toda diante de si murmurou ele.

— Eu? Não, para mim tudo acabou — replicou ela num sentimento em que havia vergonha e humildade.

— Tudo acabou! — repetiu ele.— Se eu não fosse quem sou, se fosse o mais belo e o mais inteligente dos homens sobre a Terra, e se fosse livre, pedir-lhe-ia, neste mesmo momento, de joelhos, a sua mão e o seu amor.

Natacha, pela primeira vez de há muito tempo para cá, foi acometida de um ataque de choro, choro de reconhecimento e de emoção, abandonando a sala com um olhar de agradecimento.

Pedro saiu logo atrás dela, refugiando-se, por assim dizer, no vestíbulo, enquanto sufocava as lágrimas de felicidade que lhe haviam subido aos olhos. E, enfiando a peliça ao acaso, subiu para o trenó que o aguardava.

— Aonde vamos agora? — perguntou o cocheiro.

«Aonde vamos?», repetiu Pedro de si para consigo. «Aonde poderemos ir agora? Ao clube ou fazer visitas?» Tudo se lhe afigurava tão miserável, tão pobre, em comparação com os sentimentos de amor e doçura que o tinham invadido com aquele olhar comovido e cheio de reconhecimento, velado de lágrimas, que Natacha pousara nele.

— Para casa — gritou Pedro, que, apesar de dez graus abaixo de zero, abrira a peliça de urso e deixava dilatar de felicidade o seu largo peito.

Nevava, mas o tempo estava muito claro. Ao alto das ruas sujas e quase em trevas, por cima dos telhados negros, alastrava um céu escuro salpicado de estrelas. Só a contemplação dessas altas esferas permitia a Pedro evadir-se do aflitivo contraste entre a baixeza do que é humano e os nobres sentimentos que lhe enchiam a alma. Ao chegar à Praça de Arbate, viu, por cima da cabeça, uma vasta toalha de céu estrelado. Quase no centro deste horizonte, ao alto da Avenida Pretchistenski, cercado de estrelas por todos os lados, mas avultando no meio de todas elas, muito mais próximo, com a sua branca luminosidade e a sua longa cabeleira arqueada na ponta, surgia o brilhante e enorme cometa de 1812,

esse mesmo cometa, dizia-se, presságio de grandes desgraças e do fim do mundo. A verdade, porém, é que esta luminosa estrela, com a sua longa cabeleira cintilante, não despertou o mais pequeno terror em Pedro. Muito pelo contrário: olhava-a com os olhos cheios de lágrimas. Dir-se-ia que depois de haver percorrido, a uma velocidade incalculável, espaços incomensuráveis, seguindo uma curva parabólica, se imobilizara, de súbito, como uma flecha que se crava na terra, no ponto que escolhera naquele negro céu e ali estava plantada, a cabeleira hirsuta, espelhando as cintilações da sua branca claridade no meio de um sem-número de outras cintilantes estrelas. Pedro sentia que aquele astro vinha acordar na sua alma, toda aberta, uma vida nova, comovida e reconfortada.

LIVRO TERCEIRO

PRIMEIRA PARTE

[I]

Em fins de 1811 principiaram os armamentos intensivos e a concentração das forças da Europa ocidental e, em 1812, estas forças, ou seja, milhões de homens, no número das quais se contava transportes e abastecimentos, puseram-se em marcha do ocidente para o oriente, em direcção às fronteiras da Rússia, para onde se encaminhavam, igualmente, a partir de 1811, os exércitos russos. No dia 12 de Junho, os exércitos da Europa ocidental atravessaram a fronteira e a guerra principiou, isto é, produziu-se então um acontecimento em desacordo completo com a razão e a própria natureza do homem. Estes milhões de homens praticaram, em relação uns aos outros, tão grande número de abominações, de fraudes, de traições, de roubos, de falsificações de moeda, de pilhagens, de incêndios e de morticínios como não há exemplo nos arquivos dos tribunais do mundo inteiro, funcionando há séculos, e sem que, no entanto, durante todo este período, aqueles que cometeram tais crimes fossem considerados, realmente, criminosos.

Que produziu tão monstruoso acontecimento? Quais as suas causas? Os historiadores, com uma segurança ingénua, foram buscá-las ao insulto de que foi vítima o duque de Oldemburgo, não observância do bloqueio continental, à ambição de Napoleão, à resistência de Alexandre, aos erros da diplomacia, etc. Por conseguinte, teria bastado que Metternich, Rumiantsov ou Talleyrand, entre uma recepção na corte e uma reunião política, conviessem em redigir com arte uma nota bem cozinhada ou que Napoleão pegasse na pena para escrever a Alexandre: «Senhor meu irmão, consinto em devolver o ducado ao duque de Oldemburgo», para que não tivesse havido guerra.

É natural que fosse este o ponto de vista dos contemporâneos. Concebe-se que Napoleão tivesse atribuído a guerra às intrigas da Inglaterra, como declarou na ilha de Santa Helena. Admite-se que os membros do Parlamento inglês pensassem que deveriam ir buscar-se-lhe as causas à ambição de Napoleão; que o duque de Oldemburgo as tivesse visto na violência de que fora vítima; o comércio no

bloqueio que arruinava a Europa; que os velhos militares e os generais tenham dado como pretexto do conflito a necessidade de ocupar os seus homens; os legitimistas da época a urgência em restabelecer os bons princípios, enquanto os diplomatas pensavam que tudo provinha de a aliança da Prússia com a Áustria em 1809 não ter sido habilmente escondida de Napoleão e de o memorando nº 178 haver sido mal redigido. Compreende-se que os contemporâneos tenham invocado estas e ainda outras razões, tantas ou tão poucas que o número delas pode variar consoante os numerosos pontos de vista.

Para nós, a posteridade, que contemplamos em toda a sua amplitude este acontecimento considerável e que penetramos o seu sentido simples e terrível, todas elas são, evidentemente, insuficientes. Não podemos conceber como milhões de cristãos puderam matar-se uns aos outros e torturar-se mutuamente só porque Napoleão era ambicioso, Alexandre firme, a política da Inglaterra tortuosa e o duque de Oldemburgo se sentia ofendido. Não é possível compreender a ligação que existe entre todas estas circunstâncias e as violências e os morticínios propriamente ditos.

Para nós, a posteridade, nós, que não somos historiadores, nem nos deixamos levar pelo entusiasmo das investigações, e examinamos, por conseguinte, com um bom senso imperturbável os acontecimentos, as causas aparecem-nos em número incalculável. Quanto mais nos enfronhamos na investigação dessas causas mais numerosas elas se nos revelam e cada uma em si ou uma série delas se nos afiguram igualmente justas, embora falsas também, dada a sua insignificância quando comparadas com a imensidade do acontecimento, e igualmente falsas pela sua insuficiência, independentemente de todas as demais causas concordantes poderem ter produzido o resultado encarado, Uma delas, por exemplo, o facto de Napoleão se ter recusado a retirar as suas tropas para o outro lado do Vístula e restituir o ducado de Oldemburgo, parece-nos valer tanto como a recusa de um primeiro-cabo francês a realistar-se, pois a verdade é que, se este não tivesse querido voltar à actividade e o seu exemplo houvesse sido seguido por milhares de soldados, teria havido muito menos homens no exército de Napoleão e este ver-se-ia impossibilitado de declarar a guerra.

Se Bonaparte se não houvesse sentido ofendido ao receber a comunicação em que se lhe pedia que se retirasse para a outra margem do Vístula e não tivesse dado às suas tropas ordem de marcha, não teria havido guerra. Mas se todos os

seus sargentos se houvessem recusado a realistar-se também a agressão não se daria. Fosse como fosse, não se teria dado se não tivesse havido intrigas da Inglaterra, se não existisse o príncipe de O1demburgo, se Alexandre não fosse tão susceptível, se a Rússia não tivesse um governo autocrático, se não tivesse havido a Revolução Francesa e assim por diante. Sem qualquer destas causas nada teria acontecido. É muito possível que para que o acontecimento se produzisse tivesse sido preciso o encontro de todas estas causas, de milhares de causas, o que só quer dizer não haver causas exclusivas e que as coisas acontecem porque têm de acontecer.

Milhões de homens, repudiando todo o sentimento humano e toda a espécie de razões, tinham de marchar do Ocidente para o Oriente dispostos a matar os seus semelhantes, tal qual, séculos antes, massas de homens tinham marchado do Oriente para o Ocidente matando igualmente o seu semelhante.

Os actos de Napoleão e de Alexandre, cuja palavra, na aparência, só por si podia impedir ou desencadear os acontecimentos, eram tão pouco livres e arbitrários como os do simples soldado destinado pela sorte ou o recrutamento a tomar parte na campanha.

As coisas não podiam passar-se de outra maneira, pois, para que fosse cumprida a vontade de Napoleão ou de Alexandre, na aparência senhores omnipotentes, era absolutamente necessária a concordância de numerosas circunstâncias, e bastava faltar uma só que fosse para nada vir a produzir-se. Era necessário que milhões de homens entre cujas mãos se encontrava a força actuante — soldados para disparar e transportar abastecimento,, e canhões— estivessem de acordo para cumprir a vontade daqueles dois fracos indivíduos, se isolados, e que a tal fossem conduzidos por um número infinito de razões, tão complicadas quão diversas.

A intervenção do fatalismo na história é inevitável para explicar estas manifestações desprovidas de sentido, ou, antes, cujo sentido nos não é dado compreender. Quanto mais procuramos explicá-las logicamente tanto mais desarrazoadas e incompreensíveis se nos apresentam.

O homem vive para si mesmo, goza de liberdade para alcançar os seus objectivos particulares; todo o seu ser lhe diz que pode realizar ou não imediatamente este ou aquele acto; mas assim que age, realizado que seja o seu acto em tal ou qual momento da continuidade temporal, ei-lo que passa a ser

irrevogável e a pertencer daí para o futuro à história, perdendo o seu carácter de acto livre para ocupar um lugar que lhe é previamente designado.

A vida do homem tem duas faces. Há, em primeiro lugar, a vida individual, tanto mais livre quanto mais gerais os seus interesses, quanto mais abstractos; e depois a vida como um elemento social, a vida do cortiço humano, em que o homem tem inevitavelmente de se submeter às leis que lhe são prescritas.

O homem vive conscientemente a sua vida individual, servindo de instrumento inconsciente à realização dos fins históricos da humanidade inteira. O acto realizado torna-se irrevogável, e, graças à sua concordância com os milhões de outros actos realizados ao mesmo tempo, assume valor histórico. Quanto mais alto o homem está colocado na escala da humanidade, quanto mais importantes as personagens com quem entra em contacto, tanto maior, igualmente, o seu poder sobre os outros homens e mais evidente o carácter de predestinação e de fatalidade de cada um dos seus actos.

«O coração dos reis está na mão de Deus.» «O rei é escravo da história.»

A história, quer dizer, a vida inconsciente, geral, elementar, da humanidade serve-se de todos os minutos da vida dos reis para alcançar os seus objectivos.

Embora então, em 1812, Bonaparte estivesse mais do que nunca convencido de que não dependia senão dele «fazer ou não verter o sangue dos povos», como dizia Alexandre na última carta que lhe escreveu, a verdade era mais do que nunca encontrar-se sujeito a essas leis fatais que, enquanto lhe davam a ilusão de agir por si, segundo o seu próprio capricho, o compeliam o, colaborar na obra comum, a história, realizando o que necessariamente tinha de realizar-se.

Os homens do Ocidente puseram-se a caminho do Oriente para se chacinarem uns aos outros. E, segundo a coincidência das causas, colaboraram neste acontecimento e encontraram-se em correlação com ele milhares de pequenas causas desse movimento e dessa guerra, entre as quais a violação do bloqueio continental, a ofensa ao duque de Oldemburgo, os deslocamentos de tropas na Prússia, realizados, segundo pensava Napoleão, com o único fim de se conseguir uma paz armada; o amor da guerra do imperador dos Franceses e o hábito em que estava de a fazer, de acordo com as disposições particulares do seu povo; o entusiasmo a que levavam os preparativos grandiosos; as despesas que estes preparativos determinaram; a necessidade de conseguir vantagens que compensassem tais despesas; as honrarias inebriantes que recebera em Dresde; as

conversações diplomáticas que, de acordo com a opinião dos contemporâneos, haviam sido realizadas com o sincero desejo de alcançar a paz e que no fim de contas só serviram para irritar o amor-próprio de parte a parte; milhões de milhões de outras causas, enfim, que concorreram para a realização do acontecimento ou que coincidiram com ele.

Uma maçã cai quando está madura. Porquê? É o peso que a faz cair? Ou porque se lhe seca o pé, porque o sol a queima, porque se tornou pesada de mais, porque o vento a sacudiu ou, muito simplesmente, porque um garoto junto da árvore morria por comê-la?

Nenhuma destas causas é a válida. Não há mais que uma concordância de condições favoráveis na realização de qualquer dos acontecimentos elementares da vida orgânica. O botânico que descobre que a maçã cai como consequência da decomposição do tecido celular ou qualquer coisa semelhante não tem mais razão que o garoto dizendo que a maçã caiu porque ele a desejava comer e nesse intuito rezou a Deus. Igual razão ou sem-razão terá aquele que vier dizer que Napoleão entrou em Moscovo por ser esse o seu desejo e que aí se perdeu por ser essa a decisão de Alexandre. Igualmente estará em erro e terá razão aquele que disser que uma montanha de milhões de puds que acabou por se desmoronar minada na base caiu graças ao último golpe de picareta do último dos sapadores. Nos factos históricos, esses a quem se dá o nome de grandes homens não passam, no fundo, de etiquetas para designar o acontecimento. Aqueles têm tão pouca relação com tais factos como as próprias etiquetas que lhes põem.

Nenhum dos seus actos que a eles se lhes afigurem produto do livre arbítrio podem considerar-se em verdade voluntários no sentido histórico da palavra, pois estão relacionados com a marcha geral da história, onde o seu lugar se encontra assinalado para toda a etcrnidade.

[II]

No dia 29 de Maio, Napoleão abandonou Dresde, onde passara três semanas, rodeado por uma corte de príncipes, de duques, de reis e até por um imperador. Antes da sua partida, agradecera aos príncipes, aos reis e ao imperador que

mereceram os seus elogios, dera uma lição aos reis e aos príncipes de quem tinha razões para estar descontente, presenteara com pérolas e diamantes do seu próprio escrínio, isto é, roubados a outros reis, a imperatriz da Áustria, e, depois de estreitar amorosamente nos braços Maria Luísa, deixara-a, assim dizia um historiador, profundamente dorida com uma despedida que, ao que parece, esta Maria Luísa muito sentia, considerando-se já esposa de Bonaparte apesar da outra esposa que ficara em Paris.

Não obstante a confiança dos diplomatas na manutenção da paz, para que trabalhavam com afinco, não obstante a carta autógrafa de Napoleão a Alexandre, em que o tratava por Senhor meu irmão e lhe dava a sincera garantia de não querer a guerra e de nunca vir a deixar de lhe consagrar estima e amizade, não obstante tudo isso, pôs-se em marcha, em seguimento do exército, dando as suas ordens, em cada muda, para se activar o movimento das tropas para oriente. Numa sege de viagem tirada por seis cavalos, rodeado de pajens, de ajudantes-de-campo e seguido de uma escolta, ei-lo que toma a estrada de Posen Thorn, Danzigue e Conisberga. Milhares de pessoas vieram ao seu encontro em cada uma destas cidades movidas por um entusiasmo a que se misturava algum terror.

O exército deslocava-se para oriente e após ele o levava aquela sege tirada por seis cavalos mudados em cada nova posta. A 1O de Junho alcançou o exército e passou a noite em plena floresta de Wilkowyski, na propriedade de um conde polaco, onde lhe haviam reservado aposentos.

No dia seguinte ultrapassou o exército, seguindo de sege até às margens do Niémen, e, disposto a estudar um local propício à passagem das suas tropas, envergou um uniforme polaco e apeou-se do cavalo para examinar o rio.

Ao ver os cossacos na outra margem, as estepes perdendo-se na distância, no meio das quais estava Moscovo, a cidade santa, a capital desse mesmo império dos Citas por onde passara Alexandre da Macedónia, Napoleão, com espanto de todos, e contrariamente a todas as considerações, quer estratégicas quer diplomáticas, deu ordem para avançar, e no dia seguinte as suas tropas atravessaram o Niémen.

A 12, de madrugada, saiu da tenda armada sobre uma eminência da margem esquerda e pôs-se a observar com o óculo a vaga das tropas que saíam da floresta de Wilkowyski e enfiavam pelas três pontes que mandara lançar sobre o rio. Os soldados, sabendo que o imperador estava presente, procuravam-no com os olhos,

e quando o descobriram sobre a escarpa, diante da tenda, afastado do resto da comitiva, de redingote e chapéu, lançaram ao ar as barretinas de pêlo, gritando: «Viva o imperador!» E, inesgotável, lá continuava a correr, da enorme floresta em que se ocultava, aquela torrente de homens que, dividindo-se pelas três pontes, inundava a margem oposta.

«Desta é que vamos longe. Quando ele próprio intervém no assunto a coisa aquece... Com mil demónios!... Ei-lo!... Viva o imperador!... São estas, pois, as estepes da Ásia! De qualquer modo, uma terra feia. Adeus, Beauché; reservo-te o mais belo palácio de Moscovo. — Adeus, boa sorte.— Viste o imperador? Viva o imperador... rador...! — Se me nomearem governador das índias, Gérard, faço-te ministro de Caxemira, fica combinado. — Viva o imperador! Viva! Viva! Viva! — É ver como eles fogem, esses marotos dos cossacos. Viva o imperador! Ei-lo! Viste-o? Vi-o duas vezes tal como te estou a ver a ti. O pequeno cabo... Vi-o dar a cruz a um dos velhos... Viva o imperador!...»

Eis o que diziam velhos e novos, homens de todos os feitios e posições sociais. Em todos os rostos se reflectia a mesma alegria por verem iniciada uma campanha tão ardentemente esperada e o mesmo entusiasmo e a mesma dedicação pelo homem do redingote cinzento que lá estava em cima naquela eminência.

A 13 de Junho trouxeram a Napoleão um cavalinho árabe, puro-sangue, que ele montou, e a galope despediu em direcção a uma das pontes de Niémen, sempre no meio do mesmo clamor, clamor que ele apenas tolerava, via-se bem, por não ser possível impedir os seus soldados de assim exprimirem o amor que lhe tinham. Esses gritos que o perseguiam por toda a parte fatigavam-no e distraíam-no das preocupações militares que o assoberbavam desde que se juntara ao exército. Atravessou uma das oscilantes pontes de barcas e, embrenhando-se na outra margem, meteu à esquerda, e a galope seguiu na direcção de Kovno, precedido pelos caçadores da Guarda, que, loucos de alegria, lhe abriam caminho por entre os soldados. Quando chegou junto do curso do grande Vístula, parou ao pé de um regimento de ulanos polacos que estacionava ali.

«Viva!», gritavam os polacos com não menor entusiasmo que os próprios franceses, rompendo fileiras e acotovelando-se para melhor o verem.

Napoleão examinou o rio, desmontou e foi sentar-se num tronco de árvore junto das águas. A um seu gesto, trouxeram-lhe o óculo, que ele apoiou no ombro de um pajem, contentíssimo, que logo aparecera, e pôs-se a olhar para a margem

oposta. De— pois enfronhou-se no estudo do mapa aberto sobre o tronco da árvore. Sem erguer a cabeça, pronunciou duas ou três palavras e imediatamente dois dos seus ajudantes-de-campo despediram a galope em direcção aos ulanos polacos.

«Que foi? Que disse ele?», ouvia-se nas fileiras, à medida que se aproximava o ajudante-de-campo.

Fora dada ordem para se procurar um vau por onde passar à margem oposta. O coronel dos ulanos, homem idoso, mas de bela presença, corando e com a língua entaramelada pela emoção, perguntou ao oficial se lhes seria permitido, a ele e aos seus homens, atravessarem o no a nado, sem se darem ao trabalho de procurar um vau. Receoso que lhe recusassem o que pedia, como um garoto que pede para montar a cavalo, solicitou autorização para atravessar o no na presença do imperador, o ajudante-de-campo replicou ser muito natural que este excesso de zelo não deixasse de ser agradável ao imperador.

Ao ouvir estas palavras, o velho oficial de grande bigodeira, felicidade no rosto e os olhos cintilantes, puxou do sabre, gritando: «Viva!» Depois, dando ordem aos seus ulanos para que o seguissem, esporeou o cavalo e meteu-se ao rio. Fustigando, colérico, o animal, que vacilava, entrou na água, dirigindo-se para um local profundo onde a corrente era impetuosa. Atrás dele iam centenas de homens. Lá para o meio do rio, o frio principiou a apoquentá-los. Os soldados tropeçavam uns nos outros e caíam das montadas. Houve cavalos que se afogaram e alguns soldados também, enquanto outros procuravam nadar, agarrando-se às selas ou às crinas dos animais. Embora a meia versta apenas houvesse um vau, eles, procurando alcançar a outra margem, mostravam-se orgulhosos de nadar e morrer afogados à vista daquele homem sentado num tronco de árvore que nem sequer olhava para eles. Quando o ajudante-de-campo voltou para junto do imperador e, aproveitando um momento favorável, se permitiu chamar-lhe a atenção para a prova de lealdade dos polacos, o homenzinho do redingote cinzento levantou-se, chamou Berthier e pôs-se a passear com ele de um lado para o outro, ao longo da margem, dando-lhe ordens e lançando de tempos a tempos um olhar descontente para aqueles homens que se afogavam, distraindo-lhe a atenção.

Não era a primeira vez que podia convencer-se de que bastava a sua presença, em qualquer parte do mundo, da África às estepes da Moscóvia, para despertar

nos homens como que a loucura do sacrifício. Mandou que lhe trouxessem o cavalo e regressou ao acantonamento.

Quarenta ulanos se afogaram, apesar das barcaças que foram socorrê-los. A maior parte dos corpos foi arrastada para a cidade que acabavam de deixar. O coronel e alguns soldados atravessaram o no e com grande dificuldade conseguiram escalar a margem. Assim que lá chegaram, com os uniformes a pingar, gritaram: «Viva!», procurando com os olhos o local onde se devia encontrar Napoleão, que já lá não estava, e nesse momento sentiram-se plenamente felizes.

Pela noite, após ter tomado duas decisões, a primeira no sentido de apressar o envio de notas de banco eslavas falsificadas com destino à Rússia e a segunda de se executar um saxão em poder do qual se haviam encontrado informes relativos à situação do exército francês, ainda tomou uma terceira, mandando que fosse condecorado com a Legião de Honra, de que era chefe supremo, o coronel polaco que, sem necessidade, se precipitara no rio.

Quos vult perdere dementat...

[III]

Entretanto havia mais de um mês que o imperador da Rússia se encontrava em Vilna, onde passava revista às tropas e assistia às manobras. Nada estava disposto para a guerra que toda a gente esperava e para a preparação da qual o imperador deixara Petersburgo. Não havia qualquer plano geral para as operações. As dúvidas e hesitações sobre o plano a seguir ainda eram maiores um mês depois de o imperador se achar no quartel-general. Cada um dos três corpos de exército tinha um general-chefe, mas não havia generalíssimo e o imperador não queria assumir semelhantes funções.

À medida que o tempo ia passando em Vilna mais atrasados estavam os preparativos. Toda a gente se sentia cansada de esperar. Dir-se-ia que a maior preocupação do séquito de Sua Majestade era fazer que ele passasse agradavelmente o seu tempo e esquecesse a guerra iminente.

Depois de muitos bailes e festas oferecidos pelos magnates polacos,

personagens da corte e pelo próprio imperador, um dos generais polacos ajudante-de-campo teve a ideia de organizar um jantar e um baile oferecidos pelos seus colegas. Esta ideia obteve o mais jovial acolhimento. O próprio imperador lhe deu o seu apoio. Os generais ajudantes-de-campo abriram uma subscrição. A senhora que gozava de maior prestígio junto do imperador aceitou desempenhar o papel de anfitrião. O conde de Bennigsen, proprietário na província de Vilna, pôs o seu castelo de Zakreta, nos arredores da cidade, à disposição dos organizadores da festa, e 13 de Junho foi a data marcada para o festival, que se compunha de banquete, baile, passeio no rio e fogo de artifício.

No mesmo dia em que Napoleão dera ordem para se atravessar o Niémen e em que as guardas avançadas do seu exército, repelindo os cossacos, atravessavam a fronteira da Rússia, encontrava-se Alexandre no festival promovido pelos seus ajudantes-de-campo na propriedade de Bennigsen.

A festa foi alegre e brilhante; os entendidos opinaram que raramente se tinha visto um conjunto de tão lindas mulheres. A condessa Bezukov, que, na companhia de outras senhoras russas, seguira o imperador até Vilna, assistiu à festa eclipsando com a sua beleza tipicamente russa, um pouco pesada, a das mais airosas polacas. Chamou as atenções e o imperador concedeu-lhe a honra de a ir buscar para dançar.

Bóris Drubetskoi, de novo solteiro, como ele dizia, deixara a mulher em Moscovo, e também assistiu ao baile. Embora não fosse ajudante-general, contribuíra com uma bonita soma para a colecta. Agora era o que se chama um homem rico, dado ao culto de honrarias de toda a espécie, sem precisar já de protecções e tratando de igual para igual as mais altas personalidades do tempo. Encontrou-se com Helena em Vilna; não a via há muito e não lhe lembrou o passado, mas, como ela estava nas graças de uma personalidade muito importante, desde logo passaram a ser velhos amigos.

A meia-noite ainda se dançava. Helena, que não via à sua volta par digno de si, propôs a Bóris que a fosse buscar para a mazurca. Bóris,, indiferente aos resplandecentes ombros nus de Helena, que emergiam de um corpinho de gaze escura bordado a ouro, falava de pessoas conhecidas sem deixar de seguir com os olhos, como que inconscientemente, o imperador, que se encontrava no mesmo salão. Este não dançava; estava de pé junto de uma porta e ora detinha este ora aquele, dirigindo a cada um a sua palavra amável como só ele sabia fazer.

No princípio da mazurca Bóris notou que o general ajudante-de-campo Balachov, um dos íntimos do imperador, se aproximou do monarca e esperava a seu lado, numa atitude inteiramente contrária ao protocolo, enquanto este conversava com uma senhora polaca. Quando a conversa acabou, o imperador interrogou-o com a vista e, compreendendo que Balachov não teria procedido daquela maneira se não fosse por qualquer grave motivo, fez uma mesura à senhora e voltou-se para o general. Poucas palavras ele dissera ainda e já no rosto do imperador se pintava um profundo espanto. Travou do braço de Balachov e atravessou com ele a sala, sem prestar a mais pequena atenção às pessoas presentes, que abriram largas alas para o deixar passar. Bóris reparou que Araktcheiev, ao ver o imperador com Balachov, mostrara certa perturbação. O ministro, olhando para o monarca com olhos baixos e resfolgando pelo afogueado nariz, destacara-se da multidão, como que à espera que o imperador lhe dirigisse a palavra. Bóris percebeu que Araktcheiev sentia ciúmes de Balachov e estava contrariado com o facto de uma notícia, sem dúvida importante, não ser transmitida por ele.

No entanto, o imperador e Balachov atravessaram o salão sem o ver e penetraram no jardim iluminado. Araktcheiev, com mão na bainha da espada e olhares coléricos, seguiu-os a uns vinte passos de distância.

Enquanto durou a marcação da mazurca, Bóris deu voltas à imaginação para descobrir o que teria dito Balachov ao imperador e a maneira de o vir a saber antes de mais ninguém.

Como naquele momento lhe competia escolher outro par, murmurou ao ouvido de Helena que ia tirar a condessa Potochka, o qual, segundo pensava, saíra para a escada. Deslizando pelo parquet, precipitou-se para a porta que dava para o jardim e ao ver o imperador e Balachov entrarem no terraço deteve-se. Ambos se encaminhavam para a porta. Bóris, pressuroso, como se não tivesse tido tempo de se afastar, colou-se, respeitosamente, contra o alizar, numa grande vénia.

O imperador, com a expressão de um homem pessoalmente ofendido, pronunciava estas palavras:

— Entrar na Rússia sem declaração de guerra! Só assinarei a paz no dia em que não houver sobre o meu território um único inimigo armado.

Afigurou-se-lhe, a Bóris, que Alexandre punha uma espécie de satisfação em exprimir-se daquela maneira: a forma que dera ao pensamento agradava-lhe. No

entanto, pouco satisfeito se mostrou pensando ter sido ouvido.

— É preciso que ninguém saiba! — acrescentou, franzindo o sobrolho. Bóris percebeu que aquela advertência lhe dizia respeito e, baixando os olhos, vergou a cabeça. O imperador voltou ao salão e permaneceu no baile ainda cerca de meia hora.

Foi assim que Bóris veio a saber antes de mais ninguém que os Franceses haviam atravessado o Niémen e deste modo lhe foi possível mostrar a algumas altas personalidades que tinha conhecimento do que os outros ignoravam. E isto tornou-o aos seus olhos maior ainda.

A notícia de que os Franceses haviam atravessado o Niémen caía de improviso no meio do baile depois de um mês de expectativa! O imperador, no primeiro momento de indignação e de cólera, encontrara a fórmula, mais tarde célebre, que a ele próprio agradara, e que em verdade exprimia plenamente os seus sentimentos. No regresso do baile, às duas horas da madrugada, mandou chamar o seu secretário, Chichkov, a quem ditou uma ordem do dia dirigida às tropas e um rescrito com vista ao príncipe Soltikov. Teve o cuidado de transcrever a frase célebre em que declarava só assinar a paz no dia em que não houvesse um único francês armado sobre a terra russa.

No dia imediato dirigiu a Napoleão a carta que se segue:

> «Senhor meu irmão. Soube ontem que, apesar da lealdade com que mantive os meus compromissos para com Vossa Majestade, as suas tropas atravessaram as fronteiras da Rússia, e acabo de receber de Petersburgo uma nota em que o conde Lauriston, por causa dessa agressão, anuncia que Vossa Majestade se considerou em estado de guerra para comigo desde o momento em que o príncipe Kurakine fez o pedido dos seus passaportes. Os motivos em que o duque de Bassano fundamentava a recusa de lhos passar nunca me fariam supor que essa diligência viria alguma vez a servir de pretexto para a agressão. Com efeito, o embaixador não fora a tal autorizado, como ele próprio o declarou, e logo que fui disso informado comuniquei-lhe quanto desaprovava essa deslocação, dando-lhe a ordem de

se manter no seu posto. Se Vossa Majestade não tem a intenção de fazer verter o sangue das nossas gentes por um mal-entendido desta espécie e se consentir em retirar as suas tropas do território russo, encararei o que se passou como se nada fosse, e será possível as coisas comporem-se entre nós. No caso contrário, Vossa Majestade, ver-me-ei forçado a repelir um ataque que nós não provocámos. Depende ainda de Vossa Majestade evitar à humanidade as calamidades de uma nova guerra.

Sou, de Vossa Majestade, etc.
ALEXANDRE»

[IV]

No dia 13 de Junho, às duas horas da madrugada, o imperador mandou chamar Balachov, leu-lhe a carta que acabara de escrever a Napoleão, dando-lhe ordem para que a fosse entregar pessoalmente ao imperador dos Franceses. Ao despedir-se dele repetiu as palavras que pronunciara no baile, ordenando-lhe que as repetisse fielmente a Napoleão. Não as transcrevera na sua carta, pois sentia, com o seu tacto habitual, que seriam ali deslocadas, visto tratar-se de uma última tentativa de conciliação. No entanto, ordenou a Balachov que lhas repetisse textualmente.

Tendo partido na noite de 13 para 14, Balachov, acompanhado de um trombeta e de dois cossacos, chegou de madrugada à aldeia de Rykonty, guarda-avançada dos Franceses nessa margem do Niémen. As sentinelas da cavalaria francesa detiveram-no.

Um sargento de hússares, de uniforme amaranto e barretina de pêlo, gritou-lhe que parasse. Balachov não obedeceu imediatamente e prosseguiu a passo.

De sobrancelhas franzidas e soltando palavrões, o sargento atravessou-se na estrada com o seu cavalo, fazendo parar o general russo. Depois desembainhou o sabre e perguntou-lhe grosseiramente se era surdo, pois não parecia entender o

que ele dizia. Balachov declinou a sua identidade. O francês deu ordens a um soldado para que fosse chamar um oficial.

Indiferente ao enviado russo, o hússar pôs-se a conversar com os seus camaradas sobre assuntos que lhes diziam respeito, sem se dignar pousar nele os olhos.

Estranha impressão causou isto a Balachov. Ele, que estava em comunicação contínua com o poder supremo e as autoridades, ele que, algumas horas antes, falava com o imperador, ele, que no desempenho das suas funções estava habituado a ser tratado com todas as honras, via-se agora, em terra russa, tratado como um inimigo e, pior ainda, sem qualquer respeito, por semelhantes representantes da força bruta.

O sol principiava a romper as nuvens; o ar era fresco e repassado de humidade. Um rebanho ia da aldeia a caminho dos montes. As andorinhas, umas após outras, como bolhas que rompem à superfície de água, saíam das sebes, soltando trinados.

Balachov olhava à sua roda enquanto aguardava o oficial que haviam ido buscar à aldeia. Os cossacos e o trombeta, em silêncio, de tempos a tempos, trocavam olhares com os hússares franceses.

O coronel dos hússares, que naturalmente acabara de saltar da cama, apareceu montado num belo cavalo cinzento, bem tratado, escoltado por dois dos seus homens. O oficial, os soldados, os seus próprios cavalos, respiravam contentamento e abastança.

Estava-se no princípio da guerra, nesse momento em que as tropas, de ponto em branco, parecem preparadas para uma parada do tempo da paz, apenas com qualquer coisa de mais bélico no equipamento e esse matiz de jovialidade e animação, traço característico de um exército quando principia uma nova campanha.

Só muito a custo o coronel francês reprimiu o bocejar, mas mostrou-se polido e percebeu, evidentemente, a importância da missão de que Balachov vinha incumbido. Fê-lo atravessar as linhas e garantiu-lhe que o desejo manifestado de ir à presença do imperador seria imediatamente satisfeito, visto o quartel-general, assim o supunha pelo menos, estar situado ali perto.

Atravessaram a aldeia de Rykonty pelo meio dos piquetes de hússares, de sentinelas e de soldados que faziam continência ao seu coronel e olhavam curiosos para o uniforme russo, e assim atingiram a outra extremidade da povoação.

Segundo dizia o coronel, a dois quilómetros dali estava o comandante da divisão, que receberia Balachov e o conduziria ao seu destino.

O Sol surgira no horizonte e brilhava alegremente sobre os campos muito verdes.

Mal ultrapassaram a estrada do monte viram surgir diante de si, descendo a encosta, um grupo de cavaleiros, à frente dos quais, montado num cavalo preto, cujos arreios brilhavam ao sol, cavalgava um homem de grande estatura, de chapéu emplumado, com os negros cabelos encaracolados caindo-lhe pelas costas, embrulhado numa capa vermelha e as pernas estendidas para a frente, característica maneira de montar dos Franceses. Este homem galopava ao encontro de Balachov, e a sua pluma, as suas pedras preciosas, os seus galões dourados ondulavam e brilhavam ao ardente sol de Junho.

Estava Balachov a menos de dois cavalos daquele cavaleiro em atitude solene e teatral, coberto de cordões, de plumas, de colares e de galões dourados, quando Ulner, o coronel francês, lhe segredou ao ouvido respeitosamente: «O Rei de Nápoles.» Era, efectivamente, Murat, a quem chamavam então rei de Nápoles. Embora fosse absolutamente impossível saber porquê, o certo é que era rei de Nápoles, assim lhe chamavam, e ele próprio disso estava convencido, circunstância que lhe dava um aspecto mais imponente e solene. Tão persuadido estava da situação que na véspera da sua partida de Nápoles, andando a passear com a mulher nas ruas da cidade e ouvindo alguns italianos aclamá-lo, gritando «Viva il re!», se voltou para a mulher com um triste sorriso e disse: «Desgraçados! Ignoram que os deixo amanhã!»

Apesar da sua íntima convicção de ser realmente rei de Nápoles e de que os seus súbditos suspiravam por ele, naqueles últimos tempos, depois de receber ordem para regressar ao serviço do exército, principalmente após a sua entrevista com Napoleão em Danzigue, quando ouviu o seu augusto cunhado dizer-lhe: «Eu tornei-o rei para que reinasse à minha maneira, não à sua», confiou-se alegremente ao seu mister familiar e como um cavalo bem tratado e sem gorduras em excesso, que, sentindo-se atrelado, brinca entre os varais, arreado com as cores mais vistosas e as mais preciosas jóias, ei-lo que vai caracolear, sem que ele próprio saiba muito bem aonde nem porquê, pelas estradas da Polónia.

Ao ver o general russo, atirou majestosamente para trás, numa atitude verdadeiramente real, a sua cabeça ornada de compridos cabelos encaracolados, e

interrogou com os olhos o coronel francês. Este informou respeitosamente Sua Majestade da identidade de Balachov, cujo nome não conseguia pronunciar.

— De Bal-Machève! — articulou o rei, superando com decisão a dificuldade que o coronel não soubera vencer — muito prazer em conhecê-lo, general — acrescentou com um gesto de condescendência verdadeiramente augusto.

Assim que ergueu a voz e principiou a falar depressa, toda a, sua dignidade real desapareceu como por encanto e, em vez dela, surgiu, sem que ele próprio desse por isso, um tom de bonomia familiar. Passou a mão pela crina do cavalo de Balachov.

— Pois bem, general, estamos então em guerra, ao que parece — disse, como se lamentasse uma circunstância de que se não sentia responsável.

— Sire — replicou Balachov — o imperador, meu senhor, não deseja a guerra, como Vossa Majestade pode verificar. — Para o que desse e viesse, Balachov resolvera tratar Murat por Majestade, evidente despropósito, visto que se dirigia a alguém para quem esse título constituía uma novidade.

O rosto do rei de Nápoles todo se abriu numa estúpida satisfação enquanto lhe dirigia a palavra Monsieur de Balachoff. Mas, realeza obriga, teve de reconhecer ser indispensável abordar negócios de Estado com o enviado de Alexandre, uma vez que era rei e aliado. Desmontando, pegou no braço de Balachov, afastou-se alguns passos da comitiva, que aguardava numa atitude respeitosa, e pôs-se a passear com ele de um lado para o outro, procurando imprimir autoridade às mais pequenas palavras que pronunciava. Lembrou que o imperador Napoleão ficara ofendido com o pedido que lhe fora dirigido no sentido de retirar as suas tropas da Prússia, sobretudo porque essa intimação fora divulgada por toda a parte, ferindo assim a dignidade da França.

Balachov replicou-lhe não haver a mais pequena ofensa num tal pedido, uma vez que.— Murat interrompeu-o.

— Com que então, na sua opinião, o instigador não é o imperador Alexandre? — exclamou, de chofre, com o seu estúpido sorriso bonacheirão.

Balachov explicou-lhe porque entendia ser, de facto, Napoleão o causador da guerra.

— Eh!, meu querido general — interrompeu de novo Murat —, desejo de todo o coração que os imperadores cheguem a um acordo e que esta guerra de que eu não sou responsável ter— mine o mais cedo possível. — Dizendo o que, assumiu o

tom dos criados que conversam entre si, querendo continuar bons amigos, embora os amos andem desavindos.

Em seguida quis saber como ia de saúde o grão-duque, recordando os agradáveis momentos que haviam passado juntos em Nápoles.

E de súbito, como se se tivesse lembrado da sua dignidade real, empertigou-se majestosamente, tomou a atitude que assumira por altura da coroação e com um gesto da mão direita:

— Não o retenho mais, general, e desejo-lhe o êxito da sua missão — exclamou, e, resplandecente no seu manto vermelho bordado a ouro, as plumas do chapéu a esvoaçar, as jóias faiscantes, encaminhou-se ao encontro da comitiva que o aguardava respeitosamente.

Balachov prosseguiu o seu caminho, supondo, de acordo com o que lhe dissera Murat, que não tardaria a encontrar-se na presença de Napoleão. Mas, em vez disso, as sentinelas do corpo de infantaria de Davout detiveram-no ainda na localidade próxima, como acontecera na primeira linha, e um ajudante-de-campo conduziu-o à aldeia, à presença do marechal Davout.

[V]

Davout era o Araktcheiev do imperador Napoleão, Araktcheiev em tudo menos na covardia, como ele meticuloso e cruel e incapaz de provar a dedicação que tinha ao amo de outra maneira que não fosse pela crueldade.

Nas engrenagens de um Estado, homens assim são tão necessários como os lobos na natureza. Existem sempre, aparecem sempre e mantêm-se, por mais absurda que a sua presença possa parecer, junto do chefe do Estado ou na sua intimidade. Graças à fatalidade desta lei se pode explicar que este cruel Araktcheiev, habituado a arrancar com as próprias mãos os bigodes aos granadeiros, e de resto incapaz, por fraqueza nervosa, de enfrentar o menor perigo, que este homem sem cultura e sem educação tivesse podido manter uma tal influência sobre a natureza nobre, cavalheiresca e doce de um Alexandre.

Balachov encontrou o marechal Davout na isbá de um aldeão, sentado num barril e ocupado a verificar umas contas. A seu lado, de pé, estava um ajudante-

de-campo. Ter-lhe-ia sido possível arranjar uma instalação mais própria, mas Davout pertencia ao número dos homens que gostam de viver nas mais difíceis condições de vida para terem o direito de se conservar tristes e severos. E é por isso também que tais homens andam sempre apressados e esmagados com trabalho. «Como se há-de pensar nas coisas agradáveis da vida quando, como vocês estão a ver, uma pessoa tem de sentar-se em cima de um barril numa isbá sórdida, sempre que precisa de trabalhar?» Eis o que parecia ler-se-lhe na cara. O maior prazer, a necessidade capital destas pessoas quando em presença de alguém contente de viver é atirar-lhes à cara o seu trabalho obstinado e taciturno. Eis a satisfação que sentiu Davout com a chegada de Balachov. Ainda mais se enfronhou nas suas contas ao ver aparecer o general russo, e, depois de lançar um olhar por cima das lentes àquela figura animada pela corrida matinal e a conversa que tivera com Murat, sem se erguer, sem fazer um movimento, ainda franziu mais as sobrancelhas, com um sorriso mau.

Vendo a impressão desagradável que o acolhimento provocava no recém-chegado, acabou por levantar a cabeça e perguntar-lhe friamente o que desejava.

Como Balachov só podia atribuir aquela recepção ao facto de Davout ignorar a sua dupla qualidade de general ajudante-de-campo e de enviado, junto de Bonaparte, do imperador Alexandre, tratou de declinar a sua identidade e de enunciar o objectivo da sua missão. Ao contrário, porém, do que esperava, Davout ainda se mostrou mais rude e severo.

— Onde está a sua mensagem? — interrogou ele. — Dê-ma, que eu envio-a ao imperador.

Balachov replicou que recebera ordens para a entregar pessoalmente ao imperador.

— As ordens do seu imperador só têm curso no exército dele; aqui o senhor tem de fazer o que se lhe diz.

E, como que para fazer compreender ao general russo que estava na dependência de uma força brutal, mandou um ajudante-de-campo procurar o oficial de serviço.

Balachov sacou do invólucro que continha a carta do imperador e pousou-o em cima da mesa, a qual era formada por uma porta donde pendiam ainda os gonzos, assente sobre dois barris. Davout pegou no sobrescrito e leu o endereço.

— É consigo tratar-me ou não com respeito — disse Balachov —, mas permita

que lhe observe que tenho a honra de pertencer ao número dos generais ajudantes-de-campo de Sua Majestade.

Davout olhou-o sem dizer palavra e a irritação que se lia no rosto do oficial russo foi para ele evidente motivo de satisfação.

— Será tratado com as honras devidas — replicou, e, metendo a mensagem na algibeira, saiu da cabana.

Um minuto mais tarde entrou o ajudante-de-campo do marechal, o Sr. De Castries, que conduziu Balachov ao alojamento que lhe fora destinado.

Balachov jantou nesse dia com o marechal, na choupana, em cima da mesa de barris.

No dia seguinte Davout partiu logo de madrugada, depois de haver convocado Balachov e de lhe ter ordenado que permanecesse onde estava, que apenas se afastasse com o comboio, no caso de este receber instruções para se deslocar, e que não falasse fosse com quem fosse, à excepção de Castries.

Depois de quatro dias de tédio e solidão, agravados pelo sentimento de sujeição e de impotência, tanto mais impressionantes para ele quanto acabava de abandonar um meio onde era todo poderoso, após várias etapas com as bagagens pessoais do marechal e as tropas francesas que ocupavam toda a região, Balachov entrou em Vilna, então ocupada pelos Franceses, pela mesma porta da cidade por onde havia saído quatro dias antes.

No dia seguinte, o camareiro do imperador, Monsieur de Turenne, veio anunciar-lhe que o imperador Napoleão lhe concedia uma audiência.

Quatro dias antes, sentinelas do regimento de Preobrajenski estavam de guarda à porta da casa onde conduziram Balachov; no lugar delas, agora, havia dois granadeiros franceses, de uniforme azul com largas bandas e barretinas de pêlo, uma escolta de hússares e de ulanos, uma brilhante comitiva de ajudantes-de-campo, pajens e, generais, que aguardavam a saída de Napoleão à roda do cavalo do imperador, mantido pela arreata pelo mameluco Roustan. Napoleão recebeu Balachov na mesma casa de Vilna em que Alexandre lhe entregara a mensagem.

Embora Balachov estivesse muito habituado às magnificências da corte, o luxo e o fausto da de Napoleão impressionaram-no.

O conde de Turenne introduziu-o numa grande antecâmara onde esperavam muitos generais, camareiros e magnates polacos, a maior parte dos quais ele vira já na Rússia. Duroe veio anunciar que Napoleão receberia o general russo antes do passeio habitual,

Após alguns minutos de espera, apareceu o camareiro de serviço, que, com uma polida reverência a Balachov, o convidou a segui-lo.

Balachov entrou numa salinha cuja porta dava para um gabinete, para esse mesmo gabinete em que recebera as últimas ordens do imperador da Rússia. Esperou dois ou três minutos. Atrás da porta ouviram-se passos precipitados. Os dois batentes foram bruscamente abertos, toda a gente se calou, e novos passos firmes e enérgicos ressoaram no gabinete: era Napoleão. Acabava de vestir-se para o seu passeio a cavalo, Envergava um uniforme azul, cujas bandas abertas deixavam ver o colete branco que lhe moldava a rotundidade do ventre, e calções brancos também cingindo-lhe as coxas gordas e as curtas pernas metidas em botas altas, de montar. Via-se que acabara de pentear os cabelos curtos, mas uma madeixa se lhe derramava pela ampla testa. O branco e anafado pescoço ressaltava da gola negra do uniforme; rescendia a água-de-colónia. Em seu rosto cheio, ainda novo, de queixo proeminente, pintava-se a benevolência e a majestade de um acolhimento imperial.

Entrou apressado, uma espécie de estremecimento nervoso a cada passo que dava, a cabeça ligeiramente atirada para trás. Toda a sua figura, repleta e curta, de ombros largos e espessos, o ventre e o arcabouço do peito fugindo-lhe para avante, davam-lhe esse aspecto representativo e imponente próprio dos quarentões que sempre viveram vida folgada. E, depois, via-se que nesse dia estava muito bem disposto.

Com uma ligeira inclinação de cabeça respondeu à profunda e respeitosa saudação de Balachov, depois aproximou-se dele e imediatamente se pós a falar como um homem para quem todos os minutos são preciosos, que não se dá sequer ao trabalho de preparar os seus discursos, persuadido de que dirá sempre o que é preciso.

— Bons dias, general! — exclamou. — Recebi a carta, que me trouxe, do

imperador Alexandre e tenho muito prazer em vê-lo. — Fitou Balachov com os seus grandes olhos, desviando-os, porém, imediatamente.

Era evidente que a personalidade de Balachov o não interessava: o que tinha interesse para ele era o que se passava na sua própria alma. Tudo o que lhe era exterior não tinha qualquer importância, uma vez que no mundo — pensava ele — tudo dependia da sua vontade.

— Não desejo, nem desejei a guerra — disse ele. — Obrigaram-me a fazê-la. E mesmo agora — acrescentou, acentuando estas palavras — estou pronto a aceitar todas as explicações que me possa dar.

E pôs-se a expor, pormenorizadamente, as causas do seu descontentamento em relação ao Governo russo. Graças ao tom tranquilo, moderado e até mesmo amistoso que tomou então, Balachov persuadiu-se de que na verdade ele desejava a paz e estava disposto a entabular negociações.

— Sire!... O imperador, meu senhor... — tentou dizer Balachov, quando Napoleão, que se calara, o interrogou com o olhar.

O russo trazia preparado o seu discurso, mas aqueles olhos fitos nele desorientaram-no. «Está perturbado, calma», parecia dizer Napoleão, que examinava, com um imperceptível sorriso nos lábios, o uniforme e a espada de Balachov.

Este, serenando, continuou. Disse que o imperador Alexandre não considerava casus belli suficiente o pedido de passaportes de Kurakine, que este agira por iniciativa própria, sem conhecimento do monarca, que Alexandre não queria a guerra e não assinara qualquer pacto com a Inglaterra.

— Ainda não — interveio Napoleão, mas, receoso de se deixar arrastar pelos seus sentimentos, franziu as sobrancelhas e baixou ligeiramente a cabeça, dando a entender a Balachov que podia continuar.

Exposto que foi quanto lhe fora ordenado que dissesse, Balachov concluiu que o imperador Alexandre desejava a paz, porém que só entabularia negociações com a condição de... Neste ponto hesitou: lembrava-se das palavras que Alexandre não escrevera na sua carta mas que ordenara fossem introduzidas, sem esquecimento, no seu rescrito a Saltikov e que ele fora encarregado de repetir textualmente a Napoleão. Lembrava-se das palavras: «... enquanto houver um só inimigo em armas sobre a terra russa», mas um sentimento muito complexo reteve-lhe a frase, prestes a escapar-lhe, Foi-lhe impossível pronunciá-la, embora o desejasse.

Acrescentou: — Com a condição de que as tropas francesas se retirem para o outro lado do Niémen.

Napoleão dera-se conta da perturbação de Balachov no momento de pronunciar estas palavras: o rosto estremeceu-lhe e os músculos da barriga da perna esquerda tremeram-lhe. Sem se mover do sítio em que estava, mas em voz mais alta e mais precipitada, pôs-se a falar. Durante todo o discurso que se seguiu, Balachov, sempre que baixava os olhos, reparava, sem querer, no tremor da barriga da perna esquerda de Napoleão, que se ia acentuando à medida que o soberano levantava a voz.

— Não desejo menos a paz que o imperador Alexandre — principiou ele. — Não fui eu quem durante dezoito meses fez tudo para a conseguir? Há dezoito meses que espero explicações. E que exigem de mim para entabular negociações? — acrescentou, franzindo o sobrolho e fazendo um gesto enérgico com a pequena mão branca e anafada.

— A retirada das tropas para o outro lado do Niémen, Majestade — disse Balachov.

— Para o outro lado do Niémen? — repetiu Napoleão. — Então agora querem que eu retroceda para lá do Niémen? — insistiu, fitando Balachov nos olhos.

Este inclinou respeitosamente a cabeça.

Em vez de lhe exigirem, como quatro meses antes, a evacuação da Pomerânia, agora apenas lhe pediam a retirada para o outro lado do Niémen. Napoleão voltou as costas, num movimento brusco, e pôs-se a andar de um lado para o outro.

— Com que então, exigem de mim que retire para o outro lado do Niémen para entabular negociações? Mas há dois meses queriam que me retirasse para o outro lado do Óder e do Vístula, e apesar disso estão prontos agora a entabular negociações.— Percorreu a sala em silêncio de um extremo ao outro, depois deteve-se novamente diante de Balachov. Este notou que a barriga da perna esquerda do imperador ainda tremia mais e que a sua máscara se havia como que petrificado numa expressão severa. Napoleão conhecia esta sua particularidade: «A vibração da barriga da perna esquerda é, em mim, um grande sinal», costumava dizer.

— Proposta como essa, o abandono do Óder e do Vístula, é para fazer ao grão-duque de Baden, não a mim — exclamou, de súbito, com uma violência que o

surpreendeu a ele próprio. Mesmo que me oferecessem Petersburgo e Moscovo, não aceitaria as vossas condições. Dizem os senhores que eu principiei esta guerra! Mas quem primeiro concentrou as suas tropas? O imperador Alexandre e não eu. E vem o senhor falar-me de negociações quando eu já gastei milhões, quando sois aliados de Inglaterra e a vossa situação é má. Propõem-me negociações? Mas qual o objectivo da vossa aliança com a Inglaterra? Que vos deu Ela? — Falava precipitadamente; via-se que o seu discurso não tentava mostrar as vantagens da paz e discutir a viabilidade desta, mas apenas demonstrar quer o seu direito, quer a sua força e provar os erros e as faltas de Alexandre.

Quando principiara a falar, tinha por finalidade, evidentemente, chamar a atenção para as vantagens da sua situação e que apesar de tudo aceitava as negociações. Mas agora, quanto mais falava menos senhor era das suas palavras.

— Diz-se que assinaram a paz com os Turcos?

Balachov inclinou a cabeça afirmativamente.

— A paz foi assinada... — principiou.

Mas Napoleão cortou-lhe a palavra. Havia nele uma necessidade imperiosa de monologar, e prosseguiu com essa eloquência irritada e essa intemperança de linguagem própria, às vezes, das pessoas favorecidas pela sorte.

— Sim, bem sei, assinaram a paz com os Turcos sem terem conseguido nem a Moldávia nem a Valáquia. E eu teria dado essas províncias ao seu imperador, da mesma maneira que lhe ofereci a Finlândia. Sim – continuou — prometera e daria ao imperador Alexandre a Moldávia e a Valáquia, mas a verdade é que essas belas províncias lhe fugiram das mãos. E no entanto teria podido anexá-las ao seu império e sob o seu reinado a Rússia alargar-se-ia do golfo de Bótnia até às embocaduras do Danúbio. Nem a grande Catarina faria mais. — À medida que falava ia ficando mais exaltado.

De um lado para o outro, na sala, repetia a Balachov, quase palavra por palavra, o que dissera na entrevista de Tilsitt. — E teria tido tudo isso devido à minha amizade. Ah, que belo reino, que belo reino! — Repetiu várias vezes estas palavras, parou, tirou da algibeira uma caixa de rapé, de ouro, e sorveu avidamente uma pitada.

— Que belo reino poderia ter sido o do imperador Alexandre!

Olhou para Balachov com ar de compaixão e, como este ia dizer qualquer coisa, interrompeu-o:

— Que pode ele desejar e procurar que eu lhe não pudesse oferecer com a minha amizade?... — pronunciou, encolhendo os ombros. — E pensou que seria melhor rodear-se dos meus inimigos, e que inimigos? Chamou para junto de si os Stein, os Armfeld, os Bennigsen, os Wintzengerode. Stein, um traidor expulso do seu país, Armfeld, um libertino e um intriguista, Wintzengerode, um súbdito francês foragido, Bennigsen, um pouco mais militar que os outros, mas tão inepto como eles, que não foi capaz de fazer fosse o que fosse em 1807 e cujo nome deve despertar no imperador Alexandre tremendas recordações... Se eles prestassem para alguma coisa, vamos, podiam ser úteis — prosseguiu Napoleão, cuja palavra dificilmente lhe obedecia, tantos os argumentos que lhe acorriam para demonstrar o seu direito e a sua força, a seus olhos, afinal, uma e a mesma coisa. — Não, para nada prestam, nem na guerra nem na paz! Barclay, segundo dizem, é o mais esperto deles todos, mas eu não sou dessa opinião, a julgar pelos seus primeiros passos. E eles que fazem? Que fazem todos estes cortesãos? Pfuhl propõe, Armfeld discute, Bennigsen examina. Quanto a Barclay, chamado para agir, não sabe por onde começar. E o tempo vai passando sem nada acontecer de novo, Militar só Bagration. É estúpido, mas tem experiência, golpe de vista e decisão... E que papel desempenha o vosso jovem imperador no meio dessa massa amorfa? Comprometem-no e fazem pesar sobre ele a responsabilidade de tudo. Um soberano só deveria encontrar-se à frente do exército quando fosse general — concluiu Bonaparte, como se estas palavras fossem uma provocação directa ao czar. Ele bem sabia que Alexandre tinha o sonho de ser um grande capitão.

— Há oito dias que a campanha principiou e os senhores não souberam defender Vilna. O exército russo está cortado em dois e foi expulso das províncias polacas. As tropas rebelam-se.

— Perdão, Majestade — interrompeu Balachov, que, com dificuldade, apreendia aquela torrente de palavras — Pelo contrário, as tropas ardem em desejos...

— Sei tudo — interrompeu Napoleão. — Sei tudo e o número dos vossos batalhões tão bem como dos meus. Os senhores nem duzentos mil homens têm em armas e eu tenho mais do triplo. Dou-lhe a minha palavra de honra — acrescentou, esquecendo-se de que esta sua garantia não podia ser tomada a sério —, dou-lhe a minha palavra de honra que tenho quinhentos e trinta mil homens deste lado do Vístula. Os Turcos não os podem ajudar: para nada prestam,

e mostraram-no bem quando assinaram a paz convosco. Os Suecos, esses estão predestinados a ser governados por loucos. Tinham um rei louco: mudaram de rei e arranjaram outro, Bernadotte, que logo enlouqueceu também, pois é preciso estar doido para, sendo sueco, assinar uma aliança com a Rússia.

Napoleão sorriu malevolamente e sorveu mais uma pitada de rapé. Cada frase sua sugeria uma réplica a Balachov, que gesticulava, como se fosse pedir a palavra. Napoleão, porém, interrompia-o sempre.

A propósito da pretensa loucura dos Suecos queria dizer que a Suécia se transformava numa ilha, com a Rússia por detrás dela, mas Napoleão vociferava, para lhe abafar a voz. Estava nesse estado de irritação em que as pessoas têm necessidade de falar, de falar, de falar sempre, apenas para provarem a si próprias terem razão. A situação de Balachov era penosa.

Como embaixador, receava comprometer a sua dignidade e sentia dever apresentar objecções; como homem, encolhia-se moralmente perante os excessos de ira sem causa a que o imperador se entregava. Sabia que aquela torrente de palavras não tinha grande importância, que Napoleão, quando voltasse a si, seria o primeiro a envergonhar-se do que dissera. Conservava-se diante dele com os olhos baixos, observando as grossas pernas do imperador e procurando evitar-lhe o olhar.

— Que importam, no fim de contas, todos os vossos aliados? — dizia este. — Também os tenho, os Polacos: oitenta mil homens que se batem como leões. E não tarda que sejam duzentos mil.

E indignado, provavelmente por ter a consciência de estar a mentir e da atitude de Balachov, o qual, dando a impressão de resignado perante a sua sorte, não dizia palavra e se mantinha sempre na mesma atitude, voltou-se bruscamente, veio colocar-se à frente do seu interlocutor e, com violentos gestos das suas mãos brancas, quase gritou:

— Fique sabendo que, se levantarem a Prússia contra mim, eu apagá-la-ei do mapa da Europa.

Estava pálido e desfigurado — pela ira e uma das suas pequenas mãos sobre a outra simulava o gesto de apagar.

— Sim, fá-los-ei retroceder para lá do Dvina, para lá do Dniéper e restabelecerei contra vós essa barreira que a Europa, cega e criminosa, permitiu que desaparecesse. Sim, eis o que vos espera, eis o que ganharam afastando-se de

mim — concluiu. Depois, em silêncio, deu alguns passos, os largos ombros agitados por movimentos nervosos.

Guardou a caixa do rapé na algibeira do colete, voltou a tirá-la, levou-a várias vezes às narinas e de novo veio postar-se diante de Balachov. Calado, por momentos, olhou ironicamente nos olhos o general russo, dizendo em voz serena:

— E no entanto que belo reino poderia ter sido o do seu senhor!

Balachov, sentindo ser preciso objectar fosse o que fosse, disse que da parte dos Russos as coisas não se apresentavam sob um aspecto tão tétrico. Napoleão continuou calado, olhando-o sempre com a mesma ironia, naturalmente sem o ouvir. Balachov acrescentou que na Rússia se esperavam óptimos resultados da guerra. Napoleão abanou a cabeça, condescendente— mente, como a dizer-lhe:

«Bem sei, falas assim por obrigação, mas nem tu próprio acreditas no que estás a dizer. Convenci-te.»

No fim da tirada de Balachov, Napoleão puxou de novo da caixa de rapé, tomou outra pitada, e, como se fizesse um sinal, bateu duas vezes com o pé no chão. A porta abriu-se; um camareiro, respeitosamente vergado pela cintura, entregou ao imperador o chapéu e as luvas, outro pôs-lhe na mão o lenço de assoar. Napoleão, sem lhes prestar a mínima atenção, voltou-se para Balachov:

— Assegure, em meu nome, ao imperador Alexandre — disse, pegando no chapéu —, que continuo a ter por ele a mesma devoção de sempre: conheço-o e aprecio altamente as suas grandes qualidades. Não continuo a retê-lo, general, receberá a minha carta para o imperador.

E Napoleão encaminhou-se rapidamente para a porta. Todos os que estavam na sala de espera se precipitaram para a escada.

[VII]

Depois de tudo o que Napoleão lhe dissera, dos seus arrebatamentos coléricos e das suas últimas palavras secas em extremo: «Não o retenho mais, general, receberá a minha carta dirigida ao imperador», Balachov persuadiu-se de que o imperador não só não tinha o mais pequeno desejo de o tornar a ver, mas até evitaria mesmo voltar a encontrá-lo, a ele, embaixador humilhado, e sobretudo

testemunha da sua intempestiva exaltação. Mas, com grande espanto seu, foi convidado por Duroe, nesse mesmo dia, para sentar-se à mesa do imperador.

Bessières, Caulaincourt e Berthier eram também convivas do jantar.

Napoleão recebeu Balachov alegre e afavelmente. Não só não deu mostras de molestado ou arrependido pelo que se passara nessa manhã, mas, muito pelo contrário, procurou por o seu hóspede perfeitamente à vontade. Era evidente de há muito estar convencido de que não podia enganar-se e que aos seus próprios olhos tudo quanto ele próprio fizesse estaria bem feito, não porque os seus actos estivessem de acordo com a ideia que ele tinha do bem e do mal, mas simplesmente por ser ele o autor de tais actos.

Voltara muito alegre do seu passeio a cavalo pelas ruas de Vilna, onde a multidão o acolhera e aclamara com entusiasmo. Todas as janelas das casas nas ruas que ele atravessara ostentavam colgaduras e bandeiras com as suas armas e as senhoras polacas haviam-no saudado agitando os lencinhos.

A mesa sentou Balachov a seu lado e não só o tratou amavelmente, mas como se fosse um dos seus cortesãos, como se pertencesse ao número dos que aprovavam os seus planos e deviam alegrar-se com os seus êxitos. Entre outras coisas, veio à fala Moscovo, e Bonaparte interrogou-o acerca da capital, ao mesmo tempo como um viajante, desejoso de se instruir, que colhe informações sobre um país desconhecido que deseja visitar, mas também com a convicção de que Balachov, russo que era, se sentiria muito lisonjeado com esse interesse.

— Quantos habitantes tem Moscovo? Quantas casas? É verdade que lhe chamam Mouscou la sainte? Quantas igrejas tem? — perguntou.

E, ao ouvir que mais de duzentas, observou:

— Para quê tantas igrejas?

— Os Russos são muito tementes a Deus — replicou Balachov.

— Convém notar que grande número de conventos e de igrejas é sempre sinal de atrasada civilização — disse o imperador, procurando a aprovação de Caulaincourt.

Balachov, respeitosamente, ousou exprimir opinião contrária.

— Cada terra com seus usos — disse.

— Mas nada há na Europa que se pareça com isso — voltou Napoleão.

— Que Vossa Majestade me perdoe — tornou o russo —, mas, além da Rússia, há a Espanha também, onde existem, igualmente, muitos conventos e igrejas.

Esta resposta, alusão à recente derrota dos Franceses em Espanha, foi muito apreciada na corte da Rússia quando Balachov aludiu a ela, mas não produziu o mais pequeno efeito na mesa de Napoleão, onde passou despercebida.

Via-se na indiferença das máscaras atentas dos senhores marechais que eles não haviam apreendido o sal da resposta, bem sublinhado pela entoação de Balachov. «Se isso levava água no bico, não demos por tal, o que quer dizer que graça nenhuma tem», pareciam dizer.

Tão bem apreciada foi tal resposta que Napoleão lhe não prestou qualquer atenção e se limitou a perguntar a Balachov quais as cidades atravessadas pela estrada directa para Moscovo. Balachov, sempre de sobreaviso, respondeu que assim como todos os caminhos levavam a Roma, todos os caminhos levavam a Moscovo, que, aliás, eram muitas as estradas e que no número delas se contava a que passava por Poltava, escolhida por Carlos XII. Balachov corou involuntariamente, satisfeito com resposta tão feliz. Mas ainda não acabara de pronunciar o nome de Poltava já Caulaincourt falava dos incómodos da estrada de Petersburgo a Moscovo e das suas recordações da capital.

Depois do jantar foram tomar café para o gabinete de Napoleão, o qual, quatro dias antes, pertencera ao imperador Alexandre.

Bonaparte sentou-se, mexendo o seu café numa chávena de Sévres, e apontou a Balachov uma cadeira a seu lado.

Depois do jantar o homem está sempre numa disposição bem conhecida, a qual, mais persuasiva que qualquer razão lógica, o leva a sentir-se satisfeito consigo mesmo e disposto a não ver senão afeições à sua roda. O imperador estava nessa feliz disposição. Imaginava-se rodeado de amigos que o adoravam. Estava convencido de que o próprio Balachov, depois daquele jantar, também era seu amigo e admirador. Observou-lhe com um sorriso amável e ligeiramente trocista:

— Disseram-me que o imperador Alexandre ocupava esta mesma sala, É curioso, não acha, general? — Não lhe passou pela cabeça que esta observação não podia agradar ao seu interlocutor, visto ser uma prova da sua superioridade, dele, Napoleão, sobre Alexandre.

Balachov, como não podia responder, limitou-se a inclinar a cabeça silenciosamente.

— Sim, há quatro dias, discutiam nesta mesma sala Wintzengerode e Stein —

continuou Napoleão, sempre com um sorriso trocista e seguro de si. — Eis o que eu não posso perceber, que e imperador Alexandre se haja rodeado de todos os meus inimigos pessoais. É o que eu não posso compreender... Não teria ele pensado que eu poderia vir a fazer o mesmo? — Formulando a pergunta, a Balachov, sentia-se, evidentemente, arrastado pela ira que o tomara nessa manhã, recordação bem presente no seu espírito.

— Pois é bom que ele saiba que o farei — acrescentou, levantando-se e afastando de si a chávena. — Enxotarei da Alemanha toda a sua parentela, os Wurtemberg, os Bade, os Weimar.... sim, correrei com eles. Trate de lhes arranjar refúgio na Rússia!

Balachov abanou a cabeça, dando a entender que desejava retirar-se e que não ouvia semelhantes considerações senão por lhe ser impossível proceder doutra maneira. Napoleão não dera por coisa alguma; continuou a tratar Balachov não como um enviado do seu inimigo, mas como um homem agora absolutamente dedicado e que devia sentir-se contente com a humilhação infligida ao seu antigo amo.

— Porque assumiu o imperador Alexandre o comando dos seus exércitos? Que significa isso? A guerra é o meu mister, o dele é reinar, não comandar as tropas. Para que assumiu ele uma tal responsabilidade?

Bonaparte tornou a puxar da caixa de rapé, deu alguns passos em silêncio e de repente abeirou-se de Balachov. Com um ligeiro sorriso, num gesto firme, pronto e simples, como se executasse um acto não só importante, mas em extremo lisonjeiro para o general russo, aproximou a mão do rosto daquele homem de quarenta anos e puxou-lhe ao de leve uma orelha.

Receber um puxão de orelhas do imperador era considerado na corte de França uma grande honra e uma alta mercê.

— Então, não diz nada, admirador e cortesão do imperador Alexandre? — pronunciou, ele, como se houvesse qualquer coisa de divertido de na sua presença ser-se cortesão e admirador de outro homem que não ele, Napoleão. — Os cavalos para o general estão prontos? — acrescentou, respondendo com um aceno de cabeça à saudação de Balachov. — Dêem-lhe os meus, têm muito que andar.

A carta que Balachov levou consigo seria a última que Napoleão escreveria a Alexandre. Todos os pormenores da precedente conversa foram transmitidos ao imperador russo e a guerra principiou.

[VIII]

Depois da sua conversa em Moscovo com Pedro, o príncipe André dirigiu-se a Petersburgo para tratar de negócios, dissera ele à família, mas em verdade para se encontrar com Anatole Kuraguine, encontro que ele considerava indispensável. Procurou logo informar-se do paradeiro deste, mas Kuraguine já não estava em Petersburgo, Pedro fizera saber ao cunhado que André o procurava. Anatole obtivera imediatamente do ministro da Guerra uma comissão e partira a incorporar-se no exército da Moldávia. Em Petersburgo, o príncipe André encontrou Kutuzov, seu antigo general, sempre muito bem disposto a seu favor. Propôs-lhe que fosse com ele para o Moldávia, de cujo exército o velho general fora nomeado comandante-chefe. André, nomeado adido ao estado-maior do quartel-general, partiu para a Turquia.

O príncipe considerava inconveniente escrever a Kuraguine desafiando-o para um duelo. Achava que desafiá-lo sem alegar um pretexto plausível seria, da sua parte, comprometer a condessa Rostov; por isso procurava encontrá-lo pessoalmente, o que lhe proporcionaria a oportunidade desejada. Mas também não encontrou Kuraguine no exército da Turquia; este mal soubera da chegada de André regressara à Rússia. Naquele país desconhecido e nas suas novas condições de existência a vida pareceu-lhe mais fácil. Depois da traição da noiva, tanto mais penosa para ele quanto mais procurava esconder o desgosto que sofrera, o meio em que fora feliz tornara-se-lhe insuportável e a liberdade e a independência, que tão caras lhe eram, ainda mais penosas. Não voltara ao estado de espírito que se apoderara dele pela primeira vez diante do céu de Austerlitz e às ideias que tanto gostava de discutir com Pedro e as quais lhe haviam enchido a solidão de Bogutcliarovo e, depois, da Suíça e de Roma. Receava mesmo tornar a evocá-las, a essas ideias, que lhe abriam horizontes luminosos e infinitos. Agora não se ocupava de mais nada senão de interesses práticos imediatos, sem relação com os de outrora, e punha nisso tanto maior ardor quanto mais distantes lhe ficavam as antigas ideias. Dir-se-ia que a abóbada do céu perdida no infinito que tivera por cima da cabeça se transformara de súbito numa abóbada baixa, limitada, que o

esmagava, e tudo era nítido e claro, sem nada já de misterioso e etcrno.

De todas as ocupações a que podia consagrar-se, o serviço militar era a mais simples e a mais familiar. Nas suas funções de adido ao estado-maior de Kutuzov ocupou-se com perseverança e zelo do seu mister, surpreendendo o chefe com o afã e a pontualidade do seu trabalho. Não topou com Kuraguine na Turquia, julgou desnecessário ir atrás dele para a Rússia, o que o não impediu de dizer de si para consigo que, apesar do tempo que passara já, se viesse a encontrar Anatole, não obstante o desprezo que tinha por ele e as razões que alegava para o julgar indigno de se bater consigo, consideraria indispensável, no entanto, desafiá-lo, pela mesma razão que um esfomeado que vê um prato de sopa não pode deixar de se atirar a ele. E o certo é que o sentimento de que a ofensa que recebera ainda não fora vingada, que a sua ira ainda não extravasara, continuando entranhada no fundo do seu coração, lhe envenenava a calma fictícia que criara na Turquia graças a uma actividade cheia de zelo e preocupações e de certa ambição e vaidade.

Quando, em 1812, chegou a Bucareste, onde, havia dois meses, Kutuzov passava os dias e as noites em casa de uma amante valáquia, a notícia da guerra com Napoleão, o príncipe André pediu licença para ser transferido para o exército do Ocidente. Kutuzov, a quem o zelo de Bolkonski ofuscava, como uma censura viva à sua indolência, de muito boa vontade lhe deu consentimento, confiando-lhe uma missão junto de Barclay de Tolly.

Antes de se juntar ao exército, que em Maio estava no acampamento d6 Drissa, André passou por Lissia Gori, que ficava no seu caminho, a três verstas da estrada real de Smolensk. Naqueles três últimos anos houvera tantas modificações na sua vida, tantas revoluções nas suas ideias e nos seus sentimentos, vira tantas coisas nas suas viagens no Ocidente e no Oriente, que, ao chegar a Lissia Gori, sentiu uma impressão estranha verificando que a vida ali se mantinha imutável nos seus mais pequenos pormenores. Entrou na alameda e transpôs o pórtico de pedra da residência como se entrasse num castelo encantado. Sempre o mesmo alinho, o mesmo asseio, a mesma serenidade em casa: os móveis eram os mesmos, as mesmas paredes; os ruídos os mesmos; o mesmo cheiro, as mesmas caras tímidas, embora um pouco envelhecidas. A princesa Maria a mesma, já não muito nova, feia e medrosa, vivendo continuamente em terrores e transes morais e assim passando os melhores anos da sua existência sem utilidade nem alegria. Mademoiselle Bourienne não mudara, apreciando alegremente os mais curtos

momentos, fabricando para si própria as mais belas esperanças, coquette e satisfeita. «Apenas adquirira mais segurança em si própria», assim pensou André. O preceptor, Dessalles, que ele trouxera da Suíça, vestia um redingote de talho eslavo, mastigava o russo com os criados e era sempre o mesmo pedagogo mediocremente inteligente, mas instruído, honestíssimo e um pouco pedante. O velho príncipe mudara fisicamente apenas nisto: a um canto da boca notava-se que perdera um dente; moralmente estava na mesma. Tornara-se apenas mais irritável e mais desconfiado de tudo neste mundo. Só Nikoluchka crescera, transformara-se, ganhara cores rosadas, e os seus cabelos eram agora castanhos encaracolados, rindo sem saber porquê, divertido com tudo. Soerguia o lábio superior da sua linda boca, tal qual a mãe, a falecida princesinha. Era o único que não queria saber da regra imutável que parecia reinar naquele castelo encantado. Mas, embora as aparências fossem as mesmas, as relações íntimas dos habitantes tinham mudado muito desde que André partira. Havia dois campos opostos naquela casa, estranhos um ao outro e inimigos, que apenas agora na sua presença se aproximavam, renunciando provisória— mente aos seus hábitos. A um desses campos pertencia o velho príncipe, Mademoiselle Bourienne e o arquitecto; ao outro, Maria. Dessalles, Nikoluchka e todas as criadas e amas.

Durante a sua estada todos comeram juntos; sentia-se, porém, um mal-estar geral e o príncipe André tinha a sensação de ser um hóspede a favor de quem se faz uma excepção, e de que a sua presença era um embaraço para toda a gente. No primeiro dia, à mesa, sentindo esse embaraço, quedou-se silencioso, e o velho príncipe, que notava o seu ar pouco à vontade, mostrou-se igualmente taciturno e silencioso, retirando-se assim que a refeição acabou. Quando, pela noite, André o veio ver, e, para o distrair, se pôs a contar-lhe a campanha do jovem conde Kamenski, o pai, de repente, principiou a falar da princesa Maria, acusando-a de ser supersticiosa e de não gostar de Mademoiselle Bourienne, em sua opinião a única pessoa que lhe era verdadeiramente dedicada.

O velho príncipe assegurou ao filho que se estava doente a culpa era de Maria, pois o atormentava de propósito e o irritava, estragando o príncipezinho com os seus excessos de indulgência e as suas tolas histórias. Sabia muito bem que atormentava inutilmente a filha, que a vida dela, em tais condições, era muito penosa, mas também sabia que não podia impedir-se a si próprio de a atormentar e que ela merecia esse tratamento.

«Por que razão o André», dizia de si para consigo, «que vê tudo isto, não me fala da irmã? Naturalmente porque julga que eu sou algum malfeitor ou um velho doido, que, sem motivos, se afastou da filha para se aliar com a francesa? Então ele não me compreende. É por isso que preciso de lhe explicar, é preciso que ele me entenda.» E pôs-se a demonstrar as razões por que não podia tolerar o carácter absurdo da filha.

— Se o pai me não tivesse pedido — volveu André, sem olhar para o príncipe, e era a primeira vez em sua vida que se atrevia a censurá-lo —, não lhe teria falado no caso, mas, desde que o pai pede a minha opinião, vou dizer-lhe francamente o que penso de tudo isto. Se existe entre o pai e Macha qualquer mal-entendido ou desacordo, não posso de maneira alguma acusá-la disso. Pois sei perfeitamente quanto ela lhe quer e quanto o venera. Desde que me pergunta a minha opinião — continuou André, irritando-se, o que, de resto, nesses últimos tempos se lhe tornara habitual —, só lhe direi uma coisa: se há qualquer mal-entendido, a única culpada é a insignificante dessa mulher, indigna de ser amiga de sua filha.

O velho, no primeiro momento, não cabia em si de surpreendido, os olhos fitos em André, mostrando, com um sorriso forçado, a falta do dente, coisa a que o filho não conseguira habituar-se.

— Que amiga é essa, meu caro? Hem! Estás a repetir a lição que aprendeste! Hem!

— Meu pai, não pretendo ser seu juiz — disse André num tom azedo e duro —, mas obrigou-me a isso e eu digo e direi sempre que a princesa Maria não tem culpa, que os culpados... a culpada é essa francesa... é essa francesa...

— Ah! Tu estás a julgar-me!... Estás a julgar-me! — exclamou o velho, em voz serena, e, assim pareceu a André, com um certo embaraço. Mas, de súbito, erguendo-se de um salto, gritou: — Fora daqui! Fora daqui! Não voltes a pôr aqui os pés!...

O príncipe André resolveu abalar imediatamente, mas Maria implorou-lhe que ficasse mais um dia, Durante todo esse dia não viu o pai, que não saiu dos seus aposentos nem admitiu ao pé de si mais alguém além de Mademoiselle Bourienne e de Tikon. Por várias vezes perguntou se André já partira. No dia seguinte, antes da abalada, o príncipe André foi despedir-se do filho. A criança, saudável e de

cabelos encaracolados, como sua mãe, sentou-se-lhe nos joelhos. O pai pôs-se a contar-lhe a história do Barba— Azul, mas, antes de chegar ao fim, calou-se, pensativo. Não era na gentil criança que tinha nos joelhos que pensava, mas em si próprio. Procurava em si mesmo, sem nada encontrar, qualquer coisa que lhe dissesse estar arrependido de ter provocado a ira do pai ou penalizado por se ver obrigado a deixá-lo zangado com ele pela primeira vez na sua vida. E o mais importante ainda é que procurava debalde em si mesmo vestígios da sua antiga ternura pelo filho, tentando despertá-la acariciando-o e sentando-o nos seus joelhos.

— Anda! Conta-me o fim — dizia o filho.

Sem lhe responder, fê-lo saltar dos seus joelhos e saiu. Logo que deixava as suas ocupações quotidianas, sobretudo assim que voltava a sentir-se no meio antigo, em que fora feliz, o tédio da existência apoderava-se dele tão intenso que procurava fugir o mais depressa que podia das suas recordações, fazendo por encontrar uma ocupação qualquer.

— Decididamente, vais-te, André? — disse-lhe a irmã.

— Louvado seja Deus que me posso ir embora — respondeu-lhe ele— e só lamento não poderes fazer outro tanto.

— Porque falas assim? — voltou Maria.— Porque falas assim quando partes para essa guerra terrível e ele é tão velho! Mademoiselle Bourienne disse-me que perguntou por ti...

Maria não podia abordar este assunto sem que a emoção lhe fizesse tremer os lábios e as lágrimas se lhe soltassem dos olhos. O príncipe André afastou-se e principiou a passear na sala.

— Meu Deus, meu Deus! Quando uma pessoa pensa que seres desprezíveis podem ser a causa da infelicidade dos outros! — exclamou, com uma raiva que assustou a irmã.

Compreendera que os seres de quem ele falava eram não só Mademoiselle Bourienne, que a fizera infeliz a ela, mas também o homem que o fizera infeliz a ele.

— André, só te peço uma coisa, suplico-te — disse-lhe ela, travando-lhe do braço e fitando-o com uns olhos que cintilavam através das lágrimas.— Vai, compreendo-te — acrescentou, baixando os olhos.— Mas não penses que são os homens a causa das nossas dores. Os homens não são mais do que os Seus

instrumentos. — O olhar de Maria passou por cima da cabeça de André, como se ela procurasse, confiante, com os olhos, uma imagem familiar no seu lugar habitual.— As dores são-nos enviadas por Ele e não pelos homens. Os homens são instrumentos, não são culpados. Se estás convencido de que alguém andou mal contigo, esquece e perdoa. Nós não temos o direito de castigar. Um dia compreenderás a felicidade de perdoar.

— Se eu fosse mulher, assim faria. Perdoar é uma virtude de mulher. Mas o homem não deve nem pode esquecer e perdoar. — Embora até então não tivesse pensado em Kuraguine, toda a sua cólera insatisfeita lhe afluiu subitamente ao coração.

«Se Maria me pede tanto que perdoe é porque há muito que eu o devia ter castigado», disse de si para consigo. E, sem responder à irmã, pensou, com uma alegria raivosa, no momento em que encontraria Kuraguine, que sabia no exército.

A princesa Maria ainda suplicou ao irmão que ficasse mais um dia; disse-lhe saber muito bem que o pai sofreria caso ele partisse sem se reconciliarem. O príncipe André respondeu-lhe que podia muito em breve estar de volta do exército e que não deixaria de escrever ao pai, mas que naquela altura quanto mais tempo ali estivesse mais o seu desentendimento se acentuaria.

— Adeus, André. Recorde-se de que as desgraças provêm de Deus e que os homens nunca são culpados. — Tais foram as últimas palavras que a irmã lhe disse no momento da despedida.

«Assim deve ser!», pensava o príncipe André ao deixar a alameda de Lissia Gori. «Ela, pobre e inocente criatura, aqui vai ficar entregue a este velho meio doido. O velho sabe que é culpado, mas não pode modificar-se. O meu pequeno cresce e sorri à vida, a vida, onde, como todos os outros, virá a enganar ou ser enganado. Eu vou para a guerra, porquê? Nem eu próprio o sei, e só desejo encontrar esse homem que desprezo para lhe dar uma oportunidade de me matar e de se rir de mim!» Os elementos de que a sua existência se compunha não deixavam de seios mesmos, mas antes formavam um conjunto uno e agora iam por água abaixo,

E uma série de visões insensatas e incoerentes se lhe foi representando no espírito.

[IX]

O príncipe André chegou em fins de Junho ao quartel-general. As tropas do primeiro exército, sob o comando do imperador, estavam concentradas no campo fortificado de Drissa, as do segundo recuavam, esforçando-se por juntar-se ao primeiro exército, de que as separavam, dizia-se, forças francesas muito consideráveis. Toda a gente se mostrava descontente com a marcha geral das operações, mas a ninguém passava pela cabeça que se pudesse vir a dar uma invasão das províncias russas, ninguém mesmo supunha que a guerra pudesse ultrapassar as províncias polacas de oeste.

O príncipe André encontrou Barclay de Tolly, junto do qual fora nomeado adido, estabelecido nas margens do Drissa. Como não havia qualquer casal ou povoado nas imediações do acampamento, grande número de generais ou dignitários da corte que estavam no exército tinha-se espalhado por uma área de dez verstas em volta, nas melhores casas das aldeias de um lado e outro do rio. Barclay de Tolly alojara-se a quatro verstas do imperador, Acolheu Bolkonski seca e friamente e disse-lhe, com o seu sotaque estrangeiro, que informaria o czar para que se lhe desse algum destino e que entretanto ficaria pertencendo ao seu estado-maior, Anatole Kuraguine, que André supunha no exército, também ali se não encontrava. Estava em Petersburgo, e esta notícia não lhe foi de todo desagradável.

Todo o seu interesse se concentrava agora naquela guerra gigantesca e sentia-se feliz por se ver livre por algum tempo do nervosismo que lhe, causava a lembrança de Kuraguine. Durante os primeiros dias, em que ninguém lhe perguntou fosse o que fosse, deu-se a percorrer todo o campo fortificado, e, graças aos seus próprios conhecimentos e às conversas que teve com pessoas competentes, tratou de formar uma ideia exacto, da situação militar. Um problema, porém, não foi capaz de resolver: o da utilidade daquela posição, A sua experiência da guerra ensinara-lhe que os planos mais cuidadosamente elaborados pouco valor têm, coisa que pudera verificar por si próprio em Austerlitz, e que tudo depende da maneira como se riposta aos ataques inesperados e imprevisíveis do inimigo e da forma como são conduzidas as operações, bem como da capacidade daqueles que as dirigem. Na intenção de obter pormenores sobre este último

ponto, procurou, mercê da situação que ocupava e dos conhecimentos que tinha, penetrar o carácter do comando e das pessoas e dos grupos que nele tomavam parte, e acabou por obter do conjunto o quadro seguinte:

Quando o imperador se encontrava ainda em Vilna, o exército achava-se dividido em três partes: o primeiro exército estava sob o comando de Barclay de Tolly o segundo, sob o de Bagration; o terceiro, sob o de Termassov. O imperador encontrava-se junto do primeiro corpo do exército, sem, no entanto, desempenhar funções de comandante-chefe. Na ordem do dia dizia-se apenas que ele estava presente, não que o comandava. Além disso, o imperador, pessoalmente, não tinha junto de si um estado-maior de comandante-chefe, mas o estado-maior do quartel-general imperial.

Sob as suas ordens tinha o chefe do estado-maior imperial, o general quartel-mestre príncipe Volkonski, generais, ajudantes-de-campo, diplomatas, uma turbamulta de estrangeiros, mas a verdade é que não existia estado-maior do exército. Também estavam com o czar, sem missão especial: Araktcheiev, o antigo ministro da Guerra, o conde Bennigsen, o general mais antigo da sua patente, o czarevitch, grão-duque Constantino Pavlovitch, o conde Rumiantsov, chanceler. Stein, antigo ministro prussiano. Armfeld, general sueco, Pfuhl, principal organizador do plano de campanha, Paulucci, ajudante-de-campo general e foragido da Sardenha, Woltzogen e muitos outros. Estas personalidades, embora não desempenhassem funções oficiais, exerciam pessoalmente grande influência, e muitas vezes um comandante de corpo de exército e até mesmo o comandante-chefe não sabiam em que qualidade Bennigsen ou o grão-duque, Araktcheiev ou o príncipe Volkonski lhes perguntavam isto ou aquilo ou lhes davam este ou aquele conselho, ignorando se tais observações provinham do seu comandante ou da parte do imperador, e se era mister ou não executá-las. Tudo isto, aliás, não passava de um cenário. No fundo ninguém se enganava sobre o que queria dizer a presença junto do exército do imperador e de todas essas personagens, as quais, necessariamente, na intimidade, não passavam, de cortesãos.

O imperador não assumira o título de comandante-chefe, mas na realidade tinha nas mãos todos os corpos do exército. As pessoas que o rodeavam eram seus colaboradores. Araktcheiev era o fiel mantenedor da ordem e o guarda do corpo do soberano; Bennigsen, grande proprietário da região de Vilna, parecia limitar-se a fazer as honras do país, quando na realidade era um bom general, útil no

conselho e óptimo para conservar de reserva e substituir Barclay. O grão-duque, esse apenas ali estava porque isso lhe dava prazer. O antigo ministro Stein encontrava-se presente na qualidade de conselheiro e por Alexandre ter em alta estima as suas qualidades pessoais. Armfeld era o inimigo implacável de Napoleão e um general muito seguro de si próprio, coisa que sempre impressionava o imperador. Paulucci era ousado e enérgico por palavras. Os generais ajudantes-de-campo estavam onde estivesse o imperador, e finalmente, ponto principal, Pfuhl achava-se presente por ser o autor do plano de campanha contra Napoleão, aprovado por Alexandre, que o considerava perfeito no seu conjunto, sendo ele quem na realidade dirigia todas as operações, Ao lado de Pfuhl, Woltzogen encarregava-se de dar uma forma prática às ideias deste teórico de gabinete, homem violento, cheio de uma tal confiança em si próprio que tinha um soberano desprezo por tudo e todos.

Além destas personagens, russas e estrangeiras, principalmente estrangeiras — e estas, com a ousadia característica de todo o indivíduo que actua num meio que não é o seu próprio, todos os dias propunham novos planos —, ainda havia muitas mais, homens em posições subalternas, que se encontravam ali por os seus superiores lá estarem também.

Entre todas as ideias e opiniões que ganhavam corpo no meio daquela massa de gente inquieta, vaidosa e ávida de honrarias não tardou que André pudesse distinguir correntes bem nítidas, partidos vários e diversas tendências.

O primeiro partido era formado por Pfuhl e os seus apaniguados, teóricos convencidos de que existe uma ciência da guerra fiel a leis imutáveis, como as do movimento oblíquo, do envolvimento do inimigo, etc. Pfuh1 e os seus sequazes preconizavam a retirada para o interior do país, em virtude de leis estritas, fixadas pela pretensa teoria da guerra, e consideravam qualquer infracção a esta teoria como uma prova de barbárie, de ignorância ou de má-fé. A este partido pertenciam os príncipes alemães, Woltzogen, Wintzengerode, e outros, numa palavra, sobretudo os alemães.

O segundo partido era diametralmente oposto. Como sempre acontece, pecava por excesso contrário. As pessoas que dele faziam parte reclamavam a ofensiva na Polónia, a partir de Vilna, e opunham-se a todos os planos traçados de antemão. Ao mesmo tempo que defendiam a ousadia na acção encarnavam o espírito nacional. Por isso eram ainda mais intransigentes nas discussões. Eram os russos:

Bagration, Ermolov, que então principiava a elevar-se, e outros ainda. Contava-se então uma anedota de Ermolov. Dizia-se que ele pedira ao imperador uma única mercê: ser promovido a alemão. Os membros deste partido repetiam, lembrando-se de Suvorov, ser inútil conceber lindas teorias e espetar alfinetes num mapa, dizendo que o que era preciso era lutar, vencer o inimigo, não o deixar penetrar na Rússia e não dar tempo a que as tropas se desmoralizassem.

O terceiro partido, aquele que inspirava mais confiança ao imperador, era formado por cortesãos partidários de combinações entre as duas tendências extremas. As pessoas deste partido, pela sua maior parte civis, pensavam e diziam o que geralmente dizem os que não têm convicções, embora desejem mostrar-se convencidos de alguma coisa. Eram de opinião de que a guerra, sobretudo com um génio como Bonaparte (de novo o chamavam assim), exigia combinações profundas e conhecimentos científicos e que de tal ponto de vista Pfuhl era um talento. Nem por isso, no entanto, devia deixar de reconhecer-se que os teóricos são por vezes exclusivistas, Daí que se não depositasse neles uma confiança absoluta. Deviam ouvir-se também os adversários de Pfuhl e o que diziam as pessoas práticas, experimentadas na arte da guerra, preferindo um meio-termo.

Teimavam na necessidade de se manter a posição do Drissa, de acordo com o plano de Pfuhl, e de modificar o movimento dos demais corpos de exército. Embora desta sorte não se alcançasse nem uma nem outra solução, as pessoas deste partido pensavam ser aquele o caminho mais acertado.

A quarta tendência tinha por representante mais saliente o grão-duque herdeiro, que não podia esquecer o desastre de Austerlitz, em que ele se apresentara como numa parada militar, à frente da Guarda, de capacete e plumas, convencido de que num abrir e fechar de olhos esmagaria os Franceses, tendo-se surpreendido de repente nas primeiras linhas, e só com grande dificuldade conseguindo escapar no meio da debandada geral. As pessoas deste partido tinham o mérito e ao mesmo tempo o de— feito de serem sinceras. Temiam Napoleão, reconheciam ser forte e elas fracas e diziam-no às claras. Iam repetindo: «De tudo isto não nos virá senão vergonha, desgraça e a derrota! Já abandonámos Vilna e Vitehsk, Também acabaremos por abandonar Drissa. A única coisa razoável a fazer é assinar a paz, e o mais depressa possível, se não quisermos ser expulsos de Petersburgo!»

Esta opinião, muito espalhada nas altas esferas, obtinha eco também em

Petersburgo e junto do próprio chanceler Rumiantzov, que outrossim sustentava o ponto de vista da paz por razões de Estado.

O quinto partido agrupava-se em volta de Barclay de Tolly, não tanto pelo seu valor pessoal como pelo facto de ser ministro da Guerra e comandante— chefe. Os membros deste partido diziam: «Seja como for (era assim que principiavam sempre), é um homem honesto e activo e não temos melhor. Dêem-se-lhe poderes absolutos, pois a guerra não pode ter êxito sem unidade de comando, e ele se encarregará de demonstrar do que é capaz, como aconteceu na Finlândia. Se o nosso exército é organizado e forte e já pôde recuar até ao Drissa sem nenhuma derrota, a Barclay, e só a Barclay, o devemos. Se agora o substituíssemos por Bennigsen tudo estaria perdido. Bennigsen já mostrou a sua incapacidade em 1807.»

O sexto grupo, de que faziam parte os partidários de Bennigsen, dizia, pelo contrário, não haver homem mais activo e experimentado e que fizessem o que fizessem acabariam sempre por recorrer a ele.

E os membros deste grupo demonstravam ser a retirada russa até ao Drissa o mais vergonhoso dos desastres e uma cadeia ininterrupta de erros. «Quanto mais erros cometerem melhor! É a única maneira de compreenderem que as coisas não podem continuar assim», diziam. «Não precisamos de um Barclay qualquer, mas de um homem como Bennigsen, que já se revelou em 1807, e a quem o próprio Napoleão fez justiça. E o único homem a quem todos reconheciam poderes é Bennigsen.»

As pessoas que constituíam a sétima categoria pertenciam a essa espécie de criaturas que sempre se encontram na roda dos jovens soberanos e que eram sobretudo numerosos junto do imperador Alexandre: generais e ajudantes-de-campo apaixonadamente devotados mais ao homem que ao soberano, que o adoravam sincera e desinteressadamente, como acontecera a Rostov em 1805, e que atribuíam ao imperador não só todas as virtudes, mas também todas as qualidades humanas. Essa gente, ao mesmo tempo que exaltava a modéstia do seu imperador, que se escusara a chamar a si o comando das tropas, censurava tão excessiva modéstia, declarando só desejarem uma coisa: que o seu soberano bem-amado vencesse essa desconfiança exagerada, declarasse francamente que tornava o comando do exército, organizasse em torno de si um estado-maior de comandante-chefe e, depois de se ter aconselhado junto dos técnicos, práticos mais

experimentados, conduzisse ele próprio no campo de batalha as suas tropas, a quem a sua presença, só por si, encheria de um entusiasmo desbordante.

O oitavo grupo, o mais importante de todos — em relação ao anterior na proporção de noventa e nove para um — era constituído por pessoas que não queriam nem a paz, nem a guerra, nem a ofensiva, nem campos entrincheirados em Drissa ou em qualquer outra parte, nem Barclay, nem o imperador, nem Pfuhl, nem Bennigsen: não procuravam senão uma coisa, para eles mais substancial que tudo o mais: o maior número possível de vantagens pessoais e de diversões. Nestas águas turvas de intrigas e de enredos que formigavam no quartel-general do imperador era possível atingir situações que noutra altura se não poderiam conseguir. Um, para não perder uma situação vantajosa, era hoje partidário de Pfuhl, amanhã do adversário deste, e depois de amanhã afirmava não ter opinião sobre determinado ponto, e isto apenas para evitar assumir responsabilidades e agradar ao imperador.

Outro, desejoso de se colocar bem, chamava sobre si a atenção do soberano fazendo muito barulho a propósito de unia, observação que o imperador fizera na véspera, discutia, gritava no conselho, batendo no peito, desafiava para duelo aqueles que não eram da sua opinião e tudo isto para demonstrar que estava pronto a sacrificar-se pelo interesse geral. Um terceiro, entre dois conselhos, e na ausência dos seus inimigos, solicitava muito simplesmente auxílio pecuniário por motivo dos seus fiéis serviços, convencido de naquele momento não haver tempo para lho recusarem. Um quarto procurava encontrar-se sempre, como que por acaso, esmagado de trabalho ante os olhos do imperador. Um quinto, para alcançar um objectivo ardentemente ambicionado — sentar-se à mesa imperial —, demonstrava encarniçadamente a justeza ou a falsidade de uma opinião recentemente adoptada e para tal servia-se de argumentos mais ou menos sólidos e justos,

Toda esta gente não pensava noutra coisa senão em caçar dinheiro, cruzes, categorias, e nessa caçada não seguia outra pista que não fosse o penacho da mercê imperial, e assim que verificava que esse penacho se voltava para determinado ponto, todo esse enxame de zangãos batia as asas na mesma direcção, de tal sorte que se tornava por assim dizer impossível ao imperador fazê-lo girar noutro sentido. Em presença da incerteza da situação, da gravidade de um perigo iminente, que dava a todas as intrigas um carácter muito alarmante, no

meio daquele remoinho de intrigas, de ambições e conflitos entre pontos de vista e tendências diferentes, na confusão daquela gente de nacionalidades várias, este oitavo grupo, o mais numeroso, exclusivamente preocupado com os seus interesses pessoais, contribuía de maneira singular para tornar a marcha geral mais difícil e complicada. Fosse qual fosse a questão que se levantasse, este enxame de zangãos, sem ter ainda resolvido um problema, tratava de voar para outro, ensurdecendo com os seus zumbidos e abafando cada vez mais as vozes sinceras que tomavam parte na discussão.

Na altura da chegada do príncipe André ao exército acabava de se constituir um novo partido, cuja voz apenas principiava a ouvir-se, Era o partido das pessoas idosas, sensatas, com experiência de assuntos políticos e que sabiam, sem partilhar nenhuma das opiniões contraditórias enunciadas, examinar objectivamente tudo quanto se passava no quartel-general, procurando maneira de acabar com a incerteza, a indecisão, a confusão e a fraqueza.

Esta gente dizia e pensava que o mal provinha antes de mais nada da presença do imperador e da sua corte militar junto do exército, que se haviam transplantado para o campo de batalha os hábitos de versatilidade, de hesitação e de indiferentismo, talvez próprios da corte mas fatais no exército, e que o papel de um soberano era o de reinar e não o de comandar tropas, e que a, única saída para a situação consistia na partida do imperador e da sua corte. Bastava a sua presença para paralisar cinquenta mil soldados, indispensáveis para assegurar a sua guarda pessoal, e que o mais medíocre dos generais— chefes, sentindo-se independente, valia mais que o melhor deles enleado pela presença e pela vontade soberana do imperador.

Quando o príncipe André vivia em Drissa, sem ocupar-se em quaisquer funções definidas, o secretário de Estado, Chichkov, um dos membros mais influentes deste partido, escreveu uma carta ao imperador, que Balachov e Araktcheiev concordaram em assinar também.

Aproveitando a autorização que lhe fora concedida de apreciar a marcha geral das operações, propunha ao soberano, em termos respeitosos e salientando a necessidade de acordar o valor bélico do povo da capital, que abandonasse o exército.

Esta necessidade de animar o moral do povo, de chamá-lo à defesa da pátria, acção que mais tarde se tornou eficaz com a presença pessoal de Alexandre em

Moscovo e que veio a ser uma das razões principais da vitória russa, foi exposta ao imperador e por ele aprovada, ficando decidida a sua partida.

[X]

Ainda esta carta não fora entregue ao imperador quando um dia Barclay, durante uma das refeições, disse a Bolkonski que Sua Majestade desejava vê-lo para o interrogar sobre a Turquia e que devia apresentar-se a Bennigsen nesse mesmo dia às seis horas.

Nessa mesma altura chegou ao quartel-general do imperador a notícia de um novo avanço de Napoleão que podia tornar-se perigoso para o exército, notícia esta que depois se reconheceu ser inexacta. Pela manhã, o coronel Michaux percorrera com o imperador as defesas de Drissa e provara que aquele campo entrincheirado construído Por Pfuhl, e que gozava da fama de obra-prima de técnica, destinado a vir a ser a ruína de Napoleão, não só não passava de uma utopia mas poderia vir a ser a perda do exército russo.

O príncipe André apresentou-se no alojamento de Bennigsen, que estava instalado numa casa senhorial nas margens do rio. Não encontrou nem Bennigsen nem o imperador, mas Tchernichov, o ajudante-de-campo do czar, recebeu Bolkonski e explicou-lhe que o soberano fora, na companhia do general Bennigsen e do marquês Paulucci, inspeccionar, pela segunda vez nesse dia, as fortificações do campo, sobre cujo valor defensivo principiavam a correr sérias dúvidas.

Tchernichov lia um romance francês à janela da primeira sala. Esta dependência servira provavelmente outrora de salão; ainda lá se via um harmónio, sobre o qual se empilhavam tapetes. A um canto estava a cama de campanha do ajudante-de-campo de Bennigsen. O ajudante-de-campo estava presente. Provavelmente cansado por algum divertimento ou por muito ter trabalhado, dormitava na cama de campanha, Duas portas abriam Para esta dependência: uma, em frente, dava directamente para o antigo salão, a outra, à direita, para um gabinete. Através da primeira ouvia-se falar alemão e de longe em longe francês. No antigo salão, por desejo do Imperador, reunira-se não um conselho de guerra, pois o czar gostava das designações vagas, mas um grupo de

pessoas cuja opinião queria conhecer rias circunstâncias actuais. Não era um conselho de guerra, mas uma espécie de reunião de personalidades selectas para esclarecer certos problemas para interesse próprio do imperador. Tinham sido convocados: o general sueco Armfeld, o ajudante-de-campo Woltzogen, Wintzengerode, a quem Napoleão chamava o súbdito francês foragido, Michaux, Toll, o conde Stein, que não era militar, e finalmente Pfuhl, que, como André veio a perceber, era a trave mestra do caso de que se tratava. André teve ocasião de o examinar muito bem, pois Pfuhl chegou pouco depois dele e passou pelo salão, detendo-se um momento a falar com Tchernichov.

A primeira vista, Pfuhl, com o seu uniforme de general russo mal feito, e que lhe ficava tão mal que parecia disfarçado, deu-lhe a impressão de alguém muito seu conhecido, embora nunca o tivesse visto antes. Parecia-se muito vagamente com os Weirother, os Mack, os Schmidt, com tantos outros generais teóricos que ele tivera oportunidade de ver em 1805, embora fosse mais típico que todos os demais. Nunca vira um alemão que reunisse a tal ponto os traços característicos de todos os alemães.

Pfuhl era de pequena estatura, mas de sólida compleição, bacia larga e omoplatas ossudas. Tinha a cara sulcada de rugas f, os olhos profundamente enterrados nas órbitas.

Devia ter passado uma escova pelos cabelos, à frente e nas têmporas, mas atrás mechas soltas pendiam, ridiculamente. Entrou lançando à sua roda olhares inquietos e furiosos, como se tudo receasse na vasta sala em que penetrava. Segurando na espada desajeitadamente dirigiu-se a Tchernichov, perguntando-lhe em alemão onde estava o imperador. Era evidente que desejava atravessar a sala à pressa e desembaraçar-se das saudações e dos cumprimentos habituais para se instalar diante de um mapa, o seu elemento natural. Fez com a cabeça repetidos e breves acenos, enquanto ouvia Tchernichov, e teve um sorriso irónico quando este lhe disse que o imperador examinara o entrincheiramento que ele, Pfuhl, construíra segundo as suas teorias. Numa voz rude de baixo, como é própria dos alemães muito seguros de si, resmungou para si mesmo: «Imbecil... está tudo estragado... Daqui não sai coisa que preste.» (Em alemão no texto original. (N dos T.) O príncipe André, que não conseguia perceber distintamente o que ele dizia, quis afastar-se, mas Tchernichov apresentou-o a Pfuhl, dizendo que ele acabava de chegar da Turquia, onde a guerra findara vitoriosa, Pfuhl mal o olhou: disse rindo:

«Devia ter sido uma rica guerra táctica.» (Em alemão no texto original. (N dos T.) E com um riso desdenhoso penetrou na sala onde se ouviam vozes.

Pfuhl, irritável por natureza e propenso à ironia, estava evidentemente furioso por terem ousado na sua ausência examinar o seu campo entrincheirado, atrevendo-se a criticá-lo. Mercê daquela rápida entrevista com Pfuhl, e graças ao que vira em Austerlitz, não foi difícil ao príncipe André ficar com uma ideia muito nítida de tal personagem. Pfuhl era criatura de uma só peça e de uma teimosia tal que seria capaz de afrontar o martírio em defesa das suas ideias; era como só os Alemães sabem ser, pois só eles são capazes de uma cega confiança nas noções abstractas, na ciência, isto é, no conhecimento pressuposto da verdade absoluta.

O Francês é um homem seguro de si, persuadido de que, pessoalmente, quer pelo espírito, quer pelo físico, exerce uma irresistível sedução tanto nos homens como nas mulheres. O Inglês também, goza da mesma segurança por estar persuadido de que é cidadão do Estado mais bem organizado do mundo, e daí saber sempre, na sua qualidade de inglês, que o que deve fazer e faz é indiscutivelmente perfeito. Pelo seu lado, o Italiano tem confiança em si próprio porque facilmente se emociona, esquecendo-se ainda mais depressa de si e dos outros. Ao Russo também não falta confiança, visto que tudo ignora e nada quer saber e estar convencido de que ninguém pode saber seja o que for. No que diz respeito ao Alemão, porém, esse é o pior de todos, mais obstinado que ninguém e mais desagradável para todo o mundo, convencido de que conhece a verdade, ou seja a ciência que ele próprio fabrica, para ele, a verdade absoluta.

Evidentemente Pfuhl era assim mesmo, Tinha na sua mão uma ciência: isto é, a teoria do movimento oblíquo, colhida na história das guerras de Frederico, o Grande, e vai daí tudo quanto observava na história das guerras recentes a seus olhos não passava de insensatez, barbaria e um tremendo caos. Tailtos eram os erros nelas cometidos que a bem dizer nem sequer mereciam o nome de guerras. Como não acertavam com a sua teoria, não podiam mesmo ser objecto de estudo,

Em 1806, Pfuhl fora um dos autores do plano que conduzira a leria e a Auerstaedt, mas o resultado dessa campanha não lhe Provara a falsidade da sua teoria, Pelo contrário, em sua opinião haviam sido precisamente os desvios dela as únicas causas do seu malogro e por isso dissera com ironia, muito contente de si próprio, coisa que lhe era peculiar: «Imbecil... está tudo estragado... vai tudo por água abaixo... » (Em alemão no texto original. (N dos T.)

Pfuhl pertencia à família desses teóricos que de tanto amarem as teorias em si acabam por esquecer-lhes os fins, ou seja a sua aplicação prática. Por amor da própria teoria odiava tudo quanto fosse prático, recusando sistematicamente prestar atenção a esse aspecto. Até o próprio fracasso lhe dava satisfação, uma vez que o insucesso provocado pela violação da teoria na sua aplicação prática só servia para lhe provar a ele a justeza da teoria que professava.

As poucas palavras que trocara com o príncipe André e Tchernichov sobre a guerra em curso foram pronunciadas no tom de quem sabe de antemão que tudo correrá mal e nada mais pode fazer senão lamentar que assim seja. O tufo de cabelos que lhe fustigava a nuca e as têmporas penteadas a preceito estavam a dizer isso mesmo com particular eloquência. Entrou na sala contígua e imediatamente se principiou a ouvir a sua voz rabugenta de baixo.

[XI]

Ainda o príncipe André não tivera tempo de ver desaparecer a figura de Pfuhl quando entrou, apressadamente, o conde de Bennigsen. Cumprimentando— o com um aceno de cabeça, penetrou no gabinete depois de ter dado ordens ao ajudante-de-campo. Como o imperador vinha logo atrás dele, tinha pressa de tomar algumas disposições antes de o receber. Tchernichov e André vieram até à escadaria da entrada. Com ar fatigado, o imperador desmontava. O marquês Paulucci dirigiu-lhe a palavra. O czar, inclinando a cabeça para a esquerda, ouvia, descontente, o que Paulucci lhe dizia, e este exprimia-se com uma violência desusada. O imperador, que evidentemente queria pôr ponto final naquele discurso, principiou a andar, mas o italiano, muito afogueado pela exaltação de que se achava possuído, esquecendo as conveniências, foi-lhe no encalço, falando sempre.

— Quanto aquele que aconselhou este campo, este campo de Drissa — dizia Paulucci, enquanto o imperador, subindo os degraus da escada, fixava o príncipe André, que, de momento, parecia não conhecer. — Quanto aquele, Sire — teimava ele num ímpeto de quem não pode dominar-se —, que aconselha o campo de Drissa, não vejo outra alternativa senão a casa amarela (Hospital de alienados,

geralmente pintado de amarelo (N, dos T.) ou a forca.

Sem esperar pela conclusão do discurso e como se não tivesse ouvido o que dizia o italiano, o imperador, que acabava de reconhecer Bolkonski, dirigiu-se-lhe, muito cortês:

— Gostei muito de te ver: entra para a sala em que eles estão reunidos e espera lá por mim.

O czar penetrou no gabinete, onde o seguiram o príncipe Piotre Mikailovitch Volkonski e o barão Stein, e a porta fechou-se.

O príncipe André, servindo-se da autorização do imperador, entrou com Paulucci, a quem conhecera na Turquia, no salão onde estava reunido o conselho.

O príncipe Piotre Mikailovitch Volkonski desempenhava então as funções de chefe do estado-maior do imperador. Veio do gabinete com uns mapas que desdobrou em cima da mesa do salão. Depois pôs à assembleia as questões acerca das quais desejava conhecer a opinião dos presentes. Recebera-se durante a noite a notícia — que depois veio a saber-se, aliás, ser falsa —, de que os Franceses se propunham contornar o campo de Drissa.

O primeiro a usar da palavra foi o general Armfeld. Inesperadamente, para enfrentar as dificuldades que se levantavam, propôs que se ocupasse uma posição completamente nova e que nada justificava (salvo o desejo que tinha de fazer ver que também podia ter uma opinião) a retirada das estradas de Petersburgo e Moscovo, posição essa na qual, segundo ele, o exército devia concentrar-se para ai aguardar o inimigo. Via-se perfeitamente que este plano de há muito estava elaborado pelo seu autor, o qual, se o expunha naquele momento, era menos para responder às questões formuladas, a que, aliás, nenhuma resposta dava, que para aproveitar a ocasião de o tornar conhecido, Era uma dessas numerosas propostas, nem melhor nem pior que qualquer outra aos olhos de quem quer que fosse sem a menor ideia do que aquela guerra viria a ser. Houve quem a combatesse e quem a defendesse. O moço general Toll, com mais ardor que nenhum outro, criticou esse plano, e, extraindo da algibeira um manuscrito, pediu licença para proceder à sua leitura. Nessa exposição, amplíssima, propunha um plano de campanha inteiramente oposto ao de Armfeld e de Pfuhl. Para o refutar, Paulucci aconselhou a ofensiva e o ataque, única solução, em seu parecer, para arrancá-los a todos da incerteza e da ratoeira, nome que dava ao campo de Drissa, onde se encontravam. Durante a discussão, Pfuhl e o seu intérprete Woltzogen — era obrigado a fazer

passar através dele todas as suas comunicações com a corte mantinham-se calados. Pfuh1 limitava-se a fungar desdenhosamente e a voltar as costas, mostrando que nunca desceria a refutar as tolices que ouvia. Quando o príncipe Volkonski, que presidia ao debate, lhe pediu que expusesse a sua opinião, limitou-se a dizer:

— Para quê? O general Armfeld propôs-lhe uma posição magnífica com as retaguardas descobertas. Podem escolher, igualmente, ou o ataque desse senhor italiano, que também é óptimo, ou então a retirada, que é melhor ainda (Em alemão no texto original. (N, dos T,). Para que pedem a minha opinião? Os senhores sabem tudo melhor do que eu.

Quando Volkonski franziu o sobrolho, dizendo pedir-lhe a sua opinião em nome do imperador, ele levantou-se, exaltando-se de repente, e prosseguiu:

— Estragaram tudo, complicaram tudo: toda a gente queria saber mais do que eu e agora recorrem a mim. Como reparar o que está mal? Nada há a reparar. O que é preciso é aplicar exactamente os princípios que eu estabeleci — afirmou, batendo com o dedo ossudo em cima da mesa. — Onde está a dificuldade da situação? Tolices! Kinderspiel! (Brincadeira de crianças. (N, dos T)

Aproximou-se da mesa e pôs-se a falar muito depressa, enquanto ia batendo no mapa com a ponta do dedo seco, demonstrando que nenhum acontecimento imprevisto poderia modificar a eficácia do campo de Drissa, que tudo fora previsto e que se de facto o inimigo tentasse um movimento de flanco acabaria inevitavelmente por ser aniquilado.

Paulucci, que não sabia alemão, interrogou-o em francês. Woltzogen acorreu em auxílio do seu chefe, que falava mal o francês, e traduziu as suas explicações, seguindo-o com muita dificuldade, pois Pfuhl demonstrava, cada vez mais rápido, que, tudo, tudo, fora previsto no seu plano, não só o que acontecera, mas também o que viria a acontecer, e que se presentemente algumas dificuldades se levantavam o mal advinha de o não terem executado tal qual. E continuava a fungar ironicamente, prosseguindo na sua demonstração. Por fim deixou de argumentar pela mesma razão que um matemático desiste de apresentar provas de um problema demonstrado, Woltzogen substituiu-o, e continuou a expor, em francês, as ideias de Pfuhl, dizendo de vez em quando: «Não é verdade, Excelência?» (Em alemão no texto original. (N, dos T) Pfuhl, como um soldado que na excitação da batalha se põe a disparar contra os seus camaradas, gritava,

furioso, a Woltzogen:

— Pois claro, pois claro, para quê tantas explicações? Tanto Paulucci como Michaux refutavam Woltzogen, » mesmo tempo, em francês. Armfeld dirigia-se a Pfuhl em alemão. Toll explicava em russo a Volkonski o que todos eles diziam. O príncipe André ouvia e observava em silêncio.

De entre todas aquelas personalidades, a que lhe despertava maior simpatia era Pfuhl, esse homem irascível, decidido e doidamente seguro de si próprio. De todos quantos ali estavam era aquele o único que nada queria para ele, a ninguém tinha inimizade. Apenas pretendia uma coisa: pôr em execução um plano assente numa teoria que lhe custara anos de trabalho. Evidentemente que era ridículo e desagradável com a sua permanente ironia, mas apesar de tudo inspirava respeito, graças â absoluta devoção pelas suas ideias. Aliás, em todos os discursos pronunciados, à excepção de Pfuhl, havia um traço comum, coisa que se não verificava nos do conselho de guerra de 1805: sentia-se neles uma espécie de terror pânico, conquanto dissimulado, perante o génio de Napoleão, e esse pânico transparecia nos argumentos mais insignificantes. Estavam convencidos de que aquele homem era capaz de tudo, esperavam vê-lo aparecer em toda a parte ao mesmo tempo e o seu temido nome servia a cada um para dar um golpe de morte na posição do adversário. Só Pfuhl se atrevia a considerar bárbaro Napoleão, pela mesma razão que considerava bárbaro qualquer que se opusesse às suas teorias, Além do respeito que Pfuhl lhe inspirava, o príncipe André sentia por ele uma espécie de piedade. Pelo tom que tomavam os cortesãos ao dirigir-se-lhe, pelo que Paulucci se permitira dizer ao imperador, e sobretudo pelo amargor e pela violência de que as suas próprias palavras vinham repassadas, era evidente todos estarem certos, e ele mesmo já desconfiava disso, de ser chegada a hora da sua ruína. Eis porque, não obstante a sua segurança e a sua acerba ironia de alemão, causava dó, com as melenas empastadas nas fontes e os tufos de cabelo a caírem-lhe na nuca. Embora dissimulasse os seus sentimentos por detrás de umas maneiras irritadas e desdenhosas, via-se que estava desesperado por ver fugir-lhe a ocasião única de verificar em vasta escala as suas teorias e de poder prová-las aos olhos do mundo.

Os debates prolongaram-se por muito tempo e quanto mais se prolongavam mais exaltados se mostravam os contendores, que gritavam e faziam alusões pessoais, e menos probabilidades havia de extrair qualquer conclusão prática de

tudo quanto se dissera.

No meio de toda aquela confusão de línguas, de todas aquelas hipóteses, de todos aqueles planos, de todas aquelas contradições e de todos aqueles gritos não pôde o príncipe André deixar de se mostrar surpreendido que fosse possível falar-se tanto. Enquanto estivera no exército várias vezes fora levado a pensar que não havia nem podia haver uma ciência da guerra e que por isso mesmo se não devia falar num suposto génio militar. E eis esta ideia confirmada agora com a plena evidência da verdade. ,Como falar-se em teoria e ciência numa matéria em que as condições e as circunstâncias são desconhecidas, não podendo ser definidas de antemão, e em que as forças actuantes mais dificilmente ainda podem ser determinadas? Nunca ninguém soube nem nunca ninguém poderá saber qual a posição do nosso exército e a do inimigo dentro de vinte e quatro horas e qual a acção deste ou daquele destacamento. Partindo do princípio de que na primeira fileira, em vez de um poltrão que debande a gritar: 'Estamos cortados!' se ouve, em seu lugar, um moço, valente e decidido, gritando 'Hurra!, aí temos como um destacamento de cinco mil homens vale mais de que um corpo de exército de trinta mil. Esse o caso de Schöngraben. O que não impede que, noutra altura, cinquenta mil homens debandem diante de oito mil. Assim acontecera em Austerlitz. Como falar em ciência numa matéria em que, como sucede com todas as coisas da vida prática, nada pode ser previsto antecipadamente e tudo depende de circunstâncias imponderáveis cuja importância surge de um momento para o outro, sem que ninguém saiba quando chegará a sua hora? Armfeld sustenta que, o nosso exército está cortado: Paulucci, pelo contrário, afirma que colocámos o exército francês entre dois fogos; Michaux diz que o campo entrincheirado de Drissa é desvantajoso, pois o no lhe fica na retaguarda, enquanto Pfuhl mantém ser precisamente isso que lhe dá força. Toll propõe um plano, Armfeld propõe outro.

«Todos estes planos são igualmente bons e igualmente maus e as vantagens de cada um deles não podem tornar-se evidentes senão no próprio momento em que os acontecimentos vierem a cumprir-se. Porque falta então toda a gente em génio militar? Será génio aquele que saiba abastecer a tempo de biscoitos o exército e envie Fulano para a direita e Sicrano para a esquerda? A verdade é esta: os génios militares são brilhantes e poderosos e há uma multidão de cobardes sempre pronta a lisonjear o poder, chamando a tais homens génios e

atribuindo-lhes qualidades extraordinárias. Em vez de génios, os melhores generais que eu conheci eram estúpidos ou pouco sérios. Bagration, por exemplo, o melhor de todos, como o próprio Napoleão o reconheceu. E Bonaparte? Lembro-me perfeitamente da sua máscara cheia de suficiência na batalha de Austerlitz. Um bom militar nem precisa de ser génio nem de ter qualidades especiais. Pelo contrário, deve ser desprovido do que há de melhor e de mais elevado no homem: o amor, a poesia, a ternura, a dúvida filosófica, filha da experiência. Deve ser limitado, estar persuadido de que é de alta importância tudo quanto faz. De outro modo faltar-lhe-á a persistência; só assim será um valoroso capitão. Que Deus o de — fenda de amar alguém, de se afeiçoar seja a quem for, de ser compadecido, de pensar no que é justo e no que o não é. Compreende-se que desde tempos imemoriais se tenha inventado para galardão seu a teoria do génio, pois, em verdade, representa o poder. O êxito ou o desaire de uma acção militar não podem ser-lhe atribuídos, mas ao soldado que nas fileiras grita: 'Estamos perdidos!' ou então exclama 'Hurra!' Somente nas fileiras um homem pode servir convencido de que é útil!»

Assim pensava o príncipe André enquanto ouvia as discussões e só deu por si quando todos se levantaram e Paulucci o chamou. No dia seguinte, durante a revista, o imperador perguntou a André onde desejava prestar serviço. E foi então que ele para sempre perdeu os seus créditos junto da corte pedindo que o deixassem prestar serviço na frente de batalha, em lugar de se deixar ficar na comitiva do soberano.

[XII]

Antes do princípio da campanha, Rostov recebera uma carta dos pais onde estes o informavam sumariamente da doença de Natacha e do seu rompimento com o príncipe André, rompimento que lhe explicaram como tendo sido provocado pela irmã, e de novo lhe rogavam que pedisse baixa do exército e voltasse para junto deles. Nicolau, quando recebeu esta carta, não tentou sequer obter licença ou autorização para deixar a tropa, e escreveu aos pais a dizer-lhes estar muito zangado por causa da doença de Natacha e do malogro do seu noivado, e que faria todo o possível para cumprir os desejos deles. A Sónia escreveu separadamente:

> Adorada amiga do meu coração.
>
> Nada, a não ser a honra, me impediria de regressar a casa. Mas neste momento, na altura em que se inicia u campanha, considerar-me-ia desonrado, não só perante os meus camaradas mas aos meus próprios olhos, se preferisse a minha felicidade ao meu dever e ao meu amor pela pátria. Esta será, porém, a nossa última separação, podes crer: assim que a guerra acabar e se eu for vivo e tu ainda me quiseres, deixarei tudo e correrei a apertar-te para sempre contra o meu coração fervoroso e apaixonado.

E, com efeito, só o início da campanha retivera Rostov e o impedira, como prometera, de voltar a casa para casar com Sónia.

O Outono em Otradnoie, com as suas caçadas, o Inverno, com as suas festas do Natal, e o amor de Sónia prometiam-lhe toda uma perspectiva de serenas alegrias e o, sossego de uma fidalga vida que ele outrora não conhecera e tanto o seduzia agora. «Uma esposa dedicada, filhos, uma boa matilha de cães com dez ou doze casais de vigorosos galgos, os trabalhos agrícolas, os vizinhos e as funções que competem à nobreza...», pensava Nicolau.

Mas havia guerra e impunha-se-lhe ficar no regimento. E como tinha de ser, Nicolau Rostov, por índole, parecia satisfeito com a vida assim que levava no exército, procurando torná-la agradável.

No regresso da licença fora acolhido com grande alegria pelos camaradas. E,

encarregado da remonta, trouxera consigo da Pequena Rússia óptimos cavalos, que muito o entusiasmaram e lhe mereceram as felicitações dos chefes. Durante a ausência fora promovido a capitão e quando o regimento foi colocado em pé de guerra, com os efectivos reforçados, deram-lhe o comando do seu antigo esquadrão.

A campanha principiou, o regimento foi enviado para a Polónia, dobraram os soldos, chegaram novos oficiais, praças novas, cavalos, e especialmente passou a reinar na tropa a animação de todas as novas campanhas. Rostov, que apreciava as vantagens da sua posição, entregou-se inteiramente aos prazeres e aos deveres do serviço militar, sabendo perfeitamente que mais tarde ou mais cedo teria de abandonar o exército.

As tropas tinham evacuado Vilna por diversas e complicadas razões: razões de Estado, razões políticas e tácticas. Cada passo à retaguarda era pretexto para toda uma rede de complicações de interesses, de combinações, e todo um jogo de paixões do estado-maior. Para os hússares do regimento de Pavlogrado esta retirada, na melhor estação do ano, com abastecimentos em abundância, não passava de uma agradável excursão. Tudo quanto fossem tristezas, inquietações, intrigas, era com o quartel-general no seio do exército ninguém perguntava para onde iam e qual o motivo daquela retirada.

A única coisa que levava a tropa a lamentar ter de bater em retirada era o facto de se ver obrigada a mudar do alojamento a que estava afeita, renunciando à bela polaca local. Se porventura algum dos oficiais se lembrava de pensar que as coisas não corriam bem, logo tratava de se sentir alegre, como é próprio de todo o bom soldado, e não pensava na situação geral, preocupando-se exclusivamente com as suas ocupações imediatas. De princípio estiveram alegremente acantonados em volta de Vilna, travando conhecimento com os proprietários polacos e preparando-se constantemente para as revistas que eram passadas pelo imperador e outros altos postos militares.

Depois vieram ordens para retirarem sob Sventsiany e destruírem os abastecimentos que não fosse possível transportar. Sventsiany ficou memorável para os hússares, pois esse acampamento veio a ser conhecido por todo o exército pelo «campo dos borrachos», sendo muitas as queixas que se receberam por virtude de as tropas, que tinham ordem para se abastecer junto dos habitantes, haverem requisitado aos proprietários polacos, em matéria de abastecimentos,

cavalos, equipagens e tapetes. Rostov lembrava-se muitíssimo bem de Sventsiany. No próprio dia da chegada vira-se obrigado a meter na ordem o sargento, nada podendo conseguir dos soldados do seu esquadrão, que se tinham emborrachado, bebendo cinco barris de cerveja velha roubada. Depois de Sventsiany cada vez recuava mais até ao Drissa, e ainda para além do Drissa, aproximando-se das fronteiras russas.

A 13 de Julho, pela primeira vez, o regimento de Pavlogrado tomou parte numa operação séria.

A 12, pela noite, levantou-se uma grande tempestade com forte chuva e granizo. O Estio de 1812 foi particularmente assinalado por numerosas tempestades.

Dois esquadrões do regimento de Pavlogrado acampavam numa seara de cevada pisada pelos homens e pelo gado. Chovia a cântaros, e Rostov, mais o moço oficial Iline de nome, a quem tomara sob a sua protecção, abrigaram-se numa cabana construída ao deus-dará.

Um oficial do regimento, de grandes bigodaças, que regressava do quartel-general e fora surpreendido pela chuva, entrou no abrigo de Rostov:

— Acabo de chegar do estado-maior, conde. Já ouviu falar da façanha de Raievski?

E o oficial pôs-se a contar o que soubera acerca da batalha de Saltanovka.

Rostov, voltando o pescoço, onde a chuva penetrava, fumava o seu cachimbo e ouvia, com ar distraído, olhando de vez em quando para Iline, todo encolhido junto dele. Este oficial, um rapazote dos seus dezasseis anos chegado havia pouco ao regimento, era agora tratado por Nicolau como ele o fora, anos antes, por Denissov. Iline fazia por imitar Rostov em tudo e dir-se-ia enamorado dele como uma mulher.

O oficial da bigodaça, Zdrzinski, contava, enfático, como o dique de Saltanovka era agora as Termópilas russas e como o general Raievski aí realizara uma façanha digna da antiguidade. Raievskl, sob intenso fogo inimigo, conduzira os seus dois filhos até ao dique e lançara-se na batalha com eles a seu lado. Rostov escutava o relato não só sem uma palavra que encorajasse o narrador, mas inclusivamente com uma cara que dir-se-ia envergonhada pelo que ouvia, embora nada tivesse que objectar. Depois de Austerlitz e da campanha de 1807, sabia, por experiência própria, que quem conta um episódio militar nunca fala inteiramente verdade,

como com ele próprio acontecera então. Além disso, já era bastante experimentado na guerra para saber que nada se passa no campo de batalha como as pessoas o imaginam ou como é costume virem a contá-lo mais tarde. Por tudo isso, não lhe agradava o relato e também porque não morria de amores por Zdrzinski, que, com as suas bigodaças, tinha o péssimo costume de se debruçar sobre o interlocutor, estando a ocupar muito espaço na acanhada choupana. Rostov olhava para ele sem dizer palavra. «Em primeiro lugar, no dique em que se deu o ataque deve ter-se produzido uma tal barafunda e uma tal compressão que mesmo ainda que Raievski tivesse levado consigo os filhos, esse acto apenas poderia ter impressionado os dez ou doze homens que o rodeavam», pensava Rostov. «Os outros não podiam ter visto com quem é que Raievski pusera os pés no dique. E aqueles que porventura o tivessem visto não deviam ter sentido uma impressão por aí além, pois a verdade era esta: que lhes importavam a eles os sentimentos paternais do general, quando eles próprios estavam a dar o corpo ao manifesto? E depois, o destino da pátria não dependia da tomada de tal dique. Não vinha, pois, a propósito falar-se das Termópilas. E para que servia aquele sacrifício? Que ideia era aquela de arriscar a pele dos próprios filhos no campo de batalha? Eu, por mim, nunca me lembraria de expor assim roeu irmão Pétia, nem mesmo Iline, que não é meu parente, embora seja um belo moço. Pelo contrário, tudo faria para o deixar em lugar seguro. E Rostov assim ia pensando enquanto Zdrzinski falava, embora não lhe passasse pela cabeça dizer a alguém o que lhe ocorria naquele momento: a sua experiência pessoal dizia-lhe que era inútil. Sabia que todas aquelas histórias tinham por fim a glorificação dos exércitos russos; por isso o melhor era não pô-las em dúvida. E eis o que estava a fazer.

— Já não posso mais! — disse, por fim, Iline, que percebera que a algaraviada de Zdrzinski não agradava a Rostov. — As botas, a camisa, estou todo a escorrer. Vou tratar de arranjar outro abrigo. Parece-me que a chuva está a passar.

Iline abalou e Zdrzinski abalou também.

Cinco minutos depois já Iline estava de volta, patinhando na lama.

— Hurra! Rostov, despacha-te! Encontrei! A duzentos passos temos uma taberna, e os nossos já lá estão. Ao menos podemos enxugar a roupa. E está lá a Maria Henrikovna.

Maria Henrikovna era a mulher do médico do regimento: uma jovem e bonita alemã com quem ele se casara na Polónia. Ou porque não tivesse recursos para

deixar a mulher em qualquer outra parte, ou porque não quisesse separar-se dela, nos primeiros tempos de noivado levava-a sempre consigo atrás do regimento, e os ciúmes que isso lhe causava tornaram-no motivo de troça entre a oficialidade.

Rostov embrulhou-se no capote, e, chamando Lavnichka, mandou que levasse as suas coisas para a taberna. E lá foi com Iline, patinhando na lama, debaixo da chuva, que ia passando, no meio das trevas da noite, de onde em onde iluminadas pelos relâmpagos longínquos.

— Rostov, onde estás tu?

— Aqui. Olha, isto é que são relâmpagos — iam dizendo um para o outro.

[XIII]

A kibitka do médico estacionava diante da porta da taberna, onde já estavam quatro ou cinco oficiais. Maria Henrikovna, uma lourita alemã, roliça de carnes, de casaco e de touca de dormir, estava sentada, em lugar de honra, num grande banco, O marido, o médico, dormia atrás dela. Rostov e Iline foram recebidos com joviais exclamações e grandes risadas. — Ena! Vocês estão muito alegres por estes sítios! — disse Rostov, rindo.

— E vocês, porque estão vocês aborrecidos?

— Ah!, vêm em bonito estado! Deitam água por todos os lados! Nada de inundar o salão.

— É proibido sujar o vestido de Maria Henrikovna.

Rostov e Iline trataram de descobrir um recanto onde pudessem mudar de roupa sem ofender o pudor da mulher do médico. Passaram para o outro lado do tabique, para aí se despirem, mas o cubículo, iluminado por uma candeia pousada em cima de uma arca vazia, estava inteiramente ocupado por três oficiais que jogavam as cartas e por nada deste mundo lhes quiseram ceder o lugar. Maria Henrikovna então ofereceu-lhes a saia, que tirou para esse fim, com que eles fizeram um reposteiro, atrás do qual, auxiliados por Lavruchka, que lhes trouxera um carregamento de roupa, despiram as fardas molhadas e vestiram outras enxutas.

Acenderam a estufa desmantelada, Depois arranjaram uma tábua, que

colocaram sobre duas selas de montar, cobriram-na com a gualdrapa de um cavalo, puseram-lhe em cima um samovar, uma cantina e meia garrafa de rum, e, tendo pedido a Maria Henrikovna que fizesse as honras da casa, juntaram-se todos à sua volta. Um deles ofereceu-lhe o lenço de assoar para enxugar as roliças mãos: outro pôs-lhe debaixo do,—, pés, para os resguardar da humidade, o seu capote de hússar: um terceiro tapou a janela com o seu para não deixar entrar o vento, e um quarto deu-se a afugentar as moscas da cara do médico para ele não acordar.

— Deixem-no em paz — exclamou Maria Henrikovna, com um sorriso jovial e nada tímido. — Está a dormir, porque passou a, outra noite em claro.

— Impossível, Maria Henrikovna — replicou o oficial —, temos de ter cuidado com o doutor. Talvez seja a maneira de ele ter pena de nós quando for obrigado a cortar-nos um braço ou uma perna.

Só havia três copos. A água, de tão suja, tornara impossível saber se o chá estava forte ou fraco de mais, e no samovar apenas havia beberagem para seis copos. Contudo era uma satisfação para todos receber o seu copo, à vez, e por ordem de antiguidade, das mãos rechonchudas, de curtas unhas, e nada limpas, de Maria Henrikovna. Naquela noite dir-se-ia que todos os oficiais estavam realmente enamorados dela. Até os que se encontravam atrás do tabique a jogar as cartas acabaram por deixar o jogo, vindo juntar-se em volta do samovar, dispostos a fazer a corte a Maria Henrikovna. Ao ver-se rodeada de tantos moços distintos e corteses, a mulher do médico não cabia em si de contente, embora procurasse esconder essa satisfação e estivesse receosa de que o marido entretanto acordasse.

Havia apenas uma colher. O açúcar era de sobra, mas não se conseguia dissolvê-lo na beberagem. Foi por isso resolvido ser ela a mexer o açúcar de todos, cada um por sua vez. Rostov, depois de ter deitado rum num copo, pediu a Maria Henrikovna que lhe mexesse o chá.

— Mas o senhor não tem açúcar — exclamou ela, sorrindo sempre, como se tudo o que ela, dizia ou o que os demais diziam fosse engraçadíssimo e se prestasse a um segundo sentido.

— Não preciso de açúcar, o que eu queria era vê-la a mexer o meu chá com a sua linda mãozinha.

Maria Henrikovna acedeu e pôs-se à procura da colher de que alguém se havia apropriado.

— Mexa com o seu dedinho, Maria Henrikovna — disse Rostov —, ainda será mais gostoso.

— Mas está muito quente! — protestou ela, toda ruborizada de satisfação.

Iline pegou num jarro de água, deitou-lhe dentro algumas gotas de rum e aproximou-se de Maria Henrikovna, a quem pediu que o mexesse com o dedo.

— É a minha chávena — disse ele. Ponha lá o seu dedinho que eu bebo tudo.

Unia vez despejado o samovar, Rostov pegou nas cartas e propôs-se jogar aos reis com Maria Henrikovna. Tiraram à sorte, para ver quem seria o parceiro dela. Rostov propôs, e foi aceite, que quem fosse rei teria o direito de beijar a mão de Maria Henrikovna e aquele que perdesse seria obrigado a preparar um novo samovar para o médico, quando este acordasse.

— E se o rei for Maria Henrikovna? — perguntou Iline.

— Já é rainha! E uma ordem sua é uma lei.

Assim que principiou o jogo, por detrás de Maria Henrikovna ergueu-se a cabeça toda esguedelhada do médico. Havia algum tempo já que estava acordado, ouvindo o que se dizia. E via-se perfeitamente que aqueles ditinhos alegres nada tinham, para ele, de engraçado ou divertido. Era triste e aborrecida a sua expressão. Sem saudar os oficiais, coçou a cabeça e pediu licença para sair, pois vedavam-lhe o caminho. Mal ele desapareceu, todos romperam num estrondoso riso, o que fez com que Maria Henrikovna corasse muito, razão por que ainda ficou mais atraente aos olhos dos companheiros. Quando voltou a entrar, o médico disse à mulher, a qual perdera a vontade de rir e o olhava como se aguardasse, ansiosamente, a sentença que ele ia lavrar, que deixara de chover e que era melhor irem dormir para a kibitka, pois de outra maneira lhe roubariam as suas coisas.

— Se quiser mandarei uma sentinela... até duas — disse Rostov. — Não se preocupe, doutor.

— Eu próprio me encarrego de fazer de sentinela! — acrescentou Iline.

— Não, meus senhores, os senhores dormiram bem, mas eu há duas noites que não prego olho — disse o médico, sentando-se de má catadura ao pé da mulher, à espera que a partida acabasse.

O aspecto carrancudo do médico, que olhava a mulher de soslaio, ainda lhes tornou a cena mais divertida, e alguns deles não puderam reter o riso, rompendo em gargalhadas para que buscavam justificações adrede. Quando o médico e a

esposa foram alojar-se na pequenina kibitka, os oficiais deitaram-se no chão, cobrindo-se com os capotes molhados. Mas muito tempo levaram antes que adormecessem: ora se punham a comentar o ar carrancudo do médico e a jovialidade da mulher, ora vinham à porta espreitar o que se estava passando dentro da kibitka.

Por várias vezes, Rostov, cobrindo a cabeça, tentara dormir, mas os ditos deste e as saídas daquele não lho consentiam, e as conversas recomeçavam, bem como as gargalhadas infantis, joviais, sem tom nem som, que rompiam de todos os lados.

[XIV]

As três horas da manhã, ainda não tinham conseguido conciliar o sono, apareceu um sargento com ordem de retirarem imediatamente para a aldeia de Ostrovno.

Sem deixarem de palestrar e de rir, fizeram os oficiais apressadamente os preparativos da partida, e de novo acenderam o samovar, metendo-lhe dentro a mesma água suja. Rostov, sem aguardar que o chá estivesse pronto, tratou de abalar para o esquadrão. Já era dia, deixara de chover, as nuvens abriam clareiras no céu. Sentia-se frio e humidade, sobretudo os que tinham em cima, do corpo roupas mal secas. Quando saíram da taberna, Rostov e Iline, ao passarem, lançaram um olhar, através da semi-obscuridade da madrugada, às cortinas de couro da kibitka, todas reluzentes da chuva, por baixo das quais se estiraçavam as longas pernas do médico, e para o seu interior, onde se descortinava, numa almofada, a touca de noite de Maria Henrikovna, ouvia-se lá dentro ressonar.

— Realmente, é uma linda mulher — disse Rostov para Iline.

— É encantadora! — replicou Iline, com a gravidade dos seus dezasseis anos.

Meia hora mais tarde estava o esquadrão alinhado na estrada. A voz de comando «Montar!» ressoou. Os soldados persignaram-se e montaram a cavalo. Rostov tomou o comando da coluna e gritou: «Marchar!» Os hússares, quatro a quatro, no meio do estrépito das patas dos cavalos na lama da estrada, do entrechocar dos sabres e do rumor das conversas surdas, puseram-se a caminho ao longo da ampla estrada orlada de álamos, atrás da infantaria e da artilharia, que

caminhavam na vanguarda.

O vento varria rapidamente as nuvens de um azul-violáceo, todas avermelhadas lá para os lados donde nascia o Sol. Ia clareando cada vez mais. Via-se agora nitidamente a erva rasteira e frisada que corre sempre ao lado das estradas vicinais e que estava toda repassada da chuva da véspera. Os ramos dos álamos, todos molhados também, balançando ao vento, despediam gotas de água brilhantes. As caras dos soldados desenhavam-se cada vez mais distintamente. Rostov, com Iline, que o não deixava um só momento, cavalgava, ao longo da berma da estrada, entre duas fileiras de álamos.

Em campanha, Rostov dava-se ao luxo de montar, não um cavalo regimental, mas um cavalo de cossaco. Como aficcionado e entendedor que era, arranjara ultimamente um alazão do Dom, de crinas brancas, belo animal, vigoroso e possante, que nenhum outro podia vencer. Montá-lo era para ele um grande prazer. Pensando no seu cavalo, na manhã que chegava e na mulher do médico, nem um só momento lhe vinha à mente o perigo grande que os esperava.

Outrora, Rostov, antes de um combate, tinha medo; agora não sentia o mais pequeno receio. Não porque se tivesse acostumado à metralha (ninguém pode habituar-se ao perigo), mas aprendera a dominar a alma. Acostumara-se, quando ia para o combate, a pensar em tudo menos no que mais importava, a proximidade do perigo. Apesar de todos os seus esforços, não obstante chamar-se a si próprio cobarde, nos primeiros tempos fora-lhe muito difícil chegar àquele resultado, mas com os anos as coisas vieram naturalmente. Lá ia cavalgando, ao lado de Iline, entre os álamos, arrancando, de quando em quando, um ramo que lhe passava junto das mãos, outras vezes aflorando de leve com as esporas o ventre do cavalo, ou, sem se voltar, estendendo o cachimbo ao hússar que o seguia, tão tranquilo e despreocupado como se fosse em passeio. Grande era a compaixão que lhe inspirava o rosto alterado de Iline, que falava muito e se mostrava inquieto. Conhecia por experiência aquela angústia na expectativa do medo e da morte que apertava o coração do porta— estandarte Iline e sabia que só o tempo lhe daria remédio.

Assim que o disco do Sol apareceu numa faixa de céu descoberta, emergindo de entre as nuvens, o vento serenou como se não quisesse perturbar aquela magnífica manhã de Verão após aí, tempestade da noite. Ainda caíram algumas gotas de chuva, mas verticalmente já, e tudo se acalmou... O Sol descobrira-se por

completo, surgindo por cima da linha do horizonte e desaparecendo em seguida por detrás de uma longa e estreita nuvem. Minutos depois despontou de novo, mais brilhante ainda, pela parte superior da nuvem, cujos bordos se franjaram, Tudo se iluminou e cintilou. E, como que para saudar esta onda de luz, ouviu-se, lá longe, o troar do canhão. Ainda Rostov não tivera tempo de se dar conta da distância a que estavam a troar os canhões quando surgiu, a galope, dos lados de Vitebsk, um ajudante-de-campo do conde Ostermann Tolstoi com ordem de meterem a trote.

O esquadrão, ultrapassando a infantaria e, a bateria de artilharia, que igualmente aceleraram a sua marcha, meteu por uma ladeira, atravessou uma povoação abandonada pelos habitantes, e outra vez subiu a encosta. Os cavalos estavam cobertos de suor e os rostos dos soldados afogueados pela cavalgada,

«Alto! Alinhar!», gritou a voz do comandante. «A esquerda, marchar!»

Os hússares seguiram ao longo do flanco esquerdo das tropas e foram colocar-se por detrás dos ulanos da primeira linha, A direita, formando uma coluna compacta, estava a infantaria, que constituía a reserva. Por cima dela, na colina, destacavam-se os canhões russos iluminados pela luz clara e oblíqua da manhã. Lá para diante, no vale, divisavam-se as colunas e os canhões do inimigo. As primeiras linhas russas já tinham entrado em acção, trocando vivo tiroteio com os franceses,

Como se ouvisse os primeiros compassos de uma alegre melodia, Rostov regozijou-se com o ruído da fuzilaria, que havia muito não ouvia! Trap, ta, ta, tap! As descargas sucediam-se, ora simultaneamente, ora sucessivas, Depois tudo ficava silencioso, e de repente os estampidos recomeçavam, como se fossem petardos que alguém tivesse pisado,

Os hússares permaneceram quase uma hora no mesmo sítio, o canhoneio recomeçou. Seguido da sua escolta, passou o conde Ostermann por detrás do esquadrão. Parou, trocou algumas palavras com o comandante do regimento e afastou-se na direcção dos canhões instalados na colina.

Pouco depois de ele se ter afastado ouvia-se a voz do comandante dos ulanos gritar: «Formar, colunas! Atacar!» A infantaria, que os encobria, abriu fileiras para deixar passar a cavalaria. Com as flâmulas das suas lanças flutuando ao vento, os ulanos desceram a trote a encosta ao encontro da cavalaria francesa, que se divisava no sopé da colina, à esquerda.

Assim que os ulanos abandonaram a sua posição, os hússares receberam ordem de subir à cumeada para cobrirem a bateria. Enquanto este movimento se executava, algumas balas, gemendo e assobiando, passaram, perdendo-se no ar.

Este ruído, que Rostov há muito não ouvia, ainda mais o estimulou que os primeiros que ouvira, enchendo-o de força e de alegria.

Endireitou-se na sela e pôs-se a observar o campo de batalha, que se descortinava do alto, e com toda a sua alma tomou parte no ataque dos ulanos. Estes caíram sobre os dragões franceses.

No meio da fumarada houve um momento de confusão e cinco minutos depois os ulanos retrocediam a galope, não para o lugar que anteriormente ocupavam, mas um pouco mais para a esquerda. Por entre os uniformes alaranjados dos ulanos em seus cavalos alazões, e também na sua retaguarda, distinguia-se um grupo compacto de dragões azuis montados em cavalos cinzentos.

[XV]

Rostov, com o seu penetrante olhar de caçador, fora um dos que primeiro vira os dragões azuis na cola dos ulanos. Estes fugiam em debandada, e os franceses, que os perseguiam, cada vez se aproximavam mais deles. Já se podiam ver os homens, que lá no sopé da colina pareciam pequeníssimos, investirem agitando os sabres e os braços.

Rostov olhava para o espectáculo como se assistisse a uma caçada. Por instinto, compreendia que, se caísse, naquele momento, COM os seus hússares, sobre os dragões franceses, estes não resistiriam, mas era preciso agir imediatamente, de chofre; de outra maneira seria tarde de mais. Olhou à sua volta. O capitão, que estava a seu lado, também não perdia de vista a cavalaria lá no fundo da encosta.

— André Sevastianitch — disse. — Nós podíamos dar cabo deles...

— Realmente, que golpe magnífico — exclamou o capitão — e se...

Sem ouvir mais, Rostov esporeou o seu cavalo e pôs-se à frente do esquadrão. Não teve tempo de dar qualquer voz de comando; todos os seus homens, impelidos pelo mesmo sentimento, se precipitaram atrás dele. Nem ele próprio sabia como e

porque agira daquela maneira. Procedera como se estivesse numa caçada, sem pensar, nem reflectir. Ali muito perto via os dragões que galopavam. Tinha a convicção íntima de que não resistiriam. Sabia que, se perdesse a oportunidade, aquele minuto não voltaria. O assobio das balas excitava-o tanto, tamanha era a impaciência do seu cavalo, que não pudera resistir. No momento em que esporeava a montada, soltando o grito de comando, sentiu atrás de si todo o esquadrão que se agitava, e despediu a trote largo, pela encosta abaixo, direito aos dragões. Mal atingiram o fundo da encosta, os cavalos, espontaneamente, puseram-se a galopar, galope que se tornava cada vez mais rápido à medida que se aproximavam dos ulanos e dos dragões que os perseguiam. Estes estavam muito próximos. Os que iam na vanguarda, ao verem carregar os hússares, deram meia volta, e os da retaguarda pararam. Impelido pelo mesmo entusiasmo de quando se lançava atrás de um lobo, Rostov, lançando à rédea solta o seu cavalo do Dom, precipitou-se através das fileiras desordenadas dos dragões. Um ulano estacou, um soldado de infantaria deitou-se ao chão para não ser esmagado, um cavalo sem cavaleiro veio embater nos hússares. Quase todos os dragões fizeram meia volta. Rostov firmou-se num montado num cavalo cinzento, correu sobre ele. Na sua galopada surgiu-lhe diante uma moita; o seu rico cavalo empinou-se e galgou-a de um salto. Aguentando-se a custo em cima do selim, momentos depois Nicolau verificava ter apanhado o inimigo que se propusera atacar. Este, oficial, naturalmente, como se depreendia do uniforme, todo alapardado sobre o cavalo, galopava a mais não poder, fustigando-o com o sabre. Num abrir e fechar de olhos a montada de Rostov veio embater com os peitorais na garupa do cavalo do dragão, que por pouco não atirou a terra, ao mesmo tempo que Nicolau, sem saber o que fazia, brandia o sabre e feria o inimigo.

De súbito todo o seu entusiasmo se desvaneceu por completo.

O oficial caiu, não tanto em virtude da sabrada que recebera, a qual apenas lhe rasgara o braço um pouco acima do pulso, mas por causa do choque dos dois animais e do medo que o tornou. Refreando o seu cavalo, Rostov procurou-o com a vista para ver o homem a quem acabava de atacar. O oficial de dragões saltava, coxo, um dos pés preso no estribo. Fechava os olhos, franzia as sobrancelhas, cheio de medo, sempre à espera de receber uma nova cutilada, horrorizado, olhando, de baixo para cima, para o hússar. Aquele rosto, pálido e sujo de lama, muito infantil, de cabelos louros, olhos azul-claros, uma covinha no queixo, não era um rosto de

guerreiro, um rosto de inimigo, mas a mais simples das caras, uma cara de filho de família. Ainda Rostov não sabia o que ia fazer dele quando o oficial gritou: «Rendo-me!»

Tentando libertar o pé do estribo, sem o conseguir, continuava a fitar Rostov com os olhos azuis espavoridos. Os hússares que acorreram soltaram-lhe o pé e ajudaram-no a montar. Por todos os lados havia hússares a bater-se contra os dragões. Um deles estava ferido, e embora o sangue lhe escorresse pela cara abaixo não largava o cavalo; outro, com um hússar nos braços, cavalgava montado na garupa; um terceiro montava amparado por um hússar. A infantaria francesa acorria em reforço, disparando. Os russos trataram de se retirar, levando consigo os prisioneiros. Rostov ia atrás deles, dominado por uma penosa sensação, que lhe alanceava a alma. Despontava nele um pensa— mento obscuro, complicado, que não compreendia, desde que fizera prisioneiro aquele homem, e sobretudo desde que o atingira com o sabre.

O conde Ostermann Tolstoi acolheu os hússares, mandou chamar Rostov, felicitou-o e disse-lhe que comunicaria ao imperador o seu acto heróico, propondo-o para a cruz de S. Jorge. Quando o chamaram à presença do conde, lembrando-se de que atacara sem ordens superiores, ia convencido de que o iriam castigar por ter agido de moto próprio. Maiores foram por isso a sua surpresa e o contentamento que sentiu ao ouvir as palavras elogiosas de Ostermann e a promessa de uma recompensa. No entanto, o tal sentimento obscuro e penoso continuava a pesar-lhe no coração. «Então, que me está a atormentar?», perguntava a si Próprio, no regresso. «Iline? Não; esse está são e salvo. Procederia eu mal? Não. Não é nada disso.» Qualquer outra coisa o atormentava como um remorso. «Sim, sim, é aquele oficial francês com a covinha no queixo. Ah!, sim, já sei! Foi o meu braço que se deteve quando o ergui para o acutilar.»

Ao ver aproximar-se a leva dos prisioneiros quis tornar a Olhar para o francês. Lá vinha ele, com o seu estranho uniforme, montado num belo cavalo de hússar, lançando em roda olhares inquietos. A ferida que recebera no braço era por assim dizer insignificante. Sorriu para Rostov, com um ar embaraçado, acenando-lhe com a mão, como se o cumprimentasse. Também Rostov se sentiu embaraçado e quase com vergonha.

Durante todo aquele dia e no que se lhe seguiu, amigos e camaradas notaram que, embora não estivesse aborrecido ou zangado, permanecia silencioso,

pensativo e concentrado. Não lhe apetecia beber, procurava estar só e dir-se-ia obcecado por uma ideia qualquer.

Rostov não se cansava de pensar na proeza que com grande espanto seu lhe valera a cruz de S. Jorge e lhe fizera ganhar a reputação de herói, dizendo de si para consigo haver ali qualquer coisa que ele não podia compreender. «Então eles ainda têm mais medo do que eu!», dizia com os seus botões. «E é a isto que se chama heroísmo? Foi, realmente, pela minha pátria que eu fiz isto? E que culpa cabe àquele outro com a sua covinha no queixo e os seus olhos azuis? E o medo que teve! Julgava que eu o ia matar. E porque havia eu de o matar? Aliás, tremeu-me a mão. E dar-me-ão a cruz de S. Jorge! Realmente não consigo perceber!»

A verdade, porém, é que enquanto Rostov ia debatendo consigo todas estas interrogações, sem conseguir uma ideia clara do que o perturbava a tal ponto, a roda da fortuna, como tantas vezes acontece, rodava a seu favor. Depois da acção de Ostrovno foi promovido, nomearam-no comandante de batalhão e quando precisavam de um oficial corajoso para qualquer missão a ele se dirigiam.

[XVI]

Quando teve conhecimento da doença de Natacha, a condessa, que ainda não estava restabelecida e se sentia fraca, partiu para Moscovo com Pétia e toda a criadagem. A família abandonou a casa de Maria Dmitrievna e foi instalar-se na sua residência da capital, onde todos se reuniram.

A doença de Natacha era tão séria que, felizmente para ela e para os pais, as causas que a tinham provocado — o seu procedimento e o desmanchar do casamento — foram relegadas para segundo plano. Tão grave era o seu estado que ninguém pensava nas suas culpas e em tudo o que acontecera. Não comia, não dormia, emagrecia a olhos vistos, tossia e corria sério risco, como os médicos davam a entender. Não se podia pensar noutra coisa senão em tratá-la. Os médicos iam vê-la, quer separadamente, quer em conferência, discutiam muito em francês, alemão e latim, criticavam-se mutuamente, prescreviam os remédios mais variados, aptos para curar todas as doenças de que tinham conhecimento, mas

nunca pela cabeça de qualquer deles passou a ideia tão simples de que a doença de que ela padecia estava tão pouco ao seu alcance como qualquer dos muitos males de que sofre a criatura humana. Cada homem, com efeito, tem sua constituição particular e traz consigo a sua doença especial, uma doença só dele, nova, complicadíssima, desconhecida da medicina, uma doença que não é dos pulmões, nem do fígado, nem da pele, nem do coração, nem dos nervos, etc., não está descrita nos livros, mas é produto de inumeráveis combinações produzidas pela alteração dos órgãos. Esta ideia simplíssima não podia vir à cabeça dos médicos — pela mesma razão que uma bruxa não pode renunciar aos seus bruxedos —, pois que o mister deles era curar, para isso eram pagos, e a essas funções consagravam os melhores anos da sua vida. Se antes de mais nada, porém, lhes não vinha à cabeça uma tal ideia, é porque sabiam incontestavelmente serem úteis, e o facto é que eram de grande utilidade para todos os habitantes da casa Rostov. Não por fazerem com que a doente ingerisse drogas geralmente prejudiciais, cujo nefasto efeito era, de resto, atenuado por serem tomadas em pequeninas doses. Eram úteis, indispensáveis, inevitáveis pelo facto de darem satisfação às necessidades morais da doente e daqueles que lhe queriam, e é essa a razão por que há e sempre haverá curandeiros, charlatães, homeopatas e alopatas. Davam satisfação aos desejos, perenes no homem, de consolação, à avidez de simpatia que há nele, à necessidade de que se ocupem dele sempre que sofre. Davam satisfação a essa perene necessidade que nas crianças se observa sob a sua forma elementar esfregando o sítio em que se magoam. A criança que se magoa vai logo lançar-se nos braços da mãe ou da ama, na esperança de que elas a beijem e lhe esfreguem o lugar ofendido, e o certo é que se sente consolada assim que obtém estes carinhos. Não lhe passa pela cabeça que as pessoas mais fortes e mais crescidas do que ela sejam capazes de a não socorrer. E com efeito a esperança de um lenitivo, a simpatia que lhe testemunham enquanto a mãe lhe passa a mão pelo sítio lesado, eis quanto basta para a consolarem. Os médicos desempenhavam junto de Natacha o papel da mãe que beija o filho e lhe passa a mão pelo dói-dói. Diziam-lhe que o mal de que padecia se curaria desde que o cocheiro fosse comprar ao farmacêutico da Praça de Arbate, por um rublo e sete grivens, certos pós ou certas pílulas, numa caixinha muito bonita, e ela tomasse esses pós, sem falta, de duas em duas horas, nem mais nem menos, em água fervida.

Que seria de Sónia, do conde, da condessa, se todos tivessem de cruzar os braços em vez de cuidarem em dar-lhe essas pílulas de hora a hora, essas poções mornas, em vez de lhe prepararem esses caldos de galinha e tantas outras coisas prescritas pelos médicos, coisas para eles uma ocupação e uma consolação apreciáveis? Teria o conde podido suportar a doença da sua filha querida se não pudesse dizer consigo mesmo que esta já lhe custara mil rublos e que de bom grado despenderia outros mil para lhe dar alívio, se não pudesse pensar que para a restabelecer não se importaria de gastar outros mil rublos, levando-a a consultar médicos no estrangeiro sem olhar a despesas; se lhe não tivesse sido dado contar a toda a gente que Métivier e Feller nada tinham percebido do estado dela e que Friese acertara com o mal, mas que Mudrov ainda fora mais feliz no seu diagnóstico? Que teria sido da condessa se lhe não fosse dado zangar-se de quando em quando com a doente por esta não seguir à risca as prescrições médicas?

— Assim nunca mais te curas — dizia-lhe ela numa irritação que a fazia esquecer o desgosto —, se não ouves o que diz o médico e não tomas o teu remédio a tempo e a horas! Não é ocasião para brincadeiras, quando tudo isso pode degenerar numa pneumonia — acrescentava, consolada por poder empregar aquele termo científico nem só para ela ininteligível.

E Sónia, que teria feito Sónia pela sua parte se não lhe fosse dada a satisfação de dizer a si mesma que passara, de princípio, três noites sem se despir, sempre pronta a executar pontualmente as prescrições do médico e que ainda então mal fechava os olhos para não esquecer a hora de lhe administrar as pílulas assaz inofensivas da linda caixa dourada? E a própria Natacha, conquanto estivesse sempre a dizer que nenhum medicamento a poderia curar e que todas aquelas drogas eram tolice, ela própria sentia uma certa satisfação ao ver que as pessoas faziam por ela tantos sacrifícios, e tomava as suas poções a horas fixas. E até alegre se sentia descuidando-se do cumprimento das prescrições, por poder mostrar que não acreditava na cura e que não apreciava a vida.

Todos os dias vinha o médico, que lhe tomava o pulso, lhe olhava a língua e gracejava com ela, sem prestar atenção ao seu parecer desfeito. Depois, quando entrava no quarto contíguo, a condessa seguia-o, e ele, com um ar grave e abanando a cabeça pensativamente, afirmava que, embora a situação fosse bastante grave, tinha confiança no efeito do último remédio, que era preciso

aguardar e ver, que a doença era sobretudo moral, mas que...

A condessa, procurando dissimular o pormenor, tanto aos seus próprios olhos como aos do médico, introduzia-lhe na mão uma moeda de ouro e voltava sempre com o coração mais aliviado para ao pé da doente.

As características da doença de Natacha consistiam em que comia e dormia pouco, tossia e não tinha ânimo para coisa alguma. Os médicos diziam que ela não podia estar sem assistência clínica e por isso a mantinham na atmosfera sufocante da cidade. Os Rostov passaram o ano de 1812 sem irem à aldeia.

Apesar da imensidade das pílulas absorvidas, das gotas e dos pós em garrafinhas e caixas, caixas de que Madame Schoss, que muito apreciava esse género de bugigangas, fizera uma colecção completa, apesar de a terem privado dos ares do campo, a mocidade venceu. O desgosto de Natacha foi pouco a pouco absorvido pelas impressões da vida quotidiana. Deixou de sentir uma dor tão violenta, que, lentamente, se foi desvanecendo e as forças físicas principiaram a reanimá-la.

[XVII]

Natacha estava mais tranquila, mas não mais alegre. Não só evitava todas as oportunidades de se distrair — os bailes, os passeios, os concertos, os espectáculos —, como nunca na sem que sentisse as lágrimas a borbulhar por detrás do riso. Já não podia cantar. Se se punha a rir, ou se tentava cantar só para si, as lágrimas sufocavam-na: lágrimas de arrependimento, lágrimas choradas sobre o seu inocente passado, que não mais volta— ria, lágrimas de pesar por ter dissipado daquele modo a sua juventude, que tão feliz podia ter sido. O riso e o canto afiguravam-se-lhe como que uma profanação da sua dor. Nem sequer pensava em ser coquette, pelo que não precisava de se reprimir. Dizia Para si mesma que todos os homens agora lhe eram tão indiferentes como Nastásia Ivanovna, o bobo. Uma voz íntima lhe interdizia ainda toda a espécie de prazeres. Já não sentia em si o amor à vida como outrora, no tempo em que fora rapariga descuidada, cheia de esperanças. Lembrava-se, com muitas saudades, dos meses do Outono, da caça, do tio, das festas do Natal, na Companhia de Nicolau, em Otradnoie. Que não teria

ela dado Para voltar atrás, um dia só que fosse, a esses felizes tempos! Mas não, tinham passado para sempre. Não a enganava o pressentimento de que nunca mais voltaria a encontrar a alma livre que tivera outrora, aberta, a todas as alegrias. No entanto era preciso viver. Consolava-a pensar que não era mais feliz do que os outros, como imaginara antigamente, mas menos, muito menos feliz do que qualquer outra pessoa. O presente, contudo, pouco lhe importava. Desconfiava dele e perguntava a si mesma muitas vezes: «Que acontecerá mais tarde?» E o futuro também nada lhe dizia. Já não sentia alegria na vida e a vida continuava a passar. A única coisa que desejava era não ser pesada a ninguém, não incomodar fosse quem fosse, embora para si mesma nada pedisse. Conservava-se muitas vezes afastada de todos os que a cercavam e a única satisfação que tinha era junto de Pétia, seu irmão.

Divertia-se muito mais com ele do que com os outros e por vezes a sós com a criança voltava a ser alegre. Quase não saía de casa, e de todas as pessoas que a visitavam uma só lhe era simpática: Pedro. Ninguém era capaz de lhe falar com tanta ternura, tanto tacto e ao mesmo tempo tanta seriedade como o conde Bezukov. Sem dar por isso, sentia bem toda aquela ternura, daí o grande prazer que lhe dava a companhia do amigo. E no entanto nem sequer lhe agradecia. Sabia que a bondade nada custava a Pedro. Tão natural lhe parecia a ele dever ser bom para toda a gente que lhe não advinha daí qualquer mérito. Por vezes Natacha percebia-o embaraçado e confuso na sua presença, principalmente quando ele queria ser-lhe agradável ou então quando receava que a conversa lhe pudesse trazer penosas recordações. Reparava nisso e atribuía o facto ao seu bom coração e sua timidez, que tímido, supunha-o ela, devia ele ser com toda a gente.

Desde aquele dia em que lhe dissera inopinadamente que se fosse livre lhe pediria de joelhos que lhe quisesse e casasse com ele, palavras pronunciadas num momento de profunda emoção, Pedro nunca mais lhe falara dos seus sentimentos e para ela era evidente que aquelas palavras, que então lhe haviam sido de grande lenitivo, não tinham tido mais importância do que o que se diz Para consolar uma criança que chora. Não por Pedro ser casado, mas por Natacha sentir entre eles, no mais alto grau, aquela barreira moral que tanta falta lhe fizera na presença de Kuraguine; nunca lhe ocorrera que das suas relações pudesse nascer amor, não só nela, mas muito menos nele, ou sequer essa espécie de amizade amorosa, só poesia natural entre um homem e uma mulher, como ela conhecia alguns casos.

Depois da Quaresma de S. Pedro, Agráfena Ivanovna Bielova, vizinha dos Rostov em Otradnoie, chegou a Moscovo para orar aos santos moscovitas. Propôs a Natacha que fizesse com ela as suas devoções e esta aceitou a ideia com alegria.

Apesar da advertência dos médicos, que a proibiam de sair de manhã cedo, ela insistiu em fazer as suas devoções, e não era como de costume em casa dos Rostov, ou seja mandando rezar três ofícios na capela particular, mas como as fazia Agráfena Ivanovna, isto é, durante uma semana inteira, sem faltar às matinas, à missa e ao ofício de vésperas.

Esta devoção religiosa agradou à condessa, que no fundo esperava, depois do tratamento pouco profícuo dos médicos, que a oração fosse mais eficaz do que as drogas. E embora receosa, escondendo o caso ao médico, cedeu aos desejos da filha, confiando-a à senhora Melova. Agráfena Ivanovna costumava chamar Natacha às três horas da manhã, e geralmente já a encontrava acordada. Arranjada à pressa, tendo enfiado o seu mais simples vestido e um casaco velho, lá ia a tremer de frio, pela algidez da noite, ao longo das ruas desertas, que a aurora começava já a iluminar. A conselho da companheira, Natacha não se dirigia à igreja paroquial, mas ao templo em que a devota Bielovna dizia haver um sacerdote muito austero e digno. Havia ali sempre muito poucos fiéis. As duas mulheres iam colocar-se no seu recanto habitual, diante do ícone da Virgem, que pendia da parte posterior do coro esquerdo. Um desconhecido sentimento de humildade invadia a alma de Natacha na presença de qualquer coisa de grande e de inacessível quando, àquela hora da manhã, contemplando o rosto enegrecido da Mãe de Deus iluminado pelos círios e a luz da madrugada filtrada pelas janelas, prestava atenção ao ofício divino, que procurava compreender. Se percebia as palavras, os seus sentimentos íntimos fundiam-se com a oração, se as não percebia, ainda lhe era mais grato pensar que o desejo de tudo compreender nascia do orgulho e não era possível saber tudo e que cada qual deve limitar-se a crer e a confiar-se a Deus, que ela, naqueles instantes, sentia reinar no seu coração. Persignava-se, posternava-se e quando não compreendia limitava-se, horrorizada perante as suas inquietações, a pedir a Deus que lhe perdoasse e se amerceasse dela. As orações que proferia eram de contrição. No regresso a casa, a uma hora ainda muito matinal, quando nas ruas apenas se viam os operários a caminho do trabalho, os porteiros que varriam os passeios diante das portas, e toda a gente dormia, Natacha experimentava um sentimento novo para ela, a

possibilidade de corrigir os seus defeitos e vir a conhecer ainda uma vida de regeneração pura e feliz.

Durante toda a semana em que se consagrou a estas piedosas práticas cresceu nela este sentimento de regeneração. E a felicidade que era para ela comungar, ou, como Agráfena Ivanovna gostava de dizer, recorrendo a um trocadilho, comunicar com Deus, afigurava-se-lhe tamanha que receava morrer antes da chegada desse bem-aventurado domingo.

Essa venturosa data chegou, por fim, e quando Natacha, nesse domingo memorável, voltou da comunhão, com o seu vestido de musselina branca, foi a primeira vez após muitos meses que se sentiu em paz consigo mesma e a vida deixou de lhe parecer penosa.

O médico, à hora da visita habitual, observou-a e mandou que continuassem a dar-lhe os pós que prescrevera quinze dias antes.

— É preciso tomá-los de manhã e à noite, sem falta — disse, convencido da eficácia da droga —, e com toda a regularidade, se fazem favor. Esteja descansada, condessa — gracejou, fechando com presteza, na palma da mão, a moeda de ouro costumada —, não tarda que a tornemos a ver cantar e divertir-se. Está com muito melhor parecer,

A condessa, olhando para as unhas, cuspiu (Entre o povo russo, cuspir correspondia a um exorcismo. (N, dos T) voltando muito contente ao salão.

[XVIII]

Em princípios de Julho espalharam-se em Moscovo boatos cada vez mais inquietantes sobre a marcha das operações militares; falava-se numa proclamação do imperador dirigida ao povo e no seu regresso à capital. Ora como a 11 ainda se não tinha conhecimento de qualquer manifesto nem de qualquer proclamação, mais exagerados se espalharam os rumores a esse respeito e a propósito da situação. Dizia-se que o imperador abandonava o exército por este estar em perigo, que Smolensk se rendera, que Napoleão dispunha de um milhão de homens e que só um milagre podia salvar a Rússia.

Sábado, 11, recebeu-se o manifesto, mas ainda não fora tornado público,

Pedro, que se encontrava nessa altura em casa dos Rostov, prometeu vir jantar no dia seguinte, domingo, e trazer o manifesto e a proclamação, que esperava obter através do conde Rostopchine.

Nesse domingo, como de costume, os Rostov foram ouvir missa à capela particular dos Razumovski. Estava muito calor. Desde as dez da manhã, hora a que os Rostov se apearam da sua carruagem diante da capela, que o vento quente, os pregões dos vendedores ambulantes, a multidão com os seus trajos claros do Estio, as árvores das avenidas cobertas de poeira, o rataplã da banda de um regimento de pantalonas brancas dirigindo-se à parada, o rolar das carruagens ao longo dos pavimentos, o resplandecer de um sol de fogo, tudo se misturava, transmitindo já essa impressão amodorrante, misto de satisfação e de desgosto, que costuma sentir-se numa grande cidade em dia de muito calor. Boa parte da nobreza moscovita, personagens dos conhecimentos dos Rostov, estava reunida na capela dos Razumovski. Nesse ano, por causa dos acontecimentos, muitas das mais ricas famílias haviam ficado na capital, embora habitualmente passassem esses meses nas suas propriedades no campo. Seguindo atrás de um lacaio que afastava a multidão, Natacha, ao lado da mãe, ouvia um rapaz falar dela em voz baixa.

— É a Rostov, a que...

— Que magra, mas ainda assim é uma linda rapariga!

Julgou ouvi-los pronunciar os nomes de Kuraguine e de Boikonski. Aliás, isso acontecia-lhe frequentemente. Estava sempre a pensar que toda a gente falava da sua aventura. Dolorosamente sentida e de coração apertado, que assim estava sempre no meio da multidão. Natacha continuou a andar, com o seu vestido de seda lilás guarnecido de rendas pretas, num passo tanto mais calmo e majestoso quanto maior a vergonha e o desgosto no fundo da alma, Sabia muito bem, e não se enganava, que era muito bonita; mas não sentia com isso o prazer de outrora. Pelo contrário, ultimamente o reconhecer que assim era fazia-a sofrer, sobretudo num dia como aquele, claro e quente, em plena cidade. «Mais um domingo, mais uma semana», dizia de si para consigo, lembrando-se de que ali viera no domingo anterior, «e sempre a mesma vida, que não chega a ser vida, sempre a mesma gente agradável de antigamente. Sou bonita, sou nova e agora também sei que sou bondosa; antigamente era má, mas agora não, tenho a certeza, e assim, em pura perda, vão passando os meus dias sem proveito para nada, sem proveito Para ninguém.» Ficou ao lado da mãe e cumprimentou com acenos de cabeça as

pessoas conhecidas mais próximas. Como de costume, examinou os vestidos das senhoras, criticou o porte e a maneira pouco fina como uma delas fazia o sinal da cruz, e ali a dois passos, na estreita capela, pensou com despeito que diziam dela o que ela dizia das demais, mas de súbito, assim que principiou o serviço divino, sentiu-se como que assustada diante da sua própria baixeza e como que aterrada ao ver que perdera de novo a pureza de outrora.

Um velhinho, de venerável aspecto, oficiava, com a serena unção de tão apaziguadora influência na alma dos fiéis. As portas reais abriram-se; a cortina afastou-se lentamente; ouviu-se lá dentro uma voz misteriosa e doce. Lágrimas, cuja causa ela não compreendia, oprimiam Natacha, e uma impressão alegre e enervante a invadiu,

«Ensina-me o que tenho de fazer, como me devo conduzir na vida, como corrigir-me para sempre», orava ela.

O diácono subiu ao púlpito, afastou com o dedo polegar as longas madeixas que lhe saíram do stikar, e depois de ter levado a cruz ao peito leu, em alta voz e solenemente, as palavras da oração.

«Oremos em paz a Deus nosso Senhor!»

«Oremos em paz todos juntos, isto é, sem distinções de classe, sem ódios, unidos no mesmo amor fraternal», disse Natacha para si mesma.

«Oremos para que nos seja dado o reino dos Céus e a salvação das nossas almas!»

«Sim, o reino dos anjos e de todos os espíritos celestes que vivem por cima de nós», pensou ela, ao mesmo tempo.

Quando rezaram pelo exército lembrou-se do irmão e de Denissov. Quando rezaram pelos que andam sobre a terra e sobre o mar, rezou pelo príncipe André, pedindo que o Senhor lhe perdoasse o mal que lhe fizera. Quando oraram pelos entes queridos, rezou pelos seus, pelo pai, pela mãe e por Sónia, e pela primeira vez sentiu quanto era culpada para com eles e quanto lhes queria. Quando rezaram pelos que têm ódio, procurou saber quais os seus inimigos e os que lhe queriam mal, para rezar por eles. Não achou, porém, senão os credores de seu pai e aqueles que com ele haviam questionado. E assim lhe veio à mente Anatole, que tanto mal lhe fizera, e embora o não considerasse no número dos que a odiavam, rezou por ele, satisfeita, como se de um inimigo se tratasse. Só enquanto rezava era capaz de se lembrar serenamente e sem comoção do príncipe André e de

Anatole, pois os sentimentos que nesse momento sentia nada eram ao pé do seu temor e do seu amor de Deus. Quando rezaram pela família imperial e pelo Santo Sínodo, ainda se posternou mais contra o solo, persignando-se e dizendo para si mesma que, embora o não compreendesse, lhe era impossível duvidar e que, fosse como fosse, tinha de amar o Sínodo e rezar por ele.

Dita que foi a lektenia, o diácono fez com a estola o sinal da cruz sobre o peito e murmurou:

«Encomendemo-nos, e encomendemos as nossas vidas a Jesus Cristo Nosso Senhor!»

«Encomendemo-nos a Deus», repetiu Natacha no seu íntimo. «Deus meu, entrego-me à Tua vontade», orou ela. «Nada quero nem desejo mais. Ensina-me o que devo fazer, como hei-de empregar a minha vontade! Mas toma-me, toma-me!», murmurou ela mentalmente com exaltação e impaciência, sem se benzer, deixando cair os braços, como se esperasse que uma força invisível, naquele mesmo instante, tomasse conta dela e a libertasse de si própria, das suas mágoas, dos seus desejos, dos seus remorsos, das suas esperanças e dos seus erros.

A condessa, por várias vezes durante o ofício, relanceara os olhos ao rosto recolhido e aos olhos fulgurantes da filha e rogara a Deus que a ajudasse.

Subitamente, no meio da cerimónia, e alterando a ordem que Natacha muito bem conhecia, o sacristão trouxe um escabelo, o escabão que costumava servir para ler as orações da Santíssima Trindade, e colocou-o diante das portas reais. O sacerdote, com a sua sotaina de veludo lilás, emergiu das portas, compôs os cabelos e ajoelhou com dificuldade. Todos os fiéis repetiram o seu gesto, olhando uns para os outros com grande surpresa. Ia-se rezar a oração, recentemente emanada do Santo Sínodo, rogando a Deus a salvação da Rússia, sob a ameaça da invasão estrangeira.

«Senhor Deus todo-poderoso, Deus da nossa salvação», principiou o sacerdote nessa voz nítida, suave e sem ênfase tão característica dos eclesiásticos eslavos quando oram e que tão grande Poder exerce sobre a alma russa.

«Senhor Deus todo-poderoso, Deus da nossa salvação! Concede a Tua graça e a Tua misericórdia às Tuas humildes criaturas e ouve a nossa oração, amerceia-Te de nós e tem piedade.

O inimigo enche de confusão a Terra e quer transformar o mundo num deserto. Este inimigo levanta-se contra nós. Homens criminosos reuniram-se para destruir o

Teu bem, para arrasar a Tua fiel Jerusalém, a Tua Rússia bem-amada, para conspurcar Os Teus templos, derrubar os altares e profanar os Teus santuários. Até quando, Senhor, até quando triunfarão os pecadores?

«Senhor todo-poderoso! Escuta-nos a nós, que Te imploramos: ampara com a Tua força o nosso mui piedoso imperador autocrata Alexandre Pavlovitch. Lembra-Te da sua lealdade e da sua doçura, recompensa-o pela bondade com que ele nos protege, a nós, a Tua Israel bem-amada. Abençoa as suas decisões, as suas empresas, as suas obras. Revigora com a Tua dextra todo-poderosa o seu reino e concede-lhe a vitória sobre o inimigo, como a Moisés sobre Amalek, Gedeão sobre Madian, David sobre Golias. Protege os seus exércitos, sustém o arco de cobre debaixo do braço dos que se armaram em Teu nome e cinge-os com a Tua força para o combate. Pega nas Tuas armas e no Teu escudo e vem em nosso auxílio. Que a confusão e a vergonha caiam sobre aqueles que nos querem mal e que eles sejam diante do rosto dos Teus fiéis armados como a poeira diante do vento e que o Teu Anjo todo-poderoso os expulse e persiga. Que uma rede os envolva sem eles darem por isso e que as armadilhas que escondem sirvam para que caiam nelas. Que eles caiam aos pés dos Teus escravos e que eles sejam esmagados pelos Teus exércitos, Senhor! Tens o poder que salva grandes e pequenos. Tu és Deus e o homem nada pode contra Ti.

«Deus de nossos pais! Lembra-Te da Tua generosidade e da Tua graça, que são etcrnas. Não nos afastes da Tua presença, não Te apartes das nossas iniquidades, mas, na grandeza da Tua bondade e na imensidade da Tua misericórdia, esquece os nossos crimes e os nossos pecados. Edifica em nós um coração puro e renova no nosso seio um espírito recto. Fortalece-nos a todos na nossa fé em Ti, revigora a nossa esperança, inspira-nos um verdadeiro amor ao próximo, une-nos a todos para a defesa legítima do património que Tu nos deste, a nós e a nossos pais, e que o ceptro dos ímpios se não eleve sobre a terra daqueles a quem abençoaste.

«Senhor nosso Deus, em quem nós cremos e em quem temos firme confiança, não desiludas a nossa esperança na Tua graça c, faz um milagre para nosso bem. Que o vejam aqueles que nos odeiam, a nós e à nossa fé ortodoxa, e que eles sejam confundidos e que pereçam e que todas as nações saibam que o Teu nome é Senhor e que nós somos Teus filhos. Revela-nos, Senhor, hoje mesmo, a Tua misericórdia e concede-nos a Tua salvação. Regozija o coração dos Teus escravos com a Tua graça. Fulmina os nossos inimigos e aniquila-os debaixo dos pés dos Teus

fiéis. És o apoio, és o socorro e a vitória dos que confiam em Ti. Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, agora e por todos os séculos dos séculos. Amen.»

No estado impressionante em que se encontrava, Natacha sentiu-se profundamente abalada por esta oração. Escutando as palavras referentes à vitória de Moisés sobre Amalek, de Gedeão sobre Madian, de David sobre Golias e à ruína de Jerusalém, rezava com toda a doçura e toda a ternura do seu coração. Contudo, não compreendia lá muito bem o que estava a rogar a Deus.

Com toda a sua alma pedia que se lhe purificasse o espírito, que se lhe fortalecesse o coração com a fé e a esperança e que nela reinasse o amor. Era-lhe impossível, porém, orar para que os seus inimigos fossem esmagados quando minutos antes desejara ter ainda mais inimigos para por eles poder rezar. No entanto, não podia duvidar da justiça da oração que se rezara de joelhos. No fundo do seu coração sentia um terror pleno de reconhecimento ao pensar no castigo que fulmina os pecadores e sobretudo no castigo a que a expunham os seus próprios pecados e pediu a Deus que lhes perdoasse a eles e a ela própria e que lhes concedesse a todos, igualmente, o descanso e a felicidade nesta vida. E parecia-lhe que Deus ouvia a sua oração.

[XIX]

Desde o dia em que Pedro, ao sair de casa dos Rostov sob a impressão do olhar reconhecido de Natacha, contemplara o cometa e sentira como que desvendar-se-lhe um novo horizonte, deixara de ser atormentado pelo etcrno problema da vaidade e da loucura de tudo quanto existe à face da Terra. A terrível pergunta: «Porquê? Para quê?», que outrora vinha associar-se às suas ocupações, achava-se substituída não por qualquer outra pergunta ou por qualquer solução, mas pela imagem que guardara dela. Quando escutava ou falava de coisas insignificantes, quando lia ou se inteirava de qualquer baixeza ou loucura humana, não se horrorizava como antigamente. Não estava sempre a perguntar-se a si próprio porque se agitam tanto os homens quando a vida é tão curta e depois os espera o desconhecido. Bastava evocá-la, no aspecto em que a vira pela última vez, e todas as suas dúvidas desapareciam, e não era porque ela desse resposta a estas

perguntas, mas porque a sua imagem o transportava num instante a uma região luminosa da alma onde não podia haver nem justos nem culpados, à região da beleza e do amor, as únicas razões pelas quais vale a pena viver. Fossem quais fossem as misérias morais que a existência lhe oferecia, para si mesmo Pedro murmurava:

«Que me importa a mim que fulano roube o Estado e o czar e que o Estado e o czar o tenham cumulado de honrarias? Ontem ela sorriu-me e pediu-me que a fosse ver e eu amo-a e ninguém o saberá jamais.» E a alma de Pedro ganhava a serenidade e a paz.

Pedro continuava a frequentar a sociedade, a beber muito, a levar a mesma vida ociosa e dissipada, pois, não falando nas horas que passava em casa dos Rostov, as demais tinha ele de as preencher de qualquer maneira. Os seus hábitos e as suas relações arrastavam-no vitoriosamente para aquela vida que o absorvia.

Mas ultimamente, quando principiaram a chegar do campo de batalha notícias cada vez mais alarmantes, quando a saúde de Natacha principiou a restabelecer-se e deixou de lhe inspirar aquele antigo sentimento de compaixão, uma vaga inquietação, cada vez mais inexplicável a seus olhos, se apoderou dele. Pressentia que a vida que levava não podia durar muito, que uma catástrofe se preparava que transformaria toda a sua existência, e ei-lo a espiar com impaciência os sinais anunciadores. Um dos pedreiros-livres seu irmão desvendara-lhe a profecia seguinte, referente a Bonaparte, extraída do Apocalipse de S. João.

No capítulo XIII do Apocalipse, versículo 18, diz-se: «Aqui está a sabedoria. Aquele que tem entendimento conte o número da besta; porque é número de homem, e o seu número é seiscentos e sessenta e seis.»

No mesmo capítulo, versículo 5: «E deu-se-lhe a boca para falar grandezas e blasfémias: e deu-se-lhe poder para assim o fazer quarenta e dois meses.»

As letras do alfabeto francês, iguais às do hebraico, podem exprimir-se por meio de algarismos, e atribuindo as dez primeiras letras o valor das unidades e o das dezenas às restantes, o seu valor numérico é o seguinte:

a	b	e	d	e	f	g	h	i	j	k
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	20
l	m	n	o	p	q	r	s	t	u	v
30	40	50	60	70	80	90	100	110	120	130

x	y	z
140	150	160

Utilizando este alfabeto cifrado, as palavras l'empereur Napoléon correspondem, pelas suas letras, a uns números que, somados, davam o resultado 666. E aí estava como Napoleão era a, besta de que falava o Apocalipse. Além disso, ao escrever-se, com esse alfabeto, as palavras quarante-deux, isto é, o limite que fora assinalado à besta para «falar grandezas e blasfémias», a soma das cifras obtidas era de novo igual a 666. Resultava, pois, que o poder de Napoleão teria o seu termo em 1812, data em que o imperador faria quarenta e dois anos. Esta profecia impressionara muito Pedro, que frequentemente perguntava a si próprio quem acabaria com o poder da besta, isto é, de Napoleão, e, graças à mesma representação das letras por algarismos e mercê dos mesmos cálculos, deu-se a procurar uma resposta para a interrogação. Escreveu como resposta a essa pergunta: «O Imperador Alexandre? A nação russa?» Calculou as letras, mas a soma era maior que 666. Unia vez em que estava entregue a estes cálculos escreveu: «Comte Pierre Bésouhoff», mas não conseguiu obter o resultado desejado. Alterou a grafia e pós um z no lugar do s, acrescentou a preposição de, o artigo le, mas também sem conseguir o resultado que esperava. Então ocorreu-lhe que, se a resposta à pergunta estivesse no seu nome, seria naturalmente necessário mencionar a nacionalidade. Escreveu então: «le russe Bésouhoff» e adicionando os algarismos obteve como resultado 671. Sobravam apenas cinco letras, e o cinco representava a letra e, a mesma letra e que em francês se suprime do artigo da palavra l'empereur. Suprimindo este e, não obstante resultar um erro, escreveu «le russe Bésouhoff», isto é, precisamente 666. Esta descoberta perturbou-o. Como estava ele relacionado com aquele acontecimento previsto pelo Apocalipse? Eis o que a si próprio não sabia explicar. Mas não hesitou um momento. O amor por Natacha Rostov, o Anticristo, a invasão de Napoleão, o cometa, o número 666, «l'empereur Napoléon» e «l'russe Besouhoff», todo aquele conjunto de factos misteriosos devia amadurecer, tinha de acabar por explodir, impelindo-o para fora do círculo vicioso dos hábitos mundanos moscovitas de que se sentia prisioneiro, e levando-o, por fim, a realizar um acto heróico e— a alcançar uma grande felicidade.

Na véspera daquele domingo em que fora lida a oração, Pedro prometera trazer aos Rostov a proclamação do imperador e as últimas novas sobre o que se passava no exército, que procuraria obter junto do conde Rostoptchine, com quem estava em boas relações. Na manhã em que se apresentou em casa deste encontrou ali um correio que acabava de chegar do exército. Este correio era um dos melhores dançarinos dos bailes de Moscovo, e, conhecido seu.

— Não quererá ajudar-me? — disse-lhe o correio — Trago uma mala cheia de cartas para pessoas de família.

Entre essas cartas havia uma de Nicolau Rostov dirigida ao pai. Pedro tomou conta dela. Por seu lado, o conde Rostoptchine entregou-lhe a proclamação do imperador ao povo de Moscovo, que acabava de receber, as últimas ordens do exército e o último apelo por ele redigido. Ao percorrer as ordens do exército, Pedro descobriu, na lista dos, mortos, dos feridos e dos agraciados, o nome de Nicolau Rostov, que fora condecorado com a cruz de S. Jorge, de 4ª classe, pelo acto de bravura que cometera em Ostrovno, e na mesma ordem do exército a nomeação de André Bolkonski para comandante de um regimento de caçadores. Embora não lhe parecesse muito agradável lembrar aos Rostov o nome de Bolkonski, não quis deixar de lhes comunicar a boa nova da distinção concedida, e, resolvendo ser ele próprio a levar-lhes as outras ordens do exército, a proclamação e o apelo, à hora do jantar, tratou de lhes mandar imediatamente a relação impressa e a carta.

A conversa que teve com o conde Rostopchine, o ar inquieto e azafamado deste, o encontro com o correio e as más novas do exército que o último lhe comunicara despreocupadamente, o boato que corria segundo o qual se haviam descoberto espiões em Moscovo encarregados de distribuir panfletos em que se dizia que Napoleão prometera ocupar as duas capitais antes do Outono e as conversações sobre a chegada do imperador, esperado no dia seguinte, tudo concorria para agravar a agitação e a inquietação em que andava Pedro desde a aparição do cometa, e sobretudo depois do começo da guerra.

Havia muito que lhe ocorrera a ideia de alistar-se no exército, e já o teria feito se, por um lado, não pertencesse à sociedade maçónica, a que estava ligado por um juramento, e a qual pregava a paz perpétua e a abolição das guerras, e, por outro, não tivesse visto como avultado número de moscovitas vestia o uniforme militar com grande alarde de patriotismo, coisa que, sem que ele soubesse muito

bem porquê, o fazia sentir-se um pouco envergonhado de dar esse passo. A causa principal do seu retraimento, no entanto, era aquela vaga convicção de ser ele «l'russe Bésouhoff», quem representava o número 666, e de que a sua participação na grande obra de destruição do poder da besta estava decidida desde toda a etcrnidade, facto que o levava a pensar, por conseguinte, não dever tomar por si próprio qualquer resolução, mas esperar pelo que fatalmente tinha de acontecer.

[XX]

Em casa dos Rostov, como era costume todos os domingos, havia algumas pessoas íntimas a jantar.

Pedro chegou mais cedo para encontrar a família só. Engordara tanto nesse ano que, se não fosse a sua grande estatura, estaria disforme. Os seus largos ombros e a sua grande robustez aguentavam perfeitamente aquela obesidade.

Subiu as escadas resfolgando e murmurando qualquer coisa entre dentes. O cocheiro não lhe perguntara se devia esperar; sabia muito bem que teria de aguardar até à meia-noite. Os lacaios de Rostov haviam-se precipitado para o ajudar a despir o casacão e tomarem conta do chapéu e da bengala. Deixava-os sempre no vestíbulo, como costumava fazer no clube.

A primeira pessoa que ele avistou foi Natacha, Ouvira-a mesmo antes de a ver quando despia o casacão ira antecâmara. Dava-se a exercícios de solfejo no salão, como Pedro sabia que ela não voltara a cantar desde que adoecera, o som da sua voz foi para ele uma surpresa muito agradável. Entreabriu a porta de mansinho e viu-a com o seu vestido lilás, o que levara à missa, andar de um lado para o outro cantando. Estava de costas quando ele abriu a porta, mas, tendo-se voltado bruscamente, descobriu, assombrada, a sua espessa figura, Corando muito, correu para ele.

— Estou com vontade de cantar outra vez — disse ela. — Ajuda-me a passar o tempo — acrescentou, como que a desculpar-se.

— Muito bem.

— Estou muito contente por ter vindo! Sinto-me hoje tão feliz! — continuou com a mesma animação de outrora, animação que Pedro lhe não via há muito. —

Sabe? O Nicolau teve a cruz de S. Jorge! Estou cheia de orgulho por ele!

— Sim, bem sei, fui eu quem mandou a ordem do exército. Mas não a quero importunar— acrescentou, dispondo-se a passar ao salão contíguo.

Natacha deteve-o.

— Conde! Acha que faço mal em cantar? — disse, corando, enquanto o interrogava com os olhos.

— Mas... porquê? Pelo contrário... Porque me pergunta isso?

— Não sei — replicou ela precipitadamente. — Não gostava de fazer fosse o que fosse que lhe desagradasse. Tenho tanta confiança em si! Nem calcula a importância que tem para mim e o bem que me tem feito!— prosseguiu ela, no mesmo tom, sem reparar que Pedro ia corando à medida que ela falava.— Ah!, também vi nessa mesma ordem do exército que ele está na Rússia, ele, Bolkonski — pronunciou o nome em voz baixa e precipitadamente —, e que voltou para o exército. Que acha? Crê que virá a Perdoar-me? — acrescentou, em voz sumida, como se receasse que as forças lhe faltassem antes de acabar a frase. — Acha que ficará para sempre zangado comigo? Diga. Que lhe parece?

— Acho... — volveu Pedro — que nada tem a perdoar-lhe... E se eu estivesse no lugar dele...

Por associação de ideias, transportara-se, subitamente, ao momento em que, para consolá-la, lhe dissera que se estivesse livre lhe pediria de joelhos que se casasse com ele, e os mesmos sentimentos de piedade, de ternura, de amor lhe encheram o coração e as mesmas palavras de então lhe vieram aos lábios. Natacha, porem, não lhe deu tempo de pronunciá-las.

— Oh, o Pedro... o Pedro... — articulou a palavra com exaltação — o Pedro é muito diferente. Ninguém conheço melhor, mais generoso, mais nobre e não pode haver outro. Se o não tivesse a meu lado então, e agora mesmo, não sei o que teria sido de mim, pois...

De súbito encheram-se-lhe os olhos de lágrimas. Voltou a cabeça para o lado, ergueu o caderno de música para esconder a emoção que a tomava e pôs-se a cantar, passeando na sala de um lado para o outro.

Nessa altura Pétia entrou no salão.

Era um rapazinho de quinze anos, fresco e rosado, com grossos lábios vermelhos, que se parecia com Natacha. Estava a preparar-se para entrar na universidade, mas ultimamente, tanto ele como o seu camarada Obolenski,

congeminavam, às escondidas, fazer-se hússares.

Pétia precipitou-se a falar do problema ao seu homónimo. Pediu-lhe que se informasse se o aceitariam no corpo de hússares.

Mas Pedro, sem o ouvir, continuava a andar de cá para lá. Pétia travou-lhe do braço para lhe chamar a atenção.

— Então, como vão as minhas coisas, Pedro Kirilovitch? Por amor de Deus! É a minha única esperança! — exclamou Pétia.

— Ah, sim! O teu caso? Os hússares? Hei-de falar nisso, hei-de falar nisso. Hoje, sem falta.

— Então, meu caro, então! Arranjou a proclamação? — disse-lhe o velho conde assim que o viu. — A condessa foi à missa, à capela dos Razumovski. Rezaram uma nova oração. Parece que é muito bonita. Ela assim o diz.

— Sim, arranjei — redarguiu Pedro — O imperador chega amanhã... Haverá uma reunião extraordinária da nobreza e faia-se num recrutamento de dez por cada mil homens. E os meus parabéns!

— É verdade, é verdade! Louvado seja Deus! E do exército, que notícias há?

— Os nossos recuaram outra vez. Estão já nas proximidades de Smolensk, segundo se diz — replicou Pedro.

— Meu Deus, meu Deus! — exclamou o conde. — E onde é que tem a proclamação?

— A proclamação! Ah!, sim!

Pedro pôs-se a mexer nos bolsos e não pôde dar com ela. Sempre revolvendo as algibeiras, ia beijando a mão à condessa, que entretanto penetrara na sala, e lançando olhares inquietos à sua roda, preocupado com Natacha, que deixara de cantar e não aparecia.

— Ora que isto, não sei onde a meti — disse ele.

— Perde tudo! — murmurou a condessa.

Natacha entrou nessa altura na sala com um ar enternecido e emocionado e sentou-se, sem dizer palavra, a olhar para Pedro. Ao vê-la na sala, o rosto deste, triste até então, iluminou-se de súbito, e, continuando nas suas pesquisas, olhava-a de vez em quando.

— Eu vou procurá-la. Devo tê-la deixado em casa. Com certeza...

— Vai chegar tarde para o jantar.

— É verdade, e o cocheiro foi-se embora.

Mas Sónia, que fora procurar os papéis ao vestíbulo, encontrara-os no chapéu de Pedro, onde ele os guardara cuidadosamente debaixo da vira, Pedro ia principiar a ler.

— Não, depois do jantar — atalhou o velho conde, que se preparava para apreciar devidamente a leitura.

Durante o jantar, em que se bebeu champanhe à saúde do novo cavaleiro de S. Jorge, Chinchine contou o que se dizia na cidade: falou na doença da velha princesa georgiana, no desaparecimento de Métivier, na história de um alemão que fora conduzido à presença de Rostoptchine, a quem disseram que se tratava de um champignon, mas que, como o próprio Rostoptchine contara, mandara soltar dizendo que não era um champignon francês, mas apenas um velho cogumelo alemão.

— Sim, sim, deitam-lhes a mão, deitam-lhes a mão – disse o conde —, e já tenho dito muitas vezes à condessa que não fale francês. Não é momento para isso.

— E querem saber? — voltou Chinchine. — O príncipe Galitzine contratou um preceptor russo, está a aprender russo. Começa a ser perigoso falar francês pelas ruas.

— Então, Pedro Kirilovitch, quando recrutarem a milícia, lá verei a cavalo — disse o velho conde.

Pedro estivera silencioso e pensativo durante toda a refeição. Fitou o conde, que o interpelava, sem parecer tê-lo compreendido.

— Sim, sim, a guerra! — exclamou ele. — E eu, que belo guerreiro! De resto, é tudo tão estranho! Realmente não percebo coisa alguma. Não sei, sou um homem com muito pouca propensão para a guerra, mas nos tempos que correm ninguém pode responder por si.

Depois do jantar, o conde instalou-se tranquilamente numa poltrona, e, com grave semblante, pediu a Sónia, que tinha fama de pronunciar muito bem, que lesse a proclamação.

«Dada em Moscovo, a nossa primeira capital.

«O inimigo atravessou com forças consideráveis as fronteiras da Rússia. Vem assolar a nossa pátria bem-amada», leu Sónia, meticulosamente, com a sua vozita fina. O conde ouvia-a de olhos fechados, suspirando de vez em quando em certos passos. Natacha, na sua cadeira, muito atenta, ia fixando, escrutadoramente, ora o

pai ora Pedro. Este, sentindo que ela o olhava, evitava voltar-se para o seu lado. A condessa, sempre que havia uma frase solene na proclamação, abanava a cabeça num ar descontente e desaprovador. Em tudo aquilo via apenas que os perigos que ameaçavam o filho estavam longe de acabar. Chinchine, a boca franzida num sorriso trocista, preparava-se evidentemente para aproveitar todas as oportunidades que se lhe oferecessem para fazer espírito, quer a propósito da leitura de Sónia, quer do que o conde diria, quer ainda da própria proclamação, à falta de qualquer outro pretexto.

Depois de ter lido os passos relativos aos perigos que ameaçavam a Rússia, às esperanças que o imperador depositava em Moscovo e sobretudo na sua gloriosa nobreza, Sónia, em voz trémula, principalmente por virtude da atenção que lhe prestavam, chegou ao fim:

«Não tarda que nós próprios nos encontremos entre o nosso povo nesta capital e em outros locais do nosso Império, prontos a deliberar e a guiar todas as nossas milícias, tanto as que actualmente cortam o passo ao inimigo como as que se vão formar para combatê-lo onde quer que ele se encontre. Que a perdição em que ele quer precipitar-nos recaia sobre a sua própria cabeça e que a Europa, liberta da escravidão, glorifique o nome da Rússia!»

— Muito bem! — exclamou o conde, entreabrindo os olhos humedecidos e fungando por várias vezes, como se lhe dessem sais a cheirar. E acrescentou: — Basta uma palavra do imperador, e estamos prontos a tudo sacrificar, sem poupar nada.

Ainda Chinchine não tinha tido oportunidade de proferir o seu gracejo sobre o patriotismo do conde quando Natacha correu para o pai.

— Que pai encantador eu tenho! — exclamou ela, beijando-o, e ao mesmo tempo relanceava de novo um olhar a Pedro com uma galanteria inconsciente, que acordava nela ao mesmo tempo que a alegria.

— Isto é que é uma patriota! — disse Chinchine.

— Não sou patriota, sou apenas... — ripostou Natacha, ofendida. — Ri-se de tudo, mas isto não é para rir...

— Que há nisto que dê vontade de rir...? — observou o conde. — Basta uma palavra sua, e todos nós nos levantaremos... Nós não somos como os Alemães...

— Repararam que a proclamação diz: «prontos a deliberar»?

— Ou seja para isso ou para qualquer outra coisa.

Nesse momento Pétia, a quem ninguém prestava atenção, aproximou-se do pai, e, muito corado, numa voz entrecortada, ora vibrante ora quase surda, disse-lhe:

— Pois bem, pai, dir-lhe-ei agora, e a si também, minha mãe, se assim o querem; digo-lhes: deixem-me ingressar no exército, porque não posso mais... e é tudo...

A condessa, aterrorizada, elevou os olhos, apertou as mãos uma na outra e disse para o marido:

— Aqui tens! Foi isto o que tu conseguiste!

Mas o conde imediatamente baixou o calor do seu entusiasmo.

— Bom, bom — disse ele. — Olhem para este guerreiro. Não digas tolices! Trata mas é de ir para a escola.

— Não são tolices, pai. Obolenski Fédia é mais novo do que eu e também vai para a guerra. Além disso, por mais que faça, não sou capaz de estudar agora, que... — Pétia calou-se, corando até às meninas dos olhos, e concluiu: — a pátria está em perigo.

— Basta, basta! Deixa-te de disparates...

Mas o pai ainda agora disse que estava pronto a sacrificar tudo.

— Pétia! Já te disse que te calasses! — gritou o conde, trocando um olhar com a mulher, a qual, muito pálida, não retirava Os olhos do seu filho mais novo.

— E vou dizer-lhe... Pedro Kirilovitch lhe dirá...

— Já disse, são disparates. Ainda ontem era um menino de mama e já hoje quer ser soldado. Bem, bem, já te disse o que tinha a dizer-te.

E o conde, pegando na proclamação, naturalmente para voltar a lê-la no seu gabinete, antes de ir para a cama, dispunha-se sair.

— Pedro Kirilovitch — disse ele —, venha fumar um cigarro...

Pedro estava muito perturbado e indeciso. Sentia postos nele a todo o momento os olhos brilhantes e animados de Natacha, com uma insistência que não era apenas amabilidade.

— Não. Parece-me que vou para casa...

— Que diz? Para casa? Mas o senhor vinha passar a noite connosco... Vem poucas vezes a nossa casa. E esta... — continuou o conde, bonacheirão, apontando para Natacha — esta só parece alegre na sua presença.

— Sim, mas esqueci-me... Tenho de voltar a casa sem falta... Uns assuntos... —

replicou Pedro, pressuroso.

— Bem, então adeus — disse o conde, retirando-se.

— Porque se vai embora? Porque está tão perturbado? Porquê? — perguntou-lhe Natacha, fitando-o provocadoramente nos olhos.

«Porque te amo!», teria ele desejado dizer, mas não abriu a boca e corou até à raiz dos cabelos, baixando a vista.

— Porque seria melhor para mim visitá-los menos vezes... Porque... Não, seriamente, é porque tenho uns assuntos...

— Porquê? Diga-me porquê... — teimou Natacha, num tom decidido. De repente, porém, calou-se.

Os dois entreolharam— se, receosos e confusos. Pedro procurou sorrir, mas não pôde. No seu esgar havia sofrimento. Beijou a mão de Natacha em silêncio e desapareceu.

Pedro decidiu não voltar a casa dos Rostov.

[XXI]

Pétia, depois de tão formal negativa do pai, fechou-se no quarto e chorou amargamente. Todos fingiram não dar por coisa alguma quando ele apareceu para o chá, triste e calado, com os olhos todos vermelhos.

No dia seguinte chegava o imperador. Alguns dos criados de Rostov pediram licença para assistir à chegada do czar. Naquela manhã Pétia levou muito tempo a vestir-se e a pentear-se e pôs um colarinho de homem. Franzia as sobrancelhas diante do espelho, esboçava grandes gestos, encolhia os ombros. Finalmente, sem dizer nada a ninguém, pôs o chapéu e saiu pela porta de serviço, procurando não ser visto. Decidira ir directamente ao local onde estivesse o imperador e explicar a um dos camaristas — pensava que o imperador andava sempre rodeado de uma nuvem de camaristas — ser o conde Rostov e que, não obstante muito novo, era seu desejo servir a pátria, e que a sua pouca idade não podia ser obstáculo quando se tratava de uma coisa assim e que estava disposto... Preparara uma série de lindos discursos para recitar ao dito camarista.

Pétia contava ser bem sucedido ao apresentar-se ao imperador precisamente

porque era uma criança — pensava, inclusivamente, assombrar toda a gente com a sua juventude —, e, no entanto, na maneira como arranjara o colarinho, na forma como se penteara, no seu andar grave e moderado, procurava dar a impressão de ser um homem feito, A medida, porém, que ia avançando, mais distraído se mostrava com a multidão que afluía ao Kremlin, esquecendo-se de manter o ar grave que convinha. Ao aproximar-se do palácio, tratou de não deixar que a multidão o arrastasse e pôs-se a distribuir empurrões para a direita e para a esquerda, com ar ameaçador. Na porta da Trindade, apesar de toda a sua energia, a multidão, que provavelmente ignorava as suas intenções patrióticas, de tal modo o comprimiu de encontro à muralha que ele não teve outro remédio senão ficar ali parado espera que as carruagens que passavam sob o arco, estrondeando, houvessem desfilado. Ao pé dele estava uma mulher do povo, um lacaio, dois negociantes e um soldado reformado. Depois de algum tempo imobilizado, Pétia, sem esperar que desfilassem todas as carruagens, quis passar adiante dos demais e resolveu abrir caminho à força de cotovelos. Porém a mulher que estava a seu lado, a primeira pessoa a ser acotovelada, interpelou-o, colérica:

— Que é lá isso, senhorito? Não vê que estão todos à espera? Onde vai com essa pressa?

— Assim todos nós podíamos caminhar — corroborou o lacaio, que, servindo-se também dos seus cotovelos, o empurrou de encontro a um malcheiroso recanto da porta.

Pétia passou a mão pela cara coberta de suor e deu um jeito ao colarinho todo amarrotado que com tanto esmero pusera, à imitação das pessoas crescidas.

Reconhecia já não estar com aspecto decente e que se se apresentasse ao camarista não o deixariam aproximar-se do imperador. Mas recompor-se e sair daquele labirinto não lhe era possível. A certa altura viu passar um general conhecido da família. Pensou pedir-lhe que o ajudasse, mas logo reconsiderou, achando que isso não era atitude digna de um homem como ele. Assim que acabaram de desfilar as carruagens, a multidão precipitou-se c, arrastou-o consigo até à praça, coalhada de povo. Havia gente Por todos os lados, até em cima dos telhados, Assim que desembocou na praça ouviu distintamente o repicar dos sinos que enchia todo o Kremlin e o burburinho da turba-multa. De súbito abriu-se uma clareira entre a multidão, todas as cabeças se descobriram e mais uma vez toda a gente se lançou para diante. Pétia, esmagado pela multidão, mal podia respirar.

Todos gritavam: «Hurra! Hurra! Hurra!» O pequeno erguera-se na ponta dos pés, empurrava os vizinhos, agarrava-se a eles, mas nada mais podia ver além da multidão que o cercava.

Em todos os rostos havia o mesmo entusiasmo e o mesmo carinho.

Uma vendedeira, a seu lado, rompeu em soluços, e as lágrimas caíam-lhe pela cara.

— Paizinho, meu anjo, meu paizinho! — balbuciava ela, enxugando as lágrimas com as mãos.

«Hurra!», continuava a ouvir-se por todos os lados.

Por momentos, a multidão imobilizou-se, e de novo se lançou para a frente.

Pétia sem dar conta do que fazia, de dentes cerrados e os olhos esbugalhados, precipitou-se também, distribuindo socos e gritando: «Hurra!» Dir-se-ia que naquele momento estava pronto a matar os outros e a matar-se a si. A seu lado, pessoas com expresses idênticas e igualmente selvagens, soltavam os mesmos clamores.

«Finalmente, lá está o imperador!», pensava ele. «Ah!, mas como apresentar-lhe a minha petição? Seria um atrevimento!» Nem por isso deixava contudo de furar a multidão desesperadamente, e por cima dos ombros dos que iam diante dele pôde ver um espaço livre com uma passadeira encarnada. No mesmo momento, porém, a multidão recuou, pois os polícias que estavam na frente tinham repelido os que haviam chegado perto de mais do cortejo na altura em que o imperador, vindo do palácio, entrava na catedral de Uspenki. Foi então que Pétia recebeu de repente uma grande pancada na cabeça e se sentiu de tal modo esmagado pela multidão que a vista lhe toldou e caiu sem sentidos. Quando voltou a si, um dignitário da igreja, com um rabicho de cabelos brancos na nuca, vestindo uma sotaina azul desbotada, naturalmente um sacristão, amparava-o com uma mão por debaixo de um braço, enquanto com a outra o protegia da vaga da multidão.

— Iam matando este rapazinho! — clamava o sacristão. — Não vêem?... Cuidado!... Está esmagado, esmagado!

O imperador entrava na catedral. A multidão apaziguou-se outra vez e o sacristão levou consigo Pétia, muito pálido, mal podendo respirar, até ao pé do rei dos canhões. Várias pessoas se compadeceram de Pétia e a multidão refluiu, de súbito, direita a ele, comprimindo-se à sua volta. Os que estavam mais .perto

desapertaram-lhe o fato, obrigaram-no a sentar-se no pedestal do canhão, manifestando a sua revolta contra os que o haviam Posto em tal estado.

«Podiam tê-lo liquidado! Sempre te digo! É um crime! Olhem para ele, pobre miúdo, está branco como a cal da parede!» murmurava-se na turba.

Não tardou que Pétia voltasse completamente a si. As faces tornaram a ficar coradas, a dor passou e graças a esta passageira indisposição pôde conseguir um bom lugar em cima do canhão, donde esperava poder ver agora perfeitamente o imperador no seu regresso da catedral. Não pensava mais, porém, na sua petição. Vê-lo que fosse já era uma grande felicidade.

Durante a cerimónia na catedral, em que se celebrava um serviço de acção de graças pelo regresso do imperador e outro pela conclusão da paz com os Turcos, a multidão dispersou-se. Apareceram então os vendedores de kvass, de rosquilhas de amêndoa e de sementes de papoula, de que Pétia gostava muito; soltavam os seus pregões enquanto a multidão tagarelava. Uma vendedeira expunha o xale rasgado e dizia quanto lhe custara, outra garantia estarem as sedas por um preço doido. O sacristão que salvara Pétia falava com um funcionário sobre as personalidades que oficiavam com Sua Eminência. Por várias vezes pronunciou a palavra «concílio», cuja significação Pétia ignorava. Dois comerciantes novos chalaceavam com duas moças que rilhavam nozes. Todas estas conversas, principalmente a dos rapazotes com as moças, coisa própria para o interessar na sua idade, não lhe despertavam a mais pequena curiosidade naquele momento. Ali estava empoleirado no pedestal do canhão, comovidíssimo, a pensar no imperador e no amor que lhe tinha. E a dor e o medo que experimentara quando se vira por terra, juntos ao entusiasmo que sentia, ainda lhe tornavam mais memorável aquela hora solene.

De repente estrondearam tiros de canhão ao longo do cais — eram salvas para comemorar a paz com os Turcos —, e a multidão arrojou-se em peso para aquele lado na esperança de desfrutar o novo espectáculo. Pétia quis fazer o mesmo, mas o sacristão, que o tomara à sua guarda, não consentiu. Ainda as salvas não tinham cessado quando saíram apressadamente da catedral oficiais, generais, camareiros, e atrás deles outra gente que caminhava menos apressada, Todos os presentes se desbarretaram e a multidão que ocorrera ao cais de novo afluiu àquele lado da praça. Finalmente quatro senhores de uniforme de gala apareceram à porta. «Hurra! Hurra!», gritou a multidão,

«Qual é? Qual é?», perguntava Pétia com lágrimas na voz, mas ninguém lhe respondia. Toda a gente estava embasbacada com o espectáculo. E, escolhendo ao acaso uma das quatro personagens que mal podia distinguir através das lágrimas de alegria que lhe inundavam os olhos, foi a ela que consagrou todo o seu entusiasmo. Gritou «Hurra!», numa voz arrebatada, e ali mesmo resolveu definitivamente, custasse o que custasse, que a partir do dia seguinte seria soldado.

A turba correu atrás do imperador, acompanhando-o até ao palácio e em seguida dispersou, Era tarde, e Pétia, em jejum, sentia-se alagado de suor, que lhe gotejava da testa. Não saía, porém, de ao pé dos basbaques, cada vez mais raros, mas ainda muitos nessa altura. Enquanto durou o banquete do imperador deixou-se ficar diante do palácio, a olhar para as janelas, sempre à espera de um acontecimento qualquer, e cheio de inveja, ao mesmo tempo, quer dos dignitários que chegavam para tomar parte no jantar, quer dos lacaios que serviam à mesa e que se viam através das janelas.

Durante o banquete, Valuiev, lançando um olhar para a rua, disse:

— O povo ainda espera tornar a ver Vossa Majestade.

O jantar estava no fim, o imperador levantou-se, a trincar ainda um biscoito, e apareceu à varanda.

«Nosso anjo! Nosso pai! Hurra! Nosso pai!...», gritava a multidão, e Pétia com ela. E de novo as mulheres e alguns homens também, mais discretamente, em cujo número se contava Pétia, choraram lágrimas de alegria.

Um pedaço de biscoito que o imperador tinha na mão caiu sobre o parapeito da varanda e daí para a rua. Um cocheiro, de avental, que estava mais perto, precipitou-se para apanhá-lo. Os que se encontravam nas imediações lançaram-se sobre ele. Vendo o que, o czar mandou lhe trouxessem o prato dos biscoitos e despejou-o do alto da varanda. Os olhos de Pétia injectaram-se de sangue. O perigo de ser pisado ainda mais o excitava, e precipitou-se. Não sabia porquê, mas sentia que precisava absolutamente de um dos biscoitos arrojados pela mão do imperador e por nada deste mundo teria desistido do seu intento. Na sua carreira atirou ao chão uma velha que ia deitar a mão a um deles, a qual se não deu por vencida, embora de joelhos em terra. Tinha, porém, o braço muito curto. Pétia deu-lhe uma joelhada, apanhou o biscoito, e, para não ficar atrás dos outros, gritou de novo: «Hurra!», mas desta vez numa voz rouca.

O imperador recolheu-se e então a maior parte do povo dispersou.

«Eu bem te disse que era bom esperar. Aqui tens, conseguimos vê-lo!», dizia-se, alegremente, no meio da multidão.

Apesar da alegria que experimentava, Pétia não estava satisfeito por voltar para casa; o prazer daquela jornada findara para ele. Por isso, em vez de regressar ao lar, dirigiu-se a casa do seu camarada Obolenski, que tinha quinze anos e ia ingressar no exército. Quando voltou a casa, Pétia declarou resoluto que fugiria se o não deixassem alistar-se. E no dia seguinte, embora sem ter dado ainda a sua autorização formal, o conde Ilia Andreitch foi informar-se de qual seria a melhor maneira de alistar o filho sem o expor demasiado.

[XXII]

No dia 15, de manhã, três dias depois dos acontecimentos relatados, grande número de carruagens estacionava diante do Palácio Slobotski.

Os salões estavam cheios de gente. No primeiro havia nobres envergando os seus uniformes; no outro, comerciantes de grandes barbas, com as suas condecorações e os seus cafetãs azuis.

Na sala da nobreza tudo era bulício e agitação. Diante de uma grande mesa, sob o retrato do imperador, em cadeiras de alto espaldar, sentavam-se as personalidades mais importantes, mas a maior parte das pessoas deambulava pela sala.

Toda esta fidalguia, a mesma gente que Pedro encontrava todos os dias no clube ou a quem visitava, vestia uniformes de épocas diferentes, do tempo de Catarina, de Paulo, de Alexandre, ou então a farda vulgar da nobreza. Mas esses uniformes, no fundo bastante parecidos, davam um aspecto estranho e fantástico a essas figuras, jovens ou idosas, tão diferentes e ao mesmo tempo tão conhecidas. Os mais extraordinários eram os velhos: desdentados, calvos, meio cegos, cobertos de uma gordura amarelenta ou então magros e rugosos. A maior parte permanecia sentada, sem dizer palavra, e, se alguns se levantavam para conversar, iam instalar-se ao pé dos mais novos.

À semelhança do que acontecia com os rostos da multidão estacionada na

praça em que estivera Pétia, também na expressão desta gente se reflectiam as mais variadas preocupações: a expectativa de um acontecimento memorável ou a recordação do facto mais banal da vida, uma partida de boston, um bom jantar preparado pelo cozinheiro Petrushka, a boa saúde de Zenaida Dmitrievna e coisas do mesmo teor.

Desde manhã muito cedo que Pedro, que a custo se enfiara no seu uniforme de fidalgo, muito apertado, se encontrava na sala. Uma grande emoção o dominava. Esta reunião extraordinária, não só da nobreza, mas dos próprios comerciantes, aquela reunião das diversas classes, os estados gerais, despertava nele uma revoada de ideias há muito abandonadas, embora profundamente arreigadas no seu espírito, relativas ao Contrato Social e à Revolução Francesa.

As palavras da proclamação anunciando que o imperador iria a Moscovo para deliberar com o seu povo confirmavam-no na sua maneira de ver. E na suposição de que se preparava, nesta ordem de ideias, qualquer coisa de importante, que há muito esperava, ia e vinha, observava, prestava o ouvido às conversas, sem de resto nada encontrar em parte alguma que viesse ao encontro dos pensamentos que o absorviam.

Foi lida a proclamação, que despertou entusiasmo, depois formaram-se grupos fazendo comentários. Além dos assuntos triviais de conversa, Pedro reparou que se falava do lugar em que deviam ficar colocados os marechais da nobreza quando entrasse o imperador, da data do baile em sua honra, e as pessoas perguntavam umas às outras se deveriam reunir-se por distritos ou por províncias, etc. Sempre porém que se falava da guerra e do objecto preciso daquela reunião, só se diziam coisas vagas e indecisas. As pessoas preferiam ouvir a falar.

Um homem de certa idade, com ar marcial, bonita figura e farda de oficial da marinha reformado, falava numa das salas a um grupo de pessoas que o rodeavam. Pedro aproximou-se e pôs-se a escutar.

O conde Ilia Andreitch, com o seu cafetã de voivoda do tempo de Catarina, cirandava com um sorriso nos lábios por meio da multidão, tudo gente sua conhecida. Aproximando-se igualmente do grupo, apurou o ouvido, com esse ar bonacheirão que tinha sempre em tais casos, enquanto abanava a cabeça aprovadoramente. O marinheiro sustentava opiniões muito atrevidas, como podia depreender-se da expressão dos que o ouviam e do facto de pessoas que Pedro conhecia como pacíficas e serenas se afastarem dele com modos reprovadores ou

contradizendo-o. Abrindo caminho até meio do grupo, Pedro, depois de escutar por algum tempo, convenceu-se de que quem falava era realmente um liberal, mas um liberal de uma natureza muito diversa da sua, o orador tinha uma voz de barítono, sonora e cantante, comia os rr e abreviava as consoantes, uma dessas vozes que costumam gritar: «Apraz, o meu cachimbo!» e coisas idênticas. Falava com e entono e a segurança de quem está habituado a mandar.

— E então? Que tem que os de Smolensk tenham oferecido milícias ao imperador? São eles quem faz as leis? Se a digna nobreza da província de Moscovo assim o entender, tem outras maneiras de mostrar a sua dedicação. Já esquecemos a milícia de 1807? Só ganharam com isso os ladrões e os filhos de pope...

O conde Ilia Andreitch, sorrindo docemente, abanava a cabeça, aprovador.

— E então? De que serviram ao Estado os milicianos? De nada. A única coisa que fizeram foi arruinar as nossas propriedades. Ainda o melhor é o recrutamento... Se assim não for, aqueles que voltarem da guerra nem serão soldados nem camponeses, mas malandros, malandros, nada mais. Os nobres não poupam a sua vida, todos nós lá iremos individualmente e levaremos connosco os recrutas. Basta que o imperador chame por nós, e estaremos prontos a morrer por ele — concluiu o orador, cada vez mais entusiasmado.

Ilia Andreitch engasgava-se, de tão contente, e ia dando cotoveladas a Pedro, pela sua parte desejoso de dizer alguma coisa também. Deu alguns passos em frente, arrebatado pelas circunstâncias, mas sem saber ao certo o que ia dizer.

Mal abriu a boca, logo foi interrompido por um senador desdentado, de expressão inteligente, mas furibunda, que estava ao lado do orador. Via-se ser homem habituado a presidir a debates, e falava numa voz serena, mas precisa.

— Suponho, meu caro senhor — disse, com a sua boca desdentada —, não termos sido convocados para discutir o que é preferível para o imperador na hora que passa: o recrutamento ou a milícia. Temos de responder à proclamação com que o imperador nos honrou. Quanto a escolher entre o recrutamento e a milícia, deixemos que o poder supremo decida...

Pedro encontrou logo uma saída para a exaltação que o tomava.

Estava indignado com as vistas curtas e com as limitações que o senador queria impor às opiniões da nobreza. Deu um passo em frente e interrompeu-o. Ele próprio não sabia o que ia dizer, mas pôs-se a falar com vivacidade, usando

palavras francesas intercaladas num russo assaz livresco.

— Perdoe-me, Excelência — principiou ele. Era íntimo do senador mas entendia dever dar-lhe esse tratamento. — Embora eu sei a da opinião deste senhor... — Engasgou-se. Era sua intenção dizer: meu muito digno preopinante... — Deste senhor... que não tenho a honra de conhecer, suponho que a nobreza não foi convocada apenas para exprimir a sua simpatia e o seu entusiasmo, mas também para discutir as medidas que entenda úteis à pátria. Suponho — prosseguiu ele, cada vez mais animado — que o próprio imperador ficaria descontente se visse que não passávamos de proprietários de campónios postos às suas ordens para... carne de canhão, em vez de um... conselho.

Vários circunstantes afastaram-se ao verem o sorriso desdenhoso do senador, além de acharem que Pedro empregava uma linguagem muito livre. Só Ilia Andreitch aprovou o discurso deste, tal qual como havia aprovado antes o do marinheiro, o do senador e em geral de todos quantos fossem os últimos a falar.

— Suponho — prosseguiu Pedro — que antes de discutirmos estas questões devemos pedir respeitosamente ao imperador que nos comunique o número de soldados de que dispomos e a situação em que está o nosso exército e então...

Mas Pedro não pôde continuar. Interpelaram-no de três lugares distintos. E o mais violento dos seus antagonistas foi um homem que ele conhecia havia muito, seu parceiro no jogo do boston, sempre nos melhores termos com ele, um tal Stepan Stepanovitch Adraksine. Este tal Stepan Stepanovitch envergava o uniforme, e, ou fosse por essa ou por outra razão, Pedro viu diante de si um homem completamente diferente. Com uma súbita cólera senil pintada no rosto, gritou para Pedro:

— Em primeiro lugar, devo chamar-lhe a atenção para o facto de não termos o direito de formular tais perguntas ao imperador, e, em segundo lugar, ainda mesmo que a nobreza russa tivesse esse direito, o imperador não podia responder-nos, A marcha das nossas tropas está subordinada à do inimigo. Ora vão ora vêm...

Outra voz ressoou, a voz de um homem de estatura média, dos seus quarenta anos, que Pedro outrora vira em casa das ciganas e que conhecia por batoteiro. Completamente outro, talvez também mercê do uniforme que vestia, avançou para Pedro, interrompendo Adraksine.

— O momento não é para discussões — disse ele —, mas para agir: temos a guerra em casa. O nosso inimigo avança disposto a esmagar a Rússia, a profanar os

túmulos dos nossos antepassados, a levar consigo as nossas mulheres, os nossos filhos. — Ao dizer estas palavras o orador bateu no peito. — Levantar-nos-emos todos, daremos tudo ao nosso pai, o czar! — Gritava com os olhos injectados fora das órbitas, e na multidão ouviram-se algumas palavras de aplauso — Somos russos e não pouparemos e nosso sangue na defesa da fé, do trono e da Rússia. E se somos dignos filhos da nossa pátria, deixemos de lado todas essas quimeras. Mostraremos à Europa como a Rússia é capaz de se levantar pela Rússia.

Pedro teria querido replicar, mas achou melhor não abrir a boca. Tinha percebido que as suas palavras, independentemente das ideias que exprimissem, teriam menos repercussão que as daquele nobre exaltado.

Ilia Andreitch, lá atrás do grupo, aprovou também o orador. Quando este terminou o seu discurso, alguns dos presentes voltaram-se para ele e exclamaram:

«Muito bem! Muito bem!»

Pedro teria querido dizer estar pronto também a todos os sacrifícios monetários, e em homens igualmente, e até a sacrificar-se a si próprio, mas que entendia ser preciso conhecer a situação para lhe dar remédio. Não o pôde fazer porém. Toda a gente gritava e falava simultaneamente. Ilia Andreitch não tinha tempo de os aprovar a todos. E o grupo aumentava, dispersava-se, refazia-se, até que, finalmente, no meio do rumor das conversas, lá foi, através da sala, direito à grande mesa. Não só Pedro não lograva dizer uma única palavra, como o interpelavam grosseiramente, repeliam-no, voltavam-lhe as costas, como se ele fosse um inimigo comum, Não é que estivessem descontentes com o sentido do seu discurso — tinham esquecido por completo o que, ele dissera depois dos que haviam falado em seguida —, mas aquela multidão excitada necessitava de um objecto palpável que amasse ou odiasse. Pedro, eis o bode expiatório. Muitos foram os oradores que falaram ainda, e todos eles no mesmo tom. Alguns discursavam bastante bem e de maneira original.

O director do Mensageiro Russo, Glinka, a quem saudaram, ao reconhecê-lo, gritando: «O escritor! O escritor!», disse que «o Inferno devia ser repelido pelo Inferno», que «vira uma criança sorrir à luz dos relâmpagos e ao ribombar dos trovões», mas ele «não era uma criança».

«Sim, sim, o ribombar dos trovões!», repetia-se lá para trás, nas últimas filas.

A multidão aproximou-se da grande mesa onde, de uniforme de gala, se sentavam as personalidades da alta nobreza, septuagenários de cabelos brancos

uns, outros calvos. Pedro tinha-os visto quase todos, quer nas suas próprias casas, com os seus bufões, quer no clube, sentados às mesas do boston. As conversas nem por isso cessaram. Uns após outros, e às vezes ao mesmo tempo, iam os oradores tomando a palavra, comprimidos contra os altos espaldares das cadeiras. Os que estavam atrás notavam o que o orador precedente não dissera, para se darem pressa de o expressarem. Outros, no meio daquele calor e daquele apertão, procuravam no cérebro as ideias que lhes escapavam para que os outros as tomassem. Os nobres conservavam-se nos seus tronos, olhavam uns para os outros, um pouco sobressaltados, e na expressão dos seus rostos apenas se percebia estarem cheios de calor. No entanto, Pedro sentia-se emocionado também e aquele desejo de tudo sacrificar pela pátria que palpitava em todos os discursos acabou por comunicar-se-lhe. Não renegava qualquer das suas convicções, mas sentia-se confusamente culpado e que— na justificar-se.

— Apenas digo que seriam mais fáceis os nossos sacrifícios se soubéssemos quais as necessidades a enfrentar — gritou, procurando dominar a outras vozes.

Um velhinho que estava perto de Pedro encarou-o, mas logo o distraíram os gritos que ressoaram na outra extremidade da mesa.

«Sim, Moscovo render-se-á! Será a expiadora», gritava alguém.

«É um inimigo da humanidade!», vociferou outra voz. «Deixem-me falar... Os senhores sufocam-me!...»

[XXIII]

Naquele momento entrou na sala, apressadamente, por entre a multidão, que se afastava, o conde Rostoptchine, de uniforme de general, banda militar a tiracolo, queixo proeminente e olhos coruscantes.

— Sua Majestade o imperador está a chegar — disse ele — Venho lá de dentro. Creio que na situação em que nos encontramos não temos muito tempo para discutir. O imperador dignou-se reunir-nos, bem como aos comerciantes. É dali que virão os milhões — acrescentou, apontando para a sala contígua. — A nós cabe-nos formar a milícia e não nos pouparmos a nós próprios... É o menos que podemos fazer.

Entre os notáveis que se sentavam em volta da mesa principiou uma espécie de conselho. Tudo se dizia em voz segredada. E depois da algazarra anterior era triste ouvir aquele rouquejar de velhos, emitindo as suas opiniões um por um. Dizia uma voz: «Estou de acordo»; e outra, para variar a fórmula, murmurava: «Sou da mesma opinião.»

Ao secretário foi dada ordem de inscrever a resolução seguinte da nobreza moscovita: «Os Moscovitas, seguindo o exemplo dos habitantes de Smolensk, darão dez homens por mil com equipamento completo.» Em seguida levantaram-se, satisfeitos por poderem desentorpecei, as pernas, afastando as cadeiras com fragor, e espalhando-se pela sala, de braço dado, dando à língua.

«O imperador! O imperador!», gritaram daí a pouco, e toda a gente se precipitou para a entrada.

Em passos largos, pelo meio de uma fila de nobres, o imperador caminhou sala dentro. Em todos os rostos havia uma curiosidade respeitosa e assustada. Pedro, bastante longe, não pôde distinguir muito bem as palavras pronunciadas. Compreendeu apenas que o imperador falava do perigo em que se encontrava o império e das esperanças que tinha na nobreza de Moscovo. Outra voz respondeu ao imperador para lhe comunicar os termos da resolução que acabava de tomar-se.

— Meus senhores — disse o imperador em voz trémula. Um ligeiro sussurro percorreu a multidão, que instantaneamente se calou, e Pedro ouviu distintamente a voz simpática e comovedora do soberano, que dizia: — Nunca duvidei da dedicação da nobreza russa. Mas hoje sinto que ultrapassou as minhas esperanças. Agradeço-vos em nome da pátria. Meus senhores, mãos à obra, o tempo e precioso...

O imperador calou-se, a multidão comprimiu-se à sua roda e exclamações de entusiasmo irromperam de todos os lados.

«Sim, e o que é mais precioso ainda... é a palavra do czar», dizia, soluçando, nas ultimas filas, Ilia Andreitch, que nada ouvira e tudo compreendera à sua maneira.

Da sala da nobreza o imperador passou à dos comerciantes. Esteve ali perto de dez minutos. Pedro, e como ele tantos outros, viram-no abandonar a sala com lágrimas de reconhecimento a bailar-lhe dos olhos. Como depois veio a saber-se, mal principiara c seu discurso aos comerciantes, as lágrimas saltaram-lhe dos olhos

e foi em voz trémula que pronunciou as últimas palavras. Quando Pedro o viu saía ele da sala acompanhado por dois dos assistentes, Um deles era seu conhecido, um grande produtor de álcool; o outro era administrador local, de rosto magro e amarelento, barba rala. Ambos choravam. O magro tinha lágrimas nos olhos, mas o outro soluçava como uma criança, repetindo constantemente: «Majestade! Ofereço-vos a minha vida e a minha fortuna!»

Naquele momento Pedro não desejava outra coisa senão mostrar que para ele não havia obstáculos e que estava disposto a tudo sacrificar. Lamentava o seu discurso de tendências constitucionais. Procurava uma oportunidade para o fazer esquecer. Ao saber que o conde Mamonov oferecia um regimento inteiro, declarou imediatamente ao conde Rostoptchine que daria mil homens e se encarregaria da sua manutenção.

O velho Rostov não pôde contar sem lágrimas, à mulher, que o ouvia, o que se tinha passado, dando desde logo a Pétia o consentimento que ele pedia e indo ele próprio alistá-lo.

No dia seguinte o imperador partiu. Todos os nobres que tinham sido convocados despiram o uniforme, retomando os seus hábitos, tanto em casa como no clube, e foi resmungando que deram ordem aos intendentes respectivos para a formação das milícias, surpreendidos eles próprios dos seus oferecimentos.

SEGUNDA PARTE

[I]

Napoleão iniciou a guerra contra a Rússia porque não podia deixar de ir a Dresde, porque não podiam deixar de lhe subir à cabeça as honrarias, porque precisava de envergar um uniforme polaco e de se deixar envolver nos encantos de uma linda manhã de Junho, porque não pôde resistir à cólera na presença de Kurakine depois de Balachov.

Alexandre recusara-se a parlamentar, pois se sentia pessoalmente ofendido. Barclay de Tolly procurava comandar o exército o melhor que podia no cumprimento do seu dever e na esperança de conquistar a fama de grande cabo-de-guerra. Rostov lançara-se contra os franceses porque não podia resistir à tentação de galopar em campo aberto. E eis como agiam, consoante as suas disposições pessoais, os seus hábitos, a sua condição ou as suas intenções, as numerosas personagens que tomavam parte na guerra. Os seus receios, as suas vaidades, as suas alegrias, os seus descontentamentos, as suas críticas vinham de suporem saber o que faziam e de julgarem agir por si próprios, quando afinal não passavam de instrumentos inconscientes da história, realizando um trabalho oculto para eles, mas inteligível para nós. Tal é o destino imutável de todos os comparsas, tanto menos livres quanto mais alto na hierarquia social.

Os actores dos acontecimentos de 1812 já não pertencem ao número dos vivos, os interesses que os impeliam não deixaram o mais pequeno vestígio, e só restam os resultados históricos da sua época.

Mas, se admitirmos que os habitantes da Europa conduzidos Por Napoleão deviam penetrar no coração da Rússia e ali ficar, toda a conduta contraditória, insensata e cruel dos actores dessa guerra se nos torna inteligível.

A Providência obrigava todos esses homens na peugada de fins pessoais a colaborar num único e enorme resultado, resultado que ninguém conhecia, nem Napoleão nem Alexandre, e ainda muito menos qualquer dos que participavam na

guerra.

No momento actual vemos claramente o que provocou a perda do exército francês. Ninguém contestará que a causa desse desastre foi, por um lado, a sua penetração tardia e sem preparação suficiente no coração da Rússia, sujeito a arrostar com uma campanha de Inverno, e, por outro, o carácter que a guerra assumiu em virtude do incêndio das povoações e o ódio que germinou no coração do povo russo. Mas então ninguém podia prever o que actualmente é a própria evidência, isto é, que bastavam estas causas para aniquilar um exército de oitocentos mil homens, o melhor que ainda houvera no mundo, conduzido pelo melhor dos capitães, diante do exército russo, duas vezes mais fraco, sem experiência, e dirigido por generais igualmente inexperientes. E não só ninguém podia prever semelhante desfecho como todos os esforços da parte dos Russos tendiam constantemente a impedir a única coisa susceptível de salvar a Rússia e os da parte dos Franceses, apesar da experiência e do suposto génio militar de Napoleão, igualmente tendiam a levar as suas vitórias até Moscovo antes do fim do Estio, ou seja, a fazer exactamente o que deveria perdê-los.

Nas obras históricas respeitantes a 1812 os autores franceses insistem no facto de Napoleão sentir o perigo que para ele havia em estender demasiado as suas linhas, e dizem que procurava dar batalha, que os seus generais o tinham aconselhado a deter-se em Smolensk e em quejandos argumentos da mesma sorte que provam não se ignorar então o perigo que ameaçava o exército francês, Por outro lado, os autores russos insistem, com mais peso ainda, no plano estabelecido, segundo eles, desde o princípio da campanha, de guerra cita, o qual consistia em atrair Napoleão ao coração da Rússia, e atribuem esse plano uns a Pfuh1, outros a um certo francês, outros ainda a Toll, e outros, por fim, ao próprio Alexandre, documentando-se nas notas, nos projectos e nas cartas em que existem, de facto, alusões a esta maneira de ver. Mas a verdade é que todas estas alusões a uma previsão do que veio a acontecer, tanto do lado francês como do russo, se agora são postas em relevo é precisamente porque os acontecimentos as justificam. Se tivesse acontecido o contrário, teriam sido completamente esquecidas, como sucede a milhares de alusões e de hipóteses espalhadas então e que se verificaram ser inexactas. O resultado de cada acontecimento dá sempre lugar a tantas suposições que, sejam elas quais forem, há sempre pessoas prontas a afirmar: «Eu bem dizia que as coisas se passariam assim.» Esquecem que entre

todas estas numerosas suposições algumas há absolutamente contraditórias.

É evidente que a esta categoria de suposições sem fundamento pertence a do perigo entrevisto por Napoleão na extensão da sua linha de comunicações e a relativa à guerra cita, e os historiadores só com muitas reservas devem atribuir tais vistas a Bonaparte e tal plano aos chefes militares russos. Todos os factos estão em contradição absoluta com essas hipóteses. Não só no decurso de toda a guerra se não observou qualquer desejo da parte dos Russos de atraírem os Franceses ao interior do seu país, mas, pelo contrário, tudo quanto se fez foi no sentido de os deter, uma vez verificado o seu primeiro avanço. Por outro lado, não só Napoleão não receava o alongamento da sua linha, mas até se regozijava, como se se tratasse de uma vitória, de cada passo em frente, indo com maior entusiasmo para a luta do que no decurso das suas campanhas anteriores.

Desde o princípio que os exércitos russos se encontraram cortados, e o único objectivo dos seus chefes foi reuni-los de novo, quando é certo que para bater em retirada e atrair o inimigo ao coração do seu país tal junção não representava qualquer vantagem. O imperador esteve junto das suas tropas para encorajá-las na defesa de cada palmo da terra russa, e não para ordenar a retirada. Construiu-se o enorme campo entrincheirado de Drissa, de acordo com os planos de Pfuhl, na intenção bem clara de não se recuar mais. Cada passo à retaguarda custou aos comandantes-chefes repreensões do imperador. Não só este não Podia imaginar que os Russos deitariam fogo a Moscovo, como nem sequer previa que deixariam avançar o inimigo até Smolensk, e, quando os exércitos operaram a sua junção, exasperou-se pelo facto de aquela cidade ser tomada e incendiada e de se não ter travado uma batalha geral à volta das suas muralhas.

Assim pensava o imperador, mas assim pensavam também os chefes russos, e o povo inteiro indignou-se com a ideia de que o seu exército recuava até ao interior do país.

Napoleão, depois de cortar em dois o exército de Alexandre, Penetra cada vez mais a fundo em território russo, deixando escapar várias oportunidades para dar combate. Em Agosto está em Smolensk e não pensa noutra coisa senão em avançar mais ainda, embora, como hoje se vê perfeitamente, esse movimento fosse perigoso para ele.

Os factos mostram com toda a evidência que Napoleão não previa o perigo de um movimento em direcção a Moscovo e que Alexandre e os chefes russos não

pensavam em atrair Napoleão, mas sim exactamente no contrário. O facto deu-se não em resultado de um plano qualquer — e o certo é que ninguém teria acreditado na possibilidade de o pôr em prática —, mas como consequência de um complicadíssimo jogo de intrigas, de ambições, de desejos da parte dos comparsas da guerra, os quais não adivinhavam o que iria acontecer e seria a única salvação da Rússia. É inopinadamente que as coisas sucedem. Os exércitos são cortados em dois no princípio da campanha. Os Russos tentam reuni-los na intenção evidente de travar uma batalha e de deter o inimigo, mas no decurso desta tentativa, quando as tropas russas evitavam um recontro com forças muito superiores, eis que os exércitos de Alexandre batem involuntariamente em retirada, formando um ângulo agudo, e os Franceses se vêem deste modo atraídos até Smolensk. Ainda não é tudo dizer-se que os Russos retrocedem em ângulo agudo, pois os Franceses avançam entre os dois exércitos. O ângulo torna-se ainda mais agudo e os Russos recuam ainda mais, porque Barclay de Tolly, esse estrangeiro impopular. é odiado por Bagration, que lhe deve ser subordinado, e o qual, à frente do 2º exército, procura realizar a sua junção com elo, quanto mais tarde melhor, para não vir a encontrar-se sob as suas ordens. Durante muito tempo Bagration não opera a junção, embora seja esse o objectivo de todos os comandantes do exército, porque se lhe afigura que se realizar esse movimento porá em perigo as suas tropas e por lhe parecer melhor recuar mais à esquerda e para o sul, inquietando o flanco e a retaguarda do inimigo, o que lhe permitirá completar o seu exército na Ucrânia. Ao mesmo tempo parece ter imaginado semelhante táctica para não querer ver-se subordinado ao estrangeiro Barclay, a quem detesta e é mais novo na promoção,

O imperador está com o exército para o animar com a sua presença, mas o certo é que a sua estada junto das tropas, a ignorância das decisões que devem tomar-se e o número incrível de conselheiros e de planos propostos anulam a força ofensiva do 1º exército e as tropas batem em retirada.

As coisas dispõem-se para as tropas irem deter-se no campo de Drissa, mas inesperadamente Paulucci, que aspira ao posto de comandante-chefe, influi, graças à sua energia, no espírito de Alexandre, e todo o plano de Pfhul é abandonado, passando tudo para as mãos de Barclay. Como este porém não inspira confiança, o seu poder é limitado. E ai temos os exércitos fraccionados. Já não há unidade de comando, e Barclay não goza de popularidade, Desta confusão, deste fraccionamento, desta impopularidade do general-chefe, resultam, por um lado, a

indecisão e a recusa de travar batalha, a qual se não teria podido evitar se os exércitos estivessem reunidos e se Barclay não tivesse o comando, por outro, um descontentamento cada vez maior em relação aos estrangeiros e um despertar do sentimento patriótico.

Finalmente o imperador retira-se de junto do exército e o único e mais plausível pretexto da sua retirada é que a ele compete incitar o entusiasmo nas capitais com vista a criar o espírito de uma guerra nacional. E esta viagem a Moscovo triplica as forças do exército russo.

O imperador abandona o exército para não prejudicar a unidade do comando e espera-se que, após a sua partida, se tomem decisões mais enérgicas. Mas não. Pelo contrário, a situação do chefe do exército complica-se e enfraquece cada vez mais. Bennigsen, o grão-duque, todo um enxame de generais ajudantes-de-campo, permanecem no exército para vigiar os actos do comandante-chefe e despertar, em caso de necessidade, a sua energia, e Barclay, que de dia para dia se sente menos livre sob a vigilância de todos estes «olhos do imperador», torna-se ainda mais hesitante nas suas decisões e evita a batalha.

Barclay é, pela prudência. O grão-duque herdeiro chega a pronunciar a palavra «traição», e pede que se trave a batalha geral. Liubomirski, Bronnitski, Blotski e outros ainda dão tanta repercussão a este boato que Barclay, a pretexto de entregar uns documentos ao imperador, faz com que partam para, Petersburgo todos os ajudantes-de-campo polacos e entra em luta aberta com Benngsen e o grão-duque.

Finalmente, apesar da oposição de Bagration, em Smolensk opera-se a junção dos dois exércitos.

Bagration chega, de carruagem, à residência ocupada por Barclay. Este afivela o cinturão, vai ao seu encontro e faz-lhe o seu relatório como se fosse de patente inferior a ele. Bagration, num rasgo de magnanimidade, embora mais antigo, submete-se a Barclay. Feito o que, no entanto, cada vez se mostra em maior desacordo com ele. Por ordem do imperador, dirige-lhe pessoalmente o seu relatório. Escreve a Araktcheiev: «Apesar de ser esse o desejo do imperador, não posso de maneira nenhuma permanecer com o 'ministro' [assim designava Barclay]. Por amor de Deus, enviai-me para qualquer parte, ainda que não seja senão Para comandar um regimento. Aqui é que eu não me posso ver.

O quartel-general está cheio de alemães, e de tal modo que um russo não pode

viver no meio deles. É de perder a cabeça. Julguei servir realmente o imperador e a pátria e afinal a quem eu sirvo é Barclay. Confesso que me recuso a isso. A praga dos Bronnitski, dos Wintzengerode e quejandos continua a envenenar cada vez mais os relatórios dos comandantes-chefes e de dia para dia é menor a unidade de vistas. Preparam-se para atacar os Franceses diante de Smolensk. É enviado um general para examinar as posições. Este general, que detesta Barclay, dirige-se a casa de um dos seus amigos comandante de corpo de exército, passa com ele o dia, regressa ao quartel-general e faz crítica cerrada, ponto por ponto, do campo de batalha que não viu nem de longe.

Enquanto os Russos discutem e intrigam e se disputam sobre o futuro campo de batalha, enquanto procuram os Franceses e se enganam sobre as suas posições, estes caem sobre a divisão Nevierovski e aproximam-se dos muros de Smolensk,

É preciso aceitar, quer queiram quer não, a batalha às portas de Smolensk a fim de salvar as linhas de comunicação dos Russos. A batalha dá-se. Caem milhares de homens de um lado e do outro. Smolensk é abandonada contra a vontade do imperador e de todo o povo. Os habitantes porém, enganados pelos seus governantes, queimam a cidade. Completamente arruinados, chegam a Moscovo, só pensando nos prejuízos que sofreram, para darem o exemplo aos outros russos e comunicar-lhes o seu ódio ao inimigo. Napoleão prossegue a sua rota. Os Russos recuam, e assim se encaminham as coisas para que os Franceses sejam vencidos.

[II]

No dia seguinte ao da partida do filho, o príncipe Nicolau Andreievitch mandou chamar a princesa Maria.

— Bom, estás contente agora? — disse-lhe ele. — Conseguiste que eu me zangasse com o meu filho! Estás satisfeita? Era isso que querias, não é verdade? Estás contente?... Mas a mim isso faz-me pena, faz-me pena. Sou velho e fraco e foi isso que tu quiseste. Anda, alegra-te, alegra-te...

Depois disto a princesa Maria não tornou a ver o pai durante todo o resto da semana. Estava doente e não saía do seu gabinete.

Com grande espanto seu, a princesa notou que durante todo o período da

doença o velho príncipe também não deixou que Mademoiselle Bourienne entrasse rios seus aposentos, Tikon era a única pessoa que cuidava dele.

No cabo de oito dias voltou a sair e retomou a sua vida habitual, dedicando-se com particular actividade à edificação e às plantações, sem, no entanto, voltar a ver Mademoiselle Bourienne, No seu rosto, na maneira fria como tratava a filha, parecia ler-se: «Vês, foste contar histórias a meu respeito, caluniaste-me junto de André por causa das minhas relações com a francesa e conseguiste que eu me zangasse com ele. Como vês, não preciso de ti nem da francesa.»

A princesa Maria passava parte do dia com Nikoluchka: assistia às suas lições, dava-lhe mesmo, ela própria, lições de língua russa e de música e entretinha-se com Dessales. O resto do seu tempo levava-o a ler ou com a velha ama e os homens de Deus, que a vinham às vezes visitar pela porta do serviço. Pensava na guerra o que em geral as mulheres pensam. Temia pelo irmão, que por lá andava, horrorizava-a, sem poder percebê-la, a crueldade dos homens chacinando-se uns aos outros. E não compreendia a importância daquela guerra, que se lhe afigurava igual a todas as outras. No entanto, Dessales, o seu habitual interlocutor, seguia apaixonadamente a marcha das operações, procurando expor-lhe as suas ideias. Também os homens de Deus, à sua maneira, lhe falavam do que se dizia sobre a vinda do Anticristo, e Júlia, agora princesa Drubetzkoi, voltara a corresponder-se com ela, escrevendo-lhe de Moscovo cartas cheias de sentimento patriótico.

> Escrevo-lhe em russo, minha querida amiga — dizia-lhe ela — porque odeio os Franceses e a língua que eles falam, que já não posso ouvir... Em Moscovo estamos todos entusiasmados com o nosso adorado imperador.
>
> O meu pobre marido está passando fome e toda a sorte de incómodos nas sórdidas estalagens judias, mas as notícias ainda me animam mais.
>
> Provavelmente ouviu falar no feito heróico de Raievsy, o qual, abraçando os seus dois filhos, lhes disse: «Morrerei convosco, mas daqui não saímos!» E efectivamente, embora o inimigo fosse duas vezes mais forte, não recuámos. Passamos o tempo como podemos, mas a guerra é a guerra! A princesa Aline e Sofia estão dias inteiros comigo e as

> pobres de nós, infelizes viúvas de maridos vivos, enquanto preparamos ligaduras entretemo-nos a falar de coisas edificantes, Só temos saudades da nossa querida amiga...

A princesa Maria não se dava conta da importância da guerra, principalmente porque o velho príncipe, que nunca falava em tal, parecia ignorá-la e troçava de Dessales quando ele se lhe referia, O tom do príncipe era tão calmo e seguro que a filha, sem raciocinar, acreditava nas suas palavras.

Durante todo o mês de Julho o velho andou muito ocupado e até mesmo atarefado. Mandou plantar uma nova mata e construir um novo edifício para a criadagem. A única coisa que apoquentava a filha era o facto de ele passar mal as noites e de ter acabado com o seu antigo costume de dormir no gabinete: todos os dias mudava de quarto. Ora mandava pôr a cama de campanha na galeria, ora ficava num divã ou na cadeira de braços do salão, onde dormitava sem se despir, enquanto o jovem Petrucha, que substituíra Mademoiselle Bourienne, lhe lia em voz Outras vezes pernoitava na sala de jantar.

No dia 1 de Agosto chegou a segunda carta do príncipe André, Na primeira, recebida pouco depois da sua partida, pedia docilmente ao pai lhe perdoasse o que se permitira dizer-lhe e rogava-lhe que voltasse a conceder-lhe a sua afeição. O velho príncipe respondera-lhe em termos afectuosos e depois dessa carta afastara de si a francesa. A segunda, datada de Vitebsk, depois da ocupação da cidade, era uma rápida descrição de toda a campanha, com um plano desenhado por ele e algumas considerações sobre a marcha da guerra. Chamava a atenção do pai para a inconveniência de estar a residir muito próximo do teatro da guerra, precisamente na linha de movimento das tropas, e aconselhava-o a que partisse para Moscovo.

Ao jantar, nesse mesmo dia, ao ouvir dizer a Dessales que corria o boato de que os Franceses se encontravam já em Vitebsk, o velho príncipe lembrou-se da carta do filho.

— Recebi hoje uma carta do príncipe André — disse ele para Maria. — Não a leste?

— Não, meu pai — volveu-lhe ela, assustada.

Não lhe teria sido possível, efectivamente, ler uma carta que nem sequer sabia que tinha chegado.

— Falava da guerra, desta guerra — voltou o príncipe, com esse sorriso desdenhoso que se lhe tornara habitual sempre que abordava o assunto.

— Deve ser, com certeza, muito interessante — observou Dessales. — O príncipe deve estar bem informado...

— Ah!, interessantíssima! — exclamou Mademoiselle Bourienne.

— Vá buscá-la — disse o velho príncipe para a francesa. — Está na mesinha, debaixo do pesa-papéis.

Mademoiselle Bourienne ia já a sair, muito contente.

— Não, não! — exclamou ele, franzindo as sobrancelhas. — Vai tu, Mikail Ivanovitch.

Mikail Ivanovitch levantou-se e dirigiu-se ao gabinete. Mal ele saiu, o velho príncipe, olhando desassossegadamente à sua roda, atirou com o guardanapo e foi atrás dele.

— Nada sabem fazer. Vão-me mexer em tudo.

Durante a sua ausência, Maria, Dessales, Mademoiselle Bourienne, o próprio Nikoluchka, olharam uns para os outros sem dizer palavra. O velho príncipe voltou dai a pouco em passos apressados, seguido de Mikail Ivanovitch, com a carta e o plano, que pousou a seu lado, sem consentir que ninguém a lesse antes de findo o jantar.

Quando passaram ao salão, o velho príncipe entregou a carta à filha, e, estendendo o plano diante de si, pôs-se a estudá-lo, pedindo a Maria que lesse a carta em voz alta, Acabada a leitura, Maria olhou para o pai, mas este observava o plano, parecendo absorto nos seus pensamentos.

— Que pensa de tudo isto, príncipe? — permitiu-se dizer Dessales.

— Eu? Eu? — replicou ele, sem erguer os olhos do plano e como se emergisse de um sonho.

— É muito possível que o teatro da guerra realmente se aproxime de nós...

— Ah! Ah! O teatro da guerra — repetiu o príncipe — Disse e repito: o teatro da guerra é a Polónia e o inimigo nunca avançará para além do Niémen.

Dessales fitou-o, estupefacto e falava ele do Niémen quando e, inimigo já estava no Dniepre. Mas a princesa Maria, que esquecera a geografia, aceitava como verídicas as palavras do pai.

— Quando as neves principiarem a derreter-se morrerão todos afogados nos pântanos da Polónia. Agora não podem dar-se conta disso — disse o príncipe, que

naturalmente estava a pensar na campanha de 1807, para ele de há dois dias. — Bennigsen devia ter entrado mais cedo na Polónia. Então as coisas teriam tomado outro rumo...

— Mas, príncipe — interveio Dessales, timidamente —, na carta fala-se em Vitebsk...

— Na carta? Ah! Sim... — replicou ele, enfadado — Sim... Sim... — E de repente ficou triste, calando-se— Sim – voltou —, ele diz que os Franceses foram batidos junto a que rio?

Dessales baixou os olhos.

— O príncipe nada diz que se pareça com isso — observou mansamente.

— Quê? Não fala nisso? Fui eu quem o inventou ? Todos permaneceram calados por muito tempo.

— Sim... sim... Bom, Mikail Ivanovitch — continuou ele, de súbito, levantando a cabeça e mostrando o projecto do edifício que andava a fazer. — Como é que queres modificar isto?

Mikail Ivanovitch aproximou-se e o príncipe, depois de ter conversado com ele sobre o edifício em construção, relanceou um olhar furibundo a Maria e Dessales, desaparecendo em seguida.

A princesa Maria reparou no espanto do preceptor e na maneira como olhara o príncipe. Notou o seu silêncio e impressionou-a o facto de o pai ter esquecido em cima da mesa do salão a carta do filho. Receava interrogar Dessales sobre as causas do seu estarrecimento e do silêncio a que se votara; temia não só falar neste assunto, mas, inclusivamente, pensar nele. Pelo fim da tarde, Mikail Ivanovitch veio pela carta, da parte do príncipe. A princesa Maria entregou-lha. Embora isso a contrariasse, perguntou ao arquitecto que fazia seu pai.

— Nunca está quieto — replicou ele, com um sorriso entre respeitoso e irónico, o que fez empalidecer Maria — Está muito preocupado com os novos edifícios. Leu um bocado e agora — acrescentou Mikail Ivanovitch, baixando a voz — foi para o escritório, Parece-me estar às voltas com o testamento.

Naqueles últimos tempos uma das ocupações favoritas do príncipe era compulsar os papéis que queria deixar depois da sua morte: aquilo a que ele chamava o seu testamento.

— E sempre vai mandar Alpatitch a Smolensk? — inquiriu a princesa Maria.

— Isso mesmo. Há muito tempo já que ele espera ordens.

[III]

Quando Mikail Ivanovitch voltou com a carta, encontrou o príncipe sentado diante da papeleira aberta, as lunetas no nariz e um quebra-luz na testa. A chama das velas lia uns papéis que conservava a certa distância dos olhos, numa atitude assaz teatral: lia o que ele chamava as suas anotações, anotações estas que deviam ser entregues ao imperador depois da sua morte.

Quando Mikail Ivanovitch entrou, viu que o príncipe tinha lágrimas nos olhos: recordava-se do tempo em que escrevera aquelas páginas. O príncipe pegou na carta, meteu-a na algibeira, e depois de juntar os papéis chamou Alpatitch, que aguardava há muito tempo ali perto.

Escrevera, num papel tudo quanto era preciso comprar em Smolensk e deu as suas ordens, andando sempre de um lado para o outro do quarto, a Alpatitch, que continuava no limiar da porta.

— Em primeiro lugar, papel de carta, percebes? Oito mãos, aqui tens o modelo, Com os cantos dourados, sem falta, como o modelo. Verniz, lacre, como diz a nota de Mikail Ivanovitch.

Continuando a passear, ia consultando o caderninho de algibeira.

— Depois entregarás pessoalmente ao governador a carta que vou dar-te.

Eram ainda precisas fechaduras para o novo edifício, exactamente do modelo que ele próprio inventara. E também necessitava de uma pasta para depositar o testamento.

Mais de duas horas levou o príncipe a dar as suas instruções a Alpatitch. E não o largava. Sentou-se, ficou um momento pensativo, e em seguida, fechando os olhos, adormeceu. Alpatitch fez um movimento.

— Anda, vai-te embora, vai-te embora. Se precisar de mais alguma coisa, chamo-te.

Alpatitch saiu. O príncipe aproximou-se de novo da papeleira, percorreu-a com a vista, remexeu os papéis, voltou a fechá-la e foi sentar-se à mesa de trabalho, onde se pôs a escrever uma carta ao governador.

Era, tarde quando se levantou da mesa, depois de ter lacrado a carta. Tinha

sono, mas sabia que não poderia dormir e que desde que se deitasse o assaltariam os mais tristes pensamentos. Chamou Tikon e percorreu com ele várias dependências da casa à procura de onde instalar a cama para a noite. A cada canto tomava medidas.

Não lhe agradava sítio algum, mas o que acima de tudo lhe repugnava era o local do costume, no divã do gabinete. Esse divã causava-lhe um imenso desgosto, naturalmente por virtude dos Penosos pensamentos que aí tivera deitado. Não lhe convinha sitio algum, mas apesar de tudo o recanto do gabinete, por detrás do piano, era o que lhe parecia preferível, naturalmente por ainda aí não ter passado noite alguma. Tikon, ajudado pelo mordomo, transportou para ali a cama e preparou-a.

— Assim não! Assim não! — gritou o príncipe, afastando ele próprio e leito do recanto onde Tikon o armara e voltando a colocá-lo no mesmo sítio.

«Bom, finalmente agora está tudo pronto, vou poder descansar», disse de si para consigo, consentindo que Tikon principiasse a despi-lo.

Entre trejeitos, devidos ao esforço que tinha de fazer para deixar que lhe tirassem o cafetã e as calças, acabou por despir-se, caindo pesadamente sobre a cama, onde ficou pensativo a olhar tristemente as pernas ressequidas e amarelentas. Não estava propriamente a pensar, apenas adiava o momento difícil em que teria de soerguer as canelas e estender-se na cama. «Oh, que penoso que tudo isto é! Se tudo isto pudesse acabar dentro de pouco e se ’vós outros’ me pudésseis deixar tranquilo!», dizia para si mesmo. Tantas vezes tentou que, cerrando os dentes, acabou por se deitar. Mal se estendera, pôs-se-lhe a cama a balouçar. Dir-se-ia que o móvel ganhava vida. Era assim todas as noites. De novo abriu os olhos, que acabava de fechar.

«Não me deixam em paz estes malditos», resmungou, increpando, colérico, pessoas invisíveis. «Bom, que tinha eu reservado para me lembrar quando estivesse deitado? Era uma coisa muito importante. Ah!, já sei, as fechaduras. Não, as fechaduras já estão. Mas há qualquer coisa, qualquer outra coisa que se passou no salão. Não teria sido qualquer tolice da princesa Maria?... Ou qualquer coisa que contou esse imbecil de Dessales?... Não será qualquer coisa que eu tenha na algibeira?... Já me não lembro.»

— Tikon! De que se falou à mesa?

— Do príncipe André...

— Cala-te, cala-te — gritou o príncipe, fazendo um gesto violento. — Ah, sim, já sei, a carta do príncipe André. Dei-a a ler à Maria, Dessales disse lérias sobre Vitebsk. Agora é que tenho de a ler.

Deu ordens para lhe irem buscar a carta, que estava na algibeira. Mandou que lhe aproximassem da cama uma mesinha com o copo de limonada e uma vela de cera e depois de encaixar as lunetas no nariz principiou a ler. Só então, no silêncio da noite, àquela pálida luz coada pelo abat-jour verde, compreendeu, de súbito, a importância do que nela vinha escrito.

«Os Franceses estão em Vitebsk. Estarão em Smolensk em quatro etapas. Talvez já lá estejam até.» — Tichka! — Tikon, sobressaltado, pôs-se de pé. — Não, nada quero, não quero coisa alguma!...

Pousou a carta debaixo da palmatória e cerrou as pálpebras, E diante dos olhos surgiu-lhe o Danúbio, por um radioso meio-dia, uns canaviais, o acampamento russo, e ele, moço general, sem uma ruga então, vigoroso, fresco e rosado, a penetrar na tenda bordada de Potemkine. E um pulgente sentimento do ciúme diante do favorito despertou nele tão poderoso como outrora. E lembrou-se de tudo quanto se disse nesse primeiro encontro, nos mais pequenos pormenores. E diante dele está uma mulherzinha de pequena estatura, cheia, as faces rechonchudas e tez amarelada: é a nossa mãe, a imperatriz. E tinha diante dos olhos o sorriso dela, ouvia as palavras amáveis que ela lhe dirigira a primeira vez que o recebeu, e lembrou-se desse mesmo rosto no catafalco e a altercação com Zubov junto do ataúde por causa do direito de beijar a mão da morta.

«Ah, se eu pudesse voltar atrás a esse tempo e se o presente pudesse desaparecer por completo, rapidamente, muito rapidamente! Se eles me deixassem em paz!»

[IV]

Lissia Gori, o domínio do príncipe Nicolau Bolkonski, ficava a sessenta verstas mais além de Smolensk e a três verstas da estrada de Moscovo.

Na mesma noite em que Bolkonski dera as suas ordens a Alpatitch. Dessales pediu uma entrevista à princesa Maria e respeitosamente fez-lhe ver, que visto a

saúde do príncipe lhe não permitir tomas as medidas necessárias à segurança da sua gente e a carta do príncipe André indicar claramente que a permanência em Lissia Gori não podia deixar de constituir um perigo, seria prudente enviar por Alpatitch uma carta ao governador da Província de Smolensk pedindo-lhe que a informasse, da verdadeira situação e do risco que corria se continuasse na aldeia. Ele próprio escreveu a carta, que a princesa Maria assinou, a qual foi confiada a Alpatitch que recebeu instruções para a entregar ao governador e no caso de urgência regressar a Lissia Gori o mais cedo possível.

Alpatitch munido, de todas estas instruções, rodeado de gente da casa, gorro de pelo branco, presente do amo, bengala na mão exactamente como o príncipe, quando saía, instalou-se numa pequena kibitka, de capota de couro, tirada por três nutridos cavalos ruões.

Tinha amarrado as campainhas e metido papel nos guizos.. O príncipe não consentia que se usasse cascáveis no seu domínio. Mas Alpatitch gostava de guizalhar quando partia para uma longa viagem. Foram despedir-se o cartorário, o guarda-livros, uma cozinheira, uma moça de cozinha, duas velhas, um moço de recados, cocheiros e vários criados.

A filha pusera-lhe no assento e nas costas almofadas de penas. A velha cunhada meteu-lhe no carro, às escondidas, um embrulhinho. Pegando-lhe por um braço, um dos cocheiros ajudou-o a subir para a carruagem.

— Bom! Bom!, estes arranjos mulherengos! As mulheres! As mulheres! — exclamou Alpatitch, resfolegando, exactamente como costumava fazer o amo. E sentou-se no seu lugar.

Depois de ter dado as suas últimas instruções ao chefe da polícia rural a respeito dos trabalhos e desta vez sem imitar o príncipe, Alpatitch descobriu a cabeça calva e por três vezes se persignou.

— Se acontecer alguma coisa... volta logo para casa, Iakov Alpatitch. Por Deus, tem piedade de nós — gritou-lhe a mulher, aludindo aos rumores que corriam sobre a guerra.

«Ah! Coisas de mulheres! Coisas de mulheres! Sempre com histórias!», murmurou Alpatitch para com os seus botões quando a kibitka se pôs em marcha. E lançava um olhar para a direita, outro para a esquerda, mirando ora os campos de centeio que amareleciam, ora a aveia ramalhuda e ainda verdejante, ora os campos ainda negros, que principiavam a ser preparados para as sementeiras.

Alpatitch, ao longo do caminho, ia admirando as belas searas de trigo, excepcionais naquela Primavera, os regos de centeio onde, em certos locais, já principiava a ceifa, e para si mesmo ia deitando os cálculos às sementeiras e às próprias colheitas, ao mesmo tempo que se interrogava a si mesmo sobre se não se teria esquecido de qualquer recado do amo.

Depois de se deter duas vezes para dar de comer aos cavalos, chegou à cidade na noite de 4 de Agosto.

Já encontrara no caminho comboios e tropas que ultrapassara. Ao aproximar-se de Smolensk, ouvira tiros de canhão a distância, mas a nada prestara atenção. Impressionou-o bem mais o facto de ter visto, nos arredores da cidade, uma magnífica seara de aveia que os soldados ceifavam, naturalmente para ração dos cavalos, e onde se instalara um acampamento. No entanto, até este pormenor esqueceu em breve, preocupado que ia com o que tinha a fazer.

Havia mais de trinta anos que Alpatitch não vivia senão para cumprir as ordens do príncipe, e era tudo. O que não dissesse respeito ao cumprimento das ordens do amo não só não o interessava como nem sequer existia para ele.

Tendo chegado na noite de 4 de Agosto a Smolensk, deteve-se do outro lado do Dniepre, no arrabalde de Gatcha, na estalagem de Ferapontov, antigo porteiro do príncipe, onde havia trinta anos se hospedava. Trinta anos atrás, com a cumplicidade de Alpatitch, comprara Ferapontov uma mata ao príncipe, pusera-se a negociar e agora era dono de uma casa, de uma estalagem e de uma tenda de cereais na capital da província. Era um campónio dos seus cinquenta anos, gordo, vermelhusco, cabelo preto, lábios grossos, nariz batatudo, pança e lobinhos por cima das espessas sobrancelhas. Estava à porta da tenda que dava para a rua, de colete e em mangas de camisa. Ao ver Alpatitch velo a ele.

— Bem-vindo sejas, Iakov Alpatitch! Os habitantes vão-se da cidade e tu vens — exclamou.

— Que dizes tu? Vão-se da cidade? — inquiriu Alpatich. — E eu entendo que são estúpidos. Têm medo dos Franceses.

— Coisas de mulheres!, coisas de mulheres! — replicou Alpatitch.

— É o que eu digo, Iakov Alpatitch. Desde que deram ordens para não deixar passar o inimigo, o inimigo não passa. E aí tens tu os campónios a pedir três rublos por um carro. Que hereges!

Iakov Alpatitch ouvia distraído. Pediu o samovar e feno para os cavalos e

depois do chá foi deitar-se.

Durante toda a noite desfilaram tropas pela porta da estalagem. No dia seguinte, Alpatitch envergou o trajo que só vestia quando vinha à cidade e desandou à sua vida. Estava uma manhã soalheira e às oito horas já fazia calor. «Rico tempo para as colheitas!», pensava Alpatitch. Do outro lado da cidade, desde manhã se ouvia a fuzilaria.

A partir das oito horas salvas de artilharia vieram juntar-se aos tiros de espingarda. As ruas transbordavam de gente, que se agitava apressada, e de soldados, mas os carros de praça circulavam, e os comerciantes conservavam-se nas suas lojas. Nas igrejas celebravam-se os ofícios matinais. Alpatitch percorreu as lojas, as repartições, foi ao correio e a casa do governador. Nas repartições, nas lojas, no correio, não se falava senão na guerra e tio inimigo, que estava já a atacar a cidade; perguntavam todos uns aos outros o que deviam fazer e cada um procurava tranquilizar o vizinho.

Em casa do governador havia muita gente, cossacos e carros de viagem pertença desse alto funcionário. Na escadaria de entrada encontrou dois indivíduos, um deles seu conhecido. Este, ex-comissário da polícia do distrito, falava acaloradamente:

— Não se trata de uma brincadeira — dizia ele. — Isso é, bom para quem está sozinho. Quando se é só e pobre, passa, mas quando se têm treze pessoas de família a seu cargo e tudo quanto é nosso... Aí é que está, fica-se sem nada. Que, espécie de autoridades são estas?... Devíamos enforcá-los a todos. Bandidos...

— Bom, bom, basta — dizia o outro.

— Que me importa a mim? Pois que ouçam! Não somos cães.— E, tendo-se voltado, viu Alpatitch.

— Eh, Iakov Alpatitch, que fazes tu por aqui?

— Trago uma incumbência de Sua Excelência para o governador — replicou Alpatitch, empertigando a cabeça e metendo a mão na carcela da camisa, atitude que tomava sempre que se referia ao amo. — Encarregou-me de me informar da situação.

— Então, trata de te informares — gritou o outro. — Vais ver ao que estamos reduzidos. Não há mais carros, nada mais há. E eles aí estão, ouves? — prosseguiu ele, apontando para os lados donde se ouvia a fuzilaria.

— Arranjaram as coisas tão bem que estamos todos liquidados... Bandidos! —

repetiu, enquanto descia a escada.

Alpatitch encolheu os ombros e meteu pela escadaria acima. Na sala de espera havia negociantes, mulheres, funcionários, olhando todos uns para os outros, sem dizerem palavra. A porta do gabinete abriu-se: todos se levantaram e deram um passo em frente. Açodado, saiu lá de dentro um funcionário, que disse qualquer coisa a um dos negociantes, e depois se dirigiu a um gordo burocrata que trazia uma condecoração ao pescoço, desaparecendo em seguida, como que a eximir-se às perguntas e aos olhares que lhe endereçavam. Alpatitch colocou-se na primeira fila, e quando o funcionário voltou a aparecer, metendo a mão na carcela do cafetã, puxou das duas cartas, que lhe apresentou,

— Para o Sr. Barão Asch, da parte do general-chefe príncipe Bolkonski — articulou ele, numa voz tão importante e tão solene que o funcionário não teve outro remédio senão aceitar as cartas.

Alguns minutos depois, o governador recebia Alpatitch e dizia-lhe apressadamente:

— Diz ao príncipe e à princesa que nada sei: procedo de acordo com as ordens superiores. Toma, aqui tens – acrescentou, entregando-lhe um papel. — Aliás, se o príncipe está doente, aconselho-o a que vá para Moscovo, eu próprio vou partir imediatamente. Diz-lhe...

O governador não pôde concluir a frase. Um oficial coberto de suor e de poeira precipitou-se na sala e pôs-se a falar-lhe em francês. No rosto do governador havia uma expressão de pânico.

— Vai-te embora — disse ele, fazendo-lhe um sinal com a cabeça, e pôs-se a interrogar o oficial,

Olhares ávidos de notícias, assustados e impotentes, interrogaram Alpatitch quando ele saiu do gabinete do governador, Dando fé, mesmo sem querer, da fuzilaria cada vez mais intensa e mais próxima, tratou de regressar à estalagem. O papel que o governador lhe dera dizia o seguinte:

«Asseguro-lhe que a cidade de Smolensk não corre perigo algum e não é de crer que venha a estar ameaçada. O príncipe Bagration e eu avançamos cada um pelo seu lado para nos reunirmos diante de Smolensk, junção esta que estará realizada no dia 22 deste mês, e os dois exércitos, na totalidade das suas forças, defenderão os seus compatriotas da província que lhe foi confiada até que os

nossos esforços afastem deles o inimigo da pátria ou até que caia o último soldado das nossas valorosas fileiras. Portanto já vê que pode tranquilizar os habitantes de Smolensk; quando se é defendido por dois exércitos ião valentes pode estar-se seguro da vitória.» (Ordem do dia de Barclay de Tolly ao governador civil de Smolensk, barão Asch, no ano de1812.)

O povo girava inquieto pelas ruas. Carroças carregadas de panelas, de cadeiras, de arcas, saíam a cada momento dos portais e seguiam ruas fora. Diante da casa contígua à de Ferapontov estacionavam vários carros, e algumas mulheres soluçavam, despedindo-se. Um cão ladrava correndo à frente dos cavalos atrelados.

Alpatitch, em passo mais acelerado que de costume, penetrou no pátio e dirigiu-se directamente ao telheiro onde estavam os seus cavalos e a sua carruagem. O cocheiro dormia; acordou-o e mandou-o atrelar, entrando depois no vestíbulo da estalagem.

No quarto do dono da casa ouviam-se choros de crianças, soluços dilacerantes de mulheres e a voz estentórea e rouca de Ferapontov. Quando Alpatitch penetrou no vestíbulo, a cozinheira corria de um lado para o outro como uma galinha assustada.

— Deu-lhe uma paulada que a deixou meio morta... Bateu na patroa. Arrastou-a.

— Porquê? — perguntou Alpatitch.

— Queria que a levasse daqui. É mulher, coitada! «Leva-me», disse-lhe ela, «não me deixes morrer aqui com os meus filhos. Toda a gente se vai embora. Que vai ser de nós?» E ele pôs-se a bater-lhe. Aquilo é que foi dar-lhe. Como ele a arrastou!

Alpatitch abanou a cabeça, com ar meio aprovador, e sem querer ouvir mais encaminhou-se para o quarto em frente do do patrão, onde deixara as suas compras.

— Malvado! Bandido! —, gritava nessa altura uma mulher magricela e pálida, com uma criança ao colo, que se precipitou na escada a caminho do pátio, o lenço da cabeça meio rasgado.

Ferapontov saiu-lhe no encalço, mas ao ver Alpatitch ajeitou colete e os cabelos e, bocejando, penetrou no quarto do amigo.

— Pelo que vejo, vais-te embora — disse— lhe.

Sem lhe responder e sem mesmo o olhar, Alpatitch continuou a embrulhar as suas compras e perguntou-lhe quanto lhe devia.

— Já faremos contas. Falaste com o governador? — inquiriu Ferapontov — Que decidiram eles?

Alpatitch explicou-lhe que o governador nada lhe dissera de muito preciso.

— Como havemos nós de nos ir embora? — disse Ferapontov. — Quem há-de dar sete rublos por um carro até Dorogobuj? É por isso que eu digo que são hereges! Selivanov, esse, teve sorte, na quinta-feira: vendeu farinha ao exército à razão de nove rublos por saco. Ouve cá, tornas chá? — acrescentou.

Enquanto atrelavam os cavalos os dois foram tomar chá, conversando sobre o preço dos trigos, sobre as colheitas e o tempo, que ia bom para as ceifas.

— Parece que isto vai melhor — disse Ferapontov, depois de tomar três chávenas de chá, levantando-se. — Podes crer, os nossos têm-nos na mão. Eles bem dizem que os não hão-de deixar entrar. Só quer dizer que têm força... No outro dia, segundo ouvi, Matvei Ivanovitch Platov perseguiu-os até ao Marina. Dizem que só num dia afogou dezoito mil.

Alpatitch fez um embrulho das suas compras, deu-o ao cocheiro, que acabava de entrar, e pagou a conta ao estalajadeiro. Junto do portão ouviam-se o ruído da kibitka que saía do pátio e o retinir dos guizos.

Já passava do meio-dia. Parte da rua estava na sombra enquanto a outra brilhava ao sol. De súbito ouviu-se um silvo longínquo e estranho acompanhado de um estampido, e em seguida um ronco prolongado que fez estremecer os vidros.

Alpatitch saiu para a rua. Dois homens corriam na direcção da ponte. Por todos os lados se ouviam silvos e o estampido surdo das granadas que explodiam sobre a cidade. Mas isso nada era e pouco chamava a atenção dos habitantes comparado com o canhoneio que se ouvia fora de portas.

Era o bombardeamento da cidade de Smolensk, com cento e trinta peças de artilharia, que Napoleão ordenara principiasse às cinco horas da manhã. De princípio, a população da cidade não tinha sequer percebido que se tratava de um bombardeamento.

Os obuses e as granadas que caíam começaram por despertar apenas curiosidade. A mulher de Ferapontov, que continuava a choramingar no telheiro, calou-se repentinamente, e com o filho nos braços veio para o portão, onde ficou,

sem dizer nada, olhando para quem passava, de ouvido à escuta.

A cozinheira e um lojista vieram-se-lhe juntar. Todos, numa curiosidade divertida, procuravam lobrigar os projécteis que lhes passavam por cima da cabeça. A esquina da rua apareceram uns indivíduos conversando animadamente.

— Que força, caramba! — dizia um — O telhado, o tecto, ficou tudo em cacos.

— Parece que andaram a fossar a terra como o porco faz com o focinho — acrescentou outro. — Isto sim, isto vale a pena. Põe um morto em pé! — prosseguiu um terceiro em ar de mofa. — Tiveste sorte. Se não tens dado um salto para o lado, estavas a estas horas em fanicos.

Aproximaram-se deles outras pessoas. Contaram que as granadas lhes tinham caído em casa, mesmo a seu lado. Entretanto, os projécteis, as granadas, de silvos prolongados e lúgubres, os obuses, de uma música mais alegre, continuavam a passar por cima das cabeças. No entanto, nenhum caiu nas imediações, todos seguiam mais longe. Alpatitch instalou-se na kibitka. O estalajadeiro continuava de pé, ao portão.

— Que estás tu para aí a olhar? — gritou ele para a cozinheira, a qual, de mangas arregaçadas, saiote vermelho, mãos nas ancas, se aproximara do cunhal da rua para ouvir o que se dizia.

— Sempre há coisas! — exclamava ela, Mas, ao ouvir a voz do amo, retrocedeu, deixando cair a saia repuxada para cima. De novo, e desta vez ali mesmo, ressoou um silvo, e, como uma ave vinda do céu, viu-se um grande clarão no meio da rua, enquanto uma detonação, que encheu tudo de fumo, atroava os ares.

— Bandidos! Que está esta gente a fazer? — gritou o estalajadeiro, correndo para a cozinheira.

Nesse mesmo momento romperam de vários lados gritos aflitivos de mulheres. A criança, aterrada, pôs-se a chorar, e as pessoas, silenciosas e pálidas, juntaram-se em volta da cozinheira. Os gemidos e as exclamações que ela soltava ouviam-se no meio do vozear da multidão.

— Oh, meus pombinhos! Oh, pombinhos brancos! Não me deixem morrer! Meus pombinhos brancos!

Cinco minutos depois não havia vivalma na rua. A cozinheira fora levada para a cozinha, com uma costela partida por um estilhaço de obus. Alpatitch, o cocheiro, a mulher de Ferapontov mais os filhos, o porteiro, todos se haviam refugiado na

cave, e falavam de ouvido à escuta. O troar do canhão, o silvar das granadas bem como os gemidos da cozinheira, que dominavam todos os demais ruídos, não se calavam um instante, A mulher do estalajadeiro embalava o filho, procurando sossegá-lo, e perguntam aos que iam entrando se tinham visto o marido, que ficara lá fora. Um lojista que chegou disse que ele acompanhara o povo que se dirigia à catedral para rezar diante do ícone miraculoso de Smolensk.

Ao cair da noite o canhoneio diminuiu. Alpatitch saiu da cave e ficou um momento parado no limiar da porta. O céu, até aí claro, estava agora cheio de fumo. E no meio de toda aquela fumarada, no horizonte, resplandecia o crescente da lua nova. Desde que o troar das bocas de fogo se calara, parecia que a calma caíra sobre a cidade, apenas interrompida pelo ruído confuso dos passos, dos gemidos, dos gritos longínquos e do crepitar dos incêndios. Os gemidos da cozinheira tinham deixado de se ouvir. A direita e à esquerda elevavam-se, dispersando-se pelo ar, negras colunas de fumo, Nas ruas, não já em fileiras, mas como formigas de um formigueiro arrasado, corriam, em várias direcções, soldados com os mais variados uniformes. A vista de Alpatitch vários se refugiaram no pátio de Ferapontov. Alpatitch caminhou para o portão. Um regimento, em retirada, acelerada e em desordem, obstruía a rua.

— A cidade rende-se, fuja, fuja o mais depressa possível — disse um oficial que, ao passar, reparara na silhueta de Alpatitch, e logo em seguida, gritando para os soldados. — Eu vos ensinarei a meterem-se no pátio.

Alpatitch voltou à estalagem e, chamando o cocheiro, deu-lhe ordem de abalar. O pessoal de Ferapontov saíra logo atrás de Alpatitch e do cocheiro. Ao verem a fumarada e as chamas dos incêndios, agora mais brilhantes por ter começado a cerrar-se a noite, as mulheres, até aí caladas, de repente puseram-se aos gritos. Como se lhes respondessem, nos dois extremos da rua ressoaram gemidos. Alpatitch e o cocheiro, de mãos trémulas, no telheiro, desembaraçavam as rédeas dos cavalos e os tirantes enrodilhados.

No momento em que saíam do portão viram na tenda de Ferapontov, cuja porta ficara aberta, um magote de soldados que em grande alarido enchiam sacos e bornais de farinha e de girassol. Nessa altura entrava Ferapontov, vindo da rua. Ao ver os soldados quis gritar mas, de súbito calou-se e, arrancando as mãos cheias os cabelos da cabeça, rompeu num riso entrecortado de soluços.

— Levem tudo, rapazes! Não deixem coisa, alguma Para esses diabos —

gritava ele, pegando também nos sacos e despejando-os na rua.

Alguns dos soldados, assustados, fugiram, enquanto os outros continuaram a encher os sacos. Ao ver Alpatitch, Ferapontov gritou-lhe:

— Rússia, estás perdida! Alpatitch! Rússia, estás perdida! Eu vou tratar de deitar o fogo a tudo. Estás perdida... — repetia, correndo para a rua.

A rua estava completamente obstruída pelos soldados que passavam constantemente e Alpatitch, não podendo avançar, viu-se obrigado a esperar ali mesmo. A mulher de Feranontov com os filhos meteu-se também num carro à espera do poder passar.

A noite fechara-se por completo. O céu coberto de estrelas e de tempos a tempos via-se surgir a Lua através de uma cortina de fumo. Ao descerem para o Dniepre, os carros de Alpatitch e da mulher do estalajadeiro, que avançavam, a passo, entre duas filas de soldados e viaturas, foram obrigados a parar. Não longe da encruzilhada onde fizeram alto, uma casa e uma tenda ardiam ainda. O incêndio principiava a extinguir-se. Tão depressa as chamas esmoreciam, perdendo-se numa fumarada negra, como se punham a crepitar de súbito, iluminando, com uma nitidez fantástica, as figuras dos fugitivos acumulados na estrada. Por diante das chamas perpassavam silhuetas negras e no meio do crepitar ininterrupto do fogo ouviam-se vozes e gritos. Alpatitch apeou-se e, vendo que o caminho não estaria desimpedido tão depressa, dirigiu-se à encruzilhada para contemplar o fogo.

Os soldados andavam de um lado para o outro diante do braseiro. Viu que dois deles, acompanhados de um homem com um capote pelos ombros, arrastavam pela rua, em direcção a um Pátio vizinho, pranchas a arder. Outros traziam braçados de feno.

Alpatitch aproximou-se de um grande ajuntamento estacionado diante de um vasto estabelecimento que ardia a bom arder. As paredes estavam envoltas em chamas, a retaguarda ruía. O telhado de folhas de madeira estava prestes a cair, as pranchas ardiam. A gente aguardava, sem dúvida, que o telhado viesse abaixo. Alpatitch esperou também.

— Alpatitch! — gritou de repente uma voz conhecida.

— Excelência, paizinho! — exclamou ele, ao reconhecer imediatamente a voz do seu jovem amo.

O príncipe André, envolto numa capa e montado num murzelo, estava no meio da multidão, de olhos fitos nele.

— Que estás aqui a fazer? — perguntou.

— Exce... excelência... — balbuciou Alpatitch, rompendo a chorar. — Exce... excelência... É possível que estejamos perdidos? Paizinho...

— Que estás aqui a fazer? — repetiu André.

Naquele momento reavivaram-se as chamas e Alpatitch pode ver o rosto pálido e esgotado do seu jovem amo, Contou ao que viera e como não podia dali sair.

— É verdade. Excelência, que estamos perdidos? — repetiu ele.

O príncipe André, sem lhe responder, puxou de uma carteirinha de algibeira, arrancou-lhe uma página e em cima do joelho pôs-se a escrever a lápis estas palavras, dirigidas à irmã:

«Smolensk rendeu-se. Lissia Gori será ocupada pelo inimigo dentro de oito dias. Partam imediatamente para Moscovo. Avisa-me em seguida da data da vossa partida, enviando-me um portador a Usviage.»

Depois de ter entregue o papel a Alpatitch, deu-lhe oralmente instruções sobre os preparativos da partida do príncipe, da princesa e do filho, com o seu preceptor, e sobre a resposta que lhe devia ser remetida imediatamente. Mal acabara de falar, um dos chefes do estado-maior, a cavalo, e seguido de uma comitiva, precipitou-se para ele.

— É o senhor o coronel? — Fritou, com um sotaque alemão não de todo desconhecido do príncipe André. — Estão a deitar fogo às casas na sua presença e o senhor nada faz para o impedir? Que quer isto dizer? O senhor é o responsável...

Era Berg, então subchefe do estado-maior do flanco esquerdo da infantaria do 1º exército, «posição muito agradável e de destaque», como costumava dizer.

O príncipe André fitou-o, e sem lhe responder continuou para Alpatitch:

— Diz-lhe que espero resposta até ao dia 10, e se nesse dia não receber comunicação de que toda a gente abalou, ver-me-ei obrigado a deixar tudo para ir pessoalmente a Lissia Gori.

— Príncipe, falo-lhe assim — disse Berg, reconhecendo-o — Porque sou obrigado a cumprir as ordens que recebo e desempenho-as sempre escrupulosamente... Desculpe-me, se faz favor...

Alguma coisa crepitou no meio das chamas, que pareciam esmorecer, e turbilhões de fumo negro romperam do telhado.

Outro estrondo ainda maior se ouviu e o telhado desmoronou-se.

«Hurra!», ululou a multidão ao ouvir o estampido, O telhado do estabelecimento ruíra, espalhando em torno um forte cheiro a pão queimado. As chamas reavivaram-se de novo, iluminando os rostos fatigados da multidão extenuada que rodeava o braseiro.

O homem do capote gritou, erguendo os braços ao ar: — Muito bem! Bom trabalho! Assim mesmo, rapazes!...

— É o proprietário! — exclamaram algumas vozes de entre a multidão.

— Bom! Está entendido! — prosseguiu o príncipe André — Repete-lhes tudo tal qual eu te disse. — E sem dar atenção a Berg, que permanecia silencioso junto dele, esporeou o cavalo e desapareceu por uma azinhaga.

[V]

Depois da queda de Smolensk, as tropas russas continuaram sua retirada, perseguidas pelo inimigo. No dia 10 de Agosto o regimento comandado pelo príncipe André passou, seguindo pela estrada principal, junto do caminho que conduzia a Lissia Gori.

O calor e a seca duravam havia mais de três semanas. Todos os dias grossas nuvens perpassavam pelo céu, escondendo o Sol de vez em quando. Mas para o fim da tarde o firmamento clareava e o Sol desaparecia no horizonte no meio de uma neblina avermelhada. Só o rocio da noite refrescava a terra. O trigo que não fora ceifado secava e o grão caía. Os pântanos tinham secado. O gado morria de fome, sem encontrar pastos nos prados restados pelo sol, Só de noite, e nas florestas, enquanto durava a humidade nocturna, fazia fresco. Mas na estrada real, por onde seguiam as tropas, até de noite, até mesmo no meio das florestas, o calor era insuportável. Não se dava pelo rocio da noite na poeira dos caminhos, de mais de um quarto de archina de altura. Mal luzia a manhã, logo recomeçava a marcha, Os comboios, a artilharia, rolavam sem ruído, enterrados até aos eixos, e a infantaria metia os pés, até à barriga da perna, na poeira mole, sufocante, que nem de noite arrefecia. Parte daquela poeira trituravam-na os pés dos soldados e as rodas das viaturas e a outra subia no ar, formando uma nuvem por cima das tropas e metendo-se pelos olhos dentro, por dentro dos cabelos, pelo nariz e

sobretudo pelos pulmões dos homens e dos animais. À medida que o Sol ia subindo no horizonte mais espessa se tornava a nuvem! de poeira, a qual, à falta de verdadeiras nuvens, permitia aos soldados fitar o Sol o olho nu. Então o disco solar parecia um enorme globo carmesim. Não havia vento, e os soldados sufocavam nesta atmosfera imóvel. Era preciso marchar com um lenço diante do nariz e da boca. Ao atravessarem as aldeias precipitavam-se para a abertura dos poços. Disputavam a água a murro c às vezes até bebiam lama.

O príncipe comandava um regimento e, a administração e o bem-estar dos seus homens, a necessidade, de receber e transmitir ordens, tomavam-lhe o tempo todo. O incêndio e o abandono de Smolensk representavam uma época importante da sua vida. Um sentimento de ódio contra o inimigo fizera-o esquecer o seu desgosto. Entregava-se inteiramente ao cumprimento das suas funções. Preocupava-se com os soldados e os oficiais. Todos lhe chamavam o «nosso príncipe»: orgulhavam-se dele e estimavam-no muito Mas só era bom e afectuoso com os homens do seu regimento, como Timokine e outros, gente nova para ele, gente de um meio desconhecido, que nada podia saber do seu próprio passado. Nas suas relações com os seus antigos conhecimentos, com a gente do estado-maior, tornava-se imediatamente intratável: era desagradável, irónico e altivo. Tudo quanto lhe lembrava o passado lhe repugnava, e em relação às pessoas do seu antigo meio limitava-se a usar da mais estrita justiça e a cumprir meramente os seus deveres.

Em verdade, a seus olhos tudo se lhe representava sombrio e triste, principalmente depois de 6 de Agosto, dia da rendição de Smolensk, cidade que na sua opinião podia ter sido defendida e se devia ter defendido, e depois que seu pai, doente, tivera de fugir para Moscovo, abandonando à pilhagem Lissia Gori, propriedade a que tanto queria e que ele próprio construíra e povoara. Mas, apesar de tudo, o príncipe André, graças ao seu regimento, tinha o espírito preocupado com outras coisas, bem diferentes de todas essas tristezas, A 10 de Agosto a coluna de que o seu regi— mento fazia parte chegou a alturas de Lissia Gori. Dois dias antes recebera a comunicação de que o pai, o filho e a irmã haviam partido para Moscovo. Embora, realmente, nada tivesse que fazer ali, resolveu, movido por essa tendência especial do seu carácter que o levava a apreciar dolorosas alegrias, visitar aqueles lugares.

Mandou selar o cavalo e dirigiu-se à aldeia de seus pais, onde ele próprio

nascera e onde decorrera a sua infância. Ao passar junto do tanque em que habitualmente dezenas de mulheres lavavam a roupa chalreando, notou que não havia vivalma e que uma tábua arrancada da borda, quase submersa, flutuava no meio da água. Aproximou-se da casa do guarda. Junto do portão de pedra da entrada ninguém havia e a porta da casa estava aberta, As áleas do parque estavam cobertas de relva e os bezerros e os cavalos deambulavam pelo jardim à inglesa. Na estufa os vidros estavam partidos e algumas plantas caídas por terra e outras secas... Chamou Tarass, o jardineiro, mas ninguém lhe respondeu. Rodeando a estufa pelo terraço, notou ao passar que a balaustrada de madeira entalhada estava partida e que os ramos das ameixieiras, sem frutos, jaziam quebrados no chão. Um velho camponês, que o príncipe de há muito conhecia, estava, junto do portão, sentado num banco verde entrançando laptis.

Era surdo e não dera pela chegada do amo. Estava acomodado no banco em que o velho príncipe gostava de sentar-se, e junto dele, suspensas dos ramos de uma magnólia partida e seca, viam-se as meadas de cânhamo.

O príncipe André dirigiu-se a casa, Tinham cortado várias tílias do antigo parque, uma égua malhada com o seu potro cirandava, por debaixo das janelas, mesmo pelo meio dos alegretes das roseiras. As portadas das janelas estavam fechadas. Havia apenas uma aberta, em baixo. Ao ver o príncipe André, o filho de um criado entrou correndo em casa. Alpatitch, que mandara família para a cidade, ficara em Lissia Gori, E ali estava a ler Vida dos Santos. Ao saber da, chegada do príncipe André, de lunetas no nariz e abotoando o casaco, tratou logo de vir ao encontro do amo, e sem dizer palavra rompeu a chorar enquanto se abaixava para lhe beijar o joelho.

Depois voltou a cara, arreliado com a fraqueza que mostrara, e pôs-se a contar ao príncipe o que se passara. Tudo o que era precioso e, de valor fora transportado para Bogutcharovo. O trigo, cerca de cem tchetverts, fora levado também para lugar seguro. Quanto ao feno e ao trigo, a colheita da Primavera, excepcional, segundo ele dizia, haviam sido ceifados verdes e levados pelas tropas. Os camponeses estavam arruinados, e parte deles fora também para Bogutcharovo, embora a maioria houvesse ficado.

Sem o ouvir até final, o príncipe André perguntou-lhe:

— Quando se foram meu pai e minha irmã?

Queria dizer: quando saíram para Moscovo. Alpatitch, julgando que ele se

referia à partida para Bogutcharovo, respondeu terem partido no dia 7, e de novo voltou a falar dos assuntos do domínio, pedindo instruções.

— Acha que se deve dar às tropas, contra recibo, a aveia que ficou? Ainda há umas seiscentas tchetverts... — inquiriu.

«Que devo eu responder— lhe?», pensava o príncipe André, enquanto filava o crânio do velho, calvo como a palma da mão, brilhando ao sol, e lhe ia lendo na expressão que ele próprio compreendia quão inoportunas eram essas perguntas, que ele as não fazia senão para afogar mágoas.

— Pois sim, entrega-a — replicou.

— Naturalmente reparou na desordem do jardim — prosseguiu Alpatitch. — Não foi possível evitá-la. Três regimentos passaram aqui a noite, principalmente dragões. Tomei nota do posto e do nome do comandante, para apresentar queixa.

— E que vais tu fazer agora? Continuarás aqui se o inimigo ocupar a quinta? — perguntou o príncipe André.

Alpatitch virou a cara para o príncipe, fitou-o e, de súbito, num gesto solene, ergueu os braços ao céu.

— Ele é meu protector, que seja feita a Sua vontade! — exclamou.

Um grupo de camponeses e de criados, todos de cabeça descoberta, avançava através do campo, direito ao lugar onde estava o príncipe André.

— Bom, adeus! — disse este, inclinando-se para Alpatitch — Vai-te embora também. Leva contigo o que puderes e diz aos camponeses que se refugiem ou na propriedade de Riazan ou nas dos arredores de Moscovo.

Alpatitch agarrou uma das pernas do amo, soluçando. O príncipe André desprendeu-se suavemente e, esporeando o cavalo, despediu a galope por uma das alamedas.

No terraço da estufa, tão indiferente como uma mosca pousada no rosto de um morto que nos é querido, continuava sentado o ancião, ocupado a pregar num cepo os seus laptis, e duas pequenitas com as saias arregaçadas, cheias de ameixas colhidas nas árvores da estufa, correram dando de caras com o cavaleiro. Ao ver o patrão novo, a mais idosa, muito assustada, pegou na companheira pela mão e ambas se foram esconder atrás de um álamo, sem terem tempo de apanhar as ameixas verdes que deixaram cair no chão.

O príncipe André deu-se pressa em voltar a cabeça para o lado, para que elas não vissem que ele as observara. Fez-lhe pena aquela linda garota, com o seu ar

assustado. Não queria olhar, mas não conseguia. Um sentimento novo, doce e apaziguador o invadiu ao ver aquelas crianças. Compreendeu que outros interesses havia na vida completamente alheios aos seus e tão naturais como os que o preocupavam. Aquelas crianças não tinham evidentemente senão um desejo: levar consigo, para comê-las, aquelas ameixas verdes e não se deixarem apanhar, e o certo é que André, lá no fundo, lhes estava desejando que fossem bem sucedidas na sua proeza. E não resistiu a olhar para elas uma vez mais. Julgando passado todo o perigo saíram do seu esconderijo e, tagarelando nas suas vozitas agudas, de saias arregaçadas, puseram-se a correr alegremente pela relva, de pés descalços tostados pelo sol.

O príncipe André sentira-se um pouco mais fresco ao abandonar a atmosfera poeirenta da estrada real por onde avançavam as tropas. Mas não longe de Lissia Gori teve novamente de meter por ela e foi apanhar o seu regimento junto da comporta de um dique. Eram duas horas da tarde. O Sol, como uma bola vermelha no meio da poeira, escaldava, e as costas ficavam assadas através do pano preto do uniforme. O pó continuava na mesma e mantinha-se imóvel por cima dos soldados, que não cessavam de falar. Não havia vento. Ao passar junto da albufeira, André sentiu nas narinas um cheiro a lodo, e do tanque subiu um pouco de frescura. Teve vontade de se atirar à água, por mais suja que estivesse. Voltou-se para o lado da albufeira donde vinham gritos e risadas. Aquela pequenina extensão de água turva, cheia de juncos, parecia ter crescido mais dois palmos e inundava já a comporta, tantos eram os corpos brancos e nus que nela chafurdavam, de mãos, rostos e pescoços encarnados cor de tijolo. Toda essa carne humana chafurdava entre as gargalhadas e gritos naquele pântano lamacento, como carpas dentro de uma selha. Uma vaga tristeza se derramava daqueles alegres folguedos. Um soldado louro, das relações pessoais do príncipe André, da 3ª companhia, com uma correia na barriga da perna, persignou-se e recuou alguns passos para dar uma corrida e mergulhar na água; outro, um sargento, trigueiro e cabelos sempre revoltos, metido no tanque até à cintura, agitava o busto musculoso, resfolegando alegremente, enquanto salpicava a cabeça com os braços queimados até ao pulso. Só se ouvia chapinhar e gritar.

Nas margens da albufeira, na comporta, no tanque, por toda a parte, só se via carne branca, sã e musculosa. O oficial Timokine, com o seu nariz vermelhusco, enxugava-se com uma toalha em cima da comporta, e, embora um pouco

envergonhado ao ver o príncipe André, exclamou:

— Isto faz bem, Excelência, devia fazer o mesmo!

— Está muito suja a água — replicou o príncipe André, fazendo uma careta.

— Vamos já arranjar-lhe sítio. — E Timokine, meio vestido, correu a afastar os banhistas.

— O príncipe queria...

— Quem?, o nosso?... — exclamaram várias vozes, e todos se ajeitaram de tal modo que o príncipe André se viu em apuros para convencê-los a que se deixassem ficar como anteriormente. Preferia proceder as suas abluções debaixo de um te1heiro.

«Carne, corpos, carne para canhão», pensava ele, despindo-se também, e tremendo menos de frio que à lembrança dessa massa de corpos que chafurdava no tanque cheio de lama: sentia ao mesmo tempo desgosto e pavor, embora não soubesse explicar o porquê desses sentimentos.

No dia 7 de Agosto, o príncipe Bragation, do seu acampamento de Mikailovka, na estrada de Smolensk, escrevia a carta seguinte. Endereçada a Araktcheiev, sabia que seria lida pelo imperador, e por isso ponderou cada palavra, pelo menos na medida em que era capaz de o fazer

> Sr. Conde Alexis
>
> Suponho que o ministro já o terá informado que Smolensk foi abandonada ao inimigo. É doloroso e triste, e o exército inteiro está desesperado por ver que a mais importante das nossas praças foi perdida sem qualquer utilidade. Pela minha parte, pedi-lhe, pessoalmente e com o maior empenho, que o não fizesse, e até chequei a escrever-lhe nesse sentido, mas não se demoveu. Juro-lhe pela minha honra que Napoleão se encontrava num atoleiro e que teria perdido metade do seu exército sem tomar Smolensk. As nossas tropas têm-se batido e batem-se como nunca. Pela minha parte, resisti com quinze mil homens durante mais de trinta e cinco horas e venci-os, mas ele nem sequer catorze horas quis resistir. É uma vergonha e uma nódoa, para o nosso exército, e na minha opinião esse homem não tem

direito a vida. Se lhe diz que as nossas perdas são muito grandes, não é verdade. Talvez uns quatro mil homens, não mais, e talvez menos até. Mas ainda que fossem dez mil, que havíamos nós de fazer? É a guerra. As perdas do inimigo, porém, essas são enormes.

Que lhe custava demorar-se mais dois dias? Ao menos o inimigo ter-se-ia retirado por si, pois a verdade é que já não tinha água para os homens nem para os cavalos. Dera-me a sua palavra de honra de que não recitaria, e eis que me envia uma mensagem dizendo que se ia embora naquela mesma noite. Não se pode fazer a guerra deste modo, e por este andar não tarda, que o inimigo siga ate Moscovo.

Corre por aqui que pensa na paz. Deus nos livre! Depois de todos estes sacrifícios e de uma retirada tão insensata, pedir a paz? Seria fizer com que o Rússia ficasse toda contra si, e todos nós teríamos vergonha de vestir uma farda. Já que as coisas chegaram a este ponto é preciso que lutemos enquanto a Rússia puder e enquanto houver homens.

É mister que o comando esteja na mão de um, e não nas de dois. O seu ministro talvez seja excelente no exercício das funções da sua pasta, mas como general não é apenas mau, é mesmo péssimo. E a ele confiaram o destino da nossa pátria... Sinceramente, estou doido de indignação. Perdoe-me a ousadia das minhas palavras. É evidente que não gosta do seu imperador e que não deseja outra coisa senão a nossa perdição aquele que aconselha que se peça a paz e quer que o ministro seja o único a comandar. Por isso lhe digo a verdade: organize a milícia. De outra forma, o ministro acabará, de maneira magistral, por levar consigo o seu hóspede ale Moscovo. O senhor Vatltzofen, general ajudante-de-campo do imperador, não é visto com bons olhos pelo exército. Há quem diga que e mais fiel a Napoleão que ao nosso monarca e no entanto é o maior conselheiro do

ministro. Quanto a mim, obedeço-lhe como um cabo, embora mais antigo do que ele. É triste, mas é por lealdade para com o meu benfeitor e soberano que me submeto. No entanto, não posso deixar de lamentar que o nosso imperador confie o seu magnífico exército a semelhante pessoa. Imagine que na nossa retirada perdemos mais de quinze mil homens por esgotamento e hospitalizados, coisa que não teria acontecido se tivéssemos caminhado em frente. Diga-lhes aí, por amor de Deus, que a nossa Rússia, a nossa mãe, acabará por acusar-nos de termos medo e de entregarmos a nossa boa e heróica pátria a esses canalhas: talvez seja a maneira de despertar a vergonha, e o ódio em cada cidadão. Que significa esta cobardia? De que ternos medo? Não é minha a culpa se o ministro é indeciso, medroso, absurdo, lento, e se há nele todos os defeitos possíveis. O exército inteiro não faz senão chorar e cobre-o de impropérios.

[VI]

Entre as numerosas subdivisões que podem estabelecer-se nos fenómenos da vida há algumas em que predomina o fundo sobre a forma e outras em que é a forma que prevalece. É a esta última subdivisão, e em oposição à vida no campo, tia província, nas capitais do distrito e até mesmo em Moscovo, que pertence a vida de Petersburgo, principalmente a vida do salão. Esta última é imutável.

Em 1805, os Russos tinham-se reconciliado e zangado com Napoleão, tinham feito e desfeito constituições, mas os salões de Ana Pavlovna e de Helena eram exactamente o que haviam sido sete anos antes um e cinco o outro. No salão de Ana Pavlovna continuava a falar-se com o mesmo espanto dos êxitos de Bonaparte e a ver-se nos seus triunfos, bem como nas convivências dos monarcas da Europa, uma pérfida conspiração adrede preparada para enfadar e perturbar a corte russa, que Ana Pavlovna representava. No de Helena, a que Rumiantsov, inclusivamente,

dava a honra da sua presença, considerando a condessa Bezukov como uma mulher de excepcional inteligência, em 1812, exactamente como em 1808, continuava a falar-se entusiasticamente da grande nação e do grande homem, deplorando o corte de relações com a França, mal-entendido que não podia deixai de terminar com um tratado de paz.

Nos últimos tempos, depois do regresso do imperador, verificava-se uma agitação desusada nestes mundos opostos, e houve, inclusivamente, algumas demonstrações hostis de parte a parte, embora a tendência geral de cada permanecesse a mesma, o salão de Ana Pavlovna, quanto a franceses, apenas recebia os legitimistas mais empedernidos, e os seus sentimentos patrióticos patenteavam-se no facto de incluir no índex o teatro francês cuja manutenção, segundo se dizia, era tão dispendiosa como a de um corpo de exército. Seguiam-se ali febrilmente os acontecimentos militares e faziam-se circular os boatos mais lisonjeiros para o exército russo. No salão de Helena, também o de Rumiantsov e dos franceses, desmentiam-se os rumores acerca das crueldades do inimigo e da guerra e discorria-se sobre as tentativas levadas a cabo por Napoleão para obter a paz. Eram censurados aí os que davam conselhos precipitados no sentido de transferir a corte para Kazan bem como os estabelecimentos de ensino de meninas dependentes da administração da imperatriz-mãe. Em geral, no salão de Helena a guerra apresentava-se como uma série de demonstrações estéreis que não tardariam a acabar com a paz, e a opinião que reinava ai era a de Bilibine, nessa, altura um dos íntimos de Helena — pois todo o homem inteligente tinha de frequentar o seu salão. Segundo ele, não era a pólvora que deveria resolver o pleito, mas os que a tinham inventado. Troçava-se com muito espírito, mas sem prudência, do entusiasmo de Moscovo, de que haviam chegado rumores a Petersburgo, bem como da recepção do imperador na velha cidade.

No salão de Ana Pavlovna, pelo contrário, aplaudiam-se entusiasticamente essas manifestações, dignas dos heróis de Plutarco. O príncipe Vassili, que continuava a desempenhar as mesmas funções importantes, servia de traço de união entre os dois grupos. Frequentava, alternadamente, a minha boa amiga Ana Pavlovna e o salão diplomático de minha filha; como estava sempre a passar de um lado para o outro, sucedia às vezes enganar-se e dizer no salão de Helena o que devia dizer no de Ana Pavlovna e reciprocamente.

Pouco depois do regresso do imperador, o príncipe Vassili, ao falar da situação

em casa de Ana Pavlovna, criticara severamente Barclay de Tolly, mostrando-se indeciso quanto ao nome que devia chamar-se para ocupar o lugar de general-chefe. Um dos frequentadores do salão, de quem se dizia ser um homem cheio de valor, e que contara ter visto nesse mesmo dia o chefe, da milícia de Petersburgo, Kutuzov, presidir à recepção dos voluntários na câmara das finanças, permitiu-se dizer, o mais prudentemente possível, que o homem que satisfaria a todas as exigências podia ser precisamente Kutuzov.

Ana Pavlovna pôs-se a sorrir melancolicamente e observou que Kutuzov só servira para causar desgostos ao imperador.

— Já disse e repeti na assembleia da nobreza — interrompeu o príncipe Vassili — mas ninguém me ouviu. Afirmei que essa escolha para chefe da milícia não agradaria ao imperador. Não fizeram caso. Não se perde o hábito de censurar! — prosseguiu ele. — E tudo isto porque o que queremos é macaquear os estúpidos entusiasmos de Moscovo. — Falando deste modo, cometia um deslize esquecendo-se que era no salão de Helena que devia ridicularizar esses entusiasmos, e no de Ana Pavlovna, pelo contrário, aplaudi-los. E ei-lo que corrige o seu desastramento. Será realmente recomendável que o conde Kutuzov, o mais velho dos generais russos, ocupe um lugar desses, valerá a pena? Será possível nomear para o cargo de general-chefe um homem que não pode montar a cavalo, que adormece no conselho e cujos costumes não são recomendáveis? Sim, senhor, arranjou uma rica fama em Bucareste! E não falo das suas qualidades de general, mas será possível que se nomeie um homem caduco e cego, sim cego, tal qual? Devia ser bonito um general cego! Não vê coisa alguma. É bom para jogar à cabra-cega... Completamente cego!

Ninguém fez objecção a estas palavras.

A 25 de Julho isto era exacto, mas a 29 Kutuzov recebeu o título de príncipe, Tal distinção, que podia querer dizer haver desejos de correr com ele, não invalidara o severo juízo do príncipe Vassili, embora obrigasse este a ser mais prudente. A 8 de Agosto reuniu-se uma comissão, de que faziam parte o marechal-de-campo Saltikov, Araktcheiev. Viazmitinov, Lopukine e Kotchubei, para tomar resoluções sobre a marcha da guerra. Chegou-se aí à conclusão de que os reveses eram provocados pela dualidade de comando e, embora os membros da comissão estivessem inteirados de que o imperador não estava satisfeito com Kutuzov, depois de uma curta deliberação, foi o nome dele que propuseram para o lugar de

general-chefe. E assim, nesse mesmo dia, Kutuzov foi nomeado generalíssimo de todas as regiões ocupadas pelas tropas. A 9 de Agosto, o príncipe Vassili encontrou-se de novo no salão de Ana Pavlovna com o homem cheio de valor. Este, que queria obter o lugar de curador de um instituto de meninas, fazia a corte à dona da casa. O príncipe Vassili entrou no salão numa atitude de autêntico triunfador, como alguém que acaba de ver realizados os seus mais ardentes desejos.

— Então, já sabem a grande notícia? O príncipe Koutouzoff foi nomeado marechal! Acabaram todos os dissentimentos. Estou muito contente, muito feliz! — exclamou. — Temos enfim, um homem — acrescentou, eircunvagando um olhar ao mesmo tempo competente e severo. O homem cheio de valor, apesar do empenho que tinha em conseguir o almejado lugar, não pôde deixar de chamar a atenção de Vassili para o facto de ele não ter sido sempre da mesma opinião. Claro que isso não era uma atitude muito diplomática da sua parte quer para com o príncipe Vassili e no salão de Ana Pavlovna, quer para com a própria dona da casa, que se mostrara regozijadíssima ao saber a notícia. Mas não pudera dominar-se.

— Mas diz-se que ele é cego, príncipe? — observou ele, lembrando ao príncipe Vassili as palavras que ele próprio pronunciara.

— Ora, ora, vê o suficiente — retorquiu este na sua voz de baixo, escamoteando as palavras e tossicando, costume seu quando em embaraços.

— Ora, ora, vê o suficiente — repetiu. — E o que me dá maior prazer é o facto de o imperador lhe ter concedido plenos poderes sobre todo o exército e sobre todo o território, podei, nunca antes dado a qualquer outro general, É um segundo autocrata — concluiu com um sorriso de triunfo.

— Deus o queira! Deus o queira! — exclamou Pavlovna.

O homem cheio de valor, noviço da sociedade da corte, julgou lisonjear Ana Pavlovna tentando justificar a sua antiga opinião, e observou:

— Dizem que o imperador só de má vontade o investiu deste poder. Dizem que corou como uma donzela a quem lessem a história Joconde, ao dizerem-lhe: o soberano e a pátria conferem-lhe esta honra.

— Talvez o dissesse um pouco contrafeito — comentou Ana Pavlovna.

— Oh, não, não! — exclamou Vassili, acaloradamente. Agora não podia trocar Kutuzov por mais ninguém. Em sua opinião, não só ele era perfeito, mas toda a

gente o adorava. — Isso não pode ser, porque o imperador sempre apreciou muito o seu mérito.

— Deus queira — interveio Ana Pavlovna — que o príncipe Kutuzov tome, efectivamente, conta do Poder e não consinta que alguém lhe levante obstáculos.

O príncipe Vassili percebeu imediatamente a alusão. Disse em voz baixa:

— Sei de fonte limpa que Kutuzov impôs como condição sine qua non que o grão-duque herdeiro não continue no exército. Sabem o que disse ao imperador?

E o príncipe Vassili repetiu as palavras que este teria dito ao soberano: «Não posso castigá-lo se se portar mal nem recompensá-lo se se portar bem.»

— Oh, o príncipe Kutuzov é um homem de grande inteligência, conheço-o de longa data.

— Dizem mesmo — interveio o homem cheio de valor, continuando a dar provas de falta de tacto de cortesão — que Sua Excelência Sereníssima impôs como condição indispensável que o imperador não compareça no exército.

Mal pronunciou estas palavras, Vassili e Ana Pavlovna voltaram a cabeça simultaneamente e trocaram entre si um olhar triste, soltando um profundo suspiro, impressionados com tamanha ingenuidade.

[VII]

Enquanto isto se passava em Petersburgo, os Franceses deixavam para trás Smolensk e aproximavam-se mais e mais de Moscovo. Thiers, o historiador de Napoleão, como todos os outros autores que se ocuparam da sua personalidade, para justificarem c seu herói, sustentam que ele foi atraído, a pesar seu, até junto dos muros de Moscovo. Thiers tem razão na medida em que têm razão todos quantos procuram explicar os acontecimentos históricos pela vontade de um só homem. Tem razão como a têm os historiadores russos que afirmam que Napoleão foi impelido para a frente graças à habilidade dos generais russos. Nisto, além da lei da retrospectividade, que leva a crer que o passado não é mais que a preparação do facto consumado, existe uma certa conexão dos acontecimentos que complica tudo. Um bom jogador de xadrez que perde uma partida fica convencido de ter perdido por virtude de um erro em que incorreu, e vai procurá-lo no

principio do jogo esquecendo-se de que no decurso da partida incorreu em outros erros semelhantes e que nenhuma das suas jogadas foi perfeita, Deu conta do seu erro apenas porque o adversário dele tirou partido.

Quão mais complicado não é o jogo da guerra, que tem lugar em determinadas condições de tempo, em que não é uma vontade única que conduz as máquinas inanimadas, mas onde tudo depende do entrechocar de uma infinidade de vontades individuais e particulares!

Depois de Smolensk, Napoleão procurou dar batalha para lá de Dorogobuje, perto de Viazma, em seguida em Tsarevo-Zaimichtche, mas, em virtude de um grande número de circunstâncias, os Russos não puderam aceitar combate senão em Borodino, a cento e doze verstas de Moscovo. Depois de Viazma, Napoleão deu instruções para avançar directamente sobre a antiga capital.

Moscovo, a capital asiática deste grande império; a cidade santa do povo de Alexandre; Moscovo, com as suas inúmeras igrejas em forma de pagode chinês. Moscovo não deixava em paz a imaginação de Napoleão. Durante a etapa de Viazma a Tsarevo-Zaimichtche, Bonaparte montava o seu cavalo branco inglês, acompanhado da Guarda, de sentinelas, de pajens e de ajudantes-de-campo. O chefe do estado-maior, Berthier, ficara para trás para interrogar um russo feito prisioneiro pela cavalaria. Acompanhado do intérprete Lelorgne d'Ideville, galopando, veio juntar-se ao imperador e, com alegre semblante, fez estacar o cavalo.

— Então? — perguntou Napoleão.

— Um cossaco de Platov. Disse que o corpo de exército de Platov vai reunir-se ao grosso do exército, que Kutuzov foi nomeado general-chefe. Inteligente e falador.

Napoleão sorriu, mandou dar um cavalo ao cossaco e deu ordem para que lho trouxessem. Desejava falar-lhe pessoalmente. Alguns dos ajudantes-de-campo puseram-se a galopar e, uma hora depois, Lavruchka, o servo que Denissov cedera outrora a Rostov, fardado de ordenança, com o seu ar astuto e jovial, um tanto borracho, surgiu diante de Napoleão montado sobre uma sela da cavalaria francesa. Este mandou-o seguir a seu lado e pôs-se a interrogá-lo.

— És cossaco?

— Cossaco, Sua Senhoria.

«O cossaco, ignorando em presença de quem se encontrava, pois a simplicidade de Napoleão nada podia revelar a uma imaginação oriental a figura de um soberano, discorreu com extrema familiaridade sobre os assuntos da guerra actual», diz Thiers no relatar este episódio. Efectivamente, Lavruchka, que na véspera se havia emborrachado e deixara o amo sem jantar, fora vergastado e tivera de ir à aldeia procurar galinhas. Ali entretivera-se no saque e fora feito prisioneiro pelos Franceses. Lavruchka era um desses soldados atrevidos e desavergonhados que tudo foram na vida, que se julgam na obrigação de praticar todas as baixezas e todas as velhacarias imagináveis, sempre prontos a prestar serviços a seus amos, cujos pensamentos adivinham, especialmente quando se trata de vaidade e mesquinhez.

Ao ver-se na presença de Napoleão, a quem não tardou a reconhecer, Lavruchka não se embaraçou, tratando desde logo de tirar o melhor partido que pudesse dos seus novos amos. Sabia perfeitamente que era Napoleão, e Napoleão não o intimidava mais que Rostov ou o sargento encarregado de o flagelar. Como nada tinha, nada lhe podiam tirar.

Referiu histórias que se contavam entre as ordenanças, e muitas delas eram exactas. Mas quando Napoleão lhe perguntou se os Russos tinham esperança de vencer Bonaparte, franziu o sobrecenho e pôs-se a pensar.

Percebeu que a pergunta escondia uma armadilha, pois as criaturas da espécie de Lavruchka estão habituadas a ver astúcia em tudo, e tomando um ar manhoso calou-se.

— É como quem diz — acabou por responder —; se houvesse uma batalha nestes dias mais chegados, os Franceses levariam a melhor. Sim, não há dúvida. Mas se nestes quatro dias mais próximos não houver batalha, então já não digo nada, que essa batalha não a ganhariam de pé para a mão.

Sorrindo, Lelorgne d'Ideville, traduziu deste modo para Napoleão as palavras de Lavruchka:— «Se a batalha se travar dentro de três dias, os Franceses ganhá-la-ão, mas, se ficar para mais tarde, só Deus sabe o que virá a acontecer.» Napoleão, embora muito bem disposto, em vez de sorrir quando lhe traduziram o oráculo, pediu que lho repetissem.

Lavruchka reparou no facto, e, para entreter Napoleão, prosseguiu, fingindo sempre que não sabia a quem estava falando:

— Sim, nós cá sabemos que há um francês, a quem chamam Bonaparte, que

esta farto de levar a melhor por todo o lado, as com a gente o caso é, outro... – E, sem saber como nem porquê, as palavras saíam-lhe da boca cheias de presunção patriótica.

O intérprete traduziu a resposta, suprimindo a ultima Napoleão sorriu. «O moço cossaco fez sorrir o seu poderoso interlocutor», refere Thiers. Depois de cavalgar algum tempo calado. Napoleão chamou Berthier e disse-lhe que queria ver qual o efeito que produziria sobre aquele rapaz do Don o dizerem-lhe que o homem com quem estivera conversando era o próprio imperador, o imperador que tinha gravado nas Pirâmides o seu nome vitorioso e imortal.

E fez-se o que o imperador desejava.

Lavruchka deu-se conta de que o queriam atrapalhar e meter-lhe medo e foi assim que para agradar a seus novos amos fingiu imediatamente grande espanto e estupefacção, abriu muito os olhos e fez a mesma cara de quando o vergastavam. «Mal o intérprete de Napoleão», escreve Thiers, «abriu a boca o cossaco, tomado de uma espécie de estupor, não proferiu mais palavra e seguiu de olhos fitos naquele herói cujo nome chegara até ele através das estepes do Oriente. Toda a sua loquacidade desaparecera de repente para dar lugar a um ingénuo e silencioso sentimento de admiração. Depois de o recompensar, Napoleão mandou que o pusessem em liberdade, como o pássaro que se deixa voar para os campos que o viram nascer.»

Napoleão prosseguiu o seu caminho, pensando em Moscovo, cidade que lhe exaltava a imaginação. Quanto ao «pássaro que, deixaram voar para os campos que o viram nascer», esse tratou de cavalgar em direcção às linhas avançadas russas, congeminando uma engenhosa história para narrar aos camaradas. Não estava disposto a contar-lhes as coisas tal qual se haviam passado, pois a verdade é que a seus próprios olhos pouca importância, tinham. Reuniu-se aos cossacos, tratou de saber onde parava o seu regimento, o qual fazia parte do destacamento Platov, e à noitinha junto de seu amo, Nicolau Rostov, acantonado em Iankovo, e que nesse momento montava a cavalo para, com Iline fazer um giro pelas aldeias vizinhas. Mandou dar outro cavalo a Lavruchka e levou-o consigo.

A princesa Maria nem estava em Moscovo nem livre, de perigo, como André supunha.

Depois que Alpatitch voltara de Smolensk, o velho príncipe pareceu como que acordar de repente. Deu ordens para que se levantassem as milícias nas suas terras e mandou que se armassem, escrevendo entretanto ao general-chefe. Informava-o de que resolvera ficar em Lissia Gori e que pensava defendê-la até, à última, deixando-lhe a ele a responsabilidade de saber se deveria ou não tomar medidas para proteger um domínio onde ia ser feito prisioneiro um dos mais antigos generais russos, Em seguida participou a todos os seus familiares que não arredaria pé de sua casa.

Entretanto dera ordens para prepararem a partida da princesa e de Dessalles, que acompanhariam o príncipezinho para Bogutcharovo, e dai para Moscovo. A princesa Maria, muito preocupada com a actividade febril e as insónias do pai depois da apatia dos últimos tempos, não quis deixa-lo só e pela primeira vez na sua vida tornou a resolução de lhe não obedecer. Recusando partir, desencadeou no príncipe uma tremenda tempestade de ira. Mais uma vez lhe repetiu todas as acusações injustas com que costumava flagelá-la. Disse-lhe que passava a vida a atormentá-lo, que o indispusera com o filho, que fizera a seu respeito suposições abomináveis, que não pensava noutra coisa senão em envenenar-lhe a existência, e acabou por expulsá-la do seu gabinete, acrescentando que se, de resto, estava disposta a ficar, para ele tanto se lhe dava. Disse-lhe ainda que não queria saber mais dela e prevenia-a de que não ousasse aparecer-lhe mais diante dos olhos. O facto de o pai não decidir o que ela mais temia, mandá-la partir à força, limitando-se a proibi-la de aparecer diante dele, foi para a princesa um grande alívio. Sabia muito bem o que isso queria dizer: no fundo do seu coração, o príncipe gostava que ela ficasse em casa e irão partisse.

No dia seguinte, após a partida de Nikoluchka, o velho príncipe apareceu logo pela manhã de uniforme de gala, disposto a ir ao encontro do general-chefe. A sua carruagem já estava pronto.

A princesa Maria viu-o a sair do gabinete, com todas as condecorações ao peito, e dirigir-se para o pátio, a fim de passar revista aos camponeses e criados a quem dera armas. Da janela, a princesa ouvia-lhe as vociferações que ressoavam através das árvores. De súbito, um grupo de homens, muito assustado, surgiu,

correndo, de uma das áleas do parque.

A princesa Maria precipitou-se para a escada e dali, pela rua bordada de flores, direito à alameda. Ao seu encontro deparou-se-lhe um magote de milicianos e criados, no meio dos quais, amparado por debaixo dos braços, arrastando-se, vinha o velhinho com o seu uniforme de gala e as suas condecorações. Maria correu para ele, mas não pôde desde logo dar-se conta da transformação que se operara rios traços do pai em virtude das manchas de luz que na alameda das tílias desciam através da folhagem. A única coisa que pôde ver foi que o seu rosto, até então severo e enérgico, tinha agora uma expressão receosa e humilde. Ao ver a filha, remexeu os lábios impotentes, deixando filtrar através deles sons roucos e indistintos. Era impossível compreender o que ele queria dizer. Levaram-no em braços até ao gabinete e estenderam-no no divã que tantos terrores lhe causara ultimamente.

— O médico, chamado à pressa, nessa mesma noite sangrou-o, dizendo que ele tinha uma paralisia do lado direito.

Como a permanência em Lissia Gori se tornava mais perigosa de dia para dia, logo na manhã seguinte o príncipe foi levado para Bogutcharovo. O médico acompanhou-o.

Quando ali chegaram, já Dessalles e as crianças haviam seguido para Moscovo.

Sem dar sinal de melhoras, o velho príncipe permaneceu três semanas em Bogutcharovo na casa que André ultimamente mandara construir. Sem conhecimento, estendido, desfigurado, mais parecia um cadáver. A todo o momento murmurava palavras desconexas, mexendo as sobrancelhas e os lábios, e era impossível saber se tinha consciência do que se passava à sua volta. Não havia dúvida, porém, de que sofria e queria dizer fosse o que fosse. O quê? Impossível saber se se trataria de qualquer capricho de doente sem tino ou de alguma coisa relativa aos acontecimentos ou a questões de família,

O médico afirmava que aquela inquietação era apenas de ordem física, mas a princesa Maria pensava que ele queria falar, e a confirmar a sua opinião lá estava o facto de o desassossego do enfermo desaparecer quando ela estava presente.

De facto sofria física e moralmente. Não havia a mais pequena esperança de cura e não estava em estado de ser transportado. Que aconteceria se ele morresse no caminho? «Não seria preferível chegar a sua hora, a sua derradeira hora?», dizia muitas vezes, de si para consigo, a princesa Maria. Noite e dia, quase

sem dormir, ela lá estava, à cabeceira do pai, e, por mais triste que pareça, o certo é que muitas vezes lhe espiava os mais pequenos movimentos, não na esperança de o ver melhorar, mas desejosa de lhe descobrir sinais de morte próxima.

Por mais estranho que o facto lhe parecesse, a princesa Maria viu-se obrigada a reconhecer consigo mesma que era verdade. O que se lhe afigurou ainda mais terrível foi que enquanto a doença durou e antes ainda desta doença, nos momentos em que, sozinha com ele, dir-se-ia esperar que alguma coisa acontecesse, sentira acordar nela o desejo e as esperanças até ai adormecidos ou esquecidos, A ideia que durante anos nem sequer a aflorara da possibilidade de uma vida livre, liberta do medo paterno, e que poderia vir — a amar e a casar — tomara-lhe agora a imaginação, como se fosse uma tentação do Demónio. Conquanto tudo fizesse para se ver livre dessa ideia, a cada passo se estava a interrogar a si própria sobre a maneira de organizar a sua vida quando ele deixasse de estar presente, Eram tentações do Demónio e disso estava persuadida. Sabia que a única arma que lhe assistia era a oração e procurava rezar. Punha-se em atitude de quem vai orar, pousava os olhos nos ícones, articulava as fórmulas, mas a alma não a acompanhava. Sentia-se levada por um novo mundo de vida activa, difícil e independente, em tudo absolutamente oposto ao meio moral onde estivera fechada até aí e em que o único lenitivo era a oração. Não podia nem rezar nem chorar, e as preocupações do dia-a-dia assoberbavam-na.

Continuar em Bogutcharovo era perigoso. De todos os lados chegavam notícias do avanço dos Franceses e numa aldeia a, quinze verstas dali os soldados inimigos tinham assaltado uma propriedade.

O médico teimava em que se transportasse o doente, e o marechal da nobreza enviou um funcionário à princesa Maria para convencê-la a partir o mais depressa que pudesse. O ispraunik também apareceu para lhe fazer o mesmo pedido, e disse-lhe que os Franceses estavam apenas a umas quarenta verstas, que tinham sido distribuídas proclamações inimigas nas aldeias e que se não partissem antes do dia 15 não podia responsabilizar-se pelo que acontecesse.

A princesa resolveu abalar no dia 15. Os preparativos e as ordens que era preciso dar — toda a gente se dirigia agora à princesa — ocuparam-na todo o dia 14. Como de costume ultimamente, passara a noite de 14 para 15 sem se despir no

quarto contíguo ao do pai. Por várias vezes acordou para ouvir a respiração entrecortada e os gemidos do velho príncipe. A cama rangia. Tikon e o médico mudaram-no de posição. Por várias vezes veio escutar à porta e pareceu-lhe que nessa noite gemia mais do que o costume e, que o voltavam mais frequentemente. Não podia dormir, e foram muitas as vezes que veio pôr o ouvido à escuta: teria desejado entrar, mas não se resolvia a isso. Embora já não pudesse falar, Maria via e sentia quão desagradável Hw era a vista daquele rosto angustiado. Notara que ele voltava a cara sempre que encontrava o olhar dela obstinadamente fito nele. Sabia que aparecer-lhe no quarto, de noite, altas horas, o irritava.

No entanto, nunca fora maior o terror e a dor de o perder, Lembrava-se de todos aqueles anos da, sua vida ao lado do pai e em todas as suas palavras, em todos os seus actos descobria o amor que ele lhe tinha. De longe em longe voltavam a aparecer-lhe, no meio das suas recordações, as tentações do espírito maligno, e pensava no que iria fazer depois da morte do príncipe, na sua existência futura, mais livre. Porém, horrorizada, sacudia de si tais pensamentos. Para a madrugada o pai acalmou e Maria pôde adormecer-

Acordou tarde. A lucidez que se costuma ter ao despertar fez-lhe ver claramente qual a sua constante preocupação. Foi escutar à porta e voltou a ouvir a respiração rouca do doente, dizendo de si para consigo, suspirando, que estava na mesma.

«Que tem ele então? Que quero eu então? É verdade que estou à espera que ele morra?», interrogou-se, sentindo que aquele pensamento a amargurava.

Vestiu-se, arranjou-se, disse as suas orações e veio até ao alpendre da escada. Carros ainda por atrelar esperavam enquanto carregavam as bagagens.

A manhã estava suave e cinzenta. Maria continuava no alpendre, alanceada de horror perante a sua cobardia moral e procurando que os seus pensamentos se aquietassem antes de penetrar nos aposentos do pai.

Entretanto o médico desceu as escadas e aproximou-se dela.

— Está um pouco melhor hoje — disse ele. — Andava à sua procura. Entende-se melhor o que ele diz, tem a cabeça mais fresca. Venha, está a perguntar por si...

Ao ouvir estas palavras, o coração principiou a bater-lhe apressadamente e, empalidecendo, teve de encostar-se à porta, para não cair. Vê-lo, falar-lhe, sentir-lhe o olhar quando tinha a alma cheia daqueles pensamentos criminosos e medonhos provocava-lhe uma espécie de angústia misturada de alegria.

— Vamos — disse o médico.

Penetrou no quarto do pai e aproximou-se da cama. O velho estava deitado de costas, o busto soerguido apoiado em almofadas, as pequenas mãos ossudas com a sua rede de veias azuladas assentes sobre o coberta, o olho esquerdo olhando direito na sua frente, as sobrancelhas e os lábios imóveis. Todo ele era delgado, pequeno, insignificante. O rosto parecia ressequido e como que, derretido, os seus traços tinham por assim, dizer encolhido. Maria aproximou-se e beijou-lhe a mão. A mão esquerda do príncipe apertou a dela como se a esperasse há muito. Abanou-a mesmo, enquanto as sobrancelhas e os lábios se lhe contraíam com impaciência.

Maria, olhou para ele assustada, tentando adivinhar o que, ele lhe queria. Mudou de posição de modo a que o olho esquerdo do príncipe lhe pudesse ver a cara: então ele serenou por alguns instantes, o olho fixo nela. Depois os lábios e a língua agitaram-se-lhe, saíram-lhe sons da boca e pôs-se a falar fixando-a com um ar tímido e súplice, como se receasse que eu o não compreendesse.

Maria olhou-o concentrando nele toda a sua atenção. Diante do esforço quase cómico que ele fazia para mexer a língua, viu-se, obrigada a baixar os olhos e a custo reprimiu os soluços que lhe subiam à garganta. O príncipe falava, repetindo muitas vezes as mesmas palavras. A princesa Maria não conseguia perceber, mas fazia tudo para adivinhar e repetia interrogativamente as palavras que supunha entender.

O doente repetiu ainda mais algumas vezes as mesmas silabas Não era possível encontrar-lhes qualquer sentido. O médico julgou perceber que ele perguntava à princesa se ela tinha medo, mas, ao dizê-lo em voz alta, o velho príncipe respondeu com um aceno negativo de cabeça e expeliu quaisquer sons.

«A alma, a alma, dói-lhe a alma», percebeu de súbito, a princesa.

O príncipe gemeu um «sim» indistinto, pegou-lhe na mão e pousou-a sobre vários pontos do peito, como se procurasse o melhor sitio para ela.

— Penso sempre em ti... penso sempre articulou ele com muito maior nitidez, agora que estava certo de ter sido compreendido.

A princesa Maria inclinou a cabeça contra a rirão do pai para reprimir os soluços e as lágrimas.

Ele passou-lhe a mão pelos cabelos.

— Chamei por ti toda a noite... — murmurou.

— Se eu soubesse... — replicou ela entre lágrimas. — Tinha medo de entrar.

Apertou-lhe a mão.

— Não dormiste?

— Não, não pude — disse ela, com um aceno negativo de cabeça.

Submetendo-se mais uma vez sem querer à influência do pai, pusera-se, tal qual ele, a falar por acenos e parecia, também como ele, de língua entaramelada,

— Alma minha... minha amiga. — Maria não pôde inteirar-se de qual das duas carinhosas palavras o pai se servira, mas como quer que fosse no seu olhar lia-se que empregara uma palavra afectuosa nunca outrora em seus lábios quando falava à filha. — Porque não vieste tu?

«E eu a desejar, a desejar-lhe a morte!», dizia de si para consigo a princesa Maria.

O príncipe ficou algum tempo calado.

— Obrigado... minha filha, minha amiga... por tudo, por tudo... perdoa-me... obrigado... perdoa-me... obrigado! — As lágrimas saltaram-lhe dos olhos. — Chama o Andriucha — disse ele, de súbito, e, ao fazer este pedido, a sua expressão era de timidez e incredulidade como se fosse uma criança.

Dir-se-ia compreender que tal desejo era desprovido de bom senso; isso, pelo menos, o que a princesa Maria julgou perceber.

— Recebi carta dele — respondeu ela.

— E onde está ele?

— Na tropa, meu pai, em Smolensk.

Esteve muito tempo calado, de olhos fechados, e depois, como se respondesse a perguntas que a si próprio dirigira, e ao mesmo tempo para mostrar que recuperara a memória e o entendimento, fez com a cabeça um aceno afirmativo, reabrindo os olhos.

— Sim — murmurou em voz muito baixa e distintamente — a Rússia está perdida! Perderam a Rússia!

De novo rompeu em soluços e as lágrimas escorreram-lhe pela cara abaixo. Maria não pode mais, e ela própria se debulhou em pranto.

O velho príncipe fechou de novo os olhos e pouco a pouco ,quietou-se. Com um gesto de mão, apontou para as órbitas e Tikon, percebendo o que ele queria, enxugou-lhe os olhos.

Então voltou a abrir as pálpebras e pronunciou algumas palavras que de

momento ninguém percebeu e que só mais tarde Tikon apreendeu, traduzindo-as. Maria julgou ver nelas uma alusão à ordem de ideias que o preocupava minutos antes. Supôs que ele falava da Rússia, ou então do príncipe André, ou ainda dela própria, do neto ou também da morte próxima. Por isso não podia adivinhar o que ele dizia.

— Vai pôr o teu vestido branco, gosto dele — dissera o príncipe.

Ao ouvir estas palavras, as lágrimas ainda mais se lhe soltaram, e o médico, pegando-lhe por um braço, levou-a até à varanda, pedindo-lhe que serenasse e que tratasse quanto antes dos preparativos de partida. Depois de ela sair, o príncipe falou ainda do filho, da guerra, do imperador, franziu as sobrancelhas com uma expressão irritada, elevou cada vez mais a sua voz rouca e, foi então que um segundo e último ataque o fulminou.

A princesa Maria deteve-se na varanda. O dia tinha clareado: fazia sol e estava quente. Não dava por nada, e não podia pensar noutra coisa que não fosse no amor apaixonado pelo pai, sentimento, pensava ela, que julgava ter ignorado até então. Correu para o jardim e, soluçando sempre, desceu até ao tanque, ao longo da alameda de tílias novas plantadas por André.

«E eu... e eu... que lhe desejei a morte! Sim, desejei que tudo acabasse quanto mais depressa melhor... Tinha necessidade de descansar finalmente... E que vai ser de mim? Para que hei-de querer eu descanso quando ele desaparecer?» Maria murmurava estas palavras numa voz entrecortada, dando grandes passadas e comprimindo com a mão o peito, abalado por convulsivos soluços.

Depois de ter dado uma volta em roda do jardim, tomou a direcção da casa, e nesse momento viu Mademoiselle Bourienne, que ficara em Bogutcharovo, recusando-se partir, que se dirigia ao seu encontro na companhia de um desconhecido. Era o marechal da nobreza do distrito, que pessoalmente vinha persuadir a princesa da urgência de uma rápida partida. Maria ouvia-o sem o entender. Conduziu-o a casa, convidou-o a almoçar e pediu-lhe que se sentasse a seu lado. Em seguida, desculpando-se, levantou-se e dirigiu-se ao quarto do velho príncipe. O médico, que vinha ao seu encontro com uma expressão alterada, proibiu-a de entrar,

— Não entre, princesa, não entre, peço-lhe.

Maria voltou para o jardim, e no fundo da ladeira que descia para o tanque, num recanto onde ninguém a via, sentou-se na relva. Não podia dizer quanto

tempo ali esteve. Passos femininos que corriam pela alameda obrigaram-na a despertar. Levantou-se e viu a criada de quarto, Duniacha, que a procurava, parar, de repente, como que assustada ao ver a ama.

— Por favor, princesa... o príncipe... — disse ela, numa voz entrecortada.

Vou já, vou imediatamente articulou a princesa, que sem lhe dar tempo de acabar o que ela queria dizer e sem olhar para Duniacha, correu para casa.

— Princesa, cumpriu-se a vontade de Deus, é bom estar preparada para tudo — disse o marechal, que a esperava à entrada. — Deixe-me, não é possível — exclamou ela com angústia.

O médico tentou detê-la, A princesa repeliu-o e correu para a porta. — «Porque não me deixa esta gente com estas caras assustadas? De ninguém preciso. Que estão todos aqui a fazer?» Abriu a porta e a viva claridade do dia que inundava o quarto ate então na obscuridade fê-la estremecer de pavor. No quarto viam-se várias mulheres, entre as quais a sua ama. Afastaram-se da cama para a deixar passar. O príncipe continuava deitado, mas o ar severo e calado que se espalhava no rosto imobilizou-a no limiar da porta

«Não, não está morto, não é possível!», dizia de si para consigo à medida que se aproximava, e, vencendo o horror que tomava, pousou os lábios na face do pai. Ao sentir a frieza da pele recuou instintivamente. De súbito toda a ternura que ele acabava de lhe inspirar foi substituída pelo sentimento de horror que lhe despertava o espectáculo que tinha diante dos olhos: «Já não existe! Já não existe! Já não está no lugar em que estava, já não é senão uma coisa desconhecida e horrível, um mistério terrível que me gela o sangue nas veias e me obriga a fugir!» E, escondendo a cara nas mãos a princesa Maria caiu desmaiada nos braços do médico.

Na presença de Tikon e do médico, as mulheres deram-se ao cuidado de lavar o corpo do príncipe, amarraram-lhe o queixo com um lenço, para que a boca lhe não descaísse, e para que as, pernas se lhe não afastassem amarraram-nas também. Depois vestiram-lhe o uniforme, com todas as condecorações, e estenderam sobre a mesa o pequeno cadáver descarnado. Só Deus sabe como tudo se fez, mas foi como se as coisas se fizessem por si próprias. Para a noite acenderam velas em volta do caixão e cobriu-se o ataúde com um pano mortuário. Espalharam no sobrado bagas de zimbro, puseram debaixo da cabeça do morto uma oração impressa e a um canto o chantre principiou a recitar os salmos.

Tal como os cavalos se empinam e relincham diante do cadáver de outro cavalo, assim veio juntar-se no salão em volta do ataúde do príncipe uma multidão de gente da casa e de fora: o marechal da nobreza, o estaroste, as mulheres da aldeia, todos inclinavam até ao chão, beijando a mão fria e hirta do velho príncipe.

[IX]

Bogutcharovo, antes de o príncipe André ali se haver instalado, fora sempre uma propriedade abandonada pelo amo, e os camponeses dessa aldeia eram muito diferentes dos de Lissia Gori. Deles se distinguiam pela linguagem, pelo trajo e pelos costumes. Parece que eram camponeses da estepe. O velho príncipe elogiava-lhes o amor ao trabalho quando vinham a Lissia Gori ajudar nas colheitas ou abrir tanques ou canais, mas não gostava deles, selvagens que eram.

A última permanência do príncipe André em Bogutcharovo, apesar das inovações que introduzira ali — hospitais, escolas e a redução de impostos — não lhes suavizara os costumes, antes, pelo contrário, acentuara neles o traço característico, essa selvajaria de que falava o velho príncipe. Entre os camponeses circulavam sempre boatos estranhos ora que iam ser recrutados em massa para o corpo de cossacos, ora que iam obrigá-los a aceitar uma nova religião, ou ainda falavam em certas cartas do czar, do juramento prestado a Paulo Petrovitch em 1797, de quem se dizia que já então dera a liberdade aos servos, liberdade que os senhores lhes tinham retirado de novo, ou então de Pedro Feodorovitch, que devia vir a reinar dentro de sete anos e sob cujo reinado toda a gente seria livre e tudo seria tão simples que acabariam as leis. O que se contava da guerra de Bonaparte c da invasão misturava-se na imaginação desta gente a confusas ideias sobre o Anticristo, o fim do mundo e a liberdade absoluta.

Nos arredores de Bogritcharovo havia grandes povoações, propriedade da coroa ou de particulares, cujos camponeses viviam sob o regime de foreiros. Poucos eram os senhores que aí residiam: muito poucos eram também os criados ou servos que soubessem ler: daí que entre os habitantes desses lugarejos assumissem uma força e uma intensidade apreciáveis as misteriosas correntes da vida popular, cujas fontes costumam ser desconhecidas dos contemporâneos. Um fenómeno deste género se verificara uns vinte anos atrás, quando se formara uma corrente de emigração para certos rios de águas quentes. Centenas de famílias, entre as quais as de Bogutcharovo, venderam, de um dia para o outro, o eu gado e abalaram para sudoeste. Como aves migradoras que partem para além dos mares, com mulheres e crianças puseram-se a caminho para regiões onde nenhum deles jamais tinha estado. Agruparam-se em caravanas, depois de se haverem remido individualmente uns, outros mesmo sem salvo-conduto, e a pé ou de carro

meteram-se a caminho. Muitos deles foram apanhados e castigados, sendo deportados para a Sibéria, outros morreram pelo caminho de fome e de frio e outros ainda voltaram espontaneamente, e o movimento extinguiu-se por si, tal qual como principiara, sem causa aparente. Uma corrente subterrânea, porém, não deixara de continuar a disseminar-se por entre esta gente e ia ganhar novo alento e manifestar-se estranha e inopinadamente e de maneira igualmente simples e natural. Quem vivesse então, nesse ano da graça de 1812, em contacto com o povo podia verificar que ele se encontrava profundamente trabalhado por essas forças ocultas prontas a vir à superfície.

Alpatitch, que chegara a Bogutcharovo pouco tempo antes da morte do velho príncipe, notara certa agitação entre os camponeses, observando que, ao contrário do que acontecia na região de Lissia Gori, onde num raio de sessenta verstas todos os habitantes abalavam, abandonando as suas aldeias aos cossacos saqueadores, nesta zona da estepe, em Bogutcharovo, estabeleciam relações com os Franceses, segundo se dizia, acolhendo certos papéis que circulavam entre eles e permanecendo nas suas casas. Através de criados que lhe eram dedicados soube que o camponês Karp, ultimamente de volta de uma jornada no carro da administração, homem de grande influência na comuna, viera dizer que os cossacos saqueavam as aldeias abandonadas pelos seus habitantes enquanto os Franceses as respeitavam. Além disto, soube também que outro mujique trouxera, na véspera, da aldeia de Vislukovo, ocupada pelo inimigo, uma proclamação do general francês onde se dizia que se não faria mal algum aos habitantes e que se eles se conservassem nas suas casas lhes seriam pagas a pronto todas as requisições que se fizessem. Como prova desta afirmação exibia um assinado de cem rublos, que ignorava ser falso, com que lhe tinham pago a palha das suas terras.

Por último, e isto era o mais importante, Alpatitch veio a saber que no mesmo dia em que dera ordem ao estaroste para atrelar os carros destinados ao transporte das bagagens da princesa houvera uma reunião da assembleia da comuna onde se resolvera não saírem dali e esperar. E o pior era que não havia tempo a perder. No dia da morte do príncipe, 15 de Agosto, o marechal da nobreza insistira com a princesa Maria para que abalasse imediatamente, em virtude de a situação se apresentar perigosa, Dissera mesmo que depois do dia 12 não podia responsabilizar-se fosse pelo que fosse. E partira pela noite do dia em

que o príncipe falecera, prometendo voltar no dia seguinte para assistir ao funeral. Fora-lhe, porém, impossível regressar ao ter conhecimento de que os Franceses operavam um movimento imprevisto e não tivera tempo senão de mandar partir a família e o que tinha de mais precioso.

Havia trinta anos que o estaroste Drone, a quem o velho príncipe chamava Dronuchka, administrava Bogutcharovo. Drone era um desses mujiques sólidos, quer física quer moralmente, que à medida que envelhecem principiam a deixar crescer as barbas, embora cheguem aos sessenta ou setenta anos com o melhor aspecto, todos os dentes, sem um cabelo branco, tão direitos e robustos como aos trinta anos. Drone pouco depois da emigração para as águas quentes, em que tomara parte como os demais, fora nomeado estaroste burmistre de Bogutcharovo, funções que desempenhava irrepreensivelmente havia mais de vinte e três anos. Os camponeses temiam-no mais a ele que ao próprio amo. Os amos, tanto o velho príncipe como o príncipe novo e o intendente, respeitavam-no e chamavam-lhe ministro, por graça. Durante todo o tempo em que desempenhara as suas funções nunca estivera nem bêbedo nem doente, nunca dera mostras do mais pequeno cansaço, ainda mesmo quando passava as noites em claro ou tinha que fazer qualquer trabalho extraordinário, e, sem saber ler nem escrever, nunca tivera qualquer engano quer nas contas em dinheiro, quer nos puds de farinha que vendia às carradas, quer na quantidade de feixes de trigo de cada desiatina dos campos de Bogutcharovo.

Foi este homem que Alpatitch, ao chegar do devastado domínio de Lissia Gori, mandara chamar no dia do funeral do príncipe, encarregando-o de preparar doze cavalos para as carruagens da princesa e dezoito carroças para as bagagens que era preciso transportar. «Embora os camponeses pagassem foro, o cumprimento desta ordem não podia encontrar dificuldades», pensava Alpatitch, «pois Bogutcharovo contava duzentos e trinta fogos e todos os habitantes eram remediados.» A verdade, porém, é que o estaroste Drone, ao ouvir a ordem que lhe davam, baixou os olhos sem dizer palavra. Alpatitch disse-lhe o nome dos camponeses seus conhecidos que podiam encarregar-se dos transportes.

Drone replicou que os cavalos desses camponeses estavam a fazer serviço. Alpatitch lembrou-lhe outros camponeses. E também esses não podiam, no dizer de Drone, pois não tinham cavalos: uns andavam em serviço da administração, outros estavam exaustos e a falta de pastos causara a morte de muitos outros.

Dizia-se mesmo que não seria fácil arranjar cavalos, tanto para as carruagens como para as carroças.

Alpatitch olhou-o fixamente, franzindo as sobrancelhas. Se Drone era um estaroste modelar, Alpatitch, pelo seu lado, havia mais de vinte anos que administrava as propriedades do príncipe, no que sempre se mostrara intendente exemplar. Era apuradíssimo nele o faro necessário para compreender as necessidades e os instintos das pessoas com quem tinha de lidar, e por isso mesmo era um intendente verdadeiramente excepcional. Bastou-lhe um relance de olhos a Drone para imediatamente compreender que as respostas que este lhe dava não correspondiam ao que ele pensava, antes reflectiam as disposições da comuna de Bogtitcharovo, a cuja influência o estaroste se não eximia. Por outro lado, não ignorava que Drone, camponês ricaço e detestado pela assembleia da comuna, devia estar hesitante entre dois campos, o dos senhores e o dos seus iguais. Lera esta mesma hesitação no olhar do estaroste, e por isso se aproximou dele com uma expressão de descontentamento.

— Escuta, Dronuchka — disse-lhe —, não me venhas com histórias da carochinha. Sua Excelência o príncipe André Nikolaitch deu-me pessoalmente ordens para evacuar toda a gente e para não deixar que ninguém caísse em poder do inimigo. Há, de resto, uma ordem do czar no mesmo sentido. Aquele que ficar é considerado traidor. Estás a perceber?

— Estou — replicou Drone, sem erguer os olhos.

Alpatich não se contentou com a resposta.

— Ah! Drone, está-me a cheirar a esturro! — exclamou ele, abanando a cabeça.

— Faça o que entender! — murmurou Drone tristemente.

— Drone! Basta! — voltou Alpatitch, retirando a mão da carcela do colete e apontando para o chão aos pés de Drone, com um gesto teatral. — Não sei se te diga que não estou só a ver claramente o que se passa contigo, mas até o que se está passando três archinas abaixo de ti.

Drone perturbou-se, lançou um olhar furtivo a Alpatitch e voltou a baixar os olhos.

— Deixa-te de tolices e vai dizer-lhes que se preparem para partir para Moscovo e que amanhã pela manhã tratem de trazer as carroças para a bagagem da princesa, e quanto a ti aconselho-te a que não ponhas os pés na assembleia.

Estás a perceber?

Drone deixou-se cair de súbito aos pés de Alpatitch.

— Iakov Alpatitch, dispensa-me das minhas funções! Torna lá as chaves, dispensa-me das minhas funções, por amor de Deus!

— Basta! — exclamou Alpatitch severamente. — Estou a ver o que se passa a três archinas abaixo de ti — repetiu. O intendente sabia que a sua grande habilidade para tratar das abelhas, o conhecer em que momento se deve semear a aveia e o facto de haver sabido agradar ao príncipe por mais de vinte anos de há muito lhe tinham granjeado a reputação de bruxo, e o poder de ver três archinas abaixo de um homem era dom de feiticeiro, dizia-se.

Drone voltou a levantar-se e quis falar, mas Alpatitch cortou-lhe a palavra:

— Que passou pela cabeça desta gente sempre quero saber? Vamos... Em que estão vocês a pensar?...

— Que posso eu fazer com eles? — exclamou Drone. — Rebentou assim sem mais nem menos, de repente. Eu bem lhes disse

— É isso mesmo que eu pensava, estão bêbedos, hem? — inquiriu o intendente, rápido.

— Estão todos com a cabeça perdida, Iakov Alpatitch: já entraram na segunda pipa.

— Bom, então ouve. Vou tratar de avisar Ipravnik, e tu vais dizer-lhes que se deixem de histórias e que arranjem as carroças.

— Às suas ordens — volveu Drone.

Iakov Alpatitch não insistiu mais. Havia muito que governava aquela gente e sabia que a melhor maneira de a submeter era nunca lhes dar oportunidade a que pensassem que ele julgava que lhe não pudessem obedecer. Depois de ter conseguido de Drone aquele dócil «Às suas ordens», isso lhe bastou, embora duvidasse de que as carroças viessem a ser-lhes fornecidas sem o auxílio da força pública e estivesse mesmo persuadido do contrário.

Com efeito, pela, noite nada de carroças. Houvera uma nova assembleia diante da taberna, onde se tomara a resolução de enxotarem os cavalos para as matas e de nada fornecerem do que se lhes pedia, Sem nada dizer à princesa, Alpatitch mandou descarregar as suas próprias bagagens das carroças que tinham chegado de Lissia Gori, mandou atrelar os seus cavalos às carruagens da princesa e tratou de se dirigir às autoridades.

[X]

Depois do funeral do pai, a princesa Maria fechou-se no quarto e a ninguém quis receber, Uma criada aproximou-se da porta para lhe dizer que Alpatitch viera receber ordens sobre a partida — passara— se isto antes da conversa com Drone.

A princesa ergueu-se do divã onde se estendera e através da porta fechada respondeu que não sairia dali e que a deixassem em paz.

As janelas do quarto da princesa Maria davam para o poente. Estava estendida no divã, a cara virada para a parede e tacteava com os dedos os botões da almofada de couro; o horizonte que tinha diante dos olhos delimitava-lho esta almofada, e os seus pensamentos confusos concentravam-se num único objecto, a morte irrevogável e a sua própria baixeza moral até então dela própria ignorada, mas evidente agora durante a doença do pai. Queria rezar, mas não tinha coragem; no estado de espírito em que se via não ousava virar-se para Deus. Por muito tempo assim permaneceu naquela posição.

O Sol punha-se do outro lado da casa e os seus oblíquos raios vespertinos filtravam-se pelas janelas abertas iluminando parte do aposento e parte da almofada de marroquim em que ela fixava os olhos. O curso dos seus pensamentos foi, de súbito, interrompido. Soergueu o busto maquinalmente, compôs os cabelos, levantou-se e aproximou-se da janela, aspirando, a seu pesar, a fresca brisa daquele belo entardecer.

«Sim, agora podes admirar em paz a beleza do crepúsculo! Ele já cá não está e ninguém daqui para o futuro to poderá impedir», disse de si para consigo, deixando-se cair numa cadeira e pousando a cabeça no parapeito da janela.

Uma voz terna e doce chamou lá debaixo do jardim e alguém a beijou na fronte. Voltou-se. Era Mademoiselle Bourienne, vestida de luto e coberta de crepes. Aproximara-se suavemente, e, depois de a ter beijado, principiara a soluçar. A princesa Maria voltou-se para ela. Os atritos que tinham tido, os ciúmes que ela lhe despertara, tudo lhe veio à memória; lembrou-se também de que ultimamente também ele, o pai, mudara por completo na sua atitude para com a francesa, que a não quisera tornar a ver e concluiu que, naturalmente, as

suspeitas que nutrira no fundo do seu coração eram injustas. «Terei porventura o direito, eu, que desejei a morte de meu pai, de julgar o meu semelhante?», murmurou para si mesma.

A princesa Maria fez passar diante dos olhos a situação de Mademoiselle Bourienne, a quem, nos últimos tempos, mantivera a distância, embora ela vivesse numa casa estranha e estivesse na sua dependência. E teve comiseração dela. Fitou-a com doçura e estendeu-lhe a mão. Mademoiselle Bourienne rompeu em soluços, beijou-lhe as mãos e falou-lhe do pesar por que estava passando e que sentia muito. Disse-lhe que a única consolação na sua dor era o facto de a ama lhe ter permitido que a partilhasse com ela. Todos os mal-entendidos do passado deviam desaparecer diante daquele imenso desgosto; no que lhe dizia respeito a ela, sentia pura a consciência, e ele, lá de cima, estava a ver quanto o estimara e quanto lhe estava reconhecida. A princesa ouvia-a sem compreender o que ela dizia; olhava para ela de vez em quando, deixando-se embalar pelo encanto das suas palavras.

— A sua situação é duplamente terrível, minha querida princesa — prosseguiu Mademoiselle Bourienne depois de alguns minutos de silêncio. — Compreendo que não tenha podido nem possa pensar em si mesma, mas a estima que tenho por si obriga-me a fazê-lo... Falou consigo o Alpatitch? Falou-lhe na nossa partida?

A princesa Maria não respondeu. Não percebia de que partida estava a francesa a falar: «Poderei eu pensar nalguma coisa ou tentar seja o que for num momento destes? Acaso me importa seja o que for?» E continuava calada, sem responder.

— Sabe, querida Maria — disse-lhe Mademoiselle Bourienne —, sabe que corremos perigo, que estamos cercadas pelos Franceses; é mesmo perigoso agora metermo-nos a caminho. Se partirmos, é quase certo que seremos capturados e só Deus sabe...

Maria olhava para Mademoiselle Bourienne sem compreender o que ela dizia.

— Ah, se soubessem como agora tudo me é completamente indiferente! — exclamou ela. — Não sairia daqui por nada deste mundo... Alpatitch disse-me qualquer coisa sobre essa partida... Fale com ele, por mim nada quero nem posso fazer...

— Falei com ele. Tem esperança de que possamos partir amanhã, mas na minha opinião acho que actualmente ainda seria mais prudente ficar aqui — disse

Mademoiselle Bourienne. — Tem de concordar, querida Maria, que seria horrível sermos apanhadas na estrada pelos soldados ou pelos camponeses revoltados.

Mademoiselle Bourienne sacou da sua bolsinha uma proclamação do general francês Rameau, impressa num papel que não era o papel russo vulgar, em que se aconselhavam os habitantes a, não abandonarem as suas casas e em que se dizia que as autoridades francesas lhes concederiam a protecção que lhes era devida. Estendeu-o à princesa.

— Parece-me que o melhor que temos a fazer é dirigirmo-nos a este general — disse Mademoiselle Bourienne —, e estou convencida de que ele nos dispensará todas as atenções.

A princesa Maria leu o papel e o rosto contraiu-se-lhe convulsivamente.

— Quem lhe deu isto? — interrogou ela,

— Naturalmente souberam que eu era francesa, pelo meu nome — disse, corando. Mademoiselle Bourienne.

Maria, com o papel na mão, levantou-se da janela e, muito pálida, saiu, dirigindo-se ao antigo gabinete do príncipe André..

— Duinacha, chama Alpatitch, Dronuchka, seja quem for! — disse ela — E diz a Amélia Karlovna que quero estar só — acrescentou, ao ouvir a voz de Mademoiselle Bourienne. — Temos de partir o mais depressa possível, o mais depressa possível! — sentia-se aterrada com a ideia de vir a cair rias mãos dos Franceses.

«Ali! Se o príncipe André soubesse que ela caíra nas mãos deles, e que ela, a filha do príncipe Nicolau Andreievitch Boikonski, implorara a protecção do general Rameau, o qual usara para com ela da sua benevolência!» Este pensamento enchia-a de terror, fazia-a estremecer, corar, dava-lhe acessos de cólera dela própria desconhecida e revoltava-lhe o orgulho. Via com toda a clareza o que aquela situação representaria de penoso e sobretudo de humilhante. «Esses franceses vão-se instalar aqui, nesta casa; o Sr. General Rameau vai ocupar o gabinete do príncipe André: distrair-se-á a folhear e a ler as suas cartas e os seus papéis. Mademoiselle Bourienne far-lhe-á as honras de Bogutcharovo. A mim dar-me-ão, por caridade, um quartinho; os soldados profanarão o túmulo de meu pai para lhe roubarem as cruzes e condecorações: contar-me-ão as suas vitórias contra os Russos, fingirão simpatia pela minha dor..». Assim pensava a princesa Maria, não pessoalmente, mas sentindo-se, por assim dizer, obrigada, nestas

circunstâncias, a adoptar os sentimentos que teriam animado seu pai ou seu irmão. A ela, pessoalmente, tanto se lhe dava ficar aqui ou ali e eram-lhe indiferentes as consequências que daí resultassem: mas para si mesma ia dizendo ser a representante do finado e do irmão ausente. Sem querer, pensava e reagia como eles. Sentia-se obrigada a dizer e a fazer o que eles teriam dito ou feito. Desde que entrara no gabinete de André que passara a encarar a situação como se estivesse possuída dos pensamentos dele.

As exigências da vida quotidiana que ela julgara desaparecidas após a morte do pai apresentavam-se-lhe de repente com uma força nova e ainda desconhecida e absorviam-na por completo.

Muito agitada, o rosto afogueado pela emoção, andava de um lado para o outro, ora chamando à sua presença Alpatitch, ora Mikail Ivanovitch, ora Tikon, ora Drone. Nem Duniacha, a ama, nem qualquer das criadas lhe puderam dizer fosse o que fosse a respeito da veracidade das asserções de Mademoiselle Bourienne. Alpatitch estava ausente: [ora avistar-se com as autoridades, O arquitecto Mikail Ivanovitch apareceu à princesa meio adormecido e nada lhe pode dizer. Foi com o mesmo sorriso de aquiescência que durante mais de quinze anos utilizara para responder ao velho príncipe, sem nunca manifestar uma opinião pessoal, que respondeu à princesa sem que esta pudesse concluir fosse o que fosse das suas palavras. O velho criado do quarto, Tikon, de cara afilada pela fadiga e uma expressão de dor inconsolável, limitou-se a dizer: «As suas ordens» a todas as perguntas que a princesa lhe fez, rompendo em soluços sempre que erguia os olhos para ela.

Finalmente apareceu o estaroste Drone, que, depois de profundas reverências, se deixou ficar encostado à porta.

A princesa Maria atravessou o gabinete e deteve-se diante dele.

— Dronuchka — disse-lhe, vendo nele um amigo fiel, esse Dronuchka que lhe trazia todos os anos, aquando da sua jornada à feira de Viazma, para lhas oferecer, com um sorriso bom, rosquilhas de amêndoas especiais – Dronuehka, agora, depois da nossa desgraça... — Calou-se, porém, sem animo para continuar.

— Tudo depende da vontade de Deus — replicou Drone suspirando.

— Dronuchka, o Alpatitch não está, ninguém tenho com quem me aconselhar. É verdade que se diz que eu já não posso partir?

— Porque não há-de poder partir, Excelência? Pode partir — disse Drone.

— Disseram-me que é perigoso por causa do inimigo. Meu amigo, nada posso fazer, não percebo nada, ninguém tenho a meu lado. Quero ir-me embora sem falta esta noite ou amanhã de manhã muito cedo.

Drone permaneceu calado. Olhava para ela de soslaio.

— Não há cavalos — articulou ele. — Foi o que eu já disse a Iakov Alpatitch.

— Não há cavalos, porquê? — inquiriu a princesa,

— É castigo de Deus — replicou ele — Os cavalos que havia uns foram levados pelas tropas e os outros morreram. Ah! Vai um ano muito mau. E isso ainda é o menos, a gente não ter que dar a comer aos cavalos; mas o pior é que se acaba por morrer de fome, Não há nada de nada, estamos completamente arruinados. A princesa Maria ouvia atentamente.

— Os camponeses estão arruinados? Não têm pão? — perguntou ela.

— Estão a morrer de fome — volveu Drone. — Não só faltam carros...

— E porque não o tinhas tu dito já, Dronuchka? Não podemos ajudá-los? Farei tudo o que estiver na minha mão...

Parecia-lhe estranho pensar que naquele momento, naquela hora em que a dor lhe trespassava a alma, existissem ricos e pobres e que os ricos não procurassem ajudar os pobres. Ouvira falar vagamente do trigo dos senhores que por vezes se distribuía aos camponeses. Sabia igualmente que nem o irmão nem o pai se teriam negado a auxiliar os pobres. Receava apenas não vir a propósito a distribuição que estava disposta a fazer. Sentia-se feliz por ter um pretexto digno de preocupação capaz de lhe fazer esquecer o seu desgosto. Pediu a Dronuchka pormenores sobre as necessidades que havia a mitigar com as reservas do celeiro de Bogutcharovo.

— Deve haver trigo dos senhores, de meu irmão, não é verdade? — perguntou ela.

— O trigo do amo está intacto — replicou Drone com orgulho. — O príncipe não autorizava que se vendesse,

— Distribui-o aos camponeses, distribui todo o trigo que for preciso. Estás autorizado a fazê-lo em nome de meu irmão — acrescentou ela.

Drone não respondeu e despediu um grande suspiro.

— Dá-lhes esse trigo, se há trigo bastante para eles. Distribui-o todo. É em nome de meu irmão que te dou esta ordem e diz-lhes que o que é nosso lhes pertence, que nada pouparemos para os ajudar. Repete-lhes bem isto.

Drone olhava fixamente para a princesa enquanto ela falava.

— Dispensa-me das minhas funções, mãezinha, em nome de Deus. Manda que eu te entregue as minhas chaves — disse ele. — Servi durante vinte e três anos sem nunca fazer nada de mal. Dispensa-me das minhas funções, em nome de Deus.

A princesa Maria não percebia o que ele lhe pedia e a razão por que não queria continuar a desempenhar as suas funções. Replicou-lhe que nunca duvidara da sua dedicação e que estava disposta a fazer tudo quanto pudesse por ele e pelos camponeses.

[XI]

Daí a uma hora, Duniacha veio dizer à ama que Drone voltara e que todos os camponeses, de acordo com as suas ordens, estavam reunidos ao pé do celeiro e lhe queriam falar.

— Mas eu não os mandei chamar — disse a princesa. — Disse apenas ao Dronuchka que lhes distribuísse trigo.

— Por Deus, então, minha mãe, por amor de Deus, dê ordens para que os mandem embora e não vá falar com eles. Tudo isto é um grande engano — volveu Duniacha. — Quando Iakov Alpatitch voltar, ir-nos-emos embora... mas não consinta...

— De que engano estás tu a falar? — perguntou a princesa Maria, surpreendida.

— Bem sei o que digo, siga o meu conselho, por amor de Deus. Pergunte à ama. Não querem ir-se embora, como a senhora ordenou, segundo eles dizem.

— Tu não sabes o que dizes. Nunca dei ordem para que se fossem embora — afirmou a princesa Maria. — Manda cá o Dronuchka.

Drene confirmou as palavras de Duniacha: os camponeses haviam-se reunido por ordem da princesa.

— Mas eu nunca os mandei reunir — teimou ela. — Não lhe devias ter transmitido essa ordem. Apenas te disse para lhes distribuíres trigo.

Drene soltou um suspiro, sem responder.

— Se a senhora manda, eles ir-se-ão embora — tornou ele.

— Não, não, irei falar com eles — atalhou a princesa.

Apesar das suplicas de Duniacha e da ama, a princesa Maria assomou ao alpendre. Dronuchka, Duniacha, a ama e Mikail Ivanovitch seguiram-na.

«Naturalmente julgam que eu lhes ofereço o trigo em troca de eles consentirem em ficar, enquanto eu me vou embora, abandonando-os aos Franceses», dizia ela de si para consigo. Vou prometer-lhes cama e mesa na quinta dos arredores de Moscovo. Estou convencida de que no meu lugar André ainda faria mais do que eu.» Pensando deste jeito, aproximou-se da multidão reunida ao pé do celeiro no crepúsculo que descera do céu.

A turba, que principiava a dar sinais de impaciência, agitou-se quando viu a princesa e todos se descobriram precipitadamente.

A princesa Maria, baixando os olhos e tropeçando nas pregas do vestido, aproximou-se deles. Tantos eram os olhos de moços e velhos pousados nela e tantas as caras diferentes para ela voltadas que lhe não era possível reconhecer fosse quem fosse; diante da necessidade de se dirigir a todos ao mesmo tempo, não sabia como principiar. Porém, a consciência de ser, naquelas circunstâncias, o porta-voz do pai e do irmão deu-lhe a energia necessária e pôs-se a falar corajosamente.

— Estou muito contente porque tenham vindo — pronunciou ela, sem sequer erguer os olhos, enquanto o coração lhe batia descompassadamente no peito. — Dronuchka disse-me que a guerra os arruinou. Estamos todos sujeitos à mesma desgraça, e tudo farei para os auxiliar. Por mim, tenho de me ir embora, porque é perigoso ficar aqui — e o inimigo não está longe... também... Enfim, meus amigos, é tudo vosso, peço-vos que tomem conta de tudo: o trigo todo é vosso. Não quero que haja miséria entre vós. E, se lhes vierem dizer que eu vos dou trigo para que vocês fiquem, creiam que é mentira. Pelo contrário, suplico-lhes que partam com tudo que é vosso para a nossa propriedade perto de Moscovo e prometo-lhes que nada vos faltará ali, tomo essa responsabilidade. Tereis cama e mesa.

A princesa calou-se. Apenas se ouviram, entre a, multidão, alguns suspiros.

— Não sou eu quem torna esta resolução — prosseguiu ela. — Procedo em nome de meu falecido pai, que foi vosso amo, f, de meti irmão, seu filho.

Calou-se mais uma vez. Nenhuma voz rompeu o silêncio.

— A nossa desgraça é a mesma, e dividiremos tudo a meias. Tudo quanto é meu é vosso — prosseguiu ela, fixando desta vez os que estavam mais perto.

Todos os olhos a fitavam com uma expressão idêntica, expressão que ela não

podia compreender. Curiosidade? Dedicação? Reconhecimento? Ou apenas medo e desconfiança? Impossível sabê-lo. Mas em todos os rostos a expressão era uma e a mesma.

— Estamos-lhe muito reconhecidos pela sua bondade, mas não convém que a gente tome conta do trigo que é do amo — disse uma voz lá por trás.

— E então porquê? — interrogou a princesa Maria.

Ninguém lhe respondeu e a princesa, ao percorrer com a vista a multidão, deu-se conta de que todos os olhos que encontravam agora os seus imediatamente se baixavam.

— Então porque não querem? — repetiu ela. Ninguém respondeu.

Maria sentiu-se incomodada perante este silêncio: tentou fixar alguns daqueles olhares.

— Porque não respondem? — E ao lobrigar um velho que estava diante dela encostado a um varapau: — Vamos, fala, achas que ainda precisam de mais alguma coisa? Estou pronta para tudo.

Mas ele, como se ficasse de súbito furioso por ver-se pelado daquela maneira, ainda, baixou mais os olhos enquanto murmurava:

— Porque havíamos nós de aceitar? Não precisamos de trigo. «E porque havíamos nós de abandonar tudo? Não estamos dispostos a isso... Não damos o nosso consentimento. Lamentamos mas não consentimos. Vai-te embora sozinha, se queres...», disseram várias vozes.

E novamente todos os rostos retomaram a, mesma expressão, e o que neles se reflectia não era, por certo, nem curiosidade nem reconhecimento, mas antes uma resolução enérgica.

— Naturalmente não me compreenderam bem — disse então a princesa Maria com um sorriso muito triste. — Porque não querem partir? Já lhes disse que lhes darei cama e mesa. Se ficarem aqui, o inimigo arruiná-los-á...

As vozes da multidão, porém, abafaram a da princesa.

«Não damos o nosso consentimento; pois que nos arruinem! Não queremos o teu trigo não damos o nosso consentimento!» Maria tentou ainda reter um olhar qualquer dos que falavam, mas nenhuns olhos estavam fitos nela. Todos a evitavam, E isto fê-la sentir uma impressão estranha e penosa.

«Viste como ela recitou bem a lição? Não faltava mais. Queria levar-nos para trabalhos forçados! Quando as nossas casas estiverem arruinadas, dá-nos trabalho

de graça. Que vem a ser isso? E diz que nos dará trigo!», exclamavam no meio da multidão

De cabeça baixa abandonou o grupo e voltou para casa. Depois de ter repetido a Drone que eram precisos os cavalos para o dia seguinte pela manhã, retirou-se para o seu quarto e ali permaneceu sozinha com os seus pensamentos.

[XII]

Naquela noite a princesa Maria ficou por muito tempo sentada junto da janela aberta, ouvindo as vozes dos camponeses que chegavam da aldeia, mas sem pensar neles. Sabia perfeitamente que quanto mais pensasse na maneira de proceder deles menos poderia compreendê-los. Para ela só uma coisa contava: a sua dor, a qual, agora, depois daquela diversão provocada pelas preocupações do presente, se perdia no passado. Já não podia lembrar-se mais, já não podia chorar, já não podia rezar, Com o pôr do Sol o vento calara-se. A noite estava serena e fresca. Depois da meia-noite as vozes foram-se calando pouco a pouco. O galo principiou a cantar; a lua cheia ergueu-se por detrás das tílias; neblinas frescas e esbranquiçadas envolveram a distância e o silêncio caiu sobre a aldeia e a casa.

Passaram diante dela, uma após outra, as imagens do passado tão próximo; a doença e os últimos momentos do pai. E era com alegria triste que ela recordava agora essas cenas, não repelindo com horror senão uma delas, a da morte, sentindo não ser capaz de a evocar naquela serena e misteriosa hora da noite. E esses quadros surgiam-lhe diante dos olhos com uma tal nitidez e com tais pormenores que se lhe afiguravam ora o presente, ora o passado, ora o futuro.

Recordou o momento em que o pai fora acometido de apoplexia, quando o haviam trazido do jardim, amparado por debaixo dos braços, balbuciando palavras incompreensíveis, franzindo as sobrancelhas brancas e olhando para ela com uma expressão tímida e inquieta.

«Já então me queria comunicar o que me disse no dia da morte», dizia ela consigo mesma. «Tinha pensado sempre no que me disse.» E eis que lhe ocorreu, em todos os seus pormenores, aquela noite em Lissia Gori, na véspera do dia em que ele fora acometido pelo último ataque, quando, na previsão da catástrofe, ela

ficara ao pé do doente contra sua vontade. Não pudera dormir e em bicos de pés aproximara-se da porta do jardim de inverno onde o pai dormia nessa noite e ouvira-lhe a voz. Entretinha-se a conversar com Tikon num tom fatigado e de quem sofre. Falava da Crimeia, das noites nos países quentes, da imperatriz. Tinha, sem dúvida necessidade de conversar. «E porque me não mandou chamar? Porque me não deixou ocupar o lugar de Tikon?», pensava ela, como já pensara então. «Ah! Agora já não poderá dizer a ninguém o que então lhe ia no coração. Nem para ele nem para mim. Não mais se repetirá aquele minuto em que ele teria dito quanto queria dizer e em que eu ali estaria presente, em vez de Tikon, para o ouvir e o compreender. Porque não entrei eu então? É de crer que ele me tivesse dito nesse momento o que me disse no dia da sua morte. Já então, conversando com Tikon, perguntara duas vezes por mim. Queria falar-me, e eu ali, atrás daquela porta. Era-lhe penoso não estar a ser ouvido senão por Tikon, que o não podia compreender. Lembro-me de que lhe falou de Lisa como se ela ainda estivesse viva, pois se esquecera de que ela morrera, que Tikon lhe disse que Lisa já não era do número dos vivos e que ele se pusera a gritar: 'imbecil'» Estas recordações eram-lhe penosas. Ouviu-o gemer através da porta quando ele se deitou e clamava em voz alta: «'Meu Deus!' Porque não entrei eu naquele momento? Que me teria ele feito? Que arriscava eu então? E talvez que afinal se tivesse consolado e me tivesse dito essas palavras.» E Maria pronunciou em voz alta essas palavras acariciadoras que ele lhe dissera no dia da sua morte: «Alma minha!», repetiu ela, e rompeu em soluços, que lhe aliviaram o coração. Via agora, ali na sua frente, o rosto dele: não essa cara, que ela tão bem conhecia, sempre distante, mas essa outra expressão tímida e receosa que ela contemplara pela primeira vez de perto, com todas as suas rugas, nos seus mínimos pormenores, quando se debruçou sobre os lábios dele para o ouvir melhor.

«Alma minha!», repetia ela.

«Em que pensava ele quando assim me chamou? Em que estará ele a pensar neste momento?», perguntou ela a si própria, subitamente, e de novo lhe surgiu diante dos olhos a expressão que ele tinha no caixão com a ligadura branca por debaixo do queixo. E o mesmo horror que dela se apossara ao tocar no morto e ao verificar que já não era ele quem ali estava, mas qualquer coisa de misterioso e repelente, esse mesmo horror se apoderou dela naquele instante. Teria desejado pensar noutra coisa, rezar; não o conseguia, porém. Erguia os seus grandes olhos

muito abertos para o disco lunar e para a sombra e esperava a cada momento voltar a ver a cara do morto; sentia-se como que paralisada pela grande serenidade que reinava na casa e nas vizinhanças. «Duniacha!», balbuciou ela primeiro. «Duniacha!», clamou, em seguida, numa voz desesperada, e, arrancando-se ao silêncio e à meditação que a tomavam, correu para o quarto das criadas, ao encontro da ama e das mulheres, que vinham já atender ao seu chamamento.

[XIII]

No dia 17 de Agosto, Rostov e Iline, na companhia de Lavruchka, de regresso do breve cativeiro, e de uma ordenança hússar, abalaram, para um curto passeio a cavalo, do acampamento de Iankov, a umas quinze verstas, pouco mais ou menos, de Bogutcharovo, Queriam experimentar um cavalo novo que Iline comprara e investigar se haveria palha nas aldeias próximas. Há três dias que Bogutcharovo estava entre os dois exércitos inimigos, de tal sorte que, de um momento para o outro, podia vir a ser ocupada quer pela retaguarda dos Russos, quer pela vanguarda dos Franceses. Eis a razão por que, Rostov, comandante de esquadrão previdente, queria apoderar-se, antes da chegada do inimigo, dos abastecimentos que porventura ai tivessem ficado.

Os dois amigos iam muito bem dispostos. Cavalgando em direcção a Bogutcharovo, a propriedade do príncipe, onde esperavam encontrar basta criadagem e lindas moças, interrogavam Lavruchka acerca de Napoleão, rindo das suas histórias, quando não se punham a galopar ao desafio para experimentar o cavalo de Iline.

Rostov ignorava por completo que a aldeia para onde se dirigiam era propriedade desse Bolkonski que fora noivo de sua irmã.

Num último desafio largaram a galope pela encosta que descia para Bogutcharovo, e Rostov, distanciando-se do amigo, foi o primeiro a atravessar a rua da povoação.

— Deixaste-me para trás — disse Iline, afogueado pela galopada.

— Sim, chego sempre primeiro, tanto em campo raso como aqui — replicou Rostov, afagando o seu corcel do Dom, branco de espuma.

— E eu, Excelências, com a minha francesa — interveio Lavruchka, que os seguia e era assim que chamava ao rocim em que ia montado — eu, se os não quisesse envergonhar, já há muito que os teria apanhado,

A passo aproximaram-se de um celeiro onde havia um grande ajuntamento de camponeses.

Alguns deles desbarretaram-se, enquanto outros se limitavam a olhar para os recém-chegados. Dois mujiques idosos, de barbas ralas e caras sulcadas de rugas, saíram de uma, taberna e, titubeando e cantarolando uma canção incoerente, aproximaram-se dos oficiais.

— Aqui temos homens! — exclamou Rustov, rindo. — Eh! Tendes palha?

— Qual deles o melhor. — disse Iline.

«Alegre... com... pa... nhia...», cantarolava um dos mujiques com um sorriso feliz.

Um camponês saiu da multidão e, aproximou-se de Rostov.

— Quem sois vós? — perguntou.

— Franceses — respondeu Iline, a rir — E aqui tens Napoleão em carne e osso — acrescentou, apontando para Lavruchka. Então são russos? — voltou o camponês.

— Trazem muitas forças? — perguntou outro camponês, pequenino, que se aproximara.

— Sim, muitas, muitas — retorquiu Rostov. — E que estão vocês a fazer todos aqui? — acrescentou. — É dia santo, porventura?

— Os velhos reuniram-se para tratar coisas lá da comuna — replicou o camponês, afastando-se.

Nesse momento duas mulheres e um homem de gorro branco saíram da casa senhorial e dirigiram-se para os oficiais.

— A vestida de encarnado é para mim! Ai daquele que ma roubar! — exclamou Iline, vendo Duniacha, que caminhava para ele num passo decidido,

— É para nós! — disse Lavruchka, piscando o olho a Iline.

— Que queres tu, minha linda? — perguntou Iline, sorrindo.

— A princesa manda perguntar a que regimento pertencem como se chamam.

— Conde Rostov, comandante de esquadrão e vosso muito humilde servidor.

«Com... pa... nhia!», ia cantando o camponês bêbedo, sorrindo com ar feliz e olhando para Iline, que conversava com a rapariga. Logo atrás de Duniacha

apareceu Alpatitch, que de longe se descobrira respeitosamente.

— Atrevo-me a incomodar Vossa Senhoria — disse ele, com a mão na carcela do colete e numa deferência em que se misturava certa displicência, atendendo à juventude do oficial. — Minha ama, a filha do general-chefe príncipe Nicolau Andrejevitch Bolkonski, falecido no dia 15 deste mês, encontra-se numa situação penosa, por causa da ignorância desta gente. — E fez um gesto na direcção dos camponeses. — Roga-lhes que tenham a bondade... Querem fazer o favor de se afastar um pouco? Não é muito agradável na presença destes... — Apontou para os dois camponeses que, a pequena distância, cirandavam em volta dele como varejeiras à roda de um cavalo.

— Oh, Alpatitch... Oh, Talcov Alpatitch... Muito bem! Em nome de Cristo, perdoa-nos. Muito bem! — diziam os camponeses, mostrando-lhe o melhor dos seus sorrisos.

Rostov não pôde deixar de olhar para os dois borrachos e sorriu.

— A não ser que isto divirta Vossa Excelência! — observou Iakov Alpatitch, com um ar grave, tirando a mão da carcela do colete para apontar os dois velhos.

— Não, não, isto nada tem de divertido — atalhou Rostov, afastando-se. — E de que se trata afinal? — perguntou.

— Excelência, estes grosseiros indivíduos não querem deixar sair daqui a minha ama e ameaçam-na de lhe desengatar os cavalos, de modo que tudo está carregado desde manhã e a princesa não pode meter-se a caminho.

— Isso não pode ser! — exclamou Rostov.

— Tenho a honra de lhe dizer a verdade pura — confirmou Alpatitch.

Rostov apeou-se, entregou as rédeas do cavalo à ordenança e seguiu Alpatitch em direcção à casa, enquanto lhe ia pedindo pormenores. Efectivamente, a proposta da véspera aos camponeses para lhes distribuir o trigo e a explicação da princesa com Drone e a assembleia campesina de tal modo desarranjaram as coisas que Drone entregara definitivamente as suas chaves, se juntara aos camponeses e não aparecera quando convocado por Alpatitch. E assim, quando, na manhã seguinte, a princesa dera ordens para a partida, aquela gente reunira-se em grande número ao pé do celeiro e mandara dizer que não deixaria partir a princesa, que havia ordem para não abandonar as casas e que estava disposta a desatrelar os cavalos. Alpatitch viera parlamentar com os camponeses, tentando chamá-los à razão, mas haviam-lhe respondido — foi Karp quem falou, pois Drone

não aparecia — não ser possível deixarem partir a princesa, que havia ordem para isso. Se ela consentisse, porém, em ficar, continuariam a servi-la como até ali e lhe obedeceriam em tudo.

Enquanto Rostov e Iline galopavam pela estrada, a princesa Maria, apesar das objecções de Alpatitch, da ama e das criadas, mandara atrelar os carros para a partida. Os cocheiros, no entanto, ao verem ao longe os cavaleiros, que julgaram franceses, fugiram e as mulheres puseram-se a gritar pela casa.

«Paizinho! Nosso paizinho! Foi Deus quem te mandou!», exclamavam vozes suplicantes no momento em que Rostov penetrava no vestíbulo da casa.

A princesa Maria, desamparada e sem forças, estava no salão quando Rostov entrou. Não percebia quem ele era, porque estava ali e o que estava a passar-se. Compreendeu tratar-se de um russo, e pela maneira de andar e assim que ele pronunciou as primeiras palavras deu-se conta de que estava diante de um homem polido. Fitou nele os olhos fundos e luminosos e pôs-se a falar-lhe numa voz entrecortada e trémula de emoção. Rostov sentiu imediatamente o que havia de romanesco naquele encontro. «Esta rapariga, sem defesa, esmagada pela desgraça, abandonada, à mercê de camponeses grosseiros revoltados! Que estranho capricho do destino me havia de trazer aqui!», dizia Rostov com os seus botões e, enquanto ouvia a narração que ela lhe fazia, observava-a, «E que suavidade, que nobreza de traços, que expressão de rosto!»

Quando ela lhe disse que tudo aquilo acontecera no dia seguinte ao do funeral do pai, a voz tremia-lhe. Voltou a cabeça para o lado, e, em seguida, receosa de que Rostov pensasse que ela o queria comover, fitou nele uns olhares tímidos e interrogativos. Rostov tinha os olhos cheios de lágrimas. Maria deu por isso e agradeceu-lhe poisando nele umas pupilas luminosas que apagaram por completo a fealdade dos seus traços.

— Não tenho palavras, princesa, para lhe expressar como me sinto feliz por haver passado aqui por acaso e poder-me confessar à sua disposição — pronunciou ele, levantando— se. — Pode partir. Garanto-lhe sob palavra que ninguém ousará incomodá-la desde que me dê a honra de a escoltar. — E, inclinando-se diante dela tão respeitosamente como se estivesse em frente de uma princesa de sangue real, encaminhou-se para a porta.

Os modos cerimoniosos de Rostov queriam dizer clar2mente que, embora lhe fosse muito agradável entabular com ela mais amplas relações, não queria

aproveitar aquela circunstância triste para prosseguir no seu diálogo.

A princesa Maria compreendeu e apreciou a sua discrição.

— Estou-lhe muito, muito reconhecida — disse-lhe ela em francês — espero que tudo isto não passe de um mal-entendido e que ninguém seja culpado. — E principiou a chorar. — Perdoe-me — acrescentou.

Rostov franziu as sobrancelhas, para esconder a emoção que o tomava, e, inclinando-se mais uma vez profundamente, saiu da sala.

[XIV]

— Então? É bonita? Ah, rapazes, a minha, a de encarnado, é um encanto e chama-se Duniacha...

A expressão de Rostov, porém, fez que Iline se calasse imediatamente, Adivinhou que o seu herói e comandante estava numa disposição de espír4to diferente da sua.

Rostov lançou-lhe um olhar irritado e sem lhe responder dirigiu-se em passos rápidos para a povoação.

«Eu lhes ensinarei! Vão ter o que merecem, estes bandidos», dizia de si para consigo.

Alpatitch, alargando o passo quanto podia, custou-lhe a apanhá-lo.

— Que decisão se digna tomar? — perguntou-lhe, quando conseguiu alcançá-lo.

Rostov deteve-se e, cerrando os punhos, caminhou, de súbito, ameaçador para Alpatitch.

— Que decisão? Que decisão? Velho imbecil! — gritou-lhe. — Que andas tu para aí a fazer? Os camponeses revoltam-se e tu não sabes metê-los na ordem, hem! Afinal não passas de um traidor! Conheço-os a todos. Hei-de arrancar-lhes a pele! — E como se receasse esgotar inutilmente a cólera que se apoderava dele deixou Alpatitch no meio da rua e prosseguiu o seu caminho em passos acelerados.

Alpatitch, calando a ofensa imerecida que se lhe acabava de fazer, continuou atrás de Rostov em passo acelerado também e teimou em pô-lo ao corrente do seu ponto de vista. Explicava-lhe que os camponeses estavam naquele momento absolutamente obstinados, que’ naquela altura seria insensato resistir-lhes sem o

apoio da força armada, que seria muito melhor começar por pedir reforços.

— Eu lhes darei as forças armadas... Sou eu quem lhes vai fazer frente — repetiu Nicolau, sem pensar no que dizia, sufocado por uma ira irreflectida e animal que só queria expandir-se.

Sem medir o passo que ia dar, caminhou direito à multidão, rápido e decidido. E à medida que ele se aproximava, Alpatitch ia dizendo de si para consigo que talvez o seu acto insensato pudesse dar bons resultados. Eis o que os próprios camponeses pareciam compreender também ao verem av2nçar para eles aquele homem de passo rápido e enérgico e rosto decidido e contraído de raiva.

Mal os hússares tinham entrado na povoação, e assim que Rostov se dirigira a casa da princesa, uma certa desorientação e um certo desacordo se verificaram entre o povo. Alguns camponeses principiaram a dizer que os militares eram russos e que naturalmente iam zangar-se quando soubessem que eles impediam a partida da princesa. Drone, especialmente, era desta opinião: mas, assim que manifestara o seu Parecer, Karp e muitos outros irritaram-se com ele.

— Quantos anos estiveste tu para aí a comer à custa da comuna? — gritou-lhe Karp. — Para ti, tanto faz. Pegas na bolsa e por aqui me sirvo. Queres lá saber que as nossas casas sejam saqueadas!

— Que se cumpra o que está resolvido: que ninguém saia de sua casa. Desde que ninguém tire nada daqui, não haverá novidade! — gritou outra voz,

— O teu filho é que devia ter sido recrutado e tu, com p(ma dele, mandaste o meu Vanka no seu lugar. Todos ternos de morrer! — exclamou, de súbito, um velhito que se dirigia a Drone.

— Sim, sim, todos temos de morrer.

— Eu não sou delegado da comuna — observou Drone.

— Sim, sim, não és delegado da comuna, mas criaste barriga!...

Dois camponeses apalermados iam dizendo qualquer coisa. Assim que Rostov, acompanhado de Iline Lavruchka e Alpatitch, se aproximou do grupo, Karp, avançou para ele com os dedos no cinturão e um leve sorriso nos lábios. Drone, pelo contrário, tratou de se esconder nas últimas fileiras do povo, agora mais compacto do que nunca.

— Quem é aqui o estaroste? — gritou Rostov caminhando rapidamente.

— O estaroste? Que lhe quer? — perguntou Karp.

Antes que pudesse terminar a frase, o barrete voou-lhe pelo ar e a cabeça

oscilou-lhe apanhada em cheio por um violento golpe.

— Desbarretem-se, traidores! — gritou Rostov em voz alta. — Onde está o estaroste? — acrescentou numa voz terrível.

«Está a chamar o estaroste, está a chamar o estaroste... Drone Zakaritch, estão a chamá-lo», exclamaram várias vozes receosas, e imediatamente os barretes desapareceram das cabeças.

Não queremos revoltar-nos, estamos apenas a cumprir as decisões que tomámos — disse Karp. Depois, algumas vozes, lá para trás, começaram a falar todas ao mesmo tempo:

«Foram os velhos quem resolveu... São muitos a mandar — Quem se atreve a falar?... É uma revolta!... Cambada de ladrões! Traidores! — vociferou Rostov sem pensar, numa voz que perdera a ressonância humana, agarrando Karp pela gola. — Amarrem-no, amarrem-no! — gritou, embora para amarrar Karp houvesse ali apenas Lavruchka e Alpatitch-

Lavruchka precipitou-se para ele e agarrou-lhe as mãos por detrás.

— Se quiser, vai chamar-se a nossa gente, lá ao fundo da colina — disse ele.

Alpatitch chamou dois camponeses pelo seu nome para que viessem amarrar Karp. E os dois avançaram docilmente do meio da multidão e desataram os cinturões.

Onde está o estaroste? — gritou Rostov.

Drone, pálido e carrancudo, deu dois passos em frente.

— Tu é que és o estaroste? Amarra-o, Lavruchka! — ordenou Rostov, como se o cumprimento desta ordem não pudesse levantar qualquer obstáculo.

E, realmente, dois outros mujiques puseram-se a amarrar Drone, o qual, como se quisesse auxiliá-los, arrancou o cinturão e passou-lho para as mãos.

— E vocês todos, ouçam-me bem — prosseguiu Rostov, dirigindo-se aos camponeses. — Agora é cada um tratar de ir para sua casa e que ninguém se lembre de abrir o bico.

— Mas então? Que mal fizemos nós? Foi tudo uma asneira. Só fizemos asneiras. Eu bem disse que isto não estava direito — exclamaram algumas vozes, acusando-se mutuamente.

— Eu bem vos tinha prevenido — comentou Alpatitch, recuperando a autoridade perdida. — Não está certo, rapazes!

— Foi uma asneira nossa. Iakov Alpatitch — responderam várias vozes, e a

multidão imediatamente se dispersou, espalhando-se pela aldeia.

Os dois camponeses prisioneiros foram conduzidos ao pátio da casa senhorial. Atrás deles foram os dois bêbedos.

— Olhem para a cara deles! — disse um dos bêbedos, dirigindo-se a Karp.

— É maneira de se falar aos amos? Que julgas tu? Imbecil, sim, és um imbecil — disse o outro.

Duas horas mais tarde estacionavam os carros no pátio de Bogutcharovo. Os camponeses atarefavam-se a carregar as bagagens dos amos enquanto Drone, que, a pedido da princesa, fora solto do sótão onde o haviam encerrado, ia dando as suas ordens no meio deles.

— Que isso fique bem arrumado — dizia um homem de grande estatura, de cara cheia e sorridente, ao receber uma caixinha das mãos da criada. — Essa caixa vale dinheiro. Não a ponhas para aí de qualquer maneira. Vê lá se a amarras de maneira que se estrague. Não gosto disso. É preciso que as coisas se façam com consciência, em ordem. Assim, isso mesmo, agora cobre-a com uma serapilheira e põe-lhe em cima um bocado de palha.

— Aqui vão livros, muitos livros — dizia outro, que transportava os livros da biblioteca do príncipe André. — Não me toques! Caramba, que é pesado, rapazes! Isto sim, são livros que valem quanto pesam!

— Caramba, quem escreveu estes livros não teve tempo para se coçar! — dizia, por seu turno, piscando o olho, com ar de entendido, um rapazola gordo e grandalhão que apontava para os dicionários que vinham em cima.

Rostov, que não queria impor-se à princesa, não voltou a casa dela e deixou-se ficar na aldeia até ao momento da partida. Assim que as carruagens se puseram em marcha, montou a cavalo e escoltou-as até à estrada ocupada pelas tropas russas, a umas doze verstas dali. Na estalagem de Iankovo pediu respeitosamente licença para se retirar, permitindo-se, pela primeira vez, beijar-lhe a mão.

— Não diga isso, princesa — protestou ele, corando diante da princesa, que lhe agradecia ter-lhe salvo a vida, como ela dizia. — Qualquer comissário da polícia teria feito o que eu fiz. Se estivéssemos aqui só para guerrear com os camponeses, não teríamos deixado o inimigo chegar onde chegou. — E, para mudar de conversa, acrescentou: — Aliás, sinto-me feliz por ter tido a oportunidade de a conhecer. Adeus, princesa, desejo-lhe muitas felicidades e espero que ainda venhamos a encontrar-nos em circunstâncias mais agradáveis. Se não quer que eu

core, por amor de Deus, não me agradeça.

A princesa, se calava as palavras de gratidão, nem por isso deixava de traduzir na sua resplandecente expressão de enternecido reconhecimento quanto estava agradecida a Rostov. Não podia acreditar que nada tivesse a agradecer-lhe. A seus olhos era indiscutível que, se Rostov ali não tivesse aparecido, teria sido vítima ao mesmo tempo dos camponeses revoltados e dos Franceses. Era para ela um facto que, para a salvar, se expusera aos mais evidentes e terríveis perigos. E também se lhe afigurava incontestável que era um homem de alma alevantada e nobre, pois soubera compreender a sua situação e ter pena da sua dor. Os olhos de Rostov, tão bons e tão honestos, tinham-se enchido de lágrimas quando ela, lacrimosa também, lhe falara da morte do pai e esta recordação estava gravada na sua alma.

Quando lhe disse adeus e ficou só, Maria sentiu, de súbito, que os olhos se lhe humedeciam, e foi então que, pela primeira vez, lhe veio ao espírito esta ideia estranha: estaria porventura enamorada?

No decurso da jornada para Moscovo, embora a situação não fosse das mais alegres, Duniacha, que ia ao lado da princesa, na mesma carruagem, mais de uma vez pôde observar que ela espreitava pela portinhola com um vago e triste sorriso.

«E se realmente eu estivesse enamorada dele?», dizia de si para consigo.

Apesar da vergonha que sentia por confessar a si própria que amava um homem pela primeira vez, homem esse que naturalmente não tinha por ela qualquer sentimento especial, consolava-a a ideia de que nunca alguém conheceria o seu segredo e que não era crime gostar, sem o confessar a ninguém, e até ao último dos seus dias, daquele que seria o seu primeiro e último amor.

De vez em quando lembrava-se do olhar dele, das suas atenções, das suas palavras cheias de simpatia, e então a felicidade não se lhe afigurava impossível. E era então que Duniacha lhe notava o ar feliz quando olhava pela portinhola.

«Tinha de vir a Bogutcharovo e logo naquele momento!», dizia para consigo a princesa Maria. «E tinha sido preciso que a irmã desfizesse o casamento com o príncipe André!» E em tudo isto não podia deixar de ver o dedo da Providência. Quanto a Rostov, a impressão que lhe produzira a princesa

Maria era de suavidade e agrado. Sempre que falava dela sentia-se mais alegre, e sempre que os seus camaradas, a cujos ouvidos chegara qualquer coisa a

respeito da aventura do camarada em Bogutcharovo, se punham a brincar com ele, dizendo que Rostov fora à procura de palha e achara uma das mais ricas herdeiras da Rússia, zangava-se a bom zangar. E o facto é que se irritava porque a ideia de um casamento com a doce e simpática princesa, possuidora aliás de uma grande fortuna, lhe ocorrera várias vezes sem que ele desse por isso. Pessoalmente, não podia desejar uma esposa melhor. «Aquele casamento, que faria a felicidade da condessa e restabeleceria a situação do próprio pai, talvez não desagradasse à própria princesa», pensava Nicolau,

E que faria de Sónia? E a palavra dada? Eis por que Rostov se, irritava quando brincavam com ele por causa da princesa Bolkonski.

[XV]

Tendo aceitado o comando dos exércitos russos, Kutuzov lembrou-se do príncipe André e expediu-lhe ordem para se apresentar no quartel-general

André chegou a Tsarevo-Zaimitch no dia e à hora em que Kutuzov passava a sua primeira revista às tropas. Deteve-se na aldeia, junto da casa do pope, onde estava a carruagem do general-chefe, e sentou-se num banco ao pé do portão para aguardar ali o «Sereníssimo», como toda a gente o tratava agora.

Nos campos por detrás da aldeia ressoavam ora os acordes de uma banda militar ora as formidáveis aclamações em honra do novo generalíssimo. A meia dúzia de passos do príncipe André, duas ordenanças, um impedido e um mordomo aproveitavam a ausência do amo e o bom tempo para tomarem o fresco. Um tenente-coronel de hússares, homenzinho trigueiro, de grandes bigodes e patilhas, aproximou-se do portão e, dirigindo-se a André, perguntou-lhe se era efectivamente ali que vivia o Sereníssimo e se regressaria em breve.

O príncipe André respondeu-lhe que não pertencia ao estado-maior e que além disso também acabava de chegar. O tenente-coronel de hússares dirigiu-se então a uma das ordenanças de grande uniforme e este disse-lhe, com o desdém peculiar das ordenanças dos generais-chefes pelos oficiais:

— Quem? O Sereníssimo? Sim, talvez, talvez não tarde a chegar. Que lhe quer?

O tenente-coronel pôs-se a rir do tom da ordenança retorcendo o bigode; apeou-se do cavalo, entregou-o ao impedido e aproximou-se de Bolkonski, inclinando-se ligeiramente. Bolkonski arranjou-lhe lugar no banco. O outro sentou-se a seu lado.

— Também está à espera do generalíssimo? — perguntou o tenente-coronel. — Tenho ouvido dizer que é pessoa para receber toda a gente. Graças a Deus! Se ainda fosse um desses papa-chouriços, que grande trapalhada! Razão tinha Ermolov quando pediu que o promovessem a alemão. Talvez agora os Russos também tenham o direito de falar! Só o diabo é que sabe o que se tem feito até hoje. Sempre a recuar, sempre a recuar. Esteve na frente?

— Tive o prazer — respondeu o príncipe André — não só de participar da retirada, mas também de perder o que tinha de mais querido, meu pai, que morreu de desgosto, sem alar rios meus bens e na casa paterna. Sou de Smolensk.

— Ah! É o príncipe Bolkonski? Muito prazer em conhecê-lo, Eu sou o tenente-coronel Denissov, mais conhecido por Vaska — disse Denissov, apertando-lhe a mão e fitando-o com afectuoso interesse. — Sim, eu soube... — acrescentou com simpatia. E, após alguns momentos de silêncio, continuou: — É uma verdadeira guerra de citas. Tudo isto está certo menos para aqueles que têm de dar o corpo ao manifesto. Com que então, é o príncipe Bolkonski?... — Abanou a cabeça. — Muito prazer, príncipe, muito prazer em conhecê-lo — repetiu, com um sorriso triste, apertando-lhe de novo a mão.

O príncipe André conhecia Denissov através do que Natacha lhe dissera a respeito do seu primeiro namorado. Esta lembrança era para ele ao mesmo tempo agradável e penosa e fazia-o evocar recordaç5es dolorosas nos últimos tempos muito longe das suas preocupações, embora sempre a miná-lo no fundo do seu coração.

De então para cá experimentara já tantos abalos morais, e tão graves — o abandono de Smolensk, a sua visita a Lissia Gori, a notícia recente da morte do pai —, que as recordações antigas o tinham abandonado havia muito ou pelo menos não agiam sobre ele com o mesmo poder. Para Denissov, o nome de Bolkonski evocava toda uma série de imagens de um passado longínquo e poético, esse dia em que, depois da ceia e da romança cantada por Natacha, lhe fizera, a essa garota de quinze anos, nem sabia como, uma verdadeira declaração de amor. Sorriu, lembrando-se do seu romance de então, e logo em seguida voltou ao

assunto das suas constantes e apaixonadas preocupações. Tratava-se do plano de campanha que imaginara durante a retirada estando de serviço nos postos avançados. Apresentara-o a Barclay de Tolly e pensava agora submetê-lo à apreciação de Kutuzov. Este plano baseava-se no facto de as linhas de operação dos Franceses serem muito extensas. Segundo ele, o que era preciso, em vez de os atacarem de frente e lhe cortarem o passo, ou até mantendo-se a mesma táctica, era atacarem-lhes as linhas de comunicação. Principiou a expor este plano ao príncipe André.

— Eles não se podem aguentar com uma linha assim. É impossível e eu sou capaz de lha cortar: dêem-me quinhentos homens e acabo com ela, palavra de honra! O único sistema eficaz é a guerra de guerrilhas.

Denissov levantou-se e em gestos exuberantes principiou a expor os seus planos. Enquanto ele falava, aclamações mais indistintas e mais prolongadas, que se misturavam com a música e os cantos, chegavam dos lados onde decorria a parada militar. A povoação estava cheia do tropear dos cavalos e dos gritos dos soldados,

— Aí vem ele — gritou um cossaco, à porta do pátio — aí vem ele!

Bolkonski e Denissov aproximaram-se do portão onde se perfilava uma esquadra de soldados, a guarda de honra, e viram Kutuzov cavalgando um cavalito balo. Atrás dele vinha uma escolta de generais assaz considerável. Barclay cavalgava a seu lado; uma chusma de oficiais a cavalo ia e vinha, no flanco da coluna e na retaguarda, gritando: «Hurra!»

Os ajudantes-de-campo galoparam para entrar no pátio adiante do general-chefe. Kutuzov esporeava impacientemente o seu cavalo, que, vergando sob tão pesado fardo, caminhava a passo. A cada momento o Sereníssimo inclinava a cabeça e levava a mão ao gorro branco, de cavaleiro da guarda, sem pala e agaloado de encarnado. Ao chegar junto da guarda de honra, formada por heróicos granadeiros, a maior parte condecorados e que lhe apresentavam armas, fitou-os por momentos em silêncio com o seu olhar penetrante de superior e voltou-se para a chusma de generais e oficiais de outras patentes que o rodeavam. No seu rosto surgiu de súbito uma expressão irónica: encolheu os ombros com um gesto de surpresa.

— E recuamos, recuamos com rapazes tão valentes como estes! — exclamou ele. — Bom, até à vista, general — acrescentou, e, dando de esporas ao cavalo,

meteu pelo portão, passando diante de André e Denissov.

«Hurra! Hurra! Hurra! », gritavam atrás dele.

Desde a última vez que o príncipe André o vira, Kutuzov ainda engordara mais, e parecia encolhido, esbarrondando-se em gordura. Mas o seu olho torto, a cicatriz e a expressão de cansaço da sua fisionomia e de toda a sua pessoa não tinham mudado. Vestia o redingote do uniforme, pingalim a tiracolo, suspenso de uma correia fina, e trazia na cabeça o gorro branco dos cavaleiros da guarda. Pesadamente escarranchado e balouçando-se em cima do selim do seu valente cavalinho, assobiava entre dentes quando penetrou no pátio. Na sua cara via-se a satisfação de estar finalmente em paz e de poder descansar depois de uma estopada. Tirou o pé esquerdo do estribo, e, torcendo o corpo e franzindo as sobrancelhas com o esforço que fazia, lá conseguiu passar a perna por cima da sela. Depois apoiou-se no joelho e, tossindo, deixou-se cair nos braços dos cossacos e dos ajudantes-de-campo que o amparavam.

Endireitou-se, passeou em volta o olho pisco, olhou para o príncipe André sem o conhecer e no seu andar pesadão encaminhou-se para o alpendre.

Fu... fu... fu... !, continuava a assobiar, enquanto relanceava de novo os olhos para o príncipe André. E alguns segundos foram precisos, como é vulgar entre os velhos, para reconhecer aquela cara.

— Ah!, viva, príncipe! Viva, meu amigo! Vamos. — disse penosamente, lançando um olhar à sua roda, e subiu, pesado, os degraus do alpendre, que rangiam sob os seus pés.

Desabotoou-se e sentou-se num banco que estava no patamar.

— Teu pai como está?

— Recebi ontem a notícia do seu falecimento — disse laconicamente o príncipe André.

Kutuzov fitou-o de olhos muito abertos e assustados. Depois tirou o gorro e persignou-se.

— Que Deus o tenha em Sua santa glória! Que a vontade de Deus seja feita em todos nós! — Suspirou fundo e calou-se. — Apreciava-o e estimava-o muito e sinto sinceramente a tua dor.

Abraçou o príncipe André, apertando-o contra o peito e assim o conservou por muito tempo. Quando dele se desprendeu, André viu que lhe tremiam os beiços grossos e que tinha os olhos cheios de lágrimas. Suspirou e para se levantar

apoiou-se no banco com as duas mãos.

— Vamos, anda daí a minha casa para conversarmos — disse ele.

Nesse mesmo instante, porém, Denissov, tão destemido diante dos superiores como perante o inimigo, apesar de os ajudantes-de-campo terem tentado detê-lo no alpendre, gritando-lhe qualquer coisa em voz baixa e furiosa, galgara ousadamente os degraus, fazendo retinir as esporas. Kutuzov, com as mãos ainda apoiadas no banco, olhou para ele com ar pouco satisfeito. Denissov declinou o seu nome e declarou ter de comunicar a Sua Excelência uma coisa da maior importância para bem da pátria.

O general percorreu-o com o seu olhar fatigado e num gesto cheio de enfado, cruzando as mãos sobre o ventre, repetiu:

— Para bem da pátria? Bem, de que se trata? Fala. Denissov corou como uma donzela, o que não deixava de ser estranho naquela velha cara de bêbedo, com seus grandes bigodes, e principiou a expor um plano de rotura das linhas de comunicação do inimigo entre Smolensk e Viazma. Vivera naquela região e conhecia o sítio muito bem. O plano parecia, indiscutivelmente, de primeira ordem, quanto mais não fosse por causa da convicção com que ele o expunha. Kutuzov, de olhos postos no chão, erguia-os de quando em quando para mirar o pátio da isbá vizinha, como se esperasse ver sair dali alguém indesejável. Com efeito, enquanto Denissov falava, apareceu um general com uma pasta debaixo do braço.

— Então? — disse Kutuzov, interrompendo a exposição de Denissov. — Esta preparado?

— Sim, Excelência — volveu o general.

Kutuzov abanou a cabeça. Parecia dizer: «Como é possível um só homem fazer tudo isto?» E continuou a ouvir Denissov.

— Dou-lhe a minha palavra de honra de oficial russo — prosseguia este — de que cortarei as comunicações de Napoleão.

— Kiril Andreievitch Denissov, o intendente— geral, é teu parente? — perguntou Kutuzov, interrompendo -o.

— É meu tio, Excelência.

— Oh, fomos amigos — continuou ele, alegremente. — Bom, bom, meu rapaz, fica aqui no estado-maior. Voltaremos a falar disso amanhã.

Com um aceno de cabeça amistoso, voltou-se e estendeu as mãos para os

papéis que lhe trouxera Konovnitsine.

— Vossa Excelência não quer entrar? — disse o general de serviço em tom pouco satisfeito. — Há aqui planos para examinar e alguns documentos para assinar.

Nesse momento surgiu um ajudante-de-campo que vinha anunciar estar tudo em ordem na casa. Mas Kutuzov não queria entrar sem se ver livre de tudo aquilo. Franziu as sobrancelhas.

— Não, diz que tragam uma mesinha e despacharei aqui mesmo o que há a fazer. E, tu, não te vás embora — acrescentou, dirigindo-se ao príncipe André.

André deixou-se ficar no alpendre, ouvindo o que dizia o general de serviço.

Enquanto Kutuzov despachava, André apercebeu o ciciar de uma voz feminina e o roçagar de um vestido de seda. Atrás da porta, vestida de cor-de-rosa, com uma fita lilás na cabeça, estava uma linda mulher, bem fornida de carnes, de belas cores, com um tabuleiro na mão, esperando ansiosamente que o general-chefe entrasse em casa. Um ajudante-de-campo explicou em voz baixa que era a dona da casa, a mulher do pope, que se dispunha a oferecer o pão e o sal a Sua Excelência. O marido já recebera o Sereníssimo na igreja, de cruz alçada, e ela ia acolhê-lo em sua casa... «Não é qualquer peste», comentou o ajudante, sorrindo. Kutuzov, ao ouvir isto, voltou a cabeça.

Escutava o relatório do general que se referia especialmente à crítica da posição de Tsarevo-Zaimitch, e ouvia-o exactamente como escutara Denissov e como sete anos antes seguira a discussão no conselho de guerra de Austerlitz. Era evidente que ouvia pelo facto de ter ouvidos e porque, apesar do algodão que lhe rolhava um deles, não podia deixar de ouvir. Mas também era certo que nada que aquele general lhe dissesse seria capaz de o surpreender ou sequer interessar, a ele, que de antemão sabia tudo quanto lhe pudessem dizer e que escutava apenas porque assim tinha de ser, pela mesma razão que se tem de ouvir até ao fim um ofício divino. O que Denissov expusera era prático e sensato e o que o general de serviço dissera ainda era mais prático E, mais sensato. Mas a verdade é que Kutuzov menosprezava tanto o saber como a inteligência e estava certo de que havia de ser uma coisa muito diferente — uma coisa independente por completo do saber e da inteligência — que resolveria, a questão. O príncipe André observava cuidadosamente o jogo fisionómico do general-chefe e a única expressão que lhe podia ler no rosto era a, de enfado, enfado esse que desapareceu quando

ouviu o roçagar do vestido e se refreou para salvar as conveniências, Era evidente que Kutuzov desdenhava da inteligência, do saber, e até dos sentimentos patrióticos de Denissov, e se mostrava semelhante desdém não era por causa da inteligência dele, do seu saber, do seu patriotismo, de que não fazia o mais pequeno estendal. Era, sim, por causa da sua idade e da sua experiência da vida. A única medida que espontaneamente tomou dizia respeito aos actos de bandoleirismo praticados pelas tropas russas. No fim do relatório, o general apresentou ao Sereníssimo para assinar um documento relativo a uma queixa dirigida às autoridades militares por um proprietário a quem haviam ceifado verde um campo de aveia.

Kutuzov deu um estalido com a língua e abanou a cabeça.

— Fogo com eles... Estufa com eles... Digo-te de uma vez para sempre, meu caro, tudo isso para o fogo! Que ceifem o trigo, que queimem a lenha quantas vezes quiserem. Nem o proíbo nem o consinto; o que não posso é passar o tempo a fazer inquéritos a tal respeito. É inevitável. Quando se parte lenha. é certo e sabido que as lascas vão pelo ar, — E relanceando de novo os olhos ao papel: — Oh, esta meticulosidade alemã! — exclamou, abanando a cabeça.

[XVI]

— Bom, agora já está tudo! — disse Kutuzov, enquanto assinava o último papel. Ergueu-se com esforço e, endireitando o grosso pescoço branco, dirigiu-se para a porta de cara satisfeita.

A mulher do pope, ruborizada pela emoção, apanhou, apressadamente, o prato que não conseguira apresentar a tempo apesar dos seus longos preparativos. Com uma profunda reverência ofereceu-o a Kutuzov.

O general piscou o olho, sorriu e, acariciando-lhe o queixo, disse:

— Que linda que ela é! Obrigado, minha flor!

Tirando da algibeira das calças algumas moedas de ouro pô-las em cima da bandeja. «Bom, bom, isto não vai mal!», dizia ao dirigir-se para o quarto que lhe fora destinado. A mulher do pope, com um sorriso que lhe abria covinhas na cara rosada, seguia atrás dele. Um ajudante-de-campo veio depois ao alpendre

procurar o príncipe André, convidando-o para almoçar. Meia hora mais tarde foi novamente chamado para junto do general-chefe. Kutuzov estava recostado numa poltrona com o uniforme desabotoado. Tinha na mão um livro francês, que pousou, quando viu entrar o príncipe André, depois de o ter marcado com a faca de papel. Era Les Chevaliers du Cygne, de Madame de Genlis, como o príncipe pôde verificar relanceando a vista para a capa.

— Senta-te ali e conversemos — disse Kutuzov. — É triste, muito triste. Mas quero que saibas, meu amigo, que sou para ti como um pai, um verdadeiro pai...

O príncipe André contou-lhe tudo quanto sabia sobre os últimos momentos do pai e o que vira em Lissia Gori quando por lá passara.

— A que situação nos levaram... a que situação nos levaram! — exclamou, de súbito, Kutuzov, numa voz comovida, ao ver, com toda a nitidez, pelo relato do príncipe André, o estado em que a Rússia se encontrava.

— Mas paciência, paciência! — acrescentou, numa inflexão irritada, e, para não prosseguir numa conversa que o perturbava, disse: — Mandei chamar-te para que ficasses ao pé de mim.

— Estou-lhe muito grato, Excelência — respondeu André — mas receio já para nada servir nos serviços do estado-maior...

Kutuzov notou o sorriso com que ele sublinhara estas palavras e interrogou-o com os olhos.

-... E além disso — acrescentou — estou muito habituado ao meu regimento, estimo os meus oficiais e os meus soldados, que, segundo creio, também gostam de mim. Custar-me-ia muito separar-me deles! Se recuso a honra de ficar junto de Vossa Excelência, pode acreditar...

Uma expressão subtil, bondosa e ao mesmo tempo ligeiramente irónica iluminou o rosto balofo de Kutuzov. Interrompeu-o.

— Lamento, podias ser-me útil; mas tens razão, tens razão. Não é aqui que precisamos de homens. Conselheiros não faltam, mas homens a valer são raros. Os regimentos não seriam o que são se todos estes conselheiros que para aí há lá estivessem a prestar serviço como tu. Lembro-me de ti em Austerlitz... Lembro-me, lembro-me, ainda te estou a ver com a bandeira na mão. — Esta evocação fez perpassar pelo rosto de André um fugitivo rubor.

Kutuzov puxou-lhe por um braço e apresentou-lhe a cara, e André viu de novo que os olhos do velho estavam cheios de lágrimas, Embora soubesse que Kutuzov

era homem que chorava com facilidade, e que o acolhia assim carinhosamente, com tanta simpatia, por causa da perda que ele sofrera, o príncipe André sentiu-se lisonjeado e feliz com o facto de o general-chefe lembrar Austerlitz.

— Continua no caminho que traçaste. Esse, sim, é o caminho da honra. — Ficou por momentos calado. — Fizeste-me muita falta em Bucareste; não tinha em quem confiar. — E, mudando de assunto, pôs-se a falar da guerra na Turquia e da paz concluída. — Sim, fizeram-me muitas críticas — continuou —, tanto pela guerra como pela paz que assinei. Sim. Mas tudo acabou bem. Quem espera sempre alcança. E lá não havia menos conselheiros do que aqui... — acrescentou, retomando um assunto que, pelo visto, o preocupava. — Ah! Os conselheiros, os conselheiros! Se lhes temos dado ouvidos a todos lá na Turquia, não teríamos assinado a paz e não teríamos posto termo à guerra. Acabar com as coisas, está certo, mas fazer tudo a correr dá muitas vezes resultado contrário. Se Kamenski não tem morrido, estaria perdido. Precisava de trinta mil homens para tomar as fortalezas. Tomar uma fortaleza não é difícil; difícil é ganhar tinia campanha. E para isso não é preciso tomar de assalto e, atacar, mas ter «paciência e tempo diante de nós». Kamenski deu ordens aos seus soldados para tomarem Rustchnk, mas eu, apenas com paciência e tempo, tomei mais fortalezas do que Kamenski e fiz com que os Turcos comessem carne de cavalo. — Abanou a cabeça. — E podes acreditar no que te digo: os Franceses também — prosseguiu com vivacidade, batendo na arca do peito —, os Franceses também a hão-de comer. — E as lágrimas brilharam-lhe de novo nos olhos.

— Entretanto temos de aceitar o combate? — interrompeu o príncipe André.

— Talvez, se todos quiserem. Então nada haverá a fazer... Mas acredita no que te digo, meu caro: nada há que valha estes dois soldados: a paciência, e o tempo! Eles farão tudo. Mas os conselheiros não vêem por esse prisma, eis o mal. Uns querem, outros não. E então que se há-de fazer? — Calou-se, como se esperasse resposta à sua pergunta. — Bom, que farias tu? — perguntou ele, de olhos brilhantes, com uma expressão profunda e penetrante. — Pois bem, vou dizer-te o que é preciso fazer — prosseguiu, vendo que André não respondia.— Vou dizer-te o que é preciso fazer e o que eu faço. Na dúvida, meu caro, abstém-te — acrescentou, destacando as palavras.— Bem, adeus, meu amigo: lembra-te de que compartilho, de todo o coração, da tua dor e para ti nem sou Sereníssimo, nem príncipe, nem general-chefe, mas muito simplesmente teu pai. Se precisares de

alguma coisa, dirige-te a mim. Adeus, meu caro.

Apertou-o mais uma vez nos braços e beijou-o. E, ainda o príncipe André não transpusera o limiar da porta, já ele, soltando um suspiro apaziguador, se engolfava de novo na leitura do romance Les Chevaliers du Cygne.

Embora o príncipe André não soubesse explicar como nem porquê, o certo é que voltou para o seu regimento, depois desta conversa, absolutamente descansado quanto à marcha geral da guerra e confiante na pessoa que orientava superiormente as operações. Quanto mais via a ausência de personalidade naquele velho, cuja única arma era, por assim dizer, a experiência, resíduo das paixões, e que, em lugar da inteligência que sabe associar os factos e tirar deles conclusões, apenas tinha a capacidade de contemplar tranquilamente a marcha dos acontecimentos. Tanto mais se persuadia de que, tudo havia de acontecer pelo melhor. «Nada trará de seu, não inventará nem empreendera coisa alguma», dizia de si para consigo. «mas ouvirá e lembrar-se-á de tudo, tudo colocará no seu lugar, não impedirá nada de útil, não consentirá nada de prejudicial. Compreende que há qualquer coisa de mais forte e de mais poderoso que a sua vontade pessoal: a marcha inevitável dos acontecimentos. Sabe vê-los, tem o dom de lhes apreender o valor, e sabe, para os não tolher, abster-se de intervir e anular a sua própria vontade, dirigida deliberadamente para outro objectivo. E sobretudo», concluía André, «inspira confiança, porque o sentimos verdadeiramente russo, apesar de Madame Genlis e dos adágios franceses, pois a verdade é que a voz lhe tremia quando murmurou: A que situação nos levaram!', e, que soluçava quando garantia que os havia de fazer comer carne de cavalo.»

Fora este sentimento, mais ou menos vagamente experimentado por todos, que levara à aprovação unânime., num movimento de entusiasmo nacional, e ao arrepio das intenções dos cortesãos, da escolha de Kutuzov para general-chefe dos exércitos russos.

[XVII]

Depois da partida do imperador a vida de Moscovo retornara o seu ritmo habitual, e tão habitual, realmente, que era difícil de conceber o entusiasmo

patriótico e a exaltação dos últimos dias, e se não chegava quase a compreender como era possível a Rússia estar em perigo e os membros do Clube Inglês poderem ser também filhos da pátria prontos para todos os sacrifícios por ela. A única coisa que fazia lembrar o estado de espírito dos dias em que o imperador estivera em Moscovo era a execução do pedido de homens e de dinheiro, o qual, revestindo aspecto legal e oficializado, se tornara desde logo inevitável.

A aproximação do inimigo não levara os Moscovitas a acre— ditar que a situação se, tivesse tornado mais séria; examinavam-na, pelo contrário, com mais leviandade, como costuma acontecer quando uma catástrofe se aproxima. Na hora do perigo duas vozes, igualmente fortes, se ouvem na alma do homem: uma aconselha sempre, prudentemente, que cada um de nós se dê conta exacta do perigo que o ameaça e trate de procurar maneira de o evitar; a outra, ainda com maior prudência, diz-nos ser muito penoso e dolorosíssimo pensar no perigo, visto não estar nas possibilidades do homem prever e furtar-se à marcha dos acontecimentos, e o melhor é não nos preocuparmos com as coisas tristes antes do facto consumado e só pensarmos nas coisas agradáveis. O homem isolado obedece, regra geral, à primeira destas vozes; em sociedade, pelo contrário, submete-se à segunda. Era o que de facto estava a acontecer com os habitantes de Moscovo. Nunca as pessoas ali se haviam divertido tanto como naquele ano.

Os cartazes de Rostoptchine representavam uma taberna, um taberneiro e um burguês moscovita, Karpuchka Tchiriguine, que «tendo sido recrutado, depois de beber um copo a mais, ouviu dizer que Bonaparte queria ir a Moscovo, se zangara e proferira palavras grosseiras contra todos os franceses e, saindo da taberna, se pusera a falar ao povo reunido debaixo da tabuleta do taberneiro». Estes cartazes eram lidos e comentados e o mesmo acontecia às últimas rimas de Wassili Lvovitch Puchkine.

No clube, numa das salas, reuniam-se os sócios para comentar estes cartazes, e muitos riam-se da maneira como Karpuchka troçava dos Franceses, dizendo que «inchariam por terem comido couves, que rebentariam com as papas que tinham devorado, que haviam de estourar com uma indigestão de chtchi, que eram todos anões, que bastava uma camponesa com uma forquilha para dar cabo de três franceses». Havia outros que não estavam de acordo com estas graçolas, qualificando-as de vulgares e de estúpidas. Contava-se que Rostoptchine expulsara os Franceses de Moscovo, e mesmo todos os estrangeiros de maneira geral, pois

entre eles havia espiões e agentes de Napoleão. Mas se se falava nisso era sobretudo para poderem citar-se os ditos do governador. Expediam-se os estrangeiros em barcaças para Nijni Novgorod, e Rostoptchine dizia-lhes: «Tenham juízo, entrem no barco, e não façam dele a barca de Caronte.» Dizia-se já terem saído de Moscovo todos os serviços administrativos e acrescentava— se, repetindo um gracejo de Chinchine, que os Moscovitas deviam estar por este facto muito reconhecidos a Napoleão. Contava-se também que o regimento municiado por Mamonov lhe custaria oitocentos mil rublos, que Bezukov ainda gastara mais do que isso com os seus soldados e que — lindo acto da sua parte — ele próprio envergaria o uniforme, caracolando à frente dos seus homens, nada tendo de pagar os que viessem admirá-lo nessa atitude marcial.

— A ninguém perdoa — dizia Júlia Drubetskaia, enquanto enrolava um montinho de ligaduras entre os dedos delgados cheio de anéis.

Júlia pensava sair de Moscovo no dia seguinte e organizara uma festa de despedida.

— Bezukov é ridículo, mas é tão bom, tão gentil! Que prazer pode ter em ser tão cáustico?

— Multa! — exclamou um jovem de uniforme de miliciano, a quem Júlia chamava «meu cavaleiro» e que ia acompanhá-la a Nijni Novgorod.

No salão de Júlia, como em muitos outros de Moscovo, combinara-se não se falar senão russo, pagando multa quem pronunciasse palavras francesas, multa essa que reverteria para a comissão de socorros.

— Outra multa pelo galicismo — interveio um literato que estava presente, «que prazer... pode ter» não é russo.

— Ninguém poupa — prosseguiu Júlia, dirigindo-se ao miliciano, sem prestar atenção ao que dizia o homem de letras. — Por cáustico peço desculpa e estou pronta a pagar. Quanto ao galicismo acrescentou para o crítico —, recuso-me a considerar-me responsável. Não tenho nem tempo nem dinheiro, como o príncipe Galitzine, para arranjar um professor e aprender russo. Ai está ele, precisamente. Quando... Não, não, não me apanhará desta vez — disse ela para o miliciano. — Quando se fala do Sol, vêem-se-lhe os raios. — Sorria amavelmente para Pedro com aquela facilidade de mentir tão característica das senhoras da sociedade. — Acabávamos de falar de si. Dizíamos que o seu regimento devia ser com certeza muito melhor do que o de Mamonov.

— Oh! Não me fale do meu regimento! — replicou Pedro, beijando-lhe a mão e sentando-se a seu lado.— Se soubesse os aborrecimentos que tenho com ele!

— Naturalmente vai comandá-lo, não é verdade? — inquiriu Júlia trocando um sorriso malicioso e trocista com o miliciano. Este último, na presença de Pedro, deixara de ser cáustico e pareceu contrariado ao ver o sorriso de Júlia. Apesar do seu ar distraído e de pobre diabo, Pedro, graças à sua personalidade, paralisava, na sua presença, qualquer tentativa de troça.

— Não, não — disse Pedro, rindo e mirando o rotundo corpo. — Que belo alvo seria eu para os Franceses, e tenho cá as minhas dúvidas quanto a ser capaz de montar a cavalo!

Entre as pessoas de quem se falou aconteceu aludir-se também à família Rostov.

— Tenho ouvido dizer que as coisas não vão bem lá por casa — disse Júlia. — Aquele conde é uma pessoa inútil. Os Razumovski queriam comprar-lhe a casa e a quinta de Moscovo, mas não vejo jeito. Pedem muito dinheiro.

— Consta-me que a venda se fará por estes dias — observou alguém —, se bem que me parece rematada loucura comprar agora qualquer coisa em Moscovo.

— Porquê? — interrogou Júlia. — Acha que Moscovo corre perigo?

— Então porque se vai embora?

— Eu? Que pergunta tão estranha. Vou-me embora porque... porque toda a gente se retira da cidade. E além disso também não tenho jeito nem para Joana d’Arc nem para amazona.

— Sim, sim, esta claro. Deixe-me ver mais trapos.

— Se ao menos soubessem administrar o que é seu, poderiam pagar as dívidas — prosseguiu o miliciano, voltando a falar dos Rostov.

— Sim, é um bom velho, mas um pobre sire. Mas que estarão eles aqui a fazer há tanto tempo? Há muito que deveriam ter regressado à aldeia. Não está já restabelecida a Nathalie? — perguntou Júlia, dirigindo-se a Pedro com um sorriso malicioso.

— Estão à espera do filho mais novo — replicou este. — Foi incorporado no regimento dos cossacos de Obolenski e mandado para Bielaia Tserkov, É lá que estão a formar o regimento. Mas os pais conseguiram transferi-lo para o meu e aguardam a sua chegada de um dia para o outro. Há muito que o conde se queria ir embora, mas a condessa por coisa nenhuma quis partir antes de tornar a ver o

filho.

— Encontrei-os antes de ontem em casa dos Arkarov. Nathalie está mais bonita e outra vez alegre, cantou uma romança. Muito depressa esquecem certas pessoas...

— Que se passa? — perguntou Pedro com certa irritação. Júlia sorriu.

— Bem sabe, conde, que cavalheiros como o senhor já não se encontram senão nos romances de Madame Souza.

— Que cavalheiros? Que vem a ser isso? — teimou Pedro, corando.

— Então, meu querido conde, não se faça de novas, não se fala de outra coisa em Moscovo. Admiro-o muito, palavra de honra!

— Multa! Multa! — exclamou o miliciano.

— Credo. Não pode uma pessoa abrir a boca. Que maçada!

— De que é que se trata? — perguntou Pedro, levantando-se.

— Então, conde. Como se não soubesse!

— Não sei absolutamente nada — volveu Pedro.

— O que sei é que o conde é amigo de Natacha; por isso... Eu, por mim, sempre me dei melhor com Vera. Aquela querida Vera.

— Não, senhora — prosseguiu Pedro com a mesma voz irritada. — Não é verdade que eu me tenha transformado em pajem de Mademoiselle Rostov e há perto de um mês que não vou a sua casa. Não posso atingir o alcance da sua crueldade...

— Qui s'excuse s'accuse (Provérbio francês que pode corresponder, em tradução livre, a: «Quem muito se justifica, alguma culpa tem.» (N, dos T.) — pronunciou Júlia, sorrindo, enquanto sacudia a ligadura que tinha na mão, e, para ser ela a dizer a última palavra sobre o assunto, mudou repentinamente de conversa. — Querem saber o que me constou hoje? Que a pobre Maria Bolkonskaia chegou ontem. Já sabiam que lhe tinha morrido o pai?

— Será possível? E onde estará ela? Gostava muito de a ver! — exclamou Pedro.

— Passei ontem a noite com ela. Deve partir hoje ou amanhã com o sobrinho para a quinta nos arredores de Moscovo.

— E ela, como está? — inquiriu Pedro.

— Está bem, um pouco triste. E quer saber a quem deve ela a vida? É um verdadeiro romance. Ao Nicolau Rostov. Cercaram-lhe a quinta, quiseram matá-la,

havia já gente ferida. E ele foi em seu auxílio e salvou-lhe a vida...

— Mais um romance — comentou o miliciano. — Estou a ver que esta debandada geral foi inventada para casar as solteironas. Primeiro a Catiche, agora, a princesa Bolkonskaia.

— Aqui para nós, tenho a impressão de que ela está um pouco derretida com o jovem.

— Multa! Multa! Multa!

— Como hei-de eu dizer isto em russo?

Capítulo XVIII

Ao chegar a casa, Pedro encontrou dois editais de Rostoptchine afixados naquele mesmo dia.

No primeiro dizia-se não ser verdade ele ter dado ordens proibindo que se saísse da cidade, e que, pelo contrário, com grande satisfação veria afastarem-se as senhoras e as esposas dos comerciantes. «Se houver menos medo, dar-se-á menos à língua», acrescentava. «Mas que esse malfeitor não entrará em Moscovo com a minha vida o garanto-» Estas palavras levaram Pedro a acreditar pela primeira vez que os Franceses entrariam na cidade. O segundo edital dizia que o quartel-general russo estava em Viazma, que o conde Wittgenstein derrotara os Franceses e que, como havia muitos habitantes desejosos de se armar, punha um carregamento de armas à disposição de todos no arsenal — sabres, pistolas, espingardas —, que podiam ser adquiridas por pouco dinheiro. O tom dos editais já nada tinha de divertido como os que até ai haviam servido de pretexto para os gracejos de Tchiriguine. Pedro ficou pensativo. Era evidente que aquela grande nuvem tormentosa que ele tanto desejava, embora com involuntário horror, essa feia nuvem se aproximava. «Deverei alistar-me no serviço militar e partir para a guerra ou esperar?», perguntava Pedro aos seus botões pela centésima vez. Pegou num baralho de cartas que estava em cima de uma mesa e pôs-se a fazer paciências.

«Se conseguir fazer esta paciência», dizia de si para consigo enquanto ia embaralhando as cartas de olhos fitos no tecto, «se conseguir fazer esta paciência, quer dizer... Que quer dizer?...»

Não teve tempo de concluir. Nesse mesmo instante a voz da princesa mais velha ressoou à porta, perguntando se podia entrar. «Quer dizer que devo partir para a guerra», concluiu Pedro.

— Entre, entre! – gritou.

Apenas a mais velha das princesas, a do longo busto e cara inexpressiva,

continuava a viver sob o tecto de Bezukov. As duas mais novas tinham casado.

— Perdoe-me, meu primo, vir incomodá-lo — disse ela, num tom repreensivo e cheio de emoção — Temos de decidir, finalmente, qualquer coisa. Que quer isto dizer? Está toda a gente a sair de Moscovo e o povo revoltado. Que ficamos nós aqui a fazer?

— Ao contrário, tudo parece caminhar muito bem, minha prima — tornou Pedro, no tom faceto que habitualmente tomava ao falar-lhe, única maneira de esconder o embaraço que lhe causava o papel de benfeitor que representava aos olhos dela.

— Que diz? A caminhar bem? Onde foi descobrir isso? Ainda hoje me contou a Várvara Ivanovna que as nossas tropas se têm portado muito bem. Sim, devemos sentir-nos orgulhosos! Mas o pior é que o povo começa a revoltar-se, não quer obedecer. Até a minha criada tem sido grosseira para comigo. Pouco falta para que nos batam. Não se pode já passar pelas ruas. E o pior de tudo que os Franceses estão aí a chegar, hoje ou amanhã. Porque esperamos nós? A única coisa que lhe peço, meu primo, é que dê as suas ordens para me levarem a Petersburgo. Sei muitíssimo bem que não sou pessoa para acatar o domínio de Bonaparte.

— Que está a dizer, minha Prima? Quem lhe meteu tal coisa na cabeça? Ao contrário...

— Não me submeterei ao seu Napoleão. Os outros que façam o que quiserem... E se o senhor não atender ao que lhe peço...

— Que ideia! Vou dar ordens imediatamente.

A princesa parecia desconcertada por ter perdido aquela oportunidade de se zangar com alguém. Deixou-se cair numa cadeira, enquanto entre dentes ia murmurando fosse o que fosse.

— Muito mal a informaram — continuou Pedro. — Na cidade reina o sossego e não há perigo algum. Olhe o que eu estava a ler... — Mostrou-lhe os editais. — Diz aqui o conde que o inimigo não entrará em Moscovo, que o garante com a sua vida.

— Olhe, esse seu conde! — exclamou a princesa, mal-humorada. — Esse seu conde é um hipócrita, um miserável, que está farto de incitar o povo à revolta. Pois não foi ele quem escreveu num dos seus estúpidos editais ser preciso agarrar fosse quem fosse pela gola do casaco e metê-lo na cadeia? Que estupidez! E a

quem assim proceder promete-lhe honra e glória. Ora aí tem o, resultado de tudo isto. Várvara Ivanovna contou-me que a iam quase matando na rua por estar a falar francês...

— Ora... Que diabo... Tomam as coisas demasiado a sério. — murmurou Pedro, que prosseguia com a sua paciência.

Embora a tivesse conseguido fazer, Pedro não foi para a guerra, e ficou em Moscovo, de dia para dia mais vazia, e sempre agitada pela mesma inquietação, a mesma incerteza, num terror a que se misturava alegria, sempre na expectativa de terríveis acontecimentos.

No dia seguinte, ao fim da tarde, a princesa abalou e Pedro recebeu a visita do seu administrador, que lhe vinha dizer ser impossível reunir o dinheiro necessário para equipar o regimento sem vender uma das suas propriedades. Aliás, teve o cuidado de lhe fazer compreender que semelhantes fantasias acabariam por arruiná-lo, tão certo como ele ser seu administrador. Ao ouvir isto, Pedro só a muito custo pôde esconder o riso.

— Pois venda — disse-lhe ele. — Que havemos de fazer? Agora não posso voltar atrás com a minha palavra.

Quanto piores a situação geral e os seus negócios pessoais, tanto maior a sua alegria, tanto mais evidente a catástrofe que esperava para breve. Na cidade já por assim dizer ninguém das suas relações restava. Júlia abalara, a princesa Maria também. Dos seus íntimos, apenas os Rostov continuavam em Moscovo, mas Pedro não mais os visitara.

Nesse dia, para se distrair, foi à aldeia de Vorontzovo ver um grande balão imaginado pelo engenheiro Leppich com vista a aniquilar o inimigo. Iam experimentá-lo na intenção de o largar no dia seguinte. O balão ainda não estava pronto, mas Pedro veio a saber que o imperador mostrara desejos de o ver montado. A tal respeito, Sua Majestade endereçara a carta seguinte ao conde Rostoptchine:

> Assim que Leppich estiver preparado, arranje-lhe uniu tripulação de homens de confiança e inteligentes para a barquinha do balão e mande um correio prevenir o general Kutuzov. Já o pus ao corrente do assunto.
>
> Faça o favor de recomendar a Leppich que repare no

> local onde descer pela primeira vez, para que se não engane e não caia nas mãos do inimigo, É indispensável que os seus movimentos sejam combinados previamente com o general-chefe.

No regresso de Vorontzovo, ao passar na Praça Bolotnaia, Pedro viu uma grande multidão junto de Lobnoie Miesto. Mandou parar o carro e apeou-se. Tratava-se da flagelação de um cozinheiro francês acusado de espionagem. O castigo terminara e o carrasco desatava do potro um homem corpulento, de suíças ruivas, meias azuis e colete verde, que gemia dolorosamente. Outro delinquente, magro e pálido, esperava a sua vez. Pelo tipo, também este era francês. Assustado e lívido, Pedro abriu caminho por entre a multidão.

— Que foi? Que fizeram eles? — perguntou.

Mas tão absorvida estava no espectáculo a turba de funcionários, burgueses, comerciantes, mulheres de golinhas e peliças, que ninguém lhe respondeu, O rotundo homem levantou-se, franzindo o sobrolho, encolheu os ombros e desejando, sem dúvida, mostrar firmeza vestiu o casaco, sem olhar para a multidão que e rodeava, embora lhe tremessem os lábios e vertesse algumas lágrimas, furioso consigo mesmo, como acontece aos homens de temperamento sanguíneo. «A turba falava alto para afogar talvez um assomo de piedade que ameaçava crescer», pensou Pedro.

«É o cozinheiro de um príncipe...»

— Então, mussiu? Pelo que se vê, o molho russo é um bocado picante para o paladar francês... Pica-te na língua — disse um manga-de-alpaca, todo encarquilhado, que estava ao lado de Pedro, quando viu o francês chorar.

E depois olhou em volta, como à procura de aplauso para o seu gracejo, Algumas pessoas puseram-se a rir, outras continuaram a olhar, apavoradas, o carrasco, que ia despindo o segundo sentenciado.

Pedro resfolgou, franziu as sobrancelhas e, dando de súbito meia volta, regressou à sua carruagem, não sem continuar a resmungar qualquer coisa entre dentes. Durante o resto do trajecto várias vezes estremeceu e soltou exclamações — o que levou o cocheiro a perguntar-lhe:

— Que diz, patrão?

— Aonde vais? – gritou. — Pedi-o, quando viu que o cocheiro se dirigia à

Lubianka.

— Então não foi para casa do general governador que me mandou seguir? — perguntou o cocheiro.

— Imbecil! Animal! — vociferou Pedro, insultando o cocheiro, coisa que raramente lhe acontecia. — Disse-te que me levasses para casa. Depressa! — «Tenho de partir hoje mesmo», disse com os seus botões.

A multidão em volta dos flagelados de. Lobnoie Miesto convencera-o definitivamente a não permanecer por mais tempo em Moscovo, seguindo nesse mesmo dia para o campo de batalha. Julgou mesmo que o dissera já ao cocheiro ou que este devia conhecer as suas intenções mesmo sem nada lhe dizer.

Ao chegar a casa mandou chamar Evstafievitch, o cocheiro, um homem que tudo conhecia, sabia tudo, e era conhecido de toda a gente em Moscovo. Deu-lhe as suas instruções, dizendo-lhe que partia naquela mesma noite para Mojaisk, a fim de se incorporar no exército, ordenando-lhe que mandassem para ali os seus cavalos de sela. Não era coisa que se fizesse num só dia, por isso, a conselho de Evstafievitch, resolveu adiar a partida para o dia seguinte de modo a que ele tivesse tempo de lhe mandar preparar as mudas.

No dia 24 o tempo melhorou, depois de uma quadra de mau cariz, e nesse mesmo dia, após o jantar. Pedro deixava Moscovo. Já noite, ao mudar de cavalos em Perkuchkovo, soube que nessa mesma tarde se travara uma grande batalha, Dizia-se que até a terra tremera com o canhoneio. Perguntando Pedro quem ganhara a batalha, ninguém lhe soubera responder. Tratava-se da batalha de 24, em Chevardino. De madrugada chegava a Mojaisk.

Todas as casas de Mojaisk estavam ocupadas pelas tropas e na estalagem onde o aguardavam o escudeiro e o cocheiro não havia um único quarto: estava tudo tomado pelos oficiais.

Tanto em Mojaisk como nas vizinhanças, por toda a parte, só havia militares. A cada canto se viam cossacos, soldados de infantaria, de cavalaria, furgões, armões e peças de artilharia. Pedro deu-se pressa em continuar avante e quanto mais se afastava de Moscovo e se submergia naquele mar de tropas mais se sentia invadido por um sentimento misto de inquietação e íntima satisfação, sentimento novo para ele. Era qualquer coisa como o que sentira no Palácio Slobodski aquando da visita do imperador. Tratava-se de tomar uma decisão e de se sacrificar. Agora tinha a satisfação de compreender que tudo quanto em geral

constitui a felicidade do homem, as comodidades da existência, a riqueza, a própria vida, não passavam de coisas absurdas, a que renunciava com grande satisfação, quando comparadas com... Com quê, eis o que Pedro não sabia dizer; o certo é que não procurava explicar claramente por quem ou porque sen(,ia aquela satisfação no sacrifício. Não procurava saber porque se queria sacrificar, mas era de facto o próprio sacrifício em si que lhe dava aquela satisfação íntima e inteiramente nova.

[XIX]

No dia 24 deu-se a batalha de Chevardino: a 25 não se disparou um único tiro quer de um lado, quer do outro, e a 26 travou-se a batalha de Borodino.

Porque se travaram estas duas batalhas? Como se deram? Porque se deu, particularmente, a batalha de Borodino? Tal batalha não tinha o menor sentido nem para os Franceses nem para os Russos. O seu resultado imediato foi, e tinha de ser, para os Russos mais um passo para a perda de Moscovo, a coisa que eles mais receavam, para os Franceses passo idêntico para a perda total do seu exército, o que eles também temiam acima de tudo. Este resultado era evidente; mesmo então, e apesar disso, Napoleão ofereceu batalha e Kutuzov aceitou-a.

Se os grandes capitães se deixassem guiar por considerações razoáveis, dir-se-ia evidente para Napoleão que, depois de se afastar mais de duas mil verstas das suas bases, travar uma batalha com a possibilidade a todo o ponto verosímil de perder a quarta parte do seu exército era como que caminhar para uma derrota certa. Devia ser igualmente certo para Kutuzov que aceitar o combate, arriscando também, por seu lado, a quarta parte das suas forças, era como que jogar a perda de Moscovo. Para este, então era tão matemático como nas damas aquele que, tendo no fim do jogo menos uma pedra do que o adversário, a joga deixando-a comer e perdendo, portanto, a partida.

Se um dos adversários tem dezasseis pedras e outro catorze, este é apenas uma oitava parte mais fraco do que aquele: porém, quando ambos tiverem perdido, cada um à sua parte, treze pedras, o primeiro será três vezes mais forte do que o segundo.

Antes de Borodino as forças russas, em relação às francesas, encontravam-se

aproximadamente na proporção de cinco para seis e, depois da batalha, na de um para dois, o que quer dizer que antes da batalha os Russos eram cem mil contra cento e vinte mil, e depois dela cinquenta contra cem mil. E no entanto o experimentado e inteligente Kutuzov aceitou o combate. E Napoleão, esse génio militar, como então se dizia, aceitou a luta, que lhe custou um quarto do seu exército e ainda mais lhe estendeu as linhas. Ainda que se diga que, tomando Moscovo, pensava dar a campanha por finda, como acontecera depois da tomada de Viena, não faltam provas que demonstrem o contrário, Os próprios historiadores de Napoleão referem que depois de Smolensk ele queria deter-se, ele próprio se dava conta do perigo da extensão das linhas, sabendo que a ocupação de Moscovo não seria o fim da campanha, pois desde Smolensk que verificava o estado em que encontravam as cidades que tomava e que nenhuma resposta obtinha às suas reiteradas tentativas de entabular negociações.

Oferecendo e aceitando a batalha, tanto Kutuzov como Napoleão agiram contrariamente ao livre-arbítrio e de forma insensata. No entanto, os historiadores, consumados os factos, extraíram consequências complicadas e especiosas sobre a visão e o génio dos generais, quando a verdade é que estes, no meio dos instrumentos inconscientes dos acontecimentos dessa época, mostraram ser os mais servis e os mais cegos.

Os antigos deixaram-nos modelos de poemas épicos em que os heróis são o principal interesse da história, por isso não nos podemos resignar a que a história do nosso tempo se lhe não assemelhe.

Para a pergunta — como se deram as batalhas de Borodino e a de Chevardino, que a precedeu? — existe também uma explicação precisa que toda a gente conhece, embora completamente falsa. Todos os historiadores, com efeito, descrevem essa dupla batalha da seguinte maneira:

O exército russo, na sua retirada depois de Smolensk, teria procurado a melhor posição para travar uma batalha geral e tê-la-ia encontrado em Borodino.

Os Russos teriam fortificado previamente essa posição à esquerda da estrada de Moscovo a Smolensk e perpendicularmente, pouco mais ou menos, a esta estrada, entre Borodino e Utitsa, exactamente no local onde a batalha se travou.

Ante esta posição, ter-se-ia estabelecido, para observar o inimigo, um posto avançado na encosta de Chevardino. A 24, Napoleão teria assaltado esse posto avançado e tê-lo-ia tomado: a 26 teria atacado o grosso do exército russo,

concentrado no campo de Borodino.

Eis o que os historiadores dizem e tudo isto é absolutamente inexacto, coisa de que se convencerá facilmente quem quer que se decida a estudar com cuidado o acontecimento.

Os Russos não escolheram a melhor posição; pelo contrário, no decurso da sua retirada menosprezaram muitas outras melhores do que a de Borodino. Não se detiveram em qualquer delas porque Kutuzov não queria aceitar uma posição que não fosse escolhida por ele, e depois porque a patriótica necessidade de dar batalha ainda irão se concretizara com suficiente força e ainda porque Miloradovitch ali não estava com a sua milícia, além de outras razões impossíveis de enumerar. O facto é que as outras posições eram mais fortes, e que a de Borodino, onde se travou a batalha, não só não era a melhor como nem sequer era uma posição, visto não passar de um lugar como qualquer outro marcado ao acaso com um alfinete no mapa do império moscovita,

Os Russos não só não fortificaram a posição de Borodino à esquerda e perpendicularmente à estrada, quer dizer, no local onde a batalha se travou, como antes de 25 de Agosto nunca tinham pensado que se pudesse vir a dar um recontro naquele local. E a prova está, em primeiro lugar, que não só a 25 não havia ali qualquer fortificação, mas até mesmo as que se iniciaram a 25 não estavam concluídas a 26, e, em segundo lugar, na própria situação do reduto de Chevardino. Este reduto, na vanguarda da posição onde os exércitos se defrontaram, era inteiramente destituído de sentido, Porque foi esse reduto mais fortificado que todos os outros pontos? E porque é que, para defendê-lo, se resistiu no dia 24 até alta noite, envidando tantos esforços e perdendo seis mil homens? Para observar o inimigo, uma patrulha de cossacos chegava perfeitamente. Em terceiro lugar, a prova de que a posição onde se travou a batalha não estava prevista e que o reduto de Chevardino não era o seu posto avançado é que Barclay de Tolly e Bagration estiveram convencidos até 25 de que o reduto de Chevardino constituía o flanco esquerdo da posição, e que o próprio Kutuzov, no seu relatório, redigido quando ainda frescas as impressões da batalha, lhe chama o flanco esquerdo da posição. Muito mais tarde, ao descrever-se a batalha de Borodino, naturalmente para justificar os erros do general-chefe, infalível custasse o que custasse, emitiu-se a afirmação inexacta e estranha de que o reduto de Chevardino era um posto avançado, quando na verdade não passava de uma

posição fortificada qualquer do flanco esquerdo, e afirmando-se também que os Russos tinham aceitado a batalha numa posição fortificada e escolhida previamente, quando a verdade é que essa batalha se travou num local de todo imprevisto e por assim dizei —, em fortificações.

Eis como em verdade se passaram as coisas: escolheu-se um ponto no Kolotcha, que corta a estrada real não em ângulo recto, mas em ângulo agudo, de tal sorte que o flanco esquerdo estava em Chevardino, o direito nas imediações da aldeia de Novoie e o centro em Borodino, na confluência dos rios Kolotcha e Voina. Esta posição, protegida pelo no Kolotcha, era, evidentemente, a de um exército que se propunha deter o inimigo em marcha ao longo da estrada de Smolensk a Moscovo: eis qualquer coisa de evidente para quem quer que examine o campo de batalha esquecendo-se de como os factos se passaram.

Napoleão, ao dirigir-se, no dia 24, para Valuieva, não viu, segundo dizem os historiadores, a posição ocupada pelos Russos entre Utitsa e Borodino (não podia vê-la porque ela não existia). Tão-pouco viu a guarda avançada do exército, e só ao perseguir a retaguarda tropeçou no flanco esquerdo dos Russos, isto é, no reduto de Chevardino, e que, inesperadamente para os Russos, fez passar as suas tropas para a outra margem de Kolotcha. E então os Russos, que não tinham podido travar uma batalha geral, fizeram obliquar a ala esquerda da posição que pensavam ocupar para se estabelecerem numa posição nem prevista nem fortificada. Ao atravessar para a margem esquerda do no Kolotcha, portanto para a esquerda da estrada, Napoleão transportara a futura batalha do flanco direito para o esquerdo dos Russos, para a planície entre Utitsa. Semionovskoie e Borodino, planície não mais vantajosa como posição que qualquer outra, e ali se travou a batalha de 26. A traços largos, o plano da batalha, tal como a descreveram e tal como ela realmente se travou, seria o indicado na página seguinte.

Se Napoleão não tivesse atravessado o no Kolotcha no dia 24 à noite e não houvesse dado ordens para não atacar o reduto nessa mesma noite, adiando o ataque para o dia seguinte, seríamos obrigados a reconhecer que o reduto era o flanco esquerdo da posição russa e a batalha ter-se-ia travado como os Russos esperavam. Neste caso os Russos teriam defendido mais encarniçadamente ainda o reduto de Chevardino, seu flanco esquerdo, atacando Napoleão no centro e à direita, e no dia 24 travar-se-ia a batalha geral na posição fortificada e prevista.

Mas como o ataque ao flanco esquerdo russo se verificou à noite, em consequência da retirada da retaguarda russa, isto é, imediatamente após a batalha de Gridnievo, e como os generais russos não puderam ou não quiseram desencadear no dia 24 à noite a batalha geral, a primeira e parte principal da batalha de Borodino estava perdida desde aquele mesmo dia, implicando, forçosamente, a derrota do dia 26.

Depois da perda do reduto de Chevardino, na manhã de 25, os Russos viram-se privados do ponto de apoio no flanco esquerdo, sendo forçados a restabelecer a ala esquerda e a fortificá-la à pressa, fosse como fosse.

Mas o facto de as tropas russas no dia 28 de Agosto se encontrarem em entrincheiramentos insuficientes nada era comparado com o facto de os generais russos não terem atribuído a devida importância à perda da posição do flanco esquerdo, ou seja, a mudança da orientação da batalha da esquerda para a direita, deixando que as suas linhas continuassem a estender-se da aldeia de Novoie a Utitsa, e viram-se obrigados à transferência de tropas da direita para a esquerda durante o combate. E foi assim que os Russos, em plena batalha, só puderam opor à totalidade das tropas francesas a sua ala esquerda, isto é, forças duas vezes mais fracas. Quanto aos ataques de Poniatowski a Utitsa e de Uvarov ao flanco direito dos Franceses, eis incidentes inteiramente alheios à marcha geral das operações.

E foi assim que a batalha de Borodino se travou em circunstâncias completamente diferentes daquelas por que foi descrita na intenção de ocultar os erros dos generais, e isso apenas serviu para diminuir a glória do exército e do povo russos.

Essa batalha não se travou numa posição escolhida e fortificada com forças apenas um pouco mais fracas do lado russo; foi aceite, em consequência da perda de Chevardino, numa planície aberta e quase sem fortificações, com forças duplamente mais fracas que as dos Franceses. Isto é, em condições tais teria sido impossível a essas tropas não já baterem-se durante dez horas seguidas e num combate indeciso, mas até mesmo aguentarem-se três horas que fosse sem serem vítimas de um desastre completo e sem virem a ser completamente desbaratadas.

[XX]

Na manhã do dia 25, Pedro saiu de Mojaisk. Para descer o empinado e tortuoso caminho que levava da cidade à catedral, situada um pouco à direita, e onde se celebrava um serviço religioso acompanhado do toque de sinos, apeou-se da sua carruagem e fez o percurso a, pé. Atrás dele vinha um regimento de cavalaria precedido dos seus cantores, um comboio de viaturas com feridos do recontro da véspera caminhava em sentido contrário. Os camponeses que o conduziam, entre gritos e chicotadas, corriam ladeando as carroças. Por cima das pedras espalhadas no caminho à guisa de pavimento, as viaturas, cada uma delas com três ou quatro feridos, rins sentados outros estendidos, lá iam cambaleando ladeira acima. Lá dentro, os feridos, pernas e, braços entrapados, pálidos, de lábios apertados e sobrancelhas franzidas, fincavam-se nos taipais, atirados uns contra os outros. Quase todos ficavam a olhar, numa curiosidade entre infantil e ingénua, o chapéu branco e o fraque verde de Pedro.

O cocheiro de Bezukov vociferava, colérico, contra os postilhões do comboio, exigindo-lhes que formassem fila de um só lado da estrada. Cantando, o regimento de cavalaria que descia a encosta, ao cruzar com a carruagem de Pedi-o, interceptou-lhe o caminho. Pedro parou, comprimindo-se contra o talude que marginava o caminho talhado na encosta. Tão abrupto era o local que o sol ainda não atingira a estrada profunda.

Fazia frio e estava húmido. Lá no alto, por cima da sua cabeça, brilhava uma bela manhã de Agosto e um jucundo carrilhão ressoava pelo espaço além. Uma das viaturas cheia de feridos parou à beira da, estrada, mesmo ao lado de Pedro. O postilhão de laptis, acorreu, ofegante, atirou uma pedra para debaixo das rodas traseiras e pôs-se a ajustar os arneses do cavalicoque.

Um dos feridos, soldado idoso, com um braço ao peito que seguia a pé, atrás do carro, agarrou-se a ele com a mão sã e voltou-se para Pedro.

— Que há, paisano? Vão deixar-nos para aqui a criar bolor ou vamos para Moscovo? — disse ele.

Pedro tão absorto estava nos seus pensamentos que não compreendeu a pergunta. Ora olhava para o regimento de cavalaria agora junto do comboio ora para a viatura que se detivera ao pé dele e onde jaziam três feridos, dois sentados e um prostrado, e afigurava-se-lhe que aqueles desgraçados lhe davam a solução

do problema que o preocupava.

Um dos que estavam sentados devia ter sido atingido na cara, Tinha o crânio completamente envolto em trapos e uma das faces inchada a tal ponto que parecia a cabeça de um recém-nascido. O nariz e a boca estavam disformes. Relanceou o olhar para a igreja e persignou-se. O outro, um recruta jovem, louro e de pele branca, que dir-se-ia não ter já gota de sangue na cara afilada, olhava para Pedro com um sorriso bondoso desenhado nos lábios. O terceiro estava deitado de bruços e não se lhe podia ver a cara. Os cantores a cavalo passavam nesse momento diante da viatura parada.

«Oh! Liquidada... cabeça de ouriço-cacheiro... para o estrangeiro é o caminho...» Destacavam bem nitidamente as palavras de uma canção de soldados.

Como a responder-lhes, mas num tom de uma jovialidade muito diferente, repicavam lá no alto as notas metálicas do carrilhão. E alegres também, mas ainda de outra alegria, os raios ardentes do Sol inundavam os píncaros dos montes que coroavam o outro lado da estrada.

Entretanto, do lado em que estava Pedro, junto da viatura com os feridos e o cavalicoque extenuado, continuava escuro, húmido e triste.

O soldado da cara inchada olhou furioso para os cantores.

— Olhem para eles, para estes presumidos — exclamou mal-humorado.

— Hoje em dia já lhes não bastam os soldados, recrutaram também os camponeses! Guerra com eles! — murmurou com um sorriso triste o soldado estacionado junto da viatura, dirigindo-se a Pedro. — Nesta altura tudo lhes serve. Toda a gente lhes serve! Moscovo... Não se fala doutra coisa. E cada qual que se governe! É o que eles querem.

Apesar da pouca nitidez destas palavras, Pedro compreendeu o que elas queriam dizer e acenou com a cabeça, aprovador.

A estrada ficou desimpedida. Pedro voltou a descer a encosta e subiu para a carruagem disposto a continuar o seu caminho ia olhando de quando em quando ora para um ora pura outro lado da estrada. à procura de alguma cara conhecida, mas apenas se lhe deparavam militares desconhecidos, de diversas armas, que todos, por igual, pasmavam diante do seu chapéu branco e do seu fraque verde.

Umas quatro verstas andadas viu, finalmente, alguém conhecido, a quem tratou de interpelar com grande satisfação. Era, um médico, militar de alta patente, que vinha na sua britctka, em sentido contrário ao da carruagem de

Pedro. Acompanhava-o um médico jovem. Ao reconhecer o viajante, fez sinal ao cossaco que lhe servia de cocheiro para que se detivesse.

— Conde! Excelência! Que faz o senhor aqui? — inquiriu o médico.

— Queria ver isto...

— Sim, sim, tem muito que ver...

Pedro apeou-se do seu carro e pôs-se a contar-lhe como resolvera assistir à batalha.

O médico aconselhou-o a que se dirigisse directamente ao Sereníssimo.

— Só Deus sabe onde o senhor estaria bem durante a batalha sem ser reconhecido — disse ele, trocando um olhar com o seu jovem companheiro. — No entanto, o Sereníssimo conhece-o e estou certo de que o aconselhará de bom grado. Sim, é o que tem a fazer, meu caro.

O médico tinha um ar fatigado e parecia ter pressa.

— Então, acha? E também lhe queria perguntar onde fica a nossa posição — retorquiu Pedro.

— A nossa posição? — replicou o médico. — Isso não é da, minha competência. Depois de passar Tatarinovo verá, andam aí a remover muita terra. Suba ao cabeço. Daí poderá ver qualquer coisa.

— Então pode ver-se dali?... Se o senhor...

O médico interrompeu-o e apontou para a britchka.

— Acompanhá-lo-ia com gosto, mas, Deus meu!, estou até aqui — disse, com a mão na garganta. — Vou, numa carreira, ao encontro do comandante do corpo. E o senhor sabe como estas coisas são entre nós, conde... Amanhã travar-se-á a batalha. Em cem mil combatentes temos de contar muito por baixo com vinte mil feridos. E não temos macas, nem camas de campanha, nem enfermeiros, nem médicos que cheguem para seis mil. Contamos com dez mil viaturas, mas ainda é preciso mais alguma coisa. Arranja-te como puderes!

E Pedro, então, pensou que de entre aqueles milhares de homens na plenitude da vida, de perfeita saúde, jovens e velhos, que ao passar se punham a observar-lhe o chapéu com galhofeira surpresa, pelo menos vinte mil estavam votados ao sofrimento e à morte e muito bem podia acontecer que a esse número pertencessem exactamente aqueles que acabava de ver.

«Talvez morram amanhã mesmo; como podem eles pensar noutra coisa que não seja a morte?» E de súbito, mercê de uma associação misteriosa de ideias, viu

diante de si a encosta de Moiaisk e as viaturas carregadas de feridos e ouviu o som dos sinos e entreviu os raios oblíquos do Sol e tornou a ouvir as canções dos cavaleiros.

«O regimento de cavalaria caminha para o combate e os soldados cruzam o comboio dos feridos e nem por um segundo lhes vem à cabeça o que os espera e ao passarem ao lado deles piscam o olho a este e àquele. E, embora vinte mil vão ao encontro da morte, o meu chapéu diverte-os! Que estranho!», dizia Pedro de, si para consigo enquanto seguia direito a Tatarinovo.

Junto de uma casa senhorial, à esquerda da estrada, aglomeravam-se carruagens, galeras e uma chusma de impedidos e sentinelas. Era ali que estava instalado o Sereníssimo. Mas à hora em que Pedro chegava, tanto ele como quase todo o seu estado-maior encontravam-se ausentes. Assistiam todos ao serviço religioso. Pedro prosseguiu na direcção da Gorki.

Ao chegar ao alto da encosta, e quando atravessava a ruazinha da aldeia, viu pela primeira vez camponeses milicianos, de cruz na barretina e camisa branca, que falavam alto e riam, cobertos de suor, em grande animação, cavando à direita da estrada, num cabeço coberto de relva.

Uns abriam trincheiras à picareta, outros acarretavam terra em carrinhos de mão por cima de pranchas assentes no solo e outros ainda nada faziam.

Dois oficiais postados no cabeço dirigiam os trabalhos. Ao veios camponeses, muito contentes na sua nova profissão de soldados, Pedro lembrou-se dos feridos de Mojaisk e compreendeu então o que queriam dizer as palavras do militar. «Toda a gente lhes serve!» E a vista daqueles homens barbados, trabalhando no campo de batalha, com as suas botifarras estranhas, as nucas reluzentes de suor, os colarinhos desabotoados, com as ossudas clavículas à mostra, produziu em Pedro uma impressão mais forte que tudo o que observara e ouvira até então sobre a solenidade v a importância do momento.

[XXI]

Pedro apeou-se da carruagem, e, passando diante dos milicianos entregues à sua tarefa, trepou ao cabeço, donde, na opinião do médico, podia ver-se o campo

de batalha.

Eram onze horas da manhã. O Sol, um pouco à esquerda e na retaguarda de Pedro, através do ar puro e sereno. Iluminava vivamente o imenso panorama acidentado que diante dele se estendia como um grande anfiteatro.

A esquerda, e cortando esse anfiteatro, serpenteava, subindo, grande estrada de Smolensk que atravessava a aldeia, com a sua branca igreja, situada junto do cerro, a quinhentos passos dele, Era Borodino. A estrada, depois da aldeia, transpunha uma ponte e, através de uma série de descidas e subidas, encaminhava-se, serpeando, para o povoado de Valuieva, que se via a umas seis verstas de distância, agora nas mãos de Napoleão. Depois de Valuieva a estrada perdia-se no meio de uma floresta que amarelecia no horizonte. Nesta mata de álamos e abetos, à direita da estrada, brilhava, ao sol, a cruz e o campanário distantes do Mosteiro de Kolotcha. Nessa longínqua linha azulada, à direita e à esquerda da floresta, surgiam, aqui e ali, o fumo das fogueiras dos acampamentos e a massa indistinta das tropas russas e francesas. À direita, ao longo dos rios Kolotcha e Moskva, o terreno era entrecortado de barrancos e colinas. Ao longe, nesses barrancos, descobriam-se as aldeias de Bezubovo e de Zakarino. A esquerda a região era menos acidentada e viam-se aí searas de trigo e as ruínas fumegantes da aldeia de Semionovskoie, que fora incendiada.

Tudo o que Pedro dali descobria, quer à direita, quer à esquerda, era tão vago que nem de longe correspondia ao que ele esperava. Não via em parte alguma o campo de batalha com que contava, mas apenas campos lavrados, clareiras, tropas, florestas, fogueiras de acampamentos, aldeias, cerros, rios e, por mais que procurasse com os olhos, não conseguia distinguir as tropas russas das francesas naquela paisagem buliçosa.

«Tenho de perguntar a uma pessoa competente», dizia de si para consigo, e dirigiu-se a um oficial que, cheio de curiosidade, examinava a sua corpulenta figura nada marcial.

— Quer ter a bondade de me dizer — principiou ele — que aldeia é aquela ali em frente?

— Burdino, não é? — replicou o oficial, voltando-se para um dos seus camaradas.

— Borodino — corrigiu o outro.

O oficial, que pelos vistos parecia contentíssimo daquela oportunidade de dar à

língua, aproximou-se de Pedro.

— Ali são os nossos? — perguntou Pedro.

— Sim, e lá adiante, mais longe, os Franceses — tornou o oficial. — Lá adiante, lá muito adiante, está a ver?

— Onde? Onde?

— Vêem-se perfeitamente à vista desarmada. Lá adiante.

O oficial apontou para os penachos de fumo que se descobriam à esquerda, para lá do rio, enquanto se lhe pintava no rosto uma expressão preocupada e grave, expressão que Pedro já notara em muitos outros rostos.

— Ah!, são os Franceses! E lá adiante? Pedro apontava para um monte, à esquerda, em volta do qual se viam tropas.

— São os nossos.

— Ah!, os nossos! E lá, ali, mais adiante — apontou para outro cabeço mais afastado, com uma grande árvore, junto de um povoado assente numa dobra do terreno: ao lado subia no ai, fumo dos bivaques e viam-se manchas escuras no solo.

— Ali também é «ele» — disse o oficial. Tratava-se do reduto de Chevardino. — Ontem éramos nós quem ali estava e agora é «ele».

— Então onde fica a nossa posição?

— A nossa posição! — exclamou o oficial, com um sorriso satisfeito. — Posso descrever-lha com todos os pormenores, pois fui eu quem levantou quase todas as fortificações. Pois, o nosso centro fica ali, em Borodino, lá adiante. — Apontava para a aldeia da igreja branca, em frente deles. — Ali é o vau do Kolotcha. Vê, lá adiante, onde se descobrem, ainda no horizonte, aquelas medas de palha? Ali fica a ponte. É o nosso centro. O nosso flanco direito fica por aqui. — E apontava uma fractura do terreno, escarpada e profunda, na extrema direita.— Acolá é o no Moskva e ali construímos três redutos fortíssimos. O nosso flanco esquerdo... — Neste ponto o oficial calou-se. — Sabe?, é difícil de explicar... Ontem o nosso flanco esquerdo estava ali, em Chevardino, lá adiante, onde se divisa um carvalho. Mas agora retirámos para a retaguarda a ala esquerda. Afirme-se naquela aldeia e naquela fumarada. É Semionovskoie. E além — acrescentou, apontando para o cabeço de Raievski.— Mas não é natural que a batalha venha a travar-se ali. O inimigo fez deslocar para aqui as suas tropas por manha. É de esperar que trate de nos envolver pela direita, em direcção ao Moskva. Mas, seja como for, o certo é que amanhã muitos dos nossos ficarão ali!

Um velho sargento, que se aproximara enquanto o oficial falava, esperava, em silêncio, que o superior acabasse, mas quando ele chegou a este ponto, naturalmente pouco satisfeito com o que ouvia, interrompeu o oficial para dizer, bruscamente:

— É preciso ir buscar os cestões.

O oficial pareceu perturbado, como se compreendesse que, se podia pensar que no dia seguinte faltariam muitos dos seus camaradas, não lhe era dado falar no caso.

— Bem, manda outra vez a 3ª companhia — replicou o oficial imediatamente. — E o senhor, quem é o senhor? Não é médico?

— Não, estou aqui apenas por curiosidade — retorquiu Pedro. F pôs-se de novo a descer o cabeço, tornando a passar diante dos milicianos.

— Oh, malditos! — exclamou o oficial, que o seguia, enquanto tapava o nariz, e apressava o passo.

— Aí estão eles! Trazem-na, lá vêm... Lá estão... Daqui a bocado estão aí... — exclamaram, ao mesmo tempo, várias vozes, e oficiais, soldados e milicianos correram para a estrada.

Uma procissão, que saíra da Igreja de Borodino, subia a encosta. A frente, pela estrada poeirenta, marchava alinhada a infantaria, de barretinas na mão e espingardas de coronha ao alto. Lá para trás ouviam-se cânticos religiosos.

Soldados e milicianos passaram por Pedro, de cabeça descoberta, ao encontro dos que chegavam.

— Trazem a nossa Santa Mãe! A nossa protectora!... A Virgem Iverskaia.

— Não. É a Santíssima Virgem de Smolensk — corrigiu outro.

Tanto os milicianos que estavam na aldeia como os que trabalhavam na bateria, largando as pás, correram ao encontro da procissão. Atrás do batalhão seguia a cleresia de casula; o padre, ia velhinho, de solidéu, acompanhado dos acólitos e dos chantres.

Atrás deles vinha um grupo de soldados e de oficiais que carregavam um grande ícone, de rosto escuro, todo paramentado. Era o ícone que viera de Smolensk e acompanhava agora o exército. Em volta dele, por todos os lados, caminhava, corria, prosternava-se uma chusma de soldados de cabeça descoberta.

No alto da colina o ícone estacou. Os homens que o traziam aos ombros revezaram-se, os acólitos tornaram a acender os incensórios e deu-se começo a

uma cerimónia religiosa de acção de graças, Os raios ardentes do Sol dardejavam, mas os cabelos das cabeças descobertas e as fitas que enfeitavam a imagem agitavam-se à brisa fresca. Os cânticos ressoavam debilmente na vasta curva dos céus. Grande multidão de oficiais, soldados, milicianos, todos de cabeça descoberta, rodeava a imagem. Atrás do padre e do acólito, num espaço livre, viam-se os oficiais de alta patente. Um general calvo, com a cruz de S. Jorge ao peito, mesmo atrás do sacerdote, sem se persignar, o que queria dizer que era alemão, esperava, pacientemente, que as orações terminassem, sentindo-se obrigado a assistir a elas, pois reanimavam e patriotismo do povo russo. Outro general, que assumira uma atitude marcial, ia fazendo sucessivos sinais da cruz, enquanto olhava para um lado e para o outro. Pedro, no meio dos camponeses, identificou entre aquelas altas personalidades alguns conhecidos seus, mas não lhes prestou a mínima atenção, todo entregue a observar a grave expressão dos soldados e dos milicianos, de olhos fitos na imagem numa espécie de ávida exaltação. Quando os chantres, fatigados, principiaram a entoar arrastadamente — era a vigésima vez que o faziam — a invocação «Santa Mãe de Deus, salva os Teus escravos da desgraça», e o padre e o diácono repetiram: «Todos a Ti acorremos como a um muro inquebrantável, rogando-Te que Te amerceies de nós», em todos os rostos se via essa mesma expressão, essa mesma compenetração na solenidade do momento, por ele observada já na encosta de Mojaisk e em muitas pessoas com quem se cruzara nessa manhã. As cabeças pendiam cada vez mais para o chão, os cabelos esvoaçavam ao vento, ouviam-se profundos suspiros e os constantes sinais da cruz ecoavam na arca do peito dos fiéis.

De súbito, a multidão que rodeava o ícone afastou-se, arrastando Pedro. Alguém se aproximava, sem dúvida da mais alta categoria — a avaliar pela pressa com que todos abriam alas.

Era Kutuzov, que acabava de inspeccionar a posição. De regresso a Tatarinovo, quisera assistir àquela cerimónia religiosa. Pedro reconheceu-o imediatamente graças à sua figura particular, muito diferente de todas as outras.

De comprido redingote, que lhe envolvia a enorme corpulência, as costas arqueadas, a cabeça branca descoberta, o olho vazado na face de carnes flácidas, o passo balanceado e trôpego, chegou e deteve-se precisamente atrás do padre. Persignou-se maquinalmente, baixou-se quase até tocar no solo com a mão e,

depois de soltar um profundo suspiro, deixou pender sobre o peito a cabeça branca. Bennigsen e a sua comitiva seguiam-no. Apesar da presença do general-chefe, que desde logo chamara a atenção de todos os oficiais superiores, os soldados e os milicianos, sem olharem para ele, continuavam a rezar.

Quando a cerimónia religiosa acabou, Kutuzov aproximou-se do ícone, deixou-se cair pesadamente sobre os joelhos, prosternou-se quase até ao chão e de novo tentou pôr-se de pé. Levou tempo a consegui-lo, mercê da sua corpulência e da fraqueza em que estava. Os esforços que fazia para se erguer comunicavam-lhe à cabeça branca movimentos sacudidos. Conseguiu levantar-se finalmente, e depois de beijar o ícone, estendendo os lábios num bochecho infantil e ingénuo, de novo se inclinou tocando a terra com a mão. Todos os generais fizeram o mesmo, imitando-o, depois foram os oficiais e em seguida, acotovelando-se e atropelando-se uns aos outros, no meio de exclamações e expressões comovidas, chegou a vez dos soldados e dos milicianos.

[XXII]

Surgido pela multidão, que o atirava de um lado para o outro. Pedro ia olhando à sua roda.

Conde Pedro Kirillitch, que está aqui a fazer? — exclamou uma voz.

Pedro voltou-se. Bóris Drubetskoi, sacudindo os joelhos que sujara no chão, naturalmente ao prosternar-se diante do ícone. Aproximou-se dele, sorrindo. A elegância da sua farda não excluía o ar marcial do militar em campanha. Vestia uma longa túnica tinha um pingalim a tiracolo, tal qual como Kutuzov, Entretanto o general-chefe regressara à aldeia e sentara-se à sombra da casa mais próxima, num banco que um cossaco trouxera a pressa e outro cossaco cobrira com um tapete. Rodeava-o uma brilhante e imensa comitiva.

O ícone fora levado para mais longe aos ombros da multidão. Pedro detivera-se a uns trinta passos de Kutuzov a conversar com Bóris.

O conde Bezkikov expunha-lhe o seu desejo de assistir à batalha e examinar a posição.

— É o que o senhor vai fazer — disse-lhe ele. — Eu faço-lhe as honras do

campo. Verá, tudo melhor dali: acolá está também o conde Bennigsen. Estou adstrito ao seu quartel. Preveni-lo-ei, E se quiser percorrer a posição, irei consigo. Vamos agora precisamente ao flanco esquerdo, Não tardamos, e, queira aceitar o meti tecto para passar a noite, jogaremos uma partida. Conhece não é verdade, Dimitri Sergueievitch? Está aqui instalado — acrescentou, apontando para a terceira casa de Gorki.

— O que eu gostava de ver era o flanco direito. Dizem que é, muito forte — observou Pedro. — Gostava de percorrer toda a posição a partir do Moskva.

— Está bem, isso pode ser depois, o principal é o flanco esquerdo...

— Sim, sim. E onde fica o regimento do príncipe Bolkonski, poderia indicar-me a sua posição?

— O de André Nikolaievitch? Vamos passar diante dele, levá-lo-ei lá.

— Que me diz do flanco esquerdo? — perguntou Pedro.

— Para lhe falar verdade, entre nós, o nosso flanco esquerdo está numa triste situação — disse Bóris, baixando a voz, confidencialmente. — O conde Bennigsen esperava uma coisa completamente diferente. Propôs que se fortificasse aquele cabeço, lá adiante. Era outra coisa. Mas — acrescentou, encolhendo os ombros — o Sereníssimo não quis, ou fizeram-no mudar de ideias. Porque...

E Bóris não concluiu a frase. Nesse mesmo instante aproximava-se Kaissarov, o ajudante-de-campo de Kutuzov.

— Eh, Paissi Sergueievitch! — exclamou ele, dirigindo-se ao recém-chegado com a maior desenvoltura.— Estou tratando de explicar ao conde a nossa posição. É assombroso como o Sereníssimo pode, prever com tamanha exactidão as intenções dos Franceses.

— Refere-se ao flanco esquerdo? — disse Kaissarov.

— Sim, sim, precisamente. O nosso flanco esquerdo está agora fortíssimo.

Embora Kutuzov tivesse afastado do seu estado-maior todos os inúteis, Bóris conseguira manter-se no quartel-general, tornando-se adido ao conde Bennigsen. Este, como todos os generais com que ele servira, considerava Drubetskoi homem de grande valor

No alto comando do exército haviam-se formado dois partidos bem definidos: o de Kutuzov e o de Bennigsen, chefe do estado-maior. Bóris pertencia a este último partido e, embora mostrasse diante de Kutuzov um respeito servil pela sua pessoa, não perdia a oportunidade de fazei, compreender que o velho não passam

de um medíocre e que era Bennigsen quem tinha o supremo comando de tudo. Chegava agora o momento decisivo da batalha que devia ou aniquilar Kutuzov, que transmitiria a autoridade a Bennigsen, ou então, no caso de Kutuzov ganhar a bata-lha, dar a entender que fora Bennigsen quem tudo fizera. Em qualquer caso, no dia seguinte distribuir-se-iam importantes distinções e haveria numerosas promoções. E não era outra a razão por que Bóris nesse dia estava tão agitado.

Depois de Kaissarov, outros conhecidos de Pedro vieram ao seu encontro, e de tal modo o assediaram que muito dificilmente podia responder a todas as perguntas que lhe faziam sobre Moscovo ou então dar ouvidos a todas as histórias que lhe contavam. Em todos os rostos havia emoção e desassossego, Mas a Pedro afigurava-se-lhe que esta, emoção era geralmente provocada por motivos de interesse puramente pessoal e não pode deixar de se lembrar, a propósito disto, da exaltação que vira noutros rostos, a qual não provinha do roais pequeno interesse pessoal, mas do interesse geral relacionado com uma questão de vida ou de morte. Kutuzov acabou por descobrir a rotunda pessoa de Pedro e o grupo que o cercava.

— Chamem-no — ordenou.

Um ajudante-de-campo transmitiu o desejo do Sereníssimo. Pedro dirigiu-se para o banco do general. Um miliciano, soldado raso, adiantou-se-lhe, porém. Era Dolokov.

— Como é que este indivíduo se encontra aqui? — perguntou Pedro.

— Tipos como este têm sempre maneira de meter o nariz em toda a parte! — responderam-lhe. — Foi degradado. Tem de se fazer valer. Parece que apresentou diversos projectos e que de noite se introduziu rias linhas inimigas... Digam o que disserem, é um valente!...

Pedro, descobrindo-se, saudou Kutuzov respeitosamente.

— Pensei — ia dizendo, entretanto. Dolokov — que, se expusesse este projecto a Sua Excelência, me poderia mandar embora ou então que esta história já era sabida... De maneira que não me consideraria diminuído se...

— Bem! Bem!

— E se tiver razão, prestarei assim um serviço à minha pátria, pela qual estou pronto a dar a vida.

— Bem, muito bem!

— E se Sua Excelência precisar de um homem sem medo de dar o corpo ao

manifesto, peço-lhe que se lembre de mim... Talvez possa vir a ser útil a Sua Excelência.

— Bem... Muito bem... — repetia Kutuzov mirando Pedro, como em confidência, com o seu olho risonho.

Nesse momento, Bóris, habilíssimo cortesão, aproximou-se para estar nas proximidades de Bezukov, na vizinhança imediata do grande chefe, como se fosse a coisa mais natural deste mundo, e, em voz baixa e como se prosseguisse uma conversa interrompida, disse a Pedro:

— Os milicianos vestiram camisas brancas, muito limpas, para se prepararem para a morte. Que heroísmo, conde!

Bóris pronunciara estas palavras para ser ouvido, evidentemente, pelo Sereníssimo. Sabia que Kutuzov prestava ouvidos a todos estes pormenores, e na verdade voltou-se para ele:

— Que estás tu a dizer da milícia? — perguntou. — Excelência, para se prepararem para o dia de amanhã, para morte, vestiram camisas brancas.

— Oh!... Que povo admirável, que povo incomparável! — exclamou o general-chefe, fechando os olhos e abanando a cabeça. Que povo incomparável! — repetiu, suspirando.

— Com que então quer sentir o cheiro da pólvora? — acrescentou, dirigindo-se a Pedro. — Sim, realmente, é um cheiro agradável. Tenho a honra de ser um adorador da senhora sua mulher. Como está ela? O meu acampamento está à sua disposição.

E, como amiúde acontece com os velhos, Kutuzov olhou em torno de si, preocupado, como se já não se recordasse do que queria dizer ou fazer.

Lembrando-se, naturalmente, do que procurava, fez um sinal a André Sergueievitch Kaissarov, irmão do seu ajudante-de-campo.

— Como são então esses versos de Marin, como são eles? Sim, os que ele escreveu sobre Guerakov: «Serás mestre no teu regimento...» Recita lá um bocado. E Kutuzov preparava-se para uma boa risada.

Kaissarov fez-lhe a vontade... Kutuzov, divertidíssimo, acenava com a cabeça a compasso.

Quando Pedro se afastou do general-chefe. Dolokov veio ao seu encontro e travou-lhe do braço.

— Tenho muito prazer em encontrá-lo aqui, conde — disse-lhe em voz alta,

com o ar decidido e solene que lhe era natural e sem se preocupar com a presença de estranhos. — Na véspera do dia em que só Deus sabe qual de rios ficará com vicia, tenho muito gosto em aproveitar esta oportunidade para lhe dizer que lamento o mal-entendido havido entre nós e que espero que não tenha razão de queixa contra mim. Peço-lhe que me perdoe.

Pedro, sorrindo, olhava para ele sem saber que responder-lhe. Dolokov, com os olhos cheios de lágrimas, abraçou e beijou Pedro. Bóris disse qualquer coisa ao seu general e o conde Bennigsen propôs a Pedro que o acompanhasse na inspecção às linhas.

— Será interessante para si — disse-lhe ele.

— Sim, muito — respondeu Pedro.

Meia hora depois, Kutuzov voltava para Tatarinovo e Bennigsen e a sua comitiva, de que Pedro fazia parte, dirigiram-se para o campo de batalha.

[XXIII]

De Gorki, Bennigsen e a sua escolta desceram a estrada real até à ponte que o oficial apontara a Pedro do alto do cabeço como sendo o centro da posição, e junto da qual medas de feno recém-cortado embalsamavam o ar— Atravessada a ponte, penetraram na aldeia de Borodino, voltaram à esquerda e, passando diante de tiro grande aglomerado de tropas e peças de artilharia, chegaram à vista de um cabeço onde milicianos revolviam a terra. Era o reduto, ainda por baptizar, mas que depois viria a chamar-se o «reduto Raievski» ou a «bateria do cabeço».

Pedro não prestou a isto qualquer atenção especial, ignorava que aquele local se tornaria o ponto mais memorável de todo o campo de batalha. Em seguida atravessaram a ravina defronte de Semionovskoie, donde os soldados levavam os restos do madeiramento das isbás e dos secadores de sementes. Final— mente, subindo e descendo encostas e atravessando campos de centeio arrasados, como se sobre eles tivesse caído granizo, meteram pelo novo caminho, recentemente aberto pela artilharia ao longo dos trilhos de um campo lavrado, e chegaram às «flechas» que se andavam ainda a abrir.

Bennigsen deteve-se ali e pôs-se a olhar em frente para o reduto de

Chevardino, que ainda na véspera pertencia aos Russos, e onde se viam alguns cavaleiros. Os oficiais diziam que devia ser Napoleão ou Murat. Toda a gente olhava avidamente o grupo de cavaleiros. Pedro fez o mesmo, tentando perceber qual deles poderia ser Napoleão. Pouco depois, o grupo descia do cabeço, desaparecendo.

Bennigsen, dirigindo-se a um general que se aproximava, pôs-se a explicar-lhe a posição das tropas russas. Pedro ouvia-o, num esforço de inteligência, tentando compreender o essencial da futura batalha, mas, a pesar seu, verificou que o não podia acompanhar. Decididamente, não estava em condições de perceber, Bennigsen, quando acabou de falar, notou a expressão de Pedro.

— Suponho que isto o não interessa — disse-lhe ele, bruscamente.

— Pelo contrário! É muito interessante! — repetiu Pedro, que não era completamente sincero.

Das «flechas» tomaram mais à esquerda por um caminho que serpenteava através de uma mata de álamos muito espessa, mas de pouca altura. No meio dessa mata apareceu de repente, saltitando, uma lebre parda de patinhas brancas. Assustada com o ruído das patas de tantos cavalos, de tal modo se alarmou que por muito tempo foi correndo e pulando diante dos cavaleiros, que riam a bom rir, e só quando alguns lhe gritaram abandonou o caminho, embrenhando-se no mato. Depois de terem cavalgado umas duas verstas entre folhagem, chegaram a uma floresta onde estavam reunidas as tropas do corpo de Tutchkov, que se destinavam a apoiar o flanco esquerdo.

Neste local, no extremo do flanco esquerdo. Bennigsen ficou a falar por muito tempo e animadamente e a Pedro afigurou-se-lhe que ele tomava nessa altura importantes disposições do ponto de vista militar. Diante das tropas de Tutchkov havia um monte. Esse monte não estava ocupado. Bennigsen lamentou em voz alta este erro, dizendo ser insensato deixar assim, sem qualquer guarnição, um ponto que dominava o terreno, colocando-lhe tropas no sopé. Alguns generais foram da mesma opinião. Um deles, com ardor bem militar, disse que aquilo era como mandar animais para o matadouro. E Bennigsen, de sua iniciativa, deu ordens para que no monte fossem colocadas tropas.

Esta medida, tornada no flanco esquerdo, ainda mais concorreu para que Pedro duvidasse da sua capacidade, para compreender os problemas estratégicos. A respeito deste pormenor — as tropas no sopé da encosta — estava pronto a dar

razão às críticas de Bennigsen e dos generais, mas eis o que o levava a compreender ainda menos como pudera cometer um erro tão evidente quão grosseiro aquele que as mandara colocar ali.

Não subia Pedro que aquelas tropas não tinham sido ali colocadas para defesa daquela posição, como pensava Bennigsen, mas precisamente para preparar uma armadilha, naquele lugar oculto, isto é, para que não fossem vistas e pudessem assim cair de surpresa sobre o inimigo num momento determinado. Bennigsen ignorava também este pormenor e, de acordo com os seus pontos de vista particulares, alterava as disposições tomadas sem informar disso o general-chefe.

[XXIV]

Precisamente naquela clara noite de 25 de Agosto estava o príncipe André deitado num telheiro desmantelado da aldeia de Kniazkovo, no extremo limite do local destinado ao seu regimento. Apoiado sobre o cotovelo, pousava os olhos, através das paredes desconjuntadas, numa fila de álamos dos seus trinta anos, cujos ramos inferiores haviam sido cortados e que se perdia na distância, e nos campos lavrados, no meio dos quais havia molhos de aveia dispersos, e nos arbustos onde se perdia o fumo das fogueiras em que os soldados preparavam o rancho.

Embora a vida lhe parecesse naquele momento mesquinha, inútil e penosa, tal qual como sete anos antes, em Austerlitz, na véspera da batalha, o príncipe sentia-se emocionado e nervoso.

Recebera e transmitira ordens para a batalha do dia seguinte. Nada mais tinha que fazer. No entanto agitavam-no os pensamentos mais simples, mais claros, e por consequência mais sinistros. Sabia que a batalha que se preparava seria a mais terrível de quantas assistira até então e a possibilidade de morrer apresentava-se-lhe pela primeira vez na sua vida com toda a simplicidade e todo o horror, despojada de toda a espécie de relações com o que era vivo, alheia a todas as considerações acerca do efeito que poderia causar nos outros, coisa que lhe dizia apenas respeito a ele próprio, e a sua própria alma, numa acuidade de visão extraordinária, quase como uma certeza. E lá do alto a que subiam os seus

pensamentos tudo o que outrora o havia atormentado ou preocupado surgia-lhe banhado numa espécie de luz fria e branca, sem sombras, sem perspectiva, sem contornos definidos,

Toda a sua vida lhe aparecera por muito tempo como que projectada por Lima lanterna mágica através de um vidro e a uma luz artificial. E agora via, de súbito, sem qualquer interposição de vidros, à clara luz do dia, esses quadros grosseiramente coloridos. «Sim, sim, aqui estão elas, essas miragens enganosas que tanto me emocionaram, exaltaram e fizeram infeliz; dizia a si próprio, fazendo perpassar pela imaginação toda a fantasmagoria da existência e vendo-a agora a esta branca e fria luz do nítido pensamento da morte. Ei-las, essas figuras grosseiramente iluminadas que então me pareciam tão belas e misteriosas. A glória, o bem público, o amor de uma mulher, a própria pátria, quão grandes que pareciam essas belas coisas, com que profundo sentido elas se me apresentavam! E afinal como tudo isso é mesquinho, pálido, miserável, a clara e fria aurora desta manhã que está nascendo em mim!», Retinham-lhe o pensamento sobretudo as três grandes dores da sua existência: o seu romance de ai-flor, a morte do pai e a invasão francesa, que alcançara já metade da Rússia, «O amor!... Aquela garotinha que se me afigurava rica de forças misteriosas! Sim! E eu amava-a. Entretinha com ela poéticos sonhos de amor, de felicidade mútua. Pobre rapaz!», exclamou, de súbito, em voz alta, com uma amarga ironia, «E depois? Acreditava em não sei que amor ideal que ma conservaria fiei todo o ano que estaria ausente. E ela acabaria por se consumir, como a meiga pomba da fábula, esperando, esperando sempre. Ai de mim! É tudo muito mais simples... Tudo é muito mais simples e muito mais repugnante!

«Meu pai também, ao instalar-se em Lissia Gori, pensava que aquele pedaço do mundo lhe pertencia, que a terra, o ar, os camponeses, tudo era dele. Mas aparece Napoleão, e, sem sequer saber que ele existia, varre-o para a rua como a um grão de poeira e a sua Lissia Gori e toda a sua existência caíram por terra, E a princesa Maria diz que tudo são provações que vêm do alto, Para quê tais provações se ele já não existe e nunca mais voltará a existir? Nunca mais voltará! A pátria, a perda de Moscovo! Mas, quem sabe?, matar-me-ão, e talvez nem sequer um francês, mas um dos nossos, como o soldado que ainda ontem descarregou a espingarda mesmo ao pé da minha cabeça. E os Franceses chegarão depois, e pegar-me-ão pelos pés e pela cabeça e atirarão comigo para dentro de

uma vala para que eu não venha a cheirar mal. E depois novas condições de vida surgirão tão naturais para os que vierem como as antigas, e eu já não as conhecerei já não serei deste mundo.»

Fitou a mata de álamos, os seus ramos amarelos imóveis, as suas folhas verdes e a sua casca branca que brilhava ao sol. «Já que temos de morrer, bom, então que me matem... amanhã... que eu desapareça... Que tudo isto continue a existir, mas para mim tudo acabe.» Via com toda a nitidez a vida sem que ele já lá estivesse. E aqueles alamos brancos com a sua luz e a sua sombra, e aquelas nuvens desgrenhadas e o fumo dos acampamentos, tudo se transformou, de súbito, para ele, ganhando um aspecto terrível e ameaçador, Foi tomado de um arrepio. Levantou-se, saiu do telheiro e pôs-se a caminhar.

Atrás do telheiro ressoaram umas vozes.

— Quem vem lá? — perguntou o príncipe André.

Timokine, o capitão de nariz rubicundo, ex-comandante da companhia de Dolokov, então, por virtude da falta de oficiais, comandante de batalhão penetrou timidamente no telheiro. Atrás dele vinham um ajudante-de-campo e o tesoureiro do regimento.

André voltou a penetrar no telheiro e ouviu o que eles tinham a dizer-lhe relativamente ao serviço, deu-lhes ainda algumas instruções e preparava-se para os despedir quando ouviu lá fora uma voz sua conhecida, que resmungava.

— Irra! — dizia a voz do homem, que tropeçara em qualquer coisa.

André olhou lá para fora e viu Pedro, que ia caindo ao tropeçar numa viga que estava no chão, encaminhando-se para ele. Em geral era com desagrado que voltava a ver criaturas do seu meio, e Pedro especialmente, pois lhe recordava todos os dolorosos momentos por que passara aquando da sua última estada em Moscovo.

— Ah, és tu?! — exclamou ele. — Que te traz por aqui? Não esperava ver-te.

Ao pronunciar estas palavras, tios seus olhos e em toda a sua fisionomia havia mais do que frieza, havia mesmo hostilidade, e Pedro deu por isso. Este vinha na melhor disposição de espírito, mas, ao ver o ar nada acolhedor do amigo, sentiu-se embaraçado e pouco à vontade.

— Vim... Sim... Sabe... vim porque me interessa — disse Pedro, que já repetira nesse dia muitas vezes que aquilo o interessava. — Quis ver a batalha.

— Ah, sim? E que dizem da guerra os irmãos maçons? Não a puderam impedir?

— disse o príncipe André com ironia. — E que há por Moscovo? Como está a minha família? Já chegaram, finalmente? — acrescentou em tom mais grave.

— Sim, já chegaram. Disse-me Júlia Drubetskaia. Quis visitá-los, mas não os encontrei. Tinham partido para a quinta dos arredores.

[XXV]

Os oficiais queriam retirar-se, mas o príncipe André, como para evitar ver-se só com o amigo, pediu-lhes que ficassem para tomar chá. Trouxeram bancos e serviu-se o chá. Os oficiais iam observando, não sem espanto, a enorme e maciça pessoa de Pedro, ouvindo as histórias que ele contava de Moscovo e a descrição que fazia da posição das tropas russas, que acabava de visitar, André não abria a boca e a sua expressão era tão desagradável que Pedro se dirigia de preferência a Timokine, o heróico comandante de batalhão.

— Então compreendeste a disposição das tropas? — perguntou-lhe o príncipe André, interrompendo-o de súbito.

— Compreendi! Ou antes — acrescentou Pedro — , como não sou da profissão, não posso dizer que tenha compreendido completamente, mas apreendi o plano geral.

— Então sabes mais que ninguém — tornou-lhe o príncipe André.

— Ah! — exclamou Pedro, estupefacto, mirando-o através dos vidros das lunetas. — E que pensa da nomeação de Kutuzov?

— Agradou-me muito, é tudo quanto te posso dizer.

— Bom, e que opinião tem de Barclay de Tolly? Diz-se tanta coisa dele em Moscovo, santo Deus! Que pensa dele?

— Pergunta a estes senhores — replicou o príncipe André, apontando para os oficiais.

Pedro, com o sorriso indulgente que toda a gente tinha quando se dirigia a Timokine, interrogou-o com os olhos.

— Foi a luz que brilhou para rios, Excelência, o aparecimento do Sereníssimo — disse Tiryiokine, timidamente, sem deixar de olhar para o seu coronel.

— Porquê? — inquiriu Pedro.

— Sim, posso falar-lhe, por, exemplo, da lenha, da forragem. Quando principiámos a recuar, depois de Sventsiani, que ninguém se lembrasse de apanhar um cavaco de lenha, um braçado de palha ou fosse o que fosse. E certo é que, rios íamos embora, e o inimigo, ficava com tudo, não é verdade, Excelência? — acrescentou dirigindo-se ao seu príncipe. – Mas ai de nós de o fizéssemos!

«Por esse motivo no nosso regimento foram julgados dois oficiais em conselho de guerra. Quando o Sereníssimo chegou, porém, tudo se tornou muito simples. Vimos a luz...»

— Porque é que o general proibia?

Timokine pôs-se a rebolar os olhos, muito confuso, sem saber como responder a esta pergunta. Então Pedro dirigiu-se ao príncipe André.

— Para não arruinarmos o território que abandonámos ao inimigo — replicou este, com uma entoação de amarga ironia. — É justo: não pode consentir-se que as tropas saqueiem o país e os soldados se habituem a roubar. Já em Smolensk, o pensar que os Franceses podiam vir por ai abaixo e que dispunham de forças superiores às nossas, vira as coisas com equidade. O que ele não pode compreender, no entanto — gritou, subitamente, fazendo vibrar a sua voz fina — o que ele não pode compreender e que nós nos batemos pela primeira vez em defesa da terra russa, que as nossas tropas lutam com uma coragem que eu lhes não conhecia, que durante dois dias seguidos detivemos os Franceses e que a nossa resistência nos duplicara, as forças. E apesar disso deu ordem de retirada e foram baldados todos os nossos esforços e todas as nossas perdas. Naturalmente não queria trair-nos, procurava arranjar as coisas da melhor maneira, calculara tudo Mas exactamente por isso é que nada vale. Nada vale hoje precisamente por tudo ter previsto, prudente e cauteloso como bom alemão que é. Como hei-de explicar-te?... Supõe que teu pai tinha um criado alemão, um criado excelente, que adivinhava todos os seus pensamentos melhor do que tu próprio. E, como é natural, deixarias que ele continuasse a servi-lo. Mas supõe que teu pai adoecia gravemente, então tratarias de o pôr de lado e serias tu, com as tuas mãos desajeitadas e inexperientes, que cuidarias dele e muito melhor do que, um estranho, por mais hábil que fosse. Ora foi assim que procederam para com Barclay. Enquanto a Rússia esteve de perfeita saúde, qualquer estrangeiro podia servi-la, e este era um excelente ministro, mas desde que a sua vida corre perigo, é de um homem do seu sangue que ela precisa. Lá no teu meio, no teu clube,

acharam que ele era um traidor. Caluniando-o dessa maneira é que depois se envergonharão dos juízos temerários que sobre ele ousaram, acabando por fazer dele um herói ou um génio, coisa ainda mais injusta. É um alemão honrado e meticuloso...

— No entanto, dizem que é um cabo-de-guerra muito hábil — contraveio Pedro.

— Não sei o que isso quer dizer — continuou o príncipe André, sorrindo.

— Um hábil cabo-de-guerra é aquele que prevê todas as eventualidades... que adivinha as intenções do adversário.

— É impossível! — replicou André, como se não pudesse haver dúvidas a tal respeito.

Pedro fitou-o, estupefacto.

— Há quem diga, no entanto — voltou ele — que a guerra é como que uma partida de xadrez.

— Talvez — replicou o príncipe André —, mas com esta pequenina diferença: que no xadrez, antes de mexeres uma pedra, te é dado pensares o tempo que quiseres, o tempo não urge: e com esta diferença ainda: que o cavaleiro é sempre mais forte que o peão, que dois peões são sempre mais fortes do que um, enquanto na guerra um batalhão às vezes é mais forte que uma divisão e outras mais fraco que uma companhia. Ninguém é, competente para conhecer a força relativa das tropas. Acredita no que te digo: se o resultado dependesse das medidas tomadas pelos estados— maiores, eu teria ficado no estado-maior e aí daria as minhas ordens, mas é aqui, neste regimento, que eu e estes senhores temos a honra de servir; é de nós, realmente, em minha opinião, que depende o dia de amanhã e não deles... O êxito nunca dependeu, nunca dependerá, nem da posição, nem do armamento, nem mesmo do número de tropas, sobretudo nunca dependeu da posição.

— Então de que depende?

— Do sentimento íntimo que existe em mim, naquele — apontou para Timokine —, no sentimento íntimo de cada soldado.

O príncipe André olhava fixamente para Timokine, que, por sua vez, fitava o seu comandante com olhos assustados e estupefactos. Em vez de calado e sorumbático, como habitualmente, o príncipe André parecia agora extremamente agitado. Percebia-se que não podia deixar de exprimir os pensamentos que lhe

acudiam em tropel.

— Ganha a batalha quem decide firmemente ganhá-la. Porque perdemos nós a batalha de Austerlitz? As nossas baixas eram quase iguais às dos Franceses, mas tínhamos dito a nós próprios cedo de mais que seríamos vencidos e na verdade fomos. E se o dissemos é porque não tínhamos porque rios bater ali: só queríamos abandonar o campo de batalha quanto mais depressa melhor. «A batalha está perdida, tratemos de fugir!» E demos ás de vila-diogo. Se assim não tivéssemos falado muito antes do fim da jornada, só Deus sabe o que teria acontecido. Amanhã não diremos a mesma coisa. Dizes tu que a nossa posição, a do flanco esquerdo. é fraca, que o nosso flanco esquerdo é extenso de mais. Tolices, tudo tolices, isso nada quer dizer. Que nos espera amanhã? Haverá milhões de possibilidades diversas, infinitamente variadas, que num momento dado farão que os deles ou os nossos homens desatem a fugir, que este ou aquele seja morto. Mas a verdade é que tudo quanto neste momento se faça não passa, de uma brincadeira, Na realidade, esses com quem til visitaste a posição, em vez de ajudarem a marcha geral das operações, estão a entravá-la. Só uma coisa os preocupa: os seus pequeninos interesses pessoais.

— Num momento destes?! — indignou-se Pedro.

— Sim, num momento destes — continuou o príncipe André. — Este momento, para eles, é apenas o momento em que lhes é possível minar a situação de um adversário e conseguir mais uma cruz ou mais uma palma. Quanto a mim, eis como a situação se apresenta amanhã. Cem mil russos vão defrontar cem mil franceses. É um facto que estes duzentos mil homens se vão bater e que sairão vencedores aqueles que se mostrem mais encarniçados mi luta e que menos se compadeçam de si próprios. E dir-te-ei mais: aconteça o que acontecer, sejam quais forem as maquinações dos chefes, seremos nós quem ganhará a batalha de amanhã. Amanhã, apesar de tudo, ganharemos a batalha.

— Excelência, essa é a pura verdade — pronunciou Timokine.— Será a altura de poupar vidas? Pode crer, os soldados do meu batalhão não quiseram beber vodka. «Não é dia para isso», disseram eles.

Todos ficaram calados. Depois os oficiais levantaram-se. O príncipe André acompanhou-os para dar as últimas ordens ao ajudante-de-campo. Assim que eles saíram, Pedro aproximou-se do príncipe André disposto a cavaquear com ele, quando, na estrada, a pequena distância do telheiro, se ouviu o trote de três

cavalos, e o príncipe André, relanceando os olhos nessa direcção, reconheceu Woltzogen e Clauzewitz, acompanhados de um cossaco. Tão perto passaram deles que puderam ouvir o que diziam: falavam alemão:

— É preciso que a guerra se espalhe. Não posso exprimir-lhe a elevada apreciação deste juízo — dizia um deles.

— Oh, sim! — replicou o outro. — Como o objectivo consiste em debilitar o inimigo, não se podem tomar em consideração as perdas de homens.

— Evidentemente — afirmou o primeiro.

— Sim, que a guerra se espalhe (Em alemão no texto original. (N, dos T)' — repetiu o príncipe André, numa expressão de cólera depois de eles passarem— Que eu tenha deixado um pai, um filho, uma irmã, em Lissia Gori, isso para eles não importa. Era o que eu te dizia, não serão estes senhores alemães quem ganhará amanhã a batalha: não farão outra coisa senão complicá-la em tudo que estiver nas suas mãos; naquelas cabeças não há senão raciocínios que não valem um ovo furado e àqueles corações falta-lhes a única coisa precisa para amanhã, aquilo que tem Timokine. Entregaram-lhe a «ele» toda a Europa e agora vêm dar-nos lições... Ricos mestres! concluiu numa voz áspera.

— Está então convencido de que se ganhará a batalha de amanhã? — inquiriu Pedro.

— Sim, estou — replicou o príncipe André, distraidamente. — Uma decisão tomaria, se tivesse poderes para tal: não fazer prisioneiros. Prisioneiros? Eis o que é cavalheiresco! Os Franceses saquearam-me a casa e tentaram destruir Moscovo. Ultrajaram-me e outra coisa não fazem senão ultrajar-me. São meus inimigos, e para mim todos são criminosos. E é assim que pensam Timokine e o resto do exército. É preciso castigá-los. Desde que são meus inimigos não podem ser meus amigos, apesar de tudo o que disseram em Tilsitt.

— Sim, realmente — replicou Pedro, olhando para o amigo com olhos brilhantes.— Estou completamente de acordo consigo.

Naquele momento o problema que preocupava Pedro desde a encosta de Mojaisk afigurou-se-lhe claro e fácil de resolver, Agora compreendia inteiramente o sentido e a importância da guerra que se travava e da batalha que ia dar-se. Tudo o que vira durante aquele da, aquela expressão grave dos rostos que observara ao passar pelos homens, se iluminou para ele de um novo esplendor. Compreendeu esse calor oculto, latente, como se diz em física, o calor do

patriotismo que emanava de toda essa gente e isso explicava-lhe porque todos, serena e por assim dizer despreocupadamente, se preparavam para morrer.

— Não fazer prisioneiros — prosseguiu o príncipe André — seria transformar a guerra e torná-la menos cruel. Em vez disso, não fizemos outra coisa senão brincar às guerras. E esse foi o erro: mostrámo-nos magnânimos, etc. Esta magnanimidade, este sentimentalismo, fazem-me lembrar a senhora que desmaia quando vê matar uma vitela. É tão boazinha que não pode ver correr sangue, embora seja capaz de comer com apetite essa mesma vitela servida com um molho saboroso. Falam-nos nos direitos da guerra, de cavalheirismo, de parlamentários, de humanidade para com os desgraçados e de outras coisas no mesmo género. Tudo isso são tolices. Eu bem vi em 1805 todas essas lindas coisas, esse cavalheirismo, esse respeito pelos parlamentários.. Enganaram-nos, e nós, pela nossa parte, fizemos o mesmo. Saqueiam casas que lhes não pertencem, espalham dinheiro falso, e, coisa pior ainda, matam-nos filhos, pais, e depois vêm-nos falar das leis da guerra e da generosidade para com o inimigo. Não fazer prisioneiros, mas matá-los a todos e morrermos também! Aquele que chegou, como eu, a esta convicção, depois de ter passado pelos mesmos sofrimentos...

O príncipe André ia dizer ser-lhe indiferente que Moscovo viesse a ser ou não tomada, como o fora Smolensk, mas calou-se de chofre: um espasmo imprevisto lhe apertava a garganta. Deu alguns passos calado, mas nos seus olhos havia um brilho febril e os seus lábios tremiam quando retomou a palavra:

— ...Se não existisse esta falsa magnanimidade na guerra, não caminharíamos para a morte senão quando a morte fosse certa, como acontece hoje. Não haveria guerras com o pretexto de que Pavel Ivanitch ofendeu Mikail Ivanitch. Mas em compensação quando houvesse uma guerra como a de hoje então seria uma guerra a valer. E não haveria também grandes massas de tropas em acção, como agora. Todos esses westfalianos e todos esses hessianos que Napoleão traz consigo não o teriam seguido até à Rússia, e nós, pela nossa parte, não nos teríamos ido bater ia Áustria e na Prússia, sem mesmo saber por que razão. A guerra não é um divertimento, mas a coisa mais repugnante deste mundo. É preciso compreendê-la e não nos servirmos dela como uma brincadeira. É preciso aceitar seriamente, com austeridade, esta terrível necessidade. E daqui não há que sair, é preciso acabar Com a mentira: a guerra, sim, a guerra é a guerra e não um divertimento. De outro modo a guerra será um entretenimento próprio de ociosos e de espíritos

superficiais. A classe militar é das mais dignas, Mas que é a guerra? Que é preciso para se ter êxito nas operações militares? Quais são os costumes da sociedade militar? A finalidade da guerra é o homicídio; as suas armas são a espionagem, a traição, a ruína dos habitantes, o saque e o roubo organizados para manutenção do exército, a fraude e a mentira mascaradas como astúcias de guerra. Quais os costumes da classe militar? A supressão da liberdade sob o pretexto da disciplina, a ociosidade, a grosseria, a crueldade, a devassidão, a embriaguez, E, apesar de tudo, é uma classe superior, respeitada por todos. Todos os reis, à excepção do imperador da China, envergam o uniforme militar e as mais altas recompensas reservam-se para aquele que mais gente matou. Reúnem-se os soldados, como vai acontecer amanhã, para se chacinarem uns aos outros. Matar-se-ão e ficarão mutilados dezenas de milhares de homens e depois haverá cerimónias religiosas de acção de graças por se terem morto tantos homens, sem que, no entanto, se deixe de exagerar o número dos que se mataram, proclamando-se a vitória, dizendo que quanto maior o número de mortos mais retumbante esta será. Como é possível que Deus os ouça e os escute lá de cima? — clamou o príncipe André na sua voz colérica. – Oh, querido amigo, durante os últimos tempos muito penoso me tem sido viver! Vejo que principiei a compreender coisas de mais. Não é bom conhecer o homem os frutos da árvore do bem e do mal... Mas não será por muito tempo — acrescentou. — Parece que estás com sono e para mim também são horas de dormir. Bom, volta para Gorki — disse, de súbito.

— Oh! Não! — replicou Pedro, fitando André com os olhos ao mesmo tempo assustados e enternecidos.

— Vai-te, vai-te! É preciso dormir bem antes da batalha.

Aproximou-se rapidamente de Pedro, abraçou-o e beijou-o.

— Adeus! Vai-te embora! — exclamou. — Tornar-nos-emos a ver?...

Deu meia volta rapidamente e recolheu-se ao telheiro.

Estava escuro e Pedro não pôde ver se no rosto do príncipe André transparecia raiva ou ternura.

Pedro permaneceu um momento em silêncio sem saber se devia seguir o amigo ou retirar-se. «Não, não precisa de mim!», decidiu. «Também eu sei que é a última vez que nos vemos.» Soltou um fundo suspiro e regressou a Gorki.

O príncipe André, ao voltar ao telheiro, estendeu-se sobre uma manta, mas não pôde dormir.

Fechou os olhos. Imagens sobre imagens lhe perpassaram pela mente. O pensamento deteve-se-lhe por muito tempo e comovidamente numa delas. Uma noite, em Petersburgo. Natacha, muito animada e de rosto afogueado, contava-lhe como se perdera, no Verão anterior, andando a apanhar cogumelos, numa grande mata. E ia descrevendo-lhe, entrecortadamente, a floresta espessa, o que sentira, a conversa que tivera com um apicultor que encontrara ali; de vez em quando suspendia a narrativa para exclamar: «Não, não sei, não sei contar: não, não me pode compreender.» E ele tranquilizava— a, dizia-lhe compreendê-la muitíssimo bem; efectivamente sabia muitíssimo bem o que ela queria dizer. Natacha, porém, estava desolada por não ser capaz de exprimir como desejava a emoção poética que nesse dia lhe inundara a alma. «O velho era tão maravilhoso, estava tão escuro na floresta... e eram tão bondosos os seus... Não, não sei como dizer-lhe!», exclamava de novo, muito ruborizada e numa grande excitação. E André sorria agora com o mesmo venturoso sorriso com que então a olhara nos olhos. «Ah, compreendia-a perfeitamente. Sim, compreendia-a, e era isso mesmo que eu amava nela, essa alma que trasbordava, essa sinceridade, essa candura, essa alma que parecia não lhe caber no corpo... Sim, era essa alma que eu tão intensamente amava, que tão feliz me fazia... » E, de súbito, de novo se lembrou como terminara aquele idílio. «Aquele homem nada disto o embaraçava. Nada via, nada compreendia de todas estas coisas. Para ele era apenas uma garota bonita, um botãozinho, que nem sequer considerava digna de associar ao seu destino, Enquanto eu... no entanto, lá continua alegre e bem disposto.»

Como se se sentisse queimado por um ferro em brasa, André ergueu-se de um salto e principiou a andar de um lado para o outro diante do telheiro.

[XXVI]

No dia 25 de Agosto, véspera da batalha de Borodino, haviam chegado ao acampamento de Napoleão em Valuieva o prefeito do palácio imperial, Monsieurs de Beausset, e o coronel Fabvier, o primeiro vindo de Paris e o segundo de Madrid.

Depois de envergar o seu uniforme palaciano, Monsieur de Beausset principiou

por pedir que lhe trouxessem o embrulho que devia entregar ao imperador. Depois penetrou no primeiro compartimento da tenda imperial, e enquanto ia conversando com os ajudantes-de-campo ai presentes pôs-se a abrir a caixa que lhe trouxeram.

Fabvier, sem penetrar na tenda, detivera-se à entrada a cavaquear com os generais seus conhecidos.

O imperador Napoleão ainda, não saíra do seu quarto de, dormir, onde acabava de se arranjar. Resfolegando e espirrando, ia, voltando ora as espadaúdas costas ora a peitaça cabeluda para a escova coro que o friccionava o criado de quarto. Entretanto, outro criado, com o dedo no gargalo de um frasco, espargia de água-de-colónia o corpo bem tisnado do amo e lia-se no rosto que só ele estava em condições de saber em que sítio o devia pulverizar e quanto. Os cabelos curtos de Napoleão, molhados, empastavam-se-lhe na testa. Mas o rosto, embora balofo e amarelento, respirava bem-estar físico. «Vá, com firmeza, continue...», dizia ele., encolhendo-se e espirrando enquanto a escova o friccionava. Um ajudante-de-campo que penetrara na tenda para lhe comunicar o número de prisioneiros feitos no recontro da véspera, cumprida a sua missão, aguardava a ordem de se retirar — Napoleão, franzindo as sobrancelhas, olhava-o de soslaio.

— Não há prisioneiros — repetia ele — Deixam-se matar. Tanto pior para o exército russo. Vá, com firmeza, continue —, prosseguia ele, encolhendo o peito e apresentando ao criado os robustos ombros.

— Bem, mande entrar Monsieur de Beausset, assim como Fabvier — disse ao ajudante-de-campo, com um aceno de cabeça

— Sim, Sire. — E o ajudante-de-campo desapareceu.

Os dois criados vestiram num rufo o seu amo, o qual, envergando o uniforme azul da Guarda, se dirigiu para a antecâmara em passos rápidos e firmes.

Monsieur de Beausset, entretanto, dera-se pressa em instalar sobre duas cadeiras, mesmo em frente do focal por onde o imperador devia passar, o presente que trouxera da parte da imperatriz. Napoleão, porém, vestira-se tão depressa e surgira tão inopinadamente que não tivera tempo de preparar a surpresa como queria.

O imperador percebeu imediatamente que tramavam qualquer coisa e que a surpresa ainda não estava pronta. Não quis privar Monsieur de Beausset do prazer que antegozava. Fingiu não dar pela sua presença e fez sinal a Fabvier para

que se aproximasse. Napoleão ouviu, de sobrecenho carregado e sem nada dizer, os elogios do coronel à bravura e à dedicação das suas tropas que se haviam batido em Salamanca, na outra extremidade da Europa, e cujo único desejo era serem dignas do seu imperador, só receando uma coisa: não o satisfazer. O resultado da batalha não fora feliz. Napoleão, enquanto Fabvier falava, dirigiu-lhe algumas observações irónicas das quais se depreendia que, estando ele ausente, não era outro o resultado que esperava.

— Tenho de compensar isto em Moscovo. — comentou. — Até já — disse, e chamou De Beausset, que entretanto conseguira preparar a sua surpresa, instalando-a em cima de rima cadeira e cobrindo-a com um pano.

De Beausset fez uma reverência à francesa, como o sabiam os antigos servidores dos Bourbons, e aproximou-se com um sobrescrito na mão.

Napoleão colheu-o com jovialidade e puxou-lhe a ponta da orelha.

— Não perdeu tempo. Muito folgo. Então, que diz Paris? — acrescentou, ao mesmo tempo que no rosto, grave lhe transparecia uma expressão cheia de ternura.

— Sire, Paris inteiro lastima a sua ausência — replicou De Beausset cheio de a-propósito,

Posto Napoleão soubesse que aquelas ou quejandas palavras eram da praxe na boca de Monsieur de Beausset, e apesar de nos seus momentos de lucidez perceber que tudo aquilo era falso, a frase soou-lhe bem. E de novo se dignou puxar-lhe a orelha.

— Lastimo tê-lo obrigado a fazer uma tão longa jornada — disse ele.

— Sire, nunca esperei encontrá-lo senão às portas de Moscovo — replicou De Beausset.

Napoleão sorriu-se e, soerguendo a cabeça, lançou um olhar indiferente a sua direita. Um ajudante-de-campo aproximou-se rápido, e apresentou-lhe uma tabaqueira de ouro.

Napoleão pegou na caixa.

— Sim, teve sorte — disse ele, aproximando do nariz a tabaqueira aberta —, dentro de três dias, o senhor, que tanto gosta de viajar, vai ter ocasião de ver Moscovo. Naturalmente não contava visitar a capital asiática. Vai fazer uma linda viagem.

De Beausset inclinou-se reconhecido pela delicada atenção do seu soberano,

que lhe atribuía inclusivamente gostos de que ele nem sequer suspeitava.

— E isto que é? — interrogou Napoleão, ao reparar que toda sua comitiva tinha os olhos num objecto coberto com um pano.

De Beausset, com ligeireza de cortesão, recuou dois passos, sem voltar as costas, e retirou o pano ao mesmo tempo que dizia:

— Um presente para Vossa Majestade da parte da imperatriz. — Era um retrato, de cores vivas, pintado por Gérard, do filho de Napoleão e de Maria Luísa, a quem toda a gente, sem que se soubesse porquê, chamava rei de Roma.

A linda criança, cujo olhar lembrava o do Menino Jesus da Madona Sistina, jogava a emboca-bola. A bola era o globo terrestre e a forquilha que tinha na outra mão representava um ceptro.

Embora a intenção do pintor figurando o rei de Roma a perfurar o globo terrestre com uma forquilha não fosse muito clara, a alegoria agradara e parecera claríssima tanto aos olhos dos que tinham visto o quadro em Paris como aos do próprio Napoleão.

— O Rei de Roma! — exclamou ele, com um gesto gracioso. — Admirável!

Com essa facilidade tão dos italianos de mudarem de expressão a seu talante, aproximou-se do retrato com um ar ao mesmo tempo cismador e enternecido. Sentia que o que dissesse e o que fizesse naquele momento pertenciam à história. Em contraste com sua magnificência graças à qual seu filho podia jogar a emboca-bola com o próprio mundo, afigurava-se-lhe que o que de melhor tinha a fazer era mostrar uma expressão da mais singela ternura paternal. Os olhos velaram-se-lhe de lágrimas, aproximou-se, procurou com os olhos uma cadeira, que logo se apressaram a chegar-lhe, e sentou-se diante do retrato. A um ligeiro gesto seu, toda a gente saiu em bicos de pés, deixando o grande homem sozinho com os seus pensamentos.

Depois de permanecer algum tempo naquela muda contemplação, enquanto, sem saber porquê, percorria a rugosidade das tintas com a palma de uma das mãos, levantou-se e chamou De Beausset e o oficial de serviço. Deu ordem para que o retrato fosse colocado diante da tenda. Assim a velha Guarda não seria privada da grande ventura de ver o rei de Roma, filho e herdeiro do seu adorado imperador.

Como já o esperava, enquanto almoçava com Monsieur de Beausset, a quem concedera essa honra, ressoaram diante da tenda os gritos entusiastas dos oficiais

e dos homens da Guarda, que se haviam aproximado.

— Viva o Imperador! Viva o Rei de Roma! Viva o Imperador!

Findo que foi o almoço. Napoleão, na presença de De Beausset, ditou a ordem do dia ao exército.

— Curta e enérgica! — disse ele quando acabou de ler a proclamação, escrita de um só jacto, sem uma rasura.

A proclamação dizia:

> Soldados! Eis aqui a batalha que tanto desejáveis! A vitória depende de vós e é-nos indispensável; com ela teremos abundância, bons aquartelamentos de Inverno e um rápido regresso à pátria! Comportai-vos como vos comportastes em Austerlitz, em Friedland, em Vitebsk e em Smolensk e a posteridade recordara, orgulhosa, as vossas façanhas deste dia. Que se possa dizer de cada um de vós: este esteve na grande batalha de Moscovo.

— De Moscovo! — repetiu Napoleão, e, tendo convidado Monsieur de Beausset, grande amador de viagens, a acompanhá-lo no seu passeio, saiu da tenda e dirigiu-se para os cavalos, já selados.

— É muita bondade de Vossa Majestade — respondeu De Beausset ao convite de Napoleão, conquanto muito desejasse ir dormir e não soubesse montar a cavalo.

Napoleão acenou com a cabeça ao visitante e este não teve outro remédio senão acompanhá-lo. Quando o imperador saiu da tenda, recrudesceram as aclamações dos soldados da Guarda diante do retrato. Napoleão franziu o sobrolho.

— Tirem-no daí — disse ele, apontando para o retrato com um gesto majestoso e cheio de graciosidade. — Ainda é muito cedo para que essa criança veja um campo de batalha.

Cerrando os olhos e inclinando a cabeça. De Beausset soltou um profundo suspiro, como querendo significar que avaliava muito bem as palavras que o imperador acabava de pronunciar.

[XXVII]

Os historiadores de Napoleão contam que o imperador passou toda a manhã desse dia 25 de Agosto a cavalo, examinando o terreno, discutindo os planos que os marechais lhe apresentavam e transmitindo pessoalmente as suas ordens aos generais.

A linha primitiva dos Russos ao longo do no Kolotcha fora perfurada e uma parte dessa linha, a saber, o flanco esquerdo, depois da tomada do reduto de Chevardino, no dia 24, tivera de recuar. Essa parte não estava fortificada nem defendida por um curso de água e diante dela havia apenas uma planície descoberta e lisa. Era evidente, tanto para os observadores militares como para os leigos, que por ali os Franceses atacariam. Para isso não pareciam precisas quer tantas combinações, quer tantas preocupações e diligências da parte do imperador e dos seus marechais, bem como parecia dispensável essa alta capacidade muito especial a que se dá o nome de génio e que tanto gosto se exibir a Napoleão. Porém, os historiadores que mais tarde descreveram este acontecimento, as pessoas da sua comitiva e ele próprio pensavam de outra maneira.

Napoleão percorria o campo examinando atentamente a topografia, do local, abanava a cabeça ora para aprovar ora para rejeitar as sugestões que lhe faziam, sem nada dizer aos generais sobre a marcha secreta dos pensamentos que o levavam às suas decisões, e não lhes dava a conhecer senão as suas conclusões definitivas, já como ordens. A Davout, a quem chamava príncipe de Eckmühl, que propusera se contornasse o flanco esquerdo do inimigo, respondera simplesmente Napoleão que tal não devia fazer-se, e sem explicar porquê. Mas tendo o general Compans, encarregado de, atacar as flechas, emitido a opinião de que se fizesse marchar a sua divisão através da floresta, o imperador aprovou-o, embora o pretenso duque de Elchingen, isto é, Ney, se tivesse permitido observar que os movimentos através da floresta podiam ser perigosos e provocar a desordem nas fileiras.

Depois de examinar o terreno diante do reduto de Chevardino, o imperador quedou-se por momentos pensativo e silencioso, indicando, em seguida, os locais onde deviam ser instaladas no dia seguinte as duas baterias destinadas a atacar

a,’ fortificações russas e onde, a seu lado, deveria ser instalada a artilharia de campanha.

Depois de ter dado esta e outras ordens, regressou à sua tenda, e o dispositivo das tropas foi redigido por escrito e, ditado por ele. Os seus historiadores falam com grande entusiasmo e demais com grande respeito desse dispositivo.

ORDEM DE BATALHA

Dada no acampamento imperial, na retaguarda
de Mojaisk,
a 6 de Setembro de 1812

Ao amanhecer, as duas novas baterias, instaladas durante a noite no plaino do príncipe de Eckmühl, romperão fogo contra as duas baterias inimigas dispostas na sua frente.

Na mesma altura, o general Pernety, comandante de artilharia do 1º corpo, com as trinta bocas de jogo da divisão Compans e todos os obuses das divisões Dessaix e Friant, que avançarão, romperá fogo e inundará de granadas a bateria inimiga, a qual, deste modo, terá contra si vinte e quatro peças da Guarda, trinta da divisão Compans e oito das divisões Friant e Dessaix, Total, sessenta e duas bocas de fogo.

O general Foucher, comandando a artilharia do 3.` corpo, colocar-se-á, com todas as baterias de obuses dos 3º e 8º corpos, num total de dezasseis, em volta da bateria que bombardeia o reduto da esquerda, o que perfará um conjunto de quarenta bocas de fogo contra esta bateria.

O general Sorbier esta preparado para à primeira voz se dirigir com todas as baterias de obuses da Guarda contra uma ou outra das fortificações.

Durante este canhoneio, o príncipe Poniatowski dirigir-se-á, através da floresta, em direcção à aldeia e contornará

> a posição inimiga. O general Compans embrenhar-se-á na floresta para tomar o primeiro reduto.
>
> Uma vez a batalha começada desta sorte, as ordens serão dadas consoante os movimentos do inimigo.
>
> O canhoneio da esquerda iniciar-se-á assim que se ouvir o canhoneio da direita. Os atiradores da divisão Morand e das divisões do vice-rei, assim que virem principiado o ataque da direita, abrirão fogo muito intenso. O vice-rei ocupará a aldeia, transpondo as três pontes, e seguirá ao mesmo nível das divisões de Morand e de Friant, que, sob o seu comando, se dirigirão para o reduto e penetrarão na linha com as demais tropas.
>
> Tudo isto será feito com ordem e método e conservando sempre uma boa reserva de homens.

Este dispositivo, pouco claro e assaz confuso, se assim nos é permitido referirmo-nos, sem blasfémia, ao génio de Napoleão, encerrava quatro pontos, quatro disposições. Nenhum deles se podia cumprir nem nenhum foi cumprido.

A ordem dizia, em primeiro lugar, que as baterias instaladas no local escolhido pelo imperador, bem como as peças de Pernety e de Foucher, que a elas se deveriam associar, ou seja, na sua totalidade, cento e duas bocas de fogo, romperiam fogo e inundariam de granadas as flechas russas e o reduto. Eis o que era impossível, visto que dos locais designados os projécteis não Podiam alcançar as fortificações russas e estas cento e duas peças disparariam debalde até que um comandante, procedendo contra as ordens dadas, as mandasse avançar.

A sua segunda resolução determinava que Poniatowski se dirigisse à aldeia, através da floresta, para contornar a ala esquerda dos Russos. Eis o que não podia executar-se, e o não foi, pois a Poniatowski deparou-se-lhe, na floresta, Tutchkov, que lhe cortou o passo e o impediu de contornar a posição.

A terceira determinação dizia que o general Compans atravessaria a floresta para se apoderar da primeira fortificação. A divisão Compans não pôde apoderar-se desta fortificação e foi repelida, visto que, ao desembocar da floresta, se viu obrigada a alinhar sob um fogo de metralha que Napoleão não previra.

E a quarta, por fim: «O vice-rei ocupará a aldeia de Borodino transpondo as

três pontes, e seguirá ao mesmo nível das divisões de Morand e Friant, que, sob o seu comando, se dirigirão para o reduto e penetrarão na linha com as demais tropas.»

Tanto quanto é possível interpretar esta ordem, não quanto sua confusa redacção, mas de acordo com as tentativas feitas pelo vice-rei para a executar, devia ele atravessar Borodino à esquerda do reduto, enquanto as divisões Morand e Friant atacariam a frente ao mesmo tempo.

Esta ordem, assim como todos os outros pontos do dispositivo, não foi executada nem o podia ser. Depois de ter ultrapassado Borodino, o vice-rei foi repelido para o no Kolotcha e não pôde avançar mais: quanto às divisões de Morand e Friant, essas não tomaram o reduto, sendo esmagadas, e o reduto apenas foi tomado pela cavalaria no fim da batalha, circunstância que Napoleão naturalmente não previra. Assim, nenhuma das disposições preconizadas foi executada e não o podia ser. Lê-se ainda nesse documento que, uma vez iniciada a batalha de acordo com o dispositivo assente, ordens ulteriores seriam dadas, consoante os movimentos do inimigo. Era, portanto, de presumir que durante a batalha Napoleão desse todas as ordens necessárias. Ora tal não aconteceu, o que aliás seria impossível, visto que, como depois veio a saber-se, o imperador, durante o combate, se manteve tão afastado que não podia ter conhecimento do desenrolar da batalha e que nenhuma das suas ordens poderia ter sido executada.

[XXVIII]

Muitos historiadores garantem que a batalha de Borodino não foi ganha pelos Franceses devido a Napoleão, nesse dia, estar constipado, e que, se não fosse isso, as suas ordens anteriores à batalha e durante ela teriam sido ainda mais geniais, a Rússia teria sido derrotada e a face do mundo teria sido outra. Para os historiadores que admitem ser a Rússia obra da vontade de um único homem, de Pedro, o Grande, que a França se metamorfoseou de república em império e que os exércitos franceses penetraram naquele país graças à vontade de um só homem, de Napoleão, aceitar que a Rússia se manteve poderosa apenas porque o imperador estava muito constipado no dia 26 eis o que é raciocinar com toda a

lógica.

Se tivesse dependido da vontade de Napoleão travar ou não a batalha de Borodino, se dele dependesse tomar esta ou aquela disposição, é evidente que uma constipação, capaz, necessariamente, de influenciar as manifestações da sua vontade, podia ter sido a causa da salvação da Rússia e o criado de quarto que no dia 24 se esqueceu de dar umas botas impermeáveis ao imperador seria a esta hora, certamente, o nosso salvador. Nesta ordem de ideias, a conclusão é indiscutível, tão indiscutível como o gracejo de Voltaire ao atribuir a matança de S. Bartolomeu a uma indisposição de estômago de Carlos IX. Mas, para os homens que se recusam a admitir que os acontecimentos importantes possam ser a consequência da manifestação da vontade de um só homem, o argumento anterior, além de pura e simplesmente absurdo, é contrário a toda a verdadeira lógica humana. Quando se inquire da causa dos acontecimentos históricos, outra resposta pode dar-se, qual seja a que o caminho das coisas deste mundo está determinado antecipadamente, dependendo do concurso do livre arbítrio de todos os actores dos acontecimentos, não sendo senão externa e aparente a influência que sobre eles possam exercer os Napoleões.

Por estranho que pareça à primeira vista a asserção segundo a qual a ordem dada por Carlos IX para a matança de S. Bartolomeu só aparentemente dependeu da sua vontade, e que a batalha de Borodino, em que oitenta mil homens perderam a vida, não haja sido ordenada por Napoleão, embora tenha sido ele quem deu essa ordem e quem orientou os lances da batalha, pois apenas julgou fazê-lo, por mais ilógico que se suponha, a dignidade humana que nos diz que cada um de nós não é mais nem menos homem do que qualquer Napoleão leva-nos a admitir essa solução como uma hipótese, e as investigações históricas plenamente confirmam tal ponto de vista.

Na batalha de Borodino, Napoleão não disparou um único tiro (1 não matou quem quer que fosse. Foram os seus soldados quem tudo fez. Por consequência, não foi ele quem matou.

Os soldados do exército francês acorreram a matar o seu semelhante não para executarem ordens, mas de livre vontade, Todo o exército — franceses, italianos, alemães, polacos – esfomeado, esfarrapado, morto de fadiga, ao ver-se diante desse outro exército que lhe cortava o passo para Moscovo, teve a impressão de que «o que não tem remédio, remediado está», Se naquele momento Napoleão

tivesse proibido os seus soldados de se baterem com os Russos, tê-lo-iam matado a ele, e teriam ido bater-se fosse como fosse, visto isso ser inevitável.

Quando ouviram ler a ordem do dia de Napoleão, na qual lhes prometia, para os recompensar dos ferimentos e da morte, o orgulho, para a posteridade, de terem estado na batalha de Moscovo, gritaram. «Viva o Imperador!» exactamente como tinham gritado: «Viva o Imperador!» ao verem a criança que trespassava o globo terrestre com um taco de emboca-bola, e tal qual como o fariam de cada vez que lhes dissessem uma tolice do mesmo género. Outra coisa, não podiam fazer senão gritar: «Viva o Imperador!» e marchar para a batalha. Eis a única maneira, de virem a encontrar em Moscovo, depois da vitória, pão para a boca e descanso para o corpo, E eis como não foi por causa das ordens do seu amo que eles mataram o seu semelhante.

E também não foi Napoleão quem dirigiu a luta, visto nada se ter cumprido do dispositivo que ele traçara, e que ele próprio nada soube da marcha da batalha. Assim, pois, o facto de estes soldados terem chacinado o seu semelhante não veio a produzir-se por vontade de Napoleão, mas deu-se, sem sua intervenção, graças à vontade dessas centenas de milhares de homens que, intervieram no acontecimento. Bonaparte teve apenas a ilusão de, que tudo era obra de sua vontade. Por isso mesmo, o ter estado ,constipado ou não conta mais para a história que a constipação de qualquer dos seus mais modestos soldados.

A constipação de Napoleão no dia 26 de Agosto ainda se torna menos importante desde o momento em que são injustificadas as demonstrações dos historiadores ao dizerem ter sido por causa desta indisposição que as suas resoluções durante a batalha foram menos eficazes do que das outras vezes.

O dispositivo atrás citado não era pior do que os anteriores, era mesmo melhor que todos os que tinham servido para ganhar outras batalhas. As supostas ordens dadas por Napoleão durante o combate não eram piores que as precedentes, mas exactamente iguais. No entanto esse dispositivo e essas ordens pareceram piores porque a batalha de Borodino foi a primeira que Napoleão não ganhou. Os mais belos e mais profundos planos parecem sempre maus e os sábios estrategos criticam-nos com um ar proficiente sempre que acontece não terem levado à vitória; pelo contrário, parecem excelentes as mais contestáveis disposições, e os autores mais sérios não se cansam de lhes louvar os méritos, enchendo sobre eles volumes e volumes, desde que levaram à vitória.

O dispositivo de Weirother em Austerlitz era modelar no seu género; no entanto, foi desaprovado e desaprovaram-no precisamente por causa da sua perfeição, da minúcia dos seus pormenores.

Na batalha de Borodino, Napoleão desempenhou o seu papel de representante do poder tão bem ou melhor do que em qualquer das outras batalhas. Nada fez que prejudicasse a marcha dos acontecimentos. Tomou as medidas mais sensatas; não perdeu a cabeça, não caiu em qualquer contradição, manteve o sangue-frio e não fugiu do campo de batalha. Mercê do seu grande tacto e da sua experiência guerreira, soube desempenhar com calma e dignidade o papel de personagem fictícia de chefe supremo.

[XXIX]

Ao regressar da segunda e minuciosa inspecção das linhas, Napoleão disse:

— As pedras estão no tabuleiro, amanhã começará o jogo!

Deu ordem para que lhe servissem um ponche, e, chamando De Beausset, pôs-se a falar-lhe de Paris, das modificações que pensava fazer no palácio da Imperatriz, surpreendendo o prefeito com o facto de se lembrar das coisas mais insignificantes da corte.

Interessou-se por futilidades, entreteve-se a brincar com a mania que De Beausset tinha das viagens e a sua conversa era despreocupada como a de um cirurgião conhecedor do seu ofício e cheio de confiança em si que vai arregaçando as mangas e ajustando o avental enquanto colocam o paciente na marquesa.

«Tudo depende de mim e está claro e definido na minha cabeça. Quando chegar o momento de meter mãos à obra, ninguém fará melhor do que eu; por enquanto estou no meu direito de gracejar e quanto mais gracejo e estou sereno tanto mais deveis sentir-vos tranquilos e confiantes e tanto mais o meu génio vos causará admiração.»

Depois de ingerir o seu segundo copo de ponche, Napoleão foi descansar na expectativa do grave acontecimento que, como ele pensava, iria dar-se no dia seguinte.

O que se preparava preocupava-o de mais para o deixar dormir, e apesar da constipação, que se lhe agravara com a humidade da noite, às três horas da manhã entrou na grande sala da tenda assoando-se ruidosamente. Perguntou se os Russos não se haviam retirado. Responderam-lhe que as fogueiras inimigas se viam sempre no mesmo sítio. Bonaparte abanou a cabeça em sinal de aprovação.

O ajudante-de-campo de serviço penetrou na tenda.

— Então, Rapp, acha que faremos hoje um bom trabalho? — perguntou Napoleão.

— Sem dúvida nenhuma, Sire — replicou Rapp. Napoleão relanceou-lhe os olhos.

— Recorda-se, Sire, do que me deu a honra de me dizer em Smolensk? — voltou Rapp. — «O que não tem remédio, remediado está.»

Napoleão franziu as sobrancelhas e quedou-se por muito tempo calado, com a cabeça entre as mãos.

— Pobre exército — exclamou, de súbito — diminuiu muito desde Smolensk. A fortuna é uma verdadeira cortesã, Rapp, sempre o disse e começo a senti-lo. Mas a Guarda, Rapp, a Guarda mantém-se intacta? — perguntou ele.

— Mantém-se, sim, Sire — respondeu Rapp.

Napoleão pegou numa pastilha e levou-a à boca enquanto consultava o relógio. Não tinha sono; a madrugada ainda vinha longe, e para matar o tempo nem sequer tinha ordens a dar, pois todas as medidas estavam dadas ou postas em execução.

— Distribuíram os biscoitos e o arroz aos regimentos da Guarda? — inquiriu com severa expressão.

— Distribuíram, Sire.

— Mas o arroz?

Rapp disse ter sido ele próprio quem transmitira pessoalmente essas ordens, mas o imperador abanou a cabeça, com ar descontente, como se duvidasse. Um criado entrou com o ponche. Mandou que trouxessem outro copo para Rapp e, calado, pôs-se a saborear o ponche, bebendo gole a gole.

— Não tenho nem paladar nem olfacto — disse, cheirando o copo. — Esta constipação é insuportável. Estão sempre a falar em medicina. Que medicina é esta que não é sequer capaz de curar uma constipação? Corvisart deu-me estas pastilhas, mas para nada prestam. Poderão curar? É impossível curar. O nosso corpo é uma máquina de viver. Está organizado para isso, é da sua natureza; deixe-se nele a vida exprimir-se livremente, que ela própria se defenda: obrará maiores prodígios do que se a cumularmos de remédios. O nosso corpo é semelhante a um relógio perfeito com corda para um certo tempo; o relojoeiro não tem o poder de o abrir, mas apenas de o manusear às apalpadelas e de olhos vendados... O nosso corpo é uma máquina de viver, eis tudo.

E embalado nas definições, coisa tão do seu agrado, logo ali deu outra.

— Sabe o que é a arte da guerra, Rapp? — perguntou. — É a arte de ser mais forte do que o inimigo em determinado momento. Eis tudo.

Rapp não respondeu.

— Amanhã teremos de nos haver com Koutouzoff! — exclamou Napoleão. — Vamos a ver. Lembre-se: era ele quem comandava em Braunau e nem uma só vez em três semanas montou a cavalo para inspeccionar as fortificações. Vamos a ver!

Voltou a olhar para o relógio. Eram apenas quatro horas. Não tinha sono,

bebera o ponche e não havia mais que fazer. Levantou-se, pôs-se a passear de um lado para o outro, e, depois de vestir um redingote mais espesso, pegou no chapéu e saiu. A noite estava escura e húmida; do céu caía uma imperceptível cacimba. As fogueiras dos regimentos da Guarda, mesmo — ali, despediam uma luz ténue, e na distância, através da fumarada, viam-se brilhar as fogueiras das linhas russas. Tudo estava sossegado, ouvindo-se distintamente o ruído surdo e o tropear das tropas francesas já em marcha a caminho das suas posições.

Napoleão deu alguns passos, observou as fogueiras, apurou o ouvido ao tropear dos soldados e ao passar por diante de uma grande praça da Guarda, com a sua barretina de pelo, que fazia sentinela diante da sua tenda e se imobilizara como um poste negro assim que sentira chegar o imperador, parou diante dela.

— Há quanto tempo estás de serviço? — inquiriu nesse tom afectuoso, entre brusco e afável, que lhe era habitual sempre que se dirigia aos soldados.

A praça respondeu.

— Ah, um dos antigos! E arroz? Receberam arroz no regimento?

— Recebemos, majestade.

Napoleão moveu a cabeça e afastou-se.

Às cinco horas e meia, o imperador dirigia-se a cavalo para a aldeia de Chevardino.

Começava a clarear, o céu iluminava-se, havia apenas uma nuvem para este, As fogueiras abandonadas apagavam-se na débil claridade do amanhecer.

A direita ressoou um tiro de canhão, abafado e solitário, que se Propagou e perdeu no silêncio geral, Decorreram alguns minutos. Ouviu-se uma segunda detonação, depois uma terceira, estremecendo o ar. Uma quarta e uma quinta mais majestosas se ouviram mais perto, algures, para a direita.

Ainda as primeiras detonações se não haviam esbatido já outras se lhe sucediam, fundindo-se num reboar contínuo. Napoleão chegara com o seu séquito ao reduto de Chevardino e desmontara do cavalo. Principiara a partida.

[XXX]

Ao regressar a Gorki, depois de deixar o príncipe André, Pedro deu ordens ao

escudeiro para preparar os seus cavalos e acordá-lo às primeiras horas da madrugada, adormecendo acto contínuo, atrás de um biombo, no cantinho que Bóris lhe cedera,

Quando acordou, no dia seguinte, ninguém mais havia na isbá. Os vidros das janelas estremeciam, O escudeiro abanava-o.

— Excelência! Excelência!... — repetia este, obstinado, abanando-o pelos ombros, sem o olhar, como se tivesse perdido a esperança de o acordar.

— Hem? Já principiou? São horas?! — exclamou ele, finalmente.

— Ouvem-se os tiros — disse o escudeiro, antigo soldado. — Os outros senhores já se foram embora, e até o Sereníssimo passou há muito.

Pedro vestiu-se apressadamente e veio para o alpendre. A manhã estava clara e alegre. Havia frio e sentia-se a humidade da cacimba da noite. O Sol, que acabava de despontar, rompendo cortina de nevoeiro, projectava os seus raios, ainda entre nuvens, pelos telhados em frente, pela poeira da rua humedecida de orvalho, pelas paredes das casas, pelas aberturas da sebe, pelos cavalos de Pedro, que o aguardavam diante da isbá. O troar do canhão tornou-se mais distinto, Um ajudante-de-campo passou a trote acompanhado de um cossaco.

«São horas, conde, são horas!», gritou ele.

Depois de dar ordem ao criado para o seguir com o cavalo. Pedro meteu pelo caminho que conduzia ao cabeço donde examinara na véspera o campo de batalha. Um rancho de militares ali estava reunido, ouviam-se as conversas em francês dos oficiais do estado-maior, no meio dos quais alvejava a cabeça branca de Kutuzov, com a sua barretina alvadia, de banda vermelha, e a sua espessa nuca enterrada nos largos ombros. Perscrutava o horizonte com um binóculo, para os lados da estrada real.

Ao subir os degraus que davam acesso ao cabeço, Pedro olhou lá para baixo e quedou extasiado diante do espectáculo que se lhe oferecia. Era o mesmo panorama que contemplara na véspera, mas agora toda a campina estava coberta de soldados e de fumo, e os raios oblíquos do Sol, que se erguia por detrás e à esquerda de Pedro, inundavam-no, através da atmosfera diáfana da manhã, de uma deslumbrante luz dourada com resplendor rosado e grandes sombras negras. Os bosques longínquos que fechavam o panorama pareciam talhados numa pedra preciosa verde— amarelada e as suas encostas recortavam-se em linhas ondulosas, interceptadas por detrás de Valuieva pela estrada real de Smolensk,

toda coberta de tropas. Mais perto resplandeciam campos dourados e matas novas. Por toda a parte havia soldados: em frente, à direita, à esquerda. Tudo aquilo estava cheio de movimento, de majestade, de imprevisto, mas o espectáculo que mais chamou a atenção de Pedro foi o próprio campo de batalha, Borodino e o vale de Kolotcha, numa e noutra margem do rio.

Em Borodino, em ambas as margens do rio, e sobretudo a esquerda, na confluência de Voina, de margens alagadiças, desdobrava-se um véu de neblina, que se dissipava e se vaporizam ao calor do sol, imprimindo cores e contornos mágicos a tudo que deixava a descoberto. A este nevoeiro misturava-se a fumarada da pólvora, e por toda a parte, por cima dessas nuvens, se reflectiam os lampejos furtivos da luz matinal, dardejando a água, o orvalho e as pontas das baionetas que se acumulavam ao longo dos rios e na povoação. Através da neblina surgiam a branca igreja, aqui e ali os telhados das isbás, a espaços massas compactas de soldados, e, de onde em onde, armões pintados de verde e peças de artilharia. Tudo isto remexia, ou parecia remexer, emergindo da névoa que se estendia sobre essa vasta área. Tanto nos lugares baixos cobertos de neblina, nas imediações de Borodino, como fora daí, mais para cima, e sobretudo mais à esquerda das linhas, pelas matas, pelos campos, pelos vales e nos altos dos cabeços, apareciam a todo o momento novelos de fumo, umas vezes isolados, outras em turbilhões, agora mais longe, logo mais perto, inchando, engrossando, turbilhonando, misturando-se, enchendo o espaço.

Aqueles novelos de fumo e, por estranho que pareça, as detonações que os acompanhavam constituíam a beleza principal do espectáculo.

«Paf!», e de súbito lá surgia um circulo de fumo compacto, que se tingia de violeta, de cinzento e de um branco-leitoso. E um segundo depois «Bum!», ouvia-se o estampido.

«Paf! Paf!» Dois círculos de fumo se projectavam no ar, se entrechocavam, se confundiam. «Bum! Bum!» ouvia-se em seguida, e os estampidos confirmavam o que os olhos viam.

Pedro viu a fumarada redonda, suspensa no ar como um balão compacto, e logo, no seu lugar, mais balões que se alongavam.

«Paf!... » E daí a pouco, outra vez: «Paf! Paf!» Lá vinham mais três, quatro, com intervalos igualmente regulares: «Buum! Buum... Buum!» ecoavam, plenas e seguras, as majestosas detonações. Os novelos de fumo ora pareciam fugir ora dir-

se-ia imóveis, e então eram as matas, os campos, as baionetas faiscantes que fugiam. A esquerda, nos campos de lavoura e nas moitas, lá iam surgindo continuamente estes grossos novelos de fumo, acompanhados do seu estrondear solene, enquanto mais perto, junto das colinas e das matas, rebentava o fumozinho das espingardas, que não tinha tempo de se estender, formando bolas, e logo era seguido de breve crepitar. «Trá... tá, tá, tá... » matraqueava a fuzilaria, com intervalos rápidos mas irregulares e relativamente raros comparados com a detonação das peças de artilharia.

Pedro sentiu desejos de estar ali onde se viam esses novelos de fumo, essas baionetas faiscando, aquele movimento, aquele ruído. Relanceou os olhos a Kutuzov e ao seu séquito, como que a comparar as suas impressões com as deles. Todos estavam de olhos fitos no espectáculo do campo de batalha, tal como ele, e pensou que todos sentiam o que ele estava a sentir. Em todos os rostos resplandecia esse calor latente, que ele já tivera ocasião de ver na véspera, e que plenamente compreendera depois da sua conversa com o príncipe André.

«Vai, meu amigo, vai, que Cristo te acompanhe!», dizia Kutuzov, sem tirar os olhos do campo de batalha, para um general que estava a seu lado.

O general a quem fora dada esta ordem passou diante de Pedro, dirigindo-se para o fundo do cabeço.

«Ao vau!», exclamou fria e severamente o general a um dos oficiais do estado-maior que lhe perguntava aonde ia.

«E eu também, eu também vou», disse Pedro de si para consigo, e foi no encalço do general.

Este montou no cavalo que um cossaco lhe apresentou. Pedro abeirou-se do seu escudeiro, que mantinha os cavalos pela arreata. Perguntou-lhe qual deles era o mais manso, montou, agarrou-se-lhe às crinas, firmou-se na sela e deixou-se levar a galope, no meio da comitiva do general, provocando sorrisos entre os oficiais do estado-maior que o olhavam do alto do cerro.

[XXXI]

O general que Pedro seguia, depois de descer a encosta, voltou bruscamente

para a esquerda, e Bezukov, tendo-o perdido de vista. Precipitou-se no meio das fileiras dos soldados de infantaria que marchavam na sua frente. Tratou de se escapar no meio deles, primeiro avançando, depois voltando para a esquerda e em seguida para a direita, Para onde quer que se voltasse, só via soldados com a mesma expressão preocupada, entregues a um labor invisível, mas muito importante sem dúvida, Todos olhavam para aquele homem corpulento, de chapéu branco, que, sem necessidade, os atropelava com o seu cavalo, com um olhar ao mesmo tempo interrogador e descontente.

«Que vens tu fazer a cavalo para o meio do batalhão?», gritou-lhe um dos soldados.

Outro assentou uma coronhada no animal e Pedro, firmando-se no arção da sela, dominando a custo o cavalo, que tomara e, freio nos dentes, lá conseguiu desenvencilhar-se dos soldados, ganhando o espaço livre. Na sua frente estava uma ponte junto da qual outros soldados disparavam. Aproximou-se. Sem saber, estava na ponte do no Kolotcha, entre Gorki e Borodino, ponte que os Franceses, depois de tomarem esta última povoação durante a primeira fase da batalha, acabavam de atacar. Viu na sua frente a ponte e os soldados que faziam fosse o que tosse, de ambos os lados do no e na campina, no meio da fumarada, por entre as medas de palha em que não reparara na véspera. No entanto, não obstante o tiroteio intenso, não lhe veio à mente que se encontrava em plena batalha. Não ouvia as balas que assobiavam de todos os lados nem as granadas que lhe passavam por cima da cabeça; não via o inimigo na outra margem do rio, e levou tempo a perceber que eram mortos e feridos que caíam a seu lado. Olhava para tudo com o sorriso que lhe não saía dos lábios.

«Que anda aquele a fazer no meio das linhas?», gritou uma voz.

«A direita, à esquerda!», exclamaram outras vozes.

Pedro meteu pela direita e viu-se inopinadamente diante de um ajudante-de-campo do general Raievski, seu conhecido. O oficial mirou-o colérico e ia cobri-lo de injúrias quando o reconheceu, dirigindo-lhe um aceno de cabeça.

— Que está aqui a fazer? — interrogou ele, e continuou galopando.

Pedro, que sentia estar ali deslocado e que para nada servia, receoso de embaraçar ainda mais aquela gente seguiu a galope o ajudante-de-campo.

— Que aconteceu? Posso acompanhá-lo? — perguntou.

— Espere, espere! — replicou o ajudante-de-campo, e, depois de se dirigir a

um coronel gordanchudo parado no meio da campina, transmitiu-lhe uma ordem e voltou para junto de Pedro.

— Que veio aqui fazer, conde? — disse-lhe, sorrindo. — Por simples curiosidade?

— Pois, pois — disse Pedro.

O ajudante-de-campo fez meia volta e seguiu o seu caminho,

— Graças a Deus, isto aqui não é nada — disse ele —, mas no flanco esquerdo, o de Bagration, a coisa está feia.

— Realmente? — exclamou Pedro. — Onde é isso?

— Venha comigo ao cabeço. Lá de cima vê-se tudo muito bem, Na nossa bateria as coisas não vão mal. Bom, quer vir?

— Vou, vou consigo — replicou Pedro, olhando à volta a procura do escudeiro.

Foi então que pela primeira vez viu soldados feridos arrastando-se por seu pé ou levados em padiolas. Naquele mesmo prado, com as suas cheirosas medas de palha, por onde ele passara na véspera, jazia um soldado imóvel, com a cabeça voltada de forma estranha e cuja barretina rolara por terra.

«Porque não levaram este?», ia ele dizer, mas calou-se, reparando na severa expressão do ajudante-de-campo, que olhara para o mesmo sítio,

Não foi capaz de descobrir o escudeiro, e na companhia do ajudante-de-campo meteu pelo talude para atingir a encosta de Raievski. O seu cavalo, no rasto do do companheiro, balouçava-o cadenciadamente.

— Bem se vê que não está habituado a montar, conde — disse o ajudante-de-campo.

— Estou, mas este cavalo tem um trote muito duro — tornou Pedro, embaraçado.

— Oh!, espere... Está ferido na perna direita, acima do joelho. Naturalmente foi uma bala. Os meus parabéns, conde: o baptismo do fogo.

Ultrapassaram o sexto corpo no meio da fumarada, na retaguarda da artilharia, que, instalada na vanguarda, disparava ininterruptamente, com um matraquear ensurdecedor. E assim penetraram numa matazinha. Estava fresco ali, havia uma grande serenidade e sentia-se no ar esse cheiro especial do Outono. Pedro e o ajudante-de-campo desmontaram e subiram a pé a encosta.

— Está o general? — perguntou o ajudante-de-campo ao chegar ao cabeço.

— Ainda há pouco aí estava, mas foi para aquele lado — responderam-lhe,

apontando para a direita,

O ajudante-de-campo voltou-se para Pedro, como se não soubesse que destino dar-lhe.

— Não se preocupe — disse-lhe este — Se não há inconveniente, vou instalar-me lá em cima, no cabeço.

— Está bem, vá. Dali vê-se tudo e não é muito perigoso. Depois irei buscá-lo.

Pedro encaminhou-se para a bateria e o ajudante-de-campo prosseguiu o seu caminho, Nunca mais se viram e muito tempo depois Pedro veio a saber que nesse mesmo dia o seu companheiro ficara sem um braço.

O cabeço a que Pedro trepou veio a ser um lugar célebre — mais tarde conhecido entre os Russos pela «bateria de Raievski» e entre os Franceses por o grande reduto, o reduto fatal, o cabeço do centro —, e a sua volta tombaram dezenas de milhares de homens, considerando-o os Franceses como tendo sido a chave da posição.

O reduto era formado por trincheiras abertas nos três lados do cabeço. Dentro dessas trincheiras disparavam dez peças de artilharia que cuspiam metralha pelas canhoneiras abertas no parapeito.

Alinhadas de cada lado do cabeço havia outras peças que não cessavam de disparar. Um pouco à retaguarda estavam as tropas de infantaria. Quando Pedro ali chegou, nem por sombras lhe passou pela cabeça que aquelas trincheiras com aquele punhado de peças de artilharia representavam o ponto mais importante de toda a batalha.

Pelo contrário, precisamente porque ele ali se encontrava, pensava que devia ser uma das posições mais insignificantes. Assim que chegou instalou-se na extremidade da trincheira que contornava a bateria e pôs-se a observar, sorrindo, entre inconsciente e divertido, o que se passava à sua volta. Levantava-se, de tempos a tempos, sem deixar de sorrir. Fazia por não incomodar os soldados que carregavam as peças e as punham em posição, continuamente passando diante dele com sacos e projécteis. E por ali andava de passeio no meio da bateria. Os canhões continuavam a disparar, uns atrás dos outros, com um ronco ensurdecedor e enchendo tudo de fumo. Enquanto entre as tropas de infantaria encarregadas de proteger aquela posição se sentia uma espécie de mal-estar, ali, onde um pequeno número de homens, separados por um fosso de todos os demais, se entregava à sua tarefa, a animação era geral e comum, como se se tratasse de uma família.

A aparição de Pedro. à paisana e de chapéu branco, principiou por causar desagradável impressão naquela gente. Ao passarem diante dele olhavam-no de soslaio, com grande espanto e até com uma espécie de receio. Um oficial de artilharia, homem alto, trangalhadanças, aproximou-se de Pedro, fingindo querer verificar o funcionamento da peça do extremo, e fitou-o cheio de curiosidade.

Outro oficialzito, de cara redonda, pouco mais que uma criança, sem dúvida acabado de sair da escola militar, que andava a inspeccionar, cheio de zelo, as duas peças que lhe haviam sido confiadas, dirigiu-lhe a palavra, muito severo:

«Faça o favor de se afastar daqui. Não é permitido.»

Os soldados continuavam a abanar a cabeça, pouco satisfeitos. A verdade, porém, é que quando se convenceram de que aquele indivíduo de chapéu branco não estava ali a fazer mal algum, que apenas queria estar muito sossegado, sentado no barranco ou a passear na bateria com um sorriso tímido nos lábios, afastando-se delicadamente dos soldados para os não embaraçar, e tão calmo sob a metralha como se estivesse numa avenida, o sentimento de hostilidade que sentiam principiou a transformar-se numa simpatia afectuosa e levemente prazenteira, como a que os militares costumam mostrar por todos os animais Que aparecem junto do campo de batalha: cães, galos e bichos quejandos. Imediatamente os soldados acolheram Pedro como um dos seus e até desde logo lhe puseram uma alcunha, chamando-lhe «Nosso Senhor» e troçando dele amigavelmente.

Um projéctil rasgou o solo a dois passos de Pedro, o qual, sacudindo a poeira que lhe manchara o fato, olhou em volta de si, sorrindo.

— Com que então o senhor não tem medo? — exclamou um soldado, de ombros largos e cara vermelha, mostrando os seus grandes dentes brancos.

— E tu, tens medo, tu? — volveu-lhe Pedro.

— Mas é que... — tornou o soldado. — As balas não trazem endereço. Quando caem, até as tripas se nos arrepanham.

— Ninguém há que não tenha medo — acrescentou, rindo. Alguns soldados, de alegre e prazenteiro parecer, tinham-se-lhes juntado. Dir-se-ia esperarem que aquele senhor não falasse como toda a gente, e ao darem pelo engano rejubilavam.

«Nós, é a nossa obrigação. Mas ele, o senhor, caramba! Isto é que é um cavalheiro!»

— Para os seus postos —, gritou o oficialzito para os soldados que se tinham juntado em volta de Pedro.

Via-se que era a primeira ou a segunda vez que desempenhava as funções de oficial, por isso estava a ser tão exacto e formalista com as suas praças e diante dos seus superiores.

O troar dos canhões e a fuzilaria iam crescendo em todo o campo de batalha, especialmente à esquerda, onde ficavam as flechas de Bagration, mas do local onde Pedro estava quase nada se via por causa do fumo da pólvora que pairava no ar, Além disso, aquele pequeno grupo dos homens da bateria, por assim dizer uma pequena família isolada do resto das tropas, absorvia-lhe por completo a atenção. A primeira emoção, entre inconsciente e alegre, que lhe provocara o troar do canhão e o espectáculo que tinha diante dos olhos desaparecera e o que sentia agora era completamente diferente, sobretudo depois de ter visto aquele soldado solitário prostrado no meio do terreno. Do talude onde estava sentado deixava-se agora absorver de todo na contemplação dos seres humanos que o rodeavam.

Pelas dez horas, duas dezenas de homens tinham sido levados da bateria; duas peças haviam sido desmanteladas; e eram cada vez em maior número os projécteis que caiam ali e as balas perdidas que passavam zumbindo e assobiando. Os artilheiros, porém, dir-se-ia não darem por coisa alguma, continuando a trocar entre si ditos e zombarias.

«Aí vem uma de arromba!», gritou um deles ao ver aproximar-se um obus, que passou sibilando.

«Não é para nós, é para os da infantaria!», exclamava outro, soltando uma gargalhada, ao ver que o obus lhes passara por cima da cabeça e ia cair no meio das tropas de cobertura.

«Hem! Parece das tuas relações!», acrescentou um terceiro, dirigindo-se a um camponês que se atirara para o chão quando o projéctil se aproximou.

Alguns soldados vieram debruçar-se no parapeito perscrutando o que se passava diante deles.

«Estás a ver? Romperam as linhas. Recuaram!», diziam eles. «Tratem das vossas obrigações, rapazes!», gritou-lhes um velho sargento. «Se andaram para trás, é porque têm lá qualquer coisa que fazer.»

E o sargento, agarrando um deles pelo ombro, despediu-lhe uma joelhada. Romperam gargalhadas.

«Quinta peça! A postos!», soou uma voz de comando.

«Todos à uma! Arriba!», gritaram alegremente os que punham a peça em posição.

«Caramba! Por pouco lá ia o chapéu do Nosso Senhor!», gracejou o farsista de ventas coradas, mostrando os dentes brancos, ‚Aquilo é que é um animal!», acrescentou, furioso, dirigindo-se a uma bala que acabava de atingir ao mesmo tempo uma roda e a perna de um homem.

«Eh!, cachorros!», vociferou outro ao ver os milicianos todos curvados que penetravam na bateria para levar o ferido.

«As papas não estão de apetecer, hem? Eh, caguinchas, isso é que são dores de barriga!», gritavam para os mujiques especados diante do soldado com a perna decepada.

«Em que estado te puseram, meu rapaz!», acrescentavam, arremedando-os. «Disto é que eles não gostam!»

Pedro notava que quanto mais balas caíam e quanto maior o número de mortos e feridos mais crescia a excitação dos artilheiros.

Como se a tempestade se aproximasse, todos aqueles rostos estavam cada vez mais iluminados, num desafio de raios e coriscos, por um fogo oculto e esbraseante.

Pedro deixara de olhar para o campo de batalha e parecia não se importar já com o que se estava ai a passar. Aquela chama cada vez mais viva que lhe ia queimando a alma, a ele também, mais e mais se assenhoreava dele.

Às dez horas a infantaria que alinhava diante da artilharia nas bouças e nas margens do Karnenka bateu em retirada. Lá de cima, daquele posto, via-se toda aquela gente fugir, levando consigo os soldados feridos em cima das espingardas ensarilhadas. Então um general, acompanhado da sua comitiva, apareceu no cabeço. Disse qualquer coisa ao coronel e, lançando um olhar irritado a Pedro, voltou a retirar-se depois de ter dado ordem às tropas de cobertura, alinhadas atrás da bateria, para que se deitassem de barriga no chão, única forma de estarem menos expostas à fuzilaria. Pouco depois ouviu-se rufar o tambor nas fileiras da infantaria, à direita da bateria. Vozes de comando ressoaram e a coluna pôs-se em marcha para a frente.

Pedro lançou os olhos por cima do parapeito. Impressionou-o sobretudo a expressão de uma das caras: a do oficial que marchava de costas para os seus

homens, o rosto imberbe muito pálido, a espada baixa, olhando inquieto à sua volta.

A infantaria desapareceu no meio da fumarada e nada mais se ouviu além de prolongados clamores e tiroteio intenso, Alguns minutos depois surgiram dali muitos feridos, uns a pé, outros em padiolas. Os projécteis cada vez caíam mais numerosos sobre a bateria. Havia homens por terra, abandonados. Os artilheiros não tinham mãos a medir em volta das peças. Ninguém dava já pela presença de Pedro. Por duas ou três vezes vozes coléricas lhe gritaram que se afastasse. O comandante, de sobrancelhas franzidas, em grandes passadas precipitadas, ia de uma peça para outra.

O oficialzito, cada vez mais corado, dava ordens, ainda mais zeloso. Os soldados passavam com os projécteis, carregavam as peças, cumprindo a sua tarefa com admirável bravura, para um lado e para o outro, dir-se-ia impelidos por molas.

A nuvem tempestuosa aproximava-se e em todos os rostos ardia esse fogo intenso que Pedro via crescer, Estava ao lado do comandante. Entretanto, o oficialzito, com a mão na pala da barretina, aproximou-se do superior:

— Tenho a honra de o prevenir, meu coronel, de que apenas dispomos de oito cargas. Devemos continuar a fazer fogo? «Metralha!», gritou o coronel, que continuou a olhar para o parapeito, sem responder directamente ao subordinado. Subitamente, qualquer coisa de inesperado aconteceu. O oficialzito soltou um gemido rodopiando sobre si mesmo e caiu no chão como uma ave atingida em pleno voo, Diante dos olhos de Pedro correu uma cortina estranha, vaga e sombria.

Os projécteis assobiavam uns atrás dos outros, crivando o parapeito, os artilheiros e as peças. Pedro, que até ali não prestara a mais pequena atenção a esse ruído, agora não podia ouvir outra coisa. De um dos lados da bateria. à direita, corriam soldados gritando: «Hurra!», mas não marchavam em frente, antes retrocediam, segundo se afigurava a Pedro.

Um projéctil atingiu o rebordo do parapeito onde ele estava, cobrindo-o de terra. Uma bola negra lhe passou diante dos olhos e no mesmo instante ouviu-se uma pancada mole, Os milicianos que penetravam na bateria debandaram.

«Metralha em todos os canhões!», gritou o oficial,

Um sargento aproximou-se dele a correr e murmurou-lhe ao ouvido, cheio de pânico, que as munições tinham acabado. Dir-se-ia um mordomo anunciando ao

dono da casa, no meio de um banquete, não haver mais vinho para os convidados.

«Bandidos! Que estão eles aqui a fazer?», gritou um oficial, virando-se para Pedro.

Tinha o rosto corado e coberto de suor; os olhos, cavados nas órbitas, cintilavam-lhe.

«Corre às reservas, Que tragam as caixas de munições!», acrescentou, dirigindo-se a um artilheiro, enquanto relanceava a Pedro um olhar iracundo.

«Eu vou», disse este.

Sem lhe responder, o oficial afastou-se a passos largos. «Cessar fogo! Esperem!», ordenou o oficial.

O artilheiro que recebera ordem para ir buscar munições tropeçou com Pedro.

«Eh, senhor! O seu lugar não é aqui!», gritou-lhe, enquanto descia a encosta a correr.

Pedro seguiu-o contornando o local onde tombara o oficialzito.

Um, dois, três projécteis lhe passaram por cima da cabeça, caindo à sua volta. Pedro galgou o parapeito. «Aonde vou eu?», disse, de súbito, de si para consigo, ao chegar junto das caixas pintadas de verde. Parou, indeciso, sem saber se havia de voltar para trás ou prosseguir no seu caminho— De súbito uma pancada por detrás o atirou para o chão. Acto contínuo uma grande labareda o envolveu, enquanto o estampido de um trovão ensurdece— dor, à mistura com agudos silvos, lhe abalava os tímpanos.

Quando voltou a si, encontrou-se sentado no chão, as mãos apoiadas no solo. Do armão junto do qual ele se encontrava não havia vestígios. Apenas se viam, aqui e ali, pranchas verdes, calcinadas, e sobre a erva requeimada alguns trapos. Um cavalo arrastando atrás de si uns varais em estilhas partiu a galope: outro jazia por terra, como ele próprio, soltando prolongados relinchos de dor.

[XXXII]

Pedro, aterrorizado, sem saber o que fazia, pôs-se de pé e correu para a bateria, como se fosse aquele o único refúgio contra todos os horrores de que estava rodeado.

Ao penetrar na trincheira notou, surpreendido, que se não ouviam as peças e que outros soldados ocupavam a bateria. Não teve tempo de se dar conta de quem era aquela gente. Viu o velho coronel de barriga contra o parapeito, como se estivesse debruçado a ver o que se passava em baixo, e um soldado, que já notara antes, debatendo-se no meio de uns homens que o seguravam pelos braços e gritava: «Irmãos!» E ainda viu mais coisas estranhas. Não teve tempo de compreender que o coronel estava morto, que o soldado fora feito prisioneiro e que outro homem, diante dos seus olhos, acabava de ser trespassado pelas costas por uma baioneta.

Assim que penetrara no reduto, um homem, de uniforme azul, magro, amarelo, coberto de suor, veio sobre ele, de espada na mão, gritando, Pedro, instintivamente, furtou o corpo, para evitar o embate, já que ambos corriam um para o outro sem se terem visto. Estendeu os braços e agarrou esse alguém, que era um oficial francês, lançando-lhe uma mão a um ombro e a outra à garganta. O oficial, deixando cair a espada, apanhou-o pelo pescoço.

Por instantes cravaram os olhos um no outro, assustados, perplexos, sem saber o que tinham feito nem o que deviam fazer. Cada um deles se perguntava a si próprio: «Sou eu ou ele quem está prisioneiro?» O oficial francês parecia mais inclinado para primeira hipótese, pois a mão vigorosa de Pedro, compelida por um terror involuntário, cada vez lhe apertava mais a garganta. Afigurou-se-lhe que ele queria dizer qualquer coisa quando uma bala lhes passou rente ao crânio, deixando atrás de si um silvo sinistro, e tão perto que Pedro julgou que a cabeça do francês lhe fora decepada, tão rapidamente ele a abaixara.

Também Pedro, por sua vez, se agachou ao soltar o desconhecido, Sem se preocupar em saber qual deles era o prisioneiro, o oficial correu para a bateria e Pedro rolou do cabeço, tropeçando nos mortos e nos feridos com a sensação de eles se lhe agarrarem às pernas. Ainda não chegara, porém, ao fundo do barranco quando se viu no meio de uma massa compacta de russos que corriam direitos à bateria, soltando gritos de alegria e atropelando-se uns aos outros. Era o ataque de que Ermolov se vangloriou, dizendo que fora graças à sua bravura e boa sorte que pudera dar-se aquele prodígio e acrescentando que distribuíra às mãos-cheias, no alto do cabeço, quantas cruzes de S. Jorge levava na algibeira.

Então os franceses que ocupavam a bateria debandaram. E os russos, soltando hurras, lançaram-se atrás deles com tal entusiasmo que muito a custo os

detiveram na perseguição.

Na bateria fizeram-se alguns prisioneiros, entre os quais um general francês ferido, que logo se viu rodeado por oficiais russos. Um nunca acabar de feridos, russos e franceses, conhecidos e desconhecidos de Pedro, de feições transtornadas pelo sofrimento, passavam, arrastando-se penosamente pelo seu pé ou levados em padiolas. Voltou a subir ao reduto, onde permaneceu mais de uma hora, e nem um só dos homens daquele grupo de amigos que momentaneamente o tinham chamado a si restava com vida, No monte de mortos havia alguns seus conhecidos. O oficialzito lá estava, todo contorcido, sobre o parapeito, num lago de sangue. O soldado de cara afogueada ainda fazia alguns movimentos convulsivos, mas ali o tinham deixado ficar.

Pedro abalou a correr pelo talude abaixo.

«Ah, agora vão acabar com isto, naturalmente. Já devem estar satisfeitos com o que fizeram!», pensava ele, seguindo sem destino a fileira interminável de padiolas vindas do campo de batalha.

O Sol, porém, velado pela fumarada, ainda ia alto no céu, e lá adiante, principalmente à esquerda, dos lados de Semionovskoie, qualquer coisa se agitava por entre o fumo. Não só se não aplacavam, antes pareciam mais desesperadamente intensos o ribombar das peças e a fuzilaria das espingardas. Dir-se-ia um homem que quase sem forças solta o seu ultimo grito.

[XXXIII]

A acção principal da batalha desenrolou-se numa área de mil sagenas, entre Borodino e as linhas de Bagration. Para além deste espaço, por um lado, a cavalaria de Uvarov, à volta do meio-dia, fez uma demonstração e, pelo outro, para os lados de Utitsa, houve um recontro entre Pomatowski e Tulchkov, nada mais, porém, que insignificantes operações parciais quando compara— das com o que acontecera no centro. Foi entre Borodino e as linhas junto da floresta, num espaço livre e aberto dos dois lados, que se travou a verdadeira batalha, da maneira mais simples e sem qualquer ardil.

De princípio apenas houve o canhoneio recíproco de centenas de bocas de fogo.

Depois, quando a fumarada principiou a, encobrir todo o campo de batalha, puseram-se em marcha, à direita, do lado francês, as duas divisões Dessaix e Compans, que avançaram sobre as linhas, e, à esquerda, os regimentos do vice-rei, que inflectiram sobre Borodino. Do reduto de— Chevardino, onde se encontrava Napoleão, até às linhas distava apenas uma versta, mas daí a Borodino, em linha recta, seriam pouco mais de duas. Eis porque o imperador não podia ver o que se passava aí, tanto mais que o fumo, de mistura com a neblina, se estendia por cima de todo o terreno. No que diz respeito às tropas da divisão Dessaix, essas só foram visíveis quando apareceram por detrás da ravina que as separava das flechas. Assim que entraram aí, o fumo dos canhões e da fuzilaria tão densamente cobriu as flechas que ocultou toda a vertente da ravina oposta, Através da espessa nuvem apenas se divisava qualquer coisa com a vaga configuração de soldados e de longe em longe o faiscar de uma baioneta. Mas de Chevardino era completamente impossível saber se se moviam ou permaneciam imóveis, se se tratava de franceses ou de russos.

O Sol erguia-se brilhante no céu e os seus raios vinham banhar directamente o rosto de Napoleão, que para observar as linhas se via obrigado a proteger os olhos com a mão. A fumarada cobria o terreno e ora parecia deslocar-se ora dava a impressão de que eram as tropas que se moviam. As vezes, entre as detonações, ouviam-se gritos, mas não era possível saber-se o que se passava.

Napoleão, de pé, no cômoro, estava de óculo assestado, e o limitado campo da objectiva deixava-lhe ver fumo e soldados, ora o fumo e os soldados franceses ora o fumo e os soldados russos. Assim que observava, porém, o terreno à vista desarmada já lhe não era possível situar exactamente o que acabara de ver.

Desceu do cabeço e começou a passear de um lado para o outro.

A verdade é que nem do lugar em que estava Napoleão nem do alto da eminência onde tinham ficado vários dos seus generais, nem mesmo das próprias linhas agora ocupadas umas vezes pelos Franceses, outras pelos Russos, soldados mortos, feridos, vivos, aterrorizados ou meio loucos, em parte alguma podia saber-se o que se estava a passar naquele local. Durante muitas horas, naqueles sítios, no meio do ininterrupto troar das peças de artilharia e da fuzilaria das espingardas, tão depressa apareciam os Russos como os Franceses e ora eram soldados de infantaria ora de cavalaria que caíam, disparavam, tropeçavam uns nos outros, gritando e fugindo sem saber o que deviam fazer.

Dos diversos pontos do campo de batalha estavam sempre a chegar ajudantes-de-campo expedidos ao imperador, oficiais de ordenança dos marechais encarregados de trazer informações sobre a marcha da batalha, mas tudo o que diziam era falso, pois no calor da batalha não se podia dizer o que estava a passar-se num determinado momento e, aliás, muitos destes oficiais não Podiam atingir sequer os pontos designados, limitando-se a repetir o que ouviam. Além disso, enquanto eles percorriam as duas ou três verstas que os separavam de Napoleão, as coisas modificavam-se e as notícias por eles trazidas deixavam de corresponder à situação. Assim, um ajudante-de-campo do vice-rei veio anunciar que Borodino fora tomada e que a ponte do Kolotcha estava nas mãos dos Franceses, perguntando a Napoleão se dava ordem para as tropas atravessarem o rio, ao que lhe foi respondido que se mandassem alinhar as tropas na outra margem e que esperassem aí. No momento, porém, em que era dada esta ordem, melhor ainda, mal o ajudante-de-campo saíra de Borodino, a ponte fora retomada e queimada pelos Russos, feito a que Pedro assistira no princípio da batalha.

De regresso das flechas, um ajudante-de-campo, muito pálido, o terror pintado no rosto, anunciou ao imperador que o ataque fora repelido, que Compans estava ferido e Davout fora morto. Enquanto, todavia, ele comunicava estas notícias, as fortificações haviam sido de novo ocupadas por outras tropas e Davout continuava vivo, pois apenas fora ligeiramente ferido.

Guiando-se por estas informações, evidentemente falsas, Napoleão dava ordens já cumpridas ou que teriam sido impossíveis de executar.

Os marechais e os generais que se encontravam mais perto dos acontecimentos, mas que, tal como Napoleão, não participavam da batalha e raramente penetravam na zona de fogo, tomavam as suas disposições sem consultar o imperador e transmitiam as suas ordens sobre onde devia incidir o fogo e como a cavalaria e a infantaria deveriam intervir. Mas estas ordens, bem como as do imperador, só em pequena escala eram executadas e muito raramente, a maior parte das vezes ao contrário das circunstâncias. As tropas que recebiam ordem para avançar, surpreendidas pela metralha, debandavam; aquelas que recebiam ordem para permanecer no seu lugar, ao verem surgir o inimigo inopinadamente, punham-se em fuga ou então atacavam-no, e a cavalaria, sem ter recebido ordem para isso, lançava-se na perseguição dos russos em debandada. Assim, dois regimentos de cavalaria que atravessaram a ravina de Semionovskoie,

mal atingiram o cume viraram de rédea, regressando ao mesmo sítio a galope. E outro tanto aconteceu com a infantaria, que muitas vezes se precipitou sobre pontos que não estavam prescritos. Todas as ordens relativas às deslocações das peças de artilharia, dos batalhões de fuzileiros e das tropas montadas, com o objectivo de carregar sobre a infantaria russa, quem as deu foram os comandantes mais próximos das fileiras, sem pedirem conselho nem a Ney, nem a Davout, nem a Murat, quanto mais a Napoleão. Não receavam ser castigados por não haverem executado o que estava prescrito ou por terem agido de moto próprio, pois a verdade é que numa batalha ninguém pensa senão no que tem de mais precioso, ou seja, na própria vida, e o que pode acontecer é Que umas vezes a salvação esteja na fuga para a retaguarda e outras na marcha avante.

Estes homens, no calor da refrega, agiam segundo as circunstâncias. Na verdade, todos estes movimentos para a frente ou para trás não aliviavam nem modificavam a posição das tropas. Esses ataques, quer a pé, quer a cavalo, não produziam grande mortandade; o que semeava os ferimentos, as mutilações e a morte eram os projécteis, as balas que voavam por todos os lados na área onde se moviam as tropas. Logo que os homens atingiam a zona a que os projécteis não chegavam, os comandantes, na retaguarda, obrigavam-nos a cerrar fileiras, restabelecendo a disciplina, e, graças a esta disciplina, voltavam a expedi-los para aquele círculo de fogo onde o medo da morte os fazia perder de novo o sangue-frio, entregando-os ao cego instinto das multidões.

[XXXIV]

Os generais de Napoleão, Davout, Ney, Murat, encontravam-se perto da linha de fogo e inclusivamente chegaram até ela algumas vezes conduzindo massas enormes de tropas bem disciplinadas. Mas, ao contrário do que acontecera invariavelmente nas precedentes batalhas, em vez da esperada notícia da fuga do inimigo, as tropas formadas voltavam da linha de fogo em massas desorganizadas e tomadas de pânico. De novo reorganizadas, cada vez era menor o número dos seus efectivos.

Cerca do meio-dia, Murat mandou o ajudante-de-campo pedir reforços a

Napoleão.

O imperador estava sentado no sopé do cabeço bebendo ponche quando o ajudante-de-campo chegou com a notícia de que os Russos seriam esmagados se Sua Majestade enviasse mais uma divisão,

— Reforços?! — exclamou Napoleão, entre severo e surpreso, como se não compreendesse o sentido das palavras, enquanto fitava aquele moço bonito com os cabelos negros, compridos e encaracolados, à maneira de Murat.

«Reforços!», pensou, «Que reforços querem eles quando têm na mão metade do exército para atacar uma ala russa fraca e nem sequer fortificada?»

— Diga ao rei de Nápoles — articulou ele severamente — que ainda não é meio-dia... que ainda é cedo para eu calcular com clareza a minha jogada. Ide...

O ajudantezinho-de-campo dos lindos caracóis, sem retirar a mão da pala da barretina, despediu um profundo suspiro e galopou de novo em direcção ao local onde os homens se matavam. Napoleão ergueu-se e, chamando Caulaincourt e Berthier, principiou a falar-lhes de coisas absolutamente estranhas à batalha.

No meio desta conversa, que principiava a interessar o imperador, os olhos de Berthier dirigiram-se para um general com a sua comitiva, que, montado num cavalo coberto de suor, se encaminhava para o cabeço. Era Belliard. Logo que desmontou, dirigiu-se em passo rápido para o imperador e com firmeza e em voz alta começou a expor-lhe a necessidade que havia de reforços. Jurava pela sua honra que os Russos estariam perdidos se o imperador lhes desse mais uma divisão.

Napoleão encolheu os ombros e continuou a passear sem responder.

Belliard, sempre em voz alta e com veemência, prosseguiu falando para os generais que o cercavam.

— O senhor é muito impetuoso, Belliard — disse Napoleão, aproximando-se do general. — Qualquer se pode enganar no meio da luta. Examine outra vez a situação e volte a aparecer por aqui.

Mal se afastara Belliard, um novo enviado chegava, por outro lado, vindo do campo de batalha.

— Então? O que há? — disse o imperador no tom de quem se sente exasperado por só ver obstáculos diante de si.

— Sire, o príncipe... — principiou o ajudante-de-campo.

— Pede reforços?! — exclamou Napoleão com um gesto colérico.

O oficial disse que sim com a cabeça e pôs-se a transmitir a sua mensagem. O imperador afastou-se, deu dois ou três passos, depois voltou a aproximar-se e mandou chamar Berthier.

— Temos de lhes dar as reservas — decidiu, com gesto enérgico. — Que lhes devemos mandar? Que acha? — perguntou a Berthier, a esse «ganso que transformei em águia», como disse mais tarde.

— Sire, mandemos a divisão Claparède — respondeu Berthier, que conhecia como os seus dedos todas as divisões, todos os regimentos e todos os batalhões.

Napoleão, com um aceno de cabeça, aprovou,

O ajudante-de-campo galopou ao encontro da divisão Claparède. Alguns minutos mais tarde, a Guarda nova, concentrada, na retaguarda do cabeço, punha-se em movimento. Napoleão olhava silenciosamente naquela direcção.

— Não — ordenou, subitamente, voltando-se para Berthier. — Não quero a Claparède. Mandem a divisão Friant.

Embora não houvesse qualquer vantagem especial em mandarem a 2ª em vez da 1ª e existisse, pelo contrário, o inconveniente da perda de tempo que resultava do facto de se ter de deter a divisão que se pusera em movimento para a substituir pela Friant, a ordem foi executada fielmente. Napoleão não se dava conta de que estava a proceder para com as suas tropas como o médico cujos remédios resultam mais perniciosos que a doença, maneira de agir aliás que ele muito bem sabia ver e criticar nos outros.

A divisão Friant, como sucedera com as demais, desapareceu no meio da fumarada do combate. Os ajudantes-de-campo continuaram a afluir de vários lados e todos eles, como se passassem palavra, repetiam a mesma coisa. Todos pediam reforços, todos diziam que os Russos não abandonavam as suas posições e mantinham as tropas francesas sob um fogo infernal. Napoleão, sentado no seu banco portátil, estava pensativo.

Monsieur de Beausset, o amador de viagens, que morria de fome desde manhã, aproximou-se do imperador e respeitosamente lembrou a Sua Majestade o almoço.

— Espero poder felicitar Vossa Majestade desde já pela vitória sobre o inimigo — disse ele.

Napoleão, em silêncio, moveu negativamente a cabeça. Interpretando esse gesto como referindo-se à vitória, e não ao almoço, Monsieur de Beausset

permitiu-se, num tom ao mesmo tempo frívolo e respeitoso, observar-lhe que nada neste mundo o podia impedir de almoçar desde que houvesse oportunidade para isso.

— Olhe, vá... — exclamou, de súbito, o imperador, carrancudo, voltando-lhe as costas.

Um sorriso hipócrita, ao mesmo tempo de compaixão, desdita e admiração, perpassou pelo rosto de Monsieur de Beausset, que se dirigiu, sorrateiro, para junto dos outros generais.

Napoleão estava sentindo essa penosa sensação de jogador venturoso que atirou para a mesa de jogo, num desvario, todo o seu dinheiro, habituado que estava a ganhar sempre, e de súbito, precisamente quando calculou todos os azares da partida, pressente que quanto mais reflectir sobre a jogada tanto mais certa será a perda.

As suas tropas eram as mesmas, os mesmos os seus generais, análogas as medidas tomadas, o plano de batalha era o mesmo, mesmíssima a sua proclamação breve e enérgica. Ele próprio não mudara, tinha a certeza. Pensava, até, dispor de muito mais experiência e habilidade que outrora. O inimigo, por sua vez, também era o mesmo de Austerlitz e de Friedland. E, não obstante a marretada tremenda que lhe dera, resultava impotente. Parecia bruxedo.

Empregou todas as suas medidas outrora invariavelmente coroadas de êxito — concentração do fogo das baterias sobre um mesmo ponto, ataque das reservas para romper as linhas, assalto da cavalaria dos homens de ferro —, todas empregara agora e não só não conseguia a vitória, como eram sempre as mesmas as notícias que continuamente vinham até ele: generais mortos ou feridos, necessidade urgente de reforços, impossibilidade de vencer a resistência dos Russos, desorganização das tropas francesas.

Anteriormente, duas ou três disposições que tomasse, duas ou três frases que pronunciasse, logo apareciam, de riso feliz nos lábios e alegria no rosto, marechais e ajudantes-de-campo que anunciavam como troféus grandes massas de prisioneiros, feixes de bandeiras e de «cíquias» inimigas, canhões e comboios de abastecimentos, contentando-se Murat em pedir autorização para enviar a sua cavalaria pilhar os carros. Assim acontecera em Lodi, em Marengo, em Arcole, em Iena, em Austerlitz, em Wagram, etc, Mas agora estavam a passar-se, realmente, coisas estranhas.

Apesar da notícia que correra de que as trincheiras haviam sido tomadas, Napoleão dava-se conta de que não era a mesma coisa, que se não passava agora o que acontecera em todas as batalhas anteriores. E as impressões que sentia, via-o perfeitamente, eram as que estavam sentindo todos os da sua comitiva, homens experimentados na guerra. Havia tristeza em todos os rostos, os olhos evitavam encontrar-se. Só Beausset não podia compreender a gravidade do que se passava. O imperador, por virtude da sua grande experiência, sabia de sobra o que significava uma batalha de oito horas, batalha em que empregara todos os esforços e em que o atacante ainda não levara a melhor. Para ele era quase uma batalha perdida e, no ponto instável em que a luta se encontrava, o mais pequeno incidente podia perdê-los — a ele e ao exército.

Ao rememorar toda aquela estranha campanha da Rússia em que não obtivera qualquer vitória, onde, em dois meses, não tomara nem bandeiras, nem canhões, nem qualquer corpo de exército, ao evocar as expressões que o cercavam, secretamente preocupadas, ouvindo as referências à resistência obstinada do inimigo, sentia-se tomado de uma angústia no género das que se sentem nos pesadelos, e ao espírito acorriam-lhe, de súbito, todas as circunstâncias infelizes que o podiam perder. Os Russos podiam atacar a sua ala esquerda; podiam perfurar-lhe o centro; um projéctil perdido podia matá-lo. Tudo era possível. Em todas as batalhas anteriores apenas pensara nas possibilidades de êxito: agora só esperava e pressentia circunstâncias funestas. Sim, parecia um pesadelo em que um homem, atacado por um malfeitor, por mais esforços que faça para brandir uma arma e atingir o adversário, sente que a mão lhe cai, mole e impotente, como um trapo, enquanto o sentimento horrível de uma morte inevitável se apodera do desventurado indefeso.

A notícia de que os Russos atacavam o flanco esquerdo do exército francês acordou em Napoleão idêntico horror. Ali estava, calado, sentado no seu banco portátil, no sopé do cabeço, com a cabeça entre as mãos. Berthier aproximou-se dele e propôs-lhe uma visita às linhas para ter uma noção exacta da situação.

— Quê? Que está a dizer?! — exclamou o imperador. — Sim, mande que me tragam um cavalo.

Montou e dirigiu-se a Semionovskoie.

Por entre o fumo da pólvora que lentamente se ia dissipando, jaziam, no meio de poças de sangue, cavalos e soldados, ora isolados ora aos montes. Nem

Napoleão nem nenhum dos seus generais vira ainda espectáculo tão horroroso, tanto cadáver em tão pequeno espaço. O troar dos canhões que ribombavam havia dez horas ininterruptamente martelava os tímpanos, formando como que um acompanhamento sinistro desse espectáculo, como a música nos quadros vivos.

Ao atingir o alto de Semionovskoie, e através da fumarada, Napoleão viu diante de si fileiras densas de soldados com uniformes cujas cores lhe não eram familiares. Eram os Russos.

Formando filas compactas, concentrados por detrás da povoação e do cabeço que tem o mesmo nome, as suas bocas de fogo despejavam metralha sem desfalecimento, cobrindo de fumo toda a, sua linha. Já não era uma batalha. Era uma chacina, e esta chacina já não podia dar a vitória nem aos Russos nem aos Franceses. O imperador deteve-se e recaiu na meditação a que o arrancara Berthier. Não estava nas suas mãos fazer parar o que via desenrolar-se diante dos seus olhos, embora passasse por iniciador e responsável de semelhante obra, e pela primeira vez, perante o seu fracasso, essa obra lhe parecia inútil e horrível.

Um dos generais que se aproximara de Napoleão permitiu-se propor-lhe que autorizasse a velha Guarda a entrar em acção. Ney e Berthier, que estavam junto do imperador, trocaram um olhar entre si e sorriram desdenhosamente ao ouvirem tão insensata proposta.

Napoleão baixou a cabeça e permaneceu por muito tempo silencioso.

— A oitocentas léguas de França não sacrificarei a minha Guarda — disse ele, e, dando meia volta, regressou a Chevardino.

[XXXV]

Kutuzov estava sentado, a cabeça branca inclinada e todo ele prostrado sob o peso do corpo, num banco coberto com um tapete, exactamente no mesmo sítio onde Pedro o vira pela manhã. Não dava qualquer ordem, contentando-se em anuir ao que lhe vinham propor ou simplesmente discordar.

«Sim, sim, faça isso», respondia ele. «Sim, sim, vai ver», dizia ,u este ou àquele dos seus subordinados. Ou então: «Não, é inútil, é melhor esperar.» Ouvia as informações que lhe davam, não dando ordens senão quando os subordinados lhas

pediam. Apurava o ouvido, sem parecer interessar-se pelo sentido das palavras que lhe diziam, embora observasse atentamente a expressão e o tom da voz das pessoas que lhe falavam. A sua larga experiência da guerra, a sua prudência de velho, diziam-lhe não ser possível a um só homem dirigir centenas de milhares de outros homens que lutam com a morte. Kutuzov sabia que o que decide do destino das batalhas não eram nem as medidas tomadas pelo general-chefe, nem as posições ocupadas pelos soldados, nem o número dos canhões e dos mortos, mas essa força inapreensível que se chama «o moral das tropas» e que ele procurava descobrir e dirigir na medida do possível.

O rosto de Kutuzov denunciava uma atenção concentrada e serena, contenção que só a custo dominava a fadiga de um corpo enfraquecido e gasto pela idade.

As onze horas vieram dizer-lhe que as flechas ocupadas pelos Franceses tinham sido retomadas, mas que o príncipe Bagration estava ferido. Kutuzov soltou uma exclamação e abanou a cabeça.

— Vai imediatamente procurar o príncipe Piotre Ivanovitch e informa-te por miúdo do que se passa — disse ele a um dos seus ajudantes-de-campo; depois voltou-se para o príncipe de Wurtemberg, que estava por detrás dele:

— Quererá Vossa Alteza assumir o comando do 2º exército?

Pouco depois da partida do príncipe, antes mesmo de ter podido chegar a Semionovskoie, aparecia o seu ajudante-de-campo, que vinha comunicar ao Sereníssimo que o príncipe precisava de reforços.

Kutuzov franziu as sobrancelhas e transmitiu imediatamente ordem a Dokturov para assumir o comando do 2º exército, rogando ao príncipe, ao qual dizia ser-lhe indispensável nas graves circunstâncias de momento, que voltasse para junto de si. Quando lhe disseram que Murat fora feito prisioneiro e lhe transmitiram as felicitações do estado-maior, Kutuzov sorriu.

— Esperem, meus senhores — observou. — Que a batalha esteja ganha e Murat tenha sido feito prisioneiro não acho coisa extraordinária. Mas parece-me melhor não nos alegrarmos antes de tempo.

Entretanto expedia um ajudante-de-campo com esta, notícia para as tropas.

Quando Tcherbinine chegou do flanco esquerdo para comunicar que os Franceses haviam retomado as flechas e Semionovskoie, Kutuzov, adivinhando, pelos gritos que vinham do campo de batalha e pela expressão do emissário, que as coisas não estavam a caminhar bem, levantou-se, como se quisesse

desentorpecer as pernas, e, travando do braço do oficial, afastou-se com ele.

— Vai, meu amigo — disse então a Ermolov. — Vai ver se não haverá maneira de fazer mais alguma coisa.

Kutuzov estava em Gorki, no centro das posições do seu exército. O ataque de Napoleão contra o flanco esquerdo dos Russos fora repelido por várias vezes. No centro, os Franceses não tinham ido além de Borodino. No flanco esquerdo a cavalaria de Uvarov obrigava o inimigo a fugir.

As três horas os ataques dos Franceses cessaram. Na expressão dos que chegavam do campo de batalha, bem como na das pessoas da sua comitiva, podia ler o general-chefe uma tensão que atingira o mais alto grau. Estava satisfeito com o êxito da jornada, que ultrapassara o que ele esperava. Mas àquele velho faltavam as forças físicas. Por várias vezes já o tinham visto deixar descair a cabeça no peito e dormitar. Trouxeram-lhe o almoço.

O ajudante-de-campo do imperador, Woltzogen, o mesmo a quem o príncipe André ouvira dizer ser preciso que a guerra se estendesse, e a quem Bagration odiava, apresentou-se a Kutuzov quando ele estava a comer. Vinha em nome de Barclay dar-lhe contas da situação no flanco esquerdo. O prudente Barclay, ao ver a vaga de feridos que afluía e a desorganização da retaguarda, e depois de pesar os prós e os contras, concluíra que a batalha estava perdida e enviara o seu oficial favorito levar a notícia ao general-chefe.

Kutuzov mastigava nesse momento, não sem dificuldade, um pedaço de frango assado; fixou em Woltzogen o seu olho pisco, que se tornara alegre.

Este, em passo negligente, um sorriso assaz desdenhoso nos lábios, aproximou-se, a mão algo frouxa na pala da barretina. Tratava o Sereníssimo com uma afectação descortês, como que a mostrar que ele, militar de altos méritos, deixava para os Russos o considerarem um ídolo aquele velho inútil, pois a verdade é que ele sabia muitíssimo bem com quem estava a lidar.

«Der alte Herr», («do velho senhor» (N, dos T.) assim o tratavam os Alemães entre si, e «macht sich ganz bequern» («O velho senhor instalou-se comodamente.» (N, dos T.), pensou Woltzogen, lançando um olhar de reprovação aos pratos que Kutuzov tinha diante, e principiou o seu relatório sobre a situação do flanco esquerdo nos termos em que Barclay lhe ordenara que a expusesse e tal como ele próprio a vira e observara com os seus próprios olhos.

— Todos os pontos da nossa posição estão nas mãos do inimigo e não temos

possibilidades de os rechaçar por falta de tropas. Os nossos soldados debandam e é impossível detê-los — disse ele.

Kutuzov pousou o talher e fixou Woltzogen, surpreendido, como se não compreendesse o que lhe estava a dizer. O oficial, ao notar a emoção «des alten Herr» («do velho senhor» (N, dos T.), disse-lhe, sorrindo:

— Não me julgava no direito de ocultar o que vi a Vossa Excelência. As tropas estão completamente desorganizadas.

— Foi o que o senhor viu? Foi o que o senhor viu?! exclamou Kutuzov, franzindo as sobrancelhas, erguendo-se rapidamente e avançando para Woltzogen. — Como se atreve?!... Como se atreve?!... — exclamou, fazendo gestos ameaçadores com as mãos trémulas, a voz embargada pela cólera. — Como se atreve, meu caro senhor, a falar-me a mim nesses termos? O senhor nada sabe. Vá dizer ao general Barclay, da minha parte, que as suas informações são falsas e que eu, general-chefe, conheço melhor do que ele o desenvolvimento da batalha.

Woltzogen quis replicar, mas Kutuzov interrompeu-o:

— O inimigo foi repelido no flanco esquerdo e vencido no direito. Se o senhor viu mal, não é razão para dizer o que ignora. Faça favor de voltar para junto do general Barclay e transmitir-lhe a minha ordem absoluta de atacar amanhã o inimigo acrescentou num tom severo.

Todos os presentes se conservavam calados e ouvia-se apenas a respiração ofegante do velho general.

— Os Franceses foram repelidos em toda a parte, e disso dou graças a Deus e ao nosso valoroso exército. O inimigo está vencido e amanhã expulsá-lo-emos do sagrado solo da Rússia — prosseguiu Kutuzov, persign4ndo-se, e de súbito as lágrimas inundaram-lhe os olhos.

Woltzogen encolheu os ombros, esboçou uma careta e afastou-se, surpreendido com uber die Eigenommenheit des alten Herr («...essa obstinação do velho senhor.» N, dos T.).

— E aqui tem o meu herói — disse Kutuzov, apontando para um general, um belo e entroncado mancebo de cabelos pretos que acabava de chegar ao cabeço.

Era Raievski, que passara o dia inteiro no ponto principal da batalha.

Raievski informou o Sereníssimo de que as tropas se mantinham firmes nas suas posições e que os Franceses não se atreviam a atacá-las de novo.

Ao ouvir estas palavras. Kutuzov exclamou em francês:

— Então não pensa como os outros que somos obrigados a retirar?

— Ao contrário, Alteza, nos assuntos indecisos é sempre o mais tenaz que sai vitorioso — replicou Raievski. — E na minha opinião...

— Kaissarov! — chamou Kutuzov. — Assenta-te ali e redige a ordem do dia para amanhã. E, tu — acrescentou, dirigindo-se a outro ajudante-de-campo vai percorrer as linhas e comunicar que amanhã atacaremos.

Entretanto, Woltzogen regressava, enviado por Barclay, para dizer que este desejava uma confirmação por escrito da ordem que o marechal acabava de dar.

Kutuzov, sem se dignar olhar para ele, mandou redigir a ordem que o ex-general-chefe exigia com razão para se ilibar de qualquer responsabilidade.

E graças a essa cadeia indefinida e misteriosa que mantinha em todo o exército o mesmo estado de espírito a que se costuma chamar «moral das tropas» e que constitui o nervo vital da guerra, as palavras de Kutuzov e a sua ordem do dia anunciando a batalha para a manhã seguinte imediatamente se transmitiram a todos os pontos do corpo do exército.

Não foram os termos da própria ordem que se transmitiram até aos últimos anéis dessa cadeia. No que cada um contava ao vizinho nada havia mesmo que se parecesse com o que Kutuzov dissera, mas pelo menos era o sentido das suas palavras que se transmitia, pois essas palavras emanavam, não de considerações mais ou menos astuciosas, mas dos sentimentos profundos que animavam a alma do general-chefe, como, aliás, a alma de todos os russos.

Ao inteirar-se de que no dia seguinte atacaria o inimigo, ao ouvir nas esferas superiores do exército a confirmação daquilo em que queria crer, toda aquela gente extenuada e hesitante se sentiu consolada e ganhou confiança.

[XXXVI]

O regimento do príncipe André conservou-se entre as reservas inactivas na retaguarda de Semionovskoie, debaixo de um intenso fogo de artilharia, até cerca das duas horas. A essa hora o regimento, que já perdera mais de duzentos homens, avançara, por um campo de aveia espezinhada, para o espaço que mediava entre Semionovskoie e a bateria do cabeço, aquela em que durante a

manhã haviam caído milhares de soldados e para onde precisamente às duas horas acabava de ser dirigido o fogo violento e convergente de muitas centenas de peças inimigas.

Sem se mover do mesmo lugar e sem haver disparado um único tiro, o regimento perdeu ali um terço dos seus efectivos. Mesmo em frente, e sobretudo à sua direita, no meio da fumarada que se não dissipava, os canhões metralhavam-no, e dessa misteriosa região envolta em fumo que se estendia ao longo de todo o terreno que lhe fazia face, sem tréguas, acompanhados de assobios rápidos e prolongados, chegavam as granadas, voavam os obuses. Por vezes, como para conceder um breve descanso, durante um quarto de hora, balas e obuses iam cair mais adiante, mas outras vezes não se passava um minuto sem que vários homens caíssem atingidos e continuamente se retiravam cadáveres ou se levavam feridos.

A cada nova descarga os que ainda estavam vivos menos probabilidades tinham de se salvar. O regimento formava em colunas de batalhão, com trezentos passos de intervalo entre cada batalhão. No entanto, todos os homens se encontravam no mesmo estado de espírito. Todos estavam igualmente silenciosos e taciturnos. Poucas palavras se trocavam entre eles, e essas mesmas eram interrompidas de cada vez que caía um projéctil e ressoava o grito: «Padiola!» A maior parte do tempo os homens, por ordem dos comandantes, estavam sentados no chão. Este, tirando a barretina, entretinha-se, com toda a minúcia, a fazer e a desfazer a corrediça; aquele limpava a baioneta com argila seca que se lhe esfarelava nas mãos: havia os que desmanchavam o correame e voltavam a afivelar os seus equipamentos; e ainda os que desenrolavam as grevas e voltavam a enrolar. Alguns construíam abrigos com caniços ou entrançavam esteiras com palha dos campos, Todos pareciam absortos nestas ocupações. Quando os seus camaradas caíam mortos ou feridos e eles viam passar as padiolas, quando os Russos recuavam, ou através da fumarada se desenhavam as massas compactas dos soldados inimigos, ninguém entre eles prestava a mais pequena atenção a qualquer dessas coisas. Em compensação, desde que a artilharia, ou a cavalaria russas se punham em marcha, de todos os lados rompiam gritos de encorajamento. Mas a verdade é que eram os incidentes absolutamente acessórios e que nada tinham com a batalha que mais chamavam a atenção geral. Dir-se-ia que aquela gente, moralmente esgotada, encontrava repouso nas ocupações habituais da vida quotidiana. Uma bateria de artilharia passou diante do regimento. Um cavalo de

varas enredou os arreios num dos armões. «ó tu! Não vês? Olha o cavalo!... Vai cair... Parece impossível... Então não vês?...» E por toda a parte no regimento se soltaram idênticas exclamações, De outra vez todas as atenções se fixaram num cãozito amarelado, de rabo arqueado, que, aparecendo ali por acaso, se pôs a correr, cheio de medo, por entre as fileiras dos homens. Só Deus sabe donde viria! De súbito, ao rebentar um obus ali perto, soltou um ganido e com o rabo entre as pernas desapareceu por um dos lados. Gritos e risos se ouviram por toda a parte, Mas essa, espécie de distracções durava apenas alguns minutos e havia já mais de oito horas que estavam inactivos e sem nada comer sob o contínuo horror da morte. Os seus rostos pálidos e taciturnos cada vez empalideciam e se carregavam mais.

O príncipe André, como todos os homens do seu regimento, pálido e de sobrancelhas franzidas, ia e vinha, no prado que confinava com o campo de aveia, de um rego a outro, a cabeça baixa e as mãos atrás das costas. Nada tinha a fazer nem nenhuma ordem a dar. Tudo se fazia por si mesmo. Os mortos eram arrastados para detrás das linhas, os feridos levados, as fileiras voltavam a refazer-se. Se os soldados se afastavam, não tardavam a voltar apressadamente. De princípio julgara de seu dever excitar a coragem dos soldados e dar-lhes o exemplo passando por entre as fileiras, mas em breve reconheceu que nada tinha a ensinar-lhes. Todas as forças da sua alma, como as forças da alma de cada um dos seus soldados, não tendiam inconscientemente a outra coisa senão a não pensar no horror da situação em que estavam. E lá ia passeando no prado, arrastando os pés, pisando a erva, examinando a poeira que lhe cobria as botas. Ora dava grandes passadas, tentando pôr os pés nos trilhos deixados pelos ceifeiros, ora contava os seus passos, calculando o número de vezes que teria de ir de um rego ao outro para perfazer uma versta. Outras vezes ainda arrancava, ao passar, as artemisas que cresciam nos regos, esfregava-as entre as mãos e respirava o seu aroma forte e amargo. Nada restava do labor dos seus pensamentos da véspera. Em nada pensava. Com seus ouvidos cansados ouvia sempre os mesmos sons, procurando distinguir no ar o silvo dos projécteis, do estampido das descargas, e examinava os rostos, que bem conhecia, dos soldados do primeiro batalhão, e esperava. «Lá vai mais um... Ainda para nós», dizia de si para consigo ao perceber o assobio, que se aproximava, de um projéctil que emergia da zona de fumo. «Lá vem outro! Agora! Já está.» Calou-se e olhou as fileiras dos soldados. «Não,

aquele passou longe. Mas agora é a nossa vez.» E de novo se pôs a passear, procurando alargar o passo de molde a alcançar o rego em dezasseis passadas. De súbito um silvo e depois uma pancada; ali, a cinco passos, um projéctil faz voar a terra seca de todos o, lados e enterra-se no chão, Um arrepio involuntário percorre-lhe as costas. De novo lança um olhar aos seus soldados. Há muitos atingidos, naturalmente: no segundo batalhão ouve-se tumulto.

— Senhor ajudante-de-campo — grita ele — irão permita que se formem ajuntamentos.

Este executa a ordem e aproxima-se do príncipe André. De outro lado chega a cavalo o comandante do batalhão.

— Cuidado! — grita um soldado, espavorido, e silvando, num rápido voo, uma granada caiu a dois passos do príncipe André, próximo do cavalo do comandante do batalhão. O cavalo empina-se relinchando, com risco de jogar por terra o cavaleiro, e recua. O terror do animal apodera-se dos homens.

— Deitem-se! — grita a voz do ajudante-de-campo que se atirara ao chão.

O príncipe continuava de pé, irresoluto. O obus, fumegando, girava no solo como um pião entre ele e o ajudante-de-campo no limite da seara de aveia e do prado, junto de uma pernada de artemisa.

«Será a morte?», pensou, olhando, com um olhar absoluta— mente novo e como que invejoso, a erva, a pernada de artemisa, o fio de fumo que se desprendia da bola negra em movimento.

«Não posso, não quero morrer, gosto da vida, gosto desta erva, desta terra, do ar que respiro...» Dizia isto de si para consigo e ao mesmo tempo pensava nos que estavam a olhar para ele.

— Não tem vergonha, senhor oficial? — disse para o ajudante-de-campo. — Que...

Não pôde concluir. Nesse mesmo instante ressoou a explosão, houve um retinir, como de vidros quebrados, uma baforada de fumo e o príncipe André, projectado de lado, ergueu um braço ao ar e foi cair de cara contra o chão.

Alguns oficiais acorreram. Do flanco direito escorria-lhe pela erva um grande rego de sangue.

Os milicianos, logo chamados, detiveram-se com a sua padiola na retaguarda dos oficiais. André estava estendido sobre o ventre, o rosto na erva, e estremecia com grandes soluços.

— Vamos, que estão aí a fazer, aproximem-se!

Os camponeses chegaram, pegaram-lhe pelos ombros e pelas pernas, mas ele gemia dolorosamente e, depois de se entreolharem, voltaram a pô-1o no chão.

— Peguem-lhe, ponham-no na padiola, pouco importa! — gritou uma voz.

— Oh. Deus!, oh, Deus! Será possível?... No ventre. É a morte! Oh!, meu Deus! — exclamaram vários oficiais. — Roçou-me por uma orelha — disse o ajudante-de-campo. Os camponeses, depois de terem posto a padiola aos ombros, meteram a toda a pressa pelo atalho que conduzia à ambulância.

— A passo! — Eh, camponeses! — gritou-lhes um oficial detendo pelo ombro um dos milicianos, que caminhavam em passo irregular e agitavam a maca,

— Tem cuidado, hem, Kvedor! Eh, Kvedor! — exclamou o que ia à frente.

— Assim está bem! — respondeu, jovial, o que ia atrás, acertando o passo.

— É Sua Excelência? É o príncipe? — disse Timokine em voz trémula, correndo para a padiola.

O príncipe André abriu os olhos e do alto da padiola onde a cabeça lhe descaíra lançou um olhar àquele que lhe falava, voltando a cerrar as pálpebras,

Os milicianos levaram o príncipe André para a mata onde estavam os carros e a ambulância. Esta era formada por três tendas de campanha separadas, e de lonas abertas, na orla de uma inata de álamos. Os carros e os cavalos estavam debaixo das árvores. Os animais comiam a sua aveia nos respectivos sacos e os pardais cirandavam em volta deles na esperança de apanhar os grãos espalhados. Corvos, atraídos pelo sangue, grasnavam, impacientes, por entre os álamos. Em volta das tendas, numa área de umas duas dessiatinas, viam-se deitados, sentados ou de pé soldados ensanguentados, envergando os mais diversos uniformes. Na vizinhança dos feridos estacionava uma multidão de maqueiros de expressões tristes e atentas, que os oficiais encarregados de manter a ordem procuravam debalde afastar dali. Sem lhes dar ouvidos, estes soldados ali continuavam, encostados às suas padiolas, olhando fixamente tudo que se passava à sua volta, como que a procurarem compreender o terrível significado de semelhante espectáculo. Ouviam-se nas tendas ora gritos lancinantes e selvagens ora gemidos dolorosos. De tempos a tempos saíam de lá correndo enfermeiros que iam buscar água e designavam os feridos que deviam ser transportados. Estes, que esperavam a sua vez à entrada das tendas, gemiam, choravam, gritavam, proferiam injúrias, pediam que lhes dessem vodka, sentia-se-lhes o estertor.

Alguns deliravam. Deixando para trás os feridos que ainda não tinham sido pensados, levaram o príncipe André, na sua qualidade de comandante de regimento, até à entrada de uma das tendas e aí se detiveram os seus maqueiros, aguardando ordens. André abriu os olhos e esteve assim muito tempo sem ser capaz de compreender o que se passava, O prado, as artemisas, o campo de aveia, a bola negra, girando e o seu arrebatamento de amor pela vida, tudo isto lhe veio ao espírito. A dois passos da sua padiola um sargento alto e moreno, a cabeça atada, encostado ao tronco de uma árvore, falava em voz alta, chamando a atenção de toda a gente, Fora ferido na cabeça e numa perna. A sua volta agrupava-se uma chusma de feridos e de maqueiros que escutava, avidamente o que ele dizia.

«Quando corremos com eles dali, deixaram lá tudo, e até o rei deles fizemos prisioneiro», gritava o sargento, com os seus olhos negros resplandecentes e miradas de orgulho à sua roda. «Se ao menos naquele momento as reservas têm chegado, podem crer, rapazes, não tinha escapado um, tão certo como eu estar aqui.. »

O príncipe André, como todos os que rodeavam o narrador, olhava para ele com os olhos brilhantes, e um sentimento de alívio o percorria. «Mas que me importa agora», dizia de si para consigo, «que tenho eu a ver com o que acontecerá ali e com o que aconteceu aqui? E porque será que me custa tanto deixar esta vida? Há de facto nela qualquer coisa que eu não compreendia e que continuo sem compreender.»

[XXXVII]

Um dos médicos saiu da tenda de campanha. Tinha um avental ensanguentado, e nos seus pequenos dedos, também cheios de sangue, entre o polegar e o anelar, equilibrava um charuto que procurava não sujar, Ergueu a cabeça e olhou para os dois lados por cima dos feridos. O que ele queria, evidentemente, era respirar um pouco de ar puro. Depois de olhar à direita e à esquerda, suspirou e baixou a cabeça.

«Sim, é já», respondeu ao enfermeiro que lhe apontava o príncipe André, e

ordenou que o levassem para a tenda. «Pelos vistos até no outro mundo a vida é melhor para estes senhores», disse um dos feridos.

Transportaram o príncipe André para dentro da tenda e colocaram-no sobre uma, mesa que acabava de ficar livre e que um enfermeiro limpava. André não pôde distinguir coisa por coisa o que havia dentro da tenda. Os gemidos lancinantes que se ouviam por todos os lados, as dilacerantes dores que sentia na anca, no abdómen e nas costas tomavam-no por completo. O espectáculo que tinha diante dos olhos confundia-se numa única impressão geral de corpos humanos nus e ensanguentados que pareciam encher por completo toda aquela tenda de tecto baixo, exactamente como, semanas atrás, num cálido dia de Agosto, os corpos que vira dentro do tanque lodoso na estrada de Smolensk. Sim, era a mesma carne, precisamente essa carne para canhão, cujo espectáculo então, como se previsse o que estava a ver agora, o enchera de horror.

Na tenda havia três mesas. Duas delas já estavam ocup4 das: puseram o príncipe André na terceira. Deixaram-no só por instantes e pôde então, mesmo sem querer, ver o que se passava nas outras. Na que lhe ficava mais próxima estava sentado um tártaro, cossaco, sem dúvida, a avaliar pelo capote a seu lado. Quatro soldados o agarravam. Um médico de óculos retalhava-lhe as costas trigueiras e musculosas.

«Ai, ai, ai!», berrava o tártaro, como um cevado no matadouro, e de súbito, retesando a cara bronzeada, de malares salientes e nariz chato, rangendo os dentes brancos, principiou a estrebuchar, a soltar gritos prolongados e pungentes.

Na outra mesa, à volta da qual havia muitas pessoas, estava deitado de costas um homem forte e de grande estatura, com a cabeça caída para trás. Os seus cabelos encaracolados, a cor do cabelo e a forma da cabeça não pareceram desconhecidos ao príncipe André. Vários enfermeiros mantinham-no imobilizado, segurando-o fortemente. Uma das suas pernas, branca e gorda, era constantemente agitada por estremecimentos convulsivos. O homem soltava soluços entrecortados e sufocava. Dois médicos, silenciosos, um deles muito pálido e trémulo, ocupavam-se da outra perna, muito vermelha. O médico dos óculos, depois de dar por finda a sua tarefa junto do tártaro, a quem cobriram com um capote, aproximou-se do príncipe André enxugando as mãos.

«Dispam-no! Que estão aí a fazer?», gritou, furioso, para os enfermeiros.

O príncipe André recordou-se da sua longínqua e tenra infância, quando o

enfermeiro, de mangas arregaçadas, o desabotoara rapidamente e o despira. O médico debruçou-se sobre o seu ferimento, e depois de o palpar suspirou profundamente. Em seguida fez um sinal a alguém. A dor atroz que sentiu no abdómen fez perder os sentidos ao ferido. Quando voltou a si, haviam-lhe extraído os fragmentos do fémur quebrado, tinham-lhe cortado grandes pedaços de carne e a ferida fora envolta em ligaduras. Espargiam-lhe a cara com água. Assim que abriu os olhos, o médico debruçou-se para ele, beijou-o nos lábios, sem dizer palavra, e afastou-se precipitadamente.

Depois do sofrimento que suportara, André sentiu um bem-estar que desconhecia há muito. Pela imaginação perpassavam-lhe todos os melhores e mais felizes momentos da sua vida, especialmente a sua mais longínqua infância, quando o despiam e o deitavam na sua caminha, e a sua ama, embalando-o, cantava para o adormecer ou, quando, a cabeça pousada na almofada, era feliz por se sentir viver. E todas estas impressões não se lhe afiguravam passadas, mas uma realidade presente. Os médicos continuavam de volta do ferido cujos traços lhe não pareceram desconhecidos. Solevavam-no e esforçavam-se por acalmá-lo.

«Mostrem-ma!... Ai!, ai!, ai!», gemia ele, numa voz entrecortada de soluços, apavorada e como que quebrada pelo sofrimento.

Ao ouvir esses gritos, André sentia vontade de chorar. Seria por ver-se morrer sem glória? Seria por causa das recordações de infância para sempre desaparecida? Ou seria por ver sofrer os outros e ouvir aquele homem soltar diante dele gemidos tão lamentosos? Fosse como fosse, tinha vontade de chorar, de chorar lágrimas de criança, por assim dizer lágrimas suaves de alegria.

Mostraram ao ferido a perna cortada, com sangue coagulado e ainda com a bota calçada.

«Ai! Ai!», gemeu, rompendo a chorar como uma mulher.

O médico que estava diante do ferido e lhe ocultava a cara afastou-se.

«Meu Deus! Que é isto? Que está ele aqui a fazer?», disse para si mesmo o príncipe André.

Naquele desgraçado que chorava, sem forças, e a quem acabavam de amputar uma perna, reconhecera Anatole Kuraguine. Amparavam-no por debaixo dos braços e chegavam-lhe um copo de água, que ele não conseguia atingir com a extremidade dos lábios tumefactos e trémulos. Continuava a soluçar. «Sim, é ele; aquele homem está ligado a mim por laços íntimos e dolorosos», disse de si para

consigo o príncipe André, sem ter ainda uma ideia nítida, do que lhe estava a acontecer. «Que laços ligam aquele homem à minha infância, à minha existência?», perguntava sem conseguir obter resposta, E de súbito despertou-o um novo apelo inesperado: uma figura desse mundo da infância, cheia de pureza e de amor. Lembrou-se de Natacha, tal como ela lhe aparecera pela primeira, vez nesse baile e 1810, com o pescoço e os braços delgados, a sua expressão assombrada e feliz, tão pronta a entusiasmar-se, e o seu amor e a sua ternura por ela acordaram-lhe no fundo do coração mais vivos e fortes do que nunca. Compreendia agora o laço que existia entre ele e aquele, homem que através das lágrimas que lhe embaciavam os olhos o fitava com o seu olhar nublado. André lembrou-se de tudo, e uma imensa piedade, um apaixonado amor por aquele homem lhe encheu o coração feliz, Não podendo conter-se por mais tempo, pôs-se a chorar mansas lágrimas de amor pelos outros em geral, por ele próprio, pelos desvarios dos homens e pelos seus próprios desvarios.

«Sim, a piedade, o amor dos nossos irmãos, daqueles que nos amam, o amor dos que nos odeiam, o amor dos nossos inimigos, sim, esse amor que Deus veio pregar sobre a Terra, esse amor de que me falava a princesa Maria e que eu não compreendia, eis o que me faz ter pena da vida, eis a única coisa que me restaria se ainda tivesse vida para viver. Mas agora é tarde, tarde de mais, Eu bem sei.»

[XXXVIII]

O aspecto aterrador do campo de batalha, coberto de mortos e moribundos, o peso que sentia na cabeça e a nova de que vinte dos ,seus generais tinham sido mortos ou postos fora de combate, tudo isto e o reconhecimento, a que se via obrigado, da impotência do seu pulso, outrora todo poderoso, produziu um efeito inesperado em Napoleão, que ordinariamente gostava de ver os mortos e os feridos no intuito de pôr à prova a sua força moral, como costumava dizer. Naquele dia o pavoroso aspecto do campo de batalha vencera a sua força moral, coisa em que estribava o seu mérito e a sua grandeza, Retirou-se precipitadamente e regressou ao reduto de Chevardino. Sentado no banco portátil, amarelento, inchado, pesado, os olhos embaciados, o nariz vermelho e a

voz rouca, ouvia o tiroteio involuntariamente, de cabeça baixa. Era com febril inquietação que aguardava o fim daquela obra em que participava embora sem a poder dar por finda. Por momentos prevalecia nele, sobre a miragem em que vivera e de que por tanto tempo fora escravo, um puro sentimento de humanidade. Sentia pesar-lhe na alma o sofrimento e as mortes de que tivera a visão ao percorrer o campo de batalha. O peso na cabeça e a opressão que lhe tomava os pulmões faziam-no pensar que também podia sofrer e morrer. Naquele momento não desejava nem Moscovo, nem a vitória, nem a glória. Para que queria a glória? Nada mais desejava naquele momento além do repouso, da serenidade e da liberdade. Quando estivera, porém, no cabeço de Semionovskoie, o comandante da artilharia propusera-lhe instalar ali algumas baterias para reforçar o fogo sobre as tropas russas concentradas diante de Kniazkovo. Napoleão concordara, determinando que lhe comunicassem o resultado obtido.

Um ajudante-de-campo veio anunciar-lhe que duzentas peças de artilharia tinham aberto fogo contra os Russos, mas que estes continuavam a resistir.

— O nosso fogo ceifa-os, fileira a fileira, e apesar disso permanecem firmes — disse o ajudante-de-campo.

— Ainda querem mais! — exclamou Napoleão com voz rouca.

— Sire? – perguntou o oficial, que não ouvira bem.

— Querem mais — repetiu ele, com a mesma rouquidão na voz e franzindo as sobrancelhas. — Dêem-lhes o que estão a pedir.

E sem que disso tivesse a iniciativa, o que ele realmente não queria realizava-se, não dando ordens senão por pensar que esperavam que ele as desse. De novo se deixou mergulhar nesse mundo fictício, povoado de visões de grandeza, e de novo, como um cavalo que, movendo uma nora, julga realizar uma tarefa útil para si, cumpria, docilmente, o cruel, doloroso, inumano e penoso Papel para que estava predestinado.

E não foi só naquela hora e naquele dia que o espírito e a consciência se lhe obscureceram, àquele homem sobre quem pesava mais do que sobre qualquer outro ser humano a responsabilidade do que se estava a passar. Nunca, até ao último dos seus dias, pôde compreender o que era o bem, o que era a beleza, o que era a verdade, nem jamais compreendeu a significação dos seus próprios actos por de mais opostos à verdade e ao bem para que ele pudesse compreender-lhes o significado. Nunca pôde renegar os seus próprios actos, tão louvados por meio

mundo, e assim se viu forçado a renegar a verdade e o bem e tudo o que era verdadeiramente humano,

Não foi só naquele dia que ele, percorrendo o campo de batalha juncado de soldados mortos ou mutilados — por obra e graça da sua vontade, assim pensava —, pôde calcular quantos eram os mortos russos por cada morto francês, e, enganando-se a si próprio, achara razões para rejubilar, pois, segundo ele, por cada um dos seus tinham caído cinco do inimigo. Não foi só naquele dia que ele disse, como escreveu numa carta para Paris: «O campo de batalha estava soberbo», por haver mais de cinquenta mil cadáveres. Também na ilha de Santa Helena, no silêncio da solidão, onde, segundo declarara, pensava consagrar os seus ócios a relatar as obras que levara a cabo, escreveria:

> A guerra da Rússia devia ter sido a guerra mais popular dos tempos modernos: era a guerra do bom senso e dos verdadeiros interesses, a guerra do repouso e da segurança geral; era puramente pacífica e conservadora.
>
> Era pela grande causa, pelo fim dos acasos e pelo princípio da segurança. Um horizonte novo, novos trabalhos iam, desenrolar-se, cheios do bem-estar e da prosperidade de todos. Estava fundado o sistema europeu; restava apenas organizá-lo.
>
> Satisfeitos que fossem estes grandes objectivos e tranquilo que me visse em toda a parte, teria tido também o meu Congresso e a minha Santa Aliança. Ideias que me roubaram. Nessa reunião de grandes soberanos teríamos tratado dos nossos interesses em família e contaríamos então, de amo a servidor, com todos os povos.
>
> Deste modo teria chegado a ser a Europa verdadeiramente um único povo e toda a gente por onde quer que viajasse encontrar-se-ia sempre na pátria comum. Teria obtido o livre trânsito em todos os rios navegáveis, a comunidade dos mares, e que os grandes exércitos permanentes fossem reduzidos daí para o futuro à escolta dos soberanos.

> De regresso a França, no seio da pátria, grande, forte, magnífica, tranquila, gloriosa, teria proclamado os seus limites imutáveis; teria declarado todas as guerras futuras puramente defensivas e qualquer engrandecimento novo antinacional. Teria associado meu filho ao império, a minha ditadura acabaria, e teria começado um reinado constitucional...
>
> Paris teria sido a capital do mundo e os Franceses a inveja das nações!...
>
> Os meus ócios e os dias da minha velhice teriam sido consagrados, na companhia da imperatriz e enquanto durasse o aprendizado real de meu filho, a visitar, vagarosamente, e como um verdadeiro casal de aldeões, com os nossos próprios cavalos, todos os recantos do Império, ouvindo as queixas, fazendo justiça, semeando por toda a parte monumentos e boas obras. (Em francês no texto original. (N, dos T.)

Destinado pela Providência para desempenhar o papel lamentável e servil de carrasco das nações, queria convencer-se de que o seu objectivo era o bem dos povos e que podia orientar o destino de milhões de seres fazendo a sua felicidade.

Dos 400 mil homens que atravessaram o Vístula — escreveria mais adiante a propósito da campanha da Rússia — metade eram austríacos, prussianos, saxões, polacos, bávaros, wurtem, burgueses, espanhóis, italianos, napolitanos. Um terço do exército imperial propriamente dito era formado por holandeses, belgas, naturais das margens do Rena, piemonteses, suíços, genebrinos, toscanos, romanos, componentes da 32ª divisão militar, habitantes de Brémen, Hamburgo, etc.; nele apenas 140 mil homens falavam francês. A expedição da Rússia custou menos de 50 mil homens à França actual; o exército russo, na retirada de Vilna para Moscovo e nas diversas batalhas que se travaram perdeu quatro vezes mais homens que o exército francês; no incêndio de Moscovo perderam a vida 100 mil russos, mortos de frio e de fome nas florestas; e por último, na sua marcha de Moscovo até ao Óder, o exército russo foi também castigado pelas intempéries da estação; quando chegou a Vilna, apenas contava 50 mil homens e em Kalisch tinha

menos de 18 mil!.

Napoleão pensava, pois, que esta guerra contra a Rússia era obra sua, e o horror do que acontecera não lhe causava a mais pequena emoção. Assumia toda a responsabilidade dos acontecimentos e a sua mente ofuscada achava justificação no facto de entre as centenas de milhares de homens sacrificados haver menos franceses do que bávaros ou habitantes do Hesse.

[XXXIX]

E eis como algumas dezenas de milhares de homens dos mais diversos uniformes jaziam mortos, à mistura, naqueles campos e pradarias, propriedade de um tal Sr. Davydov e dos mujiques da coroa, campos e pradarias onde, durante centenas de anos, os habitantes de Borodino, Gorki, Chevardino e Semionovskoie, todas as estações, invariavelmente, procediam às suas colheitas e levavam os seus rebanhos a pastar. Nas ambulâncias, na área de uma dessiatina, erva e terra estavam empapadas de sangue. Multidões de soldados de diversas armas, feridos ou válidos, o pânico escrito na cara, iam refluindo, uns sobre Mojaisk, outros sobre Valuieva. Massas de homens esgotados de fadiga e mortos de fome, conduzidos pelos seus chefes, continuavam a marchar. E por último outros havia que se mantinham no seu lugar disparando sempre.

Por cima do campo de batalha, tão formoso e alegre algumas horas antes, quando resplandeciam as baionetas ou se esgarçavam os vapores do sol matinal, estendia-se agora um nevoeiro húmido à mistura com fumo donde se desprendia um cheiro estranho e acre a salitre e a sangue. Enevoara-se o céu e uma chuva fina caía sobre os mortos, sobre os feridos, sobre aqueles homens extenuados, tornados de pânico, que principiavam a duvidar. Parecia gritar-lhes: «Basta, basta, infelizes! Cessai... Tomai tento! Que estais a fazer?»

Os soldados de ambos os exércitos, cansados e esfomeados. Principiavam a perguntar-se a si próprios se valeria a pena continuarem a matar-se uns aos outros, e rios seus rostos lia-se a hesitação e em cada alma surgia esta pergunta:

«Porquê, por quem devo eu matar ou deixar-me matar? Matai, vós, a quem quiserdes; fazei o que quiserdes; por mim, não quero mais!» Ao entardecer esta

ideia amadurecera em todas as almas. De um momento para o outro estes homens podiam vir a sentir horror pelo que estavam a fazer e abandonar tudo e fugir fosse para onde fosse.

Sem embargo, ainda que no final da batalha estes sentimentos tivessem surgido na alma de todos os combatentes, ainda que todos se tivessem sentido felizes por acabar, uma força incompreensível e misteriosa obrigava-os a, continuar, e, cobertos de suor, negros de pó, sujos de sangue, reduzidos a um terço, extenuados e sem poderem mais, os artilheiros continuavam a transportar as cargas, a carregar as peças, a apontá-las, a inflamar as mechas, e os projécteis, com a mesma velocidade e a mesma crueldade, voavam quer de um lado, quer do outro, rasgando os corpos humanos, continuando a mesma terrível tarefa que se cumpre não graças a vontade do homem, mas graças à vontade d'Aquele que rege os destinos do mundo inteiro.

Quem quer que tivesse visto as fileiras desorganizadas da retaguarda do exército russo teria pensado que bastava um pequenino esforço dos Franceses para esmagar esse exército. E quem quer que tivesse visto a desorganização dos Franceses teria podido raciocinar da mesma maneira. Mas a verdade é que nem os Franceses nem os Russos faziam esse esforço e o fogo da batalha ia-se apagando pouco a pouco,

Os Russos não faziam esse esforço porque não tinham sido eles quem atacara. De princípio haviam-se limitado a ocupar a estrada de Moscovo, interceptando-a ao inimigo, e nesse posto continuaram até ao fim. Aliás, ainda que o seu objectivo fosse derrotar os Franceses, eram incapazes deste último esforço, uma vez que todo o seu exército estava desorganizado, que todos sofreram com a batalha e que para se manterem nos seus postos tinham perdido metade dos seus efectivos.

Os Franceses, amparados pela recordação de quinze anos de vitórias, certos de que Napoleão era invencível, cientes de que se tinham apoderado de uma parte do campo de batalha, que não haviam perdido senão a quarta parte dos seus homens e que atrás deles ainda, intactos, estavam os vinte mil homens da Guarda, teriam podido facilmente fazer esse esforço. Eram os Franceses, que tinham atacado o exército russo com o objectivo de o desalojar das suas posições, quem devia fazer esse esforço, uma vez que enquanto os Russos continuassem, como no princípio da batalha, a interceptar-lhes a estrada para Moscovo, o seu alvo não fora atingido e inúteis deviam considerar-se todos os seus esforços e todas as suas

perdas. A verdade, porém, é que não fizeram esse esforço. Alguns historiadores foram de parecer de que bastaria, Napoleão ter mandado avançar a sua velha Guarda para a batalha ser ganha. Mas quem assim se exprime parece supor que o Outono pode de súbito transformar-se em Primavera, coisa impossível. Se Napoleão não ofereceu a sua Guarda, não foi porque o não quisesse, mas por lhe ser impossível. Tanto os generais, como os oficiais, como os soldados, sabiam que assim era: o estado de desmoralização do exército não o permitia.

Não foi só Napoleão quem sentiu que o seu braço terrível tombava sem força: todos os generais, todos os soldados do exército francês, quer combatentes, quer não combatentes, depois do que tinham visto nas batalhas precedentes, em que o inimigo costumava debandar após uma resistência de um contra dois, haviam sido tomados de um pavor geral na presença de adversário que, após haver perdido metade dos seus efectivos, ali continuava tão ameaçador no fim como no princípio da batalha. A força moral do exército francês atacante estava exausta. A vitória que os Russos obtiveram em Borodino não foi uma dessas vitórias que se proclamam com trapos hasteados em paus, à maneira de troféus, uma dessas vitórias que se medem pela extensão do território conquistado, mas uma vitória moral, uma dessas vitórias que convencem o adversário da superioridade moral que se lhe opõe e da inutilidade dos seus próprios esforços. A invasão francesa. à semelhança de uma fera enraivada mortalmente ferida na sua carreira, pressentia estar perdida, mas assim como o exército russo, duas vezes mais fraco, não podia ceder, a invasão não podia deter-se. Graças à velocidade adquirida, os Franceses ainda iriam até Moscovo, mas seria aí, sem que as forças russas tivessem de fazer novos sacrifícios, que soçobrariam, perdido que fora todo o seu sangue pela ferida mortal que receberam em Borodino, Uma das consequências directas da batalha foi obrigar Napoleão, sem qualquer motivo definido, a fugir de Moscovo, a bater em retirada pela velha estrada de Smolensk, suportando a perda de um exército invasor de quinhentos mil homens e assistindo à destruição da França napoleónica, sobre a qual, pela primeira vez, em Borodino, se abatera o braço de um adversário com força moral superior.

TERCEIRA PARTE

[I]

A inteligência humana não compreende a continuidade absoluta do movimento. As leis de um movimento qualquer só são inteligíveis ao homem quando lhe é dado examinar separadamente as unidades que o compõem. A verdade porém é que é desta divisão arbitrária do movimento ininterrupto em unidades isoladas que resulta ao mesmo tempo a maior parte dos erros humanos.

Quem há aí que não conheça o sofisma dos antigos segundo c! qual Aquiles nunca apanharia a tartaruga ainda que caminhasse dez vezes mais depressa do que ela? Enquanto Aquiles percorre a distância que o separa da tartaruga, esta ter-se-lhe-á adiantado a décima parte desse espaço e quando Aquiles tiver percorrido essa décima parte, a tartaruga ter-se-lhe-á adiantado a centésima e assim por diante até ao infinito. Este problema afigurava-se insolúvel aos antigos, quando o absurdo da conclusão dada resulta apenas do facto de se decompor o movimento arbitrariamente em unidades, quando o certo é que o movimento de Aquiles e o da tartaruga se produzem ininterruptamente.

Ao tomarmos as unidades de um movimento nas suas parcelas cada vez mais pequenas, não fazemos mais do que aproximarmo-nos de uma solução sem nunca a podermos atingir. Só admitindo as grandezas infinitesimais e a sua progressão ascendente até à décima e depois somando esta progressão geométrica podemos obter a solução do problema. O novo ramo das matemáticas, que é a ciência dos infinitesimais, como sucede com os mais complicados problemas do movimento, resolve agora questões outrora consideradas insolúveis.

No exame destes problemas, admitindo os números infinitesimais, esta nova ciência restabelece as condições fundamentais do movimento, isto é, a sua continuidade absoluta, e por essa razão corrige o erro que a inteligência humana não pode evitar quando estuda as unidades parcelares do movimento em vez do movimento contínuo.

No que diz respeito ao estudo das leis do movimento histórico, a mesma coisa acontece.

O movimento da Humanidade, consequência de inúmeras vontades humanas parcelares, não sofre interrupções. A finalidade da História é a compreensão das leis deste movimento. Mas, para compreender as leis do movimento contínuo resultante da sorna de todas as vontades humanas, a inteligência tem de admitir unidades parcelares e arbitrárias, O primeiro processo usado pelos historiadores consiste em tornar uma série de acontecimentos que se sucedem e examiná-los separadamente, quando é certo que não há e não pode haver princípio para nenhum acontecimento, pois todos dependem invariavelmente uns dos outros. O outro processo consiste em se considerarem os actos de um homem, rei ou grande general, como a soma das vontades de todos, quando o que acontece é que essas vontades nunca se traduzem na actividade de uma só personagem histórica, seja ela qual for.

A ciência histórica, na sua evolução, admite unidades cada vez menores, procurando deste modo aproximar-se da verdade. Mas, por mais pequenas que elas sejam, chegamos à conclusão de que conceber uma unidade separada das outras, aceitar o começo de um fenómeno qualquer, admitir que a vontade de todos se exprima nos actos de uma só pessoa, é caminho errado.

Toda a conclusão histórica se desfaz em pó, sem deixar rasto atrás de si, sob a pressão de qualquer ínfimo esforço crítico, desde que esta crítica eleja como medida de observação uma unidade maior ou mais pequena, coisa a que tem inteiro direito, visto ser sempre arbitrária a unidade histórica. Só podemos esperar compreender as leis históricas tomando para base das nossas observações a unidade infinitesimal, os diferenciais da História, quer dizer, as tendências uniformes dos homens, e integrando-as, isto é, somando-as umas às outras.

Nos quinze primeiros anos do século XIX milhões de homens se movimentam na Europa. Todos abandonam as suas preocupações habituais, deslocando-se de um lado para o outro do continente, e é vê-los saquear, matar, vencer e desesperarem. Durante estes anos a vida muda, arrastada num movimento de princípio intenso, para depois declinar, Qual a causa de semelhante fenómeno ou quais as leis que o produziram? — pergunta a razão humana.

Os historiadores respondem a esta pergunta expondo-nos os actos e os discursos de uma dezena de homens reunida num edifício da cidade de Paris, e dão

a esses actos e a esses discursos o nome de «revolução». Depois oferecem-nos a biografia, em todos os seus pormenores, de Napoleão e de várias outras personalidades simpáticas ou hostis para com essa revolução, referindo-nos as influências que exercem uns sobre os outros, para nos dizerem em seguida: eis aqui a causa desse movimento, e ali as suas leis.

A verdade, porém, é que a nossa razão não só se recusa a admitir esta explicação como declara abertamente ser errónea, uma vez que as causas apresentadas são demasiado débeis para explicar semelhante fenómeno. Foi a soma das vontades humanas que fez a revolução e que tornou possível Napoleão, e só ela os manteve e aniquilou.

«No entanto», dirá o historiador, «sempre que houve conquistas houve conquistadores; sempre que houve rima revolução houve grandes homens.» De facto, responde a razão, onde houve conquistadores houve guerras, o que não quer dizer que os conquistadores fossem a causa das guerras e que seja possível descobrirem-se as leis a, que essas guerras obedecem nos actos individuais de um único homem. Sempre que olho para o mostrador do meu relógio, quando o ponteiro se aproxima das dez, ouço badalar os sinos da igreja vizinha. Não tenho, porém, o direito de concluir que a posição do ponteiro do meu relógio seja a causa do badalar dos sinos.

Sempre que vejo deslocar-se uma locomotiva, sempre que lhe ouço o apito e vejo mover-se-lhe o êmbolo, não tenho o direito de concluir que o silvo e o movimento das rodas sejam a causa da marcha da locomotiva. Os camponeses estão convencidos de que o vento gelado que sopra no fim da Primavera é provocado pelo rebentar dos renovos do carvalho, e efectivamente, quando na Primavera começam a rebentar os renovos do carvalho, sopra um vento frio. E conquanto eu ignore a razão desse fenómeno, não me é permitido estar de acordo com os camponeses, pois é evidente que o vento não pode depender dos renovos do carvalho.

O fenómeno que observo é o resultado da coincidência de dois factos, o que aliás se verifica em numerosas manifestações naturais, e sou levado a concluir que, por mais que eu estude atentamente a marcha dos ponteiros do meu relógio, o movimento do êmbolo e das rodas da locomotiva ou os renovos do carvalho, não me é possível reconhecer nisso a razão do badalar dos sinos, do movimento da máquina ou do vento da Primavera. Para chegar a uma conclusão aceitável sinto-

me na obrigação de modificar inteiramente o meu ponto de vista de observador, estudando as leis do vapor, as leis do som e as do vento. Eis o que o historiador tem de fazer. E o certo é que já se empreenderam ensaios nesse sentido.

No estudo das leis da história é o objecto das nossas observações que precisa de ser modificado, É preciso deixar em paz os reis, os ministros e os generais e procurarem-se os elementos homogéneos e infinitesimais que dirigem as massas. Ninguém pode dizer até que ponto por esse meio se podem chegar a conhecer essas leis, mas não lia duvida de que apenas por esse lado elas se podem apreender e que nesse caminho o espírito humano não fez a milésima parte dos esforços que empregou para descobrir os actos de tantos reis, de tantos chefes militares e de tantos ministros e desenvolver as considerações que esses actos sugerem.

[II]

Exércitos de «doze povos diferentes» da Europa se tinham lançado sobre a Rússia. As tropas e as populações russas batem em retirada, evitando o contacto com o inimigo, em direcção a Smolensk e de Smolensk a Borodino. Os Franceses, animados por uma força propulsora cada vez maior, lançam-se sobre Moscovo, objectivo de todo o seu esforço. Esta força, à medida que, se aproxima do fim, aumenta de volume, de acordo com as leis que regem o movimento de aceleração na queda dos corpos. Na retaguarda do exército, milhares de verstas de um país devastado e, inimigo; na sua vanguarda, dezenas de verstas separando-o do seu destino. Eis o que cada soldado francês pensa, e a invasão continua por si mesma, graças à força deste impulso.

No exército russo, quanto mais se recua mais se inflama nos corações o ódio contra o inimigo: a retirada concentra e exaspera esse ódio. Em Borodino dá-se o choque. Nenhum dos exércitos cede terreno diante do outro, mas, após o embate, os Russos têm, fatalmente, de continuar a recuar. Como acontece a uma bola, que, jogada contra outra, animada de maior velocidade, tem forçosamente de recuar, assim a bola da invasão, conquanto haja perdido a sua força no embate, tem necessariamente de continuar a rolar por algum tempo.

Os Russos recuam para cento e vinte verstas além de Moscovo, os Franceses avançam até Moscovo e detêm-se aí. Nas cinco semanas seguintes, todos os combates cessam. Os Franceses não se mexem. A semelhança de uma fera mortalmente ferida que vai perdendo sangue enquanto lambe os seus ferimentos, ei-los ali imóveis durante cinco semanas, sem tentarem seja o que for, até que por fim, de súbito e independentemente de qualquer motivo, retrocedem. Precipitam-se pela estrada de Kaluga, e embora vitoriosos, pois no combate que se trava em MaloIaroslavetz ficam senhores do campo de batalha, sem travar qualquer combate sério, debandam cada vez mais depressa em direcção a Smolensk e de Smolensk direitos a Vilna, atravessando o no Beresina e assim por diante.

Na noite de 26 de Agosto, Kutuzov, bem como todo o exército russo, estavam persuadidos de que a batalha podia considerar-se ganha. O Sereníssimo comunicou-o mesmo, por escrito, ao imperador. E ordenou que se preparassem para um novo combate com o propósito de dar o golpe de morte ao adversário, não por ser intenção sua enganar quem quer que fosse, mas apenas por estar persuadido de que o inimigo podia considerar-se vencido, persuasão, aliás, partilhada por todos os actores do drama.

Mas naquela mesma noite e no dia seguinte receberam-se notícias de perdas incríveis: podia considerar-se perdida quase metade do exército, e uma nova batalha era, praticamente, impossível.

Impossível pensar noutra batalha enquanto se não reunissem todas as informações necessárias e os feridos não estivessem recolhidos, as munições renovadas, contados os mortos, os novos comandantes nomeados para substituir os desaparecidos e os homens fortalecidos e devidamente refeitos. E, no entanto, imediatamente após a batalha, na manhã seguinte, o exército francês, accionado por uma força propulsora na razão inversa do quadrado da distancia, põe-se por si mesmo em marcha contra o exército russo. Kutuzov teria querido atacar logo na manhã seguinte e esse era o desejo unânime das suas tropas. Mas para tal se conseguir o desejar não bastava, era preciso o poder também, e essa possibilidade não existia. Era impossível não retroceder uma etapa, depois outra e outra ainda, e, por fim, no dia 1º de Setembro, quando as tropas chegaram a Moscovo — e apesar do animo que se apoderara dos soldados —, o estado das coisas exigiu que retirassem ainda mais. E o exército recuou mais uma etapa, a, última, e a capital rendeu-se ao inimigo.

Aqueles que estão persuadidos de que os chefes militares traçam os seus planos de guerra e a disposição das batalhas, como qualquer de nós, sentado diante de um mapa, pode decidir das medidas a tomar nesta ou naquela circunstância, esses não deixarão de perguntar porque não procedeu Kutuzov, na sua retirada, desta ou daquela maneira, porque não ocupou posições antes de Fili, porque não recuou de uma vez só pela estrada de Kaluga, ao deixar Moscovo, etc. Esquecem ou ignoram as circunstâncias inevitáveis nas quais qualquer chefe militar tem de agir.

O comandante de um exército é obrigado a proceder em condições absolutamente diferentes daquelas que concebemos no silêncio de um gabinete ao elaborarmos, com o mapa diante de nós, os planos de uma campanha, dispondo aqui e ali de forças determinadas e dando início às nossas operações num momento definido. O general-chefe nunca pode estar no «princípio» de um acontecimento, como acontece connosco, teóricos que somos. Vê-se sempre colocado no meio de uma série móvel de circunstâncias, de tal modo que nunca, em momento algum, é capaz de encarar exactamente o valor dos acontecimentos. O facto realizado toma, insensivelmente, pouco a pouco, o relevo que corresponde à importância que tem, e durante o tempo necessário para assim se desenvolver e colocar-se em evidência encontra-se o chefe mergulhado num jogo complicado de intrigas, de preocupações, de conflitos de poder, de projectos, de conselhos, de ameaças, de fraudes, tendo de responder, a todo o momento, a uma infinita quantidade de perguntas, sempre contraditórias.

Os entendidos em assuntos militares dizem-nos, muito a sério, que Kutuzov teria podido evacuar as suas tropas pela estrada de Kaluga muito antes de Fili e que até mesmo alguém lhe propôs esta solução. Efectivamente, sobretudo nos momentos cri— ticos, o general-chefe tem sempre à sua disposição, em vez de um, dúzias de projectos, E cada um desses projectos, conquanto baseados na estratégia e na técnica, está em contradição com os outros. Dir-se-ia que lhe bastava escolher um deles. Mas até isso lhe é impossível. Tanto os acontecimentos como o tempo não esperam. Propuseram-lhe, suponhamos, no dia 28, seguir pela estrada real de Kaluga, mas eis que ao mesmo tempo chega um ajudante-de-campo de Miloradovitch, que vem perguntar-lhe se se devem atacar imediatamente os Franceses ou se é melhor recuarem, É preciso logo, naquele mesmo instante, transmitir ordens. Ordenar a retirada será condenar-se a um desvio para atingir a

estrada de Kaluga. Depois do ajudante-de-campo chega o intendente, que pede instruções sobre o local para onde deve encaminhar os abastecimentos, enquanto o comandante das ambulâncias pergunta para onde deve dirigir os feridos. Entretanto chega um correio de Petersburgo com uma carta do imperador, em que se diz não admitir que se possa abandonar Moscovo. Em seguida, um dos rivais de Kutuzov, que move contra ele uma intriga — há sempre pessoas para tal e muitas vezes mais do que uma —, propõe um novo projecto, diametralmente oposto ao da retirada pela estrada de Kaluga. Aliás, o general-chefe tem necessidade de dormir para reparar as suas forças, mas eis que um digno general se lhe vem queixar de ter sido preterido na atribuição das condecorações, que uns civis lhe vêm implorar protecção, que um oficial enviado para examinar o terreno chega com informações absolutamente opostas às do oficial que o precedera. Um espião, um prisioneiro, bem como o general que fez o reconhecimento, descrevem de maneira completamente diferente posição do exército inimigo. As pessoas que fingem não compreender ou que esquecem as condições em que deve trabalhar o general-chefe desenham-nos um quadro, por exemplo, da posição das tropas em Fili e supõem então que Kutuzov teria podido no dia 1º de Setembro resolver livremente o problema do abandono ou da defesa de Moscovo, quando com o exército a cinco verstas da capital semelhante questão não era de formular. E quando foi essa questão resolvida? Em Drissa, em Smolensk e mais claramente do que nunca no dia 24, em Chevardino, e em 26 , em Borodino, e depois, dia a dia, hora a hora, minuto a minuto, na retirada de Borodino para Fili.

[III]

Quando Ermolov, enviado por Kutuzov para a posição, lhe veio dizer ser impossível travar batalha naquele local, em frente dos muros de Moscovo, e que era preciso recuar, o marechal olhou silencioso para ele.

— Dá cá a tua mão — disse-lhe, ele relendo-a entre as suas para lhe tomar o pulso, acrescentou: — Estás doente, meu amigo. Pensa bem no que dizes.

Ainda não podia compreender ser possível abandonar Moscovo sem combate.

Apeou-se do carro, na colina de Poklonaia, a seis verstas da barreira de

Dorogomilov, e sentou-se num banco à beira da estrada. A sua volta juntaram-se muitos generais. O conde Rostoptchinp, chegado de Moscovo, juntara-se-lhes. Esta brilhante reunião, dividida, em vários grupos, discutia as vantagens e os inconvenientes da posição, o estado das tropas, os planos propostos, o espírito que reinava na cidade e outras questões militares. Embora ninguém o dissesse, e conquanto não tivessem sido convocados para isso, todos sentiam tratar-se de um conselho de guerra. As conversas mantinham-se à volta de problemas de ordem geral. Se se comunicava ou se se tomava conhecimento de casos particulares era em voz baixa e logo se voltava aos assuntos de ordem geral. Não havia nem conversas, nem gracejos, nem risos, nem sequer sorrisos. Era evidente todos procurarem estar à altura das circunstâncias. E conquanto cada um dos grupos se entretivesse em conversas entre os seus componentes, todos procuravam conservar-se não muito longe do general-chefe, cujo banco constituía o ponto de mira geral, todos falando de modo que ele os ouvisse. Kutuzov ouvia e por vezes informava-se sobre o que se estava a dizer perto dele, sem intervir nas conversas nem emitir qualquer opinião. Geralmente, depois de apurar o ouvido, desviava a atenção, desapontado por não ter podido ouvir aquilo que queria saber. Uns, a propósito da posição escolhida, criticavam menos essa posição em si mesma que a competência de quem a escolhera. Outros sustentavam que o erro vinha de mais longe e que já na antevéspera se devia ter aceitado a batalha. Havia ainda quem se referisse à batalha de Salamanca, cujos pormenores haviam sido conhecidos através de um francês de uniforme espanhol que dava pelo nome de Crossart. Este Crossart discutia com um príncipe alemão que prestava serviço no exército russo o cerco de Saragoça, na previsão de a defesa de Moscovo lhe seguir as pisadas. Num quarto grupo. Rostoptchine declarava estar pronto a morrer com a milícia moscovita defendendo a capital, embora acrescentasse que não podia deixar de lamentar a ignorância em que o tinham conservado e que, noutras circunstâncias, as coisas teriam corrido de outra maneira...

Num quinto grupo, num alarde de profundo conhecimento estratégico, falava-se da direcção que as tropas deviam ter tomado. E havia ainda quem não dissesse senão tolices.

Kutuzov cada vez parecia mais preocupado e mais triste, Em todo aquele linguajar apenas via uma coisa: tamanha era a impossibilidade material de defender Moscovo, no sentido literal da palavra, que, se houvesse um general-

chefe tão louco capaz de dar ordem de combate, em vez de uma batalha apenas se veria uma desordem tremenda. Essa batalha não se travaria, pois todos os altos postos eram unânimes em considerar a posição impossível e não falavam noutra coisa senão no que viria a dar-se depois do abandono inevitável daquela posição. Como haviam aqueles generais de dirigir o exército num campo de batalha que eles próprios consideravam impraticável? Os oficiais subalternos f— os próprios soldados, pois todos discutiam o caso, reconheciam também a posição insustentável: não podiam bater-se de antemão certos de que se daria um desastre. É certo que Bennigsen teimava em que se defendesse essa posição, quando outros a criticavam, mas isso não linha importância alguma em si: não passava de pretexto para discussões e intrigas. Kutuzov compreendido perfeitamente.

Bennigsen, que escolhera a posição em causa, vangloriava-se do seu patriotismo, e Kutuzov não o podia ouvir sem franzir o sobrolho. Teimava na defesa de Moscovo. O general-chefe percebia claramente o seu estratagema. Se houvesse um desastre, alijaria sobre ele, que teria conduzido as tropas sem darem batalha até aos montes Vorobi, toda a responsabilidade: no caso contrário, teria o cuidado de chamar a si toda a glória: e, se se recusassem a ouvi-lo, lavaria as suas mãos do crime de ter abandonado a cidade. Estas intrigas, porém, não apoquentavam por então o velho general. Só um problema terrível se lhe formulava e ninguém estava em condições de lhe proporcionar uma solução. Esse problema era o seguinte.

«Teria sido eu quem deixou chegar Napoleão até às portas de Moscovo? E quando o teria feito? Quando? Ontem, quando enviei a Platov ordem de recuar, ou anteontem à noite, quando, meio adormecido, disse a Bennigsen que tornasse, as suas disposições? Ó teria sido ainda antes... Quando, quando é, que se decidiu esta coisa tremenda: Moscovo ter de sido abandonada?

O exército tem de bater em retirada e essa ordem tem de ser transmitida. Dar uma tal ordem afigurava-se-lhe tão espantoso como demitir-se do comando do exército. Além de amar o poder, a que estava habituado, tivera inveja das honras tributadas ao príncipe Prozorovski, de cujo quartel-general foi agregado na Turquia, e estava convencido de que o destino o escolhera para salvar a Rússia, pois, contra a vontade do imperador, e apenas por virtude da vontade do povo, fora escolhido para o comando supremo. De facto, estava persuadido de que só

ele, naquelas críticas circunstâncias, podia encontrar-se à frente do exército, e só ele neste mundo seria capaz de enfrentar o invencível Napoleão, sentindo-se horrorizado com a ideia da ordem que tinha de dar. A verdade, porém, é que era preciso tomar uma decisão: era mister pôr ponto final às conversas daquela gente, que principiavam a adquirir um tom demasiado livre.

Chamou os generais mais antigos.

— Boa ou má, a minha cabeça só comigo pode contar – disse, levantando-se para se dirigir a Fili, onde estavam as carruagens.

[IV]

As duas da tarde reuniu-se o conselho de guerra na espaçosa e confortável isbá do camponês André Savostianov. Os homens, as mulheres e as crianças daquela numerosa família tinham-se ido acolher na dependência sem estufa do outro lado do vestíbulo. Apenas ficara empoleirada na estufa uma pequenita de seis anos, a filha de André, Malacha, a quem o Sereníssimo conquistara, quando tomava chá, oferecendo-lhe um pedaço de açúcar, Malacha, tímida e risonha, ia olhando do alto do seu observatório aquelas figuras, aqueles uniformes, aqueles generais, com o peito constelado de medalhas, que entravam uns atrás dos outros e se instalavam no recanto sagrado, nos grandes bancos, debaixo dos ícones. O «avô», como Malacha, mentalmente, chamava a Kutuzov, estava sentado sozinho no recanto escuro da estufa. Esbarrondado numa poltrona, não fazia senão gemer, passando a mão pela gola do dólman, o qual, embora desabotoado, parecia afogar-lhe o pescoço. Os que iam entrando aproximavam-se dele, um de cada vez: a uns apertava a mão, a outros limitava-se a fazer-lhes um aceno com a cabeça. Kaissarov, o ajudante-de-campo, fez menção de afastar a cortina da janela que lhe ficava diante, mas o marechal teve um gesto de impaciência e ele compreendeu que o Sereníssimo não queria que lhe vissem a cara.

Em torno da rústica mesa de pinho, cujo tampo estava coberto de mapas, planos, lápis, papéis, tanta gente se juntou daí a pouco que as ordenanças se viram obrigadas a trazer outros bancos. Neles se sentaram os recém-chegados, Ermolov, Kaissarov e Toll. Precisamente debaixo dos ícones, no lugar de honra,

estava Barclay de Tolly, com a cruz de S. Jorge ao peito, o rosto pálido e enfermiço e a grande testa que lhe prolongava a cabeça calva. Estava com febre há dois dias e naquele momento, precisamente, arrepios o faziam estremecer, sentindo-se prostrado. A seu lado. Uvarov, com gestos bruscos, contava-lhe qualquer coisa em voz baixa. Todos, aliás,, falavam da mesma maneira. Dokturov, baixinho e reboludo, de sobrancelhas franzidas e mãos cruzadas sobre o ventre, ouvia em toda a atenção. Do outro lado, o conde Ostermann-Tolstoi apertando entre as mãos a sua grande cabeça de ousada expressão e olhos brilhantes, parecia mergulhado nos seus pensamentos. Raievski, impaciente, alisando os frisados cabelos com um gesto habitual, ora olhava para Kutuzov ora para a porta de entrada. O belo rosto firme e bondoso de Konovnitsine abria-se num sorriso terno e malicioso. Os seus olhos e os de Malacha tinham-se encontrado e fazia-a rir com trejeitos.

Todos esperavam por Bennigsen, que, a pretexto de examinar novamente a posição, se estava refazendo com um bom repasto. Entre as quatro e as seis horas conversou-se, em voz baixa, sobre assuntos particulares, sem se dar início à discussão.

Só quando Bennigsen apareceu na isbá Kutuzov saiu do seu canto e se aproximou da mesa, mas de modo a que a luz das velas trazidas entretanto lhe não desse em cheio no rosto.

Bennigsen abriu imediatamente a sessão, perguntando se «se ia abandonar sem combate a santa e antiga capital da Rússia ou se, pelo contrário, se ia defendê-la». Seguiu-se um longo e absoluto silêncio. Em todos os rostos surgiu uma expressão carregada, e ouviu-se Kutuzov tossir, resmoneando, irritado, fosse o que fosse. Todos os olhares convergiam para ele. Até Malacha olhava para o «avô». Era ela quem, de mais perto, podia ver contrair-se-lhe o rosto: parecia ir chorar. Foi coisa de segundos.

— A santa, a antiga capital da Rússia! — exclamou, subitamente, repetindo, colérico, as palavras de Bennigsen, como a frisar quanto essas palavras destoavam. — Permita que lhe diga, Excelência, que esta pergunta não tem o mais pequeno sentido para um coração russo. — E enquanto assim falava, o corpo maciço inclinava-se-lhe para a frente. — Não se pode fazer semelhante pergunta e uma pergunta dessas não tem o mais pequeno sentido. Foi por motivos de ordem puramente militar que eu convoquei estes senhores. Ei-los: «A salvação da Rússia

está no exército. Qual será mais vantajoso, arriscarmo-nos a perdê-lo, e com ele Moscovo, aceitando a batalha, ou entregar Moscovo sem combate?» Eis o ponto sobre que eu quero conhecer a vossa opinião.

E voltou a enterrar-se na sua poltrona.

A discussão tomou calor. Bennigsen ainda se não considerava vencido. Admitindo a opinião de Barclay e de outros, segundo a qual era impossível travar uma batalha defensiva em Fili, propunha, dominado, dizia, por sentimentos patrióticos e de amor a Moscovo, fazer passar as tropas, durante a noite, do flanco direito para o esquerdo, lançando-se na manhã seguinte sobre a ala direita francesa, As opiniões estavam divididas; discutiram-se os prós e os contras. Ermolov, Dokturov e Raievski estavam com Bennigsen. Ou guiados pela ideia de que era necessário um sacrifício antes do abandono da cidade ou por outra qualquer razão de ordem pessoal, fosse pelo que fosse, pareciam não compreender que aquela reunião não podia alterar a marcha inevitável dos acontecimentos e que Moscovo já estava de facto abandonada. Eis o que compreenderam muito bem os demais, que, deixando de lado a questão de Moscovo, apenas discutiram a direcção que os exércitos deviam seguir na retirada.

Malacha que seguia atentamente o espectáculo, interpretava de maneira muito diferente o que estava a passar-se. Para ela tratava-se apenas de uma luta pessoal entre o «avô» e o «homem das grandes abas», como chamava a Bennigsen. Via muitíssimo bem que se dirigiam um ao outro iracundos e lá no fundo do seu coraçãozinho tornava o partido do «avô». No decorrer da conversa surpreendeu o olhar rápido e malicioso que este lançara a Bennigsen, e imediatamente percebeu, com grande satisfação, que o «homem das grandes abas» fora posto no seu lugar: Bennigsen corara, subitamente e, furioso, pusera-se a andar de um lado para o outro. As palavras que sobre ele tinham produzido tão grande efeito eram as que Kutuzov pronunciara, numa voz mansa e tranquila, acerca das vantagens e dos inconvenientes da proposta relativa ao ataque da ala direita dos Franceses.

— Não posso, meus senhores — dissera Kutuzov —, aprovar o plano do conde. Movimentos de tropas nas vizinhanças do inimigo são sempre perigosos e a história militar aí está para confirmar o facto. Assim, por exemplo... — Pareceu querer reflectir e lançou um olhar ingénuo e claro ao antagonista, como se procurasse um exemplo ali bem próximo. — É o caso da batalha de Friedland, que,

como o conde se deve lembrar muito bem, assim o espero, não foi... o que se pode dizer um êxito, apenas porque as nossas tropas se tinham reagrupado a uma distancia demasiado próxima do adversário...

Seguiu-se um breve silêncio que a todos pareceu muitíssimo longo.

A discussão recomeçou, entrecortada de frequentes interrupções: sentia-se que, já não havia matéria para mais dissertações.

Durante uma destas interrupções, Kutuzov soltou um grande suspiro: parecia querer falar. Todos voltaram para ele os olhos.

— Bem, meus senhores, já vi que eu é que tenho de pagar os vidros partidos! — disse ele. E, erguendo-se com dificuldade, aproximou-se da mesa. — Meus senhores, ouvi o que cada um pensa. Alguns dos senhores não são, com certeza, da minha opinião. Mas eu — acrescentou, depois de uma ligeira pausa — mercê dos poderes que me foram conferidos pelo imperador e pela Pátria, ordeno a retirada.

Pouco depois os generais separavam-se, com essa circunspecção solene e calada com que se costumam separar as pessoas que assistiram a um funeral.

Alguns deles, em voz baixa, e num tom muito diferente daquele que tinham durante o conselho, dirigiram algumas palavras ao general-chefe.

Malacha, que esperava havia muito pelo jantar, deixou-se deslizar do seu miradouro, cautelosamente, de costas, fixando os seus pèzinhos descalços nas saliências da estufa, e desapareceu pela porta, esgueirando-se por entre as pernas dos militares.

Depois de se despedir dos generais, Kutuzov deixou-se ficar, por muito tempo, sentado, com os cotovelos em cima da mesa, pensando sempre na mesma tremenda pergunta: «Quando é que se decidiu então que Moscovo seria abandonada? Quando ficou isso resolvido e quem era o responsável?»

— Ah! Não era isto que eu esperava! — disse para o ajudante-de-campo, Schneider, que viera vê-lo já noite adiante. — Não esperava isto! Nunca julguei que se desse uma coisa destas!

— É melhor ir descansar, Excelência — disse-lhe Schneider — Pois bem, já que assim querem, obrigá-los-ei a comer carne de cavalo, como aos Turcos — exclamou, de súbito, sem responder ao ajudante-de-campo, deixando cair o grosso punho em cima da mesa— Sim, também a hão-de comer, ou então...

[V]

Entretanto, e num caso ainda mais grave que o da retirada do exército sem combate, o do abandono e incêndio de Moscovo, Rostoptchine, que aparece como o agente executor desse acontecimento, agia de forma muito diversa de Kutuzov.

Este grave acontecimento — o abandono e o incêndio de Moscovo — era tão inevitável como a retirada das tropas para além de Moscovo depois da batalha de Borodino.

Nenhum russo houve, não por dedução lógica, mas em virtude desse sentimento que lhe enchia o coração, como já acontecera com os seus antepassados, que não previsse o que ia suceder.

Depois da tomada de Smolensk, em todas as cidades e povoações russas, sem ser precisa a intervenção do conde Rostoptchine nem das suas proclamações, aconteceu precisamente o mesmo que em Moscovo. O povo esperou calmamente o inimigo, sem se revoltar, sem se agitar, sem atentar contra a vida de ninguém: esperou tranquilamente a sua hora, certo de que, nas circunstâncias mais trágicas, saberia achar a decisão que convinha. A medida que o inimigo se aproximava, as classes mais abastadas retiravam-se, abandonando os seus haveres; as mais pobres ficaram e incendiaram e destruíram o que restava.

Todos os russos sentiam que tinha de ser assim e que assim seria sempre. Esta convicção, sobretudo o pressentimento de que Moscovo seria tomada, espalhara-se por toda a sociedade moscovita de 1812. Aqueles que, a partir de Julho e do começo de Agosto, largaram da cidade mostraram esperar isso mesmo. Os que abalaram levando consigo o que podiam e abandonando as suas casas e grande parte dos seus haveres agiram desse modo impelidos por um patriotismo latente que se não traduz nem em frases nem no assassínio dos filhos em nome da salvação da Pátria ou quejandos actos antinaturais, mas se exprime sem alarde, simplesmente, de maneira natural, e que por isso mesmo dá sempre os melhores resultados.

«É uma vergonha fugir do perigo, só os cobardes procedem assim», diziam-lhes. Rostoptchine, nas suas proclamações, dava-lhes a entender que esse procedimento era uma desonra. Apesar de mortificados por se verem tratados como poltrões e lhes custar partirem, mesmo assim abalavam, pois sabiam que tinha de ser. E

porque se iam embora? Não, com certeza, por se sentirem alarmados pelo que dissera Rostoptchine sobre as atrocidades que Napoleão praticava nos países conquistados. Abalavam, e os ricos, as pessoas cultas, eis quem partia primeiro, eles, que sabiam perfeitamente que Viena e Berlim estavam intactas e que durante a ocupação os habitantes passavam o seu tempo muito divertidos na companhia desses franceses, gente sedutora, de quem os Russos tanto gostavam, especialmente as mulheres.

Partiam porque, para os Russos, não se punha a pergunta de se seria bom ou mau viver sob a administração francesa, Não era possível ali ficar: para eles, seria o pior que lhes podia acontecer. Partiam mesmo antes de Borodino e ainda mais depressa depois desta batalha, sem quererem saber das proclamações relativas à defesa da cidade, apesar de o governador de Moscovo ter anunciado a «saída» da Virgem Iverskaia e a sua intenção de se alistar, e dos balões que deviam matar todos os franceses, e, de todos os despautérios que Rostoptchine proclamava nos seus editais. Sabiam muitíssimo bem que era o exército que devia bater-se e que se este se mostrava incapaz não era com as filhas dos criados que eles podiam enfrentar Napoleão em Tri Gori, e que o que havia a fazer era partir, por mais que lhes custasse abandonar os seus haveres. E lá iam, sem se deterem a pensar na majestade daquela enorme e rica capital abandonada pelos seus habitantes e destinada, sem dúvida, a ser pasto das chamas, pois não destruir ou reduzir a cinza casas vazias eis coisa extraordinária para a gente russa. Iam por iniciativa individual e, apesar disso, graças ao facto de partirem, cumpria-se esse acto magnífico que ficará para todo o sempre com a maior gloria do povo russo. Até aquela senhora que já no mês de Junho, seguida dos seus negros e dos seus bobos, abandonava Moscovo, para se refugiar nas suas propriedades de Saratov, sentia confusamente que nunca poderia ser criada de Bonaparte. E apesar do receio de ser presa às ordens de Rostoptchine, realizava simples e naturalmente a grande obra que salvaria a Rússia. E o conde Rostoptchine, que tão depressa envergonhava os que fugiam como ordenava que se fechassem as repartições públicas; que umas vezes distribuía entre o povo embriagado armas que para nada serviam, organizando procissões pelas ruas, outras proibia o metropolita Augustin de o fazer: que requisitava agora todos os carros particulares existentes na cidade e logo utilizava cento e trinta e seis carroças para transportar o famigerado balão de Leppich; que tanto declarava ir deitar fogo a Moscovo como que incendiara a

sua própria casa enquanto numa proclamação aos Franceses os censurava solenemente por haverem saqueado o asilo de crianças por ele fundado; que ora, se vangloriava do incêndio de Moscovo ora o reprovava; que ora dava instruções ao povo para deitar a mão aos espies e trazer-lhos ora o condenava por o ter feito: que ora expulsava de Moscovo todos os franceses ora deixava em paz Madame Aubert-Chalmé, sob cujo tecto se reunia toda a colónia daquele país, quando, sem qualquer motivo especial, mandava prender e deportar o velho e venerando director dos correios, Kliutcharev; que ora mandava convocar o povo para se reunir em Tri Gori e marchar contra os Franceses ora, para se ver livre da multidão, lhe entregava um homem para que ela o liquidasse enquanto ele próprio fugia pela porta das traseiras; que ora dizia que não sobreviveria às desgraças de Moscovo ora escrevia num álbum, em francês, uma quadra sobre o pape' que então estava a desempenhar (1), esse homem nada percebia dos acontecimentos que estavam a dar-se, apenas queria fazer fosse o que fosse, pôr-se em evidência, realizar um feito patriótico, brincando como uma criança enquanto se cumpria esse acto formidável e fatal que foi a, evacuação e o incêndio de Moscovo. Com os seus bracinhos de criança, ora tratava de espicaçar ora de deter essa imensa torrente popular que tudo arrastava no seu curso.

(1)
Je suis ne Tartare
Je voutus étre Romain.
Les Français m'appelèient barbare,
Les Russes. Georges Dardin,

(Nasci tártaro
Quis ser romano.
Os Franceses chamaram-me bárbaro
Os Russos, Georges Dandin.)
(Nota de Tolstoi.)

Helena, que regressara de Vilna a Petersburgo com a corte, encontrava-se numa situação embaraçosa.

Em Petersburgo gozava da protecção muito especial de um magnate que ocupava um dos mais altos postos do Estado. Em Vilna tornara-se íntima de um jovem príncipe estrangeiro. No seu regresso encontrou-se com o príncipe e o magnate, e ambos quiseram fazer valer os seus direitos, o que a obrigou a resolver um problema inédito na sua carreira: manter relações intimas com os dois sem ofender qualquer deles.

Isto, que teria parecido difícil e até impossível a qualquer outra, não obrigou a condessa Bezukov a um momento sequer de reflexão, ou não tivesse ela fama de mulher superior. Se tem dissimulado o seu procedimento, servindo-se de subterfúgios para evitar complicações, teria deitado tudo a perder, pois seria como confessar-se culpada. Pelo contrário, procedendo como um grande homem capaz de conseguir tudo o que quer, imediatamente se colocou na situação de quem tem razão, razão em que ela, aliás, acreditava sinceramente, atribuindo a culpa aos outros.

A primeira vez que o mancebo estrangeiro se permitiu censurá-la, ela ergueu altivamente a sua bela cabeça e, meia voltada para ele, disse-lhe:

— Aqui têm o egoísmo e a crueldade dos homens! Não contava com outra coisa. Sacrifica-se uma mulher, e aqui têm a recompensa. Que direito tendes vós, monsenhor, de me pedirdes contas das minhas amizades, dos meus afectos? Esse homem foi um verdadeiro pai para mim.

O príncipe quis dizer fosse o que fosse, mas ela interrompeu-o:

— Sim, está bem — prosseguiu — pode ser que ele alimente por mim sentimentos que não são propriamente de um pai, mas isso não é razão para eu lhe dar com as portas na cara. Não sou homem para ser ingrata. Fique sabendo, monsenhor, que em tudo que diz respeito aos meus sentimentos íntimos só a Deus e à minha consciência presto contas.— E dizendo o que, pousou a mão sobre o seu belo seio, que se soerguia emocionado, ao mesmo tempo que levantava os olhos para o céu.

— Mas ouça-me, por amor de Deus. Case comigo, e eu serei sua escrava.

— Mas é impossível.

— Não quer descer até mim, bem vejo... — E rompeu a chorar.

O príncipe procurou consolá-la. Helena, chorando sempre, disse-lhe— como se, não desse conta das suas palavras, que nada a podia impedir de se casar, pois havia casos de divórcio (não eram muitos os que então havia, mas Helena citou o de Napoleão e outras grandes personalidades), que nunca fora mulher do seu marido, que era, apenas a sua vítima.

— Mas as leis, a religião... — replicou o moço, que principiava a transigir.

— As leis, a religião... Mas para que teriam elas sido feitas se, não servissem para isso?

O príncipe, surpreendido com o facto de ainda não ter pensado no caso, coisa tão simples e razoável, foi dali pedir conselho aos reverendos padres da Companhia de Jesus, com quem mantinha estreitas relações.

Alguns dias depois, numa dessas encantadoras festas que Helena costumava oferecer na sua residência de Kamenn! Ostrov, apresentaram— lhe uma personagem de certa idade, de cabelos brancos como neve e brilhantes olhos pretos, o sedutor Monsieur de Jobert, um jesuíta de sotaina curta. No jardim iluminado e enquanto a orquestra tocava, por muito tempo este padre falou a Helena do amor de Deus e de Cristo, do Sagrado Coração de Maria e do consolo que nesta vida e na outra promete a religião católica. Helena comoveu-se, por várias vezes sentiu as lágrimas nos olhos, como, aliás, o próprio Monsieur de Jobert, e a voz tremeu-lhe. Alguém se aproximou de Helena convidando-a para dançar e interrompeu esta conversa com o seu futuro director espiritual; mas no dia seguinte Monsieur de Jobert passou o serão em casa de Helena e daí para o futuro tornou-se íntimo da condessa.

Um dia acompanhou Helena à igreja católica e Helena ajoelhou diante do altar que ele lhe indicara. O insinuante velho pousou-lhe as mãos na cabeça e ao sentir este contacto, assim ela o contaria mais tarde, foi como se um sopro de ar fresco lhe Perpassasse pela alma. Explicaram-lhe que era a graça.

Depois enviaram-lhe um sacerdote de sotaina comprida, que a confessou e lhe deu a absolvição. No dia seguinte trouxeram-lhe a comunhão numa caixa que lhe deixaram em casa à disposição. Alguns dias depois veio a saber, com grande alegria sua, ter dado entrada na verdadeira igreja católica, que o próprio papa ia ser posto ao corrente desse facto e que lhe enviaria, tal propósito, um documento autêntico.

Tudo o que estava a acontecer por esse tempo, a atenção que lhe

consagravam pessoas tão inteligentes, exprimindo-se de uma forma tão agradável e tão distinta, e a sensação de se sentir pura como uma pomba — por então usava vestidos brancos enfeitados com laços da mesma cor —, tudo isso lhe dava um grande prazer, mas a verdade é que, apesar de tudo, nem por um só momento desistia do seu objectivo. E como sempre acontece quando entra em cena, a malícia, que é o mais néscio quem vergar, o mais inteligente, percebendo que o objectivo de todas aquelas palavras e preocupações consistia principalmente em arrancarem-lhe dinheiro em benefício dos Jesuítas, depois de a terem convertido ao catolicismo, insinuação que já lhe fora feita. Helena, antes de entregar a importância, insistiu em submeter-se a todas as operações que pudessem libertá-la do marido. Segundo ela, a religião devia servir para manter certas conveniências na satisfação dos desejos humanos. E foi assim que numa das suas conversas com o confessor exigiu que ele lhe dissesse formalmente até que ponto ela estava ligada pelo matrimónio.

Estavam ambos sentados no salão, ao pé da janela, Caía a tarde. O perfume das flores penetrava pela vidraça aberta. Helena tinha um vestido branco que não lhe tapava o colo e os ombros. O padre, bem alimentado, as faces cheias, barbeadas de fresco, a boca agradável e firme, as brancas mãos cruzadas sobre os joelhos, em atitude beata, estava sentado ao lado de Helena, e com um fino sorriso nos lábios olhava para ela de tempos a tempos, embriagado pela sua beleza, enquanto lhe expunha o seu ponto de vista sobre a questão que a interessava. A condessa, sorrindo, com inquietação, ia olhando para aquele homem de cabelo encaracolado, faces cheias e sombreadas depois da recente passagem da navalha, esperando a todo o momento que a conversa tornasse um rumo novo. O sacerdote, porém, embora visivelmente perturbado com os encantos da interlocutora, abandonava-se ao prazer de expor com arte o seu pensamento.

O director espiritual raciocinava nestes termos: «Ignorando os deveres que assumia, jurou fidelidade a um homem que, pela sua parte, contraindo o matrimónio sem pensar na importância religiosa desse sacramento, cometeu um verdadeiro sacrilégio. Este casamento não teve o carácter recíproco que lhe é próprio. Não obstante, o seu juramento conta. Se amanhã o vier a quebrar, qual será o seu pecado? Um pecado venial ou um pecado mortal? Um pecado venial, pois não houve da sua parte má intenção ao praticá-lo. Se agora viesse a contrair novo casamento, na esperança de ter filhos, o seu pecado podia ser-lhe perdoado.

Mas o problema assume agora duplo aspecto, o primeiro...»

— Eu pensava — disse, de súbito, Helena, enfadada com todos aqueles discursos, e com o mais sedutor dos seus sorrisos —, eu pensava que, desde o momento em que abracei a verdadeira religião, deixaria de estar ligada pelas obrigações impostas pela falsa religião.

Surpreendeu-se o director espiritual ao ver apresentar-se-lhe com tanta simplicidade o problema do ovo de Colombo. Entusiasmado com os rápidos e imprevistos progressos da discípula, não quis, porém, renunciar à exposição dos seus argumentos sérios e bem fundamentados.

— Entendarno-nos, condessa — exclamou, sorrindo, e pôs-se relutar os raciocínios da sua filha espiritual.

[VII]

Helena compreendeu que a questão do ponto de vista religioso era muito fácil e simples, mas que os seus guias espirituais apenas levantavam dificuldades receosos da maneira como as autoridades laicas acolheriam estes projectos.

E nestas condições decidiu ser preciso preparar a opinião pública. Provocou ciúmes no seu velho protector, dizendo-lhe pouco mais ou menos o mesmo que dissera ao primeiro pretendente, isto é, apresentou-lhe as coisas de tal modo que a conclusão a tirar era que para ter sobre ela quaisquer direitos seria preciso desposá-la. No primeiro momento, a surpresa do ancião perante a proposta de se casar com uma senhora que tinha marido foi tão grande como a do jovem, mas a imperturbável segurança de Helena, dizendo-lhe que o caso era tão simples e natural como se se tratasse de uma donzela, acabou por influenciá-lo da mesma maneira. Se ela tivesse tido a menor hesitação, se tivesse mostrado a mais ligeira vergonha ou o mínimo escrúpulo, a partida estaria perdida para ela. Mas foi com toda a sinceridade e a mais cândida bonomia que contou aos seus amigos íntimos, isto e, a Petersburgo inteira, que o príncipe e o magnate se lhe tinham declarado os dois e que ela não queria magoar nem um nem o outro.

Instantaneamente, espalhou-se por Petersburgo que Helena pensa divorciar-se. Semelhante notícia teria provocado reparos se se não tivesse sabido ao mesmo

tempo que a infeliz e interessante Helena estava perplexa sem saber qual dos dois pretendentes escolher. Não se tratava já de saber se isso seria possível, mas apenas qual seria o partido mais vantajoso e como encararia a corte o casamento. É certo que, havia pessoas de ideias retrógradas, incapazes da elevação de espírito suficiente para estarem à altura da questão, pois encaravam esse projecto como uma verdadeira profanação do sacramento do matrimónio, mas eram poucas e não faziam comentários, enquanto a maioria não pensava senão na felicidade de Helena e na escolha que ela faria. Nem uma palavra, porem, no que dizia respeito a considerar-se legítimo ou reprovável o facto de ela se casar estando vivo o marido, pois, dizia-se, o assunto já fora resolvido por pessoas «mais instruídas do que qualquer ele nós», e por em dúvida a sensatez de uma tal resolução seria arriscarmo-nos a fazer figura de parvos ou descorteses.

Só uma pessoa ousou pronunciar francamente a sua opinião, contrária à de todos os demais: Maria Dmitrievna Akrossimova, que viera a Petersburgo visitar um dos seus filhos. Tendo encontrado Helena num baile, deteve-a no meio do salão e, na sua voz rude disse-lhe em voz alta, quando à roda o silêncio era geral: «Com que então cá por estes sítios é costume agora as pessoas casarem com os maridos vivos? Julgas que inventaste, alguma coisa nova? Estás atrasada, minha amiga. Há muito que isso se inventou. Fazem-no todas...» E dizendo o que. Maria Dmitrievna arregaçou as largas mangas do seu vestido, num gesto ameaçador que lhe era habitual, e, depois de a olhar severamente, continuou o seu caminho.

Conquanto a temessem, Maria Dmitrievna em Petersburgo gozava da fama de meio doida e foi assim que da sua algaraviada apenas ficou no ouvido dos que assistiram à cena a palavra grosseira que ela empregou no fim. Repetiam-na em voz baixa e só nessa palavra lhe saboreavam o sal da peroração

O príncipe Vassili, que nos últimos tempos se esquecia muito e estava sempre a repetir a mesma coisa, dizia sempre a filha quando acontecia encontrá-la:

— Helena, tenho ama palavra a dizer-te. — E, travando-lhe do braço, afastava-se com ela para um canto. — Chegaram-me aos ouvidos certos projectos relativos a... Sabes. Pois bem, minha querida filha, fica sabendo que o meu coração de pai se regozija de te saber... Tens sofrido tanto... Mas, querida filha, só deves ouvir o teu coração. É tudo quanto tenho a dizer-te.

E, escondendo a emoção de encomenda, esfregava a cara de encontro à da filha, afastando-se.

Bilibine, sempre com a reputação de homem extremamente espirituoso e amigo desinteressado de Helena, amigo no género costumado entre as mulheres da moda, um amigo que nunca se enamora da sua amiga, Bilibine exprimiu um dia, numa pequena reunião, à sua íntima, tudo quanto pensava do seu caso.

— Ouça, Bilibine — disse-lhe Helena, que tratava sempre os seus amigos desta categoria pelo apelido de família; e enquanto ia falando pousava a sua branca mão cheia de anéis na manga do fraque de Bilibine. — Diga-me como se fosse a uma irmã, que devo eu fazer? Qual dos dois?

Bilibine franziu a testa e com um sorriso nos lábios pôs-se a reflectir.

— Não me apanha desprevenido, sabe — replicou ele.— Como seu verdadeiro amigo, estou farto de pensar no seu caso, Aqui tem, se casar com o príncipe — (isto é, o rapaz) e principiou a contar pelos dedos —, perderá para sempre a possibilidade de casar com o outro, e depois descontentará a Corte. (Como sabe, há uma espécie de parentesco.) Mas, se casa com o velho conde, fará a felicidade dos seus últimos dias, e depois, como viúva do grande... o príncipe já não faz um casamento desigual casando consigo. — E Bilibine desfranziu a testa.

— Chama-se a isto um verdadeiro amigo — exclamou Helena, radiante, pousando de novo a mão na manga do fraque do amigo. — Mas eu gosto de um e de outro, não queria causar-lhes pena. Dava a vida pela felicidade dos dois.

Bilibine encolheu os ombros, com o que queria dizer que nada podia contra semelhante dor.

«Uma mulher às direitas! Chama-se a isto pôr as cartas na mesa. Gostaria de casar com os três ao mesmo tempo», pensou ele com os seus botões.

— Mas, diga-me uma coisa, como vai o seu marido encarar o problema? — interrogou ele, partindo do princípio de que a sua sólida reputação lhe permitia formular uma tão ingénua pergunta. — Consentirá ele?

— Ah, ele gosta tanto de mim! — exclamou Helena, que se julgava também amada por Pedro.— Fará tudo por mim.

A testa de Bilibine sulcou-se de rugas, o que queria dizer que estava preparando um mot.

— Até divorciar-se — comentou, Helena soltou uma gargalhada.

A mãe de Helena, a princesa Kuraguina, pertencia ao número das pessoas que se permitiam duvidar da legalidade do casamento projectado. Sempre tivera ciúmes da e agora, sobretudo, não podia resignar-se à ideia de que os desejos

desta se realizassem plenamente. Foi junto de um sacerdote russo aconselhar-se e perguntou-lhe até que ponto seria possível uma mulher divorciar-se e voltar a casar estando vivo o marido— O padre, respondeu-lhe que tal coisa não era possível e com grande satisfação sua mostrou-lhe o texto do Evangelho que nega terminantemente toda a viabilidade do casamento em semelhantes condições.

Munida destes argumentos, que se lhe afiguravam irrefutáveis, a princesa apresentou-se em casa da filha logo pela manhã muito cedo, de modo a encontrá-la só.

Após ter ouvido as objecções da mãe, um sorriso tranquilo e zombeteiro lhe perpassou pelos lábios.

— Sim, está lá escrito formalmente: «Aquele que casar com mulher divorciada...» — repetia a velha princesa.

— Oh, mãezinha, não diga tolices. Não percebe nada. Na minha posição tenho deveres. — retorquiu-lhe Helena, transpondo a conversa do russo para o francês, pois, quando falava russo, afigurava-se-lhe sempre que havia fosse o que fosse de pouco claro naquela história.

— Mas, minha amiga

— Oh, mãezinha, como assim? Então não compreende que o Santo Padre tem o direito de conceder dispensas...

Nesse momento, a dama de companhia de Helena veio anunciar-lhe que Sua Alteza o príncipe estava no salão e desejava vê-la.

— Não, diga-lhe que o não quero ver, que estou furiosa com ele, porque faltou à sua palavra.

— Condessa, todo o pecado tem perdão — exclamou um jovem louro, alto, esguio e de grande nariz, que aparecera a porta.

A velha princesa ergueu-se e fez uma respeitosa reverência. O recém-chegado nem mesmo se dignou reparar nela. Com um aceno de cabeça à filha, a princesa dirigiu-se para a porta.

«Sim, ela tem razão», dizia de si para consigo, pois, ao ver surgir Sua Alteza, todos os seus escrúpulos haviam desaparecido. «Tem razão. Como foi possível que ignorássemos isto quando éramos novas? E no entanto é tão simples...», pensava ela, ao subir para a carruagem.

No princípio de Agosto, o caso de Helena estava inteiramente concluído e esta

escreveu ao marido, que a amava tanto, como ela pensava, a participar-lhe estar na intenção de se casar com N. N, e que se convertera à única religião verdadeira. Pedia-lhe que satisfizesse todas as formalidades necessárias para o divórcio consoante a indicação do portador da carta.

«Posto isto, rogo a Deus que o tenha sob a Sua poderosa e santa guarda. Sua amiga, Helena.»

Esta carta chegou a casa de Pedro quando ele se encontrava no campo de Borodino.

[VIII]

Para o fim da batalha, depois de abandonar pela segunda vez a, bateria de Raievski, Pedro dirigiu-se, entre massas de soldados, através de um barranco, para Kniaskovo, chegando ao posto de socorros, Porém, ao ver sangue e ao ouvir gemidos, deu-se pressa em continuar o seu caminho, misturando-se à soldadesca, que lhe embaraçava os movimentos.

Só desejava uma coisa e com toda a sua alma: afastar-se o mais depressa possível das terríveis impressões de todo aquele dia, retomar a sua vida normal e dormir tranquilamente na sua cama. Dava-se conta de que só depois de regressar às condições de vida normal seria capaz de se compreender a si mesmo e tudo o que vira e experimentara, Mas ainda não obtivera essas condições de vida.

Embora as granadas e as balas houvessem deixado de sibilar no caminho que tomara, por toda a parte se via o que observara no campo de batalha. Viam-se as mesmas caras dolorosas, extenuadas de cansaço e por vezes com uma expressão de estranha indiferença, havia sangue por toda a parte, por toda a parte se viam os mesmos capotes de soldados e se ouviam descargas, que, embora longínquas, causavam medo, e por cima de tudo isto pairava uma poeira e uma fumarada asfixiantes. Depois de ter andado cerca de três verstas ao longo da estrada de Mojaisk. Pedro sentou-se à beira do caminho.

Escurecia e deixara de se ouvir o troar do canhão. Apoiando-se num braço, Pedro estendeu-se e por muito tempo assim permaneceu, seguindo com a vista as sombras que passavam diante dele no meio das trevas. A cada momento tinha a

sensação de que uma granada lhe ia cair em cima com um silvo tremendo. Estremecia então e punha-se direito. Não teria sido capaz de dizer quanto tempo ali estivera. Lá pela noite adiante, apareceram três soldados com braçadas de ramos secos e sentaram-se perto dele para acenderem uma fogueira.

Depois de terem olhado desconfiados para Pedro, acenderam o lume, puseram-lhe em cima uma panela e migaram-lhe dentro biscoitos e um pedaço de toucinho. O cheiro agradável daquela sopa gordurosa espalhou-se no ar, misturando-se ao do fumo. Pedro levantou-se com um suspiro. Os três soldados começaram à comer sem olhar para ele, conversando entre si.

— E tu, a que regimento pertences? — perguntou-lhe, de súbito, um deles, com o que queria dizer, assim o pensou Pedro: «Se queres comer, conta connosco, mas, antes, diz-nos se és pessoa de bem.»

— Eu? Eu? — murmurou Pedro, sentindo que devia descer até ao nível daqueles soldados para mais perto estar deles e mais facilmente se fazer compreender. — Eu, por agora, sou oficial das milícias, mas o meu destacamento não está para estes lados. Estive no campo de batalha e perdi-me dos meus homens.

— Caramba! — exclamou um deles.

O outro abanou a cabeça.

— Bom, come, se te apetece, gostas de kavardak? — voltou e primeiro, oferecendo a Pedro a colher de pau, depois de a ter lambido.

Pedro foi sentar-se junto da fogueira e pôs-se a comer. Parecia-lhe nunca ter comido coisa tão boa! Enquanto se agachava junto da panela, engolindo avidamente, umas atrás das outras, grandes colheradas de sopa, tinha o rosto iluminado pela fogueira e os soldados olhavam-no em silêncio.

— E para onde vais agora? Hem? — perguntou ainda um deles.

— Vou para Mojaisk.

— És um senhor, não és?

— Sou.

— E como te chamas?

— Piotre Kirilovitch.

— Pois bem, Piotre Kirilovitch, anda daí. Nós te acompanharemos.

No meio da mais negra escuridão, os soldados e Pedro meteram pés a caminho, na direcção de Mojaisk.

O galo já tinha cantado quando eles chegaram a esta cidade e se puseram a subir a íngreme ladeira que a ela conduz. Pedro, seguindo os soldados, esquecera-se por completo de que a sua estalagem ficava lá no fundo da encosta e que a ultrapassara já. Não teria dado mesmo por isso, tão preocupado ia, se a meio da ladeira não se lhe tivesse deparado o escudeiro, que andara à procura dele pelas ruas da cidade e regressava à estalagem. Reconhecera o amo no meio das trevas graças ao chapéu alvadio.

— Excelência — exclamou ele —, tínhamos perdido as esperanças de o encontrar. Vem a pé? Venha daí!

— Pois sim — murmurou Pedro.

Os soldados estacaram.

— Bem, pelo que vemos, encontraste a tua gente! — exclamou um deles. — Então, adeus! Piotre Kirilovitch, não é?

— Adeus, Piotre Kirilovitch! — repetiram os outros.

— Adeus! — disse Pedro. E, acompanhado do escudeiro, dirigiu-se para a estalagem.

«É preciso dar-lhes qualquer coisa!», pensou, levando a mão à algibeira. «Não! É melhor não o fazer!», respondeu-lhe uma voz interior.

Na estalagem não havia lugar: todos os quartos estavam ocupados. Pedro dirigiu-se ao pátio e deitou-se na carruagem, cobrindo a cabeça com o capote.

[IX]

Mal pousara a cabeça na almofada, sentiu que ia cair no sono, mas, de súbito, com uma nitidez que parecia real, pôs-se a ouvir os «buum, buum» dos canhões, os gemidos, os gritos, o estampido das granadas, sentia o cheiro da pólvora e do sangue derramado e um terrível sentimento de horror e medo da morte se apossou dele. Apavorado, abriu os olhos e levantou a cabeça. Tudo estava em sossego à sua volta. Apenas, no alpendre, um impedido falava com o estalajadeiro, para cá e para lá, patinhando na lama. Debaixo do telheiro, por cima da sua cabeça, abrigados no escuro do tecto ripado, um bando de pombos agitou-se assustado com o ruído que ele fizera ao levantar-se. Todo e pátio rescendia àquele

aroma de que Pedro tanto gostava a essa hora, a esse cheiro das estalagens, misto de palha, de estrume e alcatrão. Pelo intervalo de duas tábuas negras via-se o céu límpido picado de estrelas.

«Louvado seja Deus por tudo ter acabado», disse ele para si mesmo, tornando a cobrir a cabeça. «Oh! É horrível uma pessoa ter medo! Que vergonha não me ter sabido dominar! Enquanto eles... eles, até ao fim, ali firmes e tranquilos.»

«Eles» eram os soldados, os da bateria e também os que lhe tinham dado de comer e os que rezavam diante do ícone. «Eles» era aquela gente estranha que desconhecera até então e que no seu pensamento fazia esquecer agora todas as demais pessoas que conhecia.

«Ser soldado, soldado raso», pensava enquanto pegava no sono. «Aderir com todo o nosso ser a esta vida comum, penetrar nos sentimentos que assim os fizeram, Como hei-de eu ver-me livre de todo este fardo supérfluo, diabólico, que é a vida exterior? Houve tempo em que teria podido consegui-lo, em que teria podido vir a ser um simples soldado. Podia ter fugido de casa de meu pai, como era meu desejo. E também me podiam ter mandado assentar praça depois do duelo com Dolokov.» E pela imaginação perpassaram-lhe o jantar no clube, em que provocara Dolokov, e a imagem do Benfeitor em Torjok. E ei-lo que se põe a ver a sessão solene na loja maçónica. Por acaso é no clube inglês. Alguém que ele muito bem conhece, um amigo querido e íntimo, está sentado no extremo da mesa. Mas é ele! É o Benfeitor. «Mas então não morreu?», pergunta-se a si próprio. «Sim, morreu. E não sabia que ele estava vivo. Que pena eu tinha que ele tivesse morrido e que grande alegria sinto ao ver que ressuscitou!» A um dos lados da mesa sentavam-se Anatole, Dolokov, Nesvistski, Denissov e outras pessoas mais, e os traços de cada um pareciam-lhe tão nítidos em sonho como os dos soldados em que acabara de pensar. E aquela gente, Anatole, Dolokov, gritava muito alto e bebia. Sobrepujando as suas vozes ouvia-se, porém, do Benfeitor, que se não calava, e a sua palavra era tão potente e contínua como o fragor do campo de batalha, embora agradável e consoladora. Pedro não compreendia o que ele dizia, mas, porque no sonho os pensamentos eram de uma grande nitidez, estava certo de que falava do bem, da possibilidade de se ser o que «eles» eram, esses soldados. E «eles», com as suas caras, bondosas e firmes, rodeavam o Benfeitor. Conquanto fossem, porém, muito bons, não olhavam para Pedro, não o conheciam. Quis chamar-lhes a atenção para si e dirigir-lhes a palavra. Ergueu-se, e no mesmo

instante sentiu frio nas pernas descobertas. Perpassou-o uma impressão desagradável e puxou o capote: efectivamente, o capote escorregara-lhe para o chão. Por um momento, enquanto o ajeitava, abriu os olhos e viu as mesmas tábuas, os mesmos barrotes, o mesmo pátio, mas agora tudo azulíneo, claro, palhetado de gotas de orvalho ou de geada.

«Está a amanhecer», disse Pedro de si para consigo, «mas não se trata disso. Tenho de ouvir até ao fim e compreender as palavras do Benfeitor.» Voltou a embrulhar-se no capote, porém a sessão na loja e o Benfeitor tinham desaparecido. Nada mais lhe restava além de pensamentos claramente formulados em palavras que alguém pronunciara ou que ele próprio imaginara.

Quando mais tarde se recordou destes pensamentos, embora eles lhe tivessem sido sugeridos pelas impressões do dia, foi como se alguém estranho lhos tivesse segredado. Afigurava-se-lhe que em estado de vigília nunca teria sido capaz de conceber semelhantes pensamentos e exprimi-los daquela maneira.

«A guerra», dizia-lhe uma voz, «é a sujeição mais penosa que pode conceber-se da liberdade humana às leis de Deus. A simplicidade é a obediência a Deus; tudo depende d'Ele. E 'eles' são simples. Eles não dizem o que fazem. A palavra é de prata, mas o silêncio é de ouro. O homem nada pode possuir enquanto temer a morte. Só quem não teme a morte é senhor de tudo. Se u dor não existisse, o homem não conheceria os seus limites, não se conheceria a si mesmo. Nada mais difícil», pensava ele, continuando a sonhar, «que cada um saber reunir na sua própria alma o significado de todas as coisas. Reunir tudo? Não, não é essa a palavra. Não é possível unir todas as ideias, mas, sim, pô-las de acordo!», repetia, com uma espécie de entusiasmo interior, como se sentisse que essas palavras, e só elas, exprimiam perfeitamente o que ele queria dizer, resolvendo a questão que o atormentava.

«Sim, é preciso pô-las de acordo, é tempo de harmonizar as coisas.»

— É preciso atrelar, são horas de atrelar, Excelência! Excelência! — repetiu uma voz. — É preciso atrelar, são horas de atrelar...

Era o escudeiro a acordá-lo. O sol batia-lhe em cheio na cara. Lançou um olhar para o pátio sujo da estalagem no meio da qual, num poço, os soldados davam de beber aos esqueléticos cavalos, enquanto carroças transpunham o portão. Pedro afastou os olhos, enojado, e, voltando a cerrar as pálpebras, deu-se pressa em se enterrar nas almofadas da sege.

«Não, não quero ver isto, não quero ver nem compreender coisa alguma; só quero compreender o que me foi desvendado durante o meu sonho. Mais um bocadinho e teria compreendido tudo. Que hei-de fazer então? Harmonizar, sim, mas como harmonizar tudo?» E Pedro apercebeu-se, com espanto, de que o sentido profundo do que vira e concebera durante o sono desaparecera para sempre.

O escudeiro, o cocheiro e o porteiro contavam-lhe que chegara um oficial com a notícia de que os Franceses se aproximavam de Mojaisk e os Russos batiam em retirada.

Pedro levantou-se e, dando ordem para que logo que atrelassem viessem ter com ele, seguiu a pé ao longo das ruas da cidade.

As tropas tinham-na evacuado, deixando na sua retaguarda perto de dez mil feridos. Havia feridos por toda a parte, nos pátios, nas janelas das casas, em grupos pelas ruas. Em volta das viaturas que os deviam levar só se ouviam gritos, injúrias, estrondear, Pedro ofereceu a sua sege, que viera ao seu encontro, a, um general ferido seu conhecido e ambos seguiram viagem até Moscovo. No caminho, Pedro soube da morte do cunhado e da perda do príncipe André.

[X]

Pedro chegou a Moscovo no dia 30. Perto das muralhas encontrou o ajudante-de-campo do conde Rostoptchine.

— Andámos à sua procura por toda a parte — disse-lhe este. — O conde precisa, sem falta, de falar consigo. Pede-lhe Que o vá ver imediatamente por causa de um assunto urgente.

Pedro, sem mesmo pensar em dirigir-se a casa, meteu-se num carro e dirigiu-se à residência do governador.

O conde Rostoptchine acabava de chegar nessa mesma manhã da sua casa de campo de Sokolniki. A antecâmara e o salão de recepção estavam cheios de funcionários convocados ou que vinham receber ordens. Vassiltchikov e Platov já tinham visto o conde e já lhe haviam explicado ser impossível defender a cidade, que capitularia. Embora houvessem ocultado estas resoluções aos habitantes, os

funcionários, os chefes das diferentes administrações, sabiam que Moscovo ia cair nas mãos do inimigo, e o próprio Rostoptchine também o sabia. No intuito de alijarem responsabilidades, todos tinham vindo perguntar ao governador o que deviam fazer nos seus respectivos serviços.

No momento em que Pedro penetrava no salão, um correio chegado do exército saía do gabinete do conde.

Foi com um gesto pouco encorajador que respondeu às perguntas que lhe dirigiam no momento em que atravessava a sala. Enquanto esperava, Pedro pôs-se a olhar com os seus olhos fatigados para as diversas personalidades, novas ou velhas, militares ou civis, que estavam presentes, Em todos os rostos se via uma expressão inquieta e descontente. Aproximou-se de um grupo onde vira conhecidos seus. Depois de o cumprimentarem, prosseguiram nas suas conversas.

— Demiti-lo e chamá-lo em seguida não seria mau, embora na actual situação ninguém possa responder por coisa alguma,

— Sim, mas ele escreve... — acrescentou outro, exibindo um papel impresso que tinha na mão,

— Ah! Isso é outra questão. Essas coisas são precisas para o povo — replicou o primeiro.

— Que é isso? — perguntou Pedro.

— Uma nova proclamação.

Pedro pegou nela e pôs-se a lê-la:

> O Sereníssimo Príncipe, para se reunir mais depressa às tropas que vêm ao seu encontro, atravessou Mojaisk e instalou-se numa posição fortificada onde o inimigo não poderá atacá-lo facilmente. Foram-lhe enviadas daqui quarenta e oito peças de artilharia, com as respectivas munições, e o Sereníssimo afirma que defenderá Moscovo até à última gota de sangue e que está mesmo disposto a bater-se nas ruas. Não vos preocupeis, irmãos, com o facto de as repartições estarem fechadas: era preciso transferi-las para lugar seguro. Quanto a nós, nós cá estamos para ajustar contas com esse bandoleiro! Quando a hora soar, precisaremos de rapazes sólidos, tanto da cidade como do

> campo. Lançarei um apelo dentro de dois ou três dias, mas de momento, como é inútil, não falo nisso. É bom que cada um venha armado do seu varapazi e do seu machado e não será mau que traga o seu chuço, e se trouxer a sua forquilha de três dentes ainda melhor: um francês não pesa mais que um, feixe de centeio. Amanhã, depois do jantar, sairei em procissão com a Virgem Iverskaia para visitar os feridos do Hospital Catalina. Proceder-se-á à bênção da água: os feridos curar-se-ão assim mais depressa. Eu também estou curado. Tinha um olho doente, mas agora vejo com os dois.

— Disseram-me uns militares — objectou Pedro — que era impossível lutar na cidade e que a posição...

— Sim, era disso mesmo que nós estávamos a falar — disse o primeiro funcionário.

— Que quer ele dizer com isto? — perguntou Pedro — «Tinha um olho doente, mas agora vejo com os dois»?

— Tinha um terço! — respondeu o ajudante-de-campo, sorrindo — e mostrava-se atormentado quando eu lhe dizia que o povo vinha saber da sua saúde. E a propósito, conde — acrescentou, de súbito, dirigindo-se a Pedro —, ouvimos dizer que está sofrendo desgostos de família, que sua esposa, a condessa...

— De nada, ouvi falar — replicou Pedro com indiferença. — Que se diz?

— Ah! Bem sabe, às vezes as pessoas inventam. Repito o que ouvi dizer.

— E que ouviu o senhor dizer?

— Diz-se — prosseguiu o ajudante-de-campo, sempre com o mesmo sorriso — que a condessa sua esposa pensa partir para o estrangeiro. É natural que não passe de má-língua...

— Naturalmente — repetiu Pedro, lançando à sua roda um olhar indiferente. — E aquele, quem é aquele? — perguntou, apontando para um velho pequenino, com um longo cafetã azul, a barba e as sobrancelhas brancas como neve e as bochechas rosadas.

— Aquele? É um comerciante, ou antes um taberneiro, um tal Verechtchaguine. Se calhar, já ouviu falar nessa história da proclamação.

— Ah!, sim! É realmente Verechtchaguine?! — exclamou Pedro, observando a fisionomia firme e serena do velho comerciante e procurando ver nela debalde a máscara de um traidor.

— Não foi ele precisamente. É o pai do que escreveu a proclamação — continuou o ajudante-de-campo. — Esse, o filho, está na cadeia, e, se me não engano, as coisas não lhe vão correr bem.

Um velhinho, com uma condecoração ao peito, e um alemão, velho também, funcionário com uma cruz pendente, aproximaram-se dos interlocutores.

— É uma história muito complicada — dizia o ajudante-de-campo — A proclamação apareceu há uns meses. Vieram dizer ao conde, que mandou fazer um inquérito. Encarregaram disso Gravila Ivanitch. A proclamação tinha passado precisamente por sessenta e três mãos. Procuraram um dos detentores. «Quem lha deu?» Este diz que foi Fulano. Interrogam esse Fulano. «Quem lha deu?» E assim por diante. Até que chega a vez de Verechtchaguine... um comerciantezito, sem grande malícia, como vêem, um comerciantezito — acrescentou sorrindo — Interrogam-no. «Quem te deu isto?» E, note-se, nós sabíamos muitíssimo bem quem lha tinha dado. Só podia ter sido o director dos correios. Mas, está claro, estavam coniventes. Responde: «Ninguém. Fui eu quem a fez.» Ameaçam-no, insistem. Continua na sua: fora ele quem a escrevera. Apresentam o relatório ao conde. Este interroga-o: «Quem te deu a proclamação?» «Fui eu quem a fez.» Conhecem o conde! — prosseguiu, sorrindo, com um sorriso orgulhoso e divertido — Deu por paus e por pedras, como calculam, diante de tanta insolência, tanta mentira, tanta casmurrice.

— Sim, já percebo, o conde queria que ele denunciasse Kliutcharev! — exclamou Pedro.

— Não era preciso — deu-se pressa em responder o ajudante-de-campo —, Kliutcharev já tinha às costas outras acusações, por isso foi deportado. Mas o conde estava exaltadíssimo, «Como pudeste escrevê-la?», disse-lhe ele. Em cima da mesa estava a Gazeta de Hamburgo. Pegou nela, «Aqui a tens, Tu não a escreveste, traduziste-a, e traduziste-a muito mal, percebes, imbecil, pois não sabes uma palavra de francês.» Que acham? «Não», replica. «não a li em jornal algum, fui eu quem a escreveu.» — «Então, se assim é, és um traidor e vou entregar-te à justiça, que te mandará enforcar, Vamos, diz lá, quem ta deu?» — «Não vi jornal algum. Fui eu quem a escreveu.» E as coisas ficaram assim. O conde

mandou citar o pai: mas este não arreda pé. Foi levado ao banco dos réus e condenaram-no, segundo creio, a trabalhos forçados. E o pai ali está agora para interceder pelo filho. É má rês, o rapaz! É um desses filhos de comerciante, presumido e sedutor, que lá por ter frequentado umas aulas julga que sabe tudo. Sempre me saiu um menino! O pai tem uma taberna na Ponte Kaminii. Pois não querem saber? Na taberna havia uma grande imagem de Nosso Senhor com o ceptro numa das mãos e o globo terrestre na outra. Levou o quadro para casa, por uns dias, e sabem o que fez? Arranjou um pintor sem vergonha...

[XI]

Nesta altura, Pedro foi chamado à presença do governador. Penetrou no gabinete do conde Rostoptchine, quando este, de sobrancelhas franzidas, passava a mão pela testa e pelos olhos. Falava-lhe nesse momento um homenzinho de somenos estatura, que se calou e saiu.

— Bons dias, ilustre guerreiro — disse Rostoptchine, assim que o homenzinho desapareceu — Ouvi falar das suas proezas! Mas não é disso que se trata. Meu caro, entre nós, diga-me uma coisa, é mação? — prosseguiu ele no mesmo tom severo, como se isso fosse motivo para censura, embora não quisesse ser impiedoso para com ele. Pedro ficou calado. — Meu caro, estou bem informado, mas sei perfeitamente que há mações e mações e espero que o senhor não pertença à categoria daqueles que a pretexto de salvar a Humanidade querem perder a Rússia.

— Sim, sou mação — replicou Pedro.

— Bem, meu amigo, suponho que não ignora que os senhores Speranski e Magnitski foram expedidos para onde pode calcular, e o mesmo aconteceu ao senhor Kliuteharev e ainda a outros, que, a pretexto de levantarem o templo de Salomão, tratavam de deitar abaixo o templo da Pátria. Como pode calcular, houve motivo para proceder assim e que eu não teria mandado deportar o director dos correios se este não fosse um homem perigoso. Acabo de saber agora que o senhor lhe mandou a sua carruagem para ele sair da cidade e que aceitou, inclusivamente, papéis que ele lhe confiou. Estimo-o e não lhe quero mal, mas,

como tenho o dobro da sua idade, aconselho-o, na minha qualidade de mais velho, a que deixe de ter relações com essa gente e a que abandone Moscovo o mais depressa possível.

— Mas de que acusam Kliutcharev? — perguntou Pedro.

— Esse assunto é a mim que diz respeito, e não é o senhor que me deve fazer perguntas! — exclamou Rostoptchine.

— Acusam-no de ter espalhado as proclamações de Napoleão, mas isso não está provado — prosseguiu Pedro, sem olhar para o seu interlocutor — e Verechtchaguine...

— Cá estamos — exclamou o governador numa voz cada vez mais alta, franzindo as sobrancelhas e interrompendo Pedro. — Verechtchaguine é um traidor da pior espécie, que receberá o castigo que merece. — Nas suas palavras ressoava uma tal cólera que dir-se-ia terem-no ofendido pessoalmente.— Mas não foi para discutir os meus actos que o chamei aqui, foi para lhe dar um conselho, uma ordem, se assim quer. Peço-lhe que corte as suas relações com pessoas como Kliutcharev e que saia de Moscovo. Sim, estou disposto a acabar com todas estas tolices, sejam eles quais forem. — E ao notar, naturalmente, que elevava demasiado a voz para falar a Bezulcov, que ainda não era acusado de qualquer crime, acrescentou, pegando-lhe por um braço com maneiras amistosas: — Estamos em vésperas de um desastre público, e não tenho tempo para dizer coisas amáveis a todos os que se dirigem a mim. Há momentos em que sentimos a cabeça à roda. Pois bem, meu caro, que faz o senhor, sim, o senhor, pessoalmente?

— Mas nada — replicou Pedro, que continuava de olhos baixos e que tinha um ar cismador.

O conde franziu as sobrancelhas.

— Um conselho de um amigo, meu caro. Desapareça, e quanto mais depressa melhor, é tudo quanto tenho a dizer-lhe. A bom entendedor! Adeus, meu caro. Ah! A propósito — gritou-lhe, quando Pedro já estava no limiar da porta — será verdade a condessa ter caído nas garras dos Santos Padres da Companhia de Jesus?

Pedro não respondeu e saiu do gabinete de Rostoptchine com uma expressão preocupada e irritada: nunca estivera tão irado na sua vida.

Quando regressou a casa, já era noite. Umas oito pessoas o aguardavam: o secretário da comissão, o coronel do seu batalhão, o intendente, o mordomo e

vários solicitadores. Todos tinham assuntos a expor-lhe, que ele precisava de resolver. Nada compreendia do que lhe diziam nem se interessava por aqueles assuntos e, a todas as perguntas que lhe faziam respondia de molde a ver-se livre de tudo aquilo o mais depressa possível. Finalmente, quando ficou só, abriu e leu a carta da mulher.

«Eles, os soldados da bateria... o príncipe André morto... O velho... a simplicidade de espírito consiste na submissão a Deus... É preciso saber sofrer... O sentido de todas as coisas... É necessário harmonizá-las... A minha mulher vai tornar a casar... Tenho de desistir de compreender...» Aproximou-se da cama e sem se despir deixou-se cair sobre ela, adormecendo imediatamente. Quando acordou, na manhã seguinte, o mordomo veio informá-lo de que um polícia, enviado especialmente pelo conde Rostoptchine, viera informar-se sobre se o conde Bezukov partira ou ia partir.

Duas dezenas de pessoas com assuntos a tratar com ele esperavam já no salão. Vestiu-se, arranjou-se à pressa e, em lugar de as receber, meteu pela escada de serviço e saiu pela porta das traseiras.

Desde aquele momento e até ao fim da destruição de Moscovo nenhum dos seus familiares conseguiu tornar a vê-lo nem soube o que era feito dele, apesar de o terem procurado por toda a parte.

[XII]

Até ao 1º de Setembro, isto é, até à véspera da entrada do inimigo em Moscovo, os Rostov conservaram-se na cidade.

Desde que Pétia fora incorporado nos cossacos de Obolenski e partira para Bielaia Tserkov, onde o regimento estava em formação, que a condessa vivia no maior terror. A ideia de que os seus dois filhos estavam na guerra, que ambos precisavam da sua protecção maternal, que hoje ou amanhã qualquer deles podia morrer, como acontecera aos três filhos de uma senhora das suas relações, eis a ideia que se lhe impunha pela primeira vez naquele Estio com uma nitidez cruel. Tentara fazer regressar Nicolau para junto de si, quisera ir ela própria buscar Pétia, mas tudo debalde, Pétia não podia vir senão quando voltasse o seu

regimento ou pedindo transferência para outro regimento no activo. Nicolau estava algures no campo de batalha e desde a sua última carta, em que contara pormenorizadamente o seu encontro com a princesa Maria, nunca mais dera sinal de vida. A condessa deixara de dormir e quando porventura fechava os olhos era só para ver os filhos mortos. Depois de muito se ter aconselhado e de sobre o assunto ter trocado muitas impressões, o conde acabou por conceber uma maneira de a serenar. Conseguiu transferir Pétia do regimento Obolenski para o regimento de Bezukov, que estava a organizar-se nas imediações de Moscovo, Pétia continuava, claro está, ao serviço, mas a condessa tinha a satisfação de conservar perto dela pelo menos um dos seus filhos, na esperança de o instalar de tal maneira que ele não se afastasse mais e de lhe arranjar situações que lhe permitissem conservá-lo longe dos campos de batalha. Enquanto só Nicolau estivera em perigo, afigurava-se-lhe, a ela, e assim o dizia, querer ao seu filho mais velho acima de todos, mas quando o benjamim, esse garoto endiabrado, que estudava, pouco, partia tudo em casa, se metia com toda a gente, esse Pétia de nariz arrebitado, olhinhos pretos cheios de malícia, tez rosada e fresca, a cara coberta de penugem, quando ele partiu, também, para o meio desses homens corpulentos, terríveis e cruéis, que gostavam de lutar, pareceu-lhe querer-lhe mais a ele que a todos os seus outros filhos. A medida que se aproximava o momento do regresso de Pétia a Moscovo, maior era a inquietação da condessa. Afigurava-se-lhe que nunca esse momento venturoso chegaria. A presença não só de Sónia, mas até de Natacha, sua preferida, ou do próprio marido, apenas servia para irritá-la. «Que tenho eu que ver com eles? Não preciso de mais ninguém senão de Pétia!», pensava ela,

Nos últimos dias de Agosto, os Rostov receberam uma segunda carta de Nicolau. Era datada da província de Voroneje, aonde fora em serviço de remonta. Essa carta não sossegou a condessa. Depois de saber que um dos seus filhos não estava em perigo, os seus cuidados cresceram por causa do outro.

Desde 20 de Agosto que quase todas as pessoas conhecidas dos Rostov tinham deixado Moscovo e, embora todos insistissem com a condessa para abalarem o mais cedo possível, ela não queria ouvir falar em tal enquanto o seu tesouro, o seu Pétia adorado, não estivesse de volta. No dia 28, finalmente, chegava Pétia. A ternura apaixonada e doentia com que a mãe o recebeu não foi das coisas que mais agradaram a esse jovem oficial de dezasseis anos. Conquanto ela escondesse

a sua intenção de o conservar junto de si, o moço adivinhou-lhe os desejos e com receio instintivo de se deixar comover, de se efeminar, como ele dizia, junto da mãe, mostrava-se frio com ela, evitava-a, e durante todo o tempo da sua estada na capital manteve-se quase exclusivamente na companhia de Natacha, a quem sempre dedicara uma ternura fraternal muito sua.

A negligência do conde era sempre a mesma e no dia 28 nada estava preparado para a partida: os carros que deviam chegar, vindos das suas propriedades de Riazan e dos arredores de Moscovo, e que se utilizariam no transporte dos móveis, só apareceram a 30.

De 28ª 31 de Agosto toda a cidade andou numa agitação febril. Todos os dias entravam em Moscovo, pela porta de Dorogomilov, carros e carros cheios de milhares de feridos provenientes do campo de batalha enquanto pelas outras barreiras saíam caravanas e caravanas de viaturas carregadas de gente e de bagagens. Apesar das proclamações de Rostoptchine, ou precisamente por causa delas, corriam os boatos mais contraditórios e estranhos. Uns diziam que ninguém tinha licença de sair da cidade; outros, pelo contrário, faziam correr que os ícones das igrejas haviam sido todos retirados e que as pessoas eram afastadas à força de Moscovo. Este dizia que depois de Borodino houvera uma batalha em que os Franceses tinham sido derrotados: aquele anunciava, em contrapartida, que o exército russo fora completamente desbaratado. Havia quem dissesse que a milícia moscovita e o clero iriam bater-se em Tri Gori, e também se dizia à boca pequena que o metropolita Augustin fora proibido de sair da cidade, que tinham sido presos alguns traidores e que os camponeses, revoltados, assaltavam os que abandonavam Moscovo, etc— etc. Tudo falsos boatos. Na realidade, tanto os que partiam como os que ficavam, sem o dizerem a ninguém, embora ainda se não tivesse reunido o conselho de guerra de Fili, onde veio a decidir-se o abandono da cidade, todos sentiam que Moscovo teria de capitular e que o que havia a fazer era cada um tratar de se salvar e ao que era seu. Reinava o pressentimento de que tudo se desmoronaria e se transformaria de um momento para o outro. No entanto, até ao dia 1º de Setembro nada se modificara. Assim como o condenado a morte que é conduzido ao local do suplício, mesmo sabendo que vai morrer, olha à sua volta e compõe o boné, Moscovo, conquanto soubesse que a hora da sua perdição era chegada e que as condições de vida a que até então se submetera iam sofrer uma transformação, continuava, maquinalmente a sua vida de todos os

dias.

Durante os três dias que precederam a catástrofe andou a família Rostov atarefada nos preparativos da partida. O chefe da família, o conde Ilia Andreitch, corria de um lado para outro da cidade, sempre à cata de notícias, e as disposições que tomava para a partida eram vagas e precipitadas.

Sempre descontente, procurando Pétia por todo o lado, o qual fazia o possível por evitá-la, cheia de ciúmes de Natacha, com quem o rapaz passava os dias, a condessa vigiava os preparativos de partida. A única pessoa pratica no seu trabalho era Sónia, embora rios últimos tempos andasse triste e silenciosa, A carta de Nicolau que falava da princesa Maria levara a condessa, que via nesse encontro o dedo da Providência, a fazer algumas alegres reflexões diante dela,

— Nunca senti grande satisfação com o noivado de Bolkonski e de Natacha — dizia a condessa —, mas sempre sonhei ver Nikolenka casado com a princesa, e tenho o pressentimento de que é o que vai acontecer, Bom seria!

Sónia, via-se obrigada a reconhecer que a única maneira de remediar o estado da fortuna dos Rostov seria um casamento rico e que a princesa era um bom partido. Eis o que era doloroso para ela.

Apesar da sua tristeza, ou talvez até para esquecê-la, chamava a si todas as pesadas tarefas da mudança e tinha os dias todos ocupados. O conde e a condessa, quando se tratava de alguma ordem, a ela recorriam. Pelo contrário, Pétia e Natacha não só não ajudavam os pais como embaraçavam e enfadavam toda, a gente em casa. Andavam o dia inteiro em correrias loucas, rindo e gritando a todo o propósito. Não tinham, realmente, qualquer razão especial para rir ou para estar satisfeitos, mas, como ambos se sentiam alegres, tudo lhes servia para se divertirem. Pétia estava contente porque, tendo saído de casa garoto, voltara transformado, como toda a gente dizia, num homem e num herói. Sentia-se feliz por estar com a sua família e também porque, deixando Bielaia, Tserkov, onde lhe não seria fácil assistir tão depressa a qualquer batalha, viera para Moscovo e aí, dentro de pouco, teria oportunidade de entrar na luta. De resto estava alegre porque Natacha, que muito influía no seu estado de espírito, o estava também. Quanto a Natacha, essa sentia-se alegre porque estivera triste durante muito tempo e nada lhe lembrava agora a causa das suas penas, tendo recuperado a sua óptima saúde. E sentia-se alegre ainda porque alguém a adorava e a admiração dos outros lhe era um estimulante indispensável à sua actividade normal, sendo

Pétia esse alguém. Além disso ambos andavam em grande exaltação porque a guerra se travava agora às portas de Moscovo, ia haver luta nas barreiras da cidade, distribuíam-se armas, os habitantes fugiam por todos os lados, numa palavra, davam-se factos extraordinários, coisa sempre muito divertida para quem é novo.

[XIII]

Sábado. 31 de Agosto, ia grande confusão em casa dos Rostov. As portas estavam abertas, os móveis haviam sido tirados do seu lugar ou levados, os quadros e os espelhos tinham sido apeados. Havia malas, palha, papéis de embrulho, fios por todo o lado. Os camponeses e os criados andavam de um lado para o outro pisando os parquets pesadamente, carregados de embrulhos. No pátio estacionavam as carroças, unias já cheias até cima e amarradas, outras ainda vazias.

Só se ouviam por toda a parte os passos e as vozes da criadagem e dos camponeses que tinham vindo com os carros, chamando-se uns aos outros. O conde desaparecera logo pela manhã. A condessa, a quem o ruído e a agitação faziam dores de cabeça, estava deitada na sua nova alcova com compressas de vinagre na testa. Pétia saíra: fora visitar um camarada com quem queria transferir-se da milícia para o exército activo, Sónia assistia no salão de festas ao trabalho de empacotamento das porcelanas e dos cristais. Natacha estava no seu quarto, sentada no sobrado, no meio de um montão de vestidos, de fitas, de xales, os olhos fitos num trajo de baile, fora de moda, que tinha nas mãos. Era o vestido que levara ao seu primeiro baile em Petersburgo.

Natacha sentia-se envergonhada por nada fazer quando toda a gente estava ocupada, e por várias vezes já, desde manhã, tentara exercer qualquer actividade. Mas aquilo não a atraía. Era incapaz de se dedicar fosse ao que fosse desde que o não fizesse com toda a sua alma. Ali estava, ao pé de Sónia, que embrulhava as porcelanas, querendo ajudá-la, mas logo abandonando tudo para voltar ao seu quarto a emalar as suas coisas. Entreteve-se, primeiro, a distribuir pelas suas criadas de quarto vestidos e fitas, mas, quando chegou o momento de guardar o

que restava, sentiu-se aborrecida.

— Duniacha, anda, trata de guardar tudo isto, minha querida! Hem?

E como Duniacha lhe prometeu ocupar-se de tudo. Natacha, sentou-se no chão, pegou no velho vestido de baile e pôs-se a pensar em coisas que nada tinham com as suas preocupações actuais. Despertou-a deste devaneio uma conversa das criadas na sala contígua e passos precipitados na escada de serviço. Levantou-se e foi espreitar pela janela. Um grande comboio de feridos estacionava na rua.

Ao portão apinhavam-se as criadas, os lacaios, a governanta, a ama, os cozinheiros, os cocheiros, os postilhões, os moços da cozinha, que assistiam à passagem dos carros.

Natacha amarrou um lenço branco à cabeça e apanhando-o nas pontas com as mãos desceu a escada.

A antiga governanta, a velha Mavra Kuzminitchna, afastou-se da multidão dos curiosos e aproximou-se de um carro com um toldo de serapilheira, pondo-se a conversar com um jovem oficial, muito pálido e que nele ia deitado, Natacha deu alguns passos e deteve-se intimidada, segurando sempre as pontas do lenço, a escutar o que dizia a governanta.

— Então ninguém conhecido tem em Moscovo? — perguntava Mavra Kuzminitchna.— Ficaria mais sossegado numa casa particular — Por exemplo, na nossa, Os amos vão partir.

— Não sei se nos deixariam — respondeu o oficia, numa voz apagada. — Está ali o comandante. Pergunte-lhe. — E apontou para um major gordo que se dirigia para a retaguarda do comboio, ladeando a fila dos carros.

Natacha olhou assustada para o rosto do ferido e encaminhou-se imediatamente para, o major.

— Os feridos podem ficar em nossa casa? — perguntou.

O comandante levou a mão, sorrindo, à pala da barretina.

— Em que posso servi-la, menina? — disse, piscando os olhos e sorrindo.

Natacha repetiu serenamente a sua pergunta: o seu rosto, todos os seus modos, conquanto continuasse a segurar o lenço na cabeça, ganharam uma expressão tão séria que o major deixou de sorrir e, depois de perguntar a si próprio se lhe seria lícito dar essa autorização, respondeu afirmativamente,

— Porque não? Acho que sim – disse.

Natacha inclinou ligeiramente a cabeça e aproximou-se, em passos rápidos, de

Mavra Kuzminitchna, que se debruçava para o ferido e conversava com ele cheia de comiseração.

— Diz que sim, disse que podia ser! — murmurou Natacha em voz baixa,

O carro do oficial penetrou no pátio dos Rostov e dezenas de outros carros, cheios de feridos, entraram igualmente nos pátios das casas da Rua Povarskaia. Este incidente, tão estranho ao que ela estava habituada, via-se que agradava muitíssimo a Natacha. Ajudada por Mavra Kuzminitchna, procurou fazer entrar no pátio da casa o maior número possível de feridos.

— Era bom, no entanto, dizer alguma coisa ao pai — disse Mavra Kuzminitchna,

— Não, não, não tem importância! Por um dia, mudar-nos-emos para o salão. Podemos ceder-lhes os nossos quartos.

— Veja lá, menina, veja o que está a fazer. Até mesmo para os alojamentos nas camaratas, nos quartos de arrumação ou na dependência dos criados é melhor pedir licença.

— Está bem, eu peço.

Natacha entrou pela casa dentro e em bicos de pés, pela porta, que estava aberta, penetrou na alcova onde cheirava muito a vinagre e a gotas de Hoffmann.

— Está a dormir, mãezinha?

— Como queres que eu possa dormir? — exclamou a condessa, num sobressalto, pois acabava de passar pelo sono.

— Mãezinha, mãezinha querida — disse Natacha, ajoelhando diante da mãe e juntando a sua cara à dela.— Perdoe, desculpe-me, não volto a fazê-lo. Acordei-a. Foi a Mavra Kuzminitchna quem me mandou cá. Estão lá fora feridos, oficiais. Dá licença? Eles não têm para onde ir. Tenho a certeza de que a mãezinha consente... — Falava muito depressa, sem tomar fôlego.

— Que oficiais? De que estás tu a falar? Não percebo nada.

Natacha pôs-se a rir, e aos lábios da mãe também aflorou um pálido sorriso.

— Tenho a certeza de que a mãe consente... Vou dizer-lhes. Natacha beijou a mãe, levantou-se e precipitou-se para a porta.

No salão encontrou o pai, que trazia más notícias.

— Fizemo-la bonita esperando até à última hora! — disse contrariado. — O clube fechou e a polícia vai-se embora.

— Paizinho, não te importas que eu tenha mandado entrar uns feridos? —

perguntou Natacha.

— Claro. Não faz mal — respondeu ele, distraidamente. — Mas não se trata disso. É melhor deixares-te de patetices e ajudares a arranjar as coisas para nos irmos embora, para nos irmos embora amanhã...

O conde deu a mesma ordem ao mordomo e aos criados. Durante o jantar chegou Pétia, que contou também as novidades que sabia. Disse que àquela hora o povo estava a armar-se no Kremlin e que, não obstante os editais de Rostoptchine, em que este comunicava à população de Moscovo que soltaria o grito de alarme dois ou três dias antes, com certeza já se haviam tomado medidas para, a partir do dia seguinte, se reunirem armados em Tri Gori, onde se esperava uma grande batalha.

A condessa mirava com um misto de timidez e horror o rosto excitado e jovial do filho enquanto ele falava. Tinha a certeza de que se dissesse uma palavra que fosse para pedir a Pétia que não tomasse parte nessa batalha — e esse combate iminente devia ser para ele uma grande alegria, pensava ela — teria de o ouvir falar na coragem, na honra, na pátria. Diria as coisas mais absurdas com uma decisão viril e obstinada, e ela nada poderia dizer contra isso, estragando tudo. Bis porque nada disse, na esperança de conseguir arranjar tudo para partir antes, levando Pétia como seu protector, e, findo que foi o jantar, chamou o conde de parte, a quem implorou, soluçando, que a levasse dali o mais depressa que pudesse, nessa mesma noite se fosse possível, Com a astúcia involuntária e bem feminina que lhe dava o amor maternal, ela, que até aí se mostrara completamente indiferente ao perigo, dizia agora que morreria de medo se não saíssem da cidade nessa mesma noite. E efectivamente a partir daquele momento o medo apossara-se dela.

[XIV]

Madame Schoss, que tinha ido visitar a filha, ainda agravou mais os terrores da condessa contando-lhe o que vira na Rua Miasilitskaia, diante de um depósito de bebidas. No regresso, não tinha podido passar por ali, tantos eram os bêbedos que alvoroçavam as vizinhanças. Viu-se obrigada a tornar um carro e a seguir por

ruas transversais, tendo-lhe o cocheiro contado que o povo arrebentara com as pipas de álcool, de acordo com as ordens que recebera para isso.

Depois do jantar, todos se puseram a embalar as coisas com uma rapidez febril para acelerar a partida. O velho conde, que subitamente se pusera também a trabalhar, passava a vida para cá e para lá, ora no pátio ora em casa, arengando, a propósito e despropósito, à criadagem, para que as coisas se fizessem depressa. Pétia dirigia os trabalhos no pátio. Sónia perdia a cabeça com as recomendações contraditórias do conde e não sabia o que havia de fazer. A criadagem gritava, discutia, zaragateava correndo e esfalfando-se. Natacha, animada daquela paixão que ela sabia pôr em todas as coisas, deitou também mãos à obra. De princípio a sua intervenção foi acolhida com desconfiança. Não esperavam dela senão travessuras e ninguém queria dar ouvidos ao que ela dizia, mas ela exigiu com obstinação e ardor que lhe obedecessem, zangou-se, quase chorou porque a não queriam ouvir e acabou por conseguir o que queria. A primeira medida que tomou, e que grandes esforços lhe custara, assentando de vez a sua autoridade, foi o enrolar dos tapetes. O conde tinha preciosas tapeçarias de Gobelin e tapetes persas. Quando Natacha pôs mãos à obra, duas caixas estavam abertas no salão: uma quase cheia até cima de porcelanas, a outra, de tapetes. Ainda havia muitas peças de porcelana espalhadas pelas mesas e continuavam a trazer mais dos armários. Era preciso encher uma nova caixa e os criados foram por ela.

— Sónia, espera. Podemos meter todo o resto ali — disse Natacha.

— Não há forma, menina; já tentámos de todas as maneiras — replicou o moço da copa.

— Qual quê? Querem ver?

E principiou a tirar da caixa travessas e pratos embrulhados em papel.

— Temos de pôr as travessas aqui, no meio dos tapetes — voltou ela.

— Só para os tapetes serão precisas pelo menos três caixas — comentou o moço da copa.

— Espera. Vais ver. — E Natacha pôs-se a extrair os objectos da caixa com toda a presteza — Estes não — dizia, mostrando os pratos de Kiev. — Estes, sim, ali, com os tapetes — acrescentava, apontando para as travessas de Saxe.

— Deixa isso, Natacha, não te preocupes, nós conseguiremos tudo, seja como for — resmoneava Sónia.

— Deixe, menina... — dizia o mordomo.

Natacha não desistia. Desmanchou todos os embrulhos e principiou outra vez a fazê-los com grande celeridade, dizendo ser inútil levarem os tapetes usados e a louça suplementar. E quando chegou ao fim, voltou outra vez ao princípio. De facto, assim que retiraram tudo que era ordinário, que não valia a pena levar, as coisas de valor tiveram lugar nas duas caixas. No entanto, as tampas teimavam em não fechar. Era natural que ainda se pudesse encontrar qualquer coisa susceptível de ser posta de lado, mas Natacha não queria desistir do seu intento. Fazia, desfazia as caixas, enchia, dizia ao moço da copa e a Pétia, que arrastara consigo para a ajudarem, que comprimissem o tampo... ela própria fazia desesperados esforços.

— Bem, pronto, Natacha — acabou por dizer Sónia. — Sim, bem veio que tens razão, mas no entanto tira esse tapete de cima.

— Não quero — gritava Natacha, apartando da cara, coberta de suor, com uma das mãos, os cabelos desgrenhados, enquanto com a outra batia em cima dos tapetes. — Anda, Petka, força! Vassilitch, carrega!

Os tapetes acabaram por se comprimir e a tampa fechou-se. Natacha bateu palmas, gritando de alegria, e lágrimas de satisfação orvalharam-lhe os olhos. Mas foi obra de segundos. Imediatamente se consagrou a outra tarefa, embora tivesse agora confiança em si. E o conde não se zangou quando lhe disseram que Natacha Ilinitchna desrespeitara as ordens que ele dera. E a ela é que os criados vieram pedir instruções para amarrar os embrulhos e carregar os carros. Graças a Natacha, o trabalho progrediu. As coisas banais foram postas de parte e as mais preciosas colocadas umas contra as outras.

No entanto, quando a noite chegou, apesar do empenho de todos, ainda não se pudera emalar tudo. A condessa adormecera e o conde, adiando a partida para o dia seguinte, foi deitar-se. Sónia e Natacha estenderam-se vestidas na alcova.

Nessa noite passou um carro com mais um ferido pela Rua Povarskaia e Mavra Kuzminitchna, que estava ao portão, mandou-o entrar para casa dos Rostov. Esse ferido, pelo que dissera Mavra Kuzminitehna, devia ser pessoa importante. Era transportado num carro fechado e ao pé do cocheiro sentava-se um criado velho de aspecto venerável. Atrás, noutro carro, vinham o médico e dois soldados.

— Entrem aqui, para nossa casa, se fazem favor. Os patrões vão-se embora, a casa está vazia — disse a velha para o criado.

— Ah! — suspirou o criado. — Julgámos que não chegasse até aqui. Temos a

nossa casa em Moscovo, mas é longe e não está lá ninguém.

— Tenham a bondade de entrar. Na casa dos nossos amos há tudo que é preciso. Entrem. Está muito mal? — acrescentou ela.

O criado fez um gesto vago.

— Julgámos que não chegasse até aqui. Pergunte ao médico.

O criado apeou-se e aproximou-se da carruagem.

— Está bem — disse o médico.

O criado voltou a primeira carruagem, espreitou para dentro e agitou a cabeça. Depois disse ao cocheiro que entrasse no pátio e veio de novo para junto de Mavra Kuzminitchna.

— Meu Senhor Jesus Cristo! — exclamou ela. — Passem por aqui, os senhores nada dirão... — afirmou ela.

Era preciso evitar que o ferido fosse transportado pela escada, por isso o levaram para o pavilhão. Instalaram-no no antigo quarto de Madame Schoss. O ferido era o príncipe André Bolkonski.

[XV]

Chegou a derradeira hora de Moscovo. Estava um dia de Outono claro e alegre. E, sendo domingo, como em todos os domingos, os sinos repicavam para a missa em todas as igrejas. Dir-se-ia que ninguém compreendia ainda o destino que aguardava a capital.

Só dois barómetros acusavam a situação da cidade: a atitude da populaça, isto é, do grosso da arraia-miúda, e a alta dos preços. Os operários das fábricas, os criados e os camponeses, em magotes, à mistura com funcionários, seminaristas e fidalgos, tinham ido de madrugada para Tri Gori. Chegada que foi aí, toda aquela gente ficou à espera de Rostoptchine; mas, depois de muito esperar e convencida de que Moscovo seria entregue ao inimigo, acabou por regressar à cidade, dispersando-se por ruas e tabernas. Os preços das coisas também diziam muito, As armas, o ouro, os carros, os cavalos, aumentavam constantemente de preço enquanto baixava continuamente o valor do Papel-moeda e dos objectos de luxo, e de tal maneira que por volta do meia-dia os panos, por exemplo, valiam menos de

metade do seu preço habitual. Em compensação, um cavalo de aldeão chegava a pagar-se por quinhentos rublos. E os móveis, os espelhos, os bronzes, cediam-se por qualquer preço.

Na velha e respeitável residência dos Rostov pouco se fizera sentir esta subversão das antigas condições da vida. Durante a noite apenas haviam desaparecido três dos numerosos criados da casa, que nada tinham roubado, e os trinta carros chegados da aldeia acharam-se de um momento para outro transformados numa verdadeira riqueza, riqueza invejada por muitos. Por eles ofereciam aos Rostov chorudas somas. Não só lhes vinham propor semelhantes ofertas, como desde essa noite, e logo muito cedo na manhã do dia 1 de Setembro, o pátio da residência se viu cheio de ordenanças e criadagem dos oficiais feridos ali instalados ou nas casas vizinhas que vinham implorar do pessoal do conde que lhes arranjasse meios de transporte para sair da cidade. O mordomo, a quem se dirigiam, embora lamentasse a situação dos feridos, recusava-se categoricamente a conceder o que lhe pediam, dizendo não ter coragem sequer de falar nisso ao amo. Por mais dignos de piedade que fossem todos aqueles desgraçados, a verdade é que se se transigisse com um ter-se-ia de transigir com todos, e nesse caso não haveria razão para se não cederem inclusivamente as próprias carruagens reservadas para os donos da casa. Trinta carros não bastavam para salvar todos os feridos e no meio de toda aquela desgraça era impossível não se pensar em si próprio e na família. Eis o que pensava o mordomo por conta do seu patrão.

Quando acordou, na manhã do dia 1, o conde Ilia Andreitch saiu nos bicos dos pés do seu quarto de dormir para não acordar a condessa, que só então passara pelo sono, e ainda de roupão, o seu roupão de seda lilás, veio até ao alpendre. A fila de carros, prontos a partir, estava alinhada no pátio. O mordomo conversava com um velho impedido e um moço oficial, muito pálido, que tinha um braço ao peito. Ao ver o conde, pôs-se a fazer gestos muito graves, como a dar-lhes a entender que seria melhor retirarem-se.

— Então, Vassilitch, está tudo pronto? — disse o conde passando a mão pela calva, com um aceno de cabeça cordial ao militar e ao seu impedido, pois muito gostava de ver caras novas. — Podemos atrelar imediatamente, Excelência.

— Bom, magnífico, logo que a condessa acorde, abalamos! Que há, meus senhores? — exclamou, dirigindo-se ao oficial. — Está em minha casa.

O oficial aproximou-se. O sangue subiu-lhe ao rosto pálido.

— Conde, peço-lhe, consinta... é por Deus que lhe peço... consinta que eu me instale em qualquer parte entre as suas malas. Não trago nada comigo... Vou numa das carroças, pouco me importa...

Ainda o oficial se não calara, já o impedido dirigia ao conde pedido idêntico para o seu amo.

— Naturalmente, naturalmente — deu-se pressa em dizer o conde. — Tenho muito gosto, tenho muito gosto. Vassilitch, anda, diz que lhe arranjem lugar aí numa das carroças... Olha... Ali... O que for necessário acrescentou, vago, como sempre que dava uma ordem.

O oficial desfez-se em agradecimentos tão calorosos que o conde se sentiu compelido a dar ainda maiores provas de bom coração. Olhou em torno de si: no pátio, junto da porta de serviço, à janela do pavilhão, só havia feridos e impedidos. Todos o fitavam, aproximando-se do local onde ele estava.

— Quererá V. Ex, vir até à galeria? — disse o mordomo. — Que manda V. Ex.a quanto aos quadros?

O conde retirou-se com o mordomo, voltando a insistir para que satisfizessem o pedido dos feridos que desejassem ser evacuados.

— A verdade é que podemos dispensar algumas destas bagagens — acrescentou, em voz baixa e misteriosa, como se receasse ser ouvido de alguém.

A condessa acordou às nove horas, e Matrena Timofeievna, sua ex-criada de quarto, espécie de comissário de polícia a ela agregada, veio dizer-lhe que Maria Karlovna estava muito aborrecida, pois não podia deixar ali abandonada a roupa das crianças. A condessa quis saber porque estava Madame Schoss aborrecida e disseram-lhe que a mala dela fora retirada de uma das carroças descarregada para se arranjar lugar para os feridos que o conde, apiedado, dera ordens de transportar. Mandou chamar o marido.

— Que aconteceu, meu amigo, estão outra vez a descarregar as malas?

— É que, minha querida, fazia tenção precisamente de te prevenir... minha querida condessinha... Um oficial veio pedir-me que cedesse alguns carros para os feridos... Tudo isto, as nossas coisas, tudo pode ser substituído, mas eles, coitados! Havemos de os deixar aqui?... E estão em nossa casa, fomos nós quem os convidou, a esses oficiais... Então pensei, realmente, minha querida, que diabo!... Podíamos levá-los... Temos assim tanta pressa?

O conde tomara uma atitude muito tímida, como sempre que Linha de referir-se a interesses materiais. A condessa conhecia-lhe muito bem o tom que ele tomava quando se metia em empresas prejudiciais aos interesses dos filhos: a construção de uma galeria ou de uma estufa, a instalação lá em casa de um teatro ou de uma orquestra, e entendia obrigação sua opor-se-lhe sempre que o conde se mostrava assim.

Com uma expressão de vítima resignada, resolveu dizer:

— Sim, conde, colocaste-nos numa situação em que já nos não dão nada pela casa e ainda queres perder todos os nossos bens, isto é, os bens dos nossos filhos. És o primeiro a dizer que em nossa casa há para cima de cem mil rublos de mobília. Com o meu consentimento não, conde, eu não consinto, não consinto. Faz o que quiseres, mas a verdade é que o Governo é que deve tratar dos feridos. Eles bem sabem o que hão-de fazer. Olha, aqui mesmo defronte, os Lopukine, antes de ontem, já tinham a casa vazia. Se me não queres poupar a mim, ao menos poupa os teus filhos.

O conde esboçou um gesto evasivo, e, sem responder, saiu.

— Paizinho, que foi? — perguntou Natacha, que entrara atrás dele nos aposentos da mãe.

— Nada. Não é coisa que te diga respeito! — exclamou o conde, desabrido.

— Mas se eu ouvi tudo — replicou ela. — Porque não há-de a não consentir?

— Não és para aqui chamada! — vociferou o conde, Natacha aproximou-se da janela e aí ficou pensativa.

— Paizinho, vem ali o Berg! — exclamou, olhando através das vidraças.

[XVI]

Berg, o genro dos Rostov, já era coronel e condecorado com as Ordens de S. Vladimiro e de Santa Ana. Continuava a desempenhar as quietas e agradáveis funções de ajudante-de-campo do comandante da primeira secção do estado-maior do segundo corpo de exército.

Chegara a Moscovo no dia 1º de Setembro, procedente do seu quartel, Nada tinha que fazer em Moscovo, mas, ao notar que todos os seus camaradas pediam

para seguir para a capital por esta ou por aquela razão, julgou-se obrigado a solicitar uma licença por motivos de ordem familiar.

Chegara a casa do sogro no seu elegante drojkis tirado por uma parelha de magníficos cavalos iguais aos que vira atrelados à carruagem de um príncipe das suas relações. Ao penetrar no pátio, olhou atentamente para os carros que aí estavam e enquanto subia as escadas do alpendre puxou de um lenço de assoar muito limpo, dando-lhe um nó numa das pontas.

Atravessou o vestíbulo e precipitou-se para o salão, onde abraçou o conde, beijou as mãozinhas de Natacha e de Sónia e logo ali pediu notícias sobre a saúde da mãe.

— Como queres que uma pessoa se sinta bem por uns tempos destes? — exclamou o conde. — E tu, conta qualquer coisa. Onde estão as tropas? Retrocedem ou vai haver alguma batalha?

— Só Deus sabe, pai — replicou Berg. — Só Deus pode decidir do destino da nossa pátria. O exército está cheio de entusiasmo, mas os chefes, por agora, mantêm-se reunidos em conselho. O que vai sair dali ninguém sabe. Mas sempre lhe direi, pai, que não há palavras para descrever o heroísmo, a valentia à moda antiga, dos nossos soldados no combate de 26... Dir-lhe-ei francamente, meu pai — disse Berg, que entretanto batia na arca do peito, como o general a quem ouvira discurso idêntico, embora o seu gesto, retardado, não tivesse coincidido, como era mister, com as palavras «nossos soldados». — Dir-lhe-ei com toda a franqueza: nós, os seus comandantes, não só não precisámos de incitar os homens a marchar para a frente ou a animá-los de qualquer maneira como tínhamos até dificuldade em impedir esses... esses... Sim, é o que lhe digo, cometeram actos de bravura dignos da antiguidade — acrescentou, volúvel. — O general Barclay de Tolly a cada passo jogava a vida à testa dos seus soldados, digo-lho eu. E o nosso corpo estava mesmo no alto do cabeço. Imagine!

Neste ponto, Berg pôs-se a contar o que se lembrava de ter ouvido nas histórias de guerra que então circulavam. Natacha, sem apartar dele os olhos, parecia tentar descobrir-lhe no rosto resposta para uma pergunta que a si mesma fazia, e isso perturbava o narrador.

— Não pode imaginar-se o heroísmo que mostraram os nossos soldados. É digno de todos os elogios! — prosseguiu, fixando os olhos em Natacha e tentando, com um sorriso, conquistar-lhe as boas graças. — «A Rússia não está em Moscovo,

está no coração dos seus filhos!», não é verdade, meu pai?

Neste momento a condessa saiu do seu quarto: parecia cansada e descontente. Berg correu para ela, beijou-lhe a mão, perguntou-lhe como ia de saúde e fazendo-a compreender, por um movimento de cabeça, quanto se condoía do seu estado, permaneceu a seu lado.

— Sim, mãe, não há dúvida de que estes tempos que correm são realmente penosos e tristes para todos nós. Mas porque há-de inquietar-se assim? Tem tempo de partir...

— Não percebo o que estão a fazer os criados — disse a condessa, dirigindo-se ao marido. — Ainda agora me vieram dizer que nada está pronto. É preciso que alguém lhes dê ordens. Agora é que sinto a falta de Mitenka. Nunca mais sairemos daqui.

O conde quis dizer qualquer coisa, mas deteve-se. Levantou-se e encaminhou-se para a porta.

Berg puxou então do lenço, como se fosse assoar-se, e, ao ver o nó numa das suas pontas, quedou-se pensativo, abanando tristemente a cabeça.

— É verdade, pai, tenho uma coisa muito importante a pedir-lhe — disse ele.

— Hem! — exclamou o conde, detendo-se.

— Passei há pouco pela casa de Iussupov — disse Berg, pondo-se a rir. — O intendente, meu conhecido, veio a mim e perguntou-me se eu não queria comprar qualquer coisa. Fui ver, como calcula, por mera curiosidade: tinha lá uma cómoda com um toucador. Bem sabe quanto a Vera gostava de ter um móvel assim, várias vezes falámos nesse assunto. — E no tom que punha nas suas palavras ao referir estas coisas denunciava a satisfação que sentia por dispor de uma bela casa. — Que maravilha! É cheia de gavetinhas e tem uma fechadura inglesa de segredo, sabe? Há tanto tempo que a Verotchka sonha com uma cómoda assim! Queria fazer-lhe uma surpresa. Vi lá em baixo no pátio muitos campónios. Permita que disponha de um deles, peço-lhe, pagar-lhe-ei decentemente e...

O conde franziu a sobrecenho e tossicou nervoso. Peça à condessa, não sou eu quem dá ordens.

— Se é coisa muito difícil, então não falamos mais nisso — acrescentou Berg. — Se o fiz, foi por lembrar-me da Vera.

— O diabo que os leve, a todos, a todos!... — vociferou o conde. — É de uma pessoa perder a cabeça.

Saiu da sala com fragor enquanto a condessa se desfazia em pranto.

— É verdade, mãe, os tempos estão duros! — comentou Berg. Natacha saíra atrás do pai, mas, como se uma ideia súbita lhe tivesse ocorrido, desceu a escada correndo.

Pétia estava no alpendre muito ocupado a distribuir armas pelos homens que deviam escoltar os carros. As viaturas, todas atreladas, continuavam estacionadas no pátio. Duas delas haviam sido descarregadas e sobre uma empoleirara-se um oficial com o seu impedido.

— Sabes porque foi? — perguntou Pétia à irmã.

Esta percebeu que ele queria referir-se à discussão entre o pai e a mãe, mas não deu troco.

— Pois fica sabendo que foi porque o pai queria pôr todos os carros à disposição dos feridos — disse Pétia. — Foi o Vassilitch quem me contou. Por mim...

— Por mim — desembuchou Natacha, subitamente, volvendo para o irmão a sua face indignada — por mim... acho tão feio, tão reles, tão... Realmente, não sei que dizer... Acaso seremos nós uns alemães quaisquer?...

Soluços embargaram-lhe a voz, e para que a ira que se apossara dela não fosse em pura perda, virou costas ao irmão e subiu escada a correr.

Berg continuava ao lado da condessa e ia-lhe dirigindo respeitosas frases de consolação. O conde, de cachimbo na mão, passeava de um lado para o outro. Nesse momento Natacha, o rosto transtornado, agressiva, entrou na sala e correu para a mãe.

— É uma vergonha, uma infâmia! — gritou. — Não posso crer que tenha dado semelhantes ordens.

Berg e a condessa olhavam-na entre surpreendidos e assustados. O conde deteve-se junto de uma janela, atento ao que ia passar-se,

— Mãezinha, não é possível, olhe para o pátio. — gritou ela. — Vão ficar ali!...

— Que tens tu? Quem? Que queres?

— Os feridos, quem havia de ser? É impossível, mãezinha, uma coisa dessas não tem classificação... Mãe, mãezinha, perdoe-me se lhe falo nestes termos, minha querida mãezinha... Então, para que queremos nós todas essas coisas que levamos connosco? Olhe, se faz favor, para o que está a passar-se lá em baixo... Mãezinha!... Isto não pode ser!...

O conde conservava-se junto da janela e ouvia a filha sem se voltar para dentro. De súbito, resfolgou e aproximou-se dos vidros.

A condessa leu nos olhos da filha a reprovação que a conduta dela lhe inspirava, viu a excitação que a tomava, percebeu porque o marido desviava dela os olhos e uma expressão de absoluto desamparo se estampou no seu rosto.

— Façam o que quiserem! Porventura os impeço? — murmurou ela, sem renunciar de todo à sua atitude.

— Mãe, mãezinha, perdoe-me!...

A condessa afastou-a de si e aproximou-se do conde. — Meu amigo, dá as tuas ordens como entenderes... Como podia eu saber? — articulou, baixando os olhos, como se se sentisse culpada.

— São os pintos, são os pintos que dão lições à galinha... — exclamou o conde, com as lágrimas nos olhos, recebendo a condessa nos braços, contente por poder assim esconder no peito do marido a confusão que lhe ia na alma.

— Pai, mãe! Pode então dar as ordens? Não e verdade? — perguntava Natacha. — Assim mesmo podemos levar tudo de que ternos necessidade.

O conde assentiu com um gesto de cabeça e a filha, rápida como quando jogava às escondidas, precipitou-se no vestíbulo e desandou escada abaixo.

Os criados acercaram-se de Natacha, rodearam-na, e não acreditaram nas estranhas ordens que ela lhes dava enquanto as não viram confirmadas pelo conde em nome da condessa, Tratava-se de pôr todos os carros à disposição dos feridos e de transportar os caixotes para a arrecadação. Assim que se certificaram das ordens dadas, com alegria e entusiasmo meteram mãos à obra. Já não lhes parecia estranha agora a resolução dos anos afigurava-se-lhes naturalíssimo que se recolhessem os feridos e se abandonassem as bagagens, quando é certo que um quarto de hora antes o contrário é que lhes parecia razoável.

Toda a gente da casa, como para compensar o tempo perdido, se consagrou a instalar os feridos nos respectivos carros. Estes, pálidos, mas contentes, arrastaram-se para fora de casa e rodearam as viaturas. A boa nova não tardou a correr pelas casas próximas e o pátio dos Rostov encheu-se de feridos.

Muitos deles pediram que os deixassem estar onde estavam as bagagens e instalaram-se em cima delas, Uma vez, porém, que se tinham principiado a descarregar os carros já se não podia voltar atrás. Aliás, que fazia abandonar tudo ou só parte das coisas? O pátio estava juncado de caixotes cheios de louças, de

bronzes, de quadros, tudo quanto fora cuidadosamente encaixotado na noite anterior, e ainda se arranjava maneira de descarregar mais coisas para deixar livres os carros,

— Ainda se podem arranjar mais quatro. — disse o intendente — Cedo o meu carro. De outra maneira, como havemos de os instalar a todos?

— Dêem-lhes o carro onde vai o meu guarda-roupa. Dutilacha virá comigo no meu.

Esta ordem foi executada, e mandaram a carruagem recolher feridos duas casas mais adiante. Uma jovial animação impelia toda a criadagem. Natacha há muito tempo que se não sentia tão animada e feliz.

— Como havemos de a amarrar? — diziam os criados que içavam uma mala para o acanhado estribo de uma das viaturas. — Deviam ao menos reservar um dos carros,

— Que tem a mala lá dentro? — perguntou Natacha. — Os livros CIO conde.

— Deixem. O Vassilitch trata disso. Não se preocupem.

O carro não podia levar mais gente. Onde havia de sentar-se Piotre Ilitch?

— Irá no banco do cocheiro. Não é assim, Pétia? Irás ao lado do cocheiro — gritou-lhe Natacha.

Também Sónia agia como podia, mas ao contrário do que fazia Natacha. Ordenava cuidadosamente as coisas que ficavam, inventariando-as, como queria a condessa, procurando levar o que fosse possível.

[XVII]

As duas horas da tarde, as quatro carruagens dos Rostov, carregadas e atreladas, estavam diante da porta principal. Os carros com os feridos tinham saído uns atrás dos outros, abandonando o pátio. A sege que transportava o príncipe André, ao passar diante do alpendre, chamara a atenção de Sónia, ocupada então, com o auxílio de uma criada, a arranjar um bom lugar para a condessa na sua alta e grande carruagem parada diante da porta.

— De quem é aquela sege? — perguntou ela, metendo a cabeça pela portinhola.

— Não sabe, menina? — disse a criada. — É do príncipe fendo que passou aqui a noite e vai partir ao mesmo tempo que nós.

— Quem é? Como se chama?

— É o noivo antigo, o príncipe Boliconski — replicou a criada tristemente. — Parece que está perdido.

Sónia saltou do estribo do carro e correu em busca da condessa.

Esta, já em trajo de jornada, com o xale pelos ombros e o chapéu na cabeça, andava de um lado para o outro do salão, cansada, aguardando que todos saíssem para se sentar um instante, com as portas fechadas, como era seu costume, fazendo as suas orações antes da abalada. Natacha não estava presente.

— Mãezinha! — exclamou Sónia. — O príncipe André está aqui, ferido, e à morte. Vai partir connosco.

A condessa olhou para ela de olhos arregalados e pegando-lhe por um braço:

— Porventura Natacha...? — articulou ela.

Tanto a ela como a Sónia aquela notícia principiara por despertar-lhes um único pensamento. Ambas conheciam muitíssimo bem Natacha e horrorizava-as a ideia do efeito que nela produziria uma tal nova, o que as levava a esquecer a simpatia que o príncipe lhes despertava.

— Natacha nada sabe por ora, mas o príncipe vai connosco. — voltou Sónia.

— Disseste que está a morrer?

Sónia abanou a cabeça afirmativamente, A condessa apertou-a contra si, soluçando,

«Os caminhos de Deus são insondáveis!», disse para si mesma. E pensou que em tudo que estava a acontecer havia a mão da Providência, oculta até aí.

— Bem, mãezinha, está tudo pronto. Que tem? — perguntou Natacha, que, muito animada, acabava de entrar na sala. — Nada — replicou a condessa. — Se tudo está pronto, vamo-nos embora.

E, para esconder a perturbação que a tomava, pôs-se a remexer na maleta. Sónia estreitou Natacha nos seus braços e beijou-a na face.

Esta fitou-a surpreendida.

— Que tens tu? Que aconteceu?

— Nada... nada...

— Alguma má notícia para mim? Que foi? — inquiriu Natacha, tomada de um pressentimento.

Sónia despediu um suspiro sem responder. O conde, Madame Schoss, Mavra Kuzminitchna, Vassilitch, entraram no salão. De— pois de fecharem as portas, sentaram-se, e assim ficaram por algum tempo sem dizerem palavra e sem olharem uns para os outros.

O primeiro a levantar-se depois foi o conde, e, suspirando fundo, persignou-se diante dos ícones. Todos os demais o imitaram. Em seguida beijou Mavra Kuzminitchna e Vassilitch, que ficavam em Moscovo, e enquanto eles lhe pegavam na mão e o beijavam no ombro, o conde batia-lhes nas costas, pronunciando algumas palavras carinhosas e consoladoras. A condessa recolheu-se ao seu oratório e ajoelhou diante das imagens ainda nas paredes, pois as mais preciosas, recordações de família, haviam sido retiradas para seguir também.

No alpendre e no pátio, os criados que acompanhavam os amos, armados de sabres e punhais que Pétia lhes distribuíra, as calças metidas nos canos das botas, o torso bem cingido em correias e cinturões, despediam-se dos que ficavam.

Como sempre acontece à hora da partida, muitas coisas tinham esquecido, outras estavam mal arrumadas nos carros. Eis porque os dois lacaios estacionaram, por muito tempo, dos dois lados das portinholas abertas e dos estribos da carruagem, prontos a ajudar a condessa a subir, enquanto as criadas andavam de um lado para o outro com as almofadas e os embrulhos, correndo da casa para a berlinda, e da sege para a britchka.

— Sempre se hão-de esquecer de alguma coisa! — exclamava a ama. — Mas bem sabem que eu me não posso sentar assim.

Sem responder de dentes cerrados e uma expressão de censura. Duniacha precipitou-se para a carruagem a fim de ajeitar as almofadas.

— Oh, que gente! — murmurava o conde, abanando a cabeça.

O velho cocheiro Efim, o único em que a condessa confiava, sentado, lá no alto da boleia, pouco parecia preocupar-se com o que se passava atrás. Graças à experiência que adquirira em mais de trinta anos de serviço, estava certo de que não seria tão cedo que lhe diriam «Vamos! » e que depois de o dizerem ainda o mandariam parar mais duas ou três vezes, para buscar coisas esquecidas, e que em seguida o fariam parar ainda uma vez e que a condessa meteria a cabeça pela portinhola para lhe pedir, em nome de Deus, que descesse as ladeiras devagar. Tudo isto ele o sabia, e, muito mais pacientemente que os seus próprios cavalos, sobretudo o da esquerda, o alazão Sokol, que relinchava e remordia o freio, aguardava os acontecimentos. Finalmente, toda a gente se instalou: recolheram-se os estribos, as portinholas fecharam-se, mandaram ainda procurar um cofrezinho esquecido, e a condessa, metendo a cabeça pela portinhola, pronunciou as palavras sacramentais. Então Efim, lentamente, desbarretou-se e fez o sinal da cruz. O postilhão e os criados imitaram-no. «Que Deus nos proteja!», exclamou Efim, cobrindo-se. O postilhão fez rodar a carruagem. O cavalo de lança da direita fez força sobre o arnês, as molas rangeram e a caixa da sege estremeceu. O lacaio saltou para o assento depois do carro em marcha. Aos solavancos, este entrou na rua empedrada, as outras carruagens, por sua vez, agitaram-se também e todos se puseram em marcha. Um por um, todos os viajantes, ao passarem diante da igreja que ficava defronte da casa, se persignaram. Os criados que ficavam na cidade acompanhavam a pé, de cada lado, os carros que partiam.

Poucas vezes Natacha estivera tão alegre como no momento em que, sentada diante da mãe, via desfilar, lentamente, o casario da cidade de Moscovo, inquieta e abandonada. De quando em quando metia a cabeça pela portinhola e contemplava o grande comboio de feridos que os seguia. À frente de todos lá vinha a capota da sege do príncipe André. Ignorava quem ali ia, e no entanto, do lugar em que se encontrava, era sempre essa capota que procurava com a vista, pois precedia todas as outras carruagens.

Em Kudine desembocaram das Ruas Nikitskaia, de Priesni e de Podriovinski vários comboios do mesmo género, e ao passarem por Sodovaia todos os carros formaram duas filas.

Diante da Torre Sukariev, Natacha, entretida a observar a multidão e as carruagens, exclamou, de súbito, com jovial surpresa:

— Santo nome de Deus! Mãe, Sónia, olhem. é ele!

— Quem? Quem?

— Olhem! O Bezukov. — E debruçou-se da portinhola, apontando para um homenzarrão, envergando um cafetã de cocheiro, evidentemente, como podia depreender-se do seu porte e do seu andar, um senhor disfarçado. Acompanhado por um velhinho de rosto amarelento e imberbe, de capote de lã, caminhava direito ao arco da Torre.

— Garanto-lhes que é o Bclzukov, de cafetã, e vai com um velho. Podem ter a certeza, olhem, olhem!

— Não pode ser. Não é ele. Como podes dizer semelhante tolice?

— Mãezinha, corto o pescoço: é ele. Garanto-lhe. Pára! Para! — gritou para o cocheiro,

O cocheiro, porém, não podia parar, pois da Rua Miechtchanskaia desembocavam mais comboios e mais carros e os cocheiros gritavam aos Rostov que não embaraçassem a circulação.

Efectivamente, embora já longe, todos os Rostov reconheceram Pedro, ou, pelo menos, um homem que com ele se parecia extraordinariamente, caminhando, de cabeça baixa e expressão grave, com um cafetã de cocheiro, ao lado de um velhinho imberbe, com aspecto de lacaio. O velho, notando a cabeça que se debruçava da portinhola, tocou respeitosa m ente no cotovelo do companheiro e disse-lhe qualquer coisa, apontando para a carruagem. De tão mergulhado que ia nos seus pensamentos, Pedro tardou em compreender o que o velho lhe dizia. Tendo, por fim, compreendido, ergueu os olhos, reconheceu Natacha e, num primeiro impulso, correu para o carro. Alguns passos andados, contudo, parou indeciso.

A cabeça de Natacha, toda debruçada da portinhola, resplandecia de irónica doçura.

— Piotre Kirilitch, venha daí! Não vê que já o conhecemos? Que engraçado que é! Que anda a fazer? Para que se disfarçou?

Pedro apertou a mão que se lhe estendia, e sempre a andar, pois o carro continuava a rodar, beijou-a desajeitadamente.

— Que anda a fazer, conde? — perguntou a condessa, numa voz repassada de espanto e compaixão.

— Eu? Mas nada, nada. Não me faça perguntas — replicou ele, sentindo que o

olhar alegre e luminoso de Natacha o atraía com o seu encanto.

— Que anda a fazer? Fica em Moscovo?

Pedro manteve-se calado.

— Em Moscovo? — perguntou ele.

— Sim, em Moscovo. Adeus! Oh! O que eu daria para ser um homem! Ficaria consigo. Oh! Seria magnífico! — exclamou Natacha. — Mãezinha, se dá licença, eu também ficarei.

Pedro olhou para ela distraidamente e quis dizer qualquer coisa, mas a condessa interrompeu-o.

— Esteve na batalha, não é verdade? Foi o que nos disseram.

— Estive — respondeu ele. — Amanhã haverá outra batalha...

Natacha interrompeu-o.

— Mas que tem, conde? Não é o mesmo...

— Oh! Não me faça perguntas. Nada lhe posso dizer. Amanhã... Mas não. Adeus, adeus! Que tempos terríveis! — acrescentou.

E, afastando-se da carruagem, dirigiu-se para o passeio.

Por muito tempo ainda Natacha se conservou à portinhola, seguindo-o com o seu sorriso alegre e afectuoso em que havia fosse o que fosse de irónico.

[XVIII]

Desde que desaparecera de sua casa, dois dias antes, Pedro vivia no andar abandonado do falecido Bazdeiev. Eis o que se passara:

Quando acordou, no dia seguinte ao do seu regresso a Moscovo e da sua entrevista com Rostoptchine, levou tempo a compreender onde se encontrava e o que queriam dele. Depois, ao dizerem-lhe que entre as pessoas que o aguardavam na antecâmara estava o francês que lhe entregara a carta da mulher, tornou-o, de súbito, um desses acessos de desânimo e aturdimento a que era atreito. Consigo mesmo disse que tudo estava acabado, que só havia confusão e ruínas, que ninguém tinha culpa nem ninguém tinha razão, que nada esperava do futuro e que a sua vida era um beco sem saída. Rindo com um riso artificial e articulando palavras sem nexo, ora se deixava cair, inanimado, num divã, ora se levantava, se

aproximava da porta e espreitava para a antecâmara pelo buraco da fechadura, ora ainda, com um gesto desesperado, voltava a sentar-se, tentando ler. O mordomo veio dizer-lhe, pela segunda vez, que o tal senhor insistia em falar-lhe, por pouco tempo que fosse, e acrescentou que alguém viera pedir-lhe que aceitasse uns livros pertencentes à viúva Bazdeiev, a qual também deixara a cidade.

— Sim, vou já, espera... ou melhor... Diz-lhes que vou Imediatamente — respondera ele.

Assim que o mordomo saíra, Pedro agarrara no chapéu e desaparecera por uma porta detrás. Não havia ninguém no corredor. Seguiu ao longo desse corredor até à escada e, uma vez aí, absorto e apertando a cabeça entre as mãos, desceu até ao primeiro patamar. O porteiro estava junto da porta principal. No patamar onde Pedro se detivera havia outra escada que conduzia à porta de serviço. Por aí passou e desceu para o pátio. Ninguém o vira. Na rua, porém, ao transpor o portão, os cocheiros que aí estacionavam e o próprio porteiro, vendo-o, descobriram-se. Ao sentir que os olhos deles o seguiam, Pedro fez como e, avestruz, que esconde a cabeça debaixo da asa para passar despercebido. Baixando os olhos, acelerou o passo.

A coisa que se lhe afigurara mais urgente naquela manhã era recolher os livros e os papéis de Osip Alexeievitch Bazdeiev. Tomou o primeiro carro que se lhe deparou e mandou bater para os Tanques Patriartchi, onde residia a viúva Bazdeiev.

Ia observando a grande fileira de carros que saíam da cidade enquanto se firmava o melhor que podia na velha carruagem desconchavada que ameaçava atirá-lo à rua.

Sentia a alegria de uma criança que faz gazeta à escola e todo o caminho tagarelou com o cocheiro.

Este contou-lhe que no Kremlin estavam a distribuir armas pelo povo e que no dia seguinte toda aquela gente se concentraria na barreira de Tri Geri, onde iria travar-se uma grande batalha. Quando chegou aos Tanques Patriartchi, pediu que lhe indicassem a casa de Bazdeiev, onde há muito não vinha. Aproximou-se da cancela. Guerassime, aquele velhinho imberbe e amarelento que ele vira em Torjok, há cinco anos, na companhia do falecido amo, acorreu a recebê-lo.

— A senhora está? — perguntou Pedro.

— Saiba Vossa Excelência que a senhora e os meninos foram para as suas terras de Torjok. — Informou ele.

— Mesmo assim entro. Tenho de seleccionar os livros. — volveu Pedro.

— Bem-vindo seja. O irmão do falecido, que Deus tenha em descanso. Makar Alexeievitch, está aí. Mas, como sabe, é tontinho — tornou o velho criado.

Makar Alexeievitch, como Pedro sabia, era meio doido e passava a vida a beber.

— Sim, sim, bem sei. Vamos... vamos... — disse Pedro, entrando.

No vestíbulo, de pé, com os pés, sem meias, metidos nuns chinelos, estava um corpulento velho, calvo, embrulhado num roupão. Quando viu Pedro, murmurou algumas palavras, furibundo, e saiu para o corredor.

— Era inteligentíssimo, mas agora, como vê, está tontinho — disse Guerassime. — Quer entrar para o escritório?

Pedro assentiu com um aceno de cabeça.

- Tem estado sempre fechado. Sofia Danilovna deu ordens, caso alguém viesse da sua parte, para entregarmos os livros.

Pedro penetrou no escritório escuro onde nunca entrara em vida do Benfeitor sem um estremecimento.

Agora, coberto de pó e intacto desde que morrera Osip Alexeievitch, ainda parecia mais triste.

Guerassime, depois de abrir as portadas das janelas, desapareceu em bicos de pés. Pedro, assim que percorreu a dependência, aproximou-se do armário onde estavam os manuscritos e pegou num deles, um dos mais preciosos para a história da Ordem. Eram as actas originais das lojas escocesas, anotadas e explicadas pelo Benfeitor. Sentou-se diante da mesa de trabalho coberta de pó e, colocando o manuscrito diante de si, folheou-o, voltou a fechá-lo, e, por fim, esquecido dele, quedou-se, mergulhado nos seus pensamentos, de cabeça entre as mãos. Por várias vezes Guerassime, relanceando um olhar discreto ao escritório, viu Pedro na mesma postura. Passadas mais de duas horas, permitiu-se remexer qualquer coisa junto da porta para chamar a atenção de Bezukov: este, porém, não deu por coisa alguma. — Quer que mande embora o cocheiro?

— Ah! Sim — replicou Pedro, voltando a si e levantando-se precipitadamente. — Ouve — prosseguiu, detendo Guerassime por um botão da blusa enquanto o

mirava dos pés à cabeça com os seus olhos brilhantes, húmidos e cheios de entusiasmo. — Ouve, sabes que amanhã vai haver uma batalha?

— É o que dizem — volveu Guerassime.

— Peço-te que a ninguém digas quem eu sou. E agora faz o que eu te disser...

— Às suas ordens, Quer comer alguma coisa?

— Não, é de outra coisa que preciso. Quero que me arranjes um fato de camponês e uma pistola — disse Pedro, corando.

— Às suas ordens — replicou Guerassime após um momento de reflexão.

Pedro levou o resto daquele dia no escritório do Benfeitor, passeando, nervosamente, de um lado para o outro, como Guerassime o pôde ver, e falando sozinho. À noite dormiu numa cama ali mesmo armada.

Guerassime, que na sua longa vida de criado vira muita coisa estranha, aceitou sem relutância que Pedro se instalasse em casa dos seus amos e sentiu-se mesmo contente por ter tido ocasião de lhe prestar um serviço. Nessa noite, sem perguntar sequer para que isso lhe serviria, arranjou um cafetã e um boné para Pedro, prometendo-lhe para o dia seguinte a pistola pedida. Makar Alexeievitch, por duas vezes, durante o dia, a arrastar os chinelos, veio postar-se à porta, olhando para Bezukov com um olhar carinhoso. De uma das vezes, tendo-se Pedro voltado para, ele, o idiota embrulhou-se no roupão, com ar tímido e enfadado, e afastou-se pressuroso. Foi então que Bezukov, vestido com o trajo de cocheiro que Guerassime conseguira para ele, na companhia deste, e quando ia tentar arranjar uma pistola na Torre Sukariev, se cruzou na rua com os Rostov.

[XIX]

Na noite do dia 1 de Setembro, Kutuzov deu ordem às tropas russas para retirarem sobre Moscovo pela estrada de Riazan, As primeiras tropas puseram-se a caminho durante a noite. Nessa marcha nocturna ninguém se apressava, todos caminhavam lenta e ordenadamente; quando raiou, porém, a madrugada, ao chegarem à ponte de Dorogomilov, os soldados viram diante de si, do outro lado, massas de homens armados que se atropelavam para passar a ponte, acumulando-se na outra margem, bloqueando ruas e quelhas, comprimidos por outros que

vinham atrás deles. Nas colunas de tropas deu-se então uma grande desordem. Toda a gente se precipitou para a ponte, para os vaus e para as barcas. O próprio Kutuzov ordenou que os transportassem para a outra margem por caminhos desviados.

As dez horas da manhã do dia 2 de Setembro havia apenas tropas de retaguarda nos arrabaldes de Dorogomilov. O grosso do exército atravessara o Moskva e estava já muito para além de Moscovo.

À mesma hora encontrava-se Napoleão, no meio das suas tropas, no monte Poklonaia e contemplava o espectáculo que se lhe oferecia aos olhos. Entre 26 de Agosto e 1 de Setembro, da batalha de Borodino à entrada do inimigo em Moscovo, durante aquela semana memorável e inquieta, fizera um tempo extraordinário, motivo de surpresa em pleno Outono. O Sol, já muito baixo no horizonte, era mais ardente que na Primavera; pela atmosfera, levíssima e pura, irradiava uma luz que deslumbrava os olhos; o peito dos homens dilatava-se feliz por aspirar os capitosos aromas outonais; as próprias noites, escuras e mornas, eram suaves, e durante elas caía do céu como que uma chuva de estrelas de ouro que, espalhando alegria, ao mesmo tempo assustava as pessoas.

No dia 2 de Setembro, às dez horas da manhã, o tempo estava assim.

A luz matinal irradiava um brilho feérico. Do alto do monte Poklonaia via-se em baixo Moscovo, com o seu rio, os seus jardins, as suas igrejas. Dir-se-ia que a cidade tinha vida própria, com as suas cúpulas cintilando, sob os raios do Sol, como se fossem estrelas.

Ante a arquitectura extraordinária daquela capital.— Napoleão sentiu essa curiosidade inquieta e cobiçosa que costuma despertar o contacto com uma existência de que nada sabemos e que nos é completamente estranha. Via-se bem que aquela cidade tinha vida própria e intensa. Graças a esses sinais indefiníveis que nos permitem distinguir a distância um ser vivo de um cadáver, Napoleão, do alto do monte Poklonaia, apercebia o palpitar da vida daquela capital como se sentisse a respiração desse grande e magnífico corpo.

Ao contemplar Moscovo, todos os russos sentem que ela é como que uma mãe para eles. O estrangeiro, embora desprovido deste sentimento filial, não pode deixar de se sentir impressionado pelo carácter feminino da cidade. Eis a impressão que Napoleão sentia também.

— Esta cidade asiática das mil igrejas, Moscovo, a Santa. Aqui está ela,

finalmente, a famosa cidade. Já era tempo! — exclamou ele, e, apeando-se do cavalo, mandou abrir diante de si a planta da cidade e chamou o intérprete, Lelorgne d'Ideville. «Uma cidade ocupada pelo inimigo faz lembrar uma virgem que Perdeu a virgindade», pensava, repetindo para si próprio o que dissera em Smolensk a Tutchkov. E animado por estes sentimentos contemplava, estendida a seus pés, a beleza oriental que via pela primeira vez. Ele próprio achava extraordinário que, se realizasse enfim aquele sonho que havia tanto acarinhava e que se lhe afigurara irrealizável. Aquela clara luz matinal, ora fixava os olhos na cidade ora no mapa que tinha diante, confirmando pormenores, e a certeza daquela posse ao mesmo tempo que o perturbava causava-lhe medo,

«Teria porventura podido ser de outra maneira?», interrogava-se a si próprio. «Ei-la aqui, a grande capital, ei-la a meus pés, aguardando o destino. Onde estará agora Alexandre? E que pensará ele? Cidade estranha, soberba, magnífica! Que momento raro e solene! Sob que aspecto me verão eles?», prosseguia pensando nos seus soldados. «Aqui a têm, a recompensa que dou a esses homens de pouca fé.» E percorria com os olhos a comitiva e as tropas que marchavam em perfeita ordem! «Basta uma palavra minha, um só gesto da minha mão, e esta antiga capital dos czares converter-se-á num monte de ruínas. Mas a minha clemência está sempre pronta a descer até aos vencidos. Devo ser magnânimo e verdadeiramente grande... Não! Será possível que eu esteja em Moscovo?», interrogava-se, de súbito. «Mas a verdade é que ela aqui está, deitada a meus pés, com as suas cúpulas douradas e as suas cruzes cintilando à luz do Sol. Saberei poupá-la. Na fachada destes antigos monumentos, símbolo da barbaria e do despotismo, mandarei escrever grandiosas palavras inspiradoras de justiça e misericórdia — Tenho a certeza de que Alexandre o há-de apreciar acima de todas as coisas...» Afigurava-se-lhe que tudo aquilo era resultado da rivalidade pessoal entre ele e Alexandre. «Do alto do Kremlin — sim, aquilo é o Kremlin— ditar-lhes-ei leis justas, mostrar-lhes-ei a verdadeira civilização; as futuras gerações dos boiardos hão-de pronunciar amorosamente o nome do seu conquistador. Direi à delegação que me enviarem que não quis e não quero a guerra, que a que me v forçado a fazer visava a política mentirosa da sua corte, que amo e respeito Alexandre e que estou pronto a aceitar em Moscovo uma paz digna de mim e dos meus povos. Não quero aproveitar-me de uma guerra vergonhosa para humilhar o soberano a quem venero. 'Boiardos!', dir-lhes-ei, 'não quero a guerra, quero a paz

e o bem-estar de todos os meus súbditos.' Aliás, tenho a certeza de que a presença dessa gente me há-de inspirar e que lhes hei-de falar como sempre falo, com clareza, com solenidade e com grandeza. Mas será possível que eu esteja em Moscovo? Estou, Moscovo, ei-la ali.»

— Tragam-me os boiardos! — exclamou, voltando-se para a comitiva.

Um general, seguido de um séquito brilhante, partiu imediatamente a galope em busca dos boiardos.

Duas horas decorreram. Napoleão almoçou e voltou para o mesmo local do monte Poklonaia a aguardar a delegação. O discurso que lhe dirigiria desenhava-se-lhe já claro na imaginação. Era um modelo de dignidade e grandeza de acordo com a concepção napoleónica.

A magnanimidade desse discurso, que ele esperava agisse poderosamente sobre Moscovo, enchia-o de entusiasmo. Assentava já na data em que reconvocaria a reunião no palácio dos czares, reunião essa em que as altas personalidades russas deveriam encontrar-se com as da sua corte. E nomearia previamente um governador capaz de conquistar para ele, Bonaparte, a simpatia da população. Sabendo que Moscovo dispunha de grande número de instituições de caridade, estava decidido a cumulá-las de benesses. «Assim como, em África», pensava, «devemos envergar um albornoz para entrar numa mesquita, em Moscovo convém sermos generosos para com os czares.» E para definitivamente conquistar o coração dos Russos, como todo o bom francês, incapaz de conceber seja o que for de sentimental sem falar da minha querida, da minha terna, da minha pobre mãe, ei-lo que decide que na fachada de todas as instituições mandaria inscrever em grandes letras: — Estabelecimento dedicado à minha querida mãe. Ou, não, antes, simplesmente: Casa de minha mãe. «Mas estarei eu, realmente, em Moscovo?», repetia de si para consigo, mentalmente. «Sim, ei-la aqui diante de mim. Então porque leva a delegação tanto tempo a aparecer?»

Entretanto, nas últimas fileiras da sua comitiva, generais e marechais discutiam a meia voz. Os que haviam sido enviados pela delegação tinham voltado e informavam que a cidade estava deserta, todos os seus habitantes a tinham abandonado. A palidez e a consternação estamparam-se em todos os rostos. Não era propriamente a notícia que os atemorizava, embora fosse de vulto, mas a maneira de a comunicarem ao imperador sem colocar Sua Majestade numa situação ridícula, para os Franceses a mais grave de todas, fazendo-lhe saber que

debalde aguardaria os boiardos e que em Moscovo apenas se viam bandos de bêbedos. Havia quem fosse de parecer que apesar de tudo devia arranjar-se uma delegação; outros, pelo contrário, sustentavam ser preciso, com todo o cuidado, e prudência, preparar o imperador e dizer-lhe a verdade.

— É preciso dizer-lho, seja como for... — diziam. — Mas, meus senhores...

A situação era tanto mais penosa quanto era certo o imperador, todo entregue aos seus sonhos de generosidade, andar de um lado para outro, pacientemente, diante do mapa da cidade, olhando de tempos a tempos para a estrada de Moscovo e sorrindo triunfante.

— Mas é impossível... — diziam os membros da comitiva, encolhendo os ombros, sem se decidirem a pronunciar a palavra terrível — «ridículo» — Que cada um tinha nos lábios.

Entretanto o imperador, cansado de esperar, e sentindo, graças ao seu instinto de actor, que o instante sublime tardava de mais, perdendo, portanto, a sua grandeza, acenou com a mão. Um tiro de peça deu o sinal e as tropas que cercavam a cidade por todos os lados marcharam em direcção a Tverskaia, através da Calçada de Kaluga, e romperam pela barreira de Dorogomilov. Em passo cada vez mais acelerado, adiantando-se uns aos outros, soldados de infantaria e cavalaria avançavam, levantando grandes nuvens de poeira e atroando os ares com os seus gritos ensurdecedores.

Arrebatado pelo entusiasmo dos seus soldados, Napoleão chegou ao mesmo tempo do que eles à barreira de Dorogomilov. Uma vez aí, parou, apeando-se do cavalo, e por muito tempo aí ficou a passear junto da esplanada de Kamer-Koleskovo, sempre espera da delegação.

[XX]

Moscovo estava deserta, Embora lá se encontrassem alguns habitantes, a quinta parte, pouco mais ou menos, da sua população habitual, nem por isso estava menos deserta. Na colmeia o que falta a rainha, não há vida, embora a um olhar superficial continue tão animada como antes.

Sob os ardentes raios de sol do meio-dia, as abelhas dessa colmeia zumbem em

torno dela como em torno das demais. Também aí se sente o cheiro a mel, e as abelhas entram e saem. Um pouco de atenção, porém, e compreender-se-á que nessa colmeia já não há vida. As abelhas não lhe zumbem em redor como em redor das colmeias vivas, e não têm nem o mesmo cheiro nem o mesmo zumbido. Quando se bate na parede de uma colmeia doente, em vez da resposta instantânea e unânime de dezenas de milhares de insectos que alçam, ameaçadores, o ferrão, agitando no ar as asas rápidas, apenas se ouvem zumbidos isolados em certos pontos da colmeia quase vazia. A entrada já se não aspira, como antes, o perfume alcoolizado e forte do mel e do veneno cios seus habitantes; já não sai lá de dentro o calor de um lugar habitado. Ao perfume adocicado de outros tempos junta-se agora um cheiro a podridão e abandono. Já não há guardas prontas a dar sinal de alarme e a morrer em defesa da colmeia. Já se não ouve esse som regular e tranquilo. índice de um trabalho activo, que faz lembrar o cachão da água a ferver, mas zumbidos irregulares e dispersos, indício de desordem. Entram e saem da colmeia, tímidas e astuciosas, salteadoras negras, de corpo alongado e coberto de mel. Desprovidas de ferrão, fogem quando as perseguem. Antigamente as obreiras chegavam com o seu quinhão e partiam sem nada; agora, pelo contrário, cada uma leva a sua parte. O apicultor abre a parte inferior da colmeia e examina o que se passa aí. Em vez das abelhas negras e gordas, entregues ao seu trabalho, pendendo em cacho até à parte inferior, fincadas umas nas outras pelas patas, e segregando cera num zumbido ininterrupto, abelhas sonolentas erram de um lado para o outro no fundo e nas paredes da colmeia. Em lugar de um pavimento bem fornido de cera vermelha e cuidadosamente varrido pelas asas dos habitantes, juncam o chão migalhas de cera, excrementos e abelhas semimortas, que agitam as patas molemente, ou estão mortas de todo.

O apicultor abre agora a parte superior da colmeia e examina c, que lá vai dentro. Em vez dos intervalos das prateleiras bem calafetados, para que os insectos estejam aconchegados, vê um trabalho artístico, complicado e hábil, mas já não no seu estado virgem de outrora. Tudo está sujo e deserto. As abelhas salteadoras introduzem-se, rápidas e subtis, pelo meio das obreiras: estas, secas, encolhidas, murchas, como se fossem velhas, deslocam-se lentamente, sem impedir a pilhagem das salteadoras, sem nada quererem, sem gosto pela vida. Zângãos, larvas, borboletas, batem de encontro às paredes da colmeia. Aqui e ali, entre os

tabuleiros com abelhas mortas e mel, ouve-se, de quando em quando, um zumbido irritado. Algures, duas abelhas, impelidas Pelo instinto e o antigo hábito, limpam o interior da colmeia e arrastam para o exterior, num esforço que excede o seu poder, cadáveres de abelhas mortas ou de zangãos, sem se darem conta do que estão a fazer. Noutro canto, duas velhas abelhas lutam Preguiçosamente ou lavam-se ou nutrem-se uma à outra, sem consciência de ser hostil ou amistosa a sua atitude. Noutro ponto ainda um grupo de abelhas, esmagando-se mutuamente, ataca uma vítima qualquer, e sufoca-a. E a vítima, impotente ou morta, cai lentamente, leve como uma pena, sobre o monte de cadáveres. O apicultor retira dois tabuleiros do meio para ver o ninho. No centro de milhares de abelhas que formam um círculo negro e apertado, costas com costas, ali colocadas para vigiar os altos mistérios da eclosão, vê agora apenas alguns centos de abelhas esqueléticas, tristíssimas, quase mortas e entorpecidas. Pela maior parte, estão efectivamente semimortas e Ignoram, na sentinela que fazem àquele santuário, que já não existe o que elas tinham de guardar. Despedem um fedor a podridão e a morte. Apenas algumas remexem ainda, esvoaçam e preguiçosamente vêm pousar na mão do inimigo, já sem forças para perder a vida picando-o. As outras, mortas, caem no fundo, leves, como escamas de peixe. O apicultor fecha a colmeia, marca-a a giz e na altura precisa quebra-a para queimá-la.

Assim era Moscovo, enquanto Napoleão, inquieto, fatigado, carrancudo, andava de um lado para o outro na esplanada de Karner-Koleskovo, aguardando a chegada da delegação: cerimónia puramente convencional, mas que ele considerava indispensável.

Nos diversos bairros de Moscovo apenas restavam algumas pessoas movendo-se sem saberem o que faziam, por simples hábito.

Acabaram, com as precauções devidas, por comunicar a Napoleão que Moscovo estava vazia. O imperador fitou, colérico, aquele que lhe deu a notícia e continuou a andar de cá para lá em silêncio.

— A minha carruagem! — ordenou por fim.

E subindo para o carro, na companhia do ajudante-de-campo de serviço, dirigiu-se para os arrabaldes da cidade. «Moscovo deserta! Que acontecimento inverosímil!», dizia de si para consigo.

Não chegou a entrar na cidade e deteve-se numa estalagem dos arrabaldes,

em Dorogomilov.

O golpe de teatro falhara.

[XXI]

As tropas russas tinham desfilado em Moscovo das duas horas da madrugada às duas horas da tarde, levando consigo os últimos habitantes e os últimos feridos.

Durante o desfile das tropas a maior confusão se verificou nas pontes de Pedro, do Moskva e do Iauza.

Enquanto as tropas se cindiam em duas partes para contornarem o Kremlin pelas pontes do Moskva e de Pedro, numerosos soldados, aproveitando a paragem e a precipitação, voltaram para trás. Passando sub-repticiamente pela porta Borovitski e pela Igreja do Bem— Aventurado Basílio, dirigiram-se à Praça Vermelha, onde pressentiam que lhes seria possível apoderarem-se facilmente dos bens alheios. Uma, multidão que fazia lembrar a de um dia de feira encheu todas as entradas e ruelas de Gostinii Dvor. Não se ouviam, porém, as vozes melífluas e falsamente acolhedoras dos feirantes e bufarinheiros. Não se via a turbamulta garrida dos habituais compradores. Por toda a parte eram fardas e capotes de soldados sem armas que entravam nas lojas de mãos vazias e delas saíam a abarrotar. Alguns comerciantes, poucos, com os seus empregados, atarefavam-se pelo meio dos militares, abrindo e fechando as lojas, tentando levar os seus artigos para sítio seguro. Na Praça de Gostinii Dvor rufavam tambores. Mas o som dos tambores já não reunia os militares, como antigamente. Pelo contrário, dispersava-os ainda mais. A mistura com os soldados viam-se nas lojas e ruelas homens de cafetã sujo e de cabeça rapada (Os malfeitores que tinham sido postos em liberdade. (N, dos T.). Dois oficiais, um montado num cavalicoque cinzento-escuro, uma faixa a tiracolo sobre a farda, e, outro, de capote e a pé, estacionavam, conversando, à esquina da Rua Ilinka, quando outro se acercou deles.

— O general ordena que se corra imediatamente daqui com as praças custe o que custar. Isto não tem classificação! Metade dos homens debandou.

— Aonde vais tu? Aonde vão vocês?... — gritou a três soldados de infantaria,

que, sem armas, as abas dos capotes levantadas, se introduziam numa loja ali mesmo. — Agarrem-nos! Canalha!

— Trate lá de os reunir! — comentou um dos oficiais. — Não há maneira de os juntar. É preciso irmo-nos daqui, quanto mais depressa melhor para que os que ainda restam não desapareçam também. Não há outra coisa a fazer!

— E como havemos de avançar? Fizeram alto lá adiante, a ponte está atulhada e não há maneira de se sair daqui. O melhor era cerrar fileiras para impedir a fuga dos que ainda nos restam,

— Pois trate disso! Corra com eles daqui! — gritou o comandante.

O oficial da faixa desmontou do cavalo, chamou um tambor e, dirigiu-se com ele para as arcadas. Alguns grupos de soldados debandaram. Um comerciante, com as bochechas cobertas de borbulhas em volta do nariz, aproximou-se do oficial num passo rápido e um tanto amaneirado, gesticulando muito. Na sua expressão havia uma resolução serena e inabalável.

— Excelência – disse — faça-nos a mercê de nos conceder a sua protecção. Não regateamos ninharias. Será para nos um grande prazer que queira escolher qualquer coisa. Aqui tem um bom pano. Mesmo duas peças, para um cavalheiro como o senhor, não faz mal. Nós compreendemos. Mas que vem a ser isto? É um saque. Peço-lhe, mande a guarda para aqui; ao menos que possamos fechar as lojas...

Vários comerciantes se acercaram do oficial.

— Ora, deixem-se de palavreado inútil! — disse um deles, magro, de expressão severa. — Quando nos cortam a cabeça, não vale a pena chorar a perda dos cabelos. Pois que levem o que quiserem. E fez com a mão um gesto enérgico, meio voltado para o lado do oficial.

— Sim, sim, Ivan Sidoritch, para ti é, o mesmo — replicou o primeiro. — Queira vir por aqui, Excelência!

— Que dizes? Eu sei o que digo — exclamou o magricela. — Aqui, nas minhas três lojas, tenho para cima de cem mil rublos de mercadoria. Quem vai guardar isto depois de as tropas partirem? A gente bem os conhece. Contra a vontade de Deus nada pode o braço do homem.

— Por favor. Excelência. — repetia o primeiro comerciante, todo mesuras.

O oficial continuava indeciso e a sua atitude traía irresolução.

— E que tenho eu com isso? — exclamou, de súbito, dirigindo-se a passos

rápidos para as arcadas.

Numa das lojas cuja porta estava aberta ouviam-se socos e invectivas e, na altura em que o oficial se aproximava, saía lá de dentro, correndo, um homem de armiak (Trapo próprio dos cocheiros russos. (N, dos T.) sujo e cabeça rapada.

Encolhendo-se, esgueirou-se por entre o oficial e os lojistas. Aquele lançou-se sobre os soldados que estavam dentro da loja. Nesse momento, contudo, ressoaram espantosos clamores da imensa multidão aglomerada na ponte do Moskva, e o oficial correu para a praça.

— Que se passa? Que foi? — perguntou, mas o seu camarada já se precipitara para onde vinham os gritos, metendo ao longo da Igreja do Bem— Aventurado Basílio.

O oficial montou a cavalo e seguiu-o. Ao chegar à ponte, viu duas peças retiradas das carretas, a infantaria em marcha, carroças voltadas, rostos esgazeados e soldados rindo a bandeiras despregadas. Junto das peças de artilharia estava uma carroça tirada por dois cavalos. Atrás das rodas da carroça, amarrados uns contra os outros, havia quatro galgos. Na carroça amontoavam-se muitos objectos e lá no alto, junto a uma cadeirinha de criança, de pés para o ar, sentava-se uma mulher, que soltava gritos agudos e desesperados. O oficial soube pelos seus camaradas que os gritos eram devidos ao facto de o general Ermolov, ao ter conhecimento de que os soldados se tinham dispersado pelas lojas e que os habitantes se acumulavam junto à ponte, mandar retirar as peças das carretas e gritar que ia mandar fazer fogo, para exemplo.

Então a multidão derrubara as carroças e empurrando-se esmagando-se, em grandes gritos, acabara por desimpedir a ponte, podendo as tropas prosseguir na sua marcha.

[XXII]

No centro da cidade, porém, tudo estava deserto. Nas ruas não havia quase vivalma. As portas dos prédios e das lojas estavam fechadas. Aqui e ali, em volta das tabernas, ouviam-se gritos isolados ou cantorias de bêbedos. Ninguém circulava de carruagem, raramente de ouviram os passos de um peão. Na Rua

Povarskaia, vazia, o sossego era completo. No imponente pátio do palácio dos Rostov, além de restos de palha e excrementos de cavalo, não se via mais nada nem ninguém. De resto, lá dentro, em casa, onde ficara todo o mobiliário, havia apenas duas pessoas, que estavam instaladas no salão nobre: o porteiro Ignate e o cossaco Michka, neto de Vassilitch, que ficara em Moscovo com o avô. Michka abrira o cravo e tocava só com um dedo.

O porteiro, de mãos à cinta e sorriso nos lábios, mirava-se a um grande espelho.

— Não é verdade que toco muito bem? Hem! Tio Ignate! — exclamou o rapaz, pondo-se, de súbito, a bater com as duas mãos em cima das teclas.

— Não há dúvida! — replicou Ignate, maravilhado com a imagem que o espelho lhe reflectia, cada vez mais risonha.

— Não tem vergonha! Sim, não tem vergonha nenhuma! — disse, por detrás deles, Mavra Kuzminitchna, penetrando na sala — sem fazer ruído. — Olhem como ele arreganha os dentes! Não servem para mais nada. Tudo está ainda por arranjar, e o Vassilitch não pode mais. Eu te direi!

Depois de ajeitar o cinturão, Ignate, que deixara de sorrir, baixou os olhos e saiu da sala.

— Tiazinha, só mais um bocadinho — suplicou o pequeno. — Deixa estar que eu te dou «mais um bocadinho», maroto! — exclamou Mavra Kuzminitchna, erguendo para ele a mão. — Trata de arranjar depressa o samovar para o teu avô.

Mavra Kuzminitchna espanejou os móveis, fechou o cravo e, despedindo um fundo suspiro, saiu do salão, fechando a porta à chave.

Quando chegou ao pátio, pôs-se a pensar no que deveria fazer: iria ao pavilhão tomar chá com Vissilitch, ou arranjaria na despensa o que ainda não estava em ordem?

Passos apressados ressoaram no silêncio da rua detendo-se em frente da cancela do portão e o ferrolho rangeu impelido por uma mão que fazia força para abri-lo.

Mavra Kuzminitcha dirigiu-se para a porta.

— Que deseja?

— O conde, o conde Ilia Andreitch Rostov.

— E o senhor quem é?

— Sou oficial. Precisava de falar com ele — replicou o desconhecido com o

agradável timbre de voz de um senhor russo. Mavra Kuzminitchna abriu a porta. Um oficial dos seus dezoito anos, de rosto redondo, tipo dos Rostov, penetrou no pátio.

— Paizinho, os senhores foram-se embora. Dignaram-se partir ontem à noite. — explicou Mavra Kuzminitchna, amavelmente.

O jovem continuava à porta, indeciso, sem saber se devia ou não entrar. Deu um estalo com a língua.

— Oh, que aborrecimento! — exclamou. — Devia, ter vindo ontem... Que pena!

Entretanto a velha governanta examinava, com simpatia, atentamente, a fisionomia do desconhecido, em que havia muitos traços dos Rostov, o seu capote esfarrapado e as botas velhas que calçava.

Que queria do conde? — inquiriu ela.

— Agora... nada há a fazer! — volveu o oficial, desconsolado, e deu um passo para a porta.

Mas deteve-se ainda indeciso.

— É que... — explicou ele, de súbito. — Eu sou parente do conde e ele sempre foi muito bom para mim. E, como vê, o meu vestuário — acrescentou, mirando o capote e as botas, enquanto sorria cordialmente — está um tudo-nada usado e estou sem cinco réis. Queria por isso pedir ao conde...

Mavra Kuzminitchna não o deixou concluir.

— Quererá esperar um instante, Paizinho, só um instante? — disse ela.

E enquanto o oficial soltava a mão do ferrolho, Mavra Kuzminitchna, com o seu passinho pressuroso de velha, encaminhou-se para o pavilhão.

Entretanto, o oficial pôs-se a passear no pátio, de cabeça baixa e remirando as botas rotas. «Que maçada não encontrar o meu tio. Mas que simpática velha! Que teria ido fazer? Era bom que me dissesse que ruas devo eu seguir para apanhar o meu regimento, a esta hora lá para os lados da Rogojskaia.» Mavra Kuzminitchna surgiu daí a pouco no cunhal da casa, preocupada, mas decidida, trazendo na mão um tabaqueiro atado nas pontas. Depois de alguns passos em direcção ao desconhecido, desfez o nó do lenço, retirou de dentro uma nota de vinte rublos e precipitadamente meteu-a na mão do oficial.

— Se Sua Excelência estivesse em casa. é claro que o receberia como seu parente, mas assim...

Mavra Kuzminitchna parecia envergonhada e confusa; o oficial, porém, sem se fazer rogado, lentamente, pegou na nota e agradeceu a dádiva.

— Se o conde estivesse em casa... — prosseguiu a velha, desculpando-se. — Que Jesus Cristo o acompanhe, paizinho. Que Deus e, proteja — acrescentou seguindo o oficial e fazendo-lhe uma reverência.

O oficial dir-se-ia rindo para si mesmo e, abanando a cabeça, pôs-se a andar em passo acelerado, ao encontro do seu regimento, ao longo das ruas desertas, direito à ponte do Iauza. Mavra Kuzminitchna, os olhos cheios de lágrimas, por muito tempo ali ficou plantada atrás da porta fechada, pensativa, abanando a cabeça: o oficialzinho desconhecido despertara nela uma súbita onda de ternura e piedade maternal.

[XXIII]

Numa casa por acabar da Rua Varvarka, com uma taberna no rés-do-chão, ouviam-se gritos e canções de bêbedos. Numa divisão suja, sentados em redor de uma mesa, havia dez operários, Bêbedos, cobertos de suor, os olhos nublados, cantavam, abrindo muito a boca. Cada um entoava para seu lado, fazendo grandes esforços, sem entusiasmo, não, claro, porque isso lhes desse prazer, mas apenas para mostrarem que estavam bêbedos e que se divertiam. Só um deles, um rapagão louro, alto, de cafetã azul, estava de pé. Podia dizer-se que tinha uma bela cara, de nariz direito e fino, se não fossem os seus lábios cerrados, que remexiam sem cessar, e os olhos imóveis, turvos e sombrios. Dominava, pela estatura, todos os demais cantores e como que para dirigir o coro ia agitando por cima das cabeças, num movimento solene e desajeitado, um braço branco, nu até ao cotovelo, cujos dedos da mão separava de maneira pouco natural. A manga do casaco estava constantemente a descair-lhe para cima do braço, e ele, com a outra mão, voltava a arregaçá-la cuidadosamente, como se fosse da maior importância conservar desnudo o braço branco e musculoso que estava sempre a agitar. No meio daquela cantoria ouviu-se lá para o vestíbulo e alpendre a algazarra de uma altercação. O rapaz alto fez calar os cantores com um gesto da mão.

— Basta! — gritou, numa voz de comando. — Há pancada, rapazes!

E ei-lo que, de mangas arregaçadas, se precipita no alpendre. Os demais operários seguiram-lhe os passos. Aqueles bêbedos tinham trazido ao taberneiro nessa manhã, para lhe pagar o vinho que beberam, couros da fábrica em que trabalhavam. Os serralheiros da vizinhança, supondo a taberna assaltada, queriam entrar à força no estabelecimento. Eis porque no alpendre se chegara a vias de facto.

O dono da taberna debatia-se com um deles, o qual, no momento em que os operários apareceram, tendo-se-lhe escapado das mãos, fora cair estatelado no passeio.

Um seu companheiro atirou-se ao dono da taberna. O rapaz alto, das mangas arregaçadas, deu um soco no serralheiro, vociferando como um selvagem.

— Rapazes! Estão a matar os nossos companheiros!

Entretanto, o primeiro serralheiro, que se erguera do chão, ao passar a mão pela cara ensanguentada, principiou a gritar, numa voz lastimosa:

-Ó da guarda! Mataram-me... Irmãos, mataram um homem! Irmãos!

— Pai do Céu! Mataram um homem, mataram um homem! — esganiçou-se uma mulher que surgiu de uma porta vizinha.

A multidão aglomerava-se em torno do serralheiro ensanguentado.

— Não te basta roubares o povo até lhe arrancares a ultima camisa — vociferou alguém dirigindo-se ao taberneiro. — Agora ainda rios queres matar? Bandido!

O rapagão, no alto da escada do alpendre, olhos nublados, ora fitava o taberneiro ora os serralheiros, perguntando a si mesmo com qual deles iria bater-se.

— Assassino! — de súbito, dirigindo-se ao taberneiro. — Amarrem-no, rapazes!

— O quê? A mim, amarrarem-me a mim? — exclamou este, libertando-se dos agressores, e, tirando o boné, arremessou-o ao chão.

Dir-se-ia que este gesto encerrava uma misteriosa ameaça. Os operários, que caíam sobre ele, detiveram-se, indecisos.

— Irmão, eu conheço muito bem as leis e sou pela ordem. Vou queixar-me à polícia, Hem! Julgas que não vou? A ninguém é permitido, no dia de hoje, assaltar a casa alheia, percebe? — acrescentou, apanhando o boné do chão.

— Pois vamos a isso! Que julgas tu? Vamos a isso! — repetiram por sua vez o

serralheiro e o rapaz alto, chefe dos operários. E ambos se meteram a caminho do posto da polícia.

O serralheiro, com a cara coberta de sangue, seguia atrás deles. Operários e mirones acompanhavam-nos falando e gritando. A esquina da Rua Morosseika, diante de uma grande casa com tabuleta de sapateiro e as portadas das janelas todas fechadas, estavam uns vinte homens, de rosto triste, magros, de aspecto exausto, de camisões e cafetãs esfarrapados.

— Que pague o que nos deve! — dizia um deles, mestre sapateiro, esquálido, de barba rala e sobrancelhas espessas. Sugou-nos o sangue e agora que nos amolemos! Foi-nos entretendo, entretendo, toda a semana, e agora, que não podemos mais, desandou.

Ao ver o grupo que se aproximava calou-se e todos os seus companheiros se deram pressa em juntar-se as que, cheios de curiosidade, se aproximavam.

— Aonde vão vocês?

— É bem de ver, a polícia!

— Olha lá, é verdade que os nossos não levaram a melhor?

— Que estás tu para aí a dizer? Abre os ouvidos ao que se diz.

Sucediam-se perguntas e respostas O taberneiro, aproveitando a confusão, esgueirou-se de novo para o estabelecimento.

O rapaz alto, sem, dar sequer pelo desaparecimento do inimigo**,** sempre de mangas arregaçadas e grandes gestos, não se calava um só instante, atraindo a atenção de toda a gente. À volta dele é que as pessoas de preferência se comprimiam, esperando vê-lo tranquilizá-los a todos.

— E ele a dar-lhe com a ordem, com a lei, mas isso não é com a gente, é com as autoridades! Não acham que tenho razão, povo ortodoxo? — declamava a gosto. — Julgará ele que as autoridades também se foram embora? Então como havíamos nós de passar sem autoridades? Era uma ladroeira pegada.

— Tudo isso são tolices! — respondeu alguém do meio da turba. — Julgas que vão abandonar Moscovo? Meteram-te essa no bestunto e acreditaste. Soldados é o que há mais para aí. Não os deixarão entrar! Para isso aí estão as autoridades. Ouve o que este está a dizer — aconselhava, apontando para o rapaz alto, que perorava.

Perto de Kitai-Gorod, outro pequeno grupo rodeava um homem de capote de lã, com um papel na mão.

— Está a ler um ucasse! Estão a ler um ucasse — gritaram vozes, e toda a gente acorreu a ouvir o pregoeiro.

O homem de capote de lã lia a proclamação de 31 de Agosto. Ao ver-se rodeado por tanta gente pareceu perturbado, mas, a instâncias do operário que se havia aproximado dele, retomou a leitura com um ligeiro tremor na voz.

«Amanhã de madrugada irei encontrar-me com o príncipe Sereníssimo». «Sereníssimo!», repetiu o folgazão, com solenidade, sorrindo, de sobrancelhas carregadas...

«Para discutir com ele, agir e ajudar as nossas tropas a aniquilar esses bandidos. Havemos de os fazer passar um mau bocado...» O pregoeiro calou-se.

«Assim mesmo!», gritou o rapazola triunfante. «Isso é que vai ser uma lição...»

«E acabaremos com a raça desses intrusos. Voltarei à hora de jantar e então mãos à obra: entraremos em acção, acabaremos o que está principiado e não mais se ouvirá falar nesses bandidos.»

O pregoeiro leu estas últimas palavras no meio de um profundo silêncio. O rapaz alto deixou descair a cabeça, acabrunhado. Evidentemente o remate da proclamação a ninguém agradava. Sobretudo as palavras «Voltarei à hora de jantar» é que embaraçavam tanto o pregoeiro como os ouvintes.

A excitação do povo atingira tal calor que semelhante banalidade naquele momento não podia deixar de parecer prosaica e inadmissível. Toda a gente se teria sabido exprimir assim e um ucasse emanado das mais altas autoridades tinha obrigação de ser concebido noutros termos.

Toda a gente permanecia silenciosa, de cabeça baixa. O rapaz alto andava de um lado para o outro como que falando sozinho.

«Era preciso perguntar-lhe a ele?... Olhem, aí está ele!... Claro, vamos perguntar-lhe!... Que julgam? Sim, ele explicar-nos-á...», disseram, de súbito, várias vozes lá das últimas filas do público, e todas as atenções se volveram para a carruagem do chefe da polícia, o qual acabava de chegar à praça acompanhado de dois dragões a cavalo.

O chefe da polícia, por ordem do conde, fora lançar fogo às embarcações, e com isso ganhar uma boa maquia, que trazia consigo nas algibeiras. Ao ver aquela gente caminhar para ele gritou ao cocheiro que parasse.

— Que vem a ser isto? — inquiriu dos homens que um por um, timidamente, se aproximavam da carruagem.

— Que vem a ser isto? Que gente é esta? — repetiu, ao ver que lhe não respondiam.

— Excelência... — disse o homem do capote de lã. — Excelência, de acordo com os desejos de Sua Excelência o Conde, estes homens querem cumprir o seu dever sem poupar as suas vidas e não se trata de uma revolta, como se disse da parte de Sua Excelência...

— O conde não se foi embora, ainda aí está. Recebereis as suas instruções — disse o chefe da polícia. — Vamos embora! acrescentou, para o cocheiro.

A multidão juntara-se em volta dos que tinham ouvido a palavra do representante do Poder e via a carruagem afastar-se.

O chefe da polícia voltou-se assustado para onde a multidão acorria e disse qualquer coisa ao cocheiro. Os cavalos partiram à desfilada.

«Estão a comer-nos as papas na cabeça, rapazes! Vamos a casa do conde! Não o deixaremos escapar, rapaziada! Tem de nos prestar contas. Alto! Alto!», gritaram várias vozes, e a multidão precipitou-se, correndo, atrás da carruagem que se afastava.

Na peugada do chefe da polícia, o povo, em grande alarido, dirigiu-se para a Rua Lubianka.

«Os fidalgos e os comerciantes puseram-se a andar e nós, nós que arrebentemos para aqui! Seremos cães, porventura?», gritava a multidão.

[XXIV]

No dia 1º de Setembro, pela noite, depois da sua entrevista com Kutuzov, o conde Rostoptchine regressou a Moscovo magoado e triste; não o tinham ouvido na reunião do conselho de guerra.

Kutuzov não prestara a mais pequena atenção à sua proposta no sentido de se defender a capital. Surpreendera-o muito a nova teoria adoptada pelo estado-maior segundo a qual o sossego da cidade e os sentimentos patrióticos dos seus habitantes eram não só coisas secundárias, mas desprezíveis e sem qualquer alcance. Depois da ceia estendeu-se, vestido como estava, em cima de um canapé. À uma hora da madrugada foi acordado por um correio que lhe trazia uma carta

de Kutuzov. Pedia-lhe este, visto as tropas baterem em retirada pela estrada de Riazan, para além de Moscovo, que enviasse polícias proteger a sua passagem através da cidade. Não era novidade para Rostoptchine. Pressentira aquilo mesmo muito antes da sua entrevista da véspera com o general-chefe, no monte Polclonaia, no dia seguinte ao da batalha de Borodino, visto ter ouvido os generais chegados a Moscovo declararem unanimemente ser impossível travar uma batalha, e todos os dias, com o seu consentimento, saírem de Moscovo, com destino a lugar seguro, os bens da coroa e metade dos habitantes da capital já terem abalado. Mesmo assim, aquela ordem de Kutuzov, expedida como uma simples nota e recebida durante a noite, quando ele dormia o seu primeiro sono, surpreendeu-o e irritou-o extraordinariamente.

Mais tarde, quando quis explicar o que fizera naquele momento, repetiu, várias vezes, nas suas Memórias, que tivera então como objectivo principal «manter a tranquilidade em Moscovo e evacuar os habitantes!» Se fizermos fé nas suas palavras, tudo quanto fez foi irrepreensível. Porque não tinham levado, então, da cidade os tesouros moscovitas, as armas, os cartuchos, a pólvora, as reservas de trigo? Porque foram enganados milhares de habitantes com a afirmação de que a cidade não capitularia, o que fez que ficassem arruinados? Para que a tranquilidade fosse mantida, explica Restoptchine. Mas porque se evacuaram, então, montes e montes de papéis inúteis das repartições? Porquê o balão de Leppich e tantas outras coisas? Para que a cidade ficasse vazia, replica ele ainda. Basta a tranquilidade pública estar ameaçada para tudo se justificar. Também as chacinas do Terror só tiveram em vista a tranquilidade pública.

Em que se baseava então o conde Rostoptchine para temer que a tranquilidade pública, em 1812, viesse a ser perturbada em Moscovo?

Nem em Moscovo nem em qualquer outra parte da Rússia, aquando da chegada do inimigo, se passou fosse o que fosse parecido com uma rebelião. A 1 e 2 de Setembro ainda havia na capital mais de dez mil pessoas e além do ajuntamento no pátio da residência do governador, por ele próprio provocado, nenhum outro incidente ocorreu. Evidentemente que ainda se teria receado menos qualquer efervescência popular se depois de Borodino, quando o abandono de Moscovo se tornou coisa certa ou pelo menos verosímil, em vez de se haver exaltado o povo com a distribuição de armas ou a afixação de proclamações, Rostoptchine houvesse tomado as medidas necessárias para retirar as coisas

preciosas, a pólvora, as munições e o dinheiro, e houvesse declarado francamente ao povo que a cidade ia ser abandonada.

Rostoptchine, homem impulsivo e sanguíneo, como vivera sempre nas altas esferas administrativas, apesar de todo o seu patriotismo, não fazia a mínima ideia de como era o povo que julgava governar. Depois da entrada dos Franceses em Smolensk, imaginara desempenhar o papel de guia do sentimento nacional no «coração da Rússia». Julgava ele, como todo o bom administrador, ser obrigação sua não só presidir à vida material dos habitantes de Moscovo, mas também guiar-lhes a disposição moral através de proclamações e de editais redigidos nesse estilo corriqueiro de que a massa popular, no seu próprio meio, não faz o mais pequeno caso, e que deixa de compreender sempre que o ouve na boca de personagens das classes elevadas. Este lindo papel de guia da moral popular agradava-lhe tanto, tão bem se lhe adaptara, que a necessidade de abandonar Moscovo sem realizar qualquer acto heróico o havia apanhado desprevenido. De súbito notou que o terreno que pisava lhe resvalava debaixo dos Pés. E decididamente não soube que fazer. Embora o pressentisse, recusou-se sinceramente até ao último minuto a acreditar no abandono da capital e nada fez na previsão de semelhante eventualidade. Se os habitantes se retiraram, foi contra a sua vontade. Se mandara transferir as repartições públicas, é que tinham sido os funcionários a pedir-lho, e só com relutância dera autorização para tal. Por si nunca pensara noutra coisa senão em desempenhar o papel que a si próprio atribuíra. Como é frequente nas pessoas de imaginação viva, de há muito sabia que Moscovo seria abandonada, mas só a razão lho dizia; no fundo do coração não acreditava. A imaginação não o acompanhava nesse novo domínio dos factos.

Todos os seus esforços, realmente eficazes e enérgicos — e não se cura aqui de saber até que ponto foi útil e qual a influência que exerceu no povo —, apenas serviram para excitar nos habitantes sentimentos que ele próprio experimentava: o ódio patriótico contra os Franceses e a confiança em si mesmo.

Mas quando os acontecimentos ganharam proporções históricas, quando se tornou insuficiente exprimir apenas por palavras o ódio contra o inimigo, quando não foi possível proclamá-lo mesmo no campo de batalha, quando a autoconfiança se tornou inoperante para salvar Moscovo, quando toda a população, como um só homem, abandonando o que era seu, correu em torrentes para fora da cidade, mostrando, com este acto negativo, o prestígio do sentimento nacional, o papel

que Rostoptchine escolhera perdeu subitamente todo o sentido. Viu-se, de chofre, fraco e ridículo, sem terra firme debaixo dos pés.

Ao receber a nota fria e autoritária de Kutuzov sentiu-se tanto mais irritado quanto era certo reconhecer-se culpado. O que lhe fora confiado, os bens do tesouro, que ele devia ter retirado, ficava em Moscovo. E agora era impossível levar dali fosse o que fosse.

«Quem tem a culpa disto?», dizia ele de si para consigo. «Eu não, com certeza. Tinha tudo preparado, mantive Moscovo, e não é pouco. E aqui está onde eles nos levaram! Miseráveis! Trai— dores!» Não lhe teria sido fácil determinar que eram esses traidores, esses miseráveis, mas sentia-se impelido, por necessidade, a odiar esses traidores que o haviam colocado na situação falsa ridícula em que se encontrava.

Durante toda a noite emitiu ordens que junto dele vinham receber de todos os pontos de Moscovo. Os da sua roda nunca o tinham visto tão taciturno e furioso.

«Excelência, vieram receber ordens da parte do director do Património... da parte do Consistório, do Senado, da Universidade, do asilo das crianças abandonadas. O ecónomo mandou saber... Pede... Que ordens se devem transmitir à corporação dos bombeiros? Estão aí da parte do director da cadeia... Da parte do director do manicómio...» Não lhe largaram a porta durante toda a santa noite.

A todos dava respostas rápidas e graves, dizendo que as suas ordens doravante eram inúteis, que a obra que preparara com todo o cuidado fora malograda por terceiros, responsáveis dos acontecimentos que sobreviessem.

— Diz a esse imbecil — respondeu ao pedido da Repartição do Património — que fique de sentinela aos seus documentos. E, tu, que tolice me estás tu a pedir a propósito dos bombeiros? Se têm cavalos, vão para Vladimir. Não os vão deixar aos Franceses.

— Excelência, está ali o director do manicómio. Que devo dizer-lhe?

— Que deves dizer-lhe? Que se vão todos, nada mais simples... E, quanto aos doidos, que os solte na cidade. Já que quem comanda o exército é doido, ficarão no seu devido lugar.

Quando lhe perguntaram qual o destino a dar aos presos da cadeia, gritou, furioso, para o director:

— Que quer que eu faça? Que lhe dê dois batalhões, que não temos, para os escoltar? Solte-os, é bem de ver!

— Excelência, há presos políticos: Miechkov, Verechtchaguine.

— Verechtchaguine! Ainda o não enforcaram?! — exclamou. — Tragam-no.

[XXV]

Depois das nove da manhã, hora em que as tropas principiaram a atravessar Moscovo, ninguém mais veio pedir instruções ao conde. Todos que tinham tido oportunidade de retirar haviam abalado espontaneamente; os que tinham ficado, esses, só a si próprios haviam pedido conselho.

Rostoptchine mandara atrelar a sua carruagem para ir para Sokolniki, e ali estava, no seu gabinete sombrio, amarelento e calado, os braços cruzados.

Em tempo de paz, todo o governante julga sempre que dele depende toda a população confiada ao seu cuidado e, supondo-se indispensável, vê nisso a principal recompensa dos seus trabalhos e dos seus esforços. Enquanto o mar da história está sereno. é lógico que o governante-piloto que na sua ligeira embarcação manobra o leme do navio de grande calado que é o Estado julgue ser ele quem o faz mover. Mas assim que se levanta uma tempestade, logo que o mar se encapela e o navio é levado pela corrente, então a ilusão acaba. O navio prossegue na sua rota, independente e majestoso, e o leme do piloto já para nada serve. Esse homem, momentos antes todo-poderoso, centro de todas as energias, não passa então de um ser fraco, inútil e nulo.

Eis do que Rostoptchine se dava conta e era isso que o exasperava.

O chefe da polícia, aquele mesmo que fora detido pela turba, apresentou-se ao conde, acompanhado do ajudante-de-campo que vinha anunciar estarem prontos os cavalos. Ambos tinliam perdido a cor, e o chefe da polícia, ao dar contas da sua missão, anunciou que uma turba imensa invadira o pátio do palácio e queria ver o governador.

Rostoptchine, sem proferir palavra, levantou-se e, em passos rápidos, dirigiu-se para a varanda, deitando a mão ao fecho da janela. Depois desistiu de a abrir e aproximou-se de outra janela donde se via melhor o ajuntamento. Na primeira fila lá estava o operário alto, que continuava a perorar, muito grave, gesticulando. A seu lado via-se o serralheiro, taciturno, de cara ensanguentada. Pelas janelas

abertas penetrava o rumor das vozes.

— Está pronta a carruagem? — perguntou Rostoptchine, afastando-se da janela.

— Saiba, Vossa Excelência que sim — disse o ajudante-de-campo. E Rostoptchine aproximou-se outra vez da janela.

— Que querem eles? — inquiriu do chefe da polícia. — Excelência, dizem que estão na disposição de marchar contra os Franceses, de acordo com as ordens de Vossa Excelência. Dizem que foram atraiçoados. São uns desordeiros, Excelência. Custou ver-me livre deles. Excelência, tomo a liberdade de lhe propor...

— Pode, retirar-se, sei muito bem o que tenho a fazer — exclamou Rostoptchine, furioso.

Pôs-se por detrás das portas da varanda a observar a multidão, «Eis aqui o que fizeram da Rússia! Aqui está como me tratam», dizia de si para consigo, sentindo que lhe subia, do fundo da alma uma ira incontida contra aqueles a quem devia saber a responsabilidade de tudo que estava a acontecer. Como costuma suceder muitas vezes com os homens impulsivos, o conde não podia dominar a cólera que o tomava, embora procurasse ainda sobre quem lançá-la. «Lá está ela, a populaça, a ralé, a plebe, que eles sublevaram pela sua estupidez. Precisam de uma vítima«, pensava ele, olhando para o operário que fazia, grandes gestos. E ao mesmo tempo ocorreu-lhe que também ele precí-av2 de uma vítima, fosse quem fosse, sobre quem descarregar aquela ira.

— Está pronta a minha carruagem? — repetiu.

— Saiba Vossa Excelência que sim. Que ordena a respeito de Verechtchaguine? Está ali no alpendre à espera — disse o ajudante-de-campo.

— Ah! — exclamou Rostoptchine, como se tivesse uma ideia súbita. E, abrindo bruscamente a janela, caminhou resoluto varanda fora. O burburinho cessou repentinamente, as cabeças descobriram-se e, todos os olhos se dirigiram para o conde.

— Bons dias, rapazes! — disse, rápido, e em voz alta. — Obrigado por terdes vindo. Vou já ao vosso encontro, mas antes temos de regular as nossas contas com um malfeitor. Temos de castigar o bandido que foi o culpado da perda de Moscovo. Esperem!

O conde entrou rapidamente nos seus aposentos, batendo com janela.

Um murmúrio de satisfação percorreu a turba. «Vais ver como ele dá conta de

todos esses bandidos. E tu a dizeres que eram uns franceses... Vai metê-los todos na ordem!», dizia aquela gente, como se se acusassem uns aos outros de falta de fé.

Alguns minutos depois um oficial apareceu, bruscamente, à porta, principal, deu uma ordem qualquer, e os dragões puseram-se em marcha. A multidão acorreu, ávida, para o lado do alpendre. Nesse momento chegava Rostoptchine, em passo rápido, e, iracundo, pôs-se a olhar à sua roda, como se procurasse alguém.

— Onde está ele? — interrogou.

Enquanto pronunciava estas palavras, viu surgir, do cunhal do edifício, entre dois dragões, um homem novo, de pescoço comprido e fino, a cabeça, meio tosqueada, os cabelos hirsutos. Vestia uma velha peliça de raposa, por certo elegante outrora, mas agora forrada de pano azul, e umas calças de penitenciário, sujas, de linho, metidas nos canos de umas botas finas, por engraxar, e todas esbeiçadas. Das pernas delgadas e débeis pendiam pesadas correntes, que lhe embaraçavam o andar titubeante.

— Ah! — exclamou Rostoptchine, afastando o olhar do rapaz e pousando a vista no último degrau da escada do alpendre. — Tragam-no aqui!

O preso, arrastando as correntes, foi colocar-se, pesadamente, no local designado, metendo o dedo na gola da peliça, que o estava a afogar. Em seguida, depois de retorcer duas ou três vezes o longo pescoço, despedindo um suspiro, cruzou sobre o peito, resignadamente, umas mãos finas que nada tinham das de um operário.

Enquanto esta curta cena se desenrolava, o silêncio era absoluto, excepto rias últimas filas da turba, que se comprimia para —, aproximar, e aí ouviam-se tosses, lamentos, arrastar de pés e encontrões.

Rostoptchine, que aguardava que o homem fosse posto em evidência, passou a mão pela cara.

— Rapazes! — disse, numa voz metálica. — Este homem, Verechtchaguine, é o miserável culpado da perda de Moscovo.

O moço conservava-se na sua humilde atitude, de mãos cruzadas e o busto ligeiramente inclinado. A cara, desfigurada pela cabeça rapada, os traços arrepanhados de desespero, pendia-lhe para o chão.

Ao ouvir as primeiras palavras do conde endireitou-se, lentamente, e ergueu

os olhos para ele, como se quisesse dizer qualquer coisa ou pelo menos encontrar o seu olhar. Mas Rostoptchine não olhava para ele. Então, no longo e delicado pescoço do acusado, uma veia dilatou-se como se fosse uma corda, fez-se-lhe muito azul ao pé da orelha e de repente toda a cara se lhe afogueou. Todos os olhares estavam fitos nele. Olhou para a multidão e, como que encorajado pela expressão que surpreendeu em todos os rostos, sorriu, triste e timidamente, e, baixando de novo a cabeça, procurou equilibrar-se melhor no degrau do alpendre,

— Atraiçoou o seu czar e a Pátria, vendeu-se a Bonaparte, de todos nós foi o único que desonrou o nome russo e é por causa dele que Moscovo está perdida — disse Rostoptchine, numa voz brusca e uniforme. E, de súbito, baixou os olhos para a vítima, que continuava na sua humilde postura. Como se aquela presença o fizesse perder a cabeça, levantou o braço e gritou quase, voltando-se para a multidão:

— Entrego-o nas vossas mãos. Justiça seja feita!

O povo continuava calado, comprimindo-se cada vez mais. No meio daquela massa compacta o ar, viciado, tornava-se irrespirável. Era impossível fazer qualquer movimento e toda a gente se sentia opressa pela expectativa de um acontecimento desconhecido, incompreensível e terrível, Os que estavam nas primeiras filas, que viam e ouviam tudo, permaneciam imóveis, de olhos esbugalhados e a boca abe-ta, aguentando, com todas as suas forças, a pressão que vinha da retaguarda.

— Matem-no!... Que morra esse traidor e não desonre mais o nome russo! — gritou Rostoptchine. — Acutilem-no! Sou eu quem manda.

A multidão, sem apreender o sentido das palavras, mas arrastada pelo tom colérico do governador, soltou como que um gemido, avançou um pouco e voltou a recuar.

— Conde... — articulou Verechtchaguine, aproveitando aquela breve acalmia, numa voz tímida, mas ao mesmo tempo teatral. Conde, só Deus é juiz... — Ergueu a cabeça ao pronunciar estas palavras, e a grossa veia, visível no seu delicado pescoço, injectou-se-lhe de sangue. O rosto coloriu-se-lhe de repente para no mesmo momento perder a cor.

Não pôde concluir o que queria dizer.

— Acutilem-no! Ordeno!... — vociferou Rostoptchine, de repente tão pálido como Verechtchaguine.

— Desembainhar espadas! — gritou o oficial aos dragões, ao mesmo tempo que desembainhava a sua.

Outro impulso, ainda mais forte do que o primeiro, agitou a multidão, e, embatendo contra os da primeira fila, precipitou-os para a frente, empurrando-os até aos degraus do alpendre, O moço operário, cujo rosto dir-se-ia petrificado, o braço sempre erguido, achou-se ao lado de Rostoptchine.

— Acutilem-no! — ordenou o oficial numa voz quase indistinta.

Um dos soldados, a máscara transtornada pela ira, deixou cair a lâmina da espada na cabeça de Verechtchaguine.

— Ah! — gemeu o desgraçado, surpreendido com o súbito golpe, os olhos dilatados de espanto, sem compreender o que estava a passar-se. Um gemido de surpresa e horror, igual ao de Vereclitchaguine, percorreu a multidão:

— Oh!, meu Deus! — exclamou alguém.

Desditosamente, a vítima, depois da exclamação de surpresa, soltou um grito de dor, e foi esse grito que a perdeu. De súbito quebrou-se o freio da compaixão humana que se mantivera tenso até ao último grau, contendo a turba. O crime principiara e tinha de ir até ao fim.

Um urro terrível e furioso abafou o gemido do desgraçado. Uma vaga, a sétima e derradeira vaga que submerge um navio, cresceu das últimas filas, derrubou as da vanguarda e arrasou tudo. O dragão que dera a espadeirada quis vibrar-lhe outro golpe, mas Verechtchaguine, com um grito de horror, procurando proteger-se com as mãos, atirou-se sobre a populaça. Tropeçou de encontro ao rapaz alto, que o agarrou pela gola, enterrando-lhe as unhas no pescoço, enquanto despedia um grito selvagem, e os dois rolaram aos pés da turba, que se lançou sobre eles.

Uns agrediam Vereclitchaguine, outros o agressor. Os gritos dos que se sentiam esmagados e daqueles que procuravam salvar o rapaz alto caído por terra ainda exasperavam mais o furor da multidão. Por muito tempo não puderam os dragões libertar o operário coberto de sangue e semimorto, e os homens que queriam dar por finda a obra principiada, os que espancavam, acutilavam, afogavam, trucidavam Verechtchaguine, esses, não conseguiam acabar a sua vítima. A multidão comprimia-os de todos os lados. Apanhados no meio da turba, ora eram arrastados para a direita ora para a esquerda, sem poderem vibrar-lhe o golpe de misericórdia nem tão-pouco o poderem abandonar.

«Um machado para acabar com ele! — Afogaram-no?... Traidor! Vendeu

Cristo!... E ainda está vivo... Tem sete fôlegos!... Tem o que merece, ladrão!... Uma machadada! Ainda está vivo?»

Só quando a vítima deixou de se debater e aos gritos sucedeu um estertor prolongado a turba começou a abrir alas diante do cadáver estendido no chão, coberto de sangue. Todos se aproximavam, e ao verem o que tinham feito afastavam-se ao mesmo tempo horrorizados e estupefactos.

«Oh! Meu Deus! Que animal feroz é o povo! Como havia ele de escapar?», diziam uns.

«Tão novo!... Naturalmente era filho de um comerciante. Ah!, o povo... Dizem que não foi ele... Sim, não era ele o culpado... Oh, meu Deus! Parece que não foi ele que mataram. Dizem que ainda está vivo... Ah! Que mundo!... Não temem o castigo», comentavam os mesmos, olhando, com uma expressão repassada de piedade, o cadáver de rosto azulado, coberto de sangue e de pó, com o longo pescoço todo retalhado.

Um polícia zeloso, julgando não ser decente deixar aquele corpo no pátio de Sua Excelência, deu ordem aos dragões para o arrastarem para a rua. Dois soldados pegaram nas pernas partidas e puxaram o corpo. A cabeça rapada da vítima, sangrando, mascarrada de poeira, o longo pescoço tombado, levada de rastos, pulava pelo chão. A turba afastava-se do cadáver.

Na altura em que Vereclitchaguine caíra ao chão e todos em cima dele, Rostoptchine, que empalidecera de repente, em lugar de se encaminhar para a escada de serviço, onde o aguardavam os seus cavalos, sem que ele próprio soubesse porquê, de cabeça baixa e precipitadamente, dirigiu-se, ao longo do corredor, para as habitações do rés-do-chão. Lívido, a maxila inferior tremia-lhe nervosamente, como se um febrão o sacudisse.

— Excelência, por aqui... Onde vai?... Por aqui, se faz favor — disse uma voz trémula e assustada.

Não estava em condições de poder responder, e, dando meia volta, docilmente, tomou o caminho que lhe indicavam. Diante da escada de serviço estacionava a sege. O ulular distante da multidão ouvia-se ali. Rostoptchine deu-se pressa em subir para, a carruagem, mandando seguir para a sua vivenda de Sokolniki.

Ao chegar à Rua Miasnitskaia, como já não ouvisse o clamor, lamentou ter deixado transparecer fraqueza. Contrariava-o a ideia de que os subordinados

tivessem sido testemunhas da emoção e do susto que tivera. «A populaça é terrível, é repulsiva», dizia de si para consigo. «São como os lobos, que só com carne se saciam.» «Conde, só Deus é juiz!» De súbito ressoaram-lhe ao ouvido estas palavras de Verechtchaguine, e um arrepio de gelo lhe arrepanhou a espinha. Foi momentânea, porém, esta impressão. Logo teve um sorriso de desdém. «Eu tinha outros deveres a cumprir», disse com os seus botões. «Era preciso apaziguar o povo. Muitas outras vítimas morreram e morrerão pelo bem público.» E pôs-se a pensar nas suas obrigações para com a família, para com a capital que lhe havia sido confiada e para consigo próprio, não para com Fedor Vassilievitch Rostoptchine, o qual, pensava, devia ser sacrificado ao bem público, mas para com o governador da cidade, o representante do Poder, o delegado do czar. «Se eu fosse apenas um Fedor Vassilievitch qualquer, a minha linha de conduta seria outra, mas eu tinha de salvaguardar a vida e a dignidade do governador.»

Embalado suavemente pelas molas da carruagem e não ouvindo já os gritos medonhos da multidão, sentia uma grande tranquilidade física, e como sempre acontece, ao mesmo tempo que sossegava fisicamente, o espírito ia-lhe proporcionando argumentos conducentes à tranquilidade da alma. Esses argumentos nada tinham de novo. Desde que o mundo é mundo e os homens se matam uns aos outros, que ninguém cometeu qualquer crime para com o semelhante sem tratar de apaziguar a consciência apelando para aquilo a que se chama o bem público, aquilo que se supõe o bem dos outros.

Aos olhos do homem a quem a paixão não cega, tal bem não é coisa tão clara, mas aquele que acaba de cometer um crime, esse, sabe sempre em que ele consiste. Rostoptchine estava nessas condições.

Não só não se acusava do acto que cometera, como, nos seus raciocínios, esse acto lhe proporcionava motivos de satisfação por ter sabido agir como devia, por ter punido um criminoso ao mesmo tempo que aplacava a população.

«Verechtchaguine fora julgado e condenado à morte», raciocinava ele, «embora o Senado apenas o houvesse condenado a trabalhos forçados. Era um velhaco e um traidor. Eu não podia deixá-lo impune e desta sorte mato dois coelhos de uma cajadada; dei uma vítima ao povo, para o acalmar, e puni um criminoso.»

Chegado que foi à sua casa de campo, e depois de ter dado as ordens

necessárias para a instalação, tranquilizou-se por completo.

Meia hora mais tarde atravessava ele, ao trote de fogosos cavalos, os campos de Sokolniki, esquecido de todo do que se passara, o futuro aberto diante de si. Dirigia-se à ponte de Iauza. Onde estava Kutuzov, como lhe tinham dito.

Preparava, mentalmente, as amargas e acerbas censuras que iria dirigir ao Sereníssimo por virtude da sua deslealdade. Faria compreender àquela raposa da corte que a responsabilidade de todas as desgraças causadoras do abandono da capital e do que ele entendia a perda do país se devia inteiramente à sua relha cabeça de velho maluco. Pensando no que lhe iria dizer, mexia-se e remexia-se sobre as almofadas da carruagem, ao mesmo tempo que relanceava olhares furibundos à esquerda e à direita.

Os campos de Sokolniki estavam desertos. Apenas lá longe, junto do hospital e do manicómio, se viam pessoas vestidas de branco e alguns indivíduos isolados que pareciam seguir campos fora gesticulando e gritando.

Um destes deitou a correr para cortar o passo à carruagem de Rostoptchine. Este, o cocheiro e os dragões da escolta olhavam, num misto de curiosidade e horror, aqueles loucos em liberdade, especialmente o que corria para eles.

Cambaleando no alto das suas magras pernas, as abas do roupão a dar a dar, o louco corria a bom correr, sem apartar os olhos de Rostoptchine: gritava-lhe fosse o que fosse, em voz rouca, e gesticulava para que a carruagem parasse, A barba do louco eriçava-se aqui e ali em tufos irregulares e o seu rosto taciturno e grave era amarelo e descarnado. As pupilas, negras de azeviche, no meio da córnea amarelo— açafrão, erravam inquietas.

«Alto! Alto! Não ouves?», gritava em voz estentórea e, retomando fôlego, o louco proferia ameaças, acompanhadas de grandes gestos.

Alcançara a carruagem e corria ao lado dela.

«Mataram-me três vezes, três vezes ressuscitei de entre os mortos. Lapidaram-me, crucificaram-me... Ressuscitarei... Ressuscitarei... Rasgaram-me o corpo. O reino de Deus cairá por terra... Por três vezes o destruirei e por três vezes o restaura— rei!», gritava numa voz cada vez mais aguda.

Rostoptchine empalideceu subitamente como empalidecera no momento em que a turba se lançara sobre Verechtchaguine. Desviou o rosto.

— Anda, depressa! — gritou para o cocheiro, em voz trémula.

A carruagem rodou a toda a velocidade, mas por muito tempo ainda, lá para a

retaguarda, ficaram a ouvir-se os gritos desesperados do louco, cada vez mais longe, e diante dos olhos de Rostoptchine levantava-se, solitário, o rosto ensanguentado do traidor, com a sua peliça de pele, cheio de espanto e de medo...

Ainda que esta imagem fosse recente, ele sentia agora quão fundo ela lhe estava gravada no espírito. Percebia que aquele rasto de sangue não mais se lhe apagaria da memória. Antes, pelo contrário, se iria tornando mais e mais vivo, mais e mais cruel e doloroso, e que aquela tremenda recordação o iria perseguir até ao último dos seus dias. As suas palavras: «Entrego-o nas vossas mãos. Justiça seja feita!», ainda lhe ecoavam nos ouvidos. «Porque pronunciei eu estas palavras? Não prestei atenção ao que disse. Podia não as ter dito», pensava, «e então nada se teria passado do que se passou.» Revia o rosto, de princípio assustado, depois transfigurado de ira, do dragão que desferira o primeiro golpe e o olhar de silenciosa e humilde censura que lhe lançara o moço da peliça de raposa. «Mas não foi por mim que o fiz. Tinha de agir assim. A plebe, o traidor... o bem público...»

As tropas continuavam a comprimir-se na ponte de Iauza. Fazia muito calor. Kutuzov, carrancudo e triste, sentado num banco junto da ponte, entretinha-se a riscar a areia com o pingalim quando uma sege se aproximou com grande fragor. Um homem fardado de general e de chapéu de plumas aproximou-se dele ao mesmo tempo iracundo e assustado e pronunciou algumas palavras em francês. Era o conde Rostoptchine. Disse-lhe que vinha procurá-lo, porque já não existiam nem Moscovo nem capital e agora apenas restava o exército.

— Teria sido muito diferente, se Vossa Excelência não tivesse dito que não entregaria Moscovo sem combate. Nada disto tinha acontecido — acrescentou.

Kutuzov olhava para Rostoptchine como se não compreendesse o significado das suas palavras, fazendo esforços para ler na fisionomia do interlocutor. Este, perturbado, calou-se. O general-chefe abanou ligeiramente a cabeça e, sem desviar do conde o olhar perscrutador, disse tranquilamente:

— Não, não entregarei Moscovo sem combate.

Pensaria Kutuzov noutra coisa ao pronunciar estas palavras ou tê-las-ia dito propositadamente, sabendo que não tinham o mais pequeno sentido? O certo é que Rostoptchine não respondeu e afastou-se precipitadamente. E, coisa estranha, o todo-poderoso governador de Moscovo, o orgulhoso Rostoptchine, pegou no pingalim, aproximou-se da ponte e em altos berros pôs-se a dispersar os carros que

se aglomeravam aí.

[XXVI]

Às quatro horas da tarde, as tropas de Murat entraram em Moscovo. Na vanguarda marchava o destacamento dos hússares de Wurtemberg, e atrás, a cavalo, seguido de numerosa escolta, vinha o rei de Nápoles em pessoa.

A meio da Rua Arbate, nas imediações da Igreja de S. Nicolau. Murat mandou fazer alto para aguardar notícias da vanguarda a respeito da situação da fortaleza conhecida pelo nome de «Kremlin».

Em volta de Murat juntou-se um pequeno grupo de moscovitas que haviam ficado na capital. Todos contemplavam com tímida estupefacção esse general estrangeiro, de longa cabeleira, agaloado a ouro e cheio de plumas policromas.

— Olha lá, será o rei deles? Não está mal! — ouvia-se dizer em voz baixa.

Um intérprete aproximou-se do grupo.

— Tirem o chapéu... tirem o chapéu — disseram uns para os outros.

O intérprete dirigiu-se a um velho porteiro e perguntou-lhe se o Kremlin ainda ficava muito longe. Surpreendido e confuso ao ouvir o sotaque polaco do desconhecido e não percebendo ser russo o que ele falava, o porteiro, sem compreender a pergunta, escondeu-se atrás dos outros.

Murat aproximou-se do intérprete e disse-lhe que perguntasse onde estavam as tropas russas, um dos russos presentes compreendeu a pergunta e várias vozes responderam ao mesmo tempo. Um oficial do destacamento da vanguarda apresentou-se então e explicou a Murat que as portas da fortaleza estavam fechadas e que naturalmente havia ali uma emboscada.

— Está bem — disse Murat.

E, voltando-se para uma das personagens da escolta, deu instruções para que quatro peças ligeiras fossem mandadas avançar e se disparasse contra as portas da fortaleza.

Uma bateria destacou-se da coluna que vinha atrás e trotou Rua de Arbate além. Quando chegou ao cabo da Rua Vozdvijenka parou e tomou posições na praça. Vários oficiais franceses apontaram os canhões e puseram-se a observar o

Kremlin com os seus óculos de alcance.

Os sinos do Kremlin tocaram a vésperas e o seu repique perturbou os Franceses. Julgaram um toque a rebate. Vários soldados de infantaria correram direitos à porta de Kutafiev, barricada com vigas e trancas. Dois tiros se ouviram no momento em que o oficial, com o seu destacamento, chegou junto da fortaleza.

O general que estava junto das peças de artilharia gritou uma ordem e o oficial e os soldados retrocederam.

Ouviram-se ainda mais três descargas por trás da barricada. Instantaneamente, nos rostos do general, do oficial e dos soldados, até aí alegres, urgiu a expressão voluntária e concentrada de homens prontos a lutar e a morrer. Todos eles, do marechal ao soldado raso, compreenderam que não tinham diante de si a Rua Vozdvijenka ou Mokovai, a porta Kutafiev ou da Trindade, mas um novo campo de batalha onde era preciso lutar e arriscar a pele. E todos se preparavam para a batalha. Os gritos atrás da porta haviam serenado. As peças foram apontadas.

Os artilheiros acenderam as mechas. O oficial gritou «Fogo!» e dois silvos ressoaram um atrás do outro. A metralha foi incrustar-se na alvenaria da porta, nas vigas e nas trancas e duas nuvens de fumo se ergueram por cima da praça.

Alguns momentos depois de ter ressoado o fragor da descarga, um ruído estranho se ouviu por cima da cabeça dos franceses. Um grande bando de corvos erguera-se das muralhas e ficara a esvoaçar no céu, crucitando e batendo as asas. Ao mesmo tempo um grito humano isolado ressoou por detrás da barricada e no meio do fumo apareceu a silhueta de um homem de cabeça descoberta e cafetã. De espingarda na mão, apontava a arma aos franceses.

«Fogo», gritou pela segunda vez o oficial, e ao mesmo tempo ouviram-se um tiro de espingarda e duas detonações de artilharia. A porta voltou a desaparecer no meio da fumarada.

Por detrás das trancas nada mais se mexeu e os soldados franceses com os seus oficiais aproximaram-se. Junto da porta, estendidos, estavam três feridos e quatro mortos. Dois homens de cafetã fugiam correndo ao longo das muralhas em direcção da Rua Znamenka.

— Tirem isto — disse o oficial apontando para a barricada e para os cadáveres, e os franceses, depois de aplicarem aos feridos o golpe de morte, atiraram os corpos por cima do muro.

Quem eram os defensores do Kremlin? Nunca ninguém o soube. «Tirem isto»: eis tudo quanto se disse deles, E levaram-nos dali apenas para que eles não empestassem o lugar. Só Thiers lhes consagrou algumas linhas eloquentes: «Esses miseráveis tinham invadido a cidadela sagrada, tinham-se apoderado das espingardas do arsenal e disparavam contra os franceses. Espadeiraram-se uns e purgou-se o Kremlin da sua presença.»

Vieram anunciar a Murat que o caminho estava livre. Os Franceses franquearam as portas e começaram a instalar o acampamento na Praça do Senado. Para acenderem as fogueiras, os soldados subiram ao palácio e atiraram pelas janelas as cadeiras de que precisavam.

Alguns destacamentos atravessaram igualmente o Kremlin e foram acantonar nas Ruas de Marosseika, Lubianka e Prokovka, outros ainda acamparam nas Ruas Vozdvijenka, Znamenka, Nikolska e Tverskaia. Em vez de se alojarem nas casas, como era costume nas cidades, os Franceses, ao verificarem a ausência dos habitantes, instalaram-se, como no campo de batalha, em plena rua.

Embora esfarrapadas, esfomeadas, extenuadas e reduzidas a metade dos seus efectivos, as tropas francesas nem por isso deixaram de entrar em Moscovo devidamente ordenadas. Era um exército esgotado e destroçado, mas ainda combativo e de temer. No entanto apenas se conservou exército até ao momento em que os soldados se dispersaram pelas casas da cidade. Desde que eles se viram instalados em todas essas casas ricas e desertas, o exército desapareceu para sempre, transformando-se num amálgama nem de civis nem de militares, num bando de bandidos. Quando, cinco semanas mais tarde, deixaram Moscovo, as tropas regulares tinham desaparecido por completo. Eram apenas um bando de salteadores levando consigo um nunca acabar de coisas que entendia indispensáveis e preciosas. Não pensavam mais na guerra, só cuidavam em conservar o produto das pilhagens. Tal como o macaco que tendo metido a mão na estreita boca de uma jarra para apanhar um punhado de nozes não a quer abrir para não deixar o que apanhou, e assim se perde, os Franceses, ao abandonarem Moscovo, tinham fatalmente de se perder, pois levavam consigo o produto dos seus roubos, não podendo, como o macaco, abandonar a presa. Dez minutos depois da ocupação por um regimento francês de qualquer bairro da cidade já não era possível distinguir os oficiais dos soldados. Através das janelas viam-se homens de capote e polainas, rindo e girando pelos quartos; nas caves e nos sótãos

abasteciam-se de provisões; nos pátios abriam as portas dos armazéns e das cavalariças: nas cozinhas acendiam as lareiras e faziam o rancho, de mangas arregaçadas, assustando e fazendo rir mulheres e crianças. Eram muitos os homens nas lojas e nas casas: exército, porém, era coisa que já não existia.

Naquele mesmo dia circularam ordens sobre ordens, emanadas dos comandantes, para que os soldados fossem impedidos de circular na cidade, para que fossem proibidos os saques e as violênci4s, e determinando que houvesse à noite chamada geral. No entanto, apesar das medidas tomadas, os homens que ainda na véspera formavam o exército espalhavam-se por toda a cidade confortável e vazia, onde abundavam as provisões. Como um rebanho faminto que avança, comprimido, ao longo de um campo de escassa pastagem espalhando-se logo que chega a uma farta pradaria, assim se dispersava o exército francês através daquela opulenta cidade.

Como dos habitantes poucos estavam, os soldados, à semelhança da água num areal, infiltravam-se por toda a parte e irradiavam por todos os lados a partir do Kremlin, o primeiro lugar onde haviam penetrado. Soldados de cavalaria que penetrassem numa casa abandonada com tudo que era preciso e até cavalariças com lugar de sobra para as montadas, nem por isso deixavam de se mudar para a casa vizinha que se lhes afigurasse preferível. Muitos ocupavam várias casas, riscando-as a giz, batendo-se com homens de outros destacamentos para lhes disputarem a propriedade. Antes mesmo de se instalarem em qualquer lado, havia soldados que percorriam as ruas, e ao verificarem que tudo estava abandonado introduziam-se onde pudessem pilhar objectos de valor. Os chefes encarregados de prender os que se dedicavam à pilhagem acabavam por se entregar à prática dos mesmos actos.

No Mercado Karetnii ainda havia estabelecimentos cheios de carruagens de, todo o género: os generais juntavam-se para escolherem aí seges e carros para seu uso. Os habitantes que haviam ficado na cidade convidavam os oficiais superiores a instalar-se em suas casas na esperança de assim impedirem que elas fossem saqueadas. Tantas eram as riquezas que dir-se-ia não terem fim. Por toda a parte, em torno dos locais ocupados pelos Franceses, havia outros, ainda não ocupados, em que eles julgavam vir a encontrar mais riquezas. E Moscovo ia-os absorvendo pouco a pouco. Assim como quando se deita água numa terra seca desaparecem a terra seca e a água, assim aquele exército esfomeado, uma vez

naquela cidade opulenta, mas deserta, foi desaparecendo ao mesmo tempo que a própria cidade: resultado, muita lama, incêndios e saques por toda a parte.

Os Franceses atribuem o incêndio de Moscovo ao patriotismo feroz de Rostoptchine, os Russos, ao fanatismo dos Franceses. Moscovo ardeu por se encontrar nas mesmas condições de qualquer cidade de madeira, independentemente das suas cento e trinta. — Más bombas de incêndio. Moscovo tinha de arder, porque os seus habitantes a haviam deixado; o que era tão inevitável como arder o monte de aparas em que vão caindo fagulhas dia após dia. Uma cidade de madeira onde, mesmo com a presença dos habitantes e da polícia, quase todos os dias se registam incêndios, não pode deixar de arder se os proprietários das casas estão ausentes e se por toda a parte há soldados de cachimbo aceso e fogueiras em que preparam o rancho duas vezes por dia, em plena Praça do Senado, atiçando o lume com as cadeiras dos palácios circunvizinhos. Em tempo de paz, basta que as tropas se alojem' numa aldeia para que os incêndios aumentem imediatamente. Como não hão-de aumentar as probabilidades de fogo numa cidade abandonada, construída de madeira, em que acampou um exército estrangeiro? Nem o patriotismo feroz de Rostoptchine nem o fanatismo dos Franceses tiveram que ver com o incêndio de Moscovo. A cidade ardeu por causa dos cachimbos, das cozinhas, dos acampamentos e da negligência dos soldados inimigos, instalados nas casas, mas não seus proprietários.

Se realmente houve incendiários, o que parece duvidoso, pois não se percebe qual o motivo de uma coisa dessas, além de que seria expor-se quem o fizesse a um perigo que a todos ameaçava, não vale a pena atribuir-se-lhes essa responsabilidade porque sem a sua intervenção o resultado teria sido praticamente o mesmo.

Por muito que agrade aos Franceses acusar Rostoptchine de ferocidade e aos Russos dizerem que Bonaparte era um malfeitor, ou colocarem nas mãos de seus compatriotas um archote heróico, é impossível admitir uma causa directa da catástrofe já que Moscovo tinha de arder, como arderia igualmente qualquer aldeia, qualquer fábrica, qualquer casa cujos proprietários se ausentassem e em que se consentisse que estranhos se instalassem para comer e dormir. Moscovo foi incendiada pelos seus habitantes, é um facto, mas não pelos habitantes que lá ficaram, antes por culpa daqueles que partiram. Invadida pelo inimigo, Moscovo

não ficou intacta como Berlim, Viena e outras capitais pela simples razão de que os seus habitantes não vieram oferecer pão e sal aos Franceses nem lhes depuseram nas mãos a chave da cidade, preferindo, pelo contrário, abandoná-la.

[XXVII]

A dispersão das tropas francesas pela cidade só na noite desse dia 2 de Setembro atingiu o bairro onde vivia Pedro.

Depois de dois dias em absoluto isolamento e passados de maneira extraordinária, Pedro encontrava-se à beira da loucura. Uma ideia fixa se havia apoderado de todo o seu ser. Nem ele mesmo sabia como isso pudera acontecer, mas a verdade é que essa ideia se apoderara dele de tal modo que não se recordava do passado nem compreendia o presente: tudo quanto via e ouvia se lhe afigurava um sonho.

Deixara a sua casa apenas para evitar as complicações da sua vida que no estado de espírito em que se encontrava não era capaz de resolver. Fora a casa de Osip Alexeievitch a pretexto de seleccionar os livros e os papéis do defunto, embora o fizesse na esperança de encontrar a tranquilidade e porque a lembrança daquele homem andava ligada no seu pensamento a um mundo de paz e de ideias etcrnas e superiores bem diferente de toda aquela confusão para que se sentia fatalmente arrastado. Procurava um refúgio tranquilo e foi encontrá-lo, de facto, em casa de Osip Alexeievitch. Quando, no mortal silêncio do gabinete, se encostou à poeirenta mesa de trabalho do defunto, vieram-lhe à memória, com toda a nitidez, as impressões que colhera naqueles últimos dias, especialmente as da batalha de Borodino, e então sentiu, numa irresistível evidência, toda a insignificância e toda a mentira que nele se encarnavam em comparação com a verdade, a simplicidade, a força daquela espécie de pessoas no seu espírito catalogadas sob o nome genérico de «eles». No momento em que Guerassime o veio arrancar à sua meditação estava ele decidido a tomar parte, ao lado do povo, na projectada defesa de Moscovo. E nessa intenção pedira a este criado que lhe arranjasse um cafetã e uma pistola, confessando-lhe estar resolvido a ficar escondido ali mesmo, em casa de Osip Alexeievitch. Durante o primeiro dia

passado naquela solitária inacção e de— pois de tentar, debalde, concentrar-se nos manuscritos maçónicos, por vezes e confusamente lhe viera ao espírito o Significado cabalístico do seu nome relacionado com o de Bonaparte, de acordo com a conclusão a que chegara. No entanto esta ideia, a ideia de que ele, le Russe Bésuhof, estava predestinado a pôr termo ao reino da besta, não se lhe apresentara ainda senão como uma dessas vagas congeminações que atravessam o espírito sem nele deixar qualquer rasto profundo.

Só depois de adquirir o cafetã, aliás apenas na intenção de participar na defesa da cidade, e de encontrar os Rostov e Natacha, que lhe dissera: «Fica? Ah!, que bom que deve ser!», só depois disso lhe ocorreu que seria realmente bom, mesmo que Moscovo viesse a ser tomada, ficar na cidade e cumprir o que estava determinado.

No dia seguinte, movido pela ideia de se não poupar a si próprio para se mostrar digno «deles», dirigiu-se à barreira de Tri Gori. E ao voltar dali, convencido de que Moscovo não seria defendida, bruscamente deu-se conta de que o que até então lhe Parecera apenas possível se tornava agora uma necessidade implacável. Ocultando o nome, devia ficar em Moscovo, procurar aproximar-se de Napoleão, matá-lo, deixando-se matar, pondo assim termo às desgraças que pesavam sobre a Europa, na sua opinião todas da responsabilidade de tal monarca.

Pedro conhecia todos os pormenores do atentado de que Napoleão fora vítima em Viena, em 1809, obra de um estudante alemão, que fora fuzilado. E o perigo a que se expunha no cumprimento da sua missão ainda o exaltava mais.

Dois sentimentos igualmente fortes arrastavam Pedro ao cumprimento daquele objectivo: o primeiro era a necessidade de se sacrificar e de sofrer que nele despertara a desgraça que atingia todos. E esse mesmo sentimento que o impelira, no dia 25, até Mojaisk, arrastando-o para o fragor da batalha, levava-o agora a abandonar o seu palácio, o luxo a que estava habituado e o bem-estar que o rodeava, para viver assim, dormindo vestido e comendo o que comia Guerassime. O segundo era esse sentimento insensato e intrinsecamente russo que o levava a desprezar tudo quanto fosse fictício e convencional, tudo isso que a maioria das pessoas considera a coisa melhor no mundo. A primeira vez que esse sentimento se lhe revelara fora no Palácio Slobodski e apossara-se dele uma embriaguez estranha ao compreender, de súbito, que a riqueza, o poderio, a

própria vida, tudo que o homem preserva e guarda cautelosamente, não tem o mais pequeno valor além da satisfação que dá àquele que dispõe da coragem de renunciar a isso mesmo. Era um sentimento semelhante àquele que leva o recruta a beber, beber, até se lhe esgotar o dinheiro e o bêbedo a quebrar vidros e espelhos sem razão, sabendo que os terá de pagar, um sentimento igual ao do homem que pratica acções que o senso comum qualifica de loucas, embora em verdade sejam a revelação de uma visão superior e quase sobre-humana das coisas da vida.

Desde o dia em que Pedro descobrira em si, pela primeira vez, este sentimento, passara a estar continuamente sob a sua influência, mas só agora, em verdade, lhe experimentava a plenitude da satisfação. E o certo é que já não podia voltar atrás, uma vez chegado onde chegara. A fuga de casa, a compra do cafetã e da pistola, o ter dito aos Rostov que ficava em Moscovo, tudo isso deixaria de ter qualquer significado, seria estúpido e ridículo — coisa a que Pedro era muito sensível —, caso fizesse como os demais abandonando a cidade.

Como sempre acontece, o seu estado físico acompanhava o seu estado moral. A grosseira cozinha, a vodka que bebera nos últimos dias, o não ter à mão nem o seu vinho habitual nem os seus charutos, o não poder mudar de roupa, as duas noites em claro deitado vestido num estreito divã, tudo isto provocava nele lima excitação muito próxima da loucura.

Eram já duas horas da tarde. Os Franceses estavam em Moscovo. Pedro sabia-o, mas, em vez de agir, não pensava noutra coisa senão na sua empresa e ia-a congeminando nos seus mais ínfimos pormenores. Não fazia ideia clara nem de como realizaria o seu objectivo nem propriamente do facto em si da morte de Napoleão. Pelo contrário, no que ele pensava com uma clareza extraordinária e numa espécie de triste deleite era na sua própria morte, na sua própria heróica valentia.

«Sim, devo fazê-lo por todos ou então morrer!», exclamava para si mesmo. «Sim, aproximar-me-ei... e de repente... Com uma pistola ou um punhal? Pouco importa. Não sou eu, dir-lhe-ei, não sou eu quem te castiga, mas a mão da Providência!», acrescentou, pensando nas palavras que pronunciaria na altura em que desfechasse o golpe mortal. «Bom, agora aqui estou. Prendam-me, conduzam-me ao suplício!» E baixava a cabeça com uma expressão triste, mas decidida.

Assim discorria quando a porta do gabinete se abriu e no limiar apareceu

Makar Alexeievitch, até aí mais tímido que outra coisa, desta vez completamente transformado. De blusa desabotoada, tinha o rosto afogueado e descomposto. Era evidente que se embriagara. Ao dar com os olhos em Pedro pareceu confuso, mas, ao reparar que ele próprio se mostrava perturbado, encheu-se de coragem e caminhou até meio do gabinete cambaleando.

— Têm medo — exclamou, numa voz rouca, mas decidida. — Cá por mim, não me rendo... Cá por mim... Não é verdade?

Teve uma hesitação, e de chofre, ao ver a pistola em cima da mesa, bruscamente pegou nela e precipitou-se no corredor.

Guerassime e o porteiro, que o tinham seguido, deitaram-lhe a mão no vestíbulo, tentando arrancar-lhe a arma. Pedro, que saíra atrás dele, observava, num misto de piedade e repulsa, aquele velho meio louco, Makar Alexeievitch, a máscara crispada pelo esforço, que empunhava a pistola e soltava gritos roucos, como se inimigos o assaltassem.

— As armas! Às armas! A eles, vamos a eles! Eu te digo, não me escapas!

— Basta! Basta! Tenha a bondade. Então que é isso. — dizia Guerassime, procurando arrastá-lo para a porta, sem violência.

— Quem és tu? Bonaparte? — vociferava Makar.

— Então? Isso não está certo. Vá para o seu quarto descansar um pouco. Deixe ver a pistola.

— Para trás, vilanagem! Não me toquem! Estas a ver isto? — prosseguia, brandindo a arma. — A eles!

— Agarra-o! — disse Guerassime para o porteiro. Pegando-lhe por debaixo dos braços, acabaram por arrastá-lo para a porta.

No vestíbulo ressoou então um tremendo alarido em que sobressaíam os gritos roucos e entrecortados do bêbedo.

De súbito, um grito agudo de mulher se ouviu no alpendre e cozinheira penetrou no vestíbulo,

— Aí estão eles, Pai do Céu!... Juro que são eles! São quatro a cavalo!... — gritava ela.

Guerassime e o porteiro soltaram Makar Alexeievitch e tio corredor, outra vez silencioso, ouviram-se, distintamente, pancadas na porta da rua.

[XXVIII]

Pedro, decidido a não desvendar, até ao momento em que visse realizados os seus projectos, nem a sua identidade nem que falava francês, ficara de pé diante da porta entreaberta do corredor, pronto a desaparecer logo que visse entrar os franceses. Quando estes entraram. Pedro não se afastou da porta: uma curiosidade invencível o retinha ali.

Eram dois: um oficial de grande estatura, aspecto marcial e boa presença, e um soldado ou impedido, pequeno, delgado, curtido, de faces cavadas e, ar estúpido. O oficial, apoiado a uma bengala, coxeando, foi o primeiro a entrar. Depois de ter dado alguns passos, parou: sem dúvida lhe agradava a instalação, e, voltando-se para os soldados que tinham ficado à porta, gritou-lhes, numa voz tonitruante, de quem está habituado ao comando, que podiam trazer os cavalos. Feito o que, cofiando o bigode, num gesto galhardo, e erguendo alto o cotovelo, levou a mão à pala da barretina.

— Bom dia, gentes — disse em tom jovial, olhando em roda. Ninguém respondeu à sua saudação.

— Você é o patrão? — continuou ele, dirigindo-se a Guerassime.

Este, sem o perceber, lançou-lhe um olhar assustado.

— Alojamentos, alojamentos — repetia o oficial medindo o homenzinho com um olhar que vinha lá do alto da sua imensa estatura, protector e compassivo. — Os Franceses são bons rapazes. Que diabo! Então! Não vale zangarmo-nos, meu velho. — acrescentou, dando uma palmada familiar no ombro do velho, que continuava silencioso e aterrado.

— Ora essa! Não pode ser. Então não se fala francês nesta casa? — prosseguiu, olhando à roda e deparando-se-lhe o olhar de Pedro.

Este afastou-se da porta.

O oficial voltou-se, de novo, para Guerassime. Ordenou-lhe que lhe mostrasse os quartos.

— O meu amo não está... Eu não compreender... Meu quarto para si... — acabou por dizer o criado, estropiando as palavras para torná-las mais inteligíveis.

O oficial sorriu, passou a mão pelo nariz de Guerassime, num gesto que significava nada ter compreendido, e encaminhou-se, coxeando, para onde estava

Pedro. Este tentou evitá-lo, mas nessa altura viu Makar Alexeievitch, que aparecia à porta da cozinha de pistola em punho. Com uma astúcia de demente. Makar olhou para o francês, ergueu o cano da pistola e apontou-lha.

— A eles! — gritou o bêbedo, carregando no gatilho. Ao ouvir o grito, o oficial voltou-se enquanto Pedro se lançava sobre Makar. No momento em que Pedro deitava a mão à arma, conseguiu o bêbedo premir o gatilho e um estampido ensurdecedor ressoou enchendo a dependência de fumo. O francês, pálido, correu para a porta.

Pedro, esquecendo-se de que decidira não revelar que sabia francês, arrancou a pistola das mãos de Makar, atirou-a pelo ar e correu para o oficial, dizendo-lhe na língua dele:

— Não está ferido?

— Parece-me que não — volveu-lhe este, apalpando o corpo — mas escapei por pouco desta vez. — E apontou para a arranhadura que a bala fizera na escaiola da parede. — Quem é aquele homem? — acrescentou, medindo Pedro com um ar carrancudo.

— Ah! Lamento muito o que acaba de acontecer — deu-se pressa de responder Pedro, esquecendo por completo o papel que queria representar. — Era um doido, um desgraçado, que não sabia o que fazia.

O oficial aproximou-se de Makar Alexeievitch e pegou-lhe pela gola da blusa.

O bêbedo, de boca pendente, expressão aparvalhada, cambaleava, apoiando-se à parede.

— Bandido, hás-de pagar-mas! — vociferou o francês, retirando a mão. — Nós, os Franceses, somos clementes depois da vitória, mas não perdoamos aos traidores.— E disse isto num tom entre grave e solene, sublinhando as palavras com um gesto enérgico e teatral.

Pedro continuou, em francês, a implorar-lhe que se não vingasse daquele pobre bêbedo meio doido. O oficial ouvia-o, calado, sempre carrancudo, e, de repente, voltou-se, sorrindo, para onde estava Pedro, Durante algum tempo observou-o calado, No seu rosto de boa pessoa apareceu uma expressão de uma suavidade em que havia qualquer coisa de trágico, e estendeu-lhe a mão.

— Salvou-me a vida! É francês! — exclamou ele.

Para um francês não podia haver a mais pequena dúvida: só um francês seria capaz de praticar uma nobre acção, e salvar a vida a Monsieur Ramballe, capitão

do 13º ligeiro, não podia deixar de ser uma nobre acção.

Entretanto Pedro julgou de seu dever desenganá-lo.

— Sou russo — apressou— se a dizer-lhe.

— Ora, ora, ora, essa para cá não pega — chasqueou, sorrindo, o francês, ao mesmo tempo que fazia um gesto pleno de incredulidade. — Já me vai contar tudo. Que prazer encontrar um compatriota. Bom, que vamos fazer deste homem? — acrescentou, como se se dirigisse, realmente, a um compatriota.

O tom da voz, a expressão do oficial, queriam dizer que mesmo que Pedro não fosse, realmente, francês, nada tinha a objectar desde que lhe davam esse título, o mais belo neste mundo. Pedro voltara a explicar como aquele doido, antes de ele ter aparecido, como aquele bêbedo lhe tirara de cima da mesa a pistola carregada, que ainda não tivera tempo de lhe apanhar, e de novo voltou a pedir que não castigasse o desgraçado.

O francês arqueou o peito e fez um gesto verdadeiramente soberano.

— Salvou-me a vida! É francês. Está a pedir-me essa concessão? Concedo-lha. Levem este homem — articulou, num tom enérgico, e, travando do braço daquele a quem conferira a dignidade de francês por lhe haver salvo a vida, entrou com ele em casa.

Os soldados que tinham ficado na rua entraram no vestíbulo quando ouviram a detonação. Inquirindo do que acontecera, declararam estar prontos a castigar os culpados, mas o oficial, severo, deteve-os.

— Eu os chamarei, quando precisar de vocês — disse-lhes.

Os soldados retiraram-se e o impedido, que entretanto metera o nariz na cozinha, aproximou-se do oficial.

— Capitão, eles têm sopa e um assado de carneiro na cozinha — confiou-lhe — Quer que lho traga?

— Traz. E vinho — replicou o capitão.

[XXIX]

Quando o oficial e Pedro entraram em casa, este entendeu de seu dever garantir mais uma vez ao companheiro que não era francês, manifestando desejos

de se retirar; o oficial, porém, não consentiu. Era tão cortês, tão amável, tão benevolente e mostrava-se tão reconhecido para com aquele que lhe havia salvo a vida que Pedro não ousou repelir o convite que lhe dirigia, e instalaram-se os dois no salão, a primeira dependência onde ambos entravam. Como Pedro teimasse em afirmar que não era francês, o capitão, incapaz de compreender como se podia recusar semelhante honra, encolheu os ombros, dizendo que se tão grande era o seu empenho em fazer-se passar por russo, ele nada teria a objectar, mas que, fosse como fosse, a ele o ligava um reconhecimento etcrno.

Se este homem fosse capaz de compreender os sentimentos alheios e de adivinhar os do companheiro, era provável que Pedro se tivesse afastado, mas a incompreensão que mostrava por tudo que não fosse ele próprio obrigou-o a ceder.

— Francês ou príncipe russo incógnito — disse o capitão, relanceando os olhos à roupa branca de Pedro, bastante enxovalhada, mas assaz fina, e ao anel que ele trazia no dedo. — Devo-lhe a vida e pode contar com a minha amizade. Um francês nunca esquece nem um insulto nem um serviço. Pode contar com a minha amizade. Só lhe digo isto.

No seu tom de voz, na expressão do seu rosto, nos seus gestos, havia tanta bonomia, tanta nobreza, pelo menos do ponto de vista francês, que Pedro, respondendo, sem dar por isso, com um sorriso ao sorriso do francês, lhe apertou a mão que este lhe estendera.

— Capitão Ramballe, do 13º ligeiro, condecorado pela acção do dia — anunciou ele com um sorriso de fatuidade que lhe franziu os lábios debaixo do bigode. — Poderá dizer-me agora a quem tenho a honra de falar tão agradavelmente em vez de estar na ambulância com uma bala deste doido no corpo?

Pedro respondeu ser-lhe impossível declinar a sua identidade e, corando, pôs-se à procura de um nome qualquer e a explicar as razões que o impediam de lhe dar tal satisfação. O francês interrompeu-o bruscamente.

— Por favor — exclamou. — Compreendo as suas razões, o senhor é oficial... oficial superior, talvez. Pegou em armas contra nós... Isso não é comigo. Devo-lhe a vida. Isso me basta. Sou todo vosso. É fidalgo? — Pedro assentiu com a cabeça. — Qual o seu nome de baptismo, se faz favor? Não preciso mais. Monsieur Pierre, diz o senhor... Muito bem. É tudo quanto desejo saber.

Serviram o carneiro e uma omeleta, trouxeram o samovar, vodka e vinho de

uma adega russa. Ramballe convidou Pedro para o seu jantar e imediatamente se lançou sobre as vitualhas, como criatura esfaimada e bom garfo que devia ser, comendo, ávido, mastigando ruidosamente, dando estalos com a língua e exclamando:

— Excelente! Delicado!

Estava muito corado e o suor repassava-lhe a testa. Pedro, esfomeado também, com satisfação o acompanhou no jantar. Morel, o impedido, trouxe uma caçarola de água quente e meteu-lhe dentro uma garrafa de vinho tinto. Em cima da mesa pôs a botelha de kvass que achara na cozinha, bebida já famosa entre os Franceses, que lhe chamavam «limonada de porco», e Morel tecia os mais rasgados elogios à que encontrara. Como o capitão, porém, dispunha de excelente vinho, arranjado algures, ao atravessar a cidade, deixou que Morel bebesse o kvass e reservou para si o Bordéus. Amarrando um guardanapo ao gargalo da garrafa, encheu o seu copo e o de Pedro. Morta a fome e vazia a garrafa, o capitão, incendiado, pôs-se a falar, a falar.

— Sim, meu caro Monsieur Pierre, contraí para consigo uma grande dívida salvando-me... das mãos desse louco. Não me faltam balas no corpo, como pode ver. Aqui tem uma em Wagram — e mostrava uma cicatriz — e duas em Smolensk — prosseguia apalpando o gilvaz da cara. — E esta perna, como está a ver que não quer andar. Foi na grande batalha de 7 no Moskova, que eu arranjei isto. Caramba, era belo! Valia a pena ver aquilo, um dilúvio de fogo. Sempre nos têm dado uns trabalhos! Podem orgulhar-se disso, cos diabos! E palavra, apesar desta tosse, estou de novo pronto a recomeçar. Lastimo os que não viram isto.

— Também lá estive. — disse Pedro.

— Quê, fala a sério?! Pois ainda bem — continuou ele. — Seja como for, vocês são uns inimigos às direitas. O grande reduto foi tenaz, caramba! E fizeram-nos pagar caro. Fui lá três vezes, aqui onde me vê. Por três vezes estivemos em cima das peças e por três vezes nos atiraram abaixo como um castelo de cartas. Oh!, era bonito, Monsieur Pierre. Os vossos granadeiros foram soberbos, com mil diabos! Seis vezes seguidas os vi cerrar fileiras e marchar como numa parada. Belos homens! O nosso rei de Nápoles, que sabe disto, gritou: Bravo! Ah! Soldados como nós! — acrescentou, sorrindo após um silêncio. — Ainda bem, ainda bem, Monsieur Pierre. Terríveis no combate... galantes com as belas, assim são os Franceses, não é verdade? — concluiu, por fim, piscando o olho.

A alegria do capitão era tão ingénua e confiante, havia nele tanta franqueza e tanta satisfação própria que Pedro não pôde deixar de lhe responder com outro piscar de olhos. A palavra galantes levou o oficial a falar de Moscovo.

— A propósito, diga-me cá, é verdade que as mulheres abandonaram todas Moscovo? Que ideia! Que podiam elas recear?

— Então se os Russos entrassem em Paris as mulheres francesas não abandonariam a cidade? — inquiriu Pedro.

— Ah! Ah! Ah! Essa é forte! — replicou o francês, rindo a bom rir, enquanto lhe dava palmadinhas nas costas. — Paris? Mas Paris, Paris...

— Paris, a capital do mundo. — rematou Pedro.

O capitão fitou-o atentamente. Tinha por costume calar-se, assim, no meio de uma conversa, fixando os olhos risonhos e amáveis no interlocutor.

— Pode crer, se me não dissesse que era russo, ia apostar que era parisiense. O senhor tem esse não-sei-quê, esse... — E voltou a percorrê-lo com os olhos, sem dizer palavra.

— Estive em Paris, passei lá alguns anos — replicou Pedro.

— Oh! Isso vê-se logo. Paris!... Um homem que nunca foi a Paris é um selvagem. Um parisiense sente-se a duas léguas. Paris é Talma, a Duchesnois, Potier, a Sorbona, as avenidas. — E, notando que o remate não correspondia ao começo, tratou de acrescentar: — Não há senão um Paris no mundo. O senhor esteve em Paris e continuou russo. Nem por isso tenho menos estima por si.

Sob a influência do vinho e depois daqueles dias de solidão metido em sombrios pensamentos, Pedro experimentava, involuntariamente, grande satisfação em conversar com aquele jovial simpático rapaz.

— Para falarmos outra vez das vossas mulheres: dizem que são bem bonitas. Que raio de ideia irem enterrar-se na estepe com os Franceses em Moscovo! Não sabem o que perderam. Os vossos Mujiques ainda se compreende, mas vocês, pessoas civilizadas, tinham obrigação de nos conhecer melhor. Tomámos Viena, Berlim, Madrid, Nápoles, Roma, Varsóvia, todas as capitais do mundo... Temem-nos, mas gostam de nós. Vale a pena conhecer-nos... E depois o imperador... — principiou ele; Pedro, todavia, interrompeu-o.

— O imperador... — repetiu ele, com um sorriso taciturno e enleado. — Estará o imperador...

— O imperador? A generosidade, a clemência, a justiça, a ordem, o génio, eis o

imperador! Sou eu, Ramballe, quem lho diz... Aqui onde me vê, ainda há oito anos era inimigo dele. Meu pai era conde emigrado... Mas aquele homem venceu-me. Empolgou-me. Não pude resistir ao espectáculo de grandeza e de glória que ele dava a França. Quando compreendi o que ele queria, quando vi que ele nos fazia uma cama de louros, então disse comigo; Ora aqui esta um soberano, e dediquei-me a ele. E aqui tem. Ó, sim, meu caro, é o maior homem, dos séculos passados e futuros.

— Está em Moscovo? — perguntou Pedro, hesitante e sem esconder uma espécie de culpa.

O francês, sorrindo, observou, curioso, a expressão do interlocutor.

— Não, deve entrar amanhã na cidade — replicou, prosseguindo no seu diálogo.

A conversa foi interrompida por uns gritos, lá para os lados da porta principal, e pela chegada de Morel, que vinha explicar ao capitão que os hússares wurteinburgueses teimavam em alojar os seus cavalos no pátio onde estavam já os deles, mal-entendido esse proveniente sobretudo do facto de os hússares não compreenderem o que lhes diziam,

O capitão ordenou que o sargento viesse à sua presença e em voz severa perguntou-lhe a que regimento pertencia, quem era o seu comandante e como ousava querer tomar conta de uma habitação já ocupada por outros militares. O alemão, que tinha dificuldade em perceber o francês, disse o nome do regimento a que pertencia e quem— era o seu comandante, mas, como nada percebera do que lhe diziam, replicou, misturando no alemão fragmentos de palavras francesas, que, na sua qualidade de sargento, nada mais fazia que cumprir as ordens que recebera do comandante, o qual lhe ordenara que ocupasse todas as casas daquele bairro, umas após outras. Pedro, que falava alemão, traduziu a resposta, para entendimento do capitão, e por sua vez transmitiu ao hússar o que lhe dissera o oficial. Tendo percebido, finalmente, o wurtemburguês cedeu, retirando com os seus homens. Em seguida o capitão francês veio até ao alpendre e numa voz de trovão deu ordens aos subordinados.

Quando voltou à sala, Pedro, de cabeça entre as mãos, continuava sentado no mesmo sítio. Havia amargura na sua cara. E, de facto, sofria naquele momento. Assim que o capitão o deixara só, compreendera, de súbito, a situação em que estava. O que naquela altura o fazia sofrer não era o facto de Moscovo ter sido

tornada nem mesmo que aqueles venturosos soldados ali se tivessem instalado como em sua própria casa, concedendo-lhe, inclusivamente, a sua protecção, embora tudo isto fosse, em verdade, bastante penoso: o que o atormentava era a consciência da sua própria fraqueza. Alguns copos de vinho e dois dedos de conversa com, aquele galhardo militar, eis quanto bastara para c seu taciturno estado de espírito dos últimos dias, indispensável para levar a bom termo o seu projecto, desaparecer como por encanto. A pistola, o punhal, o disfarce, tudo estava preparado; Napoleão entraria em Moscovo no dia seguinte. E posto Pedro continuasse a considerar útil e nobre o acto pelo qual assassinaria semelhante bandido, o certo é que se sentia agora incapaz de o praticar. Procurava dominar a sua fraqueza e confusamente percebia não ser capaz, que todos os seus sombrios projectos de vingança, de assassínio, de sacrifício se haviam dissipado como fumo desde que se pusera a falar com aquele desconhecido.

O capitão voltou a entrar na sala, assobiando e arrastando perna.

A tagarelice do francês, que tanto o divertira até, ali, agora tornava-se-lhe, odiosa. Aquele assobio, aquele manquejar, a maneira que ele tinha de cofiar o bigode, tudo o incomodava, «Vou-me embora e não lhe dirijo mais a palavra», dizia de si para consigo. E no entanto continuava sentado sem se mover. Amarrava-o ali um estranho sentimento de fraqueza. Conquanto o desejasse, não podia levantar-se nem podia partir,

O capitão, pelo seu lado, parecia, de contrário, na melhor disposição deste mundo. Andava de cá para lá, de olhos cintilantes e o bigode agitado, como se sorrisse interiormente ao lembrar-se de qualquer coisa divertidíssima.

— Encantador — exclamou, de súbito — o coronel destes wurtemburgueses! É um alemão; mas bom rapaz, se fosse... mas alemão. A propósito, o senhor sabe então alemão? — acrescentou, parando diante de Pedro.

Pedro fitou-o calado.

— Como é que diz «asilo» em alemão?

— Asilo! — repetiu Pedro — «Asilo» em alemão: Unterkunft.

— Como diz? — insistiu o capitão, incrédulo.

— Unterkunft.

— Onterkoff — voltou ele, fixando Pedro, por momentos, com olhos sorridentes. — Os Alemães são uns animais orgulhosos. Não é verdade, Monsieur Pierre? Bom, mais uma garrafa de bordéus Moscovita, não é verdade? Morel, vai

amornar-nos mais uma garrafa. Morel! — chamou, folgazão.

Morel apareceu com as velas e uma garrafa. O capitão, assim que a sala se iluminou, relanceou a vista ao seu interlocutor e notou a transformação da sua máscara. Realmente inquieto e com uma simpatia toda cordial, inclinou-se para Pedro,

— Então, estamos tristes? — disse ele, pegando-lhe numa das mãos. — Magoei-o? Tem alguma razão de queixa minha? Talvez por causa da situação?

Pedro não respondeu, mas fitou-o nos olhos com simpatia. Não podia deixar de ser sensível a todas aquelas atenções.

— Palavra de honra, mesmo sem falarmos do que lhe devo, tenho amizade por si. Haverá alguma coisa que eu possa fazer por si? Disponha de mim. A vida e a morte. Digo-lhe com a mão no coração — acrescentou, fustigando a arca do peito.

— Obrigado — volveu-lhe Pedro.

O capitão olhou-o com o mesmo ar jovial de há pouco e o rosto iluminou-se-lhe.

— Ah!, nesse caso, bebo à nossa amizade! — exclamou, enchendo os dois copos.

Pedro pegou no copo cheio e virou-o de um só trago. Ramballe virou o seu também e voltou a apertar a mão de Pedro, deixando-se cair na cadeira, com os cotovelos na mesa, numa, atitude melancólica.

— Sim, meu caro, chama-se a isto os caprichos do destino — disse ele. — Quem diria que eu seria soldado e capitão de dragões ao serviço de Bonaparte, como nós lhe chamávamos antigamente. E no entanto aqui estou eu em Moscovo. Sempre lhe direi, meu caro — prosseguiu, numa voz agora ponderada e serena, como se fosse encetar uma longa história — que o nosso nome é um dos mais antigos da França.

E, com a franqueza ingénua e ligeira dos Franceses, pôs-se a contar-lhe a história dos seus antepassados, da sua infância, da sua adolescência e da sua juventude, pondo-o ao corrente de tudo quanto dizia respeito à família e aos bens. «A minha pobre mãe», claro está, não faltava na história.

— Mas tudo isto mais não é que a cenografia da vida; o fundo e o amor. O amor. Não é verdade, Monsieur Pierre? — continuou ele cada vez mais animado. — Mais um copo.

Pedro bebeu de novo e de seguida encheu os copos.

— Oh, as mulheres, as mulheres! — E o capitão, cujo olhar se fizera langoroso,

pôs-se a falar do amor e das suas aventuras galantes.

Tinham sido muitas e não era difícil de acreditar que assim fosse quando se atentava no seu ar conquistador, na sua bela figura e na vivacidade que punha no relato dos seus êxitos. Ainda que todas essas histórias fossem repassadas desse carácter um tudo-nada brejeiro, encanto e poesia do amor para os Franceses, o certo é que o capitão falava com tanta sinceridade e tanta convicção que dir-se-ia só ele, saber o que era o amor, e tal era a sedução que emprestava às suas heroínas que Pedro não podia deixar de o seguir interessadíssimo.

Evidentemente que o amor de que falava Ramballe nem era essa paixão sensual e rasteira que Pedro outrora experimentara pela mulher nem essa paixão romântica, exaltada por natureza, que Natacha lhe inspirava: para estas duas espécies de amor ia o desprezo do francês. Para ele, o primeiro era «o amor dos carreteiros», e o segundo «o amor dos néscios». O amor que ele preferia andava relacionado a toda a sorte de combinações estranhas e situações extraordinárias, sua maior atracção para ele.

Assim, contou a história emocionante dupla paixão que tivera por uma marquesa de trinta e cinco anos e por uma filha desta, deliciosa e, inocente criatura de dezassete primaveras. O generoso debate entre mãe e filha e por fim o sacrifício daquela, que ofereceu ao amante a mão da filha, todos estes acontecimentos, embora remotos, faziam estremecer o capitão. E contou depois o curioso episódio, em que o marido tomara o lugar do amante e ele próprio, o amante, o lugar do marido. E a tudo isto acrescentou alguns pormenores cómicos das suas recordações da Alemanha, país em que o asilo se diz Unterkunft, os maridos comem «choucroute» e as raparigas são louras.

Por fim, veio a última aventura, na Polónia, de fresca data, que contou com grandes gestos e de uma animação muito particular. Salvara a vida a um polaco (coisa curiosa, , nas suas histórias, Ramballe salvava sempre a vida a qualquer pessoa). O polaco confiara-lhe a as encantadora mulher, uma parisiense de coração, enquanto abalava ao serviço da França. A felicidade do capitão atingira o auge: a bela polaca ia fugir com ele. Mas ele, dominado por um sentimento de generosidade ainda mais forte, restituiu a mulher ao marido, dizendo-lhe: «Salvei-lhe a vida e salvo-lhe a honra!». E ao repetir esta frase enxugou os olhos e abanou a cabeça como para afastar de si a emoção que o tomava lembrando-se daquela emocionante recordação.

Enquanto escutava o capitão. Pedro, perturbado pelo tardio e pelo vinho que bebera, revia, em imaginação, a vaga de reminiscências pessoais que o assaltavam. Todas aquelas histórias de amor lhe lembraram, de súbito, a sua própria paixão por Natacha, e havia nela cenas que comparava mentalmente às das histórias de Ramballe. A luta entre o dever e o amor trazia-lhe à memória os mais pequenos pormenores do seu último encontro ao pé da Torre de Sukariev. Então esse encontro pouco o impressionara e breve se lhe desvanecera do espírito. Mas agora, pelo contrário, afigurava-se-lhe importantíssimo e de um valor poético muito particular.

«Piotre Kirilitch, venha daí, já o reconheci.» Parecia estar a ouvir-lhe aquelas palavras, a ver-lhe os olhos, o sorriso, o chapelinho de viagem, as madeixas desgrenhadas do cabelo... E tudo isto se lhe afigurava qualquer coisa de terno e de comovedor.

Finda que foi a história da polaca, o capitão perguntou a Pedro se também tivera oportunidade de se sacrificar de igual modo, sentindo ciúme pelo marido legítimo.

Ao ouvir isto, Pedro levantou a cabeça e de repente sentiu uma grande necessidade de abrir o coração. Explicou que, para ele, o amor não era a mesma coisa. Disse-lhe que em toda a sua vida apenas amara uma mulher, uma só, e que esta mulher nunca lhe poderia vir a pertencer.

— Essa agora! — exclamou o capitão.

E explicou-lhe depois que amava essa mulher desde que a vira criança, mas que nunca ousara pensar nela, então nova de mais, e ele, por sua vez, filho ilegítimo e sem nome para lhe dar. Mais tarde, quando viera a ter um nome e a ser rico, não quisera pensar nela, pois a amava muito, a punha acima de tudo e de todos, e por isso mesmo acima de si próprio.

Ao chegar a esta altura das suas confidências perguntou ao capitão se ele o compreendia. Este, por um simples gesto, volveu-lhe que ainda mesmo que não compreendesse não era razão para ele interromper a sua história.

— O amor platónico, as nuvens... — murmurava.

Ou o vinho que bebera ou a necessidade de se abrir ou ainda a certeza de que aquele homem não conhecia nem nunca viria a conhecer qualquer das pessoas de quem ele falava, eis o que, sem dúvida, concorreu para a loquacidade de Pedro. Numa voz pastosa e os olhos vagos, ei-lo que prossegue na história dos seus

amores: contou-lhe o caso do seu casamento, a paixão de Natacha pelo seu melhor amigo, a traição desta e as suas relações com ela, tão pouco claras ainda. Compelido pelas perguntas de Ramballe, acabou por dizer o que de princípio escondera: a situação que ocupava na sociedade e até o seu verdadeiro nome.

O que mais impressionava o capitão em tudo isto era o facto de Pedro ser riquíssimo, de possuir dois palácios em Moscovo, de tudo ter abandonado, tendo ficado na cidade escondendo o seu nome e a sua posição, em vez de partir. Já a noite ia adiantada quando saíram juntos. O céu estava sereno e claro. A esquerda lobrigava-se o clarão do primeiro incêndio que estalava em Moscovo, em Petrovka. A direita, a lua nova brilhava no alto da cúpula celeste, enquanto do lado oposto esplendia o cometa, na alma de Pedro profundamente associado ao seu amor. A entrada da porta estavam Guerassime, a cozinheira e dois franceses. Ouviam-se as suas gargalhadas e as tentativas de conversa nas duas línguas, sem que chegassem a compreender-se uns aos outros. Todos contemplavam o resplendor do incêndio que alastrava pela cidade.

Nada havia, contudo, de ameaçador nesse pequeno incêndio longínquo no meio da imensa capital.

Ao contemplar o céu estrelado, a Lua, o cometa e o clarão do incêndio, Pedro sentiu que a alma se lhe inundava de alegria e enternecimento. «Que belo tudo isto é! Que é preciso mais?», dizia de si para consigo. Mas de súbito, ao lembrar-se do seu projecto, sentiu como que uma vertigem e viu-se obrigado a apoiar-se à parede para não cair.

Sem se despedir do seu novo amigo, afastou-se da porta em passos titubeantes e, entrando no seu quarto, estendeu-se no divã, adormecendo instantaneamente,

[XXX]

O clarão do primeiro incêndio, no dia 2 de Setembro, foi visto de diferentes lados e produziu efeitos muito diversos nos habitantes que abandonavam a cidade e nas tropas que retiravam.

O comboio dos Rostov encontrava-se nessa noite nos Grandes Mitichtchi, a umas vinte verstas de Moscovo. No dia 1º de Setembro a sua partida fora tão

tardia, a estrada estava de tal modo obstruída, tantas coisas tinham esquecido, mandadas buscar à última hora, que decidiram passar a noite apenas a cinco verstas da capital. No dia seguinte tinham-se levantado tarde e tantos foram os obstáculos ainda no caminho que apenas puderam chegar aos Grandes Mitichtchi. As dez horas, os Rostov, bem como os feridos que os acompanhavam, distribuíram-se pelos Pátios e as isbás daquela grande povoação. Criados, cocheiros e ordenanças dos feridos, depois de servirem os amos, comeram. Por sua vez deram de comer aos cavalos e vieram tomar ar para os alpendres.

Numa dessas isbás encontrava-se o ajudante-de-campo de Raievski: tinha o pulso quebrado e as tremendas dores que sentia obrigavam-no a gemer constantemente, ressoando os seus gemidos lúgubres na obscuridade da noite outonal.

Este ajudante-de-campo passara a primeira noite no mesmo local que os Rostov. A condessa dissera que não tinha podido conciliar o sono, e por isso, nos Mitichtchi, instalaram-se numa isbá menos confortável, mas mais afastada do pobre homem.

Um dos criados viu de repente, no meio das trevas da noite, do alto da boleia da carruagem que estacionava à entrada do pátio, um novo e pálido clarão. Era um novo incêndio e toda a gente sabia que os Pequenos Mitichtchi estavam a arder, incendiados pelos cossacos de Mamanov.

— Eh!, rapazes! Temos outro fogo! — exclamou.

Todos se voltaram na direcção indicada.

— Dizem que os cossacos de Mamanov deitaram o fogo aos pequenos Mitichtchi.

— Não. Não é isso. É muito mais longe. Olha bem. Parece em Moscovo.

Dois criados desceram as escadas do alpendre, dirigiram-se para a carruagem e treparam para o estribo.

— É mais à esquerda. Os Mitichtchi ficam para este lado, e o fogo é noutra direcção.

Outros criados vieram juntar-se ao primeiro.

— Aquilo é que arde! — disse um deles — Cá na minha. é fogo em Moscovo, ou em Suchtchevskaia ou então em Rogojskaia.

Ninguém replicou e por muito tempo todos ficaram a olhar para as labaredas daquele novo incêndio que se erguia no horizonte.

Um velho, a quem todos chamavam o criado de quarto do conde, um tal Danila Terentitch, aproximou-se do grupo para chamar Michka.

— Que estás tu aí a olhar, imbecil?... O conde está a chamar e ninguém há para o atender: anda, trata de lhe ires arrumar a roupa.

— Fui buscar água — replicou Michka.

— Que te parece. Danila Terentitch? Não achas que é em Moscovo aquele clarão? — perguntou um dos lacaios.

Danila Terentitch, ficou calado e todos os demais o imitaram. As labaredas ondulavam e cada vez se estendiam mais.

— Nosso Senhor nos valha! Com este vento e esta seca! — exclamou uma voz.

— Olha como aquilo caminha! Deus nos acuda! Que Nosso Senhor tenha piedade de nós!

— Não tarda que o apaguem. Vais ver!

— Quem o há-de apagar? — murmurou Danila Terentitch, que nada dissera até então e cuja voz era lenta e serena. — É, sim, é Moscovo, irmãos, é a nossa mãe das brancas muralhas... A voz quebrou-se-lhe de súbito e soluçou como os velhos costumam soluçar.

Era como se todos esperassem aquilo mesmo para compreenderem, finalmente, o tremendo significado daquele clarão. Suspiros e orações vieram sublinhar os soluços do velho criado do conde.

[XXXI]

Quando voltou para junto do amo, o criado de quarto participou-lhe que Moscovo estava a arder. O conde enfiou o roupão e foi verificar com os seus olhos o que o criado dizia. Sónia, que ainda não estava despida, e Madame Schoss acompanharam-no. Natacha e a condessa ficaram sozinhas. Pétia, esse, já não estava com a família: partira com o seu regimento na direcção de Troitsa.

Quando lhe falaram do incêndio de Moscovo, a condessa principiou a chorar. Natacha, muito pálida, de olhos fixos, deixou-se ficar sentada no banco debaixo dos ícones, que nem um só instante abandonara desde que chegara, e não prestou a mais Pequena atenção ao que o pai dizia. Estava à escuta dos gemidos contínuos

do oficial, que continuavam a ouvir-se apesar de virem de algumas casas mais adiante.

— Ah! Que horror! — exclamou Sónia, toda a tremer, assustadíssima, quando voltou para dentro. — Moscovo inteira está a arder. Que clarão medonho! Vai ver, Natacha, vê-se dali mesmo da janela — acrescentou, tentando arrancar a prima aos seus pensamentos. Mas Natacha fitou-a, como se não compreendesse o que lhe diziam e de novo fixou os olhos no canto da estufa. Desde manhã que estava mergulhada naquela espécie de letargia, desde que Sónia, com grande estranheza e irritação da condessa, não se sabe porquê, julgara necessário dizer-lhe que o príncipe André fora ferido e fazia parte do comboio. A condessa exaltara-se e repreendera Sónia como raramente o fizera. Sónia chorara, pedira perdão, e agora, como para reparar a sua falta. A todo o momento se mostrava solícita para com a prima.

— Olha, Natacha, que horroroso incêndio!

— Que está a arder? — perguntou Natacha. — Ah, sim, Moscovo! — E como para não melindrar Sónia e se ver livre dela aproximou a cabeça da janela, olhou para fora, de tal modo que era evidente nada ter visto, retomando em seguida a sua atitude anterior.

— Mas tu nada viste!

— Vi, vi — protestou Natacha, como implorando que a deixassem em paz.

Tanto Sónia como a condessa compreenderam que, acontecesse o que acontecesse. Natacha por nada poderia interessar-se, nem por Moscovo nem pelo incêndio.

O conde voltou a recolher-se atrás do tabique da isbá e deitou-se. A condessa aproximou-se da filha, tocou-lhe na testa com as costas da mão, como costumava fazer quando ela estava doente, e aproximou-lhe os lábios da fronte, como se quisesse verificar se tinha febre.

— Apanhaste frio? Estás toda a tremer? Devias deitar-te. — disse-lhe a condessa.

— Deitar-me? Sim, vou deitar-me, sim, vou deitar-me já — murmurou Natacha.

Desde que lhe disseram que o príncipe André, gravemente ferido, seguia com eles, começara por fazer perguntas a seu respeito: queria saber quando e onde fora ferido, se o ferimento era grave, se o podia ver. Ao dizerem-lhe que o não

podia ver, que era grave o ferimento, embora não mortal, ficou convencida de que, fizesse o que fizesse, nada mais saberia a esse respeito, e, ao ver que lhe não diziam toda a verdade, calou-se e nada mais perguntou. Durante todo o caminho conservara-se imóvel no fundo da carruagem, com os grandes olhos muitos abertos, esses olhos que a mãe tão bem conhecia e cujo estranho olhar tanto receava, e ali ficara sentada naquele banco. Em que pensava? Que decisão congeminava ou tomara já? A condessa suspeitava-a, sem saber ao certo, e esta incerteza atormentava-a e apavorava-a muito.

— Natacha, despe-te, minha querida; vem para a minha cama. — Só a condessa dispunha de cama; tanto Madame Schoss como as duas raparigas tinham de dormir na palha.

— Não, mãe, ficarei ali muito bem, no chão — replicou Natacha, com um movimento de impaciência e, aproximando-se da janela, abriu a vidraça.

Os gemidos do ajudante-de-campo ouviam-se agora mais distintamente. Natacha debruçou-se da janela para o ar húmido da noite e a condessa viu-lhe o pescoço delicado, arrepanhado pelos soluços, quando encostou a cabeça ao caixilho. Sabia muitíssimo bem que não era o príncipe André quem gemia. Sabia que ele estava deitado na isbá contígua à deles, da qual a separava apenas um vestíbulo, mas aquela queixa medonha, incessante, enchia-lhe os olhos de lágrimas. A condessa trocou um olhar com Sónia,

— Deita-te, querida, deita-te minha pequenina — disse ela, aflorando-lhe o ombro com a mão. — Vá, deita-te.

— Ah, sim!... Vou já deitar-me, já — disse Natacha, principiando a despir-se à pressa. Arrancava os cordões das saias.

Depois de tirar o vestido e enfiar uma camisa de noite, sentou-se, acocorada, em cima da cama de palha, no chão, e puxando para a frente os finos cabelos pôs-se a fazer uma trança. Os seus longos dedos afuselados moviam-se rapidamente. E ia voltando a cabeça, ora de um lado ora de outro, num gesto familiar. Os olhos, porém, dilatados, como se tivesse febre, permaneciam imóveis e fixos. Assim que acabou de se arranjar, deitou-se, sem ruído, na coberta estendida em cima da palha, junto da porta.

— Natacha, deita-te no meio — disse-lhe Sónia.

— Estou bem aqui — replicou ela. — E tu deita-te, tu também — acrescentou, repreensiva. E enterrou a cabeça na almofada.

A condessa, Madame Schoss e Sónia despiram-se rapidamente e deitaram-se também. A única luz acesa era a lamparina diante dos ícones. Mas lá fora o céu estava iluminado pelo incêndio dos Pequenos Mitichtchi, a duas verstas dali, e ouviam-se os gritos dos homens na taberna saqueada pelos cossacos, à esquina da rua, enquanto os gemidos do oficial continuavam.

Por muito tempo esteve Natacha, imóvel, ouvindo os ruídos que vinham da isbá e lá de fora. Ouviu, primeiro, a mãe que rezava, suspirando, depois o ranger da cama quando ela se deitou e em seguida o ressonar estridente, tão seu conhecido, de Madame Schoss e a tranquila respiração de Sónia. A certa altura a condessa chamou-a, mas Natacha não respondeu.

— Acho que está a dormir, mãe — murmurou Sónia.

Depois de um curto silêncio, a condessa voltou a chamar, mas desta vez ninguém lhe respondeu.

Daí a pouco Natacha ouvia a pausada respiração da mãe. Não se mexia, embora tivesse o pèzinho nu gelado, pois o mantinha fora da roupa da cama, em contacto com o chão.

Como para comemorar a sua vitória sobre toda aquela gente adormecida, um grilo, na sua toca, pôs-se a cantar. Lá longe ouviu-se o cocorocó de um galo, enquanto outro, mais perto, lhe respondia. Na taberna já se não ouvia gritar. Continuava, porém, e sempre, a queixa do ajudante-de-campo. Natacha soergueu-se na cama.

— Dormes. Sónia? Mãe? — murmurou.

Ninguém lhe respondeu. Levantou-se sorrateiramente, persignou-se e pousou os delicados pés descalços no sobrado sujo e frio, que rangeu. Em passinhos rápidos, de gato, correu para, a porta e deitou as mãos ao fecho gelado.

Afigurava-se-lhe que as paredes da isbá vibravam em pancadas surdas e regulares: era o seu coração anelante que parecia rebentar de susto, de horror e amor.

Abriu a porta, transpôs o limiar e pousou os pés na terra húmida e fria do vestíbulo. O frio reanimou-a. No escuro tocou com o pé descalço no corpo de um homem que dormia, passou-lhe por cima e abriu a porta do quarto onde estava o príncipe André. Era grande a escuridão lá dentro. Num recanto, ao fundo, junto de uma cama onde se via um vulto estendido, uma vela de sebo pousada num banco ardia, fumarenta.

Desde que Natacha soubera, nessa manhã, que o príncipe André estava ali e ferido, resolvera vê-lo. Sabia porque considerava isso um dever seu, embora, tivesse a certeza também de que esse encontro seria para ela um suplício atroz.

Durante, todo o dia não pensou noutra coisa senão em vê-lo quando viesse a noite. Agora, porém, que o momento chegara, enchia-a de horror a ideia do espectáculo que se lhe ia apresentar. Até que ponto estaria ele desfigurado? Teria todos os seus membros? Estaria tão mal como o pobre do ajudante-de-campo, sempre a gemer? Sim, devia estar no mesmo estado. Na sua imaginação, aquela queixa horrível representava-o inteiro. Ao descobrir, ao canto, aquela forma vaga, cujos joelhos, soerguendo a coberta, se lhe afiguravam uns ombros, julgou ter diante de si qualquer coisa de monstruoso e deteve-se, apavorada. Mas uma orça irresistível a obrigou a continuar. Avançou cautelosamente, passo a passo, e achou-se no meio de um compartimento atulhado de coisas. No banco, debaixo dos ícones, estava deitado outro corpo, o de Timokine, e no chão ainda havia mais dois — um, o médico, e o outro, o criado do príncipe. Este soergueu-se e pronunciou quaisquer palavras. Timokine, cujo ferimento na perna muito o fazia sofrer, não dormia e olhava, de olhos muito abertos, a estranha aparição aquela menina apenas de camisa de noite branca, de camisola, e os cabelos apanhados na touca de dormir. As palavras pronunciadas pelo criado meio adormecido: «Que é preciso? Quem está aí?», levaram Natacha a apressar o Passo para mais depressa chegar onde estava deitado o vulto que de longe entrevira. Por mais mutilado e horrível que esse corpo estivesse, tinha de o ver. Passou junto do criado: o pavio da vela agitou-se, projectando uma luz mais viva, e ela pode ver distintamente o príncipe André, as mãos estendidas sobre a coberta, como sempre o conhecera.

Estava como sempre fora, mas o rosto afogueado pela febre, os olhos brilhantes fitos nela, numa grande exaltação, sobretudo o pescoço delicado, como o de uma criança, emergindo-lhe do colarinho entreaberto da camisa, tudo isso lhe dava à fisionomia um ar de candura e juventude que ela nunca lhe vira. Aproximou-se, e num movimento rápido, elástico e gracioso, ajoelhou diante dele. Ele sorriu-lhe e estendeu-lhe a mão.

Sete dias tinham decorrido desde que o príncipe André recuperara os sentidos na ambulância do campo de batalha de Borodino. Durante todo esse tempo esteve, por assim dizer, em estado de quase constante inconsciência. A febre e a inflamação dos intestinos, consequência, do ferimento que recebera, deviam ser-lhe fatais, na opinião do médico que o acompanhava. A verdade, porém, é que no sétimo dia tomou com apetite uma chávena, de chá com uma côdea de pão e o médico pode verificar que o estado febril baixara. Pela manhã recuperara a consciência. Na primeira noite após a partida de Moscovo, como estava bastante quente, permitira-lhe que dormisse no seu carro, mas nos Mitichtchi ele próprio pedira que o transportassem para debaixo de telha e lhe dessem uma chávena de chá. O sofrimento que lhe causou, porém, esse curto trajecto fê-lo gemer de dor e perder de novo os sentidos. Quando o deitaram na cama de campanha, por muito tempo ficou estendido de olhos fechados sem fazer o mais pequeno movimento. Depois abriu os olhos para murmurar: «E o chã?». A consciência que mostrava dos mais pequenos pormenores da vida surpreendeu o médico. Tomando-lhe o pulso, verificou, não sem grande surpresa e algum desgosto, que estava melhor. Não fora com grande satisfação que verificara o facto, pois, por experiência, sabia que o ferido não podia sobreviver e que se não morresse agora morreria pouco depois e no meio dos maiores sofrimentos, Desde Moscovo que se juntara ao grupo do príncipe André o major do seu regimento, Timokine, o militar de nariz rubicundo, ferido numa perna também na batalha de Borodino. Acompanhavam-nos o médico, o criado do príncipe, o cocheiro e duas ordenanças.

Trouxeram a chávena de chá ao príncipe André. Bebeu avidamente, enquanto os olhos febris se voltavam para a porta que ficava na sua frente, como a tentar lembrar-se de qualquer coisa muito confusa.

— Não quero mais. Timokine está aí? — perguntou.

Timokine arrastou-se no banco até junto dele.

— Presente, Excelência.

— Como vai essa ferida?

— A minha? Não vai mal. E a sua?

O príncipe André pôs-se a cismar, como se procurasse fosse o que fosse na memória.

— Poder-me-iam arranjar um livro? — disse ele.

— Que livro?

— O Evangelho. Não o tenho comigo.

O médico prometeu que lhe arranjaria um e perguntou-lhe como estava. O príncipe André respondeu de má vontade a todas as perguntas, mas com tino, depois pediu que lhe pusessem uma almofada debaixo para o aliviar um pouco das dores que sentia. O médico e o criado soergueram o capote que o cobria e, respirando a custo, tal o cheiro pestilencial que se derramava da ferida, puseram-se a examinar a terrível chaga. O médico não pôde esconder o seu descontentamento e, fazendo-lhe outro penso, voltou o ferido, o que lhe provocou gemidos de dor, levando-o a perder de novo os sentidos e a delirar, Repetia sem cessar que lhe trouxessem o livro e que lho pusessem ao lado.

— Que lhes custa? Preciso dele. Dêem-mo, façam favor. Ponham-no ali, nem que seja só por um momento — dizia, em voz queixosa.

O médico saiu para o vestíbulo na intenção de lavar as mãos.

— Ah! Malditos! Como hei-de eu confiar em vocês? — dizia para o criado, que lhe despejava água nas mãos. — Basta que me distraia um minuto. Ah! Não sei como ele pode suportar semelhantes dores!

— Julgava que o tínhamos tratado bem, Jesus, meu Deus. — exclamou o criado.

Pela primeira vez o príncipe André compreendeu onde estava e o que lhe acontecera. Lembrou-se de que fora ferido e que quando a sege parara nos Mitichtchi pedira que o levassem para uma isbá. Tendo então perdido de novo os sentidos, voltou a si quando o instalaram na isbá, ao pedir o chá, e ali lhe veio ao espírito tudo o que lhe acontecera. E reviu com toda a nitidez esse instante em que, na ambulância, ao ver quanto sofria o homem que ele mais detestava neste mundo, se sentira invadido por pensamentos que o haviam enchido de alegria. E eram esses mesmos pensamentos, conquanto mais confusos e nublados, que de novo se lhe apoderavam da alma. Percebeu que experimentava então uma felicidade desconhecida e sentiu que essa felicidade estava intimamente relacionada com o Evangelho, e por isso reclamara esse livro. Porém, as dores que tornou a sentir no momento em que lhe faziam o penso e o voltavam mais uma vez toldaram-lhe as ideias e quando voltou a ter consciência das coisas anoitecera por completo. Toda a gente dormia à sua volta. Um grilo cantava no vestíbulo; lá fora ouviam-se vozes e canções. As baratas corriam pela mesa, pelos ícones, pelos

tabiques; uma grande mosca zumbia junto da cabeceira da cama, esvoaçando em volta da vela colocada junto do leito e escorrendo sebo.

Do ponto de vista mental, o príncipe André não estava em estado normal. O homem de espírito são aplica a sua faculdade de pensar, de sentir, de se recordar, simultaneamente, a um número infinito de coisas, mas dispõe do poder e da força necessários, desde que se detém num objecto determinado, para concentrar nele toda a sua atenção. O homem de espírito não sabe interromper os seus pensamentos mais absorventes para saudar a pessoa que chega e voltar em seguida às suas reflexões. Mas a verdade é que o príncipe André, desse ponto de vista, se achava num estado de espírito completamente anormal. As suas faculdades mentais mostravam-se mais activas e mais lúcidas do que nunca, mas agiam independentes da sua vontade. As imagens e o pensamentos mais diversos ocupavam-lhe simultaneamente o espírito. Por vezes, o pensamento trabalhava com uma tal força, uma tal clareza e uma profundeza tais como jamais lhe seria possível de perfeita saúde, e de súbito, em plena elaboração mental, a cadeia dos pensamentos quebrava-se-lhe e via-se substituída por toda a sorte de representações inesperadas, sendo-lhe impossível refazê-la.

«Sim, uma felicidade desconhecida, que ninguém pode tirar ao homem, se me revelou», pensava, na meia obscuridade do quarto, fixando em frente, os olhos dilatados pela febre, «uma felicidade sobre que não têm o mais pequeno poder as forças físicas, as influências exteriores, a felicidade pura da alma, a felicidade do amor! Todos nós a podemos compreender, mas só Deus tem o poder de no-la dar a conhecer e de no-la revelar. Mas como nos revelou Deus esta lei de perfeita felicidade? Foi o Filho?...»

De súbito o fio dos pensamentos quebrou-se-lhe e sem poder saber se era o delírio que o levava consigo ou se ouvia, realmente, alguma coisa, pareceu-lhe perceber uma voz que sussurrava constante e cadenciadamente as mesmas sílabas lancinantes: «Piti... piti... !» Ao mesmo tempo, ao som dessa estranha música, sentia, em pleno rosto, erguer-se-lhe como que uma construção mágica e fantástica, formada de finas agulhas e levíssimas aparas. Dava conta, apesar de isso lhe ser muitíssimo penoso, de que devia esforçar-se por mantê-la em equilíbrio e impedir que essa construção caísse por terra, mas a verdade é que ela acabava por ruir e voltava a reedificar-se, lentamente, ao com— passo da mesma música cadenciada e pipilante. «Vai subindo; vai subindo! Vai subindo sempre!», dizia

para consigo mesmo. E no meio destas impressões de música múrmura e do edifício que se levantava, via, por momentos, o círculo vermelho do pavio da vela, ouvia o restolhar das baratas e o zumbir da mosca embatendo contra a almofada da cama e a cara. E de cada vez que lhe tocava no rosto sentia como que uma sensação de queimadura, surpreendidíssimo por, embatendo ela precisamente no ponto onde se levantava o tal estranho edifício, o não deitar por terra. Além disso, outro fenómeno importante se verificava ainda. A porta havia qualquer coisa branca, como que uma esfinge, que c, esmagava a ele também.

«Não. Não pode ser. Talvez seja apenas a minha camisa em cima da mesa», pensava. «Ali estão as minhas pernas, e acolá a porta. Mas porquê, então, este edifício crescendo, crescendo, e esta música: 'Piti... piti...'? Basta, peço-lhe, basta, é de mais!», implorava. E subitamente os pensamentos e os sentimentos o assaltaram de novo, claros, poderosos como habitualmente.

«Sim, o amor», disse consigo mesmo, de novo, completamente lúcido. «Mas não esse amor que se sente por alguma, coisa e por alguém, mas o amor como eu o senti pela primeira vez quando, no limiar da morte, se me deparou o meu inimigo e o amei. Senti então essa espécie de amor por assim dizer a essência da nossa alma e que dispensa perfeitamente o objecto amado. E ainda agora mesmo continuo a sentir esse bem-aventurado amor. Amar o próximo, amar os nossos inimigos, amar tudo e todos é amar Deus em todas as Suas manifestações. Amar alguém querido é amor de homem; só a um inimigo nos é dado amar com o amor de Deus. E aí está porque senti felicidade tamanha ao compreender que amava aquele homem. Que teria sido feito dele? Estará vivo ainda?... Quando queremos com um amor de homem, é-nos fácil passar do amor ao ódio, mas o amor de Deus, esse, não pode trair. Nada, nem a própria morte, o pode destruir. É a essência da própria alma. Odiei muita gente na minha vida. Mas a ninguém amei e odiei tanto como a ela.» E diante dos olhos surgia-lhe, com toda a nitidez, Natacha, não como outrora, envolta apenas em seus encantos exteriores. Pela primeira vez penetrava no intimo da sua própria alma. Percebia os seus sentimentos, as suas dores, a sua vergonha, o seu arrependimento. E agora, pela primeira vez, compreendia a crueldade da sua, repulsa, a crueldade do rompimento com ela. «Se ao menos me fosse dado, uma só vez, não queria mais, tornar a vê-la! Uma só vez tornar a ver-lhe os olhos e dizer-lhe...»

«Piti, piti, ti, ti...», titilava-lhe aos ouvidos, enquanto a mosca lhe embatia na

cara. E de súbito sentiu-se arrebatado para esse inundo, misto de realidade e alucinação, onde havia tão estranhas visões. O edifício, sem se desmoronar, continuava a crescer. Tornou a ver o círculo vermelho da vela, a esfinge, a sua camisa, perfilada à porta. Mas, além disso, ouviu um estalido, uma aragem fresca lhe bafejou a cara, e eis que uma nova esfinge branca, de pé, surgiu à porta. E essa esfinge tinha o rosto pálido e os olhos brilhantes, exactamente como os de Natacha, em quem ele acabava de pensar.

«Oh!, que doloroso este delírio!», disse para si mesmo, procurando afastar dos olhos aquela aparição. Mas a forma que se erguia diante dele com o contorno de coisa real ia-se aproximando. Teria desejado voltar aos domínios do pensamento que acabava de abandonar, mas não lhe era possível e ei-lo irresistivelmente arrastado para as regiões do sonho. A voz tranquila e sussurrante continuava a entoar a sua cadenciada melodia. Qualquer coisa o sufocava, se erguia, e a estranha figura sempre diante dele. Para recuperar a noção das coisas chamou a si todas as forças de que dispunha. Esboçou um movimento, mas, de súbito, zumbiram-lhe os ouvidos, a vista toldou-se-lhe e, como um homem que se afoga, perdeu os sentidos.

Quando voltou a si, Natacha, a Natacha de carne e osso, aquela a quem ele, entre todas as criaturas humanas, queria amar com esse novo amor, esse amor puro e divino que se lhe revelara, estava de joelhos diante dele. Compreendeu estar realmente em presença da verdadeira Natacha, e em vez de surpreendido sentiu-se tomado de uma tranquila alegria, Natacha, de joelhos, sem ousar mexer-se, os olhos pávidos fixos nele, sufocava os soluços que lhe abalavam o corpo. Estava pálida e tinha , expressão imóvel. Apenas a parte inferior do rosto se lhe agitava com um tremor nervoso.

O príncipe André suspirou aliviado, sorriu e estendeu-lhe a mão.

— Mas é... Que felicidade!

Natacha chegou-se mais para ele, sempre de joelhos, pegou-lhe cautelosamente na mão, inclinou sobre ela a cara e beijou-a mal a aflorando com os lábios.

— Perdoe-me! — murmurou, erguendo para ele os olhos. — Perdoe-me!

— Amo-a — disse ele. — Perdoe-me...

— Que lhe hei-de perdoar?

— Perdoe-me o que lhe fiz — murmurou ela, numa voz entrecortada e quase

imperceptível, continuando a beijar-lhe a mão. — Amo-te, muito mais, muito melhor que antigamente — voltou ele, forçando-a a soerguer a cabeça, para lhe ver os olhos.

Os olhos de Natacha, rasos de lágrimas felizes, pousaram-se nos dele, timidamente, cheios de compaixão, de alegria e de amor. O seu rosto pálido e afilado, de lábios túmidos, não era belo, metia medo. Mas André não reparava nele, apenas via a beleza daqueles olhos cintilantes.

Um ruído de vozes se ouviu atrás deles.

O criado de quarto, Piotre, que entretanto despertara completamente, sacudia o médico. Timokine, sem dormir por causa das dores que o ferimento da perna lhe ocasionava, que vira toda a cena, encolhera-se no banco, puxando para si, cautelosamente, a roupa que o cobria.

— Que é? — perguntou o médico soerguendo-se na enxerga. Faça favor de se retirar, menina.

Nessa altura uma criada que viera atrás de Natacha a mandado da condessa batia à porta.

Como uma sonâmbula a quem despertassem no meio do sono. Natacha acompanhou-a e quando chegou ao quarto deixou-se cair a soluçar em cima da cama.

Desde aquele dia, durante a longa jornada dos Rostov, aproveitando as paragens e os lugares onde pernoitavam, Natacha aparecia sempre junto de Bolkonski. O médico vira-se obrigado a reconhecer que nunca imaginara numa rapariga tanta firmeza e tanta habilidade para tratar de um doente. Apesar do horror que lhe causava a ideia de que o príncipe iria morrer durante a viagem e entre as mãos de sua filha, hipótese, segundo o médico, muito verosímil, a condessa viu-se obrigada a transigir. Ao ver reatadas aquelas relações chegou a pensar que se o príncipe se curasse talvez viessem a ficar noivos outra vez. A verdade, porém, é que ninguém falava em tal coisa e muito menos os próprios interessados, O dilema vida ou morte, suspenso não só sobre a cabeça de Bolkonski, mas sobre a Rússia inteira, em nada mais deixava pensar.

[XXXIII]

No dia 3 de Setembro, Pedro acordou tarde. Doía-lhe a cabeça. O fato que não despira para dormir enrodilhava-se-lhe no corpo e sentia a vaga consciência de que cometera na véspera qualquer acto vergonhoso. Esse acto era a conversa íntima com o capitão Ramballe.

O relógio mareava onze horas, mas lá fora estava muito escuro. Pedro levantou-se, esfregou os olhos, e ao ver a pistola de punho incrustado que Guerassime voltara a pôr em cima da secretária lembrou-se onde estava e do que tinha a fazer precisamente nesse dia.

«Não estarei já atrasado?», interrogou-se a si mesmo. «Não, É de crer que ele não entre em Moscovo antes do meio-dia.» Não se permitiu sequer pensar no que tinha a fazer, tratou de o pôr em prática o mais depressa possível.

Depois de pôr algum alinho na roupa que o incomodava, pegou na pistola, decidido a partir. Só então, porém, lhe veio à mente como levar rua fora a arma de que precisava, já que a não podia levar na mão. Nem mesmo debaixo do amplo cafetã lhe seria possível esconder a grande pistola, e se a levasse à cintura ou debaixo do braço toda a gente daria por isso. Aliás, a pistola estava descarregada e não tivera tempo de a carregar de novo. «Um punhal também servia», dizia de si para consigo, embora mais de uma vez, ao pensar na realização daquele projecto, tivesse considerado o emprego do punhal o maior erro do estudante que em 1809 quisera matar Napoleão. No entanto, como o que lhe importava antes de mais nada não era realizar o acto projectado, mas provar a si próprio que não renunciava a ele e que estava disposto a tudo fazer para conseguir o seu fim, pegou . Pressa no punhal da bainha verde, cheio de mossas, que comprara aquando a pistola ao pé da Torre de Sukarieve, e escondeu-o debaixo do colete.

Depois de afivelar o cinturão do cafetã e de enterrar o barrete até aos olhos, cautelosamente, não fosse acordar alguém ou encontrar-se cara a cara com o capitão, atravessou o corredor e saiu para a rua.

O incêndio que na véspera tão pouca atenção lhe merecera estendera-se durante a noite por uma larga área. Moscovo ardia já por todos os lados. O fogo atingia ao mesmo tempo a Rua Karetnaia, o bairro do outro lado do rio, Gostini Dvor, a Povarskaia, onde ardiam as barcas, e os estaleiros de madeira junto à Ponte Dorogomilov.

Pedro pensava dirigir-se, através de ruas desviadas, à. Rua Povarskaia, e daí

seguir até à de Arbate, donde seguiria para S. Nicolau Iavleni, onde de antemão assentara executar o acto que congeminara. A maior parte das casas tinha os portas e as portadas das janelas cerrados, Ruas e becos estavam desertos. No ar pairava o cheiro a fumo e a queimado. De vez em quando encontravam-se russos, de expressão tímida e inquieta e franceses, de ar marcial, seguindo pelo meio das calçadas. Tanto uns como outros olhavam para Pedro com espanto. A sua alta estatura, a sua corpulência e o seu rosto carrancudo e concentrado em que havia uma espécie de sofrimento já de si chamavam a atenção. Enquanto os russos o examinavam perguntando a si mesmos a que classe poderia pertencer aquele, indivíduo, os franceses seguiam-no com a vista, simplesmente porque, em vez de os olhar, a eles, como faziam os seus demais compatriotas, cheios de inquieta curiosidade, não lhes prestava a menor atenção. Junto ao portal de uma casa, três franceses, que tentavam explicar o que quer que fosse a uns russos, que os não compreendiam, detiveram Pedro para lhe, perguntar se ele sabia francês. Pedro abanou a cabeça negativamente e prosseguiu o seu. Mais adiante, uma sentinela de guarda a um armão pintado de verde gritou-lhe que se afastasse e só depois da segunda e ríspida advertência, ao ouvi-lo engatilhar a espingarda, compreendeu que devia seguir pelo outro lado da rua... Não via, nem ouvia o que se passava à sua roda. Dir-se-ia, levar consigo o seu projecto, apressado e apavorado, e sem poder esquecer o que lhe acontecera lia noite anterior, como quem transporta, cheio de medo de o perder, um objecto terrível que lhe não pertence. Ainda mesmo que o não tivessem retido no caminho, esse projecto não se teria realizado, pois havia mais de quatro horas naquele momento que Napoleão, depois de atravessar os arrabaldes de Dorogonulov, cruzara o Arbate para dirigir-se ao Kremlin, onde naquela altura, sorumbático e preocupado, no gabinete do czar, dava ordens pormenorizadas sobre a, extinção imediata do incêndio que lavrava em Moscovo, a repressão da pilhagem e a tranquilidade dos habitantes da capital. Pedro, contudo, ignorava-o Inteiramente absorto no presente, o que o atormentava, como acontece a todos os obstinados que se propõem realizar qualquer coisa impossível, não eram as dificuldades que teria, mas o facto de a sua natureza íntima recalcitrar contra um acto daquela espécie: tinha medo de fraquejar no momento decisivo, perdendo, assim, toda a consideração por si próprio. Embora cego e, surdo ao que se passava à sua roda, por instinto seguia caminho certo e não se enganava no meio do dédalo de ruas e ruelas que levavam

a Povarskaia.

À medida que se aproximava, o fumo era cada vez mais denso. Por vezes fazia já um certo calor. Aqui e ali erguiam-se chamas dos telhados das casas. Havia mais gente nas ruas e as pessoas pareciam mais desassossegadas. Pedro, embora percebesse estar a passar-se qualquer coisa de anormal, ainda não se dera conta de que se aproximara do coração do incêndio. Na altura em que metia por um caminho através de vastos terrenos devolutos, que por um lado iam até à Rua Povarskaia e pelo outro confinavam com os jardins do palácio do príncipe Gruzinski, ouviu, de súbito, muito perto, gritos desesperados de mulher. Estacou, como se de chofre acordasse de um sonho e ergueu a cabeça.

De um dos lados do caminho, sobre a erva seca e poeirenta, amontoavam-se móveis e objectos caseiros: colchões, samovares, ícones, baús. Junto de tudo aquilo sentava-se uma mulher magra e idosa, cujos dentes superiores eram grandes e salientes, com uma capa preta pelas costas e um gorro na cabeça. Balouçando-se e dizendo palavras sem nexo, soltava grandes soluços. Duas pequenitas, entre dez e doze anos, de vestiditos sujos e capitas de peles, olhavam para a mãe, muito pálidas, assustadas. Um rapazinho, mais novo ainda, dos seus sete anos, de cafetã pelas costas e um chapéu grande de mais na cabeça, chorava nos braços de uma velha ama. Sentada num baú estava uma criada sórdida, descalça, que, desfazendo a trança dos cabelos louros, arrancava as madeixas queimadas, cheirando-as. O marido da mulher magra e idosa, gordalhudo, de uniforme de funcionário público, mediana estatura, suíças encaracoladas e um pouco curvado, remexia, impassível, nos baús amontoados uns sobre os outros, a procura de roupa.

Vendo Pedro, a mulher quase se lhe atirou aos pés.

— Padres santos! Cristãos ortodoxos! Salve-nos, acuda-nos, meu senhor! Seja quem for, acuda-nos — gritava-lhe, soluçando. — Uma menina!... A minha filha!... A minha filha mais nova, deixaram-na lá... Está queimada! Oh!, oh! Foi para isso que eu lhe dei tanto mimo... Oh!, oh!, oh!

— Então, basta. Maria Nikolaievna — exclamava o marido, numa voz serena, naturalmente apenas para se desculpar diante do estranho. — É provável que a nossa irmã a tenha levado. Se assim não fosse, onde havia ela de estar?

— Monstro! Malandro! — gritou a mulher enfurecida, cessando, subitamente, de se lamentar. — Não tens coração, nem sequer tens pena da tua filha! Outro que fosses, tinha-la ido arrancar às chamas. Mas és um monstro, não és um

homem, não és um pai. Ouça o senhor é um mancebo às direitas — continuou ela, mudando rapidamente de tom, e choramingando, voltada para Pedro. — O fogo andava na casa ao lado da nossa e — depois passou para o lado de cá. A minha criada principiou a gritar: «Fogo, fogo!» Tratámos logo de salvar as nossas coisas. Fugimos com o que tínhamos no corpo. — Aqui tem o que a gente pôde salvar... Este ícone, abençoado por Deus, e a cama do meu dote. Tudo o mais lá ficou. Juntámos as crianças. A Katetchka, nada! Oh!, oh!, oh! Senhor!... — E recomeçou a soluçar. — A minha filhinha morreu queimada! Morreu queimada!

— Mas onde ficou? — inquiriu Pedro.

Pela expressão animada que lhe entreviu, a mulher percebeu estar ele disposto a ajudá-la.

— Paizinho! Meu Paizinho! — soluçou ela, abraçando-se-lhe aos joelhos. — Meu benfeitor, sossega ao menos o meu coração... Aniska, estafermo, anda, acompanha-o — gritou ela, furiosa, para a criada, abrindo muito a grande boca e deixando ver ainda mais os imensos dentes.

— Venha comigo, venha comigo, eu... eu farei tudo que for possível — deu-se pressa em dizer Pedro numa voz embargada.

A criada emergiu lá do meio das malas e baús, deu um jeito à trança e com um grande suspiro meteu-se a caminho, descalça.

Dir-se-ia que Pedro voltava subitamente à vida depois de um longo desmaio. Ergueu a cabeça, os olhos fuzilaram-lhe, depois seguiu apressadamente atrás da criada, juntou-se a ela e enfiou pela Rua Povarskaia. Uma negra e espessa fumarada enchia a rua. Línguas de fogo rodopiavam dos telhados e das janelas. Grande multidão se agrupava nas imediações do incêndio. No meio da rua, um general francês arengava às pessoas que o cercavam. Pedro, ao lado da criada, ia aproximar-se do local onde estava o oficial francês quando um soldado lhe cortou o passo.

— Não se pode passar — gritou-lhe.

— Por aqui, Tiozinho — disse-lhe a criada. — Vamos por aqui, pela Rua de S. Nicolau.

Pedro deu meia volta e seguiu atrás da mulher, em grandes passadas, para poder acompanhá-la. Esta atravessou a rua a correr, voltou à esquerda, meteu por um beco e, depois de ultrapassar duas ou três casas, enfiou, à direita, por um portal.

— É mesmo ali — exclamou.

Atravessou o pátio correndo, abriu a cancela da divisória e, detendo-se, apontou a Pedro um pavilhãozinho de madeira a arder e do qual se desprendia muito calor. Metade já as chamas tinham devorado; o resto ainda ardia e uma labareda muito clara saía das aberturas das janelas e do tecto.

Assim que transpôs a cancela, o bafo do calor sufocou-o, recuando involuntariamente.

— Qual, qual é a vossa casa? — perguntou.

— Aquela! — choramingou a criada, apontando para o pavilhão. — É aquela a nossa casinha, aquela! E tu lá no meio das chamas, Katetchka, minha querida menina... — Diante da casa em chamas, Aniska julgava-se obrigada a dar testemunho dos seus sentimentos.

Pedro avançou direito ao pavilhão, mas o calor que dele irradiava era tal que viu-se obrigado a contorná-lo e assim veio a, achar-se diante de um casarão que estava a arder num dos ângulos do telhado e em volta do qual enxameavam muitos franceses. De princípio não percebeu o que estavam a, fazer, carregando várias coisas, mas ao ver um deles vibrar duas sabradas num camponês para lhe arrancar das mãos uma capa de peles de raposa, compreendeu vagamente que andavam na pilhagem. Aliás, não teve tempo sequer de pensar duas vezes. O fragor das paredes e dos vigamentos desmoronando-se, o silvo das chamas, os gritos estridentes da multidão, os penachos de fumo, ora negros e espessos, ora mais transparentes e sulcados pela cintilação das fagulhas, das chamas, quer vermelhas, compactas, como medas de fogo, quer como escamas de ouro, trepando ao longo das paredes das casas, tudo isto e a sufocação que a carreira lhe causara e a transpiração produzida pelo calor criaram nele um estado de enervamento vulgar em tais circunstâncias. Tão violento foi o efeito nele produzido por tudo isto que de súbito se sentiu como que liberto dos pensamentos que o obcecavam. Dir-se-ia mais novo, mais alegre, mais ágil e decidido. Contornou o pavilhão pelo lado da casa e arremetia já pela parte ainda de pé, quando, precisamente por cima da cabeça, ouviu gritos, logo seguidos de um estalido e do som de qualquer coisa pesada que lhe veio cair ao lado.

Pedro voltou-se: uns franceses atiravam, de uma janela abaixo, a gaveta de uma cómoda cheia de objectos de metal. Outros soldados franceses, em baixo, aproximaram-se.

— Bem, que é que ele quer? — gritou um deles ao ver Pedro.

— Uma criança nesta casa. Não viu uma criança? — perguntou este.

— Essa agora! Que está ele a dizer? Vai passear! — exclamaram diversas vozes e um dos soldados, receoso de que Pedro lhe roubasse algumas das alfaias de prata e bronze que enchiam a gaveta, avançou para ele, ameaçador.

— Uma criança? — gritou um francês lá de cima. — Ouvi piar alguém no jardim. Talvez seja o garoto do pobre diabo. É preciso sermos humanos...

— Onde está ele? Onde está ele? — inquiriu Pedro.

— Ali! Ali! — gritou-lhe o francês, da janela, apontando-lhe para o jardim por detrás da casa.— Espere, eu vou lá abaixo.

E, realmente, momentos depois, o francês, um rapagão moreno, com uma mancha na cara, em mangas de camisa, saltava pela janela do rés-do-chão e, dando uma palmada no ombro de Pedro, corria com ele para o jardim.

— Despachem-se — gritava o francês aos camaradas— Começa a aquecer.

Travando do braço de Pedro, levou-o consigo para as traseiras da casa, por um caminho areado, e olhou em roda. Debaixo de um banco, deitada, estava uma pequenita dos seus três anos com um vestidinho cor-de-rosa.

— Aqui tem o seu garoto. Ah!, é uma pequena! Ainda bem! — exclamou ele. — Adeus! É preciso sermos humanos. Somos todos mortais. — E voltou para junto dos camaradas.

Sufocado de alegria, Pedro correu para a pequenita e quis pegar-lhe ao colo. Mas esta, uma pobre criança de aspecto enfermiço e expressão desagradável, tal qual a mãe, principiou a gritar assim que viu um estranho caminhar para ela, fugindo. Pedro conseguiu, no entanto, deitar-lhe a mão. Então os seus gritos recrudesceram, esperneando, sacudindo as mãos para lhe escapar e tentando mesmo mordê-lo. Um sentimento de repulsa e horror se apoderou de Pedro; dir-se-ia que Locara num animal repugnante. Teve de vencer a sua relutância para não abandonar ali mesmo a criança, e correu para a casa com o fardo nos braços. Já não era possível, contudo, seguir o mesmo caminho. Aniska já não estava onde ele a deixara, e então Pedro, estreitando contra si, num misto de carinho e repugnância, a pequenita, que gritava com desespero, abalou com ela, jardim fora, na esperança de encontrar outra saída.

[XXXIV]

Quando, depois de atravessar vários pátios e becos, voltou ao jardim de Gruzinski, à esquina da Rua Povarskaia, sempre com a criança nos braços, Pedro principiou por não reconhecer o sítio onde estava, tanta a gente ali acumulada e tantos os salvados das casas em volta. Além das famílias russas e dos seus haveres arrancados ao fogo, viam-se ali soldados franceses de diversos regimentos. Pedro não reparou neles. Tinha pressa de encontrar a família do funcionário para entregar a criança à mãe e voltar prestar os seus serviços na esperança de ser útil. Parecia-lhe que ainda havia muita coisa a fazer e que era preciso não perder tempo. Excitado pela carreira e pelo calor das chamas, ainda mais sentia o ardor juvenil e a energia que se apossaram dele quando acorrera a salvar a criança. A pequenita calara-se, e fincando as mãozitas no cafetã de Pedro aninhava-se-lhe nos braços, olhando à roda com uns olhitos de animal bravio. Pedro mirava-a de quando em quando e sorria-lhe. Havia qualquer coisa de comovedor na expressão assustada daquela carinha inocente e enfermiça.

Do funcionário e da mulher nem rasto no lugar onde ele os deixara, E lá ia, em grandes passadas, de grupo em grupo, perscrutando toda a gente. Ao passar, em dada altura, viu uma família georgiana ou arménia: um velho, de belo tipo oriental, de tulupe debruada e botas novas, uma velha do mesmo tipo e uma rapariga. Esta última, muito nova, afigurou-se-lhe um exemplar perfeito de beleza oriental, com as suas sobrancelhas negras, arqueadas, de perfeito desenho, e o seu belo e longo rosto corado, de uma extraordinária doçura, se bem que absolutamente inexpressivo.

No meio de todos aqueles objectos espalhados pelo chão, entre aquela multidão, naquela praça, com a sua rica capa de cetim pelas costas e na cabeça o seu lenço violeta-vivo, dir-se-ia uma delicada planta de estufa abandonada à neve. Sentada em cima de uns embrulhos, um pouco à retaguarda da velha, pousava no chão os grandes olhos imóveis, talhados em amêndoa, de longas pestanas. Via-se perfeitamente que sabia ser bonita e que isso a preocupava. Tanto o surpreendeu a sua cara que Pedro, ao passar por ela, apressado, ao longo do tapume, a fitou várias vezes. Entretanto, tendo chegado ao extremo do tapume, e não vendo em parte alguma quem procurava, parou, indeciso.

A sua figura, com a criança ao colo, dava agora mais na vista alguns russos, homens e mulheres, aproximaram-se dele.

— Perdeste alguém, amigo? És fidalgo, não és? De quem é essa criança? — perguntavam— lhe.

Pedro explicou que a criança era da mulher de capa preta que há pouco ali estava com os seus outros filhos e perguntou se porventura a não conheceriam e aonde fora.

— Devem ser os Anferov — interveio um diácono, dirigindo-se à mulher picada de bexigas... — Deus se amerceie de nós! — acrescentou ele na sua voz de baixo.

— Quê? Os Anferov? — respondeu uma mulher. — Os Anferov foram-se esta manhã. Talvez os Maria Nikolaievna ou então os Ivanov.

— Ele está a falar numa mulher e Nikolaievna é uma senhora — observou um lacaio.

— Devem conhecê-la. Tem os dentes muito grandes, é magra. — volveu Pedro.

— Sim, então é a Maria Nikolaievna. Fugiram para o jardim na altura em que estes lobos aqui apareceram — disse a velha, apontando para os soldados franceses,

— Oh! Senhor, misericórdia! — continuava o diácono.

— Por aqui, por aqui encontra-os. É, é ela. Estava a chorar a lamentar-se... — disse a, mulher. — Sim. é ela com certeza. Por aqui.

Mas Pedro já a não ouvia. Estava a observar uma cena a pouca distancia entre a família arménia e dois soldados franceses. Um deles, baixinho, vivo, envergava um capote azul cingido ao corpo por uma corda. Na cabeça trazia um quépi de polícia e estava descalço. O outro, em que Pedro especialmente atentara, era um rapazola alourado, com uma capa de lã, umas calças azuis, minto largas, e botas de montar todas rotas. O pequeno, que não tinha botas, aproximou-se dos arménios, disse-lhes qualquer coisa, apontou para os pés do velho e este deu-se pressa em descalçar-se. O outro postou-se diante da bela arménia e pôs-se a olhar pira ela, calado, de mãos nas algibeiras.

— Toma, toma a criança — disse Pedro, de súbito, e num tom autoritário, para a velha. — Tu encarregas-te de a entregares, hem! Estás a ouvir? — E depôs no chão a criança, que chorava, voltando-se para o grupo dos franceses e dos arménios.

O velho já estava descalço. O soldado francês que acabava de se apoderar da

segunda bota batia uma contra a outra. O pobre homem, com as lágrimas nos olhos, murmurava qualquer coisa. Mas Pedro não prestava grande atenção a essa cena. Estava atento ao que se passava com o outro soldado, que entretanto, pouco a pouco, se fora aproximando da rapariga e lhe levara, mesmo, a mão ao pescoço.

A arménia ficara imóvel, com as suas longas pestanas baixas, como se nada visse nem desse pelo que se passava.

Ainda Pedro não chegara junto do francês, já o bandido arrancara o colar que a arménia trazia ao pescoço. A pobre, levando as mãos à garganta, soltara um grito agudo.

— Deixe a mulher! — vociferou Pedro, agarrando-o pelos ombros e atirando-o ao chão.

O soldado caiu, levantou-se e deitou a fugir. Mas o companheiro, jogando fora as botas, sacou da baioneta, e caminhou ameaçador para Pedro.

— Então, nada de tolices! — gritou.

Pedro fora tomado por um desses seus acessos de fúria em que por nada dava e em que as forças se lhe multiplicavam. Caiu sobre o soldado, e antes que este pudesse servir-se da baioneta prostrara-o e cobria-o de murros. A multidão pôs-se a gritar, incitando-o. Nesse momento contudo desembocava da esquina da rua uma patrulha montada de ulanos franceses que a galope avançou sobre os dois, cercando-os. Pedro não deu pelo que depois se passou. Lembrava-se vagamente de ter esmurrado alguém, de lhe responderem na mesma moeda, acabando por lhe amarrarem as mãos atrás das costas enquanto um magote de soldados rodeava e revistava.

— Ele tem um punhal, tenente! — Eis as primeiras palavras que distintamente pôde compreender.

— Ah!, uma arma! — exclamou o oficial. E dirigindo-se ao soldado amador de botas, sob prisão como o próprio Pedro: — Muito bem, explicarão tudo isso no Conselho de Guerra — advertiu-o. E depois, voltando-se para Pedro: — Fala francês?

Pedro olhou em volta de si com os olhos injectados de sangue e não respondeu. Era de crer que o seu aspecto não fosse dos mais tranquilizadores, pois o oficial deu uma ordem em voz baixa e quatro ulanos saíram do pelotão indo colocar-se à direita e à esquerda do preso.

— Fala francês? — repetiu o oficial, conservando-se a respeitosa distancia. — Mande vir aqui o intérprete.

Um homenzinho de pequena estatura, vestido à paisana, saiu das fileiras. Pedro, pelo seu vestuário e a sua maneira de falar, Percebeu imediatamente tratar-se de um empregado de uma loja de Moscovo.

— Não tem ar de homem do povo — observou o intérprete, depois de um breve exame.

— Oh!, oh! Tem todo o ar de ser um desses incendiários — comentou o oficial. — Pergunte-lhe o que é ele.

— Quem és tu? — perguntou o intérprete. — Deves responder às autoridades.

— Não tenho que lhes dizer quem sou. Sou vosso prisioneiro. Levem-me. — disse Pedro, subitamente, em francês

— Ah!, ah! — exclamou o francês franzindo o sobrolho. — Partamos!

A multidão fizera roda em torno dos ulanos, Junto de Pedro estava a mulher bexigosa de há pouco com a pequenita ao colo. Quando a patrulha se pôs em marcha, a mulher seguiu-a.

— Aonde te levam eles, santinho? — interrogou-o ela. — E a pequena, que hei-de eu fazer-lhe, se não for deles?

— Que quer essa mulher? — perguntou o oficial.

Pedro parecia embriagado. Ao ver a pequenita a quem salvara a vida ainda mais exaltado ficou.

— Que diz ela? — vociferou ele. — Traz-me a minha filha, que eu acabei de salvar das chamas. Adeus! — E, sem que ele próprio soubesse porque dissera tal mentira inútil, pôs-se a marchar, num passo enérgico e solene, entre a escolta francesa.

Esta patrulha fazia parte do número das patrulhas enviadas por Durosnel para diferentes bairros da cidade com a missão de dar caça aos salteadores e especialmente deitar a mão aos bandidos que, segundo a opinião nessa altura dominante no alto comando francês, haviam incendiado Moscovo. Depois de atravessar várias ruas, a patrulha deitou ainda a mão a cinco russos suspeitos, um boticário, dois seminaristas, um camponês, um lacaio, e a um certo número de salteadores. Mas, de todos os suspeitos, Pedro parecia o mais perigoso. Quando os conduziram à prisão militar, estabelecida num casarão junto da muralha de Zubovo, foi isolado dos outros e submetido a uma vigilância rigorosa.

LIVRO QUARTO

PRIMEIRA PARTE

[I]

Entretanto, nas altas esferas de Petersburgo, a complicada luta dos partidários de Rumiantsov, dos Franceses, de Maria Feodorovna, do czarevitch, luta a que vinha juntar-se, como sempre, o zumbido dos moscardos cortesãos, continuava mais encarniçada do que nunca. Mas a vida tranquila, luxuosa, exclusivamente preocupada com miragens e aparências, essa prosseguia o seu curso habitual. Seriam precisos grandes esforços para essa gente se dar conta do perigo e das dificuldades que apresentava a situação do povo russo. Continuavam a celebrar-se as mesmas representações no teatro francês. Subsistiam os mesmos interesses e as mesmas intrigas de corte e hierarquia. Apenas nas muito altas esferas havia quem se preocupasse em conhecer a verdadeira situação. A boca pequena falava-se na maneira como as duas imperatrizes, em tão graves circunstâncias, procediam de forma completamente diferente. A imperatriz Maria Feodorovna, preocupada antes de mais nada com os estabelecimentos hospitalares e educativos confiados aos seus cuidados, tomara as suas medidas para que esses institutos fossem transferidos para Kazan e já mandara encaixotar tudo o que lhes pertencia. A imperatriz Elizabeth Alekseievna, pelo contrário, com o seu habitual patriotismo, quando lhe perguntaram quais as suas ordens, respondera que não tinha ordem alguma a dar relativamente aos estabelecimentos do Estado, pois isso era assunto que só ao imperador dizia respeito. E quanto a si própria declarara que seria a última pessoa a deixar Petersburgo.

A 26 de Agosto, no dia da batalha de Borodino, Ana Pavlovna dava uma recepção cujo principal atractivo consistia na leitura da carta do metropolita, escrita por ocasião do envio ao imperador da imagem do bem-aventurado S. Sérgio. Essa carta era considerada um modelo de patriotismo e de eloquência religiosa, Foi o príncipe Vassili, afamado pelo seu talento de declamação, quem se encarregou da leitura. Inclusivamente, já a lera para a própria imperatriz. O seu talento consistia especialmente em pronunciar em voz forte e cantante, passando

do tom grave ao tom açucarado, e isso sem a mais pequena relação com o significado das palavras, de sorte que era perfeitamente ao acaso que avolumava o tom em certos passos, quase murmurando outros. Esta leitura, como, aliás, todas as recepções de Ana Pavlovna, tinha significado político, Deviam encontrar-se aí várias personalidades que corariam de vergonha por continuarem, a frequentar o Teatro francês e a quem queria chamar-se à ordem insuflando-lhes sentimentos mais patrióticos. Já estava muita gente nos seus salões, mas a dona da casa ainda não vira entrar quem esperava, e assim toda a gente principiara a conversar antes que se iniciasse a leitura.

A notícia da última hora era o estado de saúde da condessa Bezukova. Dias antes sentira-se subitamente indisposta, tendo faltado a várias reuniões de que era o principal ornamento. Dizia-se que a ninguém recebia e que em vez de chamar as celebridades médicas de Petersburgo que habitualmente a tratavam, se confiara a um certo médico italiano, que estava a aplicar-lhe um método novo e completamente desconhecido.

Toda a gente sabia muito bem que a doença da encantadora condessa era devida ao embaraço em que a punha o ter de escolher entre dois maridos e que o tratamento do italiano visava sobretudo ajudá-la a sair desse embaraço. Mas diante de Ana Pavlovna ninguém ousava abordar esta questão delicada ou fazer-lhe sequer qualquer alusão.

— Dizem que a pobre condessa está muito mal, o médico é de opinião que se trata de uma angina de peito.

— A angina? Oh!, que doença terrível!

— Dizem que os rivais se reconciliaram por causa da angina... — Grande era o prazer com que pronunciavam a palavra angina...

— O velho conde faz pena, segundo dizem. Chorou como uma criança quando o médico lhe disse que o caso era grave.

— Oh!, que perda terrível! É uma mulher deslumbrante. — Está a falar da condessa — disse Ana Pavlovna, aproximando-se. — Mandei saber do seu estado. Parece que esta um pouco melhor. Não há dúvida de que é a mais encantadora das mulheres — acrescentou, sorrindo do seu próprio entusiasmo. — Pertencemos a campos diferentes, mas isso não me impede de a apreciar como ela merece. É muito infeliz.

Julgando que Ana Pavlovna, com estas últimas palavras, queria erguer

ligeiramente a ponta do véu que envolvia aquela doença misteriosa, um rapazola, estouvadamente, permitiu-se mostrar-se surpreendido com o facto de se não terem chamado médicos conhecidos em vez de entregarem a condessa aos cuidados de um charlatão, capaz de lhe ministrar remédios perigosos.

— As suas informações podem ser melhores do que as manhãs. — replicou-lhe azedamente a dona da casa. — Mas eu sei, de fonte segura, que este médico e um homem muito sabedor e muito competente. É um médico íntimo da rainha de Espanha.

E depois de assim ter tapado a boca ao mancebo, voltou-se para onde estava Bilibine, que, noutra roda, de testa enrugada, se preparava para a desenrugar, pois ia dizer um mot., falava dos Austríacos.

— Acho encantador — dizia, a propósito do documento diplomático que acompanhava a Viena as bandeiras austríacas tomadas por Wittgenstein, o herói de Petropol, como lhe chamavam em Petersburgo.

— Como? — perguntou Ana Pavlovna, tentando calar os que falavam para que toda a gente pudesse ouvir o dito espirituoso, o qual, aliás, ela já conhecia.

Bilibine citou as próprias palavras do despacho diplomático, que ele mesmo redigira:

— O imperador restitui as bandeiras austríacas, bandeiras amigas e descaminhadas que ele encontrou fora da estrada — disse, desenrugando a testa.

— Magnífico! Magnífico! — confirmou o príncipe Vassili.

— É a estrada de Varsóvia, talvez — exclamou em voz alta e inopinadamente o príncipe Hipólito.

Toda a gente se voltou para ele, embora ninguém compreendesse o que ele queria dizer. O próprio Hipólito teve um olhar surpreendido. Também ele não compreendia, aliás como os outros, o que aquelas palavras queriam dizer. No decurso da sua carreira diplomática, mais de uma vez tivera ocasião de observar que as coisas ditas ao acaso eram às vezes consideradas muitíssimo espirituosas, e por isso a torto e a direito dizia o que lhe Passava pela cabeça. «Talvez isto tenha muito êxito e, se o não tiver, eles lá se encarregarão de tirar partido do que eu disse.» E, com efeito, no momento em que se ia fazer um silêncio algo embaraçoso, entravam no salão as personalidades insuficientemente patrióticas que Ana Pavlovna aguardava, e ela, sorrindo, enquanto ameaçava com o dedo o príncipe Hipólito, pedia ao príncipe Vassili que se aproximasse da mesa. Depois trouxe,

duas velas, o manuscrito, e convidou-o a encetar a leitura. Toda a gente se calou.

«Mui augusto soberano e imperador!», exclamou o príncipe Vassili numa voz severa, lançando um olhar à sua roda que parecia inquirir se tinham alguma objecção a fazer. Como ninguém abrisse a boca, continuou: «Moscovo, a tua primeira capital, a Nova Jerusalém, vai receber o seu Cristo...», e sublinhou fortemente a palavra «seu», «...como uma mãe que se lança nos braços dos seus filhos bem-amados, e por entre as trevas, acautelando a glória brilhante do teu poder, canta com entusiasmo: Hossana! Bendito seja aquele que chega!»

O príncipe Vassili pronunciou estas últimas palavras em voz chorosa.

Bilibine contemplava com grande atenção as suas próprias unhas e vários convidados entreolhavam-se, receosos, como que a perguntarem uns aos outros de que seriam culpados. Ana Pavlovna antecipou-se a dizer em voz sussurrante, como as velhas ao tomarem a sagrada comunhão, as palavras que o príncipe Vassili ia dizer: «Que o audacioso e o impudente Golias...»

O príncipe Vassili prosseguiu, realmente:

«Que o audacioso e impudente Golias, vindo das fronteiras da França, inunda as terras da Rússia dos seus horrores mortíferos; a humilde fé, essa funda do David russo, abaterá, de súbito, a sua orgulhosa cabeça ávida de sangue, Esta imagem do bem-aventurado Sérgio, o defensor secular da paz da nossa pátria, será apresentada a Vossa Majestade Imperial. Lamento que as minhas débeis forças me impeçam de gozar da contemplação do vosso rosto. Envio ao Céu as mais fervorosas orações para que o Todo— Poderoso se digne multiplicar a raça dos justos e levar a bom termo os desejos de Vossa Majestade,»

— Que força! Que estilo! — diziam, elogiando ao mesmo tempo o autor e o leitor.

Reconfortados com aquela prova de eloquência, os convidados de Ana Pavlovna por muito tempo ainda conversaram sobre a situação da pátria, fazendo vários prognósticos sobre o resultado da batalha que se esperava para dentro de dias.

— Vai ver — dizia Ana Pavlovna — que amanhã, dia do aniversário do imperador, vamos ter notícias frescas. Tenho cá os meus pressentimentos.

[II]

Os pressentimentos de Ana Pavlovna realizaram-se efectivamente. No dia seguinte, à hora dos ofícios diversos celebrados no palácio em honra do aniversário do soberano, o príncipe Volkonski foi chamado à porta da igreja e fizeram-lhe entrega de uma carta que vinha da parte do príncipe Kutuzov. Era o relato, datado de Tatarinovo, dia da batalha. Kutuzov dizia que os Russos não tinham recuado um só passo que fosse, que as perdas dos Franceses eram muito mais importantes que as dos Russos e que redigia o seu relatório, à pressa, no campo de batalha, sem ainda ter podido reunir todos os elementos necessários. Mas não havia dúvida de que se tratava de uma vitória.

Imediatamente, sem abandonarem a igreja, foram ditas orações de graças pela ajuda que o Criador trouxera aos seus fiéis e pela vitória alcançada.

Os pressentimentos de Ana Pavlovna tinham-se realizado e toda a manhã reinou na cidade como que uma jovial atmosfera festiva. Toda a gente estava convencida de que a vitória fora completa e alguns diziam já que Napoleão, prisioneiro, fora deposto e a França tinha novo soberano.

Longe dos acontecimentos e na atmosfera da corte era muito difícil conhecer os factos em toda a sua plenitude e importância. Apesar de tudo, os acontecimentos gerais concentravam-se num caso particular qualquer. A alegria dos cortesãos era provocada menos pela vitória anunciada que pelo facto de a notícia ter chegado precisamente no dia do aniversário do imperador, Era como que uma surpresa bem a propósito. Kutuzov falava igualmente de perdas russas, citava Tutchkov, Bagration, Kutaissov. Todas estas novas desagradáveis se concentraram involuntariamente em torno de um único facto, a morte de Kutaissov. Toda a gente o conhecia, o imperador estimava-o, era novo e homem interessante. Nesse dia as pessoas que se encontravam diziam entre si:

— Que estranho! Precisamente durante a cerimónia religiosa! Que perda, a de Kutaissov! Ah!, que pena!

— Que lhe disse eu de Kutuzov? — repetia agora o príncipe Vassili, orgulhoso das suas profecias. — Sempre disse que me parecia o único capaz de vencer Napoleão.

No dia seguinte, porém, não se receberam notícias do exército e a opinião pública começou a andar desassossegada. Os cortesãos sofriam pela incerteza em

que estava o imperador, que nada sabia também.

«Que situação terrível!», diziam eles, e já ninguém entoava cânticos a Kutuzov como no dia anterior, responsabilizando— o, pelo contrário, pela inquietação do monarca. O príncipe Vassili já não se jactava do seu protegido Kutuzov, calando-se quando falavam dele. Além disso, naquela noite tudo parecia conjurar-se para perturbar e desassossegar a população de Petersburgo: uma notícia pavorosa se espalhou. A condessa Helena Bezukova morrera subitamente vitimada pela terrível doença que fora motivo de comentários fúteis. Nas altas esferas dizia-se oficialmente que a condessa sucumbira a uma crise de angina de peito, mas nos meios particulares contava-se que o médico íntimo da rainha de Espanha lhe prescrevera, é certo, pequenas doses de um medicamento adequado à sua doença, mas que ela, atormentada pelas suspeitas do velho conde e sem notícias do marido — esse infeliz e depravado Pedro — ingerira uma grande porção dessa droga, expirando no meio de um sofrimento atroz antes que lhe pudessem prestar qualquer socorro. Dizia-se ainda que o príncipe Vassili e o velho conde seu pretendente tinham chamado a capítulo o médico italiano, mas que este exibira tais cartas da infeliz que ambos acharam por bem deixá-lo em paz.

Eis como as conversas de salão se concentravam nestes três pontos: a Incerteza, do imperador, o desaparecimento de Kutaissov e a morte de Helena.

Três dias depois daquele em que se recebera a informação de Kutuzov, chegou a Petersburgo um proprietário rural, procedente de Moscovo, que espalhou a notícia segundo a qual a capital fora abandonada aos Franceses. Era incrível! Em que situação ficava o czar? Kutuzov era um traidor e o príncipe Vassili, durante as visitas de pêsames de que fora alvo em virtude do falecimento da filha, disse de Kutuzov, que outrora lhe merecera os mais rasgados elogios, que não era de esperar outra coisa daquele velho cego e pervertido. Está claro que a dor por que passava justificava perfeitamente que se lhe perdoasse o esquecimento da sua opinião anterior.

— O que me surpreende é que se tenha confiado o destino da Rússia a um homem desta espécie.

Enquanto a notícia não teve confirmação oficial, ainda, havia a esperança de que fosse menos verdadeira, mas no dia seguinte recebeu-se do conde Rostoptchine a informação que se segue:

> Um ajudante-de-campo do príncipe Kutuzov acaba de me trazer uma carta na qual me pede oficiais da polícia para acompanharem o exército ao longo da estrada de Riazan. E participa-me que tem o desgosto de me comunicar o abandono de Moscovo. Majestade! O acto de Kutuzov decide da sorte da capital e do vosso império. Toda a Rússia vai tremer ao ter conhecimento da perda de uma cidade que resume toda a nossa grandeza e em que repousam as cinzas dos vossos antepassados! Sigo o exército. Levo comigo tudo que é possível, só me resta chorar sobre o destino da minha pátria.

Ao receber este comunicado, o imperador mandou transmitir a Kutuzov, por intermédio do príncipe Volkonski, o rescrito seguinte:

> Príncipe Mikail Ilarionovitch! Desde 29 de Agosto que estou sem notícias suas. Acabo de receber, por intermédio de Iaroslav, do governador de Moscovo, a triste notícia, datada de 1º de Setembro, de que o exército e o seu general tinham decidido abandonar a velha capital. Pode calcular o efeito que essa notícia me causou, e o seu silêncio ainda aumenta mais a minha estupefacção. Com esta lhe envio o general ajudante-de-campo príncipe Volkonski, que se encarregará de saber junto de si qual a posição do exército e as razões que o levaram, a tomar resolução tão infeliz.

[III]

Nove dias depois do abandono de Moscovo, um enviado de Kutuzov chegou a Petersburgo com a comunicação oficial do facto. Era ele o francês Michaux, que, embora estrangeiro, russo de alma e coração, pelo menos ele assim o dizia. O

imperador recebeu-o imediatamente no seu gabinete do palácio de Kameni-Ostrov. Michaux, que nunca estivera em Moscovo antes da campanha e que não falava russo, sentia-se muito comovido, como o escreveria mais tarde, ao apresentar-se diante de o nosso mui gracioso soberano para lhe anunciar o incêndio da cidade, cujas chamas lhe iluminavam a estrada.

Embora, certamente, o pesar de Monsieur Michaux não pudesse deixar de ser de uma espécie muito diferente do dos verdadeiros súbditos russos, tão aflita era a sua expressão ao Penetrar no gabinete que o imperador lhe perguntou imediatamente:

— Traz-me más notícias, coronel?

— Muito más, Sire — replicou Michaux, suspirando e baixando os olhos: — O abandono de Moscovo.

— Terão entregado a minha velha capital sem combate? — perguntou o imperador, sentindo, de súbito, a cólera apossar-se de si. Michaux transmitiu-lhe, respeitosamente, a mensagem de Kutuzov, dizendo não ser possível travar batalha diante das muralhas da cidade e que, perante a alternativa de perder ao mesmo tempo o exército e Moscovo ou apenas Moscovo, o marechal se vira obrigado a escolher a última solução.

O imperador ouvia, calado, sem olhar para o seu interlocutor.

— O inimigo entrou na cidade? — inquiriu.

— Entrou, Sire, e a esta hora está em cinzas. Deixei-a toda em chamas. — Estas palavras proferiu-as resoluto, mas o efeito que elas produziram lançaram-no em grande confusão.

Alexandre I principiou a respirar apressadamente e com dificuldade, tremeu-lhe o lábio inferior e acto contínuo os seus belos olhos azuis humedeceram-se de lágrimas.

Foi obra de segundos. De súbito, franziu as sobrancelhas e, como se reprovasse a sua própria fraqueza, ergueu a cabeça e disse a Michaux em voz firme:

— Estou a ver, coronel, em presença de tudo que nos tem acontecido, que a Providência exige de nós grandes sacrifícios.... Estou pronto a submeter-me a todas as suas vontades; mas diga-me, Michaux, como lhe pareceu o exército, ao ver assim abandonar a minha velha capital, sem dispararem um tiro? Não reparou se havia desânimo?...

Ao ver que o seu mui gracioso soberano sossegara, Michaux sossegou também,

mas a pergunta concreta do imperador, que exigia uma resposta igualmente concreta, lançou-o num certo embaraço.

— Sire, consente que vos fale francamente como soldado leal que sou? — disse ele para ganhar tempo.

— Coronel, exijo-o sempre — replicou o imperador — Não me esconda nada, quero saber absolutamente o que se passa.

— Sire! — exclamou Michaux com um sorriso quase imperceptível, tendo conseguido imprimir à sua resposta a forma de respeitoso jogo de palavras. — Sire, deixei todo o exército, desde os chefes até ao soldado raso, sem excepção, tomado de um medo pavoroso, assustador...

— Como? — interrompeu o imperador franzindo o sobrolho. — Deixar-se-ão os meus russos abater pela desgraça... Nunca...

Era o que Michaux esperava para utilizar o seu jogo de palavras.

— Sire — continuou, com um ligeiro e respeitoso sorriso. — A única coisa que eles temem é que Vossa Majestade, por bondade de coração, se deixe convencer a fazer a paz. Todos estão mortos por combater e por provar a Vossa Majestade, com o sacrifício das suas vidas, quanto lhe são dedicados...

— Ah! — exclamou o soberano, tranquilizado, batendo-lhe no ombro e assumindo uma atitude amável — Tranquiliza-me, coronel.

Permaneceu calado alguns instantes, de cabeça baixa.

— Pois bem, volte para o campo de batalha — continuou, perfilando a sua alta estatura, e com um gesto afável e magnânimo — e diga aos nossos valentes, diga a todos os meus bons súbditos, por toda a parte por onde passar, que quando eu já não tiver nenhum soldado, eu próprio me porei à frente da minha querida nobreza, dos meus bons camponeses e bater-me-ei até ao último recurso do meu império. Ele ainda tem para me dar muito mais do que pensam os meus inimigos. — E cada vez mais exaltado: — Mas se estiver escrito nos decretos da Providência — prosseguiu, erguendo para o céu os seus bonitos olhos cheios de suavidade e sentimento — que a minha dinastia deva deixar de reinar no trono dos meus antepassados, então depois de esgotados todos os recursos em meu poder, preferirei deixar crescer a barba até aqui, e ir comer batatas com o último dos meus camponeses, a aceitar o vergonha da minha pátria e da minha querida nação, cujos sacrifícios tanto aprecio...

Depois de ter pronunciado estas palavras com voz comovida, o imperador

voltou a cara, como se quisesse esconder as lágrimas que lhe jorravam dos olhos, e deu alguns passos até ao fundo do seu gabinete. Aí permaneceu instantes, voltando, em largas passadas, direito a Michaux, e num gesto enérgico apertou-lhe a mão. O seu belo e meigo rosto afogueara-se e nos seus olhos cintilava a decisão e a cólera.

— Coronel Michaux, não se esqueça do que eu lhe digo aqui; talvez um dia o recordemos com satisfação... — E, falando assim, batia na arca do peito. — Napoleão ou eu. Não pode continuar a reinar ao mesmo tempo. Aprendi a conhecê-lo, não me voltará a enganar.

E, franzindo o sobrolho, calou-se. Michaux, embora estrangeiro, russo de alma e coração, lendo nos olhos do soberano a sua firmeza e a sua decisão, sentiu-se, naquele momento solene, entusiasmado pelo que acabava de ouvir, consoante o viria a escrever depois, e com as palavras seguintes exprimiu ao soberano, ao mesmo tempo, os seus próprios sentimentos e os do povo russo, de que se considerava como que porta-voz:

— Sire! — articulou ele. — Vossa Majestade assina neste momento a glória da nação e a salvação da Europa.

E o imperador, com um aceno de cabeça, despediu Michaux.

[IV]

Nós, que não vivemos naquela época, em que metade da Rússia estava nas mãos do conquistador, os habitantes de Moscovo se refugiavam nas províncias mais longínquas e os levantamentos de milícias se sucediam uns aos outros com vista à defesa da pátria, imaginamos que então todos os russos, do mais elevado ao mais humilde, não tinham outro pensamento que não fosse o de sacrificar-se para salvar a pátria ou morrer com ela. Todos os relatos daquela época, sem excepção, falam de sacrifícios, de amor à pátria, de desespero e de heroísmo. Mas a realidade não era bem essa. Do passado apenas vemos as grandes linhas históricas, enquanto os interesses puramente humanos e pessoais nos passam despercebidos. No entanto, esses interesses puramente humanos e pessoais são muito mais importantes que os interesses colectivos. Os primeiros não deixam ver

nem sentir os últimos. A maior parte dos homens daquela época não prestava a mais pequena atenção à marcha geral dos acontecimentos, inteiramente ocupada com os seus próprios interesses. E esses homens é que gozavam da fama de ser as criaturas mais indispensáveis desse tempo.

Aqueles que, pelo contrário, procuravam apreciar os acontecimentos de um ponto de vista elevado, tentando agir com devoção e heroísmo, esses eram tidos como inúteis na sociedade. As suas ideias divergiam em tudo das dos demais e tudo quanto levavam a cabo, na melhor das intenções, aos olhos da maior parte das pessoas não passava de inutilidades, como, por exemplo, os regimentos organizados por Pedro e Mamonov, que não faziam outra coisa senão saquear as aldeias e roubar as ligaduras preparadas pelas senhoras da sociedade, as quais nunca chegavam às ambulâncias. Até mesmo aqueles que, para exibirem os seus dotes de inteligência e as suas louváveis intenções, se davam a fazer comentários à situação eram acusados de duplicidade e de mentira ou de fazerem juízos temerários e malévolos sobre as pessoas que assim tornavam responsáveis de actos de que ninguém era culpado. Em história, ainda mais do que em qualquer outro assunto, devemos coibir-nos de provar dos frutos da, árvore de ciência. Só os actos inconscientes frutificam deveras e os homens que desempenham papel na história nunca percebem a importância do que fazem. Quando porventura acontece darem por isso, imediatamente os seus actos se tornam estéreis.

O significado dos acontecimentos que naquela altura se estavam a dar na Rússia era tanto mais inapreensível quanto era certo os homens deles participarem muito intimamente. Tanto em Petersburgo como nas províncias distantes de Moscovo, as senhoras e os cavalheiros elegantemente fardados de milicianos deploravam a sorte da Rússia e da sua capital, falando em sacrifícios e noutras coisas semelhantes, enquanto que no exército, ao proceder-se à evacuação de Moscovo, quase nunca se falava desse acontecimento: era coisa em que ninguém pensava. Diante das casas a arder ninguém falava em vingar-se dos Franceses. Só se, pensava no terço do soldo que cada um ia receber, na etapa próxima, em Matrechka, na vivandeira, e em coisas do mesmo género.

Surpreendido pela guerra nas fileiras, Nicolau Rostov, sem a mais pequena ideia de sacrifício, e levado apenas pelas circunstâncias, tomava parte activa e prolongada na, defesa da pátria, E deste modo assistia ao desenrolar dos acontecimentos sem os tomar muito a peito nem se permitir sombrios

pensamentos. Se lhe tivessem perguntado que pensava da situação, teria respondido que nada pensava, que isso era, da competência de Kutuzov e dos outros; ele nada mais sabia senão que se completavam os quadros dos regimentos, sinal de que a guerra ainda estava para lavar e durar e que, tendo em vista as circunstâncias actuais, não lhe seria difícil vir a obter o comando de um regimento dentro de um ou dois anos.

Graças a esta sua maneira de considerar os acontecimentos, não mostrou o mais pequeno ressentimento pelo facto de não ter tomado parte na última batalha, aceitando com prazer o encargo de se dirigir a Voroneje a fim de proceder à remonta da divisão, prazer que de modo algum fingiu não sentir e que os seus camaradas consideravam perfeitamente legítimo.

Poucos dias antes da batalha de Borodino recebera os documentos e o dinheiro preciso, tendo mandado adiante um destacamento de hússares, enquanto se dirigia para Voroneje.

Só quem tenha passado por isso, isto é, só quem tenha permanecido meses, ininterruptamente, em acampamentos, pode compreender a alegria que ele, sentia ao afastar-se da zona militar com os seus forrageadores, os seus comboios de abastecimentos e as suas ambulâncias. Quando, já longe dos soldados, das bagagens, de tudo que assinala a vida, bem pouco elegante, do acampamento, lhe foi dado ver aldeias com os seus camponeses e as suas camponesas, casas senhoriais, campinas onde o gado pastava, as estações de muda com os seus sonolentos guardas, tão grande foi o seu contentamento que se lhe afigurou ver tudo aquilo pela primeira vez. E uma das coisas que maior alegria lhe deu foi o voltar a ver mulheres frescas e risonhas, sem terem atrás de si, cortejando-as, dúzias de oficiais, mulheres que se mostravam contentes e se sentiam lisonjeadas com os galanteios do jovem viajante.

Foi com a melhor disposição deste mundo que Nicolau Rostov chegou, pela noite, ao hotel de Voroneje, onde tratou de se regalar de tudo do que estivera privado por tanto tempo. E no dia seguinte, barbeado e de farda de gala, que há muito não vestia, ei-lo que se apresenta às autoridades. O comandante da milícia, velho funcionário civil com o grau de general, parecia contentíssimo com as suas funções militares e o posto que tinha. Recebeu Nicolau Rostov com a solenidade que se lhe afigurava inerente à sua categoria militar e interrogou-o, sobranceiro, como se a isso tivesse direito, aprovando-o ou reprovando-o, como homem que

sabe o que diz e o que faz. Tão bem disposto estava Rostov que esta atitude o divertiu.

Depois de sair do gabinete do comandante da milícia, dirigiu-se à residência do governador. Este era um homenzinho vivo e solerte, muito amável e muito simples. Indicou a Nicolau as cavalariças onde poderia adquirir as montadas, recomendando-lhe um alquilador na cidade e um proprietário, a umas vinte verstas de Voroneje, senhor dos melhores cavalos da região, prometendo auxiliá-lo.

— É filho de Ilia Andreitch? Minha mulher é amiga íntima de sua mãe. Recebemos em nossa casa todas as quintas-feiras. É hoje quinta-feira. Venha, peço-lhe, sem cerimónia — disse-lhe ele, despedindo-se.

Depois da sua visita ao governador, Nicolau meteu-se numa telega com o sargento e dirigiu-se às coudelarias do proprietário indicado, que ficavam a umas vinte verstas da cidade. Tudo era fácil e divertido para ele naquela sua primeira visita a Vororteje, e o que é facto é que tudo correu como geralmente acontece quando uma pessoa está na melhor disposição deste mundo.

O proprietário referido era um velho solteirão, antigo oficial de cavalaria, competência em cavalos, caçador inveterado e senhor de um rico salão todo forrado de, tapetes, de uma vodka centenária, de um velhíssimo vinho da Hungria e de uma excelente cavalariça.

Trocadas poucas palavras, Nicolau adquiria, por seis mil rublos, dezassete potros escolhidos para figurarem em lugar de honra na sua remonta. Depois de um óptimo jantar, copiosamente regado com o tal vinho da Hungria, depôs dois beijos nas bochechas do seu anfitrião, com quem estava já tu cá tu lá, e meteu pés a caminho, de regresso à cidade, incitando a todo o momento o postilhão para chegar a horas de se apresentar na recepção do governador. Depois de se encharcar de água fria dos pés à cabeça, de mudar de roupa, de se perfumar, chegou a casa do governador um pouco já sobre o tarde, é certo, mas com uma desculpa na ponta da língua: Mais vale tarde do que nunca.

Não havia baile e ninguém tinha falado ainda em bailar, mas toda a gente sabia que Katerina Petrovna, sentada ao cravo, tocaria valsas e escocesas, e, por conseguinte, se acabaria por dançar. Eis porque todas as senhoras capazes disso se tinham apresentado com os seus vestidos de baile.

No ano de 1812 a vida numa cidade de província era exactamente igual ao que

sempre fora, apenas com uma pequena diferença: haver muito mais animação em virtude da presença de multas famílias ricas de Moscovo, e que, como aliás em todas as coisas nessa época memorável, se sentia não se sabia o quê, uma grandeza, um heroísmo particular, e que as pessoas, em vez de falarem do estado do tempo e da saúde de cada um, falavam de Moscovo, do exército e de Napoleão.

Em casa do governador estava reunida a melhor sociedade de Voroneje.

Havia muitas senhoras e algumas delas que Nicolau conhecia já de Moscovo, mas nenhum homem em condições de rivalizar com o cavaleiro de S. Jorge, brilhante hússar da remonta, o cortês e distinto conde Rostov. Entre os convidados encontrava-se um italiano do exército francês, prisioneiro, e Nicolau sentia que a presença desse oficial ainda fazia sobressair mais o valor do herói russo que ele era em verdade, Dir-se-ia ser para ele como que um troféu vivo e que toda a gente pensava da mesma maneira. Eis porque se mostrou para com o oficial de uma cortesia em que se misturava um pouco de dignidade e de reserva.

Assim que entrou, com o seu uniforme de hússar, irradiando à sua volta o penetrante aroma das suas essências e do vinho que bebera, e assim que disse e por mais de uma vez lhe responderam: «Mais vale tarde do que nunca», todos os olhares se fixaram nele. De súbito percebeu que se tornara o favorito de todos, coisa sempre agradável, particularmente atraente na província e que naquele momento, depois de uma tão longa abstinência, literalmente o embriagava. Muitas eram as criadinhas dignas das suas olhadelas que ele vira nas estações de mudas, nas estalagens, no salão do proprietário da coudelaria, mas ali, nas salas do governador, suspensas do seu olhar, eram numerosas, inesgotáveis, afigurava-se-lhe, as senhoras e as formosas donzelas, Todas se mostravam dengosas com ele enquanto as pessoas de idade pensavam já em casá-lo e arrumar o doido do soldado. No número destas encontrava-se a esposa do governador, que acolheu Rostov como um parente muito próximo e desde logo o tuteou, tratando-o por Nicolau.

Efectivamente, Katerina Petrovna sentou-se ao cravo e pôs-se a tocar valsas e escocesas. As danças principiaram e então é que Nicolau pôde acabar de endoidecer toda a gente com a sua agilidade. A sua desenvoltura assombrou todo o mundo. Até ele próprio estava surpreendido com a maneira como dançava naquela noite. Nunca dançara assim em Moscovo e teria mesmo considerado pouco decente e ordinária a ligeireza dos seus modos, caso não se tivesse sentido

obrigado, naquele meio pequeno, a causar o espanto daqueles provincianos, graças a atitudes e maneiras deveras extraordinárias até na capital, mas que fariam aquela gente pensar serem habituais e ainda desconhecidas na província.

Durante toda a noite não fez outra coisa senão seguir com os olhos uma bonita e planturosa loura de olhos azuis, mulher de um funcionário local. Com essa ingénua convicção dos jovens folgazões, segundo a qual julgam que foi para eles e só para eles que vieram a este mundo e se criaram as mulheres dos outros. Rostov não largou essa senhora, tratando o marido com uma Amistosa familiaridade, algo cúmplice, como se eles soubessem já perfeitamente, ele e a mulher de tal marido, que ambos se entendiam muitíssimo bem. A verdade, porém, é que o marido parecia não partilhar de semelhante opinião e se mostrou por de mais frio para com o hússar.

No entanto, a bonomia do moço oficial era tamanha que, sem dar por isso, até ele próprio, marido, por várias vezes se deixou arrastar pela boa disposição do cortejador de sua mulher. No entanto, lá para o fim da noite, à medida que o rosto desta se animava e ganhava cor, o do marido cada vez parecia mais pálido e mais carrancudo, como se a animação que sentiam se manifestasse de modo inverso, quanto maior a dose da alegria da mulher tanto menor a dose da alegria do marido.

[V]

Nicolau, ligeiramente reclinado na poltrona, sorrindo, muito chegado à senhora, ia-lhe dirigindo galanteios em que a comparava às deusas da mitologia.

Mexendo as pernas dentro do seu calção justo de montar, derramando à sua roda o aroma cálido a perfume, lançando olhares de admiração ora à sua dama ora a si próprio e à elegância dos seus pés calçados de botins bem justos, ia dizendo ser sua intenção raptar certa pessoa ali mesmo em Voroneje.

— E pode saber-se quem é?

— Urna encantadora mulher, uma mulher divina! Tem os olhos da cor do céu — dizia ele mirando a sua interlocutora — uma boca de coral, ombros de uma brancura... uma cintura de Diana... — O marido aproximou-se e de rosto

sorumbático perguntou à mulher de que falavam.

— Ali! Nikita Ivanitch — exclamou Nicolau, levantando-se cheio de mesuras.

E, como se o quisesse convidar a tomar parte nos seus galanteios, principiou a contar-lhe os projectos que tinha de raptar uma linda mulher loura.

Teve um riso amarelo o marido, a mulher na francamente Mas a esposa do governador aproximou-se deles com uma expressão algo recriminadora.

— Ana Ignatievna queria falar-te. Nicolau — disse ela, e a maneira como pronunciou o nome dessa senhora não pôde deixar dúvidas a Rostov de que se tratava de alguém de alta distinção — Anda daí, Nicolau. Pois não é verdade que deixas que eu te trate assim?

— Com certeza, minha tia. E quem é essa senhora?

— Ana Ignatievna Malvintseva. Ouviu falar de ti à sobrinha, quem tu salvaste a vida. Lembras-te?...

— Salvei a vida a tantas — replicou ele.

— A sobrinha, a princesa Bolkonskaia. Está aqui, em Voroneje, com a tia. Coraste? Dar-se-á o caso que...

— De maneira nenhuma! Que está a dizer, minha tia?

— Bom! Está bem, está bem... Dás-me vontade de rir!

A mulher do governador levou-o até junto de uma senhora idosa, alta e corpulenta, com um toucado azul na cabeça, que acabava de jogar uma partida de cartas com as pessoas mais importantes da cidade. Tratava-se de Madame Malvintseva, a tia materna da princesa Maria, abastada viúva, sem filhos, que vivia todo o ano em Voroneje. Estava de pé, tratando de pagar o que devia ao seu parceiro. Olhou para Rostov, franzindo as sobrancelhas, enquanto prosseguia resmungando com o general que lhe levara a melhor.

— Muito prazer em conhecê-lo — exclamou ela, estendendo a mão a Rostov. — Queira dar-me o prazer de vir a minha casa.

Pôs-se a falar da princesa Maria e do seu falecido irmão, por quem parecia não morrer de amores, e perguntou-lhe se ele sabia alguma coisa acerca do príncipe André, que também não parecia pessoa da sua estima, despedindo-se não sem lhe repetir convite.

Prometendo não deixar de a visitar, Nicolau corou de novo ao despedir-se dela. Quando ela falara da princesa Maria, um grande embaraço o tomara, receio mesmo, sem que ele desse por isso.

Ao deixar Madame Malvintseva ia de novo regressar ao baile, mas a mão rechonchuda da senhora governadora travou-lhe do braço e, dizendo-lhe que tinha necessidade de lhe falar, conduziu-o a um gabinete, donde, discretamente, se deram pressa de sair as pessoas que lá estavam.

— Sabes, meu caro — disse-lhe ela, imprimindo uma expressão grave ao seu rostozinho cheio de bonomia — tens ali um bom partido. Se quiseres, posso apresentar-te.

— De quem se trata, minha tia? — perguntou Nicolau.

— Eu pedirei a princesa em casamento. Katerina Petrovna, está inclinada para Lili, mas, pela minha parte, é a princesa que prefiro. Queres? Tenho a certeza de que a tua mãe me vai ficar reconhecida. E de resto é uma rapariga encantadora e nada feia, ao contrário do que as pessoas dizem.

— Claro que não, realmente — volveu Nicolau, como se se sentisse pessoalmente ofendido com essa opinião — Por mim, minha tia, como convém a um soldado, nada reclamo e nada recuso — acrescentou, sem se dar ao trabalho de pensar no que estava a dizer.

— Bom, pois então lembra-te de que não se trata de uma brincadeira.

— De que brincadeira está a falar?

— Está bem, está bem — exclamou a santa senhora, como se estivesse falando a si mesma. — E ainda há outra coisa, meu caro, entre outras. É muito assíduo junto da outra, da loura. Estou deveras com pena do marido...

— Porquê? Somos óptimos amigos — exclamou Nicolau com a maior simplicidade. Nunca lhe viera à cabeça que aquela maneira tão agradável de passar o tempo não pudesse ser muito divertida para outrem.

«Ora esta! Que tolice fui eu dizer a mulher do governador!», disse ele de si para consigo, de repente, durante a ceia. «Queres ver que me vai tratar do casamento... E Sónia?...» E ao despedir-se da dona da casa, quando ela lhe repetia, sorrindo: «Bom, já sabes. Não te esqueças...», chamou-a de parte:

— A verdade é que devo dizer-lhe, minha tia...

— Que foi? Que foi, meu amigo? Espera, vamos sentar-mos aqui.

Nicolau sentiu, de súbito, a imperiosa necessidade de contar àquela mulher, por assim dizer desconhecida para ele, os seus pensamentos mais íntimos, pensamentos que ele não teria confiado nem à própria mãe, nem à irmã, nem a qualquer amigo. Mais tarde, quando veio a lembrar-se dessa necessidade de

comunicação inexplicável e injustificada, que tantas consequências graves teve para ele, afigurou-se-lhe, como de resto acontece a toda a gente, ter feito grossa asneira. Mas a verdade é que nem por isso aquele movimento de sinceridade e alguns outros pequenos-nadas deixaram de vir a ter para ele e para a família consequências da maior importância.

— Ora aqui tem de que se trata, minha tia. Há muito que a mãe me quer casar com uma herdeira rica, mas não posso com a ideia de um casamento de conveniência.

— Ah, sim! Percebo — contraveio a santa senhora.

— Mas o caso da princesa Bolkonskaia é outra coisa. Em primeiro lugar, devo dizer-lhe, com toda a franqueza, que me agrada muitíssimo, que me convém em absoluto. Além disso, desde que a vim a conhecer em circunstâncias tão estranhas, várias vezes tenho dito a mim mesmo que está ali o meu destino, Imagine! A mãe há muito tempo que pensava nela, mas nunca calhara eu encontrá-la. Não sei como isso foi; o certo é que nunca nos tínhamos visto. E é claro que eu não poderia ter Pensado em casar com ela desde que minha irmã Natacha estava noiva do irmão dela. E fui encontrá-la precisamente quando o casamento de Natacha se tinha dissolvido e depois de tudo o que se estava a passar... Sim, isto é que é a verdade... Nunca falei nisto a ninguém, nem nunca mais voltarei a falar em tal. Só a si o digo.

A senhora governadora travou-lhe do braço, como a agradecer-lhe.

— Conhece a Sónia, a minha prima? Quero-lhe muito. Prometi casar com ela e é com ela que hei-de casar... Como vê, não Posso pensar nessa história do casamento com concluiu ele, um Pouco hesitante e corando muito.

— Meu caro, meu caro, que estás tu a dizer? Mas Sónia nada tem de seu e tu próprio disseste que a fortuna de teu pai estava periclitante. E a tua mãe? Dás cabo dela, podes ter a certeza. E, além disso, se a Sónia é rapariga de sentimentos, que situação para ela! Uma mãe de cabeça perdida, uma fortuna por água abaixo... Sim, meu caro. Sónia e tu, vocês devem compreender as circunstâncias.

Nicolau ficou calado. A verdade é que aquelas conclusões lhe não eram de todo desagradáveis.

— Em todo o caso, minha tia, é impossível — exclamou ele, suspirando, após alguns instantes de silêncio. — Além disso, resta saber se a princesa me quer, e

ainda está de luto. Acha que se pode pensar nisso?

— Julgas que te vou casar de hoje para amanhã? Há maneiras e maneiras — obtemperou a mulher do governador.

— Que casamenteira me saiu, minha tia... — disse Nicolau, beijando-lhe a mãozinha rechonchuda.

[VI]

Ao chegar a Moscovo, depois do seu encontro com Rostov, a princesa Maria encontrara o sobrinho na companhia do seu preceptor e uma carta do príncipe André com o itinerário que ela devia seguir para alcançar Voroneje e instalar-se em casa da tia Malvintseva.

As preocupações com a mudança, os cuidados com o destino do irmão, a instalação da nova casa, o ter de lidar com gente desconhecida, a educação do sobrinho, todas estas circunstâncias lhe sufocaram na alma aquele sentimento em que havia fosse o que fosse dessa tentação que tanto a fizera sofrer durante a doença e a morte do pai e especialmente no tempo que se seguiu ao seu encontro com Rostov. Estava muito triste. A mágoa que lhe causara a perda do pai, agravada pela desgraça que pesava sobre a Rússia, ainda agora, após trinta dias de vida tranquila, se mantinha viva e pungente. Estava desassossegada. Os perigos que ameaçavam o irmão, o ser querido que lhe restava, traziam-na em perpétuo tormento. A educação do sobrinho, tarefa que entendia superior às suas forças, preocupava-a muitíssimo. No entanto, ao verificar que fora capaz de reprimir a vaga de sonhos e esperanças que o aparecimento de Rostov erguera dentro dela, pudera sentir alguma serenidade.

No dia seguinte ao da noite da sua recepção, a mulher do governador apresentou-se em casa de Madame Malvintseva e pô-la ao corrente de todos os seus planos. Principiou por dizer que, em virtude das circunstâncias, não era de pensar num pedido em regra, mas que se podiam aproximar os dois jovens, proporcionando-lhes a forma de se conhecerem melhor. Tendo obtido a anuência da tia, aproveitou a ocasião para falar de Rostov diante da princesa Maria, tecendo-lhe largos elogios e contando como o vira corar quando pronunciara o

nome dela. A princesa, em vez de se sentir feliz ao ouvir estas palavras na boca da esposa do governador, experimentou um grande mal-estar. Fora-se-lhe a harmonia interior e de novo acordaram nela os desejos, as dúvidas, os reproches e as esperanças.

Durante os dois dias que transcorreram entre essa notícia e a visita de Rostov, a princesa Maria não deixou de pensar na atitude que devia assumir para com ele. Ora resolvia não pôr os pés no salão quando ele entrasse em casa de sua tia, pois, estando de luto pesado, não achava próprio receber visitas, ora se dizia a si mesma que isso seria pouco delicado da sua parte depois do que ele fizera por ela, ora ainda lhe ocorria a ideia de que a tia e a esposa do governador tinham intenções reservadas quanto a Rostov e a ela própria, o que, aliás, confirmara perfeitamente as piscadelas de olhos e os segredinhos que trocavam entre si, ora concluía não ter o direito de pensar em tais coisas, atribuindo tudo à sua própria inquietação. Era impossível, pensava, não ter em conta que, na sua situação, estando de luto rigoroso, aquela ideia do casamento só podia ser ofensiva para ela e para a memória do defunto. Na hipótese, porém, de que semelhante pedido viesse a efectivar-se, conjecturava, de antemão, o que Rostov lhe diria e o que ela teria de lhe responder, e os termos que empregaria ora se lhe afiguravam frios de mais ora demasiado significativos. Mas o que acima de tudo receava nesse encontro era deixar transparecer a perturbação que inevitavelmente a tomaria quando o voltasse a enfrentar.

O certo é, porém, que quando, no domingo, depois da missa, um criado a veio prevenir, no salão, de que o conde Rostov acabava de chegar, não foi grande a perturbação da princesa; corou ligeiramente e os olhos brilharam-lhe com uma luz radiante e nova.

— Já o conhece, tia? — perguntou em voz serena, surpreendida de poder aparentar tanta calma e naturalidade.

Quando Rostov entrou no salão, a princesa manteve-se por momentos de cabeça baixa, para dar tempo a que ele pudesse fazer os seus cumprimentos à velha senhora, mas exactamente na altura em que ele se voltou para ela ergueu a cabeça e os seus olhos brilhantes pousaram nos dele. Num movimento cheio de graça e dignidade, soergueu-se ligeiramente, sorrindo, estendeu-lhe a mão fina e delicada e pôs-se a falar numa voz em que pela primeira vez ressoavam notas verdadeiramente femininas. Mademoiselle Bourienne, que estava presente, não

pôde deixar de se sentir surpreendida e pousou nela um olhar de espanto. A mais galante das mulheres não teria sido capaz de manobra mais hábil diante do homem a quem quisesse agradar.

«Será o luto que lhe fica bem, ou terá ela, realmente, ganho tanto sem que eu o tenha notado?...», interrogou Mademoiselle Bourienne os seus botões.

Se a princesa Maria estivesse naquele momento em condições de reflectir, não se teria sentido menos surpreendida que Mademoiselle Bourienne com a mudança operada nela própria. Mal entrevira aquele bonito rosto, que tão querido se lhe tornara, invadira-a como que uma energia nova que a compelia, sem que ela nada pudesse fazer em contrário, a falar e a agir. Mal ele entrou, o rosto transfigurou-se-lhe repentinamente. Assim como, ao iluminar-se uma lanterna, o desenho gravado nos seus vidros ressalta de uma beleza que se não adivinhava enquanto não havia luz, também os traços da princesa Maria ressaltaram de improviso. Pela primeira vez vinha à superfície o trabalho intimo que até então se elaborara em segredo no fundo da sua alma. O mais recôndito da sua vida, e que tanto tormento lhe causava, os seus sofrimentos, os seus impulsos para o bem, o seu espírito de submissão, de amor e de sacrifício, tudo isso resplandecia agora nos seus luminosos olhos, no seu fino sorriso, em cada um dos traços do seu delicado rosto.

Nicolau deu-se conta de tudo tão franca e claramente como se lhe conhecesse toda a vida. Compreendeu que a criatura de eleição que tinha diante era bem melhor que todos os seres que conhecera até aí, e bem melhor, sem dúvida, do que ele próprio.

A conversa que entre eles se entabulou foi das mais simples insignificantes que imaginar se pode. Falaram da guerra, exagerando, como toda a gente, aliás, então, o desgosto que os acontecimentos causavam, falaram do seu último encontro, assunto que Nicolau procurou evitar, e referiram-se então à santa mulher do governador e aos seus parentes respectivos.

A princesa Maria evitou aludir ao irmão e desviou a conversa quando a tia lhe fez referência. Via-se perfeitamente que, se lhe era fácil falar banalmente das desgraças públicas, já o mesmo não podia fazer a respeito do irmão, desgraça que lhe tocava muito de perto. Nicolau reparou no facto, ao mesmo tempo que observava, com uma penetração nele invulgar, os mais pequenos matizes do carácter da sua interlocutora, observação que o levava a pensar que ela era realmente uma natureza excepcional e única em verdade a todos os títulos. Como

acontecia à princesa Maria, também ele corava e se mostrava perturbado quando falavam dela, ou até mesmo quando apenas nela pensava. Na presença de Maria sentia-se, porém, como que desoprimido, não dizia palavra do que antecipadamente pensava dizer e as suas palavras de improviso eram sempre as que mais convinha.

Durante a sua curta visita, numa pausa da conversação, Nicolau, como acontece onde há crianças, pôs-se a acariciar o filho do príncipe André e perguntou-lhe se ele não gostaria de vir a ser hússar também. Pegou-lhe ao colo, sentou-o nos joelhos e fê-lo pular enquanto olhava para a princesa Maria. Esta seguia os movimentos do sobrinho querido nos braços do homem a quem amava, olhando carinhosa, tímida e feliz. Este terno olhar não passou despercebido a Nicolau, que, ao compreender-lhe o sentido, corou de satisfação e beijou a criança efusivamente.

A princesa Maria não saía de casa por causa do luto e Nicolau não achava conveniente continuar a visitá-la. Nem por isso contudo a mulher, do governador desistiu da sua tarefa casamenteira e, repetindo a Nicolau o que Maria dissera de lisonjeiro a seu respeito ou vice-versa, insistia com ele para que se declarasse. E nessa intenção preparou uma entrevista entre os dois jovens, em casa do arcipreste, antes da missa.

Embora Rostov lhe tivesse dito que não tinha qualquer declaração a fazer à princesa Maria, prometeu não faltar à entre— vista.

Da mesma maneira que em Tilsitt não vacilara um momento em aceitar por bom o que lhe era recomendado como tal, assim agora, após breve luta, embora sincera, entre o desejo de organizar a sua vida consoante os seus próprios desejos e a inteira submissão às circunstâncias, escolheu o último partido, entregando-se ao destino para que se sentia irresistivelmente arrastado, Sabia muitíssimo bem que, depois das promessas que fizera a Sónia, declarar os seus sentimentos a Maria não era outra coisa senão cobardia. Mas, ao mesmo tempo, também sabia, e, mais, sentia isso mesmo no fundo da alma, que, confiando-se à influência do destino e das pessoas que o dirigiam, não só não procedia mal, como, pelo contrário, cumpria um acto da mais alta importância como nenhum outro da sua vida.

Após a sua entrevista com a princesa Maria, conquanto nada, na verdade, se tivesse modificado na sua existência, o certo é que todas as suas alegrias de

outrora pareciam ter perdido o encanto e só um pensamento o ocupava — ela. Todavia os sentimentos que a princesa Maria lhe inspirava não só em nada se pareciam com os que havia sentido por outras raparigas que encontrara na sociedade como nada tinham de comum com o amor exaltado que outrora votara a Sónia. Como acontece a todo o mancebo de honestos sentimentos, sempre que pensava em tais raparigas era com a ideia de fazer delas esposas, representando-lhe a imaginação todas as cenas habituais da vida conjugal: uma mulherzinha, vestida de branco, sentada junto do samovar, a carruagem da senhora, as crianças que pronunciam pai e mãe, numa palavra, todas as banalidades quotidianas, e essas perspectivas de futuro, a seus olhos, não deixavam de se revestir de certo encanto. Contudo, ao pensar na princesa Maria, a quem o queriam dar por noivo, nada de semelhante lhe vinha ao espírito. Se porventura o tentava, as imagens que se lhe erguiam diante dos olhos apresentavam-se-lhe com qualquer coisa de falso e de malogrado. O único sentimento que lhe comunicavam era o sentimento de angústia.

[VII]

A terrível nova da batalha de Borodino, em que houve tantas baixas dos Russos, bem como a notícia de que Moscovo caíra nas mãos dos Franceses, apenas chegaram a Voroneje em meados de Setembro. A princesa Maria, que só pelos jornais fora informada de que o irmão estava ferido e que nada sabia afinal sobre o seu estado, resolveu ir ao seu encontro. Assim, pelo menos, constou a Nicolau, que nunca mais a tornara a ver. Os acontecimentos, se não despertaram em Rostov instintos de violência, cólera ou vingança ou quaisquer outros do mesmo género, pelo menos inspiraram-lhe súbito desgosto e contrariedade, determinando-o a não prolongar por mais tempo a sua permanência em Voroneje, onde se sentia molesto e pouco à vontade. Todas as conversas lhe soavam a falso. Não sabia que pensar dos acontecimentos e sentia que só depois de regressar ao seu regimento veria claro em tudo isso. Precipitou as suas últimas aquisições de cavalos e eram mais frequentes agora as suas irritações contra o criado e contra o sargento, mais frequentes e imotivadas.

Alguns dias antes da sua partida, celebrou-se um tedéu na catedral em acção de graças por uma vitória das tropas russas e Nicolau assistiu a ele. Ficou alguns metros atrás do governador e foi com dignidade oficial que acompanhou todos os passos da cerimónia religiosa enquanto ia pensando nos assuntos mais diversos. Assim que terminou o fedeu, a mulher do governador acenou-lhe com a cabeça, chamando-o para junto de si.

— Viste a princesa? — perguntou— lhe ela, indicando-lhe com a cabeça uma senhora toda vestida de preto que estava ao pé do coro. Nicolau reconheceu-a imediatamente, não tanto pelo perfil que se deixava adivinhar debaixo do chapéu como por esse sentimento de retenção, receio e piedade que se apoderou dele. A princesa Maria, absorta nos seus pensamentos, persignava-se antes de sair da igreja.

Nicolau fitou, assombrado, o seu rosto. Era, de facto, a mesma fisionomia em que se lia sempre o trabalho subtil do pensamento interior, mas a luz que a iluminava era completamente outra. Reflectia-se em seus traços uma tocante expressão de dor, de oração e de esperança. Não esperou, como, aliás, acontecera da primeira vez, que a mulher do governador lho consentisse, não se interrogou a si próprio, sequer, se era ou não razoável dar aquele passo em plena igreja; aproximou-se dela e disse-lhe que soubera do seu novo desgosto e que de todo o coração a acompanhava na sua dor, Assim que lhe reconheceu a voz, uma súbita luz lhe iluminou o rosto, derramando claridade sobre a sua mágoa e acordando nela a alegria.

— Apenas lhe queria dizer, princesa — murmurou Rostov —, que, se o príncipe André Nikolaievitch já não fosse do número dos vivos, os jornais tê-lo-iam dito, pois que é comandante de regimento.

A princesa olhou para ele sem apreender o sentido das suas palavras, mas satisfeita com a compaixão que lhe via no rosto.

— Na maior parte dos casos, os ferimentos provocados pelos estilhaços de granadas, quando não são logo mortais, não oferecem cuidados — acrescentou ele. — É de esperar que não seja coisa grave, estou convencido de que...

A princesa Maria interrompeu-o.

— Oh!, seria terrível... — principiou ela sem poder concluir a frase, de tão perturbada que estava, inclinando a cabeça, num movimento cheio de graciosidade, como acontecia a todos os seus gestos na presença dele. E, depois de

um olhar de reconhecimento, saiu atrás da tia.

Naquela noite Nicolau não saiu, ficou em casa para fechar contas com os negociantes de cavalos. Quando acabou esse trabalho era demasiado tarde para ir a qualquer parte, embora relativamente cedo para se deitar, e assim ficou, sozinho, no seu quarto, a andar de um lado para o outro, cismando na vida, coisa que raramente lhe acontecia.

Já aquando do seu encontro perto de Smolensk a princesa Maria lhe causara uma viva impressão. Impressionara-o muito também o tê-la encontrado em circunstâncias tão excepcionais e o facto de a mãe lha ter recomendado como um rico partido.

O encontro em Voroneje ainda o impressionara mais. Desta vez notara sobretudo a beleza especial, toda de essência moral, que nela resplandecia. No entanto ia partir e não lhe ocorria a ideia de que teria pena de a não tornar a ver. O encontro na igreja, sentia-o claramente, ainda viera gravar nele a imagem da princesa Maria mais profundamente do que previra e mais funda— mente de que o exigia o seu sentimento de repouso. Aquele rosto fino, pálido e triste, aquele luminoso olhar, aqueles gestos harmoniosos e serenos, sobretudo aquela funda e comovida mágoa que por toda ela se espalhava, perturbavam-no e atraíam-no. Sobretudo nos homens, Nicolau não tolerava manifestações de uma vida espiritual superior e essa a razão por que não simpatizava com o príncipe André. Mas a princesa Maria, em virtude, precisamente, da expressão dolorosa em que se evidenciava toda a profundeza de um mundo espiritual que lhe era estranho, atraía-o de maneira irresistível.

«Que estranha mulher deve ser! É realmente um anjo!», dizia de si para consigo. Porque não hei-de eu ser livre? Porque me precipitei eu com a Sónia?» E involuntariamente ia-as comparando: à ausência, numa, e à abundância, noutra, dessa riqueza espiritual de que ele próprio era tão pouco provido e que por isso mesmo tanto estimava. Tentou imaginar o que aconteceria se porventura fosse livre: como pediria a sua mão e como viria ela a ser sua mulher? Mas não, não podia pensar em semelhante coisa. Sentiu-se pouco à vontade e diante dos seus olhos apenas se lhe vieram representar imagens confusas. Havia muito que traçara o quadro da sua existência futura com Sónia: era muito simples e muito claro, pois tudo aí estava previsto de antemão e ele nada ignorava, absolutamente nada, a respeito dela. Com a princesa Maria, contudo, não lhe era

possível conceber qualquer futuro, uma vez que a não compreendia, que apenas se limitava a amá-la.

Pensar em Sónia era como penetrar num mundo de alegria e de graça. Pensar na princesa Maria trazia sempre consigo uma impressão de seriedade e até mesmo de temor.

«Como ela rezava!», dizia de si para consigo. «Era como se o fizesse com toda a sua alma. Sim, é aquilo a que se chama a fé que remove montanhas e tenho a certeza de que a sua oração será ouvida. Porque não poderei eu rezar assim para obter o que preciso? E de que preciso eu? De ser livre e desligar-me de Sónia. A mulher do governador tinha razão: o meu casamento com ela será uma fonte de desgostos, de dificuldades, uma grande mágoa para a mãe... e depois há a questão dos dinheiros... sim, de dificuldades... de grandíssimas dificuldades. Aliás, creio que a não amo de todo o coração. Não, não a amo como se deve amar. Meu Deus, salva-me desta situação sem recurso!», exclamou ele, de súbito, como se sentisse uma necessidade imperiosa de rezar. «Sim, as minhas orações removerão montanhas, mas o que é preciso é, ter fé e não rezarmos como o fazíamos quando éramos crianças, a Natacha e eu, quando pedíamos que a neve se transformasse em açúcar. Não, não são criancices desse género que eu tenho de pedir a Deus.»

E pousando o cachimbo algures, de mãos postas, ajoelhou diante dos ícones. Enternecido com a lembrança de Maria, pôs-se a rezar como o não fazia lia muito tempo. Tinha os olhos rasos de lágrimas e soluços na garganta quando Lavruchka apareceu à porta com uns papéis na mão.

— Idiota! Que vens aqui fazer, se não te chamei! — gritou-lhe, mudando, subitamente, de, atitude.

— É da parte do governador — disse Lavruchka, em voz sonolenta. — Chegou um correio com uma carta para si.

— Está bem, obrigado, podes retirar-te.

Havia duas cartas, uma da mãe e a outra de Sónia. Reconhecera a caligrafia de ambas elas e principiou por abrir a de Sónia. Mal lera as primeiras linhas empalideceu, abrindo muito os olhos cheios de espanto e alegria.

«Não, não é possível!», disse em voz alta.

Não pôde ficar imóvel e ao tempo que lia a carta pôs-se a andar no quarto de um lado para o outro, Começou por lê-la alto, depois leu-a uma, duas vezes e, por fim, encolhendo os ombros e gesticulando de boca aberta e olhos fixos, deteve-se

no meio do quarto. A oração que acabava de dirigir a Deus fora ouvida. Tamanha era a sua estupefacção, tão extraordinário o que acontecia, tão longe estava de ver realizados os seus desejos, que aquilo lhe não parecia a consequência da intervenção divina, mas puro acaso.

O nó górdio que lhe encadeava a liberdade fora cortado pela carta de Sónia de maneira inesperada e que nada fazia prever. A carta dela dizia que em virtude das desgraças dos últimos tempos, da perda de quase todos os bens dos Rostov em Moscovo, do desejo da condessa, por várias vezes manifestado, de o ver a ele desposar a princesa Bolkonski, e ainda em consequência do seu silêncio persistente, da frieza que lhe mostrara ultimamente, por todos esses motivos juntos, estava resolvida a desobrigá-lo da sua promessa e a restituir-lhe a sua inteira liberdade.

> Seria para mim muito penoso — dizia-lhe ela— pensar que viria a ser causa de desgosto e desacordo numa família que tanto bem me tem feito. O único objectivo do meu amor é fazer a felicidade daqueles a quem amo. Por isso lhe peço, Nicolau, que retome a sua liberdade e que acredite que, apesar de tudo, ninguém lhe quer mais do que a sua Sónia.

As duas cartas eram datadas de Troitsa. A segunda era da condessa. Descrevia-lhe os últimos dias passados em Moscovo, a partida, o incêndio da cidade e a ruína de todos os seus bens. E entre outras coisas dizia-lhe que o príncipe André, ferido, viajava com eles. Estava em estado gravíssimo, mas o médico, de momento, alimentava algumas esperanças. Sónia e Natacha eram as suas enfermeiras.

Munido com esta carta, Nicolau apresentou-se no dia seguinte em casa da princesa Maria. Nem ele nem ela fizeram qualquer comentário sobre os cuidados que Natacha dedicava ao príncipe André, mas aquela carta aproximou-os e criou entre eles como que uma espécie de parentesco.

No dia seguinte, Rostov acompanhou a princesa Maria a Iaroslav e dias depois regressou ao seu regimento.

[VIII]

A carta de Sónia que dava satisfação aos desejos de Nicolau fora escrita em Troitsa. Eis os factos que a determinaram. De dia para dia se obstinava mais a velha condessa em casar seu filho com uma rica herdeira. Sónia, sabia-o ela muito bem, continuava a, ser o maior obstáculo à realização de tal projecto. E a vida desta durante os últimos tempos, sobretudo depois da carta, em que Nicolau falara do seu encontro em Bogutcharovo com a princesa Maria, tornara-se-lhe penosíssima. A condessa passava o tempo a feri-la com alusões cruéis e ofensivas.

Alguns dias antes da partida de Moscovo, a condessa, transtornada e inquieta com o que se estava a passar, mandou chamar Sónia e, entre lágrimas, reproches e súplicas, implorou-lhe que se sacrificasse desligando Nicolau dos seus compromissos e pagando-lhe a ela, condessa, deste modo, tudo que por ela tinha feito.

— Não sossegarei enquanto me não prometeres o que te peço.

Sónia chorou e respondeu entre soluços que faria tudo o que fosse possível, sem se comprometer, todavia, ao que lhe pediam. O certo era que o não podia fazer. Sacrificar-se-ia pela felicidade da família que a tinha recolhido e educado. A esse sacrifício estava habituada. A sua situação em casa dos Rostov era tal que para patentear os seus méritos só lhe restava a abnegação e por isso se habituara a sacrificar-se. Com alegria se dera conta até, aí de que todos os seus actos de abnegação a realçavam a seus olhos e, aos olhos dos outros, tornando-a mais digna de Nicolau, seu único e grande amor— Agora, porém, queriam que renunciasse, no fim de contas, aquilo mesmo que era a única recompensa do seu sacrifício e a única justificação da sua vida. E pela primeira vez se sentiu amargurada diante daquela gente que a recolhera e protegera para afinal a fazer sofrer ainda mais. E uma espécie de ódio a tomou contra essa Natacha que não só nunca passara por sofrimentos comparáveis aos seus, sem nunca se sacrificar por alguém, mas antes exigira o sacrifício dos outros e apesar disso de todos era querida e estimada. Pela primeira vez sentiu que o seu amor, até então inocente e tranquilo, se convertia numa violenta paixão capaz de a dominar e arrastar contra a religião e a virtude. Sob a influência de tal sentimento, Sónia, que a prática da

dependência ensinara a ser dissimulada, respondera à condessa em termos vagos e gerais, evitando qualquer explicação mais demorada, decidida, entretanto, a esperar por Nicolau, não para lhe restituir a palavra, mas, pelo contrário, para mais fortemente e para sempre se unir a ele.

As preocupações e os terrores dos últimos dias passados em Moscovo tinham-na feito esquecer um pouco os tristes pensamentos que a atormentavam. E por isso se sentira como que aliviada no meio de todas essas preocupações materiais. Quando veio a saber, porém, que o príncipe André estava em casa dos condes, à sua sincera piedade por Natacha e pelo ferido veio associar-se o sentimento, entre supersticioso e agradecido, de que a Providência não queria separá-la de Nicolau. Sabia que Natacha só ao príncipe André amava verdadeiramente e só a ele amara em verdade. E sabia também que neste momento, outra vez reunidos e em tão trágicas circunstâncias, de novo se entregariam ao seu amor, impedindo Nicolau, graças ao casamento da irmã com o príncipe, de pensar em desposar a princesa Maria.

Por mais horríveis que fossem os acontecimentos a que assistia, grande era a sua satisfação ao pensar que a Providência lhe viera em auxílio.

Após a primeira etapa de sua jornada, os Rostov detiveram-se no mosteiro de Troitsa. No albergue do convento tinham-lhes reservado três quartos, um dos quais para o príncipe André. O ferido parecia muito melhor nesse dia. Natacha estava junto dele.

No quarto contíguo o conde e a condessa conversavam respeitosamente com o superior do convento em visita aos antigos conhecidos e protectores. Sónia, junto deles, atormentava-a a curiosidade: que estariam a dizer um ao outro André e Natacha?

Através da porta ouvia-lhes o sussurro das vozes. Em determinado momento a porta abriu-se e Natacha, muito comovida, penetrou na dependência sem reparar no frade, que se ergueu, apanhando as grandes mangas do hábito, quando a viu aproximar-se. Dirigindo-se a Sónia, travou-lhe do braço.

— Natacha, que foi? Vem cá — disse-lhe a mãe.

Natacha aproximou-se para receber a bênção do frade, que a aconselhou a implorar o auxílio de Deus e do seu santo protector.

Quando o superior do convento se retirou, Natacha deu o braço à amiga e levou-a consigo para o quarto contíguo, onde não estava ninguém.

— Sónia, será verdade? Achas que se salvará? — perguntou-lhe ela — Ah, Sónia, que feliz e que infeliz eu sou! Sónia, minha querida, está tudo como dantes. O que importa é que ele viva! Mas não pode... porque... porque... — E os soluços embargaram-lhe a voz.

— Eu sabia-o! Louvado seja Deus! — exclamou Sónia. — Há-de viver! — A sua emoção não era menor do que a de Natacha diante daquela desgraça, e às suas apreensões vinham misturar-se pensamentos secretos. Abraçou-se à amiga, chorando e procurando consolá-la. «O que importa é que ele viva!», repetia para si mesma. Depois de trocarem as suas confidências, enxugaram as lágrimas e ambas se aproximaram da porta. Natacha abriu-a cautelosamente e olhou para dentro. Sónia, a seu lado, conservava-se no limiar da porta entreaberta.

O príncipe André, deitado, tinha o busto soerguido por três almofadas. O seu rosto pálido estava tranquilo, tinha os olhos cerrados e respirava regularmente.

— Oh, Natacha! — exclamou Sónia, de súbito, agarrando-se ao braço da prima e recuando um passo.

— Que foi? Que foi? — inquiriu Natacha.

— É aquilo, é aquilo... — respondeu ela muito pálida, toda trémula.

Natacha fechou a porta cautelosamente e seguiu Sónia até ao vão da janela, sem compreender o que a amiga dizia.

— Lembras-te — disse Sónia, assumindo uma expressão ao mesmo tempo solene e aterrada. — Lembras-te de quando consultámos o oráculo do espelho... em Otradnoie, pelo Natal... lembras-te do que eu vi?...

— Lembro, lembro... — replicou Natacha, os olhos esbugalhados, recordando-se vagamente de que a prima lhe falara então do príncipe André, que vira deitado.

— Lembras-te? Vi-o e disse-o a todas, a ti e à Duniacha. Via-o estendido na sua cama. Tinha os olhos fechados, como neste momento, e, estendida sobre ele, uma coberta cor-de-rosa, e as mãos cruzadas. — Falava cada vez com maior animação, firmemente convencida de que todos os pormenores que acabava de ver não eram mais que a repetição exacta da visão de outrora.

Evidentemente que nada vira anteriormente e que apenas descrevera um fantasma produto da sua imaginação. No entanto essa ilusão afigurava-se-lhe agora uma recordação verdadeira. Dissera então que ele olhara para ela, lhe sorrira, que estava envolto em qualquer coisa vermelha, e agora recordava-se perfeitamente, tinha a certeza: a coberta da cama era cor-de-rosa, sim,

efectivamente, cor-de-rosa, e ele tinha os olhos fechados.

— Sim, sim, é verdade, era uma coberta cor-de-rosa — confirmou Natacha, que se recordava agora também de que ela lhe falara nessa coberta, o que, a seus olhos, ganhava proporções de estranha e misteriosa previsão.

— Que quer isto dizer? — perguntou ela, pensativa.

— Ah!, não sei. É tudo tão extraordinário! — comentou Sónia, levando as mãos à cabeça.

Alguns minutos mais tarde André chamou, e Natacha foi para junto dele. Sónia, que nunca em sua vida sentira maior emoção ou estivera mais perturbada, deixou-se ficar junto da janela pensando naquelas estranhas coincidências.

Nesse mesmo dia houve oportunidade de utilizar um correio para o exército e a condessa escreveu ao filho.

— Sónia — chamou, erguendo a cabeça, quando a sobrinha passou junto dela — Sónia, não escreves ao Nikolenka? — E, ao dirigir-lhe esta pergunta, a sua voz tremeu ligeiramente.

Nos seus olhos fatigados que ;i olhavam atrás das lentes dos óculos. Sónia adivinhou o que a condessa lhe queria dizer. Nesse olhar havia suplica, receio de uma recusa, embaraço por ter de fazer semelhante pedido e inimizade pronta a manifestar-se caso ela não transigisse.

Sónia aproximou-se da condessa e, ajoelhando, beijou-lhe as mãos.

— Eu vou escrever-lhe, mãe — disse ela.

Sónia sentia-se comovida — perturbada e enternecida por ver cumprido aquele misterioso presságio de outrora. Agora, que concluíra que a reconciliação do príncipe André e Natacha tornaria impossível o casamento de Nicolau com a princesa Maria, sentia-se contente por voltar de novo ao espírito de sacrifício que era toda a sua vida. Com os olhos rasos de lágrimas e a satisfação ele cumprir um acto realmente heróico, pôs-se a escrever, interrompendo-se, várias vezes para enxugar as lágrimas que lhe queimavam as órbitas, a carta comovedora que tão profundamente iria surpreender Nicolau.

Ao chegar ao corpo da guarda onde Pedro fora conduzido, os oficiais e os soldados principiaram por tratá-lo severamente, embora com algum respeito. Ainda não sabiam de quem se tratava — talvez fosse uma personalidade importante —, mas a luta que recentemente travara, com eles não os predispunha

à indulgência.

Na manhã do dia seguinte, porém, quando se procedeu ao render da guarda, a nova, guarnição deixou de ter razões para o tratar da mesma maneira. Com efeito, esse homem corpulento de cafetã de mujique já não era aos olhos, deles aquele que tivera a mão leve para o salteador e para os soldados da patrulha e falara em tom solene de uma criança salva das chamas. Para eles era apenas o décimo sétimo prisioneiro russo às ordens do alto comando. Só o que o distinguia dos outros era o seu porte altivo, o seu ar meditativo e o facto de falar francês com extraordinária felicidade. Mas nesse mesmo dia Pedro foi encarcerado à mistura com outros suspeitos, pois o quarto particular onde ele estivera fora requisitado para um oficial.

Todos os russos que tinham sido detidos aquando ele pertenciam à mais baixa condição. E, reconhecendo que Pedro era um senhor, todos eles o mantinham à margem, tanto mais que falava francês, Pedro percebeu com desgosto que troçavam dele.

Na noite do dia seguinte veio a saber que todos os prisioneiros, e ele também naturalmente, iam ser julgados sob a acusação de incendiários. No terceiro dia levaram-no com os outros à presença de um general de bigode branco, dois coronéis e outros franceses de braçadeiras claras. Interrogaram-nos com a nitidez e a precisão de quem se considera superior a todas as fraquezas humanas, atitude habitual nos interrogatórios de prisioneiros. Perguntaram-lhes quem eram, onde estavam e com que intenções...

Todas estas perguntas, que deixavam de lado, sistematicamente, a essência do caso e tornavam desde logo impossível o esclarecimento do que mais importava, como acontece a todas as perguntas que se formulam nos tribunais, não tinham por fim outra coisa senão orientar as respostas dos acusados no sentido requerido, isto é, da sua culpabilidade. Sempre que o prisioneiro queria dizer qualquer coisa de pouco favorável à acusação, tratavam logo de desviar as suas palavras para o ponto desejado. Além disso dava-se com Pedro o que se costuma dar com todos os acusados onde quer que estejam: ignorava o objectivo daqueles interrogatórios. Supunha que só por indulgência ou cortesia adoptavam semelhante procedimento para com ele. Compreendia estar nas mãos daquela gente, que só a força ali o levara e só a força os fazia exigir respostas às suas perguntas e que aquela assembleia apenas se reunia para o inculpar. Perante tal situação, dizia de si para

consigo, era inútil usar de astúcia. Todas as respostas que desse apenas serviriam para o incriminar. Perguntaram-lhe o que fazia quando fora preso: respondeu, com entono trágico, que levava aos país uma criança que ele salvara das chamas. A pergunta: «Porque jogava à pancada com um soldado?» respondeu que «defendia uma mulher, e que todo o homem honesto tinha o dever de defender uma mulher atacada, que...» Assim que isto disse, porém, mandaram-no calar: que não tinha nada a ver com o assunto. Que fazia ele no pátio da casa incendiada, onde fora visto por testemunhas? Replicou que «tinha ido ver o que se passava na cidade». Interromperam— no de novo. Não lhe perguntavam onde ia, mas porque se encontrava no local do fogo. E repetiram-lhe a primeira pergunta acerca da sua identidade. à qual não quisera responder. Pela segunda vez replicou que não podia responder a essa pergunta.

— Escrivão, tome nota. O seu caso é grave, muito grave mesmo — disse em tom severo o general de bigode branco e rosto corado.

No quarto dia após a prisão de Pedro, os incêndios principiaram na muralha de Zubovo.

Conduziram-no com mais treze detidos a Krimski Brod e meteram-nos na cocheira de um comerciante. Ao atravessar as ruas sentiu-se sufocado pelo fumo, que parecia espalhar-se agora pela cidade inteira. Viam-se chamas por todos os lados. Ainda então não compreendia todo o significado do desastre e o espectáculo enchia-o de pavor.

Passou quatro dias nesse barracão, e pelo que diziam os soldados franceses soube que se aguardava de um momento para o outro a decisão do marechal sobre o destino dos detidos. Não lhe foi possível compreender todavia de que marechal se tratava.

Para aqueles soldados o nome de marechal representava o escalão supremo da autoridade.

Os dias que precederam 8 de Setembro, data em que os prisioneiros voltaram a ser interrogados, foram os mais penosos para Pedro.

No dia 8 de Setembro, por conseguinte, um oficial superior, a avaliar pelas honras que a guarda lhe dispensou, veio visitar os prisioneiros. Este oficial, que pertencia sem dúvida ao estado-maior, procedeu, de lista em punho, à chamada dos russos, designando Pedro por aquele que não revela o seu nome». E depois de lhes lançar um olhar indiferente, ordenou ao oficial da escolta que os mandasse vestir convenientemente para se apresentarem diante do marechal. Uma hora mais tarde chegou a escolta, que conduziu Pedro e os companheiros ao campo Deviche. Depois da chuva que caíra, o dia estava claro e cheio de sol, e o ar extraordinariamente puro. O fumo não se conservava rente ao chão como no dia em que os haviam levado do corpo da guarda das muralhas de Zubovo; subia direito no ar sereno. Não se viam agora labaredas, mas de todos os lados se erguiam colunas de fumo, e Moscovo, de ponta a ponta, pelo menos quanto a Pedro era dado ver, estava reduzida a escombros.

Por toda a parte eram áreas devastadas, ruínas, muros enegrecidos no alto dos quais ainda se mantinham de pé as chaminés. Por mais que procurasse identificar essas ruínas, Pedro não conseguia descobrir o bairro em que estava. Aqui e ali havia igrejas intactas.

O Kremlin, que não fora atingido, alvejava, na distancia, com a suas torres e a igreja de Ivã, o Grande. Nas suas imediações brilhava a cúpula do Mosteiro Novodeviche, cujos sinos repicavam com particular sonoridade. Esses sinos fizeram lembrar a Pedro que era domingo e dia da Natividade da Virgem, mas parecia não haver ninguém para celebrar a festa. Tudo estava em ruínas. De vez em quando encontravam alguns russos esfarrapados e temerosos que se escondiam ao verem os franceses.

Era evidente que o ninho russo fora destruído e disperso, mas Pedro sentia inconscientemente que, destruída a ordem da vida russa, se estabelecera um regime muito diferente, particularmente severo, o regime francês. Disso se apercebia ao ver o aspecto alegre e marcial dos militares que o escoltavam, a ele e aos outros detidos, assim como o alto funcionário francês que caminhava ao encontro deles, numa carruagem tirada por dois cavalos e guiada por um soldado. E também se apercebia disso mesmo ao ouvir os alegres compassos de uma banda regimental que chegavam até ele vindos do lado esquerdo da esplanada. Compreendeu-o e sentiu-o sobretudo nessa mesma manhã quando o oficial veio fazer a chamada dos prisioneiros. Fora capturado por simples soldados, fora

baldeado de um lado para o outro, de cambulhada com dezenas de outros indivíduos. Podia ter pensado que iam esquecê-lo, confundi-lo com os outros. Mas não: as suas respostas no interrogatório pegavam-se-lhe ao corpo, «aquele que não revela o seu nome». E sob essa designação, que o assustava agora, o levavam não sabia para onde, embora lesse na cara dos guardas saberem-no eles muitíssimo bem, eles que os conduziam onde era mister. Sentia-se como o grão de pó que cai na engrenagem de uma máquina desconhecida, mas que trabalha maravilhosamente.

Conduziram Pedro e os seus companheiros ao campo Deviche, não longe o mosteiro, a uma grande casa branca cercada de extensos jardins. Era a casa, do príncipe Chteherbatov, que Pedro costumava frequentar, e onde residia, veio a sabê-lo pelos soldados, o marechal príncipe de Eckmühl.

Foram levados até ao alpendre e introduziram-nos dentro de casa um por um. Pedro foi o sexto a entrar. Através da galeria envidraçada, do vestíbulo e da antecâmara, que Pedro conhecia muitíssimo bem, fizeram-nos entrar num longo gabinete de tecto baixo à porta do qual havia um ajudante-de-campo.

Davout estava sentado na extremidade da sala, os óculos acavalados no nariz. Pedro aproximou-se. De olhos pousados no papel que procurava decifrar. Davout, perguntou em voz baixa: Quem sois?

Pedro ficou calado, pois sentia-se incapaz de articular palavra. A seus olhos, Davout não era apenas um general francês, mas um homem de conhecida crueldade. Ao ver aquele rosto frio em que havia qualquer coisa da expressão de um pedagogo severo que condescende em esperar um instante pela resposta pedida. Pedro disse de si para consigo que cada segundo de hesitação que mostrasse lhe poderia custar a vida: e no entanto não sabia que dizer. Repetir o que dissera quando do primeiro interrogatório parecia-lhe inútil: revelar o seu nome e a sua situação não só seria perigoso mas vergonhoso. Ficou calado. Sem lhe dar tempo, porém, a que ele tomasse uma decisão, Davout ergueu a cabeça, puxou os óculos para a testa e piscou os olhos, fixando Pedro atentamente.

— Conheço este homem — disse ele, num tom frio e monótono, evidentemente para o assustar.

Pedro sentiu que uma tenaz lhe apertava a testa.

— Meu general, não me pode conhecer, eu nunca o vi...

— É um espião russo — interrompeu Davout, dirigindo-se a outro general que

estava presente e Pedro não vira.

E Davout virou-lhe as costas. Pedro, subitamente, pôs-se a falar em voz trémula.

— Não, monsenhor — disse ele, lembrando-se, de repente, que Davout era príncipe. — Não, monsenhor, não me pode conhecer. Sou um oficial miliciano e nunca saí de Moscovo.

— Como se chama? — repetiu o marechal.

— Besouhoff.

— Que é que me prova que não está a mentir?

— Monsenhor! — exclamou Pedro, numa voz mais súplice que ofendida.

Davout ergueu os olhos e olhou-o fixamente. Assim estiveram a olhar-se um ao outro durante alguns instantes. Eis a salvação de Pedro. Aqueles olhares, que esqueciam a situação respectiva de dois inimigos, juiz e acusado, estabeleceram entre eles relações simplesmente humanas. Ambos, naquele instante, sentiram, confusamente, muitas coisas, compreendendo que tanto um como outro eram feitos da mesma humanidade, dois irmãos.

Na altura em que Davout ergueu a cabeça de cima da sua lista, onde os seres humanos e o seu destino não eram mais do que números, Pedro, para ele, era apenas um incidente sem importância.

Sem receio de sobrecarregar a sua consciência com qualquer má acção, tê-lo-ia mandado fuzilar. Agora, porém, via nele um homem. Ficou um breve instante a reflectir.

— Como me prova a verdade do que me está a dizer? — disse ele friamente.

Pedro lembrou-se de Ramballe e citou o regimento deste, o seu nome e a rua onde ele vivia.

— O senhor não é o que diz ser — repetiu Davout.

Pedro, numa voz trémula e entrecortada, apresentou as provas do que afirmava.

Nesta altura o ajudante-de-campo entrou na sala e comunicou qualquer coisa ao seu superior.

Este pareceu sentir-se muito contente com a notícia e pôs-se a abotoar o dólman para sair. Dir-se-ia ter esquecido Pedro por completo.

O ajudante-de-campo, contudo, lembrou-lhe o prisioneiro que ele interrogava. Davout franziu o sobrolho, acenou com a cabeça na sua direcção e deu ordem para

o levarem dali. Mas para onde? Eis o que Pedro ignorava. Levá-lo-iam para o barracão ou para o local do suplício do campo Deviche, que lhe tinham mostrado?

Voltou a cabeça e viu o ajudante-de-campo que interrogava o marechal.

— Sim... sem dúvida! — replicou este. De que se tratava? Não sabia.

Não foi capaz de saber, mais tarde, por quanto tempo havia caminhado e para onde o tinham levado. Num estado de completa, inconsciência, sem se dar conta do que se passava à sua roda, caminhou, caminhou, detendo-se quando os outros se detinham. Um único pensamento o preocupava no fim de contas, quem o condenara à morte? Não, com certeza, aqueles que o haviam interrogado: nenhum deles o teria feito nem o desejaria fazer. Tão-pouco Davout, que o olhara com tanta humanidade. Um pouco mais e Davout teria reconhecido estarem enganados a seu respeito, A chegada do ajudante-de-campo o impedira disso. Naturalmente esse oficial não procedera de má-fé, mas teria sido preferível que não aparecesse. Quem pois o queria supliciar, acabar-lhe com a vida, a ele, Pedro, com todas as suas recordações, os seus desejos, as suas esperanças, os seus pensamentos? Quem? E concluía que afinal ninguém.

Se havia um culpado, era a ordem estabelecida, e essa ordem roubava-lhe a vida, aniquilava-o.

[X]

Da casa, do príncipe Chtcherbatov, os prisioneiros foram conduzidos directamente, através do campo Deviche. à esquerda do Mosteiro Dievitchi, e fizeram-nos entrar num pomar onde estava erguido um poste. Na retaguarda deste havia um grande fosso, ladeado de um monte de terra recentemente removida, e em volta dele, em semicírculo, grande multidão. Os russos eram poucos, e grande o número de soldados de Napoleão: alemães, italianos e franceses envergando os fardamentos mais variados. A direita e à esquerda do poste formava um destacamento de franceses, de arma ao ombro, capotes azuis, charlateiras vermelhas, polainas e barretinas.

Os condenados foram colocados em filas pela ordem em que figuravam na lista, na qual Pedro era o sexto, e conduziram-nos até junto do poste. De súbito ouviu-se

o rufar de tambores em vários pontos. Ao ouvi-los, Pedro sentiu, por assim dizer, que a alma se lhe separava do corpo. Perdeu toda a capacidade de pensar e de se recordar. Apenas podia ver e ouvir. E só tinha um desejo: que aquela coisa horrível acabasse o mais depressa possível. Pousou os olhos nos seus companheiros.

Os dois da extremidade eram presidiários e tinham a cabeça rapada: um, grande e magricela, o outro, moreno, peludo, musculoso e de nariz achatado. O terceiro era um criado dos seus quarenta e cinco anos, de cabelo grisalho, corpulento e bem tratado. O quarto, um mujique, belo rapaz, de barba ruiva, em forma de leque, e olhos pretos, O quinto, um operário fabril, rapazola amarelento e delgado, dos seus dezoito anos, que vestia um guarda-pó.

Pedro ouviu os franceses discutir entre si se deviam fuzilá-los individualmente ou dois a dois. «Dois a dois», respondeu, friamente, o oficial que comandava a força. Houve agitação nas fileiras dos soldados e todos se deram pressa. Não era a pressa de alguém que quer realizar uma tarefa de bom grado aceite por todos, mas a pressa em dar por findo um trabalho necessário, embora desagradável e repugnante.

Um funcionário francês, de braçadeira, aproximou-se pela direita das filas dos condenados e leu as sentenças em russo e francês. Em seguida, quatro soldados, dois a dois, a um sinal do oficial, tomaram conta dos penitenciários da extremidade. Estes marcharam direitos ao poste, pararam e, enquanto lhes preparavam os sacos para lhes enfiar na cabeça, olharam à sua volta em silêncio como a fera cercada pelos caçadores que a vão abater.

Um deles persignava-se e voltava a persignar-se, o outro coçava as costas, esboçando um movimento de lábios em que havia como que um sorriso. Os soldados, rapidamente, vendaram-lhes os olhos, enfiaram-lhes os sacos pela cabeça e amarraram-nos ao poste.

Doze atiradores saíram das fileiras, em passo firme e cadenciado, e alinharam a uns oito passos do poste. Pedro virou a cara para não ver o que ia passar-se. De súbito soaram as detonações, que lhe pareceram mais estrondosas que os mais medonhos trovões, e de novo voltou a cara. Havia fumo no ar, e os franceses, pálidos e de mãos trémulas, faziam fosse o que fosse em volta do fosso. Os dois condenados seguintes foram levados também. Exactamente como os primeiros, e com os mesmos olhos, fitaram o público, como se não compreendessem nem

pudessem acreditar no que lhes estava a acontecer. Impossível. Só eles sabiam o preço que a existência tinha para eles e não podiam compreender nem acreditar que lhes tirassem a sua única vida.

Pedro, para não ver, voltou de novo a cara e uma nova e tremenda detonação lhe soou aos ouvidos. No mesmo instante subiu no ar o mesmo fumozinho, o sangue espalhou-se no chão, e os franceses, de rostos pálidos e assustados, agitaram-se em volta do poste, empurrando-se uns aos outros com mãos trémulas. Pedro, com um grande suspiro, olhou em roda de si, como se perguntasse o que significava tudo aquilo. E a mesma pergunta se lia em todos os olhos que os de Pedro interrogavam.

Em todos os rostos, dos russos, dos soldados franceses, dos oficiais, em todos, sem excepção, encontrava o mesmo pavor, o mesmo horror, e também os mesmos sinais da luta travada em seus corações: «Quem foi, realmente? Todos sofrem o que estou a sofrer. Quem? Quem?» E esses pensamentos perpassaram-lhe pelo espírito como um relâmpago.

«Atiradores do 36º, em frente!», gritou uma voz.

Levaram o quinto prisioneiro, só esse, aquele que estava ao lado de Pedro. Mas não compreendeu logo que estava salvo, que tanto ele como os outros apenas ali tinham sido levados para assistir à execução. Cada vez era maior nele o sentimento de horror. Não sentia nem alegria nem apaziguamento. O quinto condenado era o operário fabril de guarda-pó. Assim que lhe puseram as mãos em cima, deu um salto e agarrou-se a Pedro, que, estremecendo, horrorizado, procurou desembaraçar-se dele. Não era capaz de dar um passo. Arrastaram-no pelas axilas enquanto ele gritava, Ao chegar ao poste, calou-se subitamente. Só agora parecia compreender. Teria percebido ser inútil gritar ou pensaria não ser possível que o fossem matar? E ali estava diante do poste, de pé, aguardando que lhe vendassem os olhos, como aos outros, e, como eles, parecia o mesmo animal ferido olhando à, sua roda com olhos alucinados.

Pedro sentia não ser capaz de voltar de novo a cabeça e fechar os olhos. Atingira o auge da curiosidade e da emoção, como todos os presentes, perante aquele quinto fuzilamento. E também aquele condenado, como os demais, parecia finalmente calmo: embrulhava-se no guarda-pó enquanto esfregava um no outro os pés descalços.

Quando lhe vendaram os olhos, ele próprio ajeitou na, nuca o nó que o

magoava e quando, em seguida, o amarraram ao poste ensanguentado, inclinou-se para trás, mas como essa posição tosse incómoda, voltou a endireitar-se e, de pés juntos, dócil, pôs-se no lugar conveniente. Pedro, de olhos fitos nele, seguia-lhe os mais pequenos movimentos,

Ouviu-se, naturalmente, a voz de fogo e os oito tiros soaram sem dúvida ao mesmo tempo. Mas, por mais que Pedro o tentasse recordar depois, não se lembrava de ter ouvido qualquer detonação Apenas viu o rapaz escorregar, de súbito desamparado, no meio das cordas que o prendiam. Sangue lhe apareceu em dois pontos, as cordas bambearam sob o peso do corpo e o fuzilado, a cabeça exageradamente pendida para diante, as pernas flectidas, sentou-se no chão. Pedro correu para ele. Ninguém o reteve. Em volta do cadáver moviam-se vultos pálidos e assustados. O queixo de um velho soldado de grandes bigodes que desatava as cordas estremecia convulsivamente. O corpo caiu. Os soldados, apressados, arrastaram-no para além do poste e jogaram-no na fossa.

Dir-se-ia que todos se sentiam criminosos e que só queriam fazer desaparecer o mais depressa possível os vestígios do seu crime.

Pedro olhou para o fundo do fosso e viu lá dentro o condenado, os joelhos ao pé da cabeça e um ombro mais alto do que e outro. Este ombro, em movimentos nervosos, baixava e subia regularmente. Mas as pazadas de terra principiavam já a cobrir o corpo. Um soldado, exasperado, gritou a Pedro que se afastasse. Este, sem perceber, continuou onde estava e ali ficou.

Assim que o fosso ficou coberto de terra, soou uma voz de comando. Pedro foi reconduzido ao seu lugar e o destacamento francês formado aos lados do poste fez meia volta e desfilou, marcando passo. Os vinte e quatro atiradores que tinham feito fogo iam-se incorporando nas fileiras à medida que o destacamento passava diante deles.

Pedro olhava agora sem ver os soldados que passavam diante dele dois a dois. Todos, menos um, reentraram nas suas companhias. Um soldado, muito novo, pálido como um morto, barretina atirada para a nuca, a espingarda voltada para o solo, continuava de pé diante do fosso no sítio onde fizera fogo. Cambaleando como um ébrio, dava um passo em frente, outro à retaguarda, para, se, manter de pé. Um velho sargento saiu das fileiras, pousou-lhe as mãos nos ombros e arrastou-o à força para o seu lugar, A multidão ia dispersando.

Todos caminhavam de cabeça baixa, sem dizer palavra.

— Isto os ensinará a deitar fogos! — exclamou um dos franceses.

Pedro olhou para o soldado que falara: era alguém que tentava desculpar o que se consumara. Sem concluir a frase, teve um gesto de indiferença e seguiu o seu caminho.

[XI]

Depois da execução separaram Pedro dos outros e deixaram-no só numa igrejinha saqueada e em ruínas.

Pela noite, o sargento da guarda penetrou na igreja acompanhado de dois soldados e comunicou-lhe que fora indultado e que transitaria dai para o futuro para o barracão dos prisioneiros de guerra, Sem perceber o que lhe diziam, levantou-se e seguiu os soldados. Conduziram-no à parte superior da esplanada, a uns barracões de pranchas e vigas queimadas e meteram-no num deles. Na obscuridade pode distinguir uns vinte homens. Olhou-os sem compreender quem eram e o que estavam ali a fazer. Percebia as palavras que diziam sem poder deduzir delas qualquer sentido. Nem sequer lhes compreendia o significado. Respondia as perguntas sem a mais pequena ideia de quem poderia ser que lhe falava e da maneira como compreenderia as respostas. Via diante de si figuras e corpos e tudo parecia não ter para ele o mais ligeiro significado.

Desde o momento em que assistira àquela terrível chacina executada por quem a levara a cabo sem vontade própria, dir-se-ia que na sua alma deixara de funcionar subitamente essa mola que tudo aguenta e dá vida ao conjunto. Tudo nele parecia desmoronado e um monte informe de ferro-velho. Nele, sem que se desse conta, extinguira-se a fé na harmonia do universo, na alma humana, na sua própria alma e até em Deus. Já passara por esse mesmo estado outrora, mas nunca sentira como agora os efeitos dessa crise. Até então, quando diante de uma dúvida, era ele próprio, por sua culpa, o causador dela, Então sen(ia, no fundo da sua alma, que a salvação lhe viria dos seus próprios excessos e das suas mesmas dúvidas, Agora dava-se conta de que, sem que ele tivesse culpa, o mundo se desmoronava diante dos seus olhos e que dele não restavam mais que absurdas ruínas. Sentia não estar nas suas mãos recuperar a fé na vida.

Distinguia, no meio da obscuridade, em volta de si, vultos que pareciam interessados na sua pessoa. Contavam-lhe coisas várias, faziam-lhe perguntas: depois levaram-no dali e encontrou-se num recanto do barracão, ao lado de indivíduos que se interpelavam mutuamente de várias direcções, rindo.

— Ora aí está ele, rapazes... esse príncipe «que» exclamou uma voz, no recanto oposto, pondo intenção particular na maneira como pronunciara aquele «que».

Calado e imóvel, Pedro, sentado na palha, encostado ao tapume, ora abria ora fechava os olhos. Quando os fechava, revia o rosto terrível do pobre operário fabril, cuja simplicidade o tornava ainda mais pavoroso, e revia também as caras, ainda mais terríveis no seu pavor, dos assassinos obrigados. Depois tornava a abri-los e olhava em volta de si, no meio da obscuridade, com um ar estúpido.

A seu lado, debruçado para ele, estava sentado um homenzinho cuja presença notara desde o primeiro instante graças ao cheiro a suor que dele se desprendia ao mais simples movimento.

Esse homem cuidava dos pés no meio das trevas, e embora Pedro lhe não visse a cara sentia-lhe os olhos pousados nele. Tentando ver através da obscuridade, percebeu que procurava descalçar-se. E a maneira como o fazia intrigava Pedro.

Depois de ter desatado os trapos que envolviam uma das pernas, imediatamente tratou da outra, sempre a olhar para Pedro. Enquanto com uma das mãos pendurava num prego os trapos, ia desfazendo os outros com a outra mão. Depois de se ter descalçado, também com toda a cautela, em movimentos regulares, pacientes, sem pressa, dependurou as botas numa escápula que lhe ficava por cima da cabeça, puxou de uma navalha, cortou qualquer coisa, voltou a fechá-la, e depois de se sentar mais comodamente abraçou os joelhos com as mãos e fitou Pedro com insistência. Uma agradável sensação de apaziguamento e de doçura se apoderava de Pedro observando os movimentos regulares daquele homem metódico ali no seu canto; até o cheiro que dele emanava lhe não era desagradável e ele próprio se pôs a olhá-lo também obstinada mente.

— Tem visto muita coisa na sua vida, cavalheiro? Hem? — exclamou, de súbito, o homenzinho.

Na voz cantante daquele homem havia tal inflexão de carinho e simplicidade que Pedro, ao querer responder-lhe, sentiu que lhe tremia o queixo e que as lágrimas lhe subiam aos olhos.

O homenzinho, sem lhe dar tempo a que se deixasse ganhar pela comoção,

prosseguiu no mesmo tom:

— Não te aflijas, meu falcãozinho — disse nessa voz terna e acariciadora tão própria das velhas russas. — Não te aflijas, meu amigo; depois de uma hora de sofrimento, temos a vida inteira para viver, É o que te digo, meu amigo. E graças a Deus ainda estamos vivos e de boa saúde, Também eles são homens, uns bons e outros maus... — E, dizendo isto, inclinou-se para diante, num movimento ágil, levantou-se, tossindo, e afastou-se um pouco.

— Eh!, patife! Estás aí outra vez! — exclamou a mesma voz agradável na outra extremidade do barracão. — Estás aí outra patife! Lembras-te de mim? Bom, bom, basta.

Enxotando um cachorrinho que pulava à roda dele o soldado voltou para o seu lugar e sentou-se de novo. Trazia qualquer coisa embrulhada num trapo,

— Toma, come — disse, ele de novo em tom respeitoso. Tirou trapo batatas cozidas e ofereceu-as a Pedro. — Ao jantar houve sopa. Mas batatas, nem falar nisso!

Pedro não comera durante todo o dia e o cheiro das batatas pareceu-lhe agradável. Agradecendo ao soldado, pôs-se a comer.

— Assim, uma por uma — interveio este, sorrindo, pegando numa das batatas. — Assim é que é.

De novo puxou da navalha, cortou a batata, na palma da não, em duas partes iguais, salpicou-a de sal que tinha dentro do trapo e apresentou-a a Pedro.

— Batatas de primeira qualidade! — repetiu ele. — Come-as assim. — Dir-se-ia que, Pedro nunca em sua vida comera coisa tão boa.

Para mim tanto se me dá — murmurou Pedro. — Mas porque fuzilaram eles aqueles desgraçados? — O último ainda não tinha vinte anos.

— Chiu!... Chiu!... Não diga isso, não diga isso — deu-se pressa em responder o homenzinho, e, como se as palavras lhe viessem por si mesmas à boca e sem que ele desse por isso, continuou:

— Porque ficou o senhor em Moscovo?

— Não pensei que eles chegassem tão depressa. Foi por acaso E assim apanharam-no em casa?

— Não, saí para ver o fogo e foi então que eles me deitaram a mão e me julgaram como incendiário.

— Onde há justiça há injustiça — comentou o homenzinho.

— E tu, tu estás aqui há muito tempo? — interrogou Pedro, que acabara de comer a sua última batata.

— Eu? No domingo apanharam-me no hospital de Moscovo.

— És soldado?

— Do regimento de Apcheron. Estava a morrer de febre. Nada nos disseram. Éramos vinte ao todo. Nunca teríamos pensado.

— E aborreces-te aqui?

— Como não hei-de eu aborrecer-me, meu falcão? Cá por mim, chamo-me Platão e sou de Karataiev. — Acrescentou, para que a conversa corresse mais fácil para Pedro. — Na tropa chamavam-me Falcãozinho. Ah. Dois não me havia de aborrecer? Moscovo é a mãe das cidades. Pois não hei-de estar triste com tudo isto? Sim, mas a lagarta come a couve e morre também. Os velhos têm razão — continuou, mudando de assunto.

— Quê? Que disseste tu? — perguntou Pedro.

— Eu? Eu disse que homem põe e Deus dispõe — voltou, supondo repetir o provérbio que dissera antes. E prosseguiu: — E o senhor, o senhor, naturalmente, tem bens, tem casa? E a despensa sempre a abarrotar. E uma boa dona de casa? E os pais ainda vivos?

Embora Pedro, na obscuridade, não lhe pudesse ver a cara, sentia que os lábios do soldado, ao dizerem estas coisas carinhosas, esboçavam um sorriso cortês. E grande foi a sua aflição quando Pedro lhe disse que não tinha parentes, especialmente que não tinha mãe.

— A mulher, para dar conselhos; a sogra, para bem nos acolher, mas não que chegue à mãe. E tens filhos? — prosseguiu ele.

A resposta negativa de Pedro, condoeu-se igualmente e apressou-se a acrescentar:

— Ora, ora! Ainda és novo. Ainda podes ter filhos, graças a Deus! Desde que uma pessoa viva em paz...

— Oh, agora é-me indiferente! — disse Pedro, por dizer, sem dar por isso.

— Eh, meu homem! — replicou o soldado. — A miséria e à prisão todos irão.

Aninhou-se melhor, tossicou, dispondo-se, era bem de ver, para uma longa história.

— Sim, meu velho, também eu vivia na minha casa — principiou. — Vivíamos numa rica propriedade, tínhamos muita terra nossa, os camponeses viviam

folgados e nós também, graças a Deus. A colheita rendia sete por uma. Vivíamos bem. Éramos tementes a Deus. E até que um dia...

E Platão Karataiev encetou uma história compridíssima: fora apanhar lenha à floresta vizinha, o guarda deitara-lhe a mão, fora vergastado, julgado e mandaram-no assentar praça.

— E que julgas, meu falcãozinho — prosseguiu, num tom em que se adivinhava o sorriso —, julgas que foi uma desgraça? Nada disso, tanto melhor assim! Se me não tivessem apanhado a mim, ao meu irmão competia assentar praça. E o meu irmão mais novo tinha cinco filhos à sua conta, enquanto que eu, eu, por mim, apenas deixei a mulher em casa. A filhinha que eu tive, Deus ma levou antes de assentar praça. Uma vez voltei a casa, de licença, é como te digo. Que vejo eu? Que todos viviam mais folgados do que antes: as capoeiras cheias de criação, as mulheres na lida da casa, os dois irmãos a ganhar a vida lá por fora. Só o Mikaila, o mais novo, estava em casa. E o pai volta-se para mim e diz-me: «Para mim, todos os filhos são iguais. Seja qual for o dedo que mordas, faz-te sempre doer. Se não te tivessem levado para a tropa a ti, Platão, tinham levado o Mikaila.» Chamou-nos a todos e mandou-nos pôr diante dos ícones. «Mikaila», disse ele, «chega-te aqui, roja-te aí no chão, e tu, mulher, faz o mesmo, e vocês, gente miúda, também. Perceberam?» E aqui tem, meu velho. O destino é que manda e nós passamos a vida a dar sentenças: não está certo, não é assim que deve ser. A nossa felicidade, meu amigo, é como a água nas redes do pescador. Se puxamos por elas, as redes incham, mas quando as tiramos de dentro da água já estão vazias. É assim mesmo.

E Platão enterrou-se na sua palha.

Após alguns instantes de silêncio, voltou a soerguer-se.

— Quer-me parecer que estás com vontade de dormir — disse ele, e pôs-se a benzer-se precipitadamente, murmurando:

— Senhor Jesus Cristo, Santos Nicolau, Frol e Laura! Senhor Jesus Cristo, Santos Nicolau, Frol e Laura! Senhor Jesus Cristo, tem piedade de nós e salva-nos! — Finda a sua oração, prosternou-se no chão, voltou a erguer-se, suspirou e sentou-se na palha. — Faz com que durmamos como uma pedra, o Deus, e que acordemos como um calatch — murmurou ainda. Depois deitou-se, cobrindo-se com o capote.

— Que oração é essa? — perguntou Pedro.

— Que dizes? — retrucou Platão, que estava quase a dormir.

— Que foi que eu rezei? Rezei a Deus. E tu, tu não rezas?

— Rezo, sim, também rezo — volveu Pedro. — Mas que é isso de Frol e de Laura?

— Hem? São os patronos dos cavalos — respondeu ele. — Também devemos ter piedade dos animais. Eh, patife! Enroscou-se todo. Está quentinha, a filha de uma cadela! — acrescentou, passando a mão pelo lombo da cadelita deitada em cima das suas pernas: depois voltou-se para o outro lado e adormeceu instantaneamente.

Lá fora, na distância, ouviam-se gritos e queixas e através das fendas das tábuas do barracão via-se luz. Lá dentro, porém, reinavam as trevas e a serenidade. Levou tempo antes que Pedro pudesse conciliar o sono e ali esteve estendido na palha, no meio das trevas, os olhos muito abertos, a ouvir o ressonar de Platão, deitado perto dele. Sentia que o mundo moral que se desmoronara na sua alma se ia reedificando, pouco a pouco, mais belo, e sobre alicerces novos e inalteráveis.

[XII]

No barracão onde estava Pedro, e onde passou quatro semanas, havia, entre os vinte e três prisioneiros, três oficiais e dois funcionários.

De toda essa gente apenas lhe ficou na memória uma pálida lembrança, mas a figura de Platão Karataiev gravou-se-lhe nela para sempre, como a recordação mais viva e mais querida, como a personificação do que há de melhor e de mais são no povo russo. Quando no dia seguinte de madrugada lhe foi dado ver o rosto do seu vizinho, a impressão que tivera dos seus gestos envolventes confirmou-se. Com efeito, no seu capote de soldado francês cingido por uma corda, com o seu barrete e os seus laptis, todo ele era rebuludo. Tinha a cabeça redonda como uma bola; redondos eram também o seu dorso, o seu peito, os seus ombros e até os seus braços, que ele mantinha sempre numa postura envolvente, corao para acariciar alguém. E até o seu sorriso e os seus grandes olhos castanhos e ternos eram redondos.

Devia ter os seus cinquenta anos, a ajuizar pelas campanhas em que tomara

parte jutrora como soldado. Mas ele próprio não saberia nem poderia uízer que idade tinha. Porém os seus dentes fortes, de uma brancuna esplendorosa, que mostrava, alinhados, quando ria, e ria a cada passo, eram sãos e intactos, Não havia um fio branco na sua barba e nos seus cabelos, e o seu corpo era elástico e sobretudo forte e resistente.

Apesar de algumas rugas, no seu rosto havia inocência e mocidade. Tinha uma voz agradável e cantante. Uma das suas particularidades quando falava era a espontaneidade e a precipitação. Parecia não pensar nem no que dizia nem no que ia dizer, e esta presteza, a verdade das suas entoaçles, conferiam-lhe um penetrante dom de persuasão.

Tais eram a sua resistência física e a sua vivacidade nos primeiros tempos de cativeiro que a doença e a fadiga nada queriam com ele. Todos os dias, de manhã e à noite, dizia: «Faz com que durmamos como uma pedra. Senhor, e que nos levantemos como um calatch.» De manhã, ao erguer-se, tinha sempre o mesmo movimento de ombros e dizia: «Quando nos deitamos, pomo-nos redondos, quando nos levantamos, estenderno-nos.» E, realmente, assim que se deitava lá estava ele a dormir como uma pedra, e assim que se estendia, sem um minuto de hesitação, punha-se logo a fazer qualquer coisa, exactamente como as crianças, que mal se levantam correm para o pé dos seus brinquedos. Tudo sabia fazer, não com perfeição, mas ainda assim nada mal. Fazia o pão, cozinhava, cosia, aplainava madeira, remendava as botas, Estava sempre ocupado e só à noite se permitia conversar, coisa de que, aliás, muito gostava, e cantar. Não o fazia como os profissionais, que se sabem escutados, mas como as aves, pois lhe era tão necessário emitir sons como estender os membros ou caminhar, e o que cantava era sempre suave, terno, quase feminino e melancólico. Enquanto cantava estava sempre muito sério.

Desde que fora feito prisioneiro deixara crescer a barba e, abandonando por assim dizer tudo que nele era de empréstimo, estranho, soldadesco, ei-lo que volta a ser o que era, um mujique, um homem do povo.

«O soldado quando está de licença puxa a camisa para fora das calças» (Voltar a ser mujique, pois o muiique usa a camisa por fora das calças, presa com um cinto. (N. dos T.), costumava dizer.

Não era do seu agrado falar do seu tempo de serviço, embora não se queixasse dessa época e repetisse muitas vezes que nunca fora castigado. Preferia contar

histórias dos seus antigos tempos de «cristão», como dizia, em lugar de dizer camponês. Os provérbios de que esmaltava a conversa nada tinham que ver geralmente com esses ditos jocosos e inconvenientes de que tanto gosta, a soldadesca. Eram maneiras de dizer populares que, empregadas isoladamente, não têm sentido, mas, quando ditas a propósito, trasbordam de profunda sabedoria.

Era frequente contradizer-se, embora fosse sempre acertado e que dizia. Gostava de falar, e falava bem, adornando a, sua palavra de diminutivos carinhosos ou adágios, de que ele proprio era autor, pensava Pedro. O maior encanto das suas histórias era o facto de os acontecimentos mais vulgares, que teriam passado completamente despercebidos, revestirem-se na sua boca de verdadeira grandeza, Gostava muito de ouvir as histórias, sempre as mesmas, que um soldado narrava ao serão, mas o que mais o interessava era o que se contava da vida real. Então todo ele era alegria, e metia a sua colherada, fazia a sua pergunta, procurando extrair a moral do que se dizia. Não tinha afectos nem amizades como Pedro as compreendia, mas vivia amistosamente com todos os que o rodeavam e não gostava mais deste ou daquele, em especial, mas em geral de todos na presença dos quais se encontrava. Queria ao seu cachorrinho, aos seus camaradas, aos franceses, gostava de Pedro, que era seu vizinho. Este, no entanto, percebia perfeitamente que, apesar de todas as atenções para com ele, homenagem involuntária do soldado às qualidades morais do seu companheiro, se ele partisse, não teria sofrido com a sua falta. E Pedro principiou a sentir por Karataicv os mesmos sentimentos.

Platão Karataiev, para todos os seus demais companheiros de cativeiro, era um soldado como outro qualquer chamavam— -lhe Falcãozinho ou Platocha, gracejavam com ele sem maldade, mandavam-no fazer isto e aquilo. Aos olhos de Pedro, contudo, ele era a imagem inacessível, etcrna, do espírito de simplicidade, de franqueza e de verdade, e assim como o vira na primeira noite ele lhe ficara gravado para sempre na memória.

Platão Karataiev nada sabia de cor além da sua oração. Quando principiava a falar dir-se-ia não saber como acabaria. Quando Pedro, por vezes, maravilhado com o sentido das suas palavras, lhe pedia que repetisse o que dissera, já não era capaz de se recordar do que acabara de dizer, e por isso mesmo lhe era impossível também repetir a letra da sua canção favorita. Falava-se aí no «meu querido álamo», dizia-se «estou triste», mas não se lhe podia perceber qualquer sentido

coerente. Ele próprio não compreendia e ser-lhe-ia de todo impossível compreender o que significavam os termos isolados. Cada uma das suas palavras e cada um dos seus actos era a manifestação exterior de uma força inconsciente, a sua própria vida. E esta vida, tal qual ele a considerava, não tinha para ele qualquer sentido como vida em si mesma, só a compreendia como parte de um todo que ele a cada momento sentia presente. As suas palavras, os seus actos, emanavam dele tão regular, necessária e espontàneamente como o perfume emana de uma flor. Era-lhe impossível conhecer o preço e o valor dos seus actos e das suas palavras considerados isoladamente.

[XIII]

Ao saber por Nicolau que seu irmão estava em Iaroslav com w Rostov, a princesa Maria, apesar das recomendações da tia, resolveu partir imediatamente, levando consigo o sobrinho, Não quis saber se era difícil ou não, se era mesmo impossível. O seu dever não só consistia em estar junto do irmão, moribundo talvez, como fazer tudo o que estivesse nas suas mãos para lhe levar o filho. Por isso se dispôs a partir. Se o príncipe André lhe não tinha escrito, era, sem dúvida, por se encontrar em estado de fraqueza extrema, ou então porque considerava aquela longa jornada muito difícil e perigosa para ela e para o filho.

Em poucos dias se preparou para a viagem. A sua equipagem era formada pela grande berlinda do príncipe em que viera para Voroneje, e por algumas britchkas e galeras para as bagagens.

Acompanhavam-na Mademoiselle Bourienne, Nikoluchka e o seu preceptor, a velha ama, três criadas, Tikon, um criado moço e um heiduque que a tia lhe arranjara para a escolta.

Não se podia pensar em seguir a via ordinária para Moscovo. Assim, pois, tiveram de seguir por Lipetsk, Riazan, Vladimir, Chuia, muito mais longe, e caminho difícil, em virtude de se não encontrarem com facilidade estações de posta, e perigoso, mesmo, pois se dizia haver franceses já nas imediações de Riazan.

Durante todo o penoso percurso a princesa Maria foi o espanto de

Mademoiselle Bourienne, de Dessales e de toda a criadagem, tão grandes a sua decisão e actividade. Era a última a deitar-se a primeira a levantar-se. Nenhuma dificuldade a fazia recuar. Graças a esta energia, grande estímulo para o moral de seus companheiros, puderam alcançar Iaroslav em duas semanas.

Os últimos dias da sua permanência em Voroneje tinham sido para a princesa Maria os mais felizes da sua vida. O seu amor por Rostov já lhe não causava tormento nem inquietação. Enchia-lhe toda a alma, era, por assim dizer, parte integrante sua e deixara de lutar. Sem que o tivesse confessado a si própria claramente, convencera-se entretanto de que era amada e de que amava. Disso tivera a certeza aquando da última entrevista com Nicolau, no dia em que ele lhe viera comunicar que o irmão estava junto dos Rostov. Nicolau não se referira à hipótese de qualquer reconciliação projectada entre Natacha e André no caso de este melhorar, mas lera-lhe no rosto que esta eventualidade o Preocupava. No entanto, a sua maneira de ser, discreta, terna e afectuosa, não se alterara; parecia, pelo contrário, sentir-se feliz que a aliança projectada lhe permitisse exprimir mais livremente , amizade que sentia por ela e que era já amor. Assim, pelo merios, raciocinara a princesa Maria. Era a primeira e a última vez na sua vida que ela própria amava e era amada, e nesta certeza se, sentia feliz e tranquila.

A felicidade que isto lhe dava irão a impedia de sentir uma grande mágoa por causa do estado do irmão. A própria traircluilidade moral de que, gozava favorecia nela os sentimentos de tristeza que dai lhe advinham. Tão inquieta se mostrara por isso mesmo durante os primeiros momentos, à partida de Voroneje, que as pessoas que a rodeavam, ao verem a sua expressão atormentada e o desespero que se lhe pintava no rosto, se convenceram de que ela ia adoecer durante a viagem. Felizmente as próprias dificuldades e preocupações da jornada, ocupação de todos os seus momentos, salvaram-na momentaneamente da dor em que se abismava e reanimaram-lhe a energia.

Como frequentemente acontece no decurso de uma viagem assim, absorvida pelas preocupações materiais do caminho, esquecera, por assim dizer, o seu objectivo. Mas ao aproxi m arem— se de Iaroslav, e quando pôde dar-se conta de que, não dentro de dias, mas de poucas horas, nessa mesma noite, as suas apreensões iam ser confirmadas, uma grande emoção tomou conta dela,

O heiduque, enviado para se informar do domicílio dos Roslov em Iaroslav e do

estado do príncipe André, ao reencontrar as portas da cidade a grande berlinda, que acabava de chegar, e, vendo a palidez mortal da princesa, que espreitara pela portiijhola, sentiu-se aterrado.

— Informei-me de, tudo, Excelência — disse ele. — Os Rostov vivemn na praça, na casa do comerciante Bronikov. Não fica longe, mesmo na margem do Volga.

A princesa, ao verificar que ele não respondera à principal pergunta, a que dizia respeito ao estado de seu irmão, olhou para c, criado apavorada. Mademoiselle Bourienne foi quem o interrogou em vez da princesa.

— E o príncipe? — perguntou ela.

— Sua Exclência reside na mesma casa.

«Isso quer dizer que está vivo», disse de si para consigo a princesa, e perguntou em voz baixa:

— Como está ele?

— Os criados disseram-me que está sempre na mesma.

A princesa não perguntou o que queriam eles dizer com isso e relanceando os olhos ao pequeno Nicolau, a criança de sete anos sentada diante dela muito contente por chegar a uma cidade, baixou a vista e nessa atitude se manteve até que a pesada carruagein, rangendo, oscilando e combaleando, se deteve finalmente, os estribos foram apeados com fragor.

Abriam-se as portinholas. A esquerda estendia-se uma grande toalha de água: era o rio: à direita um alpendre. No alpendre aguardavam-na os criados e uma rapariguinha, rosada e fresca, com uma grande trança preta, que, assim o julgou a princesa Maria, lhe sorriu um pouco afectadamente: era Soma. A princesa precipitou-se na escada, e ela disse-lhe: «Por aqui, por aqui! » E viu-se, na antecâmara, na presença de uma senhora idosa de tipo oriental, que vinha ao seu encontro, muito comovida. Era a velha condessa. Tomando nos braços a princesa Maria, beijou-a na cara.

— Minha filha — exclamou ela. — Estimo-a muito e conheço-a há muito tempo.

Apesar da emoção que sentia, a princesa Maria compreendeu de quem se tratava e disse de si para consigo que era preciso corresponder àquela efusão. E, sem saber muito bem o que fazia, disse-lhe em francês algumas palavras corteses no tom em que a condessa o fizera para com ela, e perguntou-lhe:

— Ele como está?

— O médico diz que o perigo passou — respondeu a condessa, com um suspiro

e os olhos no céu que pareciam desmentir as suas palavras.

— Onde está ele? Pode ver-se, pode? — perguntou a princesa. — Imediatamente, princesa, imediatamente, miniia amiga. É o filho dele? — acrescentou ao ver entrar Nikoluchka na companhia de Dessales. — Caberemos todos, a casa é grande. Oh!, que encantadora eriançal

A condessa introduziu a princesa no salão. Sónia falava com Mademoiselle Bourienne enquanto a condessa acariciava o pequeno.

O velho conde veio cumprimentar a princesa. Mudara muito desde que ela o vira pela última vez. Então era um velhinho folgazão, muito alegre, cheio de si: agora não passava de um pobre homem desorientado e digno de piedade. Enquanto falava à princesa ia olhando à sua roda, assustado, como se temesse não fazer o que devia. Arrancado aos seus hábitos pelo desastre de Moscovo e o da sua própria ruína, perdera todo o contacto com a realidade e sentia que já não tinha lugar nesta vida.

Embora a dominasse o desejo de se ver na presença do irmão um pouco desorientada por lhe tomarem tanto tempo com as delicadezas e os cumprimentos pouco sinceros de que era alvo o sobrinho, a princesa ia fazendo as suas observações sobre o que via e compreendia que era sua obrigação submeter-se, pelo menos provisoriamente, a maneiras de agir novas para ela. Isso era necessário, era-lhe penoso, mas aceitava as consequências.

— Esta é a minha sobrinha — disse o conde, apresentando Sónia —, ainda a não conhecia, não é verdade, princesa?

A princesa Maria voltou-se para onde ela estava e, procurando dominar os sentimentos de hostilidade que sentira por essa rapariga, beijou-a. O que lhe era mais penoso era o facto de sentir que o estado de espírito dos que a rodeavam não rimava com o que se passava no seu próprio coração.

— Onde está ele? — perguntou pela segunda vez, dirigindo-se a todos.

— Está lá em baixo. Natacha está junto dele — respondeu Sónia, corando. — Foram preveni-la. Mas deve estar cansada, princesa?

Lágrimas de despeito e e impaciência assomaram aos olhos dela. Desviou a cara e dispunha-se a perguntar à condessa por onde era o caminho para o quarto do irmão, quando uns passos leves, decididos, quase alegres, se ouviram à porta. A princesa voltou a cara e viu Natacha, que tanto lhe desagradara aquando da entrevista de Moscovo.

Mas, assim que os seus olhos pousaram nela, logo compreendeu estar ali a sua sincera companheira de sofrimento e por conseguinte a sua amiga. Precipitou-se ao seu encontro, abraçou-se a ela e rompeu em soluços encostada ao seu ombro.

Assim que Natacha, à cabeceira do príncipe André, soubera da chegada de Maria, saíra do quarto sem ruído, e no seu passo rápido, nesse seu passo de ritmo alegre que surpreendeu a visitante, correu ao encontro dela.

Ao entrar no salão, o seu rosto emocionado só exprimia um sentimento, o amor, um amor sem limites por ele, por tudo que dizia respeito ao homem a quem amava, uma compaixão imensa pelos outros e um desejo apaixonado de se sacrificar. Naquele instante no seu coração não havia o mais pequeno pensamento egoísta: uma possível união com ele não lhe passava pelo espírito.

O instinto delicado de Maria levou-a a ler tudo isso na cara dela e foi com uma alegria em que se misturava sofrimento que se deixou chorar sobre o ombro de Natacha.

— Vamos, vamos ter com ele, Maria — disse Natacha, levando-a consigo para outra sala.

A princesa levantou a cabeça, enxugou as lágrimas e quis interrogá-la. Sabia que Natacha lhe diria a verdade.

— Como... — disse ela, mas interrompeu-se imediatamente. Sentia que com palavras era incapaz de Interrogar e Natacha incapaz de responder, os seus olhos, a expressão do seu rosto falavam mais claramente.

Natacha olhou para ela, mas estava cheia de ansiedade e de incerteza, Devia dizer-lhe ou não tudo o que sabia? Confusamente, sentia que na presença daqueles olhos luminosos que a penetravam até ao fundo da alma não lhe seria possível não dizer tudo, toda a verdade, tal qual a sabia. Os lábios tremerem-lhe, um rieto se lhe esboçou em torno da boca e soluçou com a cabeça nas mãos.

A princesa Maria compreendeu tudo.

No entanto, ainda tinha alguma esperança e perguntou, sem que ela própria acreditasse no que dizia:

— E como está o seu ferimento? E o seu estado geral?

— Vai ver... vai ver — foi tudo quanto Natacha pôde articular.

Ficaram alguns momentos num quarto vizinho do do príncipe para que desaparecessem os vestígios das lágrimas e pudessem chegar junto dele com o rosto sereno.

— Como tem caminhado a doença? Há muito que está assim pior? Quando aconteceu «isso»? — perguntou Maria.

Natacha contou-lhe que nos primeiros tempos o seu estado febril e as dores lhe tinham posto a vida em perigo, mas que em Troitsa melhorara e o médico nada mais receava então senão a gangrena.

Esse perigo fora evitado: em Iaroslav, no entanto, veio a produzir-se uma supuração e o médico dissera que iria seguir, provavelmente, o seu curso regular. — Natacha estava perita em termos médicos. — A febre declarara -se-lhe de novo: mas o médico dizia que não tinha gravidade.

— Finalmerite, antes de ontem — continuou Natacha, reprimindo as lágrimas — «isso» apareceu bruscamente... Não sei como. Verá com os seus olhos o estado em que ele está.

— Está mais magro? Emagreceu? — perguntou a princesa.

— Não, não é isso, é pior. Verá. Ah! Maria. é bom de mais, não pode, não pode viver neste mundo, por isso...

[XIV]

Quando Natacha, com um movimento habitual, abriu a porta, deixando passar na sua frente a princesa Maria, esta sentiu que os soluços a sufocavam. Conquanto estivesse preparada para o encontro, e embora fizesse tudo para estar serena, sentia que não tinha coragem de o ver sem chorar.

Compreendera o que Natacha queria dizer com as suas palavras: «Isso aconteceu-lhe antes de ontm.» Percebera que aquilo queria dizer que ele se acalmara de repente e que essa acalmia, esse desprendimento, eram prenúncios de morte. Revia, naquele momento, o pequeno André que ela ccithecera na sua infância, esse rostozinho meigo, suave, humilde, essa expressão que ele tão poucas vezes tivera depois e que tão profundamente a comovia quando voltava a encontrar-lha no rosto. De antemão sabia que ele lhe iria dizer dessas palavras serenas e ternas como o pai lhe dissera antes de morrer e que não poderia suportar isso e que romperia a chorar. Mas, como mais tarde ou mais cedo tinha de Ícontecer, resolveu entrar. Estava quase sufocada pelos soluços quando, com os

seus ohos míopes, distinguiu os contornos do corpo do irmão e reconheceu os seus traços: o rosto dele estava diante de si e os seus olhos vieram pousar-se nos dela.

Estendido num canapé, amparado por duas almofadas, tinha um roupão forrado de zibelina. Estava magro e pálido. Com uma das mãos, transparente e quase descarnada, pegava num lenço, enquanto com a outra, graças a imperceptíveis movimentos dos dedos, retorcia o fino bigode, que crescera muito. Os seus olhos pousaram-se na pessoa que entrava.

Ao ver aquela fisionomia e a expressão daquele olhar, Maria moderou o passo e sentiu que as lágrimas se lhe secavam rios olhos e os soluços se lhe retinham no peito. Aquela cara, aqueles olhos, intimidaram-na de súbito e sentiu-se como culpada.

«Culpada de quê?», perguntou-se a si própria. «De que tu vivas e que penses na vida, enquanto que eu...» respondeu-lhe aquele frio e severo olhar.

Quando dirigiu lentamente os olhos para a irmã e para Natacha, no seu olhar profundo, que não olhava para fora, mas antes parecia olhar para dentro, quase havia ódio.

O príncipe beijou a irmã, passando-lhe os braços em volta do pescoço, como era seu costume.

— Bons dias, Maria, chegaste por fim? — disse numa voz tão monótona e tão estranha como o seu olhar.

Se se tivesse posto a gritar desesperadamente, teria causado menos horror à irmã que o que lhe causara com o timbre daquela voz.

— Trouxeste contigo também o Nikoluchka? — perguntou com a mesma voz monótona e lenta, fazendo um grande esforço de memória.

— Como te sentes agora? — disse Maria, surpreendida de poder fazer semelhante pergunta.

— Minha querida amiga, isso deves perguntá-lo ao médico — replicou ele, e, num esforco ainda para se mostrar amável, acrescentou apenas dos lábios (via-se que não pensava no que dizia):

— Muito obrigada, querida amiga, por ter vindo.

A princesa Maria apertou-lhe a mão. Essa pressão fê-lo franzir as sobrancelhas imperceptivelmente. Calara-se e ela própria não sabia que dizer. E então compreendeu o que acontecera a André havia dois dias. Nas suas palavras, no tom da sua voz, sobretudo naquele frio olhar, quase hostil, adivinhava-se esse

desprendimento de todas as coisas deste mundo tão terrível para quem está vivo. Parecia já nada compreender do inundo dos vivos, e não porque as suas capacidades intelectuais tivessem enfraquecido, mas porque o seu pensamento estava noutro lado, num mundo que não compreendem nem podem compreender os vivos e que por isso mesmo deles o afastava.

— Ah! Que estranho foi connosco o destino! — disse ele, rompendo o silêncio e apontando para Natacha: — Está a tratar-me, como vês.

A princesa Maria ouvia-o, mas sem compreender o que ele dizia. Como podia ele, esse André, tão delicado, tão terno, falar assim na presença daquela a quem amava e que o amava? Se ele tivesse pensado que poderia vir a curar-se não falaria com aquela frieza, aquele tom quase ofensivo. Se ele não soubesse que ia morrer, não teria tido piedade dela? Teria podido exprimir-se assim? A única explicação é que tudo se lhe tornara indiferente e que qualquer coisa se lhe revelara de muito mais importante.

A conversa, a cada momento interrompida, era fria e sem continuidade.

— Maria, passou por Riazan — disse Natacha.

André não sentiu qualquer surpresa ao ouvir chamar assim sua irmã, mas Natacha, que assim a chamara na presença dele, deu por isso pela primeira vez.

— E então? — inquiriu ele.

— Contaram-lhe que Moscovo ardeu, está completamente em ruínas: que, ao que parece...

Natacha calou-se: não podia continuar. Via-se que debalde ele tentava segui-la.

— Sim, Moscovo ardeu, dizem. Que coisa triste -pronunciou ele, de olhos fixos, repuxando maquinalmente as guias do bigode.

— Encontraste o conde Nicolau, Maria? — disse ele, de súbito, como se quisesse mostrar-se afectuoso. — Escreveu para cá a contar que tu lhe agradas muito — prosseguiu ele, num tom simples e calmo como se não pudesse compreender inteiramente a importância das suas palavras para a gente deste mundo. — Se ele te agrada também, é muito bom... casai-vos — concluiu, por fim, como se procurasse as palavras e tivesse acabado por encontrar a expressão desejada.

A princesa Maria, ao ouvir tais palavras, compreendeu quão longe o seu irmão estava já do mundo dos vivos.

— Porque falas tu de mim? — disse ela com calma, relanceando um olhar a Natacha.

Esta, sentindo pousar-se nela esse olhar, não ergueu os olhos.

O silêncio continuou.

— André, queres... queres ver o Nikoluchka? — exclamou Maria, de súbito, numa voz hesitante. — Está sempre a perguntar por ti.

O príncipe André sorriu imperceptivelmente pela primeira vez, mas a irmã, que conhecia muito bem o seu jogo fisionómico, descobriu, apavorada, que aquele sorriso não era de alegria ou de ternura por ouvir falar do filho, mas uma subtil zombaria para com ela, por tê-la visto empregar este último expediente na esperança de acordar nele qualquer sentimento.

— Pois sim, gostava muito de o tornar a ver. Está bom?

Quando lhe trouxeram o filho, que fitou o pai assustado, mas não chorou, pois ninguém chorava, o príncipe André abraçou-o sem saber que dizer-lhe.

Levaram de novo a criança, e a princesa Maria aproximou-se mais uma vez do irmão, beijou-o, e, sem poder reprimir as lágrimas por mais tempo, rompeu em soluços.

André olhou-a fixamente.

— Choras por Nikoluchka? — perguntou ele.

Maria respondeu com um aceno afirmativo de cabeça.

— Maria, tu conheces o Evange ... — E, de súbito, calou-se.

— Que queres tu dizer?

— Nada. Não deves chorar assim — disse ele, olhando-a com o mesmo frio olhar.

Quando a irmã principiou a chorar, André compreendeu que ela chorava porque o pequeno Nicolau ia ficar órfão. Fez então um grande esforço sobre si mesmo para retomar contacto com a vida e reaver o ponto de vista dos vivos.

«Sim, isso deve parecer-lhe triste», pensou ele, «e no entanto é tudo que há de mais simples!»

«As aves do céu não semeiam nem colhem, mas o nosso Pai celeste alimenta-as», pensou e veio-lhe à mente comunicar essa ideia à irmã, «Mas não, elas compreenderão isto à sua maneira ou antes não o compreenderão de todo! E o que elas não Podem compreender é que todos estes sentimentos que tão caros lhes são nos são puramente pessoais, que são inúteis estes pensamentos que tanto

valor têm para nós. Não nos poderemos compreender mais!» E calou-se.

O filhinho do príncipe ia fazer sete anos. Mal sabia ler. Ainda nada aprendera. No decurso da sua vida veio a adquirir numerosos conhecimentos, experiência, o dom de observação. Mas ainda que dispusesse naquele momento de toda a ciência que adquiriu mais tarde, não teria apreendido melhor nem teria penetrado mais profundamente o sentido da cena que se desenrolou entre seu pai, a princesa Maria e Natacha. Compreendeu muito bem, saiu sem verter uma lágrima, aproximou-se de Natacha em silêncio, e, seguindo-a, olhou-a timidamente com os seus lindos olhos cismadores. Um movimento convulsivo lhe agitava o rosado lábio superior ligeiramente soerguido. Depois, escondendo a cabeça no colo de Natacha, rompeu a chorar.

Desse dia em diante evitou Dessales e esquivou-se às carícias da condessa. Ora se deixava estar sozinho, ora procurava a princesa Maria e Natacha, a qual parecia preferir à própria tia e que, suave e timidamente, o acariciava.

Maria, depois desta sua primeira visita ao irmão, compreendeu a expressão silenciosa do rosto de Natacha. Não mais lhe falou em esperanças de cura. Alternadamente com ela, assistia-lhe à cabeceira da cama. Não chorava, mas as orações prorrompiam-lhe dos lábios mudos, elevando-se a toda a hora para o Ser Eterno e Inacessível cuja presença tão vivamente se manifestava junto do moribundo.

[XV]

O príncipe André não só sabia que ia perecer como se sentia morrendo pouco a pouco, já estava meio morto. Tinha consciência plena do seu desprendimento de tudo que era terreno e sentia na alma uma estranha sensação de alegria e bem-estar. Aguardava sem pressa nem inquietação o inevitável. Essa coisa terrível, etcrna, desconhecída, longínqua, que ao longo de toda a sua vida ele sentira sempre a seu lado estava agora realmente ali, e graças àquele estranho bem-estar dir-se-ia quase compreensível, tangível.

Outrora receara a moi-te. Por duas vezes já sentira com verdadeira angústia a

sua aproximação, o fim, e agora deixara de ter inedo. A primeira vez fora quando aquela granada rodopiara diante dele: olhando os prados, as árvores, o céu, sabia a morte a pairar sobre ele. Quando voltou a si, na ambulância, sentiu-se, de repente, como liberto da vida: na sua alma desabrochara essa flor do amor etcrno, livre, independente de todas as contingências, e de então para cá deixara de ter medo da morte e não mais pensara nela. Nas horas de dolorosa solidão e meio delírio após ter sido ferido, quanto mais se deixava absorver por esse mundo que se lhe revelara impregnado de amor etcrno tanto mais se desprendia, sem que desse por isso, da existência terrena.

Amar tudo e todos, sacrificar-se sempre por amor, era como não amar alguém, não viver vida terrelia. E à medida que inergulhava neste princípio de amor ia renunciando às coisas do mundo, ia vencendo a tremenda barreira que sem o amor se h-vanta entre a vida e a morte. E foi assim que durante este primeiro período da sua doença, sempre que pensava na morte próxima, para si mesmo dizia: «Pois bem, tanto melhor!»

Mas depois daquela noite em Mitichtchi, quando, no meio do seu delírio, lhe apareceu aquela que ele desejara tornar a ver, e, pegando-lhe na mão, a levou aos lábios, lágrimas de uma suave alegria lhe encheram os olhos e o amor da mulher, insensivelmente, de novo se insinuou no seu coração, prendendo-o outra vez à vida. Assaltaram-no pensamentos ao mesmo tempo alegres e inquietos, Lembrando-se de Kuraguine, na ambulâr.:ia, já não experimentava o sentimento de outrora. Agora atornienlava-o o desejo de saber se viveria e não ousava perguntá-lo os que o rodeavam.

A enfermidade seguia o seu curso natural, mas a modificação de que Natacha falara apenas se produzira dois dias antes da chegada da princesa Maria. Era únicaniente a luta derradeira entre a vida e a morte, luta em que esta sairia vencedora. Era o reconhecimento de que ainda estimava a vida, que lhe oferecia o amor de Natacha. Era a última revolta de todo o seu ser perante o desconhecido.

Anoitecia, o principe André, como era costume depois das re,feições, estava febril e os pensamentos circulavam-lhe no cérebro com toda a nitidez. Sónia sentava-se a seu lado, André dormitava. De súbito tornou-o um grande sentimento de felicidade. «Oh! Ei-la que chega!», exclamou.

Efectivamente, Natacha, que acabava de chegar sem ruído, tomava o lugar de Sónia.

Desde que ela o tratava que o príncipe André experimentava como que a sensação física da sua presença. Natacha ocupava uma poltrona voltada a três quartos para ele. Por detrás ardia uma vela num castiçal. Fazia meia. Aprendera a fazer meia no dia em que André lhe dissera que ninguém tratava melhor dos doentes que as velhas amas, a fazer meia, e que essa ocupação para ele era muito apaziguadora. Os seus delgados dedos manejavam ágilmente as agulhas, e ele via-lhe perfeitimente o perfil cismador da cabeca inclinada. O novelo escorregou-lhe, dos joelhos, Natacha moveu-se para o ipanhar. Estremeceu, relanceou-lhe um olhar, colocando a mão diante dos olhos, para protegê-los da luz, e, rápida, ligeira, cautelosa, debruçou-se, apanhou o novelo e retomou a posição primitiva.

O príncipe André olhou-a, sem se mexer, e viu que, graças ac movimento que ela acabava de fazer, teria precisado de respirai fundo, mas que o não ousava, respirando a custo.

No mosteiro de Troitsa tinham falado do passado, e ele dissera-lhe que, se se curasse, etcrnamente agradeceria a Deus aquele sofrimento que voltara a aproximá-los, A partir de então, porém, nunca mais entre eles voltou a falar-se do futuro,

«Será possível que assim seja?», interrogava-se a si próprio, contemplando Natacha, ao mesmo tempo que ouvia o subtil ruido das agulhas de aço. «Não nos terá o destino reunido de maneira tão estranha senão para eu morrer?... Não se me teria revelado a verdade da vida senão para eu voltar a viver na mentira? Amo-a acima de todas as coisas neste mundo. Ora, se a arno assim, que me resta fazer?» E de súbito um grande suspiro se lhe despren, deu do peito, hábito que lhe viera no meio dos muitos sofrimentos por que passara.

Natacha, ao ouví-lo suspirar, pousou o braço, inclinou-se para ele, e, vendo que os olhos lhe brilhavam, aproximou-se mais no seu passinho leve.

— Não está a dormir?

— Não, estou a olhá-la há muito tempo; senti-a entrar. Só a Natacha me dá este sossego tão benigno... esta claridade. Apetec.e-me chorar de felicidade,

Natacha aproximou-se ainda mais. No seu rosto havia uma inef ável alegria.

— Natacha, amo-a de mais, amo-a acima de todas as coisas neste mundo.

— E eu... — voltou-se, por instantes. — Ama-me de mais, porquê? -disse ela.

— De mais porquê?... Acha, sente no fundo do seu coração que poderei salvar-me? Acredita que sim?

— Tenho a certeza, tenho a certeza! — quase gritou Natacha, agarrando-lhe apaixonadamente as duas mãos.

O príncipe André ficou calado.

— Era bom de mais! — E, pegando-lhe na mão, beijou-lha.

Uma grande felicidade agitava Natacha, mas de súbito lembrou-se de que ele não devia excitar-se daquela maneira, que precisava de repouso.

— Mas não dormiu — disse ela, refreando a felicidade que a tomava. — Procure descansar... peço-lhe.

Depois de lhe apertar outra vez a mão, abandonou-a, e Natacha, voltando para o pé da luz, retomou a sua primitiva atitude. Por duas vezes se voltou e por duas vezes viu que os olhos dele brilhavam ao encontrarem os seus. Então fitou uma mancha de malha que tinha entre as mãos e para si mesmo resolveu não voltar a olhar para André enquanto não chegasse àquele ponto.

Efectivamente, pouco depois, André fechava os olhos e adormecia. Não dormiu por muito tempo. De repente acordou banhado de suores frios. A ideia da vida e da morte acompanhara-o no seu curto sono, especialmente a ideia da morte. Sentia-a cada vez mais próxima.

«O amor? Que é o amor?», pensava ele. «O amor é o inimigo da morte. O amor é a vida. Tudo, absolutamente tudo que me é dado compreender, graças ao amor eu o compreendo. Tudo que é, tudo que existe, pelo amor existe. O amor é Deus; morrer é regressar, eu, parcela desse amor, à fonte geral e etcrna.» Estas ideias pareceram-lhe consoladoras, mas eram apenas ideias. Qualquer coisa lhes faltava, havia nelas fosse o que fosse de demasiado subjectivo, de demasiado ininteligível. Faltava-lhe evidència. E de novo recaiu nas suas inquietações e incertezas. Acabou por adormecer outra vez.

Sonhou estar deitado no quarto em que realmente se encontrava, mas de perfeita saúde, sem estar ferido. Diante dele havia uma multidão de pessoas vulgares indiferentes, e ele falava com elas, conversava disto e daquilo. Essas pessoas iam retirar-se. André, sentindo, confusamente, que nada disso tinha importância e que outra coisa o preocupava, continua a trocar com essas pessoas, apesar da surpresa que o facto lhe causa, toda a espécie de ditos fúteis e graciosos. Pouco a pouco, contudo, as figuras desvanecem-se, e ele só tem uma preocupação: fechar a porta. Levanta-se, disposto a correr o fecho e a cerrá-la. Tudo agora depende de ser capaz de o conseguir. Dá-se pressa, as pernas não lhe

obedecem, sabe que não chegará a tempo. Apodera-se dele uma tremenda angústia. Essa angústia é o medo da morte. A morte está ali, atrás da porta. E enquanto se extenua em esfor— ços impotentes, eis que do outro lado um ser terrífico a força. Esse ser, que nada tem de humano, e que é a morté, pretende arrombã-la, e é preciso impedi-lo. Agarra-se à porta, num apelo a todas as suas forças para que ao menos o ajudem a deter aquele espectro, já que não é capaz de a fechar. É fraco, não pode mais, e a porta cede um pouco impelida por essa criatura horrenda.

Tenta mais uma vez, mas a porta cede definitivamente. Esses seus últimos esforços, verdadeiramente sobre-humanos, são inúteis. Os batentes abrem-se sem ruído. «Aquilo» entra. É a morte. E o príncipe André sente-se morrer. Mas no instante, precisamente, em que a morte se apodera dele, lembra-se de que está a dormir, e, fazendo sobre si um grande esforço, acorda. «Sim, era a morte, não havia dúvida. Eu estava morto e acordei. Sim, a morte é um despertar.» De súbito uma grande claridade lhe ilumina a alma e a cortina que até então lhe escondia essa coisa desconhecida corre diante dele. Sentiu-se então como que liberto da força que até aí o encadeava e foi nessa altura que experimentou aquela estranha sensação de leveza que nunca mais o abandonou.

Tendo acordado banhado em suores frios, agitou-se no colchão, e Natacha perguntou-lhe o que tinha. André não lhe respondeu e, sem compreender o que ela dizia, fitou-a com uns olhos estranhos.

Eis o que acontecera na antevéspera da chegada da princesa Maria.

A partir desse momento, assim o médico o pôde verificar, a febre baixa que o consumia transformou-se em febre perniciosa. Mas Natacha não prestava a mais pequena atenção ao que o médico dizia. Para ela, mais assustador e mais certo ainda eram aqueles indícios morais do próximo fim.

A partir desse dia, André, como se acabasse de sair de un, sonho, principiou a abandonar a vida. E como é sempre moroso o despertar de um sonho, o mesmo aconteceu ao seu despertar da vida.

Este lento despertar não foi perturbado por qualquer incidente grave ou assustador.

Os seus últimos dias e as suas últimas horas decorreram penosamente, como de costume. A princesa Maria e Natacha, que nunca mais o abandonaram, puderam verificá-lo. Já não choravam, já não estavam inquietas, e nos últimos

tempos elas próprias sentiam que não era a ele, príncipe André, que tratavam. Ele já ali não estava, deixara-as. Tratavam apenas a sua mais recente recordação, o seu despojo mortal, por assim dizer. Tão alto haviam subido os seus sentimentos que o espectáculo terrível da morte já não tinha poder sobre elas. Era inútil avivarem mais a dor que as pungia, Já não choravam nem na presença dele nem na sua ausência, e nunca dele falavam entre si.

Sentiam não poderem exprimir por palavras o que dentro delas se passava.

Sempre, e cada vez mais, o viam, lentamente, tranquilamente, abismar-se no desconhecido, e era como se soubessem que assim tinha de ser e só assim estava certo.

Confessou-se, recebeu a comunhão. Toda a gente veio despedir-se. Quando lhe trouxeram o filho, pousou os lábios no rosto da criança e voltou a cara, não para esconder a mágoa e a dor, mas, assim, pelo menos, o pensaram a princesa e Natacha, por supor que era aquilo que lhe exigiam. Quando lhe pediram que lhe lançasse a bênção assim o fez, e, olhando em roda, parecia perguntar se pretendiam ainda mais alguma coisa.

A princesa Maria e Natacha estavam junto dele quando soltou o derradeiro suspiro.

— Acabou! — disse a princesa Maria ao notar que o corpo, durante alguns instantes imóvel, começava a arrefecer, Natacha aproximou-se, viu-lhe os olhos sem vida e cerrou-lhes as pálpebras. Fechou-lhe os olhos, mas não os beijou: limitou-se a inclinar-se sobre o que era a sua mais recente memória. «Para onde foi ele? Onde estará agora?...»

Quando, vestido e lavado, estenderam o corpo no caixão em cima da mesa, todos se aproximaram, chorando.

Nikoluchka soluçava, o coração trespassado por uma perplexidade dolorosa. A condessa e Sónia choravam de compaixão por Natacha e por aquele que já não era deste mundo. O velho conde, aflito, chorava pensando que não vinha longe a sua hora. E também Natacha e a princesa Maria choravam, não de dor, mas em virtude da piedosa emoção que lhes enchia a alma perante o simples e solene mistério da morte que acabava de cumprir-se na sua presença.

SEGUNDA PARTE

[I]

A razão humana não pode compreender a correlação das causas e dos acontecimentos, mas a necessidade de em tudo achar uma causa é inerente ao espírito humano. Eis porque a inteligência, incapaz de penetrar as razões infinitas e infinitamente complicadas dos acontecimentos, as quais, cada uma de per si, podem fazer figura de causa, lança mão da primeira que lhe aparece, seja a mais acessível das coincidências, e proclama: Esta é a causa! Nos factos históricos que têm por objecto de estudo as acções humanas a mais vulgar coincidência costuma ser a vontade dos deuses, e depois a dos homens colocados em situação de destaque, os chamados «heróis da história». Basta, no entanto, aprofundar um pouco qualquer facto histórico, isto é, ver agir as massas de homens que tomaram parte nele, para nos persuadirmos de que não é a vontade deste ou daquele herói que conduz as massas, mas, muito pelo contrário, é essa mesma massa que a todo o momento é conduzida. Dir-se-á ser indiferente que os acontecimentos se expliquem desta ou daquela maneira. Mas entre aquele que afirma que os povos do Ocidente se dirigiram para o Oriente porque Napoleão assim o quis, e aquele que sustenta que tal coisa aconteceu porque assim tinha de acontecer, existe a mesma diferença que entre os que proclamam que a Terra está imóvel e que os planetas giram em torno dela e os que confessam ignorar o que mantém a Terra no espaço, embora saibam que há leis que regem o movimento da Terra e dos planetas. Não há nem pode haver outras causas dos factos históricos que não seja a causa de todas as causas, mas há leis que as conduzem, umas vezes des—conhecidas, outras acessíveis à nossa razão. A descoberta destas leis não é possível todavia senão na medida em que renunciar-mos deliberadamente a atribuir as causas à vontade de um só homem, como acontece com a descoberta das leis do movimento planetário, as quais apenas se tornaram viáveis a partir da altura em que se pôs de parte o princípio da imobilidade da Terra.

Depois da batalha de Borodino, da ocupação e do incêndio de Moscovo, o

episódio mais importante da guerra de 1812 teria sido, na opinião dos historiadores, o movimento do exército russo ao deixar a estrada de Riazan para seguir pela de Kaluga, dirigindo-se para o campo de Tarutino, isto é, aquilo a que se chamou «a marcha de flanco» para Krasnaia Pakra. Atribuem eles a glória deste acto genial a diferentes pessoas e discutem a quem pertence realmente. Os estrangeiros, de maneira geral, e os próprios Franceses, prestam jus ao génio militar dos generais russos sempre que falam desta marcha de flanco. Mas difícil de compreender é a razão por que os escritores militares, e de todos os demais na sua esteira, admitem que esta famosa marcha de flanco seja uma invenção profunda de um indivíduo determinado para salvar a Rússia e perder Bonaparte. Aliás é difícil de compreender, de facto, a genialidade deste movimento, pois a verdade é que se não carece de grande rasgo de inteligência para compreender-se que a melhor posição de um exército não atacado é aquela que lhe oferece mais nutrido abastecimento. Qualquer pessoa, até a menos esperta das crianças, sem grande esforço, compreenderia que, em 1812, a estrada de Kaluga era o caminho mais vantajoso para a retirada do exército depois da capitulação de Moscovo. E é impossível compreender-se à custa de que deduções chegam os historiadores a atribuir tamanha profundeza a esta manobra. E ainda mais difícil é admitir como podem eles descobrir que esta manobra salvava os Russos e perdia os Franceses, quando é certo que, muito pelo contrário, em consequência das circunstâncias que a precederam, a acompanharam ou se lhe seguiram, essa manobra poderia ter sido fatal para o exército russo, dando a vitória ao exército francês. Se, com efeito, a partir do momento em que esse movimento se realizou, a situação dos Russos beneficiou, não é razão para se dizer que a causa disso fosse esse mesmo movimento.

Não só podia não ter trazido qualquer vantagem ao exército russo esta marcha de flanco, como podia mesmo ter sido a causa da sua perda. Para isso bastava que outras circunstâncias não tivessem surgido. Que teria acontecido se se não tivesse dado o incêndio de Moscovo, se Murat não houvesse perdido o contacto com os Russos, se Bonaparte não tivesse sido forçado à inacção, se o exército russo houvesse travado batalha em Krasnaia Pakra, como queriam Bennigsen e Barclay? Que teria acontecido se os Franceses tivessem atacado os Russos durante a marcha sobre Pakra ou se, em seguida, Napoleão houvesse atacado os Russos em Tarutino, apenas com a décima parte da energia que empregara em Smolensk?

Que teria acontecido se os Franceses tives— sem marchado sobre Petersburgo?... Em qualquer destas eventualidades a salvadora marcha de flanco teria redundado num desastre.

Por último, o que é ainda mais inconcebível, as pessoas que estudaram a história de peito feito não querem ver que a marcha de flanco não podia de maneira alguma ser atribuída à vontade de um só homem, que nunca ninguém a previra, que esta manobra, tal como aconteceu com a retirada de Fili, nunca fora em verdade encarada por quem quer que fosse no seu conjunto, mas era apenas o resultado de um número infinito de circunstâncias variadas, só sendo considerada em toda a sua amplitude quando se concluiu e já pertencia ao passado.

No conselho de guerra de Fili o comando russo teve como ideia dominante a retirada, coisa óbvia, em linha recta, isto é, pela estrada de Njjni— Novgorod. A prova está no facto de a maioria das vozes se terem pronunciado nesse sentido e sobretudo na célebre conversa do general-chefe, após o conselho, com Lanskoi, intendente -geral. Lanskoi informou Kutuzov de que os abastecimentos tinham sido principalmente concentrados ao longo do no Oka, através do qual seria impossível transportá-los nos prin— cípios do Inverno. Foi esta, portanto, uma das primeiras razões que determinaram o abandono do plano de retirada em linha recta, aparentemente o mais natural. As tropas mantiveram-se, pois, mais ao sul, na estrada de Riazan, mais próximas, por conseguinte, dos seus abastecimentos. Posteriormente, a inactividade dos Franceses, que chegaram, mesmo a perder o contacto com os Russos, a preocupação de defender as manufacturas de Tula e sobretudo a vantagem de estar mais perto dos abastecimentos ebrigaram o exército a obliquar mais para sul ainda, na direc— ção da estrada de Tula. Depois de alcançarem, em marchas forçadas, a estrada de Tula, era intenção dos chefes militares não fazerem alto senão em Podolsk, e não se falava sequer, então, das posições de Tarutino, mas o caso é que uma série de circunstáricias diversas -a aparição dos Franceses, que tinham voltado a estabelecer contacto com o exército russo, projectos de batalha e sobretudo a abundância de provisões em Kaluga— levou as tropas russas a descerem ainda mais para o sul a fim de se fixarem no centro do campo de abastecimentos, dirigindo-se da estrada de Tula na direcção da de Kaluga, rumo a Tarutino. Só quando as tropas chegaram a Tarutino, mercê de um concurso de circunstâncias, e que os homens principiaram a convencer-se de que tinham desejado aquela manobra e que a liaviam planeado havia muito.

[II]

A famosa marcha de flanco apenas consistiu, em ultinia analisu, no seguinte, os exércitos russos, que até ai haviam retirado no sentido contrario ao da invasão, desviaram-se, uma vez que o movimento invasor cessou, da linha recta, ate então seguida, e. w verificaram que não eram perseguidos, ericaminharam-se naturalmente, na direcção das maiores reservas de abastecimentos.

Admitindo que os exércitos russos nenhum chefe militur genial tivessem a comandá-los, que ninguém tivessem, mesmo, a comandá-los, não teriam podido fazer outra coisa, depois da sua retirada sobre Moscovo, senão descrever um arco de círculo na direcção do local onde se encontravam os abastecimentos e em que havia abundância de tudo.

O movimento da estrada, de Nijm para a de Riazan. Tula e Kaluga era tão óbvo que nessa mesma direcção seguiam os bandos de salteadores e de Petersburgo se impunha a Kutuzov o mesmo caminho. Em Tarutino foi por assim dizer repreendido pelo imperador por ter tomado a estrada de Riazan, e de Petersburgo indicaram-lhe essa mesma posicão em frente de Kaluga, onde aliás, ele já se eencontrava quando a carta do imperador lhe chegou às mãos.

Depois de rodar na direcção que a batalha de Borodino lhe impusera, a bola que era então o exército russo, após a supressão da força propulsora inicial, e na falta de novos impulsos, tomou o carninho que naturalmente se lhe impunha.

O mérito de Kutuzov não está nessa manobra estratégica a que charnaramgenial, mas no facto de ter percebido por si o que, siignificava esse acto. Só ele, a partir desse momento, compreendeu a importância da inactividade do exército francês: só ele teimou em aflirmar que a batalha de Borodirio fora uma vitoria; e só ele empregou toda a sua energia em evitar que o exército se entregasse a combates inúteis, embora, na sua qualidade de general-chefe devesse ser partidário da da ofensiva.

A fera atingida em Borodino continuava agora no ponto onde a linham deixado ao afastar-se, mas ainda não se sabia se estava viva, se se encontrava exausta ou se apenas o fingia. E de súbito a fera soltou um gemido.

Esse gemido de fera atingida anunciando o aniquilamento foi o envio de Lauriston ao campo de Kutuzov com uma proposta de paz.

Napoleão, persuadido, como sempre, de que tudo quanto fazia era perfeito, escreveu a Kutuzov nos termos que lhe vieram à cabeça, sem se dar ao cuidado de saber se era sensato o que escrevia:

Senhor Priucipe Kutuzov:

> Envio-lhe um dos meus ajudantes-de-cuinpo para lhe falar de alguns assuntos de importància. Peço a Vossa Alteza que faça fé no que ele lhe dirá, sobretudo quando ele lhe exprimir os sentintentos de estima e de particular consideração que eu desde há muito nutro pela pessoa de Vossa Alteza. Como não e outro o firri, desta carta, iogo a Deus, Sr. Príncipe Kutuzov, que vos tenha sob a Sua santa quarda,
>
> Moscovo. 30 de Outubro de 1812,
> Assinado: Napoleão

— Seria amaldiçoado pela posteridade se viesse a ser encarado como o primeiro motor de um acordo qualquer. Tal é o espirito presente da minha nação — respondeu Kutuzov, e continuou a fazer tudo ao seu alcance para impedir o exército russo de passar à ofensiva.

Durante o mês em que o exército de Napoleão se entregara ío saque de Moscovo e o russo acampava, tranquilamente, em Tarutino, uma mudança importante se verificara quer nas forcas dos dois adversários, quer no espirito que os animava: o fiel da balança inclinou-se a favor dos Russos. Embora eles não conhecessem a situação exacta do exército francés e as mudanças tssaz rápidas que nele se tinham operado, a necessidade de passar a ofensiva traduzia-se agora em infinitos sintomas. Grande numero de razões os compelia a isso: a missão de Lauriston, abundância de abastecimentos em Tarutino, as notícias provenientes de todos os lados sobre a inactividade das tropas francesas e as desordens que entre elas lavravam, a reconstituição dos regimentos russos pela incorporação de novos

recrutas, tempo, o prolongado repouso de que os soldados tinham beneficiado, a impaciência que em geral se manifesta entre as tropas em descanso ansiosas de cumprir a sua missão, a curiosidade de saber o que acontecera ao exército francês que há tanto tinham perdido de vista, a audácia com que os postos avançados russos perseguiam os franceses desgarrados nas imediações de Tarutino, os guerrilheiros e a emulação que daí resultava, o desejo de vingança que exaltava a alma de cada russo desde que os Franceses se encontravam em Moscovo, principalmente o sentimento obscuro, latente em todos, de que se modificara a situação das tropas frente a frente, e que eram os Russos que tinham agora superioridade sobre o inimigo. Se a proporção das tropas era outra, a ofensiva tornava-se indispensável. E o certo é que, tal como acontece ao relógio pronto a dar horas quando os ponteiros percorrem os devidos pontos do mostrador, assim também nas altas esferas principiara um movimento acelerado de acordo com a mudança produzida entre as tropas.

[III]

O exército russo era dirigido por Kutuzov e pelo seu estado-Maior e de Petersburgo pelo próprio imperador. Mesmo antes de receber a notícia do abandono de Moscovo, se estabelecera em Petersburgo o plano pormenorizado de toda a campanha, o qual fora remetido a Kutuzov para que este o pusesse em prática. Apesar das modificações ditadas pelas circunstâncias, este plano fora adoptado pelo estado-maior e por ele posto em execução. O general-chefe apenas observara que as disposições tomadas a distância são sempre difíceis de executar. Por isso, a fim de resolver as dificuldades que sobrevieram, a cada passo estavam a enviar mensageiros portadores de novas instruções para vigiar o cumprimento dessas ordens e transmitirem os seus relatórios, Além disso, o estado-maior do exército passara por modificações profundas. Era preciso substituir Bagration, que fora morto, e Barclay, que se afastara, ofendido por se ver em posição subalterna. Tinha-se examinado com a maior severidade e que era preciso fazer: dever-se-ia colocar A no lugar de B ou R no lugar de D, ou então D onde estava A? Dir-se-ia que apenas se tratava de ser agradável a A ou a B.

Em consequência da inimizade existente entre Kutuzov e o chefe do estado-maior. Bennigsen, mercê das intrigas obradas pelas pessoas de confiança enviadas pelo imperador e das modificações a fazer, os partidos achavam-se envolvidos numa rede muito mais complicada que de costume. A intrigava contra B, D contra C, etc., em todas as modificações e combinações possíveis,

O objectivo destas múltiplas intrigas estava sobretudo nas operações militares que cada um queria orientar à sua maneira, quando a verdade é que as operações prosseguiam independentemente de tudo o que se fizesse, consoante era mister que prosseguissem, isto é, sem nunca coincidirem com o que congeminavam os homens, pois a verdade era serem uma consequência das reacções mútuas das massas. Todas aquelas combinações se cruzavam, se enredavam, reflectindo nas altas esferas a imagem exacta do que devia realizar-se.

Numa carta endereçada a Kutuzov no dia 2 de Outubro, a qual ele não viria a receber senão depois da batalha de Tarutino, dizia o imperador:

> Principe Mikail Ilarionovitch:
>
> Desde o dia 2 de Setembro que Moscovo está nas mãos dos Franceses. Os seus últimos relatórios são datados de 20 e durante todo este tempo não só nada fez contra o inimigo no sentido de libertar a nossa primeira capital, como, in— clusivamente, nesses relatórios participa que continua a recuar. Serpukov já se encontra ocupada por um destacamento e Tula, com as suas fábricas indispensáveis ao exército, está em perigo. Por um relatório do general Wintzengerode, verifico que um corpo de exército inimigo de dez mil homens avança pela estrada de Petersburgo. Outro, composto de alguns milhares, encaminha-se para Dmitrov. Um terceiro segue pela estrada de Vladimir. E um quarto, bastante importante, está concentrado entre Ruza e Mojaisk. No dia 25 o próprio Napoleão estava em Moscovo. De acordo com todas estas indicações, e visto, que o inimigo dispersou as suas forças em destacamentos assaz iniportantes, e o próprio Napoleão ainda está em Moscovo com toda a sua guarda, será possível que as orças

> que se encontram na sua frente sejam tão poderosas que não possa tentar a ofensiva? É de supor, muito pelo contrário, com toda a verosimilhança, que o inimigo o esteja a perseguir com destacamentos ou, mais rigorosamente, com um corpo de tropas muito mais fraco que o exército que lhe esta confiado a si. É de crer que, tirando partido destas circunstância, e lhe seja possível, com vantagem evidente, atacar o inimigo, em número inferior às forças que comanda, e exterminá-lo ou, pelo menos, obrigá-lo a recuar, permitindo que continuem nas nossas mãos a maior parte dos distritos actualmente ocupados, e deste modo afastando o perigo que pesa sobre Tula e as demais cidades do interior, Se o inimigo estiver em condições de marchar com um importante corpo de tropas sobre Petersburgo, a fim de ameaçar esta capital, quase inteiramente desguarnecida, a responsabilidade será sua, pois a verdade é que com o exército de que dispõe, agindo com decisão e energia, tem nas suas mãos todos os meios para evitar esta nova desgraça. Lembre-se de que já tem de prestar contas à Pátria, indignada pela perda de Moscovo. Sabe, por experiência, que estou sempre disposto a recompensá-lo. Esta minha boa disposição não se pode dizer de qualquer modo afectada, mas tanto a Rússia como eu temos o direito de esperar de si todo o zelo, toda a firmeza e os êxitos que a vossa inteligência, os vossos talentos militares e a valentia das tropas que comanda nos autorizam a esperar.

Esta carta prova que em Petersburgo se sabia com exactidão qual o cômputo das tropas em presença, mas ainda ela vinha a caminho e já Kutuzov não podia impedir o exército sob o seu comando de tomar a ofensiva. A batalha já estava travada.

No dia 2 de Outubro, o cossaco Chapovalov, no decurso de uma patrulha, matou uma lebre e feriu outra. Ao perseguir esta ultima foi levado para longe da

floresta e deparou-se-lhe o flanco esquerdo do exército de Murat, que se encontrava nessas paragens sem qualquer precaução ou cobertura, Rindo, contou o cossaco aos camaradas como ia caindo nas mãos dos Franceses. Ao ouvir isto, o capitão contou o caso ao seu comandante.

Mandaram chamar o cossaco, interrogaram-no: os coman— dantes lembraram-se de aproveitar esta circunstância para capturar alguns cavalos, e um dos comandantes, que estava em relaçêes com graduados do exército, participou o caso a um general do estado-maior.

Ultimamente a situação estava muito tensa no estado-maior. Ermolovo, alguns dias antes, viera procurar Bennigsen para lhe pedir que usasse da sua influência sobre o general-chefe para que se desencadeasse a ofensiva.

— Se eu o não conhecesse — replicou Bennigsen — diria que era exactamente o contrário que pretendia, Basta que eu aconselhe seja o que for para o Sereníssimo fazer exactamente o contrário.

A nova divulgada pelo cossaco, e confirmada por várias patrulhas, veio demonstrar que as coisas estavam definitivamente maduras.

As cordas distenderam-se, o relógio estremeceu e as horas ressoaram. Apesar de todo o seu presumível poder, da sua inteligência, do seu conhecimento dos homens. Kutuzov acabou por tomar em consideração não só o pedido de Bennigsen, que, aliás, apresentara directamente ao imperador um relatório da situação, mas o desejo unânime dos generais, o presurnível apelo do imperador e as informações prestadas pelos cossacos. Não podendo deter um movimento que se tornara inevitável, deu ordens para que se fizesse o que ele considerava inútil e perigoso: aprovou o facto consumado.

[IV]

O relatório de Bennigsen e as informações dos cossacos confirmando que o flanco esquerdo dos Franceses se encontrava descoberto levaram definitivamente a fixar a ofensiva para o dia 5 de Outubro.

No dia 4, de manhã, Kutuzov assinou a respectiva ordem. Toll leu-a a Ermolov, propondo-lhe que se encarregasse de tomar as últimas medidas.

«Está bem, está bem, agora não tenho tempo», disse este, e saiu.

O dispositivo estabelecido por Toll era excelente. Como acontecera com o de Austerlitz, aí se dizia, embora não em alemão:

A primeira coluna marcha em direcção a tal parte, a segunda coluna marcha (Em alemão no texto original. (N. dos T.) em direcção a tal outra, e assim por diante. Todas estas colunas, pelo menos no papel, chegavam ao local designado no momento previsto, esmagando o inimigo. Como sempre acontece em todo e qualquer dispositivo no papel, tudo estava admiràvelmente organizado, mas a verdade é que, como aliás sempre acontece com todos os dispositivos, nenhuma das colunas chegou a tempo aos lugares designados.

Quando houve número suficiente de exemplares do dispositivo, chamou-se um oficial que foi enviado a Ermolov com a ordem de o mandar por em execução. Este jovem oficial da guarda montada, ajudante-de-campo de Kutuzov, orgulhoso da missão que lhe tinham confiado, apresentou-se nas instalações de Ermolov.

— Não está — volveu-lhe um impedido.

O oficial dirigiu-se à instalação de um general onde Ermolov ia, muitas vezes.

— O general não está.

O oficial, montando de novo, dirigiu-se a casa de outro general.

— Não, o general saiu.

«Que grande contrariedade! Contanto que me não responsabilizem pelo atraso!», dizia ele, de si para consigo, enquanto percorria o acampamento de ponta a ponta. Houve quem lhe dissesse ter visto Ermolov com outros generais, e quem lhe sugerisse que naturalmente regressara ao seu aquartelamento. Sem comer, c oficial prosseguiu nas suas buscas até às seis horas da tarde. Ermolov não estava em parte ’alguma e ninguém sabia do seu paradeiro. Comeu qualquer coisa, mesmo de pé, em casa de um camarada, e voltou para os postos -avançados à procura de Miloradovitch, que também não estava. Disseram-lhe encontrar-se num baile em casa do general Kikine e que naturalmente Ermolov também aí estaria.

— E onde fica isso?

— Lá adiante, em Etchkino — explicou— lhe um oficial de cossacos, apontando-lhe, na distância, uma casa senhorial. — Quê? Lá adiante? Para lá das linhas?

— Mandaram para ali dois dos nossos regimentos. Estão numa paródia doida! Têm duas bandas regimentais e três coros de cantores.

O oficial dirigiu-se para os lados de Etchkino. Já de longe, antes de chegar à casa senhorial, ouviu as notas alegres e bem destacadas de uma bailata de soldados.

«Pelos campos fora... Pelos campos fora.»

Pífaros e pandeiros acompanhavam o canto, e de quando em quando ouviam-se sons de vozes. Grande alegria sentiu o oficial ao ouvir aquelas canções, ao mesmo tempo que o acicatavam os remorsos por tanto tardar em transmitir a ordem importante de que era portador.

Já eram nove horas. Apeou-se do cavalo e subiu os degraus do alpendre da grande casa senhorial, intacta apesar de situada na linha entre Russos e Franceses. No vestíbulo e na sala de jantar passavam correndo lacaios ajoujados com vinhos e manjares. Os cantores estavam ao pé das janelas. Fizeram-no entrar e de súbito achou-se na presença de todos os principais generais do exército, inclusivamente da alta e imponente figur2 de Ermolov. De túnicas desabotoadas, muito corados, formando roda, riam a bom rir. No meio do salão, um deles, belo homem de pequena estatura, muito vermelho, bailava o trepak galhardamente.

— Ah!, ah!, ah! Bravo, Nicolau Ivanovitch! Ah!, ah!...

O mensageiro pensou que se se apresentasse naquele momento com ordens tão importantes seria duas vezes culpado, e resolveu esperar. Mas um dos generais viu-o, e, como se soubesse a razão que o trazia ali, chamou para ele a atenção de Ermolov. Este dirigiu-se-lhe, contrariado, e, depois de ouví-lo, pegou no papel de que ele era portador, sem dizer palavra.

— Julgas, talvez, que não desapareceu de propósito observou, nessa mesma noite, ao oficial emissário o seu camarada do estado-maior, referindo-se a Ermolov. — Pois enganas-te. Foi de propósito, de caso pensado. Quer fazer uma partida a Konovnitzine. Vais ver o pé-de-vento que se levanta amanhã.

[V]

No dia seguinte, o velho Kutuzov, que dera ordens para que o chamassem muito cedo, fez as suas orações, vestiu-se, e com a desagradável impressão de que tinha de dirigir uma batalha nada do seu agrado, meteu-se na carruagem e dirigiu-

se de Letachovka, a cinco verstas de Tarutino, para o local onde deviam reunir-se a, colunas que iam atacar. No caminho, quando não dormitava, apurava o ouvido, na esperança de ouvir o canhoneio que deveria principiar à direita da estrada, sinal do início da operação. Mas nada ouvia, Era uma manhã de Outono húmida e sombria. Ao aproximar-se de Tarutino notou que alguns soldados de cavalaria atravessavam a estrada por onde rodava a sua carruagem conduzindo, pela arreata, cavalos ao bebedouro. Atentou neles, mandou parar o carro e perguntou-lhes a que regimento pertenciam, Faziam parte da coluna que a essa hora devia encontrar-se já muito longe dali, pronta para uma emboscada. «Há engano, naturalmente», disse de si para consigo o velho general. Prosseguindo no seu caminho, viu regimentos de infantaria de armas ensarilhadas, cujos homens, em ceroulas, preparavam o rancho e acarretavam lenha. Mandou chamar um dos oficiais. Este disse-lhe não ter recebido qualquer ordem de ataque.

— Como é, que... — ia a dizer, mas calou-se e ordenou que chamassem o comandante. Entretanto apeou-se e, calado, ficou à espera, de cabeça baixa, a respiração opressa, passeando de um lado para o outro. Assim que apareceu o oficial do estado-maior que ele tinha convocado, um tal Eichen, Kutuzov ficou muito corado, não porque esse oficial fosse culpado de alguma coisa, mas apenas por tratar-se de alguém que podia ser vítima da cólera em que refervia. Trêmulo dos pés à cabeça, ofegante, tamanha era a ira do velho general que dir-se-ia capaz de se rolar no chão, num ataque de raiva Assim se lançou sobre o oficial, de punhos erguidos, gritando e cobrindo-o de grosseiras

Outro oficial que por acaso entretanto apareceu, o capitão Brozine, e que, aliás, nenhuma responsabilidade tinha no caso, teve de suportar os mesmos insultos-

— E este canalha quem é? Fuzilem-no Miserável! — vociferava, rouco, gesticulando, cambaleante.

Dir-se ia experimentar uma dor física, como era possível que ele, generalissimo, Sereníssimo, homem com poderes como ainda outro não tivera em toda a Rússia, se visse numa situação daquelas, ridicularizado por todo o exército? «Foi então debalde que tanto rezei por este dia? Foi em vão que levei a noite inteira acordado a fazer cálculos minuciosos?», dizia de si para consigo. «Quando eu era o fedelho de um oficial ninguém se atreveria a fazer pouco de mim a este ponto, mas agora...» E a dor física que sentia era a mesma que se lhe tivessem

aplicado castigo corporal. Não podia deixar de soltar gritos de raiva e dor. Não tardou, porém, que as forças o abandonassem, e compreendendo então que se zangara de mais, voltou a subir para a carruagem, regressando pelo mesmo caminho, sem dizer mais palavra

Este acesso de ira não voltou a repetir-se. Foi com um ligeiro piscar de olho que ele ouviu as justificações, a defesa e as instâncias de Bennigsen, de Konovnitzine e de Toll propondo-lhe que se transferisse para o dia seguinte o movimento que fracassara. Ermolov, esse, apenas apareceu dois dias depois. E Kutuzov teve de voltar a dar-lhe o seu consentimento.

[VI]

No dia seguinte, ao fim da tarde, as tropas concentraram-se nos lugares indicados e a partida principiou durante a noite.

O tempo era bem de Outono. Havia nuvens no céu azul-violáceo, mas não chovia. A terra estava impregnada de humidade, embora não houvesse lama. As tropas marchavam em silêncio e so de vez em quando se ouvia o ressoar metálico da artilharia. Era proibido falar alto, fumar, riscar a pederneira. Tanto quanto possível, procurava-se impedir os cavalos de relinchar. O mistério que envolvia o empreendimento ainda o tornava mais atraente.

As tropas marchavam alegres. Algumas colunas fizeram alto, os homens ensarilharam armas e estenderam-se na terra fria, julgando-se chegados ao seu destino. A maioria, porém, marchou toda a santa noite e como era natural as tropas não puderam chegar onde era mister que chegassem,

O conde Orlov, Denissov e os seus cossacos, o destacamento menos numeroso, foram os únicos a chegar a horas ao local designado. Instalaram-se na orla extrema da floresta, ao longo do caminho que de Stromilovo levava a Dmitrovskoie.

Ainda não era manhã acordaram o conde Orlov, que dormi— tava. Tinham filado um desertor do campo francês. Era um sar,ento polaco do corpo de Poniatowski, Explicou, em polaco, que desertara, pois estava a ser vítima de uma injustiça: há muito já que devia ter sido promovido a oficial, era o mais valente de todos. Por isso os abandonara, disposto a vingar-se. Dizia ele que Murat

pernoitava a uma versta do local onde se encontravam e que, se lhe proporcionassem uma escolta de cem homens, tinha a certeza de o apanhar vivo. O conde Orlov-Denissov quis saber a opinião dos seus camaradas. A proposta era por de mais atraente para repeli-la. Todos queriam partir, todos eram de opinião de que se devia tentar o feito. Após muitas discussões e conferências, o general Grekov, à frente de dois regimentos de cossacos, resolveu acompanhar o desertor.

— Mas lembra-te do que te digo — ameaçou Orlov-Denissov, despedindo-o —; se mentiste, mando-te enforcar como um cão, mas se falaste verdade tens cem ducados às tuas ordens.

Sem responder a estas palavras, o sargento montou a cavalo e, resoluto, abalou seguido de Grekov. Desapareceram na floresta.

O conde Orlov, tiritando — a manhã estava fresca e a aurora Principiava a raiar—, apreensivo pela responsabilidade que assumira, depois de ceavalgar por algum tempo ao lado de Grekov, afastou-se da mata para perscrutar o campo inimigo, que vagamente se descobria agora a luz do sol-nascente e das fogueiras do bivaque que se iam apagando. As colunas russas deviam surgir pela direita, na vertente de uma colina descoberta. Olhou para esse lado, mas nada viu, embora o terreno fosse bem visível. No acampamento francês. Iwito ciiianto lhe era dado perceber, e graças ao auxílio dos penetrantes olhos do seu ajudante-de -campo, parecia notar-se uma certa agitação.

— Ah! Receio que seja tarde de mais — observou, depois do perscrutador olhar.

Como costuma acontecer muitas vezes ao afastar-se alguém da influência do homem em quem confia, afigurou-se-lhe subitamente que o sargento era um traidor, que mentira, e que apenas quisera comprometer o êxito do ataque distraindo aqueles dois regimentos só Deus sabia para onde.

Em que cabeça caberia poder surpreender-se o general-chefe no meio de tantas tropas!

— Não há dúvida, aquele ladrão mentiu — acrescentou. — Podemos mandá-lo retroceder -arguiu alguém do séquito, que, como Orlov, duvidava do êxito daquela empresa, agora diante do acampamento inimigo.

— Sim, realmente! Que acha? Devemos mandá-lo retroceder, ou não?

— Quer que o vá procurar?

— Pois bem. É melhor! Que volte para trás — disse o conde, subitamente

resoluto. E acrescentou, depois de consultar o relógio: — Tarde de mais, já é dia alto.

O ajudante-de-campo, a galope, meteu pela floresta dentro, na intenção de alcançar Grekov. Quando voltou, o conde, excitado pelo fracasso da tentativa e da baldada espera das colunas de infantaria, que continuavam a não aparecer, e também pela proximidade do inimigo, resolveu atacar. Os homens do séquito partilhavam dos seus sentimentos.

Em voz baixa ordenou «Montar!», e cada um se dirigiu para o seu posto, persignando-se.

«Que Deus nos proteja!»

Um «hurra!» ressoou floresta além, e, pelotão após pelotão, os cossacos dispersaram-se, como grãos que caíssem de um saco, e, de lança em riste, cavalgaram direitos ao campo inimigo atravessando um riacho.

O primeiro francês que viu os cossacos soltou um grito de desespero e os outros, meio vestidos, acordados em sobressalto, abandonaram canhões, espingardas, cavalos e deram às de vila-diogo.

Se os cossacos tivessem perseguido os fugitivos sem se preocupar com os despojos que estes deixavam após si, teriam, por certo, apanhado Murat e todos os que com ele se encontravam. Eis, aliás, o que os chefes pretendiam. Mas não foi possível obrigá-los a marchar enquanto houve que pilhar e prisioneiros a fazer. Ninguém mais ouviu as ordens dos comandantes. Ali se fizeram mil e quinhentos prisioneiros, se tomaram trinta e oito bocas de fogo, bandeiras, e, coisa muito mais importante para cossacos, cavalos, selas, cobertores e grande número de diversos objectos. Era preciso pôr em lugar seguro os prisioneiros e os canhões, dividir os despojos, discutir, chegar-se mesmo a vias de facto, e de tudo isto houve um pouco.

Os Franceses, ao ver que não eram perseguidos, ganharam coragem, reuniram-se e abriram fogo. Orlov-Denissov, que continuava à espera das suas colunas, não avançou mais.

Entretanto, em virtude do dispositivo: «A primeira coluna marcha, etc.», os soldados de infantaria das colunas atrasadas, comandadas por Bennigsen e superiormente dirigidas por Toll, tinham-se posto em marcha de acordo com o programa estabelecido, e, na verdade, cumprindo as ordens, chegaram quando deviam, mas não ao local que lhes havia sido designado. Como era de esperar, os

homens, que alegremente tinham partido, não tardaram a aborrecer-se. Em alta voz havia quem mostrasse o seu descontentamento, a desordem surgiu entre as fileiras, alguns retrocederam. Os ajudantes— de -campo galopavam por aqui e por ali, os generais gritavam, coléricos, discutiam entre si, diziam que se tinham enganado, que estavam atrasados, acusavam este ou aquele. Toda a gente, por fim, abandonou o terreno, e foi dali sem saber para onde. «Havernos de ir parar a algures!», exclamavam. E, com efeito, acabaram por chegar, mas não onde era mister, e, se alguns chegaram, era tarde de mais e sem outra utilidade além da de servirem de alvo ao inimigo. Toll, que nesta batalha desempenhara o papel de Weirother em Austerlitz, galopava em todos os sentidos, dando-se conta de que tudo se fizera ao contrário do que era preciso. E assim veio a encontrar-se no meio da floresta com o corpo de exército de Bagovut já dia claro e quando havia muito devia estar junto dos cossacos de Orlov-Denissov. Fora de si por causa daquele fracasso e desejoso de encontrar alguém sobre quem pudesse descarregar a sua ira, Toll galopou imediatamente ao encontro do comandante do corpo e pôs-se a increpá-lo violentamente e a dizer que o que ele pre— cisava era de ser fuzilado. Bagovut, velho e valente general, habitualmente sereno, exasperado também com todo aquele atraso, com aquelas ordens contraditórias e confusas, destemperou, ante a surpresa de todos, e, num ataque de cólera completamente imprevisto no seu temperamento, respondeu à letra a Toll:

«Não aceito lições seja de quem for, e sei morrer com os meus soldados tão bem como qualquer outro», exclamou, prosseguindo avante, seguido da sua divisão.

Ao chegar a campo aberto, sob a fuzilaria dos Franceses, o valente Bagovut, num acesso de fúria, sem querer saber se era ou não útil travar batalha naquela altura, só com a sua divisão, marchou direito ao inimigo. Eis do que precisava naquele momento: perigo, balas, projécteis. Uma das primeiras balas prostrou-o e as que logo se lhe seguiram abateram muitos dos seus soldados. E assim, sem qualquer necessidade, ali esteve, exposta ao fogo dos Franceses, aquela divisão.

Entretanto, outra coluna devia atacar o inimigo, mas essa coluna estava junto de Kutuzov. Este sabia perfeitamente que daquela batalha, iniciada contra sua vontade, só podia resultar um fracasso, e por isso retinha as tropas tanto quanto lhe era possível, Não se movia do lugar em que estava.

Montado no seu cavalito cinzento, ali permanecia, calado, respondendo, preguiçosam ente, às propostas de ataque que lhe dirigiam.

— Não fala noutra coisa senão em atacar e está demonstrado que não sabemos fazer manobras complicadas — observou a Miloradovitch, que pedia que o deixasse seguir para a frente.

— O senhor não soube esta manhã deitar a mão a Murat nem chegar a tempo ao local que lhe estava designado. Agora nada mais há a fazer! — respondeu a outro general.

Quando lhe vieram anunciar que na retaguarda dos Franceses, segundo informações fornecidas pelos cossacos, desguarnecida até então, se enccitravam agora dois batalhões polacos, relanceou a vista, pelo canto do olho, a Ermolov, pessoa a quem ele desde a véspera não dirigia a palavra.

— Como vê, reclamam uma ofensiva, poem-se em prática diversos dispositivos, e quando chega o momento de agir nada está preparado, e o ininigo, prevenido, toma as suas precauções.

Ermolov piscou o olho e sorriu ligeiramente ao ouvir estas palavras. Percebeu a tempestade passara e que Kutuzov se limitaria àquela obse-vação.

— Diverte-se à minha custa — murmurou Ermolov, em voz muito baixa, tocando no joelho de Raievski, que estava a seu lado.

Pouco depois, Ermolov aproximou-se de Kutuzov e disse-lhe, respeitosamente:

— Ainda é tempo, alteza, o inimigo ainda se não foi embora... Se quiser dar ordens para a ofensiva. De outra maneira, guarda nem sequer cheirará a pólvora.

Kutuzov não respondeu e quando lhe participaram que Murat se retirava, deu ordem de marcha, embora de cem em cem passos mandasse fazer alto por três quartos de hora.

Toda a batalha se resumiu, portanto, à expedição dos cossacos de Orlov-Denissov e à perda inútil de algumas centenas de homens. O resultado desta batalha foi que Kutuzov recebeu uma condecoração de diamantes, e Bennigsen igualmente, além de cem mil rublos; outros chefes obtiveram também pingues beneficios, consoante os postos, e houve de novo modificações no estado-maior.

«É sempre assim na Rússia, faz-se tudo ao contrário!», diziam, depois de Tarutino, os oficiais e os generais russos, como ainda hoje o repetem, para darem a perceber que, se houve um imbecil que fez tudo ao contrário, eles, no seu caso, teriam procedido de maneira muito diferente. A verdade, porém, é que aqueles que assim falam ou não conhecem o assunto de que se trata, ou então se enganam redondamente. As batalhas, seja a de Tarutino, a de Borodino ou de Austerlitz, nunca decorrem segundo as previsões daqueles que as dirigem. Eis um facto essencial.

Número infinito de forças independentes -em nenhuma outra circunstância é o homem mais livre que numa batalha, para ele questão de vida ou de morte — influem na marcha das operações, e esta marcha nunca poderá ser conhecida antecipadamente, nem nunca coincidirá com a direcção que lhe tenha fixado tal ou qual força individual única.

Quando sobre um determinado corpo agem, ao mesmo tempo de vários lados, variadas forças, a direcção do movimento não pode ser a de nenhuma dessas forças, mas como que a média de todas elas, o que em mecânica costuma exprimir-se pela diagonal do paralelogramo das forças.

Quando os historiadores, especialmente os franceses, afirmam que as suas guerras ou as suas batalhas se desenrolam segundo um plano antecipadamente estabelecido, a única conclusão que podemos tirar das suas descrições é que são inexactas.

O combate de Tarutino, evidentemente, não atingiu o resultado que Toll se propunha, isto é, conduzir as tropas em perfeita ordem ao ponto fixado pelo dispositivo, nem tão-pouco aquele que desejava o conde Orlov, isto é, fazer prisioneiro Murat, ou o de Bennigsen e de outros, o de esmagar instantâneamente o corpo inimigo; ou ainda o dos oficiais desejosos de tomarem Parte numa acção e de se distinguirem; ou o dos cossacos, que não conseguiram recolher todos os despojos que apanharam, e assim por diante. Mas se o objectivo real era justamente aquele que se alcançou e o que todos os russos unanimemente desejavam: expulsar os Franceses e destruir o seu exército. é evidente que a batalha de Tarutino, graças, precisamente, a isso mesmo, aos erros cometidos, foi a única eficiente naquele momento da campanha. Era difícil e mesmo impossível imaginar resultado de batalha mais favorável. Com os mais mesquinhos esforços, no meio dos maiores erros, e com perdas quase insignificantes, adquiriram-se os

maiores resultados de toda a campanha: pass.ou-se da retirada à ofensiva. Foi demonstrada a fraqueza dos Franceses, e os Russos provocaram o choque que os exércitos de Napoleão esperavam para empreender a fuga.

[VIII]

Napoleão entra em Moscovo depois da brilhante vitória do Moskva; não há dúvida de que a vitória foi dele, pois o campo de batalha ficou nas mãos dos Franceses. Os Russos recuam e abandonam a capital. Moscovo, a abarrotar de provisões, de armas, de munições e de riquezas sem conta, está nas mãos de Napoleão.

O exército russo, duas vezes mais fraco que o francês, durante trinta dias não esboça a mais pequena tentativa de ataque. Não pode ser mais brilhante a posição de Bonaparte. Para cair com forças duas vezes superiores sobre os restos do exército russo e esmagá-lo; para propor uma paz, vantajosa ou, em caso de recusa, esboçar um movimento ameaçador sobre Petersburgo; para, mesmo no caso de desastre, retirar sobre Smolensk ou Vilna, em vez de ficar em Moscovo; numa palavra, para conservar a situação admirável em que os Franceses se encontravam, parece que não era necessário ser-se um génio militar extraordinário. Bastava fazer a coisa mais simples e mais fácil deste mundo: impedir que as tropas se entregassem ao saque, preparar roupas de Inverno, roupas que Moscovo estava em condições de fornecer para o exército inteiro, e regulamentar a distribuição de alimentos, os quais, na opinião dos historiadores franceses, eram suficientes para seis meses. Napoleão, esse génio dos génios, senhor de plenos poderes sobre o exército, segundo referem os historiadores, não soube pôr em prática esta coisa simplíssima.

E não só nada disto fez, mas serviu-se de todo o seu poder para escolher, de entre todas as medidas a tomar, a mais absurda e a mais nefasta; de tudo o que podia fazer — hibernar em Moscovo, marchar sobre Petersburgo ou sobre Nijni-Novgorod, ou retroceder, quer pelo norte, quer pelo sul, pela estrada que depois seguiu Kutuzov—, escolheu a mais absurda e mais perigosa: ficar em Moscovo até Outubro, deixando que os seus soldados saqueassem a cidade, e em seguida

hesitar entre manter uma guarnição na capital, sair dela ao azar, aproximar-se de Kutuzov, não decidir travar batalha, passar pela direita, alcançar MaloIaroslavets sem correr o risco de um recontro; o não tomar a estrada que seguira Kutuzov, mas regressar a Mojaisk pela estrada escalavrada de Smolensk. Nada se pode imaginar de mais insensato nem de mais nefasto, como ficou amplamente provado pelas consequências. Admitindo que Napoleão tivesse como objectivo perder o seu exército, teria sido difícil aos mais hábeis estrategos imaginar plano de operações mais eficaz para a destruição completa desse exército, e isso independentemente de tudo quanto o próprio exército russo pudesse ter feito nesse sentido!

E no entanto foi isto mesmo que o genial Napoleão acabou por fazer. E, apesar de tudo, afirmar que este perdeu o seu exército porque quis ou porque não passava de um tolo seria tão errado como dizer que ele levara as suas tropas até Moscovo por ter sido esse o seu desejo e porque era uma inteligência e um génio. Quer num quer no outro caso, a sua acção pessoal, não mais influente que a do mais insignificante dos seus soldados, limitou-se a conformar-se com as leis que presidiam ao acontecimento.

Estão em erro os historiadores que nos apresentam Napoleão intelectualmente deprimido em Moscovo, simplesmente porque os resultados não justificam a sua acção. Nesse momento, como antes e depois, em 1813, Napoleão serviu-se de toda a sua força moral para agir o melhor possível no interesse próprio e no interesse do seu próprio exército. Então a sua actividade não foi menos surpreendente do que a que empregou no Egipto, na Itália, na Áustria e na Prússia. A verdade é que não sabemos com precisão até que ponto se revelou o seu génio no Egipto, onde quarenta séculos contemplaram a sua grandeza, visto os seus feitos nos terem sido relatados por franceses. É-nos impossível apreciar no seu justo valor o génio por ele demonstrado na Áustria e na Prússia, pois a verdade é que não podemos conhecer os seus actos senão através de fontes francesas e alemãs, e os Alemães não podem explicar a capitulação sem combate do seu corpo de exército e capitulação sem cercos em forma das suas fortalezas desde que não recorram ao reconhecimento do génio que Bonaparte exibiu na guerra da Alemanha. No que diz respeito aos Russos, esses, graças a Deus, não têm qualquer razão para se inclinarem perante essas qualidades excepcionais no intuito de esconderem a sua vergonha. Os Russos pagaram caro de mais o direito de julgar os seus actos com justeza e sem disfarces e não estão dispostos a

abandonar o diieito que lhes assiste.

A actividade de Napoleão em Moscovo foi tão espantosa e tão inspirada pelo génio como em qualquer outra parte. Ordens e planos não cessaram de lhe emanar da cabeça desde que entrou em Moscovo até, que partiu da capital russa. Não o impressionam nem a ausência dos habitantes nem das deputações, como o não impressiona o próprio incêndio da cidade. Não perde de vista nem o bem-estar do seu exército nem os movimentos do inimigo, tão-pouco esquece o bem-estar das populacões russas, a administração dos negócios públicos de Paris e as considerações diplornáticas relativas às condições de paz.

[IX]

No ponto de vista militar, Napoleão, assim que entrou em Moscovo, deu ordens severas ao general Sebastiani para que seguisse exactamente os movimentos do exército russo e enviasse corpos de tropas em várias direcções, tendo prescrito a Murar que descobrisse o paradeiro de Kutuzov. Em seguida torna medidas severas para fortificar o Kremlin e estabelece um plano adinírável para a sua futura campanha na Rússia.

No ponto de vista diplomático convoca o capitão Iakovlev, irruinado e andrajoso, que não sabia como sair de Moscovo, para lhe expor detalhadamente a sua política, e a sua magnanimidade, e entrega-lhe uma carta para o imperador Alexandre, onde se, sente no dever de o pôr ao corrente do comportamento censurável de Rostoptchine, ordenando-lhe que a leve a Petersburgo. E expõe igualmente os seus magnânimos projectos a Tutolmina e manda também este ancião a Petersburgo como parlamentário.

No que diz respeito a assuntos judiciais, após os incêndios ordena que se procurem e punam os culpados. E o malfeitor do Rostoptchine é castigado, ordenando-se que lhe deitem fogo às próprias casas.

Em matéria administrativa, oferece a Moscovo uma constituição. Cria-se uma municipalidade e afixa-se a seguinte proelamação:

Habitantes de Moscovo!

São grandes as vossas desgraças, mas Sua Majestade o Imperador e Rei quer pôr termo aos vossos sofrimentos. Terríveis exemplos vos mostraram já a maneira como ele castiga a desobediência e o crime. Severas medidas foram tomadas para acabar com as desordens e dar lugar a que se restabeleça a segurança de todos os indivíduos, Unta administração paternal, composta de homens escolhidos de entre vós, formará a vossa municipalidade. O corpo administrativo chamará a si cuidar de vós, das vossas necessidades, dos vossos interesses. Os membros desta municipalidade distinguir-se-ão por urra faixa vermelha a tiracolo.

O governador civil, além da faixa, tera uma cinta branca. Fora das horas de serviço, porém, os membros da municipalidade apenas usarão hraçadeira vermelha no braço esquerdo. A polícia municipal é instituída de acordo com o antigo regulamento, e graças à vigilãneia por ela exercida a ordem na cidade já é outra. O Governo nomeou dois comissários-gerais, ou police-meister, e vinte comissários, ou tchastni pristavs, para todos os bairros da cidade. Conhecem-se pela braçadeira branca no braço esquerdo. Várias igrejas afectas a cultos diversos estão abertas e as solenidades religiosas realizam-se sem obstáculos. Os vossos concidadãos estão todos os dias a regressar aos seus lares e deram-se ínstruções para que lhes seja prestada ajuda e protecção, como é devido a quem sofre. Eis os meios pelos quais o Governo espera restabelecer a ordem e minorar as vossas privações. Mas para se chegar a este objectivo é preciso que junteis os vossos esforços aos desta gente, que esqueceis, e for possível, os sofrimentos por que acabais de passar, que tenhais esperanças num futuro menos cruel, que estejais convencidos de que a morte inevitável e infamante pesará sobre todos aqueles que atentem contra a vossa vida

> ou contra a vossa propriedade, e sobretudo que não tenhais dúvidas de que os vossos bens serão respeitados, que tal é o desejo do maior e do mais justo de todos os monarcas, Soldados e habitantes, seja qual for a vossa nacionalidade! Restabelecei a confiança pública, essa fonte de felicidade de todos os governos, vivei em paz, ajudai-vos e protegei-vos uns aos outros, uni-vos para combater as tentativas dos criminosos; obedecei às autoridades militares e municipais e não tarda que deixem de correr lágrimas dos vossos olhos.

No que dizia respeito a subsistências, Napoleão ordenou às tropas que viessem à vez a Moscovo. à rapina, para assim arranjarem alimentos para que o exército pudesse fazer face ao futuro. No que tocava à religião, deu ordeni de trazerem os popes e de recomeçarem nas igrejas as cerimónias religiosas.

Mandou afixar por toda a parte a seguinte proclamação, relativa às transacções comerciais e ao fornecimento de subsis— tências ao exército:

> Pacíficos habitantes de Moscovo, homens de artes e ofícios que as desgraças afastaram da cidade, e também vós outros agricultores dispersos, escondidos pelos campos, aterrorizados sem qualquer fundamento, ouvi! A calma res — tabeleceu-se na capital e a ordem reina por toda a parte. Os vossos compatriotas abandonam sem medo os seus refúgios, pois sabem que serão respeitados. Qualquer acto de violência exercido contra eles ou em prejuízo dos seus bens é punido acto contínuo. Sua Majestade o Imperador e Rei protege-vos e só considera inimigos aqueles que de entre vós desobedecerem às suas ordens. É seu desejo pôr fim às vossas infelicidades e restituir-vos a vossos lares e a vossas famílias. Correspondei às suas benévolas medidas voltando a casa sem temor algum. Habitantes! Artesãos e trabalhadores laboriosos! Retomai as vossas actividades: os vossos lares, as vossas tendas, protegidas por patrulhas, esperam-vos, e o vosso trabalho

será recompensado. E vós, camponeses, abandonai as florestas onde vos refugiastes levados pelo medo, regressai às vossas isbás, certos de que vos saberemos proteger. Criaram-se nas cidades grandes armazéns onde os camponeses podenz colocar os produtos da lavoura que excedam as suas necessidades. Para garantir a livre circulação destes produtos, o Governo tomou as seguintes medidas: 1º De hoje em diante os camponeses, lavradores e demais habitantes dos arrabaldes de Moscovo, sem qualquer risco, podem trazer à capital os seus produtos e colocá-los em dois dos armazéns montados para esse fim, um na Rua Mokovaia e outro no Mercado Okotni. 2º Estes produtos serão adquiridos ao preço que se convencione entre o vendedor e o comprador; porém se aquele que vende não encontrar quem lhe pague preço justo tem o direito de tornar a levar a sua mercadoria, sem que ninguém o possa impedir. 3º Em vista disto, semanalmente, aos domingos e quartas-feiras, haverá feiras, e para esse efeito aos sábados e terças-feiras serão destacadas tropas em número sujiciente para protegerem os comboios ao longo de todas as estradas, até certa distância da capital. 4º Iguais medidas se adoptaram para proteger o regresso dos camponeses às suas aldeias. 5º Procurar-se-d restabelecer no prazo mais breve possível os mercados ordinários. Habitantes da cidade e das aldeias, e vós, artesãos, operários, qualquer que seja a vossa nacionalidade! Apelamos para vós, rogando-vos que vos conformeis com as paternais instruções de Sua Majestade o Imperador e Rei e que o ajudeis a contribuir para o bem-estar comum. Depositai a seus pés o respeito e a confiança e não vos demoreis a juntar-vos connosco!

No intuito de elevar o moral das tropas e do povo, havia frequentes paradas e distribuíam-se condecorações. O imperador percorria as ruas a cavalo, consolando

os habitantes, e apesar das muitas preocupações que lhe causavam os negócios públicos aparecia nos espectáculos organizados segundo inspiração sua.

No que diz respeito a beneficência, a melhor virtude dos soberanos, Napoleão fez também tudo que dependia dele. Deu ordem para que se inscrevesse no frontão dos estabelecimentos de beneficênci,—: Casa de minha mãe, maneira de associar, assim, o terno afecto filial à magnanimidade do monarca. Visita o asilo das crianças abandonadas, dá a beijar a sua branca mão aos órfãos que salvou e conversa c ondescendentem ente com Tutolmine. Enfim, segundo o eloquente relato de Thiers, manda pagar o soldo dos seus soldados com o dinheiro russo por ele falsificada. «Relevando o emprego dos seus recursos por um acto digno de si e do exército francès, mandou distribuir socorros aos sinistrados. Mas como os víveres eram demasiado preciosos para serem dados a estrangeiros, a maior parte dos quais inimigos, Napoleão preferiu distribuir-lhes dinheiro para que eles se abastecessem fora da cidade, e mandou distríbuir-lhes rublos-papel.»

Enfim, no, desejo de manter a disciplina do exército, constantemente expede ordens severas para que sejam punidas as infracções ao regulamento e o saque.

[X]

Mas, coisa estranha, todas estas medidas, todas estas ordens e todos estes planos, em nada piores que os tomados em circunstâncias idênticas, não afectavam a essência da questão, como acontece aos ponteiros de um quadrante que, quando desligados do maquinismo, giram arbitrariamente e sem objectivo, alheios às engrenagens que os accionam.

No ponto de vista militar, este genial plano de campanha, a respeito do qual Thiers disse «que o seu génio nunca imaginara nada de mais profundo, de mais hábil e de mais admirável», e a propósito do qual., na sua polémica com M. Fain, se empenha em demonstrar ter sido redigido não a 4, mas a, 15 de Outubro, este plano nunca foi nem nunca poderia ter sido executado, pois a verdade é que em coisa alguma se aplicava às eircunstãneias de momento. A fortificação do Krernlin, que implicava a, demolição de a Mesquita, que assim chamava Napoleão à igreja de Basílio, o Bem— Aventurado, provou ser absolutamente inútil. As minas

cavadas no subsolo do Kremlin apenas serviram para ajudar o imperador a por em prática o seu projecto de o fazer ir pelos ares aquando da sua partida de Moscovo, no mesmo espírito com que uma pessoa fustiga o soalho que fez cair uma criança.

A perseguição do exército russo, que tanto o preocupou, proporcionou aos observadores um espectáculo extraordinário. Os generais franceses perderam a pista de sessenta mil russos, e, segundo Thiers, só graças à habilidade, e talvez mesmo ao génio de Murat, foi possível encontrá-los, como se se tratasse de um simples alfinete perdido,

Na actividade diplomática, os argumentos que Napoleão desenrolou para demonstrar a sua generosidade e o seu espírito de justiça diante de Tutolmina e de IakovIev, o qual, entre parêntesis se diga, se preocupava sobretudo em arranjar um bom capote e uma carruagem, resultaram também inúteis, Alexandre I não recebeu esses embaixadores e não respondeu às cartas de que eram portadores. E no que diz respeito às suas medidas judiciárias? Apesar de ter sido executado grande número de falsos incendiários, o que restava de Moscovo acabou por arder.

E quanto às suas medidas administrativas? A constituição de uma municipalidade não só não deteve o saque, como só foi útil às pessoas que dela fizeram parte, as quais, a pretexto de manterem a ordem, se entregaram à pilhagem ou apenas se de— ram ao cuidado de proteger o que era seu contra a pilhagem alheia.

No que toca a matéria religiosa, as medidas postas em prática no Egipto, como as visitas às mesquitas, que aí deram tão bons resultados, em Moscovo não produziram efeito algum. Os dois ou três padres que estavam em Moscovo procuraram pôr em execução a vontade imperial, mas um deles foi esbofeteado por certo soldado francês durante o serviço divino e acerca de outro escreveu um funcionário de Napoleão o que se segue: «O padre que eu descobrira, e a quem convidara a celebrar missa, limpou e fechou a igreja. Nessa noite vieram de novo arrombar as portas, partir os cadeados, rasgar os livros e praticar outras desordens.»

No que se refere a assuntos comerciais, a proclamação aos artesãos e camponeses não encontrou o mais pequeno eco. Já não havia «trabalhadores laboriosos»: e, quanto aos camponeses, esses deitaram a mão aos comissários portadores das proclamações que se aventuraram longe de mais e mataram-nos.

Tão-pouco deram resultado os espectáculos destinados a divertír o público e as tropas. Os teatros organizados no Kremlin e em casa de Posniakov foram imediatamente fechados, pois actores e actrizes viram-se despojados de tudo quanto tinham.

Também a beneficência foi estéril. Moscovo viu-se inundada de papel-moeda, quer falso quer verdadeiro, que logo perdeu todo o seu valor, Os Franceses, só preocupados em encher as algibeiras, apenas queriam ouro. Não só carecia de valor a moeda falsa que Napoleão distribuía tão generosamente pelos desgraçados, como as próprias moedas de prata se trocavam por moedas de ouro muito abaixo do seu valor.

Mas o exemplo mais impressionante da ineficácia das medidas tornadas nas altas esferas revelou-se na inutilidade dos esforços do imperador para deter a pilhagem e restabelecei, a disciplina.

Eis aqui informações das autoridades militares:

«O saque continua na cidade, apesar das ordens dadas para que cessasse. A ordem, por enquanto, não está restabelecida e ainda não lia um único comerciante que pratique comércio legal. Apenas os cantineiros se arriscam a vender, mas objectos proveiiientes do saque.»

«A parte do meu bairro continua a ser saqueada pelos soldados do 3º corpo, os quais, não se contentando em arrancar aos desgraçados refugiados nos subterrúncos o pouco que lhes resta, se mostram tão ferozes que os ferem à sabrada, como eu próprio Pude observar.»

«Nada de novo, além de que os soldados continuam a roubar e a saquear, 9 de Outubro.»

«O roubo e o saque continuam. Há um bando de ladrões no nosso bairro que é preciso mandar prender por uma força poderosa. 11 de Outubro.»

«O imperador está muito descontente com o facto de, apesar das ordens severas dadas para se acabar com a pilhagem, só ver chegar ao Kremlini destacamentos de merodistas da guarda. Na velha guarda renovaram-se ontem e hoje com mais intensidade do que nunca os actos de pilhagem. O imperador tem o desgosto de verificar que soldados de escol, destinados a defender a sua própria segurança, e que deviam dar exemplo de acatar as ordens, levam tão longe a desobediência que saqueiam os próprios armazén's e as lojas preparadas

expressamente para o exército. Alguns tão baixo desceram que já não obedecem às sentinelas, antes as injuriam e as abatem a tiro.»

«O grande marechal do palácio queixa-se», escrevia o governador, «de que, apesar das reiteradas proibições, os soldados continuam a fazer as suas necessidades em todos os pátios e até mesmo debaixo das janelas do imperador.»

O exército francês, como um rebanho que pisasse aos pés o pasto destinado a salvá-lo da fome, dispersava-se e perecia, pouco a pouco, mercê daquela longa permanência em Moscovo. E a verdade é que se não movia.

Não se moveu até ao dia em que de súbito o assaltou um medo pânico, e isso veio a dar-se quando os soldados souberam que haviam sido capturados comboios na estrada de Smolensk e que se dera a batalha de Tarutino. A notícia desta batalha, inopinadamente levada ao conhecimento de Napoleão durante uma parada militar, despertou no imperador o desejo de castigar os Russos, como refere Thiers, e foi então que deu a ordem de marcha reclamada pelo exército inteiro.

Ao abalarem de Moscovo, os soldados levavam consigo tudo quanto tinham podido apanhar. O próprio Napoleão fugia com o seu tesouro. Perante os pesados carregamentos que o exército levava, segundo diz Thiers, Napoleão ganhou medo. Mas, com a sua experiência da guerra, não mandou queimar todas as bagagens supérfluas, como fizera com as carroças de um dos seus marechais, ao aproximar-se de Moscovo. Ao ver essas seges e essas carruagens apinhadas de soldados, achou que estavam bem e que esses carros podenam vir a ser utilizados mais tarde para transportar abastecimentos, doentes e feridos.

A situação do exército francês fazia lembrar a de uma fera atingida que sabe próximo o seu fim e já não atina com o que deve fazer. Estudar as hábeis manobras e os planos de campanha de Napoleão e do seu exército desde a entrada em Moscovo até à destruição deste é como estudar os pinchos e as convulsões de um animal ferido de morte. Acontece muitas vezes que esse animal, assustado Por um ruído qualquer, se atira para debaixo da espingarda do caçador, corre direito a ele, volta para trás, precipitando deste modo o seu próprio fim. Eis o que fez Napoleão sob a pressão do seu exército. A notícia da batalha de Tarutino encheu de medo o animal, que se atirou para debaixo da espingarda, chegou até junto do caçador, voltou para trás e, por fim, como sempre acontece, se precipitou no

caminho mais desvantajoso e mais perigoso, pois os seus trilhos já lhe eram conhecidos.

Tal como aos olhos dos selvagens a figura esculpida à proa do barco se lhes afigura a força que o faz mover, Napoleão, que nos é apresentado como o dirigente de todo este movimento, na realidade, durante todo este período da sua vida, foi apenas a criança que, agarrada às correias do interior de um carro, julga estar a dirigi-lo.

[XI]

No dia 6 de Outubro, de manhã muito cedo, Pedro saiu da sua barraca, e, ao regressar a ela, deteve-se no limiar da porta a brincar com um cachorrito pardacento de pernas curtas e tortas que pulava à sua volta. Este animalzinho vivia na barraca e dormia com Karataiev. As vezes ousava sair à rua, mas voltava sempre para casa. A ninguém pertencia, naquele momento não era de quem quer que fosse e não dava por nome algum. Os Franceses chamavam-lhe Açor; um soldado apreciador de histórias, Femgalka; Karataiev e os outros, Sierii e às vezes Vislii (Nomes vulgarmente dados aos cães na Rússia (N. dos T.).

O pobre animal parecia não se preocupar com o facto de não ter dono, nem nome, nem raça bem definida, nem cor muito distinta. Trazia a empenachada cauda bem alçada, e as suas patitas tortas cumpriam tão bem ou tão mal a sua função que, por vezes, esquecendo-se de usar das quatro pernas, soerguia uma das da retaguarda, graciosamente, e nas outras três trotava agilmente. Para ele tudo era motivo de alegria: ora se esfregava no chão de barriga para o ar, ora se aquecia ao sol com modos pensativos e importantes, ou ainda brincava com um pedaço de Pau ou um bocado de palha.

Pedro, vestido com uma camisa suja esfarrapada, tudo quanto lhe restava dos seus antigos atavios, trazia pantalona de soldado amarradas nos artelhos, para andar mais quente, como o aconselhara Karataiev, um cafetã e um gorro de camponês. Mudara muito fisicamente. Não parecia tão gordo, embora mantivesse a mesma corpulência e a mesma força natural. Grande barba e farto bigode lhe revestiam os lábios e o mente. Por debaixo do gorro saíam-lhe umas farripas muito

crescidas e emaranhadas inçadas de piolhos. Tinha no olhar Lima expressão decidida, serena e resoluta como nunca. O relaxamento que outrora se lhe lia nos olhos desaparecera para dar lugar a uma decisão e a uma energia prontas a agir e a lutar. Andava descalço.

Pedro ora mirava os campos, onde nessa manhã passavam comboios de carros e gente a cavalo, ora estendia a vista para além do rio, um pouco mais para longe, ora ainda punha os olhos no cachorrito que fingia mordê-lo, quando não rios seus próprios pés descalços, que se entretinha a mudar de posição, remexendo os sujos dedos polegares. De cada vez que fitava os pés descalços perpassava-lhe pelos lábios um sorriso de alegria e satisfação. Esse espectáculo trazia-lhe a mente tudo quanto sofrera o também o muito que aprendera nos últimos tempos e era-lhe agradável lembrar-se de tudo isso.

O tempo ultimamente estava calmo e límpido, apenas pela manhã havia ligeiras geadas brancas: era, então, o Estio das mulheres.

Ao ar livre, enquanto havia sol, estava quente, e este calor, após o fresco estimulante das geadas matinais, não deixava, de ter os seus encantos.

Todos os objectos, próximos ou distantes, pareciam mergulhar nessa claridade feérica e cristalina como só há nessa época do Outono. Na distância divisavam-se os montes Vorobi, com a sua povoação, a sua igreja e uma casa branca. E as árvores despidas, a areia, as pedras, os telhados, o cata-vento verde da igreja, os cunhais da casa branca, lá longe, tudo isto, com uma nitidez quase irreal, se desenhava em finíssimos cor)tornos atrás da atmosfera diáfana. Num plano mais perto perfilavam-se as ruínas dessa casa senhorial, meio lambida pelo fogo, ocupada pelos Franceses, com os canteiros de lilases que adornavam o jardim ainda vestidos da sua sombria verdura. E até dessa casa meio arruinada e suja, cuja fealdade era hostil em dias sombrios, agora, iluminada por essa luz imóvel e viva, emanava uma espécie de apaziguadora beleza.

Um cabo francês, que, para estar à vontade, desabotoara o dólman, de gorro de polícia e cachimbo nos dentes, saiu de um dos ângulos do abarracamento e, com uma amistosa piscadela de olhos, aproximou-se de Pedro.

— Que sol, hem?, Monsieur Kiril, — assim lhe chamavam todos os franceses. — Parece que estamos na Primavera.

Encostando-se à ombreira da porta, ofereceu-lhe uma cachimbada, coisa que Pedro sempre recusava.

— Se tivéssemos um tempo destes para caminhar — principiou ele.

Pedro perguntou-lhe o que havia sobre a próxima partida, e por ele soube que quase todas as tropas iam deixar Moscovo e que naquele mesmo dia deveria sair uma ordem determinando o destino dos prisioneiros. Na barraca de Pedro havia um soldado. Sokolov de, nome, que estava na agonia, e Pedro chamou a atenção do cabo para, a necessidade de se tomarem quaisquer medidas acerca dele. Foi-lhe respondido que podia estar sossegado, que existiam ambulâncias e hospitais permanentes, que os doentes seriam tratados e que aliás as autoridades já tinham sido prevenidas.

— E depois, Monsieur Kiril, basta que diga uma palavrinha ao capitão, bem sabe. Oh!, é um b.... que nunca se esquece de nada. Diga ao capitão, quando ele vier fazer a ronda, fará tudo por si...

Esse capitão tinha às vezes longas conversas com Pedro e mostrava por ele certa parcialidade.

— Estás a ver, Saint-Thomas, o que ele me dizia no outro dia: Kiril é, um homem instruído, que fala francês; é um fidalgo russo, que teve pouca sorte, mas e um homem. E ele lá se entende, o b... Se ele quer alguma coisa, que mo diga, não se lhe recusa nada. Quando uma pessoa tem estudos, gosta da instrução e das pessoas decentes. É por si que eu digo isto, Monsieur Kiril. No caso do outro dia, se não fosse o senhor, aquilo acabava mal.

Depois de dar à língua ainda algum tempo, foi-se o cabo.

O caso do «outro dia» a que ele se referira dizia respeito a uma altercação entre prisioneiros e franceses que Pedro conseguira harmonizar. Alguns dos presos que tinham ouvido a conversa entre o compatriota e o cabo francês perguntaram-lhe de que haviam falado. Como Pedro lhes dissesse que se falava numa próxima partida, um soldado francês, magro, amarelento e esfarrapado, aproximou-se deles. Enquanto levava dois dedos à pala da barretina, num gesto rápido e algo acanhado, à guisa de continência, perguntou-lhe se o soldado Platoche, a quem confiara a camisa para remendar, não estaria por ali.

Na semana anterior, os Franceses tinham recebido pano e cabedal para botas e haviam confiado aos prisioneiros o seu calçado e as suas camisas para remendar.

— Está pronta, está pronta, meu falcãozito — exclamou Karataiev, que aparecera à porta com a camisa dobrada,

Por causa do calor, e para estar mais à vontade, Karataiev estava apenas em

ceroulas e vestia uma camisola negra como um tição. À maneira dos artesãos, amarrara os cabelos com pedaços de cânhamo, e a sua cara redonda ainda parecia mais redonda agradável do que habitualmente.

— Contratos são contratos. Se eu disse que estava pronta sexta-feira, está pronta sexta-feira — rematou Platão, sorrindo enquanto desdobrava a camisa.

O francês olhou inquieto à sua roda e, dominando a indecisão que o tomava, despiu rapidamente o uniforme e enfiou a camisa. Sobre o desnudo corpo delgado e amarelento trazia, a servir de camisa, um folgado colete de seda floreado, muito sebento, que mal lhe cobria a pele. Receando, sem dúvida, que os prisioneiros se rissem dele, deu-se pressa em meter a cabeça pelo decote da camisa. Mas ninguém disse fosse o que fosse.

— Fica-te bem — observou Platão, puxando-lhe pela camisa. Quando conseguiu meter a cabeça e os braços dentro da camisa, o francês, sem erguer os olhos, pôs-se a examinar as costuras.

— Que queres tu, falcãozito, isto aqui não é uma oficina de costura, faltam-me as ferramentas necessárias. É bem verdade o que se costuma dizer: sem ter com quê, nem a pulga um homem pode matar. — E todo ele, toda a redondeza da sua cara, era riso, satisfeitíssimo com o seu trabalho.

— Está bem, está bem, obrigado; mas tu deves ter pano de sobra — disse o francês.

— E ainda te ficará melhor depois de se te ajeitar ao corpo — comentou Karataiev, que continuava a admirar a sua obra. — Vais-te sentir bem e à vontade.

— Obrigado, obrigado, meu velho, o resto... — voltou o francês, sorrindo e metendo uma nota na mão de Karataiev. — Mas o resto...

Pedro percebeu que Platão não tinha grande empenho em compreender o que dizia o seu cliente, e olhava para ambos sem abrir a boca. Karataiev agradecia o que lhe davam e continuava a admirar a sua obra. O francês teimava em que ele lhe desse o resto do pano, e acabou por pedir a Pedro que lhe servisse de intérprete.

— E para que quer ele as sobras? — perguntou Karataiev. — Para nós podiam servir para fazermos umas ricas polainas para as pernas. Mas já que ele as quer...

E, de súbito, numa expressão triste, tirou de dentro da camisa um embrulhito com umas sobras de pano e entregou-lho sem olhar para ele.

— Que pena! — exclamou, voltando-lhe as costas. O francês pôs-se a examinar os bocados de pano, pareceu indeciso, interrogou Pedro com os olhos e como se este lhe tivesse dito alguma coisa:

— Platoche, ouve lá, Platoche — gritou, corando. — Guarda-as para ti. — E, estendendo-lhe o embrulho com as sobras do pano, deu meia volta e afastou-se.

— É como vês — comentou Karataiev, abanando a cabeça. — Dizem que não são cristãos. Mas sempre têm alma. Os velhos têm razão. Mão suada é dadivosa, mão enxuta é avara. Está nu e assim mesmo dá-me as sobras.

Karataiev ficou pensativo, calado, de olhos fitos nos bocados de pano.

— É o que te digo, amigo, vou fazer daqui umas ricas polainas — comentou, voltando a entrar na barraca.

[XII]

Quatro semanas tinham decorrido desde que Pedro caíra prisioneiro. Embora os Franceses o tivessem querido transferir da barraca dos soldados para a dos oficiais, continuara sempre naquela onde o tinham metido no primeiro dia.

Em Moscovo, arruinada e incendiada, Pedro chegara quase ao limite extremo das privações que um homem pode suportar, porém a sua forte constituição e a sua saúde até então nunca experimentadas, e sobretudo o facto de essas privações se terem verificado pouco a pouco, fizeram que ele as suportasse não só com facilidade, mas até com alegria. Precisamente naquela altura atingia ele aquela serenidade e aquela satisfação de si próprio a que debalde aspirara outrora. Por muito tempo, no decorrer da sua vida, procurara, de vários modos e em várias direcções, aquela tranquilidade, aquele acordo consigo próprio, que tão profundamente o impressionara nos soldados durante a batalha de Borodino. Procurara-os na filantropia, na franco-maçonaria, nas distracções da vida mundana, no vinho, na heróica abnegação, no romanesco amor por Natacha; procurara-os pelas vias do puro pensamento e sempre e em toda a parte só encontrara decepções. Mas agora, espontaneamente, sem pensar nisso, ei-lo que achara essa serenidade nos horrores passados diante da morte, nas privações, aceitando e compreendendo a alma de Karataiev.

Os horríveis momentos que vivera durante a execução dos incendiários pareciam ter-lhe varrido para sempre do espírito e da memória os pensamentos e os sentimentos que o inquietavam até então e que tão importantes se lhe afiguravam. Já não pensava na Rússia, nem na guerra, nem na política, nem em Napoleão. Era evidente que nada disso lhe dizia respeito, que lhe não pertencia apreciar essas coisas e mesmo que o quisesse não podia. «A Rússia e o Verão não se casarão», costumava dizer, repetindo certo dito de Karataiev, e estas palavras tão simples davam-lhe uma serenidade estranha. Agora encarava como incompreensível e até ridículo o seu projecto de matar Bonaparte e bem assim as suas lucubrações à volta do algarismo cabalístico e da Besta do Apocalipse. A ira que a mulher lhe despertara e o receio de que o seu nome tivesse sido desonrado pareciam-lhe agora não só coisas vãs mas até ridículas.

Que lhe importava a ele que essa mulher levasse a vida que queria? Que lhe importava a ele principalmente que soubessem ou não que aquele prisioneiro era o conde Bezukov?

Pensava muitas vezes na conversa que tivera com o príncipe André e dava-lhe inteira razão, embora lhe interpretasse o pensamento de maneira um pouco diferente. O príncipe André pensava e dizia que a felicidade apenas tinha carácter negativo, e isto não sem que o dissesse e pensasse com um misto de amargura e ironia. Pensando assim, parecia querer dizer que todas as aspirações do homem à felicidade positiva lhe não tinham sido dadas senão para o atormentar, insatisfeitas que sempre eram. Sem qualquer pensamento reservado, Pedro adoptara esta maneira de pensar. A ausência da dor, a satisfação de todas as necessidades, e, como consequência, a liberdade da escolha das suas próprias ocupações, isto é, do género de vida que mais lhe quadrava, afiguravam-se-lhe, a Pedro, incontestavelmente, o ideal da felicidade humana. Mas agora compreendera pela primeira vez o prazer de comer quando se tem fome, de beber quando se tem sede, de dormir quando se tem sono, de se aquecer quando se tem frio, de falar quando apetece ouvir uma voz humana. A satisfação das necessidades, uma boa alimentação, o asseio, a liberdade, agora, que estava privado de tudo isso, apareciam-lhe como o supra-sumo da felicidade, e a liberdade da escolha das suas ocupações, isto é., a própria vida, agora, que tão limitada lhe estava essa escolha, parecia-lhe coisa tão fácil que esquecia que o próprio excesso das comodidades da existência destrói toda a felicidade que resulta da satisfação

das necessidades e que uma perfeita liberdade de acção, essa liberdade que lhe proporcionara a instrução, a fortuna, a posição na sociedade, torna a escolha das ocupações excessivamente difícil e por isso mesmo destrói a necessidade e o desejo de acção.

Todos os pensamentos de Pedro se reportavam agora ao momento em que o restituíssem à liberdade. E, no entanto, depois, e até ao fim dos seus dias, alegremente recordaria aquele mês de prisão e com entusiasmo falaria das fortes e inapagáveis alegrias que experimentara então e sobretudo da serenidade moral perfeita, da completa liberdade interior que só nessa quadra da sua existência profundamente conhecera.

No primeiro dia de cativeiro, quando, depois de se levantar muito cedo, viu, ao sair da barraca, as cúpulas e as cruzes sombrias do Mosteiro Novodievitchii, o orvalho gelado sobre a erva poeirenta, os cumes dos montes Vorobi e as orlas cobertas de arvoredo do no que serpeava perdendo-se na distância violácea; quando sentiu a brisa fresca soprar-lhe na cara e ouviu o grasnido das gralhas que debandavam de Moscovo através dos campos, quando, de súbito, a luz surgiu do Oriente, o Sol se ergueu, solene, por cima das nuvens, e as cúpulas, as cruzes, o orvalho, a distância, o rio, tudo resplandeceu no meio dessa alegre claridade, uma felicidade nova, uma alegria nunca experimentada o tomou, enchendo-o de desconhecido júbilo.

Este sentimento nunca o abandonara enquanto estivera prisioneiro. Pelo contrário, fora crescendo à medida que se agravavam as dificuldades da sua situação.

Nesta disposição de espírito e na aceitação de tudo que lhe acontecia e ainda no revigoramento das suas forças morais muito o ajudou a elevada opinião que dele tiveram sempre os seus companheiros de cativeiro desde que chegara ali. O saber vários idiomas, o respeito que lhe testemunhavam os Franceses, a sua simplicidade, a maneira que tinha de dar tudo quanto lhe pediam, particularmente os três rublos que semanalmente recebia como pré de oficial, a sua robustez física, que maravilhara os soldados ao verem-no enterrar com as mãos alguns cravos na parede da barraca, a sua humildade no trato com os camaradas, as suas maneiras, para eles incompreensíveis, ao quedar-se horas imóvel e sem fazer nada, cismando, tudo isto junto lhe dera, aos olhos deles, ares de criatura misteriosa. Estas qualidades, que até ali, na sociedade em que vivera, apenas lhe tinham sido

prejudiciais e embaraçosas, a sua força, o seu desprezo pelas comodidades da vida, o seu ar distraído, a sua simplicidade, ali, entre aquela gente, quase faziam dele um herói. E Pedro sentia que esta opinião a seu respeito lhe criava obrigações.

[XIII]

Durante a noite de 6 para 7 de Outubro começou a retirada dos Franceses. Demoliram-se as cozinhas e as barracas, carregaram-se as galeras, e soldados e bagagens puseram-se em marcha.

As sete da manhã um pelotão de franceses com uniforme de campanha, barretinas, arma ao ombro, mochila às costas e grandes bornais a abarrotar, alinhou diante dos abarracamentos e foi um nunca acabar de gritos e graçolas ao longo das fileiras.

No interior das barracas todos estavam a postos, vestidos, calçados, aguardando ordem de marcha. Só Sokolov, o soldado doente, pálido e magro, não estava nem equipado nem calçado, Sentado no seu canto, os olhos fora das órbitas, de grandes olheiras, castigado pelo sofrimento, interrogava em silêncio os seus companheiros indiferentes, gemendo de vez em quando. O que lhe ditava aquela queixa era menos a desinteria que o prostrava que o terror e a tristeza que lhe causavam a ideia de ficar só para ali.

Pedro, com umas botifarras que Karataiev lhe fizera de um pedaço de couro que um francês lhe trouxera para ele lhe pôr meias solas numas botas, à cinta uma corda que lhe cingia os rins, aproximou-se do enfermo e agachou-se junto dele.

— Escuta, Sokolov, eles não se vão embora de vez. Têm aqui um hospital. Naturalmente ainda vais ficar melhor do que nós — disse-lhe ele.

— Ai, meu Deus! Vou morrer! Ai, meu Deus! — gemia o desgraçado.

— Eu vou falar com eles — animou-o Pedro, dirigindo-se para a porta da barraca.

Nesse momento vinha entrando, acompanhado de dois soldados, o cabo que na véspera oferecera uma cachimbada a Pedro. Todos envergavam uniforme de campanha, com barretinas e bornais e o francalete por debaixo do queixo, o que lhes dava outro aspecto.

O cabo recebera ordem para conservar a porta fechada. Antes da partida, tinha de proceder à chamada dos prisioneiros.

— Cabo, que vais tu fazer do doente?... — perguntou Pedro.

E enquanto isto lhe dizia. Pedro perguntava a si próprio se realmente estaria falando com o cabo seu conhecido ou com outro homem, pois a verdade é que não parecia o mesmo.

O cabo, ao ouvir as palavras de Pedro, franziu o sobrolho e fechou a porta ruidosamente, soltando uma grosseria. A barraca ficou imersa numa semi-obscuridade. O rufar de tambores que de repente se ouviu dos dois lados da barraca abafava as queixas do doente.

«Ah! Aí está outra vez... », pensou Pedro, e um calafrio lhe percorreu a espinha. Voltara a encontrar na fisionomia transfigurada do cabo, no tom da sua voz, no rufar ensurdecedor dos tambores que tocavam a reunir, aquela força misteriosa e impassível que levava os homens a matarem-se uns aos outros mesmo sem quererem, essa força cujos efeitos vira aquando das execuções. Ter medo, procurar evitar esta força, suplicar ou admoestar aqueles que se lhe rendiam, era absolutamente inútil. Eis o que Pedro compreendia agora.

Era preciso esperar e ter paciência. Não voltou ao pé do doente e não lhe disse qualquer outra palavra de consolo. Ali ficou, de pé, junto da porta da barraca, mudo, as sobrancelhas franzidas.

Quando as portas voltaram a abrir-se e os prisioneiros, como um rebanho de carneiros, empurrando-se uns aos outros, se amontoaram à saída, Pedro abriu caminho pelo meio deles e avançou até junto do capitão que, no dizer do cabo, estava disposto a tudo fazer por ele. Também este capitão envergava fardamento de campanha e no seu frio rosto reflectia-se essa mesma coisa terrível traduzida nas palavras do cabo e no rufar dos tambores.

— Toca a andar, toca a andar! — gritava ele, olhando severamente os prisioneiros que se comprimiam uns contra os outros na sua frente.

Pedro, embora certo de que seria inútil o que ia tentar, aproximou-se dele.

— Então, que é que há? — exclamou o oficial, relanceando-lhe um frio olhar, como se o não conhecesse.

Pedro lembrou-lhe o doente.

— Que diabo, ele pode caminhar! — replicou o capitão, e sem olhar para Pedro: — Toca a andar, toca a andar! — prosseguiu.

— Não pode, está a morrer — insistiu Pedro.

— Fazem favor!... — gritou o capitão iracundo.

Tan, rataplã, continuavam os tambores. E Pedro compreendeu que aqueles homens estavam completamente dominados pelo poder da força misteriosa que ele sentia ali presente e que era inútil dizer fosse o que fosse.

Separaram os soldados dos oficiais prisioneiros e, deram-lhes ordem de marchar na vanguarda. Com Pedro, eram trinta — os soldados eram trezentos.

Pedro não conhecia os oficiais das outras barracas, que se apresentavam muito melhor. Olharam, desconfiados e hostis, Para ele e para as botas que tinha nos pés.

Bastante perto dele marchava um gordo major, que parecia respeitado por todos os demais: vestia um roupão tártaro de Kazan, cingido por uma toalha, a sua cara, opada e amarelenta, tinha qualquer coisa de iracundo. Uma das mãos, que segurava a bolsa do tabaco, apoiava-se na abertura da camisa e a no chibuque (Cachimbo turco (N. dos T.) . Resfolegando e soprando, resmoneava, zangado com toda a gente, dizendo que o empurravam, que todos estavam com pressa sem razão alguma, que não havia motivo para surpresas. Outro, pequenino e magricela, ia interrogando toda a gente, perguntando para onde os levavam o que percurso teriam de fazer naquele dia. Um funcionário, de uniforme de comissário e botas de feltro, corria daqui para ali, observando Moscovo e fazendo comentários em volta sobre este e aquele bairro ainda fumegantes. Outro ainda, um polaco, a avaliar pelo sotaque, discutia com o funcionário, pretendendo mostrar-lhe que se enganava a respeito dos bairros que ia designando.

— Para que serve discutir? — exclamou o major colérico. — Tanto faz que seja S. Nicolau como Vlass: é o mesmo. Como vêem, está tudo queimado e isso é um facto... Para que empurram? Não lhes chega o espaço que têm? — acrescentou, dirigido-se àquele que vinha atrás dele e que o não empurrava de lacto.

— Oh! Que terrível coisa fizeram! — exclamavam os prisioneiros, contemplando as ruínas. — E o Zamoskvorietche e Zubovo e o Kremlin... Olhem, não ficou nem metade. Eu bem lhes disse que tinha ardido todo o Zamoskvorietche, e é verdade. Aí têm.

— Bom, está bem, já sabem que ardeu a cidade inteira. De que lhes serve discutir? — resmungava o major.

Ao atravessarem Kamovniki, um dos poucos bairros intactos, ao pé da igreja, os prisioneiros correram de súbito todos para o mesmo lado, e ouviram-se exclamações de horror e repulsa.

— Oh! Que canalhas! Bem se vê que não são cristãos. Olhem, o morto, o morto... Borraram-lhe a cara.

Pedro também se aproximou da igreja para saber a causa daquelas exclamações, e viu então qualquer coisa encostada ao muro do templo. Pelos seus camaradas, que viam melhor do que ele, soube que era um cadáver de pé contra a grade e ao qual tinham besuntado a cara com sebo.

— Marchem, caramba... Marchem... trinta mil diabos! — vociferaram os soldados da escolta, e com renovada, ira puseram-se a destroçar a coronhada a multidão dos prisioneiros que ficara para trás olhando o cadáver.

[XIV]

Pelas ruelas de Kamovniki foram seguindo os prisioneiros com a sua escolta, mais as carroças e as galeras que vinham atrás deles, sem encontrar ninguém no caminho. Mas ao desembocarem junto dos armazéns de subsistências, deparou-se-lhes um grande comboio de artilharia que avançava, penosamente, entravado por um engarrafamento de viaturas particulares.

Ao chegarem à ponte, tiveram de estacar para darem tempo a que passassem os que iam na vanguarda. Passada a ponte, puderam ver que tanto na sua frente como na sua retaguarda tudo eram filas intermináveis de carros. À direita, no local em que a Calçada de Kaluga forma uma curva diante de Neskutchni, perdendo-se na distância, desfilavam filas imensas de soldados e de bagagens. Eram as tropas do corpo de Beauharmais, as primeiras a sair da cidade. Atrás, ao longo do cais e da ponte de Pedro, marchava, o corpo de exército de Ney, com as suas respectivas viaturas.

As tropas de Davout, de que os prisioneiros faziam parte, atravessaram o vau de Krimski e meteram por um troço da Rua de Kaluga. Mas a fila era tão longa que as últimas viaturas de Beauharmais ainda não tinham saído de Moscovo quando a vanguarda das tropas de Ney principiava a desembocar na Grande Ordinka.

Após terem atravessado o vau de Krimski, os prisioneiros, depois de darem alguns passos, pararam, para de novo se porem em marcha: de todos os lados se comprimiam contra eles cada vez mais homens e viaturas. Levaram mais de uma hora para Percorrer a escassa centena de passos que separa a ponte da Rua de Kaluga, e, ao chegarem à praça onde a Rua de Zamoskvorietche se encontra com a de Kaluga, pararam, comprimidos numa massa compacta, e ali ficaram algumas horas naquela encruzilhada. Por toda a parte se ouviam, num rindo semelhante ao do mar, e rolar das rodas, os passos dos soldados e gritos furiosos e intermináveis injúrias. Pedro, de pé, comprimido contra a parede de uma casa incendiada, ouvia aquele rumor que na sua imaginação se fundia com o rufar dos tambores.

Alguns oficiais prisioneiros, para verem melhor, treparam ao alto das paredes da casa junto à qual se encontrava Pedro.

— Tanta gente! Ah! Tanta gente!... Até há homens em cima dos canhões! Olhem para as peles'... Ah!, que crápulas! O que eles roubaram! Olha para aquele, o que ele leva no carro... Deve ter tirado aquilo a um ícone... São alemães. é mais que certo! Onde estão os nossos camponeses?... Canalhas!... Olha para o que aquele leva. Nem pode andar! E aqueles, aqueles apanharam uma carruagem de fidalgo! E aquele além! Sentado em cima dos baús! Ah! Santos Padres! Isto é que foi roubar!

— Sim, sim! Chega-lhe nas ventas! Sim, senhor, não salinos daqui antes da noite! Olha, olha... Se calhar é do Napoleão. Repara! Que belos cavalos! Um escudo e a coroa! Parece uma casa desmontável! Olha, aquele perdeu o saco e, não deu por isso. Quê, mais zaragatas? Uma mulher com o filho. Não é qualquer peste. Claro, assim, hão-de deixar-te passar, Olhem! Nunca mais acaba! Moças russas, palavra de honra! Sim, moças russas1 Aquilo é que elas se rebolam nos carros.

De novo um acesso de curiosidade, como junto da igreja de Kamovniki, precipitou os prisioneiros para diante, e Pedro, graças à sua estatura avantajada, pôde ver por cima das cabeças o que assim chamava a atenção. Em três carruagens. à mistura com os armões da artilharia, aglomeradas umas sobre as outras, viam-se umas mulheres muito pintadas, com vestidos ultragarridos, que gritavam em altos berros.

Desde o momento em que Pedro dera pela presença daquela força misteriosa e brutal que a certa altura se apodera dos homens, nada lhe parecia já estranho

nem horrível: nem aquele cadáver borrado de sebo, nem aquelas mulheres empilhadas dentro de um carro, nem mesmo os escombros do incêndio. Já nada o comovia: dir-se-ia que a sua alma, preparando-se para uma luta difícil, repelia de si toda a emoção capaz de a debilitar.

O carro das mulheres passara. Atrás dele vinha uma grande fileira de carroças, de soldados, de galeras: depois, de novo soldados, furgões, veículos; e outra vez soldados, armes e mais soldados: de quando em quando algumas mulheres.

Pedro ninguém via individualmente, mas apenas massas de gente em movimento.

Toda aquela gente, todos aqueles cavalos, pareciam impulsionados por uma força invisível. Em todos eles, afluindo das diversas ruas, não havia senão um único e mesmo desejo: passar o mais depressa que pudessem. Empurravam-se, irritavam-se, agrediam-se, viam-se dentes ranger, franziam-se sobrancelhas, injuriavam-se uns aos outros, e todos os rostos reflectiam a mesma expressão resoluta, cruel, fria, a expressão que o impressionara logo pela manhã na máscara do cabo, quando principiara a rufar o tambor.

Para o fim da tarde, o comandante do comboio conseguiu agrupar o seu destacamento, que entre gritos e zaragatas acabou por unir-se aos demais comboios, e os prisioneiros, escoltados por todos os lados, entraram, a pé, na estrada de Kaluga.

A marcha foi rápida, sem interrupções, e apenas pararam ao pôr do Sol. As carroças alinharam umas atrás das outras e os homens prepararam-se para passar ali a noite. Toda a gente parecia irritada e descontente. Por muito tempo se ouviram, por todos os lados, injúrias, obscenidades, disputas. Uma carruagem que vinha atrás do comboio abalroou com uma carroça e meteu-lhe dentro os taipais com a lança dos cavalos. Acorreram vários soldados: uns fustigavam a cabeça das bestas atreladas à carruagem, para obrigá-las a recuar, outros agrediam-se entre si, e Pedro viu um alemão gravemente ferido na cabeça por uma espadeirada.

Aquela gente, ali parada em pleno campo, no meio das fria, trevas de uma noite de Outono, experimentava a desagradável sensação de quem desperta depois da confusão e da precipitação em que vivera à saída da capital. Todos pareciam compreender ser desconhecido o destino que levavam e que muitos tormentos e muitas dificuldades os aguardavam ainda.

Neste primeiro descanso, os soldados da escolta ainda trataram os prisioneiros

com mais dureza que no momento da partida. Pela primeira vez receberam como ração carne de cavalo.

Desde os oficiais até ao mais humilde dos soldados, todos mostravam uma espécie de irritação particular para com os prisioneiros, contraste flagrante com o amistoso tratamento que até então tinham tido.

Essa irritação ainda mais se agravou quando, no momento de se fazer a chamada, verificaram que tinha fugido um soldado russo, que se queixara de uma indisposição de barriga. Pedro viu Um francês agredir um russo por se ter afastado da estrada e Ouviu o capitão seu amigo repreender severamente o sargento por causa do desaparecimento do prisioneiro, ameaçando-o com um conselho de guerra. Respondendo-lhe o sargento que o soldado estava, doente e não podia caminhar, o oficial replicou-lhe que havia ordens para fuzilar os retardatários. Pedro sentiu que aquela força fatal e bruta que pesara sobre ele na altura, da execução dos incendiários, aligeirando-se durante o período do cativeiro, voltava de novo a impor-se-lhe. Um grande terror se apoderou dele: mas ao mesmo tempo sentia que, enquanto esta força procurava esmagá-lo, outra, poderosa e independente dela, espécie de energia vital, crescia e lhe fortalecia a alma

Ceou papas de farinha e centeio e um pedaço de carne de cavalo e pôs-se a falar com os companheiros.

Nem Pedro nem qualquer dos outros aludiu ao que tinham, visto em Moscovo, nem tão-pouco à brutalidade dos Franceses nem à ordem de disparar sobre eles em caso de fuga. Como para contrabalançar a gravidade da situação que atravessavam, pareciam especialmente alegres e ruidosos. Lembravam recordações pessoais, cenas cómicas a que tinham assistido durante a campanha, e as histórias que contavam faziam-nos esquecer o momento que passava.

Há muito que, se havia posto o Sol. Estrelas brilhantes surgiam aqui e ali no alto céu, O globo da lua cheia, cor de fogo, espalhava o seu fulgor no horizonte, balouçando-se de maneira estranha no meio da bruma acinzentada. Era como se fosse dia claro. O crepúsculo ainda não acabara e a noite ainda não principiara. Pedro, afastando-se do grupo dos seus novos amigos, atravessou pelo meio das fogueiras do acampamento para o outro lado da estrada onde lhe haviam dito haver também prisioneiros, Desejava conversar com eles. Uma sentinela francesa mandou-o fazer alto, ordenando-lhe que voltasse para trás.

Pedro obedeceu-lhe, mas, em vez de voltar para o bivaque onde estavam os

companheiros, encaminhou-se para uma carroça desatrelada em que ninguém havia. Sentou-se no chão, acocorado, e de cabeça baixa, sob a caixa da carroça, por muito tempo ali ficou imóvel, absorto nos seus pensamentos. Passou-se mais de uma hora, Ninguém se lembrava dele. De súbito rompeu uma gargalhada tão franca e estrepitosa que toda a gente se voltou para ver donde partia aquela estranha jovialidade.

«Ah!, ah!, ah!», gargalhava Pedro. E em voz alta ia dizendo para si mesmo: «O soldado não me deixou passar, apanharam-me, encarceraram— me, fizeram-me prisioneiro. Mas a quem? A mim. à minha alma imortal?

«Ah!, ah!, ah…» E de tanto rir enchiam-se-lhe os olhos de lágrimas.

Um dos prisioneiros levantou-se e aproximou-se para ver qual a causa da hilaridade daquele homem gordo e estranho, Pedro deixou de rir, levantou-se e, afastando-se do indiscreto, olhou em torno de si.

O acampamento, ainda há momentos animado pelo crepitar das fogueiras e das conversas ruidosas, serenara até onde a vista alcançava; as chamas vermelhas empalideciam e apagavam-se. A lua cheia estava agora lá no alto do firmamento inundado de luar, As florestas e os campos, até então invisíveis para além do acampamento, avultavam ao longe. E para além dessas florestas , desses campos, a distancia infinita iluminada pelo luar parecia mover-se e chamá-lo para si. Ergueu os olhos para o céu, para as profundezas onde se perdiam as estrelas cintilando. «E tudo isto me pertence, tudo isto está em mim e tudo isto sou eu!», exclamou. «E a tudo isto deitaram eles a mão e tudo isto enceraram numa barraca de madeira!» Sorriu e foi deitar-se junto dos companheiros.

[XV]

Nos primeiros dias de Outubro. Kutuzov voltara ainda a receber uma carta de Napoleão, com propostas de paz, que lhe fora confiada por um parlamentário, carta falsamente datada de Moscovo, pois o imperador já se encontrava para além do exército russo, na velha estrada de Kaluga. Kutuzov repetiu o que respondera à primeira que lhe fora apresentada por Lauriston: que não queria ouvir falar em paz.

Pouco tempo depois, o destacamento de guerrilheiros comandado por Dolokov, que operava à esquerda de Tarutino, comunicou que haviam desaparecido tropas francesas em Fominskoie, e que, essas tropas eram formadas pela divisão Broussier, a qual, isolada do resto do exército, facilmente podia ser dizimada. Soldados e oficiais exigiam, gritando, que os deixassem combater. Os generais do estado-maior, encorajados pela vitória fácil de Tarutino, insistiam com o generalíssimo para que a proposta de Dolokov fosse aceite. Kutuzov continuava a considerar inoportuna qualquer actividade. Foi então resolvido tomar uma medida intermédia: enviou-se um pequeno destacamento a Fominskoie com o propósito de atacar Broussier.

Por um estranho acaso, esta missão — a mais difícil e a mais importante de todas, como depois se verificou — foi confiada a Dokturov, esse pequeno e modesto Dokturov, que ninguém concebia a gizar planos de batalha, e lançar-se à frente dos seus regimentos, ou a espalhar cruzes às mãos-cheias peias baterias, esse homem que tinha fama de indeciso, e que, no entanto, em todas as operações contra os Franceses, de Austerlitz até 1813, estivera sempre na posição de comando onde a situação era mais difícil. Em Austerlitz fora o último a abandonar o dique de Augezd, reunindo os regimentos, salvando o que podia, quando todos debandavam ou tinham sido mortos e mais nenhum general havia na linha de fogo, Enfermo e cheio de febre, acorreu a Smolensk com vinte mil homens para defender a cidade contra o exército de Napoleão. Em Smolensk, num grande acesso febril, passa pelo sono na Porta de Malakov. O tiroteio desperta-o e a cidade aguenta-se todo o dia, Em Borodino, depois que Bagration foi morto e os Russos perderam, na sua ala esquerda, um por cada nove soldados, e quando toda a artilharia francesa despejava metralha sobre eles. é ainda este indeciso e imprevidente Dokturov quem vai substituir um general mal escolhido numa infeliz decisão de Kutuzov. E apresenta-se este miúdo, este modestíssimo Dokturov, e Borodino transforma-se numa das mais brilhantes glórias russas. No entanto, embora sejam muitos os heróis celebrados em prosa e verso, de Dokturov ninguém fala.

Foi ainda Dokturov o general enviado a Fominskoie e daí a Malii Iaroslavets, local em que se travou a última verdadeira batalha contra os Franceses, e onde, de facto, verdadeiramente, principiou a derrocada dos exércitos napoleónicos. E, embora sejam muitos os génios e os heróis glorificados desta campanha, de

Dokturov ou não se fala ou apenas se lhe dedicam algumas palavras de elogio equívoco. O silêncio à volta deste homem é a mais evidente prova dos seus méritos.

É natural que um homem que não conhece o funcionamento de uma máquina atribua grande importância ao cisco que por acaso se introduziu nas suas engrenagens e a não deixa funcionar. Sem conhecer a sua construção, esse homem não pode compreender que o órgão essencial da máquina é a pequena roda que gira sem ruído.

No dia 10 de Outubro, dia em que Dokturov, tendo percorrido metade do caminho para atingir Fominskoie, se deteve na povoação de Aristovo, onde se dispunha a executar com toda a exactidão a ordem recebida, o exército francês, que, impelido por um movimento compulsivo, chegara até junto da posição ocupada por Murat para aí travar batalha, segundo parece, imediatamente e sem motivo algum virou para a esquerda, pela estrada nova de, Kaluga, e penetrou em Fominskoie, onde até essa data só se encontrava Broussier. Naquele momento. Dokturov apenas tinha sob o seu comando o destacamento de Dolokov e dois outros, menos importantes, o de Figner e o de Sesslavine.

Na noite de 11 de Outubro, Sesslavine chegou a Aristovo e apresentou-se na sede do comando com um soldado francês da Guarda que acabava de ser feito prisioneiro. Este disse que as tropas que nesse mesmo dia tinham entrado em Fominskoie constituíam a guarda-avançada de todo o exército, que Napoleão se encontrava junto delas e que havia quatro dias que tinham deixado Moscovo. Nessa mesma noite, um criado-servo que chegava de Borovska, contou que vira um importante corpo de exército penetrar na cidade. Cossacos do destacamento de Dolokov confirmaram que a guarda francesa marchava pela estrada de Borovska. De harmonia com todas estas informações, tornou-se evidente que naquele ponto, onde esperavam encontrar apenas uma divisão, se achava todo o exército francês, que deixara Moscovo, e o qual seguia direcção imprevista, a velha estrada de Kaluga. Dokturov, hesitante, não sabia que decisão tomar, pois não via agora com clareza o que tinha a fazer. Recebera ordem para atacar Fominskoie. Mas aí, onde anteriormente apenas se encontrava Broussier, estava agora todo o exército francês. Ermolov teria desejado agir a seu talante, mas Dokturov insistiu na necessidade de se recorrer à decisão do Sereníssimo. E foi resolvido enviar-se um relatório ao estado-maior.

Para essa missão escolheu-se Bolkovitinov, um oficial inteligente, o qual, além do relatório escrito, devia prestar completas explicações orais, A meia-noite, Bolkovitinov, depois de ter recebido o relatório e as respectivas ordens verbais, partiu a galope ao encontro do estado-maior, seguido de um cossaco e de cavalos de muda.

[XVI]

A noite de Outono estava escura e quente. Há três dias que chovia, Depois de mudar duas vezes de cavalos e de ter percorrido trinta verstas em hora e meia, por uma estrada lamacenta e escorregadia, Bolkovitinov chegou a Letachovka às duas da madrugada. Apeando-se diante de uma isbá em cuja porta havia um letreiro com a inscrição «Estado— Maior», penetrou no vestíbulo escuro.

— É urgente, o general de serviço! Extremamente urgente! — disse ele a um homem que se perfilou, sobressaltado, no meio das trevas.

— Está muito doente desde ontem, ha duas noites que não dorme — deu-se pressa em responder um impedido baixando a voz. — É melhor acordar primeiro o capitão.

— É muito importante. Da parte do general Dokturov — insistiu Bolkovitinov, entrando, às apalpadelas — pela porta dentro.

O impedido adiantou-se-lhe e fez menção de acordar alguém que estava a dormir.

— Excelência, Excelência, um correio.

— Hem? Quê? Da parte de quem? — inquiriu uma voz ensonada.

— Da parte de Dokturov, Alexis Petrovitch. Napoleão está em Fominskoie -— disse Bolkovitinov, que, na obscuridade, não conseguia ver a pessoa que falara, reconhecendo, no entanto, pela voz, que não era Konovnitsine.

O homem pôs-se a bocejar e a espreguiçar-se.

— Não estou com vontade de o acordar — disse ele, tacteando nas trevas. — Está muito doente e naturalmente isso são boatos.

— Aqui tem o relatório — volveu Bolkovitinov — Tenho ordem de o entregar imediatamente ao general de serviço.

— Espere, vou acender a luz. Onde a meteste, malvado? — disse para o impedido o militar que acordara e, era Chtcherbinine, o ajudante-de-campo de Konovnitsine. — Ah! Aqui está ela, aqui está ela.

O impedido riscou a pederneira enquanto o oficial procurava vela tacteando no escuro.

— Ah, malandros! — exclamou, arreliado.

A claridade das chispas, Bolkovitinov reconheceu a cara moça de Chtcherbinine, que tinha uma vela na mão, e a um canto, na sua frente, viu alguém que dormia. Era Konovnitsine.

Quando a chama da isca, primeiro azul, se tornou vermelha, Chtcherbinine acendeu a vela de sebo. As baratas que a devoravam fugiram e ele pôs-se a examinar o mensageiro. Bolkovitinov, coberto de lama, ao tentar enxugar-se com a manga da farda, mascarrou a cara.

— E quem prestou estas informações? — perguntou Chtcherbinine, pegando no sobrescrito.

— As informações são de confiança — replicou o correio. Prisioneiros, cossacos, espiões, são unânimes a dizer o mesmo.

— Não há outro remédio, tenho de o acordar — murmurou Chtcherbinine, erguendo-se e aproximando-se do homem que ressonava com a cabeça metida num barrete de dormir e o capote por cima. — Piotre Petrovitch! — chamou ele, Konovnitsine não se mexeu. — Ao estado-maior! — acrescentou, sorrindo, certo de que estas palavras chegariam para o acordar.

Com efeito, a cabeça com o barrete de dormir soergueu-se imediatamente. O belo e enérgico rosto de Konovnitsine, afogueado pela febre, permaneceu ainda por momentos numa espécie de entressonho, muito longe, por certo, da realidade. Depois teve um sobressalto e recuperou a sua expressão habitual cheia de serenidade e firmeza.

— De que se tratai? Da parte de quem? — perguntou imediatamente, mas sem grandes pressas, piscando os olhos em frente da luz da vela.

Enquanto ouvia o relatório oral do emissário abriu o sobrescrito e percorrer a mensagem com os olhos. Assim que terminou a leitura, pousou no sobrado os pés, onde enfiara meias de lã, e pôs-se a calçar as botas, Em seguida tirou o barrete de dormir, alisou o cabelo nas fontes e pôs a barretina.

— Vieste depressa! Vamos ao Sereníssinio.

Konovnitsine compreendera imediatamente a extrema importância das notícias trazidas pelo correio e, que não havia tempo a perder. Não sabia nem se perguntava a si mesmo se as notícias eram boas ou mas. Não pensava nisso nem estava disposto a interrogar-se sobre o assunto. Não o interessava. A guerra, para ele, não era nem questão de inteligência nem de raciocínio. Era qualquer coisa de muito diferente. Tinha a convicção profunda, e nunca expressa de que, evidentemente, tudo acabaria bem, mas que era preciso não acreditar em tal e muito menos não manifestar essa opinião. Havia apenas que cumprir a tarefa. E essa tarefa cumpria-a ele consagrando-lhe roda a sua energia.

Piotre Petrovitch Konovinitsine, assim como Dokturov, parece não terem sido incluídos na lista dos heróis de 1812 — os Barclay, os Raievski, os Ermolov, os Platov e os Miloradovitch — apenas por uma questão de pura formalidade. Tal como a de Dokturov, a sua reputação era a de um homem de min escassas capacidades, conhecimentos e, assim como o seu émulo, também ele nunca gizara planos de campanha, embora sempre viesse a encontrar-se nos pontos em que a situação era mais grave. Desde que fora nomeado general de serviço que dormia de porta aberta e dava ordens para que o chamassem à chegada de qualquer correio, Era sempre o primeiro na linha de fogo Kutuzov repreendia-o por tanto se expor, e hesitava mesmo em dar-lhe ordens. Eis porque, como Dokturov, era uma dessas engrenagens invisíveis que sem fazer qualquer ruído constituem um dos órgãos essenciais de qualquer máquina.

Ao ver-se exposto à humidade da escura noite, assim que saiu da isbá, Konovnitsine sentiu-se mal, eram muito fortes as suas dores de cabeça e a barafunda que aquelas notícias iam causar na esfera das graúdas engrenagens do estado-maior, principalmente em Bennigsen, que desde Tarutino andava a ferro e fogo com Kutuzov, impressionava— o. Que propostas surgiriam? E as discussões que ia haver! As mudanças! Era penosa a impressão que lhe causava pensar nisso, tanto mais quanto considerava inevitável o que ia acontecer.

E, com efeito, Toll, a cujos aposentos se dirigiu para dar-lhe parte do ocorrido, pôs-se imediatamente a expor as suas ideias ao general seu companheiro de casa, e Konovnitsine, que o ouvia sem dizer palavra, com um ar cansado, viu-se obrigado a lembrar-lhe a conveniência de apresentarem o caso ao Sereníssimo.

[XVII]

Kutuzov, como todos os velhos, pouco dormia de noite. De dia acontecia-lhe muitas vezes cabecear com sono; de noite estendia-se na cama sem se despir, e geralmente pensava, não dormia.

Era o que sucedia naquele momento. Estava estendido na cama, com a grande e pesada máscara, toda sulcada de cicatrizes, absorta em pensamentos e o único olho muito aberto na escuridão.

Desde que Bennigsen, que mantinha correspondência directa com o imperador e era preponderante no estado-maior, evitava Kutuzov, este sentia-se mais tranquilo, pois ninguém apertava com ele para lançar as tropas em aventurosas ofensivas.

A lição de Tarutino e do que se passara na véspera da batalha, lembrança que ainda o impressionava desagradavelmente, devia tê-los feito reflectir.

«Devem compreender que só temos a perder tomando a iniciativa de atacar», pensava, «A paciência e o tempo, eis os meus dois grandes heróis!» Estava certo de que se não devia arrancar a maçã da árvore enquanto ela estivesse verde. Quando amadurecer cairá por si; apanhar a maçã verde é estragar a fruta e a árvore. E a única coisa que podemos ganhar é os dentes botos. Caçador experimentado que era, estava seguro de que a fera fora atingida e ferida, sem dúvida, depois de sentir o peso do poderio russo. Se a ferida era mortal ou não, isso ainda o não sabia. Naquele momento, depois das diligências de Lauriston e de Berthier e das informações colhidas pelos guerrilheiros, estava quase certo de que seria mortal. Mas era preciso obter provas irrefutáveis esperar ainda,

«Estão sempre com vontade de ir ver se mataram a presa. Esperem, terão tempo de ver mais tarde», dizia ele de si para consigo. «Manobras e mais manobras, ataques e mais ataques. Para quê? Para se distinguirem! Como se fosse coisa muito agradável travar uma batalha! Parecem crianças. Não são capazes de contar como as coisas se passaram. O que eles querem é mostrar que se bateram bem. Mas não é disso que se trata neste momento.

«E que manobras são essas que eles me estão sempre a propor? Lá porque imaginaram dois ou três casos», acrescentou, pensando no general que lhe mandaram de Petersburgo, «julgara ter previsto todos os que podem surgir. As

contingências são infinitas!»

Havia já um mês que Kutuzov perguntava a si mesmo ansiosamente se o ferimento de Borodino seria ou não mortal. É certo que os Franceses estavam na posse de Moscovo. Mas, por outro lado, sentia, com todas as fibras da sua alma, que o golpe terrível que lhe vibrara com todas as tropas russas tinha de ser mortal. Em todo o caso precisava de provas e havia um mês que as esperava. E quanto mais o tempo ia passando mais impaciente parecia.

Estendido na cama durante as longas insónias, fazia exacta— mente o mesmo que todos os seus jovens generais, aquilo mesmo por que os repreendia, Tal como eles, imaginava todos os casos possíveis. Só com uma diferença: que nada edificava sobre tais hipóteses e que não formulava apenas duas ou três, mas milhares. Quanto mais pensava maior era o número de circunstâncias que via. Representava-se a si mesmo toda a espécie de movimentos do grosso do exército napoleónico, em direcção a Petersburgo ou apenas de uma das suas partes, avançando sobre ele, graças a um envolvimento, E pensava, e era o que mais temia, na hipótese de Napoleão empregar para com ele as mesmas armas de que ele próprio se utilizava: no caso de ele ficar em Moscovo aguardando-o. Admitia mesmo que os Franceses fizessem um movimento de recuo sobre Medine e Iuknev, E, no entanto, a única coisa que não pudera prever fora precisamente o que veio a dar-se, a saber, esse vaivém de Napoleão, insensato, quase convulsivo, durante os onze dias após a evacuação de Moscovo, vaivém que tornou possível uma coisa em que Kutuzov não ousava ainda pensar: a destruição completa do exército francês. A informação de Dokturov sobre a divisão Broussier, as comunicações dos guerrilheiros sobre a desorientação que se sentia no exército napoleónico, o que constara acerca dos pormenores da partida de Moscovo, tudo confirmava a hipótese de que as tropas inimigas estavam perdidas e se dispunham a bater em retirada. No entanto, tudo isto eram suposições, talvez convincentes aos olhos de todos os jovens que o rodeavam, mas não aos seus. Com os seus sessenta anos de experiência, sabia a importância que devia atribuir-se aos boatos. E também sabia que quando se deseja muito qualquer coisa, pode uma pessoa acabar por preparar as notícias de sorte a que elas confirmem o que se deseja, tendo o cuidado de guardar silêncio sobre tudo que contradiga o que se pretende. Por isso, quanto mais desejava que fosse essa a solução, menos se permitia a si próprio acreditar nela. O problema do estado do exército francês absorvia todas as suas faculdades

intelectuais: o mais, para ele, era acessório, o trem habitual da vida. Entre as suas ocupações quotidianas figuravam as conversas com o estado-maior, a correspondência com Madame de Staël, que punha em dia desde Tarutino, a leitura de romances, a distribuição de recompensas, as cartas que enviava para Petersburgo e outras coisas semelhantes, Porém, o seu único e mais ardente desejo era a derrota dos Franceses, derrota que ele, aliás, e só ele, previa.

Na noite de 11 de Outubro Kutuzov ali estava, pois, com a cabeça entre as mãos, absorto em seus pensamentos.

Um ruído se ouviu tio quarto contíguo: era Toll, Konovnitsine e Bolkovitinov que chegavam.

— Quem está aí? Entre, entrem. Que há de novo? — interrogou ele.

Enquanto o criado acendia uma vela, Toll pô-lo ao corrente das notícias acabadas de chegar.

— Quem as trouxe? — perguntou o generalíssimo com tinia expressão tão severa e fria que Toll se sentiu impressionado quando lhe pode ver o rosto.

— Bolkovitivov, Excelência. Não pode haver dúvidas.

— Diga-lhe que entre, que entre!

Kutuzov, sentado na cairia com uma das pernas pendentes, deixava descair a volumosa barriga sobre a outra perna encolhida. Piscando o único olho para melhor ver o emissário, procurava ler-lhe no rosto o que absorvia.

— Conta, vamos, conta meu amigo. — disse ele a Bolkovitinov, na sua tranquila voz de ancião, apertando contra o peito a camisa entreaberta. — Vem cá, aproxima-te. Que notícias me, trazes tu? Hem! Napoleão abandonou Moscovo? É verdade? Hem?

Bolkovitinov pôs-se primeiro a expor-lhe em pormenor as instruções orais que recebera.

— Fala, fala depressa, não me atormentes — interrompeu— o Kutuzov.

O emissário, ao acabar a sua comunicação, calou-se, aguardando ordens. Toll tentou dizer fosse o que fosse, mas o general-chefe interrompeu-o com um gesto. Quis pronunciar qualquer coisa, mas o rosto contraiu-se-lhe de súbito; virou-se para o outro lado, para o recanto da isbá onde estavam os ícones.

— Senhor, criador nosso! Ouviste a nossa oração... — exclamou em voz trémula, juntando as mãos.— A Rússia está salva! Obrigado, meu Deus! — E rompeu a chorar.

[XVIII]

A partir daquele momento e até ao fim da campanha, Kutuzov não teve outro objectivo senão o de impedir pela autoridade, pela astúcia ou pela súplica que as suas tropas se metessem em ofensivas ou executassem manobras que conduzissem a recontros estéreis com o inimigo, cuja perda desde esse momento era certa. É verdade que Dokturov se dirige para Maloiaroslavets, mas Kutuzov não se dá pressa em fazer que todas as tropas o sigam e ordena a evacuação de Kaluga, retirada que lhe parece perfeitamente possível.

Kutuzov recua por toda a parte, mas o inimigo, sem esperar que ele recue, foge em direcção oposta.

Os historiadores de Napoleão descrevem todas estas hábeis manobras em direcção a Tarutino e Maloiaroslavets e fazem prognósticos sobre o que teria acontecido se o imperador tivesse podido penetrar nas ricas províncias do Sul.

Mas a verdade é que, além de ninguém o impedir de penetrar nessas províncias, uma vez que o exército russo lhe abria o caminho para elas, esses historiadores esquecem-se de que nada podia já então salvar o exército napoleónico, visto ele transportar consigo inevitáveis germes de morte. Esse exército, que encontrara em Moscovo abundantes abastecimentos, e que, em vez de os conservar, os desperdiçara por completo, esse exército, que ao chegar a Smolensk, em lugar de repartir os mantimentos entre os seus homens, deixara que os pilhassem, estaria esse exército em condições de recuperar forças na província de Kaluga, cujos habitantes sentiam e pensavam como os de Moscovo e tinham, como eles, o fogo à sua disposição?

Tal exército irão tinha maneira de se refazer fosse onde, fosse. Depois de Borodino e do saque de Moscovo, havia nele elementos de decomposição por assim dizer químicos,

Os soldados deste, por assim dizer, ex-exército fugiam com os seus comandantes sem saber para onde, não desejando — tanto Napoleão como qualquer dos seus soldados — senão uma coisa: sair, pessoalmente, o mais breve possível, daquela situação sem apelo, de que todos se davam conta, embora

confusamente.

Eis porque, em Maloiaroslavets, onde os generais, simulando um conselho de guerra, emitiram vários pareceres, o ultimo, o do cândido soldado que era Mouton, exprimindo o que estava no pensamento de todos, que o que havia a fazer era abalarem o mais depressa possível, tapou a boca a toda a gente e ninguém, nem o próprio Napoleão, ousou objectar fosse o que fosse a essa indiscutível verdade.

No entanto, por mais que reconhecessem que era preciso partir, tinham vergonha ainda de confessar a necessidade da fuga. Era preciso um impulso exterior para vencer essa relutância humana. E esse impulso veio a produzir-se no momento necessário. Foi o que os Franceses chamaram o «hurra do imperador».

No dia seguinte, após este conselho de guerra, Napoleão, de madrugada, com o pretexto de inspeccionar as tropas e o campo das batalhas passadas e futuras, aventurou-se com a sua escolta até às primeiras linhas. Alguns cossacos que andavam na pilhagem surpreenderam o imperador e por pouco não lhe deitaram a mão. Se desta vez o não apanharam, salvou-o, precisamente, o que fora a causa da derrota dos Franceses: o saque, que naquele caso, como antes, em Tarutino, levou os cossacos a não pensarem noutra coisa. Sem repararem em Napoleão, entregaram-se à pilhagem, e assim o imperador pode escapar-se-lhe das mãos.

Desde que os rapazes do Dom tinham a possibilidade de o apanhar no meio do seu próprio exército, era evidente não haver outra coisa a fazer senão fugir o mais depressa possível pela estrada mais curta. Napoleão, com os seus quarenta anos e a sua barriguinha, já se não sentia com a elasticidade e a audácia de outrora, e compreendeu a advertência. O medo que os cossacos lhe provocaram levou-o a aceitar imediatamente o parecer de Mouton. E deu ordem de retirar, assim o dizem os seus historiadores, pela estrada de Smolensk.

O facto de Bonaparte se ter mostrado de acordo com Moutou e a circunstância de o seu exército ter batido em retirada não provam de maneira alguma que a decisão haja partido dele, mas apenas que as forças ocultas, agindo sobre os seus homens, e impelindo-os a tomar a estrada de Mojaisk, também agiam sobre Napoleão.

[XIX]

Quando um homem se move, o seu movimento tem sempre uma finalidade. Para percorrer mil verstas é preciso, necessariamente, que o homem se figure que ao cabo dessas mil verstas há qualquer coisa de muito agradável à sua espera. Para se resolver a marchar tem de apetecer a terra prometida.

A terra prometida, para os Franceses, no momento em que invadiam a Rússia era Moscovo; na altura da retirada a terra prometida era a pátria. Mas a pátria estava muito longe, e o homem com mil verstas a percorrer tem, necessariamente, de principiar por se dizer a si próprio que fará hoje quarenta verstas, ao cabo das quais poderá descansar, dormir e olvidar o termo da jornada. O primeiro descanso fá-lo esquecer a meta a atingir e todos os seus desejos e todas as suas esperanças aí se concentram. E o que se verifica com o indivíduo isolado em mais alto grau se observa quando se trata da multidão.

Para os Franceses em retirada pela antiga estrada de Smolensk, a pátria estava ainda muito longe e por isso o termo mais próximo a que aspiravam todas as suas energias, mais ardentes ainda por se tratar de um exército inteiro, era Smolensk. Não que eles soubessem existir nessa cidade grandes reservas de mantimentos ou esperassem aí encontrar tropas francesas — ninguém lhes dissera uma coisa dessas, e não só os oficiais superiores como o próprio Napoleão sabiam perfeitamente serem escassos o mantimentos aí existentes. No entanto, essa perspectiva dava-lhes coragem para caminhar e para suportar as privações bem reais. E tanto os que sabiam como os que não sabiam, atraídos elo engodo, se precipitaram em, direcção a Smolensk como se caminhassem para uma terra da promissão.

Assim que atingiram a estrada real, os Franceses, com uma energia extraordinária, uma rapidez incrível, deram-se pressa de alcançar o fim almejado. Além das razões já apontadas, nova causa os compelia para diante em massa compacta: o seu grande número. Esta enorme massa, graças à própria lei da atracção, dos corpos, chamava a si os átomos individuais. Avançava num bloco de cem mil homens como se fosse um Estado inteiro em marcha.

Cada um de per si apenas desejava uma coisa: cair prisioneiro. Era a maneira de se livrar de todos aqueles horrores e de todo aquele sofrimento. Em primeiro lugar, no entanto, a força que os compelia para Smolensk arrastava-os a todos

numa única e mesma direcção. E mais: não podia um corpo de exército inteiro entregar-se a uma simples companhia e conquanto os soldados aproveitassem todas as oportunidades para se separarem uns dos outros e se servissem do mais pequeno pretexto para se entregarem, as ocasiões eram raras. A circunstância de serem muitos e a rapidez da marcha que levavam tiravam-lhes a possibilidade de o conseguirem e tornava-se difícil, e por assim dizer impossível para os Russos, deter um movimento em que punham toda a sua energia. O desgarramento interior deste corpo não podia acelerar além de uma certa medida o processo de decomposição que o ameaçava.

É impossível derreter instantaneamente uma bola de neve. Tem de decorrer um certo lapso de tempo antes que o calor o consiga, por maior que seja. Pelo contrário, quanto maior é o calor mais a neve endurece.

Eis o que nenhum dos chefes russos compreendera, à excepção de Kutuzov. Desde que se teve a certeza de qual a direcção que tomara o exército francês em fuga pela estrada de Smolensk, principiou a realizar-se o que Konovnitsine previra na noite de 11 de Outubro. Os altos postos não pensaram noutra coisa senão em distinguir-se, cortando a retirada aos Franceses, cercando-os, fazendo-os prisioneiros, aniquilando-os: todos, à compita, exigiam lima ofensiva.

Kutuzov era o único a empregar todas as suas forças — e as forças do comandante-chefe são por vezes escassas em casos destes — para se opor aos desígnios dos altos postos.

Não lhe era possível argumentar com eles como agora pode argumentar-se. Para quê uma batalha? Para quê cortar-lhes as estradas, perder homens, chacinar desumanamente tantos desgraçados? Para quê tudo isto, quando é certo que entre Moscovo e Viazma a terça parte deste exército se derreteu sem uma única batalha em forma? Na sua sageza de velho apenas lhes dizia o que lhes era possível, a eles, compreenderem, falando-lhes na «ponte de ouro» (Kutuzov dissera para o inglês que acompanhava as operações como representante dos Aliados que preferia construir uma «ponte de ouro» par),; Franceses passarem que sacrificar os seus homens. (N. dos T.). E eles zombavam do velho, caluniavam-no, mostrando a sua bravura no lombo da fera morta.

Em Viazma, Ermolov, Miloradovitch. Platov, ao verem-se perto dos Franceses, não puderam refrear os seus ímpetos e aniquilaram dois corpos de exército inimigos. Para informarem Kutuzov da sua intenção enviaram ao Sereníssimo,

dentro de um sobrescrito. à guisa de relatório, uma folha de papel em branco.

E, apesar dos esforços do general-chefe para os reter, os soldados russos atacaram no intuito de tolher o passo aos Franceses. Segundo se disse, regimentos de infantaria marcharam para a linha de fogo com bandas e tambores à frente, perdendo e matando milhares de homens. Mas quanto a tolherem-lhes o passo, não tolheram coisa alguma nem aniquilaram ninguém. E o exército francês, mais coeso graças ao perigo, prosseguiu na sua caminhada fatal em direcção a Smolensk, esgotando-se pouco a pouco.

TERCEIRA PARTE

[I]

A batalha de Borodino, a ocupação de Moscovo, que se lhe seguiu, e a retirada dos Franceses sem novos combates constituem acontecimentos históricos instrutivos.

Todos os historiadores estão de acordo em afirmar que a actividade externa dos povos e dos impérios se traduz nas suas colisões mútuas representadas pelas guerras e que a força política dos países aumenta ou diminui na razão directa dos êxitos militares maiores ou menores.

São sem dúvida estranhas as descrições dos historiadores em que se relata que tal ou qual rei ou imperador, em conflito com tal ou qual outro rei ou imperador, convocou o seu exército, se bateu contra o exército inimigo, saiu vitorioso, causou a morte de três, cinco, dez mil homens, em virtude do que conquistou determinado Estado e um povo inteiro composto de muitos milhões de habitantes. Que a derrota de um exército, apenas a centésima parte das forças de um povo inteiro, leve à submissão desse povo, eis o que não pode deixar de ser incompreensível. No entanto, estes factos, na medida em que chegam ao nosso conhecimento, confirmam a justeza do que se diz acerca das vitórias militares, causa essencial da grandeza dos povos. Ganha um exército uma batalha e imediatamente os direitos do vencedor prosperam em detrimento dos do vencido. É uma derrota que o atinge, e logo o povo perde os seus direitos na proporção do desastre sofrido, e se porventura o seu exército é esmagado não tem mais que submeter-se por completo.

Assim tem sucedido, diz a História, desde os tempos mais recuados até aos nossos dias. Todas as guerras de Napoleão confirmam afinal esta regra. A medida que os exércitos austríacos são derrotados, a Áustria perde certos dos seus direitos, enquanto os da França aumentam, crescendo o seu poderio proporcionalmente. As vitórias de Iena e de Auerstedt representam o fim da, independência da Prússia.

No entanto, em 1812, os Franceses obtêm a vitória em Moscovo, ocupam a cidade, e o certo é que, sem novas batalhas, não é a Rússia que deixa de existir, mas, em primeiro lugar, esse imenso exército de seiscentos mil homens e depois a própria França de Napoleão. Tentar pôr de acordo os factos com as leis históricas, afirmar que o campo de batalha de Borodino ficou nas mãos dos Russos, que depois de Moscovo se travaram combates que aniquilaram o exército napoleónico, eis o que é impossível,

Após a vitória dos Franceses em Borodino, não tornou a haver mais nenhuma batalha geral, nem sequer houve qualquer recontro importante, e, no entanto, o exército francês foi destruído. Que significa isto? Se se tratasse de um acontecimento da história da China, ainda poderíamos sustentar que se não tratava de um fenómeno histórico, recurso habitual dos historiadores quando alguma coisa não joga perfeitamente com as suas teorias. E ainda se se não tratasse senão de um conflito bastante episódico, em que apenas tivesse tomado parte número restrito de tropas, isso ainda nos habilitaria a, sustentar que estávamos perante uma excepção. Mas o acontecimento deu-se quando os nossos pais eram vivos e se debatia a questão de vida ou de morte da sua pátria, e essa guerra foi a maior de todas as guerras conhecidas.

O período da campanha de 1812 que vai de Borodino à expulsão dos Franceses não só demonstrou que uma batalha vitoriosa não é só por si razão suficiente da conquista de um país, mas nem sequer disso é mesmo sintoma. Provou, pelo contrário, que a força que decide do destino dos povos nem está nos conquistadores, nem nos seus exércitos, nem mesmo nas batalhas que eles travam. Está em qualquer outra coisa.

Os historiadores franceses, ao referirem-se à situação do exército napoleónico antes da sua retirada de Moscovo, afirmam que a ordem reinava em todos os corpos excepto na cavalaria, na artilharia e no trem hipomóvel, acrescentando existir falta de forragens para os cavalos e para o gado, penúria irremediável, uma vez que os camponeses dos arredores preferiam queimar a palha a, entregá-la aos Franceses.

A vitória não trouxe consigo os resultados habituais, porque os camponeses, os Karp e os Vlas, trataram de saquear Moscovo quando os Franceses abandonaram a capital, não dando provas, em geral, de grande heroísmo, e porque muitos outros preferiram queimar a palha a vendê-la ao invasor por elevado preço.

Imaginemos dois homens dispostos a bater-se em duelo à espada de acordo com todas as regras da esgrima. A peleja dura muito tempo. De súbito, um deles, ao sentir-se ferido e ao compreender que se não trata de uma brincadeira, pois é a sua própria vida que está em risco, joga fora, a espada e, deitando a mão ao primeiro cacete que lhe aparece, põe-se a riscar com ele. Suponhamos porém que esse duelista que com tanta oportunidade empregou o melhor meio e o mais simples para conseguir os seus fins, animado pela tradição cavalheiresca, procura ocultar a verdade e insiste em dizer que venceu o seu rival com todas as regras. Poder-se-á fazer uma pequena ideia da confusão que resultaria se ele porventura se pusesse a descrever o seu duelo?

O esgrimista que exige que o combate decorra de acordo com todas as regras do duelo é o francês; o adversário que jogou fora a espada e sacou do cacete é o russo:, as pessoas que procuram tudo explicar pelas regras da esgrima são os historiadores que se ocuparam do acontecimento.

A partir do incêndio de Smolensk principiou uma guerra a que se não pode aplicar qualquer das tradições guerreiras conhecidas até então. O incêndio das cidades e das aldeias, a retirada após as batalhas, o golpe de Borodino e a nova retirada, os acontecimentos de Moscovo, a caça aos merodistas, a captura dos transportes., as guerras dos partidários, tudo isto estava à margem das regras ordinárias e das tradições bélicas.

Napoleão deu por isso, e desde o momento em que se deteve em Moscovo na atitude correcta imposta pela esgrima e se deu conta de que o adversário, em vez de brandir uma espada, manejava um cacete, logo se pôs a queixar-se a Kutuzov e a Alexandre, alegando que a guerra estava a ser conduzida de maneira contrária a todas as regras, como se em verdade pudesse haver regras para matar criaturas humanas. Mas, apesar das queixas dos Franceses e da vergonha que sentiam certas altas personalidades russas por se verem obrigadas a bater-se com cacetes quando desejavam seguir as regras, colocando-se em posição de em quarta, ou em terceira, e atacando em primeira, etc., o certo é que o cacete da guerra civil nacional se levantou com força majestosa e devastadora e sem querer saber dos gostos de cada um o das respectivas regras, simples e brutal, mas confiante nos seus golpes, caiu sobre os Franceses e zurziu-lhes as costas até os invasores ficarem completamente aniquilados.

Ditoso o povo que, ao contrário dos Franceses em 1813, os quais saudaram

segundo os princípios da arte de esgrima, entregando a espada cortês, graciosamente, ao magnânimo vencedor, ditoso do povo que, num momento de provação, sem querer saber como se conduziriam os outros em caso semelhante, ergue, fácil e simplesmente, o primeiro cacete que lhe vem às mãos e zurze com ele o inimigo até que na alma lhe desponte, em vez da ofensa e da vergonha, o sentimento do desprezo e da compaixão.

[II]

Uma das mais impressionantes e fecundas excepções às pretensas leis da guerra é a acção de indivíduos isolados contra as massas compactas de tropas. Eis um género de operações que vem a produzir-se sempre nas guerras de carácter nacional. Em lugar de se oporem em massa, os homens dividem-se em pequenos destacamentos, atacam isoladamente e fogem desde que enfrentados por grandes forças, atacando outra vez logo que a oportunidade se oferece. Foi o que fizeram os guerrilheiros em Espanha, assim agiram os montanheses no Cáucaso e os Russos em 1812 não procederam de outra maneira.

A esta forma de combater deu-se o nome de «guerra de guerrilhas» e ao designá-la dessa sorte pensou-se explicar a sua significação. Na verdade, pode considerar-se à margem de todas as regras e até mesmo em oposição aos princípios tácticos mais conhecidos e tidos por infalíveis. Segundo esses princípios, aquele que ataca deve concentrar as suas tropas de maneira a que na altura do combate se encontre mais forte que o adversário.

A guerra de guerrilhas, sempre bem sucedida, como a história o demonstra, desmente categoricamente tal princípio.

A contradição deve-se ao facto de que a arte militar supõe que a força de um exército está em relação com o número dos seus homens. Segundo ela, quanto mais numeroso é um exército mais forte resulta.

Os batalhões pesados têm sempre razão.

Ao sustentar esta afirmação, a ciência militar parece-se com a teoria da mecânica afirmando que as forças estão na relação directa das massas e que as forças são iguais entre si consoante as massas são ou não iguais, também.

A força como quantidade de movimento é o produto da massa pela velocidade.

Na guerra, a força das tropas é realmente o produto das massas, mas multiplicado por uma incógnita x.

A ciência militar, ao encontrar na história numerosos exemplos em que a massa dos soldados não coincide com a sua força real, pois pequenos destacamentos vencem por vezes grandes concentrações de tropas, admite confusamente a existência desse multiplicador desconhecido e procura descobri-lo, quer na construção geométrica de um plano, quer na superioridade do armamento, quer, mais geralmente, no génio dos chefes. Mas os resultados obtidos por estes diversos multiplicadores estão longe de poderem explicar os factos históricos.

Basta, porém, renunciar a atribuir importância, como em geral acontece, para agrado dos heróis, às disposições tomadas pelo alto comando durante uma guerra, para se descobrir, finalmente, essa famosa incógnita.

Este x é o moral das tropas, isto é, o desejo mais ou menos vivo de os homens de que se compõe o exército se exporem ao perigo, independentemente da questão de saberem se se batem sob as ordens de um génio ou não, em duas ou três linhas, ou com cacetes ou espingardas capazes de disparar trinta tiros por minuto. Os que tiverem o desejo mais vivo de se bater serão os que se encontram nas condições mais favoráveis para a luta.

O moral das tropas, eis o multiplicador da massa cujo produto é a força. Precisar e definir o valor do moral, esse multiplicador desconhecido, eis o que a ciência da guerra tem de fazer.

A resolução deste problema apenas se tornará possível no dia em que deixemos de substituir arbitrariamente a incógnita, pelas condições que manifesta a força, quer dizer, as disposições tornadas, o armamento, etc., atribuindo-lhes o valor do multiplicador e— reconhecendo essa incógnita, em toda a sua integridade, como um maior ou menor desejo de bater-se e de expor-se ao perigo. Só então, ao exprimir por equações os factos históricos, e tendo em conta o valor relativo da incógnita, pode esperar-se encontrar esta última.

Dez homens, dez batalhões ou dez divisões, combatendo contra quinze homens, quinze batalhões ou quinze divisões, vencem-nos, quer dizer, mataram e fizeram prisioneiros todos os seus inimigos, perdendo os vencedores quatro unidades. Por conseguinte, de um lado caíram quatro e do outro quinze. Logo, 4 é igual a 15, ou

seja, 4x = 15y. Assim, pois, x:y = 15:4. Esta equação não dá o valor da incógnita, mas a relação entre as duas incógnitas. Ao aplicar o sistema das equações aos diferentes acontecimentos históricos considerados separadamente — batalhas, campanhas, períodos de guerra — poder-se-á obter uma série de números em que devem existir leis susceptíveis de se revelar.

A regra táctica que prescreve que se deve agir por massas no ataque e em ordem dispersa na retirada confirma, involuntariamente, a verdade segundo a qual o poderio de um exército depende do espírito que o anima. Para se levarem os homens para a linha de fogo é preciso muito maior disciplina — e essa disciplina apenas se consegue pelas massas em movimento — do que para escapar aos assaltantes. Mas toda a regra que não tenha em conta a questão do moral das tropas é infalivelmente falsa e está mesmo em absoluta oposição com os factos, ali onde se manifestar uma violenta exaltação ou uma grande depressão no espírito do exército, principalmente nas guerras civis de carácter nacional.

Os Franceses, durante a sua retirada de 1812, quando, segundo a táctica, deveriam defender-se, isoladamente, concentram-se, pelo contrário, em massa, pois o certo é que, o moral das tropas estava de tal modo quebrantado que a massa era u única forma de manter a unidade. Os Russos, que, segundo a táctica, deveriam atacar em massa, dispersam-se, pelo contrário, uma vez que o seu moral era de tal ordem que os homens isolados não precisavam de ordem para combater os Franceses nem de disciplina para se exporem ao perigo e à fadiga.

[III]

A guerra de guerrilha, principiou no dia em que os Franceses entraram em Smolensk.

Muito antes de esta guerra vir a ser reconhecida oficialmente pelo Governo russo, já muitos milhares de homens do exército inimigo — desertores, merodistas, forrageadores — haviam sido exterminados pelos cossacos e pelos camponeses e com tão poucos escrúpulos como se se tratasse de cães danados. Denis Davidov foi o primeiro, com o seu faro patriótico, a reconhecer a importância desta terrível guerra de cacete, sem quaisquer preocupações com as regras da arte militar,

matava numerosos franceses, e a ele pertence a glória de, ter principiado por regularizar esta nova maneira de combater.

No dia 24 de Agosto estava organizado o primeiro destacamento de guerrilheiros, e a ele logo se seguiram muitos outros. Quanto mais se prolongava a campanha maior era o número destes destacamentos.

Os guerrilheiros iam destruindo, por partes, o grande exército. Varriam as folhas que caíam da árvore seca que era o exército francês e por vezes chegavam a abanar-lhe o tronco. No mês de Outubro, enquanto os Franceses fugiam em direcção a Smolensk, formavam-se centenas destes destacamentos com efectivos e carácter diferentes. Tinham uns a aparência de tropas regulares, com infantaria, artilharia, estado-maior e fartos abastecimentos: outros apenas eram constituídos por cavalaria e cossacos; havia alguns, pouco importantes, formados por tropas mistas de infantaria e de cavalaria; e outros, enfim, compostos de camponeses e de proprietários rurais, completamente desconhecidos. Só um sacristão, à frente de um grupo de guerrilheiros, conseguiu num mês fazer centenas de prisioneiros, e a mulher de um estaroste, uma tal Vassilissa, dizimou um centenar de franceses.

Nos últimos dias de Outubro atingia a guerra de guerrilhas seu apogeu. Passara o período inicial durante o qual os guerrilheiros se surpreendiam com a sua própria audácia, receando a cada momento ver-se cercados pelos Franceses. Quase não desmontavam dos seus cavalos e escondiam-se nas florestas, sempre a espera de serem perseguidos. Agora as guerrilhas estavam organizadas, e todos sabiam claramente o que podiam ou não fazer para atacar o inimigo. Só os comandantes de destacamento, que no séquito do estado-maior, consoante as ordens recebidas, se mantinham afastados dos Franceses, consideravam impossível certos empreendimentos. Os comandantes dos pequenos grupos de guerrilheiros, já bastante experimentados e que perseguiam o inimigo de perto, consideravam realizáveis coisas em que os demais nem sequer teriam ousado pensar. Quanto aos cossacos e aos camponeses que se infiltravam nas próprias linhas inimigas, esses pensavam que doravante tudo era possível.

No dia 22 de Outubro. Denissov, que comandava um destacamento de guerrilheiros, encontrava-se, tanto ele como os seus companheiros, em pleno entusiasmo pela nova guerra. Desde madrugada que andava em campo com os seus homens. Durante o dia inteiro tinham espiado, através das grandes florestas que marginavam a estrada, um imenso comboio de material de cavalaria e de

prisioneiros russos, o qual, separado do resto do exército, se dirigia para Smolensk, fortemente escoltado, como tinham sabido por alguns espiões e por prisioneiros evadidos. A passagem deste comboio havia sido assinalada não só a Denissov e a Dolokov, o qual, comandante também de um pequeno grupo de guerrilheiros, operava nas mesmas paragens, mas outrossim aos comandantes de fortes destacamentos e aos respectivos estados-maiores.

Toda a gente estava, pois, avisada e, como dizia Denissov, todos aguçavam o dente de antemão. Dois dos comandantes destes destacamentos, um polaco e outro alemão, quase ao mesmo tempo, mandaram pedir a Denissov que se juntasse a eles para atacarem juntos.

— Não, amigo, eu sei o que faço — disse Denissov, depois de ler as duas missivas. E respondeu ao alemão que, apesar do sincero desejo que tinha de obedecer às ordens de um general tão brilhante e tão ilustre, se via obrigado a privar-se dessa honra, uma vez que se encontrava já sob as ordens do polaco. E com a mesma pena escreveu ao general polaco informando-o de que se encontrava já comprometido com o alemão.

Se tomou estas disposições foi porque tinha a intenção, sem informar disso o alto comando, de atacar o comboio de acordo com Dolokov e de se apoderar dele com os seus escassos recursos, No dia 22 de Outubro dirigia-se da povoação de Milculino para a de Chamchevo. A esquerda da estrada, entre essas duas aldeias, sucediam-se matas espessas, que por vezes vinham mesmo bordejar o caminho, afastando-se dele, outras vezes, para cima de uma versta. Foi essa floresta que Denissov bateu todo o dia, ora entrando por ela dentro até ao mais espesso da mata, ora surgindo na sua orla, sem nunca perder de vista os movimentos dos Franceses. De manhã, não muito longe de Mikulino, num dos pontos em que as árvores chegavam à estrada, os seus cossacos haviam capturado dois carros cobertos carregados de selas de cavalaria e arreios, os quais tinham caído num atoleiro. Desde então e até à noite observara o inimigo sem o atacar. Era preciso não dar o alarme para que os Franceses se aproximassem tranquilamente de Chamchevo, e então, reunindo-se a Denissov, que à noitinha devia encontrar-se em certo local da floresta, a uma versta da povoação, para com ele estabelecer contacto, cairiam, dos dois lados ao mesmo tempo, inesperadamente, sobre o comboio e de uma só vez apoderar-se-iam dele, destruindo-o.

Na retaguarda, a duas verstas de Mikulino, num ponto em que a floresta vinha

até à estrada, tinham ficado seis cossacos emboscados para dar o alarme assim que aparecessem novas colunas francesas.

Para lá de Chamchevo, Dolokov devia igualmente explorar a estrada na intenção de saber a que distância poderiam encontrar-se outras tropas inimigas. Calculavam-se em mil e quinhentos os homens que serviam de escolta ao comboio. Denissov dispunha de duzentos homens: Dolokov pouco mais teria. Mas a superioridade numérica do inimigo não detinha Denissov. A única coisa que queria saber é que tropas eram essas; e com esse objectivo precisava de «prendre langue» (Expressão em francês no texto original. (N. dos T.), isto é, capturar um prisioneiro. O ataque matutino às carroças cobertas fora tão inesperado que os franceses da escolta tinham sido todos mortos e apenas haviam aprisionado vivo um pequeno tambor, o qual, porque seguia na retaguarda, nada pôde dizer de preciso acerca da composição da coluna.

Tentar um segundo ataque afigurava-se perigoso a Denissov, pois não convinha alertar a coluna inteira. Eis porque enviou a Chamchevo um camponês chamado Tikon Chtcherbatov, um dos ,seus partidários, com a missão de capturar pelo menos um dos furriéis franceses da vanguarda que se deviam encontrar ali.

[IV]

Era um dia de Outono chuvoso e temperado. O céu e o horizonte estavam envoltos na mesma aguada turva. Ora tombava uma espécie de neblina ora, de repente, se punham a cair obliquamente grossas gotas de água.

Denissov, envolto numa burka (Capote sem mangas. (N. dos T.) e de gorro de peles na cabeça, ensopado até aos ossos, montava um cavalo de raça, magro e de flancos escorridos. Tanto ele como a montada, que abanava a cabeça e arrebitava as orelhas, se encolhiam e olhavam desassossegados sob a chuva que os fustigava. O rosto de Denissov, esquálido e picado por uma espessa e curta barba preta, parecia desconfiado e pouco contente.

A seu lado cavalgava o ajudante, um capitão de cossacos, fardado da mesma maneira, montando um corcel do Dom muito bem tratado.

O terceiro companheiro era o capitão de cossacos Lovaiski, que vestia idêntico

fardamento. Tratava-se de um homem comprido e chato como uma prancha, louro, de tez branca, com uns olhitos claros e um ar de calma segurança que lhe transparecia não só no rosto como em todo o corpo. Embora não fosse fácil dizer em que consistia a particularidade daquele cavaleiro e do seu cavalo, bastava relancear-lhe um olhar para se ver que, se Denissov, encharcado e de má catadura, dava a impressão de alguém que monta a cavalo um pouco por acaso, o capitão de cossacos, esse, pelo contrário, parecia à sua vontade, tranquilo como sempre, e que ele e o seu cavalo dir-se-iam uma só peça. A frente cavalgava o guia, um camponês, molhado até aos ossos, de cafetã cinzento sujo e gorro branco.

A retaguarda, a certa distancia, montado num cavalo quirguiz magro e franzino, de grandes crinas e cauda farta, a boca ensanguentada pelo freio, trotava um jovem oficial com o capote azul dos Franceses.

A seu lado cavalgava um hússar que levava na garupa um garoto fardado à francesa, todo esfarrapado e de quépi azul na cabeça, Fincado com as mãos vermelhas de frio às costas do hússar, para as aquecer batia com as pernas nuas contra os flancos do cavalo enquanto relanceava olhares assustados à sua roda. Era o tamborzito capturado pela manhã.

Atrás deles, alinhados a três e quatro de fundo, trotavam os hússares pela estreita vereda coberta de folhas da floresta, depois vinham os cossacos, uns envoltos em burkas, outros envergando capotes franceses e outros ainda com as gualdrapas dos cavalos pela cabeça. Os ginetes, quer os baios quer os alazões, pareciam pretos tanta a chuva que os ensopava. As crinas encharcadas colavam-se-lhes às cabeças singularmente delgadas, Um vapor espesso irradiava-lhes do corpo. Fardas, selas, arreios, tudo estava ensopado, viscoso, lustroso, como, aliás, a terra e as folhas mortas que recobriam o caminho. Os homens, direitos nas selas, mantinham-se imóveis para que a água que lhes escorria pelo corpo pudesse aquecer e para que os não trespassasse a que continuava a cair-lhes em cima. No meio dos cossacos rodavam duas carroças cobertas, tiradas por cavalos franceses, selados à cossaca, que faziam estalar os ramos secos e esparrinhar a água das poças.

Ao contornar um lodaçal do caminho, o cavalo de Denissov ladeou e o cavaleiro bateu com um joelho numa árvore. «Diabos te levem!», gritou ele, furioso. E, rangendo os dentes, fustigou o cavalo com duas ou três chicotadas que o esparrinharam de lama a ele e aos companheiros. Não estava de boa catadura.

Sentia-se ensopado e faminto, pois desde manhã que nada comia. E depois Dolokov ainda não dera sinal de vida o soldado que fora «prendre tangue» nunca mais aparecera.

«Não se arranja outra oportunidade como esta para assaltarmos um comboio. Atacar sozinho seria muito arriscado e adiar a expedição é o mesmo que dizer que outro destacamento de mais peso nos levará a presa», dizia ele com os seus botões, sempre de olhos fitos no horizonte, na esperança de descobrir o mensageiro esperado que Dolokov lhe enviaria. Ao chegarem a uma clareira, que deixava a descoberto o horizonte à direita, Denissov estacou.

— Vem lá gente — disse.

O capitão olhou para onde Denissov apontava.

— São dois, um oficial e um cossaco. Mas o tenente-coronel que não. — observou o capitão de cossacos, que gostava de empregar palavras pouco usadas entre os seus homens.

Os referidos cavaleiros, que desciam uma encosta, deixaram de ver-se, para voltarem a aparecer alguns minutos depois. A frente, e chicoteando o cavalo para o manter a galope, vinha um oficial esguedelhado, molhado até aos ossos, com as calças arregaçadas até aos joelhos. Atrás dele, de pé nos estribos, trotava um cossaco. O oficial, rapazola muito novo, gordalhudo e rubicundo, os olhos muito vivos, alegríssimos, aproximou-se de Denissov e entregou-lhe um sobrescrito todo molhado.

— Da parte do general — disse ele — Desculpe se vem um pouco molhado...

Denissov, franzindo as sobrancelhas, pegou no sobrescrito e abriu-o.

— Só me diziam que era perigoso, muito perigoso — ia dizendo o oficial, voltado para o capitão de cossacos, enquanto Denissov lia a mensagem. — Por isso o Komarov e eu tratámos de tomar as nossas precauções — acrescentou, apontando o cossaco que o acompanhava. — Cada um traz duas pisto... O que é? — perguntou ao ver o tamborzito. — Um prisioneiro? Já se bateram? Posso falar com ele?

— Hem? Rostov? Pétia! — exclamou subitamente Denissov, que tinha acabado de ler a missiva — Porque não disseste que eras tu? — E Denissov, voltando-se para o oficial, estendeu-lhe mão, muito sorridente: era Pétia Rostov.

Todo o caminho Pétia estudara a atitude que devia tomar diante de Denissov, a atitude que convinha a um homem feito, a um oficial, sem fazer a mais pequena

alusão ao seu antigo conhecimento. Mas assim que Denissov se sorriu para ele, a cara de Pétia iluminou-se, corou de satisfação e esqueceu-se por completo do ai, marcial que estudara para a oportunidade. Pôs-se a contar-lhe como passara diante dos Franceses e a satisfação que sentia por cumprir a missão que lhe fora confiada e como já estivera sob o fogo do inimigo em Viazma, onde por sinal se distinguira o hússar que era ele próprio.

— Pois é verdade, estou contentíssimo por te ver — interrompeu Denissov, em cujo rosto reaparecera a expressão preocupada.

— Mikail Feoklitich — exclamou, virando-se para o capitão de cossacos. — Cá temos outra vez o alemão. Este está adido a ele.

E explicou que o papel que acabavam de lhe entregar encerrava um novo pedido do general alemão para que Denissov se lhe juntasse no intuito de atacarem o comboio.

— Se não nos apoderamos dele amanhã, deitam-lhe a mão mesmo nas nossas barbas — concluiu.

Enquanto Denissov falava com o capitão, Pétia, desorientado pelo tom frio do oficial e persuadido de que a causa disso eram as suas calças arregaçadas, tratou de as puxar para baixo dissimuladamente, procurando assumir uma atitude o mais marcial que podia.

— Que ordens tem Vossa Excelência a dar-me? — inquiriu de Denissov, levando a mão à pala da barretina e retomando a postura de um ajudante-de-campo na presença do seu general, a tal atitude que ele estudara de antemão. — Ou deverei continuar aqui ao pé de Vossa Excelência?

— Ordens?... — repetiu Denissov pensativo. — Podes ficar aqui até amanhã?

— Oh! Com todo o gosto... Posso ficar ao pé de si? — inquiriu Pétia.

— Que ordens te deu o general, no fim de contas? Que voltasses imediatamente? — perguntou Denissov.

Pétia corou.

— Nada me disse. Então? Posso ficar? — interrogou ele. — Bom, fica.

E, voltando-se para os subordinados, Denissov deu-lhes instruções para a força se dirigir ao ponto designado na floresta e ai fazer alto. Em seguida mandou o oficial que montava o cavalo quirguiz, desempenhando junto dele funções de ajudante-de-campo, saber onde se encontrava Dolokov e se chegaria pela noite. Entretanto, ele próprio, na companhia do capitão de cossacos e de Pétia, pensava

dirigir-se para a orla da floresta, nas imediações de Chamchevo, no intuito de observar a posição dos Franceses, que atacaria no dia segui-te.

— Vamos, barbaças — ordenou ele para o camponês que desempenhava as funções de guia. — Leva-nos a Chamchevo. Denissov, Pétia e o capitão, seguidos de alguns cossacos e do hússar encarregado do prisioneiro, tomaram o caminho à esquerda, através de uma ravina, na intenção de alcançarem a orla da floresta.

[V]

A chuva cessara, caía apenas uma cacimba e os ramos das árvores gotejavam. Denissov, o capitão e Pétia seguiam silenciosos o camponês, de gorro na cabeça e laptis nos pés, que caminhava ligeiro e sem ruído por cima das raízes e das folhas molhadas, encaminhando-se para a orla da floresta.

Ao chegar a um talude, o guia parou e, depois de inspeccionar o sítio, dirigiu-se para um renque de árvores bastante afastadas umas das outras. Quando chegou junto de um carvalho, ainda coberto de folhagem, pôs-se a chamar com um misterioso aceno de mão.

Denissov e Pétia aproximaram-se. Dali podiam ver-se os Franceses. Logo adiante da floresta havia um campo de trigo sobre uma colina. Ã direita, para além de uma abrupta ravina, descobria-se um povoado e uma casa senhorial com o telhado desmantelado. Na povoação, na casa, ao longo da colina, no jardim, junto do poço e ao pé do tanque, em todo o percurso da estrada que da ponte subia para a aldeia, numa distância de mais de duzentas sagenas, entreviam-se grupos de homens através da neblina flutuante. Ouviam-se distintamente os gritos, que soltavam em língua estrangeira, incitando os animais a transpor a rampa e chamando uns pelos outros,

— Traz o prisioneiro — disse Denissov, em voz baixa, sem perder de vista os Franceses.

O cossaco apeou-se, ajudou o garoto a desmontar e conduziu-o junto de Denissov. Este apontou-lhe os Franceses e perguntou-lhe que tropas eram aquelas. O prisioneiro, que enfiara as mãos transidas de frio nas algibeiras, ergueu os olhos assustados para o oficial e, embora fosse seu desejo dizer o que sabia, de tal modo

se lhe entaramelou a língua que apenas se limitou a responder afirmativamente às perguntas que lhe faziam. Denissov franziu as sobrancelhas, voltou-lhe as costas e disse para o capitão de cossacos quais as suas intenções.

Pétia, azafamado e curioso, ora fitava o tamborzito, ora Denissov, ora o capitão de cossacos, ora ainda os Franceses lá adiante, na aldeia, e na estrada além, para nada perder do espectáculo.

— Quer o Dolokov venha ou não, temos de cair em cima deles, não acham? — exclamou Denissov esfregando as mãos e os olhos a brilhar de satisfação.

— Sim, o sítio é bom — confirmou o capitão de cossacos.

— Destacaremos a infantaria pela parte de baixo, pelo lado dos pântanos — prosseguiu Denissov. — Infiltrar-se-á até ao jardim. Tu e os cossacos saltam por ali — continuou, apontando para a mata por detrás da povoação — e eu, com os meus hússares, por aqui. E ao primeiro tiro de espingarda...

— Não se pode atravessar o barranco, há ali um lodaçal. Os cavalos são capazes de se atolar. É preciso ir um pouco mais pela esquerda.

Quando assim conversavam em voz baixa, no barranco, para lados do tanque, soou um tiro, viu-se um fumozinho branco, e logo outro tiro, seguido de grande algazarra, jovial, ao que parecia, de todos os franceses que estavam na ladeira. No primeiro momento, Denissov e o capitão de cossacos recuaram. Tão perto estavam do inimigo que supuseram serem eles a causa dos tiros e os gritos. Mas não, No terreno pantanoso, em baixo, patinhava um homem vestido de encarnado. Eis, evidentemente, a causa dos tiros e do clamor.

— Mas e o nosso Tikon — exclamou o capitão.

— Realmente. é ele!

— Patife! — vociferou Denissov.

— Escapará? — murmurou o capitão, piscando os olhos.

O homem, a quem chamaram Tikon correu para o rio, e chafurdando, com a água a saltar de todos os lados, desapareceu por momentos, para logo em seguida, coberto de lodo negro, emergir da água, de gatas, afastando-se a correr. Os Franceses, depois de o perseguirem algum tempo, acabaram por desistir

— Não é peco! — comentou o capitão.

— Que grande animal! — voltou Denissov, enfadado com o que via. — Que terá estado ele a fazer ate agora?

— Quem é? — inquiriu, Pétia.

— É o nosso espião. Tinha-o mandado saber coisas.

— Ah!, sim! — acrescentou Pétia, aprovando com um aceno de, cabeça, embora não tivesse percebido patavina do que Denissov dissera.

Tikon Chtcherbatii, dos homens mais úteis do grupo, era um camponês de Pokrovskoie, dos sítios de Gjat. Quando no princípio da sua actividade de guerrilheiro. Denissov apareceu naquela terreola, e, consoante o seu costume, falou com o estaroste sobre o que havia acerca dos Franceses, este respondeu-lhe, como aliás todos os seus parceiros, cheio de prudência, dizendo que para falar a verdade não sabia coisa alguma. Mas como Denissov lhe explicasse que pensava atacar os Franceses e lhe perguntasse se não havia, inimigos por aqueles sítios, o funcionário acabou por dizer que vira, realmente, alguns salteadores, mas que em todo o povoado só uma pessoa sabia do assunto, um tal Tikon Chtcherbatii. O oficial mandou chamar Tikon, felicitou-o, e, na presença do estaroste, disse-lhe qualquer coisa a respeito da fidelidade ao czar e à pátria e do ódio que todos os seus filhos deviam alimentar pelos Franceses.

— Não fizemos mal algum aos Franceses — disse Tikon, um pouco embaraçado com os elogios de Denissov. — É como quem diz, apenas rios divertimos com eles. Matámos aí duas dúzias de salteadores, mas não lhes fizemos mal algum...

No dia seguinte, quando Denissov, que já esquecera o tal camponês, deixava a aldeia, vieram dizer-lhe que Tikon se juntara ao grupo dos guerrilheiros e pedia licença para se alistar. Denissov consentiu.

Ao princípio Tikon foi encarregado dos serviços mais pesados, de acender o lume, de ir buscar água, de esfolar os cavalos, mas não tardou a mostrar ser excelentemente dotado para aquele género de guerra. A noite despedia para os assaltos e voltava sempre com roupas e armas que pilhara aos Franceses e quando para tal recebia ordens regressava, mesmo, com os seus prisioneiros. Denissov dispensou-o, pois, dos trabalhos pesados, passou a, levá-lo consigo nas suas expedições e colocou-o entre os cossacos.

Tikon não gostava por aí além de montar a cavalo. Preferia caminhar a pé, sem nunca se distanciar muito dos cavaleiros. Andava armado com um mosquete, que trazia consigo mais por graça que por outra coisa, com um chuço e com um machado, de Que se servia como o lobo se serve dos dentes, tão capaz de com ele matar pulgas como de quebrar os ossos mais duros. Tão habilmente rachava ao

meio, de um só golpe, uma prancha de madeira como aparava finas réguas ou talhava uma colher pegando no machado pela cabeça. Desempenhava no grupo um cargo particular, excepcional. Sempre que havia qualquer coisa a fazer perigosa ou especialmente difícil, como desatolar um carro. â força de músculos, ou arrancar de um atoleiro, puxando-lhe pela cauda, o cavalo que se atolou ou ainda arrancar-lhe a pele ou infiltrar-se pelo meio dos Franceses, ou percorrer numa só jornada cinquenta verstas, chocarreando, toda a gente apontava Tikon.

— Que diabo, faz isso com uma, perna às costas, ninguém pode com a vida dele! — diziam.

Certo dia um francês a quem Tikon acabava de deitar a mão alvejou-o à queima-roupa, atingindo-o nas espáduas. E este ferimento, que Tikon tratou a sua maneira, com copinhos de aguardente por dentro e por fora, converteu-se em pretexto de intermináveis gracejos por todo o destacamento, gracejos a que ele, aliás, se prestava de bom grado.

— Que contas tu de novo, irmão? Chegaram para ti, hem? — diziam, rindo, os cossacos.

Tikon, de cariz macambúzio e mal humorado, ia cobrindo os Franceses de divertidos impropérios. O resultado desta aventura foi passar a não trazer tão frequentemente como até ai prisioneiros franceses.

Era o mais útil e o mais valente de todos os homens do grupo. Ninguém sabia tão bem como ele preparar uma emboscada, nem ninguém matara ou capturara tantos franceses. E assim se converteu no bobo favorito de todos os hússares e cossacos, aceitando de boa mente a promoção. Nessa mesma noite, efectivamente, tinham-no enviado a Chamchevo colher informações. Mas ou fosse porque se não contentara em abordar só um francês, ou porque dormira toda a noite, escondido atrás de uns arbustos, ei-lo que, mal desponta o dia, tenta introduzir-se no meio do inimigo. E foi assim que viera a ser descoberto, como Denissov pudera ver do alto do seu observatório.

[VI]

Depois de trocar ainda algumas impressões com o capitão de cossacos acerca

do projectado ataque do dia seguinte, por que definitivamente se decidira, em virtude da proximidade dos Franceses. Denissov virou de rédea, voltando ao ponto de partida.

— Bom, amigo, agora vamos tratar de nos enxugarmos — disse para Pétia.

Quando chegaram à casa do guarda na floresta, parou, inspeccionando os arredores. E viu, então, avançando do matagal, um homem de longas pernas e grandes braços balouçantes. De cafetã curto, laptis nos pés e um gorro de Kazan na cabeça, trazia uma espingarda em bandoleira e um machado à cinta. Ao ver Denissov tratou de arremessar qualquer coisa para uma moita e, tirando o gorro encharcado, de abas caídas, aproximou-se do chefe. Era Tikon. As suas faces picadas das bexigas e sulcadas de rugas, os olhitos pespontados, resplandeciam de satisfação. Erguendo muito a cabeça e como se fizesse o possível para não rir, parou diante de Denissov.

— Onde te meteste, homem? — perguntou-lhe este.

— Eu? Andei à caça aos Franceses — deu-se pressa em dizer Tikon resolutamente na sua rouca voz de baixo, mas cantante.

— Que estavas tu ali a fazer em pleno dia, animal? Então, apanhaste algum?...

— Apanhar, apanhei — respondeu ele.

— E onde está?

— Sim, apanhei um logo de princípio; ainda não nascera o dia — prosseguiu Tikon, afastando os pés chatos enfiados nos laptis — e levei-o comigo para a floresta. Mas só então vi que para nada prestava. E disse com os meus botões: «Volto lá e apanho outro que me sirva melhor.»

— Ah, patife! Foi por isso — exclamou Denissov para o capitão de cossacos. — E porque o não trouxeste, então?

— Para que o queria eu? — interrompeu Tikon de má catadura. — Para nada prestava. Como se eu não soubesse do que o meu oficial precisa?

— Sempre me saíste um animal! E então?...

— Fui arranjar outro — prosseguiu Tikon. — Arrastei-me até à floresta e deitei-me no chão. — E ei-lo que se atira ao chão de barriga para baixo a explicar o que fizera. — E lá vem um. Salto-lhe em cima deste jeito. — E dizendo o que, dá um pulo cheio de agilidade. — «Vamos», virei-me para ele. «toca daí para o meu coronel.» Então o homem não se me põe a gritar? E aí me caem em cima mais quatro, de baionetas desembainhadas. Mas eu saco do machado e aí vai disto.

«Vamos, desamparem-me a loja!», ameacei-os. — E Tikon pôs-se a repetir com o braço o gesto que fizera, assumindo uma expressão terrível e arqueando o peito.

— Sim, sim, nós bem vimos do nosso esconderijo como davas às de vila-diogo pelo pântano dentro — disse o capitão, cujos olhos cintilavam.

Pétia a custo reprimia o riso, fazendo-o apenas porque os outros se conservavam muito sérios. E ia fitando Denissov, depois o capitão e Tikon, sem poder compreender o que tudo aquilo significava.

— Bom, deixa-te de tolices — disse Denissov, que parecia furioso. — Porque não trouxeste tu o primeiro?

Tikon, coçando as costas com uma das mãos e a cabeça com a outra, pôs-se de súbito a rir, um franco riso animal, que lhe descobria a cova de um dente, origem da alcunha por que era conhecido: Chtcherbatii. Denissov sorriu e Pétia prorrompeu numa alegre gargalhada, que Tikon acompanhou.

— É o que lhe digo, para nada prestava — continuou ele. — Estava muito mal vestido; para que teria servido trazê-lo? E que insolente, Excelência. «Eu, um filho de um amaral» (Palavra francesa deformada pelo povo russo. Queria dizer «general». (N. dos T.), dizia ele, «Não vou!»

— Animal! — voltou Denissov. — Era interrogá-lo...

— Mas eu interroguei-o — continuou Tikon. — E ele disse-me: «Não sei coisas por aí além. Sim, os nossos são muitos, mas não valem nada. Basta dar-lhes um grito e eles caem-vos todos no papo.» — E Tikon, enquanto falava, ia fixando o chefe com, o seu olhar alegre e decidido.

— Bom, estou a ver que tenho de aplicar-te o correctivo se continuas a fazer-te parvo — disse Denissov severamente.

— — Para que se há-de zangar? — voltou Tikon. — Julga que eu não sei o que são os seus Franceses? Deixe só que escureça um pouco, e eu lhe trarei quantos quiser, três de uma só vez, se for preciso.

— Vamos, a caminho — exclamou Denissov, e até chegarem ao posto conservou-se calado e com cara de poucos amigos. Tikon ia atrás e Pétia ouvia os cossacos que riam com ele e o troçavam por causa das botas que ele escondera numa moita. Quando se lhe foi o riso que lhe provocaram as palavras de Tikon, Pétia percebeu que este matara o francês e um sentimento de desgosto o pungiu. E depois, pousando os olhos no pobre tambor, o coração apertou-se-lhe, Mas foi

obra de um momento, Percebeu que devia conservar a cabeça direita, mostrar-se mais marcial, e com um olhar cheio de embófia interrogou o capitão de cossacos sobre o empreendimento do dia seguinte, para que o não julgassem indigno da companhia em que estava.

O oficial que Denissov expedira veio ao seu encontro, no meio do caminho, com a notícia de que Dolokov ia chegar de um momento para o outro e que da sua parte tudo caminhava bem.

De súbito Denissov recuperou a, sua boa disposição e, chamando Pétia, pôs-se a conversar com ele:

— Vamos, conta-me o que tens feito.

[VII]

Pétia, ao sair de Moscovo e depois de se ter separado dos pais, juntara-se ao seu regimento, sendo daí a pouco colocado como oficial de ordenança de um general que comandava um importante destacamento. Desde que fora promovido a oficial, e sobretudo desde que ingressara no exército activo, tomando parte na batalha de Viazma, estava sempre num estado de espírito alegre e excitado, pois se sentia um homem e não queria perder a ocasião de se comportar como herói. Tudo quanto vira e experimentara no exército o encantava, embora tivesse a impressão de que onde ele não estava é que se praticavam os mais belos actos de bravura. Assim vivia no desejo de estar onde não estava.

No dia 21 de Outubro, quando o general falou em designar alguém para delegado junto do destacamento de Denissov, tais foram os pedidos que ele lhe fez que este lhe não pôde recusar autorização de partir. Lembrando-se, porém, da loucura que Pétia cometera em Viazma, pois, em vez de seguir por onde o tinham mandado, se pusera a galopar para as linhas inimigas debaixo do fogo dos Franceses, disparando a pistola, proibiu-o, formal— mente, de tomar parte fosse em que operação fosse sob o comando de Denissov. Eis porque Pétia corara e se sentira embaraçado quando Denissov lhe perguntou se podia ficar junto dele. Antes de chegar à orla da floresta, dissera de si para consigo que ia voltar imediatamente, mas assim que viu os Franceses e Tikon e que soube que nessa

mesma noite, naturalmente, haveria um ataque, graças a mobilidade de ideias a que os jovens são sujeitos, resolveu que o seu general, a quem até ai respeitara, não valia grande coisa, pois era alemão, e que Denissov, esse, era um herói e que o capitão de cossacos também e que Tikon ia pelo mesmo caminho, e que seria uma vergonha abandoná-los naquela difícil emergência.

Já era noite quando os três chegaram à casa do guarda. Na semi-obscuridade lobrigavam-se cavalos selados, cossacos, hússares, que armavam tendas na clareira ou acendiam fogueiras no fundo de um barranco para que os Franceses não vissem fumo. No vestíbulo da pequena isbá, um cossaco, de mangas arregaçadas, trinchava um cordeiro e, na sala viam-se três oficiais do destacamento de Denissov que preparavam uma mesa servindo-se de uma porta. Para se enxugar, Pétia despiu o uniforme molhado e pôs-se imediatamente a ajudar os oficiais a dispor a mesa para a ceia. Passados dez minutos, estava pronta a mesa com a sua toalha e os seus guardanapos. Havia vodka, um frasquito de rum, pão branco, sal e cordeiro assado.

Abancado à mesa na companhia dos oficiais, Pétia partia à mão o cordeiro suculento e oloroso, cuja gordura lhe escorria pelos dedos, expandindo-se numa ternura infantil por toda a gente, certo de que todos sentiam o mesmo por ele.

— Que acha, Vassili Fedorovitch? — perguntou a Denissov. — Acha que não faz mal que eu aqui fique até amanhã? — E, sem esperar resposta, ele próprio respondeu: — Sim, deram-me ordens para me informar, e é o que estou a fazer... Mas só lhes peço uma coisa, que me deixem ir ao ponto principal... Não preciso de recompensas... Mas gostaria...

De dentes cerrados, lançou um olhar cheio de altivez à sua roda, erguendo a cabeça e fazendo um gesto ameaçador.

— Sim, onde a batalha for mais acesa — confirmou Denissov, sorrindo.

— Sim, por favor, dêem-me um comando qualquer, por mais insignificante que seja, que eu comande, pelo menos. Sim, que lhes custa? Ah! Quer a minha navalha? — continuou, dirigindo-se a um dos oficiais que se preparava para trinchar a carne. E puxou da navalha. O oficial achou-a muito bonita.

— Fique com ela, faça favor. Tenho muitas iguais... — disse Pétia corando. — Ah! Santos Padres! Tinha-me esquecido completamente — exclamou, de súbito. — Tenho ali umas passas magníficas, sem grainhas, sabe. Temos um cantineiro novo. Que coisas óptimas ele tem! Comprei-lhe dez libras de passas. Estou habituado as

guloseimas. Querem?... — E precipitou-se para o vestíbulo, à procura do seu cossaco, voltando daí a pouco com uma alcofa com umas cinco libras de passas. — Toca a comer, meus senhores, fazem favor de se servir. Não precisarão de uma cafeteira? — continuou, dirigindo-se ao capitão de cossacos — Comprei uma de primeira ordem ao meu cantineiro! Tem coisas tão bonitas! E é um homem sério. E isso é o mais importante. Vou mandar-vo-lo. Talvez as vossas pederneiras estejam gastas, isso acontece. Tenho algumas comigo. Ali, naquele saco, umas cem. Comprei-as baratíssimas. Façam favor, tirem as que quiserem, todas, se for preciso...

De súbito calou-se, muito enleado, corando, como se se perguntasse se não estaria dizendo muita tolice.

E relembrou tudo o que se passara horas atrás, procurando inteirar-se se não teria cometido outras tolices, A figura do tamborzito veio-lhe à memória. «Nós, aqui, que bem que estamos, mas ele, que será feito dele? Onde o teriam metido? Ter-lhe-iam dado de comer? Não lhe teriam feito mal?» Ao lembrar-se, porém, de que mentira a propósito das pederneiras, nada ousou perguntar a respeito dele.

«Se eu lhes perguntasse, seriam capazes de dizer que era um garoto a perguntar por outro garoto!», disse com os seus botões. «Mas amanhã eu lhes direi se sou um garoto! Que vergonha haveria em perguntar por ele? Ora, tanto faz!» E, de súbito, corando muito e olhando bem para os oficiais, como para ver se eles não troçariam dele, acrescentou:

— Dão-me licença que eu mande chamar o rapazito prisioneiro? Não lhe poderíamos dar qualquer coisa a comer?...

Claro, pobre pequeno — contraveio Denissov, que nada tinha a censurar à ideia do moço oficial. — Chama-o. Chama-se Vincent Bosse. Chama-o.

— Vou buscá-lo — disse Pétia.

— Muito bem, muito bem, vai, anda. Coitado do pequeno! — repetiu Denissov.

Pétia já ia a caminho da porta, porém voltou para trás, aproximou-se de novo dos oficiais e chegou-se a Denissov.

— Consinta que o beije, meu amigo — exclamou. — Ah! Assim, sim, como é bonito da sua parte!

E, depois de o beijar, saiu correndo.

— Bosse! Vincent! — gritou no limiar da porta.

— Quem chama, meu oficial? — respondeu uma voz na obscuridade.

Pétia explicou que chamava o rapazito que fora feito prisioneiro nesse dia.

— Ah! Vessionii! — exclamou o cossaco.

Os cossacos de Vincent já o tinham feito nada menos que Vessionii enquanto os camponeses e os soldados lhe chamavam Vissénia. Em qualquer dos casos, a alusão à «Primavera» assentava como uma luva, na juventude do tamborzito (Vesna quer dizer «a Primavera», vessionú «primaveril». (N. dos T)

.— Está a aquecer-se lá em baixo no acampamento. Eh! Vissénia! Vissénia! Vessionii! — gritavam vozes na obscuridade à mistura com a sua gargalhada. — Ah!, o garoto é manhoso! — exclamou um cossaco ao lado de Pétia. — Ainda agora lhe deram de comer, Aquilo é que era uma fome!

Ouviram-se passos nas trevas, pés descalços que chapinhavam na lama e o tambor apareceu à porta da isbá.

— Ah!, sois vós! — disse-lhe Pétia. — Quer comer? Não tenha medo, ninguém lhe faz mal. — E, timidamente, carinhosamente, pousou-lhe a mão no braço. — Entre, entre.

— Obrigado, senhor — murmurou o garoto, numa voz hesitante e quase infantil, limpando os pés cheios de lama no limiar da porta.

Pétia tinha vontade de lhe dizer muita coisa, mas não ousava. Ali, estava de pé, ao lado dele, no vestíbulo, sem saber o que havia de fazer. Por fim, pegou-lhe na mão e apertou-a entre as suas.

— Entre, entre — repetia, em voz baixa e com todo o carinho.

«Ah! Que poderei eu fazer por ele?», disse de si para consigo, ao abrir a porta e deixando que ele passasse adiante. Assim que o garoto entrou na sala, Pétia conservou-se afastado dele, pensando que naturalmente lhe não ficaria bem dar-lhe importância de mais. Limitou-se a apertar, na algibeira, o dinheiro que trazia consigo, pensando se não lhe ficaria mal passar-lho para as mãos.

[VIII]

Denissov mandou que dessem ao tamborzito vodka e um pedaço de cordeiro e que lhe vestissem um cafetã russo, para que ele se não confundisse com os demais prisioneiros, no intuito de o conservar no seu destacamento. Mas a atenção de

Pétia em breve se desviou do pobre pequeno graças à chegada de Dolokov. Ouvira falar muito da extraordinária bravura deste homem e da sua crueldade para, com os Franceses. Assim que ele entrou, nunca mais Pétia o perdeu de vista, procurando assumir ares importantes, de cabeça muito erguida, para não parecer indigno da companhia, O aspecto exterior de Dolokov impressionou o jovem oficial pela sua extrema correcção.

Denissov envergava o tchekmene (Cafetã curto. (N. dos T.), usava a barba crescida e trazia ao peito uma imagem de Nicolau, o Taumaturgo. Tanto na sua maneira de falar como nos seus modos, procurava dar a entender que não pertencia ao exército regular. Pelo contrário, Dolokov, que outrora, em Moscovo, dava nas vistas com o seu trajo persa, apresentava-se agora como o mais elegante dos oficiais da Guarda. Escrupulosamente barbeado, vestia a túnica almofadada do seu regimento, com a cruz de S. Jorge na botoeira, e na cabeça trazia um gorro pequeno muito simples. Depois de despir o capote todo molhado, sem cumprimentar ninguém, aproximou-se de Denissov e imediatamente se pôs a falar do ataque. Este explicou-lhe quais as intenções dos grandes destacamentos quanto à captura do comboio, falou-lhe da missão de Pétia e da resposta que dera aos dois generais. Por fim, pô-lo ao corrente de tudo quanto sabia acerca do destacamento francês.

— Está bem, Mas é preciso saber que tropas são estas e de quantos homens dispõem — observou Dolokov. — É preciso ir ver. Não nos devemos meter nisto sem sabermos ao certo quantos homens temos pela frente, Gosto de fazer as coisas com limpeza. Não haverá aqui alguém, entre os senhores oficiais, que esteja disposto a acompanhar-me ao acampamento inimigo? Tenho um uniforme francês a mais.

— Eu, eu, eu acompanho-o! — exclamou Pétia,

— Não é, preciso — atalhou Denissov — E, quanto a ti, não te deixarei sair daqui por nada deste mundo.

— Que história é esta? — volveu Pétia — Porque não posso eu ir?

— Porque é inútil.

— Perdão, porque... porque... vou mesmo, e é que vou! Leva-me? — inquiriu, dirigindo-se a Dolokov.

— E porque não?... — replicou este, distraidamente, pois estava a observar o tambor francês — Há muito que tens contigo este garoto? — perguntou a

Denissov.

— Aprisionaram-no hoje, mas nada sabe e resolvi conservá-lo ao pé de mim.

— Ah! E os outros, onde os guardas? — inquiriu Dolokov.

— Onde os guardo? Expeço-os contra recibo — volveu Denissov, muito corado. — E posso dizer que nenhuma morte me pesa na consciência. Pois não será mais simples evacuar trinta ou trezentos homens para a cidade, com uma boa escolta, a manchar a nossa honra de soldado?

— Ora aí está uma dessas gentilezas que ficariam bem na boca deste condezito de dezasseis anos — volveu Dolokov, com um frio sorriso. — Mas tu há muito que te devias ter deixado disso.

— Eu nada digo, insisto apenas em ir consigo.

— Quanto a nós, amigo, já é tempo de pormos de lado todas estas lindas coisas — prosseguiu Dolokov, como se sentisse prazer especial em falar de um assunto que exasperava Denissov. — Vamos a ver porque ficaste com este? Naturalmente porque tiveste perna dele. E depois a gente sabe muitíssimo bem o valor que eles dão aos tais recibos. Remetes-lhes cem, e ao destino chegam apenas trinta. Ou morrem de fome ou matam-nos pelo caminho. Pois não dará o mesmo resultado deixarmo-nos de fazer prisioneiros?

O capitão de cossacos, que piscava os olhos claros, aprovou com um aceno de cabeça.

— Não discuto se o resultado é ou não o mesmo. Seja como for o que não quero é tomar essa responsabilidade. Achas tu que eles morrem da mesma maneira? É possível, mas não nas minhas mãos.

Dolokov soltou uma gargalhada.

— Julgas que não terão recebido mais de vinte vezes ordem para me apanharem? E o certo é que se nos apanhassem, a mim ou a ti, apesar de todos os teus sentimentos cavalheirescos, íamos acabar igualmente enforcados. — E após alguns momentos de silêncio: — E não ficamos por aqui. Precisamos de falar a sério. O meu cossaco que me traga a minha bagagem. Tenho dois uniformes franceses. Bom!

— Vens então comigo, não é verdade? — perguntou a Pétia.

— Vou, vou, está decidido — exclamou o rapaz, que fitara Denissov, corando muito.

Durante a discussão dos dois oficiais acerca da maneira de tratar os

prisioneiros, Pétia sentira-se embaraçado, embora não tivesse percebido muito bem o que eles pensavam, realmente, a respeito desses homens. «Se as pessoas de idade e experimentadas pensam assim. é que assim tem de ser, com toda a certeza», dizia ele com os seus botões. «Assim é que está certo. Mas é preciso que Denissov se não convença de que eu estou disposto a obedecer-lhe em tudo, que me pode dar ordens. Seja como for, hei-de acompanhar Dolokov ao acampamento francês. Se ele o pode fazer, porque não hei-de eu fazê-lo também?»

A todas as admoestações de Denissov, Pétia replicou que também ele estava habituado a fazer as coisas como era mister, e não à maluca, e que de resto nunca pensava no perigo.

— E a verdade, tem de o confessar. é que se não soubermos precisamente quantos soldados eles têm... arriscamo-nos a expor a vida de centenas de homens, e nós, nós somos apenas dois. Enfim, quero tanto ir que vou seja como for. E não procure impedir-me — acrescentou — porque então ainda seria pior.

[IX]

Depois de enfiarem os capotes franceses e de se cobrirem com as barretinas do exército napoleónico, Pétia e Dolokov dirigiram-se à clareira donde Denissov examinara o acampamento do inimigo, Assim que saíram da floresta, protegidos pelas trevas cerradas da noite, desceram até ao fundo do barranco. Ao chegarem aí, Dolokov disse aos cossacos que o acompanhavam que esperassem por ele ali, e a trote meteu pela estrada em direcção à ponte. Pétia, emocionadíssimo, cavalgava a seu lado.

— Se eles nos atacarem, vivo é que me não apanham. Tenho a minha pistola — disse em voz baixa.

— Não fales russo — ripostou Dolokov em voz baixa também. Nesse instante, nas trevas, soou o grito: «Qui vive?», ao mesmo tempo que se ouvia o engatilhar de uma espingarda.

Pétia sentiu que o sangue lhe subia à cara e levou a mão à pistola.

— Lanceiros do 6º — gritou Dolokov, sem travar a marcha do seu cavalo.

A negra figura da sentinela destacava-se na ponte.

— A senha.

Dolokov refreou o cavalo e continuou a passo.

— Diga-me cá, o coronel Gérard está aí? — perguntou.

— A senha — repetiu a sentinela, sem responder e atravessando-se no caminho.

— Quando um oficial faz a ronda, as sentinelas não pedem a senha... — exclamou Dolokov fora de si, arrojando o cavalo sobre a sentinela. — Pergunto-te se está cá o coronel.

E sem esperar resposta da sentinela, que se afastara, indiferente, pôs-se a subir a ladeira a passo.

Ao divisar a silhueta de um homem que atravessava a estrada, mandou-o parar para lhe perguntar onde estavam o comandante do regimento e os respectivos oficiais. O soldado, que levava um saco às costas, parou, aproximou-se do cavalo de Dolokov, passou-lhe a mão pelo lombo e contou, com a maior simplicidade e no tom mais amistoso deste mundo, que os oficiais estavam um pouco mais acima, na rampa, à direita, no pátio de uma quinta, que assim designou a casa senhorial.

Dolokov prosseguiu estrada além. Dos dois lados, nos acampamentos, ouviam-se conversas em francês. Entrou no pátio da casa senhorial. Junto do portão desmontou, aproximou-se de uma grande fogueira em volta da qual um grupo de homens conversava em voz alta. Numa marmita, sobre as chamas, fumegava o rancho de um soldado, o qual, de quépi e capote azul, todo banhado pela luz da fogueira, remexia a panela com uma vareta de espingarda.

— Oh!, é duro de roer — dizia um dos oficiais na sombra, do outro lado.

— Este lhes dará o arroz, cambada — respondeu outro, rindo. Ambos se calaram ao ouvirem, no meio das trevas, os passos de Dolokov e de Pétia, que se aproximavam com os cavalos pela arreata.

— Bom dia, meus senhores! — saudou Dolokov em voz clara e vibrante.

Os oficiais agitaram-se no escuro e um deles, um alto, de pescoço esgalgado, deu a volta à fogueira para se aproximar.

— É você, Clément? — exclamou ele. — Donde diabo...? — Mas não concluiu a frase, reconhecendo o engano em que caíra. Franziu as sobrancelhas e saudou Dolokov como desconhecido, que era, perguntando-lhe que desejava.

Dolokov contou-lhe que ele e o seu camarada procuravam reunir-se ao seu

regimento, e em seguida, dirigindo-se ao grupo, perguntou se eles não saberiam, porventura, onde se encontrava o 6.o de lanceiros. Ninguém sabia, e Pétia percebeu que os estavam examinando com hostilidade e desconfiança. Toda a gente se calou por momentos.

— Se conta com a sopa da noite, chega tarde — disse, junto da fogueira, a voz de alguém que continha o riso.

Dolokov respondeu que já haviam comido e que tinham de prosseguir no seu caminho aquela mesma noite.

Entregou as rédeas do cavalo ao soldado que mexia o rancho e pôs-se de cócoras diante das chamas, ao lado do oficial do pescoço esgalgado. Este, mirando Dolokov com obstinação, perguntou-lhe mais uma vez a que regimento pertencia. Dolokov fingiu não ouvir e pôs-se a fumar por um cachimbo curto, francês, que retirara da algibeira enquanto perguntava aos oficiais se as estradas estavam em segurança, pois dizia-se que os cossacos andavam pelos campos.

— Esses bandidos estão em toda a parte — replicou o oficial que estava perto da fogueira.

Dolokov sustentou que os cossacos não eram perigosos senão para os retardatários como ele e o seu companheiro, mas que não seriam capazes de atacar os grandes destacamentos. Ninguém respondeu.

«É agora que ele se vai embora», dizia Pétia com os seus botões, de pé diante da fogueira, escutando a conversa. Dolokov rompeu o silêncio para perguntar quantos homens tinham eles no batalha, quantos batalhões havia e quantos eram os prisioneiros. A propósito destes, observou:

— Que raio de ideia trazer esses cadáveres a reboque. Era melhor fuzilar essa canalha. — E ao dizer isto, soltou uma gargalhada tão estranha que. Pétia, pensando que os franceses iam descobrir o embuste, deu um passo à retaguarda.

Ninguém respondeu fosse o que fosse à gargalhada de Dolokov, e um dos oficiais na sombra, enrolado no capote estendido no chão, soergueu-se, e murmurou qualquer coisa ao ouvido de, um camarada. Dolokov ergueu-se então e chamou o soldado que segurava os cavalos.

«Teremos cavalos ou não?», murmurou Pétia de si para consigo, aproximando-se de Dolokov.

Os cavalos apareceram.

— Bom dia, meus senhores — disse Dolokov.

Pétia teria gostado de pronunciar «boa noite», mas foi-lhe impossível articular a palavra. Os oficiais sussurraram qualquer coisa entre si. Dolokov levou tempo a montar, porque o cavalo não havia maneira de estar quieto. Depois saiu a passo pelo portão do pátio. Pétia acompanhava-o, desejoso de se voltar para ver se não eram perseguidos, mas não ousava fazê-lo. Ao atingir a estrada, Dolokov, em vez de se meter pelos campos, seguiu ao longo da povoação. A determinada altura parou para escutar. «Estás a ouvir?», murmurou. Pétia reconheceu que se falava russo ali, e junto das fogueiras viu as silhuetas negras dos prisioneiros. Depois de terem descido até à ponte, cruzaram a sentinela que continuava de guarda, e nada lhes disse, alcançando em seguida o barranco onde os esperavam os cossacos.

— Bom, agora adeus. Diz ao Denissov que lá o espero de madrugada, ao primeiro tiro — observou Dolokov, afastando-se. Pétia, porém, agarrou-o, por um braço.

— Ah! É um herói! Ah! Que bem! Magnífico! Muito gosto de si!

— Bom, bom — replicou Dolokov.

Pétia, porém, não o largava, e Dolokov viu, no meio das trevas, que o rapaz se debruçava para ele, querendo beijá-lo. Dolokov beijou-o, rindo, e dando meia volta desapareceu no meio da noite.

[X]

No regresso à casa do guarda, Pétia encontrou Denissov no vestíbulo. Agitado, inquieto, furioso consigo próprio por tê-lo deixado partir, estava à espera dele.

— Louvado seja Deus! Sim, louvado seja Deus! — repetia enquanto ia ouvindo o relato entusiasta de Pétia. — Diabos te levem, tiraste-me o sono! Graças a Deus, agora vai deitar-te. Ainda podemos dormir um bocado até de madrugada.

— Não, não — discordou Pétia. — Não tenho sono. E se adormeço, já sei, não acordo mais. De resto, não costumo dormir antes das batalhas.

Pétia permaneceu, pois, ainda algum tempo na isbá, recordando os pormenores da expedição e pensando no que iria suceder no dia seguinte. Depois, vendo que Denissov adormecera, levantou-se e saiu.

Cá fora as trevas eram cerradas. A chuva deixara de cair, mas as folhas das

árvores gotejavam. Ali perto via-se o vulto negro das tendas dos cossacos e dos cavalos atados uns aos outros. Lá para trás desenhava-se o perfil de dois carroções rodeados de cavalos e na ravina as fogueiras apagavam-se. Nem todos os cossacos e hússares estavam a dormir: aqui e ali. à mistura com o ruído das gotas de água que caíam e do mastigar dos cavalos que roíam a sua aveia, ouviam-se vozes murmurar.

Pétia saiu do vestíbulo, perscrutou a obscuridade e aproximou-se dos carroções. Estendido sobre um deles um homem ressonava, enquanto à sua volta cavalos selados comiam aveia. Nas trevas reconheceu o seu cavalo, o Karabak, e aproximou-se dele.

— Eh, Karabak, amanhã temos que fazer — disse-lhe, beijando-lhe o focinho.

— Ainda está acordado? — murmurou o cossaco estendido em cima do carroção.

— Estou, mas escuta... Chamas-te Likatchov, não é? Acabo de chegar. Fomos visitar os Franceses.

E Pétia contou ao cossaco, por miúdo, não só a expedição em que tomara parte, mas porque participara nela e como era preferível arriscar a vida a deixar que os outros fossem às cegas para o combate.

— Sim, sim, mas era melhor que dormisse — observou o cossaco.

— Não, estou habituado — replicou ele. — As pederneiras da tua pistola não estão gastas? Se quiseres algumas, tenho aqui. Se precisas, toma lá.

O cossaco ergueu a cabeça e espreitou cá para fora, para melhor examinar o que se passava.

— Gosto de fazer as coisas com todo o cuidado — continuou Pétia. — Há alguns que não tomam precauções e depois é tarde. Não gosto disso.

— Tem razão — volveu o cossaco.

— E olha, espera lá, rapaz, afia-me o sabre, se queres. Está rombo... — Mas, para não mentir, calou-se. Nunca mandara afiar o sabre. — Posso contar contigo?

— Claro, porque não?

Likatchov levantou-se, remexeu no fundo da carroça, e daí a pouco Pétia ouvia o ruído bem marcial do aço contra a pedra de afiar. Trepou para cima do carroção e sentou-se. O cossaco continuava a sua tarefa.

— E os rapazes, estão todos a dormir? — perguntou Pétia.

— Uns dormem, outros não.

— E o garoto, que está ele a fazer?

— Vessionii? Está lá adiante, deitado no vestíbulo. Depois de tanto medo que teve, adormeceu. Que contente ele estava!

Pétia ficou depois calado por muito tempo, sempre de ouvido à escuta. Ouviram-se passos na escuridão e um vulto apareceu.

— Que estas tu a afiar? — perguntou o recém-chegado, aproximando-se.

— O sabre deste senhor.

— Muito bem — replicou o homem que Pétia supôs ser um hússar. — Não haverá por aqui uma tigela?

— Há, sim, ali, ao pé da roda.

O hússar pegou na tigela.

— Não falta muito para amanhecer — disse ele, bocejando, enquanto se afastava.

Pétia sabia que estava no meio da floresta, entre os soldados de Denissov, a uma versta da estrada real. Sabia que estava sentado em cima de uma carroça apanhada aos Franceses, à volta da qual havia cavalos amarrados, sabia que ali ao pé estava o cossaco Likatchov tratando de lhe afiar o sabre, sabia que aquela mancha negra lá adiante era a casa do guarda e que a mancha vermelho-clara em baixo era a fogueira do bivaque que se apagava, sabia que o homem que viera buscar a tigela era um hússar com sede, Sabia tudo isto, e era como se de nada quisesse saber. Flutuava num reino encantado onde nada se parecia com a realidade. Talvez que aquela mancha preta fosse, de facto, a casa do guarda, mas também podia ser uma caverna que se abria até às entranhas da Terra. E talvez que efectivamente aquela mancha encarnada fosse, realmente, lume, mas também podia ser o olho de um monstro enorme. Bem podia ser estar sentado numa carroça, mas talvez aquilo não fosse uma carroça, mas uma torre altíssima, do alto da qual, se porventura lhe acontecesse vir a cair, voaria na direcção da terra durante um dia, durante um mês, sem nunca mais poder chegar ao chão. Era possível que ao pé da carroça apenas estivesse o cossaco Likatchov, mas também podia acontecer que esse homem fosse o homem melhor, mais valente, mais extraordinário, maior, que existisse no mundo, um homem que ninguém conhecesse. E também podia ser que houvesse por ali um hússar procurando água no barranco, mas também podia acontecer que se tivesse desvanecido e desaparecido e ninguém o tivesse visto.

Nada o surpreendia mais do que o que os seus olhos viam. Ei-lo num mundo encantado onde tudo era possível.

Ergueu os olhos ao céu. E o céu, tal qual como a terra, era um sítio encantado. Iluminava-se e no topo das árvores corriam nuvens rápidas que pareciam descobrir as estrelas, As vezes parecia que o firmamento se limpava por inteiro e via-se então aparecer um céu negro e puro. Ora aquelas manchas escuras lhe pareciam nuvens, ora a abóbada celeste se lhe afigurava muito alto por cima da sua cabeça, ora descer de tal sorte que lhe seria possível tocar-lhe com a ponta dos dedos.

Pétia fechou os olhos e sentiu que a cabeça lhe andava à roda Ouviam-se as gotas de água que continuavam a cair, as conversas sussurradas, os cavalos a escarvar o chão e a agitar-se, algures o ressonar de alguém.

Zig, zig, zig.... fazia o aço do sabre que o cossaco afiava e de súbito Pétia ouviu uma orquestra harmoniosíssima, que tocava um hino qualquer desconhecido e de uma solene suavidade. Como Natacha, e ainda mais que Nicolau, também ele gostava muito de música, mas nunca pensara aprender a tocar, por isso os motivos que espontaneamente lhe chegaram ao ouvido lhe pareciam tão novos. E a música era cada vez mais vibrante. A melodia ampliava-se como se de um instrumento fosse passando a outro. Era uma fuga, mas Pétia não fazia a mais pequena ideia disso. Cada um dos instrumentos, ora como se fossem violinos, ora como se fossem trombetas, embora de som muito mais fino e muito mais puro, tocava o seu motivo próprio, que, sem chegar ao fim da sua modelação, se fundia noutro, que principiava por assim dizer o mesmo motivo, e depois ainda com outro e com outro ainda, confundindo-se todos, por fim, para se separarem e voltarem a confundir-se num cântico religioso e solene ou numa ária triunfal clara e brilhante.

«Ah!, mas estou a sonhar», dizia Pétia de si para consigo, perdendo por assim dizer o equilíbrio. «São os meus ouvidos que ressoam. Ou talvez seja a minha orquestra própria a tocar. Então, mais uma vez. Vamos, minha orquestra! Vamos!..»

Fechou os olhos. E de todos os lados, como se viessem de muito longe, vibravam acordes em uníssono ou se dissipavam, para de novo se fundirem, e outra vez o hino recomeçava, solene e cheio de suavidade. «Ah! Que maravilha! E pelo tempo que quero e como quero!», dizia de si para consigo. E tentava reger aquela imensa orquestra.

«Mais piano, agora mais piano, até deixar de se ouvir.» E os sons obedeciam-

lhe. «Vá, agora mais alto, mais alegre. Mais, mais, mais alegre.» E de desconhecidas profundezas irradiavam acordes largos e magníficos. «E agora, vós, as vozes!», comandava ele. E vozes de homem chegavam da distância, e em seguida vozes de mulher, e essas vozes iam crescendo, pouco a pouco, até atingirem tinia imponente vibração. Pétia sentia-se ao mesmo tempo temeroso e fascinado com aquela surpreendente beleza.

O canto alargava, transformando-se numa solene marcha Triunfal, enquanto as árvores continuavam a gotejar, o aço a ranger e os cavalos a relinchar e a escarvar o chão, sem que nada perturbasse o coro, mas como se fizesse parte nele.

Pétia não saberia dizer o tempo que isto teria durado. Sentia um infinito prazer, estava como que deslumbrado e só lamentava não poder partilhar com outro tudo quanto experimentava. Foi a voz afável de Likatchov que o acordou.

— Aqui o tem, Excelência. Pode rachar um francês ao meio.

Pétia despertou do seu torpor.

— Já é manhã, já é dia! — exclamou ele.

Agora já se viam os cavalos, até então invisíveis. Através dos ramos despidos de folhas transparecia uma claridade húmida. Pétia espreguiçou-se, saltou do alto da carroça, puxou de um rublo da algibeira e deu-o a Likatchov. Depois brandiu o sabre, para o experimentar, e enfiou-o a seguir na bainha. Os cossacos, entre—tanto, selavam os cavalos.

— Aí vem o comandante — exclamou Likatchov.

Denissov, que saía da isbá, chamou Pétia e deu-lhe ordem de se preparar para partir.

[XI]

Rapidamente, na semi-obscuridade, cada um lançou mão do seu cavalo, ajustou o selim e ocupou o seu lugar. Denissov, de pé junto da casa do guarda, dava as suas ordens. A infantaria, patinhando na lama, foi a primeira a partir, desaparecendo daí a pouco, por entre as árvores, no meio da neblina matinal. O capitão de cossacos deu as instruções aos seus homens. Pétia, com o cavalo pela arreata, aguardava, impaciente, o momento de montar. Embora tivesse

mergulhado a cara em água fria, sentia no rosto, e especialmente nos olhos, um ardor febril. Já não tinha arrepios ao longo da espinha, mas todo o seu corpo se agitava em movimentos nervosos.

— Está tudo pronto? — interrogou Denissov. — Venham os cavalos!

Os cavalos apareceram. Denissov repreendeu o seu cossaco porque a sela estava mal afivelada, depois saltou para a, garupa do ginete. Pétia meteu o pé no estribo. Como de costume, o cavalo procurou mordisca-lo na perna, mas ele, leve como uma pluma, saltou-lhe para cima e lançando um golpe de vista aos hússares que principiavam a mover-se na sua retaguarda aproximou-se de Denissov.

— Vassili Federovitch, não se esquece de me dar um comando, não é verdade? Peço-lhe — disse ele.

Dir-se-ia que Denissov se esquecera da existência de Pétia. Relanceou-lhe um olhar.

— Só te peço uma coisa — disse-lhe com severidade — que me obedeças e que não metas o nariz onde não és chamado. Durante o resto do percurso, Denissov não voltou a trocar palavra com ele, cavalgando em silêncio. Principiava a clarear por sobre os campos quando chegaram à orla da floresta. Denissov disse qualquer coisa em voz baixa ao capitão de cossacos e os seus homens desfilaram diante deles. Depois de eles passarem, Denissov pôs-se a descer a encosta atrás da coluna, Escorregando e retesando as patas, atingiram os cavalos o fundo do barranco. Pétia ia ao lado de Denissov. Cada vez tremia mais. O dia ia raiando e a neblina apenas envolvia agora os objectos muito distantes. Ao chegar ao fundo, Denissov, voltando-se, fez um aceno de cabeça ao cossaco mais perto dele.

— O sinal! — ordenou.

O cossaco ergueu a mão e um tiro ressoou. No mesmo instante, os cavalos despediram a galope, enquanto se ouviam gritos de todos os lados e novos tiros ressoavam.

No mesmo momento, igualmente, Pétia esporeou o cavalo e soltou-lhe as rédeas, e sem ouvir Denissov, que o chamava, aos gritos, debandou a galope. Afigurara-se-lhe, de súbito, no momento em que ressoou o primeiro tiro, que tudo ficara claro como se fosse dia alto. Alcançou a ponte. Os cossacos galopavam diante dele. Em cima da ponte esbarrou com um retardatário e continuou galopando. Por diante dele, alguns homens, franceses, naturalmente, passavam, assodados, do lado direito da estrada para e, lado esquerdo. Um deles estatelou-

se na lama mesmo debaixo das patas do seu cavalo.

A porta de uma casa um grupo de cossacos fazia fosse o que fosse. Um grito terrível saiu do grupo. Pétia, que passava nesse instante a galope, a primeira coisa que viu foi o rosto pálido e convulsionado de um francês que sustinha a vara de uma lança apontada ao peito.

«Hurra!... Rapazes!...», gritou Pétia. E esporeando o cavalo, excitado pela corrida, meteu pela rua da povoação. Diante dele ressoaram tiros. Cossacos, hússares e prisioneiros russos esfarrapados corriam pelos dois lados da rua, soltando gritos estridentes e ininteligíveis. Um francês, de cabeça descoberta, o rosto vermelho e crispado, de capote azul, defendia-se dos hússares com a baioneta. Quando Pétia chegou junto dele, já estava prostrado no chão. «Outra vez tarde de mais», disse de si para consigo o moço oficial, num relâmpago, e dirigiu-se para o ponto onde a fuzilaria era mais nutrida. No pátio da casa senhorial em que estivera nessa mesma noite com Dolokov o tiroteio crepitava. Os Franceses, entrincheirados atrás da espessa sebe do jardim, visavam os cossacos amontoados junto da porta principal. Assim que chegou ali, Pétia viu logo, através da fumarada. Dolokov, o rosto pálido e esverdeado, que gritava aos seus homens:

— Cerquem-nos pelo outro lado! Esperem a infantaria!

— Quê? Esperar?... Hurra! — exclamou Pétia e, sem mais detenças, avançou para o local onde o tiroteio e a fumarada eram maiores.

Uma salva se ouviu, balas perdidas assobiaram e vieram cravar-se aqui e ali. Dolokov e os cossacos enfiaram, atrás de Pétia, pelo portão do pátio. Os Franceses, no meio de uma densa fumarada, atiravam fora as armas e saíam da sebe para se precipitar em na direcção dos cossacos, enquanto outros galgavam a encosta em direcção ao tanque. Pétia continuava a galopar pelo pátio dentro, mas abandonara as rédeas, os braços gesticulavam-lhe de maneira estranha e ia tombando cada vez mais para cima da sela. O cavalo, que pousara as patas sobre os carvões ardentes de uma fogueira visível graças à claridade da manhã, parou bruscamente e o cavaleiro foi precipitado no chão, Os cossacos ainda viram agitar-se os braços e as pernas de Pétia enquanto a cabeça lhe descaía sem vida. Uma bala atravessara-lhe o crânio.

Depois de trocar algumas palavras com o comandante do destacamento francês que saíra do edifício com um lenço amarrado à ponta da espada, em sinal

de rendição, Dolokov desmontou e aproximou-se de Pétia, estendido no chão, imóvel, com os braços em cruz.

— Este já tem a sua conta — disse, franzindo o sobrecenho. E foi ao encontro de Denissov, que nessa altura aparecia à porta do pátio.

— Morto? — exclamou, ao ver o corpo de Pétia estendido no chão e evidentemente sem vida.

— Já tem a sua conta — repetiu Dolokov, como se sentisse prazer em empregar essa expressão, e seguiu na direcção dos prisioneiros que os cossacos cercavam. — Nada de prisioneiros! gritou ele para Denissov.

Denissov não respondeu. Aproximou-se de Pétia, desmontou, e de mãos trémulas voltou para si o rosto do moço, empapado em sangue e lama, já de uma palidez cadavérica.

«Estou habituado às guloseimas, óptimas passas, tomem-nas todas... » Lembrava-se das palavras dele Os cossacos olhavam-no estupefactos: soluços em que havia fosse o que fosse dos uivos de um cão lhe saíam do peito, enquanto desviava a cabeça e, cambaleante, se aproximava da sebe para se segurar de pé.

Entre os prisioneiros russos libertos por Denissov e Dolokov encontrava-se Pedro Bezukov.

[XII]

As autoridades francesas não tinham tomado novas disposições para o transporte do destacamento de prisioneiros de que fazia parte Pedro durante a retirada. No dia 22 de Outubro já não se encontrava com as tropas com que saíra de Moscovo. Metade do comboio de biscoitos que os seguira durante as primeiras jornadas fora pilhada pelos cossacos e a outra metade seguira adiante. Dos cavaleiros que abriam a marcha, nem falar: todos tinham desaparecido, A artilharia, que nos primeiros dias constituíra a guarda avançada, fora substituída pelas imensas bagagens do marechal Junot, que eram escoltadas pelos westfalianos. Atrás dos prisioneiros vinham as bagagens da cavalaria.

A partir de Viazma, as tropas, que até aí marchavam em três colunas, transformaram-se num verdadeiro rebanho. Os indícios de desorganização que

Pedro observara já durante a primeira jornada eram agora evidentes.

A estrada, de um lado e outro, estava juncada de cadáveres de cavalos; soldados esfarrapados, retardatários de diversas armas, que se sucediam continuamente, ora se reuniam à coluna em marcha, ora ficavam de novo para trás.

Por várias vezes, durante a marcha, houvera rebates falsos. Os soldados da escolta pegavam nas armas, disparavam ao acaso, fugiam a mais não poderem, esbarrando uns nos outros, e depois tornavam a formar, acusando-se mutuamente dos seus loucos terrores. O depósito da cavalaria, os prisioneiros e as bagagens de Junot, que compunham a coluna, formavam ainda uma espécie de todo, mas esse mesmo todo ia-se desfazendo rapidamente. O depósito, que de princípio era formado por cento e vinte viaturas, estava reduzido a sessenta no máximo: todas as outras tinham sido pilhadas ou abandonadas. Algumas das viaturas das bagagens de Junot também se haviam perdido. Três, pelo menos, tinham sido assaltadas por retardatários do corpo de exército de Davout. Pedro percebera, pelas conversas dos alemães, que esse comboio era guardado com mais cuidado que o dos prisioneiros e que um soldado que fazia parte da escolta, um alemão, fora fuzilado por ordem do marechal, por lhe terem encontrado uma colher de prata com as suas insígnias.

Mas o grupo mais reduzido era o dos prisioneiros. Dos trezentos e trinta homens que o formavam à partida de Moscovo, restavam agora menos de cem. E causavam maior embaraço às tropas que os escoltavam que o depósito de cavalaria ou as bagagens de Junot. Esses soldados compreendiam muito bem que as selas de cavalaria ou as colheres do Sr. Marechal podiam tentar este ou aquele, mas para que estarem de sentinela, eles, cheios de fome e de frio, a esses russos, esfomeados e transidos como eles, que iam ficando pelo caminho ou enregelavam nos acampamentos e contra os quais havia ordem de fuzilamento? Eis o que não podiam compreender e os descoroçoava. Eles, tia mesma penosa condição, tinham medo de se deixar comover diante desses desgraçados, agravando a sua própria situação, e esse o motivo por que os tratavam cada vez mais severamente.

Em Dorogobuje, enquanto os soldados da escolta, depois de fecharem os prisioneiros numa cavalariça, foram pilhar as lojas, alguns dos cativos abriram um buraco na parede e fugiram. Apanhados daí a pouco, eram passados pelas armas.

O regime fixado na altura da saída de Moscovo, segundo o qual os oficiais

deviam estar separados dos soldados, há muito fora abolido. Todos os que podiam caminhar seguiam juntos, e Pedro, após a terceira jornada, voltara a encontrar-se com Karataiev e o seu cãozito arruivado, de pernas tortas, que o adoptara como dono.

Dois dias após a partida de Moscovo, Karataiev fora de novo acometido p(,.las febres que o tinham levado ao hospital e à medida que piorava Pedro afastava-se dele instintivamente. Não dava muito por isso, mas o certo é que devia fazer um grande esforço sobre si mesmo para se aproximar dele, os gemidos do desgraçado quando se deitava no fim da jornada e o cheiro acre que exalava afastavam Pedro e tornavam menos íntimas as suas relações. Enquanto estivera fechado no abarracamento, Pedro adquirira a convicção, não racional, mas graças ao sentimento íntimo de todo o seu ser, de que o homem nascera para a felicidade, de que a felicidade estava nele, homem, na satisfação das suas tendências naturais, e de que todas as desgraças eram antes consequência de excessos que propriamente de privações. Mas depois daquelas três últimas semanas de marcha, nova e consoladora verdade se lhe revelara, a saber, que neste mundo nada há de verdadeiramente terrível. Assim como o homem nunca consegue ser perfeitamente feliz e livre, também não há situação alguma em que seja completamente infeliz e escravo, Assim como há limite para o sofrimento, também há limite para a liberdade, e esses limites tocam-se mutuamente. Agora sabia que o homem que sofre porque, deitado em cama de rosas, o magoa uma ruga das suas pétalas, era tão infeliz como ele próprio, dormindo na terra húmida e nua, com frio por um lado e calor pelo outro. Lembrava-se de que quando, outrora, enfiava nos pés uns escarpins de baile muito apertados sofria tanto ou mais que actualmente, que caminhava descalço, pois as botas há muito as não podia calçar e tinha os pés cobertos de pústulas. Sabia que na altura do seu casamento, na aparência perfeitamente livre, não era mais livre que neste momento, que passava a noite fechado numa cavalariça. De todos os sofrimentos de que mais tarde se lembrava, e então o deixavam quase insensível, o pior fora o ver os pés cheios de feridas e crostas.

A carne de cavalo agradava-lhe e era nutritiva; essa espécie de sabor a pólvora do sal de nitro empregado em vez do sal propriamente dito era mesmo agradável; o frio não era muito intenso: de dia tinham sempre calor durante as marchas e à noite acendiam fogueiras; os piolhos que o devoravam aqueciam-no.

Só uma coisa o fizera sofrer realmente nos primeiros tempos: os pés.

Na segunda jornada, ao examinar as feridas ao clarão das fogueiras, dissera de si para consigo que não poderia dar mais um passo; mas quando os companheiros se puseram a caminho lá os foi seguindo, embora coxeando, e assim que os pés lhe aqueceram não mais os sentiu, embora ficasse aterrado quando à noite tornou a olhar para eles. E decidiu não lhes pôr mais a vista em cima e pensar noutra coisa.

Só agora, realmente, sabia até que ponto o homem pode resistir e quanto valia o poder de distracção que lhe foi dado, espécie de válvula de segurança das caldeiras a vapor para quando a pressão ultrapassa a normal.

Não queria ver nem ouvir fuzilar prisioneiros retardatários, embora para cima de cem já lá ficassem para trás. Já não pensava em Karataiev, que, de dia para dia mais fraco, não tardaria, evidentemente, a ter o destino dos demais. E nele próprio ainda pensava menos. Quando mais difícil se tornava a situação, quando mais sombrio se lhe antolhava o futuro, mais ele se desprendia de tudo o que o cercava e mais suaves e consoladores eram os seus pensamentos, as suas recordações e os seus devaneios de imaginação.

[XIII]

A 22, por volta do meio-dia, subia Pedro uma ladeira coberta de lama escorregadia, atento às irregularidades do terreno e aos sítios em que punha os pés. De quando em quando erguia os olhos para o grupo dos companheiros e de novo voltava a pousá-los no chão. Não assistia a um espectáculo novo. Sierii, o cachorrito das pernas tortas, pulava pela berma da estrada, e de vez em quando, para mostrar ligeireza e contentamento, erguia uma das patas traseiras e trotava nas outras três, voltando daí a pouco ., trotar nas quatro para ladrar aos corvos que pousavam em cima dos cadáveres. Sierii sentia-se ali muito mais feliz e contente que em Moscovo. Por toda a parte havia cadáveres de cavalos e de homens, em variado estado de decomposição, em que ele podia saciar-se à vontade, e o trânsito contínuo das tropas, mantendo os lobos a distância, permitia-lhe refastelar-se.

Desde manhã que chovia, e não havia esperança de deixar de chover, pois,

mesmo quando o céu clareava, era para chover ainda mais, após uma breve pausa. A estrada, alagada, não podia absorver mais água e as valetas eram verdadeiros rios.

Pedro, de olhos no chão, à medida que caminhava, contava pelos dedos, de três em três passos. Para si mesmo, pensando na chuva, dizia: «Vamos, vamos, mais, mais, continua.»

Dir-se-ia já não ter em que pensar, mas na realidade a sua alma cada vez mergulhava mais fundo em pensamentos graves e consoladores. Eis a subtil lição que extraía da conversa da véspera com Karataiev.

Na véspera, durante o descanso da noite, transido de frio junto de uma fogueira apagada, Pedro levantara-se e aproximara-se da fogueira vizinha, que ardia melhor. Junto dela, Platão, envolto na sua capa, como um padre na sua casula, contava aos soldados, na sua voz de enfermo, cheia e agradável, mas fraca, uma história que Pedro já conhecia. Passava da meia-noite. Era , hora em que lhe descia o febrão e o deixava habitualmente mais animado. Assim que Pedro se aproximou da fogueira, ouviu a voz débil do pobre homem e lhe viu o lastimoso rosto vivamente iluminado, sentiu confranger-se-lhe o coração. Quis afastar-se, tanto o afligia o estado do desgraçado, mas, como não havia outra fogueira acesa, acocorou-se ali mesmo, procurando não olhar para ele.

— E então, como vai essa saúde? — perguntou-lhe Pedro.

— A saúde? Chorarmos a nossa saúde não impede que Deus nos dê a morte — respondeu Karataiev, que logo continuou a sua história.

— E aqui tens, meu amiguinho — prosseguiu, com um sorriso que lhe iluminava o pálido e magro rosto e os olhos brilhantes. — Aqui tens, meu amiguinho...

Há muito que Pedro conhecia aquela história. Karataiev contara-lha cinco ou seis vezes, sempre com grande satisfação. Mas, embora a conhecesse muito bem, dir-se-ia ouvi-la pela primeira vez. A animação contida do narrador comunicava-se-lhe a ele, Era a história de um velho mercador que vivia no meio dos seus, honestamente e no temor de Deus. Certo dia, com um dos seus camaradas, dirigiu-se à, feira de Makarié.

Pernoitaram numa estalagem, e no dia seguinte o seu companheiro foi encontrado morto e roubado. Debaixo da almofada do honesto mercador encontraram uma faca cheia de sangue. Julgaram-no, flagelaram-no, arrancaram-lhe as narinas «como era de justiça e de acordo com as leis estabelecidas»,

acrescentava, Karataiev, e por fim foi enviado para as galés.

-...E aqui tens, meu amiguinho. — Nesta altura da história que Pedro apareceu. — Passaram dez ou mais anos, E o velho nas galés, obediente a tudo, sem fazer mal a ninguém. Só pedia a Deus que o levasse. Pois bem! — Uma noite os condenados reuniram-se, como nós neste momento. O velhinho estava com eles. E puseram-se a contar uns aos outros porque tinham sido condenados e porque eram culpados perante Deus. ’rodos contaram a sua história: um deles matara um homem, outro, dois; este era incendiário, aquele, servo fugitivo. Interrogaram o velho: «E tu, avô, porque padeces?» «Eu, meus irmãos», disse ele, «eu sofro pelos meus pecados e pelos pecados dos outros, E a verdade é que não matei nem furtei o que era de outros, muito pelo contrário, costumava dar aos pobres. Eu, meus irmãos, era mercador e tinha o meu pé-de-meia.» Eis, palavra por palavra, o que ele lhes disse. E contou-lhes, por miúdo, tudo o que se passara, «Por mim», disse-lhes ele, «não me queixo. Isto só quer dizer que Deus me escolheu. Só tenho pena de uma coisa, da minha velha e dos meus filhos.» E então pôs-se a chorar. E eis que por acaso, no meio deles, está o homem que matara o mercador. «Onde foi isso, avó?», inquiriu ele. «Há quanto tempo? Em que mês?» — E o velho deu conta de tudo. O coração do outro confrange-se-lhe. Eis que se aproxima do velho e, zás, ajoelha-se-lhe aos pés. «É por minha causa», diz ele, «é por minha causa, velho, que aqui estás. Podem crer, rapazes, este homem está inocente. Fui eu», confessou, «que matei o homem e escondi a faca debaixo da almofada enquanto ele dormia. Perdoa-me, avô, perdoa-me em nome de Cristo!»

Karataiev calou-se, os olhos fitos na chama, sorrindo docemente. Depois ajeitou as achas.

— E o velho disse: «Deus te perdoará: de resto, todos somos pecadores diante de Deus. É pelos meus pecados que sofro.» E ele próprio se pós a chorar amargamente. E que pensas tu, meu falcãozinho — acrescentou Karataiev, cujo rosto se iluminava por uma espécie de sorriso de triunfo, como se, no que tinha a dizer agora, estivesse todo o encanto e todo o valor da sua história. — Que te parece? o verdadeiro assassino foi confessar-se às autoridades. «Matei», disse ele, «matei seis almas humanas» — era um grande malfeitor — «mas a que me mete mais dó é a deste pobre velho. Não quero que ele chore por minha causa.» Escreveram tudo num papel e mandaram esse papel para a justiça, Era muito longe, foi preciso muito tempo para que o tribunal resolvesse, para que

escrevessem todos os papéis que eram precisos, como as autoridades costumam fazer, claro está. A questão foi até à presença do czar. Por fim veio o ucasse do imperador: «Ponha-se o mercador em liberdade e dê-se-lhe uma recompensa, de acordo com o que foi resolvido.» Chegou o papel. Puseram-se à procura do velho. Onde está esse velho condenado inocentemente? Chegou o papel do czar. Procuram. — Aqui o queixo de Karataiev teve um tremor convulsivo. — Deus já lhe tinha perdoado. Morrera. Pois é o que te digo, meu falcãozinho — concluiu ele; por muito tempo, calado, sorrindo, ficou a olhar o espaço diante dele. Não era a história em si, mas o seu misterioso significado e aquela serena exaltação que iluminava o rosto de Karataiev enquanto ele falava, o misterioso significado dessa exaltação, era tudo isso que enchia agora a alma de Pedro de uma felicidade indefinível.

[XIV]

— A postos! — gritou, de, súbito, uma voz. Uma alegre agitação se produziu entre os prisioneiros e os soldados da escolta, na esperança de um acontecimento importante e feliz. Por todos os lados se ouviram vozes de comando, e à esquerda da coluna apareceram, galopando, cavaleiros bem vestidos, montados em bons cavalos. Todos os rostos exprimiram a tensão que em geral se produz aquando da chegada de grandes personalidades. Os prisioneiros amontoaram-se a um lado para deixar a estrada desimpedida. Os soldados da escolta alinharam:

— O imperador! O imperador! O marechal! O duque!

Mal acabara de desfilar a escolta, chegava uma carruagem tirada por cavalos cinzentos, no meio de grande fragor. Pedro viu, à passagem, uma figura de rosto sereno, cheio e branco, com um bicorne na cabeça. Era um dos marechais. O seu olhar deteve-se na alta estatura de Pedro que sobressaía no meio da multidão, e, pela maneira como franziu as sobrancelhas e virou a cara, a prisioneiro julgou perceber que procurava ocultar um sentimento de piedade.

O general comandante do depósito, muito corado e cara de susto, esporeou o cavalo para seguir a carruagem. Alguns oficiais formaram grupo e os soldados juntaram-se em torno deles. Todos pareciam perturbados e inquietos.

— Que é que há? Que disse ele? — repetiam.

Enquanto o marechal passava, como os prisioneiros se tinham aglomerado, Pedro viu Karataiev, em quem ainda não pusera os olhos nessa manhã. Embrulhado no capote, estava sentado, encostado a um álamo. No seu rosto, com a mesma expressão de enternecida suavidade que tinha na véspera ao contar a sua história, havia agora um calmo sorriso.

Fitava Pedro com os seus bondosos olhos redondos velados de lágrimas, e via-se que o chamava, como se lhe quisesse falar. Mas Pedro tinha medo de si mesmo. Fingiu não ver esse olhar e desviou a cara apressadamente.

Quando a coluna retomou a marcha, Pedro olhou para trás. Karataiev continuava sentado à beira da estrada, encostado ao álamo; dois franceses, apontando-o, diziam qualquer coisa entre si. Não mais se voltou e subiu a ladeira a coxear. Lá para trás, para o sítio onde estava Karataiev, um tiro soou. Ouviu-o nitidamente, mas nesse mesmo instante lembrou-se de que quando o marechal aparecera calculava ele o número de jornadas que ainda teriam até Smolensk. Voltou aos seus cálculos. Dois soldados franceses, um dos quais com a espingarda ainda fumegante, passaram por ele a correr. Muito pálidos, enquanto um deles o olhava com timidez, Pedro descobriu-lhe no rosto a mesma expressão que vira estampada na cara do soldado aquando da execução dos incendiários. E Pedro reconheceu-o: era o mesmo que na antevéspera queimara a camisa estando a enxugá-la na fogueira do bivaque e que fora troçado pelos camaradas.

Lá para trás, para onde ficara Karataiev, um cão uivou. «Porque está aquele imbecil a uivar?», disse Pedro com os seus botões. Os soldados prisioneiros que marchavam a seu lado não voltaram a cabeça, como ele, para onde soara o tiro e depois o uivo do cão. Uma expressão sinistra se lhes pintava na cara.

[XV]

O depósito de cavalaria, os prisioneiros e as bagagens do marechal fizeram alto na aldeia de Chamchevo. Toda a gente se juntou em volta dos bivaques. Pedro aproximou-se de uma das fogueiras, comeu um pedaço de carne de cavalo, deitou-se, de costas para a fogueira, e adormeceu imediatamente. Mergulhou num

sono tão pesado como em Mojaisk, depois da batalha de Borodino.

Tal como então, também agora os acontecimentos reais se confundiram com visões imaginárias, e uma voz, a sua própria voz ou a de qualquer outra pessoa, repetiu-lhe as mesmas frases que ouvira nessa altura.

— A vida é tudo. A vida é Deus. Tudo vai e vem, tudo se move, e esse movimento é Deus. E enquanto há vida, há a satisfação de reconhecermos a divindade. Amar a vida é amar a Deus. O mais difícil e meritório é amar a vida nas suas dores, nos seus sofrimentos imerecidos.

«Karataiev!» Esse nome surgiu-lhe de súbito no pensamento, e de súbito viu, como se estivesse vivo, um velho mestre, de que há muito se esquecera, que na Suíça lhe ensinara geografia. «Espera», dizia-lhe o velho, mostrando-lhe o globo terrestre. Esse globo era uma esfera viva, oscilando e sem contornos definidos. Toda a sua superfície era formada por gotas de água muito uni— das umas às outras, e essas gotas de água evoluíam, deslocavam-se, ora unindo-se numa gota mais grossa, ora dividindo-se de novo. Cada gota procurava dilatar-se, ocupar o maior espaço possível, mas, como as outras faziam o mesmo, apertavam-na, obrigando-a a desaparecer, por momentos, e misturando-se com ela outras vezes.

«Eis a imagem da vida», dizia-lhe, o velho.

«Como é simples e claro», pensava Pedro. «Com o não compreendi eu há mais tempo?»

Deus está no centro e cada uma das gotas tenta alargar-se, na esperança de O reflectir na sua maior extensão. E cresce, alarga-se, comprime-se e desaparece da superfície, mergulha e volta depois a sobrenadar. Por exemplo, Karataiev dilatou-se e desapareceu. «Compreende, meu filho?», dizia-lhe o mestre.

— Compreendeu. Caramba! — gritava uma voz, e Pedro acordou.

Endireitou-se, ficando sentado no chão. Ao clarão da fogueira, sentado de cócoras, um francês, que acabava de empurrar um soldado russo, assava um pedaço de carne na ponta da vareta de uma espingarda. As suas mãos vermelhas e peludas, de dedos curtos e musculosos, manejavam a vareta com perícia. O seu rosto, de cor terrosa e sobrecenho franzido, recebia em cheio o clarão das brasas.

— Isso é-lhe indiferente — resmungou, dirigindo-se a um soldado de pé atrás dele. — Bandido! Ala!

O soldado que manuseava a vareta da espingarda relanceou um soturno olhar para o lado onde estava Pedro. Este voltou-se e pôs-se a fitar o escuro. Um dos

prisioneiros, esse mesmo que o francês empurrara, estava sentado junto da fogueira e parecia acariciar com a mão fosse o que fosse. Pedro olhou mais atentamente e viu o cachorrito arruivado abanando a cauda, ao pé do soldado.

— Ah!, voltou? — disse Pedro. — Eh! Pla. Mas não pode concluir.

De súbito, na imaginação, misturaram-se-lhe ao mesmo tempo e olhar que lhe lançara Platão sentado de encontro à árvore, o tiro que ressoara para esses lados, os uivos o cão e a expressão comprometida dos dois franceses passando a correr diante dele, com a espingarda ainda fumegante. E juntando a isso o desaparecimento de Karataiev só então pareceu compreender que o desgraçado fora abatido. No mesmo instante, porém, sem saber como, passou-lhe por diante dos olhos a varanda da sua casa de Kiev, onde passara uma noite de Verão com uma linda polaca, Sem relacionar estas lembranças com as impressões de momento, e sem nada concluir, Pedro fechou os olhos, e o quadro que evocara — a noite de Estio —, trazendo-lhe à ideia um banho refrescante e a esfera líquida em movimento, fê-lo sentir-se afundar numa massa de água onde todo ele desaparecia.

Antes do nascer do Sol acordou com um vivo tiroteio e uma grande algazarra. Os franceses corriam como loucos.

— Os cossacos — gritava um deles e instantes depois Pedro estava rodeado de caras russas.

Levou tempo a compreender o que se passava. Ouviam-se por todos os lados exclamações entusiastas dos seus compatriotas.

— Meus irmãos! Meus amigos! Meus queridos camaradas! — gritavam, com as lágrimas nos olhos, velhos soldados, apertando nos braços cossacos e hússares.

Estes cercavam os prisioneiros e ofereciam-lhes, à discrição, pão, roupas, botas. Pedro, no meio deles, soluçava, incapaz de articular palavra. Porém, tomando nos braços o primeiro soldado que lhe apareceu, beijou-o, chorando.

Dolokov estava de pé diante do portão da casa em ruínas assistindo ao desfile das tropas francesas desarmadas. Estas, desorientadas com o que acontecera, falavam entre si em alta voz, mas, ao passarem diante de Dolokov, que fustigava as botas com a chibata, fitando-as com olhos frios e vidrados, onde nada de bom se lia, calavam-se. Ao lado dele, o cossaco contava os prisioneiros, marcando a giz, na porta, centena por centena.

— Quantos? — perguntou-lhe Dolokov.

— É a segunda centena — respondeu-lhe ele.

— Toca a andar, toca a andar! — dizia Dolokov, que aprendera com os franceses esta expressão. E o seu olhar, quando se encontrava com o dos prisioneiros, despedia centelhas de crueldade.

Denissov, de ar triste e cabeça descoberta, seguia atrás dos, cossacos que transportavam o corpo de Pétia Rostov, que ia a enterrar num fosso aberto no jardim.

[XVI]

A partir de 28 de Outubro, data em que principiaram os frios, a retirada francesa assumiu um aspecto trágico. Alguns homens morriam gelados, outros tentavam aquecer-se junto de fogueiras; outros ainda, embrulhados em quentes peliças, continuavam a fuga, levando nas seges os bens do imperador, dos reis e dos duques. No conjunto, porém, nada mudara no estado de decomposição do exército em retirada.

De Moscovo a Viazma, os seiscentos e treze mil homens de que se compunha o exército francês ficaram reduzidos a pouco mais de trinta e seis mil, sem contar a Guarda, a qual, durante toda a campanha, outra coisa não fizera que pilhar. Dos seus trinta e seis mil homens, no máximo não apareceram no campo de batalha mais de cinco mil. Eis o primeiro termo da proporção que pode determinar exactamente o que veio a ocorrer depois. O exército francês liquefez-se e desapareceu, na mesma proporção, de Moscovo a Viazma, de Smolensk ao Beresina, do Beresina a Vilna, independentemente do frio mais ou menos intenso, em consequência da perseguição que lhe moviam os Russos, dos obstáculos que encontravam no caminho ou de todas as outras circunstâncias isoladamente. Berthier escrevia ao amo nos termos seguintes, e toda a gente sabe quanto se afastam da verdade os chefes que descrevem a situação do seu exercito:

> Creio dever levar ao conhecimento de Vossa Majestade o estado das suas tropas nos vários corpos de exército, o qual pude verificar em diferentes pontos de há dois ou três

> dias para cá. Estão por assim dizer em debandada. Os soldados que seguem as bandeiras são apenas a quarta parte dos efectivos em todos os regimentos; os demais marcham isoladamente, em diversas direcções, e por conta própria, na esperança de encontrarem que comer e para se verem livres da disciplina. Em geral consideram Smolensk o ponto onde se reorganizarão. Nestes últimos dias, numerosos soldados deitaram fora as armas e os cartuchos. Perante tal estado de coisas, o serviço de Vossa Majestade exige, sejam, quais forem os objectivos ulteriores, que as tropas se reorganizem em Smolensk, principiando por desembaraçá-las dos não combatentes, ou seja, dos homens a pé, das bagagens inúteis e do material de artilharia, em desproporção com as forças actuais. Além de dias de descanso são necessários mantimentos para os soldados extenuados pela fome e pela fadiga; nos últimos dias morreram muitos nas estradas e nos bivaques. Este estado de coisas vai de mal a pior e faz-nos recear, caso se lhe não dê pronto remédio, não termos mão nas tropas para as obrigar a combater.
>
> 9 de Novembro, a trinta verstas de Smolensk.

Ao atingirem Smolensk, para os soldados uma espécie de terra de promissão, matam-se uns aos outros pelo pão para a boca, assaltam os seus próprios armazéns e quando tudo se acaba continuam a sua rota.

Todos caminhavam sem saber porque avançavam nem onde iam e ainda menos do que ninguém o sabia o próprio Napoleão, esse génio, ele que não recebia ordens de quem quer que fosse. Mas nem por isso deixavam de seguir os velhos hábitos, ele e os seus generais; lá continuavam, como sempre, a expedir instruções, mensagens, relatórios, ordens do dia, e a dizer uns para os outros: «Sire, meu primo, príncipe de Eckmühl, rei de Nápoles.» No entanto, todas estas ordens, todos estes relatórios, não passavam do papel. Já nada se executava, porque nada podia ser executado, e, apesar de todos os pomposos títulos que se davam uns aos outros, sentiam que não passavam de pobres e miseráveis

criaturas, que muito mal haviam feito, e agora tinham de prestar contas. E, embora se fingissem interessados pelo destino do exército, só numa coisa pensavam, lá no seu íntimo: fugirem o mais depressa que pudessem e salvarem-se, se ainda fossem a tempo.

[XVII]

Os movimentos das tropas russas e francesas durante a retirada de Moscovo ao Niémen fazem lembrar o jogo da cabra-cega. E como se vendassem os olhos dos jogadores, e um deles, de tempos a tempos, tocasse numa sineta a desafiar o outro. De princípio, toca destemido, mas, quando se vê em posição desvantajosa, trata de fugir do parceiro em silêncio; e, no entanto, cai-lhe amiúde nas mãos.

Nos primeiros tempos, os exércitos de Napoleão assinalavam a sua presença: foi isso no início da retirada pela estrada de Kaluga. Mais tarde, quando meteram pela de Smolensk, fugiram, com o badalo da sineta bem seguro, e por mais de uma vez, pensando que escapavam, foram cair no papo dos Russos.

Graças à rapidez da fuga dos Franceses perseguidos pelos Russos, e à fadiga dos cavalos que daí resultava, a melhor maneira de conhecerem, aproximadamente, a posição do inimigo, isto é, os reconhecimentos de cavalaria, era coisa que não existia. Além disso, resultado das mudanças rápidas na situação recíproca dos dois exércitos, as informações, quaisquer que fossem, não chegavam a tempo. Se no dia 2 do mês vinham a saber que e exército inimigo se encontrava no dia 1 em tal sítio, no dia 3, data em que era possível empreender qualquer acção, o dito exército já fizera duas jornadas de marcha e ocupava outra posição,

Um dos exércitos fugia, o outro perseguia-o. A partir de Smolensk, várias eram as estradas que se ofereciam aos Franceses. Era de supor que após quatro dias de permanência ali lhes fosse possível saber com exactidão onde estava o inimigo, permitindo-lhes traçar um plano favorável e tentar nova campanha. Mas, passados esses quatro dias, os bandos escaparam-se pela direita e pela esquerda, sem um movimento definitivo ou um percurso previsto, tomando a antiga estrada, a mais perigosa, a estrada por Krasnoie e Orcha, via já por eles percorrida.

Supondo terem o inimigo na retaguarda, e não na vanguarda, fugiram,

deixando entre eles intervalos de mais de vinte e quatro horas de marcha. A frente vinha o imperador, depois os reis e os duques. O exército russo, persuadido de que Napoleão ia meter pela direita e atravessar o Dniepre, aliás a única estrada razoável, seguiu esta direcção, desembocando na estrada real para Krasnoie. E foi ali, como se jogassem a cabra-cega, que os Franceses encontraram a vanguarda russa. Tomados de pânico perante a inesperada aparição, pararam, mas depressa se puseram em fuga, abandonando os que vinham atrás deles. Eis (,orno, durante três dias, passaram corpos separados uns atrás dos outros através da torrente das forças russas, primeiro o do vice-rei, depois o de Davout, em seguida o de Ney, Abandonaram-se mutuamente à sua infeliz sorte, perdendo as bagagens, a artilharia, metade dos homens, fugindo, com um único pensamento: contornarem os Russos pela direita a coberto da noite..

Ney, que, apesar da infeliz situação das tropas , talvez precisamente por essa circunstância, ficara para trás ocupado a fazer saltar as muralhas de Smolensk, que a ninguém incomodavam, só para castigo da terra que determinara a sua perda, era o último a marchar com o seu corpo de dez mil homens. Reunira-se a Napoleão em Orcha, reduzido a mil homens, depois de ter espalhado o resto, bem como os canhões, em marchas nocturnas através dos bosques para alcançar o Dniepre.

De Orcha prosseguiram a sua rota para Vilna, sempre a jogar à cabra-cega com o exército que os perseguia. No Beresina, nova confusão: muitos afogaram-se, outros renderam-se: mas os que conseguiram atravessar o no lá continuaram. Entretanto o seu grande chefe enfiava uma peliça, sentava-se num trenó e fugia sozinho, abandonando os companheiros. Os que puderam fizeram o mesmo, os que não puderam deixaram-se apanhar ou morreram.

[XVIII]

Dir-se-ia que perante esta fuga doida dos Franceses, quando eles faziam tudo para se perderem a si mesmos, quando todos os seus movimentos, desde o desvio pela estrada de Kaluga até à fuga atrás do chefe do exército, eram desprovidos de qualquer bom senso, dir-se-ia que, ao menos, para este primeiro período da campanha, os historiadores, que atribuem a acção das massas à vontade de um só

homem, confessassem o erro das suas teorias ao descreverem esta retirada. Montanhas de livros se escreveram sobre esta campanha e em toda a parte se encontram exaltadas as disposições tomadas por Napoleão, a argúcia dos seus planos e das suas manobras e o génio dos seus marechais.

Explicam-nos, por uma série de profundos raciocínios, o motivo da retirada dos Franceses de Maloiaroslovets por uma estrada devastada quando se lhes deixava a passagem livre por uma região rica em abastecimentos e se lhes oferecia o caminho paralelo que seguiu posteriormente Kutuzov para os perseguir. Também se nos explica assim a retirada de Smolensk para Orcha. Em seguida traçam-nos um quadro do comportamento heróico de Napoleão em Krasnoie, onde, ao que parece, teve intenção de travar batalha e pôr-se à frente das suas tropas. E mostram-no-lo de um lado para o outro, com uma vara de olmo na mão, dizendo

— Já estou farto de fazer de imperador, é tempo de fazer de general. — O que o não impediu, pouco depois, de prosseguir na fuga, abandonando à sua triste sorte todos os corpos de exército dispersos que o seguiam.

Descrevem-nos igualmente a bravura dos marechais, particularmente a de Ney, bravura que se limitou a operar um desvio pela floresta a fim de atravessar o Dniepre de noite e fugir na direcção de Orcha, depois de perder as bandeiras, a artilharia e nove décimos dos efectivos.

Enfim, o abandono pelo grande imperador do seu heróico exército é-nos apresentado como uma grande acção e um rasgo de génio. Até mesmo o empreendimento final da sua fuga, que em qualquer língua só pode ter um nome, a última das cobardias, acto que envergonharia uma criança, até mesmo isso encontra a sua justificação na pena dos historiadores.

Quando já lhes não é possível estenderem mais o fio elástico dos raciocínios, quando o acto é realmente contrário ao que os homens chamam o bem e a justiça, recorrem. à míngua de argumentos. à noção de grandeza. A grandeza parece excluir a possibilidade de apreciar o bem e o mal. O mal não existe para o que é grande. Quem é grande nunca poderá ser acusado de uma atrocidade.

«É grande!», dizem os historiadores, e então deixa de existir o bem e o mal, para só haver o que é grande e o que não é grande. O que é grande é o bem, o que não é grande é, o mal. O grande é, segundo eles, privilégio de indivíduos especiais que recebem a classificação de heróis. Napoleão, muito bem embrulhado numa peliça, volta para casa, deixando morrer não só companheiros, mas pessoas

que, assim ele o confessou, arrastara atrás de si. Para si mesmo diz: sou o grande, e a alma tranquiliza-se-lhe.

«Do sublime ao ridículo vai apenas um passo», dizia Napoleão, e o sublime era ele próprio. E de há cinquenta anos para cá o universo inteiro repete: «Sublime! Grande! Napoleão, o Grande! Do sublime ao ridículo vai apenas um passo!»

E a ninguém ocorre que confessar que a grandeza está para além do bem e do mal é como reconhecer ao mesmo tempo a sua inferioridade e a sua infinita pequenez. Para nós, que recebemos de Cristo a medida do bem e do mal, nada existe fora dessa medida. Não há autêntica grandeza sem espontaneidade, bondade e verdade.

[XIX]

Haverá algum russo que ao ler as descrições do último período da campanha de 1812 não tenha experimentado um penoso sentimento de despeito, descontentamento e inquietação? Quem não terá perguntado a si próprio: porque não fizeram prisioneiros, porque não exterminaram todos os franceses, tendo três exércitos muito superiores em número a cercá-los, e eles, em debandada, morrendo de fome e de frio, se entregavam em massa, e sabendo nós, assim no-lo diz a história, que o objectivo dos Russos era precisamente deter, cortar a retirada e capturar todos os franceses?

Como se explica que o exército russo, menos numeroso que o francês, tenha travado a batalha de Borodino e não haja atingido o seu objectivo quando cercava o inimigo por três lados e a sua intenção era aniquilá-lo? Tinham então os Franceses tão grande superioridade sobre nós que os não podíamos bater mesmo cercados por forças esmagadoras? Como pôde acontecer uma coisa destas?

A história, pelo menos a que se vangloria de tal nome, responde que a culpa foi de Kutuzov, Tormassov, Tchitchagov, deste e daquele, que não fizeram estes ou aqueles movimentos.

Mas porque não fizeram eles esses movimentos? Partindo do princípio de que eram culpados de não terem sabido atingir o objectivo previsto, porque não foram eles submetidos a conselho de guerra e devidamente castigados? E, se se admite

que Kutuzov, Tchitchagov e os outros são culpados de tais reveses, não se compreende, mesmo nas condições em que se encontravam as tropas russas em Krasnoie e no Beresina — e em ambos os casos a sua superioridade era esmagadora —, não se compreende porque o exército francês não foi capturado com os seus marechais, os seus reis e o seu imperador, uma vez que essa era a finalidade dos Russos.

A explicação deste facto estranho, dada pelos historiadores russos, qual seja que Kutuzov se teria oposto ao ataque, cai pela base, pois toda a gente sabe que a vontade do general-chefe não evitara o ataque em Viazma e em Tarutino.

Porque é que este exército russo, que, com forças inferiores, em Borodino, alcançou uma vitória sobre um inimigo em pleno vigor, veio a ser vencido por bandos desorganizados de franceses em Krasnoie e no Beresina, quando dispunha, então, de superioridade esmagadora?

Se o objectivo dos Russos era cortar a retirada ao exército francês e aprisionar o imperador e os seus marechais, o certo é que esse objectivo não só não foi alcançado, como todos os esforços no sentido de o conseguir foram malogrados de maneira lamentável, de tal modo que o último período da campanha se apresenta, com justa razão, como uma série de vitórias dos Franceses e que os historiadores russos se enganam redondamente ao considerá-lo vitorioso.

Os historiadores russos, forçados a admitir a lógica, chegam fatalmente a esta conclusão, e a verdade é que, não obstante as suas pomposas frases sobre a coragem e a dedicação, se vêem obrigados a admitir que a retirada de Moscovo é assinalada por uma série de vitórias de Napoleão e de derrotas de Kutuzov.

No entanto, pondo de parte todas as questões de amor-próprio nacional, sente-se que esta conclusão encerra em si uma contradição, pois essa série de vitórias levou os Franceses ao aniquilamento total, enquanto as derrotas dos Russos os levaram ao esmagamento do inimigo e à libertação da Pátria.

A razão desta contradição está no facto seguinte: que os historiadores, que estudam os acontecimentos de harmonia com a correspondência dos imperadores e dos generais e segundo relatórios, relações ou planos, pressupõem um objectivo errado, que nunca existiu no período final da guerra de 1812, o qual era cortar a retirada aos exércitos franceses e capturar Napoleão com os seus marechais. Nunca existiu semelhante objectivo, nem podia existir, visto não ter o mais pequeno sentido e ser absolutamente impossível de alcançar.

Semelhante finalidade não tinha o mais pequeno sentido, primeiro porque o exército derrotado de Napoleão fugia da Rússia o mais depressa que podia, isto é, procedia exactamente de acordo com os desejos dos Russos.

Para quê operações contra os Franceses, quando eram eles próprios quem retirava a toda a pressa?

Em segundo lugar, era absurdo cortar a retirada a quem se empenhava em fugir com toda a força.

Em terceiro lugar, era estúpido sacrificar as próprias forças para esmagar os exércitos franceses, os quais, sem causas exteriores, desapareciam numa proporção tal que, sem que se opusesse qualquer obstáculo à sua fuga, se lhes tornava mesmo assim impossível transpor a fronteira (como o vieram a conseguir em Dezembro) senão reduzidos à centésima parte dos seus efectivos.

Em último lugar, o projecto para aprisionar o imperador, os reis e os duques era ridículo, pois a captura de tais personalidades só teria servido para prejudicar a política russa, como o reconheceram os melhores diplomatas da época. Joseph de Maistre e outros. E ainda era mais insensato quererem os Russos apoderar-se dos corpos franceses quando as tropas russas estavam reduzidas a metade antes de Krasnoie e seria precisa uma divisão de escolta para guardar os prisioneiros, quando era certo que os soldados russos nem sempre tinham a sua ração completa e que os franceses já capturados morriam de fome.

Esta profunda concepção segundo a qual se deveria cortar a retirada aos exércitos franceses e aprisionar Napoleão faz lembrar a atitude de um hortelão que para enxotar o gado que lhe espezinha a horta corre à porta da quinta e se põe a bater na cabeça dos animais. Só um excesso de ira justificaria semelhante atitude. Mas nem isto era de invocar para justificação dos autores do projecto, pois a verdade é que não tinham tido sequer o horto espezinhado.

Aliás, cortar a retirada a Napoleão e ao seu exército era uma operação não só absurda, mas impossível.

Impossível, primeiro, porque, se é verdade que a experiência ensina que um movimento executado a cinco verstas de um campo de batalha nunca se harmoniza com o plano primitivo, era tão inverosímil que Tchitchagov, Kutuzov e Wittgenstein chegassem a tempo ao local determinado que pode dizer-se impossível. Tal a opinião de Kutuzov ao saber da existência do plano, dizendo que uma diversão a grandes distâncias não pode dar o resultado esperado.

Em segundo lugar, impossível porque, para se conseguir paralisar a força da inércia que fazia recuar o exército francês, era preciso dispor de tropas a incomparavelmente superiores àquelas que os Russos tinham.

Em terceiro lugar, ainda impossível porque a expressão militar de «cortar a retirada» a um exército não tem sentido. Pode cortar-se um bocado de pão, mas um exército, de maneira nenhuma. Cortar a retirada a um exército, isto é, cortar-lhe o caminho, não é coisa que se possa fazer, pois há sempre maneira de contornar o obstáculo, e há a noite, durante a qual todo e qualquer movimento se torna desapercebido, coisa de que os especialistas militares Puderam persuadir-se graças a Krasnoie e ao Beresina. É absolutamente impossível aprisionar seja quem for, a menos que o aprisionado consinta, pela mesma razão de que então é possível apanhar uma andorinha, a não ser que ela venha pousar na nossa mão. Capturam-se aqueles que se entregam, como os Alemães, segundo as regras da estratégia e da táctica. Mas os Franceses não viam nisso vantagem alguma, pois em fuga ou capturados só a fome e o frio os esperavam.

Em quarto lugar, sobretudo, deve considerar-se que desde que o mundo é mundo nunca houve guerra em condições tão terríveis como a de 1812, e que os exércitos russos, para perseguirem os Franceses, haviam posto em jogo todas as suas forças e não podiam fazer mais sem se aniquilarem a si próprios.

Durante a sua marcha de Tarutino para Krasnoie, os Russos Perderam cinquenta mil doentes e retardatários, quer dizer, um número de homens igual à população de uma importante cidade de província. Metade do exército perdeu-se, sem combate.

A propósito deste período da campanha em que as tropas, sem botas e sem agasalhos, com abastecimentos insuficientíssimos, sem vodka, tiveram de passar as suas noites, durante meses, no meio da neve, com temperaturas de quinze graus negativos em que os dias apenas tinham sete ou oito horas de luz solar e as noites eram sem fim, o que tornava impossível toda a disciplina eficaz: em que os homens, não como numa batalha, onde não vêem a morte diante dos olhos senão durante algumas horas, Passavam meses inteiros receando, a cada instante, morrer de fome e de frio; em que, no decurso de um mês, metade do exército soçobrou, a este propósito vêm os historiadores contar-nos tranquilamente como Miloradovitch se viu obrigado a fazer uma marcha de flanco em tal sítio, Tormassov em tal outro e Tchitchagov se viu forçado a deslocar-se para

determinado ponto, deslocação levada a cabo com neve para cima dos joelhos dos homens, e como fulano caiu em cima do inimigo e lhe cortou a retirada, etc.

Os Russos, reduzidos, por morte, a metade dos seus efectivos, fizeram tudo o que puderam e deviam fazer para atingir um objectivo digno e a culpa não é sua se outros russos houve que, fechados em quartos confortáveis, gizaram planos que se não podiam pôr em prática.

Esta contradição estranha, que se não compreende nos nossos dias, entre os factos e as descrições dos historiadores resulta apenas de estes terem querido fazer a história dos belos discursos de certos generais em vez de contarem os acontecimentos.

Interessante para eles são as palavras de Miloradovitch, as condecorações recebidas por este ou por aquele general, os planos propostos. Os cinquenta mil desgraçados que ficaram nos hospitais ou caíram por terra não lhes interessam, porque não dizem respeito aos seus estudos.

E, no entanto, basta voltarmos as costas ao exame dos relatórios e dos planos para vermos remexer essas centenas de milhares de homens que tomaram parte directa e imediata nos acontecimentos e tudo o que anteriormente nos parecia insolúvel se nos apresentar desde logo como a solução mais fácil e mais simples.

O intento de cortar a retirada a Napoleão e ao seu exército apenas existiu na imaginação de meia dúzia de indivíduos. Era irrealizável, por absurdo e impossível.

O povo só queria uma coisa: libertar o solo pátrio da invasão. Esse objectivo alcançou-se, primeiro sem a intervenção fosse de quem fosse, visto que os Franceses fugiam e bastava deixá-los fugir; em segundo lugar, graças à guerra patriótica que exterminava os Franceses; e por fim porque um poderoso exército russo seguia de perto o inimigo, pronto a utilizar a força caso os Franceses parassem no caminho.

O exército russo devia agir como o chicote no dorso do animal que foge. E os pastores hábeis sabem que a melhor maneira de conduzir o gado é segurar o chicote ameaçador no ar sem fustigar a cabeça dos animais.

QUARTA PARTE

[I]

Quando o homem vê morrer um animal, fica aterrorizado. A qualidade de ser vivo de que ele próprio participa desaparece diante dos seus olhos, deixa de existir. Mas quando aquele que morre é um ser humano, e um ser querido, além desse horror perante a vida que desaparece, o homem sente um dilaceramento, uma ferida moral que, como o ferimento físico, em certos casos leva à morte, noutras cura-se e por vezes também continua sensível e receia os contactos exteriores.

Depois da morte do príncipe, Natacha e a princesa Maria passaram ambas por essa experiência. Prostradas moralmente, esmagadas sob a terrível nuvem da morte que se estendera sobre elas, deixaram de ser capazes de olhar a vida cara a cara. Preservavam cuidadosamente a sua ferida, que ainda sangrava, contra qualquer contacto capaz de a irritar. Uma carruagem que passava depressa de mais na rua, o anunciarem estar o jantar na mesa, a pergunta de uma criada relativa ao fato que era preciso preparar, e, ainda mais, uma palavra de simpatia pouco sincera, ou expressa de maneira superficial, tudo lhes irritava dolorosamente a ferida, produzindo-lhes a impressão de um ultraje, rompendo a calma que lhes era necessária para estarem atentas ao coro terrível e severo que não deixava de lhes ressoar na imaginação e as impedia de contemplar as distâncias misteriosas e infinitas que por instantes se haviam desvendado diante delas.

Só quando estavam sós nada as feria ou lhes fazia mal. Trocavam poucas palavras entre si. Quando falavam, era das coisas mais insignificantes. Tanto uma como outra evitavam toda a espécie de alusões ao que pudesse ser o futuro.

Admitirem sequer a possibilidade de um futuro era uma ofensa à sua saudade. E ainda eram mais cautelosas em evitar que nas suas conversas se filtrasse fosse o que fosse alusivo ao defunto. Afigurava-se-lhes que as provas e as impressões por que tinham passado não podiam exprimir-se por meio de palavras.

Parecia-lhes que qualquer alusão a pormenores da sua vida quebrava a majestade e a santidade do mistério que passara diante dos seus olhos.

A discrição que punham rias palavras, o silêncio em relação a qualquer coisa que o pudesse lembrar, a maneira de se manterem sempre na reserva, só concorriam para lhes aguçar a sensibilidade.

Mas é tão impossível uma dor pura e perfeita como uma pura e perfeita alegria, A princesa Maria, de então para cá única senhora do seu destino, tutora e educadora do sobrinho, foi a primeira a ouvir a voz da vida chamando-a para fora dessa atmosfera de tristeza em que vivera as duas primeiras semanas. Teve de responder a cartas de parentes seus. O quarto em que dormia Nikoluchka era húmido e a criança principiou a tossir.

Alpatitch chegou a Iaroslav com as suas contas, propondo e aconselhando o regresso a Moscovo, pois a casa da Vozdvienka ficara intacta e apenas precisava, para ser ocupada, de algumas pequenas reparações. A vida não parava e era preciso viver. Por mais penoso que fosse para ela sair daquela solidão contemplativa em que vivera até aí, por mais escrúpulos e por mais que lhe custasse deixar Natacha sozinha, a vida reclamava-a, e ela não tinha outro remédio se não submeter-se-lhe. Verificou as contas de Alpatitch, aconselhou-se com Dessales a respeito do sobrinho e preparou as coisas para regressar a Moscovo.

Natacha, só, evitava vê-la sequer desde que ela se pusera a preparar a partida.

A princesa Maria pediu licença à condessa para que Natacha a acompanhasse, e o pai e a mãe consentiram da melhor vontade, pois notavam que as forças físicas da filha diminuíam a olhos vistos. Pensavam que uma mudança de ares lhe seria favorável e que podia consultar os médicos de Moscovo.

— Não irei a parte alguma — respondeu Natacha às propostas que lhe fizeram —, só desejo uma coisa, que me deixem em paz — E dizendo isto fugiu, retendo dificilmente as lágrimas menos de dor que de despeito e cólera.

Desde que se sentira abandonada pela companheira e entregue sozinha à sua dor passava a maior parte do tempo no quarto, enterrada no canto do divã, entretendo os dedos finos e ágeis nalgum trabalho maquinal, os olhos fixos obstinadamente, e sem verem, num ponto qualquer na sua frente. Esta solidão esgotava-a, fazia-lhe mal, mas era-lhe necessária. Quando alguém entrava no

quarto, levantava-se imediatamente, mudava de atitude, modificava a expressão do olhar e punha-se a ler ou a coser, esperando, impaciente, que o importuno voltasse a sair. Parecia-lhe sempre estar a ponto de compreender e penetrar o terrível e, acabrunhador problema que lhe tomava todas as forças espirituais.

No fim de Dezembro, com um vestido de lã preto, a trança negligentemente amarrada no alto da cabeça, magra e pálida, Natacha estava acocorada no seu divã, desfiando inconscientemente a ponta do cinto, os olhos fitos no àrigulo da porta.

Olhava o ponto donde ele partira para a outra vida. E essa outra vida em que ela não pensara antes, que se lhe afigurava tão distante, tão inverosímil, era-lhe agora próxima e familiar, muito mais inteligível que a vida presente, onde só havia futilidades e ruínas, sofrimento e dor.

Olhava para o ponto onde ela sabia que ele estava, mas não podia vê-lo senão como o vira nos últimos tempos. Via-o como ele estava em Mitichtchi, em Troisa, em Iaroslav.

Via-lhe o rosto, ouvia-lhe a voz, repetia as suas próprias palavras e as que ele lhe dirigia e por vezes imaginava ainda frases que poderiam ter trocado.

Ele ali estava, estendido na poltrona, com o casaco forrado de veludo, a cabeça apoiada na mão magra e pálida. Tem o peito metido para dentro e os ombros salientes, os lábios cerrados, os olhos brilhantes e rugas lhe aparecem e desaparecem na testa pálida. Uma das suas pernas agita-se nervosamente de maneira quase insensível. Natacha pensa que ele está lutando naquele momento contra uma dor pungentíssima. Que dor? Porquê essa dor? Que sente ele? Que espécie de dor é a sua?, pensa Natacha. Ele, porém, reparou que ela está inquieta, ergueu os olhos e pôs-se a falar sem sorrir.

«Que coisa horrível ligar-se uma mulher para toda a vida a um homem doente. É um suplício perpétuo.» E, falando assim, olhava-a escrutadoramente. Natacha, como sempre, responde-lhe sem reflectir no que lhe diz: «Isso não pode continuar assim, não pode ser, há-de recuperar a saúde por completo.»

Só agora podia ler no seu pensamento e reviver os seus sentimentos de então. Lembrava-se do triste e severo olhar que por muito tempo pousara nela quando falara e compreendeu a espécie de reproche e de desespero que esse olhar encerrava.

«Era de considerar», dizia ela agora, «horrível ele permanecer sempre naquele

sofrimento. Falei então desse modo porque, efectivamente, seria horrível para ele, mas ele interpretou as minhas palavras de outra maneira. Julgou que eu queria dizer que seria horrível para mim. Nessa altura ainda ele tinha amor à vida, ainda tinha medo de morrer. Fui estúpida, brutal. Falei sem reflectir. Estava a pensar em coisa muito diferente. Se eu me tivesse expressado como realmente pensava, ter-lhe-ia dito que seria feliz vendo-o agonizante, sempre agonizante diante dos meus olhos, que preferia isso a sofrer como hoje sofro. Hoje nada mais existe, ninguém. Teria ele compreendido o fundo do meu pensamento? Não, não o compreendeu nem nunca o poderá conhecer. E agora nunca, nunca mais poderei reparar a falta que cometi.» E lá está ele a dirigir-lhe as mesmas palavras e mental— mente ela a responder-lhe de maneira totalmente diferente. Fá-lo calar e diz-lhe: «Isso é horrível para si, mas não para mim. Sem si, a vida, para mim, não tem sentido, e sofrer consigo seria, para mim, a maior das felicidades.» E ele, então, pega-lhe na mão e aperta-a entre as suas, como nessa medonha noite, quatro dias antes do fim. E imaginava palavras de ternura e amor que então lhe não saíram dos lábios, mas que lhe dizia agora, «Amo-te!... Sim, amo-te, amo-te», repetia ela, juntando convulsivamente as mãos e apertando os dentes uns contra os outros com a maior violência.

E então invadia-a uma dor menos amarga e as lágrimas saltavam-lhe dos olhos. De súbito, porém, perguntava a si própria a quem estava a falar. «Onde está ele e quem é ele agora?» E de novo se sentia submersa numa cruel incerteza, que lhe detinha as efusões, e de sobrancelhas carregadas fixava os olhos no espaço, na direcção onde ele podia estar. E pouco a pouco julgava ter penetrado o mistério... No momento, porém, em que julgava que o incognoscível se lhe ia revelar, um golpe violento no fecho da porta lhe impressiona o ouvido. Sem pedir licença, o rosto pálido e descomposto, entra no quarto Duniacha, a criada.

— Depressa, o pai, depressa — exclama Duniacha vivamente e retendo os soluços. — Uma desgraça, Piotre Ilitch... Uma carta.

[II]

A aversão que Natacha sentia por toda a gente ainda era mais acentuada

pelas pessoas da família. Todos os seus, o pai, a mãe, Sónia, lhe eram tão próximos, tão familiares, via-os tanta vez, que as suas palavras, os sentimentos que eles exprimiam, lhe pareciam uma ofensa a esse mundo ideal em que vivia naqueles últimos tempos, e testemunhava-lhes não só indiferença, mas uma espécie de hostilidade. Ouviu sem compreender Duniacha, que lhe falava de Piotre Ilitch e de uma desgraça.

«De que desgraça me está ela a falar, que desgraça pode ter acontecido? Para eles, os dias decorrem sempre da mesma maneira, por hábito, tranquilamente», dizia de si para consigo.

Ao entrar no salão viu o pai sair bruscamente do quarto da condessa, o rosto contraído e banhado de lágrimas. Via-se que saíra do quarto contíguo para poder expandir a sua dor. Ao ver Natacha fez um gesto de desespero e soltou uns soluços convulsivos que lhe contraíram a grossa e plácida figura.

— Pétia... Pétia... Depressa... Ela... chama-te. — E, a chorar como uma criança, aproximou-se, em passos miúdos, de uma cadeira, as pernas a tremer. Deixou-se cair nela, cobrindo a cara com as mãos.

De súbito como que uma descarga eléctrica percorreu Natacha dos pés à cabeça. Sentiu um golpe terrível no coração, Julgou que qualquer coisa se rompera nela e que ia morrer. Mas a dor foi imediatamente seguida do sentimento de se haver libertado da interdição de viver que sobre ela pesava. A presença do pai, os gritos medonhos e selvagens da mãe, ressoando no aposento vizinho, fizeram-na esquecer a sua própria dor.

Correu para o pai, mas este, num gesto impotente, indicou-lhe a porta do quarto. A princesa Maria, pálida e trémula, surgiu no limiar da porta, e, pegando na mão de Natacha, disse-lhe qualquer coisa. Natacha, sem a ver, sem a ouvir, encaminhou-se rapidamente para o quarto contíguo, parou, irresoluta, alguns instantes, depois correu para a mãe.

A condessa estava estendida numa poltrona, sacudida por estranhas convulsões nervosas, e batia com a cabeça na parede. Sónia e a criada seguravam-lhe os braços.

— Natacha, chamem a Natacha!... Não é verdade... Mentem... Onde está a Natacha? — gritava, repelindo as pessoas que a rodeavam. — Vão-se todos embora, não é verdade! Mataram-no!... Ah! Ah! Ah!... Não é verdade!

Natacha ajoelhou-se, inclinou-se para ela, tornou-a nos braços, levantou-a com

uma força inesperada e, voltando para a sua a cara da mãe, encostou-lhe os lábios.

— Mãe!... Mãezinha!... Estou aqui, minha mãezinha dizia-lhe ela muito baixinho e incessantemente.

Não a deixou um só minuto; lutava ternamente contra ela, pedia almofadas, água, desapertava-lhe o vestido.

— Minha querida mãe!... Minha mãezinha! — continuava, beijando-a na cabeça, nas mãos, nas faces, e sentindo lágrimas inexauríveis correr-lhe, em torrente, pela cara abaixo.

A condessa apertou-lhe a mão, fechou os olhos e serenou por momentos. De súbito ergueu-se com uma energia insuspeitada, lançou à sua volta um olhar esgazeado, e, vendo Natacha, estreitou-lhe com toda a força a cabeça entre as mãos. Em seguida, voltando contra o seu esse rosto contraído pela dor, fitou-o longamente.

— Natacha, gostas de mim? — disse-lhe muito baixinho, num tom confiante — Natacha, tu não me enganas? Vais dizer-me toda a verdade.

Natacha fitou-a com os olhos velados pelas lágrimas. Parecia implorar-lhe o seu perdão e o seu amor.

— Minha querida mãezinha — repetia, dilatando todas as f orças do seu amor, como a tentar chamar a si parte da dor que esmagava a mãe.

E na sua luta impotente contra a realidade, esta, recusando-se a acreditar que pudesse continuar a viver, uma vez que o seu querido filhinho morrera na flor da idade, de novo se evadiu para o mundo do delírio, fugindo, assim, à terrível evidência.

Natacha nunca soube dizer depois o que passara naquele dia, naquela noite, no dia seguinte e na noite do dia seguinte. Não dormiu e não deixou a mãe um só instante. O seu amor obstinado, paciente, que não procurava explicar nem consolar, envolvia-a por todos os lados e a cada momento numa ternura que era como que um apelo à vida.

Na terceira noite a condessa serenou por alguns instantes e Natacha aproveitou a circunstância para fechar os olhos, a cabeça apoiada no braço de uma poltrona. Ao ouvir a cama ranger abriu os olhos e viu a mãe sentada no leito a falar baixo sozinha.

— Como me sinto feliz que tenhas voltado. Estás cansado, meu menino, queres tomar chá?

Natacha, ao ouvir estas palavras, aproximou-se da cama. — Que grande e lindo que tu és! — continuava a condessa, apertando o braço da filha.

— Mãezinha, que estás tu a dizer? — Natacha, acabou-se, acabou-se.

E, abraçando a filha, pela primeira vez rompeu a chorar.

[III]

A princesa Maria adiara a partida. Sónia e o conde haviam tentado debalde substituir Natacha. Reconheciam que só ela seria capaz de deter a mãe à beira de um desespero vizinho da loucura. Durante três semanas Natacha manteve-se continua— mente ao lado da condessa; dormia numa poltrona, dava-lhe de comer e beber, falava-lhe constantemente, pois sabia que só a sua voz terna e carinhosa a podia serenar.

A ferida moral da pobre senhora não podia curar-se. A morte de Pétia levara-lhe o melhor da sua vida. Um mês depois de ter conhecimento da terrível notícia, essa mulher de cinquenta anos, ágil e robusta, ao voltar a sair pela primeira vez, não passava de uma velha meio morta, sem o mais pequeno interesse na vida. No entanto a ferida que fulminara a condessa, por sua vez chamara à vida Natacha.

Por estranha que pareça, a verdade é que a ferida moral produzida por um desregramento do espírito cicatriza-se, pouco a pouco, como uma ferida física, renovando ela própria os seus tecidos, graças à força vital que vem de dentro.

Assim cicatrizou a ferida de Natacha. Julgava ela que a vida se lhe acabara. Mas, de súbito, o amor pela mãe deu-lhe a prova de que a essência da sua vida, o amor, continuava a viver dentro dela. Despertando o amor, também despertara a vida.

Os últimos dias do príncipe André já tinham unido Natacha e a princesa Maria. Esta nova desgraça ainda mais as aproximou. Maria adiara para mais tarde a sua partida e durante aquelas três últimas semanas cuidara de Natacha como de uma criança doente. As semanas passadas ao pé da mãe tinham abalado gravemente as forças físicas da jovem.

Certa vez a princesa Maria, ao reparar que Natacha, em pleno dia, tinha arrepios de febre, levou-a para o seu quarto e obrigou-a a deitar-se, mas quando

Maria, depois de puxar os estores, ia sair, chamou-a.

— Não me apetece dormir, Maria. Fica ao pé de mim.

— Estás fatigada, procura dormir.

— Não, não. Porque me trouxeste para aqui? Ela vai chamar-me.

— Está muito melhor. Falou hoje com muito juízo — disse Maria.

Natacha, estendida na cama, olhava para Maria na obscuridade do quarto.

«Parece-se com ele?», interrogava-se ela. «Parece-se e não se parece. Há nela qualquer coisa de particular, de estranho, de completamente novo, que eu não conheço. E gosta de mim. Que haverá no seu coração? Nada que não seja de primeira ordem. Mas em que pensa ela? Que opinião tem de mim? Sim. é uma bela alma.»

— Macha — chamou-a timidamente, puxando para si a mão da amiga. — Macha, não vás pensar que sou má. Sim, Macha, minha querida Macha. Gosto muito de ti. Sejamos amigas, amigas completas.

E Natacha, abraçando-a, beijou-lhe o rosto e as mãos. A princesa Maria, um pouco confusa, respondeu, no entanto, com alegria a estas efusões.

A partir daquele dia houve entre elas uma amizade apaixonada e carinhosa, só possível entre mulheres. Beijavam-se a todo o momento, diziam uma à outra palavras ternas e passavam quase todo o tempo juntas. Quando uma se ausentava, logo a outra ficava inquieta e se dava pressa em ir ao seu encontro. Sentiam-se mais em paz consigo próprias juntas que quando separadas e entregues a si mesmas. Um sentimento mais forte mesmo que a amizade as unia: a convicção de não poderem viver uma sem a outra.

Algumas vezes ficavam horas inteiras sem falar; outras, assim que se deitavam, punham-se a tagarelar até de manhã. A princesa Maria falava da sua infância, da mãe, do pai, dos seus sonhos; e Natacha, que outrora se afastara com tranquila indiferença daquela vida de abnegação e submissão, dessa abnegação cristã de que desconhecia a poesia, agora, que estava unida a Maria por laços tão ternos, adorava o seu passado, compreendia uma vida cujo sentido até aí lhe escapara. Não pensava em praticar aquela submissão e aquela abnegação absolutas, pois estava habituada a outras satisfações, mas compreendia e apreciava noutrem virtudes que antes lhe eram inacessíveis. A princesa Maria, ao ouvir a história da infância e da primeira juventude de Natacha, descobriu, pela sua parte, um mundo desconhecido para ela: a fé na vida e nos seus prazeres.

Quase nunca falavam dele, realmente, para não perturbarem, assim pelo menos o supunham, a elevação dos sentimentos que lhes enchiam a alma, e o silêncio que mantinham fizera que elas, Pouco a pouco, sem mesmo darem por isso, acabassem por esquecê-lo.

Natacha estava magra e pálida, e tão fraca que todos se preocupavam com a sua Saúde, o que lhe dava um certo prazer. Outras vezes, porém, sentia-se subitamente dominada, senão pelo medo da morte, pelo menos pelo receio de estar doente, de per— der as forças e a beleza, e surpreendia-se a contemplar espantada as suas mãos descarnadas ou, pela manhã, a mirar no espelho o rosto que se lhe afigurava repuxado e doentio. De si para consigo dizia que assim tinha de ser, mas nem por isso deixava de ser triste e assustador.

Um dia, depois de subir umas escadas apressadamente, sentiu-se sufocar. Acto contínuo imaginou um motivo para voltar a descer as escadas e de novo subi-las, na intenção de observar e medir as suas forças.

De outra vez, ao chamar Duniacha, faltou-lhe a voz. Chamou-a de novo, embora estivesse a ouvir-lhe os passos, com essa voz do peito que usava para cantar e ficou-se à escuta.

Não o sabia nem poderia acreditar que assim fosse, mas a verdade é que sob a espessa camada de húmus que lhe revestia a alma, parecia despontar já uma plantazinha tenra que não tardaria a crescer e a estender os seus vigorosos rebentos sobre a dor que a esmagava, dor que não tardaria muito a não ser visível nem perceptível. A sua ferida cicatrizara pelo interior.

No fim de Janeiro a princesa Maria partiu para Moscovo e o conde insistiu para que Natacha a acompanhasse na intenção de consultar os médicos.

[IV]

Depois do choque dos exércitos em Viazma, onde Kutuzov não pudera refrear o desejo das suas tropas ansiosas por aniquilar e cortar a retirada ao inimigo, o movimento de recuo dos Franceses, perseguidos pelos Russos, continuou até Krasnoie sem outra batalha. A fuga era tão rápida que o exército russo não podia acompanhar os Franceses. Havia falta de cavalos na cavalaria e na artilharia e não

se sabia com precisão onde o inimigo estava.

Os homens, extenuados por esta marcha ininterrupta, à razão de quarenta verstas em vinte e quatro horas, não podiam andar mais depressa.

Para que possa compreender-se o grau de esgotamento do exército russo basta verificar-se o seguinte: se desde Tarutino esse exército não perdera, entre mortos e feridos, mais de cinco mil homens, além de uma centena de prisioneiros, e se à saída de Tarutino contava cem mil homens, o certo é que, ao chegar a Krasnoie os seus efectivos não iam a mais de cinquenta mil,

A rapidez da perseguição agia sobre o exército russo de maneira tão dissolvente como a fuga no exército francês. A única diferença estava nisto: que o exército russo avançava a seu talante, sem a ameaça que a cada momento pesava sobre o exército francês, que via os retardatários doentes caírem nas mãos do inimigo. Os Russos sempre estavam em sua casa. A causa principal das perdas do exército napoleónico foi a rapidez da sua marcha e a prova incontestável está nas perdas idênticas das tropas russas.

Kutuzov, tanto em Tarutino como em Viazma, fez tudo o que pôde para não entravar a retirada mortífera dos Franceses, como queriam Petersburgo e os generais do exército, antes, pelo contrário, favoreceu-a, facilitando o movimento avante dessas tropas.

Mas, além da lassidão das tropas e das perdas que sofreram, consequência da marcha acelerada. Kutuzov ainda tinha outro motivo para moderar os seus ímpetos e ganhar tempo. Evidentemente que o objectivo dos Russos era perseguir os Franceses. A estrada que estes seguiam não era conhecida daí, quanto mais os Russos lhe seguiam o rastro, mais distanciados eles estavam. Só seguindo-os a uma distância respeitável era possível, metendo por atalhos, cortar os ziguezagues que o inimigo efectuava na sua marcha. As sábias manobras propostas pelos generais traduziam-se em toda a sorte de movimentos de tropas, numa multiplicação das jornadas e a única coisa razoável a fazer era reduzir o número destas marchas. Foi esse o objectivo que Kutuzov procurou realizar energicamente, durante toda a campanha, de Moscovo a Vilna, não temporariamente ou ao acaso, mas com um tal espírito de continuidade que dele se não desviou uma só vez.

Kutuzov, não graças a um esforço de raciocínio ou mercê dos seus conhecimentos militares, mas instintivamente, com todas as fibras do seu ser, sentia que todos os seus soldados acreditavam na derrota dos Franceses, que o

inimigo fugia e que era necessário reconduzi-lo. Ao mesmo tempo, porém, tanto ele como os seus homens, davam-se conta do fardo que representava esta campanha inaudita na sua rapidez e na estação do ano em que se realizava.

Quanto aos generais, sobretudo os que não eram russos, e não queriam outra coisa senão distinguir-se, provocar surpresa, aprisionar um duque ou um rei, esses eram de opinião de que, para travar batalha e vencer, o movimento era preciso. E nada teria sido mais absurdo e mais culpável. Kutuzov limitava-se a encolher os ombros quando general após general lhe vinham apresentar os seus planos de movimentos com soldados mal calçados, sem roupas quentes e esfomeados. Num mês, sem travar batalha, o exército russo perdera metade dos seus efectivos, e nas condições mais favoráveis ainda tinha de percorrer até à fronteira uma distancia maior do que a que percorrera já.

Esta ânsia de se distinguirem, de manobrarem, de esmagarem ou cortarem a retirada ao inimigo, manifestava-se sobretudo sempre que os Russos vinham a encontrar-se na presença do exército francês.

Assim aconteceu em Krasnoie, onde julgaram ter pela frente uma das três colunas francesas e onde vieram a defrontar o próprio Napoleão e dezasseis mil homens. Apesar de todos os esforços de Kutuzov para evitar um conflito funesto e poupar os seus homens, as tropas russas extenuadas levaram três dias a aniquilar os bandos franceses.

Toll redigiu o dispositivo: «die erste Kolonne marschirt» (Em alemão no texto original «A primeira coluna marcha, etc.». (N dos T.), etc., E, como sempre, nada se fez segundo o dispositivo. O príncipe Eugénio de Wurtemberg fuzilava do alto de um monte os franceses que fugiam e pedia reforços, que nunca chegaram. Os Franceses, iludindo os Russos, durante a noite, espalharam-se, esconderam-se lias florestas e acabaram por escapar-se-lhes.

Milarodovitch, que dizia não querer saber das necessidades materiais do seu destacamento, e nunca ninguém encontrava onde era preciso, esse «cavaleiro sem medo e sem mácula», como se cognominava a si mesmo, esse amador de entendimentos com os Franceses, enviou-lhes parlamentários com a intimação de se renderem, perdeu o seu tempo e acabou por fazer, precisamente, que lhe não tinham ordenado.

— Rapazes, ofereço-vos esta coluna — dizia ele para os seus soldados de cavalaria, mostrando-lhes os Franceses.

E a cavalaria, em cima de cavalos que mal se podiam mexer, instigados à força de espora e sabre, marchou a trote curto, penosamente, sobre a coluna que ele lhe oferecia, isto é, sobre um bando de homens mortos de fome e enregelados. E a coluna, lançando fora as suas armas, fez o que há muito desejava: rendeu-se.

Em Krasnoie fizeram vinte e seis mil prisioneiros, tomaram centenas de canhões e um bastão, que se dizia ser de marechal, houve discussões sobre quem mais se distinguira, e sentiram-se contentes com isso, lamentando muito, todavia, não terem capturado Napoleão ou outro qualquer herói, um marechal, por exemplo, e disso se acusaram uns aos outros, responsabilizando sobretudo Kutuzov.

Estes homens, que só davam ouvidos às suas próprias paixões, não passavam de cegos instrumentos de uma triste e inexorável fatalidade. Mas estavam convencidos de que eram heróis e julgavam cumprir a mais bela e a mais nobre das missões. Acusavam Kutuzov e diziam que desde que a campanha principiara não fizera outra coisa senão impedi-los de vencer Napoleão, que apenas pensava em satisfazer as suas paixões e não queria abandonar as suas «casas de pano», pois só aí se sentia em sossego: que em Krasnoie detivera o exército, pois, ao saber da presença de Napoleão, perdera por completo a cabeça; que estava em contacto com ele e que fora comprado pelo imperador dos Franceses, etc. (Memórias de Wilson. (Nota de Tolstoi).

Não só os contemporâneos, cegos de paixão, falaram assim. A posteridade proclamou Napoleão grande e os historiadores estrangeiros disseram que Kutuzov era um velho cortesão, débil, manhoso e corrupto. E os Russos, esses, pintaram-no como uma criatura indefinível, espécie de palhaço, apenas útil em determinado momento, graças ao seu nome essencialmente eslavo.

[V]

Durante os anos de 1812 e 1813, Kutuzov foi francamente acusado pelos seus erros. O imperador estava descontente com ele. Uma história escrita nessa altura dizia que ele era um cortesão lisonjeador e embusteiro, que tremia só de ouvir o nome de Napoleão e, mercê dos erros que cometera em Krasnoie e no Beresina,

privara o exército russo de obter uma completa vitória sobre os Franceses (História do Ano 1812, por Bogdanovitch; retrato de Kutuzov e dissertações sobre os resultados insuficientes da batalha de Krasnoie. (Nota de Tolstoi)..

Tal é o destino dos homens superiores que não se atribuem a si próprios o título de «grandes homens», tão contrário ao temperamento russo, dessas raras e únicas personalidades que, interpretando os desígnios da Providência, a ela submetem os seus próprios. O ódio e o desprezo da multidão castigam estes homens por haverem previsto leis superiores.

Para os historiadores russos, por estranho e penoso que isso pareça, Napoleão, esse insignificante instrumento da história, que nunca e em circunstância alguma, nem mesmo no exílio, deu provas de dignidade humana, esse Napoleão é motivo de entusiasmo e exaltações: é grande. Kutuzov, pelo contrário, ele, que desde o começo, em 1812, até ao fim da sua acção, de Borodino a Vilna, nem uma só vez se contradisse por palavras ou actos, esse homem, que é o exemplo mais notável da história de sacrifício e clarividência do futuro na realidade presente. Kutuzov, aos olhos deles, não passa de qualquer coisa de indefinível e lamentável e parece quase sempre envergonhado de falar de si próprio e dos acontecimentos em que participou.

E no entanto é difícil conceber uma personagem histórica cujos actos tenham sido dirigidos com maior perseverança para um só e único fim. É difícil imaginar escopo mais nobre e mais de acordo com a vontade de todo um povo. E ainda é mais difícil encontrar na história um objectivo de antemão assinalado que haja sido mais completamente realizado que aquele que se propôs Kutuzov em 1812.

Kutuzov nunca falou dos «quarenta séculos que nos contemplam do alto das Pirâmides», dos sacrifícios que fez pela pátria, do que tencionava fazer ou do que realizou; nunca falou propriamente de si próprio, nunca se propôs representar um papel. Sempre teve o aspecto do homem mais simples e mais comum, dizendo as coisas mais simples e mais banais. Escrevia às filhas e a Madame de Staël, lia romances, gostava do convívio das mulheres bonitas, gracejava com os generais, os oficiais e os soldados, e nunca desmentia as pessoas que lhe queriam provar fosse o que fosse. Quando Rostoptchine, na ponte de Iauza, lhe veio fazer censuras pessoais, acusando-o de responsável pela perda de Moscovo e declarando-lhe: «Pois quê, o senhor prometera entregar a cidade sem combate?», ele respondeu-lhe: «Mas não a entregarei sem combate!», quando é certo que a cidade a essa

hora já caíra nas mãos dos Franceses.

Quando, tendo-o procurado em nome do imperador, Araktcheiev lhe disse ser preciso nomear Ermolov para o comando da artilharia, ele respondeu-lhe: «Sim, era precisamente isso que eu dizia», embora momentos antes tivesse dito exactamente o contrário. Que lhe importava a ele, a única pessoa no meio daquela gente absurda que o cercava que compreendia então o sentido formidável dos acontecimentos, que lhe importava que a infeliz sorte da capital fosse atribuída a Rostoptchine ou a ele próprio? E se isso lhe não importava, como lhe havia de importar o nome do comandante da artilharia?

Não só nestes casos, mas constantemente, este velho, que adquirira, pela sua experiência da vida, a convicção de que tudo quanto se possa pensar ou dizer está longe de influir na direcção dos homens, apenas dizia palavras insignificantes, as primeiras que lhe vinham à cabeça. Contudo este homem, que tão pouca importância atribuía às suas palavras, nunca em toda a sua vida activa pronunciou uma palavra que não tivesse em vista o objectivo único que se propusera no decurso de toda a guerra. No entanto, a involuntariamente, é certo, apesar de ter a certeza, bem triste, de que o não compreenderiam, mais de uma vez, em circunstâncias muito diferentes, exprimiu o fundo do seu pensamento. Não foi ele, depois da batalha de Borodino, causa inicial das dissensões com os homens que o rodeavam, o único a exprimir a opinião de que aquela batalha constituía uma vitória, opinião que repetiu tanto oralmente como nos seus relatórios e até nos seus relatos, até à sua derradeira hora? Só ele também se atreveu a dizer que a perda de Moscovo não era a perda da Rússia. Na sua resposta a Lauriston, que pedia a paz, não é certo ter afirmado que a paz não era possível porque o povo a não queria? Não foi ele o único, durante a retirada dos Franceses, que garantiu que os movimentos russos eram inúteis, que as coisas se arranjariam por si melhor do que o que se podia desejar, que ao inimigo que foge «ponte de euro», que não tinham sido necessários nem o combate de Tarutino nem os de Viazma ou de Krasnoie, que era preciso atingir a fronteira com forças suficientes, que não daria um soldado russo por dez franceses?

E foi só ele, esse homem que nos pintam como se fosse um cortesão, e que dizem ter mentido a Araktcheiev para agradar ao imperador, foi ele quem ousou, em Vilna, sabendo que desagradava ao seu monarca, afirmar que a continuação da guerra para lá da fronteira seria prejudicial e sem sentido.

Não disse estas palavras apenas para provar que compreendia muitíssimo bem o sentido dos acontecimentos. Os seus actos, todos, sem excepção alguma, visaram este tríplice objectivo: concentrar todas as suas forças no intuito de fazer frente aos Franceses, vencer o, inimigo e por fim expulsá-lo da Rússia, minorando quanto possível os sofrimentos do povo e do exército.

Só ele, Kutuzov, o contemporizador, cujo lema era: «Paciência e Tempo», só ele, o inimigo dos actos decisivos, trava a batalha de Borodino dando aos preparativos dela uma solenidade sem exemplo. Esse Kutuzov, que em Austerlitz previra que a batalha seria perdida em Borodino, a despeito da opinião dos generais que afirmavam certa a derrota, a despeito do exemplo único na história de um exército vitorioso que abandona o campo de batalha, afirma, só e até à morte, contra a opinião de todo o mundo, que essa batalha constitui uma vitória. Só ele, enquanto dura a retirada, insiste para que se não travem novos combates, que eram inúteis, sustentando que se não devia começar nova guerra, nem atravessar a fronteira.

Hoje, desde que se ponham de lado todos esses objectivos que só um reduzido número de homens concebia, é fácil darmo-nos conta dos acontecimentos, pois estão a ver-se agora todas as suas consequências.

Mas como é que esse velho, sozinho contra a opinião de todos os outros, pôde adivinhar tão bem o instinto popular na inteligência dos factos que nunca o atraiçoou?

Essa extraordinária clarividência tinha a sua fonte no sentimento patriótico que nele vibrava em toda a sua força e em toda a sua pureza.

O povo, por estranhas vias, soube reconhecer naquele homem esse sentimento intenso e escolher esse velho, então do desagrado do monarca, contra a vontade do czar, para que fosse ele a, conduzir a guerra patriótica. E só esse sentimento o colocou em tal altura moral e fez que, generalíssimo, empregasse todos os seus esforços, não para que fossem mortos e exterminados os seus homens, mas salvos e poupados.

Esta figura simples, modesta e por conseguinte magna figura, não podia amoldar-se à forma mentirosa do herói europeu, pseudo-dominador dos povos, que a história imaginou.

Não há grandes homens para o seu criado de quarto, porque o criado de quarto tem a sua maneira pessoal de compreender a grandeza.

[VI]

O dia 5 de Novembro foi o primeiro dia da batalha conhecida pela «batalha de Krasnoie». Para a noite, depois de muitos debates e de falsas manobras dos generais, após numerosas expedições de ajudantes-de-campo portadores de ordens contraditórias, quando se tornou evidente que o inimigo fugia por todos os lados e que era impossível travar batalha, Kutuzov seguiu de Krasnoie para Dobroie, para onde fora transferido, durante o dia, o quartel-general.

Fazia um tempo claro e frio. Kutuzov, seguido de uma imponente comitiva de generais, que em voz baixa exprimiam o seu descontentamento, dirigia-se para Dobroie, montado no seu bem nutrido cavalo branco. Ao longo da estrada, em volta das fogueiras, juntavam-se os prisioneiros franceses capturados durante o dia, num total de sete mil. A pequena distância da aldeia um grande grupo desses prisioneiros esfarrapados, embrulhados nos primeiros trapos que tinham encontrado à mão, falava em tom elevado, junto de uma longa fila de peças francesas desatreladas. Quando o general-chefe se aproximou, as conversas cessaram e todos os olhares convergiram para Kutuzov, que, com um gorro branco de rebordos vermelhos, embrulhado numa capa almofadada, caminhava lentamente, as costas vergadas e esbarrondado sobre o cavalo. Um general ia-lhe explicando onde tinham sido apreendidas as peças e capturados os prisioneiros.

Kutuzov, preocupado, não ouvia o que lhe diziam. Piscava o seu único olho com uma expressão descontente e observava os prisioneiros, de aspecto particularmente lamentável. A maior parte deles tinham as faces e o nariz gelados e os olhos vermelhos, inchados e lacrimosos.

Um grupo encontrava-se mesmo junto do caminho, e dois soldados, um dos quais com a cara cheia de pústulas, rasgavam à mão um pedaço de carne crua. No olhar furtivo que lançaram aos generais havia qualquer coisa de terrível e bestial e o soldado do rosto em ferida teve uma expressão feroz quando viu Kutuzov, voltando-se em seguida e continuando a sua tarefa.

O general-chefe contemplou por algum tempo esses dois soldados. Com uma expressão cada vez mais preocupada, abanava pensativamente a cabeça. Noutro

ponto reparou num soldado russo que, rindo e batendo familiarmente no ombro de um francês, lhe falava amistosamente, Kutuzov teve idêntico abanar de cabeça.

— Que estás tu a dizer? — perguntou ele ao general que continuava a fazer o seu relatório, procurando chamar-lhe a atenção para as bandeiras francesas capturadas que, hasteadas, se encontravam diante do regimento Preobrajenski.

— Ah! As bandeiras! — exclamou Kutuzov, arrancando-se, penosamente, ao curso das suas reflexões.

E lançou à sua roda um olhar distraído. Milhares de olhos, à sua volta, se fixaram nele, aguardando o que ele ia dizer. Diante do regimento Preobrajenski parou, soltou um profundo suspiro e fechou os olhos. Alguém da comitiva fez sinal aos soldados que empunhavam as bandeiras para que se aproximassem e estes agruparam-se em volta do general-chefe, empunhando os estandartes. Kutuzov esteve calado alguns instantes, e, sem grande prazer, apenas como se se submetesse às circunstâncias, ergueu a cabeça e pôs-se a falar. A chusma dos oficiais envolveu-o. Kutuzov percorreu-os atentamente com o olhar, reconhecendo alguns.

— Agradeço-vos a todos! — disse, primeiro virado para os soldados e depois para os oficiais. E no silêncio que reinava as suas palavras destacavam-se nitidamente. — Agradeço-vos o vosso penoso e fiel serviço, A vitória é completa e a Rússia não vos esquecerá. Que a glória seja convosco para sempre!

Calou-se e olhou em volta de si.

— Abaixa-lhe, abaixa-lhe a cabeça! — gritou ele a um soldado que inclinava, sem querer, a águia francesa diante da bandeira do regimento Preobrajenski. — Mais, mais para baixo, assim. Hurra!, rapazes! — gritou, dirigindo-se aos soldados com uma contracção nervosa do queixo.

— Hurra! Hurra! — rugiram milhares de vozes.

Enquanto os soldados gritavam, ele, debruçado sobre a sela, inclinava a cabeça, e pelo seu único olho perpassou-lhe um lampejo ligeiramente trocista.

— Ouçam-me, rapazes — principiou, quando as vozes se calaram.

E de súbito a sua voz e a expressão do rosto mudaram por completo. Já não era o general quem falava, mas um velho, simplesmente, que queria agora comunicar coisas urgentes aos seus camaradas.

Houve uma agitação no meio dos oficiais e nas fileiras dos soldados, todos tentando ouvir o melhor possível o que ele ia dizer.

— Ouçam, rapazes. Eu bem sei que é duro, mas que havemos de fazer? Tenham paciência. Já não é por muito tempo. Vamos acompanhar os nossos hóspedes e depois toca a descansar. O czar não esquecerá os vossos serviços. É duro, mas, seja como for, vocês estão naquilo que vos pertence: em vossa casa. Mas esses, olhem para eles, onde estão eles? — acrescentou, apontando para os prisioneiros. — Estão em pior estado que os mais miseráveis bandidos, Quando eram poderosos, não tínhamos que nos compadecer deles, mas agora também os podemos lamentar. São homens como nós. Não é verdade, rapazes?

Kutuzov olhou à sua volta, e em todos os olhares atentos, respeitosamente interrogadores, fixados nele, havia simpatia pelas suas palavras. O rosto cada vez se lhe iluminava mais do seu bom sorriso de velho, que lhe abria estrelas de rugas nas comissuras dos lábios e no canto dos olhos. Calou-se e baixou a cabeça: dir-se-ia irresoluto.

— Mas, para falar verdade, quem os mandou cá vir? É bem feito, com mil bombas! — disse, de súbito, erguendo a cabeça. Brandindo o látego, abalou a galope, pela primeira vez em toda a campanha, no meio dos risos e dos hurras alegres dos soldados, que principiavam a destroçar.

Evidentemente que nem todos os soldados tinham compreendido as palavras de Kutuzov. Ninguém seria capaz de repetir textualmente este discurso, solene no princípio e de uma simplicidade cheia de bonomia nas suas últimas frases. A verdade, porém, é que o seu sentido íntimo não só foi bem compreendido, mas chegou ao fundo da alma dos soldados. Esses sentimentos de grandeza majestosa aliados à piedade para com o inimigo e à consciência de que a razão estava do seu lado, expressos na imprecação característica do velho, correspondiam ao que eles próprios sentiam, Essa a razão por que soltaram prolongadas e alegres aclamações. Quando em seguida um dos generais veio perguntar ao generalíssimo se ele queria seguir de carruagem. Kutuzov respondeu-lhe com um soluço, tão viva era a emoção que, sentia.

[VII]

A 8 de Novembro, último dia dos combates de Krasnoie, já era noite quando as

tropas chegaram aos bivaques. O dia fora tranquilo, frio e com alguns raros flocos de neve que esvoaçavam pelo ar. Para a noite o tempo clareou: através da neve ligeira surgiu um céu estrelado, negro-violeta, e o frio tornou-se mais vivo.

O regimento de fuzileiros, que partira de Tarutino com três mil homens e estava agora reduzido a novecentos, foi um dos primeiros a chegar ao ponto indicado, uma aldeia situada na estrada real. Os forrageiros que tinham saído ao seu encontro declararam que todas as isbás estavam ocupadas por doentes ou cadáveres de franceses, a cavalaria e o estado-maior. Apenas restava uma para o comandante do regimento.

Este último dirigiu-se à isbá devoluta. O regimento atravessou a povoação e ensarilhou armas nas últimas casas à beira da estrada.

Como um grande animal de muitos braços, o regimento pôs-se a organizar o seu alojamento e a tratar do rancho. Parte dos soldados, com neve até aos joelhos, dispersou-se pela mata de álamos, à direita da aldeia, e logo se ouviram machados e pederneiras, estalar de ramos quebrados e vozes joviais; outra parte azafamava-se em volta das viaturas regimentais e dos cavalos agrupados no mesmo sítio. Dos carros tiraram marmitas e biscoitos e deram aos cavalos a sua ração. Ainda outros soldados se espalharam pela aldeia em busca de instalações para o estado-maior, retirando os cadáveres dos franceses que atulhavam as isbás, arrastando pranchas, lenha ou palha arrancada dos tectos das casas para alimentar as fogueiras, demolindo os tabiques para com eles arranjar abrigos.

No extremo da povoação, uns quinze homens tratavam de derrubar, no meio de alegre gritaria, o alto tabique de uma granja cujo telhado já fora arrancado.

— Força, força, empurremos todos juntos! — gritavam, e no meio das trevas ouvia-se o ruído seco da divisória que estremecia, completamente coberta de neve. O rangido era cada vez maior e por fim toda aquela massa cedeu com os soldados que a ela se apoiavam. Ouviram-se grandes risadas e altos gritos.

— Agarrem-na os dois. Tragam uma alavanca! Assim! Onde é que te meteste?

— Força! Todos ao mesmo tempo!... Força, rapazes!... Cantem... A compasso!

Todos se calaram: depois uma voz bastante fraca, de timbre agradável, entoou uma canção. No final da terceira estrofe, quando a última nota se extinguiu, vinte vozes gritaram em coro: — Uuupa! — Uuupa! Todos à uma, rapazes! Isto vai!

Apesar dos esforços de todos, o tabique não se movia, e no meio do silêncio que reinou de novo ouviu-se o resfolgar dos peitos cansados.

— E então vocês, os da 6ª! Diabos vos levem! Ajudem aqui!... A gente depois vos ajudará noutra coisa!

Uns vinte homens da 6ª companhia que iam passando juntaram-se aos que faziam força, e daí a pouco o tabique, que tinha cinco sagenas de comprido por uma de altura, seguia aos ombros dos soldados, ajoujados, pelas ruas da povoação além.

— Eh, tu, lá adiante! Porque páras? Assim não. — Os gracejos, as interpelações joviais sucediam-se.

— Que estão vocês a fazer? — gritou, de súbito, um sargento, numa voz de comando, correndo atrás dos homens que levavam às costas o tabique — Estão aí os patrões! Está aí o general! Ah!, seus malandros! Eu ajustarei contas com vocês! — E deixou cair o punho fechado em cima do primeiro soldado que lhe passou à mão. — Não podem fazer menos barulho?

Os soldados calaram-se. Aquele que apanhara o murro do sargento, resmoneando, pôs-se a limpar a cara, que sangrava por ter batido contra o tabique.

— Ah! Raios o partam! Isto é maneira de bater num homem? Pôs-me a cara em lindo estado! — exclamou, sem levantar a voz, quando o sargento se afastou.

— Hem? Não gostaste!? — gracejou um deles. E os soldados prosseguiram a sua marcha, procurando não gritar num tom tão elevado.

A saída da aldeia tornaram de novo à risota e aos ditos inofensivos.

Na isbá diante da qual os soldados tinham passado estava reunido o alto comando, e enquanto bebiam chá os oficiais iam discutindo animadamente o dia que findara e as manobras projectadas para depois. Tinham proposto uma marcha de flanco sobre a esquerda, cortando a retirada ao vice-rei e capturando-o.

Quando os soldados chegaram com o tabique demolido, já por toda a parte estavam acesas as fogueiras do rancho. A lenha estralejava, a neve derretia-se e as sombras negras dos soldados enchiam o espaço coberto de gelo espezinhado.

Por todos os lados se ouviam machados e pederneiras. Tudo se fazia sem ordens de comando. Acumulavam lenha para a noite, levantavam barracas para os comandantes, a sopa cozia nas marmitas, limpavam-se as espingardas e os fardamentos.

O tabique que a 8ª companhia transportara foi colocado em semicírculo do lado do vento, firmado no chão por estacas, e, abrigado por ele, montaram um bivaque.

Tocou a recolher, fez-se a chamada, os homens cearam e aninharam-se para a noite diante das fogueiras, uns remendando as botas, outros fumando cachimbo, outros despindo-se para catar os piolhos.

[VIII]

Dir-se-ia que nas condições extremamente penosas em que se encontravam naquele momento os soldados russos, sem botas de Inverno nem peliças e acampando a céu aberto, com temperaturas de dezoito graus abaixo de zero, sem mesmo saberem o que era rancho regulamentar, pois a pitança nem sempre chegava a horas, deviam oferecer o mais lamentável e o mais desolador dos espectáculos. E no entanto nunca os soldados tinham estado tão alegres e animados, nem mesmo durante a época em que se encontravam em situação material mais favorável. E isto explica-se, pois, à medida que o tempo ia passando, do meio deles desaparecia tudo quanto era tristeza e fraqueza. Todos os que se haviam debilitado física ou moralmente ficavam para trás. O que estava ali agora era a fina flor do exército, do ponto de vista moral e do vigor físico.

Atrás do abrigo da 8ª companhia abrigara-se uma grande multidão. Tinham-se-lhe juntado dois sargentos e as fogueiras ardiam ali melhor que em qualquer outra parte. Para se ter o direito de estar sentado atrás do tabique era mister fornecer lenha para o fogo.

— Eh! Makaiev, que estás a fazer?... Perdeste-te ou foste comido pelos lobos? Anda, traz-me lenha — gritava um soldado ruivo de ventas iluminadas, com os olhos vermelhos muito piscos por causa do fumo, e que nem assim deixava a fogueira. — Anda, traz lenha, vadio! — dizia ele para o camarada.

Não era sargento nem cabo, mas soldado vigoroso, por isso se dava ao luxo de mandar nos mais fracos. O soldado magro, pequenito, de nariz aguçado, a que ele chamara vadio, ergueu-se docilmente e preparava-se para cumprir a ordem recebida quando surgiu junto da fogueira a silhueta fina e agradável de um moço soldado sobraçando um molho de lenha.

— Traz para aqui! Bem bom!

Quebraram os ramos, deitaram-nos na fogueira, e, soprando e agitando os

capotes, não tardou que o lume, reanimado, se pusesse a crepitar. O moço soldado de, bela figura firmou as mãos na cinta e pôs-se a bater vigorosamente com os pés no chão.

— «Ah, mãezinha, a cacimba está fria, mas é bonita!» — cantarolou ele, suspirando entre cada sílaba da canção.

— Eh!, era melhor que remendasses as botas em vez de dançares! — gritou-lhe o soldado ruivo ao ver a badalar uma das solas do dançarino.

O dançarino deteve-se, arrancou o bocado de sola e atirou com ela para a fogueira.

— É o que estás vendo, irmão — disse ele, sentando-se. E tirou do bornal um pedaço de pano azul, resto de um uniforme francês, e embrulhou-o em volta do pé. — As duas lá se foram acrescentou, estendendo os pés para a fogueira.

— Não tarda que nos estejam a dar umas novas. Segundo dizem, quando chegar o fim, recebemos o pré a dobrar.

— Pois não queres saber? Esse filho de uma cadela do Petrov ficou pelo caminho — disse um sargento.

— Sim, já tinha dado por isso há tempo — comentou outro. — Que queres? Soldados de papelão!...

— Na 3ª, parece que ontem faltaram nove a chamada. — Sabes?, quando nos gelam os pés, a gente não pode andar, — Deixa-te de tolices! — comentou o sargento.

— Querias tu, naturalmente, que te sucedesse o mesmo — disse um velho soldado dirigindo-se, mal-humorado, ao que falara em pés gelados.

— E que julgas tu? — interveio, de súbito, soerguendo-se, numa voz estrídula e trémula, o soldado de nariz aguçado a quem tinham chamado vadio. — Por mais que uma pessoa esteja fresca e bem disposta, vamos emagrecendo, apesar de tudo, e quando a gente emagrece lá está a morte à nossa espera. Olhem, eu não posso mais — acrescentou, de repente, em tom enérgico, dirigindo-se ao sargento. — Mande-me baixar ao hospital. Estou tolhido de reumatismo, De outra maneira, acabo pelo caminho, como os outros.

— Basta, basta! — disse tranquilamente o sargento.

O soldado enfezado calou-se e a conversa continuou.

— Isso é que foi hoje um apanhar de franceses! Mas a respeito de botas, valha a verdade, nem um par para amostra comentou um soldado para mudar de

assunto.

— São os cossacos quem lhas tiram. Limparam a isbá para instalar o coronel e tiraram-nos todos lá de dentro. Corta o coração vê-los, rapazes — exclamou então o soldado que dançara. — Tiraram-lhes tudo. Um deles ainda estava vivo, e lá ia dizendo qualquer coisa na sua língua.

— E é gente apurada, rapazes — voltou o primeiro. — São brancos, brancos como os álamos, E alguns parecem valentes, é o que te digo, e há os que são nobres.

— É verdade, tens razão. Recrutam homens de todas as classes.

— E não sabem uma palavra de russo — prosseguiu o outro com um ingénuo espanto. — Perguntei a um a que coroa pertencia, e ele pôs-se a arengar qualquer coisa lá na língua dele. São tipos estranhos.

— Sim, rapazes, é curioso — continuou o que se surpreendera com a brancura da pele dos Franceses. — Disseram os camponeses que em Mojaisk, quando contaram os mortos, depois da batalha, que hão-de eles ver? Havia quase um mês que tinham morrido. E estavam ali estendidos, diziam eles, brancos como uma folha de papel, e limpos, nem sombra de cheiro.

— Ora, é por causa do frio — objectou um deles.

— Sempre és muito esperto! O frio? Mas fazia calor! E se fosse por causa do frio também os nossos não apodreciam. E quando aparecia um dos nossos estava sempre coberto de bichos, e de tal maneira, diziam eles, que era preciso pôr um lenço na boca e virar a cara para o lado quando carregavam com eles. Não se podia aguentar. Enquanto os franceses estavam brancos como uma folha de papel, e nem sombra de cheiro.

Toda a gente se calou.

— É talvez por causa do que comem — disse o sargento. — Comem que nem senhores.

Ninguém objectou fosse o que fosse.

— E esse camponês de Mojaisk, onde se travou a batalha, contou que evacuaram mortos de mais de dez aldeias, que os andaram a acarretar durante vinte dias e que não conseguiram levá-los todos. E que havia por lá cada lobo, dizem eles...

— Sim, aquela, sim, foi uma verdadeira batalha — comentou o velho soldado. — Nunca mais a esqueceremos. Mas o que depois aconteceu... Só para fazer sofrer

os soldados.

— Queres saber, tio? Antes de ontem foram atrás deles. E eles não nos deixam sequer aproximar. Deitam fora as armas e põem-se logo de joelhos! «Perdão!», dizem eles. E aqui tens outra. Parece que o Platov já por duas vezes esteve a ponto de deitar a mão ao próprio Polião. Mas ele não sabe a palavra mágica. Prende-o, prende-o, mas aí está, o outro, uma vez nas suas mãos, transforma-se num pássaro e lá vai ele a voar, a voar. E dizem também que não há maneira de o matarem.

— És danado para a mentira, Kisseliev!

— Quê? Mentiras? É a verdade pura!

— Pois bem, eu, se o tivesse apanhado, tinha-o enterrado vivo. E com uma estaca de faia, ainda por cima. A gente que ele tem matado!

— Seja como for, há-de ter a sua conta, não escapa. — concluiu o velho soldado, bocejando.

A conversa ficou por ali e os soldados aninharam-se para dormir.

— Olha lá para cima. Aquilo é que são estrelas! Que me dizes? As mulheres puseram a roupa a, enxugar! — disse um soldado que admirava a Via Láctea.

— É sinal de que vamos ter ano farto, rapazes!

— Era precisa mais lenha na fogueira.

— Temos as costas quentes e a barriga fria, Não é brincadeira!

— Oh! Deus meu!

— Que estás tu a empurrar, é só para ti o fogo, porventura? Não querem ver como ele se estende!

No meio do silêncio que se começava a estabelecer ouviu-se o ressonar de alguns homens. Os outros continuavam a dar voltas e reviravoltas para se aquecerem, trocando entre si raras palavras. De um bivaque afastado um cento de passos chegava um rumor de gargalhadas.

— Estás a ouvir o que eles se divertem na 5ª? — disse um soldado. — E a quantidade de gente que eles lá têm! Levantou-se para ver o que se passava na 5ª companhia. — Tem graça! — disse ele, quando voltou. — Apareceram dois franceses. Um deles está todo gelado, mas o outro, aquilo é que é divertido! Está a cantar cantigas lá deles.

— Então vamos ouvi-lo.

E alguns soldados encaminharam-se para a 5ª companhia.

[IX]

A 5ª companhia estava mesmo junto da floresta. Uma grande fogueira ardia no meio da neve, iluminando os ramos das árvores carregados de gelo.

No meio da noite, os homens daquela companhia tinham ouvido, na floresta, um ruído de passos e de ramos pisados.

— Rapazes! Um urso! — disse um deles.

Todos levantaram a cabeça, de ouvido alerta, e viram surgir da floresta, iluminadas pela chama da fogueira, duas formas humanas amparando-se uma à outra, estranhamente vestidas.

Eram dois franceses que se haviam escondido na mata. Pronunciando palavras numa voz rouca em língua desconhecida dos soldados, aproximaram-se da fogueira. Um deles, bastante alto, de barretina de oficial, parecia muito debilitado. Assim que chegou, deixou-se cair praticamente no chão. O outro, soldado raso, mais pequeno, gordinho, com os queixos amarrados, parecia em melhor estado. Ajudou a erguer o companheiro e pronunciou algumas palavras mostrando a boca. Os soldados russos juntaram-se à sua volta, estenderam uma manta sobre o doente e deram-lhes cacha e vodka.

O oficial doente era Ramballe e o soldado dos queixos amarrados o seu impedido, Morel.

Morel, depois de emborcar a vodka e engolir uma marmita de cacha, sentiu-se, de repente, tomado por um verdadeiro acesso de alegria, e pôs-se, sem se calar, a contar uma quantidade de coisas absolutamente incompreensíveis para os soldados russos. Ramballe não quis comer e ficou encostado, sem dizer palavra junto da fogueira, fitando os soldados russos com os seus olhos vermelhos vazios de expressão. De vez em quando soltava um profundo suspiro, depois voltava a ficar silencioso. Morel, apontando-lhe para as charlateiras, procurava explicar aos soldado que era oficial e que era preciso aquecê-lo. Um oficial russo que se aproximara mandou perguntar ao coronel se não quereria dai, hospitalidade a um oficial francês. O coronel deu ordem para o conduzirem e os soldados persuadiram Ramballe a aceitar o convite. Este ergueu-se e tentou caminhar, mas tropeçou e

teria caído se um soldado o não tem amparado.

— Então, que é isso? Não podes andar? — disse a Ramballe um soldado, trocista.

— Imbecil! Que estás tu a dizer? — acorreram logo outros, indignados com o gracejo do camarada. — Não passas de um rústico, sim, de um rústico.

Rodearam Ramballe, dois pegaram-lhe por debaixo dos braços e transportaram — no para a isbá do coronel. Ramballe, com os braços à roda do pescoço dos que o levavam, murmurava em voz lamentosa:

— Oh!, meus valentes, oh!, meus valentes, meus bons amigos! Isto é que são homens! Oh!, meus valentes, meus bons amigos! — E, como uma criança, deixava descair a cabeça ora no ombro de um ora no ombro do outro dos homens que o ajudavam. Entretanto, Morel instalara-se no melhor lugar, no meio de uma roda de curiosos.

O atarracado francês, de olhos inchados e lacrimosos, o lenço amarrado aos queixos como uma mulher, tinha vestido uma peliça de senhora. Naturalmente já de grão na asa, abraçava-se ao soldado que lhe ficava ao lado e cantava, em voz entrecortada rouca, uma canção francesa. Os soldados riam a bandeiras despregadas.

— Anda, ensina-nos a cantiga. Como é isso? Eu apanho logo música. Como é isso? — pedia-lhe o rústico, apreciador de cantigas, que Morel abraçava carinhosamente.

— Viva Henrique IV! Viva esse valente rei! — cantarolava Morel, piscando os olhos. — Esse diabo a quatro...

— Vivariká! Vif seruvaru!, sidiablaka... (Algaravia russa que pretende reproduzir a letra da melodia francesa. (N. dos T.) — repetia o soldado gesticulando e seguindo, realmente, a música da canção.

— Bravo! Bravo! exclamavam várias vozes, à mistura com gargalhadas.

Morel ria também.

— Bem, anda, mais, mais!

— Que teve o triplo talento de beber, de batalhar e de ser um galanteador...

— Caramba! Isto soa bem ao ouvido! Agora tu, Zaletaiev, repete!...

— Kiu, kiu, kiu... — entoou Zaletaiev com dificuldade, fazendo um momo com os lábios — lietriptala dié bu dié ba a dietravagala (Algaravia russa que pretende reproduzir a letra da melodia francesa. (N. dos T.).

— Muito bem! Muito bem! Pareces mesmo um francês! Ah! Ah! Ah! Olha lá, ainda tens fome?

— Dá-lhe mais cacha. Não é tão depressa que ele se ,ai sentir farto.

Deram-lhe uma nova tigela de cacha e Morel, muito risonho, pôs-se logo a emborcá-la. A soldadesca nova estava alegre na sua companhia. Os velhos soldados, que achavam, impróprias aquelas necedades, formavam grupo à parte, mas de quando em quando, soerguendo-se nos cotovelos, olhavam para o francês e sorriam.

— Eles também são homens — observou um deles, e aconchegando-se no capote. — Até o absinto deita raízes. (O absinto é considerado planta de mau agoiro. (N. dos T.)

— Oh! Meu Deus, meu Deus! Tantas estrelas! Que geleira aí vem!

Tudo foi serenando As estrelas, como se soubessem que já mais ninguém havia para as ver, iam cintilando, qual delas a mais brilhante, no céu de breu. Ora chispando, ora apagando-se ou chispando ainda mais, dir-se-ia participarem umas as outras qualquer misteriosa e alegre notícia.

[X]

As tropas francesas continuavam a decompor-se regularmente segundo uma progressão matemática. A travessia do Beresina, sobre que se escreveu tanta coisa, não foi mais que um incidente intercalar na obra de destruição e de modo algum um episódio decisivo da campanha. Se muito se escreveu, se ainda continua a escrever-se a este respeito, é que, do lado francês, esta ponte, que foi pelos ares, sintetizava, por assim dizer, as desgraças, até aí mais ou menos iguais umas às outras, experimentadas pelo exército francês, num espectáculo trágico, que para sempre ficou na memória de todos. Se os Russos, pela sua parte, muito comentaram este caso, é porque, longe do teatro da guerra, em Petersburgo, um plano estabelecido por Pfuhl previra a ratoeira estratégica do Beresina. Ali toda a gente estava, convencida de que na realidade tudo se passaria como estava previsto no plano e por isso mesmo atribuíram à passagem do no a perda dos Franceses. A verdade, porém. é que as consequências foram muito menos

desastrosas para eles, em homens e canhões, que as de Krasnoie, por exemplo, como se pode provar com algarismos.

O caso do Beresina só numa coisa é importante: em ter demonstrado de maneira evidente e incontestável que todos os planos para cortar a retirada ao inimigo eram errados e que a única coisa sensata era o que exigia Kutuzov e a massa das tropas, isto é, que se seguisse o inimigo de perto. Os Franceses fugiam cada vez mais depressa, não pensando noutra coisa senão em chegar onde queriam. Fugiam como um animal ferido e não lhes era possível deterem-se no caminho. E isso ficou bem demonstrado menos pela própria organização da travessia do no que pela passagem das pontes. As pontes tinham ido pelos ares, e toda aquela gente, soldados desarmados, habitantes de Moscovo, mulheres e crianças que acompanhavam as bagagens dos Franceses, graças à velocidade adquirida, em vez de se resignar a esperar, precipitou-se para a frente, para dentro das barcas, e para cima das águas geladas.

Compreendia-se esta precipitação. Tão má era a situação dos que fugiam como a dos que os perseguiam. Conservando-se ao lado dos seus, na sua desgraça, cada um esperava o auxílio do camarada, tinha o seu lugar entre eles. Se se entregassem aos Russos, era para continuarem na mesma desgraçada situação, passando a ser contados entre os últimos com direito a receber mantimentos. Os Franceses não precisavam de informações precisas para saberem que metade dos prisioneiros nas mãos dos Russos — e o certo é que estes não sabiam que destino dar-lhes, por mais que quisessem salvá-los — morriam de fome e de frio. Pressentiam que assim tinha de ser. Os chefes russos mais compassivos e que mais simpatias tinham pelos Franceses, os próprios franceses ao serviço dos Russos, nada podiam fazer pelos prisioneiros. A ma situação em que se encontrava o exercito russo concorria para a perdição dos Franceses. Era impossível tirar pão e roupa a soldados esfomeados e cheios de privações para dá-los aos Franceses, evidentemente inofensivos, nem sequer hostis ou culpados, simplesmente inúteis. Alguns o fizeram, mas só excepcionalmente.

Voltar para trás era a perdição certa: avançar, a esperança. Tinham-se queimado as embarcações, só havia uma salvação, a fuga em comum, e todas as forças francesas tendiam para essa meta

Quanto mais demorada era a retirada, mais lamentável o aspecto que ofereciam os restos do exército francês, sobretudo depois do Beresina, que fizera

nascer, graças ao plano de Petersburgo, esperanças particulares, e mais se exasperavam as paixões dos chefes russos, que se culpavam uns aos outros e principalmente Kutuzov. Diziam que ele seria chamado à responsabilidade pelo malogro do plano do Beresina estabelecido em Petersburgo, o que tornava maior o descontentamento, o desdém e a troça que ele inspirava. Claro que tanto a troça, como as provas de desconsideração exprimiam-se de uma forma respeitosa, e de tal sorte que o próprio interessado nem sequer podia perguntar de que o acusavam. Não lhe falavam a sério; quando lhe apresentavam qualquer informação ou lhe pediam uma decisão, dir-se-ia cumprirem uma cerimónia fúnebre. Por detrás das suas costas piscavam o olho uns aos outros e faziam o que podiam para o enganar.

Todos aqueles homens, precisamente porque o não podiam compreender, estavam convencidos de que era inútil discutir com semelhante velho, incapaz de entender jamais a profundidade dos seus planos, o qual sempre lhes respondia com uma das suas frases, para eles frases apenas, como a da «ponte de ouro» e que não era possível chegar à fronteira com aqueles bandos de esfarrapados, e coisas no mesmo género. Há muito que lhe conheciam semelhante estribilho. Tudo quanto ele dizia: que era preciso esperar pelos mantimentos, que os homens não tinham botas para calçar, tudo era de uma simplicidade infantil, enquanto eles propunham coisas complicadíssimas e sábias. E daí tornar-se evidente que Kutuzov não passava de um velho imbecil enquanto eles, cabos-de-guerra geniais, ali estavam sem poderes para realizar o que congeminavam.

Depois da junção do exército de Kutuzov com o do preclaro almirante Wittgenstein, herói de Petersburgo, todas essas malévolas disposições e todas essas intrigas do estado-maior se agravaram ainda mais. Kutuzov, ao dar por isso, limitava-se a despedir um suspiro e a encolher os ombros. Só uma vez, depois do Beresina, se zangou e escreveu a Bennigsen, o autor das informações particulares enviadas ao imperador, a carta seguinte:

> Rogo a Vossa Excelência que, ao receber esta carta, se apresente em Kaluga, em virtude do seu estado de saúde pouco satisfatório, onde aguardara ordens ulteriores de Sua Majestade Imperial.

Como resultado do afastamento de Bennigsen, o grão-duque Constantino Pavlovitch, que havia tomado parte na primeira fase da campanha e fora afastado por Kutuzov, foi reintegrado no exército. Ao chegar informou o general-chefe de que o czar estava muito descontente com os ligeiros êxitos das tropas russas e a lentidão dos seus movimentos e anunciou-lhe que o imperador tinha a intenção de visitar pessoalmente, o exército. Kutuzov, esse velho, tão experimentado cortesão quão bom militar, que em Agosto desse ano fora nomeado generalíssimo contra a vontade do imperador, que determinara o abandono de Moscovo, esse homem compreendeu imediatamente que a sua hora tinha soado, que o seu papel acabara e que os supostos poderes que ainda lhe pertenciam lhe iam ser retirados. E não só como cortesão compreendia que assim era. Percebia que a acção militar em que desempenhara o seu papel estava no fim, que a sua missão terminara. Por outro lado, principiava ao mesmo tempo a sentir que o corpo, quebrado pela idade, cansado, pedia descanso.

[XI]

No dia 29 de Novembro, Kutuzov entrou em Vilna, na sua querida Vilna, como ele dizia. Duas vezes na sua carreira fora governador da cidade. Na rica Vilna, que se conservava intacta, além das comodidades de que por tanto tempo estivera privado, encontrava velhos amigos e boas recordações. Liberto, de súbito, de todas as preocupações oficiais e militares, entregou-se a uma vida regular e tranquila, na medida em que o permitiam as paixões que germinavam à sua roda, como se tudo que se estivesse a passar naquele momento, e que ainda tinha de se cumprir como acontecimento histórico, lhe fosse de todo indiferente.

Tchitchagov um dos mais ardorosos partidários da ideia de se cercarem e derrotarem os Franceses, que a princípio quisera levar a cabo uma diversão militar na Grécia, e depois em Varsóvia, mas que nunca se apresentava onde o mandavam, esse homem célebre pela ousadia com que falara ao imperador, que ao mesmo se considerava protector de Kutuzov, pois, quando si fora à Turquia, em 1811, incumbido da missão de concluir a paz, ao saber que a paz já fora concluída, dissera ao imperador que o mérito de tal missão pertencia a Kutuzov —

Tchitchagov foi o primeiro a receber o generalíssimo junto do castelo de Vilna, onde este devia hospedar-se. Com o seu uniforme de marinheiro, de espada à cinta, o chapéu debaixo do braço, apresentou a Kutuzov o seu relatório sobre o estado da guarnição e as chaves da cidade. A deferência um tanto desdenhosa que a juventude testemunhava a um velho que ela entendia chegado â segunda meninice traduzia-se no mais alto grau na maneira de agir de Tchitchagov, ao corrente das acusações que faziam ao generalíssimo.

Na conversa que teve com ele, Kutuzov dissera-lhe, entre outras coisas, que as suas bagagens tornadas em Borissov, com toda a sua baixela, estavam intactas e lhe iam ser entregues.

— É para me dizer que eu não tenho que comer... Estou habilitado, pelo contrário, a fornecer-lhe seja o que for, mesmo que pretenda oferecer banquetes — respondeu-lhe Tchitchagov acaloradamente. Queria mostrar-se importante em cada uma das palavras que dizia e estava persuadido de que essa era a intenção do seu interlocutor.

Kutuzov teve um sorriso fino e penetrante e respondeu encolhendo os ombros:

— É apenas para lhe dizer o que lhe estou a dizer.

Ao contrário do que o imperador queria, o generalíssimo mandou que se detivesse em Vilna a maior parte das suas tropas. Na opinião das pessoas que o rodeavam, decaíra muito fisicamente durante a sua permanência nesta cidade. Só muito ao de leve se preocupava com os assuntos militares, deixando que os generais fizessem tudo, e enquanto aguardava a chegada, do imperador entregava-se ao prazer.

Tendo saído de Petersburgo com a sua comitiva no dia 7 de Dezembro — o conde Tolstoi, o príncipe Volkonski, Araktcheiev e outros — o imperador chegou a Vilna no dia 11, dirigindo-se imediatamente ao castelo no seu trenó de viagem.

Apesar do frio que fazia, esperavam-no, cá fora, uma centena de generais e de oficiais do estado-maior, de uniforme de gala, bem como uma guarda de honra do regimento Semionovski.

O correio que precedia o czar chegou ao castelo, numa troika, coberto de suor, e gritou:

— O imperador!

Konovnitsine precipitou-se no vestíbulo para advertir Kutuzov, que esperava no compartimento do porteiro.

Um minuto depois, Kutuzov, no seu uniforme de gala, com todas as condecorações e cobrindo-lhe o peito por completo, uma faixa a apertar-lhe o ventre, surgia no alpendre em passos titubeantes. Cobriu a cabeça, como se estivesse a comandar o exército, pegou nas luvas, desceu com dificuldade os degraus do alpendre e pegou no relatório que ia ser apresentado ao czar.

Um grande alarido se ouviu, uma troika passou vertiginosa a toda a gente fixou os olhos no trenó que chegava, a galope, onde se destacavam as silhuetas do imperador e de Volkonski.

Apesar de mais de cinquenta anos de experiência, esta chegada não deixou de impressionar, como sempre, o velho general. Apalpou-se, febrilmente, à pressa, ajeitou o gorro e as condecorações, enquanto o imperador, apeando-se do trenó, erguia para ele os olhos. Depois apresentou-lhe o relatório, dominando a emoção que o tomava, sem perder o aprumo militar, e pôs-se a falar numa voz comedida e insinuante.

O imperador olhou-o rapidamente da cabeça aos pés, franziu as sobrancelhas por segundos, mas, dominando-se imediatamente, aproximou-se e, de braços abertos, apertou-o contra o peito, Esta atitude do imperador, acordando-lhe velhas impressões e pensamentos íntimos, produziu em Kutuzov o efeito habitual: rompeu em soluços.

O imperador saudou os oficiais, a guarda de honra do Semionovski e, apertando mais uma vez a mão do generalíssimo, penetrou com ele no castelo.

Quando ficou só com o marechal exprimiu-lhe o seu descontentamento por causa da morosidade na perseguição dos Franceses, dos erros cometidos em Krasnoie e no Beresina e pó-1o ao corrente dos seus planos sobre a futura campanha no estrangeiro. Kutuzov não fez a mais pequena observação nem teve o mais pequeno comentário. No seu rosto havia a mesma expressão submissa de sete anos antes, ao receber as ordens do soberano no campo de batalha de Austerlitz.

Quando, no seu andar pesado e cambaleante, saiu do gabinete do imperador e, de cabeça baixa, atravessou o salão, uma voz deteve-o.

— Sereníssimo! — dizia-lhe alguém.

Kutuzov ergueu a cabeça e ficou a olhar por muito tempo o conde Tolstoi, que estava diante dele, com um minúsculo objecto dentro de uma salva de prata. Dir-se-ia não compreender o que queriam dele.

De súbito pareceu recordar-se, um sorriso imperceptível lhe perpassou pelo rosto entumecido, e, inclinando-se respeitosamente, numa grande vénia, pegou no objecto que estava na salva. Era a cruz de S. Jorge de 1ª classe.

[XII]

No dia seguinte, o marechal ofereceu um jantar seguido de baile, que o imperador honrou com a sua presença. Kutuzov recebia a cruz de S. Jorge de 1ª classe; o imperador prestava-lhe as maiores honras; mas o descontentamento do soberano não era segredo para ninguém. Tinham-se respeitado as conveniências e ele fora o primeiro a dar o exemplo. Mas toda a gente sabia que o velho era culpado e já para nada prestava. Como Kutuzov ordenasse, de acordo com um velho costume dos tempos de Catarina, que no momento em que o imperador entrasse na sala de baile lhe depusessem aos pés os estandartes tomados ao inimigo, o soberano, descontente, franziu o sobrolho e pronunciou algumas palavras, onde alguns julgaram surpreender esta frase: «Velho comediante! »

O descontentamento do czar ainda se tornou mais evidente durante a permanência em Vilna quando verificou que Kutuzov não queria ou não podia compreender a utilidade da campanha projectada. No dia seguinte ao da sua chegada, o imperador dissera aos oficiais reunidos à sua volta:

— Os senhores não salvaram apenas a Rússia, os senhores salvaram a Europa. — E então todos compreenderam que a guerra não findara.

Só Kutuzov não podia compreender e dizia a quem o queria ouvir que uma nova guerra não melhoraria a situação nem aumentaria a glória da Rússia, mas, muito pelo contrário, concorreria para piorar e diminuir o alto prestígio de que o país então desfrutava, segundo ele. Esforçava-se por demonstrar ao imperador a impossibilidade de convocar mais tropas, aludindo ao penoso estado das populações, à possibilidade de qualquer malogro, etc. Era evidente que, numa tal disposição de espírito. Kutuzov não podia deixar de constituir um empecilho para a guerra prevista.

Para evitar qualquer conflito com o velho, acharam perfeitamente natural uma escapatória, como se fizera com Barclay aquando de Austerlitz e no começo da

campanha: retirar o poder ao generalíssimo para o confiar ao próprio imperador, sem ruído nem inúteis explicações.

Nessa intenção, procedeu-se, pouco a pouco, a uma reorganização do estado-maior e todo o poder efectivo de Kutuzov foi suprimido e transmitido ao imperador. Toll, Konovnitsine, Ermolov, foram encarregados de outras missões. Dizia-se abertamente que o marechal estava muito enfraquecido e de saúde abalada.

Era preciso, realmente, que a sua saúde estivesse muito abalada para transmitir as suas funções àquele que o devia substituir. E de facto estava enfermo.

Tal como vera outrora da Turquia, o mais natural e simplesmente que é possível, a fim de reunir a milícia em Petersburgo e depois colocar-se à frente do exército no momento em que era indispensável, agora, o mais natural e simplesmente, e da mesma forma progressiva, terminado o seu papel, substituíam-no por uma nova engrenagem, a engrenagem que a situação requeria.

A guerra de 1812 não devia conservar o seu carácter estritamente russo de guerra patriótica, mas assumir outro, tornar-se uma guerra europeia.

Depois da marcha dos povos do Ocidente para o Oriente, devia verificar-se uma, marcha do Oriente para o Ocidente, e para levar a cabo esta nova guerra era necessário um homem novo, dotado de qualidades que Kutuzov não tinha, com outras vistas, outros objectivos. Para realizar esta marcha dos povos em sentido inverso e restabelecer as fronteiras, Alexandre I, eis o homem indispensável, tão indispensável quanto o fora Kutuzov para salvação e glória da Rússia.

Kutuzov era refractário a estas noções: Europa, equilíbrio, Napoleão. Não podia entendê-las. O representante do povo russo, esse russo, enquanto russo, já nada tinha a fazer naquela hora em que o inimigo estava esmagado e a Rússia liberta e no pináculo da glória. O representante da guerra patriótica só tinha agora um caminho a seguir: morrer, E assim o fez.

[XIII]

Pedro, como sempre costuma acontecer, só sentiu o peso das privações a que

estivera sujeito durante o cativeiro no dia em que as desventuras acabaram. Assim que foi posto em liberdade, dirigiu-se a Orel e no dia seguinte, na altura de se meter a caminho para Kiev, adoeceu. Três meses ficou de cama em Orel. Segundo os médicos, sofria de uma febre biliosa. Apesar de todos os cuidados que lhe dispensaram, não obstante as sangrias e os remédios, conseguiu recuperar a saúde.

Pouca impressão lhe ficou do período que decorreu entre a sua libertação e o ter adoecido. Ficara-lhe apenas a lembrança de um tempo húmido e sombrio, ora de chuva ora de neve, de um enfraquecimento físico considerável, de dores nos pés e nas ilhargas; de uma série de pessoas infelizes e sofredoras: da curiosidade importuna dos oficiais e dos generais que lhe faziam perguntas; das dificuldades que tivera para arranjar um carro e cavalos: e, acima de tudo, do adormecimento moral que o prostrara durante todo esse tempo, No dia em que fora libertado vira passar o corpo de Pétia Rostov; soube também que o príncipe André ainda vivera um mês depois de ferido e que só recentemente morrera em Iaroslav, em casa dos Rostov. Denissov, ao participar-lhe esta notícia, aludiu, de passagem, à morte de Helena, pois supunha que Pedro estivesse informado disse, há muito. Todos estes pormenores o deixaram, porém, então quase indiferente. Sentia-se incapaz de apreciar a importância de todos estes acontecimentos. Só uma coisa o preocupava abandonar o mais depressa possível aquelas paragens, onde os homens se matavam uns aos outros, em busca de um refúgio mais sossegado em que pudesse coordenar as suas ideias, repousar e reflectir sobre todas essas coisas estranhas e novas que acabava de saber. Mas assim que, chegou a Orel caiu de cama. Quando melhorou, descobriu junto da sua cabeceira, além dos seus dois criados. Terenti e Vaska, vindos de Moscovo, a princesa mais velha, sua prima, que vivia numa propriedade de Pedro em Elets e que viera tratá-lo ao saber que ele fora libertado e estava doente.

Durante toda a sua convalescença, as impressões daqueles últimos meses, que se lhe tinham tornado familiares, apenas se foram apagando pouco a pouco. Lentamente se ia habituando a não ser enxotado todas as manhãs como se fosse um animal, a não ser expulso da sua cama quente, ter todos os dias jantar, chá e ceia. Mas, a dormir, sonhava muitas vezes encontrar-se ainda na penosa situação do cativeiro. E levou muito tempo igualmente a compreender as coisas que lhe contaram: a morte do príncipe André, a morte da mulher, a derrota dos Franceses.

A sua alma sentia-se invadida por um agradável sentimento de liberdade completa, inata no homem e que se lhe não pode arrebatar, a liberdade que sentira pela primeira vez durante a jornada que fizera ao sair de Moscovo. O que o surpreendia, porém, é que a liberdade moral, independentemente, de facto.

das circunstâncias exteriores, lhe fosse concedida com tal liberdade, tal abundância, ao mesmo tempo que a liberdade material, Estava só numa cidade estranha onde ninguém conhecia. Ninguém exigia dele fosse o que fosse; ninguém lhe dava ordens. Tinha tudo que podia desejar; a lembrança da mulher, que fora para ele um tormento constante, desaparecera, visto ela própria ter desaparecido também.

«Oh, que bem que se está! Que bom que é!», dizia de si para consigo, quando aproximavam dele uma mesa limpa e bem posta, com um prato de sopa bem cheiroso em cima, ou então quando, à noite, se deitava na sua cama macia e asseada ou ainda se lembrava que a mulher já não existia e que os Franceses tinham sido derrotados. «Ah!, que bom! Que bom!»

E apenas por hábito antigo perguntava a si mesmo: «E agora? Que vou eu fazer agora?» Ao que respondia imediatamente: «Nada. Vou viver. Ah!, que bom!»

Já não existia para ele o problema de um objectivo na vida, problema que tanto o atormentara outrora e que tão afincadamente procurara resolver. Esse objectivo já não era sequer um objectivo provisório, válido apenas para o momento presente: sentia que fora completamente abolido e que na realidade já não podia existir. E esta ausência completa de objectivo na vida dava-lhe a alegre sensação de uma liberdade sem limites, que o enchia de felicidade.

Não podia ter um objectivo, porque agora tinha fé, não fé em certas regras, em certas palavras ou pensamentos convencionais, mas num Deus vivo e sempre presente. Outrora procurava Deus nas missões que a si próprio se impunha. Quando procurava um objectivo para a vida, era Deus que no fim de contas procurava. E de repente, durante o cativeiro, descobrira, não por meio de palavras ou raciocínios, mas graças a uma espécie de íntima revelação, o que a sua velha ama tantas vezes lhe dissera: «Deus está em toda a parte.» No cativeiro aprendera que o Deus de Karataiev era bem maior, mais infinito, mais inacessível que o Grande Arquitecto do Universo dos franco-mações. Dir-se-ia que achara a seus pés o que andava buscando muito longe de si. Toda a sua vida pusera os olhos

lá longe, por cima da cabeça da multidão, quando não tinha mais que olhar para diante de si. Até então não conseguia descobrir em parte alguma o inacessível, o grande, o infinito. Apenas sentia que o infinito existia algures e procurava-o. Em tudo o que o rodeava, em tudo o que lhe era dado compreender, só via interesses acanhados, mesquinhos, absurdos, os interesses que a vida nos revela. E armava-se de uma espécie de óculo moral para olhar ao longe, para onde esses interesses mesquinhos, essas pequenas coisas exteriores, escondidas na névoa da distância, se lhe afiguravam como que revestidas de grandeza, verdadeiras imagens do infinito, pela simples razão de que as não via com nitidez. Assim se lhe entremostrava a vida europeia, a política, a maçonaria, a filosofia, a filantropia. Agora, porém, que se dava conta da sua fraqueza, quando o seu espírito penetrava nessas misteriosas profundezas, era para descobrir aí também essa mesma mesquinhez, esse mesmo absurdo, existentes na vida quotidiana. Agora aprendera a ver o infinito em toda a parte, em tudo, por isso achava perfeitamente natural que para usufruir da contemplação das coisas eternas já não precisasse desse óculo que lhe permitia lobrigar para além dos homens; admirava, à sua volta, com alegria, o espectáculo eternamente mutável, eternamente grande, inacessível e infinito da vida. E quanto mais de perto olhava esse espectáculo mais tranquilo e feliz se sentia. O terrível porquê que outrora fazia ruir todas as construções do seu espírito deixara de existir para ele. Agora essa interrogação angustiosa tinha uma resposta simples. Deus existia, esse Deus — o assentimento do qual nem um só cabelo cairá da cabeça !o homem.

[XIV]

Pedro pouco mudara exteriormente. Na aparência era o mesmo de sempre. Como antigamente, era uma pessoa triste e menos preocupada com o que tinha diante dos olhos do que com o que ocorria dentro dele próprio. A única diferença entre o passado e o presente era que, nos tempos antigos, quando se esquecia do que estava à sua roda, e não percebia o que lhe diziam, tinha uma expressão preocupada e inquieta, como se procurasse compreender qualquer coisa longínqua que lhe escapava. Agora, quando estava distraído, tinha nos lábios um

imperceptível sorriso, um pouco irónico, para com o que estava diante dos seus olhos, para ouvir o que lhe diziam, estando, claro está, a pensar numa coisa completamente diferente. Outrora, conquanto tivesse sempre um ar bondoso, parecia infeliz; por isso, sem querer, afastava de si a simpatia. Hoje, no seu rosto pairava sempre um sorriso de homem contente com a vida, nos seus olhos havia bondade para todos e parecia perguntar: «Estarão todos satisfeitos como eu?» E as pessoas sentiam-se bem na sua presença.

Antigamente falava muito, entusiasmava-se a falar e pouco ouvia os demais. Agora raramente achava interesse em falar e sabia ouvir tão bem que lhe confiavam espontaneamente os segredos mais íntimos.

Sua prima, a princesa, que nunca gostara dele e que nutria mesmo por ele uma certa hostilidade após a morte do velho conde, pois ficara na sua dependência, depois daquele tempo, em Orel, onde viera para mostrar a Pedro que, apesar da ingratidão, entendera dever seu assistir-lhe na sua doença, com grande surpresa sua, e não sem despeito, principiara a sentir por ele uma certa afeição. E a verdade é que Pedro nada fizera pai ganhar a sua simpatia. Limitara-se a examiná-la com curiosidade. Até aí ela sentira no olhar dele indiferença e ironia, e diante dele, como diante de muitas outras pessoas, retraía-se, para apenas lhe mostrar a sua hostilidade combativa. Agora, pelo contrário, tendo percebido que ele penetrava no mais recôndito da sua natureza, primeiro desconfiada, depois grata, mostrou-lhe os lados melhores do seu carácter.

O mais astucioso dos homens não teria sido capaz de ganhar a confiança da princesa ainda que evocasse as melhores recordações da sua juventude e lhe falasse comovidamente. A astúcia de Pedro limitou-se a mostrar interesse em acordar sentimentos humanos naquela criatura azeda, seca e orgulhosa.

«Sim, é um homem de bom coração quando não está sob influência de gente má mas de pessoas como eu», dizia ela com os seus botões.

A mudança que nele se operara fora notada igualmente, de certo modo, pelos próprios criados Terenti e Vaska. Achavam-no agora muito mais simples. As vezes Terenti, depois de ajudar a despir o amo, tomando conta das botas e do fato, desejava-lhe boas-noites e demorava-se junto dele antes de sair, na esperança de que ele lhe dirigisse a palavra. Geralmente Pedro, quando percebia que o criado tinha vontade de falar, retinha-o junto de si.

— Conta-me lá, como arranjavam vocês de comer? — perguntava-lhe.

E Terenti punha-se a descrever-lhe as ruínas de Moscovo, a falar-lhe do falecido conde, e ali ficava, por muito tempo, com a roupa nos braços, falando ou ouvindo o amo, e quando se afastava era com o sentimento agradável de se sentir muito próximo de Pedro e quase seu amigo.

O médico que o tratava e o visitava todos os dias, embora se julgasse na obrigação, como todo o médico que se preza, de se dar ares de quem não tem um minuto a perder, pois o seu tempo é precioso para a humanidade que sofre, passava horas junto dele a contar-lhe as suas anedotas favoritas e a fazer observações sobre a sua clientela em geral e em particular as senhoras.

— É verdade, dá prazer falar com um homem assim. É raro na província — dizia ele.

Em Orel encontravam-se alguns oficiais do exército francês prisioneiros e o médico trouxe um dia consigo um deles, um italiano.

Passou então a visitar Pedro e a princesa achava graça à ternura que ele mostrava para com o primo.

Via-se que o italiano só se sentia feliz junto de Pedro e a conversar com ele, contando-lhe o seu passado, as suas questões de família, os seus amores, expandindo-se contra os Franceses e particularmente contra Napoleão.

— Se todos os russos se parecem consigo — dizia-lhe ele —, é um sacrilégio guerrear um povo como o vosso. Embora eles vos tenham feito sofrer tanto, não se sente em vós qualquer ódio contra eles.

E Pedro apenas conquistara esta apaixonada simpatia do italiano pelo facto de lhe ter revelado os tesouros que guardava na alma e despertado nele admiração.

Nos últimos tempos que passou em Orel foi visitado por um dos seus antigos conhecidos do mundo maçónico, o conde Villarski, o mesmo que em 1807 o recebera na loja em que ele ingressara.

Villarski casara com uma russa muito rica, com grandes propriedades na província de Orel, e naquela altura desempenhava funções provisórias na intendência local.

Ao saber da presença de Bezukov em Orel, embora nunca tivesse sido da sua intimidade, veio visitá-lo, dando-lhe muitas provas de amizade e simpatia, como geralmente acontece com as pessoas que se encontram no meio de um deserto. Enfadava-se em Orel e era com grande satisfação que se encontrava com alguém do seu meio, e preocupado, assim ele o supunha, com interesses semelhantes aos

seus.

Mas, com grande surpresa sua, Villarski bem depressa se deu conta de que Pedro não o acompanhava no seu interesse pela vida actual e que se deixara cair, assim ele o pensava, pelo menos, na apatia e no egoísmo.

— Está a ficar bota-de-elástico, meu caro — dizia-lhe ele.

No entanto, o convívio com Pedro dava-lhe muito mais satisfação agora que antigamente e vinha visitá-lo todos os dias. Quanto a Pedro, a presença de Villarski, as suas conversas, faziam-lhe parecer estranho e inverosímil o facto de ele próprio, e muito recentemente, ter podido ser um homem do mesmo género.

Villarski, casado e pai de família, ocupado ao mesmo tempo com os interesses da mulher, as suas funções e os filhos, considerava estas diversas preocupações como obstáculo à realização da sua vida e menosprezava-as por o obrigarem a não pensar senão no seu bem-estar pessoal e no dos seus. As questões militares, administrativas, políticas e os problemas maçónicos absorviam-lhe por completo a atenção. E Pedro, sem pretender levá-lo a modificar o seu ponto de vista, sem se atrever a julgá-lo, com o seu ar manso e a sua tranquila ironia, que não o deixava nunca, ia estudando aquele fenómeno estranho, mas tão das suas relações.

No seu trato com Villarski, com a princesa, com o médico, com toda a gente com quem privava então, evidenciava-se-lhe um novo traço de carácter que atraía as simpatias gerais: o reconhecer a toda a gente o direito de pensar, de sentir e de encaixar as coisas à sua maneira e a certeza de que não era possível convencer fosse quem fosse com palavras. As particularidades individuais que outrora o irritavam profundamente eram agora, por assim dizer, a razão do interesse apaixonado que votava aos homens. As diferenças, as contradições, por vezes radicais, que verificava entre as diversas opiniões e as suas próprias davam-lhe satisfação e provocavam-lhe um sorriso ligeiramente irónico e condescendente.

Nas coisas práticas sentia em si, com surpresa, como que um ponto de apoio que outrora lhe faltava. Antigamente todos os problemas monetários, sobretudo os pedidos de dinheiro que na sua qualidade de homem rico o assediavam com frequência, lançavam-no em grandes incertezas e em embaraços inextricáveis «Dou ou não dou?», interrogava-se a si próprio. «Eu tenho dinheiro e ele não o tem e precisa dele. Mas fulano ainda tem mais necessidade. Qual deles terá mais precisão? E não serão ambos dois intrujões?» E não saía disto, acabando por dar dinheiro aos dois, por dar todo o dinheiro que tinha. E mostrava a mesma

indecisão perante as questões que pusessem em jogo os seus interesses, por um lado entendendo que era assim que devia proceder e pelo outro que devia agir precisamente ao contrário.

Actualmente, com grande surpresa sua, não via nestas questões a mais pequena dúvida e a menor dificuldade. Havia nele um juiz, o qual, regendo-se por leis desconhecidas dele próprio, decidia o que devia fazer-se ou não.

Em assuntos de dinheiro, continuava, como sempre, desinteressado. Mas agora sabia, sem contestação, o que devia ou não fazer. Teve ocasião, pela primeira vez, de aplicar os seus novos princípios quando, certo dia, um coronel francês prisioneiro o veio visitar, lhe falou largamente dos seus empreendimentos e por fim quase lhe exigiu quatro mil francos para remeter à mulher e aos filhos. Pedro recusou-se a emprestar-lhos sem a mais pequena hesitação e o menor embaraço, ele próprio surpreendido com a simplicidade e a facilidade com que decidira o que outrora lhe teria parecido extraordinariamente difícil. E, ao mesmo tempo que se recusava a emprestar dinheiro ao coronel, conseguia que o italiano, ao deixar Orel, aceitasse uma determinada importância que com certeza lhe fazia muita falta. Procedeu de maneira idêntica quando chegou o momento de resolver a questão das dívidas da mulher e da reedificação das suas casas na cidade e na aldeia.

Recebeu em Orel a visita do principal administrador das suas propriedades e procedeu com ele ao balanço dos prejuízos que tivera. O incêndio de Moscovo, de acordo com os seus cálculos, custara-lhe aproximadamente dois milhões de rublos.

O administrador, em compensação, fez-lhe ver que, apesar destes prejuízos, os seus rendimentos não só não tinham diminuído, mas aumentariam mesmo caso ele se recusasse a pagar as dívidas da condessa, que ninguém o podia obrigar a satisfazer, e desistisse de reconstruir as suas casas de Moscovo e as da aldeia, que lhe custavam oitenta mil rublos por ano e não lhe davam o mais pequeno rendimento.

— Sim, sim, tem razão — disse ele com ar satisfeito. — Sim, sim, tem razão, nenhuma necessidade tenho disso. A minha ruína ainda me enriqueceu mais.

Mas em Janeiro chegou Savelitch de Moscovo, que lhe falou tia situação da cidade, do orçamento que o arquitecto fizera para a restauração das casas e apresentou-lhe o caso como coisa arrumada.

Entretanto, Pedro recebia cartas do príncipe Vassili e de vários amigos de

Petersburgo. Falavam-lhe nas dívidas da mulher. E ele então disse de si para consigo que as sugestões do administrador, que de princípio o haviam encantado, não eram de aproveitar e que devia ir a Petersburgo regularizar os assuntos da mulher e a Moscovo restaurar casas. Não sabia, porque devia agir deste modo, mas tinha a certeza de que assim é que estava certo. Em virtude desta decisão, os seus rendimentos diminuíam de três quartas partes. Mas assim tinha de ser: era o que ele sentia.

Como Villarski tinha de ir a Moscovo, decidiram partir juntos. Durante todo o período da sua convalescença em Orel, Pedro experimentara um sentimento de alegria, de liberdade, como que um recomeçar da, vida. E agora, no decurso da viagem, em contacto com o ar livre, as suas impressões ainda mais se exaltaram. Sentia o contentamento de um estudante em férias. As pessoas que encontrava, o postilhão, os donos das estações de muda, os mujiques que via na estrada ou nas povoações, todos assumiam a seus olhos um sentido novo. A presença de Villarski, as suas observações, as suas contínuas queixas contra a pobreza, a grosseria, o atraso da Rússia em relação à Europa, despertavam nele uma alegria compassiva. Onde Villarski via fermentos de morte via ele um poder vital extraordinariamente rico, graças ao qual, no meio daqueles vastos espaços cobertos de neve, se mantinha são esse povo tão particular e único no seu género. Não discutia as opiniões do amigo, parecia mesmo estar de acordo com ele, pois de si para consigo dizia que a melhor maneira de evitar discussões sem qualquer resultado era fingir que concordava com ele. E sorria, divertido, enquanto ele falava.

[XV]

Assim como é difícil explicar as idas e vindas das formigas quando vêem o seu formigueiro arrasado, umas carregando os ovos e os cadáveres e outras voltando ao ninho, tropeçando, perseguindo-se, lutando, também não seria fácil dizer o que impelia os Russos, depois da partida dos Franceses, a agrupar-se naquele local a que outrora se dera o nome de Moscovo. Se se observarem as formigas dispersas em volta do seu formigueiro, compreender-se-á que, apesar da ruína completa do seu lar, mercê da sua tenacidade, da sua energia, da actividade daqueles

inumeráveis insectos, tudo perderam, salvo o princípio inabalável e imaterial que constitui a força da sua colónia. O mesmo acontecia em Moscovo em Outubro. Embora estivesse privada das suas autoridades, das suas igrejas, das suas riquezas, das suas casas, a cidade era a mesma que fora em Agosto. Tudo estava destruído salvo o que nela havia de imaterial, de verdadeiramente pode roso e de indestrutível.

Os objectivos que impeliam todos aqueles que, vindos de toda a parte, afluíam a Moscovo depois de evacuada pelo inimigo, eram os mais diversos, e sobretudo pessoais, e principalmente, nos primeiros tempos, de uma natureza bestial e perfeitamente selvagem. Um único sentimento era comum a todos: o desejo de regressar ao local onde fora Moscovo para cada um se entregar à sua própria actividade.

Ao fim de uma semana, Moscovo contava já quinze mil habitantes, duas semanas mais tarde tinha vinte e cinco mil e assim por diante. No Outono de 1813, aumentando sempre, a população da cidade atingia um número de almas muito superior ao da população de Moscovo de 1812.

Os primeiros russos que deram entrada em Moscovo foram os cossacos do destacamento Wintzengerode, os mujiques das aldeias vizinhas e os habitantes que tinham fugido, escondendo-se nos arredores. Estes, ao entrarem na cidade em ruínas e encontrando-a a saque, saquearam-na também. Continuaram o que os Franceses tinham principiado. Os mujiques, com as suas carroças, vinham buscar o que se encontrava abandonado nas casas e ao longo das ruas. Os cossacos levaram consigo, para o seu acampamento, o que puderam; os proprietários de imóveis apoderavam-se do que encontravam nas casas alheias e diziam que tudo isso era seu.

Depois dos primeiros saques, vieram outros, e outros ainda, e a pilhagem, à medida que aumentava o número dos salteadores, tornava-se mais difícil e obedecia a normas mais metódicas.

Os Franceses tinham encontrado a cidade abandonada, mas haviam conservado todas as formas de uma administração regular, com o seu comércio, os seus ofícios, as repartições públicas, a religião. A maior parte das vezes tratava-se de corpos sem vida, mas que ainda assim mesmo existiam. Ainda havia galerias comerciais, lojas, armazéns, entrepostos de farinhas, bazares, oficinas, ateliers, geralmente abastecidos de mercadorias; e havia palácios, casas ricas cheias de

luxuosos artefactos; havia hospitais, prisões, escritórios, igrejas, catedrais. À medida que os Franceses foram ficando, todas estas formas de vida urbana desapareciam pouco a pouco e por fim a cidade transformara-se num vasto campo de saqueio.

Quanto mais se prolongava o saque dos Franceses tanto mais se esgotavam as riquezas de Moscovo e os recursos dos próprios saqueadores. Pelo contrário, o dos Russos, nos primeiros dias do seu regresso à capital, quanto mais se prolongava tanto maior era o número dos que nele tomavam parte, contribuindo para restabelecer rapidamente a riqueza da cidade e a sua vida regular.

Assim como o sangue aflui ao coração, afluíam a Moscovo, vindos de diversos pontos, além dos saqueadores, pessoas de toda a sorte, atraídas quer pela curiosidade, quer pelo desejo de se tornarem úteis, quer por interesse, proprietários, eclesiásticos, pequenos e grandes funcionários, comerciantes, artesãos, mujiques.

Ao cabo de uma semana, os mujiques que entravam na cidade com os seus carros vazios para levarem os objectos que encontravam eram detidos pelas autoridades e obrigados a transportar os mortos para fora da cidade. Outros, ao saberem do que sucedera aos companheiros, trouxeram trigo, aveia, feno, e em virtude da concorrência que faziam uns aos outros, os preços baixaram a um nível inferior ao antigo. Os artels (Associações de trabalho comunitário. (N dos T.) dos carpinteiros, atraídos pelos bons salários, apareciam todos os dias e por toda a parte reconstruíam ou reparavam as casas que tinham ardido. Comerciantes abriam lojas em abarracamentos. Nas ruínas iam-se organizando estalagens, hotéis. O clero restabelecia o serviço religioso em muitas das igrejas que haviam ficado intactas. Donatários traziam alfaias religiosas que haviam sido roubadas. Funcionários instalavam em pequenas divisórias as suas mesas cobertas de pano preto e as suas estantes. As autoridades e a polícia procediam à distribuição dos bens abandonados pelos Franceses. Os proprietários das casas em que os Franceses tinham acumulado muitos objectos valiosos diziam que estavam a ser lesados, porque tudo fora levado para o Palácio das Facetas. Outros sustentavam que os Franceses tinham concentrado num mesmo local muitos objectos roubados de diversas casas e diziam não ser justo entregarem aos proprietários essas casas com tudo o que lá estava dentro. Insultavam a polícia, tentavam suborná-la. Duplicavam o valor dos bens do Tesouro queimados, exigiam socorros em dinheiro.

O conde Rostoptchine redigia, as suas proclamações.

[XVI]

No fim de Janeiro, Pedro chegava a Moscovo e instalava-se numa das alas da sua residência que ficara intacta. Visitou Rostoptchine, algumas das suas relações que tinham regressado à capital e dispôs-se a partir no dia seguinte para Petersburgo. Toda a gente celebrava a vitória: a vida formigava na capital em ruínas, que principiava a renascer. Todos o acolhiam com satisfação; todos o queriam ver para saber das suas aventuras. Pedro, evidentemente, mostrava-se bem disposto com toda a gente que encontrava. Mas mantinha uma certa reserva, para não se comprometer com coisa alguma. A todas as perguntas que lhe faziam, importantes ou insignificantes, como, por exemplo: «Onde ia instalar-se? Reconstituiria o seu palácio? Quando partia para Petersburgo? Não se importava de tomar conta daquela caixinha?», respondia: «Sim, talvez, acho que...»

Soubera que os Rostov estavam em Kostroma, e raramente pensava em Natacha. Se por acaso isso acontecia, era como se se tratasse de uma agradável recordação de um passado que acabara. Sentia-se feliz não só por se ter visto livre das obrigações da vida, mas também por um sentimento que, pensava ele, voluntariamente a si mesmo impusera.

Três dias depois de ter chegado, soube por Drubetslkoi que a princesa Maria estava em Moscovo. A morte, os sofrimentos, os últimos dias do príncipe André, vinham-lhe frequentemente ao espírito e agora muito mais vivamente do que nunca. Tendo sabido durante o jantar que a princesa Maria estava instalado na sua casa de Vozdvijenka, poupada pelo fogo, ali se apresentou nessa mesma noite.

Pelo caminho ia pensando no seu amigo, nas varias vezes em que estivera com ele e sobretudo no seu último encontro em Borodino. «Será possível que ele tenha morrido no estado de irritação em que eu o vi nessa altura?», perguntava a si mesmo. <Não se lhe teria revelado a vida antes de morrer?» E pensava em Karataiev, na morte desse homem, e involuntariamente comparava um com o outro, tão diferentes e ao mesmo tempo tão próximos pelo afecto que ambos lhe inspiravam e pela maneira como ambos tinham vivido e haviam morrido.

Os pensamentos mais graves o dominavam ao aproximar-se da antiga casa do velho príncipe. A casa pouco sofrera. Via-se que fora atingida aqui e ali, mas mantinha íntegro o seu carácter. O velho lacaio que o acolheu, de rosto severo, parecendo querer lembrar ao visitante que a ausência do príncipe em nada alterava a ordem estabelecida, disse-lhe que a princesa acabava de se recolher para os seus aposentos, e que recebia aos domingos.

— Vai dizer-lhe que estou aqui. Talvez ela me queira receber — volveu-lhe Pedro.

— Às suas ordens — replicou o criado. — Queira ter a bondade de entrar para o salão dos retratos.

Alguns minutos depois, o lacaio voltou a aparecer acompanhado de Dessales. Este último fez saber a Pedro, da parte da princesa, que era com o maior prazer que o recebia, e lhe pedia, se não se importava de lhe perdoar a sem-cerimónia, que subisse aos seus aposentos.

A princesa estava numa salinha iluminada apenas por uma vela e junto dela via-se alguém vestido de preto. Pedro lembrou-se de que era costume ter sempre a seu lado damas de companhia, em que ele mal reparava. «Deve ser uma das damas de companhia», dizia com os seus botões ao ver a senhora de preto.

A princesa ergueu-se, pressurosa, ao vê-lo entrar, e estendeu-lhe a mão.

— Sim — disse ela, depois de ele lhe beijar a mão, surpreendida com a mudança que notava no seu rosto —, aqui está a situação em que nos voltamos a ver. Nos últimos dias falou várias vezes de si — prosseguiu ela, volvendo os olhos para a senhora de preto, com um embaraço que não escapou à observação de Pedro.

— Fiquei tão contente quando soube que tinha sido posto em liberdade. Foi essa a única alegria que temos tido há já muito tempo.

De novo lançou um olhar inquieto à sua companheira e quis continuar, mas Pedro interrompeu-a.

— Imagine que eu nada sabia a respeito dele — disse-lhe. — Julguei que tinha sido morto. Tudo que soube me chegou por terceiras pessoas. Disseram-me que ele encontrara os Rostov... Que estranha coincidência!

Pedro falava animadamente. Por sua vez, volveu os olhos para a pessoa presente e, ao ver a simpatia e a curiosidade com que ela o ouvia, pensou, como acontece muitas vezes no decurso de uma conversa, que aquela senhora era uma

criatura bondosa e simpática, que de modo algum seria a mais naquela conversa íntima com a princesa Maria.

As suas últimas palavras relativas aos Rostov pareceram aumentar mais ainda o embaraço da sua interlocutora. Os olhos dela afastaram-se de novo de Pedro para pousarem na senhora desconhecida, e disse:

— Será possível que a não reconheça?

Pedro examinou mais atentamente o rosto pálido e delgado, de olhos pretos, da desconhecida, cuja boca se arrepanhava de maneira estranha. Aquele olhar atento pousado nele afigurava-se-lhe o olhar de uma parente, tinha qualquer coisa de íntimo, de que ele perdera o hábito.

«Não, não pode ser», disse de si para consigo. «Este magro, pálido e severo rosto, estes traços envelhecidos! Não pode ser! Trata-se de uma ilusão!» Mas nesse mesmo instante a princesa pronunciou o nome de Natacha e aquele rosto cujos olhos estavam fitos nele, penosamente, com esforço, como uma porta enferrujada que se abre, foi iluminado por um sorriso e aquela porta subitamente aberta projectou nele uma lufada dessa felicidade que há muito esquecera e em que, sobretudo naquele instante, estava muito longe de pensar. Esta lufada de ar fresco apoderou-se dele, envolveu-lhe o ser inteiro. Quando a desconhecida principiou a sorrir, acabaram as dúvidas: era realmente Natacha e ele amava-a.

Instantaneamente, revelava-lhe a ela e a Maria, e sobretudo a si próprio, um segredo que até então ignorava. Corou sob a impressão de uma alegria em que havia qualquer coisa de doloroso, Quis dissimular a sua emoção. Mas quanto mais se esforçava por isso tanto mais proclamava, e mais eloquentemente do que o poderiam fazer as palavras mais claras, a Maria, a si próprio e igualmente a Natacha que a amava, que amava Natacha.

«Naturalmente é o resultado da surpresa», pensava ele. Mas assim que retomou a conversa com a princesa Maria, assim que olhou de novo Natacha, uma vermelhidão mais intensa ainda se lhe espalhou pela cara e mais do que nunca se sentiu tomado por uma suave e alegre angústia. Enredou-se no seu discurso e calou-se.

Não reparara nela de principio porque não esperava de maneira alguma encontrá-la ali, e não a reconhecera porque uma mudança muito grande se operara nela. Emagrecera e empalidecera. Mas não fora apenas isso que o impedira de a reconhecer, Esse rosto, esses olhos, onde outrora a alegria de viver

estampava um riso permanente, quando ele entrou e quando a viu de princípio, tinham perdido por completo essa iluminação interior. Apenas lhe restava o olhar, atento e bom, cheio de uma afectuosa tristeza.

A perturbação de Pedro não se reflectiu em Natacha, mas um prazer muito vivo lhe iluminou quase invisivelmente o rosto.

[XVII]

— Veio passar alguns dias comigo — disse a princesa Maria. -

O conde e a condessa estão a chegar de um momento para o outro. Natacha precisa de consultar um médico. Trouxe-a à força.

— Sim, todas as famílias têm os seus desgostos — disse Pedro, dirigindo-se a Natacha. — Sabe que isso se deu no próprio dia em que fomos libertados? Eu estava presente. Que rapaz encantador ele era!

Natacha olhou-o e apenas respondeu com um cintilar dos olhos cheios de lagrimas.

— Que havemos de fazer para a consolar? — continuou ele. — Porque havia de morrer esse rapazinho tão gentil e cheio de vida? — Sim, que difícil deve ser viver no nosso tempo sem o amparo da fé... — acorreu a princesa Maria.

— Sim, sim, tem toda a razão — deu-se pressa em responder Pedro.

— Porquê? — perguntou Natacha, fitando Pedro nos olhos.

— Como! Porquê? — continuou a princesa. — Só a ideia do que nos espera ali...

Natacha, sem a deixar concluir, interrogou de novo Pedro com os olhos.

— Porque — prosseguiu Pedro — só aquele que crê num Deus que nos encaminha pode suportar uma perda como a da princesa... ou como a sua.

Natacha já entreabria a boca para falar, mas calou-se. Pedro voltou-se para a princesa Maria e interrogou-a sobre os últimos dias do amigo.

A emoção de Pedro desaparecera quase por completo, mas ao mesmo tempo sentia que se desvanecera também toda a sua liberdade de outrora. Dizia para si mesmo que daí para o futuro todas as suas palavras, todos os seus actos estariam submetidos a um juiz a cuja opinião queria mais que a qualquer outra coisa neste

mundo. Quando falava, preocupava-o agora a impressão que as suas palavras podiam ter em Natacha. Não procurava adrede dizer o que porventura lhe agradasse, mas, dissesse o que dissesse, submetia-se ao ponto de vista dela.

A princesa Maria, contrariada, como sempre, falou-lhe dos Últimos momentos do príncipe André. Mas as perguntas de Pedro, o seu olhar inquieto, a emoção que se lhe denunciava no rosto, obrigaram-na a descer a pormenores que ela receava recordar.

— Sim, sim... — dizia Pedro, debruçando-se todo para a princesa Maria e seguindo avidamente a sua narrativa. — Sim, sim, então sossegou? Acalmou-se? Com todas as forças da sua alma só desejava uma coisa, ser perfeitamente bom, não temer a morte. Os seus defeitos, se porventura os tinha, não vinham dele. Com que então serenou? Que felicidade para ele ter tornado a vê-la. — acrescentou, voltando-se, bruscamente, para Natacha, e fitando-a com os olhos cheios de lágrimas.

Percorreu-a um estremecimento nervoso, Franziu as sobrancelhas e por instantes baixou os olhos. Hesitou: devia ou não falar dele?

— Sim, foi uma grande felicidade — disse ela, em voz grave e serena. — Para mim foi uma grande felicidade. — Calou-se. — E ele... ele... também me disse que realizara os seus desejos quando me viu junto de si.

A voz quebrou-se-lhe. Corou, apoiou convulsivamente as mãos nos joelhos e, fazendo um grande esforço sobre si mesma, ergueu a cabeça e pôs-se a falar com emoção.

— De nada sabíamos quando saímos de Moscovo. Não tinha tido coragem de perguntar por ele. Foi Sónia quem me disse de repente que ele estava ali connosco. Não podia pensar, não me podia passar pela cabeça o estado em que ele estava. Só tinha um desejo: vê-lo, estar com ele — acrescentou, numa voz trémula e entrecortada.

E, sem deixar que a interrompessem, contou o que ainda a ninguém confidenciara, tudo quanto sofrera durante as três semanas que durara a viagem e que estivera em Iaroslav.

Pedro escutava-a, de boca aberta, sem afastar os olhos cheios de lágrimas do rosto de Natacha. Naquele momento não pensava nem no príncipe André, nem lia sua morte, nem no que ela contava. Ouvindo-a, apenas sentia uma grande piedade pela dor que ela experimentava contando-lhe o passado.

A princesa, que fazia tudo para conter as lágrimas, estava sentada ao lado de Natacha ouvindo pela primeira vez a história que unira o irmão e Natacha durante os últimos dias.

Dir-se-ia que Natacha aliviava a alma com aquelas palavras que ao mesmo tempo a atormentavam dolorosamente e lhe davam uma espécie de secreta alegria.

Misturava os pormenores mais pueris às minudências mais íntimas e dir-se-ia que não podia calar-se mais. Por várias vezes repetiu as mesmas coisas.

A voz de Dessales ressoou à porta, perguntando se Nikholuchka podia entrar para dar as boas-noites.

— E aqui tem. é tudo .. — disse Natacha por fim,

Ergueu-se apressadamente no momento em que entrava Nikholuchka, correu para a porta e, batendo com a cabeça no batente oculto por detrás do reposteiro, saiu, violentamente, soltando um doloroso gemido, em que o desgosto e a dor se confundiam.

Pedro, de olhos fitos na porta por onde ela desaparecera, perguntava a si mesmo porque sentira subitamente que ficava só neste mundo.

A princesa Maria arrancou-o da sua meditação, apresentando-lhe o sobrinho, que acabava de entrar no quarto.

Nikholuchka, que se parecia muito com o pai, tão profundamente impressionou Pedro, sobretudo na disposição de espírito em que se encontrava, que este se levantou apressadamente depois de o beijar, retirou-se para o vão de uma janela e puxou do lenço para esconder as lágrimas. Quis despedir-se da princesa Maria, mas esta reteve-o.

— Natacha e eu estamos às vezes acordadas até às três horas da manhã. Fique, peço-lhe. Vou mandar servir a ceia. Desça; nós vamos já ter consigo.

No momento em que ele sala, a princesa disse-lhe: — Foi a primeira vez que falou dele assim.

[XVIII]

Conduziram Pedro a uma grande sala de jantar bastante iluminada e alguns

minutos depois ouviram-se os passos da princesa e de Natacha, que entravam. Natacha estava serena e retomara o seu ar severo, em que se não traía o mínimo sorriso. A princesa Maria, Natacha e Pedro sentiam todos esse mal-estar que se segue habitualmente a um desabafo íntimo e sério: não é possível retomar a conversa, porque receamos dizer futilidades; ficar calados embaraça-nos, pois desejaríamos falar, e o mutismo em que se cai parece forçado. Sentaram-se à mesa em silêncio. Os criados afastaram as cadeiras e depois aproximaram-nas da mesa. Pedro desdobrou o guardanapo, decidido a romper o silêncio, e olhou para as duas senhoras. Também elas não desejavam outra coisa: nos seus olhos brilhava a alegria de viver e pareciam confessar que na vida, além da dor, há outras coisas.

— Quer vodka, conde? — disse a princesa Maria, e estas simples palavras bastaram para dissipar as sombras do passado. — Fale-nos de si — acrescentou ela. — O que se diz de si é extraordinário.

— É verdade — replicou Pedro, com esse sorriso de doce ironia, habitual agora no seu rosto. — A mim próprio me contaram coisas tão extraordinárias que nem em sonhos podem acontecer. Maria Abramovna, aquando de uma das minhas visitas, contou-me tudo que me aconteceu ou tudo que me deve ter acontecido. Stepan Stepanitch, esse ensinou-me o que eu devia dizer. Estou quase convencido de que é coisa cómoda ser-se um homem interessante. Sou convidado para toda a parte e ninguém se cansa de me contar histórias a meu próprio respeito.

Natacha, sorridente, abriu a boca para falar.

— Contaram-nos — acudiu a princesa, interrompendo-a. — que o incêndio de Moscovo lhe custou dois milhões. É verdade?

— A verdade é que sou hoje três vezes mais rico do que era replicou ele.

Embora a liquidação das dívidas da mulher e o restauro das suas casas muito reduzissem a sua fortuna, continuava a dizer estar três vezes mais rico.

— Seja como for, o que eu certamente ganhei com tudo isto foi a liberdade... — principiou ele, num tom sério, mas não quis continuar, compreendendo que o assunto era demasiado pessoal.

— E conta reconstruir as suas casas?

— Conto, o Savelitch assim o quer.

— Diga-me, ainda estava em Moscovo quando soube da morte da condessa? — perguntou a princesa Maria, que logo corou, pois dera-se conta de que esta pergunta, depois de ele aludir à sua liberdade, podia levá-lo a atribuir a estas

palavras uma intenção que elas não tinham.

— Não — respondeu Pedro, sem ver nada de embaraçoso na interpretação que a princesa parecia dar à sua referência à liberdade. — Soube-o em Orel e não pode calcular quanto essa notícia me emocionou. Nada tínhamos de um casal exemplar — prosseguiu ele com vivacidade, ao notar que Natacha parecia curiosa de saber como ele se referiria à mulher. — Mas a sua morte causou-me uma tremenda impressão. Quando duas pessoas discutem uma com a outra, acabam ambas por andar mal. E o remorso de uma, se a outra desaparece, torna-se repentinamente horrível. E depois uma morte daquelas... sem amigos, sem consolações. Tenho muita, muita pena dela. — E ao concluir estas palavras pôde verificar com satisfação que Natacha as aprovava.

— E eis como o senhor está de novo celibatário e candidato ao casamento — observou a princesa Maria.

De repente Pedro corou muito e procurou não erguer os olhos para Natacha. Quando, por fim, voltou a olhar para ela, Natacha tinha um ar frio, severo, até mesmo um pouco desdenhoso — pelo menos assim lhe pareceu.

— É verdade que viu Napoleão e que falou com ele, como nos disseram? — perguntou a princesa Maria.

Pedro pôs-se a rir.

— Não, de maneira nenhuma, As pessoas julgam que ter estado prisioneiro é como ter sido hóspede de Napoleão. Não só nunca o vi, como nem sequer ouvi mesmo falar dele. A gente com quem eu estava era de muito mais baixa condição.

A ceia chegava ao fim, e Pedro, que de princípio se recusara a falar do seu cativeiro, pouco a pouco foi mudando de intenção.

— E também não é verdade ter ficado em Moscovo para matar Napoleão? — perguntou-lhe Natacha, com um imperceptível sorriso. — Foi o que eu pensei quando se encontrou com certas senhoras ao pé da Torre Sukariev. Lembra-se?

Pedro confessou que ela adivinhara, e daí a pouco, para responder às perguntas de Maria, e principalmente às de Natacha, estava a fazer um relato pormenorizado das suas aventuras.

De princípio exprimiu-se com essa indulgente ironia que punha agora nos seus juízos sobre os outros e sobre ele próprio, mas depois, quando chegou à altura de falar dos horrores e dos sofrimentos a que assistira, entusiasmou-se, sem dar por isso, e falou com a emoção contida de um homem que recorda momentos

pungentes da sua existência.

A princesa Maria olhava ora Pedro ora Natacha com um meigo sorriso. Em tudo quanto ele contava só via Pedro e a sua grande bondade. Natacha, com os cotovelos em cima da mesa, seguia a narrativa, mudando de expressão à medida que Pedro falava, e parecendo viver com ele todos os pormenores. O seu olhar, as suas exclamações, as suas breves perguntas, mostravam que ela apreendia justamente o sentido das coisas. Via-se que não compreendia apenas a trama da história, mas o seu significado íntimo, significado que as próprias palavras não podiam exprimir. O episódio da mulher e da criança a quem ele procurou socorrer, causa do seu cativeiro, contou-o ele da seguinte maneira: «O espectáculo era horrível, havia crianças abandonadas, outras que morriam no meio das labaredas... Vi arrancar uma às chamas mesmo diante de mim... A algumas mulheres tiravam-lhes, à força, o que traziam em cima de si, até lhes arrancavam os brincos das orelhas...» Nesta altura Pedro corou, balbuciando: — Então apareceu uma patrulha, que levou todos os homens, todos os homens que não andavam a saquear. E eu lá fui, levado com eles.

Parece-me que não está a dizer tudo. Naturalmente fez alguma coisa — disse Natacha, que acrescentou: -... alguma coisa bonita.

Pedro prosseguiu na sua narrativa. Quando chegou à altura do episódio da execução dos incendiários, quis evitar referir-se aos pormenores demasiadamente impressionantes, mas Natacha exigiu que ele não omitisse fosse o que fosse.

Pedro, que se levantara da mesa e andava de um lado para o outro, seguido pelo olhar atento de Natacha, ia nesse momento principiar a falar de Karataiev, mas calou-se.

— Não, não poderão compreender tudo o que me ensinou esse analfabeto, esse inocente.

— Podemos, sim, podemos, fale! — interveio Natacha. — Que lhe aconteceu?

— Mataram-no quase à minha vista.

E Pedro contou o que se passara quando arrastado na retirada do exército francês, e numa voz trémula de emoção referiu a doença e a morte de Karataiev.

As suas aventuras nunca lhe tinham avultado diante dos olhos como agora, que a elas se referia. Tudo por que passara tomava a seus olhos como que um sentido novo. Enquanto contava a Natacha o que lhe acontecera, sentia esse prazer raro do homem a quem as mulheres escutam, não essas mulheres

espirituosas, que apenas se preocupam em fixar algumas frases do que ouvem para com elas guarnecer o seu repertório e na primeira altura ornamentarem com elas as sentenças que lhes saem do acanhado cérebro, mas esse prazer que dá o ser-se ouvido por uma dessas autênticas mulheres capazes de saber discernir e chamar a si o que há de melhor no que se lhes comunica. Natacha, sem dar por isso, toda ela era ouvidos: não perdia uma entoação, um olhar, um estremecimento do rosto ou um gesto de Pedro. Apanhava no ar, mal lhe saía da boca, cada uma das suas palavras e guardava-as no fundo do coração, entreaberto para recebê-las. Adivinhava o misterioso trabalho que se estava a realizar na alma daquele que falava.

A princesa Maria ouvia, interessada, a narrativa, mas outra coisa nesse momento lhe absorvia a atenção: dava-se conta de que era possível que Natacha e Pedro se amassem e pudessem vir a ser felizes. E esta ideia, que pela primeira vez lhe ocorria, inundava-a de júbilo.

Eram três horas da manhã. Criados de rosto triste e severo vieram substituir as velas sem que ninguém desse por isso. Pedro concluía a sua narrativa. Natacha continuava a fitar nele, obstinadamente, o seu olhar brilhante e cheio de animação, como se quisesse adivinhar qualquer coisa que ele não dissera. Pedro, perturbado e feliz, olhava-a de soslaio e ia pensando no que poderia dizer agora para mudar o curso da conversa. A princesa Maria continuava calada. Nenhum deles se lembrava de que eram três horas da madrugada e boas horas para se irem deitar.

— Queixamo-nos das desgraças e dos sofrimentos — disse Pedro —, mas se neste mesmo instante me viessem dizer: «Queres voltar ao que eras antes do cativeiro ou preferes tornar a viver o que passaste?», eu responderia: «Por Deus! Antes uma vez mais o cativeiro e a carne de cavalo!» Julgamos nós que ao sermos atirados para fora do caminho trilhado tudo está perdido, quando, pelo contrário, é então que começa uma nova vida, a verdadeira vida. Enquanto há vida há felicidade. Há muita, muitíssima esperança no futuro. E é pensando em si, Natacha, que eu principalmente o digo.

— Tem razão, tem razão — exclamou Natacha, seguindo os seus próprios pensamentos. — Eu própria não desejava outra coisa senão tornar a viver o que vivi.

Pedro olhou-a atentamente.

— Sim, não queria mais nada! — afirmou ela.

— É falso, é falso — gritou Pedro. — Tenho culpa porventura de estar vivo e de querer continuar a viver? E esse é o seu caso.

De súbito, Natacha apertou a cabeça nas mãos e principiou soluçar.

— Que tens tu, Natacha? — inquiriu Maria.

— Nada, não tenho nada. — E sorriu para Pedro no meio das suas lágrimas. — Adeus, são horas de dormir.

Pedro levantou-se e pediu licença para se retirar.

Como de costume, a princesa Maria e Natacha reuniram-se no quarto de dormir e trocaram impressões sobre o que Pedro dissera. Maria, porém, não emitiu qualquer juízo acerca do comportamento de Pedro; e Natacha tão-pouco.

— Bom, adeus. Maria! — disse Natacha. — Queres saber? AS vezes tenho medo de acabarmos por esquecê-lo, caso continuemos a não querer falar dele.

Referia-se ao príncipe André. Maria suspirou fundo e com esse suspiro queria dizer que pensava da mesma maneira. Mas não ousou traduzi-lo em palavras.

— Será possível esquecer? — disse ela.

— Não calculas o bem que me fez ter contado hoje o que se passou — voltou Natacha. — Foi penoso, doloroso, mas fez-me bem, muito bem. Estou convencida de que foi realmente amigo dele. E por isso lhe contei tudo... Achas que fiz mal? — perguntou, de súbito, corando.

— Ao Pedro? Ah! Não! Ele é tão bom, tão bom! — disse Maria.

— Notaste, Maria? — prosseguiu ela, com um ligeiro sorriso travesso, que a princesa há muito lhe não via. — Agora está muito limpo, muito asseado, muito fresco, parece que acabou de sair do banho, de um banho moral, entenda-se. Não achas?

— Acho — assentiu a princesa Maria. — Mudou muito, e para melhor.

— E traz um redingote de bom talhe e já não usa os cabelos compridos. Não há dúvida, parece que acaba de sair do banho... Como o pai, antigamente...

— Agora compreendo porque ele não gostava de mais ninguém como gostava dele — replicou Maria, pensando no irmão.

— É verdade. E no entanto nada se parecem. Há quem diga que as amizades entre homens se fundam sempre nos contrastes. Acho que deve ser verdade. Crês, realmente, que ele se não parece com ele em coisa alguma?

— Seja como for, é uma óptima pessoa.

— Bem, adeus — rematou Natacha.

E o sorriso trocista continuou por muito tempo a errar-lhe no rosto.

[XIX]

Levou tempo primeiro que Pedro se decidisse a deitar-se naquela noite. Andava de um lado para o outro no seu quarto, era franzindo o sobrolho, como se lhe atravessassem o cérebro penosos pensamentos, ora encolhendo os ombros, com um súbito estremecimento, ora com um sorriso feliz nos lábios.

Pensava no príncipe André, em Natacha, no amor. Tinha ciúmes do passado, censurava-se a si próprio por esses mesmos sentimentos, desculpava-se. Eram seis horas da manhã e ainda ele continuava a passear de um lado para o outro.

«Mas que há-de uma pessoa fazer se as coisas são assim? Que há-de fazer? Era preciso que tudo se tivesse passado assim», dizia de si para consigo. E, despindo-se rapidamente, deitou-se, feliz e comovido, mas liberto de toda a incerteza. «Por mais extraordinário e por impossível que pareça esta felicidade, é preciso fazer tudo para casarmos um com o outro», pensava ele.

Alguns dias antes deste encontro fixara para a sexta-feira seguinte o dia da sua partida para Petersburgo. Quando acordou no dia imediato, quinta-feira, Savelitch veio pedir instruções para preparar as malas.

«Que vou fazer a Petersburgo? Que tenho lá que fazer? Quem preciso de visitar ali?», perguntava-se a si mesmo, muito surpreendido. «Ah! Sim, resolvera ir a Petersburgo há muito já, antes de isto ter acontecido. Mas para fazer o quê? No entanto sempre irei, provavelmente. Que bom e atencioso ele é! Pensa em tudo!», cismava, olhando para a boa e velha pessoa do Savelitch. «E que sorriso agradável ele tem!»

— Decididamente, estás resolvido a continuar servo, Savelitch? — perguntou-lhe ele.

— Que hei-de fazer da liberdade, Excelência? Estava aqui bem no tempo do falecido senhor conde, que Deus tenha em descanso! E com V. Ex.a é o mesmo, a gente não tem razão de queixa. E os teus filhos?

Os meus filhos continuarão como nós, Excelência. Quando os amos são como V. Ex.a, a vida não é difícil.

— Sim, mas os meus herdeiros? — disse Pedro — Posso vir a casar-me... É coisa que muito bem pode acontecer — acrescentou, com um ligeiro sorriso.

— E permita que lhe diga, Excelência, era muito acertado que o fizesse.

«Julga ele que é coisa simples», disse Pedro com os seus botões. «Não sabe quanto é grave, quanto é medonho! Ou é muito cedo ou tarde de mais... é medonho!»

— Que manda V, Exa? Sempre parte amanhã? — inquiriu Savelitch.

— Não, ainda não. Eu prevenir-te-ei. Desculpa as maçadas que te dou — observou ele, e, olhando para o criado, sorrindo, disse de si para consigo: «É extraordinário que ele não perceba que já se não trata de Petersburgo e que antes de mais nada é preciso resolver este caso. De resto, estou certo de que ele sabe, mas finge ignorá-lo. Devo falar-lhe nisso? Que pensará ele? Não, para outra vez.»

Ao almoço. Pedro contou à prima a visita que fizera na véspera à princesa Maria e como encontrara em casa dela, com grande surpresa sua, Natacha Rostov.

Ela fingiu nada ver nisso de extraordinário: era como se ele lhe dissesse que vira uma Ana Semionovna qualquer.

— Conhece-a? — perguntou Pedro.

— Conheço a princesa — replicou ela. — Ouvi dizer que a casam com o jovem Rostov. Era para eles um bom casamento. Parece que estão completamente arruinados.

— Não me refiro à princesa Maria, mas a Natacha. Conhece-a?

— Ah!, sim, ouvi falar nessa história. É muito triste!

«Não me entende ou finge que não entende», disse Pedro para si mesmo. «É melhor nada lhe dizer.»

A prima preparara-lhe as coisas para a viagem.

«Ah! São muito bons para mim!», pensou Pedro. «Porque trazem eles tudo isto? Não é possível que seja por interesse. Que estranho! »

Nesse dia o chefe da polícia veio avisá-lo de que convinha mandar um homem de confiança ao Palácio das Facetas tomar parte na distribuição dos objectos que estavam a repartir entre os proprietários.

«E também este», pensou Pedro, olhando com curiosidade para o polícia, «que

desempenado oficial, que belo homem e que boa pessoa! Hoje, ocupar-se com futilidades destas! E, no entanto, dizem que não é sério e que obtém lucros ilícitos. Que estupidez! E de resto porque não há-de ele obter lucros ilícitos? Foi educado assim! Fazem todos o mesmo, Mas que bela cabeça! Que ar amável! E que sorriso agradável quando olha para nós!»

Pedro foi jantar a casa da princesa Maria.

Ao atravessar as ruas, pelo meio das casas incendiadas, sentiu-se impressionado com a beleza das ruínas. Aquelas chaminés, aquelas paredes derruídas, lembravam-lhe o Reno e o Coliseu, em longas filas nos bairros devastados pelo fogo. Os cocheiros, os carroceiros que ele encontrava, os carpinteiros que serravam vigas, os comerciantes e os lojistas, todos acolhiam Pedro com caras radiosas e pareciam dizer-lhe: «Ah! Cá está ele! Vamos lá a ver o que vai passar-se!»

Ao entrar na casa da princesa Maria pareceu-lhe ter-se enganado: que não estivera ali na véspera, que não se encontrara com Natacha nem lhe falara. «Não teria eu inventado tudo isto? Naturalmente vou entrar e ninguém vejo!» Mas, assim que entrou em casa, por todo o ser, graças a uma espécie de imediata privação do livre arbítrio, sentiu a presença dela. Vestia o mesmo vestido preto de harmoniosas pregas e estava penteada como na véspera, e no entanto muito diferente. Se ela estivesse na noite anterior como naquele momento, tê-la-ia reconhecido assim que chegara.

Estava tal qual como ele a conhecera ainda quase criança e depois quando noiva do príncipe André. Uma centelha de ingénua alegria lhe inundava a face; um ar gracioso e estranhamente travesso lhe amenizava a expressão.

Pedro jantou e teria ficado até tarde, mas a princesa Maria tinha de assistir aos ofícios da noite, e ele acompanhou-as. No dia seguinte chegou muito cedo, comeu lá em casa e demorou-se tanto que, não obstante a satisfação que lhes dava a presença do hóspede, e apesar do prazer que Pedro tinha em estar naquela casa, a conversa esmoreceu daí a pouco, arrastando-se sobre assuntos insignificantes e por vezes com as suas pausas. De vez em quando Maria e Natacha entreolhavam-se como a perguntar uma à outra quando se retiraria ele. Pedro percebeu, e apesar disso não foi capaz de se resolver a partir. Sentia-se embaraçado, pouco à vontade, mas ia ficando sempre; não podia levantar-se e despedir-se.

A princesa Maria, que não via solução para o caso, tratou de se levantar e despedir-se, pretextando uma enxaqueca.

— Com que então, parte amanhã para Petersburgo? — disse-lhe ela.

— Não, não parto — replicou Pedro vivamente, num tom surpreendido e quase zangado. — Ou talvez sim, Veremos amanhã. Em todo o caso, faço tenção de lhes apresentar as minhas despedidas. Virei receber as suas ordens. — Enquanto falava, estava de pé, corando diante da princesa, sem se decidir a partir.

Natacha estendeu-lhe a mão e desapareceu. A princesa Maria, em lugar de a imitar, deixou-se cair numa poltrona e pôs-se a fixar Pedro, severa e atentamente, com o seu olhar luminoso e profundo. A lassidão que ela sentira até aí desaparecera agora por completo. Soltou um prolongado suspiro e pareceu disposta a ter com ele uma longa conversa.

Toda a perturbação e todo o embaraço de Pedro desapareceram mal Natacha saíra da sala, dando lugar a uma viva animação. Aproximou a poltrona da da interlocutora.

— Eu queria dizer-lhe... — principiou ele, respondendo ao olhar da princesa, como se de facto ela lhe tivesse falado. — Princesa, socorra-me. Que hei-de eu fazer? Acha que posso esperar? Princesa, minha querida amiga, ouça-me. Eu sei, eu bem sei que a não mereço. Sei que não é altura de lhe falar. Mas eu queria ser para ela como um irmão. Ou antes, não, não quero isso; nem quero nem penso...

Calou-se, e passou a mão pelos olhos.

— Ah! — prosseguiu, fazendo um grande esforço para falar coerentemente. — Não sei desde quando a amo. Mas a ela, só a ela amei na minha vida, e amo-a tanto que não posso conceber a vida sem ela. Não é fácil resolver-me a pedir-lhe neste momento que case comigo, mas cada vez que me lembro de que ela poderá vir a ser minha mulher e posso deixar passar a oportunidade... sim, a oportunidade... é terrível. Diga-me, acha que posso ter esperança? Minha querida princesa! — Calou-se alguns instantes e, vendo que ela não lhe respondia, pegou-lhe na mão.

— Estou a pensar no que me disse — respondeu ela por fim. — E aqui tem a minha opinião a esse respeito. Tem razão em pensar que falar-lhe neste momento em amor...

Não prosseguiu. Queria dizer que falar-lhe agora de amor não era possível; mas calou-se, porque na antevéspera, verificara, ao reparar na alteração súbita

da, fisionomia de Natacha, que esta, em vez de se ofender, no caso de Pedro lhe declarar os seus sentimentos, dir-se-ia, no fundo do seu coração, não desejar outra coisa

-... falar-lhe agora... é impossível — concluiu, no entanto, a princesa.

— Então, que hei-de fazer?

— Confie em mim — volveu ela. Eu sei...

Pedro fitou-a nos olhos.

— O quê, o quê?... — implorou ele.

— Eu sei que ela gosta de si... ou, antes, que virá a gostar de si — rectificou.

Ainda não acabara de pronunciar estas palavras já Pedro lhe agarrava nas mãos desvairadamente.

— Porque diz isso? Acha que posso esperar? Acha?...

— Acho — afirmou a princesa, sorrindo. — Escreva aos pais e deixe-me preparar as coisas. Falar-lhe-ei quando o momento se oferecer. É esse o meu desejo e o coração diz-me que tudo se arranjará.

— Ah! Será possível? Que feliz eu sou! Será possível? Será possível?... Tão grande felicidade? — balbuciou ele, beijando-lhe is mãos.

— Vá para Petersburgo: parece-me ser o melhor. Eu lhe escreverei... — disse ela.

— Ir-me embora? Para Petersburgo? Sim, está bem. Mas amanhã, ainda posso vir amanhã?

Pedro veio no dia seguinte apresentar as suas despedidas. Natacha estava menos animada que nos dias anteriores: mas, pousando nela os olhos. Pedro sentia nada mais existir no mundo, nem ele, nem ela, além da sua própria felicidade. «Será possível? Não, não pode ser», repetia a cada olhar, a cada gesto e a cada palavra dela, sentindo a alma a transbordar de júbilo.

Quando, na altura das despedidas, lhe pegou na mão fina e pálida, reteve-a por instantes entre as suas.

«Será possível que esta mão, este rosto, este tesouro de seduções que eu desconheço, será possível que tudo isto venha a pertencer-me para sempre, a serem-me coisas familiares? Ah!, não é possível!...»

— Adeus, conde — disse-lhe ela a meia voz. — Esperá-lo-ei com impaciência — acrescentou muito baixinho.

Estas palavras tão simples, o olhar e a expressão que as acompanharam,

constituíram para ele, durante os dois meses de ausência, a constante saudade e os felizes sonhos. «Esperá-lo-ei com impaciência...» «Sim, sim, pois não foi isso que ela me disse? Que me esperaria com impaciência? Ah!, que feliz eu sou! como se pode ser tão feliz?», repetia ele a cada passo de si para consigo.

[XX]

Pedro nada sentia agora que se pudesse parecer com o que experimentara em circunstância semelhante, aquando do seu noivado com Helena.

Não repetia agora, como então, com uma secreta vergonha, as palavras que lhe dizia. Não dizia, como nessa altura, para consigo mesmo: «Ah!, porque lhe não disse eu isto, porquê? Porque lhe disse 'Amo-vos!'?» Agora, pelo contrário, tanto as suas palavras como as dela, repetia-as para si mesmo, com todos os jogos da fisionomia e os sorrisos que acompanhavam as palavras, sem querer alterar nada, nem acrescentar fosse o que fosse. Nem estava sempre a perguntar-se a si mesmo se fazer isto ou aquilo seria bem ou mal. Uma única apreensão acompanhava os seus devaneios: «Não será tudo isto um sonho? Não se teria enganado a princesa Maria? Não estarei a ser demasiado presunçoso e confiante? Tenho confiança, mas de repente pode muito bem acontecer que a princesa Maria lhe fale de mim e ela lhe responda, sorrindo: É curioso! Com certeza está enganado. Pois será possível que ele não veja que é um homem, um homem simples, enquanto que eu .. Sou tão diferente, sou-lhe tão superior!'.»

Eram frequentes nele estas angústias. E não fazia qualquer projecto. A sua felicidade afigurava-se-lhe tão inverosímil que, se, viesse a realizar-se, nada mais poderia existir para ele. Acabar-se-ia todo.

Uma espécie de loucura da felicidade, de que não se julgaria capaz, se apoderara dele de repente. A existência, não só para ela mas para o universo inteiro, parecia resumir-se exclusivamente no seu amor e na esperança de vir a ser amado, Outras vezes toda a gente lhe parecia preocupada com uma única coisa: a sua, felicidade futura. Afigurava-se-lhe que todos os que o rodeavam estavam alegres como ele, procurando apenas dissimular a sua alegria, fingindo-se ocupados com isto e aquilo. «A mais pequena palavra, o mais pequeno gesto»,

pensava. «eram uma alusão a sua felicidade.» As pessoas que o encontravam surpreendiam-se, frequentem ente, com o seu piscar de olhos e os seus sorrisos, que pareciam atribuir-lhes uma conivência secreta. Quando dava porque podiam desconhecer-lhe a felicidade, punha-se a lamentar de todo o coração essa pessoa e sentia-se na obrigação de explicar que tudo quanto podia preocupá-la não passava de futilidades, coisas indignas de reter a atenção de quem quer que fosse.

Quando lhe propunham que aceitasse determinadas funções ou emitiam qualquer opinião diante dele sobre a política ou a guerra, sugerindo que este ou aquele resultado podiam determinar o bem-estar geral, ele ouvia com o seu sorriso doce e compassivo e causava o espanto dos interlocutores graças às insólitas observações que fazia. Mas, em compensação, tanto os que lhe pareciam compreender verdadeiramente a vida, isto é, os seus próprios sentimentos, como os infelizes, que o não compreendiam, todos se lhe apresentavam naquela altura sob a luz resplandecente dos seus próprios sentimentos. Sem o mais pequeno esforço, via em todos o que cada um tinha de bom e de digno de ser amado.

Depois de examinar os assuntos e a papelada da mulher, apenas sentiu por ela um profundo sentimento de piedade, pois que Helena não conhecera a felicidade que era a sua então. O príncipe Vassili, muito orgulhoso com o seu novo lugar e, a sua nova condecoração, para ele não passava agora de um pobre e digno velho.

Mais tarde Pedro veio a recordar muitas vezes estes dias de louca felicidade. Todos os juízos que então fizera a respeito das pessoas e das circunstâncias ficaram para ele como juízos exactos para sempre. Não só não renegou depois as suas opiniões de antanho sobre os homens e as coisas, mas, pelo contrário, quando tinha dúvidas e incertezas intimas, recorria às opiniões que tivera nessa altura e verificava serem sempre exactas.

«É possível», dizia ele com os seus botões, «que eu fosse então estranho e ridículo, mas não era tão louco como parecia. Pelo contrário, nessa altura sentia-me mais perspicaz e inteligente do que nunca. Compreendia tudo o que valia a pena compreender na vida, porque... era feliz.»

A sua loucura consistia em não espera.—, como anteriormente, para gostar das pessoas, razões pessoais para o fazer, consequência do que ele chamava o mérito de cada um. O amor transbordava-lhe do coração; não tinha necessidade de pretextos para amar ou então encontrava razões às mãos-cheias para justificar o amor que sentia.

[XXI]

Desde a noite em que Natacha, depois da partida de Pedro, dissera à princesa Maria, com um sorriso alegre e irónico, que Pedro parecia ter acabado de sair do banho, na sua alma surgiu um sentimento oculto e desconhecido Para ela, mas invencível.

Subitamente, a sua expressão, o seu andar, o seu olhar, a sua voz, tudo se modificou nela. Uma vida nova, aspirações inesperadas à felicidade, despertaram nela e exigiram satisfação. Desde essa mesma noite pareceu esquecer tudo o que lhe acontecera. Daí para o futuro não voltou a queixar-se uma única vez, não tornou a fazer qualquer alusão ao passado e não mais hesitou em fazer projectos para o futuro. Não falava muito de Pedro, mas quando a princesa Maria se lhe referia, uma chama, de há muito apagada no seu olhar, inflamava-se e os lábios crispavam-se-lhe num estranho sorriso.

A princesa Maria começou por estranhar a mudança que se operara em Natacha, e, quando lhe percebeu a causa, sentiu como que mágoa. «Tinha tão pouco amor a meu irmão que bem depressa o pôde esquecer?», interrogava-se ela a si mesma quando sozinha. Na presença de Natacha, porém, não dava a perceber qualquer azedume e não fazia referência a coisa alguma. A energia vital que se apoderara da sua amiga era tão irresistível e tão inesperada em si mesma que não se sentia no direito de a acusar, sequer na intimidade da sua alma.

Quanto a Natacha, essa, entregava-se tão completamente e com tanta sinceridade aos seus novos sentimentos que nem sequer procurava esconder que a alegria tomara nela o lugar da tristeza.

Depois da explicação que a princesa Maria tivera com Pedro, naquela noite, ao entrar no quarto. Natacha deteve-a no limiar da porta.

— Disse qualquer coisa, não disse? Disse qualquer coisa? — repetiu ela,

E havia nela uma alegria, ao mesmo tempo ligeiramente pesarosa, como se estivesse a pedir desculpa de se sentir tão alegre.

— Tive tentações de escutar à porta, mas tinha a certeza de que me dirias tudo.

Era sincera a maneira como a olhava e comovedora a emoção que a agitava, mas, apesar disso, a princesa Maria não deixou de principiar por se sentir ferida.

A lembrança do irmão e do amor que ele tivera por Natacha de novo lhe veio ao espírito.

«Mas que havemos de fazer? Não pode ser de outra maneira», disse para si mesma.

E, com tristeza e certa severidade, repetiu a Natacha o que Pedro lhe dissera. Grande foi a surpresa de Natacha ao saber que ele ia partir para Petersburgo.

— Quê? Para Petersburgo? — repetia ela, como se não compreendesse-

Ao reparar porém na tristeza que se pintara no rosto da princesa Maria, percebeu porquê, e de súbito rompeu a chorar, — Maria — exclamou ela — indica-me o que devo fazer. Tenho medo de ser má. Tudo que disseres eu o farei orienta-me... Gostas dele?

— Gosto — disse Na tacha, em voz surda.

— Porque choras então? Sinto-me feliz por ti — continuou Maria, que, graças àquelas lágrimas, lhe perdoava inteiramente a alegria.

— Não será tão depressa. Pensa só que grande felicidade para nós quando eu for a mulher dele e tu a mulher de Nicolau.

— Natacha, peço-te, não falemos nisso. Falemos só de ti. Ficaram ambas caladas.

— Mas diz-me uma coisa: porque vai ele para Petersburgo? — voltou Natacha, de súbito. E como que respondendo a, si mesma: — Assim deve ser... Não é, Maria? Assim deve ser...

EPÍLOGO

PRIMEIRA PARTE

[I]

Sete anos tinham passado. O agitado mar que submergira a Europa regressara às suas margens. Parecia ter sossegado, mas as forças que haviam impelido a humanidade, ocultas porque as leis a que obedecem nos não são conhecidas, continuavam a actuar. Embora tudo parecesse tranquilo à superfície das águas, a humanidade continua a estar submetida a um movimento ininterrupto, como o do tempo. Diversos agrupamentos humanos se combinaram, para em seguida se dissolverem, causas novas de formação e deslocação dos estados, de amálgamas de nações se preparam,

As vagas não se encaminham agora, como antes, de uma só vez, de uma margem à outra: a tempestade ruge nas profundezas. As personalidades históricas não são como outrora arrastadas pelas vagas de uma margem para a outra: parecem agora turbilhonar no mesmo sítio. Outrora presidiam, à frente das tropas, aos movimentos das massas, por meio de guerras, de campanhas, de batalhas; agora tomam parte nos surdos movimentos da tempestade por meio de combinações políticas e diplomáticas, de leis, de tratados...

Esta intervenção de certas personagens tem para os historiadores o nome de reacção.

As descrições que eles fazem da acção que, segundo eles, veio a provocar o que chamam a reacção, trasbordam de severas críticas. Toda a gente notável da época, de Alexandre e Napoleão a Madame de Staël, Fotius. Schelling, Fichte, Chateaubriand, etc., passaram diante deste severo tribunal, onde foram absolvidos ou condenados, consoante contribuíram para o progresso ou para a reacção.

Segundo eles, durante este período houve igualmente uma reacção na Rússia, cujo principal obreiro foi Alexandre I, esse mesmo Alexandre que, sempre na sua opinião, consideram o iniciador das medidas liberais do seu reinado e o salvador da Rússia.

Hoje, na Rússia, desde o mais humilde dos estudantes ao mais sábio dos historiadores, não há uma só pessoa que não atire pedras a Alexandre pelos erros por ele praticados nessa altura.

«Devia ter procedido desta e daquela maneira. Em tal circunstância procedeu bem, em tal outra procedeu mal. Comportou-se muitíssimo bem nos primeiros tempos do seu reinado e em 1812; mas procedeu mal concedendo uma constituição à Polónia, organizando a Santa Aliança, dando plenos poderes a Araktcheiev, encorajando Galitsine e o misticismo e depois Chichkov e Fotius. Procedeu mal ocupando-se das questões internas do exército e deslocando o regimento Semionovski.»

Seriam precisas páginas e páginas para enumerar todos os reproches que lhe fazem os historiadores em nome do bem da humanidade, de que dispõem a sua talante.

Que significam estes reproches?

Os actos de Alexandre que eles aprovam, a saber: as tentativas liberais do seu reinado, a luta contra Napoleão, a sua firmeza em .1812, a campanha de 1813, não provém da mesma fonte — tradições de família, razões de educação, experiência constituinte da própria personalidade do imperador — que os que eles censuram, a saber: a Santa Aliança, a restauração da Polónia, a reacção dos anos 20.

Mas em que consistem em essência esses reproches? Consistem em dizer que uma personagem histórica como Alexandre, colocada no ponto mais alto do poder humano, no ponto onde converge, por assim dizer, a luz deslumbrante que vem de toda a parte, exposta, por isso mesmo, à mais poderosa das influências que se conhecem, a intriga, o ludibrio, a lisonja e o orgulho, inseparáveis do Poder; sentindo-se a todo o momento responsável por tudo o que estava a realizar-se na Europa; personagem, aliás, que nada tem de imaginária, mas que é viva, e bem viva, tão viva como qualquer de nós com os seus hábitos, as suas paixões, as suas inclinações para o bem, o belo e o verdadeiro; que uma tal personagem, há uns cinquenta anos atrás, não tenha sido, não dizem um prodígio de virtude, disso não a acusam, mas que não tenha tido sobre o bem da humanidade as mesmas ideias que actualmente qualquer professor dado à ciência desde a juventude, isto é, habituado a tomar notas, a frequentar cursos e a registá-los em seguida por escrito.

Mas se se supõe que Alexandre se enganou, há cinquenta anos, sobre o bem

dos povos, somos levados a presumir que o historiador que hoje em dia emite tais juízos muito bem poderá, dentro de alguns anos, parecer errado igualmente no que hoje se julga ser o mesmo bem. Tal suposição é tanto mais natural e necessária que, se se acompanhar a evolução da história, ver-se-á que com cada novo autor muda o ponto de vista sobre o em que consiste esse bem da humanidade. De tal maneira que o que parecia ser bem passou a ser mal dez anos depois e reciprocamente. E, o que é mais, simultaneamente surgem opiniões contraditórias sobre o mesmo assunto. Há historiadores que consideram mérito de Alexandre a constituição da Polónia e a Santa Aliança, e há os que consideram esses mesmos actos motivos de reproche.

Quer se trate de Alexandre ou de Napoleão, não pode dizer-se que a sua acção foi útil ou nociva, uma vez que se não sabe em que ordem de coisas foi ela útil ou nociva Se os seus actos desagradam a este ou àquele é apenas porque vão de encontro à noção limitada que este ou aquele têm do que é o bem. Se o bem para mim está no facto de a casa de meu pai não ter sido destruída em Moscovo em 1812 ou na glória dos exércitos russos, ou na prosperidade das Universidades de Petersburgo ou outras ou na liberdade da Polónia, no poder da Rússia, no equilíbrio europeu ou ainda numa civilização europeia de um género a que se dá o nome de progresso, devo confessar que, além destes escopos, esta ou aquela personagem histórica tinha outros, mais gerais, que eu não posso compreender.

Admitamos que a pretensa ciência tem o poder de reduzir todas as contradições e que dispõe para as personagens e os acontecimentos históricos de um modo infalível de medir o que é o bem e o que é o mal.

Suponhamos que Alexandre poderia proceder de maneira completamente diferente. Suponhamos que tinha podido, de acordo com as indicações dos que o acusam, dos que pretendem conhecer os objectivos finais da humanidade, que ele tinha podido cumprir o programa de interesse nacional, de liberdade, de igualdade e de progresso que os seus críticos actuais acham que devia ter realizado e, segundo eles. é o único válido.

Suponhamos que um tal programa era possível e prático e que Alexandre o pudera aplicar. Que teria acontecido à acção dos indivíduos que se opuseram às tendências do governo de então, essa acção que, segundo os historiadores, foi boa e útil? Nada do que fizeram teria sido realizado: toda a vida teria sido extinta.

Pretender-se que a vida dos homens seja sempre dirigida pela razão é destruir

toda a possibilidade de vida.

[II]

Se admitirmos, como os historiadores, que os grandes homens conduzem a humanidade para determinados objectivos — a grandeza da Rússia ou da França, o equilíbrio europeu, a expansão das ideias revolucionárias, o progresso geral ou qualquer outra coisa — então é impossível explicar os fenómenos históricos sem recorrer à intervenção do azar e do génio.

Se a finalidade das guerras do princípio do século foi a grandeza da Rússia, esta podia ter sido alcançada sem qualquer das guerras precedentes e sem a invasão, Se essa finalidade era a grandeza da França, tinha sido possível alcançá-la sem a Revolução e sem o Império. Se fosse a propagação de certas ideias, a imprensa tinha-a podido realizar muitíssimo melhor do que os soldados. Se era o progresso da civilização, ternos de concordar que há meios mais eficazes que a destruição das pessoas e das riquezas.

Porque se passaram então as coisas assim, e não de maneira diferente? Muito simplesmente porque foi assim que se passaram, «O azar estabeleceu determinada situação: o gemo tirou dela partido», dizem os historiadores. Mas que vem a ser o azar? Que é o génio?

Como estas palavras nada significam de realmente existente, não se podem definir. Apenas indicam uma certa maneira de compreender os fenómenos. Ignoro a causa de determinado acontecimento; reconheço que a não posso vir a conhecer, e por isso falo no azar. Vejo uma força que produz resultados que ultrapassam a craveira dos acontecimentos ordinários: não compreendo como as coisas se deram, e invoco o génio.

Num rebanho de carneiros, o carneiro que o pastor fecha todas as noites num cercado especial para que seja alimentado à parte e venha a ficar duas vezes mais nutrido do que os outros deve necessariamente parecer um génio. E pelo facto, precisamente, de este carneiro ter sido criado à parte, com uma alimentação especial, o ser vendido para o talho deve considerar-se uma circunstância genial ligada a toda uma série de circunstâncias extraordinárias.

Basta, porém, que os outros carneiros deixem de acreditar que o que acontece é apenas o resultado de se pretender realizar os objectivos próprios dos criadores de gado; basta-lhes admitir que os objectivos em vista podem ser-lhes ininteligíveis, para que eles encarem a engorda de um dos seus pares um acontecimento com a sua unidade e o seu desenvolvimento lógico. Ignorando a razão desse acontecimento, saberão pelo menos que ele se não produziu de improviso e que não terão necessidade de recorrer nem ao azar nem ao génio.

Só quando renunciamos a conhecer a meta próxima e compreensível, e ao admitirmos que a meta final nos é inacessível, podemos ver encadeamento e lógica na vida das personagens históricas; descobriremos a razão da desproporção existente entre os seus tetos e, a capacidade comum a toda a gente e dispensaremos de uma vez para sempre tanto o azar como o génio.

Basta reconhecermos que, a razão das agitações dos povos europeus nos é desconhecida, que apenas conhecemos factos, primeiro as matanças em França, depois na Itália, em África, na Prússia, na Áustria, na Espanha, na Rússia, e que tudo isso não passa de uma deslocação do Ocidente para o Oriente, depois do Oriente para o Ocidente, para que não só renunciemos a admitir qualquer coisa de excepcional e de genial nos caracteres de Napoleão e de Alexandre, mas até para que não seja possível vermos neles homens diferentes dos outros. Não teremos mais necessidade de explicar por um feliz azar as mínimas circunstâncias que fizeram destes homens o que eles foram; tornar-se-nos-á evidente que essas circunstâncias eram necessárias.

Se renunciarmos a conhecer a meta final das coisas, compreenderemos que, da mesma maneira que uma planta não pode ler outra cor nem outras sementes, não podemos imaginar duas pessoas cujos actos correspondam melhor que os dos dois imperadores, numa tal escala e até nos mais pequenos pormenores, à missão que lhes foi atribuída.

[III]

O facto essencial e fundamental dos acontecimentos do princípio do século XIX consiste numa deslocação em massa dos povos da Europa Ocidental para o

Oriente, depois do Oriente para o Ocidente. Para que os povos do Ocidente tenham podido levar a marcha bélica até Moscovo foi necessário: 1º, que formassem um conjunto militar suficientemente poderoso para suportar o choque da massa dos guerreiros do Oriente; 2º, que renunciassem a todas as suas tradições e aos seus hábitos; 3º, que, para levar a bom termo o seu empreendimento, tivessem à sua frente um homem capaz de justificar aos seus próprios olhos e aos olhos deles as fraudes, os saques e as chacinas que o acompanharam.

O primeiro grupo, oriundo da Revolução Francesa, insuficientemente forte, dissolve-se depressa; ao mesmo tempo são destruídos os velhos hábitos e as tradições antigas; depois forma-se, pouco a pouco, um novo grupo e mais considerável, novas tradições se estabelecem e então prepara-se para desempenhar o seu papel o homem que irá colocar-se à frente do futuro movimento e chamar a si toda a responsabilidade dos acontecimentos que devem seguir-se.

Este homem, sem convicções, sem passado, sem tradições, sem nome, que nem sequer é francês, graças a um concurso de circunstâncias, insinua-se entre os partidos que agitam então a França e sem fazer parte de nenhum deles vem a ser guindado a uma alta esfera.

A grosseria dos seus companheiros, a fraqueza e a nulidade dos seus adversários, o cinismo na mentira, a mediocridade brilhante e vaidosa desse homem, levam-no ao comando do exército. O ar espaventoso das tropas de Itália, a nula vontade de se baterem que tinham os seus rivais, a sua audácia e a sua vaidade pueril asseguram-lhe a glória das armas. Uma série de circunstâncias felizes acompanha-o por todos os lados. O afastamento em que os dirigentes o mantêm é-lhe útil. As tentativas que faz para mudar de rota não frutificam: recusam aceitar os seus serviços na Rússia, falha igualmente na Turquia. Durante a guerra de Itália, por várias vezes, vê-se a dois passos da perdição e sempre qualquer circunstância imprevista o livra de apuros. Os exércitos russos, precisamente os que lhe podiam ofuscar a glória, mercê de várias combinações diplomáticas, não põem o pé na Europa enquanto ele ali se mantém.

No seu regresso de Itália encontra o governo de Paris num tal estado de decomposição que aqueles que dele fazem parte têm fatalmente de se apagar e desaparecer. E espontaneamente se lhe apresenta a maneira de sair de uma

situação perigosa: a expedição à África, absurda e sem qualquer razão de ser. E os mesmos felizes acasos o acompanham. Malta, considerada inexpugnável, rende-se sem um tiro. Os actos mais imprudentes são coroados de êxito. A armada inimiga, que pouco depois não deixará passar um único barco, deixa as águas livres a uma esquadra inteira. Em África comete-se toda uma série de abominações sobre uma população quase desarmada. E os homens que cometem esses crimes, e sobretudo o seu chefe, estão persuadidos de que tudo isso é heróico, que estão a cobrir-se de glória e que os seus empreendimentos são dignos de rivalizar com os de César e de Alexandre da Macedónia.

Este ideal de glória e de grandeza que consiste não só em não recuar perante seja que crime for, mas em vangloriar-se disso mesmo, atribuindo aos crimes uma espécie de valor sobrenatural, esse ideal que, de então para o futuro, será o escopo desse homem e dos seus acólitos, elabora-se plenamente em África. Tudo o que faz o faz com êxito. A peste não o contagia. As cruéis chacinas de prisioneiros não lhe são imputadas como crime. A sua partida de África, de uma imprudência infantil, que nada justifica, acto de flagrante ingratidão para com os seus companheiros em desgraça, é considerada um mérito, e pela segunda vez a armada inimiga o deixa fugir. É então que, aturdido pelos crimes praticados e que lhe deram sorte, pronto a desempenhar o seu papel, mas ainda sem objectivo, chega a Paris. A decomposição do governo republicano, que um ano antes o teria podido perder, atingiu o mais alto grau, e a presença desse homem novo, alheio aos partidos, só pode concorrei— para a sua salvação,

Não tem qualquer plano. Tem medo de tudo, mas os partidos agarram-se a ele e pedem-lhe auxílio.

Com o ideal de glória e de grandeza que forjou na Itália e no Egipto, com a louca admiração de si próprio, com a audácia revelada para o crime, com o cinismo que pratica na mentira, só ele é capaz de justificar os acontecimentos que vão seguir-se.

É o homem necessário para o lugar que o espera e é por isso que, independentemente da sua vontade, apesar da sua irresolução, da sua falta de planos, de todos os erros que comete, é arrastado a uma conspiração para tomar conta do Poder e essa conspiração é coroada de êxito.

Introduzem-no à força numa reunião do Directório. Assustado, quer fugir, julgando-se perdido. Finge uma síncope. Diz coisas insensatas, que lhe poderiam

ter sido fatais, Mas os membros do Directório, até então altivos e prudentes, ao perceberem que desempenharam o seu papel, ainda se mostram mais perturbados do que ele próprio, e dizem exactamente o contrário do que deviam para manterem o Poder e aniquilar o adversário.

Um azar, milhões de azares concedem-lhe o Poder e todos os homens parecem combinados para lhe consolidar a autoridade. É, o azar que leva os governantes da França de então a inclinarem-se diante dele é o azar que determina Paulo I a reconhecê-lo; é, o azar que contra ele trama uma conspiração, a qual, em vez de lhe abalar o Poder, o consolida. É o azar que põe a mercê dele o duque de Enghien e o compele, inopinadamente, a mandá-lo assassinar, demonstrando à populaça, desta sorte — meio mais poderoso que nenhum outro —, que o direito lhe pertence, visto que dispõe da força. É o azar que o faz reunir todos os recursos de que dispõe para levar a cabo uma expedição contra a Inglaterra, empreendimento que evidentemente lhe poderia ser fatal, mas a expedição não se realiza, caindo, de súbito, sobre Mack e os Austríacos, que se rendem sem combate. É o azar, secundado pelo génio, que lhe concede a vitória em Austerlitz e é ainda graças ao azar que não só a França, mas todas as nações da Europa, com excepção da Inglaterra, a qual não tomará parte nos acontecimentos subsequentes, que todos os povos, apesar do horror e da aversão que os crimes deste homem lhes inspiram, e conhecem o seu poder, o título que a si próprio se atribuiu e o seu ideal de grandeza e de glória, que todos acham magnífico e sensato.

Como para se exercitarem e prepararem para se porem em movimento, as forças do Ocidente, por várias vezes, em 1805, 1806, 1807, 1809, dirigem-se para o Oriente, cada vez mais poderosas e mais numerosas. Em 1811, o grupo de homens que se formou em França une-se, numa massa considerável, com os povos do Centro da Europa, A medida que esta massa de homens vai crescendo, maiores as razões de se justificar assistem àquele que as comanda. Durante os dez anos de preparação deste grande movimento estabelece entendimentos com todos os monarcas da Europa. Os poderosos deste mundo, despojados de toda a autoridade, para opor a este ideal de glória e de grandeza encarnado num Napoleão, e desprovido de todo o bom senso, não dispõem de qualquer outro ideal razoável. Um por um se dão pressa de mostrar-lhe a sua insigníficâ1cia. O rei da Prússia manda a própria mulher solicitar as boas graças do grande homem: o imperador da Áustria considera alta mercê o facto de ele se dignar receber no seu leito a

filha dos Césares: o Papa, guardião do sagrado tesouro espiritual dos povos, põe a religião ao serviço da glorificação deste homem. Não é Napoleão quem se prepara para desempenhar o seu papel mas são aqueles que o rodeiam quem o compele a aceitar a responsabilidade dos acontecimentos presentes e futuros. Não era acto, crime, desonestidade, cometido por ele que se não transforme imediatamente em grande façanha na boca dos que o rodeiam. Os Alemães, para o lisonjear, nada têm de melhor que celebrarem as vitórias de Iena e de Auerstedt,. Não é só nele que reside a grandeza, mas nos antepassados, nos irmãos, nos sobrinhos, nos cunhados. Tudo para o despojar dos últimos lampejos da razão, preparando-o para o seu terrível papel. E quando chega o momento de estar preparado tudo à sua volta está preparado também.

A invasão avança para o Oriente, atinge o seu objectivo final: Moscovo. A capital é tomada. O exército russo encontra-se num estado de aniquilamento tal como nenhum outro exército o esteve nas precedentes guerras, de Austerlitz a Wagram. E de súbito, em vez destes golpes do génio e do azar que de maneira tão persistente o conduziram, graças a uma cadeia ininterrupta de êxitos, ao objectivo previsto, surge uma série inumerável de azares contrários, desde a constipação de Borodino até ao gelo e à centelha que incendiou Moscovo, e o génio é substituído por rasgos de estupidez e de vilania sem precedentes.

A invasão precipita-se, põe-se em fuga de novo e tudo desde ai passa a ser, constantemente, não a seu favor, mas contra ele. Produz-se um movimento em sentido inverso, do Oriente para o Ocidente, em tudo parecido com o anterior, do Ocidente para o Oriente.

As mesmas tentativas prévias como em 1805, 1807, 1809, antes da marcha geral; a mesma aglutinação dos diversos elementos para se formar a massa colossal: a mesma adesão dos povos do centro da Europa: a mesma hesitação a meio do caminho e a mesma multiplicação da velocidade à medida que se aproxima da meta.

Paris, o objectivo último, é atingida. O governo imperial e o exército são destruídos. Napoleão já não tem razão de ser: todos os seus actos de então para cá são lamentáveis e repugnantes. Mas eis que um acaso inexplicável se produz. Os aliados odeiam esse homem, a quem atribuem todas as suas infelicidades. Despojado da sua força e do seu poderio, convicto de crimes e de perfídias, deveria ter-lhes surgido diante dos olhos como lhes aparecera dez anos antes: um

verdadeiro bandido à margem da lei. Graças, porém, a uma estranha circunstância, ninguém o viu nesse aspecto. Ainda não estava terminado o seu papel. Este homem, este bandido fora da lei, é enviado para uma ilha, apenas a dois dias de jornada da França, cuja jurisdição lhe é entregue, com um corpo de guarda próprio e milhões que lhe pagam não se sabe porquê.

[IV]

O fluxo da maré dos povos principia a recolher-se aos limites das suas margens. As vagas refluem e sobre o apaziguado mar flutuam os diplomatas, convencidos de que esse apaziguamento é obra sua.

Mas, de súbito, o mar agita-se de novo. Os diplomatas persuadem-se de que são eles e que é o desacordo que lavra entre si que constitui a causa deste novo afluxo de violências: aguardam a guerra entre os soberanos; a situação afigura-se-lhes insolúvel. No entanto, a maré, o refluxo que eles esperam, não surge do lado donde supunham que viria, A mesma vaga se levanta do mesmo ponto de partida, de Paris. Produz-se então o último movimento vindo do Ocidente, agitação nova que deve resolver as dificuldades diplomáticas, que parecem insolúveis, e pôr fim aos movimentos bélicos desse período-

O homem que arrasou a França volta só, sem conspiração prévia, sem soldados. Qualquer sentinela o podia, ter prendido, mas, por estranho azar, não só ninguém lhe deita a mão como todos acolhem, entusiasmados, o homem a quem na véspera maldiziam e a quem irão amaldiçoar um mês depois.

Este homem era, necessário ainda para justificar o último acto. O último acto terminou.

Depois de representar o seu papel, o actor recebe ordem para despir as roupas de cena e para se despojar dos adereços: ninguém já precisa dele. Alguns anos decorrem ainda em que ele, na solidão da sua ilha, continua a representar para si próprio uma miserável comédia, intrigando e mentindo, para justificar os seus actos, quando essa justificação é inútil e prova ao mundo inteiro o que em verdade era o que todos supunham ser a força numa época em que uma mão invisível a guiava.

Uma vez terminado o drama e despojado o actor das suas roupas de cena, o encenador apontava para ele:

— Aqui tendes aquele em quem acreditastes! Ei-lo! Vede agora como não era ele, mas eu quem o conduzia.

Cegos pela violência do impulso recebido, os povos levaram tempo a perceber.

Sequência e fatalidade maiores ainda se encontram na vida de Alexandre I, ele que se achou à frente do movimento em sentido inverso, o do Oriente para o Ocidente.

Que era preciso ao homem que, eclipsando todos os demais, se encontrava a dirigir esse movimento?

Sentimento da justiça, visão geral dos interesses europeus não obscurecidos por mesquinhas considerações. Ascendente moral superior sobre os demais soberanos da época. Qualidades pessoais de doçura e sedução. Ter sido pessoalmente ofendido por Bonaparte. E tudo isso se associou em Alexandre I. Tudo isso fora preparado pelos numerosos azares que tinham semeado a sua vida passada: a educação, as tendências liberais, os conselheiros que o rodeavam, Austerlitz, Tilsitt, Erfurth.

Durante a guerra patriótica, a sua personalidade apaga-se, pois não é necessária. Mas, logo que surge a necessidade de uma guerra europeia geral, ei-lo que aparece no seu lugar no momento dado; e, promovendo a união de todos os povos, condu-los ao fim em vista.

O objectivo é finalmente atingido. Depois da última guerra de 1815 encontra-se com poderes como homem algum ainda tivera. Como usou deles?

Alexandre, o pacificador da Europa, esse homem que desde a sua mais tenra juventude só pensou na felicidade dos seus povos, esse homem que foi o primeiro iniciador das reformas liberais na sua pátria, agora que, ao que parecia, dispunha do mais lato poder, e por conseguinte dos meios de realizar a felicidade com que sonhara, ao mesmo tempo que Napoleão, no exílio, se entrega a planos mentirosos e pueris, destinados, segundo ele, a promover a felicidade da humanidade, caso lhe voltassem a conceder os poderes de que desfrutara, Alexandre, que cumprira a sua missão e se sente nas mãos de Deus, reconhece, de súbito, a inanidade de todo esse falso poder, retira-se, confia o Poder a homens a quem despreza e contenta-se em murmurar:

— Não é por nós, não é por nós, mas por Ti, Eterno! Sou um homem como

qualquer outro; deixem-me viver como um simples mortal e pensar na minha alma e em Deus!

Assim como o Sol e cada átomo do éter constituem esferas perfeitas em si, nada mais que átomos do todo imenso, cuja imensidade é inacessível ao homem, cada indivíduo transporta consigo os seus próprios fins ao mesmo tempo que serve fins comuns incompreensíveis à humanidade.

A abelha pousada numa flor picou uma criança. Esta tem medo das abelhas e diz que esses insectos só servem para picar os homens. O poeta, por sua vez, admira a abelha que esvoaça na corola das flores e afirma que o seu papel consiste em extrair o néctar das plantas. O apicultor, notando que as abelhas recolhem o pólen e o transportam para as colmeias, conclui que o papel delas é recolher o mel. E aqueloutro que estudou de perto a vida do enxame mantém que a abelha recolhe o pólen para sustento das abelhas jovens e a criação da rainha e que o seu papel, por conseguinte, é o da conservação da espécie. O botânico observa que a abelha, transportando o pólen da planta dióica para o órgão feminino, o fecunda, e nesta fecundação vê ele o papel do insecto. Outro, ao estudar as variações das plantas, descobre que a abelha contribui para essa variação e julga-se no direito de concluir que foi criada para desempenhar tal papel. Na realidade, nenhuma das observações que o espírito humano está em condições de fazer atende ao objectivo derradeiro da abelha, Quanto mais a inteligência procura erguer-se à compreensão das razões últimas, tanto mais evidente se lhe torna que essas razões lhe são inacessíveis.

O homem apenas pode atingir a correlação existente entre a vida da abelha e os demais fenómenos vitais. E o mesmo acontece com a penetração das razões últimas dos factos históricos relativos aos indivíduos e aos povos.

[V]

O casamento de Natacha e Bezukov, que se realizou em 1813, foi o último acontecimento feliz da velha família Rostov, Nesse mesmo ano morria o conde Ilia Andreitch e, como sempre acontece em tais circunstâncias, o desaparecimento do chefe provocou a dissolução de toda a família.

Os acontecimentos do ano anterior, o incêndio de Moscovo, a fuga da família, o falecimento do príncipe André, o desespero de Natacha, a morte de Pétia, a grande dor da condessa, todas estas coisas, umas atrás das outras, tinham prostrado o velho conde, Parecia não atingir ou não ter forças para compreender a gravidade de todas estas desgraças, e, vergando a cabeça, branca diante da crueldade do destino, dir-se-ia aguardar e desejar mesmo que novas catástrofes pusessem termo aos seus dias, Ora parecia esmagado e abatido ora tomado de uma agitação e de uma actividade sem sentido.

O casamento de Natacha entreteve-o, temporariamente enquanto se ocupava dos seus preparativos solenes. Organizou jantares e ceias e fez tudo para se mostrar alegre, mas a sua alegria não era como a de outrora, comunicativa: naqueles que o conheciam e estimavam causava um efeito penoso.

Depois da partida dos noivos, recaiu na sua modorra e principiou a queixar-se de tédio. Alguns dias mais tarde caiu doente e recolheu à cama, Desde o princípio da doença, e apesar do que diziam os médicos, convenceu-se de que não tornaria— a levantar-se. A condessa passou quinze dias sentada à sua cabeceira, sem se despir. Cada vez que lhe apresentava os remédios, o conde beijava-lhe a mão em silêncio e soluçava. Horas antes da sua morte, pediu perdão à mulher, de lágrimas nos olhos, e mentalmente ao filho por haver dilapidado os seus bens, o maior pecado de que se acusava. Depois de ter comungado e recebido a extrema-unção, morreu tranquilamente. No dia seguinte a residência dos Rostov estava cheia de amigos que vinham prestar as últimas homenagens ao defunto. Muitas vezes tinham jantado e dançado em sua casa, não poucas vezes haviam zombado dele, mas, comovidos e unânimes em reconhecer quão injustos haviam sido, diziam, como para se desculpar: «Sim, apesar de tudo, era boa pessoa. Já não há hoje homens assim... E, depois, fraquezas toda a gente as tem...»

Ocorreu a morte inesperada do conde precisamente na altura em que os seus negócios estavam tão embrulhados que ninguém podia dizer o que teria acontecido se a situação se mantivesse por um ano mais.

Nicolau encontrava-se em Paris com o exército russo quando soube da morte do pai. Pediu imediatamente para passar à reserva, e, sem mesmo aguardar esse facto, solicitou uma licença e partiu para Moscovo. O estado das finanças familiares tornou-se conhecido um mês depois da morte do conde e grande foi a surpresa de toda a gente perante a imensidade do total que atingiram as dívidas

de que ninguém sabia a existência. O passivo elevava-se ao dobro dos bens existentes.

Os parentes e os amigos aconselharam Nicolau a renunciar à herança. Este entendia, porém, que semelhante procedimento, seria como uma censura à sagrada memória do pai, e recusou-se a fazer o que lhe aconselhavam, aceitando a herança com o encargo de pagar as dívidas.

Os credores, que se haviam mantido calados enquanto o (,onde vivera, coibidos pelo sentimento de simpatia que lhes inspirava a sua generosidade, decidiram todos fazer valer os seus direitos. Todos queriam ser os primeiros a receber, como sempre acontece, e os que tinham em seu poder letras de crédito, como Mitenka e outros, foram os mais exigentes. Nicolau não tinha descanso e os que se haviam mostrado condescendentes com o velho conde, responsável pelos seus prejuízos, se porventura prejuízos tinham, não mostravam agora para com o jovem herdeiro a mais ligeira benevolência, embora ele não tivesse culpa do que acontecera e apenas houvesse aceitado espontaneamente o encargo de os indemnizar.

Nenhuma das combinações propostas por Nicolau veio a ser aceite. As propriedades foram vendidas em hasta pública por preço irrisório e ainda ficou por pagar metade das dívidas. Nicolau aceitou os trinta mil rublos que lhe ofereceu o cunhado Bezulcov para satisfazer as dividas de dinheiro. E para pagar as demais e evitar a cadeia com que os credores o ameaçavam arranjou um emprego.

Tornar a vestir a farda, retomando o seu lugar no exército, onde, na primeira vaga, seria nomeado comandante de regimento, era coisa em que não podia pensar, pois agora a mãe agarrava-se a ele como a uma tábua de salvação.

Eis porque, apesar da pouca vontade de permanecer em Moscovo, entre as pessoas que o tinham conhecido nos velhos tempos, aceitou um emprego na administração civil, e, despindo a farda que tanto estimava, instalou-se com a mãe e Sónia num andarzinho de Sivtsev-Vrajek.

Natacha e Pedro viviam então em Petersburgo, sem suspeitarem da situação de Nicolau. Depois do dinheiro que aceitara emprestado do cunhado, fez o possível para lhe ocultar a indigência em que vivia. As suas dificuldades eram tanto maiores quanto era certo que, com os mil e duzentos rublos dos seus honorários, não só tinha de manter Sónia, a mãe e a si próprio, mas guardar uma aparência que não deixasse a condessa suspeitar do estado de pobreza a que tinham chegado. A velha condessa não compreendia a vida sem os hábitos de luxo a que

estava afeita desde a infância, e a cada momento, ignorando o mal que fazia ao filho, estava a reclamar ora a carruagem, que não tinham, para visitar qualquer amiga, ora uma iguaria cara para si, ora vinhos finos para o filho ou dinheiro para uma surpresa a Natacha, a Sónia ou ao próprio Nicolau.

Sónia governava a casa, cuidava da tia, lia-lhe em voz alta, aturava os seus caprichos e a sua secreta inimizade e ajudava Nicolau a esconder da velha senhora a situação em que se encontravam. Nicolau sentia ter contraído uma dívida para com Sónia, que de maneira nenhuma poderia pagar, por tudo que ela fizera pela mãe, e, apesar de deslumbrado com a sua paciência e a sua dedicação, evitava, no entanto, manter com ela qualquer intimidade.

Era como se no seu foro íntimo a censurasse por ser tão perfeita e em tudo irrepreensível. Sónia dispunha de tudo que mais estimado é pelo mundo; mas pouco tinha daquilo que é preciso para uma mulher ser amada. E Nicolau compreendia que quanto mais apreciava a dedicação dela menos seria capaz de a amar. Tomara à letra a carta em que ela lhe restituíra a liberdade e agora a atitude que mantinha para com Sónia era a de quem quer frisar que o que entre eles ocorrera pertencia ao passado e não podia repetir-se.

A situação financeira de Nicolau ia de mal a pior. A ideia que alimentara de poder vir a entesourar algum dinheiro dos seus honorários não passara de sonho. Não só não pôde economizar, mas viu-se obrigado, dentro de pouco, para ocorrer às exigências da mãe, a contrair pequenas dívidas. Não via maneira de evitar aquele beco sem saída. Repugnava-lhe a ideia de desposar uma herdeira rica, como lhe aconselhavam alguns dos seus parentes. A outra solução, a morte da mãe, era coisa em que não queria pensar. Nada desejava, não contava com coisa alguma e no fundo do seu coração sentia uma espécie de sombrio e amargo refrigério na aceitação resignada do seu destino. Procurava evitar os antigos conhecimentos, que lhe prodigalizavam consolações ao mesmo tempo que lhe faziam ofertas humilhantes: fugia de distracções e divertimentos; em casa a sua única ocupação era fazer paciências com a mãe, andar no quarto para trás e para diante sem dizer palavra e fumar cachimbo sobre cachimbo. Dir-se-ia querer preservar ciosamente aquela triste disposição de espírito, a única coisa que o ajudava a suportar a penosa situação em que vivia.

[VI]

No princípio do Inverno, a princesa Maria chegou a Moscovo. A maledicência da cidade logo a pôs ao corrente da triste situação dos Rostov: «O filho estava a sacrificar-se pela mãe», eis o que se dizia.

«Era o que eu esperava», dizia ela de si para consigo, sentindo com alegria que aquilo só podia fortalecer o seu amor por Nicolau. Em virtude das suas relações amistosas e quase familiares com todos os Rostov, tratou de os visitar. No entanto alguma inquietação sentia ao lembrar-se do que se passara em Voroneje entre ela e Nicolau. Fazendo um grande esforço sobre si mesma, decorridas que foram algumas semanas, decidiu, apesar de tudo, levar a cabo essa visita.

Foi Nicolau quem a veio receber em primeiro lugar, pois, para atingir os aposentos da condessa, era preciso atravessar o seu quarto. Ao vê-la, em vez de se mostrar contente, como Maria esperava, assumiu um ar frio, seco e altivo que ela lhe desconhecia. Inquiriu da sua saúde, conduziu-a junto da mãe e desapareceu após alguns minutos de conversa.

Quando Maria saiu dos aposentos da condessa, Nicolau, com ares cerimoniosos e ostensiva reserva, acompanhou-a até ao vestíbulo. Não respondeu palavra às perguntas que ela lhe fez sobre a saúde da condessa. «Isso que lhe importa? Deixe-me em paz», parecia ler-se-lhe nos olhos.

— E que vem ela fazer aqui? De que precisa? Não posso aturar estas damas e as suas amabilidades! — exclamou, em voz alta, sem poder dominar-se, quando a carruagem da princesa se afastou.

— Ah! Parece impossível falares assim, Nicolau — replicou Sónia, dissimulando a custo a alegria que sentia. — É tão boa rapariga e a mãe gosta tanto dela!

Nicolau não respondeu e teria desejado não voltar a falar desta visita. Mas a velha condessa a cada passo lha recordava, Elogiava Maria, teimava com o filho para que lhe fosse pagar a visita, manifestava desejos de a ver mais vezes, e, no entanto, sempre que falava dela, estava mal disposta. E Nicolau procurava calar-se de propósito quando ela abordava o assunto e o silêncio do filho exasperava a mãe.

— É uma rapariga muito digna e encantadora — dizia-lhe a condessa— É preciso que a vás visitar. Será para ti pelo menos uma distracção; muito te deves

aborrecer connosco.

— Não penso nisso, mãe.

— Antigamente procuravas vê-la e agora dizes que não pensas nisso. Realmente não te compreendo, meu filho. Aborreces-te e depois, de repente, preferes não ver ninguém.

— Nunca disse que me aborrecia.

— Quê? Acabas de dizer-me que a não queres ver. Mas ela é uma menina muito digna e que sempre te agradou, e agora dizes o que te vem à cabeça só para a não visitares. Escondem-me seja o que for.

— Nada lhe escondemos, mãe.

— Ainda se eu te estivesse a pedir qualquer coisa desagradável, mas não, apenas te peço que faças uma visita. Parece-me um dever de cortesia... Sim, pedi-te, mas não volto a falar-te nisso, visto que tens segredos para tua mãe.

— Está bem, irei, já que assim, o quer.

— Por mim, tanto se me dá. É por ti que o desejo.

Nicolau suspirou, mordeu o bigode, e principiou uma paciência, procurando distrair a atenção da mãe.

No dia seguinte e nos dias que se lhe seguiram deu-se a mesma cena.

Depois da visita aos Rostov e após o acolhimento frio e inesperado que Nicolau lhe fizera, a princesa Maria teve de reconhecer que lhe não competia tornar a visitá-los.

«Não esperava outra coisa», dizia para si mesma, ferida no seu amor-próprio. «Nada tenho de comum com ele e apenas desejava ver aquela pobre velha que sempre foi boa para mim e a quem muito devo.»

No entanto estas reflexões não bastavam para sossegá-la. Estava arrependidíssima de ter dado aquele passo. Embora tivesse tornado a firme resolução de não mais voltar a pôr os pés naquela casa e de esquecer tudo o que se passara, o certo é que se sentia sempre numa posição falsa. E quando a si própria perguntava o que a atormentava tanto tinha de reconhecer serem as suas relações com Rostov. Sentia perfeitamente que não podiam ser os sentimentos íntimos que ele nutria por ela que lhe haviam ditado ,aquele tom friamente cortês e para si mesma dizia que esse tom escondia fosse o que fosse... Tinha de esclarecer por qualquer preço aquele ponto e compreendia que sem isso lhe não seria possível recuperar a paz de espírito.

Certo dia, em pleno Inverno, encontrava-se ela na sala de estudo do sobrinho, auxiliando-o nos seus deveres, quando lhe vieram anunciar a chegada de Nicolau Rostov. Na firme resolução de não trair o seu segredo e de não deixar transparecer a sua perturbação, mandou chamar Mademoiselle Bourienne para que ela a acompanhasse ao salão. Assim que olhou para Nicolau compreendeu que ele viera apenas pagar uma dívida de cortesia, e a si mesma jurou não abandonar o tom reservado que ele próprio usava para com ela.

Falaram da saúde da condessa, dos seus amigos comuns, das ultimas notícias sobre a guerra e, assim que decorreram os dez minutos impostos pelas conveniências sociais, Nicolau ergueu-se, pedindo licença para se retirar.

Com a ajuda de Mademoiselle Bourienne, a princesa pudera manter muitíssimo bem a conversa travada, mas no ultimo instante, quando Nicolau se levantou, sentiu-se tão cansada de falar de coisas que de maneira nenhuma lhe interessavam, pesou-lhe tanto a ideia de que nunca tivera por assim dizer alegrias na vida, que, abandonando-se aos seus pensamentos, os olhos muito brilhantes fitos diante de si, assim ficou, imóvel, sem reparar mesmo em que ele se erguera para sair.

Nicolau pousou nela o olhar e, para fingir que não dera pela distracção da princesa, dirigiu algumas palavras a Mademoiselle Bourienne, continuando a olhar para Maria. A princesa permanecia imóvel e no seu delicado rosto pintava-se um' profundo sofrimento. Então uma grande piedade se apoderou repentinamente dele e confusamente sentiu ser talvez a causa da dor que se pintava nos seus traços. Desejou ampará-la, dizer fosse o que fosse de amável, mas nada lhe ocorreu.

— Adeus, princesa — articulou.

Como se tivesse despertado, a princesa, muito corada, suspirou.

— Ah, queira perdoar-me! — exclamou ela. — Vai-se já embora, conde? Bem, adeus! E a almofada para a condessa?

— Espere, eu vou buscá-la — acorreu Mademoiselle Bourienne, saindo da sala.

A princesa e Nicolau ficaram diante um do outro, calados, olhando-se de vez em quando.

— É verdade, princesa — disse, por fim. Nicolau, com um sorriso triste. — Parece que foi ontem, mas o tempo que lá vai desde o dia em que nos vimos pela primeira vez em Bogutcharovo! Que infelizes nos sentíamos então e no entanto

que não daria eu para voltar atrás... mas o passado não volta.

A princesa, enquanto ele falava, pousava nele os olhos cintilantes, Parecia querer perscrutar o significado oculto das suas palavras para compreender os sentimentos que ele sentia por ela.

— É verdade, sim — assentiu. — Mas não tem que deplorar o passado, conde. E pelo que sei da sua vida actual, alguma coisa de muito terno ficará para sempre em si, pois a abnegação que tem mostrado...

— Não quero os seus elogios — atalhou ele, interrompendo-a com vivacidade — Muito pelo contrário, passo a vida a acusar-me... Mas não vale a pena falar nisso, é um assunto bastante triste e pouco interessante.

E de novo o seu olhar assumiu a expressão fria e seca que tivera antes. A princesa, porém, vira nele o homem a quem conhecera e amara e era com esse mesmo homem que estava falando.

— Pensei que me permitiria que lhe falasse assim — disse ela. — Havia tanta intimidade... consigo e com a sua família, que julguei não ser indiscreta a simpatia que lhe mostrasse. Mas enganei-me — acrescentou com tremor na voz.— Não sei por— quê — continuou ela, com mais firmeza— antigamente era outro e eu...

— Há muitas razões para isso — replicou ele sublinhando as últimas palavras. — Muito obrigado, princesa. — Às vezes acontecem tantas coisas... — acrescentou em voz baixa.

«É isso então? É isso então!», disse a princesa consigo mesma, ouvindo uma voz secreta que lhe falava. «Ah!, o que eu amava nele não era apenas este olhar alegre, franco e bom, não era só o seu aspecto exterior que me agradava; adivinhava nele uma alma nobre e íntegra, cheia de abnegação. Agora está pobre e eu sou rica... É isso... Sim, se não fosse isso...» E recordando-se da carinhosa simpatia que ele lhe testemunhara outrora, ao ver o seu rosto bom e triste, compreendeu, de súbito, a razão da sua frieza.

— Porquê, conde, porquê? — quase gritou, de repente, aproximando-se dele involuntariamente. — Porquê? Diga-me. Tem de me dizer. — E porque ele se calasse, ela prosseguiu: — Não sei que razões são as suas, conde. Mas sofro... confesso-lhe. Não me retire a sua boa amizade de outrora. Ser-me-ia tão penoso! — E ao dizer isto tinha lágrimas na voz.— Tenho tido tão poucos momentos felizes na vida, que tudo que perco me é penoso... Perdoe-me, adeus! — E, rompendo em soluços, deu alguns passos para a porta.

— Princesa! Por amor de Deus! Um instante! — exclamou ele, tentando retê-la. — Princesa!

A princesa voltou-se. Olharam-se por momentos de olhos nos olhos em silêncio e o passado longínquo e impossível tornou-se, de súbito, qualquer coisa de próximo, de possível e de certo.

[VII]

No Outono de 1813, Nicolau desposou a princesa Maria e veio instalar-se com a mulher, a condessa Rostov e Sónia em Lissia Gori.

Em quatro anos, sem tocar nos bens da mulher, conseguiu pagar o resto das dívidas e reembolsar, mesmo. Pedro, graças à pequena herança que recebera de uma prima.

Três anos mais tarde, em 1820, tão bem gerira as suas terras que pôde comprar uma pequena propriedade nas vizinhanças de Lissia Gori e encetara negociações para recuperar Otradrioie, seu sonho favorito.

Tendo começado por se ocupar das suas coisas apenas por necessidade, de tal modo se apaixonou pela exploração agrícola que dela fez por assim dizer sua única ocupação. Tornou-se proprietário de hábitos muito simples. Não apreciava as inovações, principalmente inglesas, então na moda, troçava dos tratados de agricultura, não gostava dos produtos manufacturados, dos produtos caros, das sementes de trigo seleccionadas e em geral não se dedicava a qualquer cultura especial. Tinha sempre em vista a propriedade inteira, na sua totalidade, e não uma das suas partes. Para ele o que importava não era o azoto e o oxigénio que se encontram no solo e no ar nem a charrua ou o adubo especial, mas sim o instrumento que põe em acção ao mesmo tempo o azoto, o oxigénio, o adubo e a charrua, isto é, o trabalhador, o camponês. Desde que meteu ombros aos trabalhos agrícolas e lhes pode estudar todos os aspectos, o principal objecto das suas preocupações foi o trabalhador. Não era este, para ele, um instrumento, senão um fim em si mesmo e um verdadeiro Juiz. Tratou, em primeiro lugar, de lhe compreender as necessidades, tentando saber o que para ele era bom e o que era mau. Fingindo tomar decisões e dar ordens, aprendia com ele, estudando os seus

métodos, ouvindo o que dizia e o que aconselhava a respeito do que devia ou não fazer-se. E só no dia em que compreendeu os gostos e os desejos dos camponeses, no dia em que aprendeu a falar com eles e atingiu o sentido oculto das suas palavras, no dia em que se sentiu no meio deles como no seio de uma verdadeira família, se votou, ardorosamente, a dirigi-los, isto é, a prestar-lhes os serviços que estava no direito de exigir E o certo e que a administração de Nicolau deu os mais brilhantes resultados.

Assim que chamou a si a administração das terras, nomeou, sem se equivocar, por uma espécie de intuição, para as funções de administrador, de estaroste e de delegado aqueles indivíduos que os próprios mujiques teriam escolhido se a eles competisse esse direito; nunca tinha necessidade de os substituir. Antes de analisar as qualidades químicas do adubo, antes de se entregar cálculos do «deve e haver», como costumava dizer por brincadeira, queria saber o número de cabeças de gado de que dispunham os seus mujiques, fazendo o possível para que eles tivessem mais. Conservava as famílias numerosas, não consentindo que elas se pulverizassem. Perseguia, e, expulsava-os até, em caso de necessidade, os preguiçosos, os depravados e os que torciam o nariz ao trabalho.

Durante as sementeiras, as mondas e as colheitas vigiava com iguais cuidados as suas culturas e as elos seus camponeses. E poucos proprietários tinham as suas terras tão bem tratadas fecundas como as dos seus homens.

Não gostava de tratar com os dvoroviii: chamava-os «parasitas» e, segundo se dizia, dava-lhes demasiada liberdade, estragando-os muitas vezes. Quando se via obrigado a proceder contra qualquer deles, sobretudo quando se tratava de castigar algum, era grande o seu embaraço e pedia conselho a toda a gente em casa, mas não hesitava em oferecer para soldado qualquer dvorovii (servos domésticos. (N. dos T.) em lugar de um mujique. Em relação a estes nunca mostrava hesitação nas medidas a tomar. De antemão sabia que iria ser aprovado por todos, quer se tratasse de um ou mais indivíduos.

Não se permitia sobrecarregar de trabalho ou castigar qualquer camponês a seu bel-prazer, nem tão-pouco recompensá-lo para sua satisfação pessoal. Não lhe seria fácil dizer em que código se baseava para fazer isto ou não fazer aquilo, mas o certo é que tinha a lei gravada no fundo da alma, firme e inalterável.

Por vezes, perante um fracasso ou uma desordem, falava com despeito do «novo povo russo», com quem não queria tratar, e estava persuadido de que

detestava o mujique.

A verdade, porém. é que lhe queria muito, ao «novo povo russo», e à sua maneira de viver, e essa era a razão por que compreendera tão bem e tão bem assimilara o único método que dava bom resultado na exploração das terras.

A condessa Maria tinha ciúmes do amor do marido pelo povo e lamentava não poder compartilhar dele, mas era-lhe impossível compreender as alegrias e as preocupações que Nicolau encontrava junto de um mundo tão afastado e tão diferente do seu. Não podia compreender porque tinha ele modos tão animados e satisfeitos quando, a pé desde alta madrugada, e depois de passar toda a manhã no campo ou na eira, voltava a casa para tomar chá, depois das sementeiras, da monda ou da colheita. Não compreendia donde lhe vinha o entusiasmo ao contar-lhe a ela como o abastado camponês Matvei Ermichíne e sua família passara a noite inteira a recolher as sementes quando os demais ainda não tinham principiado a colheita e ele já levantara medo nas suas terras. Não compreendia a alegria que ele mostrava quando, ao passar pela varanda, sorria piscando-lhe o olho se via cair sobre os ressequidos campos de aveia uma chuvinha tépida ou se, em dias de monda ou de colheita, quando o vento afastava as nuvens tempestuosas, chegava, muito corado, coberto de suor, vindo da eira, com o cabelo a cheirar a artemisa e hortelã-pimenta, e dizia, esfregando as mãos: «Bom, bom, mais um dia e estará concluída a nossa colheita e a dos mujiques.»

A princesa Maria ainda mais surpreendida ficava quando, ao transmitir a Nicolau — tão bom coração e sempre pronto a fazer-lhe todas as vontades— o pedido de algum camponês ou de alguma mulher, que lhe rogavam intercedesse para que os isentassem do trabalho, o via recusar obstinadamente, zangando-se muito e aconselhando-a a que não voltasse a interferir no que não lhe dizia respeito. Compreendia então que ele vivia num mundo à parte, um mundo a que apaixonadamente se votara, e que se regia por leis muito acima do seu entendimento.

Às vezes, quando procurava entendê-lo e lhe falava do mérito que ele tinha ao promover o bem-estar dos seus camponeses, Nicolau, enfadado, repontava. «Não é nada disso. Nunca tal coisa me passou pela cabeça. Nada faço a pensar neles. O bem-estar do próximo não passa de romantismo e sentimentalidade, histórias de mulheres. O que é preciso é que os nossos filhos não venham a cair na miséria. Tenho de consolidar a nossa fortuna enquanto estou vivo, e nada mais. E para isso

convém que as coisas estejam cada uma no seu lugar. Preciso de disciplina... Só isso e nada mais!», acrescentava cerrando os punhos com vigor. «E depois é justo que assim seja, pois se o camponês andar nu, tiver fome e não possuir senão um cavalo, não poderá trabalhar nem para mim nem para ele.»

A verdade é que, naturalmente porque Nicolau não pensava fazer fosse o que fosse pelos outros, levado por qualquer noção de virtude, tudo em que se metia resultava próspero. Os seus bens aumentavam a olhos vistos; os camponeses das vizinhanças acorriam a pedir-lhe que os comprasse, e por muito tempo, depois da sua morte permaneceu entre aqueles povos a memória do seu bom governo: «Era um patrão às direitas... Em primeiro lugar estava o interesse do camponês e depois o dele. É certo que nos não poupava. Mas a verdade é que era um verdadeiro patrão!»

[VIII]

A única coisa que às vezes atormentava Nicolau nas suas relações com os servos era o seu carácter impulsivo, agravado por velhos costumes de hússar que o levava a ter a mão leve. Ao princípio nada via nisso de repreensível, mas, no segundo ano de casado, as suas ideias sobre a matéria sofreram modificação.

Um dia, em pleno Estio, convocara ele o estaroste de Bogutcharovo, o sucessor do falecido Drone. Acusavam-no de vários roubos e negligências. Viera ao encontro do homem até ao alpendre e às primeiras respostas que ele lhe deu no vestíbulo ressoaram gritos e pancadas. Ao regressar a casa para almoçar procurou a condessa, que estava a trabalhar, de cabeça baixa, no bastidor, e contou-lhe, conforme seu hábito, o que fizera nessa manhã e especialmente a história do estaroste. A condessa Maria, ora muito corada ora pálida, escutava-o, imóvel, sem levantar a cabeça, e nada disse em resposta às palavras do marido.

— Canalhas! — exclamava ele, exaltando-se só de pensar na cena que houvera. — Ainda se ele me tem dito que era por estar bêbedo, mas nem isso... Que tens tu, Maria? — perguntou, de súbito.

A mulher ergueu a cabeça, quis dizer fosse o que fosse, mas de novo se inclinou, cerrando os lábios.

— Que tens? Que tens tu, minha querida?

A condessa Maria, que estava longe de ser uma beldade, ficava sempre bonita quando chorava. Nunca a dor física ou o despeito a faziam chorar, mas apenas a mágoa e a piedade. E então os seus olhos luminosos transpareciam de um inexprimível encanto.

Nicolau pegara-lhe na mão, e ela, incapaz de se conter, rompeu a chorar.

— Nicolau, eu vi tudo... Sim, é culpado, mas tu, porque é que tu... Nicolau. — E tapou a cara com as mãos.

Nicolau não disse palavra, corou muito e, afastando-se, pôs-se a andar de um lado para o outro na sala. Compreendera o que provocara as lágrimas da mulher, mas não lhe era possível, assim, de repente, reconhecer que ela tinha razão, que o que ele estava habituado a ver desde criança, o que ele considerava a mais trivial das coisas, podia ser digno de censura. «São esquisitices, delicadezas, coisas de mulheres. E daí quem sabe se ela terá razão?», perguntava-se a si próprio. Sem considerar o caso arrumado, voltou a olhar para aquele rosto em que se misturavam o amor e a mágoa e compreendeu então que ela tinha razão e que ele próprio se sentia culpado aos seus próprios olhos havia muito tempo já.

— Maria — disse-lhe ele, em voz baixa, aproximando-se dela — Isto não voltará a acontecer, dou-te a minha palavra de honra, Nunca mais — repetiu em voz trémula, como uma criança que pede perdão.

As lágrimas da condessa correram mais ainda. Pegou-lhe na mão e beijou-a.

— Nicolau, quando quebraste o teu camafeu? — disse ela, para mudar de conversa, fitando a mão onde ele usava um anel com a cabeça de Laocoonte.

— Foi hoje. Ainda por causa disso. Oh, Maria, não me tornes a falar em tal — exclamou, corando. — Dou-te a minha palavra de honra que isto não tornará a acontecer. E que este anel sirva para eu me lembrar pelo tempo for — acrescentou, mostrando o camafeu partido.

Desde então, sempre que tinha qualquer explicação com os estarostes ou com os feitores e sentia o sangue afluir-lhe à cabeça e crisparem-se-lhe os punhos, fazia girar o anel no dedo e baixava os olhos diante daquele que era causa do seu exaspero. No entanto, por duas vezes no mesmo ano perdeu a cabeça e das duas vezes tratou de se confessar à mulher renovando-lhe a promessa de ser aquela a última vez.

— Maria, deves desprezar-me, com certeza — dizia-lhe ele. — É o que eu

mereço.

— Se sentes que não és capaz de te dominar, afasta-te, afasta-te quanto antes — respondia a condessa, contristada, para o consolar.

Entre os nobres da província, Nicolau gozava de consideração, mas era pouco querido. Os interesses da nobreza não lhe davam cuidado. Por isso uns o consideravam orgulhoso e outros pouco inteligente. Todo o seu tempo, das sementeiras da Primavera até às colheitas, o dedicava aos cuidados das suas terras. No Outono, com o mesmo interesse com que cuidava os campos, ia à caça, demorando-se às vezes a caçar um mês ou dois. No Inverno ia de visita às povoações afastadas ou então entretinha-se a ler. Gostava, sobretudo, de livros de história: e todos os anos destinava determinada verba para esse fim. E assim ia organizando uma biblioteca séria, como costumava dizer, impondo-se a si mesmo a obrigação de ler, de fio a pavio, os livros que comprava. Quando se instalava para ler no seu gabinete assumia uns ares especiais: a ocupação que de princípio a si próprio impusera como uma disciplina tornara-se-lhe depois familiar, proporcionando-lhe uma satisfação de certa espécie, como a que se costuma sentir quando se faz uma tarefa muito séria. Excepto quando tinha de sair por causa da sua vida de lavrador, passava a maior parte do tempo, durante o Inverno, na intimidade dos seus, preocupando-se, nos mínimos pormenores, com a vida dos filhos e da mãe. A sua união com a mulher era cada vez mais completa e de dia para dia descobria nela novos tesouros de bondade.

Sónia vivia com eles desde o casamento de Nicolau. Algum tempo antes da boda, este, censurando a conduta que tivera e louvando a da jovem, contou à futura mulher tudo que entre eles se passara. Pedira-lhe que fosse afectuosa e boa para a prima. Maria deu-se bem conta de quanto o marido era culpado e ela própria se sentira responsável para com Sónia. Concluiu que fora a sua situação financeira que decidira a escolha de Nicolau e que nada tinha que censurar à rapariga, procurando estimá-la quanto pudesse, Mas a verdade é que não só o não conseguia, como dava, frequentemente, porque ele não queria bem, não podendo evitar que assim fosse.

Um dia abriu-se com Natacha, acusando-se de se sentir injusta.

— Sabes? — disse-lhe Natacha. — Lembras-te, com certeza, do Evangelho. Pois há lá um passo que diz respeito exactamente à situação de Sónia.

— Qual? — perguntou Maria, surpreendida.

— «Porque a qualquer que tiver será dado e terá em abundância: mas o que não tiver, até o que tem será tirado.» (S. Mateus, XXV, 29) Lembras-te? É ela quem não possui. Porquê? Não sei. Não creio que haja nela a mais pequena sombra de egoísmo: e no entanto tiram-lhe tudo, tudo lhe tiraram, Por vezes sinto por ela uma piedade imensa. Muito desejei outrora vê-la casada com Nicolau mas tive sempre o pressentimento de que isso nunca aconteceria. Sónia é a «flor estéril». Sabes? Como aquela que cresce junto dos morangueiros. Por vezes tenho pena dela, mas outras chego a pensar que ela não sente estas coisas como nos as sentiríamos.

E apesar de Maria ter explicado a Natacha que as palavras do Evangelho tinham uma significação diferente daquela que ela lhes dava, não podia impedir-se, sempre que via Sónia, de dizer que Natacha tinha razão. Com efeito, dir-se-ia que Sónia não era muito afectada pela situação e que se resignara ao fado de «flor estéril!». Parecia gostar menos das pessoas, individualmente, que da família no seu conjunto. Era como o gato, que se prende mal, à casa que aos habitantes dela. Cuidava da velha condessa, acarinhava e enchia de mimos as crianças, estava sempre pronta a prestar pequenos serviços de que era capaz, e toda a gente aceitava os seus cuidados, a verdade diga-se, com bem fraco reconhecimento por ela...

A quinta de Lissia Gori fora restaurada, mas nunca mais mantida no pé em que estivera no tempo do falecido príncipe.

As construções, levadas a cabo no tempo em que havia dificuldades, eram muito modestas. A grande casa, com os seus antigos alicerces de alvenaria, era de madeira, argamassada apenas no interior. Os grandes quartos, de soalho de madeira, por pintar, tinham divãs muito duros e muito simples, poltronas, mesas e cadeiras de abeto, cortado na própria quinta, e feitas pelos marceneiros servos. A casa era espaçosa, com dependência para a criadagem, e quartos particulares para hóspedes. Os parentes dos Rostov e dos Bolkonski vinham muitas vezes a Lissia Gori com toda a sua família, e ali ficavam meses inteiros, chegando a trazer consigo dezasseis cavalos e dezenas de criados. Além disso, quatro vezes por ano, por altura do aniversário e dos santos dos nomes dos donos da casa, chegavam a apresentar-se ali quase cem convidados de uma só vez, que ficavam um ou dois dias. No resto do tempo a vida dos Rostov decorria regularmente no meio das suas ocupações habituais, os seus chás, os seus jantares, as suas ceias, em geral

preparados com os produtos da quinta.

[IX]

Era o dia 5 de Dezembro de 1820, véspera de S. Nicolau. Nesse ano, Natacha, marido e filhos desde o Outono se encontravam em casa do irmão. Pedro partira para Petersburgo, onde fora por assuntos particulares e, segundo dissera, por umas três semanas. Mas já lá iam mais de seis e ele ainda não voltara. Era esperado de um momento para o outro.

Além dos Bezukov, era hóspede dos Rostov, nesse dia 5 de Dezembro, um velho amigo de Nicolau, o general reformado Vassili Fedorovitch Denissov.

Nicolau sabia que no dia 6, em que se celebrava a sua festa e os hóspedes afluíam, tinha de despir o bechmé (Jaqueta comprida, bordada. (N. dos T.), enfiar o redingote, calçar botas finas e, dirigindo-se à nova igreja que ele próprio mandara construir, receber as felicitações, oferecer refrescos, falar das eleições da nobreza e das colheitas. Julgava-se, porém, no direito de passar a véspera desse dia como habitualmente. Antes de jantar, verificou as contas do bormistra de uma aldeia de Riazan, na propriedade do sobrinho da mulher, escreveu duas ou três cartas de negócios e deu uma volta pela eira, o curral e a cavalariça. Depois de tomar medidas preventivas contra a bebedeira geral prevista para o dia seguinte, dia da festa da paróquia, entrou na sala de jantar e, sem ter tempo sequer de trocar duas palavras a sós com a mulher, foi sentar-se à longa mesa de vinte talheres onde estava toda a gente da casa. Sentados estavam a mãe, a velha Madame Bielova, dama de companhia da condessa, a mulher, os seus três filhos, a preceptora, Sónia, Denissov, Natacha, os três filhos desta, a respectiva preceptora e o velho arquitecto do príncipe Mikail Ivanitch, que vivia os seus últimos dias em Lissia Gori.

A condessa Maria sentava-se na outra cabeceira da mesa. Mal o marido se instalara no seu lugar, logo ela concluiu, pela maneira como desdobrou o guardanapo e afastou, com um gesto brusco, os copos que tinha diante, que ele não estava bem disposto, coisa que, aliás, lhe acontecia algumas vezes, sobretudo antes da sopa e quando sucedia sentar-se à mesa vindo directamente das terras.

Maria conhecia muito bem os seus hábitos e quando ela própria estava de maré aguardava, tranquilamente, que ele ingerisse a sopa para principiar a conversar com ele, obrigando-o a reconhecer não ter razão para estar de mau humor. Mas naquele dia esquecera-se completamente de o observar; entristecia-a o facto de estar zangado com ela sem razão e sentia-se muito infeliz. Perguntou-lhe onde estivera. Nicolau respondeu muito secamente. Inquiriu ainda se as coisas corriam bem na propriedade. O tom um pouco afectado que ela tomara ao fazer-lhe essa pergunta levou-o a franzir o sobrolho. E respondeu com duas palavras.

«Não me enganei», pensou Maria, «mas o que o teria irritado contra mim?» A maneira como ele respondera dava-lhe claramente a entender ser ela a causa da sua má disposição e que era com ela que não queria falar. Embora compreendendo não se lhe dirigir em tom natural, a condessa Maria não pôde impedir-se a si própria de lhe fazer algumas perguntas.

Entretanto a conversa, graças a Denissov, tornou-se mais geral e animada, e a condessa Maria não voltou a dirigir directamente a palavra ao marido. Quando se levantaram da mesa e todos foram cumprimentar a condessa velha, Maria pegou na mão de Nicolau, beijou-a e perguntou porque estava ele zangado.

— Sempre tens cada ideia! Nunca me passou pela cabeça estar zangado — respondeu ele.

Maria, porém, pela maneira como Nicolau acentuou a palavra «sempre», percebeu que ele queria dizer: «Efectivamente estou zangado, mas não direi porquê.»

Entendiam-se tão bem os dois que a própria Sónia e a velha condessa, que, por ciúme, teriam desejado que eles se não entendessem, nada lhes podiam assacar a tal respeito. Mas a verdade é que tinham os seus momentos de mau humor. Por vezes após uma quadra de «bom tempo fixo», sentiam, de súbito, um contra o outro, uma espécie de hostilidade; isso dava-se geralmente durante os períodos de gravidez da condessa: eis o que acontecia naquela altura.

— Senhores e senhoras, tenho a dizer-lhes que estou a pé desde as seis horas da manhã — exclamou Nicolau, em voz alta, num tom brincalhão, que a condessa julgou adrede para a irritar. — Amanhã tenho de continuar. Por isso me vou deitar.

E sem nada mais dizer à condessa Maria retirou-se para o gabinete, onde se estendeu num divã.

«É sempre assim», disse Maria consigo mesma. «Dirige a palavra a toda a gente excepto a mim. Sim, bem vejo que lhe inspiro repugnância. Sobretudo quando estou neste estado.» Relanceou um olhar ao ventre soerguido e no espelho viu o rosto afilado, amarelento e pálido e os seus olhos ainda maiores.

Tudo lhe deixou uma impressão penosa: os gritos e as risadas de Denissov, a conversa de Natacha e sobretudo o olhar que lhe deitou Sónia.

Sónia era para ela motivo de perpétua irritação.

Depois de ter estado algum tempo com os convidados, sem nada compreender, de resto, do que eles diziam, saiu em bicos de pés e dirigiu-se para o quarto das crianças.

Os pequenos, com cadeiras, brincavam às viagens a Moscovo e convidaram a mãe a acompanhá-los. Pôs-se a brincar com eles, mas sempre atormentada com a ideia do marido e do mau humor que ele mostrara. Levantou-se e encaminhou-se, na ponta dos pés, pesadamente, para o gabinete do divã.

«Talvez ele não esteja a dormir: podemos ter uma troca de palavras», dizia ela consigo mesma. Andriucha, o filho mais velho, viera atrás dela, caminhando igualmente nas pontas dos pês. A mãe não dera por ele.

— Querida amiga, parece-me que ele está a dormir; está fatigado — disse Sónia, que estava no salão. — Cuidado, não o acorde o Andriucha.

Maria tinha a impressão de que encontrava Sónia a todo o momento no seu caminho.

Voltando a cabeça, a condessa viu atrás dela o pequeno, c, reconhecendo que Sónia tinha razão, e, precisamente por isso. ,o muito a custo não pronunciou uma palavra dura, Nada disse, e, para fingir que lhe não dava ouvidos, deixou que Andriucha a acompanhasse: depois de levar o dedo ao nariz, a recomendar silêncio, aproximou-se da porta. Sónia saiu por outra. Do quarto em que, Nicolau dormia vinha a sua respiração pausada da qual ela conhecia, os mais ténues matizes. Ouvi-la era quanto bastava para que Maria visionasse a sua bela e grande testa, os seus bigodes, o conjunto desse rosto que, no silêncio da noite, tantas vezes contemplara enquanto ele dormia. Nicolau, de súbito, agitou-se e tossiu. E na mesma altura, atrás da porta. Andriucha pôs-se a gritar: «Pai, olhe a mãezinha.» Maria, empalideceu, fez sinal ao filho para que se calasse. Este não tornou a abrir a boca e houve uns segundos de penoso silêncio. Ela sabia que o marido não gostava que o acordassem. Ouviu-se atrás da porta outro tossicar e a

voz enfadada de Nicolau que dizia:

— Não posso descansar um minuto que seja. Maria, és tu? Para que o trouxeste contigo?

— Foi apenas de passagem. Não sabia... Desculpa...

Nicolau tossicou ainda e depois calou-se. Maria afastou-se levando o pequeno para o quarto das crianças. Cinco minutos depois. Natacha, menina dos seus três anos, de lindos olhos pretos, a preferida do pai, ao saber que este estava a dormir que a mãe se encontrava no salão, correu para junto dele sem mãe dar por isso. Fez ranger a porta, empurrando-a com decisão e, em passinhos apressados, aproximou-se do divã, erguendo-se em bicos de pés para beijar a mão do pai, que estava deitado, de costas para ela, com a cabeça apoiada num dos braços. Nicolau voltou-se: no seu rosto havia um sorriso de enternecimento.

— Natacha! Natacha! — murmurou a condessa Maria, em voz abafada, atrás da porta. — O paizinho quer dormir, Anda!

— Não, mãezinha, ele não quer dormir — replicou Natacha com decisão. — Está a rir-se.

Nicolau pousou os pés no chão, levantou-se e tomou a nos braços.

— Entra. Macha — disse para a mulher. Esta entrou e sentou-se ao pé do marido.

— Não sabia que ele vinha atrás de mim – explicou timidamente. — Vim sem pensar.

Nicolau, com a filha nos braços, ergueu os olhos para ela ao ver o embaraço que se lhe pintava no rosto, enlaçou-a com o outro braço e beijou-lhe os cabelos.

— Dás licença que eu dê, um beijo à mãezinha? — perguntou à pequena.

Esta, risonha e, travessa, apontou-lhe para o sítio onde ele beijara a mãe:

— Outra vez — exclamou.

— Não sei onde foste descobrir que eu estava mal disposto. — disse Nicolau, respondendo deste modo à pergunta que lia nos lábios da mulher.

— Não podes calcular como me sinto infeliz quando está assim.. Penso sempre...

— Maria, então, não digas tolices. Não tens vergonha? — exclamou Nicolau, jovial.

— Julgo sempre que não podes gostar de mim, que sou feia... e sobretudo... agora, neste...

— Oh, que tola me saíste! Não é belo o que é belo, mas sim o que agrada. Só das Malvinas (Romance muito popular na Rússia de que as Malvinas eram as conhecidas protagonistas. (N. dos T.) se gosta por serem belas; mas gosto eu da minha mulher da mesma maneira? Não. Gosto dela de outro modo, como não sei dizer. Quando não estás ao pé de mim ou entre nós se levanta qualquer arrufo. é como se me sentisse perdido: para mais nada sirvo. E que diabo, amo eu os meus dedos? Não. E no entanto que experimentem cortar-me algum.

— Sim, bem sei, compreendo. Então não me queres mal? — Tremendamente! — exclamou ele, sorrindo. Depois levantou-se, e, passando a mão pelos cabelos, principiou a andar no quarto de um lado para o outro.

— Sabes, Maria, de que me lembrei? — principiou, agora que reinava a paz entre os dois e como se pensasse em voz alta. Nem sequer se perguntava a si próprio se ela estaria disposta a ouvi-lo: isso pouco lhe importava. Desde que pensava em qualquer coisa, também ela o devia acompanhar. E falou-lhe no desejo que tinha de persuadir Pedro a ficar com eles até à Primavera.

Maria ouviu-o sem o interrogar proferiu, depois, as suas observações e por sua vez pôs-se a pensar também.

Os seus pensamentos tinham por objecto os filhos.

— Já tem maneiras de mulher — disse em francês, apontando para a pequenita Natacha— Vocês acusam-nos de não termos lógica. Se eu lhe digo: «O pai quer dormir», ela responde-me: «Não, está a rir-se.» E tem razão — acrescentou, sorrindo com um ar feliz.

— É verdade! É verdade!

E Nicolau, tomando-a nos braços vigorosos, ergueu-a ao ar, empoleirou-a nos ombros, segurou-a pelas pernas e pôs-se a andar de um lado para o outro. Pai e filha estavam no céu.

— Fazes mal, não é justo — murmurou Maria, muito baixo, em francês. — Estragá-la.

— Que queres que eu faça?... Procuro não o dar a entender...

Neste momento, no vestíbulo e na antecâmara ouviu-se como que o ruído de um objecto levantado com esforço e passos que pareciam de alguém que entrava.

— Chegou alguém.

— Deve ser o Pedro. Vou ver — disse Maria, saindo,

Durante a ausência da mulher, Nicolau entregou-se a um galope, à volta do

quarto, com a filha às cavaleiras. Quando estava sem fôlego, tirou-a dos ombros e apertou-a contra o peito. Os passos que acabara de dar lembravam-lhe passos de baile e ao contemplar aquele rostozinho redondo e resplandecente de alegria pensou no que ela viria a ser mais tarde, quando ele, já velho, a levasse pela primeira vez ao baile. E isso recordou-lhe o falecido pai a dançar com a filha do Danilo Cooper.

— É ele, é ele. Nicolau — exclamou daí a pouco a condessa Maria, entrando no quarto. — Ah!, agora a nossa Natacha já volta à vida. É ver como ela está animada e como acaba de o receber, por ele vir atrasado. Vamos, depressa, corramos. Deixa-a agora em paz — acrescentou, sorrindo para a pequenita, que se estreitava contra o pai.

Nicolau saiu levando a filha pela mão. Maria ficou só por momentos.

«Ah! Nunca, nunca na minha vida pensei que alguém pudesse ser tão feliz!», murmurou ela. Um sorriso lhe iluminou o rosto. Mas no mesmo momento teve um suspiro e no seu olhar profundo uma suave tristeza se reflectiu. Além da felicidade que ela sentia naquele momento existia outra, inacessível nesta vida, e naquele instante foi nessa felicidade que pensou.

[X]

Natacha casara-se nos primeiros dias da Primavera de 1813: em 1820 já tinha três filhas e um filho, o benjamim, que ela tanto desejara e criava ao peito. Engordara, e era difícil reconhecer nesta mãe nova e vigorosa a frágil e inquieta Natacha de outrora. Tinham-se-lhe acentuado os traços fisionómicos e na sua doçura um pouco flácida havia qualquer coisa de nítido. Já não tinha aquela animação fogosa que era o seu grande encanto de outros tempos. Agora só transparecia nela a exuberância da vida física, a alma não se lhe via. Era uma formosa fêmea, possante e fecunda. Raramente se acendia nela a chama de outrora. Só em circunstâncias como a daquele dia, quando o marido voltava a casa depois de uma longa ausência, quando qualquer dos filhos principiava a convalescer após um período de doença ou quando recordava, junto da condessa Maria, o príncipe André, pois nunca falava dele diante do marido — para lhe não

despertar ciúmes, muito raramente ainda quando, em condições verdadeiramente excepcionais, era levada a cantar, prenda que abandonara desde que se casara. Mas nos raros momentos em que esta antiga chama e reanimava, a encantadora mulher ressurgia ainda mais sedutora,

Desde que se casara vivera com o marido em Moscovo, em Petersburgo, nas propriedades dele nos arredores daquela cidade, e junto da mãe, isto é, em casa de Nicolau. A jovem condessa Bezukov frequentava pouco a sociedade e aqueles que a tinham conhecido não simpatizavam muito com ela. Não era nem muito graciosa nem muito amável. Não é que gostasse da solidão, não sabia se gostava ou não de estar só e pendia a crer até que não, mas, por assim dizer grávida todo o tempo ou a criar os filhos, ocupada com os mil pormenores da vida do marido, não podia entregar-se a tudo isso senão renunciando à vida da sociedade. Todos os que a tinham conhecido em solteira se surpreendiam com a transformação que nela se operara, como se isso fosse realmente qualquer coisa de extraordinário. Só a velha condessa compreendera, com o seu instinto maternal, que os arrebatamentos da jovem Natacha apenas se traduziam, no fundo no desejo de encontrar um marido e de fundar uma família, como, aliás, ela própria o proclamara certo dia em Otradnoie, por brincadeira, embora mais a sério do que pensava. E grande era o espanto da condessa perante a surpresa das pessoas que não compreendiam a sua Natacha, repetindo-lhes que ela sempre disse que viria a ser esposa e mulher modelos.

— Exagera tanto o seu amor pelo marido e pelos filhos — acrescentava — que chega a parecer absurdo.

Natacha não seguia a regra ideal que certos homens superiores aconselham, principalmente franceses, segundo a qual uma mulher depois de casada não deve desleixar-se, pondo de lado todos os recursos da valorização dos seus encantos: pelo contrario, deve cuidar ainda mais de si que antes do casamento e procurar seduzir o marido como o tentara fazer antes de casada, Natacha abandonara de vez todos os cuidados com os seus atractivos e entre eles o mais poderoso: o talento de cantora. Renunciara ao canto precisamente por ser esse o maior dos seus encantos. Não se preocupava agora em ter boas maneiras, em falar com elegância, em assumir diante do marido as atitudes que mais a valorizassem, nem em vestir lindos vestidos, ou ter exigências que o poderiam vir a importunar. Procedia de maneira inteiramente oposta aos conselhos que é costume dar-se a

uma rapariga. Sentia que os atractivos que o instinto outrora lhe (—,usinara a utilizar seriam agora simplesmente ridículos aos olhos do marido, a quem ela se entregara, desde o primeiro minuto, completamente, com toda a sua alma, sem nada lhe ocultar dos seus sentimentos mais íntimos. Compreendia que o vínculo que os uma nada tinha que ver com toda essa poesia que o atraíra para ela: era feito de coisas indefiníveis e bem mais sólidas, muito parecidas com os laços que prendem a alma ao corpo.

Fazer caracóis, usar anquinhas, cantar romanzas na intenção de prender o marido, parecia-lhe coisa tão despropositada como adornar-se para agrado de si mesma. Arranjar-se para agradar aos outros talvez lhe desse satisfação, nem ela sabia: mas a verdade é que não tinha tempo para isso. A principal razão que a levava a menosprezar ao mesmo tempo o canto, a maneira de vestir e a distinção na linguagem era apenas esta: não ter tempo para nada.

É sabido que o homem tem a faculdade de se deixar absorver completamente por um único objecto, por mais insignificante que seja. E também é sabido que não há objectos insignificantes em si mesmos que se não tornem de uma importância extraordinária desde que a atenção se concentre neles.

O absorvia Natacha por completo era a família, isto é, o marido, que havia mister manter de portas adentro, para que lhe pertencesse a ela e a mais ninguém, e as crianças, que era preciso dar à luz depois criá-las e educá-las.

E depois ela dava-se, não apenas em espírito, mas com toda a alma, com todo o ser, às suas ocupações, e quanto mais estas ganhavam importância a seus olhos menos se sentia capaz de se entregar a qualquer outra ocupação: concentrava sobre o mesmo objectivo toda a sua actividade e não tinha tempo sequer de lazer o que lhe parecia necessário.

As discussões e os argumentos acerca dos direitos da mulher, c12s relações entre cônjuges, das liberdades e direitos que a cada um deles competem, embora não constituíssem, como hoje, «problemas», já então existiam, mas tais questões eram-lhe completamente alheias e nem sequer as entendia.

Esses problemas, então, como aliás hoje em dia, só existiam para as pessoas que encaravam o casamento apenas pela satisfação que os esposos eram capazes de proporcionar um ao outro, Isto é, por um dos seus aspectos, e não pelo seu verdadeiro fim, que é a família.

Se àqueles que entendem que a finalidade das refeições é a alimentação dos

indivíduos não se pode perguntar se este ou aquele manjar lhes proporciona prazer, o mesmo acontece com os que só vêem no casamento uma maneira de constituir família.

Se a finalidade de uma refeição é alimentar o corpo, aquele, que ingira sucessivamente duas refeições obterá, talvez, grande satisfação, mas não o fim proposto, pois a verdade é que o estômago não poderá digerir essas duas refeições.

Se a finalidade do casamento é a família, aquele ou aquela que queira ter várias mulheres ou vários homens, talvez venha a tirar daí grande prazer, mas o que não terá, em caso algum, é uma família.

Dado que a finalidade do comer é alimentar-se o homem e a do casamento constituir família, o problema resume-se a não se comer mais do que o estômago pode digerir e a não se ter mais mulheres ou mais maridos do que os necessários para a família, isto é, a não se ter mais do que uma mulher ou mais do que um marido. A Natacha era necessário um marido. Tinha um. Esse marido dava-lhe uma família. E assim não só não sentia necessidade de ter um marido melhor, mas também, como as suas energias morais só a compeliam a consagrar-se a esse marido e à sua família, não via qualquer interesse em pensar no que poderia acontecer caso as coisas se passassem de outra maneira.

Em geral, a sociedade não lhe agradava; preferia muito mais o convívio dos parentes, da condessa Maria, do irmão, da mãe, de Sónia. Esta sociedade agradava-lhe porque lhe permitia, sem estar penteada, sem estar arranjada, em trajes matinais, sair precipitadamente do quarto das crianças, a alegria no rosto, mostrando as fraldas raiadas de amarelo em vez de verde e poder dizer que o seu filho estava agora muito melhor.

A tal ponto Natacha se mostrava descuidada no seu porte, que o penteado, as palavras que lhe saíam pela boca fora, os ciúmes que sentia de Sónia, da preceptora, de todas as mulheres, fossem belas ou feias, era assunto habitual das zombarias daqueles que a rodeavam. A opinião geral era que Pedro estava sob o tacão da bota da mulher, e em verdade assim parecia.

Desde os primeiros dias do seu casamento que Natacha lhe fizera saber quais as suas exigências. Pedro surpreendeu-se muito com a atitude da mulher — nova para ele —, segundo a qual todos os minutos da sua vida, dele, marido, dali para diante, deviam pertencer-lhe a ela e à família. E se estas exigências o

surpreendiam, ao mesmo tempo, lisonjeado, ia-se submetendo a elas.

A submissão de Pedro era tal que não só, claro está, se não atrevia a fazer a corte ou mesmo a falar um pouco mais amavelmente a outra mulher, como não ousava ir jantar mais ao seu clube, sem outra intenção apenas que matar o tempo, ou fazer qualquer despesa supérflua ou empreender qualquer longa viagem, a menos que fosse para tratar de negócios, incluindo no número destes as suas ocupações intelectuais, inacessíveis à inteligência dela, mas a que no entanto atribuía alta importância, Em compensação, Pedro em casa tinha plenos direitos para dispor não só de si mesmo, mas de toda a família. Natacha, na intimidade do lar, era escrava do marido; em casa, tinham de andar em bicos de pés quando Pedro lia ou escrevia fechado no gabinete. Qualquer fantasia que ele tivesse imediatamente a via realizada. E bastava que exprimisse um desejo para Natacha se precipitar a satisfazê-lo.

Toda a casa se movia sob as pseudo-ordens de Pedro, isto é, de harmonia com os seus gostos, que a mulher tudo fazia por adivinhar.

O seu modo de vida, o ponto onde deviam residir, os conhecimentos, as amizades, as ocupações de Natacha, a educação das crianças, tudo obedecia à vontade de Pedro, tratando ela de lhe adivinhar os mais pequenos desejos. E na verdade conseguia surpreender os mínimos pensamentos do marido, e desde que se julgava na posse deles com firmeza sustentava o que julgava ter previsto. Se o próprio Pedro mudava então de parecer, era ela a primeira a combatê-lo com as próprias armas.

Foi o que aconteceu, por exemplo, durante a época difícil, memorável para Pedro, em que Natacha, depois do nascimento do seu primeiro filho, assaz débil, se viu obrigada a tomar, sucessivamente, três amas, caindo doente, tanto a incomodou este percalço, e ele lhe expôs, um dia, as ideias de Rousseau, com as quais estava inteiramente de acordo, acerca dos perigos da amamentação antinatural pelas amas. Aquando do segundo parto, e apesar da oposição da mãe, dos médicos e do próprio marido, que todos se opunham a que ela amamentasse a criança, alegando ser coisa então inaudita e até funesta, teimou em fazê-lo e a partir de então foi ela quem deu de mamar aos filhos.

Acontecia frequentemente, em momentos de má disposição, questionarem os dois esposos, mas passado tempo, com grande surpresa e não menor alegria, Pedro vinha a verificar, tanto nas palavras como nos actos da mulher, a influência

das ideias causa da disputa. E não só verificara que eram as suas próprias que ela punha em prática como se apercebia de que essas ideias estavam agora despojadas dos exageros a que o conduzira a paixão no momento em que as sustentara.

Depois de sete anos de casado, Pedro adquiria, com grande satisfação, a consciência de que não era má pessoa, sobretudo pelo facto de se ver reflectido na mulher. Sentia que nele o bom e o mau se misturavam, neutralizando-se mutuamente. Na mulher, porém, apenas se reflectia o que nele era verdadeiramente bom: tudo o que não tinha essa qualidade via-se posto de parte. E não era a lógica que intervinha nesta penetração das inteligências, mas uma força misteriosa e imediata.

[XI]

Dois, meses antes, Pedro, já em casa dos Rostov, recebera un carta do príncipe Fedor chamando-o a Petersburgo para discutir importantes assuntos que iriam ser debatidos pelos membros de uma sociedade de que ele era um dos principais fundadores.

Ao ler esta carta, Natacha, que lia toda a correspondência do marido, embora muito lhe custasse separar-se de Pedro, logo aí o entusiasmou a ir a Petersburgo. Atribuía grande importância às actividades intelectuais e abstractas do marido, embora as não compreendesse, e receava ser, a este respeito, um empecilho na sua vida. Pedro, depois de ler a carta, e de lhe ter perguntado, com um tímido olhar, que pensava ela do caso, ouviu-a dizer que partisse, embora fixando-lhe desde logo o dia em que deveria voltar. E foi assim que ele teve uma folga de quatro semanas.

Havia já quinze dias que o prazo findara e Natacha passava a vida receosa, triste e irritada.

Denissov, que aparecera em Lissia Gori por aqueles dias, descontente como estava, velho militar que era, com o facto de se ver na situação de general reformado, encarava com desapontamento, e também uma certa tristeza, a Natacha que em nada se parecia com aquela criatura a quem quisera outrora.

Tudo quanto via e ouvia agora na feiticeira de tempos idos eram olhares repassados de tristeza e enfado, respostas incoerentes ou tagarelices sobre as crianças.

Durante todo aquele tempo mostrara-se sempre macambúzia e irritada, sobretudo quando a mãe, o irmão, Sónia ou a, condessa Maria, para a consolar, procuravam desculpar Pedro e aventar hipóteses sobre os motivos do seu atraso.

— Sempre essas tolices, essas burrices, essas dissertações que para nada servem e essa absurda sociedade — dizia Natacha, sem reparar que falava de coisas a que atribuía a mais alta importância.

E lá ia para o quarto das crianças, dar de mamar a Pétia, o seu filhinho. Ninguém era capaz de lhe dizer nada mais razoável e, consolador que esse ser de três meses, suspenso do seu seio, quando lhe sentia o remexer da boca e o bafo do narizito.

Aquele ser minúsculo dizia-lhe: «Estás irritada, estás cheia de ciúmes, desejarias vingar-te dele, estás com medo, mas eu sou ele. Eu sou ele. E a isto nada havia a responder. Era a pura verdade.

Natacha durante, aqueles quinze dias de inquietação muitas vezes procurou consolar-se junto da criança, e tantos cuidados lhe deu que a aleitou de mais e ela caiu doente. Se, por um lado, isso a atormentou muito, pelo outro era o que lhe convinha de momento. Os cuidados que teve de ter com a criança fizeram-na suportar mais facilmente a ausência do marido. Dava de mamar ao filho quando a carruagem de Pedro se ouviu junto do alpendre e a criada velha, que sabia quanto isso poderia alegrar a ama, apareceu subitamente, e sem dizer nada, à, porta do quarto, o rosto banhado de alegria.

— Chegou? — inquiriu Natacha, vivamente, num sussurro, sem fazer o mais pequeno movimento, não fossa acordar o filho.

— Chegou, sim, minha ama — disse a criada em voz baixa.

O sangue, subiu-lhe à cara e involuntariamente fez menção de se erguer, mus era-lhe impossível correr ao encontro do marido. A criança abriu os olhos: «Estás aí, parecia dizer, e preguiçosamente pôs-se a remexer os lábios à procura do peito.

Natacha retirou-lhe, suavemente o seio, embalou-o, entregou-o à criada e, apressada, dirigiu-se para a saída. Ao pé da porta deteve-se, como que movida por um sentimento de remorso, pois tão grande era a sua alegria que ia deixar o filho antes do tempo, e voltou-se. A criada, com o cotovelo erguido, deitava a criança

no berço.

— Vá vá. Minha senhora, vá descansada murmurou ela, sorrindo, com a familiaridade que habitualmente havia entre ambas.

E Natacha, em passos rápidos, dirigiu-se para o vestíbulo.

Denissov, que vinha a sair do gabinete, de cachimbo na boca, para se dirigir ao salão, viu nela, imediatamente, a antiga Natacha. Do seu rosto, como que transfigurado, emanava uma luz clara e radiante,.

— Chegou! — exclamou ela, ao passar, correndo, e Denissov sentiu que o regresso de Pedro, de quem ele não gostava, aliás, o encantava afinal. Quando chegou ao vestíbulo, Natacha viu um homem de alta estatura, com uma peliça, que desatava o nó da manta do pescoço, «É ele! É verdade. Ele aí está», dizia ela para si mesma. E, correndo para ele, enlaçou-o, apertou-o ele, encontro ao peito, depois, afastando-se, fitou o rosto vermelho e feliz de Pedro, coberto de geada. «Sim, é ele, feliz, contente...»

E de súbito vieram-lhe à lembrança as inquietações que a tinham atormentado naqueles últimos quinze dias. A alegria que lhe inundava o rosto desvaneceu-se; franziu as sobrancelhas e lançou sobre Pedro uma torrente de reproches e de palavras pouco amáveis.

— Sim, sentes-te feliz, estás muito contente, fartaste-te de te divertir... E eu, durante todo este tempo?... Ao menos que te lembrasses das crianças. Estou a amamentar, o leite estragou-se... Pétia esteve a morrer. E tu, todo este tempo, sentias-te alegre. Olhem que alegre ele está...

Pedro sabia que não era culpado, pois lhe fora impossível voltar mais cedo; sabia que aquele destempero da mulher era despropositado e que, aliás, estaria sanado dentro de dois ou três minutos; sabia, sobretudo, que ele próprio estava muito bem disposto. Teria gostado de sorrir, mas não ousou sequer pensar nisso. Com uma expressão assustada e lastimosa, baixava a cabeça.

— Não me foi possível. Juro-te por Deus! E o Pétia, como está ele?

— Agora já está bom. Vamos vê-lo. Não tens vergonha! Se visses o estado em que me encontro quando tu não estás, o que me atormentei...

— Não estás doente?

— Vamos, anda — continuou ela, sem lhe largar o braço.

E entraram nos aposentos que ocupavam.

Quando Nicolau e a mulher se puseram à procura de Pedro, estava ele no

quarto dos filhos e tinha na sua enorme mão direita o bebé, que acabara de acordar. Fazia-lhe festas e a redonda carinha da criança, de boca desdentada, muito aberta, iluminava-se com um sorriso feliz. A borrasca passara e agora um sol alegre iluminava o rosto de Natacha, que contemplava enternecidamente o marido e o filho.

— E sempre falaste com o príncipe Fedor? — perguntou ela.

— Sim, falei.

— Vês como ele a segura bem? — Natacha referia-se à cabeça da criança. — Ah!, o medo que eu tive!... Viste a princesa, a nossa prima? É verdade estar enamorada desse...

— Imagina, sim...

Nesse momento entraram Nicolau e a condessa Maria. Pedro, sempre com o filho ao colo, debruçou-se e beijou os dois, enquanto ia respondendo às perguntas que lhe faziam, Mas, de facto, apesar do interesse que a conversa podia ter, o que absorvia por completo a atenção do pai era o bebé, com a sua touquinha e a sua cabeça pouco segura.

— Que lindo! — dizia a condessa Maria, mirando o pequeno e fazendo-lhe festas. — O que não compreendo — prosseguiu ela, voltando-se para o marido — é que tu não aprecies o encanto destes maravilhosos pedacinhos de carne.

— É verdade, não posso — volveu Nicolau, olhando para o petiz friamente — Esse pedaço de carne. Anda daí, Pedro. — Isso não o impede de ser um pai carinhoso – acrescentou ela, como para desculpar o marido —, mas só quando os filhos têm mais de um ano, ou então...

— O Pedro, esse, sabe muito bem servir de ama-seca — exclamou Natacha. — Diz que a mão é precisamente do tamanho do rabinho dele, Olhem.

— Sim, sim, mas para isto não — protestou Pedro, rindo, e, pegando na criança, entregou-a à criada.

[XII]

Como sempre acontece em todas as famílias, em Lissia Gori formavam-se vários mundos distintos, os quais, conservando embora as suas particularidades, graças a

mútuas concessões, se fundiam num todo harmonioso. O mais pequeno incidente que se verificasse em casa, alegre ou triste para um grupo, era importante para todos; no entanto, cada um deles tinha motivos particulares para se sentir contente ou para se afligir com este ou aquele incidente.

Assim, a chegada de Pedro foi considerada acontecimento alegre e importante para todos.

Os criados, os juizes mais fiéis dos seus amos, pois os julgam não por conversas ou manifestações exteriores, mas pelos seus actos e conduta, estavam satisfeitos com o regresso do marido de Natacha. Sabiam que enquanto ele ali estivesse o conde não iria todos os dias percorrer as propriedades e seria mais alegre e mais indulgente, e, além disso, porque nos dias de festa todos receberiam bons presentes.

As crianças e as suas preceptoras também estavam contentes, porque ninguém havia como ele para animar as pessoas. Só Pedro sabia executar no cravo a «escocesa» — a única peça que tocava —, capaz de servir, dizia ele, para acompanhar todas as danças deste mundo, e de resto também lhos teria trazido presentes.

Nikolenka, que então andava pelos quinze anos, rapazinho de cabelos louros encaracolados e lindos olhos, de expressão inteligente, embora doente e delicado, não podia conter a sua alegria, pois o tio Pedro, como ele lhe chamava, era objecto de toda a sua admiração e do seu entusiasmo. Ninguém particularmente o ensinara, contudo, a gostar de Pedro, a quem só via de longe em longe. A condessa Maria, que o educara, servira-se de toda a sua influência para que o sobrinho gostasse do tio Nicolau como ela própria gostava: Nikolenka, gostava, realmente, dela, mas na sua afeição havia uma certa dose de reserva. Pelo contrário, adorava o tio Pedro. Não aspirava a ser nem hússar, nem a ter a cruz de S. Jorge como Nicolau: queria ser instruído, inteligente e bom como Pedro. Na presença deste, o rosto do pequeno iluminava-se, e quando ele lhe dirigia a palavra, corando de satisfação, a comoção embargava-lhe a voz. Escutava com avidez tudo quanto ele dizia, e depois, com Dessales ou sozinho consigo mesmo, lembrava-se do que ouvira e comentava as suas palavras.

O passado do tio, as suas desditas antes da guerra de 1812, de que ele, pelo que sabia, pudera engendrar uma confusa e poética imagem, as suas aventuras em Moscovo, o seu cativeiro, Platão Karataiev, de que Pedro lhe falara, o seu amor

por Natacha, a quem ele também amava à sua maneira, sobretudo a amizade pelo pai, de quem ele se não recordava, tudo isto o revestia a seus olhos de qualquer coisa de sagrado e lhe dava o prestígio de um herói.

As palavras que lhe ouvira referentes ao pai e a Natacha, a emoção de Pedro sempre que falava do defunto, o enternecimento contido e piedoso quando se aludia ao seu nome, deixavam adivinhar a esse rapazinto, em quem o amor despontava, que o amara aquela senhora e a confiara, ao morrer, ao seu amigo. E esse pai, de quero ele não podia lembrar sequer os traços, era para ele como que uma divindade, de que ninguém podia aproximar-se e em quem não podia pensar sem o coração apertado e os olhos cheios de lágrimas de orgulho Por isso foi grande a sua alegria ao ver chegar Pedro.

Os convidados também se sentiam felizes por tornar a vê-lo estava sempre animado e servia de agente de ligação entre todos os membros da sociedade.

Os adultos da casa, sem contar a mulher, mostravam-se contentes com um amigo que punha toda a gente à vontade e a ninguém maçava.

As mulheres de idade, além de estarem muito satisfeitas com as lembranças que ele lhes trouxera, sentiam-se felizes por ver Natacha retomar a sua boa disposição.

Pedro dava por todas estas diferenças no acolhimento que recebia de toda aquela gente e procurava contentá-la.

Pedro, o homem mais distraído e esquecido que existia, comprara, de acordo com um rol feito pela mulher, tudo o que era necessário, sem esquecer as encomendas da mãe e do irmão, nem o tecido para o vestido de Madame Bielova, nem os brinquedos para os sobrinhos. Nos primeiros tempos do seu casamento, esta exigência da mulher nada esquecer do que era preciso comprar— parecera-lhe estranha e surpreendeu-se muito ao vê-la zangada e muito vermelha quando, da primeira vez que se ausentara, se esquecera, efectivamente, de tudo. Mas depois habituou-se.

Sabendo que Natacha nada lhe pedia para ela própria e que só o encarregava de trazer coisas para os outros quando ele se oferecia. Pedro experimentava agora um prazer infantil, que estava longe de imaginar, em encarregar-se de comprar todas estas lembranças e nunca se esquecia de ninguém. Se porventura ,acontecia a mulher repreendê-lo era apenas porque adquiria coisas em excesso e demasiadamente caras. A todos os seus restantes defeitos, na opinião da maior

parte das pessoas, como desleixo no vestir, qualidade aos olhos de Pedro, juntava agora Natacha o ser também avarenta.

Desde que vivia em família, e família que obrigava a grandes despesas. Pedro notara, com grande surpresa, que despendia duas vezes menos que anteriormente e que a sua fortuna, afectada nos últimos tempos, sobretudo por causa das dívidas da sua primeira mulher, principiava a restabelecer-se.

As suas despesas tinham diminuído porque levava uma vida mais regular. Vira-se livre do luxo a que o obrigava a mudança constante de trem de vida e o certo é que de maneira nenhuma desejaria voltar atrás. Costumava dizer de si para consigo que daí em diante e até ao fim dos seus dias tudo seria imutável m sua vida, que não estava nas suas mãos mudar fosse o que fosse nos seus hábitos, e era isso que diminuía muito as suas

Radiante. Pedro ia abrindo os seus embrulhos.

— É bonito, não é? — exclamava, desdobrando um corte de tecido como um mercador que elogia a mercadoria.

Natacha, sentada diante dele, com a filha mais velha rios joelhos, ia olhando, com os olhos muito vivos, ora o marido ora o que ele mostrava.

— Este é para Madame Bielova? Muito bem. — E apalpava o tecido para apreciar a qualidade. — Foi a um rublo a archina, não é verdade?

Pedro disse o preço.

— É caro — observou Natacha.— Muito vão gostar as crianças, e a mãe também. Mas fizeste mal em comprares-me isso — acrescentou, mirando, sorridente, uma travessa de ouro, cravejada de pérolas, como então se usava.

— Foi Madame Adèle quem insistiu para que eu a comprasse — explicou ele. — «Compre, compre», disse-me ela.

— Quando terei ocasião de a pôr? — murmurou Natacha, pondo-a na cabeça. — Será para a Machenka quando for senhora. Talvez ainda então estejam na moda. Bom, agora vamos.

Depois de juntarem as prendas, dirigiram-se em primeiro lugar ao quarto das crianças, depois aos aposentos da condessa. Esta, como de costume, na companhia de Madame Bielova, entregava-se à tarefa de fazer paciências, quando Pedro e Natacha entraram no salão com os embrulhos debaixo dos braços.

Já fizera sessenta anos a condessa. Tinha os cabelos todos brancos e sobre eles usava uma touca cuja fita lhe passava por debaixo do queixo. Muito cheia de

rugas, tinha o lábio superior metido para dentro e os olhos nublados.

Depois da morte do filho e do marido, sucessivamente e num curto espaço de tempo, vivia sob a impressão de estar esquecida neste mundo, já sem finalidade e sem razão de ser. Comia, bebia, dormia, velava, mas realmente não vivia. A vida já lhe não dava qualquer sensação, boa ou má. Só dela esperava descanso, e esse descanso apenas o podia encontrar na morte. Mas como a morte ainda não chegara, não tinha remédio senão ir vivendo enquanto esperava ou pelo menos ir-se servindo do que lhe restava de vida. Nela se notava em alto grau o que sempre pode observar-se nas crianças de tenra idade ou nas pessoas muito idosas. Dir-se-ia não ter qualquer objectivo exterior à sua própria vida, mas apenas a necessidade de pôr em acção as suas diversas inclinações e aptidões. Precisava de comer, de dormir, de reflectir, de conversar, de chorar, de fazer pequenos trabalhos, de se encolerizar, somente porque tinha estômago, cérebro, músculos, nervos ou fígado. Todos estes actos os realizava ela sem a isso ser provocada por qualquer coisa de exterior, ao contrário das pessoas na força da vida, que desenvolvem actividade na medida em que podem alcançar o objectivo que visaram. Não falava, por exemplo, senão por necessidade física de utilizar os pulmões e a língua. Como uma criança, chorava pela necessidade que tinha de se assoar. O que para os outros era um fim, para ela era mero pretexto.

Eis porque, pela manhã, quando se dava o caso de ter comido na véspera qualquer coisa pesada, sentia a necessidade de se encolerizar e então servia-se do primeiro pretexto que lhe aparecia, como a surdez de Madame Bielova.

Da outra extremidade da sala, dizia-lhe, por exemplo, em voz baixa:

— Quer-me parecer que hoje está mais calor, minha querida.

E Madame Bielova respondia-lhe:

— É verdade, chegaram!

Então ela resmungava, num assomo de ira:

— Meu Deus, que surda e que estúpida!

Outro pretexto para se encolerizar era o rapé, que ora lhe parecia demasiadamente seco ora demasiadamente húmido ou mal raspado. Estes acessos de ira faziam-lhe afluir a bílis ao rosto e as criadas tinham assim indícios certos de quando voltaria Madame Bielova a estar surda e húmido o rapé. Assim como tinha necessidade de fazer circular a bílis, também precisava, de tempos a tempos, de exercitar o que ainda lhe restava de inteligência, e para isso recorria às

paciências. Se precisava de chorar, tinha à sua disposição o falecido conde. Se precisava de preocupações, tinha Natacha e a saúde dela. Se porventura carecia de dizer coisas desagradáveis, ali estava a condessa Maria. Se precisava de pôr à prova os seus órgãos vocais, o que em geral acontecia, depois da sesta, no quarto penumbroso, o pretexto era contar sempre as mesmas histórias ao mesmo auditório.

Toda a gente compreendia o estado da velha condessa, embora ninguém falasse disso, e todos procuravam esforçar-se por lhe satisfazer os desejos. Apenas certos olhares ou alguns tristes sorrisos trocados entre Nicolau, Pedro, Natacha ou Maria davam a perceber que compreendiam a situação.

Estes olhares ainda queriam dizer outra coisa. Diziam que ela chegara ao fim da sua tarefa nesta vida, que nem sempre fora o que era agora, que todos nós chegaremos um dia a ser como ela, e que deviam dar graças a Deus por aturar-lhe os caprichos, suportando essa criatura outrora tão querida, outrora tão cheia de vida como eles e agora digna de piedade. Com essa troca de olhares queriam apenas dizer, memento morí.

E em casa só as pessoas más ou pouco inteligentes, ou então as crianças, não compreendiam isso e troçavam da condessa.

[XIII]

Quando Pedro e a mulher chegaram ao salão, a condessa, como de costume, estava ocupada, a exercer as suas faculdades intelectuais numa grande paciência, Embora tivesse por hábito repetir, sempre que Pedro ou o filho voltavam de fora, invariavelmente, as mesmas palavras: «Já era tempo, meu filho: muito temos esperado. Enfim! Louvado seja Deus!», ou então, quando lhe entregavam uma lembrança: «Não é pelo presente, meu filho... Obrigado por teres pensado numa velha como eu...», desta vez era notório que o regresso de Pedro lhe não dava satisfação alguma, pois a obrigava a interromper a paciência. Dando-a por finda, dedicou então a sua atenção aos presentes, Estes eram um lindo estojo com um baralho de cartas, uma chávena de porcelana de Sèvres, azul-claro, em cujo pires havia um friso de pastorinhas, e uma tabaqueira de ouro com o retrato do conde,

que Pedro encomendara a um miniaturista de Petersburgo, objecto que a condessa há muito ambicionava. Como não queria chorar naquela altura, deixou de lado o retrato e interessou-se, principalmente, pelo estojo,

— Obrigada, meu amigo, deste-me muita satisfação — disse-lhe ela, repetindo o que dizia sempre. — Mas o melhor de tudo foi teres voltado. Não calculas o que por cá vai quando tu não estás. Tens de ralhar com a tua mulher. Que significa, isto? Sem ti anda como doida. Nada vê, de nada se lembra. Olha para isto, Ana Timofeievna — acrescentou —, que]indo estojo o nosso filho nos trouxe.

Madame Bielova elogiou os lindos presentes e admirou a sua riqueza.

Pedro, Natacha, Nicolau, a condessa Maria, Denissov, todos tinham muita coisa a dizer mas não diante da velha condessa, não para esconderem dela qualquer coisa, mas porque a pobre senhora estava sempre tão longe da maior parte dos assuntos que eles viam-se obrigados a responder a mil e uma perguntas. Às vezes nada oportunas, e a repetir o mesmo muitas vezes, explicando-lhe que este morrera, aqueloutro casara, coisas que ela não havia maneira de compreender. Apesar disso, todos se reuniram, como de costume, no salão, em volta do samovar, e Pedro viu-se obrigado a responder a várias perguntas supérfluas, que a ninguém interessavam e que a condessa lhe fez, inquirindo se o príncipe Vassili estava mais velho, se a condessa Maria Aleksieevna se lembrava dela e se lhe mandara cumprimentos, etc.

Esta conversa, para todos enfadonha, mas obrigatória, ocorreu durante o chá. Em volta da mesa redonda do samovar, presidida por Sónia, reuniam-se, todos os adultos. As crianças, as preceptoras e os preceptores já tinham tomado chá e tagarelavam na sala vizinha. Cada um dos presentes ocupava o seu lugar habitual. Nicolau estava junto do fogão, diante da mesinha onde era servido, Deitada junto dele, numa poltrona, via-se a velha cadela Milka, filha da primeira Milka, com o focinho todo branco, onde avultavam uns grandes olhos negros. Denissov, de cabelos frisados, bigodes e suíças grisalhos, estava ao pé da condessa Maria, o dólman de general desabotoado. Pedro sentava-se entre a mulher e a condessa velha. Contava-lhes coisas que, pensava ele, talvez pudessem interessar à pobre senhora e que ela seria capaz de compreender. Referia-lhe toda a sorte de acontecimentos mundanos, a respeito de pessoas que outrora tinham pertencido ao seu meio, meio então cheio de vida e actividade, mas que, actualmente, quase todas dispersas pelo mundo, findavam os seus dias como ela, colhendo as últimas

sementes da rica sementeira da mocidade. O certo é que estes contemporâneos da velha condessa, a seus olhos, eram a única gente séria que em verdade ainda existia no mundo. Pela expressão animada do marido, Natacha podia depreender quão interessante fora a sua viagem, e que muitas coisas teria a contar se tivesse ousado fazê-lo diante da condessa. Denissov, que não era da família e que por conseguinte não podia acompanhar a descrição de Pedro, interessava-se muito, homem descontente que era, pelo que se passava em Petersburgo, instigando Bezukov, constantemente, a que lhe fornecesse pormenores quer sobre a história recente do regimento Semionovski, quer sobre Araktcheiev, quer sobre a sociedade bíblica, Pedro, uma vez por outra, deixava-se conduzir e principiava a contar, mas Nicolau e Natacha lã estavam que logo o forçavam a repetir o que havia sobre a saúde do príncipe Ivan ou da condessa Maria Antonovna.

— E que vêm a ser todas essas loucuras de um tal Gossner e da Tatarinovna? — perguntava Denissov, — Isso continua?

— Se continua? — exclamou Pedro. — Evidentemente. A sociedade bíblica, mas é o governo em peso!

— Que queres dizer, meu caro amigo? — interrompeu a condessa, que, tendo acabado de tomar o seu chá, procurava agora um pretexto para zangar-se. — Que estás tu para aí a dizer do governo? Não percebo nada.

— Sim, mãe, a mãe sabe — interveio Nicolau, ciente de como deviam traduzir-se aquelas novidades na língua da velha condessa. — Foi o príncipe A. N. Galitsine quem organizou uma sociedade; e dizem que muito poderosa.

— Araktcheiev e Galitsine — explicou Pedro, imprudentemente. — O governo agora são eles. E que governo! Vêem conspirações por todo o lado, têm medo de tudo.

— Quê? O príncipe Alexandre Nikolaievitch, de que o acusam? É um homem às direitas. Conheci-o, noutros tempos, em casa de Maria Antonovna — replicou a condessa, mortificada. E ofendida porque todos se calavam, continuou:— Não é bonita essa maneira de acusar toda a gente. Que mal pode haver numa sociedade evangélica?— E levantou-se, no que todos a imitaram, afastando-se, com uma expressão severa, para sentar-se diante de uma mesa na sala contígua.

Houve um silêncio embaraçoso, de repente interrompido por vozes e gargalhadas das crianças na sala ao lado, Era evidente que alguma coisa de invulgar acontecera entre a criançada.

— Pronto! Pronto! — gritava a pequenina Natacha mais alto que todas as outras crianças,

Pedro relanceou um olhar à condessa Maria e a Nicolau — entretanto não perdia de vista Natacha — e sorriu de contentamento.

— Que linda música! — exclamou.

— Foi a Ana Makarovna quem acabou as meias — disse a condessa Maria.

— Vamos ver! — propôs Pedro, levantando-se de um salto. Sabes porque gosto tanto desta música? — acrescentou, detendo-se à porta. — São eles os primeiros a anunciar-me que tudo corre bem. Hoje, quando cheguei, à medida que me aproximava de casa, crescia o receio em mim. Mas mal entrei no vestíbulo, que ouço eu? Andriucha na às gargalhadas e pensei: «Então tudo corre bem...»

— Sim, tens razão, já sei o que é — confirmou Nicolau. — Não preciso de lá ir. As meias são uma surpresa para mim. Pedro entrou na sala das crianças; os gritos e os risos cresceram.

— Então? Ana Makarovna! — dizia a voz de Pedro — Chega-te aqui para o meio da sala. Sou eu quem manda. Quando eu disser: um, dois, três, põe-te aqui neste lugar e mostra as tuas mãos. Bom, comecemos — e depois de uma curta pausa: — um, dois, três!...

— Duas! Duas! — gritaram as crianças entusiasmadas. Tratava-se das duas meias que Ana Makarovna, graças a um segredo só dela, sabia fazer ao mesmo tempo. No fim, terminado o trabalho, retirava uma das meias de dentro da outra, solenemente, na presença das crianças.

[XIV]

Pouco depois, as crianças entraram no salão para dar as boas-noites. Beijaram toda a gente; preceptores e preceptoras, com uma vénia, saíram. Apenas ficou Dessales com o seu aluno. Dessales, em voz baixa, disse entretanto a Nikolenka, ainda no salão, que se retirasse.

— Não, Monsieur Dessales, vou pedir à minha tia para me deixar ficar — replicou Nikolenka, em voz baixa também.

E dirigindo-se à tia:

— Tia, consente que eu fique?

Havia uma expressão de súplica no rosto emocionado da criança. A condessa Maria, ao vê-lo tão agitado, não pôde deixar de dizer a Pedro:

— Quando o Pedro aqui está, não pode separar-se de si.

— Eu já lho levo, Monsieur Dessales; boa noite — disse Pedro, apertando a mão do preceptor suíço: depois, sorrindo, dirigiu-se à criança: — Efectivamente ainda não nos tínhamos visto. Oh, Maria, que parecido ele está... — acrescentou.

— Com meu pai? — inquiriu o rapazinho, que corou muito, enquanto olhava Pedro dos pés à cabeça, com olhos brilhantes e cheios de entusiasmo.

Pedro respondeu com um aceno de cabeça afirmativo e prosseguiu a conversa interrompida. A condessa Maria trabalhava ao bastidor; Natacha seguia o marido com os olhos. Nicolau e Denissov levantaram-se, pediram os respectivos cachimbos, acenderam-nos, enquanto Sónia, triste e obstinadamente sentada ao lado do samovar, lhes servia chá. Interrogavam Pedro sobre a viagem. Nikolenka, com o seu ar enfermiço, o cabelo encaracolado e os olhos brilhantes, permanecia sentado a um canto, sem que ninguém desse por ele. De quando em quando voltava para Pedro a cabeça encaracolada e o pescoço delgado, que emergia do colarinho revirado da camisa, e estremecia, murmurando fosse o que fosse para si mesmo, como se experimentasse um sentimento violento e novo.

A conversa girava em torno das intrigas das altas esferas administrativas, onde em geral se concentra todo o interesse da política interna de um pais. Denissov, descontente com o governo por causa dos seus fracassos no serviço, saboreava com prazer todos os disparates que, segundo ele, se estavam a praticar em Petersburgo, comentando o que dizia Pedro em termos enérgicos e duros.

— Antigamente era preciso que uma pessoa fosse alemã, agora é necessário dançar com a Tatarinova e Madame de Küdner, ler... Eckartsliausen e quejandos. Ah! Não aparecer ai outra vez o nosso valente Bonaparte. Acabava-lhes com a parvoíce. Parece impossível, confiarem a um alemão o regimento Semionovski! — vociferava ele.

Embora Nicolau não tendesse, como Denissov, a achar tudo reprovável, o certo é que também considerava coisa importante e digna de atenção criticar o governo a propósito da nomeação de Fulano para ministro ou de Sicrano para governador de tal província, ou o que dissera o imperador ou certo ministro. Graças à intervenção destes dois interlocutores, a conversa ficou-se pela intriga habitual

dos meios administrativos.

Natacha, que conhecia os mínimos gestos e pensamentos do marido, adivinhou que ele teria desejado conduzir a conversa noutro sentido e abordar o objecto da sua preocupação íntima — o assunto que o levara a Petersburgo para se aconselhar com o seu novo amigo, o príncipe Fedor— e, perguntando-lhe em que situação estavam as coisas, conseguiu o que ele desejava.

— De que se trata? — perguntou Nicolau,

— Da mesma coisa de sempre — respondeu Pedro olhando em torno de si. — Toda a gente reconhece que as coisas vão mal, que isto não pode durar e que o dever de todo o homem de bem é reagir na medida das suas forças.

— E que podem fazer os homens de bem? — interrogou Nicolau, franzindo ligeiramente as sobrancelhas.— Que é possível fazer?

— Aí está...

— Vamos para o meu gabinete — disse Nicolau.

Natacha, sempre à espera que a chamassem para dar de ma— mar ao bebé, ao ouvir a voz da criada dirigiu-se para o quarto das crianças. A condessa Maria acompanhou-a— Os homens encaminharam-se para o gabinete e Nikolenka Bolkonski, sem o tio dar por isso, seguiu atrás deles, sentando-se, no escuro, perto da janela, junto da secretária do tio,

— Bom, que propões tu? — perguntou Denissov.

— Sempre as mesmas quimeras! — comentou Nicolau.

— Bom, trata-se do seguinte — principiou Pedro, sem se sentar, caminhando de um lado para o outro, ou detendo-se bruscamente, com silvos na voz e gestos bruscos. — Trata-se da situação em Petersburgo. O imperador já de nada quer saber. Está inteiramente entregue ao misticismo. (Pedro, por então, não perdoava a ninguém tendências místicas.) Só pensa no sossego próprio e esse sossego só o pode conseguir graças a essas criaturas sem, eira nem beira, que perseguem e oprimem toda a gente, os Magnitski, os Araktcheiev e tutti quanti — Tens de concordar que se te não ocupasses pessoalmente das tuas terras e apenas quisesses viver sossegado, quanto mais cruel fosse o teu administrador tanto mais facilmente conseguirias o que desejavas, não é verdade? — disse Pedro, dirigindo-se a Nicolau.

— Sim, claro, isto é — — balbuciou este.

— Por conseguinte, tudo vai por terra. Nos tribunais prevarica-se; no exército

reina a violência: o passo de parada, as colónias militares. O povo vive tiranizado; toda a cultura está asfixiad2. Tudo que é novo, tudo que é honesto, é perseguido. Todos compreendem que isto não pode durar muito. Está muito esticada a corda e terá de acabar por partir-se. — Pedro falava como ,s fala sempre que se julgam os actos de qualquer governo desde que no mundo há governos. — E aqui têm o que eu lhes disse em Petersburgo.

— A quem? — perguntou Denissov.

— Sabes bem a quem me refiro — replicou Pedro, olhando-o com um olhar significativo —: ao príncipe Fedor e a todos os outros. Fomentar a instrução é excelente, bem entendido, É um belo programa, e pronto. Mas nas circunstâncias presentes é precisa outra coisa.

Nesta altura Nicolau deu conta de que o sobrinho os acompanhara. Afivelando uma expressão sombria, aproximou-se dele.

— Que fazes tu aqui?

— Deixa-o! — interveio Pedro, e travando-lhe do braço continuou. — Não basta — disse-lhes eu —, agora é precisa outra coisa. Visto estarem todos para ai, sem bulir um dedo, à espera que a corda se parta, e visto que todos são de opinião de que vai dar-se uma inevitável catástrofe, e preciso que o maior número possível de homens se encontre reunido e de mãos dadas para resistir à convulsão geral. Toda a juventude, toda a forca e sente para ali atraída, e ali se corrompe, A este são as mulheres que o perdem: àquele o favoritismo àqueloutro a vaidade e o dinheiro, e assim passam para o outro campo. Pessoas independentes e livres como vocês e eu já não existem. Disse-lhes: ampliai a vossa esfera de acção, que a vossa palavra de ordem não ,c.a apenas a virtude, mas a independência e a actividade.

Nicolau que esquecera completamente o sobrinho, puxou duma cadeira, num gesto brusco, sentou-se e, enquanto ouvia Pedro, o seu descontentamento acentuava-se, tossindo e franzindo cada vez mais as sobrancelhas.

— E qual o objectivo dessa actividade? — exclamou. — Quais serão as vossas relações com o governo?

— As nossas relações? As de verdadeiros colaboradores. Se o governo reconhecer a nossa sociedade, não precisa de ser secreta. Não só lhe não será hostil, como será formada de autênticos conservadores. Será uma associação de cavalheiros em toda a acepção da palavra. Estaremos presentes para impedir que

um Pugatchov acabe por estrangular os teus filhos e os meus e que um Araktcheiev me mande para uma colónia militar, Para isso mesmo nos uniremos, com esse objectivo único: o bem e a segurança de todos.

— Sim, mas será uma sociedade secreta, e por conseguinte hostil ao governo e prejudicial portanto. Só poderá vir a fazer mal.

— Porquê? A Tugendbund, que salvou a Europa — ainda então ninguém ousava dizer que fora a Rússia que a salvara —, fez algum mal? A Tugendbund, pelo contrário, é a linha da virtude, é o amor, a assistência mútua, o que Cristo pregou na cruz...

Natacha, que entrara no meio da discussão, contemplava o marido, desvanecida. No eram as suas palavras que a comoviam. Nem sequer lhe interessavam. Era tão simples o que ele dizia! De há tanto conhecia as suas ideias! De resto, sabia sempre de antemão o que emanava da sua alma. Se estava desvanecida, era apenas em virtude da animação e do entusiasmo que lhe via no rosto.

Esquecido por todos, Nikolenka contemplava Pedro com uma expressão de alegria e entusiasmo ainda mais viva do que a de Natacha. As palavras de Pedro inflamavam-lhe o coração. Enquanto ouvia ia quebrando, num gesto maquinal, a cera e as penas que estavam em cima do tampo da secretária do tio.

— Não se trata, de resto, exactamente do que tu pensas: eis o que era a Tugendbund alemã e aquilo que eu proponho.

— Sim, sim, filho, isso é bom para os devoradores de salsichas, essa tal Tugendbund. Cá, por mim, não a compreendo, nem a admito — exclamou Denissov, numa voz forte e enérgica. Tudo vai de mal a pior, concordo; mas, quanto a essa Tugendbund, nada percebo. Mas, em compensação, o bund (Jogo de palavras com o vocábulo Bund, que em alemão quer dizer «união» e em russo significa «Sublevação». (N. dos T.) é outra coisa. Eu sou o homem que lhes convém ! (Liga secreta russa. N. dos T.)

Pedro sorriu, e Natacha também, mas Nicolau franziu ainda mais as sobrancelhas, descontente, tentando provar a Pedro não haver que recear qualquer convulsão e que o perigo de que ele falava só existia na sua cabeça. Pedro demonstrou-lhe o contrário e, como sabia melhor e mais habilmente defender a sua tese, não tardou que Nicolau se visse derrotado. Então perdeu a cabeça, e com tanto mais energia quanto era certo lá no fundo, graças a uma

intuição mais poderosa que toda a sorte de raciocínios, saber que incontestavelmente tinha razão.

— Pois eu dir-te-ei — exclamou ele, erguendo-se e atirando fora o cachimbo, num gesto brusco — Não posso apresentar-te provas. Entendes que tudo vai mal e que haverá uma revolução, pois eu não vejo as coisas dessa maneira. Dizes que o juramento é coisa convencional. Eis o que te responderia. Tu bem sabes que és o meu melhor amigo. Pois bem: se tu constituísses uma sociedade secreta, se te pusesses a fazer uma política de oposição ao governo, fosse ela qual fosse, o meu dever seria colocar-me ao lado deste. E, supondo que Araktcheiev me dava ordens nessa altura para eu marchar contra vocês à frente de um esquadrão e de vos passar a fio de espada, não hesitaria um segundo. E depois disto podes dizer o que quiseres.

Após estas palavras reinou no gabinete um silêncio embaraçoso. Natacha foi a primeira a falar para defender o marido e atacar o irmão. A sua defesa, posto débil e inábil, atingiu o alvo. A conversa prosseguiu, mas já não naquele tom hostil e irritado que Nicolau lhe imprimira.

Quando se levantaram para cear, Nikolenka Bolkonski aproximou-se de Pedro, muito pálido, os olhos luminosos e cintilantes.

— Tio Pedro... Tu... Não... Se meu pai fosse vivo... seria da sua opinião? — perguntou— lhe.

Pedro compreendeu imediatamente a que complicado, estranho e intenso trabalho se dera, durante a discussão o cérebro do rapazinho. E, recordando-se do que dissera, lamentou que ele o tivesse ouvido. No entanto era preciso responder-lhe.

— Acho que sim — disse, um pouco embaraçado, afastando-se.

O jovem Nicolau baixou a cabeça e foi então que reparou nos estragos que fizera na secretária. Corou e disse para o tio, mostrando-lhe os restos da cera e das penas partidas:

— Desculpe-me, tio, foi sem querer.

— Está bem, está bem — tornou-lhe Nicolau, ainda agitado pela ira, sacudindo tudo aquilo de cima da secretária.

Dominando, a custo, a irritação, acrescentou, enquanto se retirava:

— Nada tinhas que fazer aqui.

[XV]

Durante a ceia não mais se falou de política nem de sociedades secretas. A conversa abordou, com grande satisfação ele Nicolau, as recordações de 1812, que Denissov evocara, e Pedro mostrou-se particularmente bem disposto e inspirado. Quando se separaram, estavam de novo os melhores amigos deste mundo Depois da ceia, Nicolau despiu-se no gabinete, deu ordens ao seu administrador e em seguida, de roupão, dirigiu-se ao quarto de cama onde a mulher ainda estava sentada à secretária a escrever.

— Que estas a escrever. Maria? — perguntou.

A condessa Maria corou. Teve receio de que o marido não aprovasse o que ela escrevia.

Efectivamente desejava esconder-se dele, embora lhe desse satisfação ter sido por ele surpreendida e sentir-se obrigada a desvendar-lhe o seu segredo.

— É o meu diário. — disse ela, mostrando-lhe um caderninho azul, enegrecido pela sua caligrafia miúda e firme.

— Um diário? — exclamou Nicolau, com certa zombaria, pegando no caderno.

Eis o que estava ali escrito em francês:

> 4 de Dezembro. Hoje, Andriucha, o meu filho mais velho, ao acordar, não quis vestir-se, e Louise mandou-me chamar.
>
> Tivera um capricho e estava birrento. Tentei repreendê-lo, mas ainda ficou mais irritado. Então resolvi deixá-lo ficar, levei comigo os outros, com a criada, e disse-lhe que já não gostava dele. Ficou muito tempo calado, surpreendido com o que eu dissera, e depois abraçou-se a mim a chorar, de tal maneira que me custou consolá-lo. Via-se que o que mais o penalizava era eu estar zangada. À noite, quando lhe entreguei o boletim do dia, pôs-se de novo a chorar, abraçado a mim. Com ternura tudo se pode conseguir dele.

— Que vem a ser isto do boletim do dia? — inquiriu Nicolau. Dou agora, todas

as noites, aos mais velhos, notas pelo seu comportamento.

Nicolau fitou os olhos radiantes da condessa Maria pousados nele, e continuou a folhear o caderno. No diário da condessa estava anotado tudo que a mãe julgava digno de registo na vida de seus filhos, com observações sobre o carácter de cada um e ideias gerais acerca dos métodos educativos.

Na maior parte não passavam de pormenores insignificantes, embora o não parecessem aos olhos da mãe e até do pai quando pela primeira vez veio a tomar conhecimento deles.

Com data de 5 de Dezembro, lia-se o seguinte:

> Mítia fez travessuras à mesa. O pai deu ordem para lhe não servirem a sobremesa, e assim fizeram. Mas que ar lastimoso e ávido o seu enquanto olhava para os irmãos comendo o doce! E concluí que castigá-lo daquela forma, privando-o de guloseimas, apenas servirá para lhe espicaçar a gula. Hei-de falar nisto a Nicolau.

Nicolau pousou o caderno e pôs-se a olhar a mulher, os luminosos olhos da condessa, fitos nele, pareciam perguntar se ele aprovava ou reprovava o diário. Não havia dúvida de que aprovava e que todo ele era admiração pela mulher.

«Naturalmente, não valia a pena descer a tantos pormenores, nem mesmo seria preciso semelhante diário», pensava Nicolau, mas aquela permanente e continuada contenção de espírito da mulher, exclusivamente concentrada nos filhos, não podia deixar de lhe causar admiração. Se Nicolau tivesse podido analisar os seus próprios sentimentos, compreenderia que no fundo do grande e dedicado amor que a mulher lhe inspirava havia uma profunda admiração pelo seu estofo moral, por esse mundo superior em que ela naturalmente vivia e lhe era quase inacessível a ele.

Orgulhava-se de a ver tão inteligente e tão boa, confessava ser-lhe muito inferior no ponto de vista da elevação dos sentimentos e era grande a satisfação que sentia ao pensar que uma alma assim não só lhe pertencia como era parte de si mesmo.

— Aprovo-te completamente, inteiramente, minha querida — disse-lhe compenetrado, e após uma pequena pausa continuou: — Hoje portei-me mal. Tu

não estavas presente nessa altura. Tivemos uma discussão, o Pedro e eu, e perdi a cabeça. Mas não podia deixar de ser. É uma verdadeira criança. As vezes pergunto a mini próprio que seria dele se Natacha o não trouxesse tão aperreado.

— Queres saber o que ele foi fazer a Petersburgo?... Organizaram lá...

— Sim, bem sei — atalhou Maria. — Natacha contou-me.

— Pois calcula — continuou Nicolau, exaltando-se à lembrança da discussão que tivera —, quer fazer-me acreditar que o dever de todo o homem de bem é conspirar contra o governo, quando o juramento e o dever... Tenho pena de que não estivesses presente. Caíram-me todos em cima, inclusivamente o Denissov e a Natacha... Natacha tem muita graça. Embora o tenha debaixo do tacão do sapato, quando há qualquer discussão, nada sabe dizer; repete o que ele diz,— Enquanto falava, Nicolau, sem querer, recaía numa tendência natural: criticar as pessoas que mais caras lhe eram e a quem mais estimava.

Esquecia, no entanto, que o que afirmava de Natacha se lhe aplicava a ele e à mulher, ponto por ponto.

— Sim, já tinha notado — corroborou Maria.

— Quando lhe disse que o dever e o juramento prestado estavam acima de tudo, respondeu-me não sei como. Tenho pena de que não estivesses presente. Que lhe terias respondido?

— Por mim acho que tens toda a razão. E foi o que disse à Natacha. Pedro acha que a miséria e o sofrimento são gerais hoje em dia, que a imoralidade triunfa por toda a parte, e que é nosso dever ajudar o próximo. Claro que tem razão, mas esquece que temos outras obrigações mais instantes que Deus nos impôs, e que, se é justo que nos arrisquemos, não devemos arriscar os nossos filhos.

— Pois. Foi isso mesmo que eu lhe disse — continuou Nicolau, que, realmente, julgava ter pronunciado precisamente aquelas palavras. — Mas eles teimaram nas suas ideias do amor do próximo e do cristianismo. E tudo isto diante de Nikolenka, que se meteu no escritório — me pôs tudo de pernas para o ar.

— Ah! Muito me preocupa o Nikolenka. É uma criança tão fora do vulgar! Tenho medo de que os cuidados com os nossos filhos me obriguem a esquecê-lo um pouco. Todos nós temos os nossos filhos, a nossa família, mas ele, ele não tem ninguém. Está sempre só com os seus pensamentos.

— Então, não acho que tenhas razão para te censurares, Tens sido para ele uma verdadeira mãe, a mais carinhosa das mães. E, podes crer, estou muito

contente com isso. É um rapaz encantador, um óptimo rapaz. Dir-se-ia em êxtase, hoje, a ouvir o Pedro. E calcula, no momento em que nos levantámos para cear, reparei que partira tudo que estava em cima da minha secretária. Aliás, foi ele o primeiro a acusar-se. Nunca o apanhei a dizer uma mentira. Sim, é uma criança encantadora, um óptimo rapaz! — repetiu Nicolau, que, bem no fundo, não gostava muito do sobrinho, aproveitando, no entanto, todas as oportunidades para o elogiar.

— Mas nada há que chegue a uma mãe — replicou a condessa Maria. — É bem verdade e isso é que me atormenta. É uma criança maravilhosa: mas preocupa-me muito. Não lhe faz bem viver isolado.

— Evidentemente, e não será por muito tempo**.** Este Verão levo-o a Petersburgo — disse Nicolau— Não há dúvida, o Pedro sempre foi e será sempre um lunático — prosseguiu, voltando ao assunto da discussão, que parecia tê-lo impressionado muito. E a mim que me importa o que está a passar-se para esses lados e que Araktcheiev seja má rês? Em que me poderia isso ter interessado, por exemplo, quando me casei? Estava tão cheio de dívidas que por pouco não me metiam na cadeia e minha mãe nada podia ver nem compreender? Depois vieste tu, os filhos, a nossa vida. Julgas que me agrada trabalhar de manhã até à noite? Mas esta é a verdade, eu sei que tenho de trabalhar para garantir a tranquilidade da mãe, pagar o que te devo e não deixar que os meus filhos fiquem tão pobres como eu.

Maria teria gostado de lhe observar que os homens não vi— vem só de pão, que ele atribuía demasiada importância ao que chamava os seus negócios, mas para si mesma dizia que não devia falar assim e que se o fizesse seria inútil. Contentou-se em pegar-lhe na mão e beijá-la. Nicolau interpretou este gesto da mulher como uma aprovação e a confirmação do que ele acabava de dizer, e depois de ter permanecido algum tempo calado, a pensar, continuou, em voz alta, o curso dos seus pensamentos.

— Sabes, Maria — prosseguiu —, chegou hoje o Ilia Mitrofanovitch (era o administrador). Vem da aldeia de Tambov e disse-me que ofereceram oitenta mil rublos pela floresta.

E pôs-se a contar-lhe, muito animado, que dentro de muito pouco lhe seria possível voltar a comprar Otradnoie:

— Dentro de dez anos posso deixar os nossos filhos numa excelente situação.

A condessa Maria ouvia o marido sem perder o mais pequeno pormenor do que ele dizia. Quando sucedia Nicolau principiar a pensar assim em voz alta, às vezes interrogava-se sobre o que dissera e quando percebia que ela estivera a pensar noutra coisa, ficava furioso. Eis porque ela se via obrigada a um grande esforço, uma vez nada daquilo lhe interessar por aí além. Olhava-o, e, se não pensava noutra coisa, pelo menos os seus sentimentos estavam muito longe. Sentiu um amor submisso e terno por esse homem cuja inteligência não conseguia chegar por vezes ao seu nível e nem por isso o amava menos, antes mais e com apaixonada ternura. Além deste amor que a absorvia por completo e a impedia de compreender todos os pormenores dos projectos do marido, outros pensamentos lhe vinham à cabeça perfeitamente estranhos ao assunto da conversa. Pensava no sobrinho. O que o marido dissera acerca da comoção que ele sentira escutando Pedro impressionara-a muito: recordava certos aspectos do seu carácter delicado e sensível, e ao mesmo tempo pensava nos filhos. Não fazia distinção entre uns e o outro, mas, ao comparar os seus sentimentos, notava, com tristeza, faltar qualquer coisa no seu afecto por Nikolenka.

As vezes queria parecer-lhe que esta diferença era o resultado da idade, mas no fundo sentia-se culpada para com ele e no seu foro íntimo prometia corrigir-se e fazer o impossível, isto é, querer, neste mundo, ao marido, aos filhos, a Nikolenka e ao próximo em geral como Cristo à humanidade. Na sua alma havia sempre uma aspiração ao infinito, ao eterno e à perfeição, por isso nunca podia ter sossego. No seu rosto havia severos vestígios dos profundos tormentos secretos de uma alma oprimida pelo corpo. Nicolau contemplava-a nesse momento.

«Meu Deus!», pensava, «que seria de nós se ela nos faltasse? Eis o que me pergunto sempre que a vejo com esta expressão!» E de pé, diante do ícone, pôs-se a rezar as orações da noite.

[XVI]

Quando ficaram sós, Natacha e o marido principiaram a conversar como apenas o sabem fazer os casados, isto é, trocando entre si breves pensamentos, compreendendo-se por meias palavras, sem lógica, graças a qualquer coisa de

muito especial. Tão habituada estava Natacha a falar com o marido desta maneira que lhe bastava ouvi-lo pôr uma certa sequência nas ideias para compreender que não estavam perfeitamente de acordo. Quando ele principiava a argumentar, falando muito devagar, e ela também, era certo e sabido que acabariam zangados.

Mal ficaram sós, Natacha, os olhos muito abertos, repassados de alegria, aproximou-se de Pedro e, pegando-lhe bruscamente na cabeça, apertou-a contra o coração, exclamando: — Ah, agora és meu e só meu! Já não te deixarei mais! — E então travou-se entre eles uma dessas conversas alheias à lógica. E o certo é que a multiplicidade dos assuntos abordados, em vez de prejudicar a clareza do que diziam, apenas significava que se entendiam perfeitamente.

Assim como no sonho tudo é inverosímil e absurdo menos o sentimento que o conduz, também naquela troca de ideias, contraria a toda a lógica, apenas era claro e compreensível o sentimento que animava o que diziam.

Natacha contava a Pedro a maneira de viver do irmão, o que ela própria sofria quando ele. Pedro, não estava em casa e o muito que gostava de Maria, cada vez mais, a quem considerava muito melhor do que ela própria. E ao dizer que confessava, sinceramente, reconhecer a superioridade de Maria, exigia, ao mesmo tempo, que ele, Pedro, a preferisse a ela. Natacha, a preferisse a Maria e a todas as demais mulheres e que lho provasse, agora sobretudo, depois de ter estado em Petersburgo, onde vira tantas outras mulheres.

Pedro contou-lhe então que lhe tinham parecido insuportáveis todas essas reuniões e todos esses jantares com as senhoras da alta sociedade.

— Perdi o costume de falar com senhoras — disse ele. Nada há mais enfadonho, De resto tinha muito que fazer. — Natacha olhou-o fixamente e continuou:

— Maria é encantadora! E como ela compreende as crianças! Parece que lhes lê na alma. Ontem, por exemplo, o Mitenka leve um ligeiro capricho...

— Parece-se tanto com o pai! — atalhou Pedro.

Natacha percebeu porque fizera Pedro aquela observação; a lembrança da discussão com o cunhado era-lhe penosa e queria saber o que pensava disso Natacha.

— Tens razão. Nicolau tem a fraqueza de só admitir o que todos reconhecem. Por mim compreendo perfeitamente que tu não aches isso bom senão enquanto serve para encetar uma carreira — disse ela, repetindo o que lhe ouvira a ele um

dia.

— É verdade — continuou Pedro. — Para Nicolau as ideias e os raciocínios são um divertimento, uma espécie de passatempo. Está a formar uma biblioteca e impôs a si mesmo que não comprará qualquer novo livro enquanto não tiver lido o que comprou antes, seja ele de Sismondi, de Rousseau ou de Montesquieu — acrescentou, sorrindo. — De resto, sabes tão bem como eu... — Com estas palavras quis deitar um pouco de água na fervura, mas Natacha, para dar-lhe a perceber que era inútil, interrompeu-o.

— Dizes tu, então, que para ele as ideias não passam de divertimento...

— Para mim, pelo contrário, só o que não são ideias e divertimento. Durante a minha estada em Petersburgo via-os a todos como num sonho. Quando uma ideia me preocupa, tudo o mais, para mim, é apenas um espectáculo divertido.

— Que pena tenho de não ter assistido ao teu encontro com os pequenos! — exclamou Natacha. — Qual se mostrou mais alegre? Lisa, naturalmente?

— Sim — replicou Pedro, retomando o curso das suas preocupações. — Nicolau entende que não temos necessidade de pensar. Aí esta uma coisa impossível para mim. Em Petersburgo posso dizer-to, tinha a impressão de que, sem mim, tudo iria por água abaixo, cada um puxava a brasa à sua sardinha. Consegui reuni-los a todos e então a minha ideia tornou-se simples e clara. Não digo que nos devamos opor a este ou àquele. Podemos enganar-nos. O que digo é o seguinte: caminhemos de mãos dadas com todos os que amam a justiça e tenhamos todos uma só bandeira, a bandeira da virtude militante. Sim, esse príncipe Sérgio é homem inteligente e bela pessoa.

Natacha não tinha dúvidas quanto ao valor da ideia de Pedro, mas uma coisa a perturbava: Pedro era seu marido. «Poderá um homem tão importante e tão útil à sociedade ser ao mesmo tempo meu marido? Como foi possível?» E apetecia-lhe dizer isso mesmo. «Quem são as pessoas competentes para julgar se realmente ele é superior a todos os outros?», perguntava ela a si mesma enquanto fazia perpassar pela mente todas as pessoas a quem Pedro tinha em alta estima. Pelo que ele lhe dissera, nenhuma lhe merecia o respeito de Platão Karataiev.

— Sabes em quem estou a pensar? — perguntou-lhe ela. — Em Platão Karataiev! Que faria ele? Aprovar-te-ia neste momento? Pedro não se surpreendeu com a pergunta. Apreendera o pensamento íntimo da mulher.

— Platão Karataiev? — repetiu ele, e ficou pensativo, procurando,

sinceramente, fazer uma ideia do que pensaria esse homem dos seus projectos.— Não compreenderia, e, quem sabe?, talvez no fim de contas os aprovasse.

— Quero-te muito! — exclamou, de súbito. Natacha. — Muito

— Não, não os aprovaria — acrescentou Pedro, depois de curta reflexão. — A nossa vida conjugal, sim, essa aprová-la-ia. Tanto desejava encontrar por toda a parte a felicidade, a beleza, a tranquilidade! Teria orgulho -m que ele nos pudesse ver. Estás sempre a queixar-te da separação. Mas não podes calcular a plenitude de sentimentos que inspiras depois de uma separação...

— Era o que faltava a — principiou Natacha.

— Mas não. Nunca deixo de te querer muito. E não se pode gostar mais, mas sobretudo... — Não terminou a frase, e os seus olhares, que se encontraram, concluíram o seu pensamento.

— Que tolice — exclamou Natacha, subitamente. — Fala-se muito costuma dizer-se que é nos primeiros da lua-de-mel e tempos de casadas que as pessoas são mais felizes. Não, pelo contrário. é depois, o melhor tempo é agora. Se ao menos não tivesses de te ausentar... Recordas-te do que discutíamos? E a culpa era sempre minha, era eu sempre a culpada. E agora nem sequer me lembro porque discutíamos.

— Era sempre a mesma coisa — disse Pedro, sorrindo-se. — O ciúme.

— Não digas isso, não me faças sofrer! — exclamou Natacha, enquanto nos seus olhos brilhava uma chama fria e maldosa. — Viste-a? — acrescentou, depois de um breve silêncio.

— Não e mesmo se a visse não a reconheceria.

Calaram-se ambos.

— Queres saber? Quando estavas a falar no gabinete de Nicolau, eu olhava para ti — voltou ela, tentando dissipar a nuvem que se erguera— Parecem-se como duas gotas de água, tu e o pequeno — referia-se ao filho. — Ah!, tenho de ir vê-lo... São horas... E tenho pena de me ir embora.

Calaram-se de novo por momentos. Depois, repentinamente, voltaram-se ao mesmo tempo um para o outro e puseram-se a conversar. Pedro retomou a conversa, animado e cheio de convicção, Natacha sorrindo, meigamente, com um ar feliz. Calavam-se, alternadamente , para que o outro falasse.

— Que queres dizer? Fala, anda, fala tu primeiro.

— Fala tu; eu nada tenho para dizer — replicou Natacha.

Pedro continuou a falar do assunto que abordara. Expunha com satisfação o tema do êxito das negociações de Petersburgo. Estava convencido, de facto, naquele momento, de que fora chamado a imprimir uma direcção nova à sociedade russa e ao mundo inteiro.

— Queria apenas dizer que as ideias com grande projecção são sempre muito simples. No fundo a minha ideia é que se os criminosos estão unidos entre si, e são uma força, o mesmo devem fazer as pessoas de bem. É muito simples!

— É

— E tu, que querias dizer?

— Nada, tolices.

— Mas, seja como for, fala...

— Nada, é o que te digo, tolices — insistiu Natacha, radiante, com um sorriso nos lábios, cada vez mais resplandecente. — Queria apenas falar-te do Pétia, Hoje a criada veio buscá-lo quando eu o tinha ao colo. Pôs-se a rir, fechou os olhos e agarrou-se a mim. Pensava ele que escondendo-se o não viam. Que engraçado! Lá está ele a chorar. Adeus! — E Natacha desapareceu.

Entretanto, no andar inferior, no quarto de dormir de Nikolenka Bolkonski, estava acesa, como sempre, uma lamparina, pois a criança tinha um medo irreprimível da escuridão, Dessales dormia, as costas apoiadas em quatro almofadas, e o seu perfil grego desenhava-se na penumbra, enquanto ressonava calmamente. Nikolenka acabara de acordar, repassado de suores frios, os olhos muito abertos, e, sentado na cama, olhava, fixamente diante dele. Acordara no meio de um tremendo pesadelo. Sonhara que ele e Pedro estavam de capacete como numa das estampas do seu Plutarco. Iam os dois à frente de um grande exército. Esse exército eram linhas brancas oblíquas que enchiam o espaço como essas teias de aranha que se vêem, em pleno Outono, flutuar nos ares e a que Dessales chamava os fios da Virgem. Diante deles estava a glória, representada por aqueles fios aéreos, apenas um pouco mais consistentes. Ambos se deixavam levar, alegres e ligeiros, aproximando-se cada vez mais do objectivo. De súbito, os fios que os faziam avançar principiam a enfraquecer e a misturar-se, e um grande peso não os deixa caminhar. Nicolau Ilitch, o tio, para diante deles numa atitude severa e, ameaçadora. «Foram vocês quem fez isto», diz-lhe, apontando os pedaços da pena e da cera. «Sou vosso amigo, mas Araktcheiev ordenou e eu vou matar o primeiro de vós que der mais um passo.» Nikolenka relanceou um olhar a

Pedro: mas Pedro desaparecera. Quem o substituía era o pai, o príncipe André. Não tinha forma nem contornos definidos, mas era ele, com certeza. Ao vê-lo, Nikolenka sente que o amor o enfraquece: sente que não tem força, que se transformou em qualquer coisa mole, quase fluida. O pai acaricia-o e consola-o. Mas eis que o tio Nicolau Ilitch continua a caminhar para eles. Cheia de terror, a criança acorda. «Vi meu pai, que me acariciou», disse para si mesmo. Apesar de haver em casa dois retratos do príncipe André, muito parecidos. Nikolenka nunca o vira representado sob forma humana. «Sim, era meu pai que ainda há Pouco estava comigo e me acariciava. Aprovava a minha conduta e a do tio Pedro. Diga-me o que disser, obedecer— lhe— ei. Mucius Scevola queimou a mão. Pois não terei oportunidade de fazer o mesmo na minha vida? Eles querem, bem sei, que me instrua. Serei sábio. E quando acabar a minha instrução, então agirei. Só peço a Deus que venha um dia a encontrar-me na situação dos grandes homens de Plutarco, Farei o que eles fizerem. Farei mesmo melhor. Toda a gente o saberá, todos gostarão de mim, elogiar-me-ão.» De repente sentiu que os soluços lhe estrangulavam a garganta e principiou a chorar.

— Está mal disposto? — perguntou Dessales.

— Não — respondeu Nikolenka, voltando a deitar-se.

«É bom, e eu gosto dele. é um homem excelente», murmurou pensando em Dessales. «E o tio Pedro? Oh!, que maravilha, E meti pai? Meu pai! Sim, farei tudo para que ele se orgulhe de mim..»

SEGUNDA PARTE

[I]

O objecto da história é a vida dos povos e da humanidade. Mas abarcar com palavras, sem outros intermediários, descrever, em suma, não a vida da humanidade, mas a de um único povo, pode parecer tarefa impossível.

Todos os historiadores antigos, para descreverem e abarcarem a vida de um povo e conseguirem isso, que parece impossível, adoptam um único e mesmo processo, Descrevem os actos dos indivíduos que governam esse povo, e esses actos para eles é como se fossem os actos desse povo inteiro.

Quando se lhes perguntava como podiam esses indivíduos separados fazer agir os povos a seu talante e quem dirigia a vontade desses indivíduos, respondiam que a vontade divina submetia os povos à vontade de um homem eleito e depois Que esta mesma divindade dirigia a vontade desse homem para um objectivo previamente estabelecido.

Para os antigos, portanto, a, questão ficava resolvida pela fé numa intervenção imediata da divindade nas acções humanas. A história moderna rejeitou estas duas afirmações.

Pareceria que ao rejeitar a crença dos antigos na subordinação dos homens à vontade divina e a um objectivo determinado para o qual são conduzidos, a história moderna, em vez de estudar as manifestações da autoridade, devia investigar as causas do seu estabelecimento. No entanto, eis o que a história moderna não faz. Rejeitando, em teoria, os pontos de vista dos historiadores antigos, na prática segue-lhes os passos.

No lugar dos indivíduos dotados de poder divino e guiados pela vontade divina coloca ou heróis providos de qualidades extraordinárias e sobre-humanas ou simplesmente indivíduos de méritos muito diversos, quer sejam monarcas, quer simples jornalistas, dirigindo as massas. No lugar dos fins instituídos outrora pela divindade a certos povos, Judeus, Gregos ou Romanos, arrastando a humanidade, coloca o bem do povo francês, alemão ou inglês, ou ainda, mercê de uma

generalização mais abstracta, o bem da civilização em geral, representado, vulgarmente, pelos povos que habitam o pequeno recanto noroeste do grande continente.

A história moderna desprezou as teorias dos antigos sem as substituir na realidade por outras novas, e a lógica obrigou os historiadores, que por assim dizer renegaram o poder divino dos reis e o /atum dos antigos, a admitirem por uma outra via uma conclusão semelhante, qual seja, primeiro, que os povos são conduzidos por indivíduos particulares, e, segundo, que existe um objectivo para o qual se encaminham as nações e a humanidade. Todos os historiadores modernos, de Gibbon a Buckle, apesar do seu desacordo aparente, não obstante a dessemelhança dos seus pontos de vista, reconhecem, no fundo, estes dois princípios inevitáveis:

Em primeiro lugar, o historiador não tem que descrever senão os actos dos indivíduos separados que, na sua opinião, dirigem a humanidade. Para uns, esses indivíduos são os monarcas, os grandes capitães, os ministros; para outros, além dos monarcas, os oradores, os sábios, os reformadores, os filósofos, os poetas. Em segundo lugar, o historiador conhece o objectivo para o qual a humanidade se encaminha: para uns, é a grandeza de Roma, da Espanha, da França: para outros, a liberdade, a igualdade, a civilização, de um certo género, desse pequeno recanto do mundo que se chama Europa.

Em 1789 estalou uma revolução em Paris; essa revolução cresceu, alastrou e tornou-se por fim num movimento dos povos do Ocidente para Oriente. Por várias vezes esse movimento se produz e vem a chocar com um movimento contrário de Oriente para Ocidente. Em 1812 o referido movimento chegou ao seu ponto extremo, Moscovo: depois, um movimento perfeitamente simétrico com o primeiro se realiza em sentido contrário, arrastando consigo, tal qual como da primeira vez, os povos centro-europeus. Este segundo movimento atinge o seu ponto de origem, Paris, e apazigua-se,

Durante este período, que abrange quase vinte anos, uma grande superfície de terra fica em pousio, casas são queimadas, o comércio muda de direcção: milhões de indivíduos se arruinam, enriquecem, emigram, e milhões de cristãos que professam a lei do amor do próximo matam-se mutuamente.

Que significam estes factos? Donde veio tudo isto? Quem levou esta gente a queimar as casas e a matar os seus semelhantes? Quais as causas destes

acontecimentos? Que força obrigou os homens a agir deste modo? Eis as simples, ingénuas e mais que legítimas perguntas que a humanidade formula quando encontra diante de si os monumentos e as tradições deste movimento pretérito.

Para resolver essas questões, o bom senso dirige-se à ciência histórica, cujo objectivo é o estudo dos povos e da humanidade.

Se a história ainda admitisse as teorias dos historiadores antigos, responderia que a divindade, para recompensar ou castigar o seu povo, deu a Napoleão o poder e dirigiu-lhe a vontade no sentido de atingir os seus fins divinos. E a resposta seria completa e clara. Pode crer-se ou não na missão divina de Napoleão; para aquele que acredita, porém, tudo se torna inteligível na história desse tempo e nada há nela que surpreenda.

Mas os historiadores modernos não podem responder desta forma. A ciência já não admite, como os antigos, a intervenção da divindade; por isso as suas respostas têm de ser outras.

Dizem eles então: se quereis saber o que significa este movimento, donde saiu e qual a força que produziu esses acontecimentos, escutai:

«Luís XIV era muito orgulhoso e autoritário; tinha estas e aquelas amantes e estes e aqueles ministros e governou mal a França. Os seus sucessores eram criaturas fracas, que por sua vez também governaram mal. Tiveram estes favoritos e aquelas amantes. Além disso, por esse tempo homens houve que escreveram livros. No fim do século XVIII reuniram-se em Paris algumas dúzias de indivíduos que principiaram a dizer que todos os homens eram iguais e livres. E isto fez que em toda a França os homens principiassem a matar-se uns aos outros. Foram eles quem mandou matar o rei e muito mais gente. Nessa mesma altura havia em França um homem de génio, Napoleão, Por toda a parte saía vitorioso, quer dizer, fazia que se matasse muita gente e isso lhe conferia o génio. Não se sabe porque carga de água foi, inclusivamente, matar africanos e tão bem lhes tratou da pele, tão manhoso e inteligente era, que no regresso a França submetia todo o mundo à sua vontade. E todo o mundo lhe obedecia. Depois de se ter proclamado imperador, foi de novo matar gente na Itália, na Áustria e na Prússia, E aqui matou mesmo muita gente. Na Rússia vivia então o imperador Alexandre, que decidira restabelecer a ordem na Europa, e por esse motivo travava luta com Napoleão. De súbito, porém, no ano de, 1807, tornou-se seu amigo, embora em 1812 de novo se zangue com ele e ambos recomecem a matar muita gente. E

Napoleão levou consigo seiscentos mil homens até a Rússia e conquistou Moscovo, fugindo, em seguida, repentinamente, desta cidade, e foi então que o imperador Alexandre, graças aos conselhos de Stein e de outros, soube unir a Europa e armá-la contra o perturbador da sua tranquilidade. Todos os aliados de Napoleão se tornaram, subitamente, inimigos seus e toda essa gente marchou contra as novas forças reunidas por ele. Os aliados venceram Napoleão, entraram em Paris, obrigaram-no a renunciar ao trono e mandaram-no para a ilha de Elba, sem o privarem do titulo de imperador e dando-lhe as maiores provas de consideração, quando cinco anos antes e um ano mais tarde o considerariam um bandoleiro fora da lei. E Luís XVIII principiou a reinar, esse mesmo rei de quem os Franceses e os aliados até então sempre haviam troçado, Quanto a Napoleão, depois de chorar diante da sua velha guarda, abdicava e partia para o exílio. Em seguida hábeis estadistas e diplomatas, principalmente Talleyrand, que, conseguindo sentar-se primeiro que ninguém em certa poltrona, pudera por esse meio fazer recuar as fronteiras da França, conferenciaram em Viena, e esta conferência tornou os povos felizes ou infelizes. E eis que de um momento para o outro diplomatas e monarcas principiam a guerrear-se e estão de novo prestes a dar ordens aos seus soldados para voltarem a matar-se uns aos outros. É então que Napoleão desembarca, com um batalhão de soldados, e os Franceses, mesmo os que o odiavam, se lhe submetem todos. Os monarcas aliados zangam-se e mais uma vez marcham para a guerra a combater os Franceses. E venceram esse génio que era Napoleão e levaram-no para a ilha de Santa Helena, proclamando, de súbito, que ele era um bandoleiro. Ali, o exilado, longe dos seus dilectos e da sua bem-amada França, morre aos poucos, legando os seus grandes feitos à posteridade. E na Europa produziu-se uma reacção e todos os soberanos recomeçaram a oprimir os seus povos.»

Seria erróneo pensar que estamos brincando e que acabamos de fazer uma caricatura da história. Pelo contrário, apenas demos uma pálida imagem das explicações absurdas e incoerentes que nos proporcionam todos os historiadores sem excepção, desde os autores de memórias e de histórias dos diversos povos até aqueles que escreveram histórias universais ou tratados de um novo género acerca da evolução das civilizações.

O que há de estranho e de cómico em semelhantes deduções resulta do facto de a história moderna ser semelhante a um homem surdo que responde a

perguntas que ninguém lhe faz.

Se o objectivo da história está nas descrições dos movimentos da humanidade e dos povos, a primeira pergunta que se lhe deve fazer, e à qual deve responder, para que tudo o mais se torne inteligível, é a seguinte: qual a força que move os povos? A esta pergunta a história moderna dá-se pressa em responder dizendo-nos ou que Napoleão era um homem de génio ou então que Luís XIV era muito orgulhoso, ou ainda que vários escritores escreveram certos livros.

Tudo isto é muito possível e a humanidade está pronta a aceitar que assim seja, mas não é isso que ela quer saber. Tudo isso poderia ser interessante se admitíssemos que um poder divino, que só de si dependesse e que fosse sempre igual a si mesmo, governasse os povos por intermédio dos Napoleões, dos Luíses XIV ou destes ou daqueles escritores. Nós, porém, não admitimos um poder desse género. Por isso, antes de se falar hoje de todos estes grandes homens, é preciso mostrar as relações que existem entre eles e o movimento dos povos.

Se em lugar deste poder divino aparece uma força nova, é preciso explicar em que consiste essa nova força, pois é ela que confere todo o seu valor à obra da história.

Os historiadores parecem supor que esta força se explica por si mesma e é conhecida de todos. No entanto, apesar do desejo que se possa ter de a supormos conhecida, o leitor de grande número de obras históricas será levado a duvidar de que esta força, compreendida de maneira tão diferente pelos próprios historiadores, seja, de facto, de todos conhecida.

[II]

Qual é então a força que move os povos?

Os autores de biografias individuais e os historiadores dos povos tornados separadamente admitem que essa força seja como que um poder inerente aos heróis e às grandes personalidades. Segundo eles, os acontecimentos produzem-se exclusivamente graças à vontade dos Napoleões, dos Alexandres ou de cada uma das personagens de que a história escreve a vida. As respostas que eles dão às perguntas formuladas são satisfatórias, mas apenas quando consultamos um

historiador para— cada acontecimento.

Assim que os historiadores das diversas nacionalidades ou de diferentes opiniões se põem a descrever um mesmo acontecimento, as suas afirmações perdem imediatamente todo o valor, pois a verdade é que a força em causa cada um deles a interpreta não só de maneira diferente, mas, por vezes, de maneira absolutamente oposta. Este sustenta que determinado acontecimento foi provocado pela força de Napoleão, aquele pela de Alexandre e um terceiro pela de uma terceira personalidade, seja ela qual for. Além disso, os historiadores desta categoria opõem-se uns aos outros inclusivamente para explicarem a força sobre a qual repousa o poder de uma só e mesma personalidade. Thiers, que é bonapartista, afirma que o poder de Napoleão se fundava nas suas virtudes e no seu génio: Lanfrey, que é republicano, afirma que era baseada no bandoleirismo e na mentira, E, assim, ao mesmo tempo que invalidam, mutuamente, as suas asserções, destroem pela mesma razão esta noção de uma força causa de acontecimentos, não proporcionando resposta alguma ao problema essencial da história.

Os historiadores da história universal, que têm de se ocupar de todos os povos, parecem combater os pontos de vista dos historiadores da história particular no que respeita à força que conduz os acontecimentos. Para eles esta força não é o poder inerente aos heróis e aos potentados, mas a resultante de muitas outras forças dirigidas em sentidos diversos. Quando descrevem uma guerra ou uma conquista, procuram as causas dos acontecimentos não no poder de um único indivíduo, mas nas mútuas reacções de grande número de pessoas ligadas a esses acontecimentos.

De acordo com esta teoria, sendo o poder das personagens históricas a resultante de muitas forças, não poderia ser considerado, ao que parece, como uma força que por si mesma, e só por si, conduzisse os acontecimentos tendo com eles uma relação de causa e efeito. Ora pensam que a personagem histórica é o produto do seu tempo e que o seu poder não é mais que o resultado de forças diferentes, ora que o seu poder é essa mesma força que conduz os acontecimentos. Gervinus, Schlosser, por exemplo, e outros, ora demonstram que Napoleão é produto da Revolução Francesa, das ideias de 1789, etc., ora afirmam terminantemente que a campanha de 1812 e outros acontecimentos com que não simpatizam apenas são o resultado da vontade de Napoleão falsamente dirigida e

que as ideias de 1789 foram detidas no seu desenvolvimento pela arbitrariedade do imperador. As ideias da Revolução Francesa e a predisposição geral dos espíritos produziram o poder de Napoleão. E este mesmo poder abafou as ideias e essa corrente geral.

Esta estranha contradição não é acidental. Não só se encontra a cada passo, como de uma longa série de semelhantes contradições é feita a história escrita pelos autores de que falámos. Essa contradição provém de que, ao entrarem na análise, os historiadores universais se detêm a meio caminho.

Para se encontrarem resultados iguais às forças componentes ou que fazem as suas vezes é necessário que a soma das resultantes seja igual à das componentes. Eis uma das condições que nunca é realizada pelos historiadores universais, pois, para explicar a força que lhes serve de componente, devem necessariamente admitir, além das resultantes insuficientes, uma força ainda inexplicada agindo como componente.

O historiador particular, ao descrever, quer a campanha de 1813, quer a restauração dos Bourbons, afirma claramente que esses acontecimentos foram provocados apenas pela vontade de Alexandre, Mas o historiador universal Gervinus, para contrabalançar semelhante opinião, esforça-se por mostrar que estes dois acontecimentos são devidos, não só a Alexandre, mas à acção de Stein, de Metternich, de Madame de Staël, de Talleyrand, de Fichte, de Chateaubriand e de outros. Sem dúvida, o historiador subdividiu o poder de Alexandre nos seus componentes: Talleyrand. Chateaubriand, etc.: a soma destes componentes, a saber, a acção mútua de Chateaubriand, de Talleyrand, de Madame de Staê1 e de outros não é, evidentemente, igual à resultante ou ao que faz as suas vezes, isto é, ao facto de, milhões de franceses se terem submetido aos Bourbons. Do facto de Chateaubriand, Madame de Staël e outros terem trocado entre si tais ideias resulta apenas que entre eles havia essas relações, mas não que milhes de homens tenham obedecido a este ou àquele. E a fim de explicar como esta submissão de tanta gente é uma consequência das relações entre si destas personagens, ou seja, que os componentes iguais a A dão um resultado igual a mil A, o historiador vê-se obrigado a, admitir a forca do poder que ele nega, visto que a considera apenas como o resultado de outras forças, quer dizer, deve admitir uma força inexplicável que actua segundo a resultante. E é o que fazem, efectivamente, os historiadores universais. E por esse motivo não só contradizem os historiadores particulares

como se contradizem também a si mesmos.

A gente do campo, consoante quer que chova ou faça bom tempo, como não faz ideia clara do que se passa na atmosfera, diz que o vento dissipa as nuvens ou que o vento as concentra. Agem da mesma maneira os historiadores universais. às vezes quando estão para aí virados, quando isso está de acordo com as suas teorias, afirmam que o Poder é uma consequência dos acontecimentos: outras, quando têm necessidade de provar qualquer outra coisa, sustentam que, pelo contrário, é o Poder que os produz.

Uma terceira categoria de historiadores, os que se consideram historiadores das civilizações, acertando o passo pelos historiadores da história universal, que consideram, por vezes, os escritores, senhoras mesmo, como forças conduzindo os acontecimentos, compreendem, no entanto, essa força de maneira completamente diferente. Encontram-na naquilo a que chamam civilização, numa actividade moral dos povos.

Estes historiadores são partidários decididos dos seus predecessores, os historiadores da história universal. Com efeito, se se podem explicar os acontecimentos históricos pelas relações que existem entre estes ou aqueles indivíduos, porque não explicá-los pelo facto de Sicrano ou Beltrano ter escrito este ou aquele livro? Esses historiadores elegem, entre os numerosos indícios que acompanham cada fenómeno humano, aqueles que têm valor moral e sustentam que esses indícios são a causa deles. Mas, apesar de todos os esforços neste sentido. é preciso muito boa vontade para se admitir que exista alguma coisa de comum entre a acção moral das ideias e o movimento dos povos. Pode dizer-se mesmo que em caso nenhum é de admitir que essa acção dirija os actos dos homens. Fenómenos tais como as chacinas da Revolução Francesa, consequência da propagação das ideias de igualdade, as guerras cruéis e as execuções, resultado da predicação da lei do amor, contradizem uma tal suposição.

Admitamos mesmo que todas as dissertações confusas e subtis que as histórias nos proporcionam são exactas. Admitamos que os povos são conduzidos por essa força indefinível a que se chama ideia, o problema essencial da história fica, não obstante, sem solução, ou, então, ao antigo poder dos monarcas, à influência já admitida dos conselheiros e outras personalidades virá justificar-se a nova força da ideia, cuja relação com as massas se torna necessário explicar. Pode admitir-se que, tendo Napoleão o Poder, determinado acontecimento se haja dado: pode

admitir-se, com, um pouco de boa vontade, que Napoleão tenha sido, simultaneamente com outras forças actuantes, a causa dos acontecimentos; mas que um livro como o Contrato Social tenha compelido os Franceses a matarem-se uns aos outros, eis o que se não pode compreender sem se explicar a causa da relação desta força nova com o próprio acontecimento.

Não ha dúvida de que existe uma relação entre todos os que vivem numa mesma época, e que, portanto, pode estabelecer-se uma certa relação entre a acção intelectual dos indivíduos e os movimentos históricos, da mesma maneira que se pode estabelecer relação entre os movimentos da humanidade e o comércio, os misteres, a arte da jardinagem e tudo quanto se quiser. Mas como pode esta actividade intelectual surgir aos olhos dos historiadores da civilização como a causa ou a expressão de todo um movimento histórico, eis o que é difícil compreender. Só é possível explicar essa conclusão da maneira seguinte: em primeiro lugar, a história é obra dos sábios e por isso lhes é natural e agradável pensar que graças a eles e aos da sua classe a humanidade inteira se agita, como seria natural e agradável aos comerciantes, aos agricultores, aos soldados, pensarem a mesma coisa, embora estes nada digam porque não escrevem história; em segundo lugar, a acção moral, a actividade espiritual, a civilização, a cultura, o poder das ideias, todas estas coisas são noções obscuras e indeterminadas. à sombra das quais é muito cómodo empregar palavras que têm uma significação ainda menos definida e que por isso mesmo estão aptas a servir a qualquer teoria.

Mas sem falar já da qualidade intrínseca da história deste género, pois será útil sem dúvida a alguém ou servirá para qualquer coisa, a história da civilização, com que principiam a estar cada vez mais de acordo as histórias universais, é notável pelo facto de, ao estudar detalhadamente as diferentes doutrinas religiosas, filosóficas e políticas, tomando-as como causa dos acontecimentos, de cada vez que tem de escrever um facto verdadeiramente histórico, como, por exemplo, a campanha de 1812, o relata, a seu pesar, como o produto do Poder, dizendo abertamente que a referida campanha é uma consequência da vontade de Napoleão. E, ao falarem deste modo, os historiadores, inconscientemente, mostram-se em contradição consigo mesmos ou admitem que esta força histórica nova que imaginaram não dá a explicação dos fenómenos e que a única maneira de os compreender e admitir o poder de um só que eles parecem não reconhecer.

[III]

Urna locomotiva movimenta-se. Pergunta-se porquê. O camponês diz que é o Diabo que a empurra Outro que ela se desloca porque as rodas giram. Um terceiro afirma que a causa do movimento é o fumo que o vento leva.

Nada há a objectar ao camponês. Para isso seria preciso demonstrar-lhe que o Diabo não existe ou que outro da sua classe lhe explicasse que não é o Diabo, mas um alemão que a põe em marcha. Só assim, mercê da contradição, se daria conta de que nem um nem outro tem razão. No que diz respeito ao que atribui o movimento ao girar das rodas contradiz-se a si próprio, pois, uma vez no campo da análise, será obrigado a avançar um pouco mais: ser-lhe-á necessário explicar o movimento das rodas. E só terá o direito de se deter na busca dos motivos quando tiver chegado à última causa do movimento da locomotiva, ao vapor comprimido dentro do êmbolo. Para aquele que explica o movimento pelo fumo que o vento leva, ao notar que a explicação pelas rodas nada explica, lançará mão do primeiro indício que lhe apareceu para apresentá-lo como uma causa.

A única noção capaz de explicar o movimento da locomotiva é a de uma força igual ao movimento visível.

A única noção por meio da qual se pode explicar o movimento dos povos é a de uma força igual a esse movimento geral dos povos.

No entanto, os diversos historiadores compreendem neste conceito forças muito diversas e em nenhum caso iguais ao movimento verificado. Uns falam de uma força inerente aos heróis, da mesma maneira que o camponês fala no Diabo no caso da locomotiva; outros, de uma força que na realidade é produzida por diversas outras forças, como aquele que invoca o movimento das rodas: outros, por fim, a influência moral, como acontece com aquele que alude ao fumo que o vento leva.

Enquanto se não escreverem senão histórias particulares, a dos Césares, dos Alexandres, dos Luteros ou dos Voltaires, e não a de todos os indivíduos, sem excepção alguma, que tomaram parte num acontecimento, não haverá possibilidade de descrever os movimentos da humanidade sem a noção de uma força compelindo-os para um fim. E a única noção no género que os historiadores

conhecem é a do Poder.

Esta noção é o único mecanismo que permite manipular os materiais da história no seu estado actual e aquele que o quis quebrar, como Buckle, sem nada ter para o substituir, mais não fez que privar-se a si mesmo do último expediente ao seu alcance para desempenhar o seu papel. A noção do Poder na explicação dos fenómenos da história é indispensável e a melhor prova disso está no facto de os autores da história universal ou da civilização que pretendem renunciar a ela, a ela recorrem, inevitavelmente, a todo o instante.

Até agora, as obras históricas, no que diz respeito às questões que interessam a humanidade, parecem-se muito com a moeda corrente: notas de banco e moeda sonante. As biografias e histórias dos povos parecem-se com as notas de banco. Podem circular e cumprir a sua função, sem prejuízo seja para quem for, e até com vantagem, enquanto não se põe o problema de quem garante o seu valor. Basta pormos de lado o que dizem a propósito da intervenção da vontade dos heróis nos acontecimentos, e as histórias de Thiers são interessantes, instrutivas, e terão, inclusivamente, uma certa poesia. Mas da mesma maneira que se põe em dúvida o valor real das notas de banco quando se diz que a facilidade com que são fabricadas dá lugar a que se façam em grande número, ou quando chega o momento de as converter no ouro que representam, também se duvida do valor exacto das histórias deste género quando se considera que há realmente demasiadas ou quando nos perguntamos com ingenuidade qual poderá ter sido a força que fez que Napoleão fizesse tudo isso, isto é, quando se quer trocar essas notas de banco em circulação pelo ouro puro das realidades.

Os autores de histórias universais ou da civilização assemelham-se às pessoas que, para ocorrer aos inconvenientes das notas de banco, decidissem fabricar moeda sonante, e apenas sonante. As notas de banco ainda podem induzir em erro aqueles que nada conhecem; a moeda sonante, mas sem valor real, a ninguém pode enganar. Da mesma maneira que o ouro só é verdadeiramente ouro quando pode ser empregado, além de moeda de troca, como valor intrínseco, assim os autores de histórias universais não disporão de um valor ouro senão quando forem capazes de responder a esta questão essencial: que poder é esse? Esses historiadores respondem contraditoriamente a essa pergunta, enquanto os que escrevem sobre a civilização a eliminam inteiramente e falam de outra coisa. E da mesma maneira que as moedas que se parecem com o ouro se não podem usar

senão entre as pessoas que consentem em aceitá-las nessas condições ou entre as que ignoram o que vale o ouro, assim os historiadores referidos, sem responderem aos Problemas essenciais da humanidade, procuram, por fins particulares, essa moeda corrente para as universidades e a uma quantidade de leitores amadores de livros sérios, como eles costumam dizer.

[IV]

Ao repelir o critério dos antigos sobre a submissão divina da vontade do povo a um ser eleito e sobre a submissão desta vontade à divindade, o historiador não pode dar um passo sem se contradizer, caso não escolha uma destas duas alternativas: regressar à crença dos antigos na participação directa da divindade nas obras humanas ou explicar concretamente a significação da força que produz os acontecimentos históricos e a que se dá o nome de, Poder.

Regressar à primeira alternativa é impossível. A crença está destruída: e eis porque é necessário explicar o que significa o Poder.

Napoleão ordenou que se reunisse um exército e que se marchasse para a guerra. Tão habituados estamos a formular as coisas desta maneira, de tal modo penetrou nos hábitos semelhante pensamento que se nos afigura mesmo absurdo perguntarmos como estes seiscentos mil homens pegaram em armas pelo facto de Napoleão ter pronunciado estas ou aquelas palavras. Napoleão dispunha do Poder, por isso as suas ordens foram cumpridas.

Semelhante resposta é satisfatória se acreditarmos que o Poder lhe foi dado por Deus. Mas desde que não admitamos semelhante hipótese torna-se necessário definir o que vem a ser este Poder de um único homem sobre todos os demais.

Esse Poder não pode consistir numa superioridade física do ser forte sobre o fraco, superioridade esta baseada na aplicação ou na ameaça de aplicação da força física: por exemplo, o caso de Hércules. Tão-pouco se pode basear na preponderância da força moral, como pensam, na sua ingenuidade, certos historiadores ao afirmarem que as personagens históricas são os heróis, isto é, criaturas dotadas desse poder particular da alma e da inteligência a que se dá o nome de génio. Não pode basear-se nesta superioridade porque, sem nada dizer

acerca desses heróis, como Napoleão, cujas qualidades morais são muito discutíveis, a história não prova que os Luíses XI ou os Werniches, que tiveram à sua mercê milhões de homens, possuírem qualquer qualidade moral particular, pois a verdade é terem sido geralmente inferiores, no ponto de vista moral, a qualquer dos milhões de indivíduos a quem governaram.

Se a origem do Poder não reside, portanto, nem nas qualidades físicas nem nos méritos morais da pessoa detentora do Poder, torna-se evidente ser preciso procurá-la, fora dessa pessoa, nas suas relações com as massas.

Assim interpreta o Poder a ciência do direito, essa caixa de cambio da história, a qual oferece ouro puro em troca da concepção histórica do Poder.

O Poder é a soma das vontades das massas transportada, graças a um consentimento tácito ou explícito, para os governantes eleitos por aquelas.

No domínio da ciência jurídica, em que se raciocina de maneira puramente abstracta sobre a forma de pôr de acordo o Estado e o Poder, tudo isso é muito fácil; mais, quando aplicada à história, esta definição exige esclarecimentos.

A ciência do direito considera o Estado e o Poder da mesma maneira que os antigos consideravam o fogo, como uma coisa que existe em si mesma. Para a história, pelo contrário, o Estado e o Poder não passam da essência de um fenómeno, tal como para a física moderna o fogo já não é um elemento, mas um fenómeno.

Desta diferença fundamental da concepção da história e da ciência do direito resulta que esta pode dissertar livremente sobre a maneira como se deve, segundo ela, organizar o Poder e sobre o que é esse Poder considerado fora do tempo, mas não pode dar solução alguma aos problemas históricos relativos ao Poder quando submetido às flutuações da temporalidade.

Se o Poder é a soma das vontades transmitida ao governo, representará Pugatchev a vontade das massas? E, se assim não é, porque havia de a representar Napoleão I? Porque é que Napoleão III, ao ser preso em Bolonha, foi considerado um criminoso e porque foram dados como criminosos também, mais tarde, todos aqueles que o prenderam?

Nas revoluções palacianas, em que se encontram envolvidas, por vezes, apenas duas ou três pessoas, a vontade das massas também é transmitida a nova personagem? Quando se trata de conflitos internacionais, é a vontade das massas transmitida ao conquistador? Teria sido transferida, em 1808, a Napoleão a

vontade da Liga do Reno? E a vontade do povo russo também lhe teria sido transferida, igualmente, em 18O9, quando as tropas russas, aliadas às francesas, marcharam contra a Áustria?

Todas estas perguntas admitem uma tríplice resposta, Primeira. Reconhecendo que a vontade das massas é sempre incondicionalmente transmitida àquele ou aqueles que elas escolheram como governantes e que, por conseguinte, toda a intervenção de um novo poder, toda a luta contra o poder transmitido, não deve ser considerada como uma violação do poder verdadeiro.

Segunda. Reconhecendo que a vontade das massas se transmite aos governantes sob determinadas condições e mostrando que toda a restrição, e inclusivamente a anulação do Poder, provém das infracções cometidas pelos governantes relativamente às condições sob as quais lhe foi outorgado o Poder.

Terceira. Reconhecendo que a vontade das massas se transmite aos governantes condicionalmente, mas segundo condições desconhecidas e indefinidas, e que a aparição de vários poderes, as suas lutas e as suas derrotas provêm tão-só de um maior ou menor cumprimento pelo governante dessas condições desconhecidas, segundo as quais a vontade das massas se transmite de um a outro indivíduo.

Os historiadores explicam de uma destas três maneiras a relação das massas com os seus governantes.

Certos historiadores não compreendem a significação do Poder por razões de ingenuidade. Os mesmos historiadores particulares e biógrafos de que falámos anteriormente parecem reconhecer que a soma da vontade das massas se transmite incondicionalmente às personagens históricas. Por isso, ao descreverem um só poder qualquer, supõem que é esse o absoluto e verdadeiro, e que qualquer outro que o contradiga não é um poder, mas um atentado, isto é, uma violência.

A sua teoria, boa para os períodos primitivos e pacíficos da história, aplicada aos períodos complicados e tempestuosos da vida dos povos, durante os quais surgem outros poderes, que lutam entre si, apresenta um inconveniente, por exemplo: o historiador legitimista tratará de demonstrar que a Convenção, o Directório e Bonaparte apenas eram violações do Poder, enquanto o republicano e o bonapartista quererão provar, aquele, que o verdadeiro Poder reside na Convenção e, este, que se radica no Império e que tudo o mais não passa de violação. É evidente que, perante todas estas contradições, as explicações dadas

pelos historiadores apenas podem convir a crianças muito crianças.

Reconhecendo o erro de semelhante concepção, outros historiadores dizem que o Poder é fundado sobre a transmissão condicional aos governantes da soma das vontades das massas e que as personagens históricas só dispõem desse Poder nas condições necessárias à execução do programa que a vontade do povo lhes prescreve por acordo tácito. Mas em que consistem estas condições, eis o que eles não dizem e, se porventura o fazem, é contradizendo-se mutuamente a cada instante.

Cada historiador, segundo a opinião que tem acerca do que constitui o objectivo do movimento dos povos, representa essas condições na grandeza, na riqueza, na liberdade, na instrução dos cidadãos franceses ou de outra nação. Mas, sem falar das contradições dos historiadores em relação a estas condições, e admitindo, inclusivamente, a existência de um programa comum a todos, veremos como os factos históricos contradizem quase sempre essa teoria. Se as condições segundo as quais o Poder é transmitido consistem na riqueza, na liberdade e na instrução do povo, porque reinaram felizes Luís XIV ou Ivan IV até ao fim dos seus reinados e Luís XVI e Carlos I foram sentenciados pelo povo? A esta pergunta os historiadores respondem que a actividade de Luís XIV, contrária ao programa traçado, veio a reflectir-se em Luís XVI. Mas porque não ter-se reflectido em Luís XIV ou em Luís XV? Porque havia de reflectir-se precisamente em Luís XVI? Qual o prazo em que se exerce essa reflexão? No há nem pode haver resposta para estas perguntas. De acordo com este critério, tão-pouco é possível explicar como a soma das vontades permanece durante séculos nas mãos de determinados governantes e cios seus herdeiros e depois, repentinamente, pelo espaço de cinquenta anos, se transmite à Convenção, ao Directório, a Napoleão, a Alexandre, a Luís XVIII, de novo a Napoleão, a Carlos X, a Luís Filipe, ao governo republicano e a Napoleão, o Pequeno. Ao explicar estas transferências, que se cumprem tão rapidamente, das vontades de uma personagem a outra personagem, e sobretudo as relações internacionais, as conquistas, as alianças, os historiadores devem reconhecer, a seu pesar, que uma parte desses acontecimentos não é já a essência da transferência regular das vontades, mas apenas o azar, que depende ora da astúcia, ora do erro, ora da perfídia ou da debilidade de um diplomata, de um monarca ou de um chefe de partido. De maneira que a maior parte dos fenómenos históricos, os distúrbios, as revoluções e as conquistas não se apresentam aos

olhos desses historiadores como transferências livres de vontades, mas como o resultado da vontade falsamente dirigida de uma ou várias pessoas, isto é, ainda uma transgressão do Poder. Eis porque os acontecimentos históricos são infracções à teoria dos historiadores referidos.

Estes historiadores são no género desses botânicos que, tendo observado que certas plantas nascem das sementes de dois cotilédones, sustentam que tudo quanto cresce sai de dois cotilédones e que a palmeira, o cogumelo e até o carvalho, quando em sua plena florescência, já sem duas folhas iguais, são excepções à regra.

Os historiadores da terceira categoria reconhecem que a vontade das massas se transmite condicionalmente às personagens históricas, mas que desconhecemos essas condições. Dizem que essas personagens históricas têm o Poder apenas por serem portadoras da vontade das massas, a qual lhes é transmitida-

Mas, então, se a força que move os povos não está nas personagens históricas, mas no próprio povo, em que consiste a importância dessas personagens?

Os historiadores dizem que são eles quem exprime a vontade das massas, que os seus actos representam exactamente a vontade do povo.

Neste caso, porém, surge a seguinte pergunta: são todos os actos destas personagens ou só uma parte da sua actividade que exprimem a vontade das massas? Se toda a actividade destes homens é o reflexo dessa vontade, como pensam alguns, as biografias de Napoleão e de Catarina II, cheias de pequeninas intrigas de corte, serão a expressão da vida dos povos, o que é, evidentemente, uma insensatez, Mas se é apenas um parte dos seus actos que representa a vida dos povos, como pensam outros historiadores mais filósofos, então, para se definir qual o lado da actividade da personagem histórica que exprime a vida do povo. é preciso saber antes em que consiste essa vida.

Ao defrontarem-se-lhes estas dificuldades, os historiadores referidos inventam uma espécie de entidade muito vaga e inconsistente, dentro da qual pode classificar-se grande número de acontecimentos possíveis, e sustentam que esta pura abstracção é, o objectivo do movimento da humanidade, As abstracções mais vulgares admitidas por quase todos os historiadores são a liberdade, a igualdade, a instrução, o progresso, a civilização, a cultura. Admitindo como objectivo do movimento da humanidade qualquer destas abstracções, pegam nas pessoas que deixaram atrás de si maior nomeada, os reis, os ministros, os grandes capitães, os

grandes escritores, os reformadores, os papas, os jornalistas, e estudam-nos na medida em que eles teriam, na sua opinião, favorecido ou combatido esta ou aquela entidade reconhecida. Mas como não esta provado que o objectivo da humanidade consiste na liberdade, na igualdade, na instrução ou na civilização, e já que o vínculo entre as massas e os governantes ou os propagadores da cultura se baseia apenas na suposição arbitrária de que a vontade das massas se transmite sempre às personagens de primeira plana, a actividade de milhões de homens que emigram, incendeiam as suas casas, abandonam o cultivo das terras e se matam uns aos outros nunca se explica pelos actos de uma dezena de personagens que não queimam as suas casas, não se dedicam à agricultura e não matam o seu semelhante.

A história demonstra isto cada passo. Porventura o movimento dos povos do Ocidente, nos fins do século XVIII, e a sua marcha para o Oriente, se explica pela actividade de Luís XIV, Luís XV, Luís XVI ou das suas amantes, dos seus ministros, ou pela vida de Napoleão, de Rousseau, de Diderot, de Baumarchais e de outros? Porventura o movimento do povo russo para Oriente — para Kazan ou para a Sibéria — se explica pelos pormenores que se conhecem do carácter doentio de Ivan IV e pela sua correspondência com Kursbski?

Porventura pode explicar-se o movimento dos povos durante as cruzadas pela vida dos Godofredos, dos Luíses e das suas esposas? Para nós, o movimento dos povos para Oriente permanece incompreensível, sem qualquer objectivo, sem chefe, com uma multidão de vagabundos, e Pedro, o Eremita, à frente. E ainda é mais incompreensível a cessação desse movimento na altura em que as personagens históricas activas lhe tinham encontrado um fim razoável e santo: a libertação de Jerusalém. O papa, os reis e os cavaleiros incitavam o povo a libertar a Terra Santa, mas o povo negava-se a fazê-lo, pois a causa desconhecida que o havia impulsionado antes já não existia. A história dos Godofredos e dos trovadores não pode englobar a vida dos povos. Esta história continua a ser o que foi, e a vida dos povos, as suas aspirações, permanecem desconhecidas.

A história dos escritores e dos reformadores explica-nos ainda menos a vida dos povos.

Uma história da civilização pode proporcionar-nos esclarecimentos sobre as aspirações, a vida ou as ideias de um escritor ou de um reformador. Sabemos que Lutero tinha, um feitio assomadiço e pronunciou estas e aquelas palavras: sabemos

que Rousseau era desconfiado e escreveu estes e aqueles livros; mas não podemos saber porque, depois da Reforma, os povos se mataram uns aos outros e porque, depois da Revolução Francesa, fizeram o mesmo.

Unir estas duas histórias, como o fazem os historiadores modernos, é escrever a história de monarcas e escritores, mas não a história dos povos.

[V]

A vida dos povos não pode confundir-se com a de um reduzido número de indivíduos, uma vez que se não conhece o vínculo que une uns aos outros. A teoria segundo a qual este vínculo se baseia na transmissão da sorna das vontades às personagens históricas é uma hipótese que a experiência histórica não confirma.

Esta teoria pode, sem dúvida, explicar muita coisa no domínio jurídico; é talvez necessária para os seus próprios fins, mas aplicada à história, assim que surgem revoluções, conquistas, guerras civis, logo que aparece a verdadeira história, nada mais explica.

Esta teoria parece irrefutável precisamente porque o acto da transmissão da vontade do povo não pode ser verificado, visto nunca ter existido.

Seja qual for o acontecimento que se realize, seja qual for a personagem que o dirige, a teoria está sempre a tempo de dizer que esta personagem veio a encontrar-se à frente do acontecimento porque a soma das vontades lhe foi transmitida-

As soluções que esta teoria traz aos problemas históricos parecem-se com o que diria um homem que, ao ver um rebanho em marcha, sem se preocupar com as diversas condições do pastoreio, os diferentes lugares do campo ou a direcção dada pelo pastor, atribuísse a causa desta ou daquela direcção que o rebanho tome ao animal que vai adiante.

«O rebanho caminha nesta direcção porque o animal que vai à frente o conduz e a soma das vontades de todos os outros é transferida para esse chefe.» Assim falam os historiadores da primeira categoria, os que admitem a transferência absoluta do Poder.

«Se os animais que caminham na vanguarda do rebanho porem substituídos, é

porque a soma das vontades de todos os animais passa de um dirigente para outro, desde que esse animal os conduz na direcção que todo o rebanho escolheu.» Assim se exprimem os historiadores que admitem que a soma da vontade das massas é transferida aos dirigentes em condições que eles julgam conhecer. Nesse caso acontece multas vezes que o historiador observador do movimento, ao encarar a direcção escolhida, considera como guias aqueles que, no momento da mudança de direcção das massas, já não se encontram à cabeça, mas ao lado, e algumas vezes mesmo atrás.

«Se os animais que vão à frente mudam a todo o momento e se a direcção seguida pelo rebanho muda também constantemente, isso é o resultado do facto de os animais, para tomarem a direcção que antecipadamente conhecemos, transmitirem as suas vontades a certos animais mais em evidência do que outros. Por isso, para se estudar o movimento do rebanho, temos de observar todos os animais que vemos e que seguem em qualquer parte do rebanho.» Assim falam os historiadores da terceira categoria, que reconhecem como expressão de uma certa época todas as personagens históricas, desde os monarcas aos jornalistas. A teoria da transferência da vontade das massas a uma personagem histórica não passa de uma perífrase, quer dizer, a repetição da mesma pergunta por outras palavras.

Qual a causa dos acontecimentos históricos? O Poder. Que é o Poder? O Poder é a soma das vontades transferidas para uma só personagem. Em que condições se transmitem as vontades das massas a uma única personagem? Quando essa personagem exprime a vontade de todos os outros. Por outras palavras, o Poder é o Poder, Como quem diz: o Poder não é mais que o Poder. Por outras palavras ainda, o Poder não é mais que uma palavra cujo significado nos é desconhecido.

Se o domínio do conhecimento se limitasse às noções abstractas, submetendo ao exame do espírito crítico a explicação que a ciência nos dá do Poder, concluiríamos que o Poder mais não é que uma palavra e que na realidade esse Poder não existe. Mas para o conhecimento dos fenómenos possui o homem, além das noções abstractas, a arma da experiência, com a qual comprova os resultados das suas ideias puras. E a experiência proclama que o Poder não é uma palavra, mas um fenómeno que realmente existe.

Sem falar que nenhuma descrição da actividade colectiva se pode fazer sem compreender o Poder, a existência do Poder fica demonstrada tanto pela história como pela observação dos acontecimentos contemporâneos.

Cada vez que tem lugar um acontecimento histórico, aparecem um ou vários homens graças à vontade dos quais esse acontecimento se realiza. Sob o mando de Napoleão III, os Franceses vão ao México. O rei da Prússia e Bismark ordenam, e o exército dirige-se para a Boémia. Napoleão I dá as suas ordens e os exércitos marcham contra a Rússia. Alexandre I faz um gesto e os Franceses submetem-se aos Bourbons. A experiência mostra-nos que, seja qual for o acontecimento que se produz, esse acontecimento depende sempre da vontade de uma ou de várias pessoas que o ordenaram.

Segundo o velho costume de se reconhecer a participação divina nas obras humanas, os historiadores querem ver a causa do acontecimento na expressão da vontade da personagem investida do Poder; mas esta conclusão não está confirmada nem pelo raciocínio nem pela experiência.

Por um lado, o raciocínio demonstra que as expressões da vontade do homem, as suas palavras, não são mais que, uma parte da actividade geral que se exprime mediante um acontecimento, como, por exemplo, uma guerra ou uma revolução. Por isso, desde que se não admite uma força incompreensível e sobrenatural, um milagre, também se não pode admitir que as palavras sejam a causa directa do movimento de milhões de homens, Por outro lado, se se admite, inclusivamente, que as palavras não são a causa de um acontecimento, a história demonstra que, em muitas ocasiões, a expressão da vontade das personagens históricas não produz qualquer efeito, quer dizer que, com frequência, não só se não cumprem as suas ordens como também que às vezes sucede o contrário do que se ordenou.

Sem admitir a participação divina nas obras da humanidade, não podemos aceitar o Poder como causa dos acontecimentos.

Do ponto de vista da experiência, o Poder não é mais que uma dependência entre a expressão da vontade de uma personagem e o cumprimento dessa vontade por outros homens.

Para explicarmos as condições desta dependência, antes de mais nada devemos restabelecer o conceito da expressão da vontade, relacionando-o com o homem e não com a divindade.

Se a divindade dá ordens e, exprime ,a sua vontade, como nos mostra a história dos antigos, então a expressão dessa vontade não depende do tempo e não é provocada por coisa alguma, uma vez que a divindade não se encontra em relação com o acontecimento. Mas, ao falar-se de ordens, quer dizer, da expressão

da vontade dos homens que actuam no tempo e estão vinculados entre si, para explicarmos o vínculo existente entre as ordens e os acontecimentos devemos estabelecer o seguinte:

Primeiro: as condições de todos os acontecimentos que se realizam, a continuidade do movimento ininterrupto no tempo, assim como a da pessoa que dá as ordens. Segundo: a condição do vínculo necessário em que se encontra a pessoa que, dá as ordens em relação àqueles que as cumprem.

[VI]

Só a expressão da vontade da divindade, que não depende do tempo, pode relacionar-se com uma série de acontecimentos que devem realizar-se dentro de alguns anos ou de alguns séculos, e só a divindade, que não é provocada por coisa alguma, pode determinar, por sua própria vontade, a direcção do movimento da humanidade, enquanto o homem actua sempre no tempo participando ele próprio no acontecimento.

Restabelecendo a primeira condição admitida, a condição do tempo, veremos que nem uma única ordem pode cumprir-se sem outra precedente que torne possível a execução da última.

Nunca ordem alguma aparece arbitrariamente, sem conter em si mesma toda uma série de acontecimentos. Cada ordem dada deriva de outra e nunca está relacionada com um conjunto de acontecimentos, mas sempre com um só momento do acontecimento.

Quando, por exemplo, dizemos que Napoleão ordenou ás suas tropas que marchassem para a guerra, unimos, numa mesma ordem expressa, uma série de ordens consecutivas dependentes umas das outras. Napoleão não podia ordenar a marcha sobre a Rússia e nunca fez semelhante coisa. Um dia deu ordem para se escreverem estes ou aqueles documentos destinados a Viena, a Berlim e Petersburgo; no dia seguinte publicou este ou aquele decreto ou ordem do dia ao exército, à armada, à intendência, etc. Deu milhares de ordens, as quais formaram uma série de acontecimentos que conduziram as tropas francesas à Rússia.

Durante todo o seu reinado, Napoleão foi dando ordens relativas à expedição a

Inglaterra. A nenhum outro empreendimento consagrou tantos esforços nem tanto tempo e, no entanto, nem uma só vez tentou levar a cabo o seu projecto. Em compensação, organizou a marcha sobre a Rússia, país com o qual, repetira várias vezes, considerava vantajoso aliar-se. Isto quer dizer que a suas primeiras ordens não correspondem a uma série de acontecimentos, coisa que sucede às segundas.

Para que se cumpra com toda a segurança o que o homem ordena, tem de tratar-se de uma ordem susceptível de ser executada. No entanto, é impossível saber de antemão o que pode e o que não pode executar-se, não só num acontecimento tão complicado como a campanha da Rússia, em que tomaram parte milhões de, homens, mas, inclusivamente, num acontecimento mais simples, pois quer num quer no outro podem surgir sempre numerosos obstáculos. Por cada ordem executada há sempre numerosas ordens que o não chegam a ser. As ordens impossíveis não estão vinculadas ao acontecimento e não podem ser cumpridas. Só se levam a cabo as que são possíveis, as que se encadeiam na série consecutiva de ordens que correspondem a uma série de acontecimentos.

A ideia falsa de que a ordem que precede o acontecimento é a causa desse mesmo acontecimento deriva do facto de, no momento em que o acontecimento se produz, as únicas ordens entre os milhares de ordens dadas de acordo com o acontecimento foram executadas e esquecemos as que o não foram porque o não podiam ser. Além disso, a fonte principal do nosso erro a este respeito provém de que, nos relatos históricos, toda uma série inumerável de pequenos e muito variados factos, como, por exemplo, tudo que podia atrair as tropas francesas à Rússia, se confunde num acontecimento único, segundo o resultado que produziu, e para responder a esta confusão toda uma série de ordens igualmente se funde na expressão única de uma vontade.

Diremos: quis fazer a campanha da Rússia e fê-la. Na realidade, nunca encontrámos nos seus actos fosse o que fosse de parecido com a expressão de semelhante vontade, enquanto descobrimos séries de ordens ou de expressões da sua vontade dirigidas da maneira mais diversa e mais indeterminada. Da soma de ordens de Napoleão não cumpridas derivou uma série levada a cabo na campanha de 1812, não porque estas ordens se distinguissem das outras, das não cumpridas, mas porque coincidiam com uma série de factos que conduziram as tropas francesas à Rússia. Quando se pinta com um modelo à vista, o pintor não tem de se preocupar com a maneira de usar as tintas e o sitio do que as há-de aplicar, pois as

tintas se encontram colocadas de acordo com os contornos da figura desenhada do modelo.

Da mesma maneira, ao examinar, no tempo, a, relação existente entre as ordens e os acontecimentos, vemos que em nenhuma circunstância podem ser aquelas as causas dos acontecimentos, apenas existindo entre umas e outras certa dependência.

Para se compreender em que consiste essa dependência é, necessário restabelecer-se a outra condição omitida de cada ordem, que não provém da divindade, mas do homem e se estriba no facto de que aquele que ordena participa pessoalmente no acontecimento.

A relação entre o que ordena e os que recebem as ordens, eis, precisamente, o que se chama Poder. Esse Poder consiste no seguinte:

Para uma acção comum, os homens formam sempre certos grupos nos quais, apesar da diferença dos objectivos visados por cada um na acção conjunta, as relações entre os que nela tomam parte são sempre as mesmas.

Ao unirem-se desta maneira têm sempre em si relações tais que o maior número deles toma a maior parte da participação directa no empreendimento e o menor numero a mais pequena De todos os agrupamentos formados pelos homens para realizar actos colectivos, um dos mais concretos e definidos é o exército.

Todo o exército se compõe de membros os mais humildes na hierarquia militar, soldados rasos, sempre o maior número, de outros, de patente mais elevada, os cabos, os sargentos, menos numerosos, e ainda de outros de patente ainda mais elevada, menos numerosos ainda, e assim por diante até à mais alta autoridade militar, a qual é constituída apenas por uma só pessoa.

A organização do exército poder-se-ia perfeitamente representar por um cone cujo maior diâmetro seria ocupado pelo soldado raso, as secções menores, ocupadas pelas patentes sucessivamente mais elevadas, até ao topo do cone, onde estaria o general-chefe.

Os soldados, que são os mais numerosos, formam a parte inferior e a base. É o soldado, directamente, quem fere, corta, queima, saqueia, e para executar estas tarefas recebe sempre ordens dos que estão situados na escala acima; o soldado raso, por si, nunca dá ordens. Os sargentos, menos numerosos, raramente executam a mesma tarefa que o soldado raso; mas já dão ordens. O oficial ainda mais raramente age, e dá mais ordens. O general limita-se a dizer às tropas que

marchem e quase nunca se serve das suas próprias armas. O com andante— chefe não pode tomar já parte directa na acção e limita-se a emitir as medidas gerais que fazem mover as massas. Eis o que se passa exactamente com qualquer reunião de indivíduos associados numa acção comum, quer seja um empreendimento agrícola, comercial ou de qualquer outra espécie.

Assim, pois, sem separar artificialmente as partes que formam o cone, e se confundem entre si, isto é, as patentes do exército ou títulos e situações de qualquer organização colectiva, depreende-se da lei que os homens, para levarem a bom termo uma obra de iniciativa comum, combinam de tal sorte a acção que empreendem que quanto mais directa é a parte que tomam nessa obra menos têm que dar ordens e tanto mais numerosos são. Quanto menos nela participam directamente tanto mais ordens dão e menos numerosos são, e erguendo-se, assim, desde as camadas inferiores, chega-se a um único e derradeiro indivíduo, que participa directamente na obra menos que todos os outros e mais do que nenhum exerce a sua influência por meio de ordens.

Esta é a relação entre os homens que comandam e aqueles que recebem as ordens, relação que constitui a essência do conceito chamado Poder.

Ao restabelecer as condições do tempo em que se cumprem os acontecimentos, conviemos que uma ordem se executa unicamente quando está relacionada com uma série de factos correspondentes.

Ao restabelecer as condições necessárias da união entre o que ordena e o que executa, vimos que quem ordena toma menor parte no acontecimento e que a sua actividade está consagrada exclusivamente ao exercício das funções do mando.

[VII]

Quando se está a produzir um acontecimento qualquer, os homens exprimem as suas opiniões e os seus desejos em relação a ele, e, embora o próprio acontecimento derive da acção colectiva de muitos homens, é evidente que uma das expressões ou desejos formulados se realiza sem falta, ainda que seja de maneira aproximada. Quando uma das opiniões manifestadas se realiza, encadeia-se ao acontecimento como se fosse a ordem que o precedeu.

Um grupo de homens arrasta um tronco. Cada um deles dá a sua opinião sobre a maneira de o arrastar e o local para onde deve ser conduzido. Concluída que seja a tarefa, verifica-se ter sido realizada como o dissera um dos trabalhadores. E foi ele quem deu a ordem. E eis aqui a ordem e o poder sob a sua forma primitiva: aquele que mais trabalhou com as suas próprias mãos foi o que menos pôde reflectir sobre o que fazia e, por conseguinte, o que menos pôde pensar no que resultaria da acção comum. Não podia dar ordens. O que deu mais ordens pôde actuar menos com as mãos mercê da actividade verbal que exerceu. Numa reunião de homens que dirigem a sua actividade para um objectivo único, a categoria dos que tomam parte directa na obra comum encontra-se tanto mais fraccionada quanto maior a actividade que desenvolvem para dar ordens.

Quando actua só, o homem leva sempre dentro de si um certo número de considerações, que já guiaram, pensa ele, a sua actividade passada, capazes de justificar os seus actos presentes e dirigi-los na previsão do que fará. Os grupos de homens agem precisamente da mesma maneira quando deixam àqueles que não tomam parte na acção o cuidado de imaginar as considerações, as justificações, as previsões aplicáveis ao acto comum.

Por causas que nos são conhecidas ou desconhecidas, os Franceses matam-se uns aos outros. E em relação com tal acontecimento surge a justificação concomitante, que consiste em sustentar que isso era necessário para o bem da França, a liberdade e a igualdade. Os homens deixam de se matar uns aos outros, e imediatamente chega a justificação do acontecimento pela, necessidade que havia de manter a unidade de Poder, da luta contra a Europa, etc. Caminha-se do Ocidente para o Oriente matando o semelhante, e a empresa é acompanhada de discursos sobre a glória da França, a baixeza da Inglaterra, etc. A história mostra-nos como estas justificações nada têm que ver com o bom senso, se contradizem umas às outras, da mesma maneira que o assassinato de um homem para proclamar os direitos do homem e a matança de milhões de homens para humilhar a Inglaterra. Mas estas justificações, no ponto de vista dos contemporâneos, têm uma importância decisiva e eliminam a responsabilidade moral dos homens que originam os acontecimentos. Os fins provisórios lembram as escovas colocadas diante da viatura destinada à limpeza da via pública: limpam o caminho da responsabilidade moral dos homens. Sem tais justificações não se poderia explicar o problema extremamente simples que se nos apresenta quando examinamos

qualquer acontecimento. «Como é possível que milhões de homens cometam colectivamente crimes, guerras, matanças, etc.?»

Dadas as complicadas formas actuais da vida política e social da Europa, poder-se-á imaginar um acontecimento qualquer que não esteja prescrito, decretado, ordenado pelos soberanos, os ministros, os parlamentos, os jornais? Haverá qualquer obra colectiva que não encontre a sua justificação na unidade do Estado, nas necessidades nacionais, no equilíbrio europeu, na civilização? Deste modo todo e qualquer acontecimento que venha a cumprir-se coincide necessariamente com algum desejo expresso, e uma vez que encontra uma justificação passa a ser encarado como obra da vontade de uma ou mais pessoas.

Qualquer que seja a direcção de um navio ver-se-á sempre diante dele a corrente das ondas que ele corta. Para as pessoas que se encontram a bordo o único movimento visível será o dessa corrente.

Só ao observarmos de perto, momento a momento, esse movimento das ondas e ao compará-lo ao movimento do navio nos convenceremos de que o movimento da corrente está definido a cada momento pelo navio e que caímos nesse erro pelo facto de avançarmos imperceptivelmente.

Chegaremos à mesma conclusão se seguirmos passo a passo os movimentos das personagens da história (quer dizer, ao restabelecer as condições necessárias de tudo que se realiza, as condições da continuidade do movimento no tempo) sem perder de vista o vínculo necessário entre as personagens históricas e as massas.

Suceda o que suceder, sempre resultara que o acontecimento era o previsto e ordenado. Seja qual for a direcção do navio, a corrente, que não contribui nem para o guiar nem para aumentar a sua velocidade, produz-se à proa e de longe terá para nós o efeito de uma agitação absolutamente independente e que ainda por cima parece dirigir o navio.

Ao examinar somente as expressões da vontade das personagens históricas que podem relacionar-se com os acontecimentos sob a forma de ordens, os historiadores supõem que os factos estão subordinados às ordens. Ao examinar os mesmos acontecimentos e a relação em que se encontram as massas com as personagens históricas, chegamos à conclusão de que as personagens históricas e as suas ordens se encontram na dependência dos acontecimentos. A prova indiscutível desta conclusão reside no facto de que, seja qual for o número de ordens dado, o acontecimento não chega a produzir-se se não existem além delas

outros motivos. Mas enquanto um acontecimento qualquer se realiza entre todas as vontades que incessantemente se manifestam, acharemos alguma de tal natureza que em virtude do seu sentido e do tempo pode considerar-se como uma ordem ao relacioná-la com o acontecimento,

Ao chegar a esta conclusão, estamos capazes de responder concreta e positivamente aos dois problemas essenciais da história:

Primeiro: que é o Poder?

Segundo: qual a força que produz os movimentos dos povos? Primeiro: o Poder é a relação entre uma personagem determinada e outros homens, segundo a qual, quanto menos intervenha aquela na acção tanto mais opiniões, suposições e justificações exprime a respeito da obra comum que se realiza.

Segundo: não é o Poder, a actividade intelectual, e nem mesmo a união das duas coisas, que produz o movimento dos povos, como pensam os historiadores, mas a actividade de todos os homens que tomam parte num acontecimento e que se agrupam sempre de tal maneira que os que participam de modo mais directo aceitam uma menor responsabilidade e vice-versa.

Do ponto de vista moral, o Poder é o que se rios apresenta como causa de um acontecimento, Do ponto de vista físico, aqueles que se submetem ao Poder é que parecem ser a sua causa. Mas como a actividade moral não é possível sem a actividade física, a causa de um acontecimento não se encontra numa nem na outra, mas na união das duas.

Por outras palavras: o conceito da causa é inaplicável ao fenómeno que estudamos.

Em última análise, chegamos ao círculo eterno, a esse limite extremo a 'que chega, em todos os domínios do pensamento, o espírito humano quando não pretende jogar com o assunto, A electricidade produz o calor, o calor gera a electricidade. Os átomos atraem-se, os átomos repelem-se.

Quando falamos das reacções recíprocas do calor e da electricidade ou dos átomos, nada podemos dizer da causa dos fenómeno dizemos que isso se produz assim porque é absurdo que aconteça de outra maneira, porque assim deve ser, porque é essa a lei. O mesmo se dá com os fenómenos históricos. Ignoramos por— que se deu esta ou aquela revolução, apenas sabemos que para a realização deste ou daquele acto os homens se uniram de tal maneira, e que todos tomaram parte nisso, e acrescentamos que é assim por ser inadmissível de outra maneira, por ser

essa a lei.

[VIII]

Se a história tivesse de se ocupar de fenómenos exteriores, bastaria a prova desta lei tão simples e evidente para a nossa missão estar terminada, Mas a lei da história aplica-se ao ser humano. Uma pequena partícula de matéria não nos pode dizer que não sente em absoluto a necessidade da atracção ou da repulsão e que essa necessidade não é certa, Em compensação o homem, que é o objecto da história, diz sem rodeios: «Sou livre e não me submeto a qualquer lei.»

Este problema do livre arbítrio, ainda que não expresso, está presente a cada passo na história.

A todos os historiadores sérios veio a deparar-se-lhes, a pesar seu, este problema. Todas as contradições, todas as incertezas da história, todas as falsas vias em que se insinua, não são mais que o resultado de este problema estar por resolver.

Se a vontade do homem é livre, isto é, se cada um de tios pode agir como quer, a história inteira não passa de uma série de azares incoerentes.

Se num período de mil anos surgisse, entre milhões de homens, um só com a possibilidade de proceder livremente, quer dizer, de proceder a seu talante, é evidente que esse acto livre, contrário às leis, destruiria a possibilidade da existência de leis, fossem elas quais fossem, relativas à humanidade.

E basta que exista uma só lei capaz de dirigir as acções dos homens para não poder haver livre arbítrio, uma vez que, em tal caso, a vontade dos homens deve submeter-se à referida lei.

Nesta contradição se resume o problema do livre arbítrio, com que se têm preocupado, desde os mais remotos tempos, as melhores inteligências humanas, e que desde esses recuados tempos se apresenta em toda a sua importância.

Este problema consiste em que, ao tomar o homem como objecto de observação de um ponto de vista qualquer, seja teológico, histórico, ético ou filosófico, nos encontramos com a lei geral da necessidade a que está submetido, como tudo o que existe. Mas se o considerarmos do nosso próprio ponto de vista, o

ponto de vista da nossa consciência, sentimo-nos livres.

Esta consciência é um elemento do nosso conhecimento absolutamente separado e independente da razão. Graças à razão, observa-se o homem a si mesmo: mas é só pela consciência que ele se conhece.

Sem consciência, nenhuma observação é possível, nenhuma aplicação da razão.

Para compreender, observar, concluir, o homem deve, antes de tudo, ter a consciência de que está vivo. E o homem só se reconhece vivo enquanto se reconhece dotado de vontade, ou, como quem diz, quando tem consciência da sua vontade. E a vontade do homem, a essência da sua existência, não a concebe ele nem a pode conceber senão livre.

Quando, no decurso das observações que faz sobre si mesmo, o homem descobre que a sua vontade encontra pela frente sempre a mesma lei, quer seja a necessidade de se alimentar ou o funcionamento do seu cérebro ou qualquer outra coisa, esta necessidade não a pode ele compreender senão como uma restrição ao exercício da sua vontade. O que não é livre não pode ser limitado. A vontade do homem aparece ilimitada precisamente porque ele a concebe e não pode concebê-la senão livre.

Quando uma pessoa diz: «Não sou livre, e no entanto levanto e deixo cair a minha mão», todos compreendem que esta resposta ilógica é a prova indiscutível da liberdade.

Esta resposta é a expressão da consciência não submetida à razão. Se a consciência da liberdade não fosse uma fonte particular e independente da razão, estaria submetida ao raciocínio e à experiência. Mas na realidade essa dependência nunca se verifica e é inconcebível.

Uma série de experiências e de raciocínios prova a cada homem que, tomado como objecto de observação, está submetido a certas leis, e que o homem se submete a elas e não luta contra a lei da atracção ou da impenetrabilidade. Mas a mesma série de experiências e de raciocínios mostra-lhe ser impossível a liberdade absoluta que reconhece em si mesmo, que todos os seus actos dependem do seu organismo, do seu carácter e das causas que actuam sobre ele. O homem, porém, nunca se submete às conclusões dessas experiências e desses raciocínios.

Uma vez que a experiência e o raciocínio lhe fizeram compreender que a pedra cai de cima para baixo, o homem crê, indiscutivelmente, nisso, e em todas as circunstâncias aguarda que se cumpra a lei que aprendeu.

Mas, ao verificar, também de modo indiscutível, que a sua vontade está submetida a leis, não crê nem pode crer nesse fenómeno,

Ainda que a experiência e o raciocínio mostrem ao homem que, estando nas mesmas condições e dotado do mesmo carácter, tara sempre o mesmo, ao encontrar-se pela milionésima vez perante o acto que vai realizar sente a indiscutível segurança de que pode proceder de outra maneira, isto é, a seu talante. Todo o homem, selvagem ou pensador, a quem se demonstre, mediante a lógica e os raciocínios, ser impossível imaginar dois actos diferentes nas mesmas condições, sente que sem essa representação insensata — a essência da liberdade — não pode conceber a vida. Sente que isso existe, por impossível que pareça, pois sem essa representação da liberdade não só não compreenderia a vida, como não poderia viver um instante que fosse.

Não poderia viver porque todas as aspirações dos homens, todas as exigências da vida, são apenas desejos de aumentar a liberdade.

A riqueza e a pobreza, a glória e a obscuridade, o Poder e a submissão, a força e a fraqueza, a saúde e a doença, a cultura e a ignorância, o trabalho e o ócio, a saciedade e a fome e a virtude e o vício mais não são que graus maiores ou menores da liberdade.

Imaginar um homem privado de liberdade é imaginá-lo privado de vida.

Se o conceito de liberdade se apresenta à razão como uma contradição insensata, como a possibilidade de cometer dois actos e diferentes nas mesmas circunstâncias, ou como um acto sem causa, isso prova somente que a consciência não está submetida a razão. Sem esta consciência de uma liberdade indestrutível, irrefutável, não submetida à experiência nem à razão, reconhecida e sentida por todos os homens sem excepção. é impossível representar-se o ser humano, e isto constitui o outro aspecto do problema.

O homem é uma criatura de Deus todo-poderoso, misericordioso e omnisciente. Que é, pois, o pecado, cujo conceito deriva da consciência da liberdade do homem? Eis um problema de teologia.

Os actos dos homens estão submetidos a leis gerais e imutáveis que se traduzem pela estatística. Em que consiste, pois, a responsabilidade do homem ante a sociedade, cujo conceito deriva do reconhecimento da liberdade? Eis um problema de direito.

Os actos dos homens são uma consequência do seu carácter inato e das

influências que sobre ele actuam. Qual, pois, a noção do bem e do mal para actos que se dizem livres? Eis um problema de ética.

O homem, fundido com a vida geral da humanidade, está submetido às leis que regem esta vida. Mas o mesmo homem diz-se independente do resto dos seus semelhantes e representa-se a si mesmo como livre. Como deve considerar-se o passado dos povos e da humanidade? Eis um problema de história.

Somente no nosso tempo, nestes tempos de vulgarização da ciência, graças à arma mais poderosa que se conhece para combater a ignorância, que é a imprensa, o problema do livre arbítrio se encontra num terreno em que nem sequer pode existir. Na nossa época, a maioria dos homens considerados de ideias avançadas, quer dizer, uma turba de ignorantes, aceitou os trabalhos dos naturalistas que se ocupam apenas de um aspecto do problema como uma solução do mesmo.

Não há alma nem liberdade, porque a vida de um homem se traduz no movimento dos músculos e os movimentos destes estão submetidos à actividade dos nervos. Não há alma nem liberdade, porque num remoto período de tempo desconhecido descendemos do macaco. Eis o que dizem, escrevem, imprimem, sem suspeitar que há mil anos todas as religiões e todos os pensadores não só reconheceram, como nem sequer se lembraram de repelir a mesma lei da necessidade, que com tanto zelo tratam de demonstrar, agora por meio da fisiologia e da zoologia comparadas. Não se dão conta de que nesse problema o papel das ciências naturais apenas serve de instrumento para esclarecer uma parte do problema, pois o facto de que, do ponto de vista da observação, a razão e a vontade não passam de secreções do cérebro, e o homem, seguindo a lei geral, pode proceder de animais inferiores num remoto período de tempo desconhecido, não faz mais que explicar, por um lado novo, a verdade reconhecida há milhares de anos por todas as religiões e todas as teorias filosóficas, a saber: que do ponto de vista da razão o homem está submetido às leis da necessidade. Mas não dão um passo mais além na solução do problema, que tem outra faceta: a do reconhecimento da liberdade.

Que os homens descendam do macaco num remoto período desconhecido de tempo é tão compreensível como o facto de terem sido formados de um pedaço de barro num período determinado (no primeiro caso x é o tempo; no segundo, o processo) e a pergunta acerca de como pode concordar a consciência da liberdade

do homem com a lei da necessidade, a que está sujeito, não pode resolver-se através da filosofia nem da zoologia comparadas, pois na rã, no coelho e no macaco somente podemos observar a actividade muscular e nervosa, enquanto que no homem verificamos existir além disso a consciência dessas actividades.

Os naturalistas e os seus émulos que esperam resolver esse problema fazem-nos lembrar estucadores a quem tivessem mandado estucar um dos lados da parede de uma igreja, os quais, aproveitando a ausência do contramestre, num acesso de zelo, cobrissem de gesso as janelas, as imagens, as vigas e as paredes, tudo, regozijando-se por terem levado a cabo um trabalho irrepreensível do ponto de vista do seu ofício.

[IX]

A solução do problema da liberdade e da necessidade na história oferece esta vantagem sobre os outros ramos da ciência em que o mesmo problema é debatido: que, na história, não diz respeito à essência mesma da vontade humana, mas às manifestações dessa vontade no passado e em condições determinadas.

A história, na resolução deste problema, relativamente às outras ciências, encontra-se na situação de uma ciência experimental em face das ciências puramente especulativas.

A história não tem por objecto a própria vontade do homem, mas a ideia que fazemos dela.

Eis porque, no que diz respeito a história, não nos encontramos — esse o caso da teologia, da moral ou da filosofia — na presença do mistério insolúvel dos dois contrários, a liberdade e a necessidade, A história estudou aspectos da vida humana em que a união destes dois contrários é já um facto consumado.

Na vida real, cada acontecimento histórico, cada acto humano, compreendem-se com muita clareza e nitidez, sem que se lhes note qualquer espécie de contradição, embora todos os acontecimentos nos apareçam em parte livres e em parte necessários.

Para resolver o problema da união da liberdade com a necessidade, da essência destas duas noções, a filosofia da história pode e deve enfronhar-se numa

via contrária à que tomam as outras ciências. Em vez de se esforçar por definir em si mesmas as noções de liberdade e de necessidade e de submeter os fenómenos vitais às definições obtidas, a história deve extrair da enorme massa dos fenómenos que se lhe apresentam, sempre na dependência da liberdade e da necessidade, uma definição destas duas noções.

Seja como for que examinemos os actos de um homem ou de vários, não podemos concebê-los senão como o produto da liberdade, por um lado, e das leis da necessidade, pelo outro.

Que se trate das migrações dos povos e das invasões dos bárbaros, da política de Napoleão III ou do acto de um homem realizado apenas há uma hora e que consistiu em escolher este ou aquele caminho, entre vários, para um passeio, nunca nos encontramos diante da mínima contradição. A parte da liberdade ou da necessidade que dirigiu os seus actos está claramente definida para nós.

Muito amiúde se verificam divergências de opinião sobre a maior ou menor liberdade de determinado acto, consoante o ponto de vista de que se examine o fenómeno; mas sempre, em todos os casos, nos aparece o acto humano como uma certa mistura, de liberdade e necessidade.

Em cada caso examinado vemos uma certa dose de liberdade e uma certa dose de necessidade. E quanto mais liberdade descobrimos num acto tanto menos necessidade e reciprocamente.

A relação entre a liberdade e a necessidade diminui e aumenta consoante o ponto de vista em que nos colocamos, mas conserva-se sempre inversamente proporcional.

O homem que se afoga e ao querer salvar-se se agarra a outro e o arrasta consigo, a mãe esfomeada que, extenuada de amamentar o filho, rouba para comer, aquele que, submetido a disciplina militar, mata um homem Indefeso, são menos culpados, isto é, menos livres e mais sujeitos à lei da necessidade aos olhos daquele que sabe em que condições essas pessoas se encontravam, mais livres, pelo contrário, aos olhos daquele que ignora que esse homem se estava a afogar, que aquela mãe tinha fome, que aquele soldado estava nas fileiras, etc. Da mesma maneira, o homem que cometeu um crime vinte anos atrás, e que depois viveu tranquilamente sem ser nocivo à sociedade, nos aparece menos culpável vinte anos depois, por se encontrar sujeito às leis da necessidade; mas quem examine o seu acto no dia seguinte ao crime vê nele uma manifestação do livre arbítrio.

Qualquer acto de um louco, de um bêbedo ou de um homem excitado é menos livre e mais sujeito às leis da necessidade aos olhos daquele que conhece o estado em que se encontrava o seu autor, mais livre e menos sujeito às leis da necessidade aos olhos do que ignora esse estado. Nestes vários casos, a noção da liberdade aumenta ou diminui consoante aumenta ou diminui o conceito de necessidade, dependendo sempre do ponto de vista de que se ajuíza o acto. Assim, pois, quanto maior nos parece a necessidade, menor se nos antolha a liberdade, e vice-versa.

A religião, o bom senso, a ciência do direito e a própria ciência histórica não interpretam de outra maneira as relações entre a necessidade e a liberdade.

Todos os casos, sem excepção, nos quais aumenta ou diminui a ideia que temos da liberdade e da necessidade, podem resumir-se em três. É preciso examinar o autor de um acto em relação a: 1ª, o mundo exterior: 2ª, o tempo: 3ª, as causas que o determinaram.

A primeira base de observação considera as relações mais ou menos visíveis do indivíduo com o mundo exterior, a ideia mais ou menos clara que se pode ter do lugar definido que ele ocupa no meio em que vive, como consequência deste exame é que o homem que se afoga é menos livre e mais sujeito às leis da necessidade que aquele que se encontra em terra firme e que os actos do homem que vive em estreitas relações com os outros homens, numa localidade muito povoada, ou os de um homem tolhido pela família, pela função que desempenha, pelos seus empreendimentos, são incontestavelmente menos livres e mais sujeitos à necessidade que os de um homem só e isolado.

Se examinarmos um indivíduo isolado sem o relacionarmos com o que o rodeia, todos os seus actos nos parecem livres. Mas se virmos a mínima relação entre esse homem e quanto o rodeia, as suas relações com o homem que lhe fala, com o livro que lê, com o trabalho que está fazendo, inclusivamente com o ar que respira ou com a luz que banha os objectos à sua roda, verifica-mos que cada uma dessas circunstâncias exerce influência sobre ele e guia, pelo menos, uma parte da sua actividade. E quantas mais influências destas observamos mais diminui a ideia que fazemos da sua liberdade, aumentando a ideia que fazemos da necessidade a que está submetido.

A segunda base consiste na relação temporal, mais ou menos visível, de um homem com o mundo, o conceito mais ou menos claro do lugar que ocupam no tempo os actos do homem. Eis a base graças à qual a queda do primeiro homem,

que teve por consequência, a origem do género humano, se apresenta, evidentemente, menos livre que o casamento de um homem contemporâneo: eis a base graças à qual a vida e a actividade dos homens que viveram há séculos e estão ligados a mim pelo tempo não podem parecer-me tão livres como a vida contemporânea, cujas consequências ignoro ainda.

Neste aspecto, a gradação da liberdade e da necessidade maiores ou menores depende do lapso de tempo maior ou menor desde a realização do acto até à apreciação desse mesmo acto.

Se examino um acto que pratiquei há um minuto em condições quase as mesmas em que me encontro actualmente, esse acto parece-me absolutamente livre. Mas se aprecio um acto realizado há um mês, ao encontrar-me em circunstâncias diferentes, a meu pesar, se não tivesse realizado esse acto, não existiriam muitas coisas inúteis, agradáveis e necessárias que derivam dele. Se me traslado com a memória a um acto mais remoto, a um acto de há dez anos ou mesmo mais, então as suas consequências ainda se me apresentarão mais evidentes e ser-me-á difícil representar-me seja o que for, caso aquele acto remoto nunca tivesse existido.

Quanto mais retroceder na minha memória, ou, o que vem a dar na mesma, quanto mais projectar no futuro o meu juízo, tanto mais duvidosos me parecerão os meus raciocínios acerca, da liberdade do acto realizado,

A guerra austro-prussiana é-nos apresentada como uma consequência indiscutível dos actos do astuto Bismarck, etc.

As guerras napoleónicas, ainda que não sem certas reservas, apresentam-se-nos ainda como resultado da vontade de heróis. Mas nas cruzadas, em compensação, vemos um acontecimento que ocupa um lugar determinado e sem o qual não teria existido a história moderna da Europa, embora, segundo o critério dos historiadores contemporâneos das cruzadas, aquele feito se apresentasse apenas como o resultado da vontade de várias personagens. Quando se trata, por exemplo, da migração dos povos, a nenhuma pessoa do nosso tempo ocorreria pensar que a renovação do mundo europeu dependera da vontade de Átila. Quando mais para trás transportamos o objecto da observação, mais duvidosa rios parece a liberdade dos homens que produzem os acontecimentos e mais evidente a lei da necessidade.

A terceira base é o maior ou menor acesso para nós a esse vínculo infinito de

causas que exige a razão e em que cada fenómeno compreensível, e por conseguinte cada acto de um homem, deve ter o seu lugar determinado, como a continuação dos actos precedentes e a causa dos actos seguintes.

É a base graças à qual os nossos actos e os dos nossos semelhantes nos aparecem tanto mais livres e menos sujeitos às leis da necessidade quanto mais conhecemos as leis fisiológicas, psicológicas e históricas do acto. Por outras palavras, quanto mais simples o acto observado tanto menos complicações apresenta ao espírito do homem cujo acto merece a nossa atenção.

Quando não conseguimos compreender a causa de uma acção realizada, como seja um crime, um facto virtuoso ou ainda um facto indiferente do ponto de vista do bem e do mal, atribuímos aquela uma maior parte de liberdade. Se se tratava de um crime, exigimos o castigo: se se tratava de um acto virtuoso, é quando mais apreciamos a acção. No raso de uma acção indiferente reconhecemos uma maior originalidade e liberdade. Mas, se apenas conhecemos uma das numerosas causas, admitimos já uma certa parte de necessidade, somos menos exigentes relativamente à vingança do crime, reconhecemos um mérito menor no acto virtuoso e menos liberdade no que nos parecia original. O facto de um criminoso ter sido educado entre meliantes atenua a sua culpabilidade. É mais compreensível o sacrifício de um pai ou de uma mãe — sacrifício com possibilidades de recompensa — que um sacrifício sem causa.

Assim, pois, o primeiro nos parece menos meritório e menos livre.

Admiramos menos o fundador de uma seita ou de um partido, ou um inventor, quando sabemos como e com quê a sua actividade foi levada a cabo. Se os actos examinados são simples e dispomos de grande soma de actos semelhantes para as nossas observações, a ideia que teremos da sua necessidade ainda será mais completa.

O acto vergonhoso do filho de um pai desonrado, a má conduta de uma mulher caída em certo meio, o regresso à embriaguez de um bêbedo, etc., eis actos que nos parecerão tanto menos livres quanto melhor compreendemos a causa. Se o homem cuja conduta examinamos foi pouco desenvolvido no ponto de vista da inteligência, se for uma criança, um louco, um tolo, desde que sabemos as causas dos seus actos e a inconsciência do seu carácter e do seu espírito, vemos nisso já uma tão grande parte de necessidade e uma tão pequena de liberdade que desde logo reconhecemos a causa que provocou a acção: teríamos, inclusivamente,

podido prevê-la.

Nestes três elementos de apreciação se baseia a irresponsabilidade dos crimes reconhecida, em todas as legislações, bem como a existência das circunstâncias atenuantes. A responsabilidade parece maior ou menor consoante o conhecimento das condições em que se encontra o homem cujo acto julgamos, segundo o maior ou menor lapso de tempo transcorrido desde a realização do acto até ao momento de ser julgado e segundo a maior ou menor compreensão do mesmo,

[X]

Assim, pois, a ideia que fazemos da liberdade e da necessidade de um acto diminui ou aumenta gradualmente segundo são maiores ou menores a conexão com o mundo exterior, a perspectiva do tempo e a dependência das causas do fenómeno da vida do homem que estudamos.

De maneira que, se examinarmos uma situação em que o vínculo do homem com o mundo exterior é mais conhecido, maior o período do tempo desde a realização do acto até ao momento de o ajuizarmos e as causas da referida acção mais evidentes, recebemos a representação de uma necessidade maior e de uma liberdade menor. Mas, se ajuizarmos o homem numa menor dependência das condições exteriores, se um acto foi levado a cabo num momento muito próximo do tempo presente e se as causas que o motivaram não são incompreensíveis, então recebemos a representação de uma necessidade menor e de uma liberdade maior.

Mas tanto num como no outro caso, por muito que alteremos o nosso ponto de vista, por mais esforços que façamos para explicarmos a relação em que se encontra o homem com o mundo exterior, por mais compreensível que se nos afigure, por mais que tratemos de alargar ou encurtar o período de tempo, por mais que nos pareçam compreensíveis ou incompreensíveis as causas, nunca poderemos representar-nos a necessidade completa nem a liberdade absoluta.

Primeiro, De qualquer modo que se nos represente o homem livre das influências do mundo exterior, nunca atingiremos o conceito da liberdade no espaço. Cada acto humano se encontra inevitavelmente submetido a certas condições em virtude do que o rodeia, inclusivamente sujeito ao seu próprio corpo.

O meu acto parece-me livre, mas, ao perguntar a mim mesmo se me seria possível levantar a mão em todas as direcções, vejo que a levantei naquela em que havia menos obstáculos para levar a cabo o acto realizado, obstáculos que se encontram nos corpos que me rodeiam, assim como na constituição do meu próprio corpo. Se de todas as direcções possíveis escolho uma, faço-o por ser a que apresenta menos obstáculos. Para que o meu acto seja livre é necessário que não haja nenhum. Para representarmos a nós próprios um homem completamente livre temos de imaginá-lo fora do espaço, o que evidentemente é impossível.

Segundo. Por mais que nos aproximemos do momento que julgamos o tempo presente, nunca conseguiremos obter o conceito de liberdade no tempo, pois, se examinamos um acto cometido há um segundo, devemos não obstante reconhecer a não liberdade deste, uma vez que está encadeado ao momento que se cumpriu. Posso levantar a mão? Levanto-a; mas pergunto a mim próprio se podia não a ter levantado nesse momento que já passou. Para convencer-me disso, no momento que se segue não levanto a mão. Mas não a levantei precisamente no momento em que me perguntava a mim mesmo se tinha liberdade de acção?

O tempo passou e não está na minha mão detê-lo; a mão que levantei então não é a mão que se move agora, assim como a atmosfera que me envolvia quando fiz esse movimento não é já a mesma. O momento em que se realizou o primeiro movimento é irrevogável, e então só pude fazer um movimento, qualquer que fosse, mas só um. O facto de no momento seguinte não ter levantado a mão não demonstra que a não podia levantar. Mas, como apenas pude fazer um movimento num momento determinado, não há dúvida de que não podia ser outro. Para conceber livre o referido movimento precisamos de o representar no momento presente, no limite do tempo passado e do futuro, quer dizer, fora do tempo, o que é impossível.

Terceiro. Por maiores que sejam as dificuldades de compreensão da causa, nunca chegaremos a representar-nos a liberdade completa, quer dizer, a ausência da causa. Por mais incompreensível que nos pareça a causa da manifestação da vontade de um acto qualquer, nosso ou do nosso semelhante, a primeira exigência do espírito consiste na suposição e na busca, mas o facto de querer cometer um acto que careça de causa é a causa do meu acto.

Mas supondo mesmo que imaginávamos um homem completamente livre de toda a influência, apenas encarando um seu acto momentâneo e partindo do

princípio de que esse acto não era determinado por causa alguma, se admitirmos o resto infinitamente pequeno da necessidade igual a zero, nem sequer então chegaríamos ao conceito da liberdade completa do homem, pois o ser que não aceita as influências do mundo exterior, que está fora do tempo, e não depende das causas, já não é homem sequer.

Mesmo assim, nunca poderemos representar-nos os actos de um homem submetido apenas à lei da necessidade sem intervenção da liberdade.

Primeiro. Por maior que seja o nosso conhecimento das condições do espaço em que o homem se encontra, esse conhecimento nunca poderá ser completo, visto o número dessas condições ser infinitamente grande, tal qual como o espaço, que é infinito. Assim, pois, desde que todas as condições, todas as influências a que o homem está sujeito, não estão definidas, não se pode falar em necessidade absoluta, subsiste uma parte de liberdade.

Segundo. Por mais que alarguemos o período do tempo da realização do fenómeno ao momento em que o julgamos, esse período de tempo será finito, enquanto que o tempo é infinito. Eis porque tão-pouco nesse aspecto poderá existir liberdade completa.

Terceiro. Por mais compreensível que seja a série de causas de um acto qualquer, nunca a conheceremos toda, visto ser infinita e nunca podermos obter uma necessidade absoluta.

Além de tudo isto, se admitíssemos, inclusivamente, que o resto da liberdade é igual a zero e reconhecêssemos, num caso qualquer, como, por exemplo, no de um homem moribundo, de um embrião ou de um idiota, a ausência completa de liberdade, aniquilaríamos por esse facto a ideia mesma que examinamos, pois desde o momento em que não há liberdade não existe o homem. Assim, pois, a representação do acto de um homem submetido apenas à lei da necessidade, sem o mais pequeno vislumbre de liberdade, é tão impossível como a representação de um acto humano inteiramente livre.

Por conseguinte, para se representar o acto de um homem sujeito unicamente à lei da necessidade, sem liberdade, tem de admitir-se o conhecimento de uma quantidade infinita de condições no espaço durante um período infinitamente grande no tempo e uma série infinita de causas.

Para representarmos, pelo contrário, um homem absolutamente livre, não sujeito à lei da necessidade, teríamos de o figurar fora do espaço, do tempo e, da

dependência de causas.

No primeiro caso, seria, necessário rejeitar a necessidade sem a liberdade, pois chegaríamos a formular as leis da necessidade, quer dizer, obteríamos um continente sem conteúdo.

No segundo caso, se a liberdade fosse possível sem a necessitaríamos uma liberdade incondicionada fora do espaço, do tempo e das causas, que, pelo próprio facto de ser incondicionada e não limitada por coisa alguma, nada seria em si mesma seria mais que um conteúdo sem continente.

Chegaríamos, assim, a estes dois princípios de que se compõe toda a filosofia do homem: afloraríamos a essência inacessível da vida e das leis que a definissem.

A razão proclama: lº, o espaço, com todas as formas que lhe dão o aspecto que ele assume, a matéria, é infinito, e não pode ser concebido de outra maneira: 2º, o tempo é um movimento infinito que nunca se detém e não pode ser concebido de outra maneira: 3º, o encadeamento das causas e dos efeitos não tem princípio e não pode ter fim.

A consciência diz: 1º, só eu existo e nada mais pode existir senão eu, por conseguinte, eu contenho o espaço; 2º, eu meço o tempo que corre mediante o momento imóvel do presente, único em que me reconheço vivo, por conseguinte, estou fora do tempo; 3º, estou fora das causas, pois sinto-me a mim própria a causa de todas as manifestações da vida.

A razão formula as leis da necessidade, a consciência exprime a essência, da liberdade.

A liberdade, que nada limita, é a essência da vida na consciência do homem. A necessidade sem conteúdo é a razão do homem com as suas três formas.

A liberdade é o objecto do exame. A necessidade, a que examina. A liberdade, o conteúdo, a necessidade, o continente.

Separando estas duas fontes do conhecimento, uma para outra na relação do continente para o conteúdo, chega-se a noções que se excluem mutuamente, e que são incompreensíveis, acerca da liberdade e da necessidade.

Só pela sua, união se pode chegar a ter uma ideia clara do homem.

Fora destas duas noções, as quais, na sua opinião, são relações do continente para o conteúdo, não há possibilidade de compreender-se a vida.

Tudo que dela sabemos se resume numa relação entre a liberdade e a necessidade, isto é, entre a consciência e as leis da razão.

Tudo quanto sabemos do mundo da natureza se limita a uma certa relação entre as forças da natureza e a necessidade ou entre a essência da vida e as leis da razão.

As forças vitais da natureza estão colocadas fora de nós e não são apreensíveis pela nossa consciência; chamamos-lhes atracção universal, inércia, electricidade, força vital, etc., mas a força vital do homem é apreendida pela nossa consciência e chamamos-lhe liberdade.

Mas da mesma maneira que esta força da atracção universal que todo o homem verifica é inacessível na sua essência e não pode ser compreendida senão na medida em que conheçamos as leis da necessidade à qual ela está sujeita, desde o conhecimento primitivo de que todos os corpos são pesados até à lei de Newton, também é inacessível em si mesma esta força da liberdade de que todo o homem tem consciência e não nos é inteligível senão na medida em que conheçamos as leis da necessidade às quais ela se encontra sujeita, principiando pelo facto de que todo o homem é mortal, até ao conhecimento das leis mais complicadas da economia e da história.

Cada um dos nossos conhecimentos não é mais que a adaptação da essência da vida às leis da razão.

A liberdade do homem distingue-se de qualquer outra força, porque é reconhecida pela nossa consciência, mas aos olhos da razão em nada se distingue das outras. As forças da atracção, da electricidade ou da afinidade química apenas se distinguem umas das outras pelo facto de serem definidas separadamente pela razão.

Assim, a força da liberdade humana, aos olhos da razão, não se distingue das outras forças da natureza senão pela definição que dela dá esta mesma razão. Quanto à liberdade sem a necessidade, isto é, sem as leis da razão que traçam os seus limites, em nada se distingue da força da atracção ou do calor ou da força germinativa, para a razão não passa de uma manifestação sensível, momentânea e indeterminada da vida.

E da mesma maneira que o estudo da essência indeterminada da energia que move os corpos celestes, do calor, da electricidade, da afinidade química ou da força vital constituem a astronomia, a física, a química, a botânica, a zoologia, etc., também a essência da força que é a liberdade forma o objecto da história. Mas da mesma maneira que as manifestações dessa essência desconhecida da vida

constituem o objecto de cada ciência, quando a sua essência em si é da esfera da metafísica, também as manifestações da liberdade no espaço, no tempo e na sua dependência das causas são o objecto da história, embora a liberdade em si mesma releve a metafísica.

Nas ciências experimentais, ao que nelas nos é conhecido chamamos leis de necessidade; ao que nelas nos é desconhecido, força vital. A força vital é o resíduo desconhecido do que sabemos da essência da vida.

Seja como for, na história, ao que nos é conhecido chamamos as leis da necessidade, ao que nos é desconhecido, liberdade. A liberdade, para o historiador, mais não é que esse resíduo desconhecido do que chamamos as leis da vida.

[XI]

A história estuda as manifestações da liberdade humana nas suas ligações com o mundo exterior, no tempo e na sua dependência das causas, isto é, delimita esta liberdade com as leis da razão. Eis por que a história só pode ser uma ciência na medida cm que esta liberdade for delimitada por essas leis.

Em história, reconhecer a liberdade humana como uma força capaz de influir tios acontecimentos históricos, isto é, não sujeitos às leis, é como admitir em astronomia o livre movimento dos corpos celestes.

Aceitar semelhante liberdade é suprimir a possibilidade de leis, quer dizer, a possibilidade da própria ciência. Basta que haja um acto humano livre para não existirem nem leis históricas nem qualquer possibilidade de nos darmos conta dos factos históricos.

Na história, as vontades humanas parecem mover-se segundo uma linha com uma das extremidades no infinito e a outra no espaço, no tempo e na dependência das causas, a consciência que se tem da liberdade humana no instante presente.

Quanto mais se afasta, aos nossos olhos, o campo deste movimento tanto mais visíveis se tornam as leis que o dirigem, Apreender e definir estas leis, eis a missão da história.

Se nos quedarmos no ponto de vista em que a ciência actualmente se coloca,

se continuarmos a seguir o caminho por onde ela se insinua e buscarmos as causas dos fenómenos no livre arbítrio humano, torna-se impossível formular-se leis, pois, por mais que se limite a liberdade humana, desde o momento em que a reconhecemos como uma força não sujeita as leis, toda a existência de leis se torna impossível.

Só limitando esta liberdade até ao infinito, isto é, considerando-a como uma grandeza infinitesimal, nos convenceremos da impossibilidade absoluta de atingir as causas, e é então que, em vez da procura das causas, a história considerará missão sua a procura das leis.

A procura destas leis de há muito foi iniciada e os novos processos de pensamento de que a história deve apoderar-se elaboram-se ao mesmo tempo que a antiga história se destrói a si mesma, separando cada vez mais as causas dos fenómenos.

É o caminho de todas as ciências humanas. Ao chegar ao infinitamente pequeno, a matemática, a mais exacta das ciências, abandona o método da separação e aceita o novo processo de totalização dos desconhecidos infinitamente pequenos.

Sob outra forma, mas por este mesmo caminho, seguem as outras ciências. Quando Newton formulou a lei da, gravitação, não disse que o Sol ou a Terra tinham a propriedade de se atraírem mutuamente, disse que todos os corpos, do maior ao mais pequeno, se comportavam como se se atraíssem uns aos outros, isto é, deixando de lado o problema da causa do movimento dos corpos, enunciou uma propriedade comum a todos, do infinitamente grande ao infinitamente pequeno. As ciências naturais procedem da mesma maneira: abandonam a procura das causas para pesquisarem as leis. Também a história segue esse caminho. E se o objecto da história é o estudo dos movimentos dos povos, e não a descrição de alguns episódios da vida dos homens, ei-la que deve, afastando a noção das causas, procurar as leis comuns a todos os elementos infinitamente pequenos da liberdade, iguais, indissoluvelmente vinculados entre si e infinitamente pequenos.

Desde que foi descoberta e provada a lei de Copérnico, basta o facto de, se reconhecer que não é o Sol, mas a Terra, que se move para toda a cosmografia dos antigos ficar aniquilada. Rebatendo este sistema, podia regressar-se à antiga opinião sobre o movimento dos corpos, mas sem isso não era possível, ao que parece, continuar o estudo do mundo de Ptolomeu. No entanto, mesmo depois da descoberta do sistema de Copérnico, o mundo de Ptolomeu continuou a ser por muito tempo objecto de estudo.

Desde que se provou que a percentagem de nascimentos e de crimes está sujeita a leis matemáticas e que certas condições geográficas, políticas ou económicas definem tal ou qual forma de governo e certas relações entre a população e a Terra são as causas dos movimentos dos povos, as bases sobre que se edificava a história caíram por terra.

Repelindo as leis novas, era possível conservar a antiga opinião acerca da história, mas, não o fazendo, parecia impossível continuar o estudo dos acontecimentos históricos admitindo serem estes produzidos pelo livre arbítrio dos homens, pois, se, graças a certas condições geográficas, etnográficas ou económicas, se forma qualquer constituição ou se produz qualquer movimento de um povo, não poderia examinar-se como causa a vontade daqueles homens a quem nós imaginamos estabelecendo uma constituição ou incitando o movimento de um povo.

No entanto, a história antiga continua a ser estudada com as leis da estatística, da geografia, da economia política, da filologia comparada e da geologia, as quais contradizem rotundamente o citado princípio.

Durante muito tempo houve na filosofia física uma luta pertinaz entre as correntes antigas e as modernas. A teologia defendia o ponto de vista antigo e acusava o novo de atacar a revelação. Mas, quando a verdade venceu, a teologia estabeleceu-se no novo terreno com a mesma firmeza de antes.

Existe igualmente uma luta tenaz nos tempos actuais entre a velha e a nova opinião no domínio da história, e a teologia defende igualmente a velha corrente e acusa a nova de destruir a revelação.

Tanto num como no outro caso e tanto de uma parte como da outra, a luta provoca paixões e asfixia a verdade. Por um lado, surge o medo e a compaixão pelo edifício erecto através dos séculos; pelo outro, a paixão de destruir.

Os homens que lutavam contra a verdade nascente da filosofia física julgavam

que, ao reconhecer a sobredita verdade, a fé em Deus e na criação do mundo cairia por terra. Os defensores das leis de Copérnico e de Newton, como Voltaire, por exemplo, julgavam que as leis da astronomia destronavam a religião e empregavam como arma, contra ela, as leis da atracção.

Da mesma maneira dir-se-ia que no nosso tempo bastaria reconhecer a lei da necessidade para se aniquilar o conceito da alma, do bem e do mal, bem como todas as instituições governamentais e eclesiásticas assentes nesse conceito.

Como Voltaire, no seu tempo, os defensores não reconhecidos da lei da necessidade empregam hoje a referida lei como uma arma contra a religião. Mas, como as leis de Copérnico na astronomia, a lei da necessidade na história não só não se destrói como se afirma cada vez mais no terreno no qual estão assentes a instituições do Estado e da Igreja.

Como antigamente, em relação ao problema da astronomia, agora, em relação à história, todas as opiniões distintas assentam em reconhecerem ou não a unidade absoluta que serve de medida para os fenómenos visíveis. Na astronomia essa medida era a imobilidade da Terra; na história, a independência do indivíduo, a liberdade.

Assim, como, para a astronomia, a dificuldade do reconhecimento do movimento da Terra provinha do facto de haver que renunciar à sensação espontânea da imobilidade da Terra e dos planetas, para a história, a dificuldade do reconhecimento da submissão do indivíduo às leis do espaço, do tempo e das causas consiste em renunciar à sensação espontânea da dependência da individualidade. Mas, da mesma maneira que, na astronomia, a nova opinião sustentava: «É verdade que não sentimos o movimento da Terra, mas, admitindo a sua imobilidade, depara-se-nos o absurdo: pelo contrário, se reconhecemos que se move, embora não a sentindo mover, é a lei que encontramos», na história, a corrente nova diz: «É verdade que não sentimos a nossa dependência: mas, ao admitirmos a nossa liberdade, encontramos o absurdo: pelo contrário, reconhecendo a nossa dependência do mundo exterior, do tempo e das causas, é a lei que encontramos.»

No primeiro caso era preciso renunciar à consciência da imobilidade no espaço e reconhecer um movimento que não se sen— tia: no segundo, também é necessário renunciar à liberdade, que não existe, e reconhecer a dependência, que não sentimos.

APÊNDICE

Algumas palavras de Lev Tolstói sobre “Guerra e Paz”

O momento em que entra no prelo a obra em que trabalhei durante cinco anos de maneira ininterrupta e exclusiva, nas mais favoráveis condições, desejaria, à guisa de prefácio ao livro, expor aqui o que penso dela e antecipar-me, portanto, aos mal-entendidos que porventura vierem a surgir no espírito do leitor. Não queria que o leitor visse e encontrasse nesta obra o que eu não quis ou não soube lá introduzir e gostaria que ele se mostrasse atento, precisamente, ao que eu lá quis meter, embora, nas condições em que me encontrava, não viesse a propósito insistir. Nem as circunstâncias nem o meu saber me permitiriam realizar plenamente o que era minha intenção e aproveito a hospitalidade que me oferece uma revista da especialidade para expor em resumo e em poucas palavras, dirigindo-me àqueles a quem o assunto possa interessar, a opinião do autor sobre a sua própria obra.

Em primeiro lugar, que vem a ser Guerra e Paz? Não é um romance, um poema muito menos, e não é sequer uma crónica histórica. Guerra e Paz é o que o autor quis e pôde exprimir pela forma como o exprimiu. Semelhante declaração de indiferença relativamente às formas convencionais da produção artística em prosa talvez pudesse parecer presunçosa se fosse intencional e se não houvesse já exemplos, anteriores. A história da literatura russa, de Puchkine para cá, não só nos proporciona muitos exemplos de idêntico afastamento das formas recebidas da Europa, como nos não dá mesmo qualquer exemplo contrário. A principiar nas Almas Mortas, de Gogol, e a acabar na Recordação da Casa dos Mortos, de Dostoievski, não existe na nossa literatura qualquer obra em prosa, que se eleve um pouco acima do normal, que se haja submetido inteiramente à forma do romance, do poema ou da novela.

Em segundo lugar, o carácter da época, como mo fizeram ver numerosos leitores na altura do aparecimento da primeira parte desta obra, parece insuficientemente definido. Eis o que tenho a dizer quanto a esta observação. Sei muitíssimo bem qual é esse carácter do tempo que se não encontra no meu romance: os horrores da servidão, o encarceramento das mulheres, a flagelação

dos filhos adultos, a Saltitchika, etc., mas o certo é que, embora essas circunstâncias sejam de todos conhecidas, não creio que sejam exactas e não quis reproduzi-las. O estudo da correspondência, das memórias, das tradições da época, não me, revelou exemplos de horror e violências piores que os que vemos actualmente e que sempre vimos. Nesse tempo, tal como hoje, amava-se, desejava-se, procurava-se a verdade, a virtude, era-se arrastado por paixões; a vida intelectual e moral era tão complicada como hoje, por vezes, mesmo, até mais requintada nas altas esferas. Se essa época ficou na memória das pessoas pelo seu carácter arbitrário e grosseiro, foi apenas porque as tradições, as memórias, os romances e as novelas nos transmitiram os seus casos mais típicos em matéria de violência e de brutalidade.

Concluirmos, pois, que o carácter dominante desses tempos era a grosseria é tão injusto como depreendermos que em tal ou qual localidade apenas existem árvores pelo simples facto de só árvores se verem da eminência donde as olhamos. Esta época tem, evidentemente, um carácter próprio, como acontece a todas as épocas, carácter que lhe vem do afastamento em que viviam as altas esferas das outras classes sociais, da filosofia re1iantc, das particularidades da educação, do uso da língua francesa e de outras coisas equivalentes. Eis o carácter que procurei conservar o melhor que pude.

Em terceiro lugar, referir-me-ei ao emprego da língua francesa numa obra russa. Porque fiz eu falar não só os russos, mas os franceses também, ora russo ou francês? Esta censura, a de fazer falar francês personagens e escrever em francês num livro russo, assemelha-se à que alguém fizesse ao ver num quadro manchas pretas, sombras, que não existissem na realidade. O pintor não tem culpa de que a sombra representada no seu quadro se afigure a alguns observadores como uma mancha negra que não existe na realidade: só lhe poderemos assacar responsabilidades se as suas sombras estiverem mal colocadas ou demasiado carregadas. Pintando a época dos princípios do século ’ representando personagens russas de certa sociedade e Napoleão e franceses que tomaram parte tão directa na vida de então, deixei-me arrastar mais do que seria preciso a imprimir forma e boleio francês à minha linguagem e ao meu pensamento. Eis porque sem negar que as sombras que — apliquei no meu quadro possam ser inexactas e pouco fluidas, apenas desejaria que aqueles que acham ridículo Napoleão falar ora francês ora russo se dessem conta de que isso não acontece

senão porque, como sucede à pessoa que olha para um retrato, não vêem o rosto com a sua luz e as suas sombras, mas apenas a mancha negra em cima do nariz.

Em quarto lugar, os nomes dos meus actores, Bolkonski, Drubetskoi, Bilibine, Kuragume, lembram nomes russos conhecidos. Ao colocar, ao lado de personagens históricas, outras que nada têm de histórico, não me soava bem ao ouvido fazer falar o conde Postoptchine com um príncipe Pronski, Strielski ou com qualquer outro príncipe ou com qualquer outro conde cujos nomes inventasse. Os nomes de Bolkonski ou Drubetskoi, conquanto não sejam nem Volkonski nem Trubestjoi, soam como nomes conhecidos e naturais no meio aristocrático. Não me era possível inventar sempre para as minhas personagens nomes que, como os de Bezukov ou de Rostov, ressoassem de molde a não destoar, e consegui iludir a dificuldade recorrendo, ao acaso, a nomes de famílias conhecidas, aos quais apenas mudei algumas letras. Ser-me-ia muito desagradável que a semelhança destes nomes fictícios com nomes reais pudesse fazer acreditar ter eu querido representar alguém realmente existente, tanto mais quanto é certo que o género literário que em geral se ocupa de personagens ainda vivas ou tendo existido nada tem de comum com aquele que cultivo.

Maria Dmitrievna Akrosimova e Denissov são as únicas personagens a quem eu, involuntariamente, e por descuido, atribui nomes muito próximos de duas pessoas reais particularmente características e estimadas na sociedade do tempo. A minha única desculpa está só no relevo particular que estas duas personagens assumem na, obra e a culpa que me cabe a tal respeito limita-se apenas à sua apresentação, estando eu certo de que o leitor concordará que nada lhes acontece que não se pareça com a realidade. Todas as demais são inteiramente inventadas e não têm para mim protótipos, quer no passado quer no presente.

Em quinto lugar, aludirei ao desacordo que se verifica entre as minhas descrições dos factos históricos e as narrativas dos historiadores. O historiador e o artista, na descrição de uma época, têm objectivos totalmente diferentes. Assim como não faria sentido que o historiador apresentasse uma personagem histórica no seu conjunto com toda a complicação dos pormenores da sua existência, também falsearia o seu objectivo se representasse o seu herói sempre numa atitude histórica, Kutuzov não estava sempre montado num cavalo branco com um óculo na mão ,i examinar o inimigo. Rostoptchine não tinha sempre um archote na mão para deitar fogo à sua casa de Voronovo, coisa que aliás nunca chegou a

fazer; a imperatriz Maria Feodorovna não estava sempre de pé, com um manto de arminho, a mão apoiada no código. A imaginação popular é que representa assim as figuras históricas.

Para o historiador, desde que se trate da colaboração desta ou daquela personalidade numa grande obra, existem heróis; para o artista, no ponto de vista das reacções perante os mil incidentes da existência, não pode nem deve haver heróis, mas homens apenas. O historiador é por vezes obrigado a forçar a verdade para fazer com que concordem todos os actos de uma personagem histórica com a ideia que ele faz dela. O artista, pelo contrário, considera esta ideia preconcebida incompatível com o seu desígnio e trata apenas de compreender e de nos mostrar, não o autor deste ou daquele acto, mas um homem.

Na descrição dos próprios acontecimentos, a diferença ainda é mais pronunciada e essencial.

O historiador apenas se ocupa do resultado adquirido, o artista ocupa-se do facto em si mesmo. O historiador, quando descreve uma batalha, diz: «O flanco esquerdo de tal exército, transferido para tal localidade, derrotou o inimigo, mas foi obrigado a retroceder; então a cavalaria, que se lançou ao ataque, derrotou o inimigo, etc.» Não se pode exprimir de outra maneira. Mas, para o artista, estas palavras não têm o mais pequeno sentido e nada têm que ver mesmo com o próprio assunto. O artista, guiado pela sua própria experiência ou instruído pela leitura de correspondências, memórias ou narrativas, faz uma ideia do acontecimento que teve lugar e muitas vezes, como, por exemplo, no caso de uma batalha, a dedução que o historiador se permite extrair da intervenção destas ou daquelas tropas é absolutamente oposta à do artista. A divergência dos resultados explica-se pelas fontes em que um e outro colheram os seus elementos. Para o historiador, prosseguindo com o exemplo da batalha, a fonte principal está nos relatos dos diversos comandantes e do general-chefe. O artista, esse, nada pode colher de tais relatos; nada lhe dizem, nada lhe explicam. Pelo contrário, evita-os, pois acha-os forçadamente mentirosos. Não é preciso dizer-se que em matéria de batalhas cada um dos adversários pinta os acontecimentos de maneira inteiramente oposta; em todas as descrições de batalhas há necessariamente mentiras, consequência da obrigação de se descrever em poucas palavras os actos de milhares de indivíduos espalhados por áreas de muitas verstas, dominados por uma grande excitação moral, resultado do medo, da vergonha e da morte.

Nas descrições de batalhas dizem-nos, geralmente, que determinadas tropas foram lançadas na refrega em tal ponto, que depois receberam ordem de recuar, etc., como se a disciplina que submete dezenas de milhares de homens à vontade de um só no papel pudesse ter o mesmo efeito quando se joga a vida e se está diante da morte. Todo o homem que algum dia fez a guerra sabe a que ponto isto é inexacto (Quando apareceu a primeira parte da minha obra e a minha descrição da batalha de Schoengraben, vieram contar-me o que disseram Nicolau Nikolaievitch Muraviov-Karski dessa descrição e as suas palavras fortaleceram a minha convicção. N. N. Muraviov, comandante-chefe, declarou que nunca lera uma descrição mais fiei da batalha e que a sua experiência pessoal o convencera de que não é possível, no decurso de um combate, executar as ordens do general-chefe.). No entanto é sobre suposições deste género que se baseiam os relatos, e por conseguinte as descrições militares. Visitai o campo de batalha depois do combate, um ou dois dias mesmo mais tarde, antes de redigidos os relatos, e interrogai os soldados, os chefes, grandes e pequenos, acerca da forma como as coisas se passaram. Esses homens dir-vos-ão o que sentiram e viram e de todos esses relatos ficar-vos-á uma imagem penosa e confusa, embora grandiosa, complicada e variada até mais não poder; e ninguém, nem mesmo o general-chefe, esse ainda menos do que os outros, vos poderá dizer como as coisas se passaram realmente. Dois ou três dias mais tarde, no entanto, principiaram a chegar os relatos; os tagarelas põem-se a contar como decorreram as coisas que eles não viram: enfim, fixa-se um relato geral de acordo com o qual se forma a opinião do exército. Todos se sentem contentes por poderem confrontar as suas dúvidas e as suas incertezas com esse quadro cheio de mentiras, embora claro e lisonjeiro. Decorrido seja um mês ou dois, interrogar alguém que tenha tomado parte na operação; no seu relato já não existe aquela impressão fresca e directa da vida que anteriormente nos impressionara. Agora já fala de acordo com um texto escrito. Foram desse género os relatos que me fizeram de Borodino muitos dos que nessa batalha tomaram parte, pessoas inteligentes e de espírito amplo. Todos me diziam as mesmas coisas, ora de acordo com a descrição inexacta de Mikailovski-Danilevski, ora de acordo com a de Glinka e de outros. Até mesmo os pormenores que me proporcionavam, embora os narradores tivessem estado a muitas verstas de distância uns dos outros, eram idênticos.

Depois da tomada de Sebastopol, o comandante da artilharia, Krijanovki,

comunicou-me os relatos dos oficiais do seu corpo de exército dos diferentes bastiões e pediu-me que reunisse num só todos estes relatos, mais de vinte. Tenho pena de os não ter copiado. Era um espécime típico da mentira ingénua e obrigatória inerente a todo o relato militar. Suponho que muitos dos meus camaradas autores desses relatos ao lerem estas considerações lerão vontade de rir, lembrando-se como, por ordem dos seus comandantes, escreveram o que não tinham podido saber.

Todos os que estiveram na guerra sabem quanto os Russos são capazes de cumprir bem o seu dever e quanto, pelo contrário, são capazes de descrever o que viram com as lisonjas mentirosas habituais em semelhantes casos. Toda a gente sabe que nos exércitos russos são em geral estrangeiros que recebem a missão de relatar tais acontecimentos.

Tudo isto me ocorre para mostrar que a mentira é obrigatória nas descrições militares que serviram de documentos aos historiadores e ajudar a fazer compreender por isso mesmo que o artista se encontra, inevitavelmente, muitas vezes em desacordo com o historiador na maneira de compreender os acontecimentos. Mas, além desta inexactidão, por assim dizer forçada, dos historiadores da época que me interessa, verifiquei neles uma maneira de falar particularmente resumida, naturalmente por virtude do agrupamento dos factos, pondo-os dê acordo com o carácter trágico dos acontecimentos, dando-lhes um tom de relato particular, enfático, em que a mentira e a alteração da verdade prevalecem não só sobre os mesmos factos, mas também sobre o seu significado. Por vezes, ao ler as duas principais obras históricas sobre esta época, a de Thiers e a de Mikailovski-Danilevski, me perguntei a mim mesmo como era possível publicarem-se semelhantes livros e terem leitores. Sem falar na exposição feita em tom sério e compenetrado dos mesmos acontecimentos documentados com referências de maneira diametralmente oposta num e noutro, encontrei nos dois relatos descrições tais que me deixaram perplexo, sem saber se devia rir ou chorar, sobretudo depois de mo inteirar de que tais obras constituem os únicos monumentos históricos que se referem a esta época e contam milhes de leitores. Apenas citarei um exemplo colhido no ilustre historiador Thiers. Depois de ter referido que Napoleão levou consigo notas falsas, acrescenta:

«Ressalvando o emprego destes meios por um acto de benemerência digno dele e do exército francês, mandou distribuir socorros às vítimas dos incêndios.

Mas como os víveres eram demasiado preciosos para serem repartidos por muito tempo a estrangeiros, a maior parte dos quais inimigos. Napoleão preferiu dar-lhes dinheiro, e mandou-lhes distribuir rublos-papel.»

Lido ao acaso, este passo choca pelo seu estouvamento — para não dizer a sua imoralidade —, já que resulta simplesmente absurdo. No entanto, no contexto do livro, no seu devido lugar, já não choca, pois corresponde inteiramente ao tom geral do relato, que é enfático, solene e desprovido de sentido preciso.

Eis, pois, como as tarefas do historiador e do artista são inteiramente diferentes e como o meu desacordo com os historiadores na descrição dos acontecimentos e no retrato das personagens a ninguém deve surpreender. Mas o artista não deve perder de vista que a ideia que o povo tem das personagens e dos acontecimentos não provém da fantasia, mas, sim, da forma como os documentos foram agrupados pelos histor1adores. E eis aqui porque, apesar de compreender de maneira diferente estas personagens e estes acontecimentos, o artista, tal qual como o historiador, deve guiar-se pelos documentos históricos. Em todas as páginas do meu romance em que falam e actuam personagens históricas nada inventei, mas servi-me de materiais que encontrei e que constituíram, no decorrer do meti trabalho, toda uma biblioteca. Se me não parece oportuno agora citar aqui os títulos das obras consultadas, estou pronto a fazê-lo quando foi, necessário.

E, finalmente, a minha sexta argumentação, e a mais importante, diz respeito ao valor mínimo que tomam os pseudo-grandes homens nos acontecimentos históricos,

Graças ao estudo de uma época tão trágica, tão rica em acontecimentos consideráveis e tão próxima de nós, cujas tradições, as mais diversas, ainda se mantêm tão vivas, cheguei a absoluta convicção de que a nossa inteligência não pode apreender causas dos acontecimentos que se produzem. Dizer-se,, o que parece muito simples para todos, que as causas dos acontecimentos de 1812 foram o espírito de conquista, de Napoleão e a firmeza, patriótica de Alexandre Pavlovitch é tão absurdo como afirmar que as causas da queda do Império Romano devem procurar-se no facto de um certo bárbaro ter encaminhado os seus povos para o Ocidente quando um imperador romano governava mal os seus estados, ou como sugerir que uma grande montanha que foi minada acabou por ruir mercê de golpe de picareta do último trabalhador que a escavou.

Um acontecimento de tal magnitude, em que milhões de indivíduos se mataram uns aos outros, em que caiu mais de meio milhão de homens, não pode ter sido causado pela vontade de uma pessoa. Da mesma maneira que um só trabalhador não pode ter escavado toda uma montanha, também um só homem não pode ter conduzido à morte quinhentos mil homens. Mas então onde procurar as causas? Certos historiadores dão como causa desse acontecimento o espírito de conquista dos Franceses, o patriotismo da Rússia. Outros falam das ideias democráticas que os exércitos de Napoleão difundiram e da necessidade que tinha a Rússia de entrar em relações com a Europa, etc.... Mas como se mataram uns aos outros milhões de homens? Quem lhes deu essa ordem? Parece evidente para todos que nenhum deles podia estar melhor e que todos estavam ameaçados de se encontrarem depois muito pior. Porque terem, então, praticado esse acto? Podem fazer-se e fazem-se inúmeras deduções retrospectivas sobre as causas desse absurdo acontecimento, mas todas essas explicações, tão numerosas, todas tendentes ao mesmo fim, apenas provam que essas causas são muitas mas que nenhuma delas pode ser a causa.

Porque se mataram uns aos outros estes milhões de homens quando é certo que desde que o mundo é mundo se sabe, que, quer do ponto de vista físico quer do moral, isso constitui uma má acção?

Porque isso era inevitável é que, agindo desta sorte, obedeciam a uma lei zoológica elementar, como as abelhas cujos zângãos, no Outono, se exterminam uns aos outros. Não pode dar-se outra resposta a esta terrível pergunta.

Eis aqui uma verdade não só evidente mas de tal modo inata em todos os homens que não careceria de demonstração se por outro lado não tivéssemos a consciência de ser livres sempre que realizamos qualquer acto, seja ele qual for.

Considerando a história de um ponto de vista universal, estamos incontestável mente persuadidos da existência de uma lei eterna que preside aos acontecimentos. Mas ao considerá-la de um ponto de vista pessoal, convencemo-nos do contrário.

O homem que mata o seu semelhante; Napoleão, mandando transpor o Niémen; eu ou vós, apresentando um requerimento para obter determinado lugar, levantando ou baixando a mão, todos estamos absolutamente convencidos de que os nossos actos se fundamentam em razões e dependem do nosso livre arbítrio e que só de nós depende agir desta ou daquela maneira. E esta convicção de tal

modo é natural em nós e tão cara nos é que, apesar das deduções da história e da estatística criminal, que nos provam a ausência de liberdade nos actos dos outros, generalizamos a todos os actos a nossa consciência de sermos livres.

A contradição parece irredutível. Quando ajo estou persuadido de que sigo o meu livre arbítrio, mas quando encaro o meu acto no quadro geral da vida da humanidade, no seu sentido histérico, fico convencido de que era predestinado e inevitável. Onde está, então, o erro?

As observações psicológicas sobre a tendência do homem para introduzir fraudulentamente e de maneira instantânea em cada facto realizado toda uma série de raciocínios pressupostamente livres, o que noutra parte explicarei mais pormenorizadamente, confirmam a afirmação de que a consciência que ele tem de ser livre ao cumprir uma certa espécie de actos é errónea. Mas as mesmas observações provam que existe uma outra série de actos em que a consciência de se ver livre não é retrospectiva, mas instantânea e indiscutível. Eu posso, indiscutivelmente, digam o que disserem os materialistas, praticar um acto ou abster-me de o praticar desde o momento em que o acto não me diz respeito só a mim. Acabo neste momento, indiscutivelmente, graças à minha exclusiva vontade, de levantar ou de baixar a mão. Posso neste momento deixar de escrever. Indubitavelmente, sem qualquer obstáculo e graças unicamente à minha vontade, transporto-me, em pensamento, neste instante à América ou formulo no meu espírito um problema qualquer de matemática. Para experimentar a minha liberdade, posso erguer e baixar com força a minha mão. Faço esse gesto. Mas junto de mim está uma criança, ergo para ela a mão e com força equivalente quero baixá-la sobre a criança. Mas não o posso fazer. Um cão lança-se sobre essa criança, não posso não erguer a mão para o cão. Sou um soldado que está nas fileiras e não posso deixar de acompanhar os movimentos do regimento. Não posso, durante uma batalha, deixar de partir para o ataque com os meus camaradas e não fugir quando todos fogem à volta de mim. Não posso, sendo testemunha de defesa de um acusado, abster-me de falar ou não saber antecipadamente o que vou dizer. Não posso deixar de piscar os olhos quando vejo iminente sobre mim qualquer pancada.

Assim, há actos de duas espécies, uns dependentes, outros que não dependem da minha vontade. E o erro que determina esta oposição provém apenas de que a consciência que eu tenho de ser livre, a qual legitimamente acompanha cada um

dos actos referentes ao meu eu, na mais alta abstracção do meu ser, transporto-a ilegalmente àqueles dos meus actos realizados em relação com outros homens e que dependem da concordância de outras vontades com as minhas. É muitíssimo difícil fixar-se os limites do domínio da liberdade e da dependência e esta delimitação constitui o papel essencial e único da psicologia. Mas quando observamos as condições em que se revela a nossa maior liberdade e a nossa maior dependência, não podemos deixar de ver que quanto mais abstractos os nossos actos e por menos relacionados com os actos dos outros, mais livres são, e que quanto mais solidários dos outros, menos livres são. Ao elo mais forte, mais indestrutível, mais penoso e mais durável que nos une aos nossos semelhantes é que se dá o nome de poderio, poderio este que, no seu verdadeiro sentido, mais não é que a maior dependência que pode ter-se da parte dos outros.

Com razão ou sem ela, plenamente convencido destas verdades, no decurso do meu trabalho, ao descrever os factos históricos de 1805, 1807 e sobretudo de 1812, nos quais se revela, com maior relevo, esta lei da fatalidade (É preciso notar que quase todos os que escreveram sobre o ano de 1812, viram nesses acontecimentos qualquer coisa de particular e de fatal.), não me [foi possível atribuir valor excepcional aos factos e aos gestos que, ao que parece, dirigiram tais acontecimentos, mas os quais, menos ainda que os outros autores do drama, neles introduziram uma parte de actividade verdadeiramente humana e livre. Esses actos não me interessam senão na medida em que ilustra nesta lei da fatalidade, a qual, na minha opinião, rege a história e essa outra lei psicológica que compele o homem que realiza o acto menos livre possível a imaginar imediatamente toda uma série de deduções retrospectivas destinadas a provar a si próprio que é livre.

Conde Lev Tolstói

Arquivos Russos, 1868.